ANNO III — Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1906 — Num. 64

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não nos daremos á pena de commentar os successos tristes do trecho da nossa vida nacional, durante o anno de 1905, que acaba de passar aos dominios do Hontem, que é o portico da Historia. Elle terminou, como todos os seus congeneres formadores da immensa série dos seculos, entre as alegrias de Natal e as Esperanças do Anno Bom, o periodo das festas que não comporta expansões da tristeza organica da nossa raça sorumbatica.

O Natal rememora o momento auspicioso da vinda do Messias, quando, pela primeira vez sobre a terra, desabrochou no coração do homem a flôr da alegria, attenuando com o seu perfume divino as amarguras ambientes, promettendo os saborosos fructos da esperança de regeneração pela nova doutrina do amor, descortinando horizontes novos, illuminando a calligem do mundo pagão e fortificando o espirito para a conquista de sublimes idéaes.

Não é, portanto, opportuno reeditar as tristezas do anno passado, os erros dos homens, os erros dos que teem a responsabilidade do commando, da direcção das coisas publicas, da nossa evolução de povo culto. Corramos, nestes auspiciosos dias, um véo sobre o passado, sobre os equivocos do Congresso, equivocos enormes, equivocos por unanimidade, attenuados pela responsabilidade collectiva do grande numero dos equivocados, fabricantes de leis, em grosso e a retalho, leis bôas, deturpadas na execução, leis pessimas, abrogadas pela reacção natural da experiencia, leis de favoritismo que estão esticando em proporções assustadoras o ôdre dos orçamentos, leis inopportunas sem correspondencia com os interesses nacionaes, leis de ultima hora vomitadas nos paroxismos da sessão moribunda; corramos o mesmo véo misericordioso sobre a preguiça dos representantes da nação, dos incapazes, dos irresponsaveis, que uos deram o ridiculo espectaculo de uma desidia de collegiaes vadios, e nos demonstraram a enormidade do perigo social de confiar a imbecis as formidaveis armas do poder; corramos o véo de um indulto generoso sobre as manhas da politicagem, sobre a fallaciosa, sobre a mesquinha politica dos governadores, tisnando com as suas iniquidades as vestes candidas da Republica, conspurcando-lhe as idéas; corramos, finalmente, o véo do pudor sobre os crimes dos satrapas, dos grãos-duques, os donatarios perpetuos, cujos titulos de prepotencia, consagrados pelo pezo bruto da ignorancia e da força, lhes conferem poderes absolutos sobre a vida, sobre a propriedade, sobre os direitos dos cidadãos: olvidemos tudo, deslumbrados pelos fulgores da esperança que desponta com as primeiras auroras do anno de 1906.

***

«A alegria é uma virtude; a tristeza affligе ao Espirito Santo, expulsa-o da alma, pois o espirito foi dado alegre ao homem. A oração de um homem triste não ascende até Deus» — dizia um pastor dos immorredoiros tempos evangelicos; mas cultivando essa consoladora virtude da alegria, apparelhemo-nos com resignação para affrontar heroicamente os encargos que se nos antolham, uma vez que os financeiros republicanos persistem no gravissimo erro de pretender augmentar as rendas publicas com o imponderado augmento de impostos.

E' bem verdade que os homens de governo não teem mais fé na pujança das nossas forças productivas e por isso olvidam a lavoura, bananeira que já deu cacho; é verdade que elles se apavoram com a contingencia de occorrerem ás despezas sempre crescentes em proporções desmesuradas, demandando recursos financeiros immediatos, arrancados do consumidor com immenso sacrificio do seu bem estar, da necessidade de manter forças activas na collaboração do progresso, da grandeza do paiz. Essa desconfiança, alliada á superstição de que o maior imposto produz maior renda, inspirou aquelle funesto contrapezo de 50%, que vae aggravar essa crise surda, asphyxiante, esterilisadora das nossas energias economicas.

Esses financeiros se aventuram ao absurdo de sanarem erros do regimen com os erros do tratamento, como si fôsse possivel curar a fraqueza do burro, augmentando-lhe a carga. Ao contribuinte, enfermo por falta de nutrição, incapacitado de desenvolver a sua funcção de trabalho fecundo, productivo, porque se lhe difficultam todos os meios de actividade e o fisco se associa ganancioso ao pouco que elle produz, se impõe o augmento de sacrificio e ao mesmo se lhe encarecem todos os elementos de vigor.

Não errará quem affirmar que essa trave dos 50%, justificada pela urgencia de recursos immediatos para satisfazermos os nossos caprichos sumptuarios, organizar uma esquadra formidavel, construir arsenaes na costa aberta e fortalezas que os protejam, dar incremento aos nossos meios de defeza contra o phantasma de inimigos suggeridos pelo delirio da nossa fraqueza, da nossa incapacidade, e attingir a suspirada hegemonia no continente sul-americano, será um tremendo obstaculo a essas aspirações porque essa renda, que se pretende augmentar de chofre, diminuirá infallivelmente.

E' inevitavel preservar o verdadeiro elemento propulsor da renda, que é o augmento do consumo, dos effeitos funestos do golpe mortal desfechado no consumidor, uma vez que os economistas indigenas não comportam mais o desenvolvimento de producção como fonte essencial de riqueza publica.

E o contribuinte que aperte a barriga, que se console á condição desesperada de consumir todo o fructo do seu trabalho para viver mal, sem poder prover, com um ceitil de poupança, os accidentes do futuro; que soffra o augmento do preço do xarque a pretexto de promover no Rio Grande do Sul o renascimento dessa industria amenisada pela incapacidade dos productores, pela imperfeição dos processos, derrotada numa competencia impossivel; que vista mal; que reduza os trapos dos filhos; que se prive da mór parte dos generos de primeira necessidade a pretexto de cooperar para o desenvolvimento disso que, por um euphemismo tôlo, se chama as nossas industrias, os raros agrupamentos de syndicatos exclusivamente protegidos pelos favores da leis excepcionaes.

Esse *onus* insupportavel não opprimirá sómente os que são pobres, será tambem vexatorio para os abastados, para os ricos, que se verão na dura necessidade de se submetterem a pagar por preços prohibitivos o pechisbeque da industria nacional, de que o phosphoro nos dá o mais impressivo, o mais eloquente exemplo, genero de primeira necessidade para o pobre como para o rico elevado a preços exorbitantes pela ganancia de alguns productores nacionaes libertados da competencia do producto estrangeiro, incomparavelmente mais perfeito.

Minas mal produz manteiga para abastecer o consumo do Capital Federal; mas, como o rebanho do sr. João Luiz é obediente e péza na balança politica, é indispensavel dar-lhe mais valor ao leite, muito embóra vá isso prejudicar aquelles para cujos beiços não chega a manteiga mineira e são forçados a lubrificar o pão quotidiano com a margarina importada, uma vez que a manteiga pura não póde penetrar a rêde de impostos prohibitivos.

Expulsamos o producto bom e barato para nos resignarmos ao caro, ao pessimo, ao conspurcado pelas imperfeições do fabrico, não falando nas fraudes costumeiras de todo o commercio, opprimido nas suas naturaes tendencias de expansão.

E exigimos que a machina de trabalho assim tratada, submettida á privação do lubrificante, do combustivel, de todos os elementos essenciaes de conforto, de vigor, produza mais, gaste mais para corresponder patrioticamente aos planos financeiros, contra os quaes clamam os resultados da experiencias e das leis economicas.

E' para lamentar essa cegueira voluntaria á intuitiva lição dos factos. Não aproveita aos homens de governo o doloroso espectaculo dos Estados, definhando á pressão de uma errada e perniciosa politica financeira; não consideramos que o enfraquecimento individual de todos os membros da União tem produzido, necessariamente, fatalmente, o enfraquecimento de todo o organismo nacional e que esse mal assolador, ferindo as fontes da vida, da riqueza commum, não se póde remover sinão atacando-o, vigorosamente, nos funestos mananciaes. E' absurdo cruel pretender regenerar o paiz, tolerando com indifferença criminosa todos os desmandos dessa politica de exclusivismo, de oppressão e pretender remover-lhe os effeitos impondo á victima, — o contribuinte — immoderados sacrificios.

Para responder aos intuitos do Governo, inspirado no dever de promover a prosperidade, a riqueza nacional, o processo seria inteiramente contrario ao que está adoptado por uma veneração injustificavel ás tradições condemnadas pela sciencia e pela experiencia de todos os povos cultos. Não se concebe nação rica e povo pobre; não se concebe esse empenho de encher as arcas do Thezouro á custa das privações, das miserias do contribuinte, porque o povo pobre, o povo opprimido, o povo triste, produz menos do que o povo satisfeito, alegre, feliz, moral e materialmente nutrido de todos os beneficios sociaes, a liberdade, a instrucção, as garantias do trabalho e meza farta.

O processo seria abandonar, definitivamente, as veleidades proteccionistas, abrir os nossos portos aos generos estrangeiros que não podemos produzir, na proporção do consumo indigena; ampliarmos as nossas relações mercantis, que seriam o vehiculo natural da importação de elemento ethnico, de braços para o povoamento do nosso immenso territorio, para o aproveitamento das suas incomparaveis riquezas naturaes, trazendo, além disso, o capital, o propulsor de uma industria que iria nascendo, desenvolvendo-se vigorosamente na razão mesma do incremento da nossa vitalidade organica.

A deleteria politica, assignalada em traços profundos nos ultimos orçamentos, accuza a persistencia de um erro secular, resistente a todas as indicações monitorias, a todas as lições de uma série de desastres que se figuram, em admiravel nitidez, na misera existencia do Banco da Republica, esse aleijado incuravel, refractario a todas as mesinhas da feitiçaria financeira, desde d. João VI até o nosso ameno Rodrigues Alves.

E nesse andar ficaremos na triste situação que Tocqueville assignalava, em 1832, com estas palavras cruelmente verdadeiras:

«Não ha na Terra regiões mais ferteis, nem nações mais miseraveis do que as da America do Sul».

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Entre os assumptos, ácerca dos quaes entendeu o sr. Bomfim dissertar a rédeas soltas, dizendo, na 4ª parte de seu livro, as coisas mais arriscadas e aventurosas, figura a formação das populações nacionaes.

Impossivel é ser mais levianamente cruel, o que tanto mais admira, quanto o fim principal do guapo brazileiro — foi vingar a America latina das calumnias dos invejosos europeus...

Bello systema de nos defender, affirmando que não passamos aqui da mais infima canalha que é dado imaginar!

Eis os documentos: «Cada colono, sem freios aos instinctos egoisticos, organizou o seu dominio em feudo (*E' evidente que Bomfim não sabe o que é feudo*). São caricaturas dos senhores medievaes — um feudalismo vilão, sobre uma vassalagem de negros escravos. Nos *intersticios* dos feudos, uma população que, de ignorante e embrutecida, *voltou á condição do selvagem primitivo*.» (Pag. 146).

Ainda mais: «O primeiro effeito desses processos de exploração, desenvolvidos pela metropole, foi preparar uma população hecterogenea, instavel, scindida em grupos, possuidos de odios entre si, desde o primeiro momento, formada quasi que de castas distinctas. Nos campos, o colono fazendeiro, arremedo do senhor feudal, constituiu desde logo uma fidalguia territorial, pretenciosa, arrogante,

brutal, ignorante e omnipotente, sobre a camada de escravos, indios e africanos.

Nos *intersticios* (*Gosta tanto desses intersticios..*) dessa malha de feudos, uma população de mestiçagem, productos de indios e negros, negras e refugos de brancos, indigenas e escravos reveis, uma mescla de gentes desmoralisadas pela escravidão ou animadas de rancores, uma população vivendo *á margem da civilisação, contaminada de todos os seus vicios e defeitos, sem participar de nenhuma de suas vantagens, reduzida ao viver rudimentar das hordas primitivas.* Em torno dos senhores territoriaes, o enxame de parasitas. Correntes de aventureiros, caçadores de indios, negociantes de escravos, mercadores de toda a especie, atravessavam continuamente esses povos dos sertões e reconcavos, agitando-os, pervertendo-os, provocando conflictos, mantendo-os num estado de instabilidade e irritação permanentes.» (Pag. 148).

Esta é a monstruosa população dos campos.

Eis aqui a das cidades: « Nas cidades a instabilidade é ainda mais accentuada. Alli se encontravam: as *auctoridades*, o *fisco*, a *tropa*, tudo estrangeiro e hostil á colonia, todos anciosos de enriquecer e ver chegar o dia de voltar; os *commerciantes*, intermediarios, representantes de privilegios e monopolios, tão ligados, elles, á metropole como os proprios funccionarios, tão hostis á população nativa como os outros, tão instaveis e passageiros como os enviados directos da corôa. Esse mundo de estrangeiros se completa pela onda de aventureiros, sem pouso fixo e sem mistér determinado, ora no sertão, ora na cidade, ora ao mar, ora na metropole, e que rouba, mata, compra, vende, intriga, depreda, parasita, em summa, á mercê do momento. Fóra disto, o resto da cidade é a continuação das fazendas, o logar de recreio do colono, onde elle tem casa, escravaria, quinta... O escravo faz tudo, na cidade, como na roça. O curandeiro, o mestre-escola, o fogueteiro, o alfaiate, o padre, quasi não merecem que se os nomeiem. A fradaria gorda vive egualmente nas roças e na cidade.. Sobre uns e outros, vive, na cidade, como nos campos, um enxame de *parasitas vis, molles como tenias, nojentos como piolhos* (!!!) Em vão se buscará nas chronicas do tempo (*De que tempo* ?), menção de outra gente. Só mais tarde (*Quando* ?), se vê surgir, transudar de todas essas camadas, uma população nova, producto de todas ellas, *especie de deposito, sedimento de particulas vindas de toda parte*, e que constitúe a verdadeira população nativa das cidades. Nos campos, as gentes não se fundem, continúam distinctas as tres classes—o senhor, o escravo e a mestiçagem livre (*Si as gentes não se fundem como apparece essa mestiçagem* ? !); mas, pelo menos ahi, ellas se affeiçôam á terra, se nacionalizam. Nas cidades, não. A' proporção que se passam os annos, e que váe surgindo *essa população nativa*, á proporção que ella váe engrossando e reclamando o que lhe é de direito, mais estrangeiros, mais hostis e tyrannicos se vão tornando *os representantes das metropoles*, unidos num sentimento unico, funccionarios e intermediarios. Breve (Este *breve* está pedindo vaia...), é a lucta, que não findará mais, entre a classe privilegiada pela tradição, pela patria de origem, solidarisada pelo egoismo collectivo, ciosa dos *seus direitos*, garantida pela fortuna, fortalecida pela auctoridade, gosadora indisputada até então, senhora absoluta de toda a riqueza e de todas as posições, é a lucta entre ella e as novas *populações, extenuadas já ao nascerem, miseraveis, desabrigadas de todo o conforto, ignorantes e pobres...*» (Pag. 149 e 150).

O resumo de todas estas duras, asperrimas palavras é que no Brazil, como em todas as colonias latino-americanas, a *população dos campos* se reduzia, durante os primeiros seculos da colonia ou até durante todo o periodo colonial, á classe dos *senhores*, á dos *escravos* e um *rebotalho* informe de *mestiços, brutos, selvagens, miseraveis*; e *a das cidades* á classe dos *funccionarios e representantss do poder*, a dos *negociantes* que o auctor alcunha de *intermediarios representantes de privilegios*, e a do *populacho vil*, extenuado ao nascer, miseravel, falho de todo conforto e ignorante.

Si o sr. Manoel Bomfim se tivesse dado ao cuidado de estudar a historia verdadeira das populações brazileiras, ou a tivesse procurado conhecer, ao menos no presente, para dahi induzir o que teria sido, *mutatis mntandis*, no passado, não seria tão prodigo em grosseiros erros e duros absurdos.

O auctor da *America Latina* entendeu de phantaziar a historia, ao gosto de seu sombrio pessimismo, em vez de a estudar nos documentos e nas chronicas.

Si não tivesse sido inspirado por tão desastrado conselheiro, teria visto que, desde o seculo XVII, avultava no paiz a chamada *nobreza da terra*, os filhos desses senhores de engenho e fazendeiros, chefes de grandes e *opulentas familias*, que fôram os verdadeiros descobridores e colonisadores do interior do continente. Deste numero fôram os famosos *bandeirantes*, troncos de casas riquissimas, donde saíram as melhores classes das populações de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso. E o que os *bandeirantes* fizeram para estas regiões, os senhores de engenho e fazendeiros creadores do norte praticaram nas terras septentrionaes brazileiras. E' um absurdo fazer desapparecer, por capricho, esse principal motor do povoamento e da riqueza nacional, só para ter a velleidade de afeiçoar os factos ás exigencias de uma theoria illusoria. As gentes dos campos não se reduziam aos *mestiços*, brotados dos *intersticios* do nosso Manoel. Havia e ha numerosa população branca, nervo principal da resistencia deste povo como nacionalidade. O mesmo acontecia e acontece nas cidades. Os *funccionarios* e os *negociantes*, nomeadamente estes, fundaram casas, constituiram familias, ajuntaram riquezas, que se transmittiram aos seus filhos, nascidos no paiz. Innumeras fôram as familias ricas, residentes nas cidades, donde saíram muitos dos nossos homens mais distinctos e a quem o paiz mais deve. Que eram os Andradas, os Silvas Lisbôas, os Carneiros de Campos, os Azeredos Coitinhos, os Vieiras Coutos, os Paes Lemes, os Belforts Vieiras e quinhentos outros?

Bastante seria compulsar, de leve que fôsse, a obra historica de João Francisco Lisbôa, para a psychologia do *Pedagogium* tomar outro rumo.

A população branca e rica, principalmente nas cidades, chegou ao ponto de pretender e alcançar o privilegio de representação nas camaras municipaes, excluindo os *reinóes*, os filhos de Portugal. Francisco Lisbôa trata apenas do Maranhão do seculo XVII; mas o que diz de sua terra se applica ao Brazil inteiro.

« Os habitantes das antigas capitanias do Estado do Maranhão, escreve o principe dos historiadores brazileiros, se dividiam em raças e classes, como ainda hoje (1858). Em primeiro logar, estavam os *moradores*, como então geralmente se chamavam, os quaes eram os *portugnezes* e seus *descententes brancos* e se dividiam em tres classes, a dos *nobres* ou *cidadãos*; a dos *peões*, ou dos *mercadores*, *mecanicos*, *operarios* e *trabalhadores* de qualquer especie; e a dos *descaídos* pela raça ou pelos crimes, ou *christãos novos* e *degradados*.

Seguiram-se os *indios* naturaes da terra, que se classificavam em *gentio selvagem*; em *indios christãos livres*, administrados em aldeias, ou em serviço dos moradores; e, finalmente, em *indios escravos*. Com estes ultimos se confundiam os *escravos negros* de Angola, Guiné, Cacheu, Mina e Cabo-Verde. E da mescla de todas estas raças resultava a dos homens *pardos* ou gente de côr de diversas graduações, que nas referidas capitanias se denominavam *mamelucos*, *mulatos*, *caboclos* e *cafuzes*, segundo se approxi-

mavam ou afastavam mais ou menos dos diversos typos de que eram oriundos ; uns livres, outros escravos... A classe predominante dos *nobres* ou *cidadãos* era composta dos primeiros portuguezes que povoaram a terra, depois de haverem-na conquistado aos francezes e indios, e que por esses titulos se perpetuaram na governança, occupando os principaes cargos civis e militares da republica. A esses primeiros serviços juntaram elles depois o da expulsão dos hollandezes, em attenção ao qual lhes fôram concedidos os privilegios de cidadãos do Porto...

A exclusão dos *peões mercadores* (das companhias da nobreza), que a principio se reportava só á profissão e resultava simplesmente da disposição da lei, tornou-se depois uma competencia entre *antigos nobres* e os que, pelas riquezas adquiridas, se reputavam taes, e aspiravam á egualdade ; e por isso só que os mais dos mesmos mercadores eram naturaes do reino, essa competencia degenerou em rivalidade do logar do nascimento e foi a principal origem da guerra civil que rebentou em Pernambuco entre os *nobres* de Olinda e de varias outras povoações da capitania, e os denominados *mascates* do Recife.

A mesma rivalidade existia então no Rio de Janeiro, e já em 1707 os habitantes portuguezes representavam a el-rei d. João V queixando-se dos *filhos da terra* que lhes não consentiam *servissem de vereadores*. Posto que mais tarde, descobrem-se no Maranhão vestigios da mesma rivalidade nas provisões de 1745 e de 1747. que tambem excluiam das camaras *os filhos do reino*.» (*Obras de* J. F. Lisbôa, III, pag. 109.

Claro, evidentissimo é que a vasta população branca, rica, prospera, opulenta, que, desde o segundo seculo da conquista, sente força para prevalecer sobre os proprios seus antepassados, conquistadores reinóes, não podia ser esse amontoado amorpho, informe e vil, brotado dos *intersticios* de Manoel Bomfim.

Claro, evidentissimo é que esse imaginador de tetricas ethnographias nada melhor póde fazer do que pôr no fogo a sua *America Latina* com todas as lazeiras que a deturpam.

Neste ponto de minha critica ao desastrado livro, na analyse dessas medonhas 4ª e 5ª partes, não posso fazer mais do que, como alvitrei já, referir, ás carreiras, quatro ou cinco das oitentas theses de que se occupa o auctor.

Já alguma coisa ficou dito da *escravidão* e das *industrias domesticas*, do *estado do paiz* durante o periodo colonial, das *populações nacionaes*.

E' interessante ouvir o que diz da *lavoura* no Brazil.

Eis aqui o palavreado de Bomfim: «Portugal explorava o Brazil, e, para garantir uma exploração facil e completa, determinou que a colonia *fôsse exclusivamente agricola* (E' falso); assim foi, e a tradição ficou. Um dia, um estadista rhetorico, cujas idéas politicas eram essas mesmas — do Estado colonial — formulou: *O Brazil é uma nação essencialmente agricola*. Foi o bastante, ficou assim consagrada a rotina economica; ninguem teve coragem de tomar esta *inepcia* (*E' inexacto; o ministro, que estava no bom caminho, tomou uma vaia geral da leviandade brazileira*), e mostrar quanto é *idiota* e irracional (*Illude-se!*) o conservar um paiz, qualquer que elle seja, como puramente agricola.» (Pag. 188).

Cacho de disparates é todo este trecho. Mistér é destrinçal-o aos poucos.

E' falso que Portugal tivesse determinado que sua colonia americana fôsse *exclusivamente agricola* e que ella se tivesse de facto a isto condemnado.

Para saber do contrario, bastante é passar a vista no magnifico opusculo de Andreoni — *Cultura e Opulencia do Brazil*, publicado em 1711. Por elle se conhece existirem no paiz, desde os seculos XVI e XVII, além da lavoura, a criação de gados, a pesca, incluida a das baleias, a mineração do ouro e de outros metaes preciosos, a que os historiadores de nota juntam a fabricação de barcos de navegação, além de fabricas de tecidos, cortumes, etc.

O desenvolvimento pastoril, agricola, mineiro, industrial, commercial, da colonia, ía obdecendo ás leis naturaes economicas e ás condições peculiares ás diversas zonas do territorio.

A despeito do peculiar cuidado que tinha a metropole de tirar largos proventos de sua possessão americana, não chegou, nem podia chegar, ao desproposito de pretender inverter a ordem fatal dos factos.

Não é verdade que, systematicamente, e em todos os tempos, tivesse prohibido o surto das industrias fabris no paiz.

Numerosas são as leis que as amparavam e protegiam, além das que cuidavam da agricultura e do commercio.

A epocha de d. José I, por exemplo, foi fertil em amplas e acertadas providencias. «O commercio em geral, ensina Warnhagen, deveu ao reinado de d. José o estabelecimento de uma *aula de commercio*, em Lisbôa, para guarda-livros e praticantes, a creação de um *tribunal*, ou *junta da commercio*, para o animar e proteger, em utilidade dos seus *dominios*, tendo as attribuições e privilegios da antiga *Companhia do Commercio*. A instituição, em 1755, da *Companhia do Grão Pará e Maranhão*, com o fundo de um milhão e duzentos mil cruzados, fez surgir essas duas capitanias do definhamento em que jaziam. O algodão e o o arroz especialmente prosperaram muito, favorecendo ao *primeiro* a introducção das *machinas nas fabricas*, e ao segundo as guerras dos Estados-Unidos... O commercio do assucar e do tabaco cobrou grande desenvolvimento... O tabaco do Brazil, pelo Reg. de 18 de outubro de 1702, pagava de entrada em Portugal 1600 réis e o do Maranhão 800 réis.

Este favor concedido á agricultura do Maranhão, se fez agóra extensivo ao *anil*, que foi por dez annos isento de todos os direitos de entrada e saída; já então, se exportava dalli o café, cacáu, gengibre, algodão, mais de vinte mil couros, e duas mil oitocentas e quarenta e sete arrobas de arroz... Recebeu egualmente protecção uma *fabrica de cortumes* no Rio; consentiu-se o estabelecimento de uma *fabrica de lonas* na Bahia; já annos antes, em 1750, se ordenou o estabelecimento no Pará de *fabricas de chitas*, trazendo-se para isso tecelões (*Repare, sr. Bomfim!*) da costa de Coromandel... Quanto a providencias favoraveis á navegação do Brazil, bastante é citar a preferencia dada para a mesma navegação aos *navios fabricados no paiz*, a permissão de se fazer a navegação sem ser em frotas; Alv. de 10 de setembro de 1765». (*Historia Geral do Brazil*, II. pag. 234, 1ª edição).

Os factos mencionados em Varnhagen estão longe de abranger toda a realidade.

Fabricas de tecidos, officinas de manipular o ouro e os metaes preciosos existiam por quasi todo o Brazil; estaleiros de construcção naval por quasi toda a costa maritima. As artes e os officios medravam por toda a extensão do territorio.

A liberdade de trabalho era geral e estimulada pelo Estado, tanto quanto o permittiam as idéas predominantes no periodo em que o Brazil foi colonia, singular phase historica, que, aberta pelo *Renascimento* e fechada pela *Revolução*, se chama, na historia geral, o periodo do *absolutismo regio*.

Portugal não podia saír fóra da atmosphera social de seu tempo. Pretender o contrario é tecer absurdos.

Mas para se ver quão errado anda o sr. Bomfim, quando phantazía que a metropole tivesse querido curvar todos os brazileiros á *lavoura* e só á *lavoura*, bastante é só que nos lembremos que tal não poderia pretender quem respeitava a *pesca* da costa e do valle *amazonico*, a *criação dos gados*

dos *sertões* pastoris, a *mineração* dos *planaltos* mineiros e goyanos; que tal não poderia pretender quem deixava crear *fabricas* e mandava até contractar *operarios technicos* na India, na costa de Coromandel.

O sr. Bomfim ouviu roncar o trovão, mas não sabe onde; por isso, vive a pensar que o governo portuguez levou tres seculos a vedar as fabricas e a chumbar os brazileiros á lavoura.

Não falando de duas ou tres probibições de officinas de ourives, que, aliás, nunca tiveram execução, foi só pelo alvará de 5 de janeiro de 1785, quasi tres seculos depois da descoberta do paiz e quando elle já era quasi tão desenvolvido como hoje, que se mandaram fechar as fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, algodão, lã e linho, existentes na colonia.

Foi, por ventura, um acto pouco pensado, que, porém, vigorou apenas 23 annos.

E' o manancial onde vão beber todos os declamadores e brunidores de phrases tetricas, que não estudam calmamente a historia.

O alvará, que tanto enthusiasma os pacotilheiros de esconjuros e amadores das reacções posthumas da indisciplina americana, não teve nunca execução séria e foi revogado pelo de 1 de abril de 1808, assim concebido: «Desejando promover e adeantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciaes della as manufacturas e a industria, que multiplicam, melhoram e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes, dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistencia a muitos vassallos que, por falta delles, se entregariam aos vicios da ociosidade; e convindo remover todos os obstaculos que pódem inutilizar e frustrar tão vantajosos proveitos, é o principe regente servido abolir e revogar toda e qualquer prohibição que haja a este respeito no Estado do Brazil e dominios ultramarinos, e ordenar que d'ora em deante seja licito a todos os vassallos, qualquer que seja a parte em que habitem, estabelecer todo genero de manufacturas, sem excepção de uma só, fazendo os seus trabalhos em pequeno ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para cujo effeito fica expressamente revogado o alvará de 5 de janeiro de 1785 e toda a mais legislação em contrario».

A citada legislação se reduzia a muito pouco, — um ou dois actos, nunca cumpridos.

Tenho assim reduzido a nada, a poeira impalpavel, a aleivosia historica de Manoel Bomfim, quando ouza dizer que a metropole forçou os brazileiros, d'alto a baixo, a ser agricultores.

Isto, porém, não basta; preciso é mostrar que, ainda quando a realeza o tivesse pretendido, teria feito muito bem, teria mostrado um alto discernimento economico politico, teria se antecipado aos modernissimos pensadores e reformistas que todos, a uma, proclamam o erradissimo caminho tomado pelo louco industrialismo moderno, que váe, pelo absurdo de sua hyperproducção, chegando a cavar a propria ruina. Todos prégam a *volta á terra*, a *volta á lavoura* como a solução da dolorosissima situação moderna. A *Escola da Sciencia Social* arvorou este programma, e os proprios grandes *socialistas*, como Jules Méline, o acceitam e defendem com calor. Tal é o assumpto do bello e incisivo livro deste ultimo, intitulado — *Le Retour á la Terre*, que deveria ser lido, relido e decorado por Manoel e seus companheiros de *magicas bysantinas* nas celebres conferencias, que serviram bem para photographar, ao vivo, o estado deploravel da cultura brazileira nos começos do seculo XX: *vacuidade*, *declamação*, *hysteria do pensamento e da phrase*, *poeira e nada*...

Estudem, meditem livros dessa natureza, que os habilitem a atirar pela janella todos os pannos pintados, fitas réles e rendas sujas que lhes andam a empanar as idéas numa especie de ronda adoidada de bailhadeiras doentes.

Méline se refere aos paizes atacados da febre da grande, da enorme, da colossal producção manufactureira: Allemanha, Inglaterra, Estados Unidos, França, Belgica, Austria, Italia, e lhes aponta a salvação *no retour á la terre*, isto é, incita-os á volta á industria das industrias, á agricultura, reduzindo fortemente a furia manufactureira e fabril, que tem viciado toda a vida economica dos ultimos cincoenta annos. E', *mutatis mutandis*, o pensamento do governo portuguez no alvará de 1785...

E si assim se póde falar hoje em dia entre gente que tem de que viver, que trabalha, que produz, que tem dinheiro, que possúe capitaes accumulados em sommas fabulosas, que não se ha de dizer no Brazil, entre treze ou quatorze milhões de pobretões, entre os quaes os mais felizes vivem dos *empregos publicos*, federaes, estadoaes e municipaes, ou arrolados no *exercito* e nos corpos de *policia*? Que se ha de dizer duma gente, que, possuindo as mais ferteis terras da America, vive sangrada num avultadissimo *deficit de subsisteucias*, na linguagem dos economistas, *deficit* superior a 60 mil contos, no paiz inteiro, pois que, de norte a sul, se compra do estrangeiro — trigo, carne, milho, feijão, arroz, queijo, manteiga, vinho, e uma duzia de outras coisas que todas poderiam ser produzidas em nosso proprio sólo?

A nefasta propaganda dos Bomfins, que vivem a sonhar com um socialismo bastardo em nossas maiores cidades, maximé no Rio de Janeiro, onde, por amor á pagodeira e á calaçaria, se accumulam os destroços do operariado refugado de todo o mundo; onde se tenta fundar um industrialismo esconso, que melhor faria em ir lavrar intelligentemente os campos e produzir a nossa independencia economica, — a nefasta propaganda dos Bomfins rhetoricos e dernorteados, faria bem em mudar de rumo.

Sim; tinha razão o velho ministro do Imperio, quando disse que o *Brazil devia ser um paiz essencialmente agricola*! Tinha razão, havendo apenas a ponderar que o maior mal do Brazil é não ter completamente tomado o conselho do antigo estadista e se deixado levar pelos sonhos e illusões dos declamadores que, então e ainda hoje, taxaram de inepcia — o dito do distincto servidor do Estado. *Inepcia*, e rematada, é proclamar o contrario. Sirva-nos de exemplo a Argentina: desde quando se compenetrou que devia ser *essencialmente agricola*, achou o caminho da salvação, tem o *pão* e a *carne* para comer e para exportar; não se perdeu no *pis aller* dum industrialisimo bastardo para inglez ver

Agóra reparo que não vá o sr. Bomfim suppôr que me pega em flagrante delicto de erronia, por haver, como coisas agricolas, ligado o pão á *carne*.

Não se assuste Manoel: na bôa organisação industrial moderna, o criatorio é um appendice da agricultura, some-se na designação commum.

Em summa, o conselho, a propaganda, todo o esforço dos pensadores e dos homens praticos que amem este paiz e desejem-no ver ir adeante é: que elle, deixando as miragens dum industrialisimo que começa a ser batido no grande mundo, cuide de sua lavoura, melhorando a producção de todos os generos de cultura; cuide de desenvolver e aperfeiçoar a *criação dos gados*; cuide de sua *mineração* com todo o desvélo; cuide systematicamente de suas industrias *extractivas*; e, quanto á producção fabril, manufactureira e mechanica, reduza-se a um *minimum* intelligente daquillo que puder, nas grandes capitaes, fazer com perfeição.

Para concluir este ponto: o *commercio* e a *industria* são muito bôas coisas; mas como força nacional e principio de conservação, a *agricultura* é superior.

Si o Brazil não se apressar em

tomar o caminho do campo que váe sendo buscado pelos povos europeus e mesmo americanos, váe acontecer o seguinte: nunca poderá ser um paiz *industrial*, por não poder seriamente competir com rivaes perfeitamente aparelhados; não poderá ser vantajosamente *agricola*, porque irá encontrar a terrivel concurrencia dos rivaes, revigorados pela evolução nova.

Lembremo-nos do caso typico e illustrativo do assucar: *a beterraba desthronou a canna, sendo-lhe infinitamente inferior*. Que ha a fazer? Desthronal-a por sua vez, aperfeiçoando o mais possivel os nossos processos de producção que tornem possivel, ajudados pelas vantagens naturaes da canna, levar de vencida o producto estrangeiro nos seus proprios centros productores.

O sr. Bomfim não desce a pensar nestes assumptos.

Pois é lá possivel que o fazedor de phrases sobre o *ciúme*, phrases aliás mal feitas, porque elle não tem imaginação, nem vigor, nem paixão, nem enthusiasmo, — é lá possivel que esse fazedor de phrases tortas e toscas desça do alto cothurno do palavreado para pensar na producção do *assucar*, ou do *café*, ou do *algodão*? Como ha de um *virtuose*, que faz conferencias para serem ouvidas por moças bonitas, afeiar o seu estylo, falando de coisas tão prosaicas?

Muito mais facil e muito mais *chic* é declamar sobre o *parasitismo* dos povos hispanicos ou descrever uma *surra de bolos num engenho*, curiosa pagina que hei de transcrever opportunamente. Por hoje, cumpre-me fechar este artigo, com as palavras com que Méline acaba o seu livro; porque o meu processo no estudo da *America Latina* tem sido, propositadamente, citar as toliçadas de Bomfim e atirar-lhe em cima — para o estimular e desenganar ao mesmo tempo, *estimular* ao estudo e *desenganar* das babuzeiras em que anda hoje metido — a lição dos mestres, mas mestres de verdade.

Ce n'est pas par des grèves, — poudéra Méline, após a pintura do estado hodierno do mundo operario — ce n'est pas par des grèves qu'on changera cet état de choses; on ne fera que l'aggraver en empirant la situation déjà si difficile de nos industries, en diminuant leur force de résistance à l'étranger et en leur faisant perdre des commandes, d'oú une nouvelle cause de réduction du travail et de perte de salaire.

Dans une semblable situation que reste-t-il à faire dans l'intérêt bien entendu des ouvriers pour améliorer leur sort et conjurer les dangers, de l'avenir? Une seule chose, à notre avis: ouvrir le plus vite possible de nouvelles sources de travail pour remplacer celles qui commencent à se tarir, afin de ne pas être obliger un jour de rouvrir les ateliers nationaux de triste mémoire.

N'attendous pas d'être débordés par les événements pour agir; sachons prévoir afin de ne pas être surpris et mettons-nous courageusement à l'œuvre pour préparer l'évolution qui permettra de reconstituer insensiblement les cadres de l'armée du travail sur de nouvelles bases.

Sans doute, la tâche est difficile et le retour à la terre ne se fera pas en un jour.

On ne remonte pas d'un coup un courant qui emporte tout depuis un demi-siècle, mais l'entreprise est digne de l'effort qu'elle exige puis qu'elle tend à assurer aux travailleurs la sécurité de l'avenir. C'est pour faciliter la propagande de l'idée, en fournissant des arguments et des armes à ceux qui voudront se jeter dans la bataille, que nous avons écrit ce livre.

Il n'est que le commentaire développé de cette grande et forte parole d'un philosophe chinois qu'on ne saurait trop méditer et qui devrait être écrite en lettres d'or sur tous les murs de nos écoles, parce qu'elle résume d'un trait lumineux tout ce qu'on peut dire sur ce grand problème de la répartition du travail humain:

«*La prospérité publique est semblable á un arbre: l'agriculture en est la racine, l'industrie et le commerce en sont les brauches et les feuilles si la racine vient à souffrir, les feuilles tombent, les brauches se détachent et l'arbre meurt*».

Tome nota, Bomfim! Veja que *inepcia* a desse chinez, que *sandice* a de Méline, que o repete..

SILVIO ROMÉRO

D'AQUI E D'ALLI

Max Nordau sobre os artistas francezes

Nesta epocha de critica molle, sem ardor, sem convicção, a do dr. Max Nordau se destaca como estrella de primeira grandeza num firmamento obscuro. Cada um dos seus livros estoira com um protesto violento contra o mercantilismo, contra o servilismo dos criticos francezes. Exasperado por se encontrar isolado nas suas opiniões, elle a externa completa, sem attenuantes, com uma severidade de tom que explode no concerto de admiração ou de condescendencias mutuas que nos offerece, muita vez, a critica contemporanea.

Sincero até á brutalidade, elle não reconhece a gloria consagrada pela complacencia dos pretensos entendidos, nem o genio admirado pela ignorancia das multidões; a verdade idéal, a verdade inteira, essa verdade que lhe é peculiar, é a essencia do seu criterio esthetico, e as suas opiniões muito nitidas, muito individuaes, não são talhadas ao sabor de toda a gente, muita vez chocam, quasi sempre revoltam as nossas idéas adquiridas e, todavia, nos encantam. Sentimo-nos deante de uma individualidade poderosa que se nos offerece atravéz das sensações integraes de sua alma. Accrescentemos-lhe a erudição solida e vasta, forrada de rara originalidade e comprehenderemos como aquelles que detestam os desbordamentos de Max Nordau e sua franqueza, quando se exercem a respeito delles, o admiram quando disseca a obra de outrem.

Comprehende-se, então, porque essa explosão de sinceridade, explosão caracteristica de cada uma de suas obras de critica, cauza escandalo entre escriptores e artistas, e grande admiração ao publico. O livro *Sobre a arte e os artistas*, virá, sem duvida, provocar um ruido analogo ao alcançado, ha alguns annos, pelas *Vistas do exterior*. O auctor passa nelle, em revista, aos olhos dos leitores, no intuito de revisão da gloria, quasi todos os artistas notaveis destes ultimos tempos. Nós lhe tomámos algumas paginas concernentes a Bernard, a Puvis de Chavannes, Rodin e Carrière, paginas em contradicção flagrante com as opiniões em vóga.

*

ALBERT BERNARD.—Na pintura contemporanea não se encontra opposição mais violenta do que a que se nota entre Puvis de Chavannes e Albert Bernard.

Aquelle sómente via no mundo phantasmas, este via em toda parte fogos de artificio. O olhar do primeiro não supportava côres vivas; com o do segundo se dá um phenomeno semelhante á commoção recebida por um socco formidavel que o fizesse ver estrellas.

Nada ha a objectar contra o amor desenfreado pela côr; ao contrario, quem não soffresse de daltonismo poderia sympathizar com essa alegria visual, si Bernard satisfizesse a sua paixão com mais humanidade; mas elle solta em cheio os seus foguetes ..

no rosto das mulheres e, por isso, nenhum homem arrazoado quer se tornar seu cumplice.

Ha na sua palheta, amarello, *orange*, verde, azul, vermelho, todos da mais sumptuosa intensidade; mas porque diabo emplastra elle o amarello nas faces, o verde nos cabellos, o azul e o *orange* nas espaduas e braços dos seus retratos, representando os seus modelos como si fôssem banhados pela onda de luz variegada que atravessasse um vitral?

*

Auguste Rodin. — E' muito especial a situação de Auguste Rodin na arte moderna.

Elle foi elevado á dignidade de um *test* para o impressionismo decadente. Chamam-se *test*, ou *objecto* de prova, os corpusculos empregados na experiencia de augmento e nitidez dos microscopicos, sendo, em geral, escolhidas coiraças de diatomios ou escamas de azas de borboleta. Sobre Rodin, os fanaticos, os *snobs* das tendencias divagantes experimentam a pureza e a força do sentimento symbolico-mystico. Que pensáes desse artista? Sois seu admirador? Si assim é, deveis adorar Bernard, sonhar Felicien Rops e acalentar a pretensão de ser contado entre os *moços* sem attender muito á côr dos vossos cabellos e á vossa tonsura.

Si não admiráes Rodin, deveis abandonar chorando a vossa sociedade; sois um decadente; nenhuma beldade penteada á Buticelli vos amará. Mallarmé não escreverá versos para vós, nem Nietzsche philosopharà para vós. Não sereis jámais convidado para uma missa negra. Ide para os philisteus: pertenceis á desprezivel especie dos ruminantes que passam andando para traz!

Rodin consagrou artigos de fé do decadentismo tres caracteres particulares: a escolha dos assumptos appellando para o mysticismo, para a psycopathia sexual da sua caterva de enervados, a technica afastada da tradição por excentricidades infantis, o desrespeito dos limites naturaes da sua arte, á qual elle pretende impor coisas do dominio da esculptura.

Si a sua *Porta do Inferno* é uma illustração de epilepsia histerica, de sadismo feminino, um grupo de marmore que elle expoz em 1896 é a illustração do *masochismo*. Está assentada sobre um rochedo uma mulher núa, de traços cruelmente alterados, e um homem que parece surgir da terra, está de joelhos, sem graça, deante daquella imagem, cujas peruas abraça com desespero, apoiando a cabeça no corpo feminino: isto deve figurar o homem domado, furiosamente abalado pela força sexual da mulher. A reproducção desse grupo fica muito bem como frontespicio de uma edição completa das obras de Sacher Masoch.

Os enervados que, como Baudelaire, se animam pelo amor dos cadaveres, que, como Felicien Rops, são agitados por uma luxuria morbida, encontram as mesmas excitações em Rodin; embriagam-se com a sua lubricidade histerica, como com o sadismo monstruoso e delirante dos seus outros poetas e artistas favoritos.

Isto quanto aos assumptos. Examinemos, agóra, a technica. Uma das suas extravagancias consiste em assombrar os seus sectarios com o contraste entre um bloco de marmore rustico e o polido, de carnes excessivamente destacadas e trabalhadas. Toma um cubo desmarcado que elle conserva como foi talhado e como estava quando foi tirado da pedreira, e num cantinho o trata para destacar uma cabeça, um corpo lambido com extrema minucia.

Americanos, escandinavos, preoccupados em *épater le bourgevis* pelo modernismo, imitam Rodin e apresentam um pedacinho de esculptura, o mais estreito possivel na rocha mais desforme e mais cyclopica que possam encontrar. Esse gracejo não é barato, porque o bloco de marmore bruto representa, muita vez, enorme valor, muito maior do que o da parte cinzelada.

Mas o que é particularmente imperdoavel é o principio esthetico, objecto das homenagens de Rodin, expressamente impressionista, interessando-se, sómente, num grupo, uma figura, por uma linha de movimento, que elle conserva reproduzindo-a com verdade persuasiva, mas com accentuação exaggerada, voluntariamente, até á caricatura, despresando tudo o que não serve á expressão dessa linha. A esculptura é uma arte, inteiramente incompativel com o impressionismo; reclama, por sua essencia, uma execução e uma honestidade escrupulosas na reproducção da realidade.

Rodin permanece no seu trabalho, num gráu que não passará de uma promessa: nunca será um artista completo. Esculpe com olhos e mãos de pintor e applica esses habitos a obras que se devem examinar por todos os lados.

Os limites mais longinquos em que as loucas divagações pódem encontrar indulgencia, Rodin os excedeu no monumento de Balzac, exposto em 1898. Gôgo, que supporta toda a sorte de mystificações, não pôde engulir essa.

O *Penseur*, estatua colossal, exposta em 1904, é um erro quasi tão desastroso quanto o Balzac. E' o augmento gigantesco de um pequeno esboço havia muito encontrado na *Porta do Inferno*.. E' o irmão de Balzac, mas o excede em extravagancia porque não está vestido com um sacco de farinha: está nú, e o seu corpo despido é tão mal feito que inspira repulsão a um esculptor cujo gosto não seja depravado, uma repulsão visinha do horror.

De resto, elle não está sómente nú; está escorchado e como valor anatomico, não excede ás figuras dos antigos albuns japonezes.

E' lamentavel, porque Rodin era primitivamente um artista bem dotado; creára a *Belleza* quando não se julgava ainda obrigado a trabalhar para as novas revistas. E' inverosimil que elle volva ao bemaventurado caminho da simplicidade, do natural.

De Montmartre não ha regresso, ao menos para um homem idoso que, quando avançado na vida, subiu áquellas alturas e, por desgraça, tomou ao serio quanto ouviu. Os moços, ainda em plena evolução, pódem, ás vezes, despertar do ruim sonho de esthetico montmartense. Mas a natureza não permitte aos velhos se cobrirem de pelle nova.

Nordau não denigre systematicamente: attendei á sympathia com que elle esboça o retrato de Carrière e julga a sua pintura.

***

Carrière. — O pae de Carrière era um flamengo do norte de França, a mãe uma alsaciana. Seu physico reflecte essa origem germanica. E' um homem alto, largo, de ossatura solida, de conformação robusta, pelle branca, olhos azues, lento na elocução, circumspecto e sobrio de gestos, pensativo quando escuta, impenetravel quando silencía, elevando pouco a vóz para dizer, sobre coisas que conhece, palavras discretas e sabias.

Carrière tem a sua maneira propria. Os profanos percebem, ao primeiro olhar, que seus quadros estão cobertos de uma especie de poeira, uma nuvem que se não penetra logo e que, cheia de poesia, envolve as suas figuras, deixando perceptiveis as suas diversas partes com mais ou menos nitidez. Excentricidade!—exclamam os superficiaes.. Arteficio — murmuram os embotados.

Nordau explica que, por esse methodo, o pintor tradúz maravilhosamente a atmosphera doce dos interiores. E accrescenta:

Carrière obtém assim, com admiravel naturalidade, o recúo dos accessorios, um magnifico relevo das coisas essenciaes, mais claridade e expressão do que qualquer dos pintores seus contemporaneos. Parece paradoxal, mas é verdadeiro: elle conseguiu fazer

da fumaça o melhor vehiculo da claridade e do mysterio a manifestação mais completa do sentimento.

*

PUVIS DE CHAVANNES. — O naturalismo estava na maior vóga quando esse artista chegou a desenvolver a sua maneira. Elle foi um protesto vivo contra essa arte commum, feia e chata, contra a reproducção sem escolha e vasia da realidade sem alma. Deante dos seus quadros, pôde-se novamente sonhar: elle foi, depois da prosa, depois da vil prosa do jargão, o despertar da poesia; não se exigia, antes de tudo, que os versos fôssem bons; contentaram-se com o mediocre comtanto que fôssem versos.

Em uma epocha de idéalismo, elle se perderia no meio dos outros, sem ser notado; quando muito, lhe censurariam a banalidade dos symbolos, a impersonalidade, a chatice, a fraqueza do desenho, o vago da composição. Seu colorido passado lhe fôra inspirado pelos frescos dos Quatrocentistas; no seu espirito, a idéa desses frescos se associou á do desmaiado e, desde então, querendo pintar no estylo dos velhos mestres, deu á sua propria pintura essa descoloração que não era, absolutamente, intencional de sua parte, que resultava simplesmente da acção destruidora dos quinhentos annos decorridos desde o seculo XV

O desmaiado, o afastamento, a anemia dessa arte pallida se encontraram maravilhosamente com o sentimento doentio da epocha, e esse mysticismo das côres era unisono com o mysticismo geral.

Puvis de Chavannes foi, em França, o primeiro mestre academico da pintura morbida; seu principio é o leite de cal; tradúz todas as suas imagens por meio de um molho branco, meio opaco que attenúa todos os tons. Seu olhar é inimigo da côr, descolora tudo quanto attinge.

Elle simplifica, do mesmo modo, todas as linhas, ao ponto de perderem absolutamente a sua individualidade; observa sómente a geueralisação da fórma: estyliza tudo o que toca seu lapis, seu pincel, e é precisamente essa fria estylisação aquillo que os seus partidarios chamaram: Idéalismo.

O seu cyclo de santa Genoveva lhe assegurou um posto duradoiro na pintura historica; mas os seus grandes frescos allegoricos são frios, mortos. inchados, pretenciosos; nem o desenho, nem o colorido fazem delle um mestre, cujo exemplo deva ser imitado. O culto desse pintor não foi, em summa, sinão uma reacção opportuna contra o naturalismo.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O nosso eminente collaborador, general Dionysio Cerqueira, laureado pelo brilhante successo das *Reminiscencias de Campanha*, cujo ultimo artigo saíu no nosso numero 61, inicia hoje as *Reminiscencias da Fronteira*, contadas com o exacto colorido de um estylo sobrio, espontaneo, com uma eloquencia que evoca á vida os factos, as coisas, os personagens, traçados em esboços firmes de uma inabalavel verdade.

Nas *Reminiscencias da Fronteira*, encontrarão os leitores dos *Annaes* episodios da campanha da commissão scientifica incumbida de lindar o nosso territorio com o de Venezuela, dirigida pelo notabilissimo e sabio mestre, o saudoso barão da Parima, que deixou, na engenharia nacional, luminosos traços da sua competencia profissional.

Póde-se affirmar que, depois dos extraordinarios trabalhos dos bravos demarcadores do XVIII seculo, encarregados do colossal estudo da extraordinaria linha de limites entre os dominios das corôas de Portugal e Hespanha, a mais extensa fronteira do mundo, tivemos sómente explorações parciaes, todas incompletas, interrompidas pelos formidaveis obstaculos naturaes da região percorrida, sem que, por isso, fôssem menos preciosas as informações colhidas para a sciencia e a revelação dessa parte do continente sul-americano. A commissão do barão de Parima penetrou trechos de territorio absolutamente ignorados ou dos quaes tinhamos, apenas, noções vagas, truncadas, sem cunho de auctoridade, não sómente quanto á topographia, como quanto á população autocthone, sua lingua, seus costumes, sob todos os aspectos curiosos.

No trabalho que recommendamos aos nossos leitores, ha o encanto do inédito, do assumpto, da região desconhecida, a sua fauna, os seus habitantes, surprehendidos, em flagrante natureza, por um observador honesto e erudito.

—

UMA NOITE NO RIO MARARY

O capitão de engenheiros José Jardim, que morreu general depois de ter defendido S. Paulo com mascula energia e o mais acrysolado patriotismo no tempo da revolta, e o conde Ermano Stradelli, que trocou o seu Castello de Burgotaro e os prazeres aristocraticos de Florença pela taba selvagem dos Tucanos do Uaupés e as explorações arriscadas no meio do gentio e dos anophéles amazonicos, fazendo-se naturalista e geographo, chegaram commigo, em março de 1882, ao ponto do rio Marary, onde começa o caminho estreito e sinuoso que, atravéz de serras e arroios, os indios abriram em rumo para o Castanho, affluente do grande Siapa, que váe desembocar no Cassiquiare, o notavel canal por onde o soberbo Orenoco envia o seu tributo ao Amazonas, o poderoso suzerano.

O Marary é tributario do Padauiry, que mixtura as suas aguas claras com as escuras do Pixuna, antes de desembocarem juntos no Negro, cuja largura não medimos alli, mas deve ser de muitas milhas, porque gastámos mais de uma hora para atravessal-o numa bôa lancha a vapor da flotilha do Amazonas.

A nossa viagem, eriçada de difficuldades que encontravamos a cada passo, transpondo cachoeiras e saltos, pareceria muito penosa e cheia de perigos aos que, como nós, não estivessem acostumados a tantas asperezas.

Acampámos á margem esquerda sobre um socalco formado á custa do cerro, cujo sopé as enchentes fôram erodindo e nivelando. Parecia a vasta area quasi plana e horizontal terraplenada expressamente. Um vallo profundo, então a secco, cavado pela impetuosidade da corrente nas cheias, separava-o da montanha.

Alli armámos as nossas barracas e mandámos construir um tejupar para guardar os nossos paneiros de farinha d'agua e outros viveres — sobre um alto giráu de varas. Servia-nos de cosinha. Alguns arbustos e uma arvore de espinhos, onde viviam duas corujas que cantavam lugubremente toda a noite, eram a unica vegetação do socalco, de modo que não nos foi preciso fazer derrubadas, como era nosso costume. O logar nos seduzira pela limpeza e pelo trabalho que nos poupava.

O rio corria a uns tres metros abaixo da crista do barranco, sobre um leito de alvas areias e seixos rolados, de diversos matizes. Era limpido e nos banhavamos, apezar dos piuns implacaveis, com grande prazer nas suas aguas frescas e rapidas, que mal nos chegavam aos peitos.

A margem esquerda em que estavamos era muito concava, e, pouco a pouco, se ia approximando, pela erosão constante, do flanco abrupto da montanha, ao passo que a opposta ia se alluvionando pelos depositos que o Marary, sem cessar, fazia dos sedimentos, que arrastava comsigo das serranias, donde vinha.

Viamos a cavalleiro a margem direita, que se estendia para dentro, coberta da vegetação cerrada e caracteristicamente baixa dos terrenos alagadiços, até uma serra pouco elevada, que a limitava, das bandas do oéste.

Era demasiado resticto o nosso horizonte. Por todos os lados, a vista parava de encontro a uma alta muralha de verdura orlando a floresta infinita, onde dormem thezouros fabulosos e se escondem segredos e mysterios ainda por muitos seculos. Sómente ao norte appareciam ao longe, sobre o cimo da matta, as cumiadas dos altos

massiços das serranias que separam das nossas as terras de Venezuela. Os picos agudos da Tapiirapecó tinham a fórma de immensas linguas de anta, como indica o seu nome *nheengatú*, (linguas ponteagudas) voltadas para o céo, negras, resequidas, como querendo lamber as nuvens que passam por ellas pejadas d'agua, mas immoveis e rigidas como o granito que as fórma. Mais para léste, a cordilheira abaixa-se em curvas mollemente accidentadas e no alto dorso verde-negro eleva-se gigantesca a móle escura do «Curumycuêra-urussacanga», (paneiro de malhas abertas do mancebo que morreu»), rochedo escalvado que a natureza alli plantára, na crista do divisor de aguas, para eterno marco da nossa linha de limites. Além... a serra do Curupira, cujo nome os nossos tratados estropiaram, trocando-o por *Ucurusiro*, e mais adeante, sempre para as bandas do nascente, os cumes mais altos da Anahanahana, que na lingua dos Uirinays, que por lá moram, significa «casa do gigante», estendem-se, a perder de vista, por aquellas immensas solidões até ás proximidades da cordilheira de Parima, refugio dos guaharibos e guaicás, ferózes e indomaveis, que nas cabeceiras, até hoje ignoradas do Orenoco e dos seus grandes affluentes, matam os inimigos com flechas envenenadas com «Uirary», fazendo odiosa excepção á lealdade e humaritarismo dos outros indios que só o empregam na caça, apezar de ignorarem a opinião dos grandes tratadistas de Direito Internacional sobre as «coisas licitas na guerra» e nunca terem lido o artigo decimo sexto das Instrucções de Lieber para o exercito dos Estados Unidos. Exaltada pelo medo e pelas incertezas da sua vida precaria, rodeada sempre e por toda parte de perigos, a imaginação do selvagem povoou essas paragens de lendas fabulosas. Os guaharibos e guaycás inspiram-lhes terror supersticioso. Quando se referem ás suas crueldades, abaixam a vóz, falam baixinho como si receiassem que os echos da solidão ou mesmo o Curupira, o sobrenatural caboclinho sem juntas e todo duro que guarda as florestas e examina as sapopembas das arvores antes das tempestades, vão denuncial-os aos ferózes inimigos.

O Stradelli, logo depois que chegámos, seguiu, a meu pedido, para o rio Castanho, da outra banda da serra, acompanhado por dois indios mandauacás, muito ladinos e meio civilisados porque já falavam bem a lingua geral ou nheengatú. Informaram-me que lá morava um velho e bom tuicháua. Precizava de bons guias e de informações sobre aquella região desconhecida, que iamos explorar para fixar a linha divisoria. Recommendei ao meu bom amigo que me trouxesse não só o velho chefe como tambem alguns indios da tribu. Havia tres annos que a commissão de limites estava no Amazonas e aproveitei bem o meu tempo aprendendo a lingua geral, que consegui falar correntemente. Isto me serviu de grande auxilio e aos meus collegas, pois captava, sem grande esforço, a confiança dos indios, que vêem sempre com suspeição aquelles que não a falam.

O meu saudoso chefe e bom amigo, o mallogrado barão de Parima, meu illustre mestre, ficára na cachoeira grande do Padauiry com o resto do pessoal, sem poder mover-se porque havia mandado uma canôa do Xibané buscar a nossa correspondencia e outros viveres para nosso bastimento. Mandei-lhe as minhas tres com as tripolações restrictamente indispensaveis para transportal-as rio abaixo. Ficaram commigo e o Jardim apenas quatro homens: — os nossos dois camaradas, soldados do Onze de infantaria, o cozinheiro Osorio—velho portuguez, que fôra da corveta *D. Izabel* e naufragára na costa de Marrocos, e o indio Aturre, cujo nome significa jacaré na lingua da sua tribu Uirinay.

O meu camarada era um rapaz de vinte e dois annos, alto, branco, de cabellos ruivos, filho da povoação de Maria Pereira, no Ceará. Era sobrio, bom e forte o Antonio Cearense. O do Jardim era um indio gaúcho da fronteira de S. Borja, que fôra transferido para o Amazonas, por castigo. Gostava muito de beber, era o seu unico defeito. Como nós não tinhamos o veneno, elle não se intoxicava e portava-se muito bem.

O Osorio, nosso Vatel, nunca teve ensejo de revelar as suas peregrinas qualidades, de que tanto se ufanava.

O Aturre era o typo mais notavel do grupo. No deserto, ninguem lhe podia atirar a barra adeante. Via mais do que qualquer de nós e ouvia o som longinquo e compassado dos remos muito antes que o sentissemos. Com o seu isqueiro de páu, fazia fogo mais depressa que o Osorio e ninguem era mais lésto em desenredar uma espia mergulhando entre as altas maretadas desencontradas dos remansos das cachoeiras. Era dextro no manejo da pinauáca na pesca dos tucunarés e não errava um só tiro de sararáca nas tartarugas que desciam o rio, de bobuia; não tinha rival quando ia ao fundo dos caacurys buscar o peixe, sem receber as descargas electricas dos purakés. Quando os carachués, ao pino do sol, enchiam de plangentes melodias as margens dos igarapés e os cuaracy-uirás ostentavam a plumagem de brilhos rutilantes nos altos galhos das acaiacás gigantes, Aturre imitava, acocorado, o pio queixoso dos mutuns ou os jacamins ventriloquos, e exterminava, com as pequenas flechas de pashiúba, hervadas com uirary, lançadas pela zarabatana infallivel, o bando inteiro. Mais de uma vez, chegou á malóca com a pelle mosqueada do iauaretê, que com elle tambem espreitava a saborosa caça.

Emquanto Biballé, a joven esposa, a sua «estrella», tecia a maqueira de mirity ou preparava ao forno o «curadá» de tapióca e o beijúticanga para as excursões longinquas, elle polia o arco de «uzapaparayna» e dava com mão de mestre a fórma helicoidal ás pennas do «uiráuassú», que collocava na extremidade das flechas aguçadas de lamina larga de taquara, para defender a tribu dos ataques fequentes dos oromanos, seus visinhos, que ainda uzavam machados de pedra, gostavam de comer os olhos dos que caíam aos seus golpes e faziam das canellas monotonos membis.

Não havia, em toda aquella redondeza, desde o Maranyá, pé mais ligeiro, braço mais forte, coração mais valente do que os do Aturre. Era alto, esbelto, uzava apenas um «cuêio» na cintura; os cabellos, negros como aza de corvo, eram aparados na testa e caíam lisos e bastos sobre as espadnas musculosas. Quando queriamos variar na comida, elle sabia onde moravam as antas e caitetús, e ia buscal-os. Pedi-lhe, uma vez, um gallo da serra e trouxe-me dois. Conhecia as penedias onde o precioso passaro construía os ninhos inaccessiveis. Gostava muito do Aturre, que nos prestou serviços inestimaveis.

Desde que chegámos ao porto do Marary, o tempo conservava-se sempre adverso ás nossas observações astronomicas. Quando o sol apparecia, era em hora contraindicada ou mal lhe apontava a luneta, vinha ligeira uma nuvem escondel-o.

A' noite, a abobada celeste mantinha-se tenebrosa, sem uma estrella a luzir. E os dias e as noites iam passando, e a posição geographica do acampamento se adiando.

Uma vez, depois duma tormenta, o sol escondeu-se limpido por detraz da montanha á nossa direita, e a noite appareceu estrellada. Armei pressuroso o horizonte no topo do poste de observação e esperava ancioso a hora da culminação de algumas estrellas, que haviamos calculado. O Jardim ajudava-me contando no chronometro sideral, allumiado por uma lanterna furta-fogo, e eu, sentado num banquinho de páu, tinha na mão direita o meu bom sestante Lorieux, já calado na altura approximada da passagem de Alpha dos eães de caça. Faltavam apenas alguns minutos, quando flócos de brumas alvacentas começaram a elevar-se da profundeza dos valles da

serrania e a limpidez do céo. foi se manchando de tennes véos e as estrellas já mal se reflectiam no mercurio do horizonte. Apenas brilhavam algumas no zenith e apagaram-se logo depois levando comsigo nossas esperanças de uma observação proveitosa para a nossa latitude approximada. Resignados, esperariamos dias mais propicios. E assim se passam dias e semanas inteiras na fronteira, á espera que as nuvens deixem de empanar o luzir das estrellas e o disco do sol.

O dia dessa noite que havia principiado tão mal para nós, fôra de chuva e ventania até ao caír da tarde.

Não é facil avaliar bem o tedio, que se apoderava de nós naquelle fim do mundo, em pleno deserto, cercados de mysterios e recolhidos ás nossas pequenas tendas de algodão mofado, estirados nos estreitos leitos de campanha, sem outros livros para ler, além do velho Francœur e Chauvenet e algumas taboas de logarithmos. Durante o dia, os pium; á tarde, os maruys, e, á noite, os carapanãs, acompanhados de legiões tão numerosas de mariposas nocturnas, que chegavam a tapar-nos a luz das nossas lanternas.

Perdida a esperança, fui para a barraca, e o sereno caía como chuva copiosa. Chamei o Antonio e recommendei-lhe que me chamasse si o céo se despejasse. Pouco depois, adormeci.

Alta noite, fui despertado pela vóz meio assustada do velho Osorio, que me bradava:

«Sr. doutor, o rio está galgando o barranco».

Ao deitar-me, o Marary corria no seu leito normal, a mais de tres metros abaixo de nós. Virei-me para o outro lado, pensando que o cosinheiro exaggerava. Mas não dormi, porque o Antonio abriu a porta da barraca e disse-me:

«Sr. major, o rio está subindo muito e já parece um mar».

Levantei-me rapido, enfiei nos pés uns sapatos de sóla de páu e fui até ao tejupar, onde luzia, mortiça, a chamma de uma torcida embebida em manteiga de tartaruga. Aturre havia fincado num resalto do barranco uma vara com marcas feitas a carvão e, de cócoras sobre os calcanhares, observava attento o progresso da enchente. O rio crescia rapidamente e pouco já faltava para invadir o nosso terrapleno. Gritei pelo Jardim de tal modo, que elle pensou que fôsse um ataque de indios. Mandei levantar as barracas e pôr os nossos instrumentos sobre o alto giráu do tejupar.

Quiz antes que fôssem, por maior segurança, para o cerro proximo, onde não chegariam as aguas; mas os soldados não puderam lá chegar, porque o vallo, que o separava de nós, estava cheio e a corrente era impetuosa, levando tudo por deante.

Arrumámos a bagagem o melhor que pudemos no giráu, que mal supportava a carga e rangia gemendo sob tanto pezo. O indio continuava attento a olhar para o potamometro improvisado e eu me abaixei ao pé delle e via as marcas irem desapparecendo uma a uma.

Levantei-me e, olhando ao derredor, vi que estavamos insulados. Só restava do terrapleno pouco mais do que a arêa occupada pelo rancho. Tudo o mais estava inundado.

Poucos minutos depois, o Marary galgou a crista do barranco e derramou-se cobrindo a pequena ilha em que estavamos refugiados.

Já não observavamos a vara marcada. A enchente continuava e ninguem poderia prever o seu limite. Eramos seis no tejupar, no deserto, numa ilha que se afogára, e não tinhamos uma canôa para salvar-nos. O rio cobria já a margem opposta e parecia enorme. Ouviamos calados os seus rugidos e sentiamos as aguas frias subirem-nos pelas pernas. Nenhum de nós tinha vontade de falar. Cada um fazia os seus planos de salvação. E a agua subindo sempre, já nos chegava aos joelhos

A nossa pobre baixella, que estava sobre um banco de varas num caixão, foi arrebatada pela corrente e salva, a muito custo, pelo Antonio.

Subia sempre e já nos dava pela cintura. Agarrámo-nos ás forquilhas do rancho para podermos resistir á impetuosidade das aguas. Corpos estranhos passavam, rapidos, roçando-nos e galhos de espinhos arranhavam-nos o rosto, revoluteando na descida veloz. As duas corujas da arvore proxima, de vez em quando, soltavam um pio.

Havia algumas horas que alli estavamos naquella angustia. Eramos seis — quatro soldados, um velho marinheiro e um indio — todos mais ou menos fatalistas. Esperavamos resignados o nosso destino. Todos eramos excellentes nadadores, mas não era ainda chegada a hora.

A agua já me dava pelo pescoço, e, na ponta dos pés para que não me entrasse pela bocca, ia lançar-me á mercê daquellas aguas ruidosas e revoltas, quando Aturre me deteve dizendo:

«Reçarú, ce anama; paraná otipáu, tipaú».

(Espera, meu parente; o rio está baixando).

Elle continuára observando o movimento das aguas na forquilha do rancho, onde se agarrára. A nossa anciedade já não era tão intensa. As palavras do indio, que eu traduzi aos companheiros, nivelados todos naquelles transes de morte, tranquillizaram-nos. A madrugada já se annunciava pelo despertar indiscriptivel das mil vózes das mattas. Pouco a pouco, íamos distinguindo o perfil indeciso das serranias longinquas e o recorte mais proximo da matta baixa da margem opposta, que se havia transformado em immenso igapó.

As aguas baixavam rapidamente. Quando o dia amanheceu, o nosso gallo, empoleirado na cumieira da minha barraca, andava assustado do diluvio, de uma ponta a outra, não sabendo como descer no meio daquelle oceano de aguas barrentas. Estava fóra dos seus habitos, mas havia passado a noite melhor do que nós, sem incommodal-o a enchente. Ainda não tinha cumprido o seu dever e parecia envergonhado. Olhou-nos, parou, e, batendo as azas, entoou tres vezes seguidas o seu canto de alvorada. Estava substituindo o corneteiro da escolta, que ficára com o chefe da commissão.

Quando o sol, assomando por cima das sumaumeiras gigantes, dardejou os seus raios sobre aquelles destroços, já o Marary não corria mais pelo chão do tejupar e, ás tres horas da tarde, pude fazer uma série excellente de dez alturas para o meu angulo horario. O rio havia voltado ao seu leito normal e nesse mesmo dia mudei o acampamento para o cerro, onde as suas aguas nunca chegariam.

DIONYSIO CERQUEIRA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O saneamento do Panamá. — Os principaes obstaculos. — Os effeitos dos poderes autocraticos de Magoon.

Parece estar definitivamente debellada a epidemia da febre amarella no Panamá, onde este flagello, de uma acuidade fulminante, era um ineluctavel obstaculo a toda a sorte de actividade, como foi na collossal empreza da perfuração do isthmo iniciada pelo grande Lesseps. Engenheiros, operarios europeus, mesmo chinezes, fôram implacavelmente ceifados.

A campanha actual contra a febre amarella foi um grande esforço humanitario contra a immundicie, a falta de hygiene, a ausencia de precauções e os costumes semi-barbaros que prevaleciam no Panamá desde o tempo de Pedrarias.

O coronel Gorgas, eminente chefe da saúde publica, que, em poucos mezes, libertára Havana da febre amarella, perdera a esperança de egual successo no Panamá, onde julgava poder executar as mesmas medidas empregadas em Cuba; e, provavelmente, teria obtido o seu anhelo si lhe fôssem

dados os mesmos poderes e liberdade de acção: a cada passo, encontrava obstaculos insupperaveis.

Essa miseravel situação durou até maio ultimo, quando o presidente Roosevelt deliberou intervir. O Congresso lhe negára o auxilio das auctorisações legaes urgentes, indispensaveis, e por isso, elle resolveu agir por sua propria conta. Para isso, forçou os funccionarios do canal a se demittirem, substituindo-os por homens novos de absoluta confiança e nomeou governador residente da zona do canal, com poderes autocraticos, o juiz Charles E. Magoon, homem pratico, de particular energia. Deram-se no isthmo no mez de maio, 38 casos de febre amarella.

A permanencia da molestia era terrivel; peior, porém, era a desmoralisação do sentimento publico da colonia americana. O governador Magoon verificou que, ao passo que muitos fugiam do isthmo como de um sitio empestado, outros tinham ficado no estado de temerario fatalismo, affrontando o mal; expunham-se por méra bravata ás ferroadas dos mosquitos e furavam as redes protectoras apostas ás janellas dos edificios publicos e hoteis. O novo governador emprehendeu combater essa opinião erronea sobre as precauções empregadas, declarando-se, francamente, medroso da febre e tomando contra ella todas as precauções possiveis. A isso accrescentou que ninguem estava isento do mal e que não eram sinceros aquelles que blasonavam o contrario; annunciou, finalmente, que a theoria do mosquito, como vehiculo da molestia, era sustentada pelas mais acatadas summidades da medicina e da cirurgia, e pretendia pol-a em pratica com todo o empenho e poderes ao seu alcance.

O seu primeiro acto foi ordenar a reparação das télas das janellas e declarar que seriam severamente punidos aquelles que as removessem ou damnificassem; em seguida, conservou todas as repartições completamente fumigadas, renovando, todos os quinze dias, essa operação, passando depois a completa desinfecção da cidade, sem exclusão de um só edificio, trabalho que foi executado da maneira mais perfeita.

Em conferencia com o presidente Amador, muito competente na materia e conhecedor especial da febre amarella, o governador Magoon nomeou inspectores sanitarios oito dos mais notaveis medicos indigenas para os oito districtos em que foi dividido o territorio e esses medicos fizeram inspecção diaria, em cada casa, de todos os individuos. Esse trabalho extraordinario foi executado com a mais energica precisão. Além dessa inspecção, enviou missionarios e instructores para ensinarem ao povo a verdade sobre a theoria do mosquito e todos os sitios em que estes poderiam prolificar fôram destruidos ou tratados com kerozene e outros desinfectantes.

Cuidou, particularmente, de augmentar o abastecimento d'agua, suspendendo as obras do canal para que todos os operarios fôssem empregados no trabalho d'agua e dos exgottos, abolindo as cisternas e outros depositos, antigamente usados e muito propicios ao desenvolvimento do fatal *stegomia*, e promoveu o calçamento das ruas com tijolos vitrificados.

Não tardaram os admiraveis effeitos dessa campanha do governador Magoon. Em maio, houve 38 casos de febre amarella; no mez seguinte, a molestia augmentou para 62 casos. Em julho, porém, houve notavel diminuição para 42 casos; em agosto, sómente 27; em setembro 6; e a molestia desappareceu, podendo-se affirmar que o ultimo caso, em Panamá, occorreu a 14 de setembro. Desde então, apenas um caso se manifestou na aldeia Matachin a 29 de outubro, sendo toda ella lavada com desinfectantes que asphyxiavam completamente o terrivel germen.

Como em Panamá, o principal inimigo, entre nós, da extirpação da febre amarella, é o preconceito, a falta de confiança nas medidas sanitarias, apezar dos brilhantes resultados por ellas obtidos em outros logares, victimas dessa horrivel enfermidade.

Todas as experiencias demonstram a effectividade da theoria do mosquito. Em Ismailia, antes do tratamento pela suppressão do mosquito, os casos de malaria entre os empregados da companhia do canal de Suez, attingira de 1.500 a 2.000, tendo em 1903 baixado rapidamente a 209. Em 1904, os casos caíram a 90; em 1905, de janeiro a setembro, o numero total de casos foi de 37.

As cifras são de empolgante eloquencia.

PAGINAS ESQUECIDAS

Não só no Rio como, principalmente, nos Estados, anda uma enthusiasmada propaganda afim de se levantar uma estatua a d. Pedro II. Aliás não é nova a idéa: apparece, desapparece, e reapparece toda vez que os falsos republicanos ou os heróes dos *factos consummados*, desgostosos, se despeitam furiosamente com a Republica. Despenha-se, então, uma formidavel torrente de elogios e só elogios á acção, ao espirito do Imperador; fala-se excessivamente a proposito dos seus extraordinarios serviços, da sua extraordinaria sabedoria...

Nada, portanto, teria de novo, mesmo de interessante, nesta secção dos *Annaes*, uma referencia no sentido de lhe chorar a morte e, antes disso, a quéda.

Assim, damos, em seguida, o manifesto do *Club Republicano Rio-Grandense*, escripto em dezembro de 1891, pelo veneravel sr. Teixeira Mendes, do Apostolado Positivista do Brazil, que aprecia, menos com palavras do que com factos, o segundo reinado.

PEDRO II

As lamurias hypocritas daquelles que fôram os cumplices de um chefe malfadado, e que fazendo hoje a sua apotheose, apenas ensaiam a glorificação de seus tristes passados individuaes, eram, por outro lado, phenomenos demasiado vulgares para demover-nos da proverbial misericordia dessas gerações de que nos ufanamos de descender, e a cuja confiança tão mal corresponderam d. Pedro II e seus sequazes.

Em torno, porém, do sumptuoso caixão do ultimo dynasta brazileiro, não se escuta só o alarido daquelles que elle caracterizou na sua despedida com esta significativa exclamação:— *Passei a vida a carregar máus governos*. O governo de um povo amigo, cuja historia nos é mais familiar do que a nossa propria; cuja lingua cada vez mais se confunde com a nossa; cuja supremacia planetaria a Republica Brazileira honrou-se de proclamar erigindo o 14 de julho em dia de glorificação nacional, não hesitou em fazer côro com os exploradores de nosso Passado, os perturbadores de nosso Presente e os inimigos de nosso Futuro.

Deante de tão inopinada manifestação, a persistencia do nosso generoso silencio poderia ser interpretada como um assentimento. Nós, portanto, vimos por este meio protestar perante as almas verdadeiramente republicanas contra a indigna legenda que se procura crear, em desprestigio de nossa patria, abusando-se da ignorancia em que o mundo se acha ácerca da historia brazileira.

O que sabe o governo francez de nossa politica interna e mesmo externa? Que estudo fez elle do nosso passado para tributar honras solemnissimas ao chefe que, depois de meio seculo, merecidamente foi banido de nosso meio?

Tomando no seu conjunto, os factos de nossa historia impunham áquelle governo a mais circumspecta absten-

ção de qualquer manifestação de lucto publico ; porque o homem que expirava fóra da terra do seu nascimento, representava nella o unico vestigio do regimen politico contra o qual ha um seculo lucta a França.

Pois que ! Esse povo francez que desde 1789 sacrifica-se para supprimir a realeza, para implantar o regimen republicano, viria em 1891 applaudir aquelle que acabára de caír do unico throno americano ? Que outra republica já corresponden melhor do que a brazileira ás grandiosas aspirações da immortal *Convenção* ? Onde existe maior liberdade do que em nossa Patria depois que extinguimos a monarchia ? Fomos nós que eliminamos toda theologia official, como destruimos os privilegios profissionaes dos metaphysicos e dos scientistas, realizando assim o plano da heroica assembléa que instituiu o programma da regeneração humana. E o povo francez, que dirige a cruzada redemptora, em vez de estreitar os laços de sympathia que o ligam ao povo brazileiro, procuraria quebral-os, renegando o seu passado e renunciando ao seu porvir ?

Não ; procedendo como fez, o governo do presidente Sadi Carnot não foi o interprete das tradições regeneradoras da França ; não traduziu as energicas aspirações do povo a cuja testa se acha. Porque o seu acto equivale a retirar a França da vanguarda do progresso, para fazel-a capitanear uma retrogradação contra a qual conspiram todos os seus antecedentes.

Nem se diga que as honras fôram prestadas ao homem e não ao monarcha, porque um é inseparavel do outro : Pedro II não podia ter sido o grande homem que se apregôa sem ser ao mesmo tempo um eminente estadista. Mas acceitemos por instantes o absurdo divorcio. Onde estão os documentos comprobatorios do merito do homem que se endeoza ?

Foi scientista ?—Onde estão as leis que descobriu, as theorias que inventou ? Em que e como engrandeceu o capital intellectual elaborado pelos fundadores da sciencia pozitiva, desde Archimedes até Bichat e Gall ?

Foi philosopho ? — Onde estão as provas de sua capacidade generalisadora ? Quaes os vestigios de suas tentativas syntheticas ? Onde os trabalhos que opulentaram a herança legada pelos guias do pensamento humano, desde Aristoteles até Descartes e Augusto Comte ?

Foi poeta ? Que é das producções de seu genio esthetico ? — Onde os poemas, os romances, os dramas, as producções quaesquer de seu éstro com que houvesse enriquecido o thezouro esthetico, accumulado pela nossa especie, desde Homero até Corneille e Byron ?

De scientista possuia elle apenas as cadeiras e os titulos que lhe deram os pretorianos da sciencia, em troca das lentejoulas com que elle os condecoron. Foi assim que a Academia das Sciencias, onde nunca entraram nem Bichat, nem Broussais, nem Gall, — orgulhou-se de contal-o em seu seio, quando já lá não existiam os Lagrange, os Fourier e os Blainville.

E é justamente essa pedantocracia sem civismo que, de mãos dadas com os opportunistas actualmente empossados da suprema direcção da França, promovem as honras funebres com as quaes se procura macular a Republica Brazileira.

Como politico, por sua inepcia moral e mental em sustentar a sua dynastia, desenvolveu no interior a corrupção e deu logar a sanguinolentas luctas fratricidas, ao passo que determinava no exterior guerras das quaes a ultima deu em resultado o anniquilamento do Paraguay, que foi não menos fatal ao Brazil pelas vidas e os capitaes que absorveu. Osteutava a pretenção de libertar os povos republicanos dos seus tyrannos, e conservava milhões de brazileiros na escravidão. Unica entre as nações da America, a nossa patria apoiou, durante o seu governo, a criminosa tentativa pela qual o segundo Bonaparte, falhando á missão regeneradora da França, pretendeu impôr uma dynastia ao Mexico.

Assim procedendo, elle contribuiu para o vexame por que passou a França, vendo-se obrigada a retirar os seus exercitos deante das legiões libertadoras de Juarez e da intimação decidida da Republica Norte-Americana.

O seu abolicionismo ficará assáz caracterisado notando-se que desde 1825 o venerando ancião, patriarcha de nossa Independencia, o sabio José Bonifacio de Andrada e Silva, fornecera um projecto para a rapida e gradual extincção da escravidão. No emtanto, para não expôr-se a perder o throno, Pedro II levou a trausigir com a olygarchia escravista até quasi as vesperas de sua quéda. Apezar dos dignos esforços da Inglaterra, o trafico de escravos persistiu até 1856. Não contente com manter até 1888 uma perversa legislação criminal contra os miseros captivos, promoveu, *em nome da Santissima e Indivisivel Trindade*, tratados escravocratas com as republicas visinhas, prevalecendo-se até para isso da situação amargurada da Republica Oriental.

Os escravos da nação e os dados em uso-fructo á corôa só fôram libertados em 28 de setembro de 1781. E, entretanto, nos momentos de apuros, os escravos da nação fôram libertados para irem morrer nos campos de batalha em defesa do pavilhão imperial.

A verdadeira extensão dos seus sentimentos liberaes ficou patente consentindo elle que as officinas do principal jornal republicano, sitas na mais concorrida rua do Rio de Janeiro, fôssem apedrejadas pela policia na noite em que a redacção desse jornal festejava, com o consentimento da mesma policia, a proclamação da Republica da Hespanha. Nas vesperas de sua deposição, havia o seu governo prohibido os vivas á Republica. Quanto á instrucção publica, apenas desenvolveu a pedantocracia, sem nunca haver demonstrado real solicitude pela verdadeira elevação mental do povo.

Tudo procurando subordinar ao seu omnimodo poder, desrespeitou a Egreja Catholica, consentindo que fôssem presos, processados e condemnados dois bispos que tentaram reagir dignamente contra a prepotencia regalista. E ao passo que assim procedia, deixava o paiz sem liberdade de culto publico, sem casamento civil, sem cemiterios leigos e figurava de comparsa nas pompas cultaes da mesma Egreja.

A sua intervenção na industria limitou-se a systematizar as tentativas burguezocraticas, mediante a concessão de privilegios cuja responsabilidade hoje onera o thezouro da Republica.

Sob qualquer aspecto, em summa, por que se considere o longo reinado do ex-monarcha, que se pretende endeozar, abuzando da geral ignorancia

da historia sul-americana, um juiz imparcial ha de reconhecer que Pedro II esteve por demais inferior á missão que as nossas fatalidades sociaes lhe confiaram.

Não foi, porém, nosso intuito esboçar siquer a triste historia de tão longo reinado. O nosso fim foi apenas dizer quanto bastasse para evitar que as almas verdadeiramente republicanas do Occidente se tornem victimas de uma indigna legenda.

Quanto á França, especialmente á conducta do seu governo, coutra a qual protestamos, exige de nossa parte uma declaração.

Nós, os republicanos brazileiros, jámais confuudiremos a grande nação que é a conductora do movimento moderno, com os homens a quem as fatalidades historicas entregaram a sublime missão de seu governo. Para nós, a França será sempre representada pelos vultos incomparaveis daquelles cujos corações em todo tempo resumirão os seus nobres esforços civilisadores. E assim que no momento presente a nossa indignação é tanto maior, quanto sentimos que esta não tradúz só o nosso patriotismo. Temos certeza que as almas homericas dos heroicos companheiros dos Danton, dos Condorcet, dos Carnot e dos Hoche protestam comnosco contra a attitude de quem, em nome do povo francez, gratuitamente offende a Republica Brazileira.»

O ALMIRANTE (64)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXI

— Temos, então, o apoio do nosso querido almirante—concluiu Hortencia, sorrindo — Contamos com a marinha.

—Lembro á encantadora Hortencia — observou Oscar, com um gesto de censura — que está empregando linguagem revolucionaria. Em todo o caso, póde contar com a marinha para a vida e para a morte.

— Muito bem. Eu e a marqueza vamos esperal-o.

As duas voltaram ao palacio e Oscar subiu ao seu quarto para vestir um terno claro, leve, apropriado áquella excursão matinal, aventura que viéra ao encontro da necessidade de se libertar das preoccupações daquella terrivel noite de vigilia. Elle necessitava de abalo, de movimento, do espectaculo da floresta, caíndo das penedias sobre o mar espadanado em rasgões de espumas nos rochedos ou lambendo a praia, deslizando em colossaes refolhos, uns sobre os outros, avançando, recuando em váe-e-vem incessante das tenues camadas do liquido a ferver sobre a areia ensopada. No triste estado d'alma a que de subito se arrojára, na embriaguez de um momento de delirio, elle sentia o irrepressivel desejo de consultar o mar, o seu grande, o seu formidavel amigo, tanta vez por elle interrogado, quando, em outras latitudes, sob outro céo, lhe propuzera o problema do seu futuro, pedira-lhe inspiração e lhe confiára desalentos, alegrias, decepções, saudades, saudades vagas, sem objecto definido, talvez dos paes, que não tivera a dita de conhecer, rasgando-lhe no coração um grande espaço vazio que a ternura da marqueza de Uberaba não conseguira encher. Elle confessaria áquelle verde mar enfurecido a doce culpa da vespera; atiraria com a confidencia desse crime ao seio mysterioso, os remorsos torturantes; supplicaria o perdão do olvido misericordioso á infinita amplidão do céo e do mar.

A singela historia de Sebastião commovera Oscar, tocado pela sinceridade dolorosa, pelo accento de tristeza da victima de um amor traído, aquella meiga creatura que se escravizára, sem queixume, á servidão cruel de uma inextinguivel, de uma mortificante magua e se submettera ao seu destino adverso, recompensado pela ventura de se sentir perto da mulher amada, respirando o mesmo ar que ella, acalentando a esperança de um encontro fortuito, em que os seus olhos anciosos fruiriam a delicia de vel-a outra vez. Oscar deduzia a sua situação do contracto expressivo entre elle, querido, victorioso e o pobre Sebastião vencido: um, acabrunhado pela victoria, hesitando ante o pomo sazonado, tentando-o pelo perfume empolgante; outro, resignado na decepção da derrota e submettido, sem humilhação, á tyrannia do amor. Sebastião amaria com o ardor, com a ancia do primitivo anhelo a mulher conspurcada pela traição; Oscar vacillava, num enredo de melindres ante a posse da mulher que não hesitára em transpor as barreiras da lei, das convenções despoticas da moral, para ser possuida. E lhe parecia, então, ridiculo oppor á paixão inconsiderada de Dolores a sua virtude de homem, abrigado num egoismo impermeiavel. Sebastião, o homem rustico, superior aos preconceitos, era um heróe; elle, homem culto, homem superior, favorecido pelas preferencias da sorte, era um cobarde. Não, não era possivel — pensava Oscar — varrer do coração um amor, como Sebastião varria as folhas seccas que o impetuoso vento arrebatára das arvores.

— Oscar, Oscar! — bradou a suavissima voz de Hortencia, airosamente, postada na boléa de um *car á banks* e contendo, de rédeas tensas, uma impaciente parelha de cavallos alazões — Vamos, antes que esquente o sol.

Pouco depois, elle tomava o logar junto da marqueza, abrigada sob uma umbella de sêda rôxa, matisada de violetas bordadas em relevo; o cocheiro que continha pelo freio os cavallos, galgou de um pulo a boléa, empertigou-se ao lado Hortencia e a carruagem partiu a trote, caminho da Gavêa.

A payzagem deslizava rapida: de um lado, o mar; do outro, a floresta, alcochoando de variegado verde, fôfo, sombrio, as encostas ingremes terminando em penhascos arrôxeados, marcados de grandes listas brancas a lhe escorrerem pelo dorso aspero. E a ponta do Corcovado, cortada a prumo como um colossal signal admirativo, ia mudando de aspecto, declinando em rapida curva até se confundir no contorno da montanha ondulante a perder-se ao longe, no esfumado da manhã resplandescente. Dos flancos da cordilheira se erguiam flocos de evaporação da floresta aquecida pelo sol, subindo lentamente, delindo-se rasgados pelos galhos gigantescos.

A' direita do caminho, a casaria rareava, destacando-se em longos intervalos até ser interrompida pela murada do Jardim Botanico, com as suas avenidas de arvores raras, os seus canteiros, a famosa fila de palmeiras altissimas, tudo disposto numa regularidade monotona, geometrica, meticulosamente tratado, com o seu aspecto de tristonha solidão apparelhada para ser um refugio de sciencia. A' esquerda, a planicie alagada morria na lagôa placida, transparente terminando na facha arenosa marcada das rendas espumantes da rebentação do mar ao longe.

Oscar conversava com a marqueza, que lhe indicava com o fino dedo enluvado os sitios pictorescos, casinhas arruinadas, surgindo dos leques dos bananaes, das copas das larangeiras floridas, espelhando-se nas aguas numa nitidez photographica. Antigos solares, exhibindo traços da architectura colonial, decadentes, arruinados, transformados pelo industrialismo victorioso em cocheiras de vaccas, em depositos de materiaes de construcção, em olarias. E nos sitios, que fôram latifundios dos antigos abastados, povoa-

dores daquellas paragens, as delgadas chaminés açoitando o espaço com o seu negro pennacho de fumaça; as casas de operarios, agrupando-se desordenadamente em torno da usina em embryão, evocavam no cerebro da marqueza a recordação saudosa do nucleo Izabel, a Redemptora, onde se exgottára a sua actividade creadora.

Oscar ouvia attento e commovido as considerações que lhe iam saíndo, lentamente, dos labios sobre o passado, transformado, mutilado pela incursão violenta do trabalho, dominando a natureza soberba, incomparavel, daquelle trecho de suburbio da grande cidade. Ella aspirava com aquellas recordações saudosas a brisa marinha, agitada pela deslocação da carruagem, trazendo um suavissimo perfume de flôr e de mulher, o perfume de Hortencia, excitada pelo esforço da direcção dos ardegos cavallos alazões, as faces aquecidas de um forte rubor, as narinas dilatadas e os olhos brilhantes, attentos, fixados nos accidentes do caminho. Essa emanação de mulher suscitava-lhe a impressão da proximidade de Dolores, abrazada de paixão, desamparando-se vencida e succumbindo fulminada pelo beijo funesto; cujo sabor elle sentia ainda nos labios.

Subito, um dos cavallos erguen-se sacudindo violentamente o freio. O cocheiro fez um movimento para tomar as redeas, mas Hortencia insistiu, quasi de pé na boléa, fustigou o cavallo revoltado com sibilante chicotada. Oscar se erguera tambem para auxilial-a; ella, porém, murmurou impaciente:

— Deixe-os commigo que os conheço.

— Hortencia — exclamava a marqueza, assustada—Vê o que fazes!

A resposta foi outra chicotada e a carruagem continuou mais rapida.

(*Continúa*).

PEDRO RABELLO

Para dar uma idéa melhor, exacta, de Pedro Rabello, a proposito da sua morte, já tão sentidamente signalada pela imprensa diaria, destacamos do seu bello livro de contos, publicado em 1895, o que se váe ler sob estas linhas. E', de certo, uma pagina forte, pagina de soberbo talento, onde está, depois de uma vasta payzagem, insculpida, em sensações violentas de brilho, de força fulgurante, uma paixão, um estado d'alma em delirio.

Hão de, pois, ver que a nossa natural saudade é tanto maior quanto se transporta a considerar o tempo em que, tão intensamente trabalhador, foi tão vigoroso o espirito já agóra summariamente apagado.

O nosso collaborador deixou, prompto para composição de prélo, um livro de versos de trezentas paginas.

CÃO!

Sol a pino; esbrazeado, rútilo sol de janeiro. Tangendo a tropa — de volta do mercado longinquo — o Rufino estacou, de subito, ao subito chamado da tia Rita. E á porta da casinha branca, dentre os galhos asperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo:

—Eh lá, Rufino!

—S'a benção, tia Rita!

—Calor damnado, hein?

—Parece que não passa sem chuva...

—Nossa Senhora que mande.

Em roda, pelo matto mirrado e secco, seccas, mirradas arvores se levantavam, avidas, para os céos. E, por entre a relva queimada, ao acaso dos campos, apenas os longos, aridos caminhos de areia refulgiam ao sol. O Rufino demorava-se um pouco, a arredar as mulas para junto dos espinheiros de cêrca; sacudin o suor, a um rapido passar dos dedos pela testa. E veio, chapéo ao alto, enrolando o cigarro tirado da orelha:

—Forte sempre, hein, tia Rita?

—Não vê! Caco de velha que a maldita nem deixa parar. Marianna já levantou?

—Levantou?! Nossa Senhora que tenha pena della. De já hoje se foi chamar seu doutor Paixão.

—Eh! Ruim assim?

—Ruim de não tirar a cabeça da cama.

Um corvo pairava alto, voando em circulo. E a sombra negra da ave passou, rapida, por sobre a cabeça da velha. Tia Rita franziu as sobrancelhas:

—Vá longe o agouro! Cuidado com ella, heiu, Rufino..

—E eu cá que já vou andando p'ra casa...

—Deus que te acompanhe!

O Rufino estalou o chicote no ar. E, sacolejando os jacazes vasios, a tropa embicou pela estrada fustigada do sol. A casinha de tia Rita ficou para traz, muito alva, com os seus ares de eremiterio em meio das roças queimadas —como uma capellinha ao centro de um campo talado pelo incendio, pela devastação e pela morte. Ao longo da estrada, nem mais sombra humana apparecia. Eram apenas, no ar immovel, folhas immoveis de arvores immoveis. E só de entre duas mangueiras, muito ao longe, num alto, transparecia a casinha do Zé Portuguez—um que, por noites enluaradas, costumava dizer, á guitarra, toda a saudade nostalgica da sua terra.

De novo, lépido, o latego vibrou, estalando, desenroscando-se no ar. E agóra, para lá da curva distante do caminho, emergia da massa de troncos das amendoeiras despidas a ponta aguda da torre da Matriz. Em frente, tranquilla e pobre, era a casa. E o Rufino apressava a tropa. Do caminho de areia em braza, ao trote das mulas, subia para o ar uma poeira fulgida e fina.

Mas—porque alfim chegassem—o Rufino escancarou a porteira; e, emquanto a uma chicotada mais forte, as mulas trotavam para o telheiro ao fundo—á cata de sombra e de agua—entrou em casa, muito rapido, a indagar do estado de tia Marianna.

—Então, tia Rosa, e a velha?

—Assim.

Immovel, sobre a cama de ferro, no quarto de portas abertas para o ar e para a luz, tia Marianna arfava compassadamente. Os finos braços, amarellecidos e magros, mal lhe sustinham o lençol dobrado por sobre a colcha de chita. Nos olhos vitreos errava-lhe o resto de um amortecido clarão. E tia Marianna movia monotona, machinalmente, a cabeça. Pela porta entreaberta via-se o quarto vizinho. E nelle, junto do oratorio illuminado, a Ursula, vinda de fóra, ageitava um galho de flôres de espinheiros aos pés finos e brancos da Senhora da Conceição.

O dr. Paixão viera de quatro leguas mais adeante. E, mal o Tinoco, o irmão da Ursula, lhe fôra dizer que a mãe do Rufino estava, havia oito dias, com uma febre ruim, puzera pé no estribo da egua e atirára-se para a Areia Branca. A' porta, ao saltar, perguntára logo si lhe não haviam apparecido uns vomitos. E fôra com um ar compungido que elle lhe buscára o pulso, tacteando-o no braço descarnado e emmagrecido da velha.

O Rufino entrou, pé ante pé. E o Tinoco, que andava a rachar lenha por

alli perto, veio tambem, cauteloso, e, logo á porta, depoz no chão a foice afiada para a tarefa. O calor abafava, fóra. No quarto proximo, a um prenuncio de vento, as vélas do oratorio estremeciam... Pela alta cruz do Senhor Crucificado—um velho Christo de jacaraudá balsamico e forte—subia uma espiral de fumaça pardacenta ; e, mal o vento augmentava, a chamma das vélas ia lamber os sangrentos, chagados pés do Senhor.

Tia Marianna movia a cabeça, pausadamente, de um para outro lado. Voltára-se, fincára os pés na cabeceira da cama de ferro. E a pouco e pouco, ia-se-lhe amortecendo o clarão moribundo do olhar. Era como si adormecesse, afinal, depois daquellas tantas, longas noites monotonas de vigilia.

O dr. Paixão fitava-a insistentemente.

Fóra, no espaço, uma nuvem tapára por momentos o sol. Ventava agóra. E de todo o concavo do céo, muito alto, vinha por sobre a terra um ar pezado de desgraça e de morte. Passaros passavam em fuga. Pela estrada adeante, ás bruscas, fortes rajadas do vento, levantavam-se turbilhonando, e iam ás soltas, pelos campos, as folhas seccas das amendoeiras do largo da Matriz. E, subito, relampagos abriram um rapido, largo claro no céo.

O dr. Paixão volton-se para tia Rosa :

—Mudança de tempo...—fez, baixo.

E com os olhos indicava-lhe a calma brusca de tia Marianna. Mas o calor augmentava, terrivel. O Rufino tinha os olhos presos ao rosto amarellecido da velha. O doutor fizera um signal á Ursula ; e ella foi esperal-o perto, no corredor.

—Hum !.. Mudança de tempo. —repetia tia Rosa.

E abanava a cabeça, com um ar desolado. O doutor levantou-se, ficou um pouco, de pé, em frente á janella, a mirar o horizonte longinquo. Assobiava baixinho. Deu uns passos até o aparador onde o lampeão de kerozene descançava num tapete vermelho, de lã. E sumiu-se pelo corredor a dentro.

—Ora ahi está ; já tardava...— observou tia Rosa.—Ahi temos nós a chuva.

Grossos, disseminados pingos d'agua caíam agóra por sobre a areia em braza. E, a um relampago mais forte, a casinha do Zé Portuguez — longe, num alto, entre duas mangueiras — appareceu num fundo de luz amarella, como num clarão de apotheose. Tia Marianna arfava, de novo. Faltava-lhe o ar Do fundo da casa, escondendo o quer que era, a Ursula veio então, chorosa, para o quarto. E, logo ao chegar, disfarçadamente para que ninguem a visse, tirou de uma dobra da saia a véla benta do Santo Sepulchro.

— Ah ! E' a chuva.. Pois mais vale tarde do que nunca.. — sentencion o dr. Paixão, entrando.

O Rufino chegou-se para junto do medico :

— Seu doutor..

E indicava-lhe tia Marianna, inquieta, na ancia de conservar o ar que lhe ía fugindo :

— Está ruim, não está ?

O doutor não respondia. Fitava-o dolorosamente. O Rufino tinha uma coisa a apertar-lhe o coração.

— E agóra ? — perguntou.

— Agóra, só Deus !

« Só Deus ! » — Ao lado, no quarto vizinho, a figura aureolada do Christo — placido e sereno — refulgia ao clarão das duas vélas do oratorio. O Rufino fitava o rosto de tia Marianna. — «Só Deus !» — A santa imagem do Christo o attraía como para um sagrado refugio de fé. E o Rufino esgueirou-se para o oratorio illuminado.

— Padre nosso, que estáes nos céos..

Caíra de joelhos. E as palavras sagradas da reza burbulhavam-lhe dos labios, tremulas e repetidas. «Sanctificado seja o vosso nome...» E eram *Padre-Nossos* por sobre *Padre-Nossos* — Agóra, só Deus ! — «Ave, Maria, cheia de graça...» E vinham-lhe *Ave-Marias* por sobre *Ave-Marias*. «O Senhor é comvosco, bemdita sois vós...» As vélas morriam aos pés sangrentos do Senhor.

Mas, no quarto da velha, houve um lugubre ruido estranho. Parecia que todos se haviam levantado a um tempo. E, para logo — ao surdo baque pezado de um corpo — o grito estridulo e doloroso da Ursula estrugiu. O Rufino atirou-se para a cama de Marianna. De mãos postas, agarradas á véla benta do Santo Sepulchro, mal sustida por Tinoco e pela tia Rosa, a velha, esticada num ultimo arranco, punha os dois olhos vitreos fincados no tecto.

O Rufino parou :

— Mãe ! — soluçou, num gemido.

— Tenha paciencia, Rufino.

E o doutor consolava-o :

— Tenha paciencia... Tambem a minha mãe um dia morreu..

— Morreu !

Não via mais nada, não ouvia mais nada. Os olhos prenderam-se-lhe ao corpo desfallecido da velha. Vergaram-lhe as perdas. Ria, de um riso nervoso e tremulo ; chorava, de um pranto sem soluços nem lagrimas. Parecia que lhe rebentava a cabeça. E um peso enorme opprimia-o, fazendo-o pender para o chão.

Mas, a um relampago mais forte, a foice do Tinoco luziu, abandonada, num canto. E, do outro lado, no quarto vizinho, as moribundas vélas de cêra finavam-se, tremulas, aos pés sangrentos do Senhor Crucificado. O Rufino voltou-se para o Christo; não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Os olhos iam-lhe do crucifixo para o limpido aço da foice ; da foice para a imagem sagrada do Senhor.

Cão ! — fez, de subito.

A foice luzia, de novo, a um rutilo relampago mais demorado. O Rufino tomou-a de um gesto brusco, e — mal a apertára na mão crispada e tremula — saltou, num impeto, do quarto para o oratorio illuminado. Fuzilava-lhe a cólera nos olhos avermelhados e humidos.

E, a um golpe, loira e fina, a benta Virgem da Conceição voou em pedaços. E a outro golpe, a outros, áquelles desencontrados, doidos golpes sacrilegos, piedosas Virgens santas, e sagrados Apostolos, e bentos registros immaculados rodomoinhavam no ar.

—Cães !

A imagem do Senhor fitava-o do alto, serena e aureolada. Rufino vibrou-lhe a foice, certeira e rapida. E eram novos golpes, doidos, repetidos golpes certeiros. Mas, porque a foice lhe escapasse, a um gesto mais violento, tomou o crucifixo pelos pés. Vibrava-o agóra ás tontas, contra as paredes, contra os moveis, contra os portaes. Tia Rosa, muito pallida, correra para arrancar-lhe a imagem. Mas o Rufino galgára a porta. A chuva caía em torrentes. Rutilos, rapidos relampagos cortavam o ar. E como uma cachoeira enorme, o vendaval descompassado bramia por todo o campo em redor.

— Cão !

O Rufino atirou-se, estrada a fóra. Tia Marianna ficára, de olhos vidrados, muito hirta, ao centro da cama de ferro. E o Tinoco correra a pôr fóra a agua da talha, para não fazer mal. O Rufino subia sempre galgando a arida estrada, atravéz da tormenta. Agóra, revoluteava o crucifixo no ar. Vibrava-o de encontro ás cêrcas, rachava-o de encontro ás rochas asperas, partia-o de encontro aos asperos troncos nús. E, do alto — alma doida ! — vinham-lhe os soturnos gritos roucos, por entre as sombras da tarde que morria:

— Cão !. Cão !.

PEDRO RABELLO.

XADREZ

—

O XADREZ EM S. PAULO

São estes os premios conferidos pelo Club de xadrez de S. Paulo aos vencedores dos torneios deste anno:

1ª Classe — 1º premio: titulo de campeonato do Club no anno de 1906 e medalha de ouro.
2º Premio: medalha de ouro.

2ª Classe — 1º Premio: medalha de ouro.
2º Premio: grande medalha de prata.

3ª Classe — 1º Premio: medalha de onro.
2º Premio: pequena medalha de ouro.
3º Premio: grande medalha de prata.
4º Premio: medalha de prata.

4ª Classe — 1º Premio: pequena medalha de ouro.
2º Premio: grande medalha de prata.
3º Premio: pequena medalha de prata.

5ª Classe — 1º Premio: grande medalha de prata.
2º Premio: medalha de prata.
3º Premio: pequena medalha de prata.

— Como se vê, é uma abundante distribuição de premios. A organisação desse Club é muito interessante e póde servir de modelo a outros congeneres. O amador, qualquer que seja a sua força, ou sua fraqueza, ahi encontra parceiros. De uma classe a outra ha constantes promoções. A' medida que um jogador de uma classe váe progredindo, coteja o seu jogo com os da classe immediatamente superior e si é capaz de competir com estes, é promovido. Estabelece-se desta sorte uma emulação proveitosa que dá ao Club uma grande vida. Segundo informações que temos, conta o Club actualmente cerca de cem socios.

— Publicamos hoje duas partidas do torneio de 1ª classe. A primeira, jogada entre dois fortes enxadristas é por demais prudente: cada um, ao que parece, não queria sinão empatar. A segunda é interessante pela inesperada derrota das Pretas.

— Recommendamos aos amadores, com todo o empenho, o bello problema em 4 lances que hoje publicamos. Não se assustem com o numero de lances e tentem resolvel-o que o conseguirão com alguma perseverança. E vale a pena.

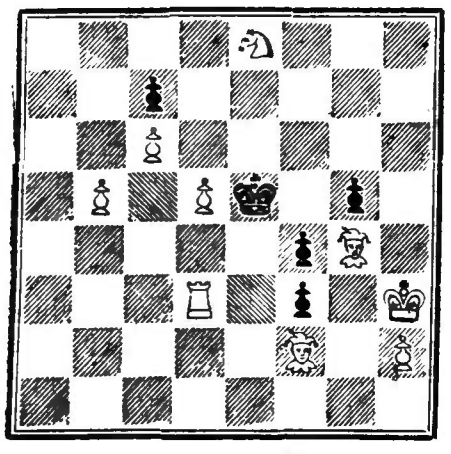
— Teve o melhor acolhimento dos nossos leitores a *Moral do xadrez*, de Benjamin Franklin, que publicamos nos trez numeros anteriores, traduzida pelo notavel enxadrista paulista dr. Mauricio Levy e divulgada pelo Club de xadrez de S. Paulo.

***

PROBLEMA N. 31

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (5)



BRANCAS (9)

Mate em quatro lances

PARTIDA N. 32

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

DEFEZA HUNGARA

Brancas (Sousa Campos)		*Pretas* (Dimitri Reich)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 2 R
P 4 D	— 4 —	P × P
C × P (*a*)	— 5 —	C 3 B
C × C	— 6 —	P D × Ç
D × D	— 7 —	B × D
Roque	— 8 —	Roque
C 3 B	— 9 —	B 2 R
B 4 B	— 10 —	B 5 C D
B × P B D (*b*)	— 11 —	B × C
P × B	— 12 —	C × P
T R 1 R	— 13 —	C × P B D
T 7 R	— 14 —	C 4 D
B × C	— 15 —	P × B
B 6 D	— 16 —	P 3 C D (*c*)
T 5 R	— 17 —	T 1 D
T × P	— 18 —	B 3 R
T 2 D	— 19 —	T D 1 B D
P 3 T D	— 20 —	B 4 B
T 1 B D	— 21 —	T 3 B
B 4 B	— 22 —	T × T
B × T	— 23 —	B × P
P 3 C	— 24 —	P 4 T D
P 4 T R	— 25 —	P 4 T
R 1 B	— 26 —	P 4 C D
R 1 R	— 27 —	P 5 T
B 4 C	— 28 —	B 5 R
T × T	— 29 —	B × T

empate (*d*)

(*a*) Aqui é mais commum o roque; mas, vê-se que as Brancas querem fazer um jogo simples, de trocas, conduzindo á nullidade.

(*b*) Não parece um excellente negocio trocar um pião central por um dobrado, ainda tendo que dobrar um pião, que logo depois será sacrificado.

(*c*) Fraco. Não é fatal a entrega do pião da Dama. Este lance é que a fórça.

(*d*) Apezar de um pião a mais as Pretas não pódem ganhar por causa dos Bispos de côres oppostos, situação classica de nullidade.

***

PARTIDA N. 33

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (Dimitri Reich)		*Pretas* (F. Godoy)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C	— 4 —	B 2 R
P 3 R	— 5 —	P 3 C D (*a*)
B × C	— 6 —	B × B
P × P	— 7 —	P × P
B 3 D	— 8 —	Roque ? (*b*)
D 5 T !	— 9 —	P 3 T R
D × P D	— 10 —	D × D
C × D	— 11 —	B 1 D
C 3 B R	— 12 —	P 3 B D
C 4 B R	— 13 —	B 2 B
Roque T R (*c*)	— 14 —	B × C
P × B	— 15 —	P 3 B
T R 1 R (*d*)	— 16 —	B 3 T
B 2 B	— 17 —	B 5 B
C 4 T (*e*)	— 18 —	C 3 T
C 6 C	— 19 —	C 5 C !
C 7 R x (*f*)	— 20 —	R 1 T
C 6 C x	— 21 —	R 1 C
B 1 C (*g*)	— 22 —	T R 1 R
B 4 R (*h*)	— 23 —	B 6 D
B × B (*i*)	— 24 —	C × B
T × T x	— 25 —	T × T
P 3 B (*j*)	— 26 —	C × P
T 1 B D	— 27 —	R 2 B
P 5 B	— 28 —	C 6 D (*k*)
T 1 D	— 29 —	T 8 R x
T × T	— 30 —	C × T
C 4 B	— 31 —	C 7 B
C 6 R	— 32 —	P 4 T D
R 2 B	— 33 —	R 2 R
R 2 R	— 34 —	P 3 C (*l*)
P 4 C	— 35 —	P × P
P × P	— 36 —	C 6 T
R 3 D	— 37 —	C 4 C
P 4 T R	— 38 —	C 3 D
C 4 B	— 39 —	C × P
P 5 T	— 40 —	P 4 C
R 3 B	— 41 —	C 5 T
P 5 D	— 42 —	P 4 B D ? (*m*)
C 6 C !	— 43 —	R 3 D (*n*)
C × C	— 44 —	Abandonam

(*a*) Este lance é prematuro e pejado de complicações. O correcto seria 5... C D 2 D.

(*b*) E' a perda certa de um pião, o que só por um descuido as Pretas não viram.

(*c*) Prefeririamos outra linha de jogo, em que o C D fôsse o 3 B D por 2 R. Haveria a vantagem de manter os piões do centro unidos e fortes com o apoio dos dois cavallos e evitaria o pião dobrado.

(*d*) Naturalmente para evitar a troca dos bispos que ás Brancas não convinha e que ás Pretas forçariam por B 3 T, e ainda para dominar a linha aberta.

(*e*) E porque não P 3 C D?

(*f*) Isto é tempo perdido.

(*g*) Este bispo vem acossado; as Brancas poderiam ter evitado essa vexatoria situação, si tivessem feito o lance indicado na nota *e*. Agóra não teem coisa melhor. Si 22—C × T, C × B; 23—T R 1 B D, C × T; 24 — T × B, R × C; 25 — T 1 B, C 6 C; 26— P × C, etc., e agóra são dois piões dobrados; ou então 24... T 1 R; 25—T 1 B, C 7 B; 26 — C 6 C, C × P, etc., com a perda de um pião.

(*h*) Quasi forçado. Si 23 — T × T as Brancas perdem pelo menos um pião.

(*i*) Forçado.

(*j*) As Brancas entregam o pião para evitar mal maior, que seria a vinda da torre a 5 R.

(*k*) Defendendo indirectamente o P B D.

(*l*) Um bom lance que rompe a linha dos piões, mas não seria preferivel trazer logo o rei para o lado da dama?

(*m*) Lance desastroso! Jogando 42... R 3 D !, a partida das Pretas estaria ganha, parece-nos.

(*n*) Si 43... C × C; 44—P × C e um dos dois piões váe a D. O jogo do dr. Godoy nesta partida, salvo o erro inicial, adeante resgatado, e a irremediavel falta final, é muito seguro e correcto.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 30 (*H. L. Schuld*): T 5 C D.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções, dos «Annaes», primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

ANNO III — Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1906 — Num. 65

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não podemos recuzar o nosso applauso desinteressado ao augmento do imposto de industrias e profissões lançado sobre as casas «em que a gente se embebeda», com o vintem de paraty, vendido aos calices no balcão.

Esse imposto provocou uma terna revolta que esguicha na imprensa e suscita aos executores da lei da receita embaraços muito serios, muito graves na applicação da humanitaria medida que fulminou os vendedores de alcool em dózes minimas, como si fôssem vendedores de venenos. Não ha duvida que, á primeira impressão, considerando-se quantos calices de paraty é preciso vender por anno para auferir um lucro legitimo, livre da contribuição de 1:200$, parece excessivo o imposto, com a circumstancia de gravar um producto do paiz, a aguardente de canna, o popular paraty. a bebida do pobre que se não póde saciar com os cognacs, com os rhums ou com os vinhos preciosos nem com os zurrapas falsificados, artificiaes, nacionaes ou estrangeiros, explorados por uma classe de commercio de que a fraude é um vicio organico. Mas, calculando por alto sem rigores de estatistica, se verifica que o imposto, embóra represente, na hypothese mais forte, dez réis sobre calice de paraty, exige apenas o consumo annual de 120.000 calices: é um páu pelo olho para os exploradores desse vicio propagado de maneira assombrosa nesta cidade.

Para que o leitor possa avaliar de golpe a extensão desse repugnante habito, basta observar o que se passa numa dessas tabernas quasi elegantes, onde o humilde paraty se insinúa falaciosamente entre o commercio de fructas, de doces, de generos de primeira necessidade. Emquanto aguardar a sua cajuada saborosa, conte quantas vezes o caixeiro, a um canto do balcão, despeja incessantemente, em pequenos calices facetados, o paraty colorido com algumas gottas de *bitter* e de outros succedaneos amargos impingidos a titulo de apperitivo. Verá um váe-e-vem de cortiço, contínuo, incessante. Velhos, homens de meia edade, moços, rapazes, gente de todas as categorias e condições sociaes vão pressurosos ao beberico, solicitado com um gesto, com uma palavra de gyria, murmurada, incomprehensivel, do prodigioso liquido que mata a sêde, que provoca o appetite, que abranda o calor, que aquece contra o frio, que preserva dos effeitos da humidade, de todos os accidentes da inconstancia atmospherica. Uns bebem com a serenidade da submissão ao vicio, que já se não esconde; outros aventuram meias palavras de justificação, não solicitada, pretextando uma indisposição do estomago, o calor suffocante, os sapatos encharcados; o maior numero exhibe um desdém superior pelo conceito dos circumstantes, que não os imitam, como si estivesse praticando um acto vulgar, tolerado e radicado aos costumes.

O leitor verá os pequeninos calices pouco asseiado, lubrificados pela baba de milhares de boccas, levados a labios sequiosos, rubros, entumecidos, grettados, que se dilatam, depois, na contorsão de uma carêta de repugnancia, ao passo que os olhos do bebedor se inflammam num rapido fulgor onde se fundem lagrimas. E pensará que aquelle pequenino calice de paraty váe, em dez, em vinte dózes diarias para as entranhas daquelles freguezes da taverna, como o toxico da degeneração da nossa raça, na fórma mais perigosa—a pequena dóze regular, ingerida a hora certa, em determinados sitios, cimentando, gotta a gotta, os fundamentos de um habito que se desenvolverá até se consolidar em vicio com todas as suas crueis, as suas inexoraveis exigencias, com a pressão ineluctavel de uma necessidade psychologica do organismo, perturbado na sua funcção normal, subordinada á injuncção, ao impulso violento do excitante deleterio.

Aquelle diminuto calice, apparentemente inoffensivo, é o precursor fatal das grandes dózes dissolventes do senso moral e de todos os freios, de todas as energias inhibitorias que constituem a policia, a defeza do organismo humano; elle é o orvalho fecundante dos canteiros, onde prolificam os medonhos germens da tuberculose, da malaria, bichos que o paraty não mata; elle cerceia os tecidos, provocando dilatações precoces, produz a degenerescencia dos musculos em gordura de enganador aspecto; e, quanto aos tristes effeitos moraes, elle dissolve lentamente o esmalte do pudor até chegar ao aviltamento abjecto.

O observador menos perspicaz póde verificar o espantoso desenvolvimento do alcoolismo, em todas as suas phases pictorescas ou repugnantes, si estacionar alguns momentos num desses covis, cuja obra depravadora um futilissimo, um pernicioso respeito á industria do paiz, a liberdade individual pretende justificar ou proteger com essa tolerancia criminosa que é a geradora inicial de todos os males, de todas as catastrophes sociaes.

Dirão os representantes dessa tolerancia: não é justo que se fulminem com impostos prohibitivos as tabernas, os kiosques e congeneres espeluncas incumbidas da propagação do alcoolismo em dózes fraccionadas; não é justo excluir os emporios onde o alcool se concentra no camulho da usina para o estomago das suas victimas; parece absurdo que se pretenda prohibir o calice de paraty e se franqueie o commercio do mesmo liquido em pipa, em barril, na pipinha artistica, na pipinha suggestiva. Ferir o explorador desse commercio em grosso importaria em attingir o retalhista e, consequentemente, reduzir o consumo.

Nós queremos acreditar que o le-

gislador indigena, muito obsecado pela politica, escravisado á disciplina partidaria, muito empenhado em secundar com o seu voto inconsciente as preoccupações financeiras do Governo, não mediu bem o grande, o generoso alcance dessa medida, na verdade prohibitiva, mas de excellentes resultados, ferindo, com certeza de escopeteiro amestrado, o mal no seu ponto melindroso. Dir-se-ia que o auctor dessa lei é um provecto observador dos habitos dos consummidores de paraty e seus succedaneos disfarçados em bellas garrafas, em vazilhas vistosas, ornamentadas de evidentes rotulos artisticos, que são outros tantos apperitivos.

O legislador desse imposto de 1:200$000 certamente considerou que a embriaguez é um vicio escandaloso, em todas as suas phases, desde o periodo roseo em que a imaginação superexcitada se expande em manifestações alegres, em excessos de ternura, ou se exacerba em violentos impulsos, que pódem attingir as tendencias criminosas, até ao colapso do aviltamento.

A grande maioria dos consummidores de bebidas intoxicantes não se embriaga em casa, onde repercutem sómente as consequencias funestas do horrivel vicio — o máu humor, a falta de paciencia, os exaggeros da pena diaria na cavação dos meios de vida, os éstos de brutalidade, de irritação, provocados pelas caricias da espoza, pelo sorriso dos filhos, uma grande intolerancia pela paz serena do lar. Os mais finos licores da adéga do bebedor não o tentam tanto quanto os zurrapas vendidos publicamente. A doce tranquillidade do ambiente da familia tira-lhes o sabor, a seducção. Os ebrios solitarios são rarissimos, são verdadeiros maniacos, exepcionalmente perniciosos.

O incentivo para o alcool augmenta na razão directa da concomitancia, da cumplicidade que o attenúa, porque beber sósinho é uma infamia. Esse vicio demanda publicidade, exige companheiros, camaradas de tirocinio, na phase mais perigosa, a phase da iniciação, quando não attingiu ainda as proporções de uma tyrannia inexoravel, precursora da dypsomania.

Sendo assim, o legislador feriu certo, supprimindo com o imposto a condição essencial de publicidade, o instrumento de propagação, a taberna, o botequim, o kiosque, onde actúa, em perenne exhibição, o contagio do exemplo.

A lei é injusta, contradictoria porque, taxando com rigor o paraty, a bebida popular e brazileira por excellencia, excluiu o vinho e a cerveja nacionaes, que tambem concorrem com um grande contingente para a intoxicação alcoolica — retorquirão os partidarios da liberdade da pinga. Não se considera que a cerveja e o vinho, bebidas absorvidas em grandes dózes, não teem em si mesmas o correctivo ao consumo, limitado á capacidade do estomago e das bolsas menos favoracidas, ao passo que o calice de paraty é fallacioso na sua apparencia inoffensiva, no seu insignificante preço, nas suas pseudo propriedades medicinaes, e, por isso mesmo, requintadamente virulento para o organismo humano, para os apparelhos essenciaes á vida physica e moral.

E' forçoso, entretanto, reconhecer que esse generoso impulso para emprehendermos, no Rio de Janeiro, a campanha contra o alcoolismo, não terá resultados correspondentes aos generosos intuitos do legislador: o copinho de paraty está tão profundamente engastado nos costumes, que resistirá a todas as medidas de prophylaxia social e a todos os meios de combate. Multipliquem-se os impostos em proporções violentas, inventem-se providencias de policia fiscal, de policia preventiva, o resultado será negativo; o vicio augmentará na razão dos meios de prohibição que tornarão mais seductor, mais precioso e mais desejado o copinho de veneno, tragado clandestinamente, disfarçado aos olhos dos cerbéros do imposto de consumo.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Na famosa, por demasiado cheia de erros de toda a especie, 4ª *parte* da *America Latina*, o seu destemido auctor atreve-se a tentar uma caracteristica do genio, do espirito sul-americano, nomeadamente do brazileiro.

Raro se encontrará um maior acervo de banalidades, reproduzidas um pouco de toda parte, sem a menor particula devida a trabalho pessoal do escriptor.

Os dois caracteristicos principaes dos latino-americanos, badalados ahi por toda a gente, e que Bomfim tem a ingenuidade de suppor que fôram agóra, pela primeira vez, descobertos por elle, são — o *genio conservador* e a *falha de espirito de observação*.

São duas notações simplissimas, quinhentas vezes feitas antes do pretencioso desorganisador do *Pedagogium*.

O que nellas, de facto, lhe pertence são as tolices com que teve a habilidade de as deturpar.

Comecemos pelo *conservantismo*, ou, melhor, *espirito rotineiro*, que é o que a nós latino-americanos melhor nos cabe, porque o largo e fecundo genio conservador — nós não o possuimos sufficientemente.

A notação é exacta, quando feita em termos, mas o mestrinho das tortas psychologias teve geito para a deitar a perder.

Eis aqui: «Das qualidades a nós transmittidas a mais sensivel e mais interessante, por ser a mais funesta (*Mais interessante por ser mais funesta!? Que vem a ser isto?*), é um *conservantismo*, não se póde dizer obstinado, por ser, em grande parte, inconsciente, mas que se póde chamar propriamente um *conservantismo essencial*, mais affectivo que intellectual.

Em theoria, os homens das classes dirigentes acceitam e proclamam, como bôas, a maior parte das idéas geraes, communs, de progresso; mas nem sabem relacionar essas idéas e principios geraes com as necessidades proprias de cada epocha e com as circumstancias especiaes de cada paiz, nem sabem fazer essa applicação, nem são capazes, quando ella se impõe por si mesma, do menor esforço para adaptar-se a uma conducta diversa (*Si fôsse Le Bon que tivesse escripto isto, que não diria o terrivel Manoel?*). Não supportam que as coisas mudem em torno delles.

.. Vivem elles e o paiz que dirigem—uma vida de adiamentos e vãos expedientes.

Para todos o idéal é dizerem-se *conservadores*.

Ha politicos ouzados de idéas, radicaes, e até revolucionarios; mas, obedecendo a uma necessidade intima de organisação affectiva, acham sempre o meio de explicar que *não querem ser mais que conservadores*. E de facto é o que elles são. A tendencia instinctiva ao conservantismo não lhes permitte reflectir que essa politica *conservadora*, *anti-social*, mesmo para os povos que possúem um passado capaz de despertar enthusiasmos, (*E' falso*) *funesta* para os proprios paizes que trazem de outras éras instituições

bemfazejas e obras grandiosas (*E' falso!*), que esta politica vem a ser não só *ridiculamente absurda, como essencialmente criminosa,* tratando-se de nações onde *não ha, em verdade, o que conservar* (*!? Ah! Le Bon!*). A historia nos mostrará (*Pobre historia!*) que, nas nacionalidades sul-americanas, antes mesmo de completa a independencia, já apparece um partido *conservador*, pezando decisivamente sobre a marcha das coisas publicas. Pergunta-se agóra: *que é que havia então para conservar? A vida das populações, a linguagem, os territorios? E ainda hoje: em nome do que se justifica esse programma de politica conservadora?* São nações, estas, em que tudo está por fazer, a começar pela educação politica e social das populações.

Que pretendem então defender, deste passado? Elle é uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso. Que é que pretendem conservar? Só si é justamente a DECADENCIA (Já não se lembra que xingou, paginas atráz, Le Bon, por achar DECADENTES os latino-americanos!), a resignação social, e tudo mais que, prendendo-nos ao passado, se oppõe obstinadamente á vida e ao progresso. (Pag. 166 e seguintes).

Curioso trecho, em verdade.

Para o homem do *Pedagogium*, todo o passado sul-americano é imprestavel, nada existe nelle a conservar, porque não foi mais *todo elle do que uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso.*

Não ha, não existe, nunca vi uma mais formal e categorica condemnação das gentes sul-americanas. Nunca houve europeu, nunca existiu Gustavo Le Bon algum que tivesse dito a metade, siquer, de tantos escoujuros e maldições.

Será verdadeira a pintura do nosso passado e do nosso presente feita por Bomfim?

Não o creio absolutamente; mas vá que seja.

Si assim é, não sabe esse professor de psychologia que as forças do passado, o que vale dizer a pressão da tradição, as energias da historia, que importam no concurso accumulado de qualidades e predisposições ethnicas, sociaes, politicas, religiosas, costumeiras, economicas, e trinta outras prendem fatalmente os homens a um certo trilho da vida, imprimindo-lhes uma direcção predeterminada? *Conservar o que?* Pergunta, muito ancho de si, o curioso psychologo.

Nunca vi interrogação mais impertinentemente banal.

Que conservar? Tudo: o espirito da raça, o seu caracter, a lingua, a alma de seus grandes homens, o bom senso, os bons costumes, o equilibrio do genio, o amor da patria, das tradições, do progresso bem entendido, da liberdade, da ordem, e, em geral, todas as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração de nossos maiores.

Eis o que havia, ha e haverá para conservar, emquanto a propaganda anniquiladora de todos os Bomfins não nos submergir nas tintas incolores dum estrangeirismo apagado e vil.

O sr. Bomfim, em seus momentos, acredita na força da hereditariedade physiologica, psychica e *social*, tanto que se dá ao luxo de, antes de dissertar sobre o nosso *conservantismo*, dilatar-se por seis longas paginas ácerca da ultima daquellas manifestações do alludido factor bio-sociologico, numa série de considerações que não brilham muito nem pelo aproposito, nem pela profundeza.

Ora, assim sendo, qual é o seu criterio, quando entra a descompor os latino-americanos, por obedecerem a uma coisa, *fatal*, como é a hereditariedade?

Que diabo de psychologia aprendeu, para ensinar, esse homem, que nem siquer percebe ser o seu insensato negativismo, ácerca da *tendencia conservadora no homem e na sociedade*, uma contradicção de collegial?

Sim, si Manoel mesmo escreve isto: «Em que consiste a hereditariedade social? Consiste na transmissão, por herança, das qualidades psychologicas, *communs* e *constantes*, e que, por serem *constantes e communs atravéz de todas as gerações*, dão a cada grupo social um caracter proprio distincto: transmissão por herança, no grupo anglo-saxonio, das qualidades que caracterizam o typo anglo-saxonio, perpetuação nos judeus das qualidades typicas da raça». Si Bomfim mesmo escreve isso, com que seriedade vem exprobrar aos latino-americanos o obedecerem a taes principios e terem, pois, alguma coisa a *conservar*?

Ora, meu caro psychologista, um pouco mais de logica e senso não lhe fariam mal algum.

Não é a tendencia conservadora, que o proprio auctor denomina *affectiva* e *essencial*, qualificativo este ultimo, por certo, mal empregado, que deve ser censurada e combatida; porque a *hereditariedade* é uma força sem a qual não se concebe a propria vida. O que ha a fazer é procurar dar-lhe, por assim dizer, um alimento forte e sadio. Para tanto, deve-se ir modificando, conduzindo, educando a força contraria—*a adaptação* a novos meios, a novas necessidades, a novos impulsos. Estes, bem dirigidos, vão formando novos habitos, que se vão substituindo aos antigos, e acabarão por se transmittir tambem por *hereditariedade*. Tal a licção que se deveria esperar de quem se quer dar por psychologo e é director de um instituto de educação, e não declamações insensatas contra a *tendencia conservadora*, qualidade sem a qual não se poderia siquer comprehender o genio, a indole, a individualidade dos povos.

Outro ponto, porque este está liquidado.

No que diz respeito á *falta de observação*, de que padecem os latinos-americanos, não passa no livro de Bomfim da repetição impertinente, mil vezes feita por escriptores de muito mais esclarecido criterio e de muito maior saber.

E' um traço verdadeiro, posto a perder pelo auctor, por suas exaggerações e pela mania de attribuir tudo e até isto ao parasitismo. Eis as suas palavras: «O *parasitismo* não só dispensa o individuo de progredir, immobilisando-o, como o torna incompativel com o progresso, porque *annulla a faculdade de observação*, e o subtráe á influencia desse transformar incessante das coisas; e assim se perde o sentimento immediato da vida. Assim se explica a *falta de observação*, tão sensivel nos povos sul-americanos, principalmente nos individuos das classes dirigentes. (Si assim é nas *dirigentes*, que não será no rebotalho brotado dos famosos *intersticios* de Bomfim?!) Essa falta de observação constitúe, mesmo, o *segundo traço dominante no seu caracter*. Esses homens que se deviam reportar ás necessidades reaes da nação, nellas inspirar-se, vivem fóra dos factos, não sabem vel-os; o mundo actual, ambiente, não tem significação para elles (*E' de mais*); fazem toda a sua obra com o cabedal *livresco*. Em vão se procurará nos seus discursos, programmas, pareceres, proclamações, a expressão dos problemas effectivos do momento e as suas soluções possiveis». (Paginas 178 e 79.)

Não passa este palavreado da repetição, com ares de quem está a dizer novidades nunca sonhadas, de notações feitas por outros escriptores; o que é *novo* aqui é apenas o séstro de deformar, exaggerando. Na penna desse escriptorzinho de sexta ou setima ordem, tudo, todos os factos se transformam em caricaturas. Não ha nada em seu livro, menos a pulhice do parasitismo, que já não tivesse sido dito e redito em duzentos escriptores nacionaes. O que se nota é que Manoel não os cita, na doce illusão de enganar os *badauds* que o cercam e cujas manhas conhece.

O mestrinho do *Pedagogium* ainda estava no *abc* nas classes primarias, quando eu já caracterizava os latino-americanos, respectivé os brazileiros, por estas palavras, que não troco por toda *a America Latina*, com todos os

seus parasitismos, falsos ou verdadeiros :

« Entre bôas, e poderá dizer até optimas, qualidades espirituaes que as gentes latino-americanas possúem, como sejam a facilidade de aprender e assimilar, a curiosidade por tudo que se diz novo, impossivel é negar o pouco alento de sua imaginativa, a pouca profundeza de suas faculdades de observação, o pouco vigor de seu talento inventivo.

Demasiado habeis para inteirar-se do que se faz nos paizes de sua predilecção, maximé a França, os latino-americanos, fôram sempre, até hoje pelo menos, incapazes de abrir por si mesmos uma phase qualquer ao seu proprio pensamento.

Todas as suas idéas, todas as suas theorias, todas as suas doutrinas em todos os ramos da cultura, teem sido sempre de importação. Por isso, elles quasi nunca pensam, citam ; não crêam, reproduzem ; não descobrem, imitam; não investigam, esperam que lhes mostrem o resultado obtido.

Nessa faina, entram com a paixão ardente, propria de meridionaes e mestiços. Por isso, quando abraçam uma doutrina e se filiam numa escola, chegam até a ter a illusão de que essas fôram creações suas. Dahi, o desembaraço com que elogiam, proclamam, endeozam o que suppõem *novo*, e desrespeitam, descompõem, maltratam, injuriam os que os não acompanham, a quem chamam *velhos* e *atrazados*. A *phrase*, isto é, o colorido das palavras, o onduloso dos periodos, a sonoridade dos adjectivos, teem para elles um prestigio invencivel.

O criterio das idéas confunde-se, no seu sentir, com o brilho do estylo. Quem mais sabe e mais pensa é quem escreve mais *bonito*, no seu conceito.

Chegam a chamar *genios*, quero dizer, chegam até ingenuamente a proclamar espiritos originaes, creadores, inventivos, abridores de novos horisontes e novas prespectivas á humanidade, a meia duzia de rethoricos, verdadeiros ôdres de vocabulos que teem possuido no correr dos tempos. Quanto mais facil e mais superficial, mais verdadeira lhes parece uma doutrina e mais acceitavel um systema. Si fôr exposto em estylo cantante, em palavras marchetadas, espalhar-se-á aos quatro cantos do continente.

Desejo de saber teem elles, não pelo attractivo impessoal da alta e grande cultura, nem mesmo pela necessidade de manejarem as armas intellectuaes na lucta pela vida, sinão como uma especie de decoração para brilharem, passando por talentosos e adeantados.

Por isso, do saber tomam apenas a parte e chegam sómente até o ponto em que possam ostentar o que desejam. Por isso, não aprofundam, o que seria uma fadiga inutil, que não poderiam supportar. Dahi, o não passarem, em tudo que diz respeito a attitudes autonomicas do pensamento e a evoluções que revolucionem por completo o velho edificio de suas idéas, de certa média commoda, de todos comprehendida.

São capazes de fazer uma revolução politica, si fôr ajudada pelo exercito, só por culto de phrases feitas, de estribilhos demagogicos, jámais com o firme proposito de reformar as inqualificaveis tropelias de sua vida partidaria, de sua administração publica, de sua organisação do Estado.

Emfim, não terá, talvez, muito errado quem disser dos latino-americanos tomados em geral, como typo ethnico, serem elles um singular mixto de curiosidade e superficialidade, de leguleismo e chicana, de irreverencia e rotina, de effusões lyricas e mediocridade philosophica e scientifica.

Mais do que á primeira vista póde parecer, seu proverbial desrespeito, a sua notada irreverencia encobre um real fundo de incapacidade, de fraqueza das forças creadoras do espirito.

Si elles produzissem por si — conheceriam quanto é laboriosa e sagrada a faina da grandes conquistas da intelligencia, do sentimento e da vontade dos homens, e teriam, infallivelmente, mais attenções para com o caracter dos individuos, das classes, das instituições. A formalistica os domina mais do que levianamente suppõem ; todas as suas questões dão, por via de regra, novos ensejos á mania da regulamentação.

As chamadas classes derigentes, os ditos intellectuaes nada dirigem e nada illustram. Os mais graves problemas politicos, financeiros, economicos, administrativos, ou não teem solução, ou a teem do acaso, ou de alguma imposição estrangeira. Dá-se com esta classe de assumptos o mesmo que acontece aos meramente litterarios, philosophicos, scientificos; esperam que lhes mandem livros para *citar* sobre taes assumptos e *copiar* qualquer coisa que alhúres se tenha praticado, sem attenderam que coisas existem que as nações ou as fazem por si mesmas ou vão cavando a propria ruina.. Dest'arte, si não possúem genio inventivo, menos ainda possúem genio pratico.

Em sua litteratura geral, manifesta-se a ausencia do primeiro ; e na litteratura scientifica, si de uma tal se póde cogitar entre elles, patentêa-se a falta de ambos. Dos ramos scientificos que de preferencia teem cultivado no seculo XIX, para só delle fallar, o direito foi o que mais labores lhes consumiu. Mas ahi mesmo possúem uma bibliotheca inteira de formularios e rabularias, e não contam um só livro de doutrina e especulação que mereça a attenção da sciencia universal.

O mesmo em medicina, o mesmo em engenharia e mathematica, o mesmo em historia natural e em philosophia.

E' que, de par com as liberdades consagradas por méra ostentação nas leis, regulamenta-lhes a vida, de alto a baixo, um disfarçado e quasi inconsciente systema de captiveiro e impotencia intellectual, que, da escola — primaria, chega aos mais altos gráus de todo o systema educativo, fundamentalmente jesuitico, transmittido por hereditariedade.

Nestas condições, não é inexplicavel que andem sempre, a despeito de sua curiosidade, que, o mais das vezes, não passa de uma verdadeira *curiosité malsaine*, alguns decenios atrasados no curso das idéas.»

Isto, modestia á parte, é sobrio, correcto e verdadeiro ; não contém exaggeros, nem parasitismos, e foi escripto, quando Bomfim cursava o *abc* em Sergipe.

Paginas dessas, peculiarmente dedicadas ao Brazil, contam-se ás duzias em nossos melhores criticos. Valem sempre um pouco mas do que os delirios de Oliveiras Martins e as patacoadas de Bomfim.

Outro assumpto. Na parte, ora analysada, do livro do iracundo sergipano avultam uns destemperos acerca das funcções do Estado moderno, que estão a pedir valente rebate.

Essa tarefa de desbastar tão intensa selva de despropositos requer certa extensão que não devo dar a estes artigos.

Ficará para outra occasião, si fôr forçado a voltar a dizer da *America Latina*, pondo, então, em completa nudez, quasi linha a linha, os milheiros de erros que se occultam naquellas cerradas paginas.

SYLVIO ROMÉRO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes », disponda de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

D'AQUI E D'ALLI

Uma psychologia curiosa Hugo Munsterberg, professor de psychologia na universidade de Harvard, escreveu em allemão uma obra interessantissima, que foi depois traduzida para o inglez, sobre a *psychologia do americanismo*. Além de muitas informações sobre o governo e a administração nos Estados Unidos, a essencia das suas apreciações sobre o povo *yankee*, está contida nesses quatro capitulos: o espirito de progresso, o espirito de iniciativa, a estima que o americano tem para com a sua propria pessôa, o espirito — confiança em si. A idéa de independencia, no americano, leva-o a não se inquietar com a conducta nem com os negocios dos conhecidos, deixando-os agir, á vontade. As emprezas dos gatunos são, por isso mesmo, muito encorajadas. Isso é, sem duvida, a origem e a razão da impunidade, da corrupção nos negocios municipaes. Pódem-se accuzar os americanos, não de ser geralmente deshouestos quando funccionarios, mas de fazer com que o seu systema administrativo permitta a muita gente baixa tornar-se empregado publico. Não se nega, porém, que a nação inteira procura desembaraçar-se desta praga terrivel.

Outra observação a notar no capitulo da confiança que o *yankee* vota á sua pessôa: «Na America, cada um váe para as suas occupações sem ser ameaçado pelos superiores e sem amedrontar os outros empregados de classes immediatamente inferiores; não ha, portanto, nem duma parte, condescendencia, nem doutra, servilidade. Em todas as situações, o americano é digno senhor da sua pessôa, correcto, polido e franco.»

***

Palavras de Guilherme II Reproduzimos hoje duas phrases do imperador allemão, ditas num muito pequeno espaço de tempo e que denotam, duma maneira bem evidente e suggestiva, a incoherencia em que vive o espirito de principe teutão. E não podia deixar de ser assim quem se multiplica em todas as solemnidades, manobras, inaugurações, missas, casamentos, discursando em todos os logares, espalhando o seu nervosismo extremo por toda a Germania, numa actividade de pasmar. Governador, poeta, musico, orador, Guilherme II não podia ser perfeito em tudo. E é nos discursos que elle mais claudica. Em Dresde, a 25 de outubro, prounciava elle as celebres palavras: «Os meus esforços tendem constantemente para manter a paz e é a essa tarefa que eu consagro todo o meu trabalho e todo o meu poder.» Passadas algumas horas, tres dias depois, já o rei da Prussia pensava diversamente, na inauguração da estatua de von Moltke: «Eu levanto um *hurrah* pela polvora secca e pela espada afiada.» E na base do monumento elevado ao grande feld-marechal vê-se em lettras enormes a seguinte inscripção, que bem parece ser do imperador tedesco: «Ao bom povo, no bom momento, o homem quiz pela bôa causa. Os dados de Deus, de qualquer maneira que sejam lançados, cáem sempre de bom lado.»

***

Reliquias de Nelson Vendeu-se recentemente em Londres uma bellissima collecção de objectos que pertenceram a lord Nelson e que fôram conservados por um dos seus ajudantes de campo em Trafalgar. Entre as peças que passaram no leilão, um calçador de prata foi comprado por 675 francos. As duas bandeiras arvorados no *Victoria*, em Trafalgar, attingiram, uma, um galhardete branco, a 250 francos, e a outra, a bandeira nacional, a 1.750 francos. Uma medalha de ouro offerecida a Nelson por Davison, por occasião da batalha do Nilo, alcançou 2.400 francos.

A peça, porém, que obteve o maior preço foi uma mecha de cabellos do almirante. Essa mecha composta de doze cabellos trançados, com um galão da dragona que foi cortada pela bala fatal, chegou até aos 2.725 francos.

***

Romances italianos Appareceu ultimamente em Milão um novo livro de Antonio Fogazzaro — *Il Santo*. Encontram-se nesse romance diversos personagens de outros livros do poeta — *Pequeno mundo de outr'ora* e *Pequeno mundo moderno*. O heróe da peça, Pietro Maironi, era um dos typos notaveis das suas primeiras obras. — Gabrielle d'Annunzio publicará, em fevereiro proximo, um grande romance intitulado *Amaranta*. O assumpto é bem moderno e tragico: uma mulher abandoua o lar para se tornar *ecuyère* duma companhia; tenta o perigoso exercicio do circulo da morte, em automovel, é projectada sobre o solo e expira immediatamente, sem uma contracção, sem um gemido.

***

A leitura dos japonezes Os subditos do mikado não são menos positivos que os chinezes, si, para determinar o seu caracter, pudermos nos servir da escolha das suas leituras. Na bibliotheca imperial de Tokio, são pedidos poucos romances, ao passo que se lêem, por anno, 12.500 obras de theologia e 166.700 volumes de sciencias mathematicas e medicas. São muito pouco consultados os livros de geographia, de viagens, de historia e de litteratura. Rara é a occasião em que se vê algum japonez lendo uma dessas obras.

***

Um engraxador de chefes de Estado Fred. Racik, o rapaz de S. Francisco, conhecido como o *Frisco kid the globe trotting Bootblack*, que pretendia limpar as botas de todos os soberanos do mundo, acaba de engraxar as do presidente Loubet, em outubro passado. Racik partiu, a pé, da sua cidade natal, sómente com 75 centimos no bolso, e começou a luzir os sapatos de todos os governadores dos Estados Unidos e dos personagens americanos mais em evidencia, como o almirante Dewey. Em Nova York, encerou as botinas do sr. Theodoro Roosevelt. Munido de bellos certificados e de algumas moédas de ouro, Fred metteu-se em um transatlantico prestes a partir e foi para a Europa. Deixando a França depois de concluida a sua missão alli, encaminhou-se para a Belgica, onde pretende engraxar os reaes sapatos de Leopoldo II, o monarcha que é o meio termo entre o presidente de republica e o soberano severo e duro. Esse excentrico Fred partirá depois para a Inglaterra, onde pensa ser bem recebido por Eduardo VII.

***

Desenvolvimento de Paris No começo do seculo XIV, a grande capital contava 310 ruas e praças. Debaixo do reinado de Luiz XIV elevou-se o numero a quasi 500 vias; em 1816, era de 1.070 e de 1.100 em 1843; 20 annos depois, subiu a 1.174 e em 1865 foi a 3.750, depois da reunião das communas suburbauas. Por fim, esse numero formidavel attinge, em 1892, a 4.090 e dois annos mais tarde chega a 4.207. Hoje, póde-se dizer que a capital do mundo conta 4.500 ruas, praças, avenidas, cáes, pontes, etc., numa extensão total que passa de 1.000 kilometros.

***

Escriptores theatraes Os auctores francezes recebem, nos Estados-Unidos, direitos auctoraes consideraveis. Pela *Madame Sans Gêne*, durante tres estações, Victorien Sardou recebeu 175.000 francos; pela representação, durante quatro epochas, em um só theatro, de cinco peças suas, *Theodora*, *Tosca*, *Fedora*, *Cleopatra* e *Gismonda*, o dramaturgo ganhou um milhão e 785.000 francos. Avalie-se, por ahi, quanto

não guardou o director do theatro. Sardou, apezar de bem velho e estar bastante rico, ainda continúa a escrever; terminou o libretto duma nova opera destinada a Giordano e que está intitulada *La Festa del Nilo*. A acção passa-se no Egypto, na epocha da conquista napoleonica, mas não é sinão um drama de amor e não tem nada de historico.

TESTAMENTO DO PADRE FEIJÓ

Ao nosso querido amigo e collaborador, o sr. Coelho Netto, devemos o seguinte curioso documento, o testamento de um dos mais notaveis personagens da mais agitada quadra politica do Imperio, o famoso regente, o padre Diogo Antonio Feijó, cuja passagem na historia deixou um refulgente sulco de energia, de hombridade, de patriotismo.

Tristão Grellet, serventuario interino do officio de primeiro escrivão do civel e annexos da comarca de Campinas. Certifico que, revendo em meu cartorio os autos de inventario dos bens deixados pelo padre Diogo Antonio Feijó, dos mesmos a folhas vinte e um usque verso, consta o testamento (autographo) do mesmo padre, o qual tem o teor seguinte, conservada a ortographia:

Em Nome da Santissima Trindade dou principio a meu Testamento pela maneira seguinte. Sou natural desta Cidade filho de pais incognitos, de mais de cincoenta anos de idade Quero ser enterrado sem acompanhamento nem oficio e de loba somente. Sou e sempre fui Catolico romano. Tudo quanto tenho dito e escrito sobre a disciplina da Igreja tem sido por zelo e afecto a mesma Igreja, e desejo, que se removão os obstaculos que a eisperiencia mostra averem na mesma, á salvasão dos Fieis. Desejo se digão no dia de minha morte ou no seguinte vinte Misas, pelas quaes se dará a esmola de mil reis por cada uma. Não reconheso erdeiro, e por iso instituo miuha erdeira a D. Maria Justina de Camargo, e quando acontesa ter esta falesido antes de minha morte, a D. Margarida filha de D. Manola Francisca de Jesus Feijó. Posuo ûma Xacra e alguns bens moveis.

Dese credito ao meu Caderno incadernado e a minha Carteira e deles e de creditos consta o que se me deve e eu devo, mas estamos de contas justas com meu Compadre Raimd Alves dos Santos Prado, e meu amigo Padre Geraldo Leite Basto, os quaes nada mais me devem.

Deixo forros todos os meus escravos crioulos de maior idade e a Evaristo e sua mulher, a Eustaquio, e Euzebio; e as mulheres destes Quirubina e Antonina ficarão forras da data deste a cinco anos. Todos os mais escravos avidos, e por aver serão forros logo que completem vinte e cinco anos de idade. A todos dará minha erdeira no momento de sua liberdade cem mil reis; e aqueles, que ainda tem de esperar o praso aqui marcado dará, alem dos cem mil reis, o premio de dois por cento anual desa quantia. Os que ainda ficão escravos só poderão estar em companhia, e serviso de minha erdeira e somente serão alugados, ou emprestados á pesoa da escolha dos mesmos, da qual ainda asim poderão restirarse para outra, se esa os maltratar. Esta mesma disposição terá lugar depois da morte de minha erdeira, quando ainda algum escravo tenha de preenxer o praso para liberdade. Declaro que qualquer filho de escrava, ainda depois de minha morte, e antes de libertarse a mãi, será livre desde o seu nascimento, e os pais terão todo o comodo e tempo necessario para o crear, e poderão conservalo depois de creado, onde quizerem. Declaro mais, que só o Carpinteiro Benedito fica eiscluido dos cem mil reis por ter já meio de subsistencia. Fica pertensendo á minha Erdeira os servisos dos que ainda ficão escravos e todos os mais bens, que posûo. Declaro, que a liberdade, que dou aos escravos não é beneficio, é obrigasão que me impus, prometendo á muito, e aos mesmos que aceitarão a liberdade prometi prometida a eles e seus filhos.

Rogo a minha erdeira e ao Dr. Padre Miguel Araujo Ribeiro de Camargo queirão ser meus testamenteiros, e dar eisecusão desta minha ultima vontade dentro de dois anos da data deste. Rogo as Justisas queirão asim faser cumprir. — S. Paulo, 3 de Marso de 1835. — DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

Certifico mais que o mesmo testamento foi approvado em S. Paulo em 5 de março de 1835, pelo tabellião Francisco Antonio Barboza. Era o que se continha em o dito testamento, do qual, bem e fielmente, extraí a presente que conferi e por achal-o em tudo conforme, a subscrevo e assigno e ao proprio original me reporto e dou fé. — Campinas, 19 de dezembro de 1905. — TRISTÃO GRELLET.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O iodoreto no tratamento da syphilis —

Os inconvenientes inherentes á ingestão do mercurio existem, na verdade, mas teem sido consideravelmente exaggerados, salvo em alguns casos muito raros, nos quaes adquirem tal intensidade, que indicam a renuncia ao medicamento.

A observação diaria demonstra que, si o iodoreto, por si só, é radicalmente impotente para fazer desapparecerem as manifestações cutaneas e mucosas da syphilis secundaria, ha, em compensação, um certo numero de phenomenos morbidos que não se modificam com o mercurio e cedem rapidamente ao iodoreto, os phenomenos dolorosos do periodo secundario — arthralgias, myalgias, dôres osteocopas, cephaleas com exacerbações nocturnas.

A clinica nos ensina ainda que, no periodo terciario, nos casos em que o mercurio isolado, se mostra inactivo ou insufficiente, a sua combinação com o iodoreto dá, muita vez, resultados maravilhosos, como no tratamento das gommas cutaneas ou mucosas, das exostoses, das syphilides ulcero-crostosas. Não ha medico que não tenha, no seu activo, graças ao iodoreto, algumas dessas curas que os doentes consideram maravilhosas.

Ao lado da indiscutivel acção curativa do iodoreto, nos varios accidentes syphiliticos, acima enumerados, ha para esse medicamento assim como para o mercurio, verdadeira indicação a titulo de tratamento preventivo, considerando a acção especial exercida pelo iodoreto sobre os vasos, contrabalançando, até certo ponto, a acção da syphilis sobre elles, lesões muito frequentes, expressas sob a fórmula — *la vérole aime les artères*. Ao lado dos accidentes agudos da arterite que ella provoca, é o factor importante do atheroma, da senilidade precoce dos vasos, e o iodoreto é o medicamento vascular por excellencia, tem, como disse Martinet, uma acção electiva sobre as paredes arteriaes, uma acção antesclerosante. Pela vaso dilatação, pelo abaixamento de tensão que elle produz, allivia as fibras arteriaes e pela dilatação dos *vasa-vasorum* se dá nutrição mais activa das paredes arteriaes que assim se regeneram.

O iodoreto representa, portanto, com o mercurio, o agente preventivo da arterite cerebral, da aortite, das arterites peripherica, do atheroma generalisado de origem syphilitica; deve,

por isso, apezar do que se possa allegar contra elle, continuar a intervir no tratamento, no lado do mercurio, que representa o principal papel, o medicamento especifico.

***

Diamantes azues. — Um capricho do radium. — A exposição de William Crookes perante a British Association.

Na ultima reunião da British Association, em Kimberley, na Africa do Sul, o sr. William Crookes expoz os resultados de suas investigações relativas á acção do radium sobre os diamantes.

Sob a influencia do radium, o diamante adquire a radioactividade induzida e scintilla fortemente com uma phosphorescencia de sulphureto de zinco; mas não surprehende tanto este resultado quanto o phenomeno da mudança de côr. Por um contacto prolongado com o bromureto de radium, os diamantes, primitivamente incolores, adquirem uma coloração azul persistente, que não desapparece, mesmo aquecida a pedra preciosa até ao rubro. Essa coloração não póde ser supprimida pelos meios chimicos e o diamante azul torna-se phosphorescente na escuridão.

Pódem-se, assim, fabricar, á vontade, diamantes azues, com a vantagem de serem fortemente radioactivos e conservarem essa mysteriosa energia, em tal intensidade que o diamante póde substituir o radium.

O sr. Crookes pensa que essa modificação se opéra em toda a massa do crystal.

Proseguem curiosos estudos, em Kimberley, para o desenvolvimento dessa descoberta.

Fragmentos de estudos da historia da Asssembléa Constituinte do Brazil

VII

O presidente da Assembléa Constituinte respondeu ao Imperador: a oração é uma peça que avulta pelo cardume de conceitos vagos, repleta de saudações louvaminheiras.

D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo, capellão-mór, perdeu excellente occasião de ficar silencioso.

Das divagações da resposta, deprehende-se que elle não conhecia previamente a ordem de idéas do discurso imperial. Terminada a resposta, o presidente, de pé, bradou — viva o nosso primeiro Imperador constitucional — o que foi (1) repetido pela Assembléa e espectadores com altas acclamações. S. magestade exclamou tambem — viva a Assembléa Constituinte e Legislativa; — e foi egualmente correspondido pela Assembléa e espectadores. (2)

A conveniencia, ou inutilidade de ser immediatamente respondido o discurso imperial, foi discutida na sessão preparatoria de 2 de maio. (3)

O deputado Pereira da Cunha aventou a idéa duma resposta immediata; ponderou, todavia, que o presidente, agradecendo ao Imperador, procedesse ou falasse de maneira que não compromettesse a Camara.

Antonio Carlos combate a indicação, qualificando a resposta de ociosa, ou inutil e impraticavel, porque (diz elle) conterá provavelmente graças, ou censuras, e isto é o que não póde fazer o presidente: — 1º porque antes de considerada a materia da fala do throno pela Assembléa, se não póde chegar ao resultado de graças ou censuras; — 2º porque a opinião do presidente, a unica, que a sua resposta póde exprimir, não é a da Assembléa: — 3º porque seria julgar a fala do Imperador, que não póde ser objecto de discussão.

Antonio Carlos, abundando em considerações, reputa a dignidade imperial inviolavel e sobrehumana.

Nessa occasião, interrompido pelo padre Dias, deputado de Minas Geraes, prorompeu na seguinte explosão de vaidade, que convém notar, porque retrata e evoca a imagem do homem: ora, a historia duma Assembléa não se cifra unicamente na succinta narrativa de factos; implica seguramente o estudo dos homens em suas paixões, idéas, temperamentos e actos..... ....

«Não posso deixar de dizer (exclama Antonio Carlos) que é pasmoso que um campeão da liberdade do Brazil desde o primeiro alvor de seus annos, seja taxado de illiberal e taxado pelo honrado preopinante? *Risum teneatis?*

«Pedia a modestia que um athleta velho fôsse tratado com decoro por quem, pela primeira vez, ungiu os lombos para entrar em semelhantes luctas..

«Ora, pois, para instrucção do nobre deputado, cumpre-me dizer-lhe que esta é a linguagem dos Russell, Algernon Sydney, Burke, Fox, Grattan e de todos os politicos dessa nação celebre, que primeira deu a unica solução pratica do grande problema da liberdade sem licença. Esses termos sôam sem animadversão nas salas desses communs intrepidos e desses patrioticos patricios, que sabem conciliar a dignidade nacional com o respeito devido ao chefe supremo.»

Nota-se, nessas explosivas vaidades de Antonio Carlos de Andrada Machado, que elle reputava-se um mestre entre os *ignaros escholares* da Constituinte, e, ancho dessa orgulhosa pretenção, começou a dar-lhes licções, ás vezes proveitosas e ás vezes futilissimas e impertinentes. A auctoridade dogmatica, a fatuidade de orador eloquente e estadista, de superior e erudito, encontraram, entre outros, tenaz contestação, sempre desdenhosa, no padre Dias, que era um espirito superficial; em Carneiro da Cunha, capitão-mór da Parahyba, como era denominado.

Desde as primeiras sessões, os dois representantes da Parahyba e de Minas Geraes recuzaram submetter a cerviz á ferrenha coleira do orador paulista.

Pondo de parte certas theorias erroneas, certas exaggerações estravagantes, é indubitavel que Antonio Carlos dispunha de notaveis talentos; uzava, porém, de phrases gongoricas e incorrectas, mas, em certos lances, eloquentes. Era orador amaneirado, improvisador, imponente, cujo retrato desenharemos opportunamente.

Na contestação, que oppoz á indicação de Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe) concernente a responder-se a fala do Imperador, observa-se que elle indiciava a doutrina da irresponsabilidade da Corôa, pronunciando a fala do throno, doutrina que no verdadeiro regimen parlamentar, praticado no segundo reinado, foi constantemente mantida e respeitada.

A Constituinte não póde ter a pretenção de ser uma assembléa que se notabilizava pela competencia, pela illustração, eloquencia e sabedoria dos representantes de todas as provincias. A sua maioria era formada de mediocridades sem sciencia nem experiencia. Não havia, nesse Congresso, nenhum talento de primeira plana que pudesse rivalizar com os do parlamentarismo do segundo reinado, por exemplo, um dialecto invicto e profundo, qual Zacharias de Góes; um espirito vasto, pujante de erudição, como Angelo Moniz da Silva Ferraz; um orador de estylo aprimorado, qual o visconde de Inhomerim, ou uma razão armada de luminosas fórmas do raciocinio, da synthese e da generalisação, qual foi o senador Nabuco d'Araujo; nem uma intelligencia vidente, lucida, que brilhava no barão de Cotegipe; finalmente, na Constituinte não existiram financeiros da ordem de Souza Franco, Itaborahy, ou do visconde de Ouro-Preto e do eximio jurisconsulto Lafayette; nem oradores de eloquencia imaginosa, opulenta, deslumbrante ou vehemente tal qual a dos senadores Fernandes da Cunha, José Bonifacio, Ferreira Vianna e a do intrepido tribuno Gaspar da Silveira Martins — o Oconnell riograndense.

Entre os constituintes de 1823, sobresaíam os Andradas, dotados de talentos differentes, com aptidões diversas.

José Bonifacio, orador nullo, (como elle mesmo confessára), ministro sem as concepções dum homem d'Estado, primava por ser um sabio naturalista que, desde 1790 até 1800, percorreu as Universidades e os Museus da Europa, por ordem do governo portuguez de d. Maria I e de d. João VI, então principe regente. Sabio de notabilissima nomeada nas sciencias naturaes, as quaes, desde o fim do seculo XVIII e do principio do XIX, se desenvolveram prodigiosamente, José Bonifacio não era da mesma grandeza quanto á politica, sciencia que emprega outros methodos. Estudar e dirigir os movimentos, os actos, a vida duma sociedade são coisas muito differentes das classificações mineralogicas ; das observações do botanico, assignalando a ascenção da seiva ; do chimico, descriminando as affinidades de differentes substancias.

Na Constituinte, revelaram-se alguns novos talentos, como os Jequitinonha e Abrantes, que passaram, mais tarde, pelas maravilhosas transformações do Thabor na tribuna parlamentar. A analyse historica, porém, verifica que, desde a Constituinte, fôram lançadas as sementes de certas idéas e doutrinas, que abrolharam e a experiencia justificará e a pratica aproveitará.

Não é possivel escrever a historia daquelle tempo sem, ao menos ligeiramente, traçar um esboceto da sociedade, em que viveram d. Pedro e José Bonifacio. Os phenomenos politicos e sociaes, que se manifestaram, explicam-se pelo estado moral e intellectual da sociedade brazileira e a Constituinte exprime esse estado, do qual é innegavel encarnação.

De que modo o Brazil, no inicio de sua independencia, poderia eleger uma Camara composta de notabilidades, que se distinguissem pelas sciencias, que fórmam homens de Estado, publicistas, legisladores, financeiros e administradores ? Estas sciencias eram aqui cultivadas ? A instrucção estava disseminada, propagada, infiltrada por todas as camadas sociaes ? Que era o povo brazileiro no primeiro quarto do seculo XIX ?

Não passava dum escravisado colonial sob o ponto de vista politico ; estranho e apartado dos outros povos, sem commercio, sem contacto, sem communicações, ignorava o movimento da civilisação moderna. Só uma fracção, ou minguada minoria recebia educação incompleta. A ignorancia, qual espesso véo, estendia-se de alto a baixo ; envolvia todas as classes, não cobria só as populares—hecterogeneas — por isso mesmo incultas, inaptas para a comprehensão e pratica da liberdade civil e politica.

E' nesse estado que o povo brazileiro, por força dos acontecimentos, foi chamado a exercer a soberania e eleger os representantes della. Das entranhas obscuras da ignorancia e inexperiencia saíu a Camara, onde Antonio Carlos aspirava o mando supremo e pretendia dar-lhes instrucção, como disse ao padre Dias, deputado de Minas Geraes.

A Constituinte não podia ser sinão o que era o povo. Não podia ter aquillo que a nação não possuía. Vinha representar um povo que, durante tres seculos, vegetára no obscurantismo da realeza tradicional e, infelizmente, em seu seio lavrava a lépra da escravidão, que o corroía e embrutecia. A despeito de tudo, em verdade, fôram escolhidos e eleitos os homens mais conspicuos e reputados. Não lhes appareceram competidores, porque naturalmente não os havia. A maioria nacional, ou era de gente rude que não sabia ler nem escrever, ou de rusticos e de escravos, que cultivavam os engenhos e fazendas e serviam os senhores nas cidades. Como desse amalgama social poderia surgir uma assembléa, cuja maioria fôsse notavel pela sciencia e experiencia politica ? Decerto, não havia nem uma nem outra ; não podia ter o parlamento sinão rarissimos especimens.

Na propria fala do throno, escripta pelo ministro José Bonifacio, allude-se ao estado de crassa ignorancia, em que o regimen colonial conservou as classes sociaes, não lhes dando nenhuma instrucção, unicamente aproveitando-se do trabalho servil e lucroso. Este regimen, como é proprio de sua indole, tinha fundado temor da luz, que, esclarecendo o espirito, vivificando-o, engrandece e o torna apto aos grandes commettimentos da liberdade. A ignorancia era um dos factores auxiliares do governo despotico. O homem ignorante é fraco, pusillanime e brutal ; ao contrario, o homem educado e esclarecido tem a irresistivel consciencia da propria força e da dignidade da personalidade e as audacias de combater a escravidão. O ignorante é dominado pelo supersticioso pavor, que lhe inspira a tyrannia e se lhe curva como escravo. Eis ahi porque a metropole condemnava os povos da colonia a apodrecer nas trevas da ignorancia ; si lhes derramasse sobre a fronte o baptismo de luz, lhes infundiria n'alma a consciencia da força ; os moralisaria, os prepararia para tentarem a reivindicação dos direitos naturaes e, por conseguinte, a metropole assim destruiria o dominio que lhe era tão util e que a ignorancia lh'o havia conservado durante tres seculos. Entra pelos olhos que, sob o ponto de vista, do dominio e dos interesses, em vez de desdar os laços da ignorancia e da escravidão, convinha e urgia apertal-os. O despotismo, dest'arte, procedia com logica, que lhe robustecia a força material do apparelho governamental.

Entretanto, a Independencia estava proclamada, destruido o jugo da metropole, eleita e funccionando a Constituinte, e a nação sentia-se livre e aspirava realizar grandes destinos. Aos seus guias cumpria abrir-lhe a senda difficil da liberdade e do progresso. Seriam estes capazes de corresponder a tão altas e difficeis aspirações ? O Imperador, que, vanglorioso do titulo de Defensor Perpetuo, mostrava optima vontade, seria, por seu temperamento, improprio ao trabalho lento e paciente dum iniciador, que educa um povo. Elle proprio, mal educado, (4) não conhecia nem comprehendia as exigencias da liberdade. Nascido em pleno regimen do absolutismo, saturado de maximas perversas, nunca tendo visto praticar o governo livre, só comprehendia as praticas da rotina do governo de seus antepassados. A desastrosa orientação do monarcha ha de influir, em todo seu reinado, no qual superabundam actos do poder absoluto, começando por legislar *ex autoritate*, convicto de que lhe competia exercer todos os poderes inherentes ao chefe do Estado, invocando o seu titulo *honorifico* de Defensor Perpetuo, como fonte viva de soberania.

O ministro, por assim dizer, alma, inspiração da administração, era uma dessas naturezas indefiniveis. Elle falava e amava a liberdade, mas praticava o absolutismo, em cujo regimen nasceu, educou-se, e viveu. Nos artigos anteriores mostrámos, com o testemunho de seu irmão Antonio Carlos que J. Bonifacio era *muito affeiçoado ao arbitrio*, crendo que tudo que fazia era um bem para o seu paiz. José Bonifacio, sem duvida, foi um patriota a seu modo, porém incompativel com o sentir e pensar das gerações novas, que detestavam as maximas e praticas do despotismo. Nos tempos primordios da fundação do Imperio, não lhe escacearam protestos contra o seu auctoritarismo, contra o uzo das devassas, instrumento do despotismo, negação dos direitos, compressão da liberdade individual e até do pensamento, porque estas devassas, ordenadas por portarias (á maneira prepotente do marquez de Pombal), qualificavam de crime de leza-magestade a liberdade de pensar, a ouzadia de criticar os ministros de sua magestade, crime que era punido de morte no tempo do marquez e ainda mais cruelmente, segundo o alvará de 1818, provocado ou promulgado depois da revolução de Pernambuco. (5)

Ora um ministro, com taes praticas, imbuido de taes doutrinas, certamente era o menos conveniente ao novo regimen da liberdade, que a nação brazileira pedia e pelo qual trabalhava e desejava ver o paiz regido. Aquelles, que sómente lobrigam no veneran-do patriarcha um admiravel apostolo da liberdade, não estudaram os seus actos nem os seus pensamentos. Na confusão de idéas, no momento da organisação politica do Estado, é natural que muitas idéas e actos despoticos passassem despercebidos, ou não fôssem apurados. Mas o que surprehende é que, decorridos 80 annos, as gerações novas, nascidas e educadas nos uzos e costumes da monarchia parlamentar e ultimamente nos da republica presidencial, continúem a repetir, ou crer nos juizos escapados aos arroubos dos contemporaneos, idolatras do tempo em que viveram, porque o tempo, em que nascemos é como uma patria moral, que achamos digna e amamos, qual a terra que nos foi berço. Estas gerações devem julgar o passado com outro criterio. Já tem longa experiencia accumulada, não só do governo livre do seu paiz, sob as duas fórmas da monarchia parlamentar e da republica presidencial, mas tambem dos outros povos, cuja politica profundamente conhecem. Persistir na estolida admiração do passado implica, de certo, ou carencia de bom senso, ou má fé, ou ignorancia crassa das turbas das classes populares dos nossos avoengos de 1822, proclamando o patriarchado do ministro de d. Pedro I. Levantem-lhe estatuas; hourem os seus labores patrioticos; glorifiquem a sua memoria; engrandeçam-lhe os esplendores de sabio naturalista; admirem os surtos flammigeros de sua inspiração de poeta, até divinizem a nobreza e houradez de sua vida, a magnitude de seu caracter; mas quanto á sua sciencia de governo, quanto ao seu liberalismo no momento em que se fundava a liberdade civil e politica e a nação não queria mais viver jungida, como besta, ao carro do despotismo, outro deve ser o julgamento.

As gerações novas, evidentemente, não se confundem, nem pódem ser comparadas com os analphabetos que compunham as differentes classes sociaes do tempo do ministerio de José Bonifacio.

Elles, sem nenhuma educação, completamente ignorantes dos principios politicos, de certo não podiam saber das condições essenciaes do governo livre. Não avaliavam os titulos de benemerencia e da supremacia dum homem d'Estado, ou *patriarcha*; não ouviriam da bocca dum notavel ministro estas reverentes palavras—*master and servant* (6). Suas aspirações, seus votos, suas vontades não valiam nada. Contentavam-se com tudo que se lhes dava; mesmo porque não estavam em condições de discernir o que era liberdade, ou arbitrio. Não sabiam, em 1822, si os fundadores da Independencia e do Imperio trabalhavam em pró da causa popular, ou em beneficio dos interesses peculiares de certas e determinadas classes. A Independencia surgia dum cahos; não havia para o povo brazileiro a columna de luz, guiando no deserto. Só refervia um sentimento — acabar com o jugo e dominio da metropole; arrancar a terra brazileira das mãos dos luzitanos; nisso consistia tudo e, pois, não havia o pensamento, a concepção da verdadeira organisação dum governo livre. Ao contrario dos nossos antepassados, as gerações actuaes são competentes para descriminar o *joio* do *trigo*. Ellas contemplam o fulguroso espectaculo dos outros povos livres. Apreciam a marcha da civilisação dum a outro extremo do Universo. Conhecem a acção dos povos sobre os governos. Cultivam as sciencias, a litteratura, a historia, a politica e quasi que pódem exclamar com o poeta antigo — *nihil humani a me alienum puto* (7). A imprensa e, principalmente, o telegrapho, lhes põem, a cada hora, ante os olhos, os successos, de cada dia, as idéas novas, os projectos de reformas sociaes e politicas, os movimentos revolucionarios, as conquistas do trabalho, do capital e da sciencia; emfim, da vida diaria, intima das outras nações. O pensamento, a idéa, que irradiaram, ao amanhecer do dia, em Berlim, Paris, ou Londres, ao anoitecer já é sabida, discutida, acceita, ou regeitada no Rio de Janeiro, Bahia, Buenos-Aires, Chile, Montevidéo, Nova York, etc.

Em 1823, nada disto seria possivel, nada disto se comprehenderia. Os acontecimentos e idéas não *voavam*, arrastavam-se lentamente; precizavam de muito tempo a passar de um a outro. As proprias provincias do Brazil ignoravam os projectos e opiniões umas das outras, porque não era dado expendel-as nem facil e rapido transmittil-as; por isso, umas provincias adheriram vagarosamente o movimenfo libertador e outras fôram tardas.

Em circumstancias tão diversas, as gerações do presente tem gravissimos encargos; cumpre-lhes apreciar, com penetrante e são criterio, homens e factos; não devem, com infantil simpleza das gerações ignorantes, julgarem os factos e os homens, que os praticaram. Compete-lhes o direito de refazer, ou restaurar a verdade da historia: o que uma geração mal esclarecida, pouco intelligente, ou dominada pela supersticiosa veneração dos avoengos, escreveu, a nova geração, livre de preconceitos, independente, solicita de conhecer a verdade, armada com forte e poderoso instrumento da critica da philosophia da historia, reforma e dá *ao passado o que lhe pertence, e dá ao presente o que é do presente*.

E' assim que cada seculo reconstrue conforme a sua visão dos acontecimentos, (8) dos tempos e dos homens.

Entretanto, a historia da Constituinte, não sendo desfigurada, estudada em seu valor exacto e real, não deixa de ter merito e nobreza pela distincção dos caracteres, que ahi se ostentaram; pela independencia e moralidade politica; pelos talentos nutridos de erudição, que era bem rara naquella epocha que foi e ainda; é admirada, por exemplo: no *tonsurado* ex-benedectino José Joaquim Carneiro de Campos, depois Marquez de Caravellas, ministro, senador conselheiro d'Estado e até elevado á categoria de regente do imperio pela revolução de 7 de abril. Essa historia é a da liberdade nascente e, por isso, merece de todos os brazileiros sincero e profundo culto, mas o culto da verdade, da razão e da justiça. O que a deslustraria, sem duvida alguma, seria a estolida exaggeração de irreflectido enthusiasmo, falseando os factos e não comprehendendo as condições em que se acharam os representantes da nação — em face de um poder, que se reputava herdeiro da monarchia absoluta e se prevalecia do titulo *honorifico* de Defensor Perpetuo como fonte viva e permanente de sua soberania. Essa historia, pois, é dos factos politicos, das idéas, dos actos dos homens de uma das epochas interessantes do paiz. Aqui veremos as luctas da liberdade, as tristezas do patriotismo, a prepotencia, a contradicção do governo e sobretudo a coragem civica, digna e admiravel dos que acceitaram a missão de legislar para um povo, sedento de liberdades, que amava, porém não comprehendia.

A narração dos combates, travados no recinto da Constituinte, é um dos episodios em que o historiador deve tomar a peito esmerilhar a verdade, recouhecer e dizer, *sine ira et sine estudio* (9), o merito real e o valor dos combatentes, porque as opiniões de successivas gerações divergem e parece que não ha seguro prumo para avaliar, ou medir nem os actos do poder nem os da Assembléa. Uns pensam que foi a dissolução da Constituinte o mais grave e pernicioso erro do primeiro reinado reinado, e que o 7 de abril respondeu ao decreto de 12 de novembro. Outros opinam que a Assembléa,

incapaz de desempenhar a sua ardua e augusta missão, mereceu bem a sorte que teve, guiada e dominada pelos irreconciliaveis rancores dos Andradas, que, por ineptos, fôram expulsos do ministerio e, esmagados sob o pé delicado da Pompadour do reinado, lançaram-se, como trelou-cados gladiadores, sem a previsão de estadistas, na arena da opposição, cujo desenlace não anteviram.

Certo publicista e historiador exhibe a Constituinte como uma victima innocente, immaculada, sem nomear o algoz. Esforça-se em justifical-a, sustentando que não ha uma phrase, ou acto da Assembléa, que não fôsse sempre muito respeitosa.

Estas phrases — quasi mysticas — não teem a clareza e a severidade que a historia exige: parecem dissimular — 1º, que o Imperador houvesse desfechada o golpe sobre a Assembléa: — 2º, que não tinha motivo para vibral-o, visto como nem por palavras e obras a Constituinte nunca lhe faltou com o respeito, isto é, sempre lhe obedeceu.

Mas quem a dissolveu? E porque motivos?

São problemas que o historiador publicista evita resolver com prudente e sagaz reserva. Em tudo isso, ha uma série de outras questões, que a historia tem o rigoroso dever de tirar dos nevoeiros da duvida e expol-as aos clarões meridianos. São questões concernentes á vida moral e organica do paiz.

Surprehende que o historiador publicista, pratico e amestrado na politica parlamentar e governamental, convertesse a historia em agua benta, (como se diz vulgarmente) para operar o milagre de conciliar duas coisas irreconciliaveis. A historia assim escripta póde ser um deleite, — ou como diziam os antigos — *scribebat ad narrandum*.

O illustrado historiador publicista é o chefe auctorisado da *escola do optimismo* em philosophia.

Elle não se propõe a investigar as causas determinantes dos phenomenos sociaes e politicos: elle os narra simplesmente, deixando ao gosto dos leitores julgal-os, ou aprecial-os.

O seu volume ácerca da Constituinte, contendo bellas paginas, parece, todavia, propositadamente destinado á *canonisação* da Assembléa e á *glorificação* dos Andradas. No conceito do illustre escriptor, a Constituinte — sempre respeitosa para com o Imperador, — não praticou acto, nem proferiu palavra que provocasse a dissolução. E' notavel o silencio, inexplicavel a reserva, com que se abstém de falar da mão imperial, que vibrou o golpe mortifero sobre o congresso legislativo de 1823!.. Este estranho acontecimento o historiador publicista deixa no vago; não o esclarece, mostrando-se indeciso em regatear a verdade, que elle offerece e não quer dar.

O volume do sr. barão Homem de Mello, aliás excellente trabalho, é, sob o ponto de vista historico, obra para suscitar um enxame de duvidas e de conjecturas. Quando as nossas gerações actuaes, que escutaram muitos dos contemporaneos dos constituintes de 1823, em poucos annos desapparecerem, as vindoiras, lendo o volume do illustrado sr. barão Homem de Mello, inquirirão: quem tem razão o Imperador, ou a Constituinte? Porque foi esta assembléa punida com a dissolução? Não foi sem motivos, sem ter commettido erros graves, ou males? Porque os Andradas, glorificados, pelo historiador publicista, incorreram nas iras imperiaes? Esses homens tidos e havidos, considerados e apregoados patriarchas, sabios, oradores, estadistas, directores, educadores, guias de emancipadores da nação — como não souberam evitar o golpe de Estado da realeza? Como não calcularam as funestas e perigosas consequencias? Como imprevidentes, iguaros e ineptos, se deixaram surprehender? Como explicar que José Bonifacio, ministro omnipotente, desde 16 de janeiro de 1822, é subitamente precipitado do governo? Como ajuizar de todas estas transformações de coisas e mudanças e peripecias? Tudo isso, necessariamente, é o producto de causas anteriores. Cumpre a historia explical-as, mas o volume do sr. barão Homem de Mello é mudo, qual o mysterio da estrada de Delphos..

Ora, o sr. barão viu-se estreitado em mais duma difficuldade: si quizesse justificar o Imperador, havia de accuzar os Andradas; si, ao contrario, tentasse apurar os actos — esbarraria de encontro aos decretos de 12 e 13 de novembro, da Proclamação e do Manifesto, que são documentos historicos e altamente accuzam, como criminosos, os laureados pela dextra carinhosa do historiador publicista.

Nada disto, evidentemente, convinha nem se harmonisava com o plano do *optimismo historico* do illustre barão.

Estudaremos e investigaremos—*nos factos* — a procedencia, ou improcedencia das tres opiniões supra indicadas.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Não nos admiremos dessa scena melodramatica; entre povos mais adeantados e cultos, vemos o mesmo espectaculo; por exemplo, na Constituinte franceza de 1849, segundo refere Eug. Spuller, *Hist. parlam. de la seconde republique*.

(2) *Diario da Camara*, vol. 1º, sessão de 3 de maio, pag. 17, 2ª col.

(3) *Diario*.

(4) D. Pedro disse ou escreveu: «Os dois mal educados da familia de Bragança fomos eu e o mano Miguel; aos meus filhos, hei de dar optima educação.»

(5) Leiam a discussão sobre este alvará na Constituinte.

(6) Theoria do governo do illustre ministro lord Derby. Vide *The democracy ana foreign policy*, pelo escriptor Trail.

(7) Terencio.

(8) LHERMINIER. *Phil. du Droit*.

(9) Phrase de Tacito.

PAGINAS ESQUECIDAS

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flôr das raças monas
E alumno de um piemontez,
Fazia entre mil gaifonas
Coisas que o demo não fez.

Quanto via, arremedava
Por modo tão natural,
Que o piemontez lhe chamava
Daguerreotypo animal.

Se falasse assombraria;
Porém, mesmo sem falar,
Em toda a macacaria
Era um bichinho sem par.

Um dia em certa barraca
De uma feira, onde brilhou,
Com arte mais que velhaca,
Lustroso espelho empalmou

Viu-se; pasmou. « Que diabo!
Pois eu tenho a cara assim!?
« O' bruxas, de mim dai cabo,
« Ou condoei-vos de mim!

« Machuchas mestras de tretas,
« Se cabe em vós pio dó,
« Deixai-me o dom das caretas,
« No mais transformai Jacó. »

Bruxinha de genio gaio
Despachou-lhe a petição.
Eis, o mono, papagaio!
Eis nova consumição!

« O meu falar é mui rico!
« Quanto ás pennas, guapo estou!
« Mas este bico!... este bico!
« Quem tal ratice inventou?!

« Bruxa honrada! eu t'o aconselho,
« Vá nova transformação.
Diz: torna a encarar o espelho...
Vê-se estrellado pavão!

Espaneja-se garboso!
Ama-se; está como um dez.
Senão quando... ai, desditoso!
Repara... que horrendos pés!

Novo rogo impertinente:
« Por esta vez, e não mais »,
Diz a velha impaciente,
« Quero ceder aos teus ais.

« Do que tu mesmo approvaste
« Nas tres fórmas que te dei,
« Para teu consolo baste,
« Que esta final te armarei;

« Terás as visagens ricas,
« O papagaial palrar;
« Do pavão as galas ricas...
« Pegar no espelho! mirar!

Mira-se, exulta. Só nota
Perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe « janota »,
Bicho incognito a Linneu.

VISCONDE DE CASTILHO.

O DICCIONARIO

Era uma vez um tanoeiro, demagogo, chamado Bernardino, o qual em cosmographia professava a opinião de que este mundo é um immenso tonel de marmellada, e em politica pedia o throno para a multidão. Com o fim de a pôr alli, pegou de um páu, concitou os animos e deitou abaixo o rei; mas, entrando no paço, vencedor e acclamado, viu que o throno só dava para uma pessôa, e cortou a difficuldade sentando-se em cima:

— Em mim, bradou elle, podeis ver a multidão coroada. Eu sou vós, vós sois eu.

O primeiro acto do novo rei foi abolir a tanoaria, indemnisando os tanoeiros, prestes a derrubal-o, com o titulo de *Magnificos*. O segundo foi declarar que, para maior lustre da pessôa e do cargo, passava a chamar-se, em vez de Bernardino, Bernardão. Particularmente, encommendou uma genealogia a um grande doutor dessas materias, que em pouco mais de uma hora o entroncou a um tal ou qual general romano do seculo IV. Bernardus Tanuarius; — nome que deu logar á controversia que ainda dura, querendo uns que o rei Bernardão tivesse sido tanoeiro, e outros que isto não passe de uma confusão deploravel com o nome do fundador da familia. Já vimos que é esta segunda opinião é a unica verdadeira.

Como era calvo, desde verdes annos, decretou Bernardão que todos os seus subditos fôssem egualmente calvos, ou por natureza ou por navalha, e fundou esse acto em uma razão de ordem politica, a saber, que a unidade moral do Estado pedia a conformidade exterior das cabeças. Outro acto em que revelou egual sabedoria, foi o que ordenou que todos os sapatos do pé esquerdo tivessem um pequeno talho no logar correspondente ao dedo minimo, dando assim aos seus subditos o ensejo de se parecerem com elle, que padecia de um callo. O uso dos oculos em todo o reino não se explica de outro modo, sinão por uma ophtalmia que affligiu a Bernardão, logo no segundo anno do reinado. A doença levou-lhe um olho e foi aqui que se revelou a vocação poetica de Bernardão, porque, tendo-lhe dito um dos seus dois ministros, chamado Alpha, que a perda de um olho o fazia egual a Annibal, — comparação que o lisongeou muito, — o segundo ministro, Omega, deu um passo adeante, e achou-o superior a Homero, que perdera ambos os olhos. Esta cortezia foi uma revelação; e como isto prende com o casamento, vamos ao casamento.

Tratava-se, em verdade, de assegurar a dynastia dos Tanuarius. Não faltavam noivas ao novo rei, mas nenhuma lhe agradou tanto como a moça Estrellada, bella, rica e illustre. Esta senhora, que cultivava a musica e a poesia, era requestada por alguns cavalheiros, e mostrava-se fiel á dynastia decaída. Bernardão offereceu-lhe as coisas mais sumptuosas e raras, e, por outro lado, a familia bradava-lhe que uma corôa na cabeça valia mais que uma saudade no coração; que não fizesse a desgraça dos seus, quando o illustre Bernardão lhes acenava com o principado; que os thronos não andavam a rodo, e mais isto, e mais aquillo. Estrellada, porém, resistia á seducção.

Não resistiu muito tempo, mas tambem não cedeu tudo. Como entre os seus candidatos preferia secretamente um poeta, declarou que estava prompta a cazar, mas seria com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso. Bernardão acceitou a clausula, louco de amor e confiado em si: tinha mais um olho que Homero e fizera a unidade dos pés e das cabeças.

Concorreram ao certamen, que foi anonymo e secreto, vinte pessôas. Um dos madrigaes foi julgado superior aos outros todos: era justamente o do poeta amado. Bernardão annullou por um decreto o concurso e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne machiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos annos de edade. Nenhum dos concurrentes estudára os classicos: era o meio provavel de os vencer.

Não venceu ainda assim, porque o poeta amado leu á préssa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão annullou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as modernas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira victoria do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros, pedindo-lhes um remedio prompto e energico, porque, si não ganhasse a mão de Estrellada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

— Nós, Alpha e Omega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam á linguagem. A nossa idéa é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os diccionarios e nos encarregue de compor um vocabulario novo, que lhe dará a victoria.

Bernardão assim fez, e os dois metteram-se em casa durante tres mezes, findos os quaes depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Diccionario de Babel, porque era realmente a confusão das lettras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado; as consoantes trepavam nas consoantes, as vogaes diluiam-se nas vogaes, palavras de duas syllabas tinham agóra sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma lingua de cacos e trapos.

— Obrigue Vossa Sublimidade esta lingua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulario e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bella Estrellada. A confusão passou do diccionario aos espiritos; toda a gente andava attonita. Os farçolas cumprimentavam-se na rua pelas novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: *Bom dia, como passou?* — *Pflerrgpxx, rouph, aa?* A propria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propoz-lhe que fugissem; elle, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigaes. O melhor delles, apezar da lingua barbara, foi o do poeta amado. Bernardão, allucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros, e foi a unica vingança. Estrellada era tão admiravelmente bella, que elle não se atreveu a magual-a, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na bibliotheca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a ultima coisa que leu foi uma satyra do poeta Garção e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encommenda :

O raro Apelles,
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tintas ;
A mistura elegante os fez eternos.

MACHADO DE ASSIS.

O ALMIRANTE (65)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXI

Mais adeante, terminou o calçamento: cessou o rumor das rodas e o vehiculo começou a subir deslisando sobre o macadam da ladeira, em declive mais accentuado. O cavallo rebelde se aquietára com o esforço de subir, retezando os tirantes. E Hortencia sorria, desvanecida de haver subjugado os fogosos animaes, curvados, reluzentes de suor e emittindo densos jactos de vapor pelas narinas dilatadas.

— Que susto ! — marmurou a marqueza.

— Elles me conhecem — tornou Hortencia — Basta um pouco de energia, de calma, para conduzil-os.

—E coragem—accrescentou Oscar— Em todo o caso, não deixa de ser uma imprudencia que póde ter consequencias desastrosas. Imagine que os cavallos voltassem de repente.

—Hortencia é muito valente e muito temeraria — observou a marqueza — Teimou em mandar atrelar esses cavallos, quando seria mais prudente para estas viagens empregar as mulas.

— Eu prefiro sempre cavallos— replicou Hortencia — E' mais elegante, mais nobre.

E subiam lentamente a ladeira, sombreada de arvores colossaes, penetrando o seio da floresta, interrompida, a grandes intervallos, por velhas construcções em ruinas, algumas habitadas. Da folhagem levemente agitada caíam gottas da chuva da vespera e petalas de flôres amarellas, que se desfaziam como uma poeira de petalas de oiro. O rumor da matta se harmonizava em melancolica melodia com o rugir de cascatas que se despenhavam pela encosta fragosa, parecendo augmentar ou diminuir de accordo com a violencia e a remissão das rajadas do vento marinho, canalisado no tunel verde do caminho.

Os tres excursionistas experimentavam essa doce impressão da humidade da montanha, e haurriam, a largos haustos, as emanações balsamicas, esse cheiro acre de verdura nova, da resina das arvores, a rebentarem de seiva, das flôres sylvestres em plena fecundação; sentiam-se contaminados das energias mysteriosas da natureza exhuberante que os cercava, que os apertava, que os envolvia numa caricia sensual, oppressiva, superexcitante.

Oscar contemplava Hortencia, cuja vivacidade desmaiára numa attitude de repouso melancolico, como si á influencia do ambiente se lhe afundassem os nervos e lhe invadisse o corpo vigoroso um ligeiro torpor voluptuoso. Ella suspirava fatigada ; as palpebras lhe velaram, pezadas os olhos amortecidos e das mãos em abandono lhe pendiam as rédeas bambas. Dir-se-ia que ella se abstraíra da impressão das coisas, das pessôas, para adormecer ao cantigo hypnotico das vózes da floresta e sonhar, evolando a uma região mystica, onde se debuxavam em tenues traços nebulosos os seus idéaes de moça, vacillando no extremo da quadra da existencia, onde as incertezas da innocencia se confundem com os terrores das revelações estranhas dos instinctos. E como um contagio, essa tristeza se communicára á marqueza, que fitava o vago olhar indifferente nas massas de verdura que íam passando lentamente.

A carruagem parou no alto da encosta, na divisão das aguas que correm para a varzea. Cessára a melopéa das cascatas. O vento, mais forte naquelle sitio, açoitava com vigor as arvores. E lá embaixo se divizavam o espelho de aguas, meio escondidas no matto rasteiro, e a immensa orla longinqua do mar perdendo-se no horisonte.

— Neste andar —observou a marqueza — vamos á Tijuca, sem encontrar a desejada casa.

—E' verdade—exclamou Hortencia vivamente, como si despertasse — Parece que erramos o caminho.

—Com certeza — ponderou Oscar— A chacara deve ficar perto do mar á nossa esquerda, talvez lá para os lados da praia do Leblon.

— Ficou muito atraz — abservou respeitosamente o cocheiro, tirando o luzidio chapéo de oleado.

—A impetuosidade dos cavallos — disse Hortencia, sorrindo — me perturbou. Voltaremos daqui.

E juntando a acção á palavra, despertou os cavallos com um estalido secco da lingua, colhendo as rédeas para fazer a forte volta.

— Nada perdemos — continuou ella — Fizemos um delicioso passeio.

Em vão, Oscar lhe ponderou que seria mais prudente entregar a direcção da carruagem ao cocheiro, porque as descidas das montanhas são sempre mais difficeis do que as subidas ; ella teimou em se manter no seu posto, alardeando uma coragem temeraria e chasqueando do medo de um homem, como elle, habituado aos perigos do oceano, acobardado á perspectiva de um deslise facil pela ladeira plana, sem obstaculos, e marginada pelo amparo de arvores colossaes, pela muralha dos boeiros, que eram pequenas pontes de alvenaria para o escoamento das aguas que atravessavam a estrada.

—Eu confio absolutamente—affirmou Oscar — no meu formoso piloto. Verá que não tenho medo.

—Eu é que não vou descansada— aparteou a marqueza — Hortencia é demasiado afoita.

—Eu terei cuidado. Bem sei quanto valem as pessôas que conduzo, uma preciosa carga de entes queridos. Vejam como isto desliza suavemente. Os cavallos teem um instincto que vale pela mais lucida intelligencia. Vejam como estão anciosos. Elles sabem que vão caminho de casa ; sentem a cocheira.

A cada choque em uma pedra solta, esquecida no meio da estrada, ou em uma depressão de terreno, a marqueza estremecia e lançava para Hortencia olhares de supplica.

— Cuidado, cuidado, menina ! — recommendava ella, agarrando-se ao gradil que contornava as almofadas fôfas.

Firmada nos pés, o corpo inclinado para traz, Hortencia contraíra as guias tensas e abandonára o chicote no bocal. Nessa posição, todas as linhas perfeitas do seu corpo delicado e vigoroso se desenhavam em contornos graciosos, comprimidos nas dobras de um vestido de casemira côr de castanha.

O crepitar das rodas denunciou a terminação da ladeira nas primeiras filas do calçamento. Um bonde subia lentamente puchado por dois burros, arquejantes de cansaço.

—Chegámos sem novidade—exclamou Hortencia — Daqui em deante, nada ha que temer.

—Seria melhor—observou a marqueza — fazermos o resto da viagem no bonde. Tenho as pernas tremulas, entorpecidas.

—Basta repouzar um pouco—disse Hortencia, estacando a parelha—Ande um pouco marqueza e verá como isso passa.

— Tenho um forte zumbido nos ouvidos, como si estivessem tapado.

—Não é nada—disse Oscar—Isto acontece ás pessôas deshabituadas a viajar em montanhas : é um effeito da differença da pressão atmospherica, muito commum nas senhoras nervosas.

A marqueza apeiou-se apoiada pelo cocheiro e deu alguns passos vacil-

lantes, como si sentisse perturbado o equilibrio.

—Estou ficando velha—disse ella, sorrindo — Não posso mais supportar estas violencias.

—Agóra nós—exclamou Hortencia, sorrindo e fustigando os cavallos, que estremeceram e partiram vivamente.

Ella pretendia, para demonstrar a sua pericia, dar uma volta, ao passar o ponto terminal da linha, e regressar em busca da marqueza, que vinha descendo lentamente ; mas, ao chegar á ponte sob a qual, por baixo da estrada, a cascata, avolumada em torrente, se precipitava rugindo, deparou-se-lhe, obstruindo a estreita passagem, um cargueiro de peixe da Tijuca, marchando a trote miudo. O vendedor para signalar a sua presença desferiu um forte som estridente da trompa de chifre. Os cavallos, apavorados, em vez de darem a volta para a direita, se desviaram para a esquerda na direcção de uma moita de bambús, que emergiam como uma cerca de lanças agudas das profundezas da grotta, excavada pelas enchurradas onde terminava o parapeito do boeiro. Tomada de susto, Hortencia ergueu-se na boléa tentando conter a parelha espantada a corcovear entre os arreios. Oscar reconhecendo o perigo, erguera-se tambem e, precisamente quando as patas dos animaes se erguiam sob a touceira á borda do pricipio, elle, num movimento rapido, arrebatou com força a moça pela cintura e depol-a illeza no chão. Trepando para a boléa, fez um supremo esforço para conter os dois cavallos; as rédeas rebentaram e o trem se despenhou no precipicio.

Hortencia soltou um grito de terror. A marqueza, que presenciára a scena, estacou immovel no meio da estrada, numa attitude de panico, e o cocheiro, desamparando-a, partiu correndo para o sitio do desastre.

— Que horror, que horror! — exclamava Hortencia, agitada por uma commoção violenta, debruçando sobre o parapeito — soccorro! soccorro!

O peixeiro, os empregados da estação e o conductor do bonde se acercaram pressurosos. Poucos momentos depois, estavam no fundo da grotta, onde os cavallos se debatiam emmaranhados nas arvores, estalando as patas nas pedras agudas, forradas de lodo esverdeado. Oscar ficára suspenso entre duas hastes de bambú, que lhe comprimiam o busto.

—Coragem, senhor almirante—bradava o cocheiro.

—Oscar, Oscar ! Salvem-no — suplicava Hortencia, numa angustia dilacerante.

E como ella tentasse galgar o parapeito, um dos homens conteve-a, tranquillisando-a.

— Não é nada, minha senhora, disse elle — o moço não rolou até ao fundo com a carruagem. Escapou por milagre. Veja: está imprensado nos bambús. Os meus companheiros já o desvencilharam ; trazem-n'o para cima.

Sustido por dois homens, Oscar surgia da moita e, ao chegar á terra firme, apoiou-se no braço de Hortencia.

— Que tem ? — balbuciava esta, fitando os olhos anciosos, rorejados de lagrimas, no rosto livido do almirante.

— Quasi nada—murmurou este, com vóz maguada—Dóe-me aqui no ventre; uma arranhadura...

— Estás ferido? — gritou a moça, indicando o collete branco de Oscar, tincto de sangue.

— Váe, váe — murmurou elle, indicando a marqueza — Váe soccorrer aquella pobre creatura. Ella necessita mais de ti do que eu.

Fascinada pela mancha rubra que alastrava, Hortencia não tentou verificar o ferido, tanto receiava reconhecer-lhe a gravidade.

— Perdôa-me, Oscar; perdôa-me — murmurou, tiritando de horror, estendendo-lhe as mãos supplicantes.

CAPITULO XXII

Todos os amigos, tanto que souberam do desastre, accorreram contristados em torno da marqueza de Uberaba, que estava recostada numa ampla poltrona, no gabinete contiguo ao salão da bibliotheca, onde Oscar estava encerrado com os medicos. Sob a impressão da horrivel sceua, a pobre senhora, quasi indifferente aos votos de pezar, apertava com força a mão de Hortencia, sentada junto della. Conservavam-se ambas na attitude anciosa de quem escuta, procurando surprehender, atravéz da porta fechada, uma palavra que lhes revelasse a verdadeira situação de Oscar. Ellas não choravam ; tinham os olhos vitrificados, os rostos pallidos, parados, sem traírem a menor contracção dos musculos, como si toda a vida se lhes concentrasse nos corações turgidos a lhe chocarem descompassados os peitos arquejantes.

D. Eugenia aventurava em vóz baixa palavras de consolação, de esperança, secundadas por Marianinha, que não perdera a calma, cuidando com meiga solicitude da marqueza, dando-lhe a cheirar um frasco de ether, que ella rejeitava com um gesto.

— Não tenha receio, comadre — dizia ella—A ferida não tem gravidade.

— Oscar ficou muito abalado com o susto — assegurava d. Eugenia.

A marqueza supplicava-lhes silencio com um gesto.

Na sala immediata, onde se accumulavam os objectos d'arte, recordações das viagens de Oscar, o conselheiro passeava lentamente de um lado para outro, dirigindo, em longos espaços de remissão, algumas phrases a Sergio de Lima.

— Que fatalidade, doutor ! O almirante affrontou impavido os perigos do oceano, as ondas revoltas, as tempestades, os furacões, para se espetar ingloriamente numa ponta de bambú... Caprichos da fatalidade.

— Onde está o homem, está o perigo — observou Sergio de Lima.

— O nosso amigo não corre perigo imminente. De resto, está confiado á sciencia, que o soccorreu a tempo de salvar tão preciosa existencia, preciosa, por todos os titulos, para a familia e para a patria.

Nesse momento, abriu-se a porta da bibliotheca e assomou a figura placida de um cirurgião.

— Doutor ! — exclamaram, a um tempo, a marqueza e Hortencia.

— Não ha perigo immediato — respondeu o homem de sciencia, sublinhando as palavras com um sorriso tranquillisador — Terá alguns dias de leito até que cicatrize a ferida do ventre. Isso depende de absoluto repouso...

A marqueza ergueu-se e, afastando da fronte o copioso suor que subitamente a innundára, prescrutou com o olhar o aposento, onde Oscar jazia estendido num sofá de vime, o seu predilecto sofá de leitura.

— Não é conveniente perturbal-o agóra — ponderou o cirurgião — E' preciso deixal-o libertar-se completamente dos effeitos do chloroformio.

Vieram após outros dois medicos, que trocaram com o cirurgião olhares significativos. Um delles tranquillizou a marqueza dizendo-lhe que o ferimento não tinha importancia ; mas, como todos os traumatismos que interessavam o ventre, demandava um tratamento de paciencia e muitos cuidados.

— Ah, doutor ! — supplicou a marqueza — diga-me a verdade ; diga-me que elle está salvo.. Não me engane, não me engane.

— Póde ficar socegada minha senhora — garantia o medico, que era um antigo amigo da familia—O nosso jovem collega pensou a ferida com habilidade de mestre. Salvo algum incidente, o nosso almirante estará restabelecido dentro de oito dias. Calma e coragem, minha senhora ; evite commovel-o — concluiu o medico, retirando as mãos que a marqueza beijava numa explosão de alegia infantil.

— Obrigada, obrigada, doutor—repetia ella, consolada pelas palavras do medico — Que é preciso fazer agóra ?

— A nossa tarefa está cumprida — affirmou o medico — Necessitamos de um enfermeiro dedicado que véle pelo nosso doente.

(Continúa)

ACADEMIA BRAZILEIRA

Do *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra, transcrevemos, muito penhorados, as captivantes referencias do sr. Belmiro Braga ao director dos *Annaes*.

Tratando da successão do saudoso Pedro Rabello, o amavel chronista das *Horas de Lazer* indica para a cadeira vaga na Academia de Lettras, a candidatura do sr. Domingos Olympio, que, infelizmente, não poderá corresponder a tão honroso voto, por ter eliminado a immortalidade do quadro das suas aspirações...

—

....

Ainda outra eleição.

Esta é na Academia de Lettras, mas pelo modo como lá hoje ellas se fazem, pouca differença teem das que se engendram cá pelos nossos sertões adustos.

Para a vaga verificada com a morte de Pedro Rabello, ha um candidato—Domingos Olympio. Não sei de outro homem de lettras, no Brazil, que tenha mais direito a esse logar do que o fulgurante chronista dos *Annaes*; e quando lhe não bastassem essas paginas avulsas para attestarem-lhe a maleabilidade do pulso e a inteireza do caracter, ahi está esse *Luzia-Homem*—o livro mais brazileiro e, ao mesmo tempo, um dos melhores da lingua portugueza que teem apparecido nestes ultimos tempos.

Temos fé (e oxalá que essa fé não seja uma ingenuidade!) que em uma aggremiação illustre, da qual fazem parte um Machado de Assis, um Affonso Celso, um Arthur Azevedo, um Carlos de Laet e um Lucio de Mendonça, não se dê, por occasião de se premiar o merito, o mesmo que se dá nas nossas sociedades recreativas, ao elegerem-se as suas commendadoras directorias.

Nada de *compadrescos*, nada de *filhotismos*. Que ao depararmos o nome do eleito não nos seja preciso indagar do visinho: Quem será este novo membro da Academia de Lettras? Que obras escreveu? Será poeta? Será prosador? Não? Que a votação dos illustres academicos recaía sempre no candidato que antes de transpor-lhe os augustos humbraes já viva no coração dos seus leitores.

Está neste caso Domingos Olympio; Domingos Olympio deve ser o eleito.

BELMIRO BRAGA.

E' realmente interessante o seguinte artigo do sr. Julio Dantas, sobre um dos mais commoventes aspectos de vida de Bocage. O illustre escriptor portuguez procura, com muita alma, tirar á miseria do velho poeta o que ella geralmente inspira de humilhante e de torpe. Julio Dantas, salientando a degradação daquella epocha e a pulhice de caracter dos litteratos de então, dá um alto relevo, uma forte sobranceiria e dignidade á miseria de Bocage — a quem saúda não só como o «mais brilhante dos sonetistas que teve o seculo XVIII, mas tambem, e acima de tudo, ao mais fidalgo dos mendigos que tem tido Portugal».

—

BOCAGE MENDIGO

Em Portugal os poetas, durante todo o seculo XVIII, fôram socialmente qualquer coisa de intermediario ao bôbo e ao mendigo. Para não morrerem de fome e para não descerem como o Bento Antonio ou o José Daniel a vender litteratura de cordel pelas ruas, acolhiam-se á protecção das casas fidalgas. De ordinario, no estado das grandes familias nobres havia um poeta, — tão naturalmente como havia um cabelleireiro italiano, um frade alcoviteiro ou uma bôba mulata. Eram preferidos os que cantavam lunduns á vióla, ou tinham pratica de glozar motes em outeiros de abbadessado. Alexandre Antonio de Lima foi o poeta-bôbo dos marquezes de Gouvêa; Caldas Barbosa, o dos condes de Pombeiro. Ambos mulatos, ambos celebres nas modinhas brazileiras e no lundum chorado, ambos emeritos na complicada arte de fazer rir o seu semelhante. O talento era então um simples titulo para se ser admittido á meza dos creados nas grandes casas da nobreza. Os poetas tornavam-se os mais temiveis concorrentes dos franciscanos. Tolentino passou a vida a pedir esmola, com o habito de Christo ao pescoço. Bingre, o Malhão e o idiota do Saunier apodreciam horas e horas nas ante-camaras fidalgas exercendo uma verdadeira mendicidade. Dedicar um soneto equivalia a estender o chapéo. As cartas pedinchonas de muitos poetas no seculo XVIII desqualificariam hoje o mais modesto homem de lettras. No fundo dessas creaturas apagadas tinham-se obliterado as mais fundamentaes noções de dignidade. Não havia orgulho, quasi não havia caracter. A *Nova Arcadia*, com o doutor França, com o beneficiado Caldas, com José Agostinho, com Bingre, era uma côrte de bôbos da casa Pombeiro, lisongeando a condessa, comendo doce d'ovos, tocando vióla, dizendo facécias, roçando os calções pelos canapés, humilhando-se, intrigando, bajulando, alcovitando.

O conde, pelo luxo fidalgo de ter uma Academia em casa, dava esmola e meza áquella assentada de Menalo, cujo distinctivo symbolico era, contradictoriamente, um lirio de prata impolluto. O *Almanach das Musas* ficou como documento réles das «quartas-feiras de Lereno». Poetas que eram principes pelo talento, mendigavam como pedintes de portaria. E nem uma revolta, nem um repellão de dignidade, nem uma reacção de orgulho: absolutamente nada. Foi preciso que apparecesse a figura pallida, curvada, rachitica de Bocage, para surgir com ella a primeira revolta e o primeiro protesto. E' certo que Bocage mendigou tambem, que tambem pediu esmola para não morrer de fome; mas, honra lhe seja,—rebellou-se e protestou.

Ha quem duvide ainda da grandeza moral do primeiro dos nossos poetas setecentistas. Ha quem lhe não perdôe vicios e defeitos, isolando-o da sociedade a que pertenceu para o encarar sob o falso criterio da moral d'hoje. Ora os grandes homens são productos do seu meio e da sua epocha. E' necessario conhecer-se a sociedade do fim do seculo XVIII para avaliar Bocage em toda a sua estatura moral. E' indispensavel comprehender-se a que supremo abandalhamento, a que situação de subserviencia e de miseria tinha chegado o homem de lettras sob a intendencia de Manique, para que a rebellião e o protesto desse fallido glorioso surjam em toda a sua significação e em todo o seu valor. No momento historico em que desgraçadamente viveu, a bravura d'orgulho, a selvageria d'independencia de Bocage são a affirmação irrecusavel dum grande e solido caracter. Evidentemente, ser-lhe-ía facil ter triumphado na vida, tanto quanto entre nós, em 1790, podia triumphar um poeta. Como todos os outros bôbos e mendigos seus confrades, podia encostar-se aos Mecenas que o reclamavam, coçar a casaca em espaldares de damasco, trazer o estomago quente e a algibeira cheia. Bastava transigir, amoldar-se, adaptar-se. Em vez de andar embrulhado no seu velho capote de baetão azul, a arrastar pelas tabernas a sua independencia e os seus sapatos rôtos, a sua miseria d'alcoolico e o seu orgulho de principe, podia ter explorado o meio em que vivia, ter sido como os outros, como todos, devoto e bandalho, parasita e adulador, bôbo e alcoviteiro. Mas não. Entre Bocage e a sociedade que o rodeava estabeleceu-se desde logo uma essencial e profunda irreductibilidade. Deu sempre um pontapé na fortuna, quando era preciso compral-a ao preço duma transigencia.

Era por temperamento, por caracter, por instincto, uma creatura livre, azeda, combativa e revoltada. Levado ao Paço, de coche, sumptuosamente, para improvizar por occasião do nascimento da infanta Maria Thereza, podendo conseguir a protecção do principe, a sympathia da côrte, infiltrar-se, metter-se, insinuar-se, triun-

phar, — Bocage afasta-se do Paço. Apresentado a Beckford, quando o riquissimo inglez, com Verdeuil e o conde de Lucatelli vinham de visitar a Sé de Lisbôa, podendo valer-se da sua amisade evidente, aproveitar o enthusiasmo da sua admiração, collocar-se, impor-se, — Bocage afasta-se de Beckford. Devendo utilizar a estima da condessa de Oyenhausen, sua admiradora até á ternura, protectora desvelada de sua irmã Maria Francisca, lisongeal-a, frequental-a, agradar-lhe, — Bocage afasta-se da condessa de Oyenhausen. Um dia, o erudito Thomé Barbosa hospeda-o, matalhe a fome, fal-o sentar á sua meza, ler na bibliotheca, servir pelos seus creados, trata-o como a um filho, e quando lhe ía dar um começo de vida, como seu secretario, como seu collaborador, como seu amigo, — Bocage afasta-se de Thomé Borbosa. Por ultimo, fazendo parte da *Nova Arcadia*, admirado com sinceridade pelo conde de Pombeiro, regedor das Justiças do reino, sendo-lhe facil conseguir, como o mulato Caldas, um logar na Casa da Supplicação, podendo subir, triumphar, vencer, collocar-se, — Bocage, de subito, sem motivo, sem causa apparente, mette a ridiculo o conde, as quartas-feiras de Lereno, o chá, os versos, os consocios, o ex-frade, o Mecenas, inimiza-se, insulta, achincalha, e declarado incapaz de ser recebido numa sala, move contra si a justiça, o intendente, a Academia, as «sécias», a nobreza, — e ao mesmo tempo temido e detestado, admirado, e perseguido, liquida-se, perde-se, isola-se, mata-se. Se compararmos este apontoado de rebelliões, de isenções heroicas, com a subserviencia de bandalhos dos poetas da segunda metade do seculo XVIII, comprehendemos então que valor incalculavel teve o protesto de Bocage, — protesto unico, isolado, digno, honesto, no meio duma litteratura unctuosa de frades, de bôbos, de hypocritas e de pedintes.

Entretanto, pediu esmola, — dir-se-á. Não ha duvida. Pediu-a, quando tinha fome. Mendigou muitas vezes um cruzado novo para o jantar da irmã. Recorreu alguns dias ao caldo e ao albergue dos frades da Bôa-Hora. Mendigou, é certo, mas revoltava-se com toda a sua alma, com toda a sua indignação, com todo o seu orgulho, contra a necessidade de mendigar. A differença entre Bocage pedinte e os seus confrades do seculo XVIII estava positivamente nisso. Os poetas-mendigos de 1780 cultivavam a esmola, parasitavam, beijavam unctuosamente, hypocritamente, a fivella do sapato do bemfeitor. Era um habito, era uma abdicação, era uma vergonha. Bocage, pelo contrario: mendigava, — mas protestava. Foi pedinte, não por costume, não por indole, não por baixeza, — mas por necessidade organica, inadiavel, no ultimo extremo, na ultima miseria, protestando sempre, rebellando-se sempre. Era a revolta natural do obreiro contra a sociedade que desvaloriza a sua obra. Como havia elle de comer, se vendia os livros a Thadeu Judas por tres moédas? Como havia de vestir-se com a miseria que lhe dava por mez frei José Velloso? Constrangido pela fome, recorria á mendicidade, não como uma dadiva vexante, — mas como uma indemnisação. Não recebia a esmola com humildade; acceitava-a com altivez. Como Diogenes, não pedia; reclamava o que lhe era devido. Dahi, a ausencia logica, em Bocage, de todo o sentimento de gratidão. Accuzavam-no d'ingrato todos os seus protectores, costumados á genuflexão hypocrita do reconhecimento, — José de Seabra e a marqueza d'Alorna, Thomé Barbosa e frei Joaquim de Foyos. Bocage nunca soube agradecer, — como nunca soube lisogear. Era uma creatura barbara, selvagem, primitiva, independente. Ao passo que Tolentino, com a fita de Christo sobre a véstia de seda preta, dava lições de subserviencia e de unctuosidade aos franciscanos profissionaes, — Bocage estendia a mão com a altivez de quem reclamava uma divida. Os poetas das luminarias e dos outeiros pediam como bandalhos, estendendo o tricorne: Bocage, pelo contrario, mendigava como um grande de Hespanha, — de chapéo na cabeça. Por isso, a nossa saudação não deve ser apenas dirigida ao mais brilhante dos sonetistas que teve o seculo XVIII, — mas tambem, e acima de tudo, ao mais fidalgo dos mendigos que tem tido Portugal!

JULIO DANTAS.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

A apreciação superficial dos acontecimentos, por falta do cotejo e ponderação das causas determinantes de dado phenomeno, condúz muitos individuos, ainda bem intencionados e competentes, a conclusões completamente falhas, de modo a condemnarem a applicação de tal objecto ou instrumento como inteiramente nocivo ao fim para que foi creado.

Assim, escriptores existem que, julgando as questões militares com o criterio apontado, prégam abertamente a inutilidade e os resultados funestos do emprego da fortificação costeira, arrimando-se ao falso defeito attribuido a toda a especie de fortificação, desde a simples trincheira abrigo até á mais poderosa fortaleza permanente — de abater o espirito offensivo do combatente por avivar-lhe a tendencia natural, de se escravizar á sua protecção.

E extremando-se na revelação das desvantagens occasionadas á defeza do littoral pela fortificação, os seus obstinados accusadores, com augmentos apparentemente indestructiveis, proclamam a satisfação plena e cabal desse *desideratum* com a superioridade dos meios em alto mar. Em opposição a essa opinião, o partido contrario, egualmente extremado, tudo concéde á defeza fixa, olvidando a indispensavel e efficaz cooperação do elemento movel.

Não parece provavel que, em epocha alguma, encontrem acceitação pratica as absurdas escolas pró e contra a fortificação; certamente, a meio desses afastados e antagonicos limites, estará o ponto verdadeiro e unico razoavel da questão.

Embóra o predominio exclusivo ou accentuado da força movel constituisse condição essencial para a inviolabilidade absoluta das costas, haveria sempre logar folgado para a applicação proveitosa da fortificação. O littoral ficaria em identicas circumstancias de fraqueza ao ataque do inimigo, quando, na carencia dos elementos maritimos, quer em numero, quer em qualidade, se encontrassem escassamente protegidas pelas obras permanentes; e, portanto, nos paizes como o nosso, em que os recursos orçamentarios, ordinarios e extraordinarios, não consentem a luxuosa ostentação de fortes e numerosas esquadras, impõe-se, sem remedio, o justo equilibrio entre os elementos movel e fixo, afim de garantir a efficaz protecção das nossas vastissimas fronteiras maritimas, accrescendo a isso que a nossa organisação naval, pelo menos ao presente, não póde assumir o caracter de uma aggressiva sem limites, não importando a nós muito mais do que o dominio do mar territorial.

Os factos contemporaneos, a experiencia quotidiana da vida maritima da paz e na guerra, ahi estão, de modo decisivo, a realçar o papel representado pela organisação defensiva e permanente de determinados pontos da costa com o intuito de offerecerem apoio forte e inestimavel á acção da armada; resultando ainda, dessa apreciação, e de modo indiscutivel, a estreita dependencia das esquadras a esses pontos de apoio, dependencia outr'óra desconhecida com a latitude que apresenta na actualidade, exactamente pelos notaveis e incessantes aperfeiçoamentos e illimitadas innovações na arte e instrumentos de fazer a guerra.

Não ha muito tempo, poucos inconvenientes acarretava a permanencia

prolongada de uma esquadra, embóra numerosa, em alto mar; o systema de navegação á véla, a lentidão do tiro da artilharia e o rudimentar apparelhamento dos accessorios davam aos navios de guerra a capacidade de conservarem-se, por largo tempo, affastados das suas fontes de recursos, visto como o dispendio obrigado de seus elementos de vida normal e ainda accidental, não reclamava repetidos abastecimentos.

O navio de guerra moderno, porém, quer sob o simples ponto de vista da navegabilidade; quer em relação aos instrumentos de combate; quer, finalmente, attendendo aos meios subsidiarios requeridos por sua dupla natureza — está constantemente sujeito a cuidados especiaes, á renovação de munições, a reparos de difficil realização em alto mar, por exigirem condições particulares, pessoal e officinas convenientemente apparelhadas para esses effeitos.

A provisão de combustivel para a alimentação ininterrupta dos seus orgãos de movimentação é, relativamente, escassa em face do consumo diario effectivo. Os seus porões cedem largo espaço aos artefactos e munições de guerra, ás installações proprias ao seu destino. Assim, em poucos dias de navegação cumpre refazel-a; e embóra haja probabilidade de effectuar novo aprovisionamento em mar desabrigado, o problema, ainda nas condições mais favoraveis, fica incompletamente resolvido ante a série de desvantagens contrapostas.

O emprego desse recurso traz como consequencia immediata a formação de um numeroso comboio de navios carvoeiros, contribuindo, por sua vez, para o gasto do carvão transportado, além do grave inconveniente resultante da vigilancia contínua de uma escolta com diminuição de parte consideravel da força naval.

A rapidez do tiro da artilharia naval aggrava egualmente a situação das esquadras, porque a bordo de cada vaso de guerra a munição carregada é deficiente, não excedendo, em geral, a que se dispende em uma só batalha de duração prolongada.

Exemplo frisante em apoio a essas considerações resalta das noticias sobre as operações navaes na recente guerra do Extremo-Oriente. O anniquilamento total das famosas esquadras russas do Baltico, deve attribuir-se, em parte notavel, á falta de pontos de apoio e abastecimentos. Apezar do escandaloso agazalho que encontraram no seu penosissimo roteiro até ás aguas inimigas, no dia da lucta estavam exaustas, depauperadas, bastando o primeiro ataque vigoroso do adversario abastecido, descançado, constantemente revigorado em suas bases, para desapparecerem por completo.

Essa guerra demonstrou, mais uma vez, com a evidencia dos factos, a importancia que assume a fortificação costeira na defeza das bases navaes. Longe de constituir uma armadilha seductora para a destruição das esquadras, ella amplia a sua capacidade offensiva, anxilia as suas operações, dando-lhes a necessaria segurança para agirem ao largo.

O mesmo facto se reprodúz em terra, em que os exercitos, a cada dia que passa, sentem a complexidade assombrosa dos seus elementos de combate; em que, a cada melhoramento introduzido, crescem em ampla proporção os seus comboios. Ahi tambem os pontos fixos e fortificados para abrigo momentaneo e armazenamento seguro de recursos, para a guarda effectiva das communicações com os centros fornecedores, offerecem importancia transcendente, permittindo o constante e inevitaxel serviço de abastecimento de todo o genero e o escoamento regular e rapido de tudo que, na marcha para a frente, se transforma em fardo inutil e atrazador.

TENENTE MAX.

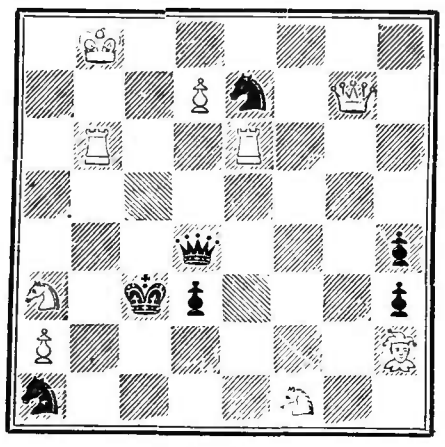
XADREZ

—

PROBLEMA N. 32

A. P. Silveira

PRETAS (7)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances

***

O XADREZ EM S. PAULO

Torneio do campeonato

Terminou hontem o torneio de xadrez da primeira turma, primeira classe. Fôram vencedores: em primeiro logar, com quatro pontos, o dr. Mauricio Levy; em segundo, o dr. Francisco de Godoy, com trez e meio pontos. O dr. Antonio de Souza Campos e o sr. Dimitri Reich conquistaram o terceiro e quarto logares, o primeiro com trez pontos e o segundo com um e meio.

O dr. Mauricio Levy, além do titulo de campeão do club em 1906, receberá uma medalha de ouro. O segundo premio, tambem uma medalha de ouro, pertence ao dr. Francisco Godoy.

Damos calorosos parabens aos vencedores.

— O Club de xadrez de S. Paulo elegeu a sua directoria para o anno de 1906:

Presidente, dr. Mauricio Levy, campeão do Club, (reeleito); vice-presidente, Victor Dreyer (reeleito); 1º thesoureiro, Hans Gladosch; 2º thesoureiro, B. Pazzio; secretario, Franklin Veiga; 1º dirigente, Luiz Heinsfurter (reeleito); 2º dirigente, Alfredo Bade; 3º dirigente, C. Jerosch; fiscaes: dr. Th. Cintra e S. Melillo.

***

PARTIDA N. 34

GAMBIRO EVANS

Brancas (Raul de Castro)		*Pretas* (Caldas Vianna)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 4 C D	— 4 —	B × P
P 3 B D	— 5 —	B 4 B
P 4 D	— 6 —	P × P
Roque	— 7 —	P 3 D
P × P	— 8 —	B 3 C
C 3 B D	— 9 —	C 4 T D
B 5 C R	— 10 —	P 3 B R
B 4 T R (*a*)	— 11 —	C × B
D 4 T D x	— 12 —	D 2 D
D × C	— 13 —	D 2 B R (*b*)
C 5 D	— 14 —	C 3 T R (*c*)
P 5 R !	— 15 —	Roque ? (*d*)
P × P B R	— 16 —	B 3 R
C 7 R x	— 17 —	D × C ! (*e*)
P × D	— 18 —	B × D
P × T f. D. x	— 19 —	T × D
T R 1 R	— 20 —	B 4 D
T D 1 B D	— 21 —	C 4 B R
B 3 C	— 22 —	C × B (*f*)
P T × C	— 23 —	B × C
P × B	— 24 —	T × P
R 2 C	— 25 —	T 6 D
T 8 R x	— 26 —	R 2 B
T (1 B) 1 R	— 27 —	P 3 T R
T (1 R) 7 R x	— 28 —	R 3 C
T 8 C R	— 29 —	B × P
T × P B D	— 30 —	P 4 C D
T 7 C D	— 31 —	B 3 C D
T (8 C) × P x	— 32 —	R 4 T
T D 7 R	— 33 —	T 7 D
T 7 D	— 34 —	T × P x
R 3 T	— 35 —	T 6 B R
T (7 D) 7 B R ! !	— 36 —	B 5 D (*g*)
T 5 B R x !	— 37 —	T × T
P 4 C R mate	— 38 —	

(*a*) E' mais uzado e recommendavel B 4 B.

(*b*) Tendo um pião a mais, convém ás Pretas a troca das Damas.

(*c*) Para evitar o desroque com 15—C×B, P × C; 16—D × D x, R × D. Mas não seria mais prudente B 3 R, que dava o mesmo resultado.

(*d*) Arriscadissimo. 15 — P D × P ou P 4 B R seria preferivel.

(*e*) E' a perda certa da qualidade, mas não parece que haja coisa melhor. Si 17... R 1 T; 18 — P × P x, R × P (si 18... D × P, 19—D × B); 19— P 5 D, seguido de D 3 B D x, com um ataque irresistivel.

(*f*) Si 22... C × P; 23—C × C, B × C; 24 — T × P, etc.

(*g*) Evidentemente si 36... T × T; 37 — P 4 C R mate. Tambem não ha mais salvação possivel. Um bello final!

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 31 (*Tacito & Lipman*): 1 — T 2 D, R 5 R; 2 — T 1 D, R 4 R; 3 — T 1 R x, R × P; 4—B 6 R mate.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1906 — Num. 66

ASSIGNATURAS
ANNO.... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Muita gente aguardava anciosamente roncasse a Tijuca resolvendo esse momentoso caso da *Panther*, elevado ás melindrosas proporções de uma offensa á integridade do territorio nacional. Houve até ingennos que lançaram formidaveis olhares para a barra, onde suprehendiriam a volta da divisão do almirante Alexandrino conduzindo, aprisionada, mettida a ferros, encabrestada por um solido reboque, essa encaiporada canhoneira, que já fizera diabruras em Venezuela e andou pelos nossos portos do sul desembarcando tripolações arreliadas, que em alguns delles provaram, sem protesto, esfregações do cacete nacional.

Mas a coisa não fôra tão feia quanto a pintaram o governador de Santa Catharina e outros informantes, desvairados pela primeira impressão, quasi sempre enganadora, dando tons pejorativos exaggerados aos mais vulgares, aos mais naturaes, aos mais innocentes factos deste mundo. Pelas peças officiaes publicadas na imprensa e no *Diario Official*, ficamos sabendo que não houve violação do nosso territorio, porque jámais poderia ter tamanho alcance o desembarque de uma patrulha de marinheiros allemães para procurar, com as mais candidas intenções, um camarada desertor; houve, apenas, uma innocente visita ao hotel de Gabriel Keil, á casa de Jacob Zimmermann, em Itajahy, em busca de informações ; o já famoso Steinhauff não foi prezo, não foi encontrado a bordo da *Panther*. Quando muito, os marinheiros allemães, commandados por officiaes á paisana, cometteram o delicto de perturbação do somno daquelles burguezes, facto que não póde, directa ou indirectamente, interessar a nossa lerda soberania nacional.

De toda essa complicação, simplificada numa nitidez de azeite e vinagre, resta apenas um ponto obscuro : Que foi feito desse famigerado Steinhauff que por um tris ameaçou as amistosas relações entre as duas grandes potencias — a Allemanha do kaiser e o Brazil do sr. Rodrigues Alves? Dizem que partiu num veleiro para Florianopolis, onde não chegou. Ter-se-ia sumido, tragado pelas ondas que, na hypothese, teriam servido de esponja diplomatica ? Ninguem sabe. A argucia dos inqueritos não resolveu o problema : Steinhauff volatilizou-se, mergulhou no mysterio.

Seja como fôr, para nós outros pacifistas forçados pelas contingencias inecluctaveis da nossa fraqueza, a solução do caso da *Panther* está de accordo com os nossos idéaes perfumados de flôres de oliveira, muito mais civilisados e fecundos do que folhas de louro orvalhadas pelo sangue dos heróes. Foi melhor assim : ficámos tranquillos, na doce consolação de continuarmos a merecer a amizade da grande potencia européa e afastámos do nosso caminho essa pedra que se poderia transformar em obstaculo formidavel

A nossa diplomacia não fez quanto desejariam os patriotas exaltados, que estremeceram de entranhado jubilo, quando se apparelharam, do pé para a mão, contra os habitos dos nossos morosos movimentos navaes, os navios da divisão do almirante Alexandrino ; mas não ha constestar que fez o que pôde e quem assim procede não merece condemnação ou censura. Quem não póde brigar a muque, briga com manha; por isso, tinha carradas de razão o velho Bismarck quando affirmou, como fórmula verdadeira, que a diplomacia, sem utilidade para as nações fortes, é o recurso e a arma das nações fracas.

A concepção bismarckiana da politica internacional se synthetizava nas seguintes palavras :

« A astucia é a arma do fraco. A diplomacia é o expediente dos que não ouzam combater. Um Estado vencido, um Estado que não póde, com algumas probabilidades de successo, recorrer ao argumento da força brutal, tem necessidade de diplomatas superiores. Um Estado que se sente certo da victoria pelas armas, passará sem diplomacia. »

A nota que trancou o incidente aprecia a «rectidão e a presteza com que o governo imperial procedeu no exame e decisão deste caso, dando mais uma prova dos seus elevados sentimentos de justiça»; mas declara que não póde o governo da Republica, «quaesquer que sejam os uzos das marinhas de guerra em outros paizes, deixar de lamentar que o commandante da *Panther* tivesse incumbido officiaes e praças da sua guarnição de fazer indagações em terra, mesmo obrando com a maior reserva e prudencia, para verificar o paradeiro de um desertor, tanto mais quanto o mesmo commandante declara que contava com a bôa vontade das auctoridades territoriaes, ás quaes compete, incontestavelmente, praticar as diligencias de policia necessarias para a descoberta, captura e entrega dos desertores.»

« Considera o governo brazileiro encerrado este incidente e, por sua parte, mui cordealmente deseja, como sempre, que se fortaleçam cada vez mais os laços da antiga e bôa amizade entre o Brazil e a Allemanha.»

Os officiaes da *Panther* serão submettidos, de acordo com os inqueritos, á justiça militar.

Não era possivel exigir mais.

Vem-nos, entretanto, á penna recordar que um commandante dessa mesma tresloucada *Panther* foi punido, severamente, por estrepolias praticadas em Venezuela.

Não se podendo bitolar o Brazil pela republica do presidente Castro, é de esperar que o conde Saurma seja, pelo menos, enforcado.

Então, havemos de convir em que o sr. Rio Branco, justameute triun-

phante, mandará á fava os seus criticos. começando pelo formidavel jornalista que hoje rebrilha na primeira columna da *Tribuna*.

***

Estamos verificando os vergonhosos effeitos das leis atamancadas á ultima hora, nas vascas das estafadissimas sessões do Congresso.

A lei suprema, a lei de meios, como se dizia nos ominosos tempos da monarchia, saíu errada, inquinada do mal de pouco caso, de azafama, de relaxamento, que se tem manifestado em todas as leis. Não é raro observar no *Diario Official* que uma lei, um regulamento são repetidos para a correcção de erros da primeira publicação.

O vice-presidente do Senado verificou que não fôram incluidas na ultima lei, disposições votadas pelo Congresso e supprimidas ou alteradas no autographo enviado á sancção e publicado no *Diario Official*.

Depois de receber a lei os derradeiros sacramentos, parece que não ha remedio sinão aguental-a como está, com os seus erros de copia e de essencia, com os seus absurdos, as suas monstruosidades.

Essa, como todas as nossas leis, participam da tara dos seus fautores; nem era de esperar outra coisa de leis feitas no eito do Congresso pelo pessoal das turmas de feitores accyolinos e quejandos arbitros dos destinos da Republica, os procéres da politica dos governadores.

Esse caso de omissão é muito menos perigoso do que os casos de excesso pelo facto de se introduzirem sorrateiramente, criminosamente, nos autographos disposições que não fôram votadas. E, em taes condições, sómente o Congresso poderá concertar a lei que saíu errada, a menos que se não queira estabelecer a praxe de serem ellas remendadas, mesmo depois da sancção, precedente que abria uma larga porta, mais franca que a barra do Rio de Janeiro, a toda a sorte de camarão.

Taes factos indecorosos, porque depõem contra a correcção dos trabalhos legislativos e provam a falta de escrupulo com que são tratadas coisas tão importantes, demonstra que essa peça do apparelho constitucional está desequilibrada, está fóra dos eixos, perturbando a marcha normal do mechanismo: é indispensavel concertal-a ou supprimil-a. Permanecer como está, será manter um instrumento de vergonha, de descredito da Republica.

O Congresso necessita de ser reorganisado com pessoal consciente da sua alta missão, com geute que tenha a responsabilidade dos seus actos, com homens dignos que se não submettam á indecente funcção de automatos, indifferentes ao bem, ao mal, aos resultados da obediencia passiva aos mandões que os elegeram.

A honra nacional tem sido demasiadamente couspurcada por esse aviltante regimen da politica dos governadores que estão, agóra, inventando todos os meios de fraude para burlarem as medidas sanitarias da ultima lei eleitoral. Ella necessita, no abandono a que foi condemnada, de uma duzia, pelo menos, de homens capazes de restaural-a, de homens, como o sr. Barbosa Lima, consagrados, sem restricções, á causa publica e cuja palavra, echoando com a resonancia de uma eloquencia cutilante, accorde nos corações anestesiados as noções do patriotismo e suscite a reacção redemptora, pacifica, ou violenta, pouco importa ; em todo o caso, um movimento energico agitando a serenidade mortifera do pantano.

Os effeitos negativos da refórma eleitoral importarão na morte das derradeiras illusões do povo ; serão a derradeira decepção dos alentados por vislumbres de esperanças.

E é preciso que os homens de governo se convençam de que ha desillusões irremediaveis.

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A quinta e ultima parte do livro dr. Bomfim é, sem duvida, a mais extravagante de todo elle.

Para tal privilegio, bastante é considerar ser aquella em que se contém a sciencia anthropologica e ethnographica do auctor. E' uma verdadeira comedia.

Percebe-se facilmente ter sido, neste ponto, o alvo principal do joveu medico — dizer mal, systematicamente, dos brancos, principalmente hespanhóes e portuguezes, e exaltar os negros, indios e mestiços de todas as gradações. Bomfim bate-se pela unidade e egualdade completa, absoluta dos homens e das raças.

Houve tempo em que essa patranha liberalisante era defendida em nome do dogmatismo christão, em nome da theologia catholica principalmente: *eramos todos filhos de Deus, nosso Senhor*. Podia-se lá falar em desegualdade entre essa irmandade ?

Hoje defende-se a mesmissima curiosa illusão em nome do dogmatismo democrata, em nome do catechismo socialista. Bomfim é deste ultimo partido.

O mais interessante, porém, é que o desembaraçado esculapio não sabe o que quer. Em coisas de anthropologia e ethnographia — seu espirito é uma gruta opaca, onde nada se destaca nitido. As contradições andam aos pares e de braço dado.

Dest'arte, chega a passar uma surriada em quem ainda agóra cáe na patetice de falar em *raça aryana* e vive, entretanto, com a bocca cheia de *raça latina* !... Não repara que si absurdo é crer naquella, maior ainda é acreditar na outra.

«E' caso para admirar, escreve Jean Finot, a teimosia dos francezes ou dos italianos em se proclamarem *povos latinos*. No momento em que a Hespanha, gravemente ferida por uma crise que chega a ser inquietadora ácerca de sua salvação, é objecto dos debiques dos outros povos ; no momento em que tantas republicas intituladas *latinas* espantam o mundo pela incoherencia de sua vida social e politica, teimar, a despeito de tudo, em filiar-se na familia, cujas táras e defeitos não se cessa de criticar, é o cumulo do heroismo. E, todavia, as provas formigam todos os dias em livros sérios ou humoristicos, nos discursos dos politicos ou dos homens de Estado, nos escriptos dos jornalistas, dos pensadores ou dos scientistas. Tanto o poder do erro disfarçado em verdade é maior do que o da propria verdade !»

Este João Finot, ao menos, é coherente ; não acredita em *distincção* al-

guma de *raças* e escreve um livro — *Le Préjugé des Races*, cheio dos maiores disparates, valha a verdade, mas de uma admiravel coherencia no erro. Isto comprehende-se. A attitude incerta e vacillante dos Bomfins é que não produz a menor vantagem a qualquer dos partidos que se degladiam.

Mas examinemos a alludida quinta parte, tocando-lhe nos problemas principaes.

Tomei nota alli das seguintes questões : a *hombridade* das gentes peninsulares, sua assombrosa faculdade de *assimilação*, *reproducção* destas nas colonias, caracter do indio e do africano, suas grandes virtudes, raças suppostas *inferiores*, os louros *dolichocephalos*, povos morenos, raça aryana, selecção natural applicada aos povos, Oliveira Martins e o quilombo dos Palmares, mestiços, revivescencias das luctas historicas, estado do povo, a Republica, possibilidade ou não de aggressão e conquista da America do Sul por parte de nações européas, doutrina de Monröe, eliminação das classes superiores, o estado real da America do Sul, calumnias de Gustavo Le Bon, etc., etc. E' uma encyclopedia, uma interminavel miscelania. Quasi tudo errado. Bomfim abriu a torneira e deixou correr abundante a caudal dos espantosos. pensamentos. Abençoado rapaz.. que intrepidez !

Não poderei, certo, ferir sinão um ou outro ponto; isto mesmo, indicando apenas as theses do livro e fazendo-lhes um rapido commentario.

Os capitulos da citada parte, são : I — *Elementos essenciaes do caracter* ; *raças colonisadoras* ; *effeitos dos cruzamentos* ; II — *Revivescencia das luctas anteriores*; III — *Perspectiva da aggressão*; IV — *As nações sul-americanas em face á civilisação e ao progresso*.

E' tempo de passar ás theses e seus indispensaveis commentarios :

a) «As nações peninsulares se destacam na historia, á parte o *parasitismo*, por duas qualidades primordiaes : uma *hombridade* patriotica, intransigente, irreductivel, levando os individuos a todos os heroismos e resistencias ; e um extraordinario *poder de assimilação social*. Desta *hombridade* patriotica derivam todos os exaggeros e perversões guerreiras dos povos ibericos.. Apezar disso, as raças ibericas mostraram possuir uma força de *assimilação* de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa. Não se conhece outro caso de se fundirem, assim rapidamente e tão perfeitamente, raças tão diversas e tantas, como na peninsula ». (Paginas 264, 5 e 6.)

E' uma caracterisação ethnica falsa, reproduzida, sem criterio, das phantasias de Oliveira Martins. Bomfim, de facto, nas duas ultimas partes do livro voltou a depennar o imaginoso escriptor portuguez. Acha ensejo de lhe tomar quatorze trechos com um total de cento e cincoenta e duas linhas, colheita menor do que a recolhida nas partes anteriores, mas, ainda assim, assáz consideravel.

O principal, porém, é mostrar serem falsas as duas singularidades hispanicas.

A *hombridade*, si bem a comprehendo, é synonimo de amor á patria, á liberdade, coragem de defendel-a, intrepidez na lucta.

Os ibericos possúem, até certo ponto, essas qualidades ; mas devemos lembrar-nos de que as esqueceram, quando foi da conquista dos godos, que não encontraram resistencia, e, ainda mais, quando foi da dos arabes, que a encontraram ainda menor.

Cumpre, outrosim, advertir que mais intensa se tem revelado a famosa *hombridade* nos povos *scandinavos*, que nunca fôram, que se saiba, conquistados por estranhos ; pelos *allemães*, que tambem nunca gemeram sob o jugo estrangeiro ; pelos *albanezes*, os *corsos*, e até os proprios *francezes*, cujo *furor bellico* é proverbial. O mesmo se observa entre os *berberes* ; e a tenacidade *saxonica*, que chegou a absorver todos os seus adversarios, mereceria egual denominação, si os inglezes tambem fôssem cultores de phrases feitas.

A *hombridade*, para tudo dizer de uma só vez, é como *a presumpção e a agua benta*, de que cada um toma a porção que lhe convém. O que ha é que a *caldeirinha* em que os hespanhóes costumam aspergir-se, é tão grande que elles pódem tomar banho dentro della. Sáem de lá ensopados e entram a bradar que elles, sim, elles é que sabem ter *hombridade*. E' um séstro. Deixal-os com elle.

Pelo que toca á *assimilação das raças*, *mais profunda do que a de todos os paizes conhecidos*, é apenas uma tolice de Martins, quero dizer... de Bomfim.

O contrario é exactamente a verdade : o *particularismo* hespanhol é mais accentuado do que o de qualquer outro povo europeu. O *gallego* dista immenso do *catalão*; ambos, enormemente, do *castelhano*; os tres, profundamente, do *andaluz*, e assim por deante...

A mim me dizia uma vez o saudoso Juan Gutierres, o denodado mancebo que foi morrer heroicamente em Canudos, tendo-lhe eu perguntado si não pretendia ir visitar a sua terra: «Não; estou já muito acostumado a este meio fluminense; a *diversidade profunda* das gentes hespanholas me havia de chocar demasiado». E como me admirasse desse motivo e me revelasse incredulo deante de taes divergencias, narrou-me então coisas curiosissimas a respeito.

Não vem ao caso repetil-as. O moço artista, porém, tinha razão, porque vejo o que elle me dizia confirmado em Pompeyo Gener. Este distincto scientista, notavel como philosopho e critico, assim se expressa : «España no es un pais *único*, sinó un pais esencialmente *múltiple*. Más bien es *una federación de pueblos diversos* que un *mismo pueblo*. Varias son sus razas, distintas sus procedencias, diferentes los medios en que han vivido desde su instalación en la peninsula. Invasiones varias *han dejado* en el suelo ibero sus descendencias, *cada qual en las comarcas más apropriadas á su temperamento y aptitudes*. Sin contar con los antiguos autoctenas del pais, cuyo origen es insuficientemente conocido, vinieron á poblar nuestra peninsula, iberos celtas, presemitas (hiksos ? egipcios ?), griegos, fenicios, cartagineses, romanos, godos, suevos, vándalos, arabes, francos, moros, judios, y varios otros pueblos.

En el territorio peninsular *cinco grandes divisiones geográficas* marcan las principales agrupaciones de estas razas y pueblos, correspondiendo asi á *cinco agrupaciones etnográficas y filologicas actuales*.

En el pais *vasco* una raza análoga á las turco-altaicas ó ugro-finezas, conserva aún una lengua primitiva del grupo de las aglutinadas.

Extiendense los *catalanes* (raza latina en el fondo, mesclada de godo, celta, griegos y fenicio) desde los Pirineos orientales á Murcia, y desde las llanuras de Aragón á las islas Baleares, mezclándose en el reino de Valencia con la raza sarracena.

Predominó este pueblo en el antiguo reino de Aragón y extendió sus conquistas á oriente. Corresponden á los *castellanos* las llanuras de ambas Castillas con toda la España central, el reino de León y las alturas de Asturias hacia el norte ; su sangre es la mezcla de la latina y de la goda con la céltica en el norte, y la árabe y la morisca en el centro y en el sur. Los *gallegos* forman una raza unica con los *portuguezes*; en el fondo todos son antiguos lusitanos, y predominan en ellos los elementos céltico y latino, en proporciones casi iguales. Y por fin los *andaluces* el sur de la peninsula, sobrepujando en ellos al elemento latino y vándalo el elemento semitico, presemitico y aún, en ciertos logares, el mogol». (*Heregias*, pagina 60.)

E' a esta variedade de gentes, com seus impulsos, genios, indoles, caracteres, costumes diversos, que Bomfim chama o paiz onde *mais profundamente se fundiram as raças*... Martins tinha

escripto esse disparate e o trabalho do sr. Manoel foi só o de copiar. Quiz resgatar os enormes *xingamentos* passados aos povos peninsulares, como bulhentos, anarchicos, depredadores, crueis e parasitas, outorgando-lhes dois privilegios, a *hombridade* e a faculdade *assimiladora*, que, por exaggerados, se transformam em dois erros, duas falsidades.

Urge passar a outro ponto. Eis aqui uma segunda proposição :

b) «Este paragrapho—*inferioridade de raças* — é o mais interessante. Ao examinar a influencia de cada uma das raças sobre as novas sociedades, importa pouco o estudo das qualidades positivas dos selvagens e dos negros (*E' falso*); o essencial é saber qual o valor absoluto (*Valor absoluto é tolice*) dessas raças em si, a sua capacidade de progressista : si são civilisaveis ou não. Tanto vale discutir logo toda a celebre theoria das *raças inferiores*. Que vem a ser esta theoria ? Como nasceu ella ? A resposta a estas questões nos dirá que tal theoria *não passa de um sophysma abjecto do egoismo humano, hypocritamente mascarado de sciencia barata* (Faz sociologia insultando os maiores escriptores), e cobardemente applicado á exploração dos fracos, pelos fortes (*E' falso*. .) Em face das reivindicações, que formam a assencia mesma da moral moderna, o egoismo dos fortes teria que ceder : *Os homens são eguaes; não devem uns explorar os outros*.

Eguaes ? reflectiu a philosophia dos dominadores. *E si nós pudessemos contestar uma tal* (Que lingua !) *egualdade* ? *Estamos no seculo da razão e da sciencia, recorramos á sciencia, e provemos que os homens não são eguaes*. Voltaram-se, então (*Quando foi isto* ?) os sociologos do egoismo e da exploração para a historia contemporanea, e encontraram que, *no momento*, como em todos os tempos, os homens não se apresentavam no mesmo estado de desenvolvimento social e economico (*E' falso*; *não é este o motivo*): havia uns mais adeantados do que outros, uns já decaídos, outros ainda na infancia; e, sem hesitar, traduziram (*Está errado*) elles esta desegualdade actual, e as coudições historicas do momento, como a expressão do *valor absoluto* (?!) das raças e das gentes, a prova de sua aptidão ou inaptidão para o prgresso. A argumentação, a demonstração scientifica, não chega a ser *perfida*, porque é *estulta*; mas foi bastante que lhe pudessem dar esse nome de *theoria scientifica do valor das raças* (Quem foi e quando ?), para que os exploradores (*Quaes ?*), os fortes do momento (*Que momento ?*), se apegassem a ella. Ha povos superiores e povos inferiores, pois que, neste momento, ha uns que são mais cultos, e mais ricos e poderosos do que outros.

Estes si se mantêm ainda na barbaria, é porque são incapazes de progredir; os que decaíram são povos decrepitos, exgotados ; formam uns e outros a categoria dos inferiores; só os adeantados neste seculo (*Quanto disparate, santo Deus* !), só estes, devem ser considerados aptos para o progresso —, concluiu a ethnologia privativa das grandes nações sateadoras. .» (Pag. 278 e seg.)

Eis ahi: nunca a doutrina da *egualdade das raças* teve um advogado tão desasado. Multiplica os adjectivos insultuosos, julgando que basta este grosseiro expediente para dar ganho de causa ao seu socialismo de collegial ; finge argumentar com algum pobre de espirito, que houvesse caído na patetice de fazer provir a *desegualdade* das raças do facto de agóra, hoje em dia, estarem umas mais adeantadas do que outras, para se gabar de victoria ; assoalha que a velha doutrina, por elle desastradamente combatida, é uma invenção recentissima do que actualmente se costuma chamar a pretenção *imperialista*, no claro intuito de desviar um debate meramente scientifico para o das paixões partidarias da actualidade. Baldado esforço, porém !..

As differenciações entre as raças humanas, a maior ou menor progressibilidade entre ellas — não é coisa para ser apagada por motivos tão futeis. E' velha, é secular doutrina, estribada nos mais imparciaes e despreoccupados estudos da pre-historia e da historia, da anthropologia e da ethnographia, com que a politica nada tem a ver. São iuvestigações sinceras, objectivas, meramente scientificas em que teem tomado parte os maiores espiritos e os mais profundos sabios. Boucher de Perthes, Sartet, Broca, Darwin, Mortillet, Huxley, Topinard, Häckel, Wallace, Lyell, ao lado de Bopp, Pott, Ewald, Schleicher, Max Müller, Schrader, Bréal, Burnouf, Jubainville, Renan, Ihering, e milhares de outros, todos a uma, biologos, anthropologistas, historiadores, linguistas, sociologos,—depararam essas differenciações, sem a minima preoccupação pejorativa, politica, religiosa ou de qualquer outra ordem.

O *imperialismo hodierno*, que não passa de uma attribulação de fracos inspirada pelo medo, é uma graciosa phantasia dos modernos, si o compararmos com o dos antigos, dos medievicos e dos temerosos tempos do chamado *absolutismo regio*.

Chefes selvagens ou barbaros, reis despotas, sedentos de sangue, aristocracias bulhentas, de grosseiros instinctos e insaciaveis appetites, levavam pelo cabrestro a pobre humanidade. As conquistas, as *razzias*, as depredações eram do numero das fontes mais abundantes dos erarios nacionaes.

Hoje quasi tudo isto passou ; não existem mais terras abandonadas para ser occupadas, nem continentes exoticos para ser submettidos. A partilha européa da America fez-se nos seculos XVI e XVII ; a da Oceania, nos seculos XVII e XVIII ; a da Africa, no seculo XIX ; a da Asia, tanto quanto podia sel-o, nos seculos XVIII e XIX. E digo—*tanto quanto podia sel-o*, porque é evidente haver alli parado a aventura partilhadora.

A fatalidade que impellia o europeu a apoderar-se de todos os continentes, para os explorar por si ou por seus descendentes, chegou a illudir-se com a Asia. Armada com as conquistas dos russos na Siberia, no Caucaso, no Turquestan ; com as dos inglezes na India e na Indo-China ; com as dos francezes na Conchinchina e no Tonquim, a audacia européa tentou ir por deante; mas teve de recuar em face da maior licção historica de todos os tempos, após a dos persas na Europa, no periodo das guerras medicas.

Quero me referir á sublime e nunca assáz admirada derrota dos russos pelos japonezes.

Assim como a derrocada dos persas serviu para mostrar, desde os velhos tempos, — que a *Europa era dos europeus*, chegada é a occasião de se ficar sabendo que a *Asia deve ser dos asiaticos*.

Salutares avisos já tinham sido dados; mas de prompto esquecidos.

Assim, a humilhação dos francezes no Mexico em 1864, e a recente dos hespanhóes, em Cuba, deante dos Estados-Unidos, já claramente estavam a indicar que a divisa de Monröe é muito mais séria do que possam suppor os orgulhosos europeus e seus inconscientes sectarios latino-americanos.

Na propria Africa, a gananciosa filaucia dos agitadores do Velho-Mundo, inebriada com a facil divisão do Congo, do Soldão, do Zanzibar, da costa e da contra-costa de Angola, de Moçambique, do Cabo e do interior do continente, não falando na Argelia e em Tunis, atreveu-se a medir-se com velhas, respeitaveis, venerandas nações historicas, como a Abyssinia.

O resultado foi essa tragedia de Adua, Makalé e Abigha-Risna, que só encontra superiores, em modernos tempos, nas abençoadas victorias dos japonezes no Extremo-Oriente e dos americanos em Manilha e Santiago de Cuba.

Quero com estas indicações mostrar que o *imperialismo europeu*, longe de ser uma creação de nossa epocha, re-

cebeu nella, ao contrario, rudes golpes, que o fizeram recuar e comprehender que hoje só lhe resta um campo licito de lucta : o das industrias, da navegação, do commercio, da competencia economica, em summa.

Ora, não seria em tal momento e em taes conjuncturas que elle havia de *inventar*, com fins politicos, a theoria das *raças inferiores*. Seria a mais rematada das inepcias, porque importava implicitamente o reconhecimento da superioridade dos *japonezes*, dos *abexins*, não falando já na dos *norte-americanos*, coisas que os vaidosos europeus não seriam tão tolos que viessem a proclamar perante o mundo inteiro.

A explicação do sr. Bomfim é, pois, uma creancice que se esborôa por si.

A doutrina das differenciações das raças e sua *divisão em mais progressistas e menos progressistas* não é, repito, uma creação de agóra, nem é uma invenção propositada de politicos gananciosos e depredadores, sedentos de conquistas.

Menos ainda se originou de facto da desegualdade *actual* dos diversos estados de cultura entre os povos. Seria um contra-senso que só espiritos desvairados se lembrariam, como o sr. Manoel, de attribuir aos mais notaveis scientistas.

As distincções entre as raças fôram notadas pelos competentes em todo o curso da existencia do homem, desde a prehistoria e entre as gentes actuaes.

A analyse mostrou que as primeiras e mais rudimentares fôram substituidas por outras, que se revelaram mais capazes ; mostrou que as primeiras não chegaram a crear civilisações prosperas e adeantadas, ao passo que as outras o conseguiram ; mostrou, finalmente, que, ainda hoje, existem certos povos, antiquissimos aliás, alguns dos quaes andaram em contacto com altas e famosas civilisações sem que se tivessem civilisado. Incapazes de produzir uma civilisação propria, autochtone, original, teem-se revelado ao mesmo tempo inhabeis para, em massa, adoptarem a civilisação alheia e a desenvolverem num sentido proprio.

Tal é o caso dos indigenas equatoriaes da Africa e da America : os negros e os indios.

Donde provieram as differenças nativas, si do facto do precursor do homem ter chegado a elle em pontos varios da terra (*hypothese polygenista*); si de violentos cataclismas em regiões variadas terem actuado sobre os primitivos, separando-os irremessivelmente em grupos, que se conservaram distinctos e sem cruzamento durante millenios, distincção ajudada cada vez mais pela acção dos meios physicos (*hypothese monogenista*), o caso vem a ser o mesmo para a sciencia imparcial.

Tanto é isto exacto, pondera J. Deniker, que o mais ferrenho sectario da *unidade primordial* e da *indistincção originaria* das raças, é forçado, quer queira quer não, a admittir, sob a acção dos meios, desde os primordios, tres ou quatro ou mais typos distinctos. «D'ailleurs, que l'on admette l'unitè ou la pluralité des espèces dans le genre *Homo*, ou sera toujours obligé de reconaitre le fait positif de l'existence, dans l'humanité, de plusieurs *unités somatologiques*, ayant chacune son caractère propre, et dont les combinaisons et les mélanges constituent les différents *groupes ethniques*. Ainsi, les monogénistes, même les plus intransigeants, aussitot aprés avoir établi, por hypothèse, une *seule espéce d'homme* ou de *précurseur de l'homme*, font vite évoluer cette espèce sous *l'action des milieux*, en trois ou quatre ou en plus grand nombre de *troncs primitifs*, ou *types*, ou *races*, etc., en un mot en *unités somatologiquer*, qui, en suite, vont se mélanger entre elles et former les peuples, etc.» (*Races et Peuples de la Terre*, pag. 10).

Deniker, que é actualmente um dos mais distinctos anthropologistas francezes, apezar de suas tendencias para a doutrina dos unitaristas e confusicionistas dos homens, não tem a coragem e a sem-ceremonia de apagar as differenças entre as raças, como faz o inconsciente e mediocre J. Finot.

Ensinando que se não devem confundir os *grupos ethnicos* com as *raças*, estabelece que, examinando-se attentamente os primeiros, chamados *povos*, *nações* e *tribus*, etc., conhece-se que se distinguem uns dos outros sobretudo pela lingua, o genero de vida, os costumes, e verifica-se que os mesmos traços do typo physico se encontram em dois, tres ou mais grupos ethnicos, ás vezes assás afastados um do outro. No seio mesmo da maior parte destes grupos, encontram-se variações do typo physico tão accentuadas que se chega a admittir a hypothese da formação destes grupos pela mistura de muitas *unidades somatologicas* distinctas.

E' a estas *unidades*, pondera sempre o auctor, que se deve dar o nome de *raças*, tomando o termo em sentido largo. E' um *conjuncto de caracteres somatalogicos*, que outr'óra se encontrava em uma reunião real de individuos e que hoje se encontra espalhado por fragmentos, em dózes variaveis, em diversos *grupos ethnicos*. dos quaes não se póde mais separar sinão por uma analyse delicada.

Seria possivel, si o quizesse, com o auxilio de Broca, Huxley, Bagehot, Wallace, que peculiarmente consultei no ponto em debate, aprofundar o assumpto e accentuar as *differenças* das raças.

Não se faz preciso, porque o nosso Bomfim poderá dizer que as não contesta, refugando apenas a *superioridade* de uma e a *inferioridade* de outras.

Será um mero sophysma, porque a maior capacidade para a civilisação origina-se da propria differenciação ethnica, ou, melhor, é exactamente uma das provas dessas distincções e separações.

Concedo que não seja, como faz o proprio J. Deniker, preciso fazer do *Homem* um *genero*, dividido em *especies*, mas apenas uma *especie*, dividida em *variedades* ; concedo mais que, em vez de *raças superiores*, se diga—*mais progressivas*, e em vez de *inferiores*, qualificativo que tanto assanha o sr. Bomfim, se diga *menos progressivas*. Mas dahi a chegar o que pretende levianamente o auctor da *A America Latina*—váe um abysmo.

Já agóra não acabo esta parte de minha analyse sem lhe pôr sob os olhos uma pagina de um escriptor alheio á politica, pagina bem anterior ao que se veio a chamar o *imperialismo* hodierno.

Por ella o sr. Bomfim poderá ver o sentido em que a sciencia veio a falar desde os inicios do seculo XIX em raças inferiores ou incultas e raças superiores ou *civilisadas*.

Em 1855, escrevia Ernesto Renan em seu extraordinario livro—*Historia Geral e Systema comparado das linguas semiticas*, referindo-se ao apparecimento e successão das raças no velho mundo : « 1º : Raças inferiores, não tendo deixado recordações, cobrindo o sólo desde uma epocha impossivel de investigar historicamente e cuja determinação cabe ao geologo. Estas raças desappareceram, em geral, em todas as partes do mundo occupadas pelas grandes raças civilisadas. Por toda parte, realmente, os aryas e os semitas encontram, quando se véem estabelecer em um paiz, raças semi-selvagens por elles exterminadas e que sobrevivem nos mythos dos povos mais civilisados sob a fórma de raças gigantescas ou magicas, nascidas da terra não raro sob a fórma de animaes. As partes do mundo onde não chegaram as grandes raças, Oceania, Africa do centro e do sul, Asia septentrional, ficaram entregues a essa humanidade primitiva que devia mostrar profundas diversidades, desde o doce e ingenuo filho das Antilhas ás populações más de Assam e de Bornéo, até o voluptuoso taitiano, *mas sempre uma incapacidade absoluta de organisação e de progresso* (Vá vendo, Bomfim, o que são raças inferiores ou improgressivas). 2º : Apparição das primeiras raças civilisadas : chins, na

Asia oriental, kuschito-hamitas, na Asia occidental e Africa do norte. Primeiras civilisações impregnadas dum caracter materialista ; instinctos religiosos e poeticos pouco desenvolvidos; fraco sentimento da arte, mas sentimento mui apurado da elegancia ; grande aptidão para as artes manuaes e as sciencias de applicação ; litteraturas exactas, mas sem idéal; espirito positivo, voltado para o negocio, o bem-estar e o prazer da vida ; ausencia de espirito publico e de vida politica ; ao contrario, uma administração muito aperfeiçoada, e tal que os povos europeus só a vieram a ter sinão na epocha dos romanos e nos tempos modernos; pouca aptidão militar; linguas monosyllabicas ou sem flexões ; escripta hieroglyphica ou ideiographica. Estas raças contam 3.000 ou 4.000 annos de historia antes da éra vulgar.

Todas as civilisações kuschito-hamitas desappareceram sob o esforço dos semitas e dos aryas. Na China, porém, esse typo de civilisação sobreviveu e chegou até nós.

3º: Apparecimento das grandes raças nobres, aryas e semitas. Surgem ao mesmo tempo na historia, a primeira na Bactriana, a segunda na Armenia, 2.000 annos antes da éra christã.

Muito inferiores, a principio, aos kuschito-hamitas no tocante á civilisação exterior, os trabalhos materiaes e a scieucia de organisação que faz os grandes imperios, excediam-no immensamente quanto ao vigor, a coragem, o genio poetico e religioso.

Os aryas excedem, logo de começo, os semitas em espirito politico e militar, e, mais tarde, na intelligencia e aptidão para as especulações racionaes ; os semitas, porém, conservam por muito tempo uma grande superioridade religiosa e acabam por attraír todos os povos aryas para as suas idéas monotheistas.

O mahometismo, sob este aspecto, corôa a obra essencial dos semitas, que foi de simplicar o espirito humano, banir o polytheismo e as enormes complicações em que se perdia o pensamento religioso dos aryas. Cumprida esta missão, a raça semitica decáe rapidamente e deixa a gente dos aryas caminhar á frente dos destinos do genero humano».

Não sei si este bello escorço do apparecimento e successão das raças no velho-mundo dará ao sr. Bomfim uma idéa do qualificativo—*inferiores*,—que se póde trocar por — *menos progressivos*, applicado a certos grupos humanos, desapparecidos ou ainda existentes. Si não, *tant pis pour lui*...

Mas, cumpre lembrar, no livro, pelo que diz respeito a raças, não existe só essa arrelia sobre povos *inferiores* ; ha umas duras investidas contra os aryas, de que tanto falou Renan na pagina transcripta.

Sylvio Roméro.

D'AQUI E D'ALLI

A moral sem Deus—Conflicto de opiniões

Num inquerito interessantissimo, a *Revue* publicou a opinião dos homens mais notaveis nas sciencias, nas lettras sobre esse transcendente assumpto da moral sem Deus.

Na impossibilidade de dar aos nossos leitores integralmente todas as respostas, traduzimos as conclusões do inquerito.

*

«Muitos auctores se insurgiram contra a idéa de uma moral popular e outra qualquer. A phrase ainda vulgar :—E' preciso uma religião para o povo — não é mais acceita por ninguem.

Os partidarios da fé respondem peremptoriamente : Não, não sómente para o povo, mas para todo o mundo.

Os partidarios da razão affirmam : Não, nem mesmo para o povo.

O problema da moral religiosa ou leiga se encontra assim, desembaraçado da velha questão de saber si se antolha de maneira diversa para esta ou aquella categoria social.

No estado actual da sociedade, a verdade, seja religião ou razão, se impõe a todos e todos teem direito a ella.

Eis um dos resultados importantes e definitivos do grande debate instituido pela *Revue*.

A ethica popular, confundindo-se com a ethica geral, sómente restaria a discutir a moral com ou sem Deus, problema a que os nossos eminentes collaboradores deram solucções absolutamente antitheticas.

Uns, como Ferdinand Brunetière, Mézières, Anatole Leroy Beaulieu, o abbade Gayraud, dizem que o apoio do dogma é indispensavel.

Primeiro que todos, declara o deputado de Brest, trata-se de uma revelação que devemos acceitar ; depois, é particularmente Brunetière quem fala — o caracter obrigatorio do dever só póde decorrer de sua natureza religiosa. Para que lhe obedeçamos é necessario que elle emane de uma auctoridade divina que nos ordene, nos fiscalize, nos recompense e nos castigue —«Deus nos vê»—diz Anatole Leroy — Beaulieu — E' necessario que o dever figure assim subtraído ás modificações incessantes que lhe infligiriam as vacillações da razão humana.

Para que reúna sob a mesma lei todos os membros de uma sociedade, é preciso que esse dever seja retirado da apreciação individual e imposto por uma religião indiscutivel—*religio* —o que liga.

*

Outros escriptores — Claretie, Aulard, Charles Gide, Séailles, Mirbeau, Berthelot, Charles Richet, Louis Havet, o presidente Magnaud, Maurice Bouchor, Eugène Fournière, Durkheim—declaram, ao contrario, que a razão é o guia do homem: que elle não poderia admittir milagres como a revelação ; que a razão não justifica a crença christã, os dogmas, a hereditariedade do peccado original, a redempção da humanidade pelo sacrificio do Christo, da condemnação divina fulminada contra os peccadores.

Quando se lhes objecta que a moral nacional nenhuma sancção offerece, nem tem auctoridade para tornal-a effectiva, respondem que a sancção religiosa — inferno ou paraiso — introdúz o interesse onde deveria sómente imperar a magestade do dever.

Pela vóz de Max Nordau, elles ponderam que hoje as promessas ou ameaças religiosas teriam acção minima sobre os crentes si estes não fôssem refreiados pelas sancções civis, respeito á lei ou medo da policia.

Quando se diz aos mesmos auctores que a razão é variavel, elles respondem com Anatole France: «A religião não variou tambem ? Ella se modifica incessantemente. Admittamos que a razão seja vacillante, mas, si sómente temos neste mundo esse apoio, porque seremos privado delle?» Ou como disse Diderot : « Só tenho para me guiar numa floresta sombria uma pequena lanterna vacillante ; veio um theologo e extinguiu-a com um sopro. »

Em vez de uma moral christã, elle propõe uma racional divergente em varios pontos.

A sua ethica attende mais á vida terrestre, aos gozos que esta póde proporcionar; rejeita o anthropocentrismo christão, — não somos o fóco supremo do Universo — ella se encanta no amor da Natureza, na infinidade do mundo material, como dizia Fernand Buisson. Ella não nos impõe a resignação aos soffrimentos : ao contrario, devemos procurar evital-os porque não é certo ser-nos concedida outra compensação ; devemos realizar, na terra, a organização social que assegurará a felicidade ao maior numero dos mortaes.

Certos auctores, Alfred Fouillée, Elisée Réclus, sem adoptarem o dogma, julgam que a razão não basta para guiar a humanidade. Appellam para o sentimento

Existem em nós impulsos que sentimos generosos, que, muito comple-

xos, pódem certamente ser justificados pela razão, mas por meio de uma sabia analyse. Sabemos que não são contrarios á razão, mas vamos dissecal-os; não hesitamos em seguil-os, porque nos aperfeiçoam. E', por exemplo, dessa maneira que devemos amar a patria, ter compaixão dos fracos e confiar no triumpho da justica.

Emile Boutroux e Sully-Prudhomme tentam conciliar o idéal religioso com a razão. No fundo desta, diz-nos o philosopho, se encontra o principio religioso, que é a intuição da relação das coisas com a causa primaria; não se deve rejeitar essa adivinhação do infinito: basta purifical-a das superfectações do dogma. E' essa a idéa de Renan: conservar o sentimento religioso sem os detalhes da crença.

Por sua vez, o grande poeta Sully-Prudhomme inquire si não seria possivel viver conforme a razão, sonhando o outro mundo. Teremos amado a vida, e, como saberemos que cada um dos nossos actos poderá ter um sentido supraterrestre, nos apresentaremos sem inquietação no limiar do mysterioso.

A serenidade que todos devem a taes idéas se manifesta em suas proprias palavras; mas não é certo que semelhante conciliação conquiste os adeptos da fé, nem os da razão.

*

A verdade é que os dois partidos mantêm as suas posições.

Neste debate, o leitor lucrou, pelo menos, ouvir, de um lado e do outro, as vózes mais anctorizadas: terá encontrado os argumentos mais poderosos, e externados com muita eloquencia, sustentando as respectivas opiniões, e fornecendo-lhe meios de avigorar o seu juizo pessoal sobre a difficuldade do problema proposto. — PAUL GSELL.

POLITICA EXTERIOR

O PERIGO DE AMANHÃ

Aos dezeseis do mez corrente devem reunir-se na pequena cidade de Algesiras, que demora em frente a Gibraltar, os representantes das potencias a quem incumbe decidir a respeito da sorte futura do imperio dos sherifes; mais uma vez este canto extremo do continente negro vae talvez dar logar a conflicto memoravel na historia dos povos occidentaes.

Não é de hoje que se avolumam as nuvens da procella que ameaça desabar; antes mesmo que Delcassé caísse já o kaiser envidava esforços para collocar o seu imperio na situação de exercer o papel de *Deus ex machina* da velha Europa. Si o monarcha allemão conhece a historia (e de nenhum modo isto poderá ser posto em duvida), não lhe deve ter escapado a semelhança da Allemanha de hoje com a França de 1756. Como esta no seculo XVIII, dispõe a Germania moderna de formidavel exercito e de disciplinada esquadra; o seu commercio pujantissimo ameaça destruir competidores que, até bem pouco, se ufanavam de encerrar em suas mãos a vida economica do planeta, e quanto a suas industrias ninguem ignora o modo brilhante por que superou todos os obstaculos que se antepunham ao seu desenvolvimento. Esta prosperidade, no emtanto, apresenta uma sombra: a reacção inevitavel das nações a quem tão prodigiosa expansão economica vem provocar na sua evolução, ameaçando-as por sua vez nas suas fontes de riquezas. Como a monarchia de Luiz XV, como a França de d'Argenson e de Machault, a Allemanha dos Hohenzollerns busca disputar a Albion o sceptro dos mares e ao mesmo tempo restaurar o sonho de Bonaparte: a hegemonia da Europa exercida pelo imperio teutão.

Mas para realizar o facto estrondoso que, si fôr levado avante, concretisaria o sonho do erudito coronel Bernhart, o amigo dedicado de Guilherme II, é de necessidade eliminar o factor principal adverso, o unico elemento que, a conservar-se, poderia por si só reduzir a nada tão grandioso tentamen.

Actualmente invencivel no mar, a Inglaterra mal poderá agir no coutinente si ahi não dispuzer de alliado cujas forças sejam capazes de enfrentar as hostes germanicas, porque a sua situação no limiar do seculo XX identifica-se com a de 150 annos atraz; cumpre-lhe obter um ponto de apoio no continente: em 1756, a Prussia de Frederico II, em 1906 a França republicana.

E' esta, no nosso modo de entender, a situação do momento: para a Allemanha imperial vencer a Inglaterra importa em eliminar a França e deixar o campo livre para as combinações que forçosamente ha de suscitar o imperio em via de dissolução que se chama Austria-Hungria. Não cuida unicamente a Allemanha, como disse o sr. René Marès da *Indépendance Belge*, de vencer a França para lhe extorquir uma colonia, a Indo-China, por exemplo, além de formidavel indemnisação de guerra; a opinião que partilhamos é que, arruinado para todo sempre o *inimigo hereditario*, poderá a *maior Allemanha* dilatar-se do Mar do Norte ao Adriatico e estender-se por todo o organismo europeu assimilando todos os paizes cujos idiomas se pareçam com o allemão, isto é, a Belgica flamenga, a Hollanda, a Suissa germanica e parte do léste da França além da Austria.

Não vae exaggero nosso em desenvolver taes idéas; não são mais do que o elemento-base das reivindicações dos pan-germanistas, o fundo invariavel de todos os seus escriptos.

Conseguirá o kaiser realizar a tarefa que se impoz? Sómente o futuro nos dirá si a obra encetada é superior ás forças de um imperio feito pela espada e que parece destinado, na phrase de Jesus, a ser destruido pela espada; o que resta, porém, é o campo largo das hypotheses, das probabilidades a respeito de uma crise latente, ameaça terrivel á paz do mundo e trazendo em seu bojo a guerra execranda.

Este mesmo escriptor, a que já nos referimos, em algumas de suas ponderações deixa entrever que a França de hoje não é a França de 1870. De pleno accordo: descontar de antemão uma victoria quando o adversario é quasi de egual força é collocar-se voluntariamente em posição de inferioridade, e, demais, não deve ignorar a Allemanha os innumeros recursos que revelou possuir a victima da Débâcle no anno terrivel, por vezes mesmo disputando o triumpho e sómente perdendo-o porque nada havia organisado, nada havia estabelecido em previsão de uma derrota.

Já o mesmo não succederia hoje: si atacada, a França inteira levantar-se-ia, estamos disto convencido, como um só homem, prompta a sustentar lucta de morte com o invasor do territorio nacional, e tanto é geral este sentimento que os *pacifistas* como d'Estournelles de Constans e Jaurès ou se calam ou então proclamam, como o fez o grande tribuno socialista, que *neste momento* cumpre prestigiar e fortalecer o exercito *que vae defender a fronteira*.

Si é esta a attitude dos socialistas francezes, o mesmo se não poderá dizer dos seus irmãos d'além-Rheno. Não foi um Bebel que exhortou as hostes allemães a defender a patria e sim um conservador, o sr. de Richtofen, que declarou estar o paiz inteiro prompto a seguir o seu imperador. Para os socialistas allemães, uma nova victoria das armas imperiaes importaria na derrota tremenda do seu idéal, no estabelecimento de um absolutismo á Nicolau II. Para o throno existe o perigo interno, o socialismo, e quem sabe si Guilherme II a 35 annos de distancia não quererá imitar o vencido de Sedan. A cartada não deixa de ser arriscada e de resultados duvidosos, principalmente si as tropas francezas conhecerem as alegrias de um novo Iena.

Ha quem diga que o imperador

busca, 100 annos depois da quéda da Prussia, apavorar a Europa com um feito militar sem precedentes, e, dado o seu temperamento de illuminado, talvez cuide seriamente em tal. Oxalá não lhe reserve o fado amarga desillusão.

GASTÃO RUCH.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A molestia do somno—A glossina palpalis—A imprevidencia dos negros—O resultado das investigações de Bruce.

O coronel Bruce, encarregado em 1902, pelo governo inglez, de um inquerito sobre as causas da propagação da molestia do somno, na Africa central, publicou recentemente o resultado das suas investigações, confirmando os factos demasiado conhecidos.

Não resta sombra de duvida, sobre o papel da mosca infecciosa *glossina palpalis*, que suga o virus no sangue do animal, contaminando, e váe picar, a distancia mais ou menos afastada, o homem, tornando-o victima de um terrivel flagello.

Essa mosca absorve o *trypanosoma gambieuse*, que fica no estomago do insecto até que expulsado, sáia pela tromba, quando esta entra em contacto com alguma parte do corpo humano.

A picada é tão pouco dolorosa que o homem nada sente no momento em que lhe é infligida. Sómente tempos depois, muita vez no fim de dois ou tres annos, quando o protozoario attinge o canal cerebro-espinal, é que se verificam os phenomenos morbidos. Os vasos sanguineos do cerebro se obstrúem privando-lhe de nutricção a substancia. São tambem particularmente affectadas as glandulas lymphaticas do pescoço. As experiencias a esse respeito, feitas em macacos, fôram muitos concludentes.

A molestia do somno reina em toda a região dos brejos, á margem dos rios, ou lagos. A *glossina palpalis* ahi encontrada não se afasta mais de cem metros desse meio preferido, mas é tão abundante que no Uganda de 1901 e 1904 mais de cem mil pesssôas fôram victimadas pelo mal. Essa propagação terrivel provém de recusarem os indigenas toda a sorte de precauções e não acreditarem nos funestos effeitos dessa ferroada, os quaes só se manifestam, como se disse, mais tarde annos depois.

Na região de Victoria Nianza, quando os pretos se banham, não fazem caso das *glossina palpalis* que lhes cobrem as pernas.

A molestia é fatal. Com o arsenico, se obteve apenas algum allivio, sem esperança de cura radical. O verdadeiro meio, contra elle, seria destruir os matagaes onde as moscas vivem e proliferam: é o que estão fazendo os brancos administradores dessas regiões. Será indispensavel empregar medidas de rigor para obrigar os pretos indigenas a se premunirem contra as moscas e isolar durante annos os individuos de uma localidade infectada ou que fôrem picados; mas isso jamáis se poderá conseguir sem uma severa organisação hygienica, á qual resistirá obstinadamente a população de negros desleixados, imprudentes, ignorantes. Por isso a molestia do somno continúa a grassar com medonha intensidade.

***

Os surdos-mudos que não são completamente surdos—A communicação do sr. Marage á Academia de Paris.

O sr. Marage demonstrou em uma communicação á Academia de Sciencias de Paris, que ha surdos-mudos que não são completamente surdos.

Por meio de um instrumento reproductor das vibrações fundamentaes das vogaes, verificou numa série de experiencias, feitas no laboratorio da Sorbonna, que certos surdos-mudos são muito sensiveis aos sons graves, ao passo que não ouvem as mesmas vogaes emittidas em uma nota aguda, ao contrario do que se dá com os ouvidos normaes. Verificou, tambem, o referido professor não poderem jámais os surdos-mudos que não se acham nessas condições desenvolver a sua audição, ao passo que outros, nos quaes se não reprodúz o phenomeno, conseguem, com o auxilio de certos exercicios com a sirene, ouvir muito bem a vóz humana.

Essas observações teem particular interesse no sentido de permittirem contestar, em certos pontos, as theorias de Helmholtz.

***

Os fornos electricos—Interessantes experiencias — A distillação dos metaes — A exposição do sr. Moissan.

O sr. Moissan expoz, na Academia de Sciencias de Paris, os curiosos resultados de suas experiencias sobre distillação dos metaes, ouro e suas ligas, por meio do forno electrico. Conseguiu, operando pelo mesmo processo empregado para o cobre, ferver o ouro com extraordinaria facilidade. Em dois ou tres minutos, sob a acção do enorme calor de 3.000° produzido pelo arco electrico, fez passarem 100 a 150 grammas de ouro ao estado de vapor em que, condensado num corpo frio, se torna a encontrar o ouro solido, na fórma filiforme ou em pequenos crystaes cubicos.

Na temperatura de ebulição, o ouro dissolve uma pequena quantidade de carbono que elle carbonifica, consolidando-se, no estado de graphite.

Repetindo as experiencias com as ligas de ouro e de cobre, verifica-se que o ouro mais sensivel, distilla antes do cobre, dando-se o mesmo facto, necessariamente, com as ligas de ouro e estanho. Si se distillar grande quantidade dos vapores de estanho emanado do banho de ouro em fusão, elles ardem ao contacto do oxygeneo do ar, produzindo oxydo de estanho colorido de vermelho purpureo pela fina poeira de ouro que se lhe condensa na superficie.

***

A seducção das abelhas pelo colorido das flôres — Coutroversia — As experiencias do sr. Gastão Bonnier.

Na mesma sessão da Academia o sabio Gastão Bonnier deu conta dos resultados das experiencias sobre a influencia da côr das flôres, como attractivo das abelhas.

Certos auctores pretendiam que a viva coloração das flôres tinha por fim attraír os insectos melliferos, especialmente as abelhas. Outros sustentam, ao contrario, que o colorido nenhuma attracção sensivel exerce e que as abelhas são guiadas para as flôres por um sentido subtil, um pouco analogo ao nosso olfato que lhes indica as materias assucaradas, onde quer que se achem, nas flôres, nas folhas ou em outros objectos.

O sr. Bonnier demonstra que essas experiencias e observações biologicas são muito delicadas; dependem da organisação das abelhas, organisação muito complicada, sendo necessario ser apicultor para bem apprehendel-a. Muitos observadores não a conhecem.

O sabio biologista verificou que, quando as abelhas se dedicam num determinado trabalho, difficilmente se perturbam ou se destráem dessa tarefa: assim, si estão occupadas em colher agua, não farão caso do mel que se lhe offerecer no mesmo sitio em que estiver o liquido procurado, o que não quer dizer que esses interessantes insectos prefiram a agua ao mel. Com essas observações pacientemente coordenadas, o sr. Bonnier explica as contradições dos auctores de varios trabalhos sobre o assumpto e demonstra de modo intuitivo que as côres, si bem que as abelhas saibam reconhecel-as, nenhuma acção attractiva exercem sobre ellas.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material novo e moderno, encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

O ULTIMO artigo de *Tonelero* que publicamos saíu no numero 59 dos *Annaes*, encerrando materia tanto mais importante quanto a copia de provas e observações lhe dá um grande interesse.

Foi um máu estado de saúde que impediu o nosso illustre collaborador de continuar a nos remetter os seus primorosos artigos.

O seguinte é um dos mais curiosos; está bem nas cordas do anterior.

—

ARMADA NACIONAL

——

A cultura technica dos nossos officiaes superiores posteriormente á revolução de 6 de setembro. — Factos e provas.

Já vimos quanto deixava a desejar o preparo profissional do geral dos officiaes da nossa armada quando o almirante Custodio de Mello assumiu a gestão da pasta da marinha em novembro de 1891. Transcrevemos topicos dos relatorios daquelle saudosissimo chefe, nos quaes se pintava, com realidade e sem escandalo, o gráu do desanimo e a ignorancia a que estava entregue o nosso estado-maior.

A administração do almirante Mello foi curta, e pouco se pôde fazer. A elle succederam ministros, *pelo menos*, ineptos; depois, veio o movimento de setembro de 1893.

Muitos officiaes acompanharam a revolução; outros muitos, pachorrentamente, aguardaram os mandados de prisão, preferindo, sem duvida, os horrores das masmorras legaes, aos perigos a bordo dos navios que transpunham a barra ou que viviam no centro dum apertado circulo de fogo, na bahia do Rio de Janeiro.

Alguns, poucos, a despeito das estatisticas que fizeram ministros e chefes de estado-maior, mais ou menos desinteressadamente, enthusiastas da liberal legalidade de Floriano Peixoto, fôram fieis ao principio de que «militar não se revolta», que haviam esquecido a 15 de novembro de 1889 e a 23 de novembro de 1891. Emfim, é bem verdade que a maioria desses poucos só se lembrou de tal principio, quando a olhos sagazes não escapava que a revolução estava em agonia, a despeito da annunciada adhesão do almirante Saldanha da Gama; e a maioria, faça-se-lhe justiça, foi arrastada pelo perigo que parecia transparecer do manifesto, disfarçadamente monarchico, lançado levianamente por esse chefe preclaro.

Assim, toda officialidade de marinha esteve, durante o tempo da lucta, occupada. Uns, batendo-se em navios velhos, desmantellados em geral, onde nada lhes accrescia o preparo, a não ser a navegação a que eram forçados. Os revolucionarios, depois de vencidos, fôram atirados a um doloroso exilio, e todos, em geral, ficaram possuidos dum desanimo colossal em volver um dia á patria, tal era então a violencia do espirito partidario entre nós. Maior se lhes foi tornando a inaptidão, que os dois annos de reserva, impostos por uma amnistia aleijada em seu favor, aggravaram. Os vencedores, *heróes* de 13 de março e 16 de abril, fôram logo recompensados com promoções, afinal de contas, merecidas.

O pouco tempo que effectivamente durou a campanha e a nenhuma importancia que tiveram as originaes operações da esquadra dita legal, não lhes permittiu colhessem grande resultado em favor do seu preparo.

Os que se abstiveram na lucta, destacados em commissões distantes, revolucionarios de coração quasi todos, como elles proprios se taxavam, tiveram tambem, com mais um galão, o pago de terem recalcado os impulsos daquelle orgam e de terem só attendido á vóz da cobardia ou do interesse. E, finalmente, os *martyres* da Conceição ou da Correcção consumiam seu tempo em lamurias indignas, ou em jogos de parada, que a bondade ou a corrupção dalgum guarda lhes consentia.

Quando cessou finalmente aquelle periodo revolucionario e quando deixaram de se fazer sentir todas as suas cousequencias, estava a armada nacional com uma officialidade em geral, na sua grande maioria mesmo, inteiramente ignorante, imprestavel.

Os navios se haviam tornado imprestaveis. Começou a ser mais difficil o ministrar a instrucção. Quando o material fluctuante se foi reparando, as viagens recomeçaram defficientes, e a pratica começou a ser dada em navios isolados, durante viagens de pequena duração, abandonada a instrucção em esquadra, unica efficaz, de valor real, na actualidade.

Organizaram-se algumas divisões, é facto. Mas, de todas, a unica em que effectivamente se procuraram fazer exercios serios e de alguma importancia, foi a commandada pelo almirante Proença, em principio de 97 e que não teve mais de dois mezes de existencia. Ao cabo desse tempo a divisão recolhia-se ao Rio de Janeiro, completamente avariada, resultado devido á imcompetencia da maioria dos commandantes e á facilidade do chefe.

As outras divisões que se formaram, depois, não passavam, póde dizer-se, de expedições de recreio á ilha Grande, e, ás vezes, a portos mais do sul: trinta dias passados fóra do Rio de Janeiro, dos quaes vinte e cinco passavam os navios fundeados entre Angra dos Reis, S. Sebastião e Ilha Grande.

Nessas viagens todas, quer em navios isolados, quer em divisão, fazia-se, em geral, economia de projectis. Os exercicios de artilharia faziam-se quasi sempre com o navio parado, sobre um alvo fixo, uma ilha, a menos de 1.500 metros e, ás vezes, a menos de 1.000; condições as mais favoraveis possiveis. Cada individuo atirava dois ou tres tiros no maximo, quando todos os que deviam atirar o faziam, e achava-se um tiro excellente o que fôsse attingir a orla da ilha. Esses não eram muitos. Nesses exercicios tomavam parte, quando se dispunham a isso, os aspirantes ou os guardas-marinha embarcados no navio ou na divisão. Os officiaes do navio, propriamente, com raridade atiravam.

A instrucção nautica era feita com egual desleixo. Observavam e calculavam quantos e quando queriam. Instruia-se, praticava quem queria.

E porque mais alto falem os factos de que as considerações que vimos fazendo, e para não mais nos alongarmos, citaremos, agóra, uma lista não completa mas bem numerosa de factos que provam a incompetencia dos nossos officiaes superiores. Mostraremos depois a defficiencia de pratica nos subalternos, entre os quaes, no emtanto, ha tanta aptidão, criminosamente abandonada ao estimulo proprio, entre os quaes muitos são os que desejariam receber instrucção que lhes permittisse dizerem-se conscientemente officiaes de marinha de guerra.

Eis os factos:

O vapor *Carlos Gomes*, durante a lucta no sertão de Canudos, foi mandado da Bahia a Pernambuco, afim de ahi receber e transportar ao primeiro desses portos, um batalhão do exercito. Era seu commandante o então capitão de fragata ***, ultimamente promovido ao posto de capitão de mar e guerra, por merecimento, e preterindo alguns collegas. O navio ia da Bahia para Pernambuco, como dissemos; pois bem: o seu commandante só reconheceu ter passado por este porto depois de avistar costas do Rio Grande do Norte!

Esse mesmo official, já capitão de mar e guerra, commandante do *Riachuelo*, recebeu aviso de um dos seus officiaes, de que dois canhões de 57 m/m, Nordenfelt, não podiam funccionar, visto se terem perdido as mólas reaes de ambos; essas mólas reaes são peças construidas de aço, peças delicadas e exigindo um escrupuloso fabríco. Pois bem: á vista daquelle aviso, o commandante entendeu-se com o mestre da officina de fundição do arsenal de marinha, e dois dias passa-

dos, orgulhosamente apresentava ao seu official duas peças de ferro fundido, sem trabalho de lima, ao menos, e apenas semelhantes ao modelo que lhe mostrára o official ao fazer-lhe a communicação do extravio das mólas, mas com dimensões muito exaggeradas. Os canhões agóra podiam funccionar — affirmava o commandante.

Fundeando o *Riachuelo* em Santos, em condições normaes, esse mesmo commandante mandou arriar a ancora quando o seu navio seguia avante, e assim ainda o conservou algum tempo, — erro crasso apreciavel por qualquer passageiro de paquete, que, uma vez, já tenha visto lançar a ancora ao fundo.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

AMOR ALEGRE

Deixemo-nos de nenias — enterremos
As antigas paixões !
É d'ar puro e de luz que nós vivemos...
E nossos corações,
De luminoso amor, d'amor contente,
Disso querem viver eternamente !

Viver de flôres, como insecto alado...
E, como ave, de cantos !
Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,
Como homem que embala noite e dia
O fecundo regaço da alegria !

Serena fonte, que nos banha a vida
Em dulcissimas aguas :
E, através da existencia dolorida,
Nos lava as velhas maguas...
A alma parece nova : e limpa e bella,
Brilha em face de Deus, como uma estrella!

Brilha em face do mundo ! Resplandece
Como lucida aurora !
É o sol da ventura, que alvorece !
Valle e monte colora
Co'as mil côres do iris da bonança...
E as mil do iris d'alma — a esperança !

Amor que espera e crê... amor ditoso...
Quer Deus que se ame assim !
Dormir no mundo o somno mavioso
De prazeres sem fim...
Passar como em triumpho, em mago enleio,
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
Luz melhor que a do ceu...
O que dentro em teu peito rumoreja
Tudo, é tudo meu :
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamas amor e eu poesia.

Poesias não são lagrimas... são beijos...
E abraços tambem...
Paixões não são suspiros... são desejos...
Quantos a vida tem !
Compõe com tuas mãos minha poesia
De paixões e de beijos e alegria.

Vem commigo na vida ! Hei de levar-te
Por caminho de flôres...
Cantará para ti, por toda a parte,
Um viveiro d'amores...
Eu sei o que é amor ! estes conselhos
Amor t'os dá — deixa fallar os velhos !

Deixa, deixa-os dizer os *velhos sabios*,
Que só sabem chorar !
Mulher bella, se Deus te pôz nos labios
Botão de flôr sem par,
Flôr de luz e ventura... é porque o riso
A abra e transforme em flôr do paraiso !

ANTHERO DE QUENTAL.

***

BATALHA DA ALFARROBEIRA

Junto do ribeiro de Alfarrobeira estava o arraial do infante, cercado já pelas tropas reaes que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas, concitando os echos dos montes, e dos arautos e reis de armas que soltavam os mais espantosos prégões, a intimar aos sequazes do infante o abandono do rebelde. Succedia, porém, o contrario: as deserções davam-se do campo real para o de d. Pedro.

Nesta indecisão, uns bésteiros do rei metteram-se á agua, encobertos com as arvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, dum cabeço proximo, tambem atiravam. D. Pedro mandou então pôr fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a impericia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de Affonso V Perante um aggravo destes, rompeu o assalto espontaneamente. A peonagem que restava ao infante debandou logo; e d. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava, e contra que o instincto se lhe rebellára tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ella uma jornea de velludo carmezim, e na cabeça a cervilheira.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das creanças. quando uma setta perdida, ou mandada, lhe varou o coração. Caiu morto com esta só ferida; morreu com a consolação de não presencear outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra, curvou-se, ajoelhou e, no meio da vozeria do combate, absolveu-o, recolhendo-lhe o ultimo suspiro. A historia absolve-o tambem.

A cavallo, o conde de Abranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornára-se em furia.

— Senhor conde, que fazeis ? que o infante d. Pedro é morto ! gritou-lhe um moço.

— Cala-te, rugiu o conde, e aqui o não digas a ninguem !

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda, pedin que lhe déssem pão e vinho, vestiu as melhores armas, e saiu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, caíram em chusma sobre elle, que com a lança, e, depois de partida, com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem emquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou :

— O' corpo, já sinto que não pódes mais, e tu, minha alma, já tardas...

E deixou-se caír por terra, a gritar como um trovão :

— Fartar, rapazes ! Vingar, villanagem !

Num instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ella accrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Tres dias ficou insepulto o cadaver de d. Pedro, apodrecendo com outros numa choupana, donde o levaram, por fim, numa escada por esquife, á egreja de Alverca.

OLIVEIRA MARTINS.

Abrimos espaço a um *bilhete postal* em que o sr. Adoasto de Godoy, com fina e calma ironia, commenta a derrota do sr. Domingos Olympio, e, porque este não concorre á cadeira vaga na Academia Brazileira, levanta a candidatura de um certo poeta de Cantagallo...

O sr. Godoy, collaborador da *Renascença*, revista do secretario da Academia, teve a amabilidade de nos enviar essas linhas como «homenagem de um moço ao mais *novo* dos nossos velhos escriptores».

BILHETE POSTAL

A Domingos Olympio

Si os nossos academicos tivessem invocado o Espirito Santo na ultima eleição a que se procedeu naquella casa, para preencher a cadeira «Joaquim Serra», vaga pela morte de José do Patrocinio, o resultado não teria sido, talvez, tão inesperado—nem tão interessante.

Essa invocação seria muito natural, porquanto ao logar vago concorria tambem o reverendissimo padre José Severiano de Rezende, e, assim, a Terceira Pessôa da Santissima Trindade não hesitaria em abandonar por

momentos o seu logar, a cabeça de Deus Padre Todo Poderoso (segundo rezam as oleographias beatas) para— ou sob a fórma visivel de linguas de fogo, como outr'ora na Judéa, no cenaculo dos Apostolos, ou subtil e invisivel como actualmente nos conclaves do Vaticano—penetrar na consciencia de cada *Immortal*, para o fazer ver melhor a Justiça. E si assim fôsse, a victoria de v. ex. seria quasi certa—quasi porque o Espirito Santo (tambem sujeito, penso eu, ás influencias do seculo) poderia *cabalar* em favor do reverendissimo Rezende, filho dilecto da Egreja, esposa de Jesus.

Em todo o caso, as esperanças de v. ex. seriam bem maiores do que descendo sobre a Academia esse outro Espirito não invocado, que a obrigou a eleger o pequeno Mario de Alencar — o finissimo e inspirado poeta da *Ode* ao barão do Rio Branco — para occupar a cadeira em que se sentou (aliás nem chegou a se sentar, porque nessa epocha a Academia não tinha moveis !) esse extraordinario jornalista que foi José do Patrocinio... E que, por uma abominavel ironia, deu ao padre Severiano o voto unico do sr. Affonso Celso—porque o sr. Laet não vota nem na Republica, nem na Academia.

E' precisamente onde eu acho o *interessante* da ultima eleição.

Ha um homem que ha longos annos se dedica especialmente ao jornalismo. Combate o bom combate, lucta por todas as causas que lhe parecem justas e dignas. Os seus cabellos vão aos poucos embranquecendo, os vincos da velhice começam-lhe a sulcar as faces. Quando todos os seus companheiros — os que não tombaram na refrêga—procuram o descanço na vida privada, cuidando melhor dos interesses da familia, elle, o velho luctador, lá está com o seu espirito sempre vivido, sempre atilado, cada vez mais ardente, mergulhado na lucta. Nos rapidos momentos de folga, escreve um livro original—*Luzia-Homem*—um pedaço da vida de sua terra, terra tão digna de melhor sorte. Não tem os exaggeros da fórma á Flaubert, mas os seus scenarios, os seus typos são perfeitos, são admiraveis de realidade. E esse predicado, numa terra de poetas futeis, que vivem a declamar, em sonetos desconjunctados, as bellezas, as perfeições de suas amadas — tolamente parece-me — não deveria ser desprezado pelos esthetas da Academia.

Vejamos, agóra, o contraste deste outro quadro, onde não ha luctas violentas, onde não ha cabellos brancos, nem sulcos causados pelas desillusões e pelos desgostos. E' um quadro encantador, todo de calma, banhado de uma suavissima luz de felicidade perfeita. Um moço começa com firmeza e talento a compor os seus versos e as suas ódes, bem alimentado, bem installado na vida e, ainda mais, perfeitamente abrigado á sombra de uma grande arvore, que é o nome do seu pae — formidavel na litteratura brazileira.

Vaga na Academia de Lettras uma cadeira, cujo patrono é o nome de um jornalista, e occupada até então por um outro jornalista. Concorrem a ella ambos — o velho encanecido na lide, e em pleno, em fulgurante vigor de espirito, e o moço que começa apenas a se preparar para ella, com a segurança de uma bella intelligencia. O logar é uma consagração de serviços prestados á Arte, ás Lettras e, com especialidade neste caso, ao jornalismo. Quem com justiça, poderia ser eleito ?

— O poeta das ódes !.

Eu não quero, com este bilhete postal, consolar a v. ex. Não ha e nem nunca houve, em todo este caso, motivos para lagrimas. Antes, sempre os houve para um riso franco e alegre. E, todavia, eu confesso ingenuamente, que nesse meu riso descommedido, está a razão de só agóra apparecer este bilhete, quando tanto tempo já correu após a eleição. Receiava que os poetas da Academia, invocando os raios de Jupiter, me fulminassem e que para sempre as portas daquella casa verde fôssem cerradas a um homem que recebe e lê bilhetes irreve rentes.

Mas, v. ex., como se diz no numero 65 dos *Annaes*, não se apresenta para a vaga de Pedro Rabello. Pouco importa, pois, o castigo dos Deuses. A luz que das frontes dos Immortaes irradia sobre esta terra — com um resplendor cada vez mais forte — não respeita as portas, nem as paredes. Atravessa-as, para vir beneficiar cá fóra — como a do Sol — indistinctamente, a todos nós, pobre mortaes.

Quanto a mim, é o venerando presidente daquella corporação que, com uma imagem perfeita, me garante a impunidade. Posso blasphemar, rir a meu gosto. Posso até levantar, para a vaga do *Immortal* morto, a candidatura daquelle vate de Cantagallo, que o sr. Olavo Bilac citou na sua conferencia sobre a *Tristeza dos poetas brazileiros* — uma vez que não concorre a ella o sr. conselheiro Accacio, por ser portuguez.—*Os Immortaes estão assás alto — como o Cruzeiro do Sul — para não discernirem os risos e as lagrimas dos homens*.

ADOASTO DE GODOY.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

VIII

A Constituinte, em pleno exercicio de suas funcções legislativas, continuava a excitar e attraír a curiosidade e a attenção publica.

O edificio, onde trabalhava, todos os dias, desde as 9 horas da manhã, era cercado por multidão popular, que prodigalizava demonstrações de vivo interesse e entranhada confiança nos representantes das provincias, os quaes, ufanos de tanta estima, comprehendiam a gravidade da elevada missão que o povo brazileiro lhes havia confiado.

Cada deputado tinha o proposito firme de desempenhar-se conscienciosamente de seus deveres.

O povo e a camara nutriam-se dum só sentimento, isto é, de tratar de realizar a liberdade civil e politica e de promover o felicidade geral e a prosperidade do Brazil.

Entre e nação e os delegados de sua soberania, effectiva e visivelmente, estreitava-se o laço de intima união, que avigora a força, confirma a autoridade, incrementa o prestigio da verdadeira representação popular.

Nada faltava, pois, á Constituinte ; contava com a estima e confiança geral, estava em condições de emprehender uteis ou grandes commettimentos. Terá ella a capacidade de executal-os?

Podemos, por ora, apreciar os seus projectos de leis, as inspirações politicas, o criterio na direcção dos negocios, enfim apurar o tecido de actos, que são os elementos que constitúem propriamente o material de sua historia.

No segunda sessão ordinaria, após a installação solemne do dia 3 de maio, a Assembléa começou a exhibir actividade intellectual, com que presumia ser dotada, e as idéas que lhe enricavam o espirito.

Compareceram 51 deputados dos cem que a compunham, não tendo ainda havido eleições em algumas provincias, como a Bahia — atarefada em pelejar com o forte e numeroso exercito luzitano, commandado pelo bravo general Madeira; no Pará, que não havia se pronunciado; na Cisplatina, occupada por forças inimigas.

Surprehende a todos que conhecem os movimentos revoluccionarios precursores da Independencia, o não ver figurando na Constituinte José Clemente Pereira — aquelle juiz presidente do Senado da Camara; aquelle mesmo, que, á frente do povo (portuguezes e brazileiros) foi solicitar do principe regente — que desobedecesse o decreto das Côrtes de Lisbôa, e não se ausentasse do Brazil. Tal solicitação é um dos pontos capitaes de todo esse drama. Foi por ella que o Principe, até então hesitando, ligou-se á causa brazileira e proferiu o memoravel — *Fico* —.

Porque a exclusão do esforçado lidador? Alguem, nesse entrementes, havia feito mais assignalado serviço? Como portuguezes, que, em grande maioria, adheriram e labutaram pela dita causa, não lhe suffragaram o nome? Como brazileiros, que o encontraram amigo dedicado nas incertezas dos perigos, não o elegeram? Donde procede o esquecimento? Quem mais digno, do que elle para defender a causa, pela qual se sacrificára? E' difficil verificar e esclarecer esse succesSo.

Um distincto escriptor brazileiro o considera patriarcha da Independencia; colloca-o em segundo logar após d. Pedro, que sem duvida foi o primeiro. (1)

Essa opinião contém grande somma de justiça, porquanto, antes ded. Pedro pronunciar — *Fico* —, José Clemente, com o povo, o foi acoroçoar a tomar a si a causa nacional, facto de summo e decisivo alcance.

Não se póde attribuir a exclusão do nome de José Clemente da Constituinte á sua naturalidade portugueza; — outros portuguezes, que não tinham os seus serviços, fôram eleitos. O partido dos independentes compunha-se de brazileiros e de portuguezes — estes não o deveriam esquecer, si aquelles o desprezassem. Qualquer que tenha sido o motivo, é certo que não foi eleito representante da nação, em cuja independencia acabava de collaborar efficaz e proveitosamente e, como era natural, seria sincero e dedicado propugnador do bem publico, a que consagrára os esforços de sua vontade e intelligencia.

Reunida a Constituinte, em segunda sessão ordinaria, no dia 6 de maio apresentava, aos olhos curiosos dos artistas, dos poetas e dos amadores da plastica, um espectaculo azado a produzir nos espiritos certas emoções. Notar, descriminar, comparar os diversos typos dos provincianos não deixava de ser gaudio para gente da côrte, habituada a viver mais em contacto com os estrangeiros. Os proprios representantes, muitos dos ques nunca transpuzeram os limites do municipio onde nasceram, sentiram-se surprezos, contemplando, no mesmo meio, tantas pessôas, oriundas de longinquas regiões do paiz. Nessa temporada o mandato de deputado não era um emprego publico lucroso pelo abuso das prorogações, nem era monopolisado por uma só classe; por exemplo: dos bachareis, dos medicos, dos engenheiras, ou militares. Apareceram nesse ajuntamento diversas classes.

Via-se no recinto um bispo capellão mór; notava-se aqui monsenhor Moniz Tavares acompanhado de sacerdotes pernambucanos; lobrigava-se acolá o padre Alencar, hombreando com presbyteros, que formavam, quasi todos, a deputação do Ceará. Era rara a deputação, cuja maioria não fôsse de padres. Parece que só a Bahia não os elegeu, porque tinha onde escolher. Provinha do fervor e do prestigio do culto? E', ao contrario, um phenomeno social da hereditariedade nacional, que comprova a carencia da instrucção nas outras camadas do povo brazileiro. A metropole considerava a disseminação da instrucção um mal, ou um perigo; por consequencia, conservava a colonia brazileira apodrecendo nas trevas da ignorancia; assim quando raiou o arrebol da liberdade, quando a Independencia congregou o primeiro parlamento, não podia deixar de eleger os padres, que, em geral, eram os homens mais cultos e illustrados da ex-colonia — porque desta classe não se arreceiava o regimen do governo absoluto. Não que o sacerdocio amasse o despotismo, mas, abediente ao Evangelho, repetia: *Omnis potestas á Deo. Per me rege, regnant.* Acreditava — *scientia et clamant conscientia* — na doutrina do direito divino prégada pelo apostolo das gentes e preconisada pelo bispo de Meaux — o ultimo grande padre da Egreja.

Os governos absolutos, por toda a parte, sempre procuram alliar-se com os ministros do altar; contam com a tolerancia do christianismo fundado sobre o amor, a caridade, o perdão, a humildade e resignação: eis ahi porque os padres na colonia brazileira puderam conseguir um pouco de instrucção, que se recuzava e difficultava ás outras classes.

Elegeu-se a meza, que devia dirigir os trabalhos do Congresso Legislativo. No primeiro escrutinio, obtiveram: o bispo capellão mór, 14 votos; José Bonifacio, 9; no segundo, o bispo 27 e José Bonifacio 24. Fôram eleitos secretarios José Joaquim Carneiro de Campos e Manoel José de Souza França; fôram tambem os vice-presidentes.

Concluido o expediente, travou-se ligeiro debate sobre a questão de decidir-se — si deveria ser, ou não, admittido no recinto o Senado da Camara municipal, que viéra fazer saudações e tributar homenagem. Variaram as opiniões. Antonio Carlos — *maestro e ducca* — decidiu dogmaticamente contra a opinião de Pereira da Cunha, dizendo — «nesta sala só é admittido o monarcha e mais ninguem; todas as mais auctoridades, seja qual fôr a sua classe, ficam fóra —» O Senado da Camara não foi admittido; receberam e despacharam-no os secretarios. (2)

Em seguida, o padre Alencar pede apresentar uma moção sobre assumpto importante, que concerne á Camara e ao paiz. E' logo interrompido por Antonio Carlos, ponderando ao presidente — que a primeira coisa de que se deve tratar é do voto de graças, o qual deve preferir a tudo. Então declara que não vinha preparado para apresentar o voto de graças; todavia, remette á meza uma especie de apontamentos para servir de norma á redacção do voto de graças. O presidente, a quasi totalidade dos deputados, todos eram noviços e inexperientes nos trabalhos dos corpos legislativo: o proprio Antonio Carlos, a despeito das insolencias de suas pretenções ao chefado e da contínua impertinencia de impôr a sua competencia, acabava de mostrar que não estava bem informado do modo pelo qual, no parlamento inglez, que elle citava a proposito ou fóra de proposito, se tratava e se descutia o discurso da corôa.

Não convindo interromper a marcha dos trabalhos, reservamos estas questões do voto de graças para outra conjunctura, que facilite verificar que a Constituinte ignorava as praticas do regimen que pretendia adoptar. Mas tal é a desordem e confusão de idéas que, apezar da decisão de Antonio Carlos sobre não se dever discutir a fala do throno, se suscita de novo a conveniencia ou incouveniencia de dal-a para ordem do dia.

Ainda mais uma vez, Antonio Carlos pondera que só, indirectamente, por occasião do voto de graças, é dado tocar na materia, porque a responsabilidade não attinge a corôa, que é inviolavel, cabe especialmente ao ministerio. Eis ahi outro principio do regi-

men, cuja semente foi lançada no sulco da Constituinte e abrolhará nas praticas parlamentares do segundo reinado, quando o systema, em completa maturidade, fôr geral e habilmente executado. Na Camara de 1823, bem raros entendiam dessas coisas, de que a nação rude, ignorante, saída apenas das trevas do regimen colonial, jámais cogitára. A Constituinte é a primeira escola, onde os homens politicos aprenderam as noções do governo constitucional e o manejo do systema deliberativo das assembléas representativas. A cada passo, a Constituinte prova e evidencía a sua profunda inexperiencia e, ás vezes, crassa ignorancia. A marcha que segue é a menos propria. Falta-lhe o methodo na discussão; não obedece a uma ordem racional. A confusão, a desordem, a deficiencia da economia de tempo, quer na distribuição dos trabalhos, quer na discussão, a todo momento patenteam que os deputados são escolares noviços, guiados por Antonio Carlos, o qual do congresso de Lisbôa, onde representou o reino do Brazil, adquirin e trouxe alguma experiencia. Releva, porém, notar — que, mesmo em Lisbôa, o systema era novo e nunca praticado. Os parlamentares lisbonenses não tinham na materia nem a sciencia, nem a experiencia dos membros da *camara dos communs*, onde o systema passára por evoluções seculares, aperfeiçoando-se continuamente (3). Em França, as camaras da Restauração e da monarchia de julho comprehendiam perfeitamente e envidavam esforços em executar o meneio dos apparelhos governamentaes do regimen representativo (4).

Os apontamentos de Antonio Carlos,—para servirem de modelo ao voto de graças,— deram azo a alguns ligeiros debates, resolvendo-se que tivessem segunda leitura.

A questão do voto de graças, assim adiada até outra sessão, abria espaço para iniciar-se nova discussão, que não faltaria, porque a maioria dos representantes sentia excessivo prurido de falar. Estes representantes mal ajuizavam que os debates dum parlamento exigem certa ordem de conhecimentos e de aptidões que absolutamente elles não possuiam; em alguns, havia o germen, que, mais tarde, ha de desenvolver-se com o estudo, a meditação e a experiencia.

Surgiu, então, na tribuna o padre Alencar, deputado pelo Ceará, e falou da prisão do deputado Pedro José da Costa Barros, tambem representante da mesma provincia, obtendo votação quasi unanime.

O padre Alencar, querendo explicar o encarceramento do collega, exprime-se desta sorte: «O caso do sr. deputado Costa Barros cuido ser bem conhecido de todos os senhores e por isso não será preciso fazer delle muito circumstanciada narrativa. Appareceram em 30 de outubro do anno passado, no Rio de Janeiro, algumas perturbações; procede-se depois a uma devassa, e uma unica testemunha refere que sendo chamada a uma sociedade, onde o reprehenderam e ameaçaram, ahi se achava o sr. deputado Costa Barros. Esta testemunha é chamada perante o juiz, é acareada e convencida de falsidade; comtudo, o sr. deputado foi preso e ha tres mezes soffre os incommodos da prisão sem ao menos saber qual é o crime que se lhe imputa. Não é minha intenção accuzar a ninguem; desejo unicamente, defendendo a innocencia dum cidadão benemerito, que tem merecido a confiança de sua patria, reclamar pela soltura do deputado cearense.»

Eis uma denuncia formal contra o systema de devassa, que José Bonifacio, ministro do Imperio, por portaria, praticava á maneira despotica do marquez do Pombal.

O padre Alencar não quer *accuzar alguem*; fica, porém, entreluzente a pessôa do ministro *muito afeiçoado ao arbitrio* e pela referencia ao Governo: ora, o Governo era José Bonifacio, violador das liberdades civil e politica.

Alencar concluiu, mandando á meza a seguinte proposta: «1º, que se diga ao Governo que si é só por precaução de segurança publica que se acha preso Pedro José da Costa Barros; como nenhum indicio de perturbador appareça contra elle, succedendo estar eleito deputado pela provincia do Ceará, seja immediatamente posto em liberdade para poder vir tomar o seu competente assento nesta augusta Assembléa, etc., etc.»

José Bonifacio immediatamente pedin a palavra. Alencar, porém, observou que não era permittido falar sem saber si a proposta passava, ou não. De seu lado, Antonio Carlos lembrou que não se podia tratar de proposta alguma antes do voto de graças (5).

Nesta mesma sessão, Pereira da Cunha, deputado bahiano, discorreu sobre a urgencia de estabelecer as regras adequadas para reger nossas acções de maneira tal que se obtenha o desejado fim. O orador pondera que: «separados nós da monarchia, a que pertenciamos, nos ficou, diz elle, com os costumes e com a linguagem, a mesma legislação; egual sorte aconteceu a Portugal quando se desmembrou da Hespanha no seculo XI. Escuzo repetir a historia da nossa legislação, porque é assás conhecida por illustres collegas: basta para meu intento trazer á memoria quanto, em tempos menos esclarecidos, fôram solicitos nossos maiores em formarem codigos systematicos, que regulassem os negocios da vida social. Dentro de seculo e meio se organisaram tres codigos na monarchia portugueza: 1º, o Affonsino; 2º, o Manoelino; 3º, o Filippino, publicado em 1603, sem contemplarmos a collecção de Duarte Nunes de Leão, mediando entre uns e outros apenas o espaço de 80 annos; e sendo passados mais de dois seculos, apezar das diligencias do governo, ainda se não pôde compilar um novo codigo, passando pelo *opprobrio* de nos regularmos pelas ordenações filippinas, que, sobre serem dadas por um principe estrangeiro, são summamente diminutas e defeituosas, cheias de crassos erros, pela ignorancia dos principios de direito publico universal e ecclesiastico que naquelle tempo prevalecia, etc.»

O orador concluiu, apresentando uma indicação, ou projecto, para regular a applicação da legislação portugueza ao novo Imperio.

Pereira da Cunha, si ressurgisse do meio da solidão da campa, veria que, desde a Independencia até hoje o paiz tem *passado pelo opprobrio* de reger-se por uma legislação defeituosa, cheia de erros pela crassa ignorancia dos principios do direito universal!... Antes mil vezes nos tivessem dado o codigo civil com os seus defeitos; a pratica, a experiencia, a sabedoria dos tribunaes e juristas, sem duvida, corrigiriam os erros e lacunas e aperfeiçoariam gradualmente. Mas porque não promulgam o codigo civil, que motivou uma convocação extraordinaria do Parlamento, e grandes despezas que são tiradas do imposto, que é um dos terriveis flagellos do povo brazileiro? ..

O deputado Maia discorre sobre a necessidade dum manifesto á nação e, seguindo o exemplo dado *magistralmente* por Antonio Carlos, offerece á meza uns apontamentos para servir de bases á proclamação.

Estas frivolezas occupavam a actividade da Constituinte; nem ella poderia crear assumptos, ou materia de verdadeiro interesse publico, porque a maioria não tinha idéas e não comprehendia as necessidades cuja satisfação o paiz, illudindo-se, esperava que a Camara daria. Os raros deputados capazes e illustrados fôram, como Pereira da Cunha e Alencar, tratando de assumptos de interesse geral e de importancia para cada cidadão brazileiro, que tinha a simploridade de crer que a revolução da Independencia havia regenerado o povo, libertando-o cabalmente das praticas prepotentes e das cruezas do absolutismo.

Sob esta bôa inspiração, ergueu-se, da bancada do Rio Grande do Sul, o

deputado Martins Bastos, e proferiu algumas palavras, justificando a proposta que submette á consideração da casa. O representante vê alguns cidadãos desvairados commetter erros de opinião, achando-se a mór parte soffrendo os horrores do carcere e das prisões (como que assim exigia a segurança do Imperio); outros cidadãos fugitivos e expatriados — assim esta augusta Assembléa entrando em suas altas funcções seguirá, sem duvida, uma vereda que a prudencia requer e a generosidade recommenda — concedendo uma amnistia geral a todos os que se acharem nas circumstancias de precizarem. O orador, desejando a calma dos partidos e do fervor das paixões, apresenta um projecto que pede seja submettido á deliberação da Assembléa.

Martins Bastos pintava do vivo o estado de miserias, de perseguições, a que as devassas do ministerio da Independencia reduziram o paiz. Ora isto se dava quando todos vozeavam independencia, liberdades, dignidade do cidadão, virtudes, patriotismo, abnegação... Era ministro José Bonifacio!

Depois de Martins Bastos, assomou na tribuna Antonio Carlos, que, desta vez, desempenha o papel de *leader* — lendo e expondo á Camara um projecto para organisação administrativa das differentes provincias. Esse tentamen é de conveniencia para a bôa gestão do Estado e a idéa é uma das melhores que entreluziam no meio das futilidades que continuaram a apparecer.

Antonio Carlos pensa que o seu projecto é uma das providencias, de que preciza o Brazil para curar os seus males. O orador confessa que esta organisação é uma obra quasi impossivel de fazer pela falta absoluta de conhecimentos estatisticos de cada uma provincia, proporá o que lhe parecer mais conveniente; julga tanto mais urgente, quanto cada dia são maiores os vexames dos povos, causados por esses chamados governos. Antonio Carlos parece esquecer-se de que, havia 18 mezes, o paiz era governado e dirigido pelo ministro do Imperio José Bonifacio (segundo a theoria) o responsavel de todos os vexames e males que soffriam os povos — *causados por esses chamados governos*. Esses governos, porém, eram nomeados, dirigidos e sustentados por seu irmão, o ministro José Bonifacio.

Antonio Carlos, com taes palavras, vem confirmar a dolorosa pintura que Martins Bastos expuzéra aos olhos da Constituinte. Por toda parte, reprodúzem-se factos que provam ter sido o ministerio uma devassa permanente, implacavel!

Os contemporaneos da Independencia não sabiam analyzar os erros e males administrativos por muitas razões; hoje, a opposição aperfeiçoou esta analyse. Si outr'óra se tivessem podido analyticamente apurar os actos administrativos e politicos, o ministerio do venerando patriarcha negrejaria aos olhos da historia, como coisa por demais absurda, ou inepta. A historia, comtudo, na inesperada e incompleta revelação de Antonio Carlos, acha materia para fazer uma série de indagações e estudos, pondo de parte as louvaminhas dos admiradores inconscientes.

Antonio Carlos termina a sua oração informando ao paiz e á Camara um facto perigoso. O orador paulista diz: «egualmente merece attenção da Assembléa, pela sua importancia a materia, que vou expôr-lhe. Por noticias, que me fôram communicadas tanto de Portugal, como da Inglaterra, consta-me que o governo portuguez, reconhecendo não poder conquistar-nos, pretende, na sua desesperação, dilacerar-nos por meio da discordia; que, para esse fim, tem enviado emissarios para, de accôrdo com alguns agentes seus, que vivem entre nós, ensanguentar nossas praias, si poderem, aproveitando-se do nosso desleixo para estes iniquos fins; julgo que a Assembléa tomará em consideração as duas seguintes propostas.»

Eis uma rapida amostra do tom oratorio do velho athleta, que se bateu em quasi todas as arenas parlamentares — no Congresso de Lisbôa; na Constituinte de 1823; nas Camaras do tempo da regencia, depois do 7 de abril; nas Assembléas do segundo reinado, que elle, pela revolução parlamentar de 1840, fez e terminou a sua patriotica e agitada carreira numa curul senatorial em 1845.

Falaremos no seguinte estudo das propostas de Alencar, da amnistia de Martins Bastos e dos *iniquos fins* denunciados na calorosa phrase de Antonio Carlos. Todas se prendem ás portarias do ministro de Pedro I, imitando as praticas do absolutismo do truculento estadista de d. José I.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Conselheiro dezembargador Tristão d'Alencar Araripe, *Conferencia sobre os patriarchas da Independencia*.

(2) *Diario da Camara* vol. 1º — sessão de 6 de maio.

(3) May, *Hist. Const.*; S. Maine; Lord Mahon, *History of Eng.*, vol. 1º — Gurdon, *History of part.*; Pary, Parls; Macaulay, *Hist. of Eng*; Bageot, *Eng. Const.*; Macqueen *Chambre des Lords*; Stubbs, *Const. Hist.*

(4) Liadières — *Dixhuit au part*; Duvergier d'Hauranne, *Hist. du Gov.*; Elias Reignault, *Huitans de règne*; Guisot, *Mem.*; Comte de Vieil—Castel *Hist. de La Restaur.*; Broglie Etude sur Armand Carrel: C. de Remusat, *P. Lib.*; Capefigne, *Les minist.*; *Histoire de la Rest.* B. de Barante, *Vie de Royer-Collard*.

(5) *Diario da Camara* vol. 1 — sessão de 5 de maio.

O ALMIRANTE (66)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXII

— Eu — disse resolutamente Hortencia, avançando para o medico—Eu velarei por elle; é o meu dever.

—Nada tenho que objectar—observou o moço cirurgião, com accento ligeiramente gaulez — E' um bello enfermeiro: resta saber si resistirá á penosa funcção de que váe ser incumbida.

—Confie em mim, doutor; eu terei coragem, terei energia, serei capaz dos maiores sacrificios para salvar a vida de Oscar.

—Vejo um toque romantico nas suas palavras — replicou o medico — mas o caso não é para tanto: não ha por ora vida em perigo; trata-se, apenas, de prevenil-o. E para isso é essencial que a senhora deixe o coração lá fóra, não se commova, defronte serenamente a situação e me obedeça sem restricções.

—Póde contar commigo.

—Muito bem. Voltarei mais tarde, á noite talvez. E' preciso que o doente repouze. Ficam absolutamente prohibidas as visitas, a entrada de quem quer que seja neste aposento; ninguem. Está ouvindo?

Entraram os dois na magnifica sala da bibliotheca, a mais ampla do *chatô* e a menos atravancada com objectos d'arte tapeçarias, cortinas, mui sobriamente adornada como convinha a um refugio do pensamento. O medico fitou em Hortencia olhos em que rebrilhava um sereno fulgor de energia e dictou-lhe, em vóz baixa, recommendações, indicando os frascos rotulados, dispostos sobre uma pequena meza de jacarandá. A' proporção que elle falava, o semblante da moça se tornava livido e os olhos se lhe esmaltaram de lagrimas contidas por um supremo esforço da vontade. E a magnifica cabeça lhe oscillava num gesto affirmativo, a cada observação do doutor.

Na sala immediata, onde as paredes desappareciam sob quadros e panoplias de armas exoticas, cujas scintillações crúas, cortantes, tanto tinham impressionado a marqueza naquella sinistra noite do levante militar, continuava ella na dolorosa attitude de anciedade, estremecendo ao mais ligeiro rumor, contraíndo toda a sua

alma ao presentimento de uma catastrophe imminente. A espaços, apertava com as mãos algidas as mãos de Marianinha, levava-as ao seio, conchegava-as para lhe comprimirem o coração, que latejava como um coração de passaro captivo, como si pretendesse aquecel-o, transmittir-lhe o venturoso vigor da amiga.

—Não se assuste, comadre—recommendou-lhe Marianinha, com a vóz repassada de meiguice — Oscar amanhecerá melhor; está repouzando tranquillo como uma creança. O medico affirmou que não havia perigo immediato.

A marqueza nada objectava. Percebia-se no seu semblante apavorado um vão esforço para acreditar, para se illudir, para attenuar o sobresalto do seu cerebro dominado pela impressão indelevel da scena do desastre.

—Então doutor?—perguntou Marianinha ao medico, que se despedia.

— O doente está calmo—respondeu elle. E, voltando-se carinhosamente para a marqueza, accrescentou: Não se afflija. Elle acaba de dirigir palavras affectuosas á sua bella enfermeira e pedin informações da sua saúde, minha senhora. Não se acabrunhe, reaja com energia.

Amelia ouvira as palavras de consolação do medico e desceu com elle até ao pequeno terraço da entrada, sombreado pela ramagem de madresilvas entretecidas nas columnas donde pendiam em festões de jasmins, alliando emanações suaves ao forte perfume das orchidéas sensuaes, das rosas, dos bogarys, que embalsamavam os arredores do *chatô*. Ella não dirigiu ao medico uma pergunta; apertou-lhe a mão com firmeza e, tanto que elle desappareceu sob as ogivas do bambual, desceu para o parque e foi caminhando serenamente, a esmo, pelas sombrias alamedas, procurando o refugio da solidão, onde se libertasse da mascara de fria tranquillidade com que disfarçava as crueis agonias de um soffrimento recalcado nas profundezas do seio offegante. Ao chegar ao sitio afastado, na base da montanha, ella se deixou caír extenuada sobre um rochedo, e, vencendo todas as reprezas do orgulho, num violento desaffogo, rebentaram-lhe dos olhos candaes de pranto, a que o marulho da fonte do Paraiso respondia num echo doloroso.

O sol descambava doirando a crista hirsuta da montanha, e crúa claridade claridade coada atravéz da folhagem se attenuava docemente. Amelia limpou o rosto, reparou a desordem dos cabellos e, restaurada a tranquillidade ao rosto marmoreo, dirigiu-se para o palacio, onde encontrou reunidos, na sala de jantar, o conselheiro Antonino, Sergio de Lima, Martins e Souza e Mello, commentando o accidente. Elles tinham dado o exemplo de obediencia ás prescripções do medico, afastando-se do *chatô*, onde não poderiam conversar á vontade. Em vão, pretenderam trazer a marqueza de Uberaba: ella resistiu; queria ficar perto do doente, daquella creatura idolatrada, cuja vida era a sua ultima consolação.

Souza e Mello exaggerava a gravidade do ferimento, fazia vaticinios pessimistas e, dirigindo-se a Amelia, que atravessava o salão, pediu-lhe noticias. Ella respondeu-lhe com um gesto negativo.

— Será uma fortuna — observou o advogado — não sobrevir a peritonite. O nosso Oscar tem molestia para muito tempo.

— Ha de valer-lhe a robustez não vulgar — aparteou Sergio de Lima — Nos sertões do norte esses ferimentos curam-se facilmente com os remedios caseiros. Occorre-me o caso de um vaqueiro que teve o ventre rasgado pelo chifre de um touro; cozeram-no com uma pequena sovéla de sapateiro, applicaram-lhe emplastros adstringentes de entrecasco de jucá e o homem ficou completamente restabelecido ao cabo de alguns dias. A horrivel ferida cicatrizou, ficando-lhe uma pequena hernia, que elle amparou com uma silha. Ora, para a cirurgia moderna um casos desses trata-se facilmente, salvo algum accidente.

— E' isto, o accidente, o imprevisto — retrucou Souza e Mello — superiores á capacidade, á sciencia humana, o que me preoccupa.

— E arriscar uma vida preciosa — repetiu o conselheiro — por uma imprudencia.

— Oscar—murmurou Amelia—não devia confiar em Hortencia. Bem sabia quanto ella é temeraria, estouvada.

— Hortencia não tem culpa — observou Sergio de Lima — O homem mais adestrado nesse genero de *sport*, não poderia evitar o desastre. Pobre Hortencia! Quanto tem soffrido, quanta angustia lhe opprime o coração..

— O senhor não conhece bem aquella menina —affirmou Amelia, com um ligeiro sorriso de amargura.—Não sabe quanto é teimosa. Dir-se-ia que o perigo a fascina, a enlouquece...

Neste momento, ella foi interrompida pela apparição de Dolores surgindo de vagar, com precaução, e apoiando-se extenuada á porta do salão. No rosto livido se lhe desenhavam traços de terror e nos olhos espantados, brilhando na penumbra de palpebras rouxeadas, havia uma afflictiva interrogação, que não ouzavam proferir os offegantes labios entreabertos.

— Não si afflija—disse-lhe Souza e Mello, tomando-lhe as mãos geladas— O nosso almirante escapou por um triz.

Dolores respirou num soluço de allivio.

— O medico—observou Amelia, em tom secco — não permitte ninguem junto do doente. A mais ligeira commoção póde arriscar-lhe a vida.

— E' por isso que o deixamos no *chatô*, onde repouza tranquillamente—ponderou o conselheiro, amenisando a rispidez da intimação da filha—Amelia deu exemplo de obediencia vindo comnosco. Ah, minha querida senhora, que susto nos abalou quando soubemos por uma ordenança do almirante Wandenkolk, que mora na Gavea, da inesperada nova.

Dolores se sentára na cadeira proxima e fitava em Amelia os olhos supplicantes.

— Que horror, que horror! — murmuron, com vóz apagada.—Si eu pudesse...

— Tenha paciencia—replicou Amelia, percebendo o pensamento de Dolores. —A recommendação do medico é peremptoria.

Dolores quedou-se humilhada, vencida pela dureza cruel das palavras de Amelia, a lhe espicaçarem o coração como alfinetes de odio. Não ouzava repetir o pedido, para não soffrer a tortura da recusa e se submettia, sem protesto, áquella negativa inexoravel que a contundia como um latego.

Ante a dolorosa prostração da pobre creatura, Amelia estremeceu a um passageiro impulso de piedade, mas, readquirindo a sua attitude auctera, envolveu-a um olhar de desdém e saiu serenamente da sala, para não testemunhar o escandalo daquella magua criminosa.

Sergio de Lima e Souza e Mello trocaram significativos olhares, ao passo que o conselheiro, agitando levemente a cabeça encanecida, se dirigia para uma das janellas, onde divizava, como num quadro, o panorama do *chatô* surgindo da folhagem espessa, do bosque conservando por Hortencia.

Tomando subita resolução, como si lhe restaurassem as energias, Dolores erigueu-se, saúdou os tres amigos e deixou o salão.

(*Continúa*).

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ACADEMIA BRAZILEIRA

No *Pharol*, de Juiz de Fóra, edição de 13 do corrente, escreveu o sr. Lindolpho Gomes, antigo collaborador do velho jornal mineiro, uma chronica fortemente gentil para com o nosso director.

Transcrevendo o seu generoso artigo, queremos assegurar ao amavel escriptor a nossa mais sincera gratidão—sem embargo do enleio em que Domingos Olympio se acha deante dessas linhas, tão exuberantes, de tão excessiva bondade.

—

Domingos Olympio não se apresentará candidato á vaga na Academia de Lettras, vaga ultimamente aberta com o fallecimento do illustre homem de lettras Pedro Rabello, um dos muitos escriptores de merito injustamente julgados pelos officiaes do mesmo officio.

Essa resolução do preclaro autor de *Luzia Homem*, a quem consagro de ha muito o melhor da minha admiração litteraria, não causou a ninguem o menor espanto.

Do caracter purissimo de Domingos Olympio era mesmo de presumir-se esse proceder altivo, resolução inabalavel. A derrota revoltante que lhe foi infligida na ultima eleição que deu ganho de causa a Mario de Alencar, que, como belletrista, absolutamente não póde hombrear-se com o vigoroso estylista, com a organisação omnimodamente artistica do notavel chronista politico e impeccavel romancista, que legou á litteratura patria uma obra forte, vibrante, original e escorreita como *Luzia Homem*; não feriu sómente o amor proprio de Domingos Olympio, que o paiz litterario em pezo apontava como o legitimo substituto de José do Patrocinio; tornou por ventura mais altiva a sua fronte de homem digno e fel-o superior a essa Academia, em que a politica já exerce á sua influencia nefasta, o seu mandonismo auctoritario para guindar os seus protegidos com prejuizo da justiça e, quiçá, do brilho dos seus annaes.

Essa resolução de Domingos Olympio **só** póde provocar applauso e attraír maior numero de sympathias para a sua individualidade respeitavel, querida, e que, seja dito, já não preciza de outra consagração sinão mesmo a que lhe faz diariamente a imprensa nacional, que o cumúla de honrarias e o corôa de louros.

Depois, isto de ser academico... Zola tambem não o foi e era o maior dos romancistas do mundo.

Mas a Academia Brazileira bem podia resgatar o perdão do seu crime, espontaneamente elegendo por unanimidade de votos o illustre homem de lettras, com o qual a maioria dos membros daquella casa foi tão injusta.

Creio, que só por esse rasgo de arrependimento da Academia, Domingos Olympio consentiria em ser considerado *immortal*.

De outra fórma, é melhor que elle fique, na sua resolução digna e nobilissima, com a immortalidade que o povo brazileiro jámais lhe negará, acclamando-o todos os dias, pela palavra insuspeita da imprensa, o maior dos romancistas nacionaes.

Será assim o nosso Zola, attestado vivo, como victima, do quanto póde o espirito de injustiça que tanto corrompe e deprime a nossa epocha. — LINDOLPHO GOMES.

XADREZ

—

O XADREZ EM S. PAULO

Terminou o torneio annual de xadrez da segunda turma, segunda classe, no Club de xadrez.

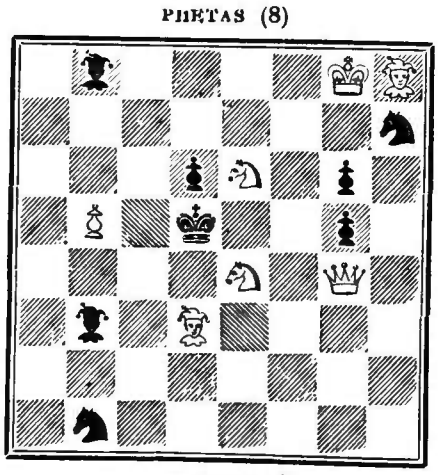
Foram vencedores, em primeiro logar, com 7 pontos, o dr. Isaac Mesquita; em segundo, o dr. Theodomiro Cintra, com 5 pontos.

O dr. Macedo Soares e o sr. Luiz Fonseca conquistaram o terceiro logar, com 3 pontos cada um. O quarto logar coube ao sr. Victor Dreyer.

PROBLEMA N. 33

Rev. Gilbert Dobbs

PRETAS (8)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 35

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

GIUOCO PIANO

Brancas (Souza Campos)		*Pretas* (Mauricio Levy)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 D	— 4 —	P 3 D
P 3 T R (*a*)	— 5 —	C 3 B R
B 5 C R	— 6 —	B 3 R
C D 2 D	— 7 —	P 3 T R
B 4 T	— 8 —	B × B
C × B	— 9 —	D 2 R
P 3 B	— 10 —	P 4 C R
B 3 C	— 11 —	C 4 T R
D 2 R? (*b*)	— 12 —	C 5 B
B × C	— 13 —	P R × B
P 4 C D	— 14 —	B 3 C
C 2 T	— 15 —	P 4 T R
C 3 B (*c*)	— 16 —	T 3 T
P 4 T D	— 17 —	P 3 T
C × B	— 18 —	P × C
C 2 D	— 19 —	R 1 B
C 4 B D	— 20 —	D 2 B
R 2 D	— 21 —	T 1 B
T D 1 B D	— 22 —	T 1 R
D 3 B	— 23 —	C 4 R
C × C	— 24 —	P × C
T R 1 D	— 25 —	D 2 D!
T 1 T D	— 26 —	P 5 C
P × P	— 27 —	P × P
D 2 R	— 28 —	T 7 T
T 1 C R	— 29 —	P 4 B
R 2 B (*d*)	— 30 —	D 3 B
P 5 T	— 31 —	T 1 B
D 1 R	— 32 —	P 4 C (*e*)
T 1 D	— 33 —	T 1 R
T 2 D	— 34 —	T 2 T
P × P	— 35 —	T 2 B D
T 2 R	— 36 —	T D 1 B D
T × P	— 37 —	D × P x
D × D	— 38 —	T × D x
R 1 C	— 39 —	T 6 C x
R 1 T	— 40 —	T × P C D
T 1 T	— 41 —	T 6 B
R 2 T (*f*)	— 42 —	T 7 B x
R 3 T	— 43 —	T 5 T x
R 3 C	— 44 —	T × P B R
T 8 T x	— 45 —	R 2 C
T (8 T) 8 R	— 46 —	T × P C
T (8 R) 7 R x	— 47 —	R 3 B
T (7 R) 6 R x	— 48 —	R 2 B
T 7 R x	— 49 —	R 3 B
T (7 R) 6 R x	— 50 —	R 2 B
P 6 B (*g*)	— 51 —	P 6 B!
T 6 D	— 52 —	T 7 R
T 5 C R	— 53 —	T 3 R
T × T	— 54 —	R × T
T 5 B R! (*h*)	— 55 —	R 2 B
R 3 B	— 56 —	P 5 C x
R 3 C	— 57 —	T 6 T x
R 4 B	— 58 —	T 6 B x
R × P	— 59 —	T × P
Abandonam	— 60 —	

(*a*) Muito timido.

(*b*) C R × P R! Si 12... C × B; 13 — C × C D, P × C; 14—P × C, etc. E a qualquer outra resposta das Pretas, parece-nos que as Brancas teem sempre vantagem.

(*c*) Tempos perdidos.

(*d*) O melhor. P × P dava ás Pretas um ataque fortissimo.

(*e*) A estrategia de Mauricio Levy é habilissima. Elle tem até aqui paralyzado os movimentos do adversario, impedindo formalmente a saída das suas peças. E' muito melindrosa a situação das Brancas, cuja Dama e Torres estão sitiadas, ao passo que o jogo das Pretas se desenvolve.

(*f*) As Pretas ameaçavam mate.

(*g*) E' extraordinario que Souza Campos, tão habil, tenha recuzado o empate que aqui as Pretas lhe offereciam.

(*h*) Ultima taboa. Si 55... R × T, as Brancas ganhariam.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 31 (*A. P. Silvera*): T 6 B R

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1906 — Num. 67

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Agita a alma nacional um fremito de indignação provocada pela farça ignobil que se está representando com inaudito escandalo, na execução da recentissima refórma eleitoral. Já se não disfarçam as tramoias, já não respeitam as apparencias com as fraudes mais grosseiras ; chega a ser uma monstruosa ostentação de prepotencia criminosa essa orgia da politica dos governadores, tripudiando sobre os direitos politicos dos cidadãos, para perpetuar esse governo de pandega sem pudor, porque passou em julgado que todas as iniquidades, todos os crimes, todos as velhacarias empregadas para deturparem o voto popular são meios licitos, são armas normaes da politica. E as reclamações dos que alimentam ainda um frouxo raio de esperança na refórma dos costumes politicos, as queixas das opposições heroicas que desprezam o soldo dos donatarios do paiz para se baterem denodadamente pelos principios, apenas despertam um sorriso de mófa, uma careta sarcastica nos homens que teem a responsabilidade da direcção da Republica.

Mas esses embotados pela indifferença ou encascorados no egoismo, incapazes de assimilarem as noções intuitivas do dever civico e da civilisação, incapazes de um bom movimento politico, homens que, das eminencias da omnipotencia, não percebem o que se passa no valle de lagrimas dos contribuintes, oberados de extorsões fiscaes e privados de todos os direitos, não suspeitam que as queixas humilhadas, os protestos timidos, as reclamações reverentes se exacerbam, se avolumam em gemidos, se expandem em clamores que, de um momento para outro, se pódem concretizar num immenso brado de revolta a despertar do marasmo a magúada alma nacional.

Os symptomas da trebusana rugem soturnos no ambiente nacional, como um vago arfar de mar revolto em praias longinquas, desconhecidas. Deante dos factos tão eloquentes, tão evidentes para os que teem olhos e orelhas, menos para a surdez hypocrita e a cegueira voluntaria dos interessados, dos que se cevam na corrupção eleitoral, no desmantêllo da sua selvageria, ou prosperam com as suas consequencias deleterias, não será para surprehender um grande impulso de desespero que poderá ser uma dolorosa, uma violenta reivindicação, quando se romperem os diques da tolerancia, quando rebentarem os freios da longanimidade, da paciencia, assoberbando os seus limites naturaes.

Nesse fatal momento, surgirão os protestos dos amigos da ordem que deve ser a submissão incondicional, a todos os descalabros; echoarão, rubras de indignação, atravéz das boccas cheias, as ameaças dos perturbados na deliciosa comedía que deve ser perpetua ; apparecerão as considerações criteriosas sobre as ambições impacientes, os desvarios da demagogia demolidora em sacrilegos attentados contra o governo benemerito, generoso para os amigos privilegiados, os amigos contentinhos, a cuja obra corruptora jámais oppoz o mais ligeiro correctivo.

Deus nos livre de attingirmos esse extremo sinistro. Quem escreve estas linhas nunca teve a honra de ser preso politico, nunca aspirou titulos de proeminencia ganhos em proficuas *bernardas*, nunca fez por merecer uma amnistia, essa especie de consagração dos politicos profissionaes ; vive sempre amarrado por uma teia de idéas, emaranhado em principios, tolhido pelo fetichismo conservador, consagrado ao culto metaphysico da soberania nacional, confiando se normalizasse o regimen democratico, quando passasse a phase das vacillações dos primeiros passos, os abalos dos erros inevitaveis, os effeitos naturaes da violenta crise inherente a subita mudança de regimen politico. E por isso mesmo que foi conservador, amigo da ordem, da tolerancia ; por isso mesmo que sempre teve repugnancia aos processos de curar um mal com outro mal e appellou para as armas da razão, foi immergindo no esquecimento, como imprestavel, sem utilidade na collaboração da conquista democratica, e a sua vóz sincera, honesta, se perde abafada pelos latidos alviçareiros dos cães que comem, grunhindo de ancia, de gula, para os quaes a Republica foi e deve ser um farto osso. Mas essa entidade, apagada na penumbra do seu desinteresse, encolhida no recato de suas convicções, cansada de apontar o perigo aos indifferentes e os meios de previnil-os, adquiriu o direito de dizer a verdade, de indicar os culpados, os parceiros dessa pandega, dessa deturpação das instituições, quando chegar o dia do juizo final, a hora da justiça da separação dos cordeiros pacientes, resignados e dos bodes lubricos que devastaram o pomar promettedor de saborosos fructos.

As situações absurdas são ephemeras, provocam, fatalmente, a reacção restauradora do organismo incompativel com o meio que ellas cream: a reacção contra esse processo fraudulento de compressão dos direitos politicos, virá mais cedo ou mais tarde, operando-se dentro ou fóra da Constituição.

***

Pelo que se observa, nestes tristes dias, na capital da Republica, no centro mais culto da nação, nas barbas do governo, pódem-se avaliar com precisão os desmandos da prepotencia a que a suprema preguiça abandonou cruelmente a sorte de alguns Estados.

Escrevia, ha dias, um jornal carioca :

«Mas para esse escandoloso desvio de titulos e de livros, para essa entrega criminosa que delles se faz a

interessados na fraude e na violencia, não existirá por acaso recurso ?»

Ha recurso decisivo, ingenuo collega, mas a doce alminha de que elle depende, de que dependem a força, a estabilidade dessa politica corrupta e vil, erigida em irrisorio sustentaculo da Republica, não se move aos clamores das pedras, ás lagrimas do asphalto das nossas ruas : está immobilisada, como uma mumia, no acôxo das faichas embalsamadas da lisonja ; está comprimida pela propria omnipotencia, como um poltrão dentro de uma armadura de heróe.

O possuidor dessa alminha abomina o movimento, é pouco afeiçoado aos assomos patrioticos ; não se quer incommodar com as botas de reformador benemerito, prefere alliviar os seus callos nos sapatos velhos da politica dos governadores, chinellos macios, amaisados pelos antecessores e deixados no palacio presidencial como um patrimonio das commodidades intimas do supremo eleito do povo.

E, todavia, elle quando quiz, provando mais uma vez que querer é poder, fez coisas bôas, coisas excellentes, como essa magnifica execução da parte industrial do seu programma. Elle não quer provar que o poder ainda é o poder e que seria ainda muito facil pôr freio ás bandalheiras, ás violencias dos governadores cynicos, do que fazer a Avenida, construir as obras do porto e remodelar magnificamente a cidade do Rio de Janeiro.

Para libertar a Republica dessa infamissima, dessa torpissima, dessa vergonhosa politica africana, barbara, bastaria um aceno do alto, bastaria se transformasse o eterno sorriso complacente do augusto rosto, numa careta de repugnancia ; todos esses traficantes de voto, todos esses defraudadores da soberania nacional, apoiados exclusivamente pela criminosa tolerancia do poder dos poderes, se agachariam submissos e executariam, á risca, essa lei que foi a menina dos olhos do conselheiro Rosa e Silva.

Para terminar citaremos outro trecho do alludido collega :

«Factos de tal natureza e de tal gravidade, com impunidade garantida, é que não só ferem de morte o systema representativo como fazem a ruina do regimen. E, ai de nós, si o povo se convence definitivamente que nada mais tem a esperar de eleições, por melhores que sejam as leis que as regulem.»

Todo o mundo sente profundamente a verdade amarga dessa previsão, que provoca, apenas, o sarcasmo dos saciados, soberanamente lérdos a esses píos de aves agoureiras, pessimistas de esquina, catões de bobagem..

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em seus arrazoados anthropologico—etnographicos, Manoel Bomfim estabelece as seguintes proposições :

c) «Esta *differença dos direitos* (Refere-se a umas phrases de M. Gerente ácerca dos argelinos) esta *differença dos direitos* consiste em que o colono francez tem direito de despojar o indigena das terras, obrigal-o a trabalhar como assalariado, e envial-o, por intermedio dos *tribunaes repressivos*, para os presidios, quando o indigena recalcitra. Agóra, sabem quem é esse indigena—*inferior*, e em nome de cuja inferioridade a França tem o direito de assim proceder ? E' o *arabe*. O arabe, cuja civilisação, nos seculos de barbaria da Europa, resumia toda a sciencia e riqueza do mundo occidental !»

Temos ahi dois erros formidaveis ; o *indigenismo do arabe* no norte da Africa, a grandeza *unica* de sua civilisação no mundo occidental na epocha medievica.

Si Bomfim, para conhecer bem a gente brazileira e latino-americana em geral, se tivesse dado ao trabalho de estudar, o mais possivel, as populações antigas e modernas da peninsula iberica, e mais as da Africa, e mais as da America, não caíria na patetice de suppor os arabes os representantes hoje dos indigenas da Africa do norte, onde se acham as colonias francezas.

O arabe é alli uma minoria apenas e quasi recente.

Abra—Gaston Boissier, *Africa Romana*, e veja o quadro dos povos da região—desde a mais remota antiguidade.

Ficará sabendo que os *berberes*, dos quaes os *kabylas*, os *chanias* e *tuaregues* são ramos, constituiram e constitúem o fundo indestructivel da população. « Dans cet immense espace de près de 5.000 kilomètres de long, un peuple a vécu *et vit encore*, divisé aujourd'hui en une multitude, de tribus toujours jalouses, souvent ennemies les unes des outres et prêtes à s'entredéchirer, mais qui formaient autrefois une seule nation, et qui *a garde de son ancienne unité une langue commune*, la même qu'il parlait du temps de Jugurtha: ce sont les *berbéres* pour leur donner le nom sous le quel les arabes les désignent, ceux que les romains appellaint *maures* et *numides*, c'est'á dire le fond indigéne au dessus du quel les nations du dehors sont vennes s'établir, et qu'elles ont reconvert, sans le détruire.» (*L'Afrique Romaine*, pag. 8).

Claro é que no periodo punico, no romano, no vandalo, no bysantino, no arabe — a população principal foi a dos *berberes* ; e si assim foi com esses conquistadores estaveis, por maioria de razão o foi e é com os arabes, gentes nomadas alli, como em terreno a isto adequado.

Tal o motivo pelo qual no seu recentissimo estudo, intitulado — *A França em Marrocos* — o illustre Léou Poinsard, no cap. *Les Populations Marrocaines*, enumera, como habitantes da região : Os *berberes*, os *mouros* (assim considera os *berberes* misturados das cidades), os *judeus*, e, no 4º logar, os *arabes nomadas*.

Sr. Bomfim, não seja trapalhão e estude mais os assumptos de que se occupar. Nestas materias, não se improvisa, meu caro !

Mistér é estudar, estudar, e ainda estudar ?

E se é evidente que o auctor d'*A America Latina* — não sabe nada das gentes africanas, mais evidente ainda é que desconhece completamente o que tenham sido e sejam ainda hoje os arabes.

Na pag. 46 de seu livro dá-nos o arabe — como *o typo perfeito de civilisação guerreira e depredadora* ; na pag. 248 nol-o apresenta como *reunindo toda a sciencia do mundo occidental*.

A verdade é que o arabe teve na historia não uma missão creadora e original e sim meramente de *mediação*. O papel creador pertencia, ainda naquella phase, ao genio hellenico.

« Devia caber, escreve um historiador que sabe, devia caber a um povo que tinha sido, durante dois seculos, adversario encarniçado dos gregos, e contra o qual o Occidente devia armar todas as suas forças, um povo que tudo distinguia e separava tanto dos gregos como dos occidentaes, origem, tradições, costumes, lingua, religião, disposições naturaes do espirito, o preencher, máu grado seu, o *papel de mediador* entre os dois herdeiros dessemelhantes do mundo antigo: o imperio do Oriente de um lado e a Europa latina e germanica de outro. Os arabes estavam predispostos para este papel pelas condições geographicas de seu imperio e por sua indole propria. Em menos de cem

annos — este povo que tinha gasto seculos e seculos a amadurecer e cujo despertar foi subito, se tinha espalhado da India aos Pyreneus. Por seus estabelecimentos extremos, estava em contacto com os gregos do imperio e os christãos da Europa occidental... Foi á seita christã dos nestorianos, perseguida pelos imperadores de Constantinopla, que coube o merito de *iniciar os arabes* nas lettras *gregas* por intermedio dos syrios. Os kalifas da Syria aprenderam a conhecer e a apreciar a *litteratura grega*; mandaram fazer *traducções* de suas obras primas em syriaco e em arabe. A escola de Edessa, fundada pelos nestorianos na Mesopotomia, foi a *fonte* donde brotou para os arabes a primeira corrente dos conhecimentos da antiguidade.

A Persia foi para elles tambem uma terra de descobertas, porque alli puderam recolher as lições de numerosos philosophos exilados *da escola de Athenas* pelas perseguições de Justiniano. Deve-se, porém, notar que na *opulenta herança hellenica*, os arabes desprezaram propositadamente o que não se referia á philosophia e ás sciencias. Quanto aos *monumentos litterarios* propriamente ditos, não os quizeram conhecer, ou porque mestres idoneos lhes tenham faltado para esta parte delicada da obra grega, ou porque a sobriedade e perfeição hellenicas tenham tido poucos attractivos para a exúberancia arabe e a differença dos genios tenha tornado esse commercio importuno e esteril.

Por isso, a *obra de mediação dos arabes* foi diminuida e encurtada. Em vez de darem a conhecer á Europa medieval *o hellenismo inteiro*, elles lhe offereceram uma só parte — o hellenismo scientifico. Foi mistér esperar até aos seculos XV e XVI para que o hellenismo litterario fôsse mostrado por outras mãos ao Occidente.»

E', pois, evidente que os arabes não estavam sós no terreno scientifico na edade-média. Gregos, bysantinos e syrios christãos competiam com elles numa obra em que o papel dos novos conquistadores não era original, não passava de méra *mediação* e *propaganda*.

Mas vamos a coisas mais graves. Eis aqui nova proposição:

d) « Pois não vemos, hoje, admittida pela quasi unanimidade (*E' falso*) das anthropologias e ethnologias a *superioridade* dos famosos *dolichocephalos loiros* da Europa—allemães (*E' inexacto*; *muito dos allemães nem são loiros*, *nem dolichocephalos*), inglezes (*O mesmo que os allemães*; *muitos nem são loiros*, *nem dolichocephalos*), suecos, etc., sobre todos os povos da terra, inclusive os outros da propria Europa?.

Porque as nações por elles constituidas são, hoje, mais fortes e ricas (*Falso*; *os norueguezes*, *suecos e dinamarquezes*, *e mesmo os hollandezes e flamengos*, *não são do numero dos mais fortes*, *posto que os ultimos estejam no numero dos mais ricos*), eil-os proclamados superiores a esses proprios *morenos* do Mediterraneo (*Falso*; *alli*, *como na Asia e Africa sempre houve e ha loiros dolichocephalos*), que produziram a civilisação occidental (*Falso*), tudo que nella se encontra de bello e original. Os taes *loiros* seriam superiores á raça donde saíram esses gregos (*Falso*; *os thracios e os helleuos eram loiros)*, os creadores da arte... Seriam superiores os taes dolichocephalos loiros a estes *latinos*, que instituiram a vida civil, segundo a qual ainda hoje se regem os povos; superiores a esses *povos morenos* donde saíu a moral do amor e da egualdade entre os homens!. Que é que ha no progresso humano que não tenha sido creado por esta *raça morena*, hoje tão detractada? Arte, sciencia, philosophia, direito, moral, tudo *creado* por elles. .» (Pag. 284).

E' um tecido, u'a malha de erros este trecho.

São taes e tantos que ha até difficuldade em destrinçar esse cipoal!

O sr. Manoel, no seu enthusiasmo pelos *morenos*, quasi chegou ao ponto de entoar a modinha casquilha dos capadocios emeritos:

«Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebata;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.»

Foi o que faltou.

Por mais um pouco, em furor laudatorio, Bomfim desandaria no canto predilecto. Mas é precizo fallar serio: não ha nos periodos citados, uma linha certa. Tudo errado.

Attenda o leitor.

Não é verdade que os anthropologos *quasi unanimemente* tenham declarado os *dolichocephalos loiros* da Europa do norte superiores ao resto dos homens.

E' opinião, que eu acceito, mas, infelizmente, não vejo seriamente adoptada sinão por pequeno numero de pensadores, entre os quaes se destacam de Gobineau, Amman, Lapouge, Chamberlain (Não confundir com o famoso politico) e poucos mais, em cujo numero póde ser incluido o grande Haeckel.

Os ethnologos francezes, italianos, hespanhóes e crescido numero dos slavos, inglezes e até allemães não cogitam dessa opinião ou a repellem resolutamente.

Neste ponto, Bomfim exaggerou de proposito para reduzir ao absurdo a doutrina adversa.

Não é verdade que os dolichocephalos loiros do norte sejam hodiernamente os mais ricos e por isso os mais fortes.

Os suecos e norueguezes que figuram entre os mais puros typos daquella variedade de gente, nem são os mais ricos uem os mais fortes Estados de hoje. (1)

Os hollandezes e flamengos, entre os quaes superabunda, talvez, o typo, são ricos, mas não são poderosos.

Por outro lado, os allemães, inglezes e norte-americanos, gentes onde os brachycephalos e mesocephalos occorrem em proporções quasi eguaes aos dolichocephalos, são realmente ricos e poderosos.

O mesmo se póde quasi dizer dos francezes; nestes, a mixtura é um pouco maior: existem dolichocephalos loiros ao norte, dolichocephalos morenos ao oéste, brachycephalos morenos ao centro, brachycephalos loiros espalhados, nomeadamente em algumas regiões de léste, o que tudo não impede aquelle paiz de ser forte e riquissimo.

Não é tudo: não é verdadeiro Bomfim, quando entre os *dolichocephalos loiros* enumera os allemães e os inglezes, sem fazer a mais leve restricção, porque os allemães do sul são uns loiros, outros morenos — brachycephalos ou mesocephalos; os inglezes do oéste são dolichocephalos, é certo, na quasi generalidade, porém são morenos. E' o testemunho de Huxley nos seus tres admiraveis ensaios—*Os methodos e resultados da ethnologia*, *Alguns factos asseutes da ethynologia ingleza*, *A questão aryana e o homem prehistorico*.

Não é só: não é verdade que as gentes *mediterraneas* tenham sido, ou sejam ainda hoje, *morenas*, nem que o tivessem sido ou sejam, até agóra, os *gregos*.

O esquecido Manoel, pelo modo por que falla, parece suppor a existencia dos *malditos loiros* só em o norte da Europa.

Porque não estudou esse joven o assumpto antes de cozer a *America Latina*?

O typo loiro existiu e existe nas tres partes do mundo que formam o chamado antigo continente.

Na Asia sua presença é positiva nas margens do rio Amour; no sudéste da China entre os miaotse; na India, entre os kattes; em Ceylão, entre os cingalezes; nas origens do Ganger, no meio dos bisahuris; no Kaffiristan, na juncção do Himalaya e do Hindú-Klio; no Darnistan; entre os kirghis, os ossetas, os abassianos nas vertentes meridionaes do Caucaso (Topinard).

Na Africa, sua existencia é de vulgar noticia nas regiões do norte, na Tunisia, na Algeria, em Marrocos, nas ilhas Canarias e algumas partes do Sahara (Topinard).

São factos consignados na *Anthropologia* deste illustre scientista.

Vejo-os comprovados em Huxley, quando diz : «No tempo em que vivemos, e a despeito da mescla consideravel produzida pelos movimentos da civilisação e pelas mudanças politicas, predominam os homens *morenos* a oéste e os *loiros* a léste e ao norte da Grã-Bretanha. Hoje, como nos mais antigos tempos, os elementos dominantes nas populações ribeirinhas do Mar do Norte e da metade oriental da Mancha — são os homens *loiros*.

O tronco *loiro* segue atravéz de toda a Europa central até ir perder-se no interior da Asia. Ramos deste tronco se estendem pela Hespanha, pela Italia, (pelos Balkans), pela India do norte, pela Syria e norte da Africa até ás Canarias. Fôram, desde remotos tempos, conhecidos dos chins, e, em tempos ainda mais remotos, dos egypcios como tribus das fronteiras. Os thracios (raça hellenica) eram famosos por seus cabellos loiros e seus olhos azues, muitos seculos antes de nossa éra.» *O logar do homem na Natureza*, pag. 293, traducção franceza, 1891).

Já vê o sr. Bomfim que essa historia de *loiros* é mais complicada do que lhe approuve phantaziar.

Quem eram esses loiros que lançaram ramos pela Europa do centro, do norte, de léste, do sul, que invadiram a Hespanha, a Italia, a Grecia, a Syria, o Egypto, o norte da Africa, a Armenia, a Persia, a India e até a China e o Turquestan ?

Que relação tinham ou teem elles com os aryanos ? Eram a mesma raça?

Gobineau, o valente defensor do *aryanismo*, responde pela affirmativa. (*Essai sur l'inégalité des races humaines*).

Para esse venerando pensador, os *aryanos*, raça tão antiga quanto a dos negros, dos amarellos, dos semitas e chamitas, era originaria da Asia occidental, dentre os montes Uráes e o curso superior do Amour, região cortada pelo Yenissei. (*Inégalité des races humaines*, I, pag. 502 e segs.)

Tinha, conforme seu modo de pensar, além das colonias que expellin para a Europa, para a Persia e para a India, enviado emigrantes para a China e Egypto, elementos esses que não fôram estranhos ás antigas civilisações desses paizes. Mais tarde é que as vagas das gentes amarellas teriam expellido do seu antigo *habitat*, essas populações brancas e loiras, sem que, todavia, tivessem ellas deixado evidentes traços da sua residencia em varios pontos da Asia e Africa.

O grande geographo Ritter era da mesma opinião, mais ou menos identica á de Huxley, que lhes dava por patria a região do continente eurasiatico, que tem por centro os Uráes. O grande biologo e naturalista britannico estendia, de accordo com Latham, essa patria primitiva ás terras que se estendem ao occidente daquelles montes na direcção para o Volga e mesmo além.

Pelo que diz respeito á Africa, innumeros são os anthropologistas que consideram os loiros da Berberia, como aryanos e, por isso, adeanta G. Boissier — *comme on l'a prétendu, les gens du type blond appartiennent aux races aryennes, et sont arrivés de l'Occident par le détroit de gadés*. (*L'Afrique Romaine*, pag. 7).

Manoel Bomfim faz muito barulho com o *morenismo* de seus gregos, que inventaram a *arte*, e com o *morenismo*, em geral, das gentes mediterraneas, que inventaram a *civilisação*, a *philosophia*, o *direito* e não sei que mais. Aqui é mistér ir um pouco mais de vagar.

Primeiramente, não é verdade que os *gregos* tivessem inventado a *arte*. Isso é um falar incorrecto de gente sem cultura. A arte é um patrimonio commum de todos os povos que se civilizaram. Os chins a tiveram e a teem; egualmente os japonezes, egualmente os egypcios, os assyrios, os hittitas, os chaldeus, os persas... Ora, sr. Bomfim, queira arrolhar o garrafão.

Depois, não é verdade que os gregos tivessem sido nos aureos tempos de sua civilisação original tão *morenos*, como a Manoel parece, quando exulta a cantar :

«A côr morena
E' côr do ouro ;
A côr morena
E' meu thezouro ;
E' de meu gosto,
E' da minha opinião,
Hei de amar a côr morena
Com fervor no coração.»

Bomfim toma essas *morenices*, tão queridas no Brazil, terra de mestiços namorados de si proprios, ao sério.

Quando vi os meus velhos gregos de Homero dados por *morenos* de cabellos negros, assim pouco mais ou menos como os Nerys do Amazonas, puz-me a scismar... Seria possivel que um nobre povo, cujos heróes e cujos deuses fulguram á luz da poesia com *cabelleiras doiradas*, fôsse um agrupamento dos taes *morenos* de Bomfim ?

Não, ahi havia engano por força.

Si o typo de belleza para o grego, typo por elle encarnado nos deuses e nos heróes era de *brancos* de olhos *azues* e cabellos *loiro*, é que esse typo era corrente entre o povo.

O contrario seria absurdo.

Das primeiras paginas da *Illiada*, quando se váe travar o combate entre Agamennon e Achilles, lembrava-me da passagem : «Minerva desce, então, do céo, por ordem de Juno, pára atraz de Achilles, e, visivel só para elle, pega-lhe a *loira cabelleira*. O heróe, tomado de susto, volta-se, brilham-lhe os olhos com um fulgor terrivel, reconhece Minerva e diz-lhe rapido : — Para que vens a mim, filha de Jupiter? Vens testemunhar os ultrages de Agamennon ? Asseguro-te que seu orgulho lhe fará perder a vida.

A deusa de *olhos azues* responde nestes termos...»

Eis ahi : logo nos primeiros versos da *Illiada* temos um heróe *loiro* e uma deuza de olhos *azues*.

Onde andarão os *morenos* de cabello preto do anthropolohista da *America Latina* ?

Era só proseguir na leitura ; mas lembrei-me de recorrer do magnifico livro de d'Arbois de Jubainville — *La Civilisation des celtes et celle de l'épopée homérique*, onde me lembrava de alguma coisa a respeito.

Effectivamente, na pag. 370, escreve : «Uma parte dos gregos, nessa data (tempos homericos) tinha conservado a cabelleira loura dos povos septentrionaes ; tres dos principaes heróes da *Illiada*, Achilles, Ulysses, Meneláu, são loiros como os gaulezes.»

Uma parte, diz Jubaniville, a maior parte devia dizer para de melhor accordo ficar com as tradições e os factos.

Em um admiravel ensaio modernissimo, pois que é de 1891, dizia um dos fundadores da anatomia comparada, tão distincto como naturalista quanto como philosopho, o eminente Huxley: «Pelo que diz respeito aos povos que falaram grego e latim, não tenho a pretenção de destrinçar a complicada ethnologia da peninsula dos Balkans e de pôr em ordem o cahos da Italia. Quanto á primeira, existem felizmente alguns elementos satisfactorios.

Os antigos thracios eram *loiros de olhos azues*. Os *gran-louros* eram vulgares entre os antigos *gregos* (*Repare, sr. Bomfim* !), que tinham a cabeça *comprida* (*dolichocephalos*), e os sphakiotas de Creta, *os mais puros* representantes que existem hoje dos antigos hellenos, são altos e *loiros* (Santo Deus, onde andam os *morenos* de Bomfim ?)

Os dorios pódem ter conservado o typo original, e sua famosa migração póde ser considerada como o primeiro exemplo conhecido desses movimentos da raça aryana que deviam mudar a face da Europa... Em todo caso, os *loiros altos*, de cabeça *comprida* estão tambem representados na mais primitiva historia da peninsula dos Balkans, que se *pódem attribuir a elles* as linguas aryanas alli faladas.» (*A questão aryana e o homem prehistorico, in Logar do Homem na Natureza*, pag. 324).

E eis a que se reduzem os *morenos* que crearam a *arte* e o *direito*, esses *morenos*, dos quaes *saiu a moral do amor e da egualdade entre os homens*, a ponto de nada haver no progresso hu-

mano que não tenha sido inventado por elles !.

«*Arte. sciencia, philosophia, direito, moral, tudo creado por elles*», brada Bomfim (pag. 285).

Este terrivel improvisador de historia e de ethnographia refere-se aos que elle chama os *morenos* do Mediterraneo.

Claro é que se refere ás populações das tres peninsulas sul-européas que, na sua profunda ignorancia, acredita que são e sempre fôram *morenas*.

E porque esconde as creações dos egypcios e dos kuschito-chamitas em geral ? E porque occulta as dos semitas, dos judeus, dos assyrios, dos babylonios ? Pensará que todos elles eram *morenos* ?

E porque nada diz das dos persas e hindús ? E porque guarda silencio ácerca dos chins e japonezes ? Estarão tambem no numero dos seus *morenos* ?

Ora !...

Mas eis agóra outra proposição do escriptor sergipano :

e) «Oliveira Martins quer referir-se á muito falada emigração na Europa das raças vindas dos platós da Asia Central, a celebre theoria aryana, *que ninguem hoje acceita...*» (Pag. 287, em nota).

Já, em 1878, A. Hovelaque tinha dito com certa rudeza : «On commence aujourd-hui *á ne plus parler d'une race aryenne*. On commence enfin á reconnaitre qu'il y a bien une *famille linguistique aryenne* (langues de l'Inde du nord, persan, grec, langues romanes, germaniques, slaves, celtiques, lettiques), qu'il existe bien des langues aryennes, mais qu'on ne *saurait parler en aucune façon d'une race aryenne*. Nons rencontrons encore çà et là quelques attardés, mais, en somme, sur cette question la lumière est faite et bien faite.» (*E'tudes de Linguistique et d'Ethnographie,* par A. Hovelaque et J. Vinson, 1878).

Paul Topinard, em 1900, escrevia : «Il'y a les aryens *de la linguistique*, mais il n'y a pas de *race aryenne*, ily a une race française au point de vue de la linguistique, il n'y en a au point de vue de l'anthropologie». (*L'Anthropologie et La Science Sociale*, pag. 229).

No mesmo anno, J. Deniker, exclamava : «A un certain moment, que d'Arbois de Jubainville place vaguement à vingt ou vingt cinq siècles av. J. C., l'Europe aurait été envahie par les aryens vénant d'Asie, qui imposèrent leurs langues aux autochtones. Le point capital pour l'histoire ethnographique de l'Europe serait donc, suivant les linguistes, l'arrivée des aryens. Mais qu'étaient — ce que ces aryens ? Personne ne le sait au juste». (J. Deniker—*Races et la Terre*. pag. 375.)

Paginas adeante conclúe: «En sommes, *la question aryenne* n'a plus aujour-d'hui l'importance qu'on lui prêtait jadis. Tout ce que nous pouvons supposer légitimement, c'est qu'à l'époque, voisine de l'âge néolithique, les habitants de l'Europe ont été *aryanisés au point de vu de la langue*, sans changement notables dans la constitution de leur type physique, ni, probablement, de leur civilisation». (*Op. cit.*, pag. 379.)

Escusado é dizer que todas estas coisas caíram no goto do destemido J. Finot, que as exaggera enormemente no seu livro já citado — *Le Préjugé des Races*. Mas tudo não passa de repetição do que já havia, com criterio e moderação, dito Paulo Broca, desde 1862 em seu estudo — *La Linguistique et l'Anthropologie*, e 1864 — no ensaio—*Sur les Origines des Races d'Europe*. (Vide—*Mémoires d'Anthrologie*, de Paul Broca, I, Paris, 1877.)

Que pensar dessas affirmações, adoptadas com gaudio por Bomfim, que se insurge contra *loiros* e *aryanos*, como si fôssem seus inimigos pessoaes ?

O caso é o seguinte :

Acreditou-se por muito tempo, mais ou menos, sob a influencia de idéas biblicas, que o antigo continente era habitado pelas tres raças: a *negra* na Africa; a *amarella*, na Asia; a *branca*, na Europa.

Ora, os brancos da Europa não eram sinão *filhos de Japhet*, pois que os outros brancos, isto é, os *filhos de Sem e os de Cham*, estavam relegados para o norte da Africa e para a Asia anterior. A esses suppostos filhos de Japhet, que se suppunham exclusivos da Europa, os linguistas juntaram os *aryas* da India e os *iranianos* da Persia. Ao conjuncto dos da Asia e Europa se veio a chamar — *indo-germanicos*, *indo-europeus*, ou *aryanos*.

Como se vê, era um escorço ethnographico, muito simples, com alguns erros e grande fundo de verdade. A isto se póde chamar a primeira phase da questão aryana.

Mas, eis que o advento dos estudos anthropologicos, verdadeiramente organisados, abriu desde certo tempo uma brecha no *aryanismo*, si assim posso falar. Retzius, Pruner-Bey e outros comprovaram a existencia na Europa de uma população que diziam *brachycephala*, a que davam o nome de *raça turaniana*, e que tinha sido anterior á invasão dos chamados aryanos. E' a segunda phase da questão.

Paulo Broca, principalmente, em França, e Thurnam na Inglaterra — rebateram as idéas de Retzius e discipulos, mostrando ter sido a Europa habitada antes dos famosos aryanos, *dolichocephalos* pelo menos em sua quasi generalidade, não só pelos suppostos *turanianos* de Retzius, mas por outras gentes desconhecidas, anteriores e tambem *dolichocephalas*, como os indo-europeus. Variadas tinham sido as populações prehistoricas daquella parte do antigo mundo. Era a terceira phase da questão. Mas não bastava : Roberto Latham, Omalius d'Halloy, seguidos por Penka, Schrader, Taylor, Huxley, Poesche e outros sabios modernos, atacaram a *origem asiatica* dos aryanos, cuja origem acreditam ter sido a propria Europa. E' a quarta e ultima phase da questão.

Dest'arte, o que se contesta hoje vem a ser: 1º, a unidade das primitivas populações da Europa; 2º, a identificação das primitivas populações com os aryanos; 3º, a pretenção de que todos os que hoje falam linguas indo-européas, pertençam a essa raça aryana, que não devia ter passado duns grupos primordiaes cujas linguas irmãs se espalharam sobre povos de outras raças; 4º, a origem *asiatica* dos *aryanos*.

Isto é que se contesta; a existencia, porém, de um *nucleo*, um *grupo*, uma *gente*, um *povo*, distincto de quaesquer outros, fôsse qual fôsse o seu *numero* e fôsse qual fôsse a *sua patria de origem*, é o que ninguem, em bom juizo, poderá, com razão, negar.

Nunca houve aryanos; mas existem *linguas aryanas*.. Quem as inventou ? Teriam caído do céo ?

Os habitantes da Europa *fôram aryanisados*, *quanto á lingua*, assevera Deniker.

Cumpre perguntar : por quem ? quaes fôram os auctores dessa *aryanisação* ? Teriam brotado das hervas dos campos ? Que moveis, que motivos, que factores produziram taes resultados ?

Confesso que me parece mais difficil de tragar do que a existencia de uma raça aryana.

E' como si alguem, notando, na Asia, na Africa, na Europa, typos anthropologicos e ethnicos diversos falando *portuguez*, dissesse: essas varias gentes fôram *aportuguezadas quanto á lingua*; ha, pois, uma lingua portugueza, *mas não existe um povo portuguez*.

Não seria uma rematada extravagancia? A *aportuguezação linguista* de negros, vermelhos e amarellos — não é devida a um povo, uma nação, que existe alli em carne e osso ?

Pois foi em muito maior escala o caso aryano. O mais são reacções francezas contra allemães, repetidas inconscientemente pelos mestiços do Brazil. Origina-se isto do facto de ter havido quem identificasse os aryanos com os *dolichocephalos loiros* do norte da Europa, representados nos *allemães*, *anglo-saxonios* e scandinavos, com os *dolichocephalos loiros*, com quem os francezes e Bomfins impli-

cam devéras. Não houve mais geito de os conter; não se contentam com o negar a origem asiatica dos *aryanos*, ponto em que tinha ficado a doutrina; negam a *identificação com os loiros* e chegam até a negar a *existencia* do povo aryano. Chegam ao absurdo de affirmar a existencia de um grupo de linguas que não *tiveram donos*, que fôram inventadas pelos passaros.

Sabe-se bem que o criterio linguistico é fallivel no sentido de pretender *que todos que falam a mesma lingua sejam, ipso facto, da mesma raça*. Os que hoje falam inglez por esse mundo em fóra não são necessariamente anglo-saxões; existem gentes *anglicanizadas* quanto á lingua nas cinco partes do mundo. No futuro remoto, quando a Inglaterra tiver deixado de existir, ou se tiver apagado a historia de suas colonisações, os Bomfins de então hão de dizer, deante da diversidade ethnica dos que falarem inglez, qual *anglo-saxões*, qual nada, qual *inglezes*, qual nada, nunca houve semelhante gente: existe, sim, uma *lingua* que se espalhou e nada mais. Pois é o caso dos aryanos.

Verdade é que por esse systema chega-se até a contestar a existencia das raças e de todas as variedades entre os homens. Nada mais simples: applica-se o criterio linguistico e verifica-se que, hoje e em varios periodos do passado, houve gentes que impuzeram sua lingua a povos diversos e estes tiveram a esperteza de as acceitar. O resultado é que estes, além da lingua, ficaram com o privilegio da existencia e aquellas se dissiparam como sombras. E sinão vejamos.

Sabido é que as linguas semiticas fôram faladas por gentes dessemelhantes anthropologicamente. Renan deixou dito: «Cette dénomination (de sémites) est tout á fait defectueuse, puisqu'un grand nombre de peuples qui parlaient les langues sémitiques, les phéniciens par exemple, et plusieurs tribus arabes, étaient, d'après le chapitre X de la genèse, de la race de Cham, et qu'au contraire des peuples donnés par le même document comme issus de Sem, les élamites, par exemple, ne parlaient point une langue sémitique». (*Histoire génerale et Systéme comparé des langues sémitiques*, I, pag. 2.)

O mesmo dizem Richard., A. Maury e outros; logo, não existiram nunca gentes que se devessem chamar *semitas*; houve apenas um grupo de *linguas semiticas*, e certos povos que se *semitizaram quanto á lingua*.

Não é só: anda-se ahi a falar em raça *mongolica*; pois não existe neste mundo maior disparate. Quem se quizer convencer é só ler o bello estudo de Abel Hovelaque, *Le Type Mongolique*, cuja summula é a seguinte: ou as palavras não teem sentido, ou o nome de *typo mongolico*, raças mongolicas, mongoloides, pertencem aos grupos de individuos cujos caracteristicos ethnicos são os caracteres dos mongóes, propriamente ditos.

Ora, a raça mongolica é geralmente dividida em dois grupos: o ramo *mongol* propriamente dito e o ramo *tonguz*; naquelles se contam os *kalmuks* e os *buriates*; nos outros, os *mandchús* e os *tonguezes*. Entre esses varios grupos notam-se já grandes variedades, que indicam raças diversas. Não é tudo: entre os mongolicos se contam os *chins*; mas isso é erro, por oito motivos serios: 1º, o chim tem tendencia para a obesidade e o mongol tem tendencia inversa; 2º, a tez amarellada do chim (anegrada no sul) nada tem de commum com a do mongol; 3º, este é de compleição muito mais robusta do que o chim; 4º, o filho do Celeste Imperio tem a palpebra muito mais obliqua do que o mongol; 5º, o chim é muito mais prognatha do que o outro; 6º, o craneo do chim tem menos capacidade do que o do mongol; 7º, o nariz do chim não é chato como o do mongol; 8º, a fórma geral do craneo do chim está em completa opposição á subbrachycephalia dos mongóes.

Entre as populações denominadas mangolicas é tambem de uso contemplar os annamitas, os siamazes, os birmanos, os thibetanos e, em geral, as gentes indo-chinezas. Neste ponto, Hovelaque entra numa discussão que não posso reproduzir e chega á conclusão de que toda região do continente asiatico foi antigamente povoada pelas raças, negras, não só os negritos como por negros de cabellos lisos. Neste fundo de população, se vieram estabelecer diversas raças de tez clara, donde saiu um extraordinario mestiçamento, no qual os mongóes teriam tido uma parte muito insignificante.

Si se deixa o terreno ethnographico e se váe ao linguistico, a famosa *raça mongolica* mantém-se ainda menos. Cinco são os grupos da familia chamada *uralo-altaica: mongol, tonguz, tartaro, finnico* e *samoyeda*.

Acontece, porém, que os tartaros, turcos, etc., são, segundo Pallas, Demoulins e outros viajantes celebres, inteiramente diversos dos mongóes. Pallas chega a dizer que distam tanto entre si quanto os negros dos mouros.

Pelo que toca aos finnezes, si é certo que sua lingua se deve ligar á dos mongóes, bem diverso é o caso quanto á origem ethnica dos dois povos.

O finnez ou filandez tem cabellos vermelhos ou amarellos, ou de um louro dourado ou esbranquiçado. Barba abundante e ruiva; olhos azues, verdolengos ou castanhos; tez branca, cheia de sardas muitas vezes; nariz recto, narinas pequenas; labios pequenos; queixo redondo.

Tudo inverso do mongol. Só quem não conhece as duas raças poderá irmanal-as.

Quanto aos lapões, é evidente que nada teem nem com os mongóes, nem com os filandezes.

O typo samoyeda não está estudado com segurança; uns o collocam entre os lapões; outros, entre os esquimós; outros, entre os mongóes.

Quanto ás populações especialmente denominadas hyperboreas, são completamente diversas dos mongóes. «Nossa conclusão é que a expressão *typo mongolico* ou deve ser inteiramente abandonada ou restringida ao grupo dos verdadeiros mongóes e de seus mais proximos parentes», diz, por fim, Hovelaque.

E' que o criterio linguistico alli, como noutros casos, não é criterio seguro de parentesco ethnographico. Nem todos que falam linguas mongolicas são mongóes.

Mas Hovelaque não deixou de ter o bom senso de reconhecer um grupo mongolico propriamente dito, digno deste nome.

Identico é o caso dos aryanos. Houve, antes da dispersão, um grupo que merecia tal denominação.

Contra isto não prevalecem sophismas.

Si os mongolicos se tivessem espalhado nas mesmas proporções, ou tivessem sido victimas da conquista na sua patria nativa, a vasta steppe central da Asia, a ponto de seu typo se haver de todo misturado e pervertido, sua existencia seria agora tambem posta em duvida, como se põe a dos aryanos.

Diz o sr. Bomfim, repetindo o negativismo de certos francezes, que *ninguem hoje fala mais em aryanos*. Será verdade?

Não creio.

Para não ir muito adeante, basta que lhe diga que os discipulos da escola de Le Play, entre os quaes se contam homens, como Ed. Demoulins, Léon Poinsard, Robert Pinot, A. de Préville, Paul Bureau, P. de Rousièrs, não falando no grande Tourville, já fallecido, todos admittem os aryanos e sua origem asiatica.

Não é tudo; A. H. Sayce, ainda em 1883, publicava a edição franceza de seus *Principios de Philosophia Comparada*, com um *appendice*, sob o titulo —*Quelle route ont suivi les aryens occidentaux dans leur migration en Europe?*

Na edição, a 2ª, de 1893, ainda figura o mesmo interessante appendice.

Sayce, que não sei si ainda existe, abraçou mais tarde a doutrina da *origem européa* dos aryanos; mas, nem por isso, deixou de lhes aceitar a existencia.

Ainda mais; o preclaro Huxley, ainda em 1891, escrevia seu excellente estudo — *A questão aryana e o homem prehistorico*. Segue ahi a theoria européa; mas não contesta a existencia dos aryanos. Ao contrario, dá-lhes alto valor na historia da civilisação.

Não é só; nos ultimos annos de sua nobre existencia, o principe dos juristas, o genial Rod. von Ihering, escrevia sua portentosa obra — *Os Indo-europeus antes da hisioria*, cuja edição allemã é de 1893 e a franceza do anno seguinte.

Foi hontem, por assim dizer.

Ihering, que tinha uma erudição historica assombrosa, escreveu, logo nas primeiras paginas: «O reconhecimento da descendencia dos povos indo-europeus dos aryas é uma das mais brilhantes descobertas scientificas do seculo XIX. O primeiro fructo aproveitou á sciencia da linguagem. Eram informações preciosas tanto ácerca do desenvolvimento historico das diversas linguas, quanto ácerca da formação da linguagem em geral. A sciencia, porém, reconheceu immediatamente que as conclusões da linguistica encerram ao mesmo tempo indicações das coisas e da historia. A lingua de um povo contém o inventario de tudo que elle acredita ser-lhe proprio, a existencia da palavra—affirma a existencia da coisa designada por essa palavra, a ausencia da palavra equivale á ausencia da coisa: a lingua é a imagem fiel da realidade.» (*Les Indo-européens avant l'Histoire*, Paris, 1895, pag. 2).

Assim fallava um homem do valor espiritual de von Ihering; este não acreditava que as linguas aryanas tivessem brotado do chão.

Acreditava na existencia do povo e era sectario de sua origem asiatica.

Nisto, se separava de Sayce e de Huxley, sectarios da hypothese européa, como disse.

E ha ainda mais; ainda vivo está na Europa o maior *celticista* actual, o famoso d'Arbois de Jubainville; e não só fala em aryanos—como lhes dá por patria a Asia.

E' o que consta de seu livro — *Les Premiers Habitants de l'Europe*, cujo 1º volume appareceu em 1878 ou 1879. (Possúo a 2ª edição de 1889), e o 2º em 1894.

Este livro celebre é contado entre os maiores monumentos da sciencia franceza e serve bem para contrabalançar as negaças de Hovelaque e Deniker.

Finalmente, André Lefèvre, a quem não se poderá negar saber e competencia, não só se bate pelos aryanos, como por sua origem asiatica.

Verifique, sr. Bomfim; é no livrinho de ouro—*Les gaulois—Origines et Croyances*, Paris, 1900.

E' recentissimo.

Lefèvre não se limita a falar vagamente na *patria asiatica* dos aryanos.

Como bom francez, na supposição de ser a *theoria européa* uma invenção de allemães que com isso pretendem glorificar sua terra e seu povo, o illustre poeta da *Epopéa Terrestre*, abre lucta franca contra os innovadores.

Depois de falar das populações autochtones da Europa de varias migrações que para alli se dirigiram, chega á migração indo-européa e desenvolve forte, posto que concisa argumentação, de que transcreverei dois peqnenos trechos: «La theorie indo-européenne n'a pas eté acceptée sans amendements par certains *pangermanistes* qui reclament pour le nord l'honneur d'avoir envahi et subjugué de toute antiquité l'Europe entiére, même l'Asie. Elle a eté combatue par de trés savants hommes qui, *pris d'une défiance bizarre*, n'ont pas voulu s'initier á la méthode linguistique, ou n'en ont admis les inductions que pour les autres groupes humains: sémites, ougro-finvois, maléo-polynésiens, bantous ou algonkins; pour tous en un mot, *la famille indo-européenne dûment exceptée*,.. Qui dit langue dit un groupe d'hommes qui la parlent et la comprend.

A la nécessité d'un idiome aryen *répond l'égale necessité d'un groupe arya*, situé quelque par dans la durée et dans l'espace, ayant existé dans un temps et dans un lieu quelconques. Réduizez autant que vous voudrez, jusqu'á l'absurde (*Toma, Bomfim!*), l'aire et le nombre de ce peuple. Il faudra toujours admettre qu'un individu arya, ou un étranger instruit par un arya, a porté chez ses voisins la langue et la culture qui se sont répandues de proche en proche.

Il n'ya que les graines qui soient semées par le vent. Je dis que *l'existence nécessaire de cet unique arya* ou élève d'arya suffit á demontrer *l'existence d'une primitive patrie aryenne et d'un peuple aryen*.» (*Les gaulois*, pag. 191, nota).

Pudéra citar muitos outros sabios contemporaneos que falam e acreditam em aryanos. Mas quiz só referir auctores que tenho á vista e pude verificar sem esforço.

Não tenho competencia para decidir entre a hypothese *asiatica* e a *européa* na questão da origem dos aryanos. Nem isso vem ao caso; no debate, basta-me apenas provar a necessidade da crença na existencia dum *grupo primitivo* ao qual se deve dar esse nome.

Bomfim tampouco tem competencia para resolver a questão, tanto menos quanto se mostra ouzado em dizer que hoje *ninguem mais fala em aryanos*...

Para meu uso particular, dou preferencia á hypothese asiatica pelos motivos astronomicos expostos, entre outros, por Ad. d'Assier em seu *Essai de Philosophie Naturelle*, 3ª parte—, *L'Homme*, pag. 272 a 291.

E' que, quando se formaram as primeiras civilisações — no Egypto, na Assyria, na India, na Media, na Bactriana, a Europa do Norte estava debaixo dos gelos, atravessava um periodo glaciario.

Entende, Bomfim?

Peça a um geologo que lh'o ensine e não deixe de ler o excellente Adolphe d'Assier.

Tome o conselho.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) Não inclúo no numero os dinamarquezes, porque passam por brachycephalos.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O novo accumulador de Edison. — A sua economia de 58 % sobre o custo do cavallo-vapor. — As experiencias.

Havia muito tempo, o mundo industrial aguardava, com justificada anciedade, um forte impulso de Edison nas novas descobertas, applicações do radium e da electricidade, especialmente o novo accumulador que se noticía recentemente acabado, depois de alguns annos de estudo e experiencias, investigações delicadissimas.

O novo accumulador é um pequeno apparelho, composto de uma caixa de ferro contendo placas alternantes de ferro e de nickel, banhando-se numa solução de potassa.

Edison calcula que a energia fornecida por esse seu accumulador permittirá uma economia de 58 % sobre o custo médio do cavallo-vapor. Poderá imprimir a um automovel fazendo 30 kilometros por hora uma ininterrupta marcha de 6 a 7 horas sem necessidade de ser de novo carregado.

Não será isso, evidentemente, a ultima palavra do problema, porque não se pódem dispensar paradas de 200 em 200 kilometros, mas esse progresso conquistado bastará para o *tourismo* vulgar.

Quanto ao pezo, o novo accumulador não desbancará ainda o motor a petróleo, porque o cavallo-vapor pezará de 12 a 15 kilos.

***

Orchidéa maravilhosa. — O seu desapparecimento. — As investigações no Assan. — Uma restauração.

Um dos typos mais notaveis, entre as orchidéas, é o genero cypride e, neste, o *cypripedium Fairrieanum*, tão raro

que era considerado perdido, offerecendo-se um premio de 25 mil francos a quem o descobrisse, premio que havia 20 annos não fôra reclamado.

Em 1857 appareceu simultaneamente em Londres, nas famosas casas de plantas ornamentaes de Stevens, no Covent Garden, e em Gand, na Belgica, no celebre estabelecimento horticolo de Van Houtte, esse cypripedium, expedido de Nowgong, no Assan.

Os inglezes deram a essa orchidéa o nome de Fairrie, um amador de renome.

O jardim de Kiew comprou um bello specimen ; outros colleccionadores adquiram tambem algumas mudas desse soberbo cyprido ; entretanto, como nessa epocha não estava em vóga a hybridação, elle desappareceu gradualmente, de sorte que em 1876 se achava catalogado entre as orchidéas perdidas.

Fizeram-se pacientes investigações para descobril-o de novo no Assan, mas as poucas unidades encontradas morreram antes de chegar á Europa. A perda foi muito sensivel porque os principios a seguir para tornar fecundos os hybridos são agóra praticados com successo e o *cypripedium Fairrieanum* passa por possuir propriedades muito vantajosas para esse cruzamento de especies.

Annuncia-se, agóra, que um official do exercito inglez, Frederic Boyle, que fez parte da expedição Younghusband no Thibet, encontrou na passagem inaccessivel do Bontan, a flôr maravilhosa procurada havia 40 annos.

O valor especial do Farrieanum consiste em que, entre os cypripedos, de que existe, apenas, um pequeno numero de especies, nenhum ha que possa dar mais esplendidos hybridos. Essa esperança parecia confinada na região das chimeras porque, na Europa, se conheciam sómente cinco especimens, dos quaes quatro no Luxemburg, todos em tão máu estado que se não prestavam á fecundação. No que floresceu em 1903, ninguem pôde saber o que fôra feito do pollen e nenhum segredo do Estado foi jámais melhor guardado. Graças á descoberta de Boyle renascem, agóra, as esperanças.

***

Cães tuberculosos. — As declarações do sr. Petit. — Perigo desconhecido. —

Durante o recente congresso contra a tuberculose, o professor Landouzy communicou que a Escola de Alfort demonstrára a tuberculose do cão, não só muito frequente, como progressiva. A proporção dos cães tuberculosos, autopsiados pelo sr. Cadiot, em Alfort, se elevou, em cinco annos, de 4 a 9 %, provindo a grande maioria desses animaes doentes dos vendedores de bebidas alcoolicas, de café, de Paris ou dos arrabaldes. Nesse meio especial muito frequentado, principalmente por tuberculosos, como são quasi todos os alcoolistas, os assoalhos estão infeccionados e são varridos sem serem regados, projectando para todos os lados a poeira virulenta e os cães adquirem a molestia pelas vias respiratorias e digestivas, devorando com avidez toda a sorte de dejectos e absorvendo aquellas poeiras.

O dr. G. Petit declarou muito frequente a tuberculose canina.

Amigo da casa, o cão póde ser o instrumento de contagio num meio perfeitamente indemne, babando nos tapetes, deitando-se no leito das creanças. Muitas pessôas gostam de beijar cães, deixam-se lamber no rosto por elles ; um bello dia, a tuberculose apparece na familia, sem que se suspeite a sua origem.

Não se deve proscrever a companhia desse velho amigo do homem, mas será medida de prudencia fiscalizal-os, e, de quando em vez, verificar o seu estado de saúde.

Temos, portanto, mais um motivo de censura ao detestavel costume de trazerem as senhoras o cãosinho ao collo, de amimal-os, de beijal-os, de se deixarem beijar por elles, adquirindo, não sómente a tuberculose, como outras molestias de que o carinhoso animal póde ser o vehiculo.

ARMADA NACIONAL

Os processos de avaliação do actual ministro — A inspecção dos arsenaes — A lona adquirida pelo sr. Guillobel.

Vimos já que as duas causas primordiaes do pequeno rendimento dos nossos pseudo arsenaes, são : o preço elevado pelo qual sáe ao Governo a materia prima e a desidia com que são administrados taes estabelecimentos, o que permitte que uma obra ligeira leve em mãos de dezenas de operarios centenas de dias. Haveria a juntar uma terceira causa : a má applicação dos dinheiros nos arsenaes ; é facil provar a existeucia desta causa, com o facto do sr. ministro mencionar na verba «material de construcção», em seu relatorio de 1905, um saldo de mais de 25 % do total da verba, quando, entretanto, ha navios, como o *Tamoyo*, cujos concertos não estão terminados, simplesmente (é essa a razão apresentada officialmente) por falta de quantia inferior a 8:000$000 !

Convém dizer que o *Tamoyo* é dos navios anthypatisados pelo arsenal de marinha do Rio de Janeiro.

Para o actual ministro da Marinha, porém, não são essas naturalmente as causas dos «fracos rendimentos». Seu processo para avaliar esses rendimentos consiste em comparar a quantia dispendida com o custeio dos arsenaes, com o valor das obras concluidas pelos mesmos. Dahi dedúz s. ex. a quantia consumida com as despezas geraes. Exemplo: si um arsenal despende 400 contos e produz obras no valor de 200, diz s. ex., e é certo, que as despezas geraes consumiam tanto como 100 % das obras realizadas, ou outros 200 contos.

Ora, si o preço da materia prima fôsse ainda superior ao que é actualmente, o augmento proveniente dessa mais exaggerada carestia, transmittir-se-ía integralmente ao valor das obras, á producção do arsenal, e não gravaria a verba de custeio do estabelecimento, da qual não faz parte a de acquisição do material ; e si ainda a desidia que impera pelos arsenaes fôsse mais surprehendente do que é actualmente (e é difficil crel-o), o accrescimo do valor na mão de obra, pela maior demora na execução dos trabalhos, transmittir-se-ía ao preço das obras, integralmente, e tambem não gravaria a verba «custeio», porquanto os operarios e o pessoal seriam os mesmos.

O resultado seria então que o valor das obras produzidas cresceria surprehendentemente emquanto aquella verba se mantinha sem augmento ; a proporção das despezas geraes diminuiria consideravelmente e s. ex. o sr. ministro ficaria muitissimo satisfeito com a sua administração, que teria colhido tão estupendos resultados !

Bellos processos de comparação, para deduzir rendimentos !

No emtanto, seria facil a s. ex., sem querer fazer mathematica em seus relatorios, verificar que as causas unicas do mal são as que apontámos. Bastava que s. ex. verificasse que, no arsenal do Rio de Janeiro, *tres toldos para escaleres* custam ao Governo 1:400$000; essa obra feita por officina particular não attingiria a 200$000.

Um toldo para o *Riachuelo* fica ao Governo por cerca de 15:000$000, quando feita no mesmo arsenal ; para não citarmos mais exemplos, basta accrescentar que são assim fabulosos os preços de quaesquer obras nos nossos arsenaes. Donde provém tal exaggero ? E' facil verificar, constatando, nos dois exemplos citados, que, a despeito do preço da materia prima ser elevado, o da mão de obra attinge, em ambos os casos, mais de 70 % do custo total.

Mas, s. ex. conhece bem quanto dizemos; simplesmente, não tem força para moralizar taes arsenaes, porque, num, no mais importante do paiz, collocou s. ex., como inspector, um seu irmão, por quem nutre um verdadeiro respeito filial; e nos outros, s. ex., sem independencia na pasta, antes procurando, de toda a fórma, nella manter-se, não póde collocar sinão os que lhe são impostos pela politicagem local, sem querer attender exclusivamente aos interesses da armada.

Podemos agóra referir, conforme promettemos atráz, quanto se passou com uma grande quantidade de lona comprada directamente ás praças da Europa pelo sr. almirante José Candido Guillobel.

Quando este official foi inspector do Arsenal de Marinha do Rio, teve occasião de verificar como era grande o consumo de lona nas officinas de confecção de toldos e vélas, e, conhecendo a extraordinaria differença entre o preço daquelle artigo na Europa e no Rio de Janeiro, obteve auctorisação do ministro da Marinha de então e forneceu o Arsenal com um collossal *stock* de lona, adquirido, com grande economia para o Governo, em praças estrangeiras.

O almirante Guillobel, não sabemos porque, é malquisto entre os actuaes senhores da armada nacional; e tendo sido substituido na inspecção do Arsenal pelo sr. almirante Carlos de Noronha, não faltou logo quem visse, no facto daquelle grande fornecimento feito no exterior, motivo para, á surdina, atassalhar-se-lhe a honorabilidade. Abriu-se logo uma devassa e, verificada a honestidade de quem contractára o fornecimento, lançou-se mão do ultimo recurso: não fôram satisfeitos os pedidos de toldos e de lona para os navios, sinão dois annos e mais, depois de feitos; parte daquella lona deteriorou-se, porque houve tempo e processos para isso, e hoje então diz-se, que a compra daquelle artigo, em tão grande quantidade, foi um disperdicio criminoso. O que se não diz é que o *Riachuelo*, o *Carlos Gomes* e outros navios, estiveram sem toldos durante mais de dois annos!

Taes processos de administração são tão mesquinhos, que mesquinho parece referil-os; mas, repetimos, queremos mostrar como se está reorganizando e salvando a marinha de guerra do Brazil.

***

Vimos assim que, decorridos mais de tres annos de administração, o actual ministro da Marinha, na parte referente ao material, não fez mais do que os seus anteriores.

Os arsenaes mantêm-se no mesmo gráu de improductividade em que viviam. Administrados com pasmosa desidia, os seus operarios nada fazem; e o pouco que produzem sáe por preços fabulosos e mal feito.

Quanto ao material fluctuante, s. ex. só o accresceu com as canhoneiras typo *Melik*, navios imprestaveis, e sobre os quaes, s. ex., cujos processos administrativos teem por base a franqueza nos relatorios (dizem os seus admiradores) occultou inteiramente a verdade; tambem o accresceu com o monitor *Pernambuco*, lançado ao mar após 34 mezes de obras activadas (em 30 conclúe-se um couraçado de 16.000 tonelladas), e que só ficará prompto para 1907

Existe mais para provar a fecundidade da sua gestão o já celebre programma naval Pitta-Noronha. Só o analyzaremos, porém, depois que tivermos examinado o nivel profissional e moral dos nossos officiaes e das nossas guarnições.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

O PRESIDENTE DO JURY

Sabio de *bric-á-brac*, illustre pedagogo,
Que á puericia real ensinas desde logo
A lisonja arrastada, a vil hypocrisia!
Eu conheço-te bem, santão da freguezia:
Lá devias cantar, ó mutilado infame,
Co'a a tua voz de tiple em musical certame.
Presidente venal de todos os concursos.
Erudito cruel, insano nos discursos,
Versejador fatal, rhetorico apopletico,
Libertino por dentro, e na apparencia ascetico;
Recebendo mercês da mão da liberdade,
E mordendo-a depois nas sombras da maldade:
Grego de contrabando, é mais o teu emprego
Ser grego nas acções do que na lingua grego.
Vaes agora saber como me custa pouco
Desmascarar de vez na praça um farricoco.
Como um *pobre escriptor versejando fraquito*,
Que *não sabe latim*, amanha um erudito.
Calumniador de Homero; ultrajador de Dante!
Louvado seja Deus! e fazem do pedante
Arbitro a decidir do gôsto e do talento!...
Onde a critica exige um fino sentimento
Do bello, do ideal, vão pôr este pancracio,
Estragador de Moschio e do divino Horacio!
Inda ficando aqui!... emfim se á crassidade
De tal entendimento a luz da probidade
Mandasse algum clarão!... Mas a moral n'aquelle,
Peor que a intelligencia, inda mais baixo o impelle!
Querem saber porque? Um toque bastará
Para mostrar o fel que n'aquella alma está.
No dia do certame um moço concorrente
Fallou sobre a Reforma. O grave presidente
Julgou vêr no orador idéas deleterias;
Ferveu-lhe a indignação! Bateram-lhe as arterias!
Embargaram-lhe o curso apostrophes violentas,
Do tenesmo oratorio as ancias truculentas!
Um — bem pouco christão! — do jury respeitavel,
Afoitou-se a ter mão na scena deploravel,
O publico apupava as furias do truão.
O escandalo acabou? Não acabou, verão:
Uns minutos depois, na sala do concurso,
O protegido entrou e fez o seu discurso,
Co'a funda convicção de um animo seguro,
A confissão geral de pantheista puro.
Céos e terra! o beato, o protector da curia,
O servo ultramontano ouviu aquella injuria—
Monumental blasphemia! — e conservou-se mudo
Um hypocrita bom tem bojo para tudo.

BULHÃO PATO.

***

A POBREZA ENVERGONHADA

ACTO I, SCENA II

INTERLOCUTORES: — *D. Luiza* e seus filhos *Antonio Guerreiro* e *d. Amelia*, *José Silvestre* (mendigo) *Seraphina* (queijadeira).

Logar da scena: — Largo e egreja das Chagas em Lisbôa.

ANTONIO GUERREIRO (*Entra dando o braço a d. Luiza e d. Amelia, cada uma das quaes traz o seu livro de missa*) — Ficam nas Chagas. (*A's duas*). Em acabando a missa, vão para a casa, não?

D. LUIZA. — Vamos, sim. Escusas de te incommodar mais. Váe aonde teus de ir. São dois passos. Basta-me a companhia de tua irmã. Não precisamos de mais ninguem.

SERAPHINA. — Quem vem ás queijadas?

ANTONIO GUERREIRO. — Queijadas aqui! E' raro! (*Para Seraphina, que se approxima*) São bôas?

SERAPHINA. — São da Sapa, meu senhor.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Para d. Amelia*) E tu que és tão apaixonada dellas. e a mamã tambem!... Estou capaz de comprar uma duzia.

D. LUIZA. — Deixa-te disso. E' deitar o dinheiro á rua.

D. AMELIA. — E é verdade.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Rindo*) Ralhem, ralhem.. vejam se lhes quero menos por isso. Não sabem que até dos seus ralhos gosto.

D. LUIZA. — Tens o coração de teu pae, como és o seu retrato... (*Limpando as lagrimas*) Oh! se o meu Jeronymo fôsse vivo!

D. AMELIA. — Ora vamos, mamã, deixe-se disso.

ANTONIO GUERREIRO. — Não tem aqui os seus filhos?

D. LUIZA. — E' o que dá forças para sobreviver ao pae.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Alegremente*) E não quer que lhe compre queijadas!. Meia duzia, ao menos?

SERAPHINA. — Compre, compre, meu senhor. são muito bôas.

ANTONIO GUERREIRO. — Haviamos de parar debalde?...

D. LUIZA. — Faze o que quizeres. (*Aparte*) Valha-me Deus!

ANTONIO GUERREIRO. — Daixe estar que não deito a casa a perder!. .

D. AMELIA. — Vejam isto!. Como lhe não falta nada, não ha extravagancia que lhe não lembre.

ANTONIO GUERREIRO. — *(A Seraphina)* Meia duzia. (*A d. Amelia*) Não me falta nada !... Faltavam-me queijadas. e vou deixar-lh'as em casa.. Não agradece a seu irmão ?

D. LUIZA. — Agradece, sim ; e eu tambem.

ANTONIO GUERREIRO. — Ora ainda bem. (*A Seraphina, que lhe dá as queijadas embrulhadas num papel*) Quanto é ?

SERAPHINA. — Um tostão.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Pagando*) Aqui tem.

SERAPHINA.—*(Vendo o dinheiro)* Seis vintens. Eu lhe dou o troco.

ANTONIO GUERREIRO. — Não tem demasia.

D. AMELIA. — Vejam o que elle faz ao dinheiro.

ANTONIO GUERREIRO. — Que magnificencia !... Um vintem.

D. LUIZA. — Um vintem ás vezes.

ANTONIO GUERREIRO. — Faz falta, bem sei.. Mas não é no nosso caso.

D. LUIZA. — (*Suspirando*) Não, decerto.

ANTONIO GUERREIRO. — *(Despedindo-se de d. Luiza)* Até á noite, minha mãe.

D. LUIZA. — Abafa-te bem, que o tempo já váe estando frio. A falar-te a verdade, não gosto muito que andes por esses jantares.

ANTONIO GUERREIRO. — Bem vê que não podia dizer que não ao director da contadoria. Adeus Amelia, vou alli comprar charutos, e quando voltar lá deixo as queijadas na capellista : peçalh'as quando voltar. Adeus *(Sáe pela direita)*.

D. AMELIA. — Adeus. (*A d. Luiza*) Vamos, mamã, que se faz tarde. (*Dirigem-se á egreja*).

JOSÉ SILVESTRE. — Uma esmolinha pelo amor de Deus.

D. AMELIA. — O meu pobre dos domingos. . e eu que não reparava !... Tome lá, irmãosinho. E' pouco mas é de bôa vontade.

JOSÉ SILVESTRE. — Deus lhe dê saúde, minha rica menina !. Nunca me ha de esquecer que foi a primeira pessôa que me deu uma esmola, quando principiei a vir para aqui pedir... Foi ha cinco ou seis domingos, lembra-se ? E depois ainda se não passou um que não recebesse alguma coisa de sua mão !... Deus lhe dê saúde !

D. AMELIA.—Pouco posso, mas sempre vou poupando pela semana adeante, porque se me não tira do sentido. . E' a minha caixa economica.

JOSÉ SILVESTRE. — (*Um tanto commovido*) Eu não fui sempre o que mostro. Deus é que lhe ha de pagar.. Tem a formosura e a bondade !.. Feliz pae e feliz mãe !

D. LUIZA. — *(Aparte)* Feliz !

D. AMELIA. — (*Tristemente*) Já não tenho pae, irmãosinho.

JOSÉ SILVESTRE. — (*Levantando-se e tirando o chapéo*) Queiram perdoar, minhas senhoras.

D. LUIZA. — Peça a Deus por nós. (*Sobem e entram*).

JOSÉ SILVESTRE. — (*Comsigo*) Pedir por ellas... eu !. Ruins orações seriam ! *(Assenta-se de novo pensativo)*.

MENDES LEAL.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

IX

Depois da indicação ou proposta do padre Alencar, a respeito da prisão de Costa Barros, deputado eleito pelo Ceará; depois do projecto de amnistia, apresentado por Martins Bastos ; o de Pereira da Cunha, adoptando e mandando vigorar, no novo Imperio, a antiga legislação portugueza, que outr'óra regia a colonia brazileira, a Camara Constituinte continuava a trabalhar activa e assidua.

A população, por seu lado, não cessava de fazer-lhe frequentes e quasi ruidosas manifestações de apreço, de confiança e sympathia.

A novidade do espectaculo em uns ; a fé ardorosa do patriotismo em outros ; a consciencia do dever civico em quasi todos — faziam que o povo fluminense rodeasse a casa do Parlamento e frequentasse, todos os dias, a sessão, que principiava ás 10 horas da manhã.

Eram, pois, visiveis o interesse reciproco e forte união entre o povo e os representantes, os quaes procuravam, na medida de suas forças, curar das necessidades publicas. Releva tambem lembrar que havia excessivo prurido de falar e, por toda parte, discreteava-se sobre as questões do dia — justa desforra contra o regimen da metropole, que supprimia o pensamento, impedindo a liberdade da palavra.

Cada deputado, por amor proprio, mostrava-se açodado em formular projectos, moções ou propostas. A Camara ainda não havia systematizado o processo de seus trabalhos. Não se lhe estranhe, attendendo-se em que a maioria dos deputados comparecia, pela primeira vez, numa reunião de caracter deliberativo. Não olvidemos de não haver o governo dos vice-reis e capitães-generaes permittido nem tolerado associações, temendo que se convertessem em fócos de conspirações: é propria dos governos absolutos essa cautella — amam e querem viver tranquillos—*silentium faciunt et pacem adpellant*. (1)

A nação, do norte ao sul, olhos fitos nos representantes, esperava que os interesses vitaes, os direitos da liberdade civil e politica, as medidas concernentes ao desenvolvimento da prosperidade publica e, sobretudo, a decretação duma Constituição que a livrasse dos abusos e dos caprichos dos poderes arbitrarios—indubitavelmente mereceriam o zelo e solicitude dos paes da patria.

Quando uma assembléa politica desperta e aviventa na alma nacional um enxame de esperanças, póde-se affirmar que exprime a opinião real e verdadeira e identifica-se com a vontade e soberania, que representa. Entre o povo e seus representantes, o laço de união era inquebrantavel. Nunca outra assembléa, no Brazil, avultou na estima e consideração de todas as classes sociaes, como a de 1823. O povo dava-lhe apoio e força e, si nesse momento os legisladores fôssem atacados, encontrariam, em cada cidadão, extrenuo e dedicado defensor.

Tem-se contado a historia de diversos modos. Cada um ou segue os impulsos naturaes do seu temperamento, ou procura um modelo entre os antigos e modernos. Os que sentem as inspirações grandiosas da epopéa, imitam Tito Livio, que Niebhur chama poeta, aquem só faltava o talento da versificação e que procurava esquecer a degeneração do seu seculo, pondo aos olhos do presente tudo que o passado de Roma tinha de mais glorioso. Os chronistas referem factos, narram sem descriminar o erro da verdade, mencionam acontecimentos, indicam personagens, datas e circumstancias com inuteis minucias — deixando os leitores num labyrinto de incertezas por não poderem conhecer como taes successos se originaram. (2) Os escriptores moralistas, inspirando-se em certas idéas, só procuram descobril-as encarnadas nos factos. (3) Emfim, as escolas modernas vêem na historia a psychologia em acção e assim, nos actos dos homens, se esforçam em investigar e penetrar suas paixões, idéas, interesses, virtudes e crimes, grandezas e miserias. (4)

Ora nós, que desejamos aprender a verdadeira historia do paiz, não podemos acceitar narrativas, como as dos velhos chronistas. Em frente da Constituição estacamos e lhe fazemos, naturalmente, um rozario de questões. Queremos olhar, com seguridade, a physionomia, o caracter, o genio, ou a inepcia dos homens que dirigiram aquella assembléa, ou influiram nos acontecimentos.

A primeira coisa que nos surprehende, é o triste contraste do inicio jubiloso e do final desastroso da Constituinte. Ora, passar por estes dois successos, como sóem praticar os chronistas, é condemnar-se a ignorar as diversas peripecias do drama inter-

essante que representaram d. Pedro e os Andradas. Como subitamente os illustres patriotas perderam a confiança do Imperador e fôram expulsos do ministerio? E porque o desastre dos Andradas trouxe a dissolução da Constituinte? Quaes as causas determinativas de tão estranhos successos? Não seriam previstos? Os coriphêus politicos tinham a vista tão curta, que não lobrigaram as nuvens negras, que se enfileiravam no horisonte, minazes de tempestades? A razão, o motivo de todas estas mutações de scenas? O volume da—*Constituinte perante a historia*—não nos explica absolutamente nada; por conseguinte, nos deixa ignorando o passado e só nos affirma que a Assembléa *foi sempre respeitosa*: dahi, um milheiro de conjecturas.

De certo, quem seriamente quer estudar a historia, não se contenta com a repetição de factos sem lhes investigar as causas e a cooperação das personagens que figuraram nos dramas das revoluções, ou nas delicias da paz. E' por meio desse exame conscienciosо que a historia lauréa os benemeritos e classifica os heróes e expõe ás gargalhadas das turbas os charlatães refinados e felizes, que perduram na veneração e na memoria de successivas gerações, até envoltos nos véos seductores e deslumbrantes das *lendas* populares.

A Constituinte começou por um modo brilhante e acabou de maneira lastimosa; nenhum dos seus homens esteve na altura do civismo, da elevação moral e intellectual e das energias do patriotismo que as circumstancias exigiam. Dentro e fóra da Camara, a subserviencia á vontade do dominador absoluto foi completa.

Interessa á verdade historica estudar as phases, pelas quaes passou a Constituinte até chegar a 12 de novembro, dia em que foi annullada inesperadamente pela dissolução, que nunca foi prevista por nenhum dos membros da Assembléa, porque não tinham, siquer, a habilidade commum; quanto mais as luminosas intuições de provectos legisladores.

Lancemos ainda uma vista de olhos sobre os primeiros dias de sua existencia para bem fixarmos o terrivel desastre que a anniquillou.

O povo, que se mostrava ufano e disposto a sacrificar-se pelos seus representantes, parece abandonal-os ao luzir das espadas, á sanha e ás patas da cavallaria, que viera das bandas de S. Christovão. Porque mudou de resolução? Os longos mezes de sessão consumidos em trabalhos estereis, em disputas imprudentes, desilludiram-no de todo? Porque perdeu aquella ardente confiança, ruidosamente manifestada no dia 3 de maio?

E' verdade que então o povo e os representantes entendiam-se, amavam-se, sustentavam-se. Por seu lado, a Constituinte estava convencida de ter por si a nação inteira e procurava corresponder á confiança e viva sympathia e dedicação, que lhe eram manifestadas. Mas, a despeito da bôa vontade, faltava-lhe uma coisa, que grande e celebre estadista reputava ser o principal predicado das assembléas, dos governos, e dos legisladores — *a experiencia*. (5) Este dom, adquirido, tão custosa e, ás vezes, dolorosamente, suppre o talento, ou o genio, a eloquencia e o patriotismo, as virtudes e até a sciencia, é o fructo da meditação, a opulencia do bom senso. Os legisladores da Assembléa de 1823 — onde, quando e como teriam adquirido essa opulencia? Ainda os mais notaveis, Carneiro de Campos, que não é um talento vulgar; José Bonifacio, considerado em toda a Europa como sabio naturalista; Antonio Carlos, que mostrava impetuosas explosões de eloquencia; Pereira da Cunha e alguns poucos espiritos bem dotados, nunca viram, observaram o labor da politica, da legislação e do governo dos povos, nem as luctas dos direitos e dos interesses, das paixões e da justiça. Nascidos e educados sob o regimen absoluto, crentes na doutrina do direito divino, (6) nenhum daquelles representantes da nação brazileira, que acabava de romper os grilhões do captiveiro colonial, estava preparado para exercer e desempenhar o difficil e arduo papel de legisladores e estadistas.

Nestes estudos já tivemos occasião de notar o syncretismo de idéas, que obscurecia a mente dos improvisados politicos.

Elles não possúem noções exactas do governo do Estado por meio das assembléas deliberantes. Na quadra, em que a Constituinte funccionava, o regimen parlamentar já era conhecido e praticado na Inglaterra desde o reinado de Guilherme III, (7) da rainha Anna, (8) continuado pelos reis da casa de Hanover, (9) aperfeiçoado nas luctas de Jorge III. (10) Em 1823 já a Grã-Bretanha tinha sido governada por uma dynastia gloriosa de ministros responsaveis, saídos do parlamento, como os Walpole, Somers, Chatham, lord North, Fox, Pitt, Canning, que foi dos ultimos e achou-se bem atarefado com os negocios do Brazil. (11) Em França, tambem as assembléas da grande e terrivel revolução e, mórmente, as da carta constitucional, dadiva de Luiz XVIII, haviam ensinado aos povos o valor e vantagens de tal regimen. (12)

Alguns dos membros da Constituinte, por exemplo, Antonio Carlos, Moniz Tavares, etc., fizeram parte das côrtes de Lisbôa, onde Antonio Carlos, defendendo os interesses do Brazil, foi vaiado pelo poviléo, aquem respondeu, atirando-lhe esta fulminante apostrophe, que a fez emmudecer: *quando fala a nação, cala-se a canalha*. Em Portugal, porém, o regimen era apenas um ensaio, inteiramente ignorado, porque os portuguezes sempre viveram sob o jugo do despotismo e, educados servilmente, não podiam então ter legisladores parlamentares com a comprehensão dos direitos da liberdade moderna. Entre as côrtes de Lisbôa e a Constituinte do Rio de Janeiro a differença seria muito pouco sensivel; nenhuma superioridade as distinguia nem as distanciava.

Assim, pois, releva reconhecer que nenhuma experiencia illuminava os representantes, que legislavam para um povo em embryão, sem educação elementar e muito menos moral e politica. Essa inexperiencia levará a Camara de 1823 de erro em erro até o desastroso desenlace do decreto de 12 de novembro, embóra ella *tenha sido sempre respeitosa para com* o magnanimo Defensor Perpetuo, conforme nol-o assegura o illustrado auctor do livro — *A Constituinte perante a historia*, (13) sem ter assignalado os motivos do descalabro duma assembléa que exibiu á estima e veneração dos posteros. O honrado sr. barão Homem de Mello parece esquecer-se de que os corpos politicos, sem as aptidões intellectuaes, são sempre nullos, e que a Constituinte foi dissolvida—não porque desrespeitasse a d. Pedro, mas porque este não quiz tolerar que ella, por sua incapacidade, se fizesse instrumento nas mãos dos adversarios. Ora, dissolvendo-a, quebrava o instrumento, desarmava e nullificava a trindade andradina, como succedeu.

Não é justo exigir, porém, que a Constituinte de 1823 desempenhasse cabalmente a missão duma assembléa provecta e illustrada, quando era composta de padres e de gente sem educação politica; quando apenas contava, em seu seio, alguns magistrados, ou empregados de secretarias, ou politicos da plana dos irmãos Andradas, que estavam acima da maioria formada da mediocridade.

Esses reparos são indispensaveis, porque respondem ás exaggeradas admirações daquelles que nos atordoam com os altos meritos da primeira assembléa que legislou neste paiz. Ella tem alguns titulos ao respeito e gratidão das gerações posteriores, mas absolutamente não póde ser considerada um modelo, quanto á superiodade intellectual, nem mesmo é comparavel com as Camaras de 1826 ao termo final da Regencia de 1840. A Constituinte foi o producto do seu tempo sob a realeza absoluta de d.

Pedro e do ministerio arbitrario de José Bonifacio; ao Imperador e ao ministro, faltavam as grandiosas concepções de estadistas. Um governava ainda crente no direito divino da monarchia tradicional. O outro julgava que tudo que lhe dava na vontade fazer, indubitavelmente era bom e justo, porque amava muito o seu paiz. Desse excesso de amor concluía o excesso do bem (14).

Na quadra do seculo XIX, em que o váe-e-vem das revoluções atirou o grande naturalista sobre a curul ministerial e parlamentar, já o espirito humano tinha passado por muitas evoluções, principalmente no tocante ao governo dos povos. A politica havia attingido a grandes e fecundos resultados e enthesourado abundante copia de theorias, de experiencia e de idéas.

José Bonifacio não era perito nesta sciencia, como era reputado notabilissimo naturalista. Chamado ao governo por outros titulos que o elevavam e o recommendavam á estima do Imperante, não soube evitar os perniciosos erros dos 16 mezes do seu ministerio e sacrificou a inexperiencia da Assembléa.

Deixemos, por ora, o estudo do homem mais eminente dessa epocha; a cada passo, repetidas vezes se nos deparará azo de traçar do vivo os seus gestos e physionomia. Continuemos, como espectador curioso, a seguir e notar os trabalhos parlamentares.

A todo instante, na Constituinte, choviam propostas, indicações e projectos. Antonio Carlos, em consequencia de informações que recebera da Europa, sabia que o governo portuguez, desenganado de reconquistar o Brazil, envidava esforços, por meio de agentes seus, para semear a sizania entre nós e, dividindo-nos, dilacerar-nos. Assim, propunha: 1º, *que se diga ao Governo que quanto antes*, etc., etc.; 2º, que se nomeasse uma commissão especial para buscar os meios e providencias adequadas que nos livrem dos laços e das ciladas dos nossos inimigos e dos emissarios, e apontar os expedientes energicos que exigem as circumstancias, ainda mesmo o silencio parcial e temporario das leis que garantem os direitos civis e que esta commissão seja secreta e seu resultado se trate em sessão secreta, etc. »

Esta monumental proposta, que denunciava que o Governo ou poder executivo não sabia fazer o seu officio — o de vigiar pela ordem publica e segurança e defeza nacional; que invadia as attribuições de outro poder; que decretava a suspensão de garantias legaes, foi logo apoiada por José Bonifacio (15), *que era muito afeiçoado ao arbitrio*, como declarou seu proprio irmão (16).

Tal proposta harmonizava-se com seu gosto e indole e era de seu especial agrado.

Motemos que o nosso venerando patriarcha, fundador da liberdade, si vivesse, hoje, em nossos dias de — *estado de sitio* — seria o mais fervoroso sustentador dessa violenta medida e não haveria governo que não o contasse na rabadilha entre os asseclas.

E' preciso que a tolice humana seja profunda e muito brutal para crer que um homem, sempre inclinado a tudo que viola e opprime a liberdade seja um de seus dedicados e sublimes apostolos ! !. Não ha acto desse homem que não seja dum inexoravel absolutista. Estudem-no em seus instinctos, em suas palavras, pensamentos, e rasguem-lhe o manto esplendoroso da LENDA: verão si elle é, ou não, um imitador, ou emulo do truculento marquez de Pompal. E José Bonifacio passa como verdadeiro e sincero amigo da liberdade... A tradição consagrou esse juizo, sem esmerilhar-se os fundamentos e foi, facilmente, transmittido, de geração em geração, embóra os protestos dos contemporaneos.

Mas quando se penetra na consciencia dessa notavel individualidade desapparecida, examinando-se-lhe os actos, se nos deparam — aqui, devassas geraes; alli, processos; acolá, a insania de applicar o alvará de 1818...

O mesmo homem oppõe-se ao projecto de perdão e amnistia. Combate a revogação do citado alvará — uma das mais perversas e cruentas invenções da tyrannia. Não tolera a liberdade do pensamento; é, portanto, adverso á independencia da consciencia; quer a subserviencia. Manda processar — *insolentes* — que censuram e falam dos ministros de sua magestade. Desvirtúa a natureza do regimen constitucional, que é da opinião, e a opinião critíca, aprecia, approva, ou condemna. Nesse regimen, a responsabilidade dos ministros é uma das garantias da liberdade e, por conseguinte, a critica é um direito do cidadão. Prodigaliza a prisão arbitraria, como o ministro napolitano (17). Victíma o deputado, coronel Costa Barros, que com o brigadeiro Moniz Barreto e mais (cerca de 400) brazileiros, fôram todos encarcerados na fortaleza da Lage, *apanhados* na rêde das devassas geraes, por terem uzado do direito da critica...

Deante dessa vergonhosa e deploravel e incrivel realidade, fôra precizo a obliteração da consciencia moral e do senso commum para proclamar um ministro que manda praticar, ou tolera taes actos — fundador e sublime apostolo da liberdade ! ! !..

As gerações novas, em pleno uzo de sua razão, de certo, não se submettem ao capricho das anteriores. Devem ter o criterio de julgar com justiça e não se deixam deslumbrar pelas lentejoulas da *lenda* — essa invenção da phantasia popular, essa crença de fé implicita da ignorancia.

Ora, si a historia, sem exame, sancionasse a mentira da *lenda*, seria indigna de occupar a attenção dos espiritos reflectidos e judiciosos.

A proposta do deputado e afamado orador Antonio Carlos, suscita uma série de considerações, que deixamos de escrever, porque opportunamente as generalizaremos. Por momentos, chamamos a attenção para notar a inexperiencia do mais audaz e pretencioso orador da Assembléa Constituinte. Reparem os leitores na confusão de idéas — imperdoavel num homem que se ostenta versado na sciencia dos publicistas e nas praticas do parlamento inglez.

Acceita por Antonio Carlos, como dogma da doutrina constitucional, a separação dos poderes, é evidente que não cabe á Camara (ramo do poder legislativo) mandar, ou dizer ao executivo que faça ou deixe de praticar certos e determinados actos de sua competencia. O poder legislativo necessariamente critíca, examina, censura o executivo e o responsabiliza, mas, em virtude do principio da separação, não lhe póde determinar que proceda desta ou daquella maneira, porque essa ingerencia indebita destruiria ou supprimiria a base do principio da responsabilidade. Ora, si o legislativo intervem nas attribuições do executivo, este, privado da liberdade de acção, deixa de ser evidentemente responsavel. Eis ahi o absolutismo, a omnipotencia, qual exerceu a Convenção franceza (18).

Havemos de ver Antonio Carlos prégar frequentemente dogmas constitucionaes e infringil-os constantemente. Verificaremos que não o faz só por volubilidade de espirito, mas tambem por confusão de theorias sobre a essencia do regimen de governos. E' assim que se ostenta — ora propugnando pelas attribuições do executivo, ora querendo que se lhe diga, ou ordene isto ou aquillo.

A harmonia entre os poderes é indispensavel (19). Todos os publicistas a ensinam; os estadistas e parlamentares praticam-na. A separação é condição essencial da responsabilidade do executivo e do direito que tem o legislativo (20) de tomar contas; do contrario, um absorveria ou annullaria os outros e prevalecia o absolutismo. A separação e a responsabilidade caracterizam fundamentalmente o regimen parlamentar (21).

Nesta mesma sessão, foi apresentada mais outra proposta pelo deputado Pereira de Sampaio, indicando que a Assembléa — *para marcar o solemne e*

plausivel dia de sua installação com o sello da clemencia, decretasse perdão aos desgraçados que se achavam processados criminalmente.

Esse projecto, coincidindo com o de amnistia proposto por Martins Bastos, supra mencionado, naturalmente provoca varias interrogações. Como se praticaram tantas devassas, tantas perseguições, processos e prisões, reconhecidas injustiças, iniquas, de sorte que, para sanar taes males, se pedem como remedios perdão e amnistia? Todos estes actos fôram praticados de 16 de janeiro de 1822 até 5 de maio de 1823.

Esse periodo decorrido de 16 mezes é precisamente o do ministerio de José Bonifacio. Será possivel que não cessassem as cruezas dos arbitrios da tyrannia ? !

As torrentes de processos e perseguições induzem os leitores que lêem, com criterio, a duvidar de que estavam, nesse periodo, os brazileiros livres da tyrannia do regimen de el-rei nosso Senhor... Então foi essa a liberdade com que melhoraram de sorte ? Como o *jumento da fabula*, não continuaram a carregar as albardas do despotismo ? Os governos de hoje não ouzariam, no Brazil, praticar os actos do ministerio de 16 de janeiro de 1822. A geração actual não toleraria. Nos recentes acontecimentos de 14 de novembro o governo achou-se tolhido e em graves difficuldades, receiando transpor as raias das leis...; mas o ministerio de José Bonifacio estendia a rêde das devassas e, de roldão, encarcerava na Lage centenas de cidadãos que acabavam de labutar pela causa nacional... Quando os brazileiros pelejaram em pról da Independencia, não queriam mais viver sob o jugo do despotismo. O ministerio de José Bonifacio os condemna a soffrer este mesmo jugo... Não, não póde haver mais cruel irrisão ! nem farça mais detestavel !...

As pessôas que endeusam certos homens da Independencia, não conhecem a vida, os soffrimentos, os males, as torturas duma parte da sociedade daquella epocha.

Dizem — proclamou-se a Independencia ; despedaçaram-se os grilhões do captiveiro; acabaram-se os horrores do despotismo ; agóra, José Bonifacio nos governa com os dictames da razão, com o zelo do patriotismo, com o respeito da justiça !... Somos felizes ; não seremos mais victimados. José Bonifacio deu-nos a liberdade e mantem a nossa dignidade de cidadãos livres...

Eis ahi o vozear vago, estolido, imaginado da *lenda*. A historia, porém, manuzêa documentos, examina volumosas devassas, discute processos, investiga as causas delles, verifica os attentados contra a justiça ; a violação dos direitos e, alto bom som, assevera que entre os *contos da tradição* e a realidade, ha profunda differença ; enfim que o successo historico está inteiramente adulterado. E como quer cabalmente demonstrar a verdade, além dos documentos, firma-se na observação psychologica e na analyse dos actos, das idéas e das praticas dos homens. Duas fontes de informações seguras ; accrescem-lhes os projectos de perdão e de amnistia, considerados remedios urgentissimos para sanar grandes males e estes brotaram no periodo do ministerio de 16 de janeiro de 1822.

Não affirmamos dogmaticamente, nem pretendemos impor os nossos methodos de estudo ; queremos apprender a historia ; não é com frivolas narrativas que podemos estudal-a. Urge interpretar as idéas e sentimentos nos factos ; com elles, está a verdade historica.

Todo o mundo confessará que as duas propostas de perdão e de amnistia patenteam a horrorosa situação em que se esbatia a população acabrunhada por innumeras prisões, por devassas iniquas sob o governo do patriarcha — guarda e mantenedor da liberdade de seus concidadãos. Ninguem ouza suppor que tão vigilante protector tolerasse a continuação das antigas praticas. Não é possivel pensar que elle ignorasse as injustiças, as iniquidades, os martyrios, que affligiam os brazileiros durante 16 mezes do seu governo ; e que fôsse preciso que a Camara Constituinte lhe despertasse attenção e viesse reparar tantas injustiças com os projectos de perdão e de amnistia !!!...

A um governo desta laia, talvez, seja applicavel a sentença dum nobre espirito, que serviu a causa da liberdade do seu paiz. Ha, diz elle, governos, em cujas frontes se deve gravar, com ferro em braza, o estigma das ignominias de suas hypocrisias ; elles professam liberdade e praticam a tyrannia. (22)

A historia não os deixa escapar, não empunha o thuribulo da *lenda*, procede pela analyse dos factos, reconhece que, no alludido periodo, as liberdades publicas passavam por dolorosas provações.

Não estejamos com ridiculas dissimulações ; digamos a verdade. Aquelles que lerem estas paginas, si não fôrem do rebanho de Panurgio, hesitarão em dar-lhe credito, mas, reflectindo, ficarão preoccupados á vista das provas evidentes ministradas pelos factos. Os idolatras na incuravel imbecilidade, continuarão a manter o culto sediço... Delles não faremos caso.

Porque acariciar illusões, que corrompem o espirito, desmoralizam a consciencia nacional, adulteram a verdade ?

Porque, hoje, apregoar a José Bonifacio um consumado estadista, quando nunca se occupou do estudo dos phenomenos da vida social e politica ; quando só se atarefou com objectos das sciencias naturaes ?

Tudo se aprende ; o saber é resultante do esforço intellectual. (23) Em que escola aprendeu a sciencia do governo dos povos ? Na pratica do despotismo, que regía Portugal ? Governar não é tão facil ; ao contrario, é *o mais arduo emprego das faculdades humanas.* (24) Sem a experiencia, ninguem póde ser estadista. Ora, José Bonifacio nunca jámais praticou o exercicio do governo, sinão no Brazil. Teria elle as inspirações do genio ? Os resultados não o affirmam ; ao contrario, negam. Soube de longe rastrear os vôos dos estadistas de seu tempo ? O exame desta questão absolutamente não lhe aproveitaria.

Os contemporaneos da Independencia dividem-se em dois campos : num os panegyristas; noutro, os adversos. Em ambos não se dizem nem se reconhecem a verdade e a justiça. Na epocha da Independencia, o Brazil, que saía rude e inculto do regimen colonial, não contava um só homem de Estado ; necessariamente não podia prescindir do concurso do eximio naturalista, talvez o espirito mais elevado e esclarecido entre os seus conterraneos. E a prova dessa carencia de intelligencias capazes de governar e de legislar está : — 1º, no ministerio da Independencia ; 2º, na Constituinte, essa reunião de mediocridades, com rarissimas excepões.

Assim mesmo, José Bonifacio fez alguma coisa : lançou por sobre os nevoeiros do cahos as primeiras scintillações do pensamento da organisação social — bem, ou mal concebida, embora ! Não lhe cabem as crudelissimas phrases, que pujante organisador e eminente espirito proferiu junto ao tumulo de J. J. Rousseau : — *Il aurait mieux valu pour la France que cet homme n'eut jámais existé.*

Ganharia a causa da liberdade brazileira, si não tivesse tido por instituidor — o glorificado na estatua da praça de S. Francisco de Paula ?

As gerações novas não são obrigadas a ter a parvoleza de adorar idolos; ao contrario, teem o poder de analyzar os actos e julgar da capacidade dos personagens, que são reputados iniciadores do regimen do governo livre no paiz.

Aquellas gerações teem não só o direito, porém mais competencia, porque, hoje, conhecem melhor a marcha da politica, o meneio do governo, os progressos da civilisação dos outros povos. Ora, este conhecimento e ex-

periencia faltavam á geração de 1823, que era noviça e ignorante.

Os debates na Constituinte ácerca do voto de graças, da proposta do padre Alencar concernente á prisão do deputado Costa Barros, dos projectos de perdão e amnistia fôram prolongados, sustentados e combatidos por alguns oradores e por discursadores frivolos, como veremos no seguinte estudo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Tacito—*Annaes*.

(2) Os antigos chronistas portuguezes, por exemplo, o ameno e inexaurivel padre Bernardes.

(3) Bossuet, Fleury.

(4) Niebhur, Rancke, Gervinus, Mommesen na Allemanha; lord Macauly, Buckle, Stubss, lord Mahon, etc., na Inglaterra; Guizot, Thierry, Chateaubriand, Michelet, Tocqueville, Duvergier de Hauranne, Taine e outros em França.

(5) Thiers dizia no parlamento: *il n'y a qu'un legislateur dans les temps modernes*, c'est —l'experience. *Discours parlam.*, publiés par Calmon.

(6) Bossuet.

(7) Hallam, *Const. History*; E. May, *Const. History*; Hearn, *Gov of Eng*; Stubss, *Const. History*; lord Macauly, *History of Engl.*

(8) Stanhope, *Queen Anne*; Remusat, *L'Anglaterre au dix-huit siècle*; lord Mahon, *Hist of Engl.*

(9) Cox Walpole; Ewald, *Life of Walpole.*

(10) Fischel, *Eng Const*; Adolphus, *Hist George III*; lord John Russel, *Life of Pox*; Stanhope, *Life of Pitt*; Freeman, *Gr of Engl Const*; Dicey, *The Pryve council*; Parck, *Lectures on the dogmas of the Const*; lord Brougham, *Brit statesm*; Edisson, *Character of Georg III.*

(11) Conferenciou com o marquez de Barbacena e com Gameiro, representantes de d. Pedro, e com o conde de Villa-Real, representante de Portugal, sobre o reconhecimento da Independencia.

(12) Sobre o governo da Restauração—Duvergier de Hauranne e muitos outros historiadores.

(13) O sr. barão Homem de Mello.

(14) Opinião de A. Carlos, já citada.

(15) *Diario da Camara*, sessão de 5 de maio, vol. I, pag. 21 e 22.

(16) *Annaes do Parlamento*, Camara dos deputados, tomo unico, anno I, da 5ª legislatura, sessão dissolvida de 1842, pag. 77.

(17) Delcaretto.

(18) Thiers, *Revol.*; Tocqueville, *Anc. Reg.*; Taine, *Revol.*; o allemão Sybel, *Geschicte der Revotions zeit*; Bucher et Roux, *Hist. Parl. de la Revol*; Louis Blanc.

(19) Benjamin Constant, *Cours de Polit.*; Rossi, *Cours de Droit*; Stuart Mill, *Gov. Rep.*

(20) Freeman, *Le Devol. de la Const. augl.*; Bluntcshli, *Th. du Gouv.*; Thonissen, *Const. Belge*; Littré, *Application de la philosophie positive.*

(21) Bagehot, *Const.*; Disraeli, *Const. veng*; Duc d'Ayen, *Publicistes des Et.-Unis*; Gneist Laugel, *Gouv. Parl.*

(22) Armand Carrel. Vide na *Rev. dos Dois Mundos, art. do principe de Broglie.* Obras editadas por Littré; *Um Estudo*, por Nisard — *Critique Litt.* etc.

(23) Sainte-Beuve — *Causeries.*

(24) Guizot — *Hist. Parl.*; Jules Simon — *Et. sur Guizot*; Faguet—*Politiques et Moralistes*; Bardoux—*sur Guizot*; Renan — *Et. sur l'hist. cont.* na «*Revista dos Dois Mundos*».

ACADEMIA BRAZILEIRA

Com os nossos agradecimentos, transcrevemos do *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra, edição de 18 janeiro, o seguinte artigo do sr. Belmiro Braga, ainda a proposito de ter o nosso director desistido de concorrer á cadeira vaga na Academia Brazileira:

—

Segundo se deprehende de uma gentil resposta que lhe aprouve darme na sua brilhante revista os *Annaes*, Domingos Olympio «eliminou a immortalidade do quadro de suas aspirações.»

Confrangeu-se-me o coração á leitura desta meia duzia de palavras — pequenino fragmento de crystal a espelhar, inteira, a alma impolluta de um homem de bem.

Depois das duas ultimas eleições de nossa Academia de Lettras, comprehendo bem a attitude nobre e digna do auctor do *Luzia-Homem* não concorrendo mais aos seus pleitos.

A onda negra da cabala eleitoral já subiu até lá e as suas cadeiras — illuminadas pelos nomes mais illustres de nossa historia litteraria — não estão mais ao alcance daquelles que se tornaram dignos dellas pelo seu talento, cultivo e trabalho. Não! São hoje apenas *presentes de festas* de que os ministros se servem para os seus amigos do peito.

Domingos Olympio andou admiravelmente voltando as costas áquella pretensão.

A coisa cheirou-lhe a beija-mão, e a espiritos da tempera do seu—inteiriço e inquebrantavel — repugna toda a especie de favores. Apparelhado para transpor a porta larga do Templo, recuza a entrada pelas portinholas da sacristia.

A Domingos Olympio, pois, todos os meus sinceros applausos por esta acertada deliberação. — BELMIRO BRAGA.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

O artilhamento permanente da costa caracterizava-se antigamente pela lattitude da sua applicação: qualquer bahia, porto, enseada, todo o recanto ou ponta, recebia baterias para a sua protecção. Uma tal liberalidade defensiva encontrava justificado fundamento na simplicidade dos meios empregados e na influencia e imperfeição dos elementos maritimos, os quaes determinavam essa extensão da defeza fixar ao maior numero de pontos para dar apoio ou simples refugio ao navio amigo, a todo o momento, ou negal-o ao adversario, quando acossado pelas más condições do mar.

Mas ao lado dessa prodigalidade votada á organisação defensiva do littoral, havia tambem a preoccupação de centralizar os esforços em locaes determinados, de maior importancia, cuja posse ou destruição redundasse em ganho de causa, parcial ou completo, para o atacante. Nesses pontos, as obras accumulavam-se, cresciam de valor, dispondo-se para uma acção mais efficaz, não decisiva, contra o inimigo que tentasse o accesso ou forçamento do local sob sua guarda.

O primitivo systema applicado á defeza fixa das costas está hoje completamente abandonado, sendo unanimes todas as opiniões na acceitação do aspecto opposto — da protecção intensiva do littoral.

Concebe-se perfeitamente que, deante da complexidade pessoal e material dos seus elementos, a fortificação contemporanea muito soffreria com semelhante disseminação de esforços. Além disso, seria desnecessaria a persistencia desse systema, porque a maioria dos pontos situados na costa, quer habitados, quer não, e nas condições actuaes da guerra costeira, não apresentam gráu de importancia sufficiente que justifique a distracção de grandes sommas de recursos para a sua defeza.

Accrescem, finalmente, as exigencias das esquadras modernas na obtenção e conservação dos seus elementos vitaes, principalmente durante o periodo agudo da lucta, em que, assumindo maior intensidade, difficultam, e muito circumscrevem, os locaes susceptiveis de serem apropriados em seu beneficio. Nem todo o recanto da costa, embóra dotado de condições de abrigo, póde ser occupado, pois, para isso, preciza de outras disposições e recursos que não se deparam com facilidade.

Nas nossas costas, por exemplo, em que as communicações terrestres, apparecem com caracter muito primitivo e, por essa razão, extremamente difficeis, e ainda impraticaveis, e em que não ha grande abundancia de recursos de vida, não nos importa, debaixo do ponto de vista puramente militar, que o inimigo encontre facilidade de accesso em muitos pontos. As precarias condições da sua situação e a impossibilidade de uma acção qualquer para internar-se no paiz afim de levar o ataque aos grandes centros, tornariam de resultado nullo uma tal tentativa.

E ainda, quando esse aconteci-

mento, em casos excepcionaes, concorresse para trazer-lhe alguma vantagem no conseguimento de operações posteriores, bastaria que a esquadra amiga, senhora do mar, se antepuzesse aos seus intentos, conservando-o em constante inquietação, quer por ataque directo na sua estação, quer prohibindo a franca navegação de seus navios-transportes.

A fortificação costeira, portanto, em vez de constituir uma linha ininterrupta de obras bordando a orla maritima, limita-se á defeza dos portos com verdadeira importancia militar e aos que, embóra destituidos desse caracter, se tornam de capital interesse de conservação para a vida economica do paiz pelo seu desenvolvimento commercial.

Os demais encontrarão soccorro, em falta das condições naturaes, na pequenez da sua importancia e no elemento movel da defeza.

Obedecendo a esse criterio, todas as nações do mundo teem estabelecido a defeza permanente das suas costas.

Assim a Inglaterra, nação maritima por excellencia, que á grandeza da sua esquadra deve a manutenção do seu territorio, parallelamente aos constantes e solicitos cuidados que dispensa á sustentação do seu predominio naval, trata de fortificar o littoral, tanto na metropole como nas possessões, convencida do papel preponderante e decisivo da fortificação costeira na defeza do paiz. As praças fortes de Plymouth e Portsmouth, no mar da Mancha, constitúem exemplos dos seus poderosos nucleos armados.

A França, abandonando egualmente o antigo systema da multiplicidade dos pontos fortificados, agglomera os seus recursos de defeza, apresentando como principaes praças fortes Cherbourg e Brest, em opposição ás suas visinhas fronteiras, e Toulon, sobre o Mediterraneo, como base de toda a sua acção naval nesse mar.

A Allemanha occupa incontestavelmente a vanguarda nesse assumpto. Ella possúe a maior e a mais formidavel defeza, porque, além da sua vastidão, comprehende tudo quanto de mais adeantado existe a respeito. A maior parte das suas obras obedecem aos modernos principios que presidem a essas construcções e estão armados com artilharia de assignalada potencia. Como complemento dessa admiravel defeza, corre ao longo do littoral uma linha ferrea estrategica, ligando-se a vinte outras linhas que se dirigem para o interior do imperio. Os seus mais importantes centros fortificados são Kiel, sobre o Baltico, e Wilhemshaven, no Mar do Norte.

No nosso continente, os Estados Unidos da America do Norte levam avante o seu programma da fortificação de trinta portos.

De modo identico, apontam-se, na Italia, Sppezia, Veneza, Tarento e Magdalena; na Austria, Polo e Trieste; na Russia, Cromstadt, Sebastopol e Nicolayef; na Dinamarca, Copenhague; na Belgica, na Hollanda e, finalmente, nos demais paizes do mundo.

A succinta apreciação, que ahi fica, prova que, em todas as nações, quer nas de grande poder naval, quer nas de limitados recursos maritimos, a organisação defensiva das costas pela fortificação, merece cuidados tão especiaes como a manutenção do elemento naval.

Apezar das impertinentes e irracionaes accusações dos seus obstinados contradictores, que reduzem as operações contra a costa unicamente á lucta no mar alto, a fortificação costeira se affirma tão indispensavel á defeza como o elemento maritimo.

Abraçadas as bôas normas reguladoras da sua existencia; banidas por completo as luxuosas installações; respeitadas, emfim, as condições do meio, as despezas feitas pela nação, serão largamente compensadas no momento critico pela garantia da vida economica do paiz, pela protecção officaz das suas cidades principaes, dos seus estabelecimentos importantes, publicos e particulares, e, finalmente, — o que só por si bastaria para assegurar o valor da fortificação — pelo apoio efficaz offerecido á esquadra amiga, permittindo-lhe avançar com segurança contra o adversario, persegnil-o ou anniquilal-o—o que significa, em definitiva, augmentar a sua capacidade offensiva.

TENENTE MAX.

O ALMIRANTE (67)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXII

Momentos depois, ella entrava no *chatô*, pé ante pé; as saias arrepanhadas para evitar o ruido das sêdas, subiu ao sobrado e foi direita á marqueza, que se conservava no mesmo logar, immovel, prescrutando com estranha vivacidade os menores rumores dentro da bibliotheca. Dolores ajoelhou-se junto della, abraçou-a, beijou-lhe as mãos, as faces, amimou-a numa caricia suave e manteve-lhe longo tempo a cabeça apoiada ao seio, arfando ao rythmo do coração agitado.

—Que desgraça, filha!—murmurou a marqueza, reanimada pelo terno contacto—Pobre Oscar!

Marianinha e d. Eugenia se entreolharam surprehendidas: a marqueza parecia calma, restaurada daquella angustiosa attitude de anciedade e sobresalto. Lembraram a recommendação do medico e pediram a Dolores ajudal-as a demover a marqueza daquelle logar tão proximo do quarto do doente. As tres insistiam com maneiras muito carinhosas, quando se abriu, de manso, a porta e o semblante risonho de Hortencia assomou entre as cortinas.

A' muda interrogação das quatro senhoras, ella respondeu segredando as palavras:

—Oscar váe bem. Despertou, murmurando o seu nome, Dolores; apertou-me a mão, perguntou pela querida mãesinha e, como eu lhe recommendasse silencio, sorriu e obedeceu como uma creança. Mas elle teimou em ver-te, Guilinha. Não sei si deva.

A marqueza ergueu-se, concertou os cabellos sobre a fronte e entrou acompanhada pela moça que, em vão, tentára detel-a. Oscar viu-a e estendeu-lhe de longe a mão. Ella approximou-se, apparentemente calma, curvou-se de manso e osculou-lhe a fronte tepida.

— Como te sentes? — murmurou, com a vóz estrangulada.

—Bem, muito bem, minha querida.

—Deus seja louvado—gemeu ella, num longo suspiro, erguendo para o tecto os bellos olhos esmaltados de lagrimas contidas.

—Váe repouzar, querida mãesinha. Peço-t'o — supplicou Oscar, conchegando-lhe as mãos ao peito — Váe repouzar. Sim?

A marqueza beijou-o de novo e saíu devagar, acompanhada sempre por Hortencia.

—Dou-lhe parabens—disse d. Eugenia a Dolores, cujos olhos se fixaram na cortina ondulante, fechada sobre a marqueza — A senhora teve o condão de arrancar de uma situação que nos inquietava aquella pobre creatura allucinada de dôr. Si Oscar lhe vier a faltar, quebra-se o unico laço que a prende a este mundo. Seria uma desgraça irremediavel: ella não resistiria.

Dolores não respondeu. No seu espirito se reconstruia a scena da vespera, a torturante noite que passára, agitada por indefinido presentimento, uma inquietação que não podia explicar. Aquelle beijo lhe accordára instinctos adormecidos, revoltados em excitações passageiras que desfalleciam numa fadiga invencivel, desesperadas tentativas desmaiando ante o impossivel, relampagos de volupia que duraram um instante de sonho, de esperança e se apagavam em remissões cada vez mais prolongadas. Ella se julgava incapaz de amar o

homem tanto tempo desejado, de amal-o com essa paixão sem limites, superior aos freios do senso moral, aos obstaculos da consciencia, das leis, das convenções, paixão insaciavel numa intensidade progressiva até á loucura, até á morte. Em vez disso, se lhe figurava transformar-se em fel nos labios o licor anhelado, despertando-lhe uma forte impressão de repugnancia: era um supplicio tantalico o desse gozo iniciado, interrompido, sempre fugitivo, deixando-lhe essa horrivel impressão da funcção imaginaria, attribuida, integra, a um orgão amputado. Ella se sentia incapaz de se abrazar nas chammas deliciosas, cujo lar quasi apagado nas suas entranhas, despedia apenas ephemeras scentelhas. Seria terrivel amar Oscar como ella amava o marido, numa passividade astuciosa de meretriz, amar sem alma, sem amor. E vinha ao cerebro conturbado, como o acicate de um remorso, a imagem dessa misera baroneza de Freicho, morrendo aos pedaços, á compressão de uma atrophia irremediavel. Era a punição a lembrança daquella victima do crime nefando de leza maternidade, crime que ella perpetrára tambem e cujas consequencias se revelaram ao primeiro contacto do homem querido que jazia a alguns passos e que ella não ouzava ver, marcado pela fatalidade daquelle beijo, o derradeiro grito dos seus instinctos femininos. Tudo aquillo, porém, poderia ser effeito dos seus nervos combalidos.

Quando lhe deram a noticia do desastre, ella vibrára de surpreza. Passou-lhe pela cabeça a perversa idéa de que a morte de Oscar seria uma solução providencial, desappareceria o homem que seria para ella uma tortura permanente. Entretanto, o seu coração lhe palpitava célere entre a ancia e o terror de vel-o, vacillação cruel, vencida, afinal, por um grande impulso de energia. Partiu como quem váe cumprir um doloroso dever, levando o coração maguado por um golpe subito, compadecido pelo infortunio de Oscar, piedade que a fez supportar a aggressão de Amelia, piedade que a impedia de ter ciúmes da intimidade de Hortencia junto do ferido.

Marianinha lhe notára a lividez do rosto, das orbitas negras que cercavam os formosos olhos animados por fulgores melancolicos e fixados como olhos que não vêem na direcção da porta da bibliotheca.

— Você está commovida, Dolores? —disse-lhe brandamente—Não é para menos uma surpreza destas.

— Tenho alguma coisa aqui — respondeu ella, levando as mãos ao seio— uma coisa que me obstrue, um corpo estranho... Que susto!..

As palavras lhe saíam dos labios aos pedaços, em jactos explosivos.

— E' do susto — affirmou Marianinha, offerecendo uma colher do calmante receitado para a marqueza — Tome este remedio que alliviará.

— Obrigado — murmurou Dolores, obedecendo.

D. Eugenia seguira com a marqueza para o quarto de dormir de Oscar, com as janellas abertas, amplamente ventilado, um recanto silencioso onde ella poderia repouzar, durante a noite, cujas sombras já invadiam lentamente os aposentos silenciosos.

Quando se viu só na penumbra, Dolores ergueu-se, dirigiu-se de mauso para a porta da bibliotheca e, pela cortina entreaberta, contemplou demoradamente, suffocando os soluços, as duas figuras de um quadro doloroso — Oscar, muito pallido estirado no sofá; Hortencia, recostada numa poltrona, junto de uma pequena meza de laca vermelha marchetada de madreperola, tinha os olhos fixos no rosto do doente, illuminado pela frouxa luz coada atravéz de um *abat-jour* de sêda verde. Aquelle tristonho quadro se lhe figurou o de uma camara mortuaria. Ella estendeu a mão num gesto de supremo adeus e partiu murmurando:

— Não posso, não posso mais...

(*Continúa*).

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Realizou-se pelo telegrapho, entre Berlim e Nova York, um grande *match* com o seguinte resultado:

Nova York:		*Berlim*:	
Davidson.....	1/2	Caro.....	1/2
Phillips.....	0	B. Lasker.....	1
Finn.....	1/2	Schallopp.....	1/2
Koehler.....	1	Lewitt.....	0
Roething.....	1	Post.....	0
Simonson.....	1	Rauneforth....	0
	4		2

Fôram, pois, jogadas 6 partidas entre os dois campos; de um lado, o Manhattan Chess Club; e do outro, a Berliner Gesellschaft. O imperador da Allemanha mandou felicitar o vencedor. Foi arbitro o campeão do mundo dr. E. Lasker.

— No proximo mez de fevereiro, haverá em Stockholmo um torneio de mestres e amadores.

— Entre o City of London Chess Club e o Metropolitan Chess Club, realizou-se a 11 de novembro ultimo, em Londres, um grande *match* com 50 jogadores de cada lado. Coube a victoria ao City of London que ganhou 34 partidas.

—O velho Blackburne percorreu, ha pouco diversas provincias da Inglaterra dando sessões frequentes com um extraordinario successo. Em Manchester, em tres clubs, jogou 64 partidas com o resultado de 46 ganhas, 12 nullas e 3 perdidas.

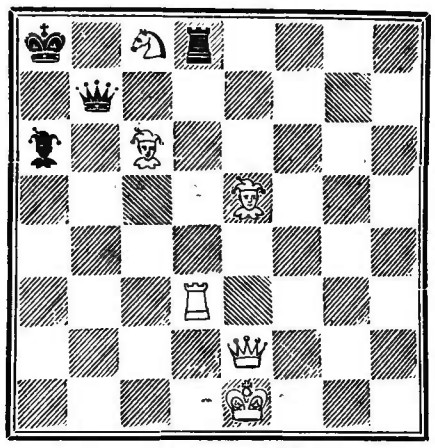
— Parece incrivel que em S. Petersburgo, no momento actual, de convulsão social, se cuide de xadrez. De 22 de outubro a 29 de novembro, realizou-se na Assembléa Enxadrista de S. Petersburgo, um torneio de jogadores de 1ª classe, cabendo o 1º premio a L. Nikolski; o 2º a Ch. Rosenkrantz; o 3º e 4º a Ewtifeiew e B. Malioutine. O 4º torneio de mestres começou a 2 de janeiro, com 20 concurrentes, havendo oito premios de 500 a 25 rublos. O ministro do Interior, (e digam que o xadrez não concorre para a pacificação dos povos) concedeu aos jogadores israelitas que quizerem participar do torneio, auctorisação de residir em S. Petersburgo, emquanto este durar.

***

PROBLEMA N. 34

Th. Dimitri Reich (S. Paulo)

PRETAS (4)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 36

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

CONTRAGAMBITO GRECO

Brancas (Souza Campos)		*Pretas* (F. de Godoy)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	P 4 B R
C × P	— 3 —	C 3 B D
D 5 T x	— 4 —	P 3 C R
C × P C	— 5 —	C 3 B
D 4 T	— 6 —	T 1 C R
C × B	— 7 —	C 5 D
C 3 T (*a*)	— 8 —	T 5 C
D 6 T	— 9 —	T × P R x
R 1 D	— 10 —	C 5 C (*b*)
D 5 T x	— 11 —	R × C
P 3 D	— 12 —	C × P B R x
R 2 D	— 13 —	T 5 T
D × T (*c*)	— 14 —	D × D
T 1 C R	— 15 —	D × P T
R 3 B	— 16 —	D × T
R × C	— 17 —	C 5 C x. d.
R 3 B	— 18 —	D 4 B x
R 3 C	— 19 —	P 4 T D (*d*)

(*a*) Não gostamos absolutamente deste lance. 8 — B 3 D ou R 1 D diminuiria um pouco a violencia do ataque das Pretas.

(*b*) As Pretas condúzem o ataque com grande vigor.

(*c*) Forçado. As Brancas podiam aqui abandonar a partida, porque não lhes resta mais nenhum recurso.

(*d*) Diz uma nota que esta partida se prolongou até ao 39º lance, em que as Pretas deram mate! E' pouco commum em um torneio levar-se tão longe a esperança, como nesta partida fazem as Brancas.

***

Tacito & Lipman. — Recebemos e publicamos hoje o de Dimitri. Ambos muito interessantes.

Dr. Mauricio Levy. — Agradecemos e retribuimos. Sempre ao seu dispôr.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 33 (*Rev. Gilbert Dobbs*): D 2 R.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1906 — Num. 68

ASSIGNATURAS
ANNO..... .... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Quando o meigo leitor lançar os seus olhos sobre estas linhas, estará consumada a farça donde surgirá a nova legislatura e a renovação do terço do Senado. A julgar pelos incomparaveis escandalos da qualificação, a julgar pela fraude empregada em grande escala pelos empreiteiros de candidaturas, pelos detentores das posições officiaes, póde-se prever que a soberania nacional andou tripudiando de mascara e guizos, numa orgia sem precedentes nos fastos das bandalheiras eleitoraes.

Realizou-se a phrase lapidaria do general Glicerio, na discussão da reforma, cuja estréa foi um vergonhoso fiasco — *Mudam-se as fechaduras, inventam-se gazuas*. Desta vez, porém, os gatunos de votos, os amestrados defraudadores não se deram á pena de agir com arte, não empregaram astuciosos processos salvadores das apparencias : abandonaram melindres futeis, precauções de pudores hypocritas e trabalharam ás escancaras, num despejamento brutal, como si fôssem impulsionados pelo sinistro intuito de desmoralizar definitivamente o nosso regimen politico, que é a principal victima dessa mashorca vil, indecentissima.

Oito dias antes da eleição, a séde da junta, onde se distribuiam os titulos aos cidadãos qualificados, offerecia um espectaculo contristador. Os livros de talões fôram entregues a candidatos privilegiados que, depois de satisfazerem os seus amigos, inutilizaram o resto, os titulos dos adversarios, para excluil-os de votar, ou andavam a granel aquelles que fôram devolvidos, violados, mutilados, á disposição de toda a gente, passando de mão em mão, numa balburdia indescriptivel. Os titulos extraídos por procuração não teem, na grande maioria, sinão na totalidade, numero; os possuidores não deixaram a sua assignatura, nem fôram archivados os instrumentos das procurações, indispensaveis para authenticarem a entrega. E, afinal de contas, em virtude do extravío dos livros, contendo vinte e um mil titulos, quando a totalidade dos cidadãos qualificados montava a 19.916, surgiu a necessidade de pedir a rubricação de novos livros de titulos em branco, pedido recuzado pelo juiz seccional da 1ª vara, dr. Godofredo Cunha, com aquella inteireza rija, impenetravel, que caracteriza a sua brilhante figura de juiz.

Essa inqualificavel desordem no processo da distribuição dos titulos foi inédita; jámais a ouzaram os mais desbragados cabalistas habituados á chicana em todas as suas torpissimas fórmas e confiados na tolerancia que excluiu o Codigo Penal á sancção dos crimes contra o direito de votar. De resto, eleitores e eleitos, por um lento processo de degenerescencia do civismo, chegaram ao cumulo do desdém desse direito impunemente conspurcado desde o alvorecer da nossa infancia de nação, conspurcação que se aggravou, que passou para a ordem dos factos normaes nestes lastimosos dias da Republica.

Quem o culpado, quem o responsavel por essa vergonheira abandalhada?

O legislador — dizem uns — que pretende remendar essas successivas reformas um systema desmoralisado em consecutivas experiencias negativas ; o legislador que tenta, em vão, tapar os buracos abertos pelas ratazanas em vez de atacal-as energicamente, em vez de lher extirpar a raça deleteria, fulminando-as inexoravelmente com a sancção legal; o legislador que decreta reformas eleitoraes que, applicaveis nos reduzidos centros de população, são absurdas, são inexequiveis numa capital como o Rio de Janeiro e vice-versa.

Mas o legislador, por honra nossa, deve presumir que os executores de suas deliberações sejam homens honestos, que, contaminados embóra pelo *virus* da politicagem para se habilitarem á consideração dos eleitos, elles não chegam ao extremo de se privarem das mais intuitivas noções do dever; que, finalmente, recúem por um instinctivo movimento de pudor ante os processos escandalosos, processos mais vergonhosos para aquelles que os toleram do que para aquelles que os empregam.

O legislador não poderia suspeitar se déssem aqui, na capital da Republica, perto dos olhos do Governo, os factos criminosos acima indicados em ligeiro traço, nem que essas manobras indecorosas fôssem encontrar apoio nas altas regiões, onde já se ruminam os meios de victoria dos candidatos predilectos no terceiro escrutinio, no epilogo da farça, representado pelos funambulos do Congresso.

O legislador não poderia suppor que a falta de emulação, que o desanimo civico tivesse attingido ao cumulo de comparecerem á qualificação sómente cerca de vinte mil cidadãos, numa capital que blazona de possuir oitocentos mil habitantes e se irrita patrioticamente quando lhe contestam os dados estatisticos ou lhes restringem os resultados. Não contou, além disso, com a preguiça indigena apavorada á perspectiva de consumir uma hora no palacio municipal para se inscrever na lista dos votantes e lá voltar para obter o titulo.

Mas deveria, pela dolorosa experiencia de quinze annos de fraudes, de prevaricações, de tranquibernias, prever que quanto mais complicado fôsse o processo eleitoral, muito embóra fôsse isso determinado pelo louvavel intuito de accumular garantias ao exercicio do direito eleitoral, tanto maiores probabilidades se offereceriam á fraude, muito menos efficaz deante de um systema simples, de execução expedita, realizada, facil-

mente, sem sacrificio para os interessados, para os executores.

Assim como os tribunaes são incumbidos da permanente execução das leis, da distribuição da justiça e das garantias de direitos individuaes, sustentaculos das bases da sociedade, poderiam exercer a attribuição de qualificarem eleitores, em qualquer tempo, sempre que isso lhes fôsse requerido com as provas legaes, facultados ás partes os recursos normaes como si se tratasse de qualquer acto de denegação de justiça, ou de infiel applicação da lei. Os tribunaes organizariam esse serviço que marcharia *au jour le jour*, sem a precipitação, sem o afobamento dos prazos fataes, e, num prazo designado com antecedencia, antes das datas fixadas para as eleições, enviariam os livros de registros a magistrados locaes incumbidos de colherem o suffragio popular.

E' indicação dos factos abolir essa entidade funesta—as juntas de qualificação—compostas de cidadãos por via de regra insurgidos contra o onus de um trabalho gratuito, contra o exercicio de funcções publicas esporadicas, que perturbam o trato de seus interesses individuaes, ou empenhados no exito dos processos eleitoraes. Essas juntas são instrumentos do Governo, ou são compostas de peitos largos da politicagem, de fanaticos servidores de partidos, escolhidos entre a capangagem inconsciente, cega, capaz de todos os crimes para assegurarem a victoria de seus amos.

Não ha precauções ; não ha subtilezas meticulosas que as preservem dos effeitos do servilismo. Nós acabámos de ver a inefficacia, o completo insuccesso dos escolhidos maiores contribuintes, cujas listas em alguns Estados, como o do Ceará, fôram falsificadas pelas repartições fiscaes obedientes ao capricho de governadores, cuja ganancia não hesita, cuja sêde de poder não hesita deante dos melindres mais respeitaveis, nem das mais exorbitantes monstruosidades.

Em virtude da indifferença resultante de consecutivas decepções ou do desamor ao direito ou da certeza da inutilidade do voto, o processo eleitoral não tem os fiscaes que seriam os partidos e os cidadãos eleitores : os primeiros fôram anniquillados desde a Concentração, que renovou a lenda da torre de Babel ; os segundos se abstiveram por desidia, por desleixo ou para evitarem a navalha, o cacete e o revólver da capangagem mashorqueira.

Seja como fôr, a refórma do sr. Rosa e Silva desandou em droga repugnante ; os esforços do chefe pernambucano deram resultados negativos, impotentes para a reparação da funda perturbação organica que deturpa as funcções essenciaes do corpo social.

E' indispensavel que todos os homens de brio, que os patriotas se ergam, dominados pelo pensamento de pôr definitivo côbro a essas praticas vergonhosas, ás bandalheiras da politicagem que está — dizemos sem excesso de phrases — desacreditando as instituições e minando os fundamentos da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Deixo de analyzar innumeras questões agitadas na quinta parte da *America Latina*. Não é porque não se contenham nellas, ás duzias, os erros e as affirmações infundadas. Não é tampouco para poupar a Bomfim. E' a urgencia de voltar a meu trabalho, interrompido por esta incursão nos campos devastados pelo theorista do parasitismo.

Mais umas palavras sobre o final do livro, final que tem por titulo—*Resumo e Conclusão*, e terei posto remate a estes simples e innocentissimos artigos.

Nesse final é que Bomfim propõe o REMEDIO para todos os males latino-americanos : a *instrucção*.

Repete esta panacéa por cerca de cincoenta paginas. Eis aqui uns trechos significativos: «Soffremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos povos cultos. E' a IGNORANCIA, é a falta de preparo e de educação para o progresso, eis a inferioridade effectiva; *mas ella* é curavel (*Como medico, Bomfim sabe que as mazellas são curaveis...*) facilmente curavel. O REMEDIO está indicado. Eis a conclusão ultima desta longa demonstração: a necessidade imprescindivel de attender-se á INSTRUCÇÃO popular, si a America latina se quer salvar». (Pag. 399.)

E mais : «Ahi está o REMEDIO contra o nosso atrazo, contra a miseria geral; e os que teem o coração bem no seu logar não se pódem negar a essa obra de redempção social... Façamos a campanha contra a *ignorancia*; *não ha outro meio de salvar esta America*... O progresso é um triumpho, —a victoria crescente sobre a natureza; e na batalha que a elle condúz, a primeira condição é estar desembaraçado da *ignorancia*, dos preconceitos e dos desalentos que nella se geram, *conhecer* os inimigos a vencer, *conhecer* os recursos que pódem servir, *conhecer* o alcance de cada tentativa, *conhecer*, *conhecer*, *conhecer* de mais em mais... Sem isto, sem a *instrucção* da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará: — é a propria qualidade de *gentes* entre as gentes modernas.. Calemos queixas e condemnações vãs ; na hora actual, só ha um meio seguro de convidar os individuos á actividade: é INSTRUIL-OS (*Como se engana ! Alguns conheço instruidissimos que são os mais apathicos e preguiçosos que é dado imaginar !* .) ; não se comprehende, hoje, trabalho que não seja intelligente». (Paginas 390, 400, 401 e seguintes.)

Trechos, como estes, abundam no *Resumo e Conclusão*. E' inutil multiplical-os. Não resta sombra de duvida : a INSTRUCÇÃO é o remedio proposto por Manoel Bomfim aos males latino-americanos, respectivé — aos males brazileiros.

Inscrevo-me resolutamente contra essa these. A instrucção, com ser uma bella coisa e uma arma muito util, é inefficaz para preparar um largo e brilhante futuro ao Brazil.

Parece paradoxo, maximé depois que, de 1870 em deante, começaram as arengas francezas, verdadeiras lôas em pról da instrucção, como a coisa unica que poderia reerguer aquella nação, humilhada pelas victorias allemãs. Parece paradoxó ; mas não é.

A historia dá testemunho de gentes altamente cultas que arrastaram sempre uma existencia ultrajada e mesquinha. Dá tambem, em compensação, testemunho de povos, menos cultos que seus rivaes e contemporaneos, que a estes ultrapassaram sempre em prestigio e bem estar.

A India foi sempre terra de gentes ultra-cultas. Os sabios *brahmanides*, e, ainda mais, os *budhistas* não tiveram nunca rivaes na cultura, durante toda a antiquidade, toda a edade-média e grande parte dos tempos modernos, o que não impediu aquelle desgraçado paiz de arrastar uma vida politica detestavel, que o tornou a victima de constantes e repetidas conquistas.

A China, em compensação, menos culta, mas de um genio mais pratico, mais seguro, mais sensato, é uma verdadeira maravilha da historia por seu espirito de resistencia.

A Grecia foi sempre não só mais culta sinão tambem muito melhor dotada de qualidades intellectuaes,

méramente intellectuaes, do que Roma, o que não impediu de ser a primeira uma terra politicamente infeliz e a outra um modelo de força organisadora, que chegou a assombrar o mundo. A menos *instruida* acabou por conquistar a sua *mestra* nas lettras e sciencias.

O imperio bysantino era, na Europa, a terra mais culta que existiu durante toda a edade-médida; lá estavam concentradas todas as luzes da antiguidade. Mas, nem por isso, deixou de fazer uma figura desgraçada durante aquelle periodo. Povos rudes e barbaros atiraram-no para o segundo plano e ultrapassaram-no em influencia e prestigio.

A Italia do Renascimento foi a patria do *humanismo*, a rainha das *lettras* e das *artes*, o que não a impediu de ser apenas uma simples *expressão geographica*, na phrase caustica de Metternich. A França, por aquelle tempo, invadiu-a com vantagem.

Hespanha, França, Austria e a propria Inglaterra tinham mór valia no mundo do que ella, e eram muito menos instruidas.

Mesmo nos tempos modernos, não errará quem sustentar a superioridade da alta cultura italiana e franceza sobre a dos Estados-Unidos e da Inglaterra, e, não obstante, estes excedem aquellas immensamente em espirito de iniciativa, plasticidade constructora, capacidade de organisação, genio inventivo, energia de vontade, poder de ordem e de mando.

Nós mesmos, aqui em nosso Brazil, temos altos talentos, cheios de enorme instrucção, nomeadamente nas carreiras technicas, entre advogados, medicos e engenheiros, muito mais illustrados que o geral dos juristas, esculapios e mechanicos inglezes e norte-americanos, máu grado o que, não passamos da situação miserrima em que nos debatemos, e aquellas nações andam á frente da humanidade.

A consequencia ineluctavel de tudo isto é que intelligencia e instrucção não bastam para seleccionar povos e propulsionar nações. Alguma coisa existe de mór valia no caso, coisa essa que anda muito descurada entre nós, pobres francelhos de arribação consumidos pela vaidade, estragados pela vesania da phrase.

Suppondo-nos eguaes, sinão superiores, a todos os povos, ainda os mais illustres e cultos, pensamos que para os egualar, ou até exceder, nos basta apenas frequentar as aulas e encher a cabeça de theorias, doutrinas, systemas, opiniões, fórmulas, receitas, etc. etc.

Dahi, esse badalar, que se ouve de todos os lados, de *instrucção, instrucção*, o que nos falta é a *instrucção* !...

Não póde haver maior engano. O Rio de Janeiro está cheio de escolas, collegios, lyceus, aulas publicas e particulares, academias civis e militares, conservatorios, cursos de bellas-artes, cursos commerciaes; transborda de poetas, romancistas, contistas, criticos, jornalistas, homens de lettras de toda a casta, de todos os generos, de advogados, medicos, engenheiros, publicistas de todos os matizes, padres de todas as religiões, feiticeiros de todas as magicas sonhadas e por sonhar, politicos e politiqueiros de todos os credos e de todas as côres, e nada obsta a que sejamos frivolos e incapazes. Nada quasi existe digno de nota, neste paiz, de norte a sul e de léste a oéste, que seja uma conquista exclusiva, um acto de força creadora, autonoma, só da vontade nacional. Quasi tudo tem sido provocado pela iniciativa insistente do capital estrangeiro, que procura collocar-se e auferir lucros.

As forças vivas do paiz, as emprezas de vulto, a navegação, o alto commercio bancario, o importador e o exportador, as industrias, as fabricas, na quasi completa generalidade, tudo está em mãos dos que sabem preferir trabalho, progresso, fortuna, bem-estar, a enfiar palavras e alinhavar sonetos.

A mania da instrucção, como panacéa para curar males e desventuras nacionaes, foi febre franceza, após os desastres da guerra de 1870.

Ferido o orgulho daquella nação illustre, não poderia occorrer que os motivos mais serios do desastre estivessem em certas qualidades do *caracter*. Não ; estavam, com certeza, nas lacunas da *instrucção imperial*...

Houve rebate geral ; chegaram a postos Israel e Judá ; formaram-se commissões, congressos, para se tratar da instrucção dos tres gráus ; escreveram-se livros que enchem uma bibliotheca, alguns devidos ás mais illustres pennas dos mais famosos sabios e homens de lettras.

Era uma obsessão. Não havia tal atrazo da instrucção. A mentalidade franceza era, nesse tempo, representada por homens, como Littré, Taine, Renan, Berthelot, Claude Bernard, Pasteur, Bréal, Scherer, Th. Ribot, Jubainville, Fustel de Coulanges, Broca, Monod, Victor Henry, Zola, Daudet, Flaubert, Sorel, espiritos de primeira ordem na philosophia, na critica, nas sciencias, na historia, nas lettras.

O proprio Renan, que tomou parte activissima na campanha, dizia, então, que, a despeito de certas vantagens, a Allemanha não possuia, pelos annos de 1870, — um prosador como Sand, um poeta como Victor Hugo, um critico da envergadura de Sainte-Beuve, um homem de imaginação como Michelet, um caracter austero de philosophio como Littré.

E, todavia, o famoso historiador das *Origens do Christianismo* affirmava que a causa primordial da derrota de sua patria estava na inferioridade da sua organisação do ensino. Elle insistia sobremaneira na bôa contextura do *ensino superior*, que devia dar o tom e o sentido ao *primario* e ao *secundario*. E' que lhe parecia decisivo, no assumpto, o exemplo da Allemanha. «La force de l'instruction populaire en Allemagne vient de la force de l'enseignement supérieur en ce pays. C'est l'université qui fait l'école. On a dit que ce qui a vaincu à Sadowa, c'est l'instituteur primaire. Non ; ce qui a vaincu à Sadowa, c'est la science germanique, c'est la vertu germanique, c'est le protestantisme, c'est la philosophie, c'est Luther, c'est Kant, c'est Fichte, c'est Hegel. L'instruction du peuple est un effet de la haute culture de certaines classes. Les pays, comme les E'tats-Unis, qui ont créé un enseignement populaire considérable sans instruction supérieure sérieuse, expieront longtemps encore cette faute par leur médiocrité intellectuelle, leur grossiereté de mœurs, leur espirit superficiel, leur manque d'intelligence générale.» (*Questions Contemporaines*, pag. VI).

Creio bem que a alta cultura universitaria, movida de 1830 e, nomeadamente, de 1848 em deante, no sentido do mais puro e fervente nacionalismo, tenha influido na Allemanha para a formação do *caracter* do povo, como força moral, e haja, por isso, agido nas victorias daquella vigorosa nação.

E' que esse activo, esperançado e tenacissimo *caracter* já existia, e a sciencia, tomando-lhe a coloração, era já um resultado delle, que veio ajudal-o, funccionando tambem como causa de alento, ousadia e vida.

Isto creio eu ; mas toda a sciencia do mundo junta seria incapaz de fazer a unidade germanica e levantar aquella nacionalidade ao ponto fulgurante em que hoje se acha, si esse povo exemplar não tivesse a fibra que produz os altos feitos, abatendo reinos e levantando imperios.

Poderia Renan ficar certo disto ; e as linhas finaes do seu trecho reproduzindo véem dar-me razão. Elle consigna a inferioridade da organisação dos altos estudos nos Estados-Unidos. Entretanto, si as derrotas da Austria em Sadowa e da França em Sedan se devem á superioridade dos estudos universitarios da Allemanha, a situação desfavoravel dos norte-americanos pelo referido lado — não os priva de estarem, na influencia mundial, acima da França e d'Austria, que venceriam, por certo, em lucta aberta nos campos de batalha, si as fatalidades da historia os conduzissem a essa apertada conjunctura.

Tenho, pois, duvidas muito serias ácerca das excellencias therapeuticas da panacéa *instructiva* do sr. Manoel Bomfim, maximé, conhecendo a fundo, como creio conhecer sem medo de contestação séria, o deploravel estado de apathia e vacuidade do caracter brazileiro, e sabendo, por experiencia de mais de quarenta annos, o que é e em que consiste o valor do ensino no Brazil... Produz, por via de regra, nas classes, não direi *inferiores*, porque este qualificativo assanha os prophetas da Avenida, os *libertarios* das confeitarias, mas nas classes menos *favorecidas*, menos bem collocadas, u'a meia-sciencia, u'a meia instrucção que faz em cacos cabeças e corações, insuflando-lhes vaidades incoerciveis, que desesperam os mais bem equilibrados. Nas classes chamadas *dirigentes*, superiores, entre os afamados intellectuaes, quasi sempre serve apenas para requintar-lhes certos defeitos de raça.

A instrucção não muda o genio apathico, contemplativo, si quizerem, sonhador, chimerico do povo.

O brazileiro instruido reforça suas qualidades ethnicas e dá para jornalista, litterato, poeta, fazedor de chronicas, orador, rhetorico generalisador de banalidades, de palavras que lhe parecem *bonitas*, de phrases que suppõe bem urdidas, bem equilibradas. .

Genio creador, espirito de iniciativa, disposição para conquistar a vida por si, vencendo todas as difficuldades, atilamento para emprezas ousadas e seguras, a *vis orgnnisatrix* das grandes almas plasticas e productivas, não lhe surgem jámais.

E bem se vê quanta razão tinha Spencer contra Buckle, quando affirmava que as forças *moraes* levam preferencia ás méramente *intellectuaes*, como estimulos de acção e alavancas de progresso.

Não sei si o nosso interessante sr. Manoel Bomfim comprehende bem essa allegação. Como professor de psychologia, deve saber do papel da sensação e da idéa na formação desses productos syntheticos, na linguagem de Wundt, que se chamam *sentimentos*, e entender, d'est'arte, a força das *emoções*, seleccionadas pela hereditariedade, na formação do *caracter* das nações, respectivé a força que representam ellas como moveis de acção.

Não é precizo juntar mais nada para comprehender que Spencer tinha acertado.

Indispensavel é lançar as vistas sobre a solução do sr. Manoel Bomfim e as idéas que lhe devem ser oppostas.

SYLVIO ROMÉRO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e anno de 1905.

ARMADA NACIONAL

A ignorancia dos nossos commandantes — Os promovidos com preterição dos collegas — A eloquencia dos factos.

O *Riachuelo* saíu do Rio de Janeiro, em 99, commandado por um capitão de fragata, pouco depois promovido a capitão de mar e guerra. Dirigia-se á Ilha Grande, que dista 60 milhas da barra da nossa bahia. Ora, o navio navegou 10 horas a 9 milhas por hora e não encontrou essa ilha. O commandante conferenciou com o immediato, então capitão-tenente e hoje capitão de fragata, posto que alcançou por merecimento, preterindo treze collegas, a despeito da unanimidade da marinha apontal-o como o mais ignorante e destituido de intelligencia dentre os seus membros, e o immediato aconselhou então que se consultasse um guarda-marinha, official de bordo, que, segundo suas palavras, entendia da coisa. A coisa era ler e corrigir rumos, sciencia sem a qual, em qualquer marinha, nenhum marinheiro-grumete obteria accesso, e na nossa marinha nenhum poderia ser signaleiro !

Convém dizer que, de 1893 até hoje, nem esse commandante, nem esse immediato fizeram outra viagem, além desta, do Rio á Ilha Grande.

Entretanto, nesse intervallo de 13 annos, o primeiro teve uma e o segundo duas promoções. A proposito deste, conhecido desde os tempos de escola, como ignorante e curto de talento, conta-se a seguinte anedocta : Interrogado propositadamente por um collega sobre o numero dos meridianos que existem na superficie da Terra, respondeu :

—Tres.

E como o outro risse da asneira, elle, dizendo ter respondido por espirito, accrescentou :

—São quatro, bem sei : os de Greenwich, Paris, Rio de Janeiro e Ilha do Ferro.

Como nova risada acolhesse essa segunda resposta, o então primeiro tenente zangou-se e retrucou :

—Daqui a pouco, você quererá que haja mais de vinte meridianos !

O *Andrada*, regressando da Ilha Grande, onde estivera em serviço quarentenario, tambem em 99, encalhou na restinga da Marambaia, ás 5 horas da manhã ! E depois, tendo de seguir para Santos, quasi volta para o norte, por terem de bordo avistado os «Alcatrazes», ilhotas que ficam 40 milhas ao norte de Santos, e terem julgado que se tratasse da «Queimadas», ilhas que demoram 30 milhas ao sul do mesmo porto. E só verificou o equivoco um segundo-tenente, havia pouco promovido !

O commandante do *Andrada* nesta occasião, de 1890 até 1905, não fez outras viagens sinão essas : do Rio á Ilha Grande e da Ilha Grande a Santos!

O *Caravellas*, bordejando na bahia do Rio de Janeiro, encalhou, com bôa viração e maré fraca, na ponta do Arsenal de Guerra. Quando sentiu seu navio encalhado, o commandante, que não dera providencia alguma para evitar o *fiasco*, desceu á camara afim de consultar o compendio de manobra de Wandenkolk, com o intuito de safar o navio, e, nada adeantando, entregou a manobra a um guarda-marinha, que saíra havia pouco da escola !

Esse commandante, capitão-tenente, de 1892 até 1905, nunca saíu a barra do Rio de Janeiro em navio de guerra.

O cruzador *Tiradentes*, em 1898, foi mandado para o Amapá ; devia tocar, entre outros, no porto da Victoria ; pois só se apercebeu o seu commandante, de que passára a Victoria, na altura do Rio Doce, 80 milhas ao norte daquelle porto.

O couraçado *Deodoro* foi, em 1904, durante alguns mezes, commandado por um capitão de mar e guerra, que deixára, havia pouco o commando do *Benjamin Constant*, onde realizára uma viagem ao estrangeiro. Nessa viagem, seu papel como primeira auctoridade de bordo foi nullo, o que em geral succede com os nossos commandantes em viagem, pois quasi todos, ignorando por completo a nautica, se entregam de corpo e alma a officiaes encarregados da navegação. Dos poucos que se afastam desse procedimento, quasi todos commettem os erros que vimos narrando.

Voltemos, porém, ao commandante de quem agóra tratamos. Seu papel fôra nullo e chegára a ser pouco elevado, como encarregado de missões diplomaticas, desembarcando em Nova-York trajado e dolman e calça branca, indo a um espectaculo na *Opera*, de Paris, com uma cartola emprestada pelo nosso ministro na França, e praticando muitos outros factos de egual valor.

De volta do *Benjamin*, fôra, como dissemos, commandar o *Deodoro*. As torres em que se abrigam os grossos canhões deste navio, teem, para seu serviço, uma porta couraçada, cujo movimento é feito por um duplo volante. O commandante devia conhecer esse particular, porquanto, dias depois de embarcar no *Deodoro*, se vira na contigencia de chamar um official para abrir aquella porta, que elle, commandante, inadvertidamente fechára,

sem ter tido siquer a intuição, de, para abril-a, girar o volante em sentido inverso. O official abriu a porta em sua presença e, assim, repetimos, elle devia conhecer o fim para o qual alli estava o volante. O movimento da torre do *Deodoro*, torre a que mesmo um leigo não attribuiria pezo inferior, com o seu conteúdo, a 70 ou 80 toneladas, é executado ou por electricidade, ou por força muscular, sobre alavancas situadas sob o convéz couraçado e possivel de ser obtida por nunca menos de 12 homens.

Ora, quinze dias talvez depois de passado o facto acima referido, da abertura da porta, o actual ministro da Marinha foi visitar o *Deodoro*. O commandante levou s. ex. para o interior da torre, fazendo-se acompanhar pelo immediato do navio, ajudante de ordens do ministro e outros officiaes, e, uma vez lá chegado, querendo dar movimento á torre, cuja excellencia affirmava, poz-se superiormente a girar o volante para fechamento da porta ; esta cerrou, o compartimento ficou ás escuras, e immovel a torre naturalmente. Então, o commandante, dirigindo-se ao immediato, fez notar o estranho caso ; este respondeu-lhe como devia : a torre não se movia por aquella fórma, disse. O commandante,—já querendo com alguma avaria extraordinaria, desculpar sua evidente ignorancia, que numa marinha seriamente administrada lhe custar-ia a demissão,—allegou o facto de dias antes se ter conseguido mover a torre, ao que ainda o immediato redarguiu : sim, moveu-se, mas com quatorze homens trabalhando nas alavancas ; seria exigir muito, querer um homem só realizar o movimento.

O ministro riu amarello e oito dias depois promovia aquelle capitão de mar e guerra a contra-almirante, por merecimento !

Esse official, entre 1891 e 1905, a unica viagem que fez foi a do *Benjamin Constant*, a que já nos referimos.

O navio escola *Trajano* saíu do Rio de Janeiro em 1903, commandado por um capitão de fragata, promovido a esse posto preterindo treze collegas, e auctor de um roteiro da costa do sul do Brazil. A viagem emprehendida devia ser exactamente para esse trecho do nosso littoral, sobre o qual tambem o immediato do navio escrevera um roteiro. Pois bem, a despeito disso, quando o navio aterrou para a entrada norte de Santa Catharina, caíu, devido a correntes que sobre elle actuavam já, mais de 20 milhas ao sul. Por isso, o commandante, auctor de um roteiro, tendo por immediato, outro auctor de roteiro, mandou chamar á casa das machinas, onde se achava de serviço, um guarda-marinha machinista, natural do Estado de Santa Catharina, afim de servir de pratico, até que o navio fundeasse ! !

Verdade seja que o tal roteiro do commandante constitúe uma tristeza para o nossa marinha de guerra, assignado, como é, por um capitão de fragata.

Esse mesmo official, commandando mais tarde um dos navios da celebre divisão do norte, e percorrendo-o com uma familia que o fôra visitar, não conseguiu abrir a culatra dum canhão de 57 m/m Nordenfelt, por ignorar a existencia de uma móla, que, na posição em que se achava, impedia a abertura. Feito o fiasco, declarou logo, dogmaticamente, que o canhão não funccionava, e foi, no mesmo momento, desmentido por um official presente, que deslocou a móla e abriu a culatra.

Em tudo isso, não ha o menor excesso, o menor exaggero, a mais leve preoccupação de maldade. Si fazemos essas referencias, aliás com grande magua, não fazemos menos com um alto sentimento de dever, sentimento honesto e calmo.

TONELERO.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

ATRAVÉZ DA CORDILHEIRA ATÉ Á MALOCA DO TUICHÁUA DO CASTANHO

O illustre chefe tardaria ainda mais de uma semana para chegar ao nosso porto, porque as suas embarcações carregadas não poderiam vencer facilmente a forte correnteza do Marary, cujo curso é frequentemente obstruido por extensas cachoeiras.

Tinhamos, portanto, tempo de sobra para ir ao rio Castanho e voltar antes que chegasse o grosso da commissão.

Desejava colher pessoalmente informações daquella parte da fronteira, afim de facilitar e accelerar os nossos trabalhos.

O Stradelli, que já devia ter voltado, demorava-se muito. Cada hora que passava augmentava as nossas apprehensões ácerca do que lhe teria acontecido.

Já me arrependia de tel-o mandado só com dois indios desconhecidos, por aquellas brenhas inexploradas, das quaes nada sabiamos sinão por elles proprios, que nos diziam sómente aquillo que lhes parecia ser-nos agradavel.

Sabiamos, entretanto, que bem perto de nós viviam selvagens ainda no periodo da pedra polida, como attestavam os seus largos machados de gume curvo e afiado, de cabos curtos de madeira rija, presos por fortes atilhos de tucúm, bem enrolados e brêados.

— Que será feito de Stradelli ? Perguntavamos o Jardim e eu, um ao outro—Esperemos até ámanhã.

— Si não vier, partirei com os dois soldados e o Aturre em sua procura.

— E commigo tambem, accrescentou o bom amigo.

No dia seguinte, depois de amanhecer, preparámo-nos para a excursão á outra banda da cordinheira.

Eramos cinco : Jardim e eu, os dois camaradas e o Aturre—nosso guia.

Cada soldado levava a sua minié e a patrona recheiada de cartuxos. O indio tinha em logar da folha de parreira um *cuêio de turury* e, a tiracollo, um carcaz cheio de pequenas flechas de pashiuba (*uiuamirins*), com as pontas cerceadas para se romperem na ferida e tão untadas de *uirary*, que pareciam alcatroadas. Ia sem arco. A sua arma era uma zarabatana longa, de um negro lustroso, com bocal de *muirapiranga*, e uma alça de mira bem a meio, feita de um grande dente de cutia sobre uma saliencia de breu misturado com cêra de abelha.

O Jardim e eu, em mangas de camisa, calças de brim pardo, grossas sevilhas de couro branco, presas as pernas por ataduras de embira, que nellas se enleiavam até á altura das pantorrilhas, faca de matto bem amolada, pendente de um largo cinturão de pelle de giboia, onde brilhava na altura do quadril direito a coronha de um revólver de guerra. Tinhamos as nossas clavinas Winchester com a carga completa de quatorze tiros.

Cada um levava, a tiracollo, a sua rede e o Aturre conduzia os mantimentos: — sal, farinha d'agua e um pouco de xarque para substituir a caça quando faltasse.

Distribuimos tambem, entre os quartro, algumas latas de sardinha e mortadella.

Munimo-nos de uma bussola de algibeira e um aneroide de cazella. Iriamos fazendo o reconhecimento expedito do caminho.

O velho Osorio ficára tomando conta do acampamento e encarregado de dar corda aos chronometros, em hora certa.

Partimos. O dia nublado auguravanos calor e chuva, os poderosos factores da magnificencia daquellas terras. Ao descermos o serrote, para onde nos mudámos depois da noite memoravel da enchente, cruzámos o igarapé—Taperebá—estreito, limpido, raso, cujas aguas mal nos passavam dos joelhos e corriam em madre de

areias alvas, onde a mica e o quartzo scintillavam ás vezes, quando feridos por algum raio de sol, que conseguira romper a abobada espessa, que sentiamos oscillar brandamente a mais de quarenta metros acima das nossas cabeças.

Mal tinhamos exgotado a agua dos nossos chinellos e nos preparavamos para subir a serra do Ussá, (carangueijo) que se empinava deante de nós, o Aturre abaixou-se e encostou um ouvido ao chão.

— Aiquê oúri, miráitá... (Ahi vem gente)—disse.

— Auá-tahá ? (Quem ?) Perguntei.

— Casiua, cupi-tenhem, (Branco de certo.)

Escutei, todos escutámos, e só ouvimos o zumbido dos insectos e os gritos amortecidos dos papagaios na distante comedía.

Seguimos.

A serra era extensa e aspera, chegámos ao cume meio fatigados. Eu parecia ter esquecido os bons tempos de alferes de infantaria.

Ao descermos a encosta opposta, ouvi um rumor meio apagado de vózes humanas, que se misturavam e se confundiam com um murmurio de aguas.

Devia ser o Stradelli. Gritei por elle e a sua vóz amiga respondeu em notas alegres, que extinguiram os nossos cuidados.

Em pouco tempo, nos abraçavamos como si tivesse sido muito longa a ausencia.

Deu-me bôas noticias da malóca do Castanho e do velho tuicháua, que nos promettia uma visita proxima.

Estavamos numa clareira pittoresca, cortada a meio pelo igarapé *Uruary* (dos caramujos), que passava crystallino, saltando de pedra em pedra, até sumir-se nas profundezas daquella matta infinda.

Ardia crepitante um grande fogo perfumado de canella sassafraz, onde um dos indios assava no espêto um mutum gordo, que o Stradelli matára com o tiro ouvido pelo Aturre, que por isso affirmára a vinda do branco.

Deixei o bom amigo esperando o seu almoço. Pedi-lhe que substituisse o velho Osorio no serviço da corda aos chronometros e mandasse a sua gente, que já vinha reforçada por dois indios do Castanho, construir um galpão e roçar o nosso acampamento.

Eu tinha o maior interesse em ser agradavel ao meu querido chefe, que, além de mestre e amigo, era um homem de qualidades excepcionaes.

Subindo e descendo cerros, contrafortes da alta serraria do divisor de aguas, atravessando arroios e valles sombrios com extensos brejos, onde ás vezes nos enterravamos até acima dos joelhos, sentimos que se approximava rapido o descambar do dia. Tratámos de buscar um pouzo, para passarmos a noite.

Quem viaja pelas florestas virgens do Amazonas deve pouzar cedo, porque muito antes do occaso do sol, já é noite debaixo daquella cupola impenetravel aos raios luminosos muito obliquos. E' precizo fazer alto muito cedo, para ter tempo de cortar lenha, accender o fogo, preparar a comida, escolher uma arvore que não tenha galhos seccos para dormir por baixo mais tranquillo, cortar folhas de inajá ou de *bossú*, quando não ha bananeiras sororócas, para abril-as como um leque sobre a rede e abrigal-a da chuva e do sereno, que cáe e gotteja muitas vezes copioso como ella.

O Aturre conhecia melhor aquellas brenhas do que a rua do Ouvidor o mais genuino peralvilho carióca, e, apartando-se da trilha, encaminhou-nos para a esquerda.

A algumas centenas de passos além, chegámos a uma aberta onde havia um pequeno tejupar de caçador, junto a um arroio de alveo lageado.

Estavamos num valle profundo da serra de Tapiirapecó. A palhoça já tinha alguns manojos do tecto corridos, além de seccos. Ninguem se animou a pedir-lhe abrigo, que seria partilhado por alguma jararáca preguiçosa, aranhas caranguejeiras, lacráus e formigas de fogo, hospedes habituaes dos ranchos abandonados.

Mandei fazer uma bella fogueira entre mim e o Jardim. Depois de ter enxugado ao fogo as meias e as calças molhadas, calcei-as novamente sem levar em conta o acre cheiro da fumaça. Accendi o meu grande cigarro de *tauary* e estirei-me commodamente e meio atravessado na maqueira de merity, sem dar grande importancia a um ou outro *carapanan* impertinente que me vinha cantar ou ouvido. A noite, excessivamente humida, tornava-se fria.

Raramente naquellas paragens da serra divisoria, quer nos valles, quer nas cumiadas mais altas, o thermometro baixa a 16 gráus. A humidade, porém, é tão grande que se tirita de frio, tanto ou mais do que nas coxilhas brancas de geada dos campos dobrados do Rio Grande.

Pouco a pouco, a nossa fogueira foi se apagando e diminuindo a palestra com o Jardim. Já se ouvia o resomnar sadio dos nossos tres rudes companheiros, cuja vida, mais material do que a nossa, os livrava de devaneios. O Jardim não respondia mais ás perguntas que eu lhe fazia ; havia tambem adormecido. Eu era o unico que não dormia. Comprazia-me em sonhar desperto, voando na phantasia, em busca de uma imagem muito querida, que me enchia todo o coração.

E' indiscriptivel o que se sente, á noite, no seio duma floresta virgem das terras altas do Amazonas. E' precizo ter lá vivido longos mezes como eu, — passando semanas inteiras sem conseguir lobrigar uma nesgasinha azulada do céo, nem ver luzir uma estrella, enterrado naquellas assombrosas catacumbas, onde os pilares são os troncos collossaes, e os cipós entrelaçados formam os nichos rendilhados e bordados de arabescos caprichosos,—para ter uma idéa da solemnidade daquella natureza surprehendente.

As florestas amazonicas são microphonicas á noite. No augusto silencio da solidão, o menor ruido assume enormes proporções. Uma folha que cáe, um fructo que se desprende, um galho que range, um reptil que passa, um morcego que esvoaça rapido e incerto, parecem pedras que se desmoronam, golpes de machado, vózes de temporal, marchas de regimentos, assuadas de multidão. Quem, immerso nessas sombras mysteriosas, puder velar, como eu velava nessa noite, escutar o que eu escutava, ouvirá, como eu ouvi, saíndo do seio da terra, uma orchestra de vózes phantasticas que cantavam alegres ou gemiam angustiadas, trovas ternas de amor e canticos de guerra, gritos de desespero e clamores de misericordia.

A minha alma, profundamente suggestionada, enchia-se de superstícioso pavor, e irrompia do seu seio, espontaneo e á surdina, um hymno de admiração á infinita magestade do auctor de tantas maravilhas.

Ninguem, por essas regiões, se apraz em dormir nas mattas. Os proprios selvagens, sempre que pódem, preferem as praias para passarem a noite.

Já muito tarde, um frio muito intenso despertou-me. A escuridão seria completa si não esvoaçassem bandos de vagalumes de luz esverdeada. Os fogos estavam apagados. Na minha fogueira, nem um tição ardia mais. Quiz chamar o Antonio, meu camarada, para atiçal-a ; mas abstive-me de tal, porque eu podia passar, tambem, como elle e os outros, sem fogo, até amanhecer. Dahi a pouco, ouvi um ruido estranho, como si toda aquella selva tivesse dado um gemido. Os rumores augmentavam e já se sentia o movimento da ramalhada das arvores, agitadas pela ventania. O Jardim despertou e os soldados tambem. O Aturre chegou-se á minha rêde e disse baixinho : «Yuitúayua» (temporal). Já eu sabia, porque estava habituado aos prodromos das tormentas. Felizmente, a arvore que nos cobria não tinha galhos seccos. Eu proprio tive tempo de examinal-a antes de escurecer. O Antonio despertou os fogos e o indio foi com João Antonio

cortar mais algumas folhas de palmeira para reforçarem o toldo das nossas rêdes.

O vento rugia e sibilava e, de vez em quando, ouviamos proximo o baque de um galho, que se partia ao caír. Os cimos açoitados torciam-se e rangiam desordenados. Os relampagos fuzilavam sem cessar, e a luz azulada penetrava atravéz dos claros abertos pelas lufadas e vinha illuminar os arredores do nosso pouzo perdido naquella immensa solidão, onde, talvez, nos espreitassem, áquella hora, olhos de cubiça e de fome. Ouvia-se a vóz medonha do trovão, que echoava pelas quebradas além, até perder-se num ronco lugubre. A chuva caía aos borbotões. Havia gotteiras por toda a parte e os nossos toldos não nos podiam mais abrigar. E lembrava-me de uns versos de Sophocles, do drama perdido das Timbaleiras, que eu traduzira mal, em outros tempos :

«Não ha prazer tão bom e tão jocundo,
Como ouvir, deitado numa bôa cama
Coberta enxuta, a alma em desvaneios,
A chuva qu'em cascatas se derrama.»

A enxurrada passava veloz e ruidosa, por baixo de nós. Quiz levantar-me, mas reflecti e deixei-me ficar, molhado como estava, esperando o dia, que não tardaria muito. As chuvas de trovoada duram pouco, como tudo que começa com grande bulha. Já não chovia, nem rugia o trovão. Os relampagos tinham cessado e amainado o vento. Acima da floresta, o céo era limpido e as côres roseas da madrugada deviam dar um tom alegre áquellas serranias. Nós, porém, nada viamos e sentiamos o gottejar das folhas sobre nós. Debaixo da matta, chovia ainda e muito. Quando a brisa matutina perpassava mais ligeira, agitando as frondes molhadas, caía sobre nós um aguaceiro. Clareára o dia e o lobrego scenario se transformára. A natureza parecia despertar ás caricias da luz benefica do sol, cujos raios mal coados, apenas desciam raros para nós.

Cessaram, por encanto, os tetricos rumores das mil vózes phantasticas que tanto nos impressionaram ; calaram-se todas fugindo ao sol, que espalhava a alegria e a vida. Ouvia-se a vozeria da passarada cantando e gorgeiando e voando, em bandos e aos casaes, para as fructeiras. Os papagaios passavam ruidosos para os igapós, e aráras—*tauas* e *pirangas*—dando gritos estridentes, iam pouzar, duas a duas, nos galhos mais altos das arvores mais gigantescas.

Os japiins, (chechéos) communistas nas suas colonias suspensas, arremedavam zombadores os outros passaros cantores—os japús côr de ouro e elegantes, os cancãos insolentes e provocantes, as sahíras brancas de cabeça e azas azues, os tangarás de sete côres, os surucuãs esmaltados de esmeraldas e ouro fôsco, até as amorosas rôlas e tudo quanto vôa e canta, menos o tamurupará, cujas melodias alegres elles não podiam ou não se atreviam a imitar, porque tinham medo, dizem os indios, do que aconteceu ao velho tamuia, o avô galhofeiro, cujo sangue, como um trophéo de victoria, tinge o peito dos herdeiros do bello cantor, que o matou.

Gemia um mutum bem perto de nós. O Aturre saiu com a zarabatana certeira e pouco depois voltava com elle já sem vida, tendo apenas no peito a ponta da flecha envenenada. Foi o o nosso almoço.

Puzemo-nos em marcha tomando rumos com o agulhão e contando passos, porque nos faltava um podometro.

Mais adeante, ouvimos uma chilreada de passaros, que esvoaçavam em numeroso bando. Dir-se-ía que toda a gente alada daquellas redondezas se havia convocado para aquelle concerto immenso. Passavam vivos e alegres por nós e pouzavam mais adeante, saltitando nos ramos e cantando e chilrando sempre, como si applaudissem e prestassem homenagem a um sêr superior.

Perguntei ao Aturre o que era aquillo. Respondeu-me :

—*Uirapurú*.

Comprehendi então. Era o passarinho encantado e miraculoso das florestas amazonicas, que passava por nós levando após si as saudações enthusiasticas dos seus companheiros, que cantavam de alegria, por veremno alli. Foi um espectaculo curioso, que ficou bem gravado na minha memoria. Havia centenas, talvez milhares, de passaros enthusiasmados, que cantavam, saltando sem cessar.

Dizem os indios que o pequeno uirapurú não se apanha vivo. Sómente morto, cáe nas mãos do homem que faz delle, empalhado, um talisman. A' tenda do negociante, que tem na gaveta do balcão um uirapurú, afflúe numerosa a freguezia. O caçador que o leva para o matto no patuá, nunca é *panema*, a *embiara* não falta. Os peixes saltam na canôa do pescador que o tem. As raparigas que o guardam junto ao seio teem sempre bons e guapos noivos.

No Amazonas e no Pará, a gente da terra não póde passar sem um uirapurú, e, como são raros, ha muitos falsos.

Subindo e descendo, chegámos, á tardinha, ao cume de um alto cerro, donde vimos ondeando sobre o cimo longinquo da floresta, para as bandas do norte, uns flocos alvacentos de fumaça. Era a malóca do tuichána do Castanho. Não podiamos lá chegar com dia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PAGINAS ESQUECIDAS

ULTIMA CARTA

(A UMA MULHER CASADA)

Escrevo-te a sonhar no meu passado,
Sonho, sonho, acordado
E como é bom sonhar !...
Tudo floriu, passou, mas tu que és bôa,
Se inda me tens amor, lê-me e perdôa
Se te fizer chorar...

Não peço — porque amor não se mendiga —
Essa illusão antiga
Que a magua me desfez.
Inda me tens amor, — creio-o — é verdade,
Casaste por capricho, por vaidade,
Eu sei tudo, bem vês !...

Tu nem te lembras já do que sonhaste
Do amor que me juraste
Com lagrimas no olhar...
Não desejaste, amor, viver commigo
Na paz tranquilla do meu lar antigo
Poisado sobre o mar ? !

Quantos beijos trocámos nesse instante !
Teu collo triumphante
Nos meus hombros poisou...
E penso com saudade, e por despeito,
Que um outro te apertou junto do peito,
Um outro te beijou !

Escreves-me, jurando eternamente
O mesmo amor ardente
Do passado distante ;
E choro ao ver-te assim já pervertida.
Fôste a noiva ideal da minha vida,
Não pódes ser a amante.

Se fôsses minha amante — desgraçada !
Não serias amada.
Pódes acreditar,
Beijando-te, num sonho, hallucinado,
Só beijaria a sombra do passado.
Já te não posso amar !...

E's mãe, lembra-te bem do teu dever.
Tu pódes-me esquecer,
Amando a tua filha
Hoje, como mulher, és só vaidade,
A tua alma perdeu toda a bondade,
O teu olhar não brilha...

Perdôa-me, mas estou muito exaltado,
O sonho do passado
Eu já não vejo em ti ;
Hontem, vi-te passar, e com desgosto
Passei o dia triste, mal disposto,
E só porque te vi !

Amo-te ainda, crê : como eras dantes
De modos hesitantes,
De timida belleza...
Agóra, quando passas, se me volto,
Esse teu ar, altivo e desenvolto,
Só me causa tristeza...

Não tornes a'screver-me, por favor.
E' tarde meu amor
Para ter ideaes.
Tu pódes ser feliz: és nova, és linda,
Eu apezar de tudo amo-te ainda,
Mas não te escrevo mais!

Váes ficar magoada, com certeza,
Com a minha franqueza,
Mas lembra-te por Deus,
Que se não fôsse amar-te inda bastante,
Tu serias agóra minha amante...
Beijo-te as mãos. Adeus.

Lisbôa.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

***

ANTHROPOIDES

As quatro especies de anthropoides vivos apresentam na altura dimensões sensivelmente afastadas. O gibbon regula entre m. 0,90 e 1,15; o orango entre 1,20 e 1,60; o chipanzé e o gorilla orçam por 1,52. Não differem menos nos habitos do que na estatura.

O gibbon prima pela agilidade e pela graça dos movimentos. Galga de salto as arvores e despede-se como uma setta, de ramo em ramo, ua espessura do bosque. E' um acrobata. Suspeude o corpo em uma das mãos, balouça-se, calculando e medindo as distancias; e soltando uma, parte, avançando a outra mão, a poisar num ramo; dahi a primeira noutro lanço; e assim foge em saltos ou vôos como um funambulo nos trapezios.

Tem na physionomia uma expressão de infantilidade e um movimento que exprime a agitação voluvel de um instincto mais agudo do que reflectido. E' muito guloso de insectos e ninguem o excede na arte de os colher á mão. Trinca-os saboreando lentamente os succos, escutando o estallido dos membros e o ranger das cartilagens dos pequenos bichos. E' cruel, na sua infantilidade. Se o irritam, a féra apparece: sáem de entre os beiços afastados os longos caninos brancos, e o rosto pardo e velloso parece escarnecer e ameaçar ao mesmo tempo.

Musico, a sua vóz tem a extensão de uma oitava, e propriamente canta. Solta uma gargalhada estridente.. *hááád*; e uma nota, *goëk... goëk...* ora mansa e quasi amorosa, ora terrivel e atroadora. Mas fóra dos momentos de colera, não ha outro mais docil, mais artificioso, mais presumido. Sabe partir uma nóz entre duas pedras, tirar-lhe cuidadosamente a carne para comer; sabe apertar com as mãos uma maçã, espremel-a, recolhendo o succo uuma folha de arvore, depois molhar as pontas dos dedos, leval-as á bocca, chupando, bebendo, saboreando, com gestos eloquentes de uma incontestavel gulodice. Burne-se, laube-se, escova-se, arranja-se para parecer bem, e as mães levam ao collo os filhos, para os lavar de manhã no regato proximo.

*

Já nos predecessores dos homens se viam claramente os temperamentos humanos. O orango é misanthropo. Seguro e prudente nos actos, não salta, sobe. O gibbon agita-se, grita, gesticula em permanencia; canta e váe em bandos que o ouvem e o applaudem. O oraugo é taciturno e anda só. Apenas pela primavera se encoutra aos pares, amando com ternura. Ainda imberbe, o gibbon solta-se dos braços da mãe e parte para a vida aventureira; o orango fica por largos annos. Tambem as mães deste são modestas, e dir-se-ia que conhecem o pudor; buscam o interior secreto da floresta para amar sem serem vistas, ao contrario das outras que por toda a parte, bestialmente, provocam o macho e se lhe entregam.

O orango elege para casa uma arvore e ahi existe solitario e indifferente. De manhã sobe, á noite desce, grave e circumspectamente; e só a fome o obriga a viagens. Não salta, trepa. Adeanta um pé, tacteando o ramo, a ver se é solido; depois estende a mão, segura-se devagar, com pausa prudente, até chegar ao sólo, onde tem o leito. Construiu-o em moço, e dura-lhe para toda a vida. E' um monte de ramos, levantado do chão (3 a 7 m.) por causa da humidade; e largo (1 m. diam,) para se poder voltar á vontade. Dorme só; mas quer muito ao seu bem estar: por isso, de tempo a tempo, renova o colchão de folhas, afofa-o com molhos de fetos e musgos macios; e para que as ventanias e a chuva o não molestem, cobre-se com lençoes de largas folhas de pandaneas.

Conchegado, adormeceu. Está deitado de costas ou de lado, com as mãos, por almofada, debaixo da nuca, e ressona com um grunhir não raro commum a homens graves. Acorda logo ao romper d'alva; não se ergue por causa das nevoas perigosas da manhã. Só quando o sol, já quente, as dissipou, o orango deixa o leito; e sobe, vagarosamente, para o alto da arvore onde habita durante o dia. Mezes, annos após annos, desde que se soltou dos braços vellosos da mãe, até que, desdentado e velho, não podendo trepar já, fica em baixo esperando a quéda das fructas sorvadas para comer; dias após dias, annos após annos, o orango passa a vida sentado no elevado tronco da sua arvore, o dorso curvado, a cabeça pendente, o olhar perdido no abysmo de folhagens verdes... e o pensamento?

Umas vezes, levanta os braços pendurando-os pelas mãos em dois galhos visinhos; outras vezes, acaso mais triste, acaso — quem sabe? — antevendo as infinitas miserias reservadas á sua descendencia, ou já pessimista, aborrecido de viver na ignorancia do motivo; outras vezes, os braços cáem-lhe inertes ao longo do corpo, numa attitude de triste desalento...

A sua fleugma, porém, não exclúe a força, nem a colera. Atacado, defende-se como de uma fortaleza; despedaçando os troncos, lançando do alto uma chuva de madeiros e pinhas que véem como pedras soltas de uma funda. Colhido no chão, investe, abrindo a bocca desmesuradamente, adeantando as mãos espalmadas, soltando o seu urro guttural e baixo, como o rolar de um trovão. Depois, quieto outra vez, sentando-se, offegante, estende o longo beiço inferior para beber as gottas de chuva que o acalmam; e applicando o ouvido finissimo, e certo de que está outra vez só, abandona-se de novo á sua existencia indifferente.

*

Nenhum destes dois typos de anthropoides é o mais bravo da familia. O gorilla, mais bestial, menos homem do que os precedentes, é mais terrivel e, por um lado, superior, como veremos.

O seu aspecto repelle e infunde medo. Tem profunda a região molar, a bocca pavorosamente larga, os olhos grandissimos e a cabeça chata, sem capacidade para um cerebro volumoso. E' preto, e, como os negros, tem o nariz chato, os beiços carnudos e grossos, e um prognathismo monstruoso. Vive num estado de furia constante, enchendo os bosques com o terror da sua crueldade e com os pavorosos gritos da sua larynge ampla. Não se limita a defender-se: ataca. Investe com o beiço inferior pendente, a pelle da testa, uúa e negra, enrugada e tremendo, o pescoço curto encolhido entre os hombros herculeos, os braços longos adeantando as duas mãos armadas de garras, ou curvados para rufar sobre o tambor cavernoso do peito amplo, largando da bocca escancarada o seu grito estridulo e pavoroso... kh-ah! kh-ah!

Uma bofetada sua mata, um abraço estoira; e morto o inimigo, as prezas açuladas, as garras de aço, despedaçam-uo. Terrivel como individuo, é invencivel porque vive em bandos. A sua sociedade é um exercito, unido e disciplinado. O chefe é um general, um rei, eleito por um processo que os homens não deixaram de seguir — de um modo só apparentemente diverso. Os pretendentes ao mando batem-se; e aquelle que consegue ficar depois do combate a que só um póde sobreviver, é o rei, o general, o chefe.

*

Mais semelhante aos homens numa singular caridade, é o chimpanzé. Docil, inoffensivo, não prima pela força;

mas sim por uma agilidade que lembra o gibbon, por uma intelligencia semelhante á do orango, por um instincto de humanidade que excede a todos.

Tambem vive em sociedade, tambem elege chefes ou reis, mas é o unico architecto. O orango sabe amontoar um leito; este constroe uma choça, uma casa. Diligente, bom, com o seu grunhido guttural, *who...who...who...* suspende-se a um tronco de arvore, verga-o com o proprio pezo: passa a outro, depois a outro, formando um circulo. Os troncos dobrados tocam-se, penetram-se, e o chimpanzé liga-os, tecendo-os, atando-os. E' assim que constroe um tablado ou uma rede, suspensa das arvores, levantada do chão. (6 a 9 m.) Para que não vergue, caíndo em bolso no centro, escora-a com um prumo. Consolidada a casa, o bando, que é uma familia, tem um abrigo, um tecto, uma cidade.

Talvez da casa lhe viesse o temperamento meigo, amoroso, e a ternura quasi humana com que pronuncia o grito, sobre todos suave, *ai*! As mães adoram os filhos, os fortes protegem os fracos, os sãos curam os enfermos. O chimpanzé foi o proto-consolador dos afflictos, e o primeiro medico. Quando as feridas de um combate ou de uma quéda sangram, e o sangue corre por entre os labios de uma chaga aberta, o chimpanzé faz com folhas de musgos uma compressa que applica ao enfermo, apertando com as mãos a ferida, estancando a hemorrhagia, juntando os labios rasgados da chaga, atando, ligando, como um enfermeiro. O doente não urra, geme; e o medico, além da destreza, tem um carinho instinctivo e doce,—primeira expressão da caridade humana.

....

OLIVEIRA MARTINS.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

X

Discutiu-se, na sessão de 6 de maio. o voto de graças, conforme os apontamentos apresentados por Antonio Carlos. A fala que o Imperador leu, abrindo a sessão solemne, forneceu exclusivamente materia do debate.

A Constituinte, pouco amestrada, não tinha ácerca deste assumpto o systema que, mais tarde, praticaram, seguindo usos e fórmas inglezas — as Assembléas do segundo reinado, em pleno desenvolvimento do parlamentarismo.

Encetou o debate o deputado Andrade Lima. Breve e insignificantissimo foi o seu discurso. Limitou-se a notar palavras ambiguas; são as seguintes: espera que a Assembléa faça uma Constituição *digna do Brazil e de Mim e que sendo assim a defenderá*.

Pensa o deputado que sua magestade pretende, por si só, julgar da bondade da Constituição; concluindo, propõe que se declare—que a Assembléa se persuade não poder deixar de fazer uma Constituição digna do Imperante e do Brazil, por assim confiar dos seus sentimentos nobres e patrioticos.

Antonio Carlos, que assumia a atitude de director e dominador da Camara, não duvida acceitar a proposta. Moniz Tavares dá-lhe apoio, observando—«apenas sua magestade acabou de repetir o seu energico e patriotico discurso, toda a Assembéa retiniu aos repetidos vivas de jubilo e de prazer pronunciados por todos nós de mistura com o immenso povo que nos rodeava; eu vi alegria estampada em todos os semblantès; todos universalmente satisfeitos. Não se diga que as palavras — *dignas de Mim e do Brazil* — merecem censuras; pelo contrario, julgo que fôram applicadas mui judiciosamente, etc.»

Ergue-se, da bancada de Minas-Geraes, o padre Dias, espirito um tanto excentrico, e diz: «que o julgar a Constituição, que se fizer, digna do Brazil, só compete a nós, como representantes do povo. Demais, si nós confiamos tudo delle, porque não confia elle tambem tudo de nós? Tem um povo fiel, que o elege seu defensor, que o acclama, que o corôa, e hade desconfiar? Acabem por uma vez essas desconfianças e seja uma só a vóz da nação e do chefe do poder executivo, por mais arriscada que fôr a crise.»

Nesta discussão — *quasi nebulosa* — tomaram parte os deputados Andrade Lima, Andrada Machado, Moniz Tavares, padre Dias, Maia, Accioli, Ribeiro de Andrada, Rodrigues de Carvalho, Andrada e Silva (José Bonifacio), Carneiro da Cunha, Velloso d'Oliveira, cujo discurso não foi ouvido.

Os oradores concentram-se neste unico ponto—*digna do Brazil e de Mim* — palavras que o Imperador proferiu na sessão solemne de abertura no dia 3 de maio. Cada orador manifestou suas aptidões intellectuaes, que são mediocres, ou nullas em alguns; no emtanto, releva descriminar o *joio do trigo*, segundo a phrase biblica. Fizemos, antes, na memoria alguns pontos que transluziram, porque são factos documentados pelos discursos: 1º — na instalação da Assembléa o Imperador foi enthusiasticamente acclamado, alegria estampada em todos os semblantes; (1) 2º — que a Camara municipal da Côrte exigiu juramento prévio (3); 3º — que as outras o dispensaram (3); 4º — que se propuzesse que o Imperador indicasse as bases da Constituição (4); 5º — que havia desconfianças entre a Constituinte e o Imperador (5); 6º — tomaram-se prévias medidas duras para atalhar innovações e suffocar os partidos (6); 7º — que o governo esforçou-se em prevenir desordens, que procedem de principios revoltosos (7).

De todos os discursos — o mais frivolo, — peza-nos dizer, foi o que balbuciou José Bonifacio, até na maneira de considerar o assumpto. E' um grosseiro tecido de logares communs, de que uzaria qualquer individuo sem criterio e que não pudesse elevar-se a concepções da politica, da vida, das aspirações sinceras, legitimas e ardentes da sociedade contemporanea. Parece destinado a homens de outra epocha e de outros sentimentos e não a um povo que, naquelle momento, lidava e sacrificava-se pela causa da Independencia, que amava; pela da liberdade, que queria possuir e manter; pela da ordem, que se esforçava em estabelecer firme para realisação da prosperidade publica. Ora, estes eram os sentimentos geraes. Sabiam todos que taes sentimentos não podiam coexistir com a demagogia e anarchia, que os exclúem. Infelizmente, o orador manifestou ter minguada provisão de idéas. Não comprehendeu as circumstancias, em que se agitava a discussão, nem suas inconveniencias e perigos. E' para lamentar que não tivesse a sagacidade do estadista, que empolga as vontades, dominando-as e dando-lhes direcção, que convém aos altos interesses sociaes. José Bonifacio a ninguem persuadiu; pelo contrario, a todos irritou. Viram nelle o instrumento que praticava actos que geravam as desconfianças, que comprometteriam o Imperante e prejudicariam a Independencia, a liberdade e a ordem e fomentariam a demagogia e anarchia. Emfim de que se tratava? Das palavras — *dignas do Brazil e de Mim*—Que é que a Camara estranhava e censurava? Aquellas palavras que indicavam querer o Imperador, por si só, decidir do merito da Constituição. Era, pois, este o ponto cardeal da questão. Cumpria delucidal-o, dissipar as prevenções, reconciliar os dissidentes: isso faria um estadista habil. José Bonifacio não o fez tratou de assumpto historico e estranho, do qual ninguem cogitava.

Leiam com reflexão o discurso que elle recitou. Eil-o na integra:

«Eu não tenho talento de orador; só no silencio de meu gabinete sei formar os meus discursos; mas vejo-me obrigado a falar agóra sobre esta materia. Não posso nem tenho expressões para exprimir a admiração que me cauzam as proposições que acabo de

ouvir neste augusto recinto. Como é possivel que hajam homens que do mel puro do discurso de sua magestade imperial destilem veneno? Eu não acho nas expressões do Imperador sinão as nossas proprias expressões e a vontade geral do leal povo do Brazil. Que quer este povo? E para que tem trabalhado até agóra tanto o governo? Para centralizar a união e prevenir as desordens, que procedem de principios revoltosos. O povo do Brazil, sr. presidente, quer uma Constituição, mas não quer demagogia e anarchia, assim o tem declarado expressamente e é uma verdade, de que hoje não póde duvidar-se. Declaro, porém, que não é tenção minha atacar algum dos srs. deputados, mas sómente opiniões; a guerra terrivel que eu poderia fazer seria contra esses mentecaptos revolucionarios, que andam como em mercados publicos, apregoando liberdade, esse balsamo da vida de que elles só se servem para indispor os incautos; mas seria muito injusto o que fizesse esse conceito dos que neste recinto se reunem. Estou certo que todos nós temos em vista um só objecto: uma Constituição digna do Brazil, digna do Imperador e digna de nós. (*Apoiados*).

Queremos uma Constituição que nos dê aquella liberdade, de que somos capazes; aquella liberdade que faz a felicidade do Estado e não a liberdade que dura momentos e que é sempre a causa e o fim de terriveis desordens. Que quadro nos apresenta a desgraçada America! Ha 14 que se dilaceram os povos, que tendo saído dum governo monarchico, pretendem estabelecer uma licenciosa liberdade, e depois de terem nadado em sangue não são mais que victimas da desordem, da pobreza e da miseria.

Que temos visto na Europa todas as vezes que homens allucinados por principios metaphysicos e sem conhecimento da natureza humana, quizeram crear poderes impossiveis de sustentar? Vimos os horrores da França; as suas Constituições apenas feitas logo destruidas e por fim um Bourbon, que os francezes tinham excluido do throno e até execrado, trazer-lhes a paz e a concordia! Na Hespanha, onde o povo se levantou, não para pedir Constituição, mas para se defender dos exercitos francezes, que pretendiam dominal-a, tambem os hypocritas e os libertinos se aproveitaram das circumstancias para formar uma Constituição, que ninguem lhes encommendára, emquanto o povo corria a atacar os invasores. E que succedeu? Entrou Fernando VII, de repente; seguiram-se horrores; levantou-se o partido das baionetas, dizendo-se defensor da vontade do povo e desde essa epocha está nadando em sangue a infeliz Hespanha. Portugal, o desgraçado Portugal, que tem ganhado? Pelas ultimas noticias o sabemos. Emfim, senhores, confiemos nos principios constitucionaes do Imperador e procuremos com todas as forças fazer feliz a minha patria; oxalá que eu pudesse firmar sua permanente ventura! Mas protesto á face da Assembléa e á face do povo que não concorrerei para a formação duma Constituição demagogica, mas sim monarchica e que serei o primeiro a dar ao Imperador o que realmente lhe pertence. (*Apoiados*)

Após a leitura fadigosa dessa massagada de oratoria governamental, nos perguntamos uns aos outros: — qual é o idéal da politica deste homem que tomou a si a difficil missão de libertar um povo escravisado pelo regimen colonial, flagellado pelas cruezas do despotismo, dando-lhe a independencia nacional e chamando-o a partilhar dos beneficios da civilisação contemporanea? Com as doutrinas do seu discurso, que cidadãos formará, que especie de governo exercerá?

Quererá ainda fazer voltar o povo ao antigo estado de servilismo? Tentará acaso restaurar o antigo regimen, de que saíu? As maximas que preconiza, são evidentemente as do governo das devassas geraes, do alvará de 1818, da negação da liberdade de consciencia e da resignação á privação da liberdade individual. Entende que um povo que tem a coragem de luctar para ser livre, deve submetter-se á tutella dum patriarcha, tenha elle grandezas de genio, virtudes do patriotismo, supremacia da sciencia?

No primeiro quarto do seculo XIX, os povos que haviam procurado quebrar o jugo do despotismo, sentiam devoradora fome e sêde de justiça; anhelavam aquinhoar dos beneficios da civilisação e esses beneficios rezumiam-se nos direitos constitucionaes, isto é, governo limitado e responsavel, gozo e exercicio da liberdade civil e politica, das garantias da liberdade individual, de consciencia e de pensamento. Ao contrario, José Bonifacio, no seu discurso, falou, não como fundador da Independencia e da liberdade, porém como o guarda e mantenedor dos principios e das praticas do systema antigo, contra o qual o povo brazileiro se rebellára.

O patriarcha, que devia apostolar as doutrinas e as verdades do seculo novo, prefere reivindicar os uzos das maximas que todos temiam, detestavam e condemnavam.

Quanto á materia do debate que na qualidade de ministro deveria esclarecer, por singular infelicidade, deixou de parte e discursou vagamente. Não tocou, siquer de leve, no ponto que motivára desconfianças. Não dissuadiu os dissidentes. Não comprehendeu que o interesse do Imperante era dissipar e não ver medrar taes desconfianças. Não teve o tino do estadista que imprime direcção nos espiritos; que concentra as vontades para um fim previsto e assentado. Não uzou da vulgarissima esperteza de dar ás palavras ambiguas uma explicação que serenasse os animos e os induzisse a reflectir nas inconveniencias, ou males de um conflicto entre a corôa e a representação nacional, logo desde o inicio do reinado. Não viu as consequencias que desse conflicto brotariam no porvir. Ministro, sem intuição, julgou ter bem se desempenhado da tarefa, prégando pavidamente contra os perigos da demagogia.

Mas de que se tratava e que se disputava?

— Que o Imperador, desprezando a Constituinte, ameaçava não acceitar a Constituição.

Estava, pois, francamente definido o ponto do debate. Pois bem: o ministro José Bonifacio transpõe os limites da questão, sáe do terreno positivo, remonta-se á historia, divaga pelas revoluções francezas, exalta o infame e miseravel Fernando VII, da Hespanha, allude a Portugal, increpa a demagogia, verbera os *libertinos, que em mercados publicos apregôam liberdade* e conclúe *que só votará uma Constituição monarchica*. .» E' o caso de repetir a sentença de Seneca—*nullum magnum ingenium sine dementia*.

A que vem tudo isso? O que convinha, ou urgia explicar era precisamente o sentido daquellas phrases do discurso imperial. José Bonifacio não soube fazel-o. Deixou, portanto, nos espiritos germinar, brotar, crescer as desconfianças. E dirão que este homem sabia defender a causa que, em sua sinceridade, anhellava sustentar e ver victoriosa! O seu modo de proceder é de rematada inepcia. Desde então, elle deixou a Constituinte sem pensamento dirigente. Cada deputado andou por onde quiz. Os mais atilados, como Carneiro de Campos, Pereira da Cunha, Baependy, S. Amaro, Carneiro da Cunha e outros, tributando-lhe maxima reverencia, enveredaram por outros caminhos sem seguir a sua orientação, que era nenhuma. O supposto estadista não foi o guia da Assembléa Constituinte; disso lhe vem grande responsabilidade e dezar; — responsabilidade, porque, por havel-a abandonado acephala, empeceu-a de attingir o seu fim, formando a Constituição, realizando sua missão patriotica, — dezar, porque se mostrou incapaz. Evidenciou que o talento de classificar as dicotyledonias e monocotyledonias não é, muitas vezes, apto a coordenar e dirigir os phenomenos sociaes e politicos. Os primeiros dependem sómente da observação individual concentrada no objecto. Os se-

gundos phenomenos teem infindas relações de causas e effeitos; exigem o exercicio de outras faculdades que não são a observação, que recolhe ou descreve; empregam os processos da synthese e confundem-se com aquillo que ha de mais vario, multiplo, inconstante, como são os instinctos, as paixões, a vontade e o intellecto humano. Phenomenos são estes que ainda mais se complicam no redomoinho da vida social, no embate dos interesses dos homens, ou nas luctas dos povos.

Podeis, sem duvida, ser um eximio e sabio naturalista, mas pessimo estadista, politico inepto, deploravel orador..

Attentáe bem no discurso de José Bonifacio, que copiamos *ipsis verbis*, para exhibir aos leitores as peças demonstrativas dum corpo de delicto. Possam os que fôrem intelligentes ou dotados de bom senso, comparando a materia do debate com a resposta, verificar o dizer vulgar: «falar em alhos, responder bugalhos.»

Nenhum dos oradores alludiu á anarchia, preconizou a demagogia, enalteceu as revoluções, encomiou os *libertinos que andam pelos mercados apregoando liberdade*, e muito menos mencionára o nome desse abjecto rei de Hespanha, (Fernando VII) que, si não se vendeu, submetteu-se a Napoleão I. Elle não teve a astucia, cheia de dignidade e de patriotismo de d. João VI, que burlou os calculos do dominador da Europa subjugada e preferiu vir refugiar-se na colonia americana.

Pois bem: é sobre estes assumptos, estranhos ao debate que versa a resposta de José Bonifacio. No tocante á materia precisa, concreta, visivel e tangivel da discussão, não tugiu nem mugiu ! ! ! Não comprehenderia elle o que se discutia ? !

Negal-o seria parvoice ; mas asseverar que esses certames não quadravam as suas aptidões, é uma affirmação incontestavel.

Imagine-se o desapontamento dos homens de talento da Constituinte, quando ouviram aquella arenga dum Dulcamara, *formada no silencio do gabinete*, *a priori* sem saber qual seria o objectivo da discussão.

José Bonifacio, como declarou elle proprio, não tinha nenhum talento de orador. Prevendo o debate, compoz uma resposta vaga, sobre generalidades, contra a liberdade, que elle queria a seu modo patriarchal ; contra a demagogia, comprehendendo nella a idéa republicana, que elle detestava e jurava perseguir a ferro e fogo. O seu discurso, que acabamos de ler, é aquillo que vulgarmente se chama um nariz de cera, adaptavel a tudo.

Em verdade, por veneração ao eminente patriarcha, tomando ao serio o seu discurso, que não foi improvisado, dóe-nos n'alma lel-o. Mil vezes o *Diario da Camara* não o tivesse conservado ! Em suas paginas não ha um documento, não só de tanta inepcia, porque não sabe defender o governo, pelo contrario o compromette ; mas tambem tão chato, tão tacanho, tão nullo, porque não tem siquer a correcção da fórma, a invenção, ou propriedade das idéas, o sopro calido do sentimento, as apparencias da logica, os vestigios lucidos do criterio e o mais sediço e vulgar conhecimento dos factos da historia da epocha. Tudo que elle diz do rei Fernando, é uma falsificação dos acontecimentos. Fôra empreitada facil citar os escriptores, que se occuparam da constituição hespanhola e do rei Fernando VII, principiando por Armand Carrel, que traton com Riego, com os constitucionaes, com *jozephinos e descamisados*, até Chateaubriand, que era embaixador de França em Hespanha, e quando ministro de estrangeiros do gabinete do conde de Villèle, impelliu o governo a intervir na Hespanha com um exercito de cem mil homens, commandado pelo principe duque de Angoulème, em 1823. (8)

Essa intervenção, que então era recentissima, não podia ser ignorada e foi muito discutida durante a Restauração dos Bourbons, tambem fornecen azo ao nosso venerando patriarcha de desvirtuar completamente a historia, de pintar homens, qual o rei Fernando, a seu gosto, de inverter o sentido dos acontecimentos, sem que, com esse inutil trabalho, trouxesse uma solução ou esclarecesse o ponto que preoccupava a attenção da Assembléa Constituinte. O deputado Carneiro da Cunha refutou e pulverizon tal discurso, qualificando-o com esta ironica e desdenhosa apostrophe—*declamação* !

Parece incrivel que, no anno de 1823, na qual taes factos succediam ; no qual a Constituinte funccionava, na Cadeia Velha, houvesse um espirito, não diremos illustrado, porém razoavel que se arriscasse a proferil-o com a circumstancia aggravante de o haver escripto meditada e pacientemente no silencio do gabinete.. para dissimular, alterar, desvirtuar ou ignorar a realidade dos acontecimentos recentes ou a exactidão da verdade historica.

Quem estuda a historia não deve perder os fios de relação e ligação dos factos, porque são elles *signaes*, segundo a theoria de Taine, o historiador, philosopho e critico.

E' portanto, devido a inducções que se fórmam certas conjecturas; por exemplo : que a Constituinte era duma grande ignorancia tanto que José Bonifacio ouzou impingir-lhe aquelle discurso cheio de erros e dislates. Só homens estranhos á vida social e intellectual poderiam engolir aquella *tisana* preparada pelas doutas mãos do ministro e mentor de d. Pedro I.

José Bonifacio discorreu sobre os acontecimentos da Hespanha, encareceu o procedimento do indigno Fernando VII, da regencia realista de Seu d'Urgel, composta do marquez de Mataflorida, do arcebispo de Tarragona e do barão d'Erolas, porque reputava os deputados da nossa Constituinte — *uns ignorantes*. Elle sabia tudo, porque lia os jornaes do partido *fanatico* e *ultra-realista* da Restauração, taes como a *Gazette de France*, *Quotidienne*, *Foudre*, *Journal des Débats*, *Drapeau Blanc*, etc., e vinha, naquelle mesquinho e ridiculo discurso, ser o echo longinquo dos absolutistas de França e de Hespanha e dos agentes da Santa Alliaça, formada pelos despotas corôados. Elle diz, por exemplo: *andam em mercados publicos apregoando liberdade*; nem as phrases nem a idéa lhe pertencem ; são do jornal *Fondre*. As idéas destes orgãos do absolutismo fôram incluidas no deploravel discurso do patriarcha da Independencia. Estes jornaes, segundo affirma um historiador (9) *adressaient aux souverains legitimes, arbitres d'Europe, les invocations les plus pathetiques, les suppliaient de sauver la civilisation par un acte vigoureux, d'étouffer pour toujours les marchands de liberté, les demagogues, de faire taire les sophites, de terrasser le génie du mal, de purifier l'atmosphère politique*. O jornal *La Foudre* (continúa o mesmo historiador) *etait encore plus explicite et elle confondait dans les mêmes invectives la perfide Anglaterre, scandaleusement unie aux revolutionnaires et cette fraction mixte, qui ambitionnait de faire prevaloir le système constitutionnel*, etc., etc.

Observa o historiador que a Inglaterra era assim maltratada, porque, paiz livre e parlamentar, não podia accordar-se com os sequazes da Santa Alliança, os ultra realistas de França ou de Fernando VII. Mas José Bonifacio tornou-se, na Constituinte brazileira, o sectario e pregoeiro das idéas dessa gente. Elle falsifica acontecimentos, inventa ou nega os actos, *verbi gratia*, diz que ninguem na Hespanha encommendára Constituição ; ora, é certo que Fernando VII não só a encommendára, como auctorizou os constitucionaes a fazel-a; a tal proposito, escreve o historiador citado : *la Constitution des Cortes etait mauvaise... les Cortes, d'ailleurs, n'étaient une assemblée d'origine revolutionnaire. Un decret de Ferdinand, du 8 mai 1808, les avaient convoquées* ; *l'Europe les avait reconnues* etc. Julguem do criterio, do liberalismo e da capacidade do orador e estadista e da lealdade e sinceridade,

com que este patriota fala á Camara e ao povo...

Não sabemos si José Bonifacio é tambem glorificado como orador. Os contemporaneos, que o ouviram, de certo, constristavam-se (como affiançaram-me alguns dos seus admiradores) lamentando que lhe faltasse esse talento, que engrandece o politico e estadista. Mas, si a cegueira dos idolatras foi incuravel, o bom senso das gerações novas as desviará de compartir dos erros, ou, antes, das tolices dos admiradores imbecis. Quem pronuncia discurso daquelle jaez, não será suspeitado de possuir dotes de orador, mas...

Dirão que analyzo minuciosa e repetidamente essa grande individualidade da historia de epocha gloriosa do Brazil.

Porque não? Si, em minha juventude, fui educado no culto de idolatria por seu nome... Si, ao saír dos cursos academicos, ouvi um varão, illustrado jurisconsulto e parlamentar, dizer-me —*meu moço, escute o que lhe estou dizendo a respeito do genio de José Bonifacio; estude-o bem e verá que, só de seculo em seculo, apparece uma intellicia privilegiada, como aquella.* (10)

Depois de ter falado o ministro e de lhe haver victoriosamente respondido Carneiro da Cunha, deputado parahybano, a Camara mostrou-se apressada em encerrar a discussão e votóu, aprovando unanimimente, o voto de graças, que, por uma numerosa deputação, tendo como orador o illustre Antonio Carlos, foi levado á augusta presença imperial.

Recebida a deputação, o orador leu longo dircurso, ataviado, aqui e acolá, com scintillantes rasgos de eloquencia, de metaphoras, hyperboles e gongorismos, como era de sua indole e talento.

No tocante ao ponto que suscitou tanta estranhesa e debate por causa das palavras ambiguas, o orador, em nome da Assembléa, assegurou que todos os deputados estavam no proposito de fazer uma Constituição que correspondesse aos desejos de s. magestade, que era essa a vontade da nação, a qual tinha em s. magestade a mais viva esperança e profunda confiança, por haver já recebido repetidas provas da constitucionalidade, do desvello, da dedicação, com que s. magestade se esforçava por servir o paiz e promover a prosperidade, a grandeza da patria brazileira. D. Pedro, incisiva e acentuadamente disse: «Agradeço os votos manifestados e egualmente agradeço sobremaneira á Assembléa a deliberação, em que está, de fazer uma Constituição, digna de Mim, digna de si, digna da nação brazileira, que tão credora é de receber em premio de seu brio, valor e generosidade, uma Constituição que lhe assegure aquella justa liberdade, que é a unica que lhe póde acarretar louvores, conciliar amigos e cobril-a de felicidades.»

Parecia que estavam adelgaçadas, e quasi dissipadas, as densas nuvens de borrasca, que se enfileiravam no sombrio e minaz horizonte.

A resposta do Imperador mostra que entre elle e a Camara havia reciproca desconfiança. Essa desconfiança vivamente começava a penetrar nas camadas populares, principalmente por causa das devassas geraes, perseguições á imprensa e muitos actos violentos do tenaz arbitrio do governo patriarchal. A nação desconfiava, e o Imperador não podia tolerar que a Constituinte concorresse para arruinar-lhe, na alma popular, o prestigio de que gozava.

Inexperiente, a Assembléa continuará a caír de erro em erro até o momento em que a sua dissolução pareça uma providencia reclamada pela ordem publica. No estudo dos actos, das discussões, da marcha lenta, confusa e improficua dos trabalhos legislativos colheremos os signaes presagos do desenlace do drama.

Um dos erros que gravemente comprometteram a Constituinte, foi a desidia, com que houve em formular e discutir o projecto da lei fundamental, que a população anciosamente desejava. Os mezes fôram correndo, gastos em disputas banaes; os grandes e vitaes interesses nacionaes postos de lado, ou não comprehendidos.

Agóra que a Constituinte se vê desembaraçada do voto de graças, passa a tratar dos projectos—de perdão, de amnistia, da indicação do padre Alencar sobre a prisão do coronel Costa Barros, de Pereira da Cunha mandando vigorar, no novo Imperio, a legislação portugueza, como veremos no seguinte estudo.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Discurso de Moniz Tavares.
(2) Idem de Maia.
(3) Idem de Antonio Carlos.
(4) Idem de Maia.
(5) Idem do padre Dias.
(6) Idem de Rodrigues de Carvalho.
(7) Idem de José Bonifacio. Todos esses discursos estão, da pag. 23 a 26 do vol. 1º, no *Diario da Camara*.

(8) Duvergier de Hauranne consagra-lhe um livro na *Hist. du Gouvern. Parl.* E' coisa muito conhecida a parte que a Santa Alliança tomou nos negocios de Fernando VII. —Os protestos eloquentes do ministro inglez Canning—As repulsas de lord Wellington—Chateaubriand gabava-se: Ma guerre d'Espagne etait une gigantesque entrepise — imitava lord Chatham. O mesmo Chateaubriand escreveu um livro — *Congrès de Verone*. Todos os historiadores da Restauração tratam dos negocios de Hespanha e de Fernando VII. Quem ler e comparar com o que disse José Bonifacio ficará pasmado, não sabendo si da má fé ou da ignorancia.

(9) Duvergier de Hauranne — *Hist. du Gouv. Parl.* Vide — *La Politique de La Restauration*, par le conte Marcellus.

(10) Palavras do fallecido conselheiro Antonio Pereira Rebouças.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O helicoptero Santos Dumont. — Concurso de aviação. — O mais pezado do que o ar. — Cincoenta mil francos.

O nosso illustre patricio Santos Dumond, depois de ter resolvido o problema da navegação aérea pelo mais leve que o ar, está concluindo, nos ultimos detalhes, o apparelho para concorrer ao premio Deutsch-Archdeacon, instituido em favor da navegação pelo mais pezado do que o ar.

Essa machina volante é um helicoptero, apparelho que se eleva, se sustenta e se dirige no ar unicamente pelo esforço de propulsão de helices verticaes e horizontaes. Para realizar praticamente taes movimentos, é indispensavel o minimo de pezo e o maximo de força, empregando na construcção do apparelho o bambú, a sêda, cordas de piano, como nos balões dirigiveis do mesmo inventor, que chegou aos resultados quasi incriveis de construir helices de sustentação de seis metros de diametro, pezando apenas nove kilos.

Os helices de sêda e bambú experimentados, em ponto fixo, com uma rapidez de 90 a 100 voltas com um motor de 9 cavallos, produziram uma potencia de tracção de 180 kilos. Donde concluíu Santos Dumont que com um motor de 18 cavallos esses helices poderão suspender 180 kilos. O apparelho pezará, apenas, 160 kilos e será munido de um motor para fornecer de 24 a 28 cavallos.

O helicoptero é formado por um quadro de bambús rectangular, sustendo nas duas extremidades os eixos verticaes; outro eixo central se prolonga na parte inferior e serve de supporte á platafórma do motor. Nas duas extremidades horizontaes do quadro estão installadas — avante o helice propulsor; á ré, o leme, tendo ao todo 12 metros e meio de comprimento e 6 de altura. O motor imprime movimento a uma vertical, no centro, terminando em duas pequenas pulias que transmittem, por meio de correias, o movimento a duas rodas do bicyclette de 1,20 de diametro dispostas horizontalmente sobre as arvores dos helices. Uma das correias é directa, a outra cruzada, de maneira que os helices gyram em sentido contrario. Um pinhão angular, independente, permitte accionar á vontade a arvore horizontal do propulsor. Um systema de ensarcias de cordas de piano impede que o apparelho se deforme, mantendo-o em perfeita rigidez. Para impedir a deformação dos helices de sustentação, elles, em vez de receberem o impulso pelos eixos, recebem-no pelas pontas das azas, dando-lhes um vertiginoso movimento de rapidez. O leme é mo-

vel em torno de um eixo horizontal.

O sr. Santos Dumont empregou um motor Levasseur de 8 cylindros.

O apparelho completo peza 160 kilos, sendo 105 o pezo do helicoptero e 55 o do aéronauta munido de alguns instrumentos indispensaveis.

A quéda produzida por uma parada repentina do motor foi engenhosamente evitada, porque a ella não corresponde a parada do movimento, de maneira que a descida se opera lentamente como si os helices fôssem páraquédas.

O sr. Santos Dumont confia absolutamente no exito do seu apparelho que, a esta hora, deve estar experimentado e prompto para o concurso ao prémio de 50.000 francos.

***

Canhões de fio de aço. — Revolução na artilharia. — Grossas peças que pódem atirar a 50 kilometros. —

Nas officinas norte-americanas da Scott Iron Company, está terminada a construcção do novo canhão de arame de aço, inventado por Hamilton Browon, o qual assignalará uma completa revolução nos canhões navaes e nas pezadas peças de sitio.

Trata-se de um canhão de 162 centimetros, capaz de lançar um projectil pezado á distancia de 50 kilometros. O obuz, no fim desse precurso, terá força bastante para atravessar uma couraça de aço de 15 centimetros de espessura.

Esses resultados serão obtidos pela formidavel pressão a que o canhão póde resistir, permittindo empregar cargas de potencia até hoje, desconhecida, imprimindo ao projectil uma rapidez inicial de 1.250 metros por segundo, quando, com os mais fortes canhões actuaes, essa rapidez não excede, em geral, de 650 a 700 metros.

A nova peça é formada de uma série de placas de aço de 4 milimetros de espessura, cintadas e apostas umas ao lado das outras, como outros tantos segmentos que se ligam. Em redor dessas placas, se enrola por meio de machinas especiaes, uma longa e forte ligadura de arame de aço. No interior se introdúz, á força, um tubo de aço, que constitúe a alma do canhão ; no exterior elle é protegido por um revestimento de aço forjado.

Cerca de 35 kilometros de arame de aço entram na construcção desse canhão, que peza 12.000 kilogrammas e mede 8,50 de comprimento. Calcula-se que a sua resistencia é duas vezes e meia maior que a dos canhões mais aperfeiçoados.

Si as experiencias desse novo instrumento de destruição fôrem satisfactorias, o governo norte-americano mandará construir onze eguaes para a defeza das costas.

O coronel W Engalls, considerado, na America, auctoridade indiscutivel em materia de artilharia e de balistica, formulou opinião favoravel ao novo canhão Hamilton-Brown; affirmou que um canhão desse systema de 250 milimetros de diametro póde lançar um projectil a 90 kilometros de distancia, e, de deducção em deducção, chega a concluir que um canhão de arame de aço, de 400 milimetros, terá um alcance de 140 kilometros, podendo, assim, os artilheiros de Calais, de Boulogne, bombardear Londres.

O ALMIRANTE (67)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Os amigos se entreolhavam silenciosos como si não ouzassem falar da gravidade do accidente que punha em imminente perigo a vida de Oscar, havia dois dias. Temiam todos um desenlace subito, menos a marqueza, sempre tranquilla, absolutamente confiante na proxima restauração da saúde do ente querido. Esse derradeiro golpe seria uma crueldade injusta e absurda desse Deus, cuja misericordia o padre Paulo, chegado na vespera do interior, invocava para consolal-a, para dar-lhe resignação.

O medico insinuára, com muitas periphrases cautelosas, que a situação do doente era quasi desesperada, si bem que não tivesse a sciencia exgottado todos os seus recursos. Hortencia fôra a primeira a saber da triste verdade que ella já havia presentido acompanhando dia e noite, com dedicação heroica, todas as phases da doença. E o padre fôra incumbido de preparar a marqueza para o terrivel choque. Elle estivera a sós com Oscar, reconhecera admirado a lucidez daquelle espirito de primor, triumphante do soffrimento ; empregára toda a uncção das suas palavras de consolação, de esperança, preparando-o para deixar a vida como bom christão, exhortações acceitas sem resistencia, sem o menor vestigio de pavor do trespasse imminente.

— Devemos confiar em Deus—dizia o padre Paulo á marqueza — Acabo de estar com o nosso doente ; acho-o muito abatido. um tanto..

— Oscar não morrerá — interrompeu ella, com firmeza.

— *Não digo menos*. O caso não é desesperado, mas devemos considerar que é grave, gravissimo, e por isso nos devemos apparelhar para a peior hypothese. Estando ha pouco com o almirante, occorreu-me consultal-o sobre o destino dos seus bens, uma vez que elle não tem herdeiros necessarios, e convencel-o de se prevenir com um testamento, alvitre a que elle accedeu promptamente. Além disso, peusei que..

O padre hesitou e, depois de breve pausa, continuou :

— Vossa excellencia sabe que providenciaudo ácerca dos haveres do almirante, veio-me á mente o seu meio soldo, o seu montepio, que poderiam garantir o futuro de uma moça...

A marqueza ouvia, immovel, de olhos fitos no tapete, as palavras brandas, insinuantes do padre Paulo.

— Pensei, então, — proseguiu este — em cazal-o.

— Cazal-o ?—exclamou a marqueza, estremecendo de surpreza e encarando no sacerdote.

— Sim, cazal-o *in extremis*, com uma dessas moças da amizade de vossa excellencia. Diz-me o coração que esse sacramento seria muito do agrado de Deus.

— Cazal-o ? — repetiu a marqueza, dominada pela insistencia do padre.

— Isso depende do consentimento da senhora marqueza. Si, por desgraça, elle fallecer...

— E si viver, si ficar bom como espero ? — objectou a marqueza.

— Acceitará o facto consumado e será feliz. De resto, devo declarar, com lealdade, que já o consultei.

— E elle ? ..

— Elle está por tudo com a condição de estar de accordo com vossa excellencia.

— Mas isso seria um sacrilegio.

— Um sacrilegio ? o sacramento celebrado com perfeita integridade mental dos nubentes ? Nunca. Será uma bôa acção, um beneficio.

A resposta do padre encontrava echo no attribulado espirito da marqueza, por isso mesmo que parecia absurda, extravagaute ; vinha ao encontro da preoccupação persistente de dar uma companheira a Oscar e o momento era azado para vencer a sua tenaz reluctancia.

— Tenho absoluta fé na restauração da saúde de Oscar ; entretanto, não me opponho... Oh ! eu nada posso deliberar. Façam como entenderem melhor... Ah ! Vens a proposito, Gininha — accrescentou ella, chamando com um gesto d. Eugenia, que apparecera hesitante — O padre Paulo propoz-me cazar Oscar.

— Cazar Oscar ? Com quem ?—disse d. Eugenia, cortada de surpreza.

— Com uma de tuas filhas — concluíu a marqueza, resolutamente.

— E' verdade que Amelia — murmurou d. Eugenia, enleiada — gosta delle : elles se gostam desde mocinhos ; mas não sei si...

— Eu me encarregarei de tudo—declarou o padre.

E tornou a falar na pena de se per-

derem o meio soldo, o montepio, na lastima de morrer solteiro, num celibato talvez peccamiuoso, uma creatura tão bôa, tão digna. D. Eugenia ouvia acanhada, hesitante, si bem que seduzida pelo projecto assegurador do futuro de uma das meninas.

Para vencer uns resquicios de melindres recalcitrantes, o padre Paulo foi chamar o conselheiro, o doutor Souza e Lima e, nessa especie de conselho de familia, o caso ficou definitivamente resolvido. Amelia seria a espoza e a herdeira de Oscar.

O padre Paulo, incumbido da consulta, hesitou, recolheu-se em funda meditação, como si concertasse um plano para se assegurar da sua caridosa manobra.

—Penso que será muito difficil convencel-a — disse-lhe d. Eugenia — Amelia é teimosa, implacavel nas suas resoluções. Faça o possivel, padre, empregue todo o seu prestigio para realizar esse proposito inspirado por Deus a vossa reverendissima.

—E' difficil, é—respondeu o padre, lentamente, continuando a scismar— Eu lhe falarei, em nome de Deus, ao coração e á cabeça. Si ella ama Oscar...

—Ama—replicou vivamente d. Eugenia — ama-o como sabem amar as mulheres daquella tempera, mas em silencio, occultando, numa castidade intransigente, transformada em orgulho, a sua paixão. Não vê que se mantém afastada no palacio, conservando no rosto aquella mascara de calma.. Ah, não conhece o caracter rigido de Amelia; não sabe do que é capaz...

—Farei o possivel. As mulheres apaixonadas não resistem muito tempo ao que convém ás suas aspirações. Não percamos tempo.

O padre encaminhou-se com certo ar solemne para o palacio. Da aléa de bambús elle divizou o rosto pallido de Amelia, os seus olhos anciosos fitando com insistencia as janellas da bibliotheca, onde jazia Oscar; mas sentindo o padre approximar-se, restaurou subitamente a compostura, a attitude fria, solemne, de que falára d. Eugenia.

—Como váe Oscar ?—inquiriu ella, com ligeiro tremor na vóz, quando se viu junto do padre.

—Mal—respondeu este—Acabo de estar com elle; fez-me depositario das suas ultimas disposições e é por isso que estou aqui, cumprindo um dever do meu sacerdocio.

—Do seu sacerdocio?—tornou Amelia, surprehendida — Não comprehendo...

— A senhora ama Oscar...

— Eu ? !...

— Não é agradavel a Deus, suffocar a verdade, o que se passa num coração puro como o seu. Não tente negar o que todo o mundo percebe atravéz do seu pudor excessivo. Esse amor é uma luz abençoada irradiando nos seus olhos, no seu semblante, superior a todos os obstaculos, a todos os sacrificios. E' impossivel esconder-o.

— Pois bem — exclamou Amelia, empallidecendo, subitamente, os olhos, incendidos de magnetico fulgor — Pois bem : amo-o, amo-o. Mas para que arrancar-me essa revelação do amor si Oscar está perdido, está moribundo...

E a torrente de lagrimas lhe abrolhou violenta nos olhos macerados.

— Ainda bem — volveu o padre, meigamente — Estas lagrimas são um excellente indicio, minha filha. Desafogue o seu coração. Isto lhe fará bem ao corpo e ao espirito.

— Um amor infeliz. — murmurou Amelia, suffocada pelos soluços.

— Tenha fé em Deus, que póde fazer o milagre de salvar o seu noivo. A sua misericordia é inexgottavel e não abandona os que soffrem pelo amor. Eu lhe venho pedir, em nome de Oscar, consinta em que esse amor seja abençoado por Deus.

— Em nome de Oscar ? — exclamou ella, recuando.

— Sim, em nome delle. Elle lhe deseja por esposa.

— Esposa !

— E eu abençoarei, em nome de Deus Nosso Senhor, essa união.

— Impossivel — exclamou Amelia, recobrando a rigidez euergica e estancando as lagrimas com o lenço — Impossivel, padre Paulo. Eu não serei jámais esposa de um moribundo. Isto seria um sacrilegio, seria um negocio. em que eu figuraria como um instrumeato de ambição, de ganancia.. Nunca, nunca.

A vóz da moça vibrava com o accento indignado de uma resolução inabalavel.

—Si é indispensavel que isso se faça — continuou cada vez mais altiva, mais vehemente, — cazem-no com a Laura, que é uma creança innocente ; cazem-no com a Hortencia, que é bella, moça, que é ambiciosa...

— Por Deus, minha filha—retrucou o padre, carinhosamente—Não se trata de cazal-o, a todo o transe, com qualquer pessôa, mas com a eleita do coração de Oscar.

— Eleita do seu coração, eleita á ultima hora, no momento extremo, quando todas as suas caricias, todas as suas attenções fôram sempre para Hortencia, quando o seu amor fôra para Dolores...

— Calme-se, minha filha. Não ha calculo, não ha interesse no que lhe venho propor. Trata-se de abençoar esse amor que poderia ter interrupções, desvios, mas resurge em toda a pureza na hora extrema. Vamos ; consinta ; ajude-o, ao menos, a morrer em paz com a consciencia.

— A minha resolução é inabalavel. Não insista, que me atormenta inutilmente. Eu não me submetterei jámais a essa união á beira de uma sepultura...

— E si elle ficar bom ; si voltar á saúde.

— Eu serei ridicula aos olhos delle. Considerar-me-á uma mulher vulgar que se prevaleceu da sinistra circumstancia para satisfazer a sua ambição. Oh, é horrivel.. Nunca, nunca...

E, partindo subitamente da sala, deixou o padre immovel, desconcertado pela recusa formal, inabalavel. D. Eugenia tinha razão : era indomavel aquelle orgulho.

(*Continúa*).

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

As nossas antigas fortalezas e fortes, restos da defeza da epocha colonial, em grande parte abandonados, e os que não estão, armados com uma artilharia mathusalenica, não offerecem obstaculo serio ao inimigo, e, por conseguinte, o apoio delles esperado na repulsa nos ataques dirigidos contra as costas, será inteiramente illusorio, não correspondendo de modo algum ás despezas feitas durante a paz com a sua conservação, nem sacrificio pessoal das suas guarnições na occasião da guerra.

Realmente — a não ser aqui, na Capital, e em S. Paulo, muito escassamente e sem obediencia a um plano amadurecido, que se póde considerar como defeza fixa ao longo de toda a costa ? Serão esses paredões, plantados á entrada dos portos, alguns de alvenaria de tijolo, guarnecidos com canhões de alma lisa e raiada de antecarga, mal se prestando ás salvas festivas—os elementos de protecção dos nossos fortes commerciaes, dos centros militares contra a investida do inimigo, embóra sem grandes apparelhamentos de ataque ? !

A reconstituição do nosso material naval, em bôa hora deliberada pelos poderes publicos, certamente proporcionará, após a sua realização, um grupamento de unidades de combate de accentuado valor para attender grande parte das exigencias da defeza nacional, pelo lado do mar ; mas, cumpre attender que semelhante reférma não basta para a completa solução do problema, visto como muitos casos se apresentam em que a intervenção isolada do elemento movel maritimo não satisfaz.

A deficiencia e atrazo dos meios empregados pela fortificação costeira

não são peculiares ao nosso paiz ; em todas as partes do mundo, esse ramo da defeza tem sido, até certo ponto, descuidado, e, só agóra, sob a pressão das novas necessidades, se começa a dar a devida attenção e a conhecer a sua verdadeira importancia.

Muitas circumstancias accumulam-se para a explicação desse estado de coisas. Entre outras, pezam, de modo sensivel, as elevadas sommas em dinheiro requeridas para o perfeito artilhamento da costa, mas convém lembrar, egualmente, que a mais preponderante é, talvez, a que resulta da variedade e incerteza das opiniões em tudo que a elle se relaciona. Si accordo perfeito existisse, todas as nações, ricas e pobres, não se abalançando á immediata execução de um plano radical de semelhante defeza, procederiam por partes, e, com tempo mais ou menos longo, chegariam á conclusão, como aliás se procede nos demais casos em que as despezas avultam de modo a excederem de muito os recursos ordinarios.

O material naval, tambem se resente desse desencontro de opiniões, concorrendo por seu turno para manter a indecisão dos meios a oppor-lhe, dadas as intimas relações que o ligam ás questões do problema costeiro.

As controversias ahi são tantas, tão disparatadas as idéas sobre o assumpto que, nos nossos dias, qualquer potencia, principalmente as de fracos recursos pecuniarios, na refórma ou augmento do seu poder naval, se sente extremamente embaraçada na escolha de tal ou qual escola, de tal ou qual typo de navio.

Aggravam sobremodo essa situação de duvidas, os incessantes progressos da industria contemporanea, em vertiginosa avançada, ás vezes por estradas mal assentadas, apregoando todos os dias, num afan propagandista desmedido, um melhoramento real ou imaginario, abalando o espirito dos profissionaes, modificando opiniões sanccionadas pela experiencia, provocando, emfim, alterações muitas vezes sem fundamento explicavel.

De modo que—um navio de guerra, a meio da sua construcção, delineada poucos mezes antes, á custa de muito estudo e abraçando todos os melhoramentos do dia, já nessa epocha está considerado inferior a outro, idéalizado por um industrial ou ainda por um profissional que lhe deu mais um metro de comprimento; que lhe augmentou umas tantas toneladas; que dispoz a sua artilharia de certo modo ; que, finalmente, introduziu senões denunciadores de vantagens seguras ou ficticias.

E como os navios de guerra de dado programma não se constróem de uma assentada, resulta a hecterogeneidade inevitavel e conhecida dos diversos elementos componentes das esquadras modernas—esse agglomerado de unidades differentes em suas condições essenciaes, em que commummente as menos aperfeiçoadas, mais antiquadas, prejudicam a acção das mais velozes, mais manobreiras, de armamento mais efficaz, pelas necessidades, de ordem tactica ou estrategica, de se escravizarem ás propriedades inferiores das demais, destruindo por essa fórma um dos principaes factores da victoria na guerra moderna — a unidade.

Facto identico apreciamos agóra com o programa naval, patrocinado, com ardor, pelo actual gestor dos negocios da marinha.

Os contendores, pró e contra, degladiam-se com as armas extremadas das suas escolas, e nos arroubos das concepções, nos exaggeros das suas argumentações, deixam no espirito dos leigos a convicção da anarchia que reina nesse mistér, denunciando com a apparencia de uma verdade inconcussa — a pretendida cegueira ou ignorancia dos que apregoam a doutrina opposta.

A grande esquadra, exclamam uns — a esquadra de formidaveis mastodontes de aço lançando, a um só vomito de seus poderosos canhões, a destruição total do inimigo ou apenas afugentando-o espavorido, desbaratado, ante a sua phantastica apparição — só ella trará a nossa tranquillidade. A esquadra *mignon*, enxame de barquinhos, velozes, inviziveis, açoitados nos innumeros recantos da costa, irrompendo subitamente sobre o inimigo desprevenido, anniquillando-o e vencendo-o pela confusão—concebem outros o melhor apparelhamento da defeza movel do littoral. E, finalmente, outros ainda, mais modestos, menos impetuosos, mais precavidos, simplificam extraordinariamente os encargos da marinha, reduzindo-a a guarda de baterias de costa e terminando por proclamar preferivel, na actualidade, cuidarem os marinheiros de se apropriarem das fortificações costeiras a se entreterem com espalhafatosas encommendas de navios, por desnecessarios, por contrarias ás nossas necessidades.

No labyrintho inextrincavel dessas opiniões antagonicas, extremadas e irracionaes, difficil se torna a acção dos responsaveis directos pela defeza do paiz, si subordinarem as suas cogitações e deliberações á bella e fertil argumentação dos polemistas em campo.

Convém, entretanto, arcarmos contra a série de motivos formulados por todos quanto apaixonadamente repugnam as sãs refórmas e que, sob a euganadora apparencia da defeza dos seus idéaes, mal escondem o proposito systematico de estorvar os passos dos que se empenham com justo ardor no melhoramento das nossas instituições armadas.

Estudando o que existe estabelecido nos paizes mais adeantados ; apreciando com calma e criterio as questões navaes; pezando os dados colhidos nas guerras modernas, despidos do seu aspecto phantastico ; deduzindo, emfim, os bons principios reguladores da defeza costeira, teremos os elementos indispensaveis e bastantes para enfrentar, sem vacillações, a realisação immediata do problema da protecção das nossas fronteiras maritimas.

TENENTE MAX.

D'AQUI E D'ALLI

Do Ceará, recebemos o seguinte telegramma :

« FORTALEZA, 28. — Durante a noite passada foi arrombado o predio em que funccionava o *Unitario*.

Os moveis fôram destruidos, os typos empastelados. O prélo ficou completamente inutilizado.

O *Unitario*, apreciando a catastrophe do *Aquidaban*, publicou artigos que desagradaram aos officiaes de marinha aqui estacionados.

E' opinião geral que o governador Accioly, aproveitando esse incidente, mandou praticar esse acto de tamanha selvageria por soldados de policia.

O empastelamento deu-se na rua Formosa, bem no centro da capital. »

Este é o facto consumado. Delle não ha para que nem para quem appellar. A justiça do Ceará está na mão do seu régulo, inteiramente abastardada, sem vontade, sem opinião, sem querer, sem poder. A justiça, lá, é uma simples figura, um insignificativo typo da administração publica. Os magistrados são magistrados, isto é, estão no seu officio de julgar, tão simploriamente como um porteiro de secretaria abre as portas da repartição e deixa, de pé, em continencia, que o resto entre e vá tomar os seus logares.

E' ainda precizo disfarçar, é precizo ainda salvar as apparencias, mostrar que todos os orgãos funccionam... Por isso, e assim, o Ceará tem justiça, tem juizes, umas creaturas que ganham como burocratas, umas creaturas que servem como servis. Tambem por tolerancia, por transigencia, por commodidade.. Nesse conceito de honra profissional, é lamentavelmente tudo, desde o mais humilde até á quasi totalidade dos velhos dezembargadores, tristes, molles, encanecidos mais de abatimento que de edade.

Dessa justiça seria possivel recorrer. O Supremo Tribunal Federal, na melhor hypothese, repararia o damno. Mas, com certeza, o seu *accordam* não seria executado. No Ceará, como em outros Estados, onde a civilisação

ainda não chegou, não faltam exemplos dessa pratica.

A justiça federal, de resto, não tem, naquella escura paragem, nem força moral nem material. Nem moral porque o juiz é o juiz Studart: esse juiz não faria nada contra o amo governador. Nem material porque o governo da União não tem lá um soldado. Todo o serviço federal é feito pela policia do régulo Accioly. De modo que, si o Tribunal requisitar força para uma diligencia urgente, não será attendido. E si ella fôr de outro logar, é possivel que a policia do Ceará a receba a fogo... na praia do Ceará.

Esta é a situação de facto.

O Presidente devia, ao menos, intervir particularmente, já que não póde fazer pelo Ceará o que mandou fazer por Santa-Catharina.

*

Contra o nosso telegramma, aqui está o do *Jornal do Commercio*, publicado a 29:

«A' meia noite de hoje, foi empastellado o jornal *Unitario*, que hontem reproduzira graves accusações á marinha a proposito da recente catastrophe do couraçado «Aquidaban», atacando individualmente o almirante Julio de Noronha e os officiaes da armada presentes.

O *Jornal do Ceará*, tambem opposicionista e visinho do *Unitario*, nada soffreu.

O presidente do Estado ordenou rigoroso inquerito.»

Bastaria accrescentar a isto que o correspondente do *Jornal* é politico partidario do régulo. Por isso mesmo é que o telegramma foi expedido de modo a ensinuar que o empastellamento foi obra dos officiaes da armada que lá estão.

Esse despacho é, pois, um corpo de delicto. Ha nelle, sem duvida, uma injuria tremenda irrogada aos officiaes de marinha que estacionam na Fortaleza — injuria muito maior, incomparavelmente maior, que a que o sr. João Brigido, segundo os telegrammas suspeitos, lançou á armada nacional e ao seu venerando chefe.

Esta redacção conhece pessoalmente o tenente Alvaro Rodrigues de Vasconcellos e o commandante Serejo. Não podemos comprehender, siquer, que elles, homens civilisados e calmos, sejam capazes dessa selvageria. O primeiro é um marinheiro brilhantissimo, de uma cultura notavel, de superior educação, alheio, por indole, a taes escandalos, a taes truculencias. Além disso, o tenente Vasconcellos está casado, ainda não ha um mez, no Ceará, e ninguem concebe que elle mesmo tenha, assim, toldado a sua lua de mel.

O segundo chega a ser um militar idéal, inoffensivo, como quereriam os pacifistas. Depois, o telegramma diz que o «Jornal do Ceará», *tambem opposicionista* e *visinho do «Unitario»*, *nada soffreu*.

Quem não vê em tudo isso a injuria aos officiaes de mar e o geito de desviar do partido do régulo a auctoria da abominavel infamia?!

Em vesperas da eleição, não é nada máu afastar da imprensa um adversario como o sr. João Brigido!

***

O que gastou o Japão

O ministerio da Guerra do Japão gastou, desde que rebentou a guerra com a Russia até setembro de 1905, *1.485000.000$*; e o da Marinha, no mesmo espaço de tempo... *270.000.000$*. Total: *1.755000.000$*.

***

O *Jornal do Commercio* publicou na sua edição de 29 do mez passado, este telegramma:

«PARIS, 28.—Varios jornaes teem, ultimamente, manifestado a opinião de que o commercio e a industria allemães estão ameaçados de soffrer as consequencias da *grave falta* que o commandante e tripulação da canhoneira allemã *Panther* commetteram em Itajahy, no Brazil.

« Esse acto de violação de neutralidade, tão brutal quanto inesperado, acordou na grande republica Sul-Americana o sentimento do perigo allemão. »

A este proposito, os jornaes francezes reproduzem da *Gazeta de Frankfort* a noticia do Brazil haver recuzado encommendar a estaleiros allemães uma parte das construcções navaes que por sua conta se vão fazer na Europa.

Assim, a primeira consequencia que o incidente teve, explica a solicitude com que o imperador Guilherme, indo *além do que lhe pedira* a chancellaria brazileira, dispensou do commando da *Panther* o conde Saurma Jeltsch. »

A chancellaria allemã prometteu-nos, ainda como satisfação, submetter a conselho os responsaveis pelo attentado de Itajahy. Depois, si houvesse culpados, punil-os-ía.

Pelo que vemos, sua magestade o kaiser não esperou pelo conselho e fez a exemplar justiça—que, demittindo o commandante, reconheceu, mais do que nós, o crime do capitão. Donde não ha outro remedio siuão o de reconhecer que o sr. Salamonde tinha carradas de razão. Verdade é que o conde Saurma não foi enforcado, como esperava e queria o nosso Pojucan. E este não sabia que o Brazil iria deixar de encommendar parte da sua projectada marinha aos estaleiros allemães!

XADREZ

PARTIDA N. 37

(Jogada pelo telegrapho, 1905)

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Brancas (Dr. Lewitt)		*Pretas* (Koehler)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B D
B 5 C D	— 4 —	B 5 C D
Roque	— 5 —	Roque
P 3 D	— 6 —	P 3 D
C 2 R	— 7 —	C 2 R
P 3 T R (*a*)	— 8 —	C 3 C R
B 3 R	— 9 —	B 3 B D
B 4 T D	— 10 —	P 4 D
P 3 B D (*b*)	— 11 —	B 3 D
B 2 B D	— 12 —	C 4 T R (*c*)
D 2 D (*d*)	— 13 —	P 4 B R
P × P	— 14 —	T × P
C 3 C R	— 15 —	T × C! (*e*)
C × C (*f*)	— 16 —	T 1 B R
C 3 C R (*g*)	— 17 —	C 5 B R
C 2 R	— 18 —	D 4 C R (*h*)
C 3 C R	— 19 —	P 4 T R
B 1 D	— 20 —	P 5 T R
B × C	— 21 —	P × B
C 1 T R	— 22 —	B × P
B 3 B R	— 23 —	D 3 C R (*i*)
R 2 T	— 24 —	B × P!
T 1 C R (*j*)	— 25 —	P 6 T R
T D 1 R	— 26 —	T 3 B R
P 4 D	— 27 —	D 4 C R
T 5 R (*k*)	— 28 —	B × T
P × B	— 29 —	D × P
T 1 R	— 30 —	D 4 B R
D 2 R	— 31 —	B × B
D × B	— 32 —	T 3 C R
T 1 C R	— 33 —	T × T
R × T	— 34 —	T 1 R (*l*)
abandonam	— 35 —	

(*a*) Seria melhor 8 — P 3 B D.

(*b*) Este lance agóra é desvantajoso, porque fórça o B negro a collocar-se em uma casa melhor.

(*c*) Tendo em vista avançar P 4 B R e tambem talvez C 5 B R ou 5 T R. Quando o 2º jogador chega a jogar P 4 B R no começo, obtem uma partida melhor.

(*d*) Na grave circumstancia actual era preciso adoptar um seguimento mais energico, por exemplo: 13 — P 4 D, P R × P; 14 — P B × P. P × P; 15—B × P, P 4 B R; 16 — B 2 B D e o jogo está mais desenvolvido.

(*e*) Lance correcto e muito forte.

(*f*) Si 16 — P × T, as Pretas ganham por C 5 B R e D 5 T R.

(*g*) A situação exigia que em logar de um lance de retirada, as Brancas organisassem um outro ataque por 17—B 5 C R e si D 1 R; 18 — P 4 B R.

(*i*) As Pretas jogam com uma engenhosa fantasia; podiam desde já tomar o P com o B e reganhar a peça por P 6 T R, mas querem poder jogar opportunamente P 6 B R com o fito provavelmente de impedir as Brancas de jogar mais tarde P 3 B R.

(*j*) Si 25 — B × B, P 6 B R x. d. seria mortal.

(*k*) Só deveriam fazer este lance quando a T preto estivesse a 3 C R para ameaçar mate em com D 6 C R x.

(*l*) Toda esta partida é finamente jogada por Koehler.

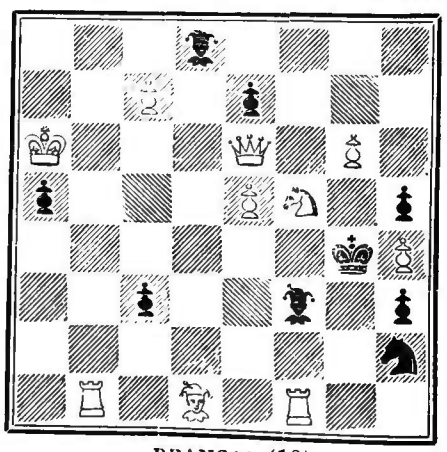
(*Notas de Gunsberg e Hoffer.*)

***

PROBLEMA N. 35

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (9)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 34 (*Th. Drimilri Reich*): T 7 D.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1906 — Num. 69

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Foi uma nota commovente das eleições de 30 de janeiro o espectaculo dos *guardas civis* votando a descoberto nos candidatos impostos pela vontade dos potentados.

O voto a descoberto, instituido para a manifestação da independencia do eleitor, da sua honestidade em affrontar pressões olygarchicas ou coleras officiaes, intolerantes, inexoraveis como as coleras dos deuses, serviu, naquelle dia, de demonstração da subserviencia dos humildes, dos pobres funccionarios da segurança publica, desses homens transformados em automatos de uma passividade dolorosa.

Essa pobre, essa infima legião de guardas civis, por signal tão meiga, tão paciente e bôa, si bem que ainda pouco amestrada nesse difficil mistér de lidar com ebrios, com vagabundos, com reincidentes gatunos, com prostitutas impenitentes, fiou da obediencia céga o pão da familia, os magros vintens apenas sufficientes para não serem mendigos ou não ficarem inanidos de dôr, ante as lagrimas dos filhinhos a se contorcerem de fome, ante os gemidos das mães velhas decrepitas nos antros da miseria, onde não entram, como frestas de sol, o olhar maravilhoso dos que tudo pódem, dos que mandam, dos que desmandam.

Eram de ver, com uma grande angustia revoltada, as frontes apopleticas de pudor, os olhos illuminados pelo esmalte doloroso de lagrimas reprimidas, as faces contorcidas num rictus de amargura, as mãos tremulas a garatujarem assignaturas, a attitude de coacção dos pobres guardas civis nas mezas eleitoraes, assegurando o emprego com o opprobrio daquellas forcas caudinas de recentissima invenção.

Um fremito de indignação percorria os grupos de eleitores, testemunhas daquella vergonha imposta aos humildes guardas civis, vergonha de que um intenso reflexo moral attingia, como uma nuvem de poeira immunda, os cidadãos sem cabresto e os dominados por uma recatada pressão moral, os agentes do Governo, auctores daquella imposição odiosa, e a propria Republica, principal victima desses excessos hediondos.

Antigamente, os eleitores recebiam dos chefes autocratas, dos representantes das olygarchias, a chapa de *caixão* á bocca das urnas. E nós, republicanos ; nós, ingenuos poetas da democracia, bradavamos em alta vóz, sonora, crúa, indignada, numa vehemencia furiosa de trovão, contra essa miseravel extorsão, essa escancarada offensa á dignidade do cidadão eleitor. Em outros tempos, o Governo comprimia com o seu prestigio omnipotente a consciencia dos funccionarios publicos, denominados, por um sarcastico euphemismo, os amigos do Governo. Mas essas intervenções indebitas, essas violencias eram feitas com certo respeito ás conveniencias de modo que o cidadão, o funccionario não soffresse o supplicio da vergonha publica e notoria para affirmar a popularidade do Governo.

Essa imposição do voto descoberto, essa publica dissecção da consciencia dos guardas-civis, essa humilhação solemne de uma creatura que tem carne, osso, alma, como nós, confirmando deante de toda a gente o proprio vilipendio, foi um tormento inédito, uma abjecção sem precedentes nos sinistros fastos da prepotencia.

Tão caros andam os meios de subsistencia que quem dá o pão tem o direito de dar o páu. Por uns oitenta ou cem mil réis mensaes, um pobre abdica do seu sangue, da sua vida, exposta, a cada hora, á sanha dos faccinoras e aluga a liberdade de pensar, a liberdade de votar, sob pena de quebrar a disciplina da corporação, de dar um funestissimo exemplo de insubordinação ingrata.

A esses pobres homens se confiam interesses sociaes de grande monta : elles são instrumentos da manutenção da ordem, velam pela vida, pela propriedade, para que o cidadão ande seguro pelas ruas da cidade ou adormeça tranquillo. Mas a confiança para funcções de tamanha importancia desapparece, quando se trata dessa melindrosa coisa que se chama politica, feita de manhas, de falcatrúas, de perfidias, que os homens superiores conhecem, por experiencia propria, por fóra e por dentro. E, si esses privilegiados da fortuna tão caroaveis se mostram á chicana partidaria, á inconsistencia de idéas, ao abandono dos principios, não seria para estranhar que os guardas civis, transformados numa cohorte de lacaios do Governo, se prevalecessem do mysterio das urnas para encartarem a sua velhacaria, para roerem a corda aos candidatos do peito de suas excellencias.

***

Nós não julgamos as altas auctoridades capazes de tão mesquinha imposição. Mas abaixo dellas ha, numa gradação de servilismo, subordinados mais realistas que o rei, agentes cujo maximo empenho é darem arrhas de subservencia, e não se julgam jámais sufficientemente agachados para evidenciarem, num destaque indubitavel, a sua dobrez innexcedivel. E fôram certamente esses intermediarios, engrossadores crueis, os responsaveis por esse voto descoberto, dessa ridicula abjecção que maculou, com traço humilhante, as eleições de 30 de janeiro na Capital da Republica.

Estamos daqui vendo a rubra indignação do honrado ministro da Justiça, quando lhe communicaram, como um rasgo de fidelidade canina, essa patifaria da submissão dos guardas civis, da humilhação desse voto, manobra indigna que deu maior vulto á derrota de candidatos, cuja victoria, muito embóra s. ex se abstivesse ab-

solutamente de intervir no pleito, não lhe seria desagradavel..

O ministro que manteve o compromisso de honra de garantir o accesso ás urnas, de impedir os desmandos da capangagem assanhada, de burlar as costumeiras ameaças, empregadas para apavorar o eleitorado, não desceria a auctorizar essas baixezas.

E tão sinceramente o dizemos, quanto não regatearemos louvores ao Governo pela manutenção da ordem durante o processo da eleição. As patrulhas embaladas, postadas nas circumvisinhanças das sédes das sessões, tiveram o mirifico effeito de um forte calmante do perigoso enthusiasmo da capoeiragem partidaria.

O diminuto numero de cidadãos que concorreram ás urnas, votou livremente tanto quanto é possivel no regimen de desconfiaça ou descrença no resultado do voto.

O Governo teve, como o conselheiro Saraiva, de gratissimas recordações, a honra de ser derrotado na primeira experiencia da reforma eleitoral. E' pena que essa gloria se restringisse ao Districto Federal e não tenha a extensão da do eminente estadista bahiano, derrotado em todo o Imperio.

Naquelle tempo, os presidentes de provincia obedeciam fielmente ao pensamento do governo central, no plano de ephemera restauração do suffragio popular; hoje, as provincias emancipadas em Estados, fôram, em grande parte, doadas a dynastias de incapazes, cujo nervo é a fraude, a prepotencia, a tyrannia, nas fórmas mais toscas e despreziveis.

E assim será até vir, enviado pelos fados tutellares do Brazil, um homem da resolução patriotica para varrer esse lixo, esses nauseabundos detrictos da politicagem.

POJUGAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Precizo se torna ver mais de perto a solução de Bomfim ás difficuldades latino-americanas.

Pelo que se refere á salvação das sociedades de nosso continente, o auctor brazileiro exprime-se nestes termos: «A verdade é que, nas condições actuaes da America do Sul, *só ha dois meios* de se construirem aqui nacionalidades prosperas, cultas e fortes; ou deixar que as actuaes, *entregues a si mesmas*, completem a sua evolução, e consigam remover as causas que ainda hoje entorpecem o seu progresso; ou, então, *eliminal-as*, *eliminar* litteralmente as populações existentes (*Misericordia*), como succede aos selvagens da Australia.» (Pag. 346).

Bomfim desarrazôa evidentemente: ou os povos do continente *entregues a si mesmos*, sem auxilio estranho, ou, ao contrario, a sua *eliminação geral*. São dois pontos de vista em completa polaridade. Dois partidos extremos.

Opina, como não podia deixar de ser, pelo primeiro, tanto mais quanto o segundo não poderia ser levado a effeito pelas resistencias que seriam oppostas a tão louco intento.

Mas nota-se quão pouco tem meditado o auctor sobre a vida e os destinos de nossa patria.

No que houver de dizer daqui por deante, me referirei sómente ao Brazil.

Não conheço sufficientemente a vida das outras gentes ibero-americanas, e, ainda que a conhecesse a fundo, não me atreveria a fazer prognosticos sobre o seu porvir.

Creio que, no que concerne ao nosso viver social e politico, á nossa existencia como nação, quatro são os caminhos que teremos a seguir: 1º, o *actual* systema, rotineiro e perigoso, além do atrazo e da apathia geral que produz, traz, fatalmente, o *desequilibrio* entre o norte e o sul do paiz com o *desastrado regimen de immigração* que se tem seguido; 2º, systema de infusão de *novas e altas idéas*, *nova intuição realistica* do mundo e das nações, preparada por *forinstrucção moderna* superior e technica; 3º Systema de *formação de caracter novo* por um regimen especifico de *educação adequada*; 4º, Systema de *formação de caracter novo* por meio da *colonisação integral* do paiz, com a *immigração espalhada por todas as zonas*.

O primeiro systema é anachronico e tem dado pessimos resultados e ha de acarretar, si proseguirmos nelle, o desmembramento futuro do paiz. E' o systema que se póde chamar *brazileiro*.

O segundo é util e conveniente, quando encontra a base forte de *um caracter firme*, capaz de grandes emprehendimentos. E' o systema *japonez*. Este admiravel povo, *sem pedir immigrantes*, sem se misturar com estrangeiros, povo de qualidades moraes superiores, senhor de uma alta cultura, entendeu de a modernizar no sentido europeu, adoptando os proventos materiaes da civilisação occidental.

Fel-o com uma segurança, um atilamento sem igual. E' hoje uma das primeiras potencias do mundo.

O Brazil não se acha absolutamente em eguaes condições.

E' systema que só póde ser empregado de combinação com o terceiro.

Este é muito seguro, mas extremamente difficil de obter.

Seria preciza a acção combinada de milhares de pessôas que, por todos os angulos desta terra, se propuzessem a modificar a nossa pessima *educação*, substituindo-a por outra mais diversa, que aproveitasse sómente certas qualidades bôas que nos herdaram nossos maiores.

O quatro systema, que, aliás, póde e deve ser empregado de combinação com os dois anteriores, póde ser chamado o systema—*norte-americano*. E' salutar, com a condição da inoculação de elementos ethnicos de primeira ordem, por todas as regiões do paiz, de forma que sejam *assimilados á nossa gente pelo uso de nossa lingua*.

E' o opposto do regimen que temos seguido até agora, a datar de 1825, epocha em que se formaram os primeiros nucleos coloniaes allemães nas provincias do sul.

Esse desgraçado modo de colonizar constitúe o mais serio problema que o Brazil terá de resolver em futuro muito proximo.

Sobre este terrivel assumpto, o sr. dr. Bomfim guarda em seu livro o mais completo silencio. E' singular...

Discute um milhão de banalidades e deixa completamente de lado a mais seria de todas as questões que possamos debater.

Não canso de repetir: tal systema póde ser optimo, e o é, por certo, do *ponto de vista allemão*; mas é pessimo, é perniciosissimo, do *ponto de vista brazileiro*.

Para se formar idéa exacta da gravidade do assumpto, mistér é ter estudado diligentemente o povo allemão, conhecel-o bem no seu desenvolvimento historico, e, acima de tudo, no seu assombroso progresso contemporaneo, nas industrias, na navegação, no commercio, na expansão colonial, direi melhor, na necessidade indeclinavel que sente de escoar para *colonias suas* o excesso de sua população, que augmenta, a olhos vistos, de fórma assustadora.

E' que de todas as gentes dotadas de altas qualidades em qualquer sentido—os allemães é aquelle a quem coube na partilha da terra uma região mais pobre.

Os hindús tiveram a India vasta e uberrina; os iranianos, a Persia extensa e de variadas zonas; os slavos, o norte dos Balkans e a Russia immensa; os celtas, a França fortissima; os hellenos, a Grecia encantadora e as ilhas maravilhosas; os italiotas, a Italia risonha, de clima dulcissimo, ubertosa.

Os scandinavos e seus proximos parentes—os germanicos, os allemães,

— as asperas terras do norte da Europa.

Estão, por isso, estes ultimos, os mais prolificos e emprehendedores, condemnados *á busca de melhores terras*. Foi sempre o seu papel durante os dois mil e duzentos annos de sua existencia, depois que appareceram na historia.

Occupam certamente hoje uma vasta região na Europa, zona que, na porção meridional, é regularmente fertil e rica e cuja porção do norte está grandemente modificada por maravilhosos esforços duma cultura acima de todo elogio. Mas, para gente de tal vitalidade, de tão intenso impeto de expansão, é pouco.

Assim, de todos os povos aryanos — os germanicos, portadores de qualidades de primeira ordem, são os peior aquinhoados no tocante á terra. E essa desproporção torna-se ainda mais chocante, si é comparada á de certos povos que, com razão ou sem ella, os germanicos julgam seus inferiores.

Não lhes soffre muito a paciencia que vastas regiões da Asia, da America e d'Africa, estejam noutras mãos qne não as delles.

O mais antigo surto da raça, atráz de terras, arrojou-a ás regiões do alto norte da Europa, e perde-se nas sombras impenetraveis do passado.

O seu destino era, dahi por deante, procurar sempre o sul, em demanda de mansões mais largas e mais doces.

O seu primeiro arranco nesse sentido já é quasi historico e foi quando occuparam a famosa *planicie soxonica*, onde ramos energicos da raça lançaram as bases de seu viver particularista.

Mas não bastava; novas incursões teriam de ser feitas.

Os *cimbros* e *teutões* demandaram as terras que se lhes antolhavam maravilhosas do sul, regiões amansadas pelo colosso romano.

Dahi por deante, durante quatro seculos, os germanicos fôram lentamente se escoando pelos membros extensos do imperio.

Metteram-se por todas as provincias, como hoje se mettem por todo o mundo.

Desde então, os dias de Roma estavam contados, e os vencedores, os destruidores, os herdeiros do imperio só não eram conhecidos dos cegos optimistas, dos patrioteiros de vistas curtas, que não falham nunca entre os povos que vão morrer.

O Inconsciente da historia produz sempre gente dessa, para o fim de mascarar e illudir a quéda das nações. Quanto mais se estas precipitam, mais esses novelleiros de bellos e rozeos augurios se acreditam no melhor dos mundos.

Manda a justiça, porém, declarar que nem todos fôram cegos aos claros symptomas da verdade.

Os espiritos clarividentes tiveram desse enorme desacerto da politica imperial perfeito conhecimento.

E' o caso, entre outros, de Ammiano Marcellino e Synésius, que escreveram antes da grande invasão do principio do V seculo.

O primeiro, falando do tratado ajustado entre o imperador Valente e os godos, convenio pelo qual lhes concedia que passassem o Danubio e se estalecessem na Thracia, escreveu: «Quando os mensageiros vieram ter com o imperador, os cortezãos applaudiram; enalteceram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia recursos inesperados e de tão longinquas regiões. Um bom ajuste devia ter immediatamente logar. O exercito romano ia ficar invencivel com a incorporação de tantos estrangeiros; o tributo que as provincias deviam em soldados, convertido em ouro, augmentaria indefinidamente os recursos do thezouro, o imperio ganharia segurança e riqueza. O imperador firmou a convenção, estipulando a admissão dos barbaros. Enviaram-se immediatamente numerosos funccionarios para ordenarem o transporte; teve-se muito cuidado para que um só destes *destruidores do imperio* não ficasse da outra banda, ainda que estivesse atacado de molestia mortal. Dia e noite, em cumprimento da ordem imperial, essa plebe truculenta, apinhada em barcas, taboas, troncos de arvores, foi transportada para cá do Danubio. A pressa era tamanha que varios morreram afogados. Tanta azáfama, tanto trabalho *para introduzir o flagello e a ruina do mundo romano*!...»

Ammiano Marcellino era daquelles que não se illudiam a respeito da inconveniencia de tratados, como esse que foi levado a effeito pelo infeliz imperador Valente. Este principe, tendo ido, pouco após, combater os seus alliados godos revoltados, foi vencido. Fugitivo, depois da batalha, tinha-se acolhido a uma palhoça que havia em caminho. Alcançado pelos godos, lançaram estes fogo á choça, morrendo lá dentro queimado aquelle que lhes havia aberto as portas do imperio... Que lição!

Synesius via ainda mais claro nos factos do que Ammiano.

«Quando se imagina, escreveu elle, o que póde emprehender, num momento de perigo para o Estado, uma mocidade estrangeira, numerosa, formada por leis diversas das nossas, tendo outras idéas, outros costumes, é mistér *haver perdido toda a previdencia para não tremer*...

O rochedo de Sisypho está suspenso sobre nossas cabeças.

Appareça-lhes a mais leve esperança de victoria, e *havemos de ver que tenebrosos pensamentos alimentam em segredo nossos defensores de hoje*. Os barbaros são hoje tudo; sejam, pois, de tudo afastados. Sejam para elles inaccessiveis as magistraturas e especialmente a dignidade senatorial, honraria suprema dos romanos.

E' espantoso! não existe uma só de nossas familias na qual não esteja empregado um godo em algum serviço! Em nossas cidades os pedreiros, os vendedores d'agua, os carregadores, são godos!. .»

O resultado todo o mundo sabe qual tenha sido: preparado o terreno, dado um arranco invasor no começo do V seculo, em toda linha, os que estavam dentro deram as mãos aos companheiros de fóra e o imperio ruiu.

Durante a primeira phase da edade média, estenderam-se os germanos pela Gallia, Italia, Hespanha, Britania, regiões centraes da Europa, norte da Africa. Formaram-se as nações modernas. Declararam-se herdeiros e continuadores do imperio e constituiram o *Santo Imperio Romano Germanico*, que durou seculos e anda reproduzido, para os bons patriotas, no imperio da Allemanha actual.

No assumpto, é digna de ler-se a obra magistral de J. Bryce, o grande historiador inglez.

Trahit, entretanto, *suaquenque indoles populum*; o genio do povo não se desmentiu: sempre emprehendedor, sempre ouzado, sempre activo, a despeito de sua pessima posição geographica, máu grado difficuldades historicas, oriundas dessa mesma situação, quasi invenciveis, eil-o que na segunda phase da edade medieval revela desusado vigor no movimento extraordinario das *Hansas*.

O ramo anglo-saxonio e hollandez começaram, pouco após, a bracejar pelo mundo. Cobriram-no de colonias por toda parte.

O grupo central, os allemães propriamente ditos, acrysolado pelas luctas e embaraços que se lhe oppunham, desafogava-se nas lettras e nas sciencias, á espera de seu dia, e esse dia chegou.

A sua alta posição militar, *terra*, *marique*, é actualmente immensa; mas é nada deante de sua expansão commercial pelo mundo em fóra. Alli é que bate o ponto.

E' assumpto para ser estudado em Paul Roussiers, — em livros, como — *Hambourg et l'Allemagne Contemporaine, Les Syndicats industriels de Producteurs en France et à l'E'tranger*; em Georges Blondel, *L'Essor Industriel et Commercial du Peuple Allemand*; em Jules Stoecklin, — *Les Colonies et l'E'migration Allemandes*; em V. A. Malte Brun, — *L'Allemagne Illustrée*;

em Henri de Tourville, — *Histoire de la Formation Particulariste*; em Arthur Raffalovich, — *Trusts, Cartels et Syndicats*.

Sem esse preparo, não se póde fazer uma idéa do conjuncto das forças em acção ; não se póde fazer idéa da amplidão do systema ; não se póde marcar nelle o logar em que se prende o caso brazileiro, quero dizer, o que em meio das aspirações allemães representam *as suas colonias do Brazil*.

Quem não apprehende a questão desta altura não logra conceber-lhe o alcance e não chega a formar a consciencia clara de quanto ella tem de brilhante e esperançosa para allemães e de vergonhosa e humilhante para brazileiros.

A tendencia do povo allemão para emigrar, estimulada pela pobreza do sólo, é antiga, já deixei ponderado.

O seu subito apparecimento, como potencia fundadora de colonias, é modernissimo, e principalmente provocado, além da pobreza da terra, pelo desenvolvimento extraordinario da população, pelo crescimento anormal de seus productos industriaes, pelas grandes despezas do orçamento militar, que, multiplicando os impostos, fórça grande numero de individuos a saírem do paiz, o que tudo levou o governo allemão, secundado neste ponto pelo commercio e pelas classes productoras, a procurar tambem *crear por ahi além outras pequenas Allemanhas*.

Em quatro annos, de 1884 a 1888, o imperio germanico, que até então não possuía um palmo de terra fóra da Europa,—nos continentes longinquos, se fez a terceira potencia colonial do mundo.

Está abaixo apanas da Inglaterra e da França. De um impeto, collocou-se acima de Portugal e da Hollanda. No genero, não se tinha visto nunca egual testemunho de força de vontade, segurança de planos e rapidez de acção. Nas ribas occidentaes da Africa, principalmente em *Costa de Camarão* e em *Angra Pequena*, apoderaram-se os allemães de enormes terrenos. Foi, porém, na costa oriental que a fortuna lhes sorriu benefica e ultra-compensadora. Toda a região de Zanzibar, desde o mar das Indias até á zona dos lagos centraes africanos, comprehendendo as melhores terras do continente, caíu-lhes nas mãos. E' um imperio collossal.

Na Oceania, apoderaram-se das *Ilhas de Bismarck*, das *Ilhas Marshall* e de toda a parte norte da *Nova-Guiné*, a maior ilha do mundo. O que de habilidade, de decisão, de presteza empregaram elles para, em menos de quatro annos, chegar a este assombroso resultado, não vem para aqui o referir. Baste dizer que tudo isto obedeceu a um plano, que se váe realizando a golpes de audacia.

A sua acção mundial se divide em duas direcções bem distinctas: a *emigração* para os paizes feitos, como os Estados-Unidos, por exemplo, onde teem grupos ou individuos esparsos, o que se costuma impropriamente denominar colonias, mas não merecem este nome; e as *colonias propriamente ditas*, que são dependencias politicas, porque estão debaixo da soberania e protectorado do imperio.

Nas primeiras, como entre os norte-americanos, acontece que, segundo conta Malte-Brun, os allemães, uma vez estabelecidos, não ficam mais allemães de nação. A natureza peculiar de seu caracter, a vida facil que encontram, os levam a acceitar a nacionalidade estranha. A lingua allemã continúa a servir aos paes ; os filhos nascem americanos e, depois de uma ou duas gerações, os descendentes allemães não sabem mais falar a lingua de seus maiores. (*L'Allemagne Illustrée*, IV pag. 310.)

Foi em consequencia disto, ajunta Raoul Postel, que os homens de Estado da Allemanha viram que seria preferivel, *do ponto de vista nacional*, dirigir o movimento da emigração para colonias allemãs que deveriam ser fundadas em varias regiões do Globo, ainda não occupadas. Dito e feito ; dahi por deante, a *colonisação*, no velho sentido, foi com exito tentada pelo imperio, o hoje os allemães não emigram só para as terras estranhas ; dirigem-se tambem para as suas *conquistas* de além-mar.

Em 1882, um economista tedesco dizia na *Sociedade de Oéste para a colonisação e a exportação* : «Nosso fim, nosso alvo supremo é elevar a Allemanha do papel de potencia continental ao de uma potencia, cuja influencia se estenda pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa patria uma nação que abrace poderosamente a terra e exerça um influxo renovador na civilização da humanidade ». J. Stoecklin — (*Les Colonies et l'Émigration Allemandes*, pag. 164.)

Estas palavras, refere o auctor, que me fornece a noticia, acima citado, provocaram applausos do auditorio, porque correspondiam a uma necessidade. Esta foi explicada por van der Brügger no fasciculo de janeiro de 1883 dos *Preussiche Jahrbücher*: «Nós temos um excedente annual de população que orça por 600.000 pessôas. O melhor partido que se póde tirar de nosso sólo, o arroteamento de nossos pantanos e terras incultas, o aperfeiçoamento de nossa agricultura, a melhor organização de nosso trabalho, não bastam para assegurar a alimentação a um tal excesso de gente além de algumas dezenas de annos. Será precizo que, então, tiremos pela conquista, a preço de sangue e dinheiro, as colonias dos Estados europeus ? »

Van der Brügger aconselhava a fundação de collonias allemãs.

Aquillo é que é um povo. Vejam a grandeza, a audacia dos planos, o desassombro com que fala. E ha mais uma singularidade : *alli os governos ouvem os chefes intellectuaes da nação e tomam-lhes os conselhos*.

De 1882, é o brado do economista ; de 1883, o appello de van der Brügger; em 1884, Bismarck iniciava seu plano de colonias, que realizou em quatro annos.

Para elles, para esses homens que sabem o que querem, o criterio supremo da nacionalidade, o signal revelador, o expoente excelso da raça é a *lingua*, ouçam bem — é a *lingua*. Este signal é tudo. *Onde é a patria allemã?* perguntava o poeta, e elle mesmo respondia : — *E' onde se fala a lingua allemã*.

Entre nós, a linguagem é apenas um instrumento para rethoricas e parlapatices; não tem outro prestimo, e tanto não tem, e aqui chego ao ponto onde queria aportar, que nas colonias allemãs do Brazil não se *fala portuguez*..

Proh pudor! Fala-se, nellas, *allemão*. E' dizer tudo; não preciza juntar mais nada para quem comprehende a gravidade do facto.

Lê-se todo o livro de Stoecklin, esse livro do qual, diz Raoul Postel: «Puisse ce livre ouvrir les yeux aux indifferents, les prémunir en même temps contre les parti pris et les coteries !.. Il doit prendre place dans toutes les bibliothèques, même dans les moindres écoles» ; lê-se todo esse pequeno volume em que o auctor condensa a acção e os feitos dos allemães nas cinco partes do mundo, já como *emigrantes*, já como *fundadores de colonias*, e só se encontra, como padrão immorredoiro da inepcia brazileira, *uma excepção*, *uma só*, *a unica*, *em todo mundo*, de um paiz estranho onde os descendentes dos emigrantes allemães conservem o uzo completo, exclusivo de sua lingua : *é no sul do Brazil*...

Fala-se allemão na Allemanha e na Austria, na Suissa germanica, num resto das chamadas *provincias do Baltico*, na Russia, terras estas antigas de allemães e que fôram por elles perdidas.

E' natural.

Fóra dahi, onde não poderia ser por outra fórma, sendo que na Russia a slavisação das citadas provincias *balticas* váe adeantadissima com o systema energico do governo do czar, só incipientemente se váe falando allemão, só nas colonias da Africa e da Oceania, *dependencias politicas do go-*

verno do imperio. Em terras de *nações soberanas*, — na Asia, America e Africa, não se repete o phenomenal caso.

Só no Brazil !.

Quando se acompanha o desenvolvimento do plano germanico, hoje conscientemente encaminhado, porque a Allemanha de hoje não é a Allemanha de 1825, quando começaram no Brazil as colonisações, e se nota a iusistencia com que *é assignalada a excepção brazileira*, as lagrimas brotam espontaneas de todos que amam neste paiz a *formosa peça de architectura politica*—de que falava o grande Andrada.

«Os colonos allemães do Brazil meridional gozam de completa liberdade; além de raras auctoridades de justiça e policia, nenhum empregado brazileiro exerce funcções nas colonias... Si no Brazil, como nos Estados-Unidos, os colonos allemães não teem mostrado, por emquanto, fortes tendencias de se metterem na politica, ao menos *no primeiro destes dois paizes. não teem, como no segundo, perdido o uzo de sua lingua materna*». (J. Stocklin, *Op. cit.*, pag. 193.)

G. Blondel accrescenta : «A lingua allemã, conservada nas colonias pelas sociedades locaes, pelas agencias de tres grandes associações allemãs, pelas escolas (*Realschule*, de Porto-Alegre ; *Höhere Lehranstalt*, de São Leopoldo ; *Waisenhaus*, de Taquary) ; pelos jornaes, *é unicamente uzada em Blumenau, Neudorf, Joinville, São Bento, Badenfort, localidades onde a proporção dos allemães varía de 80 a 90 %. Ainda mais acontece isto na região inteiramente germanisada da Serra*». (*L'Essor Industriel e Commerciel du Peuple Allemand*, pag. 265.)

Dest'arte, as famosas *colonias* allemãs no sul do Brazil nem são simples *casos de emigrações*, que tenha sido *assimilados* pelas populações circumvisinhas, como sóe acontecer entre as *nações soberanas*; nem são, *por emquanto*, colonias no antigo sentido, dependencias politicas duma metropole d'além-mar. Vão para ahi. Constitúem, por agóra, um caso especial, que merece estudo.

SYLVIO ROMÉRO.

APANHADOS

Professores internacionaes

O norte-americano James Speyer offereceu a somma de 250.000 dollars para a creação de uma cadeira para o ensino da historia e das instituições americanas, na Universidade de Berlim, sob o patronato de Theodoro Roosevelt.

A esse facto se pretendeu attribuir a significação politica de uma primeira tentativa de approximação entre a Allemanha e os Estados-Unidos ; mas o seu verdadeiro intuito é expandir a influencia norte-americana pelo conhecimento exacto de sua constituição politica e economica e de suas origens.

Mais tarde, serão nomeados professores americanos para as universidades de Londres, de Paris, de S. Petersburgo, e destas capitaes serão enviados professores aos Estados-Unidos.

Na Inglaterra, é muito acatada a idéa de applicar a esse fim os fundos por Cecil Rhodes destinados a estudantes coloniaes e americanos da Universidade de Oxford.

***

Mulheres doutoras

As doutoras em medicina vão ter um meio de applicação de sua capacidade profissional, conforme o plano geral de assistencia medica para os indigenas, organisado pelo sr. Jonnart, governador geral da Algeria.

As mulheres musulmanas morrem, muita vez, á mingua, porque, dominadas por preconceitos e superstições, não se deixam examinar e tratar pelos medicos do sexo masculino. Para attenuar as funestas consequencias dessa repugnancia á profanação do olhar de um homem, o sr. Jonnart offerece uma indemnisação annual de 2.400 a 3.600 francos ás doutoras que se estabelecerem na colonia franceza.

***

Rainha litterata

A rainha viuva de Humberto, o mallogrado rei da Italia, vae publicar um drama em que trabalha ha dois annos. A execução da real peça será confiada a uma das melhores companhias de artistas italianos.

A alta cultura da rainha Margarida e seu fino gosto para com as obras d'arte e de sciencia justificam a anciedade do mundo intellectual latino por esse trabalho.

***

O pope Gapone

The Story of my life é o titulo do livro que o padre Gapone, protogonista da jornada de 22 de janeiro de 1905, na Russia, — livro de occasião e magnifico successo para o editor inglez, — acaba de publicar.

Nascido em uma aldeia da Ukrania, é filho de um camponez que, sem malicia e sem colera, lhe contava as iniquidades de que fôra testemunha durante a sua vida, crueldades que se reeditavam em todo o paiz. Essas narrativas, porém, fizeram brotar o germen da colera no coração do filho, tão intelligente que o destinaram á carreira ecclesiastica.

No seminario, aos quinze annos, elle leu Tolstoi ; comprehendeu que a religião não consistia nas cerimonias, mas vinha do coração, renunciando, por isso, a dignidade de *pope*.

Uma rapariga que elle encontrou alguns annos mais tarde, lhe demonstrou que o melhor meio de commungar com o povo era se tornar padre : elle despozou-a e tomou ordens. Após a morte da mulher, o padre foi morar nos centros operarios de S. Petersburgo.

Ante os inuteis esforços da caridade, elle pensou que o remedio unico para a miseria dos humildes era organisal-os para a resistencia aos grandes e aos poderosos. Fundou sociedades que tiveram chefes, programmas e disciplina. A primeira foi inaugurada em 11 de abril de 1904, com 150 pessôas; ao cabo de um mez, ella contava 300 membros ; em outubro, 50.000 ; em janeiro, 122.000. Fôram a essas reuniões os promotores da gréve de janeiro e foi o padre Gapone quem teve a idéa de levar em procissão a mensagem ao czar, no dia 22 de maio.

Nesse dia, depois da sangrenta repressão, da barbara carnificina feita pela força imperial e pelos cossacos, o padre, forçado pelos amigos, conseguindo evitar a perseguição da policia imperial, refugiou-se no estrangeiro.

***

O sexto congresso internacional de anthropologia criminal

Esse congresso se reunirá em Turim, a 28 de abril de 1906, e terá, do ponto de vista das sciencias biologicas, consideravel importancia. A commissão organisadora é presidida pelo sabio professor Cesare Lombroso.

Entre os assumptos offerecidos á discussão, figuram :

Tratamento dos jovens criminosos, segundo o direito penal e a disciplina penitenciaria e de accordo com os principios de anthropologia, (Van Hamel);

Tratamento das mulheres criminosas (Pauline Tarnowsey) ;

Relações entre as condições economicas e a criminalidade (Kurella) ;

Equivalencia das diversas fórmas de psychopathias sexuaes e de criminalidade (C. Lombroso) ;

A anthropologia criminal na organisação scientifica da policia (Ottobenghi) ;

O valor psychologico das testemunhas (Brusa) ;

Prophylaxia e therapia do crime (Ferri) ;

Estabelecimentos de detenção perpetua para os criminosos declarados irresponsaveis por enfermidade mental (Garofalo) ;

As adhesões devem ser dirigidas á secretaria do Congresso, via Michelangelo, 26, Turim.

O British Museum A Bibliotheca Nacional de Londres possúe cerca de dois e meio milhões de volumes arrumados em dois milheiros de metros de prateleiras.

Antes da impressão do catalogo, até 1881, este consistia em tres mil *in-folio*. Em 1903, entraram para a Bibliotheca 27.270 volumes, sendo 21.918 adquiridos pelo British Museum. Nesse mesmo anno, se registaram 233.674 leitores, que consultaram 1.587.331 livros.

***

Lições de dramathurgia Foi inaugurada na universidade de Iena a primeira cadeira de dramathurgia que existe na Allemanha, confiada ao dr. Hugo Dinger, antigo critico dramatico.

***

A predição de Dvorak A musica americana sáe, pouco a pouco, da primeira phase de sua existencia, a phase da imitação. Seus compositores, actualmente, trabalham em themas proprios, conforme suas concepções pessoaes ; sendo que alguns procuram no *folk-lore* fontes de inspiração, como nas cantigas dos indios, dos negros, dos hespano-americanos, os *cow-boys*, os montanhezes do Tenessee, os lenhadores do Maine, os creoulos e marinheiros e, sobretudo, nas canções das ruas.

Dvorak tinha, portanto, razão quando predisse o facto, indicou as magnificas fontes de inspiração nas melodias populares da America, inteiramente intactas, ao passo que as dos povos europeus estavam muito exploradas ; e, para demonstrar o seu asserto, elle compoz uma notavel symphonia.

O seguinte artigo é da sra. Amelia de Freitas Bevilaqua, esposa do nosso eminente collaborador o prof. Clovis Bevilaqua. A illustre auctora manda-nos o seu artigo do Recife, onde reside, e em cuja imprensa collabora assiduamente, sem prejuizo dos opusculos que tem publicado sobre varios assumptos.

—

SUSCEPTIBILIDADES NERVOSAS

——

Dos males que affligem a humanidade se teria muita razão de queixas contra as terriveis superstições, a impressão e o medo, si não fôsse isso uma lei nascida do instincto humano, um phenomeno gerado mais do proprio individuo do que mesmo da educação que recebeu e do meio em que vive,—meio que póde apenas attenuar, porém não acabar um sentimento que vem do berço como si fôsse uma hereditariedade, um dom ou, melhor, uma verdadeira condemnação da qual a pessôa não se póde absolutamente separar mais nunca, devendo carregal-a para toda parte até que, com o tempo, se operem, no temperamento, mudanças em todas as circumstancias e causas provocadoras desses soffrimentos, que eu penso, apezar de tudo o que se fizer, não acabarão de todo na maioria dos casos.

O sentimento do medo, como o da impressão, é natural a todos os organismos, mesmo os mais fortes e sadios. Ninguem, parece-me, póde contestar essa verdade, principalmente quanto ao medo. O sêr irracional instinctivamente tambem se arreceia e se impressiona. Já vi um cão que só atravessava uma ponte arruinada, que corria sobre um riacho, depois que via alguem passar por ella primeiro. Em muitas creaturas, porém, esse phenomeno se desenvolve com toda a força e plenitude, actuando-lhe na imaginação com a importancia de verdadeiras allucinações, cheias de espasmos e violencias que lhes perturbam e prostram completamente todas as funcções organicas, com todos os symptomas caracteristicos de uma verdadeira molestia, estendendo-se desde o physico até o moral. Ha pessôas, ás vezes, que se impressionam tanto, num extremo terror, sómente por pensar num mal que lhes possa acontecer no futuro, uma coisa idéal que lhes suggeriu a imaginação.

Um jovem amador, enviando, uma occasião, um trabalho seu a um grande artista, quando sua mão traçava o offerecimento, tremia desesperadamente, porque não sabia de que maneira o mestre receberia a sua obra. Vemos assim que a situação do medo, da impressão e mesmo da superstição nasce geralmente da obscuridade, da incerteza e da desconfiança em que se vive. O espirito, não podendo abranger os objectos á medida de seus desejos, desenvolve-se naturalmente para o lado das duvidas e das desconfianças, adoecendo, tornando-se excentrico, supersticioso e neurasthenico, recuzando-se a acceitar o lado bom de tudo que se lhe apresenta, vivendo sempre alarmado, sem fé nem segurança, tornando-se victima, balançado contínuamente na mais perturbadora incerteza.

A maioria das tristezas, dos pavores, superstições e neurasthenias, se deve a esse estado de penosa excitação do espirito, que se torna, de vez em quando, verdadeiros sobresaltos, desconfiando o individuo até de si proprio e, por via de regra, alcançando o periodo maniaco da perseguição. O pobre espirito que perde, por qualquer circumstancia, a calma habitual, não descança mais, vive aos sustos, abatido, vendo sempre o adeantamento de um grande mal que lhe váe acontecer sem saber de onde elle virá. Em sua physionomia se accentúa logo um sentimento especial de tristeza, cheia das mais extraordinarias excitações. Todos os instantes de sua vida são amargurados, experimenta angustias indiziveis, as mais cruciantes afflicções, que se transformam em anceios incoerciveis, dilacerantes anceios, dilatando e crescendo a todo instante. Quando a alma se deprime a este ponto, ninguem convence o impressionado, que pensa como o louco, bate sempre toda a vida na mesma idéa, e perde repouzo, somno, alegria, tudo. Não ha logar onde, aportado, se sinta bem, porque tudo lhe falta, tudo é abominavel, ridiculo, muito banal defronte do tormento que o afflige. O momento de felicidade mais intensa para a creatura humana é aquelle em que ella sente o alvorecer de qualquer coisa possivel e realisavel ao encontro de suas ardentes aspirações, e, penso eu, ninguem tambem póde fugir a esse destino de uma sensação dolorosa, na espera de um futuro que se antevê, frio, tenebroso ; ninguem foge ao medo, emfim, de se perder, ou de não se possuir o que se passou a vida a sonhar e a desejar. Que terrores ! Que supplicios e fremitos verdadeiros, nesses queridos corações tão cheios de ternuras, que se agitam desesperados, unicamente porque esperam uma carta, porque esperam dos labios de um medico o diagnostico a respeito de um ente que amam, e quantas vezes, até porque ouviram a ventania gemendo, ou o rugido de um trovão respondendo ao longinquo bramido de outro que se perdeu no infinito saudoso e melancolico como a nostalgia do que sente o medo pelo amigo ou irmão que viaja distante !

Não é menos penoso o medo burlesco, que se torna, aos olhos dos sadios, tão ridiculo quanto piégas. Esses pequenas nadas, para os doentes, tomam apparencias gigantescas e terriveis... E' realmente muito mortificante esse cruel periodo de um viver indefinivel, que estrebucha ancioso, como si estivesse na hora suprema, a triste vasca estertorante de uma agonia de morte, onde a cada passo o individuo tenta agarrar, a esmo, miragens de toda especie que surgem do espaço e se vestem de fórmas e côres differentes como o grande nevoeiro do céo.

Ninguem poderá dizer que esse mal estar foi talhado sómente para os fracos, porque, como um grande, de força superior, elle sobe e desce todos os degráus, tem o mesmo proceder cathegorico e systematico peculiar ás epidemias, que não vacillam absolutamente na soleira de nenhuma porta á espera de permissão para entrar. A

proposito disso, sempre me recordo de uma noite, em tempos que lá se vão (eu era creança ainda), quando assisti, sem pensar, a um dos mais comicos e engraçados espectaculos, uma coisa magnifica para um entremez de comedia de theatro humoristico. Estavamos fazendo sala a uma visita, um cidadão consideravel por seus titulos, talento e erudição. Seu todo correcto e elegante dava-lhe ao rosto grave e sizudo de homem acostumado aos grandes circulos, a sympathia captivante que se combinava com a civilidade de suas maneiras distinctissimas, parecendo inteiramente impossivel que um personagem dessa estôfa procedesse como si fôsse ainda algum collegial de calças curtas.

Um ratinho, desses chamados catitas, passou affoitamente pela sala, muito macio e cheio de precauções; mas, desastradamente avisinhou-se do visitante, o qual, tão depressa o avistou, se apoderou de um medo pavoroso; seu assombro tornou-se tão grande e a feição do seu semblante demudou de tal fórma, que, sinceramente, nos julgámos defronte de algum alienado. Todos, para acalmal-o, se puzeram a batalhar com o innocente animal, que se refugiou, apezar de muito atarantado, no primeiro buraco que encontrou na parede; mas o homem com a vista espantada, trepado em cima do sophá, alarmado, suando frio, com os labios descorados e tremulos, chegaria a pular para a meza, si não visse finalmente o rato ser morto alli mesmo.

De outra vez, tambem assisti a scena quasi identica, a respeito de um cão que dormia placidamente enrolado na cadeira, um pobre animal manso, inoffensivo, um desgraçado *Terra-Nova*, que nunca fôra rneiro, que vivia rasteiramente a ressonnar, indifferente a tudo que se passava no mundo; porém um philosopho notavel, que ahi estava, assim que o via levantar manhosamente a pobre cabeça, para bocejar e espreguiçar o corpo mais commodamente, procurava logo protecção, como si receiasse ser agarrado e comido pelo misero que o olhava, de longe, como um soberano que sempre preferisse não se incommodar por qualquer coisa.

De Pascal tambem, o apreciavel e antigo philosopho francez, contam que o terror era um supplicio constante, porque lhe parecia que o chão se abria a cada passo e elle caíria dentro de um horroroso precipicio.

Shopenhaeuer, com o seu admiravel saber, philosophia e talento genial, segundo a sua biographia explica, tambem pertence á classe dos assombrados; seu somno era desassocegado, e, á noite, não se deitava sem verificar muitas vezes si as portas estavam bem fechadas; ao menor ruido, seu espirito estava sobresaltado, em alarma. Nelle, todavia, esse medo parece-me natural, porque, detestando a humanidade, devia tambem temel-a.

O supersticioso segue a mesma estrada dos pavores. A passagem de uma borboleta, o passaro que esvoaça, a vassoura, a flôr, o sonho, tudo tem uma significação fetichista do aviso sobrenatural, prenuncio, emfim, de acontecimentos fataes.

Que afflicções não sente o impressionado! Seus negocios correm todos os perigos, seu dinheiro é contado mil vezes, mas sempre lhe parece que o não contou direito. Tristissimas e longas noites de insomnia que elle passa! Por vezes, é o coração que lhe bate no seio, váe morrer, as queridas horas de sua vida estão contadas, e ninguem lhe tira da cabeça essa idéa atróz que não lhe deixa repouzo. Depois descamba para outro terreno; o diagnostico do seu pensamento estava errado; vemol-o tuberculoso, listrões de sangue muito rubro apparecem dançando-lhe por todos os lados, ancias, tosses e cançasso sobrevéem com ameaças de vomitos, displicencias e fraquezas, que o prostram e o anniquillam.

Sei de um pharmaceutico que se convenceu, durante muito tempo, de que estava morphetico, sem ter symptomas de especie alguma desse mal de S. Lazaro, e, aterrorizado por si proprio e pelos seus, passou uma vida de reclusão completa, escondido, receiando transmittir aos outros a molestia imaginaria que elle sentia com a evidencia vibrante de uma verdade.

Nessas condições, conheci ainda uma impressionada, que se julgava louca e queria por força que a enviassem para um hospicio, chegando finalmente um dia a se convencer de que o accidente que a sobresaltára não passava de impressão doentia.

***

Além dos soffrimentos de que falei acima, verdadeiros tormentos com que a natureza brindou a humanidade, vejo que ninguem atravessa a vida sem o flagello perpetuo de centenas de molestias... Todos caminham pela mesma *Via Dolorosa* dos soffrimentos, uns atraz dos outros, aos bandos, correndo em desfiladas a representar o papel que o destino lhes decretou. Não se passa um dia sem que se aviste a romaria de doentes que percorrem as ruas peregrinando em bandos piedosos formando prestitos como verdadeiras procissões. De um lado surge um desventurado rheumatico sem distinguir siquer a base de seus males, que erram pela corpo muito vagos indistinctos como os dias que se entenebrecem cheios de cerrações ameaçadoras e nuveus que se carregam sem chover... Depois sarnentos a se coçar, arrancando carne e sangue, se incorporam com o erysipelatoso, que manqueija aprumando-se cuidadoso para firmar a perna e não perder a esbelteza. Tambem apparecem os dartrosos, frieirentos, tuberculosos, arthriticos, leprosos, todo o immenso e admiravel batalhão de predestinados soffredores... Quasi todo esse adorado e precioso mundo de sêres vivos que se arrastam por esse formosissimo planeta da Terra, teem um quer que seja de insalubridade; felizmente todos vivem com o seu mal escondido guardando-o, ás vezes, até alegres; outros indifferentes e felizes caminham todo o resto da existencia tropeçando e flanando pelas ruas. Todos doentes, porém, correndo sempre uns dos outros, cada qual se resguardando mais e se julgando mais sadio e de sangue mais purificado.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

PAGINAS ESQUECIDAS

EPICURISTA INOFFENSIVO

Sacrificar a sorte aos vãos caprichos,
A fortuna, a saúde, a paz, a vida,
A troco de ganhar na humana lida
De homem de grande tom sonora fama;
Póde ser o melhor, mas para mim,
Digo-o aqui baixinho,
Não quero a gloria assim.

*

A mais solida gloria a considero
Em que o 'spirito meu tenha descanso;
Que, qual dum rio o placido remanso,
Quasi sem eu sentir meus dias corram;
Té que afinal á sepultura desça
Sem ter tido nunca
Uma dôr de cabeça!

*

Ao almoço, ao jantar, e mesmo á ceia
Unido ao paladar o pensamento
Não deve perturbar-me um só momento
O prazer que então gozam meus sentidos:
Unico sentimento alli me seja,
Contínua saudade
Do que ainda sobeja!

*

Deitando-me a dormir em molle cama
Nas mais compridas noites de janeiro
Commigo se ha de achar sonho primeiro
Já depois de nascido o sol seguinte;
Quero então acordar, quero estirar-me
E a bocca abrir languida!
Quero depois coçar-me!

*

Se neste ensejo á porta do meu quarto
Batendo de mansinho o meu criado
Vier dizer: — « Senhor, se deputado
Quer ser ás côrtes, anda o regedor
A passar os bilhetes, e é maré »;
Respondo: — « São horas,
Venha leite e café. »

Se para o ministerio me apontasse
Enganada a opinião por incidente,
Daria logo parte de doente
Até ser o logar por outro cheio ;
Vale mais receber que dar despachos,
E ter carregados
Que carregar os machos !

*

Ir commandar a tropa nem por sombra,
Setembrista, carlista, ou miguelista ;
Esta nação de farda e sobrevista
Se catanadas dá, tambem as leva !
Nada de guerras, nada de batalhas,
Eu não quero gloria
Colhida entre mortalhas !

*

Diplomatico ensaio inda soffrera
Se mistér lhe não fôra mentir tanto,
Soltar, querendo rir, amargo pranto,
E querendo chorar, rir então muito ;
Passar vigilias mil, estudar manhas,
Mostrar bocca aberta
Para engulir patranhas !

*

Aos Cyros que aproveita, e aos Alexandres,
Cesares, Fredericos, Bonapartes,
E a mil outros famosos noutras artes,
A poder de trabalhos e perigos
Essa coisa ganharem dita gloria ?
Mais doce é a vida
Na cama que na historia !

*

Sem gabar-me direi : tenho comido
E bebido tambem soffrivelmente :
Em mangas tomo a fresca em tempo quente,
Assento-me ao fogão quando faz frio ;
No mundo estou qual paio no fumeiro,
Ninguem lhe faz venia
Nem lhe pede dinheiro !

CONDE D'AZEVEDO.

Desse conde d'Azevedo, que floresceu, em Portugal, pelos meiados do seculo passado, escreveu Camillo Castello Branco :

« Tinha a singularidade phenomenal de ser sabio e rico. Seria inverosimil neste paiz o conde d'Azevedo, se se dissesse que elle publicou livros seus para os vender. E, ainda mais, a liga do ouro e da sciencia é já de sobra para que o erudito fidalgo fique na memoria de homens como um ente exceptuado que desgarrou da contextura dos costumes nacionaes.

Foi coronel de milicias, foi deputado, foi governador civil, foi conde, tinha no seu brazão a aguia da varonia d'Azevedos, contava avós até á fundação da monarchia lusitana, e dahi para cima, desde d. Arnaldo de Baião, tudo nos persuade que os poderia encontrar até surprender o Creador a fabricar o primeiro dos seus avós. Desdenhava prosapias, e gloriava-se todavia particularmente de seu setimo avô, Martim Lopes d'Azevedo, o patriota preso, proscripto e empobrecido porque se bandeára contra Castella na hoste de d. Antonio, prior do Crato.

Era um homem de bem. Para lhe chamarem nas gazetas facinora, caipira, besta e ladrão, foi necessario que governasse o districto de Braga em 1845. Desde que esquivou na poltrona da sua bibliotheca o osso sacro aos pontapés da politica, volveu a ser, por commum assentimento de todos os partidos, um espirito recto, muito esclarecido, e digno de exercer os cargos superiores do Estado.

Era catholico estreme. Conhecia os santos padres. Ouvia missa, abstinha-se de vacca á sexta-feira, seguia os sacramentos, expunha as suas crenças na Associação Catholica, na livraria Moré, em sua casa, sem rubor de sua fé nem receio dos racionalistas. *Non erubesco*, dizia elle com o Apostolo. Escreveu vigorosos opusculos de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — A DIVINDADE DE JESUS—com muita habilidade e theologia.

Fazia versos. Traduzia aos vinte annos, e publicou aos sessenta, no prélo de sua casa, as BUCOLICAS de Virgilio. Escreveu a tragedia ATHREO E THIESTES, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllios. De tudo isto colligiu um volume que imprimiu em setenta exemplares e repartiu por setenta amigos. Um destes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticia dessa veniaga, concluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera num alfarrabista de Lisbôa um volume das suas DISTRACÇÕES METRICAS. Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a sessenta e oito, quando soube que o exemplar havia apparecido no espolio do fallecido, e, por isso, irresponsavel Torres e Almeida.

***

FERNÃO LOPES

Escassas são as noticias que chegaram até nós ácerca de Fernão Lopes. A epocha do seu nascimento ignora-se ; mas parece que devia ser da gloriosa revolução de 1380, ou alguns annos antes. O abbade Barbosa e outros dizem que fôra secretario d'el-rei d. Duarte, quando infante, e de seu irmão d. Fernando, e cavalleiro da casa do infante d. Henrique. Em 1418 foi encarregado por d. João I da guarda do real archivo, cargo que até então andava unido a um emprego da fazenda publica.

Por trinta e seis annos serviu Fernão Lopes de guarda dos archivos, e de todo este tempo existem varias certidões, passadas por elle, *das escripturas da torre do castello da cidade de Lisbôa*. Depois de tão largo periodo foi substituido por Gomes Eannes de Azurara, que d. Affonso V nomeou em logar de Fernão Lopes, *por este ser já tão velho e flaco, que per sy nom podia bem servir o dicto officio*, dando a outrem *por seu prazimento e por fazer a elle mercê, como é rezom de se dar aos boõs servidores*, segundo diz a carta de nomeação de Azurara. A epocha da morte do chronista ignora-se absolutamente ; mas sabe-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de ter sido exonerado do cargo de guarda do archivo.

Quando d. Duarte subiu ao throno (1434), deu *carrego a Fernão Lopes, seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys, que antygamente em Portugal forom ; e esso mesmo os grandes feytos e altos do muy vertuoso e de grandes vertudes El-Rey seu senhor e padre* (d. João I), dando-lhe por isto quatorze mil libras cada anno, mercê que foi confirmada em nome do moço principe, por influencia do infante d. Pedro, tão sabio quanto infeliz, pae e protector das lettras.

Foi, com effeito, Fernão Lopes, o primeiro que poz em *caronyca*, isto é, em ordem, as *estorias* da primeira dynastia dos reis portuguezes, e fez a bella Chronica de d. João I. Até ahi havia apenas algumas memorias espalhadas, alguns breves compendios dos successos publicos. Neste numero deve entrar um manuscripto que existia em Santa Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do seculo XIV, em que mui de leve se mencionam os acontecimentos mais notaveis dos tres primeiros reinados, e delle talvez se houvessem de contar as antigas chronicas, que Duarte Nunes reformou ou estragou, e que muito desconfiamos sejam as mesmas que *colligiu* Acenheiro no principio do seculo XVI, e que serviram de fundamento a Ruy de Pina e Galvão : sobre tudo o que pezam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma coisa havia escripta antes de Fernão Lopes; porque alguma coisa eram essas *historias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que nesse documento se distinguem claramente dos *feitos* de d. João I.

De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe conhecido e impresso é a Chronica de d. Pedro I, a de d. Fernando e a de d. João I. Comtudo, por averiguado se tem que elle escrevera as dos outros reis anteriores, e até Damião de Goes lhe attribue uma de d. Duarte. Seja o que for, é certo que para a gloria de Fernão Lopes são monumentos sobejos as tres chronicas que delle existem.

O nosso celebre critico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a historia ; com razão o diz, e poderia accrescentar que poucos homens teem *nascido* historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilisados houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações ne-

nhuns dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os succcessos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia : a *vida* dos tempos de que descreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia : ha poesia e drama ; ha a edade-média com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. Nisto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart ; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopéa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.

ALEXANDRE HERCULANO.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XI

A Constituinte, logo que concluiu a discussão do voto de graças, passou a tratar de outras materias, submettidas a deliberação. O deputado Alencar, de prompto, reclamou solução da proposta que havia apresentado na sessão de 5 de maio, concernente ao coronel Pedro José da Costa Barros, deputado eleito pela provincia do Ceará. Envolvido injustamente num processo, Costa Barros, encarcerado, não podia exercer o mandato legislativo que os seus conterraneos lhe haviam confiado. Fôra preso em consequencia da devassa geral que o ministro do Imperio, José Bonifacio, mandou, por portaria de 30 de outubro, proceder duma a outra extremidade do Brazil. Parece incrivel que, sob o ministerio do instituidor da liberdade, perdurassem com mais violencia as praticas do antigo regimen despotico. E' porém, um facto comprovado por documentos officiaes, que não pódem soffrer contestação.

Aquelles que ouviram os contemporaneos, sobreviventes da geração immediata, deslumbrados pela nomeada do patriarcha, custavam a acreditar que o ministerio de 16 de janeiro de 1822 praticasse a série de desatinos e violencias, de devassas e prisões, até crueзas do governo absoluto e irresponsavel. Não ha, porém, negalos ; são todos factos veridicos, referidos pela tradição e confirmados por documentos authenticos.

Nos archivos e nas collecções dos actos do governo existem as portarias, numerosas, á maneira do truculento conselheiro de el-rei d. José I, expedidas pelo instituidor do governo da liberdade constitucional no nascente imperio americano... Daremos amostras do estylo e da vontade prepotente e cruel, que se reflectem em taes documentos. A portaria, que, entre muitos outros brazileiros e portuguezes, apanhou na rede da devassa o coronel deputado Costa Barros, é do theor seguinte : «Sendo um dever sagrado vigiar sizudamente todos os malvados, que imaginam para fins sinistros e criminosos contra a segurança publica : Manda s. a. r. o principe regente, pela secretaria de Estado nos negocios do reino, que o intendente geral da policia: 1º—escolha e augmente o numero das pessôas que devem espiar todas as maquinações referidas, a quem se dará gratificações do costume, segundo o seu prestimo e serviço ; 2º — que sendo os actuaes juizes do crime poucos em numero e sobrecarregados de outras obrigações e encargos e alguns delles frouxos e pouco zelosos, e cumprindo que a policia tenha ministros activos, habeis e corajosos, a quem se possa encarregar diligencias de ponderação e segredo : Ha s. alteza real por bem approvar a proposta que o mesmo intendente acaba de fazer do bacharel João Gomes de Campos e do dezembargador Francisco da França Miranda para servirem interinamente de ajudantes do mesmo intendente geral da policia, em quanto s. alteza real não houver de tomar a este respeito ulterior solução ; 3º — que o referido intendente geral, por si e pelos ditos ajudantes e com tropa de policia, passem a verificar os ajuntamentos de pessôas suspeitas e perturbadoras do socego e segurança publica, que já lhe fôram communicadas por esta secretaria de Estado; e achando ser verdadeiros e criminosos os taes ajuntamentos, mande cercar as casas aonde se fizerem taes clubs por força armada, prender todas as pessôas que nellas fôrem encontradas e fazer apprehensão em todos os papeis e correspondencias que fôrem achadas em suas casas e que pela sua natureza fôrem suspeitas, para tudo ser examinado por uma commissão, que para esse effeito, se haja de nomear ;—4º, finalmente, que no dia 18 do corrente, em que se fizerem as eleições, o mesmo intendente geral mande para o local em que ellas se hão de fazer, espias seguros, para lhe darem parte immediatamente de tudo o que alli se possa praticar, contrario ao fim unico das ditas eleições e contrario á tranquillidade publica; e para que o dito intendente geral possa logo occorrer a qualquer desordem que possa suceder, se postará com seus officiaes e tropa necessaria nas immediações do logar das referidas eleições como lhe parecer mais adequado. O que tudo cumprirá debaixo de sua maior responsabilidade. Palacio do Rio de Janeiro, 10 de abril de 1822.—*José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Eis ahi uma revelação da alma, que não se diria ser a santa, pura e bondosa do nosso venerando patriarcha, porém dum Delcarreto, implacavel esbirro do rei das Duas Sicilias — coração nutrido de rancor, de perversidade e torpezas..

Um espirito, atarefado de minucias policiaes, não é capaz de elevar-se ás altas regiões intellectuaes dos grandiosos problemas sociaes e politicos, cuja solução o paiz reclamava no momento da Independencia. Em verdade, não se póde indicar um acto de José Bonifacio, que revele o genio creador de previdente estadista. Elle rebolcou-se no lodo dessas miserias policiaes...

Aquella portaria é, certamente, um *documento humano*, segundo a theoria da escola realista. Neste documento abundam os *signaes*, de que tanto fala o notavel critico e historiador Taine. Poderiamos, de analyse em analyse, estudar a psychologia do homem, tal qual foi. Os leitores perspicazes não precizam que os guiemos nesse estudo; fazem-no facilmente.

A doutrina da portaria é a elaboração do emperro e do zelo dum fanatico. Os erros e o desalinho da redacção da propria mão do ministro manifestam claramente que nem siquer a reflexão mediu as expressões. Vê-se que os brazileiros, que labutavam com dedicação pela Independencia e queriam gozar da liberdade civil e politica, viviam duramente opprimidos sob tão detestavel jugo policial.

Est'outra portaria comprova como procedia um ministro realmente despotico : «Tendo sua alteza real encarregado de fazer executar o decreto de dezoito do mez passado, é do meu dever transmittir a v. s. todas estas partes e denuncias que acabo de receber e ao mesmo tempo communicar-lhe que por muitas outras indagações e noticias, estou capacitado que ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas contra a preciosa vida de s. alteza real, contra a minha e contra todos os honrados cidadãos amigos da nossa causa. E' preciso, pois, que v. s. mostre presentemente toda sua energia e actividade em conhecer os perversos, descobrir os tramas até sua raiz e ver tudo com os seus proprios olhos, não confiando diligencias importantes e delicadas a juizes de crime sem cabeça e sem energia ; cumpre tambem

que até o dia 12 v. s. deixe de estar em Catumby e venha morar no meio desta cidade, para com mais energia e promptidão dar todas as providencias necessarias para descobrir os perversos e esmagar os seus conluios. *Quando a patria está ameaçada por traidores solapados, não valem as chicanas forenses e só deve reinar a lei marcial.* Cumpre finalmente que v. s., reservando para outra occasião os dinheiros da policia, destinados para objectos menos importantes, os empregue na conservação de bons agentes e vigias. D. G. a v. s. Paço em 2 de outubro de 1822. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Eis o proprio José Bonifacio, nesta portaria, denunciando que se tentava contra sua vida ; que, portanto, a sua pessôa não era amada e os seus actos eram adiados e não acceitos. Todavia, ha muita gente credula, que pensa que o patriarcha exercia influencia absoluta, benefica e dominadora. Nota-se que, no seio da Constituinte, elle passa como uma sombra; não tem acção sobre coisa alguma, nem illumina os representantes do povo.

Em 30 de outubro, o ministro, que tão phrenetico zelo ostenta na perseguição daquelles que elle suspeita perversos, expede a portaria para abrir-se devassa geral desde o Rio até ás provincias remotas ! Nesta extensa rede fôram apanhados o coronel Costa Barros, o brigadeiro Alves Branco Moniz Barreto, João Fernandes Lopes e o jornalista João Francisco Lisbôa. Entre elles (*incredebile dictu !*) José Clemente Pereira, dr. Gonçalves Lédo, brigadeiro Luiz da Nobrega de Souza Coutinho e o conego Januario da Cunha Barbosa—o futuro fundador do Instituto Historico.

O dr. Gonçalves Lédo, José Clemente o conego Januario, Nobrega e Rocha fôram os mais estrenuos promotores da cruzada da Independencia, muito antes de José Bonifacio pensar nella, e, quando, pelos outeirinhos da villa de Santos, devaneava, compondo odes saphicas e anacreonticas, no rançoso gosto da antiga Arcadia. A sua intervenção na lucta da Independencia data da assignatura da representação ao principe regente.

Os jornaes do tempo accuzam de má fé, apontam os embustes e tramas, com que o minitro procedeu, mandando encarcerar, nas fortalezas da Lage e Ilha das Cobras, cerca de 400 cidadãos, que não applaudiam, mas criticavam sua despotica e inepta politica e administração. Esta perseguição geral e barbara foi denominada pelos contemporaneos—*Bonifacia*. O jornalista Evaristo, que conheceu e conviveu com quasi todos os personagens que figuraram no primeiro reinado e travou controversias, na imprensa, com Antonio Carlos, fala da perseguição—*Bonifacia*. Feijó, que foi ministro e depois regente, commemora as cruezas do ministerio do patriarcha. (1) Na propria Constituinte são frequentes as allusões (2) aos numerosos brazileiros victimados aos carceres e deportações pelas portarias, das quaes já reproduzimos algumas.

Em pleno parlamento José Clemente narrou circumstancias incriveis do primeiro ministerio, que ostentava hypocrisias, apostolando o regimen constitucional, preconizando os direitos do homem, as garantias da liberdade individual, a independencia da consciencia do cidadão. (3)

Quem ler, com attenção e criterio, os debates da Constituinte, reconhecerá que o ministerio de 16 de janeiro marca o periodo do terror *andrandino*, como houve, durante a Convenção, o *terreur rouge*, ou robespierrino, e, na Restauração, o *terror branco*.

Não é possivel que os leitores intelligentes não investiguem porque surgiram na Constituinte de 1823, logo na sessão de 5 e de 6 de maio, a proposta no padre Alencar a respeito da prisão do deputado Costa Barros; o projecto de amnistia; outro, de perdão; ainda um terceiro, sobre liberdade de imprensa para resguardar os escriptores de serem victimados, encarcerados e deportados, como fôram May, redactor da *Malagueta*, o qual ficou espancado, ferido e moribundo; João Soares Lisbôa, portuguez, e outros, brazileiros, que fôram prezos, ou deportados. Surprehende a permanencia das devassas por portarias, que eram uzadas pela ferocidade do afamado marquez de Pombal, instrumento agóra brandido pela mão paternal do *instituidor* do regimen de liberdade constitucional !.

Ora taes propostas e projectos denunciavam pavorosa crise, em que se esbatia e agonizava o paiz sob a administração de José Bonifacio, que a *lenda* encarece como o promotor da felicidade publica. As inducções historicas, reproduzindo a realidade dos factos, demonstram que devéras foi um periodo, em que o despotismo tradicional se exerceu com rigor e frequencia mais do que no tempo de capitães e generaes.

Nos debates da Constituinte nota-se uma pressão moral, um vago e torturante medo de tocar em certos assumptos. Quasi todos os deputados affirmam haver profundas desconfianças, e o padre Dias, deputado mineiro, por muito irrequieto, exclamou — acabemos com essas desconfianças; s e j a uma só a vóz do governo, da nação e da Assembléa. (4).

Eis ahi o estudo a que o ministerio de José Bonifacio, depois de 16 mezes de administração, reduziu a nação brazileira, a qual em sua lealdade acreditava ter feito a Independencia para viver livre das devassas do regimen de *bel-prazer* ou da truculencia de um perverso desposta, como o marquez de Pombal. Infelizmente a nação caíu em mãos carinhosas e paternaes.

Ora, no regimen patriarchal, o poder é absoluto, soberano e irresistivel.

Si fosse indispensavel comprovar, com ducumento authentico e irrecusavel, ser tal o estado da sociedade brazileira, sob o gabinete de 16 de janeiro de 1822 a julho de 1823, bastaria o discurso decorado, que, com irritação e azedume, José Bonifacio balbuciou na sessão de 6 de maio, discurso que já reproduzimos nas columnas destes primorosos *Annaes*.

Naquella extravagante arenga, formada meditadamente no silencio do gabinete, o ministro só lobriga—demagogos, anarchistas, mentecaptos, que andam como em mercados publi-apregoando e vendendo liberdades... Allude aos constitucionaes do rei Fernando VII, de Hespanha, etc., etc. Ora, tudo isso lhe inspirava odio, merecia condemnação, e elle resolveu punir tudo isso atrózmente. Sendo esta a maneira de pensar do conselheiro de d. Pedro e de julgar os factos, como está expressamente declarada na portaria, a punição é, portanto, consequencia necessaria daquelle pensamento e foi auctorisada pela portaria de 30 de outubro de 1822—genesis da perseguição denominada — *Bonifacia*.

Todas estas portarias provam o rancor, que o potentado votava aos liberaes e aos republicanos, que detestava como demagogos, perversos, carbonarios..

Que ministro dotado de simples senso commum, escreveria, hoje, documento daquelle theor? A nós, das gerações que succederam ás da Independencia, nunca passaria pela mente que tal houvesse sido o goveruo daquelle que nos disseram ter iniciado o povo brazileiro no regimen da liberdade por meio de devassas, da *lei marcial* (phrase da citada portaria), pelo emprego dos instrumentos da tyrannia tradicional, que o povo detestava e de que anhelava eximir-se. Bem considerados os actos, em vez de suppor-se—o instituidor do regimen constitucional, o patriarcha foi verdadeiramente o restaurador das atrocidades do absolutismo, que o reinado do bonachão e misericordioso d. João VI havia posto em desuzo. O absolutismo reviveu e constituiu o principio e a fórma do periodo ministerial de 1822 a 23.

Era bem natural. Ha muitas illusões ainda hoje a seu respeito. Inventavam que era um politico, um consummado estadista, o que nunca foi nem podia ser. A politica é uma sci-

encia theorica e pratica muito ardua, e o governo dum povo, assevera Guizot, é o mais difficil emprego das faculdades da intelligeccia e vontade humana. Em que escola o sabio mineralogista entrou e aprendeu a sciencia do governo? Na do marquez de Pombal, na do general Beresford e do façanhudo intendente Manique, no tempo em que José Bonifacio poderia preparar-se. Chamado pelos acontecimentos o governar sem ter nem sciencia nem idéal (a não ser a reminiscencia do *archonte-rei*), fez das fraquezas forças e poz em pratica, empeiorando, tudo que viu em Portugal, onde passou quasi a sua existencia.

As gerações novas, depois da Independencia, fôram educadas na veneração com que a *lenda* cercou o patriarcha, envolvendo-o num véo de luz, de amor, de justiça e liberdade. Nenhum de nós conheciamos delle sinão as virtudes do caracter e o decantado patriotismo. Crer em seu liberalismo era como que um dever da categoria imperativa do philosopho celebre de Koenigsberg (5). Esse dever dominou a credulidade da nossa consciencia. Eu, por mim, confesso, fui um dos crentes; repelliria, outr'ora, a mais leve idéa que me offendesse a supremacia moral, intellectual e politica do varão eminente, que me parecia aureolado com o luzeiro de gloria que merece o fundador da liberdade dum povo. Eu não havia por mim mesmo, esmerilhado *papeis velhos*, documentos; era echo do que ouvia; tinha a fé céga do carvoeiro inconsciente. Ouvi os velhos contemporaneos do patriarcha; uns, maldizentes; não lhes quiz dar credito. Escutei os admiradores fanaticos; si não comparti do enthusiasmo, guardei-lhes as opiniões louvaminheiras. A *lenda* tornou-se, nesse assumpto, toda a minha sciencia historica. Persuado-me de que tem sido a de todas as gerações successivas ás da Independencia. A prova temol-a no concerto de hymnos de saudações glorificadoras, com as quaes rememoram o nome do patriarcha.

E quando algum historiador illustrado e distincto escriptor apresenta a Constituinte *perante a Historia*, se compraz em honorifical-a para encomiar os Andradas. Quando outro discute em conferencia da Gloria,— quaes os patriarchas da Independencia, de certo, não quiz destruir a *lenda*.

Quando, porém, certo espirito curioso, perspicaz e severo e independente contesta e nega o patriarchado, provavelmente tambem não deu cabo da *lenda* mas, sem duvida, convenceu a todos que amam pensar e guiar-se pela scintillação do raciocinio, da prova evidente de documentos incontestaveis de testemunhos insuspeitos e veridicos, (6) a despeito das coleras dos idolatras.

O veneravel patriarcha, estudado nos proprios documentos deixados por elle, como as portarias, decretos, rachiticos e raros discursos, proferidos na Assembléa Constituinte, nos actos inconsiderados e palavras estolidas, em vez de encher os animos de admiração e respeito, inspira invencivel tristeza.

A posteridade, que já chegou para elle e que não escuta o longinquo rumor dos que tanto o elogiaram e engrandeceram, sem attenderem que os actos, pensamentos e contradições o amesquinham e tiram-lhe a possibilidade de qualquer justificação, o julgará com justa e maxima severidade.

De feito, á vista desta série de detestaveis portarias, de perennes devassas geraes, de innumeras prisões arbitrarias, dum regimen policial permanente, suspeitoso e aterrorizante; da insensata obstinação de descobrir, por toda parte, tramas e conspirações de perversos, de inimigos da causa nacional, de carbonarios e de republicanos — que os espiritos reflectidos, á luz do bom senso, poderão pensar dum homem guindado ás cumiadas da admiração e apregoado como o iniciador do povo brazileiro no credo das liberdades modernas? Si este homem era a perfeita encarnação da alma nacional, como é que se acha em lucta com a mesma e se vê na necessidade de combatel-a? Ora, si a nação se lhe oppõe, evidentemente elle não a representa, nem é a personificação dos sentimentos e aspirações della.

Quando se examinam a substancia e os motivos de taes portarias, duvida-se da moralidade do seu auctor. Numa, por exemplo, dirigida ao capitão mór de Itú, aconselha e exige a espionagem traiçoeira e infame, como o salteador, assassino, que, nas trevas, espreita a victima descuidosa. Noutra, recommenda e manda praticar as uzanças da Inquisição. Finalmente, não lhe escapam as conversações intimas, inviolaveis, do lar domestico e muito menos tolera que algum cidadão uze do direito constitucional de ter o *desafôro* de falar dos ministros de sua magestade!! Era essa mesma a intolerancia do terrivel e despotico marquez de Pombal. O ministro de el-rei d. José, o verdugo sangrento dos Tavoras, era o executor do governo absoluto duma nação (embóra heroica) habituada, havia longos seculos, á subserviencia que impunha a realeza absoluta.

José Bonifacio, porém, pretendia ser o *instituidor* do systema constitucional representativo — no qual são essenciaes a responsabilidade, a divisão dos poderes, a independencia do pensamento, a inviolabilidade da consciencia e todos os direitos, que os povos livres mantêm e defendem: é certamente um regimen que assenta sobre a opinião.

Ora, a opinião manifesta-se pela independencia do pensamento, mas o ministro de d. Pedro não tolera tal manifestação; manda a policia suffocal-a. Patenteia-se pela critica, que é uma resultante da liberdade da consciencia; o patriarcha a supprime, castigando-a como um *desafôro* criminoso... A opinião é, no seu conceito, um acto de carbonarismo, de perversidade de republicanos, que cumpre ser tratado com a applicação da *lei marcial* (7).

Um homem que pensa de tal guiza póde ser o ministro dos mussulmanos; evidentemente, é impossivel ser o iniciador dum povo no systema constitucional representativo, que é a encarnação da liberdade civil e politica, que abrange e contém todos aquelles direitos, annullados pelas portarias e por outros actos do gabinete de 16 de janeiro de 1822 até 17 de julho de 1823.

As gerações actuaes, que não suportariam um governo de policia inquisitorial e oppressora, deante desse horrido e vil espectaculo da epocha da Independencia, indubitavelmente deploram os soffrimentos dos contemporaneos da Assembléa Constituinte e involuntariamente hão de pensar que aquellas gerações passadas podiam exclamar com o severo e insigne historiador: *dedimus profecto grande patientiæ documentum* (8).

A historia não estaca, assim, na immobilidade eterna do Pão de Assucar; é um labor variavel, continuo, que se renova, se refórma, progride e nunca pára. Nella como que actúa e se desenvolve o poder da resurreição (9). Cada seculo passa, demolindo a obra do precedente, reconstruindo-a e aperfeiçoando-a com os mesmos materiaes, corrigindo imperfeições, defeitos e erros do plano anterior. Só ha de novo a mão do obreiro; só se deve notar a concepção de outro idéal, que se reflecte nos factos e se illumina pelo criterio duma philosophia que descrimina, apura, classifica e melhor explica os phenomenos sociaes e politicos e as transformações da vida dos povos.

Seria uma tolice crer que as gerações vindouras hão de acceitar, de fé implicita, tudo que se nos tem contado no tocante á fundação do Imperio e á proclamação da independencia do Brazil e dos grandes personagens que honram e illustram aquella phase da nossa historia.

Pelo contrario, hão de instituir minucioso inquerito; compararão as palavras e actos com as idéas, com os

sentimentos e aspirações do momento, exigirão que cada personagem mostre que os seus feitos estão de accordo com os fins sociaes; que se esforçou em realizar o idéal nacional.

Que queria o povo brazileiro, trabalhando pela Iudependencia desde 1821, quando se partiu para a Europa d. João VI, representante da monarchia tradicional, até 1822, quando se proclamou a Independencia? Continuar a viver escravizado ao mesmo regimeu — *mutato nomine*? Qual o seu idéal, quaes as aspirações? Eram o governo hediondo da policia arbitraria, as devassas, a compressão da liberdade do pensamento, da palavra, da consciencia, a confiscação dos direitos que constitúem a liberdade civil e politica? Como o patriarcha satisfez as aspirações nacionaes?

Convertendo-se em mantenedor dos horrores do regimen antigo que o povo condemnava e temia; governando sem ter nenhum idéal, abuzando das portarias e devassas — (seu unico idéal politico) — oppostas á natureza dos dogmas do constitucionalismo, que já era a crença das nações livres. Nada mais soube dar... Nada mais fez do que governar por meio da policia..

Qualquer dos nossos chefes da rua do Lavradio lhe é superior no habil traquejo desses negocios..

Ah! sim, o inquerito dos posteros verificará actos e idéaes de cada um, mostrando que, entre a nação e o patriarcha, o desaccordo é flagrante e profundo.

Os personagens serão analyzados nos actos que explicam a sua psychologia e deixam ver a pequenez, ou a grandeza do genio, e si obraram conforme as aspirações da nação. De certo, si taes actos fôrem proprios do despotismo, não serão os personagens proclamados benemeritos nem iniciadores dos povos na religião augusta da liberdade.

As dissimulações e hypocrisias dos Augusto e Tiberio, si illudiram os contemporaneos, não conseguiram o mesmo resultado perante a posteridades, que os julga taes quaes fôram. Dir-se-ía que a posteridade tem lucida e segura intuição do passado e comprehende a realidade — desembaraçando-se das paixões, das *lendas*, das mentiras, dos odios, ou do fanatismo e dos interesses que perturbam e obscurecem o presente.

Os posteros hão de apurar, um por um, os titulos e os serviços *reaes* de José Bonifacio. Oxalá que encontrem outros que não sejam as devassas e portarias!.. Hão de reconhecer que elle não soube organizar o Estado, nem dirigir o povo; pelo contrario, continuou, manteve e exaggerou os males e vicios do passado, do qual a nação anhellava libertar-se. Não estabeleceu, em bases seguras, a conquista da Independencia, nem a dotou com leis que promovessem, ou desenvolvessem e consolidassem as forças economicas, a cultura moral e mental, a grandeza e prosperidade que contém a civilisação. Debalde, procurarão na sua obra, que os idolatras teem exaggerado e os adversarios obscurecido, os meritos que nos impõem veneração pela memoria e o dever de glorificar-lhe o nome, encomiar-lhe o caracter e bem dizer dos relevantes serviços.

Pretenso instituidor do regimen constitucional e representativo, — elle mostrou-se em tudo avesso a tal systema, cuja essencia consiste na separação e limitação do poder, na plena liberdade de opinião, na inviolabilidade dos direitos, embóra as portarias evidenciem de que sorte essas condições essenciaes do regimen são tratadas pelo patriarcha.

Deputado, — elle é quasi nullo na tribuna parlamentar. Não discute, não inprime nenhuma orientação na Assembléa, que, imprudentemente, sacrificou ás iras imperiaes. Ministro,— sem vistas largas, sem altas concepções, não tem siquer o tino de attraír as vontades e concentral-as na realisação de fins sociaes, fecundos e uteis á nação.

E' inesperadamente expulso do gabinete; uns attribúem esta quéda desastrosa ás *intrigas da alcova da Pompadour* do reinado; outros, ás questões do *Apostolado* (10). Muitos pensam e afiançam que o Imperador comprehendeu que o systema de continuas perseguições, por meio de portarias e devassas, lhe arrancaria dos espiritos a colorosa popularidade que elle amava tanto quanto o poder absoluto. D. Pedro, caracter franco e generoso, com tendencias ao heroismo, queria um poder obedecido, não lhe convinha ser perseguidor. Desejava que o povo, em quem depositava e de quem tirava maxima força, soubesse a lei em que vivia, sem simulações e hypocrisias; queria liberdade e obediencia. O mechanismo policial era incompativel com o seu temperamento enthusiasta. Aborreceu-se das meticulosidade do patriarcha e, ao primeiro pretexto, lançou-o fóra do ministerio. Esse facto suggere uma alluvião de considerações, que deixamos de indicar, mas que os leitores farão por si mesmos.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Discurso proferido na Camara dos Deputados em 21 de maio de 1832.

(2) Discurso de Alencar, Carneiro da Cunha e outros. Vide o *Diario da Camara*, sessão de maio.

(3) José Clemente ainda publicou pela imprensa e analyzou o processo que J. Bonifacio mandou instaurar a 30 de outubro, em consequencia da devassa geral, e começado a 4 de novembro de 1822 contra carbonarios, demagogos, republicanos, etc.

(4) Vide o *Diario da Camara*, vol. 1º, sessão de maio.

(5) Kant, *Critica da razão Prat.*

(6) O sr. Barão Homem de Mello, num interessante volume, tentou justificar a Constituinte, glorificando os Andradas. O sr. conselheiro Tristão de Alencar, numa conferencia da escola da Gloria, considera ter havido tres patriarchas. O dr. Mello Moraes (pae) nega redondamente, com provas irrecusaveis, o patriarchado ao venerando e immortal José Bonifacio.

(7) Portaria de 2 de outubro de 1822, supra citada.

(8) Tacito, *Annaes*.

(9) Vico, *Scienza Nuova*.

(10) Mello Moraes assegura que o Imperador, por causa das desavenças em S. Paulo e aborrecido dos Andradas, prevalecendo-se das questões do *Apostolado*, os despediu abertamente.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A fórma do Sol — Variação dos diametros — Coincidencias com as manchas — Anomalias planetarias.

Que o Sol não é uma esphera perfeita e, sobretudo, invariavel, acaba de ficar perfeitamente demonstrado com os resultados das investigações systematicas de Lane Poor.

As medidas dos diametros polar e equatorial do globo solar, em 21 *clichés* photographicos colhidos por Rutherfurt em 1870, 1871 e 1872, mostram que durante esse periodo o diametro equatorial augmentou ao principio e diminuiu depois em relação ao diametro polar. Poor comparou, tambem, as medidas feitas em 1873 — 1875. Essas observações demonstram uma mudança progressiva analoga a de 1871—1872. Ao contrario, as medidas heliometricas de 1880—1883 são conformes ás indicações de 1870 — 1871.

Uma confirmação desses dados foi emfim obtida pelas photographias de 1893—1894 tomadas no observatorio de Northfield: nellas se encontra a mesma marcha dos elementos de 1871 —1872 e 1873—1875.

Lane Poor concluiu que as variações dos diametros polar e equatorial coincidem com a curva das manchas solares, não sómente quanto ao periodo, como quanto á intensidade e emitte a hypothese de que as variações do diametro solar poderiam explicar as anomalias dos movimentos de Mercurio, Venus e Marte.

***

Fabricação do phosphoro — Novo methodo, tão elegante quanto hygienico — Emprego dos fornos electricos.

A fabricação do phosphoro repouzava, até agóra, no tratamento pelos

acidos, quer fazendo agir o acido sulphurico sobre a mistura de phosphato tricalcico e de carbonato de calcium proveniente da calcinação de ossos, quer tratando pelo acido sulphurico o phosphato bicalcico obtido pelo tratamento de ossos pelo acido chloridrico e precipitando-o em leite de cal.

A descoberta do forno electrico permitte o emprego de um novo methodo, tão elegante quanto hygienico: repouza sobre a reacção que se produz quando os ossos misturados com areia (silicia, acido cilico) e carvão vegetal são elevados a altas temperaturas; obtem-se um cilicato de calcium, ao mesmo tempo o phosphoro se distilla com o oxydo de carbono. As retortas da distillação são cylindros de ferro, revestidos de barro refractario, no interior das quaes penetram electroides de carvão fornecedores do arco electrico.

***

Conservação dos caminhos de ferro. — Invasão da vegetação damninha.—O inconveniente em proporções enormes.

E' um dos maiores obstaculos á conservação dos caminhos de ferro, nas linhas em que a circulação não é muito intensa, a invasão da vegetação.

No caminho de ferro de Guayaquil a Quito, esse incoveniente se dá em proporções consideraveis e, para evital-o, emprega-se a réga com uma mistura chimica, composta de uma dissolução de 450 gr. de acido arsenical em 22 litros d'agua super aquecida e de outra de 450 gr. de nitrato de soda em 27 litros d'agua. Para dar bons resultados, o liquido deve ser impellido pelo ar comprimido, ou pelo vapor de um wagon regador. A réga se effectúa todos os tres mezes, na razão de 7.400 litros por milha de 1.600 metros.

Essa mistura é venenosa, mas inutiliza completamente a vegetação.

***

Alicerces. — Medida exacta da pressão sobre o sólo. — Novo processo engenhoso. — A indicação do sr. Mafeus.

O sr. Mafeus indicou, no *Centralblatt der Bauverwaltung*, um engenhoso processo, muito mais exacto do que os methodos até agóra empregados, para medir a resistencia de um sólo, destinado a supportar alicerces.

Ordinariamente se amontoam pedras, pedaços de ferro de pezo conhecido, mas o pezo não é rigorosamente semelhante; a carga não é progressiva; as pressões sobre as differentes partes do sólo não são as mesmas.

O novo methodo applicavel á superficie de pequenas dimensões, comporta o emprego de um cylindro metalico estanque, composto de anneis reunidos e repouzando sobre o sólo por um apoio apropriado. Esse cylindro se enche progressivamente d'agua, é um indicador, ligado a um fluctuador, regísta, a cada momento, o nivel interior e, por conseguinte, a carga. Um instrumento de nivelamento indica quando o cylindro começa a enterrar-se.

O ALMIRANTE (69)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Numa grande excitação, d. Eugenia aguardava anciosa a resposta de Amelia. Vendo o padre approximar-se lentamente, lançou-lhe um olhar interrogativo, a que elle respondeu alçando os hombros e fazendo com a cabeça um gesto negativo, desanimado.

—Amelia recuzou—disse ella, com irritado accento—Eu previra que ella recuzaria. Aquella creatura é teimosa...

— Tudo impossivel — respondeu o padre Paulo—Os meus conselhos não encontravam echo naquelle coração impermeavel...

— De orgulho, senhor padre, de orgulho...

— E' isso, um excessivo amor proprio que a mortifica, que a martyriza.

—Foi sempre assim, desde menina. Culpa do pae, que lhe fazia todas as vontades, todos os caprichos...

— Todavia, ama Oscar. Ella m'o disse numa explosão do coração torturado; disse-m'o com lagrimas nos olhos, toda vermelha de pudor, como si confessasse um horrendo peccado. O que eu lhe aconselhava era um sacrilegio, um sacrificio monstruoso.

—Veja que idéas! Com o encara um beneficio para lhe assegurar o futuro!

— Em vão, tentei convencel-a: declarou, positivamente, que jámais despozaria um moribundo...

—E' isto, é isto... E agóra?

—Pensemos noutra coisa. Peço-lhe guardar o maior segredo sobre o que acabo de narrar á senhora, que, como mãe, tem o direito de conhecer a verdade inteira. Bem vin que as minhas intenções eram as mais louvaveis, as mais santas. Fiz quanto cabia nas minhas attribuições de pastor de almas.

—Não haverá outro meio, padre?

—Outro meio?

—Si o senhor tivesse a bondade de consultar Hortencia..

— Hortencia! — tornou o padre, admirado—Eu a considerava compromettida...

— Não, não tem compromissos. Gosta do dr. Sergio de Lima, mas essa inclinação da mocidade...

— Que são, muita vez, as mais fortes.

—Não tem ainda raizes.

—Quem sabe? Apezar da sua perspicacia de mãe, póde estar enganada. A dissimulação é a mais perigosa arma da mulher.

—Aquella é ambiciosa. Encara a vida pelo lado positivo. Não é moça de phantasias... O dr. Sergio é um moço cuja assiduidade junto de Hortencia, para falar verdade, não me desgostava; tem muito talento, como affirma o Antonino, que não barateia os seus juizos sobre os homens; póde galgar como deputado as altas posições da politica, mas não tem meios; é um moço pobre. E aquella filha tem instinctos de grandeza; nutre aspirações muito superiores aos nossos recursos...

—Si assim é, poderemos tentar. E', entretanto, indispensavel que ella não saiba que consultámos a irmã.

—Quanto a isso, fique descansado. E Oscar?

—Oscar estará por tudo.

—Mas a senhora o consultou sobre Amelia...

—Tive a precaução de prescindir disso.

—Mas affirmou a marqueza...

—E' verdade. Commetti essa insignificante mentira em beneficio daquella alma prestes a dar contas ao Altissimo. Amelia fez referencias a Dolores...

—Ah, não me fale nisso, um escandalo, em que eu não acreditaria si não visse com os meus olhos.

—Bem vê que estou justificado para com a minha consciencia, empregando todos os meios para que não morra em peccado mortal. Não ha meio mais santo para remir a macula do adulterio do que o casamento.

Neste ponto, a conversação foi interrompida pela presença da marqueza, cujo olhar brilhava animado por um raio de esperança.

—Acabo de estar com o doente—disse ella—Achei-o muito animado.

— Talvez pela febre — observou o padre.

— Apertou-me a mão e sorriu. Tenho viva fé no seu restabelecimento. Diz-me o coração que elle não morrerá. Com que meiguice, com que ternura o pobre agradeceu a Hortencia aquella solicitude, aquelles carinhos de enfermeira abnegada... E' verdade, padre Paulo: falou a Amelia?...

O padre vacillou e respondeu resoluto:

— Pensei melhor, senhora marqueza. Considerei a situação de Hortencia junto do enfermo, a dedicação extremosa que vossa excellencia acaba

de referir e que eu já havia notado. Mudei de parecer... Não, não falei...

—Fez bem.

—De resto, sendo esse casamento uma formalidade, a escolha da noiva será, talvez, de ponca importancia para Oscar. O essencial é que elle faça esse beneficio. Eu tenho fé em Deus que o sacramento será para elle um excellente remedio pela agradavel impressão que lhe ha de cauzar. Tenho visto doentes desenganados, ás portas da morte, resurgirem por milagre, depois de receberem aquella demonstração da graça divina. Na alma santificada florescem rapidamente os germens da saúde perturbada. *Spiritus promptus est, caro infirma.*

D. Eugenia confirmava com um gesto de cabeça as palavras do padre e a marqueza meditava na situação de Oscar, a creatura idolatrada, cuja vida era o seu unico bem neste mundo. Nessa pausa, em que se reflectia a indecisão dos tres, o interesse, o mysticismo, o amor da mãe infeliz occupando-lhe o coração vazio, privado do affecto dos filhos, lhes perpassavam no espirito todos os inconvenientes e vantagens da resolução proposta e o effeito della no conceito da sociedade perversa sempre inclinada a malsinar, a deturpar os actos mais legitimos, mais razoaveis e innocentes.

—Si vossa excellencia, senhora marqueza—continuou o padre—que tem poderosa influencia sobre os dois, tomasse a iniciativa de resolver o caso... tudo se arranjaria facilmente. O fracasso da minha intervenção junto de Amelia tirou-me o animo para repetir tão melindrosa tentativa.

—Tem razão—ponderou d. Eugenia—Eu soú suspeita, não devo absolutamente intervir; a marqueza tudo conseguiria com a sua auctoridade...

A marqueza ergueu-se num movimento energico e encaminhou-se para a bibliotheca.

Oscar contemplava Hortencia, cuja figura graciosa se destacava no quadro de uma janella illuminada pelos raios obliquos do sol cadente. Ella tomára do José, fiel creado que lhe servia de auxiliar no tratamento do enfermo, uma taça de leite e o arrefecia com uma colher de prata.

Os seus olhos enfraquecidos se deleitavam com a imagem da meiga creatura, immerso num limbo de luz como o anjo da esperança naquelle transe doloroso. E lhe inundava o coração uma suavissima sensação de reconhecimento, de gratidão pela abnegada assistencia, pelo infatigavel carinho que lhe tornava aprazivel o soffrimento.

—Depois disto— recommendou Hortencia, dando-lhe a taça—o meu querido váe repouzar até á visita do medico.

—Váe ter com a marqueza—murmurou Oscar, sorvendo o leite, lentamente, aos golos—váe confortal-a: ella tanto necessita que a consolem...

—Está falando de mais, está infringindo a obrigação de silencio...

—Eu ficaria com o José...

Oscar proferia as palavras uma a uma, com esforço; falavam mais os olhos, naquelle murmurio sibillado, com angustia, do que os labios gretados pela febre.

—Está muito melhor—tornou Hortencia, com affectada severidade—mas está, como todos os doentes insubordinados, abuzando da saúde.

Oscar sorriu e, tomando-lhe as mãos, conchegou-as ao seio apertando-as entre as suas abrazadas.

No rosto de Hortencia, deformado pelo esforço de conter a magua do desespero pela vida de Oscar, havia um tom de calma energica, rispida, um traço de soberana vontade, presidindo aquella abnegação heroica.

—Pódes ir, José—disse ella ao creado—Alli vem a marqueza, que ficará comnosco.

(*Continúa*)

D'AQUI E D'ALLI

Apuradas as eleições, raspados os cartazes, devem-se apurar os candidatos...

E de todos é consideravel um, que ninguem conhecia infelizmente mas que se tornou uma sublime celebridade... depois que, por celeste amor á industria, imaginou ser deputado... do commercio, dos operarios, da democracia e mesmo da litteratura, apezar de outro concurrente pelo primeiro districto. Esse *um*, que já agóra não é *nenhum*, é o mesmo que, «si fôsse eleito. e reconhecido», prometteria:

« — conservar immutavel essa fervorosa crença que me inspira—Deus.

— manter intangivel esse nome por demais honrado de meu venerando pae e, finalmente,

— cumprir o meu dever!»

Não foi, porém, e por desgraça, eleito. A despeito do commercio, dos operarios, da democracia, da litteratura e talvez do clero, o sr. Magalhães teve apenas *560* votos! A despeito disso e, segundo um balanço authentico, de cerca de *quarenta contos*, que espalhou em *réclames* de toda ordem, todas as manhãs, todas as tardes, em todos os jornaes, daqui e de alguns Estados, em todas as esquinas, em todas as portas e partes, com retrato, sem retrato, com biographia — até á farça irresistivel de desistir da candidatura, para dar, no dia seguinte, logar a uma catastrophe de novas *réclames*. E nada! Em vão! Debalde! Eil-o «bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas.»

Desgraça! Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometheus!
Um mundo sem liberdade!
Um infinito sem Deus!
No dorso das cordilheiras,
Batem rijas, agoureiras,
As martelladas do algoz:
E' o carrasco negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
No seu sudario de heróes.

O eleitorado, o grande perverso, — negociantes, operarios, democratas, padres, litteratos — entendeu, comnosco (num. 60, anno II, dos *Annaes*) que o jovem (vide os cartazes com retrato), que o «grande protector da pobreza, o perfeito democrata, o illustre e independente escriptor» devia ficar em casa para crer em Deus *et reliqua*. Mas — consolemo-nos — elle foi o mais util dos candidatos: gastou cerca de *quarenta contos*, e daqui felicitamos a imprensa pela parte que lhe toca, veramente, dessa utilidade...

***

Acceite o *Dia* as nossas saudações pelo seu apparecimento.

Como jornal da tarde, sob o talento do seu director, o sr. Eugenio Silveira, e do seu secretario, o sr. Emilio Kemp, póde perfeitamente triumphar. E' um diario moderno, de grande formato, de muitas informações e de muita distincção no seu programma — que a sua vida melhor, mais largamente traçará.

A sua collaboração é excellente: os srs. Bilac, Arthur Azevedo, Paulo Barreto, Leoncio Correia e outros. Assignaturas: anno, 28$000; semestre, 14$. Redacção e administração, rua da Assembléa, 98; officinas, rua Silva Jardim, 5.

***

Já é do dominio publico que o ministro Bulhões não se conteve perante os symbolos da monarchia brazileira, ultimamente encontrados na casa forte do Thezouro. Pegou da corôa e cingiu-a...

Este episodio, que nada tem de extraordinario, deu logar ás seguintes linhas, em que o sr. Coelho Netto se diverte e se surprehende a tirar da vadiação do ministro o motivo de uma suprema e delicadissima ironia:

O illustre ministro da Fazenda tem motivos de sobra para estar orgulhoso — a descoberta que acaba de ser feita no Thezouro é das que enchem de gloria uma administração, ainda que alguns supersticiosos nella descubram um vaticinio funesto.

Reapparecem os symbolos da monarchia — corôa, sceptro, papo de tucano, etc... Uhm! Não surja tambem

o dono ou dona de taes prendas reclamando-as e, com ellas, o throno, que ninguem sabe onde pára.

As reliquias do velho regimen, detestado por uns, adorado por outros, jaziam no casarão da rua do Sacramento, por onde teem passado tantos ministros e de onde teem saído tantos caixotes. O dr. Bulhões não as procurou, mas o acaso quiz que fôsse elle o afortunado que as encontrasse e deparou-lh'as, tornando-o assim o *primus inter pares* dos administradores da fortuna publica.

Examinando o precioso achado, dizem que o venturoso ministro experimentou, uma a uma, todas as peças; cobriu-se com o manto, empunhou o sceptro, enterrou na cabeça a corôa e assim, revestido de todas as insignias, adeantou-se em passo grave. Parecia um imperador do Divino. Um dos engrossadores aventurou timidamente:

— V. ex. dava um imperador de mão cheia! Um imperador de truz!

— Acha?!

— Oh!

— Pois, meu amigo, me acclame. Eu vou para o Campo com tudo isto e você põe a bocca no mundo, acclamando-me defensor perpetuo do Brazil.

— E v. ex. acceitava o presente grego? — perguntou o nababo Custodio.

— Homem, não sei. Estas coisas são decorativas, são, não ha duvida; mas não sei si me tomariam a serio com ellas. E' verdade que estamos no mez carnavalesco.

— Porque não? o habito não faz o monge. Demais, quem foi rei sempre tem magestade. Não digo que v. ex. se fizesse corôar aqui, na capital, mas em Goyaz. Si v. ex. apparecesse em Goyaz com todos estes apetrechos, juntasse janizaros, e mandasse berrar pelas ruas e pelos campos a sua proclamação. . eram favas contadas. Tente, excellentissimo. Seria um beneficio para Goyaz e para os sebastianistas—o Estado, passando a imperio, imperio do Meio, como a China, saíria da inercia em que vive, tornando-se, de uma hora para outra, conhecido em todo o mundo, que ignora a sua existencia, e os sebastianistas teriam um refugio. Si estas preciosidades não fôrem aproveitadas immediatamente, pódem, em breve, ter o destino que tiveram os outros caixotes; assim, v. ex., utilizando-as em bem da patria goyana, ellas ficarão em bôas mãos e dando prestigio a uma região que a politica nefasta tanto tem acalcanhado. Seja v. ex. d. Bulhões I, o Venturoso.

— E si a historia pedir a origem da minha dynastia?

— V. ex. dirá que a tirou de um caixote.

— Não basta...

— Como não basta? Não sáem os presidentes das urnas? porque não poderão saír os imperadores dos caixotes...?

— Sempre haverá quem diga perversamente que sou um imperador de contrabando.

— Historia, imperial e excellentissimo cidadão e senhor. Historia! De contrabando ha muita gente neste paiz e, nem por isso, lhe vão os esbirros em cima. Suba ao throno e deixe correr o barco.

— Homem, não quero. O outro não acabou bem e era dono da casa, quanto mais eu, que entro como inquilino. Nada. Fico na pasta. Deixemo-nos de cavallarias altas. Mais vale um passaro na mão do que mil tucanos a voar.

COELHO NETTO.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Ainda temos os seguintes resultados dos torneios realizados no Club de Xadrez.

Torneio da 3ª classe:

1º logar	— Salvador Melillo..	19	pontos
2º »	— Arthur Ravache..	18 1/2	
3º »	— B. Pozzio.....	18	
4º »	— Candido Rocha...	16	

Torneio da 5ª classe:

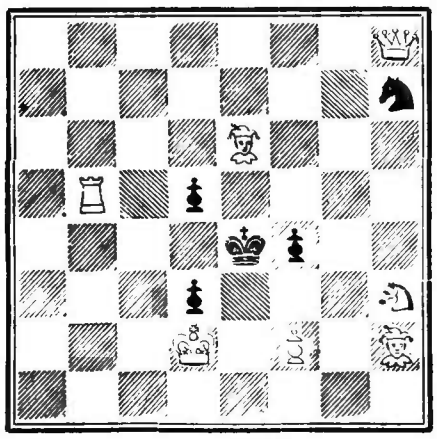
1º logar	— Camargo.....	11	pontos
2º »	— P. Pepe.....	10	
3º	— H. Gladosch.....	7	»

***

PROBLEMA N. 36

Annibal Pereira da Costa (Rio)

PRETAS (5)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

Chamamos a attenção dos amadores para o magnifico problema de hoje.

***

PARTIDA N. 38

(Jogada no torneio do Club dos Diarios em outubro de 1905)

DEFEZA DOS 2 CAVALLOS

Brancas (Frota Pessôa)		*Pretas* (Henrique Costa)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B D	— 3 —	C 3 B R
C 3 B D	— 4 —	B 4 B
P 3 D	— 5 —	P 3 D
B 5 C R	— 6 —	B 3 R
C 5 D	— 7 —	B × C
B × B	— 8 —	Roque
P 3 T D (*a*)	— 9 —	P 4 T D
Roque (*b*)	— 10 —	C 5 D (*c*)
C × C (*d*)	— 11 —	B × C
P 3 B D	— 12 —	B 2 T
P 4 D	— 13 —	P 3 B D
B 3 C	— 14 —	D 2 R
P 4 B R	— 15 —	P × P B R (*e*)
T × P	— 16 —	D 4 R
T 5 B	— 17 —	D × P R
B 2 B D (*f*)	— 18 —	D 5 C R
D 3 D (*g*)	— 19 —	P 3 C R
T × C	— 20 —	D × B
T D 1 B R (*h*)	— 21 —	P 4 D
D 3 B R	— 22 —	B 1 C (*i*)
T × P B R	— 23 —	B 3 D
B 3 D	— 24 —	T D 1 R
D 2 D? (*j*)	— 25 —	D 6 R (*k*)
T × T x	— 26 —	B × T
P 4 B	— 27 —	B 2 C
R 1 T	— 28 —	D × D
T × D	— 29 —	B × P
T 2 R	— 30 —	T × T
B × T	— 31 —	B × P
P 4 T D	— 32 —	P × P
B × P x	— 33 —	R 1 B
R 1 C	— 34 —	R 2 R
P 4 T R	— 35 —	P 3 T R
P 4 C R	— 36 —	R 3 D
B 3 D	— 37 —	P 4 C R
P × P	— 38 —	P × P
R 1 B	— 39 —	R 4 B
R 1 R	— 40 —	R 5 C
B 2 B	— 41 —	P 4 C
P × P	— 42 —	P × P
R 2 D	— 43 —	P 5 T
B 4 R	— 44 —	R 6 T
R 2 B	— 45 —	P 5 C
R 1 C	— 46 —	P 6 C
B 6 B D	— 47 —	B 6 B D
B 7 D	— 48 —	R 5 C
B × P	— 49 —	R × P
R 1 B	— 50 —	P 7 C x
abandonam	— 51 —	

(*a*) Para guardar contra o B ou C adverso a casa 4 C D.

(*b*) Era muito mais forte desde já: 10—P 3 B D, D 2 R; 11—P 4 D, P × P; 12—P × P, B 2 T; 13—Roque, etc.

(*c*) Não parece que as Pretas tenham melhor lance.

(*d*) 11—B × P é inferior.

(*e*) Si 15... P × P D, o centro das Brancas ficaria muito forte.

(*f*) O dr. Caldas Vianna, que acompanhava essa partida enunciou no momento, entre os assistentes a opinião de que o sacrificio 18— T × C daria a victoria ás Brancas. Estudando depois a hypothese, conveio nos perigos desse lance, principalmente contra um jogador forte como o dr. H. Costa. Essa variante daria provavelmente a seguinte linha de jogo: 18—T × C, P × T; 19—B 2 B D, D 3 R! 20—D 5 T (20—B × P x não dá coisa que valha, desde que as Pretas não tomem o B) T 1 R; 21—B × P T x!, R 1 B; 22 — D 6 T x, R 2 R; 23 — B 4 T R (ameaçando T 1 R), D 4 D, etc.

(*g*) Seria mais simples e seguro acceitar a troca das D. e recobrar o pião: 19—D × D, C × D; 20—P 3 T, C 3 T; 21—B × C, P × B; 32—T 6 B, ameaçando bons piões indefezos e com um bom ataque.

(*h*) 21—T × P D daria ataque ás Pretas.

(*i*) O jogo das Pretas está apertado. E' muito habil a entrada deste Bispo em jogo.

(*j*) Desastrado. As Brancas viram um ataque falso por T 6 R e precipitadamente fizeram o lance errado de texto. A situação é para trocas.

(*k*) Henrique Costa aproveitou com habilidade o erro e a perturbação do inimigo, mas este o ajudou commettendo faltas successivas. Aqui a troca immediata das D, se impunha, ainda dando probabilidades de empate. O final é sem interesse.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 35 (*Tacito & Lipman*): T 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

OS ELEITOS DA HUMANIDADE

——

« Les vivants sons toujours, et de plus en plus, dominés par les morts.»

AUGUSTE COMTE. — *Politique Positive*, t. II, pagina 61.

« As memorias gloriosas,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.»

CAMÕES. — *Lusiadas*, Canto I.

XXXI
THEMISTOCLES
(A DEFEZA DA GRECIA)

Quando a degenerada theocracia
Dos Persas ao Occidente se lançava,
E a evolução deter-lhe pretendia,
Tornando a Grecia do Levante escrava ;

O genio de Themistocles surgia,
Em serviço da patria se ostentava,
E, com denodo, com prudencia, guia
A campanha que o Barbaro excitava.

Seu nome, a luta contra a Persia exprime;
Chefe, outros chefes com vigor domina,
Punindo o Meda de nefando crime.

E nesse feito heroico, sem segundo,
Na batalha naval de Salamina,
Salvando a Grecia, elle salvou o Mundo.

XXXII
ALEXANDRE
(A CONQUISTA DA PERSIA)

« Siluit terra in compectu ejus.»

BIBLIA. — *Machabeus*, lib. I, v. 3.

Glorioso rei, magnanimo guerreiro,
Que te consagras pela paz á guerra,
Illuminando o Barbaro estrangeiro
Com a luz espiritual que a Grecia encerra ;

E contra o Persa, cuja audacia aterra
A séde augusta do saber primeiro,
Marchas tão firme, altivo e sobranceiro,
Que apenas por te ver se cala a Terra ;

Tu és o chefe da immortal conquista,
Que do theocratico regresso priva
A Grecia, e faz que a Grecia sempre exista.

Incorporado ao heróe de Salamina,
Cheio de gloria, cada vez mais viva,
Teu grande vulto os seculos domina.

XXXIII
SCIPIÃO
(A REPUBLICA ROMANA)

Quando Roma, seguindo alto destino,
A' conquista do mundo se entregava,
Houve um momento em que se viu escrava
De um medo atróz, de um panico assassino.

E' que Carthago os passos lhe cortava,
Bate-a em Cannes, em Trebia, no Tecino ;
Retem a Hespanha e, em louco desatino,
A' propria Roma aponta a rude clava.

Mas eis que Scipião, o heróe sublime,
Vence Annibal, e a si tambem vencendo,
Aos vencidos magnanimo redime.

Com tal triumpho esplendido e fecundo,
A romana republica crescendo,
Destróe Carthago e se incorpora o mundo.

XXXIV
TRAJANO
(O IMPERIO ROMANO)

Filho adoptivo do estimavel Nerva,
Que á direcção do povo-rei o alçara,
Trajano magestoso se conserva
Pelo valor, pela virtude rara.

Fazendo a Dacia dos romanos serva,
Parthos batendo, á sua Roma cara,
O grande imperio, o dictador preserva,
E á Humanidade, idéal porvir prepara.

Honesto e sabio, generoso e puro,
Só á Familia e á Patria se dedica ;
Plotina e Roma alentam-lhe o futuro.

Todo o Imperio resume-se em Trajano,
Como a alma imperial de amor mais rica,
Como o melhor imperador romano.

Rio, 1906.

(Dos *Poemas Sociolatricos*)

REIS CARVALHO.

AS PENEDIAS

——

Vejo-as a reluzir á flôr do oceano,
Circumdadas de um nimbo de alva espuma,
Domando o proprio mar, que se avoluma,
De quando em vez, nesse combate insano !

Em vão as vagas batem de uma a uma
— Oh, titanico encontro sobre-humano ! —
Ellas, firmes, mantêm o soberano
Denodo victorioso que as apruma !

Quantas vezes, oppoudo ao mar da vida
O peito, oh, penedias victoriosas,
Recordo a vossa lucta desabrida !...

E, firme, como vós, aos seus embates,
Resisto a essas vagas tempestuosas
No ardor do mais renhido dos combates !

Recife, 1906.

DOMINGOS MAGARINOS.

ANNO III — Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1906 — Num. 70

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Apezar das tranquibernias, das vergonhosas trapaças, das violencias que, em alguns Estados e no Districto Federal, emporcalharam o processo das qualificações, os resultados da sabia e fecunda lei, como lhe chamam em Pernambuco, devem ser apreciados como um movimento auspicioso para a regeneração dos nossos degradados costumes politicos.

Os resultados demonstraram que, onde não se empregaram barbaros meios de asphyxia, a opinião se manifestou com estranho vigor, como si um largo periodo de oppressão lhe houvesse crystallizado a fé e as energias civicas.

Os resultados demonstraram de maneira inilludivel que, no regimen presidencial, como nós o comprehendemos e applicamos, todo o poder se concentra no chefe do Estado, no Governo Federal, onde se polarizam todas as forças propulsoras do organismo nacional. E por isso elle é o responsavel,—por omissão, por preguiça, por amor ao socego e outras coisas agradaveis ao egoismo dos grandes, dos omnipotentes, — de todas as perturbações que nos teem desviado do verdadeiro culto da democracia, da orientação indicada ás suas legitimas conquistas.

Demonstraram mais os resultados das urnas a falta de crença, a falta de convicção, a carencia completa de um plano de acção dos proceres, dos directores das maiorias, animadas e mantidas pela maravilhosa nutrição do prestigio official, empenhadas exclusivamente na manutenção, na perpetuação das posições preponderantes e rendosas.

O voto cumulativo, nos Estados onde foi possivel apural-o livremente, se tornou um poderoso instrumento das influencias locaes, das ambições pessoaes ; dissolveu, dispersou as aggremiações rotuladas com o pomposo titulo de partidos, provando que ellas não constituiam communhões solidas, não eram producto de adhesões sinceras aos mesmos principios, aos mesmos impulsos patrioticos, sinão agrupamentos vinculados pelos interesses subalternos de um servilismo sem fidelidade.

Como notou criteriosamente um collega da imprensa carióca, as surprezas, as negaças, os absurdos da apuração do voto cumulativo trouxeram á luz, no scenario politico, vencedores que nenhuma significação teem para a solução dos graves, dos urgentes problemas sociaes em fóco. Não se sabe si elles teem um programma, não se lhes conhecem as opiniões, nem a direcção do seu esforço nos trabalhos do futuro Congresso, onde elles se confundirão numa massa amorpha, sem traço caracteristico, passiva, obediente, disciplinada á vontade do sr. Affonso Penna, com a mesma passividade inerte dos anteriores representantes da nação ao mando do sr. Campos Salles e ao macio cabresto com que o sr. Rodrigues Alves os enfeitou.

Um exame perfunctorio das consequencias do pleito, na arena proxima, demonstra o nosso acerto. Nella surgem, aureolados pela victoria, o nosso amigo Jurumenha, extranha figura de tosco cearense do Crato, transplantado para S. Gonçalo, no Estado do Rio, um vencedor sem bandeira, que elle jámais desfraldou nos inexoraveis discursos proferidos na Assembléa estadoal. Ninguem sabe como o Jurumenha entende a Republica, nem a sua maneira de applicar as instituições democraticas. Póde-se, todavia, affirmar que não caírá na tolice de independencia, que nada rende : será um fervoroso, um dedicadissimo amigo do Governo.

Aqui, na Capital, medraram candidaturas que nada symbolizavam. O sorridente sr. Mello Mattos, cuja victoria foi na verdade estrondosa como resultado de um movimento de reacção contra a má vontade de um ministro, não foi eleito por um partido organisado em torno de determinadas idéas, mesmo porque elle não é um politico de fórma definitiva, embóra seja uma figura de merecimento incontestavel, como attestaram os dedicados combates da sua palavra na Camara, como o mais esforçado paladino do sr. Seabra. O sr. Irineu Machado foi sempre um franco atirador, que representa um grupo de fieis amigos pessoaes, dispostos a tudo, para o que der e vier, amigos que não constitúem um partido, grupo de affectuosos camaradas que o elegerão sempre, quaesquer que sejam as situações, quaesquer que sejam as attitudes do querido candidato nas lides parlamentares, onde elle conquistou legitimos fóros de orador muito apreciado nas questões que estuda. O amavel, o elegante Heredia tambem não representa um partido, tão pouco representa idéas ou preoccupações pela orientação da politica geral. Elle é candidato do Districto Federal. De vez em quando, aventura um discursosinho muito timido, muito de meia sóla, sobre materia de interesse particularmente local e, no paroxismo das sessões, se empenha com ternuras solicitas pela sorte dos funccionarios publicos, que elle considera humildes servidores da nação muito mal recompensados. E assim os outros, figuras meio apagadas, sem expressão propria, mudando de aspecto conforme as projecções da luz que as põe em evidencia : todas ellas destinadas a desapparecerem ingloriamente no implacavel nivelamento da unanimidade do apoio incondicional.

Como honrosissima excepção, o sr. Barbosa Lima emerge representando uma brilhante victoria da opinião que ratificou eloquentemente a sua attitude na Camara, respondendo ás vi-

brações da sua palavra patriotica com uma espontanea acclamação.

Esta victoria, por si só basta, para affirmar que a opinião estava asphyxiada, comprimida, mas não estava morta ; que não está perdida a esperança de se corporizarem, em torno de um nucleo vigoroso, todas as energias valiosas, dispersadas pelas desillusões contínuas, para emprehenderem a reférma dos costumes e realizarem o idéal das aspirações democraticas.

Quanto ao segundo districto, prepondera, como dominador ineluctavel, eleito para o Senado, o dr. Vasconcellos, cujas idéas não são conhecidas porque elle se manteve sempre fechado hemerticamente na concha de um silencio precioso; nunca abriu o bico para dizer porque, nem para que, accumulava ás suas funcções de celebre hygienista municipal, as de representante da nação, investidura que é para elle, para esse pacato chefe, um entranhado habito, uma diversão, um gozo, um *sport* inoffensivo, mais facil ainda que o de fazer rapaduras...

Si o nosso olhar se dilatar para os Estados, deparam-se-nos outras victorias expressivas, naquelles em que os governadores se conformaram com o pensamento da lei, de conceder a esmola de representação ás minorias. E devemos mencionar, para honra e gloria de chefes como o sr. Benedicto Leite, Borges de Medeiros, Francisco Salles, Tibiriçá, chefes de Estados onde ha opposições organisadas, a correcção de conducta no recente pleito eleitoral.

Apreciado em conjuncto o resultado das urnas, surge como sinistra, como vergonhosa excepção odiosissima, a eleição do desditoso Estado do Ceará, onde a olygarchia accyolina insistiu nos seus processos fraudulentos, desde a qualificação até á organisação das mezas eleitoraes feitas a dedo, em obediencia ao capricho eleitoral do fecundo pagé, chefe de dynastia, que se diz triumphante pela exclusão de mais de quatro mil eleitores da opposição trucidada pela junta de recursos, em permanente funcção até á bocca das urnas.

Basta examinar a chapa do governo cearense para verificar que elle teve o paternal cuidado de distribuir systematicamente a votação, de maneira que os filhotes e capangas ficassem preservados das possiveis surprezas de contestações na ultima instancia do pleito. Os candidatos João Cordeiro e Thomaz Cavalcante occuparam o quinto logar nos respectivos districtos.

Os conductores de boiadas, nos brejaes do Pianhy, quando teem de atravessar aguas infestadas de sucurijús, collocam na frente do magote os bois de refugo, bois magros, imprestaveis, immolados á voracidade das monstruosas serpentes para que os outros passem incolumes.

O nosso amigo João Cordeiro, arredado da curul no Senado para accommodar um illustre genro do sr. Acciol; o sr. Thomaz Cavalcante, destacado para se caricaturar em representante da minoria como partidario das idéas revisionistas do sr. Lauro Sodré, figuram no magote da chapa como bois de refugo para serem sacrificados na verificação de poderes. Não póde haver prova mais concludente da fraude, das actas forjadas com a segurança mathematica do bico de penna.

E' consolador esperar que um generoso impulso de decoro liberte a futura Camara do vilipendio desses e de outros monstruosos productos da fraude desbragada, da fraude torpe, de immortal cynismo.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em 1884, sob a direcção do genial Bismarck, foi iniciada definitivamente a carreira official da Allemanha *como fundadora de colonias no ultra-mar*.

Por esse tempo, tinha escripto um ex-official do exercito allemão — Adolph von Conring, em seu livro de propaganda—*Marrocos, seu Territorio, seus Habitantes* : «Não existe potencia maritima *sem colonias* ; ora, a Allemanha já é, e pretende sel-o cada vez mais, uma grande potencia maritima. A Allemanha espalha, sem proveito para si propria, o excesso de sua população pelo mundo inteiro ; depende de nós, allemães, conservar para o nosso paiz suas forças vivas, *dirigindo a emigração para regiões que fiquem sujeitas ás nossas leis e á nossa protecção. Ha, para isto, logar na Africa, nas ilhas da Oceania e na America do Sul.*»

E... note-se bem, na — *America do Sul* (!)

Onde ? *No Brazil e na Patagonia* (!!)

Eram os dois pontos indicados.

Prepararam-se mappas de todas as regiões da Terra, onde se poderiam, como donos, estabelecer os allemães.

Por isto é que, começada a faina, se apoderaram elles das terras que encontraram desoccupadas n'Africa e na Oceania.

Pelo que toca á America do Sul, chegou-se a pensar muito seriamente num golpe de audacia contra a Patagonia, cuja posse pela Argentina ou pelo Chile andava ainda em litigio; e, quanto ao Brazil, immensa foi a agitação das *associações de emigração e commercio* n'Allemanha, com *repercussão nas colonias do sul*.

Só uma coisa nos salvou então, está salvando ainda agóra e salvará no futuro, até certo tempo : A DOUTRINA DE MONROE, o receio de uma complicação possivel com os Estados-Unidos.

Por isto, custa-se a conter a indignação quando se vê a inconsciente ingratidão do mestiço ibero-americano chasquear levianamente da *doutrina de Monroe*, a que devemos ter escapado da conquista allemã em terras do sul.

O Chile e a Argentina, mais habeis do que nós, trataram logo de fechar a porta da Patagonia, dividindo-a entre si. De incursões em qualquer outro ponto de seus territorios estão livres; porque lá não existem zonas onde os *teutos* sejam senhores, onde *só se fale a lingua allemã*.

Diversa é a situação do Brazil, no qual o processo de desaggregação váe ser dirigido habilmente, com alguma demora ; mas infallivelmente seguro.

Quando, pois, ha poucos dias, os jornaes falaram do *dito* de um diplomata russo que havia affirmado ter visto no estado-maior, em Berlim, *um mappa do Brazil em que estão assignaladas as regiões que apresentam a possibilidade de ser incorporadas á soberania allemã*, não avançaram nada de novo...

Repetiram verdade conhecida por quem vem acompanhando esta questão de annos para cá.

Os amantes e collecionadores de papeis velhos devem ter em mão varios documentos sobre o assumpto.

Os mesmos telegrammas recentissimos falaram tambem do discurso feito por um allemão de nome Arendt, ex-general do exercito, que esteve contractado em Buenos-Aires, e foi dispensado da sua commissão, por motivo moral, pelo general Roca, quando presidente dessa Republica. Nesse discurso, o referido Arendt chamou a attenção de seus compatriotas para a *facilidade de colonizarem a Patagonia*, conservando os colonos as suas *tradições, costumes e sentimento nacional*, contrariamente ao que succedeu no Canadá, onde, na segunda geração de descendencia allemã, se observa uma

identificação completa com o ambiente local e a perda de todos os caracteristicos de origem. *El Tiempo*, de Buenos-Aires, de 12 de janeiro ultimo, commentando a affirmativa do diplomata russo sobre o Brazil e as declarações de Arendt ácerca da Patagonia, diz que merecem toda a fé, porquanto o principe de Bismarck, quando chefiou a chancellaria allemã, teve os olhos postos constantemente naquellas terras, e disso *dão testemunho irrefragavel as notas enviadas ao governo argentino* por Carlos Calvo, representante, então, da Republica junto ao governo imperial. (*Jornal do Commercio*, de 11 e 13 de janeiro de 1906).

O diplomata russo disse o que viu; e Arendt repete ainda hoje o que se falava na Allemanha, com insistencia, de 1884 ou annos proximamente anteriores até 1888 e annos subsequentes.

Eis aqui alguns papeis velhos, que provam a excitação existente n'Allemanha naquelle tempo, e cuja noticia chegou até nós:

«A Allemanha, doida por arranjar colonias, annexou, diz um telegramma de Londres, os territorios do sudoéste da Patagonia, tomando posse delles na devida fórma, devendo brevemente ser expedidas as respectivas communicações ás outras nações.

Ora, si o diabo se metter de permeio, bem póde isto dar uma segunda edição das Carolinas.»

(*Gazeta de Noticias*, de 18 de setembro de 1886.)

Era na phase aguda do furor de Bismarck atráz de colonias.

Tinha posto a mão nas *Ilhas Carolinas*, abandonadas depois de uma barulheira diabolica dos hespanhóes, renuncia, porém, só feita após *laudo* do papa, que decidiu a questão a favor dos antigos descobridores das referidas ilhas.

Chegou-se a acreditar que tinham os allemães declarado a tomada de posse da Patagonia.

Na mesma folha, na *Gazeta de Noticias*, de 12 de dezembro de 1885, está para ler-se um artigo intitulado — *O sr. de Bismarck e o Brazil*, e é como segue:

«Ha dias transcrevemos um artigo da *Gazeta de Campinas*, que commentava um outro do *Matin*, de Paris, que fazia graves considerações sobre a politica colonisadora do grande chanceller allemão.

Hoje pedimos venia para transcrever, do correspondente de Berlim para o *Jornal do Commercio*, a parte relativa a esse assumpto, de tão vital interesse para nós.

Diz o correspondente:

«A associação colonial alleuã *Deutsche Colonialverein*, como conclusão dos inqueritos e explorações por ella subvencionados na America, resolveu fundar uma *Sociedade de Colonisação para a America do Sul*, cujo fim seria encaminhar a emigração allemã para terras onde haja condições e perspectivas, tanto de prosperidade para o lavrador, *como de preservação do caracter nacional allemão* (*Deutschtum*).

Numa circular assignada por varias pessôas, entre as quaes avulta o nome do deputado Spielberg, de cujas explorações e visitas ás colonias allemães no Brazil o *Jornal do Commercio* tem dado conta por varias vezes, véem recommendados os Estados do Prata e a porção extratropical do Brazil.

— «Esses territorios offerecem espaço sufficiente — diz a circular que estou traduzindo litteralmente—para receber toda a emigração allemã na sua importancia actual, por um periodo de tempo superior a um seculo. Tem effectivamente uma superficie dez vezes maior do que a do imperio allemão, e a densidade da população não chega á oitava parte da da nossa patria.

«Em particular, o sul do Brazil torna possivel e garante a *preservação da lingua, costumes e educação allemães*, visto como *a sua população é muito pouco numerosa e illustrada*, para poder desviar a emigração allemã da sua nacionalidade, ao mesmo tempo que o elemento allemão já tem adquirido ahi uma poderosa situação. De facto, os 250.000 allemães que actualmente residem nas provincias meridionaes do Brazil, *conservaram-se até hoje allemães*, contraste agradavel com os nossos patricios na America do Norte, que rapidamente succumbem á superioridade do anglo-saxonismo».

Continúa a dita circular do seguinte modo:

«No sul do Brazil encontra a prosperidade do emigrante uma garantia no facto de alli ser temperado e salubre o clima e fecundo o sólo, de existirem ferro-vias faceis de extender e prolongar, rios navegaveis, além de que não ha necessidade de combater os indigenas, e a proximidade do littoral facilita o commercio com o mundo inteiro e torna possiveis todas as transacções.»

A *Gazeta de Colonia*, reproduzindo a circular, accrescenta que o interesse nacional do povo allemão exige, com urgencia, que se desvie para a America do Sul a larga corrente da emigração allemã que váe para a America do Norte. Ahi, com effeifo, esta corrente priva o germanismo (*Deutschtum*) de massas poderosas fortalecendo outra nacionalidade; aqui, (no Brazil) *ella conquista para o typo allemão novo campo*, que offerece á mãe patria importantes vantagens.

«O commercio e industria da nossa patria hão de auferir dahi immensos proveitos. E' precizo, portanto, que o emigrante allemão encontre nas partes indigitadas da America do Sul condições tão favoraveis para o seu estabelecimento, como as poderia ter na America do Norte. Convém, pois, formar uma sociedade financeira, que, depois de minuciosas indagações, faça em larga escala acquisição de terras apropriadas, etc. etc.

A provincia de Santa Catharina é a a que parece, sobretudo, chamar a attenção do *Colonialverin*.

Fundou-se uma sociedade com o capital de 1.000.000 de marcos (cerca de 650 contos), dividido em 1.000 acções de 1.000 marcos, subscrevendo a secção berlineza do *Colonialverein* uma quantia avultada.

Ante-hontem (4 de setembro), teve logar em Dusseidorf uma importante reunião da associação, na qual fôram approvados os planos acima mencionados, assim como a nomeação de uma commissão encarregada de visitar o Brazil.»

Noticias como estas andam nas folhas do tempo esparsas ás duzias.

Conhecedores do risco a correr com o levantar no mundo um enormissimo alvoroço, si ouzassem tratar terras americanas como fizeram ás costas d'Africa e de Nova-Guiné, receiosos dum conflicto armado com os Estados-Unidos, que teriam a seu lado provavelmente a Inglaterra e a França, deixaram o plano da conquista directa do sul do Brazil, mudaram de tactica, contentando-se, por emquanto, com a expansão do *Deutschtum*, com a formação dum *Brazil Germanico* ou duma—*Allemanha Antartica*, que vem a ser a mesma coisa.

Neste sentido, a propaganda nos ultimos vinte annos tem sido duma tenacidade, como só elles sabem empregar. Os esforços despendidos são extraordinarios e os resultados que vão obtendo esplendidos.

Si a propaganda em prol do *allemanismo*, do famoso *Deutschtum*, é feita com tanto calor, com tanta intrepidez em paizes, nos quaes os allemães contam apenas grupos de compatriotas esparsos e prestes a serem assimilados, que não será em regiões, como o Brazil, onde elles acham o terreno preparado por grupos compactos, que formam colonias cheias de cidades e villas puramente germanicas?

Para se comprehender o que é ella no mundo em geral e peculiarmente no caso singularissimo do Brazil, eis aqui algumas palavras de Henri Renou no *Européen*, segundo a versão do *Jornal do Commercio*, de 5 de agosto de 1904:

« — Pelo transbordamento da sua população, pela importancia do seu commercio de além-mar, a Allemanha merece ser estudada nos incansaveis

esforços que emprega para desenvolver em todo o Universo o que ella chama o *Deutschtum*, isto é, os interesses e a fortuna allemães. O exito verdadeiramente maravilhoso desse emprehendimento, sobretudo nos ultimos quinze annos, póde ser attribuido á creação e ao funccionamento de uma associação que estende as suas raizes a todas as camadas da sociedade allemã e alastra os seus ramos pelo mundo inteiro, a *Allgemeiner deutsche Schulverein*. Não sómente essa associação se encarregou de conservar entre os nacionaes estabelecidos no estrangeiro e entre os seus filhos, os costumes e o idioma allemães, mas ainda se faz considerar um instrumento da cultura intellectual allemã e da producção industrial allemã.

Em 1881, fôram as bases da «Associação de Protecção Nacional» assentadas por patriotas conhecidos, taes como Mommsen, Gneist, Brunner, Boch e tantos outros. Em dezembro desse mesmo anno, realizou-se em Berlim a primeira assembléa geral e logo se procedeu á completa organisação da Associação, que logo começou a funccionar. O theatro da sua actividade ia ser a terra inteira ; e se ella a si mesma se prohibia qualquer acção politica ou religiosa, em compensação, fazia appello a todos, homens, mulheres e creanças, para levantarem bem alto o bom renome da Allemanha, para conservar e espalhar a sua lingua, para affirmar prudentemente, mas com tenacidade, a excellencia da producção allemã.

Na Allemanha, os grupos locaes, as ligas regionaes estão sob a direcção da commissão geral de Berlim, presidida pelo embaixador imperial von Braunschweig. Todos os membros dessa commissão são altas personagens da administração imperial, da armada, das lettras, da industria e do commercio. A Associação dispõe hoje de um capital já consideravel, producto de cotisações e de depositos excepcionaes. Além do auxilio pecuniario, os membros da Associação prestam-se apoio em todas as circumstancias, ainda que a maior parte só se conheçam de ver os seus nomes nas listas da Associação. De todos os pontos do mundo, se trocam informações por meio de uma correspondencia muito activa, facilitada pelas agencias consulares do imperio, cujo primeiro dever é procurar de qualquer procedencia allemã as informações que lhe possam ser uteis no estrangeiro, *correndo estas despezas por conta da chancellaria allemã*. Além disso, num periodico, dos muitos que a Associação redige, *Das Handebuch des Deutschtums im Ausland*, põe os associados ao corrente de tudo o que lhes póde e deve interessar, do ponto de vista do progresso da influencia allemã no estrangeiro. Percorrendo esse periodico, que é o principal orgão do *Deutschtum*, encontram-se dados bem eloquentes e suggestivos ácerca da expansão que a ambição germanica alcançou em todos os pontos do Globo.

Doze milhões de vassallos do rei Guilherme estão estabelecidos além-mar, onze milhões dos quaes habitam os Estados-Unidos. E' neste paiz que a missão da Associação se torna mais ardua para manter em espirito e de facto o caracter allemão nos emigrados. E' com effeito, sabido que, da segunda geração em deante, elles perdiam a noção da sua origem e se confundiam na massa da nação *yankee*. Para reagir contra esse prejuizo do *Deutschtum*, tem a Associação de defeza dos interesses allemães empregado todos os meios. Relações pessoaes, cartas, tenaz e energica propaganda, de tudo se lançou mão e, em pouco, fôram excellentes os resultados obtidos. Jornaes em lingua allemã, «casas allemãs», *clubs* muito praticos em que se reunem todas as commodidades, quer para o habitante, quer para o forasteiro, associações de *sport*, mundanas, de toda a natureza, emfim, teem mantido estreitamente as relações entre os allemães dos Estados-Unidos e os seus compatriotas da Europa.

Em S. Francisco, as estatuas de Gœthe e de Schiller, erigidas nos graciosos terraços que descem sobre as ondas do oceano, que egualmente banha as costas da China e do Japão, mostram como a cultura e influencia allemãs tomaram na capital occidental dos Estados-Unidos um logar predominante. Na America do Sul, seiscentos mil allemães conservam religiosamente a sua nacionalidade. *No Brazil, ha cidades quasi inteiramente allemães e tendo á volta numerosas povoações que constituem verdadeiras colonias.*»

Por estas palavras tem-se á vista um quadro rapido e seguro da amplidão e da segurança do systema. Vê-se a téla geral e o ponto nella occupado, de modo singular, pelo nosso querido Brazil.

O *Deutschtum* é pelo mundo em fóra uma aspiração, ouzada sem duvida, mas irrealisavel no sentido politico, ao que se póde suppor ; no Brazil, infelizmente para o nosso ponto de vista nacional, *elle é uma realidade*...

Cresce todos os dias e ha de chegar, não muito longe, a ser ameaçador.

Ninguem se illuda com as blandicias e negativas da diplomacia.

A realidade não são as palavras doces do governo allemão, habil em contemporizar, esperando o momento azado ; a realidade são os desaforos da *Panther*, são os emissarios despachados para as colonias, quasi todos os annos, para animar os patricios, que devem crescer e proliferar, até chegar a occasião de se fundar o *Novo Estado*, na phrase de meu amigo Koseritz.

Amicus Plato, sed magis amica veritas, silicet, Patria !

Dando conta dos progressos do germanismo no sul brazileiro — o citado *Européen*, de 21 de janeiro do anno passado, inseriu artigo, do qual convém citar algumas palavras, segundo a traducção do *Jornal do Commercio*, de 18 de fevereiro do alludido anno :

«Os escriptores coloniaes de além-Rheno procuram despertar o interesse da parte illustrada do publico e do governo *em favor do grande numero de allemães residentes no sul do Brazil.*

Por muito tempo, bem pouca attenção se prestou a essas communidades longinquas, que se consideravam como perdidas para a mãe-patria. Entretanto, importantes colonias germanicas conseguiram formar-se no Brazil meridional e, differentemente de todas, que se espalharam nos Estados-Unidos e na Australia,—sabe-se que estas ultimas se deixam promptamente assimilar; *ellas teem mantido até aqui, de modo notavel, a sua originalidade.* As colonias ruraes conservam o seu caracter distincto, principalmente as que se extendem na vertente da Serra Geral.

A lingua allemã, na qual se introduziram alguns termos portuguezes, é a unica uzada, e as mais das vezes a unica comprehendida.

Ella se impoz aos proprios brazileiros, e até aos pretos, que se misturaram com a população immigrada.

E' sómente nas tres provincias(hoje deve-se dizer nos tres Estados) do sul do Brazil: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que os allemães teem fundado estabelecimentos agricolas duraveis.

Numerosas colonias allemãs espalham-se hoje pelo territorio oriental da parte sul do Brazil, desde os arredores de Curityba, capital do Paraná, até o municipio de Pelotas. Entre Mundo Novo e Santa Maria, ellas formam, em uma extensão de 300 kilometros, uma cadeia muito ligada. Estão, na sua maior parte, situadas sobre os declives da Serra Geral, reverso oriental e meridional do vasto planalto, que, tendo voltada para o Atlantico a sua maior altura, se inclina, na direcção do oéste até os valles do Paraná e do Uruguay.

Comprehende no todo, com o accrescimo fornecido pelas cidades visinhas, 300 a 350 mil allemães, dos quaes 50 mil no Paraná, 100 mil em Santa Catharina, e 150 a 200 mil (estes ultimos saídos na maior parte da Pomerania e do Hunsrück) no Rio Grande do Sul.

Graças á altitude muito elevada do paiz, são favoraveis as condições cli-

matericas. São muito numerosas as familias; a raça conserva todo o seu vigor, e não se vêem em parte alguma, nem mesmo na Allemanha, amostras mais sãs e mais authenticas.

A Allemanha tem o maior e o mais real interesse, ao mesmo tempo moral e economico, em preservar o mais possivel de absorpção essas colonias relativamente numerosas, que ficam impregnadas do seu espirito e são fieis clientes da sua industria. Ella quereria hoje fortifical-as, dirigindo para ellas os elementos que não póde conservar no seu proprio seio.

O governo allemão tomou, ha alguns mezes, medidas nesse sentido. Poderosas companhias particulares tambem se occupam em organizar no sul do Brazil emprezas de colonisação em ponto grande. O *Norddeustche Lloyd* e a *Hamburg Südamerik Linie*, de concerto com a Associação colonial hanseatica, adquiriu, na visinhança de D. Francisca e de Blumenau, um vasto dominio de 6.500 kilometros quadrados, afim de installar nelles aldeões allemães. Na região florestal do rio Uruguay, o dr. Hermann Meyer fundou uma colonia nova e importante.»

Por todos estes documentos, por todas estas citações, creio que se terá comprehendido a gravidade do caso *teuto-brazileiro*. E' vital para o Brazil ibero-latino, e admira que o sr. dr. Manoel Bomfim, num livro em que discute o futuro das gentes latino-americanas e innumeras theses de *omnire scibili*, não tivesse encontrado duas palavras para lhe consagrar.

Mistér é aprofundar algum tanto a *excepção brazileira*.

De vinte annos a esta parte, não perco ensejo de despertar a attenção dos brazileiros e dos poderes publicos da nação para esse gravissimo assumpto.

Releva ponderar que alguns orgãos da imprensa do paiz não se teem deixado ficar mudos deante das perturbações que nos ameaçam.

Não faz muito tempo, o *Jornal do Commercio*, do Rio, que tem sido um benemerito nesta questão, publicou um magistral artigo, que deveria ser tirado em avulso e espalhado *gratis* por todo o Brazil.

Refiro-me ao artigo inserto no seu num. de 6 de janeiro do anno passado.

E' uma magistral noticia critica de oito publicações allemães relativas ao desenvolvimento das colonias germanicas dos nossos estados meridionaes: I—*Das Deutschtum in Südbrazliien und Süchil*, do dr. Alfred Hettner; II—*Deutschès Kolonistenleben im Staate Santa Catharina*, de Hermann Leyfer; III—*Die Besiedlung des oestlichen Südamerica mit besonderer Berücksichtilung des Deutschtums*, do dr. Alfred Funke; IV—*Die Deutschen im Tropichem Amerika*, do dr. Wilhelm Wintzer; V—*Brasilien und seine Bedeutung für Deutschlands Handel und Industrie*, do dr. Walther Kundt; VI—*Deutsche Siedlung über See:—Ein Abriss iher Geschchte iher Gedeihen in Rio Grande do Sul*, de Alfred Tuncke; VII—*Rathschlage für Auswanderer nach Südbrasilien* do dr. R. Iannasch; VIII—*Deutsche Interessen in Brasilien*, do dr. R. Kranel.

E' este o vasto manancial de informações que chegaram a esclarecer o atilado espirito do articulista.

Vejo ahi confirmadas as noticias que pude obter por outros caminhos.

O debate é daquelles nos quaes nunca é demasiado insistir e em que se deve entrar munido de todas as armas.

Em um estudo a que devo imprimir accentuado espirito e destino de propaganda, seria um erro deixar de aproveitar o auxilio provindo de uma auctoridade como a do *Jornal do Commercio*.

Por isso, aqui vão as palavras que em brilhante synthese abrem o alludido artigo de 6 de janeiro do anno passado e que traz por titulo:—*Allemães no Brazil:*

«Ao problema colonial, na Allemanha, estão ligados os mais altos interesses economicos; nelle, de certo modo, se radicam os destinos futuros do imperio. E' por isso que uma grande parte da opinião publica allemã está constantemente voltada para elle e que todos os assumptos que directa ou indirectamente entendam com essa questão capital teem alli o poder de apaixonar os espiritos.

O rapido desenvolvimento de uma população assombrosamente prolifica, comprimida em um territorio demasiado exiguo, gerando o mal estar e a penuria nas massas inferiores, acossada até aos extremos do littoral pela pressão de necessidades cada vez mais urgentes; de outro lado, o pouco successo de antigas tentativas no sentido de dilatar os limites do imperio pela creação de dominios coloniaes ou paizes de protectorado (schutzgebiete), como lhes chamava Bismarck, fizeram com que cedo a Allemanha lançasse as suas vistas para o paiz que de todos se affigurava o mais apropriado a receber, com o excesso da sua população, o influxo da civilisação germanica e realizar, atravéz dos mares, o sonho ambicioso do prolongamento da terra allemã. Essa nova patria, um dia os allemães pensaram tel-a encontrado nos Estados-Unidos. Durante annos, vapores saídos de Hamburgo, Bremen e portos do norte despejaram no vasto littoral norte-americano levas numerosas de colonos, destinados a derramar em sólo *yankee* a semente asperrima do *Deutschtum* e fazel-a fructificar para gloria e proveito da patria longinqua.

Não tardou, porém, que na Allemanha se verificasse quanto eram fallazes essas esperanças.

Transplantado para os Estados-Unidos, o allemão tornou-se em breve tão norte-americano como o mais legitimo dos *yankees*, e o mais acerbo concurrente da mãe patria. O valor da emigração era, portanto, completamente falso; o vasto plano de germanisação frustrára-se de maneira deploravel.

« Foi então que espiritos sagazes viajantes experimentados que tinham visitado o nosso paiz e admirado de perto riquezas e maravilhas levantaram as idéa da colonisação do Brazil onde desde 1825, tinham vindo fixar-se os primeiros immigrantes allemães.

Quem diz potencia colonial, diz implicitamente esquadra, diz força maritima; haja vista Portugal e Hespanha, nos periodos aureos de sua historia, a Hollanda do seculo XVII, a França, a Inglaterra de sempre. Ora, ao lado do assombroso poder naval que representam essas nações em epochas diversas da sua historia, a Allemanha, por muito tempo reduzida com os seus poucos guarda-costas a uma estricta defensiva, estava, é força convir, bem pobremente apparelhada para a funcção colonisadora a que a impellia o refluxo vertiginoso da sua população sempre crescente. Este estado de coisas durou até á data da fundação do imperio; a Prussia e os estados maritimos allemães chegaram a 1870 absolutamente desprovidos de navios de combate. O seculo XIX, fecundo de gloriosas promessas, realizadas umas, outras apenas esboçadas, não devia passar sem que lhe fôsse dado assistir á soberba eclosão de uma nova grandeza maritima, que se annunciava.

Ao genio de Guilherme II deve a Allemanha o ter afinal adquirido a inteira consciencia dos seus destinos maritimos e mais lhe deve o ter reunido, com pulso implacavel, do chaos em que se achavam, os destroços esparsos da sua frota para o apogeu do presente.

Assim, de chofre a Allemanha viu-se erigida em potencia maritima de 1ª ordem e, condemnada outr'ora a uma rigorosa e estricta defensiva entrava desassombradamente na politica mundial, apparelhada de elementos formidaveis que se lhe não asseguravam a supremacia, certamente a collocavam em logar invejavel entre as nações armadas. «Em caso de guerra, a Allemanha tomará a offensiva»; não são do proprio imperador estas palavras memoraveis dirigidas aos seus almirantes e que bem exprimem o pensamento do actual monarcha?

A politica de expansão inaugurada por Bismarck, evidentemente a contra gosto e «para acompanhar a corente», como elle proprio declarou ao Reichs-

tag, achou no rebelde neto do seu augusto amo o mais eminente e decidido campeão. De anno para anno, o pensamento de Guilherme II vem adquirindo novas e surprehendentes fórmas para a sua crystallisação integral e luminosa, a que o mundo civilizado assiste com assombro e admiração talvez, mas a que se mistura certamente um sentimento muito natural de apprehensão e receio.

Do que fica exposto póde-se avaliar a profunda revolução que estes ultimos annos assignalam na marinha de guerra allemã. Quizemos acenar para o facto porque, como nenhum outro, elle nos parece accentuar a nova orientação politica da Allemanha e, mais propriamente, do kaiser, e porque a orbita da sua influencia, longe de estar de todo percorrida, ainda mal se delinea no horizonte de um futuro mais ou menos remoto.

No Brazil, sobretudo, estas questões seriam bem dignas de excitar por um pouco o fakirismo indigena abolorado no açude de uma nefasta politica de campanario, e myope absolutamente, de uma myopia incuravel além da orbita restricta dos interesses do momento. As nossas relações com a Allemanha, relações de ordem muito especial e que tendem necessariamente a avolumar-se para o futuro, não nos pódem deixar indifferentes ao seu progresso, ao desenvolvimento incessante das suas energias economicas, de suas forças expansivas, ao espectaculo incomparavel de sua pujança sempre crescente. *São factores esses que hão de fatalmente, tarde ou cedo, surprehender a prudencia dos nossos estadistas.*

A cifra total dos colonos allemães estabelecidos actualmente na zona meridional do Brazil (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul) póde ser calculada, á falta de dados estatisticos exactos, em cerca de 350.000. Para alli vieram desde 1825, alli se fixaram em vastos territorios despovoados ou em pleno sertão, desbastaram a matta, abriram picadas, arrotearam os campos, plantaram e edificaram e, á força de labor insano, ajudados pela opulencia de um sólo uberrimo que só está pedindo braços e actividade que infelizmente não se encontram nos naturaes, em breve crearam nucleos florescentes, colonias importantes e populosas, animadas por um commercio diligente e productivo, centros de bem estar e de fartura que fazem o encanto dos que visitam aquelles lugares.

Mas no meio dessa opulencia que veio achar na terra alheia o immigrado allemão, expellido da patria pelo espectro da fome e da miseria, *o allemão conservou no paiz adoptivo a piedosa e indestructivel fidelidade á terra natal, aos uzos e costumes do norte, a sua lingua, as suas tradições, e, ao contrario do que succedeu nos Estados-Unidos, onde o elemento nacional absorvera por completo o elemento extrangeiro, no Brazil, depois de mais de meio seculo de residencia no paiz, aquelle colono é ainda hoje tão profundamente allemão como o que primeiro aqui aportou de Hamburgo ou Bremen á cata de pão e trabalho.*

Não entraremos no exame das circumstancias que muito provavelmente terão influido para semelhante situação ; o *nosso intuito é apenas orientar a attenção para esse exquisito estado de coisas a que a sabedoria dos governos será chamada a pôr alguma ordem, si não para remediar os males já existentes, para conjurar peiores, futuros.*

Temos á mão uma bôa duzia de brochuras publicadas na Allemanha sobre o assumpto especial da colonisação nos nossos Estados do sul. Nesses escriptos, datados todos de epocha muito recente, entre 1900 e 1903, sob a fórma de conselhos e instrucções aos immigrantes, de monographias historicas, de relatorios ou simples narrativas de viagem, *a propaganda da emigração para o Brazil é feita com enthusiasmo.*

Aqui, já se vê, não existe o «*perigo*» que comprometteu, por exemplo, o plano de colonisação nos Estados-Unidos. Fixados *em grandes massas*, em um territorio excepcionalmente favoravel ao estabelecimento do colono europeu, isolados do resto dos naturaes por distancias materiaes consideraveis que difficultam, si não impossibilitam, um commercio seguido com o brazileiro, *fortes, além disso, consciencia de sua superioridade de raça sobre o elemento indigena «falso, ignorante e indolente», que elles desprezam, com o qual não fazem liga e de quem só querem a terra,* que é generosa e capaz de produzir todos os fructos da cultura européa, *confiantes além disso na longanimidade dos governos locaes, que, absorvidos pelos pequeninos interesses da politica, os abandonam aos seus recursos proprios, os colonos allemães apresentam nos Estados do sul o curioso phenomeno de uma população á parte que vive sobre si, que se administra e se governa, onde domina a cultura allemã*, onde o espirito allemão prevalece e é alimentado, de geração em geração, pelas condições do meio, pela pratica da religião, que é exercida por sacerdotes allemães, *pelo uzo da lingua, que é exclusivamente a allemã no povo e nas unicas escolas existentes onde o ensino é ministrado em allemão, por professores allemães mandados vir da Europa á custa dos colonos ou subvencionados pelo governo imperial.* Em taes condições, não seria de admirar que a absorpção pelo elemento nacional fôsse aqui um facto quasi materialmente impossivel, e que essa população de 350.000 almas, que, dia a dia, váe crescendo e se multiplicando pela constituição de familias ou pela acquisição de novos elementos vindos do extrangeiro, si de um lado está geographicamente mais perto de nós, *permanecesse, comtudo, intransigentemente alheiada de nós por affinidades de raça, costumes, tradições e tendencias, e constituisse no nosso proprio meio um elemento antes hostil e por ventura capaz de affirmar em uma opportunidade mais ou menos remota essa connexão effectiva com a mãe patria.*

Sobre essas vistas geraes parecem estar de accordo todos os auctores dos mencionados escriptos.»

De posse das premissas, estabelecidas ellas com toda a segurança neste e no anterior artigo, poderei, agóra desenvolver a minha argumentação e tirar as consequencias.

SYLVIO ROMÉRO.

Nos artigos anteriores, teem escapado á revisão alguns erros, mas sem a importancia dos que se encontram no meu artigo anterior: pag. 82, 2ª columna, linha 35—em vez de *além do atrazo*, leia-se QUE *além do atrazo*; linha 42, em vez de *forinstrucção*, leia-se FORTE *instrucção* ; 3ª col., linha 13—em vez de *O quatro systema*, leia-se *O* QUARTO systema ; linha 58, em vez de *os allemães é aquelle*, leia-se A ALLEMÃ É AQUELLA ; linha 65, em vez de *a França fortissima*, leia-se *a França* FERTILISSIMA ; em vez de *outra mais diversa*, leia-se *outra* MUI *diversa*; pag. 85, 1ª col., linha 37, em vez de *é unicamente*, leia-se *é* A *unicamente* ; linha 47, em vez de *casos de emigração*, leia-se *casos de* IMMIGRAÇÃO. E' possivel que haja outros, mas sem importancia, facilmente corrigiveis.—*S. R.*

PAGINAS ESQUECIDAS

Vale bem a pena de ser publicado, nesta secção, o decreto que ordenou a factura da corôa imperial, encontrada ultimamente na casa forte do Thezouro ;

Decreto de 19 de novembro de 1822

Tendo-se de celebrar a minha coroação e sagração como Imperador do Brazil e Perpetuo Defensor por unanime acclamação dos povos e sendo de absoluta necessidade fazerem-se as despezas necessarias para este solemne acto : sou servido que pelo Thesouro Publico se entreguem a Placido Antonio Pereira de Abreu as quantias que por elle forem pedidas, á vista das competentes contas legalisadas, como he de estilo, e da mesma forma ás outras pessôas encarregadas da promptificação de varios objectos para o mencionado acto, apresentando todos as suas contas com as formalidades precisas, para serem abonadas ao Thesoureiro Mór do mesmo Thesouro, as quantias que, na sobredita conformidade, for entregando. MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, etc.

*

Decreto de 19 de novembro de 1822

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, etc, ordene ao Thesoureiro Mór delle faça entregar ao ourives da minha casa, Francisco Gomes da Silva, a quantidade de ouro que

for preciso para factura da Corôa Imperial, Sceptro e outros objectos por mim determinados, apresentando o sobredito Francisco Gomes a conta do ouro que houver despendido, para ser levado em conta ao Thesoureiro da Casa da Moéda.

—

Esses documentos existem no Liv. 7º de Regulamentos e Decretos dos annos de 1821 a abril de 1825, pag. 42, v.

Os individuos citados nos dois decretos eram favoritos de Pedro I, seus companheiros de pandega, que deixaram na chronica escandalosa do primeiro reinado, traços de picaresca memoria.

***

COMO CANOVAS DEL CASTILLO FOI ASSASSINADO

Já Alfred de Musset, em versos mediocres mas immortaes, nos ensinou que quinze dias, quinze curtos e ligeiros dias,

Font d'une mort récente une vielle nouvelle!

Duma morte recente uma velha noticia... Com effeito ! E não só a noticia envelhece, desbota, engilha, desce ao lixo como o jornal em que primeiramente rebrilhou e resoou — mas tambem com cada sol que se afunda no mar, o morto mais morre, mais se afunda na terra. Ha pouco, era uma personalidade que revolvia, atravancava todo um reino: agóra é uma fórma inerte, embrulhada num panno, que cabe num caixão esguio: dois mezes rolam, como duas gottas numa vaga, e já nem mesmo se lhe distingue o vulto na vasta impersonalidade do pó ! Assim vinte curtos dias correram desde que d. Antonio Canovas caíu morto, com um tiro, no Hotel de Sant'Agueda : — eis que já a ardente, esvoaçante, estridente noticia da sua morte caducou, regelou, se alinhou, secca e rigida, entre os paragraphos mortos da Historia, e já d. Antonio Canovas, o homem forte que enchia a Hespanha, de Oceano a Oceano, desde Cuba até ás Philippinas, se esváe, recúa diluidamente para o Passado, sombra tenue confundida a outras tenues, um incerto Canovas, que se perde entre os vagos Metternichs e os esfumados Cavours...

Mas o que não caduca, o que permanecerá, dando sempre um arrepio novo, é a historia tão simples e tragica daquelles cinco dias de verão em que o assassino viveu quietamente e cortezmente, no mesmo hotel, com o homem que vinha assassinar ! Não, nem na realidade ambiente, nem nas coisas creadas pela imaginação, existiu nunca episodio mais intensamente sinistro ! E' numa pequena estação d'aguas, em Sant'Agueda, onde Canovas toma banhos thermaes para o seu rheumatismo, e habita o unico hotel daquella aldeia entre montes. Uma tarde, num banco do jardim que precede o hotel, elle conversa alegremente (era exúberante e subtil conservador), quando dum simples omnibus, do omnibus que chegava do caminho de ferro, se apeia um sujeito de paletot alvadio, segurando a sua maleta de lona. Ao passar, este homem, avistando o presidente do Conselho, o Senhor constitucional da Hespanha, poderoso e illustre, ergue com reverencia o seu chapéo molle. E Canovas, na sua familiaridade facil, tão grandemente hespanhola, saúda logo, com um aceno de mão, condescendente e affavel. A quem acenou assim, risonhamente, d. Antonio Canovas? A' Morte, — á *sua* Morte, que o vem buscar a Sant'Agueda. Foi a Morte que chegou agóra das profundidades do Destino, agasalhada num paletot alvadio, com a sua foice dentro da maleta de lona. E Canovas, no banco do jardim, junto de uma moita de flôres frageis que lhe hão de sobreviver, continúa contando, gracejando — emquanto a Morte, a sua Morte, paga o cocheiro do omnibus, e serenamente, sem pressa, transpõe a porta do hotel.

A Morte entrou. A Morte pede um quarto, simples e barato, no ultimo andar, para onde sobe atraz do creado, que lhe leva a mala onde ella leva a foice. Ahi dependura o paletot no cabide, lava as mãos da poeira da jornada — e, debruçada da estreita janella, a Morte estende os fundos e agudos olhos para baixo, para o jardim, para o *seu* homem. Elle não se moveu, recostado no banco, entre o seu rancho, conversando com viveza, o contentamento saudavel, a renovada elasticidade de vontade e pensamento que lhe deram aquelles limpos ares, as beneficas aguas que curam dôres nos joelhos. Porque Canovas veio a Sant' Agueda curar dôres ligeiras que o inquietam... A Morte espreita da janella alta. E para além, atravéz das arvores, apparecem os tricornes de oleado, os vivos talabartes amarellos da guarda civil, destacada em Sant' Agueda para cercar, honrar, velar o presidente do Conselho... Mas uma sineta tilinta vagarosamente. E' o jantar. A Morte desce a escadaria de pedra. Sem rumor, modestamente, quasi encolhida, occupa a sua cadeira na comprida mesa, onde já abancaram, com ruido, nédias matronas de buço e altos pentes de tartaruga, coroneis agaloados e desabotoados, clerigos que murmuram as « Graças » apalpando o pão. Tambem, de certo, por entre os vasos com flôres do monte, alguns bellos olhos, num oval perfeito de quente pallidez, refulgem, espargem a sua avelludada caricia. Mas a Morte não repara. Ainda que a dizem irmã do Amor, não foi para aquellas moças, de franzina cinta que ella veio a Sant'Agueda, das profundidades do Destino, no caminho de ferro, em segunda classe. Concentradamente percorre o «menu», desdobra o seu guardanapo. O creado barulhento serve a sopa : — e a Morte, cançada e com appetite, come daquella sopa, de que, ao lado, numa meza reservada, na mesa de s. ex., está tambem comendo o *morto*.

Então começa a espantosa historia dos cinco dias. Constantemente, nos corredores, nas ruas mal calçadas da encovada aldeia, nas estradas assombreadas de carvalho e pinheiral, o assassino cruza o homem que váe assassinar. E é sempre o mesmo respeitoso erguer do chapéo molle — o mesmo aceno affavel da mão poderosa. Até se encontram de manhã, cedo, ambos em chinellas, na galeria dos banhos. A' remota Sant'Agueda, perdida nas serras, só se afoita quem toma os banhos que curam as dôres;—e a Morte, resignadamente, cada manhã, toma o banho que a disfarça. Canovas já conhece aquelle homem, que, sempre encontra, muito modesto, quasi bucolico, nos caminhos das collinas mais verdes — ou contornando os muros do jardim com pensativa lentidão. Já mesmo uma tarde murmurára, com distraída indifferença, ao chefe de policia : — «Quem será este homem ?» E o chefe de policia affirmára com immensa certeza : — «E' o correspondente dum jornal d'Italia, que toma banhos...»

Canovas findára talvez por sympathizar com aquelle jornalista de face intelligente, que, para proveito do seu jornal, se embebia na estudiosa contemplação do homem forte que governava a Hespanha. Toda a vida do presidente, de resto, mesmo o seu trabalho politico, se desenrolava deante do homem pensativo de chapéo molle. Nesses dias abrazados d'agosto, naquella aldeia thermal afundada entre montes, era do arejado jardim do hotel que o estadista dirigia o Estado. Com a pasta pousada no banco, abria os telegrammas, relanceava os relatorios, defendia Cuba, reprimia as Philippinas, exercia a sua omnipotencia escrevinhando sobre o joelho — e a Morte rondava e olhava para elle. Quantas vezes, nesse banco, conversando com os secretarios, depois do almoço, naquelle limpido metal da sua vóz, que o gesto decidido atirava para longe soberbamente, — elle mencionou planos, refórmas, idéas de força, enredos de prudencia, todo um trabalho de governo, potente e ductil, demandando um viver longo, um dominio firmado, a sequencia duma energia que não oscilla sobre a sua vasta base de ferro. Os secretarios admiravam... Elle exclamava, seguro : — «Mais tarde eu direi !... Para o

anno eu farei !...» E o homem do chapéo molle pensava : — «Talvez o mate antes d'anoitecer !» Isto durou cinco dias.

Porque tardou assim cinco dias, o homem do chapéo molle? E' que, coisa sinistra ! a Morte sabia que, matando, morreria. Para ella, e com clara consciencia, tambem aquelles dias de banhos na quieta Sant'Agueda eram os derradeiros do mundo. De manhã, accordando no seu quarto do terceiro andar, abrindo a janella á fina aragem da serrania, e ao aroma dos pinheiros, de certo considerava que talvez não tornasse a ver nem montes nem pinheiraes, nem gados pastando, nem creanças brincando á beira das sebes — e que nunca mais abriria uma janella cheia de sol e de azul, porque, para todas as horas restantes numa espessa masmorra, as suas mãos estariam amarradas por algemas de ferro. Hesitava? Não ! Uma Justiça superior o marcára gloriosamente para vingar os seus irmãos torturados, e toda a miseria humana !... Mas talvez essa tortura lhe apparecesse mais incerta, e essa miseria menos pungente, alli, longe das famintas viellas das duras cidades, entre a doce quietação das collinas eternas, contemplando a suavidade dos valles, com os seus verdes retalhos de lavoura, onde o homem acha em segurança o pão e a liberdade. E talvez então murmurasse : — « Bem, será para amanhã !...» Era mais um dia para passear nas frescas alamedas, e respirar o crespo e cheiroso ar da serra, e recolher socegadamente, á tardinha, quando a sineta do hotel, sonora em todo o valle, toca para o jantar... Mas certamente o mataria ! Jurára vingar os tormentos dos seus irmãos — e depois, incessantemente o fascinava a idéa do seu nome retumbando em toda a Hespanha, enchendo o mundo. O homem que executára Canovas !... Era o seu retrato em todas as vidraças — a sua vida, de revoltado humanitarismo, contada com ardente curiosidade como se conta a dos heróes ! Que espanto e escuro terror inspiraria o seu grande gesto ! Mas nos desolados recantos onde se abriga, sem lume, quasi sem pão, no seu secular opprobrio, a plebe soffredora — de quanto amor e admiração seria o seu nome cercado ! Oh ! devia matar, fatalmente nessa tarde ! O revólver entanguecia, esperando, no fundo da maleta de lona... E todavia, ao atar em roda do pescoço a gravata, sentia, num curto arrepio, o frio ferro do garrote. «Talvez hoje não possa... Mas será amanhã !»

E esse dia, como sempre, era occupado em solitarias caminhadas. Que pensamentos o acompanhavam, pelas silenciosas estradas orladas de carvalho e faia ? Sempre os mesmos e vagos— vingar a Humanidade entrar na Historia... E, certamente tambem, fugir depois de matar. Estudou talvez, atravéz dos montes, atalhos e escondrijos. Mas não se fortaleceria nessa esperança. Depois, a grandeza da sua missão reclamava nobreza d'attitude. Que humilhação perante o mundo, se soldados, correndo, o apanhassem escondido, assolapado no matto, como um larapio ! E a fuga, se a realizasse com segurança, era o seu nome sem assombro, sem gloria, sem bençõe... Revolvendo essas coisas confusas, muitas vezes na estrada, alcançava Canovas, entre o seu rancho, perseguido alegremente por pequenos esguedelhados a quem destribuia pezetas. Logo o chapéo molle se erguia, respeitoso, e lá vinha para a Morte, o aceno superior da mão poderosa. E ambos recolhiam na frescura da tarde, emquanto a sineta do hotel, sonora em todo o valle, chamava para o jantar. E quando á noite, as senhoras na sala abandonavam a costura, e o *whist* findava, ambos subiam pelas mesmas escadas, Canovas para o seu quarto atulhado de papeis d'Estado, de longos planos demandando um viver longo, e a Morte para cima, para o terceiro andar, onde, apenas, a um canto pousava a maleta de lona... Sant'Agueda adormece no silencio que baixa dos montes. Só algum cão uiva, num casal remoto. E no corredor o velho relogio tropego, com o seu tic-tac, marcha, tic-taca para a hora derradeira do homem poderoso, bem defendido, certo do poder e da sorte— emquanto por cima, e sem se apressar, a Morte se despe, a Morte apaga a véla.

Emfim amanhece, é domingo. Porque escolheu esse dia, o homem do chapéo molle ? Ah ! Estes domingos em que a Burguezia mais vistosamente se mostra no seu luxo ricasso e no seu tradicionalismo estreito, as senhoras rojando as grandes sedas de missa, os homens resplandecendo nas suas botinas de verniz novo, e todos numa fileira decorosa arrebanhando para a Egreja, para a reverencia dos Dogmas, — enervam sempre asperamente os racionalistas, os egualitarios. Canovas voltou da missa. Sentado no banco do jardim, junto duma porta envidraçada, corre o jornal, olha o seu relogio, esperando o almoço. Tic, tic, tic,—o ponteiro corre— o homem forte que governa a Hespanha tem apenas um minuto a viver, sob aquelle generoso sol que cobre Sant'Agueda. A Morte trepou ao seu quarto, abriu a sua maleta, tirou a sua foice. Já desce a escadaria, cruzando as senhoras que sobem com as suas sedas de domingo, os seus devotos livros de missa. E depois...

Mas então a tragedia perde o seu interesse violento. Já apenas um nobre homem morto que os seus amigos, numa assombrada dôr, levam para começarem a sua apotheose. E ha outro homem, com as mãos algemadas e tambem já morto, que os soldados arrastam para o garrote.

No emtanto, pelas quietas collinas de Sant'Agueda os pinheiraes, altos no desattento azul, não cessam o seu indolente, eterno ramalhar: robustas vaccas pastam num prado, onde um esperto arroio relúz e corre atarefado; e nos silvados as borboletas, aos pares, vôam deslumbradamente por cima das madresilvas e das amoras maduras.

EÇA DE QUEIROZ.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XII

Nos tempos da Independencia, não se davam ao paiz os motivos das retiradas, nem das organisações ministeriaes... Esse politico estadista que presumia instituir o governo representativo, o qual vive da opinião, donde lhe vem força e prestigio, conservou-se mudo e quedo, quando o dever de cidadão e a nobreza da missão de iniciador, o obrigavam a dizer á nação francamente a verdade. Eis porque, ainda hoje, esse facto, gravissimo sob diversas relações, jaz envolto em obscuridade que a historia não esclarece.

Nestes *Fragmentos*, somos aprendizes, que não sabem, mas trabalham e estudam com o fim de conhecer a verdade historica. Os elementos em que bazeamos tal estudo, não são nem os encomios dos admiradores, nem as deslumbrantes glorificações da *lenda*, e muito menos as vociferantes coleras dos inimigos. Desejariamos, como refere a mythologia, fazel-o passar pela mesma operação que soffrera Achilles, perdendo, nas aguas do celebrado Styx, tudo o que tinha de humano e impuro, subsistindo sómente a parte divina.

Já temos repetido qual o methodo que empregamos no estudo investigador e meditado para surprehender a verdade historica. Effectivamente, não nos quedaremos, extaticos, em profunda contemplação, admirando as apparencias da magestade do vulto e dos gestos dos personagens; não. Procuramos penetrar-lhes a consciencia, interpretar-lhes as emoções, os instinctos, as idéas, as crenças e as paixões. Numa palavra, tudo que ahi refulge em opulencia intellectual; tudo que se obumbra em degradação moral. Eis ahi porque nos vemos obrigados a an-

dar como que esquadrinhando e catando, aqui e acolá, os actos; atando as suas multiplas relações; recolhendo todos os *signaes*, qual naturalista que observa os matizes e estructura das folhas das plantas. Dest'arte, apuramos as palavras, os pensamentos, paciente e minuciosamente, para induzir o que exprimem, para fazer a reapparição da grande individualidade morta — desapparecida da scena presente.

Nesse trabalho guiamo-nos, tambem, pelo testemunho dos contemporaneos e pelos documentos que comparamos e criticamos. Nos actos translúz o papel que o personagem representára no *meio social* onde vivera e claramente se distinguem as transformações em que seu genio avultou sempre, ou decaíu muitas vezes. Ora, nos actos de José Bonifacio, encontra-se o individuo e este os explica. Pela sua natureza psychologica, elle — sectario do poder antigo — parece afferrado ás normas do *archonte-rei*, ou ás praxes da realeza, nas quaes primava o marquez de Pombal, astuto imitador do cardeal de Richelieu.

José Bonifacio não é homem dos tempos modernos. Falta-lhe o *devenir*, de que tanto se preoccupa a philosophia hegeliana; falta-lhe o dom da metamorphose. Alma de tempera antiga, achou-se extraviada no meio das aspirações modernas, que não comprehendia, detestava e submettia ao rigor das portarias. Declarem o que é que nos legou fóra dos horrores da devassa; tambem o que instituin de util ao aperfeiçoamento moral e material do povo brazileiro: indiquem com o dedo: *difficilem rem postulastis*. (1)

Si não quizermos proceder, *more peccorum*, reflectiremos um pouco.

As numerosas e contínuas portarias de devassas provam animo affeito aos meios arbitrarios de governo despotico; indicam — sinão a malvadeza da vontade, — de certo a obstinação de perseguir. (2) A suspeita de espirito irritado e frenetico é qualidade opposta á sabedoria e á justiça dum ministro conscienciosamente liberal. O historiador de Roma considerava a suspeita — vicio inseparavel da tyrannia. A opposição feita á proposta do deputado Alencar a respeito da prisão de Costa Barros; aos projectos de amnistia e perdão; ao da revogação do cruento Alvará de 1818, sem duvida não prova a candura da alma santa e benefica do illustrado naturalista e poeta. (3) As palavras rancorosas e inconsideradas: *ser capaz de mandar enforcar liberaes, constitucionaes, republicanos e carbonarios no largo do Rocio*, exprimem pensamentos incompativeis com um iniciador da liberdade e com os sentimentos humanitarios, que honravam a civilisação do seculo dezenove. (4) O discurso, previamente composto no silencio e na meditação do gabinete, e colericamente balbuciado na sessão de 6 de maio na Constituinte, é realmente documento de superlativa inepcia, de inexperiencia politica, de má fé, ou de ignorancia, deturpando a historia recente da Hespanha do rei Fernando VII. A preoccupação de farejar conspiração, por toda parte, contra sua propria vida, denuncia que não era geralmente acceito, nem gozava de popularidade. Na propria Assembléa Constituinte, obtinha as ultimas votações.

As portarias citadas e outras, mandando escolher *espias seguros*, promovendo delações immoraes, odiosas, de que só uzaram os Sejanos, e surprehender as conversações intimas do lar domestico, demonstram que José Bonifacio escutava e attendia a cafila de miseraveis intrigantes e calumniadores assalariados, que conviviam com elle e sempre fôram os executores de sua obra de perseguição. A este proposito, diz um historiador brazileiro: «achando pouco o pessoal do seu *consistorio privado*, composto de Oliveira, Porto Seguro, Orelha, Lafuente, Miquelina, José dos Cacos e outros da mesma laia, que infestaram a cidade, em 10 de abril de 1822; mandou uma portaria ao desembargador intendente geral da policia — João Ignacio da Cunha, para augmentar o numero dos espiões e de juizes criminaes.

Emfim, á vista do procedimento brutal, insensato, que teve com os juizes de paz, que lhe fôram intimar o decreto da Regencia e ordem de prisão no palacio de S. Christovão, (5) ficamos perplexos e nos perguntamos uns aos outros: que vale este homem na categoria das mentalidades politicas?

Oh! apregoal-o grande estadista, sabio politico, ou simplesmente sensato, seria ridiculo! Como ser apostolo da liberdade quem professa e pratíca todas as cruezas e brutalidades do absolutismo?!...

O regimen constitucional de *contrapezos e medidas de limitações e responsabilidade*, si houvesse de ser fundado por elle, saíria uma monstruosidade. (6) E' grossa e repulsiva sandice suppor que este tyrannete iniciou o povo no credo das liberdades modernas.

A *lenda*, todavia, bradará que é o patriarcha da Independencia; desprezemol-a; a *lenda* é a expressão da credulidade e da ignorancia. A philosophia da historia, que analyza os actos, synthetiza as idéas, apura e verifica as bases de seus juizos, julga o pretenso patriarcha diversamente da *lenda*, que, a despeito de tudo, exerce immenso e irresistivel influxo sobre o espirito duma epocha. A *lenda* napoleonica, por exemplo, em França, ainda hoje, conta innumeros crentes, apezar das desillusões e dos revezes. Mas Napoleão será sempre um dos ferozes tyrannos que flagellaram a humanidade. (7) Os tyrannos são como que felizes, porque até notaveis philosophos os exaltam e lhes chamam—*puissantes et hautes personalités, incarnation d'une idée, qu'ils ont pour mission reveler aux foules. Le Tout-Puissant* (pensa e affirma o allemão Schleiermacher) *qui les envoie de siécle en siéle, les anime d'une feu sacré...On les nonme, suivant le temps, dieux, et heros, patriarches et inicia-teurs*. Remontando, atravéz dos seculos, sempre o mesmo culto se nos depara. Alexandre e Julio Cezar fôram heróes e semideuses. Cezar, só duma feita, levou a atrocidade a mandar cortar os punhos duma legião inteira de gaulezes, que havia vencido. (8) Sem duvida, o nome de José Bonifacio não ha de obliterar-se na memoria da nação brazileira: que perdure arraiado pela luz da verdade historica, despido das lentejoulas da imaginação das turbas ignaras e inconscientes! Não queremos completar o estudo de sua psychologia comparando trechos das cartas *andradinas* (9), nas quaes a verdadeira e fiel physionomia de sua individualidade se retrata cabalmente.

Em conclusão, o homem apparece nas portarias, não ostentando a magestade dum patriarcha, ou a supremacia dum estadista, que dá a um povo instituições e leis; que organiza o Estado com todos os elementos que o façam prospero, forte, feliz e livre. Sob este ponto de vista, poder-se-ia inquirir: que fez de notavel o patriarcha, — o iniciador? Iniciou a Independencia? Não: — esta é obra da nação inteira; no começo, o patriarcha lhe foi contrario. Organizou, constituiu o Estado? Não. A Constituição de 25 de março de 1824, que regeu o paiz cerca de 65 annos, foi ortorga, só, de d. Pedro. Quem ouzará citar uma lei de vital e verdadeiro interesse social, iniciada por José Bonifacio? Nenhuma... Offerecem-se *Memorias*; mas um legislador deve formular as idéas em leis, que teem um organismo proprio e não em *Memorias* talvez bem futeis. José Bonifacio não possuia o genio do estadista e do legislador. Espirito observador como naturalista, o seu talento era principalmente descriptivo... Delle subsistem nas collecções das leis e dos actos do governo alguns decretos insignificantes. Os seus actos de ferrenha administração avultam, como documentos comprobatorios do *terrorismo* da epocha e das perseguições do seu furor policial, que faz resurgir, na mente dos leitores, o cruel e pungentivo sarsarcasmo dum historiador da velha Roma.

Quando Cicero, ancho de suas faça-

nhas, pronunciou no Senado o sinistro e pávido laconismo, *vixerunt*, após haver mandado estrangular no ergastulo os prisioneiros da conjuração de Catilina, então Salustio Crispo escreveu, em sua historia, a seguinte phrase sarcastica : *optimus consul*. Quiz assignalar um deploravel contraste. Cicero, o espirito reputado o esplendor do seculo, desceu a rastrear o officio de *activo e vigilante esbirro de policia*, vigiando e esmagando a conspiração dos Lentulos, Lucio Sergio e Cethego. O nosso venerando patriarcha, em verdade, não representou outro papel; rivalizou com o eximio orador que fulminou o perverso Verres. José Bonifacio era de tempera dos antigos, cujos exemplos seguia. Não era homem das liberdades modernas, porém da auctoridade patriarchal, absoluta, inexoravel. Suppuzeram-no um Washington; elle, porém, seguia outro rito ; professava outra fé, amava o idéal das tyrannias antigas.

Reatemos o fio aos debates no recinto da Constituinte. O deputado Alencar tratou da proposta concernente á prisão do coronel Costa Barros e, discorrendo, diz: «*não é proprio do meu caracter accuzar alguem*». Essa accusação caía toda sobre o ministro que expediu a portaria de 2 de outubro de 1822. Por esta ordem, fôra encarcerado o eleito representante do Ceará. Aquelles que tiverem a paciencia e curiosidade de compulsarem o *Diario da Camara*, notarão o receio que os deputados teem de atacar e de accuzar um ministro, que condemnam; todos se abstêm de profligar a série de violentas perseguições resultantes das devassas e portarias. Parece que houve uma convenção tacita de guardar silencio. José Bonifacio governou em bom tempo, quando havia *opposição de mudos*. A Constituinte ignorava que tinha o direito de—*agarrar pelas guéllas e arrastar o ministro pelos tapetes e deixal-o esmagado sob o pezo de seus erros, ou crimes*. (10)

Nas assembléas do parlamentarismo, a opposição não emmudece; sabe luctar e, muitas vezes, vencer, esmagando o contendor. Assim procederam as assembléas do segundo reinado, e da mesma sorte faria o Congresso republicano, si, no regimen presidencial, os ministros fôssem responsaveis pelo governo do Estado.

No seguinte *fragmento* falaremos das questões Alencar e Costa Barros, da discussão dos projectos de amnistia, de perdão, e da revogação do alvará de março de 1818.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) José Bonifacio, com as reminiscencias da Grecia antiga, esboçou um projecto de Constituição, em que — o poder legislativo se dividirá — pela Assembléa Geral, pelo syndicato, pelo archonte. O archontado se compará do archonte-rei vitalicio e quatro consules, etc. (Vide o folheto *Patriarchas da Independencia*, pag. 91, pelo conselheiro Tristão d'Alencar Araripe, em 1876). Tal espirito, preoccupado de coisas antigas, não podia ser um iniciador das idéas dos tempos modernos, que elle não comprehendia.

(2) Escreve um historiador nosso : — José Bonifacio era um despota que não escolhia os meios para conseguir os seus fins e mesmo destruir seus inimigos. A lisonja era o mais influente padrinho para este Andrada—Vide Mello Moraes, pae, *Braz. Hist.*

(3) *Diario da Ass. Const.* — sessão de 5, 6 de maio e segs.

(4) Vide o folheto *Os Patriarchas*, do cons. Tristão de Alencar Araripe.

(5) *Decreto da Regencia*, referendado pelo ministro Chichorro.

(6) Bagehot, *Const. of Engl.*

(7) Alguns historiadores calculam em 20 milhões de homens dos seus e dos exercitos inimigos, que Bonaparte matou nas batalhas.

(8) Lêde os *Tres grandes capitães da antiguidade*, pelo ex-deputado Cezar Zama. Mommsen, *Hist. de Roma*; *Vie de Cezar*, Napoleão III.

(9) Um volume da collecção de cartas dos Andradas, publicação da Bibliotheca Nacional.

(10) Palavras do senador e grande orador visconde de Jequitinhonha

SCIENCIA E INDUSTRIA

Fabricação do nitrato de cal—Grande descoberta scientifica e industrial. —A collaboração de dois sabios.

Essa descoberta, devida á collaboração de dois sabios da Noruega, o professor de Birkeland, e o engenheiro Eyde, constitúe, do duplo ponto de vista scientifico e industrial, um precioso recurso para a agricultura, resolvendo o problema, cuja solução era procurada, os receios provocados pela possibilidade do exgotamento dos nitratos naturaes, especialmente os do Chile.

E' sabido que os nitratos fornecem, quasi exclusivamente, o azoto indispensavel aos vegetaes, e elles se produzem na camada superficial da terra pela transformação dos detrictos animaes e vegetaes, proveniente dos estrumes quasi sempre insufficientes para obter rendimentos apreciaveis, insufficiencia supprida pelo sulphato de amoniaco e, sobretudo, pelo nitrato de sóda do Chile, cujo consumo augmenta progressivamente nos paizes agricolas. As jazidas chilenas, porém, exploradas em grande escala, embóra sejam ainda consideraveis, seriam mais tarde exgotadas, o que infundia graves preoccupações de futuro á agricultura mundial.

O novo estrume norueguez é uma garantia contra esses receios.

As experiencias, feitas por Birkeland e Eyde, de 1903 a 1905, em seus laboratorios, realizaram praticamente as de Cavendish, de Perot, Coupier e de numerosos chimicos allemães e inglezes, que, de 1764 até hoje, se haviam dedicado a essa importante questão. Os concludentes resultados obtidos em 1905 permittiram constituír, em Christiania, a sociedade norueguezа do azoto, estabelecendo no principio desse anno a primeira usina de nitrato de cal impulsionada pelas cachoeiras de Notodden, com uma força de 300.000 cavallos, nas mais vantajosas condições economicas.

O estrume de Notodden, como é agóra conhecido, se fabríca com o ar, que nada custa, com o calcareo abundante, de minimo preço. A fabricação comprehende tres phases : em primeiro logar, o ar captado atravessa um forno electrico construido especialmente e de alta temperatura. Ao saírem do forno os compostos oxygenados do azoto, obtidos pelo arco electrico expendidos pela acção de poderosos electro-imans, se resfriam promptamente. Os vapores azoticos se condensam passando por fornos de granito, onde se encontram com um liquido que, como na experiencia de Cavendish, absorve o acido nitrico concentrado. Este, em uma terceira operação final, actúa o calcareo, dando, por concentração, nitrato de cal puro contendo 13,2 % de azoto.

Os inventores do processo preferiram o nitrato de cal ao nitrato de sóda que poderiam obter de maneira analoga, porque este sómente fornece á vegetação o elemento fertilizante do azoto nitrico, ao passo que no outro todos os principios essenciaes véem em auxilio da planta, como valor nutritivo.

O estrume Notodden é apenas utilizado agóra na região scandinava, mas a Sociedade norueguеza fornecel-o-á, na proxima primavera, a todos os paizes notadamente á França, a preços que poderão fazer concurrencia com o nitrato do Chile, cuja carestia é conhecida.

***

Anesthesia espinal pelo dr. Meltzer. Inconvenientes do novo methodo. Perigos da cocaina. Declarações de Corning.

O medico americano Samuel Meltzer publicou um interessante estudo sobre o emprego do sal de Epsom ou sulphato de magnesia na anesthesia espinal.

Assentado o doente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o dorso descoberto, lavam-lhe e desenfectam-lhe completamente as costas : depois, um medico, em um ponto da vertebra inferior da espinha dorsal, enterra a agulha de uma seringa e extráe 60 gottas do fluido espinal; retirada a agulha, enche a seringa com 60 gottas de solução de cocaína, contendo pequena quantidade de substancia e in-

jecta a solução na cavidade espinal. Dentro de alguns minutos, o paciente experimenta torpor no meio do corpo, depois nas pernas e mais tarde nada sente. Esse estado dura meia hora, volvendo, então, lenta e gradualmente, á sensação normal.

Esse methodo de anesthesia é frequentemente empregado, mas tem grandes inconvenientes porque a cocaína, affectando o coração mais do que o chloroformio e o ether, póde produzir accidentes graves. Por isso, o dr. Meltzer substituiu a cocaína pelo sulphato de magnesia, e as experiencias praticadas nos animaes mais visinhos do homem, como os macacos, deram notaveis resultados anesthesicos.

Affirma-se, em theoria, que o sulphato de magnesia prodúz convulsões; mas o dr. Meltzer affirma o contrario e allega que ellas se não produziriam em todos os casos por elle observados.

Apezar disso, a descoberta permanece no estado puramente experimental e indicada ao estudo e observação dos profissionaes.

O dr. Corning, auctor do methodo de anesthesia espinal, declara que o sulphato de magnesia póde ser efficazmente injectado como anesthesico, no canal espinal, sem produzir depressão do coração e das funcções respiratorias e accrescenta que, si este facto fôr definitivamente demonstrado, tirarão delle grandes proveitos a medicina e a cirurgia. Devemos recordar, entretanto, que, conforme a opinião de Hay, Recke e Curie, a injecção do sulphato de magnesia nas veias determina, algumas vezes, symptomas de envenenamento acompanhados de perturbações cardiacas e respiratorias.

Do exposto se deve concluir que, sem estar condemnada, a descoberta do dr. Meltzer permanece ainda discutivel.

***

Lavagem da roupa em alto mar — Um novo sabão — Um pó fabricado na Inglaterra.

A lavagem da roupa em alto mar foi considerada até agóra impossivel, impondo isso aos viajantes grande provisão de camisas, collarinhos, e ás companhias de transporte maritimo quantidade, relativamente consideravel, de roupas de cama, toalhas, guardanapos, lavados em terra.

Uma fabrica de sabão acaba de inventar, na Inglaterra, um pó analogo ao sal de Pennés, o qual permitte lavar, perfeitamente, toda a roupa em viagem.

As vantagens da nudez—A vida longa e sadia—As observações de viajantes na Africa — Observações nossas.

Lê-se no *Monthly Review* um interessante artigo de Frederic Boyle, sob o titulo *Selvagens e Roupas*, demonstrando os inconvenientes dos trajes civilisados para as raças habituadas á nudez, documentando essa opinião com varios elementos de prova, colhidas no testemunho de viajantes notaveis e nos relatorios officiaes dos governos da Africa Meridional.

Dessa demonstração se dedúzem argumentos valiosos para o retrocesso á natureza e o abandono dos habitos introduzidos pelos suppostos beneficios da civilisação.

Parece—diz o indicado escriptor—que, si a adopção de roupas prejudica a saúde dos kaffirs e perturbam o seu desenvolvimento, ella póde, actualmente, exterminar povos menos robustos. As responsabilidades imputadas ao alcool devem ser, em grande parte, attribuidas aos phylantropos e ao commercio explorador dos tecidos para cobrirem a nudez dos indigenas.

Os homens nús padecem menos molestias do que os homens vestidos. A saúde robusta dos kaffirs explica a ausencia de creanças enfermas e decrepitas entre elles. Os hottentotes, que assimilaram os costumes europeus, desappareceram quasi nos vastos dominios da Colonia do Cabo. A medonha expansão da lepra na Africa Meridional deve ser attribuida ás roupas e outros habitos do homem branco.

Os kaffirs vivem muito. O ultimo censo da Colonia do Cabo regísta trezentos centenarios, sendo todos, menos dois, indigenas.

Outros povos privados do onus da roupa teem longa vida, especialmente os indios da America do Norte e do Sul. Tschudé affirma que a edade de 130 annos não é facto singular no Perú, conservando perfeita saúde e lucidez de espirito. No Mexico e no Perú, Humboldt se impressionou com o grande numero de indios macrobios, sendo alguns de incrivel antiguidade, especialmente mulheres. Baena, o chronista paraense, menciona o facto de uma cabocla de Mazagão com duzentos annos de edade, comprovada pelos registos da parochia fundada pelos primeiros occupantes portuguezes. Nas ruas de Belém do Pará, mendigava uma senhora Joanna Baptista de Campos, que vivia perfeitamente robusta de corpo e de espirito em 1884, e contava episodios da guerra de Cayena, na qual combateram dois filhos seus. Ella descrevia, com minuciosa perfeição, a primitiva topographia da cidade, as festas da chegada do sr. conde e da sra. condessa, que lhe era particularmente affeiçoada.

As raças núas são incontestavelmente mais fortes do que as vestidas, sendo entre ellas normal a existencia de individuos eguaes aos nossos mais exercitados athletas.

O sr. Joseph Thompson descreveu os seus carregados zanzibares a conduzirem na cabeça 60 a 70 libras, levando a espingarda, subindo montanhas ingremes durante uma hora sem descanso, cantando e gritando.

A nudez tem extraordinario effeito curativo sobre as feridas. O bispo Mac-Dongal, que é medico, descreve a seguinte maravilha :

Depois do importante combate do *Rainbow* com os piratas de Lanun, um delles foi conduzido a bordo com golpe que lhe cortou uma calotte do craneo, que ficou pendente, preza pela pelle. O bispo examinou a ferida, levantou o pedaço de craneo e observou o cerebro ; mas julgando o caso perdido, abandonou o ferido, recommendando, apenas, que lhe amarrassem a cabeça. Contemplando, depois, do seu camarote a refeição da tarde, viu o doente entre a tripolação comendo vagarosamente a sua racção de arroz. Quando os prisioneiros desembarcaram, o homem do craneo partido foi com elles, caminhando sem auxilio.

Essa volatilidade superabundante não se nota sómentre entre os individuos temperantes ; é tambem verificada entre os glutões e bebados que andam nús, sendo este habito, conforme a natureza, a mais essencial condição da força e da saúde. A natureza não nos deu, como aos outros animaes, coberturas. Preconceitos de pudor serão porventura chocados pelo suggestão de que devemos manter o traje do nosso pae Adão. A *toilette* de Eva é para as senhoras civilisadas uma monstruosidade, observada pelo prisma das convenções sociaes e dos melindres da hygiene moderna. Nós vestimos os nossos filhos creanças da cabeça aos pés ; evitamos que apanhem sol, que se exponham ao vento e, por isso, quando elles sáem de casa, os sobrecarregamos com toda a sorte de abrigos. Não consideramos que, alguns annos atraz, elles andaram com as pernas e pés nús e que, pouco a pouco, fomos infringindo as leis na natureza, apertando-lhes os pés em sapatos de lã, desde o berço, em meias, consideradas um adorno da gente fina, do qual as mães são muito zelosas. Entretanto, o sr. Thompson affirmou que a metade das perturbações morbidas da edade madura são devidas ao persistente abrigo dos pés na mocidade. Todas as partes do corpo soffrem pela privação da luz e do ar.

Entre alguns povos civilisados, se váe propagando a observancia ás prescripções da natureza. Na therapia figuram a nudez dos pés e das pernas,

os banhos de luz e de ar em longas exposições com salutares effeitos.

Não será possivel operar uma reforma radical nesses habitos deleterios da roupa excessiva; mas os hygienistas modernos manifestam uma tendencia regeneradora dos preceitos intuitivos da natureza, recommendando a diminuição progressiva das peças do traje como offensivos da saúde e favoraveis á acquisição de germens de contagio.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

NA MALOCA DO TUICHÁUA DO CASTANHO

Pernoitámos no sopé dum cerro á margem direita do rio Jacaré, affluente do Castanho. Armámos as redes num umirysal. Aromas suavemente acres impregnavam o ambiente, exálando-se do oleo perfumado que reçumava da epiderme das preciosas arvores entumecidas.

O Jacaré estava baixo, mas não era vadeavel. Tinha as suas nascentes proximas, numa alta rechã da vertente venezuelana da serra de Tapiirapecó, onde brotam, copiosos, grandes olheirões d'agua. Passava encachoeirado, despenhando-se, de cabeço em cabeço, rasgando implaclavel os flancos da serrania, precipitando-se pelas gargantas apertadas e salvando penedias, ora núas e dum negro de brilho metallico, ora vestidas de musgos esverdinhados. Tinha uns vinte metros de largura apenas. Os barrancos altos das margens eram alli talhados a prumo e alamborados além.

Os indios haviam lançado sobre aquelle abysmo uma ponte: o tronco de uma arvore, que tinha o pé na margem onde nos achavamos e os galhos já mui apodrecidos e cobertos de parasitas, alguns despedaçados na quéda, fincados na argilla dura da riba opposta. Era uma pinguela, coberta de limo, sem guarda, nem corrimão. Não se podia transpor o rio sinão por ella. O primeiro que passou foi Aturre: parecia um bolateiro, agil e ligeiro. Seguiu-se-lhe João Antonio, o gaúcho, que levava a arma suspensa e tinha o passo mais firme do que nos dias de soldo. O Antonio Cearense fez da carabina—maromba, e, chegando ao meio, deu uns passos de dança, gritando para o camarada:

—Oh! palhaço, para quem váe esta sorte?

O Jardim passou tambem, meio vacillante a principio, depois firme e seguro. O indio estendeu-lhe a mão ao chegar á outra margem.

Fiquei para o fim, pensando no que ia fazer, emquanto os outros atravessavam o rio, que remoinhava furioso nos sorvedouros afunilados. Sempre tive aversão ás grandes alturas. Não obstante, já passei uma noite na ponta do Pão d'Assucar, subi ao pharol da Estatua da Liberdade de Bartholdi e andei por summidades que, si me não deram vertigens, me cauzaram contrariedades. Subia contrariado, sem que alguem a isso me obrigasse. Si estivesse só, não passaria talvez pela pinguéla, como fizeram os meus quatro companheiros, que me esperavam na outra margem. Quem sabe si não me escarrancharia sobre ella? Alli, porém, era impossivel; oito olhos miravam-me.

Tirei do bolso a minha pequena bussola e tomei o rumo do caminho com todo o cuidado, esperando paciente que a agulha, muito sensivel, deixasse de oscillar e guardei-a. Abri a caderneta de serviço e fechei-a para aparar um lapis que me pendia do pescoço atado por um fio de barbante. Fiz um bosquejo meticuloso do logar. Escrevi na casa das observações umas notas bastante circumstanciadas de todos os accidentes topographicos. Guardei a caderneta na sua bolsa de pelle negra de guariba, que trazia a tiracollo. Puz a minha Winchester em bandoleira; piquei um pouco de fumo e fiz um cigarro. Para accendel-o, bati muitas vezes o isqueiro.

Nada mais me restava a fazer. Do outro lado, os companheiros esperavam-me e eu era o seu chefe. Tive medo que algum pensasse ser eu capaz de ter um só instante de hesitação e caminhei para a ponte resvaladiça e estreita, lembrando-me, naquelle momento, que muito peiores fôram os troncos porque passou o Cavalleiro Negro na ponte do Sallia com Hermengarda nos braços e ouvindo perto o alarido das mesnadas arabes. Naquelle tempo, nada me deleitava mais do que a leitura dos livros de Alexandre Herculano. Passei tambem e o abysmo com as fauces escancaradas e brancas de escuma, parecia convidar-me. Parei bem no meio e tomei dois rumos, rio abaixo e acima, para illustrar melhor o meu bosquejo. Quando chegava á outra margem, o meu camarada, agarrado com a mão esquerda a um galho, estendia-me a outra, que recuzei muito de proposito. Sem que ninguem percebesse, dei um suspiro de allivio.

Duas horas depois, chegavamos á margem do Castanho. O sol estava quasi a pino. Na outra banda via-se a malóca sobre um socalco na falda do cerro do «Abio». Dir-se-ía abandonada, si não fôssem os ladridos furiosos de uns cães magros, de focinhos compridos e orelhas em pé, que, para chegarem mais perto de nós, se precipitavam numa ubá amarrada a um ingaseiro por um grosso cipó-imbê. O Aturre gritava e conseguiu dominar a vóz da brava canzoada.

Assomou á porta do casarão um homem nú, apenas protegido por um *cuêio* escuro; tinha brincos nas orelhas, hombros de athleta, pescoço de touro, ventre de frade, braços de hercules e pernas finas de andarilho. Por detraz delle, appareciam cabeças curiosas, que não nos era possivel, pela distancia, distinguir si de homens ou mulheres, tanto se parecem. A semelhança fez Orelhana tomar por amazonas os indios com que se houve na bocca do Nhamundá. Ouviu-se um assobio agudo, e a matilha inteira retirou-se obediente, de rabo abatido, mas rosnando e mostrando os dentes alvos. Acompanharam-no até ao porto um indio moço e dois carumys. Entrou só na ubá, desamarrou-a e, em poucas remadas, abicou ao nosso porto. Disse algumas palavras ao Aturre em lingua estranha, e dirigiu-se depois a mim, em nheengatú, apontando para a ubá:

— «Reiuruári igara opê ce renondê iaço, çuaindápe ketê». (Embarca na canôa antes de mim e vamos para o outro lado.)

Era o pagé, genro do Tuichául, medico e sacerdote da tribu, então já muito pequena, reduzida a algumas familias, apenas. Trocámos algumas palavras amistosas, bati-lhe affectuosamente nos largos hombros e embarcámos os seis na pequena embarcação. Aturre, na prôa, guiava-a, e os outros cinco, sentados no fundo, não se mexeram com medo de viral-a.

Nada de singular nem de notavel tinha a malóca. Era uma grande casa rectangular, coberta de folhas de palmeira, com paredes de barro, indicando já certo gráu de civilisação, e duas portas: uma, para o rio; e outra, para a matta. Fechavam-nas tupés trançados de jacitára. As malócas dos indios verdadeiramente selvagens, que nunca estiveram em contacto com gente civilisada, são tapadas com palha e teem, geralmente, a fórma de um um cylindro, com uma só porta, encimado por altissimo cone, de vertice aberto para saída do fumo. Assim representa Viollet Le Duc as choupanas dos Pelasgos, na sua *Historia da habitação humana*, na peregrinação pelo mundo; de Epergos, o progresso; e de Doxi, a rotina sempre antipathica.

Ao lado e mais perto do rio, havia um tejupar baixo e sem paredes. O pagé indicou-m'o para nosso albergue. Emquanto o meu camarada armava as nossas redes e João Antonio varria o chão, o Aturre apanhava uns *sacays*, gravetos para accender fogo.

Fui com o Jardim até á grande malóca, onde morava toda a gente, desde

a familia do chefe até aos escravos e animaes domesticos: papagaios, araras, periquitos, mutuns, jacamins, caitetús, cachorros e tudo o que caçam e amansam os indios, que os denominam «xerimbabos», nome muito uzado na Amazonia pela gente civilisada. Do lado de dentro, junto á porta da frente, sentada numa rede de *merity*, com um curumy pallido e magro ao collo, estava uma india já madura, mas sympathica: era a mulher do chefe.

— «Ianê coêma». (Bom dia)—disse, ao entrar.

Ella e outras responderam:

— «Indané». (O mesmo para ti.)

Sentei-me junto á rede, num banquinho de páu, feito duma só peça, baixo, mas commodo pela curvatura do assento, muito pollido e decorado com uma grega, pintada de *carajuru e cumaty*.

A creança era seu filho, o caçúla. Tinha o ventre inchado e nas faces edemaciadas, liam-se os traços caracteristicos dos estragos da malaria. Todo soldado é, por necessidade, meio curandeiro. Tomei-lhe o pulso: tinha febre, que lhe accendia tambem os olhos. O pagé já o havia soprado, ao principio, para exorcizar o máu espirito e depois chupando-o no estomago, donde extraía, escamoteando habilmente, um bicho cabelludo, segundo elle, a *causa* da molestia.

—«Opai ara opê, ce membira orekô tacúa, taitê.» Todos os dias, meu filho tem febre, coitadinho.—Dizia-me a mãe desconsolada e afflicta.—

—«Xamehém curi ixupê puçanga poranga retê.»

«Darei a elle um remedio muito bom».

Tinha sempre, nas minhas expedições, uma bôa provisão de pilulas, bem preparadas pelo bom velho Aguiar, o «kirimbau», o forte, como nós lhe chamavamos, por uma fórmula do Dantas, o illustre medico da commissão, meu bom amigo e compadre. Era uma e mistura de sulphato de quinina, opio genciana.

Seis dessas pilulas tinham um gramma do sal benefico. Esperaria que passasse o accesso para medicar o pobrezinho do curumy, que se mostrava bastante agitado.

A india, numa vóz dolente, onde os suspiros de vez em quando interrompiam a toada monotona e triste, cantava batendo-lhe docemente nas costas emmagrecidas, para ninal-o:

—«Acuty-purú, ipurú ixêbe ne repoci ce membira okeri arama.»

«Acuty-purú empresta-me teu somno para meu filho dormir.»

E' dorminhoco o animalzinho a que dão esse nome, que é conhecido vulgarmente pelo de «rato de palmeira».

Relanceei o olhar pelo interior do casarão. Redes armadas das paredes para esteios fincados no chão formavam grupos, pelos quaes bem se podiam contar os membros de cada familia. Os filhos pequenos tinham as suas armadas por cima das maternas. De esteio a esteio, de distancia em distancia, estavam armados giráus de taboinhas de pashiúba, onde se viam paneiros com farinha e beijús para as longas excursões, *tipitys* novos, em que se expreme a massa da mandióca ralada, *uhicés*—ralos feitos de madeira cavada, com pontas de quartzo fortemente incrustadas na concavidade, *naturás* de taquara, pequenos *urús* onde guardam os indios o mais precioso, *urupemas* e *patuás*. Nos cantos, alguns remos de cabo curto e pá redonda.

Os canoeiros do Amazonas remam sentados.

No meio, fumegava, agonizando, um rescaldo com tições quasi apagados e muita cinza.

Ao redor, os xerimbabos misturavam-se com os curumys e as cunhatays.

Só havia mulheres. O tuicháua, com alguns dos poucos homens que ainda lhe restavam, tinha descido, na antevespera, o Castanho. Os outros estavam no matto caçando: ficaram o pagé e um escravo, de olho vasado.

Uma das indias tecia, num tear muito rudimentar, uma maqueira de merity. Outras descascavam raizes de mandioca que estiveram nos auturás, mergulhadas no igarapé proximo, para amollecerem. Falavam baixo e numa lingua que eu não entendia, muito guttural. De vez em quando, lançavam-nos olhares curiosos, de soslaio. Todas tinham longos cabellos aparados na testa, como era moda, não ha muito tempo, entre as mais elegantes das mulheres civilisadas. Algumas eram apenas protegidas por pequenas tangas de missangas: eram as moças. As cazadas, entre ellas a tuicháua, uzavam uma *tipói*, especie de camisa curta, sem mangas, de algodão listrado, que havia de ter custado aos maridos, pelo menos, dois ou tres mezes de arduo trabalho e penosissimo serviço prestado a algum regatão audaz que subira ás cabeceiras do Siapa, em busca de salsaparrilha, fiado na bôa indole e na ignorancia daquella pobre gente.

Em quasi todas, pendiam das orelhas brincos triangulares de laminas de bico de tucano. Não se tatuavam. A pelle, meio encarquilhada nas velhas, era lisa e lustrosa nas outras. Tão pouco uzavam tembetás, porque não tinham o labio inferior furado. Não tingiam os cabellos de urucú e já eram meio civilisadas, porque falavam nheengatú, a bella e formosa lingua. Havia entre ellas uma jovem escrava, que se distinguia por não a falar e ter a pelle mais escura.

Naquella epocha, 1882, havia muitos escravos indios no Amazonas, quer no brazileiro, quer nos territorios limitrophes. Conheci caçadores desses infelizes, que os vendiam por uma espingarda. O rio Uapés era o emporio onde se forneciam os habitantes do Rio Negro e a errante, desgraçada tribu dos «Macús», a maior tributaria do ignobil mercado. Em Venezuela, quando lá estive, só o homem civilisado era *racional*. Assim se distinguia do indio, que, em sua simpleza, lhe dava esse nome, como si não fôsse tambem homem. Pouco aproveitou a essa gente a celebre bulla humanitaria de Paulo III, reconhecendo-lhe o direito de fazer parte da humanidade.

O pagé fazia as honras da hospedagem o melhor que podia e lhe permittiam os seus magros recursos. Tinha sempre um sorriso nos labios grossos e sensuaes, e um ou outro raio de velhacaria brincava-lhe no olhar intelligente.

Deu-me informações da região, com os detalhes que todo o indio conhece bem. Depois que me retirei da malóca para o meu tejupar, elle não me deixou mais. Era um grande conversador e contava-me coisas tão pezadas, dando famosas risadas, que eu creio ter corado, apezar de muitos annos de acampamento.

O Aturre havia pescado uns mandys muitos gordos, que comemos, ao almoço, assados em espetos. O pagé fez-nos companhia. Antes, porém, foi á malóca e voltou com uma cuia cheia de batatas e fructos de popunha, muito saborosos. Comemos de cocóras. Para obsequial-o, tambem mandei abrir uma lata de sardinha e convidei-o. Soprou a diversas vezes, apezar de fria, e proferiu, em vóz baixa, como si rezasse, palavras inintelligiveis. Perguntei-lhe para que fazia assim. Respondeu que si o não fizesse, seria flechado pelo «Curupira».

Pedi-lhe fructas, levantou-se e, em pouco tempo, voltou com um ananaz, que tinha seguramente dois palmos de altura e quasi um de diametro. Não ha iguaes áquelle no mundo inteiro, tão tenros, doces e saborosos são.

—«Mahata semehin ixê arama ce cuiára?—perguntou-me. (Que me dás em troca?)

Os indios quasi nunca dão sem pedir. Como não conhecem o valor das coisas, fazem, ás vezes, exigencias absurdas. Foi o que aconteceu com o meu sympathico amphytrião, que apontou para a minha faca de matto, com cabo de prata cinzelada, quando lhe perguntei:

—«Maháta reputári?» (Que queres?)

Fiz-me desentendido e dei-lhe o meu espelhinho de chumbo, fazendo que se mirasse.

Era a primeira vez. Foi curiosa a scena.

Parecia dar-lhe prazer aquella cara toda lampinha, parecida com a mesma que elle costumava ver tremulamente reproduzida na agua dos igarapés.

A principio, olhou friamente muito admirado; passou sorrateiramente a mão por detraz do espelhinho e olhou-me com ares desconfiados, porque não tinha agarrado a figura. Moveu a cabeça para a direita e para a esquerda, vendo a imagem fugir e afastar-se. Foi-se chegando até pôr o olho direito atraz do espelho e olhou-me outra vez.

Depois, pôl-o deante de si e piscava os olhos e punha a lingua de fóra e fazia caretas, dando gargalhadas gostosas.

—«Auátáha ahé?» perguntei-lhe, (Quem é?)

—«Ixê tehens». (Eu mesmo)—respondeu.

Ao anoitecer, fui á malóca ver o filhinho do tuichâua e achei-o sem febre. Dei-lhe quatro das pilulas do Dantas e ia retirar-me quando ouvi, como si o ar fôsse de seda e o rasgassem de alto a baixo, um grito estridente. A mãe do doentinho estremeceu e apertou-o ao seio e, cobrindo-lhe o rostinho com a mão esquerda, exclamou, assustada:

—«Iumára onhengari». (A iumára cantou).

Era a «rasga-mortalha» ave nocturna, cujo grito os indios acreditam presagiar a morte de alguem.

—«Inti recikié». (Não tenhas medo) —disse animando-a.

O tuichâua e a sua gente não haviam chegado até áquella hora. Só poderiam vir no dia seguinte.

Quando me retirei para o tejupar, o Jardim philosophava estirado na maqueira, fumando tranquillo o seu cigarro de palha com fumo de Goyaz e espantando de vez em quando os anophelis impertinentes, que por alli muito abundam.

Antes de deitar-me, chamei os dous soldados e recommendei-lhes, sob pena de rigoroso castigo, o maior respeito á malóca.

DIONYSIO CERQUEIRA

A LIVRARIA

MOCIDADE — *versos do sr. Bruno Barbosa. — Rio de Janeiro.*

Mocidade, — como se chama o volume de versos que publicou ultimamente o sr. Bruno Barbosa, — é bom titulo: elle vale por um prefacio, que nem sempre é inutil, de todo, a um livro.

No caso de que se trata, si o nome da obra não nos dissesse tudo, os versos nol-o diriam, mas com a imprecisão natural á linguagem dos deuses.

Vê-se, desde logo, percorrendo as paginas deste livro, que elle não é um fructo outonal; mas convém saber bem claramente que, pelo contrario, se trata das primicias da mocidade para lhe dar todo o valor.

Lendo-se hoje o sr. Bruno Barbosa, não se recebe a impressão de quem sente ter encontrado uma dessas creaturas que, na vida, ou hão de ser poetas ou nada. Seus versos são faceis e cantantes, revelam por vezes sentimento; mas representam o producto de uma imaginação ainda sem riqueza e sem notavel originalidade.

Nota-se o muito esforço que certas paginas custaram. Não faz mal, antes é precizo que este exista. Obra nenhuma superior já se produziu sobre a perna. Mas a arte consiste justamente em saber dissimular esse esforço.

Com isso, *Mocidade* não nos offerece ainda uma alma de clima bem definido, talvez pela obscuridade ou deficiencia com que nos conta a historia dessa alma.

Si não soubessemos que se trata de uma obra juvenil, concluiriamos que ella estava determinada pelo seu proprio indefinido, e o auctor com ella; mas dado o caso como se dá, acha-se natural que um espirito em formação revele isso mesmo no que produz.

Sei que ha poetas que se apresentam feitos aos dezeseis annos. Em geral, porém, esses véem a ser uns mofinos litteratos depois, não avançam na proporção dos annos, e acontece mesmo, ás vezes, fanarem-se e fenecerem por completo na edade viril.

Outros, nebulosos e tacteantes nos seus primeiros ensaios, com a seiva da edade desabrocham vivazes e poderosos, distanciando-se a perder de vista desses companheiros caracteristicamente precoces. Tanto maior quanto já nos seus primeiros passos deixam entrever uma natureza complexa, — causa principal de se não poderem definir claramente desde logo.

Parece-me que é esse o caso do sr. Bruno Barbosa. Quem ler com attenção o seu livro notará indicios de que o auctor é capaz de ganhar legitima individualidade no futuro. Ella se afasta do lyrismo choramigas e chato, sem idéas, sem verdadeira vibração nenhuma que caracteriza o commum dos nossos estreantes em verso. Revela-se-nos, além disso, de predilecções pouco banaes. De par com essas outras qualidades distinctas, ha em seu espirito ancia por amplos horizontes, e, com isso, um fundo de seriedade, certos signaes de uma sã, de uma feliz organisação moral.

Em *Quadro antigo*, *Humilhação*, *Torturado*, *A uma artista*, *Mors*, *Ancia infinita*, *Azul*, *Legionario romano*, *A torre*, *Pro patria*, encontrar-se-á ampla justificação do que eu digo.

Bem se póde dar que o iniciado de hoje nunca venha a ser um grande poeta no futuro; mas si souber querer, é difficil que se não affirme com superioridade nem que seja em outros horizontes.

Eu acho digna de ser considerada como uma estréa inteiramente sympathica e das que, na verdade, promettem, essa que o livro *Mocidade* representa.

NUNES VIDAL.

O ALMIRANTE (70)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

— Sempre melhor, não é? — inquiriu a marqueza, chegando junto do leito do enfermo.

— Váe melhorando — respondeu Hortencia — Váe melhorando, consideravelmente. Estou anciosa pelo medico para confirmar as minhas observações.

— Tenho inveja de ti, Hortencia, da tua dedicação. O meu logar seria aqui, si os meus nervos não me tornassem uma creatura incapaz. Tenho inveja dessa abnegação a que Oscar váe dever a vida.

— Era o meu dever — murmurou Hortencia, com a vóz entrecortada—E' por minha causa, por imprudencia minha que elle está soffrendo.

Oscar volveu-lhe um doce olhar commovido.

— Não vês que o mortificas? — observou a marqueza — Não fales mais nisso, um accidente de que ninguem foi culpado; um golpe da fatalidade, ao qual estamos todos expostos.

— Eu preferia ter morrido—tornou Hortencia — Não seria perseguida por este remorso torturante. Oh! eu daria tudo, seria capaz dos maiores sacrificios para me libertar dessa responsabilidade cruel... Perdôa-me, Oscar, perdôa-me.

Havia nessas palavras a erupção de uma grande magua, até então represada com extraordinaria energia.

— Tu poderias—disse a marqueza, em tom insinuante, medindo as palavras e fitando os olhos no rosto de Hortencia — compensar o mal que involuntariamente occasionaste...

— Como? — replicou a moça, vivamente.

— Ligando a tua vida, a tua sorte á de Oscar, consagrando-te, eternamente, a elle.

Hortencia recuou num movimento de perplexidade, atordoada pela insinuação da marqueza, como si não comprehendesse bem o sentido daquellas palavras.

— Como ? Como será isso possivel ? — murmurou, vagueando o olhar inquieto da marqueza para Oscar, que a contemplava com um sorriso melancolico — Que devo eu fazer ?.

— Acabas de dizer que serias capaz de todos os sacrificios — continuou a marqueza no mesmo tom de meiguice. Pois bem : ha um meio de te libertares desse remorso, dessa responsabilidade, cuja intensidade tanto exaggeras.

— Sim, sou, sou capaz — affirmou Hortencia, anciosa.

— Não deves, então, hesitar ante o que não é um sacrificio, um acto de bom senso que toda a gente approvaria : ligares-te a Oscar pelo casamento...

— Cazar com elle ? ! — exclamou a moça, cortada de surpreza por essa solução que lhe não havia occorrido entre as muitas suggeridas pelo sofrego empenho de remir a sua falta.

Esse grito era um protesto do coração revoltado, era um brado de defeza de todas as aspirações, de todos os sonhos de moça que a realisação daquella proposta dispersaria, como um sopro funesto, desfazendo o idéal da sua phantasia, tanto tempo almejado, carinhosamente mantido até que as circumstancias permittissem corporizal-o em realidade venturosa. Ella e Sergio não tinham compromissos definitivos ; nunca lhes escapára dos labios uma palavra que o affirmasse, uma dessas phrases banaes, ociosas, reveladoras do sentimento denunciado pela eloquencia dos fulgores das almas apaixonadas reflectidos no olhar. Elles se amavam com o ardente impulso de um affecto forte na sua espontaneidade empolgante, forte e commedido pelos poderosos meios de inhibição de que ambos eram dotados. Elles se amavam com prudencia, conhecendo nitidamente a sua situação na sociedade, tendo um plano bem organisado, delineado os meios seguros de chegarem á ventura sonhada, á victoria de ambições legitimas. No primeiro estadio da carreira politica, no limiar da escada de Jacob, por onde ascenderia ao fastigio do renome, da gloria, da fortuna, seria uma imprudencia embaraçar os seus meios de acção com os encargos de um casamento romantico, com a creação de uma familia — pensava Sergio — subordinando a formosa Hortencia, habituada ás maneiras da alta sociedade, á vida modesta de um lar obscurecido pela mortificante penumbra da pobreza. Sobre esse grave assumpto do casamento, tinham os dois exhibido as suas idéas num accordo perfeito, em conversações despretenciosas, approvadas por d. Eugenia, com elogiosas referencias ao criterio de Sergio, moço mui correctamente orientado no inicio da sua vida publica, dirigindo os seus meios de acção com meticulosa segurança. O primeiro obstaculo estava vencido com a eleição para a Constituinte. O obscuro promotor de uma comarca do interior dispunha de talento para refulgir nas altas regiões. Isto, porém, não bastava : era indispensavel se apparelhar completamente para defrontar os accidentes do futuro.

—Que tem isso ?—observou a marqueza, após instantes de pausa—Que ha nisso de extraordinario ? Todos os dias estamos vendo casamento de conveniencia que, em geral, são os mais felizes. Além disso, tu não deves recuzar essa alliança que, para sempre, garantiria o teu futuro. Insisto nisso por te querer muito, por dever de te aconselhar, aconselhar sómente: não desejo que te queixes de mim...

Os maguados olhos de Hortencia estavam presos ao de Oscar, nos quaes havia uma triste expressão de supplica. Elles a dominavam como uma seducção poderosa. Ella sentia fallecer-lhe a coragem para proferir cruelmente a recuza deante da creatura querida, levada por uma imprudencia infantil ao limiar da morte. E, como suggestão infernal, obumbrava o seu espirito a idéa de ser aquella alliança um acto de piedade, uma demonstração de reconhecimento, sem consequencias porque ella estava absolutamente segura da gravidade do estado de Oscar, acto que seria um sacrificio largamente compensado, justificado pelas circumstancias ineluctaveis a que a fatalidade a arrastára. Ella via derrocada e transformada num tumulo a barreira sinistra da pobreza e aberto amplo e luminoso o caminho á conquista desse idéal, a que ella se immolaria heroicamente. Esse combate foi interrompido pelo padre Paulo, que se approximou lentamente.

— Está decidida ; não é assim ? — disse elle a Hortencia.

—Aconselhe-me, padre Paulo; diga-me o que devo fazer. Estou tão commovida—supplicou a moça.

—O meu conselho—acudiu o padre —é pela affirmativa, como já tive a honra de dizer á senhora marqueza. O casamento será um grande lenitivo para a excellente alma de Oscar.

— Ella não recuzará — ajuntou a marqueza—Esta menina sempre teve muito juizo..

Hortencia vacillava quasi vencida. Os traços graciosos do seu rosto, realçados pela pallidez, se contraíram numa expressão de surpreza, de uma rigidez fria, contrastando com o arfar do ancioso seio.

—Vamos, minha filha—continuou a marqueza, animando-a — Será uma grande satisfação para Oscar... Não é?...

Oscar, de olhos febris fixados sempre no rosto de Hortencia, murmurou uma phrase inintelligivel e estendeu-lhe a mão, sobre a qual Hortencia, hypnotisada, num gesto lento de automato, collocou a sua. O doente sorriu e tentou leval-a aos labios, ao passo que o padre Paulo, numa attitude mystica, erguendo os robustos braços, dava graças a Deus. A marqueza approximou-se da moça, beijou-a na fronte, alizou-lhe os cabellos em desordem com doces maneiras maternaes e disse-lhe :

—Muito bem, minha querida. Não te arrependerás deste acto de abnegação. Eu t'o agradeço por mim, por elle, que te recompensará com dedicação sem limites, com amor...

A esta palavra, que lhe echoou no coração como um brado de maldição, Hortencia caíu de joelhos e desafogou em copioso pranto a orvalhar as mãos de Oscar, profundamente abalado.

A marqueza saíu e voltou dentro de alguns momentos com d. Eugenia.

—Anda, minha amiga—disse ella, tambem excitada pela pungente scena —Abençôa tua filha, a nossa adorada Hortencia...

— Ella consente ? — perguntou d. Eugenia, num tom em que se misturavam alegria e surpreza — Acceitas ?..

—Sim—affirmou a moça, suspirando e movendo a cabeça com um largo gesto de resolução penosa.

E, entre os soluços que a sacudiam, ella ouviu a vóz tenue de Oscar, que lhe balbuciava ao ouvido :

—Obrigado, obrigado, Hortencia...

(*Continúa*).

D'AQUI E D'ALLI

A indifferença do povo á ultima homenagem aos despojos de Pedro Americo, que agóra está cauzando surpreza, foi devida á imprensa diaria. Em outro paiz, seria devida ao proprio povo — si pudesse haver, sobre a face da Terra, um povo como o nosso. Aqui, no Brazil, para que o povo vibre, é precizo que lhe cheguem a buzina, ou outra qualquer coisa menos gritante e mais perfurante. E isso — ai de Pedro Americo — não fez a imprensa diaria, como compete ao seu intangivel papel de directora mais

proxima, mais poderosa, mais intima, da opinião publica.

Em compensação, levou cerca de dois mezes a buzinar, com um santo interesse e uma insondavel pena, a gloriosa agonia do general Mitre; mudou da secção respectiva para logar bem destacado, os telegrammas em que, num choro que desafiava todos os lenços, dizia, todas as manhãs e todas as tardes, aos seus leitores, que ora a febre do enfermo tinha descido um decimo, ora tinha subido outro.

Vimos, pois, com orgulho de civilisados commovidos, os prélos rolarem (*gemerem* deve ser mais proprio) a finados, chorando infinitamente o fim do grande patriota brazileiro, a quem o Brazil, sempre devendo, deve, por exemplo, tres enormes serviços, tres formidaveis façanhas: a gloria de cinco annos de guerra hedionda com o Paraguay; o ataque felicissimo de Curupaity; — e, sobretudo, a contestação acintosa do valor militar de Caxias, quando o Brazil, por milagre, festejava o centenario do seu unico general de terra.

Si Pedro Americo não mereceu da sua patria as lagrimas que a sua patria derramou, a inundar, em honra de um estrangeiro civilisado e grande, é porque nem sempre o Artista lançou sobre a téla façanhas como a de Curupaity...

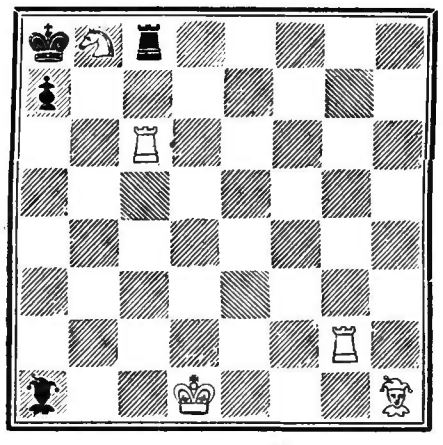
Pelo contrario, *Paz e Concordia!*

XADREZ

PROBLEMA N. 37

R. St. — G. Burke

PRETAS (4)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 39

(Jogada no Club dos Diarios em 5 de fevereiro de 1906)

GAMBITO EVANS

Brancas (Henrique Costa)		*Pretas* (Q. Bocayuva Junior)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 4 C D	— 4 —	B × P
P 3 B D	— 5 —	B 4 B D
P 4 D	— 6 —	P × P
Roque	— 7 —	C 3 B R? (*a*)
P × P	— 8 —	B 3 C D
P 5 R !	— 9 —	P 4 D (*b*)
P × C	— 10 —	P × B
P 5 D	— 11 —	D × P B R (*c*)
T 1 R x (*d*)	— 12 —	C 2 R
B 5 C	— 13 —	D × T
B × C	— 14 —	R 2 D
D 4 T D x	— 15 —	P 3 B D
P × P x	— 16 —	P × P
D 1 D x	— 17 —	R 2 B
D 6 D x	— 18 —	R 2 C
C 5 R	— 19 —	D 7 C
D × P B D x	— 20 —	R 3 T
D × P B D x	— 21 —	D 4 C
D × P B R	— 22 —	B 2 C? (*e*)
C 3 B D	— 23 —	B × P B R x
D × B	— 24 —	D 3 C
B 5 B D	— 25 —	T R 1 B R
B × D (*f*)	— 26 —	T × D
B × T	— 27 —	abandonam

(*a*) Erro abominavel. Como é que ha quem se lembre de semelhante defeza no Evans?

(*b*) Este seguimento ainda aggrava a situação das Pretas. A partida está virtualmente perdida. Antes 9... C 5 R.

(*c*) Este lance não é bom; mas nesta situação ha um lance bom? Si 11... C 1 C; 12 — T 1 R x, R 1 B!; 13 — P × P, R × P; 14 — B 2 T x, etc.

(*d*) 12 — P × C assegura desde já o ganho da peça, porque si 12... D × T; 13—T 1 R x, B 3 R (si 13... R 1 B, mate em dois lances); 14 — T × B x, P × T; 15 — D 7 D x, R 1 B; 16 — B 3 T x, R 1 C; 17 — D × P mate. E si depois de 12 — P × C, as Pretas rocassem, esperando tomar a torre opportunamente, as Brancas ainda manteriam a peça, jogando 13—B 3 T, D × T; 14—B × T e o R preto não póde tomar o B por causa do mate.

(*e*) Este lance determina o sacrificio de uma peça para evitar a perda da D ou o mate.

(*f*) Para que? 26 — D 4 D é muito mais simples. Partida esta errada de um lado e frouxa do outro. Quando não estão compromettidos em torneio, nossos amadores não tratam o xadrez como elle merece.

***

O bello problema que no numero passado publicámos e que tão apreciado foi pelos nossos leitores, é de Annibal da Costa Pereira, cujos nomes finaes saíram trocados por um descuido typographico.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 35 (*Annibal da Costa Pereira*): D 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

O ORVALHO

Sobre uma rosa entreaberta
Que desperta
A' luz que raiando vem,
Tomba uma gotta de orvalho,
Treme o galho,
Treme o galho e a flôr tambem.

E a rosa inclinando a coma,
Solta aroma,
Aroma de embriagar;
Emquanto o orvalho indeciso,
Num sorriso
Procura um beijo lhe dar...

Vendo a rosa com malicia
Tal caricia,
Volve rosto e o orvalho cáe;
Como lagrima sentida,
Já sem vida,
Rola por terra e se esváe.

Notando, após, a traídora
Quanto fôra
Ingrata mesmo e cruel,
Profere incauta, saudosa,
Melindrosa,
Curvando a fronte revel:

—Um placido amor quizeste,
Mas tiveste
O virus do meu rancor:
Por onde enlevada eu vejo
Do desejo
Nascer a soturna dôr.

E o orvalho escutando a rosa,
silenciosa
No seu risonho falar,
Resurge do pó da nava
Que o encerrava,
Dizendo-lhe a soluçar:

— Não me lamentes a sorte
Pois a morte
Desvenda arcanos de Deus...
Dou-te os meus sonhos, querida,
Dou-te a vida
Só por um beijo dos teus!

E sumiu-se a gotta d'agua
Que de magua
Deixára a rosa a chorar;
Emquanto a brisa murmura
Com ternura:
—Viver... e depois amar...

IGNACIO RAPOSO.

1906.

VERSOS

Parlavam numa roda alguns senhores
— capitalistas, medicos de fama,
quando passou por ella certa dama
num passo senhoril de pisar flores.

E sorriu para o grupo em cujo meio
tambem se via um misero poeta,
que numa roda assim fina e selecta
se entrava, entrava sempre com receio.

Coraram todos ao sorriso claro,
suppondo cada qual, cheio de entono,
caber-lhe a distincção de ser o dono
daquelle mimo precioso e raro.

Não se lembrou nenhum do trovador
— o mais humilde ali da roda austera,
e mesmo porque o misero não era
nem homem de dinheiro e nem doutor.

Entretanto, a fidalga distincção
— que toda aquella roda poz captiva,
pertencia ao poeta, a quem a diva
mandava num sorriso o coração.

Minas, 06

BELMIRO BRAGA.

ANNO III — Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1906 — Num. 71

ASSIGNATURAS
ANNO.... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro fôram verdadeiros milagres, realizados a golpes violentos no consagrado direito de propriedade, na intangivel liberdade individual para tudo, direitos muito abrigados dentro do cascão da rotina, rijo, engrossado com as superpostas camadas do sedimento de um relaxamento secular. E toda a gente levantava as mãos agradecidas para o céo, dava graças ao glorioso S. Sebastião, que protegia a população e impedia que ella fôsse devastada pelos flagellos aqui aclimados. S. Sebastião attendia a essas sinceras exhibições de piedade, permittindo que as epidemias nos extorquissem annualmente um certo tributo de vidas, amainassem, recrudescessem periodicamente e deixassem alguem vivo. Ellas tinham o effeito patriotico de tornar o nosso porto magnifico, a nossa cidade formosa — sitios malditos.

Si a cidade fôsse definitivamente saneada, S. Sebastião perderia a freguezia ; os seus milagres seriam inuteis, pela simples, pela intuitiva razão de não haver necessidade delles : nós fariamos com hygiene, com os habitos de limpeza, aquillo que o santo conseguia pela intercessão divina.

Conta-se a esse respeito uma anecdota absolutamente authentica, apezar da sua inverosimilhança. Um prefeito houve, no Districto Federal, bastante ouzado para acalentar a idéa de obrigar a Santa Casa de Misericordia a ligar os conductos da porcaria infecta, os dejectos perigosos dos seus milhares de doentes, aos exgottos da *City Improvements*, projecto que resistira a muitas tentativas anteriores. O provedor daquelle pio estabelecimento, homem assignalado por largo e venerando risco na politica, estrella de primeira grandeza na constellação de personagens illustres, recuzou peremptoriamente attender á injuncção do prefeito, allegando com mystica firmeza ser inutil a intervenção das galerias do exgotto geral. S. Sebastião tinha, até então, preservado a cidade do contagio resultante dos detrictos hediondos da Santa Casa, com mais efficacia do que os processos de depuração chimica empregado pelos inglezes. E a prova disso era que os pios detrictos desbordavam alli na praia de Santa Luzia, onde os cariócas elegantes se banhavam, não constando que alguem tivesse adoecido em consequencia das ablnções naquelle mar saturado de germens assassinos. O milagre não era singular — ajuntava o excellente provedor : elle se realizára durante a revolta de setembro, cujas balas attigiram as paredes, as costaneiras, não consentindo o santo que uma só penetrasse as enfermarias pelas janellas. O prefeito recuou ante a inabalavel recuza, e o hospital mantém os seus exgottos despejados no mar.

Quando, tempos depois, um industrial tentou invadir o privilegio de pompas funebres, outorgado áquelle pio estabelecimento, e levou o caso em renhida disputa aos tribunaes, um juiz, agarrado, cheio de hombridade, aos textos da Constituição da Republica, reconheceu-lhe o direito de explorar aquella industria como outra qualquer. O caso subiu a instancia superior, onde tanto influiu o fetichismo pelo prestigio da Santa Casa, que a appellação esteve a pique de não ser julgada por falta de juizes. Cinco se declaram suspeitos, sendo necessario convocar cinco juizes seccionaes, que confirmaram com os ministros restantes o monopolio.

Mais tarde, o mesmo prefeito entendeu que a secularisação dos cemiterios era um preceito da nossa lei organica. Empregou inutilmente todos os meios para secularizar os cemiterios da Capital Federal, offereceu á Santa Casa uma subvenção annual de quatrocentos contos para que ella abrisse mão das necropoles, prometteu conservar como empregados municipaes os respectivos funccionarios: tudo em vão. O pio estabelecimento descambou para o terreno do capricho; considerou o empenho do prefeito um attentado, cerceou-lhe o apoio supremo do presidente da Republica, e o prefeito foi forçado a deixar a direcção dos negocios municipaes.

Essas veracissimas pilherias provam que nós possuimos institutos de beneficencia prestigiados com a protecção divina, fóra do alcance da Constituição e das leis que regulam a saúde publica. São verdadeiros Estados no Estado, exigindo, pelo bem que fazem, prerogativas de despotismo inatacavel, ao qual se devem todos, governos e governados, submetter sem protesto, sem murmurios irreverentes.

***

Mas.. como iamos discorrendo, devemos relembrar que a ultima lei, regulando a desapropriação por utilidade publica para o saneamento e aformoseamento da cidade, foi a maior daquellas violencias fecundas, de resultados admiraveis.

Essa lei suscitou os mais vehementes, os mais indignados clamores como extorsão iniqua ao direito de conservar os casebres sujos, os pardieiros immundos ; ella foi, entretanto, executada sem bulha, sem matinada ; sem ella, não teriamos a magnifica Avenida, as estupendas obras de regeneração, de segurança, de commodidade, o alargamento das viellas nojentas em vastos conductos de ar e de luz, os nivelamentos suaves, a substituição de calçadas, eternamente esburacadas, por um leito egual, lizo, entremeiado de jardins, ensombrado de arvoredo, perfumado de flôres.

A rotina, porém, arreganhou os dentes, assanhada por esses melhoramentos que perturbavam o seu somno esteril, a sua serena paz conservadora

da tradicional sujeira de Sebastianoplis.

Os homens empenhados nesses melhoramentos, nesse patriotico movimento de progresso, empreza recalcitrante a mais de cem annos de esforços em tentativas dispersas, timidamente aventuradas, desde os miseros dias do seculo passado aos nossos obscuros dias republicanos, estão fartos de pancada, como esbanjadores malucos, empazinados com o suor do povo, com o qual se argamassam os sinistros castellos da diffamação e da calumnia rotineiras. A gratidão publica, sempre tardia, virá depois, quando o tempo dissipar a neblina do pó, onde se desfiguram factos e personagens no conturbado scenario do presente. Os contemporaneos são myopes; não vêem de perto; enxergam nitidamente o que está distante, fóra do alcance das paixões perturbadoras, extreme de interesses subalternos.

As obras de restauração proseguiram desassombradamente, á proporção que iam penetrando a consciencia publica as vantagens colhidas em compensação do sacrificio imposto pela draconiana leis aos proprietarios. Houve reclamações, queixas, protestos, duvidas que se dirimiram tranquillamente pelos meios legaes, sem escandalo. Mas por arte do demonio, o prefeito, cujos peccados merecem clemencia comparados ás suas altas qualidades de aduinistrador, de fecunda actividade incansavel, ouzou machucar uma ponta dos interesses temporaes de uma dessas Ordens benemeritas, superiores ás conveuiencias publicas, Ordens em qne se confundem, numa harmonia mystica, o divino e o profano, instituições canonicas e preceitos da maçonaria, a ópa e o malhete. Tanto bastou para lhe caírem em cima feio e forte, com uma atroadora musica de pancadaria.

Elle teve a inqualificavel audacia de offerecer a indemnisação de sessenta contos por um pedaço de enfermaria, alojada num pezado edificio de abominavel estylo colonial, uma enfermaria que, conforme a opinião sem discrepancia, está mal collocada no coração da cidade, e perturbava, como um formidavel coutraste, o prolongamento natural da já agóra formosa rua da Uruguayana. Offerecer não é aggravo por isso mesmo que o dever do administrador é pugnar pelo allivio dos cofres municipaes; entretanto, esse offerecimento foi elevado á eminencia de um desaforo, de uma pouca vergonha, de uma irreverencia ás tradicionaes prerogativas da Ordem.

O prefeito não ponderou o prestigio do seu benemerito contendor; não lhe veio á velha memoria que essas Ordens pias, offendidas no seu direito á ópa, tiveram, cerca de trinta annos atraz, influencia sufficiente para metter dois preclaros bispos nas masmorras da Ilha das Cobras, onde padeceram as dolorosas consequencias do seu ardor apostolico.

O prefeito deveria considerar que com esses potentados não se brinca impunemente, e mais atilado seria si modelasse o seu plano pelo respeito aos direitos do proprietario potentado, deixando a rua entupida pelo casarão com os seus doentes refrescando as maguas debruçados nas janellas, observando o madamismo formigante no largo da Carióca, accrescendo, como lambugem a esse espectaculo pittoresco, o necroterio alli pertinho, ás barbas do publico.

O prefeito procedeu temerariamente não se curvando ás exigeucias da Ordem. Deveria mirar-se no exemplo salutar do sr. Rodrigues Alves, que recommendou solicitamente ao ministro da Viação e ao constructor da Avenida respeitassem as egrejas para evitar complicações perigosas com as Ordens e os capellães, cuja influencia se accentúa de maneira assustadora nestes leigos dias da Republica.

Tinha carradas de razão o ladino paulista, como estão os factos demonstrando. O sr. Rodrigues Alves, apezar da immunidade do sexo, não concordou, fôsse embóra prejudicado o traçado da Avenida, com a demolição da egreja do Parto...

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Conhecida a necessidade que sentem os allemães de emigrar; — dada a noticia de suas *colonias politicas* e de suas *colonias commerciaes*; estabelecida a pertinacia da propaganda do *allemanismo* até entre as nações soberanas; determinado *o caso singular de sua situação no sul do Brazil*, resta considerar as consequencias futuras que dahi pódem advir á nossa patria.

Antes de tudo, importa considerar o *estado de espirito* das gentes das colonias situadas em nosso paiz.

Esse espirito nos é adverso. Ao passo que nos Estados-Unidos, — segundo informa J. Stoecklin, — il est d'autant plus difficil de reconnaitre les citoyens américains d'origine allemande *que la plupart d'entre eux ont honte de leur origine et ont anglicise leur nom*: les Zimmermann sont devenus des *Carpenter*, les Braun des *Brown*, les Löwenstein — des *Livinstone*, etc.; ao passo que nos Estados-Unidos os allemães e seus descendentes se deixam attraír gostosamente pela sociedade anglo-saxonia, no Brazil fazem vida á parte e nos aborrecem evidentemente.

As provas do facto são innumeraveis.

O aferro que mostram por sua lingua e tradições, que não trocam pelas nossas, é uma dellas e da maior importancia.

Si nos estimassem, deixar-se-íam assimilar no meio de nossas populações.

O desprezo que ostentam por nossa vida publica, da qual não participam de proposito, é outra prova irrefragavel.

A abstinencia é tão completa que chega a parecer maravilhosa, chega a parecer materialmente impossivel.

E' assim que se pódem ferir a seu lado, em torno de suas terras, as mais intensas luctas entre as populações brazileiras, sem que elles dêem o mais leve signal de vida.

Importam-lhes menos do que lhes importou a guerra entre a China e o Japão.

Assistem impassiveis, e com secreto gaudio, ás dissenções politicas dos riograndenses, dos habitantes de Santa-Catharina e Paraná. E' como si fôssem contendas de estrangeiros, de tribus africanas.

Prova evidentissima de que não se interessam por nosso viver, nem fazem caso das aspirações das gentes entre as quaes se vieram collocar.

Este signal tem todo pezo — para quem sabe o valor dos phenomenos sociaes, como força impulsora da acção politica, e o valor do estado

d'alma das populações, como força determinante do estado social.

Existem, em perto de 380.000 pessôas de origem germanica, residentes no Brazil, cinco ou seis ou oito que, para confirmar a regra da abstenção de seus patricios em tudo que é puramente brazileiro, se mettem nas luctas partidarias locaes.

São raros moços, filhos das cidades, ordinariamente nascidos dos rarissimos consorcios de allemães com brazileiras, desviados em parte do pensar genuinamente germanico, que se deixam attraír por ambição politica. E' excepção singular, que nada vale.

Sua aversão, seu desprezo por tudo que é brazileiro, *menos a terra, que chamam sua*, é attestado pelos poucos nacionaes que ouzam viver no meio delles nas colonias compactas.

Começam os nossos por ter vergonha de falar a nossa lingua, por serem chasqueados quando o fazem.

Elles é que teem de aprender a lingua estrangeira !...

Nessas colonias, os actos officiaes, os processos, os despachos dos juizes, os editaes das camaras, tudo, tudo é em lingua allemã.

Si algum juiz, si algum promotor publico tenta reagir, é posto habilmente para fóra.

Digo *habilmente*, porque a calma, a fleugma allemã, esperando o dia do *Novo-Estado*, sabe agir com um tino, com uma prudencia admiravel.

Mas para que gastar tinta em provar coisas de todos sabida, coisa que fingem apenas ignorar os nossos desbriados e infames governos, que tanto teem de ineptos como de covardes ?

Os proprios allemães, quer viajantes, quer colonos, o confessam com a maior sem-cerimonia.

Tenho aqui duas provas á mão; uma dellas é de viajante e a outra de sujeito que vivia em Porto-Alegre, e, alli mesmo, numa cidade que é a capital do Estado, e ainda é em grande parte brazileira, não trepidava em revelar crúamente o pensar de seus patricios a nosso respeito.

Eis aqui o depoimento do sr. Alfredo Funcke :

«... Como representantes do povo brazileiro, o colono allemão só conhece o habitante da serra propriamente dito, indigente e ignorante, e o funccionario publico. O serrano, hostil a todo trabalho regular, condemnado a eterna penuria, sem fé nem probidade nas relações commerciaes e no trato, além disso não raro oriundo de sangue negro ou mestiço de indio, vivendo vida de mancebia, entregue a todos os desregramentos dos sentidos, não podia servir ao lavrador allemão de exemplo digno de ser imitado. Quanto ao funccionario publico brazileiro, que não vê no emprego sinão um meio de passar commodamente a vida, geralmente susceptivel de suborno e outras influencias congeneres, que jámais cumpre o seu dever honradamente nem pontualmente, o seu exemplo provoca necessariamente a comparação com os seus collegas allemães. Semelhante cotejo era de natureza a infundir no animo do colono o desprezo pelo brazileiro culto. A tudo isto vinham juntar-se experiencias pessoaes nas relações com as auctoridades e especialmente com a magistratura, relações em que o colono allemão saía prejudicado e ludibriado.

A observação de que tambem os brazileiros abastados iam decaíndo progressivamente devido a uma economia desordenada, além disso os casos de parentes empobrecidos caírem com a menor sem-ceremonia nas costas de outros e muito frequentemente os ajudarem a devorar minguados haveres, não podiam de modo algum attraír para o natural do paiz a sympathia do camponez allemão, sempre tão economico e poupado.»

Não se póde ser mais rudemente franco. Só o proprio Alfredo Funcke poderia sel-o e foi nas seguintes linhas, em que se refere á *protecção* que o governo allemão deve aos seus *subditos* do Brazil :

« Essa protecção naturalmente só póde ter valor para o allemão emigrado si a força do imperio estiver sufficientemente representada pelo pavilhão de guerra. Os americanos do sul soffrem todos de exaggerada presumpção e só respeitam os direitos do estrangeiro segundo o que a amistosa visita de vasos de guerra proximos lhes refresca na memoria, com frequencia significativa, á certeza de um desforço assustador em caso de attentado.»

Estas gentilezas de Funcke occorrem no citado artigo do *Jornal do Commercio*, de 6 de janeiro do anno passado.

Mais insultosa no proposito de nos injuriar é a poesia do professor allemão, de Porto-Alegre, o sr. dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, que assim nos pagava o bom emprego que desfructava. E' um *Hymno nacional brazileiro*, no sentir desse poeta allemão.

E' documento de vinte annos atráz, prova de que, si a propaganda para nos invadir é antiga, não o é menos a tendencia para nos menosprezar. E' da *Gazeta de Noticias*, de 15 de setembro de 1886, na qual se lê :

« No *Deutsche Post*, jornal que se publica em Porto-Alegre, sob a direcção do dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, appareceram uns versos em fórma de hymno, que fôram tomados como ridicularizando o Brazil e o nosso exercito.

A *Reforma* deu a traducção desses versos, que é a seguinte :

«HYMNO NACIONAL BRAZILEIRO

Tens feijão preto e milho, tens xarque e toucinho em abundancia, tens as mais grossas batatas;—Brazil, que queres ter mais ?

Tens quantidade de vinho nacional, fabricas de cerveja e licores Christoffel, Rapp, Becker e Campani ; — Brazil, que queres ter mais ?

Quão bons seriam os caminhos, comtanto que não chovesse, e no emtanto são pantanos e buracos ;—Brazil, que queres ter mais ?

Como formigam os bandalhos e ladrões, isso chamamos em allemão — militares, esses devem defender a patria;—Brazil, que queres ter mais ?

Os pequenos garotos são presos, os grandes vivem ás soltas e mesmo teem titulos pomposos;—Brazil, que queres ter mais ?

Tens tres partidos, ó miseria ! esses amarguram-te a vida, tens mesmo o Martin de prata ;—Brazil, que queres ter mais ?

E dividas, e dividas, e dividas, sugam-te os cofres de um todo, e estás dirigido para o abysmo ;—Brazil, que queres ter mais ?—*Anastasius Blau.*»

«Conhecida e vulgarizada pela cidade esta traducção, o povo indignou-se e reuniu-se em *meeting*, para protestar contra o ultrage e pedir a punição do seu auctor, ou, pelo menos, do director da folha que o inserira.

A vista da attitude do publico porto-alegrense, a presidencia da provincia demittiu, a bem do serviço publico, o dr. Frankenberg, do cargo de lente da Escola Normal.

A empreza do jornal allemão, por sua vez, e como protesto ao seu procedimento, demittiu do cargo de redactor-chefe da referida folha, o sr. Frankenberg.

A' vista dessas plenas satisfações, serenaram os espiritos.»

Houve em 1886 esse pequeno alvoroto, que trouxe a demissão de Frankenberg.

Tudo, porém, caíu logo na usual modorra; a nossa incuria continuou a dormir ; o *allemanismo* social e politico proseguiu na sua marcha ovante.

Hoje, nem talvez fôsse demittido da Escola Normal o lente que consentisse, em sua folha, o tal *Hymno nacional brazileiro*. .

O *Deutschtum* tem progredido tanto que, ao menor abalo, surgem por cá seus *enviados extraordinarios*, que teem recepções principescas, como si fôram chefes de Estado.

E' incrivel ; chega-se até a se lhes manifestar o desejo de que seus patricios façam cada vez mais uzo exclusivo da *lingua allemã*. Parece um sonho.

Mas é triste realidade...

Ainda ha menos de dois annos, tivemos exemplos em Porto-Alegre.

Lê-se no *Jornal do Commercio*, de 14 de julho de 1904 :

«Porto-Alegre, 13 de julho. — Foi hoje recebido pelo presidente Borges de Medeiros e pelas auctoridades estadoaes o dr. Jannasch, que se hospedou na Pensão Schmidt, *onde o Governo lhe mandou reservar aposentos*.»

Este Jannasch é um dos taes que influem nas *Associações de Immigração*, em Berlim, e tem as vistas voltadas para o Brazil, onde aporta de vez em quando.

Sempre que se levanta alguma poeira nos jornaes, sempre que se allude ao *perigo allemão*, elle toma o paquete em Hamburgo e salta em Porto-Alegre. Vem encarregado de fazer discursos, para apaziguar os *brazileiros*... E' missão por elle cumprida habilmente. E' bom orador e conhece de cór os logares communs amados dos brazileiros ; *fraternidade dos homens*, *patria universal*, *progresso de todos*, *paz geral*, *chiméra do perigo allemão, inventado pelos anglo-americanos*, *que nos querem conquistar*.

De tudo isto lança mão o inteprido homem. E o curioso é que os brazileiros se deixam convencer..

A sua vinda de ha dois annos foi motivada por certos *alarmas*, apparecidos em folhas americanas e inglezas, ácerca da crescente influencia dos grupos autouomos dos germanicos em terras do sul do Brazil.

Jannasch partiu sem demora. Chegou, falou, aconselhou aos *seus patricios que não fôssem nativistas*, *que não fôssem exclusivistas contra os brazileiros* ; mas que, nessa meia união com os nossos patricios — *não esquecessem a sua lingua e até a sua musica !*

Isto li eu nos jornaes do tempo, que sinto não ter agóra á vista.

Era o carro adeante dos bois, prova da consciencia da força de que já dispõem os seus patricios : em vez de pedir aos brazileiros que não uzassem de *nativismo* para com os allemães, aconselhava a estes que não o empregassem contra nós. Isto pinta a situação.

Era tambem contraproducente e manhoso; porque, ao passo que batia o exclusivismo, exhortava sua gente a *não deixar a sua lingua e a sua musica*, duas coisas da paixão caracteristica do allemanismo.

Telegrammas vi que davam conta da recommendação ácerca da *lingua e da musica*.

Não os tenho á vista ; mas aqui váe um de 19 de julho do dito anno de 1904, pelo qual se conhece mais ou menos o conteúdo dos discursos de Jannasch, não só pelo que delles se contém no alludido despacho, como pela resposta do presidente do Rio Grande, em que declara *não pedir* aos allemães que renunciem ás suas *tradições*, *á sua lingua*... E' incrivel.

Eis aqui :

«PORTO-ALEGRE, 18 DE JULHO.—As sociedades allemãs aqui existentes offereceram hontem uma grande festa ao sabio dr. Jannasch. Estiveram presentes o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, e diversas outras auctoridades federaes e estadoaes.

O dr. Jannasch pronunciou um brilhante discurso no qual *aconselhou os seus patricios a se unirem aos brazileiros e especialmente aos rio-grandenses*, *condemnando abertamente o preconceito nativista e o exclusivismo que separa as raças e separa os homens*, *quando a verdade é que a civilisação moderna procura reunil-os* pelo desenvolvimento commercial, artistico, scientifico e maritimo. O orador, proseguindo na mesma ordem de considerações, *atacou com vibrante energia a decantada chimera do perigo allemão*.

O dr. Borges Medeiros, num improviso bastante feliz e cheio de conceitos patrioticos, *disse tambem não ter receios dessa utopia que anda fluctuante em alguns espiritos timidos e eivados de preconceitos*.

Continuando, o presidente do Estado *declarou não pedir aos allemães que renunciem á sua patria*, *ás suas tradições e á sua lingua* ; pelo contrario, é que honrem a terra de origem, porque assim honrarão tambem o Rio Grande.

Terminou saudando a confraternisação dos dois elementos, germanico e brazileiro, sob o influxo da amisade reciproca.»

Evidentemente, o sr. Borges Monteiro não avalia a importancia da *patria*, das *tradições* e da *lingua* na vida dos homens. Do contrario, não chegaria a pensar que pudesse alguem possuil-as por partidas dobradas : da Allamanha e, ao mesmo tempo, do Brazil.

Entretanto, desde que o mundo é mundo, a historia e a experiencia teem sido incansaveis em desmentir o erro do presidente do Rio Grande do Sul e de todos os que, por falta do precizo criterio, laboram em tão nociva illusão. As tradições e a lingua teem tal importaucia que acabam sempre por veucer e fazer as nações a seu gosto.

Póde a politica, nas suas confinações, não raro insensatas, separar gentes da mesma estirpe, da mesma lingua e das mesmas tradições, como na Italia e na Allemanha até o ultimo quartel do seculo passado. E' debalde; mais cedo ou mais tarde, essas gentes se attráem e se unificam.

Póde a mesma politica, nos seus tresloucados calculos, jungir povos diversos sob o mesmo jugo, debaixo da mesma oppressão, como na Turquia. E' inutil ; mais cedo ou mais tarde, os elementos diversos se desaggregam e cada um procura o seu natural centro de gravidade. Assim foi alli : romaicos para um lado, gregos para outro, bulgaros para outro, servios para outro.

E' regra que nunca ha de faltar.

Dest'arte, o erro gravissimo, o erro inexpiavel dos governos brazileiros, o erro que nos ha de trazer a perda das bellissimas regiões do sul, foi se haver consentido na formação lenta, por oitenta dilatados annos, de fortes grupos de população que ficou irreductivelmente germanica, sem a menor fusão com populações brazileiras.

E' erro irreparavel.

Não ha sophismas que possam illudir a quem enxerga dois dedos adeante de si. Existem duas especies de individuos que teem interesse em fazer acreditar no contrario : os proprios allemães e seus descendentes, e certos politiqueiros brazileiros que precizam de não desagradar os colonos de Santa-Catharina, Paraná e Rio-Grande. O resto do Brazil pensa de modo de todo diverso.

Mas, dizia eu, para se aquilatar da verdadeira situação das coisas no sul, mistér é apreciar o *estado psychico* dos *teutos* com relação aos *brazileiros*.

Já fiz ver alguma coisa de singular neste sentido. Existe, porém, outro criterio, originado daquelle, que, sendo disso effeito, indica, de modo claro e inilludivel, o estado de adeantada divergencia em que andam os dois povos, que acabarão de todo separados : refiro-me á *situação social* de ambos. Este signal é infallivel.

Só existem hoje alguns ignorantes, cujo voto não tem nem póde ter o menor pezo, para acreditarem no valor da *politica*, das relações a que se costuma dar este nome, como força dirigente das nações, independentemente das condições *sociaes*. Toda a gente sabe que o estado social é que representa a substancia, o amago, a verdadeira estructura, o exacto valor de um povo qualquer.

A politica não faz mais do que andar atraz da sociedade, de suas aspirações, de seu caracter, de seu gráu de cultura, de suas necessidades, de suas tendencias, para as ir definindo e dando satisfação naquillo que é de sua competencia. Quando a politica chega, a tendencia social tem surgido e se avolumado ha muito tempo. Negal-o — é ser indigno da menor attenção de gente que pensa.

Ora, os allemães do Brazil são, *socialmente*, completamente distinctos e independentes dos nacionaes. Teem outra lingua, outra religião, outros costumes, outros habitos, outras tradi-

ções, outros anhelos, outros generos e systemas de trabalho, outros idéaes. E' innegavel. Logo, estão presos a nós sómente pelo *laço do territorio* ; porque mesmo de um *laço politico effectivo* não se póde falar, desde que se sabe que elles não tomam a minima parte em nossa vida por esse lado. Mas, em nosso territorio mesmo, as colonias constitúem verdadeiras *solucções de continuidade* entre as populações nacionaes. São como ilhas, ou oasis no meio do que costumam chamar o deserto brazileiro.

Faltam-lhes, para de todo se separarem de nós, formando *um Estado* á parte, duas condições apenas : uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos nucleos coloniaes dos tres Estados meridionaes. Nem será talvez precizo que se liguem os nucleos do Paraná aos demais. Logo que os de Santa-Catharina tiverem, por assim dizer, arredondado terras com os do Rio-Grande, e isto não está longe de acontecer, o brado de separação será dado.

E' até possivel que seja dado só pelos do Rio Grande, logo que todo o planalto, *toda a região serrana*, esteja assáz povoada por elles, desde as montanhas que dividem aquelle Estado em duas zonas, a do norte e a do sul, até ao curso do rio Uruguay, que o separa da Argentina e de Santa-Catharina. Pouco depois os desta, crescidos tambem em numero, se unirão aos seus patricios e parentes allemães do Rio-Grande. Para tanto, basta qae a população germanica dos dois Estados attinja a uma cifra respeitavel — de 800.000, ou 1.000.000 de habitantes.

A separação não se fez já com o auxilio e sob o *protectorado* da Allemanha, por causa das perturbações que isto acarretaria deante da chamada *doutrina de Monröe*, freio unico que contém o imperio, conforme os proprios allemães confessam e mostrarei linhas abaixo. Não fôra isso, e o gorverno imperial teria já feito o que praticou em Zanzibar.

Existe, porém, outro motivo que tem obstado essa terrivel crise de separação, que terá de ser dada em nosso Brazil : é que os nossos *teutos* não desejam fazer parte do imperio, como *colonia*, como *dependencia politica* ; aspiram á formação de um *novo Estado*, um Estado soberano, independente, como era o Transwaal, como são os Estados-Unidos e hão de ser o Canadá e a Australasia. Quando se sentirem fortes, pelo numero e pela riqueza, para nos afrontar, darão o signal de se constituirem politicamente á parte.

O governo brazileiro ha de saír a campo para contel-os ; travar-se-á lucta ; a Allemanha, então, intervirá com forças militares porque não ha de *consentir que allemães sejam trucidados no Brazil*... Nessa conjunctura, acceitarão os *teutos*, *si et in quantum*, o protectorado moral da Allemanha—e não o politico, porque este o imperio não lh'o póde dar, visto como não póde ter novas colonias na America. Mas bastar-lhes-á esse protectorado moral para facilitar o seu reconhecimento como *Estado independente*. Quando, pois, os optimistas, crendeiros no valor invencivel do Brazil, berram que não ha perigo de separação das colonias germanicas, porque o imperio não sonha nem póde sonhar com conquistas na America, fazem apenas um sophisma.

Ninguem disse jámais que os allemães mandariam cá suas esquadras para nos conquistar as terras do sul. A Allemanha não é estupida, nem ingenua ; ella deixa as coisas seguirem seu curso normal; espera que o fructo cáia de maduro. Pois póde lá nunca a Allemanha, que conta com a prolificidade de sua gente, com o vigor de seus filhos, e com a habilidade delles, admittir que um, ou dois, ou tres milhões de germanicos, collocados no Brazil, se deixem governar, dirigir, pelos *mulatos* (é como elles chamam a todos) do Brazil ?

E' mistér não saber nada de Allemanha e allemães, para acreditar-o. O *Deutschtum* do Brazil *fará da sé* ; o da Europa tem confiança e espera.

A evolução desta desgraçada questão, descuradissima pela incuria brazileira, é a seguinte: 1º periodo de immigração por méra necessidade, de 1825 a 1870; 2º periodo de formação consciente de um grupo ethnico á parte, capaz de ter por si *mesmo* largos destinos, periodo em que teem procurado os directores dos grupos coloniaes firmal-os cada vez mais ao sólo com a agricultura, e vão procurando apoderar-se, nas respectivas zonas, das melhores industrias, da navegação, do commercio bancario, das forças economicas, em summa, de 1870 até agóra; o 3º periodo será o do futuro proximo em que procurarão crescer e prosperar de mais em mais, o que, quando a população fôr numerosa e a riqueza grande, os levará a se constituirem em corpo de nação, como *Estado soberano*.

A protecção allemã européa será méro auxiliar de segunda ordem.

Que tem o Brazil a fazer para impedir essa desastrada solução do *Deutschtum* que nos ameaça no sul ?

E' o que resta indicar.

Emquanto as colonias não crescem demasiado, a ponto de se tornarem perigosas, ha alguma coisa a tentar.

As affirmações que fazem de fidelidade ao Brazil são para nos enganar e para o norte-americano ver.

Si a empreza fôsse coisa a ser feita pela Allemanha, repito, já ella o teria tentado; mas como não é, porque nem ella o póde, por causa do *monröismo*, nem os allemães de cá teem fortes desejos de se collocar na dura sujeição do imperio, espera-se a solução do tempo, trazida com o augmento da população, do territorio e da riqueza.

O imperio, porém, não suspeita claramente que a aspiração de independencia dos *teutos* não se entende só para com o Brazil, e que o envolve tambem a elle.

Por isso, não perde nunca a esperança de empolgar aquellas terras por um arranjo qualquer, possivel no decorrer dos tempos.

Nessa esperança, busca todos os meios imaginaveis de illudir, de sophismar a doutrina de Monröe, contra a qual faz propaganda entre as proprias nações do continente, ás quaes faz acreditar que a *America é dos americanos*—quer dizer delles — *americanos do norte*, *dos filhos dos Estados-Unidos*.

Pintam a estes, umas vezes, como *conquistadores*, que nos virão subjugar; proclamam que o *monröismo* equivale a uma *tutella humilhante*, e outras sophisticarias do genero.

Recorrem, outras vezes, á proposta de harmonia para engolirem, de accordo, a preza latino-americana.

Neste sentido, são dignas de aturada leitura as palavras do sr. dr. Walter Kundt, auctor de —*O Brazil, sua importancia para o commercio e a industria allemães,* conforme a já alludida traducção do *Jornal do Commercio*, de que peço venia para transcrever ainda um trecho caracteristico:

«Quanto á doutrina de Monröe, tenho para mim que ella se baseia em considerações obsoletas, e ainda no correr do seculo terá de ceder o passo a outra politica externa dos Estados Unidos.

A doutrina de Monröe parte do principio de que os povos da America se tinham libertado do jugo da dominação ingleza, hespanhola e portugueza, e que a esses povos livres cumpria agóra defenderem-se collectivamente contra os appetites conquistadores das nações européas. Mas esta classificação dos povos em livres e não livres, em republicanos e monarchicos, parece-nos hoje muito inhabitual e desnecessaria. Hoje, que o centro de gravidade de toda a politica está no terreno economico, outro é o criterio para proceder á classificação dos povos. Ha, em primeiro logar, povos que, por sua actividade e intelligencia, se collocaram na altura de resolver os problemas economicos que o seu paiz suscita, e neste numero estão incluidos

quasi todos os povos do continente europeu; ha, em segundo logar, povos incapazes de aproveitar os dotes que lhes couberam em parte, que por indolencia ou por outros motivos deixam mais ou menos improductivos os thezouros naturaes que lhes offerece o seu paiz, e a essa categoria pertencem, na Europa, Portugal e a Hespanha e os paizes balkanicos, e na America, a totalidade dos povos, com excepção dos de lingua ingleza. *E ha, em terceiro logar, povos a quem o territorio nacional não offerece campo sufficiente para a satisfação da sua actividade e que estão chamados a realizar, nos paizes da ultima das categorias supracitadas, aquillo que os habitantes desses paizes não quizeram ou não puderam fazer.*

Povos taes não ha sinão tres ; são os mais poderosos representantes da raça germanica, os allemães, os inglezes e os norte-americanos. *Esses estão chamados a recolher a herança do decadente mundo latino e teem todo o interesse em concertarem-se sobre o melhor processo de dividirem entre si a tarefa.* Ainda hoje, os povos hispano-lusitanos dominam um territorio que é maior que o immenso imperio moscovita e só muito pouco inferior, em tamanho, ao imperio britannico. A quem virão, um dia, a tocar esses paizes, ningem o sabe; *mas o que é certo é que elles não pódem continuar nas mãos do mais mesquinho e inepto ramo da raça latina.* Em futuro proximo, esses paizes vão provavelmente representar o mesmo papel que a Turquia e a China, cuja subsistencia si tem sido tornado possivel, é só exclusivamente devido á rivalidade das potencias.»

Que tal ?

Continuaremos de braços cruzados em face de tantos e tão repetidos avisos ?

Para resistir a essas e outras ameaças e nomeadamente para escapar do perigo de virmos a perder as terras do sul, minados pelo elemento germanico, temos a fazer o seguinte :

1º Seguir o *systema japonez* de nos apparelharmos por meio de todos os recursos da sciencia, no sentido de prepararmo-nos militarmente para a lucta;

2º Mudar a feição *communaria* de nosso *caracter*, que tudo espera do Estado, e reformar a nossa *educação* no sentido *anglo-saxonico* da *iniciativa pessoal*, da *audacia no emprehendimento*, da *coragem na acção*, da formação dum alevantado *idéal* de vida e de força individual e collectiva;

3º Ajudar a essas grandes medidas com o *povoamenta do sólo* por um regimen systematico : immigrantes de *nacionalidades diversas espalhados por todas as zonas* do nosso immenso planalto, desde as serras do Rio Grande do Sul até ás fronteiras do valle do Amazonas, que será tambem povoado por gente adequada;

4º Approveitar, por todos os meios imaginaveis, *o enorme proletariado nacional*, que será transformado em *elemento colonisador*, posto ao lado do estrangeiro para educar-se com elle no trabalho e *o ir abrazileirando;*

5º Facilitar esse povoamento do paiz em todas as direcções, levando *estradas de ferro por toda a parte*, que sirvam para articular, por assim dizer, este immenso corpo, facilitando-lhe ao mesmo tempo a defeza.

Em vez de andarem ahi a esbanjar milhões com obras de *luxo*, avenidas, theatros, passeios e outras no Rio de Janeiro, que nos fazem representar o papel de um *mendigo*, descalço e maltrapilho, com um *gorro bordado a ouro* na cabeça, deveriam empregal-os nos melhoramentos indicados.

Mas essas são as medidas de ordem geral, reclamadas pelo paiz todo.

Pelo que toca directamente ás colonias allemãs, mistér será embaraçar-lhes o enthusiasmo do *Deutschtnm*, pelo seguinte modo:

1º Prohibir as grandes compras de terrenos pelos syndicatos allemães, maximé nas zonas das colonias ;

2º Obstar a que estas se unam, se liguem entre si, collocando entre ellas, nos terrenos ainda desoccupados, nucleos de colonos nacionaes ou de nacionalidades diversas da allemã;

3º Vedar o uzo da lingua allemã nos actos publicos ;

4º Forçar os colonos a aprenderem o portuguez, multiplicando entre elles as escolas primarias e secundarias, munidas dos melhores mestres e dos mais seguros processos;

5º Ter o maior escrupulo, o mais rigoroso cuidado em mandar para as colonias, como funccionarios publicos de qualquer categoria, sómente a individuos da mais esmerada moralidade e de segura instrucção.

6ª Desenvolver as relações *brazileiras* de toda a ordem com os colonos, protegendo o commercio nacional naquellas regiões, estimulando a navegação dos portos e dos rios por navios nossos, creando mesmo alguma linha de vapores que trafeguem entre elles e o Rio de Janeiro;

7º Fazer estacionar sempre vasos de guerra nacionaes naquelles portos;

8º Fundar nas zonas de oéste, tolhendo a expansão germanica para o interior, fortes *colonias militares* de gente escolhida no exercito.

Estas e outras medidas, despertadas pela pratica e pelo criterio dos governos, poderão obstar o desmembramento futuro do Brazil nas regiões do sul.

Teremos coragem de as pôr em pratica ?

O tempo o dirá.

Pondo remate a estas considerações, que o silencio da *America Latina*, do dr. Bomfim, me forçou a fazer sobre o perigo allemão entre nós, precizo prevenir uma objecção de caracter pessoal.

Sabe-se que o meu amigo Tobias Barreto se bateu no Brazil pelo *germanismo* e eu o applaudi, tanto quanto esse modo de pensar e agir *pudesse servir de* REAGENTE, *de* TONICO *para o caracter nacional.*

E esse era o pensamento de meu patricio e camarada.

Elle sabia da existencia, no sul, do *allemanismo da colonisação* ; sabia da propaganda que, ineptamente no Rio de Janeiro e machiavelicamente na Allemanha, se fazia para que esse *allemanismo colonial* augmentasse.

Conhecedor dos perigos que dalli proveriam ao Brazil, procurou substituir aquelle *allemanismo de immigração* pelo *germanismo da sciencia, da cultnra, da educação, da fortaleza moral*, unico capaz de nos apparelhar para resistir ao primeiro.

E' uma calumnia, pois, dal-o por favoravel ás pretenções dos *immigrantistas* insensatos.

O que o meu amigo sempre quiz, sempre ensinou a este inconsciente povo de ingratos, desnorteado por litterateiros imbecis, o que elle pretendia, com uma larga intuição verdadeiramente genial, era que o Brazil fizesse o que o Japão *já tinha então começado a fazer* . . .

E' verdadeiramente admiravel.

Os factos vieram dar plena razão ao pensador sergipano.

Ha trinta e quatro annos, quando no Brazil ninguem sabia da immensa transformação, pouco antes iniciada no Japão, já Tobias Barreto o indicava como modelo a seguir.

Hoje é moda fazer litteratice, á custa do valoroso imperio asiatico.

Litteratões que nada sabem, vivem a aborrecer a gente com patacoadas ácerca daquelle povo exemplar.

Em 1872, ha trinta e quatro annos, escrevia o grande critico, e chamo a attenção dos leitores para este facto, que define a sua propaganda germanica entre nós, fazendo appello para o que se estava praticando no Japão, onde se cogitava de *educação e sciencia* e não de *immigração colonial* : «Já nos factos, e especialmente *nas tendencias intellectuaes*, está o Japão mais adeantado que o Brazil. Eis uma prova entre muitas.

No primeiro de janeiro de 1870, foi aberta, na capital daquelle Estado, a qual conta um milhão e meio de habitantes, uma escola para o ensino da lingua allemã, apenas com quatro

alumnos, e no fim do anno contava já de 400 a 500.

No correr de 1871, como consequencia dos grandes feitos da guerra franco-allemã e do ascendente da Allemanha, espalharam-se pelas provincias muitas outras escolas, e o proprio imperador se mostrou, desde então, interessado a tal ponto, que por elle e seu governo fôram não só instituidas *escolas pelo modelo allemão* e para esta lingua com maior profusão, como tambem *fôram enviados para se educarem no seio da cultura germanica* diversos moços japonezes de familias consideraveis e de elevada posição. Ultimamente, (1872, anno em que escrevia o sabio brazileiro) o governo fundou altos *institutos scientificos* e uma *academia de medicina*, onde exclusivamente se acham sabios e professores desse paiz, chamados para dirigirem o ensino.

Dahi tem resultado uma viva procura de livros allemães de modo que uma celebre firma commercial em Yedo, A. Ahrens & C., foi levada a entrar em relações activas com o commercio livreiro, principalmente de Leipzig, e a dirigir-lhe uma circular neste sentido.

E então? Podemos nós rir-nos dos dignos japonezes?

Houvesse quem aconselhasse ao nosso governo para crear uma academia, sómente dirigida por sabios allemães, e ver-se-ía que barulho!

Si era possivel admittir-se um jurista mais profundo do que o Ribas, de S. Paulo, ou um medico mais sabido do que o Sodrésinho, da Bahia? A paz do Senhor seja comvosco, espiritos idiotas..

E quem tivesse, como eu já tive, a loucura de conceber e tentar realizar a idéa de uma sociedade de *propaganda germanica*, havia de regalar-se quando a quizesse levar a effeito.»

Que traço de genio! que visão de pensador!

E' pena que Tobias Barreto não tivesse vivido bastante para admirar as estrondosas victorias do Japão e seu ascendente no mundo.

Desventurado Brazil, que, illudido por gralhas palreiras, não tomaste, até hoje, o conselho de teu verdadeiro amigo!

Vê qual é o teu estado e o do longinquo imperio oriental, que não metteu *immigrantes*, mas ingeriu idéas, doutrinas, saber, praticas uteis, que o disciplinaram para luctar e vencer.

Costuma-se dizer que se cura a mordedura do animal com o seu proprio pello.

E' o que se póde imitar: repillamos as incursões de allemães e outros europeus quaesquer com os propios processos delles aprendidos e assimilados.

Para isto é, porém, indispensavel caracter. O sr. Manoel Bomfim não quiz discutir essa *vexata questio* do *Deutschtum*; julgou-a, por certo, abaixo de suas cogitações, entretidas com o *ciúme* e o *parasitismo*.

Não me arrependo, entretanto, dos tres artigos que lhe consagrei, a proposito da *America Latina*. Para me depedir do sr. Manoel, resta-me tão sómente escrever algumas linhas ácerca de seu estylo. Esperem.

SYLVIO ROMÉRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A argilla. — Medicamento velho para a gastro-interite. — Applicações em caso de cholera morbus durante cinco annos.

O pó, as substancias mortas não devem ser desprezadas em therapeutica. O dr. Stumpf, professor de medicina legal em Wurtzburg, tendo empregado, durante cinco annos, com muito successo, argilla pulverisada contra a gastro-interite de meninos e adultos, teve a lembrança de empregar esse medicamento nos doentes da ultima epidemia de cholera asiatica que se manifestou no valle do Vistula.

O tratamento consiste em administrar a argilla, finamente pulverisada, em poção, antes de qualquer alimento, na dóse de setenta a cem grammas para os adultos, trinta para os meninos, dez a quinze para as creanças de peito, sendo lavada cinco vezes no seu pezo d'agua pura. Os vomitos cessam á primeira dóse; a febre cáe em menos de meia hora, provocando uma crise analoga á da pneumonia.

Na opinião do dr. Stumpf, a argilla age mechanicamente, envolvendo os microbios, impedindo-lhes a multiplicação e obstando a producção de toxinas. Elle ignorava, sem dúvida, que não era nova essa medicação pela argilla, como accentuou Lébaupin, affirmando que Lieutand, no fim do seculo dezoito, em 1781, no seu *Tratado de Materia Medica*, escrevera ácerca da terra sigillada, terra de Lemmos:

«Esse medicamento a que davamos outr'ora tanta importancia, é uma especie de terra gorda de que se formam pequenos bolos com varias figuras impressas. Provinha da ilha de Lemmos, essa terra que se encontra hoje em diversas regiões da Europa. Ella serve, por suas qualidades adstringentes, para impedir as diarrhéas e as hemorrhagias, e não é verdade que seja absorvente: não fermenta, absolutamente, com os acidos. Ella é, ás vezes, empregada internamente como adstringente e seccativo; póde estancar as perdas de sangue e consumir a serosidade abundante das feridas.

Deslocação dos pólos. — Relação entre ella e os terremotos. — Observações do dr. Milu. — Mais demonstrações.

Os pólos terrestres oscillam no espaço; o eixo do mundo se desloca, descrevendo uma curva complicada e, por conseguinte, as latitudes não são fixas: variam incessantemente.

Essa descoberta foi feita ha vinte annos. Pareceu, ao principio, tão singular que não foi logo acceita; de resto, a deslocação era demasiado insignificante, justificando a duvida. Os astronomos, reunidos em congresso, se decidiram a fazer, nos diversos observatorios destribuidos pela superficie do Globo, estudos systematicos desse movimento quasi imperceptivel.

Não ha mais duvidar do facto do deslocamento dos pólos; mas a causa desse phenomeno não foi ainda definitivamente encontrada.

Em 1893, o professor Milu verificou que o afastamento dos pólos se accentuava na relação da abundancia de tremores de terra. A relação entre os dois factos parece provir dos desmoronamentos de rochas no interior do Globo, mudanças de estructura na massa, perturbando o equilibrio do planeta em torno de seu eixo de rotação, fazendo-o pender para um lado e para outro. Essa hypothese do terremotos, si bem que audaciosa e arriscada, não é desprezivel.

De accordo com os algarismos comparativos do professor Milu, a coincidencia se verificou de 1895 a 1898, e Cancani continuou a tabella de comparação até 1902, verificando sempre as concordancias, como se demonstra:

Annos	*Num. de violentos terremotos*	*Deslocação polar*
1895	9	00,55
1896	18	0,91
1897	46	1,07
1898	50	1,03
1899	27	0,72
1900	17	0,32
1901	22	0,53
1902	29	0,97

Estes algarismos falam em favor da hypothese. A designação dos violentos terremotos, deixa, todavia, margem bastante elastica na apreciação do numero anormal dos phenomenos sismicos, de sorte que se não póde, com segurança, affirmar a existencia entre esses factos de causa para effeito. As coincidencias são, em todo o caso, muito curiosas.

A deslocação do eixo da Terra era,

havia muito annos, notada pela comparação dos antigos mappas com os modernos, indicando consideraveis alterações nas latitudes e explicando sensiveis modificações das estações em diversas regiões.

***

A hygiene dos olhos — O livro do dr. Javal—Prophylaxia da myopia—A myopia não é congenita nem hereditaria

Orgãos essenciaes delicadissimos, os olhos merecem menor cuidado do que o estomago, o coração, os pulmões: em geral, dedicamos maior solicitude ao nosso regimen de alimentação, ao traje, ao nosso relogio, ao nosso chapéo, aos nossos dentes, aos bigodes.

Conforme a fina observação do escriptor que se disfarça sob o pseudonymo — *Docteur Vidi*, nós dedicamos mais solicitos cuidados ao nosso regimen de alimentação, ao traje, ao relogio, ao chapéo de multiplos reflexos, do que aos nossos velhos orgãos essenciaes delicadissimos. Os hygienistas, em geral, cuidam menos delles do que do estomago, dos pulmões, do coração. Seria, entretanto, facil evitarmos muitas molestias que nos infelicitam, como a myopia propagada de maneira assombrosa, por culpa nossa.

Já mencionámos nestas columnas o interessante livro do dr. Javal, que tratou com admiravel tacto e profundo conhecimento essa importante materia —a Physiologia da leitura e da escripta — muito interessante e proveitosa, especialmente para os que vivem das lettras. O sabio medico estabelecen preceitos firmes da prophylaxia da myopia, preceitos baseados na dolorosa experiencia da sua cegueira.

Elle affirma, contra o preconceito corrente, que a myopia não é congenita nem hereditaria, e abundantes estatisticas, baseadas em dados anatomicos, demonstram que ella nunca existe nos recem-nascidos, sendo muito raros os myopes de menos de sete annos: essa molestia se manifesta no primeiro periodo da vida escolar, provocada pelos defeitos de illuminação das salas de estudo e dos aposentos dos domicilios, onde, em geral, se destinam aos meninos os compartimentos mais escuros.

A demasiada luz do gaz, da electricidade, se attribúem os effeitos de fatigar a vista, e é sabido que muita gente trabalha na penumbra para não cansar os olhos.

Os occulistas declaram, ao contrario, que a luz artificial nunca é demasiada. O dr. Romicé observou que ha poucos myopes entre os estudantes escolares de Liège, onde o diminuto preço do petroleo habilita os mais pobres a uzarem fortes lampadas.

Os livros destinados á educação da infancia são, materialmente considerados, mal fabricados, com pessimo papel, ruim tinta e typo de corpo variavel, (os livros didacticos do Brazil attingiram o cumulo da imperfeição no genero) a pretexto de os pôr ao alcance de todas as bolsas. As lettras negras sobre fundo branco produzem um fatigante contraste inutil. Impressas em papel amarellado, pobre em raios chimicos, as paginas se tornam illegiveis. Os typos são muito finos, porque se abandonam muito cêdo os caracteres grossos destinados aos estreantes. Os editores assim procedem para gastarem menos papel e baratearem os preços das suas edições, de que auferem fabulosos lucros.

Uma commissão de instrucção publica, nomeada em Paris pelo governo no anno 1881, para estudar as regras de hygiene nas escolas primarias, propoz a recusa de todos os livros que, postos verticalmente, illuminados por uma véla á distancia de um metro, não fôssem perfeitamente legiveis.

Na opinião dos especialistas, a fadiga não provém tanto das lettras pequenas, quanto das apertadas; a legibilidade depende da altura e não da largura dos typos, como succede nos livros inglezes de lettras afastadas em linhas cheias de espaços porque as palavras dessa lingua são, em geral, curtas. Essa verdade foi confirmada em curiosas experiencias: uma pagina impressa sobre uma folha de borracha destendida num quadro de madeira que se lhe pudesse alargar ou diminuir a altura e extensão, demonstra que a reducção de largura prejudica mais a legibilidade do que a reducção da altura.

O dr. Javal aconselha, com eruditos fundamentos, o livro hygienico, e indica a fórma e altura das lettras, os espaços, as separações, distancias dos pontos, minucias apparentemente destituidas de importancia.

COMO JÁ FORAM PUBLICADAS, as seguintes *recordações*, do sr. Euclydes da Cunha, pareceriam bem *nas paginas esquecidas*; mas não são *esquecidas* exactamente porque não são nem *conhecidas*.

Appareceram numa revista de provincia, docemente familiar, de uma circulação muito discreta, e de tal maneira inoffensiva que os seus leitores não chegavam, talvez, ao numero que o Codigo exige nos casos de responsabilidade. Dahi não váe que nos gabemos de uma circulação muito maior... Todavia, é um serviço reproduzir essas *memorias* do nosso eminente collaborador, que tanto as preza quanto o publico admirará, mais uma vez, essa imaginação de artista entalhada na realidade de factos que sempre interessam.

RECORDAÇÕES

DE UM DIARIO DA REVOLTA.

Oito de fevereiro de 1894.

Determinação inesperada destacou-me para erigir uma fortificação ligeira ao lado do edificio das Docas Nacionaes.

Ainda bem. Deixei, afinal, aquelle tristonho morro da Saúde, que ha dois mezes retalho, e mino, e terrapleno, rasgando-lhe em degráus as encostas, taludando-o e artilhando-o, numa azafama guerreira de que sou o primeiro a me surprehender.

Lucro com a mudança. E' uma variante ao menos. Livra-me do quadro demasiado visto daquelle recanto commercial que a Revolta paralyzou—circulado de trapiches desertos, atulhado pelo ciscalho bruto da ferragem velha da Mortona, e banhado pelas aguas mortas de uma reintrancia da bahia, onde boiam, apodrecendo, velhos pontões desmastreados e inuteis.

Dei por isto, para logo, rapidas ordens de partida, e os sapadores abalaram, em turmas — incorrectos pelotões armados de picaretas e enchadas.

Acompanhei-os; e não esqueci um adoravel companheiro e mestre, Thomaz Carlyle, em cujas paginas nobremente revolucionarias me penitencio do uzo desta espada inutil, deste heroismo á força e desta engenharia malestreada.

Cheguei, em pouco, ao local indicado, encontrando novos trabalhadores. Um apontador da directoria de obras militares, armado de ordem terminante do commandante da linha, e seguido de meia duzia de praças, já havia percorrido as tavernas e vivendas pobres das cercanias, á cata de operarios como quem busca criminosos. Avezado áquellas caçadas, não se demorára. Em breve, algumas dezenas de estivadores, de varias nacionalidades—patriotas sob a suggestão irresistivel dos réfles desembainhados e pranchadas imminentes—reforçaram as turmas desfalcadas.

Havia braços de sobra. Podia-se abordar a empreza da construcção de mais uma Humaytá de saccos de areia, identica ás que véem hoje, debruando todo o littoral, desde o Flamengo á Gambôa.

A que se projectava, porém, requeria avantajadas proporções. Destinava-se a um Withworth 70, desentranhado da Armação (onde jazia desde a questão Christie) e vindo por terra, em longo rodeio, até aqui.

Pezado e desgracioso, alongando por sobre o reparo solido, á maneira

de um animal phantastico, o pescoço denegrido e aspero, elle parecia aguardar, ao lado, que lhe preparassem o estrado onde pudesse ser conteirado á vontade, rugindo, temeroso, sobre a rebeldia impenitente.

E' o que succederia, talvez, dentro de poucas horas.

Surdo boato, dos que por ahi irrompem e se alastram, sem que se saiba de onde partem, lançára nas fileiras legaes, commovidas, a nova de proximo desembarque — toda a marinja revoltosa em terra, desencadeiada em lances de desespero e audacia.

Urgia pôr mãos á tarefa. Certo não desfalleceria da minha banda a defeza da *Legalidade* — bello euphemismo destes tempos sem leis.

Foi atacado o trabalho. Cento e tantos homens, agitantes sob as ordens rispidas, arcados sob os saccos cheios de areia ou arrastando-os, arrumando-os, superspostos, como grandes adobes de um muramento cyclopico, bracejaram durante o dia todo...

De sorte que ao chegar a noite, brusca e varada de chuvisqueiros intermittentes e frios, pude contemplar o meu prodigio de baluarte chinez: uma duna ensaccada, erguida em poucas horas sobre a crista da casa, dominante e desafiando assaltos.

Protegidos por ella, e apagados, para maior resguardo, os lampeões de gaz da visinhança, os carpinteiros principiaram a ageitar os pranchões apparelhados, madeirando a plataforma.

Era a phase mais perigosa da empreza. Aquella agitação que se realizára até alli sem ruidos, ia transmudar-se pela acção estrepitosa dos martellos, precisamente na hora das surprezas, das repentinas visitas das torpedeiras traídoras.

Sustive-a, por isto, um momento, indeciso.

Considerei em torno.

Aquelle trecho da Prainha, especie de *White-Cheapel* em miniatura, enredado de bitesgas tortuosas e estreitas, onde moireja população activa, parecia abandonado. Nem uma vóz. Nem uma luz.

Em frente, no mar, infeiramente calmo, avultavam, mal percebidos, os navios de guerra estrangeiros, destacando-se melhor os couraçados brancos da esquadra americana. Ao fundo, um cordão de pontos luminosos — Nictheroy. Advinhavam-se ainda nns perfis de ilhas, as da Conceição e Mucanguê, vagos, numa diffusão de sombras; e a *silhuette* apagada do *Tamandaré* junto á ultima, immovel, calada a artilharia formidavel, mudo na solidão das aguas. Depois, para a direita, algumas lanternas bruxoleantes, asphyxiadas nas brumas: a do forte de Gragoatá, a de Santa Cruz mais longe, e a da fortaleza da Lage, intermittindo em scintillações longinquas, chofrada pelas ventanias rispidas da barra.

Nada mais na téla obscurecida.

O scenario quadrava bem a um episodio habitual e dramatico, que embóra diuturnamente reproduzido não perde o traço emocionante e barbaro.

Atravessando em silencio a bahia, o *Vulcano*, a *Lucy*, ou qualquer outro socio de catastrophes — caldeiras surdas, fogos abafados, avançando em deslisamentos velozes — abeira-se do littoral. Não o percebem as sentinellas, vigilantes no alto dos parapeitos.

De repente, arrebenta-lhes adeante, nas aguas, a explosão de uma cratera. Desencadeia-se o alarma. Correm os soldados surprehendidos. Baqueiam, alguns, baleados. A maioria alinha-se nas trincheiras, carabinas estendidas sobre o plano de fogo. Deflagram na treva os fulgores das descargas. Espingardeia-se, por cinco minutos, o vacuo. e reinam de novo o silencio e as sombras, emquanto o rebocador atacante, banhado nos ultimos clarões do tiroteio, se afasta como uma salamandra enorme, intangivel, engolphando-se na noite...

Ora, o trabalho a iniciar-se ia attraír, sem duvida, um desses recontros rapidos e ferózes. Era, porém, improrogavel.

Um carpinteiro arriscou a primeira pancada, medrosa, vacillando. Depois outra, mais firme — um estalo dilacerador na mudez absoluta. Succederam-se outras; e em breve, sem cadencia, sacudidos pelos punhos tremulos, vibrando na psychose convulsiva do medo mal refreiado, estrepitavam os martellos sobre as taboas...

Tirei o relogio. Uma hora da madrugada. Ia accordar o Rio de Janeiro todo com aquelle despertador estranho que desandava de chofre, á sua cabeceira.

Alguem, porém, fel-o parar. As martelladas chegaram, alarmantes, ao escriptorio do Lloyd, onde aquartellava o commandante da linha, e este veio em pessôa interrompel-as.

O bravo coronel — orgulho do Piauhy — chegou dentro do seu dolman vistoso e do estado maior alarmado. Traía no afogo da respiração a caminhada feita e a emoção sagrada dos perigos. Ponderou a inconveniencia daquella matinada heroica áquellas horas. Prohibiu-a. E voltou marcialmente, seguido do estado maior brilhante, num grande estrepito de espadas novas, batendo nas calçadas.

A medida era, afinal, prudente. Evitava que os revoltosos viessem, por sua vez, inquirir de tal ruido, com as habituaes arrancadas e sacrificios inuteis de inoffensivos operarios.

Suspensa a tarefa, estes se amontoaram por perto, abrigados pelo beiral saído de velho armazem acaçapado, mudos, tiritando sobre a calçada resvaladia e humida.

E o silencio desceu de novo, deixando distinguir-se, ao longe, o crepitar do tiroteio escasso duma sortida qualquer, insignificante como tantas outras que se fazem todos os dias, pela tendencia destruidora apenas, avultando, sommadas, na chronica sombria da Revolta...

Atravessando, como dardos, a noite, os feixes de luz do reflector electrico do morro da Gloria desatavam-se no espaço, divergentes e longos, fazendo surgir no gyro amplissimo — de subito aclarados e logo desapparecendo — além os navios de guerra numa passividade traídora; mas á frente, Nictheroy. adormecida; a Armação, sinistra e deserta; e todas as angras, todas as angusturas, todas as ilhas, uma por uma, repontando e extinguindo-se, no volver da payzagem movel e phantastica; distendendo, a subitas, num coruscar repentino de areias claras, a fita de uma praia remota; resvalando, logo depois, de vagar, pelos pendores dos cerros; estirando-se, por fim, em distenção maxima, até Magé, ao fundo da bahia. E dalli voltando, lentos, perquirindo na marcha fulgurante um por um todos os pontos fortificados; demorando-se um instante sobre a ilha das Cobras, e mostrando uma visão de Acropole, meio derruida, naquella ponta de granito arremessada fóra das ondas; deixando-a, e pondo uma nesga de luar errante sobre o convéz revolto da *Guanabara*; deslizando dalli para o costado arrombado da *Trajano*; e passando a outros pontos, banhando-os um a um no fulgor tranquillo e forte — feito um olhar olympico da Lei, insistente e fixo, sobre os combatentes...

Admiravel quadro. Curvei-me sobre a canhoneira recem-construida. Contemplei-o e dei largas á phantasia caprichosa.

Imaginei-me, então, obscurissimo comparsa numa dessas tragedias da antiguidade classica, de um realismo estupendo, com seus palcos desmedidos, sem telão e sem coberturas, com os seus bastidores de verdadeiras montanhas em que se despenhavam os heróes de Eschylo, ou o proscenio de um braço de mar, onde uma platéa de cem mil espectadores pudesse contemplar, singrantes, as frotas dos *Phenicios*.

A illusão é completa.

Váe para quatro mezes que não fazemos outra coisa sinão representar um drama da nossa historia, de desenlace imprevisto e peripecias que dia a dia se complicam, neste raro scenario que nos rodeia.

A civilisação, espectadora incorruptivel, observa-nos, dentro de camarotes cautelosamente blindados: a França, na *Arethuse* velóz; a Inglaterra, entre as amuradas da *Beagle* veleira, cujos passeios diarios fóra da barra dão tanto que pensar; e a Allemanha, e os Estados-Unidos, e o proprio Portugal sobre o convéz pequeno da *Mindello*.

Applaudem-nos?

E' duvidoso. Representamos desastradamente. Baralhamos os papeis da peça que deriva num jogar de antitheses infelizes, entre senadores armados até aos dentes, brigando como soldados, e militares platonicos bradando pela paz—deante de uma legalidade que vence pela suspensão das leis e uma Constituição que estrangulam abraços demasiado apertados dos que a adoram.

Dahi, as antinomias que apparecem. Neste enredo de Euripides, ha um contra-regra—Sardou. Os heróes desmandam-se em bufonerias tragicas. Morrem, alguns, com um comico terrivel nesta epopéa pelo avesso. Sublimam-se e acalcanham-se. Si ha por ahi Achylles, não é difficil descobrir-lhe no fremito da vóz imperativa a casquinada hilar de Trymalcião.

E a Sphynge..

***

Mas interrompi esse desfilar de conjecturas.

Approximavam-se dois vultos. Nada tinham de alarmantes porque a guarda, velando á entrada da rua, lhes permittira a passagem. Vinham á paizana. Chegaram até á borda da plataforma, onde uma lanterna clareava o estrado num raio de dois metros; e pararam.

Approximei-me, saudando-os.

Um (reformado do Paraguay que a Republica retirou de um cartorio de tabellião para o fazer senador e general), com aprumo varonil a despeito da edade, correspondeu-me britannicamente, correctissimo e firme. O outro, murchou-lhe a mão num cumprimento frio...

A' meia penumbra da claridade em bruxoleios, lobriguei um rosto immovel, rigido e embaciado, de bronze; o olhar sem brilho e fixo, coando serenidade tremenda, e a bocca ligeiramente refegada num rictus indefinivel —um busto de duende, em relevo na imprimadura da noite, e diluindo-se no escuro feito a visão de um pezadelo.

Reconheci-o e emmudeci, respeitando-lhe o incognito.

Vi-o logo depois se abeirar da trincheira; e debruçar-se sobre o plano de fogo e alli ficar meio minuto, pensativo, a vista cravada entre a afumadura das brumas, na outra banda da bahia.

—Estão tranquillos.. murmurou.

Fez um gesto breve, despedindo-se, e seguiu acompanhado do companheiro desempenado e vivo, desapparecendo ambos a breve trecho—duas *silhouettes* agitando-se um momento, ao longe, ao brilho escasso de um lampeão distante e embebendo-se depois, inteiramente, na noite...

Curvei-me, então, de novo, sobre a canhoneira recem-construida e reatei o meu sonhar acordado no ponto em que o interrompera:

... e a Sphynge, quebrando a immobilidade da pedra, veste um paletot burguez e vem — desconfiadamente confiante—rondar os luctadores..

EUCLYDES DA CUNHA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A MOLEIRINHA

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
Guia o jumentinho uma velhinha errante.
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atraz, o jumentito adeante!...

Toc, toc, a velha váe para o moinho,
Tem oitenta annos, bem bonito rol!...
E comtudo alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a córar ao sol.

Váe sem cabeçada, em liberdade franca,
O gerico russo duma linda côr;
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca
Com o galho verde de uma giesta em flôr.

Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,
Toc, toc, toc, que recordação!
Minha avó ceguinha se me representa...
Tinha eu seis annos, tinha ella oitenta,
Quem me fez o berço fez-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,
Para as minhas filhas quem m'o dera a mim!
Nada mais gracioso, nada mais bonito!
Quando a Virgem pura foi para o Egipto,
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!
Nascem as estrellas, vivas, em cardume...
Toc, toc, e quando o gallo canta,
Logo a moleirinha, toc, se levanta,
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espaneja,
Lindo o jumentinho pela estrada chã!
Tão ingenuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar á egreja,
Baptisar-lhe a alma p'ra a fazer christã!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Toda, toda branca, váe numa frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, toc, como o burriquito avança!
Que prazer doutr'ora para os olhos meus!
Minha avó contou-me quando fui creança,
Que era assim tal qual a jumentinha mansa
Que adorou nas palhas o menino Deus...

Toc, Toc, é noite... ouvem-se ao longe os [sinos,
Moleirinha branca, branca de luar!...
Toc, toc, e os astros abrem diamantinos,
Como estremunhados cherubins divinos,
Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo sideral thesoiro,
Entre os milhões d'astros o luar sem véo,
O burrico pensa: Quanto milho loiro!
Quem será que móe estas farinhas d'oiro
Com a mó de jaspe que anda além no céo!...

GUERRA JUNQUEIRO.

***

OS CONTRAFACTORES BRAZILEIROS DA PRODUCÇÃO LITTERARIA DE PORTUGAL

Combatendo as idéas que Alexandre Herculano poz, numa carta a Garrett, contra o direito de propriedade litteraria — a proposito de uma convenção de Portugal com a França, em prejuizo das edições belgas — Camillo Castello Branco assenta essencialmente o seu poderoso arrazoado sobre o facto pathetico da contrafacção das obras portuguezas pelos editores brazileiros.

O grande escriptor, que nem sempre, ingratamente, foi nosso amigo, como aliás quereria a rhetorica da fraternidade luso-brazileira, endireita as suas admiraveis insolencias contra o nosso caracter nacional, que elle, graças ao infortunio dos seus nervos, edifica na consciencia dos editores brazileiros, que só tinham e só teem de brazileiros o direito de impunidade — na pratica das suas bandalheiras não só em relação a livros estrangeiros como aos mesmos nacionaes.

... .

As idéas de Alexandre Herculano agradaram infinitamente no Imperio brazileiro, quero dizer, adivinharam-as com rara intuição os contrafactores do Brazil, porque eu não imagino que elles, antes de nos reproduzirem os livros, se dobrassem, meditabundos, á lampada nocturna, sobre os *Opusculos* do celebre historiador, assim como nunca me coustou que lá os seus salteadores da *Ilha da Caqueirada* lessem com espirito hostil as invectivas de Proudhon contra a propriedade quando a estabeleciam nas algibeiras dos honrados burguezes da rua do Ouvidor.

Tambem não posso accusar os contrafactores de nos quererem infligir, roubando-nos, o castigo alvitrado pelo Mestre, que votou pela dieta dos discipulos logo que elles não locubrassem as suas vigilias em livros d'uma conspicuidade assás unctuosa. Não.

Os livreiros do Brazil operam as suas contrafacções movidos d'um pensamento chão, correntio e singelo: roubar-nos. Elles não desejam definitivamente que os escriptores portuguezes desanimem e vão para o Brazil alistar-se em maltas que medrem no latrocinio; pelo contrario, ambicionam que a pobreza nos agrilhôe e force a escrever muito, para que elles, como pregoeiros da nossa fecundidade, possam continuar a roubar-nos e encher-nos de edições e glorias transatlanticas. A gloria! que mais queremos

nós? Alexandre Herculano aconselha com eloquencia commovente os escriptores a darem-se por pagos com a *consideração, respeitos e distincções com que a sociedade trata o homem que perante o seu tribunal deu provas indubitaveis de talento ou de genio*; e ao mesmo tempo nos vai contando, no mesmo escripto e quasi na mesma pagina, que *o genio da sciencia e da consciencia morre de fome*, e que *Luiz de Camões morrera entre as angustias da miseria e do abandono na pobre enxerga de um hospital* — como se isto fosse verdade.

Como quer que seja, os contrafactores é que não escorregam n'estas incoherencias.

Com uma seriedade harmonica, systematica e impávida, não só reproduzem a milhares os livros que em Portugal ainda encontram editores ousados e temerarios; mas até com um desvergonhamento que deslumbra o nitido descaro da ladroeira, contrafizeram um livro que não se vendeu em Portugal, e que fôra enviado ao Rio de Janeiro com uma veneravel resalva que os piratas não respeitaram. Traduziu o sr. d. Luiz I, como é notorio e até glorioso, o *Hamlet* de Shakspeare. Distribuiu s. m. os exemplares da sua versão pelos monarchas, pelas bibliothecas publicas, pelos diplomatas, pelos seus amigos e por escriptores notaveis. Logo que escrevi *escriptores notaveis* seria pleonasmo acrescentar que foi excluido; mas não me despeço de deleitar-me na leitura desta versão d'el-rei, quando eu puder haver um dos exemplares contrafeitos no Rio de Janeiro, e vendido a irrisorios pregões no peristilo dos theatros. Apregoavam os gaiatos subalternos a *traducção do Hameleto*, feita por *d. Luiz, rei dos ilhéos*. E aquellas gentes variegadas, de beiços grossos e rubros, olhares mortiços do quebranto langoroso da mulataria, davam casquinadas de riso, compravam o livro com a boçal presumpção de o perceberem, e associavam-se em alegres biltres á proterva satisfação do contrafactor. Vai n'isto tudo uma porcaria infame, o *cachet* d'um paiz de mercantilagem pelintra.

Que fazer? E' o titulo moderno de um romance do russiano Tchenischefski, em que se dá o relêvo de insanaveis aleijões da sua sociedade. Que fazer contra o crime de roubo perpetrado pelos contrafactores do Brazil aos escriptores e editores portuguezes? A idéa mais obvia — na impossibilidade do tribunal e da grilhêta — é a celebração de um tratado de propriedade litteraria com o Brazil.

Quando esteve em Portugal, pela primeira vez, o sr. d. Pedro II, os litteratos e editores de Lisboa projectaram ir em corporação pedir ao doutissimo Imperador que preponderasse com a sua benigna e poderosa e efficacissima influencia na celebração do tratado. Esperavam os supplicantes que s. m. i. aproveitaria a occasião para fazer enforcar ou pelo menos suspender temporariamente os ladrões que lhe manchavam o Imperio e passeavam triumphalmente os seus chapéos do Chili em Petropolis e no Corcovado. Constando, porém, que Alexandre Herculano era avêsso ao requerimento dos espoliados, e que o Imperador abundava nas idéas do seu illustre amigo, em materia de propriedade, a junta dos queixosos desanimou e debandou; parte foi jantar á taberna ingleza, outros ao Penim e os verdadeiramente sabios, segundo o funereo threno do Mestre, morreriam de fome.

Conta o sr. Ramalho Ortigão, no seu estylo de conceituosa graça, que já foi conviva em um jantar no *Hotel Universal*, onde se congregaram os escriptores para comer o boi e discutir o espirito da propriedade litteraria. Como o boi tympanisou, ao que parece, a glandula depositaria da idéa em discussão, nada discutiram; e o insigne critico, roubado em Pernambuco, pede que se torne a jantar a fim de se obter com o Brazil um tratado de propriedade litteraria.

Eu não confio nada no segundo jantar no *Hotel Universal*. Discussões serias são incompativeis com digestões pesadas. De mais a mais, ss. exs. os escriptores, com os ventres repletos, desbotariam a côr local do assumpto, sendo o seu intuito reclamarem como escriptores famintos.

A mim quer parecer que incumbe ao governo attender a uma necessidade que não carece de ser discutida e formulada em assembléas. Alexandre Herculano alvitra que seja o Estado quem dê os meios de subsistencia aos escriptores prejudicados ou não prejudicados pelas contrafacções. Se pois o governo portuguez não quer ou não póde celebrar com o governo brazileiro uma lei que caucione os meus direitos á remuneração do trabalho, e os direitos sagrados dos editores a quem vendo os meus livros, diga-me a que repartição hei de ir mensalmente receber a pensão indemnisadora do roubo irremediavel. Em geral, n'este paiz, ha um só escriptor que sem prejuizo sensivel na algibeira póde ser reproduzido no Brazil: é o sr. d. Luiz I. Felicito o augusto litterato; e peço-lhe curvadamente que influa no seu governo sentimentos benignos a favor dos seus collegas pobres e subditos humildes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

Os grandes interregnos pacificos, dando facil expansão á divagação de caracter puramente theorico, abrem vastissimos horizontes ás mais bellas e illusorias creações no dominio militar, com desrespeito e grave desprezo dos ensinamentos cimentados ao correr das campanhas regularmente encaminhadas, á custa de muitos sacrificios pessoaes e materiaes.

Assim, industriaes e profissionaes a seu serviço, e ainda individuos facilmente amoldaveis a todas as chimeras, aproveitam-se dessa circumstancia, do esquecimento rapido dos factos occorridos em dada guerra, ou, então, fundados em elementos transfigurados pelas narrativas recreativas, atiram-se a toda a sorte de modificações, invenções e pretensos melhoramentos, com o intuito de assegurar novos escoadouros aos seus productos ou a dar azas á fertilidade das suas concepções.

A fortificação costeira, nas partes constitutivas, como qualquer outro ramo da actividade militar, resente-se desse febril progresso industrial, dessa contínua avançada de uma producção superabundante para as necessidades da epocha, e imperfeita por falta do equivalente aperfeiçoamento dos seus elementos.

O canhão moderno, por exemplo, obra prima sob o ponto de vista mechanico e industrial; — como arma de combate, com a plenitude das qualidades exigidas pelo artilheiro pratico, muita coisa ainda exige para alcançar a desejada perfeição.

A facilidade de manejo das peças actuaes, ainda as de maior calibre, a rapidez de execução dos seus serviços, o alcance prodigioso dos seus projectis, a celeridade notavel dos seus disparos, a excellencia do metal que as constitúe e tantas outras propriedades de importancia technica, são eloquentes attestados do adeantamento incontestavel da industria militar contemporanea; mas todas ellas — digamos — são secundarias, tendo-se em vista que o valor de um tal armamento reside principalmente na maior probabilidade com que os projectis tocam o alvo e nos effeitos destruidores que ahi produzem.

No entretanto, os meios e processos hoje seguidos para chegarmos a esses resultados, estão em condição de marcada inferioridade em relação aos demais. A regulação do tiro é relativamente demorada; as alças, os instrumentos para a avaliação das distancias, as correcções derivadas das causas naturaes de erros, o coefficiente pessoal do manipulador, são questões em que muito ha ainda a trabalhar

para pol-as em parallelo com a machina e suas partes.

***

Torres, cupulas couraçadas e quejandas construcções monumentaes e luxuosas, abrigando os mais complexos e delicados mechanismos—são apregoados por muita gente os unicos elementos capazes de satisfazer, na actualidade, os reclamos da defeza costeira na altura dos meios uzados pelo atacante.

Si, porém, elegermos para caminho de melhor transito da fortificação costeira esse que se aponta, a bem poucos será permittida a felicidade de o trilhar até alcançar a desejada protecção das suas fronteiras maritimas.

E', sem duvida, perigosa e manifestamente irracional a preoccupação de alguns tratadistas de fortificação de sujeitar servilmente a installação das obras costeiras ao mesmo molde restricto, aos forçados limites impostos pelas innumeras condições antagonicas e estreitas que regulam a disposição da artilharia a bordo dos navios de guerra.

Esses abrigos couraçados da marinha, alojando em seu acanhado espaço um par de canhões potentes, juxtapostos, no qual os seus serventes e officiaes trabalham a custo, com movimentos disciplinados para não se estorvarem mutuamente, difficultando o serviço e cerceando, em medida apreciavel, o rendimento maximo, deviam ser banidas das posições terrestres, onde nada justificava essa extremada avareza de espaço, pezo e outras condições peculiares ás coisas navaes.

Comprehende-se que em um navio de guerra, ante as multiplicidades de requisitos que o habilitam para o combate, se torne precizo o exaggero em attender ao equilibrio na disposição dos seus meios de ataque e defeza, de modo a transformal-o em um todo completo e harmonico para se prestar convenientemente aos fins ditados pela sua creação.

Sendo assim,— que razões poderosas existem para a fortificação costeira abandonar a liberdade da applicação dos seus elementos, em troca de uma maior protecção, de uma segurança pessoal extremada, que sempre redunda em prejuizo dos resultados offensivos, unicos fins que devemos procurar com afan durante a lucta.

E' certo que as duas artilharias se approximam sob o aspecto das suas qualidades balisticas; mas por mais extensa que seja essa approximação, nada justifica uma tal adaptação, em que todas as vantagens technicas e tacticas, asseguradas pela extensão e estabilidade da plataforma ás bacterias de costa, desapparecerão por completo.

Tacticamente considerada, a sua superioridade se affirma pela faculdade do grupamento de maior numero de boccas de fogo; pelo espaçamento possivel de estabelecer entre ellas de modo a localizar os effeitos dos projectis inimigos; pela regulação mais methodica do tiro e emprego de instrumentos telemetricos e da avaliação previa das distancias das diversas situações provaveis do adversario; pela melhor visibilidade do alvo; pela maior vigilancia dos officiaes; pelo aprovisionamento illimitado das munições; pela maior difficuldade de destruição dos seus paióes e por muitas outras causas que inutil se torna ennumerar.

Technicamente, pela facilidade da pontaria indirecta; pelas larguezas na construcção dos reparos, augmento do recúo, pezo, installação dos apparelhos de carregamento, de pontaria e tantas outras por demais conhecidas.

A fortificação costeira deve tirar do proprio terreno toda a sua protecção, e só em casos especiaes, em que por completo se veja privada desse recurso natural, procurará então essas grandes construcções artificiaes.

TENENTE MAX.

APANHADOS

Os romancistas e a vida domestica em França

A senhorita Bentham Edwards, que na *Home Life in France*, obra muito lida e commentada, explica porque os romancistas francezes escolhem assumptos e personagens immoraes, fazendo crer aos estrangeiros que todos os francezes reproduzem esses typos.

Mas a verdade é que a existencia das familias nenhuma relação tem com as pintadas em obras d'arte de excessiva circulação. Ao contrario: a familia franceza é, em geral, tão calma, tão desprovida de incidentes que é impossivel encontrar nella aventuras romanescas. O casamento de conveniencia, a educação das moças que não namoram, as preoccupações vulgares dos moços não permittem a organisação da trama de um romance.

Durante vinte e cinco annos vividos em França, a senhorita Bentham Edwards apenas duas vezes foi testemunha de acontecimentos sensacionaes.

Ella notou, tambem, com muita precisão, como os inglezes ignoram a vida franceza. Um delles descrevia um cura de aldeia passando noitadas a ouvir a sobrinha tocar sonatas de Beethoven. Em toda França, não se encontraria um padre do campo possuidor de um piano, apreciador do genial musico, nem uma sobrinha de cura dirigindo-lhe a casa. Isso seria de uma inconveniencia censuravel.

***

Romancistas e modas

A escriptora americana, senhorita Myrtle Reed, sublinha com muita ironia as descripções das *toilettes* femininas, feitas pelos romancistas, que, nesse assumpto, fazem sempre tremendos fiascos: uma mulher saída de um asylo de loucas não seria capaz de uzar os vestidos extravagantes que elles sonham.

Para sanar essa lacuna, a senhorita Reed propõe que se accrescente aos numerosos cursos da escola de jornalismo da Universidade de Colombia, em New York, um curso de modas.

Essa observação tem fundamentos na America, mas seria erronea em França, onde, desde Paulo Bourget ao mais jovem homem de lettras, são todos tão peritos na escolha dos trajes que parecem cultivarem, secretamente, os jornaes de modas.

***

Theatro Japonez

E' de um pittoresco surprehendente assistir, em Tokio, á representação do *Hamlet* ou do *Othello*, trasladadas conforme aos costumes japonezes extra-modercos. *Othello* é governador geral da Formosa, Desdemona figura como filha de um ministro das finanças, o qual deseja cazal-a com o filho de um banqueiro.

Sendo prohibido a uma japoneza de alta linhagem cantar uma aria nacional, a Desdemona japoneza não repete a melodia «*Sentada ao pé de um salgueiro...*» Canta em seu logar um graphophone fanhoso...

***

Guerra do Japão com a Allemanha, etc.

O *Matin*, de Paris, conta uma interessante pilheria prégada, pelo telegrapho sem fio, aos passageiros do *Baltic*, que navegava para Nova York, a desbordar de passageiros.

A pilheria dizia em primeiro logar:

« *Nova York.* — A senhorita Alice Roosevelt deixou-se raptar pelo addido militar inglez, capitão Jackson. »

E em segundo logar:

« *Tokio.* — O governo japonez mandou um *ultimatum* ao governo allemão, exigindo a retirada das tropas allemãs do territorio chinez. O conflicto está imminente. »

Não se imagina a agitação que a bordo do *Baltic* provocaram esses aérogrammas. O unico japonez que viajava correu perigo de vida e as senhoras faziam conjecturas profundas sobre o juizo da senhorita Roosevelt. Em Nova York, pouco depois, verificou-se a pêta...

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIII

A proposta do deputado Alencar concernente á prisão do coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, occasionou algum debate, em que tomaram parte varios oradores.

O deputado Velloso Soares suppoz levianamente mostrar que o Governo tinha direito e auctoridade de proceder contra o coronel Costa Barros.

Succedeu-o na tribuna Antonio Carlos, que sustentou, com calorosa audacia, a legalidade da prisão sem indicios, sem processo e sem culpa formada por mais de tres mezes : era isso natural para justificar o acto arbitrario do ministro, seu irmão.

Por portaria de outubro, (que foi reproduzida no capitulo anterior destes estudos) José Bonifacio mandou abrir uma devassa geral do norte ao sul do Imperio. Essa extensa rede apanhou cerca de 400 cidadãos, os quaes fôram arremeçados aos fundos dos carceres. Entre os prezos, notavam-se os brigadeiros Nobrega e Moniz Barreto, o coronel Costa Barros, o jornalista portuguez Francisco Soares Lisbôa e outras pessôas distinctas, que, criticando, não approvavam a politica do ministerio de 16 de janeiro. Naquella devassa, tambem fôram comprehendidos os nomes de José Clemente, do dr. Gonçalves Lédo, conego Januario da Cunha Barbosa e de outros estrenuos lidadores da causa da Independencia, os quaes conseguiram escapar ás garras da policia do fundador da liberdade no Brazil. E' conveniente, para bem se comprehender as cauzas dos factos, apontar os acontecimentos, resultantes do regimen poicial, de portarias e devassas.

Dahi, vinham as desconfianças geraes, de que falavam os deputados Andrade Lima, Carneiro da Cunha e o padre Dias.

Dahi, vinha o terrorismo, que comprimia a Constituinte e a população, temendo persegnições que não poupavam a ningnem. Os encomiastas do governo de José Bonifacio—uns são inconscientes, não sabem nem conhecem a realidade das coisas, ou não se deram ao trabalho de investigar o estado deploravel da sociedade brazilcira. Outros, pelo contrario, conhecem a crise de terror, que a todos tortura, mas compartilham da responsabilidade moral dos males cauzados pelo gabinete de 16 de janeiro, que sustentavam e applaudiam.

Vemos pelo nomes conhecidos que o governo do patriarcha foi criticado e repellido por homens notaveis, que, naquella quadra, avultavam pelos relevantes serviços que acabavam de fazer e continuavam a prestar á causa nacional; homens como José Clemente, que foi uma grande individualidade, neste paiz, por varios titulos de benemerencia; Feijó, que José Bonifacio recommendou á traiçoeira espionagem do capitão-mór de Itú; o dr. Gonçalves Lédo e o conego Januario, que fizeram esforços e sacrificios em pró da emancipação politica, sempre de accordo com d. Pedro, a quem acoroçavam vivamente; homens, como o brigadeiro Nobrega Coutinho e coronel Costa Barros; o primeiro foi ministro da guerra de d. Pedro; o segundo, deputado á Constituinte, depois senador pelo Ceará e ministro no reinado do primeiro Imperador. Não era a canalha, que fazia opposição ao despotismo e á inepta politica do ministerio. Em consequencia da sua ominosa administração, quando expulso do gabinete, prezo e mettido nos subterraneos da fortaleza da Lage, a bordo da *Lucconia*, não ouviu Jose Bonifacio um só brado de protesto a sen favor !

D. Pedro, convicto do odio que grande parte da população votava ao regimen das portarias e devassas, animou-se a vibrar o golpe de Estado de 12 de novembro, dissolvendo a Assembléa, que, incapaz, não soube siquer desempenhar a sua missão de organizar a lei fundamental, depois de tantos mezes de estereis sessões.

A proposta do padre Alencar foi combatida por Antonio Carlos, que, com o habitual entono, começon por leccionar os ignaros e noviços escolares, proferindo o seguinte— «Sr. presidente, eu não me levantaria se não visse que aqui se tratam doutrinas anti-constitucionaes. Que direito temos nós de perguntar do Governo por materia de sua competencia ?

Não sei como o nobre preopinante diz que o eleito é deputado nosso collega ! Nós não conhecemos sinão aquelles cujos diplomas e acta fôram reconhecidos legaes; só depois de desta verificação é que deve o sr. Pedro José da Costa Barros ser considerado deputado: antes tem o direito de vir a ser deputado, mas ainda não ó é: não basta a eleição sem a formalidade da sua verificação. E si não existe esta formalidade como quer o nobre deputado saber dum homem que não pertence ao nosso seio ! Isto era ingerirmo-nos no poder executivo e judiciario. Se requeresse como cidadão, ou o nobre deputado apontasse violação da liberdade individual, então podiamos, como guardas da liberdade, inquerirmos o seu caso; mas não succede assim etc. ..

«Se elle é, como de facto é, um simples cidadão e a prisão foi illegal, devia dirigir-se a nós, pedindo-nos que —como paes da patria—como guardas dos direitos nacionaes, fizessemos observar as leis e emendassemos a violencia que se lhe fazia. O juiz procedeu por devassa contra elle: não sei se justa, ou injustamente julgou que este cidadão era suspeito de crime. O que me admira é que avançassem nobres deputados que o juiz commettera injustiça... «Voto que não tomemos conhecimento deste caso. Não comecemos desde já a empolgar um poder, que a mesma palavra Constituição divide e separa do nosso.»

Alencar, de improviso respondendo, demonstra que o preopinante fala de constitucionalidade sem observal-a; que não attenden á fórma da proposta : não quer tambem a ingerencia dum poder noutro poder. Será inconstitucionalidade pedir ao Governo que solte quem está prezo sem culpa formada ? Affirma que o diploma de Costa Barros já estava na Camara —(o que foi confirmado por Carneiro da Cunha e pelo deputado Rodrigues de Oliveira, que o entregou a s. magestade, que, por sua vez, o entregou ao ministro do Imperio, o qual tambem declarou ter enviado á Camara). Alencar exclama:—em tempo de Constituição, deverão estar prezos os cidadãos por tanto tempo sem serem julgados ? Deveria soffrer em silencio que um cidadão benemerito, eleito por minha provincia, esteja prezo, ha tres mezes, sem saber seu crime e esta Assembléa soffrerá, sem ao menos indagar, o porque e dar-lhe o remedio, que fôr proprio ?!...

Só uma testemunha e contradictoria diz ter visto Costa Barros num logar suspeito do ministerio; essa testemunha desmentiu-se. O sr. Antonio Carlos e eu, ambos nós conhecemos por propria experiencia os horriveis incommodos moraes e physicos duma prisão e não quer que se dê remedio. Gaba-se de compadecido e quer que o prezo continue vexado só para satisfazer as chicanas do processo, formado ainda á maneira do tempo do despotismo, quando todo o Rio de Janeiro e até o nobre preopinante sabem que elle está innocente.»

Alencar continuou mostrando os serviços de Costa Barros, que, tendo sido eleito deputado ás côrtes de Portugal, deixon de ir, preferindo ficar trabalhando pela independencia do Brazil.

Parecia travada lucta entre os dois oradores constituintes. Antonio Carlos proferiu segundo discurso, do qual destacaremos alguns topicos, que contrastam com ontros do primeiro. Ambos são um amalgama de principios falsos, de conceitos frivolos e de flagrantes contradicções e sophismas. Notem os leitores esse borbotão de phrases vazias.

Diz o Antonio Carlos:—«que Alen-

car não leu o processo e não póde saber si foi bem, ou mal, prezo Costa Barros; ainda que o lesse não tem conhecimentos profissionaes; querer, portanto, julgar não póde escapar de ligeireza; a censura do magistrado inaudito tem resaibos de injustiça. Si a liberdade desse cidadão tivesse sido violada, e elle estivesse prezo sem culpa formada, eu diria ao Governo que cumpria apressar o processo; seria passo digno dessa Assembléa advertir ao Governo, ou ao poder judiciario, que vigiasse mais na execução das leis, que são a salvaguarda da liberdade individual, para cuja conservação nos ajuntamos em sociedade, etc.»

Desses trechos, comparados com os do primeiro, sobresáe um antagonismo:—aquillo que não quer no primeiro, quer no segundo. Num, o pedir ao Governo que mande soltar Costa Barros, prezo sem culpa formada, sem indicios, é empolgar o poder executivo. No outro discurso, julga ser passo digno da Assembléa—advertir ao Governo ou ao poder judiciario. Si no primeiro discurso, recuza defender o cidadão opprimido, porque seria ingerir-se nas attribuições do outro poder, no segundo, como pae da patria, guarda dos direitos da liberdade, deve fazel-o; já não é ingerir-se nas attribuições de outros poderes.

Terminou a discussão por um breve discurso de Araujo Lima (marquez de Olinda), que é uma ligeira e succinta, porém judiciosa refutação do farfalhante phraseado do orador, que fingia não comprehender a necessidade que, no regimen constitucional representativo, teem as Assembléas de obstar que os outros poderes exerçam acção sobre os representantes do paiz.

O deputado Araujo Lima disse:—«desde que sabe que Costa Barros está eleito e o seu diploma enviado á Assembléa, entende que a commissão deve dar parecer para que a Assembléa possa depois indagar o motivo que embaraça a entrada do sr. Barros neste Congresso.

—«Esta medida é tão necessaria, quanto é certo que os governos, muitas vezes, se servem deste expediente para frustrar as nomeações dos representantes que, por algum motivo, lhes desagradam; é tambem dever nosso provar á provincia que o elegeu, que fizemos quanto em nós cabia para não ser privada daquelle defensor de seus direitos. Peço, pois, dê a commissão parecer sobre o diploma do sr. Costa Barros, etc.»

A Constituinte, que se contorcia sob a prepotencia dos Andradas, sustentados por pequeno grupo de partidarios, estimou a saída que lhe abriu o deputado pernambucano,

O requerimento, submettido a deliberação, foi approvado até pelo proprio Antonio Carlos, que, membro da commissão, embaraçava a verificação do diploma.

Ora, nos dois discursos, Antonio Carlos negava ao eleito do Ceará a qualidade de deputado e sustentava a legalidade da prisão, evidentemente arbitraria e injustificavel, conforme demonstrou o padre Alencar.

Eis aqui como procediam os Andradas, que monopolizavam o poder, do qual abuzavam, inculcando-se fundadores da Independencia, iniciadores do regimeu constitucional, paes da patria, guardas e defensores dos direitos do cidadão...

Nos dois discursos contradictorios e frivolos, Antonio Carlos opinou pela continuação da prisão, e, enleiado em argucias de processo do regimento das devassas, concluiu—votando que não se tomasse conhecimento da proposta do padre Alencar. Logo que a questão, a requerimento de Araujo Lima, passou á commissão, o proprio Antonio Carlos declarou—que não duvidaria dar parecer a respeito do diploma, que á força de sophismas combatera e regeitára desde o principio do debate...

Mas o que cauza tristeza é ver o papel que representou o publicista parlamentar.

Antes de apurar as contradicções, releva notar a confusão de idéas do orador publicista. De que Constituição fala? Ainda não havia Constituição, no Brazil, decretada pelo poder soberano competente e que servisse de norma e regulasse e definisse os limites, a esphera de acção de cada poder. Assim, os preceitos constitucionaes invocados eram arbitrarios e imaginarios. Não ha um typo unico de Constituição; varía segundo a influencia do *meio*, os habitos, a indole, as tradições historicas, a hereditariedade, as aptidões, etc, como demonstram os mestres da sciencia, desde Bodin, Montesquieu até Ancillon, que em 1823, já havia publicado o livro sobre—o espirito das Constituições. E, para verificar que as Constituições variam, basta considerar que o espirito e organismo da ingleza não são os mesmos da dos Estados-Unidos, nem da de França da Revolução. Cada uma organiza o poder executivo em vista de certos e determinados intuitos. Cada escola applica os seus principios segundo o meio social: a democracia ou aristocracia não se servem do mesmo machinismo. Antonio Carlos, porém, confundindo a realidade das coisas, invocava uma Constituição de sua phantasia, appellava ou para uma lei suprema, que ainda não existia no Brazil. Quanto ás doutrinas, estas divergiam entre as escolas. O ponto capital de todas cifrava-se em limitar e desarmar o poder absoluto e garantir os direitos da personalidade. Era isso precisamente que não queria o orador paulista, já embaraçando o principio da harmonia, já contestando o exercicio de *contrôle* reciproco, que mantém o justo equilibrio. Ora, repellir a proposta Alencar importava negar á Camara a fiscalisação que as differentes theorias prescrevem. Era, portanto, o orador publicista quem sustentava doutrinas anti-constitucionaes.

Deixando o seu espirito no vago de emoções, em que fluctuava, quando se sentia arrebatado pelos impetos do improviso, nos limitaremos a fazer, comparando os dois discursos, rapida analyse.

Repetem-se as contradicções; num, o orador affirma que perguntar ao governo é ingerir-se em materia de sua competencia, ou do poder judiciario. No outro, diz que, si o prezo, julgando opprimida e violada a sua liberdade, pedir aos paes da patria soccorro, então lhes cumpria não sómente perguntar, mas ir além—advirtil-o e ao poder judiciario. A pergunta, que a Camara não tinha o direito de fazer, já deixa de ser ingerencia. O que era um exercicio do principio da harmonia, regulador do equilibrio na divisão dos poderes,—Antonio Carlos converte em acto de auctoridade de superior, advertindo o executivo e o judiciario.

Aquelles dois discursos, pronunciados por outro representante, passariam como—*inania verba*. Ninguem lhes daria attenção. Mas pelo mestre do constitucionolismo, pelo velho athleta nas lides da palavra audaciosa, qual retumbava na sala dos Communs da liberrima Inglaterra; pronunciados pelo orador paulista, que, a torto e a direito, soía citar as doutrinas constitucionaes e relembrar os nomes gloriosos dos Chatam, Fox e Burke, Sydney e Canning, provocam, ao menos, algumas observações que indiquem aos cultores desse genero de estudo o enxame de erros que pullulam em vaporosas palavras.

Taes erros procedem de duas causas,—ou de refinada argucia para deslumbrar uma Camara de inexprerientes, onde havia poucos espiritos illustrados; ou resultam de crassa ignorancia do regimen parlamentar, dos dogmas, das praxes, dos uzos, dos precedentes constitucionaes do governo da prerogativa da corôa perante o grande concilio da nação—o parlamento inglez.

E', todavia, inadmissivel, mesmo repugnante, suppôr ignorancia num orador, que, *naquelle tempo*, a despeito das habituaes contradicções, era um dos mais versados em taes materias, como Carneiro de Campos, que primava pelo criterio e coherencia, assignalando-se como bôa e erudita intelligencia no meio das mediocridades que formavam a maioria da Assembléa.

Antonio Carlos lança-se ao debate, porque se tratam de doutrinas anti-constitucionaes; elle o declara, alto e bom som. Suppunha-se investido do dever de conservar intacta a verdade politica: como a sacerdotisa, na antiga Roma, guardava accezo, puro, inviolavel o lume sagrado, cumpria-lhe da mesma sorte manter os principios combatendo os erros perniciosos : era a sua missão. Deixemos passar as lavas da vaidade dum espirito exaltado...

Antes de tudo, observaremos que o orador confunde as coisas e esquece de que a theoria da separação dos poderes reconhece duas condições indis-densaveis : —1ª, a liberdade de acção em cada poder ; 2ª, a harmonia, como liame, que os habilita a funccionar, Sem a liberdade, não haverá responsabilidade. Sem harmonia,—ou um poder absorverá o outro; então, dominará o absolutismo; ou os poderes empeceriam uns aos outros, e então a separação seria um principio inerte, inexequivel e absurdo. Entre a Camara e o Governo, a intelligencia reciproca, a communicação dos actos, as perguntas e as respostas, ou explicações, são meios de estabelecer a harmonia, que é uma das mólas essenciaes desse machinismo denominado regimen constitucional representativo. Entra pelos ouvidos que a celeuma, levantada nos dois discursos, não passa de—*inania verba*. Ora, si Araujo Lima, (marquez de Olinda) que tocou em ponto importante, concernente á prisão do deputado, houvesse querido, mostraria o esquecimento das praxes e dos uzos do parlamento inglez; a ignorancia calculada, ou crassa, de que Antonio Carlos deu sobejas provas. O regimen de Governo, com o concurso das Assembléas, era já muito conhecido e praticado nos paizes livres; contava um cento de publicistas, que haviam formulado, criticado, systematizado as diversas theorias. Os cultores desse ramo das sciencias sabem que, antes de 1823, illustres publicistas haviam publicado livros opulentos de erudição nesta materia. Seria demasiado longo percorrer o campo da litteratura politica, que remonta á epocha anterior á grande revolução franceza. Assim que Antonio Carlos não podia ignorar as obras de Montesquieu, de Delolme, de Hallam e de Blackstone, de Bentham e Dumont, ultimos commentadores da Constituição e das Assembléas inglezas. Já, nessa temporada, manuseavam-se os volumes de John Adams ácerca da necessidade da balança dos poderes, editados em 1792. Liam-se as obras de Burke, de Daunou, sobre as grantias individuaes: de Fergusson, de Levingston, que examinou profunda e judiciosamente o governo da Inglaterra comparado com o dos Estados-Unidos. Eram apreciados os escriptos de Mounier, de Montolosier, do celebre ministro Necker a respeito do poder executivo. Já lord John Russel, em 1829, havia publicado o volume sobre a Constituição e o Governo inglez, sem falar dos mais recentes, como Sismondi estudando as Constituições dos povos livres; de Ancillon, concernente ao espirito das Constituições; das obras de Bonald; de sir Cornewal Lewis, sobre as fórmas de governo; de Henrion de Pansey, no tocante ao poder judiciario; de Isambert, investigando os limites que separam os poderes judiciario e legislativo; do conde de Saint-Roman, refutando a doutrina de Montesquieu sobre a balança dos poderes; os commentarios de Destutt de Fracy; finalmente, Benjamin Constant com o curso de Politica Constitucional, e Guizot com a Historia das origens do Governo representativo e das Instituições politicas da Europa.

EUNAPIO DEIRÓ.

O ALMIRANTE (71)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Devorada pela ancia de sensações novas, de factos que lhe sacudissem os nervos, a marqueza exultava de satisfacção pelo proximo enlace das duas creaturas amadas. Assegurada, por um optimismo maternal, do restabelecimento de Oscar em breves dias, formando com Hortencia um bello par, feliz, invejado, vivendo para ella, substituindo-lhe os filhos fanados, mortos na infancia, não cogitára, de leve, nas razões financeiras do padre Paulo, cuja suggestão cavára largo sulco no seu espirito suscitando o ensejo e o meio de ligar a ella sêres que já contribuiam um prolongamento da familia extincta. Casada com outrem, Hortencia acompanharia o marido ; um estranho, interrompendo os vinculos de ternura, as separaria ; Oscar, por sua vez, poderia enkistar-se numa alliança criminosa, poderia escolher uma senhora de educação, temperamento, tendencias pouco assimilaveis aos habitos, á maneira de viver radicadas por longos annos de convivencia intima da mãe e do filho adoptivo. Os dois formariam grupos distinctos, separados por interesses, por idéaes divergentes, duas familias collocadas parallelamente, sem a intimidade, a solidariedade affectiva, vigorosa, inquebrantavel para consolação e conforto da velhice, ameaçada da cruel tristeza do abandono.

Contemplando o alvoroço do aquecido olhar de Oscar, a placidez energica de Hortencia, depois do desafogo do pranto, resignada ao sacrificio, compensado pela satisfação de um dever cumprido, ella os sentia enchendo-lhe o vacuo do coração desolado, rejuvenescido ao impulso dos insaciados iustinctos da maternidade mallograda; antevia o austero palacio illuminado pelas irradiações da ventura por ella engendrada, os vastos aposentos reanimados, plenos de rumores sonoros, saturados de mysticos perfumes, transformados por milagre ao amor fecundo, num lar abençoado.

E seria producto da sua vontade poderosa o prodigio da mutação do sceuario de sua existencia sem horizontes. As suas energias masculas ao serviço do vario capricho feminino, reconstruiriam a familia frustrada pela fatalidade, como tinham feito surgir da aspera selva o estupendo nucleo de trabalho, a colonia Izabel, a Redemptora. Seu nome, sua alma se perpetuariam naquella creação immortal. Ella surgiria gloriosa dos seus desastres, dos destroços das suas decepções, sarada das trêdas magnas que a victoria material no combate á rotina recalcitrante, não conseguira delir.

— Deus os abençôe — disse a marqueza, com vóz ligeiramente tremula, estendendo sobre elles, num gesto solemne, as mãos espalmadas.

D. Eugenia, muito commovida, fitava na filha os olhos lucidos de ternura. O padre Paulo, em recolhida attitude, os labios dilatados num sorriso beato, murmurava algumas palavras em latim.

CAPITULO XXIV

No dia seguinte, quasi ao caír da tarde, melhorou, sensivelmente, o estado de Oscar. Os medicos que acabavam de examinal-o respondiam com evasivas ás consultas do padre Paulo e de d. Engenia, anciosas pela confirmação dos apparentes symptomas favoraveis, confirmando as esperanças ainda vacillantes, menos para a marqueza firmemente convicta da realização do seu prognostico de imminente convalescença.

O padre se encarregára com incansavel actividade de preparar as formalidades preliminares da cerimonia religiosa, que se realizaria dalli a pouco. O almirante Wandenkolk, convidado pela marqueza para padrinho da noiva, estava com outros camaradas de altas patentes e com o secretario do marechal Deodoro no bello salão do *chatô*. O conselheiro, muito acabrunhado, mal attendia ás considerações de Souza e Mello sobre os mais notaveis factos do dia. O dr. Adeodato se entretinha em vóz baixa com o Martins e Marianninha, muito

preoccuppada com a extranha vivacidade da marqueza em attender a todos, contrastando com a tristeza dos circumstantes que tinham o funereo aspecto de convidados para um enterro.

—Que é de Dolores ? — inquiriu a marqueza, approximando-se do ultimo grupo.

—Dolores ? — respondeu Adeodato, muito acanhado, piscando os olhos por traz dos vidros escuros dos oculos —Dolores não pôde vir ; está prostrada com forte enxaqueca, com uma dôr de cabeça como si lhe partissem o craneo... Bem sabe que, quando isso lhe dá, dura semanas. E' um verdadeiro martyrio...

Nesse momento, d. Eugenia, notando o rosto decomposto do marido, privado daquella serenidade de sabio, que era o seu traço caracteristico, chamou-o á parte.

—Que é isto, Antonino ?—disse-lhe ella, em tom de ceusura—Estás com uma cara de metter dó.

—Eu ?—respondeu elle, num amúo submisso— Querias que estivesse a sorrir numa occasião tão solemne ?

—Certo que não. Mas seria mais agradavel, mais correcto que te mostrasses satisfeito, uma vez que esse casamento é do teu agrado... uma vez que concordaste..

—Concordei sim ; concordei. Que havia eu de fazer sinão concordar com o que tu e a marqueza fizeram sem a minha intervenção ? De mais, queres que te diga a verdade ? Eu estou um tanto envergonhado..

— E' a tal historia : os preconceitos preponderando sobre um homem superior como tu, um homem de sciencia que deveria encarar a vida pelo lado pratico...Deixa falarem os invejosos, os difamadores. Nós obedecemos ás mais justas, ás mais honestas intenções de pais solicitos pelo futuro dos filhos. O caso não é, pois, para essa cara de poucos amigos..

— Deixa-me querida esposa. A minha attitude, as minhas maneiras são analogas ao acto : o casamento de uma filha é sempre um sacrificio de repercussão mais dolorosa no coração dos pais do que no das mães.

— Eu sei que estou satisfeita por ter garantido o futuro daquella filha que, com as tendencias para as grandezas, muito me preoccupava.

— Tão jovem, tão formosa...

— Razão de mais para cuidarmos em preserval-a dos perigos de uma alliança sentimental e das decepções que se lhe seguem. Olha... eu não tenho um pingo de remorso, acho que está tudo bem feito.

— E si elle morrer ? — pergunta o conselheiro, em vóz baixa, lançando desconfiado olhar pela circumvisinhança.

— Si morrer ?...Peior para elle.. será uma desgraça : cumpra-se a vontade de Deus.

— Si ficar restabelecido ?..

— Melhor para ambos. .O essencial para nós é que a marqueza está satisfeita : não cabe em si de contente — Emfim — suspirou o conselheiro — Praza aos céos que não nos arrependamos.. A minha consciencia está tranquilla, isenta dessa tremenda responsabilidade...

—Que eu acceito inteira—confirmou d. Eugenia, com energia — Fica com os teus melindres pueris : eu responderei pelas consequeucias.

— O conselheiro encolheu os hombros e afastou-se lentamente, monologando comsigo mesmo sobre idéas que não ouzava exprimir á esposa.

— Fiasse-me eu de ti—resmuneava ella — dos teus melindres, da tua sciencia, e estaria arranjadinha para conduzir a minha vida.

Dois creados, endorsando a riquissima libré dos Uberabas, correram o reposteiro da bibliotheca, e a marqueza, com um gesto gracioso, convidou os seus amigos a se approximarem. Elles fôram entrando silenciosamente no aposento, collocando-se em largo circulo, em torno de Oscar, que acolhia com um sorriso maguado os mais intimos, Wandenkolk, os camaradas, e, com um fatigado movimento da cabeça, os outros. Hortencia, de pé junto do leito, trajava um vestido de cambraia de brancura immaculada, o rosto pallido, os olhos baixos e os cabellos negros se entreviam atravéz de um longo véo a envolvel-a como uma nuvem cerulea, prezo a cabeça por uma grinalda de flôres de laranja naturaes, viçosas e perfumadas. A marqueza e Marianninha se postaram ao lado della, defronte do padre Paulo, revestido de um finissimo roquette de rendas alvas, sobre o qual brilhava, á luz de um cyrio empunhado pelo acolyto, a estola de damasco branco bordada a ouro.

Houve um mystico silencio. A lettra do ritual e as palavras sacramentaes, pronunciadas pela noiva com vóz estrangulada, echoaram como uma sonoridade lugubre, repercutindo em todos os corações compungidos pelo espectaculo macabro da alliança entre um moribundo e daquella moça formosa, desbordante de vigor, a vida e a morte dando-se as mãos para firmarem um pacto hediondo. Depois, Horteucia ajoelhou-se ; Oscar soergueu-se suffocando um gemido, e a benção do Senhor, implorada pelo sacerdote, desceu sobre elles.

As testemunhas do casamento fôram saíndo em silencio, lentamente, os passos abafados por um espesso tapete, como tinham entrado. D. Eugenia beijou a filha na face ; a marqueza enlaçou-a em prolongado abraço e foi conduzil-a ao conselheiro immobilizado por forte commoção, num dos angulos obscuros da bibliotheca, que readquirira o seu sombrio aspecto de camara de um enfermo, invadida pelo crépe da noite, que se aproximava docemente.

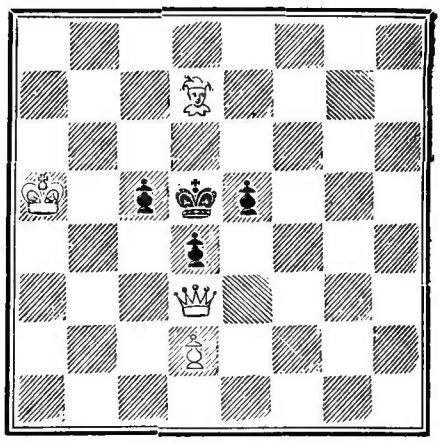
(Continúa)

XADREZ

PROBLEMA N. 38

R. St. — G. Burke

PRETAS (4)



BRANCAS (4)

Mate em dois lances

Este problema é simples, mas muito gracioso.

***

PARTIDA N. 40

(Jogada em S. Petersburgo em 1904)

GAMBITO DO REI (*a*)

Brancas (S. J. Rodjestvenski)		*Pretas* (P. A. Sabouroff)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P × P
C 3 B R	— 3 —	C 3 B R
C 3 B D	— 4 —	P 4 D
P 5 R	— 5 —	C 5 R
P 4 D	— 6 —	B 5 C D
D 3 D	— 7 —	Roque (*b*)
P 3 T D	— 8 —	B × C x
P × B	— 9 —	B 4 B R
B × P !	— 10 —	C 6 C R
P × C	— 11 —	B × D
B × B	— 12 —	P 3 C R
R 2 D	— 13 —	P 4 B D
T 6 T R	— 14 —	P × P
T D 1 T R	— 15 —	P × P x
R 1 D	— 16 —	P 3 B R
T × P T	— 17 —	P × P (*c*)
B × P R	— 18 —	abandonam

(*a*) E' esta o que se chama uma partida brilhante e portanto... incorrecta. Mas no xadrez nem tudo é theoria. E' preciso contar com a calma do jogador arrojado, que faz um lance arriscado, e com o descuido e á perturbação do adversario.

(*b*) Não parece que as Pretas teem um bom jogo ?

(*c*) As Pretas defendem-se tolamente neste final. Com habilidade e previsão, teriam trazido as suas peças a tempo de se defender efficazmente.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 37 (*R. St. — G. Burke*): T 2 C D.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 8 de Março de 1906 — Num. 72

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Era indispensavel deslumbrar a imaginação nacional, fortemente contundida pelo pavoroso desastre do *Aquidaban*, fulminado nas verdes aguas de Jacuacanga. E, como o Governo não tem entranhas, não chora, não desce ao ridiculo de lamentações inuteis, decretou lucto official, exequias sagradas para traduzirem com pompas reaes toda a intensidade da dôr official pela perda dos marinheiros roubados á patria no posto de honra.

Não diremos *amen* aos protestos do sr. Andrade Figueira, que anda cavando material de opposição no caminho do Governo, quer este ande pela via larga e luminosa das orientações patrioticas, quer se embrenhe nas veredas accidentadas, nos atalhos escuros da politica, os quaes nem sempre são o caminho mais curto para attingir ao fim alvejado. Pensamos que o Governo procedeu acertadamente, decretando aquellas pompas discretas para robustecerem na imaginação do alto funccionalismo da Republica os impulsos de civismo, e demonstrar com brilho extraordinario a gratidão publica pelo sacrificio ao dever.

Essas catastrophes, essas explosões de fatalidade cutilam com estranha violencia a imaginação do povo, abrem nelle um fundo sulco de magua, produzem vibrações perigosas: dahi, a urgencia de uma reacção consoladora, o appello á intervenção divina, á religião, fonte da suprema esperança, refugio dos desesperados; dahi, essa enscenação da gloria em apotheoses aos heróes mortos, sepultados no bôjo d'aço do couraçado transformado em tumulo batavo.

O Governo sabe que os seus subditos são fetichistas, são, como todos os homens ainda não libertados da crosta da barbaria, ornamentaes, apaixonados pelo colorido quente das plumas dos cocares, pelas rutilantes facetas das missangas, pela pittoresca harmonia dos ruidos, pelas vózes das selvas mysteriosas, pelo cantico das aves, por tudo o que echôa e detona, desde os tons asperos dos maracás monotonos até aos ribombos do canhão vomitando trovões e coriscos. A arte e a força, nas suas manifestações rudimentares, como nos requintes da industria e da sciencia, collaboram atravéz dos seculos no aperfeiçoamento do instincto de ornamentação para impressionarem os sentidos do homem, mantel-os em permanente erecção, multiplicando os instrumentos de accesso á imaginação e inventando novos meios de evidencia das idéas.

A musica é o ruido organisado. O som cavo de um tronco carcomido gerou o zabumba, representando, ainda hoje, nos cordões tresloucados, nos *Zépereiras* que tanto encantaram os cariócas, na crise carnavalesca, o barulho ancestral que foi o encanto dos nossos avós macacos. A clarineta é neta da gaita. O clarim é descendente legitimo da buzina. A lyra de Orpheu, divino instrumento que hypnotisára deuses olympicos, animaes ferózes, e partia de commoção as rochas durissimas, seria para os nossos educados ouvidos uma insupportavel estopada. A flauta de Pan faria dormir de pé o mais fanatisado *virtuose*. Mas a arte foi assimilando esses detestaveis ruidos ás modulações da alegria, da magua, da colera, da vingança, do medo, do amor; traduziu idyllios e desastres em canticos venturosos, em canções guerreiras, em alegrias lamentosas, em hymnos de victoria.

Pelo mesmo processo, o canhão atroador é filho da flecha silenciosa, cujo helice de pennas macias foi reproduzido nas estrias d'aço raiadas como elemento de perfeição da trajectoria para certeza do effeito mortifero.

Charanga e artilharia são hoje os instrumentos mais commovedores dos povos cultos e incultos em todos os seus estados d'alma.

Animal ornamental, o homem enfeita a sua dôr como enfeita a mulher querida. O lucto é um ornamento, tem os seus brocados, as suas joias, a sua etiqueta protocollada em graves artigos de lei sanccionada por unanime convenção dos povos. De outro modo, seriam cruelmente absurdas as pompas funebres.

Unico animal que se esconde para amar, o homem adorna com escandalo o objecto do seu amor pelo instincto ornamental de suscitar inveja, de exhibir a intensidade de sua paixão, do seu gozo. Era natural que se escondesse para chorar, para soffrer; mas aquelle mesmo instincto o impelle para as lamentações inuteis, em prosa e verso; as suas lagrimas se crystalizam em vibrantes notas de musica. Elle se cobre de preto, sinceramente ou hypocritamente; reveste as sumptuosas galas do lucto, para que todo o mundo se persuada de que elle está todo soffrendo. E como o adorno é uma das mais genuinas manifestações do egoismo, elle exige que a sua dôr se transmitta aos congeneres pelo contagio, pela impressão dos symbolos mortuarios, das exhibições de tristeza, da mesma fórma que as suas alegrias e gozos, — forçando phenomenos de communicação que se expandem e engrossam na razão directa das massas, empolgando-lhes a imaginação.

As pompas fôram sempre efficaz apparelho de governo dos povos.

Convencido dessa psychologia, não censuramos o governo leigo por ter ido á cathedral honrar a memoria dos mortos no desastre do *Aquidaban*, nem por ter despendido, sob sua piedosa responsabilidade, algumas duzias de contos de réis nas pompas funebres. Os rigores das verbas orçamentarias sómente teem applicação aos credores do Estado.

Quando emergem interesses superiores, como esse de orçamentar os nossos vibrateis botucudos com deslumbrantes cortezias á dôr alheia, com a purpura cardinalicia, o Governo deve ter mãos rotas, muito mais rotas do que quando surge a maçada imperiosa da obrigação de soccorrer ás viuvas dos mortos no arduo dever patriotico, aos orphanados pelo desastre. Satisfeita a gratidão official aos mortos, a gratidão publica virá depois, por um generoso impulso, alliviar o infortunio dos vivos.

***

A catastrophe do *Aquidaban* é uma prova do poder impressivo dos factos inesperados, repentinos, que teem o effeito contundente das explosões aterradoras. Alli a perda de mortos illustres foi aggravada pela perda material de um couraçado destruido. Outra seria a impressão, si elles não morressem de subito, conjuctamente, do mesmo golpe terrivel da fatalidade, porque os desastres prolongados não actuam sobre a imaginação do povo, nem sobre a imaginação do Governo, que o representa, produzam embóra o sacrificio inutil de milhares de vidas, e inestimaveis prejuizos materiaes.

Nós temos uma flagrante prova dessa verdade; temos um desastre que dura cerca de dois annos, consumindo, por emperrada incuria do Governo, milhares de vidas inutilmente, friamente sacrificadas, soldados que vão morrendo aos poucos, numa lenta tortura, devorados pela malaria, asphyxiados pelo beri-beri num supplicio dantesco, ante o que a morte em combate, a surpreza da morte, seria mil vezes preferivel; temos batalhões dizimados, cujos reziduos infórmes, opilados, engordados de edemas, desapparecem na solidão de ribas ignoradas, estrumando o paúl mortifero, ou se dispersam pelas enfermarias, onde os obitos se registam, caladamente, em cifras collossaes. E ninguem se impressiona com essa hecatombe a retalho, hecatombe sem ruido, sem fragores explosivos e, por isso, indigna das compensações honrosas do lucto publico, do esplendor das pompas officiaes.

Ao Governo não occorreu a piedosa idéa de mandar rezar uma simples missa burgueza pela *alma* desses outros heróes sacrificados á fatalidade dos erros administrativos, mortos no posto de honra, no cumprimento do dever civico, com a mesma sublime abnegação patriotica das victimas do desastre do *Aquidaban*.

POJUCAN.

O SR. SYLVIO ROMÉRO termina, com o seguinte artigo, o formidavel exame a que submetteu, sem interrupção, desde o n. 54 desta revista, a *America Latina*, do sr. Manoel Bomfim. Este nosso prezado collaborador e amigo, em cuja isenção de animo muito confiamos, está certo de que os *Annaes* acolheram os artigos sobre seu livro porque os *Annaes* não participam, em principio, da responsabilidade dos seus collaboradores — sobretudo quando se trate de homens como o eminente auctor da critica, que bem dispensaria a sociedade si nós a quizeramos. E' verdade que os habitos da nossa imprensa não são esses... Entre nós, um collaborador de um jornal ou de uma revista não póde discutir com outro nesse mesmo jornal, nessa mesma revista: um não póde escrever contra o outro ainda que, como agóra, o ataque nada tenha de pessoal.

Nós, ao contrario, não praticamos assim. Vamos mais longe: quem percorrer as nossas collecções verificará que pessôas, por cujos olhos nem vivemos nem morremos de amores, teem recebido, nestas columnas, os louvores que merecem.

Um pouco adeante, o leitor váe ler, numa interessante *Epistola vária*, uma referencia ao sr. Sylvio. Ella não infringe o programma dos *Annaes* — porque achamos que, ainda de leve, o nosso notavel collaborador não lhe descobrirá uma intenção soez, ou, siquer, uma intenção de menoscabo.

—

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

———

Poderia, si não fôsse o receio de protraír por muito tempo a terminação deste estudo, discutir grande porção de questões aventadas na *America Latina*, todas mal solvidas pelo auctor. Não o farei.

Deixo tambem de enumerar grande copia de erros de ordem secundaria, erros de minucias, que afeiam o livro.

Um destes, por exemplo, é dizer, na pag. 157: «Os hollandezes tomaram a Bahia, e fôram senhores de Pernambuco por *quatorze annos*.»

Dizem que o sr. Manoel Bomfim váe ser nomeado *Director geral da Instrucção Publica do Districto Federal*, cargo que anda agóra a exercer interinamente.

Sabe-se mais que é ou tem sido *director* dessa casa de gastos inuteis, chamada *Pedagogium*.

Pois bem: aviso ás alumnas das mais elementares escolas primarias que o chamem a contas por esse erro de palmatoria, — de *terem sido os hollandezes senhores de Pernambuco quatorze annos*, quando fôram 24, quasi o dobro!.

Até o meu boçal empregado Antonio Piragibe sabe que os batavos estiveram alli de 1630 a 1654.

Outro caso. No final duma pagina grosseirissima ácerca de José Bonifacio (Pag. 259 a 260), occorrem estas palavras: «Não admira, nem mesmo o ver surgir no governo do Brazil independente, homens como esse *Villela Barbosa*, que alguns annos antes confessava—*ter vergonha de haver nascido no Brazil*, e jurava, *com o rosto ainda turgido da bofetada de Barata*, jurava e promettia, nas côrtes portuguezas, atravessar o Atlantico, etc.»

Este trecho contém dois erros: primeiramente, o nome do velho homem de Estado não é *Villela* e sim *Vilella*, que é como se escreve, e, depois, não foi no distincto *marquez de Paranaguá* (1º do nome) que o trefego, irriquieto e mediocre Candido José Barata de Almeida se atracou numa das escadas do palacio das côrtes e sim com o marechal José P. Pinto da França, como consta das *Memorias do visconde de S. Leopoldo*. Consulte o Vieira Fazenda, meu caro Bomfim.

Barata nunca tocou com um dedo siquer em Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, auctor d'*A Primavera*.

O modo como o sr. Manoel Bomfim escreve erradamente o nome—*Vilella*, no que aliás não anda só entre a litteratada do Rio de Janeiro, leva-me a tratar do seu estylo e da sua linguagem. (1)

A questão do estylo é a mais desastradamente apreciada na litteratura brazileira.

A mais elementar verdade existente em todo o mundo ácerca dessa qualidade litteraria e artistica denominada *estylo*, é que sua primeira qualidade é a *personalidade*. Cada escriptor, cada artista deve ter sua tonalidade, sua vibração propria.

Pretender, portanto, como se faz ahi a cada passo, lavrar um *canon*, uma regra, uma norma, u'a medida, um feitio geral para todos os estylos, para o modo de escrever, pintar, musicar, orar, fazer architectura ou estatuaria, de todos os escriptores, poetas e artistas, é o cumulo da insensatez.

E é o que andam a fazer ahi todos os dias certos sujeitos que se arrogaram o direito de dirigir as coisas litterarias e artisticas nesta desventurada Beocia.

E si algumas e determinadas qualidades se houvessem de exigir no estylo, para o tornar mais distincto,

como regra geral, deveriam, além da personalidade, ser — a clareza, a sobriedade, a propriedade, a completa equação entre o pensamento e sua expressão, a naturalidade, — o movimento, o rhythmo.

No Brazil, na phase romantica, e das escolas que se lhe seguiram, — naturalista, parnasiana e nephelibata, entendeu-se sempre o contrario, com honrosas excepções.

O emprego de palavras, exquisitas por qualquer titulo, a pretenção de riqueza de vocabulario, a preoccupação de brilho, de colorido, degenerada quasi sempre em affectação de máu gosto, a quéda para o empathico, o rebuscado, o abuso de metaphoras ouzadas, de tropos inesperados, descambando, não raro, para o *amphigouri*, eis as excellencias estylisticas do geral dos escriptores.

Quem não veste estes trajos de mascarados e não põe estes guizos não sabe escrever nem falar, não é escriptor nem orador.

Agóra, recentemente, deram em exhibir uns arremedilhos de classicismo, uns arrebiques de 1500 e 1600, que são mui do gosto corrente. Quem não se adereça com essas fitas e galões, é selvagem, não sabe *vernaculo*, não sabe se exprimir em *vulgar*.

E' uma corja ; e difficil é resistir a esse bando de malfeitores do bom senso e bom gosto.

O sr. Manoel Bomfim escreveu *A America Latina* para tomar posto no grupo ; mas, — coitado ! — foi tão infeliz que o mandaram voltar a proseguir nos preparatorios, taes e tantos são os erros de linguagem que pezam nas paginas do livro.

Ao correr da leitura — meu lapis marcou diversos, que vou mostrar.

Antes de tudo, neste sentido, nesta questão da fórma, do estylo, releva ponderar que o medico sergipano tem pretenções a lyrico e forceja por agarrar figuras novas ; mas quasi sempre empolga sómente megeras. Tem-se pena do esforço do jovem psychologo ; apparece suado, luctando pela expressão *torturada*, quando mais facil, mais normal, mais hygienica seria a expressão simples e natural. Os dizeres improprios, inadequados, surgem ás duzias.

Na furia do lyrismo, teima, por exemplo, descrever uma *tempestade*, que compara ás *luctas sociaes* e escreve phrases destas :

« Em torno, a vaga ruge, salta... mordendo aqui *a trama aspera do gneiss*, lambendo alli a *areia fatigada*.. Agóra apparece *um retalho de lenho* ». (Pag. 389.)

Trama aspero do gneiss, *areia fatigada*, *retalho de lenho*... são modos de falar pretenciosos, improprios e inadequados.

Antes de proseguir por este caminho, convém dar larga amostra do estylo do director do *Petalogium*, (E' este o verdadeiro nome do famigerado *Pedagogium*), quando se quer fazer poeta, descriptivo e lyrico.

Sirva, para o caso, a curiosa *surra de bôlos* nos engenhos do norte.

E' esta : « Em toda *a* (Este *a* é demais) Em toda *a* fazenda, *havia* um quarto, — uma prisão, *apparelhado* (A prisão ou o quarto ? devia ser a prisão) com dois ou tres troncos, gargalheiras, cepos, correntes... Alli *apodreciam*, invariavelmente, (*Colloca quasi sempre os adverbios entre virgulas* ; não se sabe porque...), um ou dois negros. Pela maulhã, ao tempo em que se *marcavam* as tarefas aos outros escravos, esses que no quarto do tronco *expiavam* o crime de haver fugido ao trabalho devorador — (Em vez de uma *vigula* põe um *traço*) — esses *recebiam* a refeição quotidiana, de bolos ou açoites, quatro ou cinco duzias, *applicadas* com todo o requinte *sobre as* carnes (Devia ser nas carnes) doloridas, *inflammadas*, sensiveis como uma chaga muitas vezes *maguada e renovada* (E' muita *ada* junta). *Levantava-se* o *desgraçado*, bambas as pernas pela abstinencia, tropegas, *adormentadas*, da posição contrafeita e dolorosa no tronco, *pisados* os musculos, *emaciado* o rosto, *apagados* os olhos pelo soffrer *accumulado* (E' muito *ado* junto) ; as mãos *inchadas* não se *fecham* (Muda, sem motivo, o tempo do verbo), turgidas, luzentes ; a sanie *transuda* por entre os dedos abertos ; a pelle *rachou* (Passa sem mais nem menos para outro tempo do verbo—) desde os primeiros dias ; as unhas *já caíram*; as costas *estão* (Muda de novo sem razão o tempo do verbo) em carne viva... O miseravel num desvario de bruto, *estende* a mão ao executor. Cáe o primeiro bolo, sôa um grito, uivo e lamento, gemido violento de todas as dôres que acordam. E os golpes se repetem: é um — *Ai !* *Ai !* .contínuo, como uma vida que se esfrangalha (*Tão sem graça !* .), uma alma que se esgota. O lamento desesperado passa travando os corações, num accento de miseria que traspassa os animos ; envenena, hallucina.. Um espirito justo, a ouvir aquelle grito cinco minutos enlouqueceria. »

E' a rhetorica réles, amaneirada de todos os escriptores sem vocação. Aprecie quem quizer ; não lhe acho graça.

Não é, porém, só essa inhabilidade de artista que busca modelar um estylo sobre especimens despreziveis e de máu gosto, que devo assignalar. Existe no livro coisa muito mais grave:—erros de linguagem, de grammatica, reclamadores de *bôlos*, *como os da surra*.

Notem estes :

Pag. VII — «*expontaneamente*». Vê-se que não é lapso typographico, porque se repete na pag. 35. Bomfim não sabe latim : do contrario, fugiria horrorisado daquelle *x*.

Pag. 6 — «não ha individuo menos *possuido de espirito* militar que o caudilho». Aquelle *possuido de espirito* é puro gallicismo.

Pag. 15 — «Ella nos embaraça de toda a *sorte* de embaraços». *Sorte* ahi não é portuguez ; é gallicismo escusado.

Pag. 27 — «E' tão perfeita a larva do *Chondracanthus*, que os naturalistas tiveram de reconhecer que não se tratava de uma larva de verme ; *breve*, reconheceram tambem, etc.» Este *breve* não é lição admissivel em vulgar.

Pag. 38 — «*Spartiatas*». Creio que se queria referir aos espartanos.

Pag. 47 — «...quadro *ligeiro*». *Ligeiro* em vez de *leve*, *superficial*, é gallicismo indecoroso.

Pag. 47 — «*alternaturas*—». Não sei o que seja, nem o leitor o sabe tampouco.

Pag. 67— ...«com exclamações que respondiam, *justas*, áquellas secretas esperanças». Aquelle *respondiam*, *justas* — é tambem falar francez ; não é nosso.

Pag. 101 — «Tudo servia, que pudesse pagar esse luxo». Está nas mesmas condições.

Pag. 113 — ..«e as varias *sortes* de instrumentos». *Sortes* ainda uma vez em sentido errado.

Pag. 128 — «Fazendas, explorações MINEREAS, havia aonde os escravos se contavam por milhares...» Aqui o erro é horroroso. Apezar de medico, apezar de dever ter estudado algo de mineralogia e geologia, Manoel Bomfim — ainda não sabe o que é *minereo* ou *minerio* ; faz deste substantivo um adjectivo, que confunde com *mineiro* e *mineral*. Bomfim inventou o adjectivo *minereo*, *minerea*.

E' uma graça ouvil-o a falar nas explorações minereas, nas *terras* minereas, nas *riquezas* minereas.

E' para fazer estylo; acha *mineiro* e *mineral* muito vulgar...

Esta pandega apparece em varios pontos do livro; é disto exemplo, além da pag. citada, a pag. 152, onde se lê :«... os feudos, representados nas fazendas e *dominios minerios*; a escravidão, na escravaria ignara, etc.»

Coitado !

Pag. 137 —«.. sem outras despezas, sem onus, sem cansaço de nenhuma *sorte*. *Breve*, a metropole reconheceu. .»

Erros já notados, que se repetem ás duzias: o *breve* no sentido de—*em summa*, *por fim*, *finalmente*, *emfim*, e a *sorte*, no significado de *genero*, *especie*, *casta*, *qualidade*, etc.

Pag. 145 — «.. a metropole não tem outros intentos sinão cobrar os tributos e *impedir* que as colonias *possam furtar-se a não* nos pagar.»

Bomfim queria dizer—que as colonias *possam furtar-se a pagar*, e escreveu o inverso. Elle pensa que se póde dizer *impedir de não fazer*, *de não furtar*, etc.

Este erro é grosseirissimo e apparece varias vezes no livro.

Pag. 345 —«Será uma resistencia desorganizada, muitas vezes, mas por isto mesmo, permanente, irreductivel, garantida pelas condições geraes da vida, mais propicias do que *não* eram as dos portuguezes e hespanhoes...» O mesmo erro.

Pag. 374 «.. hoje, bem mais proximas de um estado de organisação regular do que *não* estavam *a* cincoenta annos.»

Aqui, alem do *não* de mais, existe aquelle *a* em vez de *ha*.

Pag. 410 —«. *nem* o meio social *não* poderia ser um entre cruzamento de vontades arbitrarias.»

Tudo está a mostrar a impericia com que o sr. Bomfim maneja esse bello apparelho que é a lingua portugueza.

Pag. 164. «Um passado *todo inteiro* contribuiu para fórmal-a»

Falar francez.

Pag. 164 —«... a sua intelligencia *se* fórma-*se* e desenvolve-*se*. .»

Não seria melhor dizer—se se fórma e desenvolve?

Pag. 201 — . apuram a instrucção superior antes de propagar a primaria; fazem doutores para *boiar* sobre uma onda de analphabetos.»

Boiar está errado; é verbo no singular e sujeito no plural. E' infinito pessoal.

Pag. 203—«Sim, trabalham; mas o seu labor se faz como uma tarefa, quando devera ser uma campanha, enthusiastica e ardente, como o trabalho se apresenta aos que avançam convencidos do exito, porque *marcham* em contacto directo com os acontecimentos...»

Marcham alli é gallicismo grosseiro. *Marchar* em portuguez tem significado peculiar e technico; *marcham* soldados em fórma e attitude militar.

Os mais *andam*, *caminham*.

Quem lê o periodo de Bomfim crê que são alguns batalhões que *marcham* em contacto com os acontecimentos...

E' erro muito vulgar, que deveria ser evitado por quem faz conferencias a beldades...

Pag. 211 — «... mas não chegaram a mudar o concepto. .»

Pag. 212 — «... o mesmo *concepto* se mantem...»

E' sempre assim; Bomfim, por ser um escrevinhador affectado, diz sempre *concepto* em vez de *conceito*.

Não é um erro, é uma affectação.

Pag. 232 —«... armando propriedades agricolas ou mesmo *minereas*.»

E' reincidencia no disparate das *minereas* como adjectivo em logar de *mineiras*, etc.

Pag. 243 —«... dos irmãos *Carrera*...»

244 — «... os *Carrera*...»

253 — «... os irmãos *Carrera*...»

Bomfim faz côro com os litteratos da porta do Garnier, gallicistas iucuraveis que ainda pensam que os nomes proprios em portuguez não teem plural, mesmo que sejam nomes estrangeiros. E' gente que escreve— os *Platão* os *Spinosa*, os *Albuquerque*, os *Conceição*, os *Almeida*, os *Gama*... E' uma miseria. Só bôlos.

Não se lembram, ao menos, de Camões, que diz :—«O quarto e o quinto *Affonsos* e o terceiro—» ou de Garrett que escreve :—«E' proprio dos Camões—falar dos *Gamas*», ou de Herculano, que ensina :—Depois dos graves e profundos trabalhos historicos de Agostinho Thierry, quasi ninguem ignora qual era o valor politico dos Xeques e Caciques dos antigos selvagens da Europa ; o que eram os *Alariks*, *Hlodewigs* e *Theoderiks*, que os escriptores, etc.» (*Opusculos*, V pag. 157).

E' inutil multiplicar exemplos.

Pag. 248 — «A emancipação estava feita, completa e acabada, *no momento justo em que* o governo da antiga metropole assignasse o tratado, etc.»

Falar francez inutilissimo, já notado.

Pag. 252 — »...que se submettam a *discrição*» Queria se referir a *discreção*.

Pag. 256 — «...á *discrição* da metropole.»

O mesmo caso acima.

Pag. 258 — «Em verdade, será bem difficil dizer em que *momento justo* o Brazil começou a sua independencia. .»

E' o caso á saciedade notado.

Pag. 278 — «. .não pense noutra coisa sinão em delles se servir para obrigar os outros a *trabalhar*.»

Este ultimo infinito é pessoal; está, pois, em discordancia com o sujeito.

Pag. 298 —«Se a familia, a posição, a fortuna herdada não *lhe vem auxiliar*, elle é condemnado.

Devia dizer : — *não no vem auxiliar*, ou *não lhe vem em auxilio*.»

Não LHE *venho auxiliar* — é como *ha muito que não* LHE *vejo*.

Pag. 302 — «...que se apresentariam amanham taes como eram *a* 40 seculos.»

Pag. 375 —«Pensem esses optimistas no que eram as nações latino-americanas *a* sessenta annos atraz.»

Dois casos mais de *a* em vez de *ha*.

Pag. 338 — «...uma natureza compassiva e *ubera*.»

Em portuguez temos o substantivo *ubere* ou *ubre*.

Temos o adjectivo *uberrimo*, *a*; mas *ubero*, *a*, não existe.

Pag. 407 — «Não lhe *trabalha* o espirito nenhuma aspiração superior.»

Não é falar vernaculo.

Pag. 409 — «. .se queremos *partilhar* do progresso.»

Dois erros de pancada : *partilhar* é fazer *partilhas*, é officio do *partidor* em juizo. Nem mesmo em rigor, existe o verbo *partilhar*; e quando se lhe queira admittir a existencia, é no sentido indicado.

Admittido o *partilhar* por analogia — teremos — *compartilhar* — no sentido de *ter parte*, *quinhão na partilha*, que era o que Bomfim queria dizer. Mas ainda neste caso, o verdadeiro verbo portuguez é *compartir*.

O outro erro está em o — *se queremos*, em logar de *se quizermos*.

Pag. 427 — «...*os Ruskin*.»

E' o plural dos nomes proprios.

Existem outros exemplos no livro. Basta isto.

E' a primeira vez, em trinta e seis annos de critica, que desço a indicar erros de liuguagem, quédas grammaticaes.

E' que, actualmente, no Rio de Janeiro, se faz isto mistér, — no intuito de cohibir a petulancia de certos pretenciosos, pessimos escriptores entretanto, que vivem na inebriante illusão de haver feito monopolio da bôa linguagem,

O caso é bem diverso do que pensam.

Erram, erram, e erram muito.

O nosso Manoel Bomfim, de tempos a esta parte, anda se enfeitando para tomar assento na companhia. Já tem bilhete de assignatura na porta do Garnier e canta solos no conservatorio.

E váe tendo *claque*.

Não é, pois, de mais chamal-o á ordem, emquanto é tempo e não se julga invulneravel.

Foi o que fiz nos poucos artigos consagrados á sua *America*, prestando-lhe inestimavel serviço, si é que ainda lhe anda integro o criterio e o animo.

Resta-me pedir desculpas aos homens illustrados que houverem lido *A America Latina*, — de ter deixado naquellas paginas ainda tantas duzias de erros que passaram sem corrigenda.

E' que tinha pressa de acabar, vexado como ando para entrar no cerrado cipoal de sandices que anda ahi a tecer certo e famigerado auctor *loterico*...

SYLVIO ROMÉRO.

---

(1) Previno em tempo que a *Illiada*, com 2 *ll*, que se lê em 4 ou 5 logares nestes artigos, não foi erro meu. O mesmo digo de alguns outros que escaparam á revisão. Não lhe faço carga, porque a minha lettra é a peior que se possa imaginar.

UMA QUESTÃO DE CINEMATICA APPLICADA

Em seu admiravel trabalho, de merito verdadeiramente excepcional, como o proclamaram Tannery, Königs, Gomes Teixeira e outros, e de ha muito apreciado em seu justo valor por nossos mais eminentes professores, trabalho que determinou uma revolução na cinematica applicada, o professor Reuleaux delineou, tão racionalmente quanto possivel, uma synthese cinematica. O que ha de scientifico e o que ha de empirico nessa construcção magistral não nos compete agóra analyzar sem nos lançarmos em considerações inteiramente estranhas a este artigo.

Procurando organizar uma classificação para as cadeias cinematicas simples, Reuleaux, por via synthetica, chega a estabelecer que a cadeia mais geral de conjugados cylindricos é a cadeia de sete membros ($\overset{1}{C}_{7}$). Ha fechamento excessivo para a generalidade das cadeias reversas cylindricas de numero menor de membros. Para um numero superior, não ha desmodromismo.

Infelizmente, ao leitor, as linhas que o eminente auctor consagra a este theorema, não constituem uma demonstração, no sentido mathematico. Seria preciso, para isto, mostrar que, transformada a cadeia em mechanismo, pela fixação de um dos membros, os eixos dos conjugados descrevem superficies regradas e que os pontos de fechamento contra a translação descrevem curvas de dupla curvatura.

E' no intuito de preencher semelhante lacuna que proponho a seguinte demonstração.

Designemos os membros da cadeia pelos numeros 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Fixemos o membro 1. Pois que não ha translação e apenas ha rotação, os membros 2 e 7 descrevem em geral hyperboloides.

Supponhamos a cadeia partida no membro 5. Então 3 e 6 descreverão congruencias e 4 e 5 complexos.

Designemos por α, β, γ os parametros de que depende 4 e por α', β', γ' os parametros de que depende 5. Ter-se-ão para o eixo commum de 4 e 5, suppondo a cadeia fechada, quatro relações entre as seis quantidades. Por outro lado, para impedir a translação entre 4 e 5, é necessario uma nova equação entre as mesmas quautidades. Logo, todos os parametros se pódem exprimir em funcção de um delles e, portanto, todos os eixos descrevem superficies regradas, cujas intersecções fórnam as trajectorias dos pontos de fechamento. Assim fica demonstrado por considerações muito simples de geometria regrada, o theorema apenas enunciado pelo illustre auctor da Cinematica.

Otto de Alencar Silva,
Da Escola Polytechnica

SCIENCIA E INDUSTRIA

O hypnotismo dos animaes—Estudo de Lepinay e Grollet.—Utilidade do methodo, segundo repetidas experiencias.

No laboratorio de psychologia comparada de Paris, medicos veterinarios estudavam, havia muito tempo, a possibilidade da suggestão dos animaes e as vantagens de hypnoptizal-os, problema complexo muito controvertido.

Nas mais pacientes experiencias se tinha verificado ser muito difficil fixar os olhos de um animal para obter a hypnose; a disposição anatomica de seus olhos não permitte a fixação simultanea dos dois globos oculares; o animal, incommodado pelo olhar do operador, se subtráe a elle immediatamente. Além disso, augmenta a sua desconfiança quando se empregam espelhos, prismas, campainhas, vibrações uzadas para o hypnotismo do homem.

Apezar desses factos, os medicos Lepinay e Grollet verificaram que os animaes pódem ser hypnotizados, até certo ponto, sem perceberem pela influencia excessiva sobre elles.

As experiencias fôram feitas principalmente no cavallo, e dellas resultou que, para assegurar os effeitos da suggestão, é indispensavel vencer, antes de tudo, as resistencias naturaes do animal, captar a sua confiança, adormecer as suas suspeitas, as suas predisposições, abolir-lhe o poder de se dirigir, de maneira a impôr-lhe a vontade do hypnotizador.

E' facil comprehender a utilidade do methodo para amansar e ensinar, mas a série de suggestões para conduzir o animal ao estado de receptividade efficaz não está ainda scientificamente indicada e os trabalhos de laboratorio não passam de tentativas.

O manganez como estrume—Experiencias do professor Roux—O que elle disse perante o Congresso de Chimica.

Os physiologistas admittem, agóra, que o manganez, cuja presença nos animaes e nos vegetaes era considerada fortuita, é um elemento indispensavel á funcção da cellula viva. Partindo dahi, o sr. Roux assignalára no *Congresso internacional de chimica applicada*, reunido em Berlim em 1903, o emprego do manganez como agente fertilizante do sólo. Continuando suas experiencias e apoiando-se nos estudos do laboratorio de outros sabios, entre os quaes figuravam japonezes como Aso, Sawa, Nagaoka, verificou não sómente serem araveis todas as terras encerrando, conforme as analyses de Leclerc, uma porção notavel de manganez, mas tambem que, addicionando-lhes uma certa quantidade desse metal, occasionando reducção de despeza, se poderia obter consideravel augmento de colheitas.

Fez-se uma experiencia sobre uma cultura de aveia iniciada em fevereiro do anno passado. A camada aravel, de grande profundidade, era formada de terra argilosa, muito fraca em calcareo. Operou-se sobre duas superficies quadradas, eguaes sob todos os pontos de vista, medindo 20 acres cada uma. Receberam ambas o estrume habitual nas mesmas proporções, mas em uma dellas se addicionou certa quantidade de sulphato de manganez secco, correspondente a 50 kilos por acre. Esse sulphato, isento de impurezas, encerrava 3/18 % de manganez, recebendo cada metro quadrado 1 gr. 6 de metal. A colheita se fez em principio de agosto. O aspecto das duas superficies permanecera, na apparencia, o mesmo, mas as pezadas accuzavam notavel differença, dando em favor do manganez 22,5 % para o total da colheita, ou 17,4 de gráu e 26 % de palha.

Na opinião de Roux, isso revelou um novo caminho para os estudos das causas da fertilidade do sólo, para experimentar, da mesma maneira que o manganez, todos os elementos raros, zinco, iodo e outros, aos quaes se deve attribuir a funcção physiologica.

Roux deu a esse condimento o nome de *estrume complementar ou catalytico*.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

No dia seguinte, ao amanhecer, toda a gente da malóca foi ao rio banhar-se.

O Jardim e eu fizemos o mesmo, logo que ficou desimpedido o porto.

Os indios do Rio Negro e seus affluentes são muito aceiados, banham-se tres e quatro vezes por dia. Em alguns logares, as mulheres empapam os cabellos com substancias aromaticas e com «*amor crescido*», planta que nasce nas pedras das corredeiras e fal-os ficar longos e sedosos. Ordinariamente, a primeira ablução é ao clarear e a ultima ao fechar do dia. Todas as vezes que comem, cáem n'agua immediatamente. Por esse grande aceio, não se lhes nota o *pitium* peculiar á sua raça em outras regiões.

O meu pequeno doente inspirava-me cuidados. Além do sentimento humanitario, estava em jogo a minha reputação de *curandeiro* entre os indios. Interessava-me muito a cura do *curumy*, depois do máu exito dos sopros e sucções do pagé.

Ao saír do rio, fui vel-o. Estava sentadinho na soleira da porta posterior da casa, com um arquinho e uma flecha na mão, sempre muito pallido.

— *Maháta rechamunú reikô?* (*Que estás caçando?*)

— *Intimahã mahã*. (*Nada*) — Respondeu-me com um arsinho de tristeza.

Atirar ao alvo, matando passarinhos, teiús e largartixas, era o seu divertimento predilecto, — como é de todos os *curumys* do Amazonas—cujos brinquedos são sempre um arco e um remo, do mesmo modo que um laço e boleadeiras são inseparaveis dos *gurys* rio-grandenses.

E assim se explica a admiravel destreza de uns e outros nesses bellos *sports*.

Estava sem febre e dei-lhe mais quatro das nossas pilulas. Já tinha ingerido oito em menos de vinte e quatro horas, isto é, um gramma e meio de sulfato de quinina. Fiquei bastante animado e já olhava com certa sobranceria para o meu *collega*, o *doutor* da tribu.

O sol havia chegado á meia altura entre o horizonte e o zemith, posição denominada pelos indios—«*sol alto*»—«*cuaracyiuatê*»—nove horas, proximamente, na latitude em que estavamos, pouco distante do equador. Ouvimos já proximo o bater compassado de muitos remos e appareceu depois na curva do rio, abaixo de nós, uma canôa e outra logo após. Era o *tuichâua*, que voltava da sua excursão a uma plantação distante. Os indios, não obstante terem todo o terreno de que necessitam, costumam fazer roças afastadas das suas malócas, a oito, quinze e mais dias de viagem. Não contam absolutamente com o tempo. O *tuichaúa* veio logo ter commigo, demorando-se na malóca apenas o tempo indispensavel para deixar a sua zarabatana.

Saudámo-nos cordialmente e poz-se generosamente á minha disposição com toda a sua gente. Fez-me, sorrindo, esse offerecimento e no seu olhar claro e intelligente não pude descobrir um vislumbre siquer de fingimento. Era alto e magro e tinha as linhas do rosto muito accentuadas. Achei-lhe grande semelhança com um retrato, que possúo, do padre Feijó, o grande regente do Imperio.

Trajava um *cuêio* de algodão azul, e mais nada. Devia ter pelo menos sessenta annos, porque o negro da sua basta e longa cabelleira era interrompido por um ou outro fio de prata. Encostado a uma forquilha do meu tejupar, e eu sentado na maqueira, conversámos longamente. Fazia-lhe perguntas sobre a geographia da região e respondia-me com precisão e clareza, entrando em pormenores interessantes sobre as nascentes dos rios e a distancia que as separava de nós e dos contravertentes, que calculava pelos dias gastos na viagem ; os tributarios mais importantes, a côr das suas aguas, si pretas ou brancas, e a direcção do seu curso, que indicava pela posição relativa do sol; o nome e a orientação da serrania ; as malócas existentes e as tribus a que pertenciam e muitos e muitos outros detalhes, que me fizeram formar da sua capacidade intellectual alto conceito.

Falou, com tristeza e saudades, do tempo em que os seus avós numerosos e fortes dominavam nas margens do Mauáca.

Impressionou-me este selvagem, tão differente dos que pintam aquelles que não os conhecem, sinão depois que soffreram o contacto pernicioso da civilisação bastarda e corruptora do regatão deshumano, que os vicía para melhor tel-os por escravos.

Mais valeria que ficassem escondidos e ignorados nas suas brenhas, até que viessem novamente outros missionarios como aquelles horoicos jesuitas, que os fôram buscar para formarem essa raça forte de mestiços que enchem de tanta luz as paginas da nossa historia colonial e contemporanea.

Mostrou-me ao longe o cume elevado do cerro Guái, que eu procurava como um dos pontos obrigados da nossa linha de limites, segundo o tratado de 1857.

Foi tal a copia das suas informações geographicas, e dava-as com tanta segurança, que o levei até o porto e pedi-lhe para traçar na areia com a ponta de uma varinha todos aquelles rios, todas aquellas montanhas e serranias.

Era extraordinario. Traçou os rios com linhas sinuosas. Das montanhas desenhava o perfil, como antigamente se fazia. A cada um, rio ou serra, dava o nome. Conheço muita gente bôa que não seria capaz de fazer o mesmo. Eu, que tinha gravada na memoria a carta de Venezuela, do coronel Codazzi, verificava a exactidão de tudo aquillo. A's vezes, havia divergencias entre a carta desenhada pelo selvagem na areia e a que eu tinha na cabeça. A verdade estava sempre com aquella. Quiz experimentar até onde iria a capacidade daquelle homem, que nunca havia vestido uma camisa, nem uma calça, nem posto na cabeça sinão a *akangatára* de pennas de tucano nos dias de festa. Dei-lhe um lapis e uma folha de papel grosso qne tinha na minha bolsa de pelle de guariba. Pedi-lhe para desenhar no papel o que acabára de fazer na areia da praia. Foi á malóca e voltou com um ralo e um banquinho inteiriço. Virou a ralo com as pontas de quartzo para baixo, pôl-o sobre o banco e estendeu bem o papel sobre o fundo lizo. Sentou-se no chão, segurou o lapis com a mão fechada, como si empunhasse um punhal e começou traçando a serra divisoria. Era assombroso. Parecia conhecer desenho topographico. Desenhou o perfil do Tapiirapecó, com todas as pontas agudas, a Curumy-cuêra-uruçacanga no seu dorso, a Curupira, de curvatura suave, a Anahanahana, alta e dominadora, e, além do divisor de aguas, para o sul, o pico esguio e escalvado da Tamaquary. Ia dando a cada um o seu nome, e eu escrevendo-o, de cócoras a seu lado, no mesmo papel. Feitas as serras, começou a delinear os rios, fazendo linhas sinuosas correndo em rumos approximados e com as distancias mais ou menos proporcionaes. Encheu todo o papel. Era grosseiro o desenho, mas revelava um grande talento.

Como aquelle selvagem, que, pela primeira vez, via um lapis e papel, pôde fazer essa carta cheia de detalhes, que só differia das regularmente feitas · por ter o sul voltado para cima ?

Estava já sufficientemente informado e dei as ordens para regressarmos no dia seguinte ao amanhecer, afim de esperar o chefe da commissão no posto do Marary. O *tuichâua* nos acompanharia com a sua gente.

Ao meio-dia, mais ou menos, appareceu-me no tejupar, com a mulher e outra india, cada uma com duas grandes cuias. Vinha comer commigo e trazia um mutum cozido, beijús de tapióca e de massa, *tucupi-pixuna* e

arubé. A india foi ao rio e voltou com uma cuia cheia d'agua. O velho convidou-me a lavar as mãos e fez o mesmo. Eu tinha o meu talher, mas comi, como elle, com a mão. O mutum estava gordo e tão cozido, que se delia e dispensava a faca. O *curudá*, «beijú de tapióca», com quasi dois palmos de diametro e meia pollegada de espessura, estava ainda quente e tinha alvura transparente. Apezar de bahiano habituado aos molhos apimentados de minha terra, não pude supportar o celebre *tucupi-pixuna*, mistura infernal de pimenta e mandióca, negra e pastosa, que ardia como cansanção e queimava como braza. Preferi, por mais brando, o *arubé*, feito da massa cozida da *mandióca-puba* misturada com outros condimentos, que lhe dão sabor agradavel. As duas mulheres conservavam-se ao lado, de cócoras como nós, mas não tocavam em coisa alguma. A meza era o chão muito varrido; a baixella, as cuias e as nossas mãos. Quando demos cabo do mutúm, a india foi buscar agua e nos lavámos. O *tuichána* dirigiu-se immediatamente ao porto, tirou o cuêio e caíu n'agua — deu alguns mergulhos e saíu. Convidou-me antes a fazer o mesmo, mas tive medo, porque sempre ouvi dizer que o banho depois das refeições é perigoso.

Deitado na minha rede ao lado do Jardim, que quasi não tomára parte nas palestras entre mim e o *tuichána*, porque, como os outros companheiros da commissão, não quiz aprender o *nheengatú*, fumava o meu cigarro comprido de tauary e seguia, até perderem-se no espaço azulado, os circulos de fumo que, de proposito, ia lançando para imitar os que sáem dos canhões nos dias de salva.

Ouvimos uma vóz de mulher cantando em lingua geral, numa toada melancolica. Não se distinguiam bem as palavras, e a musica era monotona, mas agradavel.

Levantámo-nos ambos e fômos ouvir de mais perto. A india estava dentro da malóca e nós do lado de fóra encostados á parede. Eu ia traduzindo as palavras do Jardim. Era um canto peculiar ás indias moças do Rio Negro—o canto da «*Yandú*» da «*Aranha*». Nem os homens nem as velhas o entôam. Escrevi-o no meu diario e ouvi-o tantas vezes, que o aprendi. Ainda hoje, repito-o de cór lembrando-me da musica:—

Yandú ce çuú, yandú ce çuú
Apecatú yandú ce çuú—
Ne capicháua rapé opê—
Jandú ce çuú—
Xauatá ramé curumy-uaçú xacaquera.
Jandú ce çuú—
Maháta ce puçanga, curumy-naçú?
Agáua pirêra, cunha-mocú—
Remehen ce puçanga curutén—
Cunemú xa manô ne çuú.
Jandú ce çuí.—

A singela trova da rapariga india, si não tinha grandes bellezas, era, em compensação, bastante realista;— e aquelles que não souberem o *nheengatú* poderão verificar da traducção:

«A aranha me mordeu, a aranha me mordeu.
Longe a aranha me mordeu.
No caminho de tua roça
A aranha me mordeu.
Eu andava atraz de um moço
A aranha me mordeu.
Qual é o meu remedio, oh moçá?
Pelle de gente, rapariga:
Me de já o meu remedio,
Sinão eu morro e me vou.
A aranha me mordeu...»

E a toada proseguia sempre a mesma, repetida e repetida muitas vezes.

Voltámos ás nossas redes e fumavamos muito para espantar os *piúns* que desciam aos bandos sobre nóz— e já nos haviam inchado as mãos.

A' tardinha, quando o sol se ia debruçando sobre as cristas azuladas da serra das cabeceiras do «Marauya», um bando de jacutingas pouzou bem perto de nós, na outra margem. O *tuichána*, que estava sentado na porta da malóca cerceando umas flechas para a sua zarabatana, levantou-se rapido, e, quasi correndo, dirigiu-se ao porto e poz-se defronte da aves, com o corpo inclinado para a frente, o braço direito estendido na horizontal apontando com o indice para ellas, empoleiradas tranquillamente; firmava-se na perna esquerda e tinha a direita levantada para traz, com a ponta do pé roçando o chão de leve. Parecia uma das figuras de bronze dos «Corredores de Gérôme.»

Veio logo o pagé e após. todos os indios da tribu; e todos ficaram na mesma posição, olhando silenciosos para o bando. Só as mulheres, occupadas nos seus trabalhos, ficaram na grande «*óca*». Cheguei-me ao *tuichána* e perguntei-lhe porque não dava umas flechadas naquelles cujubins — que já estendiam o pescoço e abriam as azas para desapparecerem na matta em busca do poleiro.

Respondeu-me serio, elle que sempre tinha o riso nos labios:

—«Inti xaiucá quáu nhahã uiraitá— cuiuy ceramuia.»

(Não posso matar aquellas aves:— Cujubin é meu avô.)

Era a segunda vez que ouvia no Amazonas um indio dizer que descendia de um animal.

A primeira foi na bocca do Uaupés.

Um velho «Tucano» contou-me que os homens da sua tribu não caçavam nem comiam anta, por descenderem do grande pachyderme.

Arrependo-me de não ter procurado estudar, nas suas relações religiosas e sociaes, as particularidades daquella crença, que existe espalhada pelo mundo inteiro: — os pelles-vermelhas da America do Norte, os negros da Africa, os australianos e insulares da Oceania, alguns clans do Indostão e, no proprio territorio da Venezuela, onde então estavamos, os Goajiros. Por toda a parte no mundo moderno e na antiguidade, homens teem acreditado que descendem de sêres de outra especie e até de outro reino.

O cujubin era o *totem* da tribu do *tuichána*. Não indaguei delle o papel religioso e social do seu *totem* nem as suas funcções rituaes nas cerimonias do nascimento, da puberdade, do casamento e da morte.

Em geral, os clans das tribus *totemistas* adoptam o nome dos seus *totens*. Assim se chamava «clan da tartaruga» a divisão do povo das «Cinco Nações», os bravos Iroquezes de Wudson, que acreditavam descenderem dum destes chelonios, de avantajada corpulencia e gordura, o qual, depois de muito luctar, conseguiu largar a casca e transformar-se num guerreiro de grande fama.

Li numa carta — da collecção das «*Cartas edificantes*» escriptas pelo padre Bourzes, da Companhia de Jesus, á condessa de Soulé, em 1713, que uma das castas hindús á qual pertencia o rei de Maduré, considerava-se muito nobre e honrada por descender em linha directa dum burro!

Não só não matavam nem comiam o parente, como levavam o seu grande respeito e nobre philantropia ao ponto de não permittirem que lhe puzessem na albarda mais de um sacco, e os recolhiam aos alpendres dos bengalôos quando chovia, de preferencia ao arrieiro, si não era de bôa casta.

A tribu do nosso *tuichána* não tinha o nome do seu *totem*, porque era conhecida pelo de «Jacaré-tapuya».

Do mesmo modo, os «Tucanos» do Uaupés, em vez de se chamarem «Tapiira-tapuyas», adoptaram o nome tupy de *Rhamphastos dicolorus*.

Spencer attribúe o «totemismo» ao culto do antepassado glorioso, cujo nome foi adoptado pela tribu, o que aliás não aconteceu nem com os «Jacaré-tapuyas» do Castanho, nem com os «Tucanos» do Uaupés, nem com os netos de burro do reino de Maduré.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

As Religiões no Rio—João do Rio (PAULO BARRETO).

Acaba de ser editada em livro na casa Garnier a série de artigos subordinada a este titulo, que o anno passado Paulo Barreto publicou na *Gazeta de Noticias* sob o pseudonymo de João do Rio. Depois, elle os reuniu numa edição ligeira, das proprias officinas

da *Gazeta*, edição que em poucos dias ficou inteiramente exgotada.

Foi tal o successo, que o moço escriptor passou a ser muito mais conhecido pelo pseudonymo que adoptára do que pelo seu proprio nome, com que, no emtanto, havia subscripto quasi que todos os primeiros ensaios anteriores, esparsos em differentes jornaes.

Essa representa uma das maiores novidades litterarias que decorreram emquanto estive ausente daqui. Quando voltei, quiz ler o livro, mas nem mesmo o auctor pôde proporcionar-me a satisfação desse desejo: não tinha e não sabia onde se fôsse procurar um exemplar.

De modo que só agóra, nesta edição, felizmente, que é melhor e mais importante, é que pude ler *As religiões no Rio*.

Vejo que era de todo ponto merecido esse triumpho que a obra alcançou. Como producto de reportagem que, na verdade, caracteristicamente é o que ella é, representa uma obra prima, principalmente comparada com o que no genero se tem produzido aqui.

Conhecemos alguns — muito poucos—inqueritos de imprensa feitos no Rio, mas a todos lhes falta, sinão tão bôa e abundante informação, pelo menos o encanto que tem este na fórma, e interesse que por toda a parte, em todas as camadas da nossa sociedade, desperta devido á natureza do assumpto.

João do Rio não é um repórter que tivesse chegado á sua profissão pelos caminhos ordinario que levam os homens a um officio : nem a encarou como um idéal, nem lh'a impuzeram as necessidades materiaes da vida. Elle foi ao seu encontro como um principe europeu ao de uma *yankee*, bonita, mas, pelo menos no momento, sem grandes rendas.

Procurou-a não porque lhe fôsse indispensavel tirar della meio de vida propriamente, mas, para que, com as suas exigencias e os seus privilegios, a profissão lhe permittisse viver como rapaz do seu tempo,—intensamente, mas com espirito,—dando á vida todas as apparencias de um *sport*, que se adora, mas a que só por máu gosto ligar-se-ia uma importancia descommunal.

Antes de propor-se a *fazer cosinha* nas folhas, elle adquirira elementos necessarios para formar-se escriptor. Só a falta de edade é que até alli não lhe permittira utilizal-os victoriosamente perante o consenso de todo um publico; muito antes, porém, de 1905 quem era do officio vinha acompanhando com muita curiosidade o caminhar meio ás tontas, mas ainda assim vigoroso e sobretudo resoluto, embóra não já sem certa politica, certa habilidade, do adolescente que era Paulo Barreto por essa epocha.

Decidindo-se dentro em pouco, e com tanta firmeza, a tomar um determinado caminho, Paulo vinha confirmar logo o asserto de todos aquelles que nelle tinham vislumbrado alguem.

Principalmente vista a maneira *activa*, que por isso mesmo tinha de ser necessariamente original, porque entendeu fixar-se no terreno escolhido.

Eu esclareço.

E' phenomeno commum entre os fracos, depois das primeiras luctas por um idéal superior, desilludirem-se, e enveredarem *passivamente*, com necessidade do ganha-pão ou de se fazerem classificar na vida, por uma carreira qualquer.

Esta de reporter e mesmo a de jornalista, sendo carreiras litterarias e de exhibição, por natureza, não fogem, no emtanto, á regra; antes, entram descompassadamente nella. Em geral, abraçam-nas os desclassificados, e entre estes, em bôa parte, os inclassificaveis, por inaptidão ou por fraqueza.

Uns apparecem tão ingennos que julgam tomar desse modo caminho para o idéal com que sonham. Esses são os jovens poetas, as celebridades em casca, como se julgam. Ignoram que não póde haver duas coisas mais perfeitamente incompativeis do que a vida de que necessita um contemplativo e esta que tem de ser a do Argos moderno, essencialmente objectivista, toda votada ao momento, até ao fanatismo, até á obsessão.

Outros já véem tão descrentes que, si procuram este meio de vida, é porque resolvem a nada mais aspirar; antes de entrarem para o officio, já mataram todas as forças vivas que os impediriam de ser lá dentro tão lerdos e obtusos como um amanuense na repartição; vivendo assim á beira da celebridade, em parte alguma estariam mais garantidos contra ella do que alli. Cavam buracos nas suas margens como o caranguejo á beira da praia.

E' claro que de vez em quando um iniciado ou outro apparece que escapa á regra geral : são os que representam as verdadeiras organisações para o caso, intelligencias claras, até mesmo acontece que brilhantes, e, junto disto, praticas, que trazem appetite e necessidade de predominio.

Paulo Barreto nem no numero destes ultimos está, pelos menos até agóra. Por emquanto, seu programma consiste em participar da vida na profissão que acceitou pela fórma mais intellectual e mais brilhante, embóra um tanto ou quanto pratica, que essa profissão lhe permittir.

Foi dahi que nasceu este volume das *Religiões no Rio* ; é dahi que teem nascido as outras séries vindas depois e, com ellas, a conferencia que ha poucos mezes produziu no Instituto de Musica, e que é a sua segunda obra prima, comparativamente com os outros trabalhos que se lhe devem.

Seria exaggero escrever-se que esta série de artigos, agóra vindos a publico numa edição mais condigna, é de uma perfeição idéal.

Ella se resente dos defeitos proprios dos trabalhos deste genero, feitos sempre mais ou menos sobre a perna, e dos que se devem attribuir ao estado de formação a que ainda Paulo Barreto, tão moço, não podia fugir.

Comprehende-se que este ou aquelle adjectivo menos bem achados, esta ou aquella expressão um tanto erroneas ou viciosas, um ou outro termo peregrino perfeitamente dispensavel, não viriam alli si o tempo em que o trabalho foi feito permittisse reflexão e rasuras.

João do Rio procura ser um escriptor elegante e de bom gosto, portanto essencialmente um hodierno, porque não se póde ter aquellas qualidades sem ser isto, elegancia e bom gosto querendo dizer intelligente, fina conformação com o momento.

Elle andou visitando os centros de religião no Rio com um espirito de independente sympathia perfeitamente mundano.

Achou que a cidade carióca estava minada de religião e mandinga, como, por exemplo, Moscow de dynamite, e Paris de prostituição mais ou menos elegante. Constatou o caso e ficou sorrindo despreoccupadamente como si isso nada quizesse dizer. Não é tanto porque no seu intimo não seja capaz de se impressionar com factos dessa ordem ; mas porque estava inteiramente fóra de seu papel revelar tal impressão.

Ninguem poderá deixar de dizer que está certo. Si elle não fôsse um poucachito exaggerado a cada passo na nota dessa sua elegante neutralidade, de modo a revelar-nos que mais se preoccupava com a imagem que daria de si aos leitores do que com os factos que lhes estava contando, o livro, de certo ponto de vista, seria perfeito.

Tambem ha paginas nelle em que somos obrigados a reconhecer fabulação flagrante, o que não é do programma, como, para citar um exemplo só, aquellas da Missa Negra, em que a entrada, por maldade litteraria, — no fundo simples graça inoffensiva,— do litterato satanista Carolino (allusão muito transparente) vem destruir por completo a dóse de bôa fé com que se tivesse principiado a ler o capitulo. Mas si os creditos do repórter soffrem

aqui um inevitavel desconto, sobem os do intellectual que ha nelle.

Implica não pouca imaginação e bastante sentimento de medida a factura destas paginas, que era na verdade difficil.

Como se vê, são todos defeitos estes perfeitamente corrigiveis. Com o tempo, Paulo Barreto adquirirá uma linha definitiva e simples, por complexa que seja a sua natureza, embóra já no conjuncto elle tenha feição inteiramente propria, modos de ver que sentimos serem organicamente seus; —portanto mostre o que se chama com propriedade talento.

Quem olhar bem attentamente para estas paginas das *Religiões no Rio* observará que no fundo daquelle espirito, que a todo transe se quer fazer absolutamente mundano, despreoccupado, amoral, e até mesmo um tanto ou quanto irreverente, ha os *disjecti membra* de um homem de principios e até mesmo, de modo mais vago ainda, os de individuo capaz de ter uma crença.

João do Rio não pôde conter de todo a sua repulsa quando nos fala das praticas nauseantes e grotescas da feitiçaria africana e da exploração sem vergonha, muitas vezes criminosa, dos espiritas falsificados.

Tambem é facil de observar o secreto constrangimento com que ironiza os positivistas, para não abrir excepção de máu gosto, e, principalmente, o seu respeito intimo pelo veneravel sr. Teixeira Mendes, a quem nem siquer tem a simples audacia de solicitar um *interview* directo.

Notem-se estas coisas para seu maior elogio, e que ellas indiquem o que aquelles que o estimam e admiram ainda esperam do seu robusto talento.

Com o correr dos dias, Paulo Barreto achará meio de conciliar todos as suas legitimas tendencias, de modo a ser sempre um escriptor de bom gosto, que acompanhe a linha do seu tempo, mas reconhecendo podel-o fazer sem que lhe seja necessario olhar para as coisas exclusivamente pelo seu lado exterior, constatando que, com alguma arte, e pelo menos até certo ponto, poderá tambem olhar para o que haja nellas de intimo, de fundamental e de sèrio: olhar e dizel-o.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos « Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

UM GUERREIRO DO SUL

Algumas notas, segundo uma carta, sobre o general Jóca Tavares.

....

Sabes que a sua existencia de octogenario decorreu em grande parte nas guerras do Imperio, prestando os mais inclytos serviços á patria.

Iniciou-se na carreira das armas durante a famosa revolução rio-grandense que fez a ephemera Republica de Piratynin, proclamada em 1837, pelos seus grandes caudilhos generaes Bento Gonçalves, Souza Netto, João Antonio e David Canabarro.

Militando ao lado de seu pae, o general Silva Tavares, distinguiu-se o jovem Jóca Tavares em todos os combates em que tomou parte contra os insurgidos *Farropilhas*.

Desde esta epocha, as campinas e coxilhas do sul lhe ficaram muito conhecidas, e, percorrendo-as para bater-se com astuciosos inimigos, elle tornou-se bom tactico na arte da guerra e *vaqueano* de todo o territorio da provincia.

Feita a pacificação em 1845, continuou Jóca Tavares a servir no exercito nacional, porque o Rio Grande do Sul era um acampamento em razão da necessidade duma vigilancia constante nas fronteiras, para o Brazil garantir-se contra os planos do general Rozas, dictador de Buenos-Aires.

Sobreveio a campanha em 1851, contra este cruel tyranno argentino, e de novo Jóca Tavares achou-se nas fileiras da temivel cavallaria rio-grandense, ao serviço da alliança que annihilou em Monte Caseros o fatal dominio daquelle despota; mais tarde, na guerra do Paraguay, fez tambem brilhantes prodigios de coragem.

Então ainda eram recentes as fulgurações da victoria de Paysandú, e ao exercito brazileiro coube outra vez a honrosa missão de libertar do despotismo uma nação amiga e americana.

Foi com acerto que se escreveu: «Jámais a tyrannia enfrentou com um inimigo tão encarniçado; Rozas e Lopez tiveram-no sempre como terrivel adversario.

Nessas memoraveis jornadas o seu nome foi inscripto no numero dos que mais propugnaram pela defeza da liberdade.»

De facto, a espada e a lança do illustre guerreiro gaúcho rutilaram sempre a favor das causas do civismo e da liberdade.

No combate de Aquidaban, ultimo reducto da resistencia paraguaya, Jóca Tavares era o vanguardeiro da divisão commandada pelo general Camara, que exterminou as forças do inimigo e tambem ao proprio dictador Solano Lopez, que na fuga procurava garantir a vida.

«Indifferente a todas as honras que lhe pudessem advir de tão assignalados serviços, unicamente satisfeito com o regosijo intimo de haver cumprido o seu dever, eil-o recluso á sua modesta existencia particular da qual apenas se arredava para dedicar-se aos interesses do seu querido Rio Grande, quando mistér se fazia a sua intervenção.»

Distincções e homenagens os compatriotas lhe prestaram magnificas, mas elle se mostrava o mesmo homem singello que bem sabia amar a patria e a causa publica.

Teve medalhas de campanha com passadores de ouro, condecorações das ordens imperiaes e o baronato de Itaquy, que o legendario rio-grandense renunciou quando adheriu ás idéas republicanas em 1888.

A aureola de veterano da patria cingia-lhe o nome com o mesmo brilho que ao dos seus contemporaneos e irmãos d'armas, os generaes Osorio, Bento Martins, Vasco Alves, Portinho, Andrade Neves, Menas Barretos, que muito glorificaram a bravura da cavallaria gaúcha.

***

O general Silva Tavares dispunha de um grande prestigio politico em toda a sua terra natal, mas nunca solicitou suffragios eleitoraes para o seu nome; costumava pleitear pela victoria da candidatura do seu digno irmão dr. Francisco Tavares, que foi deputado pelo partido conservador nas antigas assembléas geral e provincial.

Estava o velho militar completamente retirado da actividade, passando os dias de sua gloriosa vida na estancia da Carpintaria, e algumas vezes em Bagé, no lar da familia que o venerava carinhosamente, quando se produziram os acontecimentos do golpe d'Estado de 3 de novembro de 1891, que repercutiram violentamente no Rio Grande.

A 12 de novembro, a campanha do Estado achava-se em plena revolução, e nas cidades a agitação dos espiritos era extraordinaria.

Uma jornada de reivindicação tinha de ser iniciada pelos adversarios do governo estadoal que se inclinava a sanccionar a dictadura instituida pelo marechal Deodoro.

Jóca Tavares impugnou immediatamente a inconstitucionalidade da situação, dirigiu um appello de Bagé aos officiaes das outras guarnições militares, armou contingentes de tropas civis e dispunha-se a marchar sobre Porto-Alegre si o dr. Julio de Castilhos não se tivesse antes retirado do poder.

Ha desse tempo uma carta dirigida

pelo illustrado republicano dr. Assis Brazil ao venerando general, em que se pódem ler trechos como estes :

« Eminente patricio e amigo. — Vossa carta de 17 do corrente, que respondo, seria, só por si, attestado bastante da vossa grandeza d'alma, si de taes attestados precizassem homens da vossa auctoridade. Aliás, a qualidade que revelaes, mais uma vez, é socia inseparavel de todos os verdadeiros heróes.

Ainda uma vez, reitero-vos a expressão dos mesmos sentimentos que vos manifestei em carta anterior, relativamente á completa e absoluta ausencia de qualquer ambição de minha parte, e da dos meus amigos, que não seja encamiuhar o presente movimento no sentido da liberdade da Patria e da glorificação do nosso querido Rio Grande.»

Occupando-se de outros assumptos e de algumas individualidades do movimento revolucionario, o dr. Assis Brazil diz na mesma extensa carta :

«Eis ahi, meu bravo general e amigo, um dos melhores fructos que deve produzir a presente revolução : nossa politica estava errada—vamos principiar de novo.

Já vos tenho escripto tanto, que pouco tempo me sobra para tratar da nota de providencias a tomar, que me enviastes, e que é mais uma prova da actividade de vosso espirito sempre jovem... Temos desenvolvido aqui muita actividade.»

Mais adeante, noutros topicos em que se refere a provaveis operações de guerra, ao impedimento de entradas pela barra do Rio Grande e a ausencia do marechal Camara, visconde de Pelotas, diz o seguinte :

«Em todo caso, demorará a chegar, e nós não podemos continuar sem um general em chefe.

Vós vos tendes recusado a esse posto que vos competia.

Hoje se fará aqui a nomeação do general Rocha Osorio, que, vindo Camara, poderá passar a commandar uma divisão.

Osorio está bem disposto. Creou alma nova, vendo a bôa situação desta guarnição, que o recebeu bizarramente. Urge agir. Temos feito muito e pouco falta.»

Em março de 1892, chegava ao Rio Grande do Sul o tribuno parlamentar e chefe liberal, dr. Silveira Martins, recebido no meio de sumptuosos festejos, promovidos nas localidades do Estado, em regosijo pela volta do seu illustre e prestimoso filho.

O general Jóca Tavares abraçou-o em Bagé e assim ficaram reconciliados os dois antigos antagonistas de partidarismo politico.

Silveira Martins e Silva Tavares promoveram em abril, nessa cidade, uma grande assembléa de chefes e influencias politicas que se denominou *Convenção federalista*, na qual fôram elaborados um programma de partido e as bases para a reforma constitucional. Esta convenção acclamou o general Jóca Tavares «chefe d'armas do partido» e pouco tardou em que o eminente veterano se revestisse do mando para entrar em operações militares, pois a 17 de junho rompia uma insurreição na capital do Estado e empossava, outra vez, o dr. Julio de Castilhos no governo.

A situação era muito critica para o partido federalista, porque o vice-presidente da Republica, marechal Floriano, pela auctoridade do general Vasques, commandante do districto militar, sustentava os novos detentores do poder.

O marechal Camara, presidente provisorio do Estado, deposto do governo, appellou para o civismo do seu antigo companheiro de armas, general Tavares, para que reunisse elementos afim de resistir em Bagé.

Neste agitado periodo da politica rio-grandense, foi que conhecemos o glorioso veterano das campanhas militares do Imperio, quando o marechal Camara quiz que fôssemos directamente apresentar-lhe um relatorio verbal dos acontecimentos que se passaram na capital do Estado.

Seguimos num vapor da Navegação Costeira para a cidade de Pelotas, onde a revolução dos castilhistas estava em campo, a Intendencia Municipal fôra deposta, viam-se grupos armados em quasi todas as ruas. Na manhã seguinte, 20 de junho, tomámos passagem no expresso da linha ferrea de Bagé. Vimos as estações de Piratynin, de Pedras Altas, de Serro Claro e as lindas campinas do Rosario, cobertas de vicejante pastagem para alimentar as tropas de animaes. Em Pedras Altas, uma patrulha de gaúchos montada em bons cavallos recebeu armas e munições que lhes fôram distribuidas no momento da chegada do trem e partiu a galope, gritando *viva a legalidade !*

A's cinco horas da tarde, chegámos a Bagé e fômos recebidos pelo dr. Azevedo Penna, que á noite nos levou á presença do general Jóca Tavares e de seu digno irmão coronel Zéca Tavares, sympathico e bello typo de homem valeute.

Era o general Tavares uma figura antiga e respeitavel, que falava com calma, vóz grossa e muito firme.

O escriptor visconde de Taunay, que o conhecera na guerra do Paraguay, perfeitamente disse a seu respeito :

« Este velho rio-grandense é um homem da melhor tempera : massiço no caracter, robusto no physico e na coragem. »

Bagé estava em paz. O partido adversario era insignificante. Attendendo ao pedido do marechal Camara, o general Tavares tinha reunido pouco mais de mil cavalleiros que se achavam acampados no prado de corridas, a pequena distancia da cidade. Esta gente estava mal armada ; antes de nos retirarmos de Bagé, fômos ao seu acampamento, uma manhã, ao lado do general Jóca Tavares e de outros officiaes que nos acompanharam a cavallo.

Os gaúchos receberam-no com acclamações e toques de clarins; eram commandados pelo coronel Alexandre Colares.

Por esse tempo, os acontecimentos politicos aggravaram-se muito na capital do Estado, que o commandante da canhoneira *Marajó*, o intrepido capitão de fragata Santos Lara, bombardeára vigorosamente as forças da policia castilhista que o quizerem hostilizar do caes do Mercado e de bordo do paquete *Mercedes*.

Receiando pela sorte do Rio Grande insurgido, o conselheiro Silveira Martins expediu ao general Silva Tavares o celebre telegramma, que é um documento honroso para o patriotismo do eminente estadista e tribuno.

Silveira Martins pediu a Jóca Tavares que desarmasse as suas forças para evitar a guerra civil « o maior flagello que póde caír sobre um povo».

A 4 de julho, o venerando veterano em attenção a esse generoso appello dissolveu as suas tropas, entrando em accordo com o coronel Arthur Oscar, que, á frente do 3º de infantaria, marchava sobre Bagé. Mas a lealdade do procedimento do general Tavares não tardou a ser illudida pela entrada na cidade dos contingentes civis ás ordens de Manoel Pedroso e Motta, seus adversarios temiveis.

Com os principaes chefes federalistas e as pessôas de sua familia, o velho chefe rio-grandense transpoz a fronteira do Estado Oriental do Uruguay e da cidade do Cerro Largo. Escrevia a 9 de julho de 1892 ao seu estimado irmão o barão de Santa Tecla :

«As forças que ficaram em Pedras Altas se aproximavam de Bagé com intuitos que aqui não mencionarei... E conhecendo de quanto são capazes esses homens, a que, desgraçadamente, estão entregues essas forças e os destinos do infeliz Rio Grande — resolvi retirar-me para a Republica Oriental, onde permaneço.»

Começaram depois os preparativos para a invasão federalista, por parte dos emigrados que resolveram combater o dominio do partido de que era chefe o dr. Julio de Castilhos.

Effectuou-se assim a revolução que durou tres annos e que sómente con-

cluiu a 23 de agosto de 1895, graças ao accordo para a pacificação firmado entre o general Joca Tavares e o general Galvão de Queiroz, commandante do 6º districto militar e das tropas do exercito federal, que especialmente seguiu, commissionado pelo governo civil do dr. Prudente de Moraes, para o Rio Grande do Sul.

O valente general Tavares, nesta revolução rio-grandense, distinguiu-se muito, não obstante a sua avançada edade; commetteu actos de inaudita bravura e tambem de extraordinaria generosidade. Duas vezes, o marechal Floriano, no exercicio dos seus discricionarios poderes, tentou tratar a paz entre o governo e os insurrectos, tendo para este fim commissionado, para se entenderem com o chefe Jóca Tavares, o senador Cunha Junior e o general João Telles; mas foi impossivel acceitar as propostas apresentadas; numa das vezes em que o venerando general parlamentava com um desses illustres emissarios, recebia as tristissimas communicações do assalto á residencia da familia do coronel Facundo Tavares, a prisão deste, o assassinato de dois dos seus filhos e o ferimento de uma irmã destes infelizes moços, que eram alumnos da Escola Militar em Porto Alegre.

Deante de tanta sanha politica e de crimes de tal gravidade, era impossivel pactuar honrosamente, e, por isto, o glorioso ancião proseguiu na guerra em que se empenhára contra a dictadura e a oppressão civica, em sua amada provincia natal.

A reivindicação dos brios rio-grandenses foi sempre pleiteada com o valor e as energias d'alma desse notavel patriota e militar até o instante em que a morte veio cerrar os seus olhos.

Poucos dias antes de fallecer, ainda o general Silva Tavares luctava pela victoria da bandeira do partido federalista nas eleições de 31 de janeiro ultimo, animando com o seu nobre exemplo a todos os partidarios de suas idéas.

Elle defendia com amor e corajosa dedicação essa mesma insignia de principios evangelisados pelo grande tribuno Silveira Martins, e «morto o chefe a bandeira federalista passou ás mãos fieis do general Jóca Tavares que com brio e valor inexcediveis a conservou.»

LEOPOLDO DE FREITAS.

EPISTOLA VÁRIA

SUMMARIO: *Accioly e o seu escriba — Estadistas, estadistas... — O professor Hemeterio e a sua Carta aos Maranhenses — O poeta Bruno Barbosa — Sylvio, o faceto: o que é e o que não é — O que Estevão não sabe e o que fica sabendo — A Academia de Lettras e a derrota de Domingos Olympio — Filho, pae e avo — Accioly na Academia.*

Rio, 14 de fevereiro de 1906.

Amado sr. dr. Domingos Olympio

Um anonymo irritadiço deitou mofina contra vossa mercê, em certa columna paga, porque a sua penna é mais frequentemente hostil que indifferente ao commendador Accioly, a velha tanajura que installou no Ceará o seu formigueiro.

E' logica a secreção do escriba, como furunculo que é do seu poderoso senhor, excuze-me a figura, que é um tanto ao quanto intemperante e viva, mas que, por espontanea, é expressiva. E tem razão o escriba: é de todos os tempos que os saltimbancos deparem com gente para applaudil-os.

Não me occorre si esse escrevinhador, como é de praxe em taes emergencias, attribuiu á victima de vossa mercê predicados ou pelo menos o cognome de estadista. Inclino-me a crer que sim, porque essa é uma adherencia alcunhatica natural ao que, por manha ou força, assalta a posição de desfructador das rendas de um Estado; pois si estadista não fôra, outro qualificativo é que bem lhe assentára, mas de tal geito, que, a bem merecel-o, teria de mudar de residencia e condição, tão imperativas são as exigencias do Codigo Penal. Estou, porém, que o commendador, e o suggiro em abono delle, tem das suas funcções mais exacta comprehensão; não, entenda-se, que eu lhe queira injuriosamente emprestar attributos intellectuaes que lhe fallecem, mas porque o rato não se equivoca no seu criterio, quando tem a julgar si está dentro de uma ratoeira ou de um queijo.

... Todos elles são estadistas: o jovem estadista, o preclaro estadista, o venerando estadista, o immaculado estadista... Montenegro, Nery, Severino, Rosa, Bené, Vicente, Totó, Euclides, vê vossa mercê? Basta um nome para indical-os. Tudo estadista de primeira agua. Contra um destes insurgiu-se ha dias o professor Hemeterio J. dos Santos, por ter elle convidado um grammatico para dirigir a instrucção publica no seu Estado. Trata-se do estadista Bené. Não sei si o professor tem razão no que affirma contra o grammatico — isto ás vezes são teirós — mas o que eu quero aqui de passagem observar é que a catilinaria é feita em bôa e sadia lingua portugueza, com essas vibrações que fazem lembrar os tempos aureos da Athenas brazileira. E' possivel que, em regra, o professor Hemeterio exaggere um tanto o feitio classico do seu dizer, mas quando elle se esquece de João de Barros, se faz de prompto humano, scintillante e espontaneo.

E' o que se nota na sua *Carta aos Maranhenses*.

Hoje o classicismo é artificio, digam o que quizerem os seus cultores. A emoção hoje se veste com menos graça, seja, do que outr'ora, mas para não parecer ridicula, tem de o fazer differentemente. E ser espontaneo é ser do seu tempo, do seu meio, é projectar a sua individualidade e esculpir o seu caracter na obra d'arte que emprehenda. Aqui está um producto espontaneo que, vestido á ridicula maneira de Camões, daria em droga, com perdão da palavra:

Quando fôrmos dois tremulos velhinhos,
Tu tão formosa sem nenhum encanto,
E eu tão forte — a chorar pelos caminhos,
Olhar-nos-hemos com profundo espanto.

Meu doido amor, meu cofre de carinhos,
Verei teu riso transformado em pranto,
Indifferente á musica dos ninhos
E a outras mais cousas que adorámos tanto...

E o sangue em fogo que por nós circula,
E este arrepio, e este tremer de labios,
E esta canção que ao teu ouvido arrula;

De tudo isto, a chorar pelos caminhos,
Sentiremos apenas os resabios,
Quando fôrmos dois tremulos velhinhos.

Este soneto é do Bruno Barbosa, o poeta das UTOPIAS, auctor agóra dessa ardente e enthusiastica MOCIDADE, que já é uma affirmação. Não é ainda uma personalidade fortemente caracterizada — o Bruno, mas ha de o ser, quando a edade e o estudo vierem definir o seu talento e accentuar a sua originalidade.

Não que eu pense, está claro, que bastem annos e leituras para a formação do poeta, ou do romancista, ou do critico, ou do philosopho.

Pois, a ser assim... (A proposito: eu conheço um sujeito que tanto se empanturrou de profusas leituras que uma tarde ensandeceu. Faltava ao desgraçado, e de todo, a capacidade assimiladora e a faculdade expressiva, de sorte que aquella indigesta móle de conhecimentos armazenados dentro do respeitavel bestunto fermentou e lá se poz o homem a recitar baboseiras e a metter os pés pelos pés)... Pois, a ser assim, dizia eu, o faceto e academico Sylvio seria um philosopho e um critico.—E quem não sabe que elle o não é? Ai, que ha um mancebo em Campanha, de nome Estevão Franco, que está para o Sylvio como o Sylvio para o Tobias. E esse mancebo é o unico que não sabe que o Sylvio não é critico, nem philosopho. Mas fica sabendo d'ora em deante. O faceto

Sylvio (deu agóra para gaiato, o raio...) o que é com perfeição é um academico.

E, por falar em academico, aproveito-me da opportunidade para dissertar com vossa mercê sobre sua derrota na Academia. Tenho a proposito lido as mais comicas lamentações; por todas as folhas, circumspectos escriptores observam com desgosto que a Academia, repellindo-o do seu seio, praticou acto de desaso e revelou uma nefasta tendencia ao snicidio. Discordo radicalmente de taes dizeres e me congratulo por egual com vossa mercê e com a Academia. O que ainda hoje não me posso explicar é como o admiravel creador da *Luzia-Homem* se propoz, e para que, á mumificação academica. Então vossa mercê, meu amado doutor, não dormia o tranquillo somno do justo, por se lembrar que não era um dos tripolantes do navio fantasma, ora encalhado na Gloria! (Que ironia subtil do Destino!)

Pois seria uma coisa absurda a sua escolha. Poder-se-ía dizer d'ora em deante, que a entrada para a Academia era um premio ao merito e que essa consagração tinha pelo menos um valor symbolico. E não é só: si vossa mercê fôsse eleito, teria que fazer o panegyrico de José do Patrocinio, segundo penso. Ora, obra de excelsa factura seria essa por certo, mas de sinceridade escassa. Não poderia vossa mercê por exemplo, dizer que Patrocinio sempre desdenhou, na sua fundamental incompatibilidade com as camarilhas, do ajuntamento hybrido em que o metteram recrutado. E a ausencia dessa nota expressiva seria uma falta substancial no estudo desse espirito rebelde e refractario ás convenções mais ou menos atoleimadas. E seria vossa mercê elogiado com pompa por um dos cysnes de arribação da Academia; mas esse delegado, é fatal, extravagaria no assumpto, desconhecendo na fecunda mentalidade do novo collega todos os signos de cunho propriamente individual e só se preoccuparia em catar o pouco de academicismo que porventura nella exista. Pois o bom academico será a média geometrica dos seus pares: as discrepancias excessivas concorrem em detrimento da collectividade. Para ser um bom academico é mistér mutilar as faculdades exorbitantes e destas aparas formar as novas faculdades indispensaveis ao bom e exacto desempenho das funcções collectivas que o Estado exige. Não tem vossa mercê envergadura para tanto. E eis ahi porque me congratulo com a Academia e com vossa mercê.

Academico é o Sylvio, como vinha dizendo. Academico será esse hypothetico Estevão, filho espiritual do Sylvio, e neto de Tobias, já famigeradosinho no allemão, como o defuncto avô, e fanhoso de conceitos, pernostico de fórma, desassisado e hyperbolico como o avô e o pae. Famosa raça!

E sabe quem dava tambem um academico de truz! O velho commendador Accioly. Seria uma delicia. Elles pegam de galho. Em pouco tempo haveria um acciolysinho em cada cadeira e logo os quarenta dobrariam o numero de assentos e arranjariam vencimentos para o espinhoso cargo, com direito á jubilação.

Creia vossa mercê que ainda é melhor rir do que chorar e que é de bom gosto dizer coisas tristes com palavras alegres.

Todo de vossa mercê

FROTA PESSÔA.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIII

Ainda seria facil apontar muitos outros trabalhos de publicistas illustrados e competentes. Foi precisamente, em 1823, que o celebre orador Manoel viu-se empolgado pelas garras dos *gendarmes* do marquez de Foucaulte, expulso do recinto legislativo, sob o ministerio Villéle, durante a Restauração. (1) Ora o famoso orador brazileiro (naturalmente, ou indubitavelmente) conhecia livros e factos e que, nessa phase do seculo XIX, era tal o desenvolvimento e a somma dos conhecimentos e das theorias das escolas que discutiam as questões do regimen constitucional representativo; todavia, o seu espirito fluctúa em contradicções e apparece muitas vezes obscurecido por um syncretismo, que surprehende. Poder-se-á explicar pela volubilidade e irriquietação de caracter. Natureza, que se inflamma pela violencía das paixões; sensibilidade, que assoberba a reflexão, e dá-lhe subitas inspirações nos improvisos da palavra, o orador é frequentemente agitado, qual a bandeira que o poeta florentino via, como que redemoinhar sem ter um ponto fixo de repouzo; a historia não ha de tolerar que um espirito da plana do orador paulista tomasse nos debates do Parlamento posturas equivocas entre o *pró* e o *contra*, sómente para defender ou attenuar o terrorismo, resultante das repetidas portarias de devassas, qne afugentavam a uns, como José Clemente, o dr. Gonçalves Lédo, o conego Januario; eucarceravam a outros, quaes os brigadeiros Nobrega, Moniz Barreto, o jornalista Soares Lisbôa e o deputado coronel Costa Barros.

Antonio Carlos será julgado — não pelos encomios dos admiradores conscientes, nem pela parvoleza da turba ignara. Serão confrontadas as suas opiniões com as idéas dos publicistas que o precederam, ou escreviam no seu tempo. Verificar-se-á então que elle — ou por calculada argucia, ora preconiza certos principios, ou por crassa ignorancia desconhece certas doutrinas que não devia ignorar, porque eram sabidas e ensinadas no momento em que sua vóz estrugia sob o tecto da cadeia velha, onde funccionava a Constituinte brazileira.

Antonio Carlos declara, pois, que se levanta porque tratavam de doutrinas anti-constitucionaes, isto é, da proposta do deputado Alencar, pedindo ao Governo explicasse o motivo da prisão do deputado cearense, e que, a não haver crime e a prisão motivada por simples precaução, o mandasse soltar para vir exercer as funcções legislativas.

O orador paulista oppõe-se e combate esta justa, necessaria e verdadeiramente constitucional idéa. E' elle quem se colloca no terreno anti-constitucional. E' o guarda e zelador do fogo sagrado que o quer violar e deixar, sobre a ara sacrosanta, extinguir-se...

Nesse debate, quantos principios essenciaes do regimen constitucional sacrifica proposital ou inconscientemente — revelando calculo de interesse de partido, ou crassa ignorancia!

Em primeiro logar, desconhece o principio do equilibrio e harmonia: em segundo, a necessidade, reconhecida por todos os parlamentos, de resguardar os representantes, creando-lhes até immunidades (ponto em que, de leve, tocou Araujo Lima); em terceiro, o direito de petição que no regimen é uma bella e fecunda conquista; direito que o cidadão exerce por um modo e a Assembléa por propostas, por moções e mesmo transformando-o em leis prohibitivas que tiram ao executivo a possibilidade de praticar certos actos; por exemplo: por uma lei supprimindo o processo das devassas que eram os instrumentos de tyrannia. Ora, a Constituinte assim entendeu, acceitando o projecto de derogação do tremendo alvará de 1818.

Antonio Carlos negava á Camara o direito, commum a todo o cidadão, de pedir e proteger a liberdade dum de seus membros, e ao mesmo tempo, reconhecia que, como *paes da patria e guardas dos direitos*, lhes cabia não sómente solicitar a soltura do prezo, ainda mais: advertir o Governo e poder judiciario. Antes, ao orador paulista o méro pedido antolhava-se ingerencia nas attribuições dos outros poderes, — coisa que considerava in-

constitucional. A contradicção penetra pelos olhos. Aquillo, porém, que Antonio Carlos não teve o criterio de attender — é que, si a Camara, não se prevalecendo do principio de harmonia — regeitasse a proposta, (como auctoritariamente impunha qne não se devia conhecer do caso Costa Barros, ficaria destruida a base constitucional da separação e divisão. O poder executivo sem a fiscalisação, sem o equilibrio, não teria liame com o legislativo; ficaria, de principio e de facto, absoluto. Todo o mechanismo da divisão dos poderes ruiria por terra; todos os direitos poderiam ser confiscados, nullificados pelo poder dominante *sem peias*, *contrapezos e limitações*, segundo a phrase do publicista inglez, auctoridade nestes assumptos (2). As mesmas idéas são ensinadas por outros publicistas antigos ou modernos (3).

Não é tudo: Antonio Carlos, que se arroga não só a missão de ser o pontifice do constitucionalismo e de ensinal-o aos escolares inexperientes que o escutam na Constituinte; que, em se tratando de doutrinas anti-constitucionaes, sempre julga dever levantar-se para profligal-as, por ser sua missão pontificia; que cita, a esmo, praxes e leis, uzos e precedentes do regimen parlamentar da Inglaterra; embebe-se num imperdoavel olvido, que mostra resaibos de crassa ignorancia relativamente ao papel que as Camaras inglezas representam no tocante á protecção dos direitos do cidadão da Grã-Bretanha, o qual, com legitimo e véro orgulho, póde, em qualquer parte ou situação, exclamar, como outr'ora o filho do fluvo Tibre: *civis romanus sum*.. E, no seu triumpho brilhante de orador e de estadista, lord Palmerston accrescentava: e o braço da Inglaterra é assáz forte para sustental-o e defendel-o (4).

Esse grandioso poder, de que uza o parlamento inglez, sob o regimeu constitucional, Antonio Carlos parece fingir ignorar. Levado por inqualificavel suspeição a respeito da ingerencia nas attribuições independentes de cada poder, chega a descobrir no principio esssencial — da harmonia, productor do equilibrio regular—ingerencia indebita e, desta guiza, allúe uma das mólas do machinismo. Scisma enxergar em tudo invasão, ainda que seja para manter o efficaz meneio das differentes peças do artefacto que resulta de calculadas combinações.

Sabem todos que estudam as theorias do governo constitucional representativo, que este systema não foi achado *nas selvas* conforme imaginou um eminente pensador. Foi, pelo contrario, o producto da razão esclarecida pela sciencia, robustecida pela experiencia e formada lenta e laboriosamente (5). Na Inglaterra, considerada berço desse systema, a lucta foi diuturna e data desde os reinados dos João Sem Terra, Eduardo, Henrique e seus successores. E, na opinião dum illustre publicista francez,—só depois dos estatutos da rainha Anna, (6) o regimen tomou consistencia e se foi aperfeiçoando gradualmente.

Antonio Carlos, pela pertinacia de ver ingerencia dum poder nas attribuições de outro, combateu a proposta de Alencar como anti-constitucional, porque pedia que o Governo mandasse soltar o deputado prezo sem culpa formada e sem iudicios de ter commettido crime e opprimido em sua liberdade por longo tempo. O proceder do orador, que, na tribuna, faz praça de sua consciencia nas praxes e nas doutrinas constitucionaes da Inglaterra e que, a todo instante, cita os Burke, Fox, Sidney e Pitt, não é uma simples revelação, é uma prova irrecusavel de crassa ignorancia daquellas praxes e doutrinas. Devia conhecel-as, porque ellas são do seu tempo e, si as conhecesse, como soía blasonar, de certo não combateria a proposta Alencar; devéras, não bradaria á Camara: — *que direito temos nós de perguntar ao Governo por materia de sua competencia ?* Evidencía que ignora o grande papel que o parlamento inglez sempre representára neste assumpto e que ficou regulando como precedente, praxe, uzo e direito constitucional. Invocaremos os nomes de alta competencia, muitas vezes citados pelo pontifice do constitucionalismo na Constituinte.

W. Pitt, primeiro ministro, exprime-se do modo seguinte: «E' incontestavel que a Camara tem o direito constitucional de inquirir, de examinar, de criticar, fiscalizar, censurar e responsabilizar os actos de qualquer dos ministerios afim de os reprovar, corrigir, ou punir; e cada vez que o caso parece muito sério para auctorizar qualquer suspeita de abuso, que implica responsabilidade, cumpre considerar como dever imperioso da Camara mandar proceder a inquerito (7).

Por sua vez, em conjunctura provavelmente egual, Fox fazia esta observação: «é do dominio constitucional e do incontestavel dever da Camara vigiar sobre todos os ministerios, e sobre os actos do poder executivo e quando tiver motivo para suspeitar abuzos, a Camara tem o direito de instaurar inquerito para reprimir e punil-nos» (8). O sabio Burke, por seu turno, falava das *communs*: «E' seu privilegio intervir, ou ingerir por meio de conselhos e observações ácerca de qualquer acto do governo executivo sem alguma excepção» (9).

A nós nos parece escuzado accumular citações a respeito duma doutrina corrente e acceita, não só pelos parlamentares, mas tambam pelos publicistas que discutem materias constitucionaes, quer em França, quer na Inglaterra, antes mesmo da convocação da Constituinte brazileira.

Não é com as idéas modernas que criticamos as opiniões que Antonio Carlos, com apparatoso entono, atirava aos echos da Camara de 1823. Confrontamol-as com as dos oradores e estadistas inglezes enthusiasticamente preconizados pelo impetuoso orador paulista. Fica fóra de duvida que Antonio Carlos, invocando as praxes e as doutrinas constitucionaes dos publicistas, oradores e estadistas inglezes como as verdadeiras, não as seguia e defendia, ao contrario, combatia; professava outras differentes e inteiramente oppostas. Seria por calculo para empecer a Camara de examinar os actos violentos e illegaes, as perseguições occasionadas pelas despoticas portarias no genero feróz do marquez de Pombal? Seria por ignorancia crassa da série de evoluções politicas, pelas quaes passou o regimen parlamentar até á epocha em que rageram e administraram o paiz os lords North, William Pitt, Fox, Castlereagh, Canning e outros estadistas, notabilissimos pela sabedoria nos conselhos da corôa, e pela magestade da palavra eloquente no concilio dos representantes da nação?

Investigaremos, noutro capitulo, — si Antonio Carlos tem, devéras, nitida comprehensão da theoria e das razões sociaes, politicas e historicas do desenvolvimento das doutrinas constitucionaes do regimen parlamentar inglez, quanto á divisão dos poderes e quanto ao papel que tem representado o poder legislativo,—que, á sua vontade, diz um publicista inglez, escolhe as pessôas qhe devem compor o executivo e serem investidas da auctoridade suprema e tratarem da administração dos negocios publicos em conformidade com as proprias opiniões (10).

O orador paulista, que na Constituinte violava os principios constitucionaes, a cada momento, isto é, as condições essenciaes que servem de base ás Constituições de qualquer das escolas, ou de qualquer fórma politica de governo, quando trata do principio da separação — parece que não conhece a divergencia das opiniões dos publicistas, legisladores, philosophos e estadistas a respeito da balança dos poderes, inventada pelo auctor do *Esprit des lois*. Parece, ainda, que ignora o mechanismo e o modo de funccionar do regimen constitucional da Inglaterra, — onde não funccionam separadamente os poderes, distinctos em esphêra de acção limitada. Ha um poder unico, soberano, sempre consti-

tuinte, sempre absoluto. Tudo isso se verifica como uma perenne realidade num paiz onde não ha Constituição decretada, escripta, mas onde as verdadeiras doutrinas constitucionaes dominam respeitadas e religiosamente absevadas (11).

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Duvergier de Hauranne, *Hist du Gouv. Parl.*—Ade Veau labelle, *Hist. de la Rest.* Conte de Carné, *Etudes sur l' hist. du gouv. repres. en France*; Lamartine, *Hist. de la Rest.*; Viel—Castel, *Hist. de la Rest. etc.* Esse facto é discutido por innumeros historiadores e jornalistas e até por poetas, como V. Hugo, que se compraz em chamar —o grande Manoel !... Vid Cormenin—Timon— *Livro dos oradores*.

(2) Bagehot, *Const. of Engl.*

(3) Amos, *Engl. Const.*; lord John Russell, *Engl. Const.*; Bowijer, *Const. Law*; Freeman, *Gov. of Engl. Const.*

(4) Ashley, «Life of lord Palmerston», *Hist. of the whig Ministery by Roebuck.*

(5) Hallam, *Const. History*; Macaulay, *Hist.*; Foster, *Debates on the Grand Rem*; Gardiner, *Hist. of Engl.*; Montesquieu; Guizot, *Origenes du Gouv. Representatif*; Knight, *History of Engl.*, etc., etc.

(6) Remusat, *L'Angleterre au siècle XVIII.*

(7) Stanhope, *Life of Pitt*; Tonlin, *Life of Pitt*; Gurdon, *History of Parl.*; Parck, *Lectures on the Dogm of the Const.*; E. May, Macaulay, etc.

(8) Lord John Russel, *Life of Fox*; *Memorials of Fox*; E. May, etc.

(9) Rowland, *Engl. Const.*; Macaulay, *Hist.*; Gurdon, *History of Parl.*, etc.

(10) Bisset, *Commowealth of Engl.*, vol. I.

(11) Lord Palmerston affirmou na tribuna que a Inglaterra não tinha Constituição escripta e que elle estava bem resolvido a recompensar com avultada somma a quem apresentasse um volume da Constituição; Bulwer, *Life of Palmerston*. Todos os publicistas, que se remontam á *Magna Carta*, mostrando como se desenvolveram os principios constitucionaes, todos, *una voce*, repetem que a Inglaterra nunca possuíu um volume de Constituição, como teem os Estados-Unidos, França, Portugal, Italia, etc., etc.

PAGINAS ESQUECIDAS

A REPUTAÇÃO DO BRAZIL NA EUROPA E OS DIPLOMATAS

Na Europa, o Brazil é o Rio de Janeiro, e a febre amarella, que periodicamente dizima a população desta cidade, afugenta a immigração de todo o paiz. Dois meios tem o Governo á sua disposição para luctar contra esse descredito em que temos caído: sanear a capital do Imperio, e, emquanto o não consegue, provar que, por ora, felizmente, a febre amarella ainda não quiz visitar as provincias, sendo que em algumas dellas uão ha as condições materiaes necessarias para o desenvolvimento da molestia.

Convém dizer, em abono do criterio de quantos governos temos tido, desde que a febre amarella nos visitou pela primeira vez, que ainda nenhum pensou em fazer nem uma nem outra coisa.

O Rio de Janeiro continúa a ter cortiços immundos; um deploravel systema de esgotos; duas medidas que tinham sido postas em pratica, com excellente resultado, em annos anteriores, fôram abandonadas este anno — a internação dos recem-chegados, e a suspensão dos trabalhos nas ruas que exigem o revolvimento do sólo; não se cuida de estabelecer hospitaes em que sejam isolados os doentes de molestias contagiosas e infecciosas; não se cuida de fiscalizar a alimentação publiea; não ha fiscalisação nas pharmacias, de modo que a vida do doente depende muitas vezes da honestidade do pharmaceutico; a policia é insufficiente para o serviço que mais directamente lhe compete, e no emtanto é á policia que incumbe parte do serviço hygienico; a Camara Municipal tem um pessoal recrutado exclusivamente entre agentes eleitoraes, e que é todo mudado de um momento para outro, conforme predomina na Camara um ou outro grupo de vereadores, e no emtanto á Camara Municipal incumbe uma parte do serviço de hygiene.

E o resultado de tudo isto bem o sabe o Governo. Em todos os paizes da Europa, á excepção de uma ou outra pessôa que, pela sua illustração, ou pela posição que occupa, tem algumas noções do que váe pelo Brazil, a grande massa da população tem do Brazil umas idéas muito vagas, entre as quaes predominam as seguintes: o Brazil é um paiz immenso, e immensamente rico; tem a felicidade de possuir o monarcha mais sabio do mundo... e tem a febre amarella. Alguns eruditos accrescentam que no Rio de Janeiro andam serpentes pelas ruas, e que de vez em quaudo um tigre ou uma onça embarafusta por uma casa a dentro.

Ora, esta opinião é a que conhecem os que não cabem no velho mundo, e que olham para a America com a esperança de melhorar de sorte.

Quanto aos governos estrangeiros, que pódem favorecer ou impedir a emigração, facilitando a propaganda em favor do Brazil ou contraminando-a, é facil de ver quaes devem ser as suas disposições.

*

Ha poucos dias, esta folha publicou um documento official, firmado pelo honrado sr. de Bacourt, encarregado de negocios de França. Esse cavalheiro, no cumprimento de seu dever, informou o seu Governo que a febre amarella faz aqui estragos consideraveis, e que os melhoramentos estão por ora em promessa. A prova da isenção com que procede o digno diplomata, está na circumstancia de deixar elle bem claro no seu officio, que essa molestia reina unicamente no Rio de Janeiro, mas que o Brazil continúa a ser um paiz habitavel. No emtanto — veja o Governo — as informações prestadas nessa nota chegaram a uma instituição scientifica ampliadas por um relator, que aqui esteve ha quarenta e dois annos, e que entendeu revelar grande conhecimento das nossas coisas, dizendo que esta capital é hoje o que era nessa epocha.

As informações do sr. Bacourt são conhecidas; póde-se suppor que as de seus collegas do corpo diplomatico não nos sejam mais favoraveis, se é que entre elles não ha algum mais acrimonioso, e que pinte o quadro de um modo mais sombrio.

O que poderão, por exemplo, dizer, em consciencia, aos seus governos, os representantes de Portugal e da Italia? Se algum delles já uma vez penetrou em um cortiço; se já viu num mesmo quarto tantos homens quantos pódem materialmente caber nelle; se soube que elles ahi dormem fechando a unica porta por onde podia entrar ar e luz, e que o fazem com a roupa que trouxeram do trabalho; se viu que esse quarto é ligado a dezenas de outros nas mesmas condições, e que dão sobre um pateo immundo; se viu que elles compram generos deteriorados, e que não estão ao abrigo da falsificação de medicamentos quando adoecem; o que pódem esses funccionarios, por espirito de patriotismo, por espirito de humanidade, em nome do seu dever de representantes dos seus governos, dizer a estes, senão que aqui nada se faz, a nada se attende para cultivar esta planta exotica — o colono — que é o nosso futuro e a nossa vida?

Ora, quando o representante da Italia manda dizer isto ao seu governo, a esse mesmo governo que foi ultimamente obrigado a falar asperamente ao nosso, em uma questão que entendia com os interesses particulares de um seu compatriota, questão que o nosso Governo ainda assim não decidiu; o que póde razoavelmente fazer o governo italiano? Naturalmente o que já tem feito, antes de ter tanta razão: oppôr-se por todos os meios a que os italianos emigrem para o Brazil.

De que provém a emigração portugueza em tão larga escala para os Estados-Unidos, para as Antilhas, para a Australia? Pois no Brazil elles achariam a mesma lingua, a mesma religião, quasi os mesmos habitos, amigos, parentes, e preferem outras terras a que fallecem todas essas condições! Porque? Justamente porque conhecem a miudo as cartas tarjadas de preto, que os aterram e os fazem voltar os olhos para climas menos inhospitos.

E como se isto não bastasse, como

se não fôsse bastante a febre amarella, e mais que a febre amarella a inercia com que nos deixamos abater por ella, a ponto de esconder que o Brazil é realmente um paiz que promette ao immigrante um futuro risonho; como se não bastasse este descredito em que temos caído; ainda o Governo descura as occasiões de mostrar que somos um paiz rico e grandemente productor.

1883.

FERREIRA DE ARAUJO.

O ALMIRANTE (72)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

— Coitado de Oscar! — observou o almirante Wandenkolk ao seu secretario quando chegaram ao salão — Como está escangalhado. Não pensei que fôsse tão grave o seu estado.

— E' um homem perdido — replicou outro official — Alli, sómente um milagre poderia salval-o.

— Milagre do amor — concluiu o almirante, num leve tom de ironia. — Aquelle será o meu destino—cazar *in extremis*. Mas é precizo salval-o; não é possivel que morra estupidamente um homem daquelle valor, um dos nossos mais perfeitos officiaes, um camarada precioso. Então esses medicos não encontram remedio para um arranhão, quando gravissimos ferimentos recebidos em combate, aggravados pelas contingencias dos recursos das ambulancias nos acampamentos, se curam facilmente? E' horrivel!..

E a vóz forte do robusto marinheiro lhe tremia commovida na garganta.

— Oh, Pedro — continuou elle, depois de pequena pausa, dirigindo-se a um moço official, enfeitado de cordões e agulhetas de ouro—lembra-me amanhã para mandar ao Deodoro o decreto de promoção de Oscar: é a derradeira prova de reconhecimento dos seus serviços. Não lhe aproveitará. Ao menos, ficará assim amparada aquella menina.

E dirigindo-se á marqueza, saudou-a com francas maneiras fidalgas, beijando-lhe a mão.

—Voltarei breve para felicitar vossa excellencia pelo restabelecimento do nosso Oscar.

—Assim espero—agradeceu a marqueza, sorrindo—Tenho fé inabalavel de nos encontrarmos todos muito satisfeitos, muito felizes. Até...; venha sempre, venha ver-nos muitas vezes. Sim?...

Os officiaes do sequito do almirante restituiram á casa a tristeza daquelles dias dolorosos de preoccupação pela saúde de Oscar. A propria marqueza, tão segura do seu prognostico optimista, sentiu-se dominada por essa fadiga consequente ás grandes aspirações realizadas, a fadiga da victoria, succedendo como um colapso ao ardor, aos excitantes da lucta. Ella acabava de lançar as bases de uma familia; surgia-lhe immediatamente o empenho de remover o obstaculo á saúde de Oscar, obstaculo superior ao seu prestigio, aos seus opulentos haveres. E a lucta se ia ferir, então, contra a fatalidade de que dependia o exito dos planos da ventura sonhada, libertando-a da desolação, do abandono da velhice.

A marqueza quedou-se longo tempo na attitude de meditação, engastada na macia poltrona de marroquim, o mento apoiado na dextra, os olhos fixados, immoveis, num vago sitio dos arabescos da alcativa sedosa que forrava o pequeno salão. O seu semblante marcado por uma dobra asimetica entre as sobrancelhas, estava apparentemente calma; não transparecia nelle o tumulto de idéas que lhe borbulhavam no cerebro numa agitação confusa de esperança, de incerteza.

D. Eugenia e Marianinha tinham restituido á Hortencia o seu traje de enfermeira, um vestido de linho branco e um avental de cambria alvissimo cercado por uma friza de pregas miudas. Estava a noiva transformada em esposa, occupando o sublime dever abnegado, velando com solicitude angelica pela saúde do marido.

— Foi melhor assim — observou d. Eugenia—Cumpri o meu dever, regulando uma situação que não me parecia muito regular. Que queria dizer uma senhora, uma moça, tratando um homem, nessa intimidade forçada pelos cuidados ao enfermo? Agóra, sim. Estão casados; tudo se explica; será tudo muito direito. Não achas que fiz muito bem?

Marianinha não respondeu, percebendo que a amiga procurava para calmar a consciencia um apoio, a cumplicidade dos amigos.

— Não me importa — continuou ella — que me censurem, que digam mal de mim: o que está feito, está feito; não me arrependo... Além disto, eu não procedi por iniciativa minha: concordei com o padre Paulo, que não me aconselharia actos menos conformes á moral e á religião; com a marqueza que é senhora de muito juizo; com o Antonino; com Hortencia, emfim, pois bem sabes que lhe não botei faca aos peitos para obrigal-a a despozar Oscar. Deus me livre! Eu seria incapaz de semelhante violencia, ficassem embóra as minhas filhas solteira toda a vida.

Repisando as demonstrações da sua isenção de animo dentro dos restrictos limites do papel de mãe de familia, d. Eugenia foi se afastando com Marianninha para o patamar da escada, não percebendo a marqueza, absorta em profundo scismar, no sitio obscuro onde a sua figura mal se destacava como sombra immovel, descendo sempre a conversar, para jantarem no palacio, cujas luzes já ponteavam rutilas a espessura negra na folhagem.

A luz tristonha da lampada velada por um abrigo verde, dava tons vagos, indecisos ao ambiente da bibliotheca silenciosa. Hortencia contemplava com dolorido olhar o rosto pallido do enfermo, pouzava-lhe, a espaços, a mão na fronte suavemente, tacteando-lhe a temperatura. Ao contacto timido daquella mão macia, elle entreabria os olhos fatigados, fitava-os nella um momento, num esforço para sorrir e desfallecia vencido por mortal prostração. Nesses momentos de calma, em que Oscar parecia dormir serenamente, ella succumbia insensivelmente ao torpor da continua tensão dolorosa, do grande esforço imposto pela estranha situação que a empolgára. A ella, se afigurava que o casamento, com as suas formalidades solemnes, fôra um acto sem alcance, quasi comico, um incidente sem consequencias, cuja impressão passára fugaz como a de um sonho absurdo, monstruoso, interrompendo rapido a visão da realidade atróz, o espectaculo do amigo, entre a vida e a morte, lembrando-lhe com o vago olhar o dever de salval-o, de restituir-lhe a saúde arriscada por uma imprudencia infantil. Não lhe occorriam, então, as consequencias do restabelecimento de Oscar, o immenso, o irreparavel sacrificio do seu coração, da sua liberdade, compromettidos num lance de inconsiderada abnegação. O outro, o eleito de sua alma, comprehenderia a grandeza desse sublime desprendimento, dessa gratidão incomparavel. Amal-a-ía por isso mesmo, com mais intenso affecto; amal-a-ía como creatura superior, mulher forte, capaz de todos os heroismos, digna de um culto..

(Continúa)

ACADEMIA BRAZILEIRA

Segundo uma praxe vulgar da imprensa, transcrevemos para estas columnas, como um dever elementar de cortezia agradecida, o que ainda se escreveu a proposito de ter o nosso director desistido de concorrer á vaga na Academia pela morte de Pedro Rabello.

Do *Progressista*, de Carangola, Minas, num. 268, anno VI:

«O dr. Domingos Olympio, dil-o o numero 65 dos *Annaes*, não concorrerá á cadeira vaga na Academia Brazileira, «por ter eliminado a im-

mortalidade do quadro das suas aspirações.»

O facto requer algumas ligeiras considerações.

Quando o dr. Domingos Olympio se apresentou candidato á cadeira *Joaquim Serra*, vaga por morte de José do Patrocinio, todo o mundo de bom senso julgava fóra de duvida a sua eleição.

Tratava-se de um escriptor de raça, cuja recepção no seio da selecta agremiação só poderia concorrer para maior brilho della.

A derrota do eminente litterato, cujos longos serviços ás lettras brazileiras ninguem tem o direito de ignorar, era, pois, uma hypothese gratuita, inacceitavel.

Mas não é a primeira vez, nem será a ultima, que aqui por estas terras se acceitam coisas inacceitaveis. O caso é que o consagrado chronista não conseguiu victoria.

Actualmente ha, porém, outra cadeira vaga. O romancista cearense declara que não é candidato. Mas a Academia não tem que cogitar disso.

Não tem que indagar si o dr. Domingos Olympio é o causticante e castiço jornalista cuja reputação, ao contrario de outras que se improvisam e se *immortalizam*, tem sido consolidada por uma série de brilhantissimos trabalhos; si é o fino estylista do *Almirante* ou o honesto e magico payzagista de *Luzia-Homem*; si é o correctissimo escriptor que se soube collocar a uma altura onde o não vão alcançar as critiquices zambras, torpissimas na avidez de exibição que as caracteriza.

Não. A Academia de Lettras nada tem que ver com isso. A questão está hoje posta noutro terreno.

Primeiro, era o cumprimento de um dever: foi esquecido. Agóra, trata-se do bom nome dessa instituição. Este, foi violentamente combatido pelo estupendo resultado da ultima eleição. Está vacillante.

Todos teem o direito de suppor que a Academia Brazileira queira readquirir o prestigio que tão desastradamente perdeu.

E o unico meio para recuperal-o, é eleger o dr. Domingos Olympio. — *Heitor Lima.*»

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Scindiu-se o Club de Xadrez de S. Paulo em duas partes quasi eguaes. O elemento dissidente, de que fazem parte Melillo, Dimitri, Souza Campos Junior e Macedo Soares, fundou um outro club com o titulo de Club Internacional de Xadrez, cujos estatutos já fôram approvados. O novo club estabeleceu a admissão de socios de ambos os sexos e resolveu publicar uma revista, que será distribuida gratuitamente entre os socios; nomeou uma commissão incumbida especialmente da propaganda do xadrez: váe crear aulas de xadrez e premios para os socios que durante o anno ganharem maior numero de partidas bem como para os vencedores de torneios e *matchs*.

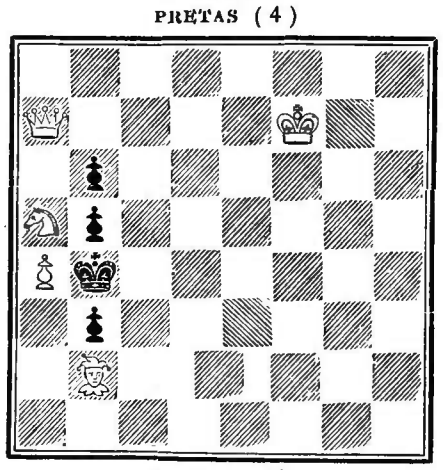
Lamentamos essa scisão que vem enfraquecer o forte nucleo que era o Club de Xadrez de S. Paulo, e fazemos um appello a um e outro grupo para que se reconciliem e novamente congreguem os seus esforços.

***

PROBLEMA N. 39

A. Fraissé

PRETAS (4)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

PARTIDA N. 41

(Jogada pelo telegrapho em 1905)

DEFEZA PETROFF

Brancas (Dr. B. Lasker)		*Pretas* (Philips)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B R
C × P	— 3 —	P 3 D
C 3 B R	— 4 —	C × P
P 4 D	— 5 —	P 4 D
B 3 D	— 6 —	B 2 R
Roque	— 7 —	Roque (*a*)
T 1 R	— 8 —	C 3 B R (*b*)
B 5 C R (*c*)	— 9 —	C 3 B D
P 3 B D	— 10 —	B 5 C R
C D 2 D	— 11 —	C 4 T R (*d*)
B × B	— 12 —	C × B
B × P ! (*e*)	— 13 —	R 1 T (*f*)
B 3 D	— 14 —	C 5 B R
B 1 B R	— 15 —	P 3 B R (*g*)
P 3 C R	— 16 —	C 4 T R (*h*)
P 3 T R	— 17 —	B × C
C × B	— 18 —	P 3 C R
C 4 T R	— 19 —	R 2 C
D 4 C R (*i*)	— 20 —	R 1 C
T × C	— 21 —	D × T
D × P x	— 22 —	C 2 C R
B 3 D !	— 23 —	P 4 B R
C × P	— 24 —	T × C
B × T	— 25 —	D 2 B R
D 7 T R x	— 26 —	R 1 B
B 6 C R	— 27 —	D 1 C R
D × D x	— 28 —	R × D
T 1 R	— 29 —	R 1 B
P 4 T R	— 30 —	abandonam

(*a*) Prematuro. 7... C 3 B D ou B 5 C R seria melhor.

(*b*) Não teem coisa melhor.

(*c*) Ou 9 — B 4 B R, sendo intenção evidente das Brancas continuar por P 3 B D e D 2 B D.

(*d*) Isto custa um pião, o que poderiam evitar jogando 11—B × C seguido de C 1 R.

(*e*) Está claro que lances taes não pódem passar despercebidos ao dr. B. Lasker (O campeão do mundo é o dr. E. Lasker. — *N. da R.*)

(*f*) Teriamos preferido 13... R × B; 14—C 5 C R x, R 1 C; 15—D × B, C 3 B R, porque o B D ficando no taboleiro, o ataque é mais forte.

(*g*) Enfraquecendo cada vez mais o lado do Rei. Preferivel seria 15 — C (2 R) 3 C R e si 16 — P 3 C R, havia probabilidades de um contra-ataque por C 6 T R x.

(*h*) Si	— 16 —	C 6 T R x
B × C	— 17 —	B × B
C 5 C R	— 18 —	B 4 B R
C 6 R	— 19 —	B × C
T × B	— 20 —	D 2 D
D 5 T R	— 21 —	R 1 C
T D 1 R	— 22 —	T D 1 R
D 2 R	— 23 —	

com um bom ataque.

(*i*) Ameaçando 21 — T × C x, seguido de C 5 B R x.

(*Notas de B. Lasker e Hoffer.*)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 38 (*R. St. — G. Burke*): D 6 C R.

JOSÉ GETULIO.

D'AQUI E D'ALLI

— *As* Religiões no Rio, de *João do Rio* (Paulo Barreto); edição da casa Garnier.

Já a respeito desse livro excellente, de que hoje escreve o nosso collaborador Nunes Vidal, falou o sr. Walfrido Ribeiro, num. 16, anno II, dos *Annaes*.

Aqui está um trecho:

«Considerou-se, num formilhar d'applausos, o que esse livro assume de originalidade, de inédito na pesquiza, e de simples scintillante na factura. E, como quiz, sem excesso, sem immodestia, a modestia do prefacio, em que a graça tem requintes, conviéram em que se tratava méramente de um trabalho — extraordinario — de reportagem. E não ha duvida. Bem foi uma reportagem — que remexeu, com solicitude e ancia, antros e templos, salas claras de fé e escuridões temerosas de feitiçarias... Mas o Brazil, onde, não raro, a imprensa, sem falar na columna *leader*, se estira e desanima no réles das *partes* policiaes, e se faz repartição publica em que os funccionarios gozam e amollécem na preguiça cynica do trabalhinho da *cosinha*, sem mais ambição que a do *vále*, sem mais gloria que a do salário — isso, vinha eu a pensar, que João do Rio commetteu, com um estranho escandalo de brilho e um violento irradiar de popularidade, é, com effeito, mais que reportagem, e não é, emfim, menos que um surprehendente esforço de observação, de raciocinado estudo, esvahido de paciencias intrepidas, illucidantes, tendo como dever o zelo da verdade e, como prestigio, a tessitura resplandecente do estylo. A's revelações, quasi inverosimeis, por vezes febricitantes, não faltou o documento, a precisão — a rua, o numero da casa, o nome dos chefes, dos papas, dos doutores... E tudo isso, que podia parecer uma *phantasia*, um mesmo embuste, um mesmo encanto, alojados na imaginação, na desconfiança do povo, desencantou-se, affirmou a realidade. Não é, de resto, sómente um livro de reportagem esculpida na ancia, na cuscuvilhice inconsiderada do *reporter*. E', demais disso, um livro de litteratura exacta, estou a dizer opulenta pelo maravilhoso de emoções que recólta, de imprevistos extasiados, de qualidades em que colligam excellencias de primor numa obra que á ficção preferiu o facto, e ao facto entalhou suggestões persuasivas, ornamentaes de fórma. E, para lançar o raro bello nessas trezentas paginas em que o escandalo galga a curiosidade afflictiva de referir, sem espancar crenças, sem aggredir superstições, umas coisas inconcebiveis, não precizou o mais elegante dos nossos jornalistas mundanos de entornar uma série de philosophias... Apenas, vindo a orientar e levar o leitor ao entendimento das complicações religiosas que alastrou, deu, aqui e allí, as origens, os fundamentos, a meia historia das seitas, dos ritos, das tragedias e comedias atravéz dos quaes o mais ou menos sobrenatural fluctúa e fascina.»

ANNO III — Rio de Janeiro, 15 de Março de 1906 — Num. 73

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

Pela primeira vez, deixa de apparecer, hoje, nestas columnas, a chronica politica de POJUCAN.

Infelizmente, o estado de saúde do nosso collaborador não lhe permittiu, apezar de todo o seu esforço, escrever a nota com que habitualmente trata o assumpto da semana.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

O meu doentinho não teve mais febre. Por segurança, dei-lhe ainda outra dóse de quinino, antes de partir, no dia seguinte. Chovera toda a noite, copiosamente. Saímos cedo, apezar da garôa impertinente e do céo alvacento e muito baixo. A picada estava encharcada e os igapós e igarapés mais fundos. Chegámos á margem do Jacaré, que parecia um rio grande. Havia attingido a crista do barranco e pouco faltava para transbordar pela floresta. Arrastára na sua furia a nossa velha ponte. Acompanhavam-nos apenas o *tuichâua* e dois indios jovens e robustos, com uaturás cheios de beijús, fructas e outras coisas, entre as quaes as suas redes, presos á testa por larga tira de embira.

Parecia impossivel transpor aquella torrente impetuosa. Os indios fôram de opinião que deviamos voltar e esperar que as aguas baixassem, o que não passaria do dia seguinte. Perguntei ao *tuichâua* si era possivel a passagem: respondeu que podia ser, mas tinha o ar pouco animador. O proprio Aturre parecia desanimado. Os outros indios haviam ficado na malóca. Teriam, quem sabe? algum interesse em não fazer a viagem naquelle dia?

O meu era justamente o contrario.

Pensava que o meu chefe poderia chegar ao Marary e não me encontrar. Meditei algum tempo, buscando uma solução para o caso. Percorri o barranco para cima e a jusante do ponto onde terminava a picada, e os galhos quebrados da velha pinguela deixaram o chão esburacado. Só era possivel a passagem si fôsse lançada uma ponte. Como fazel-o? Do nosso lado era um capoeirão de róça velha: não havia uma arvore que chegasse á outra banda. O rio corria como uma bala, na expressão pittoresca dos soldados. Quem se atreveria a affrontar aquellas aguas, que remoinhavam furiosas? Do outro lado, mais para cima do logar em que existiu a cabeça da outra ponte, que era o pé da arvore que o rio levou, erguia-se magestosa uma massaranduba gigantesca. Seria a nossa pinguela. Mas era preciso ir cortal-a. Chamei o Antonio Cearense e perguntei-lhe si se atrevia a passar o Jacaré a nado, levando um machado.

—Desde que v. s. manda, sr. major, eu cumpro sua ordem.

—Pois bem: váe.

Mostrei-lhe a arvore e recommendei que a picasse de modo a caír bem para o nosso lado. O moço soldado despiu a camisa, prendeu o machado á cintura e atirou-se naquellas voragens, um pouco acima do logar onde estavamos.

—Adeus rapaziada, eu vou me embóra—disse rindo e olhando para o João Antonio e os indios.

—Váe com Deus—murmurei.

O cearense era um grande nadador, como são todos os filhos do nosso sertão; e levado pela vertiginosa corrente, foi dar á margem opposta muito abaixo, logo acima de um salto. Chegou á arvore. Ouvimos o som das pancadas do machado dominadas pelo ruido das aguas.

Eu acompanhava, cheio de interesse, aquelle trabalho.

Gritou:

—Guarda, lá váe ella.

O gigante inclinou-se, a ramalhada estalou como uma descarga de petardos e desabou com um fragor de tempestade, voando os galhos em estilhaços, e espalhando-se pelo rio e pela matta. Um dos nossos indios, que não se desviou a tempo, foi arrojado ao chão pelas ultimas folhas de um ramo, que lhe vergastaram as costas e o deixaram bastante contundido.

Estava lançada a ponte e a passagem franca.

Os indios puzeram-se a tocar uns grandes tubos de taquarussú, que produziam um som forte, como o mugido dum boi.

Perguntei ao *tuichâua* porque estavam tocando. Chamavam os companheiros, que tinham ficado na malóca, certos de que voltariamos.

Confessou-me, sorrindo, que haveria á noite um grande *puracy*, baile, e no dia seguinte fariam a festa do *Jurupary*. Quasi voltei para assistir áquellas scenas, que tanto excitavam a minha curiosidade.

Lembrei-me, porém, do meu querido e respeitavel chefe e amigo, que poderia chegar e não me achar; e segui.

Considerei tambem que os indios provavelmente não consentiriam que eu fôsse testemunha das cerimonias do *Jurupary*, prohibida aos profanos como eu.

A festa do *Jurupary* é um segredo para os brancos e as mulheres.

Sómente os *Apgauas*, os *homens* da tribu, a ella pódem comparecer.

Por maior que seja a sua influencia e o seu poder juntos aos indios, o extrangeiro branco não é admittido. A mulher curiosa que não se póde dominar e se atreve a surprehender os seus parentes na celebração dos vedados mysterios é coudemnada irremissivelmente á morte. Um indio quasi centenario, que morava abaixo da grande cachoeira do Curucúi, no Rio Negro, e que se alimentava de folhas de *ipadú* (*cóca*), mascadas em mistura com fari-

nha torrada, affeiçoou-se muito a mim e contou-me o que é o *Jurupary*, mas não quiz, de modo algum, descrever-me as cerimonias rituaes das suas mysteriosas festas.

E' um pequeno *lingavá* de madeira, egual ao emblema do principio gerador, que os sectarios de Rudra ou Seva adoram nas festas desses grandes dias da «trimurti» brahmanica.

Em toda a vastidão do territorio immenso onde tupys e guaranys perambulavam, celebrou-se a festa do *Jurupary*. Será um echo remoto e meio apagado ou creação original?

Rudra—o deus do trovão, o creador—da religião dos brahmas... Rudá... o deus gerador da theogonia brazilica.. Ananga.. o deus *incorporeo* dos hiudús, que Sevá fulminou quando elle o interrompeu nas suas preces para fazel-o amar Parváti...Anhanga. o *espirito* dos sonhos. dos nossos indigenas— .. *Só espirito*; de *anhû*, *só*; *anga*, *alma*. O culto do *lingavá* será um resto de tradições quasi extinctas, que as migrações, atravéz dos seculos, e os embates terriveis com outras raças não consentiram que se conservassem? Ou méra coincidencia, como apregôam ser a perfeita identidade de nomes de cidades da Asia Menor que existiram ha dois mil annos e localidades do Yucatan e do Mexico?

Quanta luz traria a esse problema o conhecimento das linguas dos indios da America? Os sabios não se demorem, porque elles vão desapparecendo rapidamente.

Passámos o Jacaré Quando cheguei ao outro lado, chamei o soldado e disse-lhe: «Muito bem; fizeste um bom serviço. Agradeço-te.

O *tuichâua* caminhava sempre a meu lado, com a zarabatana e o carcaz de flechas envenenadas, a tiracollo,

Já nos preparavamos para buscar um pouso afim de passar a noite, quando cantou á nossa direita, muito perto, um bando de jacamins, com a sua vóz de ventriloquos.

O *tuichâua* poz o indicador nos labios fechados e indicou-me uma arvore para que me escondesse atraz. Agachou-se, de cócoras, occulto por um páu caído, e chamou as bellas aves mesureiras, imitando-lhes o canto. Não se podia destinguir um do outro. Sentia-se, pela vóz, que o bando vinha se approximando. Eu estava attento e chegava a suspender a respiração, para não fazer ruido. Assomou a primeira com o peito de um verde de tons metallicos, entre bronze e ouro, e as costas prateadas. Depois, outro e mais outros. Eram seis.

A matta virgem das terras altas é limpa, e a distancia que separava do bando o caçador ia diminuindo rapidamente.

Ao canto da chama, as aves respondiam curiosas, olhando na direcção do páu caído e caminhando para lá. Caíu uma, depois outra, uma terceira e todo o bando. Nada se ouviu. Eu, que observava attento a singular caçada, vi sómente o *tuichâua* tirar rapidamente do carcaz um maço de flechas, introduzir uma de cada vez na zarabatana e soprar com as bochechas muito cheias. O veneno era forte: a ave, ferida, caía. Só a primeira pareceu espantar-se dando um pulo. Nem uma vi estrebuchar: ficavam paralyticas.

Já tinhamos uma bôa provisão para o jantar daquelle dia e o almoço do seguinte. Dormimos á margem do igarapé «Tariirá» numa clareira da bellissima floresta.

Chegámos ao porto de Marary no outro dia á tarde, tendo palmilhado aquella picada accidentadissima por montes e valles, rios e atoleiros, sem ficarmos estropiados, apezar das muitas raizes de *turury* atravessadas na picada. As suas arestas afiadas faziam mal aos pés descalços da comitiva.

O velho chefe, querendo uma vez desviar-se de uma bastante alta, deu uma topada, distraído, e, com o pé no ar e algumas gottas de sangue no grosso artelho, disse-me:

—*Ce irúmuára, ce pi omanô.* (*Companheiro, meu pé morreu*).— Dizia estar muito habituado áquellas asperezas, porque continuou o seu caminho, como si nada houvesse acontecido.

Alguns dos indios, que ficaram para traz, chegaram, ao escurecer, ao acampamento com dous «*taiassús*» (*porcos do matto*) mortos, e um pequeno, vivo, que tomei para meu *xerimbabo*.

O Araujo não havia ainda chegado. Estimei muito porque tive tempo de preparar-lhes, e aos companheir um bom acampamento. Toda a ge inclusive a do *tuichâua*, empregou nesse serviço, roçando o matto, li pando o terreno e construindo r chos e galpões. Mandei fazer u meza de taboinhas de *pashiúba* e, redor della, bancos do mesmo ma rial, onde todos nos pudessemos se tar, inclusive o velho indio, que e nosso hospede.

Perto do galpão reservado ao com doiro, fez-se um outro, pequeno, pa cosinha, afim de abrigar do máu tem o nosso cosinheiro, o velho Osorio, os seus ajudantes, que eram tant quantos os nossos camaradas, e ma um grande numero de *addidos*.

Convidei o *tuichâua* para a minh barraca. Sentou-se num banquinho d lona feito no Arsenal de Guerra e e na minha cama de campanha. Sobre meza estavam alguns livros, o me relogio, lapis, reguas e esquadros, c dernetas de serviço, um tinteirinh de móla, coberto de couro, a minh lanterna e um retrato em moldura d prata cinzellada.

Quiz saber para que servia cada u daquelles objectos, como se faziam si tinham sido fabricados por mim

Era duma curiosidade de menin vivo e esperto. Indagava de tudo.

Perguntou-me em que rio eu mo rava e si o meu *tuichâua* era velho o moço. Disse-lhe que era um homen muito grande e bonito, com barba muito compridas e alvas. Que nã era um *tuichâua* como os outros, por que mnndava a todos os *tuichâuas*— era um grande *muruchâua*.

Quiz saber quantas mulheres tinh ou si era uma só como a delle; si ti nha muitos filhos; si era valente e ti nha muita força; si flechava bem e go vernava com destreza uma canôa na cachoeiras.

—E' elle quem faz essas *muckâu* (*espingardas*) dos soldados?

Enalteci, o mais que pude, o noss Imperador, mas tive de mentir ao me amigo, porque não eram essas as qua lidades que o distinguiam. Si lhe dis sesse que era um sabio e membro d Instituto de França, não me compre henderia.

Indagou quanto tempo se gastari para ir á grande malóca do *muru*

cháua. Disse-lhe que numa lua e meia chegariamos.

—Muito longe—respirou para dentro—Si não fôsse tão velho, iria comtigo.

Poz-me em serias difficuldades porque quiz que lhe descrevesse a maloca onde moravamos com o *muruchaua*. Disse-lhe que a sua maloca era muito grande e muito alta, toda de pedra, onde morava com a mulher e as filhas e alguns pagés, e outros homens, que trabalhavam para elle.

Por mais intelligente que fôsse aquelle indio, não pude comprehender o que eu lhe contava e fitava-me com os olhos abertos e aparvalhados.

Era impossivel dar-lhe uma idéa approximada do que desejava saber, porque não só não me entendia, como a lingua que ambos falavamos não tinham vocabulos que pudessem exprimir idéas e objectos e costumes proprios da civilisação.

Viu os meus borzeguins de couro branco e perguntou-me si eu era *sapateiro*. Queria saber o nome portuguez de cada objecto. Distraía-me immenso aquella selvagem intelligente, o mais notavel que encontrei nas minhas peregrinações pelo territorio indio.

Não cançava de perguntar e perguntou tanto e tão a miudo, sem me deixar um só instante, que eu já estava fatigado e não mostrava o mesmo interesse em responder.—Olhou para o retrato emoldurado, tomou-o, mirou-o de perto, muito, e disse:

— *Puranga retê* (muito bonito)
Auá tahá? (Quem é?)

Respondi— *Ceremirekó*—

Ri-me satisfeito e dispuz-me então la melhor vontade a satisfazer a sua uriosidade infatigavel. O elogio tiha me feito desculpar. tudo.

Dois dias depois de estarmos no Jarary, veio dizer-me que vinha muita ente de baixo.

Descemos ao porto e nada percebemos, o Jardim e eu, que nos indicasse que elle acabava de annunciar. Chegaram outros indios e todos affirmaram:

—« *Aiquê oúri igaraitá tumaçáua ui*—(*Ai vêem canôas de baixo*).— Ouimos depois as pancadas dos remos mandei dar dois tiros. Dois outros esponderam e mais gritos e vivas.

Não é facil bem avaliar a alegria que se apudera dos que se encontram no deserto, quando o odio não os separa. Foi festivo aquelle dia, 3 de abril, em que o Jardim, o Stradelli e eu abraçámos os nossos bons amigos, Araujo, Dantas e Aguiar, que chegaram fatigados da penosa viagem, atravéz de cachoeiras formidaveis, onde era frequentemente preciso descarregar as canôas para poderem subir. Eu senti indizivel satisfação, não só pelos caros companheiros que não via havia muito tempo, como por sentir mais proximo o dia do nosso regresso ao Rio. Faltava o Alfredo Costa, o nosso secretorio e chefe do fornecimento, que havia obtido uma licença do Governo para tratar da sua saúde muito compromettida. Naquellas regiões, é raro escapar dos ataques da terrivel malaria, que, si não mata logo com accessos vigorosos, váe pouco a pouco minando o organismo até cachetizal-o. Nessa epocha, não suspeitava que os mosquitos que cantavam aos nossos ouvidos e nos ferretoavam a pelle eram os transmissores do hematozoario causador de tantos desastres. Dóses altas e repetidas de saes de quinina eram a nossa defeza, quando a febre se manifestava. Mas os anophéles continuavam sempre persistentes e a enfermidade voltava.

Hoje, que a causa é conhecida e os meios prophylaticos de facil emprego, e vulgarisados a ponto dos profanos os conhecerem, os nossos camaradas, officiaes e soldados, que são destacados para essas regiões, continuem a ser victimados inexoravelmente. Bastaria acautelal-os, do mesmo modo que os medicos japonezes fizeram aos seus camaradas na Mandchuria.

O chefe da commissão agradeceu-me as bôas informações que lhe dei sobre a geographia daquella parte da fronteira e incumbiu-me de voltar ao outro lado da cordilheira para reconhecer e fixar a posição do cerro Guái, o ponto em que o divisor de aguas é cortado pelo caminho do Castanho, e o mais que eu julgasse util para maiores detalhes da nossa demarcação.

Iriam commigo o José Jardim e o velho Aguiar, com uma pequena ambulancia, que arranjou com o cunho meticuloso que sabia dar a tudo que fazia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

«RELIQUIAS DE CASA VELHA», PELO SR. MACHADO DE ASSIS. EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Não ha auctor brazileiro contemporaneo que mais do que o sr. Machado de Assis goze da estima e do apreço geraes dos nossos homens de lettras. Junta-se hoje a esses sentimentos o da veneração que se lhe deve pelos honestos e trabalhados annos que já lhe pezam aos hombros.

Esse prestigio vem de longe. Desde o começo de sua carreira litteraria que o sr. Machado de Assis sempre foi dos mais bem acceitos; seu nome, uma vez lançado, ainda não soffreu nem mesmo um eclypse.

De certo tempo por deante, elle ganhou a auctoridade de um companheiro mais velho entre aquelles que já o encontraram trabalhando, vindo de outra geração, em que a morte e as vicissitudes fôram abrindo claros de fazer calafrio a outro que não tivesse a sua constancia, pertinacia e calma. «Companheiro mais velho» seria elle quem dissesse; os outros entenderam reconhecel-o como mestre, como chefe.

Desde ahi que o sr. Machado se fixou nessa situação, ganha naturalmente, sem artificio ou violencia alguma, e essa a razão pela qual ninguem, dentre o circulo predilecto, que tem sido sempre a gente mais bem collocada nas lettras e no jornalismo, lembrou-se em qualquer tempo de dissentir dos outros neste particular.

E' preciso conhecel-o um pouco de perto, ver como elle é antes de tudo carinhoso e cheio de interesse para com os seus amigos, como tem desenvolvidos os sentimentos de affecto e de apreço, para achar as razões sentimentaes dessas coisas, que nunca são conquistadas exclusivamente por superioridade intellectual. Ser superior nunca foi razão bastante para um homem se fazer amar.

De qualquer modo, o que é evidente é o facto da conformidade desse sentimento geral de estima e de apreço, em que váe tanto de admiração pelo mestre no mundo das lettras. Não ha quem lhe negue valor hoje em dia e a muitos esse valor parece grande e raro: uns o sentem, outros vão nessa fé.

Entre estes ultimos, já não se encontram litteratos sómente: está com elles uma bôa parte do nosso publico.

Felizmente já passou a ser de bom tom, hoje em dia, ler ou dizer ter lido alguns dos nossos auctores; abrem-se os seus volumes mesmo no bonde. Si é um livro que acaba de ser posto á venda, cujas primeiras paginas se vão cortando para satisfazer a ancia da curiosidade, ainda mais *chic*.

No numero desses bem acceitos, e em primeira plana, figura o sr. Machado de Assis. Ninguem mais váe dizer que não gosta delle como escriptor. Note-se, principalmente delle, tanto mais quanto se esteja em rodas reputadas as mais finas do ponto de vista intellectual.

Na minha opinião, foi um resultado feliz esse a que se chegou relativamente ao nosso infatigavel e digno patricio. Elle merece de todo ponto a distincção alcançada.

Mas, por outro lado, o certo é que não é grande a parte do publico que saiba perfeitamente porque assim o distingue. São poucos os que sentem a obra delle de um modo integral.

Culpa do publico ou defeito do auctor? Uma coisa e outra, no meu entender.

O sr. Machado de Assis é um psychologo antes do mais; é como estudo da alma humana que a sua obra não tem par entre nós, principalmente por ser a mais consideravel. No conto e no romance, um ou outro notavel talento desse genero tem-se estréado; ficaram, porém, na estréa, ou pouco mais, até aqui.

Mas o psychologo não póde evitar impunemente certos tropeços. Pertença a que raça ou a que sociedade pertencer, nem sempre encontrará na palheta côres felizes para dar conta honestamente de certos aspectos dessa sociedade ou dessa raça; ao contrario, os seus quadros não hão de ter sombra.

Mais do que isso. Nos estudos que emprehenda, elle não póde evitar que lhe escape uma impressão ou outra muito flagrante de caracteres contemporaneos, principalmente daquelles que lhe foi dado conhecer por convivencia reiterada.

Dahi, a impossibilidade de atravessar a vida sem qualquer choque mais ou menos rude entre elle e o seu meio, de modo geral e mesmo particularmente com um ou outro individuo.

Por conseguinte, si elle projecta fazer uma obra claramente e patentemente fiel e que desperte vivo e constante interesse até ao euthusiasmo,—como aconteceu ao Eça, para falar de um auctor conhecido por todos,—preciza dispor de certa bravura.

Ora, é o que não acontece com o sr. Machado de Assis, pelo meuos de certo ponto de vista. Paginas ha na sua obra que para serem encontradas pedem uma intrepidez bem pouco commum de alma; ellas só se proporcionam áquelles que sobem a uma certa altura na dôr; demandam o que se chama heroicidade intellectual.

Esta, porém, passa geralmente despercebida aos olhos do mundo. A outra, mais caracteristicamente moral, de mais effeito, e isso talvez porque importe em riscos mais immediatos, como eu digo, não está nas cordas do nosso illustre escriptor. Elle sempre fugiu a essas luctas de corpo a corpo.

Talvez devido a isso é que nos tenha dado uma obra. O meio em que agimos, como já o disse o sr. José Verissimo, fazendo justamente, em outros termos, estas observações, é ainda hoje muito limitado; o escriptor se acha aqui, por emquanto, num grande desamparo, para arriscar caminho por tão asperos trilhos.

Não é culpa do sabio realizar apenas o possivel. Para isso, ahi está a historia dos lamentaveis naufragios de uns quantos que pretenderam passar além do Adamastor que a epocha lhes antepunha. Si ha culpa, pois, ella deve ser autes attribuida á atmosphera em que temos fatalmente de nos desenvolver.

A obra do sr. Machado de Assis, de *Braz Cubas* para cá, é em bôa parte uma série de curiosas allegorias. Este genero permitte trabalho mais desafogado, embóra exigindo maior força de imaginação. Mas é de si annuveado e instavel. Facilmente escapa ao alcance commum; ha coisas que nem mesmo os mais argutos pódem estar certos de haver bem interpretado.

Além disso, a par da discreta concepção que o sr. Machano de Assis adoptou, foi se desenvolvendo nelle, de modo muito logico, aliás, um gosto crescente pela discreção e aristocracia da fórma. Os faceis recursos emocionaes de que se utiliza o commum dos auctores de obras de ficção, vieram lhe merecendo de cada vez mais decidido desdém.

A principio, foi francamente no *humour* inglez que elle procurou envolver os motivos sentimentaes de suas creações. Mas desse contraste, representado por um sorriso que chora ou por um pranto que sorri, que é o proprio da maneira dos Swifts, dos Thackerays, resulta um certo effeito ainda um pouco estardalhante, que as naturezas delicadas acabam tambem, ás vezes, por achar de máu gosto.

No seu ultimo romance, *Esaú e Jacob* e agóra em alguns contos das *Reliquias de Casa Velha*, livro que me fez escrever estas linhas, o sr. Machado nem mais *humour* propriamente ostenta.

Naquelle primeiro livro, elle compõe um drama inteiro sem chorar, sem quasi sorrir. Põe toda a força no motivo de dôr que nos dá; mas, feito isto, fala-nos, já não guardando apenas compostura, mas como si nos quizesse poupar até por completo, si possivel, ao forte choque que sentiriamos inevitavelmente contadas as coisas sem nenhuma contemplação.

Dir-se-ía um processo antes nip nico, pelo que nos conta o sr. Oliv Lima dessa admiravel gente japon que chega ao absurdo de nos c municar com o sorriso nos labios u desgraça fatal ou se referir com qu hilaridade á doença de um amigo p não melindrar a corrente ou disposi dos consentimentos alheios.»

Não fôsse o tom geral em que construido o livro, tom de que se flecte sempre uma leve ironia, ora fundo amarga, cruel, ora inoffensi continuando a ser ironia apenas uma questão de habito, de feitio; n fôsse isso e bem poucos viriam su cientemente prevenidos para não s ffrerem uma decepção final e deixar de acreditar que o auctor não fize mais do que estragar um bo assumpto.

Das superioridades que se encon tram na obra do sr. Machado de Assi o que se torna geralmente mais sensiv é a bôa lingua, a que todos se apega para justificar a admiração em que d zem que o teem.

Ainda nesse particular, seria curios estudal-o; ao menos indicar a interes sante alchimia da sua fórma. Ella nã é propriamente velha; propriament nova tambem não é; não tem duvid que é bôa, mas nem sempre o que s póde chamar rigorosamente correct do ponto de vista luzitano, vindo com vem cheia de modismos brazileiros, re gistando melindrosamente os nosso *ques*, reflectindo, malleavel, a nossa blandicia tropical.

Mas o que eu tenho principalmente a dizer é que a bôa lingua nunca sal vou, por si só, um escriptor. Aponta exclusivamente esse attributo como caracteristica de um homem de letras, é implicitamente negal-o ou desconhecel-o.

Seja como fôr, o sr. Machado de Assis, com os elementos que os tempos lhe vieram proporcionando pôde fazer uma obra, de que este ultimo volume, as *Reliquias de Casa Velha*, reprezenta uma bôa confirmação.

Ha nelle trabalhos de primeira ordem. A minha predilecção é por estes tres contos: *Pae contra mãe*, *Maria Cora*, *A anecdota do cabriolet*, todos feitos á maneira de *Esaú e Jacob*.

Principalmente *Maria Cora*. E' um largo e formoso trabalho, de uma arguta e uma bôa psychologia, muito humano, e, no fundo, muito sympathico, muito emocional.

Além destes e de outros contos, ha no volume alguns ensaios criticos de que me agradou bastante aquelle sobre as *Scenass da vida Amazonica*, do sr. José Verissimo.

Fecha o livro com duas comedias, *Não consultes medico*, *Licção de Botanica*, que parecem terem sido feitas

principalmente para salão e com o fim de agradar mais as moças, acabando uma e outra em casamento.

NUNES VIDAL.

ACADEMIA BRAZILEIRA

Da *Republica*, Bahia, num. 14, anno I:

« UM VERDADEIRO IMMORTAL

DOMINGOS OLYMPIO, esse magnifico psychologo do *Luzia Homem*, repudiado, a mando do sr. ministro do Exterior, pela politicagem que invadiu o templo da Immortalidade e da Sapiencia, recuza-se, agóra, á sua candidatura, para uma nova eleição, em que tem de ser preenchida a vaga do illustre e pranteado escriptor PEDRO RABELLO, na Academia Brazileira de Lettras.

Essa pertinacia do glorioso director dos *Annaes* é um symbolo da moralidade que o inspira na vida de intellectual.

Lembra-nos uma valiosa anecdota historica, relatada desde os tempos francezes de Luiz XV, quando o rei da Suecia visitou a capital parisiense.

Havia, nesse tempo e na côrte do rei honorifico, entre os seus auxiliares do governo, um ministro já então celebre pela sua austeridade caracteristica.

A visita do amado soberano da Suecia foi um successo para o reino da França.

E a hospitalidade dispensada á magestade scandinava, primou, essencialmente, pelo *ciceronis* que lhe foi dedicado.

Coube ao ministro mr. de Muy, o austero por excellencia, a missão especial de acompanhar o monarcha visitante, nas excursões numerosas pela grande capital do reinado de Luiz XV

Causava extraordinaria sensação, na epocha, a *Comédie Française*, e o caracter rigido e inamolgavel do ministro mr. de Muy, geralmente favoravel á companhia do jovem soberano da Suecia, pela vez primeira, num impeto de rebellião nobilitante, ontorgou-lhe a prerogativa de uma recuza formal.

Em chegando, pois, ás portas da sala do grande theatro, o ministro exclamou, energicamente, para o seu companheiro real.

— Senhor! A minha religião só me permitte que eu vos acompanhe até àqui!

E o potentado sueco entrou só!

A esta hora, nos umbraes da Academia Brazileira de Lettras, em querendo outros fazel-o eleger como um de seus membros, o homem de lettras DOMINGOS OLYMPIO ficou com o direito de dizer, como o grande ministro da França, na defeza de sua moral:

— Senhor! A minha honra de lettrado só me permitte chegar até este umbral!

E foi essa a attitude do fulgurante escriptor, levantando-se, pela segunda vez, a sua candidatura para collocação entre os Immortaes.

Elle disse, categoricamente, nas paginas de sua elegante revista, não poder corresponder á indicação de seu nome, pelo sr. Belmiro Braga, « por ter eliminado a immortalidade do quadro das suas aspirações. »

Eis ahi uma eliminação que faz um verdadeiro immortal. — *Almachio Diniz.* »

SOBRE O AUCTOR do estudo *A Philosophia do Futuro*, escreve-nos do Recife o prof. Phaelante, da Faculdade de Direito, umas brilhantes notas, das quaes, por ora, só podemos dar os seguintes trechos, de méra informação.

.....

Prado Sampaio é um franco atirador, luctando por conta propria, sem ter o habito de ouvir nas batalhas campaes da lettra redonda — o seu nome repetido na sanfona das referencias calorosas do conluio.

O auctor das paginas que se seguem, si não é um sabio amadurecido nas grandes noitadas das cogitações, e si não é um estylista, como Eschylo, de quem Aristophanes pôde espirituosamente dizer « *que as suas palavras traziam pennacho* », tambem não é um desconhecido no campo da litteratura nacional, um novato que tacteie pela primeira vez a estrada, como um cego sem gaia.

Ainda na Faculdade, em 1886, Prado Sampaio, filiando-se ás novas doutrinas juridicas ensinadas pelo seu grande patricio da pequena e prodigiosa patria sergipana — escreveu um opusculo sobre os novos horisontes do Direito, audaciosamente descortinados pelo darwinismo.

Depois, ora na imprensa jornalistica no Recife e em Aracajú, ora em pequenos livros, elle nos tem dado, em verso e prosa, varios attestados da fecundidade excepcional do seu espirito.

.....

—

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

QUE E' A PHILOSOPHIA ?

No dominio do pensamento, quando a sciencia e a litteratura se desenvolvem dia a dia, brilhantemente influenciadas pelo actual momento historico, são visiveis o torpor e a completa inanição do espirito philosophico nacional.

E este facto, de geral reconhecimento, se deixou mais claramente accentuar no inicio do regimen republicano, quando se julgou necessario supprimir, desde logo, como inutil e anachronico, do quadro das disciplinas officiaes, o ensino da philosophia. No emtanto, com razão escreveu Lange essa esplendida pagina da *Historia do materialismo*: «Quando uma éra nova deve começar e uma éra antiga desapparecer, é preciso que duas grandes coisas se combinem: uma idéa moral capaz de inflammar o mundo e uma direcção social bastante poderosa para elevar a um gráu consideravel as massas opprimidas. Isto não se opera com o frio entendimento, com systemas artificiaes. A victoria sobre o egoismo, que quebra e isóla, e sobre o gelo dos corações que mata, não será alcançada sinão por um grande idéal que apparecerá como *um estrangeiro vindo de outro mundo*, o qual, exigindo o impossivel, fará saír a realidade fóra de seus eixos.»

Effectivamente, tal é a licção da historia em todos os tempos.

Um exemplo, entre outros comprovadores da nossa asserção, importou o advento do christianismo.

Quatrocentos annos antes do seu inicio, a Grecia começava a abandonar a sua antiga theologia. Quem dirá, no emtanto, interrogamos nós, escudado no conhecimento das diversas manifestações da vida brazileira, que a Republica houvesse surgido por força de um desses idéaes victoriosos a que se refere o grande naturalista e pensador tedesco, idéal que trouxesse a serviço de seu *desideratum*, em lucta com as antigas concepções, com a anterior ordem dos factos, uma direcção social bastante poderosa para elevar a um gráu consideravel as massas opprimidas?

Ninguem.

Sob o ponto de vista politico-intellectual, o idéal da revolução foi o da concepção positivista.

E, assim, a eclosão do 15 de novembro, não marcando um desses periodos que assignalam uma phase nova a surgir na vida de um povo, ao envez de melhorar na organisação do ensino essa coisa irrisoria e inclassificavel que se dizia—*philosophia official*, nos trouxe a organisação de um programma que considerou inuteis os estudos philosophicos, facto eloquentemente documentador desse tristissimo estadio de civilisação nacional. Temos, entretanto, como idéa assentada que, qualquer que seja a escola a que se filie, jamais será dado ao pensador desconhecer o factor philosophico na historia evolucional dos povos, como um impulso desbravador de novos dominios em prol do idéal da civilisação, que marcha hasteando o lábaro da conquista do terreno ainda não de todo desconhecido pela verificação scientifica. E, si assim é, que é que ainda se faz necessario para que a philosophia, estudada como a *mensageta* da sciencia, deva prender ao circulo completo de nossas meditações e consiga

elevar-se á mais alta indagação do espirito de uma epocha e da alma de um povo? Dar-se-á, por ventura, que á philosophia (*philos*, amor; *sophia*, sciencia), atravéz de seus setenta seculos da historia, como manifestação ou disciplina do espirito, ou, ainda, como phenomeno intellectual permanente no seio das civilisações, não foi dado elevar-se á tona do *maremagnum* das idéas ao nivel das grandes e magnificas conquistas do espirito a esta hora do seculo?

Não, por certo.

A historia da philosophia, que é a historia do pensamento, ensina que em todos os tempos o idéal domina os differentes estadios evolucionaes e que, em nome da verdade, se deve proclamar que a civilisação é um producto da philosophia. Diz Eduardo Strasburger ser o methodo *philogenetico* o reclamado e o applicavel ao estudo dos organismos viventes.

Como e direito, como a moral, tambem a philosophia, no bom sentido da expressão, estudada á luz dos novos principios, entra naturalmente na categoria da *physiophilia* das funcções vitaes. Si ao estudo do seu *kosmos* não são totalmente applicaveis as leis que regem os conhecimentos das sciencias naturaes, pela força mesma dos differentes alvos que ellas se propõem attingir, nem por isso podemos deixar de collocal-a, esquadrando-a ao lado da sciencia, entre as creações fundamentaes da humanidade. Para o notavel auctor dos *Ensaios de Philosophia do Direito*, cinco são apenas as classes, as especiaes de actos dessemelhantes e phenomenos culturaes que constituem a civilisação, como ella se tem desdobrado desde os mais remotos tempos prehistoricos até os nossos dias.

Taes são: *religião*, *arte*, *sciencia* (comprehendendo *philosophia*), *politica* (comprehendendo *moral* e *direito*) e, finalmente, *industria*.

E este quadro completo,—de modo que não ha, nem jámais houve um só phenomeno humano, producto de suas actividades, ou resultante das energias do espirito, que não pertença a uma qualquer dessas classes,—tem ainda a sua comprovação, a sua prova real no estudo das manifestações da vida das nacionalidades. Mas, deixando á margem a analyse synthetica do quadro esboçado, basta ao objectivo que nos move a penna accentuar que, philogeneticamente, a sciencia é a dramatisação do esforço humano para explicar pelo raciocinio o phenomeno collectivo da vida universal, tendo por alvo supremo a verdade. E, na mesma ordem de considerações, trasladaremos para aqui as idéas brilhantemente manifestadas por Sylvio Roméro nos *Ensaios de Philosophia do Direito*, que constituem um trabalho admiravel de synthese historico-scientifica e onde o seu talento polymorphico torna-se digno dos louvores incondicionaes de quantos, impavidos, combatem pela verdade scientifica, sem apprehensões de qualquer ordem.

«A sciencia em todos os tempos, diz elle, hontem como hoje, não tem sido outra coisa sinão o conjuncto dos esforços feitos pelo homem para explicar pelo raciocinio os phenomenos que se lhe deparam no Universo.

Sua arma é, pois, o dito raciocinio com todos os seus recursos tomados ao *methodo*; seu alvo, seu designio é a realisação do verdadeiro. Póde assumir dois aspectos: 1°, a explicação directa de uma ordem qualquer de phenomenos, chamando-se, neste caso, sciencia particular, e havendo tantas sciencias particulares quantas ordens fundamentaes de phenomenos existirem; 2°, a intuição synthetica e geral das sciencias particulares e mais a apreciação de certas questões que até hoje não constituiram objecto de uma sciencia particular, como seja a da critica do conhecimento, chamando-se, neste caso, *philosophia*. Em ambas as faces, não renega nunca o seu *desideratum* da explicação racional dos phenomenos e em ambas parte da necessidade psychologica, da predisposição espontanea, instinctiva de saber, que aguilhôa a alma humana. Si procurarmos marcar os gráus diversos de sua evolução, encontraremos que, até hoje, atravessou quatro momentos principaes, como conjuncto de sciencias particulares e outros tantos como sciencia geral ou philosophia. No primeiro caso, a sciencia começou por um *empirismo espontaneo*, que assignala a posse das primeiras observações sobre as coisas; passou a uma especie de *dynamismo generalisado*, que define a tendencia de explicar os phenomenos recorrendo a energias ou forças a elles inherentes; elevou-se depois a um *realismo phenomenista*, que consiste na tendencia, hoje ainda muito espalhada, de explicar os factos por uma série de *physicismo geral*, ou por méras descripções dos mesmos factos, sem a inquirição de causas; finalmente, o *evolucionismo naturalistico* ou *monismo*, que está agóra em plena florescencia. Como philosophia, começou por uma especie de *architectonica do universo*, consistente nessa geral tendencia de explicar o mundo pela acção de certos factores ou *elementos*; passou a uma reacção que constituiu uma sorte de *architectonica das idéas*, inaugurada pelos sophistas, por Socrates e Platão; em seguida desenrolou-se a grande phase iniciada por Aristoteles, que tentou a *conciliação* entre as duas tendencias anteriores, estabelecendo o dualismo de que se desenvolveram varios matizes; finalmente, a conciliação entre aquellas primitivas direcções pela doutrina da *immanencia* ou monismo». Do que vimos de dizer e trasladar decorre, como facto comprovado pela historia de todas as sciencias, que as descobertas mais grandiosas teem sempre surgido aos olhos da humanidade como os *luares crepusculares*, na bella expressão de Gumplowiez.

Então, anterior ao pleno dominio das coisas sonhadas, surge esse periodo de verosimilhança na ausencia de provas, de factos inconcussos, mas incapazes ainda de comprovar a descoberta da verdade da qual só havia a intuição. Quando, porém, em seguida, em prol da opinião se manifesta a marcha inteira do desenvolvimento da sciencia, e dos conhecimentos limitrophes já se tem armazenado uma certa somma de razões verdadeiramente semelhantes, então o facto ainda não demonstrado se impõe como quasi indubitavel, podendo-se falar de convicção scientifica, sem a necessidade de uma indiscutivel demonstração. Dito isto, é tempo de, antes de responder á questão cuja solução nos propuzemos, fazer, ainda que em traços rapidos e fugitivos, a evolução que os estudos philosophicos teem seguido neste paiz. Sylvio Roméro, em *A Philosophia no Brazil*, assignala como ponto inicial dessa evolução o *Compendio* de Mont'Alverne, impresso no Rio de Janeiro, no anno de 1859, afim de seguil-a, *pari passu*, em todo o seu desdobramento, até o periodo de 1875-1876, data do apparecimento dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica* e d'*O Brazil como elle é, considerado sob o ponto de vista litterario*, de Tobias Barreto de Menezes.

Effectivamente, com o criterio da historia, é justo affirmar que a vida scientifico-philosophica brazileira começou após a Independencia.

No dominio da metropole não será dado á critica descobrir um trabalho de escriptor patrio capaz de fornecer uma medida qualquer de especulação philosophica. Foi depois de uma certa elaboração nacional que os nossos fastos intellectuaes marcaram o seu ponto de partida.

E assim é que, traçando a philogenese do espirito brazileiro, em sua trajectoria, Sylvio nos lembra que, quando muito, se poderiam organizar tres grupos de pensadores philosophos neste paiz, a saber:

1° escriptores educados sob o regimen do sensualismo metaphysico francez do principio do seculo passado, e que se transportaram para o ecletismo *cousiniano*; 2°, reactores néo-catholicos, que se deixaram prender ás doutrinas de Gioberti e Rosmini, ou ás de Balmés e Ventura; 3° e, final-

mente, espiritos que se vão emancipando sob a tutela das idéas de Comte ou de Darwin.

Mas, é justo logo que o digamos—e é o que se deixa perceber n'*A Philosophia do Brazil*—foi o poderoso espirito de Tobias Barreto que abriu uma nova éra nas lettras philosophico-nacionaes. Natureza privilegiada, além de poeta e orador e jurista e musicista e theologo, o nobre pensador dos *Ensaios* attingiu as mais elevadas culminancias do pensamento philosophico, como veremos opportunamente. E, todavia, a despeito de sua larga influencia, a mais nitida e accentuada que ultimamente se viu exercida por um mestre sobre uma legião de discipulos queridos, ainda a esta hora a litteratura brazileira bem poucas obras de philosophia, propriamente dita, conta e acarinha em seu seio. Nós possuimos um critico-philosopho, como Sylvio Roméro; um legislador-philosopho como Clovis Bivilaqua; um philologo-philosopho, como João Ribeiro; um jurista-philosopho como Gumercindo Bessa; mas da philosophia por amor da philosophia rara só incidentemente se faz entre nós objecto de lucubrações.

Entretanto é tempo de inquirir: — que é philosophia? Será possivel dar-lhe uma fórmula, estabelecer-lhe uma synthese, traçar-lha uma definição?

Variando o seu conceito atravéz de innumeras doutrinas, cuja somma total importa a sua philogenese, difficil é vazar-se em fórmula lapidaria a vastidão desse conceito. Todavia, si não como definição que comprehenda o todo definido e tão sómente o todo definido, — mas como o objecto de sciencia, nós o diremos: a philosophia é a synthese dos principios estabelecidos como interpretadores da vida e consciencia collectivas; o *processus* por excellencia do Universo interpretado pelo raciocinio.

E vê-se, claramente, que é á luz da concepção naturalistica, uma das faces da concepção monistica de Noiré, que havemos de mostrar, em rapidos traços, a evolução da idéa philosophica com intuito de offerecer, na indagação capital destas paginas, diminuta contribuição, mas sincera e desinteressada, ao problema da *Philosophia do futuro*.

PRADO SAMPAIO.

As officinas dos « Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Romances americanos

Appareceram nos Estados Unidos tres novos romances de escriptoras *yankees*, que teem como thema o problema social. *The man of the house*, de Octavie Thanet, e *The grapple*, de Grace Macgowan Cooke, apresentam dois patrões, um dos quaes vindo do povo, os quaes pensando que poderiam melhorar a sorte das suas operarias, depois de terem sustentado luctas e *gréves*, chegam á conclusão de que é preciso, hoje, visto o estado de espirito do proletariado, acceitar as coisas como estão.

O terceiro romance, *The long Day* é muito interessante; a sua auctora, Dorothy Richardson, tinha sido operaria. Desempregada longos mezes, achou um logarsinho pequeno numa usina, ganhando uma migalha. Depois, á custa de muito trabalho, foi subindo; entrou numa fabrica de flôres, percebeu então 15 francos por semana. Mas ahi as companheiras odeiavam-na; ella passava como de classe rica. Afinal, sáe da fabrica e torna-se stenographa, ganhando então por semana 100 francos. No fim do livro, a sra. Richardson expõe as suas idéas; declara que, para attenuar a triste condição das operarias, deve haver um bom systema de casa e de alimentação que esteja em proporção com o que ellas ganham.

***

Instrucção na China

Parece que o systema de instrucção que até agóra estava em vigor na China, desde o anno 2500 antes de Christo, váe afinal desapparecer. Um chinez não podia occupar uma posição official, politica, administrativa ou outra qualquer, si não tivesse feito exame das materias exigidas para ser um bom mandarim: historia e litteratura do imperio celeste. O imperador informou, por um decreto, ao seu povo, que os antigos uzos iam ser abandonados. Em muito breve, fundar-se-ão em toda a China escolas onde serão applicados os methodos do ensino moderno. O imperador elogia os jovens chinezes que viajam, dizendo-lhes que aprendam sempre, e ordena aos seus embaixadores que forneçam recursos aos estudantes, que, na Europa e na America, necessitarem de quaesquer auxilios.

***

O novo romance de Fogazzaro

Ainda este anno, dá-vamos uma ligeira nota sobre o apparecimento em janeiro do *Il Santo*, o novo romance de Antonio Fogazzaro. O livro—aliás já se fazia constar isso antes da saída do *Santo* — tinha notaveis semelhanças com outras obras antigas do escriptor italiano. Agóra completamos a informação, resumindo o entrecho do romance e editando — num verdadeiro contraste—as ruidosas acclamações da critica romana e a apreciação aspera do correspondente italiano da *Bibliothèque Universelle*.

A idéa principal da obra está exposta no segundo capitulo. Um escriptor catholico de tendencias liberaes, Giovanni Selva, cazou-se, em circumstancias bem phantasticas e romanescas, com uma jovem protestante, Mary Arxel, convertida á fé romana. Selva, que desejava dirigir as refórmas na egreja romana, reúne em casa um grupo de catholicos, com o apoio dos quaes conta com segurança. O abbade Merinier, de Genebra, é o orador da assembléa. Para o abbade suisso as refórmas realizam-se muito breve, porque as idéas estão em marcha e são mais fortes que os homens: «São os individuos, os messias, que fazem progredir a sciencia e a religião. Precizaes de um santo? Sabeis onde encontrar algum? Então trazei-me, quanto antes. Que elle tenha a palavra persuasiva e forte, uma caridade extraordinaria; eu direi o que é preciso fazer, e vosso messias fará, elle só, mais do que vós todos reunidos em assembléa.» A esse santo o abbade de Genebra prediz toda a sorte de vicissitudes. E' Benedetto o predestinado; adora extremamente Joanna Desalle—heroina doutro romance de Fogazzaro —e o seu primeiro cuidado é esquecer esse amor. Benedetto, depois de ter praticado uns tres milagres assombrosos, váe ao papa, expõe o seu programma de refórma da egreja. «Santo padre, a egreja está doente.» Aproveita a occasião e pede ao pontifice que não inclúa no index as obras do seu amigo Selva, que espozou a protestante convertida. «Eu sou um peccador, indigno de ser comparado a um santo, mas o espirito de Deus póde falar pela bocca do mais vil.» Benedetto depois váe ao ministro do interior italiano, explica as suas idéas, que julga alevantadas. Afinal não tem tempo de completar a sua missão; a morte já o arrasta, assim quer o romancista. Benedetto, moribundo, reconcilia-se com Joanna, que foi o grito de sua carne durante toda a sua vida de asceta. Morre calmo, tranquillo, nos braços daquella que o amou sempre, tão fiel e tão persistente.

O critico litterario do *Corriere della Sera*, Renato Sineoni, classifica o romance de Fogazzaro entre as obras mais elevadas, generosas e caracteristicas do nosso tempo, *una opera non moritura*.

As apreciações bondosas continuam; o fino intellectual que é o poeta Gio-

vanni Cena, apezar de certas reservas, declara no *Giornale di Torino* que *Il Santo* encerra as paginas mais nobres e commovedoras que Fogazzaro tem escripto.

As opiniões do collaborador da *Bibliothèque Universelle* são diametralmente oppostas ; elle chega mesmo a dizer que poucas vezes vin um romance, abordando these tão vasta, estar assim tão fracamente trabalhado. Os typos estão traçados sem energia, todos mal deliueados, fracos, nos ares, e não está descripto no *Il Santo* o meio catholico onde se manifesta, actualmente, um renascimento tão forte. O critico continúa e transcreve o final do *Il Santo*, que lhe parece, a elle, uma enfadonha repetição de palavras, duma monotonia desoladora.

***

Imprensas officiaes De todas as imprensas nacionaes a dos Estados-Unidos é a mais desenvolvida. Ficam em logares inferiores a França, a Austria e a Hollanda. O governo americauo gastou em 1905 com as suas publicações officiaes 35.405.000 francos e paga ao chefe dos 4.500 operarios, que trabalham nas suas officinas, cerca de 250.000 francos por semaua. Tambem de todas as imprensas officiaes é a mais productiva ; edita 14 periodicos, dos quaes 3 são quotidianos, 3 hebdomadarios, 1 bimensal e 7 mensaes.

ARMADA NACIONAL

Sob o titulo «Dois episodios maritimos», publicou o «Commentario», n. 11, III série, deste mez, o curioso artigo que vde abaixo. O nosso collaborador Tonelero, *a quem o escripto é dedicado, agradece, sobretudo, o valioso depoimento em favor da sua critica á nossa armada, iniciada no n. 39 dos «Annaes», agóra interrompida para ser reencetada no proximo numero.*

Aos nossos collegas do «Commentario» muito agradecemos as expressões com que se referem a esta revista.

—

Sob a epigraphe «Armada Nacional» e sub-epigraphes suggestivas, o nobre e austero semanario Os ANNAES tem publicado alguma coisa que muito interessa ver divulgado, como é util divulgar um atlas de Ricord, para que se possam conhecer os estragos da syphilis, e evitar-se a propagação de tão corrosiva molestia.

Os nossos erros, as funestas consequencias da ignorancia e do desleixo, as grandes iniquidades administrativas não devem ser occultadas. Ha maior mal nisso. Beneficio é dar publicidade ao que envergonha para que se não repita; TONELERO tem prestado um grande serviço; pedimos que inclúa na sua collecção o seguinte depoimento :

—

Foi em 1896. Presidia a Republica o dr. Prudente José de Moraes Barros. Um dia, o ministro do Interior, dr. Gonçalves Ferreira quiz mostrar-lhe as colonias de alienados da ilha do Governador, e convidou s. ex. para uma excursão.

Cedo se reuniram no Arsenal de Marinha pessôas notaveis, cedo compareceu s. ex., cedo se transportaram todos para bordo do hiate *Silva Jardim*.

Mar chão, dia claro, viração subtil. O hiate era commandado por um capitão de fragata; chefe de machinas, um capitão tenente; á prôa, em funcções de piloto, um primeiro tenente, sondando o fundo de instante a instante. O hiate singrava, lepido, as aguas da bahia, deixando atraz de si navios de guerra, navios mercantes, boias, pontões, ilhas, ilhotas, dourado tudo por um sol ainda a menos de 45° sobre o horizonte. A's 9 e 40, o hiate aproava para a enseada de S. Bento. A ilha do Governador atravessava-se-lhe na frente, longa, verdejante, pittoresca.

De repente, o navio arrastou no fundo, e a helice revolveu uma massa grossa que toldou o mar, em circulo. Pararam as machinas, e houve um sobresalto a bordo :

—Si o navio adernasse ?

O hiate manteve-se em nivel ; mas não podia tocar a vante, nem á ré. Felizmente, avistou-se, lá, perto de terra, uma embarcação que se deslocava. Era um cahique, e demandava o *Silva Jardim*.

Bons vinte minutos, remou o unico tripulante da fragil embarcação. Era um homem gordo, quasi espherico. Os braços em movimento isochrono eram uns braços de athleta; o rosto enorme, redondo e sereno, com duas covinhas onde se escondiam os olhos. Quando chegou ao costado do hiate, deixou cair os remos n'agua, tirou o bonet em signal de respeito, e voltando-se sorridente, para as numerosas fardas que se apinhavam junto á amurada do presidencial vehiculo, exclamou com uma surprehendente vóz de tenor :

—O canal não é aqui. Aqui é a corôa. O canal é por lá.

E com o braço gordo, em gesto largo, apontou a linha do canal a distancia !

S. ex. teve de ir para terra no cahique, e não tirou o olhar do espherico remador. Que pensamentos não tumultuariam no cerebro de s. ex. !

***

Foi em 1887. O vice-presidente da Republica, dr. Manoel Victorino Pereira, estava no exercicio da Presidencia. Já se falava em Jacuacanga. Os apologistas da mudança do Arsenal de Marinha diligenciavam pela escolha desse local. O respectivo ministro resolveu uma excursão para mostrar a s. ex. o que era a decantada bahia. O transporte escolhido foi o vapor *Itaipú*, que a casa Lage Irmãos acabava de vender ao Governo, depois de certos reparos, mudando-se-lhe o nome para *Carlos Gomes*, até hoje mantido.

O *Carlos Gomes* estava fundeado em frente do estaleiro grande do Arsenal, popa voltada para o dique Guanabara, da ilha das Cobras. A bombordo, muitos navios mercantes e de guerra.

Entrára s. ex., recebido ao portaló por todo o almirantado. (Os *gros bonets* da marinha achavam-se, em maioria, a bordo). Dada ordem para desamarrar da boia, approximou-se do commandante um dos generaes da armada, que lhe disse e ouviu :

—No seu logar, eu tirava o navio daqui pelos queixos.

—Não sr., sr. almirante, eu sáio bem.

—Tome o conselho de um tolo, mande tiral-o pelos queixos. Veja que espaço tem para manobrar.

—Está apertado, mas eu sáio sem reboque. Arranjo-me só com as machinas.

Ordens fôram transmittidas : Á machina de bombordo tocaria á ré, e a de boreste a vante. Assim, o navio descreveria a curva necessaria. Logo, porém, que elle se mexeu foi para descaír só á ré, approximando-se lentamente da porta do dique que, por máu signal estava em secco. Sobresalto de toda a officialidade, quasi panico. Que é isto ? Que é isto ? Era a machina de boreste que não respondia. O commandante ordenou, rapido, que parasse a de bombordo ; mas o navio adquirira movimento, e descaía sempre. Parece exaggero, mas *Tonelero* não fará a injustiça de suppor que eu fantasío : Um marinheiro, na ilha, ao ladó da porta do dique, livido, assombrado, chegou a estender o braço, como si o braço pudesse impedir o choque do navio.

Felizmente, nesse instante, a machina emperrada entrou a funccionar; notou-se uma hesitação do casco; e as duas, emfim, tocando a vante, decidiram-no a avançar, afastando-se do perigo imminente.

Estabelecida a calma, o prudente general repetia ao commandante do *Carlos Gomes* :

—Eu não lhe dizia ? Eu não lhe dizia ? Si isto bate no dique, não escapava um rato !

Na altura de Villegaignon, outra novidade : O *Carlos Gomes* navegava só com uma das machinas por causa de avaria em certa caldeira.

Chegou-se tarde a Jacuacanga. Pouco se viu, nada se fez. Regressou-se no mesmo dia; mas um aguaceiro e forte cerração produziram no commandante o receio de demandar a barra, de noite, com tantos almirantes e o Presidente a bordo. O *Carlos Gomes* arribou á ilha Grande, passou-se a noite na enseada do Abrahão; recomeçou-se a viagem no dia seguinte.

S. ex. enfastiou-se, deveras; e em roda intima, referiu com mordacidade as peripecias da viagem.

TAMANDARE'

PAGINAS ESQUECIDAS

O «PRIMO BAZILIO»

Sob a epigraphe *Litteratura realista*, encontra-se no *Cruzeiro*, desta Capital, num. 105, de 16 de abril de 1878, um longo artigo de critica ao *Primo Bazilio*, de Eça de Queiroz. Firma-o ELEAZAR, antigo pseudonymo de um dos mais notaveis prosadores da nossa lingua e que é, hoje, o humorista original e justamente querido de tantos livros excellentes.

E' tão raro atacar, mesmo de passagem, a obra do inesquecivel auctor portuguez, que bem vale a pena reproduzir, nesta secção dos *Annaes*, essa curiosissima *pagina esquecida*.

Logo ás primeiras linhas, o leitor encontrará, sobre o *Crime do Padre Amaro*, o trecho a que Eça de Queiroz respondeu em nota á segunda edição desse romance.

—

Um dos bons e vivazes talentos da actual geração portugueza, o sr. Eça de Queiroz, acaba de publicar o seu segundo romance, o *Primo Bazilio*. O primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi de certo a sua estréa litteraria. De ambos os lados do Atlantico, apreciavamos ha muito o estylo vigoroso e brilhante do collaborador do sr. Ramalho Ortigão, naquellas agudas *Farpas*, em que aliás os dois notaveis escriptores formaram um só. Foi a estréa no romance, e tão ruidosa estréa, que a critica e o publico, de mãos dadas, puzeram desde logo o nome do auctor na primeira galeria dos contemporaneos. Estava obrigado a proseguir na carreira encetada; digamos melhor, a colher a palma do triumpho. Que é, e completo, e incontestavel.

Mas esse triumpho é sómente devido ao trabalho real do auctor? *O Crime do Padre Amaro* revelou desde logo as tendencias litterarias do sr. Eça de Queiroz e a escola a que abertamente se filiava. O sr. Eça de Queiroz é um fiel e asperrimo discipulo do realismo propagado pelo auctor do *Assomoir*. Se fôra simples copista, o dever da critica era deixal-o, sem defeza, nas mãos do enthusiasmo cego, que acabaria por matal-o; mas é homem de talento, transpoz ainda ha pouco as portas da officina litteraria; e eu, que lhe não nego a minha admiração, tomo a peito dizer-lhe francamente o que penso, já da obra em si, já das doutrinas e praticas, cujo iniciador é, na patria de Alexandre Herculano e no idioma de Gonçalves Dias.

Que o sr. Eça de Queiroz é discipulo do auctor do *Assomoir*, ninguem ha que o não conheça. O proprio *Crime do Padre Amaro* é imitação do romance de Zola, *La faute de l'abbé Mouret*. Situação analoga; eguaes tendencias; differença do meio; differença do desenlace; identico estylo; algumas reminiscencias, como no capitulo da missa, e outras; emfim, o mesmo titulo. Quem os leu a ambos, não contestou de certo a originalidade do sr. Eça de Queiroz, porque elle a tinha, e tem, e a manifesta de modo affirmativo; creio até que essa mesma originalidade deu motivo ao maior defeito na concepção do *Crime do Padre Amaro*. O sr. Eça de Queiroz alterou naturalmente as ciscumstancias que rodeavam o padre Mouret, administrador espiritual de uma parochia rustica, flanqueado de um padre austero e rispido; o padre Amaro vive numa cidade de provincia, no meio de mulheres, ao lado de outros que, do sacerdocio, só teem a batina e as propinas; vê-os concupiscentes e maritalmente estabelecidos, sem perderem um só atomo de influencia e consideração. Sendo assim, não se comprehende o terror do padre Amaro, no dia em que do seu erro lhe nasce um filho, e muito menos se comprehende que o mate. Das duas forças que luctam na alma do padre Amaro, uma é real e affectiva, — o sentimento da parternidade; a outra é chimerica e impossivel, — o terror da opinião, que elle tem visto tolerante e cumplice no desvio dos seus confrades; e não obstante, é esta a força que triumpha. Haverá ahi alguma verdade moral?

Ora bem, comprehende-se a ruidosa acceitação do *Crime do Padre Amaro*. Era o realismo implacavel, consequente, logico, levado á puerilidade e á obscuridade. Viamos apparecer na nossa lingua um realista sem rebuço, sem attenuações, sem melindres, resoluto a vibrar o camartello no marmore da outra escola, que aos olhos do sr. Eça de Queiroz, parecia uma simples ruina, uma tradição acabada. Não se conhecia no nosso idioma aquella reproducção photographica e servil das coisas minimas e ignobeis. Pela primeira vez, apparecia um livro em que o escuzo e o—digamos o proprio termo, pois tratamos de repellir a doutrina, não o talento, e menos o homem, — em que o escuzo e o torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exacção de inventario. A gente de gosto leu com prazer alguns quadros, excellentemente acabados, em que o sr. Eça de Queiroz esquecia por minutos as preoccupações da escola; e, ainda nos quadros que lhe destoavam, achou mais de um rasgo feliz, mais de uma expressão verdadeira; a maioria, porém, atirou-se ao inventario. Pois que havia de fazer a maioria, senão admirar a fidelidade de um auctor, que não esquece nada, e não occulta nada? Porque a nova poetica é isto, e só chegará á perfeição no dia em que nos disser o numero exacto dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha. Quanto á acção em si, e os episodios que a esmaltam, fôram um dos attractivos do *Crime do Padre Amaro*, e o maior delles; tinham o merito do pomo defezo. E tudo isso, saíndo das mãos de um homem de talento, produziu o successo da obra.

Certo da victoria, o sr. Eça de Queiroz reincidiu no genero, o trouxe-nos o *Primo Bazilio*, cujo exito é evidentemente maior que o do primeiro romance, sem que, aliás, a acção seja mais intensa, mais interessante ou vivaz, nem mais perfeito o estylo. A que attribuir a maior acceitação deste livro? Ao proprio facto da reincidencia, e, outrosim, ao requinte de certos lances, que não destoaram do paladar publico. Talvez o auctor se enganou em um ponto. Uma das passagens que maior impressão fizeram, no *Crime do Padre Amaro*, foi a palavra de calculado cynismo, dita pelo heróe. O heróe do *Primo Bazilio* remata o livro com um dito analogo; e, se no primeiro romance é elle caracteristico e novo, no segundo é já rebuscado, tem um ar de *cliché*; enfastia. Excluido esse logar, a reproducção dos lances e do estylo é feita com o artificio necessario, para lhes dar novo aspecto e egual impressão.

Vejamos o que é o *Primo Bazilio*, e comecemos por uma palavra que ha nelle. Um dos personagens, Sebastião, conta a outro o caso de Bazilio, que, tendo namorado Luiza em solteira, estivera para cazar com ella; mas, fallindo o pae, veio para o Brazil, donde escreveu desfazendo o casamento. — Mas é a *Eugenia Grandet*! exclama o outro. O sr. Eça de Queiroz incumbiu-se de nos dar o fio da sua concepção. Disse talvez comsigo: —Balzac separa os dois primos, depois de um beijo (aliás, o mais casto dos beijos); Carlos váe para a America; a outra fica, e fica solteira. Se a cazassemos com outro, qual seria o resultado do encontro dos dois na Eu-

ropa? — Se tal foi a reflexão do auctor, devo dizer, desde já, que de nenhum modo plagiou os personagens de Balzac. A Eugenia deste, a provinciana singella e bôa, cujo corpo, aliás robusto, encerra uma alma apaixonada e sublime, nada tem com a Luiza do sr. Eça de Queiroz. Na Eugenia, ha uma personalidade accentuada, uma figura moral, que por isso mesmo nos interessa e prende; a Luiza, — força é dizel-o, — a Luiza é um caracter negativo, e no meio da acção idéada pelo auctor, é antes um titere do que uma pessôa moral.

Repito, é um titere; não quero dizer que não tenha nervos e musculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciencia.

Casada com Jorge, faz este uma viagem ao Alemtejo, ficando ella sósinha, em Lisbôa; apparece-lhe o primo Bazilio, que a amou em solteira. Elle já o não ama; quando leu a noticia da chegada delle, doze dias antes, ficou muito «admirada»; depois foi cuidar dos colletes do marido. Agóra, que o vê, começa por ficar nervosa; elle lhe fala das viagens, do patriarcha de Jerusalém, do papa, das luvas de oito botões, de um rosario e dos namoros de outro tempo; diz-lhe que estimára ter vindo justamente na occasião de estar o marido ausente. Era uma injuria; Luiza fez-se escralate; mas, á despedida, dá-lhe a mão a beijar, dá-lhe até a entender que o espera no dia seguinte. Elle sáe; Luiza sente-se «afogueada, cansada», váe despir-se deante de um espelho, «olhando-se muito, gostando de se ver branca». A tarde e o noite gasta-as a pensar ora no primo, ora no marido. Tal é o introito de uma quéda, que nenhuma razão moral explica, nenhuma paixão, sublime ou subalterna, nenhum amor, nenhum despeito, nenhuma perversão sequer; Luiza resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciencia; Bazilio não faz mais do que empuxal-a, como materia inerte, que é. Uma vez rolada ao erro, como nenhuma flamma espiritual a alenta, não acha alli a saciedade das grandes paixões criminosas: rebolca-se simplesmente.

Assim, essa ligação de algumas semanas, que é o facto inicial e essencial da acção, não passa de um incidente erotico, sem relevo, repugnante, vulgar. Que tem o leitor do livro, com essas duas creaturas sem occupação nem sentimentos? Positivamente nada.

E aqui chegamos ao defeito capital da concepção do sr. Eça de Queiroz. A situação tende a acabar, porque o marido está prestes a voltar do Alemtejo, e Bazilio começa a enfastiar-se, e, já por isso, já porque o instiga um companheiro seu, não tardará a trasladar-se a Paris. Interveio, neste ponto, uma creada, Juliana, o caracter mais completo e verdadeiro ds livro; Juliana está enfarada de servir; espreita um meio de enriquecer depressa; logra apoderar-se de quatro cartas; é o triumpho, é a opulencia. Um dia em que a ama lhe ralha com aspereza, Juliana denuncía as armas que possue. Luiza resolve fugir com o primo; prepara um sacco de viagem, mette dentro alguns objectos, entre elles um retrato do marido. Ignoro inteiramente a razão physiologica ou psychologica desta precaução de ternura conjugal: deve haver alguma; em todo caso, não é apparente. Não se effectúa a fuga, porque o primo rejeita essa complicação; limita-se a offerecer o dinheiro para rehaver as cartas,—dinheiro que a prima recuza—despede-se e retira-se de Lisbôa. Dahi em deante o cordel que move a alma inerte, de Luiza passa das mãos de Bazilio para a da creada. Juliana, com a ameaça nas mãos, obtem de Luiza tudo, que lhe dê roupa, que lhe troque a alcova, que lh'a forre de palhinha, que a dispense de trabalhar. Faz mais: obriga-a a varrer, a engommar, a desempenhar outros mistéres immundos. Um dia Luiza não se contém; confia tudo a um amigo da casa, que ameaça a creada com a policia e a prisão, e obtem assim as fataes lettras. Juliana succumbe a um aneurisma; Luiza, que já padecia com a longa ameaça e perpetua humilhação, expira alguns dias depois.

Um leitor perspicaz terá já visto a incongruencia da concepção do sr. Eça de Queiroz, e a inanidade do caracter da heroina. Supponhamos que taes cartas não eram descobertas, ou que Juliana não tinha a malicia de os procurar, ou emfim que não havia semelhante famula em casa, nem outra da mesma indole. Estava acabado o romance, porque o primo enfastiado seguiria para França, e Jorge seguiria do Alemtejo; os dois esposos voltavam á vida exterior. Para obviar a esse inconveniente, o auctor inventou a creada e o episodio das cartas, as ameaças, as humilhações, as angustias e logo a doença e a morte da heroina. Como é que um espirito tão esclarecido, como o do auctor, não viu que semelhante concepção era a coisa menos congruente e interessante do mundo? Que temos nós com essa lucta intestina entre a ama e a creada, e em que nos póde interessar a doença de uma e a morte de ambas? Cá fóra, uma senhora que succumbisse ás hostilidades de pessôa de seu serviço, em consequencia de cartas extraviadas, despertaria certamente grande interesse, e immensa curiosidade; e, ou a condemnassemos, ou lhe perdoassemos, era sempre um caso digno de lastima. No livro é outra coisa. Para que Luiza me attráia e me prenda, é precizo que as tribulações que a affligem venham della mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! dê-me a sua pessôa moral. Gastar o aço da paciencia a fazer tapar a bocca de uma cobiça subalterna, a substituil-a nos mistéres intimos, a defendel-a dos ralhos do marido, é cortar todo o vinculo moral entre ella e nós. Já nenhum ha, quando Luiza adoece e morre. Porque? porque sabemos que a catastrophe é o resultado de uma circumstancia fortuita, e nada mais; e consequentemente por esta razão capital: Luiza não tem remorsos, tem medo.

Se o auctor, visto que o realismo tambem inculca vocação social e apostolica, intentou dar no seu romance algum ensinamento ou demonstrar com elle alguma these, força é confessar que o não conseguiu, a menos de suppor que a these ou ensinamento seja isto: — A bôa escolha dos famulos é uma condição de paz no adulterio. A um escriptor esclarecido e de bôa fé, como o sr. Eça de Queiroz, não seria licito contestar que, por mais singular que pareça a conclusão, não ha outra no seu livro. Mas o auctor poderia retorquir: —Não, não quiz formular nenhuma lição social ou moral; quiz sómente escrever uma hypothese; adopto o realismo, porque é a verdadeira fórma da arte e a unica propria do nosso tempo e adeantamento mental; mas não me proponho a leccionar ou curar; exerço a pathologia, não a therapeutica. A isso responderia eu com vantagem: — Se escreveis uma hypothese, dae-me a hypothese logica, humana, verdadeira. Sabemos todos que é afflictivo o espectaculo de uma grande dôr physica; e, não obstante, é maxima corrente em arte, que semelhante espectaculo no theatro, não commove a ninguem; alli vale sómente a dôr moral. Ora bem; applicae esta maxima ao vosso realismo, e sobretudo proporcionae o effeito á causa, e não exijais a minha commoção a troco de um equivoco.

E passemos agóra ao mais grave, ao gravissimo.

Parece que o sr. Eça de Queiroz quiz dar-nos na heroina um producto da educação frivola e da vida ociosa; não obstante, ha ahi traços que fazem suppor, á primeira vista, uma vocação sensual. A razão disso é a fatalidade das obras do sr. Eça de Queiroz,—ou, noutros termos, do seu realismo sem condescendencia: é a sensação physica. Os exemplos accumulam-se de pagina a pagina; apontal-os, seria reunil-os e aggravar o que ha nelles desvendado e crú. Os que de bôa fé suppõem defender o livro, dizendo que podia ser expurgado de algumas scenas, para só ficar o pensamento moral ou social que o engendrou, esquecem ou não reparam que isso é justamente a medulla da composição. Ha episodios mais crús do que outros. Que importa eliminal-os? Não poderiamos eliminar o tom do livro. Ora, o tom, é o espectaculo dos ardores, exigencias e perversões physicas.

Quando o facto lhe não parece bastante caracterizado com o termo proprio, o auctor accrescenta-lhe outro improprio. De uma carvoeira, á porta da loja, diz elle que apresentava a sua «gravidez bestial». Bestial, porque? Naturalmente, porque o adjectivo avoluma o substantivo; e o auctor não vê alli o signal da maternidade humana; vê um phenomeno animal, nada mais.

Com taes preoccupações de escola, não admira que a penna do auctor chegue ao extremo de correr o resposteiro conjugal; que nos talhe as suas mulheres pelos aspectos e trejeitos da concupiscencia; que escreva reminiscencias e allusões de um erotismo, que Proudhon chamaria omnisexual e omnimodo; que no meio das tribulações que assaltam a heroina, não lhe infunda no coração, em relação ao esposo, as esperanças de um sentimento superior, mas sómente os calculos da sensualidade e os «impetos de concubina»; que nos dê as scenas repugnantes do *Paraizo*; que não esqueça siquer os desenhos torpes de um corredor de theatro. Não admira; é fatal; tão fatal como a outra preoccupação correlativa. Ruim molestia é o catarrho; mas porque hão de padecer della os personagens do sr. Eça de Queiroz? No *Crime do Padre Amaro* ha bastantes affectados de tal achaque; no *Primo Bazilio* fala-se apenas de um caso: um individuo que morreu de catarrho na bexiga. Em compensação ha infinitos «jactos escuros de saliva». Quanto á preoccupação constante do accessorio, bastará citar as confidencias de Sebastião a Julião, feitas casualmente á porta e dentro de uma confeitaria, para termos occasião de ver reproduzidos o mostrador e as suas pyramides de doces, os bancos, as mesas, um sujeito que lê um jornal e cospe a miudo, o choque das bolas de bilhar, uma rixa interior, e outro sujeito que sáe a vociferar contra o parceiro; bastará citar o longo jantar do conselheiro Accacio (transcripção do personagem de Henri Monnier); finalmente, o capitulo do theatro de S. Carlos, quasi no fim do livro. Quando todo o interesse se concentra na casa de Luiza, onde Sebastião trata de rehaver as cartas subtraídas pelo creada, descreve-nos o auctor uma noite inteira de espectaculo, a platéa, os camarotes, a scena, uma alteração de espectadores. Que os tres quadros estão acabados com muita arte, sobretudo o primeiro, é coisa que a critica imparcial deve reconhecer; mas, porque avolumar taes accessorios até o ponto de abafar o principal?

Talvez estes reparos sejam menos attendiveis, desde que o nosso ponto de vista é differente. O sr. Eça de Queiroz não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e dahi vem que o tom carregado das tintas, que nos assusta, para elle é simplesmente o tom proprio. Dado, porém, que a doutrina do sr. Eça de Queiroz fôsse verdadeira, ainda assim cumpria não accumular tanto as côres, nem accentuar tanto as linhas; e quem o diz é proprio chefe da escola, de quem li, ha pouco, e não sem pasmo, que o perigo do movimento realista é haver quem supponha que o traço grosso é o traço exacto. Digo isto no interesse do talento do sr. Eça de Queiroz, não no da doutrina que lhe é adversa; porque a esta o que mais importa é que o sr. Eça de Queiroz escreva outros livros como o *Primo Bazilio*. Se tal succeder, o realismo na nossa lingua será estrangulado no berço; e a arte pura, apropriando-se do que elle contiver aproveitavel, (porque o ha, quando se não despenha no excessivo, no tedioso, no obsceno e até no ridiculo), a arte pura, digo eu, voltará a beber aquellas aguas sadias do *Monge de Cistér*, do *Arco de Sant'Anna* e do *Guarany*.

A actual litteratura portugueza é assaz rica de força e talento para podermos affiançar que este resultado será certo, e que a herança de Garrett se transmittirá intacta ás mãos da geração vindoura.

ELEAZAR.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIV

Travou-se debate a respeito da proposta do deputado Alencar, pedindo ao Governo as razões ou motivos da prisão do coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, e porque encarcerado, havia mais de tres mezes sem culpa formadada, se achava impedido de exercer as funcções legislativas.

Nessa discussão patenteiam-se diversas circumstancias que estabelecem o estado dos espiritos, a inexperiencia da Camara, a incapacidade do ministerio para dar-lhe direcção e a ignorancia da maioria que não estava preparada para comprehender as funcções do Parlamento no regimen representativo e constitucional.

O deputado Velloso d'Oliveira esforçou-se em tentar provar que o Governo tinha competencia de proceder contra o representante cearense, conservando-o encarcerado sem culpa formada. Não via aquelle myope que, sob o ponto de vista legal, o acto do ministerio era arbitrario e um attentado contra o direito do cidadão. Mostrava ignorar que as assembléas legislativas na Inglaterra, por longo periodo de tempo, sustentaram lucta contra os arbitrios da prerogativa, quando os reis inglezes mandavam enclausurar na Torre de Londres os representantes que ouzavam censurar os actos da administração (1). Desse contínuo conflicto resultou a immunidade para cada membro do Parlamento, não como um privilegio honorifico, mas qual necessidade reconhecida de independencia da consciencia e da liberdade da palavra. O deputado Velloso, porém, que vinha concorrer para organizar o regimen constitucional representativo, justificava o acto que destruía a immunidade e, com ella, a condição indispensavel ao exercicio das funcções de representante do povo. Póde-se bem avaliar das habilitações que tinha a maioria da Camara no tocante ás questões constitucionaes. Era, portanto, facil ao Governo indicar-lhe a marcha que devia seguir. O Governo, porém, parecia estar quasi ao nivel da intelligencia dos deputados, que não passavam de méros aprendizes.

A Velloso, que mal entendia de assumptos de politica governamental, succedeu, na tribuna, Antonio Carlos, que combateu, com extrema vivacidade, a proposta.

A paixão que o orador paulista manifestava, provinha do interesse em manter a ordem de coisas estabelecidas pelo ministerio.

Releva não esquecer que a Camara não tinha nem pensamneto e direcção, nem planos e capacidade de traçar uma linha de proceder: evidentemente, seria guiada pelo Governo, ou pelos mais audaciosos. Havia um grupo de homens, dos quaes alguns se distinguiam por certa somma de conhecimentos litterarios e scientificos. Outros eram fazendeiros, ou sacerdotes, afeitos aos estudos da theologia dogmatica e moral de Schram e de Gazzaniga, ou do famigerado S. Thomaz d'Aquino — *o tardo e ruminante boi das Duas Sicilias*. Já era muito, nesses tempos, entender de coisas intellectuaes.

Os homens distinctos, aos quaes alludimos, não queriam tomar, sobre os hombros, o pezado fardo da responsabilidade dos desatinos do gabinete de 16 de janeiro: essa ardua tarefa, por força, cabia aos interessados. Eis ahi porque Antonio Carlos appareceu na arena dos combatentes.

José Bonifacio, desde 16 de janeiro de 1822, governava o paiz com o mesmo poder de que dispunha d. Pedro, acclamado Defensor Perpetuo. O principe depositava cega e profunda confiança no ministro que havia escolhido, convicto de que não só era o espirito mais illustrado no paiz e repu-

tado sabio em toda a Europa, mas ainda por vel-o cercado dessa veneração popular, que cresce na razão da intensidade da ignorancia e do fanatismo das multidões.

Ora, esta posição elevada e excepcional, creava, para os Andradas, uma situação grandiosa na politica do nascente Imperio. Os tres irmãos — José Bonifacio, Martim Francisco, Antonio Carlos (cada um com talentos e meritos differentes) eram considerados os brazileiros mais notaveis e mais capazes de organizar e dirigir os negocios do Estado. Eil-os estadistas quasi por acclamação; elles nunca haviam aprendido nem praticado a sciencia do Governo. Elles formavam, por assim dizer, a segunda dynastia nacional, após aquella consagrada pela tradição antiga da realeza hereditaria, representada no ultimo ramo bragantino.

A questão Alencar-Costa Barros, lançada no recinto parlamentar com excessiva reserva e moderação e até medrosamente, punha em saliente relevo as violencias do animo arbitrario que inspirava o governo do chefe reconhecido da dynastia *andradina*.

Desde 16 mezes, o paiz estorcia-se oppresso pelo ministerio; assim a discussão vinha, aviventando a lembrança dos soffrimentos, das permanentes perseguições, resultantes das despoticas portarias de devassas geraes, evidenciar que, sob o primeiro gabinete, o governo absoluto dominou despoticamente e que continuava o antigo regimen depois de proclamada a Independencia.

A discussão mostraria que o Governo que não possuia aptidões para resolver os problemas urgentes, ostentava-se empenhado na formação duma policia infrene sob o pretexto de conter ou exterminar os conspiradores — republicanos e carbonarios, dos quaes tanto se preoccupava José Bonifacio nas portarias dirigidas ao intendente da policia.

Nós da posteridade (relativamente á geração de 1823) devemos lamentar que a Constituinte não tivesse tido nem o talento nem a coragem de esmerilhar todos os males, cruezas, violações de leis, actos escandalosos, violencias, inepcias, emfim tudo que praticou sem rebuço o ministerio Andrada. Ora, si a Constituinte reunisse a coragem civica á experiencia, teria posto tudo em *pratos limpos* e não haveria, hoje, quem duvidasse da verdade historica, envolvendo o patriarcha no manto luminoso da *lenda*.

A Constituinte, medrosa e inexperiente, apenas deslizou pelos factos. Antonio Carlos tinha interesse em abafar a proposta de Alencar, evitando, desta sorte, que a discussão concitasse odios contra o ministerio que lhe convinha sustentar para manter a ordem de coisas creadas por elle e em bem da preponderancia da trindade *andradina*.

Sob tal inspiração, o orador paulista assomou na tribuna. Evitou penetrar no amago da questão de legalidade, de violação da lei, de usurpação de direitos. Atirou-se, afoito, aos enleios dos sophismas, aos páramos das abstrações constitucionaes da divisão dos poderes, das ingerencias indebitas na esphera de acção de cada um, concluindo que, si a Camara tomasse conhecimento do caso Costa Barros, cometteria grave erro e, para evital-o, exclamou: *não comecemos desde já a empolgar um poder que não nos pertence*. (2)

Comprehende-se a surpreza e a indecisão da Camara, que, na verdade, não conhecia as theorias e o meneio das peças do mechanismo do regimen representativo.

Os homens mais atilados e lidos nessas materias, ironicamente sorriam, ouvindo o publicista ministerial. A maioria, attonita, não sabia o que fazer depois das sentenciosas palavras do pontifice do constitucionalismo.

Antonio Carlos, provavelmente por calculo, uzou desta tactica, empregando a metaphysica da jurisprudencia constitucional, para deslumbrar, com a sua scintillante e volumosa sciencia, os inexpertos constituintes e conseguir esconder os actos violentos e detestaveis, praticados pelo governo de seu irmão.

Suppor que a Assembléa recuaria e não tomaria conhecimento do caso e encerraria logo a discussão, receiando perguntar ao poder executivo por materia da exclusiva competencia delle.

Assim o orador paulista, julgando-se triumphante, ainda se esforçou em affirmar que a pergunta da proposta Alencar evidentemente era uma ingerencia nas attribuições do executivo e do judiciario.

O ponto de partida de suas theorias de direito constitucional, as deducções de seus raciocinios, os lampejos da luz de sua erudição não lhe honram a lealdade de politico, a bôa fé de patriota, amigo das liberdades populares e, muito menos, a proficiencia do orador publicista, que, a esmo, citava praxes e uzos do parlamento inglez; pelo contrario, incutiram nos discursos evidentes provas de ignorar taes uzos e praxes, como adeante apuraremos, em momento opportuno.

O deputado Alencar, com accentuada moderação e lucido criterio, soube replicar e, desdenhando a espalhafatosa verbosidade do afamado contendor, concluiu interrogando á Camara si era, abandonando o cidadão opprimido que ella exerceria a augusta missão de guarda dos direitos: e si ella poderia mesmo existir, não salvando um dos seus membros, como o eleito representante do Ceará.

O desacoroçoamento do preopinante, no meio do plumbeo silencio, indicava que havia perdido a esperança de arrancar Costa Barros das garras da policia ministerial. O proprio presidente da Camara foi tardo em submetter á votação a proposta, que provavelmente seria regeitada. Nessa perplexidade geral, ergue-se das bandas da bancada pernambucana, o deputado Araujo Lima (marquez de Olinda), e assim falou: — «emquanto tratava-se de um prezo em consequencia de processo criminal, entendi dever abster-me de tomar parte no debate; porém, estando provada a illegalidade da prisão sem culpa formada e retido o cidadão por mais de tres mezes sem processo e julgamento e verificado que o prezo está eleito membro da Assembléa, onde já foi entregue o seu diploma, julga ser do dever da mesma Assembléa, tomar conhecimento do caso; por isso, requer que o diploma seja remettido á commissão de poderes para que, á vista do parecer, se possa tomar algum alvitre razoavel.»

Araujo Lima, desta sorte, apresentou uma taboa de salvação, a que todos se agarravam. O presidente poz logo a votação o requerimento, que passou por grande maioria. O proprio Antonio Carlos, membro da commissão e que havia combatido a proposta, declarou que não haveria duvida em dar parecer. Estas subitas mutações eram habituaes em Antonio Carlos, que sempre foi um espirito no qual as sensações não eram dominadas pela reflexão no labor paciente duma consciencia psychologica, que descrimina e fórma os elementos dos seus juizos. Os oradores, poetas e artistas são todos desta natureza impressionavel e, muitas vezes, procedem por inspirações instantaneas, incoherentes, illogicas e absurdas.

Antonio Carlos, opinou e sustentou que a prisão foi legal; justificou ardorosamente o acto do ministerio; asseverou haver *resaibos de injustiça em censurar o magistrado inaudito* que instaurou o processo, confessando, todavia, que ignorava si justa ou injustamente. Num de seus arrojos de fatuidade, reconhecendo que a prisão durava mais de trez mezes, atreve-se a pensar que não é um constrangimento illegal e iniquo e que, no caso de julgar-se o cidadão opprimido em seus direitos, requeira a *nós como paes da patria, guardas dos direitos*, e então lhe daremos soccorro.

Os sophistas em Athenas invejajariam este surto!

A prisão ficou manifestamente julgada acto de injustificavel arbitrio

e despotismo do ministerio que governava o paiz, (aspirando possuir os direitos da liberdade moderna e as garantias constitucionaes) ainda segundo as praxes do regimen antigo. Tudo isso se fazia por ordem de José Bonifacio, prodigo em expedir portarias e em mandar abrir devassas geraes. Não havia symptomas de conspirações, que déssem, siquer, a taes actos de violencia e de oppressão, as apparencias da necessidade de manter e salvar a ordem publica. Esses actos, de um despotismo parvo e de quixotismo, procediam já do temperamento irritado e da preoccupação de lobrigar, por toda parte, carbonarios, republicanos e conspiradores; já das intrigas e dos odios da gente que fórmava o *consistorio privado*, composto do portuguez José dos Cacos, dos brazileiros Orelha e Miquelina, do hespauhol Lafuentes e doutros, que intrigavam e influiam no animo do prepotente ministro, o qual imitava os gestos imperiosos, a attitude imponente, as portarias perversas do truculento conselheiro de el rei d. José.

As prisões estavam cheias de cidadãos brazileiros e portuguezes. Na casa do Parlamento succediam-se petições, reclamando pela liberdade dos perseguidos: ora os brigadeiros Nobrega Coutinho e Moniz Barreto; ora o jornalista portuguez Soares Lisbôa, intrepido luctador da Independencia e muitos outros pediam soccorro. Entre elles nota-se um certo Gama, encarcerado no Recife e na Assembléa, defendido pelo deputado Lopes Gama, (visconde de Maranguape). Todos elles eram victimas da policia do gabinete de 16 de janeiro.

Releva lembrar que estes factos se passavam á revelia do Imperador, que deixava ao seu ministro acção completamente livre no meneio do machinismo administrativo. O Imperador amava o poder absoluto; mas, como era dotado de caracter franco, altivo, impetuoso, não se comprazia com os enredos do absolutismo; queria ser obedecido; mas aborrecia o papel de perseguidor. O seu ministro, porém, nutria-se de todas as minudencias e tricas duma politica suspeitosa e, ás vezes, feroz.

Urge observar que tal era o estado do terror *andradino* que a propria Assembléa, que viu prezo o deputado Costa Barros, hesitava em apurar a crise que affligia a população. Ainda os mais ouzados representantes, como Alencar, padre Dias, Carneiro da Cunha, mostravam-se comedidos. O terror, até debaixo do tecto legislativo, vagava de sorte que arrancava aos legisladores as seguintes expressões— «si aquelle que primeiro pegou da penna para defender os nossos direitos, é no tempo em que existiam as baionetas d' Avilez, nesta côrte é assim recompensado, invadindo-se e profanando-se o sanctuario na casa para o assassinarem mesmo no seio de sua familia, como se póde esperar que outros sejam poupados ?...

«Eu pretendia falar disso; hesitei e desisti do meu intento. O terror domina sob a protecção poderosa do ministerio, terror como foi, em França, no tempo de Robespierre. Onde se praticam semelhantes attentados não ha segurança individual. Como poherei eu, deputado, dar livremente e sem receio, o meu voto, quando vejo um escriptor, só porque emitte suas opiniões com mais liberdade e franqueza sobre negocios politicos, por tal fórma atacado ! Si emfim todos os que votavam aqui a favor da anistia já mereceram o titulo de desorganisadores !... Uma especie de terror se apodera de todos ; receiam-se os *espiões* e sabe-se que as masmórras estão cheias de victimas innocentes...» (3).

Não se attribuiam a d. Pedro esses actos de rigor e de violencia, mas tódo mundo sabia da cega e profunda confiança que o Imperador depositava em seu ministro. Assim, a Constituinte não ouzava nem tomar contas, nem atacar o ministerio e parecia prostrada e entorpecida ; não era, de certo, uma Assembléa capaz de assoberbar os perigos duma crise.

Quem ler, com attenção, os debates parlamentares, não conhecendo a série das perseguições da policia *andradina*, naturalmente pergunta «si, no recinto da representação nacional, não havia a coragem civica, ou ao menos a consciencia indignada do dever, para stygmatizar tantos desatinos.»

Os deputados conheciam esse deploravel estado de coisas; quasi todos sentiam se lhes gelar a vóz nos labios. Bem raros se arriscaram a romper, com prudencia e reservas, o silencio, como Alencar, que reclamou pela liberdade do collega cearense. Donde vinha esse temor ? E' facil de atinar com as origens. Em primeiro logar, a nação, educada no antigo regimen, ainda não tinha perdido os velhos habitos ; não tinha adquirido ou exercido a força, que dá a consciencia das novas idéas. A nação via em d. Pedro o herdeiro legitimo da monarchia tradicional e temia e o respeitava, como os avoengos prostrados perante d. João V, ou d. José.

O ministro do rei era olhado, sinão como a sombra de sua pessôa, qual o instrumento de *seu bel-prazer*. Si d. Pedro inspirava esse pavor da monarchia, José Bonifacio, seu ministro e mentor, representava aos olhos de todos a truculenta imagem do marquez de Pombal, que, em portaria, classificava crime — o criticar o ministro de s. magestade, pensamento que José Bonifacio reproduziu tambem numa de suas portarias. Esse crime era classificado na categoria de léza-magestade e punido pelo tremendo alvará de 1818, que a todos apavorava.

Em segundo logar, a inexperiencia do poder parlamentar para reduzir o executivo (então armado de todas as faculdades) á justa e limitada esphera de suas attribuições. Em terceiro logar, nenhum dos constituintes concebia a idéa de ser anxiliado pela opinião publica para expulsar do Governo o ministro arbitrario, que, na carencia de Constituição decretada, não tinha, ao menos, o pundonor de respeitar a lei moral e os deveres humanitarios, cuja observancia já era exigida pela philosophia e pelos costumes da civilisação do principio do seculo XIX.

A respeito do requerimento de Araujo Lima, as commissões de poderes e legislação deram o seguinte parecer : «que não se descobre na dita resposta do deputado Costa Barros objectos que exijam providencias, nem ellas são positivas e regularmente pedidas e que quando algumas providencias demandassem as circumstancias em que se figura o dito deputado, não são da competencia da Assembléa.»

Não vale a pena perder tempo em decifrar esta charada. Não ha neste parecer nem criterio, nem sciencia ; sómente confirma a incapacidade e inexperiencia e o medo da Constituinte ; todavia, produziu o almejado exito. A Camara deliberou officiar ao Governo, pedindo que soltasse Costa Barros, o qual, livre da prisão, compareceu ás sessões legislativas. Assim terminou o primeiro conflicto entre os dois poderes rivaes, conflicto em que o legislativo representou um papel muito secundario, o que prova a preponderancia do executivo na primeira phase da vida constitucional da sociedade brazileira.

Esse caso Costa Barros não é unico; multiplicam-se durante o ministerio de 16 de janeiro ; as devassas da policia encheram os carceres de infelizes cidadãos, victimas dos espiões policiaes, *adestrados operarios da obra da liberdade constitucional, que a dynastia andradina queria fundar para felicidade da patria*.

Não haverá um só dos nossos leitores que, tendo ouvido a *lenda* do patriarcha e tendo sido educado na veneração religiosa do seu nome, não diga, repassado de surpreza, vacillante de duvida : «nunca pensei que o governo de José Bonifacio fôsse aquillo que documentos historicos irrecusaveis demonstram que foi.»

E', sem duvida, certo que a crúa realidade muito se differença das se-

ductoras ficções creadas pela imaginação, essa fallaz historia, que, nos illudindo desde a juventude, nos acompanha até ás horas amargurosas da velhice !...

O caso Costa Barros põe, ante os olhos da posteridade, o periodo angustioso que o povo brazileiro atravessou, tendo feito supremos esforços para fundar, com a Independencia, a liberdade civil e politica, e tendo tido a desgraça de ser governado por um principe desejoso de fazer o bem, mas inexperiente na sciencia do Governo, e por um ministro, que, sabio naturalista, pensava que o governo dos homens não se differençava da classificação das materias inertes, sem vida, sentimento, vontade, aspirações e idéas.

Costa Barros foi prezo por méra suspeita de conspirar, ou, antes, por criticar a inepta politica do ministro ; é membro da Constituinte ; fica tres mezes retido no carcere ; depois d'alguma discussão no parlamento e reclamação deste, o poder executivo manda pol-o em liberdade. Tudo isso começou ameaçador, como uma sentença de morte por causa do alvará de 1818, e acabou qual ridicula e insensata comedia. Tudo isso mostra que as conspirações não passavam de coisas imaginarias, ou que o regimen de governo do primeiro ministerio não foi sinão a continuação, o prolongamento do despotismo da mouarchia tradicional e que José Bonifacio administrou o Brazil dessa epocha da mesma sorte que Manique dirigia os negocios publicos de Portugal : a mesma incapacidade, o mesmo arbitrio, a mesma deficiencia de senso moral, a mesma inconsciencia da justiça, a mesma violencia contra a liberdade.. Entretanto, as gerações que succederam á da Independencia, o proclamaram o fundador da liberdade no Brazil ! ! !

Resta saber si as gerações novas, esmerilhaudo conscisa e minuciosamente os factos, renunciando o direito de pensar por conta propria, se submetterão a crer estupidamente nas mentiras creadas e propagadas pela ignorancia de muitos e pelo calculo de poucos. As gerações novas não precizam empunhar o instrumento do iconoclasta ; basta que examinem e estudem os factos em sua realidade com critica e imparcialidade, sem o delirio dos enthusiasmos.

Ora, si assim procederem, não passarão pelas ignominias daquelles que abdicam a independencia da razão, que é um dos mais bellos titulos que nobilitam a consciencia do genero humano. Não embeberão o esplendor da verdade nas trevas do erro. Demais, para que serve a uma nação, que ama ser livre e forte, converter as miserias do passado, os horrores do despotismo em fasto nacional ?

Na infancia dos povos, os poetas pódem inventar poemas que engrandeçam figuras homericas e glorifiquem heróes pindaricos. Os historiadores, porém, nos tempos hodiernos, são sacerdotes do culto da justiça, da razão e da verdade.. Estudemos o nosso venerando patriarcha tal qual foi, agitando-se no *meio* social em que viveu; trabalhando com um povo não preparado pela mão pujante e prodigiosa da civilisação. E' escusado metamorphozeal-o; cumpre exhibil-o em sua figura humana, esforçando-se no labor patriotico sem que lhe apregoemos as raras virtudes e os portentos do genio ; sem que lhe exaggeremos os erros e males, os actos de iniquidade e perseguições de seu governo, que, na verdade, foi infecundo, destituido de luminosas concepções do estadista, que, por um trabalho intelligente, sabe crear a illustração, manter a grandeza, incrementar a opulencia e dar á sua patria força, poder, liberdade e gloria.

O patriarcha, despido do manto de luz que a *lenda* lhe poz nos hombros, reduzido a proporções humanas, não deixa de ser um dos brazileiros dignos da veneração sincera das novas gerações, que preferem a justiça e a verdade ao fanatismo musulmano, avolumado pela insania e subserviencia.

A Camara Constituinte reuniu-se e trabalhou sob o ministerio, que não soube adestral-a nem lhe imprimir direcção e que, pelo contrario, lhes absorveu o tempo esterilmente nas questões suscitadas por causa dos effeitos das portarias, das devassas ; por causa das perseguições dos Manique ministerial. A Camara, inexperiente, não era só incapaz de dirigir-se por iniciativa propria ; via-se, ainda mais, coacta e atordoada de pusillanimes desconfianças a tal ponto que um dos deputados declarou (no discurso supracitado) que temia dizer o seu pensamento e dar o seu voto, porque os *espiões* farejavam até no proprio recinto legislativo e atacavam os representantes do povo na imprensa official com evidente consentimento do gabinete.

Era esse o sentimento geral que entorpecia a Assembléa ate 17 de julho, quando inesperadamente fôram expulsos do poder os irmãos Andradas. A Constituinte parecia então respirar livre do terror que a confrangia e a população deixou de ser victimada, como tinha sido desde 16 de janeiro de 1822. Os trabalhos legislativos começaram a ter outro desenvolvimento. Novos projectos, que comprehendiam os interesses publicos, fôram apresentados e discutidos com calma e discernimento. O grupo dos intellectuaes, no meio das mediocridades da maioria, animou-se a tomar parte mais activa no desempenho de suas funcções legislativas. O novo ministerio, comquanto não tivesse, siquer, as apparencias de representar as idéas e a voutade do parlamento, foi, todavia, bem acceito, mesmo porque livrou a todos os representantes do funesto terror *andradino*, que empeceu a regularidade dos trabalhos durante os primeiros mezes. O novo ministerio fez um grande serviço, tomando a judiciosa deliberação de acabar com as devassas, obrigando a conter-se dentro das raias da moralidade, do respeito ao direito, e a despedir os *vigias seguros*, que José Bonifacio tanto recommendava ao intendente.

Não houve mais sombra das imaginarias conspirações de republicanos.

Os Andradas, expulsos do gabinete, ficaram despeitados e, nutrindo contido rancor, voluntariamente exilaram-se do recinto da Cadeia-Velha, onde não podiam, agóra, simular prestigio e dominio. José Bonifacio requereu licençar para auzentar-se da Côrte, onde continuou a permanecer. Mais tarde, o conflicto dos militares com o boticario do largo da Carioca, o fará voltar á Camara e, com os irmãos e alguns amigos, explorará aquelle conflicto e o converterá numa provocação — impotente represalia da demissão que o nullificára, privando-o do exercer o governo do Estado, como verificaremos na successão dos acontecimentos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide Hallam, Macaulay, E. May, etc.

(2) *Diario da Camara*, vol. I, sessão de 6 de maio.

(3) Vide o *Diario da Camara*, vol. 2º, pag. 25, sessão de 9 de junho.

O ALMIRANTE (73)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

Dominada por uma languidez invencivel, Hortencia estirou-se no divan de couro da Russia; a formosa cabeça pendeu nas almofadas do espaldar, deixando-lhe em relevo o pescoço, o collo, a curva dos seios opulentos ; os cabellos, desfeitos, escorreram lentamente pelas costas do movel, exálando uma suave emanação de mulher vigorosa, um suave cheiro ligeiramente acre, feito de essencias mysteriosas em que se confundiam perfumes de rosas seccas, de madeiras resinosas, das preciosas pelles que se comprimiam á pressão do corpo em abandono, e se modelavam em ampolas lustrosas, em rugas am-

plas a scintillarem ao reflexo parado da tenue lampada. A bocca entreaberta na attitude de uma palavra interrompida, deixava passar o tenue ruido do halito morno ; as palpebras, franjadas de longas pestanas, se cerraram pesadas ; o seio arfava imperceptivel numa placidez de somno infantil.

Impressionada pelo silencio, a marqueza ergueu-se, approximou-se cautelosa ; expreitou por uma prega da cortina entreaberta e sentiu-se empolgada de maternal ternura ao espectaculo daquelle grupo suggestivo, esfumado na penumbra do aposento.

—Pobresinha ! — murmurou ella— Dorme.. Como é bella !... Eu velarei por elles.

E volveu tremendo de commoção, ao seu posto de carinho, de solicita sentinella na ampla poltrona, immersa na sombra.

Cerca de meia hora depois, Oscar despertou estremunhado, ergueu-se a meio sobre o leito, olhou em torno numa ancia de se certificar da realidade das coisas estranhas, confusas, povoando o ambiente, como phantasmas, de um prolongado somno de enfermo e fixou deslumbrado olhar na figura de Hortencia, adormecida em sensual abandono, suscitando-lhe no cerebro conturbado a reconstrucção dos factos, lentamente, aos pedaços, como si sobre elles houvesse passado um longo periodo de agitação em que as paginas de suas recordações fôssem dispersas por um sopro de olvido. E, á proporção que se concatenavam os incidentes, á medida que se clareavam os pormenores obscuros daquelle rapido trecho de existencia, a duvida se desdobrava em estupefacções ante a realidade inverosimil; desfaziam-se de novo os frageis élos da trama de sua memoria, concentrando-se todos os seus sentidos na contemplação da creatura adoravel, alli junto, ao alcance dos seus labios caldeados numa febre de volupia, arquejantes na tentativa de um beijo que não ouzavam dar, o beijo que signalaria os seus direitos de esposo.

Como si lhe crestasse as faces o halito quente de Oscar, Hortencia desviou o rosto, murmuron algumas phrases imperceptiveis, que lhe surgiam dos labios entre suspiros, no tom dolente de um vago queixume, espreguiçou-se num movimento felino e tombon de novo em seductor desalinho. O rosto do enfermo se tornou rubro ; as temporas lhe latejavam ; os olhos se lhe toldavam e, num esforço violento, desordenado, elle estendeu, tacteando, as mãos hirtas para abraçal-a.

A marqueza ouviu um grito de soccorro, correu para a bibliotheca e deparou-se-lhe a scena horrivel de Hortencia a se debater nos braços de Oscar, agitado numa lubricidade de satyro.

— Guilinha ! Guilinha — bradava Hortencia, defendendo-se com esforço herculeo dos beijos devoradores...

—Oscar, Oscar !—exclamou a marqueza, cortada de pavor. Que é isto, meu filho ? !...

Oscar murmurava offegante palavras incomprehensiveis, mantendo a moça preza pela cintura e buscando-lhe, numa ancia louca, as faces lividas de pavor. Num movimento violento, ella se libertou do seu amplexo feróz e atirou-se exanime sobre o leito.

—E' o delirio, o delirio !—exclamou Hortencia, concertando as vestes e procurando abrigo junto da marqueza —Oscar enlouqueceu...

—Não, não é possivel ! Que fazer, que fazer ?...

E a marqueza se approximou do enfermo, tomou-lhe as mãos, palpou-lhe a fronte, encostou-lhe o ouvido ao coração, que se movia em pulsações lentas, espaçadas, como si lhe fugisse rapidamente a vida, exgottada naquella explosão apaixonada.

—Vamos, coragem, minha filha— recommendou a marqueza, com extraordinaria firmeza, animada pela esperança de vencer aquella crise—Vamos váe chamar alguem, váe ver si o medico já chegou : é a hora da visita... Eu ficarei velando por elle; váe, váe...

Hortencia obedeceu e voltou poucos momentos depois com d. Eugenia e Marianninha, cortadas de susto, acompanhadas pelo fiel creado.

—E o medico ? — perguntou a marqueza, anciosa, a prescrutar no semblante livido de Oscar os vacillantes signaes de vida.

—Não deve tardar— respondeu Marianninha, tranquillisando-a — Não tenha receio, isto passará ; foi uma allucinação... Coragem ! Ouço o rodar de um carro...

Era, com effeito, o medico, que momentos depois entrava no aposento.

—Que aconteceu — inquiriu elle, examinando calmo e sereno o enfermo — Socegnem ; não ha motivo para tamanho susto — o nosso almirante está muito fraco, vamos reerguer-lhe as forças...

E escolhendo entre os medicamentos arrumados sobre a meza, o doutor preparou uma dóse de calmante, que entornou nos labios entreabertos de Oscar.

—O caso é grave — continuou o medico, observando-o attentamente — mas não é desesperado... E a senhora — continuou elle, voltando-se para Hortencia — tão forte, tão energica, de uma intrepidez que fazia honra ao seu sexo... Que foi isso ? Como desanimou de repente ?...

(Continúa)

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

O Club Internacional de Xadrez, dissidente do Club de Xadrez de S. Paulo, installou-se no dia 1º do corrente mez na Galeria de Crystal. Já conta 61 socios e a sua primeira directoria ficou assim constituida: presidente, dr. J. E. Macedo Soares ; vice-presidente, dr. Vicente Guilherme ; secretario, José Alves de Araujo ; thezoureiro, Luiz Vasconcellos ; 1º dirigente, Salvador Mellilo ; 2º dito, Paulo Jerosch ; commissão de finanças, Octaviano Motta, J. Motta e José Neves Lobo.

***

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

A série de partidas jogadas no Café da Regencia, em Paris, entre Janowski e Taubenhaus terminou a 2 de janeiro. Janowski ganhou as tres primeiras partidas ; a quarta foi empate ; Taubenhaus ganhou a 5ª e a 6ª. Resultado final :

Janowski.....	3 1/2 pontos
Taubenhaus	2 1/2 »

— A 16 de desembro ultimo realizou-se em Londres, no Café Mecca, um *match* entre os condados de Surrey e de Kent com 50 jogadores de cada lado. O campo de Kent alcançou a victoria por 27 partidas contra 23.

— Annuncia-se para julho, em Nuremberg, um grande torneio em muitos turnos, no qual tomarão parte os 15 maiores jogadores do mundo.

— Em janeiro começou em S. Petersburgo o 4º torneio russo.

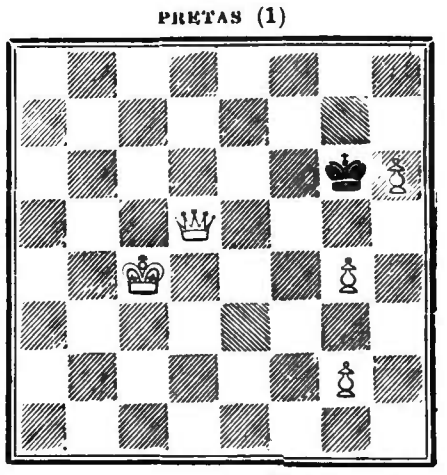
— O torneio annual entre as 4 universidades americanas Columbia, Harward, Princeton e Yale, foi ganho por Harward. Estes torneios se realizam com 4 jogadores em cada campo. Desde 1892 já se effectuaram 14 : Harward ganhou 9, Columbia 4, Yale 1 e Princeton 0.

***

PROBLEMA N. 40

A. G. Corrias

PRETAS (1)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

***

PARTIDA N. 42

(Jogada a 19 dezembro de 1905 no Café da Regencia, Paris)

PARTIDA DOS TRES CAVALLOS

Brancas (Janowski)		*Pretas* (Taubenhaus)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
C 3 B D	— 3 —	B 5 C D (*a*)

B 4 B D	— 4 —	P 3 D
C 2 R	— 5 —	C 3 B R
C 3 C R	— 6 —	B 3 R (*b*)
B 3 C D	— 7 —	B 4 B D (*c*)
Roque	— 8 —	D 2 D (*d*)
P 3 B D	— 9 —	Roque T R
P 4 D (*e*)	— 10 —	P × P
P × P	— 11 —	B × B
P × B	— 12 —	B 3 C D
B 5 C R	— 13 —	C 1 R
C 5 B R	— 14 —	P 3 C R (*f*)
C 3 R	— 15 —	C 2 C R (*g*)
C 5 D	— 16 —	P 4 B R
P 5 R (*h*)	— 17 —	P × P
P × P	— 18 —	D 2 B R
T 4 T D	— 19 —	C 4 T R
C 6 B R x	— 20 —	C × C
B × C	— 21 —	C 2 R (*i*)
C 5 C R	— 22 —	D 1 R
C × P	— 23 —	T 1 D (*j*)
D 1 B D	— 24 —	T 2 B R
C 5 C R	— 25 —	D 3 B D
D × D	— 26 —	P × D
T 4 T R	— 27 —	T × B
P × B	— 28 —	C 4 D
P 7 B R x (*k*)	— 29 —	abandonam

(*a*) Uma transposição de lances com 3... C 3 B R, que devia ser jogado neste ou no lance seguinte.

(*b*) Lance inferior, a menos que as Brancas não troquem os B, lo que não se podia esperar de Janowski na posição presente. Um dos C brancos irá a 5 B R e difficil será desalojal-o. As Pretas podiam procurar simplificar a posição por 6... C × P; 7 — C × C, P 4 D.

(*c*) Em logar de perder um tempo com este B, melhor seria preparar ao B, por 7... P 4 D, uma retirada mais favoravel que 3 C D.

(*d*) Aqui para ameaçar com o avanço dos piões do centro, 8... C 5 C D era melhor.

(*e*) Começam um vigoroso ataque que é conduzido até ao fim sem a menor interrupção.

(*f*) 4... P 4 D não póde ser jogado por causa de 15 — C 5 R, C × C; 16 — P × C com vantagem.

(*g*) 15... C 2 R ou 15... P 3 B R comparativamente era melhor.

(*h*) 17 — C 6 B R x, T × C; 18 — B × T, P × P dava ás Pretas uma compensação pela troca. Janowski acaba a partida de uma maneira mais artistica.

(*i*) Si 21... P 3 T R, 22 — T 4 T R, ao qual não ha nenhuma resposta satisfactoria.

(*j*) Si 23... R × C; 24 — T 4 T R x, R 1 C; 25 — D 2 D, T × B; 26 — P × T, etc.

(*k*) Bella partida da parte de Janowski. (*Notas de Hoffer.*)

***

Tacito & Lipman. — Recebemos e agradecidos. Publicaremos no proximo numero.

***

Solução do Problema n. 39 (*A. Fraisé*): R 6 R.

José Getulio.

As officinas dos « Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

***

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

VISÃO INTERIOR

D'Ella, de minha amada, airosa creatura
Por quem ardente, na alma, o meu amor perdura,
Da luz de seu olhar, serenamente doce,
Tão limpido, a brilhar, qual se de um anjo fôsse ;
Do sorriso sem par que os labios lhe clareia
Como a estrella que á noite, ao longe bruxoleia ;
D'Ella nem uma só recordação me veio
Jámais illuminar a noite em que tacteio...
De sua alma eu indago a tudo quanto existe...
E desde o olhar humano á solidão mais triste,
Quer na luz da manhã, quer no fundo infinito
Não encontro o clarão do sol que busco afflicto..:

Pela selva cheirosa embrenho-me sem medo,
E em seu rumor procuro entender o segredo
Que parece existir por toda a natureza
Immergindo este amor numa vaga incerteza...
As arvores, porém, ao redor silenciam,
E o ninho que balouça, as auras que cicíam,
O rio que serpeia entre os cardos cheirosos,
Sobre meu Doce Amor se quedam silenciosos !
Amargurado, então, fitando a immensidade
Com vehemencia interrogo:—O' céos, será verdade
Que daquella a quem amo eu saberei jámais ?—
E, na augusta amplidão morrem meus tristes ais !...

Olho em volta, e, ancioso, o grande mar, além,
Ergue o dorso e suspira alanceado tambem,
Sacudindo no espaço um turbilhão de espumas,
Que depois se desfaz em vaporosas brumas.
Acaso, ó meu irmão no occulto soffrimento,
Pergunto, não trarás á minha alma um alento ?
Ah ! quem sabe ?. Talvez pelo esconder do sol
Lá pela extensa praia, envolta no arrebol
Da luz que se escondia, Ella tenha exhalado
Um saudoso suspiro, em vaga transformado...
E por isso minha alma anceia recolhendo
O solemne fragor das ondas se estorcendo...

Emfim, ao sol, ao mar, como á selva cheirosa
E tambem á mansão siderea e magestosa,
Suppliquei uma só, mesmo vaga noticia
D'Essa que foi a luz, suavidade e caricia
De uma phase feliz e por isso fugaz.
Mas, um silencio em tudo infundiu-se tenaz !
Então dentro em minh'alma, inebriante de amor,
— Qual se acaso num sonho eu me visse transpor
A' longinqua extensão que agóra nos separa —,
O seu vulto gentil, de expressão nobre e rara
Appareceu risonho, encantador e terno,
— Como um sol deslumbrante após um longo inverno !...

Rio — 1906.

Pompilio dos Santos.

ANNO III — Rio de Janeiro, 22 de Março de 1906 — Num. 74

ASSIGNATURAS
ANNO... ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os meritissimos juizes criminaes, desilludidos de restaurarem a instituição do Jury pelos meios humanos, cumprindo á risca a lei, acertaram de recorrer á consoladora illusão da intervenção divina, restituindo á sala das sessões, como symbolo de monstruosa injustiça dos homens, a doce imagem de Christo crucificado, varrida dos infectos saguões, dos quartos baixos de pardieiros escuros, pelo tufão revolucionario, de envolta com os emblemas imperiaes, com o nome das ruas, o nome dos institutos, das estradas de ferro... tudo quanto pudesse perpetuar a memoria da dynastia de Bragança, enxertada em terras americanas.

Era certamente um poderoso instrumento de suggestão benefica, para os homens simples, incumbidos de julgar os seus semelhantes, a figura de Jesus, immolado aos duros textos da lei pela intolerancia dos pontifices, pela cobardia do poder civil; ella relembrava o tredo crime da condemnação de um innocente, o facto mais commovente da historia humana. Mas aquella figura de consolação, de paz, de amor, tinha força moral, tinha prestigio divino, no tempo em que os jurados, repetindo a velha fórmula sagrada, promettiam ter deante dos olhos Deus e a Lei: hoje, nestes tristes dias republicanos, elles arriscam, apenas, a sua palavra de honra, sem raizes na consiencia, tendo deante dos olhos a rachitica pessôa de um cidadão especialista emerito na organisação de conselhos de sentença, cegamente propensos ás absolvições inconsideradas.

A santa imagem poderá volver ao recinto dos tribunaes por deliberação de alguns juizes piedosos, ou como simples objecto de ornamentação; não conseguirá jámais o almejado effeito de regenerar a instituição, deturpada, corrompida na sua essencia, na sua fórma pela falta de civismo, pela indifferença ao cumprimento de deveres que, constituindo suaves meios de vida, passaram para a ordem das maçadas classicas nos actuaes costumes administrativos, em toda a hierarchia politica, desde os mais humildes até aos mais eminentes depositarios do poder publico.

O tribunal do jury, como outras instituições democraticas, foi envolvido por uma onda de desidia, um fluxo de pantano, crescendo lentamente, alastrando inexoravel, demolidor, dissolvendo o cimento secular de tradições veneraveis.

E, para regeneral-o, para restituil-o á funcção salutar que lhe foi consignada como peça essencial da organisação juridica, basta chamal-o ás rigorosas fórmas legaes, basta cumprir as disposições que presidem á organisação das listas de jurados, basta tornar effectiva a sancção repressora dos abusos que chegaram ao excessivo escandalo de constituirem a normalidade, tornando repugnante o exercicio do cargo de juiz popular.

Não exaggeramos: o brilhante relatorio do sr. delegado Cyro Costa é uma prova irrecusavel.

Os cidadãos *cavadores* da vida com o proprio esforço, empenham todos os meios de libertação dessa maçada, porque não pódem perder em trabalho gratuito o tempo precioso; além disso, elles perderam a fé no jury, como perderam a confiança no processo eleitoral, no processo administrativo, na acção regular e patriotica de todo o apparelho politico, entregue ás paixões, aos interesses subalternos, aos caprichos occasionados da politicagem, dominadores absolutos, sem freios salutares.

Não figuram nas listas dos jurados medicos, bachareis, a graude massa exhuberante de lettrados postos em circulação pelo relaxamento dos canaes depuradores da capacidade, pelos filtros do ensino publico reduzido a uma torpissima mercancia de sciencia; não figuram nomes proeminentes, nomes de respeitavel destaque nessas listas organisadas por funccionarios incompetentes, talvez irresponsaveis, cujas vistas se dirigem de preferencia para a chusma do eleitorado e cáe em cheio sobre a classe dos funccionarios publicos, para os quaes o trabalho do jury equivale a um delicioso suéto de quinze dias.

Reformas meticulosas realizaram-se inutilmente; véem umas sobre as outras, com essa impaciencia, com esse frenesi demolidor, que não espera as experiencias completas, o amadurecimento dos fructos para lhes aquilatar o valor real. Essas reformas são leis ottomanas, ficam no papel; não são cumpridas, não são respeitadas, e o virus da desidia váe continuando a sua obra funesta, devastadora, graças á tolerancia criminosa que aboliu o imperio da lei.

A imagem do Redemptor, pendurada na sala de sessões do jury, não fará o milagre de restaurar a machina que está fóra dos eixos, de dissolver os oxydos que lhe emperram as peças delicadas: será um objecto de profanação, um adorno restaurado pela impiedade, pela hypocrisia, impenitentes exploradoras das coisas sagradas.

Poupae a Christo esse vilipendio.

***

Pensam os radicaes que será mais vantojoso abolir a instituição do jury, como quem amputa um membro gangrenado.

Si adoptarmos esse remedio heroico, esse systema de mutilação para o saneamento de todos os galhos doentes da arvore da democracia, chegaremos, logicamente, á dura contingencia de podal-a pelo tronco. Não é sómente esse galho do jury que está estalando de pôdre: por toda a parte deparam-se-nos vergonteas fanadas,

ramos murchos á mingua de seiva ou asphyxiados pela herva de passarinho, como os cafezaes de S. Paulo, vegetação parasitaria que invadiu toda a flora administrativa e terminará por esterilizal-a completamente.

A instituição do jury não está menos desmoralisada do que a instituição do Congresso, que é uma vergonha, renovada friamente, hypocritamente, todos os tres annos, como um arsenal de instrumentos passivos do poder executivo! Assim como ha jurados que votam por sentimentalismo, por piedade inconsciente, por interesse sordido, ha congressistas, sem a minima noção da responsabilidade da sua eminente funcção, votando deliberações do mais elevado alcance social, inconscientemente, por incapacidade organica, por obediencia á disciplina partidaria, por submissão céga ás imposições dos interesses nefastos da politicagem, sendo menos prejudicial o effeito das absolvições escandalosas, do que o das leis absurdas, extorquidas ao servilismo. E ninguem pensa em supprimir o Congresso, que é um adorno apparatoso, uma ornamentação que nos custa rios de dinheiro para nos dar uma apparencia caricata de povo governado pelo systema democratico.

Nós não necessitamos de supprimir, de destruir para sanar males que teem resistido ás refórmas precipitadas—as frequentes refórmas levianas, desorientadas, ineptas: necessitamos apenas de cumprir as sabias leis velhas, as leis que modelaram a nossa feição definitiva de povo culto; necessitamos apenas de cumprir religiosamente a nossa lei organica, a cada passo infringida com desplante, a cada passo ludibriada, sem remorso, pelos nossos ineffaveis detentores do poder.

POJUCAN.

Segundo o original, devemos fazer as seguintes rectificações do artigo do sr. Sylvio Roméro, publicado no numero 72 dos *Annaes*.

Pag. 130, linha 28, onde se lê *irriquieto*, leia-se IRREQUIETO; linha 29, onde se lê *Candido* José Barata de Almeida, leia-se CYPRIANO José, etc.; linhas 30, 31, onde se lê numa das *escadas* do palacio, etc., leia-se numa das SALAS, etc.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

Para a determinação da longitude, levavamos tres chronometros de caixa.

Empregariamos o methodo do transportes da hora, que, quasi sempre, sendo os chronometros transportados a distancias consideraveis atravéz de um terreno accidentado, dá resultados disparatados.

O mesmo succede si vão em canôas subindo ou descendo rios correntosos e cheios de corredeiras, onde são frequentes os embates. O chefe era tambem um grande mestre, tão bom como o mais abalisado, e aconselhou-me o maior cuidado na conducção dos chronometros e mais ainda, si possivel fôsse, na planta até ao cerro Guái.

Tinha mais confiança, dadas aquellas circumstancias, nos resultados topographicos do que nos astronomicos.

E tinha razão.

Naquelle mesmo dia, o *tuicháua* disse-me:

— *Xaçô ne çui*. (*Vou de ti*) (*Trad. ao pé da lettra*).

Quiz detel-o para irmos juntos, mas debalde: a sua resolução era inabalavel. Deixou toda a sua gente e foi só com um filho.

Na manhã seguinte, puz-me em marcha com a minha expedição.

Como a demora ia ser de muitos minutos, fômos melhor apparelhados do que na primeira excursão.

No outro dia, chegámos á malóca.

O *tuicháua* recebeu-nos mais risonho e alegre do que costumava. Levou-nos logo ao tejupar, que tinha outro aspecto. Mostrou-me uma meza egual á nossa do Marary e os bancos de pashiúba que a rodeavam, as paredes tapadas com largas folhas de palmeiras *bossú*, inteiriças, e de quatro a cinco metros quadrados de superficie. Indicou com o dedo um pequeno rancho e disse:

—*Tembiúmunhangára cupê* (*Para o cosinheiro*); era egual ao outro do velho Ozorio, o nosso *cordon bleu*.

Lia-se na physionomia intelligente daquelle homem uma grande satisfação, que não sei si seria, sómente, pelo conforto que dava aos seus amigos e hospedes ou pelo desejo de mostrar-se tambem civilisado. Talvez fôssem ambas as coisas.

Aquelle indio era excepcional.

Ainda hoje o admiro, quando recordo com saudade os dias que passámos juntos. No meio inculto em que vivia, destacava-se de todos por sentimentos de fidalguia, que manteve sempre até ao fim.

Quando fômos a comer, sentou-se comnosco á meza, nú, como sempre andava, e nós em manga de camisa.

Fiz-lhe presente dum talher; era a primeira vez que ia deixar de comer com a mão; mas já tinha visto servirmos-nos delle.

Portou-se discretamente, cortando com a faca e levando á bocca o garfo como nós faziamos. Parecia mais civilizado do que um carro auxiliar que tive, o qual, depois de rebocar e alizar bem o feijão, alto como um cerro, enchia a faca até ao cabo e mettia-a toda pela bocca com risco de cortar a epiglotte.

Toda a indiada do Castanho era pagã. Resolvi baptizal-os a todos, inclusive o pagé.

Não podia cathechizal-os, demonstrando-lhes as excellencias do christianismo. Abstive-me de fazel-o.

Disse ao *tuicháua* que ia dar-lhe e á sua gente nomes usados por nós, para que não os escarnecessem, quando tivessem de descer ao Cassiquiare ou ao Rio Negro e dissessem que se chamavam jacaré, anta ou pica-páu.

—Os brancos, quando dão aos filhos os nomes, fazem-no em nome do seu tupan e lhe pedem para fazel-os bons e fortes—eu disse ao velho, muito attento.

Elle accedeu ao meu desejo.

Levei toda a tribu á margem do rio. Sobre cada cabeça derramei uma cuia cheia d'agua, proferindo as palavras sacramentaes: baptizo-te, fulano, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. A cada um repetia o nome que lhe acabava de dar; e dizia: si era Antonio, chamar-te-ás, d'ora em deante, Antonio. Si Maria, chamar-te-ás, d'ora em deante, Maria.

E Antonio e Maria e Joanna e todos retiraram-se para a malóca repetindo o mesmo nome.

Todos assistiam á cerimonia.

Os soldados olhavam respeitosos para aquella scena de solemne simplicidade. Cada um delles sabia que eu podia baptizar esses pagãos, que morreriam provavelmente sem nunca verem um missionario.

O *tuicháua* recebeu o nome de *Domingos*, porque era *domingo de ramos*.

Tendo concluido, voltámos ás nossas redes. Ouviamos dentro da malóca um sussurro de vózes.

Escutámos: eram os indios, que repetiam os seus nomes, para não esquecel-os. Nenhum veio a mim perguntar pelo seu.

Parecia-me que todos aquelles filhos da floresta me estimavam, porque me falavam sorrindo e obedeciam contentes e lestos ás minhas ordens. E' verdade que eu os tratava carinhosamente; havia curado o filho do *tuicháua*, e falava como elles o *nheengatú*.

No dia seguinte, o Jardim e o Aguiar fôram para o alto do cerro Guái, acompanhados de toda a gente e do pagé. Deviam fazer uma grande der-

rubada no cume para descortinal-o e permittir as observações astronomicas. Pedi ao Jardim que mandasse um proprio avizar-me, quando fôsse conveniente a minha ida.

Fiquei na malóca com o velho Osorio, adoentado, e o meu camarada. O *tuichána* tambem ficou.

Emquanto faziam a derrubada, eu observava alli para angulo horario e latitude.

Era notavel o numero de *uainambys*, beija-flôres, que esvoaçavam sugando o doce licôr dos pistillos envoltos nas alvas corollas dos ingareiros, que pendiam á beira do rio. Cada qual tinha mais brilho, colorido mais vivo e scintillava mais dourado ao reflexo do raio do sol. O Stradelli era especialista na preparação de passaros, tinha na sua reduzidissima bagagem, thesouras, escalpellos, curetas para extraír cerebros, olhos de todos os matizes, azues, pardos, vermelhos, amarellos, verdes e negros, e uma grande lata cheia de sabão arsenical e muitos arames para armar as peças.

Havia me feito presente de um bello *japiy* empalhado na posição de abrir o vôo, e eu desejava levar-lhe muitas daquellas lindas avesinhas, que elle apreciaria.

Quando mostrei ao *tuichána* desejo de possuil-as, foi á malóca e voltou com a zarabatana e um carcaz de flechas muito finas e envenenadas. Os passarinhos eram ariscos e não o deixavam approximar-se.

De longe mesmo, o velho ia flechando um a um, nos rapidos adêjos, sem errar uma só vez. Era um atirador emerito.

Elogiei a sua destreza ; passou-me a zarabatana para que atirasse tambem.

Tentei e errei ; ensinou-me a fazer a pontaria pela alça de dente de cutia e pela bocca da arma, e errei ainda.

Prometteu-me fazer, elle proprio, uma zarabatana para exercitar-me.

Tudo naquelle homem me interessava e attraía.

Caçou muitos beija-flôres, tirou-lhes os intestinos e pôl-os a seccar.

Convidou-me para dar um passeio ao *cupichána* (*a roça*), que estava perto.

Era uma extensa plantação de mandióca, onde cresciam tambem ananazes e cubios, carás e bananeiras e outras plantas.

— *Reçarú xinga ixê*. (*Espera-me um pouco*) Entrou na matta, subindo um dos cerros do Abio e demorou-se pouco. Voltou com os espiques delgados e longos de duas palmeirinhas, que teriam, quando muito, cinco centimetros de diametro e uns tres metros de comprimento.

Era a palmeirinha com que fabricam, naquellas regiões, as zarabatanas, e muito abundam na serra divisoria.

Assisti até ao fim á fabricação da minha.

Cortou os dois espiques do mesmo tamanho e alizou-lhes a superficie, regularizando-a o melhor que pôde.

Furou a maior na direcção do eixo com um páu cylindrico muito duro e longo, que fazia gyrar com as duas mãos. Brocou-a toda até que ficasse bem tubulada. Enrolou a mais fina com tiras de cipó-imbê e, com grande difficuldade, introduziu-a toda na mais grossa.

Com uma broca mais fina, tubulou muito bem a outra, até ficar a parte interna lisa e polida como um cano de espingarda sem estrias. Adaptou a uma das extremidades um bocal de madeira com a fórma tronco-conica e na outra poz cêra de abelha com breu para fechar o vasio entre os dois cylindros. No meio mais ou menos e na direcção do eixo, poz uma alça de mira feita de um dente de cutia longo e curvo untado numa mistura de breu e cera.

As zarabatanas são geralmente revestidas de laminas de jacitára, enroladas obliquamente. A minha não tinha isso. O *tuichána* pintou-a de vermelho com tinta de urucú. Fez-me tambem um carcaz muito bonito com uma grega no bocal, pintada de preto, e encheu-o de flechas cujas pontas aguçou, cerceou e bezuntou de *uirary*, envolvendo a outra extremidade num flóco de seda de sumahuma em fórma de fuso.

Concluido, fez-me presente de tudo, que eu conservei por muitos annos até perder-se como outras coisas mais, em consequencia das minhas viagens. Quiz que lhe désse em troca o meu revólver.

—Não te dou porque quando gastares todas as balas, não te servirá mais.

—E como te arranjarás — retorquiu — quando se acabarem as *uiuamerins* e o *uirary* que te dei ?

Sorri, bati-lhe no hombro e prometti dar-lhe uma espingarda.

Logo que o Jardim me avizou que a derrubada do Guái estava já muito adeantada, parti.

Fomos em canôa pelo Castanho acima até á base do cerro banhado por elle. A subida foi das mais fatigantes, era ingreme a picada aberta quasi em linha recta do sopé ao cume. A encosta de argilla vermelha escorregava como sabão. Mais de uma vez, deslizei cerro abaixo até agarrar-me num galho ou num cipó. Quando chegámos ao alto, veio ter commigo o pagé e perguntou-me si iamos fazer alli alguma roça. Respondi que não.

—Como então mandaste derrubar todas essas arvores, si não váes plantar ? Desço já porque não quero que o Cunepira me fleche.

E foi-se o meu bom compadre, cujos filhos todos eu havia baptisado.

O *tuichána* presenciou a scena e, por sua vez, perguntou-me para que eu cortára a matta.

Disse-lhe que tinha ido cumprir ordens do meu grande *murmchána*, que me havia mandado alli, ao cume do cerro Gúai, para olhar para o sol, a lua e as estrellas, de mais perto e pedir a Tupan para dar muita caça ao matto, muito peixe aos rios, muita fructa ás arvores, muita força á terra, para que désse a mandióca muitas raizes e ás bananeiras muitos cachos.

Quíz saber si elle e os seus não soffreriam alguma maldade do Cunepira, por ter permittido tanta derrubada nas suas terras. O Cunepira, disse elle, não quer que se estraguem as mattas, que lhe pertencem e onde vive.

Tranquillizei-o, dizendo que o Cunepira era o guarda dos mattos, mas que o dono era Tupan, mais poderoso do que elle e muito amigo do Imperador. O velho parecia não acreditar muito uaquella conversa, mas convenceu-se quando lhe disse que, si eu estivesse alli fazendo coisas contra a vontade de Deus, não teria tido o poder de curar o seu filhinho. Dormiu comnosco e, no dia seguinte, desceu deixando-nos quasi toda a sua gente.

Foram frias as noites do Guái, que passámos sem abrigo e açoitados por um vento, que soprava sempre. Estavamos a cerca 800 metros acima do nivel do mar.

Havia bastante caça, mas a agua estava longe, numa quebrada, e não tinhamos vasilhas para guardal-a. Era preciso ir bebel-a na nascente dum ribeiro crystallino e abundante. O *tuichána* sabia disso e mandou-nos duas enormes *cuiambúcas* amarradas pelo gargálo em cordas de *curauá*.

Concluido o serviço, descemos.

O *tuichána* ssperava-nos com a sua *igara* no sopé da montanha. Desci o rio com elle, que ia na prôa. O Castanho, no trecho entre a malóca e o Guái, não tem cachoeiras, é manso. Levou o indicador aos labios, impondo silencio; os remos pararam e a *igara* deslizava subtilmente á flor das aguas, de *bobuia*, guiada pelo habil *yacumãiua* sentado á popa. Eu estava curioso e attento.

O «Domingos de Ramos», na prôa, de pé, com os olhos brilhantes, o ouvido alerta, a zarabatana carregada na mão esquerda e na direita um feixe de flechas, prescrutava as margens. Numa volta, ouviu-se um ruido como o de porcos erguendo-se do lamaçal em que chafurdam, e vimos logo duas antas grandes, que já nos tinham sentido e procuravam galgar o barranco. Antes que o conse-

guissem, o *tuicháua* embocou a arma sempre fatal e despediu, rapido, uma e outra flecha. A primeira cravou-se junto á orelha de uma das antas ; a segunda na anca. Ambas partiram-se, deixando no barreiro a parte com a seda de sumahuma. Os animaes galgaram o alto e penetraram na floresta.

A canôa encostou, e o *tuicháua*, com dois indios, internou-se tambem, seguindo o rasto.

Em pouco tempo, regressaram com uma das antas e fôram buscar a outra tambem morta. Sangraram-nas, tiraram os intestinos e arrumaram-nas no fundo da embarcação.

E' temivel e rapido o effeito desse veneno, cuja preparação é conhecida dos indios em toda a vastidão do Amazonas.

Lá crêem que desbridando a ferida immediatamente e applicando topicamente sal de cosinha, dá-se a neutralisação do *uirary* ou *curáre*. Experiencias de laboratorio, porém, teem demonstrado o contrario.

Chegámos á malóca pouco depois do meio dia. As antas fôram esfoladas, cortadas e postas a assar lentamente sobre um mucaém. Toda a indiada, sentada perto do fogo, de vez em quando tirava um pedaço ; e quando chegou a noite, não restavam sinão os ossos na hora do *puracé*.

O baile, ou *puracé*, foi dentro da malóca. Allumiava-nos o clarão mortiço e amarellento de algumas candeias de manteiga de tartaruga em panellinhas de barro. Via-se de um lado, encostado á parede, um côcho a transbordar de *caxiry*, a bebida fermentada e intoxicante feita de mandióca, que tanto apreciam os nossos indigenas. O Jardim, o Aguiar e eu fomos assistir ao baile. Antes de começar, o *tuicháua* foi ao côcho, encheu uma cuia e offereceu-nos. O Jardim tocou com os labios apenas e o Aguiar recuzou. Eu acceitei e, apezar da minha repugnancia, bebi uns góles. Começou o *puracé*. A musica compunha-se de dois *maracás* enfeitados com pennas de arára, um tamborsinho tocado pelo pagé com as duas mãos e entre os joelhos, feito de um cylindro ôco de páu, coberto nas bases por pelles de maracajá e uma flauta de canella de veado, tocada como clarineta e sómente com tres buracos. Nada tinha de harmoniosa, e as suas melodias escandalizavam os nossos tympanos.

Não parava. O pagé suava como um frade e o caxiry andava á roda, onde todos batiam palmas compassadas. Ora saía um *curumyuaçú* de hombros largos e elegante, de cabelleira fluctuando sobre as espaduas musculosas, gyrava rapido, dava saltos e caía sapateando deante da cunhamocú do seu agrado. As palmas redobravam. A rapariga saía com passos miudos, os seios tremulos, os cabellos negros e longos até á cintura por onde passava o cinto que prendia a tanga bordada de missangas, dava voltas graciosas, levantando os braços lizos, bamboleando os quadris e sapateando rapida e forte até ser substituida por outra. O caxiry sempre a correr a roda, exaltando o cerebro daquella gente.

Durou até bem tarde. Nós davamos aos homens cigarros de palha de Barbacena e de Goyaz e ás mulheres assucar e *crakneis* de Peak & Frean, de duas latas que levámos. Quando nos retirámos, a indiada estava na maior exaltação pelas copiosas libações, inclusive o bom *tuicháua*, que tinha o *vinho bom e folgazão*.

Ao meio dia seguinte, regressámos ao Marary, onde o «Domingos de Ramos» recebeu uma patente de capitão, sellada com o sello da Commissão de Limites, e um fardamento já uzado do nosso chefe, todo cheio de galões. Vestiu-o logo com visivel satisfação e passeiava garboso pelo acampamento. Pediu-me uma caixa vasia de vellas stearinas que viu na minha barraca e arranjou com ella um bahusinho para guardar o uniforme. Uma vez, saí para caçar e encontrei-o na picada completamente nú, sómente com o *cuêio*.

Perguntei-lhe pela farda. Respondeu sorrindo, que assim era melhor para andar no matto. Achei-lhe razão.

Quando a commissão se retirou rio abaixo, elle nos acompanhou até á grande cachoeira do Uaianári, do Padauiry, onde estava o nosso deposito de viveres e objectos para dar em pagamento aos indios pelos seus serviços. Demos-lhe dez espingardas de caça com espoletas, polvora e chumbo em profusão ; muitos machados e facões, algumas foices e enchadas para substituirem as cavadeiras de páu, que ainda uzavam para fazer as suas plantações. Levou ainda camisas e calças de algodão, chita para as saias das mulheres e uma barrica de assucar. O bom velho nos havia prestado serviços relevantissimos com a sua gente, mas ficou assombrado com tanta generosidade. E' que havia trabalhado durante dois mezes, com toda a tribu, para um *regatão*, e só recebera alguns molhos de missangas, dois machados e alguns covados de algodão azul.

Ficou satisfeitissimo e mostrou toda aquella riqueza á sua gente, que examinava, curiosa, as espingardas e os outros objectos e lançava olhares de cobiça para um garrafão de aguardente.

Nós iamos descer o rio e não mais eu veria o meu bom *tuicháua*, que arrumava com cuidado os seus haveres numa canôa que lhe deixámos.

Foi depois ter commigo e disse sem sorrir :

— *Xa çô ne çui. Mairamé tahá xamahã curi indê ?* (Eu vou me embóra. Quando te verei ?)

— *Amû ara apé.* (*Algum dia*)—respondi.

E sentia saudades daquelle velho.

Apertei-lhe a mão dura e segui-o até á sua canôa. Antes de partir, apontou para as espingardas e tudo o mais que lhe demos, exclamando :

— *Cuhire, xaçô xavendêre opai quahá mahâitá ?* (Agóra vou vender todas estas coisas).

O *tuicháua* considerava-se grande e feliz porque podia ser egual ao *regatão*, o corruptor e malfeitor da sua raça.

Felizes o velho e sua gente si nunca mais encontrassem esses brancos egoistas e máus que vão buscal-o nas selvas para embrutecel-os pelo alcool e matal-os pelo vicio.

O nosso indio não é esse pária viciado e corrompido, que se encontra nas margens frequentadas dos rios amazonicos.

Quem quizer conhecel-o, busque-o no seio das florestas onde vive livre ainda. E' o mesmo homem da raça dos Ararygboia, Tebireçá, Arcoverde e Camarão.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

«PARA LER NA CAMA» — PELO SR. OCTAVIO DE TEFFÉ—EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Não é precizo ser um profissional em lettras para sentir desagradaveis impressões com a leitura destas paginas; basta não gostar de leitura gaiata.

Para ler na cama representa quasi que uma chocarrice só, de começo a fim.

O sr. de Teffé não se contenta em tratar de assumptos quasi sempre escabrosos e chulos a um tempo: trata-os numa lingua *sui generis*, em que, pela primeira vez, de certo, se cazaram estramboticamente a giria da Cidade Nova com um francez que, ás vezes, se ignóra a si proprio, julgando-se muito bom vernaculo, um pouco como o daquelle brazileiro com quem o auctor se encontra no consulado de Paris, e que fala nestes termos:

—«O sr. excuze, *c'est pas ma faute.*»

Além de fazer este mistiforio linguistico, o auctor aggrava a situação com as mostras que nos dá de sua admiração pelo grande Rabelais.

A intrepidez com que, logo no primeiro conto, se gaba daquelle par de

façanhas de frango novo com a madura e incontida d. Marocas, lá na roça, façanhas que elle diz se haverem passado na fazenda de um amigo seu, que ainda hoje vive e continúa no mesmo pé de relações com elle, é um bom panno de amostra. De ordinario, ninguem anda se gabando dessas coisas, principalmente em publico. Quem as quer aproveitar em historias *realistas* vale-se ao menos da ficção, attribúe o facto a terceiro, para até certo ponto salvar a decencia.

Mas mesmo antes de darmos com o auctor e d. Marocas naquellas praticas, este já nos fizera entrever seu gosto esthetico em paginas anteriores por phrases caracteristicas. A seguinte, por exemplo: «...a avó tem dois engenhos, um de agua outro de vento», phrase cuja significação capadoçal se conhece. O livro está cheio de euphemismos e dichotes quejandos.

Ao par disso, os contos em geral não são feitos com medida, e revelam-se muito faltos de arte. Vê-se, na realidade, que o auctor não tem pratica de escripta.

Mas, feitas estas restricções, porque se não dizer? é de esperar que muita gente goste deste livro. Com todos os seus defeitos, elle tem um merito: ás vezes é realmente engraçado. Quem seja de gostos mais difficeis, de certo que o regeitará; mas, exceptuados esses leitores, muitos elle ha de encontrar que o applaudam e admirem.

Num ponto, pelo menos, ao meu ver, elle é admiravel.

O sr. Oscar de Teffé está residindo na Europa desde 1888, segundo nos conta. Foi menino com 15 annos, daqui. Seria naturalissimo, não que elle tivesse esquecido o portuguez, mas que se não lembrasse, de todo, do nosso calão, tendo saído da patria ainda na edade de filho familia, e vivendo na Europa, muitas vezes em rodas de brazileiros, é certo, mas gente da nata, como não podia deixar de acontecer com o sr. de Teffé, moço de toda distincção social. Si não me engana, elle está hoje secretario de legação. Ninguem poderia estranhar que nem siquer houvesse aprendido taes coisas, nem tão pouco que desconhecesse a vida social de Catumby ou do Sacco do Alferes.

Este livro, *Para ler na cama*, mostra que elle é mais versado nestas coisas do que qualquer um de nós, em geral. Só ás vezes tróca: diz *ensopadeira* por *sopeira* ou *prato de tampa*, *bivoacar* por *abarracar* ou *arranchar*, e coisas destas.

Mas ainda assim fica-se boquiaberto com esse como que senso devinatorio que o auctor nos revela, como só acontece com os homens de forte e decidida inclinação para um dado objecto.

O que significa que si o sr. Oscar de Teffé não tivesse feito esse livro por simples desfastio patriotico, si elle houvesse de continuar a exercitar-se em obras deste genero poderia se tornar eximio, a edade, a cultura e o exercicio corrigindo-lhe as censuraveis demasias da estréa.

E' o que temos a dizer, sinceramente.

NUNES VIDAL.

COMO DISSEMOS no numero passado dos *Annaes*, Tonelero reenceta a sua critica, sempre documentada e brilhante, ás coisas da nossa marinha de guerra. Aproveitamos esta opportunidade para informar, em attenção a instantes perguntas, que o nosso collaborador começou a escrever o seu trabalho no numero 39 desta revista.

—

ARMADA NACIONAL

Ainda factos. — Os nossos officiaes generaes. — Sua pratica como chefes. — Seu preparo. — A prova dos autos.

A *Trajano*, em 1902, fez uma viagem aos portos do norte da Republica. Indo de Alagôas para Parahyba, o seu commandante, a despeito do protesto de alguns officiaes de bordo e, sobretudo, do encarregado da navegação, só se convenceu de que *varára* a barra de Cabedello, quando já se avistavam terras do Rio Grande do Norte!

Fundeando o seu navio na barra da Victoria, esse mesmo commandante, nessa mesma viagem, declarou o seu navio bem fundeado, porquanto se achava elle no encontro da linha norte-sul com a léste-oéste, como si todos os pontos da superficie da Terra não gozassem da mesma propriedade!

Poderiamos citar ainda dezenas de factos dessa natureza; seria, porém, fastidioso. Poderiamos, por exemplo, citar um discurso proferido por um official general «*que descambava para o zenith*»; uma viagem do *Tiradentes*, em que o parcel dos Abrolhos foi sondado com a quilha do navio; o pasmo de um commandante ao saber que os novos methodos de navegação, hoje universalmente adoptados, determinam a posição do navio, e o espanto de um outro ao ouvir que existem projectis de coifa; poderiamos citar, diziamos, innumeros factos como esses, para provar o pouco, ou, melhor, o nenhum preparo da generalidade dos nossos officiaes superiores que andam sempre embarcados ou em viagem, isto é, daquelles que andam com mais frequencia em contacto com a marinha de guerra.

Pelo preparo desses, é facil calcular o daquelles que andam, ha dez ou quinze annos, *encostados*, commandando, em flotilhas, (ou mesmo na Capital Federal), calhambeques que não se movem, ou exercendo a sua profissão em capitanias de portos e escolas de aprendizes.

Passemos, agóra, uma rapida e summaria revista nos nossos officiaes generaes e superiores.

Os officiaes generaes do nosso quadro ordinario da armada são em numero de treze; delles, até hoje, commandaram divisões, no mar, em viagem, apenas seis: um, uma só vez, em 1892; depois disso, saíu a barra do Rio de Janeiro uma unica vez, em rebocador, e para ir á Ilha Grande. Esse mesmo official, emquanto official superior, durante 20 annos, apenas realizou, como commandante, uma viagem.

Que fará esse almirante, amanhã, commandando uma esquadra, em guerra, deante do inimigo? Quem tem levado esse official aos postos mais elevados, sinão uma rigorosa antiguidade que faz prescindir de todo esforço pessoal para subir, ou um merecimento todo convencional, merecimento feito de protecção ou de falta de valor mais profunda por parte dos seus concurrentes? E', de facto, almirante o homem que, em mais de 30 annos, apenas commandou, no mar, duas vezes, e que, nem ao menos, por publicações, por trabalhos, procura mostrar que não se alheiou á sua profissão?

Outro general, daquelles seis citados, tambem só uma vez, em 1892, commandou divisão no oceano, para uma viagem de representação, durante a qual não houve exercicios, e onde não demonstrou absolutamente quanto valia como chefe. Contam-se muitas, muitas coisas de sua representação no paiz do destino, muita vergonha em que, por culpa sua, delle, incorreu a armada.

Antes dessa commissão, em 92, e durante o tempo em que foi official superior, esse chefe realizou apenas duas viagens, apezar de se ter mantido entre os postos de capitão-te-

nente (que hoje, para salvação da marinha, se chama capitão de corveta) e capitão de mar e guerra, 23 annos. Depois de 92, nunca mais viu o mar, na qualidade de chefe, e as provas que tem dado de seu valor cifram-se apenas a relatorios de commissões, por vezes sem importancia, relatorios que nada revelam, e nada contam daquelle valor.

Dos outros quatro officiaes generaes que fôram chefes no mar, um, trouxe apenas uma divisão, irrisoria, de calhambeques, de um porto proximo ao Rio de Janeiro; como official superior, commandára, no mar, durante mais de vinte annos, duas ou tres vezes, e, como general, depois daquella viagem, em 97. nunca mais exerceu commissão fóra da barra do Rio de Janeiro. Como o primeiro de que tratámos, tambem estes dois ultimos não teem, fóra desta — exercer a sua profissão escassamente — dado outras provas de valor. Não se lhes pódem applicar as mesmas phrases que sobre o outro já deixámos escriptas? Sobre as suas carreiras, sobre a maneira por que se hão de desempenhar, amanhã, duma commissão *de verdade?*

Qualquer dos outros tres, daquelles seis chefes, já commandou divisões fóra da barra mais de uma vez, durante os ultimos annos. Mas (não dissemos em relação aos outros, porque serio já desnecessario) que divisões? Tres ou quatro navios, avariando-se quasi diariamente, devido á crassa ignorancia e á invencivel má vontade do geral dos nossos machinistas, navios de guarnições reduzidissimas e com um espantoso excesso de officiaes — taes são as divisões. Sómente na de 1897 e na que anda agóra pelo sul, houve exercicios serios, aproveitaveis. Com as outras fizeram-se inutilidades, *bobagens*, com o nome de exercicio.

Em todo caso, qualquer daquelles tres chefes tem valor. Não são, não pódem absolutamente ser almirantes, na verdadeira accepção do termo. Mas, dois, como marinheiros, recommendam-se e recommenda-se o outro pela sua actividade e bôa vontade para com a profissão, qualidade, esta ultima, que os outros teem sempre demonstrado. Quanto ao preparo techico, propriamente, deixam alguma coisa a desejar, sobretudo o activo.

Assim só seis, de treze officiaes generaes, fôram já officiaes generaes, sendo qne tres o fôram tanto quanto o profissional que trouxer da Europa a flotilha de novos paquetes para o Lloyd Brazileiro.

Dos outros sete, podemos dizer: um soffre de amollecimento cerebral, ha cinco annos. Bom marinheiro que foi outr'óra, tornou-se hoje um inutil, absolutamente incapaz; o segundo foi, quando capitão de mar e guerra, o commandante que fechou sobre o actual ministro da Marinha a porta da torre do *Deodoro*, julgando mover a propria torre, facto a que já nos referimos (pag. 69, num. 68, anno III, dos *Annaes*); deste diremos ainda que durante os ultimos vinte annos, saíu ao mar, apenas duas vezes. O terceiro foi, como dissemos acima, o commandante que, a despeito das opiniões dos seus officiaes, indo de Alagôas para Parahyba, varou a barra de Cabedello; durante os ultimos vinte annos, a unica vez que saíu ao mar em navio de guerra, foi para fazer, entre outros, este *brilhareto*. O quarto era um prodigio até pouco tempo. Porque? Nunca ninguem o soube! Publicára, quando primeiro-tenente, trechos de um relatorio, com pretenções a compendio, resumo-copia, como já o qualificámos (pag. 603, num. 50, anno II, dos *Annaes*), miserrimamente feito duma obra franceza, de grande valor. Fez, como official superior, commandando, duas viagens, sem que qualquer dellas o revele grande marinheiro; *descobriu* uma theoria nova sobre o calibre dos projectis, descoberta da qual resultou ficarem totalmente inutilisadas as munições de um dos nossos navios, saíndo lezada a nação em forte somma, pela qual ninguem foi responsavel. Assistiu á construcção de um vaso de guerra, em arsenal estrangeiro. E esse vaso de guerra, em sua primeira viagem, ao saír logo dos estaleiros, arribou a outro porto, para concertos!

Oh! Que prodigio!

TONELERO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Os perigos do jiu-jitsu A lucta japoneza ou *jiu-jitsu*, de que se tem falado tanto agóra, penetrou até nas escolas, onde, durante os recreios, os collegiaes exercitam-se com furor nas flexões do pulso e nas torsões do antebraço. Por isso, já se trata de prohibir, pelo menos nos collegios, a lucta japoneza, porque na edade em que se frequentam as escolas, sendo delicados os ligamentos e os ossos tenros, e os esforços empregados no jogo não estando moderados por uma sabia expeperiencia, são muito possiveis os accidentes dolorosos. De facto, um medico de Philadelphia assignala fracturas pelo *jiu-jitsu* entre os rapazes, e cita especialmente um caso de fractura do radio, que elle curou, fazendo, porém, uma diminuição de 2 centimetros no osso.

***

O numero de medicos O dr. Helme avalia — com documentos estatisticos dignos de attenção — que o numero de medicos, no mundo inteiro, chega a 228.234. A Europa absorve mais de dois terços desse numero; os europeus teem para tratar da sua saúde 162.333 medicos. O paiz onde elles são mais numerosos é a Inglaterra, com 34.967; depois, seguem-se a Allemanha, a Russia, a França e, por fim, a Italia, com 18.245. Ha 51 medicos na França para 100.000 pessôas; na Turquia, ha 18 para esse mesmo numero. A cidade que tem mais medicos é Bruxellas: ha 241 para 100.000 habitantes; depois, apparecem, em escala decrescente, Madrid, Budapest, Christiania, Vienna, Berlim, Londres, Athenas, Paris, Nova-York e Constantinopla, cidade que possúe 35 medicos para 100.000 pessôas.

***

Exposição internacional de photographia O mais importante acontecimento photographico deste anno será a segunda *Exposição internacional de photgoraphias e das sciencias, artes e industrias que com ellas se relacionam*, vasta manifestação universal que se realizará em Paris, no grande palacio de Bellas-Artes (Champs Elysées) no segundo semestre de 1906. A primeira exposição especial desse genero foi feita em Paris tambem, no Campo de Marte, em 1892, ha quatorze annos.

Depois dessa epocha, appareceram

a photographia indirecta das côres, a cinematographia, a radiographia, a photographia rotativa, etc., sem contar as cartas postaes illustradas, todas estas especialisações photographicas que nunca estiveram em exposição internacional.

O grande certamen de que se trata váe offerecer um interesse extraordinario.

***

As perdas russas na Mandchuria Um cirurgião, general do exercito americano, que acompanhou as operações da guerra não só no ponto de vista da tactica e da historia, mas tambem nos dos seus resultados, contou do lado japonez um morto para 4,5 feridos, e nas fileiras russas um morto para 3,95 feridos. Está, como se vê, elevada a mortandade no lado russo. A morte e muitas feridas tambem são geralmente devidas aos *shrapnells*; os effeitos das ballas são muito pequenos, relativamente, e mais raros ainda são as feridas por sabre ou bayoneta. Antes da batalha de Mukden, só havia 500 russos mortos e feridos por essa arma. A proporção das doenças foi de 3, 28 % entre os russos até junho de 1904. Com as chuvas elevou-se um pouco, chegando a 3,74. E, no emtanto, o tempo estava muito bom; notava-se com prazer a raridade dos casos de febres palustres. Em 1904, os russos perderam, pelo menos, 20.000 homens no campo de batalha ou no hospital, devido ás feridas, e no mesmo tempo não morriam de doenças sinão 2730 soldados.

Assim, para um obito por molestia, 7 obitos por feridas de guerra.

Observou-se um facto interessante no que concerne á proporção das chagas infeccionadas, no inverno e no verão. Em Mukden, encontravam-se apenas 10 % dessas feridas no verão, no inverno, achavam-se 10 entre cem soldados que não tivessem cicatrizes em máu estado. Esse augmento enorme no inverno explica-se pela circumstancia de que, evidentemente, nessa epocha chuvosa e fria do anno, a limpeza corporal é bem menor que no verão. No inverno, a pelle é menos aseptica. Para melhorar essas condições, o medico americano aconselha que antes de entrar em combate cada soldado deve tomar banho e mudar de roupa e, si fôr possivel, vestir um uniforme leve e novo; e seria bom até—ensina, providencialmente, o cirurgião *yankee*—que no dia da batalha os intestinos estivessem vasios.

***

Os caminhos de ferro do Globo O ministerio dos trabalhos publicos da França acaba de editar a ultima estatistica dos caminhos de ferro. Todas as vias ferreas da Europa tinham, no principio de 1905, 305.407, kilometros. Os Estados Unidos para uma população de 80 milhões de habitantes, possúem 344.000 kilometros de vias ferreas. A Asia tem 75.000; a America do Sul, 45.000; a Africa e a Australia, 25.000; Entre os paizes que mais trabalham para completar as suas estradas de ferro, está a Allemanha, que em 1904 abriu 1138 kilometros. A Hespanha, com um esforço enorme, construiu 283. Comparando o numero de kilometro com a superficie do paiz, a Belgica occupa o primeiro logar, com 23 kl., 9 por myriametro quadrado. Véem depois a Inglaterra, a Allemanha, a França e, fechando a lista, a Noruega com 0, kl. 8. Em relação ao numero de habitantes, a Suecia ganha o *record* com 24 kilometros por 100.000 habitantes. A França vem em seguida com 11 kilometros. A Allemanha e a Inglaterra ficam no oitavo logar.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DO UNIVERSO

Nestes ultimos cincoenta annos, as sciencias naturaes rasgaram aos olhos do espirito um vasto dominio prehistorico, e por tal modo que, apezar de fragmentarios os documentos colhidos e arrolados tão sómente em determinada zona do Planeta, são elles de ordem a satisfazerem as nossas indagações relativas á genese do mundo e aos primordios da humanidade.

Assim é que as mysteriosas chimeras do sobrenatural e os invisiveis poderes de explicação, aos quaes se havia recorrido durante um longo transcurso, extinguiram-se por completo a esse sopro rijo, demolidor e reconstructor da moderna e victoriosa intuição scientifica.

O homem não é mais um sêr isolado do mundo, creado miraculosamente e miraculosamente evoluido como um divorciado da ventura, um reprobo expulso do paraiso onde passeára á sombra prateada das arvores dos pomos de ouro. A seu turno, a physiologia comparada, tornando-se experimental com Claude Bernard, o acorrentou ás leis impostas aos demais sêres biologicamente organizados.

A despeito de sua evolução, que o separa das outras especies por um abysmo incommensuravel, o seu passado, estudado philogeneticamente, isto é, atravéz de seus periodos de desenvolvimento como parte integrante do organismo humano, explica por inteiro a razão de ser do seu estado presente. Com effeito, ao longo de sua evolução, já o podemos seguir em toda a trajectoria do progresso, *pari-passu* ás suas miseraveis e informes manifestações da vida das cavernas, desde o silex de Thenay aos esplendores hodiernos da civilisação occidental.

Nessa exhumação de necropoles, que fôram berço de nossos antepassados, a paleontologia nos affirma, de modo inconcusso, que a industria primitiva teve um fim utilitario, a partir das pedras informemente talhadas, em cujo fabrico não é dado divizar a minima adaptação intelligente das forças da natureza a serviço da humanidade.

Estatuida, então, sobre um certo numero de factos, surge a theoria evolucional concatenando suas leis á luz da experiencia e da observação, a saber:

a) a *lei da reproducção, ex vi* da qual os sêres tendem a transmittir a vida a seus descendentes com caracteres, não identicos, mas variados; *b)* a *lei das correlações do crescimento*, em virtude da qual um orgão que se modifica acarreta parallelamente a modificação doutro orgão; *c)* a *lei da hereditariedade*, ou da herança, que se apresenta sob triplice aspecto: herança similar physiologica, psychologica e morphologica; *d)* a *lei da multiplicação geometrica das especies e da multiplicação arithmetica dos alimentos*, conhecida por lei *malthusiana*; *e)* a *lei da constancia das fórmas na razão da simplicidade da estructura*, por força da qual quanto mais simples a estructura dos sêres mais permanentes a sua fórma e organisação, e cuja reciproca é egualmente verdadeira. Tornando extensiva á dynamica social a ultima das leis mencionadas, escreve Guilherme de Greff:

«As acções ou reacções sociaes estão em perfeita relação com o gráu de simplicidade e de generalidade dos phenomenos e das funcções a que se applicam. Assim, as acções e reacções economicas são mais simples e mais geraes do que as acções e reacções moraes, juridicas e politicas. Os phenomenos e as funcções mais simples e mais geraes agem de uma maneira mais simples e mais geral sobre as funcções e os phenomenos mais complexos e especiaes. Os phenomenos e as funcções immediatamente antecedentes agem mais immediata e dire-

ctamente sobre os phenomenos e as funcções immediatamente sequentes». Dito isto, sem que nos mova a penna o intuito de estudar as leis ou lei geral da evolução, affirmemos que, a despeito de sua intuição, geralmente conhecida e abraçada pelos modernos pensadores, embalde procurar-se-á um documento escripto assignalador das primeiras manifestações do pensamento. Não podia ter sido sinão após um longo e penoso esforço que a dispersão das idéas e a incoherencia da attenção, caracterisadoras do seu primeiro estado mental, desappareceram, e ao homem foi dado agrupar as suas observações e lembranças, e coodernal-as, comparando-as sob o duplo aspecto da analyse e da synthese. Effectivamente, si a geologia e a anthropologia nos affirmam que sómente no ultimo estadio da epocha terciaria surgiram os primeiros vestigios do homem, é claro que, em sua infancia, prezo ao antropoidismo, o instincto lhe tenha sido a força aguilhoante, a unica provavelmente com que entrou no grande combate pela existencia.

E, luctando, comendo, dormindo no fundo das cavernas, ao pé das rochas escarpadas, ou no tronco encarcomido das arvores gigantes, que idéa lhe poderia surgir estranha ao contacto immediato de seus sentidos? Todavia, esse contacto immediato do mundo que o cercava foi-se alargando pouco a pouco com o desenvolvimento desses mesmos sentidos até o percebimento do universo inteiro, que o impressiona deslumbrantemente, ferindo-lhe as primeiras scintillas d'alma, dando nascimento á linguagem e ao sentimento da religião, em pleno reconhecimento de pequenez em face da grandeza e perfeição do céo, que se desenrola magestosamente bordado de estrellas ou cheio de sombras, como Emerson o phantaziou. Foi tão sómente após um longo periodo evolucional, quando a necessidade de explicar o mundo ambiente, cujos phenomenos elle váe lentamente coodernando, se impõe ao seu cerebro, que o universo lhe apparece como um ponto de interrogação.

Datam dahi a primeira intuição do mundo, os primordios da philosophia no afan de indagar o enygma das coisas, a querer explicar os factos da natureza, a sondar a consciencia universal. Mas, esse estado mental, melhor diriamos, cultural, não surgiu, certamente, de vez; producto de extraficação evolucional, só de modo sensivel elle se torna concebivel no ultimo periodo da epocha quaternaria, nessa phase em que os trabalhos dos Cuvier, dos Lyell e dos Lund nos documentam a existencia de uma architectonica da vida em geral nos ritos e nas commemorações funerarias e da descoberta do fogo. Tratando desse remotissimo periodo prehistorico, indaga Lefèvre: «L'homme allait-il plus loin? La dualité de la nature humaine était-elle inventée? On est tenté de la croire. Les fantômes du sommeil ou de l'hallucination retraçaient l'image des morts; et ces ombres vides, en proclamant la disparition du corps matériel, révélaient un outre corps subtil que la mort n'avait pas détruit. Incapable d'analyser le mécanisme de la mémoire, l'homme croyait naïvement à la survivance de quelque chose, d'une enveloppe, d'une residu immortel. L'ombre des morts n'était certes pas ce que la métaphysique nomme une âme; la distinction des deux substances ne s'était pas encore nettement offerte à la raison; elle exige une subtilité dans l'aberration qui n'est point le fait d'intilligences peux exercées.»

E Ludwid Feurbach assignala que é na paixão que a religião tem sua raiz, dizendo: «O homem trata as coisas mortas como si fôssem vivas, considera como arbitrario o que é necessario, anima por seus suspiros o objecto de seu amor, porque então lhe é impossivel dirigir-se a sêres privados de sentimentos...

São as lagrimas do coração que, evaporando-se para o céo da phantasia, fórmam a imagem nebulosa da divindade. Homero dá por origem de todos os deuses o oceano, que abraça o mundo; mas este oceano tão rico em divindades não é, na realidade, sinão um effluvio dos sentimentos.»

Contemporaneo do *elephas primigenius*, as idéas supersticiosas lhe povôam o cerebro estreito. E, atravéz dos diversos periodos de civilisação moderna, indifferentes a elles, por uma sobrevivencia prehistorica, os selvagens actuaes são physica e moralmente contemporaneos do homem da pedra. Comprovam-no os trabalhos de Lublock, de Tylor, e as descripções dos viajantes, accordes em estabelecer a identidade do viver selvagem e suas idéas actuaes, contemporaneos das idéas primitivas, da edade do mammouth.

O longo periodo do desenvolvimento anthropomorphico é dominado pela idéa de causa.

Inconscientemente quasi, ferido pelo mundo que o cercava, esporeado por necessidades insuperaveis, o homem primitivo interrogou-se a si proprio:— porque se movia, porque a pedra tombava e se precipitava no abysmo e porque a tempestade rigida soprava? E sua intelligencia assim interrogada respondeu-lhe naturalmente que — si elle se movia era porque o queria e si a pedra se despenhava e a tempestade explodia, havia de ser necessariamente por identico phenomeno.

Elle é, pois, a causa de seus actos e toda a natureza uma successão de causas *sine qua non*.

Deste ponto de partida, observado na vastidão da philogenese humana, é que abrolham as concepções theogonicas, as concepções geraes do mundo, as theorias da causalidade e finalidade primevaes. Sim, ha no fundo da natureza humana uma tendencia invencivel para explicar problemas cuja solução paira acima dos phenomenos visiveis e que a alma quer forçosamente resolver. Si, no dizer de Hellwald, a origem das religiões tem sua razão de ser no impulso primordial do homem a formar idéas; a razão de ser da genese das philosophias consiste na ancia de desvendal-os á luz do *processus* natural, que Louis Gumplowiez divide em siderico, chimico, vegetal e animal; do *processus* social, em suas multiplas manifestações e sub-manifestações humanas ou nacionaes; do *processus* intellectual em seu triplice aspecto: — sensibilidade, intelligencia e vontade.

De accordo com o methodo historico naturalistico, é só no dominio da mais alta antiguidade, que remonta aos livros sagrados da China, do Egypto, da Assyria, que nos é dado encontrar os primevos esboços de cosmologia e sociologia, de psychiatria e moral, bases fundamentaes da metaphysica.

Todavia, quer nos fundamentos do Pantheismo indico, do Dualismo persa, em Hesiodo como em Homero, nota o auctor de *La Philosophie* que o observador jámais descobrirá a concepção da regularidade e da independencia de leis naturaes, até então desconhecidas. Do que ahi fica, póde-se affirmar que o periodo *architectural do universo* é a phase do empirismo em demanda de reductividade, especie de *dynamismo generalisado*, com a tendencia de explicar os phenomenos recorrendo a energias ou forças a elles inherentes, o que importa o mundo explicado pela acção de certos factores ou elementos.

Circumscriptos aos limites de uma ligeira noticia de cosmogonia anthropomorphica, por indispensavel ao nosso fim, não vizamos sinão estabelecer a synthese dos principios conducentes á solução do problema que objectivamos. E com semelhante intuito, basta que accentuemos, desde já, com o orientalista de *La Bible dans l'Inde* — que a Asia, como o demonstram as sciencias naturaes, é o berço do mundo, ponto de partida da humanidade, donde hão marchado, em grande e luminosa trajectoria para o occidente, sua linguagem e suas leis, sua moral, sua litteratura e sua religião. E por isso alguem já o disse com razão: «A historia da philosophia

da India é o abrigo da historia philosophica do mundo», e melhor se affirmará com Jaccolliot — que as tradições poeticas, religiosas e philosophicas dos povos antigos e modernos tiveram alli a sua origem — no culto de Zoroastro, nos symbolos do Egypto, nos mysterios d'Eleusis, no sacerdocio de Vesta, no Genese da Biblia e suas prophecias, na moral de Samos e nos ensinamentos do christianismo. A direcção geral de espirito entre os povos da alta antiguidade, que é dominada pela obra de Confucius, na China; pela mythologia, theologia e lithurgia dos tempos de Cheops, Chéphren e Mycerinos, no Egypto, pelos magos da Chaldéa, pelos assyrios e semitas; deu nascimento á philosophia grega, que se denomina a philosophia occidental, pelo decurso do ultimo seculo, justamente quando a Chaldéa, a Assyria, a Phenicia e o Egypto concluiram a elaboração das idéas compativeis com o seu genio.

E o que fôram essa philosophia e artesgregas e sua repercussão atravéz dos seculos até os nossos dias, que o diga Sylvio Roméro escrevendo a proposito diverso:

«E' costume dizer-se que a trama complicadissima das idéas no nosso tempo, no que concerne aos dominios superiores do espirito, dimana de quatro fontes principaes: a philosophia e arte dos gregos, a religião dos israelitas, o direito dos romanos» para, em seguida, notar que, «a despeito de todo o ingente esforço do espirito critico e da investigação scientifica, só muito a custo tem a razão conseguido se libertar, mas só em parte, das imposições daquelle quadrupulo fanatismo.»

E' que de modo inilludivel se manifesta por toda parte a existencia do *fiere* perpetuo que rege o *processus* natural, social e intellectual. Quando os povos primitivos se deixaram divizar na historia, escreve Zaborowski, já apparecem providos de tradições que attestam a existencia do mais remoto passado.

Mas, essa antiguidade incommensuravel, como força influenciadora, não desapparecem de todo atravéz dos seculos, e, apezar de depurado ao crysol das civilisações, o homem primitivo existe em nós e talvez para todo o sempre. Por outro lado, si as concepções abstractas, os principios absolutos, comparados por Mausdsley ás bellas virgens sagradas, admiraveis, mas estereis, surgem, apezar de differenciados, no espirito do homem de hoje por uma reminiscencia atavica das primitivas illusões perdidas, como duvidar das influencias, diremos melhor—do *emperium* desse passado a que elle não póde deixar de se submetter? O que foi, porém, a philosophia grega, sua influencia e repercussão no mundo intellectual até os nossos dias, tal será o objectivo das linhas que se seguem, no imprescindivel ao nosso escorço de physiophilia philosophica.

E veremos como e a razão porque, na trama complicadissima das idéas, inauguradas pelos sophistas, nomeadamente por Socrates e Platão, predecessores com Pythagoras da grande obra de Aristoteles, se estabelecen o *dualismo*, do qual surgiram varios matizes, especies de filigrannas do pensamento, por seculos de elaboração no mundo grego occidental.

PRADO SAMPAIO.

PARA PROVAR a isenção com que acolhemos a critica do sr. Sylvio Roméro ao livro *America Latina*, do sr. Manoel Bomfim, escrevemos a este nosso collaborador abrindo-lhe as columnas dos *Annaes* a uma resposta na *altura da aggressão*. O sr Bomfim respondeu-nos porém, com a carta que abaixo váe.

—

UMA CARTA

——

A proposito da critica do sr. Sylvio Roméro ao livro «America Latina.»

MEU CARO AMIGO SR. WALFRIDO. — E' muita a sua gentileza—de repetir-me em carta o offerecimento feito por intermedio de um amigo. Venho agradecer-lh'o.

Você *põe á minha disposição as columnas dos «Annaes»*, para que eu conteste a extensa descompostura passada á minha *America Latina*, pelo sr. Sylvio, garantindo-me estar prompto a «acolher uma resposta na altura da aggressão». Lamento não poder aproveitar esta occasião de honrar-me collaborando nas columnas da sua estimada revista. Não responderei directamente ao sr. Roméro. Os sentimentos que lhe animaram a penna nessa extraordinaria critica são taes, e tão claramente se exprimem, que me dispensam de tratar directamente com elle. E' um individuo que não tem, siquer, o pouco de educação e de bom gosto necessarios para mascarar em publico os furores da inveja e da colera. Os seus 19 artigos são outras tantas séries de contorsões grotescas, gestos e assobios, onde a gaiatice insipida mal encobre um despeito minaz e vil, traíndo um espirito que até na decrepitude é ridiculo e pretencioso.

O sr. Roméro foi sempre um endeusador prejudicial e enfadonho, ou um *xingador* destemperado, xingador sem vehemencia, sem verve e sem brilho, na abundancia logomachica dos degenerados mentaes. Dos que o conhecem, os que o estimam teem-lhe dó; os outros desprezam-no, como bem merece ser despresado o critico que só se agita movido pelo odio invejoso, ou pela reciprocidade do elogio.

Eis a razão por que, escrevendo eu um livro sobre factos sociaes de nosso meio, nunca me caíu da penna o nome desse critico, que pretende entender de taes assumptos, e tanto se tem occupado delles; eis a razão por que não me lembrou, siquer, offerecer-lhe um exemplar do meu livro... Desprezava e desprezo esquecidamente o infeliz grosseirão. Elle, porém, distingue-me, e preoccupa-se commigo de modo excepcional. E desta preoccupação, e deste zelo foi victima o meu illustre amigo, que viu a sua revista entupida, em 19 edições, pela prosa informe e villã do pretencioso critico. Essa distincção me levaria a pensar nelle, si o respeito que devo a mim mesmo—ao meu caracter e meu pensamento, não me impedisse de tratar directamente com um homem que, sem motivo confessavel, faz da sua critica a diffamação systematica, a injuria insôssa, o remoque soez e aparvalhado.

E, quando assim não fôra, nem por isto estava eu obrigado a responder-lhe. O meu livro é a recapitulação rapida de uns tantos factos historicos incontestaveis, factos de que eu induzo um principio geral, uma theoria, baseando-me em noções rigorosamente scientificas, noções de sciencias biologicas e naturaes. Com essa theoria procuro explicar as perversões e os vicios notados na evolução das sociedades latino-americanas. Para julgar e criticar uma obra tal, é indispensavel um relativo preparo scientifico. Ora, o critico do Lagarto é de uma ignorancia absoluta, radical, e, já agóra, irreductivel, nesses assumptos. E é por isso mesmo que elle tanto se esforça para reduzir o livro a uma simples dissertação de historia—de que presume entender. Para que o meu illustre amigo ajuize da ignorancia do tal critico nestas sciencias, basta lembrar-se disto: elle acredita e

affirma que durante o periodo glaciario da Europa já existiam civilisações historicas na Média e na Bactriana !. Elle não sabe—bemaventurado ! — que esse periodo glaciario foi geral para todas as zonas isothermicas do hemispherio norte — porque a meteorologia não conhece as nossas convenções geographicas. No emtanto, elle pensa que só a Europa— porque sómente alli os vestigios do *diluvium* teem sido bem estudados — que só aquella parte do mundo passou pela phase glaciaria ; e diz que, com esse periodo, coincidiram civilisações historicas na Asia. Não me espanta que um criticographo considere as civilisações historicas da India e da Média contemporaneas do *diluvium*, que occorreu nos fins do periodo terciario — começo do pleistocenio, justamente na epocha em que apparecem os primeiros signaes incontestaveis da existencia do homem no Planeta. Não me admira isto ; elle está no seu papel de ignorante, disseminador de insanidades mentaes ; o que me espanta é que não se lhe note nenhum movimento de pejo ao falar destas coisas. E' que lhe falta, não só o preparo, a sciencia, como tambem o methodo scientifico de pensar e julgar. O velho cacographo nunca passou de um verbocinante, indigesto na fórma, cahotico na substancia. Por isso, todos o reconhecem: não ha desprazer intellectual comparavel ao de lel-o. A sua mentalidade é um pantano de ignorancias, invejas e vaidades.

« Mas ha accusações formaes — de erros e contradições, accusações que devem ser rebatidas », dirá você.

Ainda neste caso, poderia eu excusar-me a essa polemica, que me obriga a um contacto espiritual tão pouco agradavel. Entregaria o livro e a *critica* ao julgamento dos que os pódem julgar. Mas não será assim.

Não quero que seja assim. O meu livro é uma obra de amor — de muito amor á minha terra. Quando o escrevi, roubando o tempo ás excursões, aos passeios e aos estudos que deveria fazer na Europa, é porque estava convencido que se deviam dizer e propagar as verdades que nelle se dizem. Eu bem sabia que o reaccionarismo dos eternos exploradores acharia pennas que me enxovalhassem. Esperava por isso. Eu o sabia, e bem o disse : que a exploração, o parasitismo, a violencia e a injustiça dispõem de uns pseudo-sabios para defender-se. São esses mesmos que, ha duzentos annos, seriam negreiros ou pegadores de indios — si tivessem coragem de affrontar a morte ; hoje são *theoristas*, a serviço dos fortes e sugadores.

Sempre foi proposito meu aproveitar esses *ataques* para repetir e reforçar as affirmações do meu livro. Eis que apparece o infeliz (cujo ultimo avatar criticologico é um lusitanismo agudo) e aggride-me. Acceito jubiloso os seus doestos; não lhe respondo directamente porque elle não tem direito a essa resposta. Mas acharei occasião, e muito brevemente, de, propagando as idéas que me são caras, mostrar os verdadeiros intuitos dessa critica alagada e insultuosa, e de reduzir ao que ellas valem as suas repetidas accusações. Serenamente, e implacavelmente, mostrarei tambem de que lado estão as *asneiras*, os *dislates*, as *chatices*, os *erros grosseiros*, as *toleimas*... como se diz no estylo predilecto do criticographo.

Não perderei occasião, por mais que me penalize amargurar a alma, já naturalmente odienta e turva, de um homem cuja insensatez mais se accentúa com a velhice, e cujos despeitos invejosos crescem na medida do justo desconceito em que o tem o publico lettrado daqui. E' um pobre de espirito, que váe até a reforçar a sua *critica* com as mofinasinhas anonymas nos *apedidos*, ancioso por fazer escandalo em torno dos desalinhavos com que annunciava «liquidar» o meu livro. E mais lhe cresce a amargura e o odio, porque elle bem sabe que a sua critica, hoje, não faz mal, nem bem, não faz, nem desfaz reputações : é uma enxurrada, nada estranhavel nesta epocha de cheias e brejaes. Serve, quando muito, para os submediocres do interior, que, ingenuos, ainda pensem haver alguma significação de critica na sonoridade desta meia duzia de syllabas — *sylvioroméro*.

Creia-me muito amigo e admirador

MANOEL BOMFIM.

15 de março de 1906.

CONTRA OS FURTADORES

—

CARTA AO CEARÁ

Em fins do anno passado o Supremo Tribunal Federal concedeu numerosos mandados prohibitorios a favor dos commerciantes do Ceará e contra o fisco estadoal, fulminando assim, por inconstitucional, a lei n. 789, de 29 de julho de 1905, que creava um novo imposto de 3 % sobre o valor do conjuncto das transacções de cada estabelecimento commercial. Essa lei visava substituir o imposto de industria e profissão pelo de importação e cabotagem e pelo inter-estadoal cumulativamente, o que, como se sabe, é expressamente vedado. Promovia retalhistas a commerciantes em grosso, tributava repetidas vezes o mesmo contribuinte e o imposto por ella creado, além de exorbitante, era aleatorio, iniquo, inopportuno. Finalmente, constituia uma poderosa arma de perseguição, e corrupção, porque o fisco estadoal era quem regulava o valor dessas transacções e, no caso de reclamação, quem nomeava *exclusivamente* os arbitros que deviam decidir, não cabendo ao contribuinte sinão louvar-se em um dos nomeados; e ainda porque da extorsão do fisco não existiam de facto recursos, pois tanto valia creal-os do exactor fiscal para o secretario da fazenda è para o presidente. E quanto ao seu caracter extorsivo, basta allegar que havia casas commerciaes collectadas em.... 41.150$000 annuaes (quarenta e um contos cento e cincoenta mil reis)!

Agóra chegam do Ceará noticias de um novo assalto ao indefezo povo cearense, premeditado pela voráz quadrilha. Apezar de promulgada a lei orçamentaria, o olygarcha convocou os seus famulos arregimentados em congresso para votar um novo imposto de consumo, analogo ao que já por tres vezes o Supremo Tribunal Federal condemnou.

E mais uma vez nós nos sentimos na obrigação de falar ao Ceará, sem rebuços, porque de lá nos pedem soccorro, nos pedem o concurso do nosso clamor.

Apenas as victimas que nos imploram auxilio, pensam que o remedio está aqui: nós sabemos que o remedio está lá mesmo.

Attenda-nos o povo cearense.

1. — O Ceará é um territorio entregue a pilhagem organisada em beneficio de alguns individuos. Ahi não ha governo, ha um syndicato de peculatarios enriquecendo á custa do povo. Um individuo astucioso apoderou-se do poder num dos momentos de crise por que tem passado esta patria e cercou-se de meios de defeza sufficientes contra uma população inerme,

fraca, reduzida pelas seccas e sem educação civica. Organizou uma milicia, collocou creaturas da sua confiança em todos os postos de administração, creou uma magistratura provida na sua maioria por sêres desfibrados e um corpo legislativo de escravos, que dá uma apparencia de sancção ás leis que elle, senhor, fabríca. Apparelhado desta sorte, iniciou uma larga colheita de dinheiros publicos em proveito seu, da sua familia e dos seus auxiliares.

2. — Prove-se isto desde já. A lista civil da familia do olygarcha cearense peza nos cofres do Estado em cerca de 300 contos annuaes. São funccionarios publicos, pensionistas do erario estadoal, (alguns accumulando tres e quatro cargos): quatro filhos, dois genros, dois cunhados, quatro sobrinhos, vinte primos e primas, vinte parentes affins (cunhado e concunhado de filho, sogro de filha, irmão de genro, primo de cunhado, etc.), afóra parentes mais afastados e outros que socegados róem o seu osso aqui e alli, pelas cidades e villas do interior.

3. — Agóra o orçamento. Sabe-se que o Ceará é horrivelmente victimado pelas seccas. Parte das rendas tributarias deveriam ser applicadas a conjurar esse flagello. Pois o orçamento não tem uma verba, por insignificante que seja, applicada a esse fim. Vejamos o de 1903, que é o mais moderno que no momento possuimos.

A receita é fixada em 2:717.470$361 e o despeza orçada em 2:689.795$778.

DESPEZA DISCRIMINADA

Governo do Estado.....	47:943$580
Assembléa legislativa.....	75:232$000
Tres secretarias (pessoal, publicações e expediente)....	197:850$333
Magistratura	366:941$666
Milicia, policia e cadeia.....	624:027$900
Repartição de estatistica (pessoal).....	16:595$000
Arrecadação de rendas (pessoal).....	237:206$000
Pensionistas	248:442$310
Diversos (pessoal).....	33:800$000
Total.....	1.848:038$789

Como se está vendo, dos 2.689 contos 1.848 são destinados exclusivamente ao pessoal empregado na machina do Estado. Os restantes 841:756$ são applicados da seguinte fórma :

HYGIENE

Pessoal.....	9:098$000
Serviços.....	2:400$000

BIBLIOTHECA

Pessoal.....	4:998$000
Expediente e livros.....	1:200$000

INSTRUCÇÃO

Pessoal administrativo.....	71:792$000
Professorado.....	469:064$000
Expediente, material. utensilios e aluguel de casas.....	60:704$000
ASSISTENCIA.....	25:000$000
ILLUMINAÇÃO.....	197:500$000
Total	841:756$000

Os serviços publicos no Ceará consistem, portanto, nestas cinco rubricas: Hygiene, Bibliotheca, Assistencia, Illuminação da Capital e Instrucção Publica. Ha, realmente, uma bibliotheca e uma illuminação na capital. Mas não ha hygiene, nem assistencia, nem instrucção.

Quanto á hygiene, basta considerar que o pessoal consome nove contos e o material 2:400$. E quando ha pouco uma epidemia de caimbras de sangue dizimou as creanças e mesmo pessôas adultas na Fortaleza, o inspector de hygiene veio pela imprensa declarar que nada podia fazer contra a epidemia e que cada qual tomasse as suas precauções. Nem um real foi despendido, apezar da imprensa official annunciar que havia no thezouro um saldo de mil contos.

Quanto á instrucção. Ainda ha pouco tempo o *Jornal do Commercio* ingenuamente observou que o Ceará é um dos Estados que mais gastam com esse serviço. De 1903 para cá a verba a elle destinada cresceu. Era de 601:560$ nesse anno; no orçamento para 1906 é de 647:276$487. Mas destes 647 contos 240:535$ se applicam ao *pessoal* da Faculdade Livre de Direito, do Lyceu e Escola Normal: e apenas a quantia de 406:741$487 ao ensino primario. Mas, mesmo na tabella do orçamento de 1903 verifica-se esta coisa significativa: com o *pessoal* despende o thezouro perto de 550 contos e com o material (expediente, material, utensilios, alugueis de casa) 60 contos. Não estranhará essa proporção, ou antes, essa desproporção, quem souber que no Ceará a instrucção primaria é um ninho que abriga os filhotes politicos incapazes dos reguletes politicos locaes.

Então que é o orçamento no Ceará?

A receita é uma tarrafa de malhas estreitas que pesca dinheiro onde ha e até onde não ha. A *despeza* é a distribuição do dinheiro colhido, pelos parentes e apaniguados do olygarcha. Simples, como se vê.

4. — Mas ás vezes, sobra alguma coisa desse rateio systematico. Então o olygarcha, os parentes e os aggregados criam subtis processos para fazer derivar do thezouro para as suas bolsas o que acaso sobeje. E são privilegios, monopolios, concessões, negociatas, indemnisações, contractos, etc. E como tudo se passa em familia — a assembléa ou o presidente concede, o thezouro paga, os juizes acham tudo perfeito, a imprensa official applaude, a soldadesca impõe a execução e o silencio — não ha protestos que valham, nem escandalos publicos que avultem. Quem grita, grita sem provas, porque os documentos são sonegados, as certidões recusadas, os recursos protellados. E si ha exaltados que queiram uzar de meios mais efficazes para revelar a sua indignação ou defender-se, a milicia fardada os massacra legalmente e a mesma milicia a paizana os assassina nas ruas, garantida com a impunidade.

5. — Quando o coronel Bezerril deixou o governo em 1896, ficaram no cofre do Estado perto de 3.000 contos. Foi o olygarcha quem o substituiu. Ao findar este o seu quatriennio e ao passar o governo ao dr. Pedro Borges, este encontrou em caixa algumas dezenas de mil réis. Isto é: os 3.000 contos e mais os 10.000 contos arrecadados no quatriennio, o olygarcha com o seu pessoal os devorou completamente. Nem uma despeza util ao Estado coucorreu para essa liquidação radical.

6. — De quando em quando, por pura inepcia, essa gente fabríca uma lei tributaria que vem de encontro ás leis federaes. E' quando os roubados pódem gritar com apparente efficacia, porque o Supremo Tribunal Federal decreta a nullidade da lei. Justamente este era o caso da lei n. 789 e parece o caso da actual.

Leis como estas serão sempre derrocadas. Mas isso basta? Só com essa resistencia terá o commercio cumprido o seu dever civico? O Supremo Tribunal condemnará reiteradamente o latrocinio do olygarcha e o olygarcha, esgotando todos os recursos da chicana, recuará outras tantas vezes. Mas, logo, fará votar pela sua assembléa uma nova gazúa tributaria que substitua a que lhe partiram nas garras. O commercio póde viver essa vida de conflictos, de demandas e de resistencias legaes? Imagina o commercio que essa gente recúe e desista dos seus intuitos espoliadores? E quando finalmente a olygarchia acertar um processo de tributação prohibitiva que não possa ser taxado de inconstitucional, de que recurso lançará mão o commercio? Espera que os juizes do Estado lhe dêem razão e façam justiça contra o olygarcha?

7 —Ora, a situação é esta. Todo dinheiro arrecadado pelo fisco do Ceará é adjudicado, sem muita cerimonia, ao patrimonio dos individuos que se apossaram do poder. Logo, todo imposto cobrado por essa gente é um furto: os inconstitucionaes e os que o não são. A população inteira do Ceará trabalha e morre a fome exclusivamente para engordar a assanhada tribu de vadios que parasita sobre ella. A propriedade do cidadão no Ceará é alvo de uma insoffreavel cobiça. Preste-se uma attenção cuidada aos movimentos dessa informe massa parasitaria que se estende, flacida e repulsiva, sobre essa desgraçada terra e notar-se-á que esses movimentos tendem,— todos elles,—tendem simplesmente a dois fins: apprehensão e deglutição—

arrecadação dos haveres dos servos indefezos por todos os meios imaginaveis, creação de processos adequados á inteira incorporação desses haveres na economia do monstruoso vampiro.

8.—O commercio deve, pois, desistir de toda reclamação no terreno legal e recuzar-se simplesmente e obstinadamente ao pagamento de qualquer imposto. Essa attitude civica é a unica compativel com a dignidade e a moral. Essas quantias gastas em questões improficuas, esses dinheiros atirados aos furtadores do povo, deve o commercio empregal-os em se cercar de meios adequados de defeza.

9.—Essa attitude é praticamente possivel? Sim. No dia em que as classes médias do Ceará se compenetrarem do seu dever e reagirem por essa fórma, todo o povo as acompanhará e a ridicula dymnastia tombará irremediavelmente. No emtanto, não aconselhamos uma revolução de caracter politico. O que recommendamos é uma reacção tenaz e proficua. Negar-se a concorrer para praticas deshonestas, abster-se de cooperar em actos que as leis e a moral punem e flagellam, defender-se pela inercia do peculato desbriado que é no Ceará a norma administrativa, não é fomentar nem encabeçar revoluções. Agóra, si, não se conformando com a recusa digna da população, a olygarchia pretender coagil-a pela força a submetter-se á sua criminosa exigencia, então sim, a repulsa no terreno da força, até quanto baste para fazer recuar a matilha voraz, é um direito e é um dever. E si por ventura succeder que no conflicto sáiam os aggressores mal feridos, tanto melhor porque se evitarão futuros maleficios; mas isso não é uma revolução e sim um acto de stricta defeza.

10.—Todo o povo do Ceará é interessado nessa importante questão, porque, quando o commercio acabar cedendo á extorsão, por verificar, como verificará, que a sua resistencia, aliás digna de elogios, é completamente improficua, quando isto se dér, o povo é que pagará realmente os tributos affrontosamente creados pelos incorrigiveis malandrins. Ao povo diremos que é preciso pôr-se ao lado do commercio neste momento, porque é o seu pão que lhe querem roubar, é a subsistencia da sua familia que lhe querem arrancar. Esses impostos revertem de qualquer modo em beneficio do territorio ou da população?. . Não! Portanto não são impostos, é uma rapinagem. O povo fiscaliza a applicação das rendas, é ouvido, é consultado na fixação tributaria? Não! Então não é um orçamento o que chamam orçamento no Ceará e sim o *Deve* e *Haver* de uma commandita de aventureiros que explora e tosquia um povo pauperrimo e infeliz.

Si o povo do Ceará se collocar ao lado do commercio, prestigiando-o em todo o terreno e si o commercio quizer cumprir o seu dever, a olygarchia sinistra succumbirá pela fome.

E de qualquer fórma é preciso que ella desappareça, porque ella é uma sanguesuga e um ultraje: collabora nos grandes flagellos climatericos, mais do que elles assanhada e implacavel, numa fome insaciavel de dinheiro — *sacra fames auri* — gasto e falho o verniz de um primitivo pudor; dá uma deshonrosa idéa dos brios de um povo que mereceu o epitheto mais nobre com que se possa corôar um povo.

E' preciso que por qualquer preço a estirpe maculada desses reprobos seja varrida para longe, não já tanto por ladra, mas principalmente por aviltante e ignominiosa.

Esta linguagem arrepia os escrupulos dos comedidos, dos pacatos. Mas é nossa a culpa si a verdade é assim cruel? O momento é de se ouvir e attender este eloquente conselho de Bruno Barbosa, o magnifico poeta cearense:

Poetas de meu paiz! eis que é chegado o instante
De illuminar com o verso esta profunda noite:
Transformae vossa lyra em latego infamante,
Transformae vossa lyra em rodizio de açoite
Sobre a malta de anões que prende este gigante.

Rio, março de 1906.

FROTA PESSÔA.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

A capacidade offensiva e defensiva dos navios de guerra, isto é, a intensidade e potencia dos seus instrumentos de destruição e os meios de resistencia á acção das armas do ataque; o estudo dos principios, regras e caracter da tactica naval são questões cujo exame preliminar se impõe para a apprehensão cabal dos dados reguladores do problema do artilhamento das costas.

Essa apreciação preparatoria nos conduzirá de um modo racional á sua verdadeira solução, afastando todos os dados empiricos em que se fundam aquelles que abandonam essa consideração de ordem organica e tactica para affeiçoal-a ás suas creações de natureza puramente technica.

Os altos progressos da arte militar contemporanea, em relação aos seus instrumentos e methodos de combate, trazem como consequencia obrigada uma adaptação mais intima, mais harmonica e equivalente na sua mutua opposição. Si na antiguidade, a singeleza, a rusticidade dos elementos empregados na guerra alargava o campo de applicação das concepções de cada um, com resultados mais ou menos satisfactorios, hoje, ao contrario, os aperfeiçoamentos no armamento restringem esse arbitrio a proporções muito limitadas.

E como o papel destinado ás baterias de costa é de se oppor ás tentativas dos ataques dos navios de guerra inimigos, procurando destruil-os com os recursos á sua disposição, necessario se torna conhecel-os de antemão para melhor eleger os meios e disposições a adoptar na sua construcção.

Em meio da diversidade apresentada pelas unidades componentes das esquadras dos differentes paizes, alcançando condições essenciaes, distingue-se um typo commum que define a sua capacidade offensiva e defensiva, sob o ponto de vista material.

Necessariamente é dispensavel descer, nesta ligeira apreciação, á consideração das diversas modalidades que apresentam os navios de combate; o nosso intento se satisfará com os elementos fornecidos pelo mais forte, mais poderoso, pois tudo quanto assignalarmos para esse caso, se estenderá aos demais.

Os acontecimentos passados na recente lucta russo-japoneza não devem egualmente ficar em esquecimento, taes os exemplos invocados por muitos profissionaes como seguros guias para a construcção das futuras unidades de guerra naval.

Muita gente, a grande maioria mesmo dos que se teem dedicado ao estudo critico das acções navaes que alli se desenrolaram, procurando com louvavel intenção diffundir largamente os ensinamentos daquella campanha, entregou-se com demasiada confiança aos factos transmittidos pelas primeiras noticias, sem muito se preoccuparem com o exame acurado e indispensavel das circumstancias particulares que os acompanharam.

Affigura-se ao leigo na materia e ainda aos profissionaes pouco atilados, que a celebre batalha de Tsushima, revelou ao mundo coisas até então inteiramente desconhecidas e que a nenhum mortal era dado suspeitar, cantando-se aquella victoria com tal abundancia de maravilhosos factos que, realmente, a terem a ornamentação apregoada, causariam motivo de verdadeiro assombro.

De ha muito tempo, estamos acostumados a essa gritaria enthusiastica pelos pretensos e illimitados ensinamentos de dadas campanhas, originada pelas noticias de occasião revestidas de muita lenda, e que justificam

o conhecido dito popular : — em tempo de guerra, mentira como terra.

Nos nossos dias, ainda muito recentemente, succedeu assim ao correr e após a guerra hispano-americana e a anglo-boer ; a mésse interminavel de ensinamentos foi com a successão dos dias diminuindo consideravelmente e, em seguida a estudos mais aprofundados e menos apaixonados, elles surgiram com caracter menos surprehendente e mais natural.

Com a guerra russo-japoneza, devemos confessar, as operações militares tiveram outra extensão e regularidade, pelo que é licito esperar que alguma coisa nova appareça para ser apropriada ás luctas futuras ; mas, por emquanto, cumpre guardar certa reserva para evitar decepções posteriores.

A desegualdade dos partidos contendores, principalmente no mar, era bem accentuada, o que resaltará da ligeira analyse que nos propomos a fazer das circumstancia mais frisantes que precederam e occorreram durante a batalha de Tsushima.

TENENTE MAX.

O ALMIRANTE (74)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

Hortencia não respondeu á ironia do medico; corou, confusa, procurando disfarçar a commoção que lhe sacudira todas as febras; retraíu-se envergonhada como si fôra surprehendida em flagrante cobardia, faltando á promessa de absoluta abnegação ao homem que agóra tinha sobre ella todos os direitos de esposo. E a essa idéa terrivel a sua nova situação se desenhava nitidamente; ella comprehendia, em toda a intimidade, o vinculo inextinguivel, comprimindo-lhe o coração, supprimindo-lhe a liberdade, reduzindo a uma estreita área de acção os seus impulsos de moça, marcando limites assignalados pelo dever ás suas aspirações, aos seus fulgurantes sonhos de ventura. Ella se sentia captiva, sequiosa de luz, de espaço, agrilhoada aos severos dictames da honra, condemnada á obediencia de coisa que se alienára numa subordinação de que sómente a morte poderia libertal-a.

Terminado o tratamento da ferida, o medico fez minuciosas recommendações, indicou varios medicamentos na previsão de accidentes, de crises provaveis, e lhe não poupou esclarecimentos muito francos sobre a gravidade daquelle transe, que poderia ter um desenlace fatal si não sobrevivesse, como era de esperar, uma reacção benefica.

— Confiando na sua energia — concluiu elle — eu tenho o dever de informal-a da situação do enfermo, e conto empregará todos os esforços para serem observadas, á risca, as minhas prescripções. Si, todavia, não se sente com forças para proseguir na sua caridosa tarefa, procurarei uma pessôa habilitada, um profissional que se incumba do tratamento...

— Não doutor — disse Hortencia, com vóz firme — eu cumprirei até o fim o meu dever.

— Pense bem. A senhora confia de mais nas suas forças ; os seus nervos pódem traíl-a outra vez...

— Não tenha receio..

Quando o medico se retirou, a marqueza acercou-se de Hortencia, pedindo-lhe informações, a opinião do homem de sciencia sobre aquelle accesso que tanto as impressionára.

— Apezar da minha fé — observou a marqueza, ainda vibrando de terror — pensei que ia morrer... naquelle momento o meu adorado filho... Que coisa horrivel !... Oscar parecia halucinado...

— Foi uma crise... — ponderou Hortencia — muito vulgar nesses casos, disse-me o doutor. Vá repouzar Guilinha ; elle está calmo. Veja como dorme tranquillamente...

A marqueza fitou olhos afflictos no semblante de Oscar, immobilisado num somno extenuante, e saíndo lentamente da bibliotheca foi occupar o seu posto no pequeno salão, frouxamente illuminado por uma lanterna opaca suspensa sobre o patamar da escada.

Mais tarde, voltaram d. Eugenia, Marianinha e o conselheiro. Chegaram de manso, os passos abafados na espessa alcatifa, aventurando olhares indagadores e não ouzando interromper o silencio da marqueza, immersa nos seus presentimentos, embebida no fluxo de duvidas, de esperanças que lhe assoberbavam o coração.

— Como váe elle ? — arriscou d. Eugenia, em vóz baixa depois de longa pausa...

A marqueza fez um gesto impondo silencio.

— Alguma novidade ? — inquiriu por sua vez Marianninha, dirigindo-se a d. Eugenia.

— O medico aqui esteve. Si alguma coisa houvesse, elle teria communicado ao Antonino, com quem falou, de passagem..

O conselheiro fez com a cabeça um signal negativo e tomou um assento perto da marqueza, que parecia completamente estranha á presença dos amigos, absorvida pela cruel lucta travada no seu espirito, ouvido attento ao menor ruido, ás rajadas intermittentes do vento que agitava a ramaria frondosa do parque, sepultado em densa treva, ás palavras murmuradas á surdina pelas duas senhoras, preoccupadas com aquella attitude de severa impassibilidade.

Hortencia afastára do leito do enfermo a poltrona de couro da Russia para junto da meza em que estavam os medicamentos e um pequeno relogio, cujo mostrador de porcellana, illuminado pela lampada, era percorrido lentamente pelos ponteiros de aço polido. Chegára a hora de ministrar-lhe um calmante ; ella tomou um pequeno frasco, leu no rotulo, entre outras palavras, *morphina* ; a mão estremeceu-lhe numa crispação, e seus olhos se toldaram como si lhe passasse pelo cerebro a torva sombra de um crime. Estava alli, naquelle escuro liquido, a libertação ; algumas gottas mais bastariam para resolver aquella terrivel conjuncção a que fôra arrastada por um excesso de dedicação, de abnegação imponderada, submettendo-a a um sacrificio absurdo, monstruoso, que ella tinha o direito de evitar por todos os meios no exercicio de uma defeza legitima. Um intenso calefrio percorreu todo o seu corpo ; o coração lhe arfava afogado numa onda de sangue, que lhe imprimia uma vaga sensação de vertigem. Concentrando todas as suas energias, ella depoz sobre a meza o sinistro frasco que lhe queimava as mãos e deliberou deixar o aposento para evitar a suggestão sinistra. Dado o primeiro passo para a porta, Hortencia estacou transida de terror á vóz de Oscar.

— Dolores, Dolores ! — murmurou elle, em tom de supplica—Amo-te. amo-te..

— Dolores ! — balbuciou ella, com amarga surpreza — São para ella os seus pensamentos.

— Dolores !. — continuou o enfermo, como si a vóz lhe expirasse nos labios num esforço doloroso—Perdôa-me, perdôa-me...

Essas palavras penetravam o coração de Hortencia como púas incandescentes.

(*Continúa*).

PAGINAS ESQUECIDAS

AO PE' DO TUMULO

AOS MEUS

Eis o descanço eterno... o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso emfim... e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra ! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluçaes por mim, eu vos bemdigo,
O' almas de minh'alma abençoadas !

Quando eu daqui me fôr, anjos da guarda,
Quando vier a morte, que não tarda,
Roubar-me a morte para nunca mais,

Em pranto escrevam sobre a minha lousa:
«Longe da magua, emfim, no Céo repousa
Quem soffreu muito e quem amou de mais.»

AUTA DE SOUZA.

***

VINGANÇA DE D. NUNO ALVARES PEREIRA NUM JANTAR

Era ordenada a sala em que el-rei e sua mulher haviam de comer, e gran parte dos fidalgos de Castella e de Portugal. Nella havia muitas mesas bem corregidas, e tres dellas eram principaes; a d'el-rei, que era travessa e bem levantada, como cumpria, e uma da parte direita e outra da parte sestra.

E entre aquelles, que eram assignados para comer nestas mesas com outros fidalgos, foram Nuno Alvares e Fernão Pereira, seu irmão ; e, quando foi tempo para se sentarem, elles, com mesura, não se trigaram muito ; e a mesa em que elles haviam de ser foi mui depressa cheia de portuguezes e de castelhanos, e elles ficaram por sentar, sem fazerem os outros d'elles conta, posto que fossem assás conhecidos, e estivessem corregidos de festa.

Nuno Alvares, vendo a mesa cheia, e que não tinham onde se sentar, disse, já quanto de sanhudo, contra seu irmão :

— «Nós não temos honra de mais estar aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para as pousadas; pero, antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco prezaram e riram de nós, que riamos nós delles e fiquem escarnidos.»

Então, passeando mui manso, chegou-se ao cabo da mesa, vendo-o el-rei d'onde sia sentado, e com os joelhos derribou o pé da mesa e deu com ella em terra. Os que a ella siam ficaram espantados, e elle, com seu irmão, se partiram da sala, tão socegados como se não fizessem nenhuma coisa.

El-rei, que isto bem vio, perguntou que homens eram aquelles, e disseram-lhe como foram convidados e houveram de comer naquella mesa, e que os que siam não fizeram delles conta, nem lhes deram logar em que se sentassem.

— «Sei que se vingaram bem, disse el-rei, e quem tal coisa commetteu neste logar, sentindo isto que foi feito, para muito mais será seu coração.»

Porém el-rei não tornou mais áquillo, porque eram portuguezes, cá se foram castelhanos podera ser que tornára d'outra guisa.

FERNÃO LOPES.

O DINHEIRO DE S. PEDRO

De tal modo imitou o papa a singeleza
Do martyr do Calvario,
Que á força de gastar os bens com a pobreza
Tornou-se milionario.

Tu hoje pódes ver, ó filho de Maria,
O teu vigario humilde
Conversando na bolsa em fundos da Turquia
Com o barão Rotschild.

A cruz da redempção, que deu ao mundo a vida
Por te haver dado a morte.
Tem-a no seu *bureau* o padre santo erguida
Sobre uma caixa fortè.

E toda essa riqueza immensa, acumulada
Pos tantos financeiros,
O que é a economia, oh ! Deus ! foi começada
Só com trinta dinheiros !

GUERRA JUNQUEIRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A fadiga physiologica e psychica. — Applicações ao ensino. — Os recentes estudos do sr. Martial Vergnolle.

O sr. Martial Vergnolle publicou recentemente um importante estudo sobre a fadiga, assumpto de interesse geral, considerado do duplo ponto de vista—real physiologica, suggerida e psychica. No primeiro caso, fadiga muscular, offerece elle dois elementos principaes — um subjectivo, outro objectivo, comprehendendo ambos, em sua synthese, os exercicios onde não intervem a actividade cerebral, ou intervem ligeiramente como a dansa, a equitação, a canoagem, o cyclismo, a corrida etc, tudo quanto reclama um esforço quasi automatico ou instinctivo, differente do que exige uma attenção demorada, engendrando a fadiga cerebral.

A fadiga suggerida foi menos estudada do que a physiologica, sendo aquella objecto de especial estudo do auctor, que a considera resultante da representação mental mais ou menos intensa, do esforço executado ou a executar. Ella exerce influencias que pódem ser utilmente empregadas. E, assim que as canções de marcha, recommendadas no exercito e vantajosamente praticadas em certos regimentos, servindo para conduzir homens do mesmo modo que uma allocução vibrante electriza os soldados : são conhecidos innumeros casos em que a victoria foi em parte devida aos discursos militares.

Suggerir o esforço que determina uma fadiga psychica póde ser um estimulante.

Essa suggestão não tem realmente outro fim e resultado, sinão provocar o emprego do capital dynamico real não exgottado.

Essas considerações teem applicação no ensino da mocidade, como succede na Inglaterra, em cujas escolas a manobra faz parte do programma dos trabalhos de aula, sendo o discipulo habituado a fazer diariamente, sob a inspecção do mestre, exercicios musculares nos quaes intervem a animação e a suggestão impondo fadiga.

Esse methodo poderia ser adoptado com inestimaveis vantagens nas escolas primarias.

***

A luz colorida e a cirurgia. — Anesthesia pelas côres. — As experiencias do professor Redard e do dr. Milliard.

O professor Redard, de Genova, fez recentemente uma série de experiencias curiosas sobre os effeitos psychologicos da luz colorida nas operações cirurgicas. Verificou que o corpo humano póde ser affectado de maneira distincta, segundo as differenças de coloração da luz que age sobre certo membro, sobre certo nervo. Investigações e observações repetidas demonstraram que nas operações de curta duração, esse meio poderia offerecer vantagens, anesthesiando os nervos em condições sufficientes para não occasionar soffrimento ao paciente.

Esse methodo foi tentado com successo, especialmente pela cirurgia dentaria.

Para o professor Redard, cada uma das côres do prisma tem uma acção bem definida sobre o organismo — o vermelho excita e irrita ; o amarello, ao contrario, deprime ; o azul acalma.

Na applicação anesthesica da luz azul, o paciente se colloca a 25 centimetros de uma lampada incandescente de 15 vélas, sendo a respectiva ampola de vidro azul munida de um reflector. A cabeça do paciente é coberta com um véo azul e seu olhar se dirige para a lampada. No fim de alguns minutos, elle se acha em estado de completa inconsciencia. Erguendo o véo, se verifica que a pupilla está dilatada e o olhar fixo, sendo, então, facil extraír um dente sem dôr. Dá-se, porém, que a operação se executa com mais successo em certos individuos do que em outros.

O dr. Milliard, de Londres, se serviu tambem da luz azul no seu gabinete dentario e affirma que, sobre trinta operações, teve vinte de completo exito.

Importa, entretanto, tornar bem evidente que a anesthesia não é devida ao hypnotismo, mas á acção directa da luz sobre os centros nervosos.

A electrotherapia. — Processos de galvanisação e faradisação contra atrophias musculares — As applicações.

A electrotherapia começa a ser applicada em muitos casos de accidentes de trabalho para combater a atrophia muscular resultante de contorsões, deslocações, fracturas.

Os processos mais geralmente empregados são a galvanisação e a faradisação. No primeiro, se applicam correntes directas de 12 a 15 *milliampères* durante um quarto de hora; no segundo, trata-se o doente por meio de correntes alternantes.

O dr. Renault obteve por este meio uma cura de fistula.

A electricidade intervem tambem com successo no exame dos simuladores, sendo a reacção absolutamente independente da vontade do paciente, methodo que presta excellentes serviços nos conselhos de revisão e nos exames de sanidade.

***

Actividade do Sol

O anno de 1905, no ponto de vista de observação solar, caracterizou-se por uma agitação extraordinaria. Nunca se observaram tantas manchas, sinão tão numerosas, pelo menos tão extensas. As formações de outubro attingiram a proporções unicas até hoje. Uma dessas manchas de outubro media cerca de 31.000 kilometros de extensão ou quatro vezes o diametro da Terra. Essas agitações solares, si bem que afastadas de nós cerca de 149 milhões de kilometros, tocam-nos, entretanto, muito de perto, pois é sabido que se attribúem a essas agitações os numerosos cyclones, as trombas e os tremores de terra que devastaram diversas regiões em 1905, e que são a caracteristica excepcional desse anno meteorico que deixou uma bem triste lembrança.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Diz uma noticia de *La Stratégie*:

« Após um anno de ausencia, o sr. Marshall entrou em Nova York, depois de ter conhecido alternativamente as alegrias do triumpho e a amargura da derrota. Resta-lhe uma consolação: a sra. Marshall deu-lhe um bello e forte rapaz. Dirigimos-lhe as nossas felicitações. A' sua chegada, o sr. Marshall deu no Manhattan Chess Club, uma secção de 25 partidas simultaneas com o bello resultado de 19 ganhas, 3 perdidas e 2 nullas». Vê-se o tom levemente debochativo dos dois primeiros periodos. Numa Preti, parece-nos, não perdôa a Marshall a derrota infligida ha um anno a Janowski, o assiduo colladorador do seu jornal.

— Uma noticia sensacional: o professor Isaac Rice que, se não merece muito do enxadrismo pelo gambito que inventou, muito merece pelo seu grande ardor em favor do xadrez, propoz, no Manhattan Chess Club, em Nova York, formar uma confederação internacional para organisar *matchs* de campeonato e grandes torneios, organisando-se então annualmente um *match* para o grande campeonato do mundo. O actual campeão do mundo, dr. E. Lasker, que ha annos conserva o bastão sem querer se aventurar a perdel-o numa prova com os mestres que o têm desafiado, declarou que acceitava de bom grado essa idéa em sua plenitude. Por sua vez, o dr. Tarrasch, o forte mestre allemão, declarou que applaudia a idéa e que, tendo obtido mais successo que o dr. Lasker, pois que era mais facil bater o velho Steinitz que o jovem Marshall, não lhe competia desafiar o campeão do mundo, mas que estava disposto a jogar com elle um *match* para a disputa do campeonato.

Como se sabe, foi de Steinitz que o dr. Lasker tomou o sceptro que ainda impunha e é recentissima a brilhante victoria do dr. Tarrasch sobre Marshall.

Attendendo-se ao enthusiasmo do professor Rice, é possivel que em breve grandes coisas se passem no mundo enxadristico, o que dará ao xadrez um forte impulso.

— O dr. E. Lasker joga por correspondencia com quem quizer medir-se e aprender com elle, compromettendo-se a fazer uma observação sobre cada lance do adversario. A tarifa é para os amadores de 25 francos e para os circulos e clubs de 50, por partida.

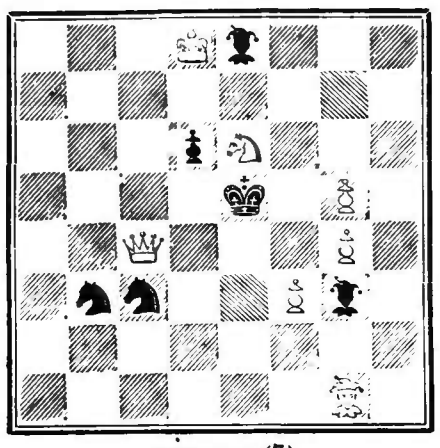
— Falleceram: a 30 de novembro do anno passado, em Philadelphia, G. Reichhelm, um dos mais fortes jogadores dos Estados Unidos e emérito compositor; na mesma data, em Hamburgo, S. Lispschutz, que foi campeão dos Estados Unidos de 1885 a 1887, quando foi batido por Showalter; e, na Inglaterra, G. Fraser, antigo campeão da Escossia, theorista notavel, e J. F. Moon, problemista distincto.

***

PROBLEMA N. 41

Tacito & Lipman

PRETAS (6)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 43

(Jogada no torneio do Club de São Paulo, 1905)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (Dimitri Reich)		*Pretas* (S. Campos Junior)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
P 5 B (*a*)	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	B 2 R
C 3 B D	— 5 —	C 3 B
P 3 R	— 6 —	P 3 T R
B × C	— 7 —	B × B
B 5 C	— 8 —	B 2 D
B × C (*b*)	— 9 —	B × B
C 3 B	— 10 —	Roque
P 4 C D	— 11 —	P 3 T
Roque	— 12 —	T 1 R
P 4 T D	— 13 —	P 4 C D
P 5 T	— 14 —	P 4 R
P × P	— 15 —	B × P
C × B	— 16 —	T × C
D 4 D	— 17 —	D 2 R
T D 1 D	— 18 —	B 2 C
T R 1 R	— 19 —	T 1 R
T 3 D	— 20 —	P 3 B D
T 2 D	— 21 —	B 1 B
T D 2 R	— 22 —	B 4 B
P 3 B	— 23 —	B 3 C
P 4 R	— 24 —	P × P
C × P	— 25 —	B × C
T × B (*c*)	— 26 —	T × T
P × T	— 27 —	T 1 D
D 3 B	— 28 —	D 4 C
T 3 R (*d*)	— 29 —	T 8 D x
R 2 B	— 30 —	D 5 B x
T 3 B	— 31 —	abandonam

(*a*) O sr. Dimitri ama os lances pouco usados.

(*b*) Esta formula simplista de liquidar, trocando indifferentemente bispos por cavallos (deixem passar o cacophaton, não fomos nós que fizemos a lingua) não podia exactamente conduzir á victoria.

(*c*) Mal jogado este final. Nesta situação as Brancas deveriam pelo menos empatar.

(*d*) Pessimo!

***

Tacito & Lipman. — Prefeririamos que os problemas de xadrez fôssem todos assignados pelos verdadeiros nomes dos seus auctores, não por um luxo de authenticidade, mas para dar prestigio a uma tão nobre occupação. Apenas para não contrarial-os não fizemos esta objecção desde o principio, quando acceitamos a sua magnifica collaboração. O problema de *Calito* será portanto, publicado, em vista do precedente, mas quizeramos ao menos para nosso uzo saber o nome do auctor, desde que elle não queira vel-o publicado.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 40 (*A. G. Corrias*): 1 — P 3 C R, R 2 T; 2 — D 5 C R, R move; 3 — D 7 C mate; 1... R 3 B; 2 — D 7 D, R move; 3 D 7 R ou 7 C mate; 1... R × P; 2 — D 7 B R, R move; 3 — D 7 C mate.

JOSÉ GETULIO.

BIBLIOGRAPHIA

Historia resumida do homem primitivo, por Edward Clodd, traduzido do inglez por Teixeira Botelho; um pequeno volume magnificamente impresso e illustrado; edição srs. dos Ferreira & Oliveira, de Lisbôa.

*

Muito pontualmente, temos recebido os *Serões*, edição da casa Ferreira & Oliveira, de Lisbôa. Agóra mesmo nos chega o numero 7 da brilhante revista portugueza, que sustenta, em toda a linha, a excellencia dos anteriores. Do seu summario destacam-se o artigo, illustrado, sobre os sanatorios da Madeira, e os *aspectos da capital*, onde se encontra uma informação magnifica do *Chiado* de outros tempos.

A proposito:

O 4º num. dos *Serões*, rendendo uma homenagem ao *Cenaculo Silveira*, do Recife, informa que ella é divida como agradecimento á cooperação dos seus membros para «o lisongeiro acolhimento que a revista *Os Serões* tem tido no vasto *imperio brazileiro*...» Em geographia, a ignorancia já não é exclusiva da França e de um certo prefeito de uma cidade americana, o qual, até bem pouco tempo, não sabia ainda si a Republica era a nossa fórma de governo.

O OITEIRO DA CRUZ

Foi aqui que dos bátavos unidos
As rudes hostes, bravas, aguerridas
A' luz de tantos sóes,
Batalhavam, tremendas, indomaveis,
Contra os ferros das armas formidaveis
De um reducto de heróes !

Foi aqui que aos arrancos esforçados
Das espadas dos rutilos soldados
Em rispido furor,
Se mediram na lucta horrenda e forte
Os graves filhos dos sertões do Norte
E o barbaro invasor !...

Foi aqui, onde a cruz brilhante alveja
Que nos rasgos terriveis da peleja,
Infrene, marcial,
Beijára o vento as lucidas bandeiras
Que luziram de glorias verdadeiras
No céo de Portugal !...

E ao clangor das horrisonas cornetas,
Scintillaram no espaço as bayonetas
Nas pontas dos fuzis ;
Emquanto agudas flechas, atrevidas,
Varando peitos e arrancando vidas
Salvaram S. Luiz !...

Sublime peito de elevado povo !...
E um prodigio de guerra, um facto novo,
Aos brados, viu-se então :
Baterias impervias, denodadas,
Pelos nossos indigenas tomadas
A golpes de facão !.

E si vinha uma bala que arrancava
A perna de um colono, espedaçava
O craneo de um tupy,
Mais augmentava a férvida carnagem
Revestindo-se os lusos da coragem
Que inspiravam o memby !...

E foi sublime essa batalha augusta
A rufos de tambor, travada á custa
De um povo em reacção !...
E por entre a fumaça, o fogo, a poeira
Ouviu-se a vóz do energico Teixeira
Saudar o Maranhão !...

Que brilhem mudas ao clarão da gloria,
Qual um marco fatal da nossa historia
Os braços desta cruz,
Desta cruz que relembra os tempos idos
Das heroicas nações, dos bravos destemidos,
Dos guerreiros da luz !.

Thermopylas da patria !.. Aqui morreram
Cem laconios febris que appareceram
Ao grito de—avançar !.
Mostrando a flux desta cruzada santa
Que o grande povo que sorrindo canta
Tambem sabe luctar !...

Grande Oiteiro da Cruz ! si eu te contemplo
E' que vejo em teu vulto um nobre exemplo
De civismo e de amor !...
E saibam nossos posteros, um dia,
Que aqui repoizam sob a lage fria
Soldados de valor !

Fôram mais que os Titans da antiga lenda
Que tentaram subir na audaz contenda
Ao portico dos céos ;
Pois estes viram proximo o castigo,
Emquanto aquelles no fatal perigo
Levantaram trophéos !..

E as mães, lá quando houver um novo attricto,
Mostrando aos filhos este emblema avito,
Em lagrimas dirão :
—Vergae, meu filho, o exercito mais forte,
E expondo a vida, e provocando a morte,
Salvae o Maranhão !...

IGNACIO RAPOSO.

OUVINDO MOZART

Quando os teus dedos vibram no teclado
A encantadora musica argentina
Ante mim vejo aberto e desdobrado
O poema da lagrima divina.

Si num arpejo celere e maguado
Tu lembras á minh'alma a peregrina
Estancia em que eu amei não sendo amado,
E a minha vida emtanto inda illumina :

Ascendo então á dulcida paragem
Onde descança, á sombra da ramagem
Dos meus sonhos, a funebre cohorte.

E cuido ouvir em toda parte a estranha
Harmonia do amor que me acompanha
Pelo estendal phantastico da Morte.

Recife, 1906.

GETULIO AMARAL.

ANNO III — Rio de Janeiro, 29 de Março de 1906 — Num. 75

ASSIGNATURAS
ANNO... ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Alagôas marcou funda impressão na opinião nacional, como escandalo de marca maior excedente á craveira desses que se tornaram meio normal de vida de perpetuidade das nefastas olygarchias, consolidadas em pedras angulares da politica republicana. Alagôas conquistou o *record* das olygarchias desabusadas.

Para felicidade da familia alagôana, para a satisfação dos idéaes daquelle pequenino, daquelle patriotico torrão de Calabar e outros heróes, era indispensavel ficar o governo nas mãos solicitas de um preclaro membro da dynastia dos Maltas, estivesse elle embóra incompatibilisado pela lei organica do Estado, duplamente incompatibilisado por ser irmão do satrapa em exercicio e por estar ainda dentro do prazo constitucional da exclusão por exercicio anterior do cargo.

A felicidade da familia alagôana merecia bem esse crime infestado, perpetrado com immenso sacrificio, com o penoso sacrificio de todas as injuncções do poder; os Maltas não teem meios termos, não esbarram ante restricções que impressionariam os mais embotados orphãos do senso moral, não conhecem barreiras aos seus desvarios nem se abrigam sob os véos hypocritas do respeito ás apparencias: tão elevado fim—a felicidade da familia alagôana — justifica todos os meios.

A malta acciolyna, donataria do Estado do Ceará, finge ainda uns resquicios de escrupulos: quando a sua ambição incontestavel se detém nos garranchos da Constituição que ella mesmo forgicou para uzo e gozo especial da sua ninhada, convoca, do pé para a mão, o Congresso de parentes, de amigos, de capangas, e póda o galho impertinente, atravessado no seu caminho victorioso. Para reeleger o chefe do magote de alcandorados estadistas, ou subtituil-o por um pimpolho para que o poder supremo não escape do seio da familia, elles, inimigos figadaes de todos os revisionistas, emendam a Constituição como si concertassem uma bota que se lhe não amolda aos callos monstruosos; mettem-na na fôrma; põem-lhe meia sóla com todos os sacramentos legaes, com toda a pericia de remendões emeritos.

Os ineffaveis Maltas de Alagôas não se embaraçaram nessas formalidades: sacrificam tudo para corresponderem ao voto do povo que os acclamam instrumentos da sua felicidade, da sua gloria.

Era urgente promover certo melhoramento na capital do Estado, arranjar-lhe illuminação electrica e, como esse extraordinario emprehendimento não estava dentro das forças do orçamento, como era imprescindivel recorrer ao capital estrangeiro, um Malta benemerito contractou aquelle serviço publico com um subdito allemão, que exigiu toda a sorte de seguranças, inclusive o sacrificio da dignidade do Estado que o Malta não hesitou em vender desabusadamente.

O allemão, como o sr. Leopoldo de Bulhões, não tem confiança na justiça brazileira: exigiu, por isso, que as questões com os contribuintes, consumidores da luz electrica, fôssem julgadas no fôro de Berlim, e o Malta não hesitou em desaforar os cidadãos alagôanos com uma desfaçatez, com um desprendimento que sómente encontra parelha na inepcia do allemão que se julgou completamente garantido por essa clausula absurda, inexequivel, uma vez que as sentenças dos tribunaes de Berlim esbarrariam no Supremo Tribunal Federal do Brazil, a menos que não sejam executadas a muque pelos marinheiros dos couraçados, das *Panther* do kaiser, investidos da funcção de officiaes da justiça internacional.

Mas a vergonha, os perigos resultantes desse monstruoso negocio, estão perfeitamente justificados pelos fins: o Malta que o perpetrou obedeceu aos intuitos de felicitar o povo alagôano, que o mantém no poder, aureolado pelas estimaveis palmas da benemerencia.

E caberia aqui o venerando *cliché*: os povos teem os governos que merecem.

***

Esses *maltas* são productos genuinos da politica dos governadores, são poderosos instrumentos da politicagem; engrossam a immensa cohorte de incondicionaes que apoiam cegamente o governo central, a cuja sombra medram, de cujo prestigio se nutrem. Sem a tolerancia criminosa dos presidentes da Republica, elles não ouzariam deprimir as institnições democraticas, introduzindo na generosa terra brazileira praticas politicas que seriam repugnantes aos regulos brutos do continente africano; elles não ouzariam conspurcar a lei, negar o pão e agua da justiça aos cidadãos que não commungam no seu credo de iniquidades desbragadas.

O sr. Rodrigues Alves, contra cuja honestidade pessoal nada se póde allegar, assiste impassivel a todos os desmandos dos Maltas a todas as prevaricações, a todas as torpezas dos acciolys, que só teem a justificativa de uma boçalidade impedernida, de uma absoluta falta de senso moral, quando s. ex. poderia, para manter illezos os creditos e a honra da Republica, oppor obstaculos decisivos á obra depressora dessa cafila de odiosos politiqueiros. S. ex. não sómente fica impassivel ante esses crimes, como os acoroçôa com a sua cooperação omnipotente, guindou-lhes os sicarios aos postos de honra, concedendo-lhes postos da guarda nacional, dando-lhes juizes e supplentes da justiça federal para que elles asphyxiem o voto, como acaba

de succeder na primeira experiencia da refórma eleitoral apadrinhada pelo nome do conselheiro Rosa e Silva.

O Malta de Alagôas está envergonhando o seu Estado com um contracto indecentissimo, vâe ser reeleito contra a lettra expressa da Constituição alagôana; nem por isso, desmerecerá da sua qualidade de eleitor, concorrendo com alguns votos cegos para o futuro Congresso; nem por isso lhe negará o Governo Federal mais algumas brigadas de guarda nacional, nem deixará de manter sob as ordens delle os funccionarios federaes do Estado, servindo contra estes de iustrumento de vinganças pessoaes dos satrapas descontentes, offendidos pela quebra do dever de obediencia passiva: elles continuarão a obter do Governo Federal todas as provas de affecto, todas as demonstrações de solidariedade, elemeutos indispensaveis á manutenção da sua tyrannia, porque elles são instrumentos preciosos, capangagem inconsciente que executa, sem trepidar, os mais abominaveis crimes.

O Governo Federal se abriga hypocritameute no sagrado respeito á Constituição, á autonomia dos Estados, onde está definitivamente abolida a fórma republicana federativa; o Governo Federal consente que essa miseria alastre, deturpe, adultere as instituições; assiste, manietado por escrupulos pueris, a esse descalabro, quaudo tem nas mãos o remedio, os meios de nos poupar esse vilipendio e os perigos que se estão amalgauando para o futuro. Ridiculo respeito á Constituição, a cada passo infringida para saciar interesses da politicagem ou para resuscitar tradições incompativeis com a fórma de governo!...

***

Um amigo solicitou a nossa *esclarecida* opinião sobre o convenio de Taubaté, que é o fóco de attracção de todas as vistas, de todos os interesses dependentes do successo do café, que, á perspectiva do monopolio official, está sendo um objecto de forte especulação.

A nossa humilde opinião é que o acto do sr. presidente da Republica, remettendo a approvação do convenio ao Congresso Federal, na fórma do art. 48 § 16 da Constituição, merece plenos louvores por ter feito uzo criterioso de uma importante attribuição, como prova de isenção de animo, dada a sua qualidade privada de importante cultor da famosa rubiacea.

Quanto ao amago do convenio, as suas vantagens, as seus perigos.. respondemos ao nosso amavel leitor que estamos, na materia, com o nosso excellente amigo o sr. Bulhões: não a entendemos pela simplissima razão de não ter estudado ainda, como merece, assumpto de tamanha transcendencia.

O governo accyolino já resolveu esse problema, extinguindo a lavoura do café, o famoso chumbadinho da serra de Baturité: elle e a secca são os mais operosos instrumentos economicos daquella desditosa terra da luz...

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DAS IDÉAS

Estudando-se a Grecia antiga, verse-á que aquelle paiz, collocado entre o Oriente e a Europa, aquecida por uma temperatura tepida, mas moderada pelas nortadas glaciaes descidas das geleiras dos Apeninos e dos Alpes, tendo no ar e no sólo a doçura dos afagos maternos, que lhe aviventam e rejuvenescem o organismo de povo amollentado em poetica voluptuosidade; ver-se-á que aquelle paiz, repetimos, desde seu periodo genesico até suas ulteriores evoluções, não podia deixar de ser para a humanidade o berço de novas sciencias, do aperfeiçoamento das lettras e das artes em geral. A semelhante poder de evocação historica, o espirito moderno se deslumbra a prefigurar-se no lyceu, no gymnasio, nas palestras, uas academias, no Parthenon, no Pireu e na Ágora; a ouvir Demosthenes na *Oração da corôa*, Demades e Eschines, Platão ou Aristoteles; a admirar os quadros de Zeuxis e de Apelles; a estatuaria de Praxisteles ou de Phydias, e toda uma vida espiritual movimentada uo seio da *polis* hellenica e dourada pelas irradiações da belleza esculptural das Aspasias e das Phrynés...

Tratando do ar e do sólo da antiga Hellade, affirma o auctor d'*A philosophia da arte* — que nada é gigantesco naquelle paiz, onde facilmente o olhar apanha os contornos dos objectos e delles recolhe a sua perfeita e nitida imagem. «Nada, exclama elle, de semelhante a esses labyrinthos infindaveis de luxuriosa vegetação, a esses enormes rios que os poetas indianos descrevem; nada de semelhante ás florestas interminaveis, ás planicies sem limites, ao oceano infindo e selvagem do norte da Europa.»

Comprehende-se, pois, facilmente, que, ao envez de madrasta, a natureza fôra uma cortezã aos olhos e aos gozos dos contemporaneos de Anacreonte, que amam as suas fontes cantantes, os seus bosques sagrados pelos druídas e as suas montanhas espiritualisadas com a mais carinhosa e repassada affeição de amoravel ternura. Ao extremo norte, eleva-se o Olympo, onde é feita a morada dos deuses do paganismo. No esplendor de suas artes e de suas lettras, no aureo periodo de sua civilisação, a philosophia não podia deixar de consubstanciar todo o concreto saber do espirito. A sua architectonica philosophica é, pois, a do mytho kosmogonico commum a todos os povos aryanos. No poema de Homero, a Terra é circumdada pelo rio Oceano, que representa o papel da serpente allegorica, que envolve o Planeta nas tradições kosmogonicas da India.

A escola naturalistica de Heraclito, em quem se procura descobrir um predecessor do evolucionismo, aperfeiçoada por Anaxagoras, abre ao mundo do espirito um novo estadio de desenvolvimento humano. Com certa dóse de exaggero, mas certo cunho de verdade, se tem estabelecido que tudo quanto uos descobrem as modernas investigações, encontra seus delineamentos rudimentares nas concepções hellenicas: no polymorphismo, na gravitação dos atomos e na attracção molecular.

Não é aqui o logar assentado para o estudo desse admiravel capitulo, que á historia geral da civilisação do occidente traçou o genio grego, a partir de sua theogonia primitiva, que teve na India o seu berço, até o declinio da republica, quando surgem — Aristoteles, que subjuga e vence com a razão; Demosthenes com a eloquencia; e Alexandre, com o deus das batalhas e dos exercitos.

O certo é que, quando Socrates surgiu no céo do peusamento grego, já de ha muito a philosophia dos gnostas e metaphysicos da Italia, a theoria atomistica e o grupo dos sophistas, tinhaui brilhado no seu apogeu e dado á intelligencia humana a synthese *ionica* da mais inconcussa esterilidade. A Grecia foi o terreno revolvido fundamente por luctas enormes travadas em pról da verdade philosophica e, consequentemente, a primeira funcção do philosopho era a dialectica. Da grande obra de Aristoteles dedúz-se que as discussões mais memoraveis da sabedoria daquelle povo fôram as que se referiram á theoria dos nume-

ros, á theoria das idéas e á reputação do scepticismo. E Pythagoras, Socrates, Platão e Protagoras figuram nos annaes do tempo como os grandes representantes dessas idéas. Na *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa*, assignala Draper que, ou por carencia de informações precizas pela ausencia de dados mais ou menos completos, ou devido á natureza especial da escola, sómente nos é dado saber que as especulações sobre o numero, sobre os signaes que o representam, fôram o ponto de partida dos *pythagoricos* para a sua concepção geral do mundo. Quão verdadeiro era esse ponto de partida em si o demonstrou Aristoteles e o demonstram os chimicos modernos quando representam os corpos por numeros e com elles fórmam combinações sobre que se se bazeam os calculos. E a philosophia, diz Léfèvre, não deixará jámais de ligar a maxima importancia á sciencia dos numeros; mas evitará, acceitando os seus resultados, emprestar-lhe uma existencia idéal, «uma especie de personalidade voluntaria e dirigente», como o fez Pythagoras, ensombrando, dest'arte, de illusões metaphysicas e de aberrantes concepções a theoria numerica do conhecimento. E foi por isto que, apezar de sua pasmosa intuição da doutrina heliocentrica, muito anterior a Copernico, o pensador de Samos, bem diminutamente concorreu para o desenvolvimento da philosophia propriamente dita.

«Les pythagoriciens, escreveu H. Martin deste ponto de vista, cherchèrent dans les corps un principe immanent, mais supérieur, un et multiple à la fois, les nombres, identiques dune part avec les lois de l'univers, d'autre part avec les forces intelligentes. Ils pensèrent donc que la science pouvait se construire *à priori* par l'interprétatiou des propriétés des nombres.»

«L'unité fut Dieu, accrescenta o auctor de *La philosophie*, divers chiffres sacramentels, vrais fétiches verbaux, exprimèrent le monde, l'homme, le parfait et l'imparfait, le désordre et l'harmonie, le vice et la vertu.»

Differente se offerece á nossa observação, na perspectiva da historia espiritual do grande povo, o vulto de Socrates, aureolado pelo tragico de sua morte, o mais eloquente e authentico documento do seu espirito e nobreza do seu caracter. Estudar a physionomia deste pensador é fazer o estudo da evolução intellectual do V seculo, cuja corrente produziu Platão e Aristoteles, a mais alta culminancia scientifica daquella epocha. Socrates não foi o iniciador de uma escola, mas o creador do espirito logico da philosophia, o que levou Xenophano a consideral-o como o fundador do anthropomorphismo metaphysico.

Iniciado nas sciencias do seu tempo, falta-lhe, todavia, o temperamento do sabio, o espirito de observação regularmente desenvolvido, e o que o sedúz sobretudo nos livros de Anaxagoras é o espirito de ordem, o idéal racional que modela a fórma das coisas tendo em vista a harmonia das linhas e a belleza do conjuncto, á funcção do estatuario. Para elle, os actos humanos devem ser conformes á dignidade de uma alma bem formada. A sua vida e sua morte lançaram uma luz deslumbrante sobre sua doutrina. Ao tribunal que o condemnou, assim se dirigiu, em sua linguagem de bronze, em nome da dignidade humana :

«Julgo haver prestado relevantes serviços á patria, não desamparando jámais a causa da justiça, jámais cedendo á força, quer da auctoridade, quer do povo, quer dos tyrannos. Não recorrerei, portanto, para conciliar vossa benevolencia, a meios que considero menos justos ; mas ao inverso do que me imputam os meus accusadores, porque creio em Deus mais do que qualquer delles, entrego meu julgamento a Deus e aos meus juizes.»

Como se vê do homem, ou, melhor, da sua intelligencia superficialmente observada e mal comprehendida, Socrates fez o centro e a lei do Universo. E' dubitavel que houvesse acreditado firmemente na immortalidade da alma ; a sua philosophia não ia além da metaphysica dominante : as entidades moraes, o bem e o bello absolutos, o deus da razão, as causas finaes e a Providencia. Desapparecido Socrates e arrefecido o ardor com que prégava a sua doutrina ante a força da excentridade dos principios de Diogenes, cuja existencia singular emprestou á sua theoria uma face interessantissima, appareceu, na philogenese das idéas gregas, o vulto de Platão, sagrado pelos seus compatriotas com o qualificativo de divino, synthese das concepções de Heraclito, Pythagoras e Parmenides.

No prefacio traçado á *Metaphysica*, de Aristoteles, Saint Hilaire defende-o das accusações peripateticas.

Platão conciliou duas escolas : discipulo de Socrates, elle o tinha sido egualmente de Cratylo e de Heraclito. Para Heraclito, o fogo tinha sido a alma do mundo, a sua unidade e a base da perfeição. O sol e os astros se lhe figuraram emanações de flammas condensadas.

Da mesma sorte Platão vê o Universo regido por um principio abstracto, preexistente, donde emauam as instituições e as leis humanas.

«Acreditando na instabilidade e no fluxo perpetuo das coisas visiveis, affirma o traductor *De la metaphysique*, procurava nellas o elemento estavel e duradouro, para formar, segundo o systema *socratico*, uma definição que servisse de fundamento inabalavel á sciencia. A idéa lhe surge como uma abstracção, unidade immovel, immutavel e racional, porque não póde ser percebida pelos sentidos, á semelhança das mathematicas, onde as unidades de que se occupa a arithmetica, bem como as entidades sobre que se apoia a geometria, absolutamente eguaes, não são reaes no sentido commum da palavra.

Ha na esthetica a idéa do bello ; na justiça, a idéa do justo ; e dahi a creação metaphysica da idéa absoluta na natureza. Para Aristoteles, o principio absoluto, immovel, eterno, immaterial, immutavel e uno é a idéa do primeiro motor. O movimento impresso por elle é o movimento circular, que tem a vantagem de recomeçar incessantemente, sem interrupção.

Em notavel trabalho, publicado na *Revista Brazileira*, o dr. Herculano de Souza Bandeira resumiu nas seguintes palavras a metaphysica do philosopho de Stagyra ;

«O motor immovel de Aristoteles, sendo a Intelligencia mais perfeita, vive na perenne contemplação do proprio sêr ; na sua linguagem quasi incomprehensivel, o pensamento divino é o eterno pensamento, a intelligencia divina é a eterna intelligencia da intelligencia. Esse Deus contemplativo que creou o mundo, mas que o não governa, vive isolado do universo, e a humanidade a seus olhos é como si não existira.»

Tal a escola desse grande espirito, que, entre os maiores sabios de todos os tempos, occupa um logar conspicuo. E' que no estudo de sua epocha destaca-se maravilhosa a sua actividade scientifica em todas as espheras do saber. Durante seculos, elle dirigiu, como unico pharol, a marcha do pensamento philosophico do mundo. E tal foi a sua influencia, e de tal modo se reflecte ella na vida intellectual contemporanea que, si a Homero foi dado consubstanciar nos seus poemas o pensamento poetico em epocha anterior, ao mestre de Alexandre foi dado condensar em sua obra muitos segredos estranhos á sciencia de então, tornando-se, como um genio que o foi, um contemporaneo dos seculos futuros. E elle foi effectivamente o domador da corrente espiritual do pensamento hellenico durante um largo periodo.

Agóra já é tempo de lançar um olhar retrospectivo á estrada que acabamos de percorrer.

Longe de nosso espirito o intuito de escrever alguma coisa que se assemelhe a um estudo intellectual dos philosophos da Grecia antiga, debaixo do ponto de vista personalissimo do seu

valor intrinseco. E dahi os rapidos esboços dessas grandes individualidades, que mal conseguimos destacar, sem focalisações, na luz e sombra de uma prespectiva incolor.

O que visamos é assignalar o ponto inicial da corrente que, vindo do passado, trazendo os despojos dos mythos e das legendas antigas, chegou até nós, deixando fluctuar na sua caudal esses mesmos despojos de civilisações submergidas pela voragem destruidora dos seculos, afim de que possamos indagar o norte do seu itinerario em demanda do futuro, ao que nos propomos de accordo com o methodo historico-naturalistico. Já vimos que os jonicos e depois os pythagoricos, os eleatas e os atomistas, procurando explicar o maravilhoso sêr collectivo do universo, estabeleceram a possibilidade da existencia de uma fórmula generica do seu todo. Com Socrates a doutrina sophistica creou uma nova fórmula do problema : o papel da philosophia, o seu fim foi determinar o valor das idéas, as bases do conhecimento que dellas emana.

De modo que a um estudo do conhecimento em si se reduziu toda a doutrina *socratica*. Mas no mundo exterior então se diviza o gerador dos phenomenos, estranho macrokosmo, e por isto Socrates e Platão fundaram o *dualismo* : o objectivo e o subjectivo, o *noumenon* e o *phenomenon*, para falar com Kant.

Aristoteles foi a culminancia dessas idéas philosophicas.

Nota-se nos tempos modernos o mesmo espectaculo da philosophia antiga.

E' que, partindo de um ponto dado, o espirito philosophante, percorrendo a orbita inteira dos conhecimentos, volta fatalmente ao ponto donde um dia partiu. Tal é a lição do desenvolvimento espiritual, como nos diz o auctor da *Historia do materialismo*.

Deixando, porém, á margem o phenomeno assignalado, notemos com Sylvio Roméro que—«as grandes construcções systematicas da Grecia reappareceram em Descartes, Spinosa e Leibnitz ; o espirito do critico percuciente e acurado resurge em Locke, em Hume e Kant, a aspiração architectonica mostra-se de novo em Fichte, em Schelling, Hegel e Schopenhauer.

Só mais tarde, com a doutrina da evolução, se estabelece definitivamente a unidade de todo o universo, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme do *objectivo* e do *subjectivo*, e as duas tendencias, que pareciam antitheticas, se vão a fundir.»

Para o notavel pensador sergipano, digamos logo, a fusão dessas duas tendencias, conciliadoras das sciencias do homem e das sciencias da natureza, realizou-a o materialismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas linhas geraes.

Não admittindo a solução entrevista por Sylvio, mas pensando de modo diametralmente opposto, pelos motivos que adeante mencionaremos, é justo, todavia, assentarmos, já agóra, que, em face da obra do pensamento nacional, duas são as grandes categorias de nossos philosophos : a dos *teleo-mechanicistas* e a dos *monistas philosophicos*.

E essas duas escolas, em que se bifurca o espirito brazileiro, terão nos dois artigos seguintes a sua opportuna e justa apreciação.

PRADO SAMPAIO.

ARMADA NACIONAL

Ainda os officiaes generaes — Os nossos capitães de mar e guerra — As commissões no mar — Os annos em terra.

O quinto e o sexto daquelles officiaes (num. 74, anno III, dos *Annaes*) são, incontestavelmente, os mais marinheiros dos nossos officiaes generaes; quanto a outros predicados nada se póde dizer. Um delles, comtudo, em commissão que exerceu, ha pouco, revelou apreciaveis qualidades de chefe sob o ponto de vista de administração, e é vóz corrente na armada que, mais do que qualquer outro, merece os bordados que lhe exornam os punhos. Por isso mesmo talvez foi o que mais custou a attingir a alta patente que é hoje a sua, sendo innumeras vezes preterido, porquanto o seu merecimento nunca se traduziu em bajulação ou empenhos. O outro é um bom marinheiro, piloto diriamos si alguns não affirmassem que seus conhecimentos excedem a navegação e a manobra.

O ultimo daquelles sete officiaes generaes (ultimo por uma classificação toda nossa) é reconhecidamente o de maior preparo entre elles. Não se tem exercitado no oceano, é facto. Mas essa pratica de mar não é, em geral, dependente da vontade dos nossos chefes. E si para os outros de que nos temos occupado não apresentamos tal razão como desculpa, é porque os outros, não podendo exercer sua actividade naquelle theatro, não procuram supprir tal falta pelo estudo ou pelo desempenho cabal, correcto, de outras commissões,—como faz esse. Demais, a energia, a justiça e a independencia são qualidades já sobejamente demonstradas por elle quando administrador, e que fallecem á generalidade dos outros officiaes generaes, excepção feita, sobretudo, daquelle que mais difficilmente attingiu á posição que occupa e ao qual já nos referimos.

Assim, resumindo, dos treze almirantes que comporta o quadro ordinario, um é, por molestia, completamente inutil ; completamente inuteis, sinão perniciosos, por sua crassa ignorancia, dois; tres padecem duma irremediavel carencia de preparo technico e de pratica da sua profissão ; um é um prodigio verdadeiramente prejudicial, um medalhão naval, com a aggravante duma precarissima saúde; quatro, já dos melhores, são bons marinheiros conservando ainda uma forte dóse de bôa-vontade para com a sua profissão, que os citados anteriormente, em geral, perderam por completo. Apenas dois dos treze, pódem conscientemente, e com proveito para a marinha de guerra, merecer o nome de «almirante». Resumindo mais: dos treze officiaes generaes : sete são incapazes ; quatro, quasi capazes e só dois capazes.

Que bello quadro de almirantes para dirigir uma esquadra de navios dos mais modernos e poderosos, conforme o programma Pitta-Noronha !

Fóra do quadro ordinario existe um almirante: seus constantes estudos, as publicações ácerca de assumptos navaes, de notavel proficiencia, firmados por seu nome, as brilhantes administrações que tem feito e que vivem na memoria do estado-maior da marinha de guerra, falam por elle. Está condemnado ao ostracismo pela dynastia dominante na armada ; questões particulares fôram o motivo desse ostracismo.

***

Si passarmos egual revista no quadro dos nossos capitães de mar e guerra, mais doloroso será ainda o resultado.

Separemos, logo de começo, dois: um, o auctor das molas reaes para canhões de 57 m/m, a bordo do *Riachuelo*, facto a que já alludimos (num. 66, anno III, dos *Annaes*) ; o

mesmo que perdeu um ferro, pela sua originalissima maneira de fundear esse navio; o mesmo que, commandando o *Carlos Gomes* em 97, varou o porto de Pernambuco. O outro, o *tal* que como commandante do *Riachuelo*, tendo saído do Rio de Janeiro, não encontrou a Ilha Grande, que demora 60 milhas a oéste, no mesmo parallelo, da ilha Rasa (num. 68, anno III, dos *Annaes*). Por esses factos, ficam os dois definidos.

Tomaremos agóra um grupo de seis outros, o mais moderno dos quaes tem dezeseis annos de official superior: nenhum destes, entretanto, como official superior, desempenhou uma commissão no mar quer como simples official de bordo, quer como immediato, quer como commandante.

Estiveram, ao menos, durante os ultimos dezeseis annos, embarcados em navios onde pudessem aprender alguma coisa? Absolutamente não. Um viveu entre uma capitania de porto e uma escola de apredizes, preenchendo os intervallos entre essas commissões, ficando addido ao quartel general da armada; outro occupou aquelle tempo entre o commando da *Lamego*, como capitão de fragata; commando do *Purús*, como capitão de mar e guerra, e *embarque* em Villegaignon como capitão tenente; um terceiro eclipsou-se como capitão tenente, foi immediato como capitão de fragata e hoje, capitão de mar e guerra, ha 5 annos, vive addido ou em commissões de terra; assim, os outros tres; cada um, em summa, aguardando que um ministro amigo o eleve, *para lustre maior da armada*, ao generalato, ou que o destino lhe não seja tão implacavel que, só creando ministros inimigos, não lhe permitta attingir aos 62 annos para a refórma compulsoria conceder-lhe, sem trabalho, cerca dum conto de réis mensaes e honras de vice-almirante.

Seria irrisorio indagarmos si teem feito publicações, si teem trabalhado.

Um outro é o homem da lei. Toda a sua incompetencia revoltante, toda a sua perversidade, unico sentimento que o anima, toda a sua inveja, acobertam-se sob aquella capa. Commissões *de verdade*, desempenhadas? Nenhuma. Commandante de navios em concerto, de navios imprestaveis e que sob o commando de outros e por esforços destes, se tornaram prestaveis, nunca, desde primeiro tenente, deu de si outra prova que não fôsse um vergonhoso terror das guarnições e um *preparo profundo* para verificar as escripturações dos commissarios. Como official superior, nunca desempenhou commissão no mar.

Outro dos capitães de mar e guerra é um bom piloto e um soffrivel coronel de infanteria. Nada mais. Como official superior: uma commissão no mar. Como capitão de mar e guerra: capitão de porto, addido, ou coisa semelhante.

Outro vive, desde o inicio da Republica, afastado da armada, tendo se dedicado inteiramente á politica. Foi official de merito, e, ainda hoje no Congresso, em pareceres, tem espendido das mais aproveitaveis idéas sobre projectos que se referem á marinha.

Analysemos agóra um novo grupo de tres capitães de mar e guerra, em conjuncto. São tres officiaes de valor incontestavel, qualquer delles, desde capitão tenente esforçando-se por continuar a firmar a fama que vinha adquirindo desde official subalterno, um delles, sobretudo, augmentando o seu renome com publicações de utilidade, como sóem ser feitas as publicações de alguns *luzeiros* da armada. Qualquer delles tem sempre, nos postos superiores, desempenhado commissões de immediatice ou commando, com brilho não commum ao geral dos outros immediatos ou commandantes. Um, fraco como chefe, faz desapparecer o defeito pela tenacidade e preparo com que transforma um navio imprestavel em outras mãos, em navio util sob a sua direcção. Si lhe faltam talvez requisitos minimos para ser um commandante modelo, sobram-lhe, comtudo, por qualquer coisa, um devotamentamento á profissão e um desejo de elevar-se por si mesmo, invejaveis. Outro procura supprir o que lhe falta em preparo, e é pouco, pelo conhecimento exacto, que quer sempre adquirir, do navio que se lhe confia, applicando-se sempre com um afinco extraordinario em exercer com brilhantismo as commissões que obtem; o terceiro, emfim, estudando e investigando sempre, na ancia de não esquecer o aprendido, de conhecer a novidade e de não se alheiar á sua profissão, — hoje, que as commissões de embarque não são obtidas pelos capitães de mar e guerra conforme as aptidões e o valor de cada um.

TONELERO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Um novo phenomeno electrico. — Descarga thermo-electrica. — As recentes experiencias do sr. Steinberg.

Estudando a conductibilidade do ar produzida por um corpo quente, o sabio Steinberg reconheceu que ha desprendimento de electricidade positiva passando atravéz doar ambiente, ao passo que este é máu conductor da electricidade negativa accuzada pelo mesmo corpo.

O auctor dá a esse phenomeno o nome de descarga thermo-electrica.

Para as respectivas experiencias, elle aqueceu numa lampada de alcool um fio espiral de platina ligando-se á bola de um electroscopio de folhas de ouro. Supprimida a lampada, carregou o electroscopio positivamente. As folhas, ao principio, se separaram para caírem promptamente em menos de um segundo, demonstrando que a electricidade passava do fio espiral para o ar. Si, depois, se electrizar o electroscopio negatimente, as folhas se afastam, mas não cáem. Si se collocar um segundo, o electroscopio junto do corpo aquecido, á distancia de 5 a 12 centimetros, uma parte da carga positiva do primeiro é repellida para o segundo atravéz do ar.

Esse phenomeno subsiste até que haja egualdade de potencial entre o corpo quente e corpo frio.

Em outra experiencia, Steinberg approximou um corpo aquecido a rubro de um electroscopio carregado negatimente; o corpo quente estava ligado ao sólo de modo a produzir uma carga positiva por inducção. A uma distancia de 10 a 20 centimetros, as folhas começaram a caír e á distancia de 2 a 5 toda a carga do electroscopio se annullou. O electroscopio carregado positivamente, nas mesmas condições, nenhuma variação soffren.

Essas experiencias fôram communicadas á Sociedade de physica e chimica de S. Petersburgo.

***

Craniectomia. — Experiencias de Lannelongue durante dezesete annos. — Opinião do dr. Laurent.

Quando o desenvolvimento do encephalo pára nas creanças, occasiona frequentemente consequencias fataes —idiotismo, imbecilidade, suppressão ou atrophia das faculdades intellectuaes.

Tem-se reccorrido em taes casos á craniectomia, á resecção de uma parte dos ossos do craneo, praticada ha muitos annos com relativo successo.

O sr. Lannelongue acaba de fazer, sobre este assumpto, uma communicação de evidente importancia: fez essa operação durante dezesete annos e verificou que não correspondeu á sua espectativa; algumas deram resultados mediocres, outras fôram completamente nullas, donde concluiu, de accordo com o dr. Laurent, de Bruxellas, que essa operação, para ter probabilidade de exito, se deve praticar na primeira infancia, na edade de um anno a dezoito mezes, quando a molestia não occasionou ainda perturbações irreparaveis.

***

Os perfumes na therapeutica. — Effeitos dos perfumes sobre o apparelho digestivo e sobre os nervos.

Sabe-se que certos perfumes affectam o apparelho digestivo e produzem nauzeas. Não é extraordinario soffrer certo malestar penetrando num aposento fechado onde houver tuberosas; o lyrio e a girolla produzem dôres de cabeça. Os que trituram rosas e cravos são sujeitos a syncopes. Dahi se concluiu que os perfumes, tendo pronunciados effeitos sobre o organismo, poderiam ser utilizados com vantagem em certos casos como remedio.

Varias tentativas fôram feitas com successo, nesse sentido. O cheiro da baunilha e do heliotropo são excellentes calmantes dos nervos, as vaporisações alliviam as dôres de cabeça.

Não ha ainda um methodo scientifico para o aproveitamento dos perfumes, mas é de crer que, em breve, elles constituam um magnifico e elegante meio therapeutico.

***

A contaminação pelos livros. — Meios de evital-a. — As recommendações do dr. Miquel, do Laboratorio de Paris.

Sabe-se que a transmissão de certas molestias de natureza contagiosa, póde-se fazer pelos livros e pelos papeis que tenham sido manchados e maculados por occasião dum accesso de tosse, dum espirro, ou simplesmente fôram contaminados por uma estada mais ou menos longa no quarto de um doente atacado de uma dessas afcções.

Os medicos preconizam diversos meios de conjurar esse perigo. O dr. Miquel, director do Laboratorio de Paris, recommenda a desinfecção dos livros por meio duma dissolução concentrada de aldehydo formico, marcando de 107 a 108 no densimetro e de chlorureto de calcio crystallizado, de maneira a elevar-se o liquido a uma densidade visinha de 120, ou que tenha uma parte de chlorureto para duas de adehydo.

Para os livros de uma escola, por exemplo, esse processo parece muito pratico e póde ser applicado mesmo ao ar livre, servindo uma caixa ou um armario com prateleiras. Collocam-se os livros abertos em leque, depois penduram-se, em baixo, cintas de papel embebidas na solução. Os vapores que sóbem vão purificando os papeis. A operação não estraga os livros e destróe os germens morbidos.

APANHADOS

O ensino medico da guerra russo-japoneza

No ultimo numero dos «ANNAES» publicámos uma curiosa nota a respeito da hygiene entre os subditos do mikado. O medico *yankee*, que tinha escripto a estatistica, comparava, na Mandchuria, os doentes russos com os japonezes; estes tinham um numero diminuto no hospital e os russos perdiam uma quantidade extraordinaria de soldados. Pensava o articulista que motivava isto a rigorosa limpeza que havia entre os japonezes. O mesmo não acontecia no lado russo: o desleixo predominava nos batalhões do czar.

O sr. Frederico Treves, cirurgião inglez, acaba de attraír a attenção do corpo medico militar sobre um facto dos mais interessantes, que resalta da comparação da pathologia das tropas inglezas durante a guerra dos *boers*, com a do exercito japonez na campanha da Mandchuria.

Diz o medico britannico que nas fileiras japonezas não adoeciam sinão 2 entre 100 soldados do seu effectivo, emquanto os inglezes tinham, no minimo, 10 % com febres, impossibilitados de combater. Na Africa para 22.000 feridos, havia cerca de 450.000 doentes. As molestias faziam mais claros nas fileiras que as bayonetas e as balas. Isto tem uma explicação bem simples. Os japonezes teem feito tudo para prever e evitar as molestias evitaveis. O corpo medico não gasta sinão uma pequena parte do seu tempo com os feridos; trabalha enormemente nas precauções que impeçam o desenvolvimento dum certo numero de doenças.

O cirurgião japonez, na Mandchuria, marchava com a primeira linha de batedores, acompanhado sempre do microscopio e dos reactivos, occupando-se em examinar os poços, em analyzar a agua para saber si era potavel, marcando com um signal especial os poços utilisaveis e com uma bandeira convencionada aquelles que se deviam evitar. Nas aldeias e cidades, elle examinava logo as condições sanitarias, fazendo izolar os quarteirões que apresentavam casos de molestia contagiosa. Acompanhando os membros da intendencia, verificava, com um cuidado meticuloso, as provisões chegadas.

O medico militar, no Japão, é cegamente obedecido, tendo no seu dominio, uma auctoridade que ninguem contesta; as suas instrucções são recebidas como leis inviolaveis.

Com essas precauções, assim tão intelligentemente tomadas, o exercito japonez teve um numero muito pequeno de doentes do tubo digestivo e de febres, que, em campanha, levam tantos homens ao hospital. A sua organisação sanitaria, inspirada pelas conquistas da sciencia occidental, é muito superior á dos grandes exercitos do mundo.

***

Um relogio original

Depois que os inglezes occuparam Khartum, todo o immenso paiz do Sudão tem progredido espantosamente. A administração ingleza tem aberto diversas estradas, e muitas linhas de caminho de ferro estão em construcção.

Essa região equatorial está, porém, muito longe do que deve ser. Assim, a aldeia de Bor, que a bôa vontade ingleza fez chamar cidade, tem uma «grande praça»—um largosinho, cheio de matto, onde espetam os seus tectos as cabanas rudes. Bor, que está situada perto do Nilo Branco, é uma villa original. Um empregado da municipalidade, váe, de hora em hora, fazer soar o relogio no «grande largo»; bate com um martello as pancadas da hora sobre o relogio publico, que é, muito simplesmente, uma placa de ferro. E' muito provavel que Bor passe ainda alguns annos sem sino e carrilhão.

***

Litteratura e pernas

Um critico americano assegura que ha entre a litteratura e as pernas uma grande connexão que não devia estar desconhecida. Geralmente os bons livros, solidos, verdadeiros, bem feitos, são

de pessôas que possúem pernas fortes. Os que andam pouco, os anemicos, de musculos molles, fracos, raramente exercitados, produzem uma litteratura *invertebrada*. Não é sentado, deante duma meza, entre obras dos outros, que se escreve grandes livros; é andando, passeando perto do povo e perto da natureza, observando directamente a vida, que se imagina e se realiza a obra humana, verdadeira e sincera.

Quasi todos os grandes romancistas, e os philosophos tambem, andavam muito, diz o sr. B. Millard, o critico americano. E isto inquieta bastante o *yankee* no ponto de vista patriotico; os norte-americanos andam a pé muito pouco e não é correndo na bycicleta e no automovel ou no caminho de ferro que elles chegarão a adquirir as pernas fortes, sem as quaes não pódem escrever um bom trabalho litterario ou philosophico.

***

Um romancista criminoso O tribunal de Auckland, na Nova-Zelandia, condemnou á morte o sr. Leonel Terry, litterato e jornalista inglez, que assassinou um chinez, para chamar a attenção sobre o seu romance *A sombra*, onde elle mostrava a imminencia do perigo amarello.

***

Uma cadeira de Napoleão I Em Londres, num leilão, uma cadeira muito ordinaria, feita com uma madeira bem grosseira e dum junco bastante usado, alcançou a somma enorme de 1450 francos. E' que essa modesta cadeira tinha servido a Napoleão I durante os seis annos do seu captiveiro em Santa-Helena. Foi sentado nella que Napoleão ditou as suas *Memorias* para explicar e justificar os seus actos.

***

As baleias A baleia desde algum tempo que recúa cada vez mais para o norte, e a caça pelo canhão a que se entrega um pequeno numero de industriaes inspira serios receios pelo seu futuro. Muitos marinheiros reconhecem que a grande baleia se está tornando muito rara e que os outros cetaceos, ainda numerosos, fazem o contrario das baleias, isto é, vão se afastando do norte para o sul.

A esse respeito, o sr. Rabot assignala um caso interessante. Em 1902, emquanto o dr. Otto Nordenskjold invernava em Snow-Hill, o seu navio *Antartic* explorava a Georgia do Sul. O capitão Larsen viu ahi tão grande numero de cetaceos, que, ao voltar para a Europa, armou uma baleeira a vapor e em 1 de janeiro de 1905 fundava uma estação de caça naquella ilha deserta. Até o dia 1 de junho, o sr. Larsen tinha apanhado 97 cetaceos, fazendo uma estatistica bem curiosa e notando que, no sul, umas especies ficam muito magras e outras engordam extraordinariamente, o que não acontecia quando viviam no norte.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XV

O projecto de amnistia, apresentado na sessão de 5 de maio por Martins Bastos, representante do Rio Grande do Sul, começou a ser discutido em 9 do dito mez.

Quem estuda a historia, sómente para formar uma collecção de factos e obter nomenclatura de personagens e datas, não se preoccupa em saber da causa que impelliu o deputado riograndense a julgar necessario e urgente semelhante objecto. (1)

De certo a investigará quem quizer conhecer o estado social que prevalecia durante as phases da evolução da independencia nacional. Já dissemos, nos capitulos anteriores, que a sociedade brazileira se esbatia conturbada e afflictiva sob o latego da policia do gabinete de 16 de janeiro e que as devassas, abertas duma a outra extremidade do paiz, geraram, por todas as provincias, fundas desconfianças de pretender d. Pedro, acclamado Imperador, separado o Brazil de Portugal, constituido o Imperio, continuar o governo da monarchia, segundo a tradição de seus avoengos. As perseguições, as prisões e os desatinos do ministerio irritavam e, ao mesmo tempo, amedrontavam as populações opprimidas pelos governadores que o ministerio sustentava.

Reunida a Constituinte, os deputados geralmente manifestavam compartir das mesmas desconfianças; temiam perseguições, mórmente vendo prezo e encarcerado violenta e injustamente o coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, e todos pareciam convencidos de que não estavam seguros e garantidos e, por conseguinte, suppuzeram que uma lei de amnistia viria, provavelmente, mudar e melhorar a crise que affligia os povos nas provincias e na Côrte.

Entre os oradores que tomaram parte nos successivos debates de 9, 21 e 22 de maio, uns se assignalaram pelo esforço em fazer triumphar a idéa; outros, em profligal-a. Os Andradas (Martim Francisco e Antonio Carlos), com extremo e vivo calor, defenderam o governo do irmão ministro, auctor dessa deploravel situação, em que o povo soffria os males, horrores e cruezas do despotismo; dessa situação que destruia e empecia os effeitos que a Independencia produziria no tocante á liberdade civil e politica. Muitos brazileiros e portuguezes, por futil suspeita, sem provas, sem indicios, fôram lançados nos fundos dos calabouços, ou deportados, ou obrigados a fugir. Essas victimas da prepotencia incorriam no grande crime de criticar e não approvar nem applaudir a rotineira administração, a inepta politica do gabinete, em que José Bonifacio exercia um mando absoluto sem a fiscalisação siquer da imprensa, que elle havia estrangulado; da opinião ou do murmurar das multidões, que elle havia perseguido, encarcerando — só duma feita — cerca de 400 pessôas. (2) Não havia isenção para ninguem; o despotismo é um implacavel nivelador: todos são pequenos ante os seus olhos e devem, submissos, obedecer á sua insoffrida e flagelladora vontade.

Martim Francisco era, talvez, o mais prudente e reflectido da *trindade*, porém, quando se tratava da causa que interessava á sua *illustre dynastia*, atrevia-se a bater-se com a valentia dum bravo das heroicas cruzadas, iniciadas pelo denodado Eremita.

Poderiamos seguir o exemplo de historiadores, que, narrando actos e projectos, discussões de idéas, que são os materiaes para construir a obra e constituir o escopo das narrativas, traçam retratos dos oradores, como na Inglaterra fizeram lord Brougham e Macauley, Laloel e outros: em França praticaram varios escritores da Historia Parlamentar, como Duvergier de Hauranne, Buchez e Roux, principalmente Lamartine, que, nos Girondinos, pintou a physionomia do moribundo marquez de Mirabeau com calido colorido e com inspiração de inimitavel e esplendido artista! (3)

Parece, porém, que este genero litterario não se harmoniza com o gosto dos nossos leitores; são estes que fazem os escriptores e, por isso, não temos escriptores que o tentem e cultivem. Entre nós, si alguem aventurar-se a ensaial-o, não levará avante o seu tentamen, porque lhe faltariam os elementos indispensaveis. Vemos que as Assembléas succedem umas ás outras, desde a Constituinte de 1823 até hoje, e ninguem estuda os oradores mais eloquentes e eruditos, quaes os Carneiro da Cunha, (marquez de Caravellas) Bernardo Pereira de Vasconcellos, Abrantes, Jequitinhonha, Antonio Carlos, Abaeté, Paula Souza, Euzebio de Queiroz, Gabriel Rodri-

gues, Landulpho Medrado, senador Nabuco, Inhomerim, Cotegipe, senador José Bonifacio, Angelo Ferraz, viscondes do Rio Branco e do Bom Retiro, Fernandes da Cunha, Ferreira Vianna, Gaspar, Paulino de Souza, Octaviano e outros, que valem tanto quanto aquelles que, nos parlamentos dos povos livres, são proclamados — soberanos—pela pujança da eloquencia, pelo fulgor do talento, pela riqueza da sciencia e da imaginação.

Nestes paizes cultos abundam os elementos para trabalho desta ordem.

As biographias, as memorias, os estudos analyticos, que a pura litteratura prepara, fornece aos historiadores meios de dizer o que valia o orador politico ou estadista.

Assim, a fama dos nossos athletas das luctas da liberdade esváe-se no derradeiro som de suas vózes, levado rapido pelos echos das abobadas das casas do parlamento.

Quem das gerações novas sabe, hoje, o poder que exercia a vóz canora do marquez d'Abrantes, ou a palavra prestigiosa do senador Nabuco de Araujo, o qual, falando assentado, tinha a magestade dum pontifice; orando de pé, dominava o auditorio? Quem se lembra das apostrophes fulminantes do visconde de Jequitinhonha e das scintillantes abundancias da erudição de Angelo Ferraz? Quantos conhecem as explosões das vehemencias do patriotismo de Gaspar da Silveira Martins — o imperterrito Occonell rio-grandense? Tudo isso é cinza fria, que a posteridade não revolverá, porque não tivemos o cuidado de conservar. Esses homens passaram e se perderam nas noites dos dias em que viveram. Elles soffrem a perpetua condemnação do tempo — esse inexoravel executor das *justiças de Dio*, conforme a phrase do celebre poeta hespanhol.

Não podendo desenhar, a largos traços, a physionomia nem representar a attitude de Martim Francisco, quando se erguia da curul parlamentar, vou reproduzir a substancia dos argumentos, com os quaes se esforçou em combater o projecto de amnistia.

Era facto bem notorio o estado de coacção moral em que se via a Constituinte, temendo os espiões da policia, os quaes, *segunas as portarias, deviam ser activos e seguros*. Os deputados declararam que receiavam dar o seu voto; aquelles que votaram pelo projecto fôram acoimados de máus, demagogos e desorganisadores. Desejavam atacar o gabinete; todavia, não ouzavam tental-o.

Elles eram por demais inexperientes e incapazes de superar as difficuldades da crise que estortegava o paiz. Martim Francisco tirou de todas estas circumstancias a substancia do seu discurso, começando por um exordio, *ad terrorem*, que daremos para exhibirmos aos leitores a mostra do seu tom oratorio.

« E' fatalidade, sr. presidente, que a historia de acontecimentos ainda frescos na nossa memoria, ou não ha muito verificado entre povos que, como nós, trilham o caminho das novas instituições, tenha feito tão pouca sensação em alguns dos illustres deputados desta Assembléa: é ainda maior fatalidade que queiramos copiar e caír no maior dos erros que elles commetterão: eu falo da lei de amnistia.»

O orador improviza uma resenha incompleta e rapida do proceder do partido reformador em Portugal, fazendo passar a lei de amnistia, chamando a si, por esse meio, todos os traídores que se achavam prezos ou desterrados. « A guerra civil (prosegue o orador) já lavrava em muitas de suas provincias, prova de que tal medida, pelo menos, lhe não era fructifera: eis o que sei por ora das amnistias de direito: passemos ás de facto.

Os regeneradores da França, cobertos com a capa de philantropia, fizeram arrombar todas as prisões da França e soltar todos os prezos, que, segundo a opinião delles, eram victimas da arbitrariedade do regimen passado e estas féras—ou carregadas de crimes, ou ulceradas por uma longa prisão, sedentos de vingança, fôram os instrumentos de que se serviram os ferózes demagogos para anniquillar as bases antigas das instituições publicas, derrubarem os templos da moral, arrastarem pelo lodo os sagrados objectos do culto, sacrificarem em nome da liberdade milhares de victimas ao seu odio, delapidarem as finanças duma nação rica e industriosa, devastaram as cidades mais populosas, para finalmente não perdoarem siquer ao sexo amavel, a quem servia de escudo sua belleza, suas graças e sua mesma fraqueza; para, sr. presidente... corramos o véo sobre este quadro de atrocidades e procuremos, si é possivel, relevar o erro de taes regeneradores.»

O orador passa a comparar as nossas circumstancias com as dos outros povos alludidos em seu discurso e diz: «aqui o monarcha, ou reconhecendo a usurpação feita pelos seus antepassados, ou temendo succumbir ao immenso pezo que sobre elle carregava e em ambos os casos desejando anciosamente uma Constituição, pelo decreto de 3 de junho convida a nação a que nomeie seus representantes para Assembléa geral Constituinte e Legislativa, que deve dal-a.

Que somos nós, sr. presidente? inimigos do Governo? Não. Somos os escolhidos do povo por quem o monarcha ancioso suspirava; temos, pois, força de mais; não precizamos de tal lei de amnistia. Que se respondeu a tudo isso? Que o amor popular exigia esta lei para salvar as victimas da arbitrariedade do Governo. Como, sr. presidente! O povo da Côrte e das differentes provincias viu, anteriormente com magua silenciosa e muda, tropas sublevadas, capitaes extorquidos a seus proprietarios, cadeias arrombadas, criminosos de toda especie soltos, nas mãos de semelhantes féras instrumentos de morte e de carnagem e em alguns logares o terreno ensopado no sangue de seus concidadãos e. e hoje brada e grita a favor de homens prezos em consequencia duma devassa e pronuncia? A favor de homens, que só fôram prezos depois de observadas todas as formalidades prescriptas pela lei? Si assim é, abandonemos este augusto recinto, voltemos aos nossos lares, porque não viemos fazer leis para tigres, e só sim para homens.

Sejamos justos, sr. presidente; nenhum clamor tem havido da parte do povo. E' sim a opinião publica que se pronuncía a favor desta lei, segundo affirmou um dos illustres preopinantes, que me precedeu: — e póde havel-a na crise actual, no meio de diversos partidos, que loucamente se cruzam e combatem? Póde havel-a agóra que a moral parece ter perdido sua santidade e as leis sua força? Eu não o creio, mas quando fôsse possivel sua existencia para obter e conservar a bôa opinião de meus concidadãos, não faria o sacrificio dos dictames da minha razão e dos gritos de minha consciencia, que só devem dirigir-me como legislador; ora, ambas me dizem que semelhante lei não é precisa. Disse-se mais que esta lei, fazendo restituir cidadãos infelizes ao seio de suas familias desoladas, põe um termo ás vinganças do governo, á perversidade e prevericação dos juizes.

O orador diz que o seu coração tambem sympathisa com a desgraça; vendo, porém, que taes cidadãos fôram prezos em consequencia duma devassa — julga semelhante lei de amnistia uma completa usurpação do poder judiciario e as invectivas e vociferações contra os poderes constituidos, uma triste lição para os povos e de terriveis consequencias para o futuro. Como é possivel que sôem taes vózes no augusto sanctuario das leis? Não vê acaso esta Assembléa que ella propria abre o abysmo em que um dia deve ser precipitada?»

Esse discurso não é sómente uma peça de oratoria parlamentar, é tambem um valioso documento, do qual a

historia, com justa razão, deve aproveitar para fundamentar os seus juizos. Ahi se vê a situação angustiosa, na qual se debatia a sociedade brazileira ; alludem-se ahi ás medidas de repressão e ás vociferações contra os poderes constituidos; ahi se affirma a conveniencia do rigor em punir os agitadores, os que não se resignam á marcha que o Governo segue ; ahi condemnam-se os que se oppõem a oppressão e louvam-se os que oppримem.

O oppressor é o ministerio, a victima é cada cidadão que protesta contra as prisões em massa, contra a politica, que transforma em suspeito e demagogo o individuo que julga ter o direito de censurar actos arbitrarios incompativeis com o regimen constitucional. O que o orador não diz nem explica é si os actos do ministerio são justos e legaes e não eivados de iniquidade. Porque appareceu tão permanente e renhida opposição ao Governo? Seria porque elle procedia bem? Esforçava-se pela causa publica? Eis ahi o que a historia examina e verifica que o ministerio Andrada foi um terrivel continuador do absolutismo, que devia cessar com a proclamação da Independencia, com a libertação do jugo colonial. Ao contrario, feita a Independencia e quando os brazileiros se reputavam cidadãos e não colonos ou escravos, o patriarcha restaurou o regimen das portarias de devassas geraes, que punham innocentes ou culpados á mercê da policia.

Martim Francisco deixou no seu discurso um depoimento insuspeito, concludente e de grande valor probatorio. Ora, si suas palavras combatem a necessidade da amnistia, não negam os factos que motivaram o projecto do deputado rio-grandense. A historia, pois, recolhendo, aqui e acolá, todos os testemunhos, affirma que o ministerio de 16 de janeiro, em vez de ser benefico, em vez de trabalhar pela causa da liberdade, foi restaurador e mantenedor do absolutismo da monarchia dos antepassados de d. João VI e de d. Pedro I.

Os historiadores que escrevem sobre os successos da primeira phase da evolução da nossa Independencia, sem examinar os factos nas suas origens, contentam-se com as apparencias delles, notadas pela tradição vaga, inconsciente, alterada, e nos ensinam o erro em logar da verdade. Mas aquelles que querem estudar a historia para aprendel-a e, porque não a sabem, examinam todos os documentos, todos os *papeis velhos* e, depois de laboriosas investigações, reconhecem a disparidade que ha entre as narrativas superficiaes de certos historiadores brazileiros e a realidade dos factos comprovada por documentos inconcussos. Pelos livros de historia que nos ensinam nos collegios, vemos no patriarcha a alta personificação do patriotismo e da liberdade, o mantenedor dos direitos do povo, o representante das idéas dum regimen livre, limitado e constitucional. Ao contrario, elle, segundo os seus actos — *pequeninos e anãos discursos* — portarias, sómente se notabiliza pelo systema das devassas que exprime uma vasta cadeia de perseguições, um tremendo instrumento do despotismo do governo d'el rei, nosso senhor.

Tratava-se do projecto de amnistia urgente pela alluvião de requerimentos que vinham á Camara, pedindo que mandassem soltar os prezos da Ilha das Cobras e de outras prisões na Côrte, em Pernambuco, em São Paulo e outras provincias. O facto que motivava taes petições, não é negado ; por conseguinte, por isso mesmo affirma-se que innumeros cidadãos fôram privados de sua liberdade e fôram opprimidos. *São um punhado de miseraveis, de desordeiros, de demagogos, de republicanos...* exclama Martim Francisco, violento.

Parece coisa incomprehensivel e repulsiva que, immediatamente após os albores da Independencia, os brazileiros que fôram tão dedicados á causa nacional do bem commum, obra de todos — e não de José Bonifacio — parece inadmissivel que quizessem destruir a mesma obra.

Aqui o historiador que quizer attingir a verdade, vê-se obrigado a sondar os abysmos da psychologia da sociedade brazileira dessa temporada.

Queriam a republica? Não, porque o enthusiasmo por d. Pedro subia das ultimas camadas até os pincaros sociaes ; acclamavam-no, com delirio de amor e gratidão — Defensor e Imperador. Esse foi o sentimento do povo ignorante e rude que chegava a endeuzal-o em suas trovas, canções ou *modinhas*. E as classes populares, nesse periodo da vida nacional, saíndo das miserias coloniaes que as embrutecêram, não podiam ter idéaes e aspirações republicanas, contentavam-se em *ouvir dizer* que estavam livres do azorrague do absolutismo.

As classes que se reputavam superiores, eram geralmente duma ignorancia marmorea — sem intelligencia e sentimento, tendo apenas o instincto da liberdade. Essas classes, todavia, instinctivamente amavam e preferiam a monarchia ; portanto, não surgiam dahi os demagogos.

E seria, na verdade, *um punhado de miseraveis*, de perversos, os que o ministerio de José Bonifacio encarcerou?

Como crer! Entre elles, vimos o coronel Costa Barros, eleito deputado ás côrtes portuguezas, onde não foi para ficar no Brazil, trabalhando pela Independencia, sempre de accordo com d. Pedro. O mesmo Costa Barros é deputado á Constituinte ; depois, ministro da Guerra, de d. Pedro ; finalmente, senador pelo Ceará.

Notámos o brigadeiro Coutinho da Nobrega, ministro da Guerra, de d. Pedro ; o brigadeiro Moniz Barreto, distincto no exercito ; o portuguez Soares Lisbôa, jornalista notavel, esforçado obreiro da Independencia; um certo Gama, de Pernambuco, a quem o deputado Lopes Gama (visconde de Maranguape) defendeu na Camara, e muitos outros. Fecharei esta lista com os nomes de José Clemente, do deputado Lédo, do conego Januario e do futuro regente Feijó, que em portaria José Bonifacio recommendou á traiçoeira espionagem do capitão-mór de Itú.

A gente que cercava o patriarcha e seus intimos conselheiros: os Orelhas, José dos Cacos, Miquelina, Lafuentes, etc., esses espiões, a meio soldo, de certo não entravam no punhado de miseraveis e de homens perdidos.

O discurso de Martim Francisco evidentemente não contém um argumento contra o projecto ; o mais judicioso é tirado da comparação dos actos regeneradores de Portugal e dos philantropos e reformadores de França.

O deputado Alencar apressou-se em responder ao illustre Andrada. E realmente, começando espirituoso e faceto, acabou por pulverizar o discurso em todos os pontos. Limitemo-nos a reproduzir alguns excerptos.

—«Principiarei por onde principiou o illustre preopinante que me precedeu. Que fatalidade, sr. presidente ; que singular fatalidade, que os exemplos da historia em geral e mórmente da nação de que fizemos parte, nos não sirvam de regra para evitarmos os males que ella tem soffrido. Estou inteiramente convencido que é sempre mais perigoso punir do que deixar impunes os crimes de opiniões. Quem tiver profundamente sondado a marcha do coração humano, facilmente se penetrará desta verdade, comprovada pela historia dos governos.

... .

— Em prova desta verdade, mil exemplos nos offerece a historia das nações. Não cansarei a Assembléa referindo todos os que me occorrem ; citarei sómente alguns, que, por acontecidos em tempos mui proximos e entre a nação, a que, ha pouco, pertenciamos, nos devem com mais força assustar.

De nada valeram, sr. presidente, as perseguições e espionagens e crueldades de Vasconsellos e outros agentes do governo hespanhol em Portugal para deixar de tramar e arrebentar a rovolução de 1640...

De nada valeram tambem os horrorosos castigos ordenados pela regencia de Portugal contra os infelizes do campo de Sant'Anna, a que se seguiu o mesmo systema de espionagem e violencia ; a revolução preparou-se e, nos dias de 24 de agosto e 15 de setembro de 1820, caíu o despotico e desconfiado governo.

Agóra mesmo as devassas, perseguições e deportações arbitrarias, com que José da Silva Carvalho tem flagellado grande numero de cidadãos, são as causas da nova revolução de Portugal.

.. ..

O que directamente feriu o povo fôram as violencias e medidas arbitrarias do ministerio, desde o principio do anno passado. Conclúo, pois, sr. presidente, que os castigos dos crimes de opinião não salvam os governos, adeantam a sua ruina. O unico meio de prevenir as revoluções acha-se na marcha justa e legal do Governo.»

O orador allude ao que se passou com el-rei d. João IV no tocante á rebellião do marquez de Villa Real e do duque de Caminha e do arcebispo Braga e outros. Continúa dizendo — «que ultimamente o governo provisorio de Portugal, sem perseguir nem tyrannizar, conseguiu desfazer a conspiração de 11 de novembro de 1820 e removendo seu auctor para fóra da capital continuou em socego sua marcha regular. Agóra, sr. presidente, applicando estas observações ás nossas circumstancias particulares, parece-me evidente que não só é util, mas necessaria uma amnistia geral.

Demais, os governos novos precizam adquirir força moral, o amor, a confiança dos povos ; e ninguem seguramente dirá que os meios doceis não são os mais proprios para conseguir este fim, e tanto isto é certo que quasi nunca os governos recem-erectos teem deixado de lançar mão delles.

Por outro lado, sr. presidente, não vejo em que esta amnistia possa prejudicar o Brazil. A' excepção das duas provincias do norte que não teem adherido á nossa causa pela influencia européa, em toda parte se tem gritado — Independencia e Imperio —. todos estão conformes neste grande principio, e si ha divergencia é em opinião secundaria e esta divergencia é muitas vezes nascida de rivalidades e odios puramente particulares e ciúmes ridiculos.

Não se tema que a amnistia traga para entre nós inimigos da nossa causa: ha de trazer muitos cidadãos amantes della e que talvez só padecem pelo muito que a amam ; ha de reconciliar os animos que hoje se mostram oppostos e espalhar entre nós a paz e o prazer... Até direi que a amnistia é um acto de justiça e com ella salvaremos da oppressão alguns homens que padecem sem terem commettido crimes.

Não pretendo accuzar ninguem, como já declarei noutra occasião e agóra repito, nem o meu caracter é proprio para accusações, mas nem por isso deixarei de dizer que o ministerio, talvez com as melhores intenções, como quero crer, e tendo só em vista — o *salus populi* — fez prender uns homens e deportar outros sem culpa formada e estes actos me parecem injustos e inconstitucionaes e accrescentarei que até agóra não se tem provado crime algum a taes homens: tudo são méras suspeitas.»

Vê-se desse discurso a maneira pela qual o gabinete de 16 de janeiro opprimiu a população. Não é dado a ninguem duvidar desse facto, porque as provas o evidenciam. Os proprios defensores do gabinete, exaggerando os perigos da demagogia, confessam o facto desde que reconhecem a necessidade de reprimil-os. Ora a repressão se não daria sem a existencia do facto; logo a repressão que houve é facto provado e confessado. Mas o que os defensores do ministerio nunca puderam demonstrar é que os prezos mereciam a repressão que arbitrariamente lhes infligiu o Governo na sua insensata tenacidade de ver demagogos, republicanos e inimigos por toda parte.

O discurso de Alencar, judicioso, positivo, tratando restrictamente do assumpto do debate, contrasta completamente com a declamação apparatosa da oração proferida por Martim Francisco. Alencar evidencía que os perseguidos, sómente por terem opinião contraria á marcha tortuosa do gabinete, são amigos da causa nacional ; todos querem—Independencia e Imperio ; porque, pois, o ministerio os persegue, os retém nos ergartulos, condemnando-os a passar por horriveis soffrimentos ?

Nota-se, naturalmente, o alto bom senso com que o deputado cearense aconselha o remedio da amnistia para sanar tantos males causados pela insania do Governo e a fatuidade com que Martim Francisco se esforça em justificar as cruezas praticadas contra brazileiros, cujo crime ou erro cifra-se em reprovar a detestavel politica do gabinete que Martim Francisco defende e sustenta por interesse de predominio dos Andradas.

O discurso de Alencar produziu effeito, impressionou a Camara, tanto que se esperava que um orador do Governo viesse desfazer tal effeito e justificar os actos censurados com tanta razão, justiça e criterio.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) As perseguições e devassas.

(2) Portaria de outubro. Vide os discursos da Constituinte.

(3) Elle descreve a scena em que o povo cercava a casa do grande orador.

PAGINAS ESQUECIDAS

MARTYRIO E ROSAS

Amor... o sonho dourado
Da juventude florida
Sorrisos de algumas horas
E pranto de toda a vida.

Consorcio... final de esperança
De duas almas guarida ;
Enlevo de um só momento,
Cadeia por toda a vida.

Os filhos... élo adorado
De uma affeição não mentida,
Rosas de breve instante
Espinhos de toda a vida.

FRANCISCO OCTAVIANO.

*
* *

MYSTICISMO HUMORISTICO

Voltei. E' agóra que as toutinegras emigram.

Andei pelos campos, neste ar desfallecido do inverno outonal.

Agóra o azul está indolentemente bello. Tem quasi uma ironica serenidade. E' o azul intenso, frio, triumphante. Tem a luz, a belleza, a força, a ineffabilidade. Agóra a luz enternecida dos campos arrasta-se pelas grandes aguas quietas e pallidas, onde o vento revolve e espalha a agonia das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as bençãos indolentes das arvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extaticos, e era triste e religiosa como a entrada amarellecida de um convento catholico. Havia uma corrente de agua delgada que fazia claras murmurações, e era como o acompanhamento, natural e melodico, de uma ecloga latina. Entre as arvores estava um banco solitario, que o musgo ia cobrindo. Nas plantas, nas clematites, nas trepadeiras que o cercavam, havia um murmurio como de vózes distantes que cantam felicidades perdidas. A pedra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras do cemiterio, á luz consoladora, purificadora e branca, que cáe dos céos outonaes.

Agóra, sobre aquelle banco, dorme estirada a grande luz do sol, e á noite o luar, porque já não ha naquella casa namorados contemplativos que venham, de noite ou á sésta, despertar, para se poderem sentar alli, aquelles dormentes de luz.

Aquella casa abandonada faz lembrar amores mysticos: e, quando se vê á luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos antigos e esquecidos.

As arvores erguiam, em attitudes violentas e propheticas, os seus braços nús, engelhados, supplicantes para o frio azul, esperando, no entorpecimento, a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nitidos deixavam passar indifferentes, sem as suspender, sem as acariciar, as molles nudezas das nuvens.

Toda a natureza, no tempo dos frios, está impassivel e somnolenta.

*

Passei por um cemiterio. Andava um coveiro abrindo covas. Tinha um rosto inerte e animal. A luz dissipava-se, e uma estrella que se chama Venus luzia, metallica, ardente, desejosa, lucilante, num fundo sinistro de ramagens.

O coveiro é um semeador. Semeia corpos. Sómente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem sabe se os corpos, que se atiram á valla, sementes funebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas de que nós apenas vemos a ponta das raizes, que são as estrellas? Mas não. A alma morre. O corpo revive e dissipa-se na materia enorme.

E' na alma que estão as más vontades, os negros remorsos, as lacerações do mal: o corpo desce livre, novo e são para as uberdades limosas das covas.

Quando chega o ultimo frio, odios, amores, tristezas, invejas, melancolias, desejos, todos cançados das luctas e da vida, dizem á natureza como gladiadores vencidos: — *Os que vão morrer saúdam-te!*—E morrem.

A vida e o seu supplicio é absorvida na insensibilidade da natureza, no silencio perpetuo, na força fatal e céga. E a materia váe pelos ares, pelas planicies, amollece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruido, movimento, estremecimento confuso do corpo de Cybéle: e a materia sente a vida universal, a palpitação do átomo debaixo da fórma, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impellida para a luz magnetica dos astros e dilacerada nos asperos movimentos da terra. A materia tem a consciencia augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, ha uma angustia immensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrivel, oh formidavel natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade lactea; pezava um austero e lento silencio; a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os rebanhos lentos, balaudo; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida: eu lembrava-me dos Elysios olympicos e mythologicos onde, na claridade, passam as sombras heroicas, serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

*

Eu ia escutando os passos da doce noite, que vinha caminhando. Ia-me afundando no tédio, como um navio roto numa maré do equinoxio. Enchiam-me a alma crepusculos brancos. Entrei no grande arvoredo negro. A'quellas horas, os lymphaticos, os innocentes, os mysticos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações asceticas. Mas eu tremia entre a ramaria inquieta como um mar, mysteriosa como um firmamento: — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquella negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lividas, de silencios, enchiam-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do occaso dava aos troncos um estranho aspecto de luctadores, vindos do sangue e dos incendios: os sinos distantes eram como vózes indefinidas de miseria e de dôr.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os môchos voavam, e as aguas sonoras eram como vózes vingativas e tragicas. A lua, entorpecida, passava por detraz da estacada de ramos. O vento era rouco e lento como um canto catholico de officios. E o grasnar lento e arrastado dos córvos parecia uma ladainha barbara de padres. As arvores doentias rangiam ao vento hybernal, o ar estava diaphano, lacteo e mortuario. As estrellas que appareciam tinham o olhar lancinante.

Cheguei á estalagem. Em baixo, na lareira, um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos cirios, e o espelho tinha reflexos pallidos, como de sombras mythologicas que passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembraram-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o céo derrama somnolencias; então tambem eu ia por entre as arvores, e ouvia ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir atravéz da bruma, entre o acre cheiro das efflorescencias. Aquellas vózes claras eram doces, santas, saídas de crystaes, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrellas. Era uma multidão de fórmas divinas que assim cantavam, divindades fericas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquellas nudezas celestes, filhas do fogo, flôres do mal, ondas do ar, entrelaçavam-se, dançando nas obscuridades, que as scintillações estellares franjavam de pallidezas. No meio dos nevoeiros humanos, ellas faziam resplandecer deante dos olhos as visões paradisiacas, as creaturas sideraes de languidos mysticismos. Ellas iam naquelles enlaçamentos, brancas e loiras, cheias de lyrismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras; iam poisando nos jacinthos, nos myrtos, nas rosas barbaras cheias de sangue radioso; iam rolando sobre a brancura soluçante dos lyrios; e a sua vóz triste subia, por entre o azul lacteo, para a lua chorosa.

*

Quando assim estava no quarto da estalagem, inerte como uma mumia, pensando nestas coisas, vi, repentinamente, atravéz das vidraças, a lua apparecer-me.

Mas não era aquella pura e immaculada lua côr d'opala—que derrama brancuras, como se atravéz do azul caíssem lyrios. Era uma lua metallica, fria, hostil, material como uma moéda d'oiro nova.

Ella apparecia-me mortuaria e livida como uma sombra finada, que se

ergue ás grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rapido, estava cheio das minhas agonias.

*

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se tinha feito saltimbanco.

Fez bem. Cançado dos pedantes, dos burguezes, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz forças coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, á frescura das estrellas e sob a bondade dos luares.

A's vezes, tem frio e fome, e gela nuns calções feitos de veludilho e de galões d'oiro. Anda errante de villa em villa, e a populaça da lama admira-o cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Elle tem a multidão extatica e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão, e annelladas e fortes como negros pennachos de voluptuosidade : e a sua testa tem um reflexo de luar, de marmore e de espelho : e tem uns bellos seios de fórmas barbaras.

Elle pula á noite, no circo alumiado, emquanto as toutinegras cantam nos caunaviaes. Elle faz girar vinte punhaes agudos em volta da cabeça, num circulo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquelle diadema terrivel e faiscante, e o saltimbanco impassivel, grave, eufarinhado, sob aquella corôa de luz, tomal-o-á por um idolo e fal-o-á egual aos deuses!

Elle, o meu saltimbanco, tem a alma de oiro e o coração de diamante —e ri-se, ri-se, quando o vento sôa como flauta do inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrellas dançam.

A miseria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não soffrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, applaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer : tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os timbales, os clarinetes, os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as attitudes, phantasticas e desmanchadas, que a sombra dá ás verdades. Já pensava assim o poeta Li-Tai-Pè, que escrevia sobre as coisas santas da China, entre porcellanas e laccas, ao aroma dos nenuphares, vestidos de sedas amarellas, perfumado de sandalo—doce, contemplativo, branco, deante dum vaso de margaridas!

EÇA DE QUEIROZ.

A LIVRARIA

« O ATHENEU ». — RAUL POMPEIA. — EDIÇÃO DA CASA ALVES

Quando li pela primeira vez o *Atheneu*, eu teria vinte annos, no maximo. Hoje trago talvez mais dez annos do que o auctor no momento em que o produziu. Quer dizer que não só passei pela mesma quadra, como até já estou do outro lado da vida.

Além disso, o modo de escrever varía muito com os annos, e com elle a escolha dos assumptos. Lendo-se este livro agóra, sente-se que, si Raul vivesse hoje e tivesse a edade de então, já o trabalharia um pouco por outra fórma, caso sentisse o impulso necessario para fazel-o.

Assim, estabelece-se a distancia duplamente : hoje, nós outros estamos mais velhos do que era aquelle raro escriptor no momento em que produziu o melhor dos seus livros ; mas por outro lado sua obra aos nossos olhos já não póde deixar de ter qualquer coisa de preterita.

Felizmente um e outro facto occorrem simultaneos apenas em certo gráu, até onde basta para nos tornar capazes de julgar serenamente, mas de modo algum com a frieza de uma admiração apenas retrospectiva.

De principio a fim, estas quasi trezentas paginas do *Atheneu* ainda hoje nos empolgam na segunda leitura como um excellente volume que nunca nos tivesse passado pelas mãos. Empolgam-nos e mesmo nos deslumbram. Apenas o que se dá é que não chegam ao ponto de conturbar-nos, como acontecera da primeira vez.

Pelo contrario, surprehende-nos o facto de irmos vendo tão claramente e tão serenamente tudo, como si hoje nos favorecesse uma outra luz, mais estavel e reveladora.

E' que, além de já nos havermos encontrado uma vez com estas paginas, andámos numa demorada convivencia com as obras suas coetaneas, que não pódem deixar de offerecer maior ou menor correlação com ella.

Voltados que somos ao *Atheneu* agóra, elle nos proporciona ouvir já saudosamente o echo de coisas que amámos, com ardor, ha dez ou quinze annos atraz.

No systema de idéas do auctor deste livro, nos pontos de vista que o mesmo elege, no seu processo de exposição, já começámos a vel-o menos singularmente, a elle, do que todos os espiritos analyticos e ironistas, atormentados lavoradores da phrase, que fôram os seus legitimos contemporaneos. São idéas e fórma vividas no que puderam ser communs a uma geração.

Basta isso para tornar o livro menos carregado de effeitos um pouco, para lhe dar certa dóse de logar commum, coisa de que todas as obras precizam afim de se tornarem accessiveis, humanas, razoaveis.

Não só vamos olhando serenamente para um e outro lado, como até mesmo acontece que uma ou outra vez já nos permittimos sorrir levemente com a facil superioridade ordinaria nos que olham para um retrato que já não regista rigorosamente a ultima moda.

Nesta epocha de tendencias prosaicas, em que o presidente Roosevelt não é só quasi que o arbitro da politica mundial, mas até inflúe no estylo, já se váe tendo por um pouco ingenua aquella fórma veneziana, cheia de variegadas lanternas esphericas, de flammulas e galhardetes, que os adjectivos polychromos, as antitheses, os tropos ironicos e as figuras espirituosamente locadas representam, festivos e coruscantes, na spaginas caracteristicas da vintena em que ellas lograram incontestavel primado.

Tambem a tendencia revolucionaria da epocha, o amor systematico á iconoclacia, revelado em cada uma das paginas do *Atheneu*, já hoje não nos arrasta de modo tão incondicional como antes, particularmente aqui no Brazil. O prurido daquelles tempos já produziu os seus effeitos, e de tal modo que hoje os espiritos, na sua maioria, antes se inclinam para uma aspiração, pelo menos até certo ponto, opposta ás idéologias do passado; sentem, antes, necessidade de ser mais caracteristicamente constructores.

Quando Raul Pompeia compoz este seu livro, que representa uma critica a determinada casa de ensino, a athmosphera offerecia-se-lhe tão favoravel, que elle foi, por assim dizer, um orgão eventual da opinião avançada.

O facto principalmente de representar aquelle instituto como que um ramo officioso do edificio politico então

vigente, fazia com que os espiritos revolucionarios da epocha englobassem-no, sem mais exame, na condemnação votada ao regimen.

Vão longe esses tempos agóra, e quem relê presentemente as paginas do *Atheneu*, severas, mesmo apaixonadamente tendenciosas, si o quizerem, mas emfim honestas, como bôa pintura que ambicionavam ser, ha de concordar que essa catilinaria de outros tempos vale hoje por um elogio ao objecto das suas abjurgatorias, porque proporciona a comparação entre o que por essa epocha se conseguira organizar e os tristes desmanchos e desmantelamentos que ora por toda parte, em materia de ensino, é o que mais ou menos se vê.

Como fica patente, já é forçoso fazer todos estes descontos em desfavor do *Atheneu*. Tivesse sido elle apenas um livro de moda, na fórma e no fundo, producto de um espirito brilhante, mas superficial, sem apoio no que se póde chamar propriamente uma natureza, quer dizer uma organisação capaz de apprehender o definitivo, o immutavel que ha no homem e nas coisas, e já seria este um livro morto, antes de ter desapparecido a geração dos homens com que coincidiu sua vinda.

Mas sobretudo ha nelle duas qualidades que representam o segredo de sua resistencia e de seu frescor: são a mocidade exúberante e a força segura, que o soergueram em seu plano e da primeira á ultima pagina sustentaram, sem um deliquio, toda a sua composição.

Mesmo para quem já conhecia o *Atheneu*, ainda neste volver de agóra, que a segunda edição proporcionou, cada nova pagina que em sequencia da que já foi lida nos cáe sob a vista, é uma deliciosa surpreza.

De certo ponto em deante, não se pede mais, porque já se vem plenamente satisfeito, e, no emtanto, a prodigalidade continúa, sem intermittencias, sem falha, continúa sempre, dando-nos o livro por fim a illusão do inexgottavel, confundindo-se com o prodigioso da propria natureza.

E' como si o auctor tivesse passado annos e annos numa inhibição forçosa, accumulando por compressão, vivendo e tendo de calar as impressões da vida, mas necessitado como ninguem de uma viva representação, até que emfim o interdicto caduca e tudo quanto se accumulára cachoeira e borbulha, transfigurado nas paginas ardentes daquelle livro.

E' da esplendida mocidade, que estúa nelle feraz, que irradia principalmente essa prodigiosa profusão de recursos.

Até parece que na proporção em que ia sendo feita a obra, as paginas já escriptas passavam a ser lidas em um cenaculo de moços contemporaneos do auctor, alguns delles quiçá seus companheiros desde os bancos do Atheneu. Assim parece, a grande, irresistivel jovialidade que resumbra daquellas paginas sendo destas que quasi só se comprehendem inspiradas na vida collectiva dos *clans* intellectuaes.

Ao par de tamanha abundancia e tanto ardor, uma segurança e firmeza de espirito, na verdade surprehendente em tão verdes annos, e que só se explica pelo effeito revulsivo e sazonante de uma intensa cultura. Nas passagens as mais difficeis, quando se julga que o escriptor não poderá conservar o sentimento da justa medida, eil-o que em tempo faz estacar a penna, como se refreia um ginete, e em logar do excesso que receiavamos afflóra apenas um ironico sorriso, intelligente e de bom gosto.

Depois, tudo trabalhado magistralmente, com o capricho dos orgulhosos, que não cabeceia nunca, e sem as naturaes hesitações, o tartamudear intermittente dos estréantes em geral.

Si a obra pecca, revelando, apezar de tudo, a sua juvenilidade, é justamente por esta razão opposta, pelo esforço algo demasiado que representa, e que tráe. Diz Nietzsche que os melhores productos de arte são aquelles em que apenas se dispendem dois terços de força. Um auctor deve sempre dar a impressão de que com elle ficou bem mais do que o muito que se possa encontrar no seu livro.

Seja como fôr, o *Atheneu* fica e ficará na nossa litteratura como uma obra de excepcional talento, de raro enthusiasmo intellectual e de um esmero que entre nós ainda ninguem excedeu.

O brazileiro que lê um livro como este tem o direito de ganhar um pouco de confiança na raça, de firmar-se na crença de que, máu grado tudo, nós somos capazes de alguma coisa.

NUNES VIDAL.

O ALMIRANTE (75)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

Houve um momento de hesitação entre a idéa de fugir, de abandonar para sempre aquelle posto de tortura e a injuncção do dever de esposa, agrilhoada ao destino do marido. A misera creatura, escrava de suas deliberações, resolveu ficar, disposta a resistir impavida ás suggestões criminosas, a affrontar tudo, todos os episodios daquelle estranho drama, desenrolado no escuro, sem um clarão a lhe prognosticar o desenlace. Ficaria preza ao dever por um enorme esforço de vontade para se lhe não imputar uma deserção covarde e, sobretudo, para se apoderar daquelle segredo a meio desvelado pelas horriveis palavras de ternura proferidas pelo enfermo. Seriam ellas um raio de verdade perfurando a treva do delirio? seriam vaga supplica inconsciente sem raizes no coração? Ella sentia a pressão da curiosidade de surprehender a verdade, de conhecer o estado da alma de Oscar, aquella alma viril e meiga que ella reputára isenta de paixões criminosas, aberta aos affectos generosos. Estaria lá dentro, occulta nos mais intimos refolhos, a imagem de outra mulher, guardada como num sanctuario, adorada silenciosamente, mysteriosamente, num culto fanatico?

Como quer que fôsse, ella obedecia á fascinação do mysterio, antegozava a amargura da verdade cruel que, magoando o seu amor-proprio de mulher, lhe proporcionaria os meios de romper os vinculos que a ligavam áquelle homem, que não era sómente seu, como ella imagimára no momento angustioso em que elle, abrazado de paixão, a enlaçára num amplexo delirante, subjugando-a a um contacto que, entre as violentas commoções de terror, despertára todos os seus instinctos de mulher.

E, agrilhoada pela ancia de desvendar completamente esse fatal segredo, ella escutava, tiritante de impaciencia, as phrases confusas a brotarem desarticuladas dos labios bambos do enfermo. Approximou-se a medo, cautelosamente, passo a passo, debruçou-se sobre elle para melhor ouvir; encostou-lhe quasi a cabeça na bocca, que expellia um halito abrazado; percebeu apenas um murmurio de embriaguez, entrecortado de suspiros arquejantes, de longos gemidos plangentes.

— Oscar! Oscar!... — murmurou ella baixinho—Ouve-me... Sou eu.. Dolores.. Dolores.

A cabeça de Oscar vacillou num movimento de impaciencia como si o molestasse aquelle nome.

Hortencia repetiu, sem resultado, o estratagema: dirigiu a Oscar palavras de carinho; afagou-lhe o rosto: nada conseguiu. Elle parecia immerso num profundo somno. E dominada pela idéa de lhe penetrar o coração, esperou que viesse outro indicio desfazer a asphyxiante neblina de duvida em que immergira o seu espirito. Em vão, ella procurava convencer-se de que era ridicula aquella agitação provocada pela revelação de um amor de aventura, capitulo banal da historia de todos os homens. Que tinha ella com isso, com o passado de Oscar?

Que lhe importava amasse elle outra mulher, si ella o não amava, si aquelle casamento fôra uma simples formalidade para cumprir um dever, um acto de abnegação imposto pelas circumstancias? A idéa de que aquelle immenso sacrificio lhe impuzera a pena terrivel de ouvir aquella confissão, a idéa de que outra occupava o coração do homem que era, legalmente, seu esposo, lhe mordia inexoravelmente o coração, como si ella fôsse traída, desconsiderada, vilipendiada. De resto, pensava ella, fitando os olhos, accesos de concentrada ira, no rosto pallido de Oscar, este martyrio teria um fim proximo. Ella appellava para a morte, para a suprema libertadora de todos os males, de todas as angustias, de todos os soffrimentos ; a sua esperança deveria alvorecer com a chegada da sinistra mensageira, cuja visinhança se denunciava nos traços desfigurados daquelle semblante, no arquejar do peito, no halito precipitado daquelles labios que, havia pouco, pronunciavam frementes o detestado nome da mulher preferida, da mulher amada, cuja lembrança emergia victoriosa dos escombros daquelle organismo perturbado nas fontes da propria vida.

O ruido sonoro do pendulo indicou a hora de ministrar um medicamento ao enfermo. Hortencia consultou á luz da lampada a falha de papel onde escrevera as recommendações do medico, mas não ouzou cumprir esse caridoso dever. Reinava em torno um ambiente de tristeza, um silencio apavorante, apenas interrompido por um vago rumor de folhas e pelo longinquo coaxar de rãs nas valas do fundo da chacara. Hortencia ergueu-se, dirigiu-se á larga porta da bibliotheca, afastou a cortina e inspeccionou cautelosa as salas proximas, em busca da mãe, de Marianninha ou de outra pessôa amiga. No pequeno salão, ella divizou a figura da marqueza illuminada pela mortiça lanterna do alto da escada, velando attenta, superior á fadiga, ao somno.

—Guilinha !—murmurou ella, mansamente, avançando alguns passos.

—Que é ?—respondeu a marqueza, erguendo-se sobresaltada.

—Nada. Eu quero dar o remedio a Oscar, que dorme profundamente.

—O somno é o mais energico reparador. Porque não espera que elle desperte ?

—O medico recommendou que lhe não faltasse o remedio... Eu tenho receio.

—Tua mãe e Marianninha fôram repouzar a pedido meu. O conselheiro, coitado, não podia mais resistir á fadiga. Eu te ajudarei... Espera : José está aqui perto...

Antes que ella o chamasse, José se approximou reverente.

— A senhora preciza de alguma coisa ?

— Vem comnosco. Vamos dar o remedio a Oscar.

Animada pela presença da marqueza e do creado, Hortencia invocou todos os recursos innatos da simulação feminina, conchegou-se resoluta ao leito, passou a mão tremula pela fronte de Oscar ; chamou-o num tom de accentuada ternura.

—Oscar, Oscar. .—supplicou ella, docemente — desperta... tem paciencia. .

Penetrado pelo accento daquella vóz amorosa, Oscar estremeceu.

— Vamos, meu filho — acudiu a marqueza — E' a hora do remedio...

Oscar abriu os olhos, como si surgisse de profunda lethargia, fitou-os no rosto de Hortencia, indecisos, deslumbrados, contemplou-a durante alguns momentos, e sorriu.

— Como te sentes ? — inquiriu a marqueza.

— Melhor, muito melhor... respondeu elle, num tom quasi imperceptivel.

— Vamos, uma colhersinha do remedio — accrescentou a marqueza.

Hortencia apoiou ao seio a cabeça de Oscar, que bebeu, de um gólo, o liquido amargo.

— Muito bem—murmurou Hortencia — és o melhor dos doentes.

— Tu és a saúde, tu és a vida, minha querida — balbuciou o enfermo, lentamente, como si lhe fugisse a memoria das palavras — oh, estou melhor... Sinto voltar-me a energia... as forças...

Hortencia retraíu-se apavorada ante a idéa do restabelecimento daquelle homem, cuja vida ella reputava um formidavel obstaculo á felicidade sonhada.

— Não me abandones, Hortencia— continuou elle, com esforço — Tu és a minha esperança... Tu és...

Vencido pela fadiga daquelle esforço, seus olhos se fecharam lentamente e nos labios entreabertos expirou a phrase.

— Bem — murmurou a marqueza— Deixemol-o repouzar... Tu necessitas tambem de descançar. Este sacrificio é superior ás tuas forças, minha adorada filha. José velará commigo.

Hortencia insistiu em permanecer no seu posto, mas teve de ceder ao pedido da marqueza, que prometteu chamal-a si fôsse necessario. De resto, ella anciava por se achar só, afastada daquelle ambiente de martyrio onde se haviam quasi exgottado as suas poderosas energias, profundamente abaladas pela perspectiva do restabelecimento de Oscar.

(Continúa)

UM SIGNAL DOS TEMPOS

O CHRISTO NO JURY

Ahi vem chegando o novo cardeal. Aprestam-se os catholicos e a turba dos exhibicionistas de todas as festividades pomposas para recebel-o com honras principescas. Os poderes publicos desta Republica sem crença religiosa luctam á porfia, querendo cada um delles ganhar a deanteira na genuflexão e no preito de homenagem. A suprema auctoridade ecclesiastica, que tem a guarda do rebanho na ausencia do pastor, se corresponde com os homens do Governo, como de potencia a potencia administrativa, prevenindo os possiveis desfallecimentos, preparando officialmente a magnificencia da recepção.

Como nestas coisas de festas não bastam enthusiasmos alcandorados, nem simples manifestações de intimo affecto, já correu entre os fiéis, alastrando-se pela Alta Finança e pelo Grosso Commercio, a farta subscripção com que se hão de ter recursos para explanar as ruas, tapetal-as de flôres, illuminal-as esplendorosamente de maneira que sua eminencia faça sua entrada triumphal no meio de perfumes, casados ás harmonias quasi celestiaes das bandas militares rendidas á influencia da cerimonia..

E, depois, quando o repouso de alguns dias succeder a essas expansões de fiéis e subditos espirituaes, não será para admirar que o novo cardeal presida o consorcio da Justiça Republicana com a Religião Catholica, repondo, em solemne procissão, a imagem do Christo no recinto do tribunal popular !

***

Isto que ahi se nos annuncía mui despreoccupadamente é um verdadeiro *signal dos tempos*, desses tempos atormentados, de profunda dissolução politico-administrativa e de regressão evidente aos principios monarchicos e religiosos que suppunhamos haver banido com o Imperador e sua familia. Esta Republica, em verdade, muito se váe parecendo com a *cité des idoles* que um romancista moderno nos descreve em uma obra de largo descortino social. Ao principio, tudo foi grita e furia de iconoclastas ; tudo foi destruição de innocentes symbolos e de insignificativas lembranças do passado. Por pouco não se baixaram dos seus pedestaes as estatuas que lembram glorias da Monarchia, e quasi se chegou a queimar, em praça publica, aos montes, o papel moéda em que se estampára o retrato do Imperante. De religião não era licito falar em publico, e a todo momento bem se percebia que lavrava, nos espiritos, a confusão da

vida livre com a absurda necessidade do atheismo republicano.

O exaggero tomou o logar da calma e da moderação. O phrenesi das epochas revolucionarias convulsionou as almas irrequietas, que tudo queriam sepultar com o regimen extincto, creando consciencia nova, novos symbolos, novas emoções, novos sentimentos...

A reacção monarchico-religiosa vem, agóra, no fim de poucos annos, revelar a fatuidade, a nenhuma consistencia, a precipitação desses gestos de paranoicos. A pouco e pouco, vindo das camadas inferiores para as superiores, se veio estendendo a propaganda reaccionaria. A lei do casamento civil foi atacada de frente por palavras e por actos, estes mais temiveis nos seus effeitos. Hoje vemos—e ninguem póde ignorar — que ha cidades do interior onde a familia apenas se constitúe pelo sacramento religioso, dispensada a auctoridade do funccionario do Estado.

O padre prégador nem mais preciza expectorar do pulpito seu odio tremendo ás instituições republicanas; a idéa já se infiltrou naquellas cerebrações primitivas: os que acreditam no Deus dos catholicos abominam o casamento civil, que para elles é a consagração do concubinato. Cazam-se na egreja e não cogitam de registrar, perante a auctoridade civil, a união sacrosanta. Si, como é natural, rebentam filhos desses novos troncos abençoados, não ha como persuadil-os da necessidade do casamento legal: a salvação das suas almas sobrepuja a garantia dos direitos e a legitimação dos filhos.

E quando se quer tornar obrigatoria a precedencia do casamento civil, logo acódem os *espiritos liberaes* em defeza do que chamam «liberdade religiosa». A propaganda clerical é elemento seguro das suas victorias perante as urnas. Não lhes convém alienar a sympathia dos roupetas e dos seus sequazes.

Por outro lado, as grandes confrarias, as irmandades poderosas, as chamadas «associações leigas» dominam a alta administração publica, monopolizando certos serviços, mantêm-se na posse de certas regalias — não sendo possivel entrar com ellas em lucta ou em concurrencia. Essa situação privilegiada se mamifesta, em plena luz, no poderio da Santa Casa, que não abre mão do *direito* de enterrar os mortos, e com suas cloacas especiaes da praia de Santa Luzia se garante o *direito* de empestar os vivos...

Nesta Republica livre-pensadora se assiste, todos os dias, o espectaculo bem caracteristico dos seus grandes homens, dos depositarios da auctoridade publica, darem caracter official, á custa dos cofres do Estado, ás fervorosas demonstrações da sua fé catholica. A Republica que, ao nascer, na confecção da sua bandeira, parecia inclinada para o culto de Clotilde de Vaux, váe agóra acompanhando, genuflexa, a procissão que leva até o altar de Maria. A mudança é patente. A todos impressiona. Ninguem se póde chamar á ignorancia. O republicano catholico tem o dever de protestar, em nome do proprio principio que é a base do regimen. Si lhe falta a coragem, envergue, então, a ópa das confrarias, empunhe a tocha do acompanhamento beato e vá formar ao lado dos que, por defenderem Christo, se sentem obrigados á defeza dos principios monarchicos.

***

Essa idéa de recollocar a imagem do Nazareno no tribunal do povo só medrou por lhe serem, como vimos, favoraveis as condições de *meio* e de *momento*. Em qualquer differente situação, em outra athmosphera social, ella, que nasceu mesquinha e sem brilho, teria perecido logo, sem chamar a attenção do grande numero. Vale a pena recordar como o facto se passou.

Um operoso defensor de réos, aproveitando as relações que travára com um grupo de jurados, lembrou-se de juntar esse preconicio aos outros com que se váe celebrizando; dirigiu-se, em breves palavras, ao juiz que então presidia o tribunal, fallando como delegado da *familia fluminense* (!) e pedindo-lhe que permittisse a collocação da imagem do Christo no logar que ella occupava, na casa de Justiça, antes da Republica. O magistrado, bom catholico, seguindo a corrente das manifestações officiaes que valorizam, entre todas, a Religião Catholica — mostrou-se sympathico á idéa; mas, com louvavel prudencia, não resolveu o caso, declarando que ia consultar seus collegas das *varas* criminaes.

Em outra epocha e em outro meio, esse incidente teria dado assumpto para uma simples noticia forense — e ninguem julgaria já proximo o dia do desaggravo religioso.

Entre nós, porém, e neste tempo, o que era simples pedido sem deferimento tomou feição de coisa já sentenciada e em via de execução.

Noticiou-se, de prompto, que o sagrado symbolo tinha de ser reposto, no seu antigo logar, no dia tal, a tantas horas, com cerimonial grandioso, illuminado com a presença do cardeal brazileiro. Ahi se patenteia, nessa vibração anormal de uma nota insignificante, que o espirito publico está preparado para o movimento reaccionario que estamos indicando á attenção dos bons republicanos.

Acreditou-se, de afogadilho, que, não obstante a separação da Egreja do Estado, a despeito da Constituição, com menospreço dos principios institucionaes do actual regimen politico, era licito á Magistratura, por sensibilice religiosa ou por outro motivo, collocar em casas do Governo symbolos de uma religião qualquer, impondo-os ao respeito de toda a gente! Por uns dias se suppoz possivel esse novo attentado contra as leis que, ao nascer do novo regimen, o caracterizaram e o extremaram do que succumbira ao embate revolucionario de 15 de novembro!

Só agóra, nestes ultimos dias, se ficou sabendo que a maioria dos juizes criminaes era formalmente contraria á idéa com que sympathizára, segundo se diz, um dos seus collegas. Entretanto, como o imprevisto e o inesperado constitúem a essencia da nossa vida social, ao ponto de não se encontrarem ligações logicas entre actos que se praticam para solução do mesmo problema — não é impossivel que, no meio das festas cardinalicias, venha a reflorir a disparatada lembrança e a procissão se encaminhe para o tribunal do jury..

Quem sabe si, quando estiverem impressas estas linhas, já não dominará a sala do tribunal a imagem symbolica da maior victima da Justiça?!

Si assim fôr, terá esta Republica, mais uma vez, justificado os receios e as apprehensões dos que, como nós, a viram nascer no meio da perplexidade dos republicanos, logo cercada pelas ambições dos adhesistas, depois enfebrecida pelas excitações dos jacobinos, e agóra, explorada e desmoralisada pelos que, guardando recordações e sentimentos do passado, vivem e engordam á custa do presente.

São estes que abrem, pressurosos, os braços acolhedores para estreitar os membros das congregações afugentadas da Europa. São estes que encaminham a mocidade para as casas de ensino clerical e, á sombra da famigerada equiparação, fornecem os bandos de bachareis-catholicos-apostolicos-romanos. São estes que, arrastando a Republica para junto do altar, afastam-na do livre-pensamento que a gerou e que lhe póde assegurar o futuro, sem o perigo dos conflictos sociaes que tanto affligem as sociedades modernas.

Só estes poderão deante da indifferença publica e sem apoio dos espiritos verdadeiramente religiosos, repôr a imagem do Christo no tribunal do jury!

EVARISTO DE MORAES.

As officinas dos «Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Realizou-se de 3 a 29 de janeiro, em São Petersburgo, o 4º torneio nacional russo. Fôram vencedores:

1º premio, 500 rublos, Salve, 13 pontos; 2º premio, 350 rublos, Blumenfeld, 12 pontos; 3º premio, 350 rublos, Rubinstein, 12 pontos; 4º premio, 175 rublos, Snosko Borowski, 11 1/2 pontos; 5º premio, 120 rublos, S. Alapin, 10 1/2 pontos.

O 6º e 7º premios, de 80 e 50 rublos, fôram ganhos por Evtifeiew e Romanowski, com 10 pontos; o 8º, de 25 rublos por Dowz-Khotimirski, Isbinski e Rosenkrantz, que fizeram 8 pontos. Em seguida, véem: Levitski com 7 pontos; Talwik com 6 1/2; Malioutine e Omelianski com 6; Helbach com 5; Tschigorine com 1. Este ultimo jogador, vencedor dos torneios precedentes, abandonou o torneio depois da 4ª partida e desafiou Salve para um *match*, que foi acceito.

— Como dissemos, o Schach-Club, de Nuremberg, está organisando um torneio para o campeonato do mundo. Quatro mestres já lhe enviaram a sua adhesão: Maroczi, Marshall, Schlechter e o dr. Tarrash.

— Partidas simultaneas: o dr. Lasker, campeão do mundo, deu uma sessão de 32 partidas no Manhattan Chess Club, com o resultado de 25 ganhas, 6 nullas e uma perdida contra Lozinsk; em S. Petersburgo, Alapin jogou 17, ganhando 13 e perdendo uma, e Salve jogou 11, ganhando 6. Tudo em janeiro.

— No torneio para o campeonato do Manhattan Chess Club tomaram parte 13 concurrentes. Venceu W. Fox com 10 pontos. Johner chegou em 2º logar com 9 1/2 pontos e Marshall em 3º com 9. Marshall, logo após o torneio, começou um *match* com o vencedor, em 5 partidas ganhas.

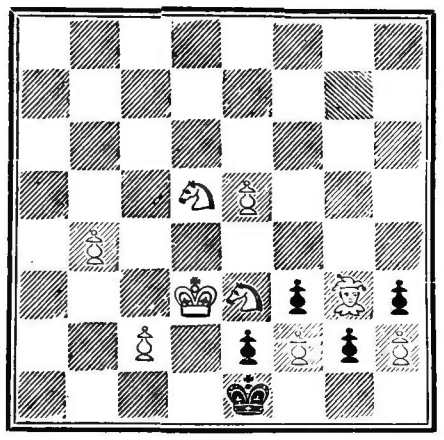
— Ainda o campeonato do mundo: o dr. Tarrash e Maroczi desafiaram o dr. E. Lasker para disputar o campeonato mundial. O campeão mostra-se inclinado a acceitar a lucta, que promette ser sensacional.

***

PROBLEMA N. 42

Calita (São Paulo)

PRETAS (5)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

***

PARTIDA N. 44

(Jogada no torneio do Club de São Paulo, 1905)

GAMBITO EVANS RECUSADO

Brancas (F. Godoy)		*Pretas* (M. Levy)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 4 C D	— 4 —	B 3 C
P 5 C	— 5 —	C 5 D
C × C	— 6 —	B × C
P 3 B D	— 7 —	B 3 C
P 4 D	— 8 —	P × P
Roque	— 9 —	P 6 D (*a*)
D 3 C	— 10 —	D 2 R
B 3 T	— 11 —	P 3 D
P 5 R (*b*)	— 12 —	B 3 R
P × P	— 13 —	P × P
T 1 R !	— 14 —	R 2 D (*c*)
C 2 D	— 15 —	C 3 B
T D 1 D	— 16 —	C 5 C
C 3 B (*d*)	— 17 —	B × P x
R 1 T	— 18 —	B × T
T × B	— 19 —	T R 1 R
D 4 T ! (*e*)	— 20 —	R 1 D ?
B × B	— 21 —	P × B
D × C	— 22 —	abandonam

(*a*) Em vez desse lance sem significação as Pretas deveriam cuidar da sua defeza que já está bastante compromettida.

(*b*) Ataque muito vigoroso. A situação das Pretas já é precaria por causa dos tempos perdidos.

(*c*) Não presta, mas não ha melhor.

(*d*) Este sacrificio parece extemporaneo e poderia comprometter a partida.

(*e*) Excellente lance, para o qual não ha resposta satisfactoria.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 41 (*Tacito & Lipman*): C 8 B (8 variantes.)

JOSÉ GETULIO.

UMA ODE DE SAPHO

Feliz de quem te acerca e só por ti suspira,
De quem te escuta ainda o harmonico falar,
De quem vê nesse rosto um riso em que se inspira !...
Os deuses poderão em gozos o egualar ?.

Sinto de veia em veia, uma terrivel chamma
Meus membros percorrer, si te contemplo a sós ;
E num doce transporte em que este amor se inflamma,
Arrasta-se-me a lingua e perco a minha vóz.

Confunde-se-me a vista em sombra indefinida,
Torno-me debil, surda e sinto-me acabar ;
Faltam-me a luz e o ar ; e pallida, perdida,
Percorre-me o arrepio, e morro por te amar !..

ISIS

Isis de amor que vagas semi-occulta
Nas roupagens das nuvens que enamoras,
Sustem, sentida, as lagrimas que choras,
Buscando Osiris que a amplidão sepulta.

Quando o teu rosto esplendido se avulta,
Nesse volver monotono das horas,
Solta o oceano as musicas sonoras
Que derramam pavor na gente inculta.

E reza a lenda lubrica, nefasta,
Que outr'ora houveste um tenebroso ritho
No recinto do templo de Bubasta...

E assim perdida vagas no infinito,
Sempre divina, languorosa e gasta
Como a princeza tragica do Egypto.

A' ESTATUA ALLEGORICA DE ROMA

E's formosa de mais ! e a languida postura
Do busto contornado em linhas portentosas,
Mais recordam nações pacificas, ditosas
Que a rainha do Lacio impervia e sempre dura.

Não posso conceber symbolica figura
Dessa filha immortal das guerras escabrosas,
Tendo no rosto infindo a candidez das rosas
Que despontam no albor dos dias de ventura.

Represente-se Roma altiva, austera, hirsuta,
Lembrando no sobrolho a rustica fereza
Da loba que a nutrira em fabulosa gruta.

Estandarte da lei, da força e da grandeza,
Ella foi a principio a synthese da lucta
Como fôra no imperio o sol da redondeza.

IGNACIO RAPOSO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1906 — Num. 76

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Rejubilamo-nos com a gratissima noticia de estar o sr. Affonso Penna preparando as malas para uma excursão ao norte.

Em vez de consumir os oito mezes de liberdade, de que ainda dispõe antes de lhe caír sobre os hombros a cruz do supremo governo, em villegiatura na Europa, s. ex. deliberou com muito acerto fugir do pezado ambiente politico do Rio de Janeiro para, preservado de emanações colligadas, meditar na organisação da sua familia administrativa, os companheiros tripulantes da canôa que s. ex. váe aventurar no perfido mar da politica, para fixar o seu plano de governo subordinado á salutar idéa de começar bem para acabar melhor. Quando o primeiro passo é dado com firmeza e bôa orientação, as difficuldades da causa são facilmente vencidas. A primeira pancada é que matará o venenoso reptil que anda a embaraçar os movimentos dos administradores republicanos.

S. ex. deseja tambem conhecer *de visu* os Estados que não teem interesses immediatos na valorisação do café e por isso occupam plano inferior na perspectiva dos proceres da politica, organisada em torno desse problema em fóco, como pedra philosophal da nossa organisação financeira.

E' natural que o futuro Presidente, nessa viagem de instrucção pessoal, procure verificar a causa real da decadencia dessas circumscripções administrativas, outr'ora florescentes provincias, reduzidas actualmente, com honrosas excepções, a burgos pobres, representadas por um ignoto pessoal de fancaria, que relembra pelo triste contraste os grandes homens dos ominosos tempos, os homens de traço rutilante na politica, nas lettras, nas immorredouras irradiações do pensamento, os Rio Branco, Cotegipe, S. Lourenço, Saraiva, Macedo Costa, o immortal bispo do Pará, marquez de Santa Cruz, de Paranaguá, de Olinda, João Alfredo, Camaragibe, os Cavalcantis illustres, Furtado, Vieira da Silva e muitos outros de subido quilate, perpetuados na historia como constructores da grandeza, do caracter, da honra da nossa Patria.

S. ex. procurará saber por que systematica inversão da noção dos interesses locaes e dos interesses collectivos da Republica, se obstruiu o sulco aberto por esses benemeritos cidadãos; por que incorrigivel cegueira fôram elles substituidos por uma legião de creaturas, surgidas das aventuras da politicagem, sem precedentes de trabalho civico, sem valor accentuado como si a autonomia conquistada pela victoria das instituições democraticas, tivesse trancado ao mererecimento o accesso ás eminentes posições officiaes.

Procurará saber ainda porque se esgottam as maravilhosas fontes de producção desse norte rico e heroico; por que canaes subterraneos se escôa o fructo do trabalho daquella população aguerrida na lucta perenne contra as inclemencias do clima, na conquista incessante dos thezouros que a natureza entornou profusamente nas entranhas daquelle sólo abençoado, talado pelo imposto implacavel sob todas as fórmas barbaras da ganancia fiscal, odienta e torpe.

Si s. ex. se não deixar asphyxiar pelas zumbaias, si não se deixar entoxicar pelo incenso da bajulação, do qual já estão repletos os thuribulos dos tacanhos donatarios de alguns dos Estados do norte; si a sua visão de estadista não fôr perturbada pelas festas hypocritas, pelos canticos fervorosos que elles entôam, sem discrepancia, a todos os victoriosos, verificará que esses Estados, de ninhos d'aguias, se transformaram em gallinheiros da politicagem voraz, insaciavel, nos quaes tripudiam os representantes de olygarchias omnipotentes, teúdas e manteúdas em doce concubinato com o Governo Federal, prodigo em favores, em concessões, incapaz de lhe negar quanto exijam para lhes assegurar a estupida prepotencia.

Julgando imparcialmente a situação de alguns dasses Estados, rebaixados á abjecta condição de feitorias, o sr. Affonso Penna adquirirá a dolorosa convicção de que a população delles vive garroteada no exercicio de todos os direitos, não dispondo dos meios naturaes de defeza, não tendo a quem recorrer porque a justiça está nas garras dos mandões, que a distribúem conforme as inspirações do seu maligno capricho, conforme as exigencias inexoraveis dos interesses dos seus asséclas.

Ainda rescende nauseabunda a podridão dos escandalos eleitoraes do pobre Ceará; commovem as pedras os protestos de 4.650 eleitores excluidos das urnas pelas trapaças servis da Junta de recursos, posta nas mãos do patriarcha acciolyno como um bacamarte, e agóra mesmo, no momento em que escrevemos estas linhas, repercutem na imprensa fluminense as vózes angustiadas do commercio cearense, esfolado por um monstruoso imposto de consumo, succedaneo dos outros mallogrados pela salutar intervenção do Supremo Tribunal Federal.

Em vinte dias, de 10 a 30 de janeiro, a collecta dessa contribuição, sem precedentes na historia das extorsões immoraes, forneceu algarismos que lhe pintam eloquentemente a iniquidade.

O presidente da Associação Commercial do Ceará mencionou no *Jornal do Commercio*, de 29 do corrente, factos que bastam para a condemnação desse imposto estiolador de todas energias do productor; elle indicou commerciantes onerados com quotas mensaes que lhes absorvem

todos os lucros legitimos. Assim temos que :

Emilio de Sá, (padaria) paga...	5:368$000
Costa Freire.....	4:753$400
Joaquim Sá, (refinaria).....	4:183$000
João da Costa Bastos & Filho...	3:390$000
Marques Dias & C.....	3:027$000
Frota & Gentil.....	2:257$200

O garrote do fisco não tem limites ; afina-se pelo diapasão da ganancia da infinita familia, cuja moxila não tem fundo e váe apertando todos os mezes na razão directa da vehemencia dos protestos das victimas, que são os operarios da riqueza do Estado.

Accrescenta o sr. representante do commercio cearense que os seus companheiros de infortunio não estão sujeitos sómente a essa inqualificavel contribuição: além dos impostos federaes, das taxas municipaes, floresce o imposto de industria e profissão, e tão brutalmente são oneradas «algumas casas que não ficariam quite com o fisco estadoal si lhe entregassem todo o seu *stock*, tendo transacções limitadas e gyrando com pequeno capital.»

Ahi, nessa politica sem entranhas, sem idéaes, sem descortino patriotico, encontrará o sr. Affonso Penna a causa essencial desse descalabro que envergonha as instituições democraticas e váe avolumando essa atmosphera de odio, de queixas legitimas, de clamores dos direitos perversamente conculcados, que explodirá em tormenta pavorosa nos futuros dias do seu governo, si não fôr conjurada pelos remedios constitucionaes, pelo prestigio do unico poder subsistente na Republica.

***

Applaudimos, sem restricção, o passeio do sr. Affonso Penna aos Estados do norte. S. ex. váe ver coisas do arco da velha, coisas dignas de estudo, suggestivas como indicios de degenerescencia social, coisas dignas, meritorias ; s. ex. regressará informado, esclarecido, edificado para emprehender resoluto, num assomo patriotico, o esmagamento da hydra, a politica dos governadores.

E com esse vislumbre de esperança, auguramos a s. ex. bôa viagem.

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DUALISTICA

Antes, porém, de procedermos ao estudo das duas correntes philosophicas que a esta hora dominam o pensamento brazileiro, consagremos, em ligeiro parenthesis, algumas linhas á concepção dualistica, que vindo de Socrates e Platão, abre, ao longo do seu desdobramento, um tão largo capitulo á philogenese espiritual contemporanea.

Apezar de ser por demais dubitavel que a intuição *socratica* tivesse ido além das entidades moraes, do bem e do bello absolutos, do deus da razão, das causas finaes e da providencia, é, todavia, naquella intuição architectural do *kosmos* que o espirito de analyse percuciente váe encontrar em seus primeiros balbucios o idéal racionalista que creou a Idéa absoluta na natureza, tal como ella surgiu com Platão, e o estranho *macrokosmo*, gerador e denominador dos phenomenos, que, para Aristoteles, é o primeiro motor, a *vis suprema* da vida collectiva.

E é por isto que, modernamente, á critica, elevada á categoria de sciencia, foi dado evidenciar como emanante do *conhece-te a ti mesmo* daquelle que foi o mais sabio dos homens, a juizo do oraculo de Delphos, a theoria do conhecimento em geral, tão bem comprehendida, propagada e desenvolvida por Henophano e Platão, Aristheno e Aristippo, Phédon, Enclides e Criton.

A doutrina de Socrates, que, aos olhos de Henophano, constituiu uma especie de *anthro-pomorphismo metaphysico*, nos fornece ainda a natureza das forças que lhe deram origem :—a herança espiritual do esculptor de quem elle proveio e a influencia nelle exercida pelo mundo ambiente, que o domina e o enleva.

Ha, effectivamente, na harmonia do conjuncto de sua intuição architectonica alguma coisa de semelhante á harmonia das linhas á feição do estatuario. Assim como a esculptura modela os contornos, tendo em vista a co-relação dos traços, assim tambem a philosophia socratica erige em blóco o idéal da razão philosophante de accordo com a co-relação dos actos humanos conformes á dignidade das almas superiores. E si, na philogenese da arte, a esculptura permanece como uma phrase interjectiva, tambem na historia do espirito humano, em seu movimento ascencional para a plenitude da verdade, a theoria de Socrates continúa a dominar como uma phrase interrogativa todo o desenvolvimento philosophico da humanidade. E, de sua doutrina, exposta em tão bello estylo de bronze, resalta egualmente phenomeno identico ao vibrado pelas artes directamente representativas : a plenitude do *eu* em seus desdobramentos mentaes, emocionaes e volitivos. Foi, com effeito, arrastado por aquelle surto do pensamento para o Idéal, que Platão, deslumbrado pelas magnificencias do sólo e do céo da Hellade, fundou á sombra das arvores a sua academia, de cujo seio saíram os maiores pensadores do seu tempo, que se elevaram ao absoluto pelas sublimidades de suas theorias, coefficientisadas pela belleza de seus genios e expoentisadas pelos conhecimentos metaphysicos que nos fizeram contemporaneos dos seculos futuros.

Dissemos que foi de Socrates e Platão que partiram as primeiras pesquizas em prol da estructura theorico-philosophica do conhecimento. Que é theoria do conhecimento ? Entendemos e entende-se em geral por theoria o conhecimento que se prende á especulação, sem, todavia, attingir o dominio da pratica, de modo que ás leis, aos principios de uma arte ou sciencia, se dá o nome de theoria.

Desta arte, a theoria do conhecimento vem a ser o ponto de vista especulativo que surge da assimilação do cognoscente ao cognito, tomando as proporções e modelações das coisas, phenomenalizando-se, não segundo um ente real, mas de conformidade com um ente intencional.

Para Condillac, o conhecimento não é mais do que um resultante da sensação, ou, melhor — elle é a propria sensação transformada. «Les facultés de l'âme naissent successivement de la sensation, que se transforme pour devenir chacune d'elles.»

Comte e Stuart Mill circumscrevem ao ambito dos phenomenos as bases do conhecimento, e Descartes concebeu as idéas primarias despertadas pelas circumstancias do mundo, emquanto Leibnitz distinguiu a sensação nata e as leis da razão innatas.

Neste particular, teremos de ver que a verdade philosophica produziu em Kant a sua mais bella eclosão, O auctor da *Critica da razão pura* estabeleceu que a razão é a faculdade de conceber, segundo certas categorias, as coisas que nos véem pelos sentidos, de modo que o conhecimento é a faculdade suprema da intuição scientifica. Essa razão, base do conhecimento, deve ser considerada por duas faces: a *theorica*, que se limita a perceber a verdade, e a *pratica*, que applica a verdade theoretica á operação ou á experiencia. Mas, como se vê, essas duas faces não importam duas faculdades distinctas, mas tão sómente duas funcções da mesma faculdade. Entretanto, o que é incontestavel é que a questão do conhecimento, que deu origem á phase

dualistica, encontrou na philosophia de Aristoteles a theooia do espiritualismo cognitivo, que tantos pontos de contacto offerece com a moderna intuição da verdade scientifica.

Amalgamando, na doutrina do conhecimento, a materia do conhecimento e a fórma do conhecimento da philosophia *kantesca*, o espirito philosophico faz partir da primitiva phase dualistica as modernas concepções ontologica, methodologica, idéologica e phenomenista.

E é por isso que, subindo a corrente do pensamento, surgem dos contornos das doutrinas contemporaneas reminiscencias de atavismo espiritual, que são outros tantos phenomenos de disteleologia evolucional, insubmissos á lei do perpetuo *fieri* do desenvolvimento. E' que o idéalismo hellenico não succumbiu de todo aos golpes vibrados pela civilisação classica. Não.

Elle renasceu em França, ao desdobrar dos seculos, com a philosophia cartesiana, e Descartes é o Platão dos tempos modernos. O proprio idéalismo de Leibnitz não differe sensivelmente do de Descartes, e para Kant os phenomenos continuam a ser objectos intuitivos, sensiveis.

Despindo a roupagem da metaphycica hellenica, a velha ontologia philosophica passou a ser o conhecimento do processus evolutivo dos organismos viventes ; a idéologia, a doutrina referente ás faculdades intellectuaes do homem no attinente á sua origem; a methodologia, o conjuncto dos processus racionaes empregados com determinado objectivo, e a doutrina phenomenista, a imitariedade das leis universaes em suas multiplas e variadas manifestações.

E' que, despindo, ás portas do seculo dezoito, as suas armaduras de aço, as doutrinas especulativas da idade média transformaram-se, ao influxo das concepções dos novos *hylosoistas* e *phenomenistas*, nas duas grandes correntes intellectuaes dominantes do *kosmos* philosophico.

O *como* e o *porque* adeante veremos.

PRADO SAMPAIO.

RECEBEMOS :

— *La* Chapelle de l'Humanité à Paris, circulaire adressé par R. Teixeira Mendes aux occidentaux qui ont contribué à racheter, pour être consacrée au culte de l'Humanité, la Maison où est morte CLOTILDE.

— *Atala*, de Chateaubriand, traducção portugueza do sr. K. de Alencar ; edição da casa Garnier.

— *Liberdade* profissional, pelo sr. Sousa Pinto, do Recife ; é o segundo da série *Estudos sociaes e politicos*.

O auctor sustenta, com grande copia de argumentos, que «o art. 72 § 24 da Constituição Federal garante o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial, sem nenhum limite ou condição previa desse exercicio.»

ARMADA NACIONAL

Os ultimos capitães de mar e guerra. — Estatistica dolorosa, mas veridica. — Os capitães de fragata. — Os promovidos por merecimento. — Os factos.

Tomemos, agóra, os tres ultimos capitães de mar e guerra, dos 17 actualmente existentes.

São — dizemol-o na mais calma intenção — tres mediocridades; um, hoje quasi invalido, atacado de uma senilidade precoce, foi, outr'ora, dizem os do seu tempo, com ufania para a marinha antiga, um grande sabedor de mathematica. Nunca se disse que conhecia artilharia, que estudava o torpedo. Soube talvez um pouco de manobra, e a pratica da navegação perdeu-a totalmente nestes ultimos dezeseis annos, durante os quaes frequentou com assiduidade flotilhas e arsenaes, e só duas curtissimas e estereis viagens realizou, fiado sempre nos officiaes de quarto ou no encarregado da navegação. O segundo, mais marinheiro talvez, mas isso só. Bom piloto, conhecedor (?) da costa do nosso Brazil. Si tem louvaveis qualidades como militar e como commandante, seu preparo technico, comtudo nunca se patenteou de fórma a auctorizar a promoção ao posto que occupa com preterição de grande numero de collegas. Mais viajado do que a generalidade dos officiaes de sua patente, nunca, entretanto, se destacou superiormente em qualquer dessas viagens ; antes, até se desempenhando dellas de fórma a motivar reparos. O terceiro, emfim, goza da fama de official estudioso e preparado. Mas, desejo de retraír-se de mais ou incompatibilidade, repugnancia invencivel por toda a ruindade da nossa organisação naval, é um chronico demissionario. Pouquissimo viajado como official superior, viajou como subalterno alguma coisa, o sufficiente para não ser taxado official de marinha de commissões em terra.

Os dois ultimos desses tres capitães de mar e guerra, na sua immobilidade no porto do Rio de Janeiro, teem, todavia, exercido commandos de vasos de guerra em que teem podido tirar algum proveito para seus conhecimentos, como commandantes.

***

Essas considerações que ha muito vimos fazendo sobre o embarque em navios verdadeiramente de guerra, e pelo numero de viagens realizadas pelos nossos officiaes, são de summa importancia.

Num paiz como o nosso com arsenaes desorganisados, imprestaveis, sem industria particular de artilharia, torpedo ou machina, a machina, o torpedo ou a artilharia só pódem ser conhecidos dos officiaes da armada que embarcaram em navios que os tenham de facto e onde elles possam ser estudados praticamente. Theoricamente, os livros pódem ensinar-lhes bastante a respeito ; é, comtudo, uma aprendizagem imperfeita. Accresce ainda que é raro o official superior da armada brazileira que se dedica ao estudo, que é raro o que emprega dinheiro nessa phantasia — livros —. que pouquissimos são os que possúem uma bibliotheca.

Quanto ás evoluções, á navegação e á manobra, (esta ultima quasi desnecessaria hoje), só em viagens, já em navios isolados, já em divisões de verdade, se aprendem. Assim, são de grande pezo — porque é interessante fazel-as — as considerações que fazemos sobre os embarques e as viagens.

Prosigamos porém. Dos dezesete officiaes que em conjuncto analyzámos, (vide os dois nums. anteriores dos *Annaes*) dos dezesete capitães de mar e guerra, existentes, actualmente, no quadro, são : tres, capazes ; capaz, outro talvez, mas afastado inteiramente de sua profissão, ha 15 annos. Tres mais são mediocres e finalmente, absolutamente incapazes, dez.

E' desoladora essa estatistica, mas ella exprime a verdade, purissima, verdade que não chegaria a ser tão pungente si não fôra a inepcia dos ultimos ministros da Marinha.

Mais, muitissimo mais desoladora, no emtanto, é a verdade sobre o quadro dos 39 actuaes capitães de fragata.

***

Afastaremos, desde logo, da nossa analyse, dois, que são invalidos, officiaes de valor outr'ora, um delles, sobretudo, marinheiro e navegador reputado excellente, e tomaremos, para começar o nosso estudo, um grupo de sete daquelles officiaes, providos todos nesse posto por merecimento, preterindo respectivamente 6, 13, 9, 9, 16 e 17 collegas.

Isso equivaleria, em outra qualquer marinha, a reconhecer, nesses officiaes, mestres de sua profissão.

Vejamos na nossa a que corresponde.

Um delles, o ultimo dos promovidos, é realmente o que se póde classificar um official superior completo. Nenhum dos ramos da sua profissão, elle ignóra, e, commandante a bordo, é tambem mestre para seus officiaes. Viagens elle as fez, muitas e longas, e os seus embarques fôram sempre em navios onde pudesse augmentar o seu saber. Energico e justo ainda, não lhe falta, portanto, uma só qualidade, como commandante; e então, repetimos, é um official superior completo.

Mas, os outros seis, Santo Deus! Que tristeza!

De dois já nos occupámos: um é o commandante que manda chamar um machinista afim de servir-lhe de pratico na entrada de um porto por de mais conhecido e porto comprehendido no trecho de costa descripto e estudado no roteiro de que o mesmo commandante é auctor! (Num. 68, anno III, dos *Annaes*). E' o mesmo que, por não saber abrir a culatra de um 57 m/m, Nordenfelt, o mais conhecido dos canhões que se encontram na nossa marinha, declarou, á vista de familia que o acompanhava na visita ao seu navio, o mesmo canhão inutilisado, sendo immediatamente desmentido por um official, presente tambem, e que fez aquella operação. (Num. 66, anno III, dos *Annaes*). E' o mesmo, emfim, que em documento official declarou um navio máu veleiro porque, com o abatimento, só bolinava em 95° já não falando, accrescenta, (com vista aos pilotos) no caso do desvio d'agulha ser de nome contrario ao vento! ! !

O outro é o da historia dos meridianos, o immediato do *Riachuelo* na viagem em que este navio só encontrou a Ilha Grande, pela intervenção de officiaes que, na phrase desse de que nos occupámos, «entendiam da coisa.» (Num. 66, anno III, dos *Annaes*). A *coisa* era ler e corrigir rumos, operação familiarissima a qualquer marinheiro-signaleiro da marinha ingleza; esse official, para poder ler um livro francez *Hygienie navale*, unico talvez que possúe e que em toda a sua vida ouzou ler, teve de ir ao diccionario procurar o significado de *avec*, *après*, etc. etc.!! A unica viagem que fez, como official superior, foi aquella, no *Riachuelo*, onde revelou grande aptidão para manter o asseio das privadas. Desconhece tudo o mais.

Estão ambos julgados, e julgada a justiça das suas promoções por merecimento, preterindo: um, 13; e outro, 17 collegas.

Dos quatro capitães de fragata restantes daquelle grupo de 7, um foi um moço bonito, conquistador nos salões. Como official de marinha, houve uma epocha em que, sob as ordens de um chefe sempre saudoso, se destacou um pouco: era então segundo-tenente. Depois, nada mais fez. A barbaridade com que, commandante sem habilitações e faltando semanas ao seu navio, procurava implantar a disciplina a bordo, fel-o notavel. Hoje, é quasi um inutil, um invalido. Outro, durante longos dez annos, não conheceu o convéz dum navio de guerra. Quando embarcou, ao cabo desse tempo, foi para, por uma manobra imprudente com o seu navio, inutilizal-o ás 9 horas do dia; como premio, recebeu commando melhor e agóra em commissões, que seriam para ser exercidas por almirantes, anda espalhando toda a sua dolorosa ignorancia. Um terceiro, commandando em viagem, taes ordens deu, taes idéas manifestou, que ordens e idéas fôram publicadas, em boletim, destribuido mais tarde pela armada. Dentre as ordens, tiramos: «O commandante será sempre o primeiro a dar o *fóra* para a altura meridiana» e «As lonadas devem ser retiradas diariamente dos canhões, afim de refrescarem-se as almas dos mesmos»; e, dentre as idéas: «As espoletas para projectis deveriam ser de duplo effeito: electricas e de concussão»!

Está julgado.

O quarto, emfim, é um soffrivel marinheiro. Do seu preparo, nada se sabe. Discute, esconde a sua sciencia ou ignorancia, e, como commandante, a unica qualidade que revela é um paternal desleixo a respeito de disciplina.

Fôram estes os sete officiaes, promovidos por merecimento, com repetidas e innumeras preterições de collegas.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

JUVENTUDE

Do amor a vaga sensação primeira,
Primeiro alvor, diluculo da edade,
O brando rescender da virgindade,
Mais brando que o da flôr da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade
— Rara violeta que indizivel cheira;
A ingenua prece — musica fagueira —
Tudo que ha na mulher que mais agrade;

Tudo nesta estação se atila e apura;
A moça sonha e o seu sonhar fulgura
No olhar de luz e de humidade cheio;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,
E, qual fructo de neve, aponta a clara
Protuberancia olympica do seio.

RAYMUNDO CORRÊA.

***

AINDA « O PRIMO BAZILIO »

Nesta secção do num. 73 dos *Annaes*, os leitores terão lido um artigo contra o *Primo Bazilio*, publicado no *Cruzeiro*, de 1878. Esse artigo, que hoje é tanto mais curioso quanto é assignado por Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, deu logar a duas respostas: a primeira é a que se segue; depois, virá a segunda, e, por fim, a replica de Eleazar, cuja publicação não valeria a pena sem conhecer essas respostas.

—

Poucas vezes tenho visto exercer tão severamente a critica como o fez o Eleazar, distincto e erudito folhetinista do *Cruzeiro*, a proposito do ultimo livro do Eça de Queiroz — *O Primo Bazilio*.

Aquelles que por systema esperam a manifestação de opiniões auctorisadas, para se resolverem a ler as obras que as provocaram, depois do folhetim a que nos referimos só teem uma coisa a fazer — não ler o livro do sr. Eça de Queiroz.

O illustre critico examinando minuciosamente a obra, manifestando-se abertamente contra a escola a que ella se filia, falando da originalidade do auctor, como de uma coisa muito problematica, fazendo a autopsia dos seus personagens e concluindo que Eça de Queiroz é um discipulo de Zola, não encontrou nem uma belleza, nem um capitulo em que se revele o talento do auctor, que aliás reconhece. Ao contrario, só achou reminiscencias de outras obras, incongruencia na concepção e até motivo para o leitor se enfadar.

Vejamos, pois, até que ponto são justas as accusações, até que ponto são admissiveis os reparos do illustre critico.

Não discuto preferencias de escolas: de nada serviria para o caso em questão.

O que me parece, todavia, é que desde que ha pontos de vista differentes, a critica não póde ser exercida com imparcialidade e sem preoccupações de genero.

Eleazar é evidentemente adverso á escola a que se filiou o auctor do *Crime do Padre Amaro*, e necessariamente por isso é obrigado a combater a causa e o effeito, a escola e o livro.

O adversario não poderá ser nunca o melhor juiz.

Mas digamos o que é o *Primo Bazilio*. A nosso ver, é elle a mais accentuada manifestação do genero de litteratura que se trata de implantar. Debaixo desse ponto de vista, isto é, como producto do realismo, é o novo livro uma obra malfeita, ou corresponde exactamente ás exigencias do seu genero? Parece-me ser este o unico ponto em que se póde assentar uma apreciação despreoccupada, desembaraçada de quaesquer laços que prendam o espirito da critica a esta ou áquella escola.

O que fez Eça de Queiroz?

Approveitou o trivialissimo episodio de um adulterio sem escandalo, transplantou para o livro o viver, o caracter, os habitos, os defeitos, as virtudes dos seus personagens, e, com o mais apurado processo de observação, com o mais escrupuloso respeito á verdade, apresenta-nos uma mulher adultera, que não é morta pelo marido, que não se envenena, que não foge com o amante, que não é reppellida pela sociedade, mas que succumbe á sua vergonha e ás mil torturas que o seu passo errado lhe acarretou.

E' inverosimil a acção do romance? São falsos os caracteres que nelle figuram? Estão as suas palavras em contradicção com a sua maneira de agir?

E' isto, ou o contrario que convém demonstrar.

Tratando da heroina do romance, assevera Eleazar que Luiza é um caracter negativo, e no meio da acção idéada pelo auctor é antes um titere do que uma pessôa moral; tem nervos e musculos, mas não tem consciencia, não tem remorsos, não tem paixões.

O caracter de Luiza, que tão extraordinario pareceu ao illustre Eleazar, é ou não o caracter ordinario da mulher moderna, fraca, futil e leviana? Ha mulheres como Luiza, ou não as ha? E' este caracter uma photographia ou o producto da imaginação do auctor?

Parece-me que não se póde negar a verdade do caracter de Luiza. Se o auctor tivesse procurado para sua heroina uma mulher forte e energica, menos sensual, menos docil e mais austera, havia forçosamente de dar uma outra directriz á sua acção.

Não creio que a critica tenha o direito de perguntar ao artista porque escreveu estes ou aquelles caracteres, esta ou aquella maneira de os pôr em movimento.

Por certo que não póde ir até lá o nosso direito, que apenas está limitado a acceitar a obra de arte como um facto, a ver se elle é falso ou verdadeiro, se está em harmonia com o meio onde se fez a sua elaboração.

Porque Luiza é *titere*? Porque se deixar fascinar pela calculada perfidia de Bazilio; porque, depois de caír, não tem força para se erguer; porque, depois de descoberta a falta por Juliana, não tem a energia para saír de uma posição humilhante: Luiza é um titere por estas razões. Mas o que são todas as mulheres com aquelle temperamento, com aquella educação e em casos analogos? São *titeres* evidentemente. Mas não seria o pensamento de Eça de Queiroz, simplesmente com o auxilio dos factos, demonstrar que todas as mulheres, em taes circumstancias, ficam reduzidas á inconsciente posição de *titeres*, e que é dessa posição que lhes ha de vir o arrependimento, ou o castigo?

E depois, accrescenta Eleazar, Luiza não tem remorsos, não tem arrependimento, não tem consciencia — tem apenas medo do marido. Isto que é apontado como um defeito, nos parece a coisa mais logica deste mundo, porque não vemos a contradicção que ha entre o caracter de Luiza e o medo que ella manifesta. Se Luiza fôsse simplesmente um *titere*, por certo não teria medo: os titeres não teem medo. Luiza, porém, que effectivamente fica reduzida a *titere*, não o é sinão pelas circumstancias que a rodeiam.

Se effectivamente ella não tivesse consciencia, não tivesse remorsos, não a humilharia aos seus proprios olhos a posição em que se vê collocada. Transige com Juliana, soffre-a, trata-a bem, é verdade; mas fica tranquilla? Essa *perpetua humilhação* não a leva ao tumulo?

Com grande espanto nosso, pergunta Eleazar: « — Que temos nós com essa lucta intestina entre a ama e a creada? »

Pois é exactamente essa lucta a parte principal do livro? Não prova ella que, apezar do delicto de Luiza não lhe ter acarretado o desprezo das suas relações, que apezar do marido nada saber, a mulher que cáe póde soffrer todas as torturas, torturas de todas as horas e de todos os momentos? Não, Luiza é um caracter fraco, mas não é um *titere*: bem o prova a scena passada em casa da *Pão e Queijo*, com o *Castro dos Oculos*.

«Supponhamos, diz Eleazar, que taes cartas não eram descobertas, e estava acabado o romance.»

Perdôe-me o illustre critico. Esta supposição, por futil que é, chega a parecer-me comica.

O facto de Juliana possuir as *taes* cartas, divulgadoras do erro da ama, é ou não é o elemento principal do romance? Foi elle ou não que serviu de fonte ao auctor?

Essa supposição leva-me tambem a perguntar: se Eça de Queiroz não tivesse escripto o *Primo Bazilio*, estariamos nós tratando delle?

«Não ha laço nenhum moral entre Luiza e nós, porque sabemos que a catastrophe é o resultado de uma circumstancia fortuita». E' sem duvida; mas não é natural essa circumstancia fortuita? Foi evidentemente Luiza o personagem com que mais se preoccupou o illustre critico. Não tivemos, pois, remedio sinão acompanhal-o.

Depois de uma apreciação minuciosa, chega Eleazar á conclusão de que a these do livro é a seguinte: «A bôa escolha dos famulos é uma condição de paz no adulterio». E' espirituosa esta conclusão; não tem, porém, outro valor. Eça de Queiroz, em quem são reconhecidas tantas qualidades de escriptor, não se occuparia em fazer um livro de 600 paginas para provar, permitta-se-me a phrase, uma banalidade.

Ao contrario do illustre folhetinista, para mim não é ponto de duvida que do *realismo* venha algum ensinamento. O *realismo* tem por principal preoccupação a maior approximação da verdade: ainda que não chegue ao seu resultado, não serão os seus esforços dignos de louvor?

Condemna Eleazar o *tom* do livro, as minucias, os detalhes e até a marcha da acção. Depois de reconhecer que Eça de Queiroz é um discipulo de Zola, será justa tal condemnação? Se Eça de Queiroz não fôsse minucioso na descripção dos detalhes; não fôsse implacavel com os vicios que encontra nos seus personagens; não tivesse, emfim, como principal preoccupação, a fiel copia do que sujeita ao seu processo de observação, seria elle um adepto da moderna escola? E' por isso que a principio disse que me parecia falso o ponto de vista do eminente critico. Confessar, reconhecer que uma obra filia-se a uma escola e não a considerar sob esse aspecto, para só a condemnar, póde ser muito commodo, mas por certo não é justo. O proprio articulista o confirma quando admitte a possibilidade de *não serem attendiveis os seus reparos, desde que é differente o seu ponto de vista*. E basta esta razão para afoitamente im-

pugnarmos as accusações feitas ao novo livro, sem que por isso nos julguemos obrigados á minuciosa descripção de todos os detalhes delle. E' natural que tão perfeita photographia de um quadro, que só pecca por ser verdadeiro, desperte os rancores daquelles que entendem que nem todas as verdades se dizem. Esta phrase foi inventada necessariamente por algum hypocrita celebre.

Ha o tedioso, há o ridiculo, ha mesmo o torpe e o obsceno no realismo. Não o contesto; mas percorram-se as obras dos adeptos das outras escolas e digam-me depois que não ha lá o ridiculo, o obsceno e o torpe.

O realismo é, segundo Champfleury, a escola da sinceridade.

E' exacto que ha no *Primo Bazilio* algumas scenas que, no proprio interesse do livro, deviam delle ser arrancadas. Esse excesso, porém, essas *côres tão carregadas*, esses *traços tão grossos*, são apenas os defeitos da propaganda, que nos parece hão de em breve desapparecer.

Não sirvam, pois, essas paginas pouco convenientes para a condemnação *in totum* da obra artistica, estudada com criterio, observada com cuidado e que revela um progresso na maneira de apreciar os factos que nos cercam.

Não nos parece que obras como o *Primo Bazilio* concorram para estrangular o *realismo*; cremos, ao contrario, que apenas com as modificações compativeis com o seu desenvolvimento elle se ha de firmar na litteratura portugueza, como se firmaram todos os outros generos.

E' nossa crença tambem que a herança de Garrett se transmittirá ás mãos da geração vindoura; porém o que não podemos tambem deixar de acreditar é que o tempo ha de forçosamente ir deixando os indubitaveis vestigios da sua influencia.

Pódem os que não acceitam o *realismo* formar as columnas cerradas da sua resistencia; esta será inutil porque as columnas succumbirão ao pezo do grande colosso, que se chama simplesmente — a verdade.

S. Saraiva.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos «Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

Como dissemos em nosso artigo anterior (numero 74, anno III, dos *Annaes*), a desegualdade dos partidos empenhados na lucta russo-japoneza, principalmente no tocante ás operações navaes, era visivelmente accentuada, e muito antes do encontro decisivo em todos os espiritos se aninhava a convicção do fatal successo da esquadra russa.

Tudo o que de melhor possuia a Russia em material naval e marinhagem já havia desapparecido nos constantes e tenazes ataques dos japonezes contra Porto Arthur, e os poucos elementos que ainda se conservavam em Vladivostck, em condições satisfactorias, nenhum auxilio poderiam prestar aos seus companheiros.

A formação das esquadras russas do Baltico teve inicio com febril actividade, e da melhor maneira que foi possivel se aprestaram quatro grandes unidades de construcção moderna e de valor real e mais um bando hecterogeneo de navios antiquados e fracos, alcançando um total de onze navios de linha e quatorze cruzadores.

Como era natural, as regras estabelecidas pela diplomacia vedaram, por completo, quaesquer soccorros externos, de modo que os russos só tiveram de contar com os proprios recursos, que aliás se achavam muito longe das exigencias do momento, sem falarmos nas multiplas e complexas providencias em relação aos abastecimentos de combustivel e generos para tão numerosa frota durante a sua longa viagem.

Das quatro principaes unidades, muita coisa se disse sobre a sua inferioridade. Entre outras, refere o capitão Klado que a Russia encommendára aos estaleiros francezes o *Cesarewitch*, com o proposito de construir por conta propria um grande numero de navios do mesmo typo. Mas a engenharia naval russa tanto modificou, tanto melhorou o seu modo, que as copias, sem alcançarem a *perfeição* do nosso *Tamandaré*, saíram, no entretanto, coisa bem differente do modelo, a todos os respeitos.

Os outros navios são já bem conhecidos pelas innumeras noticias que se teem publicado, e por ellas bem se póde inferir das suas más condições.

O pessoal, egualmente, em nada se avantajava ao material. Officiaes e marinheiros fôram arrebanhados, a torto e a direito, entre gente velha, havia muito afastada do serviço activo, entre jovens alumnos das escolas navaes e recrutas que, na maioria, jámais pizaram o convéz de um navio.

Semelhante pessoal, indubitavelmente em peiores condições que o material, sem tirocinio profissional e sem a necessaria instrucção technica, divorciados dos sentimentos de abnegação e patriotismo necessarios, constituia o mais temeroso inimigo para a propria esquadra que tripulava; e bisonho, ignorante da sua missão, em logar de se transformar em uma força activa para augmentar ou, ao menos, para tirar do material, embóra imperfeito, o que podia dar, tornou-se uma força negativa, atravancadora.

Além de todas essas circumstancias, oriundas da ignorancia e da ausencia dos bons sentimentos, por si sós sufficientes para atirarem a esquadra ao completo anniquilamento, accresciam os successivos e tremendos desastres das armas russas, tanto em terra como no mar, desde o inicio da campanha, para abaixar extraordinariamente o nivel moral das suas tripulações, bastando para denuncial-o o fiasco que fizeram logo ao abandonar as aguas patrias, no mar do Norte, onde innocentes barcos de pescadores se lhes afiguraram mysteriosos torpedeiros inimigos a interceptarem a sua marcha.

Completando a série de defeitos apontados, vieram os precalços de uma longa viagem, com o seu enorme cortejo de difficuldades, para abaixar a capacidade de combate desses navios.

Do lado japonez, as coisas passavam-se de modo diametralmente opposto. Emquanto as esquadras russas, na sua inevitavel morosidade, se acercavam da derrota, os japonezes davam a ultima demão nos poucos entraves que ainda lhes embargavam a liberdade plena dos mares e demoradamente reparavam em seus arsenaes, aliás bem providos e na altura das necessidades da occasião, os pequenos damnos causados em suas unidades; refaziam o pessoal e até, a acreditarmos na pretendida inutilização da sua grossa artilharia, a teriam substituido por completo.

A's suas guarnições sobravam todos esses sentimentos moraes que formam o mais apto homem de guerra; animava-os série ininterrupta de victorias, considerando-se invenciveis; na sua profissão, eram quasi perfeitos, tanto quanto se póde exigir na actualidade.

E ainda para lhes facilitar a victoria encontram um inimigo que peccava contra os mais insignificantes principios da tactica naval, tanto no que dizia respeito ás informações da situação, disposições e recursos do adversario, como tambem pelas suas más formações de combate, deixando-se apanhar de surpreza.

Esse antagonismo de condições em que se apresentaram os combatentes,

sem de modo algum diminuir o valor da victoria japoneza, vem, no entretanto, modificar, a muitos respeitos e tornar menos apparatosos, os ensinamentos ahi colhidos e prégados com caracter de inteira novidade.

Entre os mais enthusiastas em assumpto naval e que mais extensamente teem aproveitado os factos occorridos na batalha de Tsushima, aponta-se Lanessan, ex-ministro da marinha franceza, que sempre, com muita attenção, se dedicou ao estudo dos problemas navaes.

Esse auctor, cujas deducções teem servido de fundamento a quasi todos os nossos escriptores navaes, apezar da sua indiscutivel competencia na materia, deve ser ouvido por nós com menos admiração, pois as inferencias que elle tira dos acontecimentos daquella batalha são encaminhadas de accordo com as idéas que de ha muito prégа como as mais adaptaveis ás condições do seu paiz.

Parece-nos que em semelhante assumpto, a questão do pessoal deve ser examinada em primeiro logar; ella merece, pelo menos, na nossa fraca opinião, maior importancia.

A artilharia japoneza produziu os maravilhosos effeitos apontados porque era servida por artilheiros que ultrapassavam a sua perfeição; nenhum processo novo, nenhum canhão desconhecido empregaram elles para obter a destruição do inimigo.

Como confessa o proprio Lanessan, não foi precizo metter a pique a esquadra russa para se affirmar a victoria; bastou a artilharia média para alcançal-a, dizimando e confundindo as guarnições, desmantelando o exterior, por um fogo vivo e certeiro.

E' ainda elle que affirma que, na guerra em questão, a escola japoneza bateu a ignorancia russa.

Portanto, a grande lição, a mais importante a se concluir dessa guerra, é a que se refere á necessidade da existencia de um pessoal apto, preparado e no mesmo nivel do aperfeiçoamento do material.

O bom material exige equivalente qualidade do pessoal. Navios bons, poderosamente armados, potentemente defendidos, impenetraveis á acção destruidora da mais forte artilharia, de nada valem si o pessoal que os guarnece não é idoneo; apto, moral, technica e profissionalmente; capaz, emfim, de dar alma a esses monstros de aço — tartarugas inoffensivas quando guardados por gente bisonha e ignorante da sua missão.

Como diz um brilhante escriptor da *Revue Militaire Suisse*, não se deve procurar a explicação da victoria japoneza em nenhum aperfeiçoamento technico.

A superioridade decisiva desta vez ainda, como sempre, se encontra no valor do elemento animado — o homem. Uma disciplina de ferro, uma absoluta fidelidade ao dever, um preparo technico desenvolvido e, emfim, todas as qualidades que favorecem a confiança reciproca, o legitimo sentimento do seu valor que conduzem ás grandes acções, venceram a indolencia e a indifferença. Mais uma vez, se affirmou a puerilidade e a insensatez da crença tola de que a confiança, a disciplina e o preparo pódem ser substituidos, no momento critico, pela compra do material em abundancia e pelas phrases patrioticas dos imprevidentes.

E, infelizmente—quanto distanciados estamos dessas coisas. Quão atrazados nos achamos ante o valor dessa gente, que ainda ha pouco desdenhavamos na convicção de uma superioridade mentirosa, fundamentada em uma civilisação falsa e deturpadora dos bons sentimentos, dos sentimentos capazes de formar homens taes.

TENENTE MAX.

APANHADOS

Uma arma original

Dirigidas pelo Instituto Anthropologico da Inglaterra, realizaram-se umas curiosas experiencias num parque dos arredores de Londres. Quatro professores, dois delles da universidade de Cambridge e Oxford, pretenderam estabelecer a fórmula mathematica da corrida dum *boomerang*, arma mysteriosa inventada pelos indigenas da Australia. Consiste em uma lamina de madeira dura, talhada de maneira a fórmar um angulo obtuso; lançada por uma pessôa habil, a arma fende o ar com uma rapidez admiravel, percorre certo trajecto e volta ao seu ponto de partida, sem ter tocado antes no chão.

O professor Knowles, que passou diversos annos a se exercitar, é talvez o mais habil lançador do *boomerang* que existe na Europa. Nas experiencias de Londres, tomaram parte este professor e o dr. Walker, que é tambem um perfeito jogador da arma australiana. Os espectadores, porém, tiveram a desagravel idéa de imital-os, e começaram a jogar o *boomerang*. Foi um desastre total: a exquisita arma de volta do seu vôo caprichoso, vinha bater com violencia nas pernas dos atiradores, que sem esperar por aquella visita caíam no chão. O *boomerang* é bastante perigoso; não é raro acontecer ao mais pratico caçador australiano ficar gravemente ferido pela volta imprevista da arma, que tem uma margem afiada como uma navalha.

Theodore Cahu, no seu novo romance *Uma fortuna pelos ares*, dá uma perfeita descripção da arma da Australia.

***

O palacio dos pobres

Inaugurou-se num suburbio de Londres, em Hammersmith, a nova *work-house*, destinada a receber 758 indigentes; os jornaes inglezes criticam vivamente o estabelecimento que elles acham extravagante e que custou perto 7 milhões de francos, contando sómente o terreno e a construcção. A communa gastou, portanto, 7.500 francos por pensionario; juntem-se a isto os..... 250.000 francos, preço das mobilias.

Tendo custado tanto ao thezouro inglez, era natural que o estabelecimento de caridade fôsse um verdadeiro palacio. Não póde ser mais perfeito; para evitar aos doentes a fadiga da escada, os administradores mandaram collocar elevadores que funccionam admiravelmente. O refeitorio de 30 metros está tão elevado do rez do chão que se tomaria por um *hall* de qualquer castello feudal.

Por toda parte, brilham as lampadas electricas e as salas são aquecidas a vapor.

Nada falta a Hammersmith. Ha até bibliotheca e sala de *tennis*.

***

Universidade feminina no Japão

Ha em Tokio, desde 1896, uma universidade especialmente destinada ás mulheres. O seu fim principal é tornar a mulher japoneza util aos progressos da sua patria.

Os estudos duram tres annos; no fim, tem-se um diploma de grande valor. Em 1901, seguiram o curso 800 mulheres.

Dividem-se em tres partes os estudos: litteratura japoneza, litteratura ingleza e sciencia; desta ultima estuda-se com mais cuidado a sciencia domestica, que se subdivide em economia politica, lei civil, physiologia, hygiene, arte de dirigir uma casa, etc.

Todos os professores inglezes ou japonezes são do sexo feminino. As alumnas devem ter, pelo menos, 17 annos. A universidade é mantida por subscripções particulares; o governo despende com ella unicamente 2.000 *yens* por anno.

Notas curiosas sobre o livro Depois da descoberta da imprensa, os livros tomaram um grande impulso, augmentaram visivelmente. De 1450 a 1536, appareceram 42.000 obras impressas; de 1536 a 1636, segundo um calculo approximativo, 275.000; nos outros cem annos seguintes, fôram apparecendo mais; chegaram a 1.225.000; de 1736 a 1822, subiram a 1.839.960. A somma eleva-se a 3.681.960 livros. Se cada um desses livros tirasse 300 exemplares, teriam saído dos prelos do mundo, sempre de 1822, 3.313.764 volumes.

Um americano calculou que, nos Estados-Unidos, as familias possúem 42.000.000 de volumes; os sabios, escriptores e inventores 150.000.000; os editores e livreiros teem nas suas estantes 60.000.000; nas bibliothecas publicas, 50.000.000. Os estudantes teem um numero muito pequeno de livros, guardaram todos elles... .. 80.000.000 de volumes.

Calculando na mesma proporção para os outros paizes, o *yankee* obteve um total de 3.200.000.000 de volumes espalhados pelo mundo inteiro.

***

Um novo drama de successo Esperava-se com impaciencia, em Londres, o *Nero* de Stephen Philipps. O poeta, que se serviu com bastante felicidade de todas as suas faculdades de evocador e de artista, apresentou um Nero não vivendo sinão para a arte. O cezar soffreu unicamente a influencia do meio em que vivia e isto elle diz a sua mãe Agrippina, quando esta o accuza da morte de Britannicus. «Sou teu filho» exclama, então, e estas palavras pareceram-lhe sublimes; elle mostra, com effeito, a revolta da vontade contra o atavismo que soffreu.

Finalmente deante de Roma, em chammas, Nero é atacado de delirio e pouco depois de verdadeira loucura.

A peça tem occasionado bastante polemica; uma parte tem sido um tanto criticada e outra muito admirada.

***

O maior couraçado do mundo O *Dreadnought*, que acaba de ser lançado em Portsmouth, vence em poder e em presteza todos os couraçados existentes. Desloca 18.000 toneladas (os outros couraçados chegam a deslocar só 16.500 toneladas) e as turbinas pela primeira vez applicadas num vaso de guerra, permittiram a rapidez de 20 nós.

O grande navio possúe 10 canhões de 12 pollegadas, que pódem lançar projectis de 380 kilos, com uma rapidez inicial, sufficiente para varar, a trez milhas de distancia, o mais forte couraçado. O armamento será completado com quatro ou cinco tubos lança-torpedos e com 18 canhões de tiro rapido, destinados a repellir o ataque das torpedeiras.

Foi construido muito rapidamente o monstruoso couraçado; começou a ser feito em 2 de outubro de 1905 e em fevereiro de 1906 estava prompto. Mas tambem custou caro: attingiu a grande somma de 45 milhões de francos.

***

Romances suissos Dois romances interessantes appareceram na Suissa: *La marée montante*, de Jacob Wiedmer, e *Lebensdraug*, de Paul Ilg, de Zurich. O primeiro apresenta a transformação dum recanto aprazivel de Oberland pela chegada intempestiva de estrangeiros, *touristes* ousados, que vão ahi fazer uma estação balnearia. O outro, de Paul Ilg, conta a historia dos especuladores que em Zurich compram terrenos para depois vendel-os de novo, por um preço muito elevado, á medida que a cidade váe se estendendo. Num estylo vigoroso, os dois livros agradam, principalmente o *Lebensdraug*, onde se mostram, com uma verdade forte, os typos mesquinhos dos especuladores grosseiros.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XVI

O projecto de concessão de amnistia ainda não tinha sido gravemente vulnerado; fôram ligeiros os golpes que lhe vibraram. O discurso proferido por Martim Francisco, mais declamatorio do que logico, vantajosamente refutado pelo representante do Ceará, não produziu nenhum abalo.

A liça dos debates parecia deserta. Os adversarios deixavam a victoria aos promotores da medida de conciliação e paz social; mas as probabilidades do bom exito do combate, de subito, se mudaram logo que surgiu um contendor amestrado e de pulso forte.

Apenas o deputado Alencar emmudecera, Antonio Carlos se apudera da tribuna.

Desta feita, elle proprio acredita refulgir-lhe na fronte a sabedoria de Pericles. Impõe-se á Camara, que o escuta admirada. Imita gestos, attitude e a magestade de Demosthenes. Está persuadido de lhe caírem dos labios as purpuras da palavra de Cicero.

O discurso do orador paulista foi o melhor que a Constituinte ouviu e póde ser considerado notavel, mesmo no parlamento do segundo reinado, quando a eloquencia politica incontestavelmente tinha representantes, eximios pela vehemencia do sentimento, pela profundeza das idéas, pela opulencia da imaginação, pelos surtos da inspiração e primores da fórma.

Esse discurso é digno dalgumas considerações, que tentaremos fazer no correr do presente estudo.

Em Antonio Carlos, o homem e o orador se harmonizavam. Era dotado duma estatura regular, qual me parece havel-o visto, num retrato, fardado como ministro da Corôa, no gabinete de 24 de julho, epocha da Maioridade. Havia, no seu semblante, um não sei que revelador de espirito irriquieto e ardente, que, arrebatado pelas lufadas da inspiração, se expande nas explosões do improviso.

Antonio Carlos ergue-se soberbo, minaz e forte, como homem de combate. Sobresaía, na postura erecta e altiva da figura, que se nos pinta, do gladiador antigo, dominando a arena, affrontando os luctadores — invulneravel e sempre impavido.

Nelle, o orador foi constante combatente. O gelo da velhice não lhe apagou o lume vivo da mocidade.

As desillusões da vida não lhe fizeram jámais arrefecer os impetos do coração. A palavra fulgura-lhe, como gladio que lhe armasse a dextra. Affeito e provecto nas luctas da liberdade contra o poder, guardou, desde a revolução de 1817, um residuo de odio á tyrannia, conservando a tempera do revoltoso, que não se submette, pelo contrario, procura dominar e não se curva á prepotencia. E' por isso que elle impõe as suas idéas e se arroga o mando absoluto entre as mediocridades, que formavam a maioria dos representantes na Constituinte. Ancho do sentimento de sua superioridade, o orador paulista, ás vezes, uzava de certo charlatanismo, com que se comprazem os espiritos avidos dos applausos do enthusiasmo e das ardorosas saudações da admiração. E' um soberano, despota, que não desdenha a subserviencia dos humildes e não supporta e pune a altivez dos vassallos.

O orador na tribuna não se desapega do orgulho de sua grandeza. Ama as pompas da erudição; ostenta as magnificencias do talento. Elle cita nomes rutilantes de fama, laureados pela immortalidade da gloria, como seus eguaes e familiares. Quer hombrear com os Pericles, Demosthenes e Cicero, e rivalizar com os Pitt, Fox, Burke, Sydney e Canning, imaginando-se na sala dos poderosos communs da Inglaterra, onde as palavras de liberdade e de patriotismo sôam, sem animadversão, desses ho-

mens que souberam o segredo de conciliar o respeito com a independencia, a nobreza de caracter com a obediencia. Antonio Carlos não dissimula; pretende receber as homenagens das turbas e do parlamento. Declara-se um athleta (1)—provado e victorioso em diuturnas pugnas e por isso deve ser ouvido respeitosamente, e acreditado piamente.

Por um lado, não se lhe estranhe que estivesse convencido do seu genio entre os constituintes, filhos dum paiz onde dominára, por tão largo espaço de tempo, o regimen colonial sob o mando dos capitães-generaes: onde a cultura intellectual fôra calculadamente vedada, porque convinha manter a ignorancia, que é optimo e efficaz auxiliar do absolutismo—verdadeiro *instrumentum regni*. Assim que a palavra animada, os gestos imponentes, as hyperboles e anthiteses do orador enlevavam a maioria dos representantes da nação.

Por outro lado, a sciencia que elle ostentava, nas surtos do improviso, merecia a consideração do grupo dos intellectuaes da Camara.

Antonio Carlos era, sem duvida, uma das figuras mais notaveis, e reconhecer-lhe a preeminencia é acto de rigorosa justiça. Releva, porém, apreçial-o no que valia e no que peccava. Elle não possuia a alta razão dum homem de Estado, as intuições luminosas dum politico previdente, a sciencia do publicista, fecunda pela meditação, systematisada pela critica e enriquecida pela experiencia. Cabe-lhe a maxima parte de responsabilidade dos erros da Constituinte e do seu descalabro final, que elle, sem prudencia, estouvadamente provocou, não prevendo que causas anteriores haviam de produzil-o. Era um espirito ardente, fluctuando num enxame de sensações que o assoberbavam. Sua vóz vibrava altisona; seu olhar se fixava imperioso, ou percorria todos os angulos do recinto. O seu estylo oratorio, como se observa em seus discursos, é sacudido, violento, amaneirado, procurando mais o effeito theatral, do que exprimindo a força da razão, que persuade, esclarece e convence. As suas phrases teem um typo; eivadas de gongorismo, muitas vezes incorrectas, estão cheias de gallicismos; por exemplo: *salta aos olhos*, *conducta*, *golpe de vista*, *carnagem*, *abordar questão* etc. Coisa estranhavel numa quadra, em que Felinto Elysio, o cardeal conde de Arganil e outros mestres do idioma portuguez stygmatizavam os *francelhos*. Ainda mais: elle deturpa os periodos, construindo e dispondo os vocabulos duma fórma que lhe é peculiar e que exprime a vehemencia das sensações que irrompem, tumultuam e obscurecem a sua consciencia psychologica.

Não é um artista, amante da perfeição, frequentemente preconisada por Miguel Angelo. (2) E' um combatente apressado, que se precipita na liça e, certo da sua bravura, não escolhe as armas nem lhes verifica a tempera.

A preoccupação de produzir effeito não o deixa nunca. Coisa singular! Essa preoccupação affligiu o cerebro de grandes personagens, oradores e escriptores, desde a antiguidade até os tempos modernos. Demosthenes e Cicero a tiveram. Tacito calcula phrase por phrase, escolhe o logar onde collocal-as no periodo. As pessôas lidas sabem e não ignoram a paciencia com que o illustre orador e philosopho inglez Burke meditava sobre os vocabulos que empregava. Mencionaremos ainda dois exemplos: o de Victor Hugo e de Napoleão I. Escreve um eminente critico e historiador da litteratura franceza: «*Victor Hugo aime les mots étranges, inconnus pour les effets qu'on peut tirer. Il sent le mot comme son, d'abord, par la sensation auditive qu'ils procurent. De lá ses enumerations ecrasantes dont il nous etourdit: sa vanité, de plus, s'y delècte dans une apparence de science, qui produit l'impression d'un monstrueux charlatanisme*». Poderiamos citar uma duzia de outros criticos, desde Armand Carrel, no *Nationel*, que escrevia com Thiers, até Sainte-Beuve, Merlet, Tissot, os quaes apreciaram essa mania da collocação dos vocabulos, mania que Antonio Carlos tem no anhelo de produzir effeito.

Napoleão I tambem a soffreu, e a critica, que é a luz, que não só illumina a litteratura, mas apura e certifica a veracidade da historia, não desdenhou as proclamações que Napoleão dirigiu aos exercitos para descobrir nestas proclamações a mesma mania da collocação das palavras, que notamos no orador paulista.

Diz ainda um mestre da historia e da critica: «*Dans les brèves harangues de Napoléon deux parties sont capitales, le premier mot et le dernier: l'attaque est merveilleuse de brusquerie et de sureté. Soldats, vous êtes nus, mal nourris.. Soldats, je suis content de vous. Soldats, nous n'avons pas eté vaincus.*» Pondera o historiador e critico: «*On est secoué et pris. Et la fin comme il laisse l'ame vibrante! Soldats d'Italie, manquerez vous de courage et de constance?*»

Tal era o orador paulista com as suas bôas qualidades e com o charlatanismo que elle copiou e imitou de outros personagens notaveis. Não o censuramos por isso, porque estamos profundamente convencidos de que os espiritos, sob o influxo de certas impressões, attingem ao mesmo resultado sem imitação ou plagio. Si uma idéa illuminar o espirito do meu visinho, porque não poderá tambem raiar no meu? Si tal individuo meditar e reflectir sobre certa ordem de pensamento, com os quaes eu tambem me occupo, chegará aos mesmos resultados a que cheguei. Com que direito eu, que não tenho acção sobre as suas faculdades, hei de impedir que elle pense como eu penso? *Nihil sub sole novum*. Sabe-se o que succedeu com Darwin e Wallace; ambos escreveram uma obra sob a mesma idéa, sob o mesmo ponto de vista e conclusão, e, ao mesmo tempo, ignorando um o trabalho do outro.

Comquanto, entre os homens do seu tempo, Antonio Carlos possa passar como bastante versado nos assumptos da politica e da constituição ingleza, todavia a sua sciencia não é diamante sem jaça. Elle bebeu-a nas theorias do *Esprit des lois*, adoptando e professando as idéas erroneas, com as quaes o illustre presidente Montesquieu — *verdadeiro Colombo* da historia, (3) contaminou o seculo XVIII. A metaphysica da divisão dos poderes não foi bem comprehendida pelo impetuoso orador paulista, tal qual é empregada no meneio do mechanismo do regimen parlamentar na Inglaterra. Mas deixaremos a analyse desta parte, que é longa, para depois de haver ministrado aos leitores alguns excerptos de amnistia. Esses discursos são os productos das bôas e ruins qualidades do homem. Affirmam, todavia, o talento do orador e a instrucção que possuia e lhe dão incontestavel jús a occupar logar proeminente na galeria dos oradores do parlamento brazileiro.

Já os leitores sabem que estes projectos de perdão, de amnistia e de outras medidas garantidoras da liberdade individual, tinham por fim pôr uma barreira ou limite ao despotismo das devassas, ordenadas por José Bonifacio, ministro; porém não ouzavam os constituintes, nem lhe declinar o nome! O proprio deputado Alencar, um dos mais destemidos, repete: «*não quero accusar ninguem*; *não e proprio do meu caracter*, etc.» Ora Antonio Carlos combate a amnistia, que vem desfazer a politica do ministerio, cuja conservação lhe interessa sob todos os respeitos.

Dissemos que elle uzava de certo charlatanismo e soía ostentar erudição, e o seu discurso nol-o demonstrará.

«Severo era o regimen, diz Antonio Carlos, da escola Pythagorica; os que eram recebidos para discipulos eram obrigados a estar callados dois annos, ouvindo tão sómente e não se lhes permittindo nem perguntar nem com-

mentar o que ouviam e durante esse tempo chamavam-se *acusticos*. Em segundo degráu, no qual se denominavam *mathematicos*, já lhes era licito falar, perguntar, escrever e declarar as suas opiniões. Afinal, depois de imbuidos nos estudos é que se lhes abriam os arcanos do mundo e se lhes patenteavam os principios da natureza e se denominavam *physicos*.

Se esta disciplina, bem que rigorosa, nos fôsse applicada ; se não fôssemos chamados para medicos do Estado sem previas provas, não teria talvez eu de atacar o presente projecto. Não é, porém, assim que somos escolhidos; a vóz omnipoteute do povo nos preconiza curandeiros politicos ; de repente nos investe do poder de construir e destruir, mas não nos dá, porque não póde, as precisas luzes. E' por isso, sr. presidente, que teuho de arredar dos muros da ainda não bem começada organisação social do Brazil os repetidos golpes dos arietes, que contra elle avança o projecto de amnistia.»

Julguem os leirores da ignorancia e mediocridade da Assembléa, que provoca, ouve e merece esta pungintiva lição, e fiquem convencidos da arrogancia com que o orador exerce o officio de pedagogo.

Depois de algumas observações, continúa: «Eu mostrarei que o projecto é nocivo ao Brazil, porque: 1° é injusto na sua materia e fórmas; 2°, porque é impolitico nas circumstancias actuaes; 3° porque é perigoso pela discordia que tende a gerar entre a Assembléa e o poder executivo. E afinal far-mehei cargo das razões com que o pretenderam justificar alguns nobres preopinantes e satisfarei, ao que me parece, as objecções suscitadas.»

O orador expende uma série de razões e de principios de direito criminal, concernentes ao delicto e á punição, e passa a tratar da fórma do projecto de amnistia.

«Si o projecto é injusto em regra, como creio que fica demonstrado, muito mais o é na sua fórma. A meu ver não cabe nas funcções a que nos limitamos.

Fomos escolhidos para fazer uma Constituição e só para isso é que nos escolheram; somos uma convenção *ad hoc*, não uma legislatura commum; as necessidades, porém, do Brazil, fizeram que ensanchassemos, talvez com injustificavel arbitrio, o poder, que só nos pertencia e que nos declarassemos competentes tambem para refórmas indispensaveis e urgentes, além da Constituição. Ora em que ramo destas nossas attribuições, entrará o projecto de amnistia ? Certamente não póde encartar em artigo constitucional. Poderá, porém, classificar-se como refórma indispensavel e urgente ?»

O orador examina esta questão : enleia-se e perde-se num cardume de contradições : ora dá a competencia e reconhece que tem a Assembléa Constituinte e Legislativa de votar projectos e decretar leis ; ora uega-lhe e affirma essa competencia limitada e restricta á Constituição. Lembraremos que, nas primeiras sessões de maio, Antonio Carlos apresentou, entre outros projectos, um para revogação da lei dos procuradores das provincias ; outro para organisação dos governos e administrações provinciaes. Elle se esquece de que o decreto, convocaudo a Constituinte — manda conferir poderes para formar a Constituição e leis. A nação elegeu *uma Assembléa Constituinte e Legislativa*. Deixaremos de apurar as contradições e illogismos em que o orador publicista caíu nesta materia. O que Antonio Carlos queria, porque couvinha ao ministerio de seu irmão, era destruir, a todo custo, o projecto de Martins Bastos, sustentado pelo padre Alencar e outros representantes não submissos ao poderio da *trindade andradina*.

Discorre a respeito da justiça e utilidade; dos perigos da impunidade; tenta evidenciar que não está o paiz no caso de exigir tal projecto, de todo ponto desnecessario.

«Vejamos, diz o orador, si é o nosso caso. Em regra as amnistias são concedidas no fim das revoluções ou das conquistas : o partido vencedor julga prudente adoçar a sorte do vencido, cicatrizar e não irritar as feridas que lhe fizera : é mesmo impossivel punir uma grande parte da nação sem ferir profundamente a sensibilidade humana pela multiplicidade de victimas, objectos de sua compaixão, sem mesmo a revoltar e pôr em risco a segurança geral.

«O perigo da impunidade é nenhum, porque o partido está subjugado : o mal do castigo é certo, por que a irritação existe. E' por isso que um barbaro Octaviano se converte em Augusto e trabalha por abafar na doçura do Imperador a crueldade de Triumviro ; é por isso que um monstro de nossos dias — Robespierre — contava firmar-se no mando por meio duma geral amnistia e doçura. Mas são estas as nossas circumstancias ? Acabou a nossa revolução ? Nem ainda começou. A intelligencia lhe descortina ao longe a medonha catadura e o coração se encolhe de susto ao imaginal-a ; não appareceu ainda, mas apparecerá por desgraça nossa. Talvez alguem diga que a amnistia a afogara no nascedouro. Homens illudidos ! o remedio apropositado no fim da febre, quando a natureza exhausta pede estimulos, será prudente na stenia, na erecção de todas as forças ? Que fariamos nós com a amnistia emquanto as paixões não tiveram tempo de gastar-se ; emquanto o mal soffrido não as póde ainda arrefecer e dar logar a que escutassem os conselhos da razão ? Animal-as-íamos á acção e a formar em batalha todos os seus recursos com a vantagem de estarem instruidos pelos seus primeiros máus successos.

Amnistiar nestas circumstancias seria o mesmo que dizer : eia, bravos campeões da discordia — que temeis ! Continuai a atacar a monarchia constitucional, que (embóra a nação queira) vós reprovais : se a ventura corôa os vossos esforços, sereis collocados no templo da gloria, sereis apregoados como paes da patria ; e — devota a nação — ou por vontade, ou por força — queimará incenso ante vossas imagens. Se a desgraça porém atalhar os vossos passos, não vos assusteis ; está prompta a amnistia, que cobrirá de eterno véo as vossas malfeitorias. Instruam-vos os máus successos a concertar melhor os vossos planos, a dirigir melhor a sua execução: machinai, machinai, até que emfim cáia por terra o governo que detestais. E dirá isto um legislador ? E' o que dirimos, si admittissemos a amnistia, mas é o que eu nunca aconselharei.

No actual estado de fermentação lançar na massa da nação um bando de pessôas desafeitas e de mais ulceradas pelos procedimentos que com elles se tem tido — é, a meu ver, loucura rematada. Demais não é um partido numeroso o que temos de punir, se fôr criminoso ; são uns poucos de individuos e muito poucos ; não ha risco de ferir profundamente a sensibilidade nacional, ainda quando rigorosa a pena que lhes imponha ; não pódem ser repetidos os exemplos do castigo.»

O orador váe analyzar o 3º ponto que havia estabelecido, isto é, o perigo de discordia entre os poderes e o imperial, a que provavelmente dará logar a dopção do projecto.

Aqui, com singular astucia e sagacidade, procura captar a benevolencia do Imperador, compromettendo os sustentadores e propugnadores da amnistia. E' como que um intrigante que espera tirar vantagem do amor proprio e da paixão que d. Pedro sempre teve pelo poder absoluto. Os Andradas corromperam o espirito do Imperador, incutindo-lhe as idéas da omnipotencia do poder pessoal. Ora, d. Pedro educado na escola que lhe ensinava taes doutrinas, estava disposto a pratical-as e por isso os Andradas fôram victimas daquillo mesmo que ensinavam ao imperial discipulo. D. Pedro, ouvindo quanto diziam os seus mestres contra a Constitu-

inte, acabou comprehendendo a conveniencia de nullificar semelhante Assembléa que pretendia coarctar-lhe o exercicio do poder, uzurpando as suas attribuições de soberano e Defensor Perpetuo.

O orador prosegue : — « Sr. presidente, não concentramos, nem podemos concentrar todos os poderes, visto existir, antes de nós, um poder que até foi orgão da nossa convocação e cuja conservação junta com outras foi uma clausula explicita do nosso mandato : este poder tinha e deve ter attribuições que parecem invadidas pelo projecto de amnistia : quererá elle mansamente abandonal-as sem lucta, sem contenda, sem disputa ? Será prudente pôr a Assembléa sua paciencia á prova ?

Eu creio que o Imperador não recuzará promulgar a amnistia, se a decretarmos ; estou muito convencido de sua bondade, do seu amor de paz e do bem do Brazil, para temer o contrario ; mas, se por desgraça, entendesse o Imperador que se lhe invadiam attribuições que o bem da nação exigia que elle tivesse ; que se lhe invadiam por quem não tinha a auctoridade para isto ; se acreditasse, emfim, que a resistencia para sustentar sua dignidade era dever de consciencia e serviço do Brazil — qual seria o resultado ? (4) As discordias civis no começo duma organisação nem ainda bosquejada... Corramos o véo sobre futuro tão ominoso. Mereçamos o nome de paes da patria ; não a empurremos o uma contenda tão inutil e perigosa. Si, pois, é injusto na materia e fórma; si é impolitico; se é perigoso o projecto da amnistia, como não rejeital-o ? »

O orador disserta amplamente sobre os sentimentos de humanidade no povo — aggregado de sêres sensiveis e pensa que a Divindade foi prodiga com o povo brazileiro. Pondera que, aléin da humanidade, o povo quer e ama a justiça. «E', exclama, e basta por prova o acto do povo atheniense que rejeitou, sem ouvir, o projecto de Themistocles, pelo ter qualificado de injusto, bem que util, Aristides, — a quem incumbira que o soubesse de Themistocles.

E' bom escutar a humanidade sem quebra da justiça.»

O orador cita as palavras de Pericles no tocante a condescendencia com os amigos ; entende-as a humanidade em relação á justiça e, por um ultimo rasgo, querendo deslumbrar a maioria dos inexperientes, pronuncía com emphase as seguintes phases gregas: *Dei me symprattein tois philois, alla mechritheon*. A admiração e enthusiasmo dos noviços legisladores transpuzeram os derradeiros limites. O orador contemplou a sua obra e, fingindo a satisfação do Creador no setimo dia das pomposas maravilhas da creação, vio que a sua obra era bôa e sorriu victorioso... E, com calculada arte, continúa a discorrer acerca dos crimes politicos ; cita : *Des conspirations et de la justice politique*; *De la peine de mort en matière politique*, do celebre Guizot. Refuta as objecções daquelles que opinavam que o castigo nos crimes politicos, em vez de abafar as conspirações, não as póde estorvar.

Entra em longa demonstração. Expõe no pretorio parlamentar o *Demonio do Meio-dia* ; procura exemplo na historia portugueza, flagella Vasconsellos — *portuguez traidor e abastardado* : fala na revolução de 1640 e exclama : «Entre nós é o avesso, é um punhado de homens (se são provadas as accusações) que quer resistir á opinião geral; é a torrente da opinião geral que os afoga e será o seu castigo capaz de produzir revoluções, quando quasi poucos partilham as suas opiniões exaggeradas ?. Só quem delirar, dirá semelhante absurdo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Discutindo com o deputado Dias, mineiro—*Diario da Camara.*

(2) Vasari—Peintres.

(3) Palavras de Sainte-Beuve.

(4) O Imperador, intelligencia inculta nestes assumptos, ouvindo destas lições, foi preparando-se contra a Assembléa, e quando se deu o caso do boticario Pamplona, vibrou o golpe contra a Assembléa e Antonio Carlos colheu o producto do que semeou.

A LIVRARIA

«TREVA», LIVRO DE CONTOS POR COELHO NETTO — EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Coelho Netto é um grande *virtuose* da prosa. Não conheço na litteratura brazileira outro que lhe seja superior na faculdade da expressão.

Seu cerebro é como um excellente *kodak* ; por onde elle passa os olhos, váe automaticamente tomando *clichés* que lhe ficam para sempre, nitidos e fixos, como platinotypias, na memoria.

Desde a adolescencia que reside habitualmente no Rio de Janeiro ; no emtanto, vê-se de seus livros que a vida nacional não tem segredos para elle. Conhece o sertão e a alma do sertanejo como conhecerá Botafogo, mais a fauna litterata e politica da rua do Ouvidor.

Com os quadros retem admiravelmente a nomenclatura das coisas, a linguagem dos homens ; si houve opportunidade, até mesmo o *folk-lore* da região.

Ainda mais. Não regista excellentemente só o que viu, mas, como si tivesse visto, o que apenas foi lido, não só no que se refere á paizagem em si, mas tambem á atmosphera, á caracteristica secreta do local, e aos costumes, mais o modo de ser interior, de outras terras e de outras gentes.

Vê-se isso mais uma vez no primeiro conto, *Bom Jesus da Matta*, de *Treva*, seu 50º volume publicado outro dia. O capitulo inicial, bem longo, representa-nos a vida de um rapaz estudante em Coimbra, e á coimbrã, um brazileiro, filho de portuguez, que os paes mandam para o centro classico da prestigiosa vadiação e bilontragem reinól.

São paginas que Eça de Queiroz não faria melhor. Parece mesmo sentir-se vibrar a alma do espiritual e ironico açoriano naquelles nemorosos estudos peninsulares, porque elles são feitos á sua maneira, pantheista e diabolica a um tempo, com o seu desenho forte e as meias tintas melindrosas que tão esmeradamente espatulava.

Ao par dessas qualidades, uma facil e brilhante invenção, que não se fatiga nunca.

Si se trata de uma coisa de nónada, que pede duas palavras apenas, bem achadas, mas leves, ás vezes mesmo até levianas, si não esturdias, ahi vem as duas palavras representando a mais feliz e pertinente expressão.

Quando o objecto é de mais vulto e não deve ir sem uma pagina, porém essa bem trabalhada, afinal não dizendo muito, mas de modo que pela sua sonoridade e o seu brilho offusque a vista e adormente os espiritos, confudindo-se com uma apotheose, ninguem melhor do que Caliban poderá realizar esse milagre de chronica.

Si já se trata, no emtanto, de dar a um determinado assumpto desenvolvimento maior, as proporções de um conto, de uma conferencia, de uma scena theatral, ou já de uma novella, até mesmo de um romance, de um drama, parece que foi para esses trabalhos de mais responsabilidade, que demandam afinal outro pulso, e são a prova real do valor de um talento, que Coelho Netto justamente nasceu.

Não cessa de produzir. Na edade em que outros começam a assentar propriamente a penna, elle já publicou uma bibliotheca, conseguindo o *record* desse ponto de vista, creio eu que não só em relação aos seus contemporaneos como a todos os demais representantes da litteratura brazileira.

Diz-se que são as duras circumstancias de quem entre nós só vive da penna que o levam a isso, que elle é obrigado a não tomar folego, sendo-lhe ás vezes mesmo impossivel bem acabar o que faz.

Trabalhos seus conheço que indi-

cam essa lastimavel urgencia ; vê-se que fôram mais ou menos precipitadamente planejados ou que houve certo atropello na execução, quando não sejam as duas coisas ao mesmo tempo.

Mas ainda assim, Coelho Netto, pelo menos em coisas que assigne, jámais caíu na fancaria propriamente dita, que, como se sabe, é caracterisada pela falta de toda e qualquer nobreza de intenção intellectual da parte de um auctor.

Parece que não está nelle tornar-se réo de tal delicto. Julgo que seu cerebro já é uma machina automatica de fazer litteratura distincta; por mais que quizesse, parece que nunca poderia chegar a competir, na imprensa, com João Phoca ou a ser o nosso Montepin em litteratura.

Embora sempre dentro desses limites, a obra de Coelho Netto é entretanto muito desegual. Seu talento representa um veio d'agua perenne, mas que nem sempre encachoeira poderosamente.

Nenhuma obra assignada de seu punho conheço que deixe de offerecer um encanto qualquer ; esse encanto, porém, ás vezes, é insufficiente para se tornar predominante no conjuncto das impressões.

Ora acontece que o livro, escripto com observação e cheio de movimento, livro serio nas suas intenções, descamba, no emtanto, do seu plano, estragado do meio para o fim por uma dissolvente, compromettedora galhofa, que desmoraliza a acção do romance, tirando solidez aos personagens, dando a tudo certo ar de comedia. Tive essa impressão, quando, ha muito tempo, li *A Conquista*, em folhetim de jornal.

Outras vezes, nomeadamente em obras suas de theatro, falseia-lhe a força para executar a obra á altura do plano, ás vezes muito lindo, de modo que os symbolicos personagens idéados meros symbolos ficam, sem a humanidade necessaria para produzirem athmosphera, para nos darem a illusão da vida.

A sua facil impressionabilidade e excepcional retentiva, não só para o que vê com os seus olhos, mas tambem para o que tenha podido apprehender apenas atravéz da arte de um escriptor amado, completa-lhe, eu já o disse, o seu poder de evocação. Mas por isso mesmo taes paginas, como é bem o caso desse primeiro capitulo do *Bom Jesus da Matta*, produzem a impressão que cauzam as imitações em geral, impressão mais fraca, secundaria, de natureza.

Si não fossem esses senões e os que se devam attribuir ao atropello do trabalho, Coelho Netto seria um Briaréu em nossas lettras. Sua obra, elevada a um plano de seriedade e intensidade seguras, sustentando um estylo sempre inequivocamente proprio, e feita com tempo indispensavel para ser bem planejada em todas as suas partes, depois sufficientemente emendada e polida, seria a obra, não tem duvida, do mais poderoso escriptor nacional.

Como está, representa o grande esforço de um fertilissimo poeta da prosa, sempre estimavel e, ás vezes, na vardade surprehendente.

Elle ainda é um moço hoje em dia ; ninguem sabe como será o seu *facies* definitivo. Porque a obra deste intrepido sonhador, apezar da linha sinuosa que descreve, váe em real, promissora ascendencia ainda. A prova disso se encontra neste seu ultimo volume.

O que se chama a idéa principal, o motivo de creação do primeiro na série e mais longo dos trabalhos que se contêm neste livro, é uma idéa muito feliz.

Apenas a mim me parece que o auctor não planejou do melhor modo que convinha. Deu excessivo desenvolvimento á descripção dos factos circumstanciaes, pelo menos em desproporção com a parte em que entra no que se póde chamar o assumpto propriamente dito.

Bom Jesus da Matta, que é como se intitula este conto, toma cento e vinte e oito paginas do livro, mas só da oitenta e oito em deante, isto é, apenas nas quarenta restantes, é que elle nos fala do que havia de principal a referir. Desse modo quando chega o desfecho, tem-se a sensação de que elle foi precipitado.

Além disso, a primeira parte, a das scenas passadas em Coimbra, ou nos seus arredores, é escripta num estylo tão differente daquelle que vamos conhecer depois no muito restante do trabalho, que não se póde dar uma perfeita juncção entre ella e as que se lhe seguem. Tem-se a illusão de que se trata de duas coisas distinctas mal soldadas agóra numa só. Commigo, pelo menos, assim se deu.

Dahi por deante, porém, tudo o mais que se encontra neste volume está executado com rara felicidade.

Sinto não poder, dentro dos limites de uma simples noticia, que é do que estas paginas devem ter o despretencioso caracter, falar mais largamente do livro, para referir-me, nem que fôsse de passagem, a cada um desses trabalhos.

Em todo caso não posso calar a minha admiração principalmente pelos dois ultimos de série, *Assombramento* e *Fertilidade*.

Paginas mais emocionaes, de melhor observação e mais bem feitas do que essas de *Assombramento*, eu não conheço. Não sei quem possa ler, sem que se lhe marejem os olhos, aquella historia pungente inspirada si não na chronica da escravidão, ao menos nas possibilidades tragicas que ella ainda ha pouco offerecia em nossa terra. Em tudo e por tudo, o trabalho nos deixa uma forte impressão.

No emtanto, si acima do melhor ainda ha um gráu, para meu gosto superior a este é o trabalho seguinte, *Fertilidade*, com que fecha o volume. A creação do velho Matheus, tão difficil e tão bella, faz-nos lembrar de Balzac. Quem é capaz de produzir paginas como estas, ganha o direito de ser candidato a grande homem.

Eu tenho para mim que Coelho Netto está no numero daquelles que quanto mais vivem melhor amadurecem no que tem de mais transcendental.

Assim se dá frequentemente com os typos cuja existencia é representada por gestos e obras incessantes. Pouco tempo lhes sobra nessa perenne exteriorisação em que andam para attentar ao que se chama a vida interior. Antes procuram na atmosphera das idéas e sentimentos correntes da epocha elementos para suas obras, do que se resolvem a consultar-se demoradamente, seriamente a si proprios.

Só com o decorrer dos annos, quando a vida teve tempo de sitial-os em regra até fazel-os render-se a ella, e emfim dignarem-se a encaral-a e vel-a sob seus traços reaes, só ahi é que elles se completam, que se fórmam homens no sentido mais alto da palavra e attingem a méta a que antes em vão aspiravam.

NUNES VIDAL.

BIBLIOGRAPHIA

— *Dies* Iræ, poema do sr. Emilio de Menezes a proposito da tragedia do *Aquidaban*. Só temos, por ora, que lamentar a abominavel edição em que o *Malho* publicou os bellos versos dolorosos do illustre artista.

— *Paginas* escolhidas dos membros da Academia, por João Ribeiro ; dois vols.; edição da casa Garnier. Trata-se de uma collectanea de escriptos tirados de livros e das paginas dispersivas do jornal. Neste sentido, é grande o serviço da selecta, que afastou o risco de se perderem trechos — poucos é verdade — da prosa radiosa dos grandes jornalistas da Academia. Só isto é que dá utilidade á collectanea.

Entretanto, diz, no seu lindo prefacio, o eminente auctor, cujo espirito goza, nesta casa, de uma admiração sem solução de continuidade : «Pelas *Paginas Escolhidas* dentre as muitas que escreveram os socios da Academia Brazileira poder-se-á talvez ajuizar dos meritos, gloria e importancia da grande instituição e tambem do que, diga-se com lealdade, nella ha fraco, inhabil e juvenil. O que é realidade, póde ser promessa ; por isso, houve que escolher do melhor, e tambem houve que escolher do menos máu.» Como facilmente se vê, a razão é interessante, sem embargo da sympathia que nos sempre merecem os trabalhos do sr. João Ribeiro, que, neste, teve a excellente collaboração dos srs. Raymundo Corrêa, Mario de Alencar e Silva Ramos.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O automobilismo e a tracção animada.— Augmento da producção de cavallos a par do desenvolvimento de automoveis.

Parece absurdo mas é uma verdade comprovada pelos factos conforme as observações de Lavalard, administrador delegado da Sociedade Geral de Omnibus de Paris, que o desenvolvimento dos meios mechanicos de locomoção provoca o augmento de motores animados.

A opinião mais acertada era que o augmento progressivo do automobilismo teria como consequencia necessaria a eliminação de cavallos e outros agentes da tracção animada.

O automobilismo gerou o habito das mobilisações frequentes e rapidas e, por isso mesmo, a necessidade de adquirir cavallos rapidos. A estatistica prova que o numero de cavallos creados em França, durante os ultimos annos é mais consideravel que outr'ora, e que o seu valor augmentou consideravelmente. No mercado de Paris, que é tambem o maior mercado de automoveis, os cavallos estão sendo vendidos por 25 a 30 % mais do que nos ultimos dez annos.

A cidade de Londres foi uma das primeiras capitaes dotadas de omnibus automoveis, e a cavallaria dos omnibus, que era de dez a doze mil cavallos, se eleva a dezoito mil. Em Paris, a Companhia Geral dos omnibus, ha oito annos, antes do Metropolitano, possuia um effectivo de dez a onze mil cavallos, contando agóra treze a quatorze mil.

O automobilismo, por sua vez, se desenvolveu em marcha progressiva consideravel, sinão extraordinaria. Os automoveis que em 1899 figuraram nas listas de contribuição com o algarismo de 1672, montaram em 1904 a 17.407.

O mesmo movimento se observa em outros paizes. A Inglaterra importou nos sete primeiros mezes do anno de 1905, 3857 automoveis, na importancia de 42.091.200 francos. Esse augmento teve o resultado de maior trafego de viajantes e consequente augmento de transporte pela tracção animada.

Em 1901, havia, em França, um pouco mais de tres milhões de cavallos ; em 1902, cerca de 4.043.900 ; em 1904, esse algarismo se elevou a..... 4.227.850.

Prova isso que a industria pastoril não é attingida pelos melhoramentos dos meios de transporte mechanico : os seus productos vão encontrando novas utilisações e melhorando sempre para corresponder ás necessidades supervenientes e ás transformações dos costumes.

Assim, o cavallo se foi adaptando, succesivamente, ás necessidades de cada epocha. O cavallo de torneio passou a ser cavallo de sella, os de diligencias tambem tiveram nova utilidade depois da apparição dos caminhos. O carneiro merino, muito em voga no principio do seculo XIX, como productor de lã, foi depois aperfeiçoado como fornecedor de carne. O cavallo, o mais aperfeiçoado dos motores animados, não excluiu o burro, o boi.

E' evidente que a conclusão de Lavalard não é paradoxal.

Quadro estatistico relativo á porcentagem, sobre o computo geral, das differentes affecções nervosas e mentaes observadas em 1938 alienados recolhidos no Hospicio Nacional de Alienados e Colonias, durante o anno de 1905.

DOENÇAS MENTAES	EM 758 MULHERES		EM 1180 HOMENS		EM 1938 ALIENADOS	
	Numero	%	*Numero*	%	*Numero*	%
Idiotia	11	1,4	21	1,7	32	1,6
Imbecilidade	20	2,6	63	5,3	83	4,2
Debilidade mental.	13	1,7	35	2,9	48	2,4
Neurasthenia	.. .. ..	.. .. ..	5	0,4	5	0,2
Hysteria	233	30,7	1	0,08	234	12,0
Epilepsia	74	9,7	123	10,4	197	10,1
Estados psychopaticos, degeneração	12	1,5	62	5,2	74	3,8
Paranoia	4	0,5	6	0,5	10	0,5
Psychose toxica, alcoolismo	112	14,7	385	32,5	497	25,6
» de esgotamento (delirio de colapso e anentia)	23	3,0	4	0,3	27	1,3
» puerperal	2	0,2	.. .. ..	.. .. ..	2	0,01
» infectuosas : syphilis	.. .. ..	.. .. ..	13	1,1	13	0,6
» post-malarica	.. .. ..	.. .. ..	1	0,08	1	0,005
amarillica	1	0,1	1	0,08	2	0,001
Loucura maniaco-depressiva	.. .. ..	.. .. ..	48	4,0	48	2,4
Idem : lypemania predominante	23	3,0	13	1,1	36	1,8
» mania	9	1,1	8	0,6	17	0,8
PSYCHOSES DO PERIODO DE INVOLUÇÃO						
a) melancolia de involução	38	5,0	27	1,4	65	3,3
b) delirio de queixumes	.. .. ..	.. .. ..	2	0,16	2	0,01
c) demencia senil	24	3,1	12	1,01	36	1,8
Demencia precoce	46	6,0	137	11,6	183	9,4
» paranoide	20	2,6	35	2,9	55	2,8
» terminal	52	6,8	51	4,3	103	5,3
Paralysia geral	.. .. ..	.. .. ..	46	3,8	46	2,3
Esclerose em placas	.. .. ..	.. .. ..	2	0,16	2	0,01
Tabes dorsalis	.. .. ..	.. .. ..	1	0,08	1	0,005
Esclerose cerebral	5	0,6	8	0,6	13	0,6
Não alienados	6	0,7	14	1,1	20	1,0
Fallecidos em observação	14	1,8	4	0,3	18	0,9
Ficaram » »	16	2,1	52	4,4	68	3,5
Total	758		1180		1938	

O petroleo—Suas applicações como desinfectante — Generalisação do seu emprego na medicina domestica.

De simples meio de illuminação barata, de lubrificador, o petroleo está sendo elevado á dignidade de agente therapeutico de primeira ordem. O dr. Bonnal o recommenda como antiseptico no tratamento das feridas por traumatismo. Lavada a ferida com agua fervida, é ella coberta com uma camada de gaze esterilisada; por cima, se applica uma pasta de algodão ligeiramente imbebida de petroleo, e, para evitar a evaporação rapida, envolve-se tudo em outra camada de algodão espessa. A menos que se trate de um traumatismo grave, que demanda desinfecção energica e rapida, é preciso evitar o contacto directo do petroleo sobre a ferida, o que provocaria dôr e erythema. E' conveniente advertir que, si a ferida fôr pensada durante a noite, é prudente afastar do sitio da operação lampadas de petroleo.

Os oleos que teem a base no petroleo, vaselinas empregadas em bicyclettas participam tambem de propriedade antesiptica, mas são menos puras e asseiadas. Prodúzem maravilhoso effeito nas contusões, nas bossas sanguineas.

O petroleo, entre nós, está, ha muito, introduzido na ordem das panacéas familiares com applicações diversas ás affecções da pelle, rheumatismos, queimaduras e outros frequentes traumatismos do serviço domestico.

O ALMIRANTE (76)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVI

Ella saíu, tacteando, apoiando-se nos moveis, disfarçados no lusco-fusco, e foi desafogar o seio oppresso recostando-se no balcão que dava para o parque, cujo arvoredo se movia mansamente, adquirindo fórmas phantasticas, o estranho debucho de coisas monstruosas que a ameaçavam, symbolizando a duvida cruel, as incertezas pavorosas, o cruel remorso.

A noite calida, o céo negro polvilhado de estrellas como que espreitavam compassivos a immensa dôr daquella creatura agrilhoada ao dever absurdo. E ao arfar da folhagem agitada pelas brisas marinhas, se confundiram os soluços do pranto que desbordava do maguado coração de Hortencia.

Amelia teimára em regressar com Laura á casa paterna. Fôra uma tortura superior á sua extraordinaria energia ficar no palacio alguns metros distante do sitio em que se realizava o iniquo sacrificio da irmã, ligando-a á sorte de um moribundo. Arrastada por essa essa irrisistivel attracção das coisas horriveis, ella subia aos aposentos do sobrado do palacio, espreitou, occulta nas cortinas, a larga janella ogival da biblioteca, procurando divizar, atravéz dos bellos vitraes illuminados, a scena do casamento, como si anhelasse soffrer a suprema dôr de ver roubarem-lhe para sempre o bem amado. Apenas sombras fugitivas, sem contorno definido, atravessavam os espaços, cujo colorido se destacava na sombra inflammado com uns soberbos toques de luz crepuscular. E no desespero de não apprehender a visão desejada, seus olhos rebentaram em pranto.

Mas... era forçoso fazer as honras da casa, presidir o jantar, receber as pessôas que accorriam em busca de noticias de Oscar. Amelia concertou no quarto da marqueza, a sua *toilette*, empregou os disfarces da casquilhece para apagar dos olhos rubros, das faces afogueadas, o vestigio das lagrimas.

Quando o padre Paulo viera em busca do jantar, tanto lhe havia estimulado o apetite a dobadoura daquelle dia e o empenho de preparar aquella alminha querida para comparecer perante Deus sem a horrenda macula do peccado mortal, que Amelia o recebeu com um movimento de repugnacia. Inspirava-lhe incoercivel aversão quelle homem que, em nome de Deus, abuzando do prestigio sagrado do seu ministerio, realizára a infamissima mercancia daquella união de conveniencia, de negocio.

— Está, graças a Deus—disse o padre, num tom de mystica satisfação—feito o casamento. Nosso Senhor deu forças ao enfermo para que o sacramento fôsse completo..

— O sr. não tem remorso ?—inquiriu Amelia, calcando nas palavras como si quizesse craval-as no padre.

— Remorso ? Eu ? !—exclamou elle, num meigo tom de candida surpreza—Nada tenho a pezar-me na consciencia. Para chegar aos meus justos, aos meus piedosos fins, procurei primeiro o caminho do coração, depois o da conveniencia. Encontrei fechadas as portas do seu coração, occupado por um amor que não ouzou affrontar o sacrificio dessa extrema consolação ao ente querido ; a senhora recuzou formalmente, qualificando de sacrilegio o casamento *in-extremis*. Deante da sua recuza, eu me resignei a procurar outros meios. E aquillo que o seu amor rejeitou a gratidão de Hortencio acceitou sem hesitação.

Amelia contorcia-se inquieta, como si as palavras do sacerdote lhe queimassem as entranhas.

— Eu bem sei—continuou elle—que a bôa Ameliasinha foi sempre muito voluntariosa, dominada por uma grande dóse de amor proprio, de independencia, de uns falsos melindres que constitúem a desventura das mulheres que se pretendem superpôr ás contingencias do seu sexo, ás imposições naturaes do seu destino. Consequencia de educação, de temperamento, descuido de cultivo religioso. Sem essa situação anomala da sua alma, a minha proposta seria a coisa mais natural deste mundo ; mas a senhora recuzou...

— E não me arrependo—affirmou Amelia, com energia.

— Prova de mais do que acabo de dizer. Nós, sacerdotes, sabemos ler nos profundos refolhos das almas, nesses olhos maguados, nesse peito que está arfando inquieto... Socegue que não pretendo excitar as suas reconditas maguas. Não me queira mal por ter sido o instrumento da consolação que a senhora recuzou ao pobre Oscar.

—Era impossivel—murmurou Amelia, com soluços na vóz.

— Imagine, minha filha, que Deus recompensasse o abnegado sacrificio do seu amor, restituindo a saude a Oscar... Imagine...

— Oscar me desprezaria como exploradora da sua fraqueza.

— Engana-se. A gratidão se alliaria ao amor para tornal-o mais forte. Eu não tenho, infelizmente, a menor illusão sobre o estado delle ; o pobresinho está perdido ; sómente um milagre de Deus poderia salval-o...

Amelia suspirou alliviada como si lhe desopprimisse o coração a certeza da morte de Oscar. Ella estremecia transida de terror á idéa dessa hypothese inverosimil, a resurreição delle, occupando a posição de marido junto de Hortencia, armando-se, adorando-se, talvez, ou desilludidos, arrenpendidos, chumbados á mesma corrente inquebrantavel como dois cumplices que se detestam. Seria horrivel testemunhar todos os dias, a toda hora, esse espectaculo mortificante.

Os olhos placidos do padre contemplavam Amelia com paternal ternura ; liam claramente as perepicias da lucta que se travara no seu coração.

— O que está feito é irremediavel—concluiu elle—Deus proverá para amenizar as consequencias da sua resolução imponderada, minha filha. Resigne-se a essa situação, que é obra sua e accarrete toda a responsabilidade do seu acto. Reccorra á oração, peça a Nossa Senhora, que é a piedosa mãe dos afflictos, lhe assista nesses transes. E a resignação virá, como um balsamo suavissimo, retemperar as fortissimas fibras do seu caracter de mulher forte...

Penetrada pela ternura do padre, Amelia ouviu-o subjugada, mas não convencida. De resto, ella não lhe podia perdoar o crime de perpetrar aquelle sacrilegio em que fôram immolados dois corações, crime que elle considerava, do seu ponto de vista, uma obra de caridade um acto meritorio.

Depois do jantar, Amelia communicou a d. Eugenia a resolução de partir com a irmã. Não podia mais supportar a mascara que afivelára ao rosto; não podia esconder de Laura, que a contemplava compassiva, cheia de espanto, as lagrimas, sem comprehender aquelle tormento de soffrer a mais cruciante das dôres, axphyxiando os gemidos. Ella estava fatigada, não podia prestar serviços. Em casa, estaria afastada daquella impressão continua de susto, da afflicção causada pela sorte de Oscar. E partiu como quem deixa um sitio maldito, lançando um derradeiro olhar saudoso ao *chatô*, o peito desobstruido por um longo suspiro, quando a carruagem transpoz o largo portão do palacio.

Pelo caminho, Laura, comovida pelo silencio da irmã, dirigiu-lhe ingenuas palavras de consolação, commentou o casamento de Oscar. Ella não comprehendia aquillo, não sabia que era possivel cazar uma creatura ás portas da morte e lamentava a sorte de Hortencia, obrigada a pagar tão caro a imprudencia de comprometter a vida de Oscar.

— Eu pensei que tu serias a noiva; pensei que tu gostavas delle — observou ella — Porque não cazaste com elle? Olha, eu si gostasse de um homem, seria capaz de tudo, seria capaz de confessal-o francamente, porque eu acho que não fica mal amar...

—Tu nunca amaste...—murmurou Amelia, depois de longa pausa.

— Eu? — acudiu Laura, enleiada— Quem te disse que eu nunca amei...

Amelia voltou-se para a irmã num movimento de surpreza.

O carro parou, interrompendo a confidencia iniciada. Em vão, Amelia, emquanto mudavam de *toilette*, insistiu para que a irmã lhe contasse o seu mysterioso romance, a historia daquelle amor que ella, com as suas maneiras ingenuas, innocentes, pudera disfarçar á sua experiencia de irmã mais velha.

— Disse isto por dizer — affirmou Laura, esquivando-se á investigação da irmã — Foi uma tolice... Eu não acredito no amor. No dia em que papae e mamãe quizerem, eu cazarei com quem elles indicarem. Por hora, não penso nisso. A minha vez virá. Eu não esperarei a tua edade...

E mudando rapidamente de assumpto, continuou:

— Fiquei muito satisfeita com a tua resolução de deixarmos o palacio. Eu estava alli pelos cabellos; atormentada por uma tristeza que me maguava. Aqui estaremos em liberdade... Além disso, percebi que estavas commovida. E o Sergio de Lima que não appareceu!... Estará doente? é amigo de Oscar...

— O Sergio — observou Amelia — está todo entregue á politica...

— Quem sabe si não ficou despeitado com o casamento de Hortencia.

— Porque?

— Pois não sabes que elles se gostavam desde que se encontraram na fazenda da marqueza?.

— Eram amigos, estimavam-se; não duvido que houvesse entre elles uma sympathia reciproca. Dahi para o amor...

— E Dolores?...

— Dolores saíu indisposta. E' bem provavel que esteja doente. Do contrario, estaria, ao menos por irrisistivel curiosidade, em casa da marqueza. Ella gosta dos casos sensacionaes...

—Pensas, então—perguntou Laura, depois de pequena pausa — que o Sergio não ama Hortencia?

— Porque insiste nisso? — inquiriu Amelia, fitando-a nos grandes olhos limpidos.

— Simples curiosidade.

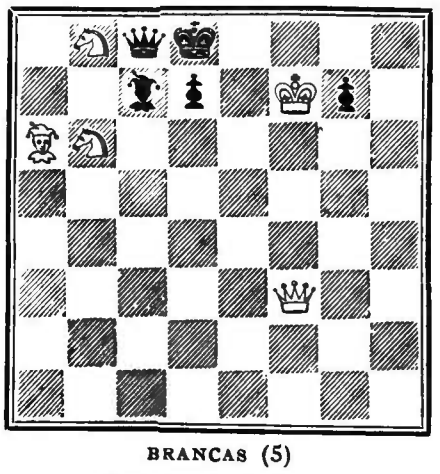
(Continúa)

XADREZ

PROBLEMA N. 43

A. Fraissé

PRETAS (5)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 45

(Jogada no torneio do Club de São Paulo, 1905)

GAMBITO DA DAMA

Brancas (M. Levy)		*Pretas* (F. Godoy)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P × P (*a*)
P 3 R	— 3 —	P 4 R
B × P	— 4 —	P × P
C 3 B R	— 5 —	C 3 B R
D 3 C	— 6 —	D 2 R
Roque (*b*)	— 7 —	C 5 R (*c*)
P × P	— 8 —	P 4 B R
T 1 R	— 9 —	D 5 C? (*d*)
B 7 B x	— 10 —	R 1 D (*e*)
B 5 C x	— 11 —	C × B (*f*)
T 8 R x	— 12 —	R 2 D
C 5 R x	— 13 —	R 3 D
D 5 D mate	— 14 —	

***

(*a*) Tudo sacrifico á moda: ha pouco tempo, considerava-se um erro ou méra fantasia acceitar o gambito da Dama; hoje, novamente esta acceitação está em moda.

Assim o lance do texto não é arrojado.

(*b*) Excellente lance.

(*c*) As pretas deveriam jogar f... P 6 R, para evitar 8 — P × P, que é fortissimo.

(*d*) Este lance é inexplicavel. O R preto fica evidentemente indefezo e não é precizo grande argucia para prever mate em poucos lances.

(*e*) Si 10... R 2 R, ou R 2 D, mate em dois lances.

(*f*) Si 11... C 3 B R, mate em dois lances.

***

Tacito. — Si nos tivesse dado os nomes que se occultam em Calita, não lh'o mandariamos pedir, é claro, principalmente por serem as mesmas pessôas que teem assignado outros problemas, com outros pseudonymos.

Bem sabe quanto nos é preciosa a collaboração com que nos tem honrado, e esperamos que as nossas observações não nos privem della.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 42 (*Calita*): 1 — R 3 B, P 8 C (f. c); 2 — B 4 B, R × P; 3 — B 3 C mate. 1... P 8 C (f. D. T. ou B); 2 — C 4 B R, *ad libitum*; 3 — C 3 D mate.

JOSÉ GETULIO.

A imprensa diaria publicou, no dia 2 deste mez, um telegramma de Paris, que nos transmittiu os pontos essenciaes de um artigo em que o sr. Méline, «tratando da questão de Marrocos, prevê que os allemães farão alli a mesma politica de lenta e inevitavel infiltração que teem feito no Brazil, cuja conquista pacifica não lhe parece mais que uma simples questão de tempo. Os allemães, aliás, accrescenta o notavel articulista, não se dão mais ao trabalho de dissimular essa obra de absorpção e as suas obras definitivas sobre o grande paiz sul-americauo.».

Alludimos a este despacho com a intenção de levar o publico á leitura dos artigos do sr. Sylvio Roméro, publicados nos nums. 69, 70 e 71 dos *Annaes*. Ahi, o leitor encontrará, largamente desenvolvida, a materia de que tratou o sr. Méline.

Os artigos do nosso eminente collaborador revelam um longo tirocinio de observações pacientes, meditadas, ao serviço das idéas que expendeu com tanto criterio e superioridade.

Parece que não erramos dizendo que, a proposito do verdadeiro *perigo allemão*, nada se escreveu, entre nós, que valha esses escriptos do grande trabalhador.

***

Está em nosso poder uma carta do sr. Sylvio Roméro ao sr. Walfrido Ribeiro, secretario desta revista, a proposito da carta do sr. Bomfim, publicada no num. 74 dos *Annaes*. Publical-a-emos no proximo numero.

BOABDIL

Doira dos céos a luz ardente e vasta
Os altos minaretes coruscantes,
E o soberbo Xenil a nympha arrasta
Por entre as longas margens verdejantes.

No cimo do Padul que o sol devasta,
Jaz Boabdil nos braços arquejantes
Da sultana Aïxá, sua mãe tão casta
Tão meiga e triste como fôra dantes.

E ella disse a corar : — Meu filho, chora !...
O reino de teu pae já está perdido.
Tu... não soubeste defendel-o agóra !...

Conquistou-lhes Fernando a patria amada.
O Alhambra emmudeceu. E o rei vencido,
Curvando a fronte murmurou:—Granada !....

***

MARTYRIO

Na gelada aridez do Caucaso tremendo
Pragueja Prometheus queixando-se do Fado ;
Vê-se em ferrea cadeia, indomito, algemado,
E váe-lhe um negro abutre o figado roendo.

E quanto mais no monte o passaro estupendo,
Faminto lhe esphacela o figado magoado ;
Mais este váe crescendo, e o immovel desgraçad,
Cada vez mais raivoso, estorce-se gemendo.

Tal a surda paixão que soffro ha tantos annos,
Já me váe neste inferno aos poucos destruindo
O exhausto coração que murcha aos desenganos.

Mas Hercules salvára a Prometheus, sorrindo...
E o mal que me devora excede aos mais tyrannos,
E para o amor eterno—um soffrimento infindo !...

***

ARIANA

Corre a tremer de susto ás praias soluçantes
A formosa Ariana em lagrimas bramindo,
E, de Naxos, contempla a nave em que fugindo
Segue o joven Theseu que a idolatrava dantes,

Já no azuleo horizonte as velas branquejantes
Vão sem luz, pouco a pouco, aligeras sumindo ;
Descamba o sol no occaso ; e o mar sonhando, infindo,
Psalmodeia a rugir seus lugubres descantes.

Põe-se a bella a carpir a dôr que se avoluma,
E as perolas do pranto em christallinas bagas
Sobre os rudes parceis caíram-lhe uma a uma.

E ella a sentir no peito o horror de tantas chagas,
Considera a fortuna errante coma a espuma
Que váe de onda em onda arremessar-se ás fragas.

Rio—1906

IGNACIO RAPOSO.

SAMARITANA

A JOSÉ POMPEU

Samaritana, Samaritana,
Eu vou morrer !
Secca-me o peito uma sêde insana,
Samaritana, Samaritana,
Quero beber !

Eu tenho sêde, Samaritana !
Morro de dôr !
Eu tenho sêde, meiga serrana,
Eu tenho sêde, Samaritana,
Do teu amor !

Ardem-me os labios : vem tu molhal-os !
Vem tu, por Deus !
Samaritana, vem refrescal-os,
Ardem-me os labios, vem tu molhal-os
Com os beijos teus !

Não me abandones, Samaritana,
Neste soffrer !
Vem tu matar-me a sêde insana ;
Não me abandones Samaritana
Dá-me a beber !

Dá-me do cant'ro dos labios teus
A gotta ungida
Ai ! santo orvalho que vem dos Céus !
Dá-me do cant'ro dos labios teus,
Num beijo, a vida !

Eu tenho sêde, Samaritana,
Morro de dôr !
Mata-me a sêde, meiga serrana !
Eu tenho sêde, Samaritana,
Do teu amor !

1906.

J. BENEDICTO COHEN.

PROBLEMA INSOLUVEL

Explende o sol ; por tudo uma alegria
Corre enorme e vibrante e invade tudo ;
Foite, o amor, por aqui, por alli, fia
A cadeia da Vida, doce ou rudo.

De cada corpo um novo corpo cria,
No trabalho incessante e eterno e mudo,
A materia immortal, por essa via
— O infinito — sem broca e sem escudo.

Mas, quanto mais esta alegria invade
Quanto me cerca e junto a mim se move ;
Sinto a tortura, informe e innominada,

Do pensamento, em triste soledade,
A perguntar-me onde se encontre e prove,
Qual a primeira força, si houve o nada !

Rio, 1905.

OCTAVIO GUIMARÃES.

ANNO III — Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1906 — Num. 77

ASSIGNATURAS
ANNO..... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

(*Continuação do numero anterior*)

... A dynastia de Bragança não gostava do norte, guardava-lhe rancores de sangue real por ter sido elle o theatro da reacção democratica que terminou em 1848, asphyxiada no generoso sangue de heróes. As grandes idéas, as refórmas sociaes mais importantes brotaram no norte:—a primeira tentativa republicana se effectuou, antes do Tiradentes, em Pernambuco; a semente do movimento abolicionista fecundou, floresceu no Ceará, no tempo em que os seus filhos tinham liberdade de pensamento, de acção, garantias de vida, de propriedade; a primeira associação emancipadora foi fundada na cidade de Sobral pelo conselheiro Rodrigues Junior, de saudosissima memoria.

Muitos outros factos poderiamos citar para demonstrarmos que o norte intellectual, o norte fecundo pela energia indomavel de seus filhos, o norte inquieto, seduzido pelas illusões do progresso, não podia merecer o carinho, as sympathias da politica morna, malandra e machiavelica do Imperador, infenso aos lances de largo descortino e ás impaciencias das conquistas civilisadoras que se deveriam realizar a passo de boi, tardo, somnolento, pesadão, mas seguro. Elle pensava que os homens de rijo nervo, os grandes homens constructores da nossa nacionalidade tinham feito proezas precoces, incompativeis com a epocha, tinham avançado de mais prevalecendo-se da minoridade do monarcha, quando elle não tinha ainda vontade accentuada, quando elle não havia ainda desenvolvido aquella manha que abrolhou promettedora no — *quero-já*. Aquelles benemeritos malucos fizeram mais em vinte annos, de 1830 a 1850, do que nos quarenta annos posteriores; perpetraram coisas do arco da velha, chegaram á ouzadia de ultrapassar os legisladores do velho mundo, dos paizes que eram os conductores da civilisação. Os codigos que elles fizeram, codigo criminal e o do processo, codigo commercial, o primoroso regulamento 737 e a lei das terras são admiraveis monumentos da cultura juridica daquella epocha.

Era de bom conselho pôr cobro á iniciativa, ás tendencias democraticas dos successores daquelles patriotas, adoptando essa famosa politica — *do vou pensar*, do *vamos estudar*, do *veremos*, que, sob o rotulo de primores de providencia patriotica, de sabias cautelas, levou sessenta annos a empacar, a puxar para traz, «carregando máus governos.»

O norte passou para a Republica com essa tára, ficou preterido de cambulhada com os Estados que não produzem café.

Dahi a conveniencia, a necessidade, a opportunidade da excursão que o sr. Andrade Figueira qualificou, com muito acerto, viagem de instrucção do sr. Affonso Penna.

Aquella zona do territorio nacional continuou fóra das sympathias dos presidentes da Republica, cujo governo, libertado da administração das antigas provincias, se centralizou no Rio de Janeiro, deixando os Estados automatos entregues ás aventuras da politicagem consagrada pelo saudoso sr. Campos Salles.

O sr. Affonso Penna váe apreciar *de visu* o valor real do norte, váe verificar a verdade e a calumnia do que dizem a respeito vózes interessadas, orgãos da justiça serena ou vehiculos de uma ambição incontinente, ou as cem tubas do engrossamento.

S. ex. encontrará olygarchias estupidas, bravias, ferozes, como a dos Acciolys; encontrará olygarchias mansas, intelligentes, como a do sr. Benedicto Leite ; a primeira, consumindo toda a renda do Estado, renda arrancada das entranhas do povo, no engordamento da numerosa familia ; a segunda, cuidando solicitamente de melhoramentos materiaes e moraes do lendario Maranhão ; a primeira, deixando a população ser dizimada pela peste bubonica, disfarçada sob a denominação de — *febre de caroço* ; a segunda, tomando providencias energicas, contractando medicos, material de prophylaxia, enfermeiros, quando o mal levantino irrompeu em S. Luiz. Não é precizo pôr mais na carta para destacar em pavoroso contraste a figura dos dois governadores — o sr. Accioly e o sr. Benedicto Leite

Mas... como os governadores dos Estados nenhum valor teem pelos actos de sua administração, pelos beneficios que promovem ; como elles sómente são considerados pelo apoio cego, incondicional que prestam ao Governo Federal, na consideração deste o sr. Accioly vale mais do que o sr. Benedicto Leite porque dá dez votos absolutamente cabresteiros, ao passo que os seis votos do actual governador do Maranhão nem sempre se resignam á obediencia passiva. De resto, quem dá dez deve merecer mais do que quem dá seis.

Nenhuma outra consideração preponderará emquanto os destinos do paiz estiverem subordinados á politica dos governadores.

O sr. Affonso Penna verificará que ha uma olygarchia de feitio especial no Estado do Pará:—a do senador Lemos, que é um *self made man* por ter chegado á politica pelo caminho da imprensa e ter sabido passar suavemente de redactor-chefe do jornal official do ultimo presidente da monarchia para director do mesmo jornal, transformado, da noite de 16 para 17 de novembro, em orgão do governo republicano provisorio do Pará. O senador Lemos não tem filhotes, não se póde glorificar com a prole gananciosa do pagé cearense, mas conserva em torno de si um grupo de amigos fanaticos que o tornaram omnipotente. Graças ao perfeito funccionamento da sua

machina politica, as influencias locaes mais preponderantes fôram trituradas nas inexoraveis entrosagens que não trepidaram ante a envergadura fortissima do sr. Lauro Sodré.

O senador Lemos é arbitro supremo da politica atravéz do governo municipal, onde residem as chaves do seu prestigio. Elle faz a politica; o sr. Montenegro, seu preposto, pela segunda vez no governo do Estado por uma reforma *ad hoc* da respectiva Constitição, faz administração com tamanho acerto de vistas que já mereceu ser indicado para ministro da finança do futuro governo do sr. Affonso Penna.

Dizem as más linguas que o sr. Montenegro é um prisioneiro do senador Lemos, fecha olhos amigos aos excessos deste, ás violencias da sua politicagem compressora, lava as mãos como Pilatos e se identifica absolutamente como uma creatura se deve identificar a seu creador, ao homem que o elegeu, reelegeu e reelegerá, para conduzir os destinos do povo paraense, confiados definitivamente ás mãos omnipotentes do intendente municipal.

Mas a olygarchia paraense exerce um jugo suave comparado com a oppressão deslavada e estupida da olygarchia acciolyna.

O sr. Affonso Penna verificará que, apezar dos contra, Belém prospera, caminha com segurança para realizar o prognostico de ser o mais rico emporio do commercio do norte, a Liverpool da America do Sul, ao passo que a capital de Ceará definha atrophiada por impostos barbaros, sem porto, enfraquecendo progressivamente pelo exodo dos seus habitantes, que vão procurar alhures meios de subsistencia, um refugio contra as garras do fisco, contra os bacamartes da milicia de capangas, contra a justiça que realiza perfeitamente a tradição condensada no antigo proverbio popular—*justiça do Ceará te persiga*.

***

Nós faremos ainda algumas indicações uteis para o roteiro de viagem do sr. Affonso Penna, apontamentos que não serão de todo inuteis para o successo da viagem de instrucção em bôa hora projectada.

S. ex, si evitar as peneiras da lisonja, os véos do engrossomento, verificará que lhe falamos com a sinceridade, com o amor que, nestes tempos de subserviencia, não se póde regatear a um cidadão que está eleito presidente da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A proposito da carta do nosso collaborador o sr. Manoel Bomfim, publicada no num. 74, anno III, dos «Annaes».

MEU CARO WALFRIDO.—Então você, meu caro amigo, me céde as columnas da sua admiravel revista si eu entender que a coisa é respondivel, é capaz, e si eu tiver tempo?! Nem uma coisa nem outra. Mas, vá... Não deixa de ser divertido bulir com o agastado Bomfim, puxar por elle, porque, elle, como a rapaziada diz, dá sorte! E' verdade que, ás vezes, como agóra, Bomfim *estranha*... e tem gestos inconvenientes...

Em todo caso, eu devo dizer ainda a esse mal agradecido umas coisas que o levem, pelo menos, ao estudo.

***

O Bomfim, como todo auctor que sente o pezo de censuras serias, nomeadamente quando esse auctor é um máu polemista, forçou demasiado a nota, quiz cantar em clave muito alta e desafinou completamente. E' lamentavel. Porque eu queria, já agóra, ser menos cruel com esse rapaz.

Percebe-se que está furioso e quasi não póde raciocinar.

O exaggero da descompostura, da falta de respeito, attesta-o.

Em vez de um artigo de sciencia, ao menos da que elle sabe, saíu-se com um *xingamento* desesperado, como os que costumava fazer a finada *Izabel-Bóde* (Era uma preta doida das visinhanças do Engenho Bomfim) que o nosso jovem medico deve ter conhecido.

A meninada local já sabia dos sestros e da facundia *descomponenciaes* da velha.

Provocava-a, e era um gosto ouvir o desespero a vociferar.

O jovem mestre do *Petalogium* é discipulo da mesma escola. A uma critica em que se falava, é certo, com intenção de corrigir, em *erros*, *ignorancias*, *disparates*, o moço retruca —espantando-me pela incivilidade— numa descompassada grita de alta geringonça, em que os epithetos mais réles são atirados ao adversario... *Falta de educação*, *furores da inveja*, *despeito minaz e vil*, *decrepitude ridicula e pretenciosa*, *xingador destemperado*, *logomachia dos degenerados mentaes*, *odio invejoso*, *prosa villã*, *remoque soez e aparvalhado*, *injuria insôssa*, *disseminador de insanidades mentaes*, *velho cacographo*, *verbocinante*, *pantano de ignorancias*, *invejas e vaidades*, *alma odienta e turva*, *insensatez accentuada na velhice*, *despeitos invejosos*... taes são as gaiatas gentilezas do *invejado* Bomfim sobre o pobre auctor dos artigos apreciativos da *America Latina*...

Verifica-se que a nota preponderante nas accusações que me faz é a da *inveja*... Em 5 ou 6 pontos da furibunda epistola, surge essa insinuação insistente.

Que se ha de responder, Santo Deus, a um homem que se considera trepado lá emcima do pinaculo das grandezas, a ser *invejado* pelos miseros mortaes, como eu?

Bomfim, nos intervallos que lhe deixa o *ciúme*, parece que cultiva a *psychiatria*; deve, pois, notar que essas fumaças de superioridades, de grandezas, da alta posição, alvo das *invejas geraes*, é algum tanto alarmante..

Voltarei, no fim desta, a dizer quatro palavras ácerca desse curioso caso de *inveja*.

Antes me é preciso apreciar o unico ponto da carta do pobre Bomfim que exige resposta: as barbaridades que disse sobre *periodo glaciario* em relação á civilisação européa. Fiz uma leve referencia ao assumpto, quando falei na origem dos *aryanos*, si européa, ou asiatica, e decidi-me, sem a mais tenue sombra de dogmatismo, pela hypothese asiatica, porque, *quando*, *pela primeira vez*, *appareceram os aryanos na scena do mundo*, *metade da Europa estava em pleno regimen glaciario*.

Era um laço que armava ao *préasinho litterario*, na certeza de que o gentil animal havia de caír nelle. E caíu, como, nas macégas de *capim-espéta*, abundantissimas nas cansadas e pessimas terras do Engenho Bomfim, cáem nas arapucas as *pucaçús*.

O nosso esculapio caíu como um patinho, revelando que não sabe nada do assumpto.

Na ultima hora, abriu algum compendio de geologia dos mais fosseis, e atabalhoadamente aprendeu mal umas lambugens que, num grande gozo, atirou sobre mim, nestas profundas palavras:

«Para que o meu illustre amigo ajuize da ignorancia do tal critico nestas sciencias (*as naturaes*), basta lembrar-se disto: elle acredita e affirma que durante o periodo glaciario da Europa já existiam civilisa-

ções historicas na Média e na Bactriana !... Elle não sabe, bemaventurado !, que esse periodo glaciario foi geral para todas as zonas isothermicas do hemispherio norte — porque a metereologia não conhece as nossas convenções geographicas (*Que espirituosa novidade*). No emtanto, elle pensa que só a Europa — (*E' falso*) —porque só alli os vestigios do *diluvium* teem sido bem estudados — que só aquella parte do mundo (*E' falso*) passou pela phase glaciaria ; e diz que, com esse periodo, coincidiram civilisações historicas na Asia. Não me espanta que um criticographo (*Forte palerma !*) considere as civilisações historicas da India e da Média contemporaneas do *diluvium*, que occorreu nos fins do periodo terciario— começo do pleistocenio (*Está errado*—), justamente na epocha em que apparecem os primeiros signaes incontestaveis do homem no Planeta. Não me admira isto ; elle está no seu papel de ignorante (*E si eu provar, como é natural, que a ignorancia é de Bomfim ?*), disseminador de insanidades mentaes ; o que me espanta é que não se lhe note nenhum movimento de pejo ao falar destas coisas.»

Coitado do *Invejado !* Tanta sandice ! Que curto é—o demonio ! Como dá trabalho, como é aborrecido lidar com um rapaz tão tapado ! Bomfim não sabe nada de sciencia alguma e exactamente nas sciencias naturaes é que elle é completamente zéro. Tudo aquillo está errado.

Que trabalheira, meu amigo ! Estou quasi arrependido de ter escripto aquelles artigos, porque só a elles devo a obrigação desta nova maçada : ensinar, de graça, a quem, nem siquer, entendeu o que se lhe ensina !

Mas, é o meu fado !

***

Elle não sabe que se distinguem hoje os *grandes periodos glaciarios*, que apparecem intervallados por um milhão, ou mais, de annos, dos pequenos periodos glaciarios, cujo cyclo é de 21.000, alternados de polo a polo por 10.500 annos. Os primeiros occorrem quando se dá a *excentridade maxima da orbita da Terra* e são geraes. Os outros se devem principalmente á *precessão dos equinoxios* e á *revolução dos absides*, que trazem como consequencia a *deslocação do centro de gravidade da Terra*, cumprindo não esquecer que nelles influe tambem consideravelmente a *maior ou menor excentridade orbitaria de nosso planeta*.

Claro é que não me incumbe descrever os dois phenomenos e explicar-lhes miudamente as causas.

Cumpre-me apenas ponderar que, neste difficil assumpto, um dos mais complicados da physica terrestre, mesmo depois dos trabalhos de Adhemar e Croll, o Bomfim está ás cégas, porque nem siquer distingue as duas especies de *periodos glaciarios*.

E' por isso que não vê que, falando da Europa do *norte* e implicitamente da Asia e America *septentrionaes*, me referi ao ultimo periodo glaciario alli havido entre os annos 19, 750 e 9, 250, antes da éra vulgar, que pertence ao numero dos pequenos cyclos.

Ora, nesse meio termo as regiões asiaticas e africanas onde se desenvolveram as velhas civilisações do Egypto, da Chaldéa, da Assyria, de Babylonia e outras congeneres, estiveram immunes.

Depois de expor a theoria de Adhemar, que explica bem os pequenos phenomenos glaciarios, e a de Croll, a unica que explica os grandes, posto que ainda algum tanto lacunosa, escreve Alves de Magalhães no seu admiravel livro— *Nova Lei do Systema do Mundo* :

«Um dos effeitos da precessão dos equinoxios é a desegualdade entre as sommas das horas do dia e da noite nos dois hemispherios. Segundo affirma Adhemar, o hemispherio boreal, no seu ultimo periodo de calor, isto é, nos 10.500 annos anteriores a 1.250, teve 4.464 horas de dia e 4.296 horas de noite em cada anno, ao passo que o hemispherio austral, no periodo correspondente de arrefecimento, teve sómente 4.296 horas do dia e 4.464 horas de noite. Esta desegualdade nas sommas das horas do dia e da noite, repetida durante o longo periodo de 10.500 annos, não póde deixar de affectar o caracter das estações tanto ao norte como ao sul da linha equatorial. Emquanto um hemispherio, começando a gozar a preponderancia de estio, percorre uma série de estações desde as mais frias até ás mais quentes, o hemispherio opposto, começando a soffrer a preponderancia do inverno, entra numa série de estações desde as mais quentes ás mais frias.

Desde que num hemispherio se inicia o periodo de preponderancia de inverno, ha de operar-se ahi uma reducção incessante de calor, um abaixamento progressivo de temperatura, que ha de produzir uma extensão, cada vez maior de gelos, que só attingirá o seu limite ao cabo de 10.500 annos.

A coincidencia, neste hemispherio, do inverno com o aphelio, exercendo uma acção poderosa de arrefecimento, ha de ser uma causa de accumulação glaciaria.

No hemispherio opposto e no mesmo periodo, succede o contrario, porque a progressiva elevação da temperatura, por effeito da preponderancia do estio, deve operar ahi uma reducção dos gelos accumulados no periodo antecedente.

A coincidencia, neste hemispherio, do inverno com o perihelio, encurtando-lhe oito dias de luz e de calor, com que são augmentados os verões, é um factor que deve reduzir a accumulação glaciaria.

Consequentemente quando o hemispherio boreal passar por um periodo de arrefecimento, a temperatura do hemispherio austral elevar-se-á sensivelmente ; e *vice-versa*, quando o hemispherio austral atravessar um periodo de frio ; a temperatura tornará a elevar-se no hemispherio boreal.

O movimento da precessão dos equinoxios é assim a causa *do phenomeno glaciario que se alterna* (Aprende, Bomfim !) *periodicamente nos dois hemispherios* de 10.500 em 10.500 annos.

Eis a origem do que denominaremos — PEQUENO PHENOMENO GLACIARIO — para o distinguir das grandes invasões de gelos e das grandes catastrophes diluvianas, porque os GRANDES PERIODOS GLACIARIOS (Aprende, Bomfim) e diluvianos, que teem ficado assignalados na historia da terra, e o ultimo na historia da humanidade, *só se repetem de milhões em milhões de annos*.

Os cyclos de *variação da excentridade da orbita terrestre* sãs incomparavelmente maiores que os da *precessão, porque se realizam muitos cyclos deste ultimo movimento emquanto a excentridade é a mesma*.

Por consequencia, o movimento da precessão dos equinoxios ha de operar-se necessariamente numa das *grandes phases astronomicas* : ou naquella em que a orbita terrestre se approxima do circulo, ou naquella em que a orbita se afasta delle. No primeiro caso, a reducção da excentricidade, que produz o resultado de approximar do Sol todo o Globo, ha de mitigar ou attenuar os effeitos da precessão. No segundo, o desenvolvimento da excentricidade, afastando simultaneamente do Sol ambos os hemispherios, ha de exaggerar os effeitos da precessão.

Si as differentes estações dos dois hemispherios coincidem successivamente com todos os pontos da orbita que a Terra percorre, e por consequencia, com todas as distancias do Sol conforme o maior ou menor gráu de excentricidade orbitaria, conclúe-se que o grande phenomeno glaciario não se póde attribuir unica e exclusivamente ao movimento da precessão.

A precessão não é nem póde ser o phenomeno astronomico que explica as revoluções do Globo ?

A coincidencia do movimento da precessão e da revolução dos absides com *o desenvolvimento da excenticidade da orbita é a causa efficiente do* GRANDE PHENOMENO GLACIARIO, que se tem repetido e continuará a repetir

indefinidamente no Globo em periodos immensamente distantes.»

E' evidentemente ao *derradeiro grande periodo glaciario* que se refere embrulhadamente o Bomfim, quando fala em ultimos tempos terciarios e primeira epocha quaternaria, ao passo que me reportava eu ao pequeno periodo glaciario de origem polar no hemispherio boreal, que foi succedido pelo actual periodo de calor do alludido hemispherio, periodo de 10.500 annos, que começou a declinar em plena edade média em 1250, periodo em que se tem desenvolvido a civilisação européa.

Dest'arte, temos que de 19.750 antes de Christo a 9.250, distendeu-se um periodo glaciario nas regiões septentrionaes do hemispherio norte, comprehendendo quasi toda a Europa, e de 9.250 antes de Christo em deante um periodo de calor que começou a declinar, como disse, no anno de 1250 de nossa éra.

Pelos annos que se vão seguir até 11750, o frio irá crescendo progressivamente naquelle hemispherio e diminuindo no hemispherio do sul. Ora, é evidente que no periodo que precedeu na Europa a sua actual phase de calor, não houve alli civilisação alguma, ao passo que já ella florescia no Egypto e nas regiões asiaticas do Tigre e do Euphrates.

Nem é isto descoberta minha; é observação feita, creio que a primeira vez, por Ad. d'Assier, nestas palavras: «Quando Augusto Comte estabeleceu que é dos sêres vivos que a sociologia tira suas primeiras raizes, seus continuadores se puzeram a explorar com serio cuidado os diversos ramos da biologia para estabelecer as bases da sociologia. Entregues, porém, de corpo e alma aos ensinamentos da biologia e da historia, não podiam desconfiar que um dos factores mais consideraveis da dynamica social fôsse a applicação immediata dum grande principio da dynamica celeste, despercebido até agóra, posto se ache consignado em todos os tratados de astronomia desde Hipparcho. Queremos falar da precessão dos equinoxios, que os geologos consideram actualmente como a causa principal da *volta periodica das epochas glaciarias*.

Numerosas investigações, executadas nos ultimos annos para o estudo do homem quaternario, demonstraram que existe uma intima ligação entre o apparecimento dos phenomenos glaciarios e a direcção da corrente humana nas suas migrações no Planeta, a expansão das raças, o surto de sua actividade. Estabelece-se, desde então, no evolver das sociedades, uma especie de fluxo, e refluxo que se manifesta por uma oscillação rhythmica do eixo da civilisação. Outras consequencias, não menos importantes para o futuro da humanidade, decorrem desta lei.

E' nella, por exemplo, que se encontra a razão dum facto ethnologico inexplicado até agóra (*Toma nota, Bomfim*). Queremos falar da enorme desproporção de edade que se observa entre os povos do occidente e as raças orientaes. Investigações recentes parecem estabelecer que os mais antigos vestigios humanos assignalados nas turfeiras ou habitações lacustres da Eruopa, não passam além de 7.000 a 8.000 annos. Resulta esta cifra da comparação de diversas médias fornecidas pelos sitios cujas camadas superficiaes encerravam medalhas romanas, que serviram de pontos de apoio chronologicos. Avaliando em 15 seculos o intervallo que nos separa da occupação romana, pôde-se calcular o tempo necessario para a formação das camadas correspondentes ás epochas de pedra polida e de pedra lascada, e limitar em setenta a oitenta seculos a edade do mais antigo desses depositos.

Ora, bem antes desta data, os paizes situados *entre os valles do Nilo e do Indo tinham sido o centro de tantas eclosões ethnicas*, que chegaram essas regiões a ser consideradas como o berço lendario da civilisação.. As nações do velho oriente fundavam cidades, levautavam imperios (*Váe vendo, invejado Bomfim!...*) escreviam seus annaes, emquanto nossos antepassados europeus não tinham ainda estabelecido suas moradas nas ilhotas construidas nos lagos ou nos pantanos turfosos.»

Segue-se uma larga analyse das chronologias orientaes que não urge citar, e conclúe o auctor que é um alto espirito, eminentemente culto e atilado; «Retomemos agóra nossa interrogação: porque motivo certos povos do Oriente se revelaram á historia de 150 seculos a esta parte, ao passo que as raças européas ha apenas 70 ou 80 seculos eram representadas tão sómente por tribus de troglodistas?

E' á theoria das *epochas glaciarias* (Toma fogo, Bomfim!) que se tem, cremos nós, de pedir a razão desse desvio. Privado de altas montanhas e tocando por sua extremidade meridional no tropico de Cancer, o Egypto esteve sempre ao abrigo dos phenomenos glaciarios (O auctor se refere aos da segunda especie, tão proficientemente distinguidos por Alves de Magalhães). Póde-se dizer o mesmo das vastas planicies que decotam o sul da Asia desde as costas do Mediterraneo até ás da China.

O inverso se dá na Europa. Situada longe dos tropicos e confinando com os mares boreaes, ella é, póde-se dizer, a terra classica dos periodos de frio. O vasto manto de neve que cobre então *a maior parte* (Toma nota, Bomfim!) *de sua superficie* — faz parar o desenvolvimento de nossa especie. E só é, com effeito, após o recúo dos grandes gelos que se encontram nos lagos, nas cavernas e nas turfeiras, os primeiros vestigios das populações prehistorica.

Nas epochas anteriores encontram-se alguns fragmentos d'ossos humanos e esses restos vão se tornando cada vez mais raros á medida que nos approximamos da base dos terrenos quaternarios.»

O nosso illustre dr. Manoel — o *Invejado*, especie de d. Sebastião — o *Encoberto*, ouzou dizer que eu, com o proclamar essas verdades, estava no meu papel de *ignorante e disseminador de insanidades mentaes*..

Pobre do *Invejado*! Que rapaz estupido!

Si eu, repetindo verdades, pois que não existe uma só proposição nos meus escriptos que não seja o resultado de acurado estudo, sou um *disseminador de insanidades mentaes*, que ficará sendo o *Imvejado Bomfim*, que tem vivido a dizer tolices, erros e disparates?

Larga essa historia de lettras, Manoel; toma o meu conselho: não tens embocadura para isso. Larga, larga e váe por ahi além a receitar drogas e purgantes.

Mesmo nisso não farás bôa figura, por que és pouco intelligente; mas, emfim, é onde, apezar de tudo, poderás ficar. Mas toma cuidado que te não entrem a *invejar*...

E' onde está todo o perigo; si te entrarem a ter inveja, ficarás perdido; ficarás sem clinica.

Não ha nada como a inveja para perturbar os Bomfins. Causas profundas devem existir para isso.

Não poderei esmiuçal-as, porque não devo abuzar do gasalhado que me dão os *Annaes*.

A's carreiras, pois, devo passar sobre as insinuações do Bomfim, além da tal dos periodos glaciarios, que ficou desfeita: a alludida *inveja*, o meu *lusitanismo*, o *desconceito do publico lettrado do Rio*, o *apreço dos sub-mediocres do interior*.

Com franqueza e sem a mais leve sombra de zanga, pois que estou a escrever estas linhas na mais perfeita calma, não sei porque é que o nosso manso Bomfim deu em se suppôr invejado.

Pela estirpe, pela geração, pela fidalguia da origem? Creio que não, e elle deve, provavelmente, saber o motivo.

Pela fortuna? Tambem não; porque o engenho, hoje de fogo morto, de nome Bomfim, que demora entre Aracajú e o Patrimonio, nunca prestou para

nada, desde os tempos dos paes do nosso querido esculapio. E' de pessimas terras pedregosas, onde só brota com fartura o malvado capim *espéta*... e a arvore chamada *pimenta*. Abundam nellas as cascaveis e pucaçús—espreitadas pelos caracarás.

Pela posição politica? Creio que não, a despeito da protecção do poderoso clan que dispunha até pouco tempo do Instituto Profissional.

Pelo valor scientifico e litterario? Menos ainda; porque o jovem Manoel *Invejado* é muito curto de intelligencia, tanto que, máu grado vinte annos de estudos, ainda diz—*prohibir de não fazer* e *a quatrocentos annos que se descobriu o Brazil*. Coitado! Socega a natureza, Bomfim; acalma-te e deixa-te de historias de *invejas*...

Meu novo e ferrenho *lusitanismo*.

Assim chama elle o desejar eu que as colonias allemãs do sul do Brazil sejam assimiladas ás nossas populações pelo uzo da lingua portugueza! Váe sem commentarios.

O merecer eu apenas alguma *consideração dos sub-mediocres do interior*...

Este illustre *invejado* ainda vive na tonta illusão de que o Rio de Janeiro é um grande centro de cultura, alguma coisa como a antiga Athenas, a velha Roma e as modernas Paris, Berlim, Londres e Vienna.

Ainda pensa que as portentosas notabilidades da litteratura carióca são conhecidas alli do Pão de Assucar para fóra.

Ainda pensa que os lettrados da porta do Garnier são de massa diversa daquella de que são feitos os de S. Paulo, Recife, Bahia, Bello Horisonte, Porto Alegre, Ouro Preto, Belém, S. Luiz, Campinas, Curytiba, etc, etc...

Ainda não pôde comprehender que a mocidade brazileira intelligente é a mesma por toda a parte e o animal litterario tem os mesmos predicados em todas as zonas do paiz.

Que moço curto!

Finalmente, o portentoso alvo das invejas assevera que *sou desconsiderado pelo publico lettrado fluminense*...

Neste ponto, poderia limitar-me a retrucar que não está por emquanto perteitamente demonstrado si é elle—certo publico lettrado que me aborrece, ou eu que o aborreço, a elle.—Mas não preciza, nem convém tomar esse caminho.

Farei outra consideração, em honra a meu tempo e ao meu paiz.

Houve no Recife uma velha famosa chamada *Joaquina Homem*, (Não confundir com a *Luzia-Homem*, de Domingos Olympio), que chegou a juntar avultada fortuna. Morava á rua da Imperatriz. Uma vez, foi passar um domingo no bello arrabalde da Magdalena. Os ladrões aproveitaram-lhe a ausencia; arrombaram-lhe a casa e fizeram-lhe um saque em regra.

Quando Joaquina-Homem soube do occorrido, perguntou a quem lhe tinha levado a noticia: *fôram ao meu oratorio*?

Não; foi a resposta. «*Então não estou roubada*!»—retrucou a velha.

Diz o Manoel das Invejas que os lettrados brazileiros me repellem. Vá que seja.

Quaes são elles?

Entre os mortos, meus conhecidos, Tobias Barreto, Franklim Tavora, Celso de Magalhães, José do Patrocinio, Theophilo Dias, Ferreira de Araujo, França Junior, Victoriano Palhares, Urbano Duarte, Raul Pompéa e outros e outros, de quem recebi innumeras provas de consideração, escriptas ou oraes, estão no numero? Não!

Dentre os vivos Rio Branco, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Raymundo Correia, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, José Verissimo, Graça Aranha, Fausto Cardoso, Laet, Affonso Celso, Magalhães de Azeredo, Arthur e Aluisio Azevedo, Domicio da Gama, Lopes Trovão, Oliveira Lima, Mucio Teixeira, Emilio de Menezes, Souza Bandeira, Rodrigo Octavio, Samuel da Silveira, Domingos Olympio, Mello Moraes Filho, Liberato Bittencourt, Luiz Pisa, Arthur Guimarães, Augusto Franco, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Phaelante da Camara, Alfredo de Carvalho, Barbosa Lima, Lauro Sodré, Urbano Santos, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Martinho Garcez, Gumersindo Bessa, Joakim Catunda, Rodrigues Peixoto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Assis Brazil, Justiniano de Mello e outros e outros, que não cito para não fazer uma *carta de nomes*, de quem tenho recebido inequivocas provas de apreço, escriptas ou oraes, estão no uumero? Não! Então, não estou roubado!

Onde, pois, o ingrato do rapaz foi buscar essa excellente pilheria de que os lettrados me repellem. Você — como toda a gente—póde medir mais esta facecia do *parasitismo* do Manoel pela obrigação que ella me impoz de declinar nomes em meu favor. Peço ao meu caro amigo que o console, a ver si, menos ingrato, si menos malcriado, o rapaz recebe melhor, sem necessidade de castigo, as lições de que tanto preciza..

Seu, etc.

SYLVIO ROMÉRO.

As officinas dos «Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ARMADA NACIONAL

Os capitães de fragata—Estatistica dolorosa — A reorganisação da esquadra — Os almirantes e commandantes.

A' proporção que a nossa analyse se váe referindo a postos menos elevados, naturalmente o numero de individuos a analyzar, em cada posto, váe augmentando; assim, no quadro que ora estudamos—o dos capitães de fragata—além daquelles de que já nos occupámos, (vide os nums. anteriores dos *Annaes*) teriamos ainda de nos referir a 30. Ora, isto tornar-se-ía insuportavelmente fastidioso; o occuparmo-nos de cada um delles detalhadamente tomaria espaço e tempo, e cansaria o espirito do leitor. Como os factos que temos relatados são irrefutavelmente exactos, e como irrefutavelmente exactas são as conclusões a que temos chegado, não será facil suppor que de ora em deante vamos faltar á verdade, porque não apresentemos, com minucia, os factos para estabelecer os corollarios. Então, mais de alto, menos detidamente nos referiremos a cada quadro; e, para começar, concluiremos já com essa feição o estudo do de capitães de fragata.

***

Dos 30 que deixáramos para analyzar agóra, diremos: um viveu, sem interrupção, de 1885 a 1904 (dezenove annos!) nas flotilhas de Matto-Grosso e Alto Uruguay; fóra dahi, não exerceu nenhuma commissão, e mesmo lá, nessas flotilhas fluviaes, nunca soube o que é viajar! As promoções a primeiro-tenente, a capitão-tenente e a capitão de fragata lá o encontraram, e hoje, promovido ao ultimo posto ha cerca de dois annos, vive em terra!

Dois outros, ha dez annos, revezam-se no commando da barra e no commando da flotilha do Rio-Grande do Sul. Sem viagens como officiaes superiores, pouquissimo viajaram como subalternos.

Ainda outro consumiu todo o tempo que passou como capitão-tenente e os quatro annos que já tem como capitão de fragata, entre o arsenal de marinha do Rio de Janeiro, o commando de um calhambeque em concerto e o commando de uma flotilha. Deve-se accrescentar que durante o tempo em que foi primeiro-tenente só exerceu com-

missões em terra ou em flotilha. Esse tem um digno emulo, que, comtudo, quasi obrigado, realizou, commandando duas viagens pela costa do Brazil, uma das quaes de 15 dias, viagens em que o encarregado da navegação tudo fez.

Seis annos de capitão-tenente consumiu um outro como immediato da Escola Naval; saíndo dahi, foi, durante um curto periodo, immediato de um navio em concerto, e agóra, ha dois annos, exerce uma commissão em flotilha.

Mas, em geral, teem decorrido assim, nessas condições, os dezeseis ultimos annos das carreiras de todos os capitães de fragata, que não teem, na média, mais de 30 a 32 annos de vida militar. Dos trinta, cuja analyse deixáramos para este artigo, incluindo esses seis dos quaes acabamos de falar, no posto que ora occupam, só exerceram commissões no mar, sete, —sendo, quatro na qualidade de commandantes e tres como immediatos! E durante o tempo de capitães-tenentes, viajaram não mais de oito! No emtanto, o mais moderno delles tem entre esses dois postos, doze annos! Isso quer dizer, resumindo, que 22 desses officiaes fôram promovidos a capitães de fragata, sem terem feito siquer um dia de viagem como capitães-tenentes. E si dissermos ainda que, como officiaes subalternos, desses 22, a grande maioria tem, no minimo, uma ou duas viagens; si accrescentarmos que os seus embarques teem sido sempre em navios imprestaveis, em eternos concertos e portanto immoveis, e si ainda allegarmos que nenhum desses officiaes se applica, estuda, discute assumpto technico, ou escreve, teremos perfeitamente definido esses 22 capitães de fragata,—incapazes em geral de levar, por esforço proprio e com segurança, um navio á Bahia ou Pernambuco, de distinguir um canhão Krupp dum Armstrong, de lançar um torpedo ou de classificar uma caldeira.

Si agóra juntarmos a esses 22, quatro dos que estudámos em nosso artigo anterior e que fazem parte dos já celebres seis promovidos por merecimento, quatro incompetentes como ficou provado; si dissermos ainda que daquelles oito que viajaram, como dissemos acima, seis viajaram, conforme se diz na marinha, *como um cabrestante viaja*, poderemos concluir, emfim, que 32 dos nossos capitães de fragata são perfeitamente incapazes. Serão mediocres dois; competentes são apenas tres; dois são invalidos.

E' dolorosa a estatistica, mas é exacta.

A culpa de tal desastre não cabe inteiramente aos mesmos officiaes? Realmente não cabe inteira, mas em grande parte lhes pertence; demais, não investigamos agóra as causas desse lastimavel estado a que chegou o nivel do saber profissional dos nossos officiaes superiores. Assignalamol-o apenas—como, aliás, convem ao espirito da nossa critica.

Muito mais animador do que o resultado a que chegamos sobre os capitães de fragata, é o que apresentaremos sobre os capitães-tenentes; não é, entretanto, o que devera ser, e tende a peiorar constantemente por causas multiplas, que tambem estudaremos.

Antes de encerrar o presente artigo, lembraremos que essa analyse sobre os nossos officiaes generaes e superiores, nós a começamos, suspendendo então o que iamos escrever sobre a projectada reorganisação do material da nossa esquadra. E' que queriamos mostrar o valor dos que amanhã, como chefes e como commandantes, vão dirigir, isolados ou em esquadra, os gigantes de 15.000 toneladas, que a nação váe adquirir. E depois de feita essa analyse, não nos fica a impressão de que esses mastondontes vão ser outros tantos *Borodino* e *Alexandre III*, *Oquendo* e *Viscaya*, *Affondatore* e *Re d'Italia*, *Neptune* e *L'Oriente*, e tantos outros vasos construidos para reorganizar o material naval da Russia, Hespanha, Italia e França, reorganisação que se levou a cabo, é certo, mas realisada desorientadamente e sem se procurar reorganizar tambem o pessoal, ou, pelo menos, melhorar-lhe o nivel do preparo profissional?

Sem pessoal (não precizamos de pôr o adjectivo), em que nos adeanta o material? E porque não se cuida, antes, como é natural, do pessoal?...

TONELERO.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA MONISTICA

Emmanuel Kant (que viveu o periodo de 1724—1804) resume toda a philosophia allemã do decimo oitavo seculo. Eivado de largas sympathias para com a revolução franceza, seu amor á liberdade e á justiça o collocára na direcção do pensamento que deu á historia da philosophia as lucubrações de Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer, von Hartmann. E' delle que partem Strauss, Renan, Vacherot, *O mundo como objecto da vontade e da representação*, *a Philosophia do Inconsciente a Historia do materialismo*, de Lange, a *Philosophia* monistica, de Ludwig Noiré. No seu bello estudo *Recordação de Kant*, Tobias Barreto faz suas as seguintes palavras de Helmoltz:

«A philosophia de Kant não teve em mira augmentar o numero dos nossos conhecimentos por meio do puro pensamento; porquanto o seu principio supremo é que *toda e qualquer noção da realidade deve ser bebida na experiencia*; mas o seu unico intuito foi o de inquirir as fontes do nosso saber e o gráu da sua legitimidade; trabalho este, que ha de sempre pertencer á philosophia, e ao qual nenhuma epocha poderá impunemente subtrahir-se.» E no que ahi fica dito, o eminente pensador sergipano divizava a perfeita concialiblidade da philosophia com as sciencias naturaes, claramente formulada por Helmoltz, pela delimitação dos dois dominios.

Deixando, porém, de lado quaesquer considerações criticas das muitas que tem despertado a *Critica da Razão Pura*, inquiramos qual a concepção philosophica desse grande espirito.

— O homem é uma combinação de duas naturezas: o homem phenomeno (*homo phenomenon*) sujeito ás leis do mundo organico, revestido de uma fórma sensivel e material; e o *homo noumenon*, sêr racional livre, isento das leis do mundo visivel. Assim estabelecida, a nossa razão funcciona de dois modos: como razão pura, conhecendo as leis proprias do sêr moral, e como razão pratica, determinando o sêr moral ao cumprimento destas leis.

A liberdade, que para Kant é o fundamento e o mais nobre predicado do sêr moral, consiste em que se determine a si mesmo nas suas acções; sendo a determinação propria, automica, o effeito do caracter racional e moral do homem. A vontade só é livre quando não é determinada por impressões que lhe façam desapparecer a espontaneidade da acção. Duas são as especies de impressões capazes de actuar na mechanica da vontade: os impulsos e paixões internas e as for-

ças exteriores. E daqui decorre que a liberdade, segundo o systema *kantesco*, existe para o homem debaixo de dois aspectos:—interna e externamente. O *noumenon* é o eterno incognoscivel de sua doutrina. Eis, nos seus proprios termos, como, na *Critica da Razão Pura*, elle mesmo se deixou comprehender:

«Todas as tentativas no sentido de demonstrar a existencia de Deus partem, ou da experiencia, ou de suas qualidades particulares, reconhecidas como do nosso mundo sensivel, elevando-se assim do mundo, e segundo leis de causalidade, até á causa suprema fóra do mundo:—ou não põem empiricamente em principio sinão uma experiencia indeterminada, isto é, uma existencia qualquer:—ou, emfim, fazendo abstracção de toda a experiencia, conclúem inteiramente *a priori* de simples conceitos a existencia de uma causa suprema.

A primeira prova é a prova physiotheologica; a segunda é a cosmologica; a terceira, ontologica. Eu demonstrarei que a razão não adeanta mais numa destas direcções (*a empirica*) do que na outra (*a transcendental*); e que é em vão que ella destende suas azas para elevar-se, só por força da especulação, acima do mundo sensivel.»

Tal se offerece ao nosso estudo, em traços e principios geraes, a theoria de Kant, que, dominando a epocha, produziu a Encyclopedia, hoje de todo esquecida, quando a doutrina do philosopho tedesco renasce servindo de ponto de partida para todas as direcções do pensamento moderno.

O seu systema, actualmente fusionado com o *darwinismo* e com a philosophia de Schopenhauer, é que constitúe o monismo philosophico, propriamente dito.

A idéa fundamental do monismo, diz Tobias Barreto citando Noiré—«é que o universo compõe-se de atomos inteiramente eguaes, que são dotados de duas propriedades, uma interna—*o sentimento*, e outra externa—*o movimento*. Bem como os atomos, que lhe são inherentes, são tambem originariamente eguaes. Destas duas propriedades originaes, inseparaveis, resulta todo o desenvolvimento; ou, antes, o que se chama desenvolvimento é a somma, ou o producto da ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do sentimento.» Eis ahi, nesta concepção, claramente consolidadas:—a *evolução*, de Darwin; o *noumenon*, de Kant; e a vontade, de Schopenhauer

Para o monismo philosophico, o universo inteiro é *força e vontade*. «Como força, *apparece*; como vontade, *é*; on, para falar a linguagem de Kant, como força, é *phenomeno*; como vontade, *noumenon*.»

Effectivamente, a despeito de cada vez mais reduzido pelo methodo das sciencias experimentaes, applicado modernamente ao estudo de todos os organismos vivos, o *noumenon* da doutrina kantesca permanece na philogenese das idéas, como ultimo reducto do absoluto, inaccessivel á verificação scientifica, estavel ao cerco das aperfeiçoadas armas da intelligencia.

Ninguem ha que, tendo conhecimento, mais ou menos verdadeiro, do desenvolvimento philosophico que, impulsionado pelo determinismo de Hobbes, *libertas non est volendi, sed quæ volumus faciendi*, se manifestou actualmente nos trabalhos dos Bains e dos Ribots, em suas analyses de psychologia experimental applicadas ao mundo da vontade, ninguem ha que deixe de admirar as riquezas das observações de Wundt e de abraçal-as, em quasi sua totalidade, como postulados scientificos.

O que, porém, releva ponderar é que a historia da sciencia é o catalago das grandes desillusões humanas debaixo de todos os pontos de vista.

Fazendo do seu passado as tradições magnificas do Egypto e Phenicia, os poemas dos hellenos e dos romanos, as lendas biblicas, as memorias da edade média, e sobraçando egualmente os documentos da historia moderna, eterno caminheiro, que elle o é, a verdade tem surgido ao homem como as bellas miragens do deserto. Será que, no dizer de Gumplowiz, o famoso universitario de Graz, na *A lucta das raças*: — nenhum cerebro humano possa no seu desenvolvimento ultrapassar um certo limite de altura, pois elle é cerebro humano e participa da natureza do cerebro!? Não é occasião de responder.

Voltando ao ponto precipuo—á concepção monistica do mundo, importa observar que o monismo naturalistico de Hæckel, não quer saber do que váe além de simples concatenação de causas e effeitos. Resultante da unidade de vistas adquiridas no dominio das sciencias naturaes, a causalidade é para elle a lei capital da empiria, o principio gerador de toda a experiencia. Da distincção entre motivo e causa, aquelle consciente e finalistico, esta cega e fatal, é que Tobias Barreto partiu para a refutação do *mechanicismo hæckeliano*, em nome da doutrina philosophica de Noiré.

Simples expositor, não nos compete fazer a analyse da critica produzida contra o notavel auctor da *Historia da Creação Natural*.

Ernesto Hæckel cedeu ao pensador naturalistico do tempo e naturalmente ao poder do especialismo.

Basta affirmar que a parte do *sentimento* qne o *movimento* não explica, da philosophia de Noiré, não é outra coisa sinão o *noumenon* de que falava Kant, *o resto* mechanicamente inexplicavel de sua theoria.

O mundo, porém, para a concepção mechanica, não passa de uma cadeia de *porquês*. E' o ponto de vista ainda do materialismo de Moleschott e Buchner. Mas, si naturalmente nós somos o que comemos, no dizer de Moleschott, intellectualmente nós somos o que bebemos, isto é, o que assimilamos pelos sentidos, o que percebemos pelo intellecto.

A *Força e materia*, de Buchner, appareceu na epocha em que fôram produzidas a *Circulação da vida*, as *Cartas physiologicas*, de Vagner, e os *Quadros da vida animal*, de Vogt, o que importa dizer no periodo do maior florescimento do materialismo contemporaneo. Escriptor propagandista, Buchner exerceu um poder extraordinario no mundo intellectual allemão a cuja corrente, em nome das leis da casualidade, se deixou prender com o seu monismo naturalista o grande sabio da *Historia da Creação Natural*.

São da *Philosophia do Inconsciente*, de Eduardo von Hartmam, os seguintes profundos conceitos relativos a Hæckel e o seu *mechanicismo*.

«O materialismo anterior a Darwin tinha unicamente negado o espirito de ordem na natureza, a despeito dos factos; o darwinismo reconheceu-o de novo, porém acreditou poder explical-o como o resultado de processos puramente mechanicos.

Ora, si se admitte a ordem da natureza como um facto, e si se pretende ver nella o resultado de phenomenos mechanicos, chega-se á seguinte alternativa: ou a ordem dos phenomenos resultante do mechanismo da natureza não pertence á essencia das leis mechanicas naturaes e só existe a titulo de accidente, ou é uma consequencia imprescindivel e incontestavel destas leis e sáe da sua essencia. No primeiro caso, desapparece de novo a pretendida possibilidade de explicar a harmonia dos phenomenos exclusivamente pelas leis naturaes da mechanica; porque o *acaso* torna-se o unico factor decisivo da presença da ordem, o que, por outras palavras, destróe a possibilidade de uma explicação por principios que obrem segundo um plano.

Com relação á sciencia que quer uma explicação por principios que obrem regularmeute, subsiste a dualidade da regularidade mechanica e da teleologia, que fica inexplicavel. E' esta, no fundo, a posição em que se acha Hæckel, que a cada passo deve chamar o acaso em seu auxilio nas combinações mais inverosimeis.»

Para Du Prél, o elemento psychico é

portador não só de uma fórma do consciencia, como ainda de uma força organizada. E Eduardo de Hartmam, no seu ultimo livro, traça do seguinte modo o ambito das causas finalisticas:

«O espirito individual, diz elle, é, segundo a minha concepção, um grupo relativamente constante de funcções inconscientes do Espirito absoluto, funcções que encontram no organismo que governam o laço de sua unidade simultanea e successiva.»

E, em seguida, elle o affirma ainda:

«A prova da persistencia provisoria do espirito individual depois da morte não motivaria siquer uma modificação do meu espirito philosophico no ponto de vista dos principios, porém ampliaria simplesmente o dominio das applicações em certa direcção ; em outros termos, ella não vibraria golpe algum na phenomenologia do Inconsciente.»

O que acabamos de expender, basta para demonstrar que a critica do conhecimento ou *agnosticismo*, que vem de Kant, e o *fieri* constante do universo, como o comprehendeu Darwin, não podiam deixar de offerecer ao pensamento philosophico do ultimo quartel do seculo a doutrina agnostica evolucional de Spencer, cuja theoria passaremos a analyzar em suas linhas geraes.

PRADO SAMPAIO.

APANHADOS

Um novo livro de Kipling O ultimo volume de novellas de Rudyard Kipling, *They*, merece os elogios que os jornaes lhe prodigalizaram antes da publicação. Não se pensa ao ler as novellas, que o apostolo do jingoismo é o auctor desse livro cheio dum delicado mysticismo.

A primeira historia, que dá o nome ao volume, fala duma mulher cega ; a sua imaginação povôa a casa de creanças queridas. Um dia um homem, mas um homem que comprehende, chega á choupana da cega ; ahi elle ouve as risadas dos meninos que brincam e vê mesmo, algumas vezes, os mais medrosos occultando-se atraz das arvores, quando elle apparecia.

Kipling, depois de Mæterlinck e duma outra maneira, é o primeiro a penetrar o mysterio das almas cegas.

A sua heroina diz numa passagem : «Nós, os que nada enxergamos, não temos medo. As coisas exteriores tocam a nossa alma directamente. Vós, que enxergaes, tendes uma alma nos olhos ; tudo vos infunde terror, tudo vos atemoriza.»

Federações de funccionarios da Inglaterra Agóra que, na França, as federações de funccionarios teem sido violentamente atacadas pelos jornaes, é curioso assignalar o acolhimento que lhes reserva, na Inglaterra, o novo gabinete liberal. A esse respeito, cita-se uma circular que fez successo.

O sr. Sydney Boxton, o Post-Master geral, assegura que todos os empregados dos correios teem plena liberdade de fazer representações sobre qualquer coisa referente aos assumptos postaes. Elle reconhece as associações ou federações de empregados postaes, que estiverem devidamente constituidas. O Post-Master geral está resolvido egualmente a receber, com a mesma consideração, as representações de todos os empregados, feitas collectiva ou individualmente.

***

Romance sensacional Com um titulo terrivel — *O beijo vermelho* — Maxime Formont publicou um romance que nos faz presentir a medonha emoção que os livros tragicos infundem.

Uma jovem da sociedade parisiense encontra, em Biarritz, um official hespanhol—especie de aventureiro e gentilhomem, que a impressiona por de mais ; depois, ella percebe que ama o official. Difficuldades de familia, o ciúme tolo de sua governante, contrariam esses amores. Entretanto, o casamento está decidido ; em muito breve, se realizaria o consorcio quando sobrevem uma desgraça horrorosa. Na vespera do enlace, numa corrida o official é ferido mortalmente. E é a governante abandonada, desprezada pelo militar, quem recolhe o ultimo suspiro do moribundo num beijo tragico, vermelho, dantesco.

***

A avaliação do tempo pelos dois sexos O sr. Robert Mac Dongall observou, ha annos, que os dois sexos, em geral, não apreciam bem o tempo gasto ; ha sempre muito exaggero, sobretudo da parte das mulheres, que avaliam em 10 minutos o intervallo de 1 minuto e meio.

Os professores da Universidade de Harvard, srs. Robert, Gerkes e Urbain, repetiram essas observações entre 251 rapazes de 17 a 23 annos e 274 senhoritas de 16 a 20 annos. Os intervallos a avaliar eram de 18, 36, 72 e 108 segundos; as respostas fôram menos exactas dos lados das senhoras; os homens acertaram mais.

As avaliações das mulheres eram superiores á realidade emquanto as dos homens estavam muito abaixo do que deviam ser.

Essas experiencias não se acham inteiramente de accordo com as precedentes ; póde-se, porém, concluir, pelo menos provisoriamente, até que se resolva por completo, que os homens avaliarão o tempo sempre com um pouco mais de economia que o bello sexo.

***

Um novo romance *Les Roquevillard*, de Henry Bordeaux, auctor do *Peur de vivre*, é a historia pathetica duma familia ameaçada de decadencia irremediavel pelo facto do ultimo descendente querer se occultar á tradição para gozar a sua felicidade particular. Mas o chefe da familia salva-a da ruina, heroica e tragicamente, cobrindo «o miseravel com a protecção dos mortos».

Toda essa lucta homerica, fremente de vida, tem por theatro a pictoresca Saboia.

O auctor expõe no seu livro a força de viver, que communica, segundo elle pensa, o sentimento da duração encarnado na familia.

***

A alfandega de New-York O novo edificio das alfandegas de New-York, além de ser magnifico, distingue-se por uma verdadeira profusão de esculpturas.

Para decorar a fachada principal, o esculptor Daniel Chester French imaginou quatro grupos em marmore que representam a America, a Europa, a Asia e a Africa. Cada grupo é symbolisado por uma mulher sentada, mas em posições differentes.

O esculptor representou a Asia como mãe das religiões, a tiara á cabeça, os olhos fechados, numa attitude cheia de dignidade e de mysterio. A America levanta o facho da liberdade. Apoiada na sphynge do Egypto, a Africa está adormecendo, e a Europa olha francamente para ella, consciente de sua força.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A febre congoleza.—Estudos de Dutton Todd. — Experiancias de Karlinski, Schaudinn, Marchant e Salmibeni.

Dutton e Todd estudaram, em fevereiro do anno passado, uma febre reinante no Estado independente do Congo, que julgam transmittida por um acario, o carrapato — *ornitodorus Savignyi* — começando por se infeccionar absorvendo sangue virulento contendo *spirochaetae*. Rosh cofirma essa hypothese em trabalhos recentemente publicados. Seria, entretanto, prematuro confundir a febre africana com a febre pseudo-continua européa attribuindo-as á acção do *spirochaetae*.

Durante muito tempo, se considerou a cimex — o percevejo dos leitos — agente da transmissão da febre européa, supposição confirmada ao mesmo tempo pelas constatações de *spirochaetae* dotados de mobilidade no corpo cliosos insectos trinta dias depois de saciados com sangue dos atacados de febre, conforme as experiencias de Karlinski, e pela multiplicação dos *spirochaetae obermeieri* mas cimex, conforme Schaudinn.

Por outro lado, Marchant e Salmibeni demonstraram que a gallinha no Brazil é atacada por uma molestia fatal devida aos *spirochaetae* por via do carrapato — *argas miniatus*, que transmitte o virus seis mezes depois de infectadas com o sangue corrompido. Os *spirochaetae* se accumulam no carrapato onde prolificam em quantidades espantosas. Schaudinn e outros reconheceram o *spirochaetae pallida* na syphilis do homem ; Metchnikoff e Roux confirmaram-lhe a presença no macaco inoculado pela mesma molestia.

Todas essas observações indicam e demonstram que os insectos alojam durante tempo muitas parasitas infecciosas. Os trabalhos emprehendidos por Dutton e Todd sobre carrapato congolez e a febre que transmittem, deverão esclarecer esse importante estudo dos phenomenos morbidos conductores á descoberta de um serum immunisador.

Com o quadro que publicámos no num. anterior dos « Annaes », relativo á porcentagem, sobre o computo geral, das differentes affecções mentaes observadas no Hospicio Nacional, e o que se segue, terão os nossos leitores por onde julgar dos grandes serviços prestados ao publico e á sciencia pelo maior dos nossos estabelecimentos de alienados.

Quadro estatistico de enfermos do Hospicio Nacional de Alienados durante o anno de 1905

		HOMENS			MULHERES			MENINOS			MENINAS			TOTALIDADE	
		Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma		
EXISTIAM EM 1º DE JANEIRO DE 1905	Matriculados	314	146	460	325	89	414	20	3	23	11	....	11	908	
	Em observação	8	8	16	12	2	14	2	....	2	1	1	2	34	
	Somma	322	154	476	337	91	428	22	3	25	12	1	13	942	942
ENTRADAS	Entraram em 1905	287	157	444	249	53	302	8	1	9	11	1	12	767	
	De regresso de licença	3	....	3	3	....	3	....	....	....	....	....	....	6	
	De regresso de evasão	1	1	2	....	....	....	....	....	....	....	....	....	2	
	De regresso das colonias	2	1	3	....	....	....	....	....	....	....	...,	....	3	
	Somma	393	159	452	252	53	305	8	1	9	11	1	12	778	778
NUMERO DE ESTADIAS NO DECURSO DO ANNO		....	....	....	....	....	....	....	....	....	....	....	....	.....	1.720
SAHIDAS	Transferidos para as colonias	5	4	9	....	....	....	....	....	....	....	....	....	9	
	Licenciados	16	2	18	13	2	15	....	....	....	....	....	....	33	
	Evadidos	4	2	6	....	....	....	....	....	....	....	....	....	6	
	Com alta	163	98	261	118	27	145	2	....	2	3	....	3	411	
	Fallecidos	63	38	101	50	17	67	2	....	2	1	....	1	171	
	Somma	251	144	395	181	46	227	4	....	4	4	....	4	630	630
EXISTENTES EM 1º DE JANEIRO DE 1906	Matriculados	330	154	484	378	97	475	20	2	22	14	2	16	997	
	Em observação	34	15	49	30	1	31	6	2	8	5	....	5	93	
	Somma	364	169	533	408	98	506	26	4	30	19	2	21	1.090	1.090

1.720 doentes no Hospicio com 218 que estiveram nas Colonias sommam 1.938.

A edade do alcoolismo. — Estudos do professor Dana. — Os meios prophylaticos. — Instituições de premios.

O dr. Charles Dana, professor de neurologia da universidade americana de Cornell, Ithaca, nas suas investigações sobre o alcoolismo, cita numerosas observações que lhe permitiram verificar que a edade do alcoolismo começa antes de vinte annos e que poucos alcoolicos estréam depois dos quarenta.

Na sua opinião, o melhor meio de combater com successo o alcoolismo consistiria em prohibir, com penas severas, aos commerciantes de alcool vendel-o aos meninos e aos moços que não tenham attingido a maioridade. Seria essa a providencia radical para diminuir consideravelmente o abuso de bebidas.

Na Inglaterra, na Irlanda principalmente, as sociedades de temperança offerecem premios em dinheiro áquelles que se abstiverem completamente do alcool até aos vinte e cinco annos. Esse methodo é, sob certo ponto de vista, excellente, porque muitos moços chegam a prestar juramento de abstinencia convencidos pela esperança da recompensa em dinheiro. Ella produziria, provavelmente, menor effeito em França, onde, em geral, as resoluções são menos tenazes; mas a intervenção da lei fulminando com multa e com prisão os vendedores de alcool de todas as categorias, seria muito mais efficaz, teria, conforme o dr. Dana, uma acção mais energica: embóra não as eliminasse absolutamente, restringiria sensivelmente o numero das victimas desse flagello social.

Trata-se de obter do congresso dos Estados-Unidos uma lei naquelle sentido. Na Inglaterra, já se empregaram nesse sentido varias providencias de repressão legal, mas o alcoolismo faz ainda alli grandes devastações. Uma recente estatistica estabelece que sobre a população do Reino Unido, ha tres milhões de abstemios e quatorze milhões de meninos inferiores a quinze annos, o que redúz os consumidores de alcool a vinte e quatro milhões, observando-o annualmente na razão de 135 fr. por individuo. Calcula-se tambem que em muitas familias operarias inglezas, a 16ª parte do dinheiro se consome em bebidas.

Bebe-se mais na Escossia do que no resto do Reino Unido, e a despeza média, em alcool, cerveja e licores, nas Ilhas Britannicas, eguala por anno ao custo da guerra contra os boers.

Isto prova que as sociedades de temperança não conseguirão eradicar o alcoolismo.

A these do dr. Dana, desenvolvida com abundante erudição, com preciosos estudos praticos, é applicavel á Inglaterra e a todos os outros paizes, onde o alcoolismo constitúe um perigo para a segurança, para a saúde publica e para a raça.

A LIVRARIA

«Malsinado» — Alfredo de Sarandy — Edição do Centro Catharinense.

Malsinado, uma novella que appareceu ha pouco, em nobre e bem cuidada edição, representa a estréa litteraria de um moço, o sr. Alfredo de Sarandy Raposo.

Flavio, — assim se chama o heróe da novella, — pertencia a uma roda de bohemios e artistas que desde as primeiras paginas encontramos reunidos no café Criterium.

No dia em que o auctor nol-o apresenta, mais o seu grupo, o rapaz, «embóra de temperamento jovial, medullarmente ironico e sempre disposto á perversidade litteraria, mostrava-se casmurro, falava por monossylabos.» Os outros contrastavam com esse estado de espirito do amigo, num «riso intermino».

Determinou isso que Flavio, «absorsido pelo tedio, calado, quasi funebre», começasse a analyzar «a vacuidade ruidosa das palavras com que elles manifestavam a mais absoluta ignorancia, na irrisoria crença de que eram os reaes herdeiros dos penetrantes *oculos de Balzac*. Achava-os sublimes no ridiculo.»

Foi partindo desse ponto inicial que algumas horas depois, reconhecendo-se «livre, rico e forte», elle resolveu mas foi abalar daqui, onde tudo o cançava, onde «a immutabilidade lhe estava embrutecendo o cerebro, os nervos e a alma».

Assentou em ir para a Italia, projectando referir o seu projecto aos amigos dalli a alguns dias, que elle fazia vinte e um anno e os companheiros o tinham convidado para uma festa, uma «bohemia», em honra ao seu «grito do Ypiranga», conforme a phrase achada por um.

No Stadt Coblentz, depois da ceia, é que soltaria entre os do grupo, como inesperada bomba, a grande nova da sua viagem. E desde logo prelibava «os effeitos do ironico pincel da surpreza bosquejando no olhar dos amigos a imagem aparvalhada da inveja inoffensiva».

Assim realizou, tanto mais que nessa noite já o tinham posto de máu humor como da outra vez e elle havia dito bôas a um delles, a quem chamou de «estupido» e «quasi torpe» porque o outro se poz a fazer ironias sobre as suas relações com burguezes representativos.

Atirou-lhes a bomba num verdadeiro dithyrambo á Italia, o que leva certo gordo italiano, alli por acaso ceiando, a applaudil-o com ambas as mãos.

Os outros não fizeram sinão invejal-o, achar que elle era um feliz, e amanheceram pensando nisso, roidos de tedio, «debruçados na amurada do caes Pharoux», só se recolhendo «ás seis horas batidas».

Nesse tempo, Flavio, bom gozador, já dormia profundamente entre os braços roliços de uma bella rapariga, sua amante, em Botafogo.

Nem ella, nem coisa alguma pôde impedil-o de realizar o magnifico projecto. Com a beldade até elle foi demasiado cruel, desconfio mesmo que incorrecto, partindo sem lhe dizer agua váe, a não ser que a sua generosidade anterior a tivesse posto a coberto das vicissitudes que se seguem a um abrupto abandono destes. O auctor não explica.

Vamos encontrar-nos com Flavio na immortal terra da Arte, dois annos depois, quando elle já «soubera curar-se do mal romantico, reconhecendo os ridiculos de sua phase bohemia». Agóra «se sentia observador calmo, suas impressões eram claras», e sua phrase era sobria, quando escrevia. «Sobre tudo isso, gozava de uma perfeita serenidade d'alma.»

No emtanto, um anno antes escrevera aos amigos dizendo achar-se prostradissimo, num enfraquecimento geral. Sentia como que um deslocamento dos ossos, e appareciam-lhe agóra manchas avermelhadas pelo corpo. Naturalmente um pouco de sangue impuro».

Cumpria-lhe hoje desfazer no espirito dos companheiros os effeitos daquella ultima carta. Escreveu-lhes outra annunciando-lhes que estava em Roma, caminhando «sobre pedras que fôram deuses». A proposito, falou-lhes de Tasso, de Montaigne, de Ariosto, de Rabelais, de Hildebert, e tantos outros, citando por ultimo, como chave de ouro, bellas phrases do grande Gœthe.

Essa feliz disposição perdurou. Depois de haver percorrido toda a Italia, passou a viver nos arredores de Roma, «meditando sobre as grandes creações italianas, tendo aprendido a amar com Virgilio a fecunda e reconfortante simplicidade.» Analyzára Gœthe e Byron, «penetrando com Shakaspeare pela arcada symbolica do templo architectado de mysterios.»

De tarde, arrastava «a poltrona escarlate com passamanarias d'oiro» para o lado do occidente, «meditando nos grandes poemas, na esperança de

encontrar assumpto original e grandioso para sua obra de estréa.»

Uma noite, ella chegou a sentir «que a alma de Virgilio, o cerebro de Dante e o estylo de Homero se haviam congregado numa trindade symbolica, e se confundiam metamorphoseados num sêr unico,» que era elle.

Dava-se isto no momento em que Flavio concebia a sua desejada obra. Esta chamar-se-ia *Alleluia*.

O sr. Sarandy Raposo dá-nos uma idéa do plano do futuro livro. Mas eu acho melhor desenganarmos o leitor desde já. O rapaz não chegou a tentar uma execução.

Foi-lhe ter ás mãos um telegramma com noticia inteiramente imprevista: a da morte de sua mãe. Mesmo sob o effeito da cruel impressão, Flavio não pôde fugir ao sentimento de revolta que lhe cauzou a fórma por que fôra redigido o despacho, tão laconica que chegava a ser desrespeitosa, tratando-se de quem se tratava, e isso por espirito de ridicula economia.

Essa noticia foi o inicio de uma outra phase para elle na lida, inteiramente em opposição a toda a sua existencia anterior. Abalou-o muito e pol-o em tal estado de espirito, que elle entrou a ter só idéas lugubres, voltando por fim as vistas com desusada insistencia para aquellas manchas que lhe andavam apparecendo pelo corpo.

Mas foi peior assim. A doença começou a se desenvolver assustadoramente, e no fim de alguns mezes a lepra, o mal dos lazaros, pronunciou-se de modo franco. O pae de Flavio, para occultar-se ás proprias vistas da esposa, já fôra morrer da mesma molestia num hospital de Minas.

Dahi por deante, o livro torna-se um diario de Job.

Flavio volta para o Brazil, gasta uma fortuna, tudo o que lhe restava, em tratamento severo, mas nenhum resultado obtem. O mal váe crescendo sempre. Faltando-lhe até os recursos materiaes para viver em installação propria, o malsinado resigna-se a entrar para uma pensão da rua do Lavradio, pertencente ao portuguez Manoel Fernandes.

Custa-lhe morrer assim anonymamente sem legar ao mundo um documento do seu valor. Demais, a pobreza a que se acha reduzido incita-o a procurar qualquer meio de obter algum recurso. Resolve então compor um livro, não mais aquelle glorioso projecto de Italia, mas outro que corresponda ao seu estado de alma actual, o diario do seu martyrio tremendo.

Quando a obra está prompta, encarrega um amigo, o unico que ainda não o abandonára, de procurar editor. Urgia o caso, porque o Manoel, dono da pensão, já andava pelos cabellos, maltratando-o desabridamente, não só devido á molestia, que repugnava aos outros freguezes, como porque já havia um atrazo de tres mezes.

Mas o outro é mal succedido, ou porque não tivesse sabido se haver no negocio ou porque este não fôsse de todo possivel na occasião. Nada consegue, e ainda por cima váe contar o desastre com tanto desazo, até misturado de impiedade, que o enfermo perde as estribeiras, queima á sua vista o manuscripto devolvido e põe-no para fóra do quarto dizendo-lhe:

— «Desapparece, cão!»

Neste ponto, termina a novella.

E' preciso que se leia o livro para sentir como essas paginas fôram apaixonada, mesmo dolorosamente escriptas.

Flavio é um egoista, parece que presumindo um pouco exaggeradamente de si mesmo, no emtanto sympathico, porque é um moço e á mocidade muito se perdôa. Vê-se, porém, que o auctor não é só complacente, mas de um affecto decidido pelo seu heróe. Não o maltrata nenhuma vez, e quando o mundo entra em attricto com elle, jámais é ao mundo que o sr. Sarandy dá razão. São sentimentos naturaes á paternidade.

Quem sabe si tambem não é o resultado da sympathia pela semelhança. Talvez muito me engane, mas me parece que neste seu personagem deixa o jovem auctor entrever mais de uma vez um traço que lhe é proprio. Por exemplo, aquelle calor de alma que elle dá ao inditoso Flavio, aquella ancia que lhe empresta pela estreiteza e mesquinhez do meio, aquella bella nostalgia que lhe attribúe pelos amplos horisontes da Arte, mesmo antes de os conhecer.

Como se terá visto do imperfeito apanhado que ficou para traz, si ha juvenilidade flagrante nestas paginas, ao menos por outro lado ellas representam a mais séria intenção, põe-nos em convivencia com um espirito de moço a quem a vida futil e banal do commum dos seus contemporaneos absolutamente não sedúz.

Além disso, coisa que não se dá todos os dias, o sr. Sarandy estréa já com um estylo geralmente simples e viril, sem deixar de ter, no emtanto, os seus ornamentos de bom quilate. Ainda outro elogio que a poucos de sua edade cabe hoje em dia: elle conhece portuguez.

Só o que é para desejar é que fique menos amargo um pouco, de modo que suas concepções não sejam assim tão tetricas e cruciantes como este *Malsinado* de agóra. Sáe-se de taes trabalhos excessivamente oppresso, e os homens de hoje são muito commodistas para terem predileção por obras de arte que os façam soffrer assim. Dahi, ser o resultado ás vezes um pouco diverso daquelle que se esperava.

NUNES VIDAL.

PAGINAS ESQUECIDAS

O NAZARENO

Neste fim de seculo, mais do que nunca, a alma christã deve exultar commemorando a Paixão de Christo.

A victoria do Nazareno foi estrondosa. A tempestade, accumulada desde a Renascença, estalou formidavel na Revolução Franceza. Nem altar, nem sacerdocio. Os templos fôram mais temidos que os alcouces. Havia tolerancia para a syphilis, mas perseguição obstinada á crença.

Amanhecemos este seculo, que morre, sentindo as consciencias mais sacudidas pelo espirito de negação do que as visinhanças do Vesúvio pelo abalo de uma erupção.

O Soldado de Deus, a França, desertando da Cruz, dava o signal de capitulação universal. O atheismo precizava de uma affirmação escandalosa do seu dominio e fez a Deusa Razão; precizava de uma fórmula e a teve — reorganizar, sem Deus nem Rei, pelo culto systhematico da Humanidade.

A primeira não passou da demagogia; a segunda, porém, teve fóros de sciencia.

Na primeira metade do seculo, a fé christã andou aos ponta-pés das multidões revolucionadas. Na factura das Constituições evitava-se Jesus como no Evangelho o odre velho para o vinho novo.

Na segunda metade do seculo, o combate foi mais tremendo porque se incumbiu de feril-o a propria sciencia. Fóra das escolas, fóra da constituição da familia. Novo ludibrio da rua da Amargura; de novo, o apupo do poviléo. Pois não é que durante dezoito annos o intrujão passou por Deus?! Não é que essa utopia da Redempção se propagou por centenas de milhar de gerações?!

Oh! a credulidade humana! Dizer-se que Elle viera no marmore e na téla de Miguel Angelo e de Raphael; na estrophe do Dante, na eloquencia de Bossnet, na musica de Palestrina, no sonhar de Colombo; que Elle repassára as almas como o perfume o am-

biente, e que ninguem sentia, ninguem pensava, que ninguem queria sinão de conformidade com umas parabolas banaes que Elle, o embusteiro, andou a dizer pela bocca dos evangelistas, entre mulheres hystericas, peccadores e gafados de lepra e escrofulas ? !

Ha mais : felizmente a sciencia saíra da ganga da metaphysica; o raciocinio se emancipára da escholastica. Estava morta a meza da censura ; estava extincto o privilegio politico. A lei era a mais commum, não tinha mais predilecções. Na casa de Jacob, não havia mais Benjamins.

A lucta pela verdade era agóra tão natural como a lucta pela existencia.

Do mesmo modo que se reconstituiam as especies desapparecidas, se reconstituiam as sociedades e civilisações mortas.

Uma Biblia nova se organizava : a da luz, como a chamou Michelet, e não da dôr e da sombra, como a dos israelitas. Pelo Sinai, o Tibet; pela torrente de Cedron, o Ganges ; pelo cajado de Abrahão, o lotus viçoso.

O segredo da crença estava em Volney ; as *Ruinas* o haviam revelado. Em vez da Graça, a selecção natural ; em vez da excepção da consciencia, o determinismo da natureza ; a hereditariedade e o atavismo explicando o homem, e a mesologia deprimindo a raça.

Tudo até então fôra mentira ; si a civilisação proseguiu e viçou foi por um poder de vida como o que transforma o estrume em corolla e em fructo. Nada mais.

Jesus não tinha sido um agente de progresso, mas um obstaculo. Inscripto nos angulos da Cruz, o espirito humano em vez de medir-se para as altas concepções, confinou-se no erro e na vulgaridade.

As palhetas que andaram a dar fórma aos anjos e ás monjas, aos martyres, teriam descoberto outros tons mais suggestivos si se tivessem consagrado a pintar a vida que se apregôa e goza. Si em vez de seguir os circulos do inferno, o Dante tivesse feito a volta da misera humana vida, com certeza seria o predecessor de Gall e de Lombroso.

Sobre o humilde prégador de parabolas caíram, como avalanches, as grandes summidades mentaes. Que se movesse mais agóra. Não eram os cravos do Calvario que o fixavam agóra á ignominia ; nem eram as leis scientificas que o prendiam agóra á eterna irrisão. Não obstante, todas as avalanches se degelaram e se converteram em agua chilra atravéz da historia do seculo. Jesus, em vez de diminuir, cresceu.

A maioria da humanidade o guardava como tradição de familia, como o penhor da saudade filial aos paes mortos, e passou a invocal-o pela consciencia de que só na sua palavra estão a esperança e a resignação.

Em vez de prejudicar, a divulgação das sciencias só serviu para comprovar a necessidade da fé.

Nunca houve maiores milagres da caridade.

Nunca se escreveu na historia humana uma systematisação de altruismo como a vida social deste seculo.

A politica sem Deus escravizou os povos ; a fé não reconheceu mais distincções na humanidade. Para a Irmã de Caridade, todo o homem passou a ser, na extrema miseria, a imagem do Creador. Jesus se fez sentir melhor pelo sacerdocio christão neste valle de lagrimas.

Póde-se dizer que este seculo é o da vaidade de Deus, porque elle nunca fez mais timbre em se mostrar na sua omnipotencia. Mostra-se na busca do infinitamente pequeno com Pasteur, revela-se no grandemente grande com Secchi.

Os que mais ardentemente o invocam são os que mais descobrem : a phantasia é mais deslumbrante nos que nelle crêem. A palavra dos seus apostolos é mais medida e fulgurante. E' como si de novo se annunciasse pelas linguas de fogo.

O homem é iniciado no conhecimento profundo da materia : o microscopio, a radioscopia, a chimica organica entregam-lhe os segredos de todas as maravilhas.

O atomo é provado pelo não ha materia sem força, nem força sem materia. Não ha desvão que não seja esquadrinhado. A sciencia abre devassa em toda a natureza. E, não obstante, quanto mais se afunda, tanto mais se é arrastado para a certeza da dualidade da creação : a materia, quanto mais conhecida, mais se differencía do espirito ; isto é, o homem, quanto mais se sente homem, tanto mais sente a necessidade de explicar-se com Deus.

O conflicto da sciencia com a fé serviu sómente para demonstrar que Jesus foi o organisador sobrehumano da civilisação de que gozamos ; que na simplicidade dos seus Evangelhos está a vida eterna da palavra creadora.

Sente-se agóra que a fé está para o progresso como o ether para a vida da natureza ; que onde não está Jesus, está a morte do progresso.

Apezar de toda a perversidade humana, onde vive a fé christã vive o heroismo, vive a dignidade do homem. Quem crê se fortalece. O pensamento é mais largo; o sentimento é mais profundo. A fé é a grande creadora ; está para a alma como o homem para a planta : enfibra, fronda, floresce, fructifica.

Oh ! bom Jesus ! que não tenhamos bastante força e entendimento para te comprehender, bastante força de vontade para te praticar !

Pae, que não dás pedra ao filho que te pede pão, sê bem dito pela tua infinita bondade, que atravessa toda a extensão do nosso peccado, como a luz e o calor as profundezas dos abysmos, si bem nem sempre a sensibilidade humana dê por elles.

Jesus, bom e meigo Jesus, ouve-nos do fundo da nossa miseria, não já por nós que esperamos tudo de tua clemencia mas pelo nosso povo, pela nossa patria, que é um fructo da fé em que nos educamos e deve por isto mesmo ser um caminho da tua misericordia.

JOSÉ DO PATROCINIO.

(*Quinta-feira santa,*
12 de abril de 1900.)

O ALMIRANTE (77)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVI

Laura afastou-se visivelmente vexada, perseguida pelo investigador olhar de Amelia, e abriu a janella que dava para o jardim.

— Como este gabinete está abafado ! — disse ella, respirando a aragem da noite.

Uma onda de ar frio invadiu o aposento, imprimindo alegres movimen-

tos ao leque do gaz que o illuminava, destacando no espelho do toucador a figura de Amelia a pentear os cabellos, destacada num quadro refulgente, numa exúberancia de luz que lhe punha em admiravel relevo todos os contornos do corpo delicado, todas as linhas do rosto macerado por uma irreprimivel magua.

—Que differença—continuou Laura, debruçada á janella, de costas voltadas para a irmã — Como está agradavel agóra!... Que viração deliciosa!... Nada ha comparavel a respirarmos o ar livre, nesta nossa casinha, que parece alegrada com a nossa volta como si fôsse uma creatura penalisada pela nossa ausencia. Papae voltará hoje?...

— Sabendo que estamos aqui—ponderou Amelia — virá com certeza fazer-nos companhia. Tu estás triste. Tiveste pena de deixar o palacio?...

— Eu, não. Gosto mais do nosso cantinho, do que daquelles salões luxuosos, cheios de moveis de valor, de quadros, de retratos que nos importunam com o seu olhar fixo. Bem sabes que não gosto daquelle casarão. Por isto, quando lá estou prefiro sempre andar pelo parque, naquellas avenidas de jaqueiras onde a marqueza teve o máu gosto de sepultar os dois filhos... Eu não moraria alli naquelle palacio, que tem ares de convento...

—Eu tambem prefiro a nossa casa modesta, onde vivemos tantos dias felizes... Agóra.. tudo váe mudar. Hortencia deixou-nos; mais logo, tu nos abandonarás.

—Eu? Não penso nisso...

—E ficarei eu cuidando da velhice de papae, ajudando mamãe...

—Eu não te abandonarei nunca, Amelia—disse Laura, voltando-se e abraçando a irmã, debulhada em pranto —Tu para mim és uma segunda mãe...

—E si te cazares?

—Si isso acontecer, não vejo necessidade de nos separarmos. Meu marido — accrescentou, sorrindo — não será de mais aqui... Mas fica tranquilla, irmã do coração. Não me passou isto pela cabeça sinão como um sonho.

—Já pensaste, então, no casamento?

—Qual é a moça que não pensou, sem querer, em um projecto, sem ter feito uma escolha?... E' tão natural... Disse-te ha pouco que, si gostasse de alguem, dil-o-ía francamente, confessaria, sem hesitar, o meu amor...

Nesse momento, rangeram os gonzos do portão, e a areia do jardim gemeu sob passos lentos, cadenciados.

—E' papae!—exclamou Laura, alvoroçada.

—Não te disse que viria fazer-nos companhia?—accentuou Amelia.

E as duas, compondo o ligeiro vestido, fôram ter na sala de jantar com o conselheiro que, obediente a um velho habito, esfregava, cautelosamente, os pés no grande capaxo de côco.

—Estavam anciosas por mim, não é assim?—perguntou elle, depositando o chapéo e o guarda-chuva no cabide da entrada.

A creada accorreu tambem para entregar ao conselheiro a correspondencia recebida durante a sua ausencia. Elle sentou-se na querida cadeira de vime, onde saboreava as séstas e fazia a digestão.

—Papae quer tomar alguma coisa? —perguntou-lhe Amelia...

—O nosso chásinho não seria fóra de proposito—respondeu elle, armando os oculos de ouro e encetando a abertura das cartas.

—Ouviste, Rosa?—observou Laura á creada.

—O chá está prompto, sinhásinha —respondeu ella.

— Documentos do Instituto—murmurou o conselheiro, percorrendo uns papeis velhos, amarellados, tirados de um grande enveloppe. E' para o Tiradentes, que me não sáe da cabeça. Passando esta crise que me acabrunha, enpenharei todas as minhas forças para me libertar dessa maçada. Isto. .isto é uma informação preciosa do meu eminente confrade Vieira Fazenda, um pesquisador erudito, cujo inestimavel valor só conhecem os amigos.

Este tem na cabeça um archivo, a historia do Brazil, a nossa historia verdadeira que não nos foi contada, nem ensinada pelos aulicos mediocres;—a historia que o Instituto, libertado das conveniencias dynasticas e protegido pelas garantias de pensamento outorgadas pela democracia, tem o dever, a obrigação de construir com a imperecivel argamassa da verdade ou fornecer a materia prima aos escriptores que se incumbiram dessa obra nacional... nacional e patriotica... Olhem... Aqui está uma carta do Sergio de Lima. Bom moço. Um tanto radical... Talento muito promettedor... Faz-nos as suas despedidas por dever partir em viagem urgente para o norte... Isto cheira a politica..

As duas irmãs se entreolharam instinctivamente. A's duas occorreu a mesma supposição de ser a politica um pretexto para Sergio afastar-se.

Depois de passar os olhos pela correspondencia, o conselheiro se approximou da meza, onde fumegava a chavena de chá preparada por Amelia.

— Como deixou Oscar?—inquiriu Laura.

— Eu sei?...—respondeu o velho, com um desalentado gesto da veneranda cabeça.—Não me tenho aventurado a certificar-me da dolorosa realidade. A marqueza está muito espe-rançosa de proximo restabelecimento. Eu, porém, considero aquelle caso muito grave, muito grave infelizmente. E' possivel, todavia, que uma reacção benefica, como diz o medico, resolva com successo aquella triste situação. Emfim... Tudo é possivel... Tua mãe e a senhora do Martins lá ficaram ao lado da marqueza, no posto da amizade e da gratidão.? E vocês filhinhas? Estão fatigadas de tantas commoções?! Imaginem o que tenho soffrido, eu que não disponho de energias para defrontar esses lanços que me sacodem sem piedade este velho organismo...

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XVII

Antonio Carlos fez observações a respeito dos acontecimentos de 1817 em Portugal; vergastou, implacavel, o ministro José da Silva Carvalho; alludiu á conspiração do marquez de Villa-Real e do duque de Caminha contra d. João IV.

O orador paulista, com vehemencia, analyza todas as opiniões manifestadas nos debates e voltando-se com um gesto imperioso e com vóz solemne, brada:—«desenganemo-nos, sr. presidente, a força e a justiça é só quem erige; quem conserva os governos; tudo mais é expediente de timidos e ignorantes empiricos..

Diz o nobre preopinante que o ministerio, que prendeu e deportou sem culpa, ganhará com a amnistia.

Como! Haverá quem lhe agradeça não continuar uma injustiça de que, dizem, fôra auctor, só porque não tem poder para continuar a ser injusto?

Sr. presidente, si o ministerio errou, emendemos o seu erro; se peccou deliberadamente, punamos os seus crimes; si desgraçados sem delicto provado teem soffrido como criminosos, recorram á justiça nacional: ella não recuzará ouvil-os; mas não se nos proponha que demos, como favor, o que é de obrigação; que dispensemos, como graça, o que é de justiça:—isto nunca votarei eu! O meu grito d'armas é justiça a todos e contra todos.»

O orador, com magestade olympica, assentou-se e, com radiantes olhares, procurou notar os movimentes da Camara, que, immersa em profundo silencio, parecia attonita e perturbada.

Alguns dos mais afoitos sustentadores da proposta da amnistia, voltaram ao debate, sómente para articular certas recriminações e accuzal-o de abuzar do nome de Imperador, fa-

zendo desta fórma pressão sobre os espiritos timoratos.

Elles tinham razão á vista da perturbação geral. A Constituinte temia o poder executivo e, desde que o orador paulista mostrou a probalidade do Imperador não supportar a invasão de suas attribuições, de feito uzava dum argumento *ad terrorem*, mas decisivo. Antonio Carlos tirava dum precedente a força necessaria que désse ao seu discurso o poder de persuadir aos timidos, de amedrontar os afoitos e ao grupo dos intellectuaes — ironicos e egoistas, porém attentos aos gestos do Governo. Releva remontar ao passado. Quando, no discurso da sessão solemne de 3 de maio, s. magestade declarou — *que só approvaria a Constituição digna de mim e do Brazil* — a Constituinte ficou tomada de terror. No voto de graças protestou ao Imperador — que formaria uma Constituição que merecesse a sua approvação. A Assembléa, agóra, não ouzaria invadir as attribuições do Imperador, que, conforme ponderou Antonio Carlos, não estava disposto a consentir pacificamente em qualquer invasão de suas attribuições soberanas.

A Camara entendeu e por isso aquella interrogação produziu, em todos os espiritos, profundo e indelevel effeito.

Quando, pela segunda vez, o orador assoma na tribuna, vinha seguro do effeito produzido e do medo que contorsia os animos dos representantes da nação.

Elle começa o seu discurso como um vencedor dirigindo-se a vencidos: vêde este tom: — «Ninguem mostrou, sr. presidente, a vantagem do projecto; ninguem respondeu a quanto objectei; ninguem mostrou que fôsse justo, que fôsse pratico e conveniente na situação em que nos achamos; ninguem mostrou que não fôsse perigoso e proprio a cauzar motin e discordia entre os poderes existentes e proprio a concorrer para ruina do Estado; ninguem mostrou por fim que o projecto não fôsse promover aquillo mesmo, que á primeira vista se queria evitar. Os nobres preopinantes, que falaram a favor, em nada disto tocaram; antes se metteram em coisas bem estranhas á questão, demoraram-se em incidentes e deixaram de parte a tendencia do projecto e a competencia nossa, que era a questão primaria.

A quem compete conceder amnistia? A' Camara, ou ao Imperador?»

O orador esmerilha a materia e mette pelos olhos da maioria timida, ou inexperiente o conflicto, que haverá si o imperador não quizer sanccionar a lei.

Prevalecendo-se da conjunctura, disserta eruditamente sobre as amnistias segundo as diversas Constituições dos povos livres; aprecia principalmente a da Inglaterra.

«Por mais que folheio a historia, assegura o orador, nunca vejo sinão dois casos, em que se tenha concedido amnistia:—1°, no fim duma conquista para conciliar a vontade do povo subjugado e imprimir-lhe profundamente a bondade da vontade do conquistador: — 2°, quando desavenças politicas dividem em dois partidos os membros duma sociedade. Alternam-se os bons e os máus successos; é incerto qual dos partidos tem razão, qual segue a verdadeira opinião geral: si um succumbe por fim—que deverá fazer o outro? Encher a medida das vinganças, ou lançar um véo sobre os seus e alheios desvarios?»

Antonio Carlos, conscio do receio que a Camara tinha de ingerir-se nas attribuições de s. magestade, poz em relevo duas idéas—que a Camara, *convenção ad hoc*, não tinha competencia para conceder amnistia:—que segundo o direito dos povos constitucionaes a faculdade de amnistiar era prerogativa da Corôa.

.....

«A historia nos proclama, diz o orador, a precisão dum poder conservador e, na monarchia, outro qualquer, que não seja o monarcha, é inutil. A nação, proclamando o Imperador, já lhe deu todos os poderes proprios, já lhe pertence a faculdade, e si nós a quizermos tomar, ninguem tem obrigação de nos obedecer. O poder monarchico, despojado das attribuições — que já a nação lhe concedera e que o dosso ciúme lhe arranca—tem sem duvida direito de recorrer á nação que é o nosso juiz.»

Eis como Antonio Carlos ensina ao Imperador o que elle ha de praticar em 12 de novembro, isto é, a dissolução da Constituinte.

O orador entra numa ordem de questões de metaphysica do direito constitucional e, segundo os seus habitos, orou larga e apaixonadamente.

Por fim, diz: — «um illustre preopinante affirmou — que eu, com desprezo do regimento, me servi do nome do Imperador, como de motivo estimulante, que obrigasse a Assembléa a acceder ás minhas proposições por temor de contrariar aquella vontade preponderante... O que apresentei como motivo para nossa decisão não foi a auctoridade e o nome do Imperador, foi sim os dictames da prudencia, que aconselha não decidir em casos duvidosos, mórmente quando da accelerada decisão pódem seguir-se discordias e desavenças entre as diversas peças da machina, de cuja harmonia pende o bem, a prosperidade e a tranquillidade do povo.»

Os sustentadores do projecto escutaram-no cabisbaixos; o grupo dos intellectuaes não tugiu nem mugiu... Todos temiam o hypothese figurada —que o Imperador entendesse que lhe invadia as attribuições; si acreditasse que a resistencia para sustentar sua dignidade era dever de consciencia e serviço do Brazil—qual o resultado?»

O orador deixou esta interrogação, qual a sombra de Banquo do drama shakspereano, a voltear em derredor da meza do festim...

Esta interrogação decidirá da votação e da sorte do projecto que, nesta mesma sessão de 22 de maio, se realizou.

O deputado pernambucano, Moniz Tavares requereu que a votação fôsse nominal; com soffreguidão, a Camara approvou o pedido.

O projecto de amnistia foi rejeitado por uma grande maioria, que, não sendo dedicada ao gabinete de José Bonifacio, acatava e temia o Imperador.

A corajosa e patriotica minoria, muito reduzida, (porque alguns, que defendiam o projecto, votaram contra) não abandonou o posto de perigos; votou pela concessão de amnistia. Entre os votantes notou-se o deputado Araujo Lima (marquez de Olinda).

Desse momento em deante a imprensa do Governo, amarrando ao pelourinho os defensores do projecto, os açoitou impiedosamente, tratando-os de de desorganisadores, demagogos, carbonarios, republicanos, inimigos da causa nacional. Ora, para a tal imprensa a bôa causa era o poderio do ministerio Andrada, inimigo da liberdade, cruel flagello dos brazileiros, auctor das devassas e perseguições.

O ministerio ficou muito ufano com a condemnação do projecto. — Esse triumpho lhe deram a palavra impetuosa de Antonio Carlos e o temor da Camara em tocar nas attribuições, que constitúem a prerogativa da Corôa.

Em quanto estes factos se reproduziam e as devassas, em vez de firmar a ordem publica, aliás perturbada pelo terror das perseguições, que affligiam todas as classes, augmentava as desconfianças, creavam inimigos potoda parte; d. Pedro observava e parecia um pouco inquieto com a marcha da politica e do seu ministro—mórmente depois dos conflictos e perseguições na provincia de S. Paulo.

Por intuição propria, o Imperador começou a comprehender que o gabinete de 16 de janeiro, si continuasse, só serviria para impopularizal-o, para fazer arrefecer na alma da nação o enthusiasmo que elle inspirava. O seu bom senso dizia-lhe que um povo que lucta pela independencia quer viver sob um regimen de liberdade e, por conseguinte, não póde supportar as perseguições das devassas, e até julgava que nada as justificava.

Ora d. Pedro, na ordem politica, amava duas coisas — o exercicio do poder absoluto e o enthusiasmo da popularidade. Essa paixão da popularidade expellia do seu coração o prazer e o capricho da tyrannia ; a politica do ministerio não se conformava com seu temperamento. Cauteloso, elle dissimulou, esperando que os acontecimentos lhe forneceriam azo de tomar uma resolução decisiva ; parecia que tinha os olhos fitos no mez de julho, que se approximava, como momento de crise.

***

O Brazil, durante o regimen colonial, foi regido pela legislação civil e criminal do Reino, que tinha um só e absoluto legislador—el-rei. Separando-se da metropole e constituindo-se nação independente, soberana e livre, necessitava duma legislação, que regulasse as reclamações de seus habitantes entre si. Não ha nenhum povo que possa viver sem um regimen legal.

Elegeu-se a Assembléa Constituinte, que, na verdade, não estava em condições de fazer aquelle serviço á sociedade brazileira ; todavia, emquanto preparava as bases da Constituição politica e da organisação do Estado, estabelecendo os poderes constitucionaes, cada um em sua esphera de acção, fixando os direitos da liberdade civil e politica, que formariam o patrimonio dos cidadãos brazileiros— tratava de decretar algumas leis, que indubitavelmente lhe pareciam mais reclamadas e indispensaveis. Até então, o principe regente, logar-tenente de el-rei, investido das faculdades da realeza absoluta, havia promulgado alguns decretos. Eleita a Assembléa Constituinte, cuja missão era legislar, não competia ao principe regente continuar a exercer uma funcção, incompativel com a nova fórma de governo, que elle proprio adoptou e a nação proclamou.

Nas discussões da Assembléa, Antonio Carlos negava-lhe o poder de legislar, qualificando-a — *Convenção ad hoc*.

A maioria — feita excepção dum grupo de intellectuaes,—não entendendo da metaphysica das theorias constituicionaes, preconisadas pela imponente palavra do mestre do constitucionalismo, começava a hesitar em acceitar e votar qualquer projecto de lei. Entretanto, o povo, a cada momento, precizava de legislação que regulasse os actos da vida commum, ordinaria. Era, portanto, um objecto que não podia soffrer delonga. A' vista disso e comprehendendo que a Constituinte, quando mesmo se reputasse auctorizada com os poderes legislativos, não lhe seria dado improvizar uma legislação que abrangesse as crescentes necessidades e as multiplas relações da vida civil dum povo que acabava de surgir na scena e no convivio das nações,—Pereira da Cunha, magistrado provecto, formulou um projecto, mandando applicar e observar no novo imperio a antiga legislação das Ordenações do reino, Decretos, Alvarás e leis recentes que as côrtes fizeram e o principe regente mandou executar.

Nada mais racional e mais convinhavel nas circumstancias em que achava-se o paiz. A urgencia dessa medida era indiscutivel e inadmissivel a procrastinação. Uma legislação não é obra dum dia ; fórma-se lenta e diuturnamente, conforme as variadas manifestações do desenvolvimento e das condições moraes e intellectuaes, economicas, agricolas, commerciaes, industriaes,etc., etc. Ella deve harmonizar-se com os instinctos, sentimentos nacionaes,e ser como que um apparelho apropriado ás luctas do trabalho e de todos os elementos que concorrem a crear a prosperidade e formar a grandeza da patria.

Demais, os brazileiros, pela lei sociologica da hereditariedade, principalmente naquella epocha, — filhos de portuguezes, conservavam os mesmos habitos e costumes, indole e capacidade, ambições e idéaes. A legislação, de certo, não vinha, como uma *novidade nova*, surprehender os espiritos, constranger as vontades, alterar os habitos, perturbar os uzos, emfim inverter o systema da vida que os filhos receberam dos paes, ou dos avoengos.

Pereira da Cunha justificou facil e substancialmente o seu projecto, cuja importancia todos reconheceram, havendo apenas divergencias em pontos secundarios. Apresentado na sessão de 5 de maio, acceito e lido, conforme o regimento, discutido em 30 de junho e ainda em seguintes sessões, foi definitivamente approvado e sanccionado em 30 de julho e, desde agosto, converteu-se a legislação antiga de Portugal em legislação patria. Ouviram-se oradores dos mais competentes considerar — uma indignidade o regermo-nos por leis absurdas, contrarias aos progressos do primeiro quarto do seculo XIX ; leis que remontavam ao dominio hespanhol. Lamentavam não termos um codigo civil que satisfizesse as necessidades, aspirações dos novos tempos. Que diriam aquelles paes da patria si, saíndo das solidões dos sepulchros, viessem encontrar-nos atarefados com o estudo das Ordenações, das leis extravagantes, etc. ; com aquillo mesmo que elles acoimavam de indignidade em 1823 ?! Até hoje, a nação brazileira não conseguiu livrar-se de semelhante legislação atrazada e pessima. Quaesquer que sejam os defeitos do projectado codigo civil, este é preferivel ás leis que fôram impostas pelos dominadores do reino e dos povos lusitanos em um seculo em que a força e o despotismo imperavam. O nosso codigo, modelado pelos codigos das nações modernas, naturalmente está de accordo com as idéas e sentimentos actuaes. Os erros e defeitos iriam sendo corrigidos pela sciencia dos jurisperitos, pela experiencia e sabedoria dos tribunaes. O governo que promovesse a execução do codigo civil, mereceria a gratidão de todos os pensadores, e ainda mais da nação, que tem interesse em ser, em suas relações da vida civil, regida por uma legislação conforme as necessidades actuaes.

Outros projectos fôram regeitados ; entre os acceitos, releva mencionar, pela importancia da materia, o dos governos e administrações provinciaes. Souza e Mello, na sessão de 7 de maio, submetteu á Camara um projecto, que obteve segunda leitura ; mas Gomide, representante de Minas Geraes, no dia 9 de maio, apresentou outro sobre o mesmo assumpto, e Antonio Carlos, no mesmo dia 9, terceiro identico. Todos fôram refundidos, servindo de base o de Antonio Carlos, talvez mais comprehensivel, ou reputado o melhor. Estes projectos fôram discutidos em muitas sessões até 28 de julho. Seria ingrato e por de mais inutil trabalho, referir as minucias das discussões, as opiniões de cada orador, algumas futilissimas. Essa não é a nossa tarefa; queremos assignalar as idéas importantes que se encarnaram nos actos da Constituinte ; os pormenores evidentemente nos importam bem pouco, tambem não illustrariam os leitores. Referindo os projectos que contêm as idéas dos representantes das provincias, o nosso proposito é mostrar e verificar o gráu de intelligencia, a ordem de pensamentos de que era a Assembléa capaz de occupar-se; e que não tinha a comprehensão das necessidades e das conveniencias da sociedade brazileira.

O projecto, a respeito dos governos provinciaes, soffreu muitas discussões; em setembro, foi approvado ; em 14 de outubro, sanccionado. No dia 21 de maio, Antonio Carlos, não obstante sustentar que a Camara não era uma legislatura ordinaria, mas sómente uma *convenção ad hoc*, havia proposto a extincção do conselho de procuradores de provincia, projecto este que foi sanccionado em 30 de agosto.

Em 22 de maio, Moniz Tavares tratou da naturalisação de portuguezes ; essa proposta, depois de algumas discussões, foi rejeitada em 25 de junho.

O deputado Caldas, num projecto,

provocou a Camara a prohibir a entrada de noviços nos conventos e foi rejeitada a idéa.

Em 24 de maio, leu-se a proposta do deputado Xavier de Carvalho, concernente á liberdade de imprensa; esta proposta unida a outras identicas, deixou de ter solução e ficou sepultada nos archivos.

A commissão de instrucção publica deu parecer *para se fazer um tratado de educação;* parecer que ficou dormindo na commissão de redacção.

Henriques de Rezende tratou da naturalisação de estrangeiros e retirou o seu projecto.

Fôram apresentados muitos outros sobre a elevação de villas á categoria de cidades, de povoações á de villas; por exemplo: Itaparica, onde, na Bahia, o tenente Botas derrotou alguns navios da esquadra portugueza durante a guerra do general Madeira. Os projectos sobre materias de administração ordinaria, como bens de ausentes, etc, não nos merecem attenção.

Eis ahi a summa dos objectos de que a Assembléa Constituinte se atarefou durante os longos mezes de suas estereis sessões. Vemos que ella realmente não comprehendia as grandes necessidades do paiz, as quaes reclamavam prompta satisfação.

A não ser o projecto sobre o estabelecimento das Universidades, de Fernandes Pinheiro, representante rio-grandense, tudo mais é vulgar e demonstra a incapacidade da Constituinte para satisfazer as necessidades dum povo que desejava constituir-se com os meios de entrar e proseguir na senda das nações cultas sob o influxo do seculo, que promettia felicitar os povos com os beneficios da civilisação moderna.

EUNAPIO DEIRÓ.

MUSA DO ASYLO

RIMAS EM QUADRAS

(*Hospicio Nacional: criticismo*)

Com esse titulo e sub titulos, recebemos de «um leitor recolhido ao Hospicio porque dizem que é doido», os seguintes versos, cuja publicação elle nos pede, e nós a fazemos a titulo de curiosidade.

—

O nosso alumno Barros,
Estuda para ser doutor,
Mas parece que lhe falta
O necessario pendor.

O pendor, que é rebelde,
Nada tem d'esculapino,
E muito se manifesta
No *caturrita* menino.

Todo cheio de vaidade,
Já inculca competencia;
E suas fôfas lembranças
São de má adolescencia.

Deste modo, apontado,
O alumno quer ser doutor,
Mas parece que lhe falta
O necessario pendor.

P'ra official de pharmacia,
Elle tem bastante geito;
Si não fôsse inconsciente
Gozaria do proveito.

Todavia, a esperança,
Que lhe povôa a cachola,
Attenúa pouco a pouco
O precario mariola.

Oxalá, que nesse futuro,
O alumno tome juizo,
E fuja das presumpções
Que lhe entram de improviso.

Não me julguem capcioso,
Estas cousas explicando,
Pois o menino *caturrita*
Não presta para doutorando.

E si elle quizer teimar,
Em ser fórte estudante,
Seja logo sorriado.
P'ra não ir mais avante.

Terminando estas quadras
Aqui deixo bem expressado,
Que o alumno, inda imberbe,
Só quer ser doutorado.

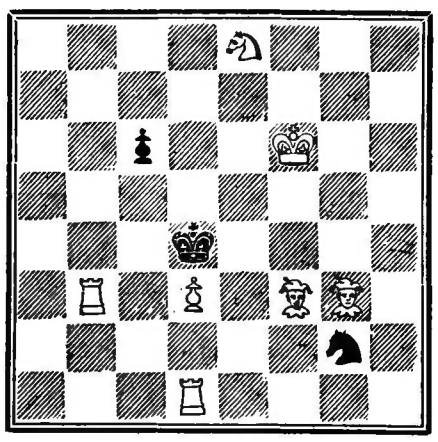
DO AQUINO, *critico*.

XADREZ

PROBLEMA N. 44

E. J. Winter Wood

PRETAS (3)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 46

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 13 de outubro de 1905)

GIUOCO PIANISSIMO

Brancas (Frota Pessôa)		*Pretas* (Raul de Castro)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 B D	— 4 —	C 3 B R
P 3 D	— 5 —	P 3 D
B 5 C R	— 6 —	C 4 T D
C D 2 D	— 7 —	C × B
C × C	— 8 —	B 3 R
C D 3 R	— 9 —	D 2 D
B × C	— 10 —	P × B
P 4 D	— 11 —	B 3 C (*a*)
P 3 T R (*b*)	— 12 —	P 3 B D
D 4 T D (*c*)	— 13 —	D 2 R
Roque T. D. (*d*)	— 14 —	B 2 D
C 5 B R	— 15 —	B × C (*e*)
P × B	— 16 —	P 5 R (*f*)
P 4 B D ? (*g*)	— 17 —	Roque (T. R.)!
T R 1 R	— 18 —	P 4 D
P × P	— 19 —	P × P
R 1 C (*h*)	— 20 —	D 3 D
C 4 T R	— 21 —	D 5 B R
P 3 C R	— 22 —	D × P 7 B
T 1 B R	— 23 —	D 6 R
C 2 C (*i*)	— 24 —	P × P
D 7 D	— 25 —	T D 1 D
D 7 R	— 26 —	D 3 D
D × D	— 27 —	T × D
T 1 C R	— 28 —	T R 1 R
P 4 T R	— 29 —	R 1 B
C 3 R	— 30 —	B 2 B
T 2 C	— 31 —	T 2 D
C 4 C	— 32 —	R 2 R
C 6 T	— 33 —	R 1 D
T 7 C	— 34 —	P 6 R
C × P B x	— 35 —	R 1 B (*j*)
P 4 C D (*k*)	— 36 —	P 7 R
T 1 R	— 37 —	T × C!
abandonam	— 38 —	

(*a*) Si 11... P × P, ficariam isolados os dois piões dobrados do B. (R).

(*b*) Ameaçando P 5 D.

(*c*) Si 13—P5 D, B × C; 14—P × B, P × P;—15—P × P, B 4 B, etc.

(*d*) Fraco e prematuro.

(*e*) Si 15... P 4 B D; 16—D 3 C, B × C; 17—P × B e as Br. estão melhor.

(*f*) Lance opportuno.

(*g*) E' claro que o C não póde ser tomado por causa de T 1 R, mas o lance correcto não é o do texto e sim P 5 D! para isolar o P R. Agóra a partida das Br. está seriamente compromettida.

(*h*) Para evitar D 2 B x, seguido de P×C.

(*i*) Muito melhor seria: 24—T R, 1 R. D 4 C R. ou 3 T R (forçado); 25—D 7 D, etc.

(*j*) Todo este final é muito habilmente jogado pelas Pretas.

(*k*) Para evitar B 4 T D que viria proteger a entrada do P R.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 43 (*Fraissé*): D 6 B D.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

ANNO III — Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1906 — Num. 78

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso. 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO. DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

(*Continuação do numero anterior*)

...Não perturbem a nossa derrota as preoccupações suscitadas pelos negocios politicos em fóco—a valorisação do café, a quebra do padrão monetario e o reconhecimento dos novos eleitos, que já estão reconhecidos nos conciabulos prévios do partido unico, da unanimidade esmagadora que, ha penosos annos, asphyxia a nação. Ninguem duvida dos resultados que serão a victoria da politica dos governadores, cafeeiros ou não, e a desmoralisação do processo eleitoral corrompido no nascedoiro, como um producto teratologico engendrado em monstruosas entranhas.

***

Continuando a nossa excursão pelo norte, em plena região de cidadãos de arco e flecha, como lhes chamava o sempre lembrado Martinho Campos, indicariamos ao sr. Affonso Penna a vantagem de abandonar, na bahia de Guajará, o navio do Lloyd para subir o Amazonas num dos vazos da navegação fluvial, vehiculos da cabotagem peculiar do Rio Mar. S. ex. poderia assim conhecer em largos detalhes a vida, os costumes daquella grandiosa e pictoresca zona equatorial, incomparavel paraizo do Novo Mundo.

Em seis dias de viagem por entre margens cobertas de impenetravel floresta virgem, o sr. Affonso Penna poderia visitar cidades decadentes, vestigios da prosperidade colonial, cidades florescentes, como Santarem, não depauperadas ainda pela febre da industria extractiva, que dispersou dos fócos de população todos os braços validos para arrojal-os ás aventuras e perigos dos seringaes.

Contemplando as maravilhas da natureza da região amazonica, os vastos trechos, cuja desolação é apenas interrompida por pequenas palhoças erectas nas margens paludosas, emergindo da massa densa da floresta, tem-se a impressão de um thesouro olvidado, de uma magnificencia inerte. E a decepção se interrompe, apenas, ao encontro de vapores carregados de borracha, colhida nas longinquas margens transformadas em ninhos da cobiça dos exploradores, da cobiça do Governo Federal, que sómente nestes ultimos annos lhe reconheceu o valor.

Dessa desillusão s. ex. despertará em Manáos, cidade moderna cheia de vida, fervilhante de actividade, com as suas avenidas amplas, os seus palacios faustosos, a Manáos do *Pensador*, erguida sobre as taperas da Manáos de Tenreiro Aranha, depois de cincoenta annos de lethargia, de abandono, porque as vistas do governo imperial nunca attingiram aquelle recanto de mundo, separado da civilisação, exilado da zona das graças superiores aos merecimentos dos cidadãos de arco e flecha.

Aquelle prodigio de actividade fecunda, talvez sem precedentes nas tradições da preguiça nacional, foi realisado sob a pressão de uma campanha odiosa, cujos effeitos repercutiram nas altas regiões da politica, provocando uma athmosphera de suspeita que os factos mais eloquentes não puderam ainda diluir completamente.

Parecia obra superior á capacidade de alguns homens abnegados arrancar dos destroços abondonados da antiga capitania do Rio Negro, sacrificada á desidia do governo imperial, elementos maravilhosos de civilisação, incentivos de vida, de progresso naquelle formoso deserto de aguas e florestas, pontilhado de ruinas que attestavam o espirito forte dos descobridores, dos heróes que alli construiram cidades, fomentaram industrias, estabeleceram fabricas e conquistaram palmo a palmo, com inaudito esforço, o terreno aos selvagens, á inclemencia do clima, aos multiplos obstaculos com que a natureza defende a sua virgindade.

Antes de contaminar a capital da Republica, agrilhoada ao cêpo da rotina, o espirito de melhoramentos com a intuição perfeita das necessidades, das aspirações de um povo culto, se havia manifestado no Amazonas, produzindo Manáos, que se póde considerar a mais brilhante creação industrial da Republica.

A calumnia teve o benefico effeito de chamar a attenção da politica para aquellas remotas paragens, sem lhe conquistar os favores, os auxilios que fôram prodigamente outorgados a outros Estados, mais approximados do fóco das graças.

Desde então, a politica federal começou a lançar olhares cúpidos para a Amazonia. Começou pelo porto de Manáos e terminou pela amputação de um pedaço do territorio, demasiado rico, demasiado extenso para fazer parte, integralmente, de um Estado do norte, um Estado que, com a elasticidade da sua producção, com a sua preciosa borracha, mette zelos, faz cocegas de inveja aos cultivadores da preciosa rubiacea.

O sr. Affonso Penna reconhecerá por inspecção pessoal que, salvos os desvios occasionados pela politicagem preponderante em todo o paiz, como um contagio de que é principal responsavel o Governo Federal, ha no Amazonas um fecundo espirito de iniciativa que, bem orientado, libertado da tutella ferrenha que lhe pretendem impôr, poderá completar a obra de civilisação de que Manáos é a conquista inicial. S. ex. verificará que esses homens malsinados, cujos crimes são peccadilhos veniaes comparados ás atrocidades monstruosas da olygarchia acciolyna, vão deixando traço, vão deixando meritorios vestigios da sua administração como outros que se perpetuam nas suas obras, nos monumentos impereciveis de sua passagem pelo Governo.

E ha muito que fazer ainda naquella feracissima região. Descobriram-lhe rios ignorados, caminhos amplos para maravilhosas fontes de riqueza, continuando a conquista civilisadora esbarrada durante mais de um seculo nos sitios assignalados pelas ruinas dos monumentos da Companhia de Jesus. Falta, entretanto, realizar a obra do povoamento, do radicamento da esparsa população do sólo, facto iniciado pela tenacidade, pela bravura, pela actividade insuperavel da immigração cearense.

Emprehendido systematicamente esse trabalho patriotico, o Amazonas será o primeiro Estado da União, si lhe não cercearem as azas as garras implacaveis de uma politica de ganancia, obsecada pelas opulencias da borracha, encapotada sob o pretexto de augmento dos membros da União.

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA TELEO-MECHANICISTA

O naturalismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas linhas geraes, quaesquer que possam ainda ser suas lacunas, é para Sylvio Roméro a philosophia onde a doutrina da evolução estabelece definitivamente a unidade das forças physicas, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme, do objectivo e do subjectivo, do *phenomenon* e do *noumenon*.

O positivismo *comtesco* desconheceu a delimitação dos dominios philosophicos e scientificos. A philosophia é-lhe a propria sciencia quando definitivamente constituida. Por uma incoherencia de principios, Comte chegou a concentrar na humanidade o indefinido, o intangivel e o indeterminado de Hegel. Para elle, o auctor da *Philosophia Positiva*, a humanidade se assemelhou a alguma coisa do velho Deus dos theologos. A Terra, como o altar dessa divindade, fôra o grande *fetiche*; a humanidade como resumo de tudo — o *grande sêr*.

Como se vê claramente, ha nesta concepção theologica uma reminiscencia atavica do velho erro geocentrico e anthropocentrico — que fez da Terra o centro do mundo e do homem o rei da creação.

Não é esta a theoria agnostica evolucional de H. Spencer, como teremos de ver.

Nos *Ensaios de Philosophia do Direito*, o notavel escriptor brazileiro formúla as seguintes proposições consubstanciadoras dos principios *spencerianos*:

«Ha um impulso evolutivo na sociedade como em a natureza.

A sociedade por toda a parte tem atravessado fundamentalmente as mesmas phases.

A sociedade gravita para o progresso, como os corpos para a Terra e os astros em torno de um centro.

A evolução social tem consistido numa differenciação constante das suas funcções.

Cada alteração fundamental nas producções capitaes do pensamento repercute em todos os ramos das idéas ou intuição geral das coisas.

Os esforços combinados são proporcionalmente mais productivos do que os esforços isolados.

O caracter do aggregado social é determinado pelos caracteres das unidades componentes.

Todo o eggregado estavel tem uma organisação relativa.

Sem uma structura governamental segura e duravel, a sociedade não attingiria grande desenvolvimento.

A' medida que a sociedade cresce, o centro regulador imita a sua evolução tornando-se cada vez mais complexo.

A existencia de um aggregado social é dependente da existencia de desegualdades quanto á auctoridade.

Só a acção de uma organisação que torne obrigatoria a obediencia póde levar os elementos do aggregado social a uma acção commum.

A formação de um organismo social, como do biologico, começa por uma certa differenciação, cujo resultado é tornar a porção peripherica distincta da porção central.

Do agente coordenador encarregado primitivamente de funcções indivisas, pódem saír muitos agentes coordenadores que partilhem entre si as funcções do primeiro.»

Com a maxima probidade litterario-scientifica, declara Sylvio que muitos destes principios se encontram em Spencer; mas ao seu ver — são verdadeiras leis, que se impõem, que não pódem deixar de ser acceitas.

Comprovado pela sciencia o fecundo principio da unidade das forças physicas, estabeleceu-se a co-relação entre os phenomenos physicos e os phenomenos mentaes, intellectuaes e moraes do homem.

A doutrina unitaria teleo-mechanicista encontrou então no *fieri* perpetuo da substancia kosmica, por evoluções e integrações especiaes, grandes verdades proclamadas pela philosophia antiga.

A concepção teleo-mechanicista considera que atomo ou atomos, a molecula ou moleculas em que se concentra em nós o pensamento, moleculas que o constitúem, diremos melhor, e todas as actividades psychicas, — não é ou não são as mesmas dos demais atomos ou moleculas esparsas pelo Universo. Differentes sua relação, sua energia e sua marcha evolutiva.

Em cada uma dessas unidades, reside um fóco de acção, de energia individual e nativa. Mas, a despeito de vida e actividades proprias, regem-se todas em sentido geral por leis mechanicas.

Tobias Barreto não acreditava na existencia de uma sciencia social. Em nome da philosophia de Kant, estabelecendo a distincção entre motivo e causa; aquelle, consciente e finalistico; esta, cega e fatal, elle foi o mais ardoroso batalhador contra o positivismo entre nós.

A constituição de uma *poliologia* scientifica se lhe afigurou impossivel pelo arbitrario que a liberdade indúz na snccussão dos acontecimentos.

Convém que lhe ouçamos as proprias palavras:

«Eu não creio na existencia de uma sciencia social. A despeito de todas as phrases rhetoricas e protestos em contrario, insisto na minha velha these: — a sociologia é apenas o nome de uma aspiração tão elevada quão pouco realisavel. Além deste caracter de simples postulado do coração, que vê, ou quizera ver na sociedade humana um todo organico, subordinado, como os demais organismos, a certas e determinadas leis, a palavra não tem outro sentido que mereça ser investigado.

Logo em principio, salta aos olhos que o estudo dos phenomenos sociaes, considerados em sua totalidade e reduzidos á unidade logica de um systema scientifico, daria em resultado uma estupenda *pantosophia*, evidentemente incompativel com as forças do espirito humano». E, á pagina 103 das *Questões Vigentes*, escreve sobre o mesmo assumpto: «A lei geral da *embryologia* de todos os craniótas, isto é, de todos os animaes armados de cranéo e cerebro, é a seguinte: o desenvolvimento embryonal de cada individuo é parallelo ao desenvovimento paleontologico do respectivo tronco. E' esta lei que Lilienfeld, Le Bon e outros querem applicar á sociedade, sem notar que ella encontra logo um primeiro embaraço, não muito facil de arredar, que é saber qual seja o *embryão social*, cuja outogénese mostre precisamente uma rapida repetição da phylogénese.»

Como se vê, a critica ao naturalismo critico não podia ser mais decisiva e mais altamente vibrada.

A defeza apresentada por Sylvio Roméro a favor de agnosticismo evolucionista, póde ser consubstanciada nas seguintes linhas :

«Não vemos o motivo pelo qual a sociedade humana, submettida a estudo, daria logar a uma *pantesophia* superior ás forças de nossa intelligencia, quando o mesmo não acontece ao mundo physico, mais vasto, mais variado, diz elle.

«Cada um dos seus enormes aspectos, que dão logar á mathematica, á astronomia, á physica, á chimica, á biologia, é por si só talvez tão extenso quanto a materia da sociologia, o que não impediu que o espirito humano instaurasse sobre cada um delles uma sciencia especial, que se divide em numerosas ramificações, esquadrinhando a realidade por todas as faces e investigando milhares de problemas.»

No entender do auctor da *Historia da Litteratura Brazileira*, a liberdade humana é um facto inconcusso, mas que de fórma alguma impossibilita a formação sociologica.

«Ninguem hoje acredita mais, diz Sylvio Roméro, nem defende a liberdade absoluta, o *libérum arbitrium indifferentiæ* dos escolasticos. Sustenta-se apenas a liberdade relativa.» Si atravessando uma rua, um homem vê um carro se dirigir sobre elle, lê-se na *Introducção á sciencia social*, póde-se affoitamente assegurar que em novecentos e noventa e nove casos em mil, elle procurará não se deixar esmagar. Quanto ás previsões scientificas, apezar de nem todas terem o mesmo grán de previsão, devido á natureza dos phenomenos, pensa o philosopho inglez que não se póde affirmar a inexistencia de uma sciencia destes phenomenos. Desde que ha previsão ha sciencia ; tal o principio spenceriano.

«Os mesmos conhecimentos que nos permittem prever a trajectoria de um planeta ou de uma bola, nos ensinam que cada um dos fragmentos descreve uma curva ; que todas estas curvas, ainda que differentes entre si, serão da mesma especie; que (suppondo que se desprezem os desvios devidos á resistencia do ar), serão porções de elipses bastante excentricas para se confundirem com parabolas, pelo menos quando a pressão dos gazes cessar de accelerar o movimento.

Os principios da mechanica nos permittem prever tudo isto com certeza, mas interrogariamos debalde a sciencia a respeito da sorte particular de cada um dos fragmentos.» E conclúe : «sómente a marcha geral de um phenomeno póde ser previsto : as minudencias não o serão.»

Identico é o facto da previsão sociologica.

Releva não deixar despercebido que tambem um espirito culto, o dr. Nina Rodrigues, protesta em nome do determinicismo scientifico contra o livre arbitrio relativo.

A Tobias Barreto, como monista e renovador do direito neste paiz, são preferentemente dirigidos os ataques do illustre professor de medicina legal. A critica inserta n'*As raças humanas* é traçada vigorosamente pelo psychiatra brazileiro e escudada nas lucubrações de Ribot, Veron e Enrico Ferri.

A esse bello espirito, sectario das theorias psychologicas cellulares de Hæckel, affigura-se incoherente o modo de comprehender o phenomeno da vontade da parte de quem entreviu que «mais tarde ver-se-á *na pena em nome de Darwin e Hæckel* alguma coisa de semelhante á *selecção spartana*, ou uma especie de *selecção juridica*, pela qual os membros corruptos vão sendo postos á parte do organismo social.»

E' todavia, digamos logo, carecedor de direito esse processo critico que descobriu incoherencia na concepção philosophica do auctor dos *Menores e Loucos*.

Tobias admittiu, pelo contrario, o livre arbitrio relativo como um postulado do amplo e fecundo monismo de Noiré, que, no consorcio do movimento com o sentimento, encontrou meios de explicação para os phenomenos da vida e do universo inteiro. O notavel pensador, com Darwin e Hæckel, viu na sociedade um conjuncto de forças que luctam contra a lucta pela existencia, mas percebeu que nesse combate a victoria é quasi sempre a da cellula contra a natureza bruta. Então o aggregado humano, que é um producto da natureza, torna-se anti-natural por força da cultura. As leis naturaes deixam de ser identicas ás da mechanica social.

O social, que é um resultante de differenciação, é synonimo de cultural. E é pelo exposto, consoante a sua concepção monistica, que Tobias entreviu a selecção juridica á semelhança da selecção ingleza, surgindo mais tarde, porém, como um producto da cultura, uma manifestação da politica social em nome da civilisação.

Resumindo e concluindo : para a concepção teleo-mechanicista, a sociedade é um producto de transformação de força, e, como um prolongamento da mechanica universal, a mechanica social vive da luz que vem do sol, que é o agente primordial do aperfeiçoamento humano, o extraordinario factor da cultura e das civilisações.

PRADO SAMPAIO.

ARMADA NACIONAL

Os capitães de corveta—Sua superioridade sobre os demais officiaes superiores — As causas — Seu futuro.

No quadro de capitães-tenentes, já o dissemos, a analyse nos conduzirá a conclusões muitissimo mais animadoras, a um resultado, podemos dizer, satisfactorio. São duas principalmente as causas que para isso concorrem : a epocha em que quasi todos os actuaes capitães-tenentes, se fizeram officiaes, é a primeira ; a segunda é ter a quasi totalidade desses mesmos officiaes attingido ao posto que ora occupam em edade relativamente pouco avançada.

De facto, excluidos alguns dentre elles, em reduzido numero, os actuaes capitães-tenentes fôram guardas-marinha de 1880 para cá. Os progressos a que já nos referimos, e que vinham sendo introduzidos na arte da guerra naval, desde o terceiro quartel do seculo passado, impunham-se já em 1880, tomavam uma feição de quasi acabamento, tornavam-se factos incontestaveis. O torpedo automovel fazia-se realidade, a artilharia de ante-carga era definitivamente banida, a electricidade invadia o vaso de guerra, já protegido por couraças que entravam na phase de aperfeiçoamento, etc.

Todos esses progressos, adoptados, embóra medrosa ou tardiamente, na nossa marinha de guerra, contribuiram para que os officiaes que então se formavam, fôssem sendo educados de uma feição diversa daquella por que o haviam sido os seus superiores, aos quaes as novidades introduzidas vinham encontrar officiaes, feitos já na escola antiga, aferrados á rotina e, por commodidade ou falta de estimulo, condemnando os mesmos progressos.

Os nossos officiaes de então formavam-se na epocha em que a nossa marinha de guerra adquiriu as primeiras torpedeiras, o *Riachuelo* e o *Aquidaban*, navios verdadeiramente modernos; na epocha em que foi talvez a maior, e por certo a mais aproveitavel, a movimentação da nossa esquadra, pois foi durante ella que se organizou a primeira esquadra de evoluções no nosso paiz, e que se fizeram algumas viagens em divisão, para não

falarmos das viagens de navios isolados, longas algumas, e em grande numero.

Essa primeira causa teve, pois, como resultado, uma educação mais á moderna dos officiaes que ora estudamos. A segunda causa—a pouca edade com que attingiram ao posto de capitão-tenente, quasi todos elles — trouxe como resultado a conservação do estimulo proprio e do amor á profissão, que, assim, não se lhes mostrava ingrata. Entre os actuaes capitães de fragata, muitos fôram os que alcançaram a promoção a primeiro-tenente com 7 e 8 annos de segundo-tenente, e chegaram a capitães-tenentes com mais de 4 annos. Entre os capitães-tenentes, a maior parte não levou mais de 4 annos como segundo-tenente e quasi todos attingiram ao posto de capitão-tenente entre 30 e 38 annos.

Accresce, como terceira causa, para tornar mais elevado o nivel do preparo profissional dos que são hoje capitães de corveta, o facto de grande numero delles ter tomado parte activa, com o governo ou pelos revolucionarios, no movimento de setembro de 93. As operações navaes então careceram de importancia real, e ambas as esquadras, a do Governo e a revolucionaria, muito deixavam a desejar. Porém, maior aproveitamento teria quem se batesse em qualquer das duas, do que quem se fizesse esquecido pelas prisões politicas ou em commissões longinquas.

Comtudo, esses progressos a que nos referimos, não fôram os ultimos: novos aperfeiçoamentos eram introduzidos na artilharia, no torpedo, nas machinas, na navegação, no fabrico das couraças e das polvoras, e justamente quando esses aperfeiçoamentos eram trazidos para o terreno pratico, eram ultima palavra, a armada nacional atravessava a terrivel crise de desorganisação e de apathia que começou com o findar da revolução de 93, e que ainda hoje não terminou.

Muitos dos actuaes capitães-tenentes, atravéz dessa crise, se fôram atrazando em relação aos novos progressos; raras commissões permittiam acompanhar de perto esse incessante progredir, e para exercel-as o numero desses officiaes era excessivo. As commissões de embarque rareavam; os navios viviam, em infindaveis concertos, inertes nos portos; assim, grande numero de capitães de corveta, officiaes que haviam sido competentes, descaíam, e são hoje, afinal, officiaes mediocres.

Serão perdidos? Não o seriam si as nossas condições fôssem outras; quasi todos, moços ainda, só teem necessidade de estimulo, de algo que os fórce á actividade, que os faça reentrar no antigo amor ao estudo e á profissão, para voltarem a ser o que fôram: officiaes competentes.

Suas condições são diversas das dos capitães de mar e guerra e de fragata que taxámos de incompetentes, já muito mais velhos e alheiados á vida do mar; esses são effectivamente officiaes perdidos, aguardando, em geral, mais dez ou doze annos de serviço (?), na vergonhosa inactividade em que vegetam, para, com uma vantajosa reforma, voluntaria ou compulsoria, retirarem-se aos seus lares.

O numero de capitães de corveta, mediocres, como dissemos, é grande. Não *seriam*, dissemos tambem, officiaes perdidos; *voltariam* a ser competentes, si outras fôssem as condições da armada nacional, si fôsse outro o criterio dos nossos administradores. Mas as condições são as que sabemos e o criterio dos administradores é o que temos visto, e então, esses officiaes mediocres irão dia a dia mais se inutilizando, tornando-se cada vez mais incapazes.

Hoje, porém, fazendo sobre o quadro dos capitães de corveta, estudo egual ao que fizemos para os outros, chegariamos ao resultado seguinte: de 77 officiaes dessa patente ha 25 competentes, ha 30 mediocres e *apenas* 22 incapazes; o *apenas* sáe natural, espontaneamente do bico da penna ao lembrar o numero de incapazes dos outros quadros.

Aqui nos occorrem, impondo-se, as phrases do visconde de Ouro Preto e do almirante Jaceguay, phrases que já transcrevemos quando estudámos a marinha de guerra ao romper a guerra do Paraguay, e que se referem aos officiaes superiores de então: «incompetentes, inutilizados, em geral, pela avançada edade ou pela diuturna permanencia em commissões de terra, perdidos para sempre os habitos, etc.» Nessa epocha, diz ainda o almirante Jaceguay, por palavras outras sim, mas com o mesmo pensamento, foi só nos officiaes subalternos que o governo imperial encontrou a energia, a dedicação e a abnegação necessarias ao sacrificio pela patria; foi só delles que o governo imperial lançou mão; elles, sós, salvaram o bom nome da marinha de guerra, e, talvez, a nação.

As epochas, essa e a de hoje, parecem-se. Os officiaes superiores são, agóra, o que já vimos. Amanhã, não serão, porventura, os actuaes officiaes subalternos, os que, com o sacrificio da vida, terão de salvar, pelo menos, os creditos da armada nacional, desorganizada, impotente, e atulhados os seus quadros superiores de gente inutil e incapaz?

TONELERO.

A LIVRARIA

OS MODERNOS PUBLICISTAS PORTUGUEZES, POR BRUNO — LIVRARIA CHARDRON, DO PORTO.

Por criticas que tive occasião de ler, feitas ao *Brazil Mental*, publicado não ha muito, e devido á penna do mesmo auctor deste livro de agóra, eu julgava formar uma idéa approximada de quem elle fôsse.

Não me pezava muito, em consequencia, haver deixado passar aquelle seu volume anterior sem lhe conhecer nem o frontespicio, estando fóra do paiz na occasião em que elle appareceu á venda. Ninguem lhe negava certos elogios, mas ao par de censuras taes, que estas eram antes para persuadir-me que eu me devia dar as alviceras por ter escapado á sorte que levára os meus collegas a manusear esse volume.

Agóra que tive de perpassar as paginas deste outro, dou razão em bôa parte aos criticos, verificando mais uma vez, apezar de tudo, como os gostos neste mundo variam.

Devo declarar: sympathizei com o sr. Pereira de Sampaio, que assigna seu nome no prologo, embóra continúe a adoptar na face do livro o pseudonymo de Bruno, por que mais o conhecem.

E' certo que dois grandes defeitos o prejudicam enormemente: a falta de methodo e um estylo insano, inexplicavel, — elle que me perdôe, — a não ser num ignorante de máu gosto.

Dizia-se, a proposito do *Brazil Mental*, que nessa obra tudo se encon-

trava menos aquillo que o titulo nos promette. Com este outro quasi que acontece a mesma coisa: termina-se a leitura dos *Modernos Publicistas Portuguezes* sem ficar com uma idéa sufficiente em relação a estes.

Não é que o auctor deixe de citar nomes e mesmo de falar longamente sobre muitos individuos; mas é que o faz sem ordem chronologica ou de qualquer especie que seja, ás soltas e ao acaso, determinado este ás vezes pelas mais caprichosas, mais imprevistas suggestões.

De roldão com portuguezes, ahi véem hespanhóes em quantidade, gente de França, allemães, inglezes, russos, *tutti quanti*, e, sempre em gyro, na curiosa sarabanda em que andam todos e tudo, elle, Pereira de Sampaio, vulgo Bruno, como um figurante central, falando-nos de sua vida, de suas obras, de suas amizades, de suas crenças, de seus desesperos. Apezar da vertigem em que anda nesse vortice incessante, váe abrindo-nos innumeraveis livros pelo caminho, citando, a proposito, e mesmo quasi que sem proposito algum, ás vezes uma só phrase, outras vezes seis paginas em corpo dez.

Começando a falar-nos de Theophilo Braga, embarafusta pela poesia, e como de poesia se trata cita-nos o russo Bakunin, aproveitando ainda o assumpto para lembrar o nome de Victor Hugo e referir-se ao sr. Maximiano Ricca, traductor portuguez.

Do sr. Maximiano salta para Herbert Spencer, deste para sir George Grey e a sra. Thomson.

Cita Turner a proposito dos ilhéos da Nova Caledonia, e depois Burton, lembrando o que este observou entre os krumanos em relação ao que elles pensavam sobre os europeus.

Apoia-se em Barbe para confirmar a observação de Burton e tem occasião de beliscar Herbert Spencer pelo anglicanismo exaggerado que lhe uota, apezar da universalidade de suas doutrinas.

De Spencer passa para Darwin, de Darwin para Wallace e deste para o espiritismo.

A proposito de apparições, fala-nos em Viriato, em Annibal, em Sexto Julio Frontino, e, antes de pôr um termo ao periodo em que nos faz defrontar com estas sombras remotas, refere-se a um contemporaneo, o sr. Léo Joubert, a proposito de certa pecha que elle lançára sobre o referido Frontino.

Neste ponto volta, ao sr. Theophilo Braga.

Cito este exemplo só. O livro inteiro é assim construido. São as digressões que constitúem o assumpto principal; aquelle que o devia ser, em obediencia ao titulo, transforma-se em mero pretexto.

Quando se volta destes longos episodios, vem-se esbaforido, desmoralisado, com a laço da gravata desfeito, sem poder atinar, de todo, muitas vezes, com o ponto de que se havia partido.

Ha casos em que Bruno cita simplesmente por citar, não raro com prejuizo do auctor, porque põe em relevo justamente os seus mais humildes logares communs.

Por exemplo, este, que elle transcreve do brilhante Latino Coelho: «Um rei que foge é moralmente um rei que abdica.» E ainda este outro do mesmo auctor: « O dia 14 de julho de 1789 assignalára a abolição da realeza absoluta.» Coisas que se não devem deslocar do corpo da obra, onde tem ellas sua razão de ser.

Como si não bastassem estes defeitos de methodo e esta falta de bom gosto na linha geral da construcção, que fatigam, desorientam e indispõem o mais benevolo dos leitores, quasi que todo o livro é feito num estylo phantastico, inverosimil, numa linguagem arbitraria, cheia dos mais excusados gallicismos, pejada de vocabulos cujas terminações se encontram modificadas por mero e esturdio capricho, com a incrustação de locuções ás vezes archaisadas, que sôam mal hoje em dia e antes desconjunctam ainda mais, ajudadas por uma estrambotica syntaxe e uma excentrica pontuação.

A's vezes, os adjectivos véem puxados peles cabellos, sendo muito pouco applicaveis no caso, prejudicando, si não traíndo totalmente o effeito procurado.

Como consequencia de tudo isso, resulta uma obscuridade geral, antipathica e cançativa, mesmo irritante, que levará a maior parte dos leitores a fecharem o livro, descoroçoados, vencidos, com a resolução heroica de nunca mais lhe pôrem a vista.

Quem dispõe de tempo, entretanto, e deseje distraír-se com alguma coisa de que possa tirar algum proveito, não andará acertado decidindo-se irrevogavelmente por esse acto de condemnação.

E' curioso. Não conheço outro caso que offereça perfeita analogia com este, principalmente na lingua portugueza. Aprofundando-se os trabalhos do sr. Sampaio, verifica-se que os elementos anarchicos qne entram na sua composição, tirando-lhes toda e qualquer harmonia exterior, não impedem, no emtanto, que haja nelles uma unidade intima, que os anime um espirito intelligente, seguro e sympathico.

Chegando-se a terminar tão ardua leitura, reconhece-se que se acabou de travar conhecimento com um individuo perfeitamente estimavel, como é todo escriptor honesto, que antes de emprehender tomar-nos o tempo tratou de se fazer digno de ser lido, adquirindo a melhor e mais intensa cultura de que era capaz, e que em seguida nos apresenta com lealdade, sem poupar-se a esforços, o fructo desse serio labor.

Bem considerado, o livro do sr. Bruno, não correspondendo á intenção particularista do seu auctor, subordina-se, comtudo, a um determinado assumpto, nas suas linhas geraes. Elle não representa a apotheose e ainda menos a critica dos modernos publicistas portuguezes; mas póde ser considerado como material para a historia da evolução das idéas politicas no Portugal moderno.

Atravéz de todo o pandemonium, que é o que vem a ser, por certo lado, as paginas de que estamos falando, esse assumpto é nellas tratado com segurança, lucidez e probidade que chegam a tornar a obra interessante.

Não podia compôr este livro um homem falto de fortes conhecimentos geraes, por leituras, reflexão e viagens, que não assistisse interessado ao desenvolver da historia contemporanea de seu paiz e descurasse de colligir os documentos que no evoluir dos dias íam se lhe offerecendo, mas, sobretudo, que não tivesse uma alma sufficientemente bem formada e dotes de espirito bastantes para discernir claramente, julgar com imparcialidade e affirmar-se sem tibieza, de modo a poder nos dar conta do que vem a ser o problema politico portuguez, expondo-nos sua opinião sobre o modo de resolvel-o.

Porque é isso principalmente o que tem a lucrar aquelle que precize aprender alguma coisa a este respeito, si se der ao aspero trabalho de chegar até ás ultimas paginas deste livro.

Confesso que a mim não foi tão difficil fazel-o, porque, como já disse no começo, o sr. Pereira de Sampaio, ou leia-se Bruno, conquistou minha sympathia pela feição intima do seu espirito.

Depois, acontece que até nas proprias digressões poucas vezes elle deixa de ser interessante, lido como se mostra, e de bôa leitura, lido e vivido, doptado de uma accentuada sympathia geral pelos homens e pelas coisas, mas ao mesmo tempo calmo e avisado em todas as occasiões, como um bom representante da nossa assizada raça luzitana.

Vaguei com elle atravéz das suas paginas como um companheiro mais velho, sem querer saber muito por que azinhagas, betesgas ou dedalos me levava, confiante em que ia ao lado de um homem honesto, a quem a vida e

os estudos tinham certamente deparado pontos de vista que eu ainda não conhecia, principalmente tratando-se de certos objectos, sobre os quaes quasi que apenas eu me iniciava.

Houve occasiões, porém, em que, antes contristado do que contente, o vi saír da sua calma habitual. Foi quando se tratava das coisas presentes portuguezas.

Quem sempre viveu no Brazil, onde hospedamos tantos representantes do velho reino, mas que na sua grande parte saíram da camada popular e aldeã, ainda hoje intacta, systematicamente optimista e confiante nos destinos da patria, não póde fazer uma idéa do pessimismo corrosivo que lavra hoje na alma do portuguez das cidades, principalmente do portuguez viajante e *snob*, phantasiado de inglez e arranhando allemão, com coremoniaes parisienses, que se encontra vagando, superiormente desilludido, pelas capitaes de Europa.

Era difficil que o sr. Pereira de Sampaio deixasse de padecer um pouco dessa molestia. A litteratura portugueza contemporanea propagou-a por todos os centros cultos do paiz, ajudada infelizmente em bôa parte pela triste realidade das coisas. Ella veio para denunciar esta ultima, e denunciou até ao exaggero.

As paginas em que o auctor dos *Modernos Publicistas Portuguezes* se revolta contra as praticas e costumes geraes de sua terra participam da energia impiedosa e apaixonada de quanto os Ramalhos, os Eças, os Antheros, os Oliveira Martins produziram nesse sentido.

E' impossivel a um povo radicalmente mudar de indole, e ainda bem, porque a extirpação de um defeito implica o fanar inevitavel de uma qualidade correspondente.

Por outro lado, não ha raça, como não ha individuo incapaz de representar num dado caso uma quantidade positiva ; esta, porém, se tornará negativa, conforme as novas necessidades da occasião. A culpa principal do derrotado é não ter vindo á sua hora, ou então ter sobrevivido a ella. E só no caso em que as circumstancias tornem a offerecer-se analogas ás que nos deram uma determinada victoria, é que podemos nos fazer novamente necessarios e ganhar outros laureis ainda.

Reflectindo-se assim, comprehende-se a situação moral dos portuguezes illustrados de hoje, porém antes se os lastima do que se lhes póde dar inteira razão. De certo ponto por deante, as recriminações dos Isaias de todos os tempos são injustas e apenas contraproducentes.

Lendo-se, no emtanto, no intimo destes homens, vendo-se que os melhores dentre elles nessa attitude ardorosa de agóra ainda se mostram os herdeiros dos batalhadores sobrehumanos que symbolizam a raça nos seus tempos aureos, sente-se uma enternecida sympathia em seu favor, como será o caso de quem saiba conviver intellectualmente com o honesto, intelligente e operoso auctor deste livro.

Por fim, duas palavras devidas á casa dos srs. Lello & Irmão, estabelecida no Porto, editora da obra. Nós outros brazileiros lhe devemos deferencia, vendo figurar no seu rico e variado catalogo, entre outros nomes, os de varios dos nossos auctores. Principalmente por nos ser bastante necessario, e talvez já não menos a Portugal, que alli se tenha uma noção do que vamos sendo muito mais exacta do que infelizmente por emquanto acontece.

NUNES VIDAL.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Panno de madeira. — Novas applicações da madeira, como succedaneo do algodão, da crina da sêda.

E' o nome dado ao tecido feito com um textil chamado *licella*, que, inferior ao algodão, adquire mais resistencia si se lhe adicionar 1 ou 2 % de viscose (cellulose da madeira) de polpa preparada com carbonato de soda pelo processo Kellner-Turk, permittindo fiar fios extremamente finos, de comprimento ininterrupto, quasi illimitado.

Com essa materia prima se fazem pannos de 1 metro e 40 centimetros de largura, tão barato que se póde obter com elle um vestido custando uma duzia de francos.

Essa nova utilisação da madeira veio dar-lhe um accentuado augmento de valor. Calcula-se que uma stera de madeira de pinho na floresta vale pelos preços allemães, 3 fr. 50 ; empregado como combustivel, 7 fr; como cellulose polpa, na fabricação do papel, cerca de 60 fr ; como fio, substituindo a juta, o algodão, conforme o processo Kellner-Turk, 60 a 115 frs ; transformado em imitação de crina de cavallo, 1.785 frs ; transformado em sêda artificial, conforme o processo de Lechner, 3570 frs.

Disso se conclúe que a industria florestal póde offerecer magnificos lucros áquelles que souberem explo-ral-a.

Insectos prejudiciaes. — Seus inimigos: — Fiscalisação das sementes e plantas importadas. — O que se fez na California.

Perseguida pelos insectos prejudiciaes, muito abundantes no seu territorio, a California empregou contra elles severas medidas que consistiram principalmente :—1°, na propagação de outro insecto inimigo do que destruia e infeccionava as plantas ; 2°, a quarentena imposta a todas as plantas aos bulbos ou arbustos importados.

A cincidella ceoptero, que ataca certos fructos, foi rigorosamente combatida exterminada pela scutellista cyanea, mosca de quatro azas, originaria, do Cabo e terrivel adversaria dos insectos prejudiciaes.

Graças a esse precioso auxiliar, a industria dos pomares, um dos grandes recursos da California, pôde salvar alguns milhões de dollars annualmente. Além disso, as vantagens desse processo são duplas : de um lado, restringe as causas de um mal, um verdadeiro flagello ; por outro lado, evita consideraveis despezas com os outros meios empregados.

Apezar disso, a importação de sementes e plantas continúa a ser severa e minuciosamente fiscalisada. Uma commissão especial, para isso nomeada, reconheceu que muitos insectos prejudiciaes são importados com as plantas. Dahi, a necessidade de pol-as em quarentena, sendo destruidas inexoravelmeute as suspeitas de vehiculo de germens nocivos.

A lei investiu essa commissão das mais amplas attribuições para auctorizar a introducção de plantas que são examinadas minuciosamente, soffrem fumigações, passam por varios exames até serem collocadas numa caixa especial com uma etiqueta da inspecção que lhes auctoriza a livre introducção no territorio do Estado.

Essas quarentenas são muito rigorosas em certos paizes da Europa; alguns dos quaes, como a Italia, prohibem absolutamente, para preservar os seus vinhedos, a importação de qualquer planta proveniente de França ou de paizes infectados de phyloxera. Um bouquet de flôres, um fructo não pódem atravessar a fronteira.

No Brazil se teem feito varias tentativas para applicação do processo de oppor aos insectos prejudiciaes insectos bemfeitores. Contra a saúva voraz estavamos empregando a formiga cuyabana que é um inimigo feroz daquella que, em certos pontos do territorio nacional, é uma verdadeira peste da lavoura.

Tambem se recorre contra os insectos nocivos, principalmente a lagarta, ao auxilio dos passaros. Nos Estados-Unidos, foi preciso importar da Europa pardaes para protegerem a

lavoura. Esses alados amigos do homem se propagaram maravilhosamente em myriades que povoam os campos, as ruas de cidades, onde são tratados com especial carinho.

Não acontece o mesmo entre nós. A nossa população do interior não comprehende a funcção benefica desses protectores das seáras; persegue-os sem piedade, como em S. Paulo, onde os italianos destruiram os passarinhos para servirem de alimentação.

O governo francez promulgou um decreto approvando a convenção, assignada em Paris a 19 de março de 1902, entre os governos da França, Allemanha, Belgica, Hespanha, Grecia, Luxemburgo, Monaco, Portugal, Suecia e Suissa, para a protecção das aves uteis á agricultura.

Nos principaes artigos dessa convenção, ficou estabelecido: protecção absoluta das aves uteis, insectivoras, de modo que é prohibido matal-as em qualquer tempo, destruir-lhes os ninhos, os ovos e as ninhadas; interdicção da importação, transito, transporte, compra e venda de ninhos, ovos, ninhadas; prohibição de todos os processos de captura ou destruição em massa.

A convenção organizou uma lista das aves uteis e outra das aves nocivas.

PAGINAS ESQUECIDAS

AINDA «O PRIMO BAZILIO»

Como promettemos no num. 76—quando aqui saíu a primeira resposta ao artigo de Eleazar contra o *Primo Bazilio*—damos hoje a segunda, que é firmada por um velho jornalista que se occultava no pseudonymo de *Amenophis-Effendi*. Já dissemos, e repetimos, que era inprescindivel publicar essas defezas ao livro do Eça, para bem se considerar o outro folhetim de Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, cujos rodapés de critica, no *Cruzeiro*, fizeram epocha em 1878.

—

.....

Que te relate o que me tem chamado aqui a attenção, pediste-me tu. Começarei a cumprir hoje a promessa, e como ouço constantemente, quando dois conhecidos se encontram quer nas ruas, nas praças, nas mesquitas, uma só pergunta: já leste o *Primo Bazilio*? tendo hontem acabado de ler o romance portuguez a que se referem, e em seguida um folhetim critico de uma publicação diaria, *Cruseiro*, analyzarei ás largas essa critica, e assim terás uma idéa do romance do distincto escriptor portuguez e do seu critico.

Eleazar (*que não parece ser protegido por Deus*) começa por classificar *titere* a heroina do romance; duas linhas depois dessa classificação, consente que este *titere* tenha nervos e musculos (Eleazar é mais habil que Vaucanson). Apezar do *systema nervoso* de Luiza, o critico nega-lhe a possibilidade de ter paixões, remorsos e mesmo consciencia.

Não ha duvidar, em essa Galathéa depois de animada pelo sopro de vida de Pygmalião, Eleazar continúa a ver a estatua, não lhe importando o favor concedido por Venus ao famoso rei esculptor, e isso apezar da moça, quando solteira, ter amado Bazilio, apezar de Luiza ficar *nervosa* quando vê o primo que voltára do Brazil, máu grado *fazer-se escarlate* quando o moço diz-lhe estimar muito ter chegado estando o marido ausente da cidade, rubor esse que não obsta o abandonar da mão a um beijo e o fazer o Bazilio comprehender que deve voltar no dia seguinte.

Que fazer? Eleazar não consente que se *peçam paixões e remorsos* a Luiza, entretanto que *a tarde e a noite a moça gasta-as a pensar ora no marido, ora no primo*; isso é o *introito* da quéda do *titere*, quéda que *nenhuma razão moral explica, nenhuma paixão sublime ou subalterna* (?) *nenhum amor, nenhum despeito, nenhuma perversão siquer explicam. A moça resvala no lodo* SEM VONTADE, *sem repulsa*, SEM CONSCIENCIA, Bazilio *não faz mais do que empuxal-a, como materia inerte que é.*

Nos lupanares de Roma, Eleazar encontra uma *lupa* que se diz chamar Lysisca; o critico sabe depois que essa mulher é a imperatriz Messalina, a esposa de Claudio, que não váe em busca de aureus, porém á procura da saciedade do seu systema nervoso hyperesthesiado.

Eleazar não póde comprehender o typo da imperatriz romana, porque não vê em esses actos de Messalina uma *razão moral*.

Boileau podia lembrar ao critico, e com razão, algumas das palavras que escreveu:

Avant donc que d'écrire, apprener à penser.

Cheguemos, porém, ao marco miliar do folhetim critico; assistamos á collocação de Eça de Queiroz no pelourinho das lettras apontando Eleazar o defeito capital do romance.

«O marido váe chegar, Bazilio está saciado, Juliana, o caracter mais verdadeiro e completo do livro (por ser uma creada insolente e ladra? o critico não se explica) assenhorêa-se das cartas da ama, e esta, quando tem sciencia que a creada está armada desses instrumentos, resolve fugir com o primo, prepara um sacco de viagem, mette dentro alguns objectos, entre elles o retrato do marido». Eleazar ignora *a razão physiologica ou psychologica* (porque uma razão póde ser do dominio da vida e não ser do senhorio da alma e vice-versa, assim nos indúz a crer a conjuncção disjunctiva empregada pelo critico) desta precaução de ternura conjugal. Não comprehendeu Eleazar a irrisão ferina, o sarcasmo fino, o ludibrio pungente do auctor fazendo a mulher, prestes a confirmar pela fuga o macula que a enlamêa, ter sempre comsigo a lembrança viva da victima de seu crime, o marido em retrato.

Não classificarás Eleazar ingenuo? Responderás por mim.

Continúa o critico: «Não se effectúa a fuga, porque o primo não quer complicações; limita-se a offerecer dinheiro para rehaver as cartas, dinheiro que a *prima recuza*, despede-se e retira-se de Lisbôa. Dahi em deante, o *cordel* que move a *alma inerte* de Luiza passa das mãos de Bazilio para as da creada». Luiza é decididamente um titere, *nem lhe falta o cordel*, porém o critico diz pouco antes que a moça recuzára o dinheiro que lhe offerecera o primo para que houvesse de Juliana as cartas. Perguntaremos si quem assim procede tem ou não alma? Esse titere tem ou não algum pundonor? Morre a creada e dias depois a ama; assim termina o romance.

O critico, que é tão perspicaz, ou *ainda mais que o leitor*, argúe de incongruente a concepção do sr. Eça de Queiroz e de inanime o caracter de Luiza.

Quaes as razões apresentadas? «Suppõe que as cartas não fôssem descobertas, ou que a creada não tivesse tido a malicia de as procurar, ou, em uma palavra, que tal creada, ou pessôa com ella parecida, não existisse, então estava acabado o romance logo depois que o primo tivesse conquistado a conquistavel prima, porque Bazilio satisfeito ir-se-ía embora, chegaria do Alemtejo o marido, emfim tudo voltava ao antigo estado. Para obviar esse inconveniente, Eça de Queiroz inventa a creada e o episodio das cartas, as ameaças, as humilhações, as angustias, a doença e a morte da heroina.» Si Alexandre Herculano tivesse casado Hermengarda com o gardingo no primeiro capitulo do seu *Monasticon* poderia ter escripto as paginas brilhantes de vida e de luz que terminam com a morte de Eurico e a loucura da irmã do d. Pelaio em Cavadonga? Para que o immortal escriptor portnguez fez de Eurico um presbytero e não o matou logo que o pae

de Hermengarda recuzou-o para noivo de sua filha? Assim teria concluido o seu romance quasi antes de começal-o, escrevendo então um outro livro acompanhando a entrada dos mouros em Hespanha. Si Eleazar, o irmão de Judas Machabeo, não tivesse querido matar o elephante sobre o qual estava Antiochus, para aprisionar o rei da Syria, não teria o valente guerreiro morrido esmagado por esse animal que caía morto; mas que fazer! a fatalidade quiz que Antiochus montasse um elephante quando podia estar a pé para Eleazar não ser esmagado por elle. O critico condemna a invenção das cartas e da creada, como, estamos convencidos, censura A. Herculano, por não ter acabado com Eurico antes de ser presbytero.

Inanidade de caracter na heroina! E' porventura inverosimil esse typo? Incontestavelmente, Eleazar sonha Amazonas em todas as mulheres, quer de hoje, quer de outr'ora, e só em esse genero é que comprehende a existencia do que elle chama *vinculo moral*.

Eça de Queiroz, escrevendo o seu romance, assim o entendemos, não intentou dar aos que o lessem ensinamento algum, nem demonstrar these alguma; quiz tão sómente photographar scenas communs da sociedade moderna e esse é o proceder da escola romantica positiva; longe della, o ensinar a moral pelas deducções dos seus romances.

O mais *grave*, o *gravissimo* do romance de Eça de Queiroz, diz o critico, é o tom desse livro, o espectaculo dos ardores, exigencias e perversões physicas com a sua leitura dispertadas, e, por assim dizer, realisadas.

O auctor é arguido por escrever reminiscencias e allusões de um erotismo, que Proudhon chamaria omnisexual e omnimodo, confessando já que Luiza, longe de, ao pensar no esposo, esperar um sentimento superior, calcule os gosos da sensualidade e tenha sómente os «impetos da concubina.»

Vê-se, pois, que, para o critico, Luiza já não é um triste *titere*, como mais de uma vez a classifica; é, como diziamos, uma mulher dominada pela hyperesthesia das papillas nervosas. Si o tom, as reminiscencias, as allusões de algumas paginas do romance de Eça de Queiroz produzem, no entender do critico, um erotismo omnisexual e omnimodo, o que produzirá o seguinte?:

1º Quão formosos são teus pés, em tuas sandalias, ó filha do Principe! os lineamentos das tuas coixas são como grilhões preciosos contornados por mão de habil artista.

2º Teu umbigo é como taça redonda, em que não falta bebida, teu ventre um cumulo de trigo matizado de lirios.

7º Tua estatua é egual á da palmeira e teus peitos verdadeiros cachos de uvas.

8º Dizia eu: subirei na palmeira, pegarei nos seus ramos: e então teus peitos serão como cachos na vide e o cheiro de tuas narinas como o das maçãs.

O que acabo de transcrever são alguns trechos do capitulo VII da celeberrima poesia intitulada: *Cantico dos Canticos*, e seu auctor, o celebre rei Salomão, não pertencia á escola positiva, que parece ser tão erotica para Eleazar, que entretanto dará a Biblia a ler de preferencia aos romances positivos. Incontestavelmente, Salomão foi, como é hoje o romancista portoguez, realista *intenso e completo, não mitigado, servindo-se de tons e de tintas tão carregadas que assustam*; entretanto, si Eleazar é catholico, si judeu, deve saber que o *Cantico dos Canticos* faz parte do seu livro sagrado — a Biblia.

Não nos parece que o realismo, iniciado na litteratura portugueza pelo sr. Eça de Queiroz, vá caminho da estrangulação, si não fôr seguido o parecer de Zola, que Eleazar diz ser o chefe da escola, parecer que o proprio chefe menospreza em seus romances: não ser preciso ser grosso o traço para ser exacto: não; o mundo caminha, e si alguem houvesse que approximadamente escrevesse um romance como o *Monge de Cistér* não seria esse livro tão apreciado como antes, porque já não estaria com a epocha, perfeitamente caracterisada, definida por Henrique Heine nas seguintes palavras:

«Rufa o tambor com braço juvenil e não receies, beija a vivandeira. Eis toda a philosophia, o sentido mais profundo dos livros.»

Não conheço o illustre critico cujo folhetim acabei de analyzar, e muito menos por elle sou conhecido, pois estrangeiro recem-chegado a esta terra hospitaleira a poucos homens de lettras conheço; entendo, porém, ser dever meu pedir desculpa ao filho do paiz si critiquei uma critica que pretendeu fazer.

AMENOPHIS-EFFENDI.

(*Gazeta*, n. 108, anno IV, 24 de abril de 1878)

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

A população do Estado de Minas — A população do Estado de Minas, segundo o recenseamento de 1890, era de..... 3.184.099 habitantes: — homens,... 1.627.461; mulheres, 1.556.638.

Em relação ao censo de 1900 — 4.227.400—houve um augmento de 2,5% no decenio. Em 1906, póde-se dizer, conforme dados officiaes, que ella chega a ser de 4.500.000 habitantes, regulando 8 por kilometro quadradado o algarismo da densidade da população.

Vê-se, portanto, que a população do Estado de Minas é maior que a de algumas republicas sul-americanas: Columbia, 4 milhões; Chile, 3.350.000; Perú, 3 milhões. E' mais ou menos correspondente ao numero de habitantes da Republica Argentina (4.550.000) e do Estado do Ohio (4.558.000); maior que a população dos Estados do Missouri (3.107.000) e Texas (3.049.000). No Brazil, os Estados mais populosos (S. Paulo e Bahia) lhe são muito inferiores no numero de habitantes, pois S. Paulo tem 2.500.000 e a Bahia 2 milhões.

***

A mais alta ponte do mundo — A nova ponte sobre o rio Zambezi, Africa, é a mais alta do mundo. Atravessa o rio numa distancia de 156 metros. Tem de altura 91 metros acima do nivel do rio e de largura 7 metros.

***

Os mais compridos cabellos do mundo — Pertencem á mexicana Mercedes Lopez os mais compridos cabellos do mundo. A altura della é de 1 metro, 20, e quando está em pé os seus cabellos arrastam no chão 1 metro, 12. Além de compridos, são de tal modo espessos que ella se póde esconder completamente dentro delles. Como crescem muito rapidamente, ella vende aos cabelleireiros todos os mezes grandes tranças de cabello.

***

Conta de bebidas da Allemanha — O dinheiro que se dispende na Allemanha em bebidas é o triplo do que se gasta com o exercito e a armada juntos, e é sete vezes maior que o custo da educação primaria. O povo allemão poderia pagar toda a divida nacional, si desviasse o dinheiro das bebidas para

esse fim, durante um anno e um mez, conforme pacientes estatisticas a que se procedeu ultimamente.

***

A menor mulher do mundo A menor mulher que existe actualmente no mundo é a excellentissima senhorita Paulina, hollandeza, de 18 annos de edade e 20 pollegadas de altura. Peza 4 kilos.

***

O fumo e o cancro na lingua Um inquerito official verificou ser rarissimo na Jamaica o cancro na lingua e nos labios. No emtanto, quasi todos os habitantes, homens e mulheres, fumam abundantemente.

***

A volta do mundo Um homem que, sem descanço, andasse noite e dia, gastaria, para fazer a volta ao mundo, 428 dias ; um trem expresso, 40 dias ; o som, em uma temperatura média, 32 1/2 horas ; uma bala de canhão, 21 3/4 horas ; a luz, um pouco mais de 1/10 de segundo, e finalmente a electricidade, passando por um fio de cobre, um pouco menos de 1/10 de segundo.

***

Um romancista inglez no Japão Um japonez, Nobushiga Amenori, publicou ultimamente a apreciação dos seus compatriotas sobre a obra de Lafcadio Hearn, o grande romancista inglez que, vivendo no Japão, fez conhecer aos inglezes o verdadeiro nippon. Elle penetrou a alma japoneza, e ninguem, mesmo os filhos do Sol Nascente, a traduziria melhor do que elle no *Yuho* e no *Sorriso japonez*. Aquelle que no Oriente se chama Yakumo Kaizumi nunca inventou as historias que contava ; ouvia-as das boccas dos peregrinos, dos viajantes e dos creados. Algumas daquellas deliciosas novellas fôram lidas nos jornaes e outras, vistas por elle mesmo, graças ao contacto que mantinha com o seu povo de adopção.

***

Terras devolutas em Minas Sem contar a rica e grande região de léste, no valle do rio Doce e seus affluentes, a área das terras devolutas do Estado de Minas sóbe a 843.137.738 metros quadrados, conforme dados da repartição official de terras e colonisação.

A presidencia da republica nos Estados-Unidos e na França Por occasião da escolha para presidente da republica, na França, a *Review of Reviews*, de New-York, publicou um artigo do sr. Monroe Smith, que compara a presidencia da Republica Franceza com a americana, mostrando que a grande differença entre os chefes dos dois Estados provém do seu modo de eleição, que na America emana do povo, emquanto na França é simplesmente a expressão da vontade do Congresso formado pela reunião do Senado e da Camara.

O articulista vê ahi uma causa da inferioridade real do presidente francez deante do presidente americano, no ponto de vista da auctoridade. O presidente na França não é, com effeito, responsavel sinão deante do parlamento, unicamente ; o mesmo não acontece ao presidente *yankee* : elle se torna responsavel perante toda a nação.

Na realidade, diz o sr. Smith, a posição do presidente francez assemelha-se á dum rei num paiz constitucional, reinando sem governar. Elle não tem influencia social pessoal, ou, pelo menos, não póde exercel-a sinão no conselho de ministros.

***

A emigração dos chinezes Na *Revue de Belgique*, Goblet d'Alviella fala do recenseamento de 1890 que contava, nos Estados-Unidos, perto de 100.000 chinezes. 45.000 desses filhos do Imperio Celeste estão na California.

Os chinezes são os melhores creados da America, mas acima de tudo, são extremamente economicos. Todos os seus ordenados vão para a China. Assim, em vinte annos, os bancos transferiram 120 milhões de dollars para o grande imperio dos mongóes.

***

Influencia da Inglaterra nos Estados-Unidos O almirante Bridge, na *Nineteenth Century*, de Londres, admira-se da cultura intellectual da terra de Washington, e attribúe esse «magnifico desenvolvimento» á influencia ingleza, que não tem deixado de se exercer, apezar da independencia americana, em todos os ramos, na legislação, na politica, na litteratura, no ensino, na jurisprudencia, em toda a vida publica, afinal. O auctor, que se regosija de ver que nenhuma das qualidades britannicas está diminuida na grande republica norte-americana, estuda o assumpto com grande enthusiasmo.

Esse quadro assim tão laudativo está escripto com tanta ingenuidade que faz pensar que não falta sinão uma coisa á terra *yankee* : abjurar a independencia para voltar a ser colonia, ter a grande delicia de ser dirigida por Eduardo VII. O almirante inglez pensa e está na firme certeza disso, que, nesse ponto, Jonathan ama John Bull...

***

Questões de raça na Norte-America Uma peça novamente representada nos Estados-Unidos acabou de trazer para o theatro a questão de raça em toda a sua violencia e levantou as mais vivas coleras e os protestos mais indignados. O rev. Thomas Dixon, no *Clansman*, quiz mostrar a situação difficil e miseravel mesmo dos brancos quando o sul saía das ruinas depois da guerra civil. O traidor é um mulato, Silas Lynch, alferes governador de Carolina do Sul ; o heróe pertence ao *Ku Klux Klan*, associação americana que tem como fim, por meio de processos mysteriosos e terrificantes, afastar os negros do escrutinio, impedil-os de ter escolas, reduzil-os, afinal, á sujeição e á dependencia dos brancos.

Ha no drama de Dixon uma scena muito impressionadora na qual os membros do *Ku Klux Klan*, cavalheiros modernos vestidos de grandes mantos, uma cruz vermelha ao peito, á cabeça um capacete enorme, com a figura occulta por um véo branco, hypnotizam um negro, que, na presença daquelles homens exoticos, confessa um crime antigo.

No theatro que tem em scena o *Clansman* os logares reservados aos negros, ficam vasios todas as noites, porque os outros espectadores impedem os homens de côr de occupar as cadeiras que lhes são destinadas.

As officinas dos «Annaes», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XVIII

Na ultima parte do nosso artigo anterior, ficou descripto o inventario da herança que a Constituinte pretendia deixar-nos; de certo, ninguem, por mais optimista que seja, dirá que essa Assembléa é um padrão de glorias nacionaes. Ella tem seus meritos, sua dignidade e honra, attendendo-se ao tempo em que funccionou e as circumstancias do paiz, ainda rude e inculto, rompendo o jugo ferrenho do dominio colonial e sem a experiencia, que os povos tambem adquirem com o suor da propria fronte.

Seria, porém,—*chauvinismo*—nol-a apresentar como modelo de sabedoria; esta lhe faltou e, com ella, a experiencia, que é a principal mestra da vida politica do individuo e das nações. Mas, em geral, os historiadores brazileiros, sem examinar os factos, tomados de arroubos de patriotico enthusiasmo, imbuidos da crença na superioridade da geração heroica daquella epocha, ensinam, em seus livros, que a Constituinte foi o modelo das nossas assembléas politicas. E', além dum erro, deficiencia de patriotismo, o corromper desta sorte o espirito da mocidade, que não estando preparada por acurados exames, crê que na realidade, os homens de 1823 fôram superiores aos que viveram sob o regimen parlamentar posterior, onde a sciencia rivalizava com o bom senso; o patriotismo, com a eloquencia; a honra com o culto da justiça e o orgulho legitimo da independencia de caracter.

Nenhum de nós, que veio depois das primeiras gerações successivas das da independencia, escapou do contagio; todos fomos educados no culto da geração de 1823; todos, sem conhecimento dos factos, reputavamos um constituinte superior aos legisladores quer do regimen parlamentar, notavel pelo esplendor dos talentos, pela cultura das lettras e sciencias, quer do regimen mesmo do governo presidencial, que herdou os conhecimentos accumulados e transmitidos e vê os resultados da experiencia dos outros povos.

Si negassemos aos que representavam a nação brazileira no parlamento de 1823, as virtudes de que deram sobejas provas, deturpariamos a verdade historica.

Ao contrario, si encarecessemos, exaggerando-lhes a capacidade de legisladores, dizendo á mocidade que esses fôram os unicos representantes da honra, do patriotismo, no concilio nacional, corromperiamos o seu animo, perverteriamos a consciencia, correriamos o risco de sermos repellidos pelo bom senso e pelas subitas inspirações da justiça. Demais, é um deploravel espectaculo incutir na licção do passado o erro em logar da verdade historica.

Deixemos aos idolatras o deleite de estacar na contemplação das figuras dos patriarchas; deixemos-lhes a plena liberdade de lançar terriveis e fulminantes anathemas contra a mão que assignou o decreto de 12 de novembro que dissolveu a primeira Assembléa que funccionou no Brazil. Não importa que haja historiadores cuja independencia devemos acatar, sustentando que a Assembléa—*sempre respeitosa*—não merecia o acto de violencia quasi brutal ou despotica.

Todavia, si estudarmos todas as condições da epocha e si attentarmos na situação da monarchia, que pela acclamação geral mantinha e exercia os poderes tradicionaes, não podemos julgar a dissolução da Constituinte sob o mesmo ponto de vista. Foi um grande erro, ou foi uma medida de salvação?—*Lis sub judice*.

Os nossos historiadores, compartilhando das paixões que procrearam os acontecimentos de 7 de abril de 1831, ainda levados de preconceitos, procuram justificar a Constituinte e não lhe notam faltas e erros. Ao contrario, attribuem-n'os exclusivamente ao Imperador, que elles responsabilizam perante a posteridade. Ha grande dóse de injustiça nesse julgamento: as faltas e erros são communs, e a maior parte provém das circumnstancias da epocha e principalmente da politica do ministerio, tão inexperiente e incapaz como a Constituinte.

Não desconhecemos que a Assembléa foi *sempre respeitosa*; nem ouzamos desdenhar desta razão, que não deixa de ter valor na apreciação dos factos. Ella poderia prevalecer, por si só, si não houvesse outras que induzissem o Imperador a tomar a violenta resolução que executou no dia 12 de novembro.

Não era unicamente o respeito que contentava a magestade imperial. Esse respeito não tem nenhuma importancia no meneio do governo constitucional; não prova coisa alguma. E' um dever peculiar, que todos os poderes observam desde que funccionam conjunctamente; ao contrario, a falta de respeito perturbará as relações reciprocas e impossibilitará, quer o exercicio das funcções da Camara, quer a acção das prerogativas da Corôa em administrar o paiz. Resulta dahi que essa razão não justifica a Camara, e, *a contrario sensu*, não accuza o Imperador.

Diversos fôram os motivos da dissolução da Constituinte, alguns dos quaes parecem, todavia, envoltos nas dobras do véo mysterioso que cobre muitas vezes, as deliberações dos governos, mórmente naquella epocha, em que o poder não soffria a fiscalisação da opinião publica e muito menos descia a executal-a e seguir-lhe os dictames; naquella epocha, em que o ministro José Bonifacio se ostentava fundador da Independencia e instituidor do regimen da liberdade constitucional, governando, porém, com todos os meios, devassas e processos inventados pelas cruezas do absolutismo. Em tal cahos, difficil, sinão impossivel, é ver transluzir a verdade.

A Constituinte, em 4 de maio, começou contestanto ao Imperador o direito de acceitar e approvar a Constituição. Sustentava que aos representantes da nação, exclusivamente, cabia avaliar do merito da lei fundamental. Na formação de tal lei que por sua essencia, é um pacto, entre a realeza, que governa, e o povo, que é governado, e por conseguinte implica um accordo de duas entidades, a Constituinte não obra de intelligencia e de combinação com o imperante; deixa-o de parte e, por desgraça, á realeza é representada na Camara por um ministerio nullo, sem comprehensão do grande problema que se tratava de resolver. Ora, si José Bonifacio fôsse um estadista, ou um politico previdente, haveria dirigido a Camara de tal modo que nunca teria sido materia de discussão as palavras do Imperador: «*Constituição digna de mim.*» Mas o naturalista, preoccupado com alguma definição mineralogica, de feito não enxergava o presente quanto mais prever o futuro.

Ao desconfianças fôram accentuadas nos debates da Camara. Um deputado levou a audacia a dizer: «*Confiamos tudo do Imperador, porque elle não confia em nós; tem um povo que o acclama imperador e ainda não está satisfeito; o que mais quer? Acabemos com taes desconfianças; seja uma só a vóz do governo e da nação.*

Estas palavras pareceram, á primeira vista, oucas; são, porém, expressão fidelissima das incertezas da situação e os factos anteriores explicam-nas e lhes dão plena significação. Quando o ministro José Bonifacio, por portaria de outubro de 1822, ordenou que se abrisse devassa geral por todas as provincias de norte a sul do Imperio, e só na Côrte prendeu cerca de 400 pessôas, entre ellas o coronel Costa Barros, deputado eleito do Ceará, os brigadeiros Moniz Barreto e Coutinho de Nobrega; mandou incluir na devassa os nomes de José Clemente, do deputado Gonçalves Lédo; metter nos carceres, ou deportar jornalistas; consentir ou ordenar que os jornaes do Governo não só

atacassem os individuos, como combatessem todas aspirações e idéas liberaes; desde que expediu portarias ao intendente geral da policia para obrar com a *lei marcial* e ter vigias seguros e bem pagos; desde que empregou a vilgilancia e espionagem traiçoeira, como meio de governo, recomendando ao capitão-mór de Itú espionar o deputado Feijó, ordenando a policia que devassasse o lar domestico, violasse o segredo das cartas, estrugiu um rumor geral, levantando nas almas terror, incutindo-lhes desconfianças contra d. Pedro e, de norte ao sul, se acreditou que elle pretendia restaurar a monarcgia de direito divino e continuar a governar, como senhor absoluto. Tudo isso era o resultado da politica do ministerio, cujos actos eram de natureza tal que confirmavam as desconfianças que até fôram objectos de discussão no recinto da Constituinte e creavam uma especie de terrorismo, que perdurou até que José Bonifacio foi expulso do gabinete, a 17 de julho e, depois deste vergonhoso desastre, conservou-se mudo e quedo, assistindo, como um espectro, ás sessões parlamentares.

E como a desconfiança não se embebeberia nos espiritos apavorados, quando a imprensa do governo preconizava as praticas e o regimen absoluto de tal maneira que obrigou um deputado a propor á Constituinte que se procedesse contra a mesma imprensa?

Quando outros representantes se manifestaram coactos e não podiam votar livremente, porque o ministerio mandava a sua imprensa insultar e qualificar de demagogos e desorganisadores, máus cidadãos, a todos os que votavam pelo perdão e pela amnistia?

Até a demissão de José Bonifacio, a Assembléa não perdeu nenhuma occasião de estortegar a susceptibilidade do Imperador. Ella propões projectos de perdão geral, de amnistia, de liberdade de imprensa, de revogação de leis caras á realeza; indaga e discute os motivos porque jazem innumeros presos nos carceres da Ilha das Cobras, da Lage ou em Pernambuco; faz questão sobre os soldados luzitanos, que o Imperador mandou incorporar ao exercito; contesta ao Imperador o direito de nomear os deputados ministros, ou intendente de policia, ou negoriador em Londres, como succedeu com o marquez de Barbacena, etc.

Por seu lado, os *proximos parentes* do gabinete, como que denunciavam ao Imperador o proposito da Assembléa em contrarial-o. Quando se trataram dos projectos de leis de anmistia e de perdão, Antonio Carlos esforçou-se em demonstrar que pertencia —*só*— *ao Imperador conceder amnistia e perdão* e, por conseguinte, que taes projectos invadiam as attribuições de s. magestade. Em muitos outros casos, Antonio Carlos punha em saliente e vivo relevo uma contenda entre a Côroa e a Camara, chegando a exclamar—si o Imperador resistir qual será o resultado?

D. Pedro estava de opinião feita. Sabia que a Constituinte era um trambolho, que o embaraçaria. Não podia portanto desejar conserval-a. Daqui a pouco, verificaremos um facto, que ainda mais avigorou a prevenção de d. Pedro contra a Constituinte.

Ora, dado e conhecido o temperamento e paixão insoffrida de d. Pedro pelo exercicio do poder absoluto, era natural a sua secreta prevenção e intima e dissimulada colera contra a Assembléa, que lhe oppunha repetidos obices contra o ministerio, que, por visivel inepcia, não sabia prevenir as difficuldades nem acautelar que se formasse tal situação. D. Pedro viu, apalpou e verificou o mal, que lhe havia creado o governo das devassas e perseguições e, com a intuição instinctiva, de que era dotado, presentiu que o systema de José Bonifacio lhe arrancaria da alma nacional a popularidade e o enthusiasmo, que elle tanto amava. O Imperador pensou—que si a malaventurada politica do gabinete o desacreditava, a Constituinte concorrendo para o mesmo fim, era cumplice e por consequencia tambem responsavel. A exactidão desse juizo evidenciou-se quando a Assembléa se tornou instrumento dos Andradas na questão do boticario David Pamplona.

Por estes motivos e outros, que omittimos, é fóra de duvida que o Imperante andava aborrecido com o ministerio e com a Assembléa. Inesperadamente, demitte os Andradas e organiza o gabinete de 17 de julho, o qual era composto de homens moderados, que não tinham a insania de *macaquear* o duque cardeal de Richilieu nem o marquez de Pombal. Entre os novos conselheiros da côroa, sobresaíam dois membros da Constituinte—Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), e Nogueira da Gama (marquez de Baependy).

Na Assembléa Constituinte, contestou-se o direito, que se arrogou, o Imperador, de nomear deputados para o cargo de ministros de Estado. Quanto a Camara estava atrazada e ignorava o meneio do governo representativo! Veremos que Araujo Vianna (marquez de Sapucahy) tornou-se orgão das paixões da ignara maioria.

D. Pedro não se deu por achado e sustentou e manteve o novo gabinete, que começou a governar o Imperio. Uma vez que estudamos a historia das idéas e dos actos da Assembléa, vem a pelo dizer de que maneira ella julgou a nomeação de dois deputados para exercer o ministerio.

Em 18 de julho, recebeu a communicação, que sujeita á commissão de Constituição, esta, pelo orgão de Pereira da Cunha, disse—1º que a commissão entrou em duvida si o Governo podia escolher para o ministerio os membros da Assembléa—2º si, acceitando elles os ditos empregos, devem, ou não continuar a servir conjunctamente um e outro, ou si o logar e exercicio de ministro de Estado exclúe o de deputado, deve este ser suprimido pelo respectivo supplente e si esta substituição é perpetua, ou temporaria, emquanto se não procede a uma nova eleição por sua respectiva provincia. A commissão conclúe — que s. magestade póde escolher ministros entre os deputados; e que os logares ficam vagos acceitando os deputados as pastas ministeriaes e deverão ser substituidos pelos supplentes; e que, sendo temporaria a vagatura, se procederá a nova eleição podendo ser reeleitos.

Eis ahi o parecer da commissão, cujos fundamentos não merecem exame; são arbitrarios; não se firmam em preceitos constitucinaes, porque ainda não tinhamos Constituição; não são deduzidos dos principios geraes da sciencia politica, nem dos uzos dos governos representativos e parlamentares, como o da Inglaterra, cujos ministros sáem do parlamento, onde são escolhidos e, por assim dizer, o representam no conselho da Corôa, *como uma commissão da maioria parlamentar*, conforme opinam os mais competentes publicistas e homens do Estado. E' porque nesse regimen, embora a divisão dos poderes, o executivo e legislativo identificam-se, porque tem a mesma missão—governar o Estado.

A vista deste parecer limitativo, a Assembléa—ou pela *vis adulandi*, ou temendo contrariar o Imparador, com a certeza de que os nomeados seriam ministros, qualquer que fôsse a opinião opposta, decidiu—que o Imperador podia nomear deputados ministros; que estes não perderiam as cadeiras no parlamento e continuavam a exercer o mandato legislativo. (1)

O parecer, assignado por Antonio Carlos, Pereira da Cunha, Pedro de Araujo Lima e José Bonifacio, revela que a Camara quer fazer a vontade ao Imperador, conservando aos ministros as cadeiras parlamentares; sem duvida, alguns deputados já lobrigavam no horizonte os signaes precursores de procella.

Porque foi demittido o gabinete de 16 de janeiro, que dirigiu os movimentos da Independencia, da proclamação do Imperio e foi o orgão da convocação da Assembléa Constituinte, atra-

vessando estas crises, quiçá as mais graves naquella quadra ?

Ninguem perguntou nem explicou. O proprio Antonio Carlos, tão versado nos precedentes, uzos e praxes constitucionaes da Inglaterra,e tão familiar com os actos e pensamentos dos eminentes estadistas e parlamentares, que illustram a casa dos Communs da Grã-Bretanha, conservou-se profundamente silencioso.

Murmuraram-se varios motivos, porém officialmente não consta nenhum. Os ministros demittidos emmudeceram. Os ministros novos não se julgavam obrigados a dizer a razão por que fôram incumbidos da administração do Estado. A Camara, em sua reconhecida inexperiencia, ignorando ter o direito de saber com que condições o novo governo seria exercido, si continuaria a politica de perseguições e devassas, ou si tentaria realizar a obra da prosperidade publica e da fundação da liberdade constitucional, conforme os ardentes anhelos do paiz inteiro.

A Camara não tinha idéas, ordem nem systema, ao passo que se mostra condescendente, reconhecendo ao Imperante o direito de escolher e nomear deputados ministros, acceita e vota o projecto de incompatibilidade de Araujo Vianna, em poucos dias, (21 de julho) prohibindo aos deputados acceitarem e servirem qualquer emprego.

O Imperador notou, nesse acto, mais um novo obice que lhe levantava a Constituinte ; um proposito de traçar limites á sua prerogativa, limites que o impediam de saciar a sua ardorosa paixão pelo exercicio do poder absoluto e irresponsavel.

Já a Constituinte estava julgada por elle e não lhe merecia attenção. Elle a observava de soslaio, esperando a hora imprevista, em que pudesse nullifical-a com assentimento da população, prompta a applaudir actos de de energia.

Essa hora soára. A Camara, por fatalidade, dirigida pelos Andradas, que reputavam azada a occasião de uma represalia, acceita a questão do boticario David Pamplona como do mais vital interesse da liberdade e da honra nacional. Nesse campo de combate, o Imperador, sem esforço, esmagou os pygmeus com applauso da nação, que já considerava a Constituinte incapaz de tratar e pôr em bom caminho a causa publica e de manter os direitos que todos ambicionavam gozar.

No momento opportuno, desse facto, com todas as circumstancias anteriores e posteriores, falaremos.

Depois da demissão do gabinete Andrada e apresentação do projeeto da Constituição (2), manifestou-se alguma actividade entre os legisladores, incumbidos da organisação do paiz : esta actividade veio ainda mais provar a incapacidade da Camara, que estava agóra collocada em posição asperrima, mal vista do poder supremo imperial ; desacreditada perante a opinião nacional.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) *Diario da Camara*, vol. I, pag. 109 e 110. sessão de julho.

(2) O povo escarnecia do projecto da Constituição, denominando — o *da farinha de mandióca.*

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

A recente chegada a S. Paulo dos officiaes francezes contractados pelo governo do Estado para instruir militarmente a sua força policial, veio em bôa hora renovar a repetida campanha contra o estado de lastimavel abandono das nossas forças armadas.

Certamente, o movimento ora iniciado terá a sorte dos demais. Passada a lembrança dos motivos determinantes da sua erupção, com ella desapparecerá a convicção da opportunidade e urgencia do completo restabelecimento do nosso poderio militar, continuando as coisas como dantes em progressiva e célere marcha decadente, até que um providencial desastre anniquille o reduzido nucleo armado existente — arremedo imperfeitissimo de exercito permanente — para então nos apercebermos do caminho errado por onde temos trilhado, na esperança, talvez, de milagrosas intervenções, a nosso favor, no momento do desespero.

Os poderes publicos, os responsaveis directos e indirectos pela nossa defeza militar, não devem cruzar os braços indifferentes ante a série assustadora de acontecimentos que, dentro e fóra do paiz, se avolumam prenunciadores de dias bem aziagos para a Patria, abatida e criminosamente desarmada.

A marinha nacional — bem ou mal — parece iniciada em um periodo de resurgimento effectivo e proficuo do seu poder. Anima-nos a confiança de que, mantida a firmeza adoptada presentemente, em breve tempo estará em condições seguras de prestar reaes serviços ao paiz na satisfação de grande parte das exigencias da defeza nacional, pelo lado da sua extensa fronteira maritima.

O exercito nacional, entretanto, tão necessario e, talvez, de acção mais decisiva em face dos inimigos provaveis, permanece, sem esperanças de uma alteração radical, no *statu-quo* de uma indifferença condemnavel, completamente alheiado da sua missão.

As palavras insuspeitas e, por desgraça nossa, altamente verdadeiras, do actual gestor dos negocios da guerra e de seu antecessor, o marechal Mallet, nos seus relatorios annuaes, nenhuma duvida pódem deixar no espirito publico, ainda entre os mais optimistas, da inefficacia do exercito ante uma aggressão estrangeira.

As suas tentativas para conjurar ou, ao menos, remediar desde logo o mal com a apresentação de projectos completos de reorganisação que, embóra accusados de senões, viriam incontestavelmente melhorar de muito a má situação em que nos achamos, teem sido atirado ao esquecimento como peças fundadas na falta de outro assumpto aproveitavel para lhes occupar a actividade.

O Congresso Nacional, aggrupamento improductivo, de vontades servilmente obedientes á vóz omnipotente dos olygarchas estadoaes, tem afastado das suas locubrações, como coisas secundarias, de somenos importancia, tudo quanto interessa á defeza material do paiz. A falta de independencia de seus membros ; a ignorancia absoluta das necessidades reaes e inadiaveis do paiz, quer em relação aos negocios internos, quer aos decorrentes do convivio internacional ; a incapacidade comprovada da maioria; e, finalmente, a constante preoccupação das questiunculas politicas dos seus excelsos senhores, justificam de sobejo a sua surdez, o menosprezo pelo bem geral da sua patria.

A essa aggremiação cabe, em parte notavel, o adiamento indefinido da resolução do problema militar, pela falta de interesse ligado aos reiterados reclamos do poder executivo; e, principalmente, essa censura assenta com mais forte razão nos representantes militares—já em numero consideravel — os quaes, conhecedores como são da urgencia e importancia capital da questão, poderiam conceder-lhe alguns momentos da sua actividade, ao menos, para deixar bem clara no espirito dos seus collegas leigos, a necessidade da immediata reorganisação do exercito.

Para esse grupo, notadamente, voltam-se as queixas do exercito, abatido, porque uns — o maior numero — por completo desinteresse e esquecimento da sua classe ; outros, pela reconhecida incapacidade intellectual ; e, outros, emfim, por inveterada indolencia — nada, absolutamente nada, fizeram até agóra em beneficio geral dos seus camaradas.

Todos os projectos emittidos ou patrocinados com interesse por essa gente, trazem sempre, no fundo, o proposito de servir a dado afilhado ou grupo de

afilhados, e por mais que o disfarcem sob a capa mentirosa da generalidade, mal escondem o intuito particular do seu destino.

Só projectos desse quilate encontram franco apoio ; só estes teem direito a pareceres, discussões e votações; todos os mais, como os projectos Mallet e Argollo, servem unicamente de motivo de troça, como peças exoticas, fructos enfezados de cerebros incapazes e desoccupados. E taes são as accusações vociferadas contra elles que acabam por convencer aos seus collegas da imprestabilidade dessas reformas sem, entretanto, das suas portentosas cerebrações saír coisa alguma que as substitúa, para peior ou para melhor.

Não são esses, naturalmente, os unicos responsaveis ; longe do nosso pensamento descançarmos sobre os seus estreitos hombros todo o pezo do mal que nos assoberba, mas não é injustiça de nossa parte apontal-os como os mais responsaveis.

Parte da culpa cabe a nós mesmos, os homens da profissão. Os nossos altos chefes militares — generaes e commandantes—são passiveis de identicas accusações, nos limites das suas attribuições. Em geral, gente já cansada, destituida da necessaria actividade, apegados aos moldes rotineiros e estreitos da epocha em que nasceram, sem que, depois da ascenção aos postos de responsabilidade aconcimento algum os distraísse das corriqueiras preoccupações de simples caracter administrativo, essa gente, repetimos, constitúe poderosa força negativa contra o revigoramento do exercito.

Devemos, porém, tirar desse amontoado de retrogrados alguns que lêm por cartilha opposta : uma meia duzia entre os generaes — Mallet, Argollo, Hermes, Mendes de Moraes e mais uns dois ou tres, capazes—do que teem dado eloquentes provas — de assimilarem as idéas novas e de se collocarem na altura da grandeza das suas graduações.

Entre os coroneis e tenente-coroneis, aponta-se tambem gente capaz de desempenhar cabalmente o seu papel actual e de mais tarde bem preencherem os elevados encargos do generalato. Mas, por infelicidade nossa, o numero dos *sem-valor* é immensamente grande, e por isso quando algum dos habeis e competentes propõe ou faz propaganda de um melhoramento real, rebellam-se aquelles, e sob o pezo formidavel da sua ignoraucia sepultam immediatamente as idéas progressistas aventadas. E si não conseguem uma prompta destruição, tanta critica maldosa lançam sobre ellas, tantos entraves oppõem á sua fiel traducção pratica que, afinal, com mais vagar, alcançam a sua obra demolidora transformando os bons resultados de uma medida salutar em fonte de perniciosas consequencias.

Já é tempo, porém, de estirpar por completo esta série de males, cuja permanencia redundará no total anniquillamento do exercito.

A epocha que atravessamos não justifica com os factos o abandono das forças armadas de uma nação. Aquellas que a deixarem enveredar por esse caminho preparam a sua propria ruina.

Cumpre, pois, sem vacillações, sem delongas prejudiciaes, e ainda á custa de sacrificios pessoaes e materiaes, reformar sob todos os aspectos esse conjuncto desconnexo, informe, que, sob a falsa qualificação de *exercito* mantemos com o fito exclusivo de guardar edificios publicos, fazer funeraes, paradas apparatosas e guarnecer bonds e carroças por occasião das grandes gréves.

TENENTE MAX.

O ALMIRANTE (78)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVI

Terminado o chá, o conselheiro, com os olhos toldados de pezar, deixou a sala, frouxamente illuminada, como si procurasse a esposa e Hortencia, duas pessôas queridas ausentes, deixando incompleto o quadro encantador da familia que, todas as noites reunida, alli velava os seus primeiros coxilos. Os acontecimentos se tinham precipitado com a surpreza de uma catastrophe que elle não pudera evitar, transformando subitamente o scenario e a curta perspectiva do epilogo de sua vida prolongada ao alento affectivo daquellas creaturas amadas. Elle não se habituára ainda á impressão dessa alteração inesperada, se abrigava num silencio resignado suffocando um protesto, talvez unico de toda a sua vida conjugal, contra a deliberação de d. Eugenia, suggestionada por um capricho de ternura maternal da marqueza. A sua docilidade aos factos consumados se rebellava insistentemente contra aquella situação absurda, irremediavel, cujas consequencias elle não ouzava deduzir, como quem fecha os olhos na imminencia de um perigo, evitando acceitar a solução mais vantajosa, mais natural—a morte de Oscar.

E se lhe figurava o espectaculo horrivel do regresso da filha ao lar, envolta nos crepes da viuvez sem thalamo, maculada pelos inexoraveis conceitos da maledicencia, como personagem de uma cruel farça da ambição, sob pretextos de generosa piedade.

Elle estremecia á idéa de se encontrar sob a pressão esmagadora de imputações indefensaveis, na situação de não se poder abrigar numa justificação plena, elle, o homem impolluto em cuja consciencia sómente pezava a fraqueza da adhesão ao governo republicano, peccado diluido na grande massa de cumplices. Alli mesmo, naquelle momento, o olhar das filhas parecia encobrir recriminações pungentes no arminho dos carinhos suavissimos. Ellas o contemplavam compassivas, não ouzando aventurar palavras de consolação, de conforto, para lhe não avivar a tortura moral, cuja intensidade comprehendiam e ponderavam com precisão. Por sua vez, elle não tinha coragem de lhes pedir, com a confidencia do seu atribulado estado d'alma, assistencia e conforto.

—Ai, filhas—suspirou elle, depois de prolongado silencio—a vida é uma incoherente urdidura do imprevisto. Quando poderiamos prever o que tem succedido nestes ultimos dias! Parece que por esta casa passou um sopro de morte...

Amelia e Laura se entreolharam traspassadas por uma intensa impressão de tristeza.

—Quem diria que estivessemos hoje aqui compungidos como num lar enlutado, abandonado para sempre pelas creaturas queridas? Eu não me posso habituar á ausencia de Eugenia...

—E de Hortencia... — aventurou Laura, interrompida por um fulminante olhar de censura de Amelia.

—De Hortencia—repetiu o conselheiro, com a vóz estertorando na garganta, obstruida por um aperto de commoção—Da nossa querida Hortencia...

E como as filhas não replicassem, elle ficou meditando, agitando a espaços a cabeça e fazendo gestos que signalavam o grande esforço mental para se conter, para não desafogar revelando a grande lucta que o extenuava.

— Porque não váes repouzar? — disse-lhe Amelia, compadecida — O somno é um lenitivo.

—Ai! filha, si eu pudesse..

—Experimenta — proseguiu ella — Vamos. O teu gabinete te espera. Procura distração nos teus livros, respondendo estas cartas. Eu e Laura estaremos comtigo,

—Tens razão, meu amor.

Laura apertou o pae nos braços beijando-o na fronte e o foi guiando animado pela terna caricia até o gabinete, que Amelia illuminára.

CAPITULO XXVII

Oscar esteve entre a vida e a morte durante oito dias. A esperança fulgiu em tenue bruxoleio e esmorecia tenue e vacillante, revivia mais tarde para enfraquecer successivamente, ameaçando o proximo desenlace da lucta entre a vida e a morte. Por fim, as melhoras se accentuaram; as forças do enfermo se reergueram lentamente, á proporção que a terrivel ferida entrava em franca cicatrisação.

A marqueza exultava numa inquietação de alegria infantil, ía frequentemente ao aposento do enfermo; recebia as pessôas que a procuravam, dava-lhes a feliz nova e a confirmação dos seus presentimentos, muito satisfeita por jámais ter desconfiado do restabelecimento do adorado doente.

Nessa excitação commovedora, ella não percebera o effeito de successo sobre as pessôas que a cercavam; não reparára na algidez de Hortencia, preza pelo dever ao seu posto, desfigurada pelas vigilias, pelo esforço de assistir a todas as phases da molestia, as approximações e os recursos da esperança, os primeiros traços indecisos da saúde; foi assim que viu, com secreto terror, se accentuarem victoriosos, consolidando o inquebrantavel vinculo de toda a sua existencia áquelle homem. Não lhe attraía tambem a attenção não ser a sua ventura partilhada por d. Eugenia, nem pelo conselheiro, como si o restabelecimento de Oscar fôsse para elles um facto vulgar, sem o interesse que deveria despertar a sua posição de sogro e sogra.

O padre Paulo exigia para si, para a sua iniciativa caridosa e o seu ministerio, grande parte na victoria. Elle fôra o instrumento da graça de Deus, que operára o milagre para não asphyxiar no nascedouro uma familia christã, reconhecida a tão extraordinario beneficio da misericordia divina.

— V ex.—dizia elle á marqueza— deve agradecer a Deus, volvendo aos habitos piedosos da educação que recebeu. Não bastam as bôas obras, a generosidade do seu adoravel coração, manifestado em beneficios a tantos pobres; é indispensavel approximar-se da egreja, dos sacramentos que salvaram Oscar, quasi abandonado pela sciencia que faz o orgulho da fraqueza humana.

A marqueza ouvia attentamente as exhortações do padre que era um velho amigo da familia; ouvia sem se commover, porque todo o seu coração desbordava de alegria. Ella pensaria em Deus depois; estava ainda inteiramente entregue ao doce alvoroço de ver reflorescer lentamente a saúde de Oscar, voltava-lhe o brilho aos olhos, o sangue ás faces emmagrecidas, o sorriso sadio aos labios, ainda contraídos num geito de angustia.

(*Continúa*)

A MORTE DE SILVA JARDIM

A proposito da ultima erupção do Vesuvio, o consul brazileiro Carneiro de Mendonça conta, numa carta ao sr. Alcindo Guanabara, como Silva Jardim se afundou na cratéra.

Não temos espaço para publicar integralmente essa brilhante carta; mas os pontos essenciaes são os seguintes:

«Ahi, (o auctor refere-se ao arrabalde de Posilippo) em meio da palestra, dissemos-lhe (allude ao sr. Americo de Campos, então consul em Napoles) que iriamos no dia seguinte visitar Pompéa e fazer a ascenção do Vesuvio. Americo de Campos advertiu-nos que era um perigo a subida ao vulcão; que o observatorio publicára naquelle dia mesmo um aviso de que a ascenção ao Vesuvio não era, daquella data em deante, isenta de risco, pois que se annunciava uma verdadeira erupção, coisa que não se dava havia treze annos. O Jardim e eu não ligámos grande importancia ao aviso. Em verdade, direi que no Jardim havia ausencia completa desse sentimento que se chama o medo, facto exuberantemente provado em mais de uma occasião, e de que elle não tinha, aliás, a menor consciencia; quanto a mim, declaro á puridade e abertamente, meu caro Alcindo, que naquella epocha, dotado de um organismo de raro vigor e gozando de invejavel saúde — muito diversa, ai de mim! do que hoje sou, arruinado physicamente pelas peregrinações, por dever de officio, em logares inhospitos — não fazia egualmente bem uma idéa do que era aquelle sentimento. Recolhemo-nos, pois, muito tranquillos ao hotel, onde, muito de industria, na obsessão do magnifico espectaculo que seria uma erupção do Vesuvio, tomámos um amplo aposento cujas janellas davam para a famosa montanha, afim de tel-a sempre em vista, para o caso de uma subitanea e inesperada actividade do vulcão. Estavamos decididos a subir.

Dormimos. No dia seguinte acordei mal disposto e com muito pouca vontade de fazer aquelle passeio; mas o jardim insistiu e dispuz-me a partir para não contrarial-o. Emquanto nos vestiamos, o Jardim contou-me que pouco tinha dormido, agitado e flagellado por terrivel pesadelo, em que só via abysmos, cavernas, despenhadeiros, fogo; e accrescentou: «Emquanto isso me acontecia, levei muito tempo sentado na cama a admirar a placidez com que dormias.»

Consultei o relogio e verifiquei que haviamos perdido o trem, o unico trem que dizia haver de manhã para aquellas bandas, e isso com grande gaudio meu, pois não me sentia disposto a affrontar o terrivel calor daquelle dia em uma subida ao Vesuvio. Mas o Jardim, com a idéa fixa da subida, não sei por que diabo veio a saber que havia um outro trem e insistiu que si andassemos depressa conseguiriamos talvez apanhal-o.

Foi o que fizemos. Saltamos em um carro cujo cocheiro teve de falfar as pilecas para chegarmos á estação a tempo sómente de saltar para o trem já em movimento. Chegámos a Pompéa por volta de 8 horas da manhã e gastámos todo o dia em percorrel-a, esquadrinhando-a, admirando-lhe minuciosamente as bellezas, e guardo ainda a impressão da casa de Marcus Lucrecius, o maior opulento da velha *urbs* destruida, e da idéa nitida de conforto que já patenteava naquella epocha o interior desse palacio.

A's 4 horas da tarde, finalmente, puzemos-nos em caminho para o Vesuvio, montados em duas pilecas completamente na espinha, que a muito custo nos levaram até um terço do caminho, mais ou menos a meio kilometro de Boros Frecase, subindo dahi a pé por um trilho em *zig-zag*, muito ingreme, feito de lava endurecida britada, até á parte firme da cratera. Fizemo-nos acompanhar por um rapazito de 18 annos para nos tomar conta dos animaes; e este rapazito, uma vez chegado lá, entendeu subir tambem, pela curiosidade de ir a um logar onde nunca fôra. Era a primeira vez que subia.

Foi o unico que subiu comnosco. Essa historia de guias, cadeirinha, etc., que por ahi circula, é inteiramente falsa. E' verdade que encontrámos a meio caminho uns tantos homens armados de páus ferrados e cordas, de que se servem para guindar morro acima os *alpinistas* que não teem confiança nas proprias pernas, e que nos offereceram os seus serviços; mas nós dispensámol-os de bom grado. Fomos sós com o rapazito.

Chegados á cratéra, encontrámos na parte endurecida e esfriada um nicho de blocos de lava, onde um velho italiano, de cerca de setenta annos, vendia refrescos e ahi nos sentámos para descançar da penosa ascenção. Ficámos alguns momentos a gozar do espectaculo indescriptivel que se nos offerecía de perto; ainda que eu fizesse ver ao Jardim que a nossa estada alli já não era sem risco, porque eu estava convencido de que mais dias menos dia, mais hora menos hora, a erupção se daria violentamente, como se deu e como se está dando agóra. A quarenta metros de nós, daquella formidavel cha-

miné de trinta metros de diametro, grossas columnas de fumo, muito negro e muito espesso, saíam com enorme fragor, levadas para o lado opposto em que estavamos pelo vento, que soprava rijo; de minuto a minuto, o denso nevoeiro formado pelos turbilhões de fumaça abria-se ao nivel da cratéra, fazia um claro de fogo e massas de lava fundida derramavam-se, transbordando, pela encosta do morro, para o lado onde era levada a fumaça.

De repente, Jardim, que, como vês, não se demorava muito tempo parado, disse:

— Vamos ver aquillo lá dentro. E num instante, teremos visto o que nunca ninguem viu.

— Pois vá lá.

E seguimos a passos accelerados para a cratéra, apezar de enterrarmos os sapatos em massa sulphurosa e bastante quente. Abeirámo-nos da bocca fumegante do vulcão e vimos realmente o que ninguem não viu nunca. Mas nesse instante tambem manifestou-se o periodo critico da erupção; o sólo foi todo sacudido em um convulso tremor e eu, voltando-me para Jardim, disse-lhe:

— Estamos mortos, *seu* Silva, recúa!

— E' verdade... respondeu-me.

E recuavamos, quando o sólo fendeu-se por detráz dos seus pés e o pedaço desaggregado desabou para dentro, arrastando o meu pobre amigo. Jardim levou as mãos aos ouvidos, conservando o guarda-sol nas mãos e desappareceu sem um grito, uma palavra, uma manifestação qualquer de medo ou de dôr.

Entre o caír na cratéra e ser fundido até os ossos deve ter medeado cerca de meio minuto. Eram, mais ou menos, sete horas e um quarto da tarde, pelo meu relogio, que eu consultára pouco antes.

A mim, que me achava em logar mais perigoso, por mais elevado e portanto de maior pezo, succedeu que a parte rachada pela fenda que se rasgára entre as minhas pernas abertas pelo movimento de recúo, movimento que me foi de vantagem, não desmoronou logo e me deu tempo a tentar salvar-me, ainda que sem esperança. Consegui saír da fenda e quando, de gatinhas, me levantava para fugir, uma forte sacudidela no pulso direito fez-me caír de novo: era o rapazito que passava a correr e que fizera aquillo na intenção de ajudar-me, arrastando-me, e que, entretanto, me podia ter matado, fazendo-me retardar a fuga para logar fóra de perigo.

O rapazito, qne estava alguns metros atráz do Jardim, ficára, no primeiro momento, como que petrificado com o susto; uas voltando, em vez de correr para tráz em linha recta, meia distancia para o ponto firme, voltou, por acaso, pelo mesmo caminho que tinhamos percorrido.

Quando cheguei ao nicho do velho, a salvo, apenas tive tempo de me voltar para ver desabar para a cratera todo o terreno em derredor 15 metros do logar onde tinha caído.

Pódes crer, meu caro Alcindo, que conservei em todo este desastre a mais completa calma, não tendo logo a certeza da morte do Jardim, porque, havendo elle caído ao mesmo tempo que eu, pensei que lhe tivesse succedido o mesmo que a mim. Fui desilludido pelo velho italiano — um typo muito alto, muito magro e de barba toda raspada — que me disse com a maior frieza e serenidade deste mundo, como si nada houvesse acontecido de maior: — Vi tudo. O outro já virou lava e pensei que o senhor tambem tivesse ficado lá dentro.

Facilmente, meu caro amigo, imaginarás a minha dôr.

Ha, entretanto, em toda esta dolorosa historia um ponto que é preciso que fique bem claro, de uma vez para sempre.

Por innumeras vezes, tem-me chegado aos ouvidos a tresloucada supposição de muita gente, que attribúe a morte de Silva Jardim a um suicidio. Nada mais falso, nada mais desarrazoado neste mundo. Posso-te garantir, meu caro amigo, com a mais plena e absoluta certeza, dada pela mais intima, constante e expansiva convivencia, que nunca essa insanidade passou pela cabeça de Jardim. Ao contrario, nunca desejou tanto viver. Em optimas condições de corpo e de espirito, a estadia de Jardim no velho mundo tinha produzido nelle o effeito de transformação que você muito e melhor do que eu conhece e que sóe dar-se com todos os homens capazes de ver e observar e que aprendem em uma viagem mais do que nos melhores livros do mundo, verificando de *visu* os erros do que leu, polindo o seu criterio, revigorando a sua vontade, apparelhando-se para luctar melhor e melhor vencer.

E Silva Jardim não desejava outra coisa sinão justamente viver e vencer.

Era um forte e um audaz, e foi justamente essa audacia que tão desastrosamente o victimou.

CARNEIRO DE MENDONÇA.

XADREZ

TEICHMANN

A convite do CLUB DOS DIARIOS, vem a esta capital o grande enxadrista Ricardo Teichmann, que nesse club realizará algumas sessões de xadrez.

Ricardo Teichmann nasceu em 24 de dezembro de 1868 em Attenburgo Turingia, Allemanha, contando, pois, 38 annos. Estudou no Gymnasio de Attenburgo, depois em Berlim e Iena, onde se applicou á philosophia moderna e, além do inglez, que fala fluentemente, conhece o francez, o italiano e o hespanhol.

Trasladou-se em 1891 definitivamente para a Inglaterra, onde é considerado como um dos seus representantes. O seu estylo de jogo é moderno, muitas vezes brilhante; além de jogador emerito, é problemista de primeira ordem. E' de physionomia affavel, trato ameno, revelando grande intelligencia.

Eis a sua fé de officio, como enxadrista:

1891 — 1º Premio, Berlim.
1892 — 4º Simpson's Handicap.
1893 — 1º « Simpson's Handicap.
— 2º e 3º Premio do Black and White.
1894 — 3º Premio, Leipzig.
— 1º Simpson's Handicap.
1895 — 7º « Hastings.
1896 — 1º « Simpson's Handicap.
1900 — 1º « Londres.
1902 — 4º Monte Carlo.
1903 — « *Match* com Napier, ganhando 5, perdendo 1, empatando 4.

No torneio de Ostende, ficou superior a Marshall.

—Publicamos hoje tres das mais recentes partidas do grande enxadrista, com os commentarios de mestres europeus de renome.

São jogadas contra adversarios temiveis, e entre elles o audacioso Marshall, um dos mais fortes jogadores mundiaes.

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

No proximo mez de junho realiza-se o 2º congresso de xadrez de Ostende, que promette ser um extraordinario successo.

Serão distribuidos 30.000 francos de premios, quantia posta á disposição do Circulo de Xadrez de Bruxellas por Marquet, director do Kursaal. O director dos torneios será J. Gunsberg.

Haverá dois torneios de mestres: o primeiro reservado a cinco ou seis dos mais celebres jogadores e outros para os demais, no *maximum* 18.

Além disso serão organizados mais cinco torneios para amadores. O congresso se abrirá á 2 de junho e se encerrará a 15 de julho.

— W. Ward conquistou o campeonato do City of London Chess Club. O campeão do anno passado foi Leonhardt.

— A 24 de março, jogou-se pelo telegrapho um *match* entre as Universidades americanas e inglezas.

— Em Berlim, em um torneio de mestres, E. Cohn conquistou o 1º logar com 12 1/2 sobre 14 partidas.

— No mez de fevereiro realizou-se em Stockolmo um torneio de mestres e amadores. O 1º logar coube *ex-æquo* a Bernstein e Schlechter, o 2º a Mieses e o 3º a Marco. Houve 6 premios de 700 a 60 corôas.

— Como dissemos em um numero anterior, Fox foi victorioso no torneio realizado em New-York e do qual faria parte Marshall. Entre este e o campeão, realizou-se em seguida ao torneio um *match* de 6 partidas, das quaes Marshall ganhou 5 e empatou uma.

— No torneio para o campeonato do Canadá, realizado em Montreal, foi vencedor pela 3ª vez Magnus Smith, que, além do titulo de campeão, ganhou 100 dollars, uma taça e uma medalha de ouro do governador geral do Canadá.

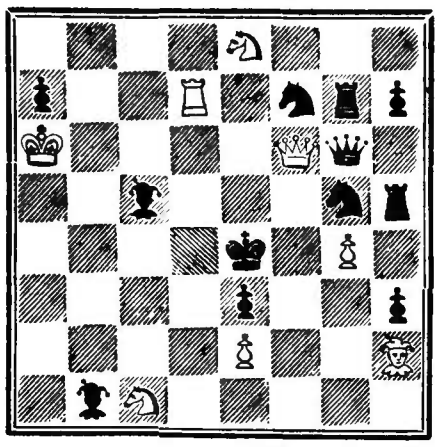
— Falleceram: Frank Healey, celebre compositor inglez, com 78 annos; o dr. Eugen von Schmid, sabio theorico allemão, com 84 annos.

— Até parece que o xadrez prolonga a vida dos seus cultores.

PROBLEMA N. 45

P. F. Blake

PRETAS (12)



BRANCAS (8)

Mate em dois lances

Este bellissimo problema obteve o 1º premio no concurso do *Western Daily Mercury*.

***

PARTIDA N. 47

(Jogada a 4 de março de 1905 no Club de Xadrez de Glasgow)

DEFEZA FALKBEER

Brancas (Napier)		*Pretas* (Teichmann)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P 4 D
P R × P	— 3 —	P 5 R
P 3 D (*a*)	— 4 —	C 3 B R
P × P	— 5 —	C × P R
C 3 B R (*b*)	— 6 —	B 4 B D
D 2 R	— 7 —	B 7 B R x
R 1 D	— 8 —	P 4 B R (*c*)
B 3 R (*d*)	— 9 —	B × B
D × B	— 10 —	P 3 B D
P 4 B D	— 11 —	Roque
B 3 D	— 12 —	P × P
P × P (*e*)	— 13 —	D × P
R 2 R (*f*)	— 14 —	C 3 B D
C 3 T D	— 15 —	R 1 T
T R 1 D	— 16 —	T 1 R
B × C	— 17 —	D × B
C 5 R (*g*)	— 18 —	C × C
P × C	— 19 —	D × P C x
R 3 D	— 20 —	D × P C
C 4 B D	— 21 —	T 1 D x
C 6 D	— 22 —	P 3 C D
R 4 B	— 23 —	B 3 R x
abandonam	— 24 —	

(*a*) Este lance retomado por Charousech no torneio de Nuremberg de 1896, é a melhor resposta a este contra-ataque.

(*b*) 6—D 2 R teria forçado a variante seguinte: 6—D 2 R, D × P; 7—C 2 D, P 4 B R; 8—P 4 C R, B 2 R 9—B 2 C R, D 4 T D; 10—P × P, C 3 B R 11—C 3 B R, com uma bôa partida. A inversão dos lances C 3 B R e D 2 R, dando ás Pretas o tempo de fazer saír o B R, permitte-lhes o Roque.

(*c*) 8... D × P x seria inferior.

(*d*) Si 9—C 3 B D, Roque; 10—C × C, P × C; 11—D × P, B 4 B R e as Pretas ganharão o P D com um bom ataque; no emtanto, estes eguimento era melhor do que o do texto.

(*e*) Certamente havia aqui melhores linhas de jogo, 13—C D 2 D ou mesmo 13—B × C, P B × B; 14—C R 2 D, B 5 C R x; 15—R 1 B, etc.

(*f*) Si 14—C 3 B D, D × B x, seguido de C 7 B R x, etc.

(*g*) Por 18 — D × D, T × D x; 19— R 1 B, T × P; 20 T 6 D, poderiam ainda defender-se, apezar do pião de menos.

(*Notas de Hoffer*)

***

PARTIDA N. 48

(Jogada no torneio de Ostende a 24 de junho de 1905)

PARTIDA FRANCEZA

Brancas (Tschigarine)		*Pretas* (Teichmann)
P 4 R	— 1 —	P 3 R
D 2 R	— 2 —	P 4 B D (*a*)
P 4 B R	— 3 —	B 2 R (*b*)
C 3 B R	— 4 —	P 4 D
P 3 D	— 5 —	C 3 B R
P 3 C R	— 6 —	C 3 B D
P 3 B D	— 7 —	Roque
B 2 C R	— 8 —	P 4 C D (*c*)
Roque	— 9 —	B 2 C D
T 1 D	— 10 —	D 3 C D
P 5 R	— 11 —	C 2 D
R 1 T	— 12 —	T D 1 B D
B 3 R	— 13 —	P 4 T D
C D 2 D	— 14 —	P 5 T D
B 2 B R	— 15 —	C 4 T D
P 4 D	— 16 —	P 5 C D (*d*)
P D × P	— 17 —	C × P
C 4 D	— 18 —	P 3 C R
P 4 C R (*e*)	— 19 —	P 6 T D (*f*)
P B × P	— 20 —	P × P
T D 1 C D	— 21 —	D × P
P 5 B R	— 22 —	T R 1 R
P 6 B R	— 23 —	B 1 B R
C (2 D) 3 B R	— 24 —	C 5 B D
B 1 R	— 25 —	D 5 T D
B 3 B D	— 26 —	B 3 T D
D 1 R	— 27 —	D 6 T D
C 2 B D	— 28 —	D × P
C 4 C D	— 29 —	D 5 T D
B × P	— 30 —	C 5 R
C × B	— 31 —	D × C
B 4 D	— 32 —	D 4 T D
D 4 T R (*g*)	— 33 —	T 1 C D
T 1 T D	— 34 —	C 6 T D
B 1 B R	— 35 —	T 6 C D
B 3 D	— 36 —	T R 1 C D
B × C	— 37 —	P × B
C 5 C R	— 38 —	P 3 T R
C 3 T R (*h*)	— 39 —	P 6 R
R 1 C	— 40 —	P 7 R
T 1 R	— 41 —	D 7 D
B 2 B R	— 42 —	C 7 B D
abandonam	— 43 —	

(*a*) A melhor resposta ao lance de Tschigorine nesta defeza.

(*b*) Com o intuito recommendavel de avançar P 4 D.

(*c*) Um lance significativo; demonstra que as Pretas ganharam tempos e que tomam a iniciativa.

(*d*) O vigoroso avanço do lado da Dama, habilmente conduzido pelas Pretas, prova que as Brancas não jogam este *debut* de modo favoravel a ellas.

(*e*) Perseguidas, as Brancas tentam um contra-ataque que não tem exito, pois as Negras tem a precaução de collocar a tempo o seu bispo a 1 B R.

(*f*) Um excellente lance que faz ganhar um pião.

(*g*) A tactica seguida dos dois lados é das mais interessantes; as Brancas não tem quasi probabilidades de romper o lado do rei negro.

(*h*) Si 39—C 4 R × P, D 4 D com vantagem.

***

PARTIDA N. 49

(Jogada no torneio de Ostende a 4 de julho de 1905)

PARTIDA FRANCEZA

Brancas (Teichmann)		*Pretas* (Marshall)
P 4 R	— 1 —	P 3 R
P 4 D	— 2 —	P 4 D
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	B 5 C D
P 5 R	— 5 —	P 3 T R
B 2 D	— 6 —	B × C
P × B	— 7 —	C 5 R
B 3 D	— 8 —	C × B
D × C	— 9 —	P 4 B D
P 4 B R	— 10 —	C 3 B D
C 3 B R	— 11 —	D 4 T D
T 1 D	— 12 —	P 5 B D
B 2 R	— 13 —	D × P T
Roque	— 14 —	D 6 T D
P 4 C R	— 15 —	B 2 D
C 1 R	— 16 —	P 3 C R
C 2 C R	— 17 —	Roque T D.
C 3 R	— 18 —	D 2 R
T 1 T D	— 19 —	R 1 C
T R 1 C D	— 20 —	B 1 B D
D 1 B D	— 21 —	D 2 B D
D 3 T D	— 22 —	P 3 B R
B 3 B R	— 23 —	P × P
P B × P	— 24 —	T R 1 B R
B 2 C R	— 25 —	T 5 B R
P 3 T R	— 56 —	P 4 T R
P 5 C R	— 27 —	T 2 B R
T 5 C D	— 28 —	P 3 C D
T (5 C) 1 C D	— 29 —	C 2 R
T 1 B R	— 30 —	T × T x
T × T	— 31 —	C 4 B R
C × C	— 32 —	P C × C
D 2 T D	— 33 —	B 2 D
R 2 T	— 34 —	B 1 R
R 3 C	— 35 —	D 2 R
R 4 B	— 36 —	P 4 T D
P 4 T R	— 37 —	R 2 T
T 1 T D	— 38 —	T 1 T D
B 3 B R	— 39 —	R 2 T
T 1 C D	— 40 —	D 2 B D
T 1 T D	— 41 —	T 1 C D
D 3 T D	— 42 —	P 4 C D ?
D 6 D x	— 43 —	D × D
P × D	— 44 —	P 5 C D
P × P	— 45 —	T × P
R 5 R	— 46 —	P 6 B D
R × P	— 47 —	T × P
P 6 C R !	— 48 —	T 5 C D
P 7 C R	— 49 —	T 1 C D
P f. D.	— 50 —	B 2 D x
R × B	— 51 —	T × D
B × P D	— 52 —	T 5 C R
R 6 B	— 53 —	T 3 C R
B 4 B D x	— 54 —	R 2 T
R 7 B	— 55 —	P 5 R B R
T × P mate	— 56 —	

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 44 (*E. J. Winter Wood*): C 7 C R.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1906 — Num. 79

ASSIGNATURAS
ANNO. .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sr. Affonso Penna está assistindo de palanque, dos verdejentes dorsos das alterosas montanhas, a comedia da organisação da legislatura que se propõe a auxiliar s. ex. a felicitar o nosso querido Brazil durante tres annos.

Estará sem duvida lembrado o futuro Presidente que quando a effervescencia politica amainou ao esforço patriotico de Prudente de Moraes, soterrando com a pacificação o pantano de sangue que polluiu para sempre a Republica, a covardia se esgueirou sob o pretexto de *concentração* para baralhar as cartas da partida definitiva, frustrar a victoria dos parceiros afortunados e para se approximarem do poder aquelles que não podiam nem sabiam viver longe delle.

A *concentração*, justificada por motivos occasionaes muito especiosos, muito absurdos, muito hypocritas, invocava a confusão dos partidos para occorrer a uns suppostos casos de ordem social evidentemente ridiculos com apparencias trauscendentes, mal disfarçando os interesses subalternos ao serviço de ambições contrariadas, promovendo apostasias monstruosas e essa formidavel depressão de caracter donde nasceu esse servilismo sem fidelidade generalisado como uma peste : ninguem quiz ficar na opposição dissolvida, incorporada aos vencedores, absorvendo-os.

Da *concentração* surgiu a politica dos governadores, abrigada agóra, para sophismar a refórma eleitoral, no *bloco* formado em torno do convenio de Taubaté, de que são, *si et in quantum,* fervorosos partidarios. Depois do reconhecimento de poderes, a grande maioria entrará a fazer caretas ao oleo de recino que prometteram engulir de cara alegre para curar a dôr de barriga de S. Paulo, as colicas provocadas pela superabundancia de café.

Essa *concentração* é uma familia espuria, uma aggregação de creaturas dissemelhantes, sem laços de affectos, de idéaes, sem interesses collectivos, pugnando pela satisfação das ambições pessoaes. Ella tem membros validos e avariados, sem elementos de saúde, de vida propria, dependentes exclusivamente do prestigio official, tão largamente, tão inconsideradamente outorgado pelo governo federal.

Os primeiros respeitaram as apparencias, obedeceram á lei eleitoral concedendo a representação das minorias ; os ultimos comeram as cerimonias, enguliram os escrupulos e apresentaram chapa completa como fez o alcandorado e, sobretudo, ineffavel patriarcha da olygarchia cearense, que não trepidou em perpetrar as fraudes mais torpes, mais sujas, para manter o poderio da sua infinita prole.

O convenio de Taubaté é o pretexto, a perpetuação das olygarchias odiosas, o fim exclusivo, o escopo verdadeiro dessa tourada do reconhecimento de poderes, o *sport* da estação, no preciso conceito do deputado Medeiros e Albuquerque.

E por um curiosissimo phenomeno de illusão collectiva, provocada pela solidariedade da subserviencia habitual, transformada em vicio irreductivel, os vencedores prévios procuraram um chefe para dirigil-os na pugna, cujo resultado está assentado de pedra e cal nas deliberações soberanas dos proceres do partido (?) da unanimidade.

Essa escolha caíu no homem que havia conquistado merecida notoriedade, excluindo a influencia do presidente da Republica da indicação do seu successor legal, que afinal não foi o sr. Bernardino de Campos nem o sr. Campos Salles, mas o sr. Penna — o tira teimas daquelle ephemero litigio.

Investido de tamanha auctoridade, era de esperar que o sr. Pinheiro Machado a empregasse para consolidar a ordem social, profundamente abalada pela anarchia official, que a tem de longo tempo minado ; mas o ardente caudilho rio-grandense vergou ao pezo de tamanha responsabilidade, como si a investidura equivalesse á cumplicidade dos desmandos, do despotismo, das fraudes dos ridiculos regulos que, por serem capazes de tudo, preponderam no governo da Republica.

E' muito frequente em politica essa transformação dos homens quando attingem aos fastigios da auctoridade, enfraquecem, tornam-se timidos como si se sentissem inferiores á responsabilidade que assumiram. Por um deprimente esmorecimento de fraqueza, colapso consecutivo ás plethoras de poder, hesitam entre os clamores da opinião, a indicar-lhes a luminosa estrada do dever civico, e a algazarra dos interessados na selecção da via escusa, as veredas tortuosas da politicagem.

E', com effeito, um lamentavel symptoma de fraqueza, esse recurso ás deliberações preconcebidas, ás decisões em bloco, sem inspiração na justiça, nem nos legitimos interesses sociaes, como si o processo de descriminação da verdade e da mentira, a analyse severa para julgar os casos particulares das eleições federaes fôsse um pavoroso trabalho. Para evitar as indeclinaveis indicações da justiça, procura-se a tangente traçada por um grande golpe decisivo, mais de accordo com as conveniencias, para remover perigos imaginarios, engendrados no fermento dos descontentamentos dos acciolys e quejandos conspurcadores da Republica.

Na execução de uma refórma eleitoral, decretada como urgente remedio á corrupção dos costumes politicos, o criterio para a adopção de uma inflexivel linha de conducta que apanhasse por egual *gregos e troyanos* ou, por demasiada tolerancia, quando justiça absoluta fôsse um perigo, seria reconhecer em todos os Estados candi-

datos da opposição, em obediencia á suspirada e sempre sophismada promessa constitucional da representação das minorias.

Não hesitaremos em affirmar que jámais, nestes tristes dias republicanos, um estadista se achou em melhores condições do que o sr. Pinheiro Machado para imprimir á politica um grande impulso regenerador e aureolar o seu nome com os fulgores de immoredouro prestigio; mas a energia do impavido senador, provado em todas as luctas, preferiu manter a politica dos governadores, que assim se perpetuará para eleger o successor do sr. Affonso Penna, si s. ex. lhe não der os *contra* aconselhados pelo patriotismo.

O resultado dessa deliberação de legitimar diplomas marcados com os vestigios, com as provas da fraude deslambida, será completar o trabalho de desillusão dos homens de ordem, dos conservadores, dos verdadeiros amigos da Republica, desenganados por successivas decepções de encontrarem na lei, dentro da Constituição guarida aos seus direitos, postergados por uma tyrannia desbordante, superior á paciencia, á longanimidade dos mais pacatos.

E' lamentavel que o prócere gaúcho se tenha deslumbrado com a honraria de commandar um partido sem adversarios, com a gloria de victorias sem luctas, si é que a sua attitude não foi determinada pela compressão desses interesses subalternos que, encapados na crosta de conveniencias politicas, teem exercido a mais deleteria influencia na modelação das instituições democraticas.

E' pena. E nós deploramos sinceramente essa decepção que accorda, dentre as detonações da vóz de Antonio Carlos, a phrase que vem de molde aos dias de hoje: «desengauemos, sr. presidente: a força é a justiça; é só quem erige, quem conserva os governos; tudo mais é expediente de timidos e ignorantes empiricos.»

***

Por falar em timidos... Terá o sr. Affonso Penna noticias frescas do sr. Rodrigues Alves; será ainda este honrado cidadão presidente da Republica?

Onde está o nosso amigo Seabra, com as suas legiões de guarda nacional, com os juizes nomeados a dedo como o famoso Studart?...

Abandonados ambos, ambos victimas da ingratidão dos cogumelos politicos, que elles engordaram com todos os estrumes propicios á politicagem...

E mire-se o sr. Affonso Penna nesse espelho, onde se reflectem os traços caracteristicos de uma situação servida por homens que personificam nitidamente o servilismo sem fidelidade, a ambição sem pudor.

E que lhe não aconteça o mesmo.. daqui a quatro annos: o mesmo por que está passando o sr. Rodrigues Alves!!

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

Eis-nos chegado á culminancia das idéas geraes e dos principios estabelecidos para explicação do mundo, atravéz dos quaes, á semelhança dos promontorios e dos cumes das altas montanhas, os phenomenos se distendem aos olhos do observador, tomando proporções gigantescas. Vimos como o homem foi desde cedo arrastado pela tendencia invencivel de explicar as coisas da natureza e o tem sido ininterruptamente, a partir do periodo prehistorico até o momento actual da civilisação.

Ao lougo do seu desenvolvimento descançam indeleveis os vestigios de sua historia mental: a phase theologica, a metaphysica, a physica da historia e, finalmente, a historia scientifica. Atravéz das concepções geocentricas e anthropocentricas, chegámos á intuição naturalistica com Copernico, Kepler, Galileu, Newton, Lamarck, Gœthe, Lyell, Darwiu e Hæckel.

Herder fundou a philosophia da historia considerada como *processus* natural, e como desdobramentos do lado naturalistico de suas idéas, surgiram — *A historia da civilisação na Inglaterra*, de Buckle, e os *Conflictos da sciencia com a religião*, de Draper. Por uma consequencia logica dos estudos da psychologia humana, rasgam-se largos horisontes á psychologia das raças e das collectividades. E a idéa de progresso, a despeito dos protestos de Gumplowicz, é um dos mais ricos postulados scientificos.

A epocha é o *paroxismo*, disse-o um chronista parisiense.

Effectivamente, enormes e extraordinarias são as riquezas descriptas no inventario da civilisação hodierna.

A geologia demonstrou que tempos incommensuraveis conta a existencia da Terra.

Ao telescopio de Secchi devemos uma historia do céo estrellado, donde fôram desthronados e expulsos os deuses mythologicos. De accordo com o *processus* natural, que se divide em siderico, chimico, vegetal e animal, architectamos o edificio da historia do uuiverso inteiro como não a podia sonhar a antiguidade.

Sabemos que a evolução do Globo marcha para o futuro em movimentações synergicas com a consciencia, de modo que, na lucta da cellula contra a natureza bruta, a sciencia, novo Prometheu, váe orgulhosamente roubando o fogo celeste.

Pois bem: no meio desse turbilhonar de idéas novas, indaguemos em que tem consistido o progresso do espirito philosophico em lucta pela verdade e qual possa vir a ser a philosophia do futuro no concerto supremo do saber e dos conhecimentos humanos.

E' que ella tem tido e continuará a ter uma dupla funcção no problema indeterminado da vida, cuja incognita repouza no seio do futuro: é uma synthese das sciencias particulares e é uma indagação, uma analyse daquillo que jámais constituiu uma sciencia qualquer, a saber, a origem e a natureza intrinseca e final do Universo.

Na vida não existem sómente as luctas physicas, intellectuaes e economicas, mas—e em grande parte—as luctas emocionaes, que se deixam estereotypar na lagrima, no enthusiasmo ou no amor que, dominando a humanidade inteira, teem o dever de resolver questões.

Assim, como producto de indagação scientifica, a philosophia do futuro será um resultado de synthese das quatro correntes principaes a que se pódem reduzir os diversos systemas que percorremos:—o monismo, o dualismo, o positivismo e o criticismo naturalistico.

Sob este ponto de vista, ella será um amalgama das idéas philosophicas do oriente e do occidente, a synthese brilhante das grandes concepções. Considerada, porém, como estudo da genese, da natureza intrinseca e finalistica do mundo, a philosophia importará sempre essa tendencia de desvendar o enygma das coisas, de sondar a consciencia universal.

Depois de dois mil annos, Aristoteles permanece o mesmo em sua grandeza, aureolado do mesmo esplendor. E' que a theoria—*darwinico-hækeliana*, que offerece uma tão razoavel explicação para todos os phenomenos da natureza, não conseguiu destruir o problema metaphysico.

Rodolpho Haym nos falou de uma

philosophia do futuro, que no seu entender viria a constituir de novo uma doutrina critica, e Ludwig Feuerbach traçou os *Principios da Philosophia do Futuro*, segundo nos informa Büchner. Para Feuerbach, Deus é a consciencia que o homem tem de si mesmo, identificados deste modo a theologia e a psychologia.

A proposito desta theoria, escreveu Lange, na *Historia do Materialismo*:

«A nova philosophia faz do homem, comprehendendo a natureza, base do homem, o objecto unico, universal e supremo da philosophia, pelo que a anthropologia, inclusive a physiologia, torna-se a sciencia universal.»

Ribot diz com asserto que a philosophia, em sua origem, foi o conhecimento universal e que estranha a esse conhecimento não havia idéa alguma de sciencia distincta ou independente.

«Ella se assemelha, affirma elle, a esses organismos em que não se operou ainda a divisão physiologica do trabalho.» Si, em verdade, da philosophia, como organismo rudimentar, resultavam em seu desenvolvimento, por divisão, as sciencias; a philosophia é e continuará a ser para o espirito humano a *nebulosa primordial das noções problematicas*, de que falava Ardigo. «Si ella é a concepção do problema scientifico, a sciencia é a sua solução», sentenciava elle. Assim, as sciencias particulares fôram precedidas pela philosophia. Mas, si ellas succedem á intuição philosophica, não se segue dahi que façam com que a philosophia desappareça; ao contrario, as sciencias, evolvendo, tornam-se causa que logo suscita novos problemas.

E tal é a nossa concepção. O sentimento philosophico é a *vis suprema* da sciencia, do mesmo modo que a natureza é a *vis suprema* das diversas fórmas que nella se encontram.

No *kosmos* philosophico, a idéa de cahos é tão acceitavel e necessaria como no mundo physico, onde apparece como a genese abraçada por todos as religiões.

No estado cahotico, o *indistincto* do pensamento é a massa kosmica do mundo espiritual donde surgiram e hão de surgir as doutrinas scientificas determinadas como corpos distinctos, presas, todavia, ao movimento geral dos conhecimentos, que derroca no seu turbilhão deuses e crenças, em demanda da verdade scientifica. No *fiere* constante do pensamento, como phenomeno *amorpho*, as massas ignorantes permanecem immoveis, estagnantes, inaccessiveis ás novas correntes, presas, indolentes e apathicas, ao passado e á tradição. As cabeças pensantes que se encontram aqui e alli brilham sem exercer acção, sobre elles: é daqui o facto dos grandes pensadores luctarem no tempo e no espaço—com os mesmos prejuizos no combate travado contra os mesmos erros e preconceitos.

O phenomeno psychologico—interrogamos nós, — não será porventura em parte o producto de phenomenos *moleculares* e a sciencia não descança ainda muito longe de uma physiologia molecular? Por certo, e daqui resulta o inacceitavel do modo de ver de um Ernesto Hæckel quando affirma que a psychologia do futuro será uma psychologia sem alma. Ainda mesmo quando essa massa estagnante e immovel viesse a ser um dia envolvida no turbilhão do conhecimento universal e se deixasse prender ao grande cortejo das sciencias, a philosophia teria de permanecer como a mais alta indagação do espirito, a disciplina das leis geraes, que presidem ao duplo movimenro de synthese e de analyse.

Depois de estudarmos pelo *processus* natural a genese dos mundos, desde os organismos vivos até á formação dos astros, naturalmente inquiriremos a origem da materia nebulosa da concepção *laplaciana* de cuja concentração se formaram os espheroides e as estrellas.

E porque nada mais inverosimil e repugnante ao pensamento do que a hypothese das creações successivas e especiaes — qualquer que seja a solução scientifica, o problema metaphysico permanecerá no mesmo pé de insolubilidade.

E permanecerá por todo o sempre em busca de Idéal, do *Fiat lux* da creação.

E' que o Deus da humanidade é a fome e o amor, o movimento e o sentimento, e como tal viverá na consciencia collectiva até ao dia em que o planeta, enregelado e frio, se desfaça em pequenos fragmentos no seio fecundo da natureza.

PRADO SAMPAIO.

ARMADA NACIONAL

Os capitães-tenentes e os primeiros-tenentes — A escola da revolução — As futuras compulsorias — Os numeros.

Com os capitães-tenentes (ex-primeiros-tenentes) deu-se em relação aos actuaes capitães de corveta, o que com estes se deu em relação aos outros officiaes superiores, isto é, formaram-se geralmente em epocha em que mais se accentuavam os progressos, e em que estava já quasi definitivamente abandonada entre nós a marinha mixta.

Todos os actuaes capitães-tenentes fizeram-se officiaes de 1889, e, delles, tres quartas partes fôram guardas-marinha posteriormente á revolução de 1893. Nesta revolução, cento e tantos, dentre elles, tomaram parte, muitos como guardas-marinha alumnos ou confirmados, quasi todos como aspirantes; tiveram essa escola; deficiente embóra, foi uma escola de bastante proveito para elles, que se bateram quasi permanentemente, exerceram arriscadas commissões e suppriram sempre, com bastante brilho, os cargos que deviam occupar officiaes superiores, em diminutissimo numero, na revolução. Vencida esta, o seu exilio foi menos longo, menos pernicioso, porquanto, julgados praças de pret, não lhes era necessario aguardar a amnistia de 95 e aproveitaram do indulto decretado no inicio do governo de Prudente de Moraes.

Alguns, que não acompanharam o movimento de 93, serviram na esquadra que se dizia legal.

Depois de 95, vieram as construcções novas na Europa. A generalidade, ou, melhor, a maior parte das officialidades de todos os navios construidos, era constituida pelos actuaes capitães-tenentes. Por pouco que tivessem visto ou estudado na Inglaterra, na Allemanha, na França, viram e estudaram sempre alguma coisa, em contacto mais ou menos proximo com organisações militares mais perfeitas que a nossa e com os fócos principaes dos progressos na arte naval.

Vieram tambem as viagens que teem realizado navios da nossa esquadra. Durante algum tempo, os estados maiores desses navios eram exclusivamente compostos pelos officiaes dos quaes vimos falando. Depois, estes e os actuaes primeiros-tenentes fôram e teem sido, com alguns segundos-tenentes, os officiaes dos navios que transpõem a barra do Rio de Janeiro.

Ora, si a todas essas causas que concorrem para que seja mais elevado o nivel do preparo profissional dos capitães-tenentes: o terem-se batido, quasi todos, com um partido ou com outro, na revolução de 93; estadias mais ou menos proveitosas na Europa e viagens em que por pouco que se aprenda, mais se aprende, por certo, do que em embarques em navios im-

moveis, si a todas essas causas, dizemos, juntarmos a felicidade do desempenho das funcções que em geral competem aos capitães-tenentes, como subalternos, teremos, como effeito, que a quasi unanimidade desses officiaes é competente, pelo menos na esphera de acção que lhes marca o posto que occupam. Si a alguns falta um preparo sufficiente em artilharia, a outros em nautica, e em torpedos a muitos, causas varias concorrem para isso, quasi todas, sinão todas, devidas ás pessimas administrações que a marinha de guerra tem soffrido, e entre as quaes figurará, para mui poucos capitães-tenentes, a má vontade ou a *descrença*.

Nas mesmas condições se acham os primeiros-tenentes. Hoje, a quasi totalidade dos estados-maiores dos navios da nossa esquadra, exceptuados os antigos guardas-marinha confirmados, é composta de primeiros-tenentes.

Sáe do Rio uma divisão em exercicios, manda-se ao Amazonas a divisão naval do norte, completa-se a lotação de officiaes dos navios no porto do Rio de Janeiro, auctorizaram-se viagens nos paquetes do Lloyd Brazileiro, para conhecimento da costa, e, é certo, os primeiros-tenentes guarnecem as divisões, guarnecem os navios, viajam nos paquetes do Lloyd, e quasi sómente elles é que o fazem. Os capitães-tenentes começam a desertar ás commissões de embarque, começam a fugir ás viagens, a *descrença* começa a invadil-os.

Quasi todos os primeiros-tenentes são tambem competentes para o desempenho das funcções que exercem. Mas, entre elles, vem já, como entre os capitães-tenentes, lavrando um principio de desanimo. E, como impedir o deperecimento do estimulo, o enfraquecimento do amor á profissão?

Ha annos, prometteram-se á armada as escolas superiores, as escolas profissionaes, a reorganisação do material, e tudo fica apenas no papel, enchendo relatorios e servindo de pretexto á glorificação de ministros mais ou menos ineptos. Ha tanto já, se procura o meio de elevar em numero e em valor o corpo de marinheiros nacionaes, e, comtudo, o corpo de marinheiros não augmenta de effectivo, e não melhora nem o moral nem o intellectual das nossas guarnições.

Innumeras teem sido as reformas para transformar para melhor o ensino na Escola Naval, e, no emtanto, cada reforma feita, verifica-se que apenas foi pretexto para arranjar melhores collocações para afilhados, nullos em geral, e que o ensino continúa a ser o mesmo, sinão peior.

A justiça, na marinha de guerra, é um nome sem significação; o merecimento é medido pela influencia de quem o affirma; não ha direitos, não ha garantias. Como, pois, nesse meio, conservar o estimulo proprio, como não se abandonar ao *laisser-aller* em que tudo váe?

Qual o futuro dos actuaes capitães-tenentes, muitos dos quaes já com 12 annos de posto, e muitos dos quaes só attingirão o posto immediato com 15 annos do actual e com 42 e 43 annos de edade? Esse futuro não é evidentemente uma reforma compulsoria em capitão de corveta, ou, na melhor hypothese, em capitão de fragata? E, para chegar a tal fim, vale a pena, trabalhar, estudar, destinguir-se? Não; o melhor é *deixar as coisas correrem*.

Para os primeiros-tenentes, menos brilhante ainda é o futuro. Já ha primeiros-tenentes com seis annos de posto; muitos chegarão a capitães-tenentes com onze e doze. A edade média dos actuaes primeiros-tenentes é de 26 a 27 annos; muito poucos teem menos, muitos teem 29 e alguns mais de 30. Qual o seu futuro? Evidentemente a compulsoria como capitão de corveta, para alguns mesmo, como capitães-tenentes.

Tome-se, por exemplo, um primeiro-tenente entre os de numero 80 e 90. Tem provavelmente 25 annos de edade e quatro quasi de posto. Só daqui a 6 ou 7 annos, será capitão-tenente (para o qual a reforma compulsoria cumpre-se aos 45 annos) elle terá de passar pelo menos 13 a 14 annos, segue-se que só será promovido a capitão de corveta, na melhor hypothese, aos 44 de edade. Ora, para este ultimo posto, a compulsoria dá-se aos 52 annos; o official em questão terá 8 annos, sempre na melhor hypothese, para fugir a ella; e, no emtanto, em 8 annos, não galgará os 79 capitães de corveta (elles são 80), que serão então mais antigos do que elle.

E o numero 160 dos primeiros-tenentes, que para chegar a ser 80 (ponto de partida que marcamos ao anterior) gastará ainda 6 annos e que será mais moço do que o numero 80, actual, apenas uns dois annos?

TONELERO

APANHADOS

Um livro de versos de Coppée François Coppée, o velho poeta, publicou, em Paris, os *Versos francezes*, primorosa colleção de poemas, compostos, diz o mestre, «nas horas crueis para os homens de patriotismo e de fé».

Todo o mundo sabe que Coppée é catholico verdadeiro e arraigado e por conseguinte está assistindo, compungido, a essas scenas terriveis que se vão desenrolando pela França entre os *gendarmes* e os camponezes, nas praças das egrejas e nos muros dos conventos. A's vezes, o proprio exercito francez marcha para as abbadias e as matrizes, aguerrido, preparado para grandes coisas; do seu lado, os camponezes, quasi todos catholicos, resistem em barricadas, atirando pedras e ferindo mesmo, armados de forquilhas aguçadas.

Por isso, não admira encontrar em varias das suas poesias—*Distribuição de premios*, *A' passagem do regimento*—a inspiração mystica e a nota combativa, que, nesses ultimos annos, caracterizam os artigos e os discursos do velho academico.

***

A população da Allemanha Os jornaes de Berlim publicam os algarismos do recenseamento de 1905. Segundo essa estatistica, o imperio conta 60.500.000 habitantes, assim divididos: na Prussia, 37 milhões e meio; na Baviera, 6 milhões e meio; no Saxe, 4 milhões e meio; no Wurtemberg, 2.300.000 e na Alsacia-Lorena, 1.814.500, em numeros redondos.

Em 1895 a população do imperio era de 52.280.000 habitantes e em 1900 de 56.367.000. O augmento foi, portanto, de 7% de 1895 a 1900 e de 10% de 1900 a 1905 (perto de 6 milhões!)

Assim, a população da Allemanha duplicou depois da instituição do Zollverein, e depois da fundação do imperio (1871) augmentou 50% ou 20 milhões de habitantes. Sabe-se tambem, que, entre os grandes estados da Europa, a Allemanha accuza o augmento mais forte de população.

Replantação dos orgãos nos animaes

Dois americanos, Carrel e Guthric, communicaram á Sociedade de Biologia, de Paris, uma curiosa experiencia. Tiraram uma perna a um cão e collocaram-na, de novo, no seu logar, logo depois. A separação foi de duração muito pequena; alguns minutos depois de concluida a amputação, elles começaram a replantação. O trabalho foi feito admiravelmente, si bem que, na coxa mobilisada, a interrupção do sangue fôsse de 1 hora e um quarto; mas, no fim duma dezena de dias, foi preciso sacrificar o animal; elle apresentava perturbações que precisavam ser conhecidas e tornava-se necessario descobrir a existencia de sangue coalhado numa arteria, que tinha interrompido o movimento desta e causado a gangrena no membro. Esse sangue máu provinha duma pequena infecção de pelle, dum accidente que se podia evitar facilmente.

Dessa experiencia resulta que é possivel, pelo menos com os cães, retirar, por algum tempo, um membro e depois collocal-o no logar outra vez, vendo, em breves instantes, restabelecidas todas as funcções.

Poder-se-ão, tambem, mudar as patas de dois cães, pôr a de Bob em Tom e a de Tom em Bob? E' bem possivel, bastando sómente que os cachorros sejam do mesmo tamanho e, sem duvida, brevemente essas experiencias serão tentadas.

***

O barometro e a cozinha

O Novo-Mexico constitúe um planalto bastante elevado, onde a pressão está muito acima da das regiões baixas; dahi apparecerem muitas difficuldades que noutros logares são desconhecidas. Conhece-se desde muito tempo a influencia da altitude sobre a temperatura da ebulição dos liquidos; assim, uma cozinheira ficou espantada de ver que os bolos que ella preparava diminuiam regularmente, iam minguando, até ficarem dum tamanho bastante pequeno; depois, com o tempo, ella aprendeu que era preciso pôr só metade dos ovos que entravam no preparo do doce. Cada ovo que era retirado como desnecessario, era substituido por um pouco de leite e agua.

A razão scientifica é simplesmente esta: com a pressão baixa, os gazes se escapam muito rapidamente; desapparecem antes que a pasta comece a endurecer. Dahi resulta que a albumina do ovo em logar de ser porosa e esponjosa, torna-se compacta, massiça; por isso, é preciso reduzir as proporções de albumina; tambem é necessario augmentar um pouco a porção de farinha, e o melhor, mais pratico, é ajuntar a materia que faz o bolo crescer, no ultima occasião.

***

Uma aldeia que cáe num lago

Entre os lagos de Como e de Guarda, a 25 kilometros de Bergamo e de Brescia, o lago de Iseo, com uma largura de 2 a 5 kilometros e um comprimento de 25 kilometros, lembra, pelo encanto das suas margens luxuriantes, os mais lindos recantos do lago da Guarda. A aldeia de Tavernola, uma aldeia sem importancia, situada na sua margem occidental, acaba de desapparecer, em parte, na agua. O cataclysmo é devido a um phenomeno de erosão que já era notado havia muito tempo. Todas as casas construidas sobre terras de alluvião fôram deslocadas, engulidas pelo lago em breve tempo; os immoveis visinhos edificados sobre a rocha que fórma a cintura natural do lago, ficaram livres do desastre. A não ser um barqueiro que morreu afogado quando queria voltar para a sua cabana afim de salvar a grande fortuna que possuía, não houve nenhum desastre pessoal.

***

Um quadricyclo militar

Uma commissão de officiaes francezes de engenharia acaba de ensaiar, entre Saint-Cyr e Poissy, um quadricyclo para o serviço dos exercitos em campanha. Esse vehiculo de quatro logares, com uma rapidez de 30 kilometros por hora, será utilisado para o transporte rapido duma companhia de batedores ou duma força encarregada da destruição ou reparação de linhas ferreas. De muito pequeno pezo, elle póde ser facilmente transportado á mão.

Brevemente vão ensaiar um outro quadricyclo, modelo de Dion-Bouton. Espera-se que a rapidez normal desse novo apparelho será de 50 kilometros por hora.

***

A lucta contra o pó

Um chimico de Tarbes, o sr. Philibert Delair, encontrou no chlorureto de magnesio uma substancia que se oppõe ao levantamento do pó. Esse sal, sendo muito deliquescente, os corpos que ficam impregnados delle conservam durante muito tempo uma especie de colla que os torna aptos a fixar o pó e outros quaesquer residuos, agarrando-os sem os agglutinar, porém. Desde então, o seu emprego, contra o levantamento do pó dos parques e das vias de maior circulação, parecia indicado.

Para os jardins são sufficientes duas applicações successivas, com um dia de intervallo, duma solução concentrada de chlorureto de magnesio, para fixar a poeira, pelo menos, durante seis mezes, permittindo uma limpeza efficaz á vassoura. Para as estradas, uma só applicação duma solução menos saturada, supprime o pó, tambem durante um semestre. E' uma medida bastante pratica, que tem dado optimos resultados.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIX

Na mesma sessão (5 de maio) em que Martins Bastos apresentou o projecto de amnistia, que será rejeitado por numerosa maioria em 22 de maio, Pereira Sampaio, representante da provincia do Espirito Santo, em seguida submetteu á consideração da Constituinte um projecto, concedendo perdão a prezos afiançados, ou seguros.

O auctor exprimiu-se da seguinte maneira, que mostra os motivos que o induziram a formular o seu projecto: «O sr. Martins Bastos offerecendo um projecto de decreto a favor dos criminosos de opiniões politicas, não se lembrou de outra porção de cidadãos não menos dignos certamente da attenção e compaixão desta augusta Assembléa; não se lembrou daquelles cidadãos que, incursos em outros diversos crimes, se acham supportando, encarcerados, os horrores da fome e da miseria. Os nossos antigos soberanos costumavam sempre marcar com um acto de clemencia a favor daquelles desgraçados certos dias festivos e de regosijo publico. A' semelhança, pois, dos nossos antigos monarchas, quizera eu que esta soberana Assembléa, uzando da clemencia que lhe é propria, concedesse a certa especie de crimes um absoluto perdão e marcasse deste mesmo dia solemne de sua installação, dia sem duvida o mais plausivel e digno de eterna memoria.»

Na sessão de 7 de junho, o projecto, que tinha sido acceito, foi submettido a deliberação. O auctor então pediu retiral-o, porque havendo reflectido, viu que, segundo o juramento prestado, só deviam os constituintes tratar da Constituição; era claro que não lhes competia deliberar sobre outros assumptos.

Vê-se, aqui, o effeito das doutrinas de Antonio Carlos, expedidas no discurso no dia 22 de maio contra a amnistia, discurso que tivemos occasião de analyzar no capitulo anterior. O orador paulista affirmára que a Assembléa Constituinte não era sinão uma *convenção ad hoc* e carecia de competencia, porque poderes não lhe fô-

ram facultados, não sendo uma legislatura ordinaria, para fazer leis. De mais, Pereira de Sampaio ouvira o orador paulista sustentar que o perdão e amnistia entravam na prerogativa da corôa. Ouzar a Assembléa decretar, seria invadir as attribuições dum poder que existia antes da Camara, e foi orgão de sua convocação. Provavelmente Antonio Carlos pretendia significar que seria a creatura aspirar valer mais do que o Creador, ou arrogar-se o seu poder. A interrogação que lançou *ad terrorem* ululava, terrivel, pela consciencia pávida dos representantes noviços que, como os da escola pythagorica, deviam permanecer calados sem ter opiniões, nem perguntar por coisa alguma. A interrogação foi: si o Imperador entender que não deve consentir que se lhe toque nas attribuições, qual será o resultado duma lucta?...

E logo que Pereira de Sampaio, dominado de receio, requereu o seu projecto, Antonio Carlos veio em seu auxilio, opinando, porém, que, em logar da retirada, se deveria, segundo o regimento, decidir «si a materia entra na classe das medidas urgentes e indispensaveis.»

O deputado Alencar, que não perde azo de mostrar que não está prezo á colleira do poderio andradino, não se oppõe á retirada do requerimento de Pereira de Sampaio, mas combate a opinião do orador paulista. Não estou, diz Alencar, pelas razões dadas. Sustento que, pela observancia do que jurámos, só poderemos tratar da Constituição e dar reformas urgentes e necessarias: e que coisa mais urgente que livrar da sorte desgraçada de prezos a um grande numero de infelizes? Não será isto medida que mereça a nossa consideração, principalmente si nos lembrarmos que muitos estão padecendo innocentes?»

Invocados e lidos artigos do regimento e submettido a votação, o projecto foi rejeitado.

Resulta de tudo o facto comprovado da alluvião de prisões e de perseguições, havidas durante o gabinete de José Bonifacio que as ordenára, ou não as ignorava.

Quem estuda os factos e a genesis dos successos desse tempo, reconhece que o ministerio, além dos males que cauzou aos povos, creou muitas difficuldades que, occupando a attenção da Constituinte, embaraçaram a marcha regular de seus trabalhos, a induziram a commetter muitos erros e a tornar-se uma assembléa inutil, que perdia o tempo com questões ociosas ou estranhas á sua missão e competencia.

Outro projecto que absorveu tempo á Camara, foi o da revogação do alvará concernente ás sociedades secretas, alvará que teria de ser applicado aos victimados pelas devassas, ordenadas nas portarias. Por essa legislação do ferrenho regimen da tyrannia, o fazer parte das associações de carbonarios, de republicanos ou de sociedades de caracter secreto, incorria em crime de leza-magestade. Este alvará foi promulgado depois da revolução de Pernambuco, promovida por Domingos Martins, padre Roma e outros patriotas; revolução que na Constituinte contava os *restos escapados* das mãos dos carrascos, executores das ordens do poder absoluto de el-rei nosso senhor. Entre estes restos, ainda se notavam Antonio Carlos, magistrado em Pernambuco; o padre Henriques de Rezende, o deputado da Parahyba, Carneiro da Cunha; o padre Alencar e alguns outros, cujos nomes não mencionaremos. Ora, si o ministerio de José Bonifacio não tivesse feito a detestavel e odiosa politica das devassas, certamente não teria preparado para a Constituinte a situação em que ella se comprometteu inutilisando-se e concitando contra si as iras imperiaes. O ministro foi duma cegueira e obliteração de senso commum incriveis; duma ignorancia das evoluções da vida social, inqualificavel; duma imprevidencia tal que deixou preparar para si e á Camara o desenlace do decreto de 12 de novembro. O manifesto e proclamação do Imperador são libellos accusatorios infelizmente confirmados pela série de actos pelo patriarcha praticados.

Rodrigues de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro e representava o Ceará, onde exercera a magistratura. Tomando a palavra na sessão de 7 de maio, orou do seguinte modo: «Os governos arbitrarios andam sempre cercados de receios e temerosos da conducta dos povos opprimidos e si estes não gozam dos encantos de felicidade, aquelles não teem repouso em suas vigilias e sonhando reacções inventam quantos estratagemas lhes suggere o systema de reger os povos pelo terror do supplicio e dos ferros. O governo portuguez ainda em seus ultimos periodos nos deu uma prova desta verdade, promulgando o deshumano alvará de 30 de março de 1818, que fulmina contra as sociedades secretas penas dignas do tempo de Sylla; e desgraçadamente o raio veio desfechar sobre alguns cidadãos que, ha mais de tres mezes, gemem debaixo das formalidades dum enfadonho processo. Eu seria temerario e erraria em pontos da minha profissão si quizesse sentencear o mesmo processo de injusto; não vi as provas; e sem estes dados não posso julgar si existe imputação nem calcular os seus gráus, mas, pezando a opinião publica, conheço bem que a medida aterrou muita gente desta Côrte e até produziu um terrivel choque nas provincias e eu não me atrevo a taxar de timidos povos que ainda conservam as marcas do despotismo. Dá-se por fundamento das prisões serem os cidadãos implicados membros da sociedade maçonica. O alvará homicida existe: os juizes são servos da lei e os cidadãos que estão nas circumstancias do prezo, temem, e com razão, o mesmo flagello. Si, pois, é verdade que o fundamento das prisões nasce do crime de sociedades secretas, tiremos aos juizes o obstaculo que lhe faz uma lei, reconhecida por uma inaudita crueldade, ainda mesmo entre as nações que mais se temeram das sociedades secretas: e, si não é essa a culpa dos prezos, arredemos da cabeça dos cidadãos este alfange, de que se póde servir a perversidade dum delator. Portanto, proponho para este fim, o seguinte: 1°, Fica desde já cassado o alvará de 30 de março de 1818 pela barbaridade das penas impostas contra as sociedades secretas; 2°, Todos os processos, pendentes em virtude do mesmo alvará, ficam de nenhum effeito e se porão em perpetuo silencio, como si não tivessem existido, tendo para esse fim o presente decreto effeito retroactivo; 3° Não é, comtudo, da intenção da Assembléa approvar e confirmar pelo presente decreto as sociedades secretas; antes, deixa para tempo competente a legislação sobre este objecto. — Paço da Assembléa, 6 de maio de 1823.»

Este projecto veio ainda confirmar a pratica do regimen de perseguições que constituía a norma do gabinete Andrada. Os leitores que attentaram bem nas palavras do auctor do projecto, de certo não pódem duvidar; pelo contrario, ficaram surprehendidos do que um homem tão laureado pela fama, tão exaltado pela gratidão nacional, teimasse em applicar aos seus concidadãos um alvará que o orador assignala pela barbaridade das penas.

Rodrigues de Carvalho cala-se: Antonio Carlos fez algumas observações sobre a urgencia. Moniz Tavares, representante de Pernambuco, entende que não se deve admittir urgencia.

Coube ao deputado Alencar combater a opinião adversa. Alencar declara que si ha alguma materia urgente é esta, porque talvez, em virtude do citado alvará, estejam homens prezos soffrendo penosos incommodos, cujos males se terminarão com a revogação do mesmo alvará e diz ainda que o projecto é o mais urgente que se tem apresentado.

José Bonifacio, o ministro que ordenou por portarias as devassas, de

que resultaram prisões e processos, rompendo o habitual silencio, proferiu as seguintes palavras : «Ainda se não trata agóra da materia do decreto, entendo ser do meu dever, como deputado e como ministro de Estado, aclarar algumas circumstancias, apontar os motivos do procedimento do Governo. Eu não sei porque o juiz devassante pronuncion estas pessôas que se acham prezas; mas posso asseverar que o fôram em consequencia de devassa e que o não fôram por pedreiros-livres, pelo que é propriamente maçonaria. Talvez estes réos se servíssem de sociedades secretas para perturbar a tranquilidade publica e sendo assim todos os argumentos do illustre preopinante assentam sobre principios falsos; comtudo, sem entrar, por ora, na analyse particular dos artigos do decreto, sou de parecer que é mui liberal e merece toda a consideração, pois sempre votarei que se conceda aos cidadãos toda a liberdade que fôr justa, ainda mesmo para associações secretas, todas as vezes que não tenderem a perturbar a publica felicidade.»

Este absurdo e rachitico discurso, que conserva o typo de todos que o illustre e sabio ministro soía proferir, provoca algumas observações que faremos depois de reproduzir o de Antonio Carlos, que apresenta um contraste com o do irmão e convém confrontal-os.

Antonio Carlos principia, logo em seguida, dizendo : «Sejam quaes fôrem os motivos da prisão, não destróem a urgencia do projecto : si acaso não estão prezos por maçonaria, a abrogação da lei não lhes faz nem bem nem mal : e *si não é outro o seu crime, é da nossa sabedoria arrancal-os das mãos do antigo despotismo :* portanto, voto que se declare urgente e que se imprima já para entrar sem demora em discussão.» (1)

Approvada a urgencia, Maia, representante de Minas Geraes, indicou que se officiasse ao Governo para que mandasse suspender o proseguimento dos processos «porque pódem os prezos ter sentença e soffrer a pena sem lhes aproveitar o beneficio que lhes pretendemos fazer».

Esta idéa, suggerida, occasionou uma grande controversia, na qual intervieram Pinheiro d'Oliveira, Antonio Carlos, Martim Francisco, esplanando a deshoras doutrinas da divisão dos poderes, que não cabiam na materia que discutiam. Rodrigues de Carvalho, padre Dias e Alencar propugnaram pela idéa. Alencar, que, a falar a verdade, prima pela sensatez, deu, por assim dizer, a nota caracteristica da falta de direcção, ordem e economia de tempo nos trabalhos da Assembléa. A incapacidade e inexperiencia da Constituinte eram por de mais notorias.

«Eu quizera, observou Alencar, que advertissemos que estamos gastando inutilmente o tempo por não se observar a ordem... Entra-se a tratar da questão da divisão dos poderes, que não é objecto da discussão,—fala-se, fala-se, fala-se e, por fim, sem concluirmos nada, nos achamos fóra da materia e da ordem e com muito tempo perdido. E' preciso considerar que o povo, que por ora nos escuta, si vir que se passam quatro ou cinco mezes sem nada fazermos, perderá a confiança que tem em nós e então tudo irá mal. Portanto, peço que que se declare o que temos a fazer.»

A esta pergunta, que se relacionava com a controversia, o bispo-capellão-mór, presidente, respondeu quasi com uma pilheria.

«Entendo que se deve passar á nomeação das commissões, começando pela da redacção do *Diario*.» Ora, essa era a ordem do dia; mas o de que se tratava concernia á disputa levantada sobre a indicação do deputado Maia, que ficou sem solução.

Vimos que José Bonifacio, como deputado e ministro, tomou a palavra para *aclarar algumas circumstancias e apontar os motivos do procedimento do Governo:* nem uma nem outra coisa fez !... *Não sabia porque o juiz devassante pronunciou essas pessôas: só observava que foi em consequencia de devassa* (não aclarou nada porque isso era sabido e motivava a discussão do projecto). Affirma que não *fôram por pedreiros livres* e *pelo que é propriamente maçonaria*. Ora, para dar tal affirmação era absolutamente necessorio que soubesse o outro motivo; porém, já declarou que não sabia porque o juiz devassante pronunciou as pessôas : essas duas proposições se repellem ; uma contradiz a outra. Váe além: *talvez esses réns se servissem de sociedades secretas* etc. Mas si não sabeis a causa do procedimento do juiz devassante ; mas si asseveraes que não fôram por pedreiros livres, necessariamente não podeis affirmar que se servissem das sociedades secretas, e si se serviram de taes sociedades, segue-se que a vossa primeira affirmativa é falsa, ou a segunda. Concluistes vosso discursinho, assegurando *que todos os argumentos do preopinante assentam sobre principios falsos*. Como demonstrastes a falsidade ? Com allegações ou affirmativas contradictorias. O ministro José Bonifacio, comtudo, acha *mui liberal e merece toda consideração que se conceda aos cidadãos toda liberdade que fôr justa ainda mesmo para associações secretas*.

Não é só o illogismo que se deve notar : é principalmente a hypocrisia ministerial que não aclarou nada ; que confessou ignorar o procedimento; que afiançou que não fôram prezas as pessôas por pedreiros livres e opina, ao mesmo tempo, que se serviram das sociedades secretas — *idem simul esse et non esse*. Quanto a *apontar os motivos do procedimento do Governo*, nem palavra !...

José Bonifacio illudia a Camara e mentia á nação, que já desconfiava de sua sinceridade e bôa fé. Como ministro, não lhe era licito ignorar os motivos das prisões que cauzavam tanto alarma e terror. Era seu dever rigoroso e até sacrosanto manter a tranquillidade da consciencia nacional, porque mesmo esse estado de terror poderia produzir perigosas consequencias na ordem material do sociedade, sobre a qual lhe cumpria velar e resguardar de perigos. Como um governo que sabe ou está vendo a sociedade agitada e acabrunhada ; que ouve no parlamento a discussão a tal respeito; que escuta nos debates seu proprio irmão Antonio Carlos dizer : *é da nossa sabedoria arrancar os presos das garras do antigo despotismo; portanto voto que se declare urgente e que se imprima já para entrar sem demora em discussão*,(2) como tal governo tem a leveza de vir manifestar á Camara, em face do paiz, absorto de tanta hypocrisia, *que não sabe e promette apontar os motivos do procedimento do Governo* e não tuge nem muge ! ! !..

Devéras, a posição do ministro era sobremodo deploravel: a de quem sentia sobre os hombros o terrivel pezo de sua inaptidão e nullidade ; de seus erros e desatinos ; de suas sandices, de seus caprichos e rancores... Que ministro—não direi no governo parlamentar, mas no regimen presidencial, que não depende do parlamento—teria o impudor de mentir desta guiza ao paiz ? ! E os velhos, fetichistas dos tempos passados, fanaticos pelos heróes da Independencia, como nos alimentavam a credulidade, contando-nos a *lenda* dos nossos patriarchas!...

Ah ! os ministros, mesmo do regimen moderno, teem outro sentimento do dever, outra elevação de dignidade, outra intelligencia das condições sociologicas, moraes e politica, e, por conseguinte, mais lucida comprehensão das funcções e da missão do poder publico. Em 1823, um ministro não podia ter outra estatura, sinão a de José Bonifacio. Não podia dirigir uma sociedade, cujas evoluções ignoravam. Não podia comprehender a missão do governo, tendo aprendido esta arte *difficilima e ardua,* (segundo a expressão de Guizot) nas portarias do truculento marquez do Pombal. Um estudo bem minucioso da éra da Independencia não aproveita á nossa educação psychologica ; alli nada temos que aprender; tudo se parece com o cahos, sombras e alguns lampejos

de luz. Uma Assembléa de inexperientes e incultos com um pequeno grupo de intellectuaes ; um governo, que quasi se nivela e rivaliza com a Camara, e não tem outro idéal sinão a força bruta ; outros meios de acção que não sejam as portarias de devassas geraes e o Alvará de 1818. José Bonifacio represeutava essa ordem de coisas, como canta a *opereta* :—*a mais bella rapariga do mundo não póde dar o que ella não tem*. Sabio e afamado, como naturalista, merecia admiração geral dentro e fóra do Brazil; mas as sciencias naturaes não são proprias para formar os homens na pratica da liberdade; ao contrario lhes desenvolve as aptidões para a subserviencia : essas sciencias da observação e da classificação de sêres materiaes, considera de pouca monta os problemas psychicos, as emoções moraes, as evoluções da vida social, as metamorphoses do Protheo da politica e do governo dos povos, metamorphoses que o *meio*, a hereditariedade, as aptidões das raças, emfim o desenvolvimento intellectual, a consciencia e a vontade nacional determinaram. Penetrar nas profundezas destes phenomenos, que formam o mysterioso sanctuario da alma humana, não é tarefa para aquelles que ensinam—*mineralia crescunt; vegetalia crescunt, vivunt; animalia crescunt, vivunt et sentiunt*. José Bonifacio só poderá fulgurar como estadista e ser preconisado legislador nas *lendas*, que cantam e glorificam; nunca, de certo, na historia, que se arma do criterio moral e da analyse scientifica para descriminar, nos actos, sentimentos e idéas dos individuos no MEIO material, onde nasceram e no seculo, essa patria immaterial, onde viveram pensando com as gerações contemporaneas ; onde o espirito humano ama as reminiscencias do passado, goza das grandezas do presente e, entre os fulgores da phantasia, sonha, aspira e enleva-se nas glorias do porvir.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Assim se decidiu, consta do *Diario da Camara*, vol. 1º, pagina 35.

(2) *Diario da Camara*, 1º vol, pag. 35, sessão em 7 de maio, projecto para revogação do Alvará de 30 de março de 1818 sobre sociedades secretas.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Distillação da madeira—Diversos productos valiosos—O processo—Aproveitamento dos residuos das serrarias.

No serviço florestal do governo norte-americano, estudam-se activamente os diversos processos de distillação da madeira e suas applicações—uma industria nova a que faltam, até agóra, principios scientificos e base seriamente commercial, mas promettedora dos mais importantes resultados.

A distillação consiste em expellir da madeira todas as materias liquidas, recolhel-as e condensal-as de maneira a transformar chimicamente a madeira em diversos liquidos praticamente utilisaveis e em carbono. Assim tratada, a madeira é collocada em alambiques de aço hermeticamente fechados, aquecidos por um fogo de calor intenso. A distillação se opera em algumas horas. Os liquidos expellidos se transformam em vapor e passam por uma serpentina que condúz a um condensador immerso em agua, onde os vapores se condensam conforme a sua ordem de gravidade. Recuperado o seu estado liquido, esses productos são recolhidos em reservatorios, onde o gaz, que é o mais leve, se eleva podendo nessas condições ser separado do resto. Os productos liquidos são, então, redistillados em outro apparelho, onde se transformam em oleos e sub-productos. E' assim que o oleo côr de ambar, obtido na primeira distillação, dá, na segunda, essencia de madeira, therebentina, um oleo leve, outro mais denso e, como residuo, alcatrão.

Esse processo offerece, antes de tudo, a vantagem de utilizar industrialmente os restos de madeira das serrarias mechanicas, considerados imprestaveis e absolutamente perdidos, como succede em todos os paizes ricos de florestas, especialmente nas costas do Pacifico, onde se serram grandes quantidades de madeira resinosa, proveniente dos pinheiros. Em muitos casos, a distillação poderá aproveitar não sómente os residuos, como as raizes e os rebentos, reduzindo consideravelmente as despezas de exploração florestal.

***

O apparelho de Siedentopf e Zsgismondy — Ultra-microscopico — A pesquiza do invisivel—Ampliações estupendas.

O apparelho inventado por Siedentopf e Zsgismondy, o ultra-microscopio, acaba de ser applicado á observação das particulas de certas substancias e permitte estudar o que, dantes, escapava á vista auxiliada embóra pelos mais poderosos microscopios. O novo instrumento de optica offerece o meio de discernir particulas de um diametro de quatro millionesimos de millimetro, ao passo que o limite augmentativo dos outros não excedia a tres decimos millesimos de millimetro.

O ultra-microscopio amplifica os cinco milhões de globulos contidos em um centimetro cubico de sangue, em tal proporção que elles enchem, assim observados, um espaço circular de seis metros de diametro.

***

O microbio da lepra. — Communicações do professor Nicolle á Academia de Sciencias. — Transmissão a macacos.

Descoberto ha algum tempo na Suecia, o microbio da lepra foi objecto de novos trabalhos communicados pelo professor Nicolle á Academia de Sciencias de Paris.

A inoculação do virus humano contaminado foi feita em dois macacos: a primeira injecção, subcutanea; a segunda, na membrana mucosa do olho, na do nariz, no pavilhão da orelha. As lesões respectivas fôram logo curadas ; não houve resultado apparente. Mais tarde, porém, se manifestou uma pequena inflammação na orelha exterior e no pavilhão, a qual, quando attingiu ao tamanho de um caroço de avellã, foi retirada e examinada ao microscopio, que lhe revelou a estructura leprosa. As cellulas cheias de bacillos pathogenicos não eram grandes, mas bastaram para demonstrar que o tumor, amadurecendo, se assemelhava exactamente aos da lepra.

***

Nova doutrina. — O repouso cerebral em vez dos brinquedos nas escolas. — As séstas preferiveis á demasiada actividade. — Nas escolas inglezas.

Nos programmas das escolas inglezas, se tem muito em consideração o exame da actividade physica e da actividade mental dos meninos e por isso entrou em seria discussão o problema do somno dos estudantes, partindo do principio de que o cerebro, como os outros orgãos, se exgotta pelo excesso de trabalho, sendo indispensavel restituir-lhe, de maneira constante, a energia.

Sustenta-se—conforme a nova doutrina — que é impossivel distinguir, exactamente, o que, no systema nervoso, rege o esforço muscular do que governa o esforço intellectual. E consideram-se, agóra, erro physiologico e falta de prudencia physica, os recreios, tendo por objecto, na intenção dos professores, restituir aos meninos o vigor mental, submettendo-os a um exercicio physico, constante e excessivo. Pretende-se que as séstas são mais efficazes do que os brinquedos ao ar livre e que se trata, principalmente, de reparar o exgottamento das cellulas cerebraes pelo somno.

O menino que adquire, quotidianamente, somma cada vez maior de conhecimentos, pondo em actividade as suas faculdades de memoria, de observação, de reflexão, de comparação, de juizo, reclama — affirma-se — pelas

consequencias dessa tensão mental, um mais prolongado periodo de descanso que, em geral, lhe não é concedido. Em vez de deixal-o brincar, seria mais logico dar-lhe absoluto repouso.

Essa nova doutrina demanda que, em todos os estabelecimentos escolares, os meninos sejam, diariamente, examinados por um medico, no ponto de vista da constituição physiologica e que esse exame, em vez de ser confiado ao professor incompetente, seja attribuido a um especialista, encarregado, particularmente, da inspecção e fiscalisação mentaes.

Essa innovação merece a attenção dos educadores.

PAGINAS ESQUECIDAS

O PERIGO AMERICANO

Reputamos de opportunidade — estando em debate na imprensa americana o plano do proximo congresso internacional que se reunirá no Rio de Janeiro — rememorar factos e informações compendiados no artigo que o nosso director, o sr. Domingos Olympio, publicou no «Jornal do Commercio», edição de 3 de maio de 1902.

O artigo é longo, como pede o assumpto, e vae, em seguida, na integra, como é absolutamente indispensavel á materia e muito proprio á natureza erudita de uma publicação nas condições dos *Annaes*.

A reproducção desse escripto obedece tambem a pedidos, alguns insistentes, de pessôas dedicadas a esses assumptos — privadas de o possuirem porque, mesmo com o tempo, não ha mais no escriptorio do *Jornal* nenhum exemplar da respectiva edição.

—

O arrendamento da região do Acre, caso passional e muito caroavel ás estimulações patrioticas demasiado melindrosas, despertou as antigas suspeitas de pretenções de dominio dos norte-americanos sobre territorios da Amazonia, de incursões á força de armas e extorsão desse diamante de inestimavel valia, que ainda está por lapidar.

Essas suspeitas se condensam no chamado *perigo americano*. Não será, portanto, impertinente ou inutil uma pequena excursão retrospectiva para desvendar-lhe as origens, nos sempre olvidados annaes da historia e da diplomacia, para adquirir elementos seguros do criterio que lhe deve avaliar a extensão, a importancia e a effectividade.

Como preliminar tranquilisadora, affirmaremos que esse perigo conta já cincoenta annos, e no seu longo percurso atravéz de incidentes e circumstancias propicias e principalmente das frequentes commoções que tanto teem enfraquecido o prestigio e estorvado o progresso da America latina, não encontrou ensejo para explodir, corporisando o fantasma em facto; permanece no seu primitivo aspecto de ameaça, mais ou menos imminente, conforme a temperatura das exacerbações intercorrentes, sempre conjuradas no terreno suave da diplomacia.

O fundamento de tal preconceito, os receios que elle engendra ha meio seculo, e a exploração por elle alimentada merecem, pois, um exame, embóra méra pesquiza de curiosidade, não desprovido de interesse para quem, de bôa fé, desejar informação exacta do *escabroso* assumpto.

E' muito vulgar e consoante ao temperamento e ás tendencias da nossa raça, a influencia decisiva das primeiras impressões: ellas actuam, dominadoras em empolgautes, apezar das mais robustas e evidentes provas em contrario, como tudo que lisonjeia a obra de agitadores. E a torrente de opinião, emanada de susceptibilidades patrioticas superexcitadas, precipita-se pelo sulco cavado e aprofundado, inutilmente, na alma nacional, sempre desconfiada e ingenua como a dos povos infantes e fracos.

E' por isso difficil enfrentar essa torrente, muita vez engrossada em caudal ineluctavel, seguindo rumo differente da orientação dos verdadeiros interesses da patria. E', porventura, perigosa ou temeraria empreza, tentar desviar-lhe o curso. O fragor, que lhe assignala a passagem avassalladora pelas asperezas do terreno, suffoca os clamores da verdade e da justiça. E' de sua indole marchar, precipitar-se pelos declives, arrastando, esmagando e devorando tudo quanto se oppuzer ao seu curso omnipotente, cego e fatal, para o desconhecido.

Neste caso do Acre, a opinião da maioria formou torrente generosa deslisando sobre areia inconsistente e sumindo-se, ingloriamente, no oceano.

***

O *perigo americano* surgiu pela primeira vez bem desenhado nos incidentes diplomaticos precursores da livre navegação do Amazonas, nos quaes se debateram os principios de direito internacional reguladores da materia.

Depois de tres tratados de amizade, commercio e navegação, concluidos entre os Estados-Unidos e o Perú, approvados pelo governo norte-americano e rejeitados pelo congresso peruano, conseguiu Randolph Clay celebrar, em 26 de julho de 1851, um terceiro, que foi ratificado, e no qual o Perú ficou obrigado a não conceder a outras nações privilegios, favores ou immunidades concernentes ao estabelecimento de linhas de vapores entre os diversos portos de entrada, no territorio peruano, os quaes não fôssem immediatamente extensivos aos cidadãos norte-americanos.

Como preparo preliminar de taes emprezas, os tenentes da marinha norte-americana, Herndon e Gibbon, pouco antes do tratado fôram enviados ao Perú com instrucções para explorarem o Amazonas e seus affluentes até á fóz, com o fim de verificarem a sua navegabilidade e applicações commerciaes.

A opinião, aqui no Rio, viu nessa expedição uma ameaça á integridade da patria, e o Governo, partilhando talvez do mesmo receio, enviou Ponte Ribeiro ao Perú e á Bolivia para negociar tratados de navegação do Amazonas, nos quaes, de accordo com as instrucções, seriam os cidadãos norte-americanos excluidos de qualquer participação na navegação daquelle rio e no commercio interior da America do Sul. Em consequencia, ficou estipulado, no art. 2º do tratado de 23 de outubro de 1851, entre o Perú e o Brazil, que a navegação do rio-mar ficaria pertencendo, exclusivamente, aos Estados dominadores das margens.

O ministro Clay empregou inauditos esforços para annullar essa clausula; mas só conseguiu que Tirado, ministro do Exterior, se dispuzesse a considerar portos de entrada as cidades Nauta, Loreto e outras, sobre affluentes do Amazonas. Ao mesmo tempo, o tenente Herndon conseguia frustrar a missão de Ponte Ribeiro, na Bolivia, que, a 27 de janeiro de 1853, abriu francamente á navegação os rios navegaveis da bacia do Paraguay e do Amazonas, offerecendo a subvenção de dez mil pezos ao primeiro navio a vapor que fôsse do mar a um porto fluvial boliviano.

Em 1852, foi organisada a primeira companhia, que obteve do governo brazileiro o direito exclusivo de navegar a vapor o Amazonas. O consul do Perú, nesta Capital, celebrou com a concessionaria um accordo que foi approvado pelo seu governo, accordo que versava sobre o prolongamento das viagens pelo territorio peruano.

Ao ministro Clay não passou despercebido o facto. Invocou para elle a attenção do Perú; indicou-lhe o acto da Bolivia, franqueando as suas aguas, e procurou obter dos governos do Equador e Colombia concessões identicas.

A prova de que não fôram inuteis os seus esforços é que, por decreto de 15 de abril de 1853, as cidades peruanas Loreto e Nauta fôram consideradas portos de entrada; e os privilegios, concedidos ao Brazil, se tornaram extensivos a todas as nações mais favorecidas, sendo logo encommendados a um constructor norte-

americano dois navios a vapor para serem entregues em Loreto.

O representante brazileiro protestou contra o decreto.

O barão de Japurá foi enviado em missão especial ao Equador, Colombia e Venezuela, com o fim de negociar tratados, fechando o Amazonas aos norte-americanos.

O caso foi debatido pela imprensa. De um lado, o representante brazileiro, em um opusculo, largamente distribuido, attribuia, em termos violentos, aos Estados-Unidos, tendencias de annexação, razão encoberta dos esforços empenhados para a livre navegação do Amazonas. Do outro, os néo-hespanhoes, em folhetos inspirados pelo ministro Clay, rebatiam aquellas organisações; e, com a traducção hespanhola do opusculo do tenente Maury, sobre o Amazonas e a costa do Atlantico sul-americano, contendo informações minuciosas, estudos de hydrographia pela primeira vez realizados alli por processos scientificos, obtiveram revelar as vantagens da navegação da prodigiosa rêde fluvial. E tanto impressionaram a opinião, que o congresso peruano votou as verbas de — meio milhão de pezos para a execução do decreto do 15 de abril, já mencionado; e mais vinte mil pezos de subvenção á companhia brazileira, conforme as estipulações do tratado de 1851.

O primeiro vapor dessa companhia chegou a Loreto em 6 de outubro de 1853, e terminou a viagem em Nauta, tendo o commandante instrucções para hastear o pavilhão do Perú, logo que attingisse os limites da Republica com o Imperio; isto para subtraír pretextos de que se pudessem prevalecer outras nações.

O barão de Japurá conseguira concluir com a Colombia um tratado egual ao do Perú; mas o governo do Equador, por decreto de 26 de novembro de 1853, declarou livre á navegação, dentro do seu territorio, o percurso dos affluentes do Amazonas.

A razão desse procedimento, o argumento essencial que o justificava era, em primeiro logar, o principio, sempre sustentado pelo Brazil, até então, de que a navegação do Amazonas pertencia de direito, exclusivamente, ás nações visinhas; em segundo logar, o *perigo americano*, condensado na fórmula—«Si uma vez fôsse concedido aos cidadãos norte-americanos estabelecimento com intuitos de commercio ou residencia no interior da America do Sul, elles necessariamente introduziriam no paiz as suas instituições e recusariam fidelidade ao paiz de adopção.»

Em todos esses incidentes, realçam o persistencia do Baazil em manter os principios da politica que parecia mais convinhavel aos seus interesses; a tergiversação das republicas néo-hespanholas, e a tradicional má vontade com que nos honram desde os tempos coloniaes, como prolongamento dos odios inveterados entre a Hespanha e Portugal.

Havia, no Brazil, duas correntes de opinião: uma, em favor da livre navegação do Amazonas; outra, mais volumosa, e da qual perticipava o Imperador, contraria á franquia, inspirada, apparentemente, pela suspeita de intromissão dos americanos do norte com as suas idéas democraticas, seu genio de empreza e iniciativa, apoderando-se do paiz e annexando-o, mais tarde, á mãe-patria.

O que havia, porém, no fundo a manter a politica imperial era, effectivamente, a resistencia da unica monarchia da America contra o contagio da grande republica, como legitima defeza, principalmente quando mal havia sido suffocado em sangue ou em perfidia o germen perturbador que agitára o paiz, desde a Independencia a 1848.

Representando a opinião dos adversarios da franquia, o venerando dr. Carvalho Moreira, barão de Penedo, a 4 de abril de 1853, reclamou de governo de Washington providencias contra expedições navaes e commerciaes projectadas, como deprehendia de boatos e noticias de jornaes. O secretario de Estado, porém, respondeu-lhe que taes boatos provinham das expedições de Herndon e Gibbons, que fôram munidos de passaportes e auctorizados pelo representante do Brazil, Teixeira de Macedo.

Em agosto do mesmo anno, voltou o barão de Penedo a reclamar sobre o identico assumpto, ainda fundado no artigo de um jornal que affirmava haver o tenente Porter obtido dois annos de licença para tomar conta de uma expedição, que tinha por fim forçar a passagem da fóz do Amazonas. O secretario de Estado negou redondamente o facto de intentar o seu governo empregar força, provando que Porter não fôra licenciado.

Em a nota de resposta, o secretario Mercy accrescentou que seria, todavia, do intereese da civilisação e do desenvolvimento dos recursos naturaes do Brazil, a suspensão de restricções á navegação do Amazonas.

Sempre desconfiado, o barão de Penedo reclamou ainda, em novembro do mesmo anno, providencias para que as auctoridades de Nova-York não permittissem o apparelhamento de expedições de flibusteiros. Marcy accedeu; mas, em agosto de 1853, transmittira instrucções ao ministro americano, no Rio, para reclamar o direito de passagem pelo citado rio aos cidadãos norte-americanos empenhados em commercio legitimo com as republicas do Perú, Bolivia, Equador, Colombia e Venezuela. Nessas instrucções, transparecia a ameaça de estar o governo dos Estados-Unidos firmemente resolvido a obter por todos os meios o provimento da reclamação, lamentando que as relações entre as duas nações amigas pudessem ser perturbadas pela insistencia do Brazil em manter uma politica tão dissonante com os principios liberaes consagrados pelas nações civilisadas e emprehendedoras.

Na mensagem annual do presidente Pierce, de 25 de dezembro de 1853, o assumpto foi tratado, dando conta ao Congresso das instrucções do ministro no Rio de Janeiro, nas quaes era sustentada a doutrina de não poderem as nações ribeirinhas interceptar ao commercio os cursos de aguas navegaveis, como communicações internacionaes.

O governo brazileiro não acceitou essa doutrina; e, fiel á sua tradicional politica, respondeu que ella «não poderia prevalecer sinão substituindo os principios do direito e da justiça pelos do interesse e pela força». Allegou mais que o tratado de Vienna, invocado pelo plenipotenciario norte-americano, não era applicavel ao caso, tanto mais quanto não haviam os principios, nelle consagrados, sido reconhecidos por todas as potencias européas, tanto que a França e a Inglaterru concordaram, pelo tratado de 1849, em que o Paraná era rio de navegação interior e não internacional. E accrescentou que, «si o valle do Amazonas estava deserto, no territorio brazileiro, não o estava menos no territorio dos outros paizes ribeirinhos. Assim, nenhuma vantagem resultaria para os Estados-Unidos, ou qualquer outra potencia, da abertura daquelle rio. Não é intenção do governo imperial — lê-se na resposta — conservar o Amazonas eternamente fechado ao transito e commercio estrangeiros; não é, entretanto, de opportunidade franqueal-o.»

Esta suspeita definia nitidamente a politica de preservação, de cautelas e receios, e obedecia ao preconceito do *perigo americano*, erguido como um espectro sinistro na estreita área de alcance das curtas vistas do governo imperial. Apezar della, e da recusa formal que continha, o ministro americano Trousdale propoz, em dezembro de 1854, a negociação de um tratado; proposta que, um anno depois, foi recuzada, ainda sob o pretexto de que o fim capital do tratado seria a abértura do Amazonas. Além disso, a falta de tratados sobre os limites septentrionaes e occidentaes do territorio do Imperio aconselhava o adiamento da resolução de franquear o Amazonas, a qual o Brazil preferia

tomar espontaneamente e não em virtude de tratados com outras potencias.

A historia diplomatica não accuza, no subsequente periodo de mais de dez annos, incidentes que mereçam ser relembrados para o esclarecimento da materia. As relações dos dois povos permaneceram inalteradas, havendo, todavia, constantes manifestações de bôa vontade e consideração do governo norte-americano para com o do Brazil. As ephemeras nuvens passaram; as tormentas, das quaes se suspeitava serem precursoras, não se desencadearam; o *perigo americano* foi adiado, e o governo imperial, cedendo ao pendor das idéas liberaes, não perturbadas já por temores infundados, franqueou, por decreto de 7 de dezembro de 1866, o Amazonas, a partir de 7 de setembro de 1867, ao commercio do mundo.

A's expedições de flibusteiros norte-americanos, organisadas de 1849 a 1851, sob o commando de Narciso Lopez, com o fim de libertar a ilha de Cuba, e de Walker á America Central, se devem attribuir os receios da diplomacia brazileira, que, de accordo com a opinião corrente na Europa, suppunha aquellas tentativas favorecidas pelo governo dos Estados Unidos. Tal suspeita tomou corpo, quando esta potencia rejeitou o accôrdo proposto pela França e Inglaterra, de renunciarem as tres nações, solemnemente, quaesquer pretenções sobre aquella ilha, e impedirem, collectivamente, eguaes tentativas da parte de individuos ou de outra potencia. A razão da recusa foi — « que a politica dos Estados Unidos, fôra, uniformemente, evitar, tanto quanto possivel, allianças ou accôrdos com outros Estados e ficarem livres de obrigações internacionaes, excepto aquellas que affectassem directamente os interesses dos Estados Unidos. »

Essa recusa parecia evasiva; mas na terceira mensagem annua, o presidente Fillmore declarou que assegurára aos ministros daquelles duas nações que os Estados Unidos « não mantinham designios contra Cuba, e que, ao contrario, consideravam a sua incorporação á União, naquelle tempo, um *serio perigo*.

Mais tarde, em 1854, surgiram, em Nova-Orleans, expedições de flibusteiros eguaes ás de Narciso Lopez, sob o commando de Quitman, antigo governador do Mississipi, o qual foi preso por ordem do governo, e obrigado a respeitar as leis de neutralidade. Occorreu, tambem no mesmo anno, o bombardeamento da cidade nicaraguense, S. Juan del Norte, pelos norte-americanos.

Para a diplomacia brazileira, nada valiam os protestos dos Estados Unidos, de renuncia absoluta ás expansões territoriaes, ao passo que assumiam proporções extraordinarias e terriveis os menores incidentes que pudessem justificar as nossas irreductiveis suspeitas.

Os precedentes, entretanto, não as justificavam.

Foi, sem contestação, o glorioso exemplo dos Estados Unidos que estimulou os povos néo-hespanhoes á conquista da independencia, pela qual os norte-americanos manifestaram não não só o mais vivo interesse, como prestaram apoio material. Entre os seus estadistas mais notaveis, Henry Clay foi o primeiro a espozar francamente a causa dos Estados hispano-americanos; e ainda recordamos com enthusiasmo o seu famoso discurso, talvez o mais vigoroso e eloquente que jámais proferiu — o flammejante *speach* que empolgou a Camara dos Representantes, em 24 de março de 1818. Foi então que aquelle herculeo orador apresentou uma emenda ao projecto, decretando verba para as despezas com os commissarios nomeados pelo presidente Monröe para estudarem as condições politicas das colonias hespanholas, accrescentando que fôsse votada a somma necessaria para o ordenado e ajuda de custo de um ministro acreditado nas provincias unidas do Rio da Prata.

Nesse e noutros discursos sobre o mesmo assumpto, traduzidos para o hespanhol, e lidos solemnemente perante os exercitos das republicas do sul, Henry Clay delineou magistralmente a politica que tem sido sempre observada desde Washington a Cleveland. A sua opinião victoriosa era que os Estados Unidos tinham o mais profundo interesse na independencia da America hespanhola, e jámais havia occorrido, na politica internacional do paiz, questão de tamanha transcedencia e na solução da qual tivessem mais a arriscar interesses concernentes, não só á politica como ao commercio e navegação. « Não ha duvida — dizia elle — que a America hespanhola, uma vez independente, qualquer que seja a fórma de governo adoptada, sua administração será animada pelos bons sentimentos e guiada pela politica americana; obedecerá ás leis do systema do Novo Mundo, de que fazem parte, muito differentes das que regulam os destinos dos povos do continente europeu ».

Monröe, em sua primeira mensagem ao Congresso, affirmou que, si as colonias hespanholas alcançassem a independencia, o governo americano não procuraria, nem acceitaria dellas vantagens commerciaes ou de outra natureza, que não fôssem extensivas ás outras nações. « Tornar-se-ão Estados independentes, livres de qualquer obrigação para comnosco, sinão aquellas em que fôr de seu interesse o contrahírem-se sobre as bases de uma perfeita reciprocidade ».

Como affirmação solemne dos principios capitaes dessa doutrina, depois de varios tratados de alliança, feitos por iniciativa de Bolivar com o fim de se unirem contra a Hespanha, as republicas sul-americanas projectaram o congresso do Panamá, no qual as nações americanas formariam um solemne pacto ou liga contra o commmu inimigo, a Hespanha, ou outra qualquer potencia que a auxiliasse ou por qualquer fórma tomasse attitude de inimigo.

Nenhum ensejo mais propicio poderiam suggerir os acontecimentos para collocar toda a America sob a superintendencia, sinão dominio, dos Estados-Unidos; entretanto, Adams, em sua primeira mensagem de 6 de Dezembro de 1825, assim se exprimiu sobre o convite: «O convite foi acceito e serão nomeados ministros para representarem os Estados Unidos e tomarem parte nas deliberações, de modo compativel com a neutralidade, da qual não é intenção nossa, nem dos outros Estados americanos, nos desviarmos ».

Tal deliberação foi brilhantemente justificada em mensagem ao Congresso, affirmando que, antes de acceitar o convite, havia ponderado si ella poderia influir na transformação da politica internacional, e respeitado o conselho de Washington, em sua mensagem de despedida, estabelecendo a grande norma de conducta relativa ás nações estrangeiras — expandir as relações commerciaes com as menores connexões politicas possiveis, que o Pai da Patria qualificára de *entangling alliances*. Mas as circumstancias eram outras, e o comparecimento dos Estados Unidos não importaria infracção daquellas normas.

Apezar de amplamente justificada a deliberação, o Senado rejeitou-a, por ser contraria á tradição e honesta politica de evitar allianças compromettedoras.

Mais tarde, mediante nova mensagem, a mesma deliberação foi approvada.

Representantes do Perú, America Central, Colombia e Mexico se reuniram em Panamá a 18 de junho de 1826. O Chile, Argentina e Brazil, si bem que houvessem approvado a organização do congresso, não compareceram, assim cômo os Estados Unidos cujos representantes não chegaram a tempo, talvez de proposito.

Desse congresso resultou um tratado, que só foi ratificado pela Colombia.

Outras tentativas fôram feitas no mesmo sentido; o congresso de Lima,

em 1847, com o fim de manter a independencia, soberania e a integridade territorial das republicas néo-hespanholas; o tratado continental de 1846, entre o Perú, Chile e Equador, no qual preponderava o intuito de hostilidade contra os Estados Unidos por causa das mencionadas expedições de flibusteiros. E, em uma communicação do governo de Costa Rica, ao da Columbia, em 1862, desponta o terror de serem correntes, nos Estados-Unidos, doutrinas que poderiam ser fataes ás nacionalidades ainda mal firmadas, e que as vandalicas expedições de 1855 e outras até 1860 fôram interrompidas por intervenção, embora tardia, de potencias européas.

O segundo congresso de Lima, em 1864, para organizar a união latino-americana, foi inutil como os anteriores.

Quando em 1854, appareceu o famoso *Ostend manifesto*, dirigido ao secretario Marcy pelos ministros Buchanan, Mason e Soulé, demonstrando as vantagens de acquisição da ilha de Cuba, o permanente perigo de ser possuida por uma potencia estrangeira e o interesse da Hespanha em vendel-a por $ 120.000.000, a tradicional politica internacional foi mantida pela rejeição das idéas do manifesto. O mesmo succedeu quando Buchanan, eleito presidente, renovou o projecto de acquisição da ilha, na segunda mensagem e nas de 1859 e 1860.

A historia dos nossos dias offerece testemunho irrecusavel de que os Estados-Unidos jámais adquiriram por meio de violencia ou conquista, ou pelo processo inglez de expansão da influencia, começando pelas *chartered companies*, a intrusão depois, e protectorado mais tarde, e, finalmente, a extorsão, como está acontecendo no Transvaal, uma pollegada de territorio.

O caso do Texas, citado pelos que lhe conhecem a historia de ouvida vaga, a incorporação á União foi determinada por espontanea iniciativa do seu povo, cuja independencia, alcançada pelas armas de 1836, fôra reconhecida pelos Estados-Unidos, em 3 de março de 1837, e pela Inglaterra, em 1842; sendo de notar que os presidentes Jackson, Van Buren e Tyler, inspirados pelo conselho do immortal Wasgington, haviam recusado propostas feitas pelo governo daquelle Estado, para evitar questões com o Mexico.

As annexações de territorios mexicanos poderiam ter sido resultado natural da guerra provocada pelas permanentes perturbações da fronteira, crueldades infligidas pelas auctoridades mexicanas a cidadãos norte-americanos, e os lamentaveis resultados de odios religiosos, herdados da fatal cegueira do systema colonial hespanhol.

As hostilidades começaram a 28 de março de 1846 e terminaram pelo tratado Guadeloupe-Hidalgo. Os mexicanos abandonaram suas pretenções ao Texas e cederam a Alta California e o Novo Mexico, que os Estados-Unidos poderiam adquirir, com o direito da victoria, por $ 18.500.000.

Em 2 de fevereiro de 1848, celebraram os dois paizes um tratado de limites e commercio, no qual foi estipulado que os Estados-Unidos pagassem ao Mexico a somma de $ 15.000.000 em compensação dos territorios adquiridos, ficando mais o governo mexicano exonerado da responsabilidade dos damnos soffridos por cidadãos norte-americanos.

Outro tratado de limites foi concluido a 30 de dezembro de 1853, em virtude do qual o governo americano pagou mais ao Mexico a somma de $ 10.000.000.

Taes acquisições fôram legitimas transacções, eguaes á da Louisiania, cedida pela França conforme o tratado de 30 de abril de 1803, mediante a indemnisação de 60 milhões de francos, além do valor das indemnisações devidas por ella a cidadãos americanos; a da Florida, cedida pela Hespanha, em virtude do tratado de 22 de fevereiro de 1819, por $ 5.000.000; e Alaska, adquirida da Russia, segundo o tratado de 30 de março de 1867, por $ 7.200.000.

Não são menos contraprocentes aos receios de annexação os factos relativos a S. Domingos e Haiti, fortemente documentados no conhecido Digesto de Wharthon.

A acquisição de Alaska parecia animar a politica de Seward, que, adversario das annexações antes da guerra de seccessão, adoptára depois de extincta a escravidão, persuadido de não haver já serio obstaculo á expansão da jurisdicção dos Estados Unidos no continente norte-americano. Assim, não só encetou as negociações, em janeiro de 1866, com o ministro dinamarquez para a compra das ilhas San Thomas e S. João, como tratou de annexar as de S. Domingos e Haiti, com o fim de obter posição estrategica nas Antilhas, no interesse da defeza e commercio nacionaes.

Essa politica foi adoptada, em 1869, pelo presidente Grant, que concluiu, na mesma data, 29 de novembro daquelle anno, o tratado de annexação da Republica Dominicana e a convenção do arrendamento da bahia e peninsula de Samana, como acto de adhesão á doutrina de Monröe, medida de defeza nacional e predominio sobre o commercio atravéz o isthmo de Darien, desenvolvimento da marinha mercante, estabelecimento de mercados consumidores e opposição á escravatura em Cuba, Porto Rico e Brazil.

Apezar do interesse com que foi recommendado e das razões que o justificavam, o tratado foi rejeitado pelo Senado, em obediencia ás mesmas idéas que o induziram a repellir o tratado, de 30 de junho de 1868, de cessão das ilhas S. Thomaz e S. João, acceita pelos respectivos habitantes por um plebiscito, de janeiro de 1868, mediante a indemnisação de $..... 7.500.000.

A annexação das ilhas Sandwich vinha de 1850, tendo como partidarios os secretarios de Estado—Marcy, Seward, Fish e Blaine.

Cathechisados por missionarios norte-americanos, que, desde 1820, os organisaram em povo christão, com a linguagem nativa grammatisada e com instituições politicas, era natural o pendor dos indigenas do archipelago para os Estados-Unidos, cujo governo, entretanto, sempre recuzou as reiteradas propostas de annexação, até que a revolução de 7 de janeiro de 1893 proclamou a Republica sob a administração de um governo provisorio.

Esse movimento foi protegido pela attitude do ministro Stevens e pelo apoio das tropas norte-americanas, desembarcadas em Honolulu a pretexto de proteger a legação, o consulado e as propriedades dos cidadãos norte-americanos. Era tão natural como reacção legitima ao corrupto governo indigena e tão propicio aos interesses moraes e materiaes do archipelago, que não encontrou opposição. O corpo diplpmatico de representantes da França, Inglaterra, Portugal e Japão, reconheceu immediatatamente a nova fórma de governo estabelecida sem derramamento de sangue.

O tratado de annexação foi celebrado em Washington, a 14 de fevereiro de 1893, entre Foster, secretario de Estado do presidente Harrison, e os commissarios de Haway: mas não foi tomado em consideração pelo Senado, donde foi retirado pelo presidente Cleveland para estudar, com investigações imparciaes, a revolução e o estabelecimento do governo provisorio.

A intervenção do sr. Cleveland neste assumpto, que poderia, sem responsabilidade, e respeitando o procedimento do seu antecessor, deixar á deliberação do Senado, não se limitou á retirada do tratado de annexação; pensava elle que o governo devia, como reparação, restaurar a rainha deposta, e não levou a effeito tal proposito porque reconheceu ter elle pouca probabilidade de exito, sem grande resistencia do governo provi-

sorio e sem derramamento de sangue. Resignou-se ao facto consumado e enviou ao Congresso as informações e documentos colhidos por emissarios de sua confiança, terminando a sua mensagem com o seguinte trecho: «Entregando este assumpto aos poderes e deliberação do Congresso, desejo accrescentar a segurança de que terei muito prazer em cooperar em qualquer plano que seja adoptado para a solução do problema em que estão empenhadas a honra, integridade e moralidade americanas».

O vivo debate que esse caso provocou no Congresso, a prolongada discussão e o facto de só ser resolvida a annexação na presidencia de McKinley provam que, fieis á sua politica internacional, os americanos relutaram em adquirir um territorio que devêra ser ardentemente cubiçado, por sua posição especial no centro do Pacifico e ponto de escala obrigatorio das communicações entre a costa occidental da America do Norte e a costa oriental da Asia.

***

Si desses precedentes passarmos aos dos nossos dias, veremos a mesma politica de abstenção mantida durante a revolução cubana. Apezar da opinião dominante nos Estados-Unidos em favor da libertação da ilha e dos planos de expansão commercial, MacKinley só se empenhou no conflicto depois da monstruosa provocação feita pela destruição do *Maine*, fundeado no porto de Havana, sob a garantia do pavilhão hespanhol.

Não é possivel contestar que Cuba, Porto Rico e as Filippinas eram optimo despojo; seriam legitima conquista, si o vencedor fôra a Inglaterra. Entretanto, o governo americano evitou fundar os seus titulos no direito da força; observou a respeito a mesma linha de conducta seguida no caso do Mexico, indemnisando á Hespanha da perda daquellas colonias.

A historia não fornece eguaes exemplos de generosidade, de fidelidade e tradições honrosas e de respeito á justiça e ao direito: uma nação formidavel, laureada por feitos heroicos, dotada de meios de acção ineditos e maravilhosos e apoiada na justiça de sua causa, tratar o vencido em condições de egualdade e resolver, por um tratado, aquillo que seria conquista legitima consequencia necessaria da estupenda victoria.

Occorre relembrar a inconsistencia sentimental dos conceitos da opinião brazileira sobre a attitude dos Estados-Unidos no conflicto cubano.

—Plutocratas sem alma—bradavam pela imprensa as pennas mais eloquentes e auctorisadas—assistem impassiveis á lucta dos heróes que pugnam pela liberdade contra a tyrannia hespanhola. Argentarios, frios, vêem correr o sangue generoso, como si fôra o de luctadores em um *match de box!*

—Plutocratas gananciosos — exclamavam, em éstos de indignação, as mesmas pennas, inspiradas na sympathia pelo infortunio dos fracos, quando os norte-americanos venceram a Hespanha e occuparam Cuba—caíram sobre a preza e lhe anniquilaram as esperanças de liberdade, o patriotico sonho de Maceo e de outros martyres da independencia!...

Esse sentimentalismo contradictorio e desvairado, nas suas generosas e vehementes manifestações, nunca se inspirou no estudo desapaixonado dos factos, desfigurados e deturpados á feição do secreto temor que o provocava—o espectro do *perigo americano*, actuando, depois de uma syncope de 30 annos, não só na opinião da massa, sinão na das classes dirigentes. E tal é o poder do preconceito, tão profundamente se infiltra, que a independencia de Cuba e a sua entrada, como pessôa juridica, no convivio das nações, não conseguiu demovel-o. Vem, então, a derradeira objecção da resistencia: — Libertou-se Cuba do dominio hespanhol, para ser devorada pelos *trusts*.»

Com tal criterio, não é para admirar que topemos no absurdo.

***

Do rapido exame dos precedentes da politica internacional dos Estados Unidos resulta a negação completa de tendencias de absorpção ou annexação de territorios por meios violentos, e é logico concluir que, si não infringiram as suas tradições honrosas nas relações com os povos visinhos, não ha razão para se suspeitar que cubicem territorios da America do Sul, onde elles não puderam, até hoje, expandir a influencia commercial.

Depois da abertura do Amazonas, em 1867, esfriou, no Brazil, a agitação contra os norte-americanos, que desappareceu com a visita do Imperador á Exposição de Philadelphia, em 1876. Desde então, tendo conhecido de perto o caracter dos norte-americanos e se assegurado de que delles não provinha ameaça ás instituições monarchicas, deixou de alimentar as carunchosas suspeitas e, em consequencia, o *perigo americano* perdeu o apoio da corôa. Não será aventuroso accrescentar que no espirito lucido de Pedro II ficou funda impressão do regimen de governo e dos maravilhosos resultados da democracia, impressão que, não será difficil demonstrar, actuou de modo benefico nas idéas e na politica imperiaes. Basta recordar que elle se ufanava de ser um monarcha democrata e chegou a gabar-se, com apparente ironia, de ser o primeiro republicano do Brazil.

O Imperador promoveu com patriotico empenho o estreitamento dos laços de amisade e as relações commerciaes entre os dois povos, sendo o seu ultimo esforço, nesse sentido, o comparecimento do Brazil á Conferencia Internacional em Washington.

Durante o longo periodo de repouzo do germen de agitação, incidentes diplomaticos da maior gravidade, como o caso da Florida e Alabama e outros, fôram resolvidos satisfactoriamente, sem quebra das relações amistosas das duas potencias, antes com provas irrecusaveis da bôa vontade dos Estados-Unidos para com o Brazil.

O imperialismo norte-americano, as tendencias de expansão commercial, victoriosas com o plano politico de Mac-Kinley e muito legitimas da parte de um povo que produz muito mais do que consome, trouxeram á perspectiva de politicos de curtas vistas ou de exploradores levianos de tudo quanto possa enfranquecer o prestigio da Republica, o velho *perigo americano*, como sinistra ameaça á integridade da patria.

Palavras de um orador politico, opiniões esparsas na imprensa, fôram, então, avidamente colhidas como elementos de prova inconcussa das tendencias de absorpção. Assim, porque o senador Morgan, propagador das communicações inter-oceanicas pela arrojada empreza do canal de Nicaragua, referindo-se ás contínuas perturbações politicas que ainda hoje estão agitando a America Central, dominadora do territorio onde o canal tem de ser aberto, affirmou que os povos latinos daquella região necessitavam da tutela energica e da vigilancia permanente do governo norte-americano, para serem removidos os obstaculos contínuamente oppostos á integração da humanitaria obra de Lesseps, houve logo quem pretendesse impressionar a melindrosa fibra do patriotismo indigena, entrevendo naquelle discurso uma ameaça, apezar de ser evidente que o estadista citado não se referira ao Brazil, que só remotamente é interessado no córte do isthmo do Paraná ou em outro qualquer meio de communicação entre o mar Caribeo ou o golpho do Mexico e o Pacifico.

Na desorientação de um panico pueril, que não passa de lamentavel symptoma da nossa fraqueza ou afrouxamento das energias da nossa raça, chegámos á revolta contra a hegemonia norte-americana no Novo-Mundo, como si ella não fôsse facto sem contestação, posição de supremacia, nobremente conquistada sobre

todas as nações cultas, pela expansão estupenda daquelle povo, nos ultimos cincoenta annos, com as armas incruentas da civilisação, da educação moral e physica, o desenvolvimento industrial e scientifico e, sobretudo, pelas instituições democraticas, cimentando um victorioso regimen de liberdade e civismo, que os povos da America latina tentam, em vão, arremedar.

Entre os factores dessa suspeita intermittente a largos intervallos e que, agóra, se avoluma, deve ser destacado o livro do pranteado polemista e erudito homem de lettras, Eduardo Prado, que, com a *Illusão americana*, impugnou as instituições adoptadas pelo Brazil, accentuando, com admiravel estylo e encantadora ironia, defeitos de costumes, erros de politica e outros casos especiaes, que não pódem offerecer ao criterio do philosopho e do estadista, elementos seguros para o julgamento de um povo, e a affirmação dos resultados negativos de suas instituições.

Eduardo Prado pretendeu demonstrar que aquillo que nos seduzira ao ponto de copiarmos a Constituição dos Estados-Unidos, o progresso sem precedentes na historia da humanidade, as arrojadas emprezas de iniciativa industrial, produzindo prodigiosa riqueza publica e privada e as conquistas scientificas que assombram o mundo, não passam de illusorio aspecto de um organismo corrompido, falsos ouropéis a enfeitarem um povo dissoluto e desalmado, que lyncha negros, tolera o mormonismo e outras seitas absurdas, e é governado por banqueiros falsarios, *trusts* de plutocratas imbecis e pela politicagem immoral da Tammany Hall.

Esse livro, continuação da campanha de Frederico de S., encontrou franco acolhimento entre os reaccionarios intransigentes, adversarios da Republica ainda não resignados, e a esmagadora maioria dos mal informados, porque os mais esclarecidos apenas sabem dos Estados-Unidos o que leram em Tocqueville, ha quarenta annos, em Bryce, para nós acatado expositor de direito constitucional, ou em livros humoristicos de viajantes pouco criteriosos no commentario de factos colhidos na rapida passagem por uma terra que não tiveram tempo de estudar e comprehender.

A verdade, entretanto, é que essa *Illusão* se antolha ás decrepitas nações do Velho Mundo como definitiva conquista da civilisação, realizando de um lance aquillo que ellas obtiveram, mediante um barbaro processo muitas vezes secular, e attingindo ideas apenas entrevistas por outros povos na tenue nebulosa da uthopia. Essa *Illusão*, que nos apavora, dicta leis á industria com as suas invenções geniaes; prima nas sciencias pelos seus mestres, instituições de educação e as maiores e mais ricas universidades; regula, emfim, a politica internacional com as suas honrosas praxes e humanitarios principios, demonstrando sempre qualidades inestimaveis de iniciativa e energia no incomparavel regimen de liberdade, em que florescem cerca de oitenta milhões de habitantes.

E' forçoso concluir que, si tudo isto não passa de uma illusão, é preferivel á realidade desoladora, ao triste aspecto de velhas nações européas, povos que, parece, terminaram a sua missão na historia.

Eduardo Prado desempenhou, brilhantemente, o seu papel de advertario intransigente; mas as suas deducções são tão falsas e obscuras, quanto seria paradoxal concluir do assassinato de Mac-Kinley que a Republica não presta, é uma fórma de governo incompativel com o desenvolmento e a felicidade dos povos.

Quem estudar, imparcialmente, os factos, reconhecerá, sem difficuldade, a inconsistencia do preconceito que os inimigos da Republica, assim como grande parte dos seus mais vehementes defensores, pretendem agóra exhumar.

Ficou demonstrado que é infundado e futil.

Para provar que nos arrasta a contradições flagrantes, basta rememorar que, nos ultimos tempos, fluctuámos entre a confiança e a suspeita. Hontem, perpetuavamos o nosso reconhecimento aos Estados-Unidos, por sua intervenção benefica na revolta de 6 de setembro, estrangulada ao primeiro disparo dos canhões *yankees* sobre a *Guanabara*, votando um monumento a Monröe. Hoje, nos arreceiamos da sua malsinada doutrina, julgando-a pelos conceitos humoristicos de Evarts, dos quaes a politica européa deduziu a fórmula—*A America para os americanos... do norte*. E, no emtanto, ella tem sido formidavel obstaculo ao imperialismo europeu, sempre cubiçoso em expandir-se nos ubertosos territorios da America do Sul, realizando os sonhos da Allemanha antartica e da França equinoxial...

* * *

Surge agóra o arrendamento do Acre, considerado indicio vehemente da imminencia do *perigo*.

Não ha duvida que o contracto Aramayo, suscita um incidente serio, e deprimente dos creditos e do prestigio da Bolivia. Resta, entretanto, verificar si o governo norte-americano approva e apoia o procedimento de seus representantes na assistencia, velada que deram aos especuladores aventureiros, organisadores do syndicato.

Na peior hypothese haverá, quando o caso fôr entregue á diplomacia, discussão de principios de direito internacional, como sejam:

1º Si um governo póde transigir com a soberania nacional, transferindo-a por contracto ou investindo della um individuo ou corporação mercantil, estrangeiros com attribuições discricionarias para administrar, lançar impostos e organizar forças de mar e terra, na fronteira não delimitada de nação amiga;

2º Si esta é obrigada a reconhecer como legitima a transacção, e entreter relações com esse soberano commercial exotico, sem delegação por voto expresso da nação;

3º Si é valida, em face do direito internacional publico e privado, a emphiteuse de territorio mantido em posse mansa, pacifica e legitimada de cidadãos de nação amiga:

4º Si a navegação do rio Purús pertence de direito, exclusivamente, ás nações riparias, ou si elle e seus affluentes constitúem vias de communicações internacionaes.

A' excepção da duvida relativa á navegação, é de esperar que o governo norte-americano esteja de accordo com o do Brazil, a não ser que, por uma aberração inqualificavel e monstruosa, prefira á nossa amisade o interesse de aventureiros cubiçosos dos seringaes dos igapós do Acre, ou renuncie ás honestas normas de politica e ás tradições preciosas que constitúem a sua gloria.

DOMINGOS OLYMPIO.

O ALMIRANTE (79)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

O medico suspendera a interdicção de movimento. Apoiando-se ao braço de Hortencia, Oscar ergueu-se ensaiou um passeio pela bibliotheca, cujas janellas, amplamente abertas, eram invadidas pela serena claridade de uma admiravel manhã e descortinavam trechos de arvoredo, o recorte penhascoso das montanhas e o céo azul levemente toldado de tenue neblina. Aos primeiros passos, o enfermo redivivo nenhuma dôr sentiu; apenas foi forçado a recurvar-se por um ligeiro repuchamento da cicatriz.

— Muito bem — disse o medico a Hortencia — Está felizmente o nosso almirante livre de qualquer perigo e da minha assistencia.

— Não diga isso, doutor — respondeu

Hortencia com aquelle accento melancolico que se tornára o tom da sua vóz sonora e suave desde a catastrophe da Gavea — O senhor conquistou a nossa gratidão...

— Eu, minha senhora, cumpri o meu dever e estou plenamente satisfeito com o successo, cuja melhor parte lhe cabe...

Cortado de commoção, Oscar fixára na esposa olhos melancolicos em que transluzia a ternura de uma supplica do coração captivado pelos vinculos do reconhecimento e do amor.

— Recebam agóra — continuou o medico, com amavel sorriso—os meus votos de ventura e permittam que vá ver os meus doentes.

Oscar e Hortencia acompanharam o medico até o patamar da escada. Dahi seguiram, lentamente, para os outros aposentos, e chegaram ao quarto de dormir aonde a marqueza mandára collocar o seu magnifico leito nupcial, todo adornado de flôres de laranjeira, recentemente colhidas, ainda humidas de orvalho, saturando o ambiente de suave perfume.

As faces pallidas de Hortencia se coloriram de vermelho; o seu bello corpo se encolheu enleiado e se afastou num geito de resistencia, quando Oscar o contornou num timido amplexo. Preza á deliberação de se submetter, apparentemente, ás imposições do dever, temendo o ridiculo do retraimento que lhe infundia o seu papel de esposa, ella se deixava conduzir, como um corpo inerte arrastado pela torrente, fiando a sua sorte da lealdade do marido, a quem não escapára a gravidade da monstruosa situação creada por circumstancias excepcionaes, determinando um compromisso, cujas consequencias não poderam avaliar precisamente. Mortificada pelo remorso do crime que tanta vez lhe toldára o cerebro, quando Oscar parecia irremediavelmente perdido, abalada pelas peripecias da lucta travada entre os dictames do dever e os impulsos do coração, ella se resignára com supremo esforço ao desenlace urdido pela fatalidade, convencida, embóra, de não estar conjurado o perigo, como suppuzera, quando aos seus ouvidos de mulher repercutia com insistencia cruel o nome de Dolores proferido por Oscar num lance de delirio ou de espontaneo desbordamento de alma apaixonada. Outra mulher no coração delle seria uma attenuante ao culto mysterioso do primeiro amor, crearia uma incompatibilidade propicia á tranquillidade da consciencia de esposa legal.

Mas Hortencia estremecia apavorada á impressão daquelle nome a feril-a impertinente, cruel, venenoso, como um acicate de remorso e, ao mesmo tempo, a detestada Dolores se lhe figurava um instrumento de intervenção salvadora, providencial, quando, envolta nos effluvios do olhar do esposo, ao seu contacto timido, ella se sentia querida com paixão.

Como si pretendesse evitar a penosa suggestão da camara nupcial ella se afastou conduzindo Oscar para a varanda debruçada sobre o parque, toda adornada pelas flôres rubras das epoméas entrelaçadas ao gradil da balaustrada. Aquellas flôres, que ella carinhosamente plantára, se lhe figuravam creaturas amigas que viessem sorrateiramente espreital-a para lhe saudarem o venturoso consorcio.

Alli, naquelle sitio delicioso, elles trocaram palavras banaes sobre a esplendida manhã, sobre o céo de diluida turqueza, sobre a folhagem de deslumbrante colorido, sobre as flôres, as rosas opulentas, as gardenias candidas e o bambual farfalhante a se mover voluptuoso.

Aspirando a largos haustos a briza fresca, embalsamada, dilatando os olhos melancolicos pelo horisonte montanhoso, Oscar murmurou:

—Como é encantadora a vida, como é incomparavel a alegria de volver á vida... volver á vida agóra mais bella, mais feliz... Eu abençôo o accidente, os soffrimentos que me revelaram desconhecidos, incomparaveis aspectos da existencia...

Estas palavras caíam uma a uma, pezadas, corrosivas como gottas de um liquido venenoso no coração de Hortencia entorpecida na attitude afflictiva de creatura ameaçada.

— A vida — continuou Oscar, num commovido tom de amargura — era para mim o mar immenso, infinito, sem margens, onde eu fluctuava sem ambições, sem rumo, aguardando resignado o momento de ser tragado. De repente, o céo brusco privou-me da luz; as forças me abandonaram numa syncope sem agonia e acolhi a morte que me eliminava á monotonia de uma existencia sem lucta, sem objectivo, sem aspirações. Resuscitado por um milagre da tua dedicação, minha querida, experimento a ancia de recobrar comtigo, sob a tua divina inspiração, o passado perdido sem saudade...

E como elle tentasse conchegal-a ao seio, Hortencia recuzou assustada, indicando-lhe a marqueza que, do parque, os observava sorrindo venturosa, atirando-lhes beijos.

— Eu, estava aqui — disse ella approximando-se—saboreando a belleza do quadro encantador. Que delicia, que bem me fazem, meus pombinhos...

E acercando-se do pittoresco portico ornado de festões de volutas, accrescentou:

— Fizeste muito bem, deixando aquelle logar de soffrimento. Tu necessitas de luz, de ar...

Hortencia sorria sinceramente satisfeita com a presença da marqueza, libertando-a do vexame de ouvir as palavras apaixonadas de Oscar. Que lhe poderia responder? A sua lealdade poderia impellil-a a desvendar-lhe francamente um estado d'alma que seria uma cruel desillusão, um choque demasiado violento para aquelle homem, mal refeito ainda das terriveis consequencias do ferimento. Com a subita intervenção da marqueza, ficava removida, talvez, por alguns momentos, a solução da difficil situação que a martyrizava.

— Então, Hortencia? — inquiriu, ancioso, Oscar, emquanto a marqueza subia as escadas — Para que esse retraimento? Porque te entristecem as minhas palavras?...

— Não pude ainda...—tornou Hortencia, num tom de suffocada afflição — Não pude vencer as commoções que me dominam desde aquelle dia fatal em que a minha imprudencia..

— Abençoada, providencial.

— Ia-te custando a vida. Eu não estou ainda bem segura das minhas acções; a minha memoria vacilla, confunde os factos, como si eu despertasse de um sonho, abalada pela alegria de ver-te são e salvo..

— Salvo por ti, minha querida...

— Eu necessito de repouzar — continuou ella, com vóz cada vez mais debil, como si lhe fugissem as forças para manter a dissimilação — Necessito de adquirir a posse de mim mesma... Vês? Estou fraca, hesíto; não sei o que estou dizendo; fogem-me as idéas, as palavras...

Oscar tentou amparal-a, mas Hortencia o afastou num irreflectido movimento de defeza.

— Não, não! supplicou ella, recuando de braços hirtos, estendidos para elle — Deixa-me, deixa-me por piedade...

—Ai... ai!... — suspirou, arquejante, a marqueza, chegando ao patamar — já não posso com escadas!... Parece-me que o coração váe saltar-me pela bocca...

Hortencia correu a sustel-a, abraçou-a numa explosão de ternura e, escondendo a cabeça no seio della, deu livre curso ás represadas lagrimas que a suffocavam.

—Que é isto? — exclamou a marqueza, surprehendida pelo inopinado pranto—Eu não gosto das noivas choronas, si é que não choras de excesso de ventura... Tolinha! Pensei que eras uma mulher forte.. Sua fracalhona.. A ti, Oscar, competia estancar com as tuas caricias estas lagrimas.

(Continúa)

APENDICE Á CHRONICA POLITICA

O CHRISTO NO JURY

Pelo orgão do seu chronista e do seu illustre collaborador, o sr. Evaristo de Moraes, de accordo com a opinião da maioria dos collegas da imprensa diaria, os *Annaes* emittiram a sua opinião sobre o exdruxulo caso da reposição da imagem de Jesus Christo ao tribunal do Jury.

Suppuzemos ingenuamente que, ante a manifestação da imprensa, sem resquicio de intolerancia espiritual, o Governo e a suprema auctoridade da archidiocese, num accordo salutar, evitassem a consumação de um acto offensivo aos principios essenciaes das instituições democraticas e á lettra expressa da Constituição da Republica. Vimos, entretanto, mallograda essa previsão: a imagem foi processionalmente, com toda a solemnidade do ritual, transportada domingo ultimo para o tribunal; vimol-a acolhida por um juiz e vimos tomarem assento nas cadeiras do juiz, do promotor, do escrivão, dos funccionarios, pessôas estranhas ao pretorio, como um notavel sacerdote que alli celebrou o caso com palavras de eloquencia peculiar.

O facto attinge as raias do inverosimil, como um impulso do funesto sopro de anarchia que vem perturbando as indicações do bom senso civico, gerando a miseria, o olvido do dever civico na imminencia de um attentado que, sob piedosas apparencias, disfarçava uma exploração indecente ou uma ameaça á Republica.

Esposando as idéas do *Paiz*, nas sensatas considerações patrioticas com que precedeu o *interview* do ministro da Justiça, do presidente da Côrte de Appellação e do juiz federal, dr. Godofredo Cunha, experimentámos a impressão que elle condensou no seguinte periodo:

« O espanto maior, entretanto, ainda não é esse; o espanto maior é que nenhuma auctoridade, nenhum juiz, nenhuma entidade do Governo se julgou no dever, máu grado ao clamor de toda a imprensa, de impedir essa coisa inqualificavel, em que o desprestigio do Estado e o achincalho da Republica vão de envolta com a desmoralisação de juizes e ministros, reduzidos na sua contumacia pusilanime a *marionettes* nos dedos habeis do contricto iconoclasta do *Jacobino*. Ainda mais, o sr. ministro do Interior, intervistado, declarou que não era da sua competencia intervir neste caso, que s. ex. classifica de «questões de economia interna do tribunal»; e que não era da sua competencia declarou-o egualmente o sr. presidente da Côrte de Appellação. Essa infracção inconstitucional, essa contravenção penal, diriamos, tanto vale a invasão indebita de casa alheia contra prescripção da lei — commettida com a cumplicidade confessada de um juiz de direito, ficou assim, não já sem correcção, mas sem impedimento, porque não ha na organisação do Estado uma auctoridade com a competencia para o fazer!

Lavando as mãos, como Pilatos, o Governo não se libertou da responsabilidade do facto. O ministro da Justiça teve prévio conhecimento delle e declinou da competencia para intervir, como lhe cumpria, desde que se tratava de uma offensa aos preceitos constitucionaes de cumplicidade com um juiz e a acquiescencia da auctoridade ecclesiastica.

A intervenção do ministro não seria offensiva á independencia do poder judiciario, funccionando indebitamente num acto de puro sentimentalismo, sob a inspiração de suas crenças pessoaes, absolutamente respeitaveis. S. ex. poderia intervir *officiosamente* com o seu irrecusavel prestigio; poderia e deveria intervir *legalmente*, como guarda da Constituição, para prevenir a consumação do facto delictuoso. S. ex. estava deante de um simples, de um evidente *caso de policia* — tão evidente que dispensa prova — e o meio legal de prevenção seria impedir a entrada da procissão no tribunal do Jury, communicando, por simples deferencia, a deliberação do Governo a s. em. o cardeal Arcoverde, que certamente evitaria o escandalo.

E' absurdo, é monstruoso que se realize, com desmarcada solemnidade, com as pompas do culto catholico, uma offensa á Constituição, á liberdade espiritual, só porque não ha depositario de poder que se tenha julgado competente para evital-a.

O ministro da Justiça buscou claramente uma evasiva á responsabilidade do facto, apezar de consideral-o germen de futuros incommodos; s. ex. foi dominado pelo sentimento religioso, accentuadamente preponderante no governo actual; obedeceu ás crenças de catholico fervoroso, circumstancia que não attenúa a sua lamentavel fraqueza. — *Pojucan*.

XADREZ

TEICHMANN

Ricardo Teichmann chegou a 25 do mez passado, pelo *Aragon*. No mesmo dia, ás 3 horas da tarde, apresentou-se no CLUB DOS DIARIOS, onde se achavam alguns amadores. Quando elle entrou no salão de xadrez do club, dois desses amadores reproduziam a celebre partida de Zukertort contra Blackburne, jogada em 1883 e commentavam uma posição incrivel a que haviam jogado.

Teichmann entra. Trocam-se os primeiros cumprimentos. Dizem-lhe, para dizer-lhe alguma coisa, que se joga a partida de Zukertort; elle se approximou do taboleiro e, apenas lança a vista sobre elle, muda a posição das duas torres, allegando que a posição estava errada. Protestos dos amadores: tinham seguido todos os lances com o maior cuidado...

— Apezar de ha 15 annos não ver essa partida, posso garantir qne a posição é a que estou indicando — diz tranquillamente o mestre — Vamos recompol-a.

Recompõe-se a partida, chega-se á posição em litigio. O mestre tinha razão: havia um lance errado.

Este facto causou logo successo.

Em seguida, Teichmann jogou algumas partidas com os amadores presentes, batendo-os com facilidade, como era de prever. O seu jogo é fleugmatico; elle mesmo, robusto, louro e claro, é um teutão fleugmatico. Falla baixo e com volubilidade, a physionomia é expressiva. De vez em quando, fita o adversario com os seus pequenos olhos claros.

— O CLUB DOS DIARIOS franqueia o seu salão de xadrez aos amadores durante a permanencia de Teichmann. Este jogará diariamente no club de 3 1/2 ás 6 1/2 e das 9 da noite em deante Nas terças-feiras jogará, partidas simultaneas com quantos se apresentem, e nas quintas, partidas de consulta.

Até agóra Teichmann tem ganho todas as partidas que tem jogado.

***

DR. CALDAS VIANNA

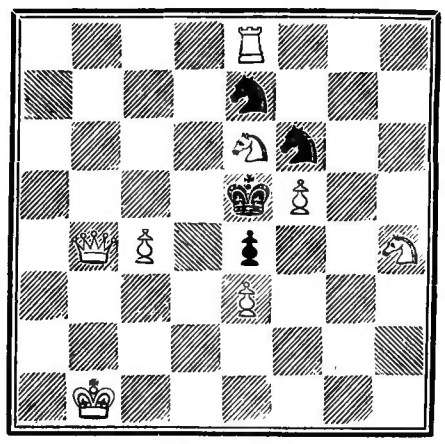
Está enfermo ha cerca de uma semana o campeão sul-americano dr. Caldas Vianna.

***

PROBLEMA N. 46

Em. Pradignat

PRETAS (5)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 50

(Jogada no 4º torneio nacional russo a 19 de janeiro de 1906)

PARTIDA DOS QUATRO CAVALLOS

Brancas (Rosenkrantz)		*Pretas* (C. Levitski)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C D	— 4 —	B 4 B D
Roque	— 5 —	Roque
C × P	— 6 —	B 5 D (*a*)
C 3 B R	— 7 —	B × C
P D × B	— 8 —	C × P
T 1 R !	— 9 —	C 4 B D (*b*)
D 5 D	— 10 —	C 3 R
D 5 T R	— 11 —	D 3 B R
B 3 D	— 12 —	P 3 T R
T 4 R	— 13 —	C 2 R
T 4 C R	— 14 —	R 1 T
C 5 C R !	— 15 —	C 3 C R
C × C	— 16 —	D × C
B × P	— 17 —	P 4 D
B 3 R x d.	— 18 —	R 1 C
T × C	— 19 —	P × T
B × P C (*c*)	— 20 —	abandonam

(*a*) Costuma-se jogar 6... T 1 R; 7 — C 3 B R, C × P. E' claro que si 6... C × C, 7 — P 4 D, etc.

(*b*) Não pódem jogar 9... P 4 D por causa de 10 — P 4 B D, B 3 R; 11—P × P, B × P; 12 — P 4 B D, etc.; todavia melhor que o lance do texto seria 9... T 1 R.

(*c*) Final muito brilhante.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 45 (*P. F. Blake*): C 3 C D.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1906 — Num. 80

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não terá estranhado o futuro Presidente e augusto excursionista que nos voltassemos numa rapida parada, seduzidos pelos curiosos aspectos da politica, muito interessantes, muito edificantes neste momento de renovação dos personagens, de limpeza e lubrificação do carunchoso apparelho que funcciona mudando de côr, pintado de branco, de azul, de amarello e de verde, produzindo sempre a mesma coisa, durante quasi um seculo, desde epocha anterior aos saudosos tempos em que s. ex., moço, cheio de illusões, de ambições nobres e talvez de phrases bonitas, se engalonava com a farda de ministro do Imperador, que Deus tenha em santa gloria.

***

Estavamos em Manáos, nessa maravilha erguida no deserto de aguas e florestas pela fecunda actividade dos cidadãos de arco e flecha.

Depois de larga interrupção numa zona em que se conservam ainda os esplendores da natureza primitiva com os seus thezouros, a sua magnificencia esmagadora ; depois de atravessarmos um largo espaço neutro, encontrámo-nos em plena conquista da civilisação. Manáos surge das aguas escuras do rio Negro como uma reivindicação do passado glorioso, assignalado pelo plano de Pombal, soberbamente vasto para as acanhadas forças e a curta vista da dynastia bragantina no Brazil.

A perspectiva de verde e azul se ameniza, e na sua immensa monotonia de coisa gigantesca, com os zimborios artisticos, com os tectos da casaria nova, alinhada em renques de ruas largas, claras, ventiladas, cortadas de bondes electricos, no mesmo sitio accidentado, cheio de altos e baixos, onde a primitiva cidade se contorcia decrepita, atolada no tijuco dos igarapés.

S. ex. reconhecerá que por alli passou a virilidade de um Passos prodigioso, derrocando e creando, com aquella picareta fatidica que está estripando as entranhas podres do velho Rio de Janeiro, um Passos triumphante dos rancores da rotina acuada, malsinado, calumniado, detestado, como os seus emulos Lauro Müller e Frontin, aos quaes a protervia attribúe gordas propinas, e que lhes dariam um logar de realce entre os mais invejados millionarios do mundo. Pois bem, meu querido Presidente, (palavras pucham o coração e a gente váe insensivelmente caíndo na nevrose do marechal Pires Ferreira) dos reconstructores de Manáos não se disse meia missa, comparando a obra dos calumniadores de lá com a dos linguas-damnadas de cá, desta ex-Capital Federal, que é um viveiro dellas, qual mais afiada, qual mais venenosa.

Nenhum melhoramento se emprehende sem encobrir uma batota, isto desde que o Brazil começou a se mexer. Toda a vez que um emprehendimento novo abalava a tradicional preguiça indigena, vinham a terreiro os cachorros da maledicencia : o desenvolvimento do abastecimento d'agua pelo contracto Gabrieli, um negocio de 19 mil contos, salpicou lama em quasi todos os grandes homens contemporaneos ; um formossisimo parque da praça da Republica, substituindo o campo desolado cheio de lavadeiras, foi resultado de uma patota que deu de comer a muita gente bôa com adherencias no Paço ; a obra economica e financeira do Governo Provisorio, o unico governo constitucional da Republica, o grande impulso que elle deu ás entorpecidas forças nacionaes, são, ainda hoje, malsinados com os mais iniquos baldões...

Mas... a quem estamos nós falando em forca ? Ao benemerito creador de Bello Horisonte, suscitada prodigiosamente na ondulada planicie do Curral d'El-Rei pelo vontade, pela energia do sr. Affonso Penna, que lhe lançou os fundamentos. E v. ex. sabe quanto soffreram os seus auxiliares, homens da ordem de Aarão Reis, Amarilio de Vasconcellos, Honorio Bicalho, honrado e velho trabalhador que está ainda purgando peccados nas obras do porto do Rio de Janeiro, verdadeiro negocio da China aos olhos vêsgos da ganancia insaciada.

Pelo que se passa no centro da civilisação brazileira, o sr. Affonso Penna poderá avaliar a intensidade, o desbridamento das campanhas diffamatorias nos pontos distanciados, onde se inicia apenas a cultura intellectual do povo, onde actúam ainda resquicios do fetichismo, de preconceitos da raça primitiva, corrompida pelo contacto, pela influencia corrosiva, pela obra deshumana dos exploradores dominados por interesses occasionaes ; gente adventicia sem raizes no sólo, sem amor a elle, sem aspiração do progresso ; homens de todas as categorias apojando as ubertosas têtas das seringueiras maravilhosas.

Até 1878, o Amazonas era um esquecido recanto onde despontava fracamente a exploração da borracha ; a população sedentaria, passado o ephemero deslumbramento do progresso colonial, formava diminutos grupos abrigados em cidades decadentes, nas taperas dos capitães-móres, nas ruinas das missões catholicas, atrophiada no fatalismo atavico, sem aspirações, sem estimulos, garantida a subsistencia pelo rio cheio de peixe, pela floresta pingue de caça, de saborosos fructos. Não se preoccupavam com o norte os estadistas incumbidos do povoamento do territorio nacional. E tão falsa noção tinham da natureza delle, dos seus recursos economicos, do seu clima, das suas aptidões para um colossal centro humano, que só se impressionavam com o povoamento do sul ; era idéa predominante povoar

o norte com os residuos ou os excessos do povoamento do sul.

Mas a calamidade maior que, depois da olygarchia acciolyna, affligiu a generosa terra cearense, se encarregou de corrigir os erros, a inepcia dos estadistas: uma corrente emigratoria de creaturas acossadas pela sêde e pela fome se encaminhou para os páramos amazonenses, abriu affoitamente caminhos aos mysteriosos repositorios de riqueza, revelou os thezouros da borracha, vencendo, com a indomita bravura de homens educados na lucta contra a natureza adversa, a esmagadora, a medonha, a exúberante opulencia da flora, da fauna, nos territorios desconhecidos, mal trilhados pelos raros descobridores da sua inestrincavel rêde de rios. A' proporção que a corrente immigratoria fixava definitivamente a sua conquista, o Amazonas foi surgindo das brumas da indifferença; tornou-se pouco a pouco um appetitoso centro de affluxo do trabalho, do capital e, ao mesmo tempo, um refugio dos mal succedidos, dos desesperados que appellavam para o ultimo lance dos deslumbrados pelas narrativas das fabulosas facilidades de accumular rapidamente milhões naquella nova California.

De envolta com os elementos de trabalho, com os vehiculos de riqueza, de cultura intellectual, iam os elementos parasitarios da prosperidade, a lia dos grandes centros populosos, os detrictos do lixo humano, criminosos, viciosos incorregiveis, flibusteiros para todas as audacias, dentre os quaes, no recente periodo de transformação da vida amazonica, surgiram homens como Galvez, um aventureiro fino e romantico; Placido de Castro, um *condotieri* á maneira gaúcha, intensamente frio, cruel, ambicioso, tendo recebido os ultimos retoques do caracter na escola das luctas fratricidas, no ensinamento dos supplicios barbaros, dos estaqueamentos, dos fuzilamentos summarios, dos degolamentos deshumanamente estupidos.

Esse elemento nocivo, sob as suas variegadas fórmas, perturbou, até, os nossos dias, a constituição definitiva da população conquistadora da Amazonia, impediu sempre o seu desenvolvimento systematico, chegando, por fim, á monstruosidade de mutilar o territorio como opulento despojo de uma victoria diplomatica.

....

E deixemos para logo o resto da palestra.

A nossa sincera dedicação a v. ex. nos exclúe do prodigioso numero de *cacetes* que lhe estão amargurando os ultimos dias de liberdade.

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

A lucta é, pois, o grande drama universal observado desde os micro-organismos até aos páramos celestes. Du Prèl entreviu a existencia a se manifestar no *kosmos* da natureza identica á do *kosmos* social: os astros creados pela affinidade mollecular das nebulosas a combaterem pelo espaço, que é o alimento das estrellas. Tambem á luz do bioscopio hodierno de Gasparil, distincto universitario de Napoles, os pequenos cryptogamos, os musgos, os lichens, que o olho nú mal discerne, apparecem no horisonte como minusculas florestas de plantas singulares, prados de esmeraldas, em meio dos quaes organismos de fórmas estranhas se agitam, se misturam, amam e se batem sem pausa nem treguas. E' tendo em vista a correlação existencial entre os phenomenos naturaes e as crenças animicas, que Bordeau conclúe pela unidade de essencia do *eu* espiritual e do *eu* material, emquanto Delage entrevê a immortalidade das cellulas germinaes pela reproducção e a mortalidade das cellulas somaticas pela differenciação.

Apoiados sobre a observação dos factos e o conhecimento do *fieri* permanente que preside ao *kosmos* intellectual, não podemos, todavia, prever até onde ás descobertas scientificas será dado arrastarem o pensamento e o saber. Afigurou-se a Renan ser esteril e ridiculo todo esforço empregado para imaginar um semelhante futuro.

Aos olhos do illustre auctor da *Vida de Jesus*, Wells, tracejando com penna de romancista volumes e volumes sobre o destino da humanidade, equivaleria a Tarde, divagando sobre as futuras transformações mundiaes em demanda da anemia solar, que ha de ser, segundo elle, o periodo inicial da morte do Planeta.

Effectivamente, na ascenção do espirito para a luz, releva não deixar desintegralisados os phenomenos do sentimento, consubstanciados no grande facto religioso.

Como a sciencia, repitamos, a religião é uma das creações fundamentaes da humanidade. Com razão se diz que a força mental, que estatue a sciencia, e o sentimento profundo, gerador da religião, são emanações de uma mesma fonte e correm parallelamente a um mesmo fim. Verdade é que já possuimos, a esta hora do seculo, uma grande somma de material accumulado pelo passado, cujo espolio ha sido possivel enriquecer com o emprego do methodo historico-naturalistico. Mas é por isso mesmo que nos separamos do auctor da *A irreligião do futuro* quando pensa e expende que o objecto da theologia, no dizer de Schleiermacher — isto é, o facto religioso, tende a desapparecer num porvir mais ou menos remoto, desalojado do reducto do sobrenatural pela offensiva das forças da sciencia.

A solução do problema que se nos offerece como exacta, pelo menos como logicamente acceitavel, é a fornecida pela philosophia monistica, a cujo criterio Eduardo de Hartmann estuda a religião do futuro.

Essa solução é que a immortalidade do dogma é um facto psychologico, de inconcussa observação, e que ella não se extingue nem renasce prendendo-se ao *processus* geral da evolução, nem mesmo á corrente, em que se bifurca, do desenvolvimento emocional da vida humana. A immutabilidade é o seu caracteristico, como producto do coração e da vontade, que o é. Assim considerada, a religião deixa de ser o *sociomorphismo universal* de Guyau.

Comprehende-se, porém, que o amor — como o entendemos — principio de vitalidade ou elemento kosmogonico, é alguma coisa mais do que a attracção sexual, o genio da especie, no dizer de Schopenhaeur. A nosso ver, elle não se explica, e jámais talvez se deixe explicar como um simples phenomeno de connexão mollecular. Dir-se-á que, floração de velha cêpa, haure sua côr e perfumes das profundas raizes biologicas que o prendem ao sólo e á atmosphera moral do mais remoto passado.

E, flôr das civilisações orvalhada de sonhos, o amor é o sentimento que dá ás religiões a glorificação dos martyres, que traça á architectura a harmonia das linhas, que empresta á musica a doçura dos accórdes, que fornece á poesia a inspiração, e á sciencia — força despoetisadora da natureza e da vida — a apotheose de novos horisontes, saturando de sonhos a velha alma humana, embevecida em sua ascenção vertiginosa para o Idéal.

Quando Schiller disse, em nome da litteratura, que a fome e o amor eram os dois aguilhões da especie humana, para comproval-o ahi se achavam, na larga historia espiritual, mais ou menos empalliedecidos e desmaiados

pelo tempo, os poemas individuaes e as epopéas collectivas.

A principio, as lavas da imaginação se crystallizam nos phenomenos do Universo, nos deuses e heróes da sacratissima Hellade, e vemos, desfilando aos olhos do espirito, os titans legionarios das celebradas batalhas do Ramayana: é o periodo theogonico e mystico do Mahabbarata.

O espirito atravessa a sua phase de ascenção para o grandioso, que o embevece e o deslumbra. Entanto, nos *Niebelungen* já vibra a alma romantica, palpita inteiro o coração de uma raça, bem como na Biblia o Deus vingador se transforma ao doce influxo do Christianismo.

Como modalidade nova daquella alavanca moral que surgiu, vemos dominar na litteratura medieva o sentimento cavalheiresco, assumindo as proporções de uma glorificação á honra. Então, com o culto das damas, espiritualisado pelas canções dos trovadores madrigalescos, começa a «imperar a vida elegante dos castellos, com os seus pagens e os seus menestreis, com os torneios em que se disputavam, sob o olhar gracioso da castellã, os direitos á valentia e ao amor.»

Phenomeno de sobrevivencia do sêr moral collectivo, e tambem de unidade emocional, o *Werther* e o *Romeu e Julieta* ahi estão a vibrar a eterna lyra dos dramas psychologicos, que encheram azas em pleno céo do romantismo. Modernamente, a litteratura abrange o computo da vida, considerada como phenomeno coexistencial. E porque os grandes factos biologicos, como affirma Wundt, jámais se offerecem ao observador desacompanhados das funcções da nutrição e da reproducção, as lettras modernas, especialmente as lettras francezas e slavas, iniciaram, consoante os novos idéaes, os sens admiraveis estudos de conjuncto, sob a influencia da psychologia collectiva ou estudo da alma das multidões. Por sua vez, no dominio das artes representativas, não criam o pintor e o estatuario um mundo dessemelhante do dos phenomenos naturaes.

Simplesmente a belleza real do objecto representado sente-se expoentizada pela força personalissima do artista, que transmitte á sua alma o cunho de sua individualidade.

Deste modo, o idéal é a natureza engrandecida pela força cultural, engalanada dos encantamentos de uma nobre *psyché*.

Essa visão, que se deixa perceber na téla ou no marmore e que se evola espiritualisada na lagrima ou no sorriso, tráe toda uma alma que encanta ou fascina, deleita ou eleva a psychologia de um povo ou da humanidade.

E' que permanece como um facto do espirito, diriamos melhor, do coração, a consensualidade reflexa das emoções grandiosas.

Na musica, nem por não ser directamente representativa, o phenomeno não se deixa de manifestar em proporções equivalentes.

Um *nocturno* de Chopim ou um trecho de St. Saens despertam na alma taes sentimentos que, não raro, ao ouvirmos esses *impromptus* frementes de notas maviosas ou fortes, nós amamos ou odiamos com o componista genial que as produziu.

Colhendo as vélas no remanso do porto alcançado, podemos dizer que a evolução do espirito moderno affirma na litteratura, na musica e nas bellas artes directamente representativas, a ascendente directriz impulsionada pelo sentimento, de accordo com o instincto egualmente biologico da humana conservação.

Agóra, já perto do nosso fim, sejanos dado interrogar com Maltheus: «—De que teem servido os esforços do homem contra as leis oppressivas e occultas da natureza? Que tem conseguido a civilisação pelo orgão de seus poetas, artistas, escriptores, oradores, estadistas e moralistas?

Pedimos-lhes *pão* e elles nos fornecem uma obra de arte; pedimos-lhes *amor* e elles nos apresentam uma poetica ou religiosa sombra delle». Inquirindo e assim balanceando o capital das civilisações, Maltheus chega á evidencia de que a fome e o amor são as duas grandes alavancas da natureza e da sociedade, a sua endosmose e exosmose.

Releva notar que a progressão crescente e multiplicante das plantas e dos animaes lhe mostra a vida collectiva sob a fórma de um combate perpetuo entre as forças proliferantes da especie, e a defensiva armazenada no reducto de sua manutenção. Entrevista assim em plano inferior a vida humana, o seu futuro repouzará, no entender do philosopho naturalista, numa média de força parallela á da média natural. O estabelecimento dessa média, sujeito a multiplos coefficientes, virá a ser o supremo problema da sociologia do futuro.

E, ao concluir, seja-nos ainda permittido lembrar, em defeza do nosso ligeiro trabalho, as memoraveis palavras de Socrates:

Philosophar é aprender a morrer.

PRADO SAMPAIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

ARMADA NACIONAL

Os guardas-marinha confirmados, hoje segundos-tenentes — Seu futuro — O excesso de officiaes — Suas causas — A Escola Naval de hontem e a de hoje.

E os ex-guardas-marinha confirmados, hoje segundos-tenentes? São cerca de trezentos, e como o numero de vagas que lhes aproveita não excede de 20 annualmente, segue-se que o numero 200 (já não queremos calcular para o 300) da escala actual, só alcancará promoção a primeiro-tenente, de hoje a 10 annos; e como a edade média dos segundos-tenentes é de 23 annos, (si ha muitos de 21 e 22, tambem os ha em quantidade com 24 e 25) essa promoção só se realizará quando o official em questão tiver alcançado os 33 annos de edade. E depois, os 150 degraus do quadro de primeiros-tenentes a galgar? Elle os galgará certamente porque, já o vimos, os actuaes primeiros-tenentes e capitães-tenentes serão todos victimas da refórma compulsoria e será portanto augmentada a quantidade das vagas annualmente; elle galgará pois, com certeza, esses 150 degraus, mas em 8 a 10 annos pelo menos, e assim irá attingir o posto de capitão-tenente ainda official subalterno, com uma edade nunca menor de 40 annos. Que terá sido feito então de seu amor á profissão e ao estudo, da sua crença e do seu estimulo, inuteis desde hoje e por certo atrophiados durante esses 17 annos passados como segundo e primeiro-tenente e ante a perspectiva da refórma compulsoria a apanhal-o fatalmente como capitão-tenente (45 annos)? E os officiaes subalternos que véem e vierem depois deste? Não será, pelo menos, egual o seu futuro? Não teremos assim indefinidamente uma repetição periodica do mesmo quadro de hoje, talvez até a cada nova repetição aggravados os males actuaes?

Dir-se-á que, para o presente, ha remedio num augmento de quadro. Concedamos que assim seja. Mas, para o futuro? Novo augmento? A que nos levaria elle sinão a um simile do exercito do Haiti, onde, dizem, para cada soldado, ha quatro officiaes? Mas, mesmo hoje, um augmento de quadro que não fôsse temporario e detalhe dum plano vasto para remediar

a plethora de officiaes, seria escandaloso. Effectivamente temos, no quadro da armada, cerca de 750 officiaes, e as praças da nossa esquadra não excedem de 4500! Um official para 6 praças, incluidas nestas foguistas e infantes navaes!! Não é já escandaloso?!

Na marinha ingleza, o quadro de officiaes é apenas 3 vezes mais numeroso que o nosso; na franceza, allemã e americana, proximamente duas, e na italiana regula com o nosso; entretanto, a esquadra italiana, infinitamente inferior á ingleza, é infinitamente superior á nossa!

Vejamos agóra quaes as causas desse excessivo numero de officiaes.

A revolução de 93 teve como effeito natural attrahir sobre a marinha o interesse de todo o paiz, e, entre os jovens candidatos a um curso academico, as façanhas do *Aquidaban* e do *Republica*, da *Trajano* e de toda a esquadra, em summa, contadas sempre com comprehensivel exaggero, despertaram muitos enhusiasmos pela farda, até então adormecidos.

Foi essa, embora pareça ousado affirmal-o, a primeira causa das que concorreram para que se elevasse o numero de matriculandos na Escola Naval.

Segunda causa foi a pequena duração do curso nessa escola, em relação ao das outras. O paiz começou a atravessar, depois de 93, a pavorosa crise de todos conhecida. As collocações no commercio se tornavam difficeis; da Escola Polytechnica saíam annualmente, só depois de 5 annos de curso, turmas de engenheiros, os quaes, por largo tempo, ficavam desempregados; na Escola de Medicina se estudava seis annos, e quando a formatura vinha corôar os estudos, era uma vida difficil e incerta a começar; as academias ditas então electricas, e então desmoralisadas, despejavam de seu ventre bachareis em grande massa, bachareis que se achavam em geral sem clientela, pela concurrencia que se faziam, uns aos outros; na Escola Militar, o curso era longo e *puchado*, e para se alcançar o posto de alferes-alumno, era necessario ser plenificado em todos os exames.

E na Escola Naval? O curso de aspirante, foi até 97, de 4 aunos e dahi para cá de 3 apenas. Ao cabo desse tempo, se obtinha a promoção a guarda-marinha alumno, emprego certo de tresentos mil reis mensaes, casa e comida, direito a accesso, accesso que a principio se afigurou muitissimo rapido porque os quadros estavam desfalcados, e que effectivamente foi obtido com facilidade até 1900.

Mesmo que não tivesse accesso, o emprego seria garantido; tinha ainda a vantagem do montepio, deixado por morte, e direito a aposentadoria, mais tarde, pela refórma; accresce que o curso era economico: não havia matriculas e taxas de exame a pagar e o Governo dava casa e comida.

Porque os paes não haviam de *empurrar* os filhos para a Escola Naval, agóra que a marinha estava desmantelada, que não havia, pelo menos proximamente, perigo de guerra, enfraquecido como estava o paiz, e que já se não viajava muito? E porque os filhos, attendendo a todas aquellas razões praticas, não concordariam com os paes, fascinados ainda pela decantada belleza da vida do official de marinha e pela belleza da farda, sempre tão querida e admirada?

Por isso, a Escola Naval se encheu; em 95, se matricularam 70 aspirantes. Anteriormente, nunca se haviam matriculado em um anno mais de 40. Em 96, o ministro de então comprehendeu bem o que viria a acontecer si as matriculas fôssem facilitadas, e permittiu a entrada para a escola a 20 aspirantes apenas. Mas o seu successor fez o inverso, e então em 97 se matricularam 90 aspirantes; em 98, 140; em 99, 100, e em 1900 e 1901 já os quadros se completavam; havia entre guardas-marinha alumnos e aspirantes mais de 250 jovens e todavia entravam ainda para a escola turmas numerosas.

Só depois, o actual ministro da Marinha poz paradeiro a esse descalabro, reduzindo novamente o numero de matriculas.

Mas já havia entrado gente de mais, e a maioria della, que entrára para a escola sem vocação, indo apenas arranjar emprego ou tirar um curso academico, a maioria della, dizemos, justiça se lhe faça, se adaptou ao meio, se tornou apta, ganhando uma vocação que não tinha, e pela carreira abraçada um interesse de que não se julgava capaz. Mas, tudo isso perdido, já vimos!

O futuro está fechado aos officiaes-subalternos.

Teria sido possivel evitar o effeito daquellas duas causas? Sim. Bastaria que os ministros que geriram a pasta da marinha de 1897 a 1902 tivessem seguido o exemplo do que occupou esse cargo em 95 e 96, praticando o que mais tarde veio a praticar tambem o actual ministro: reduzir, ou até supprimir, a matricula na escola. Elles não o fizeram; havia outro meio: fazendo com que fôssem verdades o ensino naval e o regulamento da Escola Naval. Mas o ensino dos aspirantes era uma industria rendosa para a maioria dos lentes, e, para destruir o regulamento, os padrinhos influentes pullulavam, e o interesse de grande parte da congregação em manter aquella industria, trabalhava, numa grande abnegação.

Exponhamos o que foi até hontem e o que é hoje a Escola Naval.

TONELERO.

A LIVRARIA

«A AGUA», «O FOGO», CONFERENCIAS REALISADAS POR COELHO NETTO.

Não faltou quem censurasse, principalmente á puridade, o programma que os primeiros oradores, ouvidos o anno passado no Instituto Nacional de Musica, traçaram á serie de conferencias alli pronunciadas com um successo ainda não visto entre nós.

Foi dellas que nasceu a moda, ora propagada por todo o paiz, de irem os oradores e poetas de cada localidade glozar em prosa mottes que muito antes elles mesmos escolheram, glozal-os deante do publico de que são favoravelmente conhecidos.

A razão principal que os insurgentes ou murmuradores allegavam era que essas conferencias tinham antes um caracter arcadico, que eram coisas de encher tempo á tôa, falas inoquas e habilidosas para enternecer e fazer rir ao mesmo tempo as moças, tirando baba aos amadores litterarios, eternamente alheios a *trucs*, pela simples razão de que os *trucs* para elles justamente é que são feitos.

Assisti a muitas dessas conferencias e posso confirmar que não foi por méro reclamo amigo que toda a imprensa do Rio falou tão calorosamente do exito que a maior parte dellas obtiveram.

Em geral, as senhoras commoviam-se de verdade e dahi a pouco trinavam

risadas as mais gostosas do mundo, conforme o conferencista manobrava, tendo quasi todas impressas na physionomia a expressão do mais sincero, do mais inequivoco interesse pelo que estava dizendo o orador.

Não se fala dos *dilettanti* que vestem calças : alguns observei a quem quasi lhes caía o queixo, de embevecimento, e com um delles saí que vinha litteralmente maravilhado, depois de uma conferencia de Olavo Bilac, a quem saíu comparando com Ciceros, Demosthenes e Orpheus. «Um gigante !» dizia-me o distincto ouvinte, «um gigante !», resumindo nestas duas palavras todo o seu pensamento de admirador incondicional pelo nosso brilhante contemporaneo.

Foi Medeiros e Albuquerque quem, de uma recente viagem a Paris, trouxe a idéa dessas conferencias, por uma que lá ouviu, no Odéon. Olavo Bilac foi quem achou a fórmula victoriosa : depois que elle falou é que ellas começaram a obter na realidade successo. A primeira, feita por Coelho Netto, teve grande concurrencia, mas não correspondeu devidamente á espectativa.

Porque ? Deu-se que o tom estava ainda alto de mais. Foi Olavo quem afinou devidamente. A conferencia por elle produzida serviu mais ou menos de modelo ás de todos os outros.

Ora, nesse successo alcançado não está a justificativa do programma seguido ?

Para mim, está. Adeantar, ellas não adeantaram, é claro ; mas poderam produzir certo encanto, e já não é pouco entre nós.

Essas outras de Paris, que deram origem ás decá, teem diverso caracter, é certo. Seria totalmente inadmissivel fazerem-se hoje em dia alli estes parolentos torneios, sem um fim determinado, de propaganda ou de divulgação, sobre assumpto serio. Elles já lá tiveram o seu tempo para isso, antes do meiado do seculo XVII e depois quasi nos fins do XVIII, com as modas litterarias de então.

Mas si nós fôssemos imitar os parisienses tambem no programma, a sala do Instituto ficaria quasi que inteiramente deserta.

As senhoras, entre nós, não procuram, em geral, ter opiniões sinão sobre os assumptos chamados *de moças*. O mais que um litterato póde conseguir dellas é enternecel-as ou fazel-as rir com coisas leves e faceis. Pretender ir além é uma violencia á epocha, uma prova de falta completa de tacto e de senso pratico.

Quanto aos homens, principia por que na sua quasi totalidade, hoje, não prestam attenção a estas coisas. Si em outras epochas elles já são poucos, ainda mais quando vem um impulso como este da *americanisação*, de que o mundo inteiro está soffrendo a influencia, e nós com o mundo, embóra um tanto caricaturaes, como sempre. Hoje não se quer saber sinão de negocios, nem que seja para perder dinheiro.

Uma das razões do bom exito que lograram estas conferencias está justamente em que se pagava para entrar e sabia-se que bôa parte do lucro seria embolsada pelo orador. Si não se tratasse de homens tão conhecidos, só esse facto os teria recommendado bem ; porque o eram, ganharam ainda mais prestigio com a deliberação tomada.

Entre tantos oradores que tivemos occasião de ouvir, houve outros, como, por exemplo, Alcindo Guanabara, que terão electrizado, ainda mais do que Coelho Netto, o auditorio.

O caso delles era particular. Fôram oradores que escolheram themas truculentos, como aquelle d'*A Dôr*, que o valoroso Alcindo elegeu. Puderam arrancar effeitos tetricos e hypnotizar mais totalmente a massa dos ouvintes. Houve certos momentos, quando Alcindo Guanabara accionava mais largo, em que toda a sala o ouvia em paroxismo, como na egreja um piedoso auditorio ouve em sexta-feira santa o prégador, que váe desenrolando lentamente o santo sudario.

Mas ninguem conseguiu mais enternecida admiração, mais *embevecimento esthetico*, que é o que deve lisongeiar o artista propriamente dito, do que o auctor dessas duas conferencias, *A Agua* e *O Fogo*, agóra publicadas em opusculos.

Eu o ouvi numa outra, naquella sobre *A Palavra*.

Além de que Coelho Netto rendilha a phrase tão naturalmente como nós outros conseguimos expressar-nos apenas, e a rendilha com graça e acabado magistraes, elle teve uma vantagem sobre quasi todos os outros oradores : falou sem ler e nem mesmo muito copiosos apontamentos levou. De modo que o effeito era duplo, parecendo que elle improvizava tudo aquillo. O semblante do orador transfigurava-se por vezes aos olhos do auditorio, como o dos genios na febre da inspiração.

Lendo-se hoje estes opusculos, elles ainda nos dão uma idéa do que poderiam ter sido taes espectaculos, cujo encanto a presença do escriptor e os seus felizes dotes oratorios completavam. Estas duas conferencias *A Agua* e *O Fogo* são lindos trabalhos de virtuosidade e de bôa leitura.

«CANTOS E CONTOS».
POR BELMIRO BRAGA.

O sr. Belmiro Braga publíca um livrinho de cento e algumas paginas, intitulado *Cantos e Contos*. O titulo o está dizendo, é uma obra de prosa e verso, e vem offerecida ao sr. Affonso Celso, com um prologo justificativo.

Não era preciso esse prologo. Folheando-se o impresso, acha-se naturalissima a offerta ; porque o sr. Belmiro Braga é destes de quem gostará quem do sr. Affonso Celso litterariamente goste. Tem reaes affinidades com o seu patrono. E' terno e mimoso como este, com a differença que ha entre um discipulo e um mestre de escola, naturalmente.

Até na capacidade de expressão que revela para os seus affectos de pae, o sr. Belmiro Braga nos faz lembrar do meigo auctor daquelle bonito livrinho que todos conhecem : *Minha Filha*.

Já outros teem notado que o que é para admirar é que a poesia da vida domestica nos inspire relativamente tão pouco, a nós outros brazileiros, quando tanto para a familia e pela familia vivemos, sujeitos essencialmente caseiros que somos, na nossa sociedade sem salões, de theatros vasios, de passeios publicos desertos ou mal frequentados, de máus restaurantes, onde «não é bonito» as senhoras irem, — na desassociação, emfim, que nos caracteriza.

E' que em geral tão feio nos parece andar cervejando com as raparigas dos jardins dos theatros e cafés concertos, como se nos afigura de bom gosto promovel-as a condessas e princezas e gabar-nos do que não praticamos, nas transfigurações da poesia. Vivemos á brazileira, mas litteratamos á franceza. Não somos só nós que o fazemos, console-nos isso : é toda raça hoje em dia incapaz de ser autonoma em arte. Todo povo que preciza artificializar sente-se instinctivamente arrastado para imitar o francez.

Dos versos e prosas do sr. Belmiro Braga fôram justamente essas paginas tiradas á vida intima que mais me interessaram, pela razão de que eu as achei mais caracteristicas. Basta que se leiam os dois primeiros trabalhos do opusculo, feitos em prosa, *Para a escola* e *O periquito*, mais o terceiro, *Carta ao José*, posto em verso, para se fazer uma psychologia approximada do poeta, do poeta e do pae que o sr. Belmiro Braga vem a ser.

Vendo o filho ir pela primeira vez para a escola, elle, que fica de longe acompanhando os passos ao menino, sente os olhos marejarem-se-lhe de lagrimas, e tem esta phrase final : «Triste vida ! Pobre filho !...»

O segundo trabalho é a historia de um periquito pertencente ao menino,

e que foge na ausencia deste, facto pelo qual o rapaz, na volta, fica tão sentido, tão choroso, que o pae tambem não se póde conter e chora egualmente o periquito fugido.

Está-se vendo: é um pae bem á brazileira o sr. Belmiro Braga; a tal pae ha de corresponder forçosamente o poeta.

Da peça em versos eu desejo citar uma quadrinha muito bonita, feita a proposito do auctor ter encontrado um livro escolar pertencente ao menino e cosido á agulha por este, por mór de bem conservar seu livrinho. Os quatro versos dizem assim:

« Tudo isto, José, me orgulha,
Tudo isto me põe tranquillo,
Que um homem cosendo á agulha,
Só deve fazer aquillo. »

Além de graciosa esta quadra, tem a vantagem de offerecer um pensamento de homem, principalmente quando este esteja falaudo a um filho. Pareceu-me por isso favoravel ao sr. Braga que os meus leitores a conhecessem. E' pena que a segunda rima seja um pouco imperfeita.

Si quizessemos falar de imperfeições, teriamos de alludir a algumas phrases incorrectas que encontramos no correr da leitura. Mas não faremos cabedal disso, mesmo porque, nesse particular, geralmente censuramos hoje para sermos censurados amauhã.

***

« PHRASES E PALAVRAS », POR ALFREDO DE CARVALHO.

Talvez dentro em breve não estejamos tão ignorantes da nossa lingua como o temos sido até aqui. Melhor, como fômos até ha pouco. E' preciso reconhecer que já temos feito algum progresso nesse sentido, graças ao numero de estudiosos que augmenta todos os dias entre os nossos lexicographos, grammaticos e philologos.

Obedecendo á ordem em que elles me chegaram ás mãos, tenho de escrever duas linhas por ultimo sobre um outro opusculo que recebi esta semana, *Phrases e Palavras*, do sr. Alfredo de Carvalho, da Academia Pernambucana, um dos taes estudiosos de que falo.

Os artigos deste livrinho nos fazem lembrar os do dr. Castro Lopes, porque teem o mesmo fim, que é o de procurar a origem de varias phrases e vocabulos uzados no Brazil. O sr. Carvalho procura não só estes como outros que correm exclusivamente em Pernambuco.

Mas estas *Phrases e Palavras*, com serem escriptas sob certa fórma anedoctica, como o fazia o bom velho referido, fórma desenfastienta e acceitosa, são mais leves ainda, e principalmente mais breves. Vê-se que o auctor prefere não esgotar a materia a correr o risco de se tornar fastidioso.

Só o que lastimo é que eu não tenha competencia para criticar obras deste genero.

NUNES VIDAL.

O NAZARENO

Saíra muito cedo para o templo. A'quella hora matinal, costumava ficar alli á espera da multidão que vinha ouvir a palavra da sua sabedoria.

O sol nascera apenas. A manhã se entoava das tintas cantantes do nascente, e os passaros, numa orgia de azas e de gorgeios, punham no ar uma nota de alegria, que, por momento, desannuviava a profunda melancolia de que se empastavam os pensativos olhos de Jesus.

Ao sentar-se á porta daquelle immenso edificio construido por seus avós, uma onda infinita de perdão e de amor encheu-lhe a alma de reformador. Sentiu-se numa grande affinidade com aquella natureza que se rejuvenecia com a alvorada, irmão daquella figueira antiga e melancolica balouçando as ramas ao sopro do Mar-Morto; daquelle passarinho aviventando o céo; daquella pequena israelista, de cantaro ao hombro, aviventando a payzagem; daquelle céo azul; daquellas vastidões chatas de desertos e mares.

Por de cima, o ar tinha uma grande transparencia. A recta do horisonte, indecisa como um fio lançado entre o céo infinito e a terra extensa, perdia-se longe, por sobre a toalha dourada do deserto para as bandas da Arabia, por sobre o Mar-Morto para as bandas da Assyria. Ao norte, muito longe, levantavam-se, como pequenas manchas, as cristas das montanhas da Galiléa.

Jesus pensou então na historia dessas regiões, outr'óra duma uberdade sem nome, theatro de guerras atrózes, de crimes nefandos, de prodigios abençoados; na historia desse povo eleito e miseravel da dupla miseria economica e ethnologica,—arrastado de captiveiro em captiveiro, desde os Pharaóes até os Cesares, por todas as humilhações, e todas as vergonhas.

E daquella cidade, que alli se agrupava irregular e tortuosa, deante delle, com seus tectos razos e limosos, suas ruas obscuras e estreitas, ressumbrava um fluido de tristeza, que insinuava no doce filho de Maria uma indefinida saudade, de coisas bem remotas, escondidas no fundo da historia de sua patria infeliz.

Lembrou-se do ephemero e brilhante reinado de David e de Salomão, dois reis poetas, seus antepassados, cuja nevrose veio até elle para acender-lhe no peito aquella chamma devoradora que havia de, mesmo, consumir-lhe as ultimas energias de seu sêr.

Um tenue suspiro exalou-se. Seu olhar melancolico e vago deslizou-se ao longo da sombra do templo, extensa e fria; projectada sobre um chão negro e sequioso. Ao lado, a piscina reflectia immovel uma nesga da manhã. A cidade sombria despertára. As mulheres passavam para a fonte de cantaro ao hombro, os homens punham-se á porta, graves e indolentes.

Jesus foi pendendo a fronte ao pezo de seus pensamentos, e poz-se insensivelmente a riscar no chão com o dedo...

Pensariam os orgulhosos reis da Judéa, que um dia um seu neto, pobre e desprotegido, educado na tenda de carpinteiro, estaria alli, sentado á porta desse templo prodigioso, feito á custa das nações vencidas, ruminando no espirito o plano immenso e abnegado da reconstrucção da sua patria decaída, de sua religião desprestigiada? Elles—inflados pelos triumphos e pelas riquezas accumuladas a preço de atrocidades, cegos na sua vaidade de poderosos—suppunham eterna a sua dynastia e eterna aquella nacionalidade submissa, e rir-se-íam, de certo, si alguem lhes dissesse que tempo viria em que um renovo dessa velha arvore dynastica de David, nascido na mais humilde condição, seria arrastado, pela logica inflexa de uma predestinação, a abrigar-se á sombra daquelle templo com a alma saturada pelas tristezas da sua casta

E o neto de David continuava a escrever no chão com os dedos.

Uma tristeza suavissima ungia-lhe

a fronte de predestinado, e o seu pensamento perdia-se nos scismares.

Aquelle curto instante de solidão lhe era bem caro, pois a multidão não o deixava...

Já era uma celebridade. O seu nome estava em todas as boccas. Opiniões se formavam e se accendiam: partidos se grupavam e agiam. Uns acreditavam na divindade de sua origem e da sua doutrina. Nicodemos, bom homem, simples e recto, era o chefe desse partido. Outros, porém, negavam e escarneciam, procurando espichal-o em pontos de doutrina, deante do povo, para desacredital-o.

Os phariseus, os doutores da lei, chefiavam esses rebeldes.

E todos se occupavam daquelle homem magro e pallido, de bellos olhos meigos, de aspecto meditativo e severo, perseguido por tristezas profundas. Os cabellos longos do Nazareno, castanhos e annellados, caíndo em bastos canudos sobre os seus hombros, a barba aberta no mento, o oval piedoso e distincto, a tunica desalinhada de propheta, os raptos irritadiços do seu caracter, tudo isso junto a uma eloquencia ungida e imaginosa, cheia de surprezas e sabedoria, causava funda impressão á turba ignára, educada por uma série de reis devassos e de prophetas sombrios a prégar desolação e morte.

A multidão seguia-o por toda parte, obedecendo ao gesto, testemunhando os prodigios daquelle bello mancebo, moreno e pallido, herdeiro do sangue de uma raça dominadora, que acordava agóra nelle com a violencia inconsciente de um resurgimento.

Virgem aos trinta e tres annos, escravo do seu pensamento fixo—a rehabilitação do seu povo, votado á execução desse plano, como o cordeiro ás chammas do altar, deixava-se elle absorver por pensamentos em que a sua grande obra gyrava com uma intensidade allucinadora, e cujas evoluções o seu dedo febril e hysterico riscava na areia fina do portal.

Essa obra delicada, essa sensibilidade nervosa e aguda, esse coração generoso e abnegado, repositorio daquella amativa lesão que produziu os *Psalmos* e os *Canticos*, se tinham annullado, sacrificado, condensando-se na idéa fixa, inolvidavel— a salvação dos seus irmãos. A obra invadia todo o sêr, como um incendio, assecando-lhe alma e corpo, devorando-lhe as doces parasitas das illusões, que se desfaziam em fagulhas, alimentando-se dos destroços de suas faculdades de homem; para erigir, sobre essas ruinas, a figura rigida e severa de um Deus.

Não amar nunca! Elle, que fundava no amor a sua religião!... Estarem-lhe destinadas sómente as asperezas da vida na mais amarga solidade!. Era como a desolação de que falava Jeremias.

Os esplendores prestigiosos de propheta, de filho de Deus, de Messias salvador, que lhe valiam si afugentavam essa maviosa columba, timida e modesta, que prefere as doces sombras de um ninho ás quentes fulgurações de um astro? Elle era tão humilde! Gostava dos pequeninos, dos fracos, dos enfermos, dos pobres. Lazaro era o seu maior amigo: seus amigos eram os desgraçados. A's vezes, quando se adormentava o pensamento de religionario divino, sentia-se homem, e no seu peito, cantando acordava a ave dos amores ineffaveis.

Mas não podia amar! Arrastava-o a inflexibilidade do seu destino superior.

Um dia, uma mulher impura, mas tão bella como as rosas de Jericó e loura como as espigas do Egypto, entrou pela sala do banquete, e, num rapto apaixonado, chegou-se ao triclinio, banhou-lhe os pés com perfumes custosos e enxugou-os com as tranças desatadas.

Que bem lhe fizera aquella acção humilde da linda peccadora!

— Um escandalo! vociferavam em torno os convivas. Não a conhece, sem duvida; pois é uma perdida.

— Sim — comprehendeu Jesus; mas muito amou, e o amor remiu os seus peccados.

Pensava agóra nella, alli á porta do Templo, e sentia quanto é bom perdoar; e seus olhos humedecidos pela emoção erguiam-se por cima do amontoado das ruas e fixavam-se na lombada pedregosa do Calvario, que se arqueava além, fóra da cidade.

Do lado opposto, o Monte das Oliveiras levantava para o céo, como um chôro, o frémito de sua matta verde.

Um rumor ouviu-se então; a principio indeciso, depois mais distincto, enchendo por fim de vózes a pequena área em face do Templo.

A turba conduzia uma mulher que soluçava de terror e de vergonha. Eram desaffectos de Jesus. Procuravam embaraçal-o, e aquella infeliz era um pretexto.

Jesus olhou para a infortunada e comprehendeu.

Tinha uma vez de perdoar, e todo o seu sêr vibrou.

A multidão acercou-se.

A mulher era moça, um bello typo moreno de judia, encantador e pensativo, impregnado dessa poesia oriental que tresanda a myrrha e a flôr de Cynamomo.

Vinha aterrada, a face coberta de vergonha.

— Mestre! — disseram da turba, — a lei dos nossos paes manda apedrejar as adulteras. Esta mulher é uma criminosa.

A infeliz contorceu-se ante a tremenda accusação. Jesus viu aquella angustia, baixou a fronte e absorveu-se:

Quem seria aquella desgraçada? Victima talvez do seu temperamento, da rude bruteza do seu homem, algum avarento judeu, que a espancava, que a sobrecarregava do grosso mistér, a ella, fragil e nervosa creatura?

Quem sabe as quentes lagrimas que não espremeu essa alma arrastada para a treva por esse israelita sordido, que nem se apercebia de que ella tinha um coração?

— Mestre! — disseram de novo — precizamos fazer justiça segundo Moysés.

Jesus ergueu a cabeça lentamente e poz-se a considerar aquellas physionomias cheias de caligem.

— Justiça! — insistiam.

— Bem! — disse Jesus, com serenidade — aquelle de vós que estiver limpo de culpa lance-lhe a primeira pedra.

E de novo inclinou a cabeça, e continuou a escrever na arêa.

A turba ficou indecisa e confusa sem saber o que fizesse, ondulou e escoou-se lentamente.

Quando Jesus levantou os olhos, a moça estava só, de joelhos, com um

fluxo de lagrimas que lhe desciam até ao seio redondo e moreno.

O labio tremulo de angustia, os grandes olhos negros afogados no choro nervoso, indicativo de uma sensibilidade exaltada, commoveram o neto de David:

— Onde estão os que te accuzam? — disse elle, com brandura.

— Fôram-se, Mestre.

— Pois si ninguem te condemna, váe em paz e não tornes a peccar.

A mulher ergueu-se ainda soluçando, e com o busto curvado, sacudido pelo pranto, perdeu-se além na curva da rua.

Jesus seguiu-a com o olhar piedoso e cheio de bondade. Depois, voltou-se, deu de face para o Templo e na sua alma accordou, de repente, a idéa dominadora, e elle transformou-se.

Já não era alli o Jesus piedoso e bom, era o Nazareno inspirado, o rispido reformador, que afugentava a chicote os profanadores do Templo, e negava a sua mãe nas bodas de Caná.

Entrou pelo portal a dentro. Dahi a um instante, a sua alta figura esguia e melancolica destacava-se na meia luz da nave e a sua vóz atroava, todo dominado pela sua idéa fixa, doutrinando a multidão ignara.

O homem desapparecera; só alli estava agóra o propheta, o filho de Deus, o Nazareno, lançando o gesto com o braço descarnado, erecto e inflexivel como a sua doutrina immortal.

VIRGILIO BRIGIDO.

APANHADOS

As memorias de Guilherme II Os jornaes inglezes annunciaram que o imperador Guilherme tinha querido escrever as suas memorias, mas essa noticia foi desmentida pelo proprio interessado.

Guilherme II lê tudo quanto sobre a sua pessôa publicam os jornaes mais importantes do mundo, e para isso dispõe dum extenso secretariado que trabalha unicamente em reunir, com ordem e methodo, todos os artigos e commentarios que as suas iniciativas e os seus discursos suscitam. Estes recortes constitúem uma especie de *Diario dos Diarios*, que o imperador lê todos os dias pela manhã e que annota com a sua propria mão.

Na margem da informação que lhe attribuía o proposito mencionado, o kaizer escreveu estas palavras que não deixam resquicio á esperança mais remota de que cultive aquelle genero de litteratura:

«Nunca terei tempo de escrever as minhas memorias.»

***

D'Annunzio biographo Gabriele D'Annunzio renunciou ao theatro e ao romance; elle váe agóra resuscitar a arte latina da biographia, isto é, «escolher entre os typos humanos aquelles que exprimam o caracter, que indiquem a parte mais delicada e mais profunda dos sentimentos, dos actos, dos habitos, emfim aquelles que pareçam ser os unicos dignos duma biographia apurada e carinhosa». Assim, D'Annunzio váe escrever uma série de *Vidas dos homens illustres e dos homens obscuros*; começou pelas de Crispi, Leonardo da Vinci e Cavour.

***

O anarchismo na Hespanha Na *Nuova Antologia*, Cesare Lombroso procura conhecer as causas do anarchismo na Hespanha. «Apezar das perseguições ferozes, das penas de morte, das torturas, das incessantes prohibições contra a imprensa, esta continúa activamente com a sua propaganda. Os seus orgãos—*Corsario*, *Sciencia Social* e outros, teem milhares de assignantes. E, coisa significativa, emquanto a litteratura hespanhola está pobre em trabalhos de economia politica, conta, ás centenas, obras anarchistas, como as de Mella, Lorenzo, Montseny, Ruyz, etc.»

O grande escriptor italiano continúa, não se mostrando admirado com o progresso do anarchismo na terra de Affonso XIII: «E' impossivel que, em uma sociedade saturada de violencia, não appareçam tempestades terriveis. Um povo acostumado a vibrar nos espectaculos sanguinolentos, numa arena onde o *torero* é um semideus, está inclinado, naturalmente, a resolver pela força o problema complexo da orientação politica e dos soffrimentos publicos, devidos a causas atavicas, historicas e climatericas. Elle espera recuperar a liberdade com um golpe de navalha ou com a explosão duma bomba.»

Lombroso faz notar, tambem, que os anarchistas hespanhoes não são todos filhos da Hespanha. E, a esse respeito, cita as palavras de Angiollillo, que matou Canovas del Castillo: «Sou italiano geographicamente; preoccupo-me, porém, com os males do mundo inteiro.»

Para o anarchista, com effeito, a patria não existe; não ha sinão a humanidade, para a qual os exaltados do partido se sacrificam, começando como assassinos para se tornarem depois humanitarios.

***

Progressos dos Estados-Unidos O Right Honourable J. Bryce, deputado no parlamento inglez, e que faz parte do novo ministerio liberal, publicou as impressões da sua ultima visita aos Estados-Unidos; a primeira, elle a tinha feito em 1885. O desenvolvimento material do paiz, durante esses vinte annos, chamou-lhe a attenção. «Cada classe social, diz elle, parece mais rica que a classe correspondente na Europa; a vida, lá, é muito facil.» Uma outra coisa lhe pareceu notavel: os progressos da instrucção universitaria. Ha, hoje, nos Estados-Unidos, quinze a vinte universidades capazes de rivalizar com as mais celebres da Europa. O numero de estudantes está multiplicando; a escola de Yale conta mais alumnos que a de Oxford e cinco universidades do éste teem mais estudantes que as da Inglaterra toda. O gosto geral, o sentimento artistico, estão aperfeiçoados. Tres coisas, só, não fôram melhoradas: a vida politica, as instituições municipaes e a questão dos negros, que está no mesmo ponto de ha vinte annos.

***

Testamento exquisito Uma senhora, recentemente fallecida em Chicago, deixou, no seu testamento, mil e quinhentos dollars para a construcção dum gallinheiro, «bom e abrigado e bem forrado por dentro e por fóra», para umas gallinhas que ella estimava e creava, cuidadosamente, havia já muito tempo.

***

Escriptor hespanhol Um dos maiores escriptores da Hespanha, José Maria de Pereda, morreu em Santander com 71 annos de edade; publicava as suas obras desde 1864. Começou com as *Escenas montaresas*; depois vieram *El buey suelto*, *Don Gonzalo Gonzalez de la Gonzalera*, *Los hombres de pro*, etc. Nos seus trabalhos dominavam os principios sociaes; o auctor mostrava-se ahi bastante aggressivo; mas, em 1882, houve uma evolução no seu talento e elle então abandonou o combate e se tornou impessoal e realista. Consagrou-se unicamente á poesia das montanhas e aos seus habitantes; nesse genero se classificam *El sabor de la Terruca*, *La Montalvez*, *La Puchera*, *Nubes de estio*, *El primer vuelo* e sobretudo *Sotileza*. Pereda era o Anatole France da Hespanha. O seu ultimo romance, *Peñas arriba*, foi-lhe inspirado pela morte tragica do seu filho.

A quéda do absolutismo A revista russa *Mir-Boji* edita um artigo sobre a quéda do absolutismo. O auctor, E. Tarle, trata o assumpto com bastante carinho, alongando-se por muitas paginas da *Mir-Boji*, uma das melhores publicações moscovitas, onde são recebidos os trabalhos dos grandes escriptores slavos ; as suas opiniões, muito ponderadas, são sempre acolhidas com enthusiasmo. Tarle estuda a quéda do absolutismo com methodo scientifico applicado á historia, e esse estudo consiste na analyse muito apurada dos documentos historicos. Elle acredita que a monarchia absoluta se apoia sobre uma classe da sociedade ; Luiz XI, na França, Guilherme, o conquistador, na Inglaterra Catharina II, na Russia, representam o apogeu do poder absoluto, necessario para o desenvolvimento da nobreza. Depois de ter concluido a sua tarefa historica, a monarchia absoluta activa extraordinariamente, emprega a sua força numa actividade esteril e prejudicial, imagina perseguições religiosas ou guerras inuteis, como a de Luiz XV com a Inglaterra. Essa politica arruina o paiz e acaba por destruir o proprio poder, que entrou no seu periodo de decomposição. Mas, enfraquecida e nefasta á nação, a monarchia absoluta póde durar um tempo infinito, si a consciencia do povo não a combater logo. Ella não resiste a uma revolta séria e sossobra na lucta, Tal foi o fim da monarchia franceza, destituida pela burguezia e pelo povo, reunidos em 1789, para lhe dar o ultimo combate..

***

Linguas estrangeiras na Italia O ultimo recenseamento italiano, cujos resultados acabam de ser conhecidos, mostrou que os filhos do paiz, em certas regiões, falam outras linguas e não o italiano. Assim, 100 italianos habitantes das circumscripções de Aosta, Pignerol e Suze falam o francez; 12.000 do Piemonte e das provincias venezianas uzam dois dialectos allemães; 110.000 habitantes de 14 circumscripções da Italia meriodinal e 3 da Sicilia, o albanez; nas provincias de Lecce e de Reggio, na Calabria, sobre 50.000 habitantes, 38.000 uzam o grego ; 35.000 habitantes das regiões visinhas da Servia empregam dialectos slavos. Na Sardenha, na communa de Alghero, 10.000 habitantes sobre 12.000 não sabem sinão o catalão.

***

A lingua dos macacos Váe ser creada na Universidade de Chicago uma cadeira para o estudo da lingua dos macacos. Para esse fim, já fôram remettidos da Africa Central para aquella cidade da America 36 macacos, que serão forçados por todos os bons modos a manifestar a sua conversação. Esperam os professores poder em breve estabelecer gradualmente os rudimentos da grammatica e os caracteres da escripta da nova lingua.

***

Telephonos sem fio Tem-se propalado ultimamente em Vienna, um novo systema de telephonia sem fios. Essa divulgação occasionou a declaração de serem esses telephonos já ha muito tempo usados na esquadra japoneza, para communicações mesmo muito distantes, em completa segurança contra os *furos*. O inventor é o sr. Kimura, engenheiro naval japonez, e o segredo do seu systema é de exclusiva propriedade da marinha.

***

Uma arvore de 6.200 annos A distincção de ser a mais velha coisa do mundo pertence a uma grande arvore ha pouco descoberta. Ha um seculo, De Candolle, botanico genovez, encontrou dois teixos: um, em Fortingal, Condado de Perth, Escossia ; outro, em Hedson, Bucks, Inglaterra ; e calculou a edade dos dois respectivamente em 2.500 e 3.240 annos. Ambos florescem ainda, e o mais velho tem um tronco de 8 metros e 90 centimetros de circumferencia. Humboldt dava 5.150 a um gigantesco baobab da America Central, cujo tronco tinha de circumferencia 9 metros e 57 centimetros ; era essa até agóra a mais velha arvore conhecida. Alguns botanicos do Mexico acabam, porém, de descobrir um cypreste de Chepultepec da grossura de 38 metros e 94 centimetros e que, pelo numero de anneis annuaes do tronco, tem de edade cerca de 6.200 annos.

***

Varias O padre F. Jesson, que morreu ha um mez com 93 annos de edade, na cidade de Grantham, Inglaterra, pronunciou perto de 5.500 sermões, dos quaes 3.700 fôram prégados em uma só egreja daquella cidade.

*

Eduardo VII tem sob seu reinado maior numero de mahometanos do que o sultão da Turquia, maior numero de hebreus que os que habitam a Palestina, e maior numero de negros do que tem qualquer soberano africano nativo.

*

Existe em Lodepur, perto de Calcutta, um hospital-animal onde se acham habitualmente cerca de 1.000 animaes: cavallos; bois, burros, carneiros, cães, elephantes, etc, todos confortavelmente acommodados, e soccorridos por oitenta enfermeiras indias, sob as ordens de um cirurgião veterinario inglez.

***

Aphonso Karr intimo Contam os jornaes francezes, a respeito de Aphonso Karr, a quem se erigiu ha dias uma estatua em França, algumas das suas intimas originalidades. Não tinha no quarto em que morava sinão uma esteira como mobilia. Dormia, comia e escrevia no chão. Viveu assim durante algum tempo; depois, aborrecido do quarto, mandou pintal-o de preto. As paredes, o tecto, tudo, emfim, recebeu uma uniforme camada negra de tinta. Ossos humanos, uma corneta de caçador, velhas armas, algumas corujas empalhadas e um esquife em que elle dormia ladeado de duas tochas accesas toda a noite, completavam a ornamentação desse quarto funebre. Isso em 1834. Vê-se, portanto, que essa extrema excentricidade de dormir em caixão de defuntos não foi, como se suppunha, inaugurado em Paris por Sarah Bernhardt.

Um dia, sobraçou a esteira, poz o caixão ao hombro e mudou o seu sepulchro para outra rua. Dias depois, vendeu todos os petrechos funebres e metamorphoseou seu domicilio em habitação mahometana, á qual não faltavam nem o divan circular, nem as pyras.

Fumava nos compridos cachimbos do Levante, uzava as chinellas o caftan e o turbante.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XX

A hypochrisia de José Bonifacio váe ser provada e demonstrada por documento authentico do proprio punho do ministro.

Eis reproduzida a portaria de José Bonifacio:—«Sendo um dever sagrado nas actuaes circumstancias vigiar sizudamente todos os malvados, que maquinam para fins sinistros e criminosos, contra a tranquillidade e segurança publica: Manda s. alteza real, o principe regente, pela secretaria dos negocios do reino, que o intendente da policia—1º, escolha e augmente o numero das pessôas que devem espiar as maquinações referidas, a quem se dará gratificações do costume, segundo o seu prestimo e serviço :—2º que sendo os actuaes juizes do crime poucos e sobrecarregados de outras obrigações e encargos e alguns delles frouxos e pouco zelosos, e cumprindo que a policia tenha ministros activos, habeis e corajosos, a quem se possa encarregar de diligencias de ponderação e segredo : Ha s. alteza real por bem approvar a proposta, que o mesmo intendente acaba de fazer do bacharel João Gomes de Campos e do desembargador Francisco de França Miranda, para servirem interinamente de ajudantes do mesmo intendente geral da policia, emquanto s. alteza real não houver de tomar a esse respeito ulterior e final resolução :—3º, que o referido intendante geral, por si

e pelos ditos ajudantes, com tropa de policia, passem a verificar os ajuntamentos de pessôas suspeitas e perturbadoras do socego publico e segurança publica, que já lhe fôram communicados por essa secretaria de Estado ; e achando verdadeiaos e criminosos taes ajuntamentos, mande cercar as casas onde se fizeram taesclubs, por força armada, prender todas as pessôas que nellas fôrem encontradas e fazer apprehensão em os papeis e correspondencias que fôrem achadas em suas casas e que pela sua natureza fôrem suspeitas, para tudo ser examinado por uma commissão que para esse effeito, se haja de nomear :—4º, finalmente, que no dia 18 do corrente, em que se fizerem as eleições, o mesmo intendente geral, mande para o local em que ellas se hão de fazer espias seguros. para lhe daram parte immediotamente de tudo que alli se possa praticar, contrario ao fim unico das ditas eleições e contra a tranquillidade publica ; e para que o dito intendente geral possa logo occorrer a qualquer desordem que possa succeder, se postará com os seus officiaes e tropa necessaria nas immediações do logar das referidas eleições, como lhe parecer mais adequado.—Palacio do Rio de Janeiro, 10 de abril de 1822. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Ainda outra, que completa o systema da tyrannia do ministro. « Tendo-me s. alteza encarregado de fazer executar o decreto de 18 do mez passado, é do meu dever *transmittir a v. s. todas estas partes e denuncias, que acabo de receber* e ao mesmo tempo communicar-lhe que por muitas outras indagações e noticias, estou acapacitado — *que ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas* contra a preciosa vida de *s. alteza real, contra a minha e contra* todos os honrados cidadãos amigos da nossa causa. E' preciso, pois, que v. s. mostre presentemente toda sua energia e actividade em conhecer as perversos e descobrir os tramas até sua raiz e ver tudo com os seus proprios olhos, não confiando diligencias importantes e delicadas a juizes de crime sem cabeça e sem energia : cumpre tambem que até o dia 12 v. s. deixe de estar em Catumby e venha morar no meio desta cidade, para com mais energia e promptidão dar todas as providencias necessarias para descobrir os perversos e esmagar seus conluios. *Quando a patria está ameaçada por traidores solapados, não valem as chicanas forenses* e *só deve reinar a lei marcial.*

Cumpre finalmente que V. S. reservando para outra occasião os dinheiros da policia destinados para objectos menos importantes, os empregue na *conservação de bons agentes e vigias.* — Paço em 2 de outubro de 1822 — *José Bonifacio de Andrade e Silva.* — Ao sr. desembargador João Ignacio da Cunha. »

Terminando a leitura asquerosa desses documentos, qualquer homem de consciencia recta murmurará com o poeta — *Pequeno em corpo, n'alma pequenino* — Em verdade, se diriam duas das brutaes ordens de Delcarretto — o esbirro policial do rei Fernando, de Napoles...

....

E nos embutiram no espirito, desde o collegio, que tal homem era um eminente estadista; um apostolo da liberdade; a personificação das virtudes !...

Estas portarias, analysadas, evidenciaram n'alma do auctor não só a immanidade, mas ainda a carencia das noções da liberdade, do direito, da justiça e de todos os principios da civilisação do seculo. Elle manda suffocar a liberdade da consciencia e do pensamento ; violar o respeito do lar domestico ; o segredo das correspondencias; quer *vigias*, delatores a soldo da policia ; exige que o intendente geral tenha juizes criminaes, que não sejam *frouxos* na obra das perseguições ; impõe que *fale a lei marcial* ; affirma na portaria de 2 de outubro que «*se tenta contra a vida preciosa do Imperador, contra a delle ministro e contra a de todos os honrados cidadãos amigos da causa.*»

Eis ahi a origem das prisões que fizeram objecto dos debates da Constituinte na sessão de 7 de maio (1) na qual tambem se discutiu a revogação do Alvará de 1818, applicavel ás sociedades secretas.

José Bonifacio, como deputado e ministro, disse hypocritamente que não sabia a razão do proceder do juiz devassante; que apontaria os motivos do Governo : ora, essa razão e esses motivos constam das portarias ; brutalmente illudiu á Camara e mentiu ao paiz. Elle o sabia porque ordenou as prisões. Elle tinha mostrado que sabia, assegurando que não fôram prezos como pedreiros livres e maçons ; — porque na portaria de 2 de outubro de 1822 (a segunda supramencionada) indica os motivos, isto é, *ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas contra a preciosa vida de s.a. e contra a minha.*

Elle remette denuncias aos juizes ordenando-lhes que processassem os suspeitos, prendendo-os e cercando as casas com força armada, como consta da portaria... E este homem, adeante de sua obra de crueza e despotismo, recalcando a moral, aviltando a dignidade da razão, affrontando a justiça e desdenhando a opinião nacional, tem o impudor de dizer—que não sabe porque o juiz devassante processou os prezos tendo sido *elle proprio* que mandou as denuncias, em consequencia das quaes se fizeram as prisões e processos..

Poucos individuos terão lido taes portarias, que são documentos authenticos ; poucos terão entrado no exame dos actos do governo de José Bonifacio ; quasi todos ignoram essa alluvião de processos, de devassas, de perseguições, de deportações ou de prisões por longo tempo sem indicios, por suspeitas ou delações dos *vigias bem pagos* pela policia do intendente geral sob as ordens do ministro do Imperio do gabinete da Independencia. Elle sentiria o calefrio do remorso quando, na discussão, succedendo-o na tribuna, Antonio Carlos bradou : *é da nossa sabedoria arrancar os prezos das garras do despotismo.* E quem o praticava ? José Bonifacio. Não lhe podia ulcerar a fronte estygma mais férvido e aviltante do que aquelle que lhe gravou a dextra fraterna implacavel, mas, desta feita, justiceira. Esse brado echôa na historia como um depoimento probatorio, inconcusso.

Aquelles que recuzam admittir que o governo do patriarcha foi uma longa cadeia de perseguições e martyrios infenso ás aspirações liberaes dos patriotas que lidavam pela causa da emancipação politica da nação brazileira ; aquelles que ainda acreditam que a alma do patriarcha era o sacrario da liberdade, da justiça, dos dictames da razão, da pureza da verdade, de virtudes immaculadas, e do patriotismo e que para os seus concidadãos o patriarcha era a personificação da abnegação e de todos os sentimentos que engrandecem, exaltam e nobilitam o coração humano; que é que esses pensarão á vista de tantas provas em contrario ? Que dirão aquelles sinceros crentes—pios devotos—ouvindo o brado accusador, escapado da consciencia indignada de Antonio Carlos ?...

Não é a unica vez que Antonio Carlos dá o seu testemunho, affirmando o absolutismo de José Bonifacio. Em pleno Parlamento, proferiu as seguintes palavras : *Eu sou irmão de um homem que grandes serviços e bem mal pagos, fez á nossa terra, affeiçoado porém muito ao arbitrio, porque julgava elle que, exercendo-o, tudo iria bem : eu amo muito o meu paiz, dizia elle; concedo, respoudia eu, o que quero é o seu bem. Parece, dizia eu, logo, tudo o que eu quero è justo ; duvido, respondia eu* (2).

Todos os despotas teem esta mesma linguagem, de amar muito o seu paiz e de ser o unico e predestinado a fazer-lhe o bem, e que tudo *que querem é justo..* José Bonifacio julga-se da raça dos entes privilegiados, como Richelieu e o marquez de Pombal : sua

indole, seus pensamentos e actos o affirmam e demonstram. A tolice humana, porém, nos brazileiros, debalde quiz attribuir-lhe a pureza santa, as nimias e admiraveis virtudes dum Washington ou de outra grandiosa personagem historica, a quem os povos, na effusão do seu reconhecimento, concederam laureis de gloria, ergueram estatuas e altares e perpetuaram-lhes o nome, indelevel, na memoria das gerações que se succedem atravéz dos seculos.

Nos documentos, nos actos, nas palavras, nos successos do tempo, nos debates da Constituinte ; em tudo que fez, o ministro de d. Pedro I apparece na attitude dum potentado ou dum consummado absolutista. Nelle pódem-se ver diversas individualidades —o sabio naturalista, pensador profundo ; o orador parlamentar, nullo ; o poeta, com todos os senões da Arcadia; o estadista, sem intuição e imprevidente ; o politico, sem idéal ; o homem de governo, escravisado á rotina das tradições da tyrannia, guiado pelas suspeitas, pelas coleras, pelos calculados interesses dos VIGIAS SEGUROS e pela immanidade dos delatores, instrumentos e executores do seu ministerio, que foi mais pernicioso do que util á causa da liberdade e da civilisação brazlieira.

Os devotos, deslumbrados pelas scintillações da *lenda*, continuam a crer na sabedoria politica do pretenso patriarcha da Independencia — esse feito da acção collectiva de todos os brazileiros e não obra dum homem,— continuam com o mesmo culto de admiração : não importa.

Cabe pensar como certo poeta hespanhos : o povo é nescio ; gosta de ser enganado ; saborêa nas mentiras, em que acredita, os deleites do seu espirito ; deixemol-o com suas illusões ; é justo dar-lhe esse gosto.

Quem estuda a historia, procurando ver nella *lux vitæ*, certamente não póde deixar de analyzar e comparar os factos e descobrir os seus liames reciprocos, as causas que os geraram e os resultados produzidos. Assim, é seu dever não amar as illusões, nem ter o gosto de ser enganado. A historia só póde ser util, dignificar e engrandecer a intelligencia, illuminando-a com a verdade, avigorando-a com a força inquebrantavel da razão, do direito e da justiça.

A Constituinte occupou-se com a discussão do projecto sobre a revogação do deshumano alvará de março de 1818, durante alguns mezes, em varias sessões de maio, junho e setembro. A discussão foi lenta e renhida ; o projecto do deputado cearense Rodrigues de Carvalho passou por muitas alterações ; foi approvado e sanccionado nos dias 3 e 4 de setembro, tendo sido iniciado na sessão de janeiro, combatido por alguns e acceito pela maioria. A revogação desta lei, terrivel imagem da tyrannia da realeza tradicional, foi, sem duvida, um dos actos da Assembléa Constituinte que honram a sua memoria no meio da esterilidade em que consumiu o longo periodo de sete mezes, sem orientação, convertendo-se, afinal, em instrumento das coleras impotentes do orgulho da *trindade andradina*, recalcado pelo tacão das botas do Imperador.

EUNAPIO DEIRÓ

(1) Vide *Diario da Camara*, vol. 1º, pag. 35.

(2) Vide *Annaes do Parlamento Brazileiro*, Camara dos deputados, anno I, da 5ª legislatura, sessão dissolvida de 1824, tomo unico, pag. 77.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

As causas internas, mantenedoras do desolado estado de desorganisação em que se encontra presentemente o exercito, não pódem limitar-se ás referencias muito superficiaes que, a êsse respeito, fizemos em nosso primeiro artigo. (Num. 78, anno III, dos *Annaes*).

A bem da modesta, mas sincera propaganda pela elevação moral e material das forças armadas que de ha muito vimos prégando, convém pintar com côres mais vivas, com maior realce, o quadro triste dos defeitos capitaes, mais perceptiveis a uma ligeira apreciação.

O exercito nacional nenhuma alteração sensivel, para melhor, soffreu após a terminação da ardua e gloriosa campanha do Paraguay. Apezar das mil imperfeições verificadas ao se iniciar essa campanha, das difficuldádes avultadas com que luctou o Governo Imperial, nessa occasião, para mobilizar as forças nacionaes permanentes e eleval-as ao effectivo necessario, dadas as condições de completo descuido em que então nos achavamos a tal respeito — de nada serviram os ensinamentos para o futuro ; e, ao contrario — como a victoria foi completa, embóra com abundancia de sacrificios evitaveis — semelhante facto concorreu para desfazer a crença da necessidade de uma cuidadosa e contínua preparação militar, durante a paz.

O processo da incuria, do desleixo, havia dado resultados apparentemente lisongeiros : nada mais commodo e mais sympathico do que persistir nelle.

Os poucos officiaes existentes hoje nos quadros activos e que supportavam o pezo daquella demorada lucta, estão ao presente em franco declinio da sua actividade. Os ensinamentos praticos e aptidões que porventura alli adquiriram já de todo desappareceram á força de um prolongado marasmo de trinta e tantos annos. As suas lições, ainda que ao vivo nos ensinassem ou praticassem, nenhum valor mais apresentariam, a não ser quanto ao aspecto moral — o qual tambem para elles já se dissipou com o contacto pernicioso dos que vieram depois.

Do nosso vasto quadro de generaes —32 actualmente—como já dissemos —salvam-se muito poucos, que heroicamente teem resistido ás seductoras solicitações de uma indolencia condemnavel. Tudo o mais que alli figura, no apice da hierarchia, limita-se a fechar inconscientemente as valvulas de descarga dos que pretendem ou ouzam representar papel de utilidade real.

Em grande parte — a existencia dessa gente se justifica pelo completo alheiamento em que tem vivido o exercito da sua verdadeira missão, facto que perdura presagiando consequencias funestas e irremediaveis desastres no momento critico em que fôr chamado em soccorro da Patria, quando ameaçada em sua integridade e autonomia de nação soberana e independente.

A falta de estudo e o horror ao trabalho — defeitos aliás inherentes á nossa sociedade em geral—concorrem em parte notavel e quiçá principal para a inutilidade dos nossos altos chefes. Todos elles, pelas indicações do almanach publicado annualmente pelo estado-maior do exercito, acham-se armados de um preparo fundamental—cursos das armas a que pertenceram e especiaes de engenharia e de estado-maior ; — mas isso de nada lhes serviu, porque, a maior parte, após transpôr pela ultima vez os humbraes das escolas, nunca mais pegaram em livro que, directa ou indirectamente, lhes falasse em assumptos da sua profissão. Atravessaram os postos de alferes a coronel, em geral, sem mais fazerem do que assignar papeis, muitas vezes *de cruz*, e algumas paradas e corriqueiras manobras em pateos de quarteis que mal davam para o desenvolvimento de uma companhia.

Na escola, naturalmente, por mais extensos e pomposos que sejam os

programmas de estudo, ninguem se póde considerar preparado ao saír dahi. Quando muito, se adquirem elementos para mais tarde se estudar e aperfeiçoar. Assim, si, ao abandonal-a, deixarmos de todo os livros, ao fim de poucos annos tudo teremos esquecido, e ainda quando a nossa memoria fôsse de extrema fidelidade, já nos acharíamos atrazados com o constante e célere progredir da arte da guerra.

E' facil, pois, comprehender a atrapalhação dos nossos chefes, que a taes condições se deixaram chegar, nos difficeis momentos da lucta: as suas titubiações, os seus erros, a sua incompetencia para dirigir as tropas sob seu commando trará como consequencia inevitavel a derrota, a derrota vergonhosa,—para, implacavel, castigal-os pela imprevidencia, pelo desamor consagrado ás suas altas fuucções.

A guerra moderna se declara, se desenvolve e se decide em tempo muito curto.

A analyse das mais recentes campanhas da guerra russo-japoneza, dissipa totalmente qualquer duvida que ainda paire sobre a antiga crença de que os generaes, os officiaes e os soldados se fórmam no campo de batalha; que ella constitúa a verdadeira escola dos homens de guerra—a sua arena de aprendizagem.

Os elementos simples, rudimentares, empregados na infancia da arte militar justificavam uma tal crença. As guerras então se desenvolviam com extraordinaria lentidão offerecendo ao soldado largo tempo para aprenderem os mistéres da sua profissão.

Nos tempos modernos, porém, o preparo para a guerra exige outro encaminhamento. Na occasião da crise, não é permittida a applicação de methodos novos, experimentações. E' durante os lazeres da paz que se estuda, se trabalha, se observam os factos colhidos em constantes exercicios e manobras para deduzir as consequencias.

A guerra moderna é a arena em que os luctadores se devem apresentar revestidos das suas armas e munidos da sua capacidade, diz o general Lewal.

Em taes coudições cumpre que todos e, principalmente, os chefes de maior responsabilidade, os generaes, aproveitem os longos interregnos pacificos no preparo para conduzir as suas tropas á victoria. Preciso se torna que appliquem a sua actividade em estudar a arte da guerra, quer a sós, no seu gabinete, quer no campo e, sobretudo, nos terrenos accidentados — entre os seus commandados.

E para que não amontoemos palavras unicamente fundadas em razões theoricas, basta recordar como remate um facto que ha tempos se passou por occasião de umas manobras.

Conta-se qne um alto chefe, que tinha uma brigada sob seu commando — a principio de um combate simulado, no auge do seu desconhecimento das coisas da guerra — ordenou á sua infantaria uma formidavel carga de bayoneta contra um inimigo que se apresentava a cerca de dois mil metros de distancia!

Imagine-se agóra que, em logar de um inimigo condescendente e inoffensivo, estivesse essa força de facto em frente de outro bem commandado e essencialmente offensivo. Aquella pobre infantaria, atirada a uma tal carga, pouco mais avançaria, não só porque o cansaço em pouco a aniquilaria, como pela calma com que o inimigo a dizimaria com os seus fogos certeiros.

E isto se passava no dominio da simples tactica! Que não faria esse commandante quando estivesse a braços com as altas combinações estrategicas!?

TENENTE MAX.

O ALMIRANTE (80)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

Não suspeitava a marqueza, possuida pelo feliz enlevo de haver plantado no seu lar desolado a fecunda semente de uma familia que realizaria o appetecido sonho de ventura, de consolação da sua velhice, o verdadeiro motivo daquelle pranto. Não poderia jámais attribuil-o a uma reacção dolorosa do amor verdadeiro no coração de Hortencia com a tenacidade de uma herva damninha a entranhar raizes delicadas e possantes nas fendas das rochas aridas a suffocar todos os outros germens.

A' excellente senhora se figurava que o amor não era elemento essencial para a formação dos casaes felizes: ella saíra do convento para despozar um homem que mal conhecia e, a não serem os dissabores da maternidade, a morte do marido, accidentes vulgares, a sua vida de casada fôra um periodo de relativa felicidade. Os casamentos de inclinação se íam tornando progressivamente raros, sem que essa consequencia da evolução dos costumes, do sentimentalismo para o terreno pratico, influisse desfavoravelmente na constituição da familia e nos destinos da sociedade.

Além disso, ella considerava Oscar um typo de homem nas condições de satisfazer as mais exaggeradas ambições de uma mulher, um homem completo sob todos os aspectos da belleza physica e do valor moral.

—Tenho soffrido tanto!...—murmurou Hortencia, animada pela maternal caricia da marqueza—As impressões desses dias de sobresalto, de inquietação, de incertezas...

—Não deixas de ter razão, queridinha — tornou a marqueza, meigamente—Ficámos todos muito abalados com a molestia de Oscar, mas a alegria de vel-o são e salvo apagára, rapidamente, as tristes recordações daquelle transe. Eu fiquei moída, alquebrada, mas tive energia para reagir, tanto assim que me encarreguei de transformar esta casa, de preparal-a para os noivos. Espero que lhes tenha agradado a nova disposição dos moveis e que não tenham levado a mal o meu capricho de velha, transportando para aqui o meu leito nupcial...

Hortencia e Oscar não responderam.

— Vocês — continuou a marqueza, com vivacidade juvenil — passarão aqui a lua de mel; depois. poderão fazer uma viagem á *Isabel*, *a redemptora*, por exemplo, onde Oscar readquirirá completamente as forças. Não concordas, Hortencia? Deves conservar as mais doces recordações daquelle delicioso sitio, dos bellos dias que alli passámos..

—As mais agradaveis recordações da minha vida:—suspirou a moça, fitando no horisonte longinquo os bellos olhos esmaltados de lagrimas.

Depois percorreram juntas todos os aposentos: a bibliotheca restituida ao seu antigo aspecto de abrigo de trabalho, de estudo, o quarto de vestir, onde Hortencia encontrou o riquissimo enxoval escolhido pela marqueza, que não resistiu á tentação de mostrar-lhe dentro um elegantissimo movel, disfarçando de uma caixa forte, as joias, preciosos primores, dignas da *corbeille* de uma princeza.

— Aqui tens — disse a marqueza, num tom de saudade—o meu presente de noivado, as joias que o marquez me offereceu. Eu já não posso uzal-as, ficariam mal ornando as minhas ruinas, ao passo que em ti... Oh! ellas darão realce á tua belleza. Dando-te o meu leito, as minhas joias, eu me sinto reviver em ti, como si essas coisas mudas, insensiveis, te levassem particulas da minha alma, a essencia do meu corpo de moça.. Oh! é um capricho de velha...

E com os olhos humidos de tenues lagrimas, a marqueza abotuou ao pescoço de Hortencia um collar em que

os rubis e os diamantes pareciam gottas de luz e sangue incandescentes; cingiu-lhe a cabeça com o diadema heraldico de flôres de perolas e palmas de esmeralda.

—Como és formosa, minha Hortencia!—exclamou a marqueza, afastando-se della para gozar o effeito do principesco adorno—Como me sinto feliz! Vês? Véem-me aos olhos aridas lagrimas de alegria, esse orvalho consolador de que elles estavam privados... Como sou feliz, minha filha, meu doce amor..

E numa expansão de ternura, a marqueza conchegou Hortencia ao seio, beijou-lhe repetidas vezes as faces, rubras de enleio, os cabellos negros, opulentos, realçados pelos fulgores das joias; as mãos brancas, finas, delicadas, enregeladas de commoção.

—Tu me fizeste chorar, minha filha; tu me remiste; tu me fazes a mais feliz das mulheres.. Eu te agradeço do fundo d'alma o bem que me fazes...

Aquella ternura desbordante asphyxiava o torturado coração da moça, augmentava-lhe a afflicção. E aquelle thezouro de preciosidades se lhe figurava o adorno de uma victima preparada para um faustoso holocausto, ou o generoso preço de uma transacção com os seus idéaes de moça, da venda do seu corpo, a alienação completa da sua felicidade, avultando em proporções monstruosas a ignominia de despozar o homem não amado.

Volvendo á varanda onde ficára Oscar, Hortencia estremeceu e indicou á marqueza, com um gesto rapido, instinctivo, Amelia, que se vinha de vagar, dirigindo-se para o *chatô*.

— Amelia! — exclama ella, num tom de terror.

— Ora graças a Deus! — exclamou a marqueza, chegando á balaustrada, meia escondida nas volatas de epoméas — Pensei que tinhas brigado comnosco...

Sem o menor signal de emoção, erecta e firme, na attitude de rigidez habitual, Amelia acenou amavelmente com a mão e entrou.

— Ha quantos dias não nos dás um ar de tua graça? — interrogou a marqueza, recebendo-a no patamar—Esta casa já não cheira a defunto. Não é?...

— Adeus, Hortencia. Como váes? — disse Amelia, beijando a irmã, serenamente, como si nada houvesse de anormal na ausencia de alguns dias —Estou ficando velha; não posso mais soffrer commoções violentas... Depois... eu para nada serviria... Como está Oscar?...

Nesse momento, Oscar appareceu e estendeu-lhe a mão, sem pronunciar uma palavra, sem traír a surpreza de encontral-a.

—Meus parabens!—continuou friamente Amelia, cujo rosto parecia immobilisado numa expressão de tristeza.

— Ainda está pallido!...

— Mas está completamente bom — interrompeu a marqueza — Bom e feliz..

— Papae nos levava diariamente noticias suas — continuou Amelia, no mesmo accento secco e sentando-se na cadeira que lhe offerecera a marqueza — Estivemos eu e Lauro numa constante afflicção.. Imagine as noites!... Cada rnido se nos fignrava a chegada de um portador de má noticia... Que anciedade.

— Muito obrigado, Amelia — murmurou Oscar.

— Estivemos abandonadas. Mamãe esteve sempre aqui; não tivemos visitas. Era uma tristeza mortal... Imaginem que sómente hoje, pela manhã cedo, nos appareceu Dolores.

Os olhares de Hortencia e de Oscar se encontraram numa scintillação de corisco.

—E' verdade!... —atalhou a marqueza — Como váe ella?...

— Um tanto desfeita — respondeu Amelia, fitando no rosto de Oscar um olhar frio, prescrutador — Esteve alguns dias doente; ficou muito desfigurada, a pobre. Não readquiriu ainda aquella vivacidade, aquelle calor que o dr. Souza e Mello chamava de diabolico... Mas está sempre a mesma formosa creatura, meia louca, meia ingenua, encantadora... Ella fugira, tambem, ao doloroso espectaculo de Oscar doente, entre a vida e a morte.. Nós, mulheres, não podemos vencer os nossos nervos. Nem todas são capazes do teu heroismo, Hortencia... Desse heroismo tão justamente recompensado pelo reconhecimento de Oscar... Sinto com prazer que serás muito feliz, minha irmã.

— Amelia! — supplicou Hortencia.

— Fôste a primeira a romper a ameaça que pezava sobre uma familia de tres moças — continuou Amelia, com volubilidade dissonante das suas maneiras habituaes.

— Será agóra a tua vez — avançou a marqueza.

— Eu estou irremissivelmente condemnada — tornou Amelia, cujas palavras tinham um ligeiro tom de amargura — Irei, talvez, mais tarde, depois de Laura, — continuou ironica — a quem cabe a precedencia. E creio que não está muito distante um novo enlace na familia.

— Que nos dizes? — exclamou a marqueza.

—Nas longas horas de solidão, conversámos muito; matámos o tempo evocando recordações e chegámos á intimidade das confidencias. Imaginem a minha surpreza; imaginem como caí das nuvens, verificando que aquella creatura ingenua, de uma despreoccupação infantil, a nossa Laura tinha certa inclinação. Não és capaz de advinhar por quem..

Oscar, Hortencia e a marqueza se entreolharam surprehendidos, ao passo que Amelia estacára sorrindo como si prelibasse o effeito da sua revelação.

— Ella não nos disse francamente — continuou Amelia, lentamente — Mas, como sabem, esses segredos são difficeis de guardar. Os segredos de amor irradiam das mulheres como uma luz fortissima, apezar de todas as precauções, de todas as dissimulações...

— Afinal de contas — inquiriu a marqueza — Quem é o escolhido?...

— Eu estava longe de suspeital-o. Depois de habil insistencia, consegui saber que a nossa querida Laura tinha uma inclinação muito forte pelo... Sergio de Lima.

(Continúa.)

PAGINAS ESQUECIDAS

POST SCRIPTUM

Quando eu morrer abram-me o peito
E desta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o carcere era estreito,
Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmurio de oração,
Lançem-no assim, váe satisfeito,
A' valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim duma batalha,
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

GUERRA JUNQUEIRO.

***

O «PRIMO BAZILIO»

O seguinte artigo de critica ao *Primo Bazilio* é de Silva Jardim, nome que, hoje pelo menos, só se recorda quando se quer glorificar o valor do propagandista da Republica. Parece, pois, curioso dar aos contemporaneos um documento de uma das faculdades do seu talento, tão exercida na sua mocidade.

—

....

E nós, com o cirio da imitação, entoamos o *de profundis* da consciencia litteraria. Andam a dizer, elles, os de lá, e nós aqui repetimos, — que não temos uma litteratura propria. Lá, d'além-mar, sustentam a nossa dependencia artistica, máu grado nossa independencia politica. Julgam-nos ainda ligados á sua maneira de ver, á sua maneira de conceber e de pensar. Entendem que devem lançar-nos a lei,

o preceito, a regra, o principio ; — devemos seguil-os:—pensam. Atiram-nos idéas e mandam-nos escrevel-as. Pronunciam a palavra e querem que a repitamos. Escrevem os nomes e intimam-nos a decoral-os.

E então lhes obedecemos. Seguimos-lhes as pegádas e trilhamos a estrada que elles lá construiram. Não importa que pizem sobre a neve que enregela emquanto que nós caminhamos sobre as areias que calcinam. Elles traçaram o roteiro da viagem na nossa consciencia: força é seguir a lei, como o israelista exhausto de forças seguia a columna de fogo. Estudamos agóra as phrases daquelle velho e antigo ancião que se chama Portugal. Questão é esta de epochas. A's vezes, é Paris que nos fascina; é o *boulevard* que nos encanta ; é a *grisette* que nos sedúz ; outras, é Portugal—o sediço, o ronhoso e atrazado viajor da estrada do progresso, que chora lagrimas de saudade, sobre o atlantico de suas glorias que passaram ; é a elle, o escriptor teimoso do epitaphio de nossas glorias, a quem apanhamos as proposições balbuciadas por entre um erguer-se difficil de senectude antiga, para com ella impôr o *sic voleo sic jubeo* litterario ao nosso meio social.

Pensamos que fazemos bem. Não fazemos, não.

O seculo XVIII, ao resplandecer no horisonte da Historia, abriu a porta de Paris e da França ao movimento das lettras inglezas. Antes disso, as grandes pessôas de Boileau, Corneille, Racine, conheciam apenas, atravéz de traducções imperfeitas, os nomes de Shakspeare e de Milton. Voltaire jactava-se de ter feito a França conhecer Loke e Newton—duas constellações de estrellas da sciencia, duas estrellas da constellação do progresso. Houve a febre da moda e a moda da febre. Retratou-se aquella sociedade. Desejou-se-lhe o costume, desejou-se-lhe a lei, desejaram-se-lhe as maneiras. Passou, porém, tudo isso. A critica sabia e illustrada fez ver o erro e a verdade, a luz e a tréva. O enthusiasmo febril da *anglomania* pereceu perante o vulto do bom senso. Ainda bem ! (1)

Bem será si comnosco o mesmo acontecer. Assim não será baldado o esforço de alguns luctadores fortes.

Pairam já sobre nossas cabeças os vendavaes de bellezas que trovoam nos ares daquelle céo que se chama «Morte de D. João». Não só isso. Penetram-nos n'alma tambem umas nuvens calliginosas por entre tufões de defeitos grandes que lá surgem no vasto horisonte de uma extremação perigosa—o exaggero.

Não nos dê agóra tambem a mania de copiar o *Primo Bazilio*.

Não se avalie por alto a phrase. Apologista da originalidade, quando não degenera em extravagancia, admittimos a transplantação do elemento realmente sensato de todas as manifestações bellas da arte. Ha um *quê* de prudencia na litteratura que tira do paiz onde nasce grande parte dos principios que a devem compôr, mas que váe tambem buscar em paragem estranha a experiencia das coisas, e as regras invariaveis da sciencia.

Ser-se um adepto ; — nunca um fanatico. Tal é a verdadeira doutrina.

*

Véem-me estas considerações sobre a evolução rapida que produziu entre nós o livro de Eça de Queiroz. Tornou-se a questão da moda, da occasião, de todas as horas. Tão importante foi essa influencia que um dos mais alteados talentos de nossa terra, o sr. conselheiro Cardozo de Menezes, extraíu do romance um drama. Dizem-me umas noticias que tenho que foi um naufragio esta sua tentativa. Talvez que haja nesta desgraça alguma felicidade:—um escarmento.

Quando elle — o romance — appareceu, todos o leram, muitos — quasi todos — o comprehenderam, e alguns fizeram-lhe a critica. Não o dissecaram, porém.

Entre nós andou estafada a controversia. Uns, attendendo ao fim, ao objectivo, por assim dizer, não do livro, mas da escola, e vendo que era luminoso, grande, bom, disseram :

—Leiam-no.

Outros, com o telescopio da observação desceram ao estudo dos meios em que desenvolve a acção do drama, e, em attenção a certas circumstancias, disseram :

—Livre-nos Deus de tal.

Uns bradaram:—é moral.

Outros:—é indecente.

Uns fizeram a synthese. Só a synthese:—um erro.

Outros a analyse. Só a analyse : — outro erro.

Torna-se preciso uma e outra.

*

Versa o ponto capital da divergencia entre os criticos sobre a moralidade ou immoralidade da obra. E' a grande questão, debatida já, não elucidada, entretanto. Não é pueril, note-se. E' importante ; muito importante mesmo.

O romance é um liquor que o povo bebe a pequenos goles no calix da ociosidade. Faz-se necessario ver que não contenha elle algum veneno. O primeiro dever de um livro é ser util e moral.

A moral é a peanha em que se assenta a bôa litteratura.

«A litteratura não tira suas bellezas duraveis sinão da moral mais delicada. A critica litteraria é muitas vezes um tratado de moral»—li. (2)

Ora, decidir a questão da moralidade ou immoralidade dum livro não é questão banal. E nem a simples consciencia de quem lê póde proferir muita vez a palavra ultima sobre tão profundo assumpto. E' elle de uma grande relatividade.

Nem mesmo a consciencia collectiva, a do publico, póde raciocinar com devido criterio. O publico ! Esse coitado lê, — quando lê, — tudo que lhe cheira a maldade. Mastiga, engole, indistinctamente, o bom e o máu livro. Faz-lhe isso depois um estrago contínuo no organismo d'alma. Abre-lhe um hospital de idéas no cerebro. Não se queixa entretanto. Deixa-se arrastar pela onda apressada da corrupção, pela onda veloz da mentira litteraria, e sympathiza até com os auctores que pensam e que dizem :

El vulgo es necio, y, pues lo paga, es justo
Hablarle en necio para darle gusto. (3)

É preciso bem educal-o,—a elle, o coitado, a victima dos crimes das lettras. E' principalmente elle que tem de supportar os effeitos da molestia de muitas cabeças. Tenhamos compaixão dos que não teem apurado o paladar da intelligencia.

*

A escola realista, que evoluciona agóra os vagalhões do oceano da arte, em geral, e da litteratura, em parti-

cular, erguendo seu dorso soberboso em crespidões inutilissimas até a altura da justiça e da verdade, para atiral-as depois ao convéz da barca em que se salvam do naufragio da ignorancia as massas populares, póde preencher com perfeição maxima seu fim, sem cauzar metamorphoses perniciosas nas diversas fórmas de pensar e de sentir da sociedade hodierna, e plantando no terreno inculto das camadas mais ignorantes as sementes vivificadoras dos eternos principios e das eternas leis do bem, do verdadeiro e do justo.

Mas é necessario não falsear o idéal luminoso da escola. E' necessario que a theoria—essa porta que olha para a estrada fragosa da pratica — seja seguida.

Póde—e deve—haver a pintura fiel e exacta da sociedade, a photographia real mesmo, sem comtudo atar o espirito aos grilhões do torpe e do deshonesto. Ha muita idéa nobre que os sectarios de tudo que é excesso teem especial cuidado em occultar, considerando o mundo por um prisma justamente diverso, não logrando sinão extinguir o fim a que se destinavam, e constituir uma escola de aberração, de extravagancia e de exaggero.

O que é a realidade? Não só o vicio. Não só a crapula, a perdição e a miseria. Não só o crime, a podridão.

O realismo de Eça de Queiroz é a impudicicia. E' a falsidade á historiographia dos acontecimentos. E' a falsidade ainda ao estudo animico do homem.

Nem tudo que é natural se pinta, se retracta, quando não vem dahi um proveito que illumina, esclarece e purifica. O vicio existe. Pois bem : si a photographia fôr exacta, sem ser asquerosa, nunca será repellida. Sinão, não.

*

Eça de Queiroz degenera, pois, o idéal da escola, corrompendo-o. O *Primo Bazilio* é uma continuação do *Crime do Padre Amaro*. E' mais bello na linguagem, mais alteado no estylo, mais sublimado nas descripções, mas é tambem mais immoral e impudico. Revela além disso um facto que a critica não deve deixar impune : — a pobreza bastante de imaginação. O *Primo Bazilio* resalta do *Crime do Padre Amaro*. Si tirarmos a Jorge sua carta de engenheiro, e a Amaro sua corôa de padre, identificam-se. Luiza é talvez na fórma um typo differente e diverso de Amelia : em fundo representam, porém, o mesmo papel. O dramaturgo, typo saliente no segundo, é o jornalista, typo mal definido no primeiro. As scenas do Paraizo relembram as scenas em casa do sineiro. E assim em muitas outras occasiões Eça não faz mais que desenvolver a idéa contida no seu primeiro romance, arrastando a acção e complicando-a numa infinidade de scenas sem connexão com o fim principal da obra. A's vezes, tornam-se inteiramente desnecessarias, e são as que descrevem factos os mais repulsivos, que não servindo a mostrar o fim a que se propõe o auctor, vão lançando incidentemente no espirito de quem lê, hypotheses locupletas duma sensualidade grosseira.

Receia porém, ás vezes, depois de ter lançado no livro a obscenidade da idéa, lançar tambem a obscenidade da palavra ; uza então da reticencia. A reticencia é então um sophisma; é um sylogismo cuja conclusão é uma mentira e uma vergonha.

Não é assim que se mostram as pustulas sociaes. Não é assim que se as póde curar. Não é thuribulando no altar do torpe que se sacrifica no templo da litteratura séria.

E' difficil, é muito difficil esta tarefa do constitnir-se em *ferula mundi*. Tem creado o baqueamento de talentos, e não me consta que no seu seio tenham muitos encontrado pedestaes de glorias.

*

E' esta opinião talvez *caturra* e contraria a muitos. Mas perdôem-me a expressão franca e leal do meu pensar e do meu sentir.

Não tenho a pretenção de bradar:— A verdade é esta.

Este «*eureka*» deixo-o a mais esforçados campeões, em arenas mais largas e mais apropriadas.

Uma ultima palavra : E' forçoso confessar que o romance não desenvolve a these como vale a pena.

Tempo tivera eu, e estudo tambem, que o demonstraria.

Não posso. Sinto-o.

Uma palavra ultima. Si o presente é ruim, o futuro será peior, si trilharmos sendas eguaes.

Si o mundo é uma pustula, será então um cadaver.

Pudéra não !

SILVA JARDIM.

1878.

(1) Quenot.—Noticia sobre a vida e obras de Huggues Blair.

(2) Madame de Stael.

(3) Lope de Vega, cit. por Ildefonso Ovejas, Prologo das obras de Zorrilla.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A herôimania. — Succedaneos da morphina. — Inconvenientes da substituição desta pela cocaína e pela heroína.

A morphina e os derivados do opio são maravilhosos agentes. Graças ao succo da papoula, o soffrimento se acalma durante longas horas e alliviam as mais cruciantes dôres. Mas, si a morphina é um dos grandes agentes beneficos da therapeutica, não deixa de ter inconvenientes, principalmente depois de generalisado o seu emprego por meio de uma seringa de Pravaz, transformada em instrumento de um vicio assolador.

Os morphinomanos se tornaram legião e não ha molestia ou mania mais difficil de combater do que essa produzida pelo abuso de injecções subcutaneas. Para cural-a, tentou-se o emprego da cocaína. Mas a substituição produzia funestos resultados: os morphinomaniacos se transformaram em cocaínomaniacos ou adquiriram ambas as manias. Póde-se, portanto, affirmar que foi peior a emenda do que o soneto.

Apercebidos desse erro, alguns medicos aconselharam o recurso a uma outra substancia que a chimica acaba de obter dos productos do opio. Empregando a cocaina, era de suppôr (e o erro era até certo ponto legitimo) fôsse supprimida em pouco tempo a morphinomania, porque si os dois corpos eram toxicos, eram de constituição chimica absolutamente diversa. A heroína que esta em vóga, ha algum tempo, pouco differe da morphina, no sentido de ser um producto da mesma série, no ponto de vista chimico : é um ether disacetico de morphina, sendo muito mais activo do que ella, bastando o metade das dóses para produzir a analgesia. E' um medicamento que deve ser empregado com prudencia. Em consequencia surgiram accidentes mais rapidos, quando se pretendeu substituir a morphina pela heroína para a cura da morphinomania ; não se conseguiu outro resultado sinão crear uma outra raridade de intoxicação — a heroínomania.

Esta mania, para a qual o dr. Sallier chama a attenção dos collegas, é devida a um abuso ainda mais grave que o da morphina. A heroína parece muito mais toxica para os doentes, não sómente em dóses similares, como em dóses menores : ha morphinomaniacos que resistem cinco, seis annos a dóses collossaes de 2 a 4 grammas de morphina ; os heroínomaniacos resistem muito menos tempo e com a metade daquelle algarismo. Suppõe-se diminuir o gráu de intoxicação com a diminuição da dóse toxica, tomando, por exemplo, 50 cent. de heroína em vez de 1 gram. de morphina. Mas o bem estar determinado pela heroína, enphorisa, como se diz em linguagem medica, é muito inferior ao da morphina ; por isto, as dóses augmentam com mais rapidez, as injecções se repetem cada vez mais fortes e o mal que se pretendera sanar, peiora mudando de nome. Além disso, o habito se adquire facilmente como o da morphina, a necessidade se torna muito mais imperiosa e a cura muito mais difficil.

O methodo de tratamento pela abstenção rapida, diminuição brusca das altas dóses, apresenta inconvenientos mais graves do que no caso da morphina, uma vez que a heroína actúa sobre a circulação e a respiração e a morphina sobre os centros nervosos e o apparelho digestivo.

Cocaína, heroína e outros compostos similares não teem o valor da morphina.

XADREZ

—

TEICHMANN

No Club dos Diarios. — Partidas simultaneas. — A 1ª partida com o dr. Caldas Vianna: empate. — Partidas sem ver o taboteiro.

No dia 1º do corrente, realizou Teichmann no CLUB DOS DIARIOS, a sua primeira sessão de partidas simultaneas. Eram 9 os adversarios: Theophilo Torres, Henrique Costa, Ribeiro de Almeida, Heitor Bastos, Augusto Silva, Godofredo Cunha, Annibal Pereira, Augusto Loup e Frota Pessôa. A sessão durou 2 horas; Teichmann ganhou todas as partidas.

— Era anciosamente esperado o encontro do mestre com o campeão sul-americano, dr. Caldas Vianna, que se achava doente, como noticiámos em nosso numero passado. Ainda em convalescença, o dr. Caldas Vianna apresentou-se ao club no dia 3, jogando uma partida com Teichmann. Os dois mestres, nessa primeira prova, empataram.

— Em Buenos Aires, onde esteve, antes de vir ao Rio de Janeiro convidado pelo CLUB DOS DIARIOS, Teichmann nunca foi derrotado em partidas singulares, empatando ás vezes. Em partidas simultaneas numerosas, perdeu algumas.

— O aspecto do salão de xadrez do CLUB DOS DIARIOS desde a chegada de Teichmann, é muito interessante. De 3 horas da tarde em deante até 11 horas e meia noite um grande numero de amadores assiste permanentemente ás sensacionaes peripecias das successivas victorias do illustre hospede Em torno da mesa a que se assenta Teichmann fórmam circulo os infatigaveis amadores, attentos, silenciosos, ou trocando breves commentarios e signaes expressivos, gestos de surpreza ou admiração. Reina alli uma emoção continua, e um enthusiasmo sempre crescente.

— Publicamos duas partidas de Teichmann: a que empatou com o dr. Caldas Vianna, e a que ganhou de Heitor Bastos, um dos 9 adversarios do dia 1º

— Teichmann dará uma sessão em que jogará sem ver o taboleiro.

***

PARTIDA N. 51

(Jogada no Club dos Diarios a 3 de maio de 1906)

RUY LOPEZ

Brancas (Dr. Caldas Vianna)		*Pretas* (R. Teichmann)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 5 C D	— 3 —	P 3 T D
B 4 T	— 4 —	C 3 B R
Roque	— 5 —	B 2 R
C 3 B D	— 6 —	P 4 C D
B 3 C	— 7 —	P 3 D
P 3 D	— 8 —	C 4 T D
C 2 R	— 9 —	Roque
C 3 C	— 10 —	P 4 B D
P 3 B D	— 11 —	C × B
P × C	— 12 —	D 2 B
T 1 R	— 13 —	T 1 R
P 3 T R	— 14 —	P 3 T R
B 3 R	— 15 —	P 4 D
D 2 B	— 16 —	B 1 B R
T D 1 D	— 17 —	P 5 B
P D × P	— 18 —	P × P R
C × P 4 R (*a*)	— 19 —	C × C
D × C	— 20 —	B 2 C
D 4 C	— 21 —	T 3 R (*b*)
C 4 T	— 22 —	P 3 C
P × P	— 23 —	P × P
P 4 C D	— 24 —	R 2 T
P 4 B R	— 25 —	P × P
B × P	— 26 —	D 3 Ç x
R 1 T	— 27 —	T × T x (*c*)
T × T	— 28 —	P 4 B R (*d*)
D 3 C	— 29 —	P 4 C R
B × P ! (*e*)	— 30 —	P × B
D × P	— 31 —	B 5 R
C × P	— 32 —	B × C
D × B x	— 33 —	R 1 T
D 5 T x	— 34 —	R 2 C
D 4 C x	— 35 —	R 1 T
D 3 B	— 36 —	T 1 D
D 5 T x	— 37 —	B 3 T
T 8 D x	— 38 —	T × T
D × T x	— 39 —	R 2 C
D 7 D x	— 40 —	R 3 C
D 3 D x	— 41 —	R 4 C
D 5 D x	— 42 —	R 3 C
D 4 R x	— 43 —	R 2 C
P 4 C R	— 44 —	D 7 B
D 4 D x	— 45 —	D × D
P × D	— 46 —	B 4 C
R 2 C	— 47 —	B 3 B
R 3 B	— 48 —	B × P
R 4 R	— 49 —	B × P
R 5 D	— 50 —	R 3 B
P 4 T	— 51 —	B 6 B
R 5 B	— 52 —	B 8 R
P 5 T	— 53 —	R 4 C
R × P	— 54 —	B 7 D
R 4 B	— 55 —	R × P
empate		

(*a*) Já o dr. Caldas Vianna ganha um pião ao seu terrivel adversario e a sua situação é magnifica.

(*b*) Lance quasi forçado.

(*c*) Apparentemente 27... P 4 C R faz ganhar uma peça; mas as Brancas jogariam 28 — D 5 B x, e salvaria as duas peças, ficando as Pretas em posição precaria.

(*d*) Forçando a *fourchette*.

(*e*) Com a troca do B por tres piões, as Brancas deveriam ganhar, pois que teem mais um pião ganho; mas o jogo de Teichmann neste final é admiravel de habilidade.

***

PARTIDA N. 52

(Jogada no Club dos Diarios a 1º de de maio de 1906, juntamente com mais oito)

GIUOCO PIANO

Brancas (R. Teichmann)		*Pretas* (Heitor Bastos)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 B	— 4 —	C 3 B
P 4 D	— 5 —	P × P
Roque	— 6 —	P 3 D
P × P	— 7 —	B 3 C
C 3 B	— 8 —	B 5 C
B 3 R	— 9 —	D 2 R
T 1 R	— 10 —	Roque T R
D 3 D	— 11 —	B × C (*a*)
P × B	— 12 —	P 3 T D (*b*)
R 1 T	— 13 —	C 4 T D
T 1 C R	— 14 —	C × B
D × C	— 15 —	D 3 R
D 2 R	— 16 —	P D 1 D
T 2 C R	— 17 —	C 1 R
T D 1 C (*c*)	— 18 —	P 4 B R
P 5 D (*d*)	— 19 —	D 2 B
T × P x ? (*e*)	— 20 —	C × T
P 5 R (*f*)	— 21 —	P × P ? (*g*)
B 6 T	— 22 —	D 4 T
T × C x	— 23 —	R 1 T
D × P	— 24 —	abandonam

(*a*) Contra um jogador da força de Teichmann este lance é uma imprudencia nas condições actuaes. E' evidente que o ataque das Brancas fica fortissimo com a columna do C R aberta em cima do roque.

(*b*) Perda de tempo.

(*c*) Como se vê, as Brancas não precizam senão de uma tactica elementar para ficarem ameaçadoras.

(*d*) Inicio de uma combinação falsa. As Brancas afastam a D. para poderem mais tarde levarem o B. a 6 T.

(*e*) Um erro de que as Pretas não souberam aproveitar-se.

(*f*) Indispensavel para evitar que o B. preto venha a 5 D quando as Baancas jogarem B 6 T.

(*g*) B × B ! é o lance obrigado que deveria dar ganho ás Pretas, ou, pelo menos, a nullidade certa.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 46 (*Em. Pradignat*): Este problema saíu errado: a torre que está a 8 R é preta. Corrigido, a solução é: C 8 B R.

JOSÉ GETULIO.

DOR

—

Passam da vida os vagalhões bramindo,
Uns após outros, arrostando irados
Meu sêr cançado, e fraco, sacudindo
Das margens sobre os duros escarpados....

Nunca de amigos que meu grito ouvindo
De prantos os olhos senti velados
E nem as dores que traguei sorrindo
Em peito amigo vi inspirar cuidados!

Ai de mim! Ai de mim! quanta alegria
Em mil faces passaram fluctuando
Quando em dores minh'alma se extorcia!

Ai de mim! de minh'alma combalida
Que com ella não encontra quem, chorando,
Aos propios funeraes assista em vida!...

J. BENEDICTO COHEN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

ANNO III — Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1906 — Num. 81

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Como estamos conversando sobre coisas amazonicas, vem a proposito chamar a esclarecida attenção do sr. Affonso Penna, para um telegramma destes dias, noticiando a deportação do dr. Cavalcanti pelo prefeito, o impagavel senhor de baraço e cutello do Alto Juruá. Aquelle cidadão foi victima de uma condemnação summaria, popular, e, por cumulo de irrisão, a suprema auctoridade daquelle rio, conformando-se com a decisão violenta do povo (?), mandou garantir o embarque do deportado para elle nada soffrer, para não serem desacatadas as pessôas de sua familia.

O facto excede aos limites naturaes do verosimil, é um absurdo que commoveria as tartarugas, os tambaguis, si elles não estivessem, como nós, habituados a um regimen anarchico, onde todos os parafusos, todas as peças do mechanismo politico estão frouxas, deslocadas e oxydadas pela desidia, pela complacencia criminosa, pelo nepotismo e outras influencias deleterias que a decencia manda calar.

Parece que a prefeitura do Juruá, como as outras creadas em consequencia do tratado de Petropolis, não estão fóra da lei, não são como os territorios do *Far-West*, quando nelles a lei era dictada pelo rifle, pelo revólver dos mais fortes, no regimen da lei de Linch. Aquellas circumscripções, creadas para fazer dinheiro e para justificar o acerto do tratado como excellente operação financeira, devem estar subordinadas á lei federal, garantidora da liberdade de acção, de pensamento, da liberdade de consciencia e todas as outras que as instituições democraticas consagraram no papel como deslumbrante illusão.

Mas o cidadão Cavalcanti, possuido pela illusão de estar em terra brazileira, ouzou, talvez, malsinar actos da administração despotica do tal prefeito, que é um verdadeiro typo de matoide, muito melindroso da sua illimitada auctoridade, das suas qualidades de administrador, de estadista, de philosopho, de homem muito arreliado e muito violento, toda a vez que lhe tem ido ás mãos a mais insignificante vara de poder.

O thermometro da indignação dos negociantes do Juruá subiu ao gráu rubro, aquecido pelo desaforo do ataque ao supremo senhor, ao *negus* daquellas paragens. Elles resolveram eliminar aquelle elemento dissonante da unanimidade servil, abafar aquella vóz que perturbava a paz, a harmonia daquelle deserto sertão de aguas e florestas, e se constituiram em justiça popular, na falta de juizes legaes, que por alli passam, sem esquentar o assento, para justificarem aposentadorias opiparas ou fazerem jús aos vencimentos.

Parece que não havia lá nenhum delles no momento da deportação e, si algum estivesse, faria a figura de um dois de páus, porque o despotismo idiota do prefeito passa por cima da lei e dos seus representantes legitimos.

Com um desplante que provoca salivações de nojo, o prefeito tenta amenizar a violencia intervindo para salvar a victima dos terriveis effeitos da indignação popular: manda uma força proteger-lhe o embarque, e o sr. Cavalcanti Mello lhe deve estar muito agradecido por ter escapado com a senhora e filhos de ser atirado aos peixes.

E' um cumulo, uma monstruosidade—considere o sr. Affonso Penna—que ficará como outras muitas, si não constituirem titulos de benemereneia para o seu curioso auctor.

Nós temos notado com funda magua que precedentes de erros, de incapacidade, não incompatibilizam os individuos para a confiança do Governo. Individuos useiros e veseiros em dar com os burros n'agua não perdem por isso a capacidade para guardal-os; individuos, portadores de um passado de erros, de provas evidentes de incacompetencia, não desmerecem; antes, ficam naturalmenle indicados para outros cargos difficeis, de grande responsabilidade.

* * *

O prefeito do Alto Juruá foi escolhido a dedo para fazer politica de obstrucção ao governo do Amazonas. Elle tinha contas a ajustar, tinha no fundo do peito um grande sedimento de odio pelo que lhe fizeram quando lhe caíu nas soberbas unhas o governo do Amazonas; necessitava extravazar essa bilis que o envenenava: não havia melhor meio e opportunidade mais propicia do que lhe darem o dominio absoluto de um trecho de territorio naquella zona.

O homemsinho, máusinho e baixinho, deu por páus e por pedras, tanto que iniciou a sua administração; fez jús a uma demissão com todos os desmandos da sua maluquice demonstrada por factos notorios, incontestaveis; mas... veio ao Rio de Janeiro, conversou, entendeu-se com o amigo, o habilissimo sr. Seabra e... o Governo não sómente o conservou no cargo, como lhe testemunhou ternura de pae com a lambugem de uma gratificação...

O caso do dr. Cavalcante Mello será uma affirmação inequivoca da cordura, da obediencia á lei, do bom senso, do criterio do famigerado prefeito; será motivo para outra lambugem.

E ahi está como se governam aquelles territorios da borracha — vaccas leiteiras no estabulo do Governo.

O sr. Affonso Penna, que Deus guie e preserve, váe ouvir coisas edificantes ácerca da vida administrativa dessas pretorias exoticas.

POJUCAN.

O SR. DR. ALMACHIO DINIZ, professor de Direito na Faculdade da Bahia, enviou-nos o artigo que váe abaixo. Não lhe falta interesse, assim na primeira como na segunda parte — nesta sobretudo — pela grande copia de informações curiosas dos epitaphios que, nos cemiterios bahianos, desfiam toda sorte de lyrismo.

—

O sentimento da morte e a philosophia dos epitaphios

Ao dr. Sylvio Roméro

A humanidade tem recebido sempre, sob impressões especiaes, o insubjugavel phenomeno da cessação da vida. O incidente da morte, de um modo geral, produz revelações psychicas nos sobrevivos, que pouco variam nos povos selvagens e nos povos cultos. E, á medida que os sentimentos religiosos se desenvolvem na escala descendente dos povos civilisados, a morte ascende nas pragmaticas fetichistas, dando ensejo ao symbolisno evolucional, que vive de representações extravagantes e desconnexas, no campo das doutrinas religiosas, ás mais das vezes, inquisitorias e absurdas.

As imaginações dos credulos, desde que o cadaver haja desapparecido de seus olhos, ou encerrando-se no esquife ou devorado pelo fogo, criam innumeras phantasias, que gizam materialmente a profundeza ostensiva produzida para o mysterio da morte. EDMOND e JULES DE GONCOURT procuraram explicar esse movimento fetichista em favor dos mortos, por meio das palavras seguintes: «A' proporção que ha civilisação, progresso, o culto dos mortos, o respeito á morte, diminue. O enterrado já não é o ente sagrado, remettido ao temivel *não-sei-quê* do além-mundo. A febre de viver das sociedades modernas, a batalha furiosa dos vivos, faz-nos, hoje, esquecer os ausentes na Eternidade.» Menos verdadeira, porém, a conclusão dessa theoria, impotente para explicar os factos em todos os seus delineamentos, fornecerá motivo para os protestos dos sectarios do positivismo religioso, que consagra os mortos, cada vez mais guiando os vivos: «les vivants sont toujours, et de plus en plus, dominés par les morts.» Effectivamente, parece de todo impossivel a acção dos desapparecidos sobre os seus posteros, si o homem actual facilmente alienar da memoria a lembrança dos que se fôram para a ausencia da eternidade.

Todos os povos, pela alliança do incognoscivel, que se apresenta, á primeira vista, para as transformações cadavericas, com as faculdades imaginativas postas ao serviço das consolações da alma, dão figurações á dura realidade da morte. O sentimento religioso fecunda as consagrativas praticas e eleva-se á categoria de construcções philosophicas. Ora é o anjo das trévas symbolisado numa ampulheta, que encerra um symbolismo ainda maior: a brevidade da existencia humana. Ora se lhe dá a representação de um brandão voltado, a luz embaixo: é a imagem de nossa vida, que o destino derriba e extingue. Ora, finalmente, apparecem as figuras dos mochos e das corujas, aves sinistras, hospedes das necropoles; das borboletas, symbolos da derradeira expiração, do suspiro, em que se acredita ouvir voar o principio intangivel e impalpavel, que se diz alma ou espirito; dos bezouros negros, que presagiam a morte, ou dos passaros pretos — o anum — que agoiram os enfermos... Outr'óra, entre os gregos, antes das consagrações dos teixos, dos cyprestes e dos suspiros, era uma divindade que presidia o perecimento dos homens: filha de *Erebe* e da *Noite*, a irmã mais velha do *Somno*.. E, ainda hoje, entre povos eminentemente cultos, a morte é uma megéra, velha como o tempo, armada com uma foice terrivel, que ceifa ao seu talante as vidas que lhe são precisas... Ha, entretanto, ao lado dessa ultima, a representação da lagrima, mais poetica, menos expressiva, e tão fetichista como outra qualquer. Emfim, essas praticas graphicas e symbolicas revigoram-se com os philosophismos dos disticos, das prebendas, e das inscripções. Aqui, é o celebrado—*hodie mihi cras tibi*;—alli, é o petulante—*sic transit gloria mundi*; — acolá, o piedoso *orae por elle*...

Assim, o mysterio da morte se torna maior. Elle depende de todas essas mesquinharias, com que se desprestigia o phenomeno naturalissimo do morrer. Cada dia se vê surgir na liça uma nova farça. As nossas observações, porém, nos levam á convicção de que o sentimento da morte é menos destemperado nos povos incultos, emquanto o culto da morte é mais fraco entre elles e opulentado entre os cultos ou civilisados.

Parece assentado para alguns philosophos que a morte não é percebida pelos animaes inferiores, e que estes não teem a menor noção della. Entretanto, queremos crer diversamente, com PAUL BALLION, que o sentimento da morte, sendo pouco espalhado entre os animaes inferiores, não é nullo, e que se póde apresentar, claramente, sob diversos aspectos. Bastar-nos-á, para ser premissa da conclusão que tiramos, estabelecer que ha nos sêres successores do homem na escala zoologica, a faculdade de distinguir, aliás por um insticto da fome, a presa viva da presa morta. E assim, as aves de rapina, que fazem a sua nutrição com as carnes dos animaes mortos, não se approximam jámais dos vivos, ainda mesmo quando elles estão adormecidos ou immoveis. E nas charnecas onde pastam rebanhos de ovelhas magras, prestes a serem victimas de cachexia aquosa, PAUL BALLION notou que os córvos, tão magros e enfezados quanto as ovelhas, passam fome até ao instante em que a morte lhes forneça o alimento. Deve-se levar em conta, ainda mais, que ha uma manifestação mais franca e mais decidida do sentimento da morte, quando occorre o desapparecimento de um qualquer animal. Foi sabiamente escripto por aquelle illustre observador, que «os animaes agem differentemente, segundo as especies, quando um dos seus acaba de morrer.» Por sua vez, resumindo um grande numero de observações de PAUL BALLION, asseverou o eminente HENRY COUPIN, num trabalho muito criterioso: «Ao lado daquelles—muito numerosos—que não manifestam mais do que uma indifferença absoluta pelo morto, ha outros, de uma moralidade menos elevada, que comem seccamente, simplesmente, o seu companheiro morto: neste numero, estão as toupeiras, os lobos impellidos pela fome e os ratos em jejum. Outros se contentam em manifestar espanto. VAILLANT matou, de uma vez, quatro cercopithecos de face escura, que fôram conduzidos para a sua tenda. Um simio domesticado, que vivia em sua companhia, mostrou-se espantado em presença dos cadaveres de seus congeneres. Considerou-os, um após outro, virando-os e revirando-os, em todos os sentidos, para bem examinal-os. Egualmente não é raro ver-se um urso farejar o cadaver de seu semelhante, removendo-o para melhor examinal-o. GORDON CUMMING notou um facto analogo a proposito de um burro selvagem, de um onagro, que elle tinha matado. O resto da tropa cercou-o, fungando e revolvendo-o. Depois, todos, como que espantados, partiram atravéz da planicie.» Assim tambem em relação a muitos outros animaes.

Entre os homens, o sentimento da morte varía conforme o gráu de cultura. E a civilisação váe impondo, talvez como um dever de cortezia, a suppressão do pranto deante do fatal acontecimento da finalisação de um ente qualquer. Os signaes do lucto, por prazos longos, desapparecem sob variantes diversas. A presença de um morto nada tem, realmente, de anormal. Isto, principalmente, deante da verdade nihilista, que redúz tudo á materia insensivel e bruta, egual em todos os sêres.

Outro tanto não succede com o culto aos mortos.

Entre os animaes bem poderemos considerar nullo o respeito aos mortos, ou o culto da morte na memoria dos desapparecidos. Todavia, citaremos como um facto transcendente o que observou o rev. WHITE, em relação aos *Lasius flavus*, nas seguintes circumstancias : «Um formigueiro artificial dessa especie de formigas, tinha sido estabelecido em um vaso de vidro, e, no fim de pouco tempo, um grande numero de formigas havia morrido e os seus cadaveres haviam sido transportados para a superficie do ninho por suas companheiras sobreviventes. No sexto dia dessa installação, o rev. WHITE collocou perto dos mortos tres pequenas celhas de papel, contendo mel, que elle destinava á nutrição de suas pensionarias. Depois de um jejum tão prolongado, devia-se crer que as formigas se lançassem sobre o mel afim de bebel-o com avidez. Assim não foi, diz o auctor da observação : as formigas transformaram immediatamente as pequenas celhas em cemiterios, e ahi depositaram os seus mortos não tocando no alimento tentador.» Essa observação foi criticada por ERNEST ANDRÉ, estimado conhecedor do mundo das formigas. Disse elle : «Confesso que, apezar de todo o meu respeito para com a pessôa do rev. WHITE, e toda a minha admiração pelos nobres sentimentos de seus discipulos, não posso crer em um egual desinteresse para necessidades materiaes, por parte das formigas, e que os meus estudos pessoaes me interdizem, inteiramente, de conceder ás formigas *Lasius flavus* essa patente de temperança insolita.» Verdadeira ou não, a observação do rev. WHITE não se oppõe ao facto geralmente conhecido de removerem as saúvas os cadaveres de suas companheiras para fóra de seus ninhos, onde ficam entregues ao maior abandono. As faculdades affectivas, que se revelam nos animaes inferiores para com os homens, são pouco, ou nada, desenvolvidas. Dahi, ao nosso ver, a impossibilidade do culto aos mortos entre os sêres sub-humanos.

O que se passa, no emtanto, no mundo dos homens, como é natural, tem differenciações radicaes. Celebram-se ceremonias cultuaes aos mortos, tão exaggeradas e fetichistas, que chegam ao ridiculo. E talvez seja de extranhar a muita gente que os orientaes, especialmente os chinezes, occupam uma posição saliente neste assumpto, o que levou um sapiente escriptor a dizer que «na hora actual, é de bom alvitre lançar á China a pedra do progresso». — (PAUL D'ENJOY). A idéa da cohesão familial, ligando todos os filhos do Celeste Imperio, tem sido um elemento de força para a immortalidade da crença de que todas as familias se reunem na eternidade e resumem-se no grande conceito de um sêr supremo, de Deus, que vem a ser o pae unico e omnipotente da Agua e da Terra — esses dois elementos constituintes do que se chama patria. O enterramento dos mortos, por familias, faz-se nos terrenos das suas propriedades privadas, e jámais o chinez consentiu na exhumação dos ossos do sepultado, decorram os annos que decorrerem, mudem-se, quantas vezes assim aconteça, os proprietarios dos terrenos. Então, narra um observador conscienciosо, «cada anno, ao renovamento da primeira lua, depois de ter restaurado os seus mausoléos de familia, o chinez váe piedosamente ornamentar o tumulo do desconhecido, o qual elle está guardando em virtude dos seus deveres de proprietario real. Parece-lhe que, no além-mundo, o morto abandonado pelos vivos lhe agradecerá e que a sua terra será abençoada.»

Serão, pois, uma dolorosa profanação, capaz de exasperar o animo religioso dos amarellos, as nossas excavações scientificas nos cemiterios, as autopsias, que trazem á flôr da terra os corpos decompostos de nossos semelhantes. Não é simples motivo de crença. Elles levam a um motivo de moralidade ou de pudor, o segredo dos tumulos, o hermetismo das covas, que, fechadas uma vez, jámais se abrirão. E PAUL D'ENJOY nos assevera que entre os povos dos paizes amarellos, sem auctorisação dos superiores hierarchicos competentes, nem mesmo as auctoridades municipaes pódem tocar nos cadaveres. A infracção dessa pratica secular é criminosa. Pelo que continúa o mesmo auctor : «Si ellas transportam um corpo, seja elle o de um desconhecido, encontrado ao desamparo, enterrando-o, com a infracção da lei prohibitoria, incorrem em graves penas corporaes. Serão oitenta bastonadas pelo transporte e pelo enterro simples ; cem, si o corpo soffreu qualquer detrimento ; sessenta e um annos de prisão, si o cadaver fôr destruido ou lançado n'agua. Quanto aos que auxiliarem essa obra sacrilega, são enviados para o exilio. Os paes não teem a faculdade de supprimir o tumulo de qualquer dos seus descendentes, sem se exporem á decapitação». Em consequencia desses habitos, contrarios, extremamente, aos dos egypcios, cujas mumias percorrem, profanadoramente, os mundos, mumias de sabios e justos ; em consequencia do respeito pessoal aos mortos, apparece o respeito á cidade delles, ás necropoles e aos cemiterios, pelo mesmo principio de solidariedade e de parentesco geral, que une todas as familias chinezas, para os habitos e para os sentimentos. Os amarellos teem horror ás necropoles do mundo europeu, e não admittem que um cadaver possa ser numerado e catalogado, alugando-se o seu commodo de descanso final, o leito do somno eterno, ao pezo do ouro e da moéda !.

A experiencia de seculos, uma fraternisação immorredoira, de longos centenares de annos, e a consciencia da egualdade estabelecida pelo principio immutavel da fraternidade social hierarchica, conforme a moral de CONFUCIO, facilitam aos chius a supremacia entre os que sabem respeitar os seus mortos. Elles, os chinezes, teem tambem a vaidade dos epitaphios, vaidade que chega a ser antegozada, que se faz gloriosa em vida pelos auto-epitaphios, uzo muito commum entre os occidentaes.

Entre nós, os africanos sobreviventes aos dois milhões de escravos que importamos da Africa, mantêm a pratica fetichista do *egum*, actos solemnes, para os quaes são convidados alguns brancos, e que se realizam sempre que morre algum crente, na presença do cadaver, lembrando as missas de corpo presente de outra religião. E a cerimonia africana começa quando se ouve uma vóz cavernosa e apavorante, partida de um esconderijo, a qual profere : «*Emim, toculoni mopé, cá-um-pé, emim !*» (Eu que morri hoje, quero que chamem por mim !) Desdobram-se acções rituaes, por entre toques de *atabaques*, até que apparece o *aluá*. Entôam-se canticos, variando a prolixidade das cerimonias segundo os haveres e a fortuna dos parentes do fallecido. Passados os actos de corpo presente, ao fetichismo africano mistura-se um pouco de religião catholica : no trigesimo dia do passamento, reza-se uma missa e offerece-se um lauto banquete de acepipes de origem africana. Não raro, põem-se em uzo os *xeguedêo* e os *atabaques*, tomando maior vulto a commemoração. No emtanto, cultuadores eximios de seus mortos, os africanos não uzam os epitaphios. E é neste genero de consagrações que se aprecia a cultura humana, cujo culto aos mortos decáe com a ridicularia das inscripções nas lapides nos cemiterios.

Nestes derradeiros tempos, temos tido o cuidado de observar a philosophia dos elogios posthumos, em confusão com manifestações outras, que julgamos produzidas pelo desequilibrio moral da nossa raça e de outras mal formadas e decadentes. O caracter humano se annuncía bem pela fórma de comportar-se o individuo perante a religiosidade creada pelos seus semelhantes. O homem culto, ainda mesmo que não creia, pelo res-

peito ás crenças alheias, o que é a reciproca do respeito á sua propria crença, acompanha o ritual consagrado com sua assistencia. Não é isto, entretanto, o que se passa nos cemiterios e nas necropoles. Ao lado dos elogios posthumos, apparece uma litteratura chã: ella é o attestado vivo da fraqueza espiritual dos que a praticam.

Temos, com o pensamento de escrever estas linhas, repetido as nossas visitas aos cemiterios desta Capital.

Quantas impressões jocosas teriamos que registar, si nos tivessemos dado ao afan da collieita indistincta de inspirações nos diversos tumulos que alli se encontram?!.. Entretanto, muito colhemos. Cada phrase, cada verso, do que apanhamos, representa, para nós, uma eloquente pagina de psychologia. Apreciemos a nossa colheita.

Nos trechos, que inscreveram, mesmo a lapis, nas sepulturas de seus amigos e de seus amados, muitos deixaram com uma eloquencia triumphadora, sobresaír a crença na existencia supraterrena. Lemos, pois:

« Mocinha! acceita a minha visita! »

Apprehendemos nessa phrase singela e doce a vontade de correspondencia com o além-tumulo. Mas, a todo o transe querendo corresponder-se com os desapparecidos, lá estava, numa cova do Campo Santo, um cartão postal. Admiravel! Era elle o numero III da collecção — *Le galant jardinier* —, fabricado por STEBBING, de Paris. Impresso, na parte inferior, lia-se esta quadra:

« Soubrette aux yeux bleus, parfois, vaga-
[bond,
Le Zéphir, sur eux, souffra son haleine.
De son souffle encore, chaque grappe est
[pleine! »
—«Les fleurs du printemps sentent toujours
[bon! »

A estampa é amorosa: um cavalleiro, descançando sobre uma cacimba, recebe flôres da florista sua enamorada... Assim, escreveram sobre a cabeça dos collucutores: «A' minha idolatrada e chorada comadre Leonor, saudade da comadre Philomena, em...»

De pretenção menos arrojada, porque se limitou á percepção da vida post-mortal, encontrámos innumeros epitaphios.

Um delles, dizia, sem grammatica:

« Rogae a Deus pelos teus paes. Lembranças de Nosinho.»

Num outro se gravou o verso:

«Amigo dedicado: a tua alma pura
Paira em ponto feliz e mui seguro,
Emquanto neste mundo vou chorando
Pelo teu passamento prematuro».

A lápide de uma cova, no cemiterio da Quinta dos Lazaros, estava nimiamente escripta. Dentre outros pensamentos banaes, detacamos este:

«Si a dôr transformasse o coração em lagrimas, o meu já teria orvalhado a aridez de vossa sepultura».

Explicam mais o indizivel fervor da crença espiritualista as frequentes inscripções, que copiamos das sepulturas rasas daquella mesma necropole. Uma dellas diz:

«Minha mãe! C. N. Lá do Céo, atravéz a immensidade que nos separa, abençoáe ao vosso filho Laurindo».

Ainda, decididamente espiritualistas, achamos no campo santo os seguintes epitaphios:

«Voou para o reino dos cherubins, a..., E. R. V., que viu raiar para ella a aurora da vida a... — Da mansão etherea onde estás, manda-me um almo sorriso».

«A' sua querida Bêbê:
Si pôde a morte impiedosa um dia
Roubar-te aos braços de teus paes queridos,
Piedosa, aqui nesta mansão sombria
Trará de novo todos tres reunidos».

«Sobre estes restos sempre queridos, sua esposa inconsolavel derramará o mais amargoso pranto. Adeus!».

Dizeres sem compostura, por outro lado tambem são lidos em abundancia. Era, pois, no cemiterio da Quinta dos Lazaros. Na parede branca de uma cova, aberta no sentido do comprimento do corpo, estava a rude *prevenção* em grandes lettras de tinta negra:

«Este carneiro só deverá ser aberto em 2 de março de ... por ser este o trato».

Ainda um outro, mais caracteristico talvez:

«Lembrança eterna de seu esposo e filhos. Carneiro por seis annos. Pedem os ossos».

Não escasseiam, entretanto, no cemiterio do Campo Santo, esses disticos, apezar de que nelle se desenvolve, evidentemente, uma hygiene espiritual sem comparação, muito superior á de qualquer outra necropole desta capital. Foi num carneiro desse cemiterio que colhemos o seguinte epitaphio:

«Foi victima de impericia medica. Eu, minha filha, meu thesouro! Vivo prezo aos pezares e captivo das minhas maguas—porque a minha ignorancia foi a causa da tua morte.—Teu infeliz pae...»

Ahi está o grito mais forte do amor paternal, levando o consolo de sua dôr para uma accusação á sciencia medica, pelo que se proferiu a sua sentença condemnatoria, numa arremettida insensata, cabida em uma phrase aspera e impiedosa, no propalado «morto por impericia medica». E durante o tempo do aluguel do commodo, em que repouzam os restos da fallecida, a seriedade moral dos tumulos perturbar-se-á com a estranha inscripção, que bem poderia ser definitivamente exacta para ser dita e commentada em outros logares...

Encontrámos, como uma prova da safara litteratura do Campo Santo, num genero que, si não é positivamente comico, é alegre e jovial, num grande mausoléo de marmore, a *prevenção* que se lê:

«Nós os ossos que aqui estamos
Pelos vossos esperamos.»

Em jornaes diversos, temos encontrado, não poucas vezes, o registo de epitaphios, o que nos assevera, indirectamente, que se acha, com amplitude, em outros logares, desenvolvido o costume das phrases comicas sobre as lápides dos tumulos. Merecem, por isso mesmo, especial transcripção, os que se seguem:

»Aqui jaz o sr. Barretto... fallecido na edade de 84 annos. Desde o dia do seu fallecimento o céo conta mais um anjo.»

«A sra. M... era um anjo na terra. Imaginem o que será agóra no céo.»

«O menino Mario, que jaz sob esta lousa, falleceu na edade de 2 annos e tres mezes. A sua vida foi uma existencia de abnegação e sacrificio.»

Apezar de trazer-nos a sua veracidade uma grossa dóse de suspeição, não perderemos o ensejo de incluir entre os epitaphios comicos o seguinte, que, lemos num jornal, foi apanhado num cemiterio de Barcelona, onde estava escripto em verso catalão:

«Chamei-me João Vernedo. Sem males de especie alguma, vivi, robusto e alegre, por espaço de 69 annos. Certo dia, adoeci e fui consultar um medico, cujo nome não quero citar. Receitou-me um vomitorio; disse-lhe que não queria tomal-o, respondeu-me que me curaria, tomei-o e no dia seguinte já não existia.»

Aqui inserimos a amostra de um annuncio-epitaphio, em que, sobre a sepultura de sua companheira, um marmorista francez fazia o preconicio de seu officio e de suas officinas:

«Ci gît mme. F... femme d'Onésime F..., marbrier. Ce marbre a été élevé por lui comme échantillon de ce qu'il fait et de ce qu'il travaille. Un pareil coûte trois cents francs.»

Sobre o tumulo de um honrado commerciante, finado em S. Paulo, obedecendo ás suas disposições testamentarias e á sua inspiração poetica, um amigo nosso, pessôa de credito e confiança, encontrou a seguinte quadra da lavra do proprio negociante:

«Que te importam os ossos meus,
O' tu que me estás lendo?
Emquanto fôres vivendo
Ri do mundo e teme a Deus!»

Lembrou-nos esse epitaphio os dois seguintes entalhados em sepulturas da Quinta dos Lazaros. Diz o primeiro:

«Já fôstes linda e formosa
Já fôstes do meu coração...
Hoje em dia?
Terra, pó e podridão...»

O segundo, com a sua grammatica:

«Partiste, oh! mãe querida
Lá para a Eternidade,
Deixastes seus filhos no mundo
Trespassados de saudades.»

E mais este, no cemiterio do Campo Santo:

«Pobre anjinho exilado: era tão feia a vida!..
Não podias manchar as azas num paul;
Sentindo a nostalgia intermina do azul
Voltaste paro o céo—tua patria perdida.»

Ainda este outro :

«O' minha santa mãe que estás no céo,
Cheia de graça, rogo a Deus por vós;
Até quando da morte o mesmo véo
Cobrir para sempre esta saudade atroz !»

Conjugam-se, exactamente, na sensaboria do verso e nas incorrecções metricas da poesia e da linguagem, as expressões acima transcriptas. Ponderemos, porém, um pouco sobre a primeira dellas, e encontrar-lhe-emos um fundo philosophico, aliás inconsciente e sem proposito, por certo, e por esse mesmo facto merecedor da assignalação que fazemos. Ha, na verdade, epitaphios e inscripções mortuarias, a que não faltam decididamente a intenção moralistica.

E' o que tambem acontece com este, copiado, *ipsis literis*, de uma cova no cemiterio da Quinta dos Lazaros :

« Morreu de bebida, coitado! Sirva a sua morte de ensinamento ».

Desappareceu, com essa chocante phrase, maxima de hygiene a condemnar o alcoolismo, desappareceu, diziamos, para aquella exclamação, o que se costuma, muito vulgarmente, chamar *piedade christã*. E a doutrina de que todos os peccados se escondem com a morte, deu o seu logar á publica recriminação anti-christã de uma falta, que victimou o infeliz guardado nos sete palmos daquella cova.

No genero *prevenção*, de novo verificamos a existencia das inscripções seguintes ;

« Não se abre este carneiro sem a presença do dono ».

« Pede-se a abertura desta no dia 1º de fevereiro com a presença dos interessados ».

Com outras muitas, no mesmo estylo e no mesmo genero, poderiamos, com o risco de ficar, aliás, demasiadamente longo este nosso estudo, adubar as nossas considerações sobre o que se póde chamar pictorescamente a philosophia dos epitaphios. Vale a pena salientar mais alguns. E' o caso do que se lê abaixo, encontrado na sepultura de um inditoso doutorando de medicina, fallecido prematuramente, escripto, quiçá, por algum adversario rigoroso da sciencia medica, que numa só phrase enunciou todo o seu odio e o seu rancor :

«Morreu sem matar ninguem... não tem penas ! »:

Ha, já hoje, um grande numero de descrentes do poder sanificador da medicina, além do que constitúe a parte cirurgica, desenvolvida por excellencia. Mesmo alguns profissionaes estão entre aquelles. E essa corrente de abandono das curas por intervenção medica, tradúz-se, mas de um modo rigoroso, na phrase textual que acima reproduzimos.

Genero poetico :

« Morreste deixando os que te amavam
Neste mundo tão só
Pois a morte cruel zombou de tudo
Reduzindo-te a pó...
Dormes : nossos soluços são pequenos
Ant'as vistas de Deus,
Eu, nossos filhinhos cá ficamos
Na companhia dos meus...

Generos communs :

«Dorme silencioso o somno da innocencia o interessante... , que viu a luz, em... e falleceu em... Saudade eterna de seus paes ».

« Seja feita a vontade de Deus ».

« Deus a escolheu para si, porque ninguem neste mundo era digno de a possuir.— E. de F. Nazareth ».

« Aqui jáz os restos mortaes de F... nascido em... e fallecido em... Paz á sua alma ! ».

« Sepultura perpetua de F... Descansa em paz ! ».

E assim por deante.

Não encerraremos, entretanto, a documentação destas informações, sem o registo do habito de deixarem-se, longamente assignaladas nas paredes dos sepulchros, as visitas de parentes e amigos feitas aos finados. Num tumulo, chegámos a contar cento e trinta e nove visitas, em datas differentes. Aqui estão tres amostras :

« Saudades e lembranças do amº F..., na visita feita a este carneiro em 12 - 5 - 04».

Aqui estive em 6—4—05 e só hoje volto porque estive fóra da terra. — 21—8—05. F... ».

« Visita de sua noiva fiel em 15—6—04, que não cessa de rogar a Deus pela tua alma. F... ».

Em identicas situações, existem outros muitos, indicativos, ao que parece, da crença e propensão de crença no espiritualismo, dando-se capacidade aos mortos ou, melhor, aos seus espiritos, para corresponderem-se com os vivos. Não apreciamos tanto por esse lado o habito de marcarem-se, nos proprios tumulos, as visitas que se lhes fazem. O epitaphio é a ultima prova da vaidade humana; mas as visitas que mencionámos testemunham o servilismo dos vivos, uns aos outros. Os mortos ficam extranhos ás especulações de qualquer ordem, e só os seus sobreviventes dellas pódem tomar conhecimento. E que novidade váe nisso? « Si é certo que, como dissemos alhures, depois da morte, nada espera o homem, como crêem todos os da mais elevada sciencia, ainda é mais certo que de todas as sentimentalidades só a vaidade váe até o tumulo, pois, como se disse, « a ultima vaidade do homem é o epitaphio ».

O respeito aos mortos apura-se no cadinho da civilisação. O idéal da sciencia moderna, e nem poderia ser outro, é o da cremação dos mortos, por mais hygienica, mais pura e menos fetichista. Tal reforma, porém, não se fará sem grande custo. O nosso protesto ella não terá ; antes, muitos e constantes applausos.

Bem como o poeta, que pediu :

« Quando eu morrer,
Queimem meu corpo, por Deus vos peço,
Quero fugir á Podridão ! ».

Bahia, 1906.

ALMACHIO DINIZ.

APANHADOS

O sello dos jogos olympicos O governo grego acaba de emittir sellos do correio especiaes para commemorar os jogos olympicos, que se estão realizando, agóra, em maio, em Athenas e que começam uma nova série imaginada pelo patriotismo hellenico. Foi em 1896 que, pela iniciativa do sr. Coubertin, se fizeram os primeiros jogos olympicos «modernos». Novas reuniões realizaram-se, depois, em Paris em 1900, e mais tarde em S. Luiz, em 1904, e devem continuar em 1908, em Roma.

Depois de 10 annos de reflexão, os gregos peusaram que esses torneios imaginados pelos seus antepassados, deviam ser disputados de quatro em quatro annos no paiz em que elles appareceram. E começou então uma série de jogos olympicos, onde, aliás, pódem tomar parte os campeões de todas as nacionalidades.

***

O bilhar na Nova-Zelandia O sr. W Bird, inspector das escolas indigenas da Nova-Zelandia, no seu ultimo relatorio, faz um quadro bastante caracteristico dos effeitos do jogo e sobretudo do bilhar entre os *maoris*. Esses indigenas levam o dia inteiro jogando ; nos districtos do norte e no de Hokianga, os meninos estão occupados, unicamente, a qualquer hora do dia e da noite em jogar e construir mezas de bilhar. As escolas ficam vasias e os pequenos que se abalançam a ir ás aulas não se dispõem, de maneira alguma, a trabalhar.

***

Exposições de arte A commissão de Bellas-Artes da municipalidade de Paris concedeu o castello de Bagatelle á Sociedade Nacional de Bellas-Artes para ser ahi orgauisada, proximamente, uma exposição retrospectiva das obras dos seus societarios. Serão escolhidos os trabalhos que tiverem menos de dez annos. O pedido para essa concessão foi feito pelo sr. Roll, presidente da Sociedade. A entrada será paga e um terço dos lucros váe ser offerecido á cidade de Pariz.

Do seu lado, o sr. Quentin-Bauchart e diversos dos seus collegas do Con-

selho Municipal daquella cidade teem um projecto, que depende de votação, para o estabelecimento, em Bagatelle, dum parque botanico, duma estação de estudo botanico e de cultura, no genero dos jardins de Kew, nos arredores de Londres. A essa organisação das culturas botanicas applicadas á arte trata-se, tambem, de reunir um museu e exposições artisticas das plantas num dos pavilhões do vasto parque.

***

Um conservatorio da sra. Réjane Um novo conservatorio váe ser fundado pela sra. Réjane ; «Ahi farei, diz a comediante, uma escola de educação artistica integral.» Além do curso de dicção, serão abertos um curso de litteratura dramatica antiga e moderna, um curso de educação artistica moderna e diversos cursos de dança, de esgrima e de elegancia e belleza no palco. Uma commissão escolherá os alumnos que poderão frequentar as aulas ; para isso, ha um exame de admissão a que essa commissão preside. No fim do primeiro anno, o alumno que alcançar o premio de honra será admittido a representar no theatro Réjane. Ainda mais : todos os annos, a distincta directora do conservatorio dará duas representações publicas nas quaes os seus alumnos tomarão parte, levando á scena peças dum auctor desconhecido. Os lucros serão divididos entre os alumnos e o auctor.

***

Os negros nos Estados-Unidos A população negra dos Estados-Unidos sóbe a nove milhões. Uma escriptora franceza, que a conhece bastante, consagrou-lhe um livro no qual examina todas as questões que com ella se relacionam. Segundo as conclusões da obra, a raça negra não tarda a desapparecer nos Estados-Unidos.

Precisamente o contrario diz um dos membros mais auctorisados da raça preta, o sociologo Tobias ; este acredita que a raça branca degenera, tanto no physico como no moral. Os *yankees* perdem, em plena juventude, os cabellos e os dentes, padecem horrivelmente do estomago e se suicidam e enlouquecem em proporções assustadoras; o mesmo não acontece aos negros, estão sempre fortes, com o espirito absolutamente calmo, sem preoccupaçõos que atropellem e prejudiquem.

***

Alumnos estrangeiros numa universidade franceza A universidade de Grenoble, na França, está sendo frequentada, este anno, por 636 estudantes estrangeiros, de 19 nacionalidades diversas ; os allemães são os mais numerosos, depois chegam os italianos em numero de 88; os russos, que eram 32, no anno passado, são 55 neste inverno ! Esse augmento extraordinario dos slavos nas universidades francezas é devido, em parte, ao devotamento da senhorita Ivanof, que occupa as funcções de leitora da lingua russa, nas férias; ella creou, tambem, uma sociedade dos amigos russos da universidade de Grenobler que tem como fim fundar salas de estudo na Faculdade de Lettras, para os alumnos russos.

***

Um grande caricaturista Falleceu em Paris, na casa de saúde Dubois, com 78 annos, o celebre photographo Etienne Carjat, que foi tambem um caricaturista bastante apreciado e uma das figuras parisienses mais conhecidas nas artes e nas lettras, no segundo imperio. Nascido em Fareins, no departamento do Sin, em abril de 1828, chegou ainda rapaz a Paris, onde começou a fazer desenhos industriaes, vivendo disto muito tempo.

Depois, em 1854, principiou a gostar de caricatura e a ella se dedicou então com vontade, fazendo-se immediatamente notavel com uma série de figuras comicas, *charges* lithographadas, que obedeciam a um titulo geral : *O theatro na cidade*. Dois annos depois, fundou, com Charles Bataille e Amadée Rolaud, um jornalsinho hebdomadario *Diogenes*, onde continuou com as suas curiosas caricaturas. Todos os homens do seu tempo, mais ou menos celebres, figuraram na revista com todos os seus traços moraes e physicos observados duma maneira muito exacta e com um espirito apurado e fino. Essas caricaturas fôram reproduzidas, mais tarde, nas edições semanaes do *Gaulois* e do *Figaro*. Em 1860, Carjat resolveu ser photographo ; o seu *atelier*, onde tiraram retrato todos os homens e mulheres de Paris, de qualquer notoriedade, tornou-se logo celebre e foi distinguido em varias exposições de photographia e na Exposição Universal de 1867.

***

Livro curioso Na bibliotheca do Vaticano, ha um tratado sobre dragões, manuscripto, numa tira de pergaminho de cem metros de comprimento por trinta centimetros de largura. Contam, em Roma, que esse pergaminho foi feito curtindo os intestinos dum grande dragão.

***

Montanha de sal Em Santo Domingo, em Cuba, a admiração dos *touristes* pára deante de uma coisa extraordinaria : uma enorme montanha de sal, que é a nota curiosa do logar. Fórma uma massa crystalina de mais de sete kilometros de largura e que, segundo calculos, contém uns novecentos milhões de toneladas de sal, tão transparente, que se póde ler um jornal de typos de tamanho regular, atravéz dum bloco de 30 centimetros de espessura.

***

Correios inglezes Na administração dos correios de Glasgow, pódem-se fechar as cartas sem sellos, pondo-as dentro de outro envoltorio que contenha o dinheiro necessario para a compra de sellos, porque, para isso, ha uma porção de empregados que se dedicam especialmente a recolher o dinheiro e a collocar o sello correspondente no envoltorio da direcção.

***

A Egreja na Hespanha Miguel de Unamono, na *Espanña Moderna*, de Madrid, tomando as palavras de Pilatos no Evangelho de S. Lucas : *Que é a verdade ?* accuza os theologos de matar a fé e lhes nega, como tambem á propria Egreja, o privilegio exclusivo de depositarios da verdade ; a Egreja não sendo, aos seus olhos, sinão uma instituição social e a verdade não podendo existir sinão lá, onde ha a crença de todo o coração e de toda a alma. Esta these, declaradamente ouzada na Hespanha, offerece um interesse actual, no momento mesmo em que se observa na peninsula uma evolução social e democratica cada vez mais pronunciada. Unamono lamenta que todas as discussões se reduzam, quasi sempre, a um jogo de palavras e critica a recente *Philosophia elementar*, do arcebispo de Cordova, Zeferino Gonzalez, obra que elle deplora que esteja nas mãos dos estudantes das universidades.

***

Os «antigos» do Japão A *North American Review*, de Nova York, publica um artigo do sr. William Elliot Griffis, em que se rende homenagem aos *antigos* do Japão, esses conselheiros intimos do mikado que, com o imperador, encontraram as soluções vitaes do problema japonez, pensando nas condições reaes do paiz e nos seus recursos. Elles contribuiram para fazer desapparecer o regimen feudal, crear a nova nação e conquistar para a sua patria um logar de respeito no meio das grandes nações do mundo. Graças a esses seus filhos illustres, o Japão pôde, logo depois que foi feita a paz com a Russia, entrar na éra da realisação dos grandes e nobres problemas economicos e

politicos. Serão, de accordo com o imperador, os promotores dos esforços que devem pôr em obra a fertilidade do Extremo-Oriente, os seus enormes thezouros, ainda, quasi todos, praticamente intactos e de suas riquezas maritimas e economicas.

O ARTIGO que váe sob estas linhas conta um episodio bem observado dos costumes das Missões Argentinas, muito calumniados — na opinião do nosso distincto patricio, o dr. Antonio Dionysio — por escriptores pouco informados dos costumes daquella região exotica no centro da civilisação néo-hespanhola, tão ciosa do seu progresso, apezar de parada sob a influencia dos preconceitos da raça primitiva.

—

O BAILE MISSIONEIRO

Ruinas sumptuosas, vestigios da ephemera civilisação organisada pelos padres da Companhia de Jesus, marcam esparsas o vasto territorio das Missões.

Quem visita aquelles sitios desolados sente uma funda impressão da decadencia, do abandono da região outr'óra prospera e o aspecto da paizagem plana, morrendo á margem dos grandes rios, onde subsiste ainda a physionomia caracteristica de paiz selvagem, representada nitidamente nos habitantes actuaes, descendentes directos dos guaranys, cujo typo não pôde ser completamente alterado pelos contactos da civilisação, pelos cruzamentos, pela intercurrencia de outros elementos ethnicos. Todos elles, no nariz achatado, bocca rasgada, apophyses malares salientes, olhos negros, pernas um tanto arqueadas, cabello erecto, sem a curva graciosa que fórma a sua quéda aos lados da cabeça nos individuos da raça caucasica, se distinguem perfeitamente do estrangeiro adventicio que alli ubiqua, prezo aos interesses da exploração das parcas riquezas do territorio das Missões Argentinas.

Sem a moral ensinada pelos jesuitas num regimen de escravidão, de dominio absoluto, theocratico, os missioneiros de hoje gozam da liberdade que lhe dá a supposta felicidade, mas os lança na mais desbragada dissolução de costumes. A vida de aventura lhes deprimiu o senso moral, favoreceu-lhes o sensualismo primitivo que perdura exaltado em todos os aspectos dos costumes, dominando sempre ardente atravéz da poesia, das trovas populares e das *vidalitas* maviosas.

Herdaram dos ascendentes auctotones o desprendimento pelo que possúem, negociam com os seus haveres ou os dão generosamente. Em geral, o missioneiro, homem do povo se satisfaz com o seu rancho, alguns utensilios, as armas e a *cuñah*, companheira dedicada da perigrinação pelo sinuoso e triste territorio.

Para amenisarem a rude existencia, entregam-se, ás vezes, aos prolongados bailes até o despontar da madrugada.

Desses bailes se teem occupado muitos escriptores que lhes dão ora côres violentas, pobres e mesquinhas sem lhes realçarem os encantos, terminando ordinariamente pelo desafio dos gaúchos a pucharem as adagas, destripando-se impiedosamente; ora a grandiosa opulencia de bailes hindús nos pagodes brahmanicos.

O sr. Oliveira, cuja phantasia faz rir o argentino, descreve de maneira menos exacta esses bailes, parecendo, ao ler as suas narrativas, que no meio das bombachas e chiripás, se ouve o fru-fru das sedas e o retinir de longos sabres recurvados dos egypcios. Por outro lado, escriptores inglezes, como W. Knight, com o espirito saturado de desprezo, pintam as scenas do interior dos ranchos, os ruidos do sapatear, as cantilenas tristonhas e amorosas, com côres tão pallidas que dão áquelles espectaculos pictorescos o extranho cunho irritante de dansa macabra e desenvolta. E' bem possivel que obedecessem á impressão fallaz de uma observação rapida, na convivencia de momentos com aquella gente exotica.

De uma feita, quando por alli andei, approximei-me á noitinha de um rancho espaçoso e de bôa apparencia; encostei-me a um poste do *aramado* que o cercava e observei o baile para colher delle a idéa precisa. Desejava conhecer por observação pessoal, aquillo que descripções inveridicas me tinham pintado.

Apezar do receio, inspirado pelas noticias, da indole irrequieta e falsa daquella gente que—«pucha por qualquer pretexto a faca ponteaguda e fere o espectador temerario que se acerca para ver o folguedo», não trepidei em permanecer alli; ainda mais: pulei o *aramado* e da porta do rancho presenciei a dança, acotovelando os bandidos que tanto impressionaram W. Knight.

***

Era perto de Posadas, em pleno verão, quando nesta cidade argentina o thermometro sóbe a 40 gráus. A noite era escura, não convidava para passeios. Saí, entretanto, e attraído pelo rumor do baile, lá fui ter.

Quando me arrimei ao poste do *aramado*, um gaúcho começava a entoar a *vidalita* sentida, fazendo chorar o violão:

Una canastita, vidalita
Llenita de flôres
No las desparrames, vidalita
Que son mis amores.

Revesti-me de coragem. Não: aquelles homens rudes, cujos labios proferiam docemente esses versos, não podiam ter a alma fechada pelo odio, pela fereza brutal.

O baile do gaúcho missioneiro não se assemelha aos *batuques* desenfreados, descriptos por Sarmento nos *Sertões da Africa*, ao som aspero dos quissanges e marimbas, produzindo infernal barulho.

Adeantei-me, encostei-me ao tosco portal da entrada. Vi gaúchos conhecidos, empregados nas estancias e mulheres que frequentavam o mercado de Posadas, onde íam vender ovos e queijos. Cauzou-me viva surpreza deparar entre ellas uma moça que, dias antes, eu conhecera no pequeno hospital da cidade, com os pulmões atacados por uma caverna tuberculosa perfeitamente caracterisada. Estava corada, muito contente e animada. Um gaúcho moço, de cabellos revoltos e longos, calçando botas de poltro, adornadas de esporas de grandes rosetas polidas, chiripá com *calsonsillos* bordados, poncho amarello e lenço egual no pescoço, cingiu-a pela cintura e, em rapido volteio, dansaram ao som do violão gemebundo.

Da turba alegre, irrequieta, destacava-se um velho de tez bronzeada, de cabellos brancos e duros. Era um descendente dos guaranys. Sentado num banco, ria com a bocca escancarada, no enlevo de franca rudez, balbuciando em vóz guttural, referindo-se

á moça, que rodopiava ardente e alegre :

— Cuñatay iporian !...—Moça bonita !...

Lembrava-se do seu tempo, do gozo a que se recuzavam, agóra, as suas pernas enfraquecidas.

Afinal, pararam os violões ; cessou a agitação dos pares, que se sentaram extenuados : as mulheres de um lado, os homens do outro.

O ambiente estava viciado pelas finissimas nuvens de pó, erguidas do sólo pisado e repisado, e condensado no rosto suarento dos bailadores.

Após breve repouso, recomeçou a dansa. Os gaúchos erguem-se e, mal podendo andar, já cansados, se dirigem ás *chinas*, tiram-nas para a marca e, par.e passo, levantam-se todos. O violão ressôa ; as *vidalitas* melancolicas se repetem, seguindo-se uma agitação de corpos que se entrechocam compassadamente, num mixto de cantilenas, de tinir de esporas.

De quando em quando, passa rente a mim um gaúcho que não me conhece porque estou embuçado num capóte e váe ver o *caballú*, o inseparavel companheiro que, de orelhas caídas, dormindo em pé, espera o dono amigo. O cavallo para aquelles homens é o mesmo pelludo ginete da Russia para o cossaco : vive um para o outro.

E' muito frequente, aos domingos, irem os gaúchos, qual melhor montado em ardegos parelheiros, ás *carreras*. E' geralmente em pleno campo, entre duas alas de espectadores que se realiza o palpitante *match* daquelles homens que nasceram, por assim dizer, sobre o arção. Correm em pello, com lenços multicolores atados á cabeça; marcam a méta e ao longo da pista improvisada, postam-se os juizes. Dado o signal da partida por um tiro de garrucha, partem os cavalleiros numa corrida desapoderada e veloz que cauza ancia. Disputam a victoria no alarido de gritos selvagens animando o cavallo querido que parece comprehendel-os no esforço para a conquista do premio.

O pó vermelho do sólo missioneiro ergue-se espesso, dando fórmas phantasticas indecisas aquelles homens, collados ao dorso dos animaes, verdadeiros centauros, que passam como sombras, estimulando-se aos gritos — hep!... hep!... hep!. e flagelando fortemente as montarias. Ao vencerem, saltam do fiel bucephalo e o beijam innundado de suor, as narinas dilatadas, bofejando, resfolegante de fadiga.

***

O baile diminuia de ardor á medida que a noite avançava. Os pares, apparentemente incansaveis, iam-se quedando, aos poucos, sentados. A tuberculosa, porém, essa continuava sempre animada, arrancando exclamações de pasmo pela resistencia. Não perdera uma só marca. No fervor do enthusiasmo pela dansa, deixava, ás vezes, escapar a tosse fatidica, mal reprimida no peito arquejante.

Aquella creatura, que breve seria sepultada no sólo argiloso de Missões, como que se despedia da vida, empregando esforços sobrehumanos para dissimular a molestia que lhe minava o peito. Via-se no seu olhar quente, nos requebros do seu corpo esguio, no sorriso provocador, a ancia de inspirar amor ao gaúcho, capaz de suster um touro no laço.

... .

Tempos depois, em visita á enfermaria do hospital, disseram-me que ella tinha succumbido exangue, victimada por terrivel hemoptyse. Vi-lhe o cadaver e recordei-me do ardor com que ella, em vida, bailava incansavel, ao som dos violões, incitando o par, com os olhos chammejantes, as faces rosadas, rindo alegre, na inconsciencia do proximo aniquillamento.

***

Assim vive o missioneiro, buscando amenizar a vida dos potreiros, dos campos ingratos, quasi estereis.

Ao retirar-me, o rapaz que eu vira dansando, seduzido pela illusão da belleza daquella misera moça attingida pela fatal molestia, tocava o violão e cantava :

Quisiera ser aire. Vidalita
Cuando tu suspiras ;
Lagrimas, si lloras. Vidalita
Luz, cuando me miras.

***

E suavemente, num esmorecimento saciado, melancolico, terminou o baile que a prodiga imaginação de certos escriptores pinta como terriveis espectaculos barbaros, sangrentos, especie de pretexto para a crueza nativa, no qual, cada gaúcho, ao entrar, deveria despedir-se da vida.

ANTONIO DYONISIO.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Entende-se erroneamente entre nós —civis e militares—que á medida da elevação dos individuos na hierarchia, com a natural ampliação de umas tantas regalias, lhes fica tambem reservado o direito de se mostrarem mais commodistas, mais interessados na conservação do seu *eu*.

Assim, firmados nas prerogativas amplas da sua posição, é raro apparecerem nas constantes reuniões de força nesta capital, os generaes á frente das unidades correspondentes á sua graduação.

Na generalidade dos casos, o commando da brigada é dado ao coronel mais antigo; o da divisão, ao general de brigada, e, acompanhando o movimento de cima, os coroneis passam o commando dos seus corpos aos majores, os majores aos capitães e assim por deante.

Quando a formatura assume condições excepcionaes — commemoração de uma grande data nacional ou acontecimento importante, funeral de um grande morto—mal se imaginam os esforços da repartição do estado-maior para chamar os generaes aos seus postos.

Uns, a pretexto de molestia; outros, por molestia chronica ; outros ainda, porque presagiam chuvas ou forte calor no dia annunciado, ou, por simples questões de familia, como, por exemplo, passeio projectado para o mesmo dia ; e, finalmente, por esse rosario interminavel e fertil de tantas coisas semelhantes, de futil ponderação— esquivam-se, a pés juntos, a essas massadas e no dia da formatura, em vez de cinco ou seis como exigiria o quadro da força, apresentam-se uns dois ou tres mais convencidos.

Nestes ultimos dias, houve diversos exercicios de guerra entre varias fracções da guarnição desta capital, fracções aliás sufficientes para serem dirigidas por generaes ; no entretanto, esses exercicios teem passado sem a sua presença e direcção immediata, talvez por desnecessarias, ou então, o que é mais provavel, pelas difficuldades intransponiveis de se encontrar algum que deixe com facilidade a indolencia inalteravel da sua pacata vida.

De todo esse desprezo, parece se concluir, pelo menos assim pensarão os leigos—que a presença de qualquer general á frente de forças armadas se

justifica apenas por considerações de ornamentação : a sua funcção, o seu papel nenhum fundamento encontrou nas regiões tacticas e estrategicas da organisação militar.

As grandes manobras annuaes, tão bem iniciadas neste districto, e estendidas, como convém, aos demais centros de reunião de forças, virão indubitavelmente modificar bastante esse alheiamento das altas patentes pelas suas funcções.

E' claro que o constante exercicio do commando, a obrigação de desenvolver a actividade, a incitação ao estudo, o receio da critica seria, mas impiedosa, constrangerá os que nada sabem a se dedicarem á sua profissão. E os que nunca puderem melhorar, pela sua innata incapacidade, por inveterada preguiça e descrença, serão espontaneamente forçados, taes as continuas provas de sua incompetencia, a deixar tão espinhosos cargos aos que mais folgadamente se acharem em condições de desempenhal-as a contento.

As primeiras tentativas de uma selecção serão improficuas pela ineffícacia e imperfeição das manobras iniciaes que, só á força do tempo, á força do habito, se irão desfazendo das funestas influencias do passado para produzirem resultados efficazes.

Esses exercicios geraes só são proficuos quando realisados com o maximo criterio, quando conduzidos por direcção competente afim de não se erigirem os erros em exemplos de emprego util na lucta real.

Para isso, é egualmente necessario que ao fim de cada exercicio parcial, ao cabo das manobras geraes — cada general reúna os seus officiaes e estes os seus soldados—para fazerem a critica completa, imparcial e severa dos actos e procedimento de cada um ; salientar os bons, applaudindo-os ; corrigir os erros, apontal-os sem reservas para evitar a sua reproducção, creando vicios e erroneos methodos e processos, que funestamente repercutirão no momento da guerra.

Tudo isto, é certo, exige muito amor ao trabalho, muito estudo, perfeito conhecimento dos deveres de cada um, muita massada, emfim, que é compensada largamente pela convicção que em todos fica de se collocarem na altura do sacrificio que faz o paiz para mantel-os.

O que fôr comprehendido de maneira opposta, nada produzirá de aproveitavel á communidade.

***

Antes de finalizar o presente artigo, seja-nos permittido exprimir o nosso vivo contentamento pelas palavras do sr. presidente da Republica em sua ultima mensagem de abertura do Congresso Nacional, principalmente na parte referente aos negocios da guerra.

A clarividencia, a desusada actividade e alta competencia denunciadas e postas em pratica por s. ex. no curto, mas fecundo, periodo de tres annos de governo, attestados eloquentemente pelo estudo de franca prosperidade em que se acha o paiz sob todos os aspectos—garante-nos a lisongeira esperança de que as forças armadas terão as primicias de uma nova éra de progresso real antes da sua retirada do elevado posto que dignamente occupa.

O exercito, certamente, nesse anno, cantará a sua victoria contra o bando de rotineiros entravadores da sua marcha progressista, reorganisando-se sob bases mais consentaneas com os adeantamentos da arte da guerra moderna.

TENENTE MAX.

PAGINAS ESQUECIDAS

O PRIMO BAZILIO

Desta seccção, num. 73 dos *Annaes*, se deu a publico, com muitos applausos dos curiosos, um artigo de critica infensa ao *Primo Bazilio*, firmado por Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, o mestre humorista de tantos romances, collaborador assiduo do *Cruzeiro*, desta Capital, em 1878.

Esse artigo provocou duas respostas excellentes que nós publicámos nos nums. 76 e 78 para que se pudesse bem ajuizar da seguinte magnifica replica de Eleazar, inserta naquelle jornal, de 30 de abril daquelle anno.

—

Ha quinze dias, escrevi nestas columnas uma apreciação critica do segundo romance do sr. Eça de Queiroz, *O Primo Bazilio*, e dahi para cá appareceram dois artigos em resposta ao meu (1), e porventura algum mais em defeza do romance. Parece que a certa porção de leitores desagradou a severidade da critica. Não admira ; nem a severidade está muito nos habitos da terra ; nem a doutrina realista é tão nova que não conte já, entre nós, mais de um férvido religionario. Criticar o livro, era muito ; refutar a doutrina, era demais. Urgia, portanto, destruir as objecções e aquietar os animos assustados ; foi o que se pretendeu fazer e foi o que se não fez.

Pèla minha parte, podia dispensar-me de voltar ao assumpto. Volto, (e pela ultima vez) porque assim o merece a cortezia dos meus contendores ; e outrosim, porque não fui entendido em uma das minhas objecções.

E antes de ir adeante, convém rectificar um ponto. Um dos meus contendores accuza-me de nada achar bom no *Primo Bazilio*. Não edvertiu que, além de proclamar o talento do auctor (seria pueril negar-lh'o) e de lhe reconhecer o dom da observação, notei o esméro de algumas paginas e a perfeição de um dos seus caracteres. Não me parece que isto seja negar tudo a um livro, e a um segundo livro. Disse commigo : — Este homem tem faculdades de artista, dispõe de um estylo de bôa tempera, tem observação ; mas o seu livro traz defeitos que me parecem graves, uns de concepção, outros da escola em que o auctor é alumno, e onde aspira a tornar-se mestre ; digamos-lhe isto mesmo, com a clareza e franqueza a que teem jús os espiritos de certa esphera. — E foi o que fiz, preferindo ás generalidades do dilettantismo litterario, a analyse sincera e a reflexão paciente e longa. Censurei e louvei, crendo haver assim provado duas coisas : a lealdade da minha critica e a sinceridade da minha admiração.

Venhamos agóra á concepção do sr. Eça de Queiroz, e tomemos a liberdade de mostrar aos seus defensores como se deve ler e entender uma objecção. Tendo eu dito que, si não houvesse o estravio das cartas, ou si Juliana fôsse mulher de outra indole, acabava o romance em meio, porque Bazilio, enfastiado, segue para a França, Jorge volta do Alemtejo, e os dois esposos tornariam á vida antiga, replicam-me os meus contendores de um modo, na verdade, singular. Um achou a objecção futil e até comica ; outro evocou os manes de Judas Machabeu, de Antiocho, e do elephante de Antiocho. Sobre o elephante foi construida uma série de hypotheses destinadas a provar a futilidade do meu argumento. Porque Herculano fez Eurico um presbytero ? Si Hermengarda tem casado com o gardingo logo no começo, haveria romance ? Si o sr. Eça de Queiroz não houvesse escripto o *Primo Bazilio*, estariamos agóra a analyzal-o ? Taes são as hypotheses, as perguntas, as deducções do meu argumento; e foi-me preciza toda a confiança que tenho na bôa fé dos defensores do livro, para não suppôr que estavam a mofar de mim e do publico.

Que me não entendessem, vá; não era um desastrei rreparavel. Mas uma vez que me não entendiam, podiam lançar mão de um destes dois meios: reler-me ou calar. Preferiram attribuir-me um argumento de simplorio; involuntariamente, creio; mas, em summa, não me attribuiram outra coisa. Releiam-me; lá verão que, depois de analyzar o caracter de Luiza, de mostrar que ella cáe sem repulsa nem vontade, que nenhum amor nem odio a abala, que o adulterio é alli uma simples aventura passageira, chego á conclusão de que, com taes caracteres como Luiza e Bazilio, uma vez separados os dois, e regressando o marido, não ha meio de continuar o romance, porque os heróes e a acção não dão mais nada de si, e o erro de Luiza seria um simples parenthesis no periodo conjugal. Voltariam todos ao primeiro capitulo: Luiza tornava a pegar no *Diario de Noticias*, naquella sala de jantar tão bem descripta pelo auctor; Jorge ia escrever os seus relatorios: os frequentadores da casa continuariam a ir alli encher os serões. Que acontecimento, logicamente deduzido da situação moral dos personagens, podia vir continuar uma acção extincta? Evidentemente nenhum. Remorsos? Não ha probabilidade delles; porque, ao annunciar-se a volta do marido, Luiza, não obstante o extravío das cartas, esquece todas as inquietações, «sob uma sensação e desejo, que a inunda». Tiráe o extravío das cartas, a casa de Jorge passa a ser uma nesga do *paraiso*; sem essa circumstancia, inteiramente casual, acabaria o romance. Ora, a substituição do principal pelo accessorio, a acção transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrario ás leis da arte. Tal foi a minha objecção. Si algum dos meus contendores chegar a demonstrar que a objecção não é seria terá commettido uma acção extraordinaria. Até lá, ser-me-á licito conservar uma pontasinha de scepticismo.

Que o sr. Eça de Queiroz podia lançar mão do extravio das cartas, não serei eu que o conteste; era seu direito. No modo de exercer é que a critica lhe toma contas. O lenço de Desdemona tem larga parte na sua morte; mas a alma ciosa e ardente de Othello, a pefidia de Iago e a innocencia de Desdemona, eis os elementos principaes da acção. O drama existe, porque está nos caracteres, nas paixões, na situação moral das personagens: o accessorio não domina o absoluto; é como a rima de Boileau: *il ne doit qu' obéir*. Extraviem-se as cartas; faça uzo dellas Juliana: é um episodio como qualquer outro. Mas o que, a meu ver, constitúe o defeito da concepção do sr. Eça de Queiroz, é que a acção, já despida de todo o interesse moral, adquire um interesse anecdotico, um interesse de curiosidade. Luiza resgatará as cartas? Eis o problema que o leitor tem deante de si. A vida, os cuidados, os pensamentos da heroina não teem outro objecto, sinão esse. Ha uma occasião em que, não sabendo onde ir buscar o dinheiro necessario ao resgate, Luiza compra umas cautelas de loteria; sáe branco. Supponhamos (ainda uma supposição!) que o numero saía premiado; as cartas eram entregues; e, visto que Luiza não tem mais do que medo, se lhe restabelecia a paz de espirito, e com ella a paz domestica. Indicar a possibilidade desta conclusão é patentear o valor da minha critica.

Nem seria para admirar o desenlace pela loteria, porque a loteria tem influencia decisiva em certo momento da aventura. Um dia, arrufada com o amante, Luiza ficá incerta si irá vel-o ou não; atira ao ar uma moéda de cinco tostões; era cunho: devia ir e foi. Esses traços de caracter é que me levaram a dizer, quando a comparei com a Eugenia, de Balzac, que nenhuma semelhança havia entre as duas, porque esta tinha uma forte accentuação moral, e aquella não passava de um *titere*. Parece que a designação destoou no espirito dos meus contendores, e houve esforço commum para demonstrar que a designação era uma calumnia ou uma superfluidade. Disseram-me que, si Luiza era um *titere*, não podia ter musculos e nervos, como não podia ter medo porque os *titeres* não teem medo.

Suppondo que este trocadilho de idéas veio sómente para desenfadar o estylo, me abstenho de o considerar mais tempo; mas não irei adeante sem convidar os defensores a todo o transe a que releiam, com pausa, o livro do sr. Eça de Queiroz: é o melhor methodo quando se procura penetrar a verdade de uma concepção. Não direi, com Buffon, que o genio é a paciencia: mas creio poder affirmar que a paciencia é a metade da sagacidade; ao menos, na critica.

Nem basta ler; é precizo comparar, deduzir, aferir a verdade do auctor. Assim é que, estando Jorge de regresso e extincta a aventura do primo, Luiza cerca o marido de todos os cuidados, —«cuidados de mãe e impetos de concubina». Que nos diz o auctor nessa pagina? Que Luiza se envergonhava um pouco da maneira «por que amava o marido; sentia vagamente que naquella violencia amorosa havia pouca dignidade conjugal. Parecia-lhe que tinha apenas um *capricho*.

Que horror! Um capricho por um marido! Que lhe importaria de resto? Aquillo fazia-a feliz.» Não ha absolutamente nenhum meio de attribuir a Luiza esse escrupulo de dignidade conjugal; está alli porque o auctor nol-o diz; mas não basta; toda a composição do caracter de Luiza é antinomica com semelhante sentimento. A mesma coisa diria dos remorsos que o auctor lhe attribúe, si elle não tivesse o cuidado de os definir (pag. 440). Os remorsos de Luiza, permitta-me dizel-o, não é a vergonha da consciencia, é a vergonha dos sentidos; ou, como diz o auctor: «um gosto infeliz em cada beijo.» Medo, sim; o que ella tem é medo; disse-o eu, e dil-o ella propria: «Que feliz seria, se não fôsse a infame!»

Sobre a linguagem, allusões, episodios, e outras partes do livro, notadas por mim, como menos proprias do decoro litterario, um dos contendores confessa que os acha excessivos, e podiam ser eliminados, ao passo que outro os acceita e justifica, citando em defeza o exemplo de Salomão na poesia do *Cantico dos Canticos*,

> On ne s'attendait guère
> A voir la Bible en cette affaire;

e menos ainda se podia esperar o que nos diz do livro biblico. Ou recebeis o livro, como deve fazer um catholico, isto é, em seu sentido mystico e superior, e em tal caso não podeis chamar-lhe erotico; ou só o recebeis no sentido litterario, e então nem é poesia, nem é de Salomão; é drama e de auctor anonymo. Ainda, porém, que o acceiteis como um simples producto litte-

rario, o exemplo não serve de nada. Nem era preciso ir á Palestina. Tinheis a *Sysistrata*; e si a *Lysistrata* parecesse obscena de mais, podeis argumentar com algumas phrases de Shakespeare e certas locuções de Gil Vicente e de Camões. Mas o argumento, si tivesse differente origem, não teria differente valor. Em relação a Shakespeare, que importam algumas phrases obscenas, em uma ou outra pagina, si a explicação de muitas dellas, está no tempo, e si a respeito de todas nada ha systematico? Eliminae-as ou modificae-as, nada tirareis ao creador das mais castas figuras do theatro, ao pae de Imogene, de Miranda, de Viola, de Ophelia, eternas figuras, sobre as quaes hão de repouzar eternamente os olhos dos homens. Demais, seria mal cabido invocar o patrão do romantismo para defender os excessos do realismo.

Gil Vicente uza locuções que ninguem hoje escreveria, e menos ainda faria repetir no theatro; e não obstante as comedias desse grande engenho eram representadas na côrte de d. Manuel e d. João III. Camões, em suas comedias, tambem deixou palavras hoje condemnadas. Qualquer dos velhos chronistas portuguezes emprega, por exemplo, o verbo proprio, quando trata do acto, que hoje designamos com a expressão *dar á luz*; o verbo era então polido; tempo virá em que *dar á luz* seja substituida por outra expressão; e nenhum jornal, nenhum theatro a imprimirá ou declamará como fazemos hoje. A razão disto, si não fôsse obvia, podiamos apadrinhal-a com Macaulay: é que ha termos delicados num seculo e grosseiros no seculo seguinte. Accrescentarei que noutros casos a razão póde ser simplesmente tolerancia do gosto.

Que ha, pois, commum entre exemplos dessa ordem e a escola de que tratamos? Em que póde um drama de Israel, uma comedia de Athenas, uma locução de Shakespeare ou de Gil Vicente justificar a obscenidade systematica do realismo? Differente coisa é a indecencia relativa de uma locução, e a constancia de um systema que, usando aliás de relativa decencia nas palavras, accumula e mescla toda a sorte de idéas e sensações lascivas; que, no desenho e colorido de uma mulher, por exemplo, vae direito ás indicações sensuaes.

Não peço, de certo, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrario, alguma coisa ha no realismo que póde ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas saír de um excesso para caír em outro, não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção.

Um dos meus contendores persuade-se que o livro podia ser expurgado de alguns traços mais grossos; persuasão, que no primeiro artigo disse eu que era illusoria, e porque. Ha quem vá adeante e creia que, não obstante as partes condemnadas, o livro tem um grande effeito moral. Essa persuasão não é menos illusoria que a primeira; a impressão moral de um livro não se faz por syllogismo, e si assim fósse, já ficou dito tambem no outro artigo qual era a conclusão deste. Si eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influencia moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, si algum tem, qualquer que seja a extensão da catastrophe, uma e outra coisa são inteiramente destruidas pela viva pintura dos factos viciosos: essa pintura, esse aroma de alcova, essa descripção minuciosa, quasi technica, das relações adulteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará á ultima pagina, sem fechal-o, e tornará atráz para reler outras.

Mas não trato disso agóra; não posso siquer tratar mais nada; foge-me o espaço. Resta concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras da nossa lingua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embóra no verdor dos annos. Este messianismo litterario não tem a força da universalidade nem da vitalidade; tráz comsigo a decrepitude. Inflúe, de certo, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas acceitas, mas corrigir o excesso de sua applicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificassemos a verdade esthetica.

Um dos meus contendores louva o livro do sr. Eça de Queiroz, por dizer a verdade, e attribue a algum hypocrita a maxima de que nem todas as verdades se dizem. Vejo que confunde a arte com a moral; vejo mais que se combate a si proprio. Si todas as verdades se dizem, porque excluir algumas?

Ora, o realismo dos srs. Zola e Eça de Queiroz, apezar de tudo, ainda não esgotou todos os aspectos da realidade. Ha actos intimos e infimos, vicios occultos, secreções sociaes que não pódem ser preteridas nessa exposição de todas as coisas. Si são naturaes para que escondel-os? Occorre-me que a Voltaire, cuja eterna mofa é a consolação do bom senso, (quando não transcende o humano limite), a Voltaire se attribue uma resposta, da qual apenas citarei metade: *Très naturel aussi, mais je porte des culottes*.

Quanto ao sr. Eça de Queiroz e aos seus amigos deste lado do Atlantico, repetirei que o auctor do *Primo Bazilio* tem em mim um admirador de seus talentos, adversario de suas doutrinas, desejoso de o ver applicar, por modo differente, as fortes qualidades que possúe; que, si admiro tambem muitos dotes do seu estylo, faço restricções á linguagem; que o seu dom de observação, aliás pujante, é complacente em demasia; sobretudo, é exterior, é superficial. O fervor dos amigos póde extranhar este modo de sentir e a franqueza de o dizer. Mas então o que seria a critica?

ELEAZAR.

(1) S. SARAIVA, (*Gazeta de Noticias* de 20 de abril); AMENOPHIS-EFFENDI, (Idem, 24).

SCIENCIA E INDUSTRIA

Um acampamento prehistorico — Pegádas humanas de milhares de annos — O pithecauthropus — As observações.

Nos arredores de Warrnambool, pequeno porto do Estado da Victoria, na Australia, se encontraram, num bloco de gres, marcas de pegádas humanas de epocha muito remota. Essas pegádas fôram submettidas em molde ao exame do sabio paleontologista allemão Klaatsch, da Universidade de Heidelberg, o qual verificou nella vestigios prehistoricos.

Para affirmar essa hypothese, o grande scientista foi a Warrnambool, e acaba de publicar o resultado de suas investigações. Considera elle que houve, em epocha remontando a milhares de annos, formações de gres que constituiram o terreno de acampamento de raças prehistoricas da Australia que, com a Tasmania, fazia

parte do grande continente antarctico dilatado até o Oceano Indico, ligando a Australia á Asia e Africa.

O dr. Klaatsch descobriu no mesmo logar, vestigios de uma grande ave de especie extincta.

Quanto ás pegádas humanas, elle as filia ás observações feitas em craneos humanos, conservados no museu de Warrnambool e não está longe de admittir a existencia prehistorica, do *pithecauthropus* na Australia.

***

A edade da Terra conforme os physicos, astronomos e geologos — Calculos derivados da descoberta da radio-actividade da materia—Os dados precisos.

A sciencia obteve o anno passado o mais assignalado triumpho no campo da geologia, determinando sobre bases precisas a enorme edade da Terra.

A recente descoberta da radio-actividade da materia deu grande desenvolvimento á concepção do mundo e influiu extraordinariamente sobre o estudo do nosso planeta, dando á geologia novas armas, abrindo-lhe novos horisontes. Quanto á edade da Terra, mathematicos, physicos, astronomos estão de accordo, acceitando os algarismos fixados pelos geologos.

Ha um seculo, William Smith descobriu a chave de uma escala geologica do tempo de formação das rochas e dahi data o nascimento da geologia moderna. O primoroso espirito de Lyell consumiu um quarto de seculo para pôr em pratica a idéa, chegando a um passado muito mais remoto do que o deduzido dos livros sagrados, especialmente da Biblia. De 6.000 annos os calculos dos geologos subiram a 100.000 e deste algarismo a 50 milhões de annos para as rochas stratificadas.

Isto suscitou uma forte controversia entre a sciencia e a religião; mas, afinal, sabios e padres chegaram a um accordo pratico.

Os dados para o calculo da edade geologica são de duas especies: uma, physica e astronomica; outras, de caracter puramente geologico, creando duas escolas que chegaram a conclusões divergentes. Os physicos limitavam a edade da Terra a 20 milhões de annos; os geologos chegavam a 100 milhões.

Como conciliar essa enorme discrepancia? A resposta dos physicos a essa questão é um dos maiores triumphos da sciencia moderna.

Na sua mensagem como presidente da Associação, para o desenvolvimento das sciencias, o professor Harkness comprova o methodo de trabalho dos physicos e dos geologos. «Com os dados mais precisos — disse elle — os methodos de astronomia attingem os mais exactos resultados. A mathematica é um moinho que tritura excessivamente fino, mas o seu producto depende, totalmente, da materia prima moída. Si os dados são incertos, como succede em todos os problemas cosmologicos, ha pouco a escolher entre a mathematica dos astronomos e as hypotheses dos geologos.» Ambas as deducções são questões de logica e as conclusões pódem ser egualmente acceitaveis.

O geologo computa o tempo geologico por meio de methodos independentes. Um dos mais importantes meios de calculos dessa ordem é a consideração da espessura total das rochas stratificadas; a proporção da accumulação sendo derivada do modo por que se operam actualmente os depositos nas margens oceanicas dos continentes. Outros calculos são baseados na proporção das erosões durante um certo periodo geologico, como desde o fim do ultimo periodo glacial. Mas os methodos, puramente physicos ou astronomicos, contrastam com aquella maneira de deducção. O calculo do resfriamento da Terra ou a força com que o seu calor irradia no espaço, são susceptiveis de expressão mathematica. A influencia da fricção das marés fórma outra base do calculo. A terceira consideração é a proporção com que o sol expede o calor.

Desses calculos empregados por varios scientistas resultavam para o periodo archeosoico 23 milhões de annos, para o proteagorico, 38; para o paleozoico, 28; para o mezoico, 8; para o cenozoico, 3; dando o total de 150 milhões de annos.

Conforme dados physicos e astronomicos, o calculo do tempo decorrido desde a stratificação das rochas, é de 10 a 20 milhões de annos. Lord Kelvin e Clarence King dão esses algarismos como seus resultados definitivos. Tait concorda sómente com o primeiro calculo; George Darwin, tomando em consideração o retardamento da rotação da Terra pela fricção das marés, concluiu que cerca de 50 milhões de annos tinham decorrido da epocha da separação da Lua da Terra.

Desde a maravilhosa descoberta do radium, algumas das nossas idéas concernentes ao aspecto cosmico da Terra, soffreram alterações revolucionarias.

Nenhuma concepção experimentou evolução mais fundamental do que a operada na doutrina do resfriamento do Globo, a qual fôra permanente preoccupação dos physicos — a Terra, um globo que se resfriava e que se aquecia por si mesmo. — Ninguem contestava essa verdade, até que a descoberta da radio-actividade transformou tudo — methodos, doutrinas, conclusões, com os maiores fóros de authenticidade e certeza.

Quanto á edade da Terra, os physicos agóra, não sómente admittem que os seus ultimos calculos de 10 a 20 milhões de annos são exiguos, como propendem a acceitar os mais avantajados calculos dos geologos.

George Darwin affirma, relativamente á evolução historica da Terra, que não é excessivo suppor que 500.000 a 100 milhões de annos tenham decorrido desde o nascimento da Lua.

***

Agua iodada como antiseptico. — Seu emprego na cirurgia. — O que, recentemente, preconiza um illustre professor italiano.—As suas investigações.

O iodo é um dos melhores agentes antisepticos, empregado em cirurgia, desde o dia da sua descoberta.

Em solução alcoolica, sob a fórma de tintura, a sua applicação é muito dolorosa, irritante, de maneira que não é possivel empregal-o numa ferida, sinão em circumstancias especiaes.

Para attenuar os effeitos irritantes do alcool e do iodo, é este empregado dissolvido n'agua, addicionando-se-lhe iodoreto de potassa. A solução se emprega assim sem dôr.

Um cirurgião italiano preconiza a agua iodada como antiseptico, não só sobre feridas recentes como no curso das operações, servindo-se de agua iodada pura, sem addições, preparada no momento do emprego. Elevado a uma temperatura de 55 a 60° elle constitúe um dos melhores desinfectantes conhecidos. Nessa temperatura de 55°, a agua dissolve cerca de 1/2 % (0,65) de iodo, proporção sufficiente para destruir todos os germens morbidos, sem irritar as feridas recentes. Permanece, todavia, como condição essencial de successo empregar soluções frescas, feitas no momento.

A LIVRARIA

«O Allemanismo no Brazil», por Sylvio Roméro.—Rio de Janeiro.

O auctor destas linhas foi dos que receberam, sinão encomiasticamente, ao menos com a mais accentuada sympathia um livro que appareceu o anno passado, *A America Latina*, do dr. Manoel Bomfim.

O illustre sr. Sylvio Roméro, fazendo a critica da obra em questão, por estas mesmas columnas dos *Annaes*, maltratou energicamente, chamando-os de ignorantes e não sei mais que, quantos receberam esse livro.

Não tenho a vantagem de pertencer

a nenhum *clan* litterario, e fôram os que constitúem as eternas rodas de elogio mutuo, a que o mestre julga pertencer o dr. Bomfim, que elle principalmente vizou.

Não importa para o caso, no emtanto, que o famoso critico me houvesse alvejado ou não num dos seus impetos habituaes de homem em quem não está falar nunca desapaixonadamente do que quer que seja.

Não importa porque o que eu quero dizer aqui, a proposito da questão, é apenas que o *Allemanismo no Brazil*, um opusculo publicado agóra pelo sr. Sylvio Roméro, merece-me a mesma sympathia com que recebi *A America Latina*, do seu distincto comprovinciano.

São trabalhos estes dos mais indispensaveis entre nós no momento actual. E' precizo que o Brazil inteiro se convença de que a epocha dos expedientes passou; que, ou trabalhamos, de verdade, e nos mostramos capazes, sem mais delongas, ou então inevitavelmente succumbimos, por um modo ou outro. Esta, tudo faz suppôr, váe ser a epocha mais decisiva dos nossos destinos como nação entre quantas temos atravessado até aqui.

O Allemanismo no Brazil representa um trabalho de primeira ordem especialmente deste ponto de vista: quem o tenha lido não póde mais duvidar que haja um plano assentado da constituição de uma Allemanha Antarctica nas mais bem situadas das nossas terras do sul.

Filho de um Estado comprehendido nessa zona, tenho acompanhado um pouco a vida das colonias que na Allemanha se espera sejam a cellula central da expansão futura.

E' minha convicção que por emquanto se trata de homens cujos intuitos não pódem ser mais pacificos e beneficos, geralmente falando. Quem quizer conhecer escola de trabalho productivo e honesto vá se encontrar com os nossos hospedes germanicos que o sul teve a felicidade de ir recebendo desde que suas terras fôram se tornando mais bem conhecidas na Europa.

Ha, entre nós, filhos de allemães que mal comprehendem o idioma paterno, casados na sociedade brazileira, sem nenhuma preoccupação pela Allemanha, tão bons brazileiros como quem, dentre nós, melhor o seja. Não conheço descendente das actuaes superiores raças européas mais despreconceituosos em relação á sua patria de origem do que esses filhos de allemães nascidos aqui no Brazil.

Não é sómente lá para o sul que se póde ter occasião de verificar esse facto. Aqui mesmo no Rio de Janeiro, e alli perto, em Petropolis e Theresopolis, ha um bom numero desses nossos patricios em quem se nota exactamente a mesma coisa.

Eu visinho com uma familia de origem allemã, pelo lado materno. A dona da casa, que já nasceu no Brazil, ainda tem mãe viva, vinda em creança das margens do Rheno. A respeitavel senhora não esqueceu a lingua patria; a filha fala mal, mas ainda fala e entende o allemão: seus filhos, porém, não sabem uma palavra siquer do rico e formoso idioma.

Isso em referencia aos netos e filhos de allemães. Mas é precizo dizel-o, e o sr. Sylvio Roméro não desconhece o caso: trata-se de netos e filhos de allemães nascidos em cidade, e ainda assim em cidades onde o elemento predominante não seja o allemão. Nas colonias propriamente ditas, porém, e nas cidades em que elles são os individuos de mais importancia local, ao menos pela fortuna, ahi as coisas se encontram differentes.

Ha localidades em Santa Catharina onde os colonos e algumas vezes os filhos de colonos allemães não aprendem o portuguez porque não precizam. Pódem passar a vida inteira no Brazil, si não saírem de suas localidades, conhecendo apenas um reduzidissimo numero de vocabulos nossos, como, por exemplo, o que é indispensavel saber dos idiomas indigenas falados no Senegal a um francez que vá residir naquella sua colonia. E' antes o brazileiro morador no local que váe aprendeudo, por necessidade, o allemão.

Isso não quer dizer, entretanto, que taes colonos tenham acceitado um plano estabelecido de antemão na Europa, e a elle conscientemente obedeçam, plano de traição contra a terra que váe ser a de seus filhos e já o está sendo mesmo, em grande numero de casos.

Varios allemães tenho conhecido aqui no Brazil opposicionistas ao *kaiser* prussiano, que, como todos sabem, governa um imperio nascido outro dia, sendo de hontem a unificação da Allemanha. Quem assiste de longe ao espectaculo do incontestavel grande progresso em que váe o paiz, não apprehende as particularidades, as luctas intestinas que lá existem ainda, as competencias pelo poder entre os representantes dos governos totalmente autonomos de outr'óra e o absorvente, incontentavel soberano da federação moderna, que os váe despojando aos poucos de prerogativas e regalias conservadas pelas transigencias indispensaveis nas negociações iniciaes. Os subditos desses reinos e principados decaídos tomam tão a peito essas questões, que ellas intibiam muitas vezes o seu enthusiasmo pelo novo imperio, até mesmo depois de transporem o oceano e sob a influencia da distancia, que geralmente nos deixa tão optimistas em favor do objecto abandonado.

Mas mesmo os que não teem essas nem outras razões para estar descontentes com a sua patria politica actual, são homens quasi todos que pensam mais em sua vida, nos seus negocios e interesses immediatos do que no missionismo das raças ou coisas theoricas como esta, que lhes não offerecem vantagem pratica immediata nenhuma.

Por outro lado, elles não pódem deixar de soffrer, seja como fôr, a influencia distensiva dos nossos vastos horizontes. Só a grandeza do scenario que este continente representa, em comparação com a estreiteza e deficiencia da Europa, do ponto de vista do territorio e dos nossos recursos naturaes, modifica seriamente os homens, mesmo os que ainda não tenham nascido aqui, uma vez que entre nós se demorem. Dentro em pouco, elles se sentem com outra comprehensão da vida e deixam de ser intactos europeus por isso mesmo.

Pensar que, na sua maioria, esses homens desejam actualmente ser subditos do imperador da Allemanha nestas novas terras, depois que o tenham ajudado a conquistal-as pelo ferro e pelo sangue, e que nos hajam destruido a nós como uns mollengos hodiernos aztekas, é não comprehender a evolução das idéas humanas do seculo XVI para cá. A epocha é caracteristicamente industrial; o militarismo representa mais um supplicio, uma dura *corvée*, como dizem os francezes, do que uma paixão entre os modernos.

E' precizo não ter vivido perto desses homens ou então ser incapaz de modificar uma idéa preconcebida mesmo deante da observação, e do que se sente na atmosphera propria, — o que é mais importante ainda,—para nestes pontos ter opinião diversa em relação ás colonias de europeus entre nós, geralmente falando, trate-se de allemães ou de outro povo qualquer.

O que o europeu não póde perder de um dia para outro são os seus uzos e costumes, sua lingua, sua religião, tanto mais quanto pertença a uma raça inteiramente distincta da nossa, como acontece com os allemães. Além disso, a esse respeito obedece-se mais uma vez á lei do menor esforço. E' natural que um homem prefira viver num paiz estranho sem saír dos habitos em que nascera, uma vez que lhe seja isso possivel.

E' claro, si acontecer que afinal esses habitos venham a predominar sobre os do aborigene, e até os immigrados, com a sua influencia, sobre os destinos da região ou do paiz, isso lhes será ainda mais agradavel e pre-

ferivel. Nesse caso, é natural que elles acabem por fazer uma completa absorpção daquella terra.

E é esse o maior perigo, quasi que o unico *perigo real* que resulta para nós da immigração italiana em S. Paulo, como da immigração allemã no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul, conforme, relativamente aos ultimos, opina o nosso eminente escriptor.

Elle o vê e expõe com uma logica e clareza perfeitas, consistindo nisso principalmente a originalidade do seu trabalho. Este differe, por isso, de quantos exaggeram e falseiam as coisas, victimas das suggestões francezas, norte-americanas e britannicas, que não devemos desprezar, mas saber que são forjadas principalmente com o fim de oppôr embaraços á acção industrial da Allemanha, acção essa de uma efficacia surprehendente em toda parte do mundo onde se váe fazendo sentir.

Como na Allemanha, ha hoje na Italia um grupo de espiritos dirigentes que acabaram por encarar o problema do seu verdadeiro ponto de vista, espiritos que teem como idéal menos o esbulho directo e pela força, aqui na America do Sul, do que a sobrevivencia do povo italiano nesta parte do continente, pela lingua e pelos costumes, sobrevivencia que basta por si só para garantir á mãe-patria vitalidade moral e as vantagens industriaes de novos e vastos mercados para os excessos da sua producção.

O perigo não está em que possamos a vir a ser colonia de novo, mas em que façam desta terra ou de algumas de suas partes o que fizeram os boers no Transvaal, que se creem Estados independentes constituidos por outras raças e em que se fale outra lingua que nos seja completamente estranha.

Desde 1825, historía o notavel auctor do *Allemanismo no Sul do Brazil*, que começou a immigração allemã para aqui e ha muitos annos, em 1881, que se fundou a importantissima Associação de Protecção Nacional em Berlim para a propaganda do *Deutschtum* (o germanismo), logo com as vistas voltadas para o nosso paiz, perfeitamente informados os seus membros da situação em que se achavam as colonias allemães da America do Sul.

E' precizo ler o opusculo para ficar bem ao par da acção pertinaz e productiva que essa associação tem exercido no que respeita aos interesses da Allemanha aqui no Brazil.

A prova, no emtanto, notarei, de que não são exclusivamente os esforços dos homens theoriços que hoje em dia influem em assumptos desta ordem, mesmo que elles disponham de grandes recursos, é que apezar de tudo, de ha uns annos a esta parte não tem sido das mais consideraveis a immigração allemã para cá. Os immigrantes nem sempre obedecem á senha official ou officiosa. Procuram de preferencia os pontos onde se lhes offerecem melhores vantagens e garantias na occasião, sem se preoccuparem muito com as grandes perspectivas para dahi a vinte cinco annos e ainda menos para dahi a um seculo contado.

A razão dessa relativa calmaria está em que a difficuldade e elevadissimo preço dos nossos transportes por emquanto, lá no sul, não permitte um desenvolvimento industrial e agricola que proporcione emprego lucrativo a um numero de braços muito maior do que dispomos actualmente lá. Por esse motivo é que a Argentina e o Uruguay exercem maior attracção sobre as correntes immigratorias neste instante do que nós outros em qualquer parte do Brazil.

Com a construcção das estradas de ferro, porém, que já se está realisando e a de outras em via de inicio, assim como com os melhoramentos de portos que se vão fazer, dentro em pouco entraremos numa epocha de actividade e desenvolvimento ainda sem exemplo naquellas regiões.

Ahi, então, inevitavelmente, o perigo, por emquanto menos grave do que a espiritos mais apprehensivos parece, tornar-se-á verdadeiramente serio, si fôrmos tão incapazes como temos sido até hoje para evital-o com a calma resoluta e os processos licitos que o bom senso e já mesmo a pratica nos estão eloquentemente indicando.

Na ultima parte do seu resumido, mas excellente trabalho, o sr. Sylvio Roméro expõe o modo de ver que tem a este repeito. São coisas a discutir, a modificar, a desenvolver, a converter em factos por fim, como a nossa capacidade, a linha de conducta da raça e o momento aconselharem ou permittirem.

O que não é possivel, de todo, é que continuemos na criminosa inercia de até hoje—attestado de uma inepcia e inopia de sentimentos que, a persistir, seriam a causa principal de uma merecida catastrophe para a nossa raça nesta parte do continente.

NUNES VIDAL.

O ALMIRANTE (81)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

Esse nome, proferido em disfarçado tom de malicia, provocou um espasmo de surpreza. Hortencia firmou as mãos crispadas nos braços da cadeira num movimento para erguer-se, sustado pelos olhos prescrutadores de Oscar, fitos no rosto della, subitamente descolorido ao abalo da cruel noticia.

— Não póde ser.. — exclamou Hortencia.

— Porque? — inquiriu Amelia, no mesmo accento, friamente intencional.

— Sim — continuou Hortencia, escolhendo os termos, corrigindo a irrepressivel explosão de sinceridade — Sim, é possivel.. Tudo é possivel... Será um excellente enlace...

— Não ha duvida — interrompeu a marqueza — O Sergio é um bom partido, apezar das suas idéas muito radicaes.

—A mim, a revelação desse segredo de amor — proseguiu Amelia — me cauzou tambem surpreza. E Laura, percebendo que lhe devassava o coração innocente, ficou tão commovida, tão perturbada, que eu não quiz insistir para, com os meus direitos de irmã mais velha, obter uma confissão completa. Que lhe parece, Oscar?...

O almirante quasi não ouvia as palavras de Amelia. Todo o seu pensamento, a alma que lhe transluzia nos olhos avidos, se concentravam em Hortencia, prescrutando-lhe as mais ligeiras contracções do rosto, denunciadoras do verdadeiro effeito daquella revelação. Elle sabia das relações de funda, de espontanea sympathia que, havia muito, estabeleceram entre os dois, laços mais solidos que os de uma amizade vulgar, relações que se não poderiam quebrar sem dilacerar os corações. Elle fitava o rosto de Hortencia como si procurasse decifrar nelle uma pagina do destino.

— Estava longe — murmurou Oscar — de pensar nisso. Confesso que é para mim uma noticia muito agradavel. Será Laura correspondida?...

— Não sei — respondeu Hortencia — Verificaremos quando Sergio de Lima voltar do norte. Isto que lhes disse fica entre nós.. Póde ser que eu tenha julgado mal, que eu me tenha enganado... Em todo o caso, não me imputarão como leviandade, impropria dos meus cabellos brancos, o facto de lhes haver communicado a minha impressão. Somos todos amigos que devemos ficar muito satisfeitos com uma noticia dessas.

— Quem diria? — ponderou a marqueza — Eu percebera que o Sergio não desgostava de Hortencia; inclinações da juventude, passageiras impressões que desapparecem sem deixar vestigios... Agóra, minha querida filha, podemos recordar o teu idylio de menina; não ha perigo, uma vez que estás casada... e és feliz...

A marqueza, sem querer, distillava, gotta a gotta, no peito de Hortencia, o venenoso filtro de recordações venturosas dos dias passados na fazenda,

dias em que despontára nella a primeira florescencia do amor.

Houve um longo espaço de silencio. Amelia sorria satisfeita do embaraço da irmã, com superior desdém ao dardo dos olhares que esta lhe projectava em intermittentes fulgores maguados, misturados de indignação, de suffocada colera.

— Sim. Feliz... — exclamou Hortencia, num resoluto movimento, erguendo-se e tomando as mãos do marido—Não é assim, Oscar... Seremos muito felizes...

Amelia conteve um gesto de surpreza, mordeu ligeiramente os labios lividos e repetiu num aspero tom de amargura :

— Muito felizes. Não ha duvida. Mas não me faças inveja com a tua ventura.

Oscar sorriu, acolhendo a esposa carinhosamente.

—Ia-me passando—continuou Amelia — que Dolores virá hoje vel-os. Recebemos hoje os cartões de despedida da baroneza de Freixo. Coitada ! Está tão mal que não pôde ir pessoalmente despedir-se de nós. Embarcam para a Europa, depois de amanhã. Disse-me Dolores que a pobre está de uma magreza de esqueleto. Não imaginam como Dolores ficou impressionada.. Esta parece tambem muito doente. Metteu-me tanta pena que lhe perdoei as faltas... Bem sabem que nunca accommodei as suas maneiras um tanto desenvoltas... de mulher da moda... Ah ! minha querida marqueza : si a vir, ficará como eu, consternada... Restam-lhe, todavia, os olhos, os bellos olhos meigos e o talhe mais elegante, adelgaçado pela molestia. E' ainda, repito, um bello demonio.

Rompendo os seus habitos de rigida serenidade, Amelia falava com volubilidade, como si haurisse um gozo ineffavel em rememorar os soffrimentos daquellas pessôas da intimidade da marqueza. Esquecera a scena de humilhação em que repellira Dolores no dia do desastre de Oscar; chegára mesmo a arrepender-se da crueldade com que a tratára, acolhendo-a com bondade a creatura que partilhava a decepção infligida a ambas pelo inopinado casamento de Oscar. Dolores era uma victima e a repugnancia que lhe inspirava se transformára em compaixão porque Amelia comprehendia, então, que uma mulher apaixonada era capaz de todas as baixezas, de todos os heroismos, sem preoccupação dos dictames da moral, do juizo da sociedade. Ella percebera nas palavras de Dolores, a tortura do coração flagellado pela desillusão, embóra elle a rebuçasse com toda a arte da dissimulação feminina.

Quando ella lhe pediu noticias de Oscar, allegando estar tão magra, tão feia, que não ouzava apparecer no palacio da marqueza, Amelia animou-a, propondo-se a acompanhal-a, mas Dolores esquivou-se promettendo apparecer mais tarde, á noite, quando seriam menos evidentes os estragos que a desfiguravam.

Tanto que ella a deixou, Amelia foi ao espelho, mirou-se assombrada por lhe parecer que se reflectia nas faces pallidas, nos olhos vibrantes, na bocca resequida, contraída num rictus de amargura o tumulto de sua alma, duramente castigada. Ella tivera nas mãos a ventura sonhada, poderia acceitar a proposta do padre Paulo ; dependera de uma palavra de consentimento o seu enlace com Oscar. E fechára, sem piedade, num cruel movimento de orgulho, a perspectiva de suas aspirações, o anhelo mantido como um culto durante a juventude que sentia, agóra, fugitiva.

O ambiente abafava ; os moveis, os ornatos elegantes, os vasos de porcellana se lhe figuravam animados de ironica piedade, testemunhando o soffrimento que a torturava. Nesse estado d'alma, ella resolvera defrontar corajosamente a situação, procurar o sitio que lhe inspirava horror, a casa onde se realizára o monstruoso crime do enlace da irmã com esse moribundo, milagrosamente restituido á saúde, pôr á prova a sua energia, atordoar-se com a dôr, fazer soffrer os outros, como si encontrasse um lenitivo nessa crueldade inutil de mortificar a irmã ambiciosa.

Sem communicar a Laura, evitando encontrar-se com a mãe, que, havia pouco, chegára e conversava com o conselheiro no gabinete, onde este resolvia os transcendentes problemas de historia nacional, Amelia partiu a pé, vencendo a distancia em rapida marcha, contando dissimular com os effeitos da fadiga os vestigios de grande magua irreparavel.

(Continúa).

DEIXOU A REDACÇÃO do *Correio da Manhã* o sr. Leão Velloso, cuja penna, ao serviço diario da primeira columna do eminente jornal, nol-o revelou como um dos nossos mais poderosos jornalistas.

Abaixo, váe reproduzida a gentilissima local, edição de 14 deste, em que os nossos illustres collegas informaram esse facto ao publico. E' ocioso salientar a sensação que ella cauzou, não, de certo, em prejuizo do caracter do magnifico escriptor, mas em perfeita e natural consideração á inflexivel inteireza com que o *Correio* mantem o seu programma.

A ninguem, com effeito, póde ser indifferente a elevação de intuitos dessa medida, porque, não lhe faltando as mais limpidas razões, constitúe uma prova nova, e estupenda, dos puros, dos honestos sentimentos de patriotismo que dirigem a infatigavel batalha desse jornal. Sem nenhuma ligação aos grupos da politica brazileira, o *Correio* não podia, sem quebra do seu programma, tão rigorosamente, tão irreductivelmente cumprido até hoje, manter, na sua redacção, o brilhante jornalista que, em virtude da sua intimidade com os «politiqueiros» do chamado *Bloco*, era um entrave áquella fulgurante liberdade de acção a que este paiz deve tão gloriosos e preciosos serviços.

A deliberação dos nossos prezados collegas, que importou—elles o disseram—em sacrificio da sua grande e notoria affectividade para com o seu querido *Gil Vidal*, é, de facto, como todos aliás reconhecem, mais um documento publico, inteiramente bello, a assegurar a incomparavel firmeza de principios com que essa honrada folha leva o seu rumo atravéz da vida nacional.

*

«Deixou de fazer parte da redacção do *Correio da Manhã*, o dr. Pedro Leão Velloso filho, deputado ultimamente eleito pelo 4º districto da Bahia.

Durante cinco annos, dia a dia, com uma constancia admiravel e um talento de fecundidade e brilho incomparaveis, o dr. Leão Velloso filho conquistou, na primeira linha do jornalismo brazileiro, um nome que é uma gloria para elle e era para nós motivo justissimo de orgulho.

Nessa casa, que tantas vezes elle dirigiu com dedicação e exemplarissima lealdade, o dr. Leão Velloso foi a principio um companheiro querido. Tornou-se depois o mestre amado, e foi, por muitas vezes, o chefe valoroso, a que abedeciam todos com galhardia e bravura, porque elle dispõe desta formidavel força, rarissima na imprensa de hoje : é uma penna de ouro, do mais puro quilate, que nunca se asevandijou ao serviço de um interesse impuro.

Aqui, entre nós, numa communhão de affectos que nunca se hão de partir, elle conheceu as glorias e os soffrimentos do jornalismo ; foi combatido e acclamado, até que conseguiu a invejavel supremacia, que ninguem agóra lhe disputa.

A politica, para onde o impelliram as suas ultimas luctas, o foi seduzindo aos poucos, até que o empolgou de todo.

Hoje, o dr. Leão Velloso é uma das figuras mais sympathicas e valorosas do *Bloco*, que obedece á direcção do general Pinheiro Machado. Quando vimos o brilhante jornalista vinculado a esse ajuntamento de politiqueiros, desde logo nos sentimos incompativeis com elle, sem embargo da justiça que fazemos á nobre elevação do seu caracter e da ampla liberdade que elle tinha nesta folha.

A saída do dr. Leão Velloso, para nós, não é sómente uma perda irreparavel : é um sacrificio, uma dolorosa separação, a que bem difficilmente nos havemos de costumar.»

XADREZ

TEICHMANN E CALDAS VIANNA

No Club dos Diarios.—A segunda partida com o dr. Caldas Vianna: empate. — Um problema de Teichmann. — Uma variante do Ruy Lopez. — Opinião de Teichmann sobre o dr. Caldas Vianna. — Nove partidas simultaneas.—Manifestações a Teichmann.

A segunda partida jogada entre Teichmann e o dr. Caldas Vianna teve uma grande solemnidade e as suas peripecias verdadeiramente sensacionaes fôram acompanhadas com o mais vivo interesse por uns 30 amadores, que fôram ao Club dos Diarios attraídos pela noticia.

A's 9 horas e 20 minutos da noite teve começo. Teichmann tinha as Brancas e abriu com a fortissima partida viennense, que jogou, segundo elle mesmo declarou, com as variantes mais difficeis, que elle costumava uzar com os grandes mestres, nos torneios. Os 14 primeiros lances fôram rapidos: em 10 minutos, esta primeira phase da partida foi liquidada. Então começou, de parte a parte, o jogo sério. Os lances de 15 a 20 gastaram 50 minutos. Em uma hora, fôram jogados os 9 seguintes e em mais uma hora os tres immediatos, adiando-se a partida no 32º lance, ás 12 e 20 minutos da manhã. Os seis ultimos fôram sobretudo difficeis para Teichmann, que teve de soffrer um ataque terrivel, a que qualquer outro, que não fôsse elle, succumbiria. No dia seguinte, ás 8 horas e 50 minutos da noite, a partida, interrompida no 32º lance, recomeçou. Fôram na primeira hora jogados 9 lances e os 14 ultimos em 25 minutos. No 49º lance Teichmann propoz o empate, que não foi logo acceito, mas que, 4 lances depois, era fatal.

O jogo do dr. Caldas Vianna foi estupendo; as suas respostas eram de uma precisão magnifica e attendiam admiravelmente a todas as subtis aggressões do seu formidavel adversario. Teichmann foi maravilhoso nos momentos difficeis. Adeante publicamos essa extraordinaria partida com os commentarios que ella suggere.

— Teichmann tem estado diariamente no Club dos Diarios, attendendo com a sua incomparavel gentileza a todos os amadores que delle querem receber uma lição ou um conselho. E' dotado de uma esplendida memoria e sabe de cór um sem numero de problemas muito curiosos e fins de partidas difficillimos. Elle mesmo é, como já dissemos, um forte problemista, e o problema delle, que hoje damos, é uma obra d'arte de alta belleza, pela originalidade da inicial e a surprehendente concepção das variantes.

—O dr. Caldas Vianna, em conversa com elle, recommendou-lhe uma variante do Ruy Lopez, que se podia empregar com vantagem na antiga defeza dessa abertura; elle a achou tão curiosa e interessante, que prometteu estudal-a e empregal-a no torneio de Ostende, no proximo mez de junho.

— Interpellado por um dos amadores, o prof. Teichmann, apezar da discreção e da reserva com que aborda esses assumptos, declarou que não tinha encontrado em Buenos, Aires nenhum adversario da força do dr. Caldas Vianna.

— No dia 12 de maio, Teichmann deu uma nova sessão de 9 partidas simultaneas, com o resultado de duas nullas com Quintino Bocayuva Junior e F. Leloir e 7 ganhas a Theophilo Torres, Raul de Castro, Ribeiro de Almeida, Augusto Silva, Alfredo Ferreira, Annibal da Costa Pereira e Frota Pessôa. A sessão durou pouco mais de 2 horas.

— Nessa mesma noite, terminada a sessão, foi-lhe offerecida pelos amadores uma rica bengala de marapinima, com castão de ouro artisticamente cinzelado. A bengala traz a seguinte inscripção: «Ao professor Teichmann, os amadores de xadrez do Rio de Janeiro. Abril-maio de 1906». Foi o commendador Arthur Napoleão quem se incumbiu da offerta, o que fez nestes termos: «Como eu sou o mais velho e dei as primeiras lições a este (*apontando para o dr. Caldas Vianna*), escolheram-me para vos offerecer este mimo. Acceitáe-o como uma lembrança dos amadores de xadrez do Rio de Janeiro.» O professor Teichmann respondeu simplesmente: «Agradeço e espero em breve tornar a ver-vos». Um *bouquet* tambem lhe foi entregue pelo dr. Caldas Vianna. Depois, as palmas do estylo e uma taça de champagne.

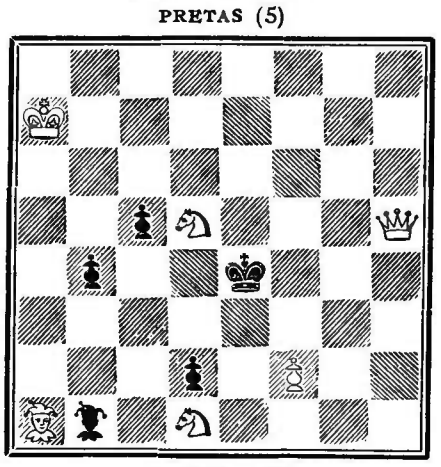
— No dia 13, domingo, os amadores de xadrez offereceram ao professor um almoço no Sylvestre.

***

PROBLEMA N. 47

R. Teichmann

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances

***

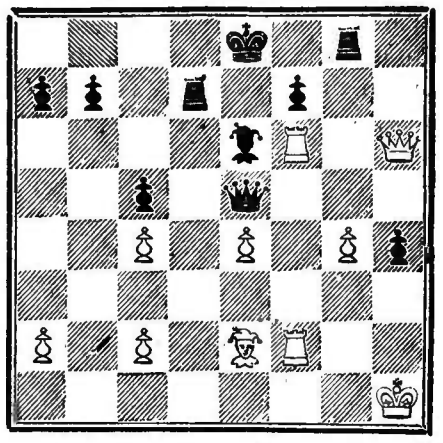
PARTIDA N. 53

(Jogada no Club dos Diarios a 7 e 8 maio de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (R. Teichmann)		*Pretas* (Dr. Caldas Vianna)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B D	— 2 —	C 3 B R
P 4 B R	— 3 —	P 4 D
P × P R	— 4 —	C × P
C 3 B R	— 5 —	B 5 C D
B 2 R	— 6 —	Roque
Roque	— 7 —	C 3 B D
D 1 R (*a*)	— 8 —	T 1 R
P 3 D	— 9 —	P 5 D (*b*)
P × C	— 10 —	P × C
P × P	— 11 —	B 4 B x
R 1 T	— 12 —	C × P
C × C	— 13 —	T × C
B 3 D	— 14 —	T 1 R
B 4 B R	— 15 —	B 3 R (*c*)
T 1 D	— 16 —	B 5 C R
T 2 D (*e*)	— 17 —	D 1 B
D 3 C	— 18 —	P 3 B D
P 3 T R	— 19 —	B 3 R (*f*)
B 5 R	— 20 —	B 1 B R
P 4 B D	— 21 —	P 4 B D ! (*g*)
T 6 B (*h*)	— 22 —	P 3 C R
T 1 B	— 23 —	B 2 C
B × B	— 24 —	R × B
T 4 B R	— 25 —	D 2 B
T (2 D) 2 B R	— 26 —	D 4 R ! (*i*)
D 3 B	— 27 —	T 2 R
P 4 C R (*j*)	— 28 —	P 3 T R
P 4 T R	— 29 —	P 4 C R
T 6 B	— 30 —	P × P
T 4 B	— 31 —	T 1 C R
B 2 R	— 32 —	R 1 B
T 6 B	— 33 —	T 2 D !
D 3 R (*k*)	— 34 —	R 1 R
D × P 6 T	— 35 —	

Depois do 35º lance das Brancas



	— 35 —	D × P R x (*l*)
B 3 B	— 36 —	T 8 D x
R 2 T	— 37 —	D 4 R x
D 4 B	— 38 —	D × D x
T × D	— 39 —	T 8 R
R 3 T	— 40 —	P 3 C D
R × P	— 41 —	T 8 C R
T 2 C R	— 42 —	T × T
B × T	— 43 —	R 2 R
B 5 D	— 44 —	T 1 D
T 4 R	— 45 —	R 3 B
P 4 B x	— 46 —	R 2 R
T 4 R	— 47 —	R 3 B
T 4 B x	— 48 —	R 2 B
T 4 R	— 49 —	T 3 D (*m*)
R 5 C	— 50 —	R 2 D
B × B x	— 51 —	T × B
T × T	— 52 —	R × T
R 4 B	— 53 —	R 3 B
P 5 C x	— 54 —	R 3 C
R 4 C	— 55 —	

empate

(*a*) Para poder avançar o pião da Dama.

(*b*) Com este bom lance as Pretas quebram o centro do adversario, dobrando um pião e isolando outro.

(*c*) O prof. Teichmann concorda com o dr. Caldas Vianna em que este lance é mais seguro que D 2 R.

(*d*) Este lance, na opinião de Teichmann, é uma perda de tempo, porque a sua torre tanto está bem a 1 como a 2 D.

(*e*) Si 17 — B 2 R, D 1 B D.

(*f*) Esta volta do B prestigia a opinião do prof. Teichmann da nota *d*. Elle pensa ainda que o logar desse bispo é a 3 R, onde se acha melhor do que a 3 C, para onde pensou em leval-o o dr. C. Vianna.

(*g*) Magnifico lance que por muito tempo tranca o B R adverso.

(*h*) Naturalmente para ir a 6 T, mas a resposta das Pretas desfaz o plano. O prof. Teichmann pensa que 23 — T 4 B seria muito mais forte, porque então a torre viria com um bello ataque a 4 T.

(*i*) Lance homologo do 21º — P 4 B D: esbarra o pião do Rei, encadeia novamente o B R branco, defende todos os ataques e traz ameaças graves. A Dama nesta posição é inatacavel, inamovivel, na expressão do dr. C. Vianna.

(*j*) Não ha outra coisa a tentar.

(*k*) E' claro que si 34—T × P, B × P C R com superioridade, conjugado este lance com a ameaça de T 8 D.

(*l*) Ambos os mestres são de accordo em que, com este lance, as Pretas deixam escapar uma victoria quasi certa. O jogo era 35... B × P C R

(*m*) O dr. Caldas Vianna não acceita a nullidade proposta e procura ganhar, mas Teichmann joga todo este final de um modo admiravel, assegurando o empate, apezar dos habeis esforços em contrario do seu adversario.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1906 — Num. 82

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não ha dôr maior do que a de coice, quando o paciente tem consciencia de não haver feito por merecel-o.

O nosso amigo, o habilissimo sr. Seabra foi, durante um longo periodo de preponderancia da sua influencia no Governo, o lord protector da olygarchia accyolina; empenhou todo o seu prestigio para attenuar a repugnancia que os donatarios do Ceará inspiravam ao sr. Rodrigues Alves, e auxilial-os no trabalho de se apoderarem de todos os elementos de oppressão, unico meio de se perpetuarem no poder. Por ultimo, quando o sr. Accioly, o patriarcha da terrivel familia, viu frustrados os seus planos com a refórma eleitoral, foi ainda o nosso Seabra quem lhe forneceu a peça principal da machina de degolar o eleitorado da opposição, vencendo a opposição á nomeação do juiz Studart, juiz forca, juiz facão, capaz de todas as monstruosidades para servir os caprichos e ambições dos supraditos donatarios do Ceará.

O alcandorado pagé Accioly hypothecou ao ministro o mais sincero reconhecimento pelos serviços prestados á olygarchia; fez-lhe os mais completos juramentos de fidelidade, em termos tão absolutos que o nosso ingenuo Seabra o incluiu em o numero dos amigos para a vida e para a morte, especialmente para a victoria da chapa da opposição da Bahia.

Sabem os nossos leitores como fôram cumpridas essas fementidas juras? Percebendo que a Colligação se fizera *bloco*, o sr. Accioly mandou o sr. Seabra áquella parte... onde se cultivam as favas da ingratidão; mudou de casaca e virou, com toda a sua bagagem, com todas as armas da sua legião de servís, para o rumo da victoria.

Nada disso, porém, é extraordinario, porque está bem ajustado aos moldes da politicagem sem moral, sem pudor, que passou a ser uma chaga maligna nessas aggremiações carecedoras da seiva do caracter, organismos degenerados em via de necrose generalisada. Em politica, conforme a concepção dos seus próceres, tudo é permittido; todos os crimes, todas as baixezas, todas as cobardias são actos justificados pela victoria. Para ella só ha uma coisa vergonhosa: — a derrota.

Mas a olygarchia cearense está batendo o *record* da torpeza, com um desprendimento dos escrupulos mais humanos; nella se vão colher os instrumentos mais passivos, quando se projecta friamente um crime, como esse da espoliação de uma cadeira na Camara ao candidato legitimamente eleito pelo Paraná; nella se encontram homens que não trepidam em se expôr á execração publica, comtanto que sirvam aos planos dos potentados vencedores.

Ainda mais. Toda a gente, mesmo os mais destituidos de senso moral, apparenta justificações hypocritas aos seus crimes. Não ha christão ou judeu que se não procure escuzar á negra pecha da ingratidão, coisa que os famulos da olygarchia acciolyna consideram a escravidão simplesmente dos sêres inferiores. Elles não se contentam com serem traídores, com faltarem á fé jurada: fazem alarde disso em termos de barbara, de hedionda, de inconcebivel franqueza, capaz de agitar, em arrepios de indignação, as almas mais ferózes.

Querem os nossos leitores uma prova disso; querem uma amostra da degeneração moral daquella despencada gente? Leiam o seguinte vomito, que emplastára o jornal do nosso esperto Accioly, *O Republica* de 30 de abril ultimo:

« A 3ª commissão de verificação de poderes, de que faz parte o dr. Thomaz Accioly e dr. Thomaz Cavalcante, deu parecer unanime reconhecendo deputados pelo 1º districto eleitoral da Bahia, *todos* os candidatos do dr. Severino Vieira, com preterição da chapa do dr. Seabra, CUJA AMIZADE SOUBEMOS CULTIVAR COM **lisonja** E CARINHO, EMQUANTO NOS CONVEIO, MAS QUE HOJE **deitamos ao lixo como coisa imprestavel.** »

Não ha, de memoria de coisas torpes, nada egual a essa franqueza infamissima, que excede a tudo quanto a phantasia possa imaginar de mais vil, de mais deshonrador da nossa especie.

Essas infamias atravessam as almas negras nos paroxismos da loucura criminosa; occupam, talvez por momentos, os cerebros escuros aos quaes falta a luz benefica da consciencia, mas não se escrevem com esse desplante allucinador.

Esse trecho é um trapo ensopado na sanie da politicagem cearense. Elle, na sua repugnante, na sua sujissima contextura, é tecido com as fibras mais caracteristicas dos individuos incapazes, de uma barbaridade inédita, representantes da politica dos governadores, inventada para salvar a patria e agóra transformada em *bloco* para resolver um transcendente problema de salvação publica.

Toda a vez que se projecta uma grande maroteira, apparecem os interessados nella, encapados num pretexto patriotico. Concentração, colligação, *bloco* não passam de euphenismos a encobrirem os intuitos de uma politica que acaba de se desmascarar com a trucidação fria, monstruosa, da refórma eleitoral.

***

O amigo Seabra está sentindo a dôr desse coice, as amarguras da mais negra ingratidão.

Que lhe sirva a dura experiencia, essa decepção formidavel, contundente de mais para não deixar echymoses duradouras.

Aquella deshumana perfidia deve servir de aviso para se aperceberem

os directores da situação politica contra egual crise, quando necessitarem de provar, em momentos decisivos, a fidelidade, a sinceridade da illimitada abnegação daquelle chefe, que figurára, sempre genuflexo, na primeira fila dos subservientes e dos traídores, de olhos avidos e velhacos fitos na ventoinha da victoria.

Si amanhã, por uma dessas reviravoltas que estão na área das hypotheses mais provaveis, o *blóco*, apezar da sua rigidez apparente, se derreter como um sorvête, o alcandorado régulo cearense repetirá a perfidia, com a mesma frieza monstruosa, reclamando a honra de figurar entre os heróes da defecção sem remorso.

Elle não se emmaranha nas teias das incompatilidades moraes, divergencia de principios, de convicções, para manter o poderio oppressivo que é a ultima vergonha da Republica.

POJUCAN.

ARMADA NACIONAL

A Escola Naval. — O ensino. — As reformas. — Alguns lentes. — Concursos e publicações—Episodios curiosos.

Desde o almirante Wandenkolk, em 1890, todos os ministros da Marinha, em seus relatorios, teem dito, quasi com as mesmas phrases até, e referindo-se aos programmas do curso da Escola Naval, que elles são excessivamente theoricos e que o ensino alli se resente da falta de um cunho pratico indispensavel. Isso ainda hoje é, e com razão, repetido; no entretanto, de 1890 para cá, houve nada menos de 5 reformas na organisação do ensino naquella escola!

Que prova o que fica acima, quando se accrescenta que todas essas reformas fôram realisadas pelo pessoal mais competente — a congregação — prestigiadas e referendadas pelos ministros, que, é verdade, sempre dispuzeram de pouco tempo para essas *questões minimas*? Evidentemente prova que a congregação ou não está na altura das funcções que desempenha, pois nem ao menos sabe organizar um programma para o ensino que rege, de accordo com as necessidades que na vida pratica hão de encontrar os alumnos, ou que, sendo capaz de fazer um programma util, assim, não o faz, attendendo, nas occasiões das reformas, a interesses outros que não os do ensino; ou, finalmente, que essas duas causas reunidas concorrem para o facto acima citado, de, após cinco reformas dentro do prazo de 16 annos, o ensino na Escola Naval resentir-se da falta de cunho pratico imprescindivel, e ser defficiente embóra excessivamente theorico. A terceira hypothese é a verdadeira: a um bom numero de lentes da Escola Naval falta o preparo para decentemente regerem a suas cadeiras; a um bom numero ainda, faltam os mais comesinhos preceitos de moral, indispensaveis, de todo o ponto, a quem exerce o magisterio.

Accresce mais que, nem todos os directores que teve o estabelecimento nos ultimos dezeseis annos, estavam em condições de exercer superiormente taes funcções e que a vitaliciedade dá tal força aos lentes (alguns sem concurso), que quando na directoria se achavam homens competentes, nada puderam fazer afim de moralizar o ensino na Escola. Por isso, muito embóra este ensino nada tenha melhorado, em conjuncto, de 1890 até hoje, tendo até talvez peiorado, o numero de lentes é o dobro do que era naquella epocha, pela introducção de cadeiras novas, realizada a cada reforma; por isso, cada vez maiores são as vantagens dos lentes que, na ultima reorganisação, não achando mais processos para colherem proveitos de outra natureza, proclamaram-se *doutores*: os lentes da Escola Naval são todos doutores por força de um artigo do regulamento, que elles mesmos arranjaram.

Não é tarefa simples demonstrar, agóra, a falta de capacidade de grande numero de lentes: teriamos de debater questões technicas, pouco familiares á maioria dos leitores e pouco proprias á natureza do nosso trabalho; comtudo, por uma analyse ligeira sobre alguns dos *doutores*, facil será formar um conceito sobre a veracidade do que affirmamos.

Começaremos a nossa investigação por um *doutor*, que foi, durante muito tempo, considerado — o sabio — por excellencia; fez, ha approximadamente vinte annos, um concurso; classificado em 2º ou 3º logar, não foi nomeado, e desde então agarrou-se como ostra á Escola Naval; publicou, como segundo-tenente, um *vade-mecum* para pilotos, sob pomposo titulo, livro util para officiaes de marinha sem preparo, desde que disponham dum virador e cortador de paginas, tantas são as referencias que, a cada nova questão, se encontram a questões já anteriormente resolvidas; fundou depois as lamentaveis industrias de explicações a pilotos e aspirantes, e sobre as quaes nos entenderemos mais tarde.

A marinha antiga, pela publicação do *vade-mecum*, sagrou-o sabio: não admira; ha pouco mais de 20 annos, havia na marinha brazileira, commandantes notaveis que calculavam o angulo horario por meio de arco auxiliar. O nosso luzeiro, no emtanto, continuava identificado com a Escola Naval; afinal, por força de uma das reformas, eil-o lente cathedratico, sem concurso de balistica, primeiro; em seguida, de astronomia; depois, de mechanica racional; de mechanica applicada, mais tarde; seu concurso, feito havia vinte annos, fôra sobre navegação! Mas, que eram a sua balistica, a sua astronomia, as suas mechanicas?

A balistica reduzia-se a divagações sobre o estudo dos «projectis no vacuo». Sobrava-lhe naturalmente tempo, e o resto do anno lectivo elle preenchia com a narrativa dos seus feitos: um brilhantissimo concurso na Escola do Realengo, com provas semelhantes ás maçonicas, ás descobertas dos logarithmos, de processo para indicação do raio terrestre, da orthodromia, etc.; sim, porque, doença ou.. doença, elle se diz auctor de taes descobertas. A astronomia resumia-se a descomposturas em todos os auctores de compendios dessa disciplina; e, como nenhum livro bom existia sobre tal materia, estudava-se trigonometria em vez de astronomia; mas como tambem os tratados de trigonometria viviam cheios de erros, elle creava uma trigonometria sua, differente da dos compendios. Novas façanhas eram narradas como complemento ao curso: o plano de fortificação dos morros que circundam a bahia Guanabara, plano graças ao qual o Governo dominára a revolução de 93, e que lhe fôra roubado por um policia-secreta, etc. Na mechanica, este Propheta ou Münkausen, resumia a estatica em uma só prelecção, e esta se resumia ao seguinte: «si o mar fôsse tinta, o céo o papel e os peixes escrivães, escrevessem estes toda a eternidade sobre a estatica, a estatica não ficaria estudada; assim fiquemos nisso». E' forte, é incrivel? Mas é facto, facto que as auctoridades conhecem e que a congregação não ignora.

Qual é, pois, a sciencia deste sabio, lente de tantas cadeiras, mas sem concurso?

Já não poderemos dizer *sem concurso*, a respeito de um outro *doutor*; esse, sim, fez concurso, e tão brilhante que um auctor inglez, ha vinte annos, escrevia textualmente o que dez annos mais tarde esse *doutor* escreveu em quasi metade da sua these, conforme o demonstrou seu contendor, nesse concurso. Este contendor, duma crassa ignorancia e extremamente petulante, conseguiu levar á parede aquelle *doutor*; mas a congregação felizmente lá

estava vigilante, com o descobridor dos logarithmos á frente, para fazer justiça ao que fôra victima do plagio do auctor inglez, classificando-o em primeiro logar ; foi nomeado o *doutor*. O *doutor* já antes publicára um trabalho sobre a mesma disciplina a respeito da qual versou aquelle concurso, e é bem de crer que, si posteriormente aquella these foi o portento que deixámos dito, naturalmente publicado uns quatro annos antes, esse trabalho deveria ser, como de facto é, estupendo. E' pena que só o conheçam os alumnos do *doutor* mediante 20$ cada exemplar. Por certo, si o *doutor* pudesse geitosamente obrigar os interessados a ficarem com exemplares do monumento, como fez com os seus alumnos em 1900, muito lucraria a artilharia nacional. Existem ainda outros trabalhos do *doutor* : um caderno impresso por copia, com 150 paginas, tratando de materia que, resumida, alguns auctores, mediocres é verdade, teem exposto em 600 paginas impressas ; custava 10$ o exemplar ; a edição esgotou-se e, egoisticamente, o *doutor* não mandou renoval-a; e um «curso de qualquer coisa», cuja critica foi muito bem feita num numero da *Revista Maritima*, de 1901, por um, actualmente, collega do *doutor*.

Mas, bons ou máus, baratos ou caros, os livros do *doutor* apparecem ; consta-nos até que breve apparecerá um outro, ampliando uma theoria pelo *doutor* exposto ao commandante do *Floriano*, em 1901, sobre a collocação das chapas de couraça nos vasos modernos. Que venha esse novo livro, desejamos. Infelizmente, não virá a segunda edição do *vade-mecum* de piloto, do descobridor dos logarithmos. Em 1898, correu subscripção para a impressão do *vade-mecum*, ampliado e melhorado ; cada exemplar custaria 20$000, aos subscriptores ; o auctor apurou na marinha cerca de 9:000$000, e até hoje, oito annos passados, o livro não saíu. As auctoridades não saberão disto ? Sabem, porque tambem, em geral, caíram.

Mas não nos podemos deter tanto tempo com cada lente. Os dois *doutores* que analyzamos são officiaes da armada ; e, destes, entre reformados, demittidos ou na reserva, ha ainda, lentes da escola, nove ; quasi todos tão ignorantes, são, no emtanto, quasi todos mais serios que aquelles dois.

Uma das cadeiras technicas, de maior relevancia, é regida por uma nullidade, official verdadeiramente *de brinquedo*. Lecciona, porém, disciplina em que muito official general competente, não se aventuraria a crear opinião sua ; é espectaculo divertido apreciar como este outro *doutor* censura tal manobra do consul Duillio, ou profliga a tactica empregada por Tegetohff em Lissa. Nelson commette erros e Togo não teria tirado todo o proveito possivel em Tsu-shima, no criterio deste inegualavel Jurien de la Gravière.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

ENCYCLICA POETICA DE LEÃO XIII SOBRE A ALIMENTAÇÃO CHRISTÃ

Nosso Santo Padre Leão XIII, acatando, como bom Pontifice e cuidadoso colono do Lacio, os preceitos venerandos de Collumella e Varro, começou, nas Kalendas de Septembro, por um tempo muito claro e muito doce, a vindimar com amor a vinha do Vaticano. No Vaticano ha uma frondosa vinha.. Nem ella podia faltar na morada do Papa, pois que Jesus, na noite da Ceia, recordando os vergeis e as parreiras de Corazim e Cesaréa, e os cachos maduros a que os vindimadores espremiam o succo, como sangue generoso, destinado a levantar os corações dos homens, murmurou triste e pensativamente : — «Eu sou a vinha e meu Pae o vinhateiro !...» De resto, desde os tempos vetustos da Roma dos reis, sempre a vide rastejou ou se enroscou ao olmo sobre a collina do Vaticano. Mas, ou por causa da insalubridade desses ares pezados do *Mons Vaticanus* que já Tacito accuzava, ou por causa da escassez do sólo duro que desconsolava Cicero—o vinho da collina era tão delgado e rascante que Marcial, superfino conhecedor, o considerava uma peçonha, e, no Livro VI dos Epigrammas, grita assustado ao seu amigo Ammiano, que erguia a taça : — « *Vaticana bibis ? bibis venenum !* Bebes vinho do Vaticano — bebes veneno !» Sob a vigilancia, porém, dos Papas sumptuosos como Innocencio VIII, e Leão X, e Alexandre VI, e Julio II, essa vinha pontifical, tratada pelos dictames do saber renascido, acabou por produzir um vinho tão seivoso e perfumado que os Borgias, os Caraffas, os Farnezos, o preferiam ao de Chypre, e mesmo ao de Syracusa, para administrar aquelles venenos d'Estado tão proveitosos, durante a Renascença, á supremacia, opulencia e magestade das grandes familias papaes. Hoje essa vinha, decaída da sua importancia tragica, honesta e fraca como o Papado, dá dez pipas dum vinho tambem decaído, claro e palhete, que o Vaticano bebe e reparte com os Hospicios de Roma.

Antes, porém, de começar a sua vindima, Nosso Santo Padre Leão XIII, tão benefico para os nossos corpos como para as nossas almas, desejou ensinar aos seus filhos espirituaes o avizado regimen que melhor conserva a saúde, robustece a força, torna o espirito subtil e livre, e condúz a uma velhice verdejante... E ainda neste cuidado observou elle, como puro Papa romano, a tradição ritual de Roma — porque, sempre outr'ora no Lacio, em manhã de vindimas, um grande pontifice, o Flamen-Dialis, cercado pelo Collegio Pontifical, com o ramo de oliveira na mitra branca, descia ás vinhas, e antes de immolar a ovelha a Jupiter, de pizar uns bagos na taça sagrada para offertar aos Deuses as primicias do vinho novo, recitava paternalmente algumas das antiquissimas maximas do tempo de Numa, em que se aconselhava a sobriedade, as serenas e faceis alegrias, a aceiada singelleza, e esse desdém dos marmores, dos vasos de Corintho, dos acepipes raros, que dera tão doce quietação aos Sabinos e tornára a Etruria tão forte.

Para nos penetrar dessa fecunda lição, o Papa empregou tambem o verso latino com aquella elegancia limpida, ainda que um pouco molle, que o tornaria merecedor de pontificar, senão nos tempos d'Ovidio, ao menos nos tempos d'Ausonio. E com tão sabia minuciosidade tratou, nestes hexametros copiosos, dos aprestos da meza, e da escolha attenta dos vinhos na adega, e da excellencia da gallinha e do anho, e da preparação prudente dos ovos, e dos legumes onde deve sobresahir a «couve saborosa», e da sobremeza onde cumpre que resplandeça a «maçã rubicunda»—que essa dissertação, ainda que sob a fórma de Epistola, e dedicada a um certo Fabricius Rufus, patricio romano, constitúe realmente, para todos os catholicos, uma *Encyclica poetica sobre a Alimentação Christã*. De certo, ella não foi metrificada em Concilio Ecumenico, sob o bafo e a inspiração do Santo-Espirito, e não a reveste, portanto, o scello sagrado da Infallibilidade Papal. Mas todas as recommendações que emanam do papa, mesmo familiares, e murmuradas sobre o prato, possúem inevitavelmente um cunho de certeza, pois que fôram elaboradas naquelle espirito, que, unico entre todos os espiritos, não póde vacillar nem errar. A agua duma fonte não muda na sua pureza e efficacia segundo foi recolhida em vasos santos, com pausados ritos, por um grande Bispo para baptizar um rei Sicambro — ou por uma velha, de touca e tamancos, numa chaleira, para ferver o chá dum herege. E nós, mortaes confusos, atarantadamente enrodilhados na duvida, temos fatalmente de venerar, e soffregamente seguir, como dogmas, os

conselhos do unico mortal, que, neste mundo de incerteza e obscuridade, permanece seguro e lucido. Ainda mesmo sob a sua fórma risonha, e destinada a deleitar nos Elyseos a alma douta de Fabricius Rufus, esta Epistola do Santo Padre baixa, pois, sobre todos os catholicos com a força e a auctoridade dum Mandamento.

E foi por isso que, com respeitosa magua, encontrámos neste polido Mandamento, de tão esbelta latinidade, uma doutrina que desmente toda a sublime experiencia da Vida Evangelica, e se colloca em mundano antagonismo com a seraphica historia dos Doutores e dos Santos. E tanto que, na primeira surpreza, julgámos ser essa uma Epistola inédita d'Horacio, composta pelo delicioso e impenitente pagão, mestre persuasivo da Mediania ditosa, numa tarde de maio, entre as roseiras de Preneste, em quanto Chloë, coroada de violetas, arrefecia na fonte os cantaros dos dois divinos vinhos misturados, o Faustino e o Massico! Mas não! O sapiente Poema Gastronomico fôra trabalhado pelo herdeiro de Pedro, dentro da atormentada barca de Pedro!

Deslizemos sem reparo sobre os primeiros versos da Epistola, em que Leão XIII, com o seu fino e amoravel sorriso, estende sobre a meza a toalha que elle deseja muito fina, muito alva, ornada d'alguma prata. A limpeza, apezar de esquecida no cathecismo, é na realidade a Quarta Virtude Theologal. Santo Agostinho, na sua casa de Hippona, mantinha um aceio extremado — e, sob os olhos consentidores de sua mãe Santa Monica, comia com colheres de prata. Oh! bem sei! a alma de Santo Agostinho era uma açucena christã, com as raizes ainda mergulhadas no torrão da idolatria, e por vezes emballada e até perturbada por aragens muito doces que sopravam da Sicilia e da Grande Grecia, acarretando o aroma das essencias queimadas nos altares de Aphrodite! São Thomaz de Villeneuve, porém, rigido santo esse, limpo de toda a poeira pagã, possuia um saleiro de prata — pequeno, leve, sem valor, mas de prata! O ardente S. Remigio era tambem o proprietario timido duma colher de prata — unica, lisa, sem lavores, mas de prata, e com que elle comia as suas hervas nos grandes dias, como quando converteu Clovis, rei dos francos. Tão excelsos precedentes de Bispos e Doutores auctorisam santamente o Santo Padre em aconselhar que, na meza vistosa que nos offerece, o aceio dos puros linhos seja avivado com o brilho dalgum metal precioso.

Mas, logo posta a meza, o bem-amado pontifice contraría toda a experiencia da Historia Ecclesiastica, recommendando, com jocundo zelo, que se subam da adega os vinhos mais finos e frescos, «pois que elles espalham a alegria na alma e a libertam do escuro cuidado!» Não, Santissimo Padre! Toda a rutilante legião dos Santos, Bispos nas cidades ou Eremitas no deserto, protesta, mostrando os *Acta Sanctorum*, contra o vosso preceito Horaciano. S. João Chrysostomo, o esforçado Santo Eloy, S. Pedro Damiano, que purificou a Christandade, S. Lião, que com o seu cajado repelliu das portas de Roma as hordas d'Attila, tantos ainda, innumeraveis como as estrellas, e como ellas rebrilhantes de claridade immanante, nunca beberam vinho! Se S. Polycrono, ás vezes, á noite, sorvia de leve meio calice, era com choroso sacrificio, para se libertar das gastralgias que o impediam de arrebanhar robustamente para Christo o duro e resistente povo da sua Sé de Babylonia. Mas S. Thiago nunca percebeu siquer que verdejassem vinhas sobre a terra! E S. Romualdo collocava deante da sua gruta um jarro de vinho velho de Chio para o escarnecer, como liquor grotesco que leva aos esgares, aos passos cambaleantes, aos dizeres asininos e babados... A clara bebida destes justos foi a agua! E alguns só a acceitavam quando ella se tornára bem morna e salobra. S. Porphyrio expunha a sua bilha ao sol, á poeira dos caminhos, á babuge dos bichos, para que ella se corrompesse, e, assim impura, ficasse propria da sua impureza. Santa Catharina de Genova entornava no seu pucaro vinagre e sal—para não beber menos amargamente do que Jesus bebera no Calvario. E esta mesma agua, estragada com amor, só a provavam aos góles, não para contentar, mas para exasperar a sêde, e produzir o precioso soffrimento donde saíria o precioso resgate. Durante os oito derradeiros annos da sua espantosa vida, S. Lupicino não bebeu: e no ardor dos estios, entre os rochedos abrazados onde escolhera a sua cóva, mergulhava as mãos num balde d'agua lodosa para calmar a pelle que lhe estalava, encarquilhada, como um pergaminho sobre o lume. S. Lupicino não bebeu durante oito annos—mas Santo Alberto não bebeu durante vinte, e a sua cabana dominava um valle todo cortado de frios regatos, saltando de rochas claras.

E onde houve, santissimo Padre, robustezes magnificas e almas lavadas de cuidados, que se comparem ás destes ditosos? S. Zebino, aos oitenta e seis annos, caminhava carregado de grossas cadeias de ferro, enrodilhadas no peito e nos braços, e arrastando, com tal pezo e fragor, que atroavam as solidões de Sceté. S. Nilo vivia, e muito gostosamente, com o pescoço mettido numa canga immensa, feita de grossos tóros d'arvores. A força desses santos, que apenas se desalteravam, como as féras dos seus desertos, no fio barrento d'algum regato avaro, excedeu a dos heróes de Homero, que jantavam um boi, despejavam um tonel, e morriam moços. Solitarios houve que, importunados dum modo excessivo por Satanaz, lhe arremessavam aos cornos um penhasco ou a columna tombada duma vasta ruina. E a alegria destes simples era tão perfeita, tão transparente a quietação dos seus corações, que só o translucido lampejo dos seus olhos sumidos nas rugas, ou o riso ineffavel das suas velhissimas boccas desdentadas, curava as maiores melancolias humanas. Em Alexandria, todos os atormentados, todos os doloridos d'alma, os Philosophos que na Philosophia não encontravam repouzo, os Voluptuosos que na Voluptuosidade só recolhiam a amargura, emprehendiam a dura jornada ao monte Colzin para considerar, durante momentos, como um vasto céo de serenidade, donde a serenidade descia, a face de Santo Antão...

Mas se nosso Santo Padre, no carinhoso desejo de nos ser indulgente, se esqueceu da influencia da agua sobre o corpo, a que communica a sua elasticidade, e sobre o espirito, que penetra da sua limpidez — como perpassou ainda sem proveito por sobre a ensinadora Historia dos Santos, quando, para a meza do seu dilecto Rufus, afim de que elle cresça em energia d'entendimento e rija actividade de corpo, recommenda a vacca, a gallinha e a vitella?... Gallinha e vitella! Ah! Ah!. Gallinha e vitella! Mas os mais resolutos e diligentes Santos nunca provaram desses pratos, que lhes pareceriam de culpada, escandalosa gula! Os solitarios só comiam pão, aquelle duro bolo chato, do tamanho da roda dum carro sabino, que cada mez, pela lua nova, os serventes dos mosteiros da Thebaida traziam em enormes ceirões, nas ancas dos dromedarios, e repartiam pelos eremiterios, annunciando tambem as novas de Roma e das Sete Egrejas da Asia. S. João Capristano, Santo Ambrosio de Sienna, S. Carlos Borromeu, S. Macario, S. Basilio, viveram d'hervas, de codeas seccas, que alguns salpicavam de cinza, e outros, como São Lourenço, Arcebispo de Dublin, mergulhavam para mais funda humildade na agua suja dos porcos. Outros desdenhavam soberbamente estas codeas d'Epicuro. Santo Onofrio comeu cem annos duma palmeira que crescia junto á sua caverna. Durante quarenta annos, um mólho d'hervas, borrifadas de vinagre, bastou ao grande S. Con-

rado. S. Gezelino, de rastos pelos sombrios bosques de carvalhos, roía as bolotas que apanhava, cantando a magnanimidade do Senhor!

E agóra, recordada a aspera abstinencia destes homens, recordáe as suas obras sublimes! Mais mal alimentados que os bichos das mattas em tempo de neve, elles possuiram uma energia e uma largueza d'actividade, que por vezes, de repente, mudava o feitio moral do Mundo. Certo alegre esfarrapado, que trincava os agriões do seu jantar conversando com os passarinhos — foi S. Francisco de Assiz! Um monge que só comia, numa tigella de pau, a sôpa de folhas de faia por suas magras mãos cozinhada, foi S. Bernardo, em Claraval. E o macilento hespanhol que se nutria dumas vagas folhas de couve — foi Santo Ignacio de Loyola. S. Mauro, velhissimo, sustentado com tres favas por dia, estendeu á hora de adormecer no Senhor, no seu catre de trapos e cinzas, os descarnados braços, e abençôou os cento e vinte mosteiros de que fôra fundador. E S. Bento, que raramente juntava algumas ervilhas ao seu pão, pôde depois, atravéz de seculos, no Céo, correr cada alvorada ás portas do Céo, que se abriam, e se abriam, e se abriam, para receber cinco mil santos, que eram todos da sua Regra!

Mas que valem estas obras do mundo, e pereciveis? Contempláe antes os portentos da Vontade super-humana! S. Romualdo, que escarnecia o vinho, escarnecia a carne — e só consentia em raizes amargas. Pois um dia S. Romualdo, caminhando para a Italia, atravessava os Alpes num rude carro, pesadamente puxado por dois bois da Camarga. Numa volta de cerro, parou e desceu, afastando os passos nús atravéz da neve densa, para rezar retiradamente no abrigo duma gruta. E eis que, ao voltar, encontra os seus bois devorados por dous terrificos ursos, que, por sobre as carnes rasgadas e os ossos, ainda grunhiam, com o focinho babado de sangue! Então S. Romualdo cravou nos ursos um olhar de tão sublime mando, tão radiantemente descido das maiores alturas divinas a que se póde erguer uma alma humana, que as duas féras, com as patas doceis, desatrelaram as carcassas sangrentas dos bois e, a tremer, submissamente, se engataram á pesada canga.. E S. Romualdo, direito no carro, com o capuz aberto, a testa reluzente no reluzir da manhã, penetrou nas planicies da Lombardia puxado por dois grandes ursos.

E tal energia, Santissimo Padre, fôra estimulada com raizes amargas! Mas que vale o raio dardejante deste olhar omnipotente — perante o familiar, facil, distrahido, risonho aceno de S. Macario? Este delicioso santo, quando habitava na margem lybica do Nilo e queria atravessar para a margem arabica, ou descer ás santas cidades de Ptolomaïs e de Antinoe, caminhava para a beira da agua, procurava entre o bando de crocodilos que boiavam ou se aqueciam ao sol algum de dorso bem largo e bem commodo — e risonhamente movia o dedo num aceno risonho. Immediatamente o monstro fendia a corrente até á areia lisa, onde se arrimava como um barco se arrima a um cáes. S. Macario saltava para o dorso do crocodilo; e sentado, affagando mesmo distrahidamente a grossa crosta rugosa, atravessava ou descia o velho rio, estrada real do Egypto, com a face envolta na luminosa doçura do ar thebano, a alma erguida ás deslumbradoras esperanças do Céo.

Onde existe feito de energia moral, comparavel a este quieto dominio sobre a natureza bravia? Só talvez o feito de governar homens superiores, porque esse demanda certamente uma mais intensa irradiação de força espiritual do que atrellar ursos a carros ou navegar sobre crocodilos! Pois bem! Muitos desses Santos, que se sustentavam de hervas seccas, mal amollecidas em agua salobra, governavam as grandes «laúras» do Deserto, conventos contendo um povo ardente de monges, dois e tres mil monges, e todos elles tão santos e ferteis em milagres e predilectos de Deus como o abbade qne os governava! E como louvaremos outros que, quando se construiam essas vastas «laúras» e a pedra faltava para claustros e cellas, desciam á orla do Nilo, a algumas das poderosas ruinas dos templos pharaonicos, fitavam os muros rigidos, as enormes pilastras cahidas e murmuravam num sopro brando: «Vinde»! E atraz do Santo, a caminho do mosteiro em construcção, mais doces que anhos, os muros marchavam sulcando o deserto, os pilares logo erguidos seguiam, direitos na aragem, como os mastros de uma armada. Estes eram, na verdade, homens! E, só de os nomear, os joelhos se vergam de deslumbrada adoração!

Pois para viverem assim, tão sobrenaturalmente fortes, não se nutriam desses ovos, e mel de Hymeto, e gallinha, e vitella, e couve saborosa, e pecego rubicundo, e quentes vinhos— que Nosso Santo Padre, com tão meiga solicitude pelos seus filhos em Christo, nos prescreve em lustrosos versos latinos. Ao contrario! Por lhe faltarem os gordos capões e as vitellas tenras e os calidos Falernos que, engordando a carne, pezam na alma, a opprimem, a amollentam, a retardam, a escurecem—é que a alma delles reinou sobre o mundo tão rija, liberta, rapida, clara e triumphadora.

Nem esse confortavel regimen, Santissimo Padre, prolonga a vida! Nunca a ephemera vida humana attingiu tão descomedidas cifras de annos, como nesse deserto do eterno jejum! Um Pontifice de setenta annos passaria ahi por um moço tenro, fragil, inexperiente, incapaz de se livrar dos assaltos, já não do grande Satanaz, mas dos Mafarricos, dos Diabinhos de chavelho curto e curta malicia, que apenas sabiam arranhar os pés dos cenobitas, ou entornar as bilhas d'agua, ou metter entre os dentes da caveira de meditação algum gordo chouriço mal fingido e pueril. A edade madura dum monge da Thebaida começava aos cem annos. Aos cento e trinta, ainda muitos, cada dia, durante doze horas, cavavam, sob o duro sol, o seu duro horto, cantando os Psalmos com tão potente vóz que espantava as aguias. Alguns houve de quem se não sabia a edade e apenas se reconhecia serem velhos, muito velhos, por já não andarem, apenas engatinharem, com as rugosas mãos sobre as pedras, emmaranhando a cada esforço os joelhos despellados entre as nevadas, immensas barbas. Outros tanto viveram que transpuzeram o periodo consciente da Santidade, e recaíram no peccado pelas fraquezas e birras da decrepitude. Assim aquelle extraordinario Santo Aspar, que se não movia, agachado á porta da sua tóca, todo encarquilhadinho, todo mirradinho, e que, quando, com os seus olhinhos sempre curiosos e rebrilhantes, avistava as filas de peregrinos que se avançavam para o admirar, lhes fazia horrendas carantonhas e lhes atirava pedras, assanhado e a baba a escorrer.. E estes portentosos velhos nunca conheceram carne, ou gallinha, ou vinho, ou a fructa cheirosa, senão quando o negro Tentador lh'as apresentava, em sorrateiro e perfido silencio sobre mezas decorosas e aceiadas — extranhamente semelhantes a esta que o Vigario de Christo tão bem ornou e forneceu para gosto e proveito de Fabricius Rufus...

Ouzarei ainda desenrolar a minha surpreza perante os versos da Epistola em que o Santo Padre recommenda o café, com bondoso fervor insistindo mesmo que o tomemos de Moka e o saboreemos lentamente, em regalados góles? O café! Mas o café foi logo, desde a sua apparição, a bebida dilecta, quasi official, do Racionalismo! Estimulando a Imaginação e a Razão indagadora — elle implicitamente dissolve o respeito pela Regra e pelo Dogma immutavel. O café, mais do que a *Encyclopedia*, fomentou a Grande Revolução. Bebido, com o alvoroço da sensação nova, por Buffon, Diderot, d'Alembert, Rousseau, elle aqueceu mais aquellas almas caloro-

sas, aguçou mais aquelles espiritos penetrantes: e Michelet não duvida affirmar, com gongorismo, mas com rigor historico, que essa geração forte descobriu no fundo das chavenas, através da negra e perfumada bebida, o luminoso raio de 89! Os impios do seculo XVIII fôram insaciaveis bebedores de café — e na primeira meza do botequim do Procopio, onde elle se bebeu, se improvisaram, de certo, as primeiras pilherias sobre Jehovah. Voltaire tirou da cafeteira toda a sua obra demolidora. Esse diabolico rei da Prussia, Frederico o Grande, que morreu dos excessos do café, e que se regalava de não acreditar em Deus nem na Vida Eterna, exclamava, moribundo: «Já não sou nada, já não bebo café! O café a quem devo tanta idéa!. Agóra ao almoço só sete chavenas e ao jantar apenas quatorze!» Voltaire, Frederico da Prussia... Estes dois unicos homens deviam tornar para sempre suspeitos á Egreja os escuros grãos de onde elles tiraram a força, o ardor, a petulancia e «as idéas». E agóra Nosso Santo Padre, num largo e doce gesto, *urbi et orbi*, chama a Christandade ao café!

Mas por fim o que mais nos surprehende e perturba é que tão doce e humano Papa, de genio tão espiritual, e Papa que tanto amamos, levante assim nos cimos da Egreja uma tão appetitosa meza, e a alastre de gallinhas, de vitella, de vinhos suaves e de fructas rubicundas, e a ella se sente risonhamente conversando com um Pagão—emquanto em redor arregalam os olhos tristes tantas creancinhas famintas, e por traz della as mães pallidas apertam aos farrapos do seio outras creancinhas ainda mais pallidas, e para além os paes sem trabalho, e sem lenha no lar enrugam a face sombria, e mais longe os velhos de secular miseria murmuram amargamente...

Na verdade, na verdade! Grande é a certeza do Papa e larga a sua ternura! Mas não penso que, deante desta esfaimada e rota Plebe, nem S. Bento, nem o pobresinho d'Assiz, nem o bom sr. S. Vicente de Paula, nem esse tresloucado S. João de Deus, nem o nosso velho Santo Antonio, nem S. Gregorio ou Pio V, que eram tambem Papas e devotos das lettras antigas, se entregassem ao trabalho de compor, sobre a arte de Bem-Comer, uma honesta Epistola Horaciana, d'elegante latinidade.

EÇA DE QUEIROZ.

Vendem-se collecções dos «Annaes» ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Instrucção obrigatoria Na França, os effeitos da lei sobre a instrucção obrigatoria teem sido completamente nullos; entre os rapazes que fôram chamados para o serviço militar em 1905, encontraram-se, no departamento do Sena, 108 que não sabiam ler nem escrever; 50 que liam, unicamente, e 208 que sabiam ler e escrever. Na Bretanha, ha 40 ou 45 analphabetos entre 100 conscriptos.

***

O inglez, lingua universal Convencido de que o inglez se tornará a lingua do mundo e que a sua orthographia complicada retarda esse grande progresso, Carnegie prometteu sustentar, financeiramente, a campanha para a simplificação da orthographia. A idéa desta transformação remonta a Benjamin Franklin. O conselho dos inspectores primarios votou, recentemente, a refórma de 21 palavras; era pouco ouzado. O projecto de Carnegie é bem outro, inteiramente radical e não quer sinão modificar, por completo, o aspecto da lingua ingleza escripta. Oppõem-se-lhe as mesmas objecções que na França a refórma da orthographia levantou: as palavras perderão os vestigios da sua origem historica e etymologica e uma parte da sua significação; as grandes bibliothecas, onde, desde 400 annos, se accumulam os livros, tornar-se-ão completamente inuteis, etc.

***

Os Hohenzollern na Allemanha Um livro que fez successo na Allemanha, actualmente, é a *Lenda dos Hohenzollern*, no qual um democrata socialista, Maurenbrecher, filho do historiador de Bismarck, mostra que o Estado prussiano e a unidade allemã fôram fundadas pelo povo e não pelos reis e que os Hohenzollern se vangloriam, injustamente, da fundação do reino da Prussia.

***

Uma curiosa exposição Uma exposição retrospectiva de bellas-artes váe ser realizada em julho e agosto deste anno, em Besançon; serão mostrados, ahi, desenhos e gravuras, que estão guardados desde 1819, ha quasi um seculo, nas pastas da Bibliotheca municipal daquella cidade. Essas obras são quasi todas do seculo XVIII; são desenhos de Fragonard e a collecção quasi completa das gravuras de Waterloo, o paizagista de Lille, que se estabeleceu na Hollanda e ahi gozou de grande fama. Essas riquezas artisticas fôram legadas a Besançon pelo architecto Adrien Par is, que foi, durante muito tempo, em 1806, director da Academia de França, em Roma.

***

Varias Wellington, a capital de Nova Zelandia, é a cidade mais açoitada pelos ventos. Está situada á beira de um canal ou garganta que separa as duas ilhas principaes de que Nova Zelandia se compõe e por isto soffre, com toda a violencia, as correntes aéreas que cruzam por aquellas aguas.

*

Em Vienna, a luz electrica está a cinco metros de altura sobre o nivel do pavimento, porque, segundo se observou, ficando mais abaixo, incommoda muito a vista de qualquer pessôa.

*

Mais duma terça parte da superficie total da Terra está coberta de arvores. Em muitos logares da Africa e da America, ainda se encontram florestas immensas, completamente desconhecidas, que o homem civilisado ainda não desbravou.

*

As pennas que os meninos japonezes uzam para escrever são feitas de canna de bambú e de pello de coelho, formando uma especie de pincel. Apezar de parecer impossivel, elles traçam os caracteres do seu idioma com uma perfeita nitidez.

***

Immigrantes no Estado de Minas Dos duzentos e tantos mil estrangeiros, que ha em Minas, estão em maioria os italianos, (lavradores, operarios e artistas) que o padre Pedro Maldotti (commissario do governo da Italia) calculava, quando lá esteve, em 1892, attingirem a quarenta mil colonos, numero hoje muito augmentado pelas grandes levas de immigrantes posteriormente introduzidos no Estado. Calcula-se que, actualmente, passa de cem mil o numero de subditos italianos domiciliados em Minas. Só o municipio de Bello Horisonte conta uns tres mil.

Estatistica de immigração Já se avaliou em..... 2.023.693 o aumero de immigrantes de varias nacionalidades (996.814 italianos; 454.406 portuguezes; 207.021 hespanhóes; 66.078 allemães; 44.361 austriacos; 39.388 russos; 10.511 francezes; 7.700 suissos; 2.746 belgas; 2.344 suecos; 186.785 diversos) entrados no Brazil de 1855 a 1901. Póde-se, pois, sem exaggero, calcular que, desses dois milhões e tantos, cerca de 250.000 immigrantes se localizaram em Minas, nesses ultimos cincoenta annos.

***

A instrucção em Minas Ha no Estado de Minas, uma Faculdade de Direito (sciencias juridicas e sociaes, em Bello Horisonte); uma escola superior de Pharmacia, obstetricia e odontologia (desde 1835, em Ouro Preto); uma afamada escola de engenharia civil e de minas (desde 1876, em Ouro Preto); um curso de odontologia (reconhecido pelo governo federal), annexo ao collegio Granbery, de Juiz de Fóra; uma academia de commercio e artes (Juiz de Fóra, dirigida por congregados hollandezes; varios gymnasios de lettras e sciencias (em Bello Horisonte, Barbacena, Diamantina, Ouro Preto, Juiz de Fóra, Pouso Alegre, Caraça, Cachoeira do Campo, S. João d'El-Rei, Uberaba); muitos collegios e lyceus para os dois sexos, em varias localidades, escolas normaes, mantidas pelo Estado e pelas municipalidades (em Arassuahy, Campanha, Diamantina, Juiz de Fóra, Ouro Preto, Barbacena, Sabará, Montes Claros, Paracatú, Uberaba, Serro, Ponte Nova, Marianna, Varginha, Tres Pontas, Minas Novas, S. Domingos do Prata, S. João d'El-rei); quatro seminarios theologicos, para ecclesiasticos (em Diamantina, Marianna, Pouso Alegre e Uberaba); cerca de 2.000 escolas primarias, mantidas pelo governo do Estado, alguns institutos de artes e lyceus de officios, sendo a instrucção primaria obrigatoria e mantida não só pelos cofres do Estado, como pelas municipalidades e por particulares.

Dos estabelecimentos particulares de ensino technico e theorico, é notavel o grande collegio norte-americano *Granbery*, mantido pela congregação methodista, em Juiz de Fóra, e no qual funcciona uma *Escola de Pharmacia*, reconhecida pelo Governo Federal.

***

Guilherme II esculptor Sabe-se que interesse o imperador allemão tem em tudo quanto é arte; principalmente, na esculptura. Os habitantes de Berlim são as victimas e disto se lastimam, o que não impede o soberano impenitente de cuidar, actualmente, em erigir as estatuas dos cinco principes de Orange nos terraços do seu castello. Os esculptores que receberam a encommenda fôram convidados pelo imperador para uma audiencia; ahi Guilherme II lhes disse que, muitas vezes, tinha vestido as antigas armaduras das cavallarias para apanhar perfeitamente a maneira por que ellas combatiam e andavam. Tantas minucias elle deu a esses artistas—que se tornou, assim, seu collaborador.

***

A primeira moéda norueguezа O governo de Noruega deverá pôr em circulação, por todo este mez, a moéda nacional destinada a substituir, pouco a pouco, a antiga moéda do reino-unido. Começou cunhando a mais pequena possivel — uma peça em bronze dum *ore*, que corresponde, em dinheiro brazileiro, a pouco mais de 6 réis. O verso da moéda tráz as iniciaes do rei Haakon VII, e o reverso, que é muito semelhante ao da moéda sueco-noruega, desenhada segundo a moda do seculo XIII, pelo pintor Elif Petersen. A peça foi gravada pelo sr. Throndsen, gravador da casa da moéda norueguеza.

***

Um homem artificial Um allemão quiz se divertir, ultimamente, e compoz um *androide*, um automato mechanico, feito de rodas, capaz de variadas fórmas de actividade, que anda, escreve, corre de bicycletta. Não lhe falta sinão ouvir e falar. Este *androide*, fabricado pelo sr. Frederick Ireland, é chamado *Enigmarelle*; tem 1 metro e 80 centimetros de estatura e encerra 305 peças e 7 motores, com 40 accumuladores de 84 volts para accionar os movimentos. O sr. Ireland não achou nada de melhor, para manter *Enigmarelle* em equilibrio, do que um apparelho analogo aos canaes semi-circulares da orelha, que são, no nosso corpo, os orgãos do sentido do espaço: tubos contendo mercurio, que varía com a posição do *androide*; dahi resultam estabelecimentoa e rupturas de correntes electricas que, agindo nos cylindros, restabelecem o equilibrio ameaçado. Este dispositivo serve para regular os movimentos da marcha em particular. Um outro permitte ao estranho apparelho escrever o seu nome numa louza, o que é extraordinario. Actualmente se está exhibindo com successo em Berlim. Mas a *Enigmarelle* nada tem de enigmatica: é simplesmente um apparelho de mechanica.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXI

No capitulos precedentes resumimos os principaes trabalhos legislativos que a Constituinte emprehendeu, iniciando e concluindo uns e abandonando outros nas pastas das commissões, ou sepultados no archivo. Do que resta evidentemente podemos aquilatar da elevação e cultura da nossa primeira Assembléa. Tudo ahi é, por assim dizer, acanhado e rudimentar. Não ha uma concepção lucida nem do governo, nem da administração do Estado e das necessidades moraes, intellectuaes e economicas da sociedade.

Por sua incapacidade, a Constituinte não só não conseguiu desempenhar as suas funcções legislativas, como se tornou quasi incompativel com o *poder imperial, orgão de sua convocação e seu creador*, segundo a phrase tantas vezes pronunciada no recinto dos representantes da nação.

E' uma Assembléa que não tem ordem nos seus labores. Nota-se logo, desde que se acompanha a marcha das sessões; por exemplo: apresenta-se um parecer para ser discutido. O primeiro que se levanta e o discute é o proprio relator; em seguida, os outros membros da commissão; por fim, outros oradores e todos approvando e justificando o parecer que ninguem criticou: assim, todo esse debate era ocioso e inutil; a perda do tempo, consequencia da falta de criterio e methodo, foi certa.

Um exemplo frisante temos na discussão do parecer da commissão, que tratou da questão do bergantim *Treze de Maio*, em que veio o marechal Luiz Paulino. Nesse acontecimento, a Camara esteve *abaixo da critica*; procedeu de modo inqualificavel, pela sua

ignorancia e pela carencia de circumspecção, como veremos quando tratarmos de tal assumpto.

Depois da demissão do gabinete Andrada, a Constituinte se mostrou mais corajosa; perdeu o terror dos *espias seguros* e dos delatores mantidos pelo intendente geral da policia, segundo as portarias do ministro José Bonifacio. O novo gabinete, cheio de moderação e bom senso, sem a insania das perseguições e devassas, procurou imprimir alguma ordem na direcção dos trabalhos legislativos, mórmente na lei fundamental, cuja demora compromettia a Camara e começava a impacientar e preoccupar a opinião. Já havia desapparecido o funesto ministerio Andrada. E porque não se discutia a Constituição? Não a queriam dar? A nação seria illudida ainda desta vez?

Eis ahi a pergunta que uns faziam aos outros. Felizmente no dia 15 de setembro é submettido á discussão o projecto da lei suprema e organica do Estado, que affirmam fôra redigido quasi exclusivamente por Antonio Carlos. Os outros membros da commissão haviam apresentado algumas idéas, ou notas; porém, convieram em incubir a redacção ao illustre publicista e orador paulista, que se desempenhou da tarefa galhardamente.

Nas sessões anteriores a de 15 de setembro, se disputou largamcnte sobre o methodo a seguir na discussão, julgando-se inconveniente e absurdo observar-se as fórmas do regimento, que prescreve:—1ª, 2ª e 3ª discussões. Não seria um disparate pôr em deliberação a utilidade do projecto da Constituição, que era um dos principaes escopos da reunião da Assembléa?

A commissão apresentou um plano; Vergueiro, uma emenda, e outros deputados enviaram á meza diversas emendas que fôram regeitadas.

Não vale a pena perder tempo em apreciar esta discussão, por assim dizer, preparatoria; preferimos, como faziam os poetas antigos, entrar logo —*in medias res*.

O primeiro que tomou a palavra foi Gomide, representante de Minas Geraes e fez algumas observações sobre redacção, méra disputa de linguagem: si deveria escrever *projecto da Constituição* para o Imperio do Brazil e não DE Constituição. Resolvida esta duvida, passou-se á leitura do preambulo, que continha estas idéas: «A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brazil, depois de ter implorado religiosamente os auxilios da Sabedoria Divina, conformando-se aos principios de justiça e de utilidade geral, decreta a seguinte Constituição.»

Travou-se renhido, confuso e futilissimo debate, que gastou tempo improficuamente; tomaram parte na disputa, os deputados Maia, Muniz Tavares, França, Silva Lisbôa, Montesuma, Araujo Lima, Costa Barros, Costa Aguiar, Pereira da Cunha, Vergueiro.

O ponto debatido foi a invocação da *sabedoria divina e utilidade geral*. Queriam uns que se empregasse a phrase *Ente Supremo* ou as *Trez Pessôas da SS. Trindade*; outros entendiam que a invocação deveria se accordar á doutrina da egreja catholica romana, na qual acreditava o povo brazileiro. Nesse longo certamen theologico, de lado a lado se disseram coisas frivolas e algumas judiciosas. Tres dos discursos proferidos se distinguem dos outros; isto é, o de Araujo Lima (marquez de Olinda) conciso, substancial, sem pretenção, restricto á materia e logico; o de Montesuma lucido pelo vigor da refutação; o de Silva Lisbôa, que não é nem uma dissertação juridica ou theologica, nem uma peça de eloquencia politica. E' um mixto de tudo. No correr destes estudos, se nos deparará occasião de traçar a physionomia desse orador, que converte o recinto do Parlamento em forum judiciario. Silva Lisbôa não combate o preambulo; apresenta emenda, ou antes um additamento, isto é, «*em nome da Santissima Trindade*» ás palavras do preambulo. Pelo tom e pela orientação logo se vê que em Silva Lisbôa ha dois entes; um velho—*laudator temporis acti*; um jurisperito que discorre com intemperança e fala —*de omni re scibili et inscibili*. Elle ha de nos ministrar frequentes opportunidades de contemplal-o. explanando os textos das leis romanas de envolta com as theorias de Adam Smith e com a SUMMA de S. Thomaz de Aquino. Elle tem gestos e ares que não o deixam passar despercebido no meio da maioria das mediocridades da Assembléa de 1823. Discutindo o preambulo da Constituição, negou haver a commisão, de joelhos, invocado as luzes da sabedoria deante do altar e, para pintar ao vivo o acto da invocação, o velho deputado bahiano, orando, *se ajoelhou*... A Camara ficou diversamente impressionada e, no correr da mesma sessão, o deputado Costa Barros alludiu a esta genuflexão com manifesta ironia. A scena representada era uma das reminiscencias da memoria do ancião professor de Coimbra, onde ensinou theologia. Muitos dos espectadores não comprehenderam a intenção do *artista*. Os oradores são tambem comediantes a seu modo: Demosthenes e Cicero, Hortensio e Julio Cesar o fôram na antiguidade e, nos tempos modernos, lord Chatam, que augmentava a eloquencia de sua palavra, com as flanellas e com o movimento das muletas, quando, erguendo-se enfermo do leito, comparecia na Camara dos Pares de Inglaterra e trovejava contra a politica de lord North, concernente aos Estados-Unidos, politica imposta ao ministro pelo rei Jorge III e da qual resulta a separação da colonia ingleza transformando-se em nação independente.

Um acontecimento importante — a chegada do bergantim *Treze de Maio*, conduzindo o marechal Luiz Paulino, interrompeu o andamento do projecto encetado na sessão de 15. A Assembléa julgou de mais importancia e urgencia se occupar com o bergantim portuguez *Treze de Maio*, e lhe consagrou, inteira, a sessão de 10 de setembro.

O marechal Luiz Paulino, enviado pelo governo de Lisbôa, passou na Bahia com ordens para o general Madeira suspender a lucta das armas e, já não o encontrando, veio ao Rio, onde tinha de se reunir a outros emissarios e apresentarem certas e determinadas proposições ao governo brazileiro.

D. Pedro, comprehendendo que qualquer conferencia com os emissarios de Portugal, naturalmente levantaria suspeitas odiosas, augmentaria as desconfianças provocadas no tempo do ministerio de José Bonifacio, teve a prudencia e tino de recuzar toda e qualquer communicação com o enviado sem prévia declaração de se mostrar competentemente auctorisado a reconhecer a Independencia do Imperio do Brazil. Levou o seu zelo a mandar considerar preza de guerra o navio, e não permittir siquer o desembarque do marechal, doente, quasi moribundo, e que de feito poucos dias depois falleceu.

Esse factor, logo que se divulgou, poz em alvoroço os oradores da Assembléa. Na sessão de 9 de outubro, leu-se a communicação feita pelo ministro da marinha, Luiz da Cunha Moreira. Alguns deputados, reputando um acontecimento gravissimo, estranharam que o Governo Imperial já não tivesse exposto á Camara todas as circumstancias delle. Travou-se prolongado e ardoroso debate, em que uns representantes mostraram a mais viva solicitude pelo interesse do bem publico: falava o patriotismo. Outros, porém, prevalecendo-se da conjunctura, suscitaram suspeitas que naturalmente avivaram as desconfianças antigas; faziam explodir os ressentimentos de seus despeitos e paixões mal dissimuladas. Tomaram parte no debate Carneiro da Cunha, Carneiro, Muniz Tavares, José Bonifacio, Henriques de Rezende, Ribeiro de Andrada, Andrada Machado, França, Gomide, Rodrigues de Carvalho, Carvalho e Mello, Vergueiro, Pereira da

Cunha—quasi todos os intellectuaes da Camara.

A discussão foi intrincada, confusa, sempre agitada e absurda, provando, mais uma vez, a desordem que inutilizava o trabalho duma Camara inexperiente, sem methodo e orientação, sem idéas e sem systema de politica pratica e esclarecida.

Não cabe reproduzir, aqui, a integra dos discursos; apenas daremos a nota dos que merecem ligeira menção.

Vimos que o ministro da Marinha participou a vinda do bergatim — *Treze de Maio*, trazendo o marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França; esse acto do ministro mostra que o Governo Imperial não tem intenções reservadas e occultas, deseja proceder de intelligencia com os representantes do povo. Comprehendeu, com bastante criterio, que esse negocio a todos interessava; por conseguinte, poz de parte a questão de competencia ou de ingerencia de attribuições do Executivo, ao qual competia conhecer e decidir a questão. Pensou que era um desses casos em que a *harmonia* de deliberação e de acção é necessaria para a bôa marcha da administração e obter com segurança resultados proficuos. Demais, d. Pedro, que observava as tendencias de certo grupo de representantes que desconfiavam da dedicação delle Imperador á cansa brazileira, julgou de bom conselho resolver conjunctamente com a Constituinte o caso do bergantim. A despeito desta cautela e prudencia, a discussão apura querer a Camara arrogar-se a exclusiva competencia de tratar delle, segundo Antonio Carlos declarou, alto e bom som, olvidando as theorias da separação e a *ingerencia indebita dum poder, empolgando o outro*, theoria por elle mal comprehendida, embóra preconisada e sustentada com arrogancia magistral e soberbo entono, no tempo do ministerio de seu irmão, como já mostrámos nestas paginas. Levada pela temeridade e influxo de certos homens, não havia erro que a Constituinte não commettesse; todos os seus erros servirão, mais tarde, de motivos á sua dissolução e ruina, convencendo ao Imperador da inutilidade duma Assembléa inexperiente e incapaz e, ao mesmo tempo, que não passava dum obice ou trambolho.

Notaremos rapidamente certos topicos dos discursos proferidos, e cujos intuitos facilmente discriminam-se. Depois que Carneiro da Cunha fez ponderações sobre a gravidade do caso do bergantim portuguez e Carneiro, (deputado bahiano, parente do ministro do Imperio) disse que estava encarregado pelos ministros a fazer á Camara a communicação verbal que seria seguida da official escripta, levantou-se uma agitação em certas bancadas.

Muniz Tavares disse: «isto é o que se tem passado com Luiz Paulino; mas de Portugal as noticias que teem chegado, merecem mais attenção. Entretanto, é admiravel que o ministro da Marinha se limite a dizer que chegou uma embarcação com bandeira parlamentaria e que pediu mantimentos para 40 dias! Eu não sei como se entende isto.»

Carneiro da Cunha observa que só se deve permittir desembarque, si vem reconhecer a nossa Independencia; do contrario, não.

Estavam disparados os primeiros tiros e, de roldão, surgiram os combatentes, que deram ao debate um caracter que tornava suspeito e odioso o Governo Imperial, a despeito delle desejar trabalhar de harmonia com a Assembléa, dirigindo-lhe communicações quer verbaes, quer por officios. José Bonifacio é o primeiro que censura o officio do ministro; balbucia que pedir mantimentos indica que já tratou dalguma coisa (!) e officio nada diz. Exaggera a sua intolerencia a tal ponto que chega a dizer ao deputado bahiano Carneiro — que este não é orgão legitimo para participações do Governo á Assembléa. Ora, nada mais disparatado; de sorte que dum acto que indica a pressa que o Governo mostra em inteirar á Camara do acontecimento, enviando immediatamente a participação official e do legitimo uzo de seu direito que fez o deputado Carneiro, achou José Bonifacio materia para fazer increpações. Do facto de pedir mantimentos indúz que *já tratou dalguma coisa!* Certamente; mas pedir mantimentos não dá como consequencia, nem provavel, quanto mais necessaria, de haver tratado de assumpto politico a respeito da causa da nossa Independencia, que é a materia concreta do debate. Semelhante critica é uma futilidade. José Bonifacio assegura que «*em cartas particulares lhe dizem que se trata de negociar contra a nossa Independencia*; *portanto, cumpre que esta Assembléa esteja com os olhos abertos e que não perca um momento, porque as circumstancias são criticas... A nação está ameaçada dentro e fóra*; *nada de demoras.*»

Nós veremos mais tarde que curteza de vista.

Está clarissima a perfida insinuação. Quem negociaria com o governo portuguez? Ou o governo brazileiro imperial ou a Assembléa; ora, não sendo a Assembléa, será o Imperador, portuguez e filho de el-rei, e com interesse de herdeiro dos dois reinos.

Debalde, Henriques de Rezende tentou explicar os factos e justificar o ministro da Marinha. Sáe-lhe ao encontro Ribeiro de Andrada, ex-ministro e irmão de José Bonifacio, imaginando hypotheses; entre estas diz: que talvez o emissario de Lisbôa viesse render o general Madeira. Ora dizer isso era dizer uma tolice, porque o general Madeira havia retirado ou fugido, e a guerra estava acabada.

«Emfim seja o que fôr, continúa o orador, porque não se participa a Assembléa e nos deixam em jejum?»

E' já bastante para semear a sizania no espirito publico e avigorar a desconfiança no tocante a d. Pedro, que não deixou de sentir esses golpes e ter novos aggravos da Constituinte, que assim o tratava, expondo-o ao odio da nação.

Faltava, da *trindade andradina*, entrar na liça Antonio Carlos, o qual começou a falar do seguinte modo: «Eu requeiro desde já que nada se trate por via desse traídor, desse brazileiro degenerado, desse infame, que não merece ser recebido entre nós. Exijo que se diga ao Governo mui claramente que nos communique quaes são as suas mensagens *para nós o auctorizarmos* sobre a resposta que deve dar; *isto pertence-nos. Hade ouvir a vontade da nação e executal-a.* Isto é o que devia ter feito o ministro dos negocios estrangeiros; mas Deus sabe como *lhe atão as mãos. Já me consta que o chefe da nação tem tido communicações particulares...*»

Notemos que o metaphysico da diversão dos poderes, o adversario implacavel das *ingerencias* dum poder nas attribuições do outro — quer AUCTORISAR o poder executivo a fazer o que é de sua attribuição!!!...

Mas quem *atava as mãos* ao ministro, sinão o Imperador, que já teve *communicações* com o infame emissario de el-rei? Lançadas estas duas mortiferas insinuações, o orador paulista, como vulgarmente se diz, fazendo o papel de morcego, após ter mordido, quiz assoprar, dizendo: o *sr. d. Pedro é o chefe da nação brazileira... ha de morrer comnosco...* nenhum rei estrangeiro nos ha de dar leis...»

E' um traço afinal da requintada malignidade: exaggerou vivamente os tramas traiçoeiros e apontou — *ecce homo.*

Sem duvida, o Imperador não deixou de recolher mais uma prova dos perigos a que o expunha a discussão da Constituinte.

Antonio Carlos, quando o irmão era ministro, não tolerava que se perguntasse ou requeresse alguma coisa ao Governo—*quantum mutatus ab illo!* Agóra, até a prerogativa do poder soberano, exclama, é nossa, nos pertence!» As sensações, mais do que a razão, dominam-lhe o cerebro.

Voltando de novo á tribuna, elle

denuncía á Camara e ao paiz «que consta das cartas que recebeu «que o conde de Palmella trabalha com muita actividade para metter a Santa Alliança na questão entre o Brazil e Portugal ; isto pelo celeberrimo principio de legitimidade, que os senhores reis da Europa querem estabelecer a todo custo. *Isto não me assusta muito*, porque os interesses da Inglaterra pedem que as outras potencias não tomem parte nestes negocios d'America.»

Antonio Carlos faz que se duvide do seu criterio : ora, si elle não se assusta com os poderosos monarchas da Santa Alliança, como tem levantado pavoroso alarido sómente por causa do insignificante bergantim — *Treze de Maio* ! !

Os outros oradores falaram mais ou menos nesse sentido, com certa moderação, sem allusões perfidas e ferinas ao Imperador. Discorreram sobre a gravidade do facto, esperando, todavia, que o Governo saberia resolver a questão no iuteresse e honra da nação, que queria manter illesa a sua Independeucia.

A pessôa do marechal Luiz Paulino foi atada ao pelourinho e surrada barbara e impiedosamente.

Antonio Carlos, na effervescencia das sensações que o assoberbavam ; na exaltação indignada do seu acrisolado patriotismo, auxiliado pelas mediocridades da maioria da Constituinte, cobriu o brazileiro — *traidor*, *degenerado e infame* — de baldões e vilipendios. Não houve stygma de deshonra que lhe não gravasse na fronte aviltada.

Nas coisas dos sentimentos humanos, releva, porém, julgar os actos com justiça e razão, ao contrario da cegueira das nossas coleras sómente.

O marechal era brazileiro, mas, desde a infancia, foi para Portugal, onde se educou, serviu e fez carreira no exercito. Seus ascendentes todos portuguezes ; sua educação, (que reveste o homem como que duma segunda natureza) inteiramente portugueza ; os sentimentos, idéas e crenças, que nutriram o seu espirito, eram as correntes sob o regimen da velha monarchia. Aquelle soldado, sob o influxo dos MEIOS cosmologico e social, pela lei sociologica da hereditariedade, tinha aferro á monarchia no tempo em que o Brazil e Portugal se ideutificavam e formavam uma só nação.

Quando sôou a hora da Independencia, elle, ausente do Brazil, não sentiu o mesmo fogo de patriotismo abrazar-lhe o saugue, como queimou o de Antonio Carlos e dos outros brazileiros, que permaneceram no torrão natal.

Não era dado a Luiz Paulino romper os liames de hereditariedade e das outras condições em que se achava em Portugal. Naquelle tempo, elle era portuguez, como eram todos os nascidos na colonia. Era cidadão da mesma patria. Que importa que um sophista, como Antonio Carlos, queira desvirtuar a natureza humana ? Luiz Pauliuo, si não era portuguez por nascimento, foi por outras razões poderosissimas que a vontade humana nem sempre póde vencer.

E', sem duvida, um triste e asqueroso espectaculo ver os Corolianos, os renegados, como os Calabar e os Vasconcellos, em Portugal, sob a dominação de Hespanha.

Póde-se nascer num paiz, ausentar-se delle e não conhecel-o nem amal-o. O que cria o amor á patria é viver no seu sólo ; ter ahi passado da infancia, em que tudo é sorriso, á juventude, em que tudo é amor e alegria; á edade viril, em que as virtudes civicas engrandecem a alma ; á edade madura, em que todas as reminisceucias nos enchem dessa saudade, gosto amargo de infelizes :

> Saudade ! gosto amargo de infelizes,
> Delicioso pungir de acerbo espinho
> «Que me está repassando o intimo peito
> Com dôr, que os seios d'alma dilacera,
> — Mas dôr que tem prazeres — »...

O marechal Luiz Paulino jámais gozou, na Bahia, sua terra natal, a suprema felicidade da existencia ; e, si a tivesse tido, amaria, adoraria o sólo querido, cujo amor um poeta bahiano exprime em melodiosas estrophes :

> «A patria.....
> O que ha de mais charo ao coração humano;
> Por ella.....
> Geme o plumeo cantor em doces trinos
> Entre os arames, que gozal-a o privam ;
> E tanto, ás vezes, se lhe azéda a magua,
> E sem poder soffrel-a a vida perde :
> Até o marmore, emfim, duro, insensivel,
> Bem que, em soberbos ostentosos tectos,
> Os primores subtis blasone d'arte,
> Como que alli — mudo, insensivel —
> A ausencia chora
> Da amada rocha, de que foi lascado...»

O brazileiro degenerado teria o coração mais duro que o marmore ?

Lembro-me de haver lido, na historia da litteratura allemã, que os grandes espiritos como Heder, Gœthe e outros confessavam que não comprehendiam o sentimento do patriotismo ; mas o diziam antes da invasão franceza.

O marechal descende duma familia da antiga nobreza de Portugal ; seus paes habitavam em suas propriedades agricolas do Reconcavo, na Bahia, no engenho Quitangál, municipio da cidade de S. Amaro, onde nascera o marechal.

Dá-se com esta familia uma singularidade: os filhos nascidos em Lisbôa, vindo ao Brazil, adoptaram a causa da Independencia e alguns serviram no exercito brazileiro, como o marechal Luiz da França, que gozou de extrema popularidade na Bahia; como o brigadeiro Garcez Pinto, que foi benemerito da Independencia. Ao contrario, os filhos nascidos no Brazil, tomaram o partido de Portugal, onde serviram, onde ficaram, como o marechal Luiz Paulino, objecto do presente debate parlamentar. Dessa mesma familia, procede a dos condes da Fonte-Nova, segundo outr'óra li.

Emfim, cessou o supplicio do marechal, quando se ouviram as seguintes palavras do deputado Pereira da Cunha : «Estamos a gastar tempo inutilmente : o homem é máu ; não merece a nossa consideração; mas não é esse agóra o nosso objecto. O ponto da questão redúz-se a saber si devemos esperar a participação do Governo ou pedir-lhe as noções que desejamos.»

O presidente propoz que se deveria officiar ao Governo para ministrar as informações concernentes ao bergantim *Treze de Maio* ; a Camara decidiu que sim (1).

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Diario da Camara*, tomo V, sessão de 9 de setembro.

RECEBEMOS :

«*Pela* sinceridade governamental e a liberdade espiritual : a restauração dos símbolos teológicos nos estabelecimentos do Estado ; a propósito das ezéquias oficiáes em commemoração das vítimas da catástrofe do *Aquidaban* ; publicação do Apostolado Positivista, por R. Teixeira Mendes.

— *L'exécution* du testament de notre Maître» pelo mesmo auctor ; «Indice alfabético das matérias contidas nos *Boletins* em português do Apostolado Positivista» (1897-1905.)

— *Revista* Escolar, do Instituto de Humanidades, dirigida pelo professor Joaquim da Costa Nogueira, na capital do Ceará.

A *Revista* contém trabalhos escolares de sciencia e litteratura que marcam com muito realce o methodo de ensino e os felizes resultados daquelle instituto de educação.

*

— Já reappareceu o *Unitario*, do Ceará, o inflexivel orgão da opposição, empastellado em janeiro, nos termos da nossa local inserta no num. 68, anno III, dos *Annaes*. Reappareceu brilhantemente, com todo o vigor da penna do sr. João Brigido, um jornalista provinciano que consegue dar aos seus artigos politicos o ponto de os fazer interessantes e agradaveis mesmo fóra do Ceará e mesmo quando tratam da politica de costa d'Africa que é a desse Estado.

O sr. João Brigido é quasi octogenario, e nem por isso o seu espirito deixa de ser um dos mais combativos e frequentes no exame de assumptos de toda a ordem. Nós disso podemos dar immediato testemunho ; nós e os nossos leitores, os quaes muito distinctamente querem á excellente collaboração que elle nos tem dado.

O CLERICALISMO NO BRAZIL

A EGREJA E A ESCOLA

Entre os variados aspectos que apresenta a avassaladora clericalisação da Republica, nenhum nos parece mais digno de reparo e mais prenunciador de terriveis calamidades do que o que ahi se nos offerece no ensino da mocidade.

Os nossos homens de governo disso não cogitam ; os da imprensa não lhe dedicam attenção, nem enxergam nelle motivo para intervenção urgente. Por outro lado, sem ponderar as consequencias, os paes cedem á *moda* ou á inspiração, que pobres damas ingenuas vão beber nas sacristias e no seio de perigosas congregações beatas. E assim, a pouco e pouco, se váe affeiçoando o ensino a certa maneira catholico-romana, entregue á orientação fradesca e congreganista, ministrado em dezenas de collegios, dos quaes, uns — os equiparados — estão apenas sujeitos a problematica fiscalisação, e outros, a maioria, funccionam ao bel-prazer de um professorado tão clerical quão pouco brazileiro. Ha quem pretenda que isso não póde causar damno á Republica, nem influir na formação do espirito nacional, confiando assim no indifferentismo do nosso povo por tudo que pareça disciplina religiosa. Esses são máus observadores. Não percebem que o falado *indifferentismo* já váe desapparecendo, sob a habil pressão do beatismo importado, da acção das famosas «associações leigas», da propaganda tenaz mantida por todas as fórmas, a soldo de capitaes europeus, que encontraram ultimamente, no Brazil, vantajoso mercado de exploração religiosa. E não teria tamanha importancia essa manifestação do clericalismo no ensino e na educação, si, de facto, não traduzisse um phenomeno, entre muitas, de certo estado da *alma popular* brazileira, mais ou menos indisposta com a vigente Republica e com seus principios institucionaes.

Só não sente esse facto quem não quer ser observador sincero e imparcial. A reacção religiosa, (***mais ou menos ligada a uma latente reacção monarchica***)—não só se patenteia no ensino. Já subiu ás camadas superiores da sociedade ; penetrou os recessos da publica administração, que despejadamente se confessa, a cada paso, catholica-apostolica-romana, agindo, por suggestão de poder, sobre as camadas inferiores, que procedem por imitação inconsciente.

No final das contas, como se póde exigir de um pobre homem do povo a comprehensão da Republica leiga, quando se vêem os homens que o governam dando repetidos exemplos de genuflexão ás cerimonias de uma certa religião, tratando de egual para egual com seus representantes, acceitando delles honrarias e titulos beatos, tolerando as imagens desse mesmo culto em recintos destinados ao exercicio de funcções publicas ? !

Juntem-se os actos bem conhecidos, com que os próceres e magnatas da Republica manifestam sua adhesão e seu apoio official ao catholicismo, com a constante e espertissima propaganda dos clericaes nossos e estrangeiros—e resultará, clara e nitida, a explicação de certas praticas populares que ainda hoje denunciam fervoroso apego aos principios da antiga religião do Estado.

Não é de admirar que, em certos logares do interior, só se realizem casamentos pelo *religioso*, quando se sabe que aqui, neste centro de vida intellectual e governamental, a missa é cerimonia obrigatoria e propiciatoria para algumas solemnidades da Republica ; os dias santos são guardados por innumeros funccionarios do Executivo e pela maioria dos juizes ; os grandes da terra se orgulham com as bençãos papaes ; os homens mais cultos preferem para a educação dos seus filhos os collegios de frades e outros semelhantes, que lhes são recommendados por bispos e vigarios, cedendo estes, por sua vez, a recommendações vindas do estrangeiro !...

E, em verdade, só este ultimo aspecto da questão nos apavora, por emquanto. A representação diplomatica no Vaticano, o Christo no Jury, o absurdo beatismo official não encerram o perigo que vem no bojo desse ensino de seminario mais ou menos disfarçado. Só póde permanecer sem receio e sem apprehensões, deante do que se está passando, quem não conheça a orientação da Egreja ácerca do assumpto e não se recorde do que tem havido em outros paizes, bem mais preparados do que o nosso para a lucta pela liberdade intellectual.

Geralmente se suppõe que a Egreja moderna acceita o que ella chama os «principios de seculo»; que ella acompanha, em materia de educação, as theorias e normas da Sciencia ; que ella, finalmente, reconhece ao Estado o direito de ensinar, sómente querendo a liberdade para a manifestação das suas idéas e das suas crenças. Si assim fôsse, não haveria grande mal no estabelecimento de casas de ensino catholico. Mas, verdade é que os modernos doutores da Egreja não acceitam, absolutamente, os principios soberanos da Democracia, nem attribúem ao Estado a qualidade de educador. Apenas toleram a situação actual como um periodo de *transigencia forçada*, dentro do qual a «Mestra dos Povos» se deve preparar para a definitiva *conquista das almas*. E é com este espirito que se vem implantar, entre nós, o ensino clerical. Foi elle, como veremos, que tornou impossivel, em outros paizes, a tolerancia imprudentemente mantida para com as congregações docentes.

EVARISTO DE MORAES.

A LIVRARIA

« SÊ BEMDITA !» POR ALMACHIO DINIZ. — BAHIA

Antes de me haver chegado ás mãos este opusculo do conhecido litterato bahiano, li algumas criticas que lhe fôram feitas por aqui, muito desfavoraveis ao seu trabalho.

Teria toda bôa vontade em poder dizer justamente o contrario ao dar conta da impressão que recebi dessas paginas por minha vez.

Eu não mantenho preconceito em favor nem contra escola litteraria nenhuma. Aconteceu, no emtanto, que, no momento em que comecei a apparecer aqui no Rio, os decadentes e os symbolistas estavam na sua hora.

Verlaine, morto, influia muito mais do que em vida nas ladainhas e badaladas (*blom ! blom !*) dos poetas da moda em Portugal e no Brazil. Mallarmé servia para consagrar todas as obscuridades, todas as deficiencias e mesmo ás vezes todos os despropositos que á falta de talento, ou então á pouca edade, á inexperiencia na difficil arte é que na realidade se deviam attribuir.

Ibsen e Maeterlinck pontificavam no altar-mór do symbolismo, attraíndo mais poderosamente para os seus horizontes aquelles dentre nós inclinados a um sonho mais largo, mais poderoso e mais humano.

Eu não fui estrauho principalmente á influencia destes ultimos, e a minha intima convivencia com Cruz e Souza, mais velho do que eu, fez com que me considerassem seu discipulo, o que até certo ponto não deixa de ter fundamento. Devo ao nosso poeta negro, como já tive occasião de dizer, o estimulo que talvez se tornou decisivo na minha vida litteraria e a influencia da athmosphera moral que era propria áquelle heroico sonhador, isso nas suas linhas geraes.

Sê bemdita ! é um producto de arte symbolista e nephelibata, uma repercussão no norte do movimento que no sul e aqui na Capital váe amortecendo de vez. Por conseguinte, não ha razões para que se possa julgar que eu lhe seja systematicamente hostil, como se diz que o são os chamados *velhos*.

Devo declarar, porém, que não gostei nada daquelle trabalho. São paginas difficeis de ler, não só pelo alcandorado e retorcido da fórma, como pela mal disfarçada pobreza de concepção.

O sr. Almachio Diniz póde ser um homem de merecimento, — não duvido,—mas nesta obrinha mostra não ter imaginação creadora e dá prova de muito máu gosto litterario.

***

«Sól» — Fléxa Ribeiro. —Livraria Classica, de Lisbôa. — 1906.

Uma qualidade não se póde negar ao sr. Fléxa Ribeiro : é a de *virtuose*, indispensavel até certo ponto a todo artista. Ella é um resultado da imaginação facil e prompta, de que se preciza na poesia como nas outras artes, para vencer as difficuldades da execução.

A rima, o metro e todas as demais condições que uma bem entendida convenção poetica estabelece, em vez de serem um mal para o verdadeiro artista, são antes o *sine quanon* da sua obra, porque lhe servem de poderoso estimulo á imaginação.

Tendo de produzir o seu pensamento dentro dos limites que a arte lhe impõe, de caminhar como quem váe livre, tilintando-lhe, emtanto, aos braços as algemas da convenção, elle ha de exercitar forçosamente o cerebro á procura de saídas airosas, de soluções felizes.

Si na verdade é uma natureza para o caso, admirar-se-á de si mesmo, surprehendido com uma colheita imprevista, que só o ineluctavel lhe poderia proporcionar.

Vê-se, desde as primeiras partes deste livro de versos, que o sr. Fléxa Ribeiro trabalha com certa facilidade, qne as suas rimas attráem seductoramente outras rimas e o seu verso outro verso completativo. Não é abundante, muito menos torrencial, mas é sufficiente, tem naturalidade e graça.

Não bastam, no emtanto, estas qualidades para formar um poeta. E' mais essencial termos o que dizer do que sabermos dizer o que ainda não se pensou. Sem vida propria, não ha ninguem verdadeiramente interessante. Sobre isso, ainda é preciso que essa vida se desenhe bem nitida em nossa imaginação, que possamos nos dar conta della de um modo claro e preciso para que haja possibilidade de transmittirmos aos outros uma impressão viva de nós mesmos.

Nota-se nas primeiras partes do *Sól* que o caso do sr. Fléxa Ribeiro é daquelles em que o *virtuose* se desenvolveu antes do poeta propriamente dito. Parece que houve mais leitura do que vida interior, mais curiosidade litteraria do que estudo de si proprio, e mesmo do que assento, do que seriedade mental na phase a que o distincto estréante deve a recolta das trovas que figuram até mais de meio do seu livro.

Demais, parece,—e isso até ao fim, —que o poeta não é dos compositores mais exigentes comsigo mesmos. Dispondo de uma facil imaginação, váe acceitando — supponho, — o que primeiro lhe vem á penna sem verificar si isso corresponde exactamente ao que pretendia dizer. Afigura-se-me isso, porque é rara aquella de suas producções cujo pensamento esteja clara e perfeitamente exposto do começo ao fim.

A ultima parte do livro é a melhor. Já se nota nella o esboço de uma individualidade, é pena que mais doentia, mais desolada, sinão desillusionada do que seria para desejar.

Os versos do sr. Fléxa Ribeiro são geralmente bem feitos e modernos ; sente-se a influencia de portuguezes e talvez de um ou dois brazileiros dos ultimos tempos, sem que, no emtanto, se possa reconhecer nelles traço de imitação servil.

Não tem esse traço, mas por outro lado ainda lhes falta um pouco de caracteristico proprio, esse *quê* inconfundivel, determinante do talento provado.

***

« Pelo norte » — por Gustavo Santiago—Laemmert & Comp.—Rio de Janeiro.

Perpassam-se com prazer estas trinta paginas que Gustavo Santiago nos offerece depois de havel-as lido na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Para quem conhece o poeta, nada mais natural do que esta sua apologia das terras do norte, após uma viagem em que por toda parte foi recebido carinhosamente, como era de esperar. Elle não sabe proceder sinão com extremos, principalmente quando tenha de agir em correspondencia a um movimento fidalgo da parte de outrem.

O que é curioso é que tenha sido escolhido o salão da Sociedade de Geographia para esse fim, não só porque quasi nada ha de geographico naquelle trabalho, como pelo que se sabe dos antecedentes do sympathico conferencista.

Gustavo era um *novo* ás direitas, ainda ha pouco, e a prestigiosa associação em que elle se fez ouvir, com a presença da directoria e em plena sessão, é das mais vetustas que possamos ter; por conseguinte, ninho de *velhos*, essencialmente *amedalhada e conselheiresca,* antipoda dos representantes da ultima hora, talvez se dissesse melhor : dos representantes da hora que está para vir.

Este passo, dado conscientemente, significa que o nosso valioso Santiago já se reconhece em outra phase da existencia.

Isso se vê, aliás, implicitamente, no modo por que está feita a propria conferencia, que é leve e brilhante, mas vasada dentro de moldes normaes, sem extravagancias de *novo,* a não serem certos preciosismos e singularidades na construcção, e esses mesmos, relativamente, já muito raros.

E' o caso de dar parabens aos *velhos* por esta conversão symptomatica.

Nunes Vidal.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Desçamos a escola hierarchia e tomemos em um só monte a numerosa classe immediatamente inferior — a dos officiaes superiores, principalmente os coroneis e tenentes-coroneis, aos quaes compete o commando dos corpos e outras chefias.

Para a satisfação do modesto fim que nos guia nesta analyse, e que, de nenhum modo, reveste caracter de desconsiderações pessoaes — basta apreciar os chefes em segundo, e com os quaes mais de perto e assiduamente lidamos, de fórma geral, englobadamente, salientando um ou outro episodio particularisado, ou não, para definir o gráu de sua capacidade e aptidão technico-profissional.

Com verdadeiro pezar, confessamos que a grande maioria segue com escrupuloso cuidado e attenção os exemplos máus dos que pairam nas regiões

mais elevadas, e talvez até — muitos delles mais requintados sejam em revelar aos seus commandados o absoluto desconhecimento e criminoso desprezo que lhes merecem os assumptos proprios da profissão.

Não ha causas extraordinarias para determinar esse procedimento mais apurado; ao contrario, tudo é naturalmente explicado pela menor latitude da sua responsabilidade induzindo o menor constrangimento em patentear aos olhos dos outros a incapacidade, indolencia ou desamor pela vida militar que caracteriza a cada um.

Os nossos commandantes! Que fazem elles no seu tirocinio arregimentado, justificando a utilidade de sua acção permanente e indispensavel?

A quasi totalidade — escuza dizer que se apontam excepções merecedoras do nosso apreço — individualiza a sua inferencia e direcção por consequencias completamente improductivas ou nullas.

O *bom* commandante de corpo, o commandante *modelo* — na extensão mais ampla da applicação desse qualificativo, entre nós—visita diariamente os alojamentos das praças; váe ao rancho e prova a *boia*; á cosinha; ás reservadas, para verificar o estado de asseio ou desasseio em que se encontram. Nunca falta ao quartel ás horas do expediente, iniciado entre 11 horas da manhã e meio dia; preoccupa-se muito com a sua banda de musica, obrigando-a a repetidos ensaios e retretas; manda soprar muita corneta ou clarim e rufar muito tambor, de manhã, de tarde, de noite, a toda hora, emfim.

Além dessa extrema actividade toda *tarimbeira*, ou como melhor a denominem — veem a outra parte importante da sua afanosa vida — a preoccupação puramente burocratica — cujo principal estalão de medida é o numero de officiaes annualmente expedidos ás diversas auctoridades que o cercam.

E' este um ponto de alcance transcendental—e até já entrou em nossos habitos officiaes—indicar a actividade e a somma de trabalhos realizados, por um corpo ou repartição, pelo numero de officiaes expedidos.

Assim, commandante ou chefe que se preza preciza, pelo menos, inventar diariamente uma duzia de assumptos para officios, embóra á custa de desdobramentos, de maneira que ao encerrar o anno possa contal-os na casa dos milhares. E atráz dos officiaes véem na mesma profusão as partes, as relações diversas, os requerimentos, uma infinidade, emfim, de papeis inuteis, cujo desapparecimento, de dois terços pelo menos, marcaria accentuado progresso administrativo, com um grande beneficio para as preoccupações peculiares ao preparo profissional.

Após essa tempestade quotidiana de papelorio improductivo, segue-se a facura da ordem do dia e redacção das ordens para o detalhe do serviço diario, apregoado na casa da ordem pelo major fiscal.

Entre 2 e 2 e meia horas da tarde, —terminada essa ultima parte do espectaculo— o commandante se atira em caminho de casa, para repouzar das fadigas de um dia cheio — satisfeito com a sua consciencia, convencido de ter cumprido escrupulosamente as suas obrigações.

Ora, cumpre confessar que, como *dona de casa* e burocrata, não está elle, realmente, muito longe da perfeição.

Mas como a vida de um batalhão ou regimento não se limita a tão secundario aspecto, pois é fóra de duvida que todos esses affazeres constitúem a sua parte menos importante, comprehendida como deve ser, convindo attender com mais solicitude ao preparo do soldado para a guerra, segue-se que um tal regimen é totalmente improficuo e assim nenhum resultado real e affectivo dará nas occasiões necessarias.

Ao que nos conste, jámais os commandantes occuparam as horas de trabalho em reuuir os seus officiaes para lhes ensinar ou discutir questões da sua profissão—geraes ou particularisadas a factos passados em exercicios. Officiaes e praças, afóra os serviços fatigantes de guardas, fachinas e coisas semelhantes, muito raramente são chamados a exercitarem a sua actividade nos mistéres principaes da sua carreira.

A instrucção technico-profissional sujeita á sua alçada, e pelas quaes são responsaveis, corre a completa revelia. E nem a sua attenção poderia voltar-se para isso, tal o alheiamento em que vivem das suas necessidades primordiaes.

Commandantes existem que nem ao menos conhecem por inteiro as curriqueiras manobras da sua unidade em ordem unida; e estas mesmo, quando sabidas dormindo — são repetidas como menino decorador repete a taboada na aula primaria. Por isso, nenhuma ligação estabelecem elles entre as manobras e as necessidades tacticas que as determinam, e antes as attribuem a simples arranjos de effeito. Dahi é natural que jámais vejamos commandantes proporem e criticarem o emprego de uma tal ou qual manobra, a sua simplificação ou eliminação, pois a tanto não lhes permitte engenho e arte.

Ora, concebido desta maneira, o papel do commandante torna-se de importancia muito somenos e não exige muitos annos de permanencia nos postos inferiores, nem tanto tirocinio: qualquer alferes menos novo poderia desempenhal-o com egual proficiencia.

Affiguram-se mais commandantes de simples guardas nocturnas, pois já não se pódem citar os corpos policiaes porque alguns trataram de inverter os seus papeis com a introducção de instructores estrangeiros.

Estaremos, por acaso, condemnados a mudar os nossos destinos? Reservar-nos-á o futuro o policiamento das ruas?

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

OLHOS DO CÉO

Só eu conheço a languida ternura
De um triste olhar de lumes concentrados;
Só eu conheço ao vel-o a noite escura
De extrenuos corações apaixonados.

Essa dos olhos verdes engraçados,
De lindo porte, esplendida figura,
Que minh'alma tantalica procura,
Só veio á luz por mal dos meus peccados.

Olháe-me, ó virgem santa, si o entenderdes;
Quero enlevar-me aos limpidos fulgores
Da luz divina desses olhos verdes.

Visão dos templos, coração das flores,
Fitáe-me rindo, si fallaz quizerdes,
Viver de sonhos e morrer de amores!...

IGNACIO RAPOSO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Precauções contra a saccharina. — Sua acção sobre os orgãos digestivos e sobre os rins. — O prof. H. W. Wiley.

Experiencias feitas com pequena quantidade de saccharina, absolutamente pura, demonstraram que essa substancia retarda consideravelmente o processo digestivo da bocca do estomago e dos intestinos, sendo particularmente deleteria para os que soffrem de diabetes, aos quaes se prescrevia a saccharina como inoffensivo succedaneo do assucar, conforme a opinião do professor Plugge.

Em 1900, Bornstein, continuando as investigações de Plugge, demonstrou que a saccharina, impedindo a assimilação dos alimentos, diminuia a capacidade para o trabalho. Os doentes de diabetes queixam-se de que ella produz nauseas e lhes perturba a digestão. Isto confirma a opinião dos medicos da Saúde Publica em França, ha dezesete annos contraria á substancia então chamada assucar de homilla.

Suscitou-se, ultimamente, a questão — ser ou não a saccharina um veneno. Muitos especialistas responderam pela negativa pelo facto de não terem observado na sua clientella casos de desastres e por terem observado, em experiencias sobre animaes, que os effeitos fataes sómente occorreram quando foi a saccharina administrada em fortes dóses.

A saccharina não é um veneno violento, mas não deixa, por isso, de ser prejudicial e demandar cautelas no seu emprego. Em 1902, na cidade de Praga, uma familia inteira adoeceu e perdeu um dos seus membros pelo uzo immoderado daquella substancia. Na Allemanha, existe a *Susstoff Gesetz*, lei regulando o commercio de doces com prevenções sobre o emprego da saccharina, cuja venda em outros paizes está subordinada a severas prescripções.

O meio de experimentar os effeitos da saccharina é muito simples : basta collocar um peixe vivo em uma solução della ; o animal manifesta immediatamente grande inquietação, muda de côr e perde o sentido da direcção na maneira de nadar. Em uma solução de assucar, não se observam esses phenomenos.

O professor H. W. Wiley, especialista no estudo de substancias empregadas para adoçar e conservar generos alimenticios, proscreve o uzo da saccharina como de perniciosos effeitos sobre os rins.

A energia electrica. — Transmissão por meio de cabos submarinos.—As condições especiaes da America e, particularmente, do Brazil.

A transmissão da energia electrica está tomando extraordinario desenvolvimento e imprimirá uma verdadeira revolução na industria, principalmente nos paizes dotados como o nosso de abundantes e collossaes quédas d'agua.

Nesse particular, a Suecia e a Noruega se achavam em condições excepcionaes para a utilisação dessa força, precioso producto de que hoje se denomina a *hulha branca*.

A cidade de Lund váe aproveitar as quédas do Laga para o producção da electricidade, não sómente á propria cidade sinão a outras localidades do sul da Suecia. A exploração será feita por um syndicato dinamarquez.

O Laga nasce nas montanhas do Smaaland, atravessa a provincia do Aalland e desagúa perto de Laholm, formando no seu curso grandes quédas—a Magefos, com mais de 8 metros de altura ,e Katefos com 10 metros. O syndicato dinamarquez installará estações electricas junto de cada uma dessas cataractas, donde a força electricta será transmittida por meio de cabos a Helsingborg, na costa meridional da Suecia, dahi, por cabo submarino, atravéz do Oersund, até á Dinamarca.

Esse methodo de transmissão de energia electrica pelos submarinos de um paiz a outro, constituirá um novo meio de desenvolvimento dessa industria moderna, ligando economicamente as diversas partes da Scandinavia.

A America se acha em condições especiaes para a mais vasta applicação da electricidade, produzida pelas maiores quédas d'agua conhecidas. O Niagara está fornecendo força em proporções collossaes e, num futuro não remoto, Paulo Affonso, Iguassú, as quédas do Uruguay e outras menos consideraveis da nossa incomparavel rêde fluvial, serão outros tantos centros de propulsão da industria brazileira. A empreza do Ribeirão das Lages é o primeiro passo, já em proporções gigantescas, no sentido do fecundo aproveitamento dessas formidaveis forças naturaes.

***

Deslocação dos pharóes. — Milagres da engenharia. — Processo da remoção. Trabalhos identicos executados nos Estados Unidos.

O pharol de Wittenberg, perto de Hamburgo, foi edificado sobre arêa de alluvião que impunha a necessidade de frequentes trabalhos de dragagem, dispendiosos, difficeis e sempre insufficientes. Para dar-lhe permanente estabilidade foi necessario deslocal-o, recuando-o para uma dezena de metros mais ao sul, de maneira que se pudesse alargar de 142 a 200 metros o canal.

O deslocamento das grandes massas de construcção não eram uma novidade entre os impossiveis ao esforço da intelligencia humana. Trabalhos dessa ordem se effectuaram com grande successo na America do Norte, onde se removeram,com perfeita segurança, hoteis, edificios monumentaes, notadamente um templo, em Chicago, com uma torre de 80 pés de altura, sem perturbação do serviço divino. Mas no caso dos pharóes, a empreza offerecia difficuldades especiaes,obstaculos formidaveis, como fôssem a consideravel altura e a base muito restricta, inconsistente, e a acção de continuo movimento do mar.

Era preciso não haver a menor interrupção nos signaes do pharol, como demandava a extraordinaria navegação daquelle sitio da costa e assegurar-lhe alicerces muito fortes na posição nova. Para proceder-se á escavação da nova collocação e á construcção dos alicerces de alvenaria, construiu-se com longarinas de ferro macisso um caminho em declive sobre o qual rolos de aço, duplamente emparelhados, deveriam, por um movimento methodicamente progressivo, fazer deslizar a torre do pharol na direcção do novo logar. Esse movimento se effectuou com o auxilio de um gancho movido á mão manobrando um cabo metalico, ao passo que um outro gancho servia para impedir os desvios da torre. Dois outros ganchos, com os cabos amarrados ao alto do pharol, impediam as oscillações.

O trabalho dessa deslocação durou 32 minutos. O pezo do pharol era de cerca de 60 toneladas e a altura de 38 metros. O custo dessa empreza extraordinaria, realizada com absoluto successo, se elevou, sem a alvenaria e os andaimes, a 8.750 francos.

O ALMIRANTE (82)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

Amelia empregava todos os seus fortes meios de inhibição para affrontar aquelle lance cruel, mas não havia previsto que a irmã pudesse dissimular com tanta serenidade a repercussão de golpes ferinos, as insinuações mal veladas nas referencias a Sergio de Lima, a Dolores. Dar-se-ía que Hortencia se subordinasse, sem resistencia,ás inspirações maleficas da ambição ? Seria possivel que tivesse

assumido a sua posição de esposa, renegando, como acontece na grande maioria dos casos, os castellos doirados da juventude, os sonhos nascidos do primeiro movimento do coração? Estaria ella plenamente satisfeita com a posição social, com os haveres conquistados naquella aventura, que houvesse fechado a alma ao remorso, ás recordações do doce passado de hontem?

Estas ogitações lhe occorriam desencadeiadas ao espirito turvado pelo abalo da decepção.

—Dizes bem, Amelia—acudiu Hortencia, confirmando as derradeiras palavras de Amelia — Dolores me sedúz, me encanta. O seu olhar meigo, a vóz suave e maviosa, as maneiras teem não sei que de espontaneo, de ingenuo que me attráe. Não é assim, Oscar? Chamem-lhe demonio, voluvel, indiscreta, o que quizerem; a mim me agrada immensamente aquelle tom de franqueza com que ella sabe dizer coisas que seriam asperezas nos labios de outra mulher.

— Concordo plenamente comtigo, minha filha—interrompeu a marqueza — Aquella formosa creatura poderá ter muitos defeitos, que eu perdôo pelo bem que ella me faz quando está commigo, distraíndo-me, afugentando as recordações tristes que me perseguem. E' uma cabecinha de vento e um coração de ouro.

Amelia ouvia, hirta de despeito, a vóz sonora de Hortencia, aquella vóz avelludada e firme, a que a commoção sopitada imprimia um tremulo imperceptivel.

— Estimo muito — replicou ella, emittindo a custo as palavras — que estejam de accordo commigo em desprezarem as insinuações da maledicencia contra a pobre Dolores. Pelo que se diz, pelo que se murmura contra nós, estariamos todas condemnadas..

—Injustamente—completou o advogado Souza e Mello, assomando ao patamar.

—Que feliz surpreza—exclamou a marqueza!—Pregou-me um susto.

—Eu sou como o azar—continuou Souza e Mello — Não avizo, chego sempre sem ser esperado. E, como falavam em condemnação, assertei em accrescentar tratando-se de réos tão gentis, injustamente. Eu estava com esta visita ao nosso almirante engatilhada. Cheguei ao palacio, encontrei-o abandonado, dirigi-me sem hesitar para este sitio onde se concentram todas as alegrias da familia. Em baixo, ninguem; subi e cheguei opportunamente para addicionar o meu protesto de advogado e cavalheiro de tão gentis damas.

— O senhor está muito falante — observou a marqueza.

—Isto me acontece nos momentos de bom humor, como agóra. Eu estava ancioso para dar um abraço em Oscar, quando as suas costellas o permittissem pela excellente peça que elle pregou na fatalidade, ou, antes, no ministro da Marinha. Promoveram-no para reformal-o e abrir uma vaga nos quadros da armada, coisa que vinha a matar para a afilhadagem do Governo, porque nestes tempos de paz octaviana, ou, antes, republicana, não morrem almirantes... Oscar parecia um official superior dado em consumo; fizeram-lhe a cortezia da promoção, com a vantagem da refórma. Eu, no caso de Oscar, agradeceria a primeira e recuzaria a segunda, pela razão evidente de não ter morrido, de estar rijo, são e muito capaz do serviço naval... Então, como váe? Completamente bom, feliz.

—Muito bem, meu caro doutor — tornou Oscar abraçando — Bom e. feliz.

— Não ha duvida. Isto se vê, sente-se, transparece como um fulgor que vem d'alma. Diz o proverbio que casamento e mortalha no céo se talha... No seu caso, o casamento se talhou na mortalha transformada em manto nupcial, prova de que a fatalidade, como a desgraça, tem, ás vezes, utilidades venturosas. Desta feita, os resultados fôram contagiosos. A nossa querida marqueza parece que teve o melhor quinhão nesse capricho da sorte.

— Quanto me custou...—observou a marqueza, sorrindo.

— Não pense mais nisso — continuou Souza e Mello, interrompendo-a — Si o céo está azul, sereno e bonançoso, não devemos relembrar as nuvens negras que o toldaram. A senhora se deve dedicar, agóra, ao futuro, a essa familia que váe nascer ao bafejo do seu carinho maternal, dessa familia que será a sua consolação na ultima phase da sua vida.

— Diga: da minha velhice.

— Oh, marqueza! As mulheres superiores não envelhecem.

— Eu que o diga. Sou uma ruina que não se póde mais disfarçar. Veja estes cabellos brancos..

— Que accrescentam aos seus encantos o da venerabilidade precóce. Repare: aquelles fiosinhos de prata não ficam como um adorno encantador na cabeça de Oscar, na bella fronte de Amelia?... Dão-lhe um certo tom de nobreza...

Um relampago de colera faiscou nos olhos de Amelia.

— Pagamos todos — continuou o advogado — o nosso tributo ao tempo inexoravel. A differença consiste em saber envelhecer: uns se entregam sem resistencia á acção corrosiva das intemperies do meio e lhe apressam o trabalho destruidor; outros se acautelam sem privações, reparando continuamente os effeitos da erosão, empregando os thesouros da experiencia no prolongamento da illusão da juventude, mantendo sempre activa e forte a suggestão que nos alegra a existencia. E' por isso que ha velhos voluntarios, atacados na epocha de plena virilidade da decrepitude que é uma cachexia.

— Póde-se saber a que classe de velhos pertence o senhor? — inquiriu Amelia.

— Eu pertenço á classe de homens que sabem envelhecer, que sabem luctar contra a fatal successão dos annos.

(Continúa)

XADREZ

Torneio internacional no Rio de Janeiro. — Terceira partida entre Teichmann e o dr. Caldas Vianna: adiada. — O regresso de Teichmann. — O Club dos Diarios. — O xadrez no estrangeiro.

TORNEIO INTERNACIONAL NO RIO

Agita-se entre os amadores do Rio de Janeiro, sob o patrocinio do Club dos Diarios, a grandiosa idéa de se organizar aqui um grande torneio internacional de xadrez, para o qual seriam convidados dez dos maiores jogadores do mundo, entre os nomes universalmente reputados: dr. E. Lasker, dr. Tarrash, Maroczi, Teichmann, Marshall, Janowski, Pillsbury, Schlechter, Tchigorine, Mieses, Burn, etc. A lembrança foi recebida com grande enthusiasmo e já se contam valiosas offertas, para as grandes despezas em perspectiva, sendo que o auxilio do Club dos Diarios será o preponderante. Póde-se calcular em 50 contos a quantia necessaria para a realisação condigna do projecto.

Fazemos um appello aos amadores de todo o Brazil, pedindo a sua adhesão e o seu concurso material. Esta revista receberá, com agrado, dos seus leitores, as communicações que a este respeito lhe quizerem enviar.

O torneio realizar-se-ia em junho do anno vindouro e já sabemos que na Europa seria recebida a idéa com exito. Bem se comprehende a extraordinaria significação que esse facto teria e a lisonjeira repercussão em todo o mundo civilisado. Provavelmente seria tambem convidado para fazer parte do torneio um mestre sul-americano, escolhido de entre os fortes jogadores de Buenos Aires, e certamente, apezar da sua modestia, o nosso mestre dr. Caldas Vianna seria coagido a se inscrever tambem.

Póde-se, ao que parece, contar com o apoio do governo municipal, que concorreria com uma contribuição razoavel.

O sr. conde de Figueiredo, que é um conhecedor do xadrez muito conceituado entre

ós amadores, considera essa tentativa perfeitamente exequivel, conforme elle proprio nos disse, e lhe prestará o seu concurso, que é importantissimo.

Sente-se que esta idéa é daquellas que, mal se apresentam, logo se fazem vencedoras.

Emprazamos os nosos leitores para esse espectaculo sem precedentes na America do Sul.

***

TEICHMANN

O mestre partiu no dia 15, quarta-feira. A bordo acompanharam-no representantes do Club dos Diarios e muitos amadores de xadrez.

Ainda jogou com o dr. Caldas Vianna uma partida, que foi adiada para o anno vindouro, interrompida justamente numa phase curiosa ; os amadores poderão julgar da situação dos dois jogadores, pois abaixo reproduzimos a partida.

Teichmann voltará para o anno á America e virá ao Rio de Janeiro, onde deixou reaes sympathias.

***

DR. CALDAS VIANNA

A vinda do prof. Teichmann ao Rio teve, entre outras, a vantagem de pôr em relevo, em destaque, a figura do dr. Caldas Vianna, que é indisputavelmente o campeão sul-americano.

Na Europa, com o *entrainement* dos torneios e *matchs*, o nosso illustre patricio chegaria a competir com os mestres de primeira força e seria um dos grandes jogadores do mundo. Teichmann é um destes e, apezar de profissional, foi com difficuldade que conseguiu empatar as duas partidas que jogou contra elle, o que para o nosso campeão constitúe uma soberba victoria.

***

O CLUB DOS DIARIOS

E' justo louvar o Club dos Diarios pela magnifica idéa de mandar convidar o prof. Teichmann para vir ao Rio, aqui agasalhando-o com gentileza e conforto. Muito lhe deve o enxadrismo no Brazil, bastando lembrar os torneios que tem organisado com enorme successo.

***

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Dissemos em um numero anterior que no Congresso Internacional de Ostende haveria sete torneios, dois sendo de mestres. Isto foi modificado, por se terem escuzado alguns dos mais fortes jogadores. Haverá um só torneio de mestres com 28 concurrentes, divididos em duas secções de 14 concurrentes, que entre si jogarão em um turno. Assim, em cada secção haverá 13 partidas jogadas. Os cinco jogadores de cada secção que obtiverem menor numero de pontos se retirarão, dividindo entre si 1.250 francos. Então os 9 de cada secção que ficarem jogarão uma partida contra os 9 da outra ; os 14 que chegarem por ultimo saírão do torneio, dividindo entre si 5.000 francos. Os 4 ultimos restantes jogarão duas partidas uns contra os outros, por 4 premios : de 4.000 francos e uma medalha de ouro, 2.500 francos, 1.500 e 1.000. Como se está vendo, é a mais curiosa possivel esta organisação.

Mas não é só: além desse torneio, haverá ainda um outro, cujos premios não serão em dinheiro e sim em objectos de arte ou coisa equivalente, um outro para senhoras, e mais tres para amadores, todos com premios e sujeitos a uma contribuição de entrada.

Como já noticiámos, o Congresso se abrirá a 2 de junho ; o grande torneio de mestres começará nesse mesmo dia, os outros a 25 de junho.

— De 21 de junho a 31 de agosto realizar-se-á o 15º Congresso da Associação Allemã de Xadrez, em Nuremberg. Haverá um torneio-campeonato, para o qual fôram convidados apenas sete mestres : dr. E. Lasker, dr. Tarrash, Marshall, Maroczi, Pillsbury, Janowski, Schlechter, com premios entre 2.500 e 250 marcos. Ainda haverá um torneio de mestres da associação com 8 premios, um alto torneio com 10 premios e um torneio para amadores.

—O *match* entre as universidades ingleza e americana, realizado em março, deu resultado nullo. Até hoje os inglezes ganharam 3 desses *matchs*, os americanos 1 e houve duas nullidades.

— O 25º *match* annual entre as Universidades de Cambridge e Oxford teve logar em abril, tendo Cambridge a victoria. Resultado até hoje: Cambridge ganha 21 ; Oxford, 11 ; nullas duas.

— Pillsbury, o celebre jogador americano, um dos mestres mais formidaveis no jogo sem ver, está gravemente enfermo, prostrado com um ataque de apoplexia que lhe paralyzou o lado esquerdo. Já quasi não se conta com o seu restabelecimento, tão grave é o seu estado. Pillsbury tem 33 annos. A sua perda é irreparavel para o enxadrismo, de que é um dos grandes mestres mundiaes.

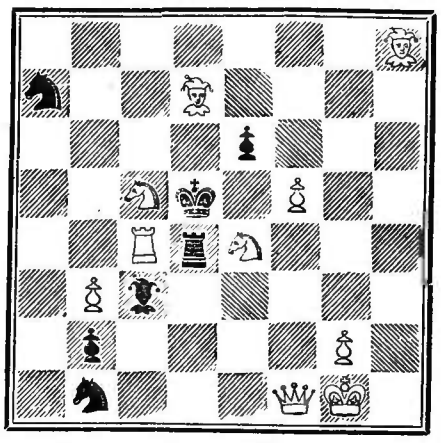
***

PROBLEMA N. 48

(A meus paes)

Feliciano M. de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (7)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

Recommendamos aos nossos leitores este bello problema, que tem uma esplendida inicial e nove variantes muito bem achadas.

***

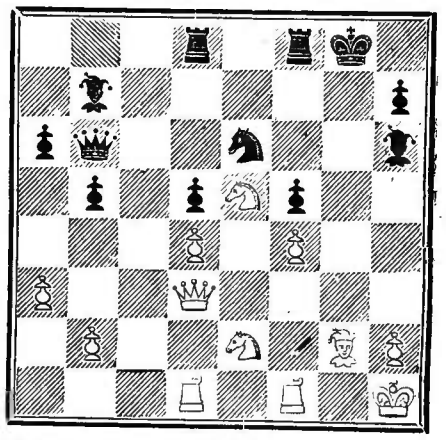
PARTIDA N. 54

(Jogada no Club dos Diarios a 14 maio de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUZADO

Brancas (Dr. Caldas Vianna)		*Pretas* (R. Teichmann)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	B 2 R
P 3 R	— 5 —	Roque
C 3 B R	— 6 —	C D 2 D
P × P	— 7 —	P × P
B 3 D	— 8 —	P 3 C D
C 5 R	— 9 —	B 2 C
P 4 B R	— 10 —	P 4 B D
D 3 B	— 11 —	T 1 R
Roque (*a*)	— 12 —	P 3 T D (*b*)
T D 1 D	— 13 —	P × P
P × P	— 14 —	P 4 C D
P 3 T D	— 15 —	C 1 B R
B 5 B R	— 16 —	D 3 C (*c*)
R 1 T	— 17 —	T D 1 D
T R 1 R	— 18 —	P 3 C R
B × C	— 19 —	B × B
B 3 T	— 20 —	B 2 C R
D 3 D	— 21 —	P 3 B R
C 3 B R	— 22 —	P 4 B R
C 5 R	— 23 —	C 3 R
P 3 C R	— 24 —	T 1 B R
B 2 C	— 25 —	P 4 C R
T 1 B R	— 26 —	P × P
P × P	— 27 —	B 3 T
C 2 R	— 28 —	adiada (*d*)

Depois do 28º lance das Brancas



(*a*) 12 — B 5 C D talvez fizesse ganhar um pião, mas daria uma situação complicadissima ; em todo o caso a analyse posterior mostrou que seria um lance muito mais forte que o do texto.

(*b*) Para evitar B 5 C D.

(*c*) Si agóra as Brancas jogam 17—B×C, na esperança de ganhar o pião da Dama, as Pretas jogariam 17... D × C, ameaçando o B e voltariam a guardar o pião com a D.

(*d*) Esta partida começou ás 9 horas da noite e foi suspensa ás 12 1/2 da manhã. Desse tempo o professor Teichmann por si tomou um pouco mais de duas horas, tendo sido os seus lances profundamente meditados. Apezar disso a sua situação não é lisonjeira : a sua D. e o B D estão um tanto fóra de jogo e este principalmente custará a se arregimentar efficazmente. Os cavallos das Brancas occupam fortissimas posições, principalmente o que se acha a 5 R.

Theoricamente, pois, parece que a victoria será das Brancas. Os nossos leitores, analysando cuidadosamente a presente posição, que damos em diagramma, avaliarão por si.

***

F. M. de Moraes Filho. — O seu problema é muito bonito. Continúe a nos honrar com a sua collaboração.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 47 (*R. Teichmann*) : 1 — B 5 D, R × C ; 2 — C 3 R x, etc. 1... R 6 D ; 2 — C 2 C x, etc. 1... B 7 T ; 2 — C 4 B R, etc. 1... B 2 B, C 6 B R, etc. 1... B 3 D, 2 — C 6 B mate ; 1... P move ; 2 — C 4 B R, etc.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1906 — Num. 83

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Está terminada, com immenso gaudio dos interessados na politica dos governadores, a obra do *bloco*, acolhida com extraordinaria indignação pela grande maioria do paiz, despertado bruscamente do sonho de esperanças dos beneficos resultados da reforma Rosa e Silva.

A esta hora, o sr. Affonso Penna, necessariamente muito edificado com a demonstração de menosprezo da lei, dos direitos dos legitimamente eleitos, com as espoliações monstruosas operadas sem resquicios desse obsoleto sentimento que os antigos denominavam pudor, está sendo recebido entre as ruidosas, as effusivas acclamações dos governadores victoriosos numa campanha que marcará uma éra lamentavel de decepções, de desastres, nos tristes fastos da politica republicana, tão deprimida, tão achincalhada que ninguem póde mais encaral-a sem um maguado sorriso de desalento. O futuro Presidente ha de estar com os ouvidos atordoados pelos descantes do governador da Bahia, vencedor do sr. Seabra, cuja ingenuidade parece desilludida definitivamente com a derradeira experiencia; saberá que a administração do Estado, primogenito de Cabral, é uma delicia; que o seu povo está nadando num ameno mar de venturas e felicitando os homens que lhes abriram, largas, luminosas, as portas do futuro para a conquista de aspirações do bem estar de uma edade de ouro, de um progresso sem par.

Pelo aspecto das ruas embandeiradas, cheias da multidão curiosa de conhecer o futuro amo, pelo espôcar dos foguetes, pelo repicar dos sinos, pelo ruido do champagne e dos talheres argenteos nas mezas floridas dos banquetes opiparos, s. ex. deve, com effeito, acreditar que a Mulata Velha refocila em plena ventura, graças ao auspicioso trabalho do *bloco*, que esmagou, sem piedade, todos os descontentamantos recalcitrantes, todas as rebeldias impenitentes contra os homens designados para servirem de instrumento desse grande emprehendimento da regeneração do paiz.

Dentro em alguns dias, o sr. Affonso Penna se verá, nas praias dos «verdes mares de liquida esmeralda», asphyxiado pela incontavel familia do patriarcha Accioly, a lhe pedir a benção como ao pae de quem depende a sua permanencia dentro do queijo do poder até que se exgottem as ondas do oceano, até que se apaguem as estrellas do céo, até se quedem silenciosos os ventos do espaço, para bem daquelle povo de heróes incansaveis no soffrimento que lhe infligem a crueza do clima e a estupidez dos seus senhores absolutos.

S. ex. ouvirá os hymnos de triumpho das legiões de capangas policiaes, ameaçando a liberdade de pensamento, a liberdade da palavra, quebrando typographias, vaiando com foguetes de assobio os adversarios insubmissos, asylados na santidade incoercivel das suas convicções, das suas crenças. E julgará, pelo aspecto das folganças, pela profusão dos banquetes, pela opulencia das festas, que aquelle infeliz povo, digno de melhor sorte, não tem razão de se queixar contra o mais ameno, o mais clemente e o mais inconsciente de todos os membros da benemerita familia de governadores.

A perspectiva real, a horrenda perspectiva da triste, da humilhante situação dos Estados empobrecidos pela ganancia sem entranhas, ficará assim disfarçada sob esses ouropeis ephemeros, arranjados para que o Presidente eleito não veja as chagas, nem sinta, no ambiente toldado por densas nuvens de incenso hypocrita, o cheiro de decomposição desses maltratados membros da nação.

E, de festa em festa, de acclamação em acclamação, nessa longa viagem triumphal, s. ex. repouzará, afinal, na doce illusão de ter viajado no melhor dos mundos, num paraiso, no el-dorado dos sonhos de aventureiros tresloucados pela phantasia megalomana.

Esse delirio, essa orgia de bôas vindas ao futuro e supremo arbitro dos destinos do paiz, não permittirão que s. ex. ouça os rumores longinquos, a vóz ameaçadora da tempestade formada pelos murmurios que, rompendo os ambientes intimos das consciencias sopitadas, se condensam em collossal clamor, o tremendo clamor dos direitos conculcados, estremecendo pela mais legitima das reivindicações.

Matto-Grosso, o riquissimo Estado, afastado dos contactos da civilisação e das providenciaes vistas do Governo Federal, Matto-Grosso se estorce nas garras da anarchia; reedita as vergonheiras da Legião Campos Salles, o inolvidavel, o saudoso creador dessa praga da politica dos governadores.

Apparelham-se forças de mar, forças de terra para suffocarem esse germen de perturbação que está prodigamente semeado em todos os recantos do paiz. Não se sabe si esses batalhões da força federal, mobilisados ás pressas, como na imminencia de um tremendo perigo, são emissarios da paz, ou mensageiros da guerra; não se sabe si as suas bayonetas vão engrinaldadas com ramos de oliveira ou si reluzem sedentas de sangue: o que se sabe, o que não é uma illusão ephemera é que o paiz inteiro estremece num arrepio de desconfiança, precisamente quando necessita de paz, de calma, de serenidade para debellar a crise da producção, essa crise tão falada, tão commentada, tão estudada, que está, entre as mãos de pretensos salvadores, creando cabellos brancos.

Bella opportunidade, não ha duvida, creou o *bloco* para se resolver o problema paulista da volorisação do café. Não ha duvida que essa atmosphera de

incertezas, de desanimos, de decepções amargas, de absoluta descrença no imperio da lei, no respeito aos direitos alheios e na proficuidade das instituições democraticas, é a mais apropriada para o estudo do convenio de Taubaté, a menina dos olhos do *bloco*, para a solução desse problema de duas pernas: uma, no campo economico; outra, no campo financeiro, pernas de um monstro que os creadores se esqueceram de dotar com o adorno de dois pés e uma cabeça.

— Bella opportunidade para nos arriscarmos nessa ventura que váe empenhar no formidavel *bluff* grande parte da fortuna nacional — murmurarão aquelles que testemunham, como victimas, as absurdas, as caprichosas reviravoltas dessa desorientada politica da unanimidade obesa.

POJUCAN.

ARMADA NACIONAL

Ainda a Escola Naval—Industria rendosa — Directores de collegios lentes da Escola — A moralidade do ensino —Os factos espantosos e verdadeiros.

Mas não podemos, já ficou dito, continuar na analyse assim detalhada de toda a congregação da Escola Naval. Sobre os lentes cathedraticos ou substitutos, officiaes ou ex-officiaes da armada, diremos então, resumindo: são em numero de onze, e delles apenas quatro, estão em condições de proficientemente reger as suas cadeiras. Si houvesse exaggero nesta affirmação, esse exaggero não modificaria o resultado a qua vamos chegar, pois, á vista da moralidade com que o ensino é ministrado naquelle estabelecimento, tanto importa que os lentes sejam sabios, quanto que elles sejam analphabetos.

A' excepção de dois, todos os lentes civis estão na altura de, com resultado, leccionar as suas cadeiras. Esses dois são effectivamente incapazes: um, substituto, ao abrir em 1899, a sua aula, leccionando disciplina que lhe incumbia em virtude de reforma então havida, confessou aos aspirantes seus alumnos, sua falta de preparo na materia, nunca dantes por elle ensinada, e o curso reduziu-se ao estudo (em que elle acompanhava os discipulos) da decima parte dum folheto que os alumnos de cadeira identica, na Escola Polytechnica, não julgam de grande valor. Outro, cathedratico, de toda a vastissima materia que professa, faz com que seus alumnos estudem apenas quarenta paginas, que, como resumo, um conhecido compendio de disciplina co-relata traz em appendice. A cadeira que este rege é technica e exige grande pratica; no emtanto, o *doutor* nunca applicou praticamente o que sabe (ou o que não sabe) e a seu respeito conta-se até o seguinte episodio, curioso, mas veridico: tomou a altura do Sol segurando um guarda chuva aberto, para abrigar-se dos raios do astro

Cabe aqui dizer que grande numero dos *doutores* da Escola Naval são sem concurso (iamos dizer sem patente) e devemos ainda accrescentar que, apezar da ignorancia quasi geral da congregação, os programmas de ensino das diversas cadeiras são vastissimos, abrangendo toda a materia; nunca são executados sinão pela quarta ou quinta parte; mas, ao fim do anno, volta a figurar toda a materia nos pontos de exame.

Para dar ainda uma idéa de valor da congregação, diremos que 1899 houve um concurso para substituto de physica e chimica, e a congregação da Escola Naval foi forçada a pedir ás escolas Militar e de Medicina dois lentes, para poderem ser julgados os candidatos. E, si esses cavalheiros quizessem ou pudessem dizer em publico a impressão que lhes cauzaram candidatos e examinadores naquelle concurso, impressão que alguem já teve o desprazer de ouvir, por ventura seria—isto é, o que dissessem a respeito da congregação da Escola,—mais doloroso de que o que dizemos.

***

Quando as causas que já estudámos (Num. 80, anno III, dos *Annaes*), determinaram o nascimento de uma intensa corrente de candidatos á matricula na Escola Naval, havia no Rio de Janeiro, dirigidos por lentes dessa escola, dois externatos onde se fazia o curso de humanidades. O senso pratico dos candidatos e dos seus paes, naturalmente indicava esses externatos como aquelles onde, *com mais garantia e proveito*, se podia fazer o estudo dos preparatorios necessarios á matricula na Escola.

Um desses estabelecimentos de ensino, justiça é dizer-se, ou pela menor influencia do seu director perante a congregação, ou porque esse director tivesse menos desenvolvido o espirito mercantil do que o respeito a si proprio, como educador, ficou quasi fóra, desde logo, de gozar os proveitos daquella corrente intensa, proveitos que passaram quasi integralmente para o outro externato. Deste, o director, para maior successo na industria que começava a explorar, convidou logo mais alguns lentes da Escola Naval para professores do seu instituto de ensino, que se procura hoje equiparar ao Gymnasio Nacional.

Póde dizer-se que, excluidos os que já vinham dos Estados com todos os preparatorios feitos, ou os que procediam do Collegio Militar e do Gymnasio, 70 a 80 % dos candidatos á matricula passaram por aquellas casas de ensino; em maior proporção, na segunda.

Ora, era necessario zelar pelo bom nome dos externatos; era preciso que todos os alumnos, preparados ou não, fôssem approvados. Isso era tanto mais facil quanto, em geral, eram os exames de preparatorios, prestados, não na Instrucção Publica, mas sim perante commissões de lentes e professores da Escola Naval, commissões que haviam sido creadas para examinar os candidatos á matricula na Escola de Machinistas. Os exames prestados ahi eram, em geral, vergonhosos, mas as approvações eram certas porque as bancas eram constituidas pelos prepostos dos directores dos externatos, prepostos interessados, como veremos, em que entrasse para a Escola o maior numero possivel de jovens. De 40 e 50 examinandos de cada materia, nenhum era reprovado; todos passavam. Obtinha-se approvação em arithmetica e algebra, sem saber sommar duas fracções arithmeticas ou decompôr um numero em seus factores primos; em historia, sem saber a data da independencia do Brazil, ou attribuindo-se a Pedro Alvares Cabral a descoberta da America. Tudo isto é veridico, não é um meio de que nos servimos para dar idéa do que eram esses exames.

Aquelles prepostos a que nos referimos eram lentes ou professores da Escola; viam logo nessa grande quantidade de jovens mal preparados que iam matricular-se uma fonte consideravel de receita. Effectivamente esses jovens, entrando para a Escola Naval, sem a base necessaria dos preparatorios bem estudados, iriam luctar com enormes difficuldades para estudar as mathematicas elementares e superiores, a descriptiva e, mais tarde, a astro-

nomia, a navegação, a geodesia, a balistica etc. Ver-se-iam obrigados a lançar mão de explicadores particulares; e onde melhores explicadores do que no seio da propria congregação? Os explicandos eram muitos: tocava gorda fatia a cada um. Si o lente da propria cadeira não podia ter explicandos, indicaria outro lente, amigo seu para explicador; este pagar-lhe-ia a indicação por indicação identica para os explicandos da sua cadeira.

Depois da industria de explicação dos candidatos á matricula, nascia a industria da explicação de aspirantes.

A congregação da Escola Naval, excluídos alguns lentes, tornou-se uma posto de arranjos.

Em dezembro, 1ª epocha, apresentavam-se a exame, em um dos annos, digamos, sessenta aspirantes; eram approvados 20 apenas; quarenta, a conselho dos examinadores, retiravam-se em meio das provas, por doentes. Esses, em geral, e ainda a conselho dos lentes, tomavam explicadores para se prepararem para a segunda epocha de exames, em março. Quaes eram os explicadores? Lentes da Escola Naval; quaes os preços das explicações? Fabulosos, incriveis. Que eram essas explicações? Conversas uma ou duas vezes por semana: o exame estava garantido em março, não pelo preparo adquirido, que era nenhum, mas pelo preço das explicações; na segunda epocha, passavam quasi todos os 40 que se haviam retirado dos exames, e eram approvados desta vez com o mesmo preparo que tinham na 1ª epocha. Quasi todos, dissemos, porque alguns, os mais ingenuos ou aquelles cujos paes eram mais complacentes, eram reprovados em março, tinham baixa da praça de aspirantes, e então os explicadores tinham a *mamata* garantida por todo o anno lectivo seguinte. Não ha exaggero: tudo se passava tal qual dizemos.

Em 1901, um lente chegou a exercer com tal desfaçatez essa industria, que urgida pelo director da Escola, a congregação impoz-lhe a pena de reprehensão.

Houve, de 1895 a 1900, um aspirante cujo pae pagava annualmente quantia certa e elevada a um lente da Escola, para que este simplesmente garantisse as approvações do seu filho. Dois lentes, em 1900, desavieram-se porque um, mais esperto, arrancou ao outro uma meia duzia de explicandos. Em dezembro de 1899, desejavam prestar exame dum certo anno, 33 aspirantes, que dependiam apenas de uma cadeira do anno anterior: haviam sido reprovados nella e obrigados a repetir o anno; cursaram o seguinte como ouvintes; consultados diversos lentes sobre si julgavam incouveniente aquella pretenção, todas acharam-na, pelo contrario, justissima; no emtanto, nas vesperas de serem effectuados os exames daquella cadeira, um dos lentes chamou alguns dos 33 aspirantes e os intimou a que retirassem todos os requerimentos para prestarem exames do anno superior, sob pena de serem todos reprovados na cadeira do anno anterior que lhes faltava. Foi uma surpreza, mas o lente foi obedecido e explicou então que para beneficio dos aspirantes assim procedera; estes não estavam, disse, bem preparados, em uma das cadeiras; deviam tomar explicadores até março, e concluiu « Eu não posso tomar a todos por alumnos; são muitos; ficarei com metade. Que diabo, 50$000 por mez, para quem váe saír guarda-marinha em março, não é nada! »

Os 50$ choveram; aulas não houve, mas em março os 33 saíram effectivamente guardas-marinha.

Factos como essés ha aos centos. Não insistiremos nelles porém: o que dissemos basta para que se faça uma idéa do valor do preparo e da moral de grande parte da congregação da Escola. Deixamos de falar, por agóra, na industria annexa e mais vergonhosa do que a de explicação de aspirantes: a de explicação de pilotos.

Começamos esse rapido estudo sobre a Escola Naval quando dissemos que a sua congregação, outros fôssem o saber e a seriedade de grande numero de seus membros, teria podido, administrando um ensino completo e empregando justo rigor nas provas, evitar que chegasse a haver hoje o excesso de officiaes subalternos que já assignalámos. (Num. 80, anno III, dos *Annaes*). Acabamos de ver, conforme previmos, que, por interesse e ignorancia, a congregação não quiz e não pôde prestar este serviço.

O mal existe pois; é sem remedio, já? Veremos que não.

TONELERO.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXII

Na carencia de methodo com que procedia a Constituinte na direcção de seus trabalhos, não se contentou com ter perdido tempo na discussão preliminar que narrámos no artigo anterior, discussão inteiramente improficua, visto como o ministro da Marinha havia communicado o successo, promettendo remetter á Camara todos os esclarecimentos e papeis concernentes á missão do marechal Luiz Paulino; ainda mais demonstrado estava o proposito do Governo Imperial de não occultar coisa alguma, por haver o ministro de Estrangeiros incumbido ao deputado Carneiro que fizesse, em seu logar, participação do facto, prevenindo a immediata remessa dos papeis, cujas copias estavam se preparando. Entretanto, nova perda de tempo ia haver com a resolução, pedindo taes papeis e informações. Na sessão de 10 de setembro, o secretario Maciel da Costa (marquez de Queluz) leu os officios do Governo e copia de todos os papeis. No officio, se dizia que s. m. estabeleceu, como condição *sine qua*, estar resolvido a não entrar em conferencias nem ajustes e convenções quaesquer com o governo portuguez sem que lhe servisse de base o reconhecimento da independencia do Imperio e que não permittia desembarque. Accrescentava s.m. o Imperador que, parecendo-lhe este negocio de summa importancia e querendo mostrar sua intima conformidade com a Assembléa Geral, o offerece á consideração da mesma Assembléa para que haja de resolver o que será mais conveniente: si mandar que regresse promptamente para Lisbôa o sobredito bergantim com o referido marechal de campo, etc.; finaliza asseverando que todos estes papeis e informações já estavam promptos para serem remettidos antes de receber o pedido da Camara.

O deputado Vergueiro opinou que todos os papeis fôssem impressos.

Rompeu logo um nutrido debate no qual intervieram Henriques de Rezende, França, Carneiro de Campos (ministro de Estrangeiros), que deu algumas explicações; Antonio Carlos, que requereu que os papeis fôssem enviados a uma commissão; Carneiro da Cunha, Ribeiro de Andrada. O presidente consultou a Camara, que decidiu commetter o exame da materia á commissão de Constituição que, no mesmo dia, apesentou parecer e depois de algumas considerações, concluía: «1º, que chegando a este porto esses emissarios de s. m. fidelissima, o Governo lhes permitta o desembarque

se apresentarem titulos que os caracterisem verdadeiros parlamentarios; 2º, que sejam, porém, guardados por uma guarda que os honre e defenda a arbitrio do Governo, que tomará todas as medidas para evitar qualquer communicação; 3º, que o Governo não admitta algumas ulteriores negociações, que não tenham por base o authentico e expresso reconhecimento da independencia e integridade do Imperio brazileiro, e por esta occasião as commissões possuidas de gratidão, que deve animar toda esta Assembléa, louvam e agradecem a s. m. o Imperador a resolução já tomada e por sua ordem communicada ao marechal Luiz Paulino; 4º, que este marechal, se apresentar as instrucções, a que se refere o seu officio de 7 do corrente, para legitimar a sua missão parlamentaria, seja conservado no porto a bordo da embarcação em que se acha até que cheguem os outros commissarios para com elles desembarcarem, como lhes tem sido permittido; 5º, que no caso de estar o mesmo marechal realmente doente, o Governo lhe possa permittir o seu desembarque para onde melhor convier, facilitando-lhe o tratamento com devida hospitalidade e necessaria cautela; 6º, que, quando aconteça que o dito marechal não se legitime com o caracter parlamentario, não tendo ou não querendo apresentar as instrucções, o Governo faça aprezar a embarcação com todos os seus pertences, e egualmente o marechal Luiz Paulino, officiaes e tripulação, que serão considerados prisioneiros de guerra para passarem pelo mesmo destino que tiverem os prisioneiros; 7º, que o mesmo procedimento se terá com os outros commissarios, em eguaes circumstancias, e com as embarcações em que vierem.»

Eis, na integra, o parecer das commissões que nos encheriam de pasmo, si as commissões das nossas Camaras posteriores ou das actuaes escrevessem aquella alluvião de minucias pueris. Comquanto a Constituinte será, na historia, considerada, talvez, o mais mediocre dos nossos corpos legislativos, todavia avultava ahi um grupo de intellectuaes que merecem respeito e subida consideração e que provaram não só talento, como variada instrucção. Não se sabe como o parecer que ensina ao Governo tudo que deve praticar, não lhe marcou a dóse de alimentos que deveriam fornecer aos commissarios de d. João VI, rei de Portugal!. . Raras vezes, lê-se um documento tão irrisorio e futil, comprobatorio da tolice humana.

O deputado Vergueiro opinou que se adiasse o parecer, porque não era tanta a urgencia que se precizasse da discussão já. Antonio Carlos, conforme o vezo antigo, diz que a Assembléa reconhece que o Governo é que deve tomar as medidas necessarias, e eu, — blasona o orador paulista — e eu sou realmente o maior inimigo das ingerencias; mas o caso é mui differente». Este Antonio Carlos faz lembrar um ditado vulgar: «bem prégа frei Thomaz: uma coisa diz e outra faz». Nos varios discursos em que se occupa das *ingerencias*, tropeça de contradição em contradição. Foi um defeito que lhe notou o illustre jornalista Evaristo da Veiga, num dos numeros da *Aurora*. Correu rapida a discussão sobre o parecer, que se resolveu adiar por dois dias.

Na sessão de 16 de setembro, veio á tona o irrisorio e pueril parecer concernente ao caso do bergantim *Treze de Maio*. Rompeu o debate o deputado Carvalho e Mello, que fez algumas considerações: seguiram-se outros oradores, como Muniz Tavares, que enviou á meza uma emenda; falou depois o representante da Parahyba, Carneiro da Cunha. Compartiram do debate Alencar, Almeida Albuquerque, Rodrigues de Carvalho; que, no desenvolvimento do seu discurso, proferiu as seguintes phrases, que bastam para julgar o parecer e a sua inutilidade: «Nós sabemos que o chefe da nação já declarou mui positivamente que não admittia proposição alguma do governo portuguez, sem a decisão preliminar do reconhecimento da independencia do Imperio; logo parece desnecessario inculcar o procedimento que o ministerio deve ter, quando elle já o declarou á Assembléa e váe coherente com o que ella julga conveniente». Ao representante do Ceará succede na tribuna o orador bahiano, Montesuma, que, naquelle tom de sarcastica eloquencia, falou: «Eu, sr. presidente, fui o primeiro que, ao annunciar-se o parecer da commissão, me oppúz a elle, dizendo que era necessario comportar-se a Assembléa de fórma que não parecesse pretender ingerir-se em coisas que lhe não pertenciam». O orador desenvolve, com aquella animação de vóz e de gesto, com aquella vigorosa dialectica, que eram uma das forças do seu verbo vibrante e luminoso — longa cadeia de argumentos: «Ora, pondera elle, como o Governo dá parte das medidas já tomadas por elle, cumpre approval-as ou desapproval-as e fazer disto um artigo da nossa resposta para satisfazermos o Governo. Isto não fez a commissão, calou-se e nada responde.»

O illustre orador bahiano que, já na Constituição presagiava que será notabilissimo nos futuros parlamentos do regimen representativo e constitucional, observa, com pungente ironia: «Ora, dizer ao Governo que deve pôr uma guarda ou não aos commissarios; que deve prohibir-lhes ou não communicação com os habitos da côrte, é inutil, ocioso; é ingerencia perigosa». O orador pulverizou o parecer, criticou severamente o modo pelo qual a Assembléa tratou deste caso do marechal Luiz Paulino. Oraram ainda sobre a materia Araujo Lima (marquez d'Olinda) confessando que, embóra fizesse parte da commissão, todavia não approvou nem concordou *in totum* com o parecer, redigido sob a inspiração de Antonio Carlos, tambem membro commissão: indicou varios defeitos. Falaram os deputados Almeida Albuquerque, Vergueiro, França, Dias, Pereira da Cunha, Silva Lisbôa; todos volteáram no mesmo circulo de idéas, na mesma confusão das ingerencias dum poder nas attribuições dos outros e nos tramas que se urdiam em Portugal contra a nossa independencia.

Antonio Carlos, membro da commissão, tendo assignado o parecer, não tomou parte no prélio parlamentar — elle sempre resoluto ás luctas da palavra. Porque preferiria o silencio e perdeu a occasião de espender as suas theorias da metaphysica da divisão dos poderes?

Antonio Carlos, antes da demissão do gabinete de 16 do janeiro, lobrigava, até numa *supplica* do Governo, *ingerencia* do Legislativo nas attribuições do Executivo. Agóra mesmo, no tocante ao caso do marechal Luiz Paulino, declara-se inimigo das ingerencias; entretanto, é um dos signatarios do parecer, quiçá seu redactor. Mas que é tal parecer? Um acto em que a Constituinte dicta e ordena ao Governo a norma de proceder, que deve observar para com os commissarios de el-rei de Portugal; tira-lhe toda a liberdade de acção.

O publicista e orador paulista olvida de que semelhante *norma, ou regulamento* supprime uma das condições essenciaes da divisão dos poderes, isto é, a responsabilidade. Ora, sem a liberdade, é impossivel a responsabilidade e sem a responsabilidade não ha poder limitado e constitucional; ha poder não constituido dentro de limites, portanto irresponsavel — absoluto. Ao orador paulista, evidentemente, não faltam contradicções: eram por demais *calvas* as do parecer, que tutellava o Governo, com as doutrinas constitucionaes, que sempre preconizava e não praticava.

A Camara consagrou a sessão inteira de 16 de setembro a discutir o caso do bergantim *Treze de Maio* para dizer aquillo mesmo que o governo em suas informações havia communicado que praticaria, sem o ridiculo apparato das frivolas minucias do parecer, que nenhuma idéa propria soube

suggerir; póde-se dizer que *plagiou* o Governo.

Ao contrario, nesta materia, o Poder Executivo não abriu mão de suas attribuições, não se lhe póde arguir de não ter sabido manter a esphera de suas attribuições constitucionaes, segundo a theoria da divisão dos poderes. Nessa mesma theoria, é um dos principios cardeaes — a *harmonia* no meneio do machinismo; porque sem esta *harmonia* — ou os poderes chocam-se, combatem-se; um absorve e supprime o outro; ou empece a acção um do outro. Na primeira hypothese, domina o absolutismo irresponsavel: na segunda, a theoria da divisão torna-se absurda e o machinismo cabalmente inutil por inerte e inexequivel. Teremos occasião de demonstrar que Antonio Carlos, a despeito de ostentar grande erudição ácerca do mechanismo constitucional da Inglaterra, parece ter sobre elle idéas incompletas, ou falsas. Esperemos vel-o discutiudo o projecto de Constituição, que elle redigiu.

Eis ahi como a Constituinte, por incapacidade e inexperieucia, perdia o tempo, não cuidava de discutir o projecto da lei fundamental, que a nação anhelava e cuja demora augmentava, cada vez mais, o descredito da mesma Assembléa.

Do caso do bergantim *Treze de Maio* os Andradas prevaleceram-se para agitar a Camara, e todos tres tomaram activa parte nos debates. A *trindade andradina* julgou opportuno o momento de tirar uma desforra da demissão com que o Imperador os havia fulminado. Note-se que, além da *ingerencia*, a *trindade andradina*, em seus discursos, procura tornar d. Pedro suspeito e odioso e açular as desconfianças. Antonio Carlos affirma que o Imperador já *tinha tido entrevistas* com o commissario de Portugal: era uma falsidade, que servia para crear suspeitas, prevenir o povo contra o filho que, ás occultas, escutava e entendia com os enviados de el-rei d. João VI, seu pae. Esse manejo de enrêdos, em que a Constituinte era cumplice, não escapava á perspicacia de d. Pedro, que todavia dissimulava. E para dar maior gravidade á questão e avolumar as suspeitas sobre a lealdade do Imperador — ao passo que José Bonifacio declarava as cartas, que recebeu, prevenindo-o dos tramas, que, em Portugal, se urdiam contra a Independencia, Antonio Carlos assegurava que o conde de Palmella esforçava-se em metter a Santa Alliança nas questões do Brazil com Portugal, dizendo—«isso, porém, *não me assusta*, visto os interesses da Inglaterra não permittirem a intervenção da liga dos reis nos negocios da America». Ora, si vos não assusta, porque levantastes tamanho rumor pelo caso do insignificante bergantim *Treze de Maio*, considerando-o um terrivel perigo para o Brazil? Porque exaggerastes os esforços do conde de Palmella junto á Santa Alliança? O que era e o que podia fazer nol-o diz a historia daquella epocha — «*le but avoué de cette convention* (escreve um historiador) *était d'appliquer les maximes de l'Evangile aux relations des souverains entre eux et au gouvernement interieur des differents Etats. Cette ligue fut en realité dirigée contre la France, et elle se proposa sur tout de combatre dans toute l'Europe les progrès des idês revolutionaires*». Formavam a Santa Alliança os imperadores d'Austria, da Russia e o rei da Prussia.

Todo esse rumor se fez para intallar d. Pedro em graves difficuldades, deante da nação, que desconfiava querer ou pretender elle restaurar a monarchia antiga do regimen absoluto.

Antonio Carlos procedia de má fé; não podia ignorar que o ministro inglez—o illustre G. Canning—já havia rompido com a Santa Alliança e, a despeito da opposição de lord Aberdeen á frente dos *tories*, favorecia a independencia das colonias americanas. Quasi todos os historiadores da Restauração, em França, mostram que a *Santa Alliança* era impotente para intervir nos negocios estranhos; ella não póde impedir nem dirigir a intervenção franceza na Hespanha, em 1823, quando a invadiu o exercito do principe de Angoulème.

Porque, pois, o orador paulista ameaçava o Brazil com a intervenção da *Santa Alliança?* Não resta duvida; representava uma *scena comica*, que lhe era habitual...

No fim das contas, o exame dos factos apura o seguinte: — 1º que as medidas que o parecer da commissão appresentou, e a Camara approvou, contém litteralmente as medidas já tomadas e indicadas pelo Imperador: —2º que o iucidente do *Treze de Maio* era sem importancia, e não teve nenhuma consequencia; foi um negocio, que, por si mesmo, se nullificou.

A' vista da realidade — que juizo, hoje, devemos fazer da Constituinte e das mediocridades que a compunham?

Fomos, por longo tempo, echos da opinião dos *fetichistas* do genio, da sabedoria e do patriotismo dos Andradas: só nos desculpava e justificava uma coisa — não haviamos esmerilhado os acontecimentos nem compulsado os documentos. Manter a admiração pela Constituinte e por taes homens só provará a subserviencia da nossa vontade ou a nossa imbecillidade.

Na sessão seguinte, 17 de setembro, a Assembléa continuará a discutir os artigos da Constituição.

EUNAPIO DEIRÓ.

PAGINAS ESQUECIDAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Na data de amanhã, em 1890, pôz, como sabem, termo á vida, com uma bala no ouvido, o trabalhador glorioso que foi Camillo Castello Branco.

Poucos mezes antes, quando o artista foi buscar a Lisbôa o desengano da sciençia á sua cegueira, Fialho o recebeu com o artigo que agóra transcrevemos, dando-lhe o proposito de uma homenagem commemorativa á memoria do grande escriptor.

—

Está em Lisbôa ha quinze dias o illustre grande homem, e nenhum signal de festa, nenhum movimento effusivo e unanime da opinião e da imprensa ainda fôram accordar por debaixo das janellas da casa em que elle habita, rastro sequer d'ovação que tráia o applauso dum povo culto, duma geração litteraria ou duma simples *cotterie*, pelo espirito torturado e immortal de quem não é só um cultor das lettras e das artes, um grande e ferreo chefe, sem discipulos nem soldados—mas uma litteratura completa, inconfundivel e extraordinaria.

Nem os simples estudantes dos cursos superiores, prestes sempre, pela espontanea effervescencia do seu enthusiasmo, a fazerem justiça á misantropia destes grandes forçados da arte, como Camillo; nem os homens de lettras, muitos dos quaes ha uns poucos d'annos chouteiam na esteira da lingua que elle fez, e da poderosa ironia que elle cinzelou; nem os admiradores, nem os intimos, souberam na hora da velhice, quando o martyr escabuja nas atrocissimas angustias da cegueira e da nevrose, refrigerar-lhe a alma trucidada, erguer-lhe a vencida coragem, com uma manifestação collectiva d'apreço que o fizesse voltar á aldeia, enternecido ao menos por este grande unisono de justiça.

E, todavia, escriptor algum portuguez melhor bem-mereceu ainda das nossas homenagens, pela vehemencia da sua obra, pelo travor mordente da sua ironia e da sua arte, pelo teclado de riso e lagrimas que ha ferido, pela naturalisação eminentemente portugueza do seu genio, e impressiva lucidez da sua affectividade. Ao lado

deste homem, Deus me perdôe, mas cuido que a trilogia romantica empallidece.

Garrett, por exemplo, é o poeta *petit-maitre*, o lyrico sceptico, o romancista *dilettanti*, cujo genio só no *Frei Luiz* consegue eximir-se ás preoccupações de dandysmo litterario que o conspurcam. Como um monge medievo, o rude Herculano (falo do artista), quasi só fere duas notas com grandeza—attingir na poesia o grave tom dos hymnarios do catholicismo primitivo, e explicar a historia visionando-a atravéz a contextura quasi sempre emphatica dos seus romances. Castilho afunda-se, e delle sobrenada apenas o rethorico de força, que não tendo ejaculado vida na sua arte, para logo debandou da sympathia das turbas, começando a resequir nas paginas das *Selectas*, e a amarellecer nas citações dos compendios de grammatica elementar.

Só este nome de Camillo parece desafiar o tempo e o carnaval das escolas litterarias que se succedem e desfilam, hoje radiantes, desfloradas e murchas amanhã, qual mais da moda, e todas em breve esparsas e sepultas, apenas servindo a revelar na fereza magnifica da obra delle, mais uma aresta, um promenor, uma arcaria, uma portada; e atravéz desses cento e trinta volumes, perspectivas profundas, horisontes d'arte incomparaveis, vortilhões de tragicos desfechos, gargalhadas e supplicas: e por espaços, entre as imprecações e os soluços, as brutalidades e os sarcasmos, algum doce perfil que rasteja, como a filha do ferrador no *Amor de Perdição*, archanjo e victima, té aos humbraes da mais extreme dedicação.

*

Vi hontem, numa carruagem, Camillo. Era a primeira vez que essa figura me apparecia, oh diversa, muito diversa da que a minha adoração tinha sonhado! E' uma physionomia estranha, extincta, immovel, quasi tragica, onde o cabello põe brumas de velhice, e o bigode branco, grande, caído, faz sobre a bocca como a cortina dum leito onde estivesse a dormir uma grande vóz. A emaciação da doença cobre-lhe dum livôr esverdinhado a pelle flaccida do rosto — que socavado, tem da caveira a expressão sardonica e soffredora — e por todo elle nem um lampejo da devoradora chamma do genio, que se lhe concentra talvez no fundo do craneo, abandonando a superficie, como a alma desses vulcões que resfriam, cicatrizando a cratera co'as escorias da sua ultima erupção.

Toda a figura adquiriu agóra uma expressão de *courbature* alcachinada, lassa e desfeita, que só se desmancha nos raros momentos de revolta contra a dôr, e só de longe se alumia por algum daquelles flammejantes doestos contra a impotencia dos clinicos, na arte de rejuvenescer para a labuta da escripta esse doutor Fausto que não póde resignar-se á idéa de ser velho, e a quem a morte horrorisa, não pela idéa do anniquilamento, mas pela repulsa atróz da podridão.

Como o romantico Flaubert, este poderia ter soltado o grito d'alma:

— *C'est étrange, comme je suis né avec peu de foi au bonheur!*

A philosophia dos seus romances está talvez neste conceito: *a falta de fé na felicidade*: neste conceito que pôz no seu espirito um tão amargo travor das coisas da existencia. Mais ou menos, elle tem sido toda a vida um revoltado. A sua mesma alegria sabe a fél. A mesma sua serenidade era uma especie de madorna, em que não raro se estava preparando uma tormenta. A sua bondade chegava a espavorir os proprios que della sugavam beneficios, tão coriscante a sua feição de revelar-se.

Por isso, entre as manifestações da sensibilidade moderna em litteratura, a obra de Camillo é uma das que na Europa mais caracteristicos specimens offerece, e aquella em que a interferencia auto-biographica do escriptor no drama idealisado, resae completa, vibrante, alastrando raizes por toda a psychologia artistica dos typos que nesse drama conflagrem e escaramucem.

Vindo a publico já numa epocha de transição e derrocada, quando o idéal romantico, com a sua allucinação de grandezas, e a sua febre de heroico e d'anormal, fugia ás azagaias dos primeiros mercenarios naturalistas, Camillo haveria sossobrado como tantos outros, cujos volumes perdidos ainda ha trinta annos eram reputados obras-primas, se não tivera a sanear-lhe os impetos creadores um espirito d'analyse fertil, e uma ironia de grande raça, que derivada em sarcasmo, nos seus ultimos pamphletos, ha de echoar por seculos na litteratura portugueza, sendo talvez preciso nomear Rabelais, para que o sarcasta de Seide definitivamente encontre o seu irmão mais velho.

Elle, entretanto, como todos os grandes, não pertenceu jámais a escola alguma: nem Hugo, nem Flaubert; nem papá Dumas, nem Zola. E' elle mesmo, é camillesco. Creou um genero de graça e linguagem que se lhe colla ligeira ao temperamento, como um *maillot* que revestisse o tronco dum Hercules Farnesio, traíndo as arestas dum espirito, a architectura dum sonho interior, o formidando *rictus* duma emoção—e aquella indomavel, aquella extraordinaria epilepsia do seu desprezo por tudo quanto, escabujando-lhe aos pés, queira mordel-o.

*

Em trinta e seis annos, cincoenta e quatro romances publicados, o primeiro dos quaes, *Anathema*, tendo vindo a lume em 51, ainda agóra se lê com sympathia, ao cabo de tantas e tantas revoluções na arte de narrar e d'escrever. Em todos esses livros, o poeta dá o braço ao analysta: e a analyse, posto que incisiva, não vivisecca os typos até aos seus ultimos promenores de histologia, nem decompõe o trabalho duma cabeça, como faz Zola, idéa por idéa, e impulsão por impulsão. Neste luxo de sciencia, que é um dos mais habeis artificios do romance moderno, muita vez o sabio prejudica as qualidades inventivas do artista, reduzindo a obra d'arte a uma monographia secca, a uma especie de historia clinica, em que o rigor do detalhe expulsa o sonho, substitúe á arte a medicina, abdica da phantasia em favor da fórmula, e dispensa a creação do talento individual, para produzir romances como quem cozinha pasteis, segundo uma receita doseada, monotona, e sempre a mesma. A isto chegaram os descendentes do flaubertismo em França, como Paulo Bonnetain, J. K. Huysmans, Camillo Lemonnier, e o sobrevivente dos dois

Goncourt, que ao sentir-se estancar, proclama a monographia, no prefacio da *Cherie*, como a fórmula assignalada ao romance do futuro.

E' ver como Camillo triumpha em todas estas preoccupações alambicadas, e leva ao romance as exigencias da sua paixão ardente e sempre nova, e nos visiona o seu mundo atravéz os sobresaltos crueis da sua phantasia. Para a reconstituição dum typo, dois ou tres factos lhe bastam, como a Cuvier bastava uma maxilla e uma vertebra, para a reconstituição dum ante-diluviano.

Entre esses factos, vem o poeta intercalar o que falta para a completa remodelação dum personagem. E é admirar-lhe a sobriedade e a precisão! Por vezes, no enchadrezar dos caracteres, ha singulares revelações de psychologia individual: o homem fala por detráz das suas figuras, como nas *Novellas do Minho*, e naquelle extraordinario romance do *Esqueleto*: exaspera-se da sua angustia, entenebrece-as da sua melancolia negra e irreparavel; e sem querer váe-nos contando os annos da sua mocidade, as miserias soffridas, traições, desgraças, illusões e sonhos desmanchados. A sua nervosidade compraz-se em dramas curtos e precisos, cuja catastrophe se precipita, entre os granisos da ironia ou da colera, sempre justa e animada dum sopro que por vezes chega a ser miguelangesco.

*

Não váe, porém, o tempo a sabor d'apotheoses espontaneas, nem a sociedade portugueza agóra tem momentos lucidos para attentar nos immortaes que não hajam subido a pedestal, pelas escadarias sebosas de S. Bento.

Mas se entre os homens d'agóra—eu dirijo-me aos novos—houver ainda um vislumbre da antiga integridade, se ainda houver na alma da mocidade portugueza, emotividades que lhe alumiem o caminho da justiça, ouzaria eu propôr fôssemos todos, de chapéos ao vento e braçadas de flôres, passar por deante da casa de Camillo, como Páris, no dia em que Victor Hugo completava oitenta annos.

Oh, como seria doce a Camillo, cuja obra resume, como a de Herculano e a de Garrett, a genuina litteratura portugueza; como lhe seria doce o escutar de boccas amigas, numa ovação suprema, palavras d'affecto que lhe enchessem de paz os ultimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escriptor portuguez do nosso seculo, ainda achou meio de ser tambem, entre os homens de genio, o maior desgraçado!

E dahi quem sabe! Com um pequenino esforço mais, poderiamos assentar cúpula d'oiro, sobre o edificio desta generosa iniciativa. Solicitariamos do publico auxilio collectivo para uma grande edição nacional das obras de Camillo, para a qual todos os nossos artistas déssem illustrações, e que assim ficaria entre as memorias do tempo, como um protesto ás apotheoses por ahi feitas, na politica e na arte, aos Judas de semestre, que emquanto fingem beijar na face a patria, o mais que pensam é em receber o oiro dos phariseus.

FIALHO D'ALMEIDA.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

NÃO SEI

Não sei, não sei como occultar ainda
Aos olhos do universo o quanto sinto,
Si o que escrevo, o que digo, si o que pinto
Nos meus versos, revelam a chamma infinda
Do meu infindo amor!
Amor, que me inspirou risos e prantos,
Amor, com que eu compúz meus pobres cantos,
Cantos de riso e dôr!

Quem haverá que, lendo estes meus versos,
Que d'alma a essencia trazem na linguagem,
Não encontre do amor na chamma emersos,
Ondulando teu nome e tua imagem?
Porque, pois, occultal-os friamente,
E o meu amor ferrenho,
Si a causa de meu estro—si é que o tenho—
E's tu, sómente tu!... E's tu sómente...

Deixa ao menos que eu cante o amor profundo
Que consagro á belleza em que me inspiro
Num poema de amor que diga ao mundo
Qual o santo idéal por que suspiro!
E' precizo o teu nome, esse thezouro,
Para a gloria que almejo, a mais suprema,
E me sirva de chave, e chave d'ouro,
A' derradeira estrophe do poema!...

Rio, maio de 906.

J. BENEDICTO COHEN.

APANHADOS

A Paz

Em um dos seus excellentes artigos publicados na *Revue*, de Paris, o brilhante publicista William T. Stead, propoz, com a sua habitual superioridade de vistas, a creação de um orçamento da paz, estudando a posição da França e da Inglaterra na Conferencia de Haya, e indicando os meios de realisação da mais fecunda aspiração dos povos cultos.

Desse notavel trabalho, extraímos os seguintes excerptos:

*

Si a segunda Conferencia de Haya se reunir em julho, será provavelmente muito mais representativa do que a de 1899. Desta vez, concorrerão as republicas sul-americanas. Os Estados-Unidos e o Mexico fôram os unicos governos do Novo Mundo a enviarem delegados á capital neerlandeza. A presença dos representantes do Chile e da Republica Argentina, potencias que haviam realizado o desarmamento mutuo, augmentará o interesse e a utilidade da Conferencia.

Mas... a questão dos armamentos, primeira na ordem do dia em 1899, está excluida, em termos expressos, do programma da proxima Conferencia. O novo parlamento de Man, a mais representativa das assembléas do mundo vê interdicta a discussão da questão que o imperador Nicolau II, em 1899, submettia com urgencia á attenção de uma civilisação ameaçada de ruina pelos seus proprios armamentos. Nessa interdicção, vemos os desastrosos resultados das guerras que as potencias signatarias da convenção de Haya emprehenderam na Africa e na Asia. O proprio czar, idéalista, abandona como utopia o sonho da paz universal e fecha, suspirando, as portas da esperança á face da humanidade. E não é sómente a paz universal que deixa de ser attingida: não nos podemos arriscar, ao menos, a reduzir um ceitil dos onus esmagadores dos nossos armamentos militares e da marinha. Essa impotencia é tanto mais penosa quanto, no acto final da Conferencia de 1899, encontrámos a mais solemne affirmação da necessidade de reduzir os armamentos.

A seguinte declaração foi adoptada por unanimidade:

«A Conferencia julga que a limitação dos encargos militares que actualmente pezam sobre o mundo, é muito desejavel para o desenvolvimento do bem estar moral e material da humanidade.»

Para insistir mais sobre esse ponto, a Conferencia tomou em seguida, sem discrepancia de um voto, a resolução seguinte:

4º voto—A Conferencia faz votos para que os governos, tomando em consideração as propostas feitas, estudem a possibilidade de um accordo concernente á liquidação das forças

armadas de terra e mar e os orçamentos da guerra.»

Essa piedosa aspiração não foi realisada por todas as potencias que lhe deram a sua adhesão. Nenhum estudo foi feito no sentido daquelle voto. Ao contrario, todos se dedicaram a outros assumptos, especialmente á possibilidade de levar ao extremo a rivalidade dos armamentos progressivos.

*

Não se póde commentar sem tristeza a vaidade dos projectos humanos, quando se considera que, nos sete annos decorridos depois da ultima Conferencia, para discutir a proposta de suspensão emanada do czar, o orçamento naval e militar, em toda a parte augmentou mais rapidamente do que em qualquer outro periodo analogo da historia. Si, para citar apenas um exemplo, o governo britannico tivesse agido de accordo com a sua dedicação, solemnemente expressada á causa da arbitragem e acceitado o appello dos boers ao tribunal de Haya para regular o conflicto africano, teria evitado a guerra, teria economisado um excesso de despeza de 250 milhões de libras esterlinas no seu orçamento militar.

Si a Conferencia tivesse adoptado a proposta da suspensão feita pelo czar e si a Inglaterra a ella se tivesse conformado, a nação ingleza teria economisado uma aggravação do seu orçamento militar e normal em cerca de 28 milhões de libras por anno.

Os armamentos da Europa, ante os quaes se apavorava a imaginação do czar em 1888, são actualmente muito mais pavorosos. O onus tornou-se mais esmagador para os povos. E todavia o soberano que advertira a humanidade de que os armamentos, então muito mais suaves, ameaçavam o mundo de uma catastrophe em que poderia perecer a propria civilisação, fecha agóra tristemente, com tranca e ferrolhos, as portas até á simples discussão do desejo de evitar a catastrophe.

A proxima Conferencia não foi ainda convocada para discutir a reducção de armamentos e os meios de evitar a guerra. Ella se occupará sómente das propostas de regularisação dos direitos da guerra, da definição do contrabando, dos direitos e privilegios dos neutros. A guerra é considerada como inevitavel, faz parte das eternas obrigações das nações e, como a guerra permanente é um postulado, o mais que se póde fazer é determinar-lhe os limites, assegurar aos combatentes a livre arena onde poderão liquidar os seus aggravos. Admittindo esse postulado, o objecto da Conferencia não póde suscitar objecções. Mas fóra do circulo estreito dos jurisconsultos internacionaes, ella não excitará interesse, não provocará enthusiasmo. Não haverá, por tráz dessa conferencia nenhum vestigio do sentimento popular que teve a sua expressão na cruzada pacifica de 1889-1899. Seus debates serão conduzidos por homens experimentados, versados em conhecimentos technicos das respectivas profissões. As sessões serão acompanhadas com interesse demasiado por todas as nações do mundo e serão ignoradas pela grande massa da humanidade.

E' uma desgraça. A reunião, na mesma assembléa, de representantes de todos os governos do Globo, offerece á humanidade uma opportunidade que não deveria ser sacrificada ás questões de simples contrabando e bombardeamento. As conferencias preludiam, como fazem os precursores, no parlamento do mundo. Aquelles que alli se encontram são os pioneiros do congresso dos Estados Unidos do mundo civilisado, os quaes faltarão, miseravelmente, aos seus deveres, si não derem um bem definido passo para adeante, por diminuto que fôsse para o idéal do Estado mundial.»

SCIENCIA E INDUSTRIA

A immunidade.— Varios factores.— Toxicos e anti-toxicos. — Precipitinas, alexinas.— A theoria de Metchnikoff.

A immunidade é um captivante assumpto de investigações proficuas e curiosas como as relatadas pelo dr. Paul Le Conte na revista *La Cellule*, de Louvain.

Obteve-se a toxina da fadiga fazendo-se o extracto de um musculo fatigado. Applicada no coelho por injecção intraperitoneal, essa toxina produziu-lhe no sangue uma reacção, da qual resultou uma anti-toxina pela qual poderia ser inutilizada a acção daquelle veneno.

Provou-se experimentalmente que, si uma especie de animal, que chamaremos—*A*, se tornasse immune com o serum de uma segunda especie — *B*, o serum da especie — *A* precipitaria toda a materia albuminosa da especie — *B*, mas não affectaria o serum de uma terceira especie.

Uma classe de elementos conhecidos como *precipitina* serve, nos casos de medicina legal, para distinguir o sangue de diversas especies. Em muitas séries de experiencias, fôram extraídas precipitinas de mumias, uma da edade de cinco mil annos, outra de um menino, antiga, de dois mil annos. As precipitinas obtidas por esse meio deram as reacções habituaes, donde se concluiu que esses corpos conservavam as suas propriedades durante aquelles longos periodos de milhares de annos.

A immunidade depende de differentes factores, muitos dos quaes não são ainda bem entendidos, demandando mais completas investigações.

Os elementos resistentes do sangue comprehendem substancias conhecidas como anti-toxinas, aglutinas, precipitinas, alexinas, e outras. A questão versa sobre saber onde se originam as substancias peculiares que tornam o sangue resistente ás molestias e evitam o desenvolvimento dos germens morbidos.

Os scientistas pensam que a alexina, que tem o poder de destruir microbios, póde ser produzida pelos globulos brancos do sangue, cujos notaveis caracteristicos teem sido amplamente estudados; mas está agóra averiguado que os globulos brancos vivos não secretam alexina, que é expellida pelos globulos desintegrados. Entre os productos de extracção dos corpusculos multinucleares, existe a alexina, encontrada tambem no extracto splenico e no liquido vermelho do osso, o qual se suppõe centro de formação dos leucocytos, si bem que o producto contido nesses centros seja insignificante comparado com o que se encontra no serum.

O poder bactericida dos animaes foi estudado vinte annos antes da descoberta das anti-toxinas, alexinas, etc. Os scientistas não estão agóra longe de estabelecer o paradoxo de que os os animaes, cujo serum sanguineo era o mais forte bactericida quando empregado experimentalmente fóra do corpo, sejam mais facilmente infectados quando os microbios fôrem injectados no sangue; o facto conduzirá a reconhecer que o sangue em condições normaes não representa o mesmo papel que o serum fóra do corpo e chega-se á conclusão de que o poder bactericida se desenvolve durante a coagulação do sangue, ao passo que Metchnikoff, indo mais longe, considera a destruição dos corpusculos brancos como o unico factor importante.

Muitas experiencias fôram feitas para determinar si o plasma do sangue contém alexina. O cão, o coelho, o carneiro fôram submittidos a exame, e no seu plasma fôram encontradas alexinas, sendo ellas tão abundantes quanto no serum respectivo.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

A EGREJA E A ESCOLA

O EXCLUSIVISMO RELIGIOSO

No que diz respeito ao ensino, a politica da egreja romana varía conforme o paiz em que se exerce : onde, por ser differente a religião do Estado, se encontra o catholicismo inferiormente collocado, labuta a Egreja para conquistar, em egualdade de condições, o direito de ensinar; onde, porém, já existe esse direito, pretende ella obter supremacia, aspirando secretamente ao exclusivismo. E tal aspiração resulta, sem duvida, da lição dos seus modernos doutores, interpretes fieis das doutrinas asperas resultantes do SYLLABUS.

A verdade é esta : — a Egreja, em these, não reconhece ao Estado o direito de ensinar ; apenas *supporta* sua intervenção nesse assumpto em troca de grandissimas liberdades e regalias, tendo sempre *esperança* de reconquistar a absoluta dominação espiritual dos tempos idos..

O malsinado *exclusivismo no ensino* que, quando exercido e mantido por alguns governos, tanto exaspera e desespera os catholicos ultramontanos, elles bem o desejariam ver victorioso, no sentido contrario, isto é, si pudesse ser em favor da instrucção clerical. A realisação do idéal catholico consistiria na derrota do ensino leigo, visto como só á Egreja triumphante compete a divina missão de guiar as almas juvenis na senda do Saber !...

O catholicismo transige com o espirito da epocha, ***apparentemente*** ; a transigencia real e completa, a concessão sincera e leal, fôra o mesmo que renegar as proprias bases da Religião, attentando contra a infallibilidade dos seus dogmas *eternos*.

Sustentando o systema theocratico, isto é, a preponderancia do *espiritual* sobre o *temporal*, a egreja romana não póde admittir sua separação do Estado, porque este principio é manifestamente contrario ao SYLLABUS. Como se sabe, os artigos do SYLLABUS são affirmativos dos erros que a Egreja condemna ; na negação dos principios alli expostos, é que está a verdade.

Esse serviço já foi feito, ha muito tempo, por um operoso jesuita, o padre Schrader, de Vienna. Elle transformou as proposições negativas do SYLLABUS em asserções positivas (1).

Procedendo a esse pequenino trabalho, encontrámos no SYLLABUS, (que encerra toda a doutrina philosophica, moral e politica da Egreja) os seguintes principios dogmaticos ;

> «A Egreja não deve ser separada do Estado». (Art. 55).
> .....
> «Os catholicos não pódem approvar um systema de educação independente da fé catholica e da auctoridade da Egreja». (Art. 48).
> ....
> «A sciencia das coisas philosophicas e moraes, bem como as leis civis, não pódem ser subtraídas á auctoridade divina e ecclesiastica». (Art. 57).
> ....

Os appellidados *catholicos-liberaes* que, na hora presente, esquecem estes dogmas da sua religião e pretendem acceitar os principios da Democracia, devem ter em mente o que succedeu ao eminentissimo Lammenais, em 1832. Elle tambem suppunha que deveria ser these catholica a da separação ; elle tambem sonhava com uma Egreja liberal e democratica, alliada ás conquistas da Civilisação, respeitadora das liberdades conquistadas pela Grande Revolução e já então mantidas mais ou menos pelo Estado. Pois bem: elle, que tivera o applauso e o apoio dos espiritos religiosos da sua epocha; elle, que tivera a seu lado Lacordaire e Montalembert, viu toda a sua obra repellida pela Côrte Papal, soffreu os maiores vexames, provocando a celebre encyclica *Mirari vos*, em que foi soberanamente declarado que a doutrina da separação não se coaduna com os principios da Egreja ; que esses não se conciliam com a liberdade civil e politica, nem com a liberdade dos cultos, nem com a liberdade da imprensa.

O cardeal Pacca, em uma carta escripta por ordem do mesmo papa de então, dizia que «taes doutrinas poderiam, em dadas circumstancias, ser toleradas *como um mal menor*, mas nunca apresentadas por um catholico como bem ou coisa desejavel» (2).

No mesmo sentido se exprime, mais recentemente, o preclarissimo Leão XIII, quando, na encyclica *Libertas prœstantissimum*, alludindo á separação da Egreja do Estado, «QUE NÃO SE PÓDE, EM THESE, JUSTIFICAR NEM DEFENDER» — nella enxergava apenas uma situação toleravel porque praticamente *não era a peior*.

E' bem de ver que com taes principios não se harmonizam os das democracias modernas, e que, na questão do ensino, a Egreja, *em these*, não póde acceitar a intervenção do Estado, pois se julga soberana e portadora unica da verdade revelada.

Isso proclamam solemnemente as mais altas auctoridades do catholicismo e os orientadores supremos do seu programma politico. A Egreja, rival do Estado, quer obter, pela Escola, o monopolio das almas. Leão XIII, condemnando a liberdade de cultos, ensinava que só ha um dever : o de abraçar a religião verdadeira, que é a catholica, indicada pela Providencia. Para o grande papa, a liberdade de cultos orçava por uma depravação da liberdade, *levando á servidão da alma pela abjecção do peccado*.

Dahi, (argumenta o senador francez Maximo Leconte) é logico concluir que só a egreja romana tem o direito de ensinar, que ninguem deve ensinar sem submetter-se á auctoridade da Egreja. Foi assim que, no Congresso Catholico Internacional, realisado em Lyon, no decorrer de 1885, se declarou que «em vão se procuraria attribuir ao Estado o direito, a competencia ou a missão do ensino.»

No congresso da Associação Catholica Franceza, que reuniu em 1899, o sr. Henrique Fraudière proclamava : «A Egreja, sociedade perfeita, tem para o ensino missão e aptidão sobrenaturaes, porque só ella possúe a verdade certa, necessaria e sufficiente». Mais adeante: «E' precizo reconhecer que a Egreja tem direito de jurisdicção, de superintendencia particular, em materia de instrucção, mesmo profana». Eis o que é falar sem subterfugios !

Monsenhor Bernard, reitor das Faculdades Catholicas de Lille, referindo-se mais particularmente ao ensino academico, confessou : «Pela instrucção superior, a Egreja ha de retomar a direcção das almas, o sceptro da intelligencia, a governação dos homens.»

Nós, aqui, no Brazil, ainda não temos em funcções as universidades, nem as faculdades catholicas. Em compensação, assistimos a um phenomeno mais perigoso: — a derrama dos collegios clericaes, fundados e dirigidos, quasi todos, por congregações religiosas expellidas da Europa! A influencia que tal ensino póde exercer no espirito da mocidade será decisiva para a orientação da Republica. A natureza dessa influencia tem de participar necessariamente dos principios que deixámos apenas esboçados, no seu rigido exclusivismo.

E ninguem dirá que, indo nesse caminho, nos seja facil escapar ás luctas fratricidas que, em geral, resultam da educação clerical.

EVARISTO DE MORAES.

(1) Vide *Le Pape et le Concile*, de JANUS, trad. franc., pag. 16; *La Separation des Églises et de l'État*, por M. LECOMTE, pags. 84 e 515.

(2) LAMMENAIS, *Affaires de Rome*, pagina 134.

A LIVRARIA

«ATRAVÉZ DA VIDA», POR D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA—H. GARNIER, EDITOR—1906.

Não se faz necessario estarmos prevenidos de que este livrinho, — uma brochura de 127 paginas,—é uma obra de amador: elle nol-o dirá claramente por si. Além disso, mesmo que não vissemos a assignatura, estaria saltando aos olhos a que sexo o amador pertence. Essa obra não foi feita com simplicidade apenas; ha nella uma bôa dóse de ingenuidade, até.

O escriptor que se préza de o ser, veste sua phrase como a si proprio se veste para saír á rua. Além disso, como da porta para fóra,—á feição de toda a gente, — suas maneiras são maneiras de cidade, ademanes, sorrisos e cortezias que elle não preciza ter em familia, tambem a feição exterior de sua obra, quando esta lhe sáe das mãos para correr mundo, ha de ser civilisada e acceitosa, e a fórma escorreita, obedecendo, até certo ponto pelo menos, ao gosto da epocha.

Uma coisa é consequencia da outra. Si a physionomia e a *toilette* do trabalho levam um tal aspecto, suas falas hão de ser tambem correspondentes a este. O que quer que tenha a dizer deve ser litterariamente dito,— em termos de gente de cultura, — além de que já deve vir dignamente pensado, isto é, de accordo com o gosto intellectual reinante, que é o que dá mais apparencia de superioridade ao que os avisados e caprichosos produzem.

A sra. d. Amelia Bevilaqua escreve quasi como deve conversar com as pessôas que frequentem amistosamente sua casa no Recife, onde reside, sendo a digna esposa do sr. Clovis Bevilaqua. Ha no seu dizer muito da maneira nortista, não só na construcção da phrase, até ás vezes deliciosamente errada, como na applicação dos nomes e na escolha dos adjectivos, vocabulos que não raro nós do sul desconhecemos por completo e outras vezes encontramos alterados da significação que elles teem para as nossas bandas.

Este phenomeno é pouco commum, a não ser quando os escriptores procurem dar-nos conta por modo exclusivamente objectivo da linguagem popular no meio em que vivem. Mas isso porque, escrevendo por conta propria, a maior parte delles tem o cuidado de só se utilizar do vocabulario litterario que é commum a todo o Brazil, quando não seja a todos os que escrevem em portuguez, — do vocabulario e da syntaxe.

Não é por ignorancia que a auctora do *Atravéz da Vida* procede assim. Vê-se que a sra. d. Amelia Bevilaqua tem leitura e conhecimentos superiores ao que é commum ás damas em geral entre nós. A causa principal estará na sua relativa falta de habito de escrever, mas além disso na propria constituição organica do seu espirito, simples por natureza, até ao ponto de uma encantadora distracção, quasi que isso a que chamam *nonchalance* os francezes.

Seria preciso ser um homem excepcionalmente dotado de suavidade e mansuetude, de despretenção e ingenuidade até, dado mesmo o caso de ser um inviolado provinciano, cheio de paixão pela paz e cordialidade de seus pagos e avesso a todos os arrebiques e entonancias dos grandes centros, para poder chegar a produzir um trabalho assim.

Seria necessario que além de tudo isto houvesse nelle outra qualidadesinha completativa: seria necessario que elle tivesse talento.

E' por isso que as paginas de que se trata merecem menção especial.

Difficilmente encontrar-se-á uma obrinha litteraria mais desataviada do que esta. O enredo é pobrissimo, como ordinariamente o das vidas provincianas. Pobre e sem grandes lances. O que se dá de mais vertiginoso entre os poucos personagens do romance, é um tombo de grande altura, á noite, tombo que custa a vida a um homem. Acontece até, porém, que este é o mais antipathico typo da peça, de sorte que, si não se fica muito contente, tambem não dá para chorar.

Si a vida, porém, não é muito movimentada, em compensação é verdadeira. Ha athmosphera propria na obra, sente-se ser legitima a humanidade della, e o motivo emocional do trabalho foi concebido com verdadeira ternura e paixão,

A heroina do *Atravéz da vida* é um typo representativo da mulher brazileira em geral, passiva e meiga, atravessando a existencia inteira num sacrificio só,—bem mal empregado muitas vezes,—nem sempre, no emtanto, fazendo isto de voto proprio, mas por falta de energia para se revoltar contra o estabelecido pelas outras e o consagrado pela sociedade.

Quando é necessario, a sra. d. Amelia Bevilaqua sabe achar expressões felicissimas, sabe erguer-se á altura do assumpto, e dar ás paginas decisivas de seu livro a força necessaria para salval-o.

Foi com a sympathia devida a um espirito que terminei a leitura dessas paginas de ensaio, confesso que um tanto surprehendido, porque taes factos não são muito communs.

***

«AVENTURAS DO SR. PICKWICK», VERSÃO PORTUGUEZA DE K. DE AVELLAR.—H. GARNIER, EDITOR—1906.

Este livro foi o que decidiu da carreira de Carlos Dickens perante o publico inglez. São dois bem fornidos volumes em que o famoso humorista faz se desenrolarem trezentas aventuras em torno do sr. Pickwick, um collecionador maniaco e ridiculo, com quem viajam não sei quantos societarios do Club Pickwickano, mais ou menos ridiculos e maniacos como elle. E' o classico romance inglez, que em regra não fórma um verdadeiro conjuncto, mas representa, como este, uma série de episodios que nada tem que ver muitas vezes uns com os outros.

Dickens parece um precursor desta epocha em que estamos, das bicycletas e dos automoveis, elle que no seu tempo só pôde falar da velocidade maxima de 15 por hora, feita pelas carruagens a quatro cavallos, e isso quando terrivelmente fustigados os animaes. Ha nelle uma mobilidade rara, uma vida mesmo agitada, de qualquer modo violenta. Com Carlos Dickens o leitor não tem tempo de se aborrecer, porque as coisas e seus aspectos variam sempre, como nos kaleidoscopios.

Não é a primeira traducção do inglez devida ao sr. K. de Avellar que a casa Garnier edita. Ha pouco tempo,

ella nos deu um livro de Walter Scott, *Ivanhoe*, tambem traduzido pelo sr. Avellar, (si não se trata de um pseudonymo).

E' bom serviço este que se presta á nossa cultura. O abuso da litteratura franceza nos prejudica bastante, tanto mais hoje em dia que, principalmente em materia de obras de imaginação, a França está ficando relativamente tão pobre de valores.

Não sei quem é o traductor destes livros. Vê-se que elle conhece portuguez, mas que talvez resida em Paris e ha muito tempo. Vê-se isso pela impropriedade de certas expressões usadas nestes volumes, está se sentindo que por influencia do idioma francez.

NUNES VIDAL.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO : A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Havia quatro mezes que nos partiramos do Rio de Janeiro com destino á aspera fronteira da Venezuela, então muito mais extensa do que hoje, porque começava na cabeceira principal do rio Memachi, tributario do Naquieni, affluente do Alto Guainia, (nome do Rio Negro acima da cidade venezuelana de Marôa) e ía até o Cerro Anay na divisa da Guyana ingleza, abrangendo cerca de nove gráus em longitude. Dois laudos arbitraes a reduziram a pouco mais de seis gráus de um extremo a outro. O primeiro, favoravel á Columbia, tirou-lhe a parte comprehendida entre a origem do Memachi e Cucuhy. O segundo deu á Inglaterra o territorio que se estende desde o Anay até á serra de Roruima.

Estavamos em Uayanary, ponto terminal da navegação a vapor do Rio Negro. Pelo contracto da companhia do Amazonas, os seus vapores deveriam chegar até Santa Isabel Velha, povoação dos tempos coloniaes, cujas ruinas desappareceram nas sombras do capoeirão opulento que cresceu nas velhas ruas e hoje pede meças á floresta virgem, que estende ao lado as suas galas e magnificencias.

Os commandantes não cumpriam essa clausula do contracto. Em vez de subirem até o logar onde a povoação existiu, approximavam-se algumas centenas, sinão milheiros, de metros, faziam uma bella *alé-larga* e íam fundear no porto de Uayanary. Assim se denominava o sitio do capitão Cordeiro, indio sem mescla e já de dias, pois durante muito tempo foi soldado do 5º de linha e obteve a sua baixa nas proximidades do anno quarenta. Chegou a capitão da Guarda Nacional e já estava desde muito reformado, quando lhe passámos pelo sitio. Além da sua casa, que era um grande rancho de palha, com paredes de barro, havia algumas palhoças mais. Meia duzia de vaccas pastavam num pequeno campo artificial e algumas arvores fructiferas cresciam no terreno granitico.

Era numerosa a sua parentalha, que se confundia com os aggregados, entre os quaes mal se podiam distinguir os livres dos escravos, porque todos eram indios. Olhos exercitados, porém, descobriam logo nestes infelizes orificios no nariz e no labio inferior tapados com cêra de abelha. Esses pobres indios escravisados, que ainda existiam, para nossa vergonha, nos fins do seculo XIX, eram na maior parte da tribu Miranha, que habita o Japurá e seus affluentes. O velho capitão passava para estes rios subindo o Urubaxy, que desemboca proximo do seu sitio, ou o Marié, que affluе muito acima entre as pequenas povoações de S. José e S. Pedro. Os varadouros por terra são pouco extensos. Elle proprio os caçava e os aprisionava nas suas correrias ou os comprava altamala a sessenta e oitenta mil réis por cabeça. Quem sabe si naquelle fim do mundo, onde não chega a ponta do gladio da justiça publica, não se consummam ainda esses crimes abominaveis ?

Os vapores faziam a viagem redonda em uma semana, e não podiam ir além, por causa dos rapidos de Tapuruquára, que ficam umas dez milhas para cima e onde termina o baixo Rio Negro.

O indio vâe de Tapuruquára a Camanáu. O alto, de Camanáu até á embocadura do canal Cassiquiáre. Dalli para cima perde o nome e é conhecido pelo de Guainya.

O baixo Rio Negro é enfadonho de se remontar. As aguas, inteiramente negras, as margens, que mal se avistam ou apparecem como estreitas faxas azuladas, o céo immenso cobrindo a monotona paizagem e o silencio da solidão, infiltram n'alma sentimentos de profunda tristeza.

No tempo da vasante, são menos melancolicos os tons do grandioso quadro, que ás vezes chega a ser pittoresco.

As ilhas surgem verdejantes do seio das aguas escuras e deixam á mostra os flancos avermelhados de argilla ou denegridos de basalto, desnudados pela erosão eterna, solapados em grandes extensões e desmoronados alli e acolá, com arvores dasaprumadas e apenas sustidas por bastas comas de radiculas, que a corrente mal lavou. Contrastando com o negrume da immensa face do rio, apparecem, de distancia em distancia, extensas praias brancas, orladas de verde escuro, onde raras colhereiras de bico espatulado ponteiam de roseo as areias alvas, que brilham aos raios do sol e não deixam distinguir de longe os bandos de pequenas garças da côr da neve, que nunca se maculam nos brejos e lamaçaes.

Solitario e pensativo repouzava mais adeante, equilibrado numa só perna, um tuyuyú, mirando philosophicamente alguns urubús que devoram, dando pequenos pulos e grasnando, o cadaver inchado dum jaguarétê que deu á costa.

A's vezes, raramente, avista-se na curva propicia dum remanso uma canôa encostada e amarrada pela bossa de cipó-imbê a um varejão fincado na praia.

E' uma familia de tapuyos, que váe para o seringal. O homem sésteia á sombra de um *tupé*, escorado em duas forquilhas que lhe antepára contra o sol, emquanto a *cunhã* assa ao brasido um peito gordo de *cunhãmocú* (tartaruga nova), que o seu *membyra* mais velho flechára ao chegar com a *sararaca*, flecha cuja ponta se deprende e segura por um fio que se desenrola, acompanha ao fundo a preza arpoada emquanto a outra parte fica fluctuando.

Quando a enchente vem, tudo muda. Os barrancos aluidos desmoronam-se arrastando na quéda grandes arvores, que a corrente, que se avoluma, vâe levando. Fluctuam nos lagos as ilhas de *canaranas* e deslizam rio abaixo em immensos balseiros, coalhando de grandes manchas verdes a superficie negra e escondendo ninhos e serpentes entre as flôres azues e alvas dos *aguapés*.

Na cheia some-se tudo que restava de alegria ao rio triste. As ilhas vão para o fundo, deixando apenas o cimo verde do arvoredo, que a corrente agita docemente nos dias calmos, ou espedaça em ondas furiosas nos de tempestade. As praias todas afogam-se levando comsigo as palhoças abandonadas dos seringueiros e as cruzes dos tumulos que lá ficaram da safra. Todas as lezirias transformam-se em fundos *igapós*. E' fatigante aquella natureza de acerba monotonia. Só se vê o céo, o rio e a floresta submersa. E' sempre assim, ermo, solitario, triste por leguas e dezenas de leguas ! E' o deserto !..

Que prazer quando passam alto dois casaes de araras dando gritos roucos e um bando de papagaios palrisqueiros em alarido, ou um *tucunaré* salta á prôa na babuge das aguas, mostrando o dorso de escamas douradas !

Leguas e leguas, dias e dias, sem uma casa !

De grandes em grandes distancias, avista-se, por entre a ramalhada som-

bria do *igapó*, um rancho sobre estacas num tezo de subida resvaladia onde os degráus da escada ficaram esborcinados pelo attricto da enchente e vive meio sitiado o tapuyo indolente, com a *cunhã* e a vasta prole, descuidado do futuro e esperando tudo do patrão que já fiou e continuará a fiar emquanto o tiver como escravo. Não se vê uma serra nem um cerro isolado até ás proximidades de Uayanary. Os primeiros lhes ficam nas immediações. São o Temendahy logo abaixo, e o Menihida defronte.

A mais de vinte leguas para o lado do norte, avistámos as serranias das cabeceiras do Marauiá e do Marary, que formam a linha divisoria com Venezuela, e mostram, nos dias claros, o perfil alto e recortado.

O mais é a planicie interminavel do Amazonas, coberta de florestas impenetraveis, a cuja sombra os rios correm mansos, anastomosando-se em todas as direcções, grandes e fundos.

De longe em longe, passavamos por povoações de algumas casas de pobre aspecto que pareciam abandonadas, e infundiam n'alma indizivel melancolia, por serem attestados dolorosos de uma decadencia que mostrava caminhar fatal e rapida para o anniquilamento.

Barcellos, a antiga capital da Capitania, onde os demarcadores do seculo XVIII caminhavam sobre custosas alfombras estendidas desde o cáes até o palacio do governador; onde as festas religiosas eram celebradas com desusada pompa em um templo rico de alfaias, e as tropas se alojavam em quarteis; os doentes se tratavam em hospitaes e o povo morava em centenas de casas edificadas em ruas regulares; Barcellos estava reduzida a poucas palhoças, que as formigas já haviam conquistado ao homem indolente, devorado pela hypoemia tropical.

Do palacio de Lobo d'Almeida e outros governadores da Capitania do Rio Negro, restavam sómente os *nabos* dos esteios, carcomidos até ao rez do chão. A matriz havia desapparecido e no recinto sagrado onde os sacerdotes entoavam os hymnos religiosos, algumas vaccas esqueleticas mugiam de sêde e de fome. Das poutes de madeira, uem encontros, nem pegões, nem guardas, nem estradas havia mais: sómente um ou outro pedaço de viga podre pendia sobre o leito do igarapé correndo por urzaes e cheio de *piúns*. Dos quarteis, das fabricas, dos armazens militares, nenhuma noticia nos deram.

A casa do Ouvidor sumira-se tambem na voragem das ruinas. O juiz de direito da comarca, que fôra nosso companheiro de viagem, tomou posse em uma taverna, que servia de cartorio. Eu fui tambem testemunha do acto e vi o illustre e culto magistrado, meu honrado patricio, escrever debruçado sobre o balcão, que tresandava a *pirahen* e a cachaça. Livrou-se, por sua distincção, dum epigramma.

Tauapeçaçú (povoado novo), que nada tinha a justificar-lhe o nome, era meia duzia de casas no alto dum barrauco elevado, onde cresciam as aboboreiras e o matapasto. Disseram-me que havia uma escola primaria, mas estava fechada porque o professor não vivia alli.

Ayrão, bem situada e pictoresca; Moura ou Itarendaua (logar de pedras) onde parecia ter havido o desmoronamento de uma montanha pedregosa, e os habitantes de vez em quando eram atacados pelos indios do rio Jauapery. que desemboca na margem fronteira, indios que um homem bom e valoroso amansou, tratando-os por alguns dias com carinho; Cravoeiro, proximo á foz do Rio Branco e cheio de cearenses; e Moreira, a oitenta leguas de Manáus; todas, sem excepção, pareciam ir morrendo á mingua.

De Thomar, a antiga côrte do Rio Negro e patria do famoso Ambrosio Ayres Bararoá, com as suas cordoarias e fabricas de anil, restavam apenas as duas casas do Miguel Porphyrio e do Silva regatão. Além dellas, havia alguns ranchos, miseraveis palhoças sem paredes nem portas, onde moravam cearenses retirantes da formidavel secca de 1877. que foi tão util á civilisação e ao progresso da Amazonia.

A largura do rio é immensa. Nas proximidades de Moreira e dos bancos de Patauá, é computada em dezoito milhas. Talvez o calculo não seja rigosamente exacto; mas, para bem avalial-a, basta o facto de precizar uma canôa doze horas para ir duma á outra outra margem. Si sáe ao romper do dia, alcança o seu destino ao caír da tarde. E' um mar. Como elle, tem tempestades que o sublevam em ondas immensas e tragam as embarcações que não teem tempo de fugir ás suas coleras. Mas é um mar triste, com as aguas da côr das noites escuras, onde nada se póde ver abaixo da tona, nem um peixe, nem um raio refracto do Sol. Guardei durante vinte annos uma garrafa dessa agua, que, ao captar, tinha a côr amarellada do ambar. Perdeu-a depois inteiramente, tornando-se branca e crystallina, como si fôsse apanhado no rio Carioca. Apparecia apenas, no fundo da garrafa, um pequeno e insignificante residuo. O seu colorido especial é attribuido por Alexandre de Humboldt a carburetos que as aguas levam em dissolução; e por outros á presença do acido ulmico. Os rios pretos e brancos já nascem assim. Numa linha de vertentes, onde aguas que correm para o Cauabury se separam das que vão ao Demity, vi riachos brotarem abundantes do seio da terra, cada um com a sua côr: uns, brancos; outros, negros e nascendo a poucos metros de distancia.

Até Uayanary, fizemos a viagem no *Rio Branco*, vapor da Companhia do Amazonas, e no *Moêma*, aviso de guerra, com escassas acommodações e posto á disposição do nosso chefe pelo Governo.

Dalli para cima, fômos mais lentamente. Os membros da commissão, a escolta do Onze de linha, os empregados paizanos e os indios remeiros e todo o material, composto dos nossos instrumentos, da nossa bagagem e dos viveres que não eram poucos, distribuiram-se por tres grandes batelões, embarcações sem mastros e pezadissimas, especie de bagarras ou alvarengas, onde faltava espaço para irmos bem accommodados. Chamavam-se: *Rio Negro*, *Rio Branco* e *Cucuhy*, e eram pintados de negro. Um tinha quilha, os outros eram *champans*, com o fundo chato. Tinham todos toldos corridos de palha de ubim, pequena e utilissima palmeira amazonica. Os officiaes e empregados de maior categoria aboletaram-se á ré. Os outros, tripolantes militares e indios, dormiam sob a coberta de prôa quando chovia; e, si fazia bom tempo, estendidos sobre a tolda ou nas redes, em terra, quando o batelão não passava a noite amarrado a algum ramo da floresta submersa.

Cada batelão conduzia, á tôa, uma pequena canôa, que servia principalmente para levar, agua arriba, a espia e amarral-a a um galho ou tronco marginal, afim de ser alada de bordo, nos trechos correntosos e profundos, onde não fôssem de proveito remos e varejões. Por tal mistér, davam á canôinha o nome de «montaria espieira». A equipação do remo de cada uma das nossas embarcações era de doze homens, sem contar o timoneiro, sempre indio, conhecido pelo nome nheengatú de *Jacumãyua*. Os remeiros eram tapuyos e soldados. Estes mostraram-se meio bisonhos na estréa; mas adestraram-se em pouco tempo, por serem de bôa vontade e vigorosos.

Remavam os doze de pé sobre estrados corridos de taboinhas de pashiúba, armados sobre as abas das toldas, junto ás bordas. Os remos tinham de comprido quatro metros e mais, e eram fixados, por estrôpos de cipó-imbé a forquilhas de meio metro de altura, que serviam de toletes.

Vogavam os pesados barcos lentamente, buscando os remansos, onde as aguas propicias pareciam impellil-as para cima.

Quando era inevitavel atravessar o

rio, de mais de uma legua de largo, para poupar uma curva demasiado extensa ou fugir de fortes correntezas, que espumavam coando-se atravéz da ramalhada das arvores marginaes meio submersas pela enchente; perdiamos sempre muito do caminho feito, porque o batelão descaía na travessia, apezar da guarnição forçar muito a vóga. Quantas vezes, ao chegarmos á margem desejada, nos viamos arrastados pela corrente velóz, que não podia ser vencida a remo!

Dois ou tres homens então, armados de longas ganchorras de madeira, que aferravam nos galhos, aguentavam o batelão, emquanto a montaria espieira subia velóz, agua arriba, de vóga arrancada, a atar o chicote da espia mais adeante. Si acaso batia a ponta da ganchorra numa casa de maribondos, os homens, semi-núis, lançavam-se ao rio e o barco ía á garra. Não raro, os *ligeirões* se estendiam por milhas e leguas e as manobras de ganchos e sirgas repetiam-se horas e dias seguidos, experimentando a nossa paciencia, que nem sempre saía airosamente da penitencia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O PRIMEIRO artigo das *Reminiscencias da fronteira*, que o seu auctor nos mandou logo depois de ter concluido as da campanha do Paraguay, recebidas com geraes applausos, appareceu no num. 64, anno III, dos *Annaes*; o segundo, no 68; o terceiro, no 70; o quarto, no 72; o quinto, no 73; o sexto, no 74; o setimo é o artigo curiosissimo que se acabou de ler.

O ALMIRANTE (83)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

— E eu? — interrompeu a marqueza.

— Vossa excellencia, querida marqueza, possúe uma organisação primorosamente dotada de resistencias. Resistiu heroicamente a todos os revezes, venceu os mais crueis transes da vida, alimentando sempre uma aspiração, um idéal superior, que punham em permanente actividade o seu cerebro...

— Eu fui uma victima da sorte...

—Por isso mesmo, é uma vencedora, Os soffrimentos moraes, os accidentes que perturbaram o seu caminho forneceram os meios de destaque das suas admiraveis qualidades. Vossa excellencia, apezar de tudo, está admiravelmente apercebida para viver muito, apezar de ter consumido inutilmente as suas forças...

— Inutilmente ?!...

— Sim, inutilmente. Tudo o que a senhora dispendeu nos seus sonhos politicos, foi em pura perda. A politica não se nutre de idéas, age numa zona demasiado inferior para a nobre actividade de uma senhora que não se póde emmaranhar impunemente nas sendas tortuosas de baixezas, de vilanias, de interesses subalternos, que conduzem os exploradores á victoria.

— Eu tinha um idéal.

— Por isso mesmo soffreu continuas decepções, que tiveram o effeito de desilludil-a..

— Quem sabe...

— Insistir seria injustificavel. O seu lar se restaurou por um milagre, offerecendo-lhe um campo de largo descortino ás suas aspirações puramente femininas.

Hortencia parecia absorta, inteiramente empolgada pelas palavras de Souza e Mello, encontrando nellas uma diversão para a seu espirito atribulado, um lenitivo para as maguas, exacerbadas cruelmente pelas insinuações da irmã.

— O doutor Souza e Mello — disse Amelia, intervindo em busca de um pretexto para se subtraír áquella oppressiva situação — chegou, afinal, á politica, ao assumpto predilecto, que me excita os nervos.

— Vejam — retorquiu o advogado, num tom humilhado—como se enterpretam mal as melhores intenções deste mundo. En detesto a politica...

Amelia ergueu-se, foi á varanda, volveu, percorrendo a casa como si inspeccionasse sem pretenção o novo arranjo dos moveis e desceu lentamente para o parque. Hortencia e Oscar viram-na desapparecer sob as ogivas ondulantes do bambual, marchando em passo firme, candenciado, num movimento sereno e gracioso.

A conversação, interrompida por breve pausa occasionada pela saída de Amelia, reatou-se. Souza e Mello continuou a falar de politica com o habitual pessimismo, comprazendo em desfolhar cruelmente, uma a uma, as fanadas illusões da marqueza, que não ouzava retorquir, tanto lhe calavam na consciencia as palavras do velho amigo, demonstrando-lhe a insania de um idéal morto, essa campanha da restauração de que uma mulher superior era o symbolo saudoso.

Não eram, porém, as considerações do homem inspirado na experiencia, no conhecimento exacto dos homens, dos estadistas de melhor destaque, sem convicções, sem fé, sem coragem; não eram os prognosticos do movimento politico os objectivos da preoccupação de Oscar e Hortencia naquelle momento: elles pensavam no desenlace da comedia passional em que figuravam como principaes personagens: procuravam, em vão, o meio de uma conciliação impossivel entre os sentimentos que os dominavam e o ridiculo, a imposição das convenções sociaes e, sobretudo, o receio de maguar a marqueza, toda embevecida na supposta ventura do casal que parecia a realisação de um supremo sonho. Fixavam ambos a esperança na acção do habito, da convivencia intima, para vencerem os melindres, até a repugnancia, como sóe acontecer na grande maioria dos casamentos sem amor. Nem elle, nem ella disfarçavam a difficuldade da attitude respectiva nessa vida de intimidade, de contínuo contacto, suffocando os sinceros impulsos poderosos e divergentes.

Oscar esperava o momento de estar a sós com a esposa para lhe desvendar francamente o coração. Hortencia, presentindo com terror a approximação desse momento, procurava todos os meios de evital-o. Por isso comprazia-se em prolongar a conversação que lhe não interessava, retinha Souza e Mello e a marqueza, supportára heroicamente a intervenção cruel da irmã e aguardava serenamente a annunciada visita de Dolores que viria ao encontro dos seus planos de dissimulação, de resistencia a todo o transe.

—Muito bem, meus caros amigos— disse Souza e Mello, erguendo-se e consultando o relogio — a companhia é agradabilissima, mas estou vendo que tagarelei de mais para uma visita a um convalescente.

—Não pense nisso, doutor—disse Hortencia vivamente, sentindo pulsar-lhe em sobresalto o coração — E' tão cedo.. Porque não fica para jantar comnosco?

Souza e Mello recuzou cortezmente e partiu acompanhado pela marqueza.

Oscar os conduziu ao patamar da escada e beijou as mãos da marqueza, que lhe recommendava a necessidade de não abuzar das forças, miraculosamente restauradas. Ao deixal-a, approximou-se lentamente de Hortencia, que o aguardava muito pallida, tremendo de commoção, fitando os olhos quasi cerrados na alcatifa oriental que cobria o assoalho.

—Hortencia— murmurou elle, com vóz quasi sumida — Eu comprehendo o vexame ante a situação em que te collocaste por um impulso de generosidade, cujas consequencias não previste... como eu tambem não poderia prever, tão certo estava de um desenlace fatal... Mas... uós somos conduzidos por impulsos superiores á nossa vontade e é forçoso nos submettermos, nos resignarmos ao seu imperio ineluctavel.. Eu era um naufrago. A onda que me devia tragar, arrojou-me a um paiz desconhecido, ao paiz da ventura não sonhada... donde descortinei os novos horisontes da minha vida...

Hortencia ouvia, tremula de commoção, as percucientes palavras do marido.

—Bem sei — continuou elle mais animado, mais ardente—que sellaste a tua dedicação generosa, incomparavel, naquelle doloroso transe entre a vida e a morte, com o mais sublime acto de abnegação que se póde exigir de uma mulher, ligando á minha sorte desesperada o teu destino, os teus idéaes de moça... Mas eu não sou culpado disso; eu não exigi de ti um sacrificio que em condições normaes nunca me passaria pela mente, embóra te amasse com paixão, como agóra...

—A culpada fui eu — murmurou Hortencia, com palavras interrompidas pelo ancioso arfar do seio—obedeci ao que pensava ser o meu dever, depois...

—Depois... comprehendeste todo o horror da situação monstruosa a que te havias arrojado; não é assim?..

—E' verdade... Eu seria duplamente criminosa si mentisse neste momento. Comprehendi que esse casamento era uma alliança monstruosa, um sacrificio talvez superior ás minhas forças.. Perdôa-me Oscar, perdôa-me.

Oscar tomou-lhe as mãos geladas.

—Medi—continuou a moça, exaltando-se com a revelação do estado de sua alma—todas as consequencias; cheguei a pensar que, passada aquella crise afflictiva, poderiamos volver á liberdade; tu serias bastante generoso para me libertar desse sacrificio consagrado em condições tão excepcionaes... Veio-me depois ao espirito o ridiculo desse desenlace.

—O juizo da sociedade. .

—O que seria de mim, rebaixando-me á triste condição de uma ambiciosa vulgar, uma ambiciosa que fugia aos compromissos de um negocio mallogrado.

—Tu pensaste nisso, Hortencia?

—Sim. E deliberei supportar todas as consequencias dos meus actos. Nunca te diria isto si não me sentisse obrigada a corresponder á tua sinceridade...

—Sinceridade que amenizará a triste situação em que nos achamos...

—Penso que te devo expor a minha alma, a ti, ao homem que é meu marido, sem restricções.

— Sim, sem restricções — insistiu Oscar, de olhos embebidos nos grandes olhos luminosos da formosa Hortencia.

—Eu te considero o melhor dos homens. Desde menina, habituei-me ao teu carinho paternal, a querer-te como creatura superior; nunca me passou pela mente ser tua mulher.

Hortencia calou-se, extenuada pelo esforço dessa confissão, que não havia attingido ao ponto mais melindroso e mais difficil. Ella hesitava, como si colhesse energias para continuar ou aguardar a replica de Oscar, que se conservava num silencio attento.

— Esse affecto filial — continuou Hortencia, num herculeo esforço, como si triturasse as palavras—não me impunha compromissos; eu era livre... eu podia...

—Tu podias amar...—interrompeu Oscar, vivamente.

— Eu podia amar — replicou Hortencia, com firmeza.

—E amaste?...

—Amei...

Oscar ergueu-se, percorreu a sala descompassadamente e parou um instante á varanda, suffocado pela commoção daquella cruel franqueza. Hortencia permanecia na mesma attitude, hirta, anniquilada, apavorada pelo movimento do marido.

— Perdôa-me Hortencia — murmurou Oscar, volvendo humilhado para junto della — Perdôa-me, minha querida, este movimento que não pude conter. Essa terrivel revelação foi superior ao meu esforço para te imitar nessa calma digna...

— Eu appello — retrucou Hortencia, num tom de supplica maguada — para o sacrificio desse amor, como tu farás o do teu...

— Não é possivel porque te amo como se ama pela primeira na minha edade...

— Tu amas outra mulher...

— Outra mulher!? —exclamou Oscar, surprehendido.

— Tu amas Dolores...

— Dolores? Que cruel gracejo!...

— O seu nome te saía dos labios, quando eu velava por ti...

— Num momento de delirio...

— Em que o teu coração se abriu apaixonado... Não comprehendeste as insinuações de Amelia, a crueldade com que ella te torturava a ti e a mim?... Mas... não insistirei nisso... Nós somos dois infelizes, amarrados ao mesmo grilhão. Pódes confiar absolutamente em mim, como eu fio de ti, da tua honra...

— Que pretendes fazer?...

— Eu serei tua mulher para a sociedade, para a nossa querida marqueza, para todos... tu serás meu marido e juntos representaremos a comedia da felicidade, até que... Eu não ouzo esperar nada... O tempo resolverá...

—Propões o impossivel, essa comedia torturante, porque te amo com paixão...

Oscar estendeu os braços para conchegal-a ao peito e estacou ante a impassibilidade de Hortencia.

—Mas, minha adorada, sê razoavel —continuou elle, num contido assomo de ternura—Não exaggeres a nossa situação. Resignemo-nos a ella, uma vez que não queres saír della bruscamente. Poderemos viver felizes, confiando-nos, sem resistencia, as consequencias inevitaveis dos nossos actos. Eu farei por ser amado, procurarei com abnegada ternura conquistar-te o coração, tornando-me digno do teu amor. Não me feches as portas da esperança, não me repillas com essa frieza que me exaspera...

Nos olhos de Hortencia, esmaltados de lagrimas que não desbordavam, brilhava um doce fulgor de piedade.

—Não me queiras mal, Oscar—supplicou ella, tomando-lhe as mãos abrazadas—Ampara-me, ajuda-me a transpor este transe. Tu és bom, és generoso. Não me mortifiques...

—Tranquilliza-te — respondeu elle, submisso—Por mais cruel que seja o sacrificio que me impões, eu me submetterei; eu te obedecerei sem protesto, sem queixume.

(Continúa)

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

XADREZ

TORNEIO INTERNACIONAL NO RIO

Cauzou o mais intenso interesse a noticia do numero passado, sobre a idéa de se realizar para o anno nesta cidade um grande torneio internacional, ao qual concorreriam os maiores mestres do mundo. Grande numero de amadores se tem promptificado a concorrer com a sua contribuição para o magnifico acontecimento.

Renovamos o appello feito a todas as associações e amadores, para que auxiliem o projecto com o seu concurso material, bastando que nos enviem a sua adhesão e a quota que subscreverem e que no momento opportuno o Club dos Diarios recolherá.

Diz-se que este club entrará, pela sua parte, com vinte contos pelo menos.

***

O XADREZ EM S. PAULO

O Club Internacional de Xadrez, formado com o elemento dissidente do antigo Club de Xadrez, váe em grande prosperidade, contando cerca de 100 socios. A sua actual directoria é assim composta: presidente, dr. J. E. de Macedo Soares; vice-presidente, dr. Vicente Guilherme; secretario, José Alves de Araujo; thezoureiro, Luiz Vasconcellos; 1º director, S. Melillo; 2º director, Jerosch; commissão de finanças, João Motta, Octavio Motta e José Neves Lobo.

O redactor desta secção foi nomeado socio correspondente do Club Internacional

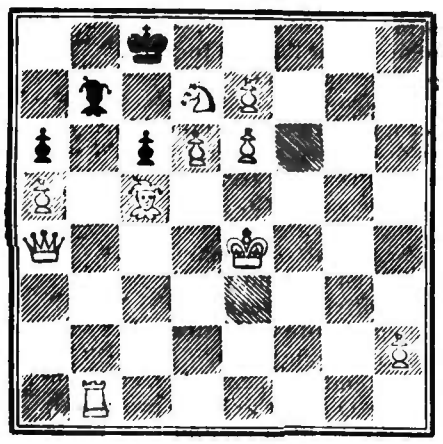
nesta capital. Somos gratissimos á distincção.

***

PROBLEMA (inverso) N. 49

Annibal da Costa Pereira (Rio)

PRETAS (4)



BRANCAS (10)

As Brancas jogam e obrigam as Pretas a dar mate em 5 lances.

— E' a primeira vez que publicamos um problema desta natureza. O perde-ganha no xadrez é, ao nosso ver, uma coisa absurda. No genero, porém, este problema, de um amador de grande futuro, é muito curioso e elegante. Do mesmo já publicámos, em tempo, um magnifico problema em dois lances.

***

PARTIDA N. 55

(Jogada no Club dos Diarios a 4 maio de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (R. Teichmann)		*Pretas* (José Piza)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B D	— 2 —	C 3 B D (*a*)
P 4 B R	— 3 —	P 3 D
C 3 B R	— 4 —	B 2 R
B 5 C D	— 5 —	B 5 C R
Roque	— 6 —	B 2 D (*b*)
B × C	— 7 —	B × B
P 4 D	— 8 —	P × P B
B × P	— 9 —	C 3 B R
D 3 D	— 10 —	Roque
P 5 D	— 11 —	B 1 R
C 4 D	— 12 —	C 2 D
C 5 B R	— 13 —	C 4 R
B × C	— 14 —	P × B
T 3 B	— 15 —	B 2 D
C × B x	— 16 —	D × C
T D 1 B	— 17 —	P 3 B R
C 1 D	— 18 —	D 4 B x
C 3 R	— 19 —	T 2 B
P 3 T R	— 20 —	T D 1 B R
P 4 C R	— 21 —	P 3 B D
P 4 B D	— 22 —	P × P (*c*)
P R × P	— 23 —	P 4 C D
P 3 C D	— 24 —	P × P
P × P	— 25 —	P 4 B R
P × P	— 26 —	T × P
T × T	— 27 —	T × T
T × T	— 28 —	B × T
D 3 B D	— 29 —	B 5 R
R 2 B	— 30 —	D 5 D (*d*)
D × D	— 31 —	P × D
C 4 C	— 32 —	R 2 B
C 5 R x	— 33 —	R 1 R
P 6 D	— 34 —	B 4 B
P 4 T R	— 35 —	P 4 T D
P 5 B D	— 36 —	R 1 D
P 6 B D	— 37 —	R 1 B D
C 4 B D	— 38 —	P 5 T D
C 6 C x	— 39 —	R 1 C
C × P	— 40 —	P 3 T
C 5 B	— 41 —	R 1 B
P 5 T R	— 42 —	B 5 C
P 4 T D	— 43 —	abandon. (*e*)

(*a*) O dr. Caldas Vianna jogou na sua partida com Teichmann 2... C 3 B R, que parece mais forte.

(*b*) Tempos perdidos.

(*c*) Este lance é inferior, pois abre a diagonal da Dama sobre o fraquissimo P T R.

(*d*) Fraco. Os tres piões passados tornam-se irresistiveis.

(*e*) Este final foi jogado pelas Pretas com um grande descuido. E' um jogo desvairado e sem destino, que não é o ordinario do dr. Piza.

***

Feliciano M. de Moraes Filho e *Henrique de Barros e Azevedo*. — Recebemos.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 48 (*Feliciano M. de Moraes Filho*): C 7 C D.

JOSÉ GETULIO.

TEMOS O PRAZER de publicar, hoje, na pagina que se segue, *O Aboio*, — uma bella pagina de arte assignada por Henrique Castriciano, o conhecido e notavel poeta nortista, auctor das *Vibrações*, *Mãe* e outros livros de versos, recebidos em toda a parte com a nota excepcional correspondente ao real valor que elles trazem.

O Aboio, de tanta e tão meiga suggestão local por um lado, e, por outro, sendo um canto tão largamente humano, producto do que se póde chamar a grande lyra, alevantado e terso, é apto a dar aos nossos leitores uma idéa da superioridade do poeta, a quem agradecemos o presente régio com que nos honrou.

RECEBEMOS:

— «*Ultimo Fauno*», do sr. João Grave; edição da livraria Chardron, do Porto.

— «*Aventuras* do sr. Pickwick», de Dickens, versão portugueza do sr. K. d'Avellar; dois vols.; edição da casa Garnier.

— «*Atravéz* da vida», da sra. Amelia de Freitas Bevilaqua; edição da casa Garnier.

— «*Esculem*», de Benjamin Rabier; rica edição illustrada de historias para creança, da casa Garnier.

— «*Questão* de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina», memoria apresentada a favor da causa desse ultimo Estado, pelo advogado sr. Manoel Coelho Rodrigues.

— «*Fauna* fluvial de Goiás», excellente contribuição para o conhecimento vulgar dos peixes e mais especies fluviaes e lacustres do Brazil central, vol. II, pelo nosso esforçado collaborrador o sr. tenente do exercito Henrique Silva.

— «*Notas* sobre a terminologia medica portugueza», pelo doutor Placido Barbosa.

— «*Livro* das donas e donzellas», pela sra. Julia Lopes de Almeida; edição de luxo da casa Alves. Em tempo, o sr. Nunes Vidal falará desse livro.

—«*A execução* de Silvino de Macedo, estudo critico e historico», pelo dr. Vicente Ferrer de Araujo; 2ª edição, Recife, 1906.

E' um opusculo de 100 paginas, interessante e curioso. O illustre auctor diz no prefacio ter expurgado o seu trabalho de algumas incorrecções historicas constantes da 1ª edição.

—«*As creanças*», palestra litteraria pronunciada por Franklin Magalhães, nos salões do Eden-Club, de S. João d'El Rei, na noite de natal de 1905.

—«*O Positivismo* e o recurso ás insurreições», pelo sr. R. Teixeira Mendes.

Já são bem conhecidos do publico os artigos, dados a lume nos *a pedidos* do *Jornal do Commercio*, que esse homem, verdadeiramente illustre e bom, agóra reúne, conforme as praxes do Apostolodo, em um volume de 120 paginas. Terá, pois, visto com que superioridado mental e moral o sr. Teixeira Mendes sustentou a bôa doutrina—dentro do criterio das suas profundas e venerandas convicções positivistas—a respeito da materia que debateu com um official do nosso exercito, uma das figuras dos acontecimentos de 14 de novembro de 1904. A razão estava com o sr. Mendes, e tanto mais quanto ultimamente o seu adversario, arrependido das affrontas que lhe dirigiu e certo de ter errado, declarou-se vencido e convencido.

—«*As grèves*, a órdem republicana e a reorganisação social, a propózito da grève na Companhia Paulista de vias férreas e fluviaes», pelo mesmo auctor.

*

— Mais uma revista — *Brazil Moderno*. E' mensal, illustrada. O seu primeiro numero, que recebemos com viva sympathia, é mais um signal do máu gosto e pouco cuidado das nossas artes typographicas.

Do seu texto, devemos destacar um bom e digno artigo do sr. Fabio Luz. E' de ver a louvavel independencia e elevação de conceitos com que esse escriptor, falando de uma «sessão litteraria», critica as «producções» dos seus amigos. Este exemplo é perfeitamente bello e merece ser animado contra as preoccupações antipathicas das *cotteries*.

*

— «*O Theatro*», nums. 1 e 2, série II, muito melhorado, muito noticioso, cheio de carinhoso interesse para com a sua especialidade; edição da livraria Cruz Coutinho, desta Capital.

*

Já está no seu num. 4 a *Revista Amazonense*, publicação official sobre instrucção publica, sciencias, lettras e artes. E' seu director o sr. Octavio Pires. Essa nossa collega do norte é bem feita, bem na altura do seu programma e apparece pontualmente todos os mezes.

*

—«*Os Serões*», num. 9 de março ultimo. E' um numero copioso, rico e interessante, tanto na parte illustrada como na escripta. Aliás, é sempre assim a brilhante revista portugueza.

O ABOIO

—

A CLOVIS BEVILAQUA

Ah ! como é triste o aboio ! ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago ! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mez de junho rindo
Pelos olhos azues das creanças, emquanto
No tamarindo verde, azas abertas, trina
A' beira dos curraes, o gallo-de-campina !

A' tarde, ao pôr do sol, do vento ao brando açoite,
O robusto camponio, o velho sertanejo,
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo ;
Pede a Deus que ella alcance o coração da noite
Porque sómente a sombra exprime essa incerteza
Que padece, a tremer, em face á Natureza.
Do largo seio nú, sáe-lhe, em ondas sonoras,
A lembrança feliz de todas as auroras
E a tremula expansão de todas as saudades.
Essa maguada vóz que acorda as soledades,
Na sua grande queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cujo longo passado
Symbolyza o clamor da miseria e da fome,
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.
Inda agóra repete, ao incendio do poente,
Ao sombrio pallor da tarde que se esváe,
— Emquanto na Egrejinha a saudade resôa —
Essa mesma canção desolada e tremente
Que ha seculos — ouvi ! — modulamos num ai !
Por isso, quando a vóz do sertanejo entôa
Seu gorgeiado psalmo, a gente queda e scisma ;
O nosso coração silencía e se abysma
No pego da saudade e, lá do fundo, arranca
Não sei que doce flôr emmurchecida e branca.
A lettra da canção ninguem, ninguem conhece,
Mas sabemos que alli chora e geme uma prece
Desolada e sem fim, cuja modulação
Si coubesse num rythmo, era o do coração.
E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
Voltada para o céo, de onde sorri a lua,
Diz, no cantico vago, o que a su'alma encerra,
Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra !
E' a raça cabocla, a lusa e a africana
Procurando exprimir sua dôr sobrehumana.
Essa dorida vóz, de ondulações extranhas
Forte, atravéz do espaço e atravéz das montanhas,
E' a mesma que veio entoando pelos mares
As orações de fé da patria portugueza ;
Que, na lingua tupy, em incertos cantares,
Primeiro celebrou a nossa natureza ;
Que, depois de soffrer as amarguras do eito,
Pobre raça infeliz, nos embalou no leito !
E como exprime bem o sussurro das mattas !
O soluço do vento e o gemer das cascatas !
O mugido do gado e o barulho da selva !
A vóz do passaredo, a cantar sobre a relva,
E o zizido do insecto e o gemer da araponga,
Cujo brado de dôr nas quebradas se alonga
E váe-se pelo espaço, errante e dolorido,
E váe-se pelo azul, fundo como um gemido !
O sertanejo diz, na rude litania,
Que lhe sáe da garganta, o que outr'ora dizia
O curvo bisavô, vendo chegar ao aprisco
O manso gado nédio, o gado manso ou arisco.
Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura
Quando, provido o lar, bem junto á companheira,
Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,
As lendas da carocha aos filhos pequeninos
Que levantando, a rir, os olhitos divinos
Procuram ver em cima, á luz dos astros brancos,
O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...
Lembra os dias azues de socego e de calma
Quando os carnahubaes, movendo a verde palma,
E as juremas, em flôr, cantam hymnos á Vida
Pela vóz sem egual da graúna sentida.
E a noite immorredoira, a noite de S. João,
Toucada de jasmins, cravo e mangiricão,
A sonhar, a sonhar no seio bom da viola
Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola ;
E a noite de Natal, esplendida de luz,
Cheia do coração immenso de Jesus...
Tudo passa na vóz do pobre sertanejo
Como passa no labio, a caricia de um beijo !
Depois, — quanta amargura ! — a vóz dorida exprime
A historia a mais pungente e a mais brutal de um crime
Do Sol, — o creador da Existencia e da Morte !
O filho dos sertões dessas terras do Norte
Engeitado da patria, ao dilatar-se o Estio,
Vendo o leito seccar das lagôas, do rio,
O panasco desfeito, o mimoso acabado,
Os filhos semi-núS, morto de fome o gado, —
Somnambulo da dôr, phantasma louco e incerto,
Foge, deixando o lar para sempre deserto.
Lucta primeiro, lucta, heroico e destemido,
Contra o sol, contra o céo, contra o desconhecido.
Trava o combate audaz dos guerreiros inermes :
Quer a Morte vencer e, da gula dos vermes,
A ninhada arrancar, vida de sua vida,
Moribundo clarão de uma aurora esquecida.
Quando não póde mais, buscando o Firmamento,
Fita o concavo azul ; sobre as azas do vento,
Lá vôa para Deus ! Ora contricto, reza,
Alli em frente ao nada e em frente á Natureza !
No infinito abrazado, amarello, de jalde,
Clama, chorando, a prece, e embalde, embalde, embalde !
Sente-se, emfim, exhausto. O olhar grave e profundo,
Tem allucinações de quem está num mundo
Onde o sol é de fogo e a lua, tão fria,
Recorda o *miserere* extranho da agonia.
Jaz a enxada no chão, improductiva a um canto ;
Ergue-a desolado e — a face torva em pranto —
Fere-a de encontro ao sólo, entre cardos e pedra,
Para atirar ahi, onde a vida não medra,
Não o germen da flôr, luz de invisivel brilho,
Mas dois olhos azues : os do primeiro filho.
E' então que elle parte : agóra a enxada antiga
Já não póde servir como uma bôa amiga :
E' o instrumento máu que ha de ajudar á Sorte
Para rasgar-lhe o seio e feril-o de morte.
Encoraja a mulher ; pede a Deus, de mãos postas,
Que o ajude a transpôr essas velhas encostas
Onde outr'ora brincou, ridente e pequenino
Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino.
E é partir, é partir !
No alpendre, desolado,
No rosto as duas mãos, recorda o seu passado
Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos
Em cujos ramos núS diz o vento segredos.
Tudo por terra jaz estarrecido e morto :
Não soffreu mais Jesus na sombra do seu horto.
Desfeita, extincta a fé, exhaurida a esperança,
O rude luctador chora como creança :
Pois quem é que resiste á agonia sem nome
De sepultar os seus, mirrados pela fome ?
E' partir, é partir !
Põe um filhinho ao hombro,
Cede um outro á mulher, cheia de medo e assombro,
Lança a vista em redor... Do alto de uma collina
Nesse transe infeliz contempla o lar amado,
O musgoso perfil da capellinha em ruina,
A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,
Onde a verde oiticica e o antigo joazeiro
Davam sombra e repousa á manada e ao vaqueiro...
— « Adeus, serras azues ! Adeus, serenos montes,
A subir para o céo, rasgando os horisontes !
O' clareiras sem fim no dorso das quebradas,
Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas
Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,
A serrana gentil, á luz dos céos escampos !
Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto
No leito do riacho, ao morrer da sol posto !
Ninhos de jassanãs, á beira das lagôas,
Onde mugem os bois, almas doceis e bôas,
E floresce o jucá, na sonora alegria
Dos mezes festivaes do amor e da Invernia !
Adeus, noites de abril, negras como o velludo,
Varzeas, adeus tambem, e montanhas e tudo ! »

E' isso o que nos diz, ás horas da trindade,
O rude sertanejo, anciando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja lettra ninguem adivinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, ungido de emoção,
Si coubesse num rythmo, era o do coração !

HENRIQUE CASTRICIANO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1906 — Num. 84

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Uma das primeiras preoccupações do Governo Provisorio foi crear uma ordem honorifica, symbolizada na medalha Christovam Colombo; mas o radicalismo tanto se oppoz a esse meio de marcar relevantes serviços prestados á Republica que a idéa ficou amortalhada no decreto de sua consagração. E como naquelle tempo os republicanos prehistoricos e os adhesistas da umdecima hora andavam apavorados com os vestigios do regimen supprimido, manifestou-se uma verdeira raiva contra estes : as corôas com os ramos de café e fumo, as iniciaes do Imperador fôram arrancadas das fachadas dos monumentos, dos edificios, rapadas miseravelmente do titulo das estradas de ferro, dos collegios e até das taboletas das casas de commercio. Essa furia devastadora encontrou echo no seio da Constituinte e gerou a egualdade perante a lei com a eliminação do privilegio de nascimento, dos fóros de nobreza, das ordens honorificas, todas as suas prerogativas e regalias, bem como os titulos nobiliarchicos e de conselhos, conforme ficou escripto no § 2º do art. 72 da Constituição.

As tendencias ultra ornamentaes da nossa raça, sob a preponderancia do atavismo de avós autochtones, conquistados para a civilisação com missangas e bugigangas, pennachos multicôres, se contiveram ante o terror que, desde então, amordaçou as consciencias e creou essa passividade que é o genuino traço de destaque do caracter nacional. Ninguem ouzou protestar contra a razoura implacavel: os diplomas venerandos, os titulos de nobreza, as venéras se tornaram invalidos objectos de adorno, cuidadosamente guardados entre as reliquias de uma saudade suspeita. Mas, passada a crise dos melindres jacobinos, o uzo foi readquirindo o seu imperio irresistivel; o vocabulo commendador, barão, conselheiro volveram aos labios e eram proferidos mesmo nas altas regiões, onde o culto da Constituição foi por sua vez esmorecendo até se tornar uma coisa quasi ridicula, sinão desprezivel. Houve um conselheiro, barão, ministro do fundador da Republica, que ouzou interpretar a Constituição, respeitando direitos adquiridos, num luminoso parecer do illustre João Barbalho, ministro do Interior e da Justiça.

Houve, entretanto, certas abstenções quanto ao uzo das condecorações que tanto realce davam ás fardas douradas e ás casacas elegantes, contentando-se alguns recalcitrantes com o uzo de um modesto botão symbolico na lapella e ás medalhas de campanha, que o proprio Marechal de Ferro continuou a uzar como adorno sagrado, inalienavel, recordando um inestimavel direito adquirido pelo tributo de sangue derramado pela honra da nação, pela integridade da patria.

Mais tarde, fôram reconhecidas as medalhas humanitarias, e, ampliando a tolerancia, fôram creadas medalhas de merito militar, umas e outras excluidas da prohibição constitucional pelo facto de não serem ordens honorificas. O governo do sr. Campos Salles creou medalhas de bronze, medalhas de ouro, que fôram consideradas simples peça de fardamento, como os galões, os trancelins, os pennachos, os botões. Os militares mais radicaes, mais jacobinos, fôram obrigados a uzal-as, sob pena de se considerem desuniformizados.

E como o que é bom, o que é bonito deve chegar para todos, porque na familia da Republica não ha distincção entre filhos e enteados, o sr. Rodrigues Alves instituiu no dia 24 de maio, de gloriosa recordação, uma medalha de merito para os officiaes e praças do corpo de bombeiros da Capital Federal, traduzindo e assignalando os bons e relevantes serviços por elles prestados aos habitantes desta cidade e aos poderes publicos com abnegação e valor. E logo, em seguida, na mesma gloriosa data, creou outra medalha para recompensar os serviços prestados pelos officiaes, inferiores e praças da Guarda Nacional da União, olvidando, porém, os substantivos—abnegação e valor—que a sobredita guarda não teve occasião de merecer.

Nesse andar de desdém aos melindres constitucionaes, será iniquo olvidar outras classes de servidores leaes do Estado, funccionarios que na penumbra das secretarias, não luctam contra as devastações do fogo, não defrontam com bravura os perigos que assediam a Guarda Nacional, mas trabalham sem o brilho de exhibições commovedoras para a manutenção da honra e da integridade da patria. Uma venéra symbolica de benemerencia, destinada a traduzir a gratidão do Governo, que é o representante da gratidão nacional, tanto se deve ostentar sobre uma farda quanto sobre o palitot sovado no serviço publico, serviço ignorado, comprovado em documentos subtraídos á admiração, ao louvor publicos, relevantissimos serviços que ficam esquecidos na poeirenta paz dos archivos insondaveis.

Si essa Guarda Nacional, si essa brilhante milicia de officiaes sem legiões, merece ser medalhada pelo serviço de pura exhibição ornamental em paradas estupendas, realisadas mediante um recrutamento barbaro de figurantes inocuos como comparsas de enscenaçõss theatraes, muito mais merecem as legiões de servidores obscuros a cousumirem as energias vitaes, desde o alvorecer da mocidade até o crepusculo da decrepitude, no trabalho sedentario de auxiliares da direcção das coisas publicas, individuos que são o combustivel incessante da machina do governo, sem um instante de remissão, na faina de garantir a segurança da collectividade, o

exito dos seus idéaes. No caso dos bombeiros, que expõem a vida para debellarem incendios pavorosos; no caso da Guarda Nacional, que não se expõe a coisa alguma, sinão ao sacrificio de pagar os emolumentos das patentes, o custo da farda e a affrontar corajosamente o ridiculo; no caso dos funccionarios, servidores ignorados, trata-se egualmente do serviço publico: em todos elles, ha ensejo para se praticarem actos de benemerencia, de valor civico, dignos de medalha de bronze, de prata, de ouro.

Além disso, a Guarda Nacional merecia menos essa expressão da gratidão publica por ter sido rebaixada do seu papel de milicia,—constituindo as reservas da tropa de linha,—a um instrumento de corrupção empregado pela politicagem, com o mais escandaloso abuso, e a garantir aos tratantes as prisões privilegiadas.

***

Mas.. o nosso amigo Seabra é um homem sentimental, é ornamental como toda a especie descendente do *mico erectus*: não lhe levaremos á carga esse peccado venial de fechar a sua administração com as medalhas.

E que commettesse erros a que a contingencia humana não se póde subtraír, elles seriam dignos de indulgencia porque, além da probidade individual que ninguem contesta, nem jámais contestou, ao illustre ministro demissionario, s. ex. ligou o seu nome á humanitaria campanha do saneamento do Rio de Janeiro, campanha de civilisação, proficua, triumphante, por si só valendo por um inestimavel titulo de benemerencia.

***

NOTA

Não podemos acceitar reptos de um individuo que se nos figura um piolho emigrado dos desbordamentos do Vaza Barris e abrigado, nutrido e engordado nas venerandas virilhas da olygarchia cearense.

Pessôas da mais acatada circumspecção, inclusive o sr. João Lopes, deputado pelo Ceará, leram o trecho attribuido a invenção malevola, como si fôsse necessario procurar, além dos factos mais notorios pela abominavel frequencia, provas dos processos de perfidia uzados pelos usurpadores do governo daquelle Estado.

Movidos por um impulso de pudor, os sicarios inconscientes, os calumniadores vezanicos que transformam o diario official, *O Republica*, num pelourinho dos adversarios, deixaram de remettel-o á redacção dos *Annaes*, privando-nos, portanto, de verificar, immediatamente, no original, a perfidia. O trecho que inspirou a nossa *Chronica* de 24 de maio, num. 82, foi encontrado no *Jornal do Ceará*, de 2 de maio, e nós não podiamos jámais imaginar que esse jornal se tivesse contaminado do virus da improbidade jornalistica que dá feição caracteristica á réles imprensa do governador.

Nós nada inventámos; outros, que torpemente abuzaram da nossa bôa fé, é que infamaram o seu jornal.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Luctando com toda a sorte de accidentes, iamos remontando, palmo a palmo, durante dias e semanas interminaveis, as estiradas leguas do Rio Negro, ao longo das suas margens baixas e alagadiças, onde por extensissimos trechos não apparecia uma casa para romper a monotonia desoladora do verde sombrio da floresta; nem um cerro se erguia sobre o cimo nivelado daquella planicie sem fim.

De longe em longe, alguns tucanos, nos logares mais estreitos, cruzavam o espaço pela nossa prôa baixando sempre o vôo, em arrancadas frequentes, fazendo-nos temer que não conseguissem ganhar a outra margem.

Os escassos povos que iamos encontrando, achavamos sempre quasi abandonados e em plena decadencia como os de baixo. Alguns tinham apenas meia duzia de pobres ranchos, dentre os quaes se destacava, pela melhor apparencia, a casa de morada e tenda do negociante da terra. De outros só restava dos antigos tempos florescentes, em que os indios eram chamados ao trabalho que os fazia felizes, um tejupar solitario e abandonado ás más hervas das ruinas que o envolviam por toda a parte com seus longos braços sarmentosos, retorcendo-se e agarrando-se com as gavinhas, grimpando do chão ao alto da cumieira, que apparecia coberta de flôres, brotando da indolencia e da miseria, como um protesto da natureza. O dono estava no seringal tiritando de frio e queimado pela febre, trabalhando dia e noite para o patrão que lhe havia fiado alguns covados de *Yaiá do ouro* para a *cunhã* e dois ou tres garrafões de cachaça para embrutecel-o ainda mais.

A roça, onde o pobre plantára a mandióca que lhe dava a farinha para o caribé, a gomma para o tacacá, a tapióca para o mingáu, a maniçoba para cozinhar com a paca ou caetitú, fôra devorada pelas varas de *tayassús* (porcos do matto) e pelas antas, que vinham refocillar-se, chafurdando nos barreiros do igarapé.

E quando elle voltasse, alquebrado pela malaria, com um facão e uma calça de mais e uns filhos ou a mulher de menos, que deixou enterrados na lama do seringal, acharia o cahacury no fundo porque o rio estava cheio; a caça fugira para o interior com medo da enchente; o peixe refugiára-se no igapó, onde mais alimento achava. E elle, coitado, limparia o rancho, tomaria as gotteiras com alguns manojos de palha, armaria a rede num canto e iniciaria outra vez, com os filhos que lhe restaram a vida da miseria. Subiria na montaria até á casa do patrão e voltaria com um paneiro ou dois de farinha dura, negra e azeda e mais escravisado pela nova divida contraída e compromettido com toda a familia para a safra seguinte. Até que o rio baixasse e o cahacury désse peixe e os cabeçudos e matamatás voltassem, elle viveria da farinha e das pimentas que a sua immensa pimenteira lhe fornecia. Que vida a dessa gente, que se váe extinguindo rapidamente!!...

Muitos povos haviam desapparecido inteiramente, e nos seus sitios elevavam-se já grandes capoeirões, tão altos e bastos como a floresta virgem.

Levava commigo as memorias de Lobo d'Almada e outras do seculo XVIII e os livros interessantes de Amazonas e de Baena, onde a região decadente, que perlustravamos, é pintada florescente e populosa nos tempos de outr'óra. Lia-os com a alma confrangida, e a imaginação transportava-se, combalida, áquella epocha em que o trabalho compulsorio fecundava a terra portentosa, cujos filhos precizavam, como até hoje, de tutella.

Os dias eram quentes. O sol do Amazonas, quer no inverno, quer no estio, queima como fogo. Sob a tolda, os *piúns* nos *carneavam* desapiedadamente; sobre ella os raios solares nos tostavam.

As noites, felizmente, eram frescas. Esqueciamos no somno reparador as nossas fadigas e saudades, e os sonhos transformavam aquelle rio grande, negro e desolado num palacio encantado.

O nosso chefe, o tenente-coronel Francisco Xavier Lopes d'Araujo, que foi no fim da demarcação promovido a coronel e galardoado com o titulo de barão de Parima, porque o governo do Imperador considerou os seus serviços relevantes, viajava numa lancha a vapor a que demos o seu nome, comprada em Manáos para o serviço da commissão. Tinha o casco de ferro, a tolda, pezadissima, de ferro tambem, e bons cinco pés de calado. A machina era das mais simples e não primava pela solidez das peças. A caldeira não tinha sufficiente capacidade e por isso a pressão baixava rapidamente, quando se dava mais

força á machina, sendo frequentemente precizo encostar á margem e parar até que o manometro de novo subisse.

Não era grande coisa a lancha *Araujo*; mas, por seis contos de réis, não era possivel comprar nada melhor. Apezar dos muitos senões, prestou-nos bons serviços. A compra não se realizou sem obstaculos. A maior parte dos collegas manifestaram-se contrarios, bazeando-se nas informações que colhemos em Manáos, onde, sem discrepancia, todos affirmavam a impossibilidade de remontar a vapor as formidaveis cachoeiras do Rio Negro, que eram pintadas com côres carregadas e das quaes contavam passagens aterradoras e naufragios tremendos.

Sómente o Joaquim Pimentel e eu opinámos pela compra, porque os nossos informantes nos pareceram exaggerados.

A nossa opinião venceu, porque era tambem a do chefe.

A lancha transportou-o até ao remanso da cachoeira de Camanáu, subindo as correntezas fortes e vencendo, garbosa, os rapidos de Tapurúquara, Massaraby e Joannabáni.

Numa corredeira mais forte, a do Abú, logo abaixo de Camanáu, escapou de ir a pique e perder-se com todos que iam dentro della, inclusive o estimado chefe.

Em Camanáu, parou. Um conselho dos melhores praticos, convocado *ad hoc*, foi de parecer que lhe era impossivel a passagem da zona encachoeirada.

O vaporsinho foi condemnado a ficar amarrado, em plena inutilidade, no remanso da grande cachoeira, abaixo do sitio do major Palheta, até á nossa volta.

Ninguem quiz assumir a responsabilidade de arrojal-a naquellas aguas, ruidosas e revoltas.

O proprio Araujo conformou-se. O Pimentel e eu, que tanto nos esforçavamos pela sua acquisição, cedemos deante do argumento persuasivo daquelles cachões, que desciam precipitando-se pelos cachopos denegridos e abrindo-se em flôres colossaes de brancas espumas.

Todos nós fômos testemunhas oculares e curiosas dos perigos que os nossos batelões, descarregados, correram, levados á sirga, bem encostados ás rochas marginaes, com todo cuidado, na lucta com os torvellinhos que se escancaravam a cada momento para tragal-os e com as columnas, que se levantavam ameaçadoras do seio do abysmo e rebentavam pela prôa e pelos bordos, inundando o porão.

Os companheiros, pensava eu, andaram mais avisados. Aconselhei uma despeza inutil.

Nada disseram, entretanto. Todos estimavam muito o querido chefe e o respeitavam, como elle tanto merecia. Nenhum fez allusão ao abandono da lancha alli, tão longe da fronteira, imprestavel e guardada por um pessoal que nada fazia.

Lá ficou; e a commissão subiu o trecho encachoeirado, de Camanáu até São Gabriel, em *igarités*, gastando dois dias para percorrer aquellas seis leguas. Mas... que leguas aquellas!! Ha trechos, onde cada metro vale mais de um kilometro.

Si a lancha não fôsse de ferro, tentariam, talvez, a passagem. Mas... assim — os praticos não queriam se arriscar, porque bastaria para submergil-a um embate forte do casco fragil contra qualquer dos innumeros cabeços de rochedos, que emergiam por toda parte da superficie ondulante dos rebôjos e da espumarada dos raudaes.

No dia 19 de junho de 1879, chegámos ao povoado de São Gabriel, que era então o mais importante do Rio Negro e tido pelos *Sãogabrieluáras* como a sua côrte, talvez por ter mais do que os outros, algumas casas com paredes levantadas a sopapos e portas de madeira sem pintar, com taramellas de páu.

E' aprazivel o sitio e o panorama bellissimo.

Edificaram-no sobre collinas suavemente curvas, onde se espalhavam trepando aos altos arredondados e descendo aos valles quasi razos, pequenos ranchos dispersos, cujo colorido, de argilla escura, não cazava bem com o verde chromo do relvado e o tom mais carregado da matta, que começava escura, densa e difficil de penetrar, logo ao pé dos quintaes da casaria.

Para o lado de cima, numa eminencia, tremia ao sopro das ventanias a humilde e vetusta capellinha, coberta de palha já muito resequida e com os paramentos cultuaes em deploravel estado de abandono. Quem delles cuidaria, si era avis rarissima, por aquellas bandas, um padre?

Mais além, dominando trecho extenso do rio, em posição escolhida por excellente, viam-se as ruinas do velho forte, que os portuguezes construiram nos meiados do seculo XVIII, para se oppor ás possiveis invasões dos hespanhóes de Venezuela ou da Columbia.

Já quasi nada restava, então, dessa obra, que tinha a fórma de um barrete de clerigo, cuja góla dava para o rio, fechada por uma frente abalaurtada.

No logar da cortina e do largo portão que dava accesso ao recinto, só existia um muradal.

Dois salientes estavam abertos em largas brechas, por onde rolaram as pedras da muralha formando na base da escarpa altos montões. Do quartel e outras dependencias, restavam vestigios apagados, em páus destruidos pela podridão.

Possuiu, nos bons tempos, oito canhões de ferro fundido e calibre seis, que haviam desertado das canhoneiras, descido dos reparos, abandonado as velhas plataformas e jaziam em andaina estendidos no terrapleno, arrumados uns ao lado dos outros, privados das velhas armas portuguezas que ostentaram na faixa alta da culatra, que a ferrugem tinha devorado, e com ouvidos tão corroidos que pareciam boccas abertas.

Aos pés do povoado, passa o rio rugindo, com a velocidade de seis milhas por hora, constringido em trezentos metros de largura, com o leito juncado de cachopos, que emergem coroados de espuma, dividido, quasi ao meio da parte de baixo, por um ilhéo coberto de matto. Decoram o fundo do soberbo quadro elevadas cumiadas da serra de Curicuriay, que se vêem meio azuladas elevando-se sobre a floresta e os picos de Uanári e Cabary. Do lado do povoado, avista-se a serra de São Gabriel, de mediana altura, onde já houve grande abundancia de gallos da serra (*Pipra rupicola*), hoje bastante escassos, pela perseguição de que são victimas, por causa dos bons preços que acham nos mercados.

Como guardas vigilantes dessa secção pictoresca do rio, dando sempre, sem um instante de tregua, brados atroadores de alerta, precipitam-se em grandes despenhos as suas duas mais famosas cachoeiras: Fortaleza, do lado de cima, ao sopé das altas escarpas amagotadas, onde estão as ruinas do forte; e Curucúi do lado de baixo, além dos limites da povoação.

Dé Curucúi a Camanáu, as cachoeiras e os rapidos succedem-se a curtos intervallos, despenhando-se e abrindo caminho atravéz dos escombros das montanhas, que o rio rasgou e demoliu.

Sobresáem entre ellas, pelo fragor das quédas, pelo jogo descompassado das aguas, pelo remoinhar das correntes desencontradas e pelos riscos que se corre arrastando as suas coleras, as seguintes, subindo: Uayanary, Uiricuy, Uaricany, Burédabáni, Maricicuy, Uacudabáni, Çuaçúretiman, Pederneiras, Tapajos, Cujubim, Uainamby, Furnas, Itapinima, Amán, Arapá, Pagé, Guaiaby e Curiána. Ao todo, dezoito.

De São Gabriel para cima, a zona encachoeirada estende-se ainda por quatro longas leguas, até proximo das boccas do rio Uaupez.

Dahi para adeante, a navegação é franca. Apenas, de vez em quando,

num cotovello do rio, a correnteza é mais forte,

No dia 28 de julho, chegámos a Marabitanas, onde permaneceriamos até que viessem a nós os collegas de Venezuela, que já se demoravam bastante.

São José de Marabitanas foi uma das povoações maiores e que mais floresceram nos tempos coloniaes. Do milheiro e meio de casas que possuiu no seculo XVIII, não havia sinão umas vinte quando lá estivemos, e essas em pessimo estado, sendo que algumas apresentavam o aspecto de ruinas.

Dos antigos quarteis e fortificações, viamos apenas uns dois ou tres esteios desaprumados e socalcos quasi arrazados e cobertos de capim de burro, mangerioba e melão do pae Caetano.

Para o lado de cima e além das velhas trincheiras, estava a egrejinha, com uma pequena torre de madeira ao lado e muito baixa, onde um velho sino amarrado com liames de *cipó-imbê* chamava, no tempo das festas, os foliões meio ebrios para levantarem o mastro tradicional e rezarem o terço, repicando mais alegre si a festa era do Espirito Santo e passava o *Çairé*.

Esses mastros festivos teem no tópe uma bandeirola branca de madrasto, onde os Raphaeis indigenas pintam a imagem sarapintada do santo. Pela haste arriba, o enfeitam de canas doces, laranjas e abios, bananas e ananazes com filhotes e tudo o que lhes parece bello e os antigos fizeram no tempo dos frades carmelitas, os civilisadores dos avós, que fôram certamente mais felizes.

E' muito raro, mas uma ou outra vez se vê pastando uma rez gorda e bem tratada no restricto rocio do povo. E' inutil tentar compral-a. E' sagrada, pois pertence a Santo Antonio, S. José, Nossa Senhora ou ao Espirito Santo, e só será sacrificada no dia da festa. Quando não teem a rez, engordam tartarugas no curral cheio d'agua, cercado e cavado no logar onde não chegam as aguas da enchente.

E' um tempo de grandes alegrias para os pobres tapuyos o das suas festas religiosas, onde só de longe em longe figuram sacerdotes. A muitas assisti sem a sua presença. Passam semanas, umas após outras, sem que esmoreça o ruido dos tamborins tocados com uma só vaqueta e percorrendo a povoação de uma ponta a outra, onde os cantos melancolicos e duma monotonia empolgante são interrompidos pelas vózes estridulas e roucas dos mais enthusiastas foliões, vivando o santo festejado.

Antes da festa do Espirito Santo, a bandeira com a pomba sagrada, toda enfeitada de fitas multicôres, váe de sitio em sitio, ao som dos tamborins e duma cabaça desgrudada e com acompanhamento de canôas, tirar esmolas para os grandes dias da plantação do mastro até o fim das novenas, em que ha um grande jantar servido em longa meza, onde, ás vezes, alveja uma toalha e ao lado de cada prato um montão de farinha d'agua. Não são variadas as iguarias, mas abundantes e regadas, em grande copia, por cachaça, que algum indio, mettido a engraçado, chama «cauim cariúa» e que todos preferem ao verdadeiro feito de mandióca. Quando é de *arromba* a festa do Espirito Santo, os velhos da povoação arranjam um «cairé», que é um mixto de cerimonias pagãs e catholicas, bastante curioso. Um semi-circulo, com o diametro para baixo, e encimado por uma cruz que um tapuyo enthusiasmado e forte carrega bem alto, com os raios todos enfeitados de fitas e capuchos de algodão, com plumas de ararapiranga, frouxeis niveos de garças, azues, verdes, vermelhos, dourados, côr de bronze, des urucuans e tangarás. Velhas tapuyas acompanham o «cairé» atráz dos tamborins, que nunca se calam ; uma dellas é coxa ou finge sel-o. E' a «uaimy cetimã-iapára (velha coxa) indispensavel, que váe apesepello e suarenta cantando offegante e cançada, mas animada pela rudeza da sua fé, a reza singela que aprendeu, ainda «cunhãtain», na sua lingua pobre, mas ataviada de vocabulos de admiravel belleza na sua harmonia e simpleza imaginativa.

Do que a velha coxa cantava, pude copiar apenas algumas estrophes :

Itá camuty pupê
São João oceruca ana
Mitanga poranga etê.
Jesus, Maria e Josê.

Maria, cunhã poranga,
Imembira ahê iauê,
Oikò iuaka opê
Oçarú arama ianê anga.
Jesus, Maria e Josê.

Jesus, caturetê, reikô
Curuçá turuçú opê
Opâi mahã ayua çui
Repicirú, Jesus, ianê.
Jesus, Maria e Josê.

A traducção desses pobres versos, compostos, sem duvida, pelos antigos missionarios, que enriqueceram de tão grande numero de vocabulos novos, compostos por agglutinação, a formosa *lingua bôa* (nheengatu), é a seguinte, ao pé da lettra :

Numa bacia de pedra
São João baptizou
Menino muito bonito.
Jesus, Maria e José.

Maria, mulher formosa,
Seu filho como ella é,
Estão no céo
Para esperar as nossas almas.
Jesus, Maria e José.

Muito bom Jesus estás
Na grande cruz,
De todos os males,
Livra, Jesus, a nós.
Jesus, Maria e José.

A' noite, rezam o terço e cantam a ladainha tirada pelo sacristão, que é sempre um dos mais ladinos. Quando o subdelegado é entoado, toma a batuta.

Vi num povoado do Rio Negro, depois do terço, á noite, a face do rio mais negra do que ella e reflectindo, tremulas, as imagens meio apagadas das estrellas, illuminar-se de subito e profundamente de luzes que se moviam ao som da corrente e desciam formando um rastro que se perdia na primeira volta. Eram centenares, talvez milheiros, de lampadas fluctuantes, feitas de cascas de abio e de laranja, e cheias de manteiga de tartaruga onde mergulhava um pavio de algodão. Duas ou tres canôas as accendiam e as iam largando rio abaixo.

Os indios sacrificam tudo ás suas festas. Não ha interesse nem receio que os faça abandonal-as. Uma vez, precizei de alguns para tripularem uma canôa que seguia em diligencia e, depois de ter exgotado todos os meios brandos e suasorios, recorri ás ameaças, porque o serviço era urgente. Fiz virem dois dos mais civilisados á minha presença e dei-lhes ordem de apromptarem-se. Um delles respondeu-me :

—Não posso ir.

—Porque ?

—Sou folião.

—Não quero saber disso ; primeiro, a obrigação; depois, a devoção.

—Mas eu não vou—respondeu o tapuyo, em tom decidido.

—Si não quizer ir por bem, váe á força,—disse-lhe para experimental-o.

—A' força, não, patrão, porque eu sou cidadão e a lei me garante.

Sentia-me batido por aquelle caboclo que conhecia os seus direitos e sabia defendel-os.

O serviço publico não podia soffrer, entretanto, e recorri a um argumento, que triumphou.

—Você é cidadão, não ha duvida; mas tambem é guarda nacional (todos os indios ou quasi todos do Rio Negro pertenciam a esta milicia), e tem de fazer o serviço que seus superiores lhe ordenarem.

Submetteu-se e fez a diligencia, mas tão rapida que volton ainda para exercer o seu *cargo* de folião. Dei-lhe uma bôa gratificação.

A mesquinha povoação de Marabi-

tanas fica insulada na epocha das cheias. Uma sanja pouco profunda, que o rio cavou e enche ao crescer, separa-a do continente.

Dista do posto militar do Cucuhy, por onde passa a fronteira, cerca de sete leguas.

Deu-se alli um facto notavel pela singularidade e si não fôsse tão tragico, seria immensamente comico.

Um indio moço e forte foi pescado por um peixe, uma enorme «pirahiba».

Vivia num sitio, logo abaixo da povoação, e era grande pescador. Gostava de estender o espinhel num remanso abaixo da bocca dum igarapé. Um dia, descuidou-se, quando colhia a linha cheia de anzóes. A pirahiba deu um arranco e arrastou-o prezo por um anzol para o fundo. Morreu afogado. No outro dia, foi achado o seu cadaver ligado pela linha ao corpo da pirahiba, ainda viva.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A REVISTA

Um programma de revista ou de jornal é sempre uma banalidade, uma simples peça de ornamentação, posta á primeira columna por amor á praxe... Francamente, não passa disso... Nem pela linguagem, nem pelas idéas, o programma é coisa que se tome muito a serio.

Mas nas linhas encantadoras que honram hoje esta secção, ha evidentemente uma excepção, não já porque a *Revista Moderna* cumpriu, até certo ponto, o que prometteu, mas, sobretudo, porque é uma pagina gloriosa, sem as banalidades do «estylo», onde se exprimem todas as aspirações de uma publicação moderna, e que reproduzimos como um admiravel modelo nesta epocha de revistas.

—

A direcção da *Revista Moderna* deseja que eu a explique e a louve deante dos amigos que ella já pressente, e risonhamente espera, no Brazil e em Portugal. E tal louvor é docemente facil. Apparecendo neste meiado de maio, com as flôres de maio, sem ruido, na ponta ligeira das suas paginas bem ornadas, tão silenciosamente como as proprias rosas de maio, ella tem por programma dar Noticias e dar Imagens : — eu não conheço Programma, que, sob esta simplicidade familiar, imponha trabalho mais aspero, e, depois de realizado com disciplina e com gosto, seja duma utilidade mais substancial para todos aquelles, innumeraveis, que no immenso In-folio do Mundo apenas teem o vagar de percorrer açodadamente o Indice !

A Noticia e a Imagem são, com effeito, resumos supremos, postos em curtas linhas o em finos traços, de vastos e complicados movimentos do Pensamento e da Acção. Quando o meu Jornal conta que se achou e venceu o bacillo duma Peste — quantos annos de paciente experimentação, de attenta e sagaz analyse, d'anciedades e luctas com a Materia rebelde, elle resume nessa linha apressada e secca ! Quando a minha Illustração, numa estreita gravura, me mostra uma inundação ou um incendio ou uma batalha, quantos desesperos, e angustias, e bestiaes egoismos, e renunciamentos magnificos, e tormentos da carne, e espantos da alma, ella condensa e immobiliza nesses contornos ligeiros, sem consistencia e quasi sem sombra ! Noticias e Imagens são assim extractos fortemente concentrados da Vida ambiente, que, caíndo na nossa imaginação, desenvolvem nella toda emoção viva que em si contém,—exactamente como essas gotas d'essencias, que, entornadas num vaso d'agua, o repassam do seu sabor, do seu aroma, da sua virtude nociva ou benefica. O Tempo, o velho da negra foice, é quem ordinariamente se encarrega de reduzir a Noticias e Imagens os mais complexos e longos factos do Espirito ou da Vida. Tudo quanto subterraneamente ou ambientemente serviu para os crear, desenvolver e vivificar, elle váe cada dia eliminando e tragando, até que o facto fica desbastado, descarnado, na nudez do seu esqueleto essencial, cabendo todo numa linha impressa ou nos curtos riscos dum lapis esperto. Os maiores acontecimentos da Historia, que agitaram durante seculos imperios e massas humanas, andam hoje comprimidos dentro da pagina dum compendio que as creanças decoram merendando e rindo. Todas as grandezas, e conquistas, e devastações de raças, e edificações de cidades que tornaram Rhameses egual aos Deuses, não dão para mais duma phrase erudita, nem para mais dum desenho representando um vago Pharaoh de barba encarocollada, com as duas mãos immoveis sobre os joelhos. E daqui a quatro ou cinco mil breves annos, a Revolução Franceza, cuja historia atulha Bibliothecas e ainda se não completou — andará contada nas Escolas em vinte ou trinta palavras, e a unica imagem, sufficientemente expressiva para a commentar, será um bando de esfarrapados derrubando uma fortaleza.

Ora, fazer rapidamente, e cada semana, esta simplificação concentrada da Historia, como o Tempo detidamente a faz atravéz dos seculos vagarosos, é tarefa mais arquejante do que fabricar uma Theoria Social ou desenrolar uma nova fórmula d'Arte. Com duas resmas de papel, uma collecção de systemas, alguma phantasia especulativa, muito vagar, muita independencia, facilmente se constrúe um systema philosophico ou esthetico, decente e até vistoso... Mas resumir nitidamente, substancialmente, numa columna, toda esta tenebrosa, intrincada, conflictiva, dispersa historia da guerra Turco-Grega — eis ahi façanha de que Hercules, com toda a sua leviandade heroica, se arredaria, preferindo com certeza voltar ás cavallariças d'Augias !

E no emtanto esta tarefa difficil é a mais utilmente generosa que póde hoje emprehender uma Revista. Tão profusa, e complicada, e tumultuaria, e rapida se tem tornado a vida moderna que, se os seus factos dominantes não fôssem flagrantemente apanhados em imagens concretas, e fixados em resumos limpidos, nós teriamos sempre a afflictiva sensação de irmos levados num confuso e pardacento redomoinho de ruido e poeira. Seria como se deante de nós se folheiasse vertiginosamente um livro, ou passassem, em manchas successivas e fugidias, grossas estampas que o vento baralhasse e levasse : e assim ficariamos sem ler jámais o enredo da nossa propria Historia, ou sem demorar nunca os olhos nos gestos da nossa Acção. Sobretudo soffreriam esta estonteada impressão aquelles que vivem longe da Europa, e todavia incessantemente olham para a Europa como para o Palco onde se representam cada dia as mais pittorescas, as mais instructivas, as mais patheticas, as mais alegres, as mais profundas, as mais bem-escriptas Tragi-Comedias Humanas. Sem alguem bem dedicado que lhes resuma finamente os entrechos, e lhes transmitta num traço veridico a originalidade das attitudes,

esses não distinguiriam de longe, neste magnifico Theatro, mais do que um rolo de sombras, sem fórma e sem nome, tumultuando em acções que não pareceriam ter razão nem fim. A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediça as scenas e os Actores que, por um momento, merecem risos ou lagrimas...

Mas o melhor serviço desta *Revista* será quando nos guie atravéz da obra incessante da Civilisação — ou antes vigie á beira da immensa torrente da Civilisação, e rapidamente detenha e colha as obras melhores, antes que todas tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora. Pensemos que a França escreve cada anno dez mil livros! e a Inglaterra quatorze mil! e a Allemanha dezaseis mil! E quantos Quadros se pintam! E quantas Estatuas se modelam! E quantas conclusões da Sciencia! E quantas invenções da phantasia! Toda esta producção rola com brilho vacillante: e como poderiam, aquelles que não vivem parados a observar a estranha corrente, saber do bom livro, ou da fina obra d'arte, ou da descoberta do saber, ou da gentil elegancia, se a *Revista*, com rapida segurança, não escolhesse e apanhasse, dentre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar, emquanto as outras se embrulham e se somem na nevoa que tudo apaga?

Mas se eu tentasse celebrar todos os serviços que presta a *Revista* condensando a Historia, murmurando a Anedocta, detalhando os Costumes, resumindo as Lettras, expondo a Arte, contando a Sciencia, engastando a Phantasia, mostrando todo um Mundo a outro Mundo, eu não lhe deixaria, nestas paginas d'estréa, espaço para ella começar alegremente as suas ondeantes e esparsas funcções que pódem ir desde a chronica duma Revolução até ao desenho dum Figurino. Nem me retardo mesmo em a louvar pela graça e luxo com que ella se veste e se adorna, para passear, conduzindo o seu Publico, atravéz da Civilisação... De resto, eu notava que ella nascia em maio e com as flôres de maio. Ora, de nada serve espetar deante duma roseira um eloquente cartaz, exaltando as rosas que vão abrir, o brilho da sua carnação, a fina excellencia do seu aroma, os cuidados que se empregaram na sua cultura, e os ramos que com ella se comporão para embellezar a vida. O melhor é que a roseira desabroche, — e, se as flôres fôrem de resplandescente viço, não faltará quem as admire, e as respire, e as córte, e as conserve. Sobretudo uma *roseira*, que, como a velha e graciosa lenda do Indostão, sabe os annaes dos Povos, desfia os segredos da Natureza, murmura os boatos dos palacios e das choupanas, repete as nobres coisas que estão nos livros, ensina as maravilhas escondidas na Arte, conhece divertidas ou tocantes historias, e depois, só por si, é, como qualquer outro florído e perfumado arbusto de jardim, um «sêr de belleza», e portanto, segundo affirma o Poeta inglez, um «creador de felicidade»!

EÇA DE QUEIROZ.

APANHADOS

Um trenó automovel Esta original invenção é devida á necessidade que se faz sentir, na Russia e nas regiões frias da America do Norte, de ter, com facilidade, vehiculos susceptiveis de andar rapidamente sobre a neve e o gelo que cobrem as estradas e os campos durante a maior parte do anno. Deve-se a sua invenção a um ardente automobilista americano, o sr. J. K. Flood, que começou transformando em trenó-automovel, um dos seus carros, substituindo as duas rodas da frente por um engenhoso systema de patins, cujo dispositivo se repete um pouco mais simplificado nas ultimas rodas do vehiculo.

***

O mais antigo dos sports Apezar da introducção do *polo*, na França, ser relativamente recente, a origem desse jogo interessante é quasi desconhecida. Suppõe-se que elle foi inventado pelos antigos persas e se espalhou rapidamente na Asia Central e na India. Uma coisa é certa: é que o *polo* esteve, durante muito tempo, em vóga, na côrte dos imperadores byzantinos. Os velhos poemas persas contêm numerosas descripções do *sport* nacional, que se jogava então com o auxilio de longas bengalas terminadas por um gancho; os cavalleiros tratavam de chamar a bola para o seu lado em logar de a projectar para longe, como se faz actualmente.

Cemiterio de cavallos Si Paris tem o seu cemiterio de cães, a Inglaterra possúe, ha mais de vinte e cinco annos, uma necropole especial onde são guardados os restos mortaes dos *pur-sang*, que se fizeram notaveis no grande *turf*. Salientam-se nesse curioso cemiterio seis cruzes e pedras tumulares que cobrem as sepulturas de cavallos que saíram vencedores nas corridas do celebre Derby de Epsom. Um desses illustres bucephalos fez parte das cavallariças de Eduardo VII, então principe de Galles, e ganhou 68 corridas na sua longa e brilhante carreira sportiva.

***

As prisões da Persia Ha alguns annos, foi moda falar das prisões de Fresnes, onde os malfeitores, dizia-se, eram tratados com mais gentileza e consideração do que os viajantes nos hoteis de aldeia. O mesmo não se póde dizer das prisões do shah da Persia. Um explorador, recentemente chegado de Seistan, provincia persa onde os costumes são ainda muito primitivos, contou coisas bastante curiosas sobre o tratamento infligido aos prisioneiros. Durante a noite, elles são encerrados nos subterraneos do palacio do governador e de dia estão carregados de enormes cadeias prezas ás lages do pateo. Os presioneiros não são alimentados pelos seus carcereiros, em Seistan; são levados, uma hora por dia, atravéz da cidade, onde fazem appello á caridade dos habitantes. Os viveres que recebem são reunidos e depois repartidos em pequenas porções.

***

Varias

Um sabio francez affirma que existem na Terra 240.000 qualidades differentes de insectos. Entre todas essas especies, ha uns tão pequenos que seriam precizos 4.000 para egualar a grossura dum grão de areia.

*

Cazaram-se agóra, na Suissa, duas pessoas que levaram quarenta e cinco annos cômo noivos.

*

A primeira libra de chá que se vendeu na Inglaterra custou 250 francos. A mesma quantidade custaria, hoje, 1 franco e 25 centimos.

*

Um grande transatlantico embarca, em cada viagem, para uzo dos passageiros, 10.000 charutos, 500 libras de tabaco e 10.000 pacotes de cigarros.

***

A bicycleta na Hollanda Os estrangeiros que visitam a Hollanda ficam admirados ao ver o logar que a bicycleta occupa, hoje, na vida quotidiana do povo. Até as criadas das mais modestas casas de Amsterdam vão ao

mercado fazer compras, pedalando na bicycleta com o cesto preso á machina por um simples e engenhoso systema de correias.

***

A peste na India Tomou um caracter bastante assustador a peste na India ingleza, o anno pasado. Nunca a horrorosa molestia tinha sido tão violenta. De ha cinco annos para cá que ella vem augmentando, aos poucos, para irromper, terrivel, nos primeiros mezes de 1905. Em 1901, matava 272.000 pessôas; em 1902, subia um pouco, fa a 580.000, crescia no anno seguinte e cortava a vida a 850.000 pessôas e, em 1904, já se mostrava bastante pavorosa, matando 1.025.000 habitantes da peninsula. Mais terrivel ainda apparecia em 1905; nos quatro primeiros mezes, já tinha attingido a 690.000 e, si continuasse assim devastadora, chegaria a 2 milhões. Felizmente foi diminuindo, applacando, e não tão foi longe: ficou quasi com o mesmo numero de 1904, 1 milhão e pouco mais de 500.000. Este anno, não tem sido tão violenta, tem apparecido raras vezes e assim mesmo com pouca intensidade.

A Inglaterra, com o pequeno numero de medicos que tem na India, se mostra impotente para debellar a terrivel peste. Que pódem fazer 700 medicos para uma monstruosa população de 260 milhões de habitantes?

***

O brinquedo dum rajah Quem visita as galerias do *South Kensington Museum*, de Londres, tem a attenção chamada para um grupo bizarro que tem uma historia bem interessante. Esse objecto de arte, em bronze cinzelado, delicadamente executado, representa um tigre estendido ferozmente sobre um homem; esse grupo, que é nada menos que um brinquedo, mede 3 metros e 10 de comprimento.

Agóra a historia desse estranho brinquedo: No seculo XVIII, Tippoo-Sahib, soberano de Mysore, defendia valentemente os seus dominios contra os inglezes invasores. Afinal morreu durante um assalto furioso dado á sua capital, Seringapatan, e o exercito britannico penetrou, victorioso, na cidade do rajah. Os officiaes que se achavam á frente das tropas descobriram no palacio o automato em questão. Em presença de Tippoo-Sahib, um creado hindú, encarregado especialmente desse serviço, rodava a manivella que se encontrava no flanco do animal. Rugidos enormes ouviam-se então e o soldado inglez, em baixo da barriga do monstro, gritava dolorosamente. Esse brinquedo horroroso era trabalho dum operario hindú que levou cinco annos a executar o complicado mechanismo que se achava no interior do animal.

***

Os rivaes dos egypcios Ainda se pergunta como os antigos egypcios, que não dispunham sinão de machinas e instrumentos primitivos, puderam transportar, para distancias enormes, blócos de pedra tão pezados como os seus grandes obeliscos. Certamente, em breve, esse mysterio será esclarecido. Agóra, como rivaes poderosos dos egypcios apresentam-se os *yankees* que acabam de praticar uma daquellas façanhas antigas. Transportaram uma columna de granito dum tamanho tão extraordinario que lembra as proezas dos architectos da antiguidade. Tratava-se de levar, nos Estados-Unidos, de Vinalhaven para Nova-York, uma columna talhada num blóco, destinada a uma egreja em construcção; o pezo era de cincoenta toneladas. Foi precizo construir um *truck*, especie de carroça, mas uma carroça especial, monstruosa, e dar-lhe rodas massiças de aço dum diametro de 1 metro e 45. Para collocar a pedra sobre o vehiculo, empregaram-se quatro guindastes a vapor e levaram nessa operação 19 dias. Afinal ligaram á grande carroça uma poderosa locomotiva, que levou, lentamente, o monolitho para Nova York.

BILHETE POSTAL

(Ao cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro)

Eminencia: — A's multiplas manifestações que o clero, a nobreza (hoje transformada—como avalanche demolidora da Republica — em burguezia) e o povo teem feito a Vossa Eminencia, o humilde rabiscador destas linhas quer tambem juntar as suas.

Si eu fôsse um poeta, desses que povôam—compensando a falta de braços para a lavoira — essas immensas terras do Brazil, este bilhete postal não seria sinão um trabalhado poema, em que cada verso, lapidado cuidadosamente, louvasse as altas qualidades, as virtudes extraordinarias do espirito de Vossa Eminencia, e tão esplendidamente christãs que atravessaram o incerto Atlantico, transpuzeram o perigoso Gibraltar, o Mediterraneo, e fôram intensamente ferir a alma do Santissimo Padre, na sua longinqua collina do Vaticano! E de tal modo Vossa Eminencia tinha, até então, dirigido este rebanho do Senhor, com as suas amoraveis pastoraes (como—para citar uma—aquella refutando a calumnia contra os virtuosos Irmãos Maristas), que o Papa, mais inclinado a escolher um dos prelados argeutinos, ou mesmo do Chile, para a dignidade de ser o primeiro cardeal da America do Sul, mudou sabiamente de pensar e, por uma inspiração divina, escolheu Vossa Eminencia para receber o chapéo e o manto de purpura.

Mas, Eminencia, eu não sou poeta; estou convencido de que nunca farei uma quadrinha, um simples verso, e esta certeza tão pungente, tão desconsoladora, foi agóra que eu a tive mortalmente.

Com a alma vibrando de um forte jubilo, cheia dessa scentelha do céo que accende, como elles dizem, os poetas, muni-me de quanto livro se tem publicado desde que a Humanidade faz versos (a quantos milhares de seculos, isso, santo Deus!) e que ensinam metrificar e rimar. Assim, custosamente galguei, sob a pezada carga daquelles Tratados, os ensombrados caminhos do Sylvestre. Parecia-me que, entre o socego daquellas velhas arvores, ouvindo o acariciador rumorejar das aguas vivas que fogem, cantando, por entre a relva fresca — todo o encanto da paz que aquelle retiro de poetas exála — a Musa, que com ancia eu tenho procurado a largos annos, viria mais facilmente em meu auxilio.

No botequim, emquanto saboreava o requinte civilisado de um absintho com gelo — calmamente, e com methodo, verifiquei si o meu lapis estava bem aparado, si as minhas tiras, em branco, eram bem assetinadas. Pago o absintho, embrenhei-me na floresta. Lá, muito no alto, parei. Havia uma clareira, um banco tôsco e uma tôsca meza. Por entre as folhas, eu lobrigava, a espaços, retalhos do céo esplendidamente azul; a meus pés, sob o sol macio de ouro deste suave outomno carióca, a cidade era uma indecisa mancha cinzenta, em torno dos morros verdes, junto ao mar sereno, como um immenso lago. Nas arvores, a passarada irrequieta palrava; ouvia-se o canto de um canario-Caruso e, no ar fresco, errava um bom perfume de folhas, de flôres selvagens.

Abanquei-me, atirei para um lado o meu chapéo de palha e, emquanto com uma das mãos arrepanhava os cabellos, de tão fortes estimulos poeticos, com a outra, caprichosamente e com amor, lancei o titulo, em lettras floreadas — mais vistosas que as fachadas da Avenida — e logo abaixo, num cursivo fino—a dedicatoria filial.

Alli permaneci, naquelle recanto do Sylvestre, quatro longas horas. Trinta e cinco vezes, abri e fechei o sr. Guimaraens Passos no seu *Tratado de Versificação*; cincoenta e nove vezes, tomei o venerando *Diccionario* do defunto Castilho, em busca de uma rima difficil; as tiras de papel que rabisquei e que depois, com desespero, amassava e atirava para um lado, por imprestaveis, fôram sem conta! Fumei quarenta e tres cigarros; desesperado já, invoquei Deus, Moysés, Santo Agostinho e a Virgem do Parto, que o sr. Rodrigues Alves, segundo o mestre Domingos Olympio, mandou respeitar. Vasculhei a memoria, em busca de algum santo que em vida tivesse feito verso: não achei nenhum; os poetas estavam todos, talvez, no inferno. Tudo, em vão! Quasi doido, com uma enxaqueca de arrebentar miolos, tive (oh! suprema amargura!) de desistir da minha óde! Porque, Eminencia, eu não sou o menino Mario Alencar, que o sr. Rio Branco tenha.

A tarde começava a desmaiar; para os lados da barra, as fortalezas iam aos poucos mergulhando nas sombras, e um barco de pescador entrava com as brancas vélas enfunadas de muito vento. Era necessario voltar: a atormentada cata de versos dera-me fome; antes, porém, de abandonar aquelles sitios (e repare Vossa Eminencia para este quadro symbolico, que lembra a justiça do Santo Officio) estrassalhei, com furor, o *Tratado* do sr. Guimaraens Passos; com a chamma de um phosphoro inutilizei para sempre o *Diccionario de Rimas*. Era justo. Aquelles livros eram inuteis, porque o assumpto da minha óde era profundamente inspirador — era divino! Lancei um derradeiro olhar sobre aquelle campo de batalha, juncado de destroços, tomei o meu chapéo e abalei apressado para o bonde, quasi a partir.

Assim, pois, eu não era poeta; eu não podia fazer versos. Urgia, entretanto, que eu declarasse a minha communhão ás festas em honra de Vossa Eminencia. E pois, si não consegui fazel-a em versos, de um vôo lyrico arrojado (como eu os imaginava) — porque simplesmente, sem grandezas e sem rimas, eu não escreveria a Vossa Eminencia um bilhete-postal?

E assim o faço. Todavia, ha ainda um desgosto, além do já citado, *(clama ne cesses!)* — o sr. Walfrido Ribeiro, secretario dos *Annaes*, declarou-me não poder inserir no texto — como exigem, na actualidade, os cartões postaes — illustrações e gravuras (e entre ellas uma, que Vossa Eminencia, com um doce sorriso, cheio de desculpas pelas fraquezas humanas, saberia apreciar: era um retrato artistico de Cléo de Mérode, com os seus olhos magnificos e seus magnificos cabellos).

O Mestre Divino, em singelas parabolas, nos aconselhava, porém, a paciencia, como uma virtude salutar. Sejamos paciente.

Eminencia: O papel que o Brazil assumiu no concerto das nações, como se diz diplomaticamente, com a elevação de Vossa Eminencia a Principe da Egreja Romana, foi consideravel!

Sinão, rapidamente vejamos o que eramos antes do acto de summa bondade do Santissimo Padre. Este grande paiz, cheio de grandes florestas, de rios extraordinarios, de riquezas fabulosas, só era conhecido como uma inhospita região, patria segunda da febre amarella, habitada por uma horda de selvagens. Desconheciam lá fóra a nossa geographia, como desconheciam os nossos uzos, os nossos costumes, os nossos feitos. Si por ahi algures, um bandido matava um representante estrangeiro, no dia immediato, em Paris ou em Londres, o *Matin* ou *Times* informavam o barbaro assassinato do ministro plenipotenciario da Beocia (por exemplo) em Iquitos, e accrescentavam logo, para que não houvesse uma duvida no espirito do leitor, que Iquitos era uma cidade dos Estados Unidos do Brazil. Si, por nosso lado, descobria-se uma coisa de rara importancia, como os thesouros do morro do Castello; ou elevavamos uma estatua a uma das nossas glorias nacionaes, com emphase e certeza, a imprensa ingleza ou franceza gabava o espirito curioso ou a gratidão do povo, pela descoberta das riquezas do morro do Castello, em Buenos Aires, ou pelo monumento do grande general peruano Caxias.

Eramos assim uns nullos na historia do mundo.

Hoje, não, Eminencia. Qualquer ignorante sabe já que temos uma Avenida, que vamos ter um congresso Pan-Americano. As sessões semanaes da nossa Academia de Lettras são lidas com avidez em todo o mundo e commentadas com *ohs!* admirativos, pelos fulgurantes talentos dos nossos *Immortaes*. Affirmaram-me, mesmo, que em Pekin as *Paginas escolhidas*, do sr. João Ribeiro, traduzidas e commentadas com finura por um intellectual chinez, teem já centenas de edições. E até (oh! abençoada influencia!) o maxixe que em Paris era mexicano e cheio de *tt* e *ch*, foi logo rehabilitado, abrazileirado! E tudo isso, Eminencia, porque temos um cardeal!

Si assim, nas nossas relações internacionaes, a preferencia do Summo Pontifice nos collocou numa posição invejavel, as modificações internas não fôram menores.

Um ex-amigo meu (cujas relações prudentemente cortei) attribuiu os males, que este anno nos affligiram, ás coleras do Diabo, agastado com a elevação de monsenhor Arcoverde ao cardinalato. Assim, dizia elle, quando é que tivemos tantas desgraças juntas... o triste episodio de Jacuacanga... as enchentes do Parahyba, as chuvas torrenciaes? Eu, porém, cuja fé é daquellas (ai de nós!) que se vão tornando raras, repelli essas absurdas hypotheses, com energia e horror! Mas, as coisas bôas tambem vieram. O convenio de Taubaté (cujas clausulas Vossa Eminencia approvou com gesto protector), o *blóco*, o famoso *blóco*, que em politica representa um facto notavel, são outras tantas manifestações exúberantes de que Deus é nosso alliado, de que Elle, por causa de Vossa Eminencia, está comnosco.

A estes factos que, sem commentarios, eu vou aqui ligeiramente enumerando, nós temos ainda a accrescentar, como um renascimento de fé, a collocação do Christo no Jury. E aqui ha ainda a notar o espirito de democracia de Vossa Eminencia, que, sendo principe, se liga ao jacobino Deocleciano, emprestando-lhe paternalmente a perna que lhe falta, para que naquelle recinto, onde a Moral sempre viveu pura, ao lado da austera Justiça, a imagem desse outro Martyr, que os impios dalli arrancaram, num momento de allucinação, fôsse com pompa restabelecida.

Eminencia! O povo, o clero e a nobreza cumprem apenas, e modestamente, o seu dever, manifestando a sua gratidão ao Arcebispo que soube merecer tamanha honra.

As recepções festivaes e carinhosas no desembarque de Vossa Eminencia, os foguetes, as bandas de musica, os arcos de bambús e folhagens, a rhetorica, os escudos de papelão com disticos — *Benedictus qui veni in nomine Domini* — symbolizam a alegria das vossas ovelhas.

Todas as manhãs, com soffreguidão orgulhosa, antes mesmo de escovar os dentes, eu corro ás folhas, ás secções religiosas, e sempre encontro lá, alegremente, a noticia de mais uma manifestação.

Mas, a crer no que relata a *Gazeta*, de segunda-feira 28 de maio passado, os fiéis de Inhaúma bateram o *record* nas provas do seu affecto.

Aquella immensa procissão que domingo desfilou, pelas ruas desta

capital, ao som dos dobrados da banda do 15º batalhão da Guarda Nacional (muito afinada depois da parada do dia 24), teve um esplendor soberbo! Em frente do palacio da Conceição, o prestito parou. A natureza (como se diz vulgarmente por ahi) enfeitou-se de galas e louçanias: «a tarde (como relata o noticiarista, em palavras que textualmente copio) estava lindissima e a viração (falton o «*subtil*») passava brandamente,...» De pé, sob o throno, (como fielmente transcrevo!) cercado de anjinhos, de senhoritas, de senhoras e senhores graves, Vossa Eminencia recebeu aquella rajada de amor dos parochianos de Inhaúma. Houve discursos e, ao agradecimento, Vossa Eminencia teve uma phrase de uma eloquencia superior a Lacordaire ou a Bossuet, pela sua simplicidade. Dirigindo-se aos manifestantes, Vossa Eminencia, «visivelmente commovido», disse:—*Vós sois as flôres cultivadas no jardim de Inhaúma.*

Oh! estas palavras tocaram—*au plus fand du cœur*—os cordeiros de Vossa Eminencia. Os anjinhos, que rodeavam o throno na sua ingenuidade, sorriam; as *demoiselles* tiveram um rubor de pejo e de alegria no rosto; as matronas, com os olhos razos de lagrimas, agradeciam, e os cavalheiros, endomingados, sacudiam a cabeça gravemente, convencidos de que, com effeito, Inhaúma era um jardim delicioso, cujas flôres eram elles, commendadores, negociantes, officiaes da *briosa*... Alguns mesmo, mais phantasistas, imaginaram-se gyra-sóes! Um dos anjinhos adeantou-se e da sua boquinha rosea—como um sopro perfumado—saíam estes versos, que lembram João de Deus pelo lyrismo, e Heredia, pela fórma impeccavel:

Ouvi dizer esta rosa
A mais modesta das flôres:
Si és na côr meiga, mimosa
A minha tem mais fulgores.

Porque? diz a violeta
Ia a rosa responder,
Mas vem logo a borboleta
Que se apressou em dizer:

A violeta é côr da veste
Do nosso amado Pastor
Mas tu, oh rosa, venceste
Porque tens celeste côr.

Desculpe, sr. cardeal
Esta ouzadia infantil;
Este mimo natural
Mas são flôres do Brazil;

Que elevou-se agóra tanto
Sendo cardeal monsenhor
Assim, pois, ao padre santo
Consagremos nosso amor.

Depois, offereceram a Vossa Eminencia um riquissimo relogio. (Quem adeanta estas informações é *A Noticia*; a *Gazeta* não se refere á dadiva; esta do relogio, pertence á *Noticia* do mesmo dia).

Para mim, a poesia foi a nota culminante da festa. E aqui, talvez discordemos: para Vossa Eminencia, seguramente foi o relogio. Em resumo, foi um delirio! A banda do 15º rompeu uma marcha batida e aquella gente, cheia de bençãos, repleta de graças, rompeu ladeira abaixo, aos vivas ao Santo Padre, ao sr. cardeal, á nação e provavelmente (nem *Gazeta*, nem a *Noticia* mencionam) ao conselheiro Affonso Penna.

Eminencia, eu me associo de corpo e alma a estas homenagens, aos arcos de bambús, ás folhagens, á rhetorica, aos versos do poeta-flôr-de Inhaúma, aos dobrados da musica da Guarda Nacional, aos vivas, — sobretudo aos vivas e... ao relogio... si pudesse.

Contrictamente ajoelhado, espera a benção de Vossa Eminencia, o humillimo cordeiro e filho obediente

ADOASTO DE GODOY.

A NOSSA GUARDA NACIONAL

Mais uma espectaculosa e ridicula exhibição, nas ruas desta capital, inscreveu a Guarda Nacional, ha dias, nos tristes annaes da sua exotica actividade.

Mais uma affirmação, solemnemente proclamada em publico, da inutilidade e caricata existencia dessa avalanche carnavalesca de individuos, agaloados da cabeça aos pés, de um dia para outro, graças ás artimanhas phantasmagoricas da politicagem.

O immortal Osorio — si lhe fôsse permittido saír da sua bronzea immobilidade — com certeza esporearia o seu ginete e a largos saltos abandonaria o posto ante a grotesca approximação daquelle amontoado desarranjado de individuos mal amanhados, bamboleantes e mettidos em roupas destinadas a outros donos — bando dissolto de gente apanhada criminosamente nas vesperas do grande espectaculo e para quem a carabina não passava de um *cacête* mais pesado e de incommodo transporte ao hombro.

Ficou egualmente attestada a ignorancia absoluta dos mais rudimentares e mesquinhos principios da arte da guerra, por parte desses empavezados e embonecados commandantes, deixando aninhar-se em seus acanhados cerebros a possibilidade pratica de formar soldados para trazer á rua, em solemne ostentação, com dois ou tres dias de aprendizagem.

E ainda se patenteou com a evidencia concludente dos factos que a actual constituição da nossa Guarda Nacional não correspondia a coisa alguma que, de leve, se assemelhe a uma aggremiação armada e organisada, capaz de prestar auxilio efficaz como reserva ou coisa semelhante ao exercito permanente.

Os seus prodigiosos e alargados quadros — pois se contam por centenas e milhares as brigadas, batalhões e regimentos espalhados, no papel, por todo o nosso vasto e despovoado Brazil — os seus quadros, repetimos, existem apenas para figuração burlesca e tristemente irrisoria de *coroneis* de comedia.

Quem passeia nesta capital em determinados dias, de festas publicas, facilmente verifica a praga *coronelicia* que nos flagella. Na tafulice dos seus amontoados galões, vivem a pavonear-se como a gralha da fabula, enganando-se a si proprios em relação á legitimidade e seriedade das continencias e honrarias que meticulosamente procuram arrebanhar em seus trajectos recreativos.

E impam vaidosos esses *coronelêtes*, *prussianizam-se* ao ouvir um brado d'armas, continuando garbosamente a sua marcha triumphal, em bandos, —porque em geral elles andam aos magotes — á procura de outra sentinella que repita a estrondosa continencia devida á sua elevada hierarchia.

Como bem affirmou o bello chronista da *Gazeta de Noticias*, contribuiu grandemente, para o desprestigio das coisas de guerra, a militança *de mentira* com que a politica presenteou o Brazil.

E, na verdade, o continuo espectaculo grotesco que offerecem esses cabides de fardas, a ignorancia da posição que occupam e ostentam em frequentes occasiões, redunda necessariamente em motivo de desmoralisação, mais ou menos accentuada, para todos os que envergam a farda de direito por pertencerem a corporações regular e permanentemente organisadas.

O pretigio das forças armadas regulares está exigindo uma potente razoira, que, impiedosa, varra de uma vez, de um só golpe seguro, essa casta de honrarias carnavalescas e indebi-

tas, cuja existencia se torna nociva, altamente perniciosa, pelo rebaixamento do nivel moral, do respeito e consideração de que vive a farda genuina.

Como poderemos nós — officiaes de carreira—subalternos ou não, sujeitos, desde a infancia, ás exigencias e restricções impostas pelo regimen militar; nós, que penosa e vagarosamente, á custa de mil provações, atravessamos os postos de alferes a coronel — como poderemos conciliar o nosso amor proprio, o nosso pundonor com o respeito a que nos obriga a Constituição da Republica a essa gente, prenhe de regalias identicas ás nossas, mas sem motivos plausiveis para fundamental-as ?!

E não satisfeitos com essa abundancia de concessões illegitimas, tentam elles approximar-se cada vez mais, egualar-se *in totum* ao Exercito; merecendo-lhe especial cuidado a semelhança dos uniformes, para que, assim enfarpelados, ao longe ou aos olhos dos incautos mais se confundam com os coroneis de verdade.

Ainda nas vesperas dos folguedos carnavalescos deste anno, epocha aliás bem apropriada a esse effeito, o *Diario Official* occupou muitas columnas com a publicação do decreto estabelecendo um novo plano, completo e amplo, de uniformes.

E lá surgiu uma série interminavel de uniformes diversos e mais vistosos que os antigos: uniformes de parada, de quartel, passeio, corridas, *matinées*, *pic-nics* e até, no requinte da elegancia, um uniforme correcto e supimpa para bailes e grandes solemnidades puxadas á casaca.

A mudança de uniformes, em qualquer corporação armada, suppõe sempre exigencias de serviço, necessidade de melhor adaptação ás condições normaes e accidentaes da vida do soldado e do official—e para isso acontecer é preciso que a experiencia quotidiana indique a opportunidade de modificações ou alterações nos que estão em uzo.

Ora, si a Guarda Nacional não está em actividade, si não possúe soldados nos seus quadros, si elles não fazem exercicios nem os serviços proprios da vida arregimentada — onde encontrou ella bases para alterar o regimen de seus antigos uniformes?

Para essa corporação, nas condições em que se acha ao presente, parece-nos mais razoavel que se devia simplificar e não complicar o fardamento: uma calça de panno amarello, uma blusa verde com botões dourados e umas estrellas no punho para indicarem as graduações e um chapéo qualquer de dois bicos—preencheriam plenamente as suas necessidades de distinctivo, além de que, o que é importantissimo — arrefeceria de muito essa mania de se fingirem officiaes de verdade... ficando patriotas de verde e amarello.

Um outro acontecimento, denunciador da preoccupação enfermiça de quererem egualar-se aos officiaes do exercito, appareceu no mesmo dia da monumental parada, com a creação de medalhas de bons serviços.

Ora, ahi está uma coisa difficilima de ser comprehendida por qualquer mortal: serviços de Guarda Nacional. Salvo si se contar com tempo para tal effeito o que medear entre as suas nomeações de officiaes ou alistamento como praça até o fim dos 20 annos exigidos pela lei. Evidentemente esse procedimento não é legal nem justo, porque o Estado nada tem que ver com o tempo que o individuo passa ao balcão do seu negocio, para satisfação de interesses puramente particulares. Si, porém, se adoptar para a contagem, unicamente os domingos, dias em que costumam reunir-se em suas casas-quarteis, para que possam alcançar o direito ao medalhão, precizam, pelo menos, esperar uns 140 annos de serviços, visto como cada anno deve ser computado apenas como 52 dias.

Segundo este ultimo alvitre, o caso muda inteiramente de figura, e a coisa fica direita: foi feita para inglez ver e a Guarda Nacional ambicionar.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

« O ULTIMO FAUNO », POR JOÃO GRAVE. — PORTO. — LIVRARIA CHARDRON. 1906.

E' um livro concebido com graça e feito com esmero, livro em que entra muita phantasia, mas que nem por isso póde ser classificado como obra de ficção propriamente dita.

Conta-nos o auctor que « por um terno e evocador occaso d'outomno» encontrára um deus de pedra « em frondoso parque circumdado de folhagens e de verdura, parque pertencente a um castello senhorial desmoronado». Esse deus vinha a ser um Fauno, «um forte e lindo Fauno adolescente».

Era á noite. De repente, por um mysterio inexplicado, arvores, folhagens e flôres começaram a falar, sob o fulgor das constellações». O Fauno, tambem elle, accordou da sua meditação de inanimado, olhou para o poeta, «bocejou como quem desperta de um somno de seculos», e começou a contar-lhe « a sua historia luminosa e triste ».

As 257 paginas da brochura devem-se a esse miraculoso encontro, que se repete dahi por diante e dura não sei quantas noites, para a bôa confecção do livro.

Este é feito das falas que desses encontros se produzem. Quem tem a palavra não é simplesmente o Fauno, A hirsuta divindade começa a discorrer com muito estylo sobre a sua interminа existencia, que já vem de tão longe, sendo que elle viveu out'ora á beira dos lagos, cheios de lua, onde as Nereidas sonhavam e onde as aves sagradas, que desciam do Olympo mansamente, vinham banhar-se e cantar na ternura do sol poente». Mas dentro em pouco é interrompido pelo auctor, que acaba por armar um verdadeiro dialogo com a estatueta animada.

Sob esta fórma de dialogo fica o trabalho menos monotono. Além da québra da monotonia, ganha o livro leveza e elegancia com o facto do escriptor não exgotar o assumpto numa noite só e assim poder expol-o em pequenos e varios capitulos.

O Fauno do sr. João Grave (não se tratará de um pseudonymo ?) principia confessando que «acha a immortalidade enfadonha e insupportavel», e com razão,—reconheçamos—no abandono a que teem sido votadas, váe quasi para dois mil annos, as coisas do Olympo.

Nem por isso, no emtanto, abandonou seu modo de ver e suas crenças antigas, nem por isso se deixou seduzir por essa prosaica e melancholica civilisação monotheica, a cujo evoluir tem assistido bocejante, quando não

é com aversão, mesmo com asco, que ella, em varios dos seus aspectos, tão plebeus, tão miserandos, muitas vezes irresistivelmente lhe suscita.

E' precizo ver com que mocidade e talento discursivo a divindade faz o elogio da sua epocha triumphal, sua epocha de liberdade e nobreza, de esplendor e de gozo, quando o mundo ainda não envelhecera, e o grego, altamente, finamente concebia e realizava sua obra incomparavel, pelo genio e pelo gosto, pela elevação e pelo sentimento da medida, sendo este ultimo o que elle teve de mais idéal.

Passa-nos sob os olhos uma mythologia inteira, sob a fórma de quadros rapida e magnificamente esboçados, em que todos os deuses pagãos se apresentam esbeltos e dominadores, cada um delles e sua historia como novo argumento vivo em favor das affirmações lançadas.

Essa brilhante galeria de typos e essa massa de factos, exibidos assim successivamente por habillissimo recurso rhetorico, não nos seduzem tanto o espirito como os sentidos, menos persuadem do que hypnotizam, mas acabam conseguindo um supremo triumpho, produzindo a illusão das argumentações exhaustivas.

E' esse o privilegio da arte, e o Ultimo Fauno parece haver aproveitado singularmente com as lições do magico Eça de Queiroz, que tinha justamente taes processos, e até falava destes assumptos com o mesmo espirito liberrimo, audaz, que aqui se nota, colorindo os objectos com os mesmos toques vivos e peregrinos, nuançando-os com a mesma suavidade e ternura, com a alma e o gosto de um pagão moderno.

Sente-se: não é de hoje que esta loquaz divindade accordou. Si ha dez annos passados ella não falava aos homens com sua bocca de pedra, vivia, no emtanto, attentamente a escutal-os, e ora que se resolve a tomar a palavra os seus discursos representam uma producção de epigono, tem ainda um tom vivo, mas já caracteristicamente crepuscular. E' um fauno de qualquer modo contradictorio com a natureza impetuosa, insoffrida que lhe deve ser propria, como fauno que elle é, pois que este seu bello gesto de hoje pecca apenas por vir um poucachito retardatario.

Para contradizer o divino exilado do Olympo, o sr. João Grave phantazía-se de «cavalheiro christão e liberal», armando-se desde esse momento entre os dois um prelio que seria como os da Odysséa si ambos se batessem com o fervor que a legitima fé inspira.

Vê-se, claramente, porém, que ao auctor custa em certos casos aparar o golpe e que o não retribúe muitas vezes em perfeita correspondencia, mas isso porque indominaveis frouxos de riso o assaltam por tráz da mascara, estando elle a representar aquelle piedoso papel por uma intrugice necessaria para a defeza da causa que toma na realidade a peito,—essa que parece abandonar aos recursos de eloquencia do seu simulado adversario pelludo.

Este «cavalheiro christão e liberal» do sr. João Grave faz-nos lembrar, na sua ingenuidade paspalhona,—apezar disso no fundo um pouco velhaca,—e na pobreza providencial da sua dialectica, do esturdio Raposo da *Reliquia*, creado como foi com a mesma heretica e perversa intenção.

Apezar da desegualdade de forças visivel entre os dois pleiteantes, o torneio váe longe, principalmeate porque ha no Ultimo Fauno um desmedido prurido de exposição. Elle discorre sempre com muito estylo, como já dissemos, — brilhante, espirituoso, cheio de imprevistos no achado das palavras e no boleio das phrases, — com o pequeno senão de um brilho já um pouco de receita, de um espirito já um tanto reeditado e de surpresas quasi sempre previstas, para quem conhece no seu conjuncto todos os admiraveis *trucs* ainda do illustre Queiroz.

Não foi por preguiça, no emtanto, que o Fauno seguiu tão fielmente essa traça, pois que suas falas nos attestam copiosa e vária leitura, principalmente no sentido das preoccupações religiosas e philosophicas que tem. Não ha descoberta ou pelo menos hypotheses que a philologia e a historia comparada das religiões hajam modernamente proporcionado á philosophia racionalista que o astuto e paciente pedicaprino desconheça. Do doutor Strauss até Nietzsche, quantos hereges illustres a nossa epocha tem produzido para vingal-o dos vinte seculos que elle passou no triste silencio ignorado das potestades decaídas, todos elle andou mais ou menos relanceando. Ora que fala, para se tornar mais interessante e dar-se mais auctoridade aos olhos frivolos do homem de hoje, discorre de modo a ficar semelhante facto patente.

Comprehende-se que, baseado por esta fórma, *O Ultimo Fauno* seria um livro apto ao menos a offerecer grande interesse do ponto de vista das idéas, si a este respeito o auctor não tivesse seguido tão de perto as pégádas, ainda e sempre, de Eça de Queiroz. Nem as suas ultimas leituras, após a morte do mestre, puderam estabelecer uma differenciação sensivel entre o seu ponto de vista e o do grande escriptor. Mesmo Nietzsche foi impotente para isso.

Vive-se tão vertiginosamente, tantas e tão multiplas são as nossas sensações nos tempos modernos, que até a obra do proprio illustre modelo adoptado já váe empallidecendo aos olhos de mais de um, ganhando a graça merencorea das coisas preteritas.

De modo que *O Ultimo Fauno*, sendo uma obra bem feita, um conjunto de paginas intelligentes e disertas, como já dissemos, não representa, no emtanto, um livro propriamente original, é antes caracteristicamente continuativo. Resulta dahi cançar um pouco ao estudioso que tenha o habito honesto de não saltar paginas e faça questão de ir ao fim das leituras que emprehenda.

NUNES VIDAL.

Falsa idéa de correlações entre cambio e prosperidade

Não ha sciencia alguma que mais insensivelmente conduza a conceitos erroneos do que a sciencia economica. Quem não tiver espirito analytico bem exercitado corre muito o risco de esbarrar-se em conclusões disparatadas, e é isso o que estamos vendo todos os dias. E quando se trata de cambio, é então que as idéas ultrapassam as raias do absurdo.

Tratemos de nossa these.

Tem-se dito e repetido, em publicações officiaes e outras, que a alta do cambio, isto é, a baixa do agio do ouro, é um indicio de prosperidade.

Onde é que se foi descobrir isso?

A tal interrogação, a immediata e unanime resposta é: que baixa o preço de tudo o que se compra.

Na verdade, assim é. Mas isso não demonstra que se tenha entrado em um estado mais prospero, nem menos prospero.

Com effeito, si baixa o preço de tudo o que se compra, e si se tem em mente que cada individuo é não só comprador como tambem vendedor, quer se trate de coisas ou de serviços, é evidente que a differença que elle ganha quando compra, elle a perde quando vende, pois que todos são ao mesmo tempo consumidores e productores.

Si essa equivalencia de resultados não se manifesta immediatamente, é porque a engrenagem economica é perra, tarda, torpida. Quando a luz gasta tempo em caminhar, já se póde imaginar que longo tempo é necessario para a propagação de um effeito economico, excepto, na questão vertente, o caso em que o comprador ou o vendedor é importador ou exportador, porque então esse effeito se manifesta promptamente.

Pensarão, talvez, aquelles que são retribuidos pelo Estado que, percebendo vencimentos fixos, elles comprarão mais barato, em virtude do

cambio alto, e continuarão a vender os seus serviços ao Estado pelos mesmos preços. Será isso uma illusão que durará pouco tempo.

Com effeito, com a baixa de preço de todas as coisas, verifica-se a baixa da arrecadação das rendas publicas, o que obrigará o Estado á reduzir, por meio de maiores descontos, os vencimentos actuaes dos funccionarios, com excepção apenas de duas classes, á tal respeito *previlegiadas*: altos magistrados e militares.

Haverá diminuição de renda publica, porque diminuirá o producto de todos os impostos *proporcionaes* ao custo do objecto da transacção, custo esse que diminuiu em consequencia da alta do cambio. Quanto aos objectos tributados em quantia *fixa*, *invariavel*, essa tributação se tornará tão exaggerada, tão perturbadora do equilibrio economico, que os poderes publicos serão forçados a reduzil-a.

Ainda temos uma meia duzia de argumentos para demonstrar que — cambio e prosperidade *hurlent de se trouver ensemble* —, mas não queremos augmentar o tédio e a irritação daquelles a quem, já vivendo difficilmente, ainda se deparam interminaveis dissertações sobre Cambio & C., que nada lhes aproveitam porque os proprios governantes não sabem distinguir o joio do trigo; sempre tomam a nuvem por Juno.

Vamos, pois, em breves termos, apresentar sómente mais duas hypotheses para corroborar o que já foi dito, e destruir essa idéa superstiçiosa e fertil de nocivos resultados.

Si é verdade que a alta do cambio condúz á prosperidade, é simples e expedito o meio de obtel-a. Prohiba-se a entrada de principaes artigos estrangeiros que podemos produzir no territorio nacional. Immediatamente o cambio adquire uma força ascencional, que o levará além de 27. O dinheiro em papel attingirá o seu maximo de agio, e o saldo a favor da exportação entrará em ouro no territorio brazileiro.

Que bella perspectiva de prosperidade! Uma população inanindo-se pelos preços fabulosos dos substitutivos productos nacionaes, mas tendo a satisfação de ver circular as moédas de ouro. Seria isso um justo remate do presente regimen todo *avenidal* e prophylatico: morreriamos á fome, esthetica e hygienicamente, e no meio do ouro indigestivel, inassimilavel. Sorte analoga á do arabe faminto do deserto que, quando pensava ter encontrado um sacco de tamaras, soffreu a cruel decepção de verificar que eram perolas.

Vejamos agóra a hypothese inversa.

Supponhamos que fôssem abolidos os impostos aduaneiros protectores das custosas industrias nacionaes, algumas da quaes são assim amparadas ha meio seculo ou mais.

Dahi resultava logo o augmento da importação e consequente descida do cambio. Entretanto, muito baixariam os preços dos productos *desprotegidos*, e encontrariamos num periodo mais proprio, ou, melhor diremos, menos miseravel.

Vemos, pois, que, na primeira hypothese, o cambio sóbe e a miseria augmenta; e na segunda, o cambio baixa e a miseria diminúe.

Semelhantemente, poderiamos admittir outras hypotheses em que se dá a inversão dessa coincidencia, sem que, por isso, taes resultados sejam paradoxaes, pois que elles procedem logicamente de *causas* bem definidas: e o cambio, nesses factos economicos, não é mais do que um *effeito* simplesmente accidental.

Não devemos, porém, nos admirar de que o preconceito em questão esteja muito radicado no espirito de nossos estadistas, si nos recordarmos do que aqui occorreu em epocha não remota.

Houve mais de um ministro de finanças que deu o triste espectaculo de convocar os gerentes dos bancos internacionaes, afim de que elles suggerissem meios suspensorios para o cambio, que já havia caído á altura dos calcanhares.

Tal procedimento, além de revelar a inaptidão dos consultantes, tambem mostrava que elles confundiam economistas com banqueiros ou prepostos bancarios, assim como outros confundem astronomo com astrologo, e metallurgista com forjador.

Como já havia cessado a emissão de dinheiro em papel sarapintado, esses ministros entendiam que tambem devia ter cessado *immediatamente* a quéda do cambio, como si neste mundo houvesse acções ou causas de effeitos instantaneos.

Por estas e outras, póde-se asseverar, sem a menor calumnia, que, si esta infeliz Republica se arrasta tão miseravel, é isso quasi que exclusivamente devido á incapacidade de seus governantes; e assim se tem desacreditado, entre nós, o mais nobre regimen de governo.

Tudo isso por desconhecerem o seguinte principio universal: — E' sempre falso todo o raciocinio que condúz a conclusões miraculosas.

Os tempos thaumaturgicos já vão longe, não voltam mais.

ERTY.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXIII

A Constituinte reatára o fio da discussão da lei fundamental, interrompido durante as sessões precedentes, pela agitação do caso do bergantim *Treze de Maio*. Os derradeiros estalidos da vóz brilhante de Antonio Carlos, levados pelos echos do recinto parlamentar, ainda se esvaíam lentamente de abobada em abobada...

O orador paulista havia, soberbo e inflexivel, bradado: «O Poder Executivo não ha de fazer sinão o que lhe ordenamos; obedecerá á vontade da nação e somos nós que representamos e exercemos a soberania. Eu, na verdade, sou irreconciliavel inimigo da ingerencia dum poder nas attribuições do outro poder; não admitto doutrinas anticonstitucionaes.

Nestas poucas palavras, proferidas pelo publicista orador, quantos erros concernentes á theoria da divisão dos poderes e que violenta ingerencia, annullando a competencia do Executivo, dando-lhe ordens, por conseguinte permittindo e praticando doutrinas anticonstitucionaes? Não admitte o principio da harmonia, que liga e vivifica os poderes.

O orador untre-se de sensações, que a sua vontade e consciencia psychologica irreflectidas não discriminam nem dominam. O caso do bergantim ministrava-lhe azo a uma explosão de fulminea eloquencia e de acendrados rasgos de patriotismo; assim, para produzir esses dois effeitos, sacrificou a logica do systema constitucional não só no tocante á divisão dos poderes, mas tambem no principio capital da representação da soberania. Nenhum poder, por si só, representa a soberania; todos reunidos, exercendo suas attribuições dentro da esphera traçada com os *limites* e *contrapezos* de que fala o publicista inglez, (1) fórmam a machina do regimen constitucional-representativo, em que obra a soberania. Antonio Carlos, porém, ou não quer comprehender o systema ou não se lhe dá de caír em flagrantes contradições e grosseiros erros, que se repetem em quasi todas as discussões, tratando-se do Poder Executivo depois da demissão do ministerio Andrada; emquanto este governava, uma simples pergunta era por elle qualificada de ingerencia; agóra declara que o ministerio ha de fazer o que a *Camara ordenar*. Mas, desde que professa a doutrina da divisão dos poderes, uecessariamente não deve conceber que um só poder represente a soberania, porque seria a negação do principio fundamental

da divisão; seria estabelecer o absolutismo que absorve um poder pelo outro e, desta arte, nullificado ficaria o systema.

Concluida a discussão do caso do bergantim *Treze de Maio*, a Constituinte activamente atarefou-se com o projecto da Constituição.

Suscitou-se logo ardoroso debate sobre o artigo 1º: *O Imperio do Brazil é um e indivisivel e estende-se desde a foz do Oyapok até os trinta e quatro gráus e meio ao sul.*

Muitos fôram os discursadores; entre elles, Carvalho e Mello, Pereira da Cunha, que invocaram os antigos tratados, que não resolviam a questão, a qual só em nossos dias ficou definitivamente ajustada. Araujo Lima, signatario do projecto, não o defendeu; os outros permaneceram silenciosos. Antonio Carlos, que não perdia occasião de orar, não tugiu nem mugiu.

Montesuma enviou á meza uma emenda; justificando-a, falou abundantemente, e combatendo a disposição do artigo, evideuciou os males que poderia produzir; depois de lucida e e vigorosa argumentação, concluiu: «Emquanto á 2ª parte do artigo, ainda insisto na suppressão, 1º porque é impolitico e perigoso; 2º, porque póde sacrificar, mesmo, o possessorio da nação, mal estabelecidos os pontos onde se marcam as raias pelo norte e sul; 3º, porque é manco e de fórma alguma preenche o fim, visto que falta limitar pelo occidente, o que se não faz; 4º, finalmente, porque nenhuma utilidade resulta de tal declaração, ao mesmo tempo que vamos deliberar precipitadamente, e o que é mais, sem inteiro e cabal conhecimento de causa. Já em outra sessão, mostrei o impolitico que era declarar limites ao Brazil, quando ainda não foi reconhecido Imperio; quando sabemos se aconselha na Europa o convocar-se um Congresso para conhecer dos destinos do novo mundo: muito estimaria a França ter um motivo, embóra injusto e attentatorio, para colorar a sanha que tem declarado a radicação das fórmas de governos representativos, para dizer melhor ao genero humano livre e independente, etc., etc.» Seguiu-se Henrique de Rezende, que submetteu esta outra emenda á deliberação da Camara: «Proponho que o titulo principie pelo que é artigo segundo, passando a 1ª parte do art. 1º para o titulo segundo, que será — do Imperio do Brazil e sociedade brazileira». Essa emenda não foi approvada.

O deputado Fernandes Pinheiro ponderou que, para «resalvar o Estado Cisplatino, fazendo parte do Imperio por federação, pronunciou-se na sessão passada: e tem notado que, por isso, a Assembléa está propensa a supprimir a 1ª parte do artigo, etc.»

Vergueiro, Carvalho e Mello, Pereira da Cunha, que proferiram bons discursos; Camara, Almeida e Albuquerque, Araujo Lima, Maia, falaram quasi no mesmo sentido a respeito do artigo. Julgada a materia discutida, propostas as emendas á votação, fôram rejeitadas. O artigo não passou qual estava redigido no projecto. Não foi approvada a emenda do deputado Vergueiro, mandando supprimir todo o artigo. A Camara, por fim, adoptou a emenda de Montesuma.

Releva notar que o proprio Antonio Carlos, que se ostentava tão sabedor, formulára uma disposição constitucional que, como demonstrou Montesuma, prejudicaria o possessorio do Brazil, quanto ao territorio; tal a sua inexperiencia.

Discutiram-se incidentemente outras materias, que motivaram disputas ociosas, frivolas, e muitas tomaram o tempo unicamente. Era isso natural, porque havia na Assembléa, além da reconhecida inexperiencia uma *comichão* de falar, segundo a expressão de Alencar, que assim qualificava a garrulice dos paes da patria.

Já vimos que o preambulo ministrou materia de vastas dissertações theologicas, em que sobresaiu principalmente o baliano Silva Lisbôa; em que outros, apenas, salientaram-se como tagarellas. A questão do territorio animou-lhes de novo a palavra e deu logar a tão porfioso debate, que realmente era escuzado desde que a Assembléa não conhecia com exactidão os limites do territorio componente do novo Imperio, conforme marcava o artigo que foi corrigido pela emenda do deputado Montesuma.

Cabe fazer, aqui, algumas observações a respeito de certos factos, muitas vezes reproduzidos, e que tiveram grande influencia nos destinos da Assembléa Constituinte, cujo descalabro provém do concurso de diversas causas.

Nesta mesma sessão de 15 de setembro, na qual se discutiu o artigo do projecto da lei fundamental, fôram apresentadas varias indicações que provam a lucta mal dissimulada, porém permanente, da Assembléa com o Poder Executivo, exercido pelo Imperador. O futuro e proximo successo, que resultará do decreto de 12 de novembro, não será um effeito sem causa determinativa. Ora colher, notar, e apontar as circumstancias que formam uma somma sufficiente de motivos que originaram aquelle decreto, é uma tarefa a que, conscienciosamente, a historia desse periodo da vida nacional, não deve furtar-se.

E' facto verificado e incontestavel que, desde as primeiras sessões da Constituinte, diversos deputados attribuiram ao Governo Imperial, por muitos actos violentos e illegaes que praticára, as perniciosas desconfianças que corroiam a alma do povo em todas as provincias do sul ao norte do Imperio. Essas manifestações comprovam-se com documentos historicos authenticos e irrecusaveis, como são os discursos proferidos no recinto parlamentar e conservados no *Diario da Camara*. Hoje o representante duma provincia affirma que o Imperador desconfia das nações e esta do Imperador, conclúe: *acabemos duma vez com taes desconfianças, seja uma só a vóz da nação e do Poder Executivo* (2). Amanhã o deputado Alencar, pugnando pela soltura do coronel Costa Barros, eleito representante do Ceará e encarcerado durante tres mezes sem culpa formada e sem indicios de haver commettido crime, dirá: não quero accuzar ninguem, mas o paiz inteiro está preoccupado e atemorizado com tantas violencias (3). Carneiro da Cunha, representante da Parahyba, declara-se coacto, sem liberdade para votar; sabe que as *espias seguras* da policia do ministerio Andrada farejam por toda a parte e que as gazetas do Governo teem vergastado brutalmente, como demagogos, republicanos, carbonarios, e desorganisadores, os deputados que votaram em favor dos projectos de perdão, de amnistia e da revogação do cruento alvará de 1818 (4). Ainda mais essas propostas da revogação do referido alvará e da concessão de amnistia e perdão indicam o estado afflictivo em que se acha a sociedade brazileira, estado tal que reclama esses poderosos remedios (5). Vê-se Lopes Gama, esforçando-se para que o Governo mande soltar prezos em Pernambuco (6). Outros deputados deprecam em beneficio de numerosos prezos que entulham os ergastulos da Ilha das Cobras, da Lage, etc.; rogam em favor dos jornalistas desterrados arbitraria e injustamente.

A Constituinte leva a sua opposição ao ponto de inquirir do Governo porque admittia no exercito taes ou taes officiaes. Ella fazia desse assumpto uma supposição odiosa que confirmava as desconfianças. Em verdade, naquelle momento, abrir as fileiras do exercito brazileiro aos officiaes do general Madeira, ainda tintos do sangue brazileiro, parecia indicar ou um plano de restabelecer o antigo regimen da monarchia tradicional, ou um supremo desdém pela nacionalidade que acabava de conquistar a Independencia e de proclamar o Imperio na pessôa do sr. d. Pedro.

O povo tinha, pelas apparencias, sobejas razões de duvidar do Imperador, que era portuguez e talvez premeditadamente chamava a si os seus anti-

gos conterraneos. Havia em tudo isso um equivoco bem claro, que o povo deixava de comprehender, como a propria Assembléa.

O Governo precizava de soldados e não os tinha no paiz, por isso lançava mão desses lusitanos que haviam, ha pouco, militado nos exercitos do general Madeira, porém agóra impotentes contra a causa brazileira, e não eram perigosos em nosso exercito. Dum lado, o governo de d. Pedro não poupava as susceptibilidades nacionaes; de outro lado, os brazileiros, odiando os seus antigos oppressores desde o tempo colonial, não tinham o criterio de bem ajuizar do procedimento do governo imperial; attribuiam-no, ao contrario, a planos sinistros e oppressores.

Havendo essas reciprocas desconfianças, entre o povo, a Constituinte e o governo imperial, desconfianças creadas e aggravadas pelas devassas e perseguições do ministerio de José Bonifacio, é intuitivo que a Assembléa e o Poder Executivo não podiam harmonizar-se.

Os dois poderes hostilizavam-se com dissimulação. A Constituinte não perdia occasião de patentear a sua má vontade a respeito do Executivo e já temos apontado muitas. Vamos, todavia, tratar duma que é visivel e não póde ser posta em duvida.

Na sessão de 15 de setembro, depois da discussão do artigo do projecto da Constituição, o secretario leu o seguinte officio do ministerio da guerra:

«Ordena s. magestade o Imperador que eu communique a v. ex. para ser presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, que acabam de chegar á secretaria de Estado dos negocios da Guerra, officios do governo e governador das armas da provincia de S. Paulo, datados do dia 6, em que participam não ter occorrido circumstancia notavel na provincia; accrescentando o Governo que por ter vindo no conhecimento de que na devassa, a que tinha mandado proceder, se ia conhecendo sómente rivalidades entre alguns individuos, a qual muito se augmentaria com os depoimentos, a mandára sustar. — D. G. Paço, 15 de setembro de 1823. — *João Vieira de Carvalho.*»

O deputado Montesuma diz: «parece-me que este officio deve ir á commissão. Ha indicações para propôr e estas não merecem menos attenção que o parecer...»

O presidente submetteu a questão á Assembléa, que decidiu que se lesse o parecer que contém as seguintes idéas: «o ministro da Guerra participa a Assembléa que o estado politico da provincia de S. Paulo, em que se manifestára uma conjuração projectada em opposição ás ordens de s. m. Imperial, como fez saber o governo provisorio da mesma provincia, exige as deliberações que assignalem até que ponto pódem levar-se as medidas extraordinarias, é de parecer que se agradeça a s. m. Imperial a sua tão louvavel conducta na desejada e promovida harmonia entre ella e o Governo, e depois lhe faça saber que a mesma Assembléa considera não serem necessarias deliberações particulares no caso occorrente, quando o Governo, no livre exercicio das suas competentes attribuições e conforme as disposições das leis existentes, tem a seu alcance todos os meios de repellir e destruir taes obstaculos e criminosas malversações oppostas ao socego publico e bem do Imperio. — Paço da Assembléa, 15 de setembro de 1823.»

Deste parecer vê-se que, por sua parte, o Governo procura proceder de harmonia consultando a Camara: é este sempre o seu proposito, ou natural, ou por calculo, para destruir as desconfianças.

Agóra apreciemos o modo pelo qual foi julgado o seu procedimento. E' no estudo destes factos que podemos formar um juizo acertado das causas dos acontecimentos.

O deputado Vergueiro observa que se tirem do parecer os agradecimentos, porque póde entender-se que queremos que venham a esta Assembléa mais destes negocios que não são da nossa competencia. Antonio Carlos, porém, quer ainda mais: que se não uzem expressões, de que possa colligir-se que o Governo tem em suas mãos todos os meios; o Governo não tem sinão os que lhe competem; os meios extraordinarios... eu nunca lh'os concederei.

Aqui, manifesta-se o espirito de opposição do orador paulista ao ministerio que succedeu ao de seu irmão, e o seu proposito de contrariar o Governo do Imperante.

Nesta sessão, abundam as circumstancias que ainda avolumam os motivos que irritam o animo do Imperador contra a Constituinte.

Montesuma diz que, lendo o *Diario do Governo*, de 13 deste mez, achou uma portaria do ministro da Guerra, em que elle se exprime por uma maneira ao que deliberou a Assembléa e de que póde resultar a esta; a palavra empregada — para o futuro, alguma responsabilidade, resolveu — quer dizer, tomou conhecimento do negocio como attribuição sua, remettendo ao Governo a resolução para a executar. Entendo que a Assembléa não tomou conhecimento, sinão porque foi consultada pelo Governo.

Montesuma referia-se ao caso do marechal Luiz Paulino e bergantim *Treze de Maio*. Dizia ainda: «não queremos nada do Poder Executivo». Ao passo que isto se ouve na Assembléa, Antonio Carlos, antes, na mesma questão do bergantim, bradava: «*O Poder Executivo ha de fazer o que lhe ordenamos; somos nós os representantes da soberania.*»

Ainda, nesta mesma sessão de 15 de setembro, Montesuma proferiu o seguinte: «Não posso ser surdo aos clamores da minha provincia que tanto soffreu da barbaridade lusitana, nem ver com indifferença que sejam attendidos aquelles mesmos que a flagellaram». O orador bahiano tratou dum official lusitano que perseguiu os brazileiros na Bahia, e foi admittido ao nosso exercito, e exclama: «Que, senhores, é possivel tal? !» Declara que muitos que ensanguentaram as mãos infames no sangue brazileiro, fôram preferidos, tendo pelejado contra a nossa independencia. Accuza acerbamente o ministro da Guerra; termina mandando esta indicação: «Proponho que se remettam á commissão de guerra as portarias e certificados juntos sobre a admissão ao serviço brazileiro dos officiaes lusitanos, etc.»

Parecendo que o capitulo não estava completo, surgiu na tribuna o deputado pernambucano, Henriques de Rezende, que se expressou desta maneira: «Ha ahi um official que foi do 2º batalhão de caçadores em Pernambuco no tempo de Luiz do Rego, incansavel em perseguir os pernambucanos na causa que sustentavam... Depois foi, com outros, mandado para Portugal, e lá formaram corpos de tropas para virem á Bahia, onde derramaram muito sangue brazileiro. Quando o general Madeira se retirou, o tal official passou-se para o interior e acha-se hoje bem empregado. Foi por isso que offereci um projecto de decreto; o tempo está mostrando que eu tinha razão». Carneiro da Cunha, que é um dos espiritos independentes e de nobre e altivo caracter, disse: «não é só aqui que ha destes individuos, existem em todas as provincias. Fôram pedir armas contra nós a Portugal, voltaram, nos hostilisaram, e hoje são admittidos ao nosso serviço: apontou um certo coronel Loureiro». Por fim, o deputado Calmon (irmão do marquez de Abrantes) affirmou que a Bahia pasma de ver que estes lusitanos ainda estejam no Brazil; que tenham vencimentos e se lhes conte a antiguidade mesmo do tempo em que tomaram armas contra o Brazil.»

Quando a representação nacional no Parlamento, propalava taes pensamentos, necessariamente levantava-se o odio publico, a desconfiança geral contra o governo do Imperador, que empregava, no exercito brazileiro, os lusitanos que combateram os patriotas sustentadores da causa sagrada da emancipação politica.

Certamente o Imperador não podia ver com agrado uma Assembléa, reputada incapaz para promover o bem publico, mas occupada em discutir assumptos que tornavam o seu governo detestado e concitava contra elle as coleras de uns, a indifferença de outros e lhe arrancava da alma do povo aquelle prestigio, enthusiasmo, que elle amava e de que tanto se ufanava. Os actos, as palavras da Constituinte, cada dia, a compromettiam no conceito do chefe do Estado, que todavia dissimulava, meditando o modo de nullifical-a em conjuntura em que não falhasse o golpe.

Lendo-se os documentos dessa epocha e comparando-se os do Governo Imperial com os da Constituinte, admira-se a moderação, o calculado tino, com que procede o Governo; ao contrario, surprehendem a leveza, as exúberancias da imprudencia, a ignorancia e muitas vezes a subserviencia da Assembléa Constituinte.

Não ha um acontecimento que o Governo não communique e não peça a opinião e o concurso da representação nacional, provando a sua bôa vontade de marchar em harmonia com ella. Assim fez quando aqui aportaram o bergantim *Treze de Maio* e a fragata *Voadora*, com os commissarios portuguezes.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Bagehot, *Const. of Engl.*
(2) Discurso do padre Dias, sessão de 6 de maio.
(3) *Diario da Camara*, sessão de maio.
(4) Idem.
(5) Idem.
(6) Idem.

O ALMIRANTE (84)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

Amelia passou o resto do dia com a marqueza, aguardando a promettida visita de Dolores. Ao menor rumor de carruagens na rua, ella estremecia, erguia-se para verificar si se dirigia ao palacio e volvia á interrompida conversação sobre as pequenas futilidades femininas, sobre os successos de mais destaque na vida fluminense. Vieram os amigos habituaes, d. Eugenia, o conselheiro, o Castrinho cujas visitas se tinham tornado raras, tão preoccupado vivia com os negocios, a febre dos negocios que, numa superexcitação aguda, empolgava toda a gente. Laura acompanhára os paes, mas se lhe notava no semblante algo de estranho, um tom de medo, de acanhamento nublando aquella meiga expressão de ingenuidade encantadora, frequentes congestões de pudor nos momentos em que o seu timido olhar relanceava sobre Hortencia e Oscar.

Approximou-se a noite precoce, precedida pelas sombras das montanhas, suave penumbra que se derramava pelo valle como um liquido escorrendo, confundindo num tom indeciso, cada vez mais escuro, a floresta, o arvoredo do parque, os pictorescos accidentes da paizagem, sobre a qual se destacavam, incendiados pelos raios do sol tombante, os picos eriçados de rochas rubras, emergindo asperos da alcatifa de folhagem sombria.

A anciedade de Amelia se aguçava em excitação mal contida. Ella não podia disfarçar o perverso empenho de gozar o percuciente espectaculo da scena commovedora que Dolores provocaria, no primeiro encontro com os esposos.

Quando se dirigiam todos para o salão de jantar, chiou uma carruagem na areia branca do jardim. Amelia dirigiu-se rapidamente para o peristylo, onde se apeiou o dr. Adeodato.

— E Dolores? — inquiriu Amelia.

— Minha mulher — respondeu elle — deu agóra para mudar de opinião a cada momento. Estava preparada para vir. Ella mesma me havia proposto esta visita, com a qual concordei, apezar dos innumeros afazeres que me não deixam um momento de repouso; mas... á hora da partida, ficou muito pallida, a tremer, numa extraordinaria excitação nervosa, que terminou em lagrimas. Ah, minha senhora, de certos dias para cá, não comprehendo a minha querida esposa, não sei que transformação se opera nella, não é a mesma.

Adeodato falava, dirigindo-se para o salão, onde foi recebido pela marqueza, renovando o pedido de informações da saúde de Dolores, das causas de sua tão prolongada ausencia.

— Eu dizia a d. Amelia — respondeu Adeodato, em tom de lastima — que Dolores está atacada dos nervos. Não tem mais vontade, não se governa. A mulher adorada se transformou numa viva contradicção, num enigma...

Amelia franzira os sobrolhos e apertava as mãos com impaciencia pelo mallogro da sua espectativa.

Ao começarem o jantar, ouviu-se o sonoro echo longinquo do piano de Hortencia, executando um nocturno celebre, cuja melodia, coada no silencio da noite, se espalhava á surdina, saturando o ambiente com um tom de mystica melancolia, como si transportasse os queixumes de um coração dolorido. Todos os olhares se dirigiam para o ponto luminoso que rutilava atravéz da folhagem negra, indicando os vitraes multicores das janellas do *chatô*, onde Hortencia enchia as longas horas com aquella diversão, recordando os trechos favoritos do seu repertorio.

— Não esperava esta agradabilissima surpreza — exclamou o doutor Adeodato — Esta musica suggere-me a triste situação da minha querida esposa, sósinha em casa, entregue ás suas mysteriosas maguas.

— Mysteriosas maguas? — interrompeu a marqueza, sorrindo.

— Maguas moraes, talvez — accrescentou Amelia, accentuando as palavras.

— Não sei si são moraes, ou physicas — concluiu Adeodato — Ella não se queixa, nunca me revelou o mal que a afflige. E como eu me acostumei a respeitar os seus caprichos, não insisto; resigno-me a ignorar para soffrer menos.

— Mas um marido como o senhor — tornou Amelia — tem o direito de desvendar todos os segredos da mulher, de conhecer-lhe o coração sem véos, soffra ou seja venturosa.

— Eu sou um marido, cuja tranquillidade depende de não me abalançar a intervir: observo e espero. Deixo-lhe essa intensa liberdade de que é tão ciosa.

— As mulheres necessitam de sentir a influencia de um sêr superior a ellas, que as dirija e até que as conduza. Algumas se apaixonam pelos homens fortes, severos, de coração aspero que sejam capaz até da extrema brutalidade de castigal-as — observou Amelia.

— Essas — atalhou o conselheiro — soffrem da inopia de educação; figuram entre as creaturas infelizes que reprodúzem o atavismo da barbaria, a hereditariedade da infima condição primitiva da mulher escravisada ao homem, a mulher ciosa, a mulher sem alma. Em uma senhora não se bate nem com uma flôr.

A marqueza e d. Eugenia approvaram com um gesto significativo a tirada do conselheiro que, para ellas, falava sempre com sabedoria, acerto e perfeita noção da psychologia humana.

— Com a minha esposa — ponderou Adeodato — o caso é inteiramente diverso. Ella é soberana a cujo despotismo me submetto sem protesto.

— E faz muito bem — approvou a marqueza — O despotismo de uma mulher bonita é um jugo delicioso.

— O de Dolores é dos mais suaves: trocamos, numa perfeita harmonia, os nossos direitos. Eu lhe deixo inteira liberdade; ella me permitte absoluta autonomia, reproduzindo a harmonia e independencia dos poderes.

Adeodato sorriu satisfeito da phrase que repetiu para fixal-a bem na attenção do auditorio.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

Origens do homem—As investigações de A. Gaudry—A hypothese de Hæckel—Confirmações de Cimbali e Schoetensach—O berço da raça humana.

Na revista italiana *Nuova Antologia*, Giuseppe Cimbali, discipulo do paleontologista francez Alberto Gaudry, discute o futuro da paleontologia e mostra como, em diversos paizes da Europa, por meio de museus e conferencias scientificas, a historia dos fosseis, que é a historia da vida da terra, váe sendo lida e entendida pela massa da população.

As conclusões dos antigos scientistas fôram frequentemente contestadas pelas recentes investigações. Em data recente, a maior parte delles não acreditava na existencia do homem fossil, muito embóra Gaudry, em 1878, chamasse a attenção dos especialistas para a grande semelhança com o homem de um fossil dos *Dryopithecus antiquus*, um ape anthropoide descoberto nas camadas miocenicas, médias da França, demonstrando a grande antiguidade da especie humana. E Cimbali affirma que, não sómente está provada a relativa antiguidade do homem, como algumas descobertas tornaram admissivel a hypothese de Hæckel, suppondo que o homem actual, com os primates, descendiam do mesmo typo ancestral, que, na epocha miocenica, já era um anthropoide e, na pliocenica, um pithecoide. Como passos para essa conclusão, Cimbali nota a descoberta de um esqueleto de um *pithecanthropus erectus* em Java, em 1894 e as de Schalbe, em 1901, sobre o craneo Neanderthal, de uma especie intermédia entre o homem e o ape anthropoide. O mesmo auctor notou mais a descoberta de esqueletos em Gadeloupe, perto de Liège, na Belgica e outros, demonstrando que, em epochas remotas, o homem deveria ser tão differente da especie actual que não mereceria a denominação de *homo sapiens*, indicando, afinal, a existencia de tres especies de homem em tres differentes epochas geologicas.

Otto Schoetensach, em uma recente obra sobre as raças australianas, pretende, partindo da descoberta do ape-homem javanez, demonstrar que o berço da raça humana é precisamente o chamado novissimo continente, a Australia. Isto está confirmado pelas investigações deste auctor, pela persistencia das raças humanas inferiores, do orango-otango e do gibbou no archipelago indo-australiano e pela recente descoberta de pegádas humanas misturadas com as do *dingo* em camadas pertencentes ao pliocenio ou ao mais remoto periodo quaternario da Australia e, ainda, pelas mandibulas humanas descobertas, em 1904, em Monaco, muito semelhantes ás actuaes fórmas australianas.

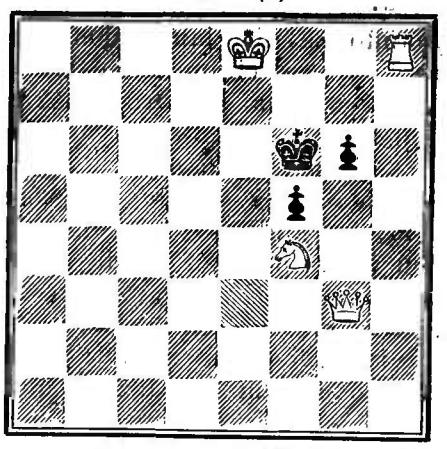
Notam-se diversos claros a encher nas séries animaes e que, no problema do homem, se descobrirá o typo ancestral donde vieram elles e os primates, a maneira das transformações nos typos do Neanderthal e de Java. O conhecimento actual de outros typos animaes é diminuto comparado ao que está ainda occulto nas entranhas mysteriosas da terra.

XADREZ

PROBLEMA N. 50

H. de Barros e Azevedo (Rio)

PRETAS (3)



BRANCAS (4)

Mate em dois lances

***

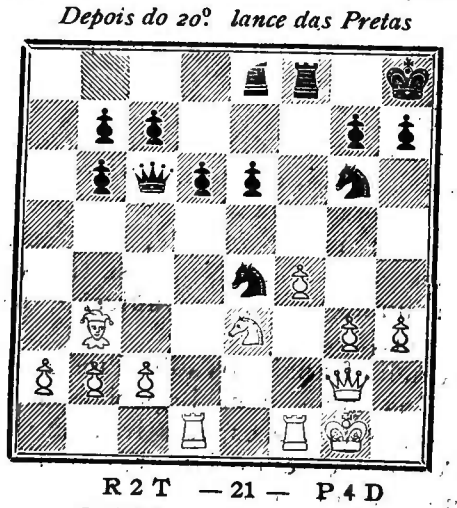
PARTIDA N. 56

(Jogada no Club dos Diarios a 4 de maio de 1906)

ABERTURA DO BR

Brancas (Teichmann)		*Pretas* (Leloir)

Depois do 20º lance das Pretas



R 2 T	— 21 —	P 4 D
P 5 B R	— 22 —	P × P (*a*)
C × P (*b*)	— 23 —	T 1 D !
B × P ? (*c*)	— 24 —	T × B
C 7 R (*d*)	— 25 —	T (4 D) × T ! (*e*)
T × T (1 B) x (*f*)	— 26 —	C × T
C × D	— 27 —	T 7 D
C 8 D	— 28 —	T × D x
R × T	— 29 —	C 3 D
P 4 T D	— 30 —	P ç C R
P 4 C D	— 31 —	R 2 C
P 4 B D	— 32 —	R 3 B
P 5 T D	— 33 —	R 3 R
C × P !	— 34 —	P × P (*g*)
C × P	— 35 —	C 2 D !

Depois de mais alguns lances as Brancas abandonam. (*h*).

(*a*) Não ha melhor. Si 22... C 2 R, 23 — P × P, D × P, 24 — B × P, etc., e é a derrota das Pretas.

(*b*) Começa aqui Teichmann uma combinação de apparencia brilhante mas errada no fundo. O lance correcto era 23 — B × P e a partida estaria ganha.

(*c*) Um erro. As Brancas não previram o magnifico lance das Pretas 23... T (T D) × T, que é positivamente irrespondivel. O sacrificio é aqui descabido, mas, a ser feito, antes 24 — T × P, o que, aliás, é muito máu.

(*d*) E' o que dizemos: é brilhante, mas falso. Para chegar a esta situação é que se fez o sacrificio do bispo.

(*e*) Absolutamente decisivo. 25... C × C seria mán; 25... C × C; 26 — T × T x, C 1 C; 27 — T × T, D × T; 28 — T 8 R, C 3 B R; 29 — D × D, C × D; 30 — T 1 C D, etc., com a nullidade assegurada e perspectivas de victoria. A variante 25... T (1 B) × T é interessante e parece que daria tambem superioridade ás Pretas.

(*f*) Parece unico. 26 — C × C x, P × C; 27 — T × T x e a peça está sempre perdida. Si 26 — C × D, T (8 D) × T; 27 — D × C, P × C, etc.

(*g*) E' evidente que si 34... C × C, o pião da torre faz Dama.

(*h*) E' bem claro que o sr. Leloir não se póde imaginar um mestre por ter ganho a Teichmann esta partida, graças a um erro grosseiro deste. No emtanto, raros amadores se aproveitariam com tanta habilidade do erro do mestre para precipital-o em uma derrota irremediavel.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA (inverso) N. 48 (*Annibal da Costa Pereira*): 1—R 3 B, B 1 T; 2—R 2 C, B 2 C; 3—R 1 T, B 1 T; 4—B 1 C, B 2 C; 5—D × P x, B × D mate. Ou 4 — B 1 C, P 4 B x, 5—D 6 B x, B × D mate.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

— «*Soliloquios* e manual que compoz o glorioso doutor da Egreja Santo Agostinho», traducção do latim em portuguez, edição modernisada e correcta para servir tambem de texto classico, da casa Garnier.

— «*O* Talisman ou Ricardo na Palestina», versão portugueza; edição da mesma casa.

— «*Eurico* o Presbytero», de Alexandre Herculano; edição da mesma casa.

— «*O* Monge de Cistér», do mesmo auctor; edição da mesma casa.

*

— *Imprensa Academica*, revista mensal de oito paginas, orgão dos academicos de São Paulo. Dos academicos de Direito, bem entendido; não o diz o programma mas deixa ver isso o estylo. O programma não é bem programma porque isso é «perfeitamente despiciendo» — como lá diz o director da revista.

Desejamos-lhe longa vida e mais paginas, de tal modo sequiosos nos deixaram as suas oito.

ANNO III — Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1906 — Num. 85

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Chegam aos nossos ouvidos attonitos, pavorosos echos do longinquo Estado de Matto Grosso, conflagrado pela politicagem, cujos desmandos, cujo despotismo barbaro estão justificando o extremo recurso ás armas.

Acuado na sua usina, defendendo a sua propriedade e a cadeira onde exerce o supremo poder sobre aquelles botocudos, excluidos da civilisação pela degeneração dos costumes e pela distancia, o presidente do Estado appellou para o art. 6 da Constituição, impetrando do presidente da Republica os meios indispensaveis para a manutenção da ordem, seriamente ameaçada pelos revolucionarios sob a direcção do bravo coronel Ponce, transformado em caudilho *pró* ou *contra* o governo local, conforme os interesses feridos. O velho matuto conhece, por dolorosa experiencia propria, os terriveis effeitos das deposições, e aprendeu, á custa de decepções amargas, como se organizavam as Legiões Campos Salles, victoriosas quando o Governo Federal lhes esquenta as costas.

Agóra o caso mudou inteiramente de aspecto: a legião Ponce irá cantando hymnos de ephemera victoria, emquanto estiver bloqueando portos indefezos com a flotilha de lanchas, cheias de patriotas armados, *à la diable*, com carabinas de todos os systemas e canhões angariados na revolução anterior. Em poucos dias, porém, chegarão áquellas aguas revoltas do Paraguay as forças federaes commandadas pelo bravo general Dantas Barreto; chegará, não parte da flotilha velha, escangalhada, que finge guardar aquella fronteira, mas uma divisão poderosa, com torpedeiras, o *Tiradentes*, impondo aos revoltosos o respeito á Constituição e obediencia a essa coisa pomposa e ridicula: o poder legalmente constituido.

As legiões do caudilho Ponce teem poucas probabilidades do triumpho; serão dispersadas, resistam embóra com o heroismo do desespero, e procurarão refugio no seio amigo das paragens inhospitas contra a vindicta do regulo sobreexcitado pela victoria, até que uma caridosa amnistia os restitúa ao goso dos direitos civis e politicos.

E como não ha desgraça que não tenha alguma utililidade, essa derradeira revolta de Matto Grosso veio demonstrar que aquella immensa fronteira está completamente exposta á primeira investida de um aventureiro, que, tanto póde ser um caudilho revolucionario brazileiro, quanto um um caudilho estrangeiro, testa de ferro de sorrateira aggressão de algum dos nossos amaveis visinhos, cuja sensibilidade muito melindrosa se arrepia pelo mais futil dos pretextos internacionaes.

Ha poucos dias, o telegrapho nos transmittiu com certo azedume a pessima impressão causada no Paraguay pela insolita solemnisação da batalha de Tuyuty, solemnisação que se reduziu a uma formidavel ostentação do exercito da Guarda Nacional, absolutamente inocua e puramente ornamental. Imagine-se o que aconteceria si, em vez dessa simples parada, nos désse na telha cobrar, ao menos, o juro do que elles nos devem ?... Arrumar-nos-iam os seus canhões, carregados como o bacamarte *Padre Eterno* de um celebre bandido cearense, entupido, até á bocca, com os doze apostolos, as onze mil virgens, tres padres da Companhia e mais algumas congregações!..

A revolução demonstrou como alguns calhambeques pódem fechar o accesso a Cuyabá e reduzir a população, inclusive a impotente guarnição federal, a pão e laranja, aos horrores da fome. Demonstrou mais que um Estado riquissimo de recursos naturaes, esparsos no seu vasto, no seu ubertoso territorio, póde ser empolgado pela miseria, porque não produz, como a grande maioria dos Estados brazileiros, generos alimenticios, ou dependem do estrangeiro no que concerne aos essenciaes elementos de nutrição. Demonstrou mais que aquelle Estado não dispõe mais dos meios de defeza postos a brilhante prova na heroica resistencia á invasão paraguaya pelos immortaes heróes do forte de Coimbra. E' que nós ha trinta annos dormimos desapercebidos á sombra desses velhos loureiros.

A requisição do trefego Totó Paes de Barros encontrou benigno acolhimento no seio do Governo Federal, que obedeceu á dura lettra de art. 6º da Constituição, e firmou a doutrina de que as revoluções são sempre movimentos criminosos, quaesquer que sejam os motivos que as ligitimem.

Ninguem tem razão contra o despotismo dos governos estadoaes, sejam embóra notorias as suas violencias aos direitos e ás pessôas dos cidadãos submettidos á sua ferrenha, á sua brutal tyrannia. O povo, privado de todas as garantias legaes porque o direito e a força estão no poder dos régulos, nas unhas das olygarchias, vorazes como a do Ceará, não póde recorrer á magistratura, que é instrumento delles e tem de se resignar, de soffrer em silencio, para não perturbar a sacratissima ordem publica, que é a anarchia produzida pela caprichosa vontade dos dominadores.

Quando os clamores dos opprimidos atormentam a serenidade olympica do Cattete, o presidente da Republica observa com desconsoladora uncção que lhe é impossivel intervir e aconselha com paternal ironia o recurso aos meios legaes ou que se submettam, pacificamente, como carneiros, como bons cidadãos, ao que é irremediavel. Quando, porém, desilludidas, callejadas de decepções, as victimas se insurgem e põem em apertos os dictadores que são

a vergonha da Republica, manda a Constituição, ordenam as preoccupações sentimentaes pela manutenção da ordem se lhes forneçam os auxilios de forças que elles requisitarem.

Parece que, recaíndo sobre o chefe do Poder Executivo a responsabilidade de todas as consequencias de seu auxilio armado aos governadores, a obediencia ao art. 6º da Constituição deveria emanar do julgamento das condições precarias que determinassem o pedido de força, a legitimidade, a justiça da requisição, a menos que se não colloque o presidente da Republica na penosa situação de subordinado passivo, amarrado ao texto constitucional. Si quem tem liberdade para dar, deve tel-a para recuzar, é concludente que a requisição de intervenção da força federal deve ser submettida a exame para se lhe julgar a necessidade, a opportunidade e a procedencia.

E, uma vez que a requisição teve acolhimento, foi satisfeita presurosamente, como si houvesse sangria desatada naquelle membro da União, é de crer que, bem ponderadas as circumstancias, bem examinados os motivos, se decidiu que a razão estava com o Totó Paes, que o senador Azeredo — sem pedir licença ao outro, o *sóba* Accioly—não cessa de qualificar, e com insistente irreverencia, de satrapa, de régulo e outros nomes feios.

***

Console-se o nosso querido amigo e illustre senador com essas vicissitudes da politica : um dia, estaremos com o cabo ; outro dia, com as pontas do rêlho.

Em todo caso, venha de lá esse sanguesinho para a consagração suprema do *bloco*, bem necessitado dessa agua lustral das grandes idéas.

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

***

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Algum tempo depois da nossa chegada, nos principios do mez de agosto, estavamos reunidos, com excepção do chefe e do Joaquim Pimentel, no rancho onde se aboletavam o Guilherme Lassance e o Dantas.

Já haviamos terminado o jantar, composto de conservas de carne e de peixe, que era só o que se podia ter regularmente em tão altas paragens, numa região balda de recursos e banhada por um rio conhecido pela sua pobreza proverbial. Aquella alimentação que, nos primeiros tempos, nos cauzava certo prazer pela novidade, no fim de alguns mezes tornou-se intoleravel ao paladar e produziu-nos desordens no apparelho digestivo, que augmentaram de intensidade até o fim dos quatro longos annos que por lá andámos. Depois do jantar, veio o café e, com elle, a conversa.

Era a hora triste do caír da tarde, quando o sol, despedindo-se, desperta a saudade e amargura o espirito na melancolia da solidão. Palestravamos sobre a demora dos trabalhos. Os venezuelanos não chegavam e ficariamos no deserto esperando por elles, que *não tinham pressa de certo*. De critica em critica, de queixa em queixa, chegou-se á lancha *Araujo*, amarrada no remanso do sitio do Palheta, em Camanáu. Transparecia levemante na conversa a ponta acerada e picante dum remoque. A compra foi censurada por um dos companheiros mais *despachados*. Outro secundou-o, dizendo :

— Bem andámos em não concordar com essa despeza inutil.

O sangue ia-me subindo ás faces. Parecia que aquellas palavras eram dirigidas a mim.

— E' verdade — accrescentou um terceiro — comprou-se uma lancha ordinaria, que pouco ou nenhum serviço prestou á commissão, e lá está inutil, de fogos apagados, e pagando-se ainda por cima a machinistas, foguistas e cozinheiros.

Cada censura daquellas era um espinho, que me pungia o amor proprio. Eu era, na roda, o unico que havia sido de opinião favoravel á compra. Longe de defendel-a, conservei-me mudo, ouvindo, sem replicar, a condemnação de um acto que aconselhei, convencido da sua utilidade.

Já era noite quando me despedi dos bons amigos. Havia tomado a minha resolução e fui dalli á casa do Araujo. Sem rodeios, disse-lhe peremptoriamente :

— Amanhã cedo, desço para Camanáu, afim de trazer a lancha. Peço-lhe, como immenso favor, que me não negue o seu consentimento.

Vi-lhe no olhar, meio apagado, um lampejo de alegria. Era, porém, uma alma bôa e singela, como poucas tenho conhecido, e, sobretudo, generosa. Reflectiu um momento e disse, sério :

— Não... não posso acceitar este sacrificio. Você não irá.

Dei uma risada e retorqui :

— Deixe-me ir. Dentro de poucos dias, estarei de volta. Prepare os foguetes. A lancha entrará no porto apitando e embandeirada em arco. Verá.

Reviveu com a esperança o desejo de vel-a acima das cachoeiras, e deixou-se convencer. Fui para a minha casa, onde morava tambem o meu bom e mallogrado amigo Joaquim Pimentel, que morreu, victima da sua dedicação pelo serviço publico, nas cabeceiras do rio Memáchi, onde, ainda nos seus ultimos dias, ia carregado para o serviço.

— Sabes que vou buscar a lancha ?

— Estás gracejando.

— Não. Desço amanhã e o Araujo concordou.

— Não irás. E' uma imprudencia e elle não deve consentir.

— A minha resolução é inabalavel. Si não fôr buscal-a, deixarei a commissão.

— E' questão de capricho, então ?

— Sim, é.

E contei-lhe o que havia passado. Chamei o meu camarada e dei-lhe as ordens para a madrugada. Aos outros companheiros fui annunciar a partida. O Dantas, que não se aforrava com ninguem, bateu-me no hombro, dizendo :

— Você pensa que é ainda alferes do Dezeseis ?

Achei graça no meu caro compadre. O illustre Lassance, como homem prudente e engenheiro provecto, deu-me alguns conselhos, como fôssem: mandar tirar a tolda pezadissima e revestir de taboas a prôa da lancha para defender dos choques o casco de ferro. Eu faria aquillo que me indicassem as circumstancias do momento. Abracei-os e despedi-me. Dahi a pouco, dormia no meu rancho.

Já os gallos do povoado e dos sitios proximos amiudavam o canto, quando me levantei prompto para partir. A minha canôa *Dinorah* já estava com a tripulação a postos. A madrugada era bastante fresca. Não despontavam ainda as barras do dia, e Jupiter campeava soberbo, quasi no zenith, com a sua bella luz fixa, num céo purissimo e esplendidamente illuminado por grande multidão de estrellas brilhantes, dentre as quaes mais scintillavam as das bellissimas constellações do Orion, do Grande Cão, do Touro e do Navio. O rio reflectia no espelho polido das

suas aguas negras, como si fôsse um horisonte artificial, as imagens daquellas myriades de pontos scintillantes, que se alongavam quando a brisa lhe franzia a face de leve. Levando comnosco as nossas esperanças, vogámos tranquillos por elle abaixo.

O horisonte, do lado do nascente, se foi tingindo suavemente de violeta, e os astros mais baixos pouco a pouco se apagavam. O céo parecia ir-se illuminando com outra luz. Houve um momento em que Syrius, solitario, bruxoleava ainda, despedindo frouxamente seus raios esverdinhados. Lançou o ultimo lampejo e sumiu-se nos turbilhões de luz, que vinham como batedores do sol glorioso que subia. Nuvens tenuissimas, delgados estratos muito alongados, listrando o céo, coloriam-se successivamente de alaranjado e de amarello; e quando o grande disco rutilante surgiu meio achatado sobre o cimo recortado da floresta fronteira, reflectiram imagens sanguineas matizadas de ouro.

Aquella opulenta natureza, ainda havia pouco tão tetrica na sua solemne semi-nudez, parecia toda alvorotada. E' que renascia aos beijos de fogo daquelle sol, que é a origem da vida e do movimento. Os calices rubros das passifloras que pendiam sobre as aguas, abriam-se abraçando a corôa de espinhos da corolla arroxeada que guarda as cinco chagas do verticillo dos estames e os tres cravos symbolicos da cruz, nos pistillos alvos e salientes.

Um bando arisco de garças candidissimas passava por cima de nós em linhas ondulantes, bem altas, velejando serenas para a margem esquerda, a pouzarem em alguma lagôa piscosa, que ficou dos *igapós* das enchentes. Os martin-pescadores, de peito branco e costas esverdinhadas, voavam rapidos, de bico estendido, gritando e batendo as azas, para esperarem mais adeante os peixes nas correntezas. Alguns biguás, negros e magros, assustaram-se com o bater dos remos e voaram arrastando-se á tona d'agua até sumirem-se numa volta. Os botos negros; os tucuxys lizos e anafados, vinham á tona, dando cambalhotas todas as vezes que o igatiyua (proeiro) batia n'agua com a pá do remo, dando um assobio. As lontras, *jauracácas*, levantavam-se curiosas, avançando sobre a canôa e respondendo com esganiçadura especial e repetida aos gritos imitativos dados pelos indios, batendo na garganta com as pontas dos dedos.

Todos soffriamos o influxo benefico daquella manhã fresca, que dava mais vigor aos musculos enrijados dos remeiros. A *Dinorah* corria velóz pelo canal profundo, de cuja superficie liza começavam a levantar-se flócos de vapores alvadíos que pareciam nuvens de incenso que subiam ao creador de tantas bellezas daquella natureza selvagem e opulenta.

O sol elevava-se adustivo, mas todos nós estavamos habituados aos seus raios de fogo, que já nos haviam crestado. Sentado á porta da tolda baixa via, o suór correr pelas costas lusidías e musculosas dos meus homens que, sentados nos bancos, com as pernas encolhidas, sem camisa nem chapéo, remavam sem parar, mas á vóga descançada, compassada, larga, e variando o rythmo. De vez em quando, um derramava na cuia, com que se exgotava a canôa, um punhado de farinha, enchia-a d'agua até á borda, soprava de leve algumas fibras lenhosas que sobrenadavam e bebia o *chibé*, duma assentada, mexendo-o de continuo com o pollegar.

O rio estava cheio e a *igara* descia á desfilada, sósinha naquella solidão.

Passámos por São Marcellino, pequeno e pobre povoado na bocca do Xié. Pela volta do meio dia, encostámos ao sitio de um velho indio baré, onde parámos algum tempo para séstear.

Era bastante ladino, já havia descido muitas vezes a Manáos e desempenhava o *alto* cargo de inspector de quarteirão, que, longe de render-lhe alguma coisa, só lhe dava fadigas, dissabores e até despezas, porque tinha de fazer viagens longas, afim de ir avizar aos indios sob a sua jurisdição para se apresentarem, em dia marcado, ao subdelegado, quasi sempre negociante, que precizava delles para a safra da seringa ou dos piassabaes. Andava muito a par do calendario. Sabia em que dia do mez estava e si era util ou santificado. Para isso, tinha a sua folhinha, que era uma taboa bem aplainada numa face, onde estavam traçadas doze linhas parallelas representando os doze mezes. A primeira, a de cima, tinha trinta e um buracos—era janeiro. A segunda, fevereiro, tinha vinte e nove; e elle sabia quando o anno era bissexto ou solar. E assim até dezembro.

O dia em que cheguei era 7 de agosto; e no setimo buraco da oitava linha, havia um pequeno ponteiro feito de palhinha, indicando a data. O tuyué (velho) mudava-o invariavelmente, cada dia, logo que despertava. Quando viajava, levava-a comsigo e nunca falhava na mudança do ponteiro. Os dias santos tinham uma cruz.

Falava regularmente portuguez e nheengatú; mas entendia-se com os seus em baré, sua lingua suave e harmoniosa.

Naquella região do Rio Negro, desde muito abaixo de Camanáu até ás proximidades de Marôa, em Venezuela, é o baré a lingua dominante; mas todos, quasi sem excepção, falam a geral.

Em Marôa, o baniua e o hespanhol são as faladas.

Tinha uma filha moça, que andava de chinella aos pés, signal de civilisação naquellas alturas; vestia saia e bajú e prendia os cabellos com um pente. Havia estado em Manáos aprendendo a cozer com *sinhá mestra* e só falava com os *cariuas* em portuguez, para dar-se ares de cidadã. Fazia o mesmo que as correntinas e missioneiras, que teem vergonha de falar guarany com os forasteiros.

Eu tinha pressa de chegar; por isso, demorei apenas uma hora.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O anarchismo e a defeza social

A proposito do caso de Madrid

O ultimo attentado anarchista não se revelou differente dos outros nos seus ensinamentos, nem nas suas consequencias. Levantaram-se, desde logo, os clamores retumbantes da furia popular; renderam-se as homenagens do estylo. Aprestam-se, agóra, os governos dos paizes mais ameaçados para obter dos seus legisladores novas leis de excepção, reconhecendo que as de 1892 a 1894 são, no final das contas, o que dellas disseram notaveis criminalistas e sociologos: tão barbaras quão imprestaveis. E agóra já se deseja muito mais do que áquella epocha: quer-se que a encommenda seja aviada depressa, *sem discussão*,—dizem os telegrammas...

Por outro lado, se observa que aquelle gesto brutal e inopportuno malquistou o idéal anarchista com as almas affectivas e delicadas; ao mesmo passo que, perturbando o gozo primitivo que sempre experimenta o povo deante das solemnidades pomposas, provocou a mais justificada das reacções.

Outrosim, para os socialistas de todos os matizes, bem como para grande numero de libertarios que condemnam a «propaganda pelo facto», o attentado de Madrid foi obra negativa; nada adeantou á Revolução Social; antes, serviu de argumento novo contra os methodos violentos. De facto, analysada do ponto de vista méramente sociologico, a brutalidade de ha dias veio demonstrar que

persistem, na alma popular, mesmo entre as classes mais victimadas pelo actual regimen social-economico, uns restos de veneração, de religioso respeito para com os encarnadores do principio da Auctoridade. Só tal «sobrevivencia» póde explicar tantas manifestações ruidosas, que ainda estão sendo tributadas aos jovens monarchas hespanhóes.

E ninguem dirá que essa observação seja de molde a animar a obra revolucionaria, que preciza, principalmente, contar com a adhesão espontanea das massas.

Demais, o aproveitamento de factos dessa ordem faz parte do programma de todos os governos, ainda os mais ciosos de seu radicalismo. A acção da policia não é julgada sufficiente nessas horas tragicas, cheias de grandissimas responsabilidades. Como se sente nas altas camadas sociaes, estão sendo abalados os alicerces da Sociedade.

E' por isso que a reacção não só se está organisando na Hespanha—theatro do ultimo acontecimento: Na Italia, de onde saíram, como todos se lembram, os mais famosos *vingadores anarchistas*, se reconhece que ha um perigo commum a evitar ; já não se confia alli na dureza das leis anteriormente proclamadas como ultima expressão do rigorismo penal. Não tardará, tambem, telegramma de França, annunciando o descobrimento de novos methodos repressivos, capazes de suspender, por intimidação, o braço do mais feroz anarchista, e quiçá de lhe expellir do cerebro a idéa libertaria...

De maneira que, para dar combate ao Anarchismo, esses ardentes paizes latinos, esquecendo a velha e sempre aproveitavel licção de Montesquieu e Beccaria, só encontram armas nas odiosas restricções do direito penal commum ! A imprensa diaria, sempre trefega e cortejadora dos instinctos da multidão, ataca gyrandolas a essas leis nascidas do pavor. Poucos, bem poucos, serão os homens de Sciencia que, como ha doze annos, terão coragem para, reagindo contra as inspirações do medo collectivo, condemnar essa manipulação de leis de arrocho. Talvez algum jornal de opposição, affrontando, com grande perigo, a corrente da opinião publica, ouze duvidar da efficacia desse regimen terrorista, insinuando a possibilidade de abusos e arbitrariedades, commettidos á conta das leis especiaes. Os homens de governo nem ouvirão o que lhes disserem homens de gabinete, nem ligarão importancia aos jornalistas independentes. A esses é bem possivel que lhes succeda, por tamanha audacia, terem as typographias empasteladas, bem ás vistas da policia, pelo... *povo indignado*.

E não se pense que, aqui, nos queremos glorificar com a fulgente aureola dos prophetas: quanto escrevemos resulta da experiencia, mestra da vida e da Sociologia. Assim foi em 1894 ; assim váe ser agóra.

Será bom caminho esse apontado pela indignação do momento e logo seguido pelos governos transidos de pavor ? Em outros termos : a repressão do Anarchismo póde ser feita, com vantagem, á custa de leis excepcionaes, que não só aggravem a penalidade como tornem summarissimo o processo, quasi banindo a defeza e assim proscrevendo o principio da presumpção de innocencia ?

***

Fallamos em Beccaria e Montesquieu : justo é que comecemos pedindo a elles a devida resposta á pergunta que será nossa these neste humilde estudinho.

Que nos perdôem, hoje, o accumulo de citações ; si nos soccorremos deste recurso enfadonho, um tanto fóra dos moldes de uma revista como os *Annaes*, é por nos julgarmos sem auctoridade para opinar individualmente em tão momentoso assumpto.

Dito isto — á guisa de desculpa — abramos o nosso volumesito da preciosa obrinha de Beccaria, que todos os juristas conhecem. Essa edição tem o valor que lhe emprestam as notas e commentarios de Faustin Hélie. Ensinava o criminalista italiano, verdadeiro reformador das theorias da sua epocha e precursor incontestado da chamada « escola classica » : « Os paizes em que os supplicios mais horriveis fôram postos em uzo, viram, tambem, os crimes mais nefandos, por isso que o mesmo espirito de ferocidade que dictava ao legislador leis de sangue punha o punhal nas mãos do assassino.» No mesmo lance do seu trabalho, tão cheio de humanidade, Beccaria, argumentando, indagava : « Como um corpo politico que, longe de entregar-se ás paixões, deve estar sempre occupado em lhes pôr freios,póde exercer crueldades e empregar o instrumento do furor, do fanatismo e da baixeza dos tyrannos ? » (Adeante veremos como este argumento se applica á Hespanha).

Faustin Hélie, commentando os dois trechos, observa que o capitulo em que elles se encontram foi um dos que maior influencia exerceram na Europa, contribuindo não pouco para a gloria do autor dos DELICTOS E PENAS. E cumpre não esquecer que Hélie era severo e sisudo applicador de leis, magistrado imperterrito e eminentemente conservador...

Antes do marquez Beccaria, já o grande Montesquieu havia ponderado que : «bem examinadas as causas dos relaxamentos sociaes, se vê que elles resultam mais da impunidade dos crimes do que da moderação das penas».

Em outra passagem do seu ESPIRITO DAS LEIS, escrevera tambem que o espirito do povo tanto se impressiona com as penas crueis como com as penas mais brandas.

Quando rebentaram tremendas as manifestações da «propaganda pelo facto» ; quando, reflectindo a emoção do momento, se decretaram as primeiras *leis de excepção* na França, na Italia e na Hespanha, os criminalistas modernos e certa pequena parte da imprensa se inspiraram em principios identicos aos que nos legou essa philosophia penal, já revolucionaria, do seculo 18º.

As leis francezas fôram apreciadas, em seu conjuncto e nos seus detalhes, pelo abalizado professor Garraud, da Universidade de Lyon, que, além de se referir a ellas no seu conhecido DROIT PÉNAL FRANÇAIS, escreveu a proposito a substanciosa monographia L'ANARCHIE ET LA RÉPRESSION.

Condemna o mestre, formalmeute, a orientação daquellas *leis de tendencia*, que classifica entre os productos da desorientação penal moderna, affirmando que ellas são impotentes para evitar os attentados anarchistas e violadoras da liberdade individual no ponto em que pretendem reprimir a propaganda das idéas libertarias.

O velho magistrado Fabreguettes,

escrevendo ainda sob a impressão da morte de Sadi Carnot, tambem não enxergava a utilidade pratica daquella «legislação draconiana».

Na Italia, as *leis sceleradas* não mereceram outros conceitos por parte dos criminalistas. Todos se reuniram para combatel-as, em nome do Direito e da propria defeza social; nesse ponto, a escola anthropológica marchou ao lado da sociologica e esta acompanhou a escola classica, encontrando-se a mesma reprovação e as mesmas criticas em trabalhos de Lombroso e de Ferri, de Colajanni e de Pessina. A opposição partida das Universidades e das revistas scientificas orçou por uma verdadeira revolta da bôa doutrina contra a tyrannia governamental.

As leis fôram, todavia, postas em execução. Os administradores publicos da Italia nem quizeram ouvir palavras imparciaes como as de Ernesto Zenker, de Vienna, quando sabiamente observava: «Emquanto na Italia um máu systema de governo coexistir com um systema economico carunchoso e com um augmento de população demasiado, aquelle paiz alojará com seu proletariado os paizes visinhos e vehiculará sempre o desespero social das partes enfermas para as partes sadias da população».

E tanta verdade encerravam estas sentenciosas palavras que toda gente teve occasião de notar como o operario italiano, desesperado pela miseria economica e pelas leis odiosas da sua terra, saíu mundo em fóra, vibrando o instrumento assassino, em nome da Anarchia!

Canovas del Castillo, Carnot e a inoffensiva imperatriz da Austria fôram victimas de italianos...

Na Hespanha, as leis de excepção são formidaveis. Misturam, como as leis italianas, a responsabilidade intellectual, *ainda a mais indirecta*, e a responsabilidade material, vendo em qualquer *opinião* um conselho determinativo do delicto. Instituem tribunaes marciaes para delictos commettidos por meio de explosivos. Concedem plenos poderes ás auctoridades administrativas para suppressão de jornaes, dissolução de sociedades, deportação de individuos suspeitos.

Onde, porém, a Hespanha póde pedir meças a qualquer paiz da Europa, é nos methodos de castigo e nos systemas processuaes applicados aos anarchistas ou socialistas, quando presos depois de algum attentado. O sombrio castello de Monjuic viu a restauração das praticas inquisitoriaes mais horrendas, sob pretexto de se descobrirem os auctores de um attentado. Os documentos daquellas atrocidades infernaes correm mundo e uunca fôram seriamente contestados. A imprensa parisiense e a londrina, em artigos sensacionaes, chamaram a attenção do mundo civilizado para o que allegavam, com robustas provas, dezenas de operarios victimas estropiadas dos modernos inquisidores de Hespanha!

Entretanto, a verdade era e é, alli, como em toda parte, o que escrevia o insuspeito *Correo*, de Madrid:

«Em materia de repressão, não se póde ir além da pena de morte, e o anarchista que lança sua bomba, começa por desprezar a vida.»

Por isso mesmo, o ex-chefe da *Sureté* (de Paris) Goron, que tão de perto lidou com os anarchistas, acabou por se convencer da inefficacia da *repressão sem piedade*. As medidas de excepção — diz elle, no ultimo volume das suas MEMORIAS, nunca serviram para coisa alguma.

E como quem tal affirma foi leal servidor da policia — escola do arbitrio e da violencia — parece-nos que não ha melhor final para este artigo.

Depois, veremos, sempre com ajuda dos competentes, quaes são as causas mais directas e incontestaveis desses verdadeiros *crimes sociaes* que tanto alarmam o espirito publico, bem como pediremos á Sciencia Criminologica a solução mais pratica para o problema penal que elles envolvem.

EVARISTO DE MORAES.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Novos chronometros. — O balanço Guillaume. — Compensação das perturbações causadas pela differença de temperatura. — Primazia nos concursos.

A descoberta feita por Charles Guillaume de ligas muito elasticas de ferro e de nickel permittiu resolver vantajosamente o problema da compensação dos relogios de parede e de algibeira, solução agóra muito simples, obtida pelo auxilio de um pezo redondo sobre uma porca atarraxada numa haste de *invar*, nome dado á liga de aço a 36 %, de fraca dilatação.

Esse mesmo processo torna facil o transporte porque se pódem metter a pendula e o pezo em caixilhos de madeira e remetter o relogio para armal-o em outro logar e fazel-o trabalhar. Além disso, resulta uma precisão extraordinaria da pouca dilatabilidade das peças que concorrem para a compensação, com esse melhoramento importante, remediando a variação da marcha, causada pelas differenças de temperatura, em virtude das quaes, o relogio mais perfeito varía de 12 segundos em 24 horas.

Por uma combinação especial de aço, nickel e latão, dá-se ao balanço a uma funcção compensadora praticamente, da mesma fórma que a funcção perturbadora da espiral, cujas mudanças do modulo de elasticidade, concordando com as mudanças de temperatura, fazem atrazar ou adeantar o relogio.

Os novos chronometros, munidos do balanço Guillaume, se fabricam em Besançon, em Genebra, em Greenwich e em Washington, tendo a primazia em todos os concursos.

***

O trabalho mental menos fatigante do que o manual. — Estudos do especilista dr. Duké, de Nova York.

A longevidade e o trabalho, longe de serem termos contradictorios, concordam perfeitamente, como acaba de demonstrar o dr. Duké, em Nova York.

Esse especialista preconiza a ininterrupta actividade do cerebro, dando-lhe sempre occupações variadas ou mudando-as frequentemente.

Resulta de numerosas experiencias que o trabalho intellectual fatiga muito menos do que o trabalho manual. Assim a paresia — paralysia incompleta traduzindo-se pela diminuição da contractibilidade muscular — é muito mais frequente nos trabalhadores da terra do que nos homens de estudo.

***

As mortes apparentes. — Campanha da sra. Lind. — Processos para a verificação da morte. — As experiencias.

Uma senhora sueca, Lind-af-Hageby, estuda ha muitos annos o problema do reconhecimento definitivo da morte para evitar o enterramento de individuos ainda vivos, casos que, si não são frequentes, não são raros.

Ella emprehendeu com a baroneza Barnekow uma activa campanha contra os enterros prematuros. Nesse mesmo empenho, se fundou em Lon-

dres uma associação, em cuja séde, London Street, 12, se pódem obter a respeito todas as informações.

A sra. Lind repugna a cremação e a decapitação, achando que é possivel recorrer a outros meios para a verificação exacta da morte.

Para isso seria preciso, antes de tudo, conservar o corpo, durante alguns dias depois da morte, numa sala mortuaria, onde ficaria sob a constante inspecção dos *verificadores*. Ella recommenda mais o emprego dos apparelhos Karnicki, que assignalam immediatamente o menor movimento do corpo deposto no esquife, introduzindo neste immediatatamente uma corrente de ar respiravel. Este apparelho está ao alcance de todas as bolsas: custa apenas 15 francos.

Experiencias feitas num cemiterio de Nova York demonstraram que, em 1.200 individuos inhumados, 6 deram, depois da morte, apparentes signaes de vida e puderam ser salvos graças a esse apparelho.

Outros methodos fôram preconizados. Em Gratz, na Austria, antes do enterro, fura-se o coração do cadaver. O processo do sr. Icard é menos selvagem: elle não mata definitivamente o morto duvidoso, mas verifica si houve parada da circulação, injectando sob a pelle um pouco de fluoresceína em solução. Si a circulação ainda existe, mesmo fraca, a amateria corante, percorrendo o corpo, dá á pelle uma intensa coloração amarella, tornando os olhos verdes. Si não ha mais circulação, a ausencia da coloração, depois de uma hora de espera, indica a morte completa.

Esse processo póde ser empregado sem receio porque a fluoresceína é inoffensiva.

***

A novocaína, abreviatura de um nome immenso de um novo anesthesico. —

Novocaína foi o nome adoptado para um novo anesthesico de que muito se fala nos centros scientificos europeus.

Trata-se do chlorhydrato de paraminobenzoyl—dietyl—amino—ethanol, novo alcaloide de synihese descoberto por Einhorn, de acção tão poderosa quanto a cocaína, com a vantagem des er muito menos toxica e tambem menos irritante dos tecidos, circumstancia que lhe permitte o emprego não sómente em todas as variedades de anesthesia local, como na anesthesia medular.

As suas soluções, facilmente esterilisaveis, se misturam bem com a da adrenalina que lhe exalta as propriedades anesthesiantes, de sorte que se pódem diminuir sensivelmente as dóses injectadas e, por conseguinte, as probabilidades de intoxicação.

O professor Braun, de Leipzig, adoptou a novocaína em suas operações cirurgicas de toda a ordem, empregando soluções do 0,25 a 2 % em um liquido isotanico, adiccionado de cinco a dez gottas por cem grammas da solução a 1/1000e de adrenalina.

Na pratica dentaria, Sachse, na clinica de Leipzig, recommenda o emprego de soluções fortes a 1 ou 2 % adiccionadas com 5 a 10 gottas de adrenalina.

Profissionaes allemães de grande nota preconizam a novocaína como o anesthesico idéal empregado com o melhor exito em toda a sorte de operações, não se tendo ainda lamentado o menor incidente.

APANHADOS

Um drama russo Andreieff terminou um novo drama, que é o echo de todas as emoções que agitaram e continuam a agitar ainda a Russia. *A's estrellas* — este é o titulo da peça, que tem feito sensação; debate a questão das relações da plebe com os intellectuaes. Um sabio russo, professor de astronomia, foi obrigado a abandonar o seu paiz por causa das suas opiniões politicas; no emtanto, não era revolucionario, trabalhava unicamente para a sciencia. Seu filho mais velho, Nicoláo, e a noiva deste, Mariusia, um idéalista e uma revolucionaria, tomam parte bem activa numa sedição, que rebentou na cidade em que o astronomo installára o seu observatorio. Apparece a policia, o sangue corre e o poder acaba vencendo. Mariusia volta trazendo a bandeira da revolução, que ella occultára; Nicoláo, preso, não quer fugir, mas a masmorra o torna louco. O povo fica indifferente ao seu martyrio; Mariusia está quasi a perder a fé no progresso da humanidade, mas o sabio, o bom velho, diz-lhe que os que soffrem pelo idéal viverão eternamente; ella continuará a seguir o caminho *ás estrellas* — caminho máu, semeado de dôr e de soffrimentos e que é o apostolado pela liberdade.

***

Um novo romance de Theuriet André Theuriet continúa a publicar os seus romances originaes, onde palpitam, sempre, uma ironia fina e uma alegre excentricidade de humorista. *Mon oncle Flo*, o seu ultimo trabalho, é a historia interessante e accidentada dum tio que foi, com um sobrinho, viajar nos Pyreneos; o tio é uma dessas figuras de originaes que Theuriet accentúa com tanta habilidade. Esse bello tio, um pouco ridiculo, muito burguez, muito acaciano, antigo droguista duma aldeia da Lorena, quiz ir aos Pyreneos, apezar dos seus habitos de economia lhe tornarem penosas as quantias gastas nos luxuosos hoteis para *touristes*. Mas — como elle diz mesmo numa das suas tiradas — todos nós saímos da nossa linha, um dia; esse homem serio, prudente, cheio de preconceitos, encontra, á meza do hotel, uma mulher bastante sympathica, a sra. Du Val-Clavin. Depois dumas peripecias engraçadas, caza-se com a senhora sympathica, que é, muito simplesmente, uma ex-cantora de café-concerto; a senhora Clavin-Flo fará, um bocadinho, a sua figura, com a fortuna que o bom tio guardava tão cuidadosamente.

O que ha de mais lindo no livro de Theuriet é o que cérca essas scenas curiosas—as phrases de espirito e as descripções extraordinarias das bellas paizagens dos Pyreneos; além disso, os typos estão apanhados com simplicidade e delicadeza e são duma verdade espantosa.

***

Conservatorio inglez O conservatorio de Guildhall, em Londres, é o mais frequentado de toda a Europa; estão matriculados 3.500 alumnos, e, como o ensino não é gratuito, cada um paga a bella quantia de 800.000 francos por anno.

***

A riqueza mineral do cabello Os cabellos são ricos em materia mineral. Um francez, amador dessas estatisticas exoticas, calculou, bazeando-se nas analyses do cabello feitas pelos chimicos, que a quantidade de ferro contida nos fios de cabellos de todos os seus patricios se eleva a 2.385 kilos e a de manganez é de 4.748 kilos; os cabellos que cáem espontaneamente da cabeça das francezas, durante um anno, representam mais de 7.000 kilos de materia mineral. Os cabellos vermelhos, pretos, ruivos, teem differentes qnantidades de mineral; os ruivos contêm 80 % de silicio mais que os pretos e estes 89 % de potassio mais que os brancos.

***

Um pelourinho para meninos Os inglezes teem o culto pelo passado; assim, numerosas cidades do Reino Unido guardam, como reliquias, os instrumentos de tortura que os juizes dos seculos passados reservavam ao castigo dos criminosos. Ainda se encontra, hoje, um pelourinho no jardim da egreja de São Leonardo, em Shoreditch; é uma ca-

sinhola tôsca, especie de rancho matuto; entre os dois postes do alpendre, distingue-se um terceiro munido de quatro argollas de ferro. E' o que os inglezes chamam *the whipping post*, o pelourinho. Prendem os pulsos dos culpados nas argollas e as costas núas recebem as vergastadas do executor. Ha, além disso, uma pezada prancha, cheia de buracos e que serve, egualmente, para aprisionar os criminosos, como se faz na China, com a canga. A chronica local conta que os meninos preguiçosos ou viciosos eram conduzidos todos os domingos, pela manhã, ao pelourinho de São Leonardo e recebiam ahi uma correcção que era aggravada por uma circumstancia nada agradavel. Todo o povo da parochia assistia ao castigo.

***

O mais moço soberano da Africa

O rei Uganda não se tem que lastimar do dominio inglez; goza de sua independencia e está seguro do seu poder, coisa que seu pae nunca conheceu. Era uso no tempo do seu predecessor matar o rei quando estivesse gravemente enfermo: o pae do actual reisinho nunca esteve accomettido de molestias graves, serias, eram sempre coisas passageiras, porque, si a doença fôsse forte, elle tinha de morrer. Extranho privilegio do poder!

Sua magestade Daudi Choa é o ultimo descendente duma longa dynastia de reis que se oppuzeram, victoriosamente, durante mais dum seculo, aos progressos dos europeus, avidos de conquistar os vastos e ricos territorios do Uganda. Seu avô, o feroz Souna, combateu o explorador Stanley e assignou um tratado com a Inglaterra. O pae do joven rei, o terrivel Nwanga, rasgou o tratado, tomou de novo as armas, mas foi logo vencido e capturado, em 1899.

Tres annos depois, elle morria numa prisão da costa. Quanto a Daudi Choa, o seu verdadeiro titulo é este: sua alteza o *kabaka* de Uganda. E' ainda menor; a Inglaterra, por isto, impoz-lhe um conselho de regencia. A sua lista civil é de 30.000 francos. Trinta mil francos por anno! Magros ordenados para um soberano que se intitula — elle tambem, como todos os soberanos da Africa — rei dos reis!

A Inglaterra fez um bello negocio, comprando, por uma somma tão pequena, um paiz de minas e duma fertilidade excepcional.

***

Uma casa de crocodilos

Ha nos Estados Unidos, na Florida, um importante estabelecimento que cria crocodilos como outros criam carneiros e gallinhas. E não se pense que se trata duma tentativa, destinada a desapparecer, depois de esforços inuteis do seu promotor. *A Florida Crocodile Farm* existe ha mais de dez annos e tem dado os melhores resultados. O dono dessa curiosa loja, que, com certeza, é a unica no mundo, é o *Old Joe*; assim elle é conhecido em toda a Florida. Depois de ter tentado, em vão, fortuna na cultura do ananaz e de outras plantas tropicaes, teve, uma bella manhã, uma idéa genial. Os crocodilos, outr'ora tão numerosos nos rios e lagos da Florida, estavam ameaçados de extincção total, devido ao massacre que faziam centenas de caçadores vindos de todas as partes dos Estados Unidos. Calculando, com razão, que a pelle dos reptis custaria mais caro á medida que a especie se tornasse mais rara, o velho Joe comprou uns terrenos pantanosos e foi reunindo alli todos os crocodilos que apanhava. Os primeiros se multiplicaram, depois, numa proporção maravilhosa e, agóra, é ao *Old Joe* que se dirigem todos os jardins zoologicos do mundo quando precizam dum crocodilo da Florida.

***

A meza do cardeal Merry del Val

O actual secretario de Estado do Vaticano, que descende dos grandes de Hespanha e foi educado num dos mais, sinão o mais, aristocraticos collegios inglezes, trata, com o applauso e o gozo dos mundanos, de fazer renascer os antigos esplendores da côrte papal.

A sua meza é um perfeito luxo: nella se servem iguarias de uma «munificencia real» e de um «luculiano refinamento». O «elegantissimo» cardeal capricha, sobretudo, nos vinhos, cuja excellencia se dispensa de adjectivar um dos seus convidados.

O requinte está, porém, numa lembrança que, á sobremeza, o cardeal offerece: são uns cigarros com o seu retrato, mettidos, cada um, dentro de uns tubosinhos de crystal, que os conserva seccos e aromaticos.

Em compensação, o seu antecessor, o notabilissimo Rampolla, continúa a escrever, no seu retiro de Santa Martha, uma obra de folego sobre «*Santa Melania e seu tempo*». E' a descripção de Roma e da sua sociedade no seculo V.

***

Quadros vivos no Japão

Os membros das colonias estrangeiras em Tokio, representaram ultimamente em casa do visconde de Aoki, quadros vivos em beneficio das victimas da peste; as scenas eram quasi todas tiradas da historia da Europa. Appareceram, successivamente, Florence Nightingale, tratando dos feridos durante a guerra da Criméa; Joanna d'Arc, apresentando a Carlos VII as chaves da cidade de Orléans; a rainha Elisabeth, recebendo a nova da destruição da Armada Iuvencivel, etc. O Japão appareceu unicamente numa scena, onde o espirito de paz occidental estava representado apertando a mão do espirito de paz do Japão.

A LIVRARIA

« NOTAS DE TERMINOLOGIA MEDICA PORTUGUEZA» — DR. PLACIDO BARBOSA — 1906.

Os nossos sabios, geralmente, escrevem mal e até fazem garbo da inepcia com que escrevem. Não ha muito que extranhar n'este sentimento que é o da propria sciencia que é cosmopolita e já teve outr'óra um só orgão de expansão no latim, ou antes no máu latino, e ainda agóra suspira por outra macarronea a que chamam o *esperanto*. Toda a algaravia tem as suas vantagens, quebra um pouco as fronteiras da incomprehensão, e, litteralmente, entre entendidos meia palavra basta. Eis ahi a boa fortuna da meia lingua.

Foi grande, pois, o meu prazer misturado de espanto ao ler este livrinho das *Notas de Terminologia*, escriptas com o carinho e amor da nossa lingua, tão maltratada e esquecida por voluntario e insensato desprezo.

N'estas *Notas* o Dr. Placido Barbosa procurou, quasi sempre com exito, substituir expressões barbaras e inuteis que correm na lingua medica por outras mais genuinas e proprias e que só tem o defeito de esquecidas pelo

inconsciente olvido de ignorantes ou preguiçosos.

No exemplar que teve a delicadeza de me offerecer, ajuntei algumas reflexões minhas, fastidiosas mas não de todo superfluas; escrevi-as sem pesar as consequencias, mas quiz o auctor do livro que eu as publicasse.

Ahi vão, para gaudio dos esmiuçadores de ninharias e bagatellas. Rara é a vez em que discordo do auctor e não ha pagina do seu opusculo que não me pareça bem meditada e bem escripta, com seguro criterio e inspiração sempre feliz.

***

E' curioso e interessante o estudo que faz o auctor do termo proprio que deve substituir o francez *ballottement* e propõe o de *rechaço* que significa «reflexão do corpo elastico que, batendo n'outro, torna para donde veio» (MORAES, e D. VIEIRA).

O achado é digno de nota.

O vocabulo foi tirado do jogo da pélota, muito semelhante ou quasi egual ao da *chaça* de que falam os quinhentistas e d'elle se formaram *cachar*, *recachar* com identica applicação de que se utilisaram CAMÕES e outros

> Que quando estas damas taes
> Me *cacham*, então *recacho*.
>
> *Amphitr*, I pag. 236 da ed. de 1720.

Na *Arte de furtar* attribuida ao Padre VIEIRA encontra-se o exemplo:

> «O mundo todo é pequena pelóta para o bote ou *rechaço* de um lanço de mau governo.»
>
> *A. de f.*—Cap. 31 pag. 264 da ed. de 1744. Cf. ainda CHIADO—*Obras* 112 e 162.

Ainda o verbo *recudir* tem o mesmo sentido de *recachar* e é talvez mais bello e euphonico. Ao *recacho* da pedra que resalta quando atirada, ao de leve, e em angulo muito agudo, á superficie das aguas, chamam as creanças *tainhas* (ao norte do Brazil) e os portuguezes chamam *chapelêta*.

E não falo aqui de numerosos termos *repique*, *repiquete*, *rebate*, *ricochête* (que se tomou do francez) *repulsa*, *respingo* (couce) etc.

***

Quer excellentemente o Dr. Placido Barbosa que se não repudie o termo *sapinho* que é como o povo denomina o *muguet* dos francezes. Não ha razão para desprezar-se o vocabulo já consagrado pelo uzo, e se é de origem popular não menos o é o *muguet* entre os francezes.

Aqui ajunto que ainda em portuguez em commum com o hespanhol, existe para exprimir a mesma cousa um antigo vocabulo arabe *alforva*, *alforra* ou *alhorre* «inflammacion (diz YANGAS do seu *Glossario*) en el estomago de los niños que produce en la boca una especie de aftas; crosta de leche, enfermedad de los niños recien nacidos.»

Do arabe que foi a lingua dos Avicenas e Avérrhoes tomaram-se muitas palavras da sciencia e da pratica medica: *camphora* ou *alcanfôr*, *alcool*, *agua-raz*, *enxaqueca*, *achaque* e ainda muitos que foram esquecidos *alferezia* (epilepsia) *amurco* etc.

O termo que lembra o dr. PLACIDO BARBOSA (quando trata, a pag. 16, da *surmenage*) o *aguamento*, o *aguado* que se diz dos cavallos, notemos de caminho, que nada tem de commum com o latim mas deriva de *alguaxa* (ungulæ læsio, em Freytag) no hespanhol *aguaxa* e *aguaja*, ulceras que apparecem nos cascos das bestas e por isso as inutilizam quanto ao movimento: dizem-se então *aguadas* (não cansadas, mas impossibilitadas de andar).

***

— A proposito de *ceva*, *cevagem* (*gaver* e *gavage*) pags. 6 e 7, ajunto que João de Barros já empregava o primeiro d'estes em sentido metaphorico:

> «Terra que sempre havia mistér ser *cevada* com gente fresca.»
> Dec. III, III, 3.

Os antigos medicos chamavam *cévo* á gordura «de dentro nos rins» em contraposição da *gordura de fóra* que «é junto ao couro»; assim as definia ANTONIO DA CRUZ na *Recopilaçam de Cirurgia* (ed. de 1688, pag. 16). Os technicos romanos Columella e Plinio diziam *saginare*, *opimare*, *farcire* onde dizemos *cevar*. Do latim tomaram os eruditos a palavra *saginar*, com o mesmo sentido; d'esta é que se deriva *sainête* cuja significação propria é pequeno bocado de comer, isca, chamariz, o tutano que era costume dar ao falcão para fazel-o amigo, o azeite com que se untam as patas do gato, com o mesmo intento e para não fugir da casa.

***

Tambem é excellente quanto diz o auctor acerca das palavras *treinar* e *treinamento* muito usadas outr'óra na arte de cetria ou altaneria, como se vê do livro de Diogo Fernandes, vulgarizado na edição moderna de Luciano Cordeiro.

—Não vejo necessidade de substituir a expressão tão clara e popular (como o confessa o auctor) «bico do peito» pelo neologismo mamilla. E não só é popular, mas ainda se depara nos bons auctores:

> «Elle se fez agora como *bico de peito* muito vermelhinho.»
> Dom Francisco Manuel — *Feira de Anexins*, 40.

— O Dr. Placido Barbosa traduz *flamber* por *chammuscar*, o que está muito bem. Temos entretanto expressão mais convisinha a franceza, que é *afiambrar* e *fiambre* que tem a mesma origem de *flamber*. Quevedo chamou ás donzellas *demi-vierges* de hoje — doncellas *fiambres* — pois que passaram pelo fogo e ficaram um pouco (se já não fora demais) tostadas ou resequidas.

***

—Como equivalente de *poussée* adopta o auctor a expressão *surto* já empregada pelo professor e escriptor distinctissimo o dr. NUNO DE ANDRADE. Seria preferivel, ao meu ver, o synonymo *resurto* por que *resurtir* é «saír com impeto ao alto». Em certos casos menos geraes, *poussée* é o que o povo denomina pittorescamente o «*já começa*», prurido, coceira, comichão, cobrêlos. As traducções mais literaes, e ao mesmo tempo genuinas, de *poussée*, em diversa accepção, seriam *puxo*, *repuxo*, *empuxo*; e *puxavão*, e *empuxão* corruptelas de *pux'avante*.

— O auctor propõe a criação dos verbos *secrecionar* e *excrecionar* que me parecem inuteis e não servem á clareza do vocabulario medico. N'este caminho não posso acompanhal-o. Temos innumeros vocabulos de cunho popular ou literario que podem perfeitamente expressar os varios matizes d'essa idea, quer sob a forma de verbos ou de substantivos: *resudar* e *resudação* (que é de Galeno, *met.* 13, cap. 16) *fluxo*; *corrimento*; *purgar* e *purgação*, *curso* e *cursar* (muito usado dos classicos); *exhalação* (de quaesquer humores) *baixa* (menos decente) *destillar* (muito usado na *Cirurgia* de A. da Cruz) *reçumar* e acima de todos *revêr* que é verbo antigo (e usado no Ceará—«o liquido *réve* nas talhas de barro) e deriva do *revelir*. Os medicos antigos nunca tiveram necessidade de dizer—*excretar* ou *excrecionar* e nem se lhes póde arguir ignorancia n'este ponto.

—Aconselha o auctor, pg. 32, a expressão popular *criança de peito*, e o faz com discreto gosto e conforme ao uso dos classicos. *Menino de peito*, diz DOM FRANCISCO MANUEL na *Feira de Anexins*. Na lenda do *Boi espacio* segundo a versão de S. Roméro ha a expressão *mammote* que indica o bezerro que ainda mamma, e é a que empregara ODORICO MENDES quando annotou o seu *Virgilio brasileiro*; DOM FRANCISCO MANUEL applicou-a ao homem no § 8 pg. 41 da obra citada:

> — «Você é de mama
> — Mas eu não sou *mamote*
> como elle.»

— Para substituir *ecran*, a pg. 73, o auctor propõe o hespanhol *pantalha* ou o neologismo *umbraculo*, preferiveis sem duvida ao vocabulo francez: ao mesmo intento poderiam servir — *pa-*

ralume, *quebraluz* que são formações modernas e literarias. Os italianos dizem *paralume* e *ventola*. Temos nós outros *biombo*, *tabique*, *bastida* e o termo antigo *azerve* se o anteparo é feito de ramos. Nas egrejas ha um pouco para dentro da porta maior o *guarda-vento*, que é o seu nome technico na architectura. Por essa abundancia, que não é tudo, bom se vê que o chamado *ecran* só anda na boca dos que tomam chá as cinco por parecerem inglezes.

*

Aqui fico. São innumeras as observações excellentes que se deparam n'este livrinho, onde tanto esforço, diligencia, estudo ou talento se traduz em admiravel equilibrio e lucidez de espirito. Acredito piamente que este opusculo vale muito mais que uma duzia de novelas, contos ou versos, ainda *razoaveis*, que augmentam annualmente o esteril catalogo da nossa bibliographia. A prova maior, se outras não houvesse a mão, da nossa inepcia e estreiteza é a que já está entranhada na alma dos nossos literatos de que a *pedra de toque* do talento é o *romance* ou o *conto*, genero que entre nós, ao lado do *soneto*, é uma como literatura dos pobres ou das creanças.

Cada um se julga na obrigação de contar uma historia e não termina sem aconselhar da parte d'el-rei que se conte outra.

— Escreva um *romance*, dizem-me ás vezes, com grande honra para mim.

— E então? os *sonetos* que escrevi não valem nada? Fiz um cento d'elles e considero-me desobrigado; não devo nada á praça.

JOÃO RIBEIRO.

Tivemos o agradavel proposito de conservar, *literalmente*, no artigo do sr. João Ribeiro, a orthographia do original.

E' uma homenagem ao eminente grammatico, sobretudo escrevendo elle sobre materia philologica.

ARMADA NACIONAL

A refórma compulsoria. — Sua inutilidade. — As medidas que elevariam o nivel do preparo profissional. — Fechamento da Escola Naval. — Concessão de refórmas vantajosas. — Augmentos de quadros. — Os factos.

A' primeira vista, parece que o remedio mais efficaz contra o mal que apontámos, é a refórma compulsoria; suppôr-se isso, porém, é um erro: as vantagens da refórma compulsoria como medida destinada a sanear os quadros dos officiaes, são illusorias. De facto: as differenças entre as edades dos officiaes que sáem conjunctamente da Escola Naval, na mesma turma, variam até um limite maximo de 3 e 4, algumas vezes de 5 e, excepcionalmente, de 6 e mais annos. Como a classificação desses officiaes, é sabido, não obedece ao principio da edade, mas sim, com razão, ao das notas alcançadas nos exames, succede que a um official qualquer segue-se em classificação um outro, indifferentemente, mais velho ou mais moço, de um certo tempo, que váe, na média, até 3 annos.

As carreiras desses officiaes, salvo circumstancias anormaes, fóra de toda previsão, (uma guerra externa, uma revolução como a de 93), e salvo escandalos (como os que já apontámos) nas promoções por merecimento, serão semelhautes: elles subirão aos postos, sem se apartarem em geral, ou apartando-se muito pouco na classificação; irão assim, supponhamos, até um posto em que, *provavelmente*, tenham de soffrer a refórma compulsoria: então, si o mais antigo é o mais velho, será compulsado em beneficio do segundo, cujo valor como official não será maior do que o seu; ter-se-á evitado que attinja o posto superior, digamos para mais clareza, o posto de capitão de mar e guerra, um official com 58 annos para amanhã promover-se ao mesmo posto, outro com 56 ou 57 annos! Ora, evidentemente apreciados sob o ponto de vista de vigor e robustez, esses officiaes estarão, theoricamente, em egualdade de condições; praticamente, o menos edoso póde ser tambem o menos robusto. Figure-se agóra o caso inverso; figurem-se novos casos, comparando o segundo daquelles officiaes com um terceiro; este, com um quarto, e assim successivamente: chegaremos a concluir que a refórma compulsoria é, pelo menos, injusta. E si, por fim, ao caso de dois individuos isoladamente substituirmos o de duas turmas consecutivas, além de verificarmos as injustiças, verificamos a improductividade da refórma compulsoria relativa ao saneamento dos quadros, porquanto, reformando capitães de corveta de 50 e 51 annos, que por certo irão tambem compulsados em capitães de fragata, os quadros viverão eternamente entupidos com gente velha.

O que expuzemos até agóra, é o resultado que trará para o futuro a refórma compulsoria. Até o presente, exceptuado o momento em que tal medida começou a ser applicada, relativamente nada produziu: de 1894 até hoje, não houve 10 officiaes compulsados! Quando foi posta em execução, muitos effectivamente soffreram os seus effeitos: era natural, não existindo antes, tendo havido nos quadros da armada a revolução que se operou durante, e logo após, a guerra do Paraguay, os quadros de officiaes superiores encerravam um consideravel numero de fosseis, como hoje se diz, verdadeiros pensionistas do Thezouro. Como remedio para o momento, a compulsoria foi efficaz; como medida permanente, provou mal e provará peior. Para que désse resultado, agóra, seria necessario diminuir os limites das edades: muitos seriam os apanhados nas suas malhas, a grita levantada seria enorme, e o Supremo Tribunal Federal acabaria julgando inconstitucional a medida.

Accresce ainda que, pela maneira por que foi decretada entre nós, a compulsoria padece de outro inconveniente: a concessão de quotas addicionaes por anno de serviço que exceder um certo limite, prende mais, e por mais tempo, á actividade os officiaes que de antemão se julgam condemnados á refórma, e que, por isso, e é razoavel, se tornam completamente *descrentes*. Si taes officiaes, no momento em que se capacitassem de que a compulsoria os apanharia, tivessem tambem sciencia de que ser-lhes-ia inutil continuar no serviço por mais tempo, que isso lhes não traria mais vantagens, reformar-se-iam logo com vantagens actuaes, e não continuariam — inuteis — a obstruir os quadros, na espectativa de mais 80$ ou 100$ mensaes, para o futuro.

Parece ter ficado demonstrada a ineficacia da refórma compulsoria como meio de varrer dos quadros da armada toda a gente velha que os enche. Depositar-se nos seus effeitos a esperança de futuro melhor para os officiaes subalternos, é outra illusão, e não precizamos, para proval-o, juntar mais argumentos aos que ahi ficam.

De quanto vimos dizendo sobre aquelle futuro e sobre a improficui-

dade da reforma compulsoria, da propria analyse que fizemos a esse respeito, resalta espontaneamente o conjuncto de medidas que se impõem com o duplo fim de limpar os quadros superiores e elevar o animo dos subalternos pela perspectiva de uma carreira mais risonha. Essas medidas são :

1ª, o fechamento immediato da Escola Naval por tempo indeterminado, e até que se restabeleça o equilibrio imprescindivel ora quebrado eutre o numero dos officiaes subalternos e os accessos para cada quadro. E, quando conseguido tal equilibrio, fôr reaberta aquella escola, limitar o numero de matriculas ao de vagas provaveis durante o anuo, vagas realizaveis por morte ou reforma de officiaes e pela necessidade de augmento de pessoal relativo a augmento de commissões.

E' tão natural que seja este o criterio regulador do numero de matriculas na Escola Naval, sobretudo por serem os quadros da nossa armada de uma fixidez incomprehensivel, que custa crer não tivesse sido nunca adoptado. O resultado de não ser elle adoptado, foi o que sabemos já.

2ª A concessão de reformas que offerecessem aos officiaes vantagens muito maiores do que as que teriam reformando-se actualmente, e pelo menos eguaes ás que alcançariam si se conservassem na actividade por mais uns dez annos, para, ao cabo destes, reformarem-se. Estas reformas seriam concedidas aos que as solicitassem dentro de um certo e curto prazo.

A idéa nada tem de nova. Já foi, ha muito, applicada na Inglaterra em crise identica á nossa actual, e o sr. almirante Jaceguay, no seu livro *Projecto de organização naval*, descortinando, ha mais de dez annos, o espectaculo tristissimo que hoje offerecem os nossos quadros, acreditava, tambem, ser ella um dos meios mais efficazes para conseguir officiaes superiores mais novos e aptos.

A adopção dessa medida obriga naturalmente a de outras complementares : a suspensão da lei que actualmente regula as reformas, suspensão só temporaria ou mesmo definitiva afim de que essa lei seja substituida por outra mais racional, em que—deve ser a maior preoccupação —se supprima a concessão de quotas addicionaes.

Essa medida terá como consequencia a retirada dos quadros de todos os officiaes superiores e generaes que, sem preparo, completamente incapazes,(e são quasi todos, já o vimos) unicamente aguardam os effeitos da compulsoria ou um ministro amigo (os ministros amigos não faltam, attento o espirito de subserviencia e bajulação que domina a maior parte dos quadros elevados) que os eleve mais, afim de obterem melhor reforma.

Com a retirada dessa multidão de inuteis, abrir-se-iam muitas vagas aos officiaes subalternos, que teriam assim soffrivelmente alargado o futuro; para completar-se emfim essa obra de indispensavel realisação, adoptar-se-ia a

3ª medida: um augmento do quadro de capitães-tenentes e primeiros tenentes. Não é, note-se, um augmento no numero de officiaes ; apenas ampliação do dois quadros, levada a effeito com a promoção de officiaes já existentes, segundos-tenentes, alguns dos quaes contam já 3 annos e meio de posto.

O augmento do quadro de capitães-tenentes, independente dos males que já estudámos, seria logico, tão logico que esse quadro em todas as marinhas de guerra, quasi, é muito maior do que o immediatamente inferior e muito mais de duas, algumas vezes de tres, maior do que o immediatamente superior; na nossa marinha, no emtanto, ha 80 capitães de corveta, 160 capitães-tenentes e 150 primeiros tenentes. E é em geral daquella fórma, muito mais vasto o quadro de capitães-tenentes, para que a demora do official seja apenas a justamente necessaria ao posto de primeiro tenente (nunca mais de 4 annos), e para que se torne completa a sua aprendizagem, com uma demora mais ou menos longa no posto de capitão de corveta, posto em que o official póde exercer as mais variadas funcções, desde a de official subalterno a bordo, até á de commandante de navios de certa categoria, posto emfim em que, e por isso mesmo, a espera mais ou menos longa, por accesso, é menos exhaustiva das energias do official.

Comprehende-se bem que não indaguemos aqui de quanto seria aggravado o thezouro com a adopção dessas medidas: não apresentamos idéas para salvar as nossas finanças, mas sim para melhorar a armada. Aquellas, as idéas de auxiliar a nossa reconstituição financeira, a preoccupação de uma economia ridicula sinão criminosa, fôram, entretanto, as que assoberbaram o ultimo ministro da Marinha, e as que continuam tambem a pezar em parte das decisões da administração actual.

Comprehende-se outrosim que não apreseutemos detalhes de execução do conjuncto dessas medidas : a nossa qualidade de simples amigo da armada não nos dá preparo e competencia technicas.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

MILAGRES, ESCAPULARIOS...

A *Nação* publicou um telegramma de Lourdes, em que se lhe diz : *O padre coxo já vê, a paralytica já anda.*

Parece impossivel que uma folha religiosa como a *Nação* désse cabimento nas suas columnas a um milagre tão miseravel, tão safado, tão réles como esse ! Com effeito ! foi então para isso, para esse milagrotesito de cácárácá, para dar vista aos cegos e para fazer andar paralyticos, foi para essa insignificancia, para essa miseria, para essa sovinice, que a sra. condessa de Sarmento organisou a sua romagem, que andou a reunir os padres cegos e as sujeitas paralyticas, e que unicamente para os fazer ver e para os fazer andar os levou tão longe?!... Ora muito obrigado ! muito obrigado pelo favor !

A sra. condessa de Sarmento e todos os devotos e devotas que collaboram com s. ex. na bonita obra da peregrinação têem obrigação restricta de abrirem immediatamente uma subscripção para o fim de indemnisarem o padre ex-cego e a mulher ex-paralytica do incommodo que lhe deram. Porque nós — e a *Nação* bem o sabe ! — nós temos devoções ahi da Baixa, que uos affirmam e afiançam, sob a auctoridade dos padres e pontifices, exactamente os mesmos resultados obtidos pela romagem.

Pois que ! A agua de Lourdes ao pé da bica, na propria gruta, por conta e na presença da santa, não ha de dar mais effeitos ao consumidor do que a agua de Lourdes exportada, expedida ao extrangeiro em vasilhas quantas vezes impuras, quantas vezes com más rôlhas ? !

Não vimos nós ahi, ha dois annos, na Santa Casa da Misericordia, uma enferma paralytica, a qual deafechou a andar, com a mesma facilidade com que anda a roda da mesma Santa Casa, logo que lhe chapinharam os membros locomotores com agua das latas ? !

E a pobrezinha de Christo, desencaminhada pela sra. condessa de Sarmento para se metter ás estradas é para ir por ahi fóra em braços até Lourdes, chega lá e não obtem mais nada senão o que obteve a outra sem saír do largo de S. Roque ? !

E ainda ouzam dizer-nos — o que não póde ser senão por escarneo—que ella *andou* ? ! Olhem a grande façanha — *andar* ! Mas, senhores, tendo tido o trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pés, e trazer de lá para esse fim cinco pernas a maior das que levou !

Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para ver pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha ahi o sr. Mascaró, que lhe fazia o milagre no olho de cada lado num abrir e fechar do olho do lado opposto. Em Lourdes, seria preciso, para sustentar os creditos da agua na sua devida altura, que o homem não só principiasse a ver pelos olhos mas que visse tambem por outros membros.

Isso então já valeria mais a pena de se contar, e comprehenderiamos que a *Nação* o publicasse em telegramma: «O padre cego appareceu-lhe um olho em cada buraco do nariz e está-lhe a vir outro na cova do ladrão, pelo qual já lê as suas rezas, de costas na cama, com o breviario debaixo do travesseiro. A paralytica já deitou seis pernas novas e está com dois grandes furunculos nos hombros: suppõe-se que sejam as azas a romper. Quando se lhe expremem os carnicões bota pernas. Infinitos louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor, porque pela côr do voadouro vemos que a paralytica nos sáe pedrez ! »

Isso, sim senhor, isso seria um soffrivel milagre, ainda que de segunda ordem, porque os ha muito maiores.

*

Da virtude dos escapularios, por exemplo, contam-se e authenticam-se coisas, ao pé das quaes tudo quanto a agua de Lourdes tem feito é zero.

O escapulario preserva o fiel de todos os males, preserva-os das doenças, das pestes, dos perigos de agua, dos incendios, do raio, das quédas, das balas, das sovas, etc. De tudo isto ha provas que não podemos pôr em duvida. No livro intitulado *Virtude miraculosa do Escapulario demonstrada por casos de protecção, de conversão e de curas miraculosas*, pelo revd. padre Huguet — *Saint-Dizier, Paris, Lyon, Bruxelles et Anvers*, 1869, todas essas virtudes se acham confirmadas com muitos exemplos.

Pessôas que cáem do alto de enormes torres ficam intactas, nem um botão dos suspensorios lhes rebenta, e se estavam lendo o seu jornal no alto das torres, como algumas vezes succede, véem lendo nelle pelo ar emquanto cáem e continúam a leitura em baixo, traçando a perna num estado de satisfação ineffavel.

O sr. A. de L..., tendo entrado na insurreição do Var, com um escapulario ao pescoço, recebe vinte e nove tiros, appareceram-lhe no fato os vinte e nove furos das vinte e nove balas: elle no emtanto fica illeso. «Não uos foi possivel matal-o, tivemos de desistir !»—disse por essa occasião um gendarme. (Obra acima referida, pagina 21.)

No auge de um pavoroso incendio um devoto lembra-se de lançar ao meio das chammas o seu escapulario; o incendio immediatamente se extinguiu e, no meio das bombas desempregadas, o escapulario, encontrou-se intacto. «Apenas, diz o padre Huguet na obra alludida, se observou que elle cheirava um pouco a chamusco». (Pagina 17.)

Um soldado na batalha de Novara vê caír em torno delle todo o regimento, elle é o unico sêr que sobrevive: examina-se o soldado, e acha-se-lhe um escapulario mettido na bocca e um em cada braço. (Pag. 20.)

Um desgraçado, querendo suicidar-se, lança-se ao mar quatro vezes consecutivas, sempre debalde: o mar arroja-o á praia, recusando-se obstinadamente a submergil-o. O desgraçado recorda-se então que traz ao pescoço um escapulario, e atira-se ao mar pela quinta vez, tendo deixado o escapulario em terra. Foi sómente com esta condição que o mar se resolveu a dar cabo delle. (Pag. 15.)

Além de livrar de todos os perigos, sem excepção, durante a vida, o escapulario livra completamente das penas eternas depois da morte. O abbade Guglielmi, auctor do livro intitulado *Collecção dos escapularios, da Immaculada Conceição, do Rosario, do Carmelo, etc.*, diz terminantemente, a pag. 231, que os demonios se queixam no inferno, pela maneira mais amarga, do grande numero de almas que lhes são arrebatadas pelos escapularios. Parece que não ha dia em que um milhão de diabos não roguem esta praga medonha: — Que nós levemos os escapularios !

As approvações pontificaes de todos os Papas, desde João XXII até Pio IX, confirmam cabalmente os poderes attribuidos ao uzo dos escapularios.

O escapulario do Monte Carmelo tem a propriedade especial de expedir para o céo o penitente, quaesquer que tenham sido os peccados por elle perpetrados, no primeiro sabbado seguinte ao da sua morte. Facinora que arranje a morrer com o escapulario na sexta-feira á meia noite, pódem os facinoras seus companheiros esperal-o no purgatorio, que o hão de ver por um oculo !

O uso do escapulario é extremamente commodo: não obriga a encargos de nenhuma especie, salva-nos independentemente da penitencia, da confissão e da communhão. Tambem não priva o penitente de qualquer prazer a que elle se queira dar neste mundo. Assim o affirma o revd. Guglielmi. O essencial é não o tirar nunca, nem mesmo *quando voluntariamente se vae peccar*: é o que mais particularmente prescreve o dito padre Guglielmi.

De todos os escapularios o que mais se recommenda á eleição dos devotos é o do Sagrado Coração de Jesus, porque este escapulario nem sequer preciza de ser benzido. Basta, para nos captar todas as indulgencias, que elle seja feito pelo modelo approvado pelo nosso Santo Padre Pio IX, do modo seguinte: Sobre um pequeno retalho de lã branca — retalho quadrado ou oblongo, porque sendo redondo, oval ou polygono perde a virtude — applica-se um coração de flanella encarnada, com um appenso, bem talhado e cosido a pesponto, de modo que imite a corôa de espinhos acompanhada de algumas gottas de sangue bordadas a seda. Aparte, em uma tirinha de panno patente, borda-se a ponto de marca, linha encarnada, a inscripção sacramental: *Suspende ! Está commigo o coração de Jesus !*

Ora, podendo cada um em sua casa, no seio da sua familia, fazer um destes escapularios, deital-o ao pescoço e ficar livre, para a vida e para a morte, de todos os perigos, de todos os males; podendo caír do alto das torres, atirar-se ás voragens do fogo e do mar, e metter-se debaixo dos raios, sem mais risco do que teria deitando-se na sua cama, não fará a *Nação* o favor de nos dizer para que ha de ir um homem a cascos de rolha beber uma agua, que segundo a mesma *Nação*, o mais que faz é unicamente dar vista aos cegos e movimento aos paralyticos ?

Ha umas tantas coisas que a *Nação* até devia ter vergonha de dizer... O que a *Nação* precisava era que lhe deitassem um bom escapulario a esse pescoço, para a *Nação* ficar então sabendo o que são milagres ! Porque a *Nação* não sabe o que são milagres !

Pôr o padre cego a ver e pôr a paralytica a andar não passa de uma habi-

lidadesita mediocre, uma curiosidade, um boccadito de geito !

Vir á feira unicamente com uma porcaria dessas parece mesmo de proposito para fazer perder á gente o gosto pelas devoções...

Emquanto a nós o que a *Nação* tem é o espirito maligno no corpo do jornal ! Cruzes, demonio !

RAMALHO ORTIGÃO.

O ALMIRANTE (85)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

Hortencia continuava ao piano, borboleteando sobre os motivos mais estimados, passando de uma peça a outra de genero diverso, sem se fatigar, executando-as com indolencia tristonha de quem aviva a memoria, interrompeudo subitamente umas, repetindo outras mais harmonicas com o seu estado d'alma, com a situação resultante daquelle extranho noivado. Oscar obedecendo á necessidade de repouso que ella lhe impuzera com uma brandura fraternal, se refugiára na bibliotheca e se esforçava em vão para ler revistas sobre cujas paginas os seus olhos passavam machinalmente, sem ver. O seu espirito se alava no torvelinho de harmonias inebriantes arrancadas pelos dedos magicos da esposa, á região brumosa dos souhos absurdos, inconsequentes, exoticos, de desenlace perdido na noite privada do phanal da esperança. Por vezes, elle interrompia a automatica leitura e deixava caír entre as mãos a cabeça atordoada, meditava durante alguns minutos ; erguia-a resoluto, como si pretendesse afugentar pensamentos importunos e divagava com olhar incerto pelos quadros, pelas estatuas, pelas atulhadas estantes que povoavam aquelle recinto tão querido, onde elle outr'ora passava horas amenas de trabalho, de estudo.

E, tão absorto estava que não ouviu o argentino tilintar do timbre da porta, havia muito fechada, a porta da sua servidão particular para entrar no seu refugio encantador.

José surgiu junto do piano conduzindo um cartão numa salva de prata. Hortencia estacou surprehendida, leu o cartão e, com um gesto de amúo, disse-lhe compondo rapidamente os cabellos e o traje :

—Manda subir.

Pouco depois, mansamente, colhendo com cuidado os grandes fólhos de seda ruidosa da saia, appareceu Dolores.

—Que é isto ? — exclamou Hortencia. —

—Surprehende-te a minha presença ? — inquiriu Dolores, tiritante de commoção.

— Alegra-me. Extranho sómente que te fizesses annunciar.

—A situação agóra é diversa. E' a primeira vez que venho á tua casa...

Hortencia tomou-a carinhosamente pelo braço e levou-a a uma poltrona visinha no piano.

—Eu extranhára, com razão, a tua auzencia: eu e Oscar. Espera vou chamal-o.

—Espera... — acudiu Dolores, vivamente — Espera que me passe isto. Não vês ? Estou nervosa... Deu-me isto agóra..

Hortencia sentou-se envolvendo-a num olhar de compaixão pela extraordinaria mudança que lhe notava no gesto, na vóz, na attitude, tão differentes das maneiras vivas, alegres, explosivas da formosa mulher.

—Não imaginas — continuou Dolores—como tenho passado mal... Eu vinha com o Dadá que deve estar a esta hora jantando com a marqueza, mas... á ultima hora resolvi o contrario. Tanto que elle partiu, melhorei e resolvi não adiar mais esta visita e... aqui estou... para te abraçar, para te trazer os meus parabens. Oh ! eu te considero a mais feliz das mulheres...

Hortencia não respondeu, baixou os olhos ruborisada, vexada pelo cumprimento de Dolores.

— Sim, deves ser a mais feliz das mulheres — continuou esta, cravando os bellos olhos melancolicos no nebuloso semblante de Hortencia — Oscar é um homem perfeito, um marido idéal. Além disso, esse casamento romantico, inesperado, a ventura resultando de um golpe da fatalidade.. Assim é que eu quizera ter casado, arrebatada numa aventura dessas, subitamente, sem os antecendentes vulgares, sem as intervenções interesseiras, sem calculos sem previsões que esfriam a impetuosidade do amor...

Dolores ia pouco a pouco readquirindo a vivacidade, a peculiar volubilidade, si bem que fôsse obrigada a se interromper para ajustar o collete que a maguava, provocando-lhe ligeira contorção do admiravel busto.

—O imprevisto—continuou ella— o lance decisivo do nosso destino, levando-nos um momento ao paraiso sonhado : era assim que eu quizera encontrar marido, assim, sem procurar, como nas comedias... onde os amantes se cazam sem os prosaicos preparativos do enxoval, da casa, dos meios de vida, e ficam, apezar disso, bem casados e se amam...

Hortencia colheu com o lenço lagrimas irrepressiveis.

—Que é isto ?—observou Dolores, espantada — Dar-se-á ? . Valha-me Deus ! Afflige-me suspeitar que. Será possivel ?... Não amas teu marido ? Não o amas ?..

— Ainda não me resignei á realidade—respondeu Hortencia, num dorido accento — Tudo foi tão rapido, tão inesperado..

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXIV

A Constituinte, porém, blasonando de professar doutrinas constitucionaes, preconisando a divisão dos poderes, não se limita á fiscalisação, á harmonia, ao accordo que mantêm o justo equilibrio no meneio do mechanismo representativo constitucional. Antonio Carlos vocifera, em pleno Parlamento, que o *Poder Executivo ha de obedecer o que lhe ordenar a Camara, que é a representante da soberania*, e na sessão de 16 de setembro assegura que nunca «*concederá meios ao Governo, porque não lhe merece confiança.*»

Si na Constituinte argúe-se o Governo por causa da admissão dos soldados e officiaes lusitanos no exercito, o Imperador manda o ministro da Guerra explicar essa acto á Assembléa. Parece que por calculada paciencia quer provar á Camara a sua firme resolução de manter a harmonia.

Do seu lado, a Constituinte mostra-se exigente a respeito de todas as deliberações imperiaes; por exemplo : d. Pedro participa á Assembléa haver nomeado os deputados Nogueira da Gama e Carneiro de Campos ministros de Estado, depois do demissão dos Andradas, ou que pretende enviar o deputado Brant Pontes a Londres em missão que interessa ao Brazil. A Constituinte duvida da competencia de fazer o Imperador taes nomeações ; mostra não querer lh'a reconhecer ; discute-a largamente e como para, no futuro, atar as mãos ao Imperador e obstar-lhe o exercicio daquella faculdade, approva o projecto da incompatibilidade, suggerido por Araujo Vianna, futuro marquez de Sapucahy, incompatibilidade que prohibe ao deputado de acceitar a nomeação imperial.

A discussão, concernente á admissão dos soldados e officiaes lusitanos no exercito nacional, não é assumpto de pouca monta ; ao contrario, é de gravissimo alcance. Basta reflectir que os brazileiros acabavam de romper o jugo colonial e detestavam o regimen absoluto ; consideravam um lusitano feróz inimigo. Mas vendo que elles eram recebidos em nosso exercito, irritavam-se e de véras acredi-

tavam que o Imperador intencionalmente recrutava e preparava instrumentos para restaurar ou continuar a monarchia tradicional. E' proprio da indole popular tomar as suspeitas como realidade. Tudo induzia a crer nas suspeitas. D. Pedro era portuguez, herdeiro dos dois reinos e estimaria possuil-os unidos; assim, si elle acolhia os lusitanos era porque tinha em vista nullificar a Independencia e restabelecer o regimen antigo. Quem póde destruir no espirito popular as suas subitas ou desarrozoadas inspirações? A Assembléa Constituinte, em vez de esclarecer e moderar a opinião publica, pelo contrario fazia a propaganda no mesmo sentido. Era ella que agitava e açulava as paixões e avivava os preconceitos populares.

D. Pedro não era um imbecil; viu que a Assembléa não só o contrariava, como lhe creava perigos. Estava compenetrado da urgencia de desembaraçar-se de semelhante trambolho. Da que, em verdade, lhe servia a Assembléa? Ella não fez a Independencia, nem proclamou o Imperio; achou e obra feita. O seu trabalho era antes de demolição do que de consolidação. Viu-se nessa terrivel alternativa, deixar a Assembléa continuar a fazer a sua propaganda, a destruição da obra das margens do Ypiranga; suppril-a importava restabelecer a mesma obra. Ora o paiz que a queria, naturalmente, applaudiria o acto do Imperador, que removesse ou nullificasse o obice que se lhe oppunha. Assim a Constituinte estava julgada e ha de esperar o decreto de 12 de novembro, que ella, si não fôsse tão inepta, deveria ter previsto.

Enumeramos algumas circumstancias que fórmam a somma de motivos sufficiente para determinar o golpe de Estado de 12 de novembro.

Si quizessemos ter extrema paciencia, colheriamos mais avultada somma de circumstancias, desde a fala do throno na sessão inaugural, em que o Imperador declarou que só acceitaria a Constituição, si fôsse digna delle.

Porque—inquirirá a historia—estabeleceu-se essa lucta dissimulada entre a nação, que o acclamára e proclamára Defensor Perpetuo e Imperador?

***

Continuando a tratar-se da divisão do territorio do Imperio em provincias, falou-se do Estado Cisplatino, unido ao Brazil por federação. Alguns deputados ponderaram que a maioria da Assembléa não poderia ajuizar dessa materia, porque não conhecia as condições dos tratados. Affirmaram que esta união se déra, em circumstancias excepcionaes e, portanto, era conveniente adial-a e solicitar do Governo cópia dos tratados e informações indispensaveis, que a esclarecessem.

Votado e approvado o adiamento, quanto á Cisplatina, proseguindo o debate a respeito das provincias brazileiras, então Ferreira França, deputado da Bahia, enviou á meza a seguinte emenda: «comprehende confederalmente as provincias.»

Montesuma, em rapido discurso, desenvolveu e sustentou a idéa. O França, representante do Rio de Janeiro, pronuncia-se contra, tendo votado a favor sómente para que pudesse haver azo de verificarem-se as vantagens ou desvantagens e perigos de tal systema de união politica.

Carvalho e Mello tomou parte no certamen travado. O seu discurso, aliás vigorosa e lucidamente deduzido, evidencía que o orador se sente apavorado com a idéa do systema federativo no Brazil, que adoptou a fórma de governo da monarchia constitucional. O deputado bahiano exclama: «Com que maravilha, com que espanto, sr. presidente, ouvi repetir neste augusto recinto a expressão — federalmente — na emenda proposta pelo sr. França. Todos nós nos achamos nelle unidos para fazer uma Constituição e marcar a fórma dum governo representativo monarchico constitucional e assignalar nesta conformidade a divisão dos poderes. Com que maravilha, torno a dizer, vejo naquella emenda sustentar-se uma doutrina, que póde trazer sobre nós immensos males! Só a inconsideração a podia dictar. Federação dizem os escriptores politicos, é a união de associações e Estados independentes, que se unem pelos laços duma constituição geral, na qual se marcam os deveres de todos, dirigidos ao fim commum da prosperidade nacional e nella se regulam allianças offensivas e defensivas; resoluções de paz e de guerra; repartição de despezas; contribuições e emprestimos necessarios para despeza e segurança dos Estados-Unidos; emprezas de utilidade geral e relações diplomaticas. Fóra disto, tudo mais é uma união intima de todo Imperio, como se declara no artigo e conforme o declararam todas as provincias.

Que quer dizer um Imperio indivisivel? Não existe já uma monarchia constitucional pelos proprios povos proclamada? Que é uma monarchia? E' um todo composto de todas as partes dirigidas ao fim unico da prosperidade geral, erguida sobre a base duma Constituição, que se compõe de leis fundamentaes, unidas com as regulamentares, estabelecidas com o mesmo fim. Si os povos já manifestaram a sua vontade, como havemos ir contra ella? Como havemos de fazer uma nova fórma de governo, si já está decretada pela unanime vóz da nação a monarchia constitucional? Isto seria atacar os direitos politicos da mesma nação.»

O orador, tomando este ponto de partida, desenvolveu-o amplamente, e procurou evidenciar que a nenhum dos representantes era licito votar outra fórma contraria áquella já fixada pela vontade e soberania nacional, que excluia uniões federativas. Parece ao orador que a Constituinte não tem que tratar da melhor fórma que convém ao Brazil; esta já está proclamada por todas as provincias: é esta só a vontade dos povos; cumpre á Constituinte executal-a á risca, obedecendo-lhe.

Carvalho e Mello fez uma série de longas considerações para mostrar que a emenda, contendo a palavra—*federalmente*—não devia ser approvada, e concluiu dizendo: «viemos para formar a Constituição do Imperio monarchico constitucional, egual á vontade dos povos acclamada em todas as provincias...

Não devemos faltar á vontade dos nossos constituintes. si fizermos o contrario, collocaremos no altar da patria um ninho de difficuldades, um montão de desordens.»

Esta oração simples, porém proferida com a vehemencia da convicção, com certa vibração do sentimento de sincero patriotismo, impressionou profundamente o espirito dos homens mais razoaveis.

Carvalho e Mello não era dos amadores dos effeitos e dos lances da scena parlamentar. Sem ostentação ruidosa como Carneiro de Campos, Pereira da Cunha e alguns outros, desempenhava modestamente as funcções de legislador. Não se via nelle o entono de Antonio Carlos, nem o fatigante *charlatanismo* das dissertações doutoraes do profundo jurisconsulto Silva Lisbôa. O seu talento, erudição, experiencia e criterio hão de lhe dar um logar entre os redactores da Carta Constitucional de 25 de março.

Carneiro da Cunha, que já temos assignalado como um dos caracteres mais independentes e impavidos do Congresso de 1823, respondeu com certa acerbidade ao orador bahiano, procurando justificar e debalde sustentar a emenda corceuente á federação. Montesuma voltou á tribuna e, como um destemido luctador, empenhou-se no combate. Já nesse tempo o *mexicano* era um dos primeiros luzeiros da nossa eloquencia politica. Elle combateu as proposições do deputado fluminense Franca, que havia opinado ser a fórma da monarchia incompativel com o principio federativo. Recorreu á historia; alludiu á Heptarchia anglo-saxonia com o seu

Wittegemot. Pensa Montesuma que, si a experiencia mostra que de reinos unidos se fórma um todo monarchico federal; si de provincias unidas se fórma um todo republicano; porque egualmente de provincias confederalmente unidas não formaremos um todo monarchico representativo? Refutou calorosamente muitas das considerações feitas por Carvalho e Mello e ás vezes victoriosamente.

Henrique de Rezende tomou a palavra, limitando-se sómente a explicar os motivos de haver apoiado a emenda, contra a qual votará.

A idéa federativa surgiu, para uns, como sinistra ameaça ao Governo Imperial e, no conceito de outros, como excellente systema de grande vantagem para administração do paiz. O que é certo, porém, é que ella preoccupou o Governo e fez saír a terreiro representantes que se abstinham de figurar na arena dos combatentes.

Logo que o deputado de Pernambuco emmudeceu, levantou-se o vulto encanecido de Silva Lisbôa e, com a gravidade e solemnidade do costume, começou a dissertar: «Sinto oppôr-me á emenda do meu amigo o sr. Ferreira França; mas este é o caso de dizer: é amigo Platão, porém, ainda é mais amiga a verdade.

Depois de haver trovejado contra ella, com eloquencia de Pericles, o illustre membro, o sr. Carvalho e Mello, nada teria eu a accrescentar, si não visse apoiada aquella emenda por varios senhores deputados e sustentada pelo mesmo sr. França. Notou-se ao sr. Mello o ter dito que ouvira com admiração tal emenda e foi chamado á ordem, porque arguira de inconsideração. Quanto a mim, confesso que fiquei admiradissimo e se houvesse superlativo maior para exprimir a minha admiração, delle uzaria. Esse termo é uzado no Parlamento de Inglaterra pelos mais discretos membros contra as opiniões dos seus mais intimos amigos e a palavra inconsideração, ao meu entender, não é injuriosa e só indica que não se deu a consideração que o objecto exigia.

Certamente se póde isso dizer da emenda, salva a honra e a bôa intenção do sr. França, a quem não posso attribuir sinistro disignio.

Entendo, todavia, que elle está em gravissimo erro, quando considerou que o systema da união federal das provincias do Brazil não seria contra a felicidade do povo. Não é de bôa razão o censurar-se, sem indulgencia, alguma palavra, não se dando a venia e tolerancia que aliás para si reclamam os que não são menos vehementes em suas expressões. Sr. presidente, estou persuadido que a palavra federal inserta na Constituição teria peior effeito que uma bala pestifera do levante para dissolução do Imperio do Brazil. Não vimos aqui fazer novo diccionario juridico: os termos federal, federativo, federação se derivam do termo latino — *fœdus* — que significa pacto e alliança com inimigos e amigos independentes para paz ou guerra.

A fundadora de Carthago, que moribunda fez imprecações contra o fundador do imperio romano e seus descendentes, deixou o legado do odio eterno, recommendando aos proprios subditos que com elles nunca fizessem federação ou transacção alguma — *nulla fœdus sunto*. Os escriptores do direito das gentes tambem declaram o que se entende por *causus fœderis*. —(Vatel, livro 6º, pag. 29).

E' bem conhecida a confederação Heveltica, a dos antigos Estados Geraes da Hollanda, quando esta se constituiu em Republica e a confederação do corpo germanico, composta de Estados independentes, ainda que associados para resistencia a inimigos communs...»

Não reproduziremos o discurso inteiro; quizemos, apenas, dar aos leitores duas amostras—1ª, da maneira discursiva do afamado jurisconsulto; 2ª, do pavido confrangimento dos animos, ouvindo a leitura da emenda concernente á federação. Essa emenda era uma novidade; ninguem ouzaria apresental-a, sinão o *celeberrimo philosopho*, o medico França. Em verdade, o espanto e outros sentimentos fôram geraes. Silva Lisbôa os synthetiza na phrase—*bala pestifera do levante*.

Não deixemos de notar que uma Assembléa, que cogitava questões desta ordem no meio de tantas incertezas, no momento em que o povo desconfiava do Imperador, persuadido de que se cercava de soldados e officiaes lusitanos para destruir a obra da Independencia, sem duvida alguma provoca as iras do Imperador, quer elle tenha os planos, que se lhe attribuem, quer não pense nelles. Coincidencia singular: a questão da federação é discutida immediatamente depois do debate a respeito da admissão dos lusitanos no exercito. Que pensaria d. Pedro, confrontando essas duas circumstancias? Tiraria dellas motivos para fórmar o seu conceito contra, ou a favor da Constituinte? Supporia, sim, ou não, que semelhante Assembléa era para elle mais um embaraço, do que um anxiliar?

Silva Lisbôa, que foi professor de Theologia em Coimbra, notavel como jurisconsulto, auctor de diversas obras juridicas e economicas, é o illustre visconde de Cayrú, um dos nomes venerados da patriotica e benemerita geração da Independencia. Attribue-se-lhe a *inspiração* do decreto de 1808, que d. João VI publicou, chegando á Bahia, decreto que abriu os portos do Brazil —até então vedados ao commercio de todas as nações, principalmente á Inglaterra como a mais amiga e que de prompto celebrou vantajosos tratados de commercio, etc.

Muitas razões concludentes provam que a resolução de franquear os portos é idéa ingleza, resultante não só de actos reteirados e conhecidos, como de seus interesses de povo industrial, commerciante e maritimo. O rei de Portugal, quando saíu do reino, invadido pelas cohortes do general Junot e *segui pelas aguas do Tejo, escoltado pela esquadra de s. magestade britannica, já trazia em buta no seues-pirito tal idéa positiva e imperiosamente exigida pelo ministerio inglez*. (1).

E' sabido que o ministerio britannico rompeu com a *Santa Alliança* dos reis absolutos e tomou a peito sustentar a causa das colonias americanas (2). Não se ignoram os grandes serviços que fez ao reino luistano, durante as guerras e invasão de Bonaparte; é difficil crer que a Inglaterra fizesse tanto, em pró de d. João VI e do seu povo, *por méro amor platoico*...

Silva Lisbôa foi, todavia, redactor do referido decreto. A credulidade publica, a vaidade nacional, — nessa temporada, — brazileira e portugueza conjunctamente, emprestaram a idéa ao jurisconsulto e ao rei, reputando um feito glorioso por concorrer para o desenvolvimento da civilisação e do progresso dos povos. Não podemos esmerilhar este assumpto, porque cumpre-nos acompanhar o orador na Constituinte de 1823 e não o jurisconsulto de 1808... O venerando ancião exercia na Assembléa certa auctoridade que naturalmente dá uma reputação lanreada pela fama e confirmada por meritos incontestaveis. Quando elle falava, era escutado respeitosamente. Elle abuzava desssa attenção, ampliando sempre as as suas dissertações. Notemos nesse discurso as rapidas transicções do orador, que passa dos Estados Unidos da America do Norte para as confederações das colonias de Hespanha e da Terra do Fogo. Elle discursa sobre o principio federativo durante a grande Revolução Franceza, assim a respeito do furor dos partidos, dos ambiciosos, das falsas esperanças de fortuna, de liberdade e poder. Tratando da divisão com o Rio da Prata pelo Estado Cisplatino, recitou versos do poema *Caramurú*, cujo auctor, diz o orador, é uma das honras da provincia de Minas:

«S. Vicente e S. Paulo os nomes deram
As extremas provincias que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata se estenderão
As que com proprio marco assignalamos

E para prova de que nossas eram
De marco o nome no logar deixamos
Povoação que aos vindouros significa
Onde o termo e hespanhol e o luso ficam.»

Depois de uma dissertação sobre o Baixo imperio, o orador pronuncía immediatamente: «o grande mestre da politica, Aristoteles, comparando o democratismo com o despotismo, diz que são as corrupções do governo regular e que tem o radical vicio do costume semelhante: taes são o despotismo e o democratismo. Por isso, na grande lucta da liberdade dos povos contra o tyrannia militar da França, viu-se o odioso exemplo de confederar-se o governo de taes Estados com o corço, despota da Europa e da America, contra o governo da Grã-Bretanha, que sustentava a sua independencia e as liberdades dos estados cultos e até negou a Portugal e á Hespanha os seus alimentos sobejos que estes aliás reinos compraram a pezo de ouro para sua salvação contra o universal iuvasor. Os Estados democraticos ainda que federados (pondera Silva Lisbôa) sempre fôram ephemeros, estando á mercê dos grandes potentados só fazem mesquinhos calculos de seguirem o partido dos mais. O orador pergunta que comparação ha entre os territorios que compunham a heptarchia de Inglaterra, como exemplo de reinos confederados, com as provincias do Brazil, que sempre estiveram unidas e continuam sob o governo dum só monarcha. Além disto, é constante que no tempo daquella heptarchia, só reinou a anarchia e a contínua guerra dos principes respectivos e povo gemia com escravidão pessoal, em modo que até se faziam carregações de escravatura dos naturaes do paiz, cujos mercados principaes eram Liverpool, Bristol, Londres, como mostrou com documentos antigos no parlamento Wilbrforce, quando tratou da abolição do sangue humano.»

Em certo momento, o jurisconsulto orador exclamou: «ouvi com assombro dizer que sendo o Brazil de immenso territorio e cada uma de suas provincias tendo a extensão de grandes reinos, decorridos annos estas se hão de dividir em reinos separados: seja embóra assim: eu direi que será muito tarde, havendo bom governo conciliador. Lembra-me o dito do poeta Seneca sobre o descobrimento da America:

«Venient annis secula seris
Quibus oceanus vincula rerum
Laxet et ingens pateat tellus.»

Silva Lisbôa pensa e affirma que a união das provincias é obra feita; não precisa de federação. E como lhe perguntaram si já estavam unidas as provincias do Maranhão e do Pará, respondeu «que com toda razão devemos presumir que a vontade dos habitantes das mesmas provincias será não menos conforme á honra brazileira e que desejarão fazer parte integrante do Imperio do Brazil, acclamando, como as outras, ao seu augusto Imperador, logo que se puderem libertar dos jugos dos lusitanos.»

O orador declara que muito teria ainda a dizer sobre varias coisas, porém descontinúa a falar, porque alguns dos srs. deputados, que apoiaram a emenda, ou fizeram uma especie de retractação explicativa ou se bateram em retirada.»

Eis ahi o perfil do sabio jurisconsulto visconde de Cayrú, sobresaíndo de suas proprias palavras, expressão fiel do seu *eu*. Parece que o homem era tal qual o manifesta o seu discurso. Elle foi jurista, advogado, professor de theologia em Coimbra, auctor de obras de direito e, finalmente, já ancião, membro da Constituinte e, por consequencia, orador politico. Elle dissertava á maneira dos jurisconsultos; não era um *debater* segundo o gosto e a indole ingleza. Nelle o legislador parlamentar vestia a toga doutoral do oraculo da *razão escripta*. Está bem patente que não é um orador de alta plana, por diversas razões; falta-lhe a principal condição —a mocidade—que é um poder; que sente—o *Deus in nobis agitante calescimus illo*. E', ao contrario, um velho, cujas energias de vontade e de pensamento exgotaram-se sobre os textos das Pandectas e da informe legislação e ordenações do reino. Naquelle cerebro não ha as irradiações dum idéal novo; tudo é reminiscencia do passado; tudo severo e fecundo ensino da experiencia. Chamado para collaborar na obra da organisação do governo constitucional e representativo, em que predomina a soberania nacional, em que a liberdade civil e politica exige, por assim dizer, cultos e altares, Silva Lisbôa quasi exclamou, como o desterrado no Ponto Euxino: *Barbarus, hic, ego sum, quia non intelligo illos*. Em verdade, elle é como que um resuscitado, no meio duma geração nova, que não sente, não pensa nem fala á moda daquelles, com os quaes havia vivido a sua longa vida, venerando a realeza, qual imagem de Deus na terra. Elle acreditava e repetia a respeito della a palavra divina *per me reges regnant*.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port*; Comte de Viel Castel, *Hist. de la Rest*,; Napier, *Guer da Penins*; Dewergier de Hauranne, *Hist. du Gouv. Parlam.*

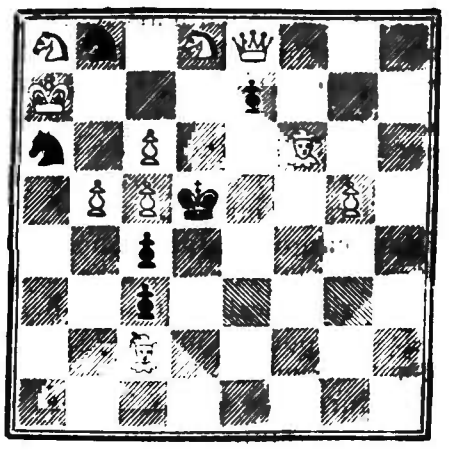
(2) Idem.

XADREZ

PROBLEMA N. 51

F. Mendes de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (6)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 57 (*a*)

(Jogada no Club dos Diarios a 3 de maio de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (Teichmann)		*Pretas* (Alliados)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B D	— 2 —	C 3 B D
P 4 B R	— 3 —	P 3 D
C 3 B R	— 4 —	B 2 R
B 4 B	— 5 —	C 3 B R
P 3 D	— 6 —	B 3 R
B 5 C D	— 7 —	B 5 C R
P 3 T R	— 8 —	B × C
D × B	— 9 —	Roque
B × C	— 10 —	P × B
P × P	— 11 —	P × P
Roque	— 12 —	C 1 R
B 3 R	— 13 —	B 4 C
C 2 R	— 14 —	B × B x
D × B	— 15 —	P 3 C R
T 3 B	— 16 —	D 2 D
T D 1 B R	— 17 —	T 1 C D
P 3 C D	— 18 —	P 3 T D
D 6 T	— 19 —	P 3 B R
P 4 T R	— 20 —	D 2 C R
D 3 R	— 21 —	C 3 D ?
C 3 C R	— 22 —	R 1 T
D 5 B	— 23 —	T 3 C
D × P R	— 24 —	C 4 B R !
C × C	— 25 —	P × D
C × D	— 26 —	T × T
T × T	— 27 —	R × C
P 4 C R	— 28 —	P 4 B D
R 2 B	— 29 —	T 3 D
R 2 R	— 30 —	P 4 T D
P 4 T D	— 31 —	P 3 B D
R 2 D	— 32 —	T 2 D
R 3 B	— 33 —	T 5 D
P 5 C R	— 34 —	abandonam (*b*)

(*a*) Esta partida foi jogada contra o dr. C. Leite, Henrique Costa e Annibal da Costa Pereira.

(*b*) Partida calma: dispensa commentarios. A situação final revela a habilidade estrategica de Teichmann. Não ha lance das Pretas nesta situação que não acarrete uma derrota immediata.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 50 (*H. de Barros e Azevedo*): D 1 R.

JOSÉ GETULIO.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

O estado-maior, a engenharia e o estado-maior de artilharia — Os coroneis e tenentes-coroneis — O que elles valem.

Somos um pouco mais felizes, sem comtudo attingirmos ao gráu de perfeição desejavel, em se tratando de acção directora dos chefes militares nas commissões technicas e nos diversos estabelecimentos da nossa administração militar.

Esses cargos competem aos officiaes dos corpos especiaes — estado-maior, engenharia e estado-maior de artilharia — e por serem elles gente mais preparada, mais obrigada ao estudo pela natureza de suas funcções, a sua acção, em muitos casos, é satisfactoria.

Não exclúe essa circumstancia o facto de se apresentar insufficiente em grande numero, a maioria talvez, que nada vale e cuja sapiencia e instrucção muito ou tudo deixam a desejar para melhor.

Dos tres agrupamentos ahi citados —o que mais se salienta, ou, melhor, o que maior numero de inutilidades offerece é o da artilharia. O seu pessoal é mais apurado na ignorancia de seus mistéres, o que se deve attribuir, em parte notavel, aos grandes estadios que muitos delles passam pelos regimentos e batalhões da sua arma, perdendo o habito e os incentivos para o estudo e desaprendendo o pouco que sabiam ou o que não sabiam; e assim, quando pelos azares da sorte lhes tóca a direcção de um estabelecimento ou commissão technica, a sua actividade limita-se ao trabalho puramente administrativo, do papelorio — nada se aperfeiçoando, melhorando ou adeantando em relação ao modo de conduzir os serviços e a sua producção.

Por isso, geralmente, vemos os nossos arsenaes e outras fabricas transformarem-se em centros improductivos, onerosos, apezar da manutenção de um pessoal extraordinariamente numeroso, e carissimo á vista dos insignificantes resultados que apresenta.

E' verdade que os poderes publicos nem sempre olham para esses estabelecimentos com a attenção desejavel, mas é egualmente certo que, outros fôssem os seus administradores, mais capazes, mais activos, do pouco e imperfeito que possuimos a tal respeito, muito maior rendimento se alcançaria; além de que, si houvesse constante reclamações dos chefes, maior pertinacia na proposta de modificações e acquisição de elementos novos, talvez alguma coisa mais conseguissem.

Quem se dér ao trabalho de percorrer, em analyse muito summaria e rapida, o quadro dos officiaes superiores da artilharia, para principiar por esta, concordará plenamente comnosco sobre a figuração de muitas inutilidades que melhor se collocariam no quadro dos reformados.

E dizemos assim porque ha ahi um grande numero que nada mais ambiciona — por já ter subido demasiado tendo em attenção á sua pouca competencia — e que agóra só nutrem o desejo de ficar em paz, esquecidos, em algum batalhão ou regimento desarmado ou no aconchego salvador e extremamente pacato da Direcção Geral de Artilharia — refugio de toda a gente pouco prestavel e dada ao descanço.

Mas não desviemos o assumpto, e passemos a examinar o quadro de coroneis — estado-maior e arregimentados.

Constitúe-se elle de 17 coroneis, dos quaes 14 fazem parte do quadro ordinario e 2 do extraordinario.

Desses tres não sabemos bem para o que melhor se prestam, si para a vida arregimentada si para chefes de commissão.

Um é congressista antigo; já, de ha muito, si é que os possuia, perdeu por completo os habitos e conhecimentos da sua profissão, não sendo provavel que, si algum dia, por qualquer reviravolta politica, regressar á sua vida primitiva, possa dar coisa prestavel. O outro é lente vitalicio: está egualmente perdido para a militança. Na paz do seu lar, estará sempre garantido e com vencimentos bem alargados, de modo a nada mais ambicionar. Além disso — o que é louvavel — dedica-se muito ao assumpto da sua cadeira, sendo natural que a arte da guerra tenha ficado de parte, em esquecimento.

O terceiro tambem é lente em disponibilidade — o que lhe traz a vantagem de comer por dois carrinhos em um só emprego. E' bom chefe, como se costuma dizer, isto é, não faz mal a ninguem, muito bom pae de familia, tem medo de falar e, quando o faz, pouco dá a entender, e assim viverá por muitos annos ainda.

Dos do quadro, não se fazendo uma apuração muito severa, tiram-se seis em bôas condições de uma reforma voluntaria, sem que, com a sua ausencia, haja grande desgraça. Ha notadamente um, do estado-maior—benza-o Deus! — que é uma completa inutilidade, desde o seu physico, pouco apparatoso e esthetico, até o intellecto, muito mediamente esclarecido.

Dos 17 coroneis existentes, não falando de dois, dos quaes não conhecemos as qualidades, seis apenas teem valor; dois dão excellentes commandantes, principalmente um, cujo interesse no serviço, gosto e grande applicação ao estudo, o tornam bem merecedor do posto que occupa. Os outros quatro dão bons directores de estabelecimentos technico-fabris, porque tambem estudam, acompanham com interesse as transformações e aperfeiçoamentos da industria militar — estando sempre ao par do que é novo e bom.

Os tenentes-coroneis são em numero de 17, pertencendo apenas um ao quadro extraordinario.

A um rapido exame, apanham-se sem grande difficuldade seis mediocres em extremo: não servem para commandar, nem para dirigir fabricas nem para coisa alguma. Ha, até, nesse numero, uns completamente invalidos e que só por uma mal entendida condescendencia se conservam na activa, e outros que primam pelo desleixo dos uniformes, timbrando em andar sujos.

Um delles, especialmente, é de uma incapacidade á prova de fogo: desconhece as mais comesinhas noções de sua profissão. Ainda ha tempos, quando major, vimol-o inteiramente atrapalhado com uma consulta impertinente que havia recebido de um amigo seu, a respeito de um parecer, ou coisa semelhante, que tinha a dar sobre os effeitos de uma espingarda de caça. Como não tivesse elle a minima noção do que era o tiro de uma arma de fogo, do seu mechanismo, nem dos seus effeitos conhecidos, teve de recorrer, sem grande acanhamento, a collegas seus de arma, mais espertos, para lhe lavrarem o tal parecer de accordo com os quesitos impostos pelo amigo, e só assim pôde attendel-o. Pouco tempo depois, foi promovido a tenente-coronel.. e por merecimento.

Dos demais, são para nós desconhecidos quatro e sete podemos apontar como aproveitaveis, sendo alguns bons commandantes.

Em tempo, iniciaremos a analyse pelo estado-maior.

TENENTE MAX.

RECEBEMOS:

Por intermedio do sr. alferes Mario Barretto, recebemos do professor cearense Odorico Castello Branco quatro volumes de uma série de trabalhos destinados á educação da mocidade ou á regeneração do ensino da arithmetica, conforme a respeitavel opinião do velho mestre cearense José de Barcellos.

Esses livros formam um curso progressivo, sendo o primeiro um compendio de Arithmetica Inicial; o segundo, de Arithmetica Primaria, e os dois ultimos — Licções de Arithmetica, todos muito recommendarios pelos apuros da exposição e precisão do methodo empregado.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

ANNO III — Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1906 — Num. 86

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não ha neste portentoso paiz, fadado, como se repete, ha um seculo, em estylo de Fala do Throno, para os mais altos destinos, quem desconheça a necessidade urgente, inadiavel de cuidar da producção nacional de que toda a gente se occupa com desvelado carinho, com sciencia a rôdo, sem a indicação de um plano viavel, proveitoso, fóra dos carunchosos processos de um empirismo vesgo.

O Imperio se desmoronou entre brilhantes promessas de auxilios á lavoura, promessas que não conseguiram deslumbrar os plantadores de café, nem os consolar da perda dos braços roubados pela abolição da escravaria. A Republica surgiu numa edade de ouro, que suffocou todas as queixas, descortinando uma perspectiva de prosperidade solida, duradoura, attingindo a phase do delirio, como si um virulento contagio de megalomania tivesse invadido até a medula do organismo nacional. Passado esse periodo agudo de allucinação, veio o colapso; entraram a vacillar os castellos doirados construidos sem fundamentos sobre um sólo inconsistente, apressadamente, como o traço da imaginação exacerbada pelo prestigio dos Aladinos que rebentavam por toda a parte aos magotes, qual mais atilado, qual mais miraculoso, suscitando pretextos para toda a sorte de emprehendimentos geniaes ou absurdos, acordando estremunhados do velho somno da poupança, de economia pé de boi, os mais desconfiados, os mais ariscos e os mais uzurarios. As venerandas arcas chapeadas de ferro, os grandes cofres suggestivos, as gavetas obscuras, os pés de meia, contendo os thezouros da previsão, os resultados de privações inenarraveis, de sacrificios crueis, fôram despejados nas caldeiras sorvedouros onde a *chimica* fundia o ouro dos monstruosos capitaes das phantasticas emprezas promettedoras de beneficios portentosos.

A lavoura, especialmente a producção do café, foi victima de escol dos alchimistas que sacrificaram ao merifico invento de pedra philosophal da regeneração, da propulsão de todas as fontes de riqueza e por isso mesmo soffreu as funestas consequencias da decepção quando, desfeitas as brumas do sonho, se restaurou a exacta visão das coisas. E desde então, recrudesceu a crise economica e financeira com ephemeras remissões, recalcitrante ás panacéas, aos planos, aos processos de toda a mestrança indigena.

Teem-se utilisado, em vão, os recursos mais engenhosos da sciencia e da politica; teem-se suggerido as mais cerebrinas medidas; aconselhou-se a destruição pelo fogo dos cafezaes excessivos, exúberantes, como si fôssem criminosamente ubertosas as fecundas entranhas da terra roxa; inventou-se, afinal, no extremo aperto da crise obstinada, o *Convenio de Taubaté*, que despontou entre os clamores do enthusiasmo do desespero como a magica palavra da salvação indicando o *x* do teimoso problema.

Nós, como toda a gente, não somos infensos á idéa de promover, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e a valorisação da producção nacional, porque não atinamos ainda como se possa augmentar o valor restringindo a capacidade natural dos mananciaes economicos. Si a Republica Argentina, tão calumniada agóra, pelos nossos economistas e financeiros, matasse os seus rebanhos ou queimasse os seus trigaes para augmentar o valor da lã e da farinha, deveriamos suppor, com sincera lastima, que os nossos amaveis visinhos e carissimos amigos na fraternidade sul-americana, estavam malucos. A industria platina conservou os seus rebanhos cada vez mais numerosos e as plantações cada vez mais extensas e conseguiu dar progressivo valor aos seus productos, apesar da terrivel competencia que se lhes fazia nos mercados consumidores.

Esse brilhante exemplo indica que desenvolver não é incompativel com os intuitos valorisadores. Que não fariam os argentinos si das suas campinas saíssem duas terças partes da producção da lã para o consumo mundial?

Chega a ser—porque não dizel-o?—uma vergonha, uma lamentavel demonstração de incapacidade, vivermos, tendo a primazia do fornecimento de café ao consumo universal, subordinados á exploração de especuladores estrangeiros a jogarem, nas bolsas do Havre, de Nova York, os brilhantes destinos da nossa lavoura.

Os productores brazileiros habituaram-se á depressiva tutella do Governo, perderam o generoso impulso de iniciativa; queixam-se de permanente adversidade, queixam-se das safras abundantes, tambem das escassas, do cambio, como si este fôsse causa e não effeito, não percebendo que são os principaes, sinão unicos, responsaveis da desvalorisação do café.

A Argentina conseguiu, com o aperfeiçoamento dos processos de criação e cultura, competir galhardamente com os similares da America do Norte, da Europa, da Australia, da Nova Zelandia; nós, brazileiros, amarrados á rotina dos velhos processos condemnados, não podemos luctar com o terço da producção do café dos nossos varios competidores victoriosos. E esse café, mal tratado, accuzando a nossa incuria, o nosso relaxamento, váe ser preparado, váe ser valorisado nos grandes emporios, onde se desnacionaliza, adoptando procedencias famosas de Moka, de Java, ficando brazileiro o de peior qualidade.

Das causas da desvalorisação poderemos ter noção exacta, si considerarmos a pessima qualidade de café consumido aqui no Rio de Janeiro, o café

torrado, essa infamissima mistura de coisas pôdres, vendido a retalho por preços excessivos, criminosa industria de descredito superior aos esforços e meios de repressão da policia sanitaria.

Nessas precarias condições de costumes, eivados do virus da falsificação e de outros elementos deleterios gerados no estrume da preguiça e do relaxamento indigena, serão sempre inefficazes os meios occasionaes, transitorios, de acção ephemera, emquanto permanecerem as causas essenciaes do mal.

***

O convenio de Taubaté poderia ter os resultados de uma iniciativa patriotica, si não nascesse atacado de vicios de conformação : elle se desmoralizou antes de receber os sacramentos, a approvação dos Congressos dos tres Estados contractantes, approvação indispensavel para ser apresentado ao Congresso Nacional, uma vez que o café, para ser valorizado, se sobrecarregou com a taxa de tres francos por sacca, tributo dependente de lei estadoal.

Póde-se affirmar que o Convenio deu o cacho. Gerado de paternidade multipla, nas entranhas da Colligação, elle produziu o *blóco* ; serviu de pretexto para a permanencia, para o robustecimento da politica dos governadores, e cumpriu a sua lastimavel missão.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Ao pôr do sol, encostámos ao porto da povoação de Nossa Senhora da Guia, situada á margem direita do Negro e acima da embocadura do Issana, onde vivem indios baniuas.

A Guia tinha uma capellinha já bastante arruinada e menos duma duzia de casas, todas de palha e algumas sem portas, nem janellas. Notava-se alli, como nas outras povoações, a mesma decadencia e o mesmo ar de pobreza.

Os principaes moradores do logar eram o negociante Pinheiro e frei Venancio.

Logar pequenino, inferno grande— bem diziam os antigos.

O missioneiro e o regatão viviam intrigados e guerreavam-se. Um prejudicava os interesses do outro.

Frei Venancio era italiano, da ordem dos Franciscanos, e apascentava, naquelle fim do mundo, magro rebanho de uma duzia de mulheres indigenas, que lhe teciam *maqueiras* e balainhos; e doutros tantos homens, que lhe pagavam, a contragosto, os baptisados, os casamentos e as encommendações, com paneiros de farinha, pelles de lontra, onça, caetetú e antas, linguas de *pirarucú* para ralar *guaraná*, banquinhos pintados e ralos do Uaupéz, queijos de borracha, *cabeçudos* e *tracajás*, peixes moqueados, favas cheirosas de *cumarú* e *puchury*, flechas e arcos, *acangatáras* e *zarabatanas*, oleo de cupahiba e mel de abelha, *tupés* de *jacitara* e *maracás* enfeitados, panellinhas de *uirary* e *macacos barrigudos* ou *caiaráras* ou *prégos* ou *caxiús* ou *quatás*, (todos serviam), papagaios amarellos *parauátauas* preparados no Uaupéz com gordura de *pirárára*, *anacãs* com seu bello diadema movel de delicadas plumas e toda a classe de *xerimbabos* e tudo que podiam conseguir para satisfazerem ao bom frade, que nada recuzava, mas não baptizava nem cazava fiado, porque *devia* edificar com o exemplo as suas ovelhas e ensinar-lhes a darem valor ao trabalho. Esta doutrina, combatida pelo Pinheiro Regatão, que fiava a todos, não deixou sem desgostos o missionario.

Era folgazão e hospitaleiro o bom do frei Venancio, que só perdia a alegria, quando forçado a referir-se ao rival. Os indios chamavam-lhe *payé tucura* (padre gafanhoto), pela semelhança que achavam entre o insecto e o frade, com o seu capúz.

Recebeu-me com agrado e fez-me muito bom agasalho.

O seu jantar, si não primou pela delicadeza dos manjares e não podia pretender referencias honrosas dum Brillat Savarin, foi extraordinario para aquellas paragens, saboroso e abundante. Depois duma sopa gorda de macarrão com muitas azeitonas, onde despejou algumas colheradas de parmesão ralado, veio uma gallinha de molho pardo com grandes pedaços de paio cozido e um prato travessa de talharim, que elle repetiu, como era natural.. Enxugou uma garrafa inteira de *vinho santo* da sua terra, que preconizou com prazer intenso e convicção profunda. Para rematar, cavou fundo num queijo Gorgonsola e comeu-o com bolaxa. Era bom e muito jovial o meu caro amphytrião, mas creio que infringia a regra austera da sua ordem, na parte relativa ao quinto peccado mortal. Alto e gordo, de labios grossos, tinha a physionomia aberta e francos ares de bonachão.

Queixou-se-me dos indios — no seu conceito, raça de brutos e malandros, eivados de superstições grosseiras e por isso mesmo muito avessos ás praticas do culto religioso e incapazes de comprehenderem o cathecismo e a santa doutrina, que elle tanto se esforçava por lhes ensinar. Era uma injustiça áquella pobre gente, porque frei Venancio linguajava num portuguez que, bem longe de ser ladino, era antes uma gerigonça, em que predominava o italiano e onde appareciam estropiados vocabulos vernaculos e nheengatús.

Depois do copioso jantar, veio um café com canella. Accendemos os nossos longos cigarros de tauary e fumo aromatico de Borba e palestrámos algum tempo. O campo da Guia, na sua opinião, tinha poucas ovelhas e elle pensava em mudar-se para o rio Uaupéz, onde o rebanho seria maior e mais vantajoso. Demorou-se pouco e retirou-se. Deitei-me na minha maqueira de tucum armada ao canto da sala.

Dahi a pouco, ouvia no outro compartimento os roncos de frei Venancio, que parecia ás vezes falar pausadamente. Tive medo duma congestão e fui ver o que acontecia. Felizmente tudo cessou. Não pude saber si foi um pezadello.

No dia seguinte quando despertei antes do nascer do sol, já o bom frei Venancio voltava do banho e o sino da capellinha badalava chamando os neophitos á missa.

Dita e ouvida, partimos.

Pouco depois, enfrentavamos com a povoação de São Felippe, decadente e sem vida como as outras. Sésteámos em Carapanã, defronte da bocca do Uaupéz. A's quatro horas da tarde, deixámos para tráz Cabary e uma hora depois chegámos a São Gabriel. Do Uaupéz para baixo, a velocidade da corrente augmenta muito e do Cabary até São Gabriel é um rapido só. Corremos pelo largo a cachoeira da Fortaleza. O rio encapellava-se em escarcéos que pareciam collinas separadas por valles fundamente cavados, alteando-se e baixando sem cessar e nivelando-se além. Adeante surgiam da face liza columnas que gyravam rapidas por alguns momentos e desfaziam-se em flocos de espuma, matizando de branco as aguas negras. Mais de uma vez se nos abriu pela prôa immenso funil, rodando em rapidas espiras, e o proeiro vigilante e attento mettia o remo de encontro e desviava a *Dinorah*, guinando lesta e tangenciando á borda do abysmo, que remoinhava medonho alguns segundos mais, para fechar-se adeante. De vez em quando, o *jacumãiua* gritava mas sem se esguellar, num tom de calma e confiança :

— *Peapucúi curutén*, *peapucui kirimbáu*, (remáe ligeiro, remáe forte).

Os remeiros apertava e a canôa saltava airosa, afocinhando no seu seio e empinando na crista.

A velocidade era vertiginosa e em poucos minutos chegámos ao grande remanso, que a marejada espumante nunca deixa de agitar. Demorei-me em São Gabriel dois dias, que aproveitei para escrever aos entes queridos, sem nada dizer-lhes da aventura.

Alli estava o meu presado companheiro e bom amigo Alfredo Costa, distincto official de marinha e membro da commissão. Desceu commigo até Camanáu e de lá segiu para a Côrte com licença para tratar da sua saúde, muito alterada pela nossa ingrata vida de privações e máus ares.

Mandou-me da Trindade algumas bôas espias de piassaba.

Requisitei logo trinta indios, que a auctoridade me mandou apresentar. Fiquei para o nosso serviço com as canôas em que vieram.

Quando passei por São Gabriel, mandei chamar, e levei commigo, o velho indio Manoel Pedro, ex-praça do exercito e rei dos praticos daquella secção encachoeirada, que conhecia tanto ou melhor do que o rancho em que vivia. Não havia pedra, nem restinga, submersa ou descoberta, que o velho soldado não soubesse, nem remanso por elle ignorado. Pelo estado do rio, conhecia as correntes superficiaes e profundas, a sua direcção e intensidade. Era admiravel. Na pequena montaria atravessava, á noite, apenas com um curumy na prôa, do seu sitio para São Gabriel, descuidado das ameaças das cachoeiras.

Tinha a coragem de velho soldado e o sangue frio dos homens da sua raça.

Eu sabia que o Manoel Pedro seria capaz de tentar a passagem. Nenhum dos outros se atreveria. Convidei-o para a aventura e acceitou sem hesitar.

Hospedámo-nos no sitio do velho major Palheta, mestiço de indio, bom homem e a primeira auctoridade policial daquella zona até á fronteira venezuelana. Estava ausente. A casa tinha um avarandado na frente, onde armei a minha maqueira, e estava situada na margem esquerda, logo acima da grande quéda, num ponto elevado e pictoresco. O major havia conquistado á floresta uma pequena área, transformada em campo, onde algumas rezes pastavam, rabeando sem cessar pela perseguição das mutucas.

Logo após a nossa chegada, desci com o Manoel Pedro ao largo e bello remanso da cachoeira, onde a lancha balouçava, agitada de leve pelas marêtas mansas, que íam morrer nos cachopos marginaes.

Disse-me o velho tapuya :

—A «boyassú» (cobra grande), mãe do rio, já desceu para a sua bahia, acima da bocca do Taruman. O rio agóra está baixando e é melhor esperar até que as aguas corram mansas. A lancha subirá com mais facilidade.

Achei razoavel o que elle dizia e, apezar da minha impaciencia, concordei.

***

Ella estava amarrada pela prôa a uma arvore, que nascera numa fenda da rocha. O machinista, muito cuidadoso, tratava-a bem. Gostei de vel-a com o soalho amarellado de pinho de Riga, muito bem lavado, sem uma fusca siquer, com as costuras da calafeto muito negras, os bronzes reluzentes e as peças de aço polidas e brancas como prata. Era americano, si bem me lembro, da Carolina do Sul e chamava-se Baxter. Entendia muito do officio e era um empregado exemplar no cumprimento dos seus deveres. Havia conseguido corrigir alguns defeitos da *Araujo*, mas o principal, que era a diminuição rapida da tensão do vapor, continuou, por ser essencial. Seria preciso substituir a caldeira insufficiente. O nosso foguista era o Pedro Osorio, fluminense de Nitheroy e ex-empregado duma padaria.

Completava a tripolação o Macario, crioulo bahiano, vivo e forte, que servia de timoneiro e fazia tambem de cozinheiro.

O Manoel Pedro foi de parecer que se deveria tentar a passagem de Camanáu, á espia sómente, como si a lancha fôsse um grande batelão, abstraíndo-se inteiramente da machina. Parecia-me razoavel e não era tão perigoso, pelo menos.

O dia 14 de agosto foi o escolhido por estarem as aguas em condições favoraveis. O rio baixava rapidamente.

Ao amanhecer, toda a gente reuniu-se no remanso ; a maior parte sobre as pedras, alguns em canôas.

O velho pratico dirigia a manobra. Estendeu, elle proprio, as grossas espias de piassaba de seis pollegadas, collocou por grupos os homens nos seus postos, descriminando-lhes as obrigações.

Desamarrou a lancha que parecia fria e indifferente a todas aquellas manobras, como si sentisse o rebaixamento e a humilhação a que queriam condemnal-a. Deixou-se conduzir á sirga pelo remanso, ao longo da penedia, até o estreito, onde as aguas despenhavam.

Quando a metteram no seio da espumarada e a pucharam com mais força pelas espias, refugou como um poldro bravío e quasi as arrebatou, na arrancada, das mãos da indiada.

Fôram baldados todos os esforços dos mens trinta homens e a habilidade do Manoel Pedro.

Como pezado batelão, a *Araujo* não passaria. Seria inutil insistir. Sómente a vapor. Voltou ao ancoradouro onde estava.

Dei então as providencias que fôram julgadas necessarias para o dia seguinte. Mandei chamar o foguista Osorio e ordenei-lhe que fôsse á matta com duas duzias de indios cortar lenha escolhida da melhor madeira, em pequenos tóros.

Ao Baxter communiquei a minha resolução de forçar no dia seguinte a passagem a vapor, para o que a lancha deveria estar prompta ao amanhecer.

Reflectiu alguns momentos e pediu-me cortezmente que o dispensasse de tal serviço.

—Porque ? — perguntei.

—Tenho mulher e filhos e nenhum interesse tenho em sacrificar-me nesta aventura.

Elle tambem fôra de opinião que a *Araujo* não passaria.

—Sinto muito, sr. Baxter.

E para ver si elle mudava de resolução, accrescentei :

—Nunca pensei que um americano se negasse a ajudar-me nesta empreza, onde ha algum perigo.

O bom homem, sorrindo friamente, murmurou :

—Pois eu receio e não tenho necessidade de arriscar-me.

O Osorio tinha seguido para o matto com uma grande faxina e ouviamos as pancadas dos machados manejados por mãos potentes, talhando os troncos robustos das madeiras rijas, que elle e os indios bem conheciam, e que iriam abrazar na madrugada seguinte as entranhas do vaporsinho.

Fil-o vir á minha presença immediata e dei-lhe a mesma ordem, que acabava de dar ao Baxter, accrescentando que este estava dispensado, tendo-se recusado a preparar a lancha.

—Eu tambem não posso ir, sr. capitão, e peço a v. s. que me dispense.

—Não e não. Por bem ou por mal, á vontade ou á força, você ha de cumprir a minha ordem. E' preciso levar a lancha até Marabitanas. Você é brazileiro e irá commigo.

— Oh *xentes*, *seu* Osorio, o senhor está com medo ? Brazileiro é homem... — Disse o Macario.

— Si v. s. fôr, eu tambem vou.

Fôram as palavras do Osorio, ás quaes eu, mais animado pela remoção daquelle obstaculo imprevisto, retorqui :

— Aprompte tudo para o clarear do dia. Tomará conta da machina e o Macario do fogo.

A machina era pouco complicada ; e elle, rapaz intelligente e trabalhador, sabia manejal-a.

Tornou ao matto com o meu comprovinciano *prósa*, e á tardinha rumas de peqnenos tóros de lenha vermelha e escura, de preciosissimas madeiras, accumulavam-se nas lages proximas á prancha que dava accesso á *Araujo*.

A noite foi fresca e o céo limpo de nuvens.

Armámos as nossas maqueiras nos esteios do avarandado do Palheta, o Manuel Pedro e eu. O indio velho, com vóz meio rouca, acompanhava na vióla, em triste melodia, uns versos nheengatús, dos quaes conservei os seguintes:

Uacuráu, jurúpary,
Ocutúca ce canêra
Andirá, mira catú
Omundéca ce candêa
Xauatá, uatá arama
Amú tetama rupi.

(O bacuráo, o demonio,
Feriu a minha canella
O morcego, bôa gente,
Accendeu minha candeia
Para eu andar andando
Atravéz de terra extranha.)

E o fragor das catadupas, que se torna mais intenso á noite, servia de pancadaria áquella musica singela e melancolica.

***

O 16 de agosto amanheceu bello e risonho. As aguas pareciam faiscar aos beijos do sol nascente, e as aracuãs, na matta proxima, cantavam a curtos intervallos, ensinando-nos o nome por que os indios as conhecem.

A's oito horas da manhã, o Osorio deu-me parte que a lancha estava prompta.

Parecia um dia de festa. Toda aquella gente movia-se alegre, e alguns, apezar da fleugma que lhes é habitual, davam cambalhotas e cantavam o tangará-uirá maháta nerimbáo? (passarinho tangará, qual é teu xerimbabo?) De todos aquelles homens, eu, sómente, estava apprehensivo e cheio de cuidados. Senti um estremecimento quando ouvi as palavras tão ardentemente esperadas: «A lancha está prompta». Não posso descrever a minha emoção. Estava prestes a cumprir a minha promessa; mas as vidas de tantos homens iam correr perigo por um capricho meu. Sentia todo o pezo da responsabilidade, que havia espontaneamente contraído.

Custasse o que custasse, porém, iria avante, e a lancha só não chegaria a Marabitanas si se espedaçasse nos parceis ou voasse, numa explosão, pelos ares. Embarquei cheio de esperanças e confiado na habilidade e coragem fria do Manoel Pedro. Os meus companheiros, dentro na *Araujo*, eram quatro: Manoel Pedro, no leme de roda, á prôa; o indio Andréassú, na *esparrella*, leme de fortuna armado á pôpa para ajudar a manobra; Osorio, na machina; e Macario, na fornalha.

Como a minha vóz seria abafada pelo rugido das aguas, combinei apitar quando chegasse a hora de envidar todo o esforço para alar as espias. Assumi o commando e, de pé na prôa, mandei largar a amarra que nos prendia á terra. O vaporsinho era detido sómente pelas espias que trinta indios seguravam. Percorreu, garboso, a distancia que nos separava da grande quéda, a pouca força, subindo o remanso, abeirando as pedras e costeando o rochedo lizo e baixo. Já as marejadas começavam a agital-o fortemente, quando mandei: — «toda força» e apitei tres vezes para alarem as espias *alahuna*. O manometro marcava 60 libras de pressão. Não era prudente ir além, por não inspirar confiança a caldeira, já muito uzada. O Manoel Pedro, no leme, mantinha-se calmo e lésto, como um rapaz. Quando a prôa entrou naquellas aguas revoltas, a *Araujo* empinou, e cachões espumantes penetraram pelas bordas. O timoneiro endireitava-a para a margem, onde a prendiam as espias, que entezavam mais e mais. A pôpa submergia-se e a agua já lavava o convéz de ré. O momento era critico e o quadro devia ser impressivo. A lancha bem podia comparar-se a um cavallo prestes a *bolear-se*.

O Macario, afogueado, nú da cintura para cima, suando em cascatas, lançava na fornalha braçadas de lenha, e o Osorio molhava os bronzes, demasiado quentes. Não avançavamos uma pollegada. As espias cada vez rangiam mais vibrantes e parecia que iam estourar. Já durava sobremaneira a lucta e o manometro começava a baixar. Bradei ao foguista: — «mais lenha» e a fornalha rubra recebeu um feixe de achas. Apitei muitas vezes, agitando o lenço e batendo impaciente com o pé no convéz. Os indios gemeram nas espias, comprehendendo a solemnidade daquelle momento e alguns segundos depois galgavamos a crista da cachoeira e deslizavamos, placidos, pelo remanso de cima até encostar á margem pedregosa. Estava desvirginada pelo vapor a zona das cachoeiras do rio Negro e quebrado o seu encanto.

Aquella bôa gente, que havia trabalhado com tanta dedicação, merecia a recompensa do repouso. Continuariamos a viagem no dia seguinte.

A minha alegria era indescriptivel e todos sentiam o seu influxo, inclusive os indios, que são difficeis de expandir-se. Promovi o Osorio a machinista. Ao Macario dei o logar do Osorio. Ao Manoel Pedro prometti uma bôa gratificação. Elle a merecia muito generosa. Cada indio teria tambem a sua. Todos ficaram contentes e animados.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PÊCHÉS DE JEUNESSE

Acabo de ler dois volumes do dr. Raymundo de Sá Valle, consul brazileiro em Barcelona: o primeiro é um livrinho que contém cerca de cincoenta poesias: o segundo, uma obra de erudição magistral sob o titulo: *Des Agents Diplomatiques, Cours Professé à la Faculté de Droit de l'Université de Génève par Raymundo de Sá Valle — Licencié et Docteur en Droit, Ex-Professeur Privat Docent do la même Faculté, Membre Honoraire de l'Institut National de Génève, etc.*

De qual das duas obras devo falar primeiro? Das inspirações do poeta ou das elaborações do publicista?

Cada um segue as suas tendencias, prefere as suas inclinações. Os poetas, segundo ouvi dizer, são de raça privilegiada, filho dos Deuses, superiores á vulgar humanidade.

Os publicistas — especie de juristas — são gente que me parece algumas vezes insuportavel, discutindo interminaveis questiunculas.

Decido-me pelo bardo e deixo de parte o homem versado nas doutrinas de Grotius, de Vattel, de Bluntschili e do nosso illustre compatriota — o conselheiro Lafayette, que escreveu dois volumes sobre o Direito Internacional, obra que, em França, na Allemanha ou na Inglaterra, seria considerada classica; seria reputada um monumento de paciente e laboriosa sciencia.

Ora o publicista espere que chegue a sua vez e que eu resolva a me perder nos espaços de sua sciencia. Não hei de trocar o alvorecer do dia, que lembra as esplendidas pompas da primeira hora da creação, pelo entardecer, que nos embebe nas tenebrosidados da noite.

E' mais agradavel discretear ácerca dos homens inspirados, que sentem *o Deus in nobis*, do que sobre praxistas.

O dr. Raymundo de Sá Valle é natural duma terra, que Plinio Junior dizia — *poetarum ferax*.

O Maranhão sempre se notabilizou pela cultura das lettras, mesmo na éra colonial, ouzando competir com a Bahia, que enviava um cento de estudantes a Coimbra.

A Bahia, veterana das provincias, *a filha primogenita de Cabral*, conforme a exaltava o prodigioso improvisador Francisco Moniz Barretto, natural-

mente teria maior numero de alumnos que fôssem beber as sciencias na velha cidade do Mondego, outr'ora residencia dos monarchas portuguezes.

O Maranhão conta varios poetas notaveis: o classico e erudito Odorico Mendes, traductor da *Iliada* e da *Eneida*; Gonçalves Dias, cuja vóz é uma melodia, cujo verso um primor, cuja poesia é o echo das harmonias divinas; cujas imagens são bellas como os fulgores do arrebol da aurora, e, ás vezes, saudosas como o ultimo lampejo do crepusculo da tarde. Conta ainda Trajano Galvão, Franco de Sá, Lisbôa e outros, que nobilitam o nome da terra natal.

Entre estes eleitos das muzas, nenhum teve a fortuna do cantor dos *Tymbiras*. Desde que publicou, ainda estudante em Coimbra, os *Primeiros Cantos*, a vóz auctorizada do pontifice da literatura portugueza sagrou-o poeta.

Regressando ao Brazil, o preconizador dos *tacapes*, *boré* e *maracás*, achou, no imperador d. Pedro II, um solicito e constante amigo, como Horacio e Virgilio tiveram em Augusto.

Em brevissimo tempo, Gonçalves Dias erguia a fronte laureada pela fama. O seu genio conquistava os applausos de seus compatriotas; porém a rapidez e o brilho de sua carreira, a acceitação geral do seu talento, deve-a ao Imperador, que o distinguia como uma das glorias da literatura do seu Imperio.

O genero facticio da inspiração americana, selvagem, como a solidão desesperadora das nossas mattas e montanhas, obteve estrondosa vóga, desde 1846 até 1860, pouco mais ou menos. A mocidade, avida de novidades, tomou-se de enthusiasmo pelo *americanismo* e ficou profundamente convencida de ter o auctor dos *Tymbiras* a verdadeira expressão da poesia brazileira.

O indio, tocando a inubia, ou empunhando a flecha, foi o heróe dessa phase das nossas preoccupações literarias.

Não havia um escolar, em cujo cerebro luzisse um pensamento, perpassasse uma sensação, que a não exprimisse em verso, segundo o *indianismo*. Tivemos nessa temporada uma alluvião de poetas, armados de *borê* e *tacape*.

A theoria assentava sobre elementos fracos; creou um genero falso e ephemero.

O enthusiasmo arrefeceu: o genero literario é qual móda: não perdura; bem rapido, passa.

Quem, hoje, teria a *simploriedade* de escrever um volume de versos, como se publicaram tantos, durante o fervor do *indianismo?* Si o fizesse algum *laudator temporis acti*—as gerações actuaes que teem novas ambições e idéas — não desleixariam siquer furtivo olhar sobre o volume.

As gerações novas teem sobeja razão de regeitar muitas obras e idéas do passado. Que era o passado sinão um aggregado de gerações, que se succederam de vinte em vinte annos? (1).

Estas gerações trazem suas idéas, gestos, ambições: cada uma tem sua missão. Porque ha de o passado acorrentar o presente e este pretender immobilizar o futuro? As idéas e os actos duma geração não são preferiveis e melhores, do que as idéas e actos duma geração; não são preferiveis e melhores do que as idéas e actos das outras. Cada uma procede segundo sente e pensa. Impôr a uma epocha os usos e costumes de outra é praticar detestavel tyrannia.

Felizmente a historia mostra-nos um facto constante, que se póde reputar uma lei sociologica: cada geração construe, a seu modo, a obra social, literaria e politica; refaz ou destróe a parte do passado, que ao seu temperamento não comporta. Si assim não fôsse, nunca se realizaria o progresso, que é a força vital das sociedades humanas, cujos destinos passam e terminam sobre a terra.

O *indianismo* de Gonçalves Dias teve ephemera duração. Aquillo que não passou foi a melodia dos versos, a espontaneidade deliciosa daquellas canções.

«Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá»...

O que era a pujança do genio a geração nova não regeitou, nem reformou; ao contrario, sobrevive, ainda admirado: o canto do poeta é immortal,

Tudo, porém, que foi theoria litteraria do *americanismo* reduziu-se a pó, que a geada de poucos annos já dissipou.

De certo, não é a theoria resultante da mente do pensador, sem as emoções da vida, que fórma a poesia nacional; esta só nasce e borbulha viva, sonora, communicativa, attrahente, do sentimento e do pensamento popular.

Gonçalves Dias, com o seu *indianismo*, em deliciosas estrophes, dizia ao povo brazileiro: eis o vosso sentir e pensar; eis a expressão da vossa vida.

Mas o povo e todos nós, *una voce*, respondiamos: como, si não entendemos esta linguagem; si não sabemos o que é *tupan*, *tacape*, *maracás* e *borê*?

Quereis dar como expressão da nossa alma, do nosso sentir, pensar e falar, aquillo mesmo que absolutamente não comprehendemos?

Falemos francos: a poesia de Gonçalves Dias na parte theorica — *a fait son temps*; na parte genial, continúa a ser lida e applaudida, qual creação suavissima duma alma inspirada.

***

O dr. Raymundo de Sá Valle é da terra uberrima de poetas. Coube-lhe tambem o dom divino, que as irmãs do Pindo não facultam a todos os mortaes. O agraciado, porém, não quiz versejar na lingua portugueza; preferiu escrever no idioma francez. A curiosidade inquire o motivo da preferencia. Eu, por mim, penso que não lhe faltam os lavores da metrificação do seu conterraneo e temos a prova na ligeira estancia, a primeira do volume, escripta em portuguez.

«Oh! tempo da mocidade! Tempo duma [edade d'ouro!
Porque fugiste veloz, inexgotavel thesouro?!
Porque encerraste, velhice, em horrivel [ataúde
Esp'ranças, crenças, saúde?!»

E, nesses versos, exála-se, da consciencia, sincera e amargurada confissão, feita pelo proprio auctor do volume que estamos annunciando aos leitores, sob as apparencias dum estudo critico de méra informação.

O poeta não é de *la première jeunesse*. Já attingiu a quadra da existencia em que as phantasias d'alma cáem cobertas palas escarchas da edade. Já vê encerradas esperanças e crenças. Já exclama que a *mocidade fugiu veloz*! Denuncia-nos as angustias do coração, que amou e sente que já não póde amar e menos gozar.

E', pois, agóra que se lembrou de publicar o pequenino volume de versos, intitulado *Pêchés de jeunesse*.

Os poetas são de natureza diversa dos outros homens; elles pensam e sentem differentemente. Qualquer outro individuo que exclamasse, com amargura, contra o estrago dos annos, que acabava com o amor, que enfraquecia a vida, que destruia a mocidade e, com esta, as esperanças e os ardentes desejos e sonhos de ventura, iria pedir, genuflexo junto do altar, perdão da culpa e dos peccados. Ao contrario, o auctor vem fazer praça desses peccados sem contricção e arrependimento. Ostenta, na actual fraqueza, as victorias de amorosa lida. E' daquelles incorrigiveis e impenitentes, que o gibelino Dante viu, errantes, atravessar as sombras infernaes...

Percorramos, subtilmente, as paginas do volume e apontemos alguns desses *pêchés de jeunesse*.

«Rappelle-toi quand notre main unie,
Je te jurais un éternel amour;
Rappelle-toi que mon âme et ma vie
Seront à toi jusqu'à mon dernier jour.

Les sentiments éternels, que ton âme dé-
[vine,
Ces souvenirs du cœur, comme une voix
[divine,
Diront à tout moment
A ton esprit aimant—
Rappelle-toi.

Rappelle-toi que mon âme ravie,
Va tressaillir de bonheur près de toi ;
Je serai fier d'être à toi pour la vie,
Plus que d'avoir tous les trésors d'un roi.
Souviens-toi quand mes yeux, où tu liras la
[flamme,
Qui pour toi, nuit et jour, brûlera dans mon
[âme,
Iront jusqu'à ton cœur,
Te parler de bonheur :
Rappelle-toi.»

O bardo maranhense, versificando na lingua de Racine e Vigny, mostra nessas estrophes a suave e sensual delicadeza de Alfredo de Musset, que sabe imitar com singular elegancia.

Nas poesias reunidas no volume, o dr. Sá Valle ostenta-se amestrado na metrificação franceza, com todo o *zum-zum dos consoantes*, como costumava dizer o velho Felinto.

O auctor varía de assumpto ; aqui, sem remorsos, queima as azas do anjo da poesia nas chammas do amor ; alli, a musa folgazona escreve uma satyra *na oraison funebre*, que começa :

« Incroyable nouvelle ! Horrible coup du
[sort !»

O trovador maranhense moteja de certo cardeal, que, *em piedosa orgia*, comia e bebia á farta e depois pregava aos fieis devotos :

«Jeunes, ne craignez rien : moi, je mange
[pour vous.»

Entre outras, apontaremos *Un soir au bord du lac de Genève*, que nos recorda a mimosa epopéa de amor e de ternura, de saudade e de eterno adeus (nas *Meditações*, de Lamartine) que termina nessa eternidade de dolorosa agonia—*ils ont aimé* !...

O dr. Sá Valle sabe traçar com graça e vívido colorido certas figuras, e pôr em relevo situações que fixam as vistas dos que as contemplam, como se nota nos seguintes traços :

«Adam était assis et la tête penchée,
Le cœur plein d'un silence ému, religieux,
Immobile, regardant Ève de ses yeux,
La contemplait dormir sur ses genoux cou-
[chée.

Ils étaient beaux. L'Eden, d'un souffle har-
[monieux
Caressait leur jeunesse innocente et cachée;
D'amour pour ses enfants, la nature touchée
Formait leur horisont d'un sourire des
[cieux,

Ô jeunesse ! Ô beauté de l'humanité pure !
Ils s'aiment dans les bras de la nature !»

O poeta escarnece do proprio genio e, com viva ironia, diz:

«Je suis poète, on dû moins c'est tout comme.
Car mes amis m'accordent ce don là ;
Et chacun deux avec orgueil me nomme
Plus grand qu'Homère, Horace et cœtera...
.....
.....
Mon œil a lu mille chores sublimes
Qui, tour à tour, pour enrichir mes rimes
Je mets à sac le monde et l'univers.»

O canto do cysne é um soneto que justamente merece menção e termina:

«Le poète souffrant lorsqu'il faut qu'il ex-
[pire
S'endort, comme le cygne en un chant qu'il
[soupire,
Et descend au cercueil en se tenant le cœur.»

O conterraneo de Gonçalves Dias conta, entre os *péchés de jeunesse*, os beijos, cujo sabor o deliciou e perdura ; elles ainda lhes avivam o lume da paixão, mal extincto :

«Enfin je t'ai donné ce baiser plein de flam-
[mes.
Ce baiser tendre et pur, brûlant comme mon
[cœur,
Et dans ce doux baiser jai vu passer mon
[âme.
En un instant j'ai vu l'ineffable bonheur !
De même que la fleur brillant dans la prairie
Laisse le papillon sur elle se poser,
De même sur la lèvre adorable et chérie
Elle m'a laissé prendre un énivrant baiser...
.....
Temps jaloux ! se peut-il ! Tu m'as fait
[faire un rêve,
Comme pour se jouer de baiser charmant...»

A collecção dos versos do dr. Sá Valle é toda de poesias que rescendem os perfumes das flôres, reluzem como os lumes vivos das estrellas e relembram o momento em que *viu passar num beijo a alma* e a primeira emoção do gozo e a illusão da ventura !... Pobre alma de poeta, hoje confrangida, apenas póde exclamar : *Temps jaloux !*

A ultima inspiração é uma elegia ; um gemido arrancado das dôres d'alma, ao separar-se do seu amigo e poeta, cuja vida se fundia na vida do auctor pelos sentimentos do coração, pelos idéaes da poesia e das artes.

Nessa elegia, o dr. Sá Valle mistura as reminiscencias das horas felizes com as incertezas d'além-tumulo : num momento, chega a blasphemar como um desvairado incredulo ; noutro, resigna-se, qual humilde crente. Aqui, escapa-lhe esta phrase :

«Et cette éternité, qui commence à la mort
N'est qu'un leurre inventé par la faiblesse
[humaine ;
On trouve le Néant quand on arrive au
[port
Le cercueil nous saisit d'une puissante
[étreinte,
Quand il trouve une proie, il l'enlace si bien
Que l'âme succombant comme une flamme
[éteinte,
S'évanouit dans l'air, et qu'il n'en reste
[rien.»

O philosopho cantor parece crer na existencia futura :

«Ce doute envahisseur, qui saura le cou-
[fondre,
Quel miracle, mon Dieu, viendra nous
[éclairer ?
Et nous, nous voyageurs sur la route de
[l'âge,
Où les uns vont plus vite et d'autres lente-
[ment,
Sommes nous, ô mon Dieu, des oiseaux de
[passage?
Ou bien est-il une heure où notre âme im-
[mortelle.
Arrivant à son tour au délà du tombeau,
.....
.....
Oh ! n'est-ce pas, ami, qu'on survit à la vie ?
Qu'Enfer, ou Paradis, un sejour nous at-
[tend ?
Et que cette amitié, que la mort m'a ravie,
Tu ne l'as point brisée à jamais en partant?»
.....

Eis ahi, em rapida noticia, em que consiste o volume de versos, (mas versos francezes) do dr. Raymundo Sá Valle.

Não devemos disputar com poetas ; elles são como as mulheres : teem caprichos ; fazem o que querem; si não, lhe perguntariamos porque não exprimiu as suas inspirações em versos da lingua portugueza ?

Seria inutil a pergunta ; não fazia caso della, ou, talvez, me lembraria os seguintes versos do poeta allemão Grun, os quaes traduzirei, sem as loucanias da sua bella fórma :

«Quando sereis vós poetas ; quando vos fatigareis de cantar ? Quando terminareis a eterna canção ?

«Ainda não esvasiastes a cornucopia da abundancia ? Todas as flôres já não estão colhidas ? Todas as fontes exauridas ?

«Emquanto o carro do sol rodar pela estrada azul e que um semblante humano levantar os olhos para os céos; emquanto os céos contiverem procellas, relampagos e raios e que fizerem pulsar de medo os corações dos mortaes; emquanto o bulcão da tempestade bramir ou brilhar o arco-iris e que uma idéa de perdão e de paz refulgir em nossa mente; emquanto a noite no ether lançar as sementes de estrellas e houver um homem par comprehender o sentido dessas lettras luminosas...

«A Deusa da poesia percorrerá o mundo, com o alegre cortejo daquelles que ella assignalou com o sello do genio.

«E, cantando e contente, dos escombros da habitação terrestre saírá — o derradeiro homem e que será— o ultimo poeta.

«Und singend einstund jubelnd
Durchs alte Erdenhaus
Zicht als der letzte Dichter
Der letzte Mensch hinaus.»

O poeta allemão tem razão ; o destino das almas inspiradas é cantar...

Um dos espiritos mais brilhantes e admiraveis da litteratura moderna, tambem escreveu :

«Os poetas são como os passaros, qualquer ruido os faz cantar.»

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Dromel, *Lois de Evolutions*, assignala o advento de cada geração de 20 em 20 annos

PAGINAS ESQUECIDAS

AVE! MARIA!

A noite desce, lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania.
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os genios : — Ave ! Maria !

Na torre estreita do pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres, Vesper desponta,
Cantam os anjos : — Ave ! Maria !

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vózes :— Ave ! Maria !

E, longe, longe, na velha estrada,
Pára e saudades á patria envia
Romeiro exhausto que o céo comtempla,
E fala aos ermos : — Ave ! Maria !

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho : — Ave ! Maria !

Nas soledades, sem pão nem agua,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama : — Ave ! Maria !

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mezas de longa orgia,
Não diz o impio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato: — Ave ! Maria !

Ave ! Maria ! — No céo, na terra !
Luz da alliança ! Doce harmonia !
Hora diviua ! Sublime estancia !
Bemdicta sejas ! Ave ! Maria !

FAGUNDES VARELLA.

***

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL

Ha em Portugal quatro partidos : o partido *historico*, o *regenerador*, o *reformista* e o *constituinte*. Ha ainda outros, mas anonymos, conhecidos apenas d'algumas familias. Os quatro partidos officiaes, com jornal e porta para a rua, vivem num perpetuo antagonismo, irreconciliaveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro dos seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossivel ! elles só possúem de commum a lama do Chiado que todos pizam e a Arcada que a todos cobre. Qaes são as irritadas divergencias de principios que os separam ? — Vejamos :

O partido *regenerador* é constitucional, monarchico, intimamente monarchico, e lembra nos seus jornaes a necessidade da economia.

O partido *historico* é constitucional, immensamente monarchico, e prova irrefutavelmente a urgencia da economia.

O partido *constituinte* é constitucional, monarchico, e dá subida attenção á economia.

O partido *reformista* é monarchico, é constitucional, e doidinho pela economia !

Todos quatro são catholicos,

Todos quatro são centralisadores,

Todos quatro teem o mesmo affecto á ordem,

Todos quatro querem o progresso, e citam a Belgica,

Todos quatro estimam a liberdade.

Quaes são então as desintelligencias ! — Profundas ! Assim, por exemplo, a idéa de liberdade entendem-a de diversos modos.

O partido historico diz gravemente que é necessario respeitar as *Liberdades Publicas*. O partido regenerador nega, nega numa divergencia resoluta, provando com abundancia de argumentos que o que se deve respeitar são — as *Publicas Liberdades*.

A conflagração é manifesta !

*

Na acção governamental as dissenções são perpetuas. Assim o partido *historico* propõe um imposto. Porque, não ha remedio, é necessario pagar a religião, o exercito, a centralisação, a lista civil, a diplomacia... — Propõe um imposto.

«Caminhamos para a ruina ! — exclama o presidente do conselho. O *deficit* cresce ! O paiz está pobre ! A unica maneira de nos salvarmos é o imposto que temos a honra, etc...»

Mas então o partido *regenerador*, que está na opposição, brame de desespero, reune o seu centro. As faces luzem de suór, os cabellos pintados destingem-se d'agonia, e cada um alarga o collarinho na attitude dum homem que vê desmoronar-se a patria!

— Como assim ! exclamam todos, mais impostos ! ?

E então contra o imposto escrevem-se artigos, elaboram-se discursos, tramam-se votações ! Por toda a Lisbôa rodam carruagens de aluguel, levando, a 300 reis por corrida, inimigos do imposto ! Prepara-se o *cheque* ao ministerio historico... Zás ! cáe o ministerio historico !

E ao outro dia, o partido *regenerador*, no poder, triumphante, occupa as cadeiras de S. Bento. Esta mudança alterou tudo : os fundos desceram mais, as transacções diminuiram mais, a opinião descreu mais, a moralidade publica abateu mais—mas finalmente caíu aquelle ministerio desorganisador que concebera o imposto, e está tudo confiado, esperando.

Abre a sessão parlamentar. O novo ministerio regenerador váe falar.

Os senhores tachygraphos aparam as suas pennas velózes. O telegrapho está vibrante de impaciencia, para communicar aos governadores civis e aos coroneis a regeneração da patria. Os senhores correios de secretaria teem os seus corceis sellados !

Porque emfim o ministerio regenerador váe dizer o seu programma, e todo o mundo se assôa com alegria e esperança !

— Tem a palavra o sr. presidente do conselho.

— *O novo presidente* : «Um ministerio nefasto (*apoiado, apoiado* ! — exclama a maioria historica da vespera) caíu perante a reprovação do paiz inteiro. Porque, sr. presidente, o paiz está desorganisado, é necessario restaurar o credito. E a unica maneira de nos salvarmos...»

Murmurios. Vózes: *Ouçam! Ouçam!*

«... E' por isso que eu peço que entre já em discussão.. (attenção ávida que faz palpitar debaixo dos fraques o coração da maioria...) que entre já em discussão — o imposto que temos a honra, etc. (*apoiado ! apoiado !*)»

E nessa noite reune-se o centro historico, hontem no ministerio, hoje na opposição. Todos estão lugubres.

—«Meus senhores, diz o presidente, com vóz cava.—O paiz está perdido !

O ministerio regenerador ainda hontem subiu ao poder, e doze horas depois já entra pelo caminho da anarchia e da oppressão propondo um imposto! Empreguemos todas as nossas forças em poupar o paiz a esta ultima desgraça! — Guerra ao imposto!...»

Não, não! com divergencias tão profundas é impossivel a conciliação dos partidos!

(1871.)

EÇA DE QUEIROZ.

A LIVRARIA

«LIVRO DAS DAMAS E DONZELLAS».—POR D. JULIA LOPES DE ALMEIDA. — LIVRARIA ALVES.

As qualidades de que a bem distincta e muito conhecida escriptora dá prova neste livro são no fundo quasi que inteiramente as de um auctor objectivista, — de quem tivesse de fazer uma comedia, um romance ou uma série de contos. O idéal da sra. d. Julia Lopes neste livro foi ser sufficientemente habil escriptora para dar ás donas e donzellas que a lessem a impressão de que estas paginas não provinham de um profissional em fazer livros, orgulhoso de seu talento, mas sim de uma senhora como ellas, sem pretenção a differenças, quanto mais a superioridades em coisa alguma.

A obra dá-nos a impressão de que acompanhamos uma série de scenas de familia num lar sympathico e digno.

A casa é bem localisada, — está-se vendo —, e eis ahi o seu primeiro encanto. Branqueja talvez na falda de uma das nossas mais bellas montanhas cariócas, a qual além disso offerece a vantagem de um ponto de vista soberbamente feliz.

Não se trata de uma moradia de ricos; em todo caso, póde-se ver o interior della. Não ha aceio sómente aqui, já ha conforto, e até mesmo um poucachito de luxo, que não quer dizer grandezas nem pretenções a ellas, mas uma mediania já bem acceitavel, e a modesta, não obstante real, felicidade que lhe póde ser correspondente.

A sala de visitas, a de jantar e o jardim ficam sendo muito nossos conhecidos. Não é que a auctora nos conte siquer onde reside, quanto mais que nos descreva sua casa directa ou indirectamente, em determinada pagina ou mesmo fragmentariamente, neste livro. Os dados que a tal respeito colhemos nos vem simplesmente por indicação, dos objectos que a escriptora toma por thema, das opiniões que ella emitte a proposito desses objectos, das cartas que redige em nome de outras, das predilecções que tacita ou explicitamente confessa por isto ou por aquillo.

Quando já em meio do livro, não ha quem não veja com que elegante despretenção, a qual não contradiz, antes faz suppôr certo tacto artistico, está arranjado este salão, que bonitas paizagens e marinhas que elle tem, ainda mais com a qualidade de serem todas trabalhos nacionaes, excepto aquelle forte Bordallo e aquelle Alberto Pinto tão interessante. São bem bons os poucos bronzes que aqui se encontram, uns em dignas columnas, correspondentes ao seu vulto e valor, outros, pequenitates, descançando sobre os *porte-bibelots*, que por signal não se acham excessivamente sobrecarregados, livres como se vêem das bugigangas com que tanta gente por ahi, julgando alindal-os, os torna ridiculos.

Seria imperdoavel que não houvesse musica neste salão, pelo menos uma vez ou duas na semana, porque este leve perfume que paira na sua atmosphera e o encanto da agrupação artistica de que falámos ficariam como que desirmanados sem este outro elemento que em geral por toda parte os acompanha.

Mas o piano e a estante cheia que ahi estão, tão visiveis, tiram-nos qualquer duvida a esse respeito. Alguem que passou os olhos rapidamente pelo que ha na estante, reteve algumas palavras das que leu: *Saldunes*, *Schiavo*, *Requiem*, (e por cima desta ultima o nome de José Mauricio,)—musicas que não hão de ter o merito transcendental das de um Wagner, de um Bach, mas que são lindas, e que tambem, como quasi todas as pinturas, são nossas.

Na sala de jantar, além de umas valiosas naturezas-mortas e duas singulares paizagens a sépia, é de ver o conjuncto do decente e bem cuidado mobiliario, a jarra artistica transbordando de flôres no centro da meza, os vasos que enfeitam o *etagère*, e a ordem de bom gosto em que tudo se acha. Mas além disso repare-se naquelle curioso *chemin-de-table*, feito exquisitamente de arame, bordado, em alto relevo, de rodanthes, orchidéas sulferinas, crysanthemos e margaridas, flôres estas todas naturaes. Repare-se nelle e mais naquelles outros trabalhos, uns de agulha, como o da almofada corrediça da cadeira de balanço, e o daquelles panninhos de meza que alli estão agóra por acaso, outros mais complexos, como o distincto porta-jornaes que temos em frente, todos, porém, caracteristicamente femininos, indicadores de que anima este lar uma alma intelligente e vivaz.

Si saírmos ao jardim, váe-se-nos deparar um lindo e delicioso refugio, indispensavel nestes climas dos tropicos, mas cuja vegetação distincta, civilisada, seria um traço revelador de quem soube andal-a combinando e se desvela por conserval-a, si no interior da casa não tivessemos encontrado tantas indicações, de uma eloquencia pelo menos equivalente.

Conhecida a habitação e quem mora nella, não é muito difficil adivinhar quem a frequenta, tanto mais que o livro nos dá conta das conversações preferidas.

Excepto alguns homens amigos da familia, na maior parte são damas, donzellas e creanças, gente da nossa bôa sociedade, que ahi havemos de encontrar, falando com a dona da casa sobre varios e ás vezes bem interessantes assumptos. Dá-se que esta senhora costuma ler mais do que a maior parte das outras aqui, e que ella viajou um tanto: foi até onde são as ruinas de Pompeia, demorou-se em Portugal. Juntando a isso uma natural intelligencia e bastante imaginação, sem querer ás vezes fala mais do que as outras, que teem muito prazer em escutal-a.

Em todo caso, sendo gente de bôa sociedade a que alli váe, não são os aristocratas, do ponto de vista de titulos e dinheiro, e que fazem estação na Europa quasi todos os annos, exilando-se em Petropolis quando voltam, para falar saudosamente da civilisação com outros que os entendam. Esta é gente mais modesta um tanto, mais brazileira em seus gostos e de uma vida não assim tão pouco trabalhosa. A's vezes, apenas menos ignorantes e mesmo de outro alcance de idéas do que um cosmopolita ou *globe-trotter* intediado e vasio.

Eu pelo menos como que tive a illusão de estar vendo todas essas coisas com a simples leitura deste livro leve, intelligente e casto, o que quer dizer que, na minha opinião, a auctora conseguiu os fins que tinha em vista ao fazel-o.

Não perde nada, antes geralmente lucrará alguma coisa a moça ou a senhora que procure e leia estas paginas, para ellas especialmente compostas.

Noto apenas: com o cuidado visivel que põe a sra. d. Julia Lopes em escrever correctamente, acontece um pouco ao seu estylo o que se dá com a calligraphia das senhoras em geral, das professoras antes de tudo, que para não saírem dos preceitos tornam sua lettra mais ou menos incaracteristica.

Não tem muito modo brazileiro no escrever, a nossa notavel auctora; si se nota qualquer peculiaridade na construcção dos seus periodos, essa parece antes mais de feição lusitana.

« O TALISMAN, OU RICARDO NA PALESTINA ». — POR WALTER SCOTT.—VERSÃO PORTUGUEZA, H. GARNIER, EDITOR. — 1906.

Raramente se póde encontrar hoje em dia uma traducção tão bem feita como a deste livro que a casa Garnier acaba de editar. Não tenho presente o original em inglez. Mas o trabalho revela tal escrupulo, no que respeita á fórma, por parte do traductor, que não acredito fôsse elle capaz de infidelidades de outra ordem, como suppressão de paginas ou coisas destas, tão communs pelo menos entre os traductores francezes.

Sobre ser escrupuloso, quem quer que tenha vertido o *Talisman*, revela-se um forte conhecedor da nossa lingua e amigo de um estylo á Alexandre Herculano, em que pompeia sóbria e dignamente a riqueza e a formosura do idioma com material de lei.

Esta traducção não parece obra da éra que corre. Hoje, ellas se fazem sobre a perna ordinariamente, para não levarem mais tempo do que o que póde valer o preço por que são pagas.

Junta-se á qualidade desta traducção a da obra em si, um dos mais bellos romances, embóra não assim famosos, que tenha escripto Walter Scott. Lendo-se as paginas do *Talisman*, comprehende-se perfeitamente a razão da enorme vóga de que gozou o grande escriptor inglez em seu tempo. Ainda hoje ellas são empolgantes. Não fôsse a força das modas, que se exerce sobre todos nós, mais ou menos, e estes livros estavam habilitados a figurar ainda com honra ao lado dos *Quo Vadis?* actuaes.

NUNES VIDAL.

O ASSUMPTO do seguinte artigo, do engenheiro Arthur de Lima Campos, prende-se ao estylo romano na epocha do seu apogeu, coincidindo com a phase do catholicismo em que o predominio da Virgem sobre o Christo muito prejudicou as doutrinas de Luthero e Calvino, base do protestantismo.

Devido ao esplendor do estylo romano nos tempos catholicos, justamente na phase que corresponde ao ascedente da Virgem, o illustrado auctor demora-se no desenvolvimento desse culto naquella citada phase referente aos seculos XI, XII e XIII.

As bellezas do estylo romano baseado na linha curva, teem representação condigna, entre nós, no edificio do *Paiz* e no palacio de Exposição Permanente, além de outros, menos importantes.

—

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

ESTYLO ROMANO

«Si não quereis viver submergidos nos tormentos da tentação, não afasteis os olhos da estrada de salvação — a Virgem Maria.»

S. BERNARDO.

«Si quereis elevar-vos ao puro altruismo, á paz completa da alma, fixáe vosso olhar na — utopia da Virgem Mãe.»

AUGUSTO COMTE.

O catholicismo encontra no estylo romano a maior messe de riquezas ornamentaes, deslumbradora imponencia e arrojada concepção architectonica; quer no exterior dessas capellas e templos, modestos uns, soberbos e grandiosos outros; quer nas construcções interiores das naves e sanctuarios, ricas e opulentas nos detalhes das ornamentações, severas e modestas no conjuncto, admiraveis de arte e belleza, mixto de respeito e admiração, esplendor e mysticismo, provocando a um tempo alegres expansões de jubilo e contricções ferventes de respeito.

E o motivo apparatoso e severo desses monumentos imponentes pela magestade das proporções, destacados do conjuncto pela elevação das torres, cupulas, e zimborios; bazeia-se nas concepções opulentas do estylo romano, campo vasto e folgado para as mais bellas expansões religiosas.

O catholicismo, religião fundada por S. Paulo (que attribuiu a Jesus, na visão de Damasco, todas as brilhantes concepções philosophicas de seu esclarecido cerebro) tornou-se decadente no começo do seculo X, para novamente surgir prestigiado, occupando a vanguarda da supremacia theologica, em principios do seculo XI.

Na primeira phase dos seculos V, VI e VII o catholicismo inicion seu predominio, sob o conjuncto dos conflictos espirituaes e temporaes.

Nos seculos VIII, IX e X, a elaboração do catholicismo densenvolveu-se no culto dos santos.

Na terceira phase, que comprehende os seculos XI, XII e XIII, surgiu e predominou cada vez mais o ascendente da *Virgem* representando, melhor que *Deus*, o unico objecto final dos votos occidentaes—a *Humanidade* — e com elle a victoria do catholicismo sobre todo o theologismo; sendo que no final do seculo XIII, «S. Francisco de Assis tentou em vão a unica refórma que o catholicismo comportava, substituindo um clero necessariamente pobre ao sacerdocio deploravelmente enriquecido» (1).

Nesta terceira phase de verdadeiro apogeu, o catholicismo encontrou em todas as manifestações artisticas do estylo romano, desde a pintura até á architectura, os mais fortes sustentaculos do engrandecimento do culto da virgem.

«Todavia, é sobretudo a partir do seculo XII que a devoção dos povos a Maria brilhou com o mais vivo esplendor. Ella foi despertada então por S. Bernardo, homem extraordinario, de accentos cheios de mysterios e de amor, que dominou a Italia, a Allemanha e mesmo a Europa inteira, pelo ascendente de suas virtudes, a potencia do seu espirito e a auctoridade dos seus milagres. Depois delle, os testemunhos de piedade para com a Santa Virgem se multiplicaram a tal ponto, que seria impossivel apresentar aqui siquer uma rapida analyse» (2).

Desde então, por todo o orbe catholico o predominio de Maria accentuou-se progressivamente, nas predicas, orações e festas.

Segundo Gergerés, as *Festas dedicadas á Santissima Virgem*, entre outras, são as seguintes:

Festa da Purificação a 2 de fevereiro, confundindo-se esta festa com a da *Apresentação de Jesus no Templo*, sob a denominação vulgar de *Candelaria*.

Não se conhece de maneira preciza a epocha de sua instituição; entretanto, estima-se geralmente que *pelo anno 496*, o papa S. Gelasio ordenára a sua celebração para fazer cessar a superstição pagã conhecida pela denominação de *Lupercaes*, festas que se realizavam nos primeiros dias de fevereiro. Como havia tambem entre os pagãos, na mesma epocha, procissões chamadas *Amburbales*, nas quaes os romanos levavam tochas para se regosijarem pelo successo de suas armas, Benedicto XIV pensou e escreveu que, si o papa S. Gelasio tinha abolido as Lupercaes, como anti-catholicas, pela mesma razão, Sergio substituira ás Amburbales a procissão que mais tarde foi designada pelo nome de Candelaria.

A Purificação, porém, de accordo com varias versões historicas, é, entre todas as festas institnidas em honra da Santa Virgem, a primordial e com data fixa — 2 de fevereiro — segundo indicação do papa Virgilio, no anno de 542.

Após prolongada interrupção, esta festa foi restabelecida por occasião de um voto á Mãe de Deus, afim de fazer cessar o flagello da peste. A Egreja escolheu esse dia para *benzer as velas*.

Em Roma, o papa preside em pessôa a essa cerimonia e distribúe aos car-

deaes e aos padres, de uma ordem inferior, velas, que são levadas em procissão solemne, na grande sala do palacio apostolico.

Além da adaptação ao catholicismo de uma festa de origem evidentemente polytheista, esta celebração está ligada, como se vê, antes ao culto do Redemptor do que ao de Maria. Ella é aliás do seculo V (496), e a data de sua celebração foi fixada, como dissemos anteriormente, em meiados do seculo VI (542). A consequente interrupção da solemnidade durante alguns annos, demonstra a incepiencia do culto da Virgem Mãe naquella epocha.

Festa da Annunciação — a 25 de março, que corresponde entre os romanos a 8 das kalendas de abril; sendo outr'ora a celebração em algumas egrejas a 18 de dezembro, por motivo da reunião com as festas da *Encarnação e da Espectativa do parto da Santa Virgem*.

«A terceira festa em abril de origem pagã, commemora as *sete dôres de Nossa Senhora*.

A quarta é de caracter mixto, envolve toda a «santa familia» e mais o seu burrinho. E' a da *fugida para o Egypto* e realiza-se a 23 de abril.

A lenda christã diz que Herodes, sabedor pelos magos, que tinham vindo adorar o Messias, de que tinha nascido um menino que havia de vir ser *rei dos judeus*, receioso de que este lhe uzurpasse a corôa, ordenára a matança de todos os meninos menores de dois annos, afim de nessa chacina envolver o temido pequeno. Os paes de Jesus, avisados por um anjo, terão fugido para o Egypto, o que terá feito completamente inutil a furia sanguinaria de Herodes» (3).

«A 25 de junho a egreja catholica festeja *Pureza de Nossa Senhora*, e a 2 de julho celebra a festa de *Visitação*, em commemoração da visita de Maria a Santa Izabel, mãe de S. João Baptista.

S. Boaventura, *geral dos Minimos*, foi o primeiro que, em um capitulo reunido em Piza no anno de 1243, ordenou a celebração dessa festa pela Ordem inteira. O papa Urbano VI a estendeu a toda a christandade em 1329. Nessa epocha, havia na egreja romana dilaceramentos occasionados pelo scisma do occidente. Urbano VI tinha a sua Sé em Roma e Clemente VIII estabelecera a sua em Avinhão. O primeiro desses papas instituiu a festa da Visitação para obter a paz da Egreja; e, em 1441, o concilio de Baziléa fixou definitivamente a 2 de julho a celebração dessa solemnidade.

A 15 de agosto, o catholicismo festeja a *Assumpção de Maria*; é a mais solemne das festas celebradas em honra da Santa Virgem. Iniciada no seculo VI sob o imperador Mauricio, foi mais tarde mencionada por Carlos Magno nas suas capitulares, e seu filho Luiz — o Piedoso, recommendou a celebração aos padres do concilio de Aix-la-Chapelle.

Festa da Natividade, a 8 de setembro. Esta festa originaria do VI seculo, é a primeira em que a commemoração da Virgem se torna directa e a do Redemptor indirecta» (4).

Festa do Santissimo Nome de Maria, a 10 da setembro. A Egreja festeja a Virgem sob a invocação do nome de origem, durante todo o mez de maio, com canticos e predicas exclusivas á sua entidade; além disso, porém, consagra um dia especial para honrar e venerar seu santo nome — a data escolhida foi a de 10 de setembro.

«*Festa da Apresentação*, a 21 de novembro, refere-se á apresentação de Maria no Templo, por seus paes.

Essa festa foi na primitiva celebrada no Oriente pelo IX seculo.

Cerca de quinhentos annos mais tarde, um francez, Felippe de Maisière, embaixador de Chypre junto á Santa Sé, interesson por tal fórma Gregorio IX pela narrativa das solemnidades que se realizavam na Grecia para a *Apresentação*, que esse papa ordenou a celebração dessa festa em Avinhão, onde elle se achava. Finalmente, no seculo XVI, uma Bulla de Xisto V a tornou obrigatoria em toda a egreja romana, na qual ella era na verdade já conhecida, mas sómente como festa de devoção» (5).

Na primeira série das festas da Santa Virgem, vem pôr fim a que assignala o desvio desse culto e que foi combatido, desde sua manifestação, por S. Bernardo; referimo-nos á festa da *Immaculada Conceição*.

Essa festa, que fere de frente os dogmas e indirectamente todo o culto externo e o regimen do catholicismo, não tem a origem conhecida de uma maneira positiva.

A celebração dessa festividade data do IV seculo, porquanto S. Gregorio de Nazianzeno, que viveu nessa epocha, diz que assistiu a essas cerimonias nas egrejas gregas e muitas outras do Oriente.

Até fins do VIII seculo, raras são as informações historicas relativas a essa solemnidade, quasi esquecida durante tão longo interregno; sómente no IX seculo, Jorge de Nicomedia a ella se refere em uma de suas homilias.

As celebrações no Occidente, segundo Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo, partiram de Hespanha, passando em seguida para a França e Portugal.

Acredita-se, porém, que, *pelos fins do XI seculo*, esta festa fôsse, sinão instituida, pelo menos, tornada mais solemne na Inglaterra, por Santo Anselmo, acompanhando de perto as pegadas dos que a tinham celebrado antes de si.

«O dogma do peccado original proporcionava uma explicação para o conjuncto dos soffrimentos humanos e ao mesmo tempo suggeria a necessidade de um redemptor, não só para o povo hebreu, porém para toda a especie humana. Para conceber o problema com essa vastidão, influiu a identificação de S. Paulo com a sociabilidade romana, graças ao seu immenso altruismo, que o emancipava dos preconceitos judaicos. Desde então, partindo de que a offensa feita a Deus pelo primeiro homem sendo infinita, exigia uma satisfação infinita, elle era levado a concluir que só o proprio Deus estava nos casos de satisfazer a si mesmo. Entretanto, a justiça exigia que a falta commettida pelo homem fôsse tambem expiada pelo homem. A saída dessa situação contradictoria foi achada pela misericordia divina, mediante a *encarnação* do proprio Deus, que, tornado homem, soffreria como homem, ao passo que seu caracter de Deus daria ao sacrificio um alcance infinito.

Vê-se, assim, que o dogma da encarnação exigia como preambulo o do peccado original e o da redempção» (6).

E esse culto da *Immaculada Conceição* annullou de uma só vez os tres dogmas do catholicismo: o do peccado original, o da encarnação e o da redempção; porque, como já vimos, este ultimo é directamente dependente dos dois outros.

S. Bernardo demonstrou brilhantemente em carta dirigida aos conegos da Egreja de Lyon, e que mais adeante transcrevemos, o absurdo desse culto e os perigos delle resultantes para a estabilidade do catholicismo.

«A festa da Immaculada Conceição, introduzida em França nos meiados do seculo XII, por um decreto dos conegos da Egreja primaz de Lyon, foi em seguida propagada pela Italia, Hespanha e Allemanha e tornou-se universal pela Bulla do papa Xisto IV em 1746. O seu estabelecimento foi firmado ou confirmado pelos papas S. Pio V, Gregorio XIII, Urbano VIII, Paulo V Gregorio XII, Alexandre VII e outros... Emfim, por Carta Apostolica do papa Pio IX, em 1854, foi definido como dogma de fé a *Immaculada Conceição* da Santissima Mãe de Deus» (7).

Até o seculo XII, o culto desenvolveu-se tranquillamente; a partir, porém, deste seculo a festa da Immaculada Conceição começou a encontrar resistencia seria dentro mesmo da egreja romana.

Quem primeiro rompeu em opposição foi S. Bernardo, reconhecido em

todo o orbe catholico como um dos maiores talentos e mais dedicados servos da Egreja, apologista extremado do culto de Maria.

A carta datada de 1140, dirigida aos conegos da Sé de Lyon, é a seguinte :

«1º, E' certo que, entre as egrejas de França, a de Lyon tem occupado até aqui o primeiro rango, quer pela dignidade da sua Sé, quer pela pureza dos seus sentimentos, quer pelo merito das suas instituições. Onde jámais brilharam tanto como nella, a severidade da disciplina, a severidade dos costumes, a prudencia dos conselhos, o pezo da auctoridade, o respeito da antiguidade ? E' sobretudo, nas solemnidades ecclesiasticas, que nunca se viu essa egreja cheia de juizo acceder facilmente a novidades repentinamente introduzidas, nem se deixar deshonrar por uma leviandade pueril. Eis porque ficamos muitissimo surprehendidos que nos ultimos tempos, alguns dentre vós tenham julgado a proposito querer embaciar o vosso brilhante esplendor, introduzindo uma festa nova, que a lithurgia da Egreja não conhece, que a razão não approva, que a antiga tradição não recommenda. Somos nós mais sabios do que os nossos paes, ou mais religiosos do que elles ? Ha perigo para nós em abordar aquillo que nessas materias a prudencia delles deixou de lado. Porque esse ponto é de tal natureza que, si não devesse ter sido afastado, não teria podido escapar á attenção delles.

2º. Mas é preciso, dizei vós, grandemente honrar a Mãe do Senhor. A vossa opinião é sabia, mas a gloria dessa Rainha é amiga da justiça. A Virgem real, cumulada de titulos de honra verdadeiros e revestida de esplendidas dignidades, não preciza de uma falsa gloria. Honrae a pureza de seu corpo, a santidade da sua vida, admirae a sua virgindade fecunda, veneraé a sua maternidade divina. Exultáe-a por não haver conhecido a concuspicencia na concepção, nem a dôr no parto. Publicáe que ella tem direito ao respeito dos anjos, que ella foi desejada das nações, presentida pelos patriarchas e pelos prophetas, escolhida entre todos, preferida a todos. Glorificáe-a com a fonte da graça, como medianeira da salvação, como reparadora dos seculos. Exaltáe emfim aquella que foi exaltada acima dos coros dos anjos nos reinos celestes. Eis ahi o que a Egreja canta em sua honra, e o que ella me ensina a cantar. Quanto a mim, conservo com segurança e transmitto o que recebi dessa fonte ; mas o que não recebi della, terei, confesso, mais escrupulos em admittir.

«3º Aprendi, pois, da Egreja que é preciso celebrar, com a maior veneração, o dia em que a Virgem, retirada deste seculo máu, transportou aos céos as alegrias de uma festa solemne. (8) Aprendi ainda na Egreja e da Egreja a reconhecer sem hesitar, como solemne e santo, o nascimento da Virgem, creio firmemente com a Egreja que ella recebeu no seio de sua Mãe a graça de nascer santa. Li, com effeito, de Jeremias que ella foi santificada antes de nascer; tenho o mesmo pensamento sobre S. João Baptista que, do seio de sua Mãe sentiu o Senhor no seio delle. (9) Vêde vós mesmos si é permittido outro tanto do santo David, em razão do que elle dizia a Deus: *Eu me apoiei em vós antes do meu nascimento, e vós sois o meu protector desde o seio de minha mãe* (10); e ainda : *Vós sois meu Deus desde o seio de minha Mãe, não vos affasteis de mim* (11) E do mesmo modo foi dito a Jeremias : *Antes que eu te formasse no seio de tua Mãe, te conheci; eu te santifiquei antes que tu tivesses saído delle.*(12) Como o oraculo divino distingue bem a formação no seio materno do parto ! Elle mostra assim que a formação foi sómente prevista, mas que o parto foi ornado de dom de santidade, afim de que não imaginassem que se deviam limitar os privilegios do propheta a só predestinação ou á presciencia.

4º Concedamos, entretanto, que assim seja para Jeremias. O que responderão para João Baptista, a respeito de quem, um anjo annunciou de antemão que o Espirito-Santo o encheria, quando elle estivesse ainda no seio da sua Mãe ? Eu não penso que se possa referir esse dito á predestinação ou á presciencia. Porque as palaras do anjo fôram sem duvida cumpridas no momento mesmo que elle tinha predito, e não é permittido crer que aquelle que tinha sido annunciado como devendo ser cheio do Espirito-Santo, não o tenha sido no tempo e no logar fixados pela prophecia. Ora, o Espirito Santo certissimamente santificou aquelle que elle encheu. De resto, eu não teria a temeridade de indicar até que ponto essa predestinação póde prevalecer contra o peccado original, quer no Precursor, quer no Propheta, quer em qualquer outro, si ha outros que tenham sido prevenidos pela mesma graça. Entretanto, eu não hesitaria em dizer que aquelles que Deus santificou são santificados, que saíram do seio materno com a santidade que ahi receberam ; o peccado que elles tiraram da sua concepção não póde de modo algum impedir nem roubar de autemão a benção que estava ligada ao nascimento delles. Quem poderia dizer, com effeito, que aquelle que foi cheio do Espirito Santo permaneceu, não obstante, um filho de colera e que, si lhe tivesse acontecido morrer no seio materno com tal plenitude de graça, teria incorrido nas penas da condemnação ? Isso seria duro. Entretanto, eu não ouzo decidir nada sobre tal segundo o meu sentimento. Mas, seja como fôr, a Egreja que julga e proclama preciosa a morte e não o nascimento dos outros santos, por uma concepção unica, celebra com razão por alegres festas e venera o nascimento só daquelle de quem o anjo annunciou, como se lê na Escriptura *que muitos se regozijariam no seu nascimento.* (13)

Porque, com effeito, o nascimento daquelle que póde saltar desde o seio de sua Mãe não seria santo e festejado com alegria ?

5º Não é, por certo, permittido duvidar que aquillo que foi concedido, mesmo a um pequeno numero de mortaes, tenha sido recuzada a uma tão grande Virgem, por quem toda carne mortal se elevou á vida. A Mãe do Senhor, tambem ella, foi santa sem duvida alguma antes de nascer, e a Santa Egreja não se engana quando considera como santo o dia do sua Natividade, e acolhe cada anno a volta de tal facto com uma festa solemne e uma alegria universal. Quanto a mim, penso que uma medida mesmo mais abundante de santificação desceu sobre ella e, não sómente santificou o seu nascimento, mais ainda preservou a sua vida pura de todo peccado; o que se crê não ter sido jámais concedido a nenhum outro filho da mulher. Convinha, com effeito, que a Rainha das Virgens, pela santidade singular, passasse toda a sua vida sem nenhum peccado, pois que, pondo no mundo o destruidor do peccado e da morte, obtinha para todos os homens o dom da vida e da justiça. O seu nascimento foi, pois, santo, porque foi santificado pela santidade infinita que devia saír do seu seio.

6º Que pensamos que seja ainda preciso ajuntar a essas honras ? E' preciso honrar tambem, diz-se, a concepção que precedeu a esse nascimento glorioso ; porque, si aquella não tivesse precedido a estes não se teria de honrar o proprio nascimento. Mas que se responderá, si um outro, pela mesma razão, snstentar que é preciso render as mesmas honras solemnes a cada um de seus Paes ? Poder-se-ía ainda reclamal-as por motivos semelhantes para os seus Avós e os seus Bisavós ; ir-se-ía assim ao infinito e as festas seriam sem numero. Essa abundancia de alegrias é bôa para a Patria, não para o exilio, e essa multiplicidade de festas convém a cidadãos, não a banidos. Mas apresenta-se um escripto, (14) que é, diz-se, de revelação superior, como si cada um não pudesse apresentar um escripto semelhante, onde a Virgem parecia ordenar a mesma coisa para os seus Paes,

segundo o preceito do Senhor que diz: *Honrae a vosso Pae e a vossa Mãe.* (15) Quanto a mim, não me deixo facilmente commover nem persuadir por escriptos taes, que a razão não parece approvar, e que nenhuma auctoridade certa confirma. Como concluir que a concepção deve ser considerada como santa, do facto de haver precedido o nascimento que foi santo? E' porque, precedendo-o, ella o santificou? Precedendo-o, ella acarretou a sua existencia, não a sua santidade; porque donde lhe teria vindo a ella mesma a santidade que devia transmittir após si? Não é antes porque a concepção começou sem a santidade, que se tornou preciso santificar a creança concebida, afim de que esta fôsse santa ao nascer? Mas talvez a concepção tivesse tomado a sua santidade ao facto que devia seguir-se-lhe? Sem duvida, a santificação que se verificou logo após a concepção, podia passar ao nascimento que era posterior; mas ella não podia de modo algum remontar á concepção que a havia precedido.

7º Donde viria, pois, a santidade da concepção? Dir-se-á que a Virgem foi prevenida pela santificação afim de que fôsse concebida, sendo já santa; da mesma maneira que se diz que ella foi santificada no seio materno, afim de que o seu nascimento fôsse santo! Mas a Virgem não podia ter sido santa antes de existir; ora, ella não existia antes de ser concebida. E porque acaso a santidade se teria mesclado á concepção mesmo no meio das caricias conjugaes, de modo que a santificação e a concepção se déssem ao mesmo tempo! Mas a razão não admitte isso. Como, com effeito, a santidade teria sido possivel sem o Espirito Santo que santifica? Ou, como o Espirito Santo se achou mesclado ao peccado? Ou, emfim, como o peccado não se acharia onde não faltou a concuspicencia? Dir-se-á por acaso que ella foi concebida do Espirito Santo, e não de um homem; mas ainda não se ouviu dizer nada de semelhante. Leio, com effeito, que o Espirito-Santo veio a ella, e não que tenha vindo com ella, segundo a palavra do Anjo: *O Espirito Santo virá sobre vós* (16). Si é permittido dizer o que penso á Egreja, que pensa sempre a verdade, eu digo que a Virgem tem a gloria de ter concebido do Espirito-Santo, mas que ella não foi concebida delle. Ella pariu virgens, ella não foi parida por uma virgem.

De outro modo, onde estaria essa prerogativa da Mãe do Senhor, em virtude da qual se crê poder glorificar só a ella de ter sido Mãe e ter permanecido virgem, si concedeis o mesmo privilegio á sua mãe? Isso não é honrar a Virgem, mas é minorar a sua gloria. Si, pois, ella não póde de modo nenhum ser santificada antes da sua concepção, porque não existia ainda, nem durante a sua concepção mesma, por causa do peccado que a isso estava ligado, resta crer que ella foi santificada depois de haver sido concebida, quando já estava no seio de sua Mãe, e que essa santificação, banindo o peccado, santificou o seu nascimento, mas não a sua concepção.

8º. Eis porque, comquanto tenha sido coucedido a um numero, aliás pequenino, de filhos dos homens nascerem santificados, não lhes foi, todavia, dado serem concebidos da mesma fórma, afim sem duvida de que a prerogativa de uma santa concepção fôsse reservada só A'quelle que devia santificar todos os outros, e que só vindo a este mundo fóra do peccado, devia purificar os peccadores. Assim o Senhor Jesus foi o unico concebido do Espirito Santo, porque só elle foi santo, mesmo antes da concepção. Excepto elle, todos os filhos de Adão pódem-se applicar estas palavras, que um delles confessa de si mesmo com humildade e verdade, dizendo: *Fui gerado na iniquidade e minha mãe me concebeu no peccado.* (17)

9º Pois que as coisas são assim, que razão ha, pois, para festejar a concepção? Que meio, digo, ha ou de sustentar que essa concepção é santa, quando não vem do Espirito Santo, para não dizer que ella deriva do peccado, ou de celebrar-lhe a festa, quando ella nada tem de santa?

A Virgem gloriosa dispensa de bom grado essa honra, que parece ou honrar o peccado ou revestil-a de uma santidade mentirosa. Nada poderá agradar-lhe nessa novidade emprehendida contra o rito da Egreja, e que é mãe da temeridade, irmã da superstição, filha da leviandade. Mas, si julgassem de outra fórma, seria preciso consultar primeiro a autoridade da Sé apostolica e não seguir com tanta precipitação e irreflexão a simplicidade de alguns ignorantes.

Eu já havia constatado esse erro em algumas pessôas, e dissimulava, poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do amor da Virgem. Mas, achando a superstição entre os sabios e em uma Egreja nobre e celebre, da qual sou especialmente filho, (18) não sei si teria podido calarme sem irrogar-vos, mesmo a vós todos, uma grave offensa. Entretanto, o que disse seja dito sem prejuizo de uma opnião mais sabia: Sobretudo eu reservo todo esse negocio, como os que são da mesma natureza, ao exame e auctoridade da Egreja romana. Si penso de modo diverso della, estou prompto a reformar o meu sentimento sobre o della.»

Esta carta oriunda de tão grande auctoridade, não podia passar despercebida; dahi o inicio da lucta travada tendo por objectivo o culto da Immaculada Conceição.

ARTHUR DE LIMA CAMPOS.

---

(1) *Politica Positivista*, vol. III, pag. 485.
(2) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie.*
(3) *Culto da Immaculada*, Heliodoro Salgado, pag. 213.
(4) As transcripções a seguir são de J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie.*
(5) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie.*
(6) R. Teixeira Mendes, *O Culto Catholico*, pag. 27.
(7) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie.* pags. 23 e 24.
(8) Festa da Assumpção, a 15 de agosto,
(9) Lucas I, 41.
(10) Salmo LXX, 6.
(11) Salmo XXI, 11,
(12) Jeremias I, 5.
(13) Lucas, IV.
(14) Este escripto á attribuido a Elziro, abbade de Inglaterra. (Vide Santo Anselmo ob. cit. pag. 507).
(15) Exodo XX, 12.
(16) S. Lucas I, 35.
(17) Salmo I, 7.
(18) S. Bernardo era filho da Egreja de Lyon, porque nasceu em Fontaine perto de Dijon, e o seu mosteiro de Clairvaux estava na diocese de Langres, que dependia da metropole de Lyon.

APANHADOS

A vertigem da neve O dr. Prompt conta que nos seus passeios pelos Alpes, sentiu diversas vezes a vertigem da neve, como outras pessôas que o acompanhavam experimentaram tambem. Elle se achava então totalmente cercado de neve; num momento, foi tomado duma especie de vertigem, um atordoamento que o atirava para o chão. A sensação se attenúa apenas quando se fecham os olhos e desapparece quando se olha para qualquer coisa, um companheiro, um cão, a propria sombra. O dr. Prompt cita o caso dum gendarme de Bourg-d'Oisans, que ficou preza duma vertigem quando ia levar um despacho; caíu sem seutidos na neve e morreria alli si um camponez não o tivesse levantado. Essas observações são particularmente interessantes; incitam a se perguntar si a doença das montanhas não é, muitas vezes, secundada ou aggravada pela vertigem da neve.

Mostrando esses ultimos perigos e os meios de os evitar, aquellas observações nos lembram a imprudencia que ha em se aventurar uma pessôa, só, pelo meio da neve.

***

O automovel sobre o gelo Mais um outro automovel, para andar no gelo, acaba de apparecer. Um engenheiro de Minneapolis construiu um automovel, que, segundo elle diz, deve revolucionar o territorio de Alaska.

fornecendo um meio de transporte mais economico que o trenó puxado por cães que é actualmente o unico meio de communicações de que a Alaska dispõe uo inverno. Esse automovel apresenta algumas particulares de estructura muito interessantes. As suas rodas são substituidas por espiraes, parecidas com pedaços de parafuso; a beira livre é solida e cortante, á maneira do ferro dos patins, para assim morderem bem o gelo. Para dirigir o carro, não se age sobre o apparelho locomotor, mas sobre uma especie de leme duplo, collocado na frente e atraz, consistindo em dois discos de aço em contacto com o gelo, orientados, elles tambem, como as rodas. O carro é um barco ao mesmo tempo tempo ; o engenheiro inventor pensa até em fazel-o fluctuar uo caso do gelo ceder. Nos primeiros ensaios já corria, sem muito esforço, 30 kilometros por hora. E' aquecido a carvão ou a petroleo, mas a agua da caldeira é substituida pelo alcool, cujos vapores são condensadospara serem depois utilizados novamente.

***

Um signal verdadeiro da morte

O terror de ser enterrado vivo está bastaute espalhado e os signaes certos da morte são sempre os assumptos do dia. Muitos dos signaes apontados como verdadeiros uão merecem attenção ; com outros, porém, não acontece o mesmo. O que o dr. Ott indica hoje está baseado nos effeitos differentes que determina uma queimadura superficial, conforme attinja a uma pessôa viva ou a um cadaver. Assim ensina o dr. Ott : Estando descoberto o ante-braço, estendido horizontalmente, o lado anterior voltado para o sólo, deixa-se chegar, ligeiramente, a chamma duma vela á superficie da pelle. Si a morte é real, em poucos minutos produz-se uma empola que estala com algum ruido, mas que não contém gazes. Si, ao contrario, a morte não é sinão apparente, apezar da circulação ter parado ha algum tempo, obtém-se uma vesicula cheia de liquido ou uma placa de pelle mortificada, mas nunca uma bolha gazoza. O dr. Ott recorre a esse processo desde alguns annos e o considera como sendo duma certeza absoluta.

***

As excavações em Roma

O commendador Giacomo Boni, que dirige as excavações do *forum* romano, acredita ter descoberto a sepultura de Trajano. Cassiano e Eutropo contam que os restos do imperador tinham sido encerrados numa urna de ouro, transportados da Asia para Roma e depositados embaixo da columna Trajano. O sr. Boni seguiu as explicações e fez abrir uma pequena porta situada no pedestal que, como elle pensa, dará descida ao tumulo.

***

Musico hespanhol

A Hespanha acaba de perder um dos seus compositores de musica mais fecundos e mais populares, Manuel Fernandes Caballero, o auctor do *Frasquito*, *Filhos do Capitan Grant*, *Campanero y sacristan*.

***

Um esculptor aeronauta

Um joven esculptor belga, naturalisado americano do norte, morreu numa ascensão em balão na costa oriental da America. Nocquet, assim se chamava o pobre artista, nascido em 1877, era belga e com vinte annos obteve o grande premio de esculptura na Belgica ; depois, foi para os Estados Unidos e teve pelo presidente Roosevelt uma viva admiração ; pouco antes de subir no balão, donde não desceria mais vivo, tinha modelado uma estatueta do presidente, em costume de casa, trazendo em cada mão um urso. Nocquet era um dos quatro esculptores americanos que podiam expôr no salão de Paris sem passarem antes pelo jury. Descobria-se em toda a sua obra a influencia de Rodin. Esse artista, que era um ascensionista apaixonado, encoutrava uesse *sport* mais vigor e iuspirações admiraveis. Ha pouco mais dum mez, elle partiu, só, num balão, de Nova York para uma aldeia visinha e no dia seguinte o seu cadaver foi encontrado na margem do Copp's Island.

***

Duas peças italianas

Representaram ultimamente em Turim, uma peça de Rovetta, *Il giorno della cresima* (o dia da chrisma) que caíu na primeira representação, e uma comedia de Antonio Traversi, *Caritá mondana*, satyra com a caridade mundana das vendas e dos bailes para os pobres ; as notas são muito picantes, mas a intriga não tem cohesão e unidade.

***

A destreza dos cegos

Os cegos, muitas vezes, depois de estudos pacientes, se tornam mais necessarios que as pessôas que vêem. Na Pensylvania, elles aprenderam a correr e a saltar. Ultimamente um cego deu um salto dum comprimento de 5 metros e 40 centimetros ; um outro pulou por cima duma barra que tinha de altura quasi 2 metros. E' verdade que nos cegos o medo do vacuo não existe e elles teem sempre essa apprehensão de menos que os videntes.

***

O maior pé do mundo

Uma rapariga do condado de Surrey, na Inglaterra, tem 16 annos, e cada um de seus lindos pés mede 42 centimetros e elles promettem crescer ainda. Ahi está um *record* difficil de ser batido.

ARMADA NACIONAL

As nossas guarnições — As Escolas de Aprendizes—Os seus commandantes, bons vivedores — O regimen da economia—A estopa de saccos vestindo aprendizes—Sorteio—A figuração—Os foguistas—O exame que prestam quando são contractados—O imperio das circumstancias — Os factos.

As guarnições dos navios da nossa esquadra compõem-se, sobretudo, de duas especies de pessoal: marinheiros nacionaes e foguistas ; e o preparo, quer de uns, quer de outros, é nenhum.

Os primeiros procedem, em geral, das Escolas de Aprendizes Marinheiros ; essas são em numero deficiente e deficientemente aquinhoadas no orçamento: preparam poucas praças e mal. Para fazer-se uma idéa do interesse que se liga áquelles estabelecimentos, basta que se diga que a *verba expediente* (compra de livros, papel, tinta etc.) destinada a uma escola com a lotação de 200 alumnos, é de 400$000, quando a mesma verba, para o expediente do gabinete do sr. ministro da Marinha, é de 6:000$000, quinze vezes maior ! A quantia destinada pelo orçamento para remunerar um professor (unico) nas Escolas de Aprendizes, é de cento e vinte e cinco mil réis, isto é, quantia inferior á que constitúe ordenado de um contínuo da Escola Naval ! Accresce que, antes de posta em execução (janeiro do anno corrente) a nova lei, que tomou o nome do auctor—Thomaz Cavalcanti —o pessoal da armada que servia em cada escola era : um commaudante e um immediato ; o primeiro accumulava as funcções de capitão do porto ; não podia dedicar-se inteiramente ; antes, até muito pouco cuidava da escola ; o segundo tinha a roubar-lhe maior parte do tempo que pudesse consagrar ao preparo dos aprendizes, a natureza das suas funcções, quasi meramente fiscaes.

Assim sendo, não era licito esperar, até hontem, maior rendimento das Escolas de Aprendizes. A diminuir mais esse rendimento, havia, ainda até algum tempo atráz, o facto do pessoal dirigente não ser só exiguo, mas muitas vezes tambem pernicioso.

Para muitos commandantes de escolas, era esse um cargo de descanço e fonte de economias : a vida mais

modesta nos Estados exige menor despeza do que no Rio; os *meninos* pódem substituir os creados, afóra outras muitas vantagens julgadas sempre legaes.

Quanto á instrucção dos alumnos, póde-se bem avaliar qual seria, abandonada pelo proprio Governo desde o começo e depois por commandantes dotados daquelle modo de pensar. A matricula nas escolas diminuia, não havendo quem se esforçasse para a elevar; os esforços eram até empregados em sentido inverso, sendo mais commodo administrar uma escola que de tal só tenha o edificio, os officiaes, o paiol e o .. pagamento no fim do mez. O relaxamento chegou a tal ponto, em epochas felizmente passadas e em alguns desses estabelecimentos, que aprendizes, por falta de fardamento, andavam vestidos de estopa tirada de saccos de generos!

Fôram todas essas causas que determinaram os *fracos rendimentos* das escolas; comtudo, é força confessar que as ultimas apontadas — os commandantes philosophos egoistas — teem sido eliminadas pela actual ministro, que, sem o querer talvez, tem nomeado pessoal superior idoneo para dirigir aquellas instituições.

Sem o querer, dissemos, porque s. ex., ou desconhecendo aquellas causas, ou não querendo com a exposição das mesmas, censurar quem faz a proposta e confecciona o orçamento da marinha, e alienar as justissimas e antigas (e futuras?) sympathias de que goza na classe, condemna em principio aquellas escolas que fornecem aprendizes a tanto por cabeça, e quasi se propoz a as abolir. Entretanto, o Congresso Nacional, ignorante em assumptos navaes, não attendeu então, e felizmente, ás idéas ministeriaes e mandou até restaurar duas escolas que haviam sido extinctas; e s. ex., tambem felizmente, recebeu o quináu. Felizmente, porque, sem discussão para espiritos despidos de preconceitos e desemperrados, a Escola de Aprendizes Marinheiros, é a unica fonte onde a armada nacional póde haurir os contingentes necessarios á renovação e ao augmento de suas guarnições. Posto de parte o mais que ridiculo, o até criminoso mal comprehendido espirito de economia, ou mesmo melhor distribuidas as verbas do orçamento da marinha, de sorte que as escolas sejam mais bem dotadas; havendo escolha, conforme aptidões, para a nomeação do pessoal superior dessas escolas, fatalmente ellas produzirão contingentes numerosos e aptos.

Querer, sem attenção ás causas, eliminar as escolas por seu fraco rendimento, é um crime; crime commetteria o medico que matasse um doente por desconhecer-lhe a molestia.

Além dos marinheiros procedentes das Escolas de Aprendizes, existem na armada os voluntarios (em tão reduzido numero que não vale occuparmo-nos delles) e os sorteados. O sorteio naval, idéa antiga, foi posta em execução pelo actual ministro, que nelle vê o melhor meio de compôr as nossas guarnições.

Em um paiz novo como o nosso, em que o trabalho é bem remunerado, o sorteio é antes de tudo iniquo. Obrigar um patrão de barcaça, por exemplo, homem que goza toda a liberdade, *que commanda*, que tira do emprego o sufficiente para o sustento seu e de sua mais ou menos numerosa familia, obrigar esse homem, dizemos, a ir ser marinheiro de guerra, sob um regimen rigorosissimo e mal percebendo o sufficiente para a si proprio dar um máu tratamento, é iniquo, evidentemente. Depois de iniquo, é improductivo: improductivo quanto ao numero, já o ficou provado com o unico sorteio havido: de cerca de 2000 sorteados, a marinha não recebeu mais de 300; os que não se apresentaram fôram processados, condemnados, mas continuam, em geral, a exercer suas profissões e as sentenças condemnatorias fôram de nenhum effeito; e improductivo quanto ao valor profissional que adquirem: o marinheiro de hoje é muito diverso do que foi o marinheiro hontem; então, bastava trepar, uma enxarcia, ferrar um joanête ou chegar o fogo ao ouvido da peça. Isso se obtinha com seis mezes de pratica; agóra, não; o preparo de que um marinheiro preciza só se consegue, em uma marinha superiormente organisada, com nunca menos de um anno; na nossa marinha, nunca se consegue, porque a pratica é escassa e mal dada.

Si, porém, o fim do sorteio é preencher os claros dos—corpos de parada —que são hoje as guarnições da nossa esquadra, então sim, o sorteio é de alguma utilidade.

As praças da marinha formam hoje effectivamente — corpos de parada —; teem quasi que exclusivamente uma funcção decorativa e, como hoje se diz, de figuração; nada melhor o attesta do que o Corpo de Infanteria de Marinha, que, além daquelles papeis representa o de — treme-terra —; enfeite para prestar honras ao presidente da Republica ou a um ministro estrangeiro, no Arsenal de Marinha; *papão* a 14 de novembro de 1904, *fingindo* de esteio da Republica, tomando depois Porto-Arthur da Saúde; policiando a cidade nos dias de carnaval ou dando desembarque na Gambôa para prender desertores!

Por isso, talvez, por terem comprehendido que as funcções das forças da marinha são apenas decorativas, é que as diversas administrações que teem tido o Corpo de Marinheiros Nacionaes, capacitaram-se de que no quartel deste, não se deve procurar preencher as lacunas no preparo das praças alli aquarteladas: só se lhes ensina infantaria e musica; é commum haver no quartel de Willegaignon, mais musicos, do que especialistas de outro ramo; quanto a infantes, todos o são, o que não impede *os fiascos* nos dias de desembarque, os quaes ultimamente teem sido em profusão. Quanto á musica, é tão bôa que attraiu a attenção do critico musical do *Paiz*, cremos, em 15 de novembro do anno findo.

E, tão desvirtuadas estão hoje as funcções de marinheiros e infantes de marinha, que o proprio ministro, em seu relatorio do anno passado, solicitava do Congresso auctorisação para elevar o effectivo do Corpo de Infanteria de Marinha, afim de poder mais efficazmente ser feita a policia do littoral! S. ex. poderia ter accrescentado — e do carnaval. Um membro do Senado, relatando esse projecto, ironico por vezes, por vezes rude, combateu-o magistralmente por palavras taes, que nós traduzimos assim: é preferivel presentear a rua Evaristo da Veiga, ou mais propriamente Barbonos, com a Ilha das Cobras. E de facto era: a

utilidade do Corpo de Infanteria de Marinha é maior sob o ponto de vista policial, do que sob o ponto de vista naval. E si não fôsse nos alongarmos de mais em um assumpto ingrato, juntariamos mais provas; mas é já desnecessario provar melhor o que está no espirito de todos; além disso esperam-nos os foguistas, de que nos temos de occupar ainda no presente artigo.

Delles pouco diremos no emtanto; aliás, é facil comprehender como e quantos são os que guarnecem as machinas dos nossos navios; são pouquissimos, tão poucos que, quando sáe alguma divisão do Rio, se arrebanham os foguistas de todos os navios: os vasos que ficam no porto permanecem com as suas machinas desguarnecidas.

Essas praças eutram para o serviço da Armada por contracto: quando se contractam, o unico exame que prestam é o de robustez physica; si já fôram ou não foguistas, si teem ou não bom comportamento, si já fôram ou não expulsos do serviço da Armada sob um outro nome, não se indaga: a urgencia de circumstancias e a carencia de foguistas assim exigem.

E' facil ver que não é em geral superior ao dos nossos machinistas o valor dos foguistas.

TONELERO.

O ALMIRANTE (86)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

Dolores, de olhos fitos no rosto de Hortencia, numa ancia de lhe devassar a alma, continuou a fazer considerações misturadas de piedade e ternura sobre a situação de uma recem-casada, transportada de repente da doce ignorancia da innocencia, arrancada das phantasias de moça para a realidade, ao principio aspera, cruel como uma profanação, eriçada de surprezas, de revelações pavorosas ou commovedoras até se clarear o nupterio do amor explicando toda a natureza, descortinando novas perspectivas, novos aspectos da vida. Passada essa phase estranha de sensações ignotas, a mulher, completada na funcção physiologica pela plena expansão affectiva, se tornava superior, dominadora, victoriosa.

Não era indispensavel — ponderou Dolores, em phrase cada vez mais excitada e observando sempre o effeito das suas palavras — que se amasse o homem escolhido pelo destino ou pelas affinidades do meio para chegar a essa perfeição, a esse gráu de superioridade da mulher emancipada pelo casamento.

A intervenção do amor como causa essencial das allianças, como propulsor de duas creaturas uma para a outra, váe sendo dispensada no estado actual dos costumes, transformados pelo senso pratico, pela intuição positiva dos interesses da familia e da sociedade, tendo por base a instituição do casamento, emquanto este fôr o meio de legalizar o geneze humano.

E' muito raro cazar a mulher com o homem verdadeiramente amado. A escolha do coração é quasi sempre um desacerto, ou uma desillusão; o souho de poesia se desfez, ao embate de decepções pungentes. Está para nascer o homem que concretize o idéal da esposa apaixonada: todos elles são mais ou menos asperos, brutaes ás vezes.

Disso concluiu Dolores pelas vantagens das allianças dictadas pelas conveniencias como a delle com o Dadá. Poupavam-se, assim, as torturas das decepções e a sociedade conjugal não era abalada no seu inicio.

— A gente se habitúa — ponderava ella, meigamente — com o irremediavel, da mesma fórma que os cégos, os aleijados se resignam aos accidentes que os privaram da vista, do movimento. E, quando esse habito se fixa, se consolida, transformando a nossa propria natureza, as nossas tendencias, os nossos idéaes, vive-se feliz.

Hortencia ouvia com horrorizada attenção essas considerações paradoxaes que se lhe figuravam monstruosas.

Dolores proseguiu prevendo todas as hypotheses, os pró e os contra dessa união romantica, deliciosa aventura que lhe espicaçava os nervos fatigados pela monotonia da vida banal.

— Imaginemos — proseguiu ella — que não amas teu marido, que te repugna a união com um homem que poderia ser teu pae, que te parece impossivel transformar a ternura filial em amor; imaginemos que elle te não ame, que tu surjas no seu caminho de celibatario, embotado, causado de prazeres vulgares, como excitante novidade, abandonada depois do sacramento como flôr emurchecida, sem a frescura, sem o perfume seductor da primeira aurora. Não te commovas, não te assustes com essa feia perspectiva que é o aspecto vulgar, a historia corriqueira dos dias immediatos á lua de mel: essas decepções mortificantes não impedem viverem relativamente felizes, numa doce harmonia de bons amigos, numa associação de tolerancia, de condescendencias reciprocas para evitarem attrictos, supprimindo as desegualdades, os vazios da adaptação imperfeita. Tu te habituarás á intimidade desse homem bem educado, de maneiras delicadas, de fina geutileza, um homem digno de qualquer mulher por mais exigente que seja, um homem perfeito, ajuntando aos dotes physicos, talento, posição, fortuna... e a immensa herança da marqueza. Sómente isso, os meios de satisfazer todos os caprichos, compensa todos os sacrificios, mesmo o de outro amor...

—Dolores... — gemeu Hortencia, pungida no coração.

—Não faças caso dos commentarios que tanto impressionam as mulheres fracas, inferiores, vulgares. Essas que te malsinam á surdina, nessa puridade hypocrita da malediceucia venenosa, são despeitadas, deslumbradas pela victoria que a fatalidade te proporcionou; são iuvejosas, que sacrificariam tudo por um olhar de Oscar, por um beijo de seus labios..

A vóz de Dolores, extenuada dessa dissimulação cruel, tremia como um estertor.

—Como dizes isto? — inquiriu Hortencia, num impeto irrepressivel, dardejando sobre ella um olhar ameaçador, onde rutilavam chispas de ciúme.

—Digo— repetiu ella, em agitação crescente — como quem sente, como quem o ama...

—Tu!

—Sim, eu..

As duas mulheres se ergueram a um tempo e recuaram em attitude aggressiva.

—Não me queiras mal por ser sincera —murmurou Dolores, humilhando-se num dorido tom de supplica — Que tens com isso, com o passado? Si fui culpada por um desvairamento, por um acto de loucura, estou sobejamente punida, Hortencia, punida cruelmente. Deves ter comprehendido a minha triste situação. Eu fugi, no dia do desastre, por faltar-me coragem para vel-o morrer, para evitar o escandalo da minha dôr, escandalo que me não perdoariam jámais, e volto agóra, com sobrehumano esforço, para pedir-te perdão; volto submissa á fatalidade para invejar-te, para dizer-te que és a mais venturosa das mulheres. Elle te compensará a perda da tua illusão de moça.

Como Hortencia vacillasse, sacudida por essa iusinuação perversa, Dolores curvou-se e quasi de joelhos beijou-lhe as mãos.

(*Continúa*).

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Novas alterações no programma do Congresso Internacional de Ostende, em vista do grande numero de jogadores inscriptos, 36, a saber:

Balla, Hungria.
Bardeleben (de), Allemanha.
Bernstein, Allemanha.
Blackburne, Inglaterra.
Burn, Inglaterra.
Caro (H.), Allemanha.
Cohn (W.), Allemanha.
Duras (O.), Bohemia.
Fahrni, Suissa.
Forgaes, Hungria.
Gattie, Inglaterra.
Janowski, França.
John (W.), Allemanha.
Jonher (P.), Estados Unidos.
Leonhardt, Allemanha.
Lewitt (Dr.), Allemanha.
Maljoutin, (B.), Russia.
Marco (G.), Austria.
Maroczi, Hungria.
Marshall, Estados Unidos.
Mieses (J.), Allemanha.
Perlis (Dr.), Austria.
Post (E.), Allemanha.
Reggio, Italia.
Rubenstein, Russia.
Salve (H,), Russia.
Schlechter, Austria.
Sherrard, Egypto.
Snosko Borowski (E.), Russia.
Sournin (V.), Estados Unidos.
Spielmann, Baviéra.
Suchting, Allemanha.
Swiderski, Allemanha.
Taubenhaus, França.
Tschigorine, Russia.
Wolf (H.), Austria

Como se está vendo, R. Teichmann não participa do congresso, não se sabe porque. Ao saír daqui, elle contava ser dos inscriptos, embóra considerasse os premios pequenos.

Não fatigaremos os leitores explicando a combinação feita para tornar interessante o pleito. Basta que saibam que se fará o torneio em 4 etapas, retirando-se 12 depois da primeira, 6 depois da segunda, 6 depois da terceira, ficando 6 na ultima, que será em dois turnos: nesta, os premios irão de 4.000 a 700 francos, além de uma medalha de ouro para o 1º logar. Os demais jogadores que se fôrem retirando terão premios baixos, de consolação.

Este é o torneio dos mestres que teve começo a 4 de junho; além delle, haverá os outros de que já demos noticia.

— G. Lazard conquistou o campeonato do Circulo Philidor.

— Está decidido o *match* para o campeonato do mundo entre o dr. E. Lasker e G. Maroczi. O *match* começará a 15 de outubro proximo, será vencedor o que primeiro ganhar 8 partidas, não contando as nullas: 15 lances por hora; 6 dias de jogo por semana, mas em cada semana não se começarão mais de 3 partidas; 6 horas por dia entre 1 hora e 11; tres séries, a primeira na Europa e as outras duas na America, terminando a primeira quando um dos jogadores tiver ganho 3 partidas, a segunda quando tiver ganho 5, a terceira terminará o *match*. Aposta de 2.000 dollars. Commissão arbitral: professor Rice, de Nova-York; o juiz Ponce, de Havana; A. Martinez, presidente do Manhattan Chess Club; o barão de Rothschild e o conselheiro von Trebitsch, de Vienna. O dr. E. Lasker é Campeão do Mundo desde 1894, anno do seu primeiro *match* contra o campeão Steinitz, nos Estados Unidos. Nesse *match*, ganhou 10 partidas contra 5, e 4 nullas; em um segundo, realizado em Moscow, venceu por 10 contra 2, e 5 nullas.

— Pillsbury continúa enfermo em Philadelphia, mas ha esperança de salval-o.

***

O XADREZ NO RIO

O Paiz creou uma secção de xadrez muito interessante, cujo redactor, assignado *Quatro estrellinhas*, toda gente diz que é o dr. Henrique Costa, um dos mais fortes amadores brazileiros. A secção é feita com verve e arte. Está ahi um exemplo que todos os jornaes do Rio Janeiro deviam imitar. Antes isso que as loterias.

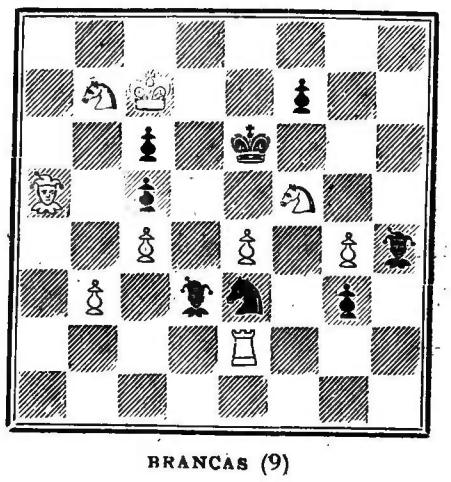
Quanto ao torneio internacional, já ha um numero de adhesões que quasi lhe garante o exito.

***

PROBLEMA N. 52

H. de Barros e Azevedo (Rio)

PRETAS (8)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances

***

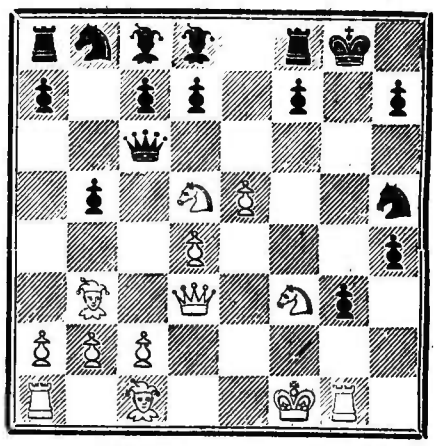
PARTIDA N. 58

(Jogada no torneio nacional russo a 10 de janeiro de 1906)

GAMBITO DO BISPO DO REI

Brancas (B. Malioutine)		*Pretas* (E. Levitski)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P × P
B 4 B D	— 3 —	D 5 T R x (*a*)
R 1 B	— 4 —	C 3 B R (*b*)
C 3 B R	— 5 —	D 3 T R (*c*)
C 3 B D	— 6 —	B 2 R
P 4 D	— 7 —	Roque
P 5 R	— 8 —	C 4 T R
T 1 C R	— 9 —	P 4 C R
P 4 C R	— 10 —	P × P e.p.
C 5 D	— 11 —	B 1 D
P 4 T R	— 12 —	D 3 B D
D 3 D	— 13 —	P 4 C D
B 3 C D	— 14 —	P × P (*d*)

Depois do 14º lance das Pretas



B 5 C R	— 15 —	B × B
C × B	— 16 —	D 3 T R
C 7 R x	— 17 —	R 1 T
D 3 R	— 18 —	C 2 C R (*e*)
R 1 R	— 19 —	D 4 T R
D 4 B R	— 20 —	B 2 C D
C × P B x	— 21 —	T × C
B × T	— 22 —	abandon.

(*a*) 3... P 4 D; 4 — B × P, D 5 T R 5 — R 1 B, P 4 C R, é geralmente consi rado como a melhor defeza.

(*b*) Jaenisch, segundo o *Handbuch*, de parecer que este lance condúz á eg dade, mas o jornal *Nordische Skaktide* (1873) o considera máu. Quem terá raz

(*c*) No *Handbuch* e em outras obras e lance não é mencionado. Examina-se a riante 5... D 4 T R, a qual é exposta cor melhor resposta 6—D 1 R em vantagem Brancas, 6... P 3 D, 7 — P 5 R, P × 8 — C × P, B 3 R; 9 — C × P, etc.

(*d*) 14... R 1 T parece melhor para n ter que se defender depois de 15 — B × P × P; 16 — C × B, etc., contra a amea C 7 R x e assim ter tempo de jogar P 3

(*e*) A 18... C 3 B D, as Brancas teri respondido egualmente 19 — R 1 R, am çando C × P B x.

(*f*) As Brancas conduziram muito be o ataque e de um modo seguido. Si 22. D 6 B R, dão mate em dois lances.

(*Notas de Tschigorine.*)

***

H. DE BARROS E AZEVEDO. — O seu pr meiro problema tem duas duaes: para 2. R 2 B ou P 4 T R, as Brancas pódem dar mate com uma ou outra torre. Demais a in cial é quasi evidente por causa do xaq com a torre preta; as variantes são pobre Veja si o corrige convenientemente. Publ camos o outro, embóra achemos mui aggressiva a iniçial e tambem intuitiva; m a idéa é bôa. Continúe a mandar-nos os se trabalhos.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 51 (*F. Mende de Moraes Filho*): C 7 C D.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes», dispondo d material completamente novo e moderno, encar regam-se de executar todo e qualquer trabalh typographico.

Vendem-se collecções dos «Annaes» ricamente encadernadas, do primeiro tri mestre de 1904 e primeiro e segundo se mestres de 1905.

ANNO III — Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1906 — Num. 87

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Todos os dias, ao romper da anrora, repercutem nas abundantes informações telegraphicas as acclamações, as zumbaias, as festas e o foguetorio que vão acolhendo o futuro presidente da Republica, em viagem triumphal atravéz dos territorios dominados pelas olygarchias, deixando uma luminosa esteira de aérolitho em caliginosa atmosphera. E contemplamos de longe, num extase de subditos humildes, varados de ternura, essa deslumbrante carreira de astro no apogeu de omnipotencia gloriosa.

Até chegar ás plagas cearenses, s. ex. encontrou tudo numa ordem admiravel revivendo o sonho da edade de ouro, governos incomparaveis, governados felizes, orgulhosos do pezo que lhes opprime os hombros, tudo numa deliciosa paz paradisiaca, inalteravel como a convivencia bemaventurada dos anjos com Deus.

Mas s. ex. váe apreciando o exterior, a superficie ornamentada com os mais suggestivos artificios, ocultando a dolorosa verdade, como succedia quando o Imperador fazia excursões pelo interior, nas zonas entregues ás olygarchias da escravatura. Os troncos, as masmorras, os rêlhos, todos os instrumentos de supplicio, destinados a manter submissa a desditosa raça de párias, eram cuidadosamente escondidos; os escravos se apresentavam trajando roupas domingueiras; as senzalas infectas estavam ornadas de palmas, de ramos, de flôres, para darem a impressão da suavidade do jugo dos senhores humanitarios, paternaes; o ribombar das roqueiras suffocava, nas quebradas alcatifadas pelos jasmins dos cafezaes, os rumores sinistros do eito, os gemidos arrancados dos infelizes pelo chicote dos feitores barbaros, todos os echos da melopéa dantesca do trabalho sem salario, regado de sangue, aljofrado de lagrimas.

A' perspectiva dessa clemencia, a visão imperial se deslumbrava; os senhores se lhe deparavam instrumentos providenciaes da prosperidade do paiz, eminentemente agricola, dependente de um mal necessario; as idéas humanitarias de libertação dos captivos se antolhavam inoportunas e se adiava a refórma que deveria emancipar o Brazil dessa infame macula.

Toda a nossa historia foi escripta com essa tinta magica da illusão, sob a inspiração do aulicismo, transformado, agóra, pelos requintes de subserviencia sem fidelidade, em *engrossamento*. Nós nos deshabituámos ao fulgor da verdade com os seus clarões incommodos para a retina dos que vivem na treva propicia ás explorações dos erros e dos crimes ou sob os ouropéis da hypocrisia.

***

A imaginação do sr. Affonso Penna foi impressionada pela imponencia do quartel da força estadoal, composta de cerca de oitocentos homens, prodigamente remunerados, vistosamente fardados, succulentamente alimentados, deduzindo desse quartel magnifico, dessa força poderosa, o patriotismo, o talento administrativo, as qualidades de alcandorado estadista do presidente do desventurado Estado do Ceará.

Essa legião de soldados, essa guarda pretoriana é, na verdade, o nervo do fecundo estadista; para ella convergem toda a sua solicitude, todos os seus carinhos; ella representa o braço inexoravel, o instrumento cégo disciplinado aos caprichos, aos interesses da politicagem; ella é a instituição basica, a pedra fundamental da olygarchia, o unico apoio do seu prestigio. Era, portanto, logico que se lhe désse o sumptuoso abrigo de um quartel incomparavel, infinitamente melhor do que todos os quarteis da União. Era natural que se não poupassem sacrificios para o bem estar dessa milicia; que ella absorvesse mais de metade das rendas estadoaes, cujas sobras ridiculas, deduzidas as despezas com o funccionalismo da familia, são applicadas, *pro formula*, á instrucção, á hygiene, aos melhoramentos materiaes.

Essa força, essa legião formidavel é a alma da olygarchia, deve ser cuidada, tratada com todos os desvelos do instincto de conservação.

Como um contraste pictoresco, s. ex. deveria ter reparado no quartel da força de linha, a primeira construcção monumental erguida ao primeiro passo dos visitantes da formosa cidade, conservada, melhorada pela iniciativa operosa do intendente municipal. Esse quartel, um dos melhores do Brazil, está abandonado, porque a politica do satrapa cearense tem um pavor superstícioso dos soldados do exercito nacional. O governo do sr. Campos Salles, o governo do sr. Rodrigues Alves privaram systematicamente a capital do Ceará de uma guarnição, nem mesmo puderam estabelecer alli um sanatorio para os soldados heroicos, enfermados nas inglorias expedições da Amazonia, entregues á administração que reproduziu com peiores detalhes os governos coloniaes.

Esse quartel está ameaçado de ruina, devorado por todas as molestias do abandono, porque o governo federal satisfaz todas as exigencias da satrapia, avêssa ao simples cheiro de uma guarnição federal.

Em compensação absurda do extase do futuro presidente pelo quartel e pela milicia accyolinos, s. ex. soffreu no açude do Quixadá uma decepção, aliás logica, porque aquella obra colossal, capaz de ser um titulo de honra e renome para a engenharia de qualquer paiz culto, é uma excrescencia no coração do sertão adusto, conservando na superficie escabrosa os dolorosos vestigios de uma série de calamidades.

S. ex., partidario dos grandes emprehendimentos, das grandes linhas de penetração, perfurando a America do Sul, escalando os Andes, ligando os oceanos, como no victorioso sonho de Lesseps, não pôde comprehender a utilidade de um açude quasi vazio, um açude que não transbordou.

Deveria o emerito estadista considerar que, construido aos pedaços com reduzidos creditos annuaes, esse açude não podia reprezar todas as aguas das chuvas que teem sido escassas no ultimo periodo de dez annos; que a enorme despeza de cinco mil contos teria sido consumida em esmolas, si não fôsse applicada áquella obra de indiscutivel utilidade, de effeitos permanentes, que a agua represada é relativamente pequena, mas tem servido á irrigação, á producção e conservação de abundantissimo peixe para alimento da população da zona circumjacente.

Palpita-nos que o sr. Affonso Penna auferiu a sua impressão das suggestões do satrapa cearense, que não pôde ainda, apezar de toda a manha, de todos os esforços, encorporar aquelle açude ao patrimonio da immensa familia reinante.

No dia em que o Governo Federal abrir mão daquella obra benemerita, ella caírá nas unhas dos apaniguados, formará uma dependencia do syndicato de carnes verdes, que passará a negociar com o peixe do açude como já explóra gananciosamente o peixe do mar.

Estava alli, felizmente, um preclaro representante da engenharia brazileira, o sr. Aarão Reis, para dar com a eloquencia da sciencia e do patriotismo, um formidavel *contra* aos botes da ganancia insaciavel.

POJUCAN

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Depois de 27 annos, é difficil conservar na memoria, com exactidão, os numerosos detalhes do roteiro da lancha *Araujo* durante a travessia emocionante pelas dez leguas de cachoeiras do Camanáu para cima. Felizmente ainda conservo, embóra já meio apagado, pois o escrevi a lapis, hora por hora, com as peripecias da viagem, á medida que se iam desenrolando.

Transcrevo aqui essas notas, que talvez possam ser uteis aos que quizerem fazer a mesma viagem e não tenham a sorte de se lhes deparar um pratico tão excellente como o velho Manoel Pedro, que a esta hora talvez já tenha deixado de existir, não obstante a longevidade proverbial dos indios daquella secção accidentada, pictoresca e saudavel do rio Negro.

***

SABBADO, 16 DE AGOSTO DE 1879

Pela madrugada, mandei accender a fornalha, e ás 7 horas a lancha estava prompta, com o manometro marcando a tensão maxima de 60 libras. Suspendemos e subimos costeando a margem esquerda. Passámos, a vapor e á espia, a ponta de Uiricuy, donde cruzámos para o remanso da ilha Apgaua, que defronta com a cachoeira do Cahacury. Baixou tanto a pressão, que foi precizo parar. Quando marcou 45 libras, largámos contra a corrente. Durante alguns minutos, a lancha deteve-se anhota, luctando debalde, até que foi vencida e levada, aguas abaixo, até o remanso dum rochedo, que apenas se poderia divizar pela sombra, mas que o Manoel Pedro bem conhecia apezar de submerso. Si não fôsse o seu sangue frio e pericia e nos tivesse faltado o benefico remanso, teriamos sido arrastados e nos despedaçado contra os rochedos de Camanáu.

Alguns indios saltaram sobre a pedra e aguentaram a *Araujo* até o manometro subir a 60. Mesmo assim, com a maxima pressão, só a muito custo conseguimos attingir o remanso de Buredabáni, á margem esquerda, donde subimos auxiliados pela sirga e a toda força até chegarmos ao ponto conveniente para atravessarmos o remanso da ilha Mary. Dahi passámos para a ilhota proxima e della para a margem direita, logo abrixo do sitio denominado *Justiça*, onde tivemos de augmentar a pressão. Atravessámos para as ilhas Andirá e outra que lhe fica proxima e fronteira. Depois, subimos por um paraná-mirim entre a terra firme e a ilha Pacará. A pressão baixou muito e a lancha mal podia conter-se naquellas aguas correntosas. Parámos para augmental-a no remanso duma forte corredeira abaixo do sitio Andirá. Passámol-a com 60 libras e duas espias.

Costeámos a ilha Guatafa e para a Conory, em frente á Bahú. Da ilha Conory atravessámos para a Cariary e della para a Uacú. Da ponta superior desta ilha, aproámos para a margem direita, onde nos detivemos num remanso até a pressão subir. Seguimos costeando essa margem até atravessarmos para a ponta de baixo da ilha Carapanã. Navegámos ao longo de toda a sua costa e passámos para uma ilhota que lhe fica a montante e dahi atravessámos para a margem direita, onde ficámos parados até que a pressão da caldeira nos permittisse proseguir.

Tinhamos á direita a grande cachoeira de Tapajós, cujos estos e despenhos são mais ruidosos e prolongam-se mais, junto á margem esquerda. O Manoel Pedro conhecia, como ninguem, todas aquellas aguas revoltas, e sabia tirar o maior proveito do seu jogo e da direcção que levavam. Muitas vezes, para não perder o auxilio do remanso duma pedra que só elle via pela sombra, que escurecia a espumarada turbulenta, mandava largar as espias, e as canôas da indiada desciam aos trambolhões, numa carreira vertiginosa, e a manobra era recebida pelos tripolantes affeitos áquellas luctas, com applausos e risadas.

Bôa e forte gente aquella, que não tem egual, quando se trata de desenredar, num mergulho, a espia preza nas pedras da cachoeira ou levar uma canôa atravéz das suas furias.

Grande trabalho tivemos na Tapajós, que só pudemos vencer a vapor e á sirga. Parámos depois num roçado recentemente queimado para fazer lenha. Estavamos bem defronte da ilha Acará. Toda a gente trabalhava com ardor, e em pouco tempo a *Araujo* ficou atopetada de tóros pequenos de madeira de lei. Atravessámos para a ilha e amarrámos no porto do sitio do Belisario.

Já o sol ia se pondo e o tempo prenunciava-se esgarrão. A' noite, desabou um temporal, com relampagos e forte trovoada. Quando amainou, já muito tarde, as sanefas abaixadas da camara de ré continuaram a agitar-se ao sopro cortante de um vento frio, que nos fazia tiritar, a despeito do bom cobertor de lã que nos abrigava. Estavamos no coração da zona torrida, apenas dez minutos ao sul do equador.

***

DOMINGO, 17 DE AGOSTO

Muito cedo, antes do sol nascer, estavamos lestos para partir, mas não foi possivel largar, porque denso nevoeiro subia do rio e da massa encharcada, deixando apenas em torno de nós um apertado horisonte de um raio de cem metros, quando muito. O circulo diminuia a olhos vistos e, pouco tempo depois, mal se podia enxergar além da prôa. E' um phenomeno bastante frequente, o dessa cerração matinal. Sómente ás 9 horas, dissipou-se e o

rio appareceu em todo o esplendor da sua belleza selvagem.

Amarrou-se uma espia acima dos fortes rapidos da ilha Terceira, que vencemos com bastante difficuldade. O homem parecia haver transmittido á pequena lancha a confiança no bom exito da sua empreza e ella vencia galhardamente esses lances perigosos, como si já fôsse desde muito affeita a elles. Da Terceira passámos para a Taiábo e para a Jauacáca, que estava dividida em tres, por estar o rio em meia enchente. Costeámos a primeira destas ilhotas, passámos para a segunda e para a ultima, donde atravessámos para a ilha de Áfaro, indo parar na cachoeira das Furnas.

Passam-na as embarcações de pequeno porte puxadas á espia pelo estreito canal, que corre vertiginoso e em rude despenho, tendo de um lado a penedia da costa firme, que as aguas aluiram e fizeram desmoronar-se formando os algares que lhe deram o nome; e do outro, um grande rochedo, emergindo negro e fendido das ondas espumantes que o envolvem como grinalda de flôres alvissimas açoitadas pela tempestade.

A lancha não poderia passar pelo estreito canal. Era preciso leval-a por fóra. Mandei fazer uma picada por onde os meus indios pudessem livremente alar as espias e manobrar.

Emquanto derrubavam, desci numa das montarias até á cachoeira do Uainamby, onde luctava um batelão da commissão, carregado de viveres.

Subi a um penedo e do cimo assistia com interesse aos inauditos esforços da tripolação, que mandei reforçar com alguns da minha gente.

Distraí-me, escorregnei nos musgos resvaladiços ; debalde, procurei aprumar-me e despenhei no seio dos redemoinhos, que passavam nos seus gyros mortaes.

Em poucos instantes, fui arrebatado para bem longe da costa. Deixava-me levar, forcejando apenas para manter-me na superficie e desviar-me das pedras. Era então bom nadador, tinha o braço forte e a mente calma. Não me perturbei. Descia com immensa velocidade e buscava um remanso onde pudesse abrigar-me, quando me passou, rente, como uma flecha, a prôa esguia e negra duma canôa e senti-me agarrado pela góla por uma mão grande e forte, que me ergueu e puxon para dentro.

Era o José Piratapuya, indio do rio Uaupéz, que acabava de me salvar. Apertei-lhe a dextra calosa e dei-lhe um abraço amigo, que recebeu com a indifferença da sua raça.

Gastámos na pequena canôa muito tempo, para remontarmos a rapida corrente e alcançarmos o remanso, onde nos esperava a *Araujo*, arfando de impaciencia por transpôr mais aquelle formidavel obstaculo da cachoeira das Furnas.

Custou muito esforço ; mas o Manoel Pedro, mestre abalisado, que sabia aproveitar-se habilmente da calma rapida em que as cachoeiras pareciam caír para repouzarem um instante e levantarem-se de novo em estos furiosos.

Erecto, junto ao leme, manobrava o vaporsinho, como si lhe fôsse injectando nos orgãos de ferro a resolução de ir adeante e a confiança no bom exito.

Os indios pareciam sentir grande prazer, apezar da sua indifferença apparente, cada vez que a lancha superava um passo mais perigoso.

Acima das Furnas, está Itápinima, que significa, em nheengatú — *pedra pintada*.

Proveio-lhe o nome de um rochedo, de fórma pyramidal, que emerge do rio, proximo á margem esquerda, e onde se vê gravada uma inscripção em caracteres desconhecidos, que mais parecem desenhos em fórma de grego, que alli deixaram em tempos remotissimos.

Passada a cachoeira, caímos no remanso da ilha Máua, donde fizemos prôa para o sitio de Camaiauá, que demora fronteiro á ilhota do Arúti, acima dos rapidos de Cauébani.

De vez em quando, iamos parando o tempo necessario para augmentar a pressão.

Continuámos sempre ao longo da margem esquerda e, pouco antes de anoitecer, amarrámos num remanso abaixo da cachoeira de Guaiaby.

A noite foi tempestuossima. Os raios cruzavam as trevas em ziguezagues, e a lancha de ferro, sem um pararaio, jogava como em mar encapellado.

***

SEGUNDA, 18 DE AGOSTO

Depois de procellosa tempestade... traz a manhã serena claridade...

Foi o que aconteceu. Depois de fazer lenha, porque a que tinhamos fôra hontem toda consumida, largámos com prôa para Uanáry.

Até ao meio do rio, seguimos no mesmo rumo e depois mudámos de direcção para a ilha do «Maximo»; entrámos no remanso da ilha do Rei e navegámos entre ella e a margem esquerda. Da ponta superior da ilha, avistámos ao longe o porto desejado de S. Gabriel.

Atravessando para a margem esquerda, descaímos um pouco porque a correnteza era muito forte e fômos saír proximo á barra do igarapé Jasimabe. Dalli para cima, até á Praia Grande, que está abaixo da grande cachoeira de Canecúi, a viagem foi facil, porque as aguas nos ajudavam nos remansos.

Em pouco tempo, chegámos ao porto. Estavam vencidas seis leguas da zona encachoeirada. Faltavam sómente quatro; mas alli, nessas restantes, estavam as duas maiores barreiras que o Rio Negro levanta á navegação do seu longo curso : Cunecúi, logo acima de nós e cujo ruido nos ensurdecia, e Fortaleza, mais acima ainda, nos limites do povoado.

O Candido Alencastro, sub-chefe do fornecimento, e o 2º tenente Barbosa, commandante do destacamento, receberam-nos com salvas de roqueira e foguetes do ar.

Na casa da commissão, estava hasteada no tópe do mastro a bandeira nacional. Os indios viam-nos indifferentes e nem tiveram a curiosidade de visitar aquella embarcação que se movia sem remos, nem velas ou varejão, e que a maior parte nunca tinha visto.

Tambem não manifestou o mais ligeiro signal de satisfação, pelo acontecimento, que não podia deixar de ser auspicioso para aquella região, o velho Aguiar, o ricaço da terra.

Isto, porém, não me admirou. Aquelles homens do Rio Negro, inclusive as auctoridades ás quaes foi pelo Governo recommendada a commissão, com raras excepções, fizeram-nos uma guerra disfarçada e surda, mas sem tréguas.

Suppondo-se prejudicados nos seus negocios com a nossa presença naquellas paragens, onde dominavam como senhores de baraço e cutello, escravizando, a seu bel prazer, os pobres indios ignorantes e de meiga indole, espalharam entre elles, que a commissão de limites vinha em tom de guerra, recrutando os homens, matando os velhos e raptando as moças. O tapuya, credulo e timido, fugia de nós e abandonava os póvos, que achavamos sem gente. Si encostavamos a algum sitio e não havia tempo de fugir, um homem mais resoluto vinha receber-nos no porto, emquanto os cunhãs e os curumys fugiam para o matto pela porta do fundo. Si viamos alguma gallinha e queriamos compral-a, respondia-nos invariavelmente :—não tem, isto aqui é muito faminto ; lá para cima, é melhor : ha muito.

Custou-nos immenso convencel-os da calumnia assoalhada. Os regatões lhes diziam que nos abandonassem ; e mais de uma vez fugiram das nossas canôas, deixando-nos na praia sem remeiros.

Nos dias de pagamento, quando iam com a bôa moéda do seu salario comprar algum objecto nas tendas de ne-

gocio, dizia-se-lhe muitas vezes que o nosso dinheiro nada valia. Foi por isso que nos vingámos.

A commissão mandou comprar em Manáos e Belém os objectos de que os indios são mais cubiçosos, como facões, machados, facas, espingardas, polvora, chumbo de caça, espoletas, chitas, chapéos, missangas, espelhos, enchadas, canivetes, isqueiros, phosphoros, camisas e calças, e os dava em pagamento pelo preço do custo.

Assim conseguimos convencel-os de que eram roubados pelos seus patrões, que enriqueciam especulando torpemente com a sua ignorancia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

APANHADOS

O fim dum lago O lago Tchad, vestigio do immenso mar do interior da Africa, apresenta verdadeiros signaes dum desapparecimento proximo. O capitão Tilho, membro da missão de delimitação franco-ingleza Niger-Tchad, confirmou recentemente que, depois das explorações de Barth e de Nachtigal, a fórma e a superficie daquelle lago se tinham modificado extraordinariamente. Só a superficie diminuiu, em 50 annos, mais de um milhão de hectares. As areias, no lado éste, invadiram o lago e as dunas avançaram para oéste; ao mesmo tempo, as infiltrações exgotam o interior do Tchad. Além disso, durante as seccas, as plantas nascidas nas aguas morrem e os seus *humus* determinam a formação de ilhas e archipelagos no lago. Actualmente a navegação não é possivel sinão em pequenas embarcações, e essas, a cada instante, se prendem nas margens enlameadas do lago, constantemente cheias de plantas aquaticas. Quando a embarcação se mette por entre os ramos intrincados, só depois de grandes difficuldades é que sáe. O lago Tchad váe, aos poucos, desapparecendo, e muito breve estará transformado numa vasta região pantanosa.

***

Uma façanha pouco banal Em Odessa, um *chauffeur* intrepido, o sr. Petersen, praticou ultimamente uma proeza extraordinaria. Subiu num automovel, com marcha muito demorada, os numerosos degráus da celebre escada construida pelo duque de Richelieu, o verdadeiro fundador de Odessa. Aos olhos da multidão que correu de toda a cidade para admirar a sua coragem e o seu sangue frio, verdadeiramente excepcionaes, o sr. Petersen terminou com successo a sua perigosa experiencia.

***

A rapidez dos trens Os trens mais rapidos dos Estados Unidos são os que vão de Candem, aldeia que fica defronte de Philadelphia, na margem opposta do Delaware, á estação balnearia de Atlantic-City. Pela linha directa, a distancia é de 90 kilometros, e a viagem dura 50 minutos; pela linha da Pensylvania, o trajecto, augmentado com 4 kilometros, dura 54 minutos. Nos dois casos, uma rapidez de 104 kilometros e 5 metros por hora. Os maiores trens rapidos de longo percurso são os que vão de Nova York a Chicago. Pela Pensylvania: 1.457 kilometros em 18 horas ou 81 kilometros por hora e pela New York Central: 1.578 kilometros em 18 horas tambem ou 87 kilometros por hora. Esses trens carregam sómente 200 a 250 toneladas e quatro ou cinco carros. A maior parte dos trens rapidos tem uma carga bem forte: 400 a 500 toneladas para oito ou dez carros. A sua rapidez commercial tambem não passa de 75 kilometros. Um trem regular, nos Estados Unidos, occupado pelos membros do Congresso Internacional dos Caminhos de Ferro, em Washington, pezando 410 toneladas, correu 96 kilometros por hora; trens especiaes de cinco carros, com um pezo de 211 toneladas, attingem a 121 e a 127 kilometros em 60 minutos.

Na França, o rapido Calais-Paris cobre uma distancia de 298 kilometros em 3 horas e 40 minutos, com uma rapidez commercial de 81 kilometros por hora; o de Côte d'Azur Rapide corre 1.087 kilometros em 13 horas e 50 minutos, ou 78 kilometros por hora. Mas alguns treus, em certas regiões, fazem 120 kilometros.

O trem mais rapido da Inglaterra é o que váe de Londres a Plymouth, fazendo 359 kilometros em 4 horas e 25 minutos, com uma presteza de 89 kilometros por hora.

O consumo do tabacò Segundo a repartição de estatistica do commercio e do trabalho, nos Estados Unidos, estão aqui, pela ordem do consumo, por anno, em milhões de libras, os diversos paizes do mundo que mais gastam tabaco: Estados Unidos, 440; Allemanha, 201; Russia, 150; França, 84; Inglaterra, 83; Austria, 78; Hungria, 47; Belgica, 44; Italia, 34; Mexico, 18; Australia, 16; Canadá, 15.

O consumo médio annual, por habitante, é este, pouco mais ou menos: 6 libras para a Belgica; 5 para os Estados Unidos; 3,5 para a Allemanha; 3 para a Austria; 2 para a França; 1 para a Italia. Emfim, pelo producto de venda, a França occupa o primeiro logar com 81 milhões de dollars. Depois, véem os Estados Unidos, com 65 milhões; a Inglaterra, com 63; a Russia e Allemanha, com 16, etc.

***

O ensino na Inglaterra A Universidade de Oxford creou uma cadeira de anthropologia e um diploma correspondente a este ensino; apezar da opposição que esta innovação tem encontrado, as universidades inglezas entram assim na via dos diplomas especiaes e da sciencia utilitaria. Ao mesmo tempo, o conselho do King's College recebeu da corporação dos fabricantes de panno em Londres, um donativo de 12.500 francos para a conservação do laboratorio de physica nesse estabelecimento, e a Universidade de Londres teve 250.000 francos da Goldsmiths Company para contribuir para a fundação dum instituto de sciencias medicas.

***

Um poeta suisso Meinrach Leinert, o poeta popular da Suissa allemã, publicou um novo livro de versos no dialecto camponez com um titulo bem exquisito: *Fuzlienis Schwäbelpfyffli*. Nesse livro, duma tão doce poesia, Lienert brinca com os meninos, vive e canta com o povo; o espirito do auctor está vivo e forte e a sua lingua bella, rica e colorida.

***

A mulher na musica Um critico allemão pergunta porque a mulher, até agóra, ainda não compoz uma

grande obra musical, quando ella é a inspiradora de tantas musicos sublimes. O desenvolvimento intellectual da mulher será muito novo e, para isso, talvez ella não tenha bastante confiança no seu poder creador e não queira emprehender uma tal obra. A razão está bem evidente, diz o articulista allemão, porque a mulher não tem preparo technico. Ella póde ser uma perfeita interprete, cantora, pianista, violoncellista, mas uma compositora, não. E que falta para a mulher ser uma compositora aprimorada ? A imaginação e o conhecimento da harmonia ; a imaginação está distribuida indifferentemente tanto aos homens como ás mulheres, mas uma senhora não leva nunca até ao fim os seus estudos de contraponto. O trabalho é para ella muito penoso sem duvida ; e, ás vezes, não é encorajada pelos primeiros resultados, que nem sempre são lisongeiros.

***

O cosinheiro do cardeal Merry del Val

Nesta secção, num. 85, anno III, dos *Annaes*, já se falou do « requinte luculiano» da meza do cardeal Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano. Agóra, com uma noticia que nos chegou posteriormente, é interessante, mesmo muito importante... informar que o chefe da cosinha do cardeal ganha, por anno, apenas trinta mil liras.

Todo esse luxo, o principe da Egreja preciza de o exhibir para contrastar com a modestia do papa e para encarecer, cada vez mais, a honra, tão desejada, que elle dá ao seu «proximo» convidando-o a sentar-se á sua «munificente» meza.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

ESTYLO ROMANO

Ao lado de S. Bernardo, surgiram Alexandre de Hales, Alberto Magno, S. Boaventura e Ricardo Midleton, todos elles combatendo fortemente a festa da Concepção com argumentos energicos e convincentes.

Alberto Magno, em demonstração esmagadora, taxou o culto de heresia, porque, evidentemente, feria de frente a universalidade do peccado original, cuja unica excepção é o Christo e, dahi, como consequencia logica, a annullação da unidade da redempção.

Reforçando a opposição desses escolasticos do seculo XIII, eminentes representantes do catholicismo, surgiu a figura extraordinariamente sympathica do erudito doutor da egreja, S. Thomaz de Aquino.

Este sabio theologo assim se exprimia : «Si a alma da Santissima Virgem nunca tivesse sido contaminada pelo peccado original, viria derogada a dignidade de Jesus Christo, sendo como é Salvador Universal de todos os homens. (1)

S. Paulo dizia : «Todos somos culpaveis em Adão ; *só Jesus Christo foi isento do peccado*, que essencialmente repugna á sua natureza. (2)

Santo Irineu, no seu livro *Contra a heresia*, diz como S. Paulo: «*Só Jesus Christo foi isento do peccado.*» (3)

S. Cypriano, na apistola ácerca do baptismo das creanças, diz : «... *ninguem*, *excepto Jesus Chsisto* é isento da mancha do peccado original, *nem ainda mesmo a propria mãe do Redemptor do mundo. Só Jesus Christo é isento da lei do peccado*, embóra tenha nascido duma mulher *que tinha sido sujeita ao peccado.*»

Santo Agostinho diz terminantemente: «*O corpo de Maria foi concebido na concupiscencia*, porém esta não teve parte alguma na geração do filho, que Maria concebeu sem concupiscencia.»

S. Fulgencio, no livro *Da incarnação e da graça de Christo*, cap. VI, diz : «O corpo de Maria, *que foi concebido na iniquidade*, tendo sido formado pelo meio humano da geração, *foi*, *certamente*, *uma carne de peccado.*» Santo Anselmo de Cantorbery diz tambem : «Posto que a conceição de Jesus Christo fôsse pura e isenta de peccado, que anda inherente á concupiscencia carnal, em todo o caso a Virgem, donde foi tirado o corpo de Jesus Christo, *foi concebida na iniquidade* ; *sua mãe concebeu-a no peccado, e ella foi ré do peccado original.*

«Em meiados do seculo XIII, escrevia S. Boaventura: Si a Virgem não tivesse incorrido na culpa, não seria remida pela morte de Jesus Christo, proposição *que não póde ser avançada* sem horror e sem impiedade.

«Desta opinião haviam sido explicita ou implicitamente, S. Paulo, Origenes, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Gregorio de Nyza, Santo Hilario de Poitiers, S. João Chrysostomo, Santo Agostinho e S. Bernardo.

«S. Thomaz escreveu : A Bemaventurada Virgem Maria *incorreu na macula do peccado original*, porque foi concebida pela união carnal dos dois sêres. Além disso, si tivesse sido isenta de culpa, não carecia de ser remida por Jesus Christo, o que não póde dizer-se sem offensa para o mesmo Jesus Christo.

«Professavam a mesma doutrina : Pedro Lombardo, Alexandre de Hales, Guilherme de Auxerre, Durando bispo de Meaux, João de Pouilly e João de Bolonha.» (4)

Santo Ignacio de Loyola, fundador da ordem dos Jesuitas, acompanhou as opiniões de S. Thomaz de Aquino, e durante muitos annos fez opposição ao privilegio, segundo testemunhou o papa Paulo III.

Estava assim travada a discussão dentro do proprio campo da Egreja e sob as abobadas do Vaticano.

Por outro lado, auctorisados escriptores catholicos, e entre elles Alvarez Pelago, em 1340, adversario decidido do privilegio, secundavam a maneira de sentir de S. Bernardo, S. Thomaz de Aquino e S. Boaventura, reforçando as argumentações de illustres genios que no jornalismo de Paris davam combate sem treguas ao dogma da Immaculada Conceição.

As opiniões e escriptos desses homens de saber e illustração, abalaram fundamente a opinião do clero romano, obrigando a intervenção medianeira do papado, escolhido arbitro nessa questão secular que dividiu a christandade catholica em dois grupos antagonicos; de um lado, os *marinistas* representados pelos *jesuitas* e *franciscanos*, sustentando o culto da Immaculada ; de outro, o clero adepto das opiniões dos pontifices *Innocencio III* e *Clemente VI*, além dos *dominicanos* e quasi todas as outras ordens sacras, combatendo o privilegio.

O soberano pontifice, porém, apoiou a opinião dos franciscanos, apezar da inferioridade dessa ordem, quasi isolada, e, por isso mesmo, em incontestavel minoria numerica.

Os dominicanos submetteram-se, em obediencia respeitosa, á decisão suprema, verificando, comtudo, a victoria moral de suas opiniões, manifestada eloquentemente nos applausos quasi unanimes do publico e da ordem. Foi assim consumada a vontade do pontifice e nesse dia ruiram por terra os dogmas catholicos *da universalidade do peccado original*, *da redempção e da unidade da encarnação*.

O papa sanccionou o privilegio mandando celebrar a festa da Immaculada Conceição com pompa desusada, em sua capella de Avinhão; essa sancção, comtudo, continuou a encontrar seria opposição por parte da população em geral, que appellidava de *heresia a opinião franciscana*, obrigando o papa *Xisto IV*, em 1483, a prohibir severamente, sob pena de excomunhão, esse ditado popular.

A *assembléa tridentina* logo após, para satisfazer os desejos de Xisto IV, embóra ferindo de frente os dogmas catholicos, proclamou Maria immune da primeira culpa, «*muito embóra todas as creaturas trouxessem ao nascer a pecha peccaminosa.*»

Xisto V, em 1771, approvou um officio e *Clemente XIV* auctorizou a

creação de uma ordem mitar portugueza em honra da Immaculada Conceição.

A propaganda franciscana, estendendo-se mais tarde pela Austria e Hespanha, encontrou o apoio decisivo de *Pio VII*, que concedeu a essa ordem o direito de juntar no *Prefacio* a palavra *Immaculada Conceição*.

«A 2 de feverciro de 1849, *Pio IX*, papa da Ordem de S. Francisco, endereçou de Gaeta uma carta encyclica a todos os bispos catholicos, pedindo-lhes a sua opinião relativa á Immaculada Conceição» (5); obtendo 603 respostas favoraveis. Este total, porém, não representando a maioria do clero; «Pio IX ás 8 horas da manhã de 8 de dezembro de 1854, reuniu na capella Sixtina todos os cardeaes, arcebispos e bispos revestidos com habitos pontificaes, e depois de cantado o Evangelho em latim e grego, o *cardeal Machi*, decano do sacro collegio, com os decanos dos arcebispos e bispos presentes, com o arcebispo do rito grego e o arcebispo do rito armenio, apresentou-se ao pé do altar, e um delles dirigiu a palavra em latim ao pontifice, pedindo-lhe em nome da *Egreja Universal*—a dogmatisação de uma crença tão sympathica aos povos catholicos...

Entoado então o *Venite Creator* o papa leu, no meio dum profundo silencio, o decreto dogmatico...

O cardeal-decano agradeceu ao papa a leitura do decreto, e pediu-lhe a publicação da bulla relativa ao novo dogma, annunciado a toda a cidade pela peça do forte de Santo Angelo.

«.. Foi, em seguida, cantado um Te-Deum, depois do qual o papa foi levado processionalmente na cadeira ao altar-mór da capella dos conegos, para ahi collocar uma corôa de ouro finissimo, ornada de pedras preciosas, na fronte da imagem da Virgem da Conceição.» (6)

Com a proclamação do dogma da Immaculada Conceição, estava satisfeito o desejo do papado franciscano e inaugurada uma éra de prestigio triumphante para a *Virgo Prudentissima*; mas o catholicismo, desde então, ficou ferido de morte em seus principaes dogmas, perdendo grande parte do poder divino em Christo, para approximar-se extraordinariamente da Terra com a glorificação da meiga judia, filha de S. Joaquim e Sant'-Anna, entidade puramente humana.

E a Virgem Mãe, *Rosa mystica*, na sublime denominação dos verdadeiros crentes, assumiu, desde então, grandioso prestigio e incontestavel supremacia nos corações catholicos, sobre o Deus Pae, o Deus Filho e o Espirito Santo.

Romarias e peregrinações surgiram espontaneas em demanda dos sanctuarios, em todos os recantos e logarejos, onde uma capella se erguesse, onde um ninho se elevasse em nome de Maria; e as festas populares em homenagem á esposa do carpinteiro José, e as festas instituidas em honra da Mater Inviolata, cresceram em esplendor e devoção, e, assim hoje, em todo o orbe catholico, entôam-se hosanas e hymnos á *Virgo Virginum* com piedoso devotamento e extraordinario fanatismo, sob divessas invocações canonicas, destacando-se entre ellas, na ordem chronologica, as seguintes: (7) *Festa de N. S. da Paz*, em 26 de janeiro, rememorando a victoria do rei Affonso VI ganha aos mouros na cidade de Toledo, e bastante glorificada na Hespanha. *Purificação de N. Senhora*, a que já nos referimos, festejada pelo catholicismo a 2 de fevereiro, comprehende tambem a apresentação de Jesus no Templo. Esta festa antigamente consagrada a *S. Simeão, o justo, e Anna, a prophetisa* — e presentemente a *Purificação de N. S. da Candelaria*, denomina-se *Occursus* que em latim quer dizer — encontro e recebimento.

O mez de maio é todo elle dedicado á Virgem em festas contínuas, e por isso mesmo denominado *mez de Maria* ou *mez mariano*; o dia 13, porém, é tambem destinado aos festejos de N. S. da Pena, N. S. dos Prazeres e N. S. Auxiliadora em homenagem aos auxilios prestados aos fieis que a ella recorreram nesse dia; e, seguidamente, o dia 29 é ainda consagrado a N. S. da Luz, festa celebrada em honra da Virgem em muitas cidades da Hespanha.

—*Visitação de N. Senhora*, em 2 de julho, festejada pela Egreja, foi iniciada pela ordem de S. Francisco no seculo XIII, auctorisada pelo papa *Urbauo VI* e confirmada por *Bonifacio IX*, em 1389.

A 9 de julho, verifica-se a festa dedicada a N. S. do Patrocinio, realisada com extraordinaria devoção, nos sertões da Bahia.

—*Festa de N. S. do Carmo*, em 16 de julho, em commemoração á Santa Cruz e á victoria do rei Affonso VIII, da Hespanha, contra os catholicos. Esta festa originaria dos Carmelitas, é tambem denominada—festa de N. S. do Monte Carmelo.

O monte Carmelo, situado na Terra Santa, entre o Mediterraneo, Samaria e Nazareth, abrigou os prophetas Elias e Elyseo, que ahi permaneceram algum tempo, e mais tarde alguns religiosos sob o nome de — *Irmãos de Carmelo* — fundaram alli a *Ordem dos Carmelitas*, sob a direcção do bemaventurado Alberto, patriarcha de Jerusalém.

No seculo III, esse retiro foi disputado pelos Sarracenos, sendo então os Carmelitas forçados a expatriarem-se, sob a direcção do geral Simon Stoch que instituiu na Ordem o *Scapulario*, auctorisado pela Virgem, que a elle appareceu em visão no anno de 1251.

Para essa ordem entrou Santa Thereza na edade de 21 annos, a 2 de novembro de 1536.

—*Festa de N. S. dos Anjos*—a 2 de agosto, é originaria do seculo IV, quando quatro eremitas fundaram a capella de Santa Maria de Josaphat, em Assis, proximo de Jerusalém. Em meiados do seculo VI, S. Bento ahi fundou um mosteiro, e, seiscentos annos depois, conta a lenda que S. Francisco de Assis em fervorosa oração na noite de 2 de agosto, viu em sonhos Jesus Christo acompanhado da Virgem Maria e mil cortezãos do reino dos Céos.

O Nazareno facilitou ao Santo o pedido de uma graça e este contentou-se com a obtenção da indulgencia plenaria para todos os contrictos e arrependidos que visitassem as egrejas de sua Ordem, e como isto acontecesse na pequena egreja intitulada — N. S. dos Anjos — a egreja catholica dedicou nesse dia a festa á padroeira da capella.

—*Festa de N. S. das Nêves*—instituida pelo papa Liberio, e sob a iniciativa de um patricio romano e sua esposa, que supplicaram á Virgem a graça de indicar-lhes como deviam empregar sua fortuna em honra della; a Virgem então appareceu-lhes em sonhos manifestando o desejo de possuir uma capella no local que, no dia seguinte, estivesse coberto de neve. E a 5 de agosto de 367 uma neve abundante cobriu durante a noite o monte Esquilinio, uma das sete collinas de Roma, e ahi foi erigida a egreja denominada, a principio, *Basilica* liberiana, em seguida — *Santa Maria do Presepe*, porque para ahi foi transportada a mangedoura onde nasceu o Salvador, e mais tarde tomou o nome de—Santa Maria Maior—dado pelo papa Xisto, III após a restauração.

A abobada dessa egreja é dourada com o primeiro ouro vindo da America, recebido pela côrte de Hespanha das mãos de Christovam Colombo e offertado em homenagem a Maria.

—*Festa de N. S. das Mercês*—Luiz IX (S. Luiz) tinha por amigo intimo S. Pedro de Nolasco, que se tornou frade.

Um dia, no anno de 1218, estando em oração, a Virgem appareceu e o aconselhou a trabalhar em prol da libertação dos infortunados christãos do jugo dos mussulmanas. Elle obedeceu e fundou para a remissão dos captivos a ordem de N. S. das Mercês. Logo depois, obteve a approvação da Santa Sé e a festa da Virgem, sob o

titulo N. S. das Mercês, foi instituida por Gregorio IX na Egreja Universal a 24 de setembro.

— *N. S. do Rozario* — As *Contas*, o *Rozario* e o *Rozario vivo* formando tres praticas de devoção distinctas, teem, no emtanto, relações intimas entre si.

As contas se originam de um facto que remonta á epocha das primeiras cruzadas. No fim do seculo XI, Pedro, o Eremita, conduzindo os primeiros cruzados, notou, perto de Constantinopla, que os turcos tinham o costume de rolar nos dedos sessenta contas, ás quaes estavam ligadas orações. Pedro, o Eremita adoptou esse uzo e inventou esse modo de rezar que os peregrinos chamavam *corôa, psalterio da Virgem* ou rozario. Esta instituição foi mais tarde systhematizada por S. Domingos, que fundou uma confraria para melhor assegurar a devoção e a solemnidade dessa reza.

O Rozario vivo consiste essencialmente em uma associação que representa no seu conjuncto o Rozario de S. Domingos. A primeira idéa dessa instituição coube a uma pobre moça de nome Maria Jaricot, de Lyon, que a concebeu em 1826.

— *A festa de Nossa Senhora do Rozario* foi instituida systematicamente pelo papa Gregorio XIII, que assim modificou a denomiuação da festa de *Santa Maria da Victoria*, estabelecida em Roma pelo papa Pio V. em 1571, para commemorar a victoria de Lepanto. Emfim, em 1676, Clemente X tornou universal essa solemnidade em homenagem a uma nova derrota dos turcos.

Além dessas festas, innumeras invocações consagradas a Maria, sob diversos nomes, existem em todo o orbe catholico e entre outras citaremos algumas das mais conhecidas; como sejam: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Gloria, Nossa Senhora de La Salate, Nossa Senhora dos Remedios, Nossa Senhora de Guadeloupe, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora do O, Nossa Senhora de Nazareth, Nossa Senhora da Apparecida e etc, além de outras ceremonias festivas dedicadas á Virgem, como a do Noivado e Cazamento, a da Espectação do parto, a da Maternidade, a do Santo Nome de Maria, a das Sete Dôres, a de Nossa Senhora da Piedade e Santissimo Immaculado Coração de Maria, etc, instituidas nos seculos XV, XVI e XVII.

A extensão do culto da *Virgo Fidelis* liga-se a outras instituições, assim: as *Missas votivas* em honra da Virgem, estabelecidas no seculo XI em algumas egrejas, eram celebradas todos os sabbados, com caracter de festa particular. (8)

O *missal romano* tem cinco missas votivas da Virgem, para os diversos tempos do anno, sendo o sabbado consagrado particularmente a honrar a Santa Virgem.

Urbano II, no concilio de Clermont, em 1695, instituiu o officio da Virgem, e desejando tornar mais efficazes as orações diridas a *Maria padroeira dos cruzados do seu seculo*, este grande Papa prescreveu aos leigos seculares de recitarem esse officio, que até então não era dito sinão em certas ordens monasticas.

Mas a instituição primitiva deve ser referida mais longe e pelo menos attribuida a S. Pedro Damasceno e talvez mesmo a S. João Damasceno ou ao papa *Gregorio II*, que viviam nos seculos VII a VIII.

Esse officio foi reformado por Pio V em 1571, e a instituição remonta, pois, quando muito, ao seculo VII, mas só se generalizou no XI.

Existe, além desse, o pequeno officio da Immaculada Conceição, approvado por Innocencio XI, e um novo officio da Conceição, mandado fazer por *Pio IX*.

Existem ainda *orações diversas* e entre ellas a *Saudação Angelica*, conhecida por *Ave Maria*, dedicada exclusivamente á Virgem. Além dessas, citaremos algumas outras mais celebres; como sejam o *Angelus* e o *Memorare*.

Entre os canticos dedicados a *Maria*, se destacam o *Magnificat*, além das *Antiphonas*, *Alma Redemptoris Mater*, *Ave Regina Cœlorum*, *Regina Cœli*, *lætare*, *Salve Regina*.

Entre os hymnos introduzidos por Santo Ambrosio, duas grandes epochas pódem ser assignaladas: seculo X, a partir do qual a lithurgia romana os admittiu no officio publico, e o anno de 1736, em que foi publicado o breviario *Calixto Vintimille*, arcebispo de Paris.

Os hymnos do officio da Santa Virgem comprehendem: o *Te-Deum*, *Quem terra pontus*, o *Gloriosa Domini*, *Memento*, *rerum Conditor*. Além desses, existem os hymnos para todas as festas da Santa Virgem: *Ave Maria*, *Stella*, e outros de seculos posteriores.

Entre as *Prozas* dedicadas á Virgem, destaca-se o *Stabat*, attribuido a *Innocencio III* e adoptado na lithurgia romana; a *Involata, integra, casta* — attribuida a S. Thomaz de Aquino, *Languentibus in purgatoris*, attribuido a um inglez J. Langoeznovensis; a *Virgo virginum pulchra*, do cardeal Geissel, arcebispo de Cologne.

Innumeras são as ladainhas da Santissima Virgem, originarias da pequena cidade de Loreto, na Italia, a uma legua do golpho de Veneza.

Clemente VIII, em 1601, prohibiu que se publicassem, recitassem e cantassem nas procissões ou altares outras que não fôssem as que elle e os seus successores approvassem.

Diversas são as congregações e confrarias, instituidas em nome e sob a protecção da Virgem, a contar do seculo XIII; destacando-se entre ellas as *filhas de Maria*.

As *peregrinações*, *oitavas*, *votos*, *novenas*, *retiros* e *procissões* em honra da *Mater Castissima* se reproduzem em grande numero em toda parte, e sua effigie em *estatuas*, *imagens* e *medalhas* é incommensuravel.

«Do que precede se conclúe que o desenvolvimento do culto do Virgem Mãe acompanhou o decrescimento do culto do Redemptor. O contraste é tão frisanté que, comparando os primeiros seculos do catholicismo com os ultimos do regimen medievo, se descobre uma verdadeira inversão. Com effeito, o culto de Maria não existe siquer nos tres primeiros seculos; a partir do seculo IV, elle appareceu, porém, *adherente ao culto do Redemptor*. E' para este que os corações dos fieis convergem; *todo o povo toma parte activa na celebração da Eucharistia, que enche totalmente a Missa*.

No fim da edade média, a participação do povo na celebração da Eucharistia tornou-se *quasi totalmente passiva*. Os fieis já não trazem mais para a Egreja as *hostias* e o *vinho*: cessou a communhão do *vinho*; a hostia redúz-se tanto, que mais parece papel do que *pão*; raros commungam mesmo na especie que fica; a missa solemne desapparece quasi; a celebração da Eucharistia tornou-se um *incidente momentaneo* no conjuncto de oração publica.

Em compensação, o culto de Maria absorve todas as almas; o povo toma parte nos cantos, nas ladainhas celebradas em sua honra, e, em uma palavra, para fazer idéa do que era o fervor dos primeiros catholicos pela Eucharistia, é preciso contemplar o que é hoje uma festa de Maria.

«E' esta a primeira conclusão que resulta dos trechos citados. A segunda é que o culto de Maria adquiria o seu surto decisivo com as *cruzadas*. Tal é o duplo phenomeno que nos cumpre explicar actualmente, mostrando os motores puramente humanos que o determinavam. Ver-se-á então que elle assignala apenas o progresso continuo do *altruismo* emancipando-se gradualmente das suggestões egoisticas.

Para melhor percebel-o, comecemos por confrontar os dois typos moraes respectivamente caracterisados pelo Redemptor e a Virgem Mãe.

Considerado em si mesmo, o Redemptor representa uma combinação entre a Divindade e a Humanidade; mas é a Divindade que predomina.

De sorte que a contemplação desse mytho desperta principalmente os sentimentos, as idéas e os actos ligados á concepção da Divindade. A adoração do Redemptor tende, pois, a ligar o conjuncto da vida real a uma existencia phantastica fóra da sociedade, isolando cada homem da Familia, da Patria e da Especie inteira. Essa consequencia é imperfeitamente contrabalançada pela noção da Humanidade, tambem inherente ao typo do Redemptor, e por meio da qual a sabedoria do sacerdocio catholico póde harmonizar até certo ponto a existencia celeste com a vida terrena. Em segundo logar, a natureza humana é symbolizada no Redemptor pelo sexo menos apto para represental-a. Com effeito, a Humanidade sendo caracterisada pelo ascendente continuo do Amor sobre a Intelligencia e a Actividade, é a Mulher e não o Homem que constitúe o seu melhor typo. Donde se conclúe que o Redemptor offerece uma dupla imperfeição radical para presidir o culto: primeira, a supremacia das concepções theologicas; segunda, o predominio moral do Homem sobre a Mulher.

Sob todos esses aspectos, a Virgem Mãe apresenta o mais feliz contraste com o Redemptor. Com effeito, nessa suave concepção nada existe mais da Divindade. Isto é, sobretudo, incontestavel, considerando o typo da Virgem Mãe systematizado por S. Bernardo, como se verifica pela leitura da carta transcripta no artigo publicado no num. 86 dos *Annaes*. Maria é apenas a primeira das Mulheres; um abysmo infinito a separa da divindade. O dogma da *Immaculada Conceição* mesmo não conseguiu tornal-a Deusa; de sorte que o culto de Maria significa realmente a adoração da natureza humana imaginada apenas em uma perfeição utopica. Em segundo logar, a natureza humana é então caracterizada pelo typo mais decisivo — a Mulher —, e tomado na integridade das suas funcções moraes. Tal é a significação da Virgem Mãe, sublime resumo em um Ente só dos quatro aspectos sob os quaes toda digna Mulher successivamente se apresenta: Mãe, Irmã, Esposa e Filha.

A Virgem Mãe caracteriza, pois, por isso, um decrescimento tão grande das preoccupações theologicas, como o abysmo que dogmaticamente a separa da Divindade. A sua imagem terna e pura tende a volver as effeições, pensamentos e actos para a vida real, desenvolvendo a adoração da Mulher por parte do Homem, e estimulando a Mulher a preencher cada vez melhor a sua gloriosa missão. E' assim que se percebe que o culto de Maria assignala historicamente a decisiva emancipação das concepções theologicas, não só por parte dos cavalheiros como por parte das massas populares do occidente.»

....

«Mas si isso é incontestavel, não é menos verdade que o catholicismo determinou uma cultura moral e uma situação social que, apezar das prevenções dogmaticas, deviam tornar-se finalmente favoraveis ao culto da Mulher. Com effeito, sob o ponto de vista moral, a compressão systematica dos nossos instinctos egoistas só podia redundar em proveito da expansão dos nossos pendores altruistas. Embóra essa *purificação* fôsse preconizada com o engodo do Céo e o medo do Inferno, semelhante estimulação *subjectiva* apenas diminuia a efficacia da repressão *objectiva*. Por outro lado, a pratica da caridade, isto é, o exercicio directo dos pendores altruistas determinava o desenvolvimento delles. Assim, em resumo, apezar de preoccupado com um destino pessoal chimerico, o fiel realizava o duplo aperfeiçoamento da sua natureza moral, tornando-se cada vez menos egoista, isto é, mais *puro*, e cada vez mais altruista, isto é, mais *terno*, mais *venerador* e mais *dedicado*.

Este resultado era tanto mais fatal, quanto o catholicismo viu se forçado a santificar todos os laços da Familia e da Sociedade, si bem que collocando-os dogmaticamente em plano iuferior ao isolamento mystico, reservado a um numero minimo de eleitos.

Tornado assim mais apto para *amar*, é claro que o homem não poderia applicar indefinidamente esse amor a entes mythologicos. Era fatal que toda a capacidade affectiva adquirida revertesse para seu destino real, desde que o conjuncto da situação social permittisse. Foi o que de facto aconteceu, em virtude dos antecedentes que directamente preparam o culto da Mulher... Entre muitos, citaremos a dignificação da mulher conduzida pela civilização romana a um gráu elevadissimo, bastando citar o typo de Cornelia, resumindo o respeito a que attingiu a matrona romana; isto é, a Esposa e Mãe.» (9).

Dahi para a sublime concepção de Augusto Comte — *a utopia da Virgem Mãe*, a transição é facilima e notavel, patente e racional.

Quando cogitarmos do *estylo bysantino*, tentaremos explicar os fundamentos scientificos de semelhante concepção, que mostram o conjuncto do dogma positivo resumido nella, e a sua aptidão a condensar o regimen normal.

***

A *Mater Purissima* do catholicismo, a *Virgem Mãe da Humanidade*, bellamente reprcsentada nas télas de *Hitchens*, de *Pyrenne*, de *Urbino* e de *Boticelli*, de *Muller* e de *Ittenbach*, occupa nos mais formosos altares dos mais sumptuosos templos do orbe catholico, logar condigno e saliente.

Entre nós, encontram-se alguns bellos especimens da Virgem; originaes uns, felizes reproducções outros.

Na sachristia da egreja de S. João Baptista da Lagôa, existe um bello quadro original de Palma Vecchi — *O casamento mystico de Santa Catharina*, sobresaíndo, em esplendido destaque, o rosto meigo e suave da Virgem.

No corpo central da matriz de Nossa Senhora da Gloria, suspenso á parede divisoria do altar-mór, existe uma excellente pintura representando — *Sant'Anna* e a *Virgem*.

Os dois bellos medalhões exteriores da egreja do Carmo, um no frontão principal e outro sobre a porta do becco do Carmo, destacam a meio relevo e em formoso conjuncto a *Virgem e o menino*.

Na egreja positivista, á rua Benjamin Constant, encontra-se uma bella cópia do quadro — a *Virgem de Raphael*.

***

A luz forte o intensa das manhãs claras e alegres, penetrando atravéz dos roseaceos e dos lanternins, dos *vitraux* e dos mezzaninos, espalhando-se diaphana e iriada sob as abobadas e arcarias, sob os zimborios e as cupolas do interior desses templos do mais puro e correcto estylo romano; vem cercar a imagem encautadora da *Mater Castissima* de uma entonação luminosa, suave e branda, de envolta com as nuvens alvacentas e perfumosas do incenso e da myrrha.

E as imponentes cerimonias do mez *Mariano*, resplandecentes de luxo e pompa dos deslumbrantes festivaes catholicos, ricos de arte e gosto, na *egreja de S. Pedro* e na *capella Sixtina*, nas *cathedraes de Milão* e *Strasburgo* e na *Notre Dame de Paris*, e essas festas maravilhosas consagradas á *Virgo Puritatis*, cercada de flôres e luz, de cantos e perfumes, de rezas lithurgicas e musicas sacras, ungidas pela magestade do ceremonial, pela devoção e respeito dessa multidão immensa de poderosos e humildes, de potentados e magnanimos, de ricos e pobres; provocam surpreza e admiração, assombro e encanto ao mais indifferente contemplador.

E a meiga e candida judia, representada pela *Madona*, de Raphael, pela *Virgem*, de Ticiano ou de Perugino e pela *Immaculada Conceição*, de Murillo, no mais elevado nicho do sanctuario, sob as abobadas e arcadas do altar mór, sob esse conjuncto sublime e encantador do soberbo e grandioso estylo romano, consubstanciando a uto-

pia feminina incorporada na religião positiva, contempla satisfeita em sua grandeza essa immensa onda humana de fieis, contrictos e submissos, ajoelhados a seus pés, «resumindo a magestosa evolução que nos permitte hoje attribuir simultaneamente á Humanidade e a toda a digna Mulher, o cantico e o voto que os dois sublimes interpretes da edade média, Dante e Thomaz de Kempis, reservaram respectivamente para a Deusa accidental e o seu predecessor celeste :

«Virgine Madre, figlia del tuo figlio
Umile ed alta pià che creatura,
Termine fisso d'eterno consiglio.
.....
Donna, sei tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, edate non ricorre
Sua distanza vuol volar senz'ali.
La tua benignitá non pur socorre,
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura é di bontate.

Amem te plus quam me, nec me nisi proper te.» (10).

ARTHUR DE LIMA CAMPOS.

---

(1) *Summ. theol.*, III pag. 927, art. 2 ad 2.
(2) *Hebreus*, IV, 25.
(3) *O Culto da Immaculada* — Heliodoro Salgado, pags. 164 e 165.
(4) Heliodoro Salgado—*O Culto da Immaculada*, pags. 165 e 168.
(5) *O Culto da Immaculada*—de Heliodoro Salgado—pag. 179.
(6) *O Culto Catholico*—Heliodoro Salgado —pags. 184 e 185.
(7) As transcripções das festas que se seguem são extraídas dos textos : *Le Culte de Marie*, de J. B. Gergérés ; o *Anno Catholico*, publicação brazileira, e a *Historia de decadencia e quéda do Imperio Romano* — de Gibbon.
(8) As descripções de todas as instituições que seguem, são transcripções da obra de Bertrand : *Diccionario de religiões*, artigo *Maria*.
(9) R. Teixeira Mendes, *O Culto Catholico*, pags. 155 a 158.
(10) R. Teixeira Mendes — *O Culto Catholico*, pags. 183 e 184.

PAGINAS ESQUECIDAS

A QUEIMADA

Meu pobre perdigueiro ! Vem comigo,
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar ?
Vamos lá dos geraes que o vento açoita
Dos verdes capinaes n'agreste moita
A perdiz levantar !..

Mas não !... Pousa a cabeça em meus joelhos..
Aqui, meu cão !... Já de listrões vermelhos
O céo se illuminou.
Eis subito, da barra do occidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente.
O incendio que acordou !

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se ensola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão ...
Nas rubras roscas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do roto coração !...

O incendio—leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus !...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado, retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada ! A queimada é uma fornalha !
A hirara pula ; o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir.
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre— naufragos do medo—
Vão tremulos se unir !

Então passa-se ali um drama augusto...
No ultimo ramo do páu d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Masrubro é o céo... Recresce o fogo em mares
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou !

CASTRO ALVES.

* * *

JOÃO FRANCO, MINISTRO «PER OMNIA SECULA»...

A politica portugueza já tem o seu saragoçano, que está comnosco, e vem de me communicar o horoscopo da politica nacional, a decorrer desde os tempos presentes ao diluvio. E' um trabalho de profunda concatenação, onde a sciencia mais profunda vem alliar-se á magia mais subtil, e para o qual chamarei a attenção dos meus leitores, já fatigados talvez de sobre situações ministeriaes verem falhar todas as prevenções e vacticinios. Tem a palavra o Noherlesson portuguez :

«...a este governo succederia um, presidido pelo sr. José Luciano, e seria o seguinte :

Presidencia e reino — José Luciano de Castro.
Justiça — Francisco Beirão.
Fazenda — Ressano Garcia.
Obras publicas — JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO,
Estrangeiros — Fernando Mattoso dos Santos.
Marinha — Prior da Lapa.
Guerra — Conde de S. Jannario.

Incompatibilidades, ciúmes, guerras, levariam pouco a pouco o gabinete a dessorar-se, pela macula terrivel de quererem todos ser primeiros, e não haver entre tantos genios um só exemplar que Lombroso não previsse entre os mateoides, no seu livro. Chegado á extrema deliquescencia, e não havendo chispa a tirar daquellas sete cabeças de vitella, o ministerio Luciano receberia dos *guichets* do paço o bilhete collectivo da partida, sendo então chamado o sr. Serpa, o estadista da bolacha Maria, a organisar *quadrilha* com os seus Pescaderos e Minutos, desta sorte :

Presidencia e reino — Antonio de Serpa.
Justiça — Moraes de Carvalho.
Fazenda — JOÃO FRANCO C. BRANCO.
Obras publicas — Frederico Arouca.
Marinha — João Arroyo.
Guerra — Dantas Baracho.
Estrangeiros — Carlos Bocage.

Novas tramoias, guerras de coio propositando substituir velhos por novos, impaciencias de bacharelitos discursadores anceando por exceder o Arroyo nos dispauterios da pasta da marinha, negociatas torvas, destas que fermentam na cabeça dos ambiciosos com pouco bágo, tudo isto daria instabilidade febril ao pobre gabinete, cujos cebentos fundilhos ao cabo estalariam, deixando vêr ao paiz o c... ollector. A corôa ver-se-ía forçada então a repatriar o sr. Marianno de Carvalho, refazendo-lhe, depois de algum trabalho, a virgindade, e delegando as pastas na estudantina que se segue :

Presidencia — Marianno de Carvalho.
Justiça e cedulas — Conselheiro Mendonça Cortez.
Reino e falsificações eleitoraes — José da Escada.
Obras publicas, loterias e jogos de azar — Antonio Ignacio da Fonseca.
Marinha — Marianno de Carvalho (interino).
Guerra — Lobo sarapintado.
Estrangeiros — JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO.

Um tal ministerio fatigaria cedo a opinião, começando o descontentamento pelos accionistas do banco Luzitano, que elegeriam de repente *leader* da opposição o sr. Pedrozo de Lima, por via de quem iriam regressando á vida privada alguns dos mais habilidosos salvadores. Succedia-lhe um gabinete de *petit lever*, que trataria os negocios do paiz de rustilhada com as pequeninas intrigalhas d'antecamara, legislando simultaneamente sobre o tiro aos pombos, sobre os tempos da walsa, e a arte de collocar gardenias na lapella.

Presidencia — Conde de Ficalho.
Estrangeiros — Luiz de Soveral.
Fazenda e confecções — Ramalho Ortigão.
Marinha e cortezias — Conde de Sabugosa.
Guerra e batalhas de flôres — Bernardo Pindella.
Obras publicas e piadas —Carlos Mayer.
Justiça — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Quatro dias depois deste governo assim constituido, todo o *Diario* apparecería condimentado em volume de

contos e historias picarescas, avultando entre as medidas energicas o uso obrigatorio da luva branca nos trabalhos de pedreiro, uma legislação completa para a *toilette*, e severas multas a todo o proletario que não comesse truffas ao jantar. Dissidencias primeiro palacianas, em virtude do Ramalho querer applicar á sala de throno a sua conhecida decoração de motivos piscatorios, e de Soveral aggredir as relações externas pela sua grande abundancia de cabellos nos ouvidos — dissidencias em seguida populares, motivadas por o sr. conde de Sabugosa querer os decretos em verso, e o sr. Pindella transferir quem não tivesse cartas de nobreza, provocariam na classe trabalhadora uma arrnaça contra o aristocracismo dos *vencidos*, pondo a dynastia em cheque, e fazendo fugir a batatada o gabinete. Interregno de dois mezes para escripturar entre as facções politicantes, um ministerio de resistencia, composto de estadistas velhos que parecessem novos, e de messias tartamudos que tivessem o ar de Jupiteres inéditos. Indicado o sr. Martens Ferrão p'ra presidente, chegaria este de Roma com os ordenados d'embaixador decuplicados, e em regimen de tres hostias consagradas ao dia, para attenuar flatulencias de gastronomo amollecido. Entrevistaria primeiro o nuncio, pedindo-lhe conselho, iria depois ás egrejas com modos de sachrista, tartufisar inda mais com orações o cerebro estanque, e assim ungido por Deus e por uma ausencia d'idéas espantosa, começaria sua missão politica pedindo doze contos de réis para tipoia e prato, afóra os vencimentos. Ao cabo de doze mezes d'entrevistas, justaposições e cartas sobre caça, o sr. Martens Ferrão vendo os seus esforços desentendidos da abnegação absolutamente patriotica que o guiava, e constando-lhe por outro lado que as contribuições livres não chegariam p'ra lhe pagar as luvas que elle queria, o sr. Martens Ferrão tornaria para Roma, sempre com aquelles ares de sachrista, vasio, somnabulo, tratando as indigestões com hostias, e circumscrevendo a noção de patria á sua rica barriguinha. Atterrado do fiasco, o paço expediria a toda pressa um telegramma ao S. Januario, ferro velho de concentrações monarchicas garantidas ao mez, (entrando o emprestimo), o qual com os seus bigodes em cabide, e o mais lustroso chinó de pelle de gato preto, iria pelas casas conluiar trastes servidos para um gabinete de casa de hospedes, por esta fórma decorado :

Presidencia — Conde de S. Januario.
Reino — Valbom pae (segundas, quartas e sextas), Valbom filho (terças, quintas e sabbados).
Justiça — Bispo de Bethesaida.
Estrangeiros — Bocage.
Fazenda — Oliveira Martins.
Obras publicas — Conde de Valenças.
Marinha — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

A estranheza causada por este ministerio seria enorme, e subiria de ponto quando a magistratura investida de pronunciar sobre o processo Canto e Castro, absolvesse o bispo, que não teria deixado a pasta da justiça, nem siquer durante o julgamento, e quando ao mesmo tempo viesse a fallencia mental do conde de Valenças, por um incendio lhe ter devorado a *sala de pensar*. Ao desagrado aqui nascido, outros peores sobreviriam conglobando no ar nuvens de guerra : em vez de tratar dos verdadeiros interesses do paiz, o presidente do conselho não faria senão reformar os uniformes, transferir regedores, e aggravar a situação com desperdicios. O povo teria fome, os politicões e banqueiros dariam bailes, e nesta revolta da plebe, o espirito anarchico d'alguns doidos acabaria de lançar o fermento da discordia, gerando féras no coração de ingenuos esfaimados. Dahi uma crise espantosa d'idéas e d'estomagos, revolvendo o paiz té as fundalhas, e fructo de revolução iniciada como tentamen de vida nova, uma republica de caixeiros desempregados, com Magalhães Lima na presidencia, e a familia real em villegiatura de exilio, sob desculpa de ir festejar em Inglaterra as bodas de ouro dos condes de Paris. O primeiro ministerio da nova edade seria talvez assim condimentado :

Presidencia e reino — Nosso correligionario e collega — Silva Graça.
Estrangeiros — Nosso collega e correligionario Silva Graça.
Fazenda — Silva Graça, nosso collega e correligionario.
Obras publicas — Silva Graça, nosso correligionario e collega.
Justiça — Nosso correligionario Silva Graça e collega.
Marinha — Nosso collega Silva Graça e correligionario.
Guerra — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Sabidos os resultados d'uma republica apenas creada para tornar obrigatoria a leitura do *Seculo*, começaria o paiz a fazer gestos feios ao ministerio, e seguidamente ao precioso Magalhães Lima, que já muito antes de presidente da Republica habitaria o palacio da Ajuda, comprado com os proventos do *Seculo*, num leilão de massa fallida, hi ostentando fausto parisiense, e saíndo a quatro, de manto, com os chapéos velhos da rainha viuva na cabeça. Poucos mezes duraria o regabofe, porque a imprensa desenganada sobre as quantias pedidas p'ra aguentar a nova situação, ir-se-ía pouco a pouco tornando á monarchia, tomando o sr. d. Miguel por orago, e fazendo caír Magalhães num charivari de gaitinhas de feira, cantos de gallo e chapadas de melão. As mesmas lanternas que embellezassem as ruas pelo advento da Republica, illuminariam depois o mesmo povo, a saudar como ultima esperança, o rei absoluto. *Quando o rei chegasse á barra*, organizava-se ministerio, que obedecendo aos principios religiosos do monarcha, decretaria a chamada pasta da Egreja...

Presidencia e reino — Carlos Pinto Coelho.
Justiça — Conde de Redinha.
Guerra — Fernando Pedroso.
Marinha — Alfredo Quadrio.
Estrangeiros — Lucas da Silva Castello.
Obras publicas — Alvaro Mendes Leal.
Fazenda — Perfeito de Magalhães.
Egreja — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Como tudo finda neste mundo, e o tempo váe depressa, acabaria a situação legitimista com o arrefecimento total do globo terraqueo, e quando toda a população portugueza chegasse ás regiões celestes, Deus que protege os tolos, e tem um fraco por todos os patifes, apiedado de nos falharem todas as combinações politicas possiveis, resolveria, suppõe-se, em sua infinita misericordia, entrar elle mesmo num ministerio de conciliação e salvação, que ficaria assim constituido :

Presidencia e justiça — Padre Eterno.
Marinha — S. Pedro.
Guerra — S. Thiago.
Fazenda — ? (1)
Obras publicas — S. José.
Instrucção publica e bellas artes — S. Paulo.
Estrangeiros — S. Damaso. (2)
Reino — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

FIALHO D'ALMEIDA.

(1) Impossivel talvez achar santo que queira encarregar-se desta pasta, pelo descredito em que a puzeram os seus antigos titulares. Consta, porém, que depois de reiteradas instancias do Padre Eterno, o Máu Ladrão se resolverá a encarregar-se da gerencia.

(2) E' um santo portuguez, papa, do seculo III. Não confundir com o sr. padre Damaso, do seculo XIX, e amigo intimo do actual sr. presidente do conselho.

PEDE-NOS o nosso collaborador *Tenente Max* façamos publico o seu reconhecimento a todos os que, por cartas e cartões, applaudiram o seu excellente artigo, num. 84, anno III, dos *Annaes*, sobre a Guarda Nacional.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico,

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

——

XXV

Apezar de Silva Lisbôa professar outra fé, crêr em outros ritos, já sem as illusões do presente e as esperanças do porvir, não hesitou em acudir ao reclamo da patria onde nasceu, embóra esta não estivesse accorde com a outra patria moral em que vivera a sua intelligencia, isto é, as idéas do seculo em que vira a luz do dia. Silva Lisbôa era homem do seculo em que a realeza absoluta ainda governava soberana e despotica. A liberdade não lhe era tão clara, que lhe merecesse o sacrificio de suas velhas e arraigadas crenças; vamos esperar vel-o tal na discussão do artigo do projecto da Constituição, consagrando a liberdade religiosa.

Já tivemos occasião de declarar que, estudando a historia da Assembléa Constituinte, não nos occupamos sinão com os projectos que contêm as idéas politicas, pelas quaes possamos ajuizar de sua capacidade para organizar as leis fundadoras duma sociedade que acabava de romper o jugo do despotismo e aspirava os beneficios da civilisação moderna. Quanto a projecto de *detalhes* ou minucias do serviço ordinario, administrativo, judiciario, municipal, tudo isso está excluido do nosso plano. Ninguem tem o direito de exigir um trabalho que não nos obrigamos nem queremos fazer. Demais, os exigentes que teem a paciencia de prolongadas leituras, são poucos: a maioria dos leitores não supporta a fastidiosa massagada das minudencias; quiçá, não lhes desleixe, siquer, rapido olhar. Conhecendo os habitos e gostos dos nossos leitores, limito-me a estudar a parte intellectual da nossa primeira Assembléa — reunião das principaes intelligencias brazileiras na epocha da Independencia; ahi ha de inevitavelmente reflectir-se ou apparecer o gráu de cultura e desenvolvimento do espirito; por ahi, conseguintemente, poderemos apreciar o estado moral, politico e social do povo brazileiro, que tanto luctou para conquistar a independencia. Que iria fazer desta conquista? Era uma vã ambição que mesmo não comprehendia? Era uma aspiração que correspondia á necessidade do estado social, positivo, real, incompativel com as normas do regimen absoluto?

E' dos projectos politicos, assim como nas discussões, que brotam as idéas reveladoras do estado moral, intellectual e politico da sociedade que a Assembléa representa, porquanto uma Assembléa não póde ser outra coisa sinão um quadro representativo duma nação com as suas virtudes e vicios, fraquezas e energias, servilismo e independencia de caracter, aspirações, pensamentos e idéaes.

Que me importam a mim os pareceres da commissão de justiça sobre tal petição; os das outras sobre differentes materias e mesmo o projecto de Antonio Carlos elevando a povoação de Itaparica á categoria de villa, e do canóro marquez de Abrantes, transformondo em villa a feira de Nazareth das farinhas, etc.?! Estas coisas não servem para materia de historia; o leitor depois de as haver lido, as atira na cesta dos papeis velhos, inuteis. Mas conhecer do estado moral e intellectual da sociedade brazileira, qual apparece na Assembléa, que a representa, é apurar um dos elementos necessarios para entender a historia da fundação da nacionalidade. Só assim poderemos julgar duma série de factos que a tradição alterou e, hoje, não sabemos, segundo a phrase biblica, descriminar o joio do trigo.

Como, por exemplo, julgaremos — *certissima sciëntia et clamante conscientia* — si a dissolução da Constituinte, no dia 12 de novembro de 1823, foi o grande erro do primeiro Imperio? Que correlação descobriremos entre as duas datas: 12 de novembro e 7 de abril? Os elementos moraes e politicos, os motivos que determinaram a primeira, produziram a segunda? De véras, a Constituinte possuía e mostrava aptidão e capacidade de satisfazer as necessidades do paiz? Que produziu de bom e de util durante seus trabalhos legislativos? Que queria o Imperador, universalmente acclamado, acceito e até exaltado pelo enthusiasmo popular, em contrario á Assembléa? Que circumstancias formaram no espirito imperial a convicção de aniquillar a representação nacional? Ella merecia a punição que soffreu e deu motivo a ter tão triste e mesmo ridiculo destino? E muitas outras interrogações suscita o decreto de 12 de novembro. Ninguem haverá ahi, mesmo um escolar noviço, que acredite que o conflicto do boticario do largo da Carióca fôra a causa occasional da dissolução da Constituinte; que a agitação da Assembléa, promovida pelos irmãos Andradas, não se concatene ás circumstancias anteriores.

Pensar que d. Pedro, dum só impeto, saíu da Imperial Quinta e mandou os seus granadeiros expellir do recinto da cadeia velha os agitados palradores, é, realmente, não querer julgar dos factos, pelas causas que os produzem.

Ora, para conhecel-as temos tido o paciente labor de ir colhendo, uma por uma, as circumstancias que formaram a somma de motivos, somma bem avolumada que convenceu d. Pedro da necessidade de desembaraçar-se do insuportavel trambolho da Constituinte.

Temos apontado, em varios discursos, as phrases que pungem; em certos actos o proposito hostil; por exemplo, no caso do bergantim *Treze de Maio*; no da nomeação de dois deputados para ministros de Estado, e de Brant Pontes para incumbir-se, em Londres, de negocios que intessavam o paiz; na prohibição, imposta pela Camara ao deputado, de acceitar nomeações imperiaes; do caracter offensivo, acintoso, do projecto de incompatibilidade, proposto por Araujo Vianna e soffregamente approvado; da censura por occasião do titulo concedido ao almirante lord Cockrane e sobretudo a discussão (da sessão de 17 de setembro) sobre os officiaes lusitanos do general Madeira admittidos ao exercito brazileiro. Todos estes factos irritavam o animo impetuoso de d. Pedro, habituado a governar como poder absoluto; poder que sempre foi uma de suas paixões.

A questão dos officiaes lusitanos abriu os olhos ao Imperador, obrigando-o a encarar a perigosa realidade e as intenções maleficas.

Todos comprehendemos que, naquella phase da nossa vida nacional, os odios do brazileiro e do portuguez eram profundos, reciprocos e irreconciliaveis. Aquella discussão despertou os preconceitos populares e o natural ciúme, vendo o lusitano, que acabava de brandir mortiferas armas contra os filhos do paiz, acolhido, figurando nas fileiras dos exercitos imperiaes, bem pago, remunerado e contando antiguidade, desde o tempo em que combatia contra nós nos campos de batalha da Lapinha, de Itacaranha, ou de Pirajá. O povo, que ouvia os deputados, no recinto da Constituinte, apurar e discutir esse assumpto, tirava a seguinte conclusão: «isso assim succede, porque o Imperador nasceu lusitano e quer, cercado de lusitanos, governar o Brazil como os seuc antepassados dominaram a colonia.» No cerebro das multidões generalizou-se esse pensamento. Toda a gente murmurava que a Independencia não tinha passado duma farça, e que os lusitanos, de novo, assenhoreavam-se da terra americana, sob a direcção e governo de d. Pedro, principe tambem lusitano.

O Imperador attentou sizudamente nas gravissimas consequencias dessa propaganda, partida dos debates da Constituinte e lavrando, como um incendio, pela alma do povo.

D. Pedro, que amava a popularidade, observava que esta lhe fugia, e

as acclamações do enthusiasmo das turbas, que antes o idolatravam, já raras, iam escasseando cada dia.

Ouvi contar aos velhos contemporaneos que este estado de coisas preoccupou tanto o espirito do soberano, que o induziu a querer praticar algumas imprudencias, e uma feita, com vóz alterada, atirou á face dalguns dos ministros e deputados palavras acerbas, minazes e brutaes...

O illustre visconde de Jequitinhonha (Montesuma, na Constituinte) com quem tive a fortuna de aprender muitas coisas concernentes a taes acontecimentos, a mim m'o declarou, como a outros, que o escutavam—«que, desde a discussão dos officiaes lusitanos, evitou de approximar-se do Imperador, que deixára de tratal-o com a benevolencia doutr'ora. Montesuma, além do mais, tomou activa parte nas questões dos officiaes lusitanos, do titulo a lord Cockane, da emenda sobre a federação das provincias; todos esses assumptos desagradaveis ao Senhor da Quinta de S. Christovão. O visconde de Jequitinhonha acreditava que os seus discursos preveniram o Imperador contra elle de tal sorte que, feita a dissolução, d. Pedro mandou prendel-o e deportal-o com os Andradas.

E' coisa quasi aborrecida citar opiniões, quando ellas não constam de documentos authenticos. Parece-me que num discurso, proferido no Senado do segundo Imperio, o eggregio orador bahiano reporta-se aos eventos dessa quadra da monarchia brazileira; todavia não posso, nesse instante, manusear os *Anaaes* do Senado para verificar a exactidão do discurso alludido.

Quem fôr *dilettanti* das resurreições dos homens e dos acontecimentos da politica do passado, querendo dar-se á paciente tarefa de reunir num complexo todas as circumstancias, de certo não concluirá, com o illustrado auctor da *Constituinte perante a historia*, que tal Assembléa nada fez por onde merecesse tão dura punição e verificará que, si *ella foi sempre restosa*, levou sempre a inexperiencia ou a ignorancia do systema novo—ora a ser subserviente; ora a provocar coleras dum poder, de facto, arbitrario e irresponsavel. Teria evitado o seu desastre, si lhe fôsse dado conhecer a seguinte observação judiciosa, que a experiencia consagrou como verdade pratica e inconcussa: *On rapportera toujours d'Angleterre cette persuasion profitable, que la politique n'est pas une théorie de cabinet applicable à l'instant tout entière et tout dune pièce, mais une affaire de tact où l'on ne doit procéder que par atermoiements, transactions et compromis.* (1)

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Taine, *Notes sur l'Angleterre*.

A LIVRARIA

«JUVENILIA», LIVRO DE VERSOS POR ODILON NESTOR. — EDITADO POR DOMINGOS DE SAMPAIO FERRAZ. — PERNAMBUCO.

Uma felicidade teve este poeta: descobriu o typo do editor idéal, tanto quanto de fóra se póde julgar.

Quem já imprimiu um livro, principalmente o seu primeiro livro, como creio que é o caso do sr. Odilon, e teve necessidade de andar procurando editor, é que sabe como a especie é desconfiada, difficil, intratavel mesmo muitas vezes. Si dão a confiança de ainda explicar ao neophyto a causa de recuzarem o volume, — porque a recusa é que é o facto normal, — é para desdenhar desapiedadamente do seu valor, pelo menos do ponto de vista da livraria, que com outras coisas elles não se preoccupam, nem dellas querem absolutamente saber. Parecem todos um dispepticos e, si o estréante tiver muita vaidade, é capaz de desconfiar que até a inveja concorre pelo menos em certa dóse para a composição daquellas vesgas physionomias, mais a daquellas falas deprimentes e pessimistas.

O editor é o Cabo da Tormenta nisto que se chama a iniciação literaria: quem o tenha dominado, sem se commover excessivamente com o tenebroso do aspecto sob que, de ordinario, elle se apresenta, e a hostilidade systematica dos seus juizos, já póde dizer que deu na vida uma prova de fortaleza.

O poeta de *Juvenilia* em vez de um Tormentorio achou no seu editor um porto bonançoso de apaziguada Circe. Não houve apenas, da parte deste, a razoavel confiança commercial necessaria na primicia apresentada para elle fechar o negocio. Houve fé, houve mesmo enthusiasmo, e tão sincero, tão vehemente, que quasi parece fanatismo. O mais curioso ainda, porém, é que não é somente do ponto de vista mercantil, — até pelo contrario, esse ficou inteiramente de lado, — mas do ponto de vista espiritual, do valor verdadeiramente litterario da obra, que este singularissimo negociante encara a questão. Faz lembrar aquelle sympathico pasteleiro, protector de toda uma caterva litterata, auctor por sua vez, que figura no *Cyrano de Bergerac*.

Si sabemos deste caso singular de agóra, é devido ás revelações do prologo de *Juvenilia*, feito e assignado pelo sr. Sampaio Ferraz, que é ao mesmo tempo o editor da obra. O paranympho tem tanta confiança no estréante, que acredita «sincera e profundamente que a bôa acolhida, carinhosa e benevola deste livro será expontanea em todos os espiritos eleitos, delicados e sensiveis,» por conseguinte, implicitamente, que julgar mal delle é um homem mostrar-se sem sensibilidade, grosseirão e commum.

Acho que o sr. Sampaio Ferraz tem razão. Ao meu ver, é justamente o que merece este livro: é uma «acolhida carinhosa e benevola». Elle é o attestado de um espirito intelligente e sympathico, provavelmente um talentoso representante das nossas lettras amanhã.

Seus versos são lançados com bravura; o auctor se exprime com certa naturalidade e intellectualmente é um moço sympathico. Quer dizer — não tem extravagancias de máu gosto nem revela aborrecidos aspectos.

Mas ainda não se póde affirmar que elle seja um verdadeiro poeta. Ha no sr. Odilon Nestor uma tendencia muito pronunciada para a philosophia, para as coisas do pensamento propriamente dito. Por outro lado, pelo menos a estes versos de agóra parece que lhes falta a qualidade mais essencial á verdadeira poesia, — o poder da suggestão, — esse *quid* indefinivel que é a alma do verso e a razão da sua indiscutivel superioridade como instrumento para exprimir emoções.

Póde ser que amanhã o sympathico estréante se ache melhor na prosa ou então venha a desenvolver-se de um modo mais completo em outro volume de versos que nos dê.

Parece-me bastante caracteristico das suas tendencias o bonito soneto que transcrevo, intitulado *O homem*:

Algo tem de assombroso o seu trabalho in-
[gente.
evoluindo atravéz dos tempos, das edades..,
desde o fundo das rochas ás actuaes cidades,
desde a éra de bronze á epocha presente.

Deslumbra e maravilha essa creação potente,
que se desdobra ufana em tantas variedades!
O immenso cabedal das cultas sociedades
foi o homem quem fez, luctando heroica-
[mente!

E *a si mesmo se fez* — inquebrantavel, forte!
Votado a tanta dôr, sujeito á ignota e rude
oscillação fatal do pendulo da sorte!...

Grande, sublime sêr, que a propria dôr il-
[lude!
Que, entre o vagir do berço e o estertorar da
[morte,
edificou a sciencia, as artes e a virtude!

***

«POESIAS», POR JOSÉ ARTHUR DA ROCHA FROTA. — TYPOGRAPHIA DOS «ANNAES». — RIO DE JANEIRO. — 1906.

Sei que o volumesinho de que vou falar foi impresso aqui no Rio, na excellente typographia desta revista, mas

que o poeta é da provincia, e por lá vive, pelo menos actualmente, na paz daquelles horisontes, que dão menos febre, mas por isso mesmo permittem á mocidade uma ventura mais legitima e sã.

Está-se vendo que estes versos por lá fôram compostos, no atrazo natural da hora, a respeito de modas. Si o sr. Frota tivesse recebido o influxo que determinou esta collectanea aqui no Rio, não teria a lembrança de imitar Gonçalves Dias e outros romanticos, não só na visão que lhes é propria como na especie dos metros por elles preferidos. Até na litteratura de modinhas qne se vende aqui nos pontos dos bondes de S. Christovam e Catumby, — *A mãe que assassinou seu proprio filho*, *Margarida váe á fonte*, e outras que taes, — até ahi já se encontram renegados aquelles versos de onze syllabas, como os de nove e ainda os de quatro, que o jovem poeta cearense ainda adopta neste seu livro.

Note-se, eu não digo isto para censurar propriamente, digo para caracterizar a obra, mesmo porque, no volume do sr. Rocha Frota prefiro muitas vezes as poesias feitas nesses metros caducos (a primeira, por exemplo, na série, é bem bôa), — a outras lançadas em alexandrinos, que elle não compõe com a malleabilidade e a graça capazes unicamente de tornal-os supportaveis em portuguez.

Feita a referencia a esta questão do metro, direi que o volumesinho é cheio de altos e baixos ; não seria de todo desapropriado comparal-o a um terreno vulcanico. Ha nelle producções que revelam um moço bastante intelligente e de certa seriedade mental, outras tão galhofeiras que chegam a ser de máu gosto, ás vezes até mesmo um poucachito infantis, e, quando não são chocarreiras, de um sentimentalismo piégas, de um enthusiasmo desarrazoado.

Vê-se que o sr. José Frota é uma individualidade em formação, uma nebulosa que se deve qualificar por emquanto apenas com um ponto de interrogação antes de quem espera do que de quem descrê...

NUNES VIDAL.

O ALMIRANTE (87)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

—Bem — concluiu ella, dispondo-se a partir, ageitando o chapéo sobre os cabellos revoltos e calçando depois as luvas — Não te perturbarei mais com a minha presença. Tem pena de mim e perdôa-me, Hortencia. Eu não sou má como suppões. E' verdade ; fa-me esquecendo.

E, num gesto natural, Dolores tirou do seio uma carta que offereceu a Hortencia.

—Antes de partir, elle pediu-me para te entregar esta carta...

— Para mim ? — inquiriu Hortencia, hesitando.

—Sim, para ti — tornou Dolores, insistindo.

Hortencia, como si obedecesse a uma fascinação, estendeu a mão tremula automaticamente, tomou a carta, conchegou-a ao seio com ternura e, num movimento brusco, despedaçou o enveloppe, leu-a avidamente, pronunciando as palavras em vóz sumida, entrecortadas pelas convulsões do seio arquejante.

Nesse momento, Oscar appareceu no pequeno salão do piano, estacando surprehendido pela presença de Dolores.

— A senhora ! ?... — exclamou elle.

— Vim dar-lhe parabens — respondeu Dolores, com firmeza — Sómente hoje pude cumprir este dever...

Oscar apertou friamente a mão de Dolores, sem tirar os olhos de Hortencia, confusa, humilhada, a tremer de susto.

— Ia retirar-me — disse Dolores, recuzando a cadeira que Oscar lhe indicava — quando chegou. Já conversámos muito ; voltarei... Bem sabe que não sou de cerimonias. Vou ter com o Dadá, que deve estar com a marqueza.

Readquirindo as maneiras graciosas, Dolores envolveu Hortencia num abraço, beijou-lhe ternamente as faces, murmurando-lhe ao ouvido algumas palavras e, ao despedir-se de Oscar, disse-lhe em tom de ironia, fulminando-o com sobranceiro olhar de ameaça :

— Senhor almirante...

Apóz alguns instantes de vacillação, Hortencia avançou com passo firme para Oscar e estendeu-lhe a carta amarrotada.

—Não... — disse Oscar, com um ligeiro gesto de recuza — Não tenho ainda o direito de ler as tuas cartas. Confio absolutamente na tua lealdade. Quizera, entretanto, merecer de ti um favor especial... Desejaria que evitasses a intimidade dessa senhora...

—De Dolores ?... inquiriu Hortencia — Eras tão amigo della que julguei não fazer mal recebel-a...

—Todos somos amigos dessa creatura...

—Mais infeliz do que má...

—Póde ser... Nós mantemos relações qualificadas de amizade com muita gente que uão poderiamos admittir na intimidade do nosso lar, si é que eu posso falar assim. Dolores será uma infeliz, mas... será uma medida de prevenção para ti evital-a...

—Que tens a dizer contra ella ?...

—Eu...—respondeu Oscar, confuso, hesitando a cada palavra—nada tenho de que arguil-a. Ella é victima da maledicencia, que ella justifica com suas maneiras desenvoltas...

—Não havias ainda notado isso ?... observou Hortencia, com ligeira entonação de maguada ironia. Não a recebe na intimidade a marqueza ? E tu mesmo não a tratavas com muita consideração, com muito carinho ?... Donde vem agóra essa incompatibilidade ?...

— Eu não te posso explical-as—retorquiu Oscar, com accentuada impaciencia — Ha no passado dos homens accidentes, factos, que elles não pódem, não devem communicar ás esposas, que devem ignorar o que elles fôram e considerar sómente o que elles são, desde o dia em que se tornaram chefes de familia. Eu nada tenho com o teu passado, aliás decorrido á minha vista, desde a tua infancia. E por assim pensar não quiz ler essa carta que agitou toda a minha curiosidade de esposo... apaixonado. Os teus segredos de moça devem ser respeitados. Da mesma fórma, deves respeitar os meus...

Após rapida pausa, Oscar continuou, num tom de supplica enternecida :

— E' tão facil ; custa pouco te esquivares á convivencia dessa mulher... Ao vel-a comtigo, apertou-se-me o coração como na imminencia de um perigo... Será isso um presentimento absurdo, uma prevenção sem fundamento ? Não indagues a razão disso, Hortencia: basta saberes que me mortifica atrozmente a tua intimidade com aquelle senhora...

— Assim me auctorizas a suspeitar, ser verdade o que se dizia, o que ella acaba de confessar...

— Que te disse ella ? — exclamou Oscar, firmando na esposa olhos accesos de indignação.

— Disse-me — affirmou Hortencia, serenamente — que te amava...

— Ella te disso isto ? Bem vês que tenho razão para suspeitar..

(Continúa)

MONUMENTO DO CONGRESSO

O projecto de construcção de um edificio monumental para o Congresso é uma infracção evidente do preceito constitucional que determinou fôsse reservada no planalto central uma área para o Districto Federal, onde se deve estabelecer a Capital da Republica

A maioria parlamentar que votou esse projecto é accendradamente anti-revisionista ; prefere ir golpeando a Constituição, a largos talhos, a reformal-a legalmente conforme as lições da experiencia, muito eloquentes.

O Congresso transformou o provisorio em definitivo : não ha remedio sinão obedecer á lei, que será duramente absurda, mas é lei em via de execução.

As mezas do Senado e da Camara chamaram, como se sabe, á concurrencia profissionaes, cujos projectos estão expostos na Associação dos Empregados no Commercio, como consulta á opinião publica, medida digna de todos os encomios.

Vê-se que *Helo* se preoccupa mais com a harmoniosa elegancia das linhas do conjuncto do que com a ornamentação dos detalhes, sem abandonar, todavia, as lições classicas dos grandes mestres, dando um tom original e moderno ao seu bello projecto, que prima ainda na disposição interior, realizando todas as exigencias de commodidade, de independencia dos tres grandes centros de reunião da Camara, do Senado e do Congresso, sem pre-

O projecto convertido em lei com a sancção do sr. presidente da Republica, denota que o Poder Legislativo e o Executivo estão dispostos a manter no Rio de Janeiro a Capital Federal, evitando o exilio nas aprazivels campinas do planalto central, exilio que elles reputam injusto, impraticavel, attentatorio do conforto, de conveniencias, da utilidade que os «paes da patria» jámais encontrariam no ermo selvagem dos decantados sertões de Goyaz.

Do exame dos projectos expostos, resulta, sem contestação possivel, a preferencia do que está assignado por *Helo*, projecto vasto, elegante e sobrio, no qual se harmonizam admiravelmente a imponencia de um edificio monumental desse genero, evitando o logar commum das cupolas, de que tanto se tem abusado nas ultimas construcções da cidade, e a monotonia desgraciosa das galerias e das fachadas em declive.

judicar a facilidade de communicações.

Não quer isso dizer que não consideremos dignos de menção os outros projectos, que abonam honrosamente os seus auctores como architectos que pódem competir com os artistas das nações mais cultas.

Resta saber si a justiça do julgamento desse importante concurso responderá ao *veredictum* da opinião, claramente favoravel ao projecto de *Helo*.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Novo methodo de determinar os elementos da orbita da Terra. — O professor Kustner e a estrella Arkturus.

O professor Kustner, director do observatorio de Bonn, empregou um methodo spectrographico para determinar os elementos da orbita da Terra.

Todo o movimento que se effectúa no espaço universal, acompanhado por um crescimento ou decrescimento da distancia entre um observador terrestre e um astro determinado, produz uma deslocação das linhas spectraes do ultimo, deslocamento regulado pelo principio de Doppler. Assim se verifica que certas estrellas fixas se approximam continuamente do systema solar, ao passo que outras delle se afastam incessantemente, conforme as linhas spectraes, dadas pela comparação com as dos elementos chimicos, se deslocam, quer para o azul-violeta, quer para o vermelho. Esses deslocamentos são periodicos no caso de certas estrellas chamadas — duplas spectrocospicas.

Nessas determinações, convém considerar que a Terra, gyrando em torno do Sol com a rapidez de cerca de trinta kilometros por segundo, produz um periodo annual no deslocamento dessas linhas; nas determinações mais precizas é necessario ainda considerar a rotação da Terra em torno do seu eixo, si bem que ella seja extremamente lenta, mesmo no equador, comparada com a rapidez da luz.

O professor Kustner utiliza esses phenomenos para determinar os elementos da revolução da Terra, sobre a base das mudanças periodicas do deslocamento das linhas de certas estrellas. Era precizo, para isso, escolher astros situados em proximidade sufficiente do plano da orbita da Terra para experimentar mudanças periodicas do deslocamento e que fôssem, além disso, de bastante intensidade luminosa. O espectro dessas estrellas deveria, emfim, contar uma série de linhas apropriadas.

Essas condições se encontraram tão satisfactorias em *Arkturus* que Kustner resolveu se servir de uma série de observações feitas sobre o espectro desse astro (analogo a um sol) para determinar a rapidez da revolução da Terra. As placas photographicas obtidas, em numero de 18, entre 24 de junho de 1904 a 15 de janeiro de 1905, fôram expostos uma hora antes da passagem do astro pelo meridiano, pouco tempo após o crepusculo, no verão, e um pouco antes do alvorecer, no inverno. Era indispensavel empregar precauções muito especiaes, realisando o espectro do ferro como termo de comparação. Escolhendo 16 linhas do ferro, fôram regeitadas as linhas duplas e as acompanhadas de satellites de fraca intensidade.

As linhas espectraes fôram medidas sobre cada uma das placas sob o microscopio. Esses calculos, baseados sobre a rapidez relativa da Terra em relação ao referido astro, rapidez resultante dessas medidas, são relativamente simples. Devem-se mais considerar as perturbações produzidas pela revolução da Lua em torno da Terra, assim como as devidas á influencia sobre o Sol, como a do poderoso planeta Jupiter, para conseguir resultados precizos. Não convém, do mesmo modo, desprezar, nos calculos de alta precisão, as perturbações produzidas por Saturno.

A constante da rapidez da Terra se encrontra egual a 26.617 kilometros por segundo, com um erro provavel de + 0,057 kilometros. Como o deslocamento das linhas dá a relação da rapidez da Terra com a da luz, esse algarismo implica uma hypothese em relação á ultima: o valor adoptado por Kustner é o que, dando as determinações physicas mais recentes, a saber: 299.865 kilometros, com um erro provavel de + 26 kilometros.

Essas medidas dão egualmente a parallaxe do Sol — o angulo sobre o qual o raio da Terra apparece delle a distancia média dos dois astros: o algarismo achado é de 8,844 segundos, um pouco superior ao valor geral adoptado — 8,80 segundos.

Encontra-se, emfim, a rapidez com que *Arkturus* se approxima do systema solar; o valor determinado por Kustner é de 4,85 kilometros por segundo.

Essas determinações da parallaxe do Sol por meio de medidas espectrographicas são ainda mais notaveis por constituirem um novo laço entre as manifestações astrophysicas e astrometricas, laço que tenderá, sem duvida, a reunir esses dois ramos da astronomia, cuja tendencia era de afastarem, cada vez mais, um do outro.

***

Novo alimento artificial. — Descoberta do dr. Fisher, celebre chimico allemão. — Experiencias concludentes.

Os alimentos se distinguem, em geral, em corpos gordos, hydratados de carbono e substancias potreicas ou albuminoides, sendo a composição chimica dos corpos gordos muito conhecida, graças aos trabalhos de Chevreul. A dos hydratos de carbono, principalmente das saccharoses, foi mais recentemante estudada pelo dr. E. Fisher, de Berlim, cujas descobertas lhe conquistaram um premio Nobel.

O mesmo sabio acaba de fazer investigações importantes sobre os proteides, que tinham, até agóra, escapado quasi completamente, á chimica analytica.

A solução desse problema offerece um grande interesse, da mesma fórma que tudo quanto concerne á questão dos alimentos plasticos ou respiratorios.

O celebre chimico allemão tomou por ponto de partida de suas investigações a theoria seguinte: a molecula proteica dá por divisão, como producto, uma peptona contendo as mesmas propriedades da substancia de que ella procede. A peptona subdividida, por sua vez, fornece amino—acidos que, contendo azoto como proteides e as peptonas, representam o seu papel na digestão ao lado dos hydratos de carbono, de hydrogenio, de oxigenio.

No alimento albuminoide, esses elementos indispensaveis se acham reunidos; devem-se encontrar, egualmente, no alimento artificial, que deve, por conseguinte, agir no organismo humano como alimento natural.

Sobre estes principios se apoiou o dr. Fisher.

O desdobramento da molecula proteica por hydrolyse permittiu-lhe preparar grande numero de peptonas e obter assim amino — acidos que, ao principio, limitados a nove, augmentaram até setenta. As experiencias começaram com um apenas, ao qual se juntaram outros, depois, successivamente, a série. De observação em observação, o processo secreto da natureza no trabalho physiologico, se revelou sob o olhar attento do chimico. Os compostos realizados eram soluveis n'agua, insoluveis no alcool, seu gosto amargo e outros caracteres correspondiam aos da peptona, se digerem como alimentos de origem natural, animal ou vegetal, a chimica do corpo humano transformando-os em substancias mais simples, podendo-se assimilarem de maneira a contribuirem para a renovação dos tecidos e para a producção do calor interno.

As diversas reacções do alimento artificial são identicas as da peptona.

Esse novo elemento foi denominado *polypetido* e com elle se nutriram, exclusivamente, cães conservados á vista durante quinze dias no laboratorio do Instituto Chimico de Berlim, dirigido pelo professor Fischer. Esses animaes se conservaram em perfeito estado de saúde, completamente normal, sem deperdição de forças e pezo.

As experiencias pódem ser consideradas concludentes e é provavel que o polypeptido entre brevemente no consumo ordinario.

Laranjas da California. — A producção da variedade brazileira Navel. — A quanto monta a exportação.

A catastrophe da California não occasionára consideravel prejuizo ao commercio de laranjas e, agóra, passado o perigo, continuará a exportação como de costume no mez de junho, que é a grande estação da colheita que começou em novembro para attingir o maximo em janeiro e fevereiro.

A introducção na California da variedade brazileira, conhecida pelo nome de *Navel*, deu enorme desenvolvimento á exportação desse fructo, que ha quarenta annos faz temivel concurrencia aos similares europeus.

Em 1883, havia no Estado da California limitado numero de laranjaes, cuja cultura se desenvolveu tanto que representa actualmente uma renda de setenta milhões de francos.

Nella se empregam operarios estranhos á California, americanos do norte mexicanos, chinezes, portuguezes, etc.

Antes da expedição, as laranjas passam por um banho de asseio, sendo depois seccadas ao sol, divididas em qualidades — excellentes, bôas, imperfeitas, grandes, médias, pequenas.

Em 1904, a exportação foi de 10 milhões de caixas, não sómente para os mercados americanos como para os estrangeiros.

***

Falsas appendicites. — Erros vulgares e perigosos. — Demonstrações do prof. Dieulafoy, do Hôtel Dieu de Paris.

O eminente professor de clinica do Hôtel Dieu de Paris, Dieulefoy, fez, a 29 de maio ultimo, uma interessante communicação á Academia de Medicina sobre a confusão, muito vulgar, entre a appendicite e a molestia do intestino, denominada typhlocolite muco-membranosa.

Em trabalhos anteriores, elle demonstrára os diversos aspectos dessa molestia, caracterisada por periodos de constipação e diarrhéa, em cujo curso o doente verifica nas dejecções, mucosidades, uma especie de clara d'ovo, pelles e areia, — affecção que determina dolorosas crises abdominaes, algumas vezes localizadas na fossa illiaca direita, simulando appendicite. Dahi a necessidade de um cuidadoso diagnostico para distinguir essas crises dolorosas de typhlocolite da verdadeira appendicite, cuja concurrencia no mesmo doente é rarissima excepção, não sendo a appendicite consequencia nem terminação da typhlocolite.

O professor Dieulafoy fôra, nos ultimos annos, impressionado pela quantidade de pessôas atacadas de typhlocolite membranosa ou arenosa, indevidamente operadas de appendicite, erro de diagnostico aggravado pela intervenção cirurgica em incessante progressão. Elle persiste, todavia, partidario da operação, antes da aggravação da appendicite verdadeira, como unico meio racional e efficaz de cura.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos ANNAES deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DE AMADORES

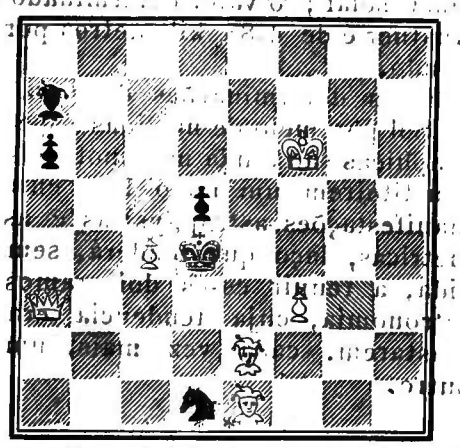
Provavelmente teremos no Club dos Diarios, em julho, um torneio de xadrez entre amadores. A idéa é daquellas que só merecem applausos: é este o melhor meio de desenvolver o gosto pelo xadrez e de revelar vocações. Em geral, o jogo, quando não estão os amadores empenhados em uma prova séria, é tratado com um tal ou qual desleixo. Mesmo os fortes amadores, nas partidas communs, de pura distracção, desdenham de seguir, á risca, os preceitos tão recommendados por Benjamin Franklin e fazem um jogo de palpite, sem reflexão e sem logica. Depois os *perús*, tão magnificamente descriptos pelo nosso collega do *Paiz*, transformam o duetto em um côro informe de opiniões, ás vezes as mais disparatadas. Assim, os torneios teem, pelo menos, a vantagem de restituir ao jogo a sua dignidade.

***

PROBLEMA N. 53

F. Mendes de Moraes Filho

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances

***

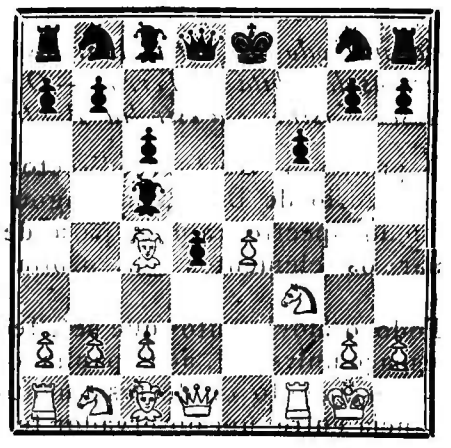
PARTIDA N. 59

(Jogada no torneio nacional russo a 9 de janeiro de 1906)

DEFEZA KANN

Brancas (E. Levitski)		*Pretas* (E. Isbinski)
P 4 R	— 1 —	P 3 B D
P 4 D	— 2 —	P 4 D
P 3 B R (*a*)	— 3 —	P × P (*b*)
P × P	— 4 —	P 4 R
C 3 B R	— 5 —	P × P
B 4 B D	— 6 —	B 4 B D
Roque	— 7 —	P 3 B R (*c*)

Depois do 7º lance das Pretas



C 5 R !	— 8 —	P × C
D 5 T R x	— 9 —	R 2 D
D × P R	— 10 —	B 3 D
D × P C x	— 11 —	C 2 R
B 5 C R	— 12 —	R 2 B
T 7 B R	— 13 —	T 1 R
P 5 R	— 14 —	B 4 B D
C 2 D	— 15 —	P 3 T R
B 4 T R	— 16 —	P 6 D x d.
R 1 T	— 17 —	P × P
C 3 C D	— 18 —	B 5 C D (*d*)
P 3 T D	— 19 —	P 4 C D
P × B	— 20 —	P × B
C 5 B D	— 21 —	D 8 D x
T 1 B R	— 22 —	D 5 C R (*e*)
D 7 B R	— 23 —	D × B
D × T	— 24 —	C 2 D
P 3 C R	— 25 —	D 5 C R
D 7 R × C	— 26 —	D 7 R
P 6 R	— 27 —	D 4 R
D 7 B R	— 28 —	D 4 D x
R 1 C	— 29 —	D 5 D x
R 2 C	— 30 —	D × P
R 3 T	— 31 —	D × P
P × C	— 32 —	D × C
P × B (f. D.) x. dp.	— 33 —	R × D
T 1 R	— 34 —	abandon. (*f*)

(*a*) Lance novo que não é melhor nem peior do que 6 uzual 3 — P 3 B D.

(*b*) Fraco. Era preciso jogar 3... P 3 R.

(*c*) E' já difficil indicar uma continuação sastisfactoria.

(*d*) E' indispensavel que este B. fique tanto tempo quanto possivel na diagonal 6 T D — 1 B R. Si 18... D 8 D x, 19 — T 1 B R.

(*e*) Si 22... D 1 D, 23 — P 6 R e o ataque das Brancas deve triumphar.

(*f*) Levitski conduziu toda esta partida de um modo correcto e bellissimo.

(*Notas de Levine.*)

***

F. MENDES DE MORAES FILHO. — Seus problemas são sempre magnificos. Os que nos enviou desta vez não fazem excepção á regra. Agradecidos.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 52 (*H. de Barros e Azevedo*): B 3 B D.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

«*Sabres* e Togas.: a autonomia judicante militar», pelo advogado Helio Lobo.

—«*Quarto* volume dos boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fóra, de janeiro a junho de 1905,» pelos drs. José Nava e José Rangel, seus redactores.

—«*O* Brazil e o pan-americanismo» por um ex-monarchista; officinas da livraria Americana; Rio Grande, 1906.

ANNO III — Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1906 — Num. 88

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Está muito preoccupada a imprensa carióca com o acolhimento fidalgo, a hospedagem dos illustres representantes das duas Americas, concurrentes ao proximo Congresso Pan-Americano.

Não temos palacios, não podemos recorrer á gente aristocratica para nos emprestar as suas vivendas de ares sumptuosos ; não temos hoteis, como demonstrou «A Tribuna», numa interessante reportagem sobre esse genero de habitação essencial, indispensavel ás cidades cultas. Os aposentos disponiveis estão tomados ou vão ser cruamente explorados, na proporção dessa necessidade accidental, augmentados os preços formidaveis na razão da procura anormal.

Além disso, a maioria dos nossos hoteis não reune as condições de asseio e conforto devidos a tão finos personagens : não poderemos indicar-lhes o Hotel Caboclo, nem leval-os para uma dessas pocilgas envernizadas de fresco, pintadas de verde, condecoradas com o titulo de grandes hoteis, estabelecidos em velhos pardieiros aproveitados, adaptados aos remendos, cheios de parcos moveis velhos, de uma pobreza repugnante ; não poderemos recommendar-lhes um hotel situado em aprazivel, em pictoresco declive da montanha dentro da cidade, quando elle é mantido e dirigido por um cidadão, conhecido vulgarmente por José dos Porcos.

Onde collocaremos os nossos visitantes, de maneira a lhes inspirar uma agradavel impressão de sua rapida passagem pelo Rio de Janeiro, uma vez que não basta abarrotal-os com o magnifico espectaculo da nossa deslumbrante «naturaleza», com as classicas excursões á Tijuca, ao Corcovado, a Petropolis ?

Essa preoccupação deveria ter occorrido desde o dia em que ficou resolvida a reunião do congresso no Rio de Janeiro. Deixámos tudo para a ultima hora ; contámos, conforme os nossos habitos de imprevidencia, com os recursos improvisados no momento extremo ; é natural que nos contorçamos, agóra, nos apertos de um vexame irremediavel.

Deveriamos saber que somos um povo pobre, sem costumes sumptuosos, vivendo modestamente, sem exterioridades faustosas, uma ou outra vez interrompidas por exhibições de pechisbeque, raras e ridiculas ; deveriamos ter percebido, por ser demasiado notorio, que não temos material para as pompas desses momentos solemnes, como devem ser os de uma visita de nações, que véem, pelos seus representantes, a nata dos seus diplomatas, dos seus homens notaveis na imprensa, na sciencia, nas lettras, apreciar, «de visu», o nosso progresso mental e material, o gráu de cultura da nossa sociedade, os nossos habitos de povo civilisado.

Não temos, nem mesmo o ordinario, o estrictamente indispensavel, para essas recepções de caracter internacional. Não temos carruagens, não temos cavallos, não temos lacaios, não temos creadagem : falta-nos absolutamente tudo o que se exige de mais comesinho para o esplendor das festas, dos obsequios dessa ordem. E essa falta não se póde remediar, do pé para a mão, como faria um burguez surprehendido por visita de elevada categoria, mandando pedir aos visinhos as toalhas e os guardanapos limpos, a louça, os talheres e algumas cadeiras que suppram a deficiencia da mobilia.

Devemos, entretanto, observar que essa pobreza não nos deshonra, como não deshonra a ninguem viver como póde, dentro dos recursos de seus haveres, ou conforme os nossos habitos de gente simples, sinceramente desprendida de pretenções luxuosas, em geral limitadas á estreita área do lar, ao delicioso bem estar tranquillo e modesto da familia.

Não temos economias que nos facilitem ostentações caras, ou as nossas economias, em grande parte, emigram, como acontece em todos os paizes de exploração, offerecendo magnificos resultados ás aventuras da immigração. Os lucros das grandes emprezas, das extraordinarias operações industriaes, revertem para a origem dos capitaes que as promoveram e fecundaram, capital estrangeiro. capital que, embóra radicado ao sólo, não se desnacionaliza, permanece como um dren colossal atravéz do Atlantico.

A immigração que fica, que se mistura com o elemento indigena, é da mais humilde procedencia, é composta de camponezes, de operarios ou da infima classe desbordante dos grandes centros de população europeus ; ella facilmente se assimila aos nossos habitos patriarchaes, de simplicidade profundamente conservadora e feliz.

Não temos aristocracia. As sementes della transplantadas, na phase colonial, pelos donatarios, pelos grandes senhores, pelos favoritos dos governos da metropole, ávidos de ouro, de especiarias ; essa promiscua semente de heróes, de bandidos, de homens illustres, degenerou, á erosão do tempo, do clima, das estranhas condições do meio ; disper-

sou-se, perdeu-se, deixando como vestigios de sua florescencia brilhante e ephemera, tradições de nomes retumbantes, apagados, pouco a pouco, no conjuncto de allianças humildes, vestigios faustosos, attestados pelos casarões decaídos de sua serventia gloriosa e lentamente transformados em casas de pensão, em estalagens, de todas as categorias, invadidas por um exotico povo de libertos, de operarios, que levam comsigo todos os tristes sedimentos das pobrezas, ou as nojentas secreções da miseria.

Os argentinos teem fausto pela simples razão de terem já a sua aristocracia plutocratica, como a teem os americanos do norte; teem vida luxuosa com todos os requintes dos gozos das grandes capitaes européas, porque produzem mais, consideravelmente mais, com os seus cinco milhões de habitantes, do que nós com os nossos dezoito milhões de almas, conforme as estatisticas eternamente imperfeitas, erradas ou hypotheticas. Elles hospedaram o sr. Campos Salles no palacio Devoto; hospedarão o sr. E. Root no esplendido palacio Anchiorema, um primor de riqueza, de architectura, de conforto.

Nós, para dizer a verdade núa e crúa, somos uns pobretões tristes, dispersados no mais rico paiz do mundo: não podemos dar o que não temos. Consolemo-nos á nossa modesta condição, aos nossos parcos recursos, recebendo os nossos preciosos visitantes de braços abertos, numa sincera effusão de alegria pela sua bôa vinda. Elles que se arranjem, que se acommodem como puderem, e ignorem as faltas.

A casa é pobre, é pequena; não é de galizías, mas o nosso coração é immenso, tem logar para todos.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA.

19 DE AGOSTO

Foi, em toda a nossa pictoresca e commovente andança, o dia mais impressivo. Logo cedo, mandei roçar e limpar um grande trecho do alto do barranco elevado, para que as espias pudessem ser estendidas e aladas livremente.

Para dar-lhes volta, mandei fincar páus roliços e fortes na encosta da collina, bem defronte e acima da grande quéda de Cuiecúi.

Os moradores souberam, de vespera, que a lancha ia tentar a passagem e espalharam-se ao longo da ribanceira, na costa pedregosa e ingreme, e nas encostas, escolhendo pontos favoraveis para assistirem á nossa lucta, da qual poderia resultar a victoria ou um desastre.

Muitos alli fôram, como os que vão testemunhar os ultimos momentos dos justiçados, oscillando entre a pena e a curiosidade de uma desgraça.

O Manoel Pedro e eu já haviamos estudado a manobra. Eram tres as espias que deviam ser aladas por cincoenta homens de bôa vontade. O Alencastro estava com elles, animando-os e dirigindo-os.

Havia uma quarta, destinada a impedir que a lancha, impellida pelas correntes, ganhasse o largo.

O Manoel Pedro manejando o leme, o indio Andréaçú a esparrela. O Osorio, na sua machina, o Macario, no fogo, e eu, com as minhas esperanças, compunhamos a guarnição da *Araujo*, fundeada no porto de baixo.

Tudo prompto e o manometro marcando 60 libras, mandei largar.

Subimos de vagar pelo remanso até perto da *pancada* grande.

Era preciso, para evitar as suas coleras, afastarmos-nos um pouco das penedias da costa. Mandei «atráz e devagar», emquanto o Manoel Pedro se esforçava no leme para ganhar o *lizo*, o *fio da corrente*.

Abaixo de nós, as aguas arrebentavam de encontro aos penedos em desordem, espadanando em resacas violentas como nos parceis do oceano em dias de temporal.

Quando o velho pratico julgou conveniente, fez-me signal. Mandei parar. Nesse momento, só as espias impediam que nos espedaçassemos.

Foi um instante. Mandei «adeante, a toda força», e eu proprio abri a valvula do apito convencional, para alarem as espias. A lancha entrou vibrando na cachoeira. As aguas invadiam-na, aos cachões, pela prôa e pelas amuradas. Entre nós e a costa, rugia, abrindo-se em largas espias, um abysmo medonho, que nunca se fechava.

Quando ganhámos o *lizo*, o Manoel Pedro apontou com o labio inferior, para a amarra que nos prendia á terra, e disse—é preciso cortal-a.

Decepei-a de um golpe de macheta. A minha força parecia duplicada. Com a prôa para o largo, quasi nada adeantavamos. As espias vibravam cada vez mais tensas. Soldados e indios alavam com vontade, animando-se com gritos e dando volta aos mourões. O momento era critico. Um arranco ainda e galgariamos a crista alva do despenhadeiro, que se movia em rolos de espuma.

Já estavamos quasi no alto. Era extrema a minha anciedade. Apitei uma, duas e tres vezes. Era um signal. Os indios curvaram-se sobre as espias e puxaram mais e mais.

A tensão era maxima e vibravam em estalos. Estourou uma, perto do mourão, onde lhe davam volta, e desceu formando immenso seio, que parecia arrastar-nos para baixo. Cortei-a de um golpe, e percorreu-me o corpo um calefrio.

Perguntei a mim proprio, no segredo da consciencia:—Que fazer?

Seguir adeante — foi a resposta. Apitei e apitei muitas vezes e acenei com o lenço, com o chapéo, com os braços... Os homens comprehenderam a minha anciedade e, quasi deitados sobre as duas espias que restavam, fincando no chão os pés robustos, alaram e alaram.

Rompeu-se outra.

Cortei-a tambem de um só golpe e ella desceu contorcendo-se como uma sucurijú phantastica.

Só restava uma, e estavamos quasi galgando a crista da cachoeira... As aguas ruidosas entravam espumando em borbotões na lancha, que parecia agachar-se e já não se podia ouvir o ruido da helice, porque a pôpa estava toda mergulhada. Era difficil andar no convéz, tal a sua inclinação. Mulheres e homens em terra caíram de joelhos e com os braços levantados para o céo gritavam:—Misericordia!

A cachoeira parecia ir torcendo a pobre lancha de ferro, que se adernava ainda e sempre. Tudo parecia perdido.

Gritei ao Macario — mais lenha na fornalha — e ao Osorio — mais força ainda, si puder.

Aos homens de terra, soldados e indios, confundidos no mesmo esforço, acenei e bradei, esguelando-me:

— Puxa, puxa, peciki, peciki, kirimbáu, força rapazes.

A minha vóz era dominada pelo ronco atroador da Curucúi.

Apitei seguidamente. Já estava impaciente.

Andreaçú havia abandonado a esparrela por não poder mais manobral-a. A pôpa estava mergulhada, e abaixo os escarcéos se espedaçavam de encontro aos rochedos, que emergiam negros da superficie revolta das aguas espumantes. O Manoel Pedro mantinha-se frio e calmo no leme; parecia não ter perdido a esperança.

Que bôa era a minha indiada! Fez um esforço supremo e a espia tambem era bôa e forte: resistiu.

Vi a lancha avançar lentamente e depois a prôa abaixar-se. Tinhamos chegado ao alto e vencido.

Seguimos, placidos, ao proximo remanso. Pude respirar desafogado. Estava tranquillo e contente. Impossivel descrever a minha gratidão áquelles homens rudes e esforçados, que tanto fizeram por mim naquelles transes difficeis. Felizmente, não esqueço aquelles que me ajudam. Deviam estar fatigados do esforço que fizeram naquelles dias. Era preciso dar-lhes algum repouso.

Licenciei-os até os primeiros dias de setembro. No dia 4, estavam todos reunidos no povoado.

No dia 5, dissipou a cerração, que se apresentára muito densa desde o amanhecer, desamarrou-se a lanha, ja toda limpa e garrida, prompta para a viagem do remanso, onde sáe o pequeno igarapé *Machiacá*, que é o carióca de que se orgulham os *sãogabrieluáras*. Saín costeando de espaço a margem esquerda, até entrar no grande remanso marulhoso da famosa cachoeira da Fortaleza.

A manobra era subir por elle arriba, o mais que fôsse possivel, para não descaírmos muito na travessia para a margem opposta e podermos passar acima duns cachopos muito perigosos, que emergem do leito do rio a juzante do sitio do velho Manoel Pedro.

Era muito conhecida delle essa manobra, pois passava muitas vezes, e á noite quando precizava, de uma para a outra margem.

O unico risco, mas este muito sério, era o de baixar a pressão rapidamente quando a lancha chegasse ao meio do rio e ser levada irresistivelmente aguas abaixo em velocidade vertiginosa e arrojada sobre os parceis, onde a sua perda seria inevitavel. Valia-nos muito não ser muito extensa a travessia. A largura do rio alli não ia muito além de trezentos metros. Impellida pela machina a toda a força e pela grande corrente propicia do remanso, a lancha ganhou muita velocidade e assim entrou garbosa, arrostando impavida os rebôjos e marouços da Fortaleza e corcoveando como em mar alto.

O pezo das aguas, entretanto, era enorme e ella não tinha força bastante para a lucta. Começou a descaír. O velho esforçado e calmo mantinha a prôa sempre para cima. Descaía rapidamente.

O Macario enchia a fornalha de lenha escolhida, e o machinista dava todo o vapor e carregava as valvulas.

O momento era critico. A agulha do manometro movia-se fatalmente para a esquerda. De 55 passou, em pouco tempo, a 50, a 45, a 40, a 35; e já viamos as ondas espumando, espedaçarem-se sobre os penedos muito proximos. Precipitavamos-nos a um naufragio inevitavel. Parecia não haver remedio á nossa situação.

De subito, a lancha desceu mais velóz e difficilmente o Manoel Pedro pôde aguentar o leme: foi preciso que eu corresse a ajudal-o a manter a prôa para cima. Estavamos quasi sobre os parceis perigosos.

O velho indio olhou-me e sorriu. Ella parava, equilibrada no remanso duma rocha submersa, cuja sombra escura mal viamos quasi á flôr das aguas.

Elle tudo previra e para salvar o vaporsinho, manobrára para alli. Alguns indios que elle levava a bordo, prevendo, talvez, aquillo, saltaram sobre a pedra e aguentaram a lancha com uma espia, emquanto a pressão subiu a 60 libras. Passámos rente á pedra e ganhámos a margem direita, acima dumas cachoeiras muito perigosas. Dalli para cima, havia ainda passagens perigosas, mas a nossa lanchinha não lhes dava mais importancia, porque já estava muito pratica. Houve algumas, que transpoz sem o auxilio das espias.

Parámos no sitio do Manoel Pedro, onde elle embarcou uns cachos de bananas para o seu mingáu da manhã, e mostrou-me com orgulho a sua farda de soldado, que guardava num patuá e que eu olhei com respeito e sympathia. Logo depois, saímos, tendo de vencer, á espia, uma corredeira muito forte. Cortámos por fóra da cachoeira do Temáuabo e ganhámos o remanso da grande pedra do Pacú, onde parámos afim de pôrmos uma espia para uma ilhota fronteira. Dalli passámos entre duas ilhotas e atravessámos novamente para a margem direita, em direitura ao sitio do Candido, donde seguimos para o remanso dumas pedras ao meio do rio. Atravessámos para a margem direita e fômos saír acima do sitio do João da Gama. Subimos pela mesma margem e fizemos prôa para a ilha de Boia-quára. Dahi passámos para outra, que lhe fica acima e defronte de S. Miguel. Buscámos o remanso da cachoeira de Boia-quára e a montámos com muita difficuldade. Continuámos sempre pela margem direita, ora aproveitando os remansos, ora atravessando para as ilhas proximas, onde havia correntezas fortes junto á costa firme. De ilha em ilha, chegámos á de Acutiáua, donde passámos para a ponta de Bôa-Vista.

Costeando a margem direita, chegámos á ponta do Cabary. Dalli aproámos para a ilha proxima, que fica bem ao meio do rio e della atravessámos para a margem esquerda, por onde navegámos até á barra do igarapé Umariary. Ahi passámos a noite, de fogos abafados, para podermos saír de madrugada.

No dia seguinte, 6 de setembro, saímos muito cedo. Fômos vencendo com difficuldade as corredeiras que iamos encontrando. A's 7 horas e 30 minutos da manhã, passámos defronte da cachoeira de Carangueijo. A's 9 horas, enfrentámos com a bocca do grande Uaupéz, o maior affluente do Rio Negro, considerado o seu celleiro, porque o habitam tribus numerosas de indios tucanos, tarianos, cubeos, omáguas e outros, que são industriosos e trabalhadores.

Estava superada a zona encachoeirada do Rio Negro, sem um desastre a lamentar. No dia 9, pouco depois de amanhecer, chegámos a Marabitanas com a lancha embandeirada e apitando, levando a reboque algumas canôas cheias dos indios que nos ajudaram com tão bôa vontade e pericia, sacrificando, a cada instante, as vidas nas aguas revoltas e profundas do rio.

O chefe e os companheiros receberam-nos com mostras evidentes de satisfação. Eu estava contente por ter prestado mais um serviço ao meu paiz.

Dentro de poucos dias, a lancha sulcava as aguas de Venezuela, deixando atraz o cerro de Cucuhy, todo escalvado e de granito, em cuja falda morou um afamado *tuichaua* do mesmo nome, que muito se assemelhava ao grande rei Salomão, não pela sabedoria ou magnificencia, mas pelo excessivo pendor para a polygamia.

Era nessa epocha, como ainda hoje é, um ponto notavel da nossa fronteira com Venezuela. No Cucuhy, estava o vertice do angulo formado pela linha que partia da cabeceira do rio Macacuny e da que seguia para léste até á cachoeira de Húa no Maturacá.

Depois do laudo arbitral da Hespanha em favor da Columbia, deixou Venezuela de ser nossa lindeira a oéste do Rio Negro.

O nosso posto militar de Cucuhy estava pessimamente situado na margem direita, abaixo da ilha de São José. O destacamento compunha-se de uma duzia de praças, commandadas por um official, que se occupava quasi nada da disciplina e muito do seu ne-

gocio. Assistimos envergonhados scenas humilhantes, que provocaram a reprovação geral dos membros da commissão e um officio do nosso chefe ao commandante das armas da provincia, pedindo o castigo daquelle official. O Governo mandava pagar ás praças de pret a etapa em dinheiro, em um logar onde nada havia para comprar. Dahi resultou que o commandante se fez fornecedor e armou uma venda em sua propria casa, onde elle proprio vendia, por preços fabulosos, pedaços de toucinho, rodellas de fumo de corda e martellinhos de cachaça, provocando reclamações dos soldados, que achavam sempre as coisas mal pezadas e mal medidas.

Saí desgostoso com tanto aviltamento da nossa nobilissima profissão e ficou explicado o facto singular que sempre me excitou a curiosidade, dos empenhos para commando desses destacamentos em logares tão desertos, sem recursos, longinquos e insalubres.

Dois dias depois de deixarmos a fronteira, chegámos á povoação de São Carlos, decorada com o pomposo titulo de cidade, quando não passava de umas duas duzias de casas, com tectos de palha e uma alfandega, que estava quasi sempre vasia. Os povoados venezuelanos do Rio Negro são melhores do que os nossos. As casas são branqueadas com tabatinga. As ruas limpas. Quando o capitão, que é um indiio, está no *canôco* (sitio), é substituido pelo tenente, que é indio tambem. Nenhuma deixa de ter a «casa real», onde são hospedados os forasteiros e cuja mobilia consta de uns dois bancos de páu e um grande e pezado tronco para os delinquentes.

Em S. Carlos, fômos recebidos com toda distincção pelas auctoridades, e approuve-nos immenso conversar com gente civilisada, da qual viviamos, havia muito mezes, afastados.

Mais tarde, a lancha subiu até Marôa, onde esteve muito tempo fundeada.

Até alli ha apenas algumas cachoeiras, que ella, já habituada, transpoz sem novidade.

Lembrei-me de pedir ao meu novo chefe para leval-a pelo Canal Cassiquiare, que eu já havia navegado em canôa, até á sua origem no Orenoco e descer este rio até á sua fóz no oceano.

O Cassiquiare tem algumas cachoeiras, mas menos perigosas do que as de Camanáu, Furnas, Cunecúi e Fortaleza.

No Orenoco, os unicos obstaculos são os caudaes de Atures e Maypures, acima de Ciudad Bolivar, onde passam descarregados as *curiaras* e *piraguas*, (canôas e batelões).

A *Araujo* descel-os-ía certamente.

Além de curiosa, seria uma excursão altamente interessante e util para aquella opulentissima região, cujas solidões parecem fechadas á civilisação.

Faça-a outro, já que eu não pude fazel-a.

Entre pela bocca do Amazonas, suba-o, entre pelo Rio Negro e vá até á fóz do Canal Cassiquiare, remonte-o até á sua origem no Orenoco e desça por este rio immenso até ao oceano.

Dará assim uma volta a vapor em torno da grande ilha da Guyanna.

Não é impossivel, porquanto a parte mais perigosa da longa travessía já foi feita pela lancha *Araujo*, toda de ferro, cheia de defeitos e calando muito.

DIONYSIO CERQUEIRA.

ARMADA NACIONAL

Os machinistas — Ignorancia e má vontade. — A rotina — A indagação das causas da ruina do nosso material naval. — A divisão branca, a sua viagem ao Prata. — Os seus tristes fiascos. — A divisão do norte. — O confronto da sua marcha com a dos navios mercantes—Factos e mais factos.

Do pessoal que mais, e directamente, interessa ao valor da nossa esquadra, falta-nos apenas estudar o quadro de machinistas, e, analyzando-o, chegaremos a resultado, pelo menos tão triste quanto o fornecido por todos os outros. Não precizaremos mais, para provar tal asserção, do que fazer saber que todos os navios da armada estão longe de poder alcançar as velocidades primitivas, e quasi todos estão constantemente com as machinas a pedir concertos.

Não póde ser a edade dos navios a causa de tal facto, porquanto isso se dá não só com os antigos como com os mais modernos dos vasos da nossa esquadra ; demais, paquetes das companhias nacionaes de navegação, alguns de edade incomparavelmente maior do que o geral dos navios brazileiros, e tendo estado sempre em serviço, conservam, apenas com inapreciavel differença, as velocidades primitivas, e, salvo casos excepcionaes, só depois de 16, 12 e mais annos de serviço effectivo, suas machinas requerem reparos.

Não se póde ainda attribuir a má qualidade das caldeiras e machinas a causa da quéda de velocidade de todos os nossos navios e dos estragos constantes nas mesmas machinas ou caldeiras, porquanto si em alguns vasos são essas de modelos abandonados ou condemnados, em outros, ellas são excellentes.

As causas principaes do máu estado das machinas e consequente diminuição do valor de todos os nossos navios, são incontestavelmente a ignorancia e a má vontade da maioria dos nossos machinistas ; as excepções não são muitas, e ainda aqui, quanto á ignorancia, ellas se tornam menos escassas á proporção que descemos na escala. Quanto á má vontade, as excepções são rarissimas. Como causa ainda importante, junte-se a desidia das administrações fechando ouvidos a avisos e reclamações justas e consideraveis ; como causa secundaria, pelo numero de vasos em que se patenteia, a má qualidade das machinas.

A ignorancia que apontamos é aqui, como no quadro de officiaes da armada, até certo ponto desculpavel.

Não foi nesse ramo de conhecimentos, que os progressos que assignalámos já, por vezes, se fizeram sentir com menos intensidade, e ao desenvolvimento dos melhoramentos, não correspondeu um progresso necessario no estudo das machinas. A organisação do ensino na Escola de Machinistas é lamentavelmente deficiente e viciosa, e, terminado o curso escolar, a pratica que os machinistas encontram é tambem pouca e não lhes permitte quasi estudo, porquanto, logo que entram a bordo de um navio, são já profissionaes, sem terem nunca feito embarque de aprendizagem. As caldeiras mais modernas, os mais aperfeiçoados e complicados mechanismos cáem-lhe, sem prévio estudo, sob as mãos inhabeis, e esses que véem da escola teem a bordo, pois, necessidade de mestres e não os encontram, porque tambem aos machinistas mais antigos, são praticamente desconhecidos quasi todos os melhoramentos. Junte-se ainda a escassez relativa de officiaes-machinistas, até certa epocha, e a consequente necessidade de, em curto lapso de tempo, passarem por muitos navios, sem poderem assim estudar os aperfeiçoamentos nos vasos em que esses aperfaiçoamentos fôram

introduzidos, e comprehender-se-á bem a ignorancia que apontamos.

O serviço dos officiaes machinistas é não só muito penoso, como o mais penoso dos serviços de bordo. E' necessaria uma muito nitida comprehensão do cumprimento do dever, para que todos a elle concorram espontaneamente; tal comprehensão, por tudo quanto temos dito sobre a armada brazileira, é quasi uma utopia. Seria, pois, imprescindivel, para que por todos os machinistas fôsse o serviço de machinas feito com egual esforço, já que não com bôa vontade e competencia, uma disciplina forte e bem comprehendida: essa é tambem quasi uma utopia; raramente, os machinistas-chefes e os mais antigos em relação aos mais modernos, dispõem de força moral; nem ao menos a falsa, a ridicula disciplina que geralmente os nossos commandantes implantam a bordo, os machinistas mantêm entre si, e essa mesma disciplina deixa de existir entre estes e o commandante do navio, quando se passa ao terreno technico porque o ultimo, em geral, é vergonhosamente ignorante a respeito de machinas, e teme até os machinistas.

Assim a má vontade destes expande-se livremente; as machinas são quasi abandonadas; só o que está exposto ao primeiro golpe de vista, vive limpo e brunido, isto é, apparentemente bem conservado.

Ainda agóra apresentaremos factos, que falam mais alto do que as nossas considerações.

A divisão branca, que em 1900 levou ao Prata o presidente Campos Salles, compunha-se do *Riachuelo*, *Barroso* e *Tamoyo*, navios cuidadosamente aprestados para aquella viagem; entretanto, a divisão chegou a Buenos-Aires com um dia de viagem além dos previstos, e, em viagem de regresso, o *Riachuelo*, a despeito duma experiencia em que realizára 16 milhas de marcha, por momentos não conseguiu andamento superior a 8 milhas! O *Tamoyo*, que chegára da Europa no anno anterior, e que em suas experiencias tinha alcançado 22 knots, teve, por vezes, de parar quasi, deitando apenas 3 de velocidade!

Nessa viagem, de regresso, verificado que a divisão não alcançaria o Rio sinão um dia depois da data prevista, destacou-se esse mesmo *Tamoyo* para dar de Santos o aviso dessa demora. Pois bem: o *Riachuelo* e o *Barroso* chegaram ao Rio com as 24 horas de atrazo e o modernissimo *Tamoyo* ainda não havia chegado a Santos—a tempo de dar a noticia desse atrazo!

Em 1903, navios julgados promptos constituiram a «Divisão Naval do Norte», que, em caso de guerra imminente, partiram do Rio para defender as aguas do Amazonas. (!) Apezar disso, apezar da urgencia que a situação comportava, a divisão gastou do Rio de Janeiro a Manáos, —é incrivel, senhores!—mais tempo do que leva um paquete do Lloyd Brazileiro a fazer a viagem redonda entre esses mesmos portos, com escalas por todos os intermediarios! Occasiões houve em que a divisão não andou mais de duas milhas, e fôram numerosas as arribadas, devidas, exclusivamente, a avarias nas machinas!

O *Carlos Gomes*, antigo *Itaipú*, andava no tempo em que pertenceu á casa Lage & Irmãos, de 13 a 14 milhas. Menos de dois annos depois de vendido ao Governo, tinha como velocidade maxima 8 milhas!

***

Muitos são os casos de caldeiras queimadas, ou devido a depositos ou a falta de alimentação; entre todos, sobresáe o do *Republica* em 1902; responsabilizou-se um dos machinistas; este foi, em ultima instancia, absolvido, e foi outro, reconhecido no correr do processo como responsavel, mandado submetter a conselho de guerra; foi depois tambem absolvido.

Resultado esperado: não houve responsaveis pelo desastre.

O *Andrada* teve, em tres annos de serviço na marinha de guerra, a sua velocidade diminuida de 14 para 9 milhas. Vindo em 1903 do Pará para Pernambuco, teve alguns bronzes da machina tão aquecidos que chegaram a fundir-se!! O machinista de quarto, dizem, ceiava na occasião; as auctoridades de bordo tiveram conhecimento de tal facto, e silenciaram. Nessa mesma travessia, o navio arribou ao Rio Grande do Norte, por falta de carvão, apezar de se terem municiado as carvoeiras no Pará, e ficarem abarrotadas, o que permitte ao navio, em más condições, raio de acção superior a 1.500 milhas. (A viagem de Belém a Recife, é de cerca de 1.000).

Na ultima refórma que soffreu, o *Benjamin Constant* foi dotado com uma camara frigorifica; ao cabo de pouco tempo, tornou-se completamente imprestavel.

O *Deodoro* e o *Floriano* receberam em 1902 motores a petroleo para a illuminação electricta; num, o primeiro, o motor quebrou-se por tres ou quatro vezes, até ser julgado inutil; no outro, devido a receio das auctoridades de bordo, o motor conservou-se perfeito, mas o petroleo era constantemente misturado com agua no deposito, conforme se verificou em um inquerito havido a bordo. Entretanto, quer em um quer em outro navio, os motores funccionam admiravelmente sob a direcção de um empregado da casa que os installou.

Estupendo!

***

Factos como esses existem aos centenares; surgem a cada viagem; os que citámos, dentre os que mais facilmente nos acodem, bastam, todavia, para provar que, ainda agóra, não phantasiamos.

Não phantasiamos, não phantasiaremos jámais, por honra da verdade tão á luz e tão espancada pelos patriotas do orçamento. Havemos de, nestas columnas, contar a verdade, custe o que custar, e emquanto os *Annaes* se mantiverem á altura do seu admiravel programma.

Porque—devo dizer agóra—o que nos faltava era uma revista sem os covardes preconceitos, uma revista que, como esta, recebesse todas as opiniões sinceras e fiscalisadoras.

TONELERO.

APANHADOS

Uma accusação ao Sol

Um medico americano, o sr. Woodruff, encetou uma campanha contra o Sol, accuzando-se de maldades que se pronunciam ainda mais quando elle aquece os individuos ou as raças de tez mais clara e de pelle menos pigmentada. Segundo elle diz, só os negros pódem viver impunemente ao Sol; as raças claras, principalmente as louras, devem fugir do astro-rei e morar nos paizes do norte da Europa, onde elle se apresenta mais fraco e pouco peri-

goso. Os seus raios chimicos irritam a pelle e essa irritação póde occasionar a proliferação cellular anormal, que é um dos caracteres do cancro.

O sr. Woodruff cita, para corroborar a sua maneira de pensar, a raridade relativa do cancro na Algeria e na Tunisia, onde a população tem a pelle um pouco escura. Póde-se, porém, fazer observar ao medico *yankee* que o cancro não ataca sómente as partes do corpo que recebem mais immediatamente o calor do Sol. Ainda assim, o sr. Woodruff insiste muito sobre o facto e pede a todos os brancos que se retirem dos tropicos ; essas regiões devem ser abandonadas aos negros ou, pelo menos, ás outras raças de pelle mais escura.

O norte para os brancos, o sul para os morenos, os negros, os amarellos e vermelhos—tal é a estranha conclusão do professor *yankee*.

***

A doença dos cães Ha alguns annos, os sabios impacientes tinham preconizado a vaccinação como o melhor dos meios, pelo menos o mais certo, de preservar os cães da hydrophobia. As numerosas applicações do novo processo não deram resultado e o problema ainda não ficou resolvido. O sr. H. Carré continúa a estudal-o com o methodo imposto pelo verdadeiro sentido da critica scientifica e acaba de communicar á Academia de Sciencias, de Paris, os resultados das suas ultimas observações. Elle isolou uma cadella em rigorosas condições de asepsia ; os cãesinhos tendo sido garantidos de qualquer infecção exterior, receberam, pelas vias digestivas, a mucosidade dum cachorro doente. Uns morreram rapidamente, sem deixar nenhum signal de affecção secundaria ; outros resistiram mas ficaram com lesões diversas. Parece, pois, provado que a doença dos cães é devida a um *virus* especial que izola o animal de outros microbios e que é o unico e caracteristico principio da hydrophobia. E' um caso bem importante, e o sr. Carré, fixado na orientação das suas pesquizas, parece que em breve achará o meio de prevenir a acção do *virus* que mata tantos cachorros.

***

Um meio de evitar o enjoo Um allemão, o sr. Robert Otto, descobriu um meio de combater o enjôo. Já o tem posto em pratica, com successo, no *Patricia* e em outros navios allemães.

A invenção consiste numa cadeira de balanço animada dum duplo movimento de trepidação horizontal e vertical, occasionado por um pequeno motor collocado entre os pés da cadeira. Teem-se nessa cadeira as mesmas sensações que se experimentam num automovel que corre com toda a velocidade, e a theoria é que as pequenas vibrações rapidas do balanço levam para longe as grandes ondulações do navio e as tornam minusculas, pelo menos aos olhos da pessôa que está sentada na cadeira, e os effeitos dessas ondulações sobre o organismo são nullos. No *Patricia*, entre Hamburgo e Nova York, diversos passageiros indispostos verificaram que, tomando logar na cadeira vibratoria, ficaram, uns depois dos outros, completamente curados. E, coisa curiosa, basta ficar sentado uma vez na interessante cadeira para se fazer uma longa travessia sem se sentir enjoado ; é, pelo menos, o que se observou na maioria dos casos.

***

Um peixe curioso O capitão Harding, voltando de Cacutta, pescou um peixe interessantissimo, um verdadeiro papagaio do mar. Está exposto, actualmente, em Londres, e mede 40 centimetros de comprimento e 60 centimetros de circumferencia. Esse peixe, de fórma bizarra, coberto de pequenas barbatanas duras e pontudas, pertence ao genero *labro*, notavel, em geral, pelas suas côres vivas e brilhantes.

***

Um livro de critica O critico de arte, o sr. William Ritter, publicou, editado pelo *Mercure de France*, os *Estudos de arte estrangeira*. Ahi, elle reuniu diversos artigos, muito interessantes, em que critica a litteratura, a musica e a pintura. Encontram-se tambem paginas curiosas consagradas á identificação e á fusão das artes.

O sr. Ritter, no seu novo livro, elogia, um tanto enthusiasticamente, o grande symphonista viennense Gustavo Mahler.

***

O cabello, indicador da saúde Um medico japonez, sabendo que as doenças exercem uma influencia notavel e bem conhecida sobre o crescimento das unhas, tanto no comprimento como na espessura, pergunta si os cabellos não seriam tambem atacados pelas molestias. O resultado das suas investigações é que toda molestia geral diminúe o diametro dos cabellos. A camada medullar póde mesmo faltar e o envolucro peripherico desapparecer tambem. A influencia das molestias é, todavia, mais accentuada nos individuos que teem o cabello grosso, espesso. Nesse caso, é facil, pela simples inspecção dos fios capillares, saber si a pessôa que os possúe, passou, recentemente, por alguma grande molestia geral. O cabello é enfraquecido numa parte do seu comprimento, e essa parte mais tenue é proporcionada á duração da doença. Póde-se dizer, assim, si a molestia foi demorada ou curta.

E' um facto que póde ter importancia, por exemplo, numa questão de identificação. No ponto de vista biologico, é muito interessante accentuar que o cabello se modifica como as unhas.

***

O dr. Lapponi e o spiritismo A sciencia, o catholicismo e o spiritismo parece conciliarem-se de um modo inesperado ante o procedimento do medico de Pio X. O dr. Lapponi acaba de publicar um livro onde uma quantidade de *factos* spiritas, perfeitamente comprovados e apresentados com uma copiosa documentação, deixa concluido que se póde ser catholico, sincero e dedicado, e, ao mesmo tempo, praticar o spiritismo.

«Porque, escreve o dr. Lapponi, no mundo supra-sensivel, os sêres não poderão ter — e o teem realmente — affeições e desejos voltados para o mundo inferior que os acolhe e onde deixam pessôas e coisas que lhes são caras ?»

***

O caso de Fogazzaro Ha um caso bastante curioso de liberdade de consciencia : é o que apresentam, agóra, as chronicas empenhadas na attitude guardada por Fogazzaro deante da censura theologica do seu ultimo trabalho, *Il Santo*.

Sabe-se que Fogazzaro se curvou ante a reprovação solemne que lhe foi imposta pelo soberano pontifice, e declarou que seu espirito catholico não lhe permitte a liberdade de discutir uma ordem vinda de tão alto.

Sendo Fogazzaro membro influente do Conselho Superior de Instrucção Publica, na Italia, varios universitarios protestaram perante o governo, dizendo que não podia dirigir a instrucção de um Estado livre, um homem que mostrára tão pouca altivez deante da condemnação de suas proprias opiniões, expressas nas suas obras.

Fogazzaro defendeu-se, allegando que procedia como seu heróe — *Il Santo* — teria feito em identicas condições. Apenas um dos universitarios fôra favoravel ao romancista, appellando para o principio de que cada qual é livre nos actos de sua consciencia.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro trimestre de 1906.

UM POEMA DE BYRON

VERSÃO DO SR. PARANAPIACABA

Dos poetas modernos, aquelle de quem os criticos e artistas, philosophos e litteratos teem mais falado; uns com crueza, outros com enthusiasmo; todos, porém, admirando-lhe as magnificencias da poesia, as bellezas das imagens, os primores da versificação, a sublimidade da inspiração, as opulencias das idéas, as purpuras da linguagem, as torrentes da harmo- e a supremacia do genio é lord Byron.

Elle derramou na alma do seculo XIX os fulgores e os horrores da consciencia humana e uma alluvião de emoções, que nunca havia sentido.

Emquanto os outros poetas do seu tempo, quasi iam sendo esquecidos, dormindo em gloriosos tumulos, envoltos pelo silencio da solidão, o cantor do *Corsario* passa por prodigiosas e continuas transformações. O tumulo não é para elle o *nada*; é, pelo contrario, a perennidade da vida, a renovação da gloria.

Nesse Thabor de sua grandeza, resurge redivivo, e cada vez mais grandioso.

Nas litteraturas dos povos cultos, os poemas de Byron reapparecem, e nessa resurreição continua, operam-se como que os milagres da natureza divina do seu genio.

A universalidade de suas creações está mostrando que o espirito do auctor de *Giaur* e *Parisina* é o mais vasto e o mais comprehensivo de todos os soberanos da lyra.

Nem Homero ou Eschylo, nem Dante ou Shakspeare, nem Goethe ou Lamartine, nem Victor Hugo ou Schiller sabem, como Byron, vibrar os sentimentos nas reconditas fibras dos corações.

Todos o entendem, o escutam, o amam e admiram, o detestam e o adoram. Os scepticos, mirrados pela indifferença; o atheu, em seus desvarios; os desgraçados, sem qualquer esperança; os felizes, para os quaes a vida é uma prolongada alegria; todos acham nas poesias de Byron a expressão das tenebrosas cogitações do seu espirito, ou a vóz seductora que os delicía... O genio deste poeta é, devéras, omnipotente, porque conhece o segredo das multiplas paixões da especie humana.

Não admira, pois, que as obras do lord inglez sejam traduzidas nas litteraturas dos paizes civilisados. Elle é como que um poeta nacional; não é dessa nacionalidade que se encerra dentro de fronteiras estreitas e acanhadas, mas da do espirito, que confraterniza com homens de diversas raças e regiões. E' a nacionalidade vasta, immensa, como o pensamento:

Não ha uma nação, onde as lettras tenham cultores, que deixe de ler *Manfredo* ou *Mazeppa*, *Giaur* ou *Child-Harold*, o *Corsario* e *D. Juan*.

As litteraturas recolhem taes obrao como gemmas preciosas, caídas de diadema do soberano de deliciosos s divinos carmes.

Por toda parte os versos de Byron acham interpretes, quer em poetas, quer em prosadores. Em França, por exemplo, suas obras fôram traduzidas por diversos escriptores, como Benjamin Laroche, Paulin Paris e A. Pichot. O eminente critico Villemain escreveu a respeito dellas um estudo profundo, que relembra as eloquentes e fulgorosas lições do professor da velha Sorbonne.

Na lingua de Camões, as obras completas do bardo inglez não teem sido traduzidas. Existem, porém, muitas versões parciaes, que demonstram ter o cantor do *Corsario* merecido o culto dos próceres da litteratura portugueza.

No Brazil, o cantor de *Giaur* fez escola; alguns dos nossos poetas alimentaram-se de sua seiva, viveram de sua inspiração, mórmente no periodo do seculo XIX em que o romantismo foi a theoria litteraria dominante. Era natural. O sopro do genio byroneano inflammava os cerebros, e a litteratura franceza, que, em geral, a portugueza e a brazileira imitam, exprimia as emoções e as idéas do vate anglicano. Nas estrophes de Musset e nos volumes dos romancistas, nas creações estheticas dos artistas, sentiam-se os pensamentos, as concepções, as imagens e colorido da inspiração que vinha das bandas da Escossia.

Será um dom peculiar de Byron reviver não só nas diversas litteraturas mesmo em differentes seculos? Vimol-o colher os saudações ruidosas do seculo passado, e já no começo do actual o filho de Douvres recebe virentes palmas da glorificação, como os heróes antigos sobre o carro triumphal.

***

Entre nós, um poeta de elevadissimo talento faz, em primorosas traducções, resurgir o bardo inglez.

E' auctor dessa nova resurreição o barão de Paranapiacaba.

Já verteu para a lingua de Bocage e de Garrett, os poemas *Giaur*, *Parisina* e *Mazzeppa* e, nestes dias, acaba de publicar a versão do *Corsario*. Em menos de dois annos, a intelligencia do provecto litterato brazileiro provou as energias viris de que é dotado, e tanto mais é admiravel a espontaneidade da producção, quanto se considera a difficuldade de dar aos poemas originaes, em cada uma destas versões, a mesma estructura da metrificação, egual colorido, cálido e brilhante; reproduzir as graças, os lavores, as harmonias e bellezas, creadas pela pujante inspiração do bardo inglez.

Si lhe fôsse dado rever-se nos versos dulciloquos ou vehementes do traductor brazileiro, certo applaudiria jubiloso a propria obra.

Penetrar nas profundezas da alma dum poeta, como o cantor de *Child-Harold*, não é tarefa para simples versejador, nem para grammaticos rubugentos, que só attentam na correcção da phrase e da syntaxe.

E' mistér que o traductor seja inspirado e sinta em si o *Deus in nobis agitante calecimus illo*. Eis ahi porque o traductor brazileiro faz praça da fecundidade do seu talento. Elle não rasteja apenas de longe os surtos flumineos do vate original; tenta, audacioso Icaro, e remonta-se á mesma esphera semeada do lume vivo das estrellas.

Ha entre o auctor original e o traductor certas affinidades indispensaveis; do contrario, a alma dum não sentiria da mesma sorte, nem comprehenderia as emoções dolorosas, as ledices voluptuosas, as idéas flammigeras e os sentimentos de suprema e profunda agonia do monge *Giaur*, errante atravéz das sombrias e solitarias arcadas do claustro.

Byron pôde exprimir nos versos o que *Child-Harold* ou *Giaur*, *Manfredo* ou *Corsario* sentiam ou pensavam, porque os personagens ou heróes dos poemas são *feitos á sua imagem e semelhança*.

Essa identificação do auctor dos poemas e dos heróes produziu estrondoso escandalo na sociedade ingleza.

O traductor, porém, que não se representa a si — por que maravilha de talento, por que intuição luminosa vê, sente, da mesma fórma que o creador do poema original?

A critica, ambiciosa de tudo saber explicar, que pretendesse devassar os reconditos dessas almas impiradas, correria o risco de *abraçar a nuvem por Juno*.

Mas ha outra afinidade, que póde ser explicada: é a parte material da obra em que a mão potente e amestrada do artista encarnou o idéal que lhe irradiava na mente; creou os prodigios que fazem o esplendor das artes e orgulho do pensamento humano.

Não se penetrará na alma de Miguel Angelo, mas todos comprehendem e admiram os traços do seu pincel ou os rasgos do ciuzel; um, que pintou o *Juizo final*; outro, que rasgou e esculpiu no marmore o *Christo abraçando a cruz* ou a estatua de *Bacchus*, que Raphael attribuiu a Phidias

por causa da extrema perfeição (1) que enganou o pintor de Urbino.

Ora, nos poetas, essa parte material, por assim dizer, palpavel, visivel, é a metrificação. Aqui os dois poetas rivalizam, medem-se e egualam-se.

E' assumpto um pouco dubio o comparar duas versificações de idiomas differentes, como do inglez e portuguez, cuja vibração não é a mesma. Todavia, não ha ahi quem, sem ser latino, não sinta a harmonia da *Eneida* e não raconheça que o vate mantuano é o mais dulcisono metrificador da lingua que falaram Cicero e Tacito; que o seu verso melodioso, como o sussurro dos beijos de ardorosos amores, ou melancolico e meigo, qual o *doce amargo pungir da saudade*, — não se compara com a metrificação duramente correcta de Horacio, nem com a tumida pompa dos versos da *Pharsalia*.

O poeta inglez e o traductor brazileiro, ambos são admiraveis versificadores. Como fazer ouvidos affeitos á suavidade da lingua, que diz «*Si e doce no recente ameno estio*», sentir egual suavidade noutra lingua differente; por exemplo, uestes versos de Pope:

«*Regard not then if wit be old or new,*
But blame the false and value still the true»;

ou nestes do *lakista* Coleridge:

«*To meet, to know, to love, and then to part,*
Is the sad tale of many human hearte!»;

finalmente, nos do proprio Byron:

«*There is society, where none entrudes,*
By the deepe sea, and music in its roar.»

Ora, si não é facil comparar a primorosa metrificação do auctor e do traductor, todavia nos é dado dizer como na litteratura ingleza é apreciada a versificação do cautor do *Corsario* e de *Parisina*. Assim, é indispensavel recorrer aos juizes competentes. Um critico affirma: «não foi o menor dos poderes de Byron a sua primorosa metrificação. E' verdade que o *novo* em suas poesias não era sómente a estructura dos versos, era a propria poesia. Depois de Pope e Dryden, a Inglaterra havia possuido mais dum habil escriptor em versos; não tinha tido, porém, um grande poeta. A historia da poesia ingleza mostra hoje uma successão de poemas descriptivos ou didacticos, que falam sómente á razão e o mais das vezes á razão do lar domestico. A sensibilidade em taes versos é uma apparencia fugaz, *um tom da moda*, antes do que o sentir, que revolve o coração pela tristeza das coisas humanas. Estes poetas consideravam como poetico tudo que se diz natural e como natural tudo que passava como tal na temporada em que viviam.

....

Após elles, outros amenos auctores reduziram a poesia a *um jogo de espirito*, excepto Crabbe — que pintou o homem sob os andrajos, na cabana, onde a miseria engendra paixões e dôres desconhecidas. (2) Era essa a decadencia da poesia quando, em 1812, appareceram os dois cantos de *Childe-Harold*, os quaes revelaram á Inglaterra que ella tinha um magnifico poeta. A Inglaterra, no momento de fazer um supremo esforço contra Napoleão, de roldão voltou-se para escutar os versos dum mancebo desdenhador, que, uestes versos vehementes ou encantadores, zombava de tudo que ella respeitava e amava. Os espiritos eram simultaneamente provocados pelo soberbo desdém por tudo que consideravam maxima nacional, seduzidos pelo encanto de tanta força e grandeza entre o fulgor e a profundeza em um prosador tão jovem, que ostentava a liberdade de falar, de criticar e de zombar de tudo sem embaraçar-se com as conveniencias e attenções do *meio social*.»

Eis ahi como a propria critica julgava Byron — magnifico versificador da escola de Pope e de Dryden e poeta de subblime inspiração no meio duma turba de didacticos, descriptivos e *lakistas*, como Wordsworth, Southey, Coleridge, etc.

Este magnifico trovador encontrou no traductor brazileiro espirito que o entende e um mestre consummado na metrificação. Tomemos alguns topicos da versão do *Corsario* para pôr em evidencia a superioridade com que elle interpetra e exprime as profundas emoções do genio inglez.

O *Corsario* é uma figura imponente, em que o lord da Camara dos Pares se disfarça. O *Corsario* vae partir em seu navio para uma longinqua e arriscada empreza. Byron põe-no em scena: vejamol-o na traducção.

I

«Ledas ondas abrindo em mar de azul sombrio,
Sem raia ao pensamento, as soltas o alvedrio,
Nosso intermino imperio e patria é toda a plaga
Em que sussurra a brisa e atira espuma a vaga.
Recebe, qual um sceptro, o nosso pavilhão,
Onde arvorado fôr, signaes de submissão
Passamos, nesta rude e turbulenta vida,
De trabalho ao repouso e deste á nova lida;
Mas sempre com prazer. Tal emoção, ao vivo,
Quem a póde pintar? Não tu, ó vil captivo
Dos gozos sensuaes. Teu animo enervado
Desmaiára ao vae-vem do mar encapellado.
Não tu, vaidoso *lord*, que os teus inuteis dias
Esbanjando em moleza e lubricas orgias,
Não achas attractivo em fruições da terra,
E a quem tranquillo somno as palpebras não cerra.
Quem, salvo o que sentiu intenso aquelle gozo
E sobre os escarcéos dansou, victorioso,
Logrará descrever o jubilo exultante,
Levando as pulsações ardor febricitante
Do audaz explorador que em vasta azul planicie,
Onde ficar não póde um rastro a superficie,
Só por luctar, almeja o embate do inimigo,
E tem por mór deleite o que se diz perigo?
Procurando o que o fraco evita, diligente,
Vendo este desmaiar—nos seios d'alma sente
Renascer a esperança em todo poderio
E mais forte inflammar-se o nobre, innato brio.
Nem nos infunde horror a tua foice, ó Morte,
Uma vez que tambem decime a hostil cohorte.
Menos peza a inacção, que o féro golpe traz
Do que o ocio obrigado e a constrangida paz.
Que importa! Venha a morte quando lhe aprouver!
E emquanto não chegar, permitta-nos, siquer,
Que exgotemos da vida a essencia em taças d'ouro;
Pois tanto val morrer no leito, ou dum pelouro.
Já na decrepidez, da vida aguarde o termo,
Prezo ao catre da dôr, gemendo, o pobre enfermo.
Num ambiente impuro, a definhar, padeça
Abanando a pezada e languida cabeça.
Fresca relva nos dá pousada em seu regaço,
Não do leito febril e triste, angusto espaço,
Se no lento offegar duma agonia infausta
Sólta, penosamente, aquelle uma alma exhausta.
A nossa, dum arranco e num fugaz relance,
Sem custo e livre, attinge o derradeiro transe.
Póde vangloriar ter, depois que dorme extincto,
Da urna e estreito vão, que o cerram no recinto.
O que a vida execrou dourar-lhe póde a lousa.
Si da labuta, alfim, algum de nós repousa
No oceano, que lhe dá mortalha e extremo leito
Pagam-lhe seus irmãos sincero e grato preito
Não farto, mas leal, de lagrimas sentidas,
— A mais doce expressão das ternas despedidas —
Exprimindo a saudade em libação festiva,
Por elle em rubra taça um brinde ergue o conviva.
Resumido epitaphio a nossa gloria narra
Quando aos sons triumphaes da marcial fanfarra,
Os que a morte poupou, ao repartir da prêza
Turva a fronte, á pressão da idéa, que lhes pêza,
Dizem:—«Quem hoje vira o jubilo ineffavel
Dos bravos, que ha ceifado a Parca inexoravel!»

II

Taes as notas, que vem da Ilha do Pirata
Onde, ao pé da atalaia, um guarda a vóz desata.
Essa rude harmonia ameiga inculto ouvido,
E das rochas accorda o echo adormecido.»

Segue o canto; nós ficamos neste ponto. Transcrevendo estes versos, unicamente ciframos o nosso proposito em dar aos leitores uma amostra

da abundancia da riqueza da versificação do traductor brazileiro.

Poucos poetas ouzariam emprehender a traducção dum poema no metro que, com tanto gosto, elegancia e harmonia, empregou o traductor do *Corsario*. A opulencia das rimas, nas quaes não se sente siquer ligeiro esforço, como que borbulha espontanea da pluma que mão amestrada meneia sob a inspiração do momento. O traductor não preciza fazer provisões dos *malditos consoantes, que obrigam até a serem brancas as formigas*, segundo se lamentava o notavel e erudito classico portuguez. As rimas do traductor do *Corsario* e de *Parisina* são produzidas pelas emoções que lhe agitam a mente.

O lavor do metro rico, acabado em perfeição, cadencioso, ou vehemente e fulgurante, é um dom que o barão de Paranapiacaba houve, como predilecto das Musas. Mestre da linguagem, o illustre traductor, quando escreve a *pedreste prosa*, é um escriptor que se notabiliza pela fórma dum estylo correcto, nitido e vigoroso; quando se eleva ás regiões das phantasias, sabe exprimir as proprias e as alheias inspirações em caudal harmoniosa, como, ainda mais uma vez, demonstrou, vertendo os poemas *Giaur*, *Mazeppa*, *Parisina* e agóra o *Corsario*.

Byron tem tido varios traductores, em quasi todas as litteraturas; nenhum foi melhor interprete do bardo — que nasceu em Douvres e falleceu em Missolonghi — do que o barão de Paranapiacaba. Que importa ter tido só em França tres, quando o trabalho de Benjamin Laroche, Pichot, Paulin Paris, até o estudo eloquente e magistral de Villemain, tudo é escripto em prosa?. Só as aguias emparelham nos vôos ás outras aguias; rastejal-as póde ser o papel dos que vertem em prosa as concepções dos cantores, poderosos pela seducção da vóz; admiraveis pelas subitas inspirações. que ainda sentimos calidas, da flamma do sopro dos labios divinos do *Deus que se agita no espirito* privilegiado...

O auctor brazileiro mediu a grandeza do genio, cujos sentimentos e cujas idéas devia exprimir na lingagem e na pujança de suas forças intellectuaes; interpretando a alma do creador dos poemas, reproduziu-os, bellos e refulgentes, em versos dulcisonos ou da mesma energia.

Os leitores intelligentes e versados neste genero de estudo litterario, attentando nos primeiros versos do I canto do *Corsario*, reconhecerão logo a superioridade da versão, confrontando, por exemplo, os tres primeiros versos:

«Ledas ondas abrindo em mar de azul sombrio,
Sem raia ao pensamento, as soltas ao alvedrio,
Nosso intermino imperio e patria é toda a plaga.»

Os leitores quêdam na contemplação dessa immensidade, dessa grandeza que a poderosa intelligencia do bardo inglez concentra num resumido quadro que o brazileiro reprodúz da mesma sorte.

Não temos tempo para apreciar certos trechos da versão, confrontando com o original.

As figuras, desenhadas pelo lord da Camara Alta, revivem nas reproducções do poeta brazileiro.

Antes de concluir esta noticia, que não queremos alongar, faremos alguns reparos, deixando de analyzar o entrecho, os episodios do poema que o sr. Paranapiacaba tradnziu e publicou.

Todos os heróes dos poemas do vate anglicano, *Giaur*, *Conrado*, *Lara*, até *D. Juan* e *Childe-Herold*, exprimem os sentimentos e representam a individualidade do auctor; dahi, o grande escandalo que só seria bem comprehendido, si nos fôsse dado fazer, aqui, uma pintura minuciosa e viva da sociedade ingleza no inicio do seculo XIX até á morte do general e martyr por amor da liberdade da Grecia. Diremos, comtudo, que todos esses personagens encarnam em si uma qualidade que as mulheres de todos os paizes apreciam e que, dizem, as inglezas louvam, admiram e exaltam, isto é, a fidelidade no amor... *Childe-Harold*, *Lara*, *Conrado*, até *D. Juan*, a despeito de variados amores, sempre ficaram constantes e dedicados ás mulheres que, primeiro, amaram; no meio de tanta multiplicidade, amaram — só uma vez!...

Muitos olhos lindos, azues, ou negros, leram os poemas do mancebo de pé estropeado; em publico, o maldiziam: era a conveniencia social; em particular, o adoravam, segundo refere um notavel critico. Byron, observa outro escriptor, fez a Inglaterra saborear um fructo amargo e foi a causa mais efficiente de sua reputação em bem e em mal.

As mulheres, em segredo, apaixonaram-se pelos heróes creados nos poemas, ou, antes, amavam o caracter especial que todos tinham — a mescla de bem e do mal, da virtude e do vicio. O que era o bem pertencia ao individuo; era merito seu; o que era o mal, recaía sobre a sociedade; era culpa della.

O tempo passou e ainda não conseguiu rehabilitar lord George Gordon Byron, oriundo dos Stuarts, por parte materna. E porque a sociedade da Inglaterra nunca lhe perdôou?

Dizem que elle atacou as duas principaes mólas de sua vida moral — o patriotismo e a fé — e que os sentimentos delle eram dum pagão e não dum christão.

O poeta, porém, será sempre a gloria da nação, que o admira e maldiz.

Concluiremos, lembrando as seguintes palavras dum francez muito entendido nos factos da litteratura ingleza: «Byron eut de genie, mais une imagination mal reglée. Son vers précis, correct et plein du feu, exprime trop souvent une doute desesperant, une melancholie contagieuse et l'admiration du crime. Grande et d'une belle figure, il était né boiteux et ne s'en consola jamais. Sa poésie lui ressemble; elle a une infinité qui lui donne un air maladif. Il manque à sa beauté, pour être parfaite, l'équilibre moral.»

Cabe ao barão de Paranapiacaba a ventura de fazer a resurreição do poeta inglez no nosso seculo, quando ainda não se está fazendo em outras litteraturas de povos cultos.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) Condivi—Vita de Mich—Angelo Buonnaroti.

(2) The Village, the Borough, Byron, diz Crabbe, é o primeiro dos poetas vivos e na celebre satyra contra os criticos da Escossia chama-lhe *«nature's sternest painter.»*

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Os projectos militares de breve apresentação na Camara dos deputados. — Reducção do numero de marechaes a um só. — Prover por concurso as vagas de generaes de brigada. — Prover por antiguidade as vagas de general de divisão — Extraordinarios serviços.

O respeitavel furo de um orgão matutino sobre os projectos de breve apresentação na Camara dos deputados, logo que ella entrar em funccionamento regular, veio revelar o proposito, já infelizmemente esperado, de se protelar a passagem da refórma do Exercito.

A sensação geral desse intempestivo e desarrazoado acontecimento foi de tristissimo effeito para os que, com patriotico interesse, labutam, de ha muito, na propaganda sincera, leal e franca em pról do revigoramento da nossa definhada e archaica — archaica, sobretudo — organisação militar.

Collega nosso, justamente sentido, emittiu o seu protesto em artigo entregue a um diario que se tem empe-

nhado na campanha a favor dessa causa; não tendo, porém, encontrado o acolhimento esperado, por motivos que não importa indagar, recorreu a nós para tornar conhecidas as suas ídéas sobre o assumpto. E como se acham ellas concordes com o que pensamos a respeito, vamos passal-as para as paginas desta revista, bem convencidos do seu valor.

Custa-nos crer que, em se tratando de materia tão importante e de opportunidade fóra de toda a duvida, ainda haja espiritos que se abalancem ao ingrato intento de prejudicar a realisação dessa refórma, portadora de reaes beneficios, e quasi ao termo da sua verificação pratica.

Além disso, cumpre attentar em que os beneficios resultantes não se circumscrevem ao simples circulo militar, estendendo-se, como realmente acontece, a toda a nação pela garantia que advem para a sua segurança material.

E é tanto mais temerosa a perspectiva em que nos achamos, quanto mais absurdas são as providencias contidas nos dezeseis artigos publicados no referido jornal, como de capital importancia para a solução do magno problema.

Como justificar a opportunidade da discussão dessas medidas esparsas, muito particularisadas algumas, agóra que se trata de uma remodelação geral, ampla, abrangendo todos os vastos e complexos mechanismos do Exercito:—a formação do seu pessoal, o recrutamento dos seus officiaes, a constituição indispensavel das suas reservas, o seu modo de fraccionamento normal de accordo com as exigencias da arte da guerra, condições geographicas, politicas, sociaes—nas diversas armas e unidades de guerra?

E para melhor fundamento da irracionalidade desses projectos, procedamos a uma rapida analyse dos alludidos artigos, que, pela sua importancia, merecem acolhimento no plano geral da organisação.

***

1º—Reducção do numero de marechaes a um só, provido por general de divisão que tenha serviço de guerra, commandando forças com resultado e proveito para a nação.

Esta primeira questão, com o pomso sequito dos requisitos alli exarados serve apenas para a admiração dos, leigos e innocentes; a nós, porém, que não nos podemos illudir tão facilmente, redunda ella em decisão de pessimas consequencias praticas. Constitúe um simples arremedo da actual organisação frauceza no quadro do seu generalato, que, a tal respeito, é a peior pelos inconvenientes que acarreta.

Sabem aquelles que se dedicam ao estudo dessas questões que os postos do Exercito — do cabo ao sargento, do alferes ao general — não são creações caprichosas ao sabor deste ou daquelle reformador; regula-os a necessidade do fraccionamento da tropa, principalmente a facilidade do commando, dada a impossibilidade de um só homem attender aos complexos e multiplos encargos da direcção de grandes forças armadas sem o indispensavel escalonamento de attribuições e responsabilidades, as quaes, diminuindo ou restringindo a sua generalidade á medida que se desce na escala hierarchica, dão aos chefes a liberdade e segurança para movimentar o conjuncto das forças ás suas ordens.

Ora — esses que estudam sabem tambem que as grandes unidades correspondentes ao commando de generaes são: *a brigada*, *a divisão* e *o corpo de exercito*, cuja reunião fornece o *exercito*, a maior força que se póde aggrupar sob a direcção de um só homem.

E' de bôa regra — e nada prova o procedimento contrario — que os postos existentes permanentemente estejam em correspondencia com as respectivas unidades constituidas; que cada uma dellas seja dirigida pelo individuo revestido do posto competente.

O nosso quadro de generaes, com as suas tres graduações, está de perfeito accordo com essa necessidade: a brigada, a divisão e o corpo de exercito, respectivamente commandados pelo general de brigada, general de divisão e marechal ou general de corpo.

O commando de uma grande unidade não deve ser dado a official general de egual patente á dos commandantes de unidades subordinadas. As rivalidades, os attrictos e a natural tendencia a não se submetterem os individuos a outros em eguaes condições de posto — inconvenientes assignalados praticamente nos casos em que isso se dá, affectando sobremodo a disciplina geral e o funccionamento regular de todos os serviços.

Si essas razões militam na organisação das unidades inferiores, estabelecendo-se cuidadosamente a gradação hierarchica, de modo que aquelle que commanda é sempre de posto superior aos que obedecem — quaes os motivos plausiveis para justificar um procedimento opposto em se tratando das grandes unidades, e ahi, principalmente, em que, pela categoria dos individuos, pelas suas maiores regalias, muito mais difficil se torna a intervenção da auctoridade suprema para derimir e aplainar as difficuldades e attrictos sobrevindos entre elles; accrescendo que, quanto mais altas pairam as discordias, mais resentido se apresenta o organismo militar, mais perniciosamente se reflectem em todos os escalões a desharmonia e a desordem?

***

2º—Prover, por concurso, as vagas de generaes de brigada, fixando o numero que cada arma ou serviço deve ter, afim de se evitar que cheguem ao generalato officiaes que nunca commandaram forças.

Não se comprehende bem o que se quer dizer neste artigo, pois não atinamos com o motivo pelo qual o facto de se prestar um individuo a concurso, implique ter elle commandado forças, nem tão pouco que tal se consiga pela do numero que cada arma ou serviço deve ter.

Esse processo de promoção — theoricamente perfeito e muito racional — circumscripto aos generaes, não parece dar os resultados praticos desejados. Seria mais natural, a se querer introduzir entre nós um tal principio, começar pelos postos inferiores, notadamente hoje — em que a pratica da guerra preciza ser escrupulosamente attendida desde o alferes ao general.

A selecção, para ser aproveitavel, deve vir de baixo, augmentando-se á medida que se sóbe, porque, assim procedendo, chegariamos a um quadro de coroneis preparados e capazes, sendo então muito mais efficaz a escolha entre gente já seleccionada.

O contrario é se admittir que os postos até coronel pódem ser occupados por quaesquer, aptos ou não ; dando-se o caso, muito admissivel, de se encherem estes de gente incapaz. Os generaes, apezar dos seus concursos, seriam incompetentes, e, como julgadores mais tarde, iriam deixando passar toda a gente do seu jaez.

A verdadeira selecção não se obtém por esse methodo ; sirva-nos de exemplo o que se passa nas nações de exercitos regularmente organizados. Ella se dará naturalmente e sem artificiosos processos ; os generaes se imporão á consideração de todos, quando o Exercito entrar no seu verdadeiro regimen de trabalho. Pelo exercicio continuado do commando, pela obrigação de pôr em constante prova as suas qualidades, os generaes se salientarão melhor do que por concursos, denunciando a sua capacidade os mais aptos e annullando-se os incapazes e incompetentes.

***

3º—Prover por antiguidade as vagas de generaes de divisão, salvo os casos de serviços extraordinarios em tempo de guerra e de paz.

Essa questão de avaliação de serviços extraordinarios em tempo de guerra é coisa bem praticavel ; mas o mesmo não se dá a respeito de serviços de paz, os quaes, sophismados, abrem larga porta ás promoções por protecção ou simples sympathia, mal consideravel que se tenta ahi evitar.

Além disso, sendo certo que nem todos os generaes de brigada darão bons generaes de corpo de exercito, segue-se que a absoluta antiguidade trará o inconveniente de alçar ás posições individuos sem a devida capacidade para occupal-as.

Aqui tambem cabem as considerações que anteriormente expendemos em relação ao modo de selecção mais natural nesses casos.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

«OS EMANCIPADOS» — ROMANCE POR FABIO LUZ — LIVRARIA CLASSICA EDITORA. — LISBOA. — 1906.

Todos o reconhecem, o momento actual é caracteristicamente de preoccupações materiaes no Brazil.

Ao par disso, é de perspectivas tão ennevoadas que chegam a inspirar sérios receios, tornando inquietos os espiritos em relação ao dia de amanhã, e concorrendo para desenvolver, como consequencia, um egoismo, uma impiedade collectiva que ainda não se tinha conhecido na sociedade brazileira.

E' um corollario de taes condições esse «espirito de subserviencia» de que todos os dias os opposicionistas politicos falam por ahi como de uma coisa que tambem ainda não se vira entre nós tão generalizada e intensa, qual hoje se vê.

Não podia ser que esse estado de coisas deixasse de influir nas nossas lettras na proporção da sua intensidade e importancia.

Houve uma modificação geral no feitio dos orgãos de publicidade diaria e começaram a publicar-se revistas de caracter ainda desconhecido entre nós. Quer os diarios, quer esses periodicos se fôram materialisando aos poucos, deixando de ligar maior importancia á factura do ponto de vista litterario, attentando mais sériamente ao que respeita ás illustrações, que todos que precizavam sustentar concurrencia tiveram de acolher, ou então a outros aspectos, a outros meios ainda mais praticos de augmentar a vendagem.

Surgiu toda uma nova geração de jornalistas correspondentes ao gosto da epocha. Si nem todos são propriamente novos pela edade, si mesmo muitos dentre elles antes dessa phase já eram representativos, em todo caso não houve esse, ou os houve muito raros, que, consciente ou inconscientemente, deixassem de modificar mais ou menos os seus processos para terem a feição do tempo.

A ultima geração litteraria que vegetou, com feição propria e programma mais ou menos definido, pelos intersticios que se lhe concediam nos diarios ou então pelas revistas ephemeras de sua creação, foi a dos chamados symbolistas, decadentes ou nephilibatas, que toda já desappareceu do Rio e se váe smorzando pelas provincias, onde por fim se confinou.

Depois disso, uns oito ou dez livros se hão publicado que conseguiram merecido successo, na realidade obras de valor. Alguns delles, productos de escriptores que estão completando sua obra, iniciada em outras phases litterarias que tivemos, mas outros correspondentes de todo ao momento actual, porque por este ou aquelle de seus aspectos, si não todos, se inspiram nas preoccupações que o momento suggere. Em todo caso, a esthetica de nenhum delles é nova de modo a poder constituir escola literaria propriamente dita.

Sente-se que a esses ora no inicio de sua carreira prende-os, a quasi todos, entre si, uma tendencia ou antes uma preoccupação commum, que é o problema nacional, e por esse lado elles se acham em ligação com os espiritos contemporaneos de mais alcance, entre nós, que todos insistem desusadamente nesse ponto hoje em dia, cada qual segundo suas forças e as circumstancias permittem.

Mas ainda não chegou o momento dessa tendencia tornar-se uma corrente propriamente dita ; por emquanto, as preoccupações pessoaes ou pelo menos puramente concretas teem de ser as predominantes. Ainda não veio nenhum facto de vulto impressionar o paiz de modo a obrigar os espiritos a um abalo profundo, que os faça pensar a sério nisso que já é a inevitavel preoccupação dos mais avisados e generosos.

Aliás talvez seja indispensavel essa modorra em epochas de refazer cidades, construir portos e facilitar communicações. Indispensavel e sábia, porque não ha duvida que esses emprehendimentos já importam numa solução parcial do problema.

De qualquer modo, nada mais natural, emquanto não accordamos dessa apathia, do que o esmorecimento de tudo o que depende do sentimento de segurança, que é o que tráz a alegria de viver e com ella ordinariamente todos os encantos da idéalisação, todos os elementos constituintes da arte.

Uma das novidades litterarias deste instante são as criticas mais ou menos positivistas de Pedro do Coutto e as novellas ou romances um tanto ou quanto anarchistas (na legitima accepção politica da palavra) de Curvello de Mendonça e Fabio Luz, cujo ultimo livro, *Os Emancipados*, é a razão de eu estar escrevendo estas linhas.

Importa saber-se que os dois libertarios e o seu contemporaneo comtista são amigos intimos entre si, e que as idéas que defendem não os impedem até de formar uma liga por assim dizer offensiva e defensiva no terreno litterario, é verdade que sem sacrificio de principios, pelo menos no seu modo de ver.

Aliás não se trata de uma trindade isolada. Elles fôram os elementos primordios de toda uma agrupação que vim encontrar na minha volta, a que

se prendem mais ou menos: um nitzscheniano e, não obstante, ao mesmo tempo, socialista, que é Elysio de Carvalho; um espiritualista, christão e algo espirita, que é Rocha Pombo; um symbolista nephilibata de ha pouco tempo, que é Gustavo Santiago, (ora um tanto propenso a estudos geographicos e historicos, desde que entrou para a Sociedade de Geographia); um philologo e grammatico liberal, que é Maximino Maciel; outro tambem grammatico, pedagogista e polemista, que é Hemeterio dos Santos; esses e talvez alguns mais, cujos nomes me escapem de momento, todos homens já bastante conhecidos, além de differentes rapazes, alguns sobre os quaes se depositam muitas esperanças, mas cujos nomes ainda não entraram na grande circulação.

Dá-se ainda que em torno do grupo mais propriamente dito andam varios individuos que, si não adherem, sympathizam com os adhesos, totalmente ou em parte, ou então que antes gozam da sympathia delles, como acontece, por exemplo, a João Ribeiro, um escriptor de reputação totalmente feita, academico, bastante parnasiano outr'ora e actualmente fervoroso classista; a Mucio Teixeira, irreductivel romantico, apezar de todas as multiplas evoluções exteriores de seu espirito; a Paulo Barreto, o «principe», realista por natureza e *dernier cri* até á medulla, valoroso moço por cuja candidatura á Academia alguns do grupo actualmente trabalham; a esses e a outros que dão menos na vista. O auctor deste artigo, por exemplo, não é de modo algum antipathico a quem quer que seja dos que compõem a agrupação referida.

Indo mais longe, verificamos que não só o critico positivista e seus amigos libertarios pertencem a este aggregado perfeitamente hecterogeneo de que fôram os elementos constituintes, como que são membros normaes da sociedade burgueza, sem preconceitos de seita na pratica, antes submissos aos da epocha, todos regularmente casados no civil e creio que tambem na egreja, funccionarios publicos, conseguintemente «parasitas da sociedade», como se costuma dizer, e, peior do que isso, sem autonomia propria, tendo de agir em muitos casos inteiramente de accordo com a «ignorancia official».

Por todo o exposto, é facil de atinar com a causa desses escriptores tendenciosos haverem achado elementos de desenvolvimento numa epocha de preoccupações caracteristicamente materiaes, e egoista, como é a actual.

Elles prosperam na tregua que da indifferença do publico pelas lettras e do desanimo dos productores tinha de resultar naturalmente. Hoje ninguem briga por causa de theorias e de escolas, porque «não vale a pena». Todos crearam juizo a um tempo, ganharam a triste sabedoria negativa dos annullados. Andamos juntos menos pela alegria de um victorioso pensar commum, do que pela tristeza de uma tacita ou confessada queixa geral. Si o ambiente é estranho á nossa existencia, si não se nos julga, somos todos do mesmo jaez.

Veja-se, por exemplo, este livro *Os Emancipados*, de Fabio Luz, em que elle defende o amor livre, a abolição da propriedade, a extincção da moéda como meio de relação, a annullação do direito de julgar, tal e qual os mais radicaes idéologos conhecidos o fazem. Suscitou elle, porventura, já não digo qualqer escandalo, mas discussões de certo modo calorosas, sérias analyses das paginas em que semelhantes idéas são expostas?

Foi quasi como si nesse romance se dissessem as mesmas inocuidades mais ou menos brilhantes, as unicas coisas, systematicamente, que se dizem nas conferencias litterarias do Instituto de Musica, as quaes constituem uma outra novidade da epocha.

No fundo, conferencionistas, positivistas, anarchistas, nietzschenianos, néo-christãos, classicos, grammaticos liberaes... *tutti quanti*, são julgados hoje em dia entre nós egualmente inocuos, porque afinal não ameaçam derrubar o que quer que seja que no momento se tome a peito.

Além de tudo, os tres doutrinarios citados gozam de outra vantagem: a de não se haverem apresentado com pretenções a grandes talentos, a de não serem candidatos a uma gloria propriamente estrondosa. Cada um delles já não é uma creança, pelo contrario todos tres já transpuzeram a phase da primeira mocidade e tem a cultura necessaria para conhecer, nesta questão de talento, a relatividade que lhes caiba.

Depois, como antes de virem para as lettras viveram absorvidos por preoccupações de outra ordem, em que dispendiam quasi toda a sua actividade, não tiveram tempo de se exercitar por modo a, quando apparecessem, apresentarem-se como escriptores verdadeiramente feitos.

Notará isto quem haja lido *O Ideologo*,—uma novella anterior do sr. Fabio Luz,—e agóra este seu outro livro, mais bem feito, mais cheio (como se diria dum rosto humano), com uma preoccupação litteraria visivelmente mais pronunciada.

Deste modo, elles não suscitaram grandes invejas no meio; e isso não é máu para virem com menos difficuldade bôas noticias nas folhas. Só um ou outro critico mais acerbo tentou tolher-lhes o caminho. Mas elles traziam a vantagem de não vir sós e de não ser timoratos: o numero e a coragem propria deu-lhes estimulo para proseguir adeante.

Com estas considerações geraes foi-se-me o espaço, e pouca coisa poderei dizer do livro de Fabio Luz em particular que occasionou este artigo.

Eu o prefiro, como já disse, á sua novella anterior, mas ainda lhe acho, como naquella, os defeitos dos romances de tendencia, em que geralmente a verdade psychologica é prejudicada, de que os typos ou são perseguidos ou perseguidores, tendo de ser forçosamente almas illibadas e santas as de uns, e as de outros, almas pollutas, quando não ferózes.

Os Emancipados são feitos bem assim. A inilludivel imparcialidade de um Balzac é coisa que nestas paginas se desconhece.

Além disso, tendo o auctor de defender idéas extremas, quasi completamente desconhecidas entre nós, grande parte dos personagens que figuram no livro são typos singulares, mesmo quasi de todo inverosimeis no Brazil. Constitúem, portanto, um meio *sui generis*, nada correspondente ao momento actual.

E' impossivel, assim, a esta obra possuir a qualidade de um livro propriamente objectivo, de uma documentação da epocha. Ella antes nos fala do seu proprio auctor, do estado de cultura em que elle se ache, sinão exclusivamente de leituras que tenha.

Dizer que será um livro inócuo, isso é que não se póde dizer. Mais de um leitor elle encontrará a quem ha de seduzir, a uns exclusivamente pelo seu valor litterario, pelo sentimento puramente esthetico que desperte, mas a outros tambem pelas suas proprias doutrinas.

Estas paginas, como as de *Regeneração*, de Curvello de Mendonça, hão de ter um logar na historia da evolução das idéas entre nós. Cabe aos dois amigos e contemporaneos o direito de serem tidos como os creadores do romance anarchista entre nós.

Os Emancipados deixam transparecer o caracter bondoso, a doçura, mesmo a meiguice secreta, e a seriedade simples, que quantos conhecem Fabio Luz sabem serem suas qualidades moraes. Está ahi mais uma razão para a efficacia da propaganda que iniciou, nos espiritos susceptiveis de acceital-a.

Quem quer que seja, porém, curioso de conhecel-o como escriptor, posta á parte essa questão de doutrina, muitas paginas encontrará de que lhe ha de vir um certo agrado, uma certa seducção, como me aconteceu a mim folheando esse seu ultimo livro.

NUNES VIDAL.

CONCURSO DE ARCHITECTURA

PROJECTO PARA O EDIFICIO DO CONGRESSO NACIONAL

Póde-se differir de opinião sobre o merito dos trabalhos apresentados ao concurso de projectos aberto pelo Congresso Nacional; é, porém, impossivel negar-se o espontaneo apparecimento de notaveis talentos e a victoriosa consagração que teem tido.

O gosto artistico de um povo se manifesta em suas artes decorativas e em sua architectura, e nós, até aqui faltos de bellas edificações e principalmente de tradições artisticas, vemos, surprezos, surgir esta pleiade que, apresentando-se ao concurso, anima as esperanças de uma refórma estructural nesta cidade que, no particular, ainda lê pela cartilha de nossos colonisadores.

Da paralysia completa do senso artistico e decorativo de que sempre soffremos, sáe um movimento que é um surto, applaudido e seguido com anciedade pelo publico; os jornaes se interessam por este esforço, observam-no, discutem-no, e a reportagem se familiariza com a technologia especial á arte.

O programma do concurso, assáz explicito, estabelecia condições numerosas, que requisitavam dos projectistas vastos conhecimentos, assim como lhes dava a resolver o problema de achar uma nova fórma architectural que correspondesse aos actuaes elementos de construcção.

O plano annexo ao programma era limitadissimo de espaço na fachada principal, difficultando esta exiguidade a nitida separação das duas Camaras, que, collocadas na mesma linha transversal, não poderiam ser divididas por um grande *hall* ou uma galeria de passos perdidos. Ainda augmentava os obstaculos a irregularidade do perimetro, pois, nos eixos, cortando-se obliquamente, os pontos de sutura deviam ser mascarados com maior ou menor felicidade.

Onze projectos se apresentaram a julgamento, e, dentre elles alguns se recommendam por qualidades de gosto e composição superiores.

A dominante nos projectos é o espirito classico — é bem de ver-se que os concurrentes não pouparam nem domos nem columnatas. Os amadores de innovações na architectura deviam procurar alhures o estylo do XX seculo. Darmstadt e Turim desenvolveram as esperanças de que uma nova esthetica decorativa modernizasse a architectura, abandonando a lingua morta com que se expressava e, em resonancia com a vida real, se habituasse á viva e acceza linguagem que exprime a alma e o pensamento contemporaneo.

Inteiramente utopica nos parece, por emquanto, a applicação das fórmas festivas dos pavilhões de exposições a um monumento de perduravel construcção. Uma corrente instinctiva levou os projectistas a applicar, mais uma vez, com risco de repetição, os bellos e magistraes exemplos dos classicos.

Leda, no gosto de uma justa proporção, perfeita distribuição dos serviços, simplicidade da linha de composição de uma cerrada logica de fórma, e principalmente no desenho, tráe-se um mestre da escola franceza.

O *made in France* é a marca de uma distincção particular, de uma superioridade muitas vezes inaccessivel a outros. Sem duvida, não tem o seu projecto a fogosa invenção e a triumphante faustosidade de *Helo*, nem tampouco as arriscadissimas combinações de *Pro Patria* — a calma da composição, a estabilidade apparente das massas o tornam, em compensação, superiormente bello, concebido e executado com rara maestria e elegancia perfeita.

Sumptuoso e magnifico, o projecto de *Helo*, em seu grave e offuscante fausto, ressuscita os esplendores desapparecidos, sem deixar de ter um cunho de modernidade que anima a fria belleza das linhas classicas.

Si, com sua massa monolitha, recorda aos eruditos o templo de Preneste na extraordinaria restituição de Cipolla, a phantasia delicada e a exquisita originalidade do arranjo impressionam como uma obra pessoal, de uma unidade grandiosa.

A' classica rigidez tem a adoçar-lhe as linhas, certos contornos Luiz XIV, e arcadas romanicas austerizam-lhe certos massiços, tudo sem tirar a uniformidade da composição, dando, ao contrario, realce perfeitamente novo á torre que numa serena e gloriosa ascenção de pyramide egypcia, é duma redundancia não isenta de encanto.

A' critica apressada dos jornaes, inspirado como é o projecto em estylo greco-romano, pareceu haver caducidade de fórma, sem o elemento novo peculiar ás armaturas de ferro recobertas de ceramica architectural, tão vulgarisadas nos ephemeros monumentos das exposições em que, á levesa do material, se deva alliar a sumptuosidadz e phantasia de um *fair world*.

A fórmula de arte nova reclamada, não se coaduna com o destino da edificação, pois o movimento de refórma ainda se esboça nas artes sumptuarias —mobiliario, indumentaria, etc.—com as incoherencias proprias dos primeiros impulsos, sem dar á architectura, resultante e synthese de todas as artes accessorias, uma base racional ás perduraveis fórmas dos monumentos publicos.

Pela originalidade calma, pela imaginativa refreiada, pela excellencia na distribuição da planta, sem áreas interiores, inutilisadoras de espaço e de poder illuminativo diminuto, pelo desenho, abandonados os virtuosismos de tira-linhas, mas de grande effeito artistico, angariou do publico, admittido a vel-o, as maiores sympathias.

Semper, espirito pratico e rasoavel, caracteriza-se pela simplicidade sem preoccupação de escapar a vulgaridades de expressão. Na fachada principal as columnatas lateraes são motivo banalisado nos concursos de architectura, e a porta de entrada, materialmente insufficiente, é falta de grandeza requisitada em semelhantes accessos.

O zimborio, bem lançado, abriga um Pantheon, curiosa invenção que extranhamos em tal edificio. Na planta, aliás de grande unidade na distribuição, a fórma rectangular das salas de secções condemna-a como faltando aos requisitos de acustica exarados no programma. Guardamo-nos bem de discutir ou dogmatisar, entretanto, si teem querido justificar a fórma empregada com o exemplo de modernos parlamentos europeus — o Reichstag de Berlim entre outros — podemos argumentar com o de modernissimos congressos dos Estados

da União Americana em que a fórma semicircular é adoptada sem discrepancia.

Agrada-nos, entretanto, a sobriedade despretenciosa das linhas, a graça dos pavilhões que ladeam as columnatas da fachada principal, e a fachada posterior, encantadora com seus tres janellões envidraçados, motivo delicado e de bello effeito.

Curiosamente contrastando com o preecedente, *Pro Patria*, cuja phantasia cavalga o hippogripho, entrega-se a arrojadas combinações—sobe a estupefacientes alturas como um domo indiano, tendo a seus flancos frontões gregos; rasga enorme portico na fachada principal, lembrando as construcções de rapida improvisação para as festas internacionaes, que, nascidas na primavera e mortas no outono, deram fórma tangivel, dobrando-as ás contingencias estaticas, ás phantasmagorias que obsecam o cerebro dos architectos phantasistas.

Falar de *Quanto posso* seria tirar-nos todo o imprevisto sabor da babylonica elocubração de *Pro Patria*. Indigente de fórma e de phrasica architectural, seu projecto, com as coberturas que se interceptam violentamente, parece-nos mais o de uma *gare* que o de um abrigo ao corpo que supremamente legisla os destinos da patria.

Os outros concurrentes fazem jús a homenagens pelo zelo e coragem com que affrontaram as eventualidades de um concurso, sem temer adversarios na lucta ardente que se engajou. Saudamol-os e terminamos.

GELABERT DE SIMAS.

RECEBEMOS:

— «*De* Aspirante a Almirante, 1860 a 1902, minha fé de officio documentada», pelo almirante Arthur de Jaceguay.

Esta obra do sr. Jaceguay dará seis tomos de trezentas paginas, dos quaes este será o penultimo, diz o illustre auctor.

— «*Estudos* e Escriptos», por Augusto Franco, de Bello Horizonte, a quem, aproveitando a occasião, muito agradecemos as suas constantes finezas de critico para com o director dos *Annaes*.

*

E' da Escola de Guerra, do Rio Grande do Sul, o *Occidente*, revista de lettras, sciencia, artes e philosophia. A collaboração do n. 1 é copiosa, é mesmo brilhante, como convém á justa reputação que distingue a mocidade, tão estudiosa, tão trabalhadora, das nossas escolas militares.

— *Os Serões*, n. 10. Está cada vez melhor essa revista portugueza. Ella constitúe a recolta das producções do moderno espirito de Portugal.

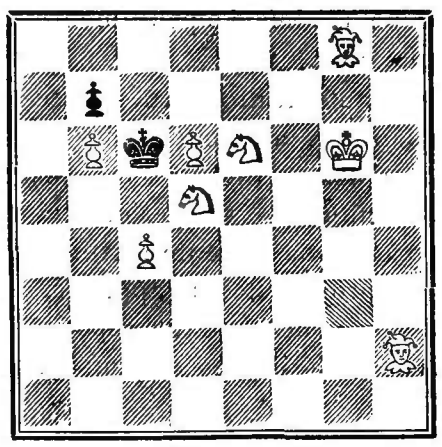
O n. 10 dá, illustrado, um artigo do sr. Ramalho Ortigão sobre pintura do sr. Malhôa.

XADREZ

PROBLEMA N. 54

F. Mendes de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (2)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances

***

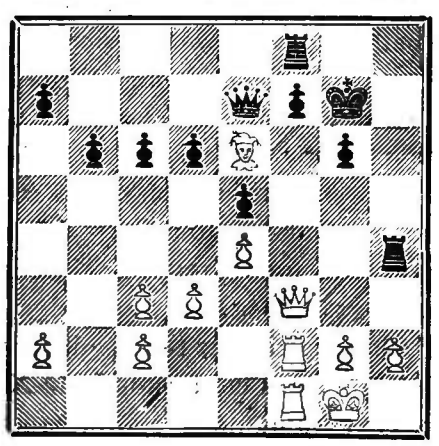
PARTIDA N. 60

(Jogada em março de 1906)

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Brancas (Marshall)		*Pretas* (Maroczi)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C D	— 4 —	B 5 C D (*a*)
Roque (*b*)	— 5 —	Roque
P 3 D	— 6 —	B × C (*c*)
P × B	— 7 —	P 3 D
B 5 C R (*d*)	— 8 —	C 2 R (*e*)
B × C (*f*)	— 9 —	P × B
C 4 T R	— 10 —	C 3 C R
C × C (*g*)	— 11 —	P T × C
P 4 B R	— 12 —	P 3 B D (*h*)
B 4 T D	— 13 —	R 2 C
D 3 B R	— 14 —	D 2 R
T 2 B R	— 15 —	T 1 T R
T D 1 B R	— 16 —	B 3 R (*i*)
B 3 C D (*j*)	— 17 —	T D 1 B R
D 3 R (*k*)	— 18 —	P 3 C D
D 3 B R (*l*)	— 19 —	T 5 T R
P × P	— 20 —	P B × P
B × B	— 21 —	

Depois do 21º lance das Brancas



	— 21 —	T 5 B R ! (*m*)
D 3 C R	— 22 —	T × T
T × T	— 23 —	D × B
P 4 B D	— 24 —	P 4 D
P B × P	— 25 —	P × P
P × P	— 26 —	D × P
D 3 R	— 27 —	P 3 B R

empate

(*a*) Em uma partida contra Finn, Maroczi jogou 4... P 3 D mas deve ter-se convencido de que este lance não é satisfactorio. Si 4... B 4 B D, 5 — C × P, C × C, 6 — P 4 D, B 3 D, 7 — P 4 B R, C 3 C R, 8 — P 5 R, com vantagem, porque si 8... P 3 B D, 9 — P × B, P × B, 10 — D 2 R x, R 1 B, 11 — P 5 B R, C 5 T R, 12 — Roque, etc.

(*b*) 5 — C 5 D não seria bom por causa de C × C, 6 — P × C, P 5 R, 7 — P × C, P D × P, etc.

(*c*) Não gostamos desta troca: preferimos 6..» P 3 D e si 7 — B 5 C R, C 2 R.

(*d*) A 8 — B × C, P × B, 9 — B 5 C R, as Pretas pódem responder 9... D 2 R, 10 — D 2 D, D 3 R!, etc.

(*e*) Si 8... B 5 C R, 9 — P 3 T R, B 4 T R, 10 — P 4 C R, B 3 C R, 11 — C 4 T R, com um jogo superior.

(*f*) Este lance não dá coisa alguma.

(*g*) Si 11 — D 5 T R, C × C, 12—D × C, P 4 B R!

(*h*) Era inutil expulsar o B para uma casa melhor e enfraquecer o P D. Melhor seria 12... P 4 B R, ameaçando P R × P seguido de D 4 C R. Em todo o caso, ter-se-iam desembaraçado de um pião dobrado, a unica fraqueza do seu jogo e preparado eventualmente uma sortida com a D. a 3 B R ou a 5 T R.

(*i*) Estavam ameaçados de P × P.

(*j*) O melhor. Si 17 — P 5 B R, P × P, 18 — P × P, B × P T, 19 — D 4 C R x, R 1 B, 20 — T 3 B R, D 2 B D, etc.

(*k*) A 18 — P × P, P B × P, 19 — D 6 B R x, D × D, 20 — T × D, as Pretas teem o lance salvador P 4 D.

(*l*) 19 — D 3 C R era muito mais forte.

(*m*) Egualando completamete os jogos. 21... D × B seria máu por causa de 22 — D 6 B R x, D × D, 23 — T × D, ganhando um pião.

(*Notas de Janowski.*)

***

F. MENDES DE MORAES FILHO. — Mande-nos uma segunda via do seu problema em 2 lances que ainda não publicamos.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 53 (*F. Mendes de Moraes Filho*): D 5 T D.

JOSÉ GETULIO.

ENTREVISTA

Espero-a. Eil-a que chega
De leve pisando a areia...
E logo um rumor se eleva
Da terra de aromas cheia.

Pairam, no ar, mysteriosas
Estrophes sentimentaes;
Abrem-se as flôres cheirosas
Dos copados laranjaes.

E das palmeiras, o vento,
Os leques, de leve, agita;
E logo um vago lamento
Em torno dellas palpita...

Mas sinto passos... Attento,
Applico mais meu ouvido,
Pois sinto neste momento
Um farfalhar de vestido.

Emfim sós!... Já madrugada,
De abraços, de beijos cheia,
Retira-se a minha amada
De leve pisando a areia...

Rio, 1906.

ANTONIO DIAS VIEIRA.

ADEUS!

—

(A Felix Pacheco)

HELENA

Não me deixes ficar, que eu morro. Não me deixes
Permanecer aqui. Leva-me, Lauro, ou fica!

(*Procura erguer-se*)

Abre as janellas. Quero a luz entrando aos feixes.

(*Lauro obedece*)

Assim.

(*O sol entra, docemente. Derrama-se pelos tapetes do chão, detem-se á orla da cama. Helena contempla-o. Pausa. Com febre*)

Como te adoro, ó luz terna e pudica!

LAURO

(*Segura as mãos da enferma, que desce as palpebras sobre o azul luminoso dos olhos meigos*)

Não te faz bem falar. Acalma-te. Descança.

(*Ardentemente*)

Quem te disse que eu vou partir? Quem? Porventura
Deixa a rôla na balsa o ninho? Deixa a mansa
Andorinha o beiral? Deixa o cysne a agua pura?

Quem te disse que eu vou partir? Mas si o meu norte
E's tu. Mas si o meu sol — meu resplendente guia —
E's tu. Si o teu olhar faz-me feliz e forte.
Si a tua amada vóz me inspira e me extasia...

Quem te disse que eu vou partir?

HELENA

(*Faz um movimento, vae falar. Lauro interrompe-se, arquejante*)

Loucura minha,
Sou eu que vou. Sou eu que te abandono em breve.

(*Lauro quer protestar*)

Sou eu. Meu coração estremece, adivinha.

(*Detem-se. Aterrada*)

Quem está mergulhando os meus joelhos na neve?

(*Leva o lençol á bocca, mancha-o de sangue. Com uma pungente amargura na fala*)

Como é triste partir, findar, morrer, deixando
As aves a cantar pelo verde arvoredo
Cantos de amor triumphante! Ai! Partir, findar, quando
Se começa a viver!

(*Comprime as mãos de Lauro contra o peito*)

Deixar-te já, tão cedo!

Partir, findar, morrer, sabendo que, nos montes,
De cada vegetal em cada fructo brota
O amor... Sabendo que nas ribeiras insontes
Marulha o amor.. Que da hera á estrella mais remota

Canta, e se agita, e vibra, e fulge, e resplandece,
E lateja, e palpita, e impera o amor eterno!

(*Pausa. Pelas faces de Lauro descem lagrimas silenciosas. Reagindo*)

Mas ainda hei de viver. Ainda verei a messe
Nos campos. Verei ainda os passaros, no inverno,

Virem buscar abrigo ao nosso tecto. O prado
Verde, cheio de olor, coberto de boninas,
Ainda percorrerei, exultante, a teu lado,
Ao suave murmurar das fontes crystallinas.

Não ha de ser assim, Lauro? Juntos, felizes,
Pelos bosques, desviando os orvalhados ramos,
Pelas varzeas, colhendo os delicados lizes,
Não correremos ainda, á vóz dos gaturamos?

(*Numa revolta cheia de lagrimas*)

Deus não me ha de levar daqui. Porque eu não quero,
Não, não, não, eu não posso, eu não devo ir-me agora!
Não se interrompe assim um amor tão sincero.
Não se escurece assim uma tão casta aurora.

Não se lacera assim a face socegada
Da agua impolluta e azul de um lago bonançoso.
Não se desmancha assim a estancia perfumada
Onde se abriga o amor, sollicito e affectuoso.

Não se abatem assim, de tão atróz maneira,
Um por um, de um jardim, galhos de arvores tantas.
Não se desvia assim o curso da ribeira
Que estanca a sêde ardente a passaros e a plantas.

Não se arrancam assim á flôr fresca e fragrante
As petalas que á brisa e ás aves pedem beijos.

(*Eleva a vóz, num protesto onde põe toda a energia e toda a alma*)

Não! não póde morrer quem não viveu bastante
Para satisfazer seus mais caros desejos!

(*Cala-se. Desfallece. O ar do interior da camara vibra á sua respiração sibilante. O sol tem-se afastado, vae fugir pela janella. Vem das arvores do jardim, do beiral, da sebe entrelaçada de roseiras, um canto ruidoso de passarinhos em festa. As cortinas da jauella, á brisa que, anhelante, procura penetrar no quarto, afastam-se levemente, trementante. Lauro não tem coragem de encarar a agonisante. Pausa. Helena move-se, reanima-se. Aponta vagamente para o espaço, delira*)

Olha... Um anjo... Não vês?... Repara... Um mensageiro
De Deus...

(*Lauro, com um profundo cunho de soffrimento na face convulsionada, inclina-se anciosamente para Helena, que recompõe, a um sorriso indefinido, as linhas do rosto purissimo. O delirio continúa*)

... Quer me tomar nos braços.

LAURO

(*Com vóz suffocada*)

Minha vida,
Tu não pódes morrer!

HELENA

(*Murmurando, com uma subita lucidez*)

Chegou meu derradeiro
Momento... E, ai! Como te amo!

(*Num supremo esforço*)

Adeus! Adeus!

LAURO

Querida !

(*Quer erguel-a nos braços. Helena convulsiona-se, enlangue-sce-se, immobilisa-se, morre. Lauro solta-a, encara-a desvairadamente*)

Morta ! Apagado o olhar ! Contraído o rosto terso !
Ai ! Que me resta mais ? Meu Deus do céo, que dôr !

(*Váe para o meio do quarto, como um louco*)

Casa, rue ! Terra, oscilla ! Extingue-te, Universo !

(*Corre para o leito, cáe de joelhos, vencido, soluçando*)

Meu amor ! Meu amor ! Meu amor ! Meu amor !

1906. HEITOR LIMA.

COPIA INTANGIVEL

Mão impotente ! que não sabes ter firmeza
Quando pégo do escopo e, o marmore ainda bruto,
Corto, desbasto, e, linha a linha, em ancias, luto
Para dar-lhe a expansão da olympica belleza...

Não tremas de pavor, não pares de incerteza !
Que a fórma, ao derivar de um pensamento arguto,
Ha de vir do trabalho acabado, impolluto,
Como a copia fiel de toda a natureza.

Mão ! tudo que ao volver da vida na corrente
Passa, como passou a rosa desfolhada
Do meu sonho, perdida e nunca mais presente,

Tudo não copiarás, porque, de tudo, nada
Diz tanto como a dôr que silenciosamente
Tenho no coração para sempre guardada.

1906. GASPAR UCHÔA.

ANTE O BUSTO DE MARTE

(AO EXMO. SR. BARÃO HOMEM DE MELLO)

Terrivel potestade !... Herculeo deus da guerra
Que em torrentes de fogo outr'ora anniquilavas
As cidades crueis que em tormentosas lavas
Sumiram como o sol que tomba além da serra !...

Vejo-te em pedra o rosto indomito que encerra
A rudeza e o terror que rustico inspiravas
A soberbas nações que tu fizeste escravas
Dessa Roma eternal que supplantára a terra.

Conservas o sobrolho asperrimo, franzido,
A barba espessa e brutá e a excelsa magestade
De eterno luctador, de heróe jámais vencido !...

Si o teu busto contemplo, olympica deidade !
Como que ao longe escuto o horrisono estampido
Do rugir do trovão na vóz da tempestade.

1906. IGNACIO RAPOSO.

O RETRATO

Quiz Deus pintar um dia; e as rémiges possantes
De altaneiro condor delineou alado,
Do céo na azulea téla, em côres cambiantes,
Das nuvens a romper o branco nacarado.

E depois debuxou no verde de esmeralda
Do vasto mar tranquillo o corpo de uma ondina ;
Deslizam-lhe de espuma as flôres da grinalda
Por sobre os hombros nús, de eburnea pelle fina.

Orgulhoso do quadro e á téla procurando
Um remate gracil, artista moldura,
De glauca phantasia uma obra de apparato,

P'ra terra os olhos volve e os olhos alongando,
Viu-te, querido amor, e rapido a pintura
Do quadro azul desfez, traçando o teu retrato !

1906. AFFONSO COSTA.

CAVALLEIRO TRISTE

Onde váes a correr, Cavalleiro, que rumo
Buscas ? Disse-lhe alguem, ao vel-o a toda brida,
Lança em riste, esardado, erecto o dorso, a prumo,
Galopar pela estrada asperrima da Vida.

Elle, sem se deter, disse, de fronte erguida :
«Sigo em busca do Amor, da Ventura, e presumo
Que hei de achal-os». O alguem: «E' uma viagem perdida;
Amor é uma illusão, Ventura é apenas fumo...»

Sorriu. E lá se foi, celere, na jornada.
Caminhou, caminhou ; viu escoarem-se os annos,
Sem conseguir transpôr a méta desejada.

E segue, escravo dos desalentos humanos...
Onde váes, Cavalleiro ? Ao que responde: «Ao nada,
Sob o pezo fatal da cruz dos desenganos...»

1906. JOÃO DE DEUS FILHO.

TRAIÇÃO

—« Duvídas que eu te beije ? » disse, feita
A paz. E ella : — « Estás doido ! Isto viria
Zangar-nos outra vez... » Emtanto, ageita
A face. Avanço. Corre. Não queria !...

Mas volta. Diz que não tem medo e espreita
A minha raiva ; senta-se, assovia,
Da cabelleira as rosas endireita...
E como ria ! Loucamente ria !..

De novo avanço : ella, ligeira, pula,
Dá-me na cara de mansinho e, adeante,
Ri-se da minha miseravel gula.

Mas.. num momento distraíu-se. Alerta
Salto (e ó fatal instincto !) neste instante
Cantou-lhe o beijo na boquinha aberta.

1906. BAPTISTA JUNIOR.

ANNO III — Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1906 — Num. 89

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Muita gente, a maioria dos opportunistas, julgará que não convém ainda fazer o balanço da administração do sr. Rodrigues Alves. A critica da exacção desses mandatos da suprema confiança nacional costuma apparecer sob crépes hypocritas, «post mortem», á maneira de necrologio, polvilhado de ternuras, de lamentações saudosas, com essa doce piedade devida aos defunctos, como absolvição de peccados, exaggeração de virtudes, ou pelo processo barbaro da lapidação do sol poente, depois de um prolongado, de um glorioso dia de quatro annos de magnifica omnipotencia.

Mas... s. ex. ainda está vivo ; tem ainda deante de si quatro longos mezes, prazo mais que sufficiente para, como um Deus, desorganizar os elementos, transformar a face da politica e transtornar a sorte dos interesses que devem estar aguardando as disposições de ultima vontade ou as condescendencias, as tolerancias do paroxismo do Governo ; s. ex. está vivo, como demonstra a sua attitude energica sob a ameaça do tremendo pezo do «blóco», destinado a ser pedra angular do Convenio de Taubaté e respectivos succedaneos, com ou sem fixação de cambio ; s. ex. está forte, como váe provando com a intervenção, com os auxilios moraes e materiaes ao já famoso Totó Paes, de Matto Grosso, em máus lençóes com a legião patriotica, ex-legião Campos Salles, caudilhada, agóra, pelo sr. Generoso Ponce, saído da cadeira senatorial para tamanha obscuridade que passára sobre elle uma grossa camada da poeira fria do olvido, ao ponto de se apagar o seu nome da memoria do senador Katunda.

Para nós, a justiça é sempre opportuna e por isso anteciparemos o dia de juizo, emittindo uma opinião provocada pelo projecto do sr. Mello Mattos, prorogando o regimen sanitario, confiado á capacidade, ao patriotismo do sr. Oswaldo Cruz.

Na balança que tem de julgar o sr. Rodrigues Alves como estadista, como aquella que Tobias Barreto comparava á em que Deus peza as montanhas, devem figurar as bôas e más obras e, pondo de parte insignificantes desvios, apura-se que s. ex. peccou por omissão, por se abster de empenhar o seu prestigio para libertar a Republica da praga da politicagem, da politica dos governadores, desse pernicioso elemento parasitario que nos desacredita, que nos envergonha, que perturba a funcção normal do mechanismo politico. Em compensação, promoveu melhoramentos materiaes de grande valia em beneficio da Capital provisoria da Republica e do desenvolvimenio dos meios de communicação para debellar a distancia, o unico, o essencial inimigo da realisação das nossas legitimas aspirações. S. ex. sacou com muito acerto a rolha que o sr. Campos Salles, a pretexto de satisfazer os compromissos do «funding-loan», tinha mettido em todas as fontes de producção, procurando meios financeiros, exclusivamente, no resultado do barbaro imposto, que ainda peza e pezará durante muito tempo nos hombros do escorchado contribuinte.

E quando lhe não pudessemos agradecer esse impulso, cujas consequencias beneficas sómente mais tarde poderão ser apreciadas, si o sr. Affonso Penna a mantiver e animar, bastaria a obra sanitaria, essa empreza que se antolhava superior aos esforços humanos, para lhe valer como incontestado titulo de benemerencia. S. ex. padeceu tormentos affrontosos, esteve a pique de uma deposição, só porque entendeu nos salvar da macula de terra pestosa, vedada aos estrangeiros pela febre amarella, pelo mal levantino, pela variola, flagellos que nos impunham pezado tributo de sangue e de credito, isolando-nos do contacto civilisador das nações cultas, como terra maldita.

O sr. Mello Mattos, interpretando um sentimento unanime dos cariócas, convencidos pelos factos dos admiraveis resultados humanitarios das medidas de defeza da saúde publica, propoz o prolongamento do regimen por quatro annos, indispensaveis para a conclusão dos trabalhos do definitivo saneamento da cidade, estabelecendo-o sob bases fixas, de incontestavel efficacia.

Temos conseguido muito, temos conseguido o que parecia impossivel, attentos os habitos de rebeldia aos rigores da hygiene, sempre odiosa para as classes que lhes não comprehendem os effeitos, para habitos chumbados nas encrustações seculares da rotina, do desleixo, numa terra de fetichistas, de feiticeiros, de espiritas, de jogadores de bicho, vivendo na caligem de uma cega confiança na fatalidade, na intervenção providencial do azar.

Seria um desastre interromper, a pretexto de mal entendidas economias, a conquista victoriosa ; seria erro lastimavel volvermos ao regimen de medidas escassas, de providencias mancas, incompletas, inuteis, aos meios provisorios de resultados desastrosos.

E' de esperar que o Congresso Nacional se-

cunde a iniciativa patriotica para o complemento dessa obra do saneamento, que é um titulo de gloria do governo do sr. Rodrigues Alves.

*
* *

Diz-se que o governador do Estado do Ceará não ficou muito satisfeito com as impressões do sr. Affonso Penna, nos reparos cortezes aventurados sobre certos detalhes da administração daquella delirante satrapia.

O sr. Affonso Penna acceitou-lhe as homenagens, o foguetorio, comeu-lhe os peixes e fez má cara, como era natural, porque aquellas festas não puderam disfarçar a verdade: aquelles acepipes profusos estavam apimentados com as angustias, com o martyrio do generoso povo cearense submettido a tão affrontoso jugo, um jugo que talvez mesmo envergonhasse a civilisação da costa d'Africa.

E' de regra que não sejam eternos os males, como esse vilipendio que excessivamente se tem prolongado para vergonha nossa, para vergonha da Republica.

Resta á valente opposição do Ceará aguardar, cheia de esperança, os resultados da excursão do sr. Affonso Penna, que acaba de percorrer os dominios accyolinos, de ver com os seus proprios olhos como se comprehendem, alli, a páu e corda, as instituições democraticas, mantendo um regimen de governo familiar á maneira musulmana, com uma odiosissima compressão de todas as liberdades.

Aquella olygarchia, que se tornou typica da degeneração do regimen, vive e prolifera á sombra do prestigio do centro, onde os seus caprichos encontram acolhimento e os seus desmandos são paternalmente tolerados. No momento em que o chefe da Nação lhe fizer má cara e demonstrar por qualquer fórma o seu desgosto, ella se esboroará aniquillada.

Basta um gesto do futuro Presidente para chamal-a á ordem, um movimento caridoso e patriótico que, com tanta insistencia, pedimos ao sr. Rodrigues Alves e s. ex. recuzou, fazendo impassiveis ouvidos de mercador.

POJUCAN.

ARMADA NACIONAL

Recapitulação—A administração actual — Quanto ella mentiu ao seu programma — O seu criterio da economia — A falta de justiça annullando tudo — A hypothese de uma guerra e o que serão as glorias da Marinha — Os novos navios e os nossos Niebogatoffs — A falta de organisação causa de todos os males — Ainda os factos.

Temos visto, até aqui, que o pessoal da nossa marinha de guerra muito deixa a desejar.

Chefes e officiaes superiores, na maior parte, divorciados da sua profissão; officiaes subalternos, sem a pratica necessaria e morta a esperança de um futuro compensador; machinistas, atrazados, quasi todos, em relação á sua especialidade e costumados a um criminoso relaxamento pela falta de força moral entre si e pela suprema ignorancia dos nossos commandantes a respeito de machinas; guarnições insufficientes e sem o menor valor: os marinheiros, pela viciosa educação que recebem nas escolas de aprendizes, abandonadas pelo Governo, e pela vida perniciosa que levam a bordo dos nossos paralyticos navios; os foguistas, pelo pouco escrupulo com que são contractados, e a infanteria de Marinha pela funcção policial e decorativa que está habituada a desempenhar; o ensino na Escola Naval e na de Machinistas, imperfeito e mal professado e o mercantilismo dominando nesses estabelecimentos, — em que péze a um impavido *doutor*, que acceitou a *carapuça* — taes são os fructos que a uma Marinha, desde todo o começo desorganizada, arrancaram dezesete annos de administrações, em geral, e pelo menos, ineptas.

Quanto ao material, tambem já longamente o provámos, é absolutamente destituido de valor: navios quasi todos obsoletos e, com estes mesmos, os poucos modernos, immoveis em geral e precizando constantemente de reparos mais ou menos consideraveis nas machinas, que, entretanto, vivem paradas; arsenaes desmantelados, criminosamente administrados e convertidos em fócos de eleitores, que sugam uma verba enorme, sob o nome de operarios.

Accrescente-se a tudo quanto ahi fica uma justiça falha e morosa, falha porque os juizes são nomeados sem um criterio unico, immutavel, só se tendo organizado as listas de officiaes para conselho, depois do celebre processo Lauro Sodré, e essas mesmas só existindo para serem a cada momento desrespeitadas; falha, pelo bom numero de monstruosidades que encerram o codigo penal e toda a legislação da Marinha, que, além de defeituosos, só são applicados contra os humildes, e tão morosa que crimes puniveis com penas minimas só são julgados depois de escoado tempo maior do que o das penas maximas, chegando-se mesmo, muitas vezes, á absolvição do réo depois de dois annos e mais de processo.

Accresceute-se ainda o facto da feitura, interpretação e execução de todas as leis e regulamentos estarem enfeixadas na mão de um só homem, funccionario demissivel, cheio de affeições e de rancores, que veio cultivando durante a sua carreira —o ministro— e que esse tem, afóra isso, a capa dos já celebres avisos para cobrir-lhe os abusos; o ministro, de cujas decisões não ha, de facto, para quem recorrer, e que, pela nossa organisação naval, dispõe de tanto poder quanto os conselhos superiores e os almirantados das marinhas de potencias navaes de primeira ordem.

Accrescente-se, por fim, a influencia corruptora que os homens politicos exercem no ministerio da Marinha, onde se não faz uma promoção por merecimento, uma nomeação, não se concede uma licença e não se obtém a menor justiça, sem a intervenção dum qualquer dr. deputado ou dum collega ministro.

Accrescente-se tudo isto, e teremos

como resultante que, de quantas instituições inuteis pezam sobre o orçamento do paiz, nenhuma é, nas condições actuaes, mais inutil do que a Armada Nacional.

Dê-se amanhã um rompimento abrupto de relações com qualquer nação que disponha duma marinha rudimentar, e teremos de ver a esquadra brazileira vergonhosamente immovel, ou os seus navios transformados em esquifes dos officiaes que em meia duzia de calhambeques fôrem procurar o suicidio num combate, em que, no maximo, se ganhará um brilho que a Armada Nacional não tem mais.

***

E foi sobre aquelle chão de escombros, inconsistente, que o actual ministro da Marinha sonhou levantar uma marinha nova, sonho tanto mais irrealizavel quanto s. ex. mesmo augmenta a inconsistencia do sólo, mais baralhando aquelles escombros.

Nenhum ministro mentiu mais ao seu programma do que o actual. O seu apregoado amor á lei resume-se em interpretações, *sui-generis*, de decisões do Congresso; ostensivamente, s. ex. não permitte que tenham os actuaes primeiros-tenentes commissões em terra, e occultamente, dando ordem para que tal não conste de assentamentos de officiaes, os destaca para terra; s. ex. poria *cada macaco em seu galho*, e busca o disfarce da interinidade, para dar commissões proprias de officiaes de um certo posto, a officiaes de posto diverso; s. ex. implicitamente censura as administrações passadas pela morosidade na construcção de dois monitores no Arsenal do Rio; colloca um irmão á frente deste Arsenal, passam-se quatro annos de sua gestão e nenhum dos monitores, obra para dez mezes cada um, está concluido; s. ex. ataca as Escolas de Aprendizes pelo seu pequeno rendimento e procura reduzir-lhes o numero; durante a sua administração, o numero de escolas augmenta e o rendimento diminúe. S. ex., sempre falando em rendimentos, estranha os dos arsenaes sob administrações passadas, e, no emtanto, até hoje, não conseguiu diminuir as *resistencias passivas*, conforme promettera, e os rendimentos dos arsenaes, por causas que s. ex., ministro da Marinha, confessa desconhecer, não augmentam, e emfim, por mais, muito mais vezes e sob outros, muitos outros pontos de vista, s. ex. mentiu ao seu programma, e não fez mais, durante quatro annos de governo, do que continuar a obra de desmoralisação e anniquillamento da Armada, que os seus antecessores vieram tão *sabiamente* executando.

S. ex., em summa, foi um ministro como os outros; parece peior porque os seus incensadores querem que s. ex. tenha sido melhor, e, assim como um dos seu antecessores foi o ministro das economias vís, outro o das *unidades de madeira*, s. ex. foi o das economias improductivas, do sorteio e da pesca.

Mas a verdade é que naufragará, na sua tentativa, todo ministro que, embóra com menos enfatuamento, procurar reorganizar a Armada Nacional sobre as bases falsas em que a instituição hoje assenta. Construam-se navios de 12 ou de 18.000 toneladas, á vontade, e elles, amanhã, sem mesmo prestarem serviços, ahi estarão immoveis, portanto inutilizados; criem-se escolas superiores ou profissionaes, e ellas ficarão no papel, a forja dos navios podendo fornecer uns tantos que lhes torçam o regulamento; procure-se fazer justiça—justiça que é a base de toda a organisação moderna—e ahi estarão a ignorancia e o relaxamento dos officiaes superiores e generaes, abafando a justiça sob o principio de uma disciplina ridiculissima, que só serve para calar miserias e vergonhas, e ahi estará a politica, impondo a vontade, annullando o valor do merito pelo valor do empenho, a mesma politica que tambem amanhã povoará os novos arsenaes com um exercito de operarios inuteis, a mesma politica, emfim, que, depois da inepcia e da subserviencia dos ultimos administradores da Marinha, é a causa mais efficaz da desorganisação da Armada.

***

Muitos fôram os ministros que mandaram construir navios; crearam-se, em varias epochas, escolas superiores ou profissionaes; tentou-se, muita vez, fazer justiça; nem por isso, a marinha brazileira deixa de ser hoje o mon-strengo que é. Isto porque tudo quanto se tentou, foi mal tentado, e quanto se executou, mal executado.

Si, porém, nos enganamos, si, do que o actual ministro fez ou fizer, alguma coisa resultar de beneficio para a Armada, regosije-se s. ex., mais pelo lustre que houver ganho para o seu nome, do que pelo bem que houver feito á Marinha; si não fôr já amanhã o almirante A, será depois o almirante B, quem annullará o resultado que a Marinha houver colhido da gestão de s. ex.: os ministros da Marinha são dictadores; suas vontades soberanas; um acerta, erra outro, e essa alternativa de bôas e más administrações é de consequencias funestissimas.

Falta á Armada Nacional, uma organisação moderna, relativamente fixa, insophismavel, e cuja guarda pertença não a um só homem; para um só, o trabalho é, pelo menos, excessivo.

As marinhas das grandes potencias, são menos admiraveis pelo poder das suas esquadras — poder que é um effeito — do que pelas suas organisações — organisações que são as causas principaes daquelle poder. Essas organisações é que teem permittido a taes nações desenvolver suas marinhas de guerra, buscando sempre, ha dezenas de annos, o mesmo objectivo, com maior ou menor exito, mas sempre com exito; a Inglaterra, conquistando o predominio inconteste dos mares; a França, impotente para egualar á marinha de ataque da sua rival, não se deixando nunca supplantar pelo dobro e organisando uma marinha de defeza e uma defeza de costas tão admiraveis, que a differença entre as esquadras franceza e a ingleza, quasi se annulla; os Estados Unidos, depois de imposta a sua politica no continente, procurando impol-a nas relações da Europa com a America; o Japão e a Allemanha, mais novos, o primeiro não dormindo sobre as glorias da campanha com a China e conseguindo, por fim, dominar o Oriente, e a outra buscando alcançar uma esquadra, garantia de sua assombrosa expansão commercial, e, finalmente, a Italia, querendo obter no Mediterraneo a supremacia que merece pela sua excepcional posição nesse mar.

E tudo, todas estas conquistas que

taes nações teem realizado por intermedio de suas esquadras, a propria acquisição dessas formidaveis marinhas, são obra, não de um homem, não de cem homens, mas de organisações sabias. Lá, os homens servem ás organisações; aqui, cada ministro procura organizar de novo.

Qual o futuro da nossa armada recomposta sob as bases actuaes, eloquentemente o diz o resultado da ultima campanha no Oriente.

Construam-se para o Brazil os navios colossaes com que se sonha: não nos faltarão Porto Arthur, nem Tsu-Chima, pois que nos sobram Starcks e Niebogatoffs: sobram-nos vaidade, inveja e intriga, sobram-nos ignorancia e desmoralisação, filhas da mais absoluta desorganisação.

TONELERO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O tunnel da Mancha — Antigo projecto restaurado — Vantagens dessa communicação — Nova York e Paris.

O projecto de um tunnel entre a Inglaterra e a França, repellido pelo parlamento inglez em 1883, foi renovado, agóra, com probabilidades de successo, graças á *entente cordiale* e á notavel transformação da politica ingleza.

Estudos technicos de grande valor, com segurança e precisão, demonstram que esse trabalho colossal de perfuração submarina, não encontraria serios obstaculos. Esse tunnel terá 48 kilometros de comprimento da estação de Douvres e outra correspondente na margem franceza, em Sangatte, perto de Calais. Como no Simplon, se construiriam dois tunneis independentes e parallelos de 6 metros de afastamento com galerias transversaes de 400 em 400 metros. Cada um delles terá 50 a 55 metros de diametro e uma profundidade de 45 metros abaixo do leito do mar.

As duas nações obteriam extraordinarias vantagens com essa empreza. Douvres se tornaria uma formidavel rival de Hamburgo e de Anteverpia pela ligação directa de Londres com Paris, Madrid, Lisbôa, Bruxellas, Vienna, Roma, Constantinopla, Athenas, S. Petersburgo; do lado da França, Paris, Lyão, Marselha veriam augmentarem seu commercio e transacções com a Inglaterra.

As viagens entre os dois paizes, libertadas do enjôo provocado pelo terrivel mar da Marselha, se multiplicariam e esse movimento teria a mais proveitosa repercussão na situação economica, nos negocios commerciaes e industriaes das duas nações.

As unicas objecções feitas a esse projecto fôram de caracter estrategico: o tunnel, como se allegava em 1883, exporia a Inglaterra á invasão, enfraqueceria a sua invulnerabilidade como ilha. Essas considerações, porém, não preponderarão quando fôr, proximamente, submettido o projecto ás Camaras das duas nações.

Os capitalistas americanos pensam tambem em ligar Nova York a Paris por uma estrada de ferro que passará sob o estreito de Bhering, por um tunnel collossal, cujos estudos estão feitos e submettidos ao estudo dos capitalistas.

***

A depuração do ar — O systema dos engenheiros Leibrech e Lothrop — Aproveitamento das materias em suspensão.

Os miasmas, gaz, poeiras fluctuantes, fumo, emanações deleterias que saturam o athmosphera das grandes cidades a tornam extremamente perigosa pela agglomeração de milhões de individuos sobre os quaes pezam milhares de metros cubicos de ar em que pullula toda a sorte de microbios.

Dois engenheiros de Gloucester, no Massachusets, Leibrech e Lothrop, demonstraram a possibilidade de desinfectar esse immenso fóco de molestias de toda a ordem por meio de uma installação de evacuadores, capazes de depurar, cada um, 10.000 metros cubicos de ar por minuto. Elles propuzeram ao prefeito de Nova-York a experiencia desse systema na abobada subterranea do novo caminho de ferro metropolitano inaugurado ha alguns mezes.

A installação de cem evacuadores custaria cinco milhões de dollars e as materias vegetaes, mineraes e animaes, em suspensão na atmospliera seriam recolhidas pela depuração em fóssas de exgotto, onde seriam, depois, aproveitadas pela agricultura, pela industria, de tal maneira que as despezas da empreza seriam largamente compensadas com extraordinarios beneficios.

***

Rehabilitação do tomate.—Uma opinião de Armand Gautier, da Academia de Paris.—Carta decisiva do dr. Moret.

O uso do tomate chegou a ser proscripto aos arthriticos por causa do acido oxelico que elle continha abundantemente, mas Armand Gautier, da Academia de Sciencias, derrocou a tradição ou superstição, affirmando a injustiça da condemnação.

Aquelle chimico, em consequencia de analyses precisas, provou que o tomate, ao contrario do que se pensava geralmente, é pobre em oxalatos e muito rico em citratos, em malatos, saes especialmente recommendaveis aos arthriticos e uraticos.

O dr. Moret confirmou plenamente a opinião de Armand Gautier, uma carta impressa no *Journal de Médicine*, na qual diz que, sendo um arthritico, filho de diabetico, de lithiasico, obteve melhoras consideraveis com o abuso do tomate em todas as refeições.

Mais uma legenda que se desfaz com grande prazer para os apreciadores do tomate.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXVI

A discussão da emenda do deputado Ferreira França, ácerca da federação das provincias, absorveu a sessão de 18 de setembro.

Voltando á tribuna, Carvalho e Mello reproduziu os argumentos que havia expendido contra a idéa, que o enchera de pasmo; ainda após madura consideração, continuava a reputal-a perniciosa. O auctor da emenda defendeu-a com algumas phrases, que não pódem ser tomadas ao serio, que parecem jogralidades.

Intervieram no prelio palavroso Costa Barros, Vergueiro, Carneiro da Cunha, Lopes Gama, Rodrigues de Carvalho, Silva Lisbôa, Muniz Tavares; os representantes fluminenses França, Nogueira da Gama; finalmente, Montesuma, que sustentou não haver incompatibilidade entre uma confederação e a monarchia constitucional representativa. O debate foi estirado e renhido, repisados os argumentos pró e contra, ficando a questão no mesmo terreno. Era assim que a Camara perdia o tempo e procrastinava a formação do pacto constitucional, que anciosamente o povo desejava ver concluido e já começava a duvidar e escarnecer dos homens que compunham o Congresso Legislativo. Com o methodo e direcção dos trabalhos parece que, só depois dalguns annos, poderia a Constituinte terminar a obra, da qual fôra incumbida.

Installada em 3 de maio, até 18 de setembro, havia, apenas, discutido dois artigos. No entretanto, desperdiçava o tempo, occupando-se de propôr e discutir indicações, como as seguintes: «que o Governo mandasse destruir o quilombo Guandú em Catumby.» Nogueira da Gama, ministro,

affiança haver o Governo tomado medidas a este respeito. O deputado Vergueiro, França e outros falam sobre o quilombo de Catumby. O padre Dias, representante de Minas, como que ironicamente aconselha: «Senhores, fujamos com o maior cuidado de nos mettermos no que não é da nossa competencia. Isto é um objecto de policia; não é materia legislativa. Basta o que se tem dito hoje, aqui, para estimular o Governo a cuidar nas coisas de policia. Isto não nos pertence.» Tal indicação, tendo sido muito discutida, foi approvada. Ainda outra: — pedindo ao Governo a despeza do balanço do mez de julho de 1823. 1º Todas as parcellas ácerca dos creados e creadas de d. João VI, rei de Portugal e da rainha; 2º, sobre as reaes cavallheriças; 3º, sobre a bibliotheca; 4º, sobre as diarias ao deputado ás côrtes de Portugal por Angola. E mais outras propostas, que preteriam os trabalhos do projecto da Constituição.

Aquella indicação, relativa aos salarios do rei d. João VI, *malignamente* formulada e proposta, tinha por fim açular os preconceitos e as coleras populares, denunciando que, não obstante a Independencia, o povo pagava tributo ao rei, que foi nosso senhor. Ora isso, unido á admissão dos soldados e officiaes lusitanos ao nosso exercito, era por demais para persuadir ao povo que todas ás desconfianças, contra o governo de d. Pedro, eram fundadas em factos verdadeiros. Ouçamos o auctor da indicação: «Quem, sr. presidente, não se encherá de justa indignação ao ler taes parcellas de despeza? Nós a pagarmos os creados do rei duma nação, com a qual estamos em guerra!!! Eu pensava que todos eram imperiaes; mas não; uma parte é *real*... Não é isso zombar dos nossos votos, dos protestos do Brazil inteiro e dos seus juramentos? Ainda mais cresce a minha admiração quando vejo que o Governo não deu conta disso á Assembléa; continuou no abuso vergonhoso. Que mais falta para continuarmos a ser portuguezes?»

Attente bem o leitor nas ultimas palavras e na emoção que produziram na alma brazileira, então inflammada de rancor contra os portuguezes.

O abuso vergonhoso foi sempre mantido pelo ministerio de José Bonifacio. A Constituinte, desembaraçada e livre da prepotancia do governo do patriarcha, punha ás claras estes e outros escandalos ainda encobertos. A divulgação de taes factos renovava as prevenções contra d. Pedro, que realmente comprehendia a calculada hostilidade e ajuntava esses acintes, que se repetiam, a avultada somma de motivos que o obrigavam a desfazer-se da Assembléa, que procurava, expondo-o ao odio nacional, empecer na alma popular as ruidosas manifestações de enthusiasmo com que era saudado. Assim suppor que a Constituinte nada fez para provocar as tremendas iras, que hão de explodir no decreto de 12 de novembro, é, na verdade, julgal-a victima innocente, immolada pela pureza de suas intenções. Entretanto, os actos de provocação fórmam um complexo de motivos que geraram no animo do Imperador a convicção da impossibilidade de coexistirem ambos. Mediocre, inexperiente, incapaz de desempenhar sua missão, foi uma Assembléa que não comprehendia os perigos do abysmo, em cujas bordas volteando doudejava, mesmo quando, com deploravel insania, fazia ao ministro Villela Barbosa interrogatorio pueril ou ridiculo.

O Imperador, pelo contrario, mostrava tolerál-a com longanimidade. Demais, na fundação do Imperio, iniciando o seu reinado, elle tinha interesse em apoiar-se no concilio dos representantes da nação; julgava que a sua realeza passaria por nova consagração. Deu exúberantes provas de querer conservar perenne harmonia com o Poder Legislativo. Compulsando as paginas do *Diario da Camara*, vê-se que elle communica á Assembléa uma longa série de actos da exclusiva competencia do Executivo; vê-se que nunca recuzou attender ás repetidas solitações, ou determinações do ramo legislativo. Raro é, porém, o acto da legitima competencia do Governo, que a Camara não censure com uma rabulice repulsiva. Não era essa, porém, a critica elevada e fecunda, indispensavel, no systema da divisão dos poderes, para firmar a harmonia, para concorrer ao bom meneio do mechanismo e attingir o fim commum.

Sob o pesadêlo de desconfianças reaes ou chimericas, a Constituinte nunca procurou harmonizar-se com o Imperador. Si taes desconfianças eram reaes, não teve a habilidade de neutralizal-as ou fazer abortar ás consequencias: si chimericas, faltou-lhe o tino de evital-as.

D. Pedro, que contava com a Assembléa e esperava, com ella, realizar suas ambições de gloria, fundando o Imperio, passou por grande desillusão, não podendo attraíl-a a si. Elle acreditava necessario o concurso da Assembléa tanto que foi um de seus primeiros cuidados decretar a sua convocação. Elle, então, armado de todos os poderes, que de direito e de facto exercia, si tivesse querido, não a convocaria, não reconheceria a prerogativa da soberania nacional e continuaria a governar dictatorialmente.

Quem ouzaria reunir uma Assembléa ou impedir que elle administrasse legislasse e governasse? A Constituinte dão teve a intelligencia do alto e grandioso papel que podia representar. O facto da convocação, feita por um principe herdeiro, a quem a revolução da Independencia conferiu a omnipotencia de dictador, revela que este dictador entendia dever exercer um poder legitimo, regular, consagrado pela representação nacional.

A Assembléa não comprehendeu nada; atordoada pelas perseguições do ministerio de José Bonifacio, ella abriu lucta surda contra aquelle que anhelava identificar-se com a nação representada no Parlamento. Tudo parece ter concorrido para tornar a Constituinte mediocre e nulla. A marcha dos acontecimentos, a direcção de Antonio Carlos, que só se preoccupava de sua vaidade, logo nas primeiras sessões, collocaram-na em situação absurda.

Os Andradas fôram funestos á Assembléa, que dêveras não podia seguir um ministerio, cujas portarias de devassas geraes, cujas perseguições haviam semeado o terror e desconfiança por todas as provincias. Como homens que eram, interpretes do sentimento publico, haviam de acceitar e seguir um governo, que, durante 16 mezes, tinha enchido os carceres, perseguido e deportado tantos cidadãos? Si a Constituinte tivesse encontrado outro ministerio, outra direcção e não se visse sob o terrorismo, provavelmente outro teria sido o desempenho da sua missão e não teriamos nas paginas de nossa historia politica o decreto de 12 de novembro, resultado produzido pelo funesto systema de terror das portarias de devassas do governo de José Bonifacio. Si o venerando patriarcha tivesse tido sabedoria e previsão dum estadista, ou, siquer, a prudencia do bom senso commum, certamente não teria abuzado das devassas, das perseguições, das prisões e deportações que, por todas as provincias, crearam desconfianças, duvidas, terror e odios. Cada acto do Governo era interpretado como uma premeditada traição e deslealdade do Imperador, que o povo acreditava querer fazer voltar o Brazil ao regimen colonial. A Constituinte sentia e pensava do mesmo modo que o povo: compartia das mesmas desconfianças, dos preconceitos, temores e odios. Eis ahi porque houve sempre na Assembléa tenaz prevenção contra o Governo; prevenção que se ia modificando um pouco, depois da demissão do ministerio de José Bonifacio e á vista da moderação do novo gabinete; mas que reappareceu com a questão dos soldados e officiaes lusitanos, do bergantim *Treze de Maio*, da fragata *Voadora*, que transportaram o marechal Luiz Paulino e o conde do Rio-Maior, vindos de Lisbôa, como

commissarios do rei d. João VI. De parte a parte, estranho concurso de circumstancias estabeleceu uma situação indefinivel entre o Imperador e a Constituinte e, quando a discussão do projecto da Constituinte levantou, qual espectro, a idéa da federação, d. Pedro convenceu-se da necessidade de dar cabo duma Assembléa, mal considerada, pelo povo, inutil, como auxiliar; perigosa, como fóco de intrigas e odios. Nesse presupposto, espreitará a conjunctura que lhe fornecerá o conflicto dos officiaes portuguezes com o boticario do largo da Carióca, sob o ponto de vista do patriotismo brazileiro e hostilidade portugueza. Quando vier o momento opportuno, notaremos o desenvolvimento desse drama, em que os granadeiros, que marchavam de S. Christovão, fecharam as portas da cadeia-velha.

A Assembléa, nas sessões de 20 e 23 de setembro, discutiu os artigos 2º. e 3º. do projecto da Constituição, interrompendo-o para tratar do parecer da commissão, concernente á proclamação aos povos. Já vimos que projecto da Constituição sómente foi apresentado por Antonio Carlos, em 15 de setembro; por conseguinte, a Camara viu decorrer cerca de 5 mezes, sem trabalhar no pacto fundamental. O povo, esperando debalde, mas com ancia, pelo projecto, começou a recuzar-lhe confiança e murmurar de suas lentezas, incapacidade, e mesmo a suspeitar que estivesse de mãos dadas com o Imperador para restaurar e continuar o governo do regimen da monarchia tradicional. Ora, a Constituinte percebeu que era indispensavel falar ao povo, explicando-lhe a demora e esclarecendo a respeito de varios assumptos: esperava, por esse meio da proclamação, conciliar-se com as populações que já motejavam e descriam de seus representantes.

A commissão demorou-se, desde junho ou julho, em redigir a proclamação que apresentou em setembro, quando já se discutiam os artigos do projecto; evidentemente, não tinha mais razão de ser. A Assembléa, todavia, quer discutir a redacção da referida proclamação. Rodrigues de Carvalho, deputado do Ceará, diz: «Agóra que já appareceu o projecto da Constituição que váe fazer, sr. presidente, a proclamação? Creio que ella nem preenche os fins que no principio teve em vista; além de que, fazer-se uma proclamação quando a Assembléa apresenta um projecto, acho que não é conforme e parece-me que a maior parte dos senhores estão nesta idéa. Para que havemos estar gastando tempo com a discussão dum objecto que parece escusado? Proponho que se supprima a proclamação». Travou-se longo debate, em que tomaram parte varios representantes. A Camara gastava o tempo com estas questão, deixando de lado a dos artigos da lei fundamental, que reclamava andamento.

Quando alguns escriptores tentam justifical-a por não ter concluido a obra principal, para qual fôra convocada e eleita, esquecem-se destes longos e estereis debates, ou mostram que os não conhecem e não sabem da maneira de trabalhar que a Assembléa adoptou, pois do projecto de Constituição, principiado em 15 de setembro até novembro, apenas discutiu 16 artigos. Raras são as leis de utilidade geral, que decretou nesse periodo de 7 mezes, em que funccionou improficuamente.

EUNAPIO DEIRÓ.

APANHADOS

A união scandinava Na Camara dinamarqueza, foi votado um subsidio de 3.000 corôas destinado a auxiliar os que se esforçam para approximar as tres nações scandinavas por meio de grupos interparlamentares e da conclusão dos tratados de arbitragem entre esses tres paizes.

***

Poetas portuguezes E' curioso ler o que os escriptores francezes, que nem sempre respeitam muito a verdade, dizem dos homens de lettras de Portugal, para não falar já dos do Brazil...

Maxime Formont, na *Grande Revue*, num dos ultimos numeros, fala dos poetas portuguezes contemporaneos.

João de Deus, escreve Formont, representa mais exactamente o genio da sua nação. A sua educação piedosa, numa familia patriarchal, explica esse mysticismo que se encontra no seu verso; elle era, ao mesmo tempo, poeta, pintor e musico, como os *aédas* dos povos primitivos.

De Anthero do Quental o articulista diz que era um poeta-philosopho no genero de Sully Prudhomme, um forte admirador dos pensadores allemães e um seguidor de Quinet, nas suas idéas socialistas e humanitarias; depois Anthero voltou á «santidade rigida dos mysticos».

O terceiro poeta lusitano é Guerra Junqueiro; Formont diz que o auctor da *Musa em férias* uniu á satyra a eloquencia calorosa e uma imaginação verdadeiramente lyrica. Estréou com a *Morte de d. João*, mas a sua obra prima é aquelle poema delicioso *Os simples*, scenas rusticas, pintadas com um profundo naturalismo. Guerra Junqueiro renovou, por completo, a linguagem poetica e soube tirar dahi effeitos prodigiosos de imagens, de côres e de sons.

***

A caricatura photographica Já é possivel pela photographia deformar a physionomia de qualquer pessôa. Esse processo mechanico é devido ao sr. Enswort Hare, de Chicago. O auctor guarda o segredo dessa invenção. Os specimens do que elle chama a «caricatura mechanica» são muito curiosos. O sr. Hare os obteve submettendo a pellicula photographica á influencia do calor e de certas substancias chimicas. Uma das particularidades desse trabalho é que elle permitte deformar qualquer parte do corpo, modificando, exaggerando a cabeça, o nariz, a orelha, deixando o resto completamente intacto e regular. Assim, augmentou uma cara do tamanho dum balão, fez um pescoço ficar do comprimento do corpo todo e estreito como um dedo, a um nariz deu a proporção dum pé. Fez, pela photographia, as coisas mais excentricas com as diversas partes do corpo; um caricaturista apurado e habil não as faria com tanta destreza e tanto espirito.

***

Universidade franceza A Universidade de Paris tem agóra mais uma escola de chimica. Além deste augmento, a universidade recebeu do principe de Monaco um presente magnifico. O principe resolveu estabelecer em Paris o instituto e o museu oceanographicos, fundados por elle; deu um capital de quatro milhões de francos para a conservação e o funccionamento desses dois grandes estabelecimentos. Elle mesmo redigiu os estatutos e nomeou o conselho de administração. A direcção scientifica será confiada a uma commissão composta de sabios de todas as nações.

***

A paz armada Um jornalista americano, o sr. Clyde Hambright, calculou que, desde a guerra de 1870, em 26 annos, tem-se gasto uma media de 18 milhares de francos, annualmente, em armas, que, felizmente, não teem sido utilisadas. Uma simples multiplicação mostra que se gastaram, inutilmente, 600 milhares

de francos. O sr. Léon Bollack, jornalista parisiense, diz que, si esses 600 milhares perdidos tivessem sido gastos em trabalhos publicos ou, melhor ainda, em reformas sociaes que livrassem as classes populares do grande descontentamento em que estão e lhes trouxessem um bem-estar até agóra desconhecido, teriam sido utilisados com muito mais proveito para todos. A paz armada, que não tráz nenhuma segurança, não deve durar muito tempo.

***

O ensino na Italia Uma campanha muito curiosa está havendo agóra na Italia; um jovem professor, o sr. Guido Gianolio, notou que os progressos dos seus alumnos eram, geralmente, retardados quando, na sua classe, appareciam meninos indisciplinados ou de intelligencia inferior. Elle pensa que a ordem nas escolas ganharia muito, si repartissem os alumnos em agrupamentos homogeneos e propõe a creação duma commissão composta de medicos e pedagogos que fizessem um inquerito sobre o numero de meninos anormaes ou simplesmente atrazados e vadios que frequentam as escolas. Depois disto, a mesma commissão organizaria classes especiaes para esses alumnos, com professores escolhidos para dirigil-os e que applicariam os methodos que a experiencia reconhece como convenientes. A idéa do sr. Gianolio está sustentada por Lombroso e pelos outros grandes professores italianos, Sergi, Ferri e Lino Ferriani.

***

Um livro de escandalo Um livro que tem feito barulho nos Estados-Unidos é o da baroneza de Zedtwitz. Sabe-se que a universidade catholica de Washington foi fundada, em parte, com as quantias dadas pelas senhoritas Mary Gwendolen e Mary Elizabeth Caldwell, de Louisville. No fim do anno de 1904 soube-se, com espanto, que as duas irmãs tinham abandonado a religião catholica; a mais moça, hoje baroneza de Zedtwitz, dá as suas razões num livro bem interessante: *A dupla doutrina da egreja de Roma*. Diz a baroneza que a Egreja prégava a santidade aos leigos e aos padres humildes e auctorizava todas as infracções á moral na administração ecclesiastica, na sua politica e mesmo entre o clerico. Ella não condemna as doutrinas dos jesuitas, adopta-as até; segue tambem a doutrina esoterica, a mesma que pertence ao collegio dos cardeaes e á propaganda.

A sra. Zedtwitz conhece tão bem o governo interior da Egreja, que diz, até, ter feito parte delle.

Associações catholicas Na *Réforme sociale*, num dos ultimos numeros, o sr. R. de Briey, tratando da acção social dos catholicos italianos, fala da creação de bancos populares catholicos, que são 59, com um capital social de 4 milhões de liras e que teem por fim estender os beneficios do credito ás associações de soccorros mutuos, ás caixas ruraes e cooperativas e a todas as sociedades catholicas de caridade.

***

O parlamento na Russia O sr. Korwin Milewski, no *Correspondant*, de Paris, escreveu um interessantissimo trabalho sobre o futuro parlamento da Russia. Petersburgo manda ao Congresso dez deputados; Moscou, quatro; Varsovia, dois, e as outras vinte e tres cidades russas enviam um deputado cada uma. São eleitores nas cidades todos os habitantes que possúem um immovel qualquer, pagam um imposto directo ou occupam, ha um anno, pelo menos, uma grande casa de aluguel caro. Nos campos, a representação de cada provincia é eleita por uma assembléa eleitoral muito restricta, composta de delegados de tres ordens ou classes: os camponezes, os proprietarios e os habitantes de aldeias ou cidades que não formem uma circumscripção distincta. A *duma* é eleita por cinco annos; os seus membros recebem uma gratificação de 26 francos por dia por occasião das sessões. Contará 530 membros a *duma*, dominando ahi o elemento *mujick*. Os deputados camponezes reclamarão o maximo de terras e o minimo possivel de impostos. 250 deputados tratarão dos interesses do imperio no ponto de vista geral.

PAGINAS ESQUECIDAS

A MORTE DO CZAR

Odiar os tyrannos é amar os povos.

VICTOR HUGO.

Graças! louvado seja o braço nihilista
Que acertou afinal!
Matou-se a velha féra, o abutre da con[quista,
O urso imperial!

E' bom que estes velhacos,
Estufados de orgulhos e reis pelo terror,
Vejam que custa pouco a reduzir a cacos
Um grande imperador

Martyres que jazeis nos gelos da Siberia,
Polacos, exultáe!
O' Pestel! Ryieief! a região funerea
Com urrahs atroáe!

Aquelle real patife
Era um devorador de carne humana: então
Applicaram-lhe em cheio a pena de Talião:
Fizeram d'elle um bife.

Mas dizem: Libertou milhões de servos. Sim!
Ganhou em cada servo um novo tributario:
Libertou em favor do imperial erario
Graça de rei, por fim!

Acabou de pregar uma nação na cruz,
Depois esbofeteou-a!
E a Polonia morreu — estrangulada leôa!
Assim tivesses, czar, mil vidas para o obus!

Tu quizeste encerrar o Futuro e a Esperança
N'um circulo de ferro — a corôa. Afinal,
Pagaste menos mal
O teu erro infantil, decrepita creança!

A Russia, sacudindo o secular quebranto,
Livre e grande entrará na união fraternal
Dos Povos. Entretanto,
Apodrece p'ra ahi, pedaço de animal!

1881

LUCIO DE MENDONÇA.

***

O QUE AS MINAS DO BRAZIL FORNECERAM PARA MANTER O LUXO DA CÔRTE DE D. JOÃO V.

Um facto fortuito, alheio aos elementos naturaes da vida portugueza na Europa, tinha vindo, pelos fins do XVII seculo, influir poderosamente nos destinos da nação. Despovoado e inculto o reino, miseraveis e núas as populações, sem riqueza nem trabalho,—as minas do Brazil deram, ao rei e ao povo, uma fortuna que o reino lhes negava.

A situação que a descoberta da India creára a Lisboa no XVI seculo, renascia agora com a riqueza americana. Populosa, theatralmente opulenta de um luxo fidalgo e sacerdotal, côrte de um como satrapa, Lisboa era mais a metropole de um vasto imperio ultramarino, do que a capital de um reino europeu. Portugal via-se outra vez o alfoz da sua bella cidade que o devorava. O destino maritimo da nação, creado pelo seu porto magnifico, numa das fronteiras do mundo, condemnava-a a soffrer as duras consequencias de uma grandeza singular. Portugal, nos antigos e modernos tempos, só commenta a miseria das suas provincias, do seu organismo nacional, nas horas de crise: 1640, 1755, 1820, 1834. Agora, as minas americanas chamam todas as ambições, todas as forças, para a cidade onde se concentra a vida inteira da nação. Na côrte, em Lisboa, portanto, se desenrola a historia, muda em provincias despovoadas, embrutecidas e miseraveis.

Foi sobre o ouro e os diamantes do Brazil que se levantou o novo throno absoluto de d. Pedro II; foi com elles

que d. João V, e todo o reino, poderam entregar-se ao desvairado enthusiasmo dessa opera ao divino, em que desperdiçaram os thesouros americanos. O acaso, pae sem virtudes deste filho prodigo chamado o Portugal bragantino, concedeu a um tonto o uso de armas perigosas, abrindo-lhe de par em par as portas dos arsenaes; e d. João V, enfatuado, corrompeu e gastou, pervertendo-se tambem a si e delapidando toda a riqueza da nação. Tal foi o rei; e o povo, pastoreado pelos jesuitas, beato e devasso, arreava-se agora de pompas, para assistir, como convinha, á festa solemne do desbarato dos rendimentos do Brazil.

A tradição da existencia do ouro era antiga. Em 1573, um certo Tourinho, subindo o rio Doce, descobriu o territorio chamado de Minas, e encontrou esmeraldas. Depois delle, outros exploradores visitaram a região; até que em 1693, chega a Porto-seguro um paulista, com a noticia de que havia ouro no sertão de Cuyaté. A exploração começou desde logo, provocando o delirio que em nossos dias se viu na Australia. A principio, a sacca do ouro era severamente prohibida; mas, por impossivel de fiscalisar, libertou-se, impondo-se o tributo do quinto, que começou a render cerca de 12 arrobas por mez. (1)

Para que bem se possa avaliar a importancia das novas descobertas; para que ninguem se illuda, suppondo que os faustosos desperdicios de d. João V traduzem um renascimento da riqueza natural do reino, poremos aqui uma nota das massas de metaes e pedras preciosas que d. João V recebeu do Brazil: 130 milhões de cruzados; 100:000 moedas de ouro; 315 marcos de prata; 24:500 marcos de ouro; 700 arrobas de ouro em pó; 392 oitavas de pezo e mais 40 milhões de cruzados de valor, em diamantes. Além de tudo isto, o producto do imposto dos quintos e o monopolio do pau-brazil rendiam annualmente para o thesouro cerca de milhão e meio de ruzados. Pois esta massa, quasi incalculavel, de riquezas não bastou para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarcha. O inglez sentava-se com elle á meza, e applaudia os desperdicios; porque todo o ouro do Brazil passava apenas por Portugal, indo fundear em Inglaterra, em pagamento da farinha e dos generos fabris, com que elle nos alimentava e nos vestia. A industria portugueza constava de operas e devoções.

Por isso, nem todo o ouro do Brazil chegou; a divida nacional cresceu; e se Lisboa quiz deixar de morrer á sede, teve de pagar com um imposto especial a construcção do seu Aqueducto.

Os dinheiros do Brazil tinham outro e melhor destino. Iam para Roma custear o preço de concessões valiosas. Era a elevação da capella do rei a Patriarchado, um arremedo do Vaticano; eram as insistencias (sem resultado) para que se definisse o dogma da immaculada conceição de Maria, antiga teima dos braganças; era a licença para os padres dizerem tres missas em dia de finados; eram os lausperennes, as reliquias, as canonisações, as indulgencias.

A educação jesuita produzia duas especies de caracteres que, ás vezes, quasi sempre, se viam reunidos na mesma pessoa; e que imprimiram, á phisionomia portugueza do XVIII seculo, um cunho, ainda não de todo apagado em nossos dias: a brutalidade soez, e a parvoice *carola*. Eram os fructos da esterilisação do ensino, e da perversão da religião. Nos nossos reis quiz o acaso que os dois caracteres encarnassem, como typos, em dois homens, para melhor se poderem ver e observar. Affonso VI foi um, João V o outro.

A antiga hombridade portugueza, que a universal perversão tornava em basofia, dava o braço á antiga piedade, agora traduzida por uma devoção idiota e piegas. D. João V era, ao mesmo tempo, balofo e carola. Tinha o amor das ceremonias, e sabia todos os pontos da etiqueta do paço e da egreja. Era mestre em liturgia. Queria bem a todos os santos; mas tinha um fraco particular por S. José e por S. Francisco de Assiz. Quem diria, ao asceta do XIII seculo, o amor futuro do rei sybarita e devoto? Nossa-Senhora-das-Dores merecia-lhe tambem um cuidado especial: estendeu e vulgarisou pelo reino o seu officio; mas o fraco por S. Francisco era de tal ordem, que aspirava ao lugar de andador da sua Ordem-terceira. D. João III aspirára ao lugar de inquisidor:—nesta differença de ambições está a differença dos tempos e da religião. O jesuita apparece de permeio.

A Patriarchal era para d. João V o reino, a côrte. Essa opera contava quasi quatrocentos figurantes. Afóra o patriarcha, tinha vinte e quatro principaes, setenta e dois prelados, vinte conegos, setenta e tres beneficiados, mais de trinta mestres de ceremonias, acolytos, capellães. Custavam todos trezentos contos ao anno. E além disso, cento e trinta cantores e musicos, por trinta e oito contos. E por cima, as rendas principescas do patriarcha. E mais ainda, o preço incalculavel das festas magnificas, com o scenario deslumbrante de ouro, pedrarias, velludos, rendas, luzes, em nuvens de incenso despedidas pelos thuribulos cinzelados.

D. João V não regateava o preço das cousas; antes, como rei *brazileiro*, rico sem bem saber como, punha a honra na despeza; e imaginava espantar o mundo, com o modo perdulario com que dissipava. Mais de duzentos milhões de cruzados foram para Roma; não tem conta o que deu pelo reino ás egrejas, aos conventos de frades e freiras; e na sua furia de ser o esmoler-mór do catholicismo, lembrava-se de todos, ia derramar por toda a parte o ouro do Brazil: Santo-Antão de Benavente, S. Francisco de Bodajoz, a capella dos portuguezes de Londres, o presepe de Belem na Palestina, os templos de Jerusalem, para não fallar nos de Roma.—Alexandre de Gusmão, attonito, apertava a cabeça com ambas as mãos, exclamando: «a fradaria absorve-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos!»

O rei não pensava em tal; e emproado, soberano, a peruca magestosa, o pulso em fofas rendas, com a mão sobre a bengala, risonho de si, passeava os olhos pelo scenario da opera faustosa. Era, deveras, um grandissimo rei! E os mitrados de purpuras, os tonsurados de camandulas e burel, de rastos, humildes, batendo nos peitos, louvavam e adoravam o grande Lama do extremo occidente.

Faltava, porém, a d. João V alguma cousa. O figurino pelo qual se vestia,

o seu modelo, o rei-sol de França, Luiz XIV, tinha fabricas, academias e monumentos; e além disso, o monarcha, intimamente interessado em todas as cousas do culto, reparára que não eram bons os galões que vinham de fóra para as armações de egrejas, e para os fatos dos comparsas, os soldados. Creou, pois, uma fabrica de sedas: primeira e evidente necessidade de um reino que não fiava a lan, nem o linho.

Creou tambem uma Academia, pomposa e grave, para escrever numa *Historia* os fastos dos antepassados da grande éra a que se assistia. Por isso, o historiador encartado chamou, á historia da nação, *Historia genealogica da casa real.* Que era, de que valia o reino, perante a real casa? Quem era o miseravel povo, diante do bragança magnifico?

Já tinha os galões de seda, já tinha a *Historia*; mas não estava satisfeito ainda, o grande rei. Queria tambem monumentos; e traçou uma basilica maior do que o reino. Mafra devorou, em dinheiro e gente, mais do que Portugal valia. Tambem, para o rei, afóra Mafra, a Patriarchal, a Côrte, nada havia, no canto extremo da Peninsula. Erro! havia um cubiculo mysterioso em Ovidellas, onde o sybarita dava largas á concupiscencia, fundindo num só os amores da carne e os do incenso, numa embriaguez dolente e sensual, cheia de mysticismo doce. O jesuita preparára, ao rei e a todos, esses recessos mysteriosos, alcovas perfumadas e vestidas de piedosas imagens, onde se exercia o culto de todos os amores, sem peccado, num arrobo de semi-vida de delicias. O mystico levava o rei até á porta, abria-a, sumia-se, murmurando resas unctuosas...

Não desvendemos, comtudo, por emquanto, as alcovas, nem as salas dos importantes conselhos. Vejamos apenas, como espectadores da platéa, a opera sumptuosa que se desenrola entre os bastidores de Mafra. Por fim, o rei conseguira o cumulo da sua ambição; e a mania do monumento, que lavrára em França com Luiz XIV transportada para cá, erguia de uma só vez, num lugar unico, uma montanha fria de pedra. Vasto abrigo mortuario, povoado de frades negros, era ao mesmo tempo o palacio do moderno Salomão. 50:000 homens andaram nessa obra, como escravos; e ao lado a forca ameaçava os que protestassem, fugindo, contra o capricho do monarcha, que os mandava buscar de todo o reino, ás levas, entre alas de soldados. As officinas de Roma e de Veneza, de Milão e de Genova, da Flandres e da França, tinham fornecido as alfaias preciosas, os lustres e candelabros, os cancellos de bronze arrendado, as lampadas e tocheiros, os relogios e carrilhões. Nunca se vira opera tão estrondosa de musicas, tão brilhante de ouros, pedrarias, luzes, purpuras, rendas, e seda!

D. João V triumphava. Não tanto, afinal, por ter levantado Mafra; mas porque via nas torres o seu enlevo, a sua paixão, o objecto dos seus cuidados, — um sino que pesava oitocentas arrobas! Quando lhe annunciaram estar suspenso, deu ao alviçareiro o cargo de sineiro-mór, com a tença de cem mil réis. O sino dobrava agora solemnemente, e cada golpe vibrava no coração do rei, como uma nota de alegria e de orgulho. E o sino continuava, batia! e esses golpes repetidos parecem á historia, os soluços de um povo inteiro, faminto, miseravel, arrastado por um doido numa procissão grotescamente funebre.

Em toda a Europa não havia um sino assim.

OLIVEIRA MARTINS.

---

(1) V. o *Brazil e as colonias portuguezas.* L. II, 6, 7.

CONTRA OS FURTADORES

SEGUNDA CARTA AO CEARÁ

Rio, julho de 1906.

Os ferozes donatarios do Ceará, pelo seu jornal, retorquiram desabusadamente á minha primeira *Carta* (1) e com furia me aggrediram em mofinas e em artigo editorial. Dou por bem pago o enxovalho, porque é um signal de que os feri com acerto e razão. E nenhum odio abrigo contra elles; não direi mesmo que desprezo as invectivas com que me corôaram, pois acho legitimo e humano esse arreganho de defeza: é o rosnar do cão que defende o seu osso.

Por outro lado, nunca delles recebi a menor offensa ou o mais simples favor; nunca delles nada pretendi; sou, portanto, invulneravel. E tanto comprehendem que esta é a minha força, que procuram fazer crer que a minha attitude se explica pelos proventos que della colho, lucro pecuniario com certeza, unico que lhes parece capaz de mover as almas. Não é por ser elementar que a explicação não pega; é porque elles mesmos a apresentam sem fé, não podendo, no intimo da consciencia, subtrair-se ao respeito que lhes infunde a minha austeridade. Mas, sem lhes ter rancor, sou todavia forçado a fulminal-os com a verdade.

Eu sabia, quando de tal arte me dirigia ao Ceará, que seria vilipendiado, pois, por muito menos, outros o teem sido, e atrozmente. Mas o processo por elles uzado é, em verdade, absolutamente ingenuo; dizem de todos as mesmas coisas, as mesmas horriveis coisas — palavrões, imputações inverosimeis, excessivas, em que elles proprios absolutamente não crêem e que mandam imprimir, abuzando da absoluta passibilidade dos miúdos typos de chumbo.

E é precizo fazer-lhes mais esta justiça: elles não atiram esses aleives para que alguem nelles acredite, mas para intimidar os que os perturbam e fazel-os recuar e calar. A's vezes, o processo é proficuo: realmente é desagradavel ver o seu nome impresso ao lado de adjectivos e substantivos grosseiros e de vilã significação. E só por isso eu emmudeceria, si me fôsse possivel. Mas a minha tarefa é toda de piedade e amor; sinto-me vinculado á minha terra, e na obrigação de lhe dizer as verdades que estão clamando dentro de mim. A minha alma é naturalmente compassiva, mas é extremada: ella anda cheia de muito amor e dó pela terra, hoje tão duramente conspurcada, e até de piedade por esses mesmos sêres desherdados, que assim a aviltam, sendo seus filhos, creaturas tão degradadas pelos baixos instinctos que mais visinhas estão de porcos que de homens. Pois é de cochinos essa grosseria vulgarissima de sentimentos, essa gula desenfreiada, essa ausencia de aceio moral, esse refocilar no lodo e esse grunhir enfadado quando os perturbam, esse exhibir de prezas quando os irritam e esse emporcalhamento com que se vingam dos que lhes desagradam.

Eu não diria uma palavra em resposta ás aggressões da intemperante folha em questão, si o follicularío se tivesse limitado, como nos primeiros dias, a injuriar-me. Mas elle acceitou por fim uma empreza mais ardua: pretendeu defender a olygarchia. E, defendendo-a, disse na sua meia lingua, nessa despropositada algaravia provinciana, conceitos de espavento, entre destemperados vituperios. E

attribuiu-me opiniões que de modo algum enunciei.

1 — Si houvesse no Ceará um governo simplesmente olygarchico, que, por amor ao mando e por essa ambição vulgar de ser um distribuidor de graças, monopolizasse para um certo grupo a funcção administrativa, isto seria realmente uma infracção ao principio democratico, por cujo amor se diz que foi proclamada a Republica ; mas esse mesmo governo, não obstante o vicio da sua formação, poderia zelar pelos interesses geraes da população e assim resgataria em parte o delicto, conscientemente perpetrado, de fraudar a vontade popular.

Convém, pois, que fique bem claro : a minha accusação ao governo do Ceará não é precisamente fundada em que elle se substitúe arbitrariamente ao povo, investindo-se do poder, sem delegação capaz, com flagrante desnaturação do regimen ; nem ainda resulta de que annula a forte opinião publica que fórma a opposição politica do Estado. Esses peccados, que elle de facto commette, são relativamente veniaes. Não permittir que a facção partidaria que combate os excessos do governo se represente na constituição das municipalidades, dos congressos, dos tribunaes, equivale a segregar do convivio politico esses prestigiosos elementos, cuja collaboração um regimen, que se gaba de democratico, não póde recuzar, sob pena de mentir a si proprio ; mas isso nada é, deante do monstruoso attentado que perennemente pratica a olygarchia cearense contra o povo que escravizou.

2 — Na primeira *Carta ao Ceará* eu articulei um libello muito simples e muito claro. Disse : *a*) O Ceará é explorado por um syndicato de peculatarios, constituido em fórma de governo, que enriquece á custa do povo, saqueando-o pela violencia e pelo dólo ; *b*) a familia do olygarcha onera o cofre do Estado em cerca de 300 contos annuaes (a nona parte do orçamento) ; *c*) o orçamento das despezas não é mais do que a distribuição systematisada das rendas publicas pela familia e amigos do olygarcha e nelle não ha uma verba sinceramente applicada em beneficio do povo ; *d*) mesmo quando parece que uma verba é destinada a um serviço publico, de facto não o é, como no caso da instrucção publica, coito de filhotes incapazes e de pensionistas invalidados ; *e*) o olygarcha, sendo presidente no periodo de 1896 a 1900, consumiu 13,000 contos approximadamente, (2) inclusive 3,000 deixados pelo seu antecessor, sem nada applicar desse dinheiro em beneficio publico. Disse mais : *f*) esses individuos sem pudor são insaciaveis na sua desenfreiada fome de dinheiro ; dahi a creação de novas leis tributarias para arrancar ao povo os seus modestos haveres ; *g*) esses impostos não são aquelles tributos de que, desde tempos immemoriaes, se soccorrem os Estados, para prover ás necessidades publicas da collectividade, mas verdadeiros furtos com uma esfarrapada mascara de legalidade ; *h*) sendo assim, o povo não se deve tornar cumplice desses latrocinios, antes deve resistir com civismo e recuzar-se ao pagamento de todo e qualquer imposto.

Os escribas do olygarcha não refutaram estas increpações. Injuriaram-me, mas não mostraram que eu havia mentido ao povo. Não provaram, nem mesmo allegaram, que os ALGARISMOS citados eram falsos, nem que eram falsos os FACTOS apontados.

3 — Em vez disto, preferiram uma diffusa verbiagem, mal feita e árida, eriçada de protervias e vilipendios, balda de grammatica e de argumentos.

— Ah ! o sujeito não conhece a SCIENCIA DAS FINANÇAS, por isso é que fala !

Com isto querem fazer crer que a accusação versa apenas sobre uma desastrada administração financeira ; que apenas se profliga um governo aventuroso e inepto. Mas não ! Infelizmente não é de doutrinas financeiras que se trata. Não combati os desapiedados vampiros como desastrados e ignorantes ; accuzei-os, sim, como ladrões, que de surpreza se apoderaram do governo e ahi exhaurem o povo, já miseravel, perseguido pelo Céo, perpetuamente flagellado pelas seccas. A que vem aqui a sciencia das finanças ?

E' verdade que o folliculario allega que eu detractei de «homens que a constituição social tornou inviolaveis pela sua conducta irreprehensivel, pela sua probidade.» Isto é vagamente tolice, mas é sobretudo uma allegação cynica, que a ninguem póde impressionar, pois em todo o Brazil, quando se quer accuzar um governo de altamente prevaricador e deshonesto, o termo de comparação é a olygarchia cearense.

Mas esse deploravel artigo não preciza ser analyzado. Basta, para julgal-o, ler estes dois trechos de maravilhosa estupidez : «Pensamos que o Estado, na opinião de notavel publicista, não é sómente um escudo que defende a vida e a propriedade, mas tambem uma alavanca que impulsiona a instrucção e a cultura. De accôrdo com essa opinião, entendemos que se deve sempre attender a certas condições.» — «E' o que pretende o sr. Pessôa — anarchizar a sociedade, não admittindo lei nem justiça para galvanizar este cadaver, fazendo toda sorte de despesas com melhoramentos que exigem a condição preliminar da ordem.» Como é parva a creatura que escreve estas coisas ! Que atrophiada bóssa de parasita ! E' a terrivel condição dos que vivem pelo e para o ventre : com o ventre pensam, e nelles cerebro e ventre são homologos e reciprocos.

4 — Póde-se realmente imaginar uma constituição social baseada no concurso de vontades livres, com a extincção dos governos e o nivelamento social e economico de todos os homens. E este idéal é o de muitos sabios, o de muitos genios altruistas e é o estandarte de fortes aggremiações. Mas, pelo momento, todos esses utopistas, como os appelidam os conservadores, acceitam, embora sob protesto, o que ahi está — a instituição governo, com todas as peças e accessorios que a compõem. E assim toleram os governos mais humanos, ao passo que repudiam os mais ferozes e despoticos. Para esses a organisação social de hoje é inferior e falha, mas supportavel, quando os individuos que se acham á frente dos governos são benignos e honestos.

Eu, devo dizel-o, me alisto na phalange desses idéalistas doutrinarios e por isso mesmo não me preoccupo com a politica partidaria e não tenho nenhuma preferencia pelo predominio deste ou daquelle grupo ; é-me indifferente que tal facção ou tal outra tenha os onus e as vantagens da administração. O que exijo simplesmente é que os individuos que nos governam tenham, ao menos, respeito, embora relativo, á liberdade e á dignidade alheias e aos direitos humanos de cada um.

Ora, não foi, porém, por essa face theorica que encarei o caso do Ceará, como dá a entender o escriba do olygarcha. Alli, realmente, não se trata de doutrinas sociaes, nem de hegemonia politica. Condemnei as despezas com a força publica, com a burocracia, com a magistratura, com o poder legislativo, não por considerar que taes orgãos sejam inuteis ao funccionamento normal das sociedades, tal qual se acham organisadas, pois isso não vinha ao caso, mas por estes fundamentos : essas despezas absorvem realmente todas as contribuições com que o povo concorre para os serviços collectivos, e o pessoal recrutado para essas funcções é uma horda de sujeitos de sentimentos subalternos, inteiramente dependentes do olygarcha, a quem servem como famulos, em vez de servirem ao povo, de quem se dizem mandatarios. E as magras excepções que se possam apontar não véem sinão confirmar a regra.

Convém não esquecer, e, por isso, convém repetir, que um governo só se institúe, pelo menos este é o principio, para zelar pelo bem publico. As

contribuições que elle arrecada, sob a fórma de impostos, são exclusivamente destinadas a prover ás necessidades sociaes; desde que os governantes as consomem com a machina administrativa, estão prevaricando e se constitúem em procuradores infieis.

5—E ainda uma vez vamos ao caso concreto. No Ceará, não só esse assombroso escandalo se pratica com um magnifico impudor, como ainda a gente que recebe as propinas para bem servir aos interesses do olygarcha, que do publico interesse não cuida, é um pessoal de caracter escasso e triste fama. Os magistrados são, em geral, pobres creaturas que dão sentenças pelo dictado do olygarcha ou de quem lhe faça as vezes. O Poder Legislativo é composto de escravos despreziveis, que descem até ao aviltamento de irem, todas as vezes que se congregam, ao palacio do Presidente, *incorporados*, render a sua indigna homenagem ao senhor.(3) Assim, os famosos poderes constitucionaes se fundem e unificam no olygarcha, cuja ausencia de escrupulos é proverbial. E' contra isso a irreductivel revolta de todos os homens de coração. Vê o articulista da folha official que não precizo nem da sciencia das finanças, nem das theorias sociaes, para dissertar sobre *thema* tão simples.

6— Resumindo. A olygarchia no Ceará é um polvo insaciavel e brutal. Organisada fortemente contra a população que a abomina, ella nem se cança de opprimil-a, nem se farta de lhe furtar os mesquinhos haveres. O dinheiro arrecadado applica-se exclusivamente a pagar as creaturas servís que se prestam ao papel de comparsas no indigno mistér, para sustentar uma numerosa força militar que a defende contra a reacção popular, para enriquecer os dominadores da terra. E ainda estes são de uma infinita ambição, pois, não contentes de colher e gastar, em proveito proprio, perto de 3.000 contos por anno, insistem reiteradamente em novas extorsões, reclamam mais tributos, que, uma vez pagos, terão o mesmo destino.

Ainda ha pouco, o *Unitario*, da Fortaleza, no seu numero de 15 de junho do corrente anno, publicou discriminadamente a relação dos membros da familia do olygarcha, que são aquinhoados pelo orçamento. São elles em numero de 54, exclusive os que exercem cargos federaes, e assim distribuidos: 4 filhos, 2 genros, 1 cunhado, 7 sobrinhos, 26 primos, 14 parentes affins.

A lista civil dessa parentela monta a 319:285$000.

E aqui váe um pequeno trecho dessa curiosa relação, para exemplo:

José Pompeu Pinto Accioly (filho) 1º vice-presidente do Estado, secretario do Interior, lente do Lyceu, advogado do monopolio das carnes verdes, e deputado estadoal.....	15:200$000
Benjamin Pompeu Pinto Accioly (filho), professor do Lyceu, fiscal de emprezas, e deputado estadoal.....	10:800$000
Thomaz Pompeu Pinto Accioly (filho), professor da Escola Normal e Academia Livre (deputado federal).....	8:400$000
Antonio Pompeu Pinto Accioly (filho), director da Escola Normal e advogado da Camara Municipal.....	7:200$000
Raymundo Borges (genro) commandante da policia, e deputado estadoal.....	10:272$500
José Francisco Jorge de Souza (genro), professor do Lyceu, professor da Academia, medico ajudante do Asylo, medico da Santa Casa e deputado estadoal.....	15:600$000

E por ahi a fóra.

Assim, o olygarcha (30 contos), os seus quatro filhos e dois genros custam ao povo do Ceará nada menos de 97:472$500 por anno, não se falando no que está escondido dentro, como se diz na Biblia. Além disso, essa mesma familia usufrúe dos cofres federaes 119:740$000.

Este é o meu libello. Quero mais uma vez deixal-o aqui provado, com os elementos fornecidos pela propria olygarchia.

***

7 — O orçamento do Ceará para o exercicio de 1906 (Lei n. 833 de 23 de setembro de 1905) é um documento assombroso de rapinagem. Veja-se o que é uma tributação desavergonhada:

«Art. 8..... ....

Quanto ao imposto sobre industrias e profissões será tambem cobrado nos termos do regulamento que foi expedido pelo governo do Estado, attendendo-se na arrecadação ás tabellas annexas.

(a) Compor-se-á o mesmo imposto de taxas fixas e proporcionaes;

(b) As taxas fixas teem por base a natureza e classe das industrias e profissões, a importancia commercial das praças e logares em que fôrem exercidas.

(c) As taxas proporcionaes teem por base o valor locativo do predio, ou local onde se exercita a industria e profissão e cobrar-se-á *na razão de 40, 50, 60 e 100 %*, e conforme fôrem classificados os estabelecimentos commerciaes ou industriaes.

Art. 9. — *Continúa a vigorar, como fazendo parte da receita deste orçamento, o imposto de 3 % sobre transacções commerciaes creado pela lei n. 789 de 29 de julho do corrente anno.*

§ unico. — O referido imposto será arrecadado com as instrucções expedidas a 1 de agosto tambem deste anno pelo presidente do Estado, observadas, porém, as seguintes modificações:

I. O imposto de 3 % incidirá sobre estabelecimentos commerciaes *de qualquer natureza*, cujas transacções fôrem superiores a dez contos de réis annuaes.

II. Das taxas a que estiverem obrigados os estabelecimentos do interior deverão ser descontados além das demais despezas os gastos realizados com o transporte dos generos e mercadorias.

III. O pagamento das prestações respectivas será feito *cinco dias antes de findar-se cada mez*.

Art. 10 — *Os generos constantes da tabella annexa, n. 5, quer de producção do Estado, quer de producção nacional, destinados ao consumo*, ALÉM DOS IMPOSTOS *a que estão sujeitos, pagarão mais as taxas proporcionaes ou fixas nella expressas*.

Art. 11.—Com relação aos generos produzidos no Estado essas taxas serão cobradas á bocca do cofre na capital, e por meio de lançamento ou arbitramento nos outros logares em que fôrem expostos á venda.

Art. 12. — *Quanto aos generos de producção nacional, as mesmas taxas serão arrecadadas depois que os referidos generos constituirem objecto do commercio interno cearense e se acharem incorporados ao acervo dos respectivos estabelecimentos commerciaes*, PELO MODO QUE O GOVERNO ACHAR MAIS CONVENIENTE.

Art. 13.—O lançamento ou arbitramento, de que acima se faz menção, *em hypothese alguma implicará com o lançamento ou arbitramento relativo a industria e profissão e bem assim com o attinente a cobrança do imposto de 3 %*, creado pela lei n. 789 de 29 de julho do corrente anno.»

Nestes seis artigos está a profissão de fé e o programma de um governo. Sobre os mesmos contribuintes fôram creados impostos de tres especies: *a*) o de *industria e profissão*, *b*) o de *3 %* sobre o valor das transacções commerciaes, *c*) o de *consumo*, sendo que os dois ultimos seriam arrecadados mensalmente. Estas collectas taxaram muitas das casas commerciaes em 2, 3, 4 e 5 contos de réis *mensaes*, (4) como se vê da folha official da olygarchia.

8—Mas o imposto de 3 % foi condemnado pelo Supremo Tribunal; então o olygarcha *conformando-se* com esta decisão, convocou a sua assembléa, especialmente para resolver sobre o assumpto. Esta decretou a lei n. 835 de 29 de dezembro de 1905, (5) cujo art. 10º revogou a lei n. 789 (imposto de 3 %) e o art. 9º acima citado. Mas, em represalia, augmentou o imposto de industrias e profissões, já excessivo, da fórma que se váe ler:

«Art. 1º Os contribuintes de impostos de industria e profissão consignados na 1ª classe da tabella n. 2 da lei n. 833 de 23 de setembro de 1905 ficam mais obrigados, ALÉM DAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES, ao pagamento de 200$000, si o fundo commercial não exceder de 100:000$000, e mais 200$000 de cada 100:000$000 ou fracção desta quantia.

Art. 2º AFÓRA ESTAS TAXAS, ficam OS MESMOS CONTRIBUINTES, BEM COMO OS DEMAIS DA TABELLA N. 3, sujeitos ao pagamento das seguintes, CALCULADAS SOBRE O VALOR TOTAL DAS SUAS CONTRIBUIÇÕES:

De 80 %	os	da	1ª	classe (importadores)
De 60 %	»	»	2ª	»
De 40 %			3ª	
De 20 %	»		4ª	»

Art. 3º Ficam egualmente obrigados os contribuintes que incidirem nas taxas mencionadas na tabella n. 3 da referida lei, ao pagamento das porcentagens estabelecidas na proporção seguinte, *exceptuados os que estão comprehendidos em os numeros 76 a 95* da mesma tabella:

Os que pagarem de 100$000 para cima mais 50 %.

De 50$000 até menos de 100$000 mais 30 %.

Os que pagarem menos de 50$000 mais 10 %.»

E' preciso assignalar que a excepção dos numeros 76 até 95 se explica de um modo muito simples: entre esses dois numeros estão os 80 e 90, que se referem a *fabrica de fiação e tecidos* movidas por agua ou a vapor, e a *fabrica de telhas e tijollos a vapor*, e justamente o olygarcha é dono de uma fabrica de tecidos e um dos seus filhos de uma de tijollos, na Fortaleza.

O art. 5º desta mesma lei reprodúz o art. 12 da 833, atráz citado, mas accrescenta esta clausula, de um cynismo inqualificavel: «podendo (o governo) modificar a respectiva tabella NO TODO OU EM PARTE, de accôrdo com os interesses do fisco e dos contribuintes».

9 — Citei demais para nada deixar na sombra. Qualquer leitor imparcial, percorrendo com attenção estas linhas, por tolerante que seja, não póde reprimir um movimento de indignação e de piedade. E' a gente capaz de tão horrivel espoliação que está entregue o destino de um milhão de brazileiros.

Fiados no Supremo Tribunal, que já havia condemnado o imposto de 3 % sobre as transacções commerciaes, os commerciantes importadores do Ceará requereram este anno novos mandados de manutenção para os seus bens penhorados em execução do art. 12 citado da lei 833, reproduzido, como se viu, na 835 (imposto de consumo). E' um imposto que recáe sobre mercadorias importadas, e, portanto, inconstitucional e violador da lei n. 1.185 de 11 de junho de 1904. No emtanto, o juiz federal indeferiu o pedido e o Supremo Tribunal confirmou, com espanto de toda gente, o despacho do juiz, é verdade que por um voto de maioria, seis contra cinco.

10—Não entrarei aqui na discussão technica da questão. Apenas quero resumir as opiniões dos dignos ministros Lucio de Mendonça e Alberto Torres, cujos votos, dando provimento ao aggravo, fôram acompanhados pelos dos collegas Piza e Almeida, Pindahyba de Mattos e Guimarães Natal.

O dr. Lucio de Mendonça, que, além da sua forte cultura juridica, é um espirito liberal e um magistrado de absoluta integridade, discutindo o aggravo, disse que não via differença entre o caso em questão e os anteriores de que já se tinha occupado o Tribunal; que a lei 1185 vizava proteger o negociante importador contra as extorsões do fisco estadoal e não materialmente as mercadorias importadas; que é verdade que essa palavra *mercadorias* era a que constava da lei, «mas isso era porque o legislador não contava com o governo do Ceará»; que a letra da lei mandava proteger as mercadorias importadas, mas que o seu espirito era mais largo; que, verificando-se quão lento era o antigo processo de demandar primeiro a fazenda estadoal, para depois se vir com o recurso extraordinario, a lei 1185 creára esse interdicto especial para immediata garantia das victimas da ganancia fiscal; que o fim desse interdicto era dar á parte lesada um remedio prompto contra a violencia e, portanto, que a hypothese dos autos era justamente esta, razão porque dava provimento ao aggravo. Disse mais que a lei cearense era ardilosa e tinha o fito de annullar as decisões do Tribunal; que para isso ella foi cuidadosamente calcada na lei de 1904, reproduzindo as suas proprias expressões, mas que só nisso ella se amoldava á lei federal, porquanto em tudo mais a infringia abertamente.

O ministro Alberto Torres, outro espirito lúcido e illustrado, e juiz purissimo, disse que para elle a questão ainda podia ser encarada sob um outro aspecto. De que se queixavam os aggravantes? De que os queriam obrigar ao pagamento de um imposto inconstitucional, turbando-os na posse dos seus immoveis, já penhorados na data do recurso. E' o imposto inconstitucional? Não ha a menor duvida, todos os collegas estavam de accordo. Então cabia aos interessados o remedio do interdicto possessorio de direito commum, que no caso lhes valeria, quando mesmo não lhes valesse o creado pela lei n. 1185. Assim, a justiça federal, pelo art. 60 da Constituição, era competente para conhecer do aggravo e tinha o dever de concedel-o. Portanto, não só pelas razões apresentadas pelo seu collega dr. Lucio de Mendonça, como por estas considerações, dava tambem provimento ao aggravo.

12—A decisão do Supremo Tribunal não cogitou da allegação de inconstitucionalidade, apresentada pelos commerciantes, como, aliás, o exige a lei n. 1185. Ha, portanto, o recurso extraordinario que virá renovar a questão, com victoria infallivel do commercio. Mas essa protelação traz ás victimas um enorme prejuizo, de que a fazenda do Estado nunca as indemnizará, pois até hoje não pagou as custas dos processos anteriores, em que foi condemnada. Vê-se como a lucta é desegual. Só o commercio tem a perder, quer lhe dêem, quer não lhe dêem razão.

Por isso, na minha *Carta* anterior eu dizia que o commercio devia desistir dessas demandas improficuas e resistir, até pela força, ao pagamento desses odiosos tributos, que iam ter uma applicação deshonesta. Ainda é este o meu parecer. O dinheiro gasto nos cartorios do Estado, o commercio deve empregal-o em se armar para com efficacia repellir os tenazes assaltantes dos seus haveres. Não porque o imposto seja por si uma instituição odiosa, não é disso que se trata, mas porque isso não é imposto, é um esbulho indecoroso, e porque o dinheiro entregue a esses insaciaveis parasitas váe simplesmente engordal-os, pois que elles deslavadamente se apropriam de toda a renda tributaria.

E' isto o que demonstrei na minha primeira *Carta* e é o que novamente váe aqui ficar evidentissimo.

***

13 — Analyzarei mais detalhadamente o orçamento da despeza, e desta vez será o do corrente anno, decretado em 23 de setembro de 1905 (lei n. 833). Esta é a legitima pedra de toque para aferir da compostura moral dessa gente.

O olygarcha é quem dispõe, sem nenhum embaraço, das rendas arrecadadas, porque, além das attribuições que toma para si espontaneamente, ainda arrancou á infamia da sua assembléa de servos esta auctorisação, que está no art. 5 da citada lei: «*Fica o Presidente auctorisado a abrir creditos supplementares para o accrescimo de despezas que excederem dos consignados na presente lei* E DOS QUE OCCORREREM PELA SUPERVENIENCIA DE NOVOS ENCARGOS.»

Ora, já se viu no art., tambem 5º, da lei n. 835 que o mesmo olygarcha

póde «modificar a respectiva tabella (de impostos) NO TODO ou em parte, de accordo com os interesses do fisco e dos contribuintes.»

Estes dois preciosos artigos 5 se completam e ajustam admiravelmente.

O *presidente* do Ceará póde alterar, á vontade, NO TODO *ou em parte*, as tabellas de impostos; e póde, á vontade, abrir quaesquer creditos para effectuar as despezas *que occorrerem pela superveniencia de novos encargos*.

Póde-se dar a tão aviltada corja o nome de assembléa legislativa? Ha exemplo de malta mais impudica, mais deshonesta e, direi mesmo, mais obscena?

14 — Mas vamos aos algarismos. No orçamento para 1906, a receita é orçada em 2.768:272$090 e a despeza fixada em 2.749:604$286.

E logo esta synthese brutal: desses 2.749:604$286 gastos, applicam-se ao pagamento do PESSOAL amigo do governo 2.294:578$776. Expliquem como quizerem, digam que é assim mesmo que está certo, que não ha outro meio de se administrar sinão pagando gente. Para as pessôas honestas e de bôa-fé o facto ha de se afigurar sempre monstruoso na sua eloquencia allucinadora. E como ninguem põe em duvida que todo esse pessoal é parente e amigo do olygarcha, fica provado que a despeza publica no Ceará é, como eu disse, a distribuição systematica do dinheiro colhido pela gente que constitúe o esteio da olygarchia. E, para que não me accuzem de pouco minucioso, aqui váe a tabella demonstrativa da minha affirmação:

PESSOAL

Presidente e funccionarios de palacio	33:617$500
Assembléa	78:182$000
Tres secretarias	180:319$999
Hygiene	10:295$000
Faculdade de Direito	55:590$000
Lyceu	105:590$000
Escola Normal	76:955$000
Ensino primario	343:237$487
Pensões	67:000$000
Fiscal de emprezas	6:000$000
Magistratura	363:601$656
Força publica	489:523$400
Policia do porto	6:315$000
Cadeia	8:900$000
Estatistica e Junta Commercial	16:595$000
Arrecadação de impostos	283:650$000
Aposentados	169:206$734
DESPEZA COM O PESSOAL	2.294:578$776
DESPEZA GERAL	2.749:604$286
OUTRAS DESPEZAS	455:025$510

O custeio material de todos os serviços publicos do Estado não chega a 500 contos de réis, em um orçamento de 2.750 contos.

15 — Neste, como nos anteriores orçamentos, só a machina-Estado absorve mais de 2/3 da renda, como observei na minha primeira *Carta*. Não é demais reproduzir aqui as cifras comprovadoras deste asserto:

MACHINA ADMINISTRATIVA

Pessoal e material

Presidencia	38:617$500
Assembléa	78:182$000
Tres secretarias	207:779$999
Pensões	67:000$000
Magistratura	367:301$656
Força publica	595:884$900
Policia do porto	7:795$000
Cadeia	25:000$000
Arrecadação de rendas	286:270$000
Aposentados	169:206$734
Diversas	24:000$000
MACHINA-ESTADO	1.867:037$789
DESPEZA GERAL	2.749:604$286
SERVIÇOS PUBLICOS?	882:566$497

Ahi está: dos 2.749:604$286 gastos, o povo cearense paga 1.867:037$789 para ter um governo que o escraviza e o deshonra. Apenas 822:566$497 são applicados ao que lá se chama: *serviços publicos*.

16 — Quaes são esses *serviços publicos*?

São os de hygiene, instrucção publica, assistencia, illuminação da capital, junta commercial e OBRAS PUBLICAS. **Foi extincta a Bibliotheca Publica** — ah! elles são logicos! — Eis aqui a tabella detalhada:

SERVIÇOS PUBLICOS

Hygiene	12:695$000
Instrucção publica	647:276$497
Assistencia	15:000$000
Illuminação da capital	180:000$000
Junta Commercial e Estatistica	17:595$000
OBRAS PUBLICAS	10:000$000
	882:566$497

Commentemos. *a*) A verba de hygiene é ridicula: não se faz hygiene com 12:695$ annuaes. Mas pondere-se ainda no seguinte: dessa verba apenas 2:400$000 são empregados no custeio material do serviço!

O resto é para o pagamento de pessoal; donde se póde concluir, parece-me, que a dotação orçamentaria desse serviço não é sinão o pretexto para dar emprego a tres ou quatro funccionarios amigos do governo, que a ella concorrem, consumindo 10:295$000. Não é mistér insistir.

b) A verba de instrucção publica, assim tomada em grosso, cauza effeito. Seiscentos e tantos contos! Detalhemos, porém:

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Faculdade de Direito

Pessoal	55:590$000
Expediente	800$000

Lyceu

Pessoal	105:590$000
Expediente	800$000

Escola Normal

Pessoal	76:955$000
Expediente	800$000

Ensino primario

Pessoal	343:237$497
Material	63:504$000
INSTRUCÇÃO PUBLICA	647:276$497

Todos os SERVIÇOS PUBLICOS do Ceará dão a idéa desses mostrengos que nascem com uma cabeça enorme em um corpinho refesado e rachitico. O serviço em si quasi nada custa, — porque em verdade não se faz serviço nenhum; o que custa, isto sim! é o enxame de carrapatos que se acham collados ao cofre publico, sugando-lhe a seiva.

Pois póde ser tomada a sério uma instrucção primaria, em que 250 escolas (tal é o numero que apparece no orçamento) gastam de expediente 12 contos *por anno* e de utensilios 5 contos?

E um ensino secundario (como o do Lyceu e o da Escola Normal, onde ha cadeiras de physica, chimica e historia natural), que para as suas despezas de gabinetes, laboratorios, expediente, asseio, conservação, etc., exige apenas 800$000 *por anno*?

Não ha instrucção publica no Ceará. Grande parte da verba destinada á instrucção é applicada a essa grotesca Faculdade de Direito e a esses institutos secundarios mal afamados.

E o ensino primario é uma irrisão. Os 250 professores que constam do orçamento são insufficientes para o territorio e para a população do Ceará. Mas ao menos si elles ensinassem! Toda gente comprehende o que isso é. Na capital, em uma ou outra cidade mais importante, encontram-se de facto alguns desses funccionarios competentes e zelosos. Tudo o mais é um naufragio. Os chefes partidarios do interior teem os seus candidatos que impõem ao governo, que os acceita sem indagar da sua capacidade. Haverá de bôa fé quem duvide que as coisas se passem assim? Depois eu falo para o Ceará e este póde verificar si as minhas accusações são ou não verdadeiras.

c) O Ceará é naturalmente uma terra de mendigos que os repetidos flagellos dia a dia tornam mais numerosos; alli não é raro ver-se familias passarem rapidamente de uma situação prospera á mais negra miseria. Pois o serviço de assistencia publica, que ha dois annos se fazia com 25 contos, agóra se faz com 15. E ao menos si esses 15 contos fôssem applicados á assistencia publica!

d) A «Junta Commercial e secção de Estatistica» é ainda um pretexto para collocação de amigos. A verba respectiva se desdobra em 16:595$000 para o pessoal e 1:000$000 por expediente e mais despezas.

e) Finalmente ha uma dotação para OBRAS PUBLICAS: *construcção e reparo*

de obras —10:000$000. E immediatamente depois dessa rubrica — *gratificação ao fiscal de emprezas* (um filho do olygarcha) 6:000$000.

Ora, toda gente diz: «Como é que o governo de uma terra, batida frequentemente por seccas devastadoras, não dedica parte das contribuições pagas pelo povo a conjurar o horrivel flagello, fonte de tantas desgraças? Esse governo, si tivesse um pouco de honestidade e de piedade, deveria applicar um terço pelo menos das rendas publicas á construcção de açudes, poços, barragens, estradas de rodagem, serviço de irrigação, etc., pois no momento da tragedia isso valeria ás populações martyrisadas e evitaria grande numero de miserias pungentes!»

Eis o que diz toda gente. Recriminações insensatas! O governo do Ceará se preoccupa com o interesse collectivo; DEZ CONTOS do seu orçamento são para obras publicas! Bemaventurados patifes!

Eis o que são no Ceará os SERVIÇOS PUBLICOS, em que aliás se despendem apenas 882 contos em um orçamento de 2.800.

7 — Este trabalho váe mais longo do que eu desejava. No emtanto, o assumpto não está exgotado; longe disso. Seria preciso agóra, terminada a prova literal, qne ahi fica exhaustiva e vehemente, colher os depoimentos testemunhaes e dizer nitidamente o que é a concussão organisada fóra do orçamento, por meio de monopolios, privilegios, contractos, concessões, outorgados pelo governo aos individuos mais chegados ao olygarcha; o que é a advocacia na Fortaleza, onde dois filhos do olygarcha, um dos quaes é 1º vice-presidente do Estado, sendo presidente o pae, teem banca prospera e concorrida, graças ao servilismo da magistratura, sobre a qual teem auctoridade de senhores; como esses obtusos parasitas teem palacetes construidos nos melhores bairros da capital á custa da miseria publica; como não ha absolutamente garantia de especie alguma, nem na capital, nem no interior do Estado, onde bandos de salteadores vivem impunemente, com cumplicidade do olygarcha, que nelles apoia o seu prestigio. Mas não desejo fazer declamações vagas, nem adeanta referir-me a factos que o povo cearense dia a dia está testemunhando e que melhor do que eu conhece.

18 — Vou concluir. Esta carta não pretende responder directamente á defeza que o olygarcha mandou fazer da sua pessôa e da sua administração. Com ella quiz apenas confirmar a primeira, insistir sobre as suas allegações, fazer mais acerada e incisiva a critica alli tentada ao mais corrompido dos grupos de malfeitores que exploram esta desgraçada Republica.

A apreciação das leis tributarias, dos processos de colher dinheiro e a analyse minuciosa da applicação desse dinheiro não deixam nenhuma duvida sobre a degradação moral dessa gente.

O povo do Ceará, portanto, deve, como lhe aconselhei na minha *Carta* anterior, recuzar-se formalmente ao pagamento de todo e qualquer imposto. E como é natural que a olygarchia queira usar da força para coagil-o ás indecorosas contribuições com que se locupleta, então o povo deve apparelhar-se, organizar-se fortemente, em nucleos vigorosos, para repellir a aggressão.

No interior do Estado, é esta uma empreza de execução facil; ahi o povo é o rei, porque a olygarchia não tem elementos de aggressão sufficientes. E mesmo na capital essa horda de mercenarios fardados, que consome mais da quinta parte do orçamento, e que constitúe a columna forte do olygarcha, não póde resistir a um movimento de repulsa da população, martyrisada e vilipendiada.

Desde que o povo não pague impostos, a olygarchia estará condemnada. Recorrerá então á violencia, e o povo, respondendo com uma violencia maior, porque elle é o senhor, e é realmente a força, castigará, como entender na sua colera e na sua indignação, a quadrilha de aventureiros, que o explora e deshonra. E o mundo inteiro o applaudirá.

Sujeitar-se passivamente a creaturas tão inferiores, de instinctos tão malfasejos, é voluntariamente cobrir-se de um irreparavel opprobrio, é tornar-se indigno de ser livre, pois não merece a liberdade quem não sabe conquistal-a.

FROTA PESSÔA.

---

(1) Vide num. 74, anno III, dos *Annaes*, de 22 de março deste anno.

(2) Precisamente 14.700 contos.

(3) Agóra mesmo, telegrammas da Fortaleza para a imprensa desta capital, noticiam essa pratica, que, parece, é peculiar ao Ceará. Installada a nova sessão legislativa no principio do corrente mez, a Assembléa foi, incorporada e unanime, ratificar a sua solidariedade ao olygarcha.

(4) Cartas recebidas da Fortaleza dizem que essas escandalosas collectas, com as consequentes penhoras, não cessam. De facto, no jornal official *A Republica*, de 21 de junho, lê-se um edital da Recebedoria do Estado, em que a casa Frota & Gentil está collectada, *com relação ao mez de maio* simplesmente, em 4:750$000, pelo imposto de consumo apenas.

(5) Foi a unica lei decretada nesta sessão.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

O ALMIRANTE (88)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

— Suspeitar?—replicou Hortencia, restaurada á serenidade e dominando a situação—Não tenhas receio. Eu não temo os contagios, nem me impressiono com a posição de Dolores entre nós. Ella foi leal, foi franca; abriu o coração demasiado cheio. A confissão desse amor surgiu como um grito de dôr que me encheu de piedade... Deve ser horrivel aquella magua, o amor desilludido, sem esperança... Não te preoccupes com as consequencias do contacto daquella creatura infeliz, que se penitencía com a confissão da sua falta. Deve ser horrivel... Quizera que a visses: os bellos olhos razos de lagrimas, o peito arfando, agitado pela ancia de esconder, de fingir, como si essas coisas se pudessem disfarçar...

— Attende, Hortencia... E' precizo que eu te explique, que saibas tudo, que eu te desvende essa pagina da minha vida, uma vez que essa piedade, esse interesse pela desventura de Dolores equivale a uma censura cruel..

— Injusta... Não é?... As mulheres nunca teem razão..

— Censura injusta, sim, porque, afinal, nada houve; nada... Ouviste?.

— Não quero saber, nem tenho o direito de indagar o que houve. Sei que ella soffre: isto basta para me commover.

— Qualquer que seja o teu juizo...

— O meu juizo é o mais favoravel possivel ácerca da tua posição nesse incidente banal, nesse episodio vulgar da historia de todos os homens.

— Bem. Não te importunarei mais com essa insistencia que poderia parecer impertinente, um capricho ridiculo, um capricho de homem... Seria, entretanto, muito conveniente para ti e para mim conheceres a verdade desse episodio romanesco. Eu desejaria, a todo o transe, manter a tua estima...

Hortencia ouvia impassivel, sem o menor signal de commoção, as palavras supplicantes de Oscar, titubeadas a medo, numa commovedora attitude humilhada. E, para evitar o constrangimento do silencio, ella se dirigiu, mansamente, á galeria amplamente aberta, hauriu as emanações balsamicas da noite, fitou o céo em extase, o céo profundo e negro, polvilhado de diamantes. Ao voltar-se, Oscar lhe estendia a mão.

— Bôa noite, Hortencia...

— Está resfriando muito — respondeu ella, apertando-lhe automaticamente a dextra — E' conveniente repouzares.

Oscar hesitou um momento, mas, á intimação do frio olhar da esposa, obedeceu e recolheu ao seu aposento.

— Não esqueças o remedio — observou Hortencia, quando elle ia desapparecendo na penumbra da galeria contigua á bibliotheca.

Depois dessa recommendação fria, desse acto de desvelo da enfermeira solicita e assegurada de que Oscar se encerrára naquelle predilecto aposento de estudo, de repouso, ella, approximando-se da véla que ardia no candelabro do piano, releu a carta conservada entre os dedos hirtos, apertou-a ao seio e beijou-a ensopada do pranto desprendido em torrentes calidas.

Surprehendido pelo subito enlace de Hortencia com o almirante, Sergio de Lima deixára naquellas linhas sentidas a confissão do seu amor e communicára a deliberação de recorrer ao exilio para se poupar a magna de vel-a mulher de outro homem. Não havia uma palavra de recriminação, não havia um queixume ; elle se resignava ao tremendo golpe que ceifava todas as suas illusões e lhe fechava as brilhantes portas do futuro. Abandonaria a carreira politica para volver á obscura magistratura da roça num recanto ignorado do interior, onde o olvido lhe cicatrizasse a grande magua irreparavel.

Extenuada de commoção, Hortencia guardou a carta no seio e fechou-se na opulenta camara nupcial, immediata ao gabinete.

E um silencio de morte reinou no ambiente daquella casa que se figurava a prisão de dois condemnados irreconciliaveis.

....

Houve um espasmo de surpreza quando Dolores appareceu no salão de jantar da marqueza.

— Tu ! — exclamou o dr. Adeodato, indicando-a com um garfo.

— Resolvi o contrario — disse Dolores, sorrindo.—Passou-me o accesso de enxaqueca e deliberei vir.

— E fizeste bem — atalhou a marqueza, beijando-a. — Para essa molestia, o melhor remedio é a distração.

—E' o que digo — avançou o Dadá — Esta minha mulhersinha é uma contradição de saias.

— Sem isso — observou Dolores — não terias assumpto para os teus eternos queixumes ; a nossa convivencia seria um aborrecimento monotono, insupportavel... Demais, eu considerára que não podia adiar mais a minha visita á Hortencia.

— A esta hora ? — interrompeu Amelia...

— Acabo de estar com ella — continuou impassivelmente Dolores, fingindo não reparar no gesto de contrariedade de Amelia—Como estão satisfeitos os dois. Parecem namorados felizes... Ah, marqueza, a senhora deve ter orgulho daquella obra abençoada...

—Que me compensa todo o passado de soffrimento, de dissabores — concluiu a marqueza, envolvendo Dolores num olhar de enternecido agradecimento — Vou viver agóra exclusivamente para aquelles filhos.

— Oscar está ainda um pouco pallido — continuou Dolores — conserva um tom de soffrimento que lhe dá um doce encanto ao rosto varonil, um tom de poesia.

—De um heróe, vencedor da morte —accrescentou Adeodato sorrindo satisfeito da phrase.

—E' isto—confirmou Dolores—Nós vivemos tão identificados de corpo e alma, que o Dadá me ajuda a pensar e fala como se lesse no meu cerebro...

—Assim deve acontecer para a verdadeira harmonia conjugal — sentenciou o conselheiro.

Amelia observava absorta, rolava num declive de decepções, impellida pelas palavras, pela attitude serena de Dolores, referindo-se a Oscar, á felicidade do casal, sem traír a menor commoção, como si não existisse dentro daquelle coração o menor vestigio, nem mesmo as cinzas da paixão que o devorára. E todo o plano de Amelia, as suas previsões, entre as quaes surgia a possibilidade de um escandalo, se desmoronavam burladas pela victoriosa ventura de Oscar.

(*Continúa*).

THEATRO.—A companhia franceza que conta como principal figura a sra. Suzanne Desprès, estréou no nosso Theatro Lyrico, ha alguns dias, representando a *Casa de Boneca*, de Ibsen, cuja perda o mundo intellectual ainda lamenta.

A conhecida actriz que, em Paris, guiada pelos conselhos do seu marido, o sr. Lugné-Pöe, tem conseguido um legitimo successo, interpretando obras primas do theatro estrangeiro, quiz certamente, ao reapparecer no palco fluminense, não sómente dar ao nosso publico uma prova da bôa conta em que tem o gosto artistico nesta terra, como tambem proporcionar-nos uma maneira nobre e civilisada de prestar homenagem ao genio do extraordinario poeta extincto.

O publico correspondeu ás intenções delicadas da sra. Desprès, enchendo a sala do theatro e applaudindo-a com calor no final dos actos, si bem que grande parte dos espectadores não sentisse uma intensa emoção, ante o desenvolvimento do drama que se passa no coração virginal de Nora.

Esta peça de Ibsen, representada, ha uns seis annos, pela sra. Lucilia Simões, que estudou com carinho o papel, não logrou, nesse tempo, enthusiasmar o publico, e agóra, interpretada magnificamente pela distincta artista franceza, não conseguiu ainda se impôr.

Devemos louvar essa possivel sinceridade do nosso publico, que se não escraviza completamenie aos dictames da moda e da fama, e ainda não caiu, até hoje, em completo *snobismo*.

A *Casa de Boneca*, com ser uma das peças, em que a philosophia e esthetica ibsenianas ainda não chegam ás fórmulas audaciosas das suas ultimas composições, comtudo encerra um problema ao qual é dada uma solução revolucionaria, e seria certamente de espantar que nós, no Brazil, comprehendessemos e applaudissimos com ardor uma obra d'arte em profundo desaccordo com a nossa educação artistica e moral.

E' natural, portanto, que sómente os espectadores lettradas, os quaes eram felizmente em não pequeno numero naquella noite, sómente esse pequeno publico, conseguisse acompanhar com interesse a representação ibseniana, e perceber a obra d'arte emocionante e sympathica que foi a interpretação do papel de Nora pela sra. Desprès.

Registamos o acontecimento theatral e somos, até certo ponto, echo da gratidão dos intellectuaes brazileiros á actriz, de reconhecido talento e profunda paixão pela sua arte, que ora nos trouxe alguma coisa diversa das comedias finamente canalhas do actual repertorio francez.

RECEBEMOS :

«*Diccionario* grammatical» compilado por João Ribeiro ; 3ª edição, inteiramente refundida e muito augmentada, da livraria Alves. Este livro é interessantissimo ; no seu genero, em que é mestre consumado o illustre auctor, nada é precizo melhor : pela clareza da exposição e por mais virtudes que o elevam á altura do ensino moderno de grammatica. A mão de obra, da velha e generosa livraria, é magnifica.

— «*Discurso*», pronunciado por occasião da visita do Presidente eleito á Faculdade de Direito do Recife, pelo representante do corpo discente da mesma, o sr. Luciano Pereira da Silva. O auctor já nos tem revelado o seu amor ao estudo e a sua capacidade de trabalho. E' pena que elle nos prove essas qualidades, muito estimaveis e bem raras hoje no seu meio, atravéz de um estylo ainda terrivelmente provinciano, quer dizer pedante e obscuro.

— Do director interino do Serviço da Estatistica Commercial recebemos um resumo do movimento do commercio exterior do Brazil durante o anno de 1905 comparado com o de 1904.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

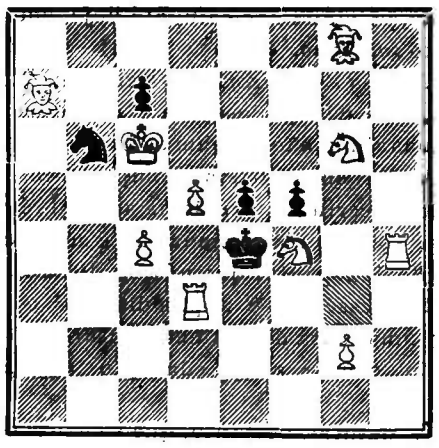
As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

XADREZ

PROBLEMA N. 55

F. Mendes de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (5)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

***

PARTIDA N. 61

(Jogada no torneio de Stockolmo a 22 fevereiro de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (Bernstein)		*Pretas* (Petterson)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R (*a*)
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	C D 2 D (*b*)
P 3 R	— 5 —	B 2 R
C 3 B R	— 6 —	P 3 C D
P × P (*c*)	— 7 —	C × P ? (*d*)
C × C	— 8 —	P × C (*e*)
B 4 B R (*f*)	— 9 —	Roque
B 3 D (*g*)	— 10 —	P 4 B D
T 1 B D	— 11 —	P 5 B D ? (*h*)
B 1 C D (*i*)	— 12 —	T 1 R (*j*)
Roque	— 13 —	P 3 C R (*k*)
P 4 R !	— 14 —	C 1 B R
P × P	— 15 —	D × P
T 1 R ! (*l*)	— 16 —	B 4 B R (*m*)
T 5 R ! (*n*)	— 17 —	D 2 D
B × B	— 18 —	P × B
T 3 R ! (*o*)	— 19 —	C 3 C R
C 5 R	— 20 —	D 4 D
C × C	— 21 —	P B × C
D 2 R	— 22 —	R 2 B
T 1 R	— 23 —	D 2 D
D × P x	— 24 —	R 2 C (*p*)
D 2 R	— 25 —	R 2 B
B 5 R !	— 26 —	T D 1 B D
T 3 T R	— 27 —	P 4 T R (*q*)
T × P ! (*r*)	— 28 —	P × T
D × P x	— 29 —	R 1 B (*s*)
D 7 T R	— 30 —	B 3 D
D × D	— 31 —	abandonam

(*a*) No torneio de Barmen, 1905, adoptei com successo a defeza seguinte:

	— 2 —	P × P
C 3 B R	— 3 —	C 3 B R
C 3 B B	— 4 —	P 3 T D
P 4 T D	— 5 —	P 3 C D
P 3 R	— 6 —	B 2 C D
B × P	— 7 —	P 3 R, etc.

A idéa desta defeza é impedir a saída do B D branco a 5 C R, onde paralyza muito o jogo das Pretas. Veremos nos futuros torneios se esta continuação virá substituir as antigas (J.)

(*b*) Um laço conhecido: si 5 — P × P, P × P; 6 — C × P, C × C; 7 — B × D, B 5 C D x ! etc. (J.)

(*c*) E' preferivel trocar este pião quando o B D preto está o 2 C D. (J.)

(*d*) Uma falta; 7... P × P é necessario. (J.)

(*e*) E' evidente que si 8... B × B; 9 — C × P x. (J.)

(*f*) Podiam obter uma vantagem decisiva por:

B × B	— 9 —	D × B
T 1 B D !	— 10 —	D 5 C D x (m 1)
D 2 D	— 11 —	D × D x
R × D	— 12 —	P 4 B D
B 5 C D	— 13 —	P × P
P × P	— 14 —	

ganhando ao menos um pião. (J.)

(*g*) Ameaçando ganhar um pião por D 2 B D. (Sc.)

(*h*) Este pião avançado torna-se uma fraqueza. Seria melhor 11... B 2 C D. (J.)

(*i*) Já ameaçam P 4 R. (J.)

(*j*) Justamente para prevenir P 4 R, mas não pódem por muito tempo oppôr-se a isso. (J.)

(*k*) Por mais que façam, têm já um máu jogo; P 4 R é um lance formidavel contra o qual não ha defeza. (J.)

(*l*) Ameaçando B 4 R. (J.)

(*m*) Forçado. Si 16... P 4 B R; 17 — T 5 R, D 2 D; 18—D 2 R seguido de T 1 R. (Sc.)

(*n*) Ataque irresistivel! (J.)

(*o*) Ameaçando C 5 R e eventualmente T 3 T R. (J.)

(*p*) Si 24... R 1 B, as Brancas dariam um bello mate. (Sc.)

(*q*) Si 27... R 1 C, então 28 — D 3 R, ameaçando D 3 C D x e T × P. (Sc.)

(*r*) Esplendido! (Sc.)

(*s*) Si

	— 29 —	R 3 R
B 4 B R x d.	— 30 —	R 3 B
D 6 T R x	— 31 —	R 2 B
D 7 T R x	— 32 —	R 3 B
P 4 T R	— 33 —	etc.

(*Notas de Janowski e Schlechter.*)

***

SARCE-MAGA.—Recebemos a sua solução, que está certa. Como deve saber, não adoptamos a praxe de publicar soluções, o que consideramos inutil. A sua collaboração, porém, de problemas ser-nos-á muito agradavel.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 54 (*F. Mendes de Moraes Filho*): 1 — B 7 B R, R 2 D; 2 — B 8 R x, R × B; 3 — C 6 B R mate. Si 2... R 1 B D; 3 — P 7 D mate. Si 2... R × C; 3 — C 7 B D mate.

JOSÉ GETULIO.

AS TÉLAS DO SR. MALHÔA. — Na quarta-feira, 4 deste, foi inaugurada no Gabinete Portuguez de Leitura, com a presença do sr. presidente da Republica, a exposição dos quadros do pintor portuguez José Malhôa.

Honra sobremaneira ao Governo e ao povo o modo carinhoso por que é recebido, entre nós, esse artista de um paiz irmão, de um paiz que é representado nesta terra por uma colonia muito numerosa e feliz. E' apenas de sentir que nem sempre logrem taes incentivos os nossos pintores, quando lhes chega o momento de apresentarem ao publico a sua obra em conjuncto.

Toda a pobre parte da nossa sociedade entendida em assumptos d'arte, e grande numero de curiosos attraídos pelo profuso e justo reclamo que precedeu á abertura do salão Malhôa, tem concorrido a verificar, com os proprios olhos, si é cabivel a fama que ha annos acompanha o nome desse pintor.

Podemos testemunhar que essa fama é merecida, que o sr. Malhôa é o mais perfeito artista portuguez que nos ha visitado até hoje: é um paizagista magnifico e um excellente pintor de figuras.

Si bem que achemos exaggerada a classificação, absoluta, de *extraordinario*, que já se ouve a proposito do talento desse artista, comtudo foi com admiração sincera, com alegre surpreza, que apreciamos algumas das suas télas, sobretudo as em que domina a paizagem portugueza, cheia de serena poesia campesina, povoada de risonhas figuras nos vistosos trajes nacionaes, paizagens tão profundamente diversas das nossas, e que falam aos nossos olhos de brazileiros a mesma linguagem das encantadoras cantigas d'além mar, que por vezes nos chegam aos ouvidos.

Não faltará talvez quem affirme que nem sempre as figuras teem a vivacidade e a graça que o assumpto tratado requer, como, por exemplo, na *Chegada do Zé Pereira*; que no quadro *Cocegas*, ao par da soberba paizagem, as figuras teem uma coloração terrosa e fria, em contraste com a luz doce que as rodeia; que os retratos dos reis de Portugal fôram talvez trabalhados com a intenção de impressionar almas que cultivam menos o gosto artistico que o sagrado respeito aos que se assentam no throno da patria longinqua; que el-rei mostra um rosto demasiadamente irado e rubicundo; que a rainha, a formosissima rainha d. Amelia, ostenta uns braços de coloração extravagante, e, sob a fimbria do pomposo vestido, a ponta do regio pé, contrariando, talvez, a pragmatica; muita coisa ainda poderá a irreverencia da critica apontar; não duvidamos, pois não ha neste mundo artista intangivel.

E' absolutamente incontestavel, porém, a surprehendente belleza das paizagens de Portugal, traduzidas pelo pincel paciente e delicado do sr. Malhôa, que encarna, neste momento, toda a geração de artistas e poetas da sua terra, voltados amorosamente para a rustica simplicidade dos costumes e dos campos nacionaes, fonte de serena e profunda poesia.

Nas pequenas télas *O 7º furtar...* e *Passagem do comboio*, as figuras se harmonizam, melhor que em outros, com a paizagem circumdante, e a alma, a vida portugueza se revela de fórma inesquecivel, naquelles dois grupos travessos de creaturinhas incultas, nascidas alli, sob o mais bello céo da Europa e gozando sadiamente o se sentirem livres e ignorantos do mundo.

Esses dois quadrinhos, em que a riqueza e justeza de colorido, e disposição harmoniosa das figuras na paizagem, estão magistralmente conseguidos, honram tanto, ou mais, ao sr. José Malhôa, quanto as télas de maior vulto, que tão forte impressão teem causado ao publico.

O illustre artista verá recompensado o sacrificio da sua vinda ao Rio de Janeiro: a maior parte dos seus trabalhos serão optimamente vendidos, pois não faltam, na colonia portugueza, homens de fortuna, patriotismo e gosto, assim como, entre os brazileiros, pessôas desejosas de augmentar as suas collecções de pinturas; dispostos, uns a honrar a patria longinqua, outros a sustentar os nossos creditos de paiz culto.

ANNO III — Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1906 — Num. 90

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Matto Grosso.— O vencido de hontem e o vencedor de hoje.—A repercussão da tragedia. — O culpado dessa agitação.— As medidas preventivas da olygarchia do Ceará.

Quando escrevemos na ultima «Chronica» que o coronel Paes de Barros estava em máus lençóes, não pudemos prever que, áquella hora, a misera victima da politica dos governadores se achava já embrulhada no sinistro lençol que lhe serviu de mortalha.

E' por todos os motivos lamentavel, mas não se póde contestar que foi logico o destino desse cidadão, que morreu no seu officio de caudilho, trucidado por essa «legião libertadora, filha legitima da legião Campos Salles», que elle commandára de victoria em victoria contra os partidarios do coronel Generoso Ponce.

Nessa truculenta tragedia de Matto Grosso, o facto dessa eliminação do obstaculo da lei pelas armas é um episodio que imprimiu profunda commoção no espirito publico. A tragedia continuará a desenrolar as suas scenas, cheias de lances pungentes, de surprezas atordoadoras, até que o panno caia sobre os destroços do ensanguentado scenario. Nessa tragedia as figuras proeminentes se teem revezado em campos oppostos, empunhando o facho da guerra, empregando as armas fratricidas, a violencia brutal para uma victoria sem ideaes, como desfescho de uma lucta pelo mesquinho interesse de uma olygarchia, uma lucta que se não inspira no amor á causa publica.

Essas olygarchias industriaes de dominadores, de exploradores do poder, se desaggregam, ás vezes, como corpos sem a consistencia da fidelidade, sem os vinculos das convicções, sem a fé dos intuitos patrioticos. Ellas se desmantelam em facções de inimigos rancorosos, saturados de odios implacaveis, incompativeis com os tolerancias, com as considerações humanitarias, com o amor á ordem, como sóe acontecer quando as desavenças são provocadas pela partilha dos proventos. E os irmãos, os amigos, os correligionarios se dividem em adversarios intransigentes, e se degladiam pelo poder absoluto, arbitrario, intransigente, cruel, como quem lucta pela comedía farta.

Hontem, o coronel Generoso Ponce era o vencido; hoje, é o vencedor; hontem, era batido, apeiado das altas posições; hoje, é acclamado còmo libertador por essa mesma «legião» que teve as costas esquentadas pelo sr. Campos Salles e agóra superou a reprovação do Governo Federal. Amanhã, quando o coronel Ponce, deslumbrado pela illusão, pelo prestigio ephemero da victoria, congregar em torno de si os seus leaes amigos, quando pretender reparar os damnos de longos annos de ostracismo e curar as feridas, não cicatrizadas, da antiga derrota, a «legião» famosa, composta do elemento amorpho que infesta a nossa fronteira naquellas invias paragens, lhe embargará o passo, e a sombra do coronel Paes de Barros, corporizada em improvisado caudilho baterá, ávida de vingança, ás portas de Cuyabá.

Essa triste situação, quasi permanente, de agitação em Matto Grosso, onde a distancia preserva os revolucionarios da intervenção prompta, da acção efficaz do Governo Federal, é consequencia fatal da politica que entregou a sorte dos Estados a donatarios com aspirações á perpetuidade. Essa agitação, com o allivio de ligeiras remissões, constitúe um eloquente symptoma de deturpação, de desarranjo essencial do mechanismo politico, no qual estão estupidamente fechadas as valvulas da opinião, as valvulas do voto, cuja demasiada compressão póde determinar explosões devastadoras. E, por isso, a erupção, que estoirou em Matto Grosso, não deveria occasionar surprezas; antes, é para admirar que se não tenham manifestado em outros Estados, mais violentas, mais tremendas, na proporção da desenvoltura, do desbragamento dos governos locaes, repoltreados, impunemente, numa orgia de abusos intoleraveis.

Cerradas as valvulas do voto, como succedeu nos Estados onde se asphixiou cynicamente a representação das minorias, fechadas para os adversarios as portas da justiça, ameaçados os cidadãos na sua vida, na sua propriedade, nas manifestações do pensamento por meio de violencias inauditas perpetradas ás barbas do Governo Federal, não seria motivo de surpreza; seria, antes, acto de reacção legitima, uma reacção de brio, de dignidade restaurada, a rebeldia dos opprimidos contra o jugo aviltante de tão barbaros dominadores.

Occorre aqui lembrar que, em Matto Grosso, houve manifestação do voto; pelo menos, fingiram que houve: representantes da minoria na Camara e no Senado fôram reconhecidos; ao passo que, a respeito do Ceará, os legitimos diplomas dos deputados da opposição fôram abandalhadamente rasgados, sem resquicio de pudor, sem os mais rudimentares escrupulos, sem esse banal respeito á compostura das apparencias hypocritas.

Mas... sempre houve e ainda existem paladinos da revolução como um sagrado direito dos opprimidos; ha quem consagre o recurso á força como «ultima ratio» daquelles que não encontram meios tutelares dos direitos na área das garantias constitucionaes. Desse ponto de vista, ninguem poderia recuzar ao ludibriado povo cearense o direito de revolta no empenho de reivindicar a sua libertação do captiveiro acciolyno, de accordo com a gloriosa tradição de emancipadores de escravos, de filhos da Terra da Luz.

O caso de Matto Grosso repercutiu, como um prenuncio, nas orelhas timidas do olygarcha, como si o sopro calido da agitação sangrenta, atravessando os sertões immensos, fôsse perturbar a placidez do pantano em que vive. O satrapa despertou ao echo dos ultimos gemidos do coronel Paes de Barros, como si elle sentisse no endurecido couro a impressão das balas que perfuraram o da misera victima da politica dos governadores. Dizem os telegrammas que no Ceará já se cogita da creação de mais um batalhão de policia, e, no dia 12, anniversario da sua posse, o governador recebeu as continencias do «Batalhão Accioly».

Descanse o olygarcha. Um partido que tem soffrido com hombridade longos annos de oppressão, tem o direito de se revoltar, de recorrer ás armas, porque esse direito não é apanagio dos cidadãos de Matto Grosso. Das campinas verdejantes poderão surgir legiões estupendas; instrumentos da reivindicação poderão rolar das montanhas como trombas libertadoras, invenciveis; mas essa gente cheia de hombridade, de valor para supportar a oppressão, não recorrerá jámais á eliminação summaria.

De resto, èsse barbaro processo é impraticavel no Ceará, onde seria precizo perpetrar uma hecatombe, passar pelas armas as gerações de pimpolhos, até eradicar o ultimo rebento da dynastia nefasta, resistente ao ferro, ao fogo, uma especie de capim de burro a grelar recalcitrante, tenaz, implacavel na terra combusta, asphyxiando-lhe nas entranhas uberes a semente do bem.

* * *

O Governo é culpado, por omissão, dessa victoriosa agitação de longa data preparada, sem cautelas, sem rebuços.

O Governo tinha, havia seis mezes, perfeito conhecimento, pelos reiterados avisos do consul do Brazil no Paraguay, de que se estavam apparelhando os «habitués» desse genero de «sport» politico. No ministerio da Fazenda, existem copiosos documentos accuzando descommunal importação de armas e munições pela alfandega de Curumbá. O proprio ministro da Fazenda consentiu que essas suppostas mercadorias, detidas por justa suspeita, fôssem, aos poucos, para não attraírem a attenção, entregues aos seus importadores. O Governo dispunha de uma guarnição de 400 homens ás ordens da coronel Fontoura; sabia, finalmente, que um official superior do Exercito estava de mãos dadas com os revolucionarios, sinão incumbido de apparelhar a aggressão.

Nestas condições, de notoriedade incontestavel, não ha desculpa para a ausencia de providencias preventivas dessa catastrophe em que o prestigio do Governo foi, afinal, envolvido, sinão rudemente abalado, pela deliberação da Camara, recuzando-lhe peremptoriamente as medidas excepcionaes urgentemente pedidas.

A Camara consagrou a revolução declinando da sua intervenção e remettendo o caso para a justiça federal.

A impressão da tragedia foi assim amenisada com a farça final, para que os espectadores não regressem aos lares com os olhos razos de lagrimas e sentindo cheiro de sangue quente.

E sirva isso de lição para demonstrar o perigo de dar aos satrapas o que elles pedem por bocca — guarda nacional, funccionalismo federal nos correios, nas delegacias fiscaes, e juizes federaes !...

Imaginem os nossos attonitos leitores o que será o processo dos revolucionarios, organisado e julgado por um «Studart» de Matto Grosso...

E viva a revolução ! Abaixo os tyrannos !...

Que deliciosa comedia está desandando dessa democracia feita pela politica dos governadores !...

POJUCAN.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Os projectos militares de breve apresentação na Camara dos Deputados. — Refórma nas escolas militares. — A pessima situação dos officiaes subalternos — Os corpos de exercito. — A sorte dos officiaes inferiores. — Promoções sem curso. — O inferior de carreira.

Proseguindo na ligeira analyse encetada no artigo anterior (n. 88, anno III, dos *Annaes*), vamos tratar do artigo:

6º — Supprimir as escolas militares existentes e adoptar uma escola theorica com secção para cada curso e estabelecer uma escola pratica geral para complemento de todos os cursos militares, instrucção e aperfeiçoamento da instrucção das praças e officiaes.

O ensino militar, como tambem o civil, muito se tem resentido, após a proclamação da Republica, da facilidade com que de um anno para outro se teem alterado os regulamentos, ás mais das vezes sem que a pratica provasse por completo a sua imprestabilidade.

A principio, as modificações tenderam sempre para as ampliações de caracter theorico, abandonando-se, a cada novo regulamento, mais um pouco da materia pratica, indispensavel complemento dos conhecimentos adquiridos nos cursos theoricos.

O abuso do *bacharelismo* deu, como era logico esperar, resultados total-

mente oppostos ás necessidades reaes da instrucção militar.

A reacção contra esse desregramento do ensino militar explodiu naturalmente, não havendo uma só opinião sensata que não reclamasse o correctivo adequado, em beneficio do seu aspecto pratico ; e sob esse intuito se elaborou o novo regulamento das escolas do Exercito, actualmente em vigor.

Cumpre confessar que por pouco não chegamos ao exaggero opposto da abolição completa da parte theorica do ensino, apezar de se affigurarem muito menos nocivos os inconvenientes resultantes.

A nova reforma mal iniciou o seu exercicio ; ainda não se pódem affirmar as suas bôas ou más consequencias, nem tão pouco parece razoavel condemnal-a desde já.

O que presentemente se impõe como medida de alto alcance e de opportunidade indiscutivel — é a suspensão immediata das matriculas de praças de pret, até se estabelecer o equilibrio no quadro dos officiaes do primeiro posto e appareça então a necessidade do preenchimento das vagas que realmente ahi se derem.

Isto não constitúe certamente nenhuma novidade : nos paizes de exercitos bem organisados assim se pratica ; entre nós, na Escola Naval, já se obedece, em parte, a esse criterio.

Accresce a essas considerações que o excesso de officiaes existente no primeiro posto, excesso que só muito lentamente váe desapparecendo por motivo da confirmação dos alferes-alumnos e da promoção de aspirantes a officiaes, não permittirá por longo tempo ainda acabar, ou, ao menos, attenuar a situação deploravel dos officiaes antigos ahi collocados, os quaes já se vêem ameaçados da inevitavel compulsoria nessa posição subalterna.

Que lucrarão o Exercito e a Nação com a existencia de semelhantes officiaes, sem o menor estimulo, sem fé no futuro, sem incitamento de especie alguma, que faça entregarem-se á sua profissão com o amor e dedicação a que ella tem direito ?

Como se exigir desses subalternos, na maioria officiaes antigos, trazendo doze longos annos de serviços e a esperança pouco animadora de guardarem outros tantos para galgar o segundo posto — como exigir, repitimos, que tal gente se entregue de corpo e alma ao serviço extenuante da fileira, si a unica recompensa que se lhes depara é a foiçada tetrica de uma compulsoria, attestado official da sua incapacidade physica, antes de attingir o terceiro posto após uma estagnação de trinta annos ?

Precizamos nos compenetrar de que as escolas militares são exclusivamente instituidas para a formação de officiaes com destino ao Exercito; não pódem ter um numero illimitado de alumnos, porque esse numero depende, e sómente, da necessidade do preenchimento do quadro; e desde que existe um excesso consideravel de officiaes ; desde que nestes dez annos proximos, pelo menos, não precizamos formar novos — o melhor alvitre, o mais consentaneo com a bôa razão, é prohibir terminantemente a matricula de praças de pret ; conservando-se as escolas abertas apenas para os poucos que ainda ambicionam o curso de sua arma ou algum dos cursos especiaes.

8º —«Determinar que o Quarto Districto tenha organisação de corpo de exercito, provido de todos os elementos, etc.»

Ora, seria desejavel, mais de accordo com as exigencias da guerra e para maior efficacia e promptidão do apparelhamento militar, que não só o quarto, mas os demais districtos tivessem aquella organisação. Na impossibilidade, porém, de proceder dessa fórma, por motivos de ordem financeira ou outros quaesquer, seria indubitavelmente o quarto districto um dos ultimos a se contemplar. Pela sua qualidade de guarnição da capital do paiz, centro da acção do Governo e de todos os recursos, é a sua força a ultima a marchar para attender a qualquer aggressão exterior, salvo no caso particular das operações iniciarem-se por ataque directo á Capital.

E, como em preparativos de guerra futura, manda a mais elementar previdencia attender principalmente á zona de acção mais provavel do inimigo, segue-se que para esse ponto devem voltar de preferencia os nossos cuidados, accumulando todos os meios indispensaveis a acudir a qualquer eventualidade.

Só com o intuito impensado de méra ostentação se fundamentaria deliberação contraria, pois as razões de ordem militar, da defeza racional, indicam as guarnições fronteiriças como as primeiras a se apparelharem para a sua prompta entrada em acção.

O art. 12º, que se occupa da melhoria das condições dos officiaes inferiores, é, entre todos, o mais desarrazoado.

Si pela nossa lei de preenchimento das vagas do primeiro posto fôram completamente abolidas as promoções sem curso, e si pela natureza da guerra moderna é considerado imprescindivel para o bom desempenho dos encargos do official, esse preparo fundamental, como se comprehender que retrogrademos com a creação de uma classe de officiaes trazendo desde o nascedouro o attestado da sua ignorancia.

Em exercito algum do mundo se vê essa fingida e constante jeremiada pela sorte dos seus officiaes inferiores.

Si ha o intuito, aliás muito louvavel, de minorar a pessima situação em que se acha collocada essa classe, nada mais facil do que tratar de melhoral-a, dando-lhe todas as regalias a que tem direito, sem excessos descabidos ; estabelecendo-se, finalmente, o inferior *de carreira*, com o que se satisfará a todas as circumstancias requeridas.

Parece incrivel que, após uma lucta de tantos annos contra a promoção de sujeitos ignorantes, lucta que ao presente se considerava victoriosa, se queira, sem bases plausiveis, retroceder aos processos archaicos e imperfeitissimos dos tempos antigos em que a guerra era apenas um acto brutal, com o predominio exclusivo da força physica e sem a minima participação da intelligencia.

Os demais arts., apezar de se occuparem alguns com providencias dignas de applauso, não constitúem, no entretanto, assumpto de tanta importancia que mereçam inclusão em um plano geral de reorganisação, tal a particularidade dos seus fins ; encontrariam melhor acolhimento após a solução do principal, do arcabouço geral. Semelhantes enxertos só servem para desviar a attenção dos assumptos capitaes, transformando em

uma verdadeira colcha de retalhos mal emendados.

Praza aos céos e a todos os santos que lá se abrigam que o Congresso seja surdo a essas machinações machiavelicas de meia duzia de individuos irrequietos, e cumpra o seu dever patriotico de dotar o Exercito Nacional de uma organisação na altura dos progressos actuaes, sem outro intento sinão o de servir a Patria.

TENENTE MAX.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A cultura da planta humana—Doutrina eugenesica de Galton e Vacher de Lapougue—Como se deve crear o menino.

Galton, Vacher de Lapougue, representante convicto da doutrina eugenesica, procuraram verificar si a especie humana, como os vegetaes, era susceptivel de uma cultura systematica, ou si era possivel, de maneira regular e segura, por processos analogos aos empregados na producção horticula, crear sêres humanos physicamente mais perfeitos do que os actuaes.

Luther Burbank, notavel pelas curiosas experiencias de agricultura pomologica, adicionou uma importante áquellas theorias.

No correr de suas observações sobre a vida da planta, foi impressionado com evidentes analogias entre o organismo vegetal e o humano e os seus modos de desenvolvimento. Na planta como no homem, o crescimento representa um papel preponderante, que deve ser secundado pela rigorosa selecção e vigiado com paciencia e cuidado. Partindo dessas premissas, baseando-se em provas fornecidas pela raça americana, producto de mais cruzamentos do que qualquer outra e apresentando a melhor complexidade das diversas qualidades ethnicas, Burbank traça um programma completo da cultura da planta humana.

Começa elle exigindo que o menino seja creado até dez annos fóra de toda a influencia escolar, sómente em contacto com a natureza, de maneira que elle cresça physicamente e seus membros adquiram todo o vigor de que sejam susceptiveis, fornecendo-se-lhe, como se procede com o vegetal, luz, ar, alimentação em condições apropriadas á sua constituição, considerando o coeficiente da hereditariedade, mas empregando todo o esforço com inexgottavel paciencia para fazer das suas aptidões pessoaes os proprios elementos de sua cultura, que se não adquirirá completamente no mesmo individuo, mas em varias gerações. E' o que acontece com as plautas, cuja cultura, para crear especies perfeitas, depende de um grande numero de cruzamentos e selecções.

Burbank está persuadido de que uma dezena de gerações da vida humana será bastante para transformar o menino anormal em um sêr absolutamente perfeito, cuja estructura physica respondesse a todas as exigencias do desenvolvimento completo physico.

O eugenista americano não fala da cultura mental, cujo problema não aborda. Reconhece-lhe as difficuldades e, affirmando que a humanidade ganharia, talvez muito, com a eliminação dos meninos idiotas incuraveis, assim como os vegetaes aproveitam com a suppressão das plantas incontestavelmente damninhas; mas não leva a sua theoria da cultura humana até taes extremos: espera sómente que a cultura physica, com a selecção sabiamente praticada, acabará por fazer desapparecer as táras intellectuaes.

A essas suggestões faltam sómente experiencias e não se comprehende bem como poderão ser realisadas, sendo, todavia, interessante notar essas preoccupações da biologia, cujos dominios augmentam progressivamente.

***

Falsas appendicites — Contestação e defeza do professor Dieulafoy — Réplica aos argumentos dos cirurgiões.

Na sessão de 19 de junho de ultimo da Academia de Medecina, de Paris, o professsor Dieulafoy replicou brilhantemente aos cirurgiões que lhe contestaram as falsas appendicites, de que já demos noticia, (Vide os *Annaes*, uum. 87, anno III.) com a auctoridade e precisão caracteristica do seu grande talento de palavra.

Ardente campeão da intervenção cirurgica nas appendicites verdadeiras, elle julgou um dever revoltar-se contra os erros de diagnostico, absolvidos pelos exames histologicos, e não liga importancia ao que se denomina appendicite histologica, falsa appendicite, clinicamecte sem existencia.

A contestação bazeou-se nas relações entre a typhlocolite e a appendicite, apresentando uma collecção de excepções demonstrando a concurrencia simultanea das duas affecções, série que o proprio Dieulafoy accrescenta com dois casos. Do lado contrario, é verdade que se poderiam indicar centenas de doentes atacados de typhlocolite muco-membranosa ou arenosa, tratados durante annos, sem jámais padecerem de appendicite. Os cirurgiões não conhecem esses innumeraveis doentes; estão mal collocados para julgar a questão, sómente a consideram pelo aspecto cirurgico; o lado medico lhes escapa completamente.

A estatistica do celebre professor Potain accuza 103 doentes de typhlocolite, os quaes nunca tiveram appendicite. A esta estatistica antiga Dieulafoy ajunta 200 casos por elle observados com resultados identicos para demonstrar que a concurrencia das duas molestias ou uma consequencia da outra são casos muito raros.

Respondendo particularmente a Reclus, disse Dieulafoy que esse eminente collega lamentou que se tornasse publica essa questão, como si fôsse necessario ou conveniente discutir em segredo essa molestia que tanto inquieta a opinião publica, a principal interessada no debate, para com a sua logica inflexivel saber dirigir-se. Ao lado desse publico dos felizes da terra que dispõem de meios para se cercarem de conselhos medicos e não se entregarem ás emprezas dos cirurgiões demasiado aggressivos, existem doentes dos hospitaes, homens e mulheres, vivendo do trabalho penoso, os quaes nenhum recurso teem contra os erros de diagnostico, expostos ás operações abdominaes inuteis.

Dieulafoy apresenta diversos casos desses erros de diagnostico, aggravados por erros operatorios, dos quaes teve conhecimento depois de sua communicação sobre o assumpto.

Precizando os seus argumentos, o illustre professor pergunta aos cirurgiões quaes os symptomas que os auctorizam a operar uma appendicite microscopica? E' impossivel diagnosticar o que não existe. E apoiou as suas affirmações no testemunho de cirurgiões dos hospitaes, Achard e Hartmann.

Concluiu Dieulafoy citando as palavras de Le Dentu: O grito de alarma cheio de franqueza e bem intencionado, terá o resultado de nos tornar mais rigorosos no exame dos signaes diagnosticos e das indicações operatorias.

A discussão dessa importante questão foi adiada a pedido de Reclus. Daremos, em tempo, aos nossos leitores os interessantes resultados desse debate scientifico.

***

Hereditariedade da lepra — Opinião do dr. Hirsehfeld — A cura pela sorotherapia — Leprolina do dr. Rost.

O dr. Hirschfeld, director do hospital de leprosos do Grand-Chatillon, estabelecido na Guyanna hollandeza, no alto Surinam, a tres horas de navegação do Paramaribo, affirma que a lepra não é hereditaria.

Recentes observações, feitas num hospital, demonstraram que essa molestia, que nada tem de commum com a syphilis, é contagiosa e transmissivel pelo contacto directo, encontrando nas predisposições uma base especial para a infecção, como acontece com a tuberculose. Ella attinge, principalmente, indigentes, que pódem communical-a aos ricos, e é causada, na maior parte dos casos, pela falta de asseio.

Não se conhece caso de cura radical dessa molestia, sendo de esperar que a sorotherapia seja capaz desse milagre.

Um medico inglez, o dr. Rost, preparou uma leprolina, que está sendo experimentada em Grand-Chatillon com alguns resultados.

A LIVRARIA

«HISTORIAS DO MEU CASAL», LIVRO DE VERSOS DE MARIO PEDERNEIRAS. RIO DE JANEIRO.—COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL. — 1906.

E' curiosa a feição offerecida por esta collectanea de versos que ora nos dá o sr. Mario Pederneiras sob esse titulo simples de *Historias do meu casal*.

Não se trata de um livro que possa proporcionar ao poeta a gloria de abrir novos horisontes ao nosso verso, quer por originalidade verdadeiramente propria, quer por influencia de idéas ou processos recentes em qualquer auctor estrangeiro, mas ainda não transportados á nossa poesia.

Não nos póde escapar que o auctor procede directamente dessa geração chamada dos symbolistas e decadentes, ainda hontem na brécha, com um ardor em que havia qualquer coisa de fanatico, e já hoje em franca retirada, seria melhor dizer numa debandada completa, phenomeno estranho por isso que essa gente não deixa na realidade successores.

A brochura, distendida em elegante quadrilongo, e a roxa côr symbolica da capa, mais a allegoria da scismadora cegonha que poiza pernalta sob o titulo, são signaes exteriores, mas completamente caracteristicos da escola.

Abra-se o livro e leiam-se os primeiros versos. O soneto inicial é de feição ainda indecisa. Offerece-nos um singelo chromo, que faz lembrar, por exemplo, os que se acham na feição primitiva, entre romantica e naturalista, tão sympathica e simples, de B. Lopes. Da segunda composição em deante, porém, as «manhãs bizarras», «a alegria das Lavouras» (com *L* grande,) os «Céos escampos», «as almenaras, os brazões e os fossos», quanto encontramos em cada folha, no que respeita ás imagens e ao vocabulario, confirma o que as exterioridades da brochura nos estavam indicando.

Penetre-se mais a fundo e se ha de ver: o systema de idéas que aqui se encontram é tambem legitimamente o da escola, dando-lhe a sua coloração caracteristica um néo-christianismo que por ser vago não deixa de ter feição propria e de exercer uma irradiante influencia na imaginativa e mesmo na acção do poeta, de modo até singularmente logico e harmonico.

Concorre para nos dar um sentimento ainda mais nitido da simplicidade e naturalidade que pautam, em tão sympathica coherencia, a vida do auctor (pelo que sua obra della nos póde falar) até a poetica que o sr. Mario Pederneiras adoptou, tendo-se despreoccupado do que technicamente chamamos a estrophação e da regularidade da rima. Seus versos são feitos com tão artistica asymetria, — obedecendo ainda nesse ponto á esthetica dos symbolistas, — véem tão ao capricho, apparentemente, das imagens que lhe brotam da penna, que muitas vezes não hão de parecer versos aos ouvidos affeitos á melopéa, sempre mais ou menos monotona, da indefectivel regularidade metrica.

Não ha fugir: já havia uma classificação para o poeta antes delle nos dar este seu volume: o sr. Mario Pederneiras é um symbolista perfeitamente normal.

Mas é justamente a sua normalidade, já applicado, porém, o vocabulo numa outra intenção, que o differencía e constitúe o que haja nelle de original, como ha.

Poetas symbolistas, e de valor, já os tinhamos nós; mas um, cujo valor provenha do equilibrio por que sua natureza se caracterize e dahi pela sobriedade do seu pensamento, mais a naturalidade, a simplicidade do seu gesto, — de onde resulta uma attitude nova, uma feição inédita, um modo de ser particular, — esse só agóra o temos, no auctor das *Historias do meu Casal*.

O sr. Mario Pederneiras aproveitou todas as qualidades dos seus predecessores, principalmente na nossa lingua, tendo a vantagem de escoimar sua obra de quasi todos os defeitos que com razão se lhes apontam.

Não ha, nestas paginas da collectanea que estamos estudando, quasi nenhum dos elementos irritantes que puzeram em discussão permanente os poetas maiores da escola entre nós e em Portugal, e a esteira phosphorecente dos satellites ponderaveis ou insignificantes arrastados por elles na sua marcha.

Antes de tudo, um dos caracteristicos desses typos representativos é a imaginação desregrada até á extravagancia, até ao absurdo, que a uns impulsionou, ou então a morbida deliquescencia, mesmo o nitido desvio psychico de que outros deram prova nas plangencias de hospital, sinão de manicomio, que, ao menos, bôa parte de suas obras representa.

Nem podia ser de outro modo. O symbolismo representa uma solução de continuidade violentissima entre duas tendencias humanas, a realistica e a idéalista. Pretendeu crear um hiato entre duas gerações que se succediam immediatamente, tendo nascido da influencia negativa ou antipathica da anterior sobre a sua successora, da repulsa que o materialismo dos naturalistas provocou em uma duzia de naturezas sonhadoras. Isso com o exaggero provindo da falta de perspectiva, que permittiria a estes ultimos abranger o phenomeno em massa e fazer-lhe melhor justiça, ou então ao menos verificar o absurdo das pretenções que traziam, a fatalidade com que tinham de ser esmagados por força daquella lei que não permitte saltos arbitrarios, no terreno das idéas como em terreno nenhum.

Seja como fôr, eram naturezas irregulares, com força de impulsão excessiva, ou então deficiente, excesso ou deficiencia que tinha de transparecer nas suas obras, no seu gesto, na sua attitude.

O sr. Mario Pederneiras representa o symbolismo, si não desilludido, pelo menos experimentado, e por isso attenuado, adaptado, acceitavel.

Veja-se como são castas estas paginas do seu lindo livro. Conforme o titulo da obra indica, trata-se aqui da poesia do lar. O poeta não nos fala de outro mundo sinão desse que a familia representa, e fala na sua triplice qualidade de filho, de marido e de pae. Por outra, refere-se a todas as coisas da vida, mas subordinando não importa que assumpto a esse thema intimo e affectivo da casa.

Sente-se que não é apenas por uma questão de dar unidade á especie de poema que a sua *plaquette* representa: essa é que é a preoccupação dominante na sua poesia, nisso é que consiste a gloria delle na vida, por este lado é que sua vida é na verdade interessante, sendo o lado que ella offerece mais idéalmente real.

Não sei quem não saia na verdade emocionado ao terminar a leitura das *Historias do meu Casal*. Sympathiza-se de modo tão legitimo com o sentimento de felicidade e de paz que nos vem da primeira parte, *No valle da Ventura*, ama-se tão carinhosamente a natureza bem dotada e escolhida deste moço, que tem a bôa força de se fazer feliz entre os elementos simples e sãos que um lar pacifico na sua obscuridade offerece, quanto depois, *No Paiz da Saudade*, que é a segunda

parte do livro, compartilha-se das suas amáras provações, no reverso tristemente natural das coisas, mas antes de tudo porque elle expõe esse reverso com uma simplicidade fundamente suggestiva, numa correspondencia perfeita, e na verdade de bom gosto, com a modestia, com a medida que soubera manter ao entreter-nos com o sorrir encantador dos olhos de seus filhos e a embebida contemplação do seu carinhoso espirito de pae.

Do conjuncto dessas aprimoradas paginas transpira um sentimento religioso, mesmo definidamente christão, que, no emtanto, nada tem das ladainhas cabotinas, dos *blom! blom!*, dos *miserere*, por troça ou por moda, que andaram fazendo a caricatura rimada da lithurgia catholica nas paginas insôssas de nephelibatas sem valor, ou nas de poetas de merito, mas faltos ora de sinceridade, ora de gosto. O sentimento religioso que aqui se encontra é simples e sério, desses que despertam com a educação do berço e que a familia é tão apta a manter.

Para chegar a isto faz-se mistér ser na verdade uma natureza equilibrada, de um homem que se possa chamar devidamente normal, que, embóra dotado de esthesia legitima, não traga os excessos caracteristicos dos typos vindos para os escandalosos destaques dos primeiros papeis, não importa em que dominio da arte ou de outra manifestação humana.

Puz em relevo no começo uma das provas mais patentes da procedencia do poeta no que respeita a escolas: a metrica, a rima e o arranjo geral a que os seus versos obedecem. Ainda vamos encontrar, no emtanto, um modo de ser proprio nas suas composições mesmo relativamente a este assumpto, coisa que é mais uma prova do seu tacto artistico e uma das razões principaes por que não haverá ninguem, de certo, a quem repugne acceitar sua poesia, por mais ferrenho e retardatario que seja.

O sr. Mario Pederneiras faz o verso asymetrico, mas não o verso livre propriamente dito, como já um critico por equivoco affirmou. Seus metros teem de uma a doze syllabas, mas nenhum ha que passe dahi, quando justamente o verso livre é aquelle em que o numero de syllabas não importa, que póde ter uma, como póde ter vinte, até onde dér o papel. Para exemplos, em portuguez, assim de momento, lembra-me dos que ha no poema *Patria*, de Guerra Junqueiro, dos d'*O Cavalleiro do Luar* do sr. Gustavo Santiago, e de umas muito merecidamente malsinadas tentativas que «o meu melhor amigo» andou fazendo por ahi ha algum tempo. Em francez, encontraremos Maeterlinck, Verhaeren, Gustave Kann e mais dez ou vinte outros que nos demos ao trabalho de procurar.

Uma das coisas que os symbolistas enthusiastas do verso livre, (que nem todos o fôram), pretendiam evitar com o seu uso, era o cantante dos rythmos previstos, de um effeito demasiadamente material, no parecer delles, por conseguinfe contrario ás intenções altamente espirituaes que a gente da escola trazia.

Não haverá versos de um rythmo mais sensivel, e que sejam mais cantantes, mais embaladores, mais versos emfim, do que estes irregulares na rima e no metro, como sejam, das *Historias do meu casal*.

Concorre ainda mais para essa impressão que delles nos vem a indole essencialmente objectivista do auctor, cujos assumptos são todos objectos concretos ou ao menos concretisados por symbolisação, pelo menos neste livro, como são physicas na sua maior parte as imagens a que recorre, entre essas as mais lindas, as mais raras que se lhe pódem notar.

Bastante haveria a dizer do estylo em geral e particularmente da linguagem do poeta.

Sente-se que esse estylo foi influenciado pelo dos seus predecessores na escola, principalmente os brazileiros; a linguagem tambem em bôa parte é herdada delles. Mas o primeiro é muito contido, muito educado, apezar disso, e sem comparação menos extravagante do que o dessa gente anterior, exceptuadas umas poucas imagens, que eu não acho felizes. Quanto á lingua, essa é muito mais correcta e escorreita nas paginas deste novo poeta, de uma adjectivação muito menos arbitraria, do ponto de vista da lidima significação do vocabulo, embóra uma vez ou outra incruste desnecessarios francezismos, ainda em obediencia a uns méros preconceitos na esthetica dos symbolistas nacionaes.

Si esta collectanea não obtiver o successo das obras que sobre bôas são caracteristicas, dever-se-á tirar dahi mais uma prova da nulla preoccupação da epocha por coisas na verdade litterarias.

Direi por fim: é claro que aqui eu não defendo uma causa, mas penso assignalar um phenomeno.

Para o mundo do espirito seria preferivel que o sr. Mario Pederneiras fôsse um grande poeta a ser o que devidamente se chame um homem normal. Apráz em todo caso ver-se que o facto de um escriptor não ser do numero dos chamados irregulares, em vez de annullal-o ou ao menos de ser o indicio de uma natureza commum, tenha sido aqui causa entre as principaes de se haver formado uma individualidade, que, com representar caracteristicamente a de um epigono, nem por isso deixa de corresponder a um verdadeiro temperamento de poeta e de assignalar um nome que, já agóra, ha de ter uma collocação sua na historia das nossas lettras.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

A questão dos negros — Na *Fortnightly Review*, de Londres, o sr. W. F. Bailey estuda a questão dos negros e accentúa que a solução do problema se impõe á civilisação, porém traz comsigo as maiores difficuldades. Tomando posição, ella não faz sinão imperar e póde-se temer a explosão dum selvagem conflicto de raças até o dia em que surgir um homem poderoso e capaz, um chefe negro, que, graças a um movimento politico e social, libertará os seus companheiros de infortunios. Esse homem corajoso irá retirar da servidão todos os negros que ainda obedecem, como escravos, aos brancos auctoritarios. Assim termina o seu vehemente artigo o sr. Bailey.

***

Uma obra sobre Jesus — O celebre prof. Bousset, de Gottingen, publica actualmente uma obra intitulada *Jesus*, popular pelo preço e pela fórma. Elle resume nesse livro a substancia das opiniões da critica actual a respeito do fundador do christianismo. A parte mais interessante do trabalho é a que trata dos milagres; os Evangelhos teem ahi uma grande importancia. Jesus tinha uma profunda piedade pelos soffrimentos humanos, apezar de não ser um reformador social. Elle curava, era um medico que se servia de um poder extraordinario que exercia sobre as almas para livrar os homens dos seus males. Todos esses milagres pódem ser explicados psychologicamente. Pensa assim o prof. Bousset.

***

O theatro de Perez Galdós — O sr. Martineuche, na *Revue des Deux Mondes*, fala desse grande dramaturgo, dizendo que, si a sua obra foi a dum escriptor de partido, pelo menos não se apresentava duma maneira estreita. Galdós, ao principio, foi romancista; os *Episodios Nacionaes* comprehendem tres séries de dez tomos cada uma, já publicadas, e uma quarta, que ainda está em via de pu-

blicação. E' um quadro da historia da Hespanha desde Trafalgar até á revolução de 1868. Encontra-se a influencia de Erckmann-Chatrian nas suas narrativas, onde o amor não apparece quasi, mas que estão cheias de patriotismo e de politica. Nesse longo inquerito de psychologia social, Galdós observa que a Hespanha soffre duma doença da vontade. Elle apresentou no theatro o remedio que a devia curar. Si elle inspirou o odio da intolerancia, a falta não é nem delle nem da religião catholica, mas do estado de espirito dessa parte do clero hespanhol. *Electra* não é a peça terrivelmente anti-clerical que se pensa. Estando tudo verdadeiramente nacional, Perez Galdós procura fazer penetrar na scena do seu paiz os sentimentos e as idéas da Europa de hoje.

***

Os mahometanos na Palestina

Os mahometanos, que fórmam a fracção dominante da população na Palestina, estão em Jerusalém em numero inferior: não existem sinão 6.000, que possúem quatro escolas, sómente, sendo uma secundaria e tres primarias. Os 1.200 alumnos da primeira aprendem o Alcorão, em arabe, o turco, o francez, as mathematicas, a geographia e a historia. Uma das escolas primarias recebe 350 raparigas; ahi tambem o estudo do Alcorão fórma a base da educação.

***

Vidros amarellos

Os vidros amarellos, ligeiramente alaranjados, protegem melhor os olhos sensiveis que os outros vidros de côr, porque produzem a suppressão dos raios chimicos ao mesmo tempo que fazem um effeito muito calmo sobre a retina. Esta observação resulta das pesquizas feitas pelo sr. Motais, de Angers, e fôram communicados á Academia de Sciencias de Paris.

***

Um livro sobre o Japão

Foi publicado, na Hespanha, um trabalho muito interessante sobre o Japão, *A alma japoneza*, do sr. Gomez Carrillo. Esse livro vem com muita actualidade ainda. O Japão é admirado mas ainda está muito desconhecido. Nessa obra, ha descripções e narrativas admiraveis, como as de Pierre Loti — um pouco mais veridicas — e de tantos outros viajantes que não fazem sinão falsificar o bello paiz do *mikado*: a poesia e a belleza dos periodos não estão sempre de occordo com a verdade.

O volume do sr. Carrillo tem o merito de estar bem escripto e bem pensado; o auctor estudou o paiz no proprio paiz e de lá nos trouxe sensações perfeitas, exactas. Depois de ter lido o livro, comprehende-se que no Japão as paizagens são mais poemas que quadros. A atmosphera de açafrão e de perolas que envolve os habitantes do Imperio do Sol Nascente na paz da tarde, entre as grandes arvores tranquillas, é um sonho de poeta realisado. As mulheres que, ao longe, passam fluctuando os kimonos leves, parecem creaturas irreaes. Os titulos de alguns capitulos, a *Dansa sagrada*, *Contadores de historia*, *O orgulho do samurai*, a *Miseria*, o *Culto da espada*, os *Tres apostolos da alma moderna*, *Palavras depois da guerra*, etc., mostram o interesse variado do livro.

***

O romance no socialismo

Na lucta das classes, nenhum partido ignora, o valor do romance como meio de propaganda. Ha pouco tempo, appareceu um livro, o *Imperio vermelho*, onde o socialismo era caricaturado por um millionario americano. Hoje, os argumentos do socialismo são apresentados por Upton Sinclair numa obra extraordinaria, *Jungle*, reproducção da vida nos estaleiros de Chicago. Esse grande romance provocou da parte do governo da cidade um inquerito a respeito.

***

Um drama celebre

Thomas Hardy publicou, ha dois annos, *Dynasts*, drama destinado a ser lido e não a ser representado. O heróe desse drama exquisito era Napoleão I. A segunda parte da peça acaba de apparecer ultimamente; o auctor nos leva da morte de Pitt a Albufera. Ante os nossos olhos, se desenrolam as batalhas de Iena, de Auerstadt, a entrevista dos imperadores em Tilssit, Wagram, o divorcio de Napoleão, o seu casamento com Maria Luiza, etc. São quandros grandiosos, estudados largamente por um temperamento verdadeiramente poetico. Mas o valor do estylo e de vistas philosophicas, que seriam necessarios num livro como este, faltam por completo. Um conceito pessimista da personalidade de Napoleão é admissivel, mas o pessimismo de Thomas Hardy é levado ao extremo.

***

Uma opera belga

Teve um grande successo em Bruxellas, *A morte de Tintagiles*, poema do sr. Ch. Lôffler, tirado do drama de Mæterlinck. E' uma obra de inspiração muito pessoal, ardente e apaixonada, na qual o compositor soube conservar muito bem, com bastante naturalidade, o aspecto geral da peça de Mæterlinck.

***

Exposição de arte

As 1.300 pinturas, desenhos, pasteis e miniaturas reunidas na Bibliotheca Nacional de Paris, dão um curioso resumo da arte no seculo XVIII. O que faz o valor de semelhante exposição é que o grande numero de obras expostas pertenceu a collecções particulares. Salientam-se, entre outras, as meias-tintas inglezas, inestimaveis, custando uma dellas, um bellissimo retrato feito por Watson, a pequena quantia de 18.000 francos. Tambem são dignas de nota as miniaturas, principalmente as de Boucher, de Rosalba-Carriera e do grande pintor sueco Hall, resuscitando essas ultimas toda a sociedade do primeiro imperio da França.

***

Um diplomata francez nas exequias do papa negro

Alguns jornaes francezes transcrevem o topico de uma folha uruguaya, commentando a presença do sr. Bruwaert, na qualidade de representante da França, ás exequias do padre Martin, o famoso papa negro, ha pouco fallecido. O *Diario de Montevidéo* mostrára que os «diplomatas da nação franceza, emquanto os poderes publicos e a sociedade luctam contra a obra nefasta do obscurantismo clerical, fóra da patria são os eternos conspiradores, destruindo as conquistas politicas, sociaes e moraes da Grande Revolução.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

VERSOS

Nos paizes de vasta cultura intellectual, a publicação dum livro é facto ordinario, que todos se habituam a ver; apreciam, applaudem ou criticam.

Consideram o apparecimento da nova obra um signal que indica o desenvolvimento da vida social. Recebem-na como mais uma parcella para avolumar o cabedal de idéas, que fórma o thesouro do espirito.

Todos laboram pela perfeição humana e esta não se realizará sem a cultura intellectual.

Um livro não exprime, sómente, o que o auctor pensou no recolhimento de pacientes meditações; nos renascentes soliloquios de sua alma, não revela unicamente as emoções ardorosas de enthusiasmo das horas felizes, ou as angustias que ulceram os corações, a desesperança, que lhes apaga as aspirações de ventura e o deslumbramento da aureola da gloria..

Um livro é o producto do proprio *meio* social, onde o auctor nasceu, viveu e se educou. As idéas que adquiriu são forças da hereditariedade, as quaes lhe fôram transmittidas e, por sua vez, pretende transmittil-as a outrem.

Eis ahi porque, onde ha intensa cultura intellectual—litteraria, esthetica, moral e politica — o livro, refleçtindo o pensamento geral, commum, interessa a todos. No trabalho individual, apparece a somma dos esforços collectivos. Assim que a sociedade fórma uma consciencia, uma vontade que se manifestam em cada um de nós. O auctor as reprodúz no livro e a consciencia collectiva acceita e acolhe, como sua, a obra do escriptor e do poeta. As idéas, as aspirações, os sentimentos, o bem e o mal, ella os sente, convicta de que são seus.

Nesse *meio* social, o pensador, o escriptor, o artista e o poeta ou qualquer dos representantes do pensamento, são sempre bem-vindos e reputados incumbidos dessa missão, que o vulgo, alheio ás cogitações mentaes, não comprehende e menos poderia desempenhal-a.

Nos paizes, porém, onde a cultura é escassa, a publicação dum livro não interessa a todos, não aviva a curiosidade, sinão de limitadissima e solicita minoria.

Esse phenomeno social verifica mol-o a cada momento entre nós; os livros nascem; não *crescem*, não medram; morrem quasi subitamente. O escriptor ou poeta, que sente tentações de escrever e publicar um livro, passa, primeiro, por hesitações que o torturam.

Para que escrever e publicar volumes, que não encontrarão leitores? Elles passarão despercebidos. A propria critica, escarninha ou sileuciosa, passa indifferente, sempre ancha de julgar as producções intellectuaes; muito fará si as olhar de soslaio. E seria uma grande ventura para o escriptor e poeta si ella lhe vibrasse, desdenhosamente, ligeiro latego...

Os transeuntes quedarão para mirar o fustigado, para esmerilhar si o golpe feriu em cheio, ou si apenas roçou a epiderme. Dahi rompem as murmurações, os motejos, os commentarios. Uns e outros disputam. Cada qual quer que prevaleça o seu juizo, como succede nas divergencias. Este opina que o golpe foi malevolo e injusto; que o livro tem alguma coisa soffrivel ou aproveitavel e bôa. Aquelle affirma, ao contrario, que a critica mostrou-se benevola de mais, occupando-se de producção sáfara e ruim; parece ter querido dar-lhe importancia, chamando a attenção sobre ella.

Assim começa e trava-se, em derredor do livro, a disputa, que o salvará de morrer desconhecido.

O auctor do volume crê dever defender o *filho querido de suas entranhas*; então, apparece... Si fôr da bronzea tempera dum lord Byron, pulverizará os *criticos escossezes* e lhes arrebatará as palmas do triumpho. Si elle, porém, fôr um caracter calmo, uma natureza *inclinada mais á ternura que ao furor*, ha de contentar-se de lhe haver a critica lançado o nome ás lufadas das coleras e ao váe-vem da nomeada...

Pensarão assim todos que escrevem e publicam livros? Reputarão felicidade os arranhões das unhas dos criticos?

A mim me parece que não, mórmente os poetas. Mas, sem pretender discutir com elles, basta mostrar a realidade dos factos. Por maior que seja a obstinação do inspirado das musas, elle reconhecerá que a critica, injusta ou benevola, é de summa utilidade aos livros que se escrevem e se publicam.

Que cruel decepção para um auctor, que, cheio de fervor por suas producções, as publicando, vê que passam cobertas, não pelo desdém, mas por plumbea indifferença?

Aquelles que publicam livros, entre nós, conhecem essa historia intima da nossa vida social; não obstante conhecel-a, elles teem a audacia dos que não temem perigos; affrontam-no, fascinados pelo deslumbramento da gloria, que imaginam alcançar.

***

Algumas destas reflexões pezaram-me no animo, recebendo os seguintes volumes, que, por benevolencia, me enviaram os auctores: *Péchés de Jeunesse*, *Des Agents Diplomatiques*, pelo dr. Raymundo de Sá Valle, consul brazileiro em Barcelona; *Estudos e Escriptos* (Esboços e chronicas), pelo sr. Augusto Franco, impresso em Bello-Horizonte; *O Corsario*, poema de lord Byron, versão do barão de Paranapiacaba, em magnificos e esplendidos versos portuguezes; finalmente, um volume intitulado *Versos*, do dr. Affonso Costa, illustre deputado de Pernambuco.

Versos? Não póde haver maior simpleza e modestia de titulo!...

Percorramos, rapidamente, as paginas do livrinho do poeta da Mauricea, que, semelhante á bella Veneza do Adriatico, embalando-se nas aguas, contempla a fronte coroada de luzeiros de gloria immortal, por heroicas façanhas, que temeram os batavos de Nassau e pelas luctas constantes em pró da causa da liberdade e da patria.

O dr. Affonso Costa é moço; está em plena quadra das phantasias d'alma; a natureza para elle é um perenne sorriso em roseos labios. Elle o diz:

Que importa que os sonhos não sejam reaes?
Na vida enganosa, que breve se passa,
Que importa que venha, tão cedo, acabar
Aquillo, que amaes!?
O sonho é fumaça?
Viver é sonhar!
Feliz o que vive, na terra, estes dias,
Tão celeres dias do mundo falaz,
Fruindo num sonho, venturas sem par,
Prazer, alegrias!
O sonho é fugaz?
Eu quero sonhar!...

E' uma alma fervida, que sente fundas emoções e as exprime em melodiosas estrophes e canta as alegrias que embellezam a manhã da existencia feliz. Em varias paginas do volume, nota-se como que um culto á phantasia; por exemplo, no Cravo (pag. 16) o trovador da Mauricea diz:

Então nessa hora de geral bonança,
Em que tudo transuda poesia,
No peito me viveu uma lembrança,
E minha alma nadou na phantasia.
.....
.....
Falei-te logo de amores
Nas delicias do valsar,
E da testa entre os fulgores,
Protestei sempre te amar;
Prendi-te a mão perfumosa,
Ouvi-te a vóz maviosa,
Num transporte de alegria,
Cantamos ternas balladas,
Em regiões encantadas
Nas azas na phantasia.

Em muitas peças da selecta collecção, o poeta tradúz seus sentimentos, e vê-se logo a paixão do lyrismo, viva e calida, na flôr, cujo aroma o delicía; no lume vivo da estrella, que o enleva; na

Curva do pé formosa e rara
Que primoroso artista, o mais severo
Feliz fôra na terra se a imitára. . . .

A mocidade e a phantasia impellem-no a sonhar ; a mocidade acende-lhe a sede dos gosos ; a phantasia reveste de encantos a natureza; mostra-lhe a vida, como um sonho em que sorri o prazer e canta a alegria.. e o poeta exclama jubiloso :

O sonho é fugaz ?
Eu quero sonhar !...

A terra, onde o dr. A. Costa nasceu, exerce naturalmente nimio influxo nas inspirações, que lhe lançam n'alma as harmonias, e lhe inflammam a phantasia.

Das cumiadas da solitaria Olinda, elle vê estender-se dum lado a cidade, illuminada pelo clarão do heroismo das gerações extinctas; de outro lado, as longinquas montanhas, que lhe fecham os horizontes ; em frente, o mar — terrivel como a bravura dos guerreiros Guararapes.

Essa natureza anima o genio do poeta, que com ella se identifica. Possúe uma eloquencia seductora, que convence, domina e simultaneamente avigora, eleva e engrandece aquelle que a contempla. E si o espirito fôr dum pintor, o pintor traçará na téla esplendida paizagem; si de estatuario, o escopro talhará do marmore maravilhosa estatua ; si de musico, lhe verterá na *partitura* sublimes harmonias ; si de poeta, estrophes de dulcisonos versos.

O poeta, o pintor, o artista tem a imagem da belleza da natura ante os olhos ; agitados pelo sopro da inspiração traduzem-na em suas obras com graça e magica expressão.

E' nesse *meio*, duma natureza encantadora, que o auctor do volume intitulado *Versos* hauriu as inspirações que verte na melodia de seus versos.

Todas essas intelligencias privilegiadas de que fallamos, teem, no poder de suas faculdades o dom de fazer saír de si proprio tudo que sentiram e pensaram, e infundir em suas obras. O pintor desenhando no quadro ; o musico formando a *partitura* ; o estatuario cortando a pedra ; o poeta imprimindo na versificação até o derradeiro gemido, na hora saudosa da viração, em que esmorece e apaga o crepusculo vespertino.

São todos artistas ; teem a prerogativa de traduzir as maravilhas da natureza e de transmittil-as a nós outros que não aquinhoamos do mesmo beneficio. Mas que o colorido dum ou a harmonia do outro não nos venham suggerir sómente aquillo que viram ; urge, antes de tudo, que nos dêem, do vivo, o espectuaculo que contemplaram ; que, pelas suas obras, nos façam sentir e pensar, como sentiram e pensaram ; que abram em nossas almas as emoções estheticas, de que a natureza é prodiga para aquelles que procuram amal-a.

E' essa a omnipotencia do genio, do poeta e dos demais artistas. Elles pódem, como o heróe da lenda biblica, fazer jorrar em nós a fonte do prazer esthetico .. O poeta nos dará os fulgores de sua phantasia ; o pintor os esplendidos contornos das paizagens ; o estatuario converterá a pedra bruta e fria em figura humana, quasi animada, a quem se possa bradar, como o insigne Buonarotti : *parla !*

As obras destes inspirados nos communicarão, pelo menos, uma idéa que não tinhamos ; nos despertarão sentimento novo até então incognito ; enfim, nos farão conhecer que adquirimos alguma coisa que ignoravamos ; alguma coisa que nos vem opulentar o espirito.

Nós, que não sentimos perpassar por nossas almas o halito caloroso e vivificante da inspiração e que não somos eguaes aos privilegiados, sabemos, todavia, comprendel-os e amal-os com idolatria e com elles fraternizamos.

Não dizemos coisas estranhas, não.. Aquelles que cultivam as litteraturas e as artes, sem duvida affirmarão que é um phenomeno social que não se reconhece por falta de observação, porém que existe e se manifesta como existem a sympathia, a amizade, a admiração e o odio.. phenomenos sociaes bem conhecidos.

A este proposito, pondera um illustre sociologo : «*il existe une ordre considérable de faits sociaux, souvent delaissés par les sociologues, mais déjà bien étudiés par des philosophes et des savants, qui parfois ne se savent pas sociologues; c'est la communication des idées et des sentiments*».

Nos sociedades civilisadas este phenomeno é visivel, quasi tangivel. Nas sociedades incultas apparecem ainda em embryão : estas sociedades, quasi primitivas, teem poetas e artistas que são comprehendidos, applaudidos, com elles fraternizam todos.

Em nossas tribus aborigenes, selvagens, por exemplo, o *pagé* era escutado, merecia veneração geral e toda a tribu o admirava e amava. O *pagé* inspirado recebera o dom divino e, como todos não eram *pagés*, só elle, á maneira dos nossos poetas e artistas, era o guia, o iniciador dos sentimentos e das idéas que os cerebros enriquecem; todos o comprehendiam.

O amor do bello, o culto da natureza, a supremacia dos poetas e artistas é um phenomeno social que existe até nas sociedades primitivas e desenvolve-se á medida que a cultura intellectual se generaliza. E' uma verdadeira lei sociologica, um facto inherente a toda fórma social, facto constante, permanente, coexistente com o homem por toda a parte e em todos os tempos. Não é uma simples lei empirica; pelo contrario, é lei necessaria, absoluta, derivada da natureza moral.

O auctor do volume de *Versos*, dos quaes nos occupamos nesta simples noticia, é da classe dos inspirados ; poeta lyrico, elle pede suas inspirações ao seu proprio genio. Não bebe, á maneira dos vates antigos, as aguas da Castalia. A sua fonte inexhaurivel, elle a tem nas emoções da sensibilidade, nos surtos do pensamento e, sobretudo nos sonhos deliciosos, fugazes de uma phantasia que não se embebe nas profundezas das coleras humanas, como a de Byron ; nas tristezas da meditação affectiva, qual a de Lamartine... Sua musa prefere os sorrisos ás lagrimas ; aos lamentos os beijos, em que as almas se fundem como confessa na poesia *Um só*.

Ouçamol-o :

—E' noite. Em torno a nós tudo dormita
Na solidão infinda
A negra treva estende-se infinita :
E velamos ainda !

Vem cá, ó Marieta, dá-me um beijo ;
Olha não tenhas medo ;
Das estrellas na face não ha pejo,
E o vento é mudo e quedo.»

—«Jámais !...—tremula, diz—isso é peccado;
Si é muda a natureza, o céo não dorme ;
E quem sabe ?... zangado,
Talvez condemne esse peccado enorme.»

—Não temas, Marieta, em mim confia ;
Um beijo não aggrava.
Jesus, quando no mundo, não beijava
Pura, innocente, a face de Maria ?»

—«Pois bem ; mas seja um só e puro.
Sem dólo e sem malicia
Para não ser peccado tal caricia !»

.....

—«Pois, sim, será—eu juro.»

A poesia que exprime a vida intima é sempre original, porque o sentimento varía de individuo a individuo ; cada um sente, a seu modo, embóra o phenomeno psychico seja da mesma natureza e a sensação sempre fatal.

O poeta da Mauricea fórma da vida um idéal seu, exclusivo — *Viver é sonhar*... Os sonhos lhe alimentam a existencia, e a phantasia doira-lhe os sonhos e lhe tráz, mesmo acordado, as visões que lhe espargem, das flôres as fragrancias ; da poesia as harmonias ; dos mulheres os sorrisos, os beijos, os olhares, que fascinam e tambem queimam o sangue e dão, segundo disse um admiravel cantor :

Morte, morte d'amor, melhor que a vida...

Não importa que o poeta nos diga o contrario, numa fina zombaria, na pagina 27 do volume :

Eu tenho amores estranhos,
Amores, que não me matam,
De bellos olhos castanhos,
Amores, que me arrebatam.

O seu verdadeiro pensamento reapparece na pagina 38 :

A vida sem amor é negra e feia,
Terrivel noite de medonhas sombras,
Noite polar, de duração eterna,
Sem uma estrella, que illumine a senda,
Sem luz amiga, que nos guie o passo
Na vereda escabrosa da existencia.

E termina desta sorte :

Coração sem amor é negra tumba,
No deserto perdida entre fraguedos;
Onde a vida e prazer é tudo cinza.

O dr. Affonso Costa, formando da vida humana aquelle idéal, não é da raça dos Jeremias romanticos, que, em certa phase do seculo XIX, invadiram a litteratura, convertendo-a num hospital de miseros enfermos gemebundos e agonisantes, onde os hymnos se arrematavam em doloroso estertor de moribundos.

Tivemos, no Brazil, um illustre e afamado representante desta escola litteraria no auctor dos *Suspiros Poeticos*.

A litteratura do romantismo, que Chateaubriand iniciou na França, já era da *moda* na douta Allemanha. Os dois Schlegel haviam-na preconizado ; fórmavam-se grupos de romanticos ; a escola de Souabe florescia ; já era facto consummado o periodo revolucionario da innovação, depois do *Sturm und Drang* ; Goethe e Schiller imperavam, como soberanos absolutos. Na Inglaterra, o movimento começára, e o grupo dos LAKISTAS, a cuja frente marchavam Southey, Wordsworth, Coleridge, etc. etc., teve de ceder á supremacia de lord Byron, que, em todas as litteraturas, dominou. O romantismo, desta guiza, foi a principal escola litteraria do seculo até que o *realismo* e o *naturalismo* conseguiram fazer profunda reacção.

Que escola domina hoje ? Eis uma interrogação que parece irrespondivel.

Vemos ainda o classicismo, romantismo, idéalismo, realismo, naturalismo, symbolismo e novos tentamens de creações de outras escolas, que um mestre competente julga difficil.

Que, de notre temps, se fonde quelque nouvelle école, c'est ce qui parait bien peu vraisemblable. Ne le regrettons pas. Grace à l'école classique, on a fait cent ciquante ans la même tragédie ; grace à l'école parnasianne, on à fait trente ans les mêmes alexandrins; grace à l'école naturaliste on à fait vingt ans le même roman. Une école ne se constitue que par l'étroitesse de sa formule, par ce qu'elle a d'exclusif et d'oppressif non par ses affirmations, mais par ses negations.

Sob o ponto de vista de escola, póde-se mesmo affirmar que o auctor do volume intitulado — *Versos* — não pertence a nenhuma dellas. E não era possivel pertencesse a escolas, que teem uma doutrina e regra estabelecidas. O dr. Affonso Costa professa outra fé, segue outro rito; acreditando que *viver é sonhar*, necessariamente quer ter liberdade, porque os sonhos da phantasia não se submettem a nenhuma disciplina, não se escravizam.

Viver é sonhar ; por consequencia, o poeta tem nessa idéa a indole de suas inspirações. Elle uza amplamente da liberdade, dando ás inspirações, que lhe véem da natureza e ás creações que lhe sáem de sua phantasia; dando ás mobilidades de suas sensações fugazes ou profundas, uma expressão adequada em metrificação cadenciosa, em que a alma do poeta se revele nas ledices das horas serenas entre um só beijo de Marieta e o *perfume duns cabellos negros, que amor inspira e amor namora* (pag. 31 do vol.)

Nas variadas peças do volume, vêem-se umas rapidas; outras, porém, estão mostrando que o autor possúe não só brilhante e fecundo talento como as energias e abundancias de emoções para composições de longo folego, taes quaes a *Tragedia Christã*, que encerra uma successão de quadros, e outras que se notam pelo flammejante colorido das imagens, pela vivaz e cadenciosa vibração das estrophes.

O vate pernambucano manifesta exúberante predilecção pelos passaros e pelas flôres.

O lyrio, por exemplo, e a rosa lhe inspiraram harmoniosas estrophes, que me despertaram, na memoria adormedida, uma breve *siciliana*, poesia do poeta allemão Ruckart :

Die Nachtigall ruft mit Gekose : Rose!
Wo bist du ? was dich meinen Gruss entziehst du ?
Der Zephyr seufzend haucht in Moose: Rose
Wo bist du ? etc., etc.

... .

«O roxinol chama com vóz carinhosa: Rosa ; onde estás tu ? Porque me evitas ? O zephiro balbucia e suspira pela hervagem : Rosa ! Onde estás ? Por que foges aos meus beijos ? A fonte, que jorra, com suave murmurio, entre verduras : fugaz Rosa ! onde estás ? Porqua te vás mirar noutro espelho ?

Todas as flôres chamam-te Rosa ! Rosa ! Onde estás ? Rainha nossa, onde te escondes ?»

E' com esse mesmo carinho e suavidade, com egual effusão de sensibilidade eternecida que o bardo da Mauricea fala :

Branco lyrio, eu te confesso,
E's minha flôr preferida,
Teu perfume me convida
A doce meditação,
O' flôr gentil e mimosa !

.....

.....

Tenho ouvido e lido muitas eruditas dissertações a respeito da missão da critica, cujos methodos não me são estranhos. Noto, porém, que cada critico os emprega segundo o assumpto e guiado pelo seu temperamento e criterio, desde Laharpe, Pope, Jonhson, Villemain, Nisard, S. Marc Girardin, G. Planche até Renau, Taine ou Hennequin, etc.

Ora, no exame das producções de artistas e poetas, a critica deve resumir-se em apreciar-lhes a elevação e fecundidade do pensamento. Os grammaticos e zoilos exercem-na de outro modo ; são como os verdugos — implacaveis !

A despeito da crueza, não impediram que Lamartine e Alfredo de Musset sejam ainda, e continuarão a ser, dois astros na litteratura franceza.

Chateaubriand dizia : *fazei a critica das bellezas e não a dos defeitos.*

Mostráe-nos antes, nos paineis, os traços fulgurantes do pintor, do que os obscuros.

Indicáe-nos a suavidade da poesia e, si vos fôr possivel, prenetráe nas dobras occultas da consciencia do poeta ; interpretáe os sentimentos ; comprehendei o genio e mostráe-o na grandeza de suas inspirações, traduzidas na expressão viva, eloquente, de suas harmonias.

EUNAPIO DEIRÓ.

PAGINAS ESQUECIDAS

A CIDADE DA LUZ

Vós que buscais a senda da esperança,
Entrai : aqui ha mundos luminosos
Num céo que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos ;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que saíreis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas desses pórticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vôos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um pezo aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sóbe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céo de perto,

Encontrar uma escada no Infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armada de tenaz, feróz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida,
Entrai ; por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na saída.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja,
Entrai ! a escola é cathedral, egreja ;
Hostia — sciencia : o mestre — sacerdote.

LUIZ DELFINO.

***

TER GENIO POR ESCRIPTURA PUBLICA

«A historia é a consciencia escripta da humanidade, disse um homem, que teve, quando luctava, o segredo das palavras que ficam.

Nós podemos pois dizer, comezinhamente, que a historia dos Açores é a consciencia escripta dos Açores.

Ora succede que entre o passado governo de s. m. e o sr. Senna Freitas se trocou este contrato :

O paiz daria ao sr. Senna Freitas 600$000 por anno, bom metal : por outro lado o sr. Senna Freitas encarregar-se-ia de pôr em lettra redonda, com boa orthographia, prosodia sã e pontuação certa, a dicta consciencia dos Açores.

Mal o contrato foi assignado, estalou sobre toda a linha de gazetas uma argumentação indignada. Accusava-se o ministro, escarnecia-se o contrato, extranhava-se o historiador, condemnava-se a historia — e os mais rudemente batidos eram os 600$000 réis.

Como se diria na Biblia, o escandalo veiu pelos phariseus !

*

Pois bem, para este contrato, nós só temos bençãos e flôres. E a plebe irreflectida póde ladrar em vão !

Ouvi cá, homens de estreita fé ! Si o sr. Senna Freitas se tivesse decidido espontaneamente, gratuitamente a escrever a historia dos Açores, que garantia dava elle de fazer um trabalho de poderosa critica ? Que garantia dava de compor mesmo um livro minucioso, erudito, cheio de factos, benedictino ? O sr. Freitas dava apenas a garantia de seu espirito. Mas ai ! o espirito dormita, soffre obscurecimentos, caduca, — e ahi ficava estragada a historia dos nossos bem-amados Açores.

Ouví mais ! Si o sr. Senna Freitas tivesse sido encarregado por este decreto : «Manda el-rei que o sr. Senna Freitas seja um grande historiador...» que garantias dava o sr. Senna Freitas de que havia de crear uma obra original e profunda ? O sr. Freitas dava só a garantia de sua obediencia ao seu rei. Mas ai ! ai ! a obediencia aos reis póde fazer concessões — ou piruetas. Que ámanhã, *quod Deus avertat*, se proclamasse a Republica — e vós ficarieis sem historia e sem Freitas, ó Açores.

E agora respondei ! Prêso por um contrato, ligado por uma escriptura, não dá o sr. Senna Freitas a garantia suprema, a garantia da sua honra ? Obrigou-se por um contrato a ser um grande hisroriador, tem portanto toda a sua dignidade empenhada em ser — um grande historiador !

Podia s. ex., por exemplo, não possuir outra aptidão senão escrever folhetins ; podia não dispôr de critica, nem de methodo ; podia não fazer idéa do que é a sciencia historica e a philosophia da historia ; podia não ter elevação de pensamento, nem estudos especiaes ; podia não ter estylo nem grammatica — embora ! Estamos descançados. S. ex. obrigou-se por um contrato a ser um grande historiador: s. ex. é um homem honrado ; s. ex. será um historiador grande ! Acreditamos em s. ex. Conhecemos s. ex. Se s. ex. houvesse contractado com o sr. Avila que seria, a 600$000 réis por anno, um poeta maior que Victor Hugo, s. ex. (temos a inteira certeza) trabalharia, luctaria, compraria um diccionario de rimas, consultaria o sr. Vidal, mas seria um poeta maior que Victor Hugo. Se s. ex. tivesse contratado ser um candieiro do Rocio s. ex. cumpriria com valor o seu contrato — e seria um nobre candieiro do Rocio !

*

Sua ex. contratou ! A fé juridica não admitte conciliações. Sempre quereriamos ver agora que s. ex. se atrevesse a não ser um grande historiador ! Em Portugal ha tribunaes. Nós seguiremos o trabalho de s. ex., pagina por pagina, e quando s. ex. não fôr admiravel, como critica, como sciencia, como forma, requeremos á Boa Hora : — «Que, em virtude do contrato de tantos de tal, seja o sr. Senna Freitas citado para, no prazo de vinte e quatro horas, ser sublime a paginas tantas da sua obra sobre os Açores !»

O contrato não foi escripto e registado para que os Açores tenham um historiador mediocre !

Sobre o sr. Senna Freitas pesa desde hoje a responsabilidade de ser sublime. S. ex. é um rapaz intelligente e espirituoso. Não basta, tem de ser um grande homem ! Contratou para isso, tem de o ser ! Cara alegre e espirito desafogado ! E' para alli !

Ah ! queria talvez ganhar 600$000 réis e não ter o trabalho de ser um historiador como Michelet ! Ha de sel-o ! Já não lhe é permittida a obscuridade, nem a mediocridade ! Queira ou não, tem forçosamente de ser um genio ! Nem uma só vez mais na vida lhe é concedido o dôce desafôgo de não ter grammatica ! Ha de ser maior que Guizot, arranje as cousas como quizer ! E se recuar, se se eximir, se hesitar, a Boa Hora lá está que, de contrato em punho, e brandindo as contas do processo, o obrigará á fôrça — a ser um homem immortal !

Em Portugal só assim se podem alcançar grandes homens ! E' obrigal-os por um contrato. Ah ! se o governo tivesse contratado com o senhor A que elle fôsse, a tanto por mez, um dramaturgo maior que Shakspeare, — não teria o paiz a vergonha de confessar que sr. A é um dramaturgo inferior a Guilbert de Pixerecourt ! Se o governo tivesse contratado com o senhor B, que elle fôsse um homem de Estado como Pitt — não passava a patria pelo vexame de ver que o senhor B é, como politico, ainda inferior a Sancho Pansa, rei de Baratharia ! Que significa, num paiz culto, abandonar assim os homens á sua iniciativa ? Que intento é este de deixar a cada um a liberdade de ser mediocre ? O portuguez só poderá ser intelligente obrigado por um contrato forçado pelos tremendos laços da lei, amarrado de pés e mãos !

Que o talento seja imposto como o serviço militar! Recrutem-se soldados para caçadores 5, mas recrutem-se tambem genios para Villa Nova de Gaya! Porque não temos um poeta epico? Que faz o governo? Quer desleixar a epopêa, como desleixa a fazenda? A patria precisa de grandes homens — fulminem-se penas severissimas a quem não fôr grande homem!

E' forçoso confessal-o! O paiz está embrutecido, mas a culpa vem dos poderes publicos. Que se decrete que todo o cidadão válido deve ao seu paiz além da decima — um soneto! Que todo aquelle que tenha de mostrar documentos, seja adstricto a apresentar, além da *resalva* e da *folha corrida* — um artigo de almanach! Haja o genio obrigatorio! E o paiz florescerá e poderemos definitivamente esperar que em Matto Grosso comece emfim a fazer impressão — a grande civilisação lusitana!

EÇA DE QUEIROZ.

O ALMIRANTE (89)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

A absurda situação se normalizára pouco a pouco, disfarçada sob apparencias de bem estar tranquillo, como convinha a um casal em que a grande differença de edade impunha certa sobriedade de maneiras, um trato affectuoso consolidado em habito, amenisado em cortezia, pela reciproca delicadeza dos dois esposos. Todo o suave esforço de Oscar, todos os estratagemas suggeridos pela paixão, encontraram sempre a mais irreductivel resistencia, um obstaculo frio, calmo, contra o qual se esbarravam as suas esperanças. Temendo o ridiculo das expansões do ardente amor que o devorava em contraste com os seus cabellos brancos, Oscar appellára para os effeitos da convivencia forrada de ternura resignada, de dedicação que attingia o extremo de um captiveiro feito de obediencia, de fidelidade, de abnegação. Mas Hortencia não se arredava da sua linha de conducta, de submissão inflexivel, ritribuindo sem constrangimento todas as attenções, todas as manifestações galantes do marido.

Restituido completamente á saúde, Oscar, no seu primeiro passeio pelo parque, encontrou Sebastião a capinar tranquillamente a relva nas cercanias do Paraiso, o sitio adusto transformado em brenha.

— Louvado seja Deus — exclamou elle, tirando o chapéo—Muito me alegra vel-o são como um pêro.

— Obrigado, Sebastião, — respondeu Oscar, sorrindo — Ainda não fui desta.

— V. ex. tem a pelle rija. Olhe que esteve por um triz. Ah, sr. almirante; onde está a mulher está o perigo. Eu que o diga.. Si não fôsse aquella maldita creatura, eu não andaria como quem está morto por dentro..

— Continúas então a soffrer os tormentos da ingratidão?

— Ah, meu rico senhor, isto não me larga... Aquella desalmada ha de dar cabo de mim...

Sebastião, num gesto de desalento, limpou o suór da fronte e continuou a trabalhar, murmurando phrases desconjunctadas de increpação á ingrata que viera amargurar a sua existencia, resistindo ás suas supplicas, aos reiterados pedidos de deixar a vida má que levava e unir-se com elle pelo casamento. Elle esqueceria tudo; perdoar-lhe-ía todas as negras acções, comtanto que a visse ao seu lado, alli, entre gente honesta, ajudando-o no serviço de uma casa que não era de patrões mas de paes.

Oscar escutava numa concentração de funda tristeza as lamentações do pobre Sebastião, aquella série ininterrupta de gemidos a irromper do rude coração macerado no desconsolo de um amor não retribuido, emquanto o ruido da enchada, mordendo a terra humida, arrancando-lhe bocados de relva, se harmoniza com o rumor lamure da fonte que o abandono não conseguira estancar.

Mais adeante, avistou Hortencia, que volvia do palacio pela sombria avenida das jaqueiras, acompanhada pela marqueza.

— Que feliz encontro — disse esta — Convidei Hortencia para darmos um passeio pela chacara, que ha muito tempo não percorro. Queres vir comnosco?

— Com muito prazer, minha querida.

E os tres continuaram, em lenta marcha, a excursão sob as copadas arvores rutilantes de sol matutino, desviando-se para o lado opposto ao Paraiso, cuja approximação a marqueza evitava. Perto dos contrafortes de rochas que apoiavam a base da montanha, estavam as cavallariças. Um mulato jovem, musculoso, mantinha, junto de um grande tanque, a transbordar d'agua, a parelha de alazões ardegos, cuja impetuosidade tinha occasionado o desastre de que Oscar fôra victima.

— Que bellos animaes! — disse Oscar.

— Quando penso que elles quasi te mataram — ponderou a marqueza — tenho vontade de vendel-os...

— Não tiveram culpa — replicou elle, approximando-se dos corceis, que se empinavam soffregos, refreados pelos grossos cabrestos de cabos de linho.

— A culpa foi minha — concluiu Hortencia, estremecendo de commoção, como si no seu espirito conturbado se renovasse a visão da scena do desastre, os cavallos empinados sobre a grota, Oscar atirado da boléa sobre as aguçadas lanças dos bambús partidos.

— Havemos de repetir essa aventura — disse Oscar, sorrindo para attenuar a dolorosa impressão de Hortencia.

— Nunca, não consinto — interrompeu a marqueza.

— Accidentes daquella ordem não occorrem todos os dias. Além disso, é muito natural, muito humano, que deseje ver aquelle sitio, onde escapei da morte e despertou em mim um grande amor á vida. Sem aquelle accidente, minha querida Hortencia, eu continuava a fluctuar neste, mundo, sem aspirações, sem idéal, sem ambições; não terias tu revelado essa dedicação carinhosa que me salvou o corpo e a alma e me lançou no coração a semente desse amor...

— Oscar — murmurou Hortencia, juntando as mãos, num gesto de supplica.

— Sim, pódes ir á Gavea — insistiu a marqueza — quantas vezes quizeres noutra carruagem puchada por outros cavallos. Com estes não consinto: são umas féras. Vês?...

Os cavallos arremettiam relinchando para se libertarem das mãos do robusto rapaz, que empregava esforços herculeos para contel-os, quando elles avançavam, aos corcovos, desesperados, para o lado de Hortencia e Oscar. A marqueza se afastára aterrorisada.

— Não tenha receio — disse Oscar, indo ao encontro dos cavallos, approximando-se delles com maneiras brandas e calmas — Elles me conhecem. São ardegos, são inquietos, mas são excellentes animaes. Veja..

Como si o reconhecessem, os cavallos se aquietaram, agitaram as cabeças, aspiraram ar a longos haustos, bufaram e estacaram nas pernas de musculos salientes e se contorceram como serpentes sob o involucro da pelle, reluzente de suór. Oscar bateu-lhes no pescoço, passou-lhes as mãos pelas ancas e falou-lhes palavras de caricia.

— Aqui estão as féras — continuou Oscar, dirigindo-se á marqueza — São mansas como cordeiros. Os irracio-

nas, como os homens, teem impetos, teem momentos de excitação; mas não são recalcitrantes aos carinhos. Uma palavra de amor supera todas as violencias.

Quando se viu a sós com Hortencia, Oscar insistiu no projecto do passeio á Gavea para apagar da memoria da esposa a impressão de terror que lhe deixára o accidente, para lhe demonstrar que lhe não restava sombra de resentimento pelo perigo que correra ou que não o imputára á imprudencia de que ella insistentemente se julgava culpada, toda a vez que o caso era rememorado.

—Será uma bella aventura—dizia-lhe Oscar—Um dia destes, illudiremos a vigilancia da marqueza, iremos, como dois namorados, gozar o espectaculo da paizagem, o conforto suavissimo da floresta; ouviremos o murmurio do mar distante, a vóz do mar amigo de que tenho saudades, essa vóz poderosa e meiga que te despertará, talvez, o coração, adormecido, surdo ao meu immenso affecto.

(*Continúa*).

A dictadura republicana e o Governo brazileiro

Os espiritos, emancipados de toda idéa theologico-metaphysica e animados por um verdadeiro ardor social, que se preoccuparem com os problemas politicos da situação moderna do Occidente, certo não hesitarão em se convencer das tres regras fundamentaes com que Augusto Comte resumiu as medidas necessarias ao momento presente para regular-lhe a direcção politica, preambulo de uma completa e definitiva reorganisação social.

Pódem ser fórmulados de um modo geral, segundo os enunciados relativos ao caso particular do povo francez.

1º. *O Governo deve ser republicano e não monarchico*;

2º. *A Republica deve ser dictatorial e não parlamentar.*

3º *A dictadura deve ser temporal e não espiritual.*

Estas regras não são simples fórmulas convencionaes, mas deducções logicas das leis da historia.

De facto, desde os fins do seculo XIII, a sociedade occidental, que era então dominada, espiritualmente, pelo Papado e, politicamente, pelo Feudalismo, onde dominava, tanto quanto o permittia o theologismo monotheico, a independencia entre o poder moral e occidental do Catholicismo e a força material e local do governo feudal, começou a dissolver-se segundo uma dupla corrente de desagregação. Primeiro, foi a lucta entre a auctoridade espiritual dos Papas e o poder temporal dos Reis; depois, a lucta entre a força local da Nobreza e a auctoridade central da Realeza.

Dessa dupla contenda resultou, por um lado, a victoria da Realeza sobre o Papado; por outro, a victoria dos Reis sobre os Nobres e vice-versa; aquelle determinou a formação das egrejas nacionaes e a ultima, a constituição de fortes governos politicos, as dictaduras monarchicas ou aristocraticas, conforme coube ao Rei ou ao Nobre o triumpho decisivo. Este ultimo é o caso excepcional, cujo typo é a Inglaterra; o facto normal foi a victoria do poder central dos Reis. Toda esta evolução realizou-se em dois seculos, o XIV e o XV.

Além disso, o escravo antigo, que a civilisação catholica feudal transformára em servo e libertára emfim, se ia tornando a grande massa proletaria, tendendo, com a mulher, domesticamente emancipada, a uma definitiva incorporação social. Nascia o Povo aspirando a suas justas prerogativas e consagrando-se ao desenvolvimento das artes da paz que vinham substituindo a actividade guerreira. Dissolvia-se o regimen da civilisação medieva e elaboravam-se os elementos de uma nova ordem. A Humanidade continuava a evoluir sem romper com a Edade Média, como ainda proclama o vulgo dos historiadores, mas havia a apparencia de uma resurreição da intelligencia e da actividade, que os tempos medievos admiravelmente consagraram ao serviço exclusivo da moral humana. A Renascença iniciára o movimento de reconstrucção da éra moderna, assignalava a desorganisação da sociedade catholica e feudal.

A este primeiro estadio da historia moderna, segue-se a Reforma destruindo o dogma catholico e accentuando ainda os resultados da evolução anterior. Os papas se subordinam cada vez mais aos reis e a Nobreza é totalmente annullada. O povo cresce apezar de se achar ainda sob os restos do regimen feudal. O imposto, a correia e o dizimo submettem-no á tyrania do rei, do nobre e do padre, desde que os violadores monarchicos se tornam retrogrados. Desenvolvem-se as perseguições religiosas. Como a fé dissolvida não se póde mais impôr persuadindo e convencendo, os seus orgãos degenerados pretendem impol-a pela força. Catholicos e protestantes massacram-se e massacram em nome das crenças que defendem. As almas superiores, que continuam a elaboração scientifico-philosophica da antiguidade, apenas accrescida pelas acquisições do genio arabe, e que se vão emancipando da theologia catholico-protestante, são victimas da intolerancia dos fanaticos, soffrem o martyrio dos inquisidores, que, em nome do catholicismo, arrancam de Galileu uma retractação humilhante e, em nome do protestantismo, sacrificam Lewel. A liberdade de consciencia, que a Reforma proclamava, tinha limites; não podia passar além da Biblia; de modo que a intolerancia doutrinaria, si era completa na reacção do catholicismo decadente, existia tambem no seu fragmento reformado. Entretanto, o protestantismo assignalou o primeiro passo para a independencia espiritual e permittiu o esforço das mais profundas cogitações scientificas e philosophicas que prepararam o seculo dos encyclopedistas.

Mais dois seculos decorridos, o XVI e o XVII; no ultimo quarto deste, annuncia-se a terceira e ultima phase do movimento moderno: é a Revolução propriamente dita. Elimina-se completamente toda concepção theologica; apenas resta nas almas uma vaga fé em Deus. Accentúa-se a concentração do poder temporal, tornado retrogrado desde que Luiz XIX, com a morte de Colbert, revoga o edito de Nantes, e os padres, mais unidos aos reis, alliam-se para uma oppressão commum contra a sociedade nova que surgia. Era esta o *Terceiro Estado*, que se vinha formando desde a edade-média. O trabalhador, especialmente urbano, a classe proletaria, emfim, estava arregimentada; seus sentimentos e idéas não permittiram por mais tempo supportar o regimen oppressor que se ostentava no Occidente, particularmente em França, em Paris, a incomparavel cidade, a quem cabe, desde o fim da edade-média, o governo espiritual do mundo. E' então que rebenta a grande crise de 1789, assignalando o desfecho da revolução moderna e o inicio da completa regeneração humana.

Toda a evolução anterior resume-se empiricamente nesse tragico mas sublime espectaculo da *Revolução Franceza*, condensada politicamente na figura extraordinaria de Danton.

A liberdade de consciencia, mal esboçada pela Reforma, é proclamada em toda a sua generalidade.

A dictadura dantoniana mantém a centralisação do governo real, mas se torna republicana, abolindo a realeza e incorporando a evolução popular.

A Revolução Franceza confirma assim espontaneamente toda a evolução do passado occidental: liberdade espiritual, centralisação temporal (dictadura) e incorporação popular (republica).

Conciliar os sentimentos normaes desta evolução era a regra a fórmular depois da demonstração da lei historica. Foi o que fez Augusto Comte, instituindo a *Dictadura Republicana*, que é a expressão systematica do go-

verno esboçado espontaneamente pela immortal *Convenção*.

No momento presente, ninguem desconhece, pelo menos todos sentem, que não ha uniformidade de crenças e sentimentos. No proprio seio dos que se dizem catholicos, ha divergencias flagrantes; de modo que o caracter da consciencia contemporanea é a multiplicidade confusa das theorias, particularmente das idéas politicas e moraes. Póde-se dizer que neste dominio cada homem tem uma opinião especial, de sorte que, uma vez no governo, si quizer impôr a sua crença aos governados, transforma-se em tyranno fazendo o povo servil si elle acceita a oppressão, ou martyr e rebelde si reage passiva ou activamente contra ella.

Si a situação social é esta, como ninguem sinceramente póde contestar, o unico meio de evitar as tyrannias e as sedições, o servilismo ou o martyrio, é praticar a regra politica fundamental que a sociologia ensina pelo genio universal de Augusto Comte: ESTABELECER LEGALMENTE A PLENA LIBERDADE ESPIRITUAL, de modo que a força material assista impassivel á lucta das crenças e opiniões, donde fatalmente ha de surgir a verdadeira doutrina politica e moral, como todas as verdadeiras doutrinas teem surgido. E essa liberdade não se deve limitar ao dogma theologico mas tambem aos dogmas metaphysicos e scientificos. E' tão immoral e irracional obrigar a crer em Deus como no ether ou na gravitação universal. E' tão tyrannico o governo que prestigia, que fortalece materialmente uma egreja theologica, como uma corporação metaphysica ou uma academia scientifica qualquer. A theologia, a metaphysica e a sciencia são do dominio da consciencia; triumpham, sempre que são opportunas, pela persuasão e pela convicção, independentemente do auxilio ou da resistencia da força material dos governos. A plena liberdade espiritual, só por si, dará victoria ás crenças reaes eliminando as ficticias. Assim é que o dogma do movimento da Terra já triumphou sem se impôr pela força, e Deus foi eliminado dos melhores espiritos, apezar das perseguições e ameaças dos tyrannos de toda a especie, inquisidores catholicos, como Torquemada, inquisidores acatholicos, como Robespierre.

Com este criterio se devem não só deixar de impôr aos povos crenças theologicas mas, ainda, as varias doutrinas metaphysicas e scientificas.

Si é tyrannia sustentar pelo Estado os principios religiosos que propaga o sacerdocio catholico, ou outro qualquer, o é ainda manter professores apostolos do materialismo, do evolucionismo, do monismo, do positivismo, ensinando nas escolas officiaes as idéas que pessoalmente acceitam e não teem o consenso unanime da sociedade. E é o mais infame, o mais execrando dos despotismos sujeitar pela força, ameaçando com multas, prisões e outros meios de coacção material os que reppellem dignamente as medidas perversas que, sob o pretexto do bem publico, suggerem aos governos, theoristas sem coração e sem saber, incorrigiveis hereges da virtude e da sciencia.

A Convenção, a magestosa assembléa dominada pelo genio de Danton, com um profundo e admiravel sentimento das verdades sociologicas, que ainda não estavam systematizadas, comprehendeu assim o dogma eterno, o dogma bemdito da plena liberdade espiritual, quando, eliminando a theologia catholica que dominava com a realeza, eliminou tambem a Academia de Sciencias. E Augusto Comte, systematizou scientificamento o que fôra, de um modo empirico, esboçado pela sublime assembléa.

Com a plena liberdade espiritual concorre um forte governo central. E' o resultado da victoria dos reis sobre os nobres, accentuada cada vez mais durante toda a revolução dos seis ultimos seculos. Mas, como o movimento republicano se accelera ao lado dessa victoria, caracterizado pela incorporação do povo á sociedade, o governo central tende para a situação republicana. Dahi, a dictadura com a republica e não com a realeza.

Assim, todos os esforços dos patriotas modernos do Occidente, que tratam de politica como o marujo de nautica, considerando a arte de governar os povos uma applicação systematica da sociologia, como a arte de governar os navios o é da astronomia, todos os esforços dos estadistas dignos desse nome devem concorrer para a installação nas patrias occidentaes do regimen politico fundado nesta triplice base:

1º—Liberdade espiritual
2º—Concentração liberal
3º—Abolição da realeza,

donde resulta:

1º—Separação entre o Governo e o Sacerdocio (a separação da Egreja e Estado é apenas um caso particular.)
2º—Governo monocratrico, ou dictatorial.
3º—Monocracia ou dictadura republicana.

E' o que ensina e demonstra a sciencia do passado. E' a regra politica, emanada da demonstração sociologica.

***

Com estas aspirações nasceu a Republica brazileira em 15 de novembro de 1889. Seu fundador, o magnanimo Benjamin Constant, era um adepto da Religião da Humanidade; proclamava-se discipulo de Augusto Comte e, sejam quaes fôrem os seus erros politicos, o certo é que foi elle o primeiro estadista que se apresentou como liberto dos preconceitos revolucionarios do republicanismo democratico. Com Benjamin Constant, trabalhou nos primordios da organisação republicana, quer no Governo Provisorio, quer na Constituinte, Demetrio Ribeiro, a cuja influencia directa o Brazil republicano deve as primeiras conquistas liberaes segundo as normas da politica scientifica. Ao benemerito patriota juntaram-se Annibal Falcão, Teixeira de Souza, Barbosa Lima, Julio de Castilho e outros espiritos guiados em diversos gráus pelos ensinos de Augusto Comte, cuja doutrina integral, com maxima fidelidade, era propagada, como ainda hoje, pelo Apostolado Positivista do Brazil, desde 1881, sob a dupla direcção de dois eminentes patricios, os abnegados apostolos — Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Sob a influencia, francamente positivista, dos directores officiaes ou officiosos do momento, infelizmente perturbada pelos enxertos dos doutrinarios da metaphysica democratica, agiu o *Governo Provisorio*, e promulgou-se, afinal, a *Constituição* de 24 de fevereiro de 1891.

Sem incorporar todas as soluções que já comporta e então comportava a situação politica brazileira, a *Constituição federal* estabeleceu legalmente:

1º—O governo republicano federativo.
2º—O presidencialismo.
3º—A liberdade profissional.
4º—A separação da Egreja do Estado.
5º—A secularisação dos cemiterios.
6º—A plena liberdade de imprensa.
7º—O casamento civil, etc., etc.

Assim foi satisfeita toda a primeira parte do programma politico do nosso tempo (liberdade espiritual); incompletamente a segunda, pois o regimen francamente dictatorial foi substituido pelo chamado *presidencialismo*, mantendo-se a ficção do tres poderes, executivo, legislativo e judiciario; e toda a ultima parte, pela abolição radical da monarchia.

Com essas conquistas, firmadas na lei constitucional, a patria brazileira hasteára no «auri-verde pendão» a legenda caracteristica do primeiro gráu da transição organica — *Ordem e Progresso*, a sublime aspiração de todos os corações patriotas, quaesquer que sejam os seus credos politicos e religiosos.

Inaugurava-se a existencia legal da Republica sob os melhores auspicios,

mas em breve o poder, caíndo exclusivamente na mão dos retrogrados e revolucionarios, monarchistas e democratas, determinou a situação actual em que a pratica politica rompe com as instituições republicanas, constitucionalmente incorporados no pacto de 24 de fevereiro.

Assim, ao § 5° do art. 72 da *Constituição Federal*, que dispõe: «*Os cemiterios terão caracter secular e serão administrados pela auctoridade municipal*, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis», contrapõe-se a manutenção escandalosa dos privilegios funerarios da Santa Casa de Misericordia e outras confrarias clericaes. Ao § 7°, que determina clara e precisamente: «*Nenhum culto ou egreja gosará de subvenção official, nem terá relações de dependencia ou alliança com o Governo da União ou o dos Estados*», contrapõe-se — alêm de outras multiplas infracções, quaes são: mandar celebrar exequias como si o catholicismo fôsse religião do Estado; tornar feriados os dias santos exclusivamente catholicos; sujeitar á benção da auctoridade catholica o lançamento da primeira pedra dos edificios publicos; intervir na creação do cardinalato brazileiro—o restabelecimento da legação do Brazil perante a Santa Sé. Aos §§ 11 e 17, que garantem a inviolabilidade do lar e a propriedade, corresponde a violeucia das leis sanitarias e de desapropriação, sob pretexto de hygiene e utilidade publica. Ao § 22, que assegura o *habeas-corpus*, contrapõe-se ainda o despotismo sanitario, mantendo o *Codigo de Torturas*, apezar de revogado por um accordam do Supremo Tribunal Federal. Ao § 24, que estatúe positivamente — «*E' garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial.*», oppõe-se a manutenção retrograda dos privilegios escolasticos e academicos, sustentando a injustiça de não privilegiar a theologia catholica, cuja moral ainda é o guia das melhores almas femininas, e proteger-se a metaphysica e a sciencia dos bachareis e doutores, cuja competencia, como a do padre e a do industrial, deve ser aferida pela opinião publica, fundada no valor effectivo, independente de diplomas. Ao § 28, que declara terminantemente — «*Por motivo de crença ou de funcção religiosa, nenhum cidadão brazileiro poderá ser privado de seus direitos civis e politicos nem eximir-se do cumprimento de qualquer dever civico.*» oppõem-se as multas e prisões estabelecidas no *Codigo Penal* e no *Codigo de Torturas* (Regulamento sanitario) contra os curandeiros, os espiritistas, as cartomantes e outros crentes, e tambem contra todos os que não crêem nas theorias medicas da hygiene official. Ao art. 78 que prescreve — «*A especificação das garantias e direitos não enumerados, mas resultantes da fórma de governo que ella estabelece e dos principios que consigna.*», oppõem-se englobadamente todos os despotismos que teem profanado o regimen republicano e sobre os quaes prepondera, nestes ultimos annos, a maldita tyrannia sanitaria, que, de oppressão em oppressão, não trepidou em tentar a violação do proprio corpo do cidadão, creando a draconiana lei da vaccinação obrigatoria. Ao art. 80, que só auctoriza a *suspensão das garantias constitucionaes em caso de aggressão estrangeira*, ou *commoção intestina*, oppõem-se os successivos estados de sitio, de que teem sido victima especialmente os proletarios, decretados quando nenhuma daquellas condições se verifica, como aconteceu a proposito do movimento de 14 de novembro de 1904.

Outros §§, outros arts. da Constituição republicana teem sido escandalosamente violados, mas basta a citação que fizemos para avaliar-se quanto os governos se teem afastado já das aspirações reaes da sociedade brazileira, já das normas legalmente estabelecidas pelos seus melhores orgãos.

A dictadura republicana, incompleta mas fundamentalmente installada em 15 de novembro de 1889 e ainda incompleta mas legalmente constituida em 24 de fevereiro de 1891, está longe de ser entre nós uma realidade. Não é que o povo a repilla julgando levianamente que dictadura é synonymo de despotismo, mas porque os varios cidadãos, a quem tem cabido a responsabilidade do Governo, afastam-se criminosamente do regimen constitucional, contribuindo consciente e inconscientemente para a desmoralisação da Republica.

Quando, porém, a sociedade brazileira conseguir que o Poder esteja nas mãos dos verdadeiros republicanos, amantes da ordem e do progresso, segundo os ensinos da politica scientifica, a situação legal será fatalmente mantida e só mudará para melhor harmonizal-a com a realidade, instituindo, em todos os seus detalhes, a verdadeira dictadura republicana.

Os que tal aspiram são desdenhosamente alcunhados de visionarios e utopistas por aquelles que são desprovidos de fortes convicções scientificas no dominio politico e baldos de um verdadeiro ardor social. Mas a esses devemos lembrar que em todas as conquistas da Humanidade, e particularmente da nossa patria, os utopistas, os sonhadores de hoje são os triumphadores de amanhã, vivos ou mortos, não importa! A Abolição e a Republica eram utopias para os escravocratas e monarchistas; e a Abolição e a Republica triumpharam. Tambem a dictadura republicana, caracterizada pela mais completa separação entre o poder material do Governo e a força moral do Sacerdocio, que é constituido actualmente pelos padres, medicos, scientistas, poetas, jornalistas, etc., todos directores espirituaes dos varios grupos em que se decompõe intellectualmente a sociedade moderna, ha de constituir-se definitivamente, eliminando, emfim, todas as resistencias retrogradas, quer dos monarchistas, quer dos democratas.

Por este futuro, que será bem proximo, si surgirem estadistas capazes, sem amaldiçoarmos o passado nem nos revoltarmos contra o presente, devemos todos trabalhar, os que ainda sonham não só o aperfeiçoamento da Patria mas tambem a regeneração total da Humanidade.

REIS CARVALHO.

A' REVISÃO do artigo do sr. Reis, escaparam alguns erros, entre os quaes corrigimos os mais importantes por alterarem profundamente o texto.

Onde se lê — *correia* — leia-se CORVEIA; *violadores*, DICTADORES; *Lewel*, SERVET; *Luiz XIX*, LUIZ XIV; *sentimentos*, ELEMENTOS.

EVOCAÇÃO

Noite de luar. Choveu. A terva cheira.
Domina a paz, calaram-se os rumores.
Lá do pomar a virgem laranjeira
Manda-me o olor nas suas castas flôres.

Veste, a Lua, de branco os verdes montes,
De onde me véem, em musica, pelo ar,
O ramalhar das arvores, das fontes
O longinquo e sonóro espadanar

D'aguas frescas. A natureza toda
Tem o aspecto amoroso e recatado
Duma virgem vestida para a boda
Duma noiva no dia do noivado.

Noite que inspira amor e pede gosos,
Em que, ao ar live, á sombra das ramadas,
Andam labios d'amantes amorosos
Beijos colhendo á bocca das amadas.

Noite d'amor e sonho, horas propicias
Aos devaneios e ás recordações;
Em que andam, tristes, a esmolar caricias,
Almas desamparadas ás legiões.

Noite em que o Poeta, soffredor, se abysma
Na pyra rubra da Tortura humana;
Noite em que o pensador, austero, scisma
Na Dôr, que as almas purifica e irmana.

Evoco-a, em sonhos cheios d'anciedade,
E Ella me surge, ardente de paixão,
Entre os nimbos violaceos da saudade
Que me aperta e me opprime o coração...

Petropolis—1906.

JOÃO DE DEUS FILHO.

XADREZ

TEICHMANN E CALDAS VIANNA

La Stratégie, noticiando a viagem de Teichmann á America e os seus successos em Buenos Aires, diz:

«Deixando Buenos Aires para vir tomar parte no torneio de Ostende, o sr. Teichmann deteve-se em Montevidéo e no Rio de Janeiro. Nestas duas cidades, o acolhimento e o successo fôram os mesmos que em Buenos Aires; todavia, no Rio de Janeiro encontrou um adversario que não pôde vencer: o dr. Caldas Vianna, campeão do Brazil, empatou duas partidas singulares, jogadas com o mestre e uma terceira ficou por acabar em uma posição egual; dirigimos-lhe as nossas sinceras felicitações.»

***

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Torneio de Ostende

Tres dos mestres inscriptos nesse torneio fôram, á ultima hora, substituidos: Sherrard, morto subitamente; Bardeleben e Caro, de quem tomaram os logares Teichmann, de Londres, Oskam, de Amsterdam, e Sabouroff, de S. Petersburgo.

Ainda se deram modificações na organisação das secções; em logar de seis, formaram-se apenas quatro secções de nove concurrentes cada uma. Estas secções são emparelhadas duas a duas e todos os competidores de uma devem jogar uma partida com os da outra; os tres concurrentes de cada secção que tiverem menor numero de pontos são eliminados.

As secções ficaram assim compostas:

A —Balla, Bernstein, Blackburne, Burn, Duras, Gattie, Janowski, Leonhardt, Oskam.

B —Cohn, Fahrni, Forgacs (pseudonymo de Fleischmann), John, Johner, Marco, Maroczi, Rubenstein, Sabouroff.

C — Lewitt, Malioutine, Marshall, Mieses, dr. Perlis, Post, Spielmann, Suchting, Teichmann.

D — Reggio, Salve, Schlechter, Snosko-Borowski, Sournin, Swiderski, Taubenhaus, Tschigorine, Wolf.

A jogou contra *B* e *C* contra *D*. E' o seguinte o resultado conhecido:

Secção A

Janowski	7	pontos (*)
Burn	7	»
Leonhardt	6	»
Bernstein	5 1/2	»
Blackburne	5 1/2	»
Balla	5	»
Duras	5	»
Oskam	2	
Gattie	1	»

Secção B

Johner	6	»
Fahrni	5 1/2	»
Maroczi	5	» (**)
Rubenstein	5 1/2	»
John	4 1/2	»
Marco	3 1/2	»
Cohn	3	»
Fargacs	3	»
Sabouroff	0	»

Secção C

Dr. Perlis	6 1/2	pontos
Marshall	6	»
Teichmann	6	»
Mieses	5 1/2	»
Suchting	5	»
Spielmann	4 1/2	»
Post	4	»
Dr. Lewitt	3	»
Malioutine	3	»

Secção D

Schlechter	6	»
Snosko-Borowski	6	»
Salve	5 1/2	»
Swiderski	4 1/2	»
Tschigorine	4	»
Taubenhaus	3 1/2	»
Wolf	3 1/2	»
Sournin	2 1/2	»
Reggio	2	»

Fôram, pois, excluidos doze jogadores: Gattie, Oskam, Balla, Cohn, Fogacs, Sabouroff, dr. Lewitt, Malioutine, Post, Reggio, Sournin e Taubenhaus, que distribuiram entre si 800 francos proporcionalmente ao numero de pontos obtidos.

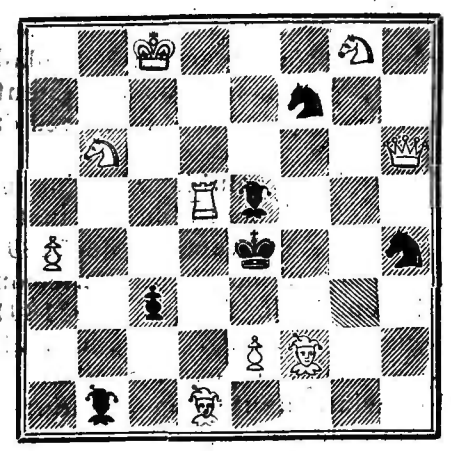
Os 24 jogadores restantes começaram a 15 de junho a segunda etapa, dividida em 4 secções de 6.

***

PROBLEMA N. 56

Leprettel

PRETAS (6)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

Para este notavel problema chamamos a attenção dos amadores que ainda o não conhecem. E' rarissimo encontrar-se em tres lances problema de tal riqueza de variantes (10) e de tal correcção e elegancia.

***

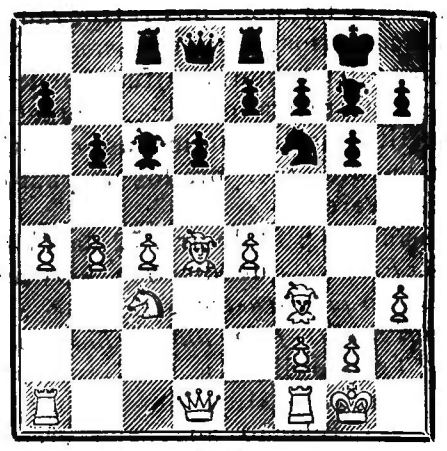
PARTIDA N. 62

(Jogada em Nova York em março de 1906)

DEFEZA SICILIANA

Brancas (Maroczi)		*Pretas* (Voigth)
P 4 R	— 1 —	P 4 B D
P 4 D	— 2 —	P × P
C 3 B R	— 3 —	P 3 C R
C × P	— 4 —	B 2 C R
P 4 B D (*a*)	— 5 —	C 3 B R
C 3 B D	— 6 —	P 3 D
B 2 R	— 7 —	Roque
B 3 R	— 8 —	B 2 D
Roque (*b*)	— 9 —	C 3 B D
P 3 T R	— 10 —	C × C
B × C	— 11 —	B 3 B D
B 3 B R	— 12 —	T 1 R
P 4 C D	— 13 —	P 3 C D
P 4 T D	— 14 —	T 1 B D

Depois do 14º lance das Brancas



P 5 T D (*c*)	— 15 —	D 2 B D
P × P	— 16 —	P × P
T 6 T D	— 17 —	C 2 D
B × B	— 18 —	R × B
D 1 T D	— 19 —	C 4 R
T 7 T D	— 20 —	D 1 D
B 2 R	— 21 —	B 2 D
C 5 D	— 22 —	R 1 C
T 1 B D	— 23 —	P 3 R
C 3 R	— 24 —	P 4 T R (*d*)
P 5 C D	— 25 —	D 5 T R
T 1 D	— 26 —	D 5 B R (*e*)
P 3 C R	— 27 —	D 3 T R
T × P	— 28 —	abandonam

(*a*) Recommendei muito esta continuação; as Pretas desde muito não pódem avançar P 4 D e a sua partida está muito constrangida.

(*b*) Provavelmente 9 — P 3 B R ainda seria mais forte.

(*c*) As Brancas jogam do lado da dama; no emtanto, fazem um ataque indirecto sobre o Rei preto.

(*d*) Forçado; si 24... C 3 B D, estão simplesmente 25 — C 4 C R.

(*e*) A Dama não póde tomar o P R por causa de T 4 D.

(*Notas de Maroczi.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 55 (*F. Mendes de Moraes Filho*): T 3 B D.

JOSÉ GETULIO.

(*) Falta uma partida.
(**) Idem.

AURAS

Si ouvires um dia
Nos echos da aragem
De dôr e agonia
Extranha linguagem,

Váe, beija a ramagem
Oh! doce Maria!
Pois sente a folhagem
A dôr que eu sentia.

São beijos saudosos,
De amores e gozos,
De dôr e tormento

Que vão procurando
Teus labios, voando
Nas azas do vento!

Julho—1906.

J. BENEDICTO COHEN.

ANNO III — Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1906 — Num 91

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Policia sanitaria: a sua actividade na Europa e America. — O que, a respeito, nos falta para completar a obra da Hygiene. Os exploradores do estomago da população. — Os commerciantes criminosos.

Grande actividade desenvolve, neste momento, a policia sanitaria da Europa e da America do Norte para extirpar dos mercados de generos alimenticios os falsificadores, exploradores da miseria, da necessidade publica, prejudicando a saúde dos consumidores e ferindo, com o descredito, importantes coeficientes da riqueza publica.

Conservas suspeitas, açougues infectos, matadouros infamemente sujos, como os de Chicago e Philadelphia, todos os productos maleficos da falsificação, da fraude abjecta, todos os suppostos generos alimenticios feitos de coisas ruins e venenosas, destinadas a exportação e oriundas da industria criminosa, teem sido rigorosamente, escrupulosamente, fiscalisados e condemnados.

A policia sanitaria é uma fonte de beneficios que o vulgo não comprehende e, por isso, é muito raro acceital-os de bôa vontade pela repulsão natural, inspirada por toda a sorte de remedios. Todos—os mais rudes como os mais dotados de cultura civilisadora—repugnam as intervenções sanitarias que alguns, bem intencionados mas dominados por systematica aversão ao que é imposto pela auctoridade, reputam violencia aos direitos individuaes, á liberdade espiritual, á consagração do lar, do domicilio do cidadão, cujo regimen intimo deve ficar fóra do alcance das medidas de preservação do individuo, como meio essencial de preservação da collectividade.

E' de recente data a reacção violenta provocada pela lei da vaccinação obrigatoria. Póde-se dizer com asserto que o regulamento respectivo não sómente commoveu as pedras das ruas, como quebrou os candieiros da illuminação publica, pôz a cidade em estado de lamentavel anarchia e chegou ao extremo de perturbar a ordem publica, ameaçando o proprio Poder Executivo. Um conjuncto de circumstancias funestas ou propicias resolveu essa crise, cujas consequencias seriam de incalculaveis effeitos deleterios para a funcção normal do mechanismo politico.

As medidas sanitarias fôram amenisadas pelo criterio de seus executores que, afinal, com uma perseverança digna dos maiores encomios, conseguiram vencer a repugnancia do publico, convencido pelos admiraveis resultados, pelos factos eloquentes, superiores ás contestações. Os melhoramentos materiaes, o saneamento da velha cidade são de perfeita evidencia; são applaudidos francamente pelos mais refractarios, pelos mais aferrados ás vetustas praxes da rotina.

Não está completa essa bella obra. Estão debelladas as endemias que nos desacreditavam, os flagellos periodicos que eram o nosso estygma de povo culto; mas não está ainda batida a horda de commerciantes criminosos, de exploradores do estomago da população, de factores do depauperamento, da degeneração desta nossa raça forte, dotada de energias excepcionaes.

Ha poucos dias, na sessão de uma sociedade scientifica, se denunciaram falsificações do leite que nutre os nossos enfermos, os nossos fracos, os nossos filhos. Já se não contentam os falsificadores desse genero de primeira necessidade com baptizal-o com agua; augmentam-no com leite condensado, conservam-no com drogas nocivas.

Na mesma occasião, affirmaram profissionaes da maior auctoridade que todo o vinho de meza, importado para o consumo, é adulterado, como acontece com as conservas estrangeiras, a banha americana, composta de gorduras de origem suspeita.

Esse regimen criminoso resulta dos escassos meios de fiscalisação e de um cerebrino regulamento aduaneiro, que abre os nossos portos a toda a sorte de productos da industria da «contrafacção». Pelas alfandegas passa, impunemente, vinho que não é vinho, banha que não é banha, não falando dos legumes coloridos com anilina, e de outros generos maravilhosamente preparados para illudirem os ingenuos consumidores. Um importador de vinhos artificiaes não encontra obstaculos á introducção delles porque as alfandegas sómente impedem a entrada dos que contiverem certa dóse de alcool ou acido salicilico, e outros ingredientes de conservação. Não se cogita de harmonizar a lei fiscal com o Codigo Penal, que pune a venda de generos alimenticios falsificados, preparados com artificios que inquinem a transacção mercantil de sua compra do erro de consentimento, porque todos esses generos artificiaes ou facticios são expostos á venda e vendidos como productos genuinos, de absoluta pureza, afixada em rotulos brilhantes.

Assim como se falsifica o vinho, a banha, da mesma fórma que se adultera o leite, a manteiga, conspurca-se o café, numa infame mistura de

coisas podres torradas. E essa falsificação se desenvolve á proporção que o consumo augmenta, quando empregamos patrioticos esforços para elevar o credito desse producto essencial do paiz, quando pretendemos valorizal-o. Nos mais humildes lares, como nas mais sumptuosas vivendas, não se consome o café puro ; nos restaurantes mais afamados,como nos «fréges» mais repulsivos, a preciosa rubiacea apparece adulterada em ligas ignobeis, e o café é, no Brazil, um alimento essencial de toda a gente ; é, póde-se assegurar com segurança, o mais importante, sinão exclusivo, elemento de alimentação dos pobres.

Quando se medita nos perniciosos effeitos dessa industria, nos abalam legitimos impetos de indignação e chegamos a verificar que o rigor das leis sanitarias não é sufficiente para reprimir os falsificadores, os negregados exploradores da miseria.

Nós nos revoltamos contra os crimes vulgares. Sacodem-nos todas as fibras do coração sevicias infligidas a uma creança fraca, desprotegida, orphanada ao penetrar o limiar da vida. Pedimos para o cobarde attentado todos os rigores da justiça, sem cogitarmos si elle foi o resultado de uma syncope do senso moral, obliterado por um accesso de colera, por um impulso de instinctos indomaveis. Com maioria de razão nos devemos superexcitar contra o criminoso que, para ganhar alguns vintens, nos diminúe os meios de alimentação da familia, nos envenena, lentamente, friamente, os filhos, ou os prepara para o accesso de toda a sorte de molestias.

Quem propina, conscientemente, aos nossos filhos o leite de uma vacca tuberculosa, é um assassino de peior quilate do que esse vesanico sinistro, famoso auctor do crime das Furnas.

E esse crime é de uma vulgaridade espantosa, reconhecido, como está, que a grande maioria das vaccas conservadas nos estabulos urbanos, é tuberculosa.

A repressão desses crimes é irrisoria, comparada com os seus funestos resultados, com os effeitos tremendos do mal de que elles são os instrumentos de contagio e generalizam de maneira assombrosa.

* * *

Não nos revoltemos contra as medidas sanitarias, até agóra tão suavemente empregadas : esforcemo-nos numa grande solidariedade patriotica para que ellas sejam completas, efficazes.

POJUCAN.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXVII

Reatemos o fio da discussão do projecto da Constituição. Os artigos fôram emendados. Falou-se bem e mal, abundantemente, sobre a divisão do territorio em provincias, em comarcas, municipios, etc. ; discorreu-se tambem a respeito dos predicados e condições para ser cidadão brazileiro. Essas materias provocaram o prurido de falar sem proveito algum. Sómente, retardava-se a marcha da discussão do projecto. O povo já duvidava de ter a Constituinte capacidade de realizar a obra principal da sua missão legislativa e organisadora do Estado. Mas pareçia que a Assembléa não attendia ás repetidas manifestações da opinião publica e persistia no mesmo systema, perdendo aquella confiança que lhe prodigalizára no primeiro mez de sua installação. O povo, á vista da demora e da marcha dos acontecimentos, da esterilidade das discussões, havia se convencido de que a Assembléa tinha interesse em não promulgar uma Constituição que garantisse os direitos individuaes e firmasse, sobre solidas bases, as liberdades publicas, pondo o Governo na impossibidade de uzar e abuzar dos processos do regimen absoluto. Essa persuasão era a de todas as classes da sociedade brazileira, desde a Côrte até ás provincias. Na propria Assembléa, alguns deputados notavam que se demorava a formação da lei fundamental e que desta demora resultava descredito para a Constituinte e desconfiança das provincias. A Assembléa, porém, continuava na errônea direcção dos seus trabalhos. Por exemplo: quando chegou a noticia de haver o Maranhão expellido as tropas portuguezas, auxiliado poderosamente por lord Cockrane, esse successo ministrou materia a largos debates : «si devia ou não dirigir louvores á provincia e ao valoroso almirante». Montesuma saíu a terreiro, oppondo-se ; mostrou que da mesma sorte não se praticou, quando a Bahia, vencendo as cohortes lusitanas, obrigou o general Madeira, que as commandava, a abandonar a cidade e, refugiando-se aos navios da esquadra portugueza, partir imediatamente para o Tejo.

O prurido de falar era tal que levou o deputado Lopes Gama (visconde de Maranguape) a dizer : «Eu proponho a minha indicação não só porque se fala mais vezes do que as concedidas, mas para se perder o costume de falar sem se pedir a palavra. Muitas vezes ainda está falando um senhor deputado e já outro se levanta e váe tambem falando, de sorte que ás vezes nem se percebe o que dizem : não ha ordem regular nos trabalhos.

Eis ahi provada por um testemunho insuspeito e competente (e poderiamos apresentar outros) — a desordem, a falta de methodo que tornavam estereis e inuteis as sessões da Constituinte. O deputado Lopes Gama propoz remedio a esse mal, já muito tarde — na sessão de 4 de outubro. Nota-se, por exemplo, na sessão de 6 de outubro, essa falta de methodo e ordem dos trabalhos. Acabava o secretario de ler a exposição que o ministro da Fazenda fizera em documento official, que o Imperador havia remettido, e logo um deputado opina que esta exposição, com todos os papeis, deveria ser impressa e distribuida ; em seguida, cinco ou seis deputados falam no mesmo sentido e sobre o mesmo objecto sem ter havido impugnação, e para repetir aquillo mesmo que o precedente orador acabava de expender. Era como que um mal contagioso, que a todos contaminava ; até Antonio Carlos não escapava. Auctor e unico redactor do projecto de Constituição, foi o primeiro que dissertou sem ter alguem atacado. E' evidente que, si todos estavam de accordo, a discussão era inutil, escusada, e sómente gastava o tempo: ao publico, de certo, não passava despercebida esta circumstancia.

A Constituinte era composta de homens que, na maioria, não tinham as condições para formar uma assembléa politica. Essa maioria era ignorante e inexperiente, alheia ao movimento politico, intellectual da civilisação dos povos livres. Sem pensamentos, sem educação elementar dos uzos e praxes parlamentares, ella nem siquer podia desempenhar-se dos seus trabalhos ordinarios, quanto mais ter concepções duma politica sensata, fecunda, que promovesse a prosperidade nacional.

Essas observações se devem fazer, porque explicam a causa dos acontecimentos. Sendo assim a Assembléa, não é difficil admittir que o Imperador pouca importancia lhe daria; mesmo não teria hesitação, receio ou escrupulo de acabar com semelhante trambolho, que antes o embaraçava do que ajudava na obra laboriosa da organisação do Estado, obra essa que não exigia sómente os ardores do patriotismo ou da liberdade, porém reclamava aptidões politicas, litterarias, scientificas, que a Constituinte não podia ter. Havia, é verdade, no seu recinto, um grupo de intellectuaes —os Andradas, Carneiro de Campos, Silva Lisbôa, Pereira da Cunha, Carvalho e Mello, Rendon, Araujo Lima, Rodrigues de Carvalho, Alencar, Vergueiro, Miguel Calmon (marquez de Abrantes), Montesuma, etc., mas esses deputados, então, não eram homens de Estado, nem valiam aquillo que mais tarde serão por consummada experiencia, meditação e sciencia dos negocios publicos.

Deante de tal Assembléa, o Imperador, tendo exhaurido toda a longanimidade e procurado debalde harmonizar-se com ella, entendeu que nullifical-a era um serviço ao paiz, que já não confiava nem acreditava nella, perdida a illusoria esperança de que pudesse produzir actos ou leis de utilidade publica.

Prova-se que a Assembléa já não merecia a confiança publica por varios factos e por confissão dos proprios deputados. Entre outros, eis o que a tal proposito diz, em pleno Parlamento, o representante da Bahia, Ferreira de Araujo: «Sr. presidente, não posso ler sem indignação a maneira desattenta, com que os periodicos desta Côrte referem as decisões desta augusta Assembléa, mórmente depois que começou a discussão do projecto de Constituição. Limitar-me-ei ao chamado *Diario do Governo*. Parece que acintemente tem este desfigurado as decisões da Assembléa, fazendo-a determinar as coisas mais absurdas, cobrindo-nos de ridiculo, como vê-se no numero 77. Não me cansarei em repetir os grandes absurdos e paradoxos que tem posto na bocca dos srs. deputados — até que o sr. Alencar disse que os africanos devem ter voto e iniciativa. Do que tenho exposto se vê que, correndo pelas provincias este papel, ellas crerão facilmente que a Assembléa tem sanccionado os maiores disparates e deste modo caírá por terra toda nossa força moral. Tudo isso nos vae cauzando grande damno; a malignidade já tem assoalhado tantas falsidades.» (Sessão de 4 de outubro.)

Já outro deputado, anteriormente, havia proposto que a Camara procedesse contra os jornaes que a expunham ao desdém da população. E' certo que a Camara se achava desacreditada e começava para ella o periodo da gargalhada publica.

Em verdade, compulsando-se os volumes do *Diario*, repositorio de suas idéas, trabalhos e actos, verifica-se que não tinha idéas nem sabia trabalhar mesmo em coisas de pouca monta. Entretanto, vulgarizou-se a falsa idéa de ter sido uma Assembléa modelo de patriotismo, de independencia, até de sagacidade, previsão e sabedoria.

Alguns escriptores distinctos auctorizaram tão absurdo, quão falso conceito, opinando e affirmando que a dissolução da Constituinte, por decreto de 12 de novembro, foi o *maior e mais grave erro do primeiro reinado* e que tem correlação immediata com o evento de 7 de abril.

São questões de conjecturas historicas ou fundadas em factos comprovados e incontestaveis: apural-a-emos noutra conjunctura, porque agóra desejamos acompanhar o desenvolvimento da discussão do projecto constitucional, na qual aparecem as idéas, a erudição, a eloquencia e a sabedoria dos oradores, e desta guiza poderemos apontal-os á severa apreciação daquelles leitores que não desdenham esse ramo de estudo, ás vezes ingrato e arido.

A discussão do projecto, na sessão de 8 de outubro, foi precedida pelo parecer da commissão de Constituição sobre a licença ao deputado Brant Pontes (marquez de Barbacena) para ir a Londres, incumbido de tratar negocios de grande interesse do Brazil.

Esse assumpto não teria importancia, si a maioria, que nutria suspeitas e desconfianças de d. Pedro, açulada pelos Andradas, não se prevalecesse da occasião para contrariar o Imperador, negando a licença.

A commissão, da qual eram membros José Bonifacio e Antonio Carlos, firmando-se na resolução da Constituinte que veda ao deputado acceitar nomeação do Governo, especie de incompatibilidade proposta por Araujo Vianna (marquez de Sapucahy), como já explicámos num dos capitulos anteriores, podia desattender á requisição do governo imperial; porém, considerando a urgencia de se tratarem de negocios em Londres, julgava caso de ser dispensado o rigor da resolução e permittido ao deputado Brant encarregar-se dos negocios que o Governo lhe confiava.

No estado em que estavam as relações do Governo e os sentimentos hostis da Camara, esse parecer assemelha-se ao acto de Poncius Pilatus, lavando as mãos. A commissão reconhecia que a licença abria uma excepção, violada a resolução estatuida, mas era justificavel; deixava á maioria proceder como entendesse... Por isso, Carneiro de Campos, receiando que a manha com que foi dado o parecer tivesse effeito, tomou, como ministro, a palavra e discorreu da maneira seguinte: «Não me levanto para produzir novos argumentos a favor da requisição do Governo, porque ella assáz já está justificada pelo parecer da commissão e pelas razões que offereci na sessão de hontem. Ellas convencem da necessidade de dispensarmos na lei, para quanto antes poder ser enviado a Londres o sr. Brant Pontes, que não posso considerar os argumentos do illustre deputado, o sr. Montesuma, sinão como uma opposição *pro formula*; nesta bem fundada persuasão eu me julgaria dispensado de falar mais desta materia, si não me parecesse conveniente responder ao argumento com que se pretende mostrar que esta augusta Assembléa não tem poder para conceder a dispensa de que se trata e que hontem ficou sem resposta por se declarar o parecer adiado.

E' coisa pasmosa que se negue agóra a esta Assembléa a faculdade de dispensar numa lei regulamentar, por ella mesma feita e sanccionada, quando em outras occasiões tem ella sido tão exaltada em preeminencia, auctoridade e poder que bem pouco faltava para ser elevada á categoria de omnipotente! Em outras occasiões, a Assembléa é soberana, tudo póde; agóra os seus poderes são tão limitados que, bem estendidos, não chegam a conceder uma dispensa! E a que fim se dirige esta dispensa? Para se preencherem as principaes vistas da nação, quando nos delegou os seus poderes; pois é para se obter um beneficio de alta importancia, um interesse bem reconhecido e puramente nacional!...

O illustre deputado não limita o poder da Assembléa nesta materia, porque entenda que ella não possa dispensar numa lei que ella mesma sanccionou e que, não constituindo um

artigo constitucional, não é sello da immutabilidade, pois seria absurdo pensar que o poder legislativo não tem faculdade para derrogar ou abrogar as leis regulamentares, ou administrativas e muito mais para nellas dispensar, todas as vezes que o interesse publico assim exija ; elle vae procurar forças para o seu argumento nas vistas da nação, quando elegeu o seu representante.

Ninguem certamente dirá que esta Assembléa póde ir contra o voto da nação, pois si a representa, nada mais deve fazer do que fielmente exprimir sua vontade, mas o que se nega, e jámais provará o nobre deputado, é que a Assembléa contraría a vontade da nação, dispensando temporariamente, e ainda por todo o tempo do exercicio de deputado, ao sr. Brant Pontes para ser empregado em uma commissão em que são de maior importancia para o Estado os seus serviços, do que nesta Assembléa.»

O orador desenvolve estes pensamentos vigorosa e logicamente e pondera que ninguem está, por mais confiança que mereça, nas condições do sr. Brant Pontes para levar a bom exito a negociação por havel-a encetado e obtido os primeiros favoraveis indicios de conseguir aquillo que o paiz preciza obter. Demais, a falta que deixa virá suppril-a o supplente ; á vista disso, não percamos tempo, desembaracemos o sr. Brant para poder quanto antes partir para Londres.»

Vê-se claramente que a maioria procedia por acinte e que nenhum motivo havia para não attender á justa requisição do Governo Imperial. Nas palavras contidas e judiciosas do ministro Carneiro de Campos, como que não deixa de transluzir a tramoia dos que, em tudo desconfiando do Governo, creavam obices. Já observámos que a maioria esmiuçava os actos do Governo com uma rabulice inexgotavel e repulsiva, ao passo que o Imperador communicava á Camara até os planos administrativos que ainda pretendia executar e que eram de sua especial competencia. Ostentava a bôa vontade de collaborar com ella na direcção do Estado e de manter a perenne harmonia, seguro meio de manejar o mechanismo do regimen da divisão dos poderes. Colhendo estes e muitos outros motivos, como affirmar que a Constituinte nada fez que a incompatibilizasse com o Imperador e que este, sem razão, a nullificou, commettendo o *maior e mais grave erro do seu reinado*? Pela demonstração evidente que Carneiro da Cunha fez, a recusa da dispensa ou procedia de má fé ou de ignorancia. Ora ignorancia não se póde suppor num athleta do valor intellectual de Montesuma, que nesta, como em outras questões, tornava-se orgão da maioria ; assim foi na dos commissarios portuguezes do bergantim *Treze de Maio* e da fragata *Voadora*; dos soldados e officiaes lusitanos ; do titulo de marquez do Maranhão conferido ao almirante lord Cockrane, dos salarios dos creados do rei d. João VI, da federação, etc. ; mais t arde será um daquelles que, com os Andradas, trovejarão a respeito do conflicto do boticario David Pamplona com os officiaes portuguezes. Montesuma com os Andradas foi prezo e mettido nos subterraneos da fortaleza da Lage e dahi embarcado na charrua *Lucconia* e atirado em estrangeiras plagas do exilio, durante muitos annos.

O Imperador tomava a peito, vivamente, esta questão Brant Pontes ; assim a opposição da maioria o irritou a tal ponto, que elle prorrompeu em phrases durissimas e acerbas, ameaçando a Assembléa, que, embóra, por temor, houvesse concedido a dispensa. Os conselheiros intimos (Chalaça, Jacarepaguá, Carlota, etc.) avivaram-lhe no espirito a braza dos rancores. A Constituinte não ignorava o rumor que estrugia para as bandas de S. Christovam e atroava entre a população, avida dum espectaculo pavoroso. No meio desses successos, conhecido o temperamento fervido, impetuoso, de d. Pedro, nem por isso a Assembléa acautellava-se ; não mudava de systema e muito menos tinha a mais confusa previsão do futuro desenlace do drama, cujas peripecias não distavam sinão o curto espaço de 8 de outubro a 12 de novembro.

Ergueu-se em sua bancada, immediatamente depois do ministro Carneiro de Campos, o erudito dissertante Silva Lisbôa, começando por dizer : «Ainda que haja alguma difficuldade no objecto em discussão, comtudo voto pelo parecer da commissão. Já estão dadas as razões substanciaes pelo sr. ministro de Estado, eu submetterei a esta augusta Assembléa algumas subalternas.»

O orador procurou mostrar que a incompatibilidade estatuida na resolução da Assembléa concernia unicamente á accumulação de empregos dentro do paiz. Nesse ponto, Silva Lisbôa engana-se : a prohibição é absoluta e não foi tomada sinão porque a Camara entendia que o Imperador não tinha poder, nem cabia na sua competencia nomear deputados para emprego algum ; tal acto do Imperador era usurpação do direito, humilhação da dignidade do ramo legislativo ; ora, si foi este o pensamento, de certo é improcedente a allegação do eminente jurisconsulto.

O orador exclama : «Seja-me licito dizer com os jurisconsultos praticos : *pejamo-nos de falar sem texto*. Tendo este Congresso determinado que provisoriamente se guardem as leis da monarchia, acho na Ordenação do Reino, liv. 4, tit. 44, a seguinte decisão no § 8, que parece ter alguma applicação ao presente caso... «assim como o que se afasta da companhia allegar que é enviado por nós ou pela republica a algum negocio». As circumstancias do tempo reclamam que, quanto antes, se envie algum negociador a Londres a diligenciar o reconhecimento da nossa independencia pelas maiores potencias maritimas da Europa, etc.»

Os juristas são originaes ! As Ordenações regulando questões de direito constitucional.

O orador alarga-se em dissertar sobre a necessidade e importancia do reconhecimento. Passou a mostrar como a Inglaterra enviou lord Castlereagh e Wellington ao Congresso de Vienna; um, era deputado; o outro, membro da Camara dos Pares. Tal referencia não vem a proposito, nem condiz com a materia e parecer olvidar as praxes do governo parlamentar inglez. Silva Lisbôa lembra que tambem a França mandou Seyés, deputado, a uma negociação com o rei da Prussia, que ironicamente lhe perguntou si os soldados francezes eram bem disciplinados. Repondeu Seyés : *nossos inimigos o dirão*.

Tendo dissertado erudita e exúberantemente, Silva Lisbôa concluiu : «Emfim, permitta-se-me lembrar a maxima de Estado de el-rei de Portugal, d. João V : *Guerra com todo mundo, paz com a Inglaterra*.»

Outros representantes tomaram parte no certamen. A dispensa de Brant Pontes, requisitada pelo Governo, dava logar ás manifestações hostis da maioria, que queria crear barreira á acção do Imperador sobre os deputados, não lhe conhecendo direito de nomeal-os para nenhum emprego ou commissão.

Toda esta discussão era o resultado da lucta e a prova das desconfianças que persistiam.

EUNAPIO DEIRÓ.

RECEBEMOS :

— «*Diccionario* das rimas portuguezas», pelo sr. Mario de Alencar ; edição da casa Garnier. No seu excellente prefacio, diz o auctor os motivos que o levaram a compor essa obra, «um trabalho penoso, de uma paciencia que eu não suppunha capaz de haver em mim.»

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

APANHADOS

A borracha artificial No caminho em que vâe o consumo extraordinario da borracha, é natural que se pergunte si a producção desta substancia será, ainda durante muito tempo, sufficiente para as necessidades das multiplas industrias que a empregam.

A producção annual da borracha, varía, actualmente, entre 60.000 e 70.000 toneladas, e, em 1904, já o consumo mundial attingia a 60.000 toneladas.

Tendo em conta o progresso do automobilismo e das applicações electricas, cuja extensão está longe de ser avaliada, é bem possivel affirmar que o consumo, este anno, passará da producção.

Uma crise, desde então, não se tardará a apparecer, e o sr. E. Courtet propõe para isto tres soluções :

A primeira consistiria em utilizar a borracha mineral ou betume fossil elastico, descoberto, em 1785, nas minas de Castleton, na Inglaterra e, em 1816, nos arredores de Angers, na França.

A segunda seria o emprego dum producto artificial possuindo as propriedades analogas ás da borracha natural. Esse producto existe ; foi obtido desde 1896 pelos srs. Sacc e Jonas, tratando o oleo de linhaça pelo acido azotico. Recolhe-se então uma substancia elastica e membranosa, «a borracha dos oleos», que já tem sido utilizada para impermeabilizar os tecidos. Tem-se obtido bôa borracha artificial tratando o oleo de therebentina pelo acido sulfurico.

A terceira solução será, evidentemente, fazer augmentar a producção natural, mas esta é, talvez, a mais difficil de todas.

E' muito mais pratico inventar outra borracha.

***

Alcoolismo e criminalidade Um estatistico allemão, procurando as relações dos delictos e do alcoolismo na Allemanha, chegou a saber que, sobre 380 crimes, grandes e pequenos, commettidos no espaço duma semana, 165 se tinham dado no domingo, 68 na segunda, 62 no sabbado e 85 durante os outros quatro dias.

Numa outra série, o mesmo auctor constatou que, sobre 261 delictos pequenos, 125 tinham sido no domingo, 54 na segunda, 20 no sabbado e 62 nos quatro dias restantes da semana.

Ainda é preciso notar que, desses 261 delictos, 196, ou, antes, tres quartos, fôram commettidos nos cafés e albergues depois das seis horas da tarde—o que põe em evidencia a nefasta influencia do alcoolismo.

***

Contra a insomnia Muitas pessôas estando sujeitas á insomnia tratam de escapar a essa verdadeira molestia procurando todos os meios de combatel-a. Partindo-se desse principio, que, durante o somno, ha uma anemia relativa do cerebro, pensa-se, para tratar da insomnia, em fazer uzo constante dos meios proprios para descongestionar o cerebro. Um banho quente de pés, presta, ás vezes, bons serviços. Bebendo leite quente ou mesmo agua tambem quente, melhora-se sensivelmente.

Nessa mesma ordem de idéas, é preciso assignalar a pratica habitual das mães hespanholas : quando a creança não dorme, friccionam-lhe as costas e o ventre para chamar o sangue á pelle.

Mas, sempre é bom ter muito ar puro no quarto de dormir e estar com a cabeça na cama sempre mais alta que o resto do corpo. De qualquer maneira, não se deve recorrer a remedios.

***

A musica chineza Si toda musica actual se tornasse chineza, isso seria uma prova do seu progresso. A musica dos celestes é incomprehensivel para nós, ou porque elles teem o ouvido menos delicado que o nosso, ou então o contrario, porque elles estão de tal maneira acima de nós no ponto de vista musical que não os podemos comprehender ; esta ultima opinião é, hoje, a mais geralmente admittida pelas pessôas competentes. Ninguem contesta o aperfeiçoamento das faculdades musicaes dos brancos ; ora, um embaixador chinez dizia, ultimamente, que reconhecia, muitas vezes, nas ultimas creações musicaes do Occidente, variações e themas essencialmente chinezes.

A verdade é que, de facto, «os filhos do céo» fôram os primeiros da historia a bazear o seu systema musical em oitavas e quintas, emquanto os antepassados dos europeus não tinham ainda inventado a fórma das mais simples e primitiva das melodias.

***

Versos de Musset Adèle Colin, a famosa governante de Alfred de Musset, tinha conservado alguns papeis do grande poeta e dava uma importancia extraordinaria a esses manuscriptos ; agóra vão ser publicados os versos, depois das cartas de George Sand, que Adèle não mostrava a ninguem e que ella mesma não tinha lido. Mas todo esse cuidado foi nullo ; acabam de ser divulgados esses estranhos papeis, tão carinhosamente escondidos: as cartas de George Sand e, por ultimo, os versos de Musset.

Ao publico não se occulta mais nada : revela-se, hoje em dia, o mais que é possivel.

***

Sociedade de escriptores Alguns escriptores francezes, entre os quaes se encontram Marcel Prévost, Paul e Victor Margueritte, Edmond Haraucourt, etc., fundaram ultimamente uma sociedade de romancistas e contistas francezes, destinada a salvar os interesses dos auctores francezes no estrangeiro. Elles querem impedir o plagiato e as traducções imperfeitas. As obras francezas adaptadas ou traduzidas constitúem dois terços dos livros publicados na Allemanha.

A nova sociedade installou, em Paris, um escriptorio de traducção, que está sob a sua direcção ; depois, ella informou aos jornaes allemães a sua intenção de não deixar reproduzir as obras dos seus membros sinão quando estiverem traduzidas. Ella constituiu advogados junto aos tribunaes allemães e intentará perseguições contra qualquer publicação feita sem a sua auctorisação.

Não será sómente na Allemanha que a sua acção se estenderá ; pouco a pouco, ella irá apparecendo em todos os paizes.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

«Outros Estudos de Litteratura Contemporanea». — Sylvio Roméro. — Typ. d'A Editora. — Lisbòa. — 1906.

A obra do sr. Sylvio Roméro, nas linhas geraes que offerece, sendo de critica, em sua grande parte, é por um lado obra de negação, até mesmo de demolição, mas por outro tem um largo caracter constructor, como nenhuma sua congenere logrou possuir até agóra entre nós. Para attestal-o basta simplesmente a sua *Historia da Litteratura Brazileira*, — o pantheon mais completo já erigido em honra da nossa vida intellectual, desde que começamos a registar emoções e a balbuciar idéas neste outro lado do mundo.

Outra razão da preeminencia dessa obra no terreno que lhe é proprio está na sanidade da sua constituição organica.

Nenhuma outra, de vulto, em nossas lettras, caracteriza-se pelo vigor no combate, que ella revela, e pela franqueza das attitudes que implica.

Haverá erros, desvios inconscientes, mas não ha refolhos nem contemplações, no que respeita a coisas essenciaes, alli. Si existe um homem que tenha dito tudo quanto sente de mal, que haja denunciado quanto lhe pareça ser erro ou mesmo simples exaggero, em relação aos homens, ás coisas e ás idéas, no seu paiz, esse é por certo o sr. Sylvio Roméro.

Mas o motivo pelo qual, apezar disso, o illustre escriptor goza de legitima sympathia entre nós, está em que, no fundo, elle é um dos espiritos mais confortativos que a epocha offerece, porque é dos poucos que desabafam o que sentem de oppressivo para continuarem a gozar da alegria de viver, a serem confiantes, a serem crentes.

O caso geral é justamente o contrario: os de temperamento são, entre nós, de ordinario não passam de uns accommodaticios e os que vivem em clamores e queixas são quasi sempre naturezas perdidas do paludismo chronico que atormenta o espirito nacional, morbo que se tradúz e traduziu-se sempre por manifestações systematica e desoladoramente pessimistas.

A obra do eminente critico é, pelo contrario, de um invariavel optimismo no intimo, de uma segura confiança nos destinos do povo que somos, embóra corrigidos esses sentimentos exalçantes pela noção da nossa relatividade, das nossas verdadeiras condições de todos os pontos de vista, tanto quanto a sciencia, desde a geographia e a geologia, até ao estudo das sociedades humanas, póde determinar no presente e mais ou menos entrever no futuro.

A differença que existe entre o espirito de optimismo dos que pensam com o sr. Sylvio Roméro hoje em dia e o dos panegyristas do segundo reinado, — com elle extinctos na sua quasi totalidade, — está apenas nesse ponto.

Hoje não queremos viver na illusão com que elles se alimentaram e entretiveram o paiz, tornando-o balofamente orgulhoso de si.

E' precizo que todos o comprehendam: as riquezas naturaes e ainda menos as prodigiosas bellezas offerecidas não importa por que região são coisas que nunca salvaram os povos da ruina e das invasões por si sós.

Onde o homem hoje em dia não trabalhe intelligentemente, e provido dos recursos que a civilisação lhe tem proporcionado, — utensis e capital, — não ha meio de ser forte e apto a resistir na lucta. Os povos que deixem de se collocar á altura da epocha estão irremediavelmente perdidos como nações autonomas: é questão de tempo, o invasor ha de bater á porta e ha de entrar.

Por outro lado, porém, não ha motivo para desanimos e descrenças absolutas, que só por si compromettem uma situação. Ninguem tem invectivado mais energicamente do que o sr. Sylvio Roméro, entre nós, a pusilanimidade desses espiritos que vivem perennemente alarmados, até quasi ao terror, com a perspectiva das coisas, desses que nas metamorphoses não vêem sinão a morte, pela immobilidade que ellas apparentam, e no renascimento a anarchia, pela agitação e o desordenado que são caracteristicos delle.

Embóra não haja figurado no que se deva chamar a propaganda politica antes da Republica, o illustre escriptor pertence ao numero dos que desde logo trabalharam de animo mais aberto, com mais lealdade e desvelo para ver o novo regimen firmado e constituido num verdadeiro instrumento de civilisação.

Além de que o facto de não ter sido um propagandista politico não o exclúe do numero daquelles cujos nomes se devam indicar parallelamente com os dos que figuram nessa campanha, porque é facil de estabelecer que elle foi dos que primeiro abriram brécha aqui no Rio sobre os novos horisontes, que foi um verdadeiro iniciador, vulgarizando e applicando, quer na philosophia, quer no direito, quer no terreno litterario mais propriamente dito.

E' de lembrar, além disso, a obra de quasi uma década, levada por deante no Recife, ao lado do grande Tobias Barreto e de outros companheiros notaveis, a qual só perdeu de immediata efficacia pela fatalidade da collocação do arraial em que tiveram de agir, distantes como se acharam do centro de que este paiz immediatamente depende.

Não se póde negar, entretanto, que apezar dessa circumstancia o pensamento nacional deve bastante do seu patrimonio presente, da sua cultura, da sua evolução á iniciativa que nos veio do norte.

Por todas essas razões, não ha mais quem hoje sériamente o conteste: o sr. Sylvio Romero constituiu-se um dos chefes intellectuaes do paiz.

Elle não escreverá mais uma pagina que desmereça do interesse dos seus compatriotas; todas quantas ainda tenha de elaborar deverão ser o complemento de uma das obras mais consideraveis que um intellectual brazileiro já conseguiu construir.

Estas da sua nova brochura que ora temos presente, *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea*, representam uma collecção feita de trabalhos diversos, publicados em differentes epochas. Não será a mais interessante, mas é indispensavel na bibliotheca de quantos se interessam por coisas nacionaes e principalmente dos que votem a este espirito a sympathia, a admiração e a curiosidade que elle merece e desejem acompanhar suas modalidades na sequencia dos dias e dos factos.

Ha ahi um pouco de tudo: sete trabalhos de critica litteraria, entre os quaes avultam *Poesias completas* (*por Machado de Assis*), *Versos, versos e mais versos, O visconde de Taunay* (*o homem de lettras*), *A escola litteraria do Recife no ultimo quartel do seculo XIX, O momento litterario, José do Patrocinio*; uma pagina de historia e diplomacia, *O barão do Rio Branco, historiador e diplomata;* paginas de viagem, representadas por um fragmento da descripção de sua *Viagem á Europa*; critica social e politica: *O problema brazileiro em 1891*; critica philosophica: *Concepção da philosophia, por Samuel de Oliveira, A classificação das sciencias, por Liberato Bittencourt*, etc.

Quem conhece outros escriptos do sr. Sylvio Roméro, prevê facilmente que não será neste livro que ha de vir encontrar os chamados primores de estylo, arroubos de um imaginativo, bysantinismos de construcção, nem siquer desvelos nunca desmentidos de apaixonado cultor da lingua. Não são essas as qualidades que lhe possam assentar como caracteristicas.

Estylo proprio, porém, mesmo accentuadissimo, esse elle possúe como poucos. Ser-lhe-ia difficil cultivar o anonymato sem que no fim da segunda ou terceira phrase não se deixasse ingenuamente traír aos olhos

dos que se acostumaram a mamzeal-o.

E na sua maneira elle é de um raro pictoresco, pela extrema movimentação, — extrema e brusca, — dos periodos que váe lançando. Tem-se frequentemente a illusão do gesto, do riso, mesmo da gargalhada, lendo-se uma pagina sua. Essa ou então a da impaciencia, da exacerbação, até da colera, e do andar, das idas e voltas, dos brados, sinão de manifestações mas physicas ainda, como punhadas sobre a mesa e batidos de pé mais ou menos violentos.

Além disso, desdenhoso de circumloquios e de gommados de phrases, como é o sr. Sylvio Roméro, seu estylo tráe um nortista ás direitas, recamado de modismos e até ás vezes de vocabulos regionaes.

E' assim um espectaculo completo o que esse estylo representa, parecendo ora uma festa, ora uma briga, atravéz dos multiplos e ás vezes profundos assumptos que o escriptor aborda e em que se embrenha.

Porfim tudo isto nos dá a impressão de uma vasta e complexa intelligencia, fortemente culturada, e sympathica, de que o orgulho resalta palpavel, si a susceptibilizam, mas cujo maior encanto provém justamente da naturalidade, mesmo da *nonchalance* com que ella normalmente se manifesta, numa facundia notavel, segura, mesmo visivelmente satisfeita de si, em todo caso sem ir ao destempero dos deslumbramentos morbidos.

Graças a esse seu complexo de qualidades, entre as quaes varias, — concordaremos, — representarão defeitos encaradas de certo ponto de vista, o sr. Sylvio Roméro é um inquebrantavel, uma individualidade-legião, que, depois de ter produzido quanto é justo lançar no seu haver, ainda promette o que é natural esperar-se do declinio que mal se pronuncía numa vida em que ha qualquer coisa de gigante.

NUNES VIDAL.

SCIENCIA E INDUSTRIA

As falsas appendicites — Os professores Reclus e Dieulafoy de accordo em condemnarem as operações inuteis.

Na sessão do dia 27 de junho, continuou, na Academia de Medecina de Paris, o debate entre Reclus e Dieulafoy; este, sustentando que a coexistencia da appendicicite e da entero-colite muco-membranosa é uma excepção rarissima; aquelle, affirmando o frequente encontro das duas affecções.

A's estatisticas de Potain, invocadas por Dieulafoy, Reclus oppõe numerosos testemunhos de medicos e cirurgiões, a estatistica do dr. Bernard, que, sobre 1.100 casos de entero-colite, verificou 76 appendicites, cerca de 7 %, a do dr. Talamon, verificando sobre 80 casos de appendicite, 20 enterites coexistentes, chegando á conclusão de que um doente sobre 6 soffre, ao mesmo tempo, de appendicite e de entero-colite muco-membranosa.

Surprehende que tão grandes divergencias de apreciação possam existir entre observadores tão qualificados e de reconhecida bôa-fé.

E Reclus interroga a Dieulafoy si este não experimenta alguma duvida sobre a existencia da appendicite chronica, como poderia fazel-o suppôr o que elle chamou appendicites microscopicas, inexistentes, falsas appendicites, sendo indispensavel recorrer sempre ao exame microscopico que lhes revela as alterações constitutivas.

A proposito dos doentes que continúam a sentir as mesmas dôres depois da operação, observa Reclus que a ablação do appendice tem sempre o effeito de curar uma entero-colite, mas não se póde contestar a essa operação a utilidade de supprimir um fóco de infecção dos mais perigosos.

Elle recuza o testemunho dos doentes, o qual não se deve jámais elevar á categoria de um facto scientifico, e por isso fez allusão á publicidade desse debate, que póde despertar-lhe interesse sem alcance, sem consequencias uteis porque elle não tem competencia para aprecial-o.

Terminou com uma calorosa homenagem á sciencia e á consciencia dos cirurgiões dos hospitaes.

Como o seu mestre Verneuil, é de opinião que se opera de mais e está de accordo com Dieulafoy em condemnar os cirurgiões ignorantes que praticam operações culposas porque são inuteis.

Dieulafoy replica para dizer que o dr. Duret, correspondente da Academia e professor da Faculdade de Lille, o encarregou de levar á meza um trabalho concernente á materia em discussão. Entre varias considerações, o dr. Duret insiste sobre a confusão da typhlocolite tomada como appendicite e chega á conclusão seguinte:

—O facto clinico enunciado por Dieulafoy é de uma verdade incontestavel. Muitas pessôas atacadas de typhlocolite muco-membranosa ou calculosa são indevidamente operadas de appendicite. No interesse geral, é indispensavel agir com prudencia, sem precipitações temerarias.

O fim da communicação foi, essencialmente, chamar a attenção dos clinicos e cirurgiões para o facto, e recommendar-lhes muita attenção nos diagnosticos para evitar erros operatorios.

O conhecido professor declarou-se satisfeito por ter sido o seu appello approvado por homens eminentes, como Lancereaux, Le Dentu, Richelot, Duret e, á ultima hora, Reclus.

Poderemos divergir — disse — em questões de minucias ou de interpretações, mas estamos absolutamente de accordo sobre o ponto essencial do debate.

***

A theoria da hereditariedade dos caracteristicos adquiridos.—As experiencias para a demonstração biologica.

A affirmação feita por um eminente biologista de que se não trausmittem por hereditariedade os caracteristicos adquiridos, provocou calorosa discussão no mundo scientifico, e as experiencias, empregadas nesse sentido para obter demonstrações decisivas no sentido positivo ou negativo, fôram de grande importancia para esclarecerem a evolução e condições actuaes da vida organica, com as differenças que surgem, quando se comparam plantas e animaes contemporaneos como os da historia geologica.

O dr. de Meyer, rezume os resultados dessas investigações no Archivo de Biologia de Paris.

Para estabelecer o principio da não hereditariedade dos caracteristicos adquiridos, citaram-se casos de feridas e mutilações que nunca se trausmittiram de uma a outra geração; a perda de um olho, de uma orelha não reapparece como deformidade na progenie do individuo. Por outro lado, o desenvolvimento de um numero extraordinario de dedos póde reincidir em gerações successivas.

Mas a maioria das feridas não transmissiveis por herança affecta sómente uma insignificante parte do corpo, ao passo que, si interessam uma parte essencial, pódem ser transmissiveis. Uma variação é trausmittida quando se origina de effeitos sobre todo o organismo de modo a produzir profundas alterações e não simples manifestações locaes.

Seria de grande utilidade para os filhos herdarem preciosas aptidões adquiridas pelos paes; si assim fôsse, porém, a hereditariedade seria desastrosa quando transmittisse defeitos ou vicios. Si animaes ou plantas conservassem, embóra muito difusos, traços de todos os accidentes e feridas de seus antepassados, a teratologia seria materia de inestimavel importancia.

O corpo de todas as plantas e animaes é composto de cellulas, divididas em duas ordens distinctas, apresentando antitheses profundas e radicaes: a primeira comprehende grande variedade de cellulas que fórmam a *soma*, ou corpo, no sentido restricto da palavra; outra contém o germen de cellulas que não pódem ser differenci-

adas: são protomorphicas mas possúem todos os elementos do organismo completo *in potentia*.

As cellulas germen transmittem, sómente, as suas proprias variações individuaes e não são absolutamente affectadas pelas modificações de suas visinhas; as cellulas somaticas, entretanto, pódem, em muitos casos, mudar.

Dahi parece resultar que os caracteristicos adquiridos são herdados sómente quando são de natureza geral e affectam todo o organismo.

Como exemplo disso, o auctor cita as experiencias feitas em uma raridade de cevada, cultivada no sul da Noruega, a qual brota e floresce em cerca de cento e setenta dias. Plantaram-na em sitios ao norte, onde são mais curtos os verões, resultando disso poder ser colhida em setenta e seis dias. Quando a semente dessa cultura foi levada a Christiania, onde os verões são maiores, continuou a florescer no mesmo prazo, em successivas estações, demonstrando que a influencia dos pequenos verões affectára todo o organismo da planta e se tornára um caracteristico fixo.

E' muito conhecido que todas as plantas polares fazem o seu cyclo de desenvolvimento em menos tempo do que as mesmas plantas em regiões temperadas.

Um caso de hereditariedade do reino animal se deu num rebanho de carneiros creados nos Vosges, o qual contraíra uma doença das articulações sob a influencia do clima humido. Esses carneiros fôram transportados para um sitio muito secco, mas os cordeiros, filhos delles, soffriam da mesma molestia.

A molestia era hereditaria? Poderia ser considerada como uma prova de transmissão do caracteristico adquirido?

O dr. Meyer pensa o contrario e attribúe a molestia da segunda geração ao effeito do clima sobre toda a constituição dos animaes, localizando-se nas juntas onde ella era menos resistente ás mudanças de nutrição produzidas pela influencia do clima, de maneira que as modificações actuaram em todo o animal e não sobre um grupo de cellulas. O effeito generalizára-se tanto que, de algum modo, modificára a natureza das cellulas germen.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

PAGINAS ESQUECIDAS

AS LAGRIMAS DO REGATO

Na abobada sem sol da região dos fosseis,
O regato calcareo, os seus meandros doceis,
Desenlio pelo vario e tortuoso gyro.
O feldspatho irisado, e severo porphyro
Os blócos colossaes do esculptural basalto,
Banha, circumda e enflóra, e váe de salto em [salto,
E váe de curva em curva, o barathro descendo,
Do arboreo crystal fluido os fios estendendo...
Um delles atravessa a gorja petrea e ossuda
Do elephante primévo, outra em lago se muda:
Este váe esmaltar os veios de pyrite,
Aquelle em gottas cáe da dura stalactite,
Como o leite que fiúe de exúberante poma,
Este outro de um repuxo a esparsa fórma toma,
Mas todos vão descendo em impeto fremente,
Porque descer ó sempre é sorte da corrente
E o regato viajor no abysmo solitario,
Depois de completar na terra seu fadario,
Lembra-se com saudade, o misero e mesquinho!
Do tempo em que tocava a roda de um moinho;
Em que ouvia de tarde as amorosas queixas,
Dos salgueiraes banhando as luridas madeixas
E do sol reflectindo o disco luminoso.

Quem lhe déra voltar a esse viver ditoso!
E no silencio, então, das lagrimas supremas,
Váe-se crystalisando em perolas e gemmas...

AUGUSTO DE LIMA.

* *

O SR. NABUCO

« Philosophava do pulpito um dia o padre Vieira: «Não ha maior delicto no mundo que o ser melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo, antes lhe desejára um grande delicto que um grande merecimento. Um grande delicto muitas vezes achou piedade: um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados.» Mas a generalidade dos applausos, com que foi acolhida a escolha do sr. Joaquim Nabuco para a nossa representação no arbitramento sobre a pendencia anglo-brazileira, ahi está deixando ver, por uma excepção bemvinda, que nem sempre se verifica o pessimismo, ainda mal quasi sempre certo, do grande prégador.

Não era de nossa parte que o acto do Governo podia ter duvida na approvação. Muito ha que aconselhamos á Republica a selecção das capacidades em todas as opiniões e em todos os partidos. Por outro lado, em todos os tempos, o auctor destas linhas tem sido um dos que mais admiração professam pelo merito do nomeado, cuja carreira ascendente acompanha desde os primeiros surtos. Lamentavamos a muralha, apparentemente insuperavel, que o separava dos serviços do paiz, sob as instituições actuaes. Não podiamos, portanto, deixar de estimar a occasião patriotica, que lhe estendeu afinal, por sobre o fosso das prevenções ordinarias, a ponta de honra, considerada, com razão, pelo nosso eminente conterraneo como «um presente da fortuna.»

As qualidades organicas do sr. Joaquim Nabuco não lhe permittiam, por mais que quizesse, furtar-se á actividade politica. Sob a compressão que lh'a vedava, ella irrompia a miude, nos seus escriptos, em juizos, sentimentos, suggestões de actualidade, que involuntariamente o punham em contacto com os homens, as coisas e os factos correntes. Na *Vida* monumental de seu pae e na encantadora *Historia* da sua formação transborda a exhuberancia de uma personalidade, cujo poder de acção não lograva conter-se no refugio meditativo da religião e das lettras, a que o idéalismo do artista suppunha ter disciplinado as exigencias do luctador. Accedendo, logo, pelo que não ha sinão louval-o, ao convite do Governo, o patriota cedia, ao mesmo tempo, insensivelmente a uma necessidade da sua tempera, a uma força interior de sua vocação, a expansão inevitavel da sua individualidade, a um impulso do seu destino, que o não creou só para escrever uma penna a historia, sinão tambem para a elaborar com os seus actos.

Habituado a proceder «como seu proprio chefe», não faz cabedal o dr. Joaquim Nabuco da sentença, em que o hão de julgar entre as intransigencias e os fanatismos de um e outro extremo. Com taes independencias não se accommoda a politica de partido. Bem fez, porém, o illustre brazileiro como homem deste ou daquelle bando militante, mas como amigo de sua patria, cuja existencia e honra, superiores a todos os regimens, não se ligam essencialmente á sorte de nenhum.

Nem sempre se póde servir á nossa terra, sem desservir aos nossos corre-

ligionarios. Nas conveniencias dos seus, desfechou consideravel golpe a attitude isenta e livre do dr. Joaquim Nabuco, pondo acima de todas ellas as do Brazil, as da sua nacionalidade, as da sua perpetuidade, as da sua integridade. Ainda que se não inspirasse, porém, sinão nos supremos interesses desta causa suprema, a collaboração de um monarchista de tamanha valia nas responsabilidades da tarefa republicana, ha de necessariamente actuar como um jacto de agua fria no fervor das esperanças imperialistas.

O commum dos espiritos não é capaz dessas discriminações delicadas. Para os membros da sua communhão politica este nome, que o novo regimen acaba de incorporar ao escasso peculio das suas utilidades, era um desses cimos inaccessiveis, que hypnotizam a confiança dos ultimos confiantes. Que o zelo destes, pois, se sinta profundamente maguado no melindre do seu exclusivismo, e o abalo da surpreza lhes invada o derradeiro presidio da sua fé, suscitando amargos resentimentos, mui natural será, muito humano. Nem faltará, no acervo das queixas, o concurso dos logicos da escola, em cuja balança, pezadas, no desenlace eventual da missão, as duas hypotheses, se dirá talvez que a victoria viria aproveitar unicamente á consolidação da Republica, ao passo que o revez comprometteria a aspiração monarchista, compromettendo-lhe a popularidade na pessôa de um dos seus mais altos representantes.

Como essa commoção influirá no seio do monarchismo, se operando como reactivo, para o decantar dos elementos duvidosos, precipitar os principios puros e promover entre elles a homogeneidade, a cohesão, a solidez, se lavrando, pelo contrario, como dissolvente, para apressar a sua reabsorpção na massa republicana, só o tempo o dirá, pronunciando entre as conjecturas de hoje.

Seja, porém, como fôr, um incontestavel serviço, ao menos, terá prestado, com este proceder, o sr. J. Nabuco á situação dos seus correligionarios politicos neste regimen. E esse beneficio é, simultaneamente, um beneficio ao paiz.

A tolerancia, que até hoje tão difficilmente se lhes tem concedido, atravéz de suspeitas e perseguições, deve-lhes estar assegurada agóra na extensão da mais plena liberdade.

No habil convite do governo republicano ao preclaro monarchista, na annuencia do monarchista ao convite republicano está implicitamente sellado um pacto inviolavel de reconhecimento dos direitos constitucionaes da opinião politica, a cuja porta a Republica foi bater em busca de um auxiliar para a solução de difficuldades nacionaes. E tanto maior vem a ser o alcance dessa alliança, a sua expressão, a sua inquebrantabilidade, quanto a iniciativa nasceu espontaneamente de um governo, cujo chefe, noutro theatro, se assignálara pela dureza de uma politica de reacção desabrida contra a propaganda monarchista.

A evolução do sr. Campos Salles é intelligente, é patriotica, e serve melhor aos sãos interesses da Republica do que os mesquinhos recursos do intolerantismo official, cuja chronica de brutalidades e sangue tanto nos envergonha. Esperemos que, de ora em deante, o paiz não continúe dividido em *bons e máus cidadãos* pela orthodoxia do poder, e que, sob uma Constituição, cujas garantias nos permittem discutir a Deus, não se tire a brazileiros a faculdade de questionar a Republica. Esta não tem o direito de negar a liberdade a um partido, do valor de um de cujos próceres se utiliza em materia de tão alta gravidade.

Dest'arte se habituarão a servir em commum á nação as duas opiniões oppostas, combatendo-se no terreno dos interesses contingentes e completando-se na esphera dos deveres superiores.»

RUY BARBOSA.

(D'*A Imprensa*, n. 159, de 13 de março de 1899.)

***

«Na sessão de 8 de janeiro da camara dos deputados da nação portugueza apparecia de subito na tribuna diplomatica um moço elegante e distincto, despretencioso e modesto, que ia contemplar despreoccupadamente os debates da assembléa.

Era Joaquim Nabuco.

Antonio Candido então ergueu-se, e com a sua palavra melodiosa, que tem as vibrações de uma lyra e que é pena que se estrague na questão dos coroneis e na da fornada, emprego que nos faz lembrar a sra. Borghi-Mamo a cantar o hymno da Carta, propoz á camara que franqueasse as portas do seu recinto ao jovem deputado brazileiro, que advoga na sua patria, com vivo e enthusiastico ardor, a causa sympathica da emancipação completa dos escravos.

«Não ha causa mais justa, disse Antonio Candido, não ha pensamento mais elevado, não ha missão mais nobre e mais benemerita, do que a causa, o pensamento, a missão, que exalçam a vida do illustre parlamentar que nos honra com a sua visita. Restituir a milhares de consciencias a soberania do seu pensamento; restituir a milhares de corações a dignidade dos seus affectos; garantir a milhões de braços a prosperidade do seu trabalho; libertar uma raça inteira que tem direito a viver, a progredir, a experimentar a lucta da existencia, como a experimentam homens, e não como a experimentam as especies inferiores; acabar, de uma vez para sempre, com o degradante espectaculo do interesse sobre a justiça, da força sobre o direito, de uma educação perversissima atrophiando cerebros para que não pensem, de uma oppressão brutal esmagando consciencias para que não protestem do azorrague infame retalhando as carnes dos desgraçados cuja vida é uma maldição sem termo e um martyrio sem piedade; fazer isto é fazer uma grande obra, é realisar um altissimo destino, é subir pelo caminho da virtude ás eminencias da gloria, é ter reunido os melhores titulos á mais profunda admiração e ao mais justo respeito humano.

Pro Christo sicut Christus, escreveu-se na sepultura de John Brown, martyr pela emancipação dos negros na America do Norte; os que na America do Sul continuaram o seu pensamento, pódem orgulhar-se de pertencer á familia daquelle veneravel cidadão que sacrificou á liberdade de uma raça o sangue de dois filhos e o seu proprio.

A nós, povos de outra cultura, povos de outra civilisação, faz-nos bem levantar de quando em quando os

olhos das pequenas questões que tantas vezes nos embaraçam e dividem sem razão, e em que consumimos uma prodigiosa força de talento e de coragem, que podia e devia ter mais legitimo emprego; faz-nos bem levantar os olhos de tudo isso e fixal-os na heroica revolução que pretende na presente hora realizar este pensamento, o mais simples da philosophia mas o mais difficil e custoso da historia: «a transformação de homens em cidadãos.»

Agradeçam-me os leitores o ter arrancado do *Diario das Camaras*, onde ninguem o leria, este formoso trecho de prosa, e realmente o que eu devia fazer é transcrever agóra a formosissima carta que Joaquim Nabuco escreveu ao presidente da camara dos deputados, e teria engrinaldado o retrato do illustre parlamentar brazileiro com a mais florida e radiosa moldura que podia desejar essa sympathica physionomia.

Não quero, porém, deixar de prestar a minha homenagem pessoal a este talentoso moço e a este orador já hoje illustre e grande.

Não lhe escrevo a biographia, porque teria apenas de narrar o prologo de uma existencia que está fadada para ser illuminada por todas as glorias e para subir a todas eminencias.

Como escriptor, lançou á publicidade ha oito annos um formoso livro *Camões e os Lusiadas*; como orador, conquistou logo no parlamento um logar tão eminente, que o partido democratico do Brazil o considera como o seu *leader* na questão especial da escravatura, e que o Gabinete Portuguez o encarregou de ser o seu orador nas festas do centenario.

A physionomia do emancipador foi esboçada já em rapidos e brilhantes traços por Antonio Candido; resta-me só dizer duas palavras a respeito do escriptor nas suas relações com Portugal.

Porque ha dois motivos principaes que explicam a recepção cordialissima que se fez a Joaquim Nabuco em Lisbôa, além do seu esplendido talento que sempre lhe grangearia o affecto e o respeito de todos.

Em primeiro logar, Joaquim Nabuco é o campeão de uma causa sagrada e sympathica aos que amam a liberdade nas suas mais amplas manifestações.

Em segundo logar, Joaquim Nabuco está bem longe de pertencer a uma pleiade de escriptores brazileiros, que parecem esquecer-se de que o sangue que lhes corre nas veias é sangue portuguez, e de que, se a independencia do Brazil é por todos considerada um facto, que, longe de nos inspirar qualquer resentimento, não póde sinão despertar a nossa sympathia, é justo tambem que lá se não esqueçam de que devem zelar como suas proprias, porque o são, as nossas tradições, as nossas glorias, a herança commum que recebemos daquelles que fundaram esse portentoso imperio a que estão reservados tão prosperos destinos.

Joaquim Nabuco disse — e ainda ha pouco relembrava essa phrase numa das suas cartas que escreveu e publicou em Lisbôa — que os *Lusiadas* e o Brazil eram as duas maiores obras de Portugal. Acceitamos a phrase não como um méro cumprimento com que se retribúe a nossa hospitalidade, mas como a affirmação eloquentissima de uma grande verdade historica, até entre nós já um pouco desconhecida.

Sim, o Brazil foi obra nossa, e quando o vemos desenvolver na immensa extensão da America do Sul a sua linha pictoresca de formosissimas cidades agitar nesse revolto continente a bandeira da paz e da civilisação, fazer ondear nas cathedraes maravilhosas das suas florestas, como o incenso de um thurybulo, o fumo da locomotiva, dar a esse corpo de gigante as ramificações nervosas dos fios telegraphicos, trabalhar, lidar incessantemente, fazer ascender o negro á dignidade do homem e o homem á dignidade do cidadão, enriquecer a nossa lingua com poemas e novas obras primas, tomar emfim o primeiro logar na America do Sul e um dos primeiros logares na assembléa do mundo civilisado, soltamos do fundo do nosso velho solar de fraguedos á beira-mar um bravo enthusiastico, e sentimos novas forças para irmos fazer, nas duas costas africanas, o que fizemos na America Meridional! E quando, num porvir mais ou menos remoto, Angola fôr tambem um paiz independente e glorioso, quando S. Sebastião de Moçambique, como S. Sebastião do Rio de Janeiro, um fóco de luz e um centro de civilisação, quando ao hymno do progresso luso-americano responderem do lado de cá do Atlantico, debaixo do Equador e nas zonas ardentes dos tropicos, echos sympathicos em portuguez tambem, poderemos adormecer no somno eterno das nações, embalados pelo canto monotono do Oceano, porque teremos cumprido largamente a nossa missão historica, porque teremos dado, velho e apodrecido tronco, novos e luxuriantes rebentos, porque teremos inscripto, na heraldica das nações futuras, entre os mais gloriosos, o nome da familia portugueza!

Bemvido seja, pois, ao sólo dos seus maiores o grande orador, o eminente escriptor brazileiro, que pisa com respeito e commoção a terra donde saíram os seus ascendentes, que procura no chão das nossas sepulturas as cinzas de seus paes, e que nos estende a mão fraternal, que apertamos tambem com sincera estima e com inteira confiança.

PINHEIRO CHAGAS.

(Do *Occidente*, de Lisbôa, 1881.)

O ALMIRANTE (90)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

Hortencia insistia em recuzar tenazmente essa proposta que lhe inspirava horror como tudo o que lhe recordasse o tragico incidente da estrada da Gavea, gravado no seu espirito como um ponto sombrio, como a macula de um crime, cuja responsabilidade os desvelos, a mais heroica abnegação, o sacrificio do casamento não tinham conseguido attenuar. Demais, as caricias de Oscar, a submissão resignada com que elle cumpria a sua palavra de esperar o anhelado momento da integração da sua felicidade lhe provocavam congestões de pudor, cerceavam-lhe a energia para resistir, e os seus instinctos de mulher se alarmavam á idéa de se achar, na floresta, no seio da natureza exúberante, fecunda, saturada de emanações excitantes, a distillar venenosos filtros embalsamados, a sós com aquelle homem que tinha sobre ella todos os direitos.

O empenho de Oscar era arrancal-a da solidão daquella formosa vivenda,

daquelle ninho não festejado ainda pelos canticos do amor, daquelle lar não consagrado onde os dois esposos figuravam como dois prisioneiros de um compromisso sem raizes nos corações; os excessivos carinhos, a cortezia galante forrada de ternura eram para Hortencia um ardiloso assedio a lhe reduzir, cada vez mais apertado, os meios de defeza. Ella estremecia de horror, prevendo o momento da capitulação que se lhe antolhava uma vergonha, a immolação dos seus idéaes.

A marqueza que os acompanhava de perto, na intimidade, com infatigaveis carinhos maternaes, começou a perceber que á união dos dois esposos faltava algo que ella não pudera bem definir; ella sentia ao lado delles uma atmosphera de frieza, repassada, ás vezes, de melancolia; os carinhos reciprocos trocados na presença della tinham o tom de cumprimentos vulgares, o destaque de uma affectação de maneiras de exhibição, sem o colorido quente do amor que tem o direito ás expansões mais francas, sem os véos diaphanos de uma affeição que médra ainda nas penumbras do pudor. Ella verificára, com penosa surpreza, que Oscar conservava os seus habitos de solteiro, denunciados pela luz que elle Mantinha na bibliotheca até alta noite como no tempo em que se consagrava ao estudo dos difficeis problemas da marinha. Além disso, ella não comprehendia porque os esposos adoptassem o costume europeu de dormirem separados.

Numa das occasiões em que surprehendeu Hortencia a scimar sob a folhagem espessa das jaqueiras, á hora matinal, a marqueza deliberou interpelal-a para desvendar a verdade, a causa daquella sombra de tristeza que lhe ia, pouco a pouco, deformando o formoso rosto.

— Que é de Oscar? — inquiriu ella, tocando-lhe de leve no hombro.

— Oscar? — exclamou Hortencia, estremecendo de susto — Não sei... Deve estar na bibliotheca.

— Não o viste ainda hoje?...

— Não. Despertei muito cedo. Vim respirar o ar livre neste parque, que é um encanto... Que agradavel é vir aqui receber os primeiros raios do sol...

Houve um momento de pausa em que a marqueza hesitava deante dos meios de abordar o assumpto.

— Queres que te fale francamente?

E como Hortencia lhe lançasse um olhar de timida interrogação, ella continuou:

— Não te magôes com o que eu te vou dizer. E' o meu coração de mãe que te vae falar. Ah, minha querida Hortencia, sinto que não és feliz...

— Eu?!... — exclamou a moça, atemorisada — como si fôssem devassados os mais intimos refólhos do seu coração.

— Que te falta? Adquiriste posição, fortuna, um marido que é um homem superior, capaz de satisfazer os mais exigentes idéaes de uma mulher, um homem que te ama com immensa paixão...

— Mas.. eu não me queixo; eu estou completamente satisfeita com o meu destino.

— Porque, então, evitas, por todos os meios, apparecer na sociedade com teu marido? Tu sabes que esse retraimento tenaz, systematico, concluiria por despertar a attenção dos maldizentes, como já despertou a minha. Dar-se-á que te envergonhes da tua situação admiravel e que te escondas para não te expores aos invejosos? Que poderão dizer? Que cazaste com um homem muito mais velho do que tu? Que fizeste um casamento de conveniencia?...

Hortencia não respondeu; mantinha os olhos fixos na areia tapetada de folhas amarelladas, que a brisa da manhã desprendia dos galhos altaneiros.

— Seja como fôr — continuou a marqueza, animada pelo silencio de Hortencia — deves considerar que essa abstenção póde ser mal interpretada, póde parecer ridicula... Olha, tua mãe é de minha opinião, pois já perceben, como eu, que os teus modos encobrem qualquer coisa que não comprehendemos... Ella, porém, não ouza falar-te... Vamos, minha querida filhinha, não tenhas receio de me abrir o teu coração, a mim, que te quero, que te amo, que te considero o o anjo tutellar da minha velhice...

— Que te hei de eu de dizer?

— A verdade, a causa dessas nuvens de tristeza que já não pódes disfarçar...

Hortencia hesitou um momento, fitando os olhos maguados no terno semblante da marqueza.

— Vamos, filha. Não tenhas receio em me confiar o teu segredo.

— O meu segredo? Eu já te disse que sou completamente feliz. Que tem que me retráia, que não appareça nas festas, nos theatros? Será isso porventura um dever a que eu falte?...

— Não é natural que, moça e bella, te esquives assim...

— Mas é natural que eu me habitúe á vida de esposa, a essa convivencia em que me achei de surpreza, arrastada por esse triste acontecimento. Não me restaurei ainda da surpreza, das commoções que me abalaram. Oscar não me recrimina essas maneiras que te parecem culpaveis.

— Oscar ama-te. Isso explica tudo. Elle se subordina a tudo, obedece passivamente á tua vontade para não te magoar, para não violentar os designios que eu chamarei caprichos infantis. E tu mesma deve concordar em que esse appello para o habito dura de mais. Bastariam, para isso, dias, alguns dias de natural acanhamento; entretanto, ha mezes que vivem juntos, não direi como dois inimigos, mas, com certeza, como duas creaturas quasi indifferentes.

(*Continúa*).

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Os nossos chefes do Estado-Maior.— A sua acção nas manobras annuaes do Quarto Districto.—Os coroneis.—Os militares no Congresso.— Os mudos. —Os tenentes-coroneis.— Os serviços extranhos ao ministerio da Guerra.

Chamemos agóra á scena os nossos chefes do Estado-Maior, os quaes, pelo seu delicado destino devem constituir-se da nata da officialidade do exercito; facto esse que, infelizmente, não é muito verdadeiro entre nós. A respeito de taes serviços, estamos muito afastados de um estado satisfactorio, embóra seja bem folgado o numero dos individuos incumbidos das funcções correspondentes.

O quadro é avantajado; os seus officiaes sujeitaram-se a longos cursos theoricos nas escolas por onde passaram, durante a sua mocidade; mas, em virtude da nossa inveterada indolencia, tudo quanto alli aprenderam, com o decurso do tempo e com a inactividade em que teem vivido, foi-se pela agua abaixo; e, hoje, é provavel que a maioria não mais se lembre daquellas babuzeiras, cujo unico fim era de fornecer cursos.

E, demais, nas longiquas éras em que elles estudaram, essas coisas de serviços de Estado Maior eram consideradas de modo muito diverso, secundariamente, dando-se-lhes um aspecto de simples serviços de ordenança. O official desse agrupamento reduzia o seu papel ao de um simples transmissor de ordens, sem vontade nem opinião proprias; tal qual ainda se pratíca no nosso meio. Com essa estreiteza de vistas, era natural que elles precizassem saber muito pouca coisa e por isso reduzido é o numero dos capazes de desempenhar as suas obrigações na altura das novas exigencias: continuam a ser gente sem funcções perfeitamente definidas, atravancando, em logar de ajudar os generaes a cujas ordens servem.

Agóra mesmo, a proposito das manobras annuaes do Quarto Districto, cujos resultados praticos não precisa-

mos encarecer, estão as altas auctoridades militares seriamente embaraçadas para empurrarem o pessoal do Estado Maior para a frente, collocando-o em seu verdadeiro papel.

A sua acção, porém, tem sido tão fraca, tão sem vida, que já prevemos a quasi inutilidade da sua intervenção. Queira a sorte que todos os santos do céo os ajudem dando-nos alguma coisa prestavel ou, ao menos, uma idéa desmaiada da interferencia desses senhores, desmentindo o conceito que se fórma da sua pequena importancia pratica.

***

Deixando de parte essas recriminações, passemos em revista o quadro, para uma rapida apreciação dos seus officiaes superiores.

Os coroneis são em numero de oito no quadro ordinario e dois no extranumerario. Estes são professores ou lentes em disponibilidade : é gente competente e capaz de desempenhar, no momento precizo, os seus encargos ; teem dado provas da sua actividade em diversas occasiões, assistindo-nos o direito de assim os considerarmos.

Entre os demais, pela incapacidade sobresáe com grande vantagem, um que nada explica como a tão alto chegou ; e ainda mais para admirar como, apezar da sua cegueira, se conserve em logar que se exige competencia e actividade desusadas, qualidades que absolutamente não possúe, nem jámais possuirá, porque está muito velho para se desfazer de habitos inveterados e aprender o que até o presente não conseguiu fazer.

Dois entregaram-se á vida politica: são deputados. Basta isso para mostrar que estão completamente descaminhados. Quando para cá voltarem, farão o papel de simples ornamentos agaloados ; virão augmentar a lista respeitavel dos *sem prestimo*, dando-nos por felizes si, por uma dessas alchimias politicas, não arranjarem elles os bordados de general para complemento da obra.

E o que é mais doloroso: — essa gente, quando se pilha alçada a essas elevadas posições, na generalidade dos casos, esquece-se da sua modesta origem. Nem ao menos servem para ajudar ou animar a passagem de medidas geraes interessando o Exercito ; antes, qualquer intervenção, tomada com calor, é para destruir ou atrapalhar as bôas reformas e provocar actos de méro favor em desaccordo com as leis e regulamentos em vigor, o que quasi sempre conseguem graças ao terror dos governos e ministros ás suas ameaças opposicionistas.

Outros — coitados ! — vivem num mutismo perenne, causando inveja até ás proprias pedras. Que lhes saibam !

Resta-nos tratar de cinco.

Desses — um tem fama antiga. Por onde tem passado, deixou sempre notas bem interessantes do seu desabusado procedimento. Contam-se a seu respeito factos curiosos, mesmo muito curiosos, tantos e tanto que a letra de imprensa, aqui, não os imprimirá..

Outro está ao pintar para cargos de gabinete ; muito cuidadoso em materias de papelada e trabalhador ; mas, no campo, como chefe de Estado-Maior junto a alguma brigada ou divisão, é muito provavel sentir-se em serios embaraços.

Dos tres ultimos — um afasta-se da chateza geral ; outro não conhecemos sufficientemente, deixando, por isso, de aventar qualquer juizo, bom ou máu, sobre sua pessôa. O terceiro conhece alguma coisa da sua profissão, mas o seu physico, muito arredondado, parece inspirar pouca confiança.

***

Entre os tenentes-coroneios — temos seis no quadro extranumerario e doze no ordinario.

Dos primeiros, dois são lentes em disponibilidade e exercem funcções politicas. Os outros quatro egualmente lentes e professores, estando alguns em disponibilidade. Por esses signaes, conclúe-se, sem grande difficuldade, que sob o aspecto militar, — como officiaes de Estado-Maior — muito pouco promettem, si algum dia fôr o Exercito obrigado a recorrer aos seus prestimos,

O que ha de mais notavel em tudo isso — é que essa disponibilidade de lentes, aos montes, se affigura coisa pouco seria. Em geral, essa gente vive empregada noutros mistéres, nada havendo a extranhar si aos novos empregos não reunissem as gordas vantagens percebidas por motivo de disponilidade.

Ninguem, de certo, contestará a falta de correcção desse systema ; que um deputado ou senador militar, pela sua qualidade de lente ou professor em disponibilidade, goze de todas as vantagens pecuniarias tal como se achasse no exercicio effectivo da sua cadeira, e, ainda por cima, faça jús ás porcentagens estatuidas para os que realmente leccionam.

São direitos adquiridos — dirão — adquiridos e infinitamente elasticos...

No quadro ordinario, encontram-se cinco distraídos do serviço do Exercito : um, como governador de ambicionado e rendoso Estado nortista ; outro, deputado — sonho dourado que alimenta ha uns quinze annos, tendo visto muitas vezes frustradas as suas doces tentativas, apezar da muita cervejinha que gastou e de muito papel triste que representou. O que lhe vale é que tem geito e paciencia, sendo um dos que mais promettem interessar-se pela classe. Si o fizer, como esperamos, todo o passado será esquecido, e só terá os nossos louvores. Outro é senador ; ainda outro serve na Força Policial e o ultimo, finalmente, commanda o Corpo de Bombeiros.

De modo que dos dezoito tenentes-coroneis de Estado-Maior, onze estão afastados do serviço, restando apenas sete sobre os quaes o ministerio da Guerra tem acção effectiva.

Cumpre confessar que isso será muito bonito, e mesmo bastante commodo sob o pooto de vista individual, mas para a collectividade, para o Exercito, nenhum lucro dará semelhante anomalia.

Entre esses sete officiaes, destaca-se um pela sua reconhecida incapacidade sob todos os aspectos, o que podemos sem receio affirmar, visto como já tivemos a infelicidade de servir bem perto da sua pessôa. Dois outros nos são quasi desconhecidos, e os tres ultimos teem interesse pelo serviço, principalmente um, que muito se dedica ao estudo da sua profissão, sendo provavel ser util a sua interferencia no terreno pratico.

TENENTE MAX.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

TERCEIRA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA

Esta redacção assegura aos srs. Delegados estrangeiros á Terceira Conferencia Internacional Americana, todo o prazer com que participa das festas nacionaes em sua honra, ao mesmo tempo em que, com o Presidente e com o povo brazileiro, se congratula pelo memoravel acontecimento da inauguração da assembléa continental.

Nosso ministro das Relações Exteriores, o sr. Rio Branco, inaugurou, no dia 23, a Terceira Conferencia Internacional Americana, com este discurso:

«Meus senhores—Ao inaugurar dos trabalhos da Terceira Conferencia Internacional Americana, cabe-me a grata missão de, em nome do Governo e povo do Brazil, saudar as nações aqui representadas e dirigir aos seus dignos delegados os nossos cumprimentos de feliz chegada.

Essas saudações, exprimindo o sentir muito cordial de um povo tradicionalmente agazalhador, são acompanhadas do nosso sincero agradecimento por haver sido eleito desta vez o Rio de Janeiro para séde da Conferencia. De facto, nunca antes se viu em territorio brazileiro tão numerosa e selecta assembléa de estadistas, jurisconsultos e diplomatas estrangeiros; e posso assegurar que o Brazil, como o seu Governo, sabe aquilatar devidamente essa grande honra, que, com o nosso applauso, já coube a Washington e ao Mexico, e successivamente ha de caber ás capitaes dos outros Estados americanos.

Os nossos votos são por que desta Terceira Conferencia rezulte, confirmada e definida em actos e medidas praticas, de interesse commum, a auspiciosa segurança de que não estão longe os tempos da verdadeira confraternidade internacional. Já é della um penhor esse animo geral de procurar meios de conciliar interesses oppostos ou apparentemente contrarios, encaminhando-os em seguida para o mesmo serviço do idéal do progresso na paz. Já ella se manifesta na intelligencia com que se busca promover relações politicas mais intimas, evitar conflictos e regular a solução amigavel das divergencias internacionaes, harmonizando as leis do commercio entre os povos, facilitando, simplificando, estreitando os contactos entre elles.

Noutros tempos reuniram-se os chamados Congressos da paz para assentar nas consequencias das guerras, e os vencedores dictavam a lei aos vencidos, em nome da futura amizade bazeada no respeito do mais forte. Os Congressos de hoje são quasi sempre convocados em plena paz e sem constrangimento algum, por bem entendida previdencia, para regulamentar a actividade pacifica das nações, e nelles se attende por egual ao direito do mais fraco como ao do mais forte. Elles dão corpo e fórma e auctoridade á lei internacional, felizmente cada vez mais acatada, o que constitúe um grande passo na historia da civilisação. Elles teem por origem ao mesmo tempo os movimentos de opinião produzidos pela maior diffusão da cultura intellectual, pela importancia progressiva dos interesses economicos e pela propaganda assidua dos sentimentos humanitarios e de concordia. A's negociações atormentadas e crueis em que um pede justiça ou generosidade e outro impõe a lei da sua exclusiva vontade, succedem agóra as discussões serenas e amistosas em que cada parte expõe simples e claramente o seu modo de ver sobre questões praticas, e de conveniencia geral. Ahi as concessões representam conquistas da razão, transacções amigaveis ou compensações aconselhadas por interesses reciprocos. Não ha nellas sinão gestos amigos, significativos da verdadeira cortezia uzada entre pares. E de tal modo, longe de diminuir, a dignidade nacional sáe accrescida desses encontros diplomaticos em que não ha vencedores nem vencidos.

São, de certo, essas considerações familiares ao espirito dos preclaros membros da Conferencia Internacional; são familiares e subentendidas por nós todos que aqui estamos, mas não são excusadas como declaração expressa do proposito real e sincero com que nos reunimos.

Ainda é um residuo ingrato dos tempos passados, em que a lição da historia só ensinava o pessimismo, a idéa de que agrupamentos de homens só se fazem contra outros homens. A nossa reunião em conferencia incorre acaso na suspeita de ser uma liga internacional contra interesses aqui não representados. E' precizo, pois, affirmar que formal ou implicitamente todos os interesses serão por nós respeitados; que na discussão dos problemas politicos e commerciaes submettidos ao exame da Conferencia, ella não trabalha contra ninguem e só viza a maior approximação entre os povos americanos, o seu bem-estar e rapido progresso, com o que a Europa e as outras partes do mundo só teem a ganhar.

Nações ainda novas, não podemos esquecer o que devemos aos formadores do capital com que entramos na concurrencia social. A propria vastidão dos nossos territorios, em grande parte desertos, inexplorados alguns, e a certeza de que temos recursos para que neste continente viva com largueza uma população dez, vinte vezes maior, nos aconselhariam a estreitar cada vez mais as relações de bôa amizade, a procurar desenvolver as de commercio com esse inexhaurivel viveiro de homens e fonte prodigiosa de energias fecundas que é a Europa. Ella nos creou, ella nos ensinou, della recebemos incessantemente apoio e exemplo, a claridade da sciencia e da arte, as commodidades da sua industria, e a lição mais proveitosa do progresso. O que, em tróca desse inapreciavel contingente moral e material, lhe pudermos dar, crescendo e prosperando, será certamente um campo mais importante para o emprego da sua actividade commercial e industrial.

Meus senhores, ha dias tinhamos a dolorosa impressão de que os trabalhos da Conferencia se iam abrir estando em guerra tres Republicas irmãs. Hoje tenho o grande contentamento de vos annunciar que, graças aos bons officios do presidente dos Estados-Unidos da America e do presidente dos Estados-Unidos do Mexico, assim como ao patriotismo e sentimentos americanos dos tres Governos e Povos que haviam appellado para o juizo das armas, reina agóra perfeita paz em toda a extensão do nosso continente.

Está aberta a Terceira Conferencia Internacional Americana.»

—

Respondeu a este discurso, por delegação da Conferencia, o sr. Ascencion Esquivel, da Costa Rica:

«Senhor Ministro de Estado: Os srs. delegados á 3ª Conferencia Internacional Americana conferem-me a alta honra de dirigir-vos a palavra depois de ouvirem o conceituoso discurso que acabáes de pronunciar e que está chamado a ter grande echo no mundo graças ao recto criterio em que se inspiram as declarações feitas em nome do illustre Governo dos Estados Unidos do Brazil.

A historia das Conferencias Pan-Americanas apresenta-as sempre deliberando dentro dos limites da equidade e de um patriotismo esclarecido; e, comquanto seja certo que é lento o seu trabalho e que si não chegou ainda á realização dos idéaes que se

tiveram em vista, não se póde negar um applauso sincero aos esforços que nas duas Conferencias passadas se puzeram em pratica para obter o estabelecimento da paz sobre bases firmes e o desenvolvimento dos interesses que possam contribuir para o maior bem-estar de todas as Republicas do continente.

Nesse trabalho proseguirá a presente Conferencia. Não era por nós conhecido o juizo que o governo do Brazil formava ácerca das apprehensões que a Europa manifestou em relação aos trabalhos da nossa Assembléa, mas não podemos duvidar, dada a elevada cultura do povo brazileiro, que o seu Governo não esqueceria os laços que nos unem á Europa, nem favoreceria accôrdo algum contra interesses não representados na Conferencia.

Ouvimos com satisfação as expressões do sr. ministro de Estado, e de nossa parte consignamos tambem que as vantagens que offerecemos na America a emprezas mercantis constituem para nós um bem inapreciavel, por motivo dos valiosos elementos que em troca obtemos para o nosso progresso, e que taes vantagens devemos conservar, mantendo abertas as nossas portas ao commercio para beneficio reciproco de todos os povos e sem outras restricções além das que a cada Republica aconselham os seus proprios interesses.

Damos principio aos nossos trabalhos com a fé que inspiram os nobres objectivos.

Si algum beneficio se conseguir em favor da paz e do progresso da America, elle se deverá em parte principal ao respeitavel governo do Brazil, que promoveu efficazmente a realisação da Conferencia e a quem apresentamos as homenagens da nossa gratidão pelo seu cordial acolhimento e pela sua generosa hospitalidade.»

***

O presidente da Conferencia, eleito por unanimidade, menos um voto, dado em favor do sr. Esquivel, é o sr. Nabuco, chefe da nossa delegação.

O *Jornal do Commercio* resumiu o seu discurso:

Começou por dizer que, profundamente reconhecido, agradecia a honra feita ao Brazil pela assembléa, escolhendo para seu presidente o presidente da delegação brazileira. O sr. barão do Rio Branco, em seu discurso, já havia dito como o Brazil comprehendia estas reuniões dos Estados Americanos. Pois bem: toda a politica do Brazil se rezumia em uma politica de hospitalidade, e todo o nosso proposito, toda a nossa ambição era realisal-a o mais elevadamente possivel; fazer de todos paizes, amigos proprios e communs. O objectivo das conferencias americanas não era outro sinão crear lentamente a opinião americana, o espirito publico americano, e é uma grande questão saber de que modo as conferencias devem trabalhar nesse sentido. Ha dois modos de entender estas assembléas, um dos quaes as representa como grandes parlamentos abertos á opinião publica e reflectindo a sua acção quer no paiz onde as conferencias se reunem, quer naquelles que nellas se fazem representar. Outro modo de considerar estas assembléas, e este é o do orador —parte do ponto de vista de que por meio delles nunca se póde forçar a opinião de um só paiz, de uma só das nações que nellas tomaram parte. Não pódem ser—diz o orador—intervenções collectivas. Por outra, pareciallhe que o grande objectivo das conferencias internacionaes americanas era collectivar aquillo que já fôsse unanime, e de quatro em quatro, de cinco em cinco annos, reunir o amadurecido no Continente todo, e dar-lhe o prestigio do apoio de todas as nações. Era um processo lento, mas que sempre acabava resultando efficaz. Elle evitava que fôssem mortas ao nascedouro instituições destinadas a atravessarem seculos. E' uma obra que requer grande prudencia, especialmente da parte da nação que succede dar hospedagem ás suas co-irmãs do Continente. Estou certo que nenhuma nação deixaria de lucrar com esta politica, a unica adequada a assegurar o futuro das reuniões, a tornar effectiva a approximação de todas as Republicas, exteriorizar o desejo geral de mostrar que nenhum proposito temos, na America, capaz de merecer desconfiança ou susceptibilidade, e que estamos dispostos a praticar entre nós a mais perfeita cordialidade, a mais estreita harmonia.

«Com estes sentimentos — concluiu s. ex.—occupo a cadeira com que fui honrado graças á benevolencia e magnanimidade de todas as nações representadas nesta assembléa.»

***

Ha uma nota que consignar, e o fazemos com a sympathia e a solidariedade que nos merece a causa da paz do nosso continente. A communicação, feita pelo nosso ministro do Exterior, de que as republicas de Guatemala, Honduras e S. Salvador ajustaram a paz, tão lamentavelmente alterada até bem poucos dias, inspirou ao sr. Portella, da Republica Argentina, a seguinte moção approvada por unanimidade:

«*A Terceira Conferencia Internacional Americana, reunida no Rio de Janeiro, exprime ao presidente dos Estados Unidos da America e ao dos Estados Unidos do Mexico a satisfação com que considerou a mediação que promoveram para o ajuste da paz entre as Republicas de Guatemala, Honduras e S. Salvador.*»

***

A iniciativa das conferencias internacionaes americanas, vizando a concretisação da doutrina de Monroe, cabe, por todos os titulos, ao grande estadista americano James Blaine, que teve a concepção nitida dos interesses collectivos dos povos do Novo Mundo e consagrou a esse glorioso empenho os mais poderosos esforços.

No principio do anno de 1880, appareceram no Congresso dos Estados Unidos da America varios projectos concernentes ao estabelecimento de uma união commercial e politica com as nações latino-americanas. Em 21 de janeiro daquelle anno, David Davis apresentou ao Senado, por intermedio de Hinton Rowen Helper, um projecto para a animação de mais intimas relações commerciaes entre os Estados Unidos e a republica do Mexico, as da America Central, o Imperio do Brazil e varias republicas da America do Sul, convocando-as para um congresso que se occuparia da questão de um caminho de ferro internacional.

Depois de varios incidentes de ordem politica, James Blaine promoveu a primeira conferencia, dirigindo, em 29 de novembro de 1881, ás nações americanas a seguinte circular:

«A attitude dos Estados-Unidos no que concerne á paz geral no continente americano é bem conhecida pelos constantes esforços empregados durante annos para evitar os males da guerra ou, no insuccesso desses esforços, terminar os conflictos com a intervenção de conselhos pacificos ou pela advocacia do arbitramento imparcial.

Essa attitude tem sido consistentemente mantida, sempre com tanta lisura que não deu pretexto a imputarem ao nosso governo outros motivos que não fôssem o desinteresse humanitario, o empenho de salvar estimados Estados do continente americano dos onus da guerra. A posição dos Estados-Unidos, como potencia preponderante no Mundo Novo, poderia justificar o direito de auctoridade para dirimir as discordias entre os seus visinhos com os quaes mantem as mais amigaveis relações; entretanto, os bons officios do nosso governo não teem nem tiveram jámais o caracter de manifestações imperativas ou compulsorias, limitando-se aos actos de solicita bôa vontade, de reciproca amizade.

Durante alguns annos se desenvolveu, em certos Estados da America Central e do Sul, uma disposição benefica para dirimir as duvidas emergentes de graves questões de limites pelo arbitramente em vez de resolvel-as violentamente pela espada.

A existencia dessa progressiva tendencia convenceu o Presidente de que chegára a opportunidade para congregar a bôa vontade e activa cooperação de todos os Estados do sul e do norte do hemispherio occidental, no interesse da humanidade e bem estar das nações.

Impressionado por essas generosas tendencias, o Presidente dirige a todos os paizes independentes da America do Sul e do Norte um convite para participarem de um congresso geral que se reunirá na cidade de Washington a 24 de novembro de 1882, para o fim de estudar e discutir os methodos de prevenção da guerra entre as nações americanas.»

Sobrevindo complicações internacionaes na America do Sul, esse congresso foi indefinidamente adiado.

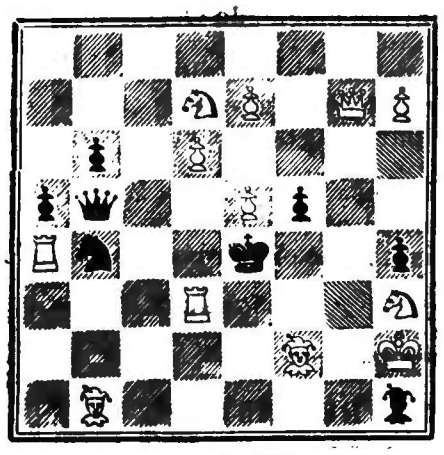
O convite para a conferencia que se realizou em Washington a 2 de outubro de 1889, foi dirigido pelo sr. Bayard, secretario de Estado, cabendo a James Blaine, que lhe succedera no cargo, proferir o discurso inaugural de bôa vinda aos delegados das potencias latino americanas e dirigir os trabalhos da conferencia.

XADREZ

PROBLEMA N. 57

H. D'O. Bernard

PRETAS (8)



BRANCAS (12)

Mate em dois lances

***

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Em agosto será organisado um torneio nacional para o campeonato da Inglaterra com 12 concurrentes. Será tambem disputado o campeonato feminino.

— Em Nova York, torneios femininos com um brilhante successo. A sra. Charles P. Frey, de Newark, conquistou o campeonato.

— Marocai viajou pelos Estados Unidos, de victoria em victoria; visitou successivamente Nova York, Brooklin, Boston, Scranton, Wilkesbar, Chicago, Milwaukee, Minneapolis, São Luiz, Canton, Memphis, Nova Orleans e Winnipeg. Jogou cerca de 500 partidas, das quaes perdeu umas 16 ou 17 e empatou 50.

— Falleceu Max Judd, forte amador dos Estados Uuidos. Morreu em São Luiz, no principio de maio, com a edade de 54 annos. Conquistou premios em varios torneios e foi consul geral dos Estados Unidos em Vienna.

— Consta a morte de Pillsbury.

***

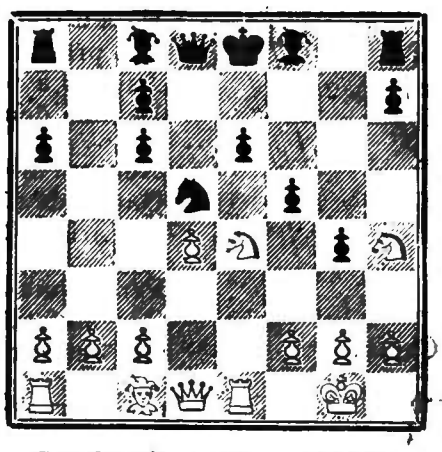
PARTIDA N. 63

(Jogada no ultimo torneio para o campeonato da Nova Zelandia)

CONTRA-ATAQUE DO PD

Brancas (Kummer)		*Pretas* (Kelling)
P 4 R	— 1 —	P 4 D
P × P	— 2 —	D × P
C 3 B D	— 3 —	D 1 D
P 4 D	— 4 —	C 3 B D
C 3 B R	— 5 —	P 3 R
B 5 C D	— 6 —	P 3 T D
B × C x	— 7 —	P × B
Roque	— 8 —	C 2 R (*a*)
C 5 R	— 9 —	P 3 B R
C 3 B R	— 10 —	P 4 C R (*b*)
C 4 R	— 11 —	C 4 D
T 1 R	— 12 —	P 5 C R (*c*)
C 4 T R	— 13 —	P 4 B R

Depois do 13º lance das Pretas



C × P ! (*d*)	— 14 —	P × C
C 6 D x. dp.	— 15 —	R 2 D
C 7 B R	— 16 —	D 3 B R
C × T	— 17 —	D × C
D 2 R (*e*)	— 18 —	B 2 R (*f*)
P 4 B D	— 19 —	D 3 B R
P × C	— 20 —	P × P
B 4 B R (*g*)	— 21 —	P 3 B D
B 5 R (*h*)	— 22 —	D 2 B R
T D 1 B D	— 23 —	B 2 C D
P 3 T D	— 24 —	P 4 T R
T 3 B D	— 25 —	T 1 C R
T 3 C D	— 26 —	B 1 B D
T 3 R	— 27 —	B 4 C R (*i*)
B 4 B R	— 28 —	B 3 B R
T 6 R	— 29 —	R 1 D
T 6 D x	— 30 —	B 2 D (*j*)
D × P T	— 31 —	B 4 R
B × B	— 32 —	T 1 R
D × P	— 33 —	T 2 R
D 8 T D x	— 34 —	R 2 B
T 6 B D mate	— 35 —	

(*a*) Prefiro B 3 D seguido de C 2 R.

(*b*) O lado da Dama está desorganisado, o avanço deste pião é fraco; melhor seria 10... C 3 C R.

(*c*) Considerando a posição exposta do seu R e o máu desenvolvimento das suas peças, o avanço deste pião é imprudente 12... B 2 R deveria ser jogado.

(*d*) Muito bom; aproveitam-se habilmente da posição exposta do rei adverso.

(*e*) A chave do sacrificio no 14º lance. Não ha nenhuma bôa resposta a este lance.

(*f*) 18... B 3 D ou 18... D 3 B R não é melhor.

(*g*) Podiam ao menos ganhar um pião e a qualidade por 21 — B 5 C R seguido de D 6 R x, no caso de D × B.

(*h*) Immediatamente 22 — T D 1 B D seria melhor. O B estava mais bem collocado a 4 B R, onde não estorvava a acção da Dama. O lance do texto não tem como resultado sinão forçar a Dama preta a occupar uma casa melhor para a defeza.

(*i*) 27... B 1 B R era melhor para impedir a T branca de vir a 6 D.

(*j*) A posição das Pretas é desesperada; as Brancas terminam a partida em um estylo excellente.

(*Notas de Hollins.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 56 (*Leprettel*): 1 — C 4 B D, R × T (*a, b, c, d, e, f, g, h, i, j*); 2 — D 6 B D x, R × D; 3 — C 7 R mate.

(*a*) 1... C 3 D x; 2 — C × C, R × T ou B × C; 3 — C 7 R ou 6 B R mate.

(*b*) 1... C × D; 2 — T × B x, R joga; 3 — P 3 R mate.

(*c*) 1... R 4 B R; 2 — C 7 R x, R joga; 3 — D 3 R ou D × C mate,

(*d*) 1... C 3 C; 2 — D × C x, R joga; 3 — C 6 C ou P 3 D mate.

(*e*) 1... C 4 B R; 2 — T × B, C × T; 3 — C 6 B mate.

(*f*) 1... B 5 D; 2 — T × B x, R joga; 3 — C 7 R mate.

(*g*) 1... B 2 C R; 2 — D 6 R x, B 4 R; 3 — T 4 D mate.

(*h*) 1... B 7 T D; 2 — B 2 B D, R × T; 3 — C 6 C mate.

(*i*) 1... P 7 B; 2 — C 2 D x, R joga; 3 — P 4 D mate.

(*j*) 1... B 6 D; 2 — P × B, R 4 B; 3 — D 6 B mate.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

— «*Vida* de Raphael Pinto Bandeira, ligeiras notas esparsas para a biographia do heróe continentino», por Alcides Cruz, o illustre jornalista rio-grandense do sul.

— «*Intuições*», por Satumino Meirelles, o joven poeta morto tão prematuramente. O nosso presado collaborador o sr. Rocha Pombo escreveu um bello prefacio a esse livro, — «livro feito só para almas». E' dolorosissimo o prologo escripto pelo saudoso auctor, de cuja irmã, sua dedicada auxiliar, nos fala em commovidas palavras.

A edição dos srs. Fonseca Saraiva & C., Rio de Janeiro, é magnifica, sem embargo de lamentaveis erros typographicos.

— «*Ensaios* philosophicos sobre o mecanicismo do Direito», tomo 1, pelo sr. Almachio Diniz, da Bahia.

*

Recebemos o num. 1, anno I, da *Revista Branca*, desta capital. São seus redactores os srs. Eloy Pontes e Americo Leitão e gerente o sr. Asterio Dardeau. O programma dessa revista, mensal, é sympathico: «estimular rapazes; publicando-lhes as producções sobre qualquer assumpto que queiram escrever.»

SOROR NATALIA

(CONTO DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM)

Nessa tarde outomnal doce, enervante e bella,
Na sombra religiosa e quieta da capella
Dum humilde mosteiro entre as *sierras* perdido,
Na ardente Andaluzia, — o olhar puro embebido
Na Virgem Mãe de Deus — a irmã Natalia orava.
Do campo, pela porta aberta a meio, entrava
Com a viração fragrante uma vóz amorosa,
Que entoava uma canção fresca, moça, audaciosa,
Rythmada ao meigo som dum bandolim fremente.
E a canção perturbava a bella penitente
Que de joelhos dizia á excelsa Mãe :
— « Senhora !
Cheia de angustia e fé meu coração implora
Tua infinda piedade e teu perdão sublime,
Pois o que vou fazer é o mais horrendo crime :
E' forçoso, é fatal — abandono esta casa,
Para attender a vóz dum amor que me abraza,
Me mata e delicía... Essa canção me chama !
O pobre morrerá, si não parto — elle me ama !
Tu que sabes o ardor com que te adoro, oh Santa,
Perdoarás a paixão terrena que me encanta
E dá ao meu peccado um sabor agro e suave.
Eis eu deixo a teus pés o meu véo, eis a chave
Da minha cella : parto... Adeus... adeus... Perdôa !»

Depositando aos pés da Mãe augusta e bôa
O seu habito e a chave, e sem erguer o olhar
A' imagem d'ouro e azul no seu modesto altar,
Saíu. Brilhava a lua. A vóz da monja inquieta
Ergueu-se : — «Juan !»
Don Juan, o afortunado poeta,
Bello e nobre surgiu num cavallo alteroso,
E logo após, tremente a moça, elle ditoso,
Galopavam os dois sob o luar silente..

Fôram mezes de amor passados loucamente
A viajar sob o céo encantador da Italia :
Elle alegre, sorrindo á ventura, Natalia
Pensativa, ao caír dum sonho de Poesia
Na realidade rude e cruel que a entristecia.
O tedio finalmente, ou talvez as saudades,
Os fizeram voltar á Hespanha breve, e em Cadix,
Numa doce manhã, risonha e illuminada,
Natalia despertou sosinha e abandonada,
Sem o jurado annel nupcial, nem a esperança
Dum filho.
Um só queixume a misera creança
Não soltou, resolvida a morrer sem demora.
O ouro que lhe restava espalhou na mesma hora
Pelos pobres ; porém, no terrivel momento,
Lembrou-se do distante e tranquillo convento
E da humilde capella e da Virgem sem par,
Toda d'ouro e de azul no seu modesto altar...
E quiz inda uma vez rever a santa Imagem.

Esmolando na estrada, após dias de viagem,
A' noitinha — ao clarão do constellar luzeiro —
Chegou Natalia emfim defronte do mosteiro.
Commovida, transpoz a larga porta aberta
Da capella, que estava em silencio e deserta.
Sob o triste pallor da lampada fulgia
Mysteriosamente a Imagem de Maria,
Ante quem se ajoelhou a bella soffredora,
Cujo pranto dizia :
« Oh Virgem Redemptora !
Bem sei que não mereço a vossa benção pura !
Ignorava — ai de mim — nessa hora de loucura
Em que, para escutar palavras fementidas,
Abandonei aqui minhas irmãs queridas,
Que vergonha, que dôr me estava reservada !
Hoje por toda a parte eu me vejo apontada,
E sobre tudo aqui, as filhas do Senhor
Me mostrariam logo, a estrada, com horror,
Si além desta capella eu penetrar ouzasse !
Piedade, minha Mãe ! »
Disse e caíu com a face
No chão. Nisto sentiu Alguem tocar-lhe no hombro,
E a tremer de terror e de um mystico assombro,
Ouviu a Vóz do Céo, lenta, sublime e grave
De manso sussurrar na solidão da nave :

— « Na noite em que partiste, aos meus pés depuzeste
A chave de tua cella e a tua benta veste :
Lembras-te, minha filha ? — Eu pois te substituí,
Tua cella occupei, teu habito vesti,
Por ti cumprindo a santa regra hora por hora.
Emquanto loucamente andavas mundo em fóra,
Nesta casa ninguem percebeu tua ausencia,
E inda és soror Natalia — um anjo de innocencia.
Filha ! toma de novo as vestes monacaes,
Volta para tua cella.. e não nos déixes mais ! »

LEOPOLDO BRIGIDO.

MAGNA CULPA

Que grande culpa a minha ! Amar uma princeza,
Uma linda senhora, excelsa e intelligente,
Que nos faustos da Côrte arrasta a realeza
Que se enrosca a seus pés com visos de serpente !...

Fôra ultrage impellido á propria natureza :
Eu, presumpçoso bardo e misero indigente,
Aspirar á conquista enorme da riqueza
De uma deusa immortal das plagas do Occidente !

Nem sei dizer-te agóra os calculos estultos,
Que pude alimentar ácerca dessa gloria
Que iria collocar-me a par dos grandes vultos !...

Perdôa-me a loucura intensa e transitoria !...
Recebo finalmente humilde os teus insultos
Que sempre valem mais. que os loiros da victoria !...

Rio — 1906. IGNACIO RAPOSO.

A MORTE DE DANTE

Pelo caminho desta vida, um dia
Messer Dante Alighieri, o Florentino,
Já velho, enfermo, tremulo, sentia
Fugir a luz de seu olhar divino.

Vibrava a alma sonora, mas soffria
Aquelle corpo debil e franzino,
Para o céo de Ravenna, que fulgia,
Voltado o rosto transparente e fino.

Vem breve a noite, e todo o céo se enflora
De luzentes estrellas. Dante, agóra
Beatamente extatico e feliz,

Ouve vózes evangelicas.. e sente
Que as palpebras lhe cerram docemente
Os invisiveis dedos de Beatriz.

LEOPOLDO BRIGIDO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 2 de Agosto de 1906 — Num. 92

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O Convenio de Taubaté. — Obra prima do «blóco». — A crise que está reservada aos lavradores, quando faltar o comprador official. — A attitude dos exploradores.

Indifferente ao vigoroso bombardeio da palavra fulminante do sr. Barbosa Lima, o Convenio de Taubaté, conforme a ultima edição do sr. David Campista, atravessou ovante o rapido debate da Camara, rijo, duro, invulneravel, como si fôsse a massa esmagadora do «blóco», nivelando, numa compressão irresistivel, todas as resistencias activas e passivas. No Senado elle passará, como coisa assentada de pedra e cal nos altos designios dos directores da politica, por méras formalidades para cumprir o preceito constitucional.

Os productores indigenas pódem já entoar lôas de agradecimento, hymnos de alegria pela victoria da idéa velha e desprestigiada por tentativas desastrosas, reeditada entre nós como extrema medida de salvação da Patria, pois a tanto equivale assegurar comprador certo para a safra, um comprador que não regateia, não discute: paga e não bufa, emquanto houver dinheiro para manter esse mercado artificial que não póde ser um factor economico, que não passa, finalmente, de uma caprichosa subversão de leis e principios reguladores da materia.

Desejamos sinceramente que a realisação do plano do Convenio desminta os nossos vaticinios, provocando um phenomeno novo nas regiões da economia politica e por isso mais precioso. Palpita-nos, porém, que veremos, com tristeza, a reproducção aggravada das loucas tentativas anteriores, daquelle syndicato de café que, ha cerca de vinte annos, deu em droga com immenso prejuizo para o Thezouro Nacional.

O Estado irá supprir a desidia, o emperramento rotineiro de lavradores que nada fizeram para a valorisação do seu producto; o Estado supportará as consequencias de males que elles accumularam, indifferentes a longos annos de experiencia e, quando se esgottar o manancial que se váe abrir no ventre dos contribuintes, a situação da lavoura do café volverá ao nivel deprimido a que baixou em consequencia de erros, da ignorancia, de omissões, do relaxamento da população deste paiz essencialmente agricola e cada vez menos agricultor.

Os lavradores pódem, agóra, esperar com uma perna ás costas, na doce illusão de quem deu destino certo ás suas colheitas, os miraculosos effeitos desse beneficio ephemero, precursor de outra crise mais pavorosa consecutiva á reacção que se effectuará quando lhes faltar o comprador official, no momento em que este fôr obrigado a vender os «stocks» adquiridos, sobrecarregados pelas despezas de armazenagem, pelo juro do capital empregado e outras melgueiras inherentes a taes negocios, uma vez que com vinagre se não apanham moscas.

Mas é conveniente, é de grande alcance politico hypnotizar essa bôa gente de uma ingenuidade que attinge á parvoice de que nós vamos, com os nossos milhões, dominar o mercado do café, que deveriamos, ha muito, ter dominado com a nossa intelligencia: é indispensavel que essa gente se persuada de que os exploradores, pontifices da velhacaria, ficarão de braços cruzados deante da nossa tolice e, num clamor afflictivo, nos peçam misericordia quando os preços attingirem vertiginosas alturas. E' conveniente que elles adormeçam na confiança de que os baixistas, os riquissimos «trusts», empregados nessa especulação, não empregarão meios de defeza, artificios de resistencia ao plano do Convenio que lhes dilata os labios em sorrisos de ironia.

Do nosso lado, deve-se contar com o interesse individual procurando a maior somma de lucros por todos os meios que a ganancia suggira em detrimento do plano do Convenio.

Em todo o caso, não é presumivel que desse proteccionismo «sui generis» resultem transformações favoraveis para a lavoura do café, principalmente no sentido de aperfeiçoar o producto que em todos os mercados consumidores se apresenta em lamentaveis condições de inferioridade. E era para esse lado que se deveria encaminhar uma forte, uma benefica corrente de activa propaganda valorisadora, ampliada aos meios de promover o augmento do consumo, conseguindo offerecer o nosso café por preços ao alcance de todas as bolsas e debellando completamente todos os succedaneos, todas as falsificações justificadas pela carestia desse genero que não é ainda de primeira necessidade universal.

Praza aos céos sejam exaggerados ou contestados pelos factos os receios daquelles que não confiam nos resultados miraculosos dessa obra prima do «blóco».

Mas a verdade incontestavel é que todas as tentativas de nossa politica proteccionista teem

tido consequencias negativas para o consumidor e para o intuito de crear industrias que não surjam naturalmente do desenvolvimento espontaneo do trabalho e de legitimos processos economicos. Onera-se o contribuinte a pretexto de servil-o com os artefactos da supposta industria nacional, impondo taxas prohibitivas á importação de similares estrangeiros, e a consequencia é expulsar o producto bom para impôr o pessimo por preços excessivos.

Os beneficios desse proteccionismo revertem para algumas instituições industriaes que distribúem fortes dividendos, e retribúem os directores das fabricas com bonificações copiosas. Não faz mal, como illustração do caso, invocar o eloquente exemplo do que resultou da protecção aos tecidos, aos phosphoros e ás cervejas nacionaes. Os consumidores pagam pelo dobro productos miseraveis de valor intrinseco; compram morins ralos e frageis depois de privados do arteficio da gomma, phosphoros relampagos e cerveja, cuja composição dá aos amadores amargas saudades das velhas e conceituadas marcas estrangeiras. Neste particular, fala de cadeira o amargo metallico, a saburra das linguas, as dôres de cabeça dos consumidores dessa droga que é um activo agente do depauperamento da mocidade.

Mas... como o que não tem remedio remediado está, submettamos-nos resignados ás deliberações do «blóco» e façamos ardentes votos por que se resolvam de maneira benefica os absurdos que elle está engendrando na sua ladina sapiencia de politiqueiros mettidos a economistas...

POJUCAN.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXVIII

O parecer da commissão, concernente á dispensa do deputado Brant Pontes, o discurso do ministro Carneiro de Campos induziram a maioria, a despeito da má vontade, manifestada pelo orgão de Montesuma, a dispensar na lei e a permittir que Brant Pontes acceitasse a missão do Governo para, em Londres, trabalhar pelo reconhecimento da Independencia — questão de vida ou de morte do Brazil, naquella quadra.

Ora, todas as razões de patriotismo impunham á Camara a conceder a licença requisitada pelo governo do Imperador. Não havia serviço mais util, mais reclamado, nem mais importante e de mais vivo interesse para a nação, do que o reconhecimento da Independencia, reconhecimento que a collocaria na categoria dos povos livres. Ainda havia urgentissimo motivo de mandar um negociador á Inglaterra, isto é, aproveitar da opportunidade, em que o grande ministro G. Canning, rompendo com os potentados da *Santa Alliança*, inclinava-se a favorecer as colonias americanas em lucta com as respectivas metropoles. E', pois, este objecto, que a maioria, não comprehendendo, pretendia recuzar ao Governo, levada de suas desconfianças e sob as inspirações de preconceitos e mesmo por incapacidade e ignorancia. Pelo contrario, si a maioria tivesse tino politico, veria que, negando a licença, em negocio de vital interesse nacional, daria ao Governo, pugnando por elle, o melhor papel, reservando para si a ingloria tarefa, a justa imputação de prejudicar a nação naquillo que ella mais desejava alcançar.

Por sua parte, d. Pedro, attento nos enredos da Camara, estava resolvido, quer fôsse dada, quer negada a licença, a enviar Brant Pontes á Europa, pensando judiciosamente que seria inepcia imperdoavel acquiescer á vontade da Camara, que imbecilmente hostilizava o Governo e não sabia servir ao paiz.

Esse successo põe em evidente relevo não ser a Constituinte sempre respeitosa ou duma obediencia passiva que lhe attribúem alguns dos notaveis e competentes escriptores que se occuparam da historia da Independencia.

Quando se considera a vantagem do resultado da missão do negociador naquelle momento, em que todas as circumstancias da politica internacional eram favoraveis, é que cabalmente se ajuiza do mal que a Assembléa faria á nação, recuzando, como pretendia, a justa e patriotica requisição do Governo. Os escriptores que propalam os grandes serviços, a summa habilidade, os meritorios trabalhos da Assembléa de 1823, sómente provam que não esquadrinharam, nas actas e nas discussões, esses trabalhos e falam, segundo a tradição oral, passada de geração em geração com as alterações que deturpam a verdade. Como este caso da licença se nos deparam outros, em que reconhecemos as inexperiencias, erros e inepcia dos constituintes que funccionaram no recinto da cadeia velha.

Terminado o incidente da licença de Brant Pontes, a Camara proseguiu na discussão dos artigos do projecto de Constituição. Já havia votado e approvado os artigos relativos ao territorio, concernente ás condições para ser cidadão brazileiro, quer pelo facto do nascimento, quer por adopção legal. Agóra passava a tratar dos direitos do cidadão, entre elles o da liberdade individual e da religiosa.

Como a materia que fórma o trama da historia dum parlamento, cifra-se nas idéas, nos actos, nos projectos de leis, na proficiencia das deliberações, na sagacidade e previsão de dirigir os acontecimentos e convertel-os em proveito da causa publica, é indispensavel avaliar alguns discursos que pódem mostrar, não só o valor intellectual, mas a esphera de acção em que se desenvolviam as suas idéas e desta sorte póder-se-á julgar si a Assembléa representa o estado psychologico da sociedade e si tinha preciza e verdadeira comprehensão de seus instinctos e de suas necessidades, fraquezas e energias, dos pensamentos e aspirações.

O debate ácerca dos direitos do cidadão brazileiro foi animado e deu azo ao deputado de Minas, Maciel da Costa (marquez de Queluz) fazer uma série de considerações judiciosas, mostrando possuir bastante cultura da sciencia da politica e do direito constitucional. A liberdade pessoal mereceu a attenção de alguns oradores mais conspicuos. Nesse ponto, o projecto não apresentava nenhuma especialidade; reproduzia doutrinas, que datam da grande revolução franceza, que consagrou as theorias dos direitos do homem preconizadas pelos philosophos e publicistas do seculo XVIII; adoptou disposições de outras constituições existentes.

A liberdade religiosa, materia de que o projecto tambem se occupou, concentrou em si a attenção dos representantes mais instruidos e capazes; forneceu occasião de assignalar-se um deputado, sinão pela originalidade ao menos por laivos de excentricidade... Daremos alguns excerptos do discurso que proferiu na ses-

são de 8 de outubro, com aquella solemnidade que lhe era habitual e que enchia a maioria de profunda admiração : «Sou já quasi pó e cinza, affirma Silva Lisbôa (visconde de Cayrú) e poucos tempos me restam nesta scena visivel. Estando proximo a apparecer ante o Juiz Supremo, devo, por descargo de minha consciencia, falar no presente assumpto, em que entro com língua balbuciante, pela sua importancia e perigosa consequencia.

Senhor presideute,não se tendo conseguido o adiamento do § 3º do art, 7º, proposto a discussão e que eu pedi para se reservar ao tempo em que se deliberasse sobre os arts. 14 e seguintes, que lhe são immediatamente connexos, por serem explicações e modificações da *liberdade religiosa*, que se euumera entre os direitos individuaes do cidadão brazileiro, sendo impossivel entender-se e fixar-se o sentido de tal liberdade sem ter-se a vista estes e outros artigos explicativos ou modificativos : haveudo comtudo posto em discussão o dito paragrapho,não posso deixar de submetter a esta augusta Azsembléa os meus sentimentos a esse respeito, declarando ser o meu voto a suppressão de tal paragrapho.

Elle seria indifferente numa obra litteraria, como titulo dalgum capitulo, em que o escriptor tratasse de expôr a definição e a limitação da *chamada liberdade religiosa*, porém sendo posta em um projecto de Constituição sem ser definido e dal-os aos ouvidos pios e necessariamente produzindo no espirito de um povo uma terrivel impressão e verosivelmente o juizo sinistro de que se pretende tirar-lhe a sua religião ou diminuir-lhe a justa estimação e preferencia della, concedendo-se illimitada faculdade aos naturaes do Brasil de desertarem da religião de seus paes e publicamente seguirem e professarem seitas e heresias de paizes estrangeiros ; não posso deixar de impugnar o paragrapho em questão ; tanto mais que reconheço os grandes e cultivados talentos dos redactores do projecto, em que se suppunha prudencia politica para não apresentarem nelle uma doutrina que tende o abalar nos entendimentos fracos os immoveis principios do catholicismo.»

O orador julga-se mais animado após ter ouvido os discursos do bispo cappellão-mór e de dois oradores ecclasiasticos, que mandaram a emenda *liberdade razoavel*. Silva Lisbôa profliga semelhante emenda e persuade ser impossivel traçar os limites do que é razoavel no caso vertente : assim tendo desenvolvido abundantes considerações repete com o poeta Lucrecio : *Tantum religio potest suadere malorum*. O orador pinta do vivo o extremo com que o povo ama e adora a sua religião ; pensa que ha de se apavorar vendo a Constituição facultar a qualquer desertor dessa religião que tem sido, diz com emoção Silva Lisbôa, e constantemente é o nosso conforto e a esperança da felicidade eterna e que aliás, por tantos motivos de credibilidade, tem todos os visiveis caracteres de revelação divina. Esta religião, brada o visconde de Cayrú, fez epocha nos annaes das sociedades humanas ; perpetuou a éra christã ; civilizou as nações que antes eram barbaras, e são cheias de desordens civis e politicas aquellas que ou não na tem abraçado, ou só recebido com schismas e divisões arbitrarias, apartando-se do *centro de união*, isto é, da cabeça visivel da Egreja Universal, o summo pontifice de Roma. Não ha na Europa um só estadista que tivesse a temeridade de approvar este artigo.

Silva Lisbôa prosegue : « Sr. presidente, no meu humilde entender : *liberdade religiosa*, considerando as circumstancias do Brazil, vem a ser : *liberdade do perjurio e liberdade da apostasia*.»

Silva Lisbôa induz dos juramentos que os brazileiros já prestaram, de ser sua e de guardar a religião catholica, a conclusão que manifestou agóra : vir a Constituição estabelecer como direito individual ter liberdade religiosa é o mesmo que declarar *que póde perjurar e prescindir de seu juramento*, sendo apostata da religião em que nasceu e que tem publicamente professado sem que disso o Governo possa tomar conhecimento. Silva Lisbôa é tambem adverso á tolerancia e pretende justificar o seu pensamento com varios argumentos.

«Tem-se dito que a *liberdade religiosa* tem um sentido muito claro. Mas por ella não se póde eutender a *liberdade de consciencia*, isto é, a faculdade de pensar sobre objectos religiosos e o direito de dar cada um seu culto de *actos internos* de adoração a Deus, tendo crença de seus attributos conforme as luzes de sua razão, ou de sua especial inspiração. Sobre esta nunca houve duvida de estar fóra do poder humano, que jámais póde forçar entendimento e coração. Mas a questão só é dos *actos externos* relativos a culto publico.

«Sr. presidente, eu tenho, pela minha edade e profissão, lido assáz o que se tem escripto a favor, ou contra a *verdade religiosa* e tolerancia politica. Tenho lido as historias sobre crenças religiosas, bem como systema de governo civil. Por isso não me oppuz ao artigo que faculta aos estrangeiros a liberdade de sua religião, quanto para o effeito de só terem os direitos de cidadão brazileiro. E que mais se lhe podia conceder para os interesses publicos do Imperio combinados com os dictames da humanidade e caridade christã ? Os respectivos governos não teem requerido nem teem direito de reclamar superiores vantagens a beneficio do seu commercio e relações amigaveis. Os dois exemplos de tratados com a Russia e a Inglaterra isso confirmam. Porém, conceder-se egual liberdade religiosa aos naturaes do paiz, ainda que fôsse com reserva do culto só em capellas particulares, nunca foi pretendido pelo povo brazileiro. Portanto, a concessão que agóra se declara no projecto sobre *liberdade religiosa*, vem a ser de méra phantasia e arbitrariedade : *sem mandato expresso da nação*, nem ainda tacito, ou presumido dos nossos constituintes provinciaes.»

O orador accumula uma alluvião de referencias á Constituição portugueza, as idéas de tolerancia preconisadas pelos philosophos do seculo passado, a pura religião do divino pensador do christianismo, que só requer a *adoração de Deus em espirito e verdade*. Mas, não obstante as razões plausiveis, os estadistas se devem regular pela experiencia: temos o grande facto proximo na revolução de França, diz o visconde de Cayrú. A proposito da tolerancia, faz uma animada pintura das luctas, das horribilidades, que affligiram a sociedade franceza, a despeito das declarações dos direitos do homem e das liberdades na administração e religião, que o povo francez (que antes era muito subordinado e catholico) nunca imaginára nem reclamára. Observa como, por fim, o atheismo ficou triumphante até que Bonaparte, quando primeiro consul, restabeleceu a religião catholica, porque sempre foi a nacional.

«E' regra de jurisprudencia, prosegue Silva Lisbôa, (que ainda mais deve reger em politica) não se fazer disposição legislativa e muito menos constitucional, sem necessidade. Esta regra nos deve servir de estrella polar. Todos os prudentes concordam que a melhor constituição é a que mais se accommoda ás circumstancias do paiz a que se destina.»

O orador insiste em mostrar que a tolerancia uão tem razão de ser no Brazil, onde não ha nacionaes que tenham a fatuidade de professar o Lutheranismo, o Calvinismo e outras seitas dissidentes da religião catholica. «Portanto, diz, a concessão do artigo da *liberdade religiosa* é uma *liberalidade prodiga*, não solicitada pela nação e uma singularidade inaudita e nem ainda reclamada por alguma consideravel fracção dos cidadãos brazileiros. O artigo em questão suppõe a monstruosidade de se franquear a *heretica pravidade* nos compatriotas. Uma vez que se introduzisse a liberdade *religiosa* não se poderia im-

pedir que se formassem congregações de diversas seitas e se erigissem templos e cultos publicos com seus particulares rituaes e extravagantes liturgias, como dos methodistas etc. Que escandalo viria disso ao povo e especialmente ao devoto sexo? Que pae de familia não deseja crear a seus filhos nos dogmas e preceitos do catholicismo?

O orador discorre sobre o espirito de innovações, que acerbamente estygmatiza, e diz que esta augusta Assembléa, em sua sabedoria e prudencia, considere quaes seriam os effeitos da liberdade constitucional de qualquer cidadão professar publicamente as religiões lutheranas, calvinistas, etc., e em consequencia crear seus filhos e familia e terem, não obstante isso, as dignidades do Estado ao par dos que professassem a religião catholica! Daqui ao *indifferentismo* a todas as religiões não iria sinão um passo e do indifferentismo ao atheismo não distaria um palmo.

.. ..

«E' incontestavel o quanto contribúe para a *unidade* e *força* do Governo e tranquillidade do povo a uniformidade da religião que se acha entrelaçada com a Constituição do Estado. Onde ha uma religião não se deve permittir outra. A tolerancia das seitas só é de racionavel politica a respeito dos estrangeiros, quanto a gozarem dos direitos civicos, visto que tanto convém attraír os industriosos e capitalistas de todas as nações ao Brazil. Seria iniquo, sobre impossivel, forçal-os a mudar de suas crenças. Mas esta razão não se applica para os cidadãos brazileiros nascidos no Imperio.»

EUNAPIO DEIRÓ.

APANHADOS

Os ratos e a pneumonia A pneumonia, é bastante sabido, é uma molestia devida a um microbio, e, segundo um medico americano, o sr. E. Palier, esse microbio não será pernicioso ao homem sinão depois de ter passado por um outro animal sensivel aos seus effeitos, o rato commum, muitas vezes. Encontra-se na bocca de muitas pessôas sãs um microbio que se parece muito com o da pneumonia e, inoculado no rato, adquire uma virulencia consideravel.

Pensa o sr. Palier que a sua maneira de ver explicaria melhor que a de outros porque o bacillo parece tomar de repente mais virulencia, porque a pneumonia é mais frequente no inverno, e finalmente, porque os individuos robustos estão, neste tempo frio, mais expostos que os fracos.

No inverno, os ratos não sáem das casas; andam por todas as partes á procura de alimento, sem sair á rua por causa do frio. Nesses passeios diarios pelo interior das casas, elles devem facilmente encontrar saliva humana contendo microbios. Esses ratos cáem doentes e morrem, e os microbios que elles encerram — tornados então muito virulentos—se dispersam, transportados para o ar. Ahi, por um contacto accidental qualquer, elles se pódem introduzir no organismo humano e então apparece a pneumonia, que tem mais facilidade de se desenvolver nos quartos mal ventilados.

A theoria do sr. Palier dá uma explicação plausivel da duração da pneumonia. Os bacillos pneumonicos no homem não ficam indefinidamente virulentos: elles perdem a sua virulencia, ponco a pouco, em oito ou nove dias, que é o tempo do periodo perigoso da pneumonia. A duração do mal póde ser menor si a infecção fôr operada por um pequeno numero de bacillos sómente ou por bacillos que tenham já uma virulencia attenuada.

***

Festas de Gargantua O publico que se reúne no *Crystal Palace*, de Londres, para assistir ás partidas de *foot-ball* que alli se jogam, gasta, numa tarde, emquanto duram os *matchs*, 1.250 pães de 8 kilos, 1.000 de 4 libras, 100 quartos de novilho, 75 pernas de ovelha, 100 pipas de cerveja, 3.200 litros de leite e uma quantidade extraordinaria de doces, empadas e *sandwiches*. São necessarios para um só dia 240.000 pratos e 120.000 copos.

***

A religião na Groenlandia Emquanto o parlamento dinarmarquez discute a refórma do ensino na Groenlandia, o pastor Bjerre pede que a instrucção religiosa seja confiada aos padres indigenas; os pastores dinamarquezes uão se sabem fazer comprehender pelos groenlandezes. O padre Bjerre cita uma expressão biblica: «cordeiro de Deus», absolutamente incomprehensivel pelos septentrionaes, que desconhecem este animal.

Jornaes japonezes O primeiro periodico japonez foi pubicado em 1852; actualmente está de tal modo adiantada a imprensa no Japão que existem 4.000 publicações, salientando-se muitos jornaes diarios e diversas revistas illustradas.

Um dos principaes diarios de Tokio é o *Dsissi Skimpo* (Novo Tempo) que tem uma tiragem de 400.000 exemplares.

***

O trabalho de Tolstoi O conde Tolstoi, cuja affeição pelo trabalho manual é bastante conhecida, dedicou-se, o inverno passado, a encadernar em couro uns 400 volumes da sua bibliotheca. Depois de alguns mezes, terminou a sua tarefa, não esquecendo, na encadernação dos livros, nenhuma minucia e sem ter o auxilio de ninguem.

***

Geographia humana Uma geographia nova, segundo Jean Brunhes, na *Revue des Deux Mondes*, é a geographia humana creada pelo allemão Retzel em 1882; na geographia physica, brilha e reina, sómente, o dynamismo rigoroso dos agentes naturaes.

A geographia humana é o dominio do compromisso, pois ha uma dupla casualidade em todos os factos que ella regista — uma casualidade humana e uma physica.

***

Doutora japoneza O primeiro diploma de doutor conferido pela Universidade allemã de Marburg, foi conquistado, muito recentemente, por uma japoneza, a senhorita Yada-Mata, de Kummoto. A these da laureada valeu elogios de todos os professores da Universidade.

***

A lepra A lepra não é hereditaria — affirma o dr. Hirsechfeld, que dirige um hospital de leprosos do Grand Chatillon, estabelecido na Guyana Hollandeza no Alto Surinam, a tres horas de Panamarisbo.

As recentes observações feitas no hospital com leprosos demonstraram que esta molestia, que não tem nada de commum com a syphilis, é contagiosa e transmissivel por contacto directo, achando nas predisposições uma

base especial para a infecção como a tuberculose. Ella attinge principalmente aos indigentes, que a pódem communicar aos ricos e é causada, frequentemente, pela falta de limpeza. Até aqui, não se cita um caso de cura radical, mas ha muita confiança na serotherapia.

Ha algum tempo, um medico inglez, o dr. Rost, preparou uma leprolina que se emprega no Grand Chatillon e tem dado, sempre, bons resultados.

***

Cartões postaes Está augmentando de uma maneira espantosa o uzo dos cartões postaes. O anno passado, na Allemanha, enviaram-se 1.160.000.000 ; seguem-se os Estados Unidos, com 770.500.000 e a Inglaterra com 613.000.000.

Quanto ao despacho de cartas, os Estados Unidos deixam atráz todas as nações, com a expedição de.. .... 4.109.000.000, em 1905.

***

Varias Um emprezario theatral de Berlim está construindo na Hollanda um theatro fluctuante com capacidade para conter 2.500 espectadores, e que se destina á navegação do Rheno.

*

O vulcão mais activo do mundo é o Sangay, na Republica do Equador ; mede 5.900 metros de altura e está em constante erupção desde 1728. As detonações se ouvem a miudo até em Quito, distante do vulcão mais de 160 kilometros.

*

Segundo a legislação germanica, não só os patrões são prohibidos de despedir os creados que ficam doentes, como tambem estão obrigados a lhes pagar uma pensão diaria para cobrir as despezas no hospital.

*

O coração do tartaruga continúa pulsando até 36 e, ás vezes, 48 horas depois de haver sido separado do organismo do animal vivo.

*

O verdugo official do imperio austro-hungaro uza um par de luvas brancas todas as vezes que tem de desempenhar o seu officio.

*

Em Liverpool, ha uma bibliotheca publica para uzo dos cegos, que possúe 200.000 volumes impressos em lettras em relevo.

*

O imperio japonez, composto dumas 100 ilhas grandes e de 50 pequenas, conta, actualmente, uma população de 47.800.000 de habitantes.

A ilha Formosa, que está debaixo da protecção do Japão, tem, agóra, mais de 3.000.000 de habitantes.

A edificação no Rio De 1 de janeiro de 1903 a 30 de junho de 1906, construiram-se e reconstruiram-se, no Rio de Janeiro, 3.015 casas.

Este facto nos leva immediatamente á convicção de que o esforço da Directoria de Hygiene não seria tão proveitoso, tão satisfactorio, si não fôra esse concurso do ministerio da Viação e, sobretudo, da prefeitura do Districto Federal.

***

O nosso serviço de vaccinação Durante o primeiro semestre deste anno, vaccinaram-se e revaccinaram-se 1.576 pessôas. Junho bateu o *record* com 811 ; em compensação, abril conta apenas 108. A média de revaccinação, nesse espaço de tempo, é de 151,3, ao passo que a de vaccinação é 111,3.

O medico que mais trabalhou, pelo menos em junho, foi o dr. Torres Homem, do nono districto : Engenho Novo, Inhaúma, Irajá e Jacarépaguá. Praticou, no mez passado, 49 vaccinações e 169 revaccinações.

A LIVRARIA

« PAN - AMERICANISMO », POR ARTHUR ORLANDO.—TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO—RIO.

Uma das novidades que nos proporciona o Congresso Pan-Americano é esta publicação do sr. Arthur Orlando, notavel escríptor nosso, muito conhecido no norte, e que o livro presente váe tornar um nome mais perfeitamente nacional.

O sr. Arthur Orlando pertence á geração que constituiu a terceira phase da escola do Recife ou periodo juridico-philosophico, segundo noticia e classificação do sr. Sylvio Roméro.

Vê-se desde as primeiras paginas desta obra : sobrevivem no escriptor de hoje as qualidades que caracterizaram o grupo de outr'ora. Elle é um philosopho, um seduzido pelas idéas geraes que os assumptos proporcionem, um curioso por geneses, por causas, por effeitos, e consequentemente um estudioso como as suas necessidades intellectuaes exigem.

Na opinião do sr. Arthur Orlando, «a descoberta da machina e sua substituição ao utensilio veio transformar profundamente a economia social creando uma economia nova, a *Economia juridica*, e fazendo pensar em um direito novo, o *Direito Economico*.»

«O objectivo da Federação Internacional americana — diz mais adeante o sr. Arthur Orlando,— será a organisação das forças sociaes, especialmente das internacionaes, em cujo numero estão a imprensa, os correios, os telegraphos, as estradas de ferro, certas emprezas commerciaes, industriaes, agricolas, etc., afim de, impedindo os abusos da plutocracia por parte dos individuos e dos governos, tornar uma realidade o idéal de um *Direito Economico* ou de uma *Economia Juridica* entre os povos do Novo Mundo. O pan-americanismo procura realizar na esphera economica o que o christianismo realizou na esphera religiosa.»

O auctor escreve o presente livro antes de tudo para desenvolver estas duas idéas matrizes e demonstrar a sua plausibilidade. Já se vê, conseguintemente, pelo facto da concepção de taes idéas e depois pelo inevitavel que a defeza dellas impõe, que a obra tem de ser a de um philosopho-jurista.

Dito isso, é redundancia escrever-se que são paginas estas interessantes e pertinentes como as que mais o sejam. Todos nós, brazileiros, voltamo-nos para a America neste instante, despertos os nossos sentimentos de confraternidade para com todos os seus filhos, pela visita que temos a honra de receber dos delegados que ora accorrem ao Congresso Internacioual de maior importancia entre quantos se teem organisado no Novo Mundo, e que este anno nos distinguiu, escolhendo o Rio de Janeiro para ponto de sua sua terceira reunião.

Mais de um profano lendo estas palavras — *Direito Economico, Economia Juridica*, não terá o alcance da importancia das coisas que ellas designam de modo a comprehender que taes coisas possam constituir o idéal da America.

Lendo mesmo o livro ainda os haverá, e não poucos, que perpassem todas as paginas em que se trata mais propriamente do assumpto sem a menor emoção, nem essa que nasce do facto de se nos rasgarem profundas e largas perspectivas relativamente a um objecto da importancia e do interesse que estes offerecem.

Estará ahi o maior defeito do livro, salvo si elle se destina, não digo só aos especialistas, mas a espiritos de cultura mais intensa do que é licito esperar-se do geral dos leitores, do que se chama um publico propriamente dito. Ha capitulos nesta obra que parecem verdadeiras prelecções juridicas, despidos de toda amenidade, de qualquer intenção propriamente vulgarizadora, quanto mais litteraria.

Outro senão que lhe noto : as citações demasiadamente frequentes. Ellas não véem nesta obra por intenção pedantesca, mas ás vezes por escusado, excessivo espirito de probidade.

Hoje em dia não ha meio quasi de escrever-se um periodo sem repetir o que outrem já disse ; salvo raras excepções, a originalidade de pensamento significa incompletação, desvio, erro de apreciação, falsa originalidade emfim.

Si assim é geralmente, comprehende-se que ainda mais em sciencia, sobretudo para os povos que ainda se acham no periodo de assimilação, cujo pensamento tem de ser de segunda ordem nestes dominios, como é o nosso caso.

Quem quizesse, por conseguinte, ser absolutamente probo não faria outra coisa siuão citar, dado que dispuzesse de extraordinaria memoria para lembrar-se sempre das fontes de origem e que dispuzesse de uma rica bibliotheca e um farto archivo uminuciosamente annotados. Ainda assim, não sei como evitar a cumplicidade a que se veria levado por auctores que não teem muitas vezes esse sentimento desenvolvido mesmo num gráu o mais razoavel.

Ha um capitulo neste livro que se afasta sensivelmente desse impassivel tom geral, acima referido, a que a obra toda obedece, tom que lhe dá um caracter muito mais scientifico do que litterario, conforme tambem já assignalei. E' aquelle em que o auctor se refere ao facto da emancipação dos escravos entre nós, que habilitou o Brazil «a collaborar na grande obra da reorganisação da vida social americana sobre as bases de um *Direito economico* ou de uma *Economia juridica*».

Com excerptos e materia sua, elle organiza um ardoroso capitulo em que se entrevê claramente o apaixonado abolicionista que deverá ter sido o sr. Arthur Orlaudo ha dezoito ou vinte annos atraz.

Mas o calor, mesmo o sentimentalismo dessas paginas contrastam desharmonicamente com o tom geral do livro, quebraudo-lhe de certo modo a linha, por mais sympathicas e louvaveis que sejam as intenções do auctor. Desse modo, não se podendo dizer do *Pan-Americanismo* que elle é um puro livro litterario, fica-se impossibilitado, no emtanto, por outro, de classifical-o como o de um philosopho-jurista que não sáe do seu papel.

Feitas estas observações, o mais que ha a dizer da obra, são coisas quasi que sómente em seu louvor.

Parece-me a mim que na verdade o Novo-Continente dispõe, como nenhum outro, de aptidão, vigor, espontaneidade de sentimento e necessaria elasticidade para resolver, dentro das forças humanas, todos esses problemas sociaes que a magnifica e monstruosa cidade moderna, filha do commercio e da industria, veio agitar e impôr como uma preoccupação predominante na nossa epocha.

E' claro que da obra enorme representada por essa victoria, que será a do novo pensamento juridico de que fala o nosso erudito escriptor, hão de irradiar innumeros corollarios que se irão reflectir como outros tantos aspectos originaes de uma nova civilisação. Basta o facto do equilibrio, implicito no estabelecimento de um direito, para garantir uma florescencia nova, um robusto renascimento á Especie, coisa que no fundo é a que principalmente nos importa, do ponto de vista humano, mais do que mesmo a victoria não queremos saber de que direito pelo que o direito represente em si.

Costuma-se dizer que a civilisação romana deu um fructo e que esse fructo foi o *Corpus-juris*. Será. Mas ,ao par disso, conquistou o mundo, quer dizer, a área em que se pôde desenvolver uma outra civilisação, que foi sua herdeira directa.

Nada conhece de historia quem esteja persuadido que Roma deveu essa conquista principalmente ao valor do seu musculo na guerra. Deveu-a antes á sua força de alma, — á capacidade de sympathia humana que trazia comsigo e ao irresistivel do seu poder de attracção.

No fundo, essas qualidades resultam do espirito de equidade que a caracteriza, da superioridade da sua *psyché* sobre a de todos os outros povos que a precederam na historia. Essas duas obras que se lhe devem, a da creação do direito e a da producção de uma nova humanidade, provém de uma vocação unica, que era a sua vocação predominante.

De modo que será errado affirmar-se que qualquer um desses dois enormes resultados finaes por ella alcançados seja simples consequencia do outro. Elles se fôram produzindo collateralmente, embóra explique-se que os contemporaneos pudessem ter, desde logo, um sentimento mais nitido daquillo que se ia organizando por uma fórma mais consciente, como acontecia em relação ás leis do imperio.

Assim tambem é possivel, mesmo é de crêr que a alma americana traga em si condições de força e de originalidade capazes de lhe dar uma destinação harmonica com a immensidade dos horisontes com que a prodiga fortuna a fez deparar neste mundo encantado que lhe deu por *habitat*.

E' grandiosa, inapreciavel, a obra social que todo o Planeta lhe está indicando como um programma, até mesmo como uma questão de honra. O que ella produza além disso, no emtanto, como uma consequencia necessaria dessa transfiguração no aspecto da sociedade humana,— que é a tanto que esse programma obriga,— escapa inteiramente ás previsões do presente. O homunculo de hoje, creado na estreita estufa que a Europa representa, ou ao menos procedente dalli e ainda sob a influencia da sua, por emquanto, insubstituivel civilisação, não tem capacidade para tanto.

Mas ninguem sabe si na complexidade da vocação da America, ella não encontrará em si a fé, o genio e a força necessaria para, independentemente de tudo isso, embóra talvez parallelamente, realizar outra obra de valor semelhante e talvez mesmo de mais transcendencia ainda.

Hoje não nos animamos nem siquer a conjecturas além desse programma social de que toda a humanidade por assim dizer a commissiona. Si, no emtanto, o pensamento religioso, por exemplo, com que de modo tão interessante se preoccupam, hoje em dia, esses povos novos, — ainda numa Babel de credos, e parece até que por certo espirito de dilettantismo, — não achar aqui a força de creação necessaria para dar ao novo homem que seja o nosso producto a integração sem a qual elle não poderá merecer propriamente esse nome; representaremos em ultima analyse pouco mais do que uma enorme Carthago.

As previsões que pódem ser objecto de interesse mais immediato, porém, são aquellas para que ao menos a consciencia dos directores de opinião nas grandes collectividades já despertou sufficientemente, as que representam um calculo de probabilidade bazeado no que em conta de mais positivo se tenha. Já é, por assim dizer, a acção da epocha em que estamos, pelo seu aspecto theorico.

Toda acção humana provém em ultima analyse de uma confiança e está sujeita a contingencias. Agir, conseguintemente, é crer e arriscar. Apenas, as massas, como o individuo commum, não jogam com o destino e não sonham sinão no que a vida que lhes é propria o exige rigorosamente para ir sendo vivida, para ir sendo realisada.

O *Pan-Americanismo*, do sr. Arthur Orlando, corresponde com justeza, no terreno das idéas, ás exigencias do presente na nossa vida continental. E' um livro de idéalisação, de enthusiasmo intimo, de generosa confiança, mas livro em que acima do que quer que seja ha producto de estudos positivos, ha um esforço de que só é capaz quem faz forte cabedal de sciencia e de historia.

Para a defeza das idéas centraes do livro, logo no primeiro capitulo discorre o auctor sobre a tendencia predominante das raças civilisadas que concorreram mais poderosamente para a formação das nacionalidades americanas e procura demonstrar como, apezar da divergencia que existe entre «o caracter anglo-saxonico e o genio latino», o pan-americanismo resulta da fusão de ambos.

Em seguida analyza o idéal do *Deutschtum* (o germanismo), e por outro refere-se á nova corrente de idéas que se propagam recentemente na Italia sobre o que deva ser o programma dos filhos da peninsula no que respeita á sua immigração. Dá uma bôa noticia, ao par disso, do que seja o Instituto Agricola Internacional, creado recentemente naquelle reino.

Com essas paginas, demonstra como é indispensavel serem reguladas pelos Estados as migrações modernas, quer por parte dos paizes de que as correntes se deslocam, quer por parte daquelles que as recebem. Nós, americanos, por exemplo, não podemos cruzar os braços, deixar que as coisas se passem por fórma toda fortuita, não só por outras e fortes razões, como porque temos o direito de impedir que ellas venham perturbar a nossa evolução organica e, portanto, a do idéal que nos é proprio. Seria esse o caso si não nos puzessemos de sobreaviso com as pretenções, por exemplo, do *Deutschtum*.

Vindo de mais longe, o sr. Arthur Orlando em outros pontos do livro explica a genese e o desenvolvimento do direito até ao ponto em que se chega á concepção e necessidade de um *Direito Economico* ou de uma *Economia Juridica*, phase que attingimos emfim.

O auctor defende, em outras paginas, a these Drago, por entender como eu entendo, que ella, bem interpretada, é um complemento necessario á doutrina de Monröe. «Perante o direito americano toda questão civil, politica, internacional, deve ser decidida judicialmente por tribunal competente, e não á força, *manu militari*.»

Mais adeante, o distincto philosopho-jurista faz um historico sufficiente dos diversos planos de organisação de uma justiça-internacional que tem sido modernamente propostos. Expõe em seguida os motivos por que lhe parece não ter sido possivel até hoje tornar-se uma realidade a organisação de uma justiça federal e produz diversas considerações que a questão lhe suggere.

Escreve ainda uma série de paginas dando sua opinião sobre o modo por que deva ser organisada a educação pan-americana.

Termina o livro tratando do seculo XX do ponto de vista brazileiro, o que lhe suggere considerações geraes sobre a religião, a sciencia, a logica do sentimento, etc.

Suas ultimas linhas representam a confirmação daquellas com que entrou em assumpto, relativamente á necessidade da fusão do genio latino com o caracter norte-americano, «do povo de vida intensa, povo da maxima energia individual, que levou a aptidão ao progresso e o sentimento da dignidade humana ao mais alto gráu de desenvolvimento.»

Como se vê, trata-se de uma obra consideravel, titulo de perfeita estima a um homem de trabalho e de competencia, por conseguinte de valor, que concorre para nos revelar na altura da situação, demonstrando que ha entre nós quem se preoccupe séria e intelligentemente com o magno entre os problemas dignos hoje em dia do empenho do Novo-Mundo.

Talvez a confecção deste livro tenha obedecido de qualquer modo a contingencias de tempo, menos propicias para trabalhos tão arduos. Com outro lazer, — supponho, — a obra poderia ter sido de uma concepção mais perfeita e offerecer uma exposição mais logica e natural.

Em todo caso, principalmente do ponto de vista juridico e do ponto de vista historico, não sei si haveria muitos entre nós capazes de tratar a questão de modo tão completo, tão sério, tão elucidativo.

NUNES VIDAL.

Conferencias Pan-Americanas

REMINISCENCIAS DA PRIMEIRA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA AS RESOLUÇÕES ESSENCIAES

O programma da primeira conferencia pan-americana, reunida em Washington, continha, nas suas linhas geraes, os assumptos que se reproduziram nas proposições da Conferencia do Mexico e se acham nas proposições da actual, com pequenas modificações.

Sobre todas as questões do programma, as commissões apresentaram eruditos estudos em relatorios, que deram immensa extensão ao archivo da Conferencia.

***

—A primeira Conferencia Internacional Americana votou a proposição de adopção do systema metrico decimal de pezos e medidas, que, sómente agóra, se trata de introduzir nos Estados Unidos da America.

*

— O relatorio sobre o caminho de ferro inter-continental, propoz a nomeação de uma commissão composta de engenheiros, cada nação indicando tres, para estudar os caminhos acceitaveis, determinando-lhes a extensão, calculando-lhes as despezas de cada um e comparando-lhes as vantagens respectivas. O caminho de ferro seria para sempre neutro.

*

— Houve interessante e dilatado debate sobre a proposta da união monetaria americana e sobre o regimen bancario, recommendando aos governos concurrentes á Conferencia o lançamento das bases para um systema de moédas internacionaes, uniformes, para circularem em todos os paizes americanos, e concessões liberaes para facilitar uma instituição bancaria inter-americana com filiaes e agencias nos diversos paizes da Conferencia.

*

— Discutiu-se tambem, com muita competencia, a livre navegação dos rios que separassem diversos paizes ou lhes banhassem os territorios, ficando elles abertos e livres á marinha mercante ou aos navios de guerra das nações riparias, sem que isso offendesse a jurisdicção e a soberania das nações ribeirinhas tanto em tempo de paz, como de guerra.

*

—Tiveram especial culminancia nos trabalhos da Conferencia as discussões sobre a união aduaneira e o arbitramento.

A commissão julgou, por unanimidade, que o *zolverein* americano não era ainda praticavel; muitos membros, porém, especialmente os delegados dos Estados Unidos da America, pensaram que uma união de alfandegas, no sentido do livre trafico entre as nações americanas, seria acceitavel, em principio, porque todas as medidas tendentes á liberdade de commercio augmentariam, necessariamente, o trafico e o desenvolvimento dos recursos materiaes dos paizes que adoptassem esse systema, e seriam, provavelmente, de resultados favoraveis identicos aos do livre trafico entre os differentes Estados da União. A maioria, em vez de relatar o assumpto relativo á união aduaneira, recommendou apenas tratados parciaes de reciprocidade, tomando em consideração a situação especial, condições e interesses de cada paiz para promover o seu commum bem estar.

A minoria, composta do delegado argentino Saens Peña e do chileno

Alfonso, assignou um conciso relatorio rejeitando peremptoriamente a proposta.

Sustentando a rejeição, o delegado argentino proferiu um habilissimo discurso em que censurou a tentativa de introduzir um systema de exclusivismo commercial nos continentes americanos, e aproveitou a occasião para criticar severamente o systema de tarifas dos Estados Unidos.

Concluindo, disse elle :

«Não me faltam affeição e amor á America; não me faltam confiança e gratidão para com a Europa. A America para a humanidade.»

Nestas palavras, havia uma evidente insinuação contra a fórmula da doutrina de Monröe — *A America para os americanos*, ou *A America para os americanos do norte*, conforme a ironica variante européa.

A opinião da maioria prevaleceu, mas não tinha consideravel importancia a questão dos tratados de reciprocidade, deixada á iniciativa dos diversos Estados da America.

*

O voto relativo ao arbitramento foi assim enunciado :

— Os delegados da America do Norte, Central e do Sul, reunidos em congresso :

Considerando que a guerra é o mais cruel, o mais esteril e o mais perigoso expediente para resolver as disputas internacionaes ;

Reconhecendo que os principios de moral dirigentes das sociedades politicas inspiraram uma fervorosa aspiração de solução amigavel dessas divergencias ;

Animados pela convicção dos grandes beneficios moraes e materiaes que a paz offerece á humanidade e confiando que as condições actuaes das respectivas nações são egualmente propicias á adopção do arbitramento ;

Convencidos pelo amistosa e cordeal assembléa, realisada na presente Conferencia, de que as republicas americanas, reguladas pelos principios, deveres e responsabilidade de um governo popular e ligadas pelos vastos e sempre crescentes interesses mutuos, pódem, na esphera de sua propria actividade, manter a paz no continente e a bôa vontade de todos os habitantes ;

Considerando, finalmente, de seu dever dar o assentimento aos altos principios da paz, acceitos pelo mais esclarecido sentimento publico do mundo ;

Recommendam a todos os governos de que são representantes um uniforme tratado de arbitramento, tendo por base os artigos seguintes :

Art. 1º — As republicas da America do Norte, Central e do Sul adoptam o arbitramento como um principio de direito internacional americano para a solução das divergencias ou controversias, disputas, que occorram entre duas ou mais dellas ;

Art. 2º — O arbitramento será obrigatorio em todas as controversias concernentes aos privilegios diplomaticos e consulares, aos limites, territorios, indemnisações, ao direito de navegação, á validade e execução dos tratados ;

Art. 3º — O arbitramento será egualmente obrigatorio em todos os casos, excepto os mencionados no artigo seguinte, qualquer que seja a sua origem, natureza e objecto.

Art. 4º — As unicas questões exceptuadas das disposições dos arts. precedentes são aquellas que, no conceito de qualquer das nações envolvidas na controversia, possam arriscar a sua independencia. Neste caso, o arbitramento será de opção para tal nação, mas obrigatorio em relação á potencia adversaria.

Este artigo demonstrava um grave defeito do systema proposto. Parecia que os delegados não tinham plena confiança na efficacia do arbitramento. A Conferencia, si bem que adoptasse por unanimidade aquelle plano, teve a divergencia dos delegados do Chile e do Mexico, os quaes, favoraveis embora ao principio do arbitramento, se oppuzeram ao tratado proposto. Os do Chile objectaram que a recommendação da commissão produziria, executada, mais difficuldades e resultados mais perniciosos do que aquelles que pretendia obviar e prevenir.

O methodo suggerido para a perpetua conservação da paz não era uma novidade : de tempos immemoriaes, fôra objecto de estudo e de combinações mais ou menos efficazes de escriptores de direito internacional e constituiam, então, base principal daquelles estudos.

As nações hispano-americanas tinham tentado, em séis occasiões diversas, desde 1826, concretizar e applicar aquella generosa aspiração que prevalece no mundo civilizado, mas os seus reiterados esforços, si bem que formulados em termos menos absolutos ou restrictos do que os suggeridos no projecto do tratado, tiveram completo fracasso quando submettidos á experiencia da pratica e á inesperada resistencia dos interesses e paixões humanas.

O arbitramento sendo reconhecido, como é, um principio de direito internacional, não póde, por fórma alguma, tornar-se garantia da paz, si a sua applicação não corresponder á sua natureza. Sua origem emana do consentimento voluntario e livre, de confiarem as nações em disputa a um terceiro a fixação de direitos e interesses controvertidos, e a sua efficiencia depende do respeito, tambem voluntario, ás decisões do arbitro, quaesquer que sejam as obrigações e sacrificios que elle imponha. A obrigatoriedade do arbitramento é contradictoria com a sua natureza.

Os delegados do Chile declararam não pretender manter a illusão de que qualquer conflicto, ferindo directamente a dignidade e a honra de uma nação, possa jámais ser submettido á decisão de um terceiro.

*

— O direito de conquista foi objecto de uma resolução addicional ao mencionado projecto de tratado de arbitramento, formulada nos termos seguintes :

1º — O principio de conquista não será, durante a permanencia do tratado de arbitramento (20 annos) reconhecido pelo direito internacional americano ;

2º — Todas as cessões de territorios, feitas durante a vigencia do tratado, serão nullas si se realizarem pela ameaça da guerra ou na presença de força armada ;

3º — Nenhuma nação, á qual taes cessões sejam extorquidas, poderá pedir que a validade dellas seja submettida a arbitramento;

4º — A renuncia ao direito de arbitramento, feita nas indicadas condições, será irrita e nulla.

Os delegados chilenos abstiveram-se de votar essa proposição ; os delegados dos Estados-Unidos oppuzeram-se á absoluta limitação do direito de conquista, mas, afinal, adoptaram a proposição.

As sessões dessa Conferencia terminaram a 19 de abril de 1890.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

SCIENCIA E INDUSTRIA

As raças de tabaco. — Antiguidade de cultura. — Cruzamento pelos insectos.—Experiencias do prof. Gomes.

Estudos do professor Gomes demonstraram que todas as raças de tabaco actualmente conhecidas são o producto do cruzamento de duas ou tres raças typicas primitivas, cruzamentos effectuados na America desde tempos precolombianos, como indicam as descripções, feitas por auctores hespanhoes, das raças cultivadas pelos indigenas do Mexico, os quaes, desde a occupação das terras mexicanas, notaram a difusão da cultura do tabaco e as diversas raças cultivadas.

Os portuguezes assignalaram outras raças cultivadas no Brazil, sendo assim de toda a evidencia a cultura de differentes especies de tabaco pelos indigenas nas regiões tropicaes.

Os indigenas não tinham, provavelmente, conhecimento dos processos da fecundação, mas os insectos executavam, perpassando de flôr em flôr, uma fecundação cruzada, e o producto desse cruzamento ia, por sua vez, misturar-se ás plantas primitivas. Os insectos eram mais que sufficientes para conseguirem, á força de cruzamentos, transformar a raça primitiva e legitima em raça cruzada e bastarda. As raças locaes constituidas e os caracteres fixados nos hybridos como nas raças determinadas, só muito mais tarde se puderam fazer alguns ensaios de selecção, guiado pelo exame minucioso das differenças encontradas na qualidade dos productos, derivados de tal raça determinada, trabalho emprehendido, ha algum tempo, pelos cultivadores da America do Norte.

Examinando as raças de tabaco, actualmente cultivadas, nota-se que o maior numero, pelas variedades, são *havanensis* e *brasiliensis*.

No producto fornecido por uma raça, o *havanensis* servin para desenvolver e melhorar o aroma, e o *brasiliensis* para augmentar a substancia e o pezo da folha. Pezo e aroma são qualidades principaes, são as bases da exploração industrial dos fabricantes.

Si, em consequencia de uma longa cultura ou de condições climatericas, os caracteres do *brasiliensis* se attenuam nos descendentes, o producto diminuirá de pezo ; por outro lado, si os caracteres do *havanensis* diminuem, o producto perderá em aroma. Disso resulta que a selecção das sementes é absolutamente necessaria para conservar os typos: de outro modo, elles perdem os caracteres, que se desassociam.

O professor Gomes mostra que, nos tabacos de commercio, a grandeza, o pezo, a côr, a elasticidade e combustibilidade das folhas dependem, em grande parte, das condições de cultura e do terreno ; a qualidade organoleptica, a força, o gosto, o aroma são devidos principalmente á raça cultivada.

A quantidade de nicotina que dá força ao tabaco, é mais activa nas raças provenientes das variedades *fructicosa*, *lancifolia* e *brasiliensis*, diminúe, muita vez, da primeira á ultima, e é menos forte nas raças das variedades *virginica*, *havanensis* e *macrophylla*, diminuindo tambem da primeira para a ultima ; a doçura do gosto e a suavidade do aroma predominam nas raças pertencentes ao ultimo grupo, entre os quaes o *havanensis* prima pela delicadeza do aroma e o *macrophylla* pela delicia do gosto.

O industrial que pretender tabaco forte deverá escolher a variedade *fructicosa* sobretudo para os fortes rapés ; si quizer tabacos fracos, perfumados, de gosto suave, como os de cigarros, deverá preferir os do segundo grupo, entre os quaes a suavidade augmenta do *virginica* á variedade *havanensis*, depois á variedade *macrophylla* ; si quizer obter o maximo de aroma, deverá escolher as raças de *havanensis*— tabacos de Cuba e de Sumatra; si quizer a maior suavidade de gosto, procurará as raças *macrophylla*, representadas especialmente nas culturas dos *bassma* turcos.

***

A toxidade dos acidos gordos, proveniente dos oleos de linhaça e algodão — A analyse dos peixes tuberculosos.

Uma série de estudos sobre as lezões produzidas ao nivel dos tecidos pelos acidos gordos de varias procedencias, principalmente dos oleos de linhaça e de algodão, foi emprehendida pelos drs. Camus e Pagniez.

As injecções subcutaneas desses acidos prodúzem lezões irritantes muito accentuadas, chegando, em algumas horas, a uma reacção inflammatoria localisada, seguida de apparições de escaras, de ulcerações de lenta cicatrisação.

As lesões produzidas no pulmão por essas injecções, na trachéa, são particularmente interessantes. Em consequencia da injecção, si a dóse foi consideravel, a morte sobrevem em algumas horas por congestão intensa dos pulmões ; si as injecções são fracas, feitas no cão, apparece, rapidamente, tosse frequente, seguida de expectorações sanguineas.

Nos animaes sacrificados, as lesões são de dimensões muito variaveis : algumas vezes, um lóbo inteiro do pulmão se transformou em blóco compacto. Certas lesões lembram perfeitamente as da tuberculose pulmonar.

A analyse de peixes tuberculosos feitas pelos indicados drs. Camus Pagniez revelou nelles a presença d acidos gordos livres na dóse de 20,8 a 50,3 %. Póde-se, portanto, com muita razão, attribuir áquelles acidos de origem microbiana, particularmente do bacillo tuberculoso, um papel importante na producção das lesões locaes de que esses organismos são causa.

***

Physiologia e pathologia vegetaes — Regulamento da côr das plantas — Materias colorantes do succo cellular.

H. Kraemer apresentou á Sociedade de Morphologia e Physiologia das Plantas os resultados de investigações curiosas concernentes ás materias colorantes das plantas.

Examinando consideravel numero dessas materias colorantes do suceo cellular, aquelle profissional comprovou que essas substancias reagem sob a influencia de varios productos chimicos, em muitos casos produzindo uma accentuada mudança de côr. Assim, a maior parte das substancias colorantes se torna verde em presença do hydrato de calcio, vermelha escura com os acidos organicos, azues com o sulfato de ferro, etc. Ellas pódem ser producto do metabolismo, mas é provavel que as differentes tintas e nuanças sejam devidas a certas substancias a ellas associadas, acidos organicos, phosphatos, saes de cal, etc.

***

Planta venenosa — Intoxicação do sangue por uma planta ornamental — A primula obconica—Exames de Brown.

O dr. Brown refere o caso de uma senhora de 29 annos que, convalescendo de influenza, cheirou uma flôr de *primula* e arranhou com ella o nariz. Este orgão inflamou immediatamente, tomando uma côr escura com fócos de supuração, semelhante aos do antraz.

Foi preciso eliminar uma parte do nariz, mas o edema ganhou as palpebras, a fronte, o couro cabelludo e, no fim de uma semana, a doente morreu de pneumonia.

Na autopsia, encontrou-se o pulmão congestionado com numerosos fócos de supuração, cujas culturas demonstraram *streptococcus* e *staphylococcus*.

O dr. Brown observou tres casos analogos, dos quaes apenas um doente escapou depois de longo tratamento. Observou tambem um eczema especial nas mãos de jardineiros que cultivavam aquella planta.

Verificou-se, muita vez, que a intensidade do pigmento nas bacterias chromogeneas de pende, em grande

parte, do meio nutritivo empregado, e a addição de certos corpos chimicos é necessaria para obter o desenvolvimento do pigmento.

Overton verificou, ha muitos annos, que dando glucose a certas plantas se obtém grande intensidade do colorido vermelho das folhas. Mais recentemente, Katie, empregando assucar, potassa, calcio e magnesia — estes ultimos no estado de saes — obteve resultados semelhantes.

Deve-se, todavia, observar — disse elle—que o oxigeneo, a temperatura e a luz representam um papel importante no caso. Havia muito tempo se estabelecera uma correlação entre a côr azul da *viola lutea* e a presença do zinco no sol. Attribuiu-se o colorido da hydrangea a um excesso de ferro ou de alumen e os horticultores costumam regar as roseiras com agua contendo sulphato de ferro para obterem flôres de um vermelho mais intenso.

Kraemer fez, em Washington, algumas experiencias sobre cravos, rosas, amores perfeitos, e obteve alguns resultados embóra menos consideraveis do que elle esperava. A rosa La France, por exemplo, tem petalas uniformemente roseas, quando recebe citrato de ferro e acido citrico. Mas é preciso notar que se não póde agir sobre a coloração das flôres, tanto quanto suppunha Kraemer, porque as plantas não absorvem, conforme a vontade do experimentador, todos os productos chimicos que se lhes offereçam.

REGENERADO

Havia apenas dois annos que o dr. Americo de Andrade estava casado com a senhorita Virginia de Avellar, tida com razão por uma das mais interessantes meninas da nossa sociedade; e em tão curto espaço de tempo dissipára mais da metade da fortuna propria e da que lhe trouxe a mulher.

A paixão do jogo, que delle se apoderou em S. Paulo, quando estudante, onde, todavia, se distinguia pelo talento e applicação, nunca mais o abandonou, apezar dos rogos da esposa, do conselho de alguns amigos e das admoestações de um tio, o conselheiro Andrade, a quem muito prezava, e ao qual era devedor de desvelos paternaes e da educação que recebeu desde a edade de cinco annos, em que ficára orphão.

Indifferente á perspectiva da miseria, a que fatalmente o arrastaria a perda da fortuna, uma vez que nenhuma occupação util até então havia tentado o dr. Americo, que, quanto mais se afundava no vicio, menos sensivel se mostrava ás supplicas da mulher, e até ás mostras de desapreço de quantos outr'ora o tratavam com estima, só uma coisa conservava extreme da menor suspeita, — a probidade individual — qualidade tanto mais apreciavel quanto raramente a possúem os jogadores de profissão.

Pagava pontualmente as dividas e jámais acceitou o menor emprestimo ou adeantamento de dinheiro.

Intransigente nesse particular, levava o escrupulo ao ponto de levantar-se da meza do jogo, apenas sentia pouco recheiada a bolsa, fôssem quaes fôssem as instancias dos companheiros.

Era essa perfeita correcção, que nada alterava, nem o lucro nem a perda, quando a sorte se lhe mostrasse adversa; era a sua imperturbabilidade, mais propria dos temperamentos lymphaticos do que das naturezas ardentes como a sua, que o tornavam sympathico e altamente apreciado no meio em que vivia.

Curioso phenomeno de contradição moral que se notava nesse moço! Incapaz de prejudicar alguem, bem ao contrario, disposto sempre a vir em auxilio do camarada necessitado, o dr. apenas sentava-se á meza do jogo, adquiria a ferocidade do ganho.

Como o de todos jogadores, o seu coração fechava-se então aos sentimentos affectivos, e era com a maior indifferença que via os prejuizos do amigo a quem mais prezava, sem que nem de leve o abalassem as mostras de desgosto e o desespero que a este cauzassem os caprichos da sorte.

O traço caracteristico dos que se votam de corpo e alma a semelhante paixão é a ambição desenfreada do lucro. A ella, ás emoções produzidas pelo imprevisto, que para elles tem os mesmos attractivos que o alcool para o ebrio, sacrificam instinctos e tendencias que sómente véem de novo a despertar quando deixam essas bancas onde dir-se-ía que se occulta o genio do mal, fechando-lhes a alma a todos os sentimentos nobres.

De ordinario, recolhia pela madrugada, mostrando no semblante abatido os signaes do cansaço. A's vezes, parava á porta da casa, antes de tocar o tympano.

Pelo seu espirito passava então, como um relampago, a sombra do remorso, talvez mesmo a vergonha, o temor de interromper o somno da esposa, e o receio de dar razão ao reparo das familias com a irregularidade de seu proceder.

Repellia, porém, essas idéas importunas e momentos depois atirava-se á cama e adormecia profundamente.

Nem o espectaculo da pobre mulher que, tranzida de somno, o esperava todas as noites encostada a uma meza, buscando vencer a fadiga com trabalhos que nunca lograva concluir, porque eram a cada instante interrompidos pelos soluços, nem a sua paciente attitude deante do viver desregrado do marido, do isolamento a que a condemnára, e que no emtanto nem uma só palavra de recriminação lhe arrancavam, nada abalava aquelle espirito obsecado.

Na voragem da funesta paixão, o desventurado, acaso mesmo sem deliberadamente a querer, afogava o amor e o socego da mulher, as proprias energias physicas e moraes, a sua reputação, e, por ultimo, a fortuna que aos paes tanto custára adquirir e o zelo de seu tio lhe entregára augmentada, quando attingiu a maioridade.

Escravo da paixão que o empolgára, prendendo nas suas malhas fataes todo o seu sêr, embrutecendo-o, deformando-o, o dr. já não era o mancebo de bella apparencia, delicado e attrahente que se fizera amar pela infeliz a quem agóra tratava com tamanho desamor.

Taciturno e distraído, nada o enteressava, e as poucas horas que passava em casa eram de um verdadeiro martyrio, que só terminava quando soava o momento de voltar ao club.

***

Um dia, foi o dr. Americo procurado por conhecido corrector que o preveniu de se ter vencido, pela segunda vez, a caução de algumas centenas de apolices da divida publica, accrescentando que o banco a não renovaria. O corrector dispunha-se, porém, a saldar a divida, si elle lhe transferisse a propriedade de taes apolices, medi-

ante o pagamento, que lhe propunha, de alguns poucos contos de réis. Embóra perdendo com a transacção mais da metade do valor daquelles titulos, o dr. não hesitou: acceitou-a. O pagamento realizou-se na occasião, mas nessa mesma noite, após uma meia duzia de partidas de *baccarat*, voltava a casa sem trazer um só real do que pela manhã havia recebido.

Não sómente as apolices; muitos outros titulos, egualmente valiosos, eram assim consumidos, e até as joias da mulher, algumas para ella de inestimavel valor porque as herdára de sua mãe, tinham já desapparecido do seu escrinio, ou aguardavam nos cofres dos empenhadores o dia em que deviam ser levadas a leilão.

***

Foi nessas circumstancias, quando a miseria estava quasi a bater-lhe á porta, que d. Virginia procurou o conselheiro Andrade, e o poz a par de sua situação, para ella, todavia, menos aterradora pela perspectiva da desgraça do que pelo perigo a que via exposta a sua reputação de esposa honesta. Contou que havia tempos o marido lhe apresentára um collega, o dr. Juvenal Freire, que a pouco e pouco se fôra tornando familiar, e ultimamente viéra habitar uma casa fronteira á sua. Referiu a vigilancia que, desde então, esse homem, servindo-se de seus creados, exercia em redor della; que conhecendo o genero de vida e os habitos do dr. Americo, tentára o recurso de que commummente se servem os seductores, exaltando as suas virtudes, a sua resignação em face do desapreço com que a tratava o marido, incapaz, segundo dizia, de comprehender a belleza de seus dotes; maldizia a sorte que a condemnára, a ella, nascida para realizar a suprema ventura daquelle que merecesse o seu amor, a espozar um homem indigno. Lamentando não ter conhecido antes os thezouros de graça e seducção que se occultavam, sem que ella mesma o suspeitasse, na sua attitude tranquilla e modesta, via com pezar que nada se podia fazer para chamar seu marido á razão; e então insinuava que só lhe restava vingar-se da situação creada pelo desprezo e pela morte de suas esperanças e de seus sonhos de moça, buscando no affecto de um amigo, em cuja dedicação confiasse, a felicidade que o marido lhe recuzava.

Ella o ouvia, ora sem perceber bem o sentido obscuro desses discursos, ora revoltada com o que lhe parecia que essas phrases proferidas com extranho calor acaso occultavam. A's vezes, e como que despertando do quasi embrutecimento a que as vigilias e a dôr a tinham reduzido, sentia-se envergonhada e rebaixada ante as ousadias desse homem que tão cruelmente explorava o seu infortunio.

Insurgia-se então contra o marido, que a expunha a tamanha degradação, elle, que a devia proteger, tornando impossiveis semelhantes tentativas e assaltos á sua pureza.

Porfim, e já não podendo vencer a repugnancia que a presença do dr. Juvenal lhe cauzava, convencida dos seus intuitos perversos, encontrou no respeito de si mesma, nos estimulos da sua honra ameaçada, a necessaria energia para intimal-o formalmente a cessar as suas visitas. Mas, nem assim findou o seu martyrio, porque iniciou-se, então, o periodo de uma vigilancia mortificante, de uma syndicancia deprimente, das quaes seus famulos se haviam tornado cumplices. Ao marido, nos raros momentos em que elle podia falar, buscou discretamente revelar as agruras do seu viver, e advertir dos perigos que a ameaçavam.

Elle ouviu-a com indifferença, mal disfarçando o enfado que lhe cauzavam taes confidencias e punha termo á conversa, dizendo que coisas mais serias o occupavam.

Que fazer? A quem devia dirigir-se para pedir conselho e protecção?

O pudor, o respeito de si propria e ao nome de seu marido tolhiam-na de revelar a quem quer que fôsse o horror de semelhante posição. Comprehendia que nada ha que mais repugne á dignidade da mulher do que a compaixão que o conhecimento dos seus infortunios domesticos possa cauzar aos demais. Ainda mesmo suppondo que esse sentimento seja extreme de malignidade, de apreciações injustas e de perversas conjecturas, bastaria só merecel-o, para que ella se sentisse humilhada.

Não; antes a morte: mas a morte, si era o termo de uma existencia que teve apenas uma curta manhã de felicidade, para o marido seria ou a continuação desse mesmo viver, que o isolamento havia de tornar ainda mais desregrado, ou o arrependimento e o remorso a flagellal-o perpetuamente.

***

O conselheiro ouviu, com o ar grave e tristonho que lhe era habitual, toda a narrativa da mulher do seu sobrinho. De uma austeridade de costumes verdadeiramente exemplares, um dos poucos sobreviventes dessa geração educada na escola do dever, o conselheiro Andrade fôra sempre apontado como um modelo de honra.

Propenso a relevar os erros dos seus semelhantes com tanto que não exprimissem—quebra da honra—ou dos deveres para com a familia, tinha energias ferozes para fulminar a quem quer que incorresse em faltas dessa natureza. Homem que fôsse — pelo menos — suspeitado de improbidade ou de máu chefe de familia, tinha nelle um inimigo implacavel.

Uma sociedade, dizia muitas vezes na sua linguagem rude, onde as leis da honra e a disciplina na familia, que afinal é uma das modalidades da verdadeira honra, não são praticadas religiosamente, é antes um viveiro de patifes do que uma communhão de gente sã.

Foi com esse criterio inflexivel que desde logo julgou o sobrinho.

Repugnava-lhe enfrental-o; e ás vezes sentia impetos de o procurar, e, por um pretexto qualquer, amassar-lhes as costas com a bengala. A idéa de que o filho de seu irmão, tão bom, tão digno, se portava como o ultimo dos sevandijas, o infurecia e o envergonhava.

Nesse estado de indignação, de desespero e de hesitação sobre o que lhe cumpria fazer para evitar maiores desgraças, passou o resto do dia e a noite.

***

Na manhã seguinte, lembrando-se do compromisso que tomára de substituir o irmão na direcção do filho, decidiu-se a procural-o.

Encontrou-o á hora em que o dr costumava dirigir-se ao club, e for-

çando-o a acompanhal-o á casa em que residia em S. Thereza, fel-o entrar e sentar-se. Fechou a porta da sala onde o introduzin, e disse-lhe :

— Americo, estou informado de como te conduzes. Sei que, mentindo ao juramento que prestaste á tua virtuosa mulher quando lhe prometteste a felicidade que a fortuna proporcionava a ambos, e a que ella tinha todo o direito por suas qualidades moraes, por seus attractivos e pela fina educação que recebeu, a tens, ao contrario, infelicitado, amargurando-lhe a existencia com o teu viver desregrado : sei que a funesta paixão do jogo te tornou não só despresado dos amigos e malvisto pela sociedade, como te ha envilecido, atrophiado o talento de que a Providencia te fez mercê, e que deverias applicar em proveito dos teus semelhantes, da familia e da Patria ; sei que tens arruinado a saúde ao choque dos sobresaltos que experimentam os insensatos que se assentam em torno dessas malditas bancas, onde se perde alguma coisa de maior valia que a fortuna, — o brio e a noção do dever, — e de onde te levantas todas as madrugadas com as faces congestas, o cerebro atordoado, o andar incerto e vacillante, ralado pela febre produzida pelo embate das emoções violentas que agitam e convulsionam aquelles que arriscam aos azares da sorte a fortuna, emquanto não chega a hora de entregarem á cegueira dos seus caprichos a derradeira economia e até o pão do dia seguinte. Emquanto desbaratas o fructo do trabalho honrado, que foi a divisa de teu pae, atirando-o ás algibeiras de outros jogadores mais felizes ou mais dextros, tua desventurada esposa, cujas supplicas não ouves e cujas lagrimas te não commovem, encontra na sua honra a energia que te fallece para te libertares da criminosa paixão, e que, entretanto, a ella sobrou para defender a tua honra, poupando-te a vergonha de uma queixa siquer, e á sua propria, repellindo o miseravel que tentou macnlal-a. Não é a esse bandido, infame producto do meio em que te chafurdas, que deves castigar ; é a ti, a ti que não devias ignorar que o maior inimigo da pureza da mulher é o proprio esposo, quando, em vez de guardá do seu pudor, se converte em cumplice, embóra inconsciente, da sua sua deshonra pelo abandono do lar e pelo rebaixamento do caracter.

Nessa estrada por onde enveredaste e persistes em percorrer, sem attentares para o abysmo que se abre em seu extremo, onde, antes de ti, outros infelizes desbriados se teem sumido, só te resta ou o recúo ou o suicidio, que pelo menos te poupará o horror da deshonra.

E triste, solemne como a imagem do dever, ergueu-se e dirigiu-se a uma meza, abriu-a e, tomando um revólver, apresentou-o ao sobrinho.

Em pé, deante delle, a figura do velho conselheiro, cujos cabellos brancos se eriçavam sobre a sua cabeça, e cujos olhos tinham a sobrenatural refracção dos inspirados, lembrava a dos justiçadores das velhas religiões na hora do sacrificio.

O dr. Americo, que, em silencio, ouvira a longa e severa exprobação, repellindo o instrumento de morte, que tinha deante dos olhos, atiron-se nos braços do velho, beijando-lhe as mãos, e o soluço de ambos quebrou então a quietação daquella sala, onde tivera começo e terminára a obra da completa regeneração de um homem, que a vóz da razão acabava de salvar da morte moral.

***

O *Jornal do Commercio*, ha mezes passados, publicou, entre outras, a seguinte *varia* :

«O dr. Americo de Andrade, que hontem festejou o seu trigesimo anniversario, tem dois outros motivos de satisfação ; a nomeação para importente commissão na Europa, para a qual, acreditamos, muito contribuiu a competencia que revelou com a publicação dos *Ensaios sobre as bases da moralidade*, fructo de aturado estudo, e a doação que lhe fez seu tio, o conselheiro Andrade, e que nos dizem exceder de trezentos contos de réis, representados por immoveis situados na zona do commercio.

O estimado publicista, a quem felicitamos por isso, parte brevemente pare Paris em companhia de sua gentilissima consorte.»

PEDRO DE BARROS.

O ALMIRANTE (91)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

A marqueza estacou observando o effeito de suas palavras sobre Hotencia, que se estorcia inquieta, afflicta, como si não encontrasse resposta prompta ou hesitasse em desvendar completamente o coração.

— Demais — continuou a marqueza, em tom carinhoso — tu és ainda inexperiente e não calculas aonde irá ter essa situação, as consequencias dessa maneira de viverem, que, afinal, não poderá ficar para sempre no segredo da familia, passará ao dominio publico, será assumpto da maledicencia, como já te disse... E fica bem certa que te não pouparão, a ti e ao Oscar, o atróz ridiculo..

— Eu não sou indifferente a Oscar, que não se queixa de mim, antes me trata com extremo carinho.

— Ah ! minha adorada filha, tu não tens confiança em mim. E' a minha sorte sinistra, perturbando todas as minhas aspirações, todos os meus planos. Eu sou uma condemnada, que torna infelizes todos aquelles que se lhe approximam. Recuzou-me a sorte os filhos, roubou-me alventura do lar, fulminando-me o marido. Vem agóra atacar-me as esperanças neste ultimo abrigo de meus derradeiros annos. Eu sou funesta ; tudo se fana, tudo morre ao meu contacto maldicto.

— Porque me fala assim, Guilinha, porque me afflige exaltando a minha culpa, as consequencias de um acto que eu reputava um dever e que todos me lançarão em rosto como manobra de ambição desmarcada. Mas eu estava obsecada, não podia comprehender nem media a extensão do que eu pensava ser um nobre sacrificio. Não tive junto de mim uma pessôa amiga que me advertisse, que me esclarecesse a situação. Mamãe approvou o meu casamento ; papae nada me disse, não emittiu francamente a sua opinião todos os que me cercavam, os mais intimos, os mais sinceros, como Marianinha, achavam que eu fazia muito bem, ligando-me a um homem condemnado á morte inevitavel... Esperavam, talvez, esse triste desenlace, que nos absolveria a todos...

— Não digas isso — tornou a marqueza, vivamente — Eu nunca desconfiei da cura de Oscar...

— E' verdade, tu nunca desconfiaste : o teu coração previu a verdade. Eu, tambem, não pensei nisso. Os meus votos eram pela salvação daquella vida que eu arriscára imprudentemente. Preza a esse anhélo, não pensava sinão em remir o meu erro,

em pagal-o com illimitada abnegação a Oscar. Mas... os outros? Não me contestes: esses exploraram a minha inexperiencia de victima de calculos ambiciosos. Era uma coisa vulgar, muito comesinha, muito acertada, arranjar um bom partido para as filhas pobres, para as filhas que ficariam na orphandade ao faltar-lhe o arrimo do pae velho, sem esperança de obter meios para assegurar o futuro da familia. E' horrivel pensar nisso; é horrivel pensar que ha paes que assim pensam e que a sociedade os considera previdentes, solicitos chefes de familia. Ninguem se preoccupa com as consequencias desse negocio, nem com as victimas que elle póde fazer.

— Louquinha! Tu não sabes o que dizes...

— E é isso o que nós somos — continuou Hortencia, num tom de ardente indignação — Eu e Oscar, tão bom, tão leal, tão digno, duas victimas immoladas ás conveniencias, dois infelizes que não merecem a sua sorte..

Hortencia ergueu-se, deu alguns passos para desafogar a dôr que lhe comprimia o coração e voltou a sentar-se junto da marqueza, absorta, surprehendida por essa linguagem de que não suspeitára fôsse ella capaz, palavras cruamente, amargamente sinceras.

— Ahi está a verdade — continuou Hortencia, limpando os bellos olhos, esmaltados de lagrimas, que se não desprendiam em pranto — Essa é a verdade que eu te devo...

— Mas, afinal, — ponderou a marqueza, cada vez mais terna e carinhosa — deante do irremediavel, não valem recriminações aos que, por te amarem, não te aconselharam, não impediram a tua resolução que foi livre. Ninguem te extorquiu o consentimento, antes acceitaste sem resistencia a proposta.. que eu, pelo menos, pensára ir de encontro ao teu desejos... Como te dizia, deante do irremediavel é forçoso que te resignes, ou, si isso não fôr absolutamente possivel, que empregues todos os meios para attenuar a tua situação...

—Que devo fazer?...

—Não insistir em exaggerar o teu papel de victima, não hesitares ante o sacrificio completo, que será a solução mais natural, mais conveniente para ti e para Oscar. Aqui estou eu, que não amava o homem destinado a ser meu esposo; acceitei-o para obedecer ao conselho de amigos e me submetti a todas as consequencias do meu acto. Pensas, por ventura, que não fui assaltada por esses escrupulos que te atormentam, que me não torturou a suspeita de ser requestada como noiva riquissima, como objecto de um vil negocio? A razão venceu esses melindres de moça, e os carinhos do esposo, a brilhante posição delle na sociedade rapidamente fizeram de mim a mais feliz das mulheres. Tudo passou como um sonho... Nunca tive um momento de arrependimento...

— Si me ouvisses — continuou a marqueza, notando a silenciosa lucta travada no coração de Hortencia—eu insistiria no conselho de te afastares daqui. Tu não queres frequentar a sociedade, não queres apparecer com teu marido? Pois bem: ha um meio de conciliar tudo. Porque não partes para a roça? Porque não vão os dois passar algum tempo na colonia Isabel, a Redemptora?

—Na roça?...

—Sim, na roça, onde fômos tão felizes. . Ou então, si não te agrada esse projecto, irão á Europa.

Neste ponto da entrevista, appareceu Oscar, dirigindo-se a ellas.

— Póde-se se saber em que conversam ha tanto tempo—inquiriu elle, sorrindo.

Hortencia ergueu-se foi-lhe ao encontro, estendendo-lhe a fronte, onde os labios delle se pouzaram num beijo que coloriu de rubro as faces pallidas da marqueza.

—Nós—disse esta—faziamos projectos, grandes projectos. Imagina que estavamos tratando de uma viagem á Europa.

— Muito bem — approvou Oscar, alvoraçado—E tu irás comnosco.

—Eu?...—retorquiu a marqueza, hesitando — Tenho ainda grandes coisas a fazer, esperar as consequencias dessa Constituinte que será talvez a morte dessa abominavel Republica...

— Como? Ainda pensas nisso — exclamou Oscar, surprehendido — Eu pensava que havias abandonado de todo as tuas illusões politicas.

— A minha mania, queres dizer. Seja como fôr; a gente não abandona um idéal quando quer, e eu espero ainda. A tua molestia e a tua ventura me interromperam, concentrando todo o meu anhélo, toda a minha actividade. Vem agóra a opportunidade para o ultimo lance, o lance decisivo... Será uma loucura, mas eu supportarei com resignação, com firmeza a ultima decepção. Não lhes importe a minha vida: vão para a Europa... Não é assim, Hortencia?

Hortencia curvou a cabeça sem responder, enleiada pelo olhar venturoso com que o marido a contemplava.

(*Continúa*).

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

PAGINAS ESQUECIDAS

A ORPHÃ NA COSTURA

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seu cabello era tão louro,
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe caíam tão compridas
Que vinham-lhe os pés beijar;
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha-me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,
Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu pelto guardadas
Suas palavras sagradas
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Fôram por largos instantes
Ensinados pelos seus.
Os meus labios, mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me:—Deus!—

Mais tarde—quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão.
Falando pela vóz della,
Eu repetia, singela,
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,
—Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou,
As vózes que eu pronuncio
Os contos que eu balbucio,
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe!—diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã!
Minha mãe!—diz-me este canto;
Minha mãe!—diz-me este pranto;
Tudo me diz:—Minha mãe!—

Minha mãe era mui bella,
—Eu me lembro tanto della,
E tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

JUNQUEIRA FREIRE.

TRES DIAS D'INSULTOS NO PARLAMENTO

O parlamento vive na *edade de ouro*. Vive nas edades innocentes em que se collocam as lendas do paraiso — quando o mal ainda não existia, quando Caim era um bom rapaz, quando os tigres passeavam docemente par a par com os cordeiros, quando ninguem tinha tido o cavalheirismo de inventar a palavra *calumnia!* — e a palavra *mente!* não attrahia a bofetada!

Senão vejam! Todos os dias aquelles illustres deputados se dizem uns aos outros: *E' falso! E' mentira!* E não se esbofeteiam, não se enviam duas balas! Piedosa innocencia! Cordura evangelica! E um parlamento educado por S. Francisco de Salles!

— *O illustre deputado mente!*

— *Ah, minto? Pois bem, appello...*

Cuidam que appella para o espalmado da sua mão direita ou para a elasticidade da sua bengala? — Não, meus caros senhores, appella—*para o paiz!*

Quanta elevação christã num diploma de deputado! Quando um homem leva em pleno peito, deante de duzentes pessôas que ouvem e de mil que lêem, este rude encontrão: *E' falso!* — e diz com uma terna brandura: *Pois bem, appello para o paiz!* — este homem é um santo! Não entrará, de certo, nunca no *Jockey-Club*, donde a mansidão é excluida, mas entrará no reino do céo, onde a humanidade é glorificada.

E' uma eschola de humildade este parlamento! Nunca em parte nenhuma, como alli, o insulto foi recebido com tão curvada paciencia, o desmentido acolhido com tão sentida resignação! Sublime curso de caridade christã. E veremos os tempos em que um senhor deputado, esbofeteado em pleno e claro Chiado, dirá modestamente ao aggressor, mostrando o seu diploma: — «Sou deputado da nação portugueza! Appello para o paiz! Póde continuar a bater!»

*

E depois que doçura de expressões! Não vimos ainda ha pouco o sr. Avila designado no meio de uma questão financeira com estas benevolas qualificações — *camaleão*, *sapo*, *elephante*?! Que auctoridade no dizer! que elevação no pensar!

Como é instructivo, como é moral, o ver discursos assim concebidos:

— Não aprovo o projecto do illustre presidente do conselho, porque entendo na minha consciencia, e digo-o á face do paiz, que s. ex. é uma verdadeira serpente:

— Mando para a meza a seguinte moção: A Camara, compenetrada de que o sr. ministro da Fazenda é uma lontra, passa á ordem do dia!

*

Depois o modo carinhoso como a Camara tomou conta da infeliz palavra *insulto!* Aquella pobre palavra, tão compromettedora que nunca apparecia outr'ora que não fôsse o signal de um duello ou de uma policia correccional—o parlamento refez-lhe uma virgindade e um decôro, e ella agora vem, e ninguem se revolta, e o sr. Antonio Ayres tem para ella um bom sorriso.

— O illustre deputado ha tres dias não faz sinão *insultar-me* (textual: tres dias!)

— O illustre deputado não me *insulte!*

— Vou responder a esses *insultos!*

— Menos *insultos!*

Ai! o mundo despoetisa-se! As coisas terriveis perdem o colorido da lenda. As creanças riem do papão. O diabo já não é mais temido. O insulto já não é aviltante! Não é! A camara dos deputados vive ha um mez, tendo no seu seio o insulto em perpetua ordem do dia — e engorda.

Mas o sr. Antonio Ayres, esse, para que continúa a dizer com a sua vóz eloquente:

— Para ámanhã continúa a mesma discussão?

A escrupulosa verdade — e s. ex. sacerdote e catholico está adstricto a observar o *regimento* da consciencia — pede que se declare:

— Para ámanhã continúa a mesma assuada.

Assim o publico ficava avisado — e os srs. deputados tambem! Porque nada deve custar mais a um illustre deputado, que quer zelar os interesses do seu paiz, do que ver, numa discussão, exhausta a sua collecção de injurias, findos os seus apontamentos de berros!

Não é quem quer doutor em improperios!

E assim, devidamente prevenido, cada deputado podia formar de vespera uma util e séria lista de argumentos — consultando o diccionario, o seu aguadeiro, a porta da Alfandega o os fadistas da praça da Figueira.

(*1871.*)

EÇA DE QUEIROZ.

NA SERRA

.. .. : ... ...

Bertha volton-se sorrindo:

— Bem via que eras de minha opinião. Devemos ir; não acha, papae?

O velho Rogerio, que não parecia muito satisfeito com ter que condescender com este capricho, que o arrancava aos seus commodos, apparecia comicamente por entre as grandes orelhas de um paciente burrinho, em que se escanchava o seu corpo de sexagenario rheumatico.

A impassibilidade, de que se revestia o seu rosto pallido e pouco intelligente, perturbou-se num meio sorriso quando a filha o convidou para voltar; sorriso que se transformou numa careta mal disfarçada ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

Não obstante, deu de redea á sua azemola e foi seguindo caminho da serra, acompanhado da cavalgada pictoresca. Iam silenciosos. A não ser, a longos intervallos, uma maxima do velho a proposito do que elle não dizia, nem ninguem pensava, e o constante ruido das patas dos animaes nas pedras do caminho, nada mais perturbava o morno silencio da viagem, feita debaixo de um sol de meio dia.

Subiam lentamente. O aspecto geral da montanha ia-se modificando a cada ponto de vista. O que de longe, do fundo do vale, parecia um pequeno accidente confundido nas grandes linhas do conjuncto, era de perto uma anfractuosidade escabrosa, um socavão medonho, um vertiginoso alcantil.

Os viajantes sentiam-se pequenos ao pé daquellas grandezas. O caminho tortuoso serpenteava como bravia sucuriú, envolvendo nas suas multiplicadas roscas os rochedos, as toças, os pricipicios; desapparecendo de subito no despenhadeiro; mergulhando na sombra densa do arvoredo; repontando aqui e alli na fimbria da floresta, para alvejar por instantes no dorso das lombadas, e perder-se além no fundo do valle.

Ao chegar ao alto da montanha, no começo da peqnena chapada, tiveram de parar um instante para dar alento aos animaes. A temperatura estava sensivelmente outra. Soprava uma brisa fresca, que acalmava as agitações da penosa ascenção. Parados, voltaram-se os viajantes para o lado de onde tinham vindo.

Era janeiro. Apenas algumas chuvas haviam caído. A vejetação que começava a brotar vestia-se de uns tons de verde e cinzento, que fazia contrastar com a folhagem secca, de que se cobria o chão, destroços da vida que passára. Andava no ar o aroma dos renovos, saudavel e refrigerante.

A montanha se alongava para os lados como um grande arco. A' direita e á esquerda, estendia-se com seus pricipicios, seus despenhados, seus picos alcantilados, suas lombadas semelhantes ao costado de um monstro informe e desconhecido, que estacára no meio de sua carreira tomada de subito petrificamento.

Pela abertura, entre as duas extremidades do arco, desenrolava-se uma paizagem maravilhosa. A inundação luminosa que enchia o valle, a montanha, o céo, os toques de luz distribuidos por um sol de meio dia; a villa, que se derramava lá baixo na planicie; ao longe, as lagôas, que se assemelham a bocados de leite caídos sobre o manto verde da planicie coberta de um tennissimo pó de luz ; além, as cristas reluzentes dos brancos morros, a cinta azul do mar e os vagos sertões longinquos a esconder-se gradualmente na sombra indecisa do horisonte pardo ; — tudo isto, tocado de um caracter alpestre, selvagem, tinha um grandioso effeito imprevisto.

Felippe estava junto de Bertha, e admirava com ella a paizagem. Embóra creado nas serras, habituado áquelles golpes de vista, sentia agóra ao pé da formosa moça, uma sensação sadia e tonificante.

Por intervallos, uma nuvem branca atravessava o céo, lançando sobre a montanha uma sombra fresca que se arrastava lentamente para além.

Um vento monotono fazia gemer brandamente a floresta, emquanto o estalo vibrante da araponga, como uma bigorna perdida, o assobio agudo, impertinente, das cigarras, o canto vago das aves na matta, o grito dos macacos pelos talhados, faziam uma acclamação ao sol na sua abrasadóra magestade.

Menos fatigados, continuaram a ascenção.

De quando em vez, obscurecia-se o céo, e uma sombra refrescava a montanha. As nuvens inverdosas se agglomeravam e as sombras repassavam mais de eutnviada. Ao longe, o azul e o sol desappareciam por detráz dos vapores que se accumulavam ; e a matta foi se immudecendo como ultimo concerto de uma festa.

Dentro em pouco, a calmaria envolveu tudo. Calmaria podre, como se diz no mar. As aves calaram-se. Os urubús voavam a alturas prodigiosas, como pequenos pontos negros no sitim fascinante do céo.

Por vezes, um passaro desgarrado passava e ia esconder-se na espessura.

As arvores immoveis como que sustinham a respiração para escutar.

No emtanto, o céo placido deixava arrastaram-se os vapores, que invadiam o horisonte como um bando de brancos mastodontes.

Um calor terrivel, um calor de abafar, levantou-se da terra.

Então, um ruido surdo e vago approximou-se em rapido crescendo ; e em breve as arvores se torciam e as folhas seccas levantavam-se na aza do vento.

A borrasca mandava o seu primeiro sopro atráz da matta que se movia e voltava á immobilidade á proporção que elle passava como um grito de alarma. Os sopros repetiram-se. Em pouco, refrescou o vento, e o rumor indefinivel da floresta ergueu-se como uma acclamação.

Essa bafagem fresca tirou o velho ás suas distrações. Lançou em roda o olhar exclamando apprehensivo, vexado :

— Jesus ! Temos chuva, muita chuva ! Depressa meninos ! meninos ! Vamos ! Si soubessem que cão terrivel é o meu rheumatismo ! Tem horror á chuva. Com a bréca ! Quem me obrigou a molhar-me assim ! Não fazia mal a ninguem ficando em minha casa. Vamos ! Vamos ! Si o maldito aguaceiro apanha-me, estou fresco, arranjadinho !

E o velho esquecia-se de tudo para só lembrar-se do seu mal.

Preferia rebentar por aquellas ladeiras a baixo, a ser apanhado pela borrasca !

Bertha approximou o seu cavallo do pae, e affagou o braço do velho com a mãosinha carinhosa e enluvada.

Rogerio ficou humilde, feliz, áquelle doce contacto do seu bom anjo.

—Mas veja... disse, elle estendendo o braço para os pincaros, que a chuva já attingia.

Elle tinha razão. Era preciso voar para chegar antes da tempestade.

Para o lado do nascente, uma massa compacta de vapores bronzeada arrastava-se pesadamente, velando os cabeços num capuz acinzentado, e pondo na serrania proxima os tons de azul carregado.

A chuva caminhava estendendo-se pelas lombadas, como um reposteiro que se váe pouco a pouco desfranzindo.

Rogerio incitava o pobre animal para fazel-o transpor as ladeiras como um cabrito. O velho tirava do medo uma grande energia, a que não correspondia a natural paciencia da cavalgadura, muito menos rapida do que a borrasca que caminhava no céo.

Era inutil qualquer esforço porque as primeiras gottas raras e densas caíam já fazendo levantar-se um odor de argila e chiar as folhas seccas.

Abateu-se vigorosamente o aguaceiro. Num momento, tudo ficou alagado, inundado.

Bertha ria-se perdidamente ; sentia-se accesa com aquelles bramidos das coisas mortas.

Era effectivamente grandioso o espectaculo daquella chuva na serra.

O vento, que passava rugindo pelas quebradas fóra, vergava, contorcia, derrubava as arvores, que tinham aspectos de epilepticas. As aguas, arrastadas pela impetuosidade do declive, abriam fundos sulcos que se tornavam regatos.

As pedras deslocavam-se e rolavam pelos despenhadeiros como um tapir endemoniado. Os caminhos alagados repercutiam a pancada das patas dos cavallos, galopando com o pescoço estendido e a cabeça inclinada para o chão.

A montanha, coberta de vapores, fazia o céo e a terra confundidos.

VIRGILIO BRIGIDO.

CONFERENCIAS DO INSTITUTO. — Depois de manhã, sabbado, 4 do corrente, ás 4 da tarde, falará, no Instituto Nacional de Musica, sobre «os poetas do sertão», o sr. Manoel VIRIATO CORRÊA, auctor dos *Minaretes* (contos sertanejos que já exorbitaram, ainda mais, os olhos do sr. João Ribeiro), redactor da *Gazeta de Noticias* e, como toda a gente, «no dizer do poeta», bacharel formado... E' cidadão completo : maior de 21 annos, sabe ler e escrever. Não dizemos que sabe falar antes de sabbado, dia em que o provará, como se faz mistér.

A conferencia do sr. Viriato, apezar de concorrer com a Terceira Internacional Americana, váe forçosamente offerecer algumas variedades, a começar pela bella estampa do auctor : tem quasi um metro de comprido sobre quasi um palmo de largo. Imaginem tudo isto sobre o estrado do Instituto. O auctor não váe de fraque nem de sobrecasaca, mas de paletó sacco, para não desapparecer.

Outra curiosidade: o assumpto. Está perfeitamente nas suas cordas, nas cordas de vióla da sua vóz, as quaes elle tange com mãos de mestre, e ageis por isso mesmo que as suas duas são um pouco menores que a mão de certa creança, tão pequena que, segundo o verso celebre de Musset, accommodava o pésinho de uma não menos certa condessa andaluza.

A respeito dessa conferencia, não haverá meios termos no resultado : ou fiasco ou successo completo, o que é bem mais provavel por todas as razões supra. E não pense o sr. Viriato que neste pé de columna, muito maior que o seu e o da condessa, ha uma *réclame* encommendada pela empreza Castellões. Nem todas as bôas referencias são de encommenda.

SAUDADE

Paulo e Virginia, ó timidas creanças
No mesmo berço unidas e embaladas !
Eu vos consagro as pallidas lembranças
Das minhas desventuras já passadas.

Vós que brincaveis sempre, e de mãos dadas,
Colhieis flôres nas virentes françás,
Dormis na mesma tumba, e as alvoradas
Sacodem beijos sobre as lousas mansas.

Mas tu, saudoso Paulo, viste ao porto,
Chegar Virginia exangue e seminua,
Causando ao menos funeral conforto.

E a minha ingrata sorte foi mais crua :
Desposaram-me a noiva, ó Paulo, e morto
Sinto n'alma esta dôr que excede a tua !.

CARIDADE SELVAGEM

Morreu Jandira, a Deusa das bafagens.
Mata Jatyr a timida creança,
Que nascera da barbara alliança
Daquelles duros corações selvagens.

Cercado dos mais altos personagens
Da grande taba, Frei Luiz de França,
Firme e revel, censura a tal uzança
Que rende ás mães tão negras homenagens.

Mudo, Jatyr escuta o franciscano,
Quando este diz : — Não sóbe á Eternidade
Quem tanto acerba o soffrimento humano !.

Interrompe-o Jatyr : — Que iniquidade !...
Meu filho não soffreu pasmoso damno,
Porque a morte dóe menos que a orphandade !.

Rio—1906. IGNACIO RAPOSO.

XADREZ

O Club Internacional de Xadrez, de São Paulo, creado em fevereiro deste anno, e que já é uma importante associação que conta cerca de 150 socios, conferiu ao campeão dr. Caldas Vianna o diploma de socio honorario e votou uma enthusiastica moção ao mestre pelo brilhante successo de suas partidas contra Teichmann.

O mesmo club conferiu o diploma de socio honorario ao commendador Arthur Napoleão e o de socio correspondente ao redactor desta secção, pelo que, desvanecidos, lhe enviamos os nossos agradecimentos.

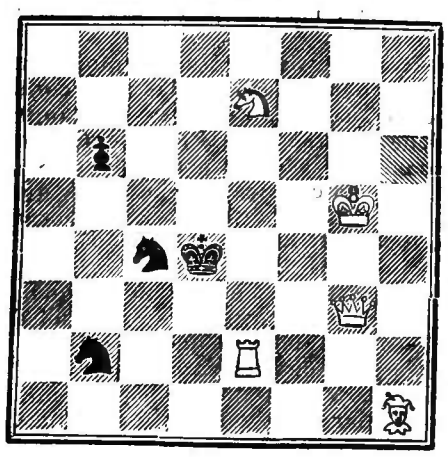
— Em agosto, o Club dos Diarios, desta capital, realisará um torneio em condições muito interessantes. O torneio será *à but* e provavelmente começará no dia 15 desse mez.

***

PROBLEMA N. 58

G. Heathcote

PRETAS (4)



BRANCAS (5)

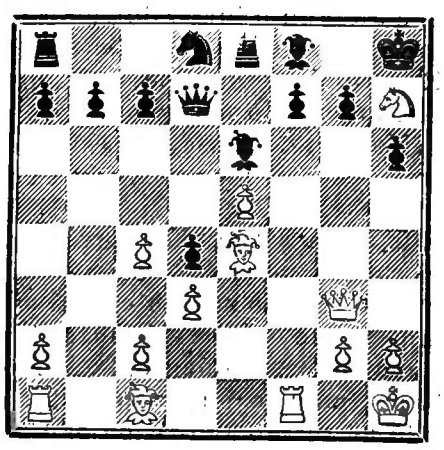
Mate em tres lances

PARTIDA N. 64

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (Dr. Perlis)		*Pretas* (Salve)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B D	— 2 —	C 3 B R
P 4 B R	— 3 —	P 4 D
P × P R	— 4 —	C × P
C 3 B R	— 5 —	B 5 C D
B 2 R	— 6 —	C 3 B D
Roque	— 7 —	Roque
D 1 R	— 8 —	B 3 R (*a*)
P 3 D	— 9 —	B 4 B D x
R 1 T	— 10 —	C × C
P × C	— 11 —	P 5 D
D 3 C R	— 12 —	T 1 R
C 5 C R	— 13 —	B 1 B R
P 4 B D	— 14 —	D 2 D
B 3 B R	— 15 —	C 1 D (*b*)
B 4 R	— 16 —	P 3 T R
C 7 T R	— 17 —	R 1 T

Depois do 17º lance das Pretas



B × P T !	— 18 —	P 4 B R (*c*)
P × P e. p.	— 19 —	P × B
P 7 B R	— 20 —	B × P B R
C × B	— 21 —	T × C
T 6 B R	— 22 —	D 3 D (*d*)
T × D	— 23 —	P × T
D 4 B R	— 24 —	R 2 C
T 1 B R	— 25 —	abandon. (*e*)

(*a*) 8... P 3 B R é considerado como o melhor: não pódem mais evitar as consequencias deste erro.

(*b*) Não teem outro recurso: devem submetter-se ao ataque.

(*c*) 18... P × B seria immediatamente fatal por causa de 19 — C 6 B R.

(*d*) O unico lance.

(*e*) Uma brilhante partida, sobre tudo notavel pela maneira decisiva com que o dr. Perlis se aproveitou de um lance indifferente do principio.

(*Notas de Hoffer.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 56 (*H. D'O Bernard*): D 8 C R.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS :

— «*Lendas* e narrativas», por Alexandre Herculano; edição da casa Garnier, que emprehendeu, em bôa hora, o trabalho de reeditar a obra do grande prosador de Portugal.

— «*Memorial*» offerecido ao dr. Affonso Augusto Moreira Penna, pela commissão maçonica, delegada pela maçonaria do Ceará para cumprimentar ao futuro presidente da Republica.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

ANNO III — Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1906 — Num. 93

ASSIGNATURAS
ANNO.... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFREDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Um dia de repouso em cada semana.—O projecto do sr. Tertuliano Coelho.—Os obstaculos á execução das nossas leis.—Considerações em nome da experiencia.

Ninguem mais contesta que o organismo humano, composto de carne e osso, coisas delicadas e frageis, possa ser, sem remissão, explorado.

Tudo o que exerce uma actividade, seja um mechanismo de aço, de bronze, seja um simples instrumento, se gasta, se consome, se desmantela, se inutiliza, si não tiver momentos de repouso para os reparos, os meios de conservação imprescindiveis. E o aço, o ferro, o bronze se concertam; uma peça gasta póde ser substituida; as juncturas frouxas pódem ser ajustadas; os dentes de uma entrosagem facilmente se substituem; calça-se um machado, renova-se a tempera de uma faca; mas não se reparam facilmente musculos fatigados, não se fornece ao cerebro o phosphoro esbanjado ou demasiadamente consumido pelo abuso; não se restauram os figados, os corações, os pulmões, os olhos, atacados pelas innumeras e fataes molestias do trabalho e dos seus excessos.

Si isso não se contesta, a preoccupação de proteger a saúde das classes operarias representa uma aspiração generosa, digna do apoio dos philantropos. O homem, burro de carga, escravisado ao trabalho pela necessidade, bem merece a solicitude dos propagandistas do repouso, no sentido de obter uma efficaz refórma dos nossos costumes, no que concerne á regularisação legal dessa materia.

Antes de tudo, convém lembrar que as disposições da lei sobre o assumpto teem tido execução ephemera, cáem rapidamente no olvido e morrem pela condemnação da indifferença dos proprios beneficiados.

O homem é um mechanismo dotado de intelligencia, de vontade, cujos actos não obedecem, rigorosamente, ao instincto de conservação que predomina compulsoriamente na vida, na actividade dos outros animaes.

Por isso, já disse alguem, com uma grande clarividencia de observação, que o tamanho do trabalho deveria ser marcado pela bitóla da necessidade, mas o homem não vive sómente ao jugo dos impulsos physiologicos; elle é dominado pela ambição, que tanto póde ser a causa essencial de movimentos bons, como de movimentos detestaveis, ambição que tanto se póde attenuar em simples previsão, como se exaggerar em sêde insaciavel de lucro, augmentando ferózmente na razão directa das suas conquistas, dos seus resultados effectivos, recolhidos em medidas abysmos, medidas que não teem fundo.

Esses defeitos da natureza só poderiam ser corrigidos pelo prestigio de uma forte sancção moral. Elles são superiores ás leis, aos meios coercitivos da auctoridade publica e as penas dos codigos de posturas são leves ameaças ridiculas que os não attingem.

No tempo em que todo o mundo acreditava em Deus e se submettia aos seus preceitos, a intervenção de beleguins e fiscaes não era necessaria para serem guardados os domingos e dias de festa indicados pela Santa Madre Egreja nos seus mandamentos. A gente não trabalhava no domingo porque o Creador, com o seu exemplo, ensinára que se deve repouzar depois de seis dias de trabalho, e aquelles que infringiam o preceito peccavam, incorriam em penas eternas, abdicavam a delicia da venturosa ociosidade definitiva, que é o precioso premio dos justos, no outro mundo.

O temor de Deus, porém, foi esmorecendo, principalmente nos grandes centros de população e, com elle, essas obrigações moraes que eram um poderoso freio governando as consciencias.

De uma feita que censuravamos um trabalhador, lubrificado de suór, curvado ao esforço do manejo de uma foice, sob os raios mortaes de um sol de matar passarinhos, isso num festivo domingo, elle respondeu, com máus modos, que os anjinhos não viriam das nuvens cortar o capim para os burros. Demais, a Egreja estava separada do Estado...

Essa irreverencia continha na sua grosseira fórma uma justificação irrecuzavel. Uma vez que os burros, como os homens, necessitam de viver e si o alimento é necessario á vida, forçosamente deve haver quem lh'o proporcione, quem trabalhe para isso emquanto elles repouzam aos domingos.

O homem é um animal livre que póde uzar e abuzar dos dons de que a natureza o dotou, mesmo em prejuizo proprio, dos seus meios de acção, da sua saúde. Disso resulta a difficuldade de lhe fazer o beneficio do repouso dominical ou da fixação das horas de trabalho. Um axioma juridico reza que «invito non datur beneficium.»

E' precizo ainda considerar as relações juridicas do que offerece o seu trabalho e daquelle que o remunera. Este propõe que o primeiro lhe forneça um trabalho de dez, de vinte horas; aquelle

acceita livremente essa condição e, no pacto que se estabelece, não pódem intervir considerações humanitarias, generosas considerações de preservação da saúde, da vida do trabalhador.

Por outro lado, si o trabalhador allega que não lhe convêm tantas horas de esforço, que será uma imposição barbara, injusta, o remunerador, o patrão, está no seu direito recuzando-lhe a diminuição de horas, ou o augmento de salario. Dirá que o operario tem o direito de ir bater a outra porta, que elle, patrão, tem o direito de procurar outro que o substitúa, e esse outro, o competidor, forçado pela necessidade ou pela ambição, não faltará; acceitará o pão que o antecessor rejeitou por muito caro.

A sancção unica da barbaridade dos patrões seria o phenomeno economico da offerta de trabalho menor do que a procura porque, nesse caso, o trabalhador dictaria as suas condições.

E, entre nós, o trabalho poderia fazer imposições, si fôsse protegido pela solidariedade dos interesses dos que o fornecem. Assim, o operario seria o principal executor sinão o fiscal de repouzo.

* * *

Occorrem-nos essas considerações da discussão do projecto de um intendente municipal, que descobriu o meio de garantir aos empregados do commercio um dia de repouso em cada semana, escolhido pelo patrão quando pedir a licença para o seu estabelecimento commercial.

A execução da lei projectada será entravada pelos mesmos obstaculos que reduziram a lettra morta leis anteriores. Um sem numero de fraudes burlará os beneficos intuitos do legislador, e o mal ostensivo, que é, passará a ser aggravado porque será clandestino.

O caixeiro, por exemplo, em vez de gozar o seu feriado legal ao ar livre ou repouzar no doce ocio, será forçado a arrumar, a limpar o armazem fechado, como succedia no tempo da observação do domingo, ou o negocio continuará por portas escusas, escondidos á vigilangia dos cerbéros da prefeitura.

Convém ainda ponderar que os habituados ao trabalho não gostam de repouzar, vendo outros, os parceiros do mesmo officio, trabalharem. Dahi, decorre a superioridade do suéto collectivo, geral, em que os amigos se encontrem, se divirtam.

Isto não envolve censura ao projecto do illustre intendente; prognostica apenas, com as incontestaveis demonstrações da experiencia, que elle será um vão esforço, uma nobre tentativa, esteril como muitas outras, despidas de meios coercitivos, desprovidas de sancção effectiva.

POJUCAN.

YANKEE DOLLAR

Da orla do mar aceano até quasi o sopé da cordilheira alterosa, coroada de fogo e neve, dilatavam-se os latifundios de Braz Latino.

Eram terras vastas e ferteis, de lavoura e de pastagens, que se desdobravam numa successão de mattas espessas e gordos campos, sulcadas de grandiosos rios, que ora rolavam sobre areias auriferas, ora se despenhavam pelas serras abaixo em retumbantes cachoeiras. Chamavam-se Eldorado, e porque Braz, como senhor de tantas riquezas, não pudesse descer de sua origem ancestral, ultimo rebento da grande arvore dos Cruzados e dos Navegadores, para tratar de coisas prosaicas, quatro amigos dedicados, num esforço proficuo, zelavam com solicitude pela sua prosperidade: eram John, Etienne, Andréa e Wilhelm. Filhos, embóra, de muito longe, o altruismo os impellira áquellas plagas selvagens para felicidade do Braz. Por isso, o senhor de Eldorado poucas relações entretinha com os proprietarios da redondeza, invejosos daquellas amizades.

John era gordo e fleugmatico. Sua pessôa rubicunda e pezada, apologia viva do *bife* e do vinho do Porto, desfazia-se em ferro, em carvão, em ouro, para a prosperidade do Braz. Etienne, sua antithese, alegre e folgazão, cheio de graça e gentileza, vivia numa dobadoura perenne para mimosear o amigo com finas roupas elegantes, livros galhofeiros e quadros picarescos.

Não houve recanto de Eldorado onde não resoassem os elogios aos dois incansaveis amigos.

— John — dizia o Braz — fornece-me o pão para o corpo; Etienne dá-me o pão do espirito.

Sabia, porém, avaliar a grandeza de cada um dentro da respectiva orbita, sem que desmerecesse os prestimos dos outros dois amigos.

Moreno e forte, tilintante de brincos e amuletos, Andréa abarrotava de grãos de rubiaceas os celleiros do dominio, quando não enchia de lyricas harmonias, arrancadas com bravura da garganta afinada, os salões do palacio do Senhor de Eldorado, que não sabia porque mais estimal-o, si pelos grãos, que tinha em grande conta, si pelas cantilenas, delle tão amadas.

Wilhelm transportava o amigo ao infinito do sonho e da phantasia, graças a um nectar dourado feito no bojo de immensas cubas; nos intervallos, seu cuidado era a segurança de Braz, fundindo sem cessar armamentos complicados que o defendessem de seus arrelientos visinhos.

Com a mesma largueza, eram todos retribuidos em mudas phrases de papel-moéda, que se convertiam em musica metallica e sonnante.

No egoismo dos fartos e felizes, Braz olhou sempre desdenhoso para a trefega visinhança, que mal podia conter a inveja e soffrear os impetos de esbulhal-o. Embóra de vez em quando o assaltasse a desconfiança, porque era desconfiado ás vezes, seguia á risca os conselhos dos amigos e os retribuia com a costumeira liberalidade, propria de tão grande e opulento donatario. Nessas occasiões, a gente que habitava Eldorado via Cambio, o secretario de Braz, subir e descer sorrateiro as escadas do pala-

cio, no afan de bem retribuir aquella illimitada affeição.

Por via de regra, os quatro amigos propunham a Braz Latino a realisação de coisas grandiloquas, de coisas immensas. Primeiro, John :

— Não é possivel, meu caro Braz, que continúes a correr a pé os teus dominios. Porque não faremos uma ferro-via ?

Sim, tinha razão o amigo John ; já tinha pensado nisso. Etienne intervinha :

— O interior do palacio... aquillo está velho, amigo Braz, já não se uzam aquellas porcellanas ; os tapetes e as mobilias estão pedindo outras, arte-nova, como se uza agóra.

O bondoso Braz franzia o sobrolho, numa attitude de quem resiste. Elles insistiam ; era necessario, era indispensavel :

— Sim, eu sei ; mas é o diabo, uma massada.

— Nós faremos tudo, massada nenhuma.

— Não tens que te incommodar.

— Bem ; está dito, arranjem isso, mas não me amolem. Quando fôr a inauguração me previna.

Outra vez era Wilhelm :

— Arma-te Braz, tens inimigos que te invejam e cubiçam os teu cabedaes.

— Estás hoje tetrico, Wilhelm. Perigo ? Qual, isso é brincadeira tua. Vamos lá, que cataclysmo é esse ?

E olhava o outro, esboçando um sorriso de mofa. Wilhelm contava-lhe os sinistros intentos da visinhança cubiçosa, o esbulho imminente, o saque, a ruina, não terminando a negra narrativa emquanto o amigo não deixasse a seu cuidado o preparo dos meios de defender Eldorado.

Nesses dias, Cambio subia e descia, numa azafama constante, para que os bons amigos, com toda a amplitude, pudessem velar pela commodidade, elegancia e defeza de Braz Latino.

***

Assim correram decennios. Os filhos mais moços de Braz attingiram a puberdade, os mais velhos vegetavam. A's vezes, aventuravam timidos protestos contra a famelica affeição, nunca saciada. Mas em vão : o velho não os attendia.

Em meio dessa amigavel beatitude, surgiu em Eldorado um personagem bizarro. Era um typo alto e esguio, pernas finas e longas, olhos zarcos e compridas suissas louras. Bizarramente mettido numa casaca de listras brancas e vermelhas, cobria a perfurante figura com uma cartola estrellada, á sombra de cujas abas a bocca se lhe abria em diabolicos sorrisos emmoldurados em largos dentes amarellos.

Não se preoccupou Braz Latino com a apparição do intruso em seus dominios. Debalde, os amigos falaram-lhe delle; limitou-se a retorquir-lhes com enfado :

— Deixem o homem. Minha divisa é a hospitalidade e Eldorado é uma hospedaria onde ha logar para todos.

O sujeito poz-se a correr Eldorado, e perplexos ficaram todos ante a originalidade de suas proezas. Mas o que mais maravilhou a próle senhorial foi o extranho alforge donde elle tudo tirava, desde a panacéa rosada, curadora dos males presentes e futuros, até a fluidica corrente que produzia a força e a luz, na louvavel intenção que tinha o forasteiro de amparar e alumiar os que delle se acercavam. Jonathan era o seu nome e Yankee Dollar o de seu alforge.

Engenheiro, marujo, artista e sabio, pois que dentro de Yankee Dollar trazia, em notas bancarias que valiam ouro, a arte suprema e a suprema sciencia, Jonathan alicerçava sobre esse prodigioso talisman sua reputação, conquistando a estima da progenie do Braz. Era mesmo prazenteiro e amavel : quando um dia a Mulata Velha, primogenita do Senhor de Eldorado, requebrou deante delle um *maxixe* dengoso, atirou para o lado o alforge, e, espancando o ar com as pernas esguias, revelou em saltos magnificos, saltos difficeis, a sua habilidade de dansarino mestre, afeito a saltar sobre as conveniencias alheias.

Tanto os filhos gabaram as artimanhas do recemvindo, que Braz Latino o quiz conhecer de perto.

Foi cordial o encontro ; Jonathan estreitou o outro nos angulosos braços, tão fortemente que elle bem comprehendeu toda a força de sna futura amizade, e disse para si mesmo :

— Forte amizade arranjei !

Deu-se Jonathan a conhecer como parente do Senhor de Eldorado, descendentes que eram ambos da Mãe America ; sim, elle era sobrinho de Sam, o irmão do norte, de quem Braz tão afastado vivia.

— Precizamos solidificar nossa familia pela união, dando-nos fraternalmente as mãos.

Ao jantar, onde, desde o cardapio até á ornamentação, a proficiencia amiga de Etienne se revelava, Braz lamentou-se dos muitos afazeres e cuidados que a vastidão de Eldorado lhe impunha.

— Porque não adoptas o systema do tio Sam ? Divides Eldorado pelos filhos ; cada um se encarregará da sua parte, dividindo os lucros comtigo.

Braz protestou :

— Para longe o agouro ! Isso é uma herança em vida.

— Pieguices ! E' assim que vive o tio Sam, forte, farto e sem lamurias. Faze o mesmo ; contentarás a próle e viverás sem cansaço.

— Uma especie de sociedade.

— Meu tio Sam chama a isto um syndicato.

— Pois vale a pena tentar a experiencia.

— Experimenta, — concluiu Jonathan — segue o meu alvitre, e Eldorado irá de vento em pôpa.

E a experiencia foi feita. Ao amanhecer do dia seguinte, um bello dia de novembro, de sol e de calor, os filhos de Braz souberam da subitanea resolução do pae, ainda extremunhados de somno. Grande foi a alegria de todos, vendo-se assim, inesperadamente, investidos duma precoce maioridade e na plena partilha duma fortuna collossal.

Como aos outros amigos, não agradou a Etienne a mudança ; mas como fôsse de genio jovial, não tardou que se desannuviasse e fôsse em auxilio de Jonathan, collaborando com elle na generosa tarefa de felicitar o Braz. Logo pintou uma nova taboleta para substituir a antiga na porta de Eldorado e emprestou muitas coisas que tinha guardadas no fundo da mala, ou vindas expressamente do seu sortido bazar de Paris de França.

Foi uma metamorphose de extremo a extremo de Eldorado. Cambio cessou de andar aos bolcós, subindo e des-

cendo, e, acastellado no seu alto banco, contemplava de cima a phantasmagoria do ensilhamento, atirando para baixo pedaços de papel multicores que valiam ouro e que a gente do dominio apanhava com soffreguidão.

* * *

Não tardaram a brotar os espinhos entre as flôres do surto collossal. Da partilha provieram rixas que tiraram o somno e a tranquillidade á familia, antes tão unida e pacata, e Braz, desilludido, malsinava a sua precipitação. No oceano de grandezas que de subito innundava Eldorado, tinha succedido á maré montante da fortuna a rapida vasante com que ninguem contava, e tantas vicissitudes quebrantaram afinal o animo de Braz, sem que a pharmacopéa caseira lograsse reerguel-o.

Sabendo quanto Braz se deixava influenciar pelas cambalhotas de Cambio, debalde appellaram para elle. Mas o velho jogral, desconsolado, descera das altitudes onde se acastellára, jurando a ellas nunca mais se guindar:

— Não subo, *me deixem*, não subo.

Wilhelm tentou umas injecções teutas nas pernas do enfermo, mas a molestia se aggravou; o doente delirava, falando allemão.

Era um novo morbus naquelle organismo sadio: a quebradeira. John acudiu; um medico famoso por elle arranjado, o dr. Fundingo, ministrou ao enfermo, em dóses de libras, o especifico sterlino, cujos effeitos beneficos se patentearam; Cambio tambem agiu, subiu, e esse movimento do pelotiqueiro acabou de levantar o physico e o moral do Senhor de Eldorado, cuja maior alegria era vel-o aos saltos.

Em breve, o corpo de Braz readquiria o vigor, e as panacéas amigas o punham em franca convalescença.

Durante a enfermidade, tinham-se suspendido as obras e paralysados os serviços de Eldorado, porque todos os recursos eram poucos para os gastos da pharmacia estrangeira.

Porfim, a alta anciosamente esperada chegou, mas quando Braz alongou a vista pela immensidade dos seus dominios, viu com pezar o abandono em que tudo ia, e interpellou a prole:

— Que fazem vocês, corja de vadios? Foi para isso que reparti em vida as minhas riquezas?

E quedou silencioso, ante o mutismo dos filhos. Atravéz dos nimbos do futuro, parecia ver um Eldorado differente daquelle; e a visão phantastica se foi tornando nitida e em pouco já não era outro Eldorado, mas aquelle mesmo, por onde o Progresso abria largos caminhos, que a força, a intelligencia e o trabalho percorriam de mãos dadas, semeando riquezas; fabricas se desennovellavam em fumaradas, forjas faiscavam incendiarias, num interrupto barulho metallico que martellava o espaço; naves esguias sulcavam as aguas, até então desertas, afundando ao pezo de enormes fardos, portadores do util e do superfluo; locomotivas corriam, na grande vertigem devoradora das distancias, vendo as casas crescerem e desapparecerem nos semfins do horisonte. Por todo o Eldorado perpassava uma rajada de progresso, levantando a aurea e adamantina poeira daquella terra feraz num espesso simoun de miragens extranhas e grandiosas.

Então, como que inspirado, convicto da propria grandeza, murmurava a si mesmo:

— Hei de fazer grandes coisas...

Toda essa noite, passou-a numa evocação de phantasias novas que completavam a diurna miragem, e quando de manhã se ergueu, lepido e satisfeito, como si o animasse um poderoso vigor, tinha o ar triumphante dum realizador de sonhos e de idéas. Como, porém, dar á luz aquella sciutillante progenie, si lhe faltava o Dinheiro, pae do Progresso, avô da Civilisação? E as grandezas incubadas em seu cerebro de sonhador goravam á mingua da força geradora. Como a um velho decrepito, faltava ao Braz o elemento, a seiva para a necessaria fecundação donde brotariam tantas magnificencias.

Debalde varejou as arcas; estavam vasias como o proprio vacuo. Então, desconsolado, o opulento Senhor do immenso Eldorado, poizou successivamente sobre os filhos o olhar prescrutador, e os viu magros e maltrapilhos, num lastimavel contraste com as galas, as louçanias da natureza.

Veio-lhe um enervante desconsolo, tédio inexplicavel do passado, aversão infiltrante pelos amigos de outr'ora.

E nesse momento mesmo os viu ao longe, nédios e fartos, numa intima palestra, acampados no dominio, não com a timidez de hospedes, mas com o desembaraço de donos. Quiz ouvil-os.

— Amigo Wilhelm, como vão teus trabalhos pelas terras da Catharina? — perguntava Andréa.

— Maravilhosamente, *ya*, maravilhosamente. Estou alli como em terras proprias. Si ellas já nem parecem pertencer a este pascacio do Braz.

— Você váe a passos de gigante — observou John.

— Vem de lá com as tuas manhas, leopardo faminto. Julgas que não sabemos dos teus trabalhos de sapa?

— Apparencias, méras apparencias. O Braz anda desconfiado, é precizo geito. Os juros é que me valem.

Etienne interveio:

—Emquanto o Braz se contenta com dizer: «o meu uberrimo Eldorado», «os meus proverbiaes thezouros», vocês o vão amigavelmente espoliando.

— Pois deixal-o com a sua mania. O mundo pertence aos fortes, e nós...

— Mas o Braz... — objectou Andréa.

— Ora, o Braz! — exclamou Wilhelm.

— Na verdade — proseguiu John — não tenho os designios de Wilhelm; mas, em todo o caso, não se me dava...

— Deixa-os falar, John, esses moralistas; não fazem o mesmo porque não pódem, mas nem por isso fazem menos do que nós. Não vês a zurrapa que bebe o Braz, as sedas de algodão que elle veste, todas as contrafacções que uza? Quem lh'as fornece? Etienne e Andréa.

Riram muito os quatro.

— Pois não haveriamos de tirar proveito!

— Pobre Braz!

— Ora, o Braz: uma zebra!

O Senhor de Eldorado ouviu estatelado o alegre concilio; sentiu como que um formigueiro fazer-lhe cocegas no brio; mas, como era de natural cauteloso, adiou para mais tarde o justo desabafo e foi seguindo a ruminar desaforos.

— Villões, canalhas! Eu os curo, grandes tratantes.

Parecia-lhe ver pela vastidão de seus dominios consumar-se a diabolica pilhagem: Wilhelm, do sobrado da casa, dando ordens para baixo, como senhor daquillo tudo; John, calcando os hianos com pezadas chancas illrôas, a estender uma cerca, como si os apartára para si; e eram vózes em linguas extranhas, porque entre os trabalhadores de suas terras levantava-se uma Babel que elle, na sua cegueira, não vira construir.

Em caminho, encontrou Jonathan, que lhe disse:

— Bellas terras, tio Braz, preciosas terras! Precizamos melhorar isto.

— E querem disto me esbulhar estes quatro salteadores.

— Não lh'o dizia? Bem o previni; não lhe importou... Mas não é caso para lastimas. Aqui estou, confie em mim.

— Obrigado, Jonathan; você, sim, é parente e amigo.

Braz allegou então a falta de meios, ouro, unico eixo em torno do qual giram as rodas do Progresso, que movem o carro da Civilisação.

Jonathan abriu Yankee Dollar, e o dinheiro jorrou do magico alforge.

— Eil-o, amigo Braz, quanto queiras; Yankee Dollar é inesgotavel.

Braz commoveu-se. Braz facilmente commovia-se. Com os olhos arrazados de lagrimas, uiron o dinheiro. Tanto as lagrimas lhe empanaram a visão que o fizeram divizar Jonathan sobre um confuso pedestal de ouro, do alto immenso, inaccessivel do qual dominava Eldorado.

***

Pelos tempos seguintes, não cessou Braz Latino de alardear seu altaneiro desprezo contra os amigos traídores, fazendo-lhes picuinhas de creança vingativa, contrariedades systematicas ás idéas dantes tão bem acolhidas. Os quatro semi-senhores de Eldorado sentiam fugir-lhes das garras a beatifica partilha, e sobre Jonathan apontavam as suas iras, adivinhando nelle o concurrente feliz.

— Isto é obra do pernalta intruso — dizia Wilhelm aos outros.

— O biltre é insaciavel — accrescentava John — é precizo desalojal-o.

Mas o sobrinho de Sam avultava, de dia para dia, no conceito de Braz, deslumbrado pelas suas artimanhas de saltimbanco do Progresso. Si bastava que elle pronunciasse o *fatlux* imperioso para logo irem surgindo do bojo magico de Yankee Dollar, subitas e inteiriças, todas as coisas estupendas que Braz sonhára fazer! Surgisse elle, por acaso, em algum ignorado recanto do vasto dominio, nunca pizado por seus pés senhoris, e lá iria encontrar o incansavel parente, em mangas de camisa e calças de listras, plantando solicitamente alguma nova maravilha arrancada ás entranhas do satanico apparelho.

Foi numa excursão assim que o Senhor de Eldorado, chegando ás margens dum rio, tão largo que parecia um mar, encontrou Jonathan dormindo tranquillamente á sombra de sua ampla casaca, estendida sobre quatro esteios, á guisa de barraca; ao lado, servindo de espantalho aos mosquitos, a cartola estrellada, balouçando na ponta dum bambú, como pendão de conquista plantado naquellas paragens desertas.

Braz sentou-se e olhou: o rio rolava, espadanando e rugindo entre fraguas, sem perturbar o somno pezado do forasteiro; nas reentrancias das margens, a agua, em remanso, ondulava suavemente, indo marulhar de encontro ás dunas de areia que alvejavam ao sol com scintillações de ouro; em roda, a floresta espessa farfalhava as grimpas banhadas pela luz ampla do astro-rei e, emquanto as folhas ahi se agitavam, como placas de ouro redemoinhando ao vento, em baixo, no recesso da sombra, a folhagem verde negra, completamente immovel, parecia adormecida no rumoroso silencio das mattas tropicaes.

De repente, uma flotilha de canôas surgiu numa volta do rio, impellidas pelas remadas vigorosas de tripolantes estrangeiros; bem perto de Braz, elles saltaram, empunhando pás e alviões. Inconscientemente sentiu um calefrio ir-lhe até os ossos, receioso dum ataque, — mas os homens passaram a seu lado, olhando-o com indifferença, como si o desconhecessem, e embrenharam-se na selva. Jonathan accordou e os dois seguiram caminho de casa.

Era setembro, e nesse dia passava o anniversario de Braz. Mas não havia festa, porque, emparedado na sua velha apathia, o opulento Senhor não sentia a alegria de viver; apenas um jantar, onde Etienne requintára de proficiencia no preparo e no arranjo.

Appareceram algumas novidades, affectuosas delicadezas da prole.

—Vamos, provemos o nosso vinho. — disse um filho.

Beberam todos, mas o Braz não gostou:

—Não chega ao do Etienne.—disse.

Fizeram-se os brindes e levantou-se a meza. Coube então a Andréa a tarefa de divertir por algumas horas o anniversariante com as suas melodias mellifluas e, quando o dia rompeu, Jonathan despediu-se de Braz.

Ia visitar o tio Sam, de quem, dizia, andava saudoso; mas prometteu voltar breve e como penhor de amizade deixou Yankee Dollar, para que delle se utilizassem.

Para espancar o tedio, Braz resolveu-se utilizal-o; mas, ao envez de Jonathan, que fazia as suas sortes magicas no silencio e na obscuridade, elle amava o ruido e o apparato, e foi cercado da prole e dos hospedes que arrancou ao mysterioso instrumento a coisa unica no seu antro guardada—o ouro — resumo de todas as coisas do universo, como dizia o sobrinho de Sam.

—Vamos agóra fazer grandes coisas. —disse.

—Sim, nós faremos grandes coisas —confirmaram os filhos.

Logo se atiraram á faina, mas os sonhados portentos saíam morosos e rachiticos; sumia-se o ouro e Yankee Dollar minguava a cada vez que de novo o revolviam.

— Falta-me a paciencia para estas coisas — resmungava, desalentado, o Senhor de Eldorado.

Um dos filhos disse-lhe que o veio inexhaurivel seccára.

— E' extraordinario! Nas mãos de Jonathan, o maldito alforge jorrava o ouro em catadupas, nas nossas foi se exhaurindo até seccar de todo.

— E' porque, disse John, não sabes semear o ouro que elle vomita. Nem por ser magico, esse alforge deixa de ser como os outros: para que delle tires alguma coisa, é precizo que antes

a tenhas mettido lá. Tu, só, o esvasias Braz ; havia de acabar.

— Esvasio, sim, mas semeio.

— Semeias, mas a tua semente não fructifica, e Yankee Dollar só jorra o ouro quando o que delle sáe se multiplica.

— Pois seja, estou farto de massadas ; folguemos e gozemos, que ainda é o melhor meio de viver.

Todos concordaram, e Etienne e Andréa, embolsando o que restava, fôram engendrar folganças e comezainas para gaudio de Braz Latino.

Entretanto, Jonathan retardava o regresso ; mas de longe não esquecia de lembrar a Braz que tivesse cautela com os ex-amigos e se utilizasse do alforge com segurança e proveito.

Wilhelm guardava-o na lembrança com rancor ; John, porém, não partilhava a sua ogeriza :

— Deixa lá o rapaz, Wilhelm, é meu parente. Tem as suas soberbas, é verdade; mas, no fundo, conserva e cultiva com carinho as bellas qualidades que os meus avós lhe transmittiram. O Braz...

— Ora, o Braz... Si lhe comessemos todos os fructos do Eldorado, era até um descanço para elle.

— Não é precizo tanto, basta-nos comer a polpa e deixarmos-lhe as cascas— tornou Johu.

— Cá por mim, era capaz de comer o proprio Braz, com o seu Eldorado e tudo.

— Lá isso era, bem te conheço os appetites antropophagos.

— Que não são inferiores aos teus, grande maroto.

— Lembra-te, porém...

Calaram-se. Vinha passando o donatario. Elle tivera nesse dia, causado das facecias de Etienne e dos alamirés de Andréa, a curiosidade de saber o que ia pelas suas terras.

Mal se puzera a caminho, tudo lhe pareceu estranho ; ninguem se alvoroçava á sua passagem, como si já não fôra o supremo senhor daquellas zonas ; como estrangeiro, seguia sem entender a lingua que em torno falavam e até alguns filhos tinham deixado de comprehendel-o, mal o reconhecendo. E Andréa, Wilhelm e John caminhavam lepidos por entre as gentes de Eldorado, saudados e obedecidos.

Acabrunhado e triste, Braz Latino volveu a casa, reconstruindo as peripecias da jornada com desconsolo de vencido, reavivando-as com a volupia torturante dos impotentes.

Porfim, Jonathan chegou em companhia de Sam e ambos, brandindo a lança dos paladinos, arvoraram-se em defensores do espoliado Senhor, que mal lhes podia agradecer.

— Grande amigo, quanto te devo, generoso amigo.

Sam respondeu :

— Não falemos nisso; com o tempo, me pagarás. Eu aqui fico para te proteger e guiar.

Eldorado foi tomando nova feição. Debalde, Braz queria fazer alguma coisa, realizar algum plano ; Sam não o consentia, chamando a si toda a tarefa de mourejar pela grandeza sua, voluntario mordomo que velava com solicitude pelo progresso do dominio á sua guarda confiado.

E Braz se ia enfastiando daquella inercia ; impacientava-o a demora, almejava desvencilhar-se do geueroso importuno, esperando em vão o regresso, vendo sempre as suas riquezas partirem... e elle a ficar.

Um dia, finalmente, interpellou-o, de manso, com interesse de amigo :

— Quando partes, Sam ; deve prejudicar-te uma tão longa ausencia.

— Já não parto, apraz-me ficar aqui, pois fico.

Braz comprehendeu, então, aquellas solicitudes, aquellas dedicações, todo o apego daquella ferrenha amizade que o ensombrava, que o esmagava. Sentiu-se fraco, entristeceu, definhou e morreu.

Sam transformou o velho alforge em esquife e dentro encerrou o defunto.

Ninguem deu pelo enterro e quando Yankee Dollar desappareceu na terra com o cadaver de Braz Latino, Sam mandou arriar a taboleta suspensa á porta do Eldorado e, entrando na casa vasia, pacificamente substituiu-se ao defunto proprietario, indo assistir da janella á collocação da nova placa, onde se lia : *Eldorado-Succursal.*

Rio, 1906.

EDUARDO NAZARENO.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

APANHADOS

O ensino na Hungria

O ensino secundario na Hungria váe, proximamente, soffrer uma reforma radical. Até 1848 não havia sinão um unico typo de ensino secundario, o do gymnasio, onde se estudava, quasi unicamente, o latim. Depois daquella data, fundaram-se as escolas reaes, no modelo das *realschule* allemães, onde se dá o que se chama actualmente o ensino especial ; os alumnos, depois de terem completado a educação secundaria, não pódem seguir os cursos das universidades, isto é, não se pódem tornar nem medicos, nem advogados, nem professores, sem prestar um exame complementar de latim.

Seria de muito proveito, hoje, para crear a igualdade e a união nas classes e para diminuir as differenças que separam as diversas nacionalidades, que não existissem sinão lyceus. E' esta a idéa fundamental que inspirou o projecto de lei elaborado pelo sr. Finaczy, membro da Universidade de Budapest.

***

Um menino de 46 annos

Falleceu em Wesbury Morkouse, condado de Wilt, na Inglaterra, um «menino» que tinha completado os seus quarenta e seis annos. Apezar de parecer phantastico, nada é mais verdadeiro e se explica perfeitamente sabendo que esta estranha «creança» nasceu e começou a crescer normalmente no principio da sua vida, mas, quando completou 12 mezes, interrompeu o seu crescimento, tanto physica como mentalmente, razão pela qual seguiu vestindo roupas de menino e andando e brincando como uma creança dum anno. Até os alimentos eram dados como a um menino e era preciso ter com esse curioso anão physico e intellectual um cuidado extraordinario, como si elle não tivesse saído da infancia, não obstante os seus quarenta e seis annos.

***

Os indios nos Estados Unidos

Os esforços que teem sido feitos nos Estados Unidos para civilizar os pelles-vermelhas tiveram já excellentes resultados. Muitos desses indios fôram conquistados pela civilisação e teem dado da sua intelligencia, da sua energia e da sua perseverança provas bem patentes. O sr. John M. Orkison, um indio cherokee, é um dos redactores do *Evening Post*, de Nova York; J. N. B. Hewitt, cujos trabalhos sobre a linguistica, a mythologia e a sociologia dos indigenas norte-americanos são muito celebres, é um tuscarora ; um descendente dos chefes

Kiowa, Lone Welf, é capaz de occupar, com muito successo, uma cadeira de grego em qualquer universidade; Charels Curtis, um Pottawatomie, já senador, é o auctor da lei Curtis e doutras leis concernentes ás tribus indigenas, que transformam suas propriedades communs em propriedades individuaes, abolindo o governo familiar e fazendo daquelles selvagens cidadãos americanos.

***

Os subditos de Eduardo VII E' um facto curioso, mas muito pouco conhecido: Eduardo VII tem debaixo do seu poder mais mahometanos que o sultão da Turquia, mais judeus que os da Palestina e mais negros que qualquer outro soberano, salvo algum indigena da Africa.

***

Um grande ascensor O ascensor mais alto do mundo será o que se projecta installar para subir ao monte Hammet-Schwand, perto de Lucerna, na Suissa. Este ascensor irá até ao cume da montanha, que tem uma altura de 1.100 metros sobre o nivel do mar.

***

Pela paz universal No parlamento inglez, o deputado operario Virian, apoiado pela ministro dos Negocios Estrangeiros, o sr. Edward Grey, fez adoptar, por quasi unanimidade, uma resolução tendente a que o governo tome energicas medidas afim de reduzir as despezas consagradas ao armamento, e insiste para que, na proxima conferencia de Haya, accordos internacionaes intervenham neste ponto.

Um publicista inglez, o sr. G. H. Perris, propõe que as despezas para os armamentos sejam limitadas por uma concordata commum, isto é, que os governos promettam não augmentar as suas despezas de guerra.

***

Varias

O celebre inventor Thomas Edison não acredita no genio. Segundo elle, os grandes exitos são devidos «2 % ao genio e 98 % ao trabalho pertinaz e constante».

*

Estão estabelecidas, actualmente, na Republica Argentina, 55 companhias de seguros, das quaes 31 são nacionaes e as 24 restantes estrangeiras.

*

A civilisação é prejudicial á longevidade dos cavallos; qualquer animal desta especie vive, em estado selvagem, de 36 a 40 annos, emquanto os cavallos domesticados não passam dos 25 annos.

Uma heroina de Dickens A protogonista da famosa novella de Charles Dickens, «Little Dorit», não só existiu como vive aiuda: é a senhora Cooper, que foi companheira de infancia do grande romancista e que acaba de completar 94 annos no seu retiro em Southall, onde já passou 60 annos da sua existencia,

***

Cruzador japonez Os japonezes acabam de lançar em Kure, com grandes festas, um novo cruzador encouraçado, o «Tsukuba», que é o primeiro construido, por completo, no Japão, sem o auxilio de nenhum estrangeiro.

***

Machiavelismo Charles Benoit, na *Revue des Deux Mondes*, diz muito bem do machiavelismo, porque o que «elle encerra de eternamente e universalmente humano, de eternameute e universalmente real e, por conseguinte, de politica, não cessou de viver e de agir. Não sómente os francezes teem ouvido duas vezes, acima dos Alpes e para lá do Rheno, lançar o grito que ressuscita os povos, mas duas vezes elles viram se levantar o homem que devia apparecer, Bismarck ou Cavour; duas vezes este homem foi o Principe, tal como Machiavel o tinha annunciado, grande dissimulador, grande conhecedor da occasião, collaborador avisado da Providencia, leão e lobo; ás vezes, mais leão que lobo; ás vezes, mais lobo que leão».

***

A decadencia da guerra Um pacifista fez o calculo seguinte: nos livros de historia que as escolas norte-americanas uzavam entre 1843 e 1885, aprecia-se a parte consagrada ás narrações de guerras e se verifica que a parte bellicosa dos livros está numa proporção de 40 %. De 1885 a 1897, os livros de historia que appareceram já não tratavam muito de guerra; esta parte é de 28 %. Finalmente, nos ultimos volumes, o numero de paginas cheias de historias de guerra não é mais do que 24,7 %.

A LIVRARIA

«EVANGELHO DE MOÇO», LIVRO DE VERSOS, POR CORRÊA DE ARAUJO—OFFICINA DOS NOVOS, EDITORA — MARANHÃO — 1906.

Vem escripto na capa do livro: Versos dos 18 aos 20 annos. Foi muito bom que o auctor puzesse alli aquelle não costumado aviso. E' necessario conhecer-se tal condição para dar a esta obra o valor que lhe cabe.

Como livro produzido dos 18 aos 20 annos, o *Evangelho de Moço* é uma revelação simplesmente extraordinaria.

Não se tem difficuldade em ir entrevendo, atravéz destas paginas juvenis, sinão todos os livros que o sr. Corrêa de Araujo perpassou, ao menos aquelles que mais o impressionaram até hoje. Seus versos são feitos do que elle tira de si, um tanto, mas ainda muito á maneira por que as abelhas fabricam o seu mel, quer dizer, são produzidos em bôa parte sob a impressão de leituras, como é natural e mesmo inevitavel na sua edade. O que o poeta por emquanto escreve não póde deixar de ser imitação até certo ponto, embóra muito inconscientemente, talvez, e não obstante todo o poder do seu talento.

Pelo conjuncto das influencias sensiveis no seu livro, vê-se que o jovem maranhense não tem uma cultura correspondente á de Alvares de Azevedo nem mesmo á de Castro Alves, quando elles estavam na edade que ora elle conta. Quer um quer outro desenvolveram-se em meios de muito mais forte intellectualidade do que é actualmente a capital do Maranhão, ao que parece a quem daqui de longe procura julgar.

Sem grande cultura por um lado, por outro ainda sem ter vivido, não podia ser que o sr. Corrêa de Araujo já produzisse com os seus versos uma impressão tão intensa como a que aquelles dois rapazes geniaes vieram cauzando desde o seu espontar. Ainda não se encontram no *Evangelho de Moço* producções absolutamente impressionantes, que bastassem por si para garantir uma gloria definitiva ao poeta, dentro da nossa litteratura, mesmo que elle nada mais viesse a produzir daqui por deante. Como eu já disse, dos seus versos é inseparavel a circumstancia da precocidade para se lhes dar todo o apreço.

Nem forte leitura nem principios sufficientes a um escriptor elle por emquanto possúe. Até ainda commette erros de grammatica que não pódem, de todo, ser perdoaveis.

Tal qual este seu livro é, no emtanto fala-nos de uma grande esperança, como as maiores que tenham sorrido e hajam fructificado no Brazil.

Não conheço primicias de contemporaneos ou dos representantes de outras phases nas nossas lettras que proporcionem entrever-se uma natureza de poeta mais rica, mais complexa e mais poderosa do que estas paginas do *Evangelho de Moço* do sr. Corrêa de Araujo.

Elle não tem e parece que nunca terá o que se deve chamar uma fórma

rara, ou antes exotica, preciosa. Desde agóra, é facil de sentir: o jovem poeta tráz uma natureza antes normal, sem as idyosincrasias, os *tics* dos temperamentos não tanto aristocraticos como doentios.

Isso se vê desde o seu vocabulario, sufficiente, relativamente falando, mesmo com a abundancia, a variedade que a poesia requer, mas nada singular, nem maravilhoso, nem pedantesco.

A phrase aqui é simples e natural, embóra elegante e bem feita. Si o auctor commette muitas vezes incorrecções, em todo caso não é pelos vicios contrarios á indole da lingua, tão communs nos principiantes, por falso gosto.

Desde agóra se mostra de uma grande virtuosidade na composição do verso. Este ora é colleante e blandicioso, ora heroico e precípite, e sempre musical, tantas vezes na verdade suggestivo, é verso emfim, como só os verdadeiros poetas sabem fazer. Já se encontra neste livro até o segredo das chaves de ouro, que constitúem o encanto principal de um bom punhado de seus sonetos.

Mas é interessante observar-se como o jovem litterato instinctivamente desvia-se, neste particular da composição do verso, da influencia innovadora dos decadentes e symbolistas. Não só não pratíca nem uma vez o chamado verso livre de uns, nem quasi até a simples asymetria da maior parte delles, como lhe repugna mesmo ensaiar-se nos metros que esses ultimos chegados, sinão introduziram na poetica propriamente, ao menos puzeram mais em voga, como acontece com os de oito syllabas, os de nove formados de dois quadrissyllabos (para que elle abriu em todo caso uma excepção no *Ninho Vasio*) e finalmente os de onze com a fórma que os romanticos não adoptaram.

Quando a edade lhe permittir um discernimento completo, melhor do que eu elle decidirá sobre si deva ou não persistir em abstenção tão systematica, verá si o evoluir não é tão legitimo e mesmo tão necessario nestas questões, da fórma como em tudo na vida. Entre os mais escrupulosos dos poetas portuguezes e brazileiros, muitos tem havido e os ha que pelo menos não se desdenharam e não se desdenham de dar mais variedade á metrica de suas composições adoptando de quando em vez esses versos menos correntes na nossa poesia.

O que eu quero, porém, agóra é assignalar mais este caracteristico da indole classica que se observa no novél poeta.

Não se póde suppor que elle haja escapado á contaminação desses *novos* de hontem, relativamente a taes pontos, porque os deconheça. O sr. Corrêa de Araujo ainda paga extraordinaria vassalagem a Guerra Junqueiro, tanto que lhe offerece este seu livro como «ao Mestre amado». Ora, bastava-lhe apprehender o extraordinario poeta portuguez por todos os seus matizes de arco-iris das lettras, que elle representa, para inclusive estar ao par das innovações daquella escola, que o auctor d'*Os Simples* e de *Patria* foi dos primeiros a acceitar e a introduzir na nossa lingua.

Mas além dessa grande influencia de que ainda por modo tão flagrante se resente o nosso jovem compatriota, percebe-se o effeito, muito menor embóra, da leitura de outros que representam por maneira mais exclusiva, sinão mais completa e feliz, as tendencias da dita escola. Deste impressionaram-lhe algumas imagens, certo modo de encarar dados assumptos; daquelle, a bravura hespanhola do gesto, o bizarro, o alacre da visão que trouxe.

Em todo caso, depois de Guerra Junqueiro, mas do Junqueiro principalmente da *Morte de D. João*, da *Velhice do Padre Eterno* e da *Musa em Ferias*, quem parece ter influido mais no espirito do nosso poeta são os principaes parnasianos brazileiros e alguns romanticos tambem nossos. Não sei si diga: pelo menos no que se chama o pensamento, parece-me que por emquanto ainda mais os romanticos, sobretudo Gonçalves Dias. Os parnasianos influenciaram grandemente na fórma.

De quem não percebemos o influxo directo é de gente estrangeira, principalmente de gente de lettras mais propriamente dita. E' visivel que ao menos de dois homens lá de fóra elle leu alguma coisa, mas desses, um é um philosopho; outro, um mystico: falo de Augusto Comte e de Allan Kardec.

Perguntareis: mas como elle os concilion? Não tratou de semelhante coisa, e fez ainda mais: complicou umas duas ou tres crises positivistas, que accuza, e os frequentes arroubos espiritas ou quando menos swendenborgianos, de que os seus versos nos falam, da demagogia anti-catholica e do correspondente antropomorphismo bonhomista que ha no seu prezado Guerra Junqueiro. Não se apercebeu que foi precisamente por este lado que a obra do seu mestre lusitano, realmente tão seductora de naturezas ingenuas e um tanto virgens ainda, começou a envelhecer, a perder todo o encanto.

Si se tratasse da obra de um homem feito, bastavam essas suas contradicções, tão capitaes, em philosophia e religião, para não se poder mais ligar grande importancia a ella, quando menos do ponto de vista do pensamento. Na edade em que o sr. Corrêa de Araujo compoz estes seus versos tal incoherencia é apenas mais uma prova da sua sinceridade e portanto mais um symptoma que vemos nelle de uma natureza de legitimo intellectual.

Depois, seja qual fôr o resultado ultimo a que elle tenha de chegar nestas questões com o amadurecimento do seu espirito, vê-se que permanecerá no jovem poeta a tendencia para a contemplação, como uma qualidade intrinseca que é, — tão desenvolvida já vem ella, e tão séria, mesmo tão predominante, além disso tão sympathica, tão encantadora, nestas paginas iniciaes de sua obra.

Está ahi uma das razões principaes por que elle nos dá o direito de esperar-se grandemente do seu talento. Ha no sr. Corrêa de Araujo o ésto dos grandes espiritos, das grandes intelligencias servidas por uma imaginação superior, que tende a transfigurar quanto objecto a impressiona, a dar-lhe uma nova vida subjectiva, illusoria, mas tão forte, tão intensa, que é como si esse objecto fôsse de novo creado e adquirisse outro valor. Só as organisações capazes de tanto é que pódem realizar os mais altos fins da arte, aquelles pelos quaes ella será para sempre um dos meios mais gloriosos de que o homem dispõe para superiorizar-se dentro da Especie que representa.

Tudo interessa o espirito deste poeta, quasi se póde dizer desta creança, e por tudo elle é susceptivel de interessar-se com a mesma intensidade por uma flôr como por uma mulher, por um seixo como por um astro, pelo que haja de mais cognoscivel como pelas transcendencias vertiginosas que o homem possa attingir.

Certos trechos em que elle trata da mulher amada quasi que nos parecem allucinações, tal o arrebatamento a que chega, ganhando em alguns delles uma eloquencia na verdade torrencial.

Ha cinco ou seis poesias, em que o poeta fala a uma noite estrellada, ou sobre o que considera a Terra da Promissão, ou a propriedade do que vê do alto de uma montanha, — destas coisas ou coisas analogas, — que são composições verdadeiramente interessantes. A's vezes, ainda ha vestigios de infantilidade naquelles versos, mas entre essas coisas inevitaveis encontram-se já taes bellezas, principalmente symptomas tão promettedóres de coisas futuras, que sem querer nos lembramos dos nossos melhores poetas em assumptos como esses, mas principalmente de Gonçalves Dias e de Magalhães. Direi ainda: facilmente acredita-se elle os ultrapasse dentro em pouco nesse ponto, os dois. Porque

não se ha de affirmar? Nessas occasiões, elle lembra antes Victor Hugo, lembra Lamartine, necessariamente com a differença que sua pouquissima edade e falta de cultura determinam.

Si estivessemos numa epocha em que o mysticismo achasse atmosphera para florescer livremente, ao menos como essa ultima que produziu os S. Francisco Xavier e os Anchietas, ao lerem-se estes trechos do *Evangelho de Moço* poder-se-ia admittir a possibilidade de ver este poeta um dia percorrer o mundo em peregrinação de santo, tal a bondade, o espirito de interesse pelas dôres humanas, a ternura que resumbram dessas suas ingenuas paginas, nimiamente sympathicas.

Mas dá-se por outro lado que a vida terrena já o conquistou bastante: no seu livro ha uma camandula de incendiados beijos rodeando formosas gorjas, ha confissões de amor ardente, ha gestos e mesmo imprecações de uma ebriedade toda ella carnal. Os lyricos-parnasianos a este respeito exerceram uma infiltração tambem vigorosa nessa natureza ductil, excellentemente receptora. A poesia *Polo Norte*, por exemplo, que obedece á tendencia referida, é uma producção excellente, que faria honra a qualquer.

E' de crer que as duas tendencias oppostas venham a conciliar-se por fim harmonicamente nessa individualidade em formação e produzir mais um grande poeta brazileiro. Este saberá achar caminho novo entre as diversas correntes que neste instante se entrechocam no seu cerebro adolescente de hoje, como aliás quasi em toda a litteratura que actualmente o mundo produz.

Assim elle estude, prepare-se fortemente, na proporção que sua natureza privilegiada, complexa exige, e possa fazer face á bella, mas tão grande responsabilidade que a publicação deste seu volume e os calorosos applausos que elle está suscitando lhe impõem.

NUNES VIDAL.

Conferencias Pan-Americanas

REMINISCENCIAS DA SEGUNDA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA. AS RESOLUÇÕES ESSENCIAES

A Segunda Conferencia Internacional Americana realizou-se em 22 de outubro de 1901, na cidade de Mexico.

O programma adoptado foi, com insignificantes alterações, o da Conferencia de Washington.

O delegado do Brazil, nessa Conferencia, foi o sr. José Hygino Duarte Pereira, arrebatado por uma rapida molestia quando desempenhava com brilho e competencia a sua missão.

***

— Sobre o tratado de arbitramento, cujo projecto fôra adoptado pela Conferencia anterior, a opinião do governo do Brazil foi fixada nas instrucções transmittidas ao seu delegado, conforme o seguinte trecho:

«Somos, portanto, forçados a não adherir á idéa de um tribunal arbitral. Seria, todavia, acceitavel a idéa do Congresso de Haya da constituição de uma lista permanente de juizes, nomeados pelos governos participantes, dentre os quaes, em cada caso occurrente, podiam ser escolhidos os arbitros ou membros de uma commissão ou tribunal *ad hoc*. Convém lembrar que o Brazil continúa disposto a recorrer a julgamentos singulares, acceitando sempre como arbitro um chefe de Estado, cuja responsabilidade moral fica isenta de qualquer suspeita. Ainda não acceitou, nem acceitará provavelmente, submetter litigio seu a um tribunal, qualquer que seja a sua origem, competencia e modo de constituição. Esta ficará sendo a orientação permanente da politica brazileira sobre o assumpto.»

«Nestas condições, é conveniente que o delegado promova pelos meios ao seu alcance (e até pela discussão, si julgar prezizo) tornar insubsistente a idéa de obrigatoriedade do recurso ao tribunal arbitral.»

«E' possivel que se levante no Congresso a preliminar de se referir o arbitramento a todo e qualquer litigio, ou simplesmente aos litigios futuros. Melhor fará o Congresso resolvendo submetter a arbitramento sómente as questões de natureza juridica, exceptuando sempre de qualquer compromisso as que dizem respeito á independencia, soberania e integridade territorial de cada nação, o que está conforme com as conclusões dos Congressos de Washington, de 1889.»

*

—As instrucções do governo brazileiro tambem se referiram á codificação do direito internacional americano, como se lê no seguinte trecho:

«Neste terreno muito póde fazer o Congresso e elle será digno de applauso si encerrar os seus trabalhos votando um codigo de direito internacional americano. Delle póde ter a iniciativa o delegado brazileiro.»

O governo do Brazil mantinha assim a politica, consagrada na Constituição, indicando o arbitramento como meio honroso de solução dos seus litigios internacionaes, repellindo, porém, a idéa de um tribunal permanente constituido para esse fim, um tribunal que não poderia cumprir perfeitamente a sua funcção judiciaria desde que não tinha lei a applicar aos casos occurrentes.

E' bem possivel que para essa deliberação preponderasse a experiencia de outros casos desfavoraveis á idéa, factos que se accentuaram no arbitramento do litigio entre Venezuela e a Inglaterra, decidido por um tribunal que mutilou barbaramente o territorio daquella Republica sul-americana, reduzindo-a a quasi metade.

Além disso, o caso nos interessava no momento em que tinhamos pendente o nosso conflicto, ácerca do territorio da Guyana, com a Grã-Bretanha, resolvido, depois, pelo rei da Italia de uma maneira que, á vista do respectivo tratado, não podia ser outra.

***

A Conferencia foi presidida pelo dr. Genaro Raigosa, ligado por amizade e affinidade ao presidente, general Porfirio Dias.

Enviaram delegados: a Republica Argentina, Brazil, Bolivia, Equador, Columbia, Costa Rica, Chile, Republica Dominicana, Estados Unidos da America, Guatemala, Haiti, Honduras, Mexico, Nicaragua, Paraguay, Perú, S. Salvador, Uruguay e Venezuela, sem representante na actual Conferencia, em virtude dos incidentes occorridos nos ultimos tempos.

A sua ausencia lamentavel poderá exprimir um resentimento pela attitude das republicas americanas ante a questão das reclamações de dividas estrangeiras, as dissenções financeiras que não estavam no programma, nem na área de influencia da doutrina de Monröe, como a entendeu, em declarações inequivocas, o presidente Roosevelt. Venezuela não deixa, por isso, de reconhecer a importancia das conferencias internacionaes, si bem que tenha razões para desconfiar dos seus resultados praticos.

Antes da conferencia do Mexico, aquella nação communicou ás outras nações americanas as suas idéas, numa circular que terminava nos termos seguintes:

«Conforme instrucções especiaes do sr. presidente da Republica, tenho a honra de expôr a v. ex. as idéas que precedem como demonstração do interesse com que Venezuela encara os assumptos vinculados á Conferencia do Mexico e como prova da importancia que lhe attribúe por ver nellas um poderoso meio de estreitar, em beneficio commum, o laço fraternal dos povos americanos. A' vista disso, seria para desejar que v. ex. inspirasse aos representantes dessa Republica na importante Conferencia, os antecedentes conceitos, na certeza de que os delegados venezuelanos serão fieis inter-

pretes e dicididos defensores dos principios que elles encerram.»

Era evidente que Venezuela procurava assegurar-se ou, pelo menos, conhecer a opinião das outras nações ácerca do assumpto, para ella de supremo interesse naquelle momento, interesse completamente demonstrado pelos factos posteriores.

Os governos se abstiveram de declarações positivas, limitando-se a uma resposta de cortezia.

***

Na Conferencia do Mexico, o delegado brazileiro apresentou a seguinte proposta :

«Considerando que é um fim primordial da Conferencia Pan-Americana organizar a união das Republicas da America sobre bases juridicas ;

Considerando que dessas bases se destacam como principaes :

a) o arbitramento, como meio regular para a solução dos conflictos que occorrerem entre nações americanas ;

b) um Tribunal Internacional Permanente, a que sejam submettidos esses conflictos ;

c) uma lei internacional, pela qual sejam julgados :

Considerando que o ultimo *desideratum* não póde ser conseguido sem trabalhos pausadamente preparados e, de antemão, submettidos á approvação dos governos interessados, de modo que possam habilitar os seus delegados a uma futura Conferencia com as devidas instrucções ;

O delegado da Republica do Brazil tem a honra de formular a seguinte proposta :

Art. 1º — A commissão executiva da Secretaria das Republicas Americanas nomeará uma commissão de tres jurisconsultos, encarregada de organizar, no intervallo da actual á futura Conferencia, um codigo de direito publico internacional e um codigo de direito internacional privado, que regerão as relações entre as nações da America.

Art. 2º — Redigidos esses codigos, a commissão executiva mandará imprimil-os e os submetterá á consideração dos governos das nações americanas para que se dignem fazer as observações que julgarem convenientes.

Art. 3º — Coordenadas systematicamente essas observações e revistos os codigos pela commissão que os redigira, serão elles apresentados á futura Conferencia Pan-Americana, que se deverá reunir quatro annos depois da actual.

Art. 4º — Para a vigencia do tratado que sanccione os referidos codigos, não será necessaria a troca de ratificações por todas as nações signatarias, bastando a simples communicação, feita pelo governo de cada uma das outras, de haver sido approvado na fórma de suas leis internas.

Art. 5º — A commissão encarregada da redacção dos codigos poderá funccionar em qualquer das capitaes da America ou da Europa, conforme fôr convencionado, e as despezas serão feitas pela Secretaria das Republicas Americanas.»

Essa proposta, feita conforme instrucções, a que acima nos referimos, do governo brazileiro, não produziu os desejados effeitos, porque não consta que se tenham conseguido trabalhos de valor para a confecção dos dois codigos.

***

Os resultados da Conferencia do Mexico se reduziram a projectos de tratados, de convenções, resoluções e recommendações que, como as da Conferencia de Washington, não tiveram, no espaço de tempo decorrido até agóra, sancção pratica e effectiva.

— A Conferencia do Mexico votou :

— um protocollo de adhesão das Republicas Americanas á convenção para a solução pacifica das disputas internacionaes, assignada em Haya, a 29 de julho de 1899 ;

— projecto de um tratado de arbitramento compulsorio, assignado por dez delegações ;

— outro projecto de tratado de arbitramento para as reclamações pecuniarias.

Fôram tambem approvadas as seguintes resoluções :

— favorecendo a construcção do caminho de ferro pan-americano ;

— a organisação de um congresso aduaneiro internacional, que estudaria os meios de facilitar o commercio internacional americano ;

— a organisação das quarentenas e meios sanitarios internacionaes ;

— promovendo a reorganisação da Secretaria das Republicas Americanas, determinando a collecção e publicação das informações mais completas, concernentes ás fontes de producção e estatistica das republicas americanas ;

— approvando a construcção de um canal inter-oceanico ;

—recommendando o estudo da crise do café por um congresso internacional americano ;

— o estabelecimento de uma commissão archeologica ;

— estabelecendo um banco internacional americano.

Fôram tambem offerecidos projectos de tratados :

— para a extradição de criminosos ;

— de protecção contra a anarchia ;

— de convenções para o exercicio de profissões liberaes ;

— sobre direitos de auctores litterarios e artisticos ;

— para a troca e publicação de documentos officiaes dos governos sobre direitos de estrangeiros residentes ;

— sobre patentes e marcas de commercio ;

— e sobre a futura Conferencia.

***

A Conferencia votou muitas congratulações :

— a d. Raphael Reys, actual presidente da Columbia, pelos seus trabalhos de exploração de rios na America do Sul ;

— a Santos Dumont, pelos seus emprehendimentos de navegação no ar ;

— e ao dr. Carlos Calvo, pelas suas obras de direito internacional.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Arêa monazitica — Situação da producção e do consumo — Previsão da baixa do preço — O que diz o sr. Nilo.

A necessidade de fabricar véos incandescentes, em que o thorio é utilizado em fórma de nitrato, determinou o desenvolvimento industrial do monazite, phosphato natural de cerium, de lanthano e de thorio.

O thorio foi a principio extraído da Noruega e da Suecia, depois, cerca de dez annos, o commercio foi procural-o nas costas do Brazil, onde se descobriram jazidas sufficientes para satisfazer o consumo mundial a preço reduzido, facto que influiu para o abandono e ruina das minas scandinavas.

No Brazil, a extracção das arêas de monazite, monopolizadas por uma casa ingleza, dava esse producto á Europa a 20 francos por tonelada, sobre a base de comportar 5 % de oxydo de thorio.

A fabricação deste oxydo está, por sua vez, monopolizada pelas grandes sociedades allemãs e austriacas, que o fornecem a todos os mercados europeus e o enviam, em *stoks* importantes, aos Estados-Unidos da America. Deve-se accrescentar que o americano Welsbach & C. prepara tambem o thorio naquelle paiz, tendo um imposto protector de 125 libras sterlinas por tonelada permittido utilizar o producto local proveniente da Carolina.

Em 1902, deu-se um accordo, entre

a companhia ingleza de extracção no Brazil e as fabricas allemãs, estabelecendo que, para o futuro, a arêa de monazite seria exclusivamente remettida áquellas fabricas e ao preço de 30 francos por tonelada, mediante uma participação nos lucros provenientes da fabricação do thorio para o extractor. Esse contracto, denominado Convenção Allemã do Thorio, determinou uma alta de cento por cento.

Em 1903, os Governos centraes dos Estados-Unidos e o do Brazil perceberam que, nos termos de uma antiga legislação, nem os particulares, nem os Estados tinham o direito de explorar as arêas da costa, privilegio que pertencia á nação. O governo brazileiro se apoiava na lei que lhe garantia o dominio dos chamados terrenos de marinha, comprehendendo o estuario dos rios até ao alcance das marés. Ao mesmo tempo, o Governo Federal dos Estados Unidos do Brazil arrendou, em hasta publica, as arêas da costa do Espirito-Santo, resultando desse novo estado de coisas uma consideravel modificação na convenção allemã do thorio, a parada de varias usinas allemãs e um vigoroso esforço para descobrir novos depositos de monazite no Brazil, na Carolina e outros sitios não incluidos na convenção.

Reconheceu-se logo que, si na costa brazileira havia monazite sufficiente para occorrer a todas as necessidades dos 20 ou 30 annos proximos, no interior do paiz existiam tambem enormes jazidas, e, pela iniciativa de companhias francezas, duas minas rivaes fôram exploradas no interior do Brazil, produzindo cada uma dellas, annualmente, de 500 a 600 toneladas. Ficou, assim, fortemente ameaçada a convenção do thorio.

Por outro lado, o preço até então elevado do thorio incitou os americanos do norte a emprelienderem a producção delle em grande escala no Estado da Carolina, unico productor daquelle genero. Uma pedreira perto de Shelby foi recentemente comprada e, si bem que se que affirme ella contém veios de arêa monazitica, não deu ainda resultados satisfactorios, apezar de grandes esforços, de profundas sondagens, sendo, em todo caso, certo que a producção será muito dispendiosa. A producção de thorio na America do Norte váe, todavia, progredindo e diminuindo as importações da Europa.

A situação é, em resumo, a seguinte: as necessidades totaes de arêa monazitica na Europa, considerando a quantidade exportada para a America é de 1.200 a 1.500 toneladas por anno. Os exploradores brazileiros, por si sós, pódem facilmente elevar a producção a 10.000 toneladas annuaes, excedendo assim consideravelmente todo o consumo possivel. Acontece, entretanto, que se fazem activas investigações para encontrar novas fontes de fornecimento, com algum successo, resultando disso que o commercio de arêas monaziticas, em futuro proximo, deixará de ser remunerador e já, em consequencia de contractos, os importantes *stoks* conservados na Europa são bastantes para, a cada momento, inundar o mercado.

Nessas condições, é provavel que a convenção allemã do thorio seja renovada quando expirar em 1907. Ella já encontra difficuldades em dispôr da sua producção aos preços remuneradores outr'ora. Além disso, os fabricantes americanos procuram canalizar a sua producção para a Europa e um agente recentemente enviado a Londres, foi mal succedido em todas as tentativas para vendel-a. E' difficil admittir que o publico e, ainda menos, os commerciantes, se envolvam em especulações sobre a monazite, promovidas por emprehendedores audazes.

Lucram com esse estado de coisas os consumidores, que poderão adquirir os artefactos de monazite por modico preço, ao passo que os promotores da companhia estão luctando com serias difficuldades, a menos que se não descubram novas applicações ao producto que de precioso se tornou vulgar, demasiado abundante.

Sobre este interessante assumpto, encontramos na ultima mensagem do sr. Nilo Peçanha, o restaurador do Estado do Rio, o seguinte trecho:

«A exportação de areias monaziticas no nosso Estado augmentou, do anno atrazado para o anno passado, mais de 500 %.

No Itabapoana a Societé Minière Industriele Franco-Brésilienne installou uma usina modelo de concentração.

As areias brutas pobres, do teor de 6 % médio de monazite, o que corresponde a 36 % de thorio, são concentradas até o teor de 95 % de monazite, ou 5, 70 % de oxydo do thorio, por meio de separadores electricos.

A usina da Minière trabalha com cerca de 90 pessôas e tem tres machinas a vapor, de 20 cavallos cada uma, dois dynamos de 9 k. w. e cinco caldeiras de 15 k. w.

A sua producção mensal é de 60 toneladas.

Na Sapucaia, á margem do Parahyba, os srs. Charles Rau & C. montaram tambem machinas electro-magneticas para beneficiamento de areias. As machinas electricas são em numero de sete, movidas por um dynamo de 15 k. w. e por um locomovel de 18 cavallos, e a producção mensal póde ser de cincoenta toneladas.

Julgam os industriaes ser este o modo mais racional de tratamento deste mineral raro, que em nenhuma parte se encontra em tanta quantidade, em tão alto teor e em tão bôas condições de exploração, como no Brazil, que, salvo uma pequena producção nos Estados Unidos, é o fornecedor da luz incandescente ao mundo inteiro.

Os depositos de monazite são importantes no Brazil, mas as jazidas não são inexgotaveis.

Abstenho-me de considerar a maneira por que se está fazendo a exportação deste caro mineral na zona presentemente arrebatada á jurisdição dos Estados; a exportação de areias, ricas apenas, póde determinar, em tempo não muito remoto, a perda deste valioso patrimonio da Nação.»

***

O estabelecimento de uma linha telephonica de Nova Yorke S. Francisco — As maiores distancias desses apparelhos.

Os americanos resolveram tentar o estabelecimento de uma linha telephonica entre Nova York e S. Francisco, empreza audaciosa e notavel porque até agóra sómente se podia conversar á distancia limitada entre 1.200 e 1.500 kilometros, com a condição de empregar conductores de forte diametro para dominarem a resistencia electrica. Por isso, o circuito Paris-Berlim, cuja extensão é de 1.079 kilometros, foi estabelecido com fios de 5 millimetros e o de Nova York a Chicago, á distancia de 1.200 kilometros, considerado o mais longo de todos os circuitos telephonicos, foi construido com fios de diametro maior.

Para esses circuitos só se pódem utilizar fios de cobre ou de bronze, de maneira que o preço desses metaes e as despezas do estabelecimento de uma communicação importante, como a que está projectada, são muito consideraveis em relação ao rendimento para que se resolva praticamente tal empreza.

E' verdade que os americanos pensaram em utilizar a invenção de Pupin que consiste em intercalar bobinas de propria inducção de distancia em distancia, em pontos determinados sobre o circuito, para obterem a neutralisação dos phenomenos prejudiciaes produzidos no conductor pelas correntes de carga. Recentes experiencias effectuadas com o auxilio desse systema sobre a linha de Berlim a Postam e sobre circuitos artificiaes, demonstraram que esse processo combate effectivamente a capacidade electro-statica dos conductores.

A experiencia que váe ser tentada entre Nova York e S. Francisco, numa linha de 4.900 kilometros, é um arrojo, cujo exito não se póde assegurar.

PAGINAS ESQUECIDAS

A DIPLOMACIA PORTUGUEZA EM 1871

Cidadãos! Vejamos um pouco a nossa diplomacia.

Queixava-se ha tempos o excellente *Jornal da Noite* que o governo não publicasse os relatorios dos seus diplomatas, ministros, encarregados de negocios, secretarios, etc. Ingenuo *Jornal da Noite*! E' o mesmo que censurar que se não photographiem os baixos relevos de — uma parede liza. Que quer o distincto redactor do *Jornal da Noite* que o governo publique? A diplomacia só tem a offerecer, como resultados dos seus trabalhos ha vinte annos, o seu papel almasso — em branco. Se os nossos diplomatas quizerem um dia remetter para Portugal, em consciencia, devidamente empacotados, os documentos do que nas suas missões crearam, organisaram, pensaram, trataram — a secretaria encontraria espantada, ao abrir o pacote:

Um montão de luvas *gris-perle* em máu uzo!!

Se a esses cavalheiros que teem sido ministros e encarregados de negocios em Londres, em Berlim, em Paris, em Madrid, em Bruxellas, em Stockolmo, em S. Petersburgo, em Milão, em Roma, no Rio de Janeiro, em Vienna d'Austria, em Washington, com os seus secretarios de embaixada, os seus addidos, os seus ordenados, despezas de representação, despezas de expediente, despezas secretas, etc., uma vóz impertinente perguntasse: «Como teem vv. exs. desempenhado as suas missões? Que tratados vantajosos teem alcançado para o nosso paiz? Que estabelecimentos portuguezes teem lá favorecido? Que serviços internacionaes teem regularisado? Que relações solidas e protecções valiosas teem obtido para a nossa pequenina nação? Que estudos teem feito sobre a organisação e instituições desses paizes? Em que sabios trabalhos as teem aconselhado para nosso progresso? Que conhecimento teem dado aos extrangeiros das nossas instituições, do nosso commercio, da nossa sciencia? Etc.? Etc.?» — Ss. exs. a taes interrogações ficariam pallidos de surpreza! Os nossos diplomatas inteiramente ignoram que estes sejam os seus encargos. Nenhum curso lh'os ensinou, nenhuma lei lh'os incumbiu. Elles seguem a velha tradição de que a diplomacia é uma ociosidade regalada, bem convivida, bem comida, bem dansada, bem *gantée*, bem *voiturée*, com bons ordenados e viagens pagas. Estão alli para serem diplomatas na gravata — e não para serem diplomatas no espirito: e achariam um abuso inqualificavel que os tivessem nomeado para marcar o *cotillon* e no fim lhes exigissem relatorios. Ss. exs. entendem que o paiz está bem representado desde o momento em que o seu collarinho é irreprehensivel.. E todavia ss. exs. estão representando uma nação — e não uma camisaria! Se ss. exs. vão unicamente encarregados de mostrar aos paizes estrangeiros a excellencia dos nossos alfaiates — então o paiz não é o interessado, e o sr. Keil que lhes pague! Se ss. exs. teem apenas por missão mostrar lá fóra como o paiz dansa bem, entendemos que ss. exs. prestam melhor serviço na sua patria; e não ousando pedir ao governo que os faça recolher á secretaria, pedimos aos srs. Valdez e Cossoul, emprezarios de S. Carlos, que os façam recolher ao corpo de baile!

O paiz conhece bem a nossa diplomacia: já a viu á luz da rampa, a um rumor de orchestra: já riu com ella, já lhe bateu as palmas: ella apparecia, esplendidamente real, na côrte grotesca de s. a. a grã-duqueza de Gerolstein, poderosa princeza em tres actos. Era o barão Grog. O barão Grog, não se lembram? Sómente a nossa diplomacia não uza rabicho, e curva-se com menos elegancia. E o barão Grog conspirava! Os nossos nem sequer conspiram! Elle tinha graça, os nossos são lugubres! Elle só nos custava um bilhete de platéa, nossos custam-nos infinitos contos!

*

Evidentemente na organisação da nossa diplomacia vamos seguindo um caminho imprevidente.

As habilitações que se exigem de um cidadão devem estar em harmonia com os serviços que se esperam delle. Não se requer dos que pretendem ser lentes do Curso Superior de Lettras que apresentem certidão de saber dansar dignamente o *can-can*. Ora, se a missão de um diplomata é comer bem, dansar bem, vestir bem, parece-nos inutil que se lhe peçam provas de que conhece o direito internacional e a historia diplomatica! O mais trivial bom senso ordena que elle seja examinado simplesmente em pontos como estes:

Maneira mais propria de pôr a gravata branca, e suas divisões:

Methodo mais fino de comer a ostra; principios geraes; applicações;

Da valsa: theorias; questões principaes; exemplos, etc.

Assim supponhamos que algum dos nossos mais nobres «vultos politicos», o sr. Braamcamp, por exemplo, pretende uma embaixada. Auctorisam-no a isso a sua experiencia e o seu criterio. O que se lhe dê! Mas que antecipadamente s. ex. seja examinado na secretaria dos extrangeiros por um jury competente e recto:

— Tenha v. ex., sr. Braamcamp, (dirá o jury) a bondade de se sentar áquella meza e comer aquelle linguado frito, para nos provar que não lhe é extranho esse ponto da sciencia diplomatica..

E s. ex. tomando delicadamente o garfo, e na extremidade de dois dedos uma codea fina de pão, com os braços unidos, a cabeça direita, os olhos baixos, provará a sua immensa competencia naquella questão difficil.

— Tenha agora v. ex., sr. Braamcamp, a bondade de valsar um momento pela casa, com donaire...

E s. ex. arqueando mollemente os braços, despedido em giros graciosos por entre as mezas da secretaria, com a cabeça meigamente reclinada, o olhar amoroso, a cintura morbida, provará victoriosamente que tem compulsado com mão diurna e nocturna todos os expositores daquella illustre materia.

(*N. B.* — Para que o concorrente não valse só, poderá utilisar-se como dama o contínuo da secretaria, que o examinando tomará nos braços com requebro meigo).

E approvado que fôsse o sr. Braamcamp, ou outro cavalheiro, nos pontos sujeitos, o paiz podia entregar-lhe confiadamente uma missão numa côrte extrangeira, certo que os seus interesses seriam alli dignamente — comidos e dansados!

*

Tambem nos occorre que consistindo uma das principaes funcções dos secretarios de embaixada e addidos em dansar nos bailes do Paço, a melhor maneira de alcançar um pessoal diplomatico verdadeiramente superior seria escolhel-o — no corpo de baile!

Ninguem teria então, entre a diplomacia européa, mais graça, harmonia, e ligeireza nos movimentos. E seria honroso para todos que os jornaes extrangeiros pudessem noticiar:

«Chegou hoje a sra. Pinchiara, antiga primeira bailarina de S. Carlos, hoje secretario da embaixada portugueza..»

E mais tarde registassem para vaidade eterna da nossa patria :

«Hontem a maravilha no baile da côrte foi a maneira adoravel por que dansou a sra. Pinchiara, secretario da legação portugueza. Parecia um sylpho, com os seus vestidos de gaze. Notou-se apenas que o sr. secretario da legação estava um pouco decotado de mais. E' admiravel a brancura do seu collo !...»

*

Egualmente nos parece vantajoso que o concurso para addido de legação verse, não sobre a sciencia dos concorrentes—mas sobre a sua roupa branca. Se o dever essencial de um addido é a exposição solemne dos collarinhos que se alteiam sob a suissa, dos largos peitos de camisa que se arqueiam como couraças, e dos punhos que espirram para fóra da manga com uma rijeza d'aço — deve o governo de s. m. utilisar para o serviço diplomatico aquelles que pela belleza e solidez dos seus engommados, melhor acreditarem lá fóra as nossas instituições. E a diplomacia começará a dar garantias da sua efficacia quando o sr. X tiver conquistado os suffragios do jury pelo brilho das suas camisas inglezas e pelo valor das suas piúgas, — e o sr. Y fôr plenamente reprovado por ter apresentado, por toda a sciencia e experieucia dos negocios, um réles collarinho á mamã !

*

Com entranhada magua o dizemos : os senhores diplomatas portuguezes vestem-se de um modo a que só falta para ser distincto — ser inteiramente diverso do que é. Ss. exs. ou se ageitam pelo feitio nacional que tanto domina na rua dos Fanqueiros, ou então adoptam o velho *chic* de boulevard, ainda do tempo do ministerio Rouher, hoje unicamente usado pelos *pollos* de Madrid ! Não seria pois fóra de proposito que existissem na secretaria dos extrangeiros figurinos modelos, com commentarios e notas, que os senhores addidos deveriam estudar antes de encommendar as suas farpellas. Outrosim se nos afigura imprudente que os senhores diplomatas possam fazer um *frack* sem previamente levarem o *corte e talhe* á approvação da commissão diplomatica. Egualmente pedimos ao governo, em nome do paiz, que não deixe sahir nenhum senhor diplomata sem previamente lhe ter examinado :

As unhas e a caspa do cabello !

*

Uma das cousas que prejudica a nossa diplomacia é ella não possuir espirito. Ser espirituoso é metade de ser diplomata. A tradição classica mostra-nos Talleyrand governando a intriga europêa com as finas decisões dos seus bons dictos : modernamente, desde Morny até o sombrio sr. de Bismarck, a diplomacia tem feito do espirito quasi um methodo. O espirito move tudo e não responde por cousa alguma : elle é a eloquencia da alegria, e o entrincheiramento das situações difficeis : salva uma crise fazendo sorrir : condensa em duas palavras a critica de uma instituição : disfarça ás vezes a fraqueza de uma opinião, accentúa outras vezes a força de uma idéa : é a mais fina salvaguarda dos que não querem definir-se francamente : tira a intransigencia ás convicções fazendo-lhes cocegas: substitúe a razão quando não substitúe a sciencia, dá uma posição no mundo, e adoptado como um systema derruba um imperio. E, sobretudo pelo indefinido que dá á conversação, elle é a arma verdadeira da diplomacia. Ora, com compuncção o dizemos, a nossa diplomacia não tem espirito. Seria por isso bem util que o ministerio dos extrangeiros examinasse os seus diplomatas, antes de os nomear, em *pontos* assim concebidos :

— Estando o senhor addido numa sala, e começando na rua a chover, que pilheria deverá o senhor dizer ?

— Num camarote de opera quaes são as facecias que deve lançar um secretario de legação sobre o corpo de baile ?

E seria conveniente que a secretaria possuisse uma lista de jocosidades, para todos os usos da vida, que os senhores diplomatas deveriam decorar :

Pilherias para baile ;

Dictas para almoço ;

Dictas para cerimonias religiosas ;

Dictas para recepções no Paço ;

Dictas para entreter personagens celebres ;

Dictas para enterros de pessôas reaes, etc.

*

Concorre muito para que a nossa diplomacia não seja brilhante o horror que o paiz tem a ser representado por homens intelligentes. Não se pode dizer que isto proceda do amor de os possuir no seu seio : antes parece que o domina o terror de que elles vão destruir a reputação de embrutecimento que o paiz gosa lá fóra. A verdade é que quando algum homem intelligente vae em missão diplomatica, os jornaes bravejam, e a opinião publica apita !

Se alguem ousasse, por arrojo absurdo, mandar em embaixada o sr. Alexandre Herculano, a nação, de raiva, abria as veias ! Por sua vontade o paiz enviaria ás côrtes extrangeiras, para ser representado dignamente — bacorinhos do Alemtejo. Não o faz, porque, como ao mesmo tempo é avaro e desconfiado, receia que as côrtes extrangeiras, não podendo arrancar a taes diplomatas segredos politicos, lhes arrancassem — presuntos ! Por isso manda homens. E' só por isso !

*

Ao mesmo tempo o paiz gosta de pagar barato á sua diplomacia. E neste ponto abusa. Quer uma diplomacia bem fardada, bem bordada ; e no fim se lhe apresenta, por ter uma diplomacia, uma conta um pouco maior do que por ter um carroção — escandalisa-se e grita pelo sr. bispo de Vizeu, d. Antonio. De modo que um ministro plenipotenciario vê-se mais embaraçado com o rol das compras que com o manejo das politicas !

Os diplomatas portuguezes passam por agradar no extrangeiro pela sua pallidez ! Mas não sabe que a sua pallidez vem, não da belleza de raça peninsular, mas da fraqueza de legação mal alimentada. Onde um embaixador portuguez mais se demora, não é deante das instituições extrangeiras com respeito, é deante das lojas de mercearia com inveja ! E se elles não podem alcançar bons tratados para o paiz — é porque andam occupados em arranjar mais *roast-beef* para o estomago. Se não fôssem os jantares de côrte e as ceias dos bailes, a posição de diplomata portuguez era insustea-

tavel. E ainda veremos os jornaes extrangeiros noticiarem :

«Hontem, na rua de.. cahiu inanimado de fome um individuo bem trajado. Conduzido para uma botica proxima o infeliz revelou toda a verdade — era o embaixador portuguez. Deram-lhe logo bifes. O desgraçado sorria, com as lagrimas nos olhos.»

*

Que o paiz attenda a esta desgraçada situação ! Que tenha um movimento generoso e franco ! Dê aos seus embaixadores menos titulos e mais *beefs* ! Embora lhes diminua as attribuições, augmente-lhes ao menos a hortaliça. Elles pedem ao seu paiz uma cousa bem simples : não é um palacio para viver, nem um *landau* para passear, nem fardas, nem commendas ! E' carne ! Que o paiz, no numero do pessoal diplomatico — diminua os addidos e augmente os bois.

*

Que a nossa diplomacia, aliás meritoria e sympathica, se não agaste com estes traços ligeiros ! Quizemos apenas *rire un brin*. E nesta nossa triste terra, quando a gente se quer alegrar e folgar um pouco, tem de recorrer ás instituições, que são entre nós — *pilherias organisadas funccionando publicamente*.

EÇA DE QUEIROZ.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXIX

Silva Lisbôa continúa a falar : discursa sobre os males da escravatura existente no Brazil, que o corrompe e carcome, qual horrivel cancro ; fala da carencia de instrucção nas classes inferiores e nas servis, asseliando que tudo isso será peior sem a poderosa, fecunda e benefica influencia do catholicismo, da religião de eterna justiça, amor, caridade e verdade. Já vemos, assegura Silva Lisbôa, tristes symptomas de divisões em objectos de governo, pela reclamação de illimitadas liberdades politicas : haverá um abysmo, si tambem accrescentarmos divisões de opiniões e communhões, a pretexto de direito individual da liberdade religiosa e da tolerancia de seitas, ainda fóra das communhões christãs.

O orador, como que illuminado e pavido, concluindo a vasta e laboriosa oração, exclama : «Era, porventura, este o melhor momento escolhido para tão inopinada innovação na lei fundamental do Imperio ? !». Quanto a mim, sinto terror no animo e sou obrigado a dizer, quando prevaleça a decisão dos artigos questionados— *Céos ! que futuros se nos preparam !*»

A Assembléa escutou, ora inquieta, ora transida de espanto, a vóz balbuciante e commovida, como o derradeiro adeus daquelle, que começou dizendo—que já era pó e cinza, tendo de demorar-se bem poucos dias por sobre esta scena visivel.

Este discurso de Silva Lisbôa, de que já tratámos no numero passado, é susceptivel de minuciosa analyse e severa refutação. Nelle facilmente ressumbram o syncretismo de idéas, a pretenção do homem de outras éras, impondo os seus sentimentos ás novas gerações e querendo dirigil-as e governal-as com as maximas da experiencia do passado—esse immenso thezouro da sabedoria humana, o qual raras vezes aproveita aos que vivem no presente dominados por necessidades, motivos, perigos, paixões e preconceitos, que os antepassados não sentiram, nem sonharam. Por isso, nem sempre é fecunda.

Não fazemos tal analyse; deixamol-a ao criterio dos leitores, que, todavia, não deixarão de notar que o discurso contém, e revela-no-las, muitas circumstancias da epocha, das quaes a historia tirará maximo partido. Cada um julgará, em Silva Lisbôa : 1º, o constituinte de 1823 dissertando copiosamente no recinto parlamentar ; 2º, o provecto e sabio jurisconsulto, cujo merito, ainda hoje, é preconisado pelos tratados de direito commercial e de economia politica, que honram e illustram a memoria do visconde de Cayrú. Quanto ás suas idéas politicas, parece que o eminente jurisconsulto é homem do tempo em que nasceu e viveu, imbuido de idéas antigas e modernas ; jurista, elle seguia á risca o direito romano ; a omnipotencia do Estado era o seu credo, o individuo não era nada ! Homem do seculo XVIII, versado na sciencia dos philosophos, conhecedor dos trabalhos das assembléas da revolução franceza, Silva Lisbôa procurava fundir as concepções e theorias novas nas antigas e dahi vem o syncretismo que lhe obscurece o espirito. Vemol-o na questão da liberdade religiosa e da tolerancia, que elle considera uma prodigalidade, e quer que a Constituinte limite essa liberdade, subordinando-a ás conveniencias do Estado ; irrita-se vendo as reclamações de illimitadas liberdades e sente *horror*, como um antigo exclamaria. Em verdade, de que quilate é a liberdade religiosa, que o erudito visconde de Cayrú concede ao cidadão brazileiro e aos estrangeiros ? A solução desse objecto depende unicamente da conveniencia que tem o Estado de attraír estrangeiros, trazendo capitaes, industria, trabalho e sciencia; ora o brazileiro já está no paiz, não ha necessidade de engodal-o; portanto, não se lhe faculte aquella liberdade na mesma esphera ampliada ao estrangeiro. Bem claro é que o direito da independencia nas crenças e nas opiniões não resulta da natureza humana, mas da concessão da lei, que sempre é a expressão da vontade, ou conveniencia do Estado. Emfim, o discurso de Silva Lisbôa, a esse respeito, avivou-me na memoria o seguinte conceito, que retive, dum notavel publicista : «*Or la liberté des opinions et des croyances ne devient-elle pas un leurre quand on est contraint de les renfermer dans le for interieur, quand leur manifestatiou est soumise á la legalité ? car la legalité porte toujours la marque du regime par lequel elle est edictée et, si ce regime a un caractère oppresseur et arbitraire, il s'empresse d'étouffer la liberté sous le mas que de l'ordre public établit par l'Etat et de se preter aux vues du despotisme*. Eis em que se resumem as doutrinas, apparatosamente expendidas pelo notabilissimo visconde de Cayrú. Quanto se illudem aquelles que lhe attribúem a idéa do decreto que el-rei d. João VI publicou ao chegar á Bahia, em 1808, franqueando os portos a todas as nações ?! Sim ; Silva Lisbôa tinha *horror* ao contagio das crenças e opiniões : não franquearia o Brazil a todo o mundo. Si elle, como jurisconsulto, redigiu o decreto, o pensamento, porém, foi imposto a d. João VI, quando descia aguas abaixo do Tejo, escoltado pela esquadra ingleza, que marchava de vigia ás náus portuguezas. Quando o grande ministro Canning quebrou relações com as tres potencias que constituiam a *Santa Alliança*, e disse ás colonias americanas as miraculosas palavras *surge et ambula*, e que tomou a defeza da independencia dellas, fel-o principalmente em vista da expansão do commercio de sua nação e a Inglaterra lucrou muito com o decreto que d. João VI promulgou, agradecendo a protecção ingleza ao reino invadido pelas legiões de Bonaparte. A abertura dos portos é um facto de grande importancia e o Brazil o deve á ambição e ao interesse britannico.

***

O debate sobre a questão religiosa reanimou-se com a presença de Antonio Carlos na tribuna, sustentando as doutrinas do artigo e respondendo a Silva Lisbôa. Outros constituintes

appareceram na estacada, combatendo energicamente; entre elles, devemos apontar o deputado Carneiro, representante da Bahia. Num discurso judicioso, nutrido de sciencia, elle discutiu vantajosamente a materia e sentimos não poder reproduzir, aqui, alguns trechos. Orou Carneiro de Campos (ministro do Imperio) que evidenciou ser infundado o receio de apostasia e refutou victoriosamente as opiniões de Silva Lisbôa, que propunha privar-se o brazileiro, que mudasse da religião catholica, dos direitos politicos. «Este assumpto é uma tarefa privativa da Egreja, diz Carneiro de Campos, e não do Estado: préguem os padres, mostrem e confutem victoriosamente os erros dos heterodoxos, disponham dos meios que lhes deixou Jesus Christo, confirmem e corroborem os fieis na fé pela doutrina e exemplo.

Ao Estado, nesta parte, só compete uma policia méramente externa, pois só deve evitar que, com o pretexto da crença, ou do culto, se não commettam abusos e se perturbe o socego publico.

Já vimos que o Estado não tinha direito para regular um artigo que não entrou, nem podia entrar, no pacto social, titulo unico, legitimo, de todos os seus poderes. Portanto, a idéa de ficarem privados dos direitos politicos e até dos de cidadão os brazileiros que tiverem a infelicidade de apostatarem, além de inutil, porque sómente poderia fazer hypocritas e não verdadeiros catholicos, seria uma bem assignalada violencia, incompativel com tantos protestos de tolerancia que teem proferido os illustres auctores de semelhante proposta. Sim, senhores, não reflectem os illustres auctores desta proposta que neste paragrapho não se trata de tolerancia verdadeiramente, mas sim do dever da respeitar um direito inalienavel de todo o homem, que lhe deve ser conservado illeso, tão iutegralmente como o possuia antes da associação politica? E pensam que o respeitam, ou que são tolerantes porque não perseguem a estes desgraçados com o ferro e fogo e só querem que elles soffram a pena capital da perda do *ser politico*, ou *mesmo civil*. Isto é, querem que pelo simples facto da apostasia fiquem pela Constituição privados daquelles direitos que a mesma Constituição garante aos seus talentos e virtudes! Querem que sejam desmembrados do corpo politico em que estavam incorporados pelo seu nascimento e fiquem vivendo como estrangeiros no seu paiz natal! Finalmente, querem que o brazileiro seja menos contemplado que o estrangeiro que se fez brazileiro por adopção! Como, pois, combinam e conciliam os illustres membros estas suas opiniões com a profissão de toleraucia tantas vezes repetidas? E' possivel que não vejam que são tão intolerantes como os nossos paes e que ainda que não sejam tão crueis e ferozes, são tão injustos e fascinados como elles? Não, senhores, não aberremos das mais depuradas luzes do seculo em que vivemos; conserve-se o paragrapho tal qual se acha. Para ser livre, não basta que a pessôa e os bens do cidadão estejam defendidos e seguros da oppressão, é tambem necessario que o seu espirito, desembaraçado das cadeias da tyrannia, possa seguir em liberdade as idéas que elle julga verdadeiras, uteis e necessarias á sua felicidade, etc.»

Carneiro de Campos accentúa diversas considerações demonstrando a improcedencia das proposições apresentadas por Silva Lisbôa. Insistiu em evidenciar a quasi impossibilidade, que cada homem sente, de abandonar idéas e muito mais as crenças religiosas nas quaes nasceu, creou-se e conservou-se desde a infancia.

Observa o ministro orador que a maioria dos homens não indaga nem verifica os motivos por que crêem na religião; uns, porque não sabem fazer tal exame, outros porque o julgam sem vantagem.

Depois de pulverizar toda a argumentação do visconde de Cayrú, concluiu ponderando: que a Assembléa não devia ter receios, que são inteiramente vãos, e que Silva Lisbôa, adverso á tolerancia e á liberdade religiosa, parecia querer legislar para uma raça humana differente do que realmente existe. Terminaram a discussão Carneiro da Cunha e Vergueiro; ambos sustentaram e defenderam o artigo do projecto concernente á liberdade religiosa.

Foi um dos melhores debates que houve no recinto da Constituinte, tanto pela importancia da materia, quanto pela fórma e substancia dos discursos. A Camara, na continuação da sessão, se occupou de pareceres de commissões sobre objectos secundarios da administração, deixando adiado o § 3º do art. 7 da Constituição.

Na sessão seguinte, (9 de outubro), encetou a discussão o deputado fluminense França, que fez observações, trovejou contra o Santo Officio e concluiu dizendo que, quanto ao artigo, melhor fôra omittir-se em todas as partes. Vergueiro começou, dizendo que a materia do § 3º tem sido discutida com grande interesse, mas que teem apparecido opiniões extranhas á doutrina do §, porque só tem lembrado apostasias que só pódem promover a indignação e excitar desconfianças e receios. O representante de S. Paulo se refere ao discurso de Silva Lisbôa, que realmente suscitou nos animos desagraveis emoções. E ignora porque se levantam essas desconfianças e receios; pensa que ha um fim occulto, qual seja não sabe.

Antonio Carlos, sem tom nem som, como se fôra um raca, interrompe o orador: «Aqui nada se diz com proposito máu: mande v. ex., sr. presidente, entrar o nobre deputado na ordem.» Vergueiro replica: «o que digo é que se tem divagado por fóra da questão, e isso é que é faltar á ordem, porque é tratar daquillo que se não debate.

Nesse artigo, enumeram-se os direitos pessoaes, individuaes, e no paragrapho aponta-se um delles, que é a liberdade religiosa; ora, que ella constitúe um daquelles direitos é innegavel e aqui nada mais se diz. Entra-se, porém, a suppor uma liberdade religiosa absoluta e a clamar contra ella; mas esta questão é differente e não tem logar neste paragrapho.» Vergueiro muito judiciosamente mostrou que, por consagrar a liberdade religiosa, não se confere a da apostasia, nem se falta ao juramento e, como Silva Lisbôa havia affirmado que nenhuma Constituição concedera tão amplamente esta liberdade, Vergueiro responde que, na carta dada por Luiz XVIII á França, se consideram com egualdade todas as religiões, o que nós não fazemos, pois nos limitamos a reconhecer sómente a catholica para a religião do Estado; somos mais restrictos que os francezes. Vergueiro com viva emoção profere estas ultimas palavras: «O que nós não queremos é constrangimento; não queremos religião por violencia; nem a nossa, santa e pura como é, precisa de taes meios para ser seguida, quando elles não fôssem em si abominaveis e injustos.» Silva Lisbôa, acudindo aos reptos de tantos oradores, reapparece na tribuna.

EUNAPIO DEIRÓ.

CONFERENCIAS DO INSTITUTO. — Bem lamentamos que este pequeno pé de columna não nos permitta completar a noticia do nosso numero passado sobre a conferencia que a respeito dos *poetas do sertão* fez sabbado, no Instituto, o jovem sr. Viriato Corrêa. Podemos, porém, dar testemunho de que, no espaço de uma hora, o conferente, num desembaraço muito «praciano», deu uma bôa copia da poesia sertaneja. O auditorio, gostando de ouvir recitar os versos dos nossos matutos, mostrou que os estimava mais do que o conferente esperava.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Ainda no numero passado tivemos occasião de fazer referencia ao *Club Internacional de Xadrez*, de S. Paulo, pujante associação de 150 socios. Agóra temos de noticiar que o outro gremio enxadristico daquella cidade, o *Club de Xadrez S. Paulo*, abre um torneio de problemas a premio, sob as seguintes condicções :

«Art. 1º—Acha-se aberto um TORNEIO DE PROBLEMAS entre os compositores domiciliados no Brazil.

Art. 2º— O concorrente enviará um só problema em 2 lances, original, inédito, — mate directo, isto é ; «As Brancas jogam e dão mate em 2 lances».

Art. 3º— Não se admittirão posições contrarias ás leis que regulam a Partida — *impossiveis* —, nem o Roque (em qualquer lance), nem Peão toma Peão *en passant*, como chave, ou 1º lance das Brancas.

Art. 4º— No caso de não ser original um problema premiado, passará o premio ao problema classificado em seguida.

Art. 5º— O problema deve ser distin, guido por uma *divisa*, escolhida pelo auctor e ser notado legivelmente num diagramma, mencionando-se o numero de peças brancas e pretas, com a solução completa. O nome e residencia do compositor serão incluidos noutro *enveloppe* que trará por fóra a mesma divisa adoptada.

Este segundo invólucro só será aberto depois de conhecido o julgamento.

Art. 6º— Os problemas devem ser remettidos até o dia 15 de outubro do corrente anno.

Art. 7º— Toda a correspondencia relativa ao Torneio deverá ser dirigida ao sr. dr. Mauricio Levy, rua 15 de Novembro, 33 — S. Paulo.

Art. 8º— Os problemas serão examinados e julgados pelos srs. Luiz Heinsfurter, director do *Club de Xadrez S. Paulo*, e dr. Mauricio Levy, presidente do mesmo Club e redactor da secção de Xadrez do *Diario Popular*.

Art. 9º— Serão distribuidos os seguintes premios :

1º Premio — Medalha de ouro.

2º Premio — Medalha de prata.

3º Premio — O volume encadernado — *Caissana Brazileira*, offerta do sr. dr. Levy.

4º Premio — Menção honrosa.

Art. 10º— As decisões particulares, relativas ao torneio, serão publicadas em tempo opportuno.»

Ou S. Paulo, ou o Rio de Janeiro, onde não ha um club de xadrez, onde ha muito tempo não se fala em um torneio de problemas e onde os torneios de partidas são acontecimeutos raros, e assim mesmo devidos á complacencia do Club dos Diarios !

***

PILLSBURY

O grande mestre, Harry Nelson Pillsbury, falleceu em Philadelphia, em 17 de junho passado, aos 34 annos de edade. E' das perdas irreparaveis essa. Esse extraordinario campeão chegou a jogar, ha dois ou tres annos, em Moscow, 22 partidas simultaneas *sem vêr os taboleiros*. Chega a ser incomprehensivel.

***

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

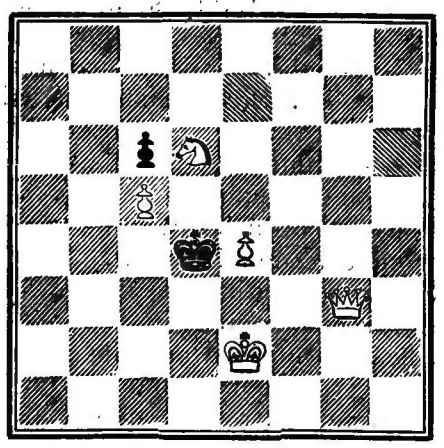
Está aberta a inscripção para este torneio, que começará do dia 15 do corrente mez provavelmente. No proximo numero, daremos detalhes.

***

PROBLEMA N. 59

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (2)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

***

PARTIDA N. 65

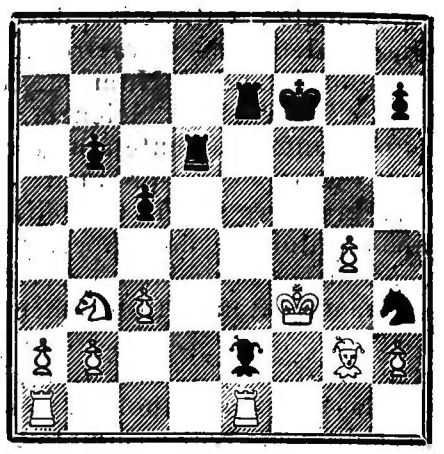
(Jogada no torneio de mestres de Ostende, a 6 de junho de 1906)

GAMBITO DO RÉI RECUSADO

Defeza Falkbeer

Brancas (Maroczy)		*Pretas* (Burn)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P 4 D
P × P D	— 3 —	P 5 R
P 3 D	— 4 —	C 3 B R
P × P	— 5 —	C × P R
C 3 B R	— 6 —	B 4 B D
D 2 R	— 7 —	B 7 B R x (*a*)
R 1 D	— 8 —	D × P x
C R 2 D (*b*)	— 9 —	P 4 B R
C 3 B D	— 10 —	D 5 D
C D × C	— 11 —	P × C
P 3 B D	— 12 —	D 6 R
C × P	— 13 —	D × D x
B × D	— 14 —	B 3 C D
C 5 C R	— 15 —	C 3 B D
T 1 R	— 16 —	C 2 R
B 3 B R (*c*)	— 17 —	P 3 B D
B 3 R	— 18 —	B 4 B R (*d*)
P 4 C R	— 19 —	B 6 D
C 6 D	— 20 —	R 2 B
C × P (*e*)	— 21 —	T R 1 D ! (*f*)
C 6 R	— 22 —	T 3 D
B × B	— 23 —	P × B
C 4 D (*g*)	— 24 —	P 4 B D
C 3 C D	— 25 —	C 3 C R
R 2 D	— 26 —	C × P
R 3 R	— 27 —	C 6 T R
B × P	— 28 —	T 2 T D
B 2 C R	— 29 —	T 2 R x
R 3 B	— 30 —	B 7 R ! ! (*h*)
abandonam (*i*)	— 31 —	

Depois do 30º lance das Pretas



(*a*) Este xaque é desfavoravel ; Alapin fez delle uma analyse concluindo pela vantagem das Brancas, no *Wiener Schachzeitung*, de 1897. O sr. Burn só se apercebeu dois golpes mais tarde, quando já estava embaraçado.

(*b*) Optimo lance de Alapin ; o C D é reservado para atacar a dama.

(*c*) Variante bem conhecida, todavia interessante, jogada por dois mestres de tamanho valor. O lance do texto não é bom, se não é seguido de um jogo muito fino. As Brancas devem ter em conta a fraqueza da sua linha da dama e um jogador menos subtil que Maroczy, vendo que a resposta B 4 B R póde se tornar perigosa, teria simplesmente jogado 17 — B 3 D seguido de R 2 B com um pião demais e uma partida facil.

(*d*) A partir deste momento as Pretas de um modo desesperado atacam o R adverso.

(*e*) Contiuação falsa. Deviam contentar-se momentaneamente com ter um pião de mais e uma posição superior até ao momento em que o seu R estivesse em segurança. 21 — C 5 C R x teria forçado o R preto a entrar de novo, separando as duas torres, porque si ... R 3 B ou 3 C, então 22 — B × B, P × B ; 23 — T 6 R mate.

(*f*) Agóra as Pretas têem um bom jogo, apezar dos dois piões de menos.

(*g*) A posição das Brancas não é desesperada : deveriam ter jogado 24—C 5 C R x, seguido de R 1 B ou R 2 D.

(*h*) Um verdadeiro lance de problema !

(*i*) De facto. Si 31 — T × B, T 6 D x, e mate no lance seguinte. E si 31 — R 3 C, T 6 R x ; 32 — R 4 T, T 3 T R mate.

(*Notas de Gunsberg e Hoffer.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 58 (*G. Heatchote*) : 1 — T 2 B D, R 4 B (*a, b, c, d*) 2 — D 3 T D x, ? ; 3 — C ou B mate.

(*a*) 1... P 4 C D ; 2 — C 5 B R x, R 4 B ; 3 — D 6 D mate.

(*b*) 1.... C 6 D ; 2 — D 3 R x, ? ; 3 — C mate.

(*c*) 1... C 6 R ; 2 — D 4 B R x, R 6 D ; 3 — D 4 R mate.

(*d*) 1... C 5 T D ; 2 — C 6 B D x, R 4 B ! 3 — D 5 R mate.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

ANNO III — Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1906 — Num. 94

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A paz americana. — Bom agouro da Terceira Conferencia. — A ratificação da convenção de Haya sobre o principio do arbitramento. — Aspirações e esperanças...

A curiosidade do mundo está focalisada no palacio Monroe, onde uma primorosa assembléa de homens notaveis, representando o pensamento e as aspirações dos povos do Novo Mundo, está formulando, serenamente, resoluções em que se esboçam as linhas essenciaes da politica americana.

A inauguração da Conferencia foi solemnisada com a venturosa noticia da paz na America Central, pela terminação de uma lucta em que se derramava sangue de irmãos pela raça, pelas crenças, pelos interesses, pelos ideaes, num holocausto esteril, absurdo, á soberania das nações vinculadas por laços que se não puderão quebrar sem prejuizo do seu prestigio, dos seus elementos de vida.

A extincção da violenta controversia, de maneira honrosa para as nações nellas empenhadas, foi um facto precursor do exito das esperanças nos trabalhos da terceira Conferencia, dos anhelos patrioticos de que ella se não limitasse a manifestações sentimentaes, á exhibição de bôas intenções que bruxoleam e se apagam ou permanecem no firmamento dos ideaes americanos como indecisas nebulosas da utopia, aguardando a acção consolidadora do tempo,

Depois da segunda Conferencia do Mexico, temos o direito de saír do terreno brumoso dos votos anodinos para o da pratica efficaz, transformando ideas que constituem a concretisação da amadurecida opinião da America em factos, surgindo do generoso sonho para a realidade profícua, convertendo, finalmente, proposições da doutrina acatada e acceita, em fórmulas juridicas obrigatorias, tanto quanto o pódem ser pela sancção moral que a civilisação, os sentimentos humanitarios e a nitida noção do bem commum impõem aos povos cultos.

Nada impede a concretisação definitiva das ideas victoriosas nessa tendencia irrepressivel das nações americanas para os eternos pólos da justiça e do amor. Nenhuma controversia essencial, concernente á soberania e á honra das nações, suscita embaraços aos estadistas cujos nomes estão vinculados ao admiravel trabalho dessa propaganda; nada impede que desçam da atmosphera de abstracções politicas para o fertilissimo terreno de uma grande reforma social consagrada como a mais bella de suas conquistas do direito internacional americano.

Nós, brazileiros, que reclamamos a honra de ter incluido o arbitramento como rutilante principio nas paginas da nossa lei organica, não entendemos porque se não redúz a tratados o voto unanime de todos os membros da grande familia de nações do Mundo de Colombo; não comprehendemos essa timidez, nem os motivos occultos que a determinam, em colhermos os fructos sazonados da seára plantada pelos nossos antepassados, os fructos dessa arvore da liberdade, virente, frondosa, sagrada pelo nosso sangue, como se repete em imagem tão pictoresca e tão verdadeira.

Os espinhos da estrada detêm mais os propugnadores dessa campanha do que as sérias difficuldades derrocadas; as nugas de melindres ephemeros se transformam em formidaveis abrolhos ao esforço herculeo debellador de tremendos perigos. E nós, assim, hesitamos assustados ante as consequencias necessarias, as consequencias logicas da nossa conquista, quando as deveriamos empolgar num derradeiro lance glorioso.

Todas as nações estão de accordo na acceitação do arbitramento como principio, mas não se comprehende a razão de o discutirem como facto, a razão dessa vacillação que poderia symbolizar inconsistencia de convicções solemnemente manifestadas nas duas Conferencias anteriores.

Dir-se-ia estarmos sob a pressão de um pavor extranho, como si não estivessemos seguros da nossa emancipação e obedecemos á necessidade de consultar as nações mais velhas que em vão procuram alliviar os seus achaques seculares, attenuar as suas tradições de ambição e de odio nos sedativos da Conferencia de Haya.

E' esse, nas suas linhas geraes, o espirito da primeira resolução, votada entre calorosos applausos da terceira Conferencia, ratificando a adhesão das Republicas Americanas ao principio do arbitramento para a solução pacifica das questões entre ellas suscitadas, exprimindo a esperança de que a proxima Conferencia de Haya celebrará uma convenção geral de arbitramento que possa ser approvada e posta em vigor por todos os paizes.

Dest'arte, nós, povos amigos, sem graves contas a ajustar; nós, povos irmanados pelos interesses, pelas nossas legitimas aspirações de grandeza collectiva, vamos comprometter a nossa sorte nas tramas irreductiveis das velhas dissenções da

politica do velho continente, onde o sublime voto pela paz universal não conseguirá commover o duro coração do deus dos exercitos.

Nós, na America livre, tratamos da consolidação de democracias com perfeita harmonia de intuitos, de leal cooperação civilisadora; lá, no velho continente, os sonhos dos philantropos pretendem conciliar o inconciliavel — a democracia com as dynastias enfraquecidas, obsoletas, sem raizes na alma popular, dynastias inaccessiveis, trancadas nos castellos de tradições incompativeis com as humanitarias idéas do seculo, desconfiando do seu prestigio, de sua capacidade para abandonarem as prerogativas do direito divino e governarem como delegações dos povos.

Não se pódem confundir, sem perigo, posições diametralmente oppostas, numa solidariedade esteril, como essa das potencias americanas com as potencias européas, potencias adornadas com os immarcessiveis loureiros da paz em contraste com as formidaveis nações armadas na perspectiva sombria das surprezas do dia de amanhã.

E foi esse, do nosso ponto de vista, o resultado da resolução sobre o arbitramento. Com a unanime adhesão das Americas ao principio do arbitramento, não avançámos um passo do trabalho feito na segunda Conferencia; recuámos de uma realidade proxima, evidente, ao alcance da nossa capacidade, para engrinaldarmos com as nossas aspirações uma esperança muito remota, sinão impossivel.

POJUCAN.

CRIMES SOCIAES

ANARCHISMO E CAPITALISMO

Passada a impressão de pavor, o ultimo attentado começa a tornar-se interessante para os sociologos do crime.

Em verdade, nada ha que discutir, nem do ponto de vista méramente juridico-penal, nem do ponto de vista medico-psychologico, ácerca da pessôa do criminoso. Elle se furtou aos esmiuçamentos e indagações judiciarias e doutrinarias, instruindo, com segurança e presteza, o seu processo, e applicando, com severa coragem, a mais definitiva das penas. E si outro benefico resultado não se colheu desse auto-justiçamento, um, desde logo, apparece, a toda a evidencia: fez baixar a fervura dos odios e aplacou as furias da reacção policial, pondo freio momentaneo aos projectos de exemplar vingança.

Para honra deste principio de seculo, convém tambem notar que a consciencia juridica se affirmou, desta feita, mais *humanamente* orientada. Já não se ouviu, por tão largos mezes, — como em 92 e 94 — a grita atroadora dos que atavicamente aspiravam castigar a collectividade proletaria para punir o crime individual...

Vem a proposito, portanto, philosophar um pouco, buscando a significação sociologica desses casos tremendos que tanto abalam os chamados *alicerces do edificio social*.

Para a generalidade dos criminalistas, bem como para muitos representantes da Nova Escola (ou das novas escolas), os attentados anarchistas são verdadeiros «crimes politicos», de natureza identica á dos antigos regicidios.

Nessa confusão se mistura a provecta lição classica do professor Garraud com a doutrina anthropologica do professor Lombroso. Para um e outro mestre, — aliás tão affastados por tantos titulos — é principio de fé que o acto de um Caserio ou de um Luccheni vale o mesmo, perante a Psychologin Criminal, que o acto de um Orsini ou de um Passanante.

Ha, porém, quem tenha entrevisto a indole, a natureza dessa delinquencia especifica do nosso tempo, ligando-a ás causas profundas que a determinam e que a separam, bem caracteristicamente, de tudo quanto nos ensina a psychologia individual dos regicidas. Aproveitemos as observações desses modernos orientadores da sciencia criminologica, fazendo, sem espirito de seita e felizmente livres de suggestões de um meio apavorado, (qual é o da Europa), estudo imparcial de psychologia collectiva.

***

Nem toda a habil hypocrisia dos economistas á Leroy Beaulieu, nem a declamação democratica dos politicantes profissionaes consegue esconder, aos olhos dos bons observadores, as manifestações e as consequencias da renhida «lucta de classes», que se assignala, neste momento da civilisação humana, principalmente no terreno economico.

Nestes tempos de agóra, os dominadores, os *vencedores*, os exploradores, que constitúem a *classe superior*, são os que possúem; os dominados, os vencidos, os explorados, que constitúem a *classe inferior*, são os que não possúem.

E' o actual equivalente social-economico da velha *lucta das raças*, segundo o conceito de Gumplowicz.

Uma expressão generica serve commummente para designar a classe dominante: é a *burguezia*. Morselli qualificou-a como «classe do dinheiro» ou «classe do capital». O que as aristocracias faziam, nas priscas éras, por direito de conquista e, depois, por direito de nascimento, a burguezia faz hoje. Fórma, segundo observa o citado professor, a grande maioria dos grupos dirigentes.

De facto: organiza o governo, orienta a administração, combina os altos negocios, dispõe dos cargos, de supposta *eleição popular*, introdúz-se em toda a parte, maneja os orçamentos e as reservas bancarias, pondo ao serviço dos seus interesses tanto a economia do trabalhador, como a riqueza nacional. Dahi naturalmente deriva o abuso que a burguezia faz da sua força dinheirosa, abuso semelhante ao que a aristocracia fazia do poder.

Enthronisada, assim, politicamente, a burguezia victoriosa tende ao «parasitismo economico», assim como, em outras phases da vida social, foi esse parasitismo que caracterizou os ultimos tempos da dominação theocratica, da dominação guerreira e da dominação aristocratica.

Já em 1856, Proudhon, em um livro

de fina satyra, dava, no parecer de Laschi, a mais perfeita definição da burguezia, quando nol-a mostrava «tomada da febre de especulação e de agiotagem, ávida de concessões, de subvenções, de privilegios, de monopolios, considerando como sua preza a fortuna publica, vendo no imposto uma fonte das suas rendas, e os instrumentos do trabalho nacional como alimentos do seu parisitismo.»

Para bem dizer — accrescenta o citado Luschi — esses males se accentuaram com o decorrer do seculo. Si o regimen capitalistico trouxe — e ninguem as nega — vantagens á economia geral, essas vantagens teem sido duramente pagas.

E, agóra, já se vão reconhecendo os signaes inconfundiveis de um *fim de regimen* social-economico. Annuncia-se, por phenomenos de dissolução, a decadencia moral do capitalismo.

A bancarrota e a fraude, o banditismo politico e financeiro, a trapaçagem eleitoral para asseguração das posições de mando—são outros tantos factos indicativos dessa dissolução innegavel. A alta criminalidade dos dominadores tomou feição caracteristicamente fraudulenta e revestiu fórmas de requintada ladroice, mal escondida pelas cumplicidades e condescendencias de uma moral acommodaticia.

O *crime bancario*, o *crime financeiro*, o *crime eleitoral*, unidos ás fraudes industriaes e commerciaes de toda ordem, constitúem, por toda parte, manifestações constantes da actividade burgueza. A identidade dos factos não encontra estorvos nas differenças de raças, nem nas distancias que separam os continentes.

A *unidade de consciencia* da classe burgueza imprime o mesmo caracter ao banqueiro francez e ao banqueiro italiano.

Os *Panamás* estouram em Paris e rebentam em Roma; porque, na phrase do insuspeito Molinari, *a moral financeira é mais larga do que o proprio isthmo de Panamá*.

Por isso mesmo, como os exemplos véem de cima, a estatistica revela a proporção crescente dos delictos fraudulentos.

E, parallelo ao crescimento dessa criminalidade especifica, ahi se nos depara outro phenomeno da crise que vamos estudando: é o da impunidade em que ficam muitos e muitos crimes, por falta de seguros meios de pesquisação e repressão, ou por vergonhosas protecções dispensadas aos criminosos...

***

Guglielmo Ferrero, neste assumpto bem acompanhado por Scipio Sighele, nos ensina que os typos de civilisação que o homem tem creado, até hoje, são dois:—a civilisação typicamente violenta e a typicamente fraudulenta. A lucta pela existencia toma fórmas differentes em cada uma dessas civilisações. Entretanto, essa distincção theorica não é absoluta, na realidade. No seio de uma mesma sociedade, se misturam caracteres pertencentes aos dois typos de civilisação. E' o que se dá nesse fim do regimen social-economico do capitalismo.

No nosso tempo ahi se manifestam as duas fórmas de criminalidade: a *atavica*, que se exprime pela adopção de meios *violentos*, applicados á pratica de homicidios, roubos, estupros, etc.; e a *evolutiva*, que é egualmente perversa e que o é talvez mais, em intenção, mas que é muito mais cortez nos meios, pois á força e á violencia substitúe a astucia e o dolo. A primeira fórma de criminalidade é, no pensar de Sighele, «um detricto hereditario das epochas que precederam á nossa; a segunda fórma é producto da civilisação».

(Aqui poderiamos, com vantagem, adeantar a theoria do joven escriptor com a do seu mestre, Henrique Ferri, quando, entre os criminosos *violentos*, distingue uma classe de individuos que, embóra *anormaes*, refractarios á sociedade actual, são dotados de tendencias progressivas e altruisticas.)

Ao lado dos actos dolosos e fraudulentos da classe afortunada ou do *dinheiro*, que é, ao mesmo tempo, a mais culta, surgem outros CRIMES SOCIAES, os violentos, praticados pela classe dominada e economicamente vencida, que é quasi inculta.

Coexistem, assim, a criminalidade violenta e a fraudulenta, a da classe que não possúe e a da classe que possúe. São, como se vê, duas fórmas de «criminalidade collectiva». De uma parte temos os ricos, os burguezes, os abastados, os gozadores da vida, que aperfeiçôam o furto, o estellionato, a falsidade e a bancarrota, e, por meio da politicagem e das manobras financeiras, dominam o Estado e se apropriam da fortuna publica; de outro lado, temos os pobres, os ignorantes, os necessitados, que, por meio das sedições, dos motins, dos attentados anarchistas, ouzam revoltar-se contra a triste condição que lhes é imposta, e assim protestam contra a immoralidade que vem de cima.

A criminalidade da classe culta e abastada é um phenomeno pathologico, indicando o vicio da organisação social que nos domina, um symptoma que nos adverte de havermos chegado ao termo de um systema ou regimen; a criminalidade da classe baixa póde ser encarada como um annuncio, tambem pathologico, de uma nova tendencia que surge, de uma nova éra que está para nascer. Dahi a differença dos caracteres apresentados por essas duas criminalidades: a da classe burgueza é prudente e circumspecta, cheia de astucia senil; a da classe proletaria é impetuosa e imprudente, assim demonstrando a força da mocidade.

Tendo de luctar com adversarios poderosos, a classe proletaria sente necessidade de buscar compensação, de egualar as forças, empregando meios audaciosos. Seu proceder é identico ao das minorias que pretendem triumphar; sendo certo que, si não constitúe minoria pelo numero, está, de facto, nessa posição pelo valor social e pelo elemento economico.

Em duas palavras: os crimes ou attentados anarchistas correspondem, socialmente interpretados, aos crimes bancarios, financeiros e politicos, que são tantos da nossa epocha.

E todos juntos patenteiam a dissolução de um regimen social-economico, constituindo o mais expressivo *signal dos tempos*.

EVARISTO DE MORAES.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

«VIAGENS DE GULLIVER».— POR JONATHAN SWIFT. — TRADUCÇÃO PORTUGUEZA. — FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA, EDITORES.

Sabe-se que Swift foi o maior ironista que tem tido a Inglaterra, o pae da satyra moderna, principalmente desse genero peculiar ao espirito de sua raça e que ella propria designa pelo nome de *humour*, intraduzivel noutro idioma.

De toda a sua obra, no emtanto, o livro que se tornou mais universalisado é este das *Viagens de Gulliver*, principalmente pela primeira parte que nelle se contém, referente á *Viagem a Lilliput*.

A comparação com os lilliputinianos tornou-se hoje um recurso sediço, uma imagem perfeitamente estafada. Mas por isso mesmo a ninguem é licito ignorar a sua origem, como não se póde deixar de saber de onde veio Pangloss, Monsieur de La Palice e outras coisas quejandas.

No emtanto, a *Viagem a Brobdignac*, a *Viagem á Lapucia* e essa outra *Ao Paiz dos Huynms*, — uma satyra de mordacidade epica, — e que todas se encontram neste volume das *Viagens de Gulliver*, não são menos interessantes do que a que assim foi incorporada ao thezouro anedoctico da nossa epocha.

Todas teem os mesmos caracteristicos que tornaram classica a fabula dos lilliputinianos: embóra no fundo representem a séria opposição dos grandes espiritos á obra da indefectivel pequenez humana, reflectindo as aspirações das naturezas nobres, que o genio representa, ellas estão ao alcance de todas as intelligencias, como o *Don Quichote*, como *Gil Blas*, como *O Candido*, de Voltaire, é certo que pelo seu lado superficial. Fazem rir ás creanças, desenfastiam os velhos, a toda a gente recreiam.

Esta collecção adquiriu hoje em dia quasi que a simples, inoffensiva propriedade das estampas caricaturaes. O maior travor que em si taes producções continham, proveniente da flagrante e acerba allusão aos factos da epocha em que fôram compostas, ás ardorosas polemicas em que o seculo de Swift punha toda a força de sua paixão, esse desappareceu com o tempo, que veio substituir uns preconceitos por outros, no incessante evolver das coisas humanas.

Deste modo, a sorte que teve a obra de Swift, imposta pela selecção universal, parece representar até certo ponto uma ironia do destino, constituindo-se ao mesmo tempo numa lição de sabedoria aos espiritos em que a nota da intolerancia fale mais alto do que a proveniente de um justo equilibrio das faculdades humanas.

Este volume das *Viagens de Gulliver*, ora editado em magnifica traducção portugueza pela excellente casa Ferreira & Oliveira, Limitada, de Lisbôa, pertence a uma série de outras obras primas na litteratura universal que a mesma empreza promette ir dando a lume pouco a pouco. E' dessa série o *Dom Quichote*, em 3 volumes, que já se acha publicado.

A edição das *Viagens* vem ornada de trinta illustrações, bôas, póde-se dizer, para uma obra que se destina a grande vulgarisação.

***

«O DESTINO», PEÇA EM 4 ACTOS, POR JOSÉ PIZA E ARTHUR GUIMARÃES. — LISBÔA. — TYPOGRAPHIA A EDITORA.

Peças de theatro em theatro devem ser julgadas, principalmente quando não se tenha grande pratica do genero, como a mim me acontece, por exemplo.

Por isso mesmo, a impressão que este drama dos srs. José Piza e Arthur Guimarães me proporcionou numa rapida leitura póde não ser nada parecida com a que a gente mais habilitada receba.

Pareceu-me que *O Destino* nem se caracteriza por uma concepção superior e uma fina contextura, como as obras dos grandes mestres, nem tem as qualidades mais prestigiosas do dramalhão. Só ha um unico tiro em toda a peça, e esse não se chega a ouvir; quando sobe o panno para o 4º acto, já a tragedia teve o seu desfecho com o suicidio do personagem central. Enchem-se as scenas desse acto ultimo apenas com uma discussão sobre a sepultura em que se ha de enterrar o martyr da honra que acaba de succumbir, questão, aliás, justificada pelo seu fundo, mas que não me pareceu sufficiente para levar ás lagrimas o auditorio, ao menos no arranco final.

Digo isso porque, ao meu vêr, em parte alguma da peça armaram-se sufficientes effeitos para produzir no espectador o que se chama uma forte emoção.

Em todo caso, como já disse, póde ser que eu me engane; si o drama já foi á scena, os que assistiram ao espectaculo estão habilitados a melhor informar.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

APANHADOS

Um romance religioso sensacional

Sob esta epigraphe se lê em uma revista estrangeira, a proposito do livro de Fogazzaro.

«Poucas obras teem excitado interesse e provocado discussão como o ultimo romance de Antonio Fogazzaro, *Il Santo*. O auctor já conhecido pelos dois livros *Malombra* e *Daniel Cortis*, é um dos chefes do movimento catholico liberal na Italia. Suas idéas agóra se manifestam com muitissima nitidez. O racionalista catholico, que quer a refórma da Egreja, o padre idéalista d. Clemente, obrigado ao silencio por seu abbade, emfim, o personagem, o Santo, Benedicto, asceta leigo para quem a religião é principalmente a perfeição moral, todas estas tres figuras tomam attitudes diversas, mas não contradictorias, no espirito do catholico que sente que a egreja romana atravessa actualmente uma crise e deseja, sem heresia e sem schisma, auxilial-a a encontrar o caminho que não a conduza ao abysmo.

Roma poz o livro no Index; o auctor submetteu-se a Roma, e esta submissão valeu-lhe a accusação da estudantada e da imprensa, que o apontaram como covarde. A opposição e a condemnação deste romance em uma epocha em que o papa censura a pastoral de Bonomelli, o respeitavel bispo de Cremona, que se mostrou favoravel á separação da Egreja e do Estado em Italia; no tempo em que se desenvolve actividade nas questões Loisy e Houtin; no tempo em que se prepara um novo *Syllabus* e em que a historia torna mais suspeitas as affirmações biblicas; no tempo em que é bem acolhida a intervenção dos catholicos francezes, em tal tempo, não póde deixar de preoccupar os centros religiosos de Italia e do estrangeiro. A *Revista de Italia* mostra, com certa independencia, que é o sentimento religioso em seu estado puro, desprendido da hierarchia e da Egreja, que fez — quer queira ou não o auctor — nascer o grande interesse pelo livro. A *Rassegna Nazionale*, importante revista catholica liberal, pouco favoravel aos jesuitas e ás medidas de entorpecimento intellectual, procura conciliar a admiração pelo livro com o respeito pela condemna-

ção papal e, nos artigos que consagra ao *Santo* e á obra de Fogazzaro, tem o romance como o mais edificante mas não o melhor produzido pelo auctor — *Die Warte*, de Munich, se refere ao livro, e *Das Hochland* começou a transcrevel-o, fazendo, depois, uma tiragem em folha supplementar para que apenas lêssem o romance ás pessôas auctorisadas á leitura dos livros prohibidos. Na *The Fortnightly Review*, Crawford, catholico, estuda o romance nos pontos de vista litterario e moral. Sem abordar a questão de saber si Benedicto é realmente um santo (a *Rassegna* diz sim, a *Civilitá Cattolica* dos jesuitas, diz não) elle põe em relevo o que o personagem tem de admiravel e humano. Louva o auctor por ter indicado, (e com que reserva !) os principaes vicios da actual egreja romana.

Não será por falta de alvitres esclarecidos de seus maiores fieis que a Egreja deixará de corrigir os seus erros.

***

O tumulo de S. Pedro O tumulo de S. Pedro offerece actualmente assumpto para discussões. O archeologo italiano Marcello Pietrevecchie, dirigindo-se respeitosamente ao papa, fez notar ao chefe da egreja que é urgente e necessario resolver o velho assumpto, outra vez em ordem do dia. Lembra que a egreja de S. Pedro foi edificada sobre a basilica do imperador Constantino, a qual havia sido levantada, onze seculos antes, sobre o tumulo do Apostolo, e visitada pelos peregrinos christãos que demandam o logar onde repouzam os restos do Santo Pescador. «Ora é justo, é christão, pergunta o archeologo, e corresponde aos principios de nossa religião, considerar como tumulo do apostolo um logar onde se duvída que existam os venerandos despojos ?»

Os archeologos teem, por vezes, examinado a *Arca* e concluiram que alli não existem os pretendidos restos que se crêem conservados.

«E' preciso, conclúe o auctor da carta ao papa, que s. s. ponha termo a este escandalo. Cabe-lhe eliminar da religião tudo o que não é absolutamente verdadeiro, porque toda a duvida em coisas santas é prejudicial e quando essa duvida fica justificada, a consequencia dessa prova é um perigo extraordinario.»

***

Viagem extraordinaria O prof. E. Gauthier, da Escola de Lettras, de Argel, chegou ultimamente a Paris, depois de ter effectuado uma das viagens mais notaveis que se conhecem de exploradores celebres. Em menos de seis mezes, conseguiu atravessar, com dois companheiros e sem uma arma siquer, todo o deserto do Sahara, desde Oran até o Senegal.

***

Conferencia de Haya e Congresso Pan-Americano O governo hollandez váe fazer na proxima Conferencia uma declaração importante que é precizo tornar conhecida. Elle requer que todos os Estados não representados na primeira Conferencia da Paz, em Haya, mediante um simples pedido, sejam considerados como adherentes á convenção relativa á solução pacifica dos litigios internacionaes.

Esta addição ao protocollo da proxima reunião dos Estados civilisados dará a todas as republicas da America do Sul voto deliberativo. O Equador já enviou a sua adhesão e designou os delegados.

Ora, como no Congresso Pan-Americano, no Rio de Janeiro, um projecto de arbitragem permanente e obrigatoria, sustentado pela Republica Argentina, será provavelmente adoptado, todos os paizes do Novo Mundo, submettidos, assim, á paz perpetua, vão ao Conselho de Amphyctionico, de Haya, dar á Europa uma lição de mestre, e se esforçarão por fazer prevalecer os mesmos principios de justiça no antigo continente.

***

O trigo combustivel Provavelmente, o unico caso conhecido do emprego do trigo como combustivel, é o do vapor de carga *Couldson*, que fazia a travessia de Yokohama a Portland, nos Estados Unidos, quando se esgotou a provisão de carvão que trazia. Para poder chegar ao porto mais proximo, o capitão do navio mandou alimentar as caldeiras com trigo e gastou para isso 5.000 saccos desse cereal.

Eduardo VII O rei Eduardo, de Inglaterra, uza constantemente no pulso esquerdo um bracelete de ouro que pertenceu ao mallogrado imperador Maximiliano, e de cujo cadaver foi retirado logo depois da sua execução.

***

Nietzsche slavo Nietzsche sempre se orgulhava de ser slavo ; acreditava-se, até aqui, que isto era uma simples excentricidade da sua parte. Agóra, o sr. Bernard Scharlitt acaba de provar que esta idéa era absolutamente exacta. O genealogista polaco Niesiecki fez o historico duma familia nobre, de nome Nicki, estabelecida, no seculo XVII, na provincia de Plock ; um dos membros dessa familia emigrou para a Prussia. Os sinetes conservados religiosamente pelos Nietzsche traziam as mesmas armas que os dos Nicki.

***

Festas no Danubio Em Galatz, as festas do cincoentenario da creação da commissão européa do Danubio, instituida pelo tratado de Paris, em 1856, são a prova evidente da possibilidade da continuação duma acção commum de grandes povos colligados por um plano de civilisação.

Graças aos esforços intelligentes e perseverantes desta commissão, a embocadura do Danubio, outr'ora cheia de lama, um canal perigoso de 9 pés de fundo foi convertido numa passagem de 20 pés de profundidade. Sulina tornou-se um grande porto, a tonelagem dos navios dobrou e o trafico está dez vezes maior.

***

Um livro interessante *Jerusalém fala...* é o titulo dum livro de Fanny Emeric. São impressões de Jerusalém, mas impressões inteiramente moraes. Esta não é a unica nem a menor surpreza que esse livro estranho encerra. Elle todo é composto de impressões fragmentarias, voluntariamente enfileiradas em curtos paragraphos. Si se quizer descobrir o espirito geral da obra, dir-se-á que é um livro de tendencias anti-religiosas, ou, melhor, anti-doutrinarias.

Jerusalém fala. Do alto das suas torres e muralhas estragadas pelo

tempo, ella proclama a bancarrota das religiões que teem impressionado o homem.

Interessante, por isto que é pouco banal, é a revista dos grandes reformadores da humanidade que Edouard Shuré chama os «grandes iniciados»: Moysés, o «poderoso *miseur-en-scène* duma comedia titanica»; Buddha, Confucio, Zarathustra, Solon, Pythagoras, Socrates, que «encarna a mascula philosophia do homem forte», até ao christianismo, que «nos acalentou com uma terna e monotona cantilena», pois Jesus quiz vencer o orgulho, «esta columna vertebral do sêr moral», prégando a humilhação. O christianismo quiz «desarranjar a agulha da bussola humana». E de Deus, que diz esse curioso livro? Unicamente esse periodo terrivel: «Deus é a projecção, lanterna magica, do homem no desconhecido.»

***

Frio artificial nos Estados Unidos

Distribúe-se em domicilio o frio artificial, em diversas cidades dos Estados Unidos, Nova York, Boston, S. Luiz, Denver, Baltimore, etc., para refrescar os aposentos durante os calores excessivos.

Emprega-se para esta distribuição ammoniaco detido em tubos de canalisação, cujo percurso attinge, ás vezes, até 27 kilometros. As canalisações são dispostas em conductos de barro vitrificado. O systema é muitos simples e menos complicado que o de estufas de refrigeração, que se tem ensaiado, ultimamente na Europa, com pouco successo.

***

O banho dos japonezes

Nenhum japonez se banha em agua fria, mesmo que se dedique a exercicios athleticos. Toma sempre o seu banho de agua quente, porque acredita que o banho frio é perigoso para a saúde e não fortalece o organismo. Quando os japonezes se lavam ao ar livre, fazem-no sempre depois que o sol tenha aquecido a agua onde elles se vão banhar.

***

Viagem em canoa

Gustav Nordin, sueco e emulo do commandante Astorga, conseguiu transpôr, em canôa, a distancia que separa Paris de Stockolmo. Durante a sua viagem, se alimentou unicamente de maçãs, leite, pão e agua.

***

Varias

A ultima originalidade *yankee* consiste na formação dum *club* cujos socios se compromettem, formalmente, a não dormir sinão quatro horas por dia.

*

A unica mulher que possúe o gráu de almirante é a rainha da Grecia. Esse posto honorifico foi concedido pelo pae do actual czar da Russia.

*

A população do imperio japonez augmenta á razão de meio milhão de individuos, annualmente.

*

Segundo estatistica recente, a quantidade total de ouro extraído no mundo inteiro alcança 2 milhões de francos por anno.

*

No Ceará, a idéa de uma estatua a d. Pedro II tem tido uma grande acceitação. A subscripção já está em 6.169$100. Como por lá se diz, esse facto significa um protesto — muito mal entendido, aliás — á maneira como naquelle Estado se tem praticado o regimen republicano.

O ALMIRANTE (92)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

Oscar não ouzava acreditar nessa resolução que lhe descortinava perspectiva favoravel ás suas esperanças encerradas no compromisso de honra, a palavra dada a Hortencia de aguardar resignado a terminação daquelle tantalico supplicio. O olhar delle, olhar penetrante, habituado a sondar as immensidades do céo e do mar, o mysterio das noites tormentosas e os segredos do perfido firmamento, adquirira um permanente tom de supplica serena, por vezes interrompida por fugitivas scentelhas de volupia, que elle com immenso esforço reprimia, como assomos de paixão criminosa, cobarde, profanando a pureza daquella creatura adorada, o seu idolo, a sua aspiração definitiva.

—E' verdade que consentes nessa viagem? — perguntou elle, a transbordar de alegria.

—Farei o que quizeres, obedecerei ao meu dever de mulher—respondeu-lhe Hortencia, esquivando-se ao insistente olhar do marido.

— Eu não te quero pelo dever, quero-te pelo amor, minha querida Hortencia, — exclamou elle, vivamente, tomando-lhe as mãos — sem constrangimento, sem sacrificio.

— O dever e o amor — aparteou a marqueza, afastando-se discretamente —se conciliam admiravelmente.

—Ouviste?—continuou elle, cada vez mais vehemente, percebendo que Hortencia se debatia quasi vencida, sentindo faltar-lhe o apoio da resolução abalada—O amor e o dever se harmonizam; o coração e a razão se pódem conciliar num affecto duradouro que nos confundirá numa ventura sem par, identificando as nossas almas, o nosso destino.

O coração de Oscar se derramava delido em ternura nos seus labios, em phrases calidas de penetrante eloquencia, sincera, que repercutia nos attonitos ouvidos de Hortencia como os accordes de uma harmonia nova, modulada em mysticos tons de uma suavidade encantadora. Elle sentiu-lhe as mãos delicadas esfriarem tremulas e tentava aquecel-as ao abrazamento das suas. E á proporção que falava, foi conduzindo lentamente a mulher, que o acompanhava sem resistencia, a marchar num deslize de automato, na direcção da brenha do Paraizo, onde murmurava a fonte o incessante lamento de uma saudade inconsolavel. Por entre as urzes asperas, naquelle recanto selvatico, apparecia a figura sinistra do anjo de marmore, brandindo a espada flammejante, numa petrificada attitude de ameaça.

Hortencia recuou espavorida, rubra de pêjo, e abrigou-se ao seio de Oscar.

—Leva-me daqui—murmurou ella, supplicante — Tenho medo... Por piedade: leva-me daqui.

Seus braços hirtos cercaram num violento aperto o collo de Oscar, que sentia, de encontro ao peito, palpitar o coração de Hortencia, numa agitação precipitada de passaro medroso.

— Não tenhas receio, minha adorada,—murmurou elle, no estertor de uma ancia indomavel—Eu te amo...

— Deixa-me.. deixa-me—repetia ella, num dolente queixume.

E cego de paixão, insensivel ás urzes que lhe rasgavam o fato, elle foi penetrando na brenha emmaranhada, quebrando os galhos seccos, immergindo na ramagem virente a salpical-o de gottas do orvalho da noite, levando Hortencia, arrebatando-a, como si se transformasse em féra, conduzindo a preza para o cerrado do bosque, sem lhe ouvir as supplicas, os frageis gemidos, gemidos sem dôr de mulher vencida.

Libertados do obstaculo de cipós, contorcidos em caprichosas roscas, de arbustos entretecidos na exúberancia do abandono, elles se acharam na cla-

reira formada em torno do pavilhão em ruinas, as faiença̧s do telhado desdentadas, invadidas por uma absorvente multidão de parasitas, que, durante tantos annos, haviam subido pelas columnas, occupado as paredes, occultando a alvenaria, marcada de chagas do reboco, desprendido sob uma avelludada camada de folhas e de flôres. O ladrilho de marmore estava tapetado de folhas mortas, os residuos de muitas estações formando uma alcatifa espessa e humida. Num recanto escuro, borbulhava a fonte emergindo aos soluços de um buraco forrado de limo verde. Raios de sol, traspassando o tecto de folhagem, marcavam no chão discos luminosos. Uma emanação de relva fecunda saturava o ambiente sombrio.

Hortencia, extenuada daquelle violento lance, deixou-se tombar sobre o banco em que o marquez de Uberaba exalára o derradeiro suspiro.

Quando Hortencia regressou ao *chatô*, evitando ser percebida pelos creados, pelos empregados das cavallariças e da chacara, desprendeu-se do braço de Oscar, que lhe cobria de beijos as faces rubras. Subindo ao sobrado, fechou-se no quarto, tirou de uma gaveta secreta da escrivaninha de laca a carta de Sergio, beijou-a repetidas vezes, releu-a, orvalhando-a de pranto, e respondeu-lhe :

Sergio—Não mereço o sacrificio de interromper a sua carreira, de abandonar as suas aspirações. Peço-lhe que volte á Constituinte, trabalhe pela gloria do seu nome, do nosso paiz. Eu pedirei a Deus que o proteja e corôe todos os seus esforços. Não queira mal, nem olvide a sua amiguinha... —HORTENCIA.

Relida essa resposta, ella accendeu a véla para lacrar o envelope.

Ouvindo-lhe os soluços, Oscar bateu levemente a porta. Hortencia estremeceu surprehendida e abriu immediatamente, sem hesitação.

— Lagrimas ? ! — exclamou elle.

— Serão talvez as minhas derradeiras lagrimas —respondeu-lhe ella— Fecha esta carta e manda-a ao correio.

Oscar obedeceu e, ao mesmo tempo, na chamma que inflammava o lacre vermelho, Hortencia, com um gesto firme, queimou a carta de Sergio.

— Está tudo acabado — murmurou ella, ao marido, attonito—Estas cinzas representam as minhas illusões de moça.

(Continúa).

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

Conferencias Pan-Americanas

REMINISCENCIAS DA SEGUNDA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA. O ARBITRAMENTO

Controversias existentes entre algumas Republicas, que deviam concorrer á Conferencia do Mexico, crearam difficuldades á organisação do programma, no thema relativo ao arbitramento, formulando-o de maneira a evitar a discussão do merecimento de questões fóra dos poderes dos delegados e satisfazendo os interessados na materia controvertida. Nisso consistiu o trabalho dos representantes das Republicas americanas antes da reunião da Conferencia.

Essa difficuldade se tornou mais accentuada quando se encetaram os trabalhos, porque, muito embóra ella augmentasse o interesse da discussão e dos resultados esperados do arbitramento, poderia arriscar o exito da Conferencia. Era indispensavel evitar vehementes debates que não poderiam influir na mudança de opinião dos delegados, e provocariam conflictos de idéas que só poderiam ser nocivos ás aspirações communs. Combinou-se, por isso, que a discussão do assumpto ficasse confiada a uma commissão composta de dezoito membros, um de cada uma das dezenove delegações.

A essa commissão fôram remettidos todos os projectos concernentes ao arbitramento, entre os quaes figura um, de importante merecimento, organisado pela delegação do Mexico, como base de um plano geral.

Verificou-se nas primeiras reuniões da commissão que esta era muito numerosa para cuidar satisfactoriamente do assumpto, assim como que a idéa de limitar a discussão não produziria os desejados effeitos, desde que, pelo regulamento da Conferencia, poderiam assistir ás sessões da commissão, as ques se tornariam publicas e poderiam passar ao dominio da imprensa. Resolveu-se, então, por proposta do delegado dos Estados-Unidos, a formação de uma sub-commissão composta de 7 membros, encarregada de organizar o relatorio, que deveria ser submettido á deliberação da commissão completa. Tomaram parte na sub-commissão os srs. Buchanan, delegado dos Estados-Unidos ; Bermejo, da Republica Argentina; José Hygino, do Brazil; Blest Gana, do Chile ; Lazo Arriaga, de Guatemala ; Pardo, do Mexico ; Alzamora, do Perú.

Não houve difficuldade em obter um relatorio unanime em favor do arbitramento como principio ; mas as opiniões se dividiram quanto á extensão que se deveria dar á applicação desse principio. Sobre isto havia, na Conferencia, tres opiniões :

— Arbitramento compulsorio, incluindo todas as questões pendentes ou futuras que não interessassem a independencia ou a honra dacional;

— Arbitramento compulsorio sómente para as questões futuras e definindo as questões excluidas ;

— Arbitramento facultativo ou voluntario nos termos da convenção de Haya.

O sr. Buchanan, delegado dos Estados-Unidos, era de parecer que se assignasse um protocollo ratificando a convenção, assignada em Haya a 29 de julho de 1899, para a solução pacifica das disputas internacionaes, encarregando-se de o promover o governo dos Estados-Unidos e o do Mexico.

Não obstante a proposta de serem as negociações confiadas ao governo do Mexico para conseguir, o mais breve possivel, a approvação unanime das Republicas ao arbitramento compulsorio, esse plano encontrou, ao principio, vehemente opposição dos partidarios daquella fórma de arbitramento, os quaes insistiam sobre um reconhecimento distincto do principio, objecto da contenda. Elles reconheceram que o plano deveria ser dividido para satisfazer os defensores das duas fórmulas acima mencionadas, uma vez que nações desejosas de subscreverem um tratado de arbitramento compulsorio exigiriam que elle contivesse excepções tão vastas que o tornariam puramente voluntario. Por outro lado, essa fórma de tratado não satisfaria os advogados do arbitramento sem restricções, excluindo assim a unanimidade desejada.

Suggeriu-se, afinal, o plano de assignarem todas as delegações o protocollo de adhesão á convenção de Haya, como fôra indicado pelos Estados

Unidos da America, e que os advogados do arbitramento compulsorio assignassem, entre si, um projecto de tratado obrigando os respectivos governos a submetterem ao tribunal permanente de Haya todas as questões, existentes ou futuras, que não melindrassem a independencia e a honra nacionaes. O protocollo, como o tratado, seria levado á Conferencia incorporado nas actas sem debate, e enviados ao ministro das relações exteriores do Mexico para serem authenticados e transmittidos aos diversos governos signatarios.

Após prolongadas negociações, esse plano foi adoptado e executado conforme fôra resolvido por todas as delegações, exceptuadas as do Chile e Equador que assignaram o protocollo de adhesão á convenção de Haya antes de submettel-a á Conferencia.

O projecto de tratado compulsorio foi assignado pela Republica Argentina, Bolivia, S. Domingos, Salvador, Guatemala, Mexico, Paraguay, Perú, Uruguay e Venezuela.

***

Com esse plano, a Conferencia attingiu os mais altos fins possiveis, e, pela primeira vez, cada uma das Republicas Americanas tomou o seu logar a par dos outros paizes do mundo em favor do arbitramento internacional. Ainda mais: o voto unanime de 19 republicas pela convenção de Haya, caracterizou uma decidida manifestação dos governos de todo o mundo civilisados em favor da paz.

Além disso, a Conferencia acceitou as tres convenções de Haya como principios de direito internacional americano e pediu ao presidente da Republica do Mexico entrasse em negociações com os diversos governos americanos para obter a mais ampla applicação do arbitramento.

No sentido da solução pacifica das controversias internacionaes, foi adoptado e assignado por todas as nações representadas na Conferencia um projecto de tratado arbitramento das reclamações pecuniarias, pelo qual ellas se obrigavam, por um periodo de cinco annos, a submetter ao tribunal de Haya todas as reclamações pecuniarias por perdas e damnos dos respectivos cidadãos e que não pudessem ser resolvidas pelos meios diplomaticos, quando taes reclamações fôssem bastante importantes para cobrirem as despezas do arbitramento.

Na fórma do art. 21 da convenção de Haya, uma jurisdicção especial seria organisada, si as partes litigantes a preferissem, sendo estipulada, em tratado especial, a fórma do processo.

Essas resoluções fôram consideradas um grande triumpho obtido nessa delicada materia do arbitramento.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A medicina egypcia—Remedios caseiros de 1.500 annos antes da éra christã—As excavações do professor Reissner.

Nas excavações feitas na aldeia de Deir el Bachari, no sitio da famosa Thebas, o professor Reissner descobriu um manuscripto em papyro, recentemente editado nas publicações da Universidade da California e que, adicionadas aos documentos antes publicados, augmentam alguns dados importantes e curiosos aos nossos conhecimentos sobre a medicina egypcia, que era uma sciencia muito estimada e honrosa.

Os medicos, numerosos segundo Homero, eram especialisados, occupando-se do tratamento de algum orgão, havendo, assim, medicos que tratavam sómente dos olhos, outros do ventre, da cabeça, do estomago, com mais restricção do que os nossos especialistas actuaes.

A origem das molestias era attribuida a espectros, a espiritos malfazejos, que penetravam o corpo do homem, e a cura completa só poderia ser obtida pelo emprego de fórmulas magicas ou pela intervenção de um exorcista, não excluindo do tratamento uma therapeutica consistindo, quasi totalmente, em remedios caseiros, productos mais ou menos naturaes que a observação indicára empiricamente como efficazes, — vegetaes, mineraes magicos ou não, carne viva, coração, figado, fel, pello ou corno de veado, leite de mulher, miolo de tartaruga, etc.

A invenção desses remedios, que o fetichismo conservou, atravéz de muitos seculos, nos costumes de todos os povos, era attribuida aos deuses ou aos reis das antigas dynastias.

A maior parte desses remedios empiricos era, com effeito, efficaz, e os conhecimentos dos egypcios eram muitos adeantados sobre certos assumptos; elles conheciam a circulação do sangue, de novo achada, na Europa, no seculo XVI, por Michel Servet.

O mais curioso é que esses documentos remontam a epocha muito anterior á dos medicos gregos, uma vez que elle datam da XVIII dynastia; isto é, de 1.500 annos antes da éra christã, no tempo da maior florescencia e poder do dominio thebano.

***

O flagello das moscas — Vehiculos de germens e de contagio — Meios de destruil-as—Algumas considerações.

Quando se cuida com tanto empenho de hygiene, de antisepticos, de esterilisação, de filtros e de muitas outras coisas mais ou menos complicadas, deve-se considerar que as moscas, do ponto de vista sanitario, são um verdadeiro flagello. Não se deve tratar sómente de perseguil-as porque nos importunam durante os dias quentes, por sujarem as molduras douradas dos nossos quadros, a pintura das nossas casas, por atormentarem os nossos cavallos; é indispensavel destruil-as porque ellas propagam com as picadas e, sobretudo, com o seu contacto, as mais variadas molestias.

A mosca, si bem que graciosa com as suas patas delicadas em constante movimento, com seus engraçados movimentos para limpar a cabeça e lavar as mãos, é um animal essencialmente sujo: tanto pouza sobre a nossa meza, a nossa comida como sobre as coisas mais nojentas, e, antes de nos visitar, passeia sobre o rosto e as mãos de um doente. Esses detalhes, por serem repugnantes, não são menos dignos de ser rememorados para que comprehendamos o perigo dessas companheiras do homem. O unico meio de evitar a sua funcção de vehiculos de germens e de contagio é destruil-as implacavelmente.

Uma só mosca, durante os mezes de sua vida normal, põe milhões de ovos, donde sáem outros milhões de moscas que se alistam nas legiões da obra perniciosa de suas congeneres e, como não é possivel dar caça efficaz ao insecto adulto, o melhor meio de extirpal-as é atacar-lhes os ovos e as larvas. Ellas depositam os ovos em pacotes, nos exgottos, nas fossas, nos conductos d'aguas servidas, nos montes de estrume: é sobre esses sitios preferidos que se devem lançar substancias destruidoras dos ovos e das larvas.

Verificou-se que uma mistura d'agua e de oleo de schisto bruto, producto muito barato, fórma nos sitios povoados de ovos de moscas uma camada impermeavel ao ar, permittindo assim inutilisal-os ou matar as larvas que contiverem. Além disso, as moscas evitam esse oleo.

As moscas, como todas as coisas creadas, teem o seu papel util: contribúem para a absorpção das materias em decomposição que abandonamos por toda a parte, mas não é difficil burlar os deleterios effeitos dessa funcção, preservando a nossa saúde.

***

Tres aneurismas curados pela medicação hypotensiva. — Communicação á Academia de Medicina de Paris.

O dr. Huchard communicou a Academia de Medicina de Paris a cura de tres aneurismas pela medicação hypotensiva.

Tratava-se de um aneurisma da arteria sub-clave esquerda; de outra, interessando o tronco brachio-cephalico e a aorta; a terceira, situada na porção transversa e para baixo da aorta thoraxica. Os tres enfermos restabeleceram-se com o emprego prolongado de medicação para diminuir a tensão arterial, ajudada pelo repouso absoluto, regimen alimentar, e medicamentos hypotensores — trinitrina, tetranitrol, nitrato de soda, iodureto.

***

Preventivo da syphilis. — Fricções de calomelanos. — Experiencias em macacos. — Communicação de Metchnikoff.

Metchnikoff e Roux communicaram á mesma Academia o resultado de suas experiencias, demonstrando que a inoculação do virus syphilitico é inoffensiva mediante certas precauções preliminares. Uma série de investigações no macaco tornou evidente que uma applicação de pomada de calomelanos, num prazo de uma a dezoito horas depois da inoculação, impede o desenvolvimento ulterior de qualquer accidente syphilitico.

Os sabios acima citados fizeram tambem experiencias no homem. Um estudante de medicina indemne de syphilis hereditaria ou adquirida, submetteu-se voluntariamente a essa prova. A fricção de calomelanos 10 grs. para 30 grs. de lanolina, foi feita uma hora depois da inoculação, durante cinco minutos, não apparecendo accidente para a pelle nem para as mucosas, nem para o lado das visceras ou dos ganglios. O mesmo aconteceu ao macaco, tratado nas mesmas condições, ao passo que outro desses animaes, friccionado vinte horas depois da inoculação, apresentou, ao cabo de 39 dias, um accidente primario.

Essas experiencias estabeleceram que a pomada de calomelanos poderá ser utilisado no futuro de maneira preventiva, com a condição de ser applicada no espaço de 20 horas entre a inoculação e a fricção.

***

Natureza e sociedade. — Applicação do ponto de vista finalista aos phenomenos sociaes. — Algumas considerações.

O dr. Jankelevitch, em um curioso opusculo, procurou mostrar que o phenomeno social, submettido como phenomeno natural á lei geral da casualidade, se differençava, todavia, dos outros, puramente naturaes, pela circumstancia de representarem um facto humano *sui generis*, realisando fins em que os homens manifestam sua opposição ao jugo cego das forças da natureza.

O homem introdúz, evidentemente, uma certa finalidade na natureza, mas essa finalidade, que o transformismo teria feito penetrar toda a natureza organisada, emquanto o sêr tende a perseverar no seu sêr, e como fim immanente á sua existencia prosegue a continuação desta; essa finalidade, que se poderia considerar illusoria, não manifestando, nos sêres inferiores, mais do que o resultado de phenomenos felizes; essa finalidade, em summa, sómente apparece no homem para o differenciar do resto do mundo, como o dr. Jankelevitch o indica erradamente; todo o animal, que póde ter representações, apresenta uma actividade finalista. As imagens dos acontecimentos possiveis no futuro, fundadas sobre o conhecimento do passado e a convicção da identidade dos phenomenos no tempo, agem sobre a realisação desse futuro e o modificam. A representação de pancadas no cão póde impedil-o de estrangular um pato: essa abstenção é regida pela finalidade.

O phenomeno social, do ponto de vista humano, não seria finalista; sel-o-ia o phenomeno psychico em toda a série animal. A psychologia, integrando, nas leis geraes da natureza, ou explicando pela casualidade os phenomenos psychologicos, as associações diversas, inclusive os raciocinios, que são os factores directos das acções humanas, mostrou que a finalidade psychica, remontando-se directamente á casualidade por imagens do passado, adquiria o valor de representações antecipadas dos acontecimentos futuros possiveis.

Os phenomenos psychicos integram-se, portanto, na série de phenomenos naturaes e, por consequencia, tambem nos phenomenos humanos e sociaes sendo a distincção de Jankelevitch, apenas apparente, sem fundamento solido.

Além disso, não se póde affirmar que o homem se opponha ao jogo das forças da natureza, póde modifical-o em um sentido, cujos effeitos se lhe representam de antemão, mas sómente realiza essa modificação, intervindo elle proprio como uma dessas forças naturaes, tendo apenas um caracter que lhe é peculiar — a consciencia. Poderia aqui parar toda a dissertação, porque o pensamento não chega a concepções fecundas e se não poderia lançar, actualmente, sinão nos sonhos metaphysicos. Não temos, entretanto, o direito de affirmar que o problema seja puramente humano, mas um problema biologico, uma vez que nenhuma razão scientifica existe para crermos que somos conscientes e que não o é o nosso cão.

Em nome da continuidade, somos obrigados a admittir que a consciencia apparece progressivamente, como uma propriedade particular do systema nervoso que se não póde analysar por si mesma. A consciencia, deve apparecer como a vida, cujas phases de passagem mais rudimentares parece estarmos prestes a attingir.

O sr. Jankelevitch proclama, ao contrario, a discontinuidade absoluta dos diversos estadios da natureza, fundando-se em singulares argumentos:

«Considerando sómente o mundo organico, diz elle, devemos reconhecer que é simples enunciação de uma perspectiva do espirito admittir a transformação directa de uma especie em outra, uma metamorphose directa, em virtude da qual tal especie produzisse, em seu seio, uma especie nova, differente, assegurada, pelo menos em parte, de ser, em dado momento, o que elle fôra no instante precedente. Achamo-nos deante de especies já descontinuadas e, si pudessemos, entre duas especies, collocar uma infinidade de estados intermediarios com o fim

de preencher, tanto quanto possivel, a lacuna que os separa, jámais chegariamos a provar outra coisa, além da existencia de uma filiação gradual das especies, uma successão cujos intervallos pódem ser imaginados infinitesimaes, nunca se achando reduzidos a zéro.

As especies paleontologicas permanecem, evidentemente, differentes, mas os creadores já vêem as raças evoluirem, e de Vries verificou mutações cuja importancia não deveria escapar ao dr. Jankelevitch. Que é, além disso, uma successão cujos intervallos pódem ser imaginados o mais infinitesimaes possivel, sinão a continuidade, de que elle é a definição mathematica ?

Dessa maneira, nada mais seria continúo nem o tempo, nem mesmo o movimento que é, em summa, o unico exemplo de continuidade real. Entre duas posições de um movel, pódem-se multiplicar as posições : não se conseguirá jámais supprimir qualquer intervallo.

Apezar das objecções do dr. Jankelevitch, a continuidade permanecerá um principio explicativo muito fecundo para o complexo dos phenomenos naturaes e para ligar o mundo inorganico ao mundo social.

PAGINAS ESQUECIDAS

A CAÇADA

Não ha *leões* assanhados
nas frescas margens do Douro ;
não ! por mal dos meus peccados
leões no Porto não ha !
São dos *leões* o desdouro
estes janotas de cá...
São *bichos* domesticados
que a natura, em seus caprichos,
deixa andar tão disfarçados
que alguns... nem parecem *bichos* !
Não ha *leões*... mas ha *patos*
de mil diversos feitios,
guarda-livros, litteratos,
barões, medicos, vadios ;
sujeitos que a sociedade
recebe com muita festa
e a quem, por toda a cidade,
ninguem dois pintos empresta !
Corações... de frioleiras !
Cabeças... de figurino !
pessôas cujo destino
(se acaso destino têm)
é conversar co'as luveiras,
ou seguir as costureiras
da *Guichard* e das *Ferin* !
Almas balôfas e fatuas
que só nas modas têm fé...
de dia, tezas estatuas
junto á porta da *Moré*...
de noite, heróes da *má-lingua*,
em chochas semsaborias
gastando as horas, á mingoa
de sal que a « palestra » adube,
depois de um chá sem fatias,
nas longas salas do *Club*...
O janota é massador ;
a tudo entorta os narizes ;
rei vaidoso das platéias,
tyranno do bastidor,
sabe apenas das actrizes
se são bonitas ou feias...
e só pensa na conquista
d'uma empoada corista
para quem o seu amor
apenas tem o valor
d'uma *nota*... paga á vista.
Nem outra coisa lhe agrada,
nem ouve o que lhe revela
do coração nos conselhos
uma vóz... já constipada !
tem um amor — a farpella !
tem um encanto — os espelhos !
uma familia — o cavallo
se tem cavallo de casa !
e por bens, para adoral-o
cá das lagrimas no val,
as Lucrecias de dedal
a quem elle arrasta a aza !
.....
Vestir calças tão esguias !
as vossas pernas selectas
mettidas n'essas enguias
não são pernas, são baquetas !
Trajar tão curto *veston*
que faz sorrir as jaquetas,
e dizer que andaes vestidos
como vos manda o *bom tom* !
por isso estão arruinadas
as fabricas de tecidos :
Em vez daquelle *tromblon*
das vossas éras passadas
que no bojo immenso e vão
levava algumas canadas,
pôr na cabeça um casquilho
chapéo de duas pollegadas,
d'abinhas arrebitadas
e que mal leva... um quartilho
Que moda tão indecente !
Ó exquisitas figuras !
e mostraes vaidosamente
as vossas caricaturas ? !
.....
Para dar curso ao valor
herdado de seus avós,
estando a banhos na Foz
o janota é caçador !
Com sobrehumana ousadia
depois de ter feito *lastro*
co'as iguarias do almoço,
deixa o leito ao meio dia ;
prende uma fita de nastro
dos magros cães ao pescoço ;
implora ao anjo da guarda
que o leve por bom caminho ;
como quem veste uma farda
para entrar n'uma batalha,
eil-o enfia o polvorinho
e a triste bolsa de malha ;
com sublime desassombro
toma nas mãos a espingarda
e, pondo a espingarda ao hombro,
sáe de casa, sem abalos,
co'as apparencias augustas
d'um caçador que tem callos
e que traz as botas justas !
.....
Inda usaes de botas d'essas !...
nem que os pés fossem borracha !...
Emblemas d'um despotismo
que se chama o janotismo !
Debalde a fôrma e a tarracha
se fatigam nas tripeças !
Manquejar, bem sei que é feio,
mas que remedio, janotas ?
se tem dois palmos de botas
e os pés... dois palmos e meio ?

GUILHERME BRAGA.

—

Desse poeta escreveu uma vez Camillo Castello Branco :

«Muito talento, aptidão para distincções raras, uma estrella funesta a influir-lhe o espirito para veredas onde é inevitavel o encontro com a desgraça. Homens assim suicidam-se ou morrem de cançados na lucta, peito a peito, com a Fatalidade, sua ultima e absurda crença na desesperança de Deus e do diabo. Eu vi-o n'estas batalhas medonhas, com um sorriso desdenhoso que elle tinha n'aquelle gentilissimo semblante, já arroxeado pelo sol-poente da vida. A sua phantasia era rica e formosa como as espádoas de uma princeza oriental constellada de diamantes e rubis ; mas, na existencia real, as suas mãos remexiam os esterquilinios sociaes, e com ellas atirava sobre si e sobre os outros, o lixo, as escorias que Barbés recommenda como necessarias á vingança do talento infeliz.

Nas HERAS E VIOLETAS está a sua alma com intercadentes desmaios e enthusiasmos. Alli vem a lyra dos seus amores ; lampeja-lhe a espaços a luz da mulher linda e amada, que foi sua esposa, e com intervallo de dias o seguiu ao sepulchro mysterioso. No BISPO e nos APOSTOLOS DO MAL ressumbra a alma cheia de peçonha que se lhe instillou das mancenilhas a cuja sombra elle se repousava indolente no periodo da vida em que a mocidade tem pulso de ferro para remessar-se á desgraça ! Cuidava que o desprezo da adversidade era heroismo e condão do genio, e o atheismo vingança. Uns que cuidam vingar-se da injustica de Deus, confessam-no. Desconfessal-o é não o vêr na justiça nem na injustiça.

Não posso lembrar-me d'elle sem muita pena. Custa a conciliar a sua

tristeza com o disfarce d'estas alegrias do MAL DA DELFINA, parodia ao conhecido poema de outro grande poeta que elle admirava. Ahi mesmo ha relampagos de odio á sociedade que se balanceia como ondas lodosas de um lago estanque entre a porta-Moré e o Club. Guilherme Braga cuidava que o liam os janotas do Porto. Elles não sabiam, quando lhe leram a necrologia, se aquelle nome era o de um linheiro das Hortas ou de um mercieiro das Congostas. Quem quizer magoar janotas do Porto, só tem um meio: é preciso bater-lhes.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

***

Os nossos leitores, que certamente lerão as seguintes linhas do sr. Ramalho, applical-as-ão *al cuento*, sem o nosso commentario. Basta que conheçam a extensão do anno lectivo nas nossas escolas superiores, em geral.

OS FERIADOS. REDUCÇÃO DO ANNO ESCHOLAR A ONZE DIAS

Começaram este mez as férias grandes nos lyceus, nas escholas superiores e na Universidade de Coimbra.

As férias grandes em Portugal principiam em junho e terminam no principio de outubro. Quatro mezes.

Accrescentemos a esse tempo um mez, prazo das férias do Natal e da Paschoa.

Restam sete mezes de trabalho escholar, ou duzentos e dez dias.

Dos referidos duzentos e dez dias importa deduzir os dias seguintes:

Trinta e quatro domingos,

Trinta e quatro quintas-feiras,

Quatro feriados pelo entrudo,

Quatro feriados por outros motivos.

Somma total, passando por alto todos os dias santos: Setenta e seis dias de sueto.

Abatidos os quaes dias, setenta e seis, dos duzentos e dez dias de que consta o anno lectivo, resultam cento e trinta e quatro dias uteis.

Sendo o tempo das aulas em cada dia uma hora, achamos no anno cento e trinta e quatro horas de aula.

Computando-se agóra o trabalho de um homem de estudo em doze horas por dia (Arago só trabalhava apenas doze horas nos seus dias de descanço), vemos que os trabalhos lectivos nos lyceus, nas escholas superiores e na Universidade se reduzem a

Onze dias por anno!

É claro pois que um homem de bôa vontade que durante cinco mezes se encerre a aprender no interior do seu gabinete, deve necessariamente saber muito mais ao cabo desse tempo do que qualquer alumno das nossas escholas superiores, ao fim dos cinco annos de um curso. E isto por uma razão muito simples em favor do estudante livre: é que elle teria tido tres vezes mais tempo de ensino em cinco mezes do que nas escholas publicas em cinco annos.

Dentro de um anno de estudo livre devidamente aproveitado, prova-se arithmeticamente, que poderia qualquer individuo seguir todos os cursos de todas as faculdades como ellas se ensinam na Universidade e merecer ao fim desse anno o gráu de bacharel em todas ellas — direito, medicina, theologia, philosophia e mathematica.

Nas escholas publicas o alumno que segue um curso tem, desde os quinze até os vinte annos de edade, cincoenta e cinco dias de licções a doze horas de licção por dia.

Cincoenta e cinco dias .. em cinco annos.

As férias grandes são o unico remedio dado pelo Estado a esta calamidade verdadeiramente pavorosa.

Graças ás férias grandes, ha quatro mezes inteiramente livres em que os alumnos se recolhem a suas casas, sendo por alguns aproveitado então esse beneficio do tempo... em aprender.

Bem haja o Estado, e abençoadas sejam as férias!

RAMALHO ORTIGÃO.

***

A MAIS FELIZ DAS TRES

Na Via-Lactea, entre estrellas balbuciantes, á hora em que os astros despertam, encontram-se, por acaso, tres almas purissimas de virgens.

Saudaram-se e travaram conversa.

— Eu fui princeza — disse uma.

Sobre o mausoléo, onde deixaram meu corpo, ha um cyprestal de prata, e um archanjo de marmore guarda severamente os meus despojos.

Tenho saudades dos lyrios de meu jardim.

— Eu fui monja — disse outra — Sobre o tumulo, onde ficou a carne em que morei, chovem os psalmos das religiosas e as flôres dos que vão correr o claustro.

Tenho saudades do *Angelus* saudoso, quando brincam e se recolhem as andorinhas mansas.

E a terceira disse:

— Eu fui pastora. Meu corpo está no humilde cemiterio da aldeia.

Guarda-o meu noivo e, quando não ha flôres nos galhos, desfolha o coração e espalha sobre a minha cóva as petalas do pranto. Tenho saudades do meu noivo.

Uma estrella cadente, que fugia, ouvindo a conversa das almas immaculadas, perguntou a outra estrella, que surgia da treva:

— Qual a mais feliz das tres, irmã radiante?

— A noiva, porque foi amada—respondeu a estrella que surgira.

COELHO NETTO.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXX

Apenas Silva Lisbôa se levantou para responder aos oradores que combateram as suas opiniões ácerca da liberdade religiosa, a Camara ficou attenta e silenciosa. No recinto, os deputados; nas galerias, os espectadores contemplavam respeitosamente essa figura, em cuja fronte reluzia duplo laurél: da velhice e da sciencia. Homem inteiramente do passado, professando idéas contrarias ás aspirações do presente, assim mesmo o deputado bahiano exercia irrecusavel influxo sobre os animos dos que o escutavam. Todos lhe attribuiam grande sciencia, como jurisconsulto, e veneravam nelle uma reliquia das gerações quasi extinctas.

O orador começou, observando que lhe seria impossivel responder a um por um dos preopinantes que o precederam, assim que procuraria limitar-se a cumprir o seu dever do modo que lhe fôsse possivel.

«Seja-me licito, diz elle, repetir com o escriptor do *Espirito das Leis*—desejava passar em rio doce; sinto-me arrebatado da corrente». Si se tratasse de fazer Constituição para um Estado de anjos e ainda de philosophos (o que é chimera), não havendo então perigo de abuso, talvez pudesse passar sem inconveniente o paragrapho controverso; mas o caso é muito diverso.

«Impugnei o paragrapho em questão por me parecer a iniciativa da *liber-*

dade religiosa não só desnecessaria, mas tambem inconsequente e perigosa á religião catholica e á estabilidade do Imperio.

«E' desnecessaria tal regra; porque a liberdade religiosa, que se declara como direito individual do cidadão brazileiro, ainda com as explicações e modificações propostas, não tem sido demandada pela nação e nem ainda inculcada nos escriptos publicos, os quaes até agóra se teem restringido a declarar o voto patriotico para a reforma dos abusos do governo arbitrario, que, antes da nova ordem de coisas, não dava a devida segurança ás pessôas e propriedades, nem o competente e parcial accesso aos empregos e honras do Estado; mostrando-se, ao contrario, o povo satisfeito, quanto á conservação da religião catholica, como a unica religião do Estado a respeito dos naturaes do paiz; só não contradizendo a tolerancia politica sobre a religião dos estrangeiros, que, de facto e até por tratados, já se acha estabelecida. Portanto, expuz os meus sentimentos, declarando que a concessão do projecto era feita com excesso de poderes dos nossos constituintes, que teem jurado a guarda da religião catholica; dizendo em consequencia que, si fôsse sanccionada a liberdade religiosa, ainda só nos termos do art. 14 se fazia (o que não espero), *sancção do perjurio e da apostasia*.

Em verdade, não havendo nem expressão nem presumido mandato da nação, nem ainda instrucções das Camaras sobre o assumpto e reconhecendo-se no projecto ser a religião catholica a religião por *excellencia*, é sobremaneira estranho o facultar-se ao nosso povo tão religioso e orthodoxo o que elle nunca adoptou nem quer, dando-se-lhe a expectativa e licença de espectaculos de religiões heterodoxas entre os naturaes do paiz, que por extravagancia se lembrarem de apostatar da religião de seus paes e crear a seus filhos fóra do gremio do catholicismo.

Ainda que tal faculdade fôsse (o que nego) conforme ás luzes do seculo e de real beneficio ao povo, todavia não sendo esta a sua conhecida vontade, não conviria declarar-se a franqueza da regra; cumprindo a todo prudente legislador, segundo aconselham os publicistas mais sabios, seguir a maxima de Platão e Solon— que não se deve fazer ao povo *bem á força*: e por isso quando este sabio formou legislação para a Republica de Athenas, deu a satisfação de que *não tinha feito as melhores leis, mas só aquellas que o povo podia supportar*.

E' inconsequente a regra proposta. Si é de direito individual do cidadão a liberdade religiosa, é de manifesta inconsequencia limital-a ás communhões christãs e não estendel-as, para todos os fins e effeitos, tambem á religião judaica e á mahometana. Quanto á religião judaica, bem se poderia allegar a defeza, ou excuza do escriptor do *Espirito das Leis* no seu memorial, que figura dos judeus aos inquisidores: visto que, sendo Deus immutavel, parecia não haver erro mais perdoavel do que o de guardarem as leis de Moysés na persuasão de que Deus ainda ama a religião que elle mesmo revelou e mandou observar.

Quanto á religião mahometana, se poderia allegar (segundo dizem os musulmanos) que só elles são os verdadeiros crentes e os puramente fieis; visto que no seu Alcorão se declara que *não ha Deus sinão Deus* e que Jesus Christo foi um dos prophetas mandado por Deus, ainda que (segundo pensam) Mahomet foi maior propheta, etc., condemnando por isso toda idolatria.

Admittindo o principio vago dos redactores do projecto, não se vê razão porque tambem não se estenda a liberdade religiosa aos *Deistas*, que só acham verdadeira a religião natural; e tão categoricamente se declare no art. 15 que, fóra das communhões christãs, todas as mais religiões são apenas *toleradas*. Finalmente, a regra é perigosa, não só á segurança da religião catholica, mas tambem á estabilidade do Imperio.

«Supponha-se (o que Deus não permitta), o caso forte, talvez extremo e inverosimil, mas não impossivel, que o nosso Imperador ou algum de sua dynastia, teutasse apostatar da religião catholica e seguir, por exemplo, a religião anglicana: não se lhe poderia negar o inculcado direito individual da liberdade religiosa. Supponha-se que não fazia a menor especie de força aos cidadãos do Imperio nem ainda procurasse, com os seus ou alheios escriptos, influir nas opiniões e fazer proselytos. Que resultaria da força do exemplo? Sendo o chefe do Poder Executivo a fonte das honras e o dispenseiro dos empregos, por lisonja e interesse logo em breve haveria geral moda e hypocrisia, de só se achar verdade na religião do principe e se fazia completa revolução no Estado, ficando em risco a religião catholica, segundo aconteceu em Inglaterra com a apostasia do rei Henrique VIII. Toda historia das nações depõe em prova deste resultado: e já bem o disse o celebre poeta Claudiano, no tempo do imperador Theodosio, o grande: «*Regis ad exemplum totus componitur orbis*». O perigo da estabilidade do Imperio é não menos evidente.»

Silva Lisbôa, havendo assentado este ponto de partida, discursou largamente a respeito da liberdade religiosa, esmerilhando todos os inconvenientes e males que derramaria desde as altas até ás ultimas camadas da sociedade. Fez ponderações no tocante ao descontentamento do povo, que reputa a religião catholica a sua maior propriedade, de que o priva o artigo do projecto; vendo a heterodoxia devassa e corrente nos cidadãos e até nos seus proprios filhos e os presumidos de sabios declamando e tramando contra o Governo, allegando, com apparencias de razão, a tyrannia de se forçarem as consciencias, não permittindo, apenas tolerando as religiões fóra das communhões christãs. Silva Lisbôa recorda as scenas da Revolução Franceza, os horrores praticados pelos sophistas e atheus. No exame que fez das causas de tantos males, apontou entre ellas a tolerancia, que elle combate com vehemencia. Silva Lisbôa, no ardor de sua opposição ao artigo do projecto que os oradores precedentes procuraram defender, pede á Camara que não olvide o enthronizamento da Deusa da Razão, do reinado e despotismo da Liberdade — profanando os templos com horrida idolatria, até que o atheismo triumphante os destruiu.

«Persuado-me, diz Silva Lisbôa, que todos de timorata consciencia, fieis ao seu juramento e convencidos de ser a religião catholica, a religião *verdadeira por excellencia*, vendo que ella poz o pé firme na America desde o Mexico até o cabo Horne, e que, sob o seu abrigo, cresceram tantos Estados, não acharão razoavel que, com a relaxação proposta, e não pedida, se ponha em risco de se perder a Egreja do Occidente, como já quasi se extinguiu a do Oriente.»

Silva Lisbôa esforça-se em profligar o artigo referente á liberdade religiosa, com uma série de argumentos e considerações. Lembra que, quando o ministro Pitt propoz ao rei Jorge III a emancipação dos catholicos de Irlanda, o soberanno inglez recuzou pela razão unica de que na sua coroação havia jurado manter a religião anglicana.

Silva Lisbôa procura attraír a si os espiritos crentes na santidade do juramento, que temem violar e profanar, exaggera o valor do juramento que o povo brazileiro proferiu e que, como o rei Jorge III, deve manter inviolavel, intacto.

Diz ainda Silva Lisbôa: «Ninguem jámais negou os fóros dessa liberdade que se limita aos *actos internos*; mas o § em questão evidentemente se refere aos *actos externos* de corpo, de doutrina e culto publico, como se declara nos §§ 14 e 15. Tudo limita-se quando o exige o interesse do Estado. Fallou-se muito sobre demonstrações

de verdade e garantias de direito *á priori*. Eu, no meu humilde entender, penso que, com politica, só valem argumentos *á posteriori*, *pelos effeitos experimentados*.

Reconheço que o espirito do christianismo é contrario á força e perseguição e que elle só requer a adoração de Deus em espirito e verdade, sendo a pureza da crença méra obra da graça divina.»

Silva Lisbôa passa a dissertar sobre as palavras do Salvador dos homens: «*Ninguem póde vir a Mim sem que o Pae, que me mandou, o attráia*. Mas, diz o orador, em governo humano, uma vez que se está certo da religião, nenhuma auctoridade póde conceder aos proprios subditos a liberdade religiosa nos actos externos, permittindo a indifferença ou opposição a essa religião.»

Silva Lisbôa applica ao Imperio do Brazil a parabola do pae de familia agricultor, cuja seára se achou cheia e entrelaçada de sizania.

«Tudo, affirma Silva Lisbôa, quanto nesta Assembléa se tem allegado sobre a pratica de alguns governos liberaes relativamente á promiscua permissão e protecção de differentes religiões aos proprios subditos, só prova a necessidade e prudencia politica de taes governos pelas peculiares circumstancias dos respectivos Estados, onde existe grande numero de naturaes heterodoxos. Mas, no Brazil, como prudentes legisladores poderão, em bôa consciencia e sabedoria, facultar a introducção de estrepes e espinhos de doutrinas e cultos contrarios á de sua *por excellencia* religião catholica e cuja excellencia é tão reconhecida até por imparciaes heterodoxos?»

O orador abunda em outras observações sempre se oppondo ao artigo e combatendo a liberdade religiosa, que considera perigosa e funesta: «Os governos não pódem nem devem, por isso, dar liberdade religiosa, pondo em perigo a ordem publica. Além disto, é impossivel ajuntar os entendimentos ainda mais que os relogios.

Não póde entrar em justa duvida que a uniformidade duma religião dominante e a conformidade de todos os naturaes do Estado a ella concorrem muito para dar caracter á nação e estabilidade ao governo.»

Silva Lisbôa cita o exemplo da Austria, modelo da unidade religiosa, e diz que não se póde fazer maior mal ao povo, do que dar-lhe por lei essa faculdade, que a maior parte ignora. Havendo largamente dissertado, o orador diz: «Concluirei com uma ponderação: si os ecclesiasticos, pretextando liberdade religiosa, disserem, como diziam os legisladores de França, não reconhecemos voto contra a natureza; e casarem, allegando o inauferivel direito das livres uniões conjugaes, que o direito romano chamava um dos direitos primitivos do cidadão —o *jus connubii*—afim de não viverem com hypocrisia, porventura o Governo teria tolerancia de tal licenciosidade? Não, não.»

Silva Lisbôa, como sempre, mostra-se doutrinario. Na sua palavra a eloquencia não tem explosões sentimentaes, nem fulgurantes surtos; a razão do jurista prepondera; a lição da experiencia esclarece. O orador prefere os exemplos ás theorias; a pratica ás concepções idéaes. Na tribuna parlamentar elle exerce o seu officio de conselheiro, que persuade ou dissuade as partes si tem ou não direito de intentar um pleito. Mas é uma das intelligencias mais cultas e vigorosas no meio das mediocridades da Constituinte.

A Silva Lisbôa succedeu na tribuna um ecclesiastico, representante pernambucano, que expendeu sobre o assumpto algumas considerações já feitas, repetindo que «estas materias deveriam ser tratadas em artigos regulamentares e não em uma proposição tão saliente, que poderá ir ferir de frente os prejuizos do povo.» Assim falou Henriques de Rezende, que, nestes debates, procurou mostrar louvavel e razoavel moderação. Sacerdote, não deveria transpôr os limites traçados pela Egreja; cidadão e patriota da revolução de 1817. tambem, não era dado não pugnar pelos direitos da liberdade politica.

O deputado Maciel da Costa (marquez de Queluz) proferiu um discurso cheio de considerações judiciosas. Continuando o debate, falaram Montesuma, Alvares da Silva, Almeida e Albuquerque e Francisco Carneiro, representante da Bahia, discorrendo amplamente sobre a materia. Pronunciaram algumas palavras os deputados Faria Lobato e padre Dias.

O § 3º do art. 7 do projecto de Constituição, concernente á liberdade religiosa, foi discutido largamente e approvado na sessão de 9 de outubro, e na de 10 os additamentos propostos fôram uns approvados e outros regeitados.

Continuando a discussão do mesmo projecto, trataram-se dos outros direitos individuaes do cidadão brazileiro, mas os debates não tiveram o mesmo interesse e importancia que os oradores mostraram na questão religiosa. Discutiram rapidamente os modos de perder os direitos de cidadão brazileiro; a liberdade de industria, a inviolabilidade da propriedade, a liberdade de imprensa. O deputado Calmon (marquez d'Abrantes) propoz a egualdade perante a lei, o accesso aos empregados publicos; Maia—o direito de petição; Henriques de Rezende—a inviolabilidade da casa. A sessão de 10 de outubro terminou com a discussão da licença pedida por José Bonifacio para tratar de sua saúde.

Este negocio que não tem nenhuma importancia, perdurou longo tempo indeciso, absorvendo o tempo e impedindo a discussão de outros assumptos de verdadeira utilidade publica, qual a organisação dos governos provinciaes, que estava na ordem do dia. José Bonifacio não precizava de tal licença, segundo se vê do discurso de Antonio Carlos. Os Andradas, porém, amavam as scenas espectaculosas. Despedido do gabinete, o ex-ministro arrufado pedia licença, suppondo que a sua auzencia seria um grande prejuizo para a Camara, cujo mentor tinha a fatuidade de pretender ser! Elle era por demais nullo na tribuna, como já vimos nos mesquinhos discursos que proferiu. O politico, o orador, o estadista nelle não estavam em correspondencia com o sabio e afamado naturalista. Em verdade era jocoso e divertivo vêr a Camara hesitar em conceder a licença para não ficar privada do luzeiro de sua sciencia e da utilidade de suas medidas! Ora, isso era dito a respeito de um deputado que não orava nem discutia, nem apresentava projectos e muito menos sabia dar direcção politica á Assembléa. José Bonifacio era um sabio que não deveria nunca ter abandonado os seus labores scientificos pelas agitações da politica e do governo, em que elle, como homem d'Estado, ficou inferior ao homem de sciencia.

No seu espirito não ha uma idéa organisadora, um só pensamento elevado: tudo é rasteiro, pequeno, vulgar e imitado do que viu em Portugal... Compulsem o *Diario da Camara* e mostrem uma idéa formulada em projecto; apontem um discurso que mereça ser lido; indiquem um acto, quando ministro, digno de attenção. Em José Bonifacio a fama de sabio naturalista fez, no momento, a sua grandeza. A critica da posteridade não póde, nem deve sanccionar o juizo de seus contemporaneos, incompetentes para julgal-a, porque uns, fanaticos, proclamaram-no grande homem, sabio legislador, benemerito e patriota, estadista previdente. Por desgraça, tal previdencia não o salvou do golpe que teve a inepcia de preparar e do qual foi victima.

Outros, adversos, até pareciam negar-lhe o direito de figurar entre as celebridades do Brazil. Esta injustiça revela espirito demasiado tacanho.

Releva confessar que, naquella temporada, o Brazil, homens preparados, quanto mais notabilidades, não os possuia.

Os Andradas, sem duvida, e mais alguns, provavam ser superiores pela illustração, aos outros brazileiros, que não tinham sido do paiz, onde não se dava educação intellectual e litteraria.

Eram homens de seu tempo, com defeitos e meritos não vulgares.

Não os exaggero, nem os amesquinho; mas não posso alistar-me no numeros dos fanaticos e enthusiastas.

Julgo, todavia, que merecem nossa veneração, como dignos de elevar-se entre os primeiros benemeritos, porque trabalharam em pról da causa nacional.

EUNAPIO DEIRÓ.

Theoria organica das sociedades

No dominio das sciencias naturaes nunca houve theoria que revolucionasse o pensamento humano como a de Darwin sobre a origem das especies, sobre a evolução dos sêres no planeta tellurico.

Antes delle, outros espiritos de *élite* haviam presentido a connexão intima existente entre os multiplos phenomenos objectivos e subjectivos da vida universal; na antiguidade, a philosophia grega como que adivinhava a unidade de todos os corpos organicos e anorganicos; Lucrecio, no estupendo poema *De Natura Rerum*, falava em termos claros da adhesão da materia viva e da materia apparentemente sem vida; e, já nos tempos modernos, Lamarck, ampliando a concepção genealogica, affirmára que todas as especies vegetaes e animaes teem a sua origem num só typo ancestral.

Mas foi o glorioso sabio quem, num surto de nobre ousadia, aprofundou o assumpto, ampliando-o, comparando a selecção artificial á natural, induzindo e deduzindo, estudando os organismos cultivados e os em estado primitivo, até chegar á culminancia do seu systema, que ficou sendo a culminancia da biologia.

Assim como Lyell esclareceu o pensamento humuno demonstrando a evolução da Terra, assim tambem Darwin, noutro departamento da sciencia, demonstrou o encadeiamento logico, o parentesco entre o homem e os outros mammiferos, ficando definitivamente indicada a nossa posição no seio da natureza. Deve-se ao pensador inglez a methodisação do que, nesse particular, andava, desde remotas éras, nos espiritos investigadores.

Aqui e alli, surgiam idéas sobre o assumpto, pensamentos diluidos pelos attrictos das religiões e pela ironia metaphysica de espiritos livres, até que, depois da tremenda phase social marcada na historia pelo seculo XVIII, depois dos sarcasmos pungentes de Voltaire e do materialismo de d'Alembert, surgiu Darwin, completamente apparelhado pela immensa elaboração dos seculos, e, após longos annos de estudo, lançou as bases, que ficaram sendo definitivas, da theoria da evolução organica.

Elle é o percursor da maioria dessa legião de pensadores que, no actual momento philosophico, constróe, sobre alicerces fundos, sobre dados positivos e irrefragaveis, o edificio social futuro.

Hæckel, Spencer, de Greef, Ihering, Doreste, todos os que, sem serem positivistas no sentido rigoroso da palavra, orientaram o pensamento pelo prisma do real, ahi estão para attestar a influencia do auctor da *Origem das especies* nas multiplas manifestações da intellectualidade moderna.

O associanismo realista de Spencer encontra o seu fundamento no darwinismo.

Os factores internos e externos da evolução, determinando o equilibrio directo e indirecto da vida, a adaptação e a hereditariedade, — eis a grande lei. Nada surge sem filiação e sem causa. Os phenomenos do Universo pódem ser reduzidos a um só; as fórmas da materia, por mais variadas que pareçam, devem ser encaradas e estudadas sobre um unico aspecto, porque, na phrase de Tobias Barreto, toda pluralidade quer resolver-se em unidade. A homologia animal, partindo das infimas especies da natureza, evoluindo lentamente atravéz o tempo e o espaço, dentro das leis da estatica e da dynamica, demonstram claramente a coexistencia dos sêres vivos, máu grado os desvios accidentaes do plano commum.

E, acceitando o Universo como um todo do qual não é possivel tirar-se um atomo, é claro que os mais variados phenomenos do Planeta estão ligados entre si na mais absoluta e eterna cohesão. Neste sentido, quem melhor comprehendeu o sabio inglez foi Hæckel, cuja obra principal — *A historia da Creação*, é um desdobramento lucido da concepção darwiniana.

Estudando a materia nos mais simples elementos, elle, por sua vez, proclamou o *monismo*, desenvolvendo, até ás ultimas consequencias, a doutrina da unidade, do parentesco, por assim dizer, dos corpos sem vida com as forças vivas da creação.

Não é meu intuito expôr os fundamentos da theoria de Hæckel. Os positivistas e os catholicos regeitam-na, sendo que os primeiros se bazeam na razão de ser ella mais uma hypothese. Os comtistas, naturalmente, relegam-na para o dominio da metaphysica; e os ultimos, representantes misoneistas das classes conservadoras, proclamam-na heretica e absurda, appellando para as faculdades egoisticas do homem, que teima em affirmar a sua origem divina.

Mas a verdade é que em tudo, na religião como na philosophia, ha sempre um ponto de interrogação, um gesto doloroso da pobre alma hu-

mana, talhada para a duvida e para a incessante tortura da perfeição, que nunca se alcança, do absoluto, que eternamente nos ha de fugir como uma sombra ou como uma miragem.

E' o mechanicamente inexplicavel de Kant e o incognoscivel de Spencer. Hypotheses são todas as affirmações que estão fóra dos conhecimentos adquiridos, e si para a fé religiosa não existem hypotheses, porque ella não discute os dogmas do seu credo, força é confessar que, sem ellas, a sciencia jámais progridiria : o que hoje é pensamento amanhã tornar-se-á acção. A hypothese de Hæckel é das mais profundas e meditadas. Como é sabido, elle estabeleceu duas especies de ancestraes para o homem : invertebrados e vertebrados. Isso não prejudica o plano de unidade de sua obra, pois as duas especies são élos dessa maravilhosa cadeia que, no pensar do genial teutonico, principia na *monéra*, substancia amorpha, combinação simples do carbono, acido carbono, hydrogenio e azoto, e termina no homem, synthese estupenda de todas as forças da terra creadora.

Estudando a evolução paleontologica dos organismos, servindo-se da embryologia, da comparação morphica dos diversos animaes, elle, mais uma vez, salientou a lei fundamental do darwinismo : o desenvolvimento embryonario do individuo (*ontogenese*), recapitula a evolução da especie (*phylogenese*). E, de inducção em inducção, atravéz os innumeros recursos do methodo camparativo, estabeleceu a connexão etiologica entre os sêres inferiores e os superiores, concluindo que — a embryologia resume a genealogia.

E ahi está, em quatro palavras, a explicação mechanica dos phenomenos da vida.

E' uma hypothese, dirão. Mas si o nosso espirito regeita ou fica indeciso deante das primeiras theses da doutrina ; si não acceita as origens taes como fôram verificadas pelo sabio teutonico, é certo, comtudo, que o pensador não escreveu na arêa, como vulgarmente se diz. Quem é que não fica admirado da semelhança que o homem, na vida uterina, apresenta em relação aos peixes, aos amphibios, aos reptis e aos mammiferos ?

Sobretudo, abandonando outras fórmas anatomicas, não é para admirar que a vertebra seja, desde remotas éras, como que o traço caracteristico da estructura de innumeras especies, inclusive o homem ?

Na ordem moral, quem ignora a série de emoções, — a alegria, o soffrimento, o odio, o amor — que constitúe a psychologia animal, fazendo-a tão semelhante á nossa, apezar da nossa vaidade e do nosso orgulho ?

Algumas das chamadas creações irreductiveis da humanidade não o serão, porventura, tambem dos animaes, que teem a sua industria, como o castor, a sua organisação social, como as abelhas, e até a sua religião, como o elephante, que enterra os seus mortos, e o boi, que chora sobre os restos dos companheiros victimados pelas necessidades humanas ?

Não cabe aqui a explanação desse assumpto, sobre o qual os transformistas já não discutem : o meu fito agóra é traçar algumas linhas sobre a influencia das idéas darwinisticas no dominio da sociologia, e o tentarei fazer no proximo num. dos *Annaes*.

Estamos bem longe dos velhos tempos em que os bonzos se reuniam, não para discutir questões de anatomia e physiologia comparada, mas para resolver si a mulher tinha alma, gravissimo problema realmente difficil de elucidar...

HENRIQUE CASTRICIANO.

ARMADA NACIONAL

O nosso presado amigo e collaborador, que tanto honrou as columnas dos *Annaes*, fazendo a mais completa critica da nossa Marinha, a mais consideravel, até hoje, pela franqueza e pela competencia com que a traçou, Tonelero dirigiu-nos a seguinte carta, que, mesmo temporariamente, muito nos magôa :

«MEU CARO SR. WALFRIDO RIBEIRO. — Respondo á sua amavel carta auctorisando-o a declarar que dou por finda a minha laboriosa tarefa, iniciada no num 39, anno II, da revista que você secretaría ao lado de um homem como o sr. dr. Domingos Olympio. Finda, pelo menos, em relação á primeira série, que a segunda póde vir depois si o meu estado de saúde, constantemente alterado, me dér forças para atacar, com a mesma serena e inflexivel verdade, os factos que a nossa marinha de guerra fôr occasionando.

Os meus artigos não despertaram, pelo menos na imprensa diaria, a curiosidade com que se podia contar o principio. Digo a *principio* porque logo que, na minha analyse, cheguei á Armada actual, eu facilmente previra que, de proposito, se evitaria, a respeito delles, o que talvez se possa chamar a critica da grande publicidade : discutil-os, assim, tão largamente, seria dar-lhes uma divulgação porventura muito excessiva considerando-se as durissimas verdades que elles encerravam.

Apenas, pelos *A pedidos* do *Jornal*, appareceram alguns ataques, pequeninos, lamentaveis. Ataques não ao meu estudo, mas, sim, á personalidade de um supposto auctor. Fiel ao meu programma, não lhes dei a minima resposta. Si escolhi um pseudonymo, foi naturalmente porque me não queria dar a conhecer. E si fôsse militar, como tanto quiz que eu o fôsse o tal escrivinhador de tolices, seria ingenuidade acreditar que eu abandonasse o pseudonymo.

Sabe-se, porém, meu caro amigo, que na Marinha os artigos cauzaram um effeito formidavel, e é de ver o numero dos suppostos auctores de que naquelle meio ainda se fala. A principio, era o almirante ***, despeitado contra o ministro que desprezava a sua opinião; depois, foi o tenente ***, despeitado tambem por contrariedades soffridas e por se ver não desattendido, numa representação, como até submettido a conselho de guerra em virtude dessa mesma representação; mais tarde, como os artigos falaram de alguns officiaes promovidos com preterição de outros, attribuiu-se a um destes outros, despeitado ainda, a auctoria dos escriptos ; ainda se falou de dois officiaes superiores, despeitados, esses tambem, já com preterições soffridas, já com conselhos a que fôram submettidos. No arsenal dizia-se : «veja que menino insolente e insubordinado : offender tantos officiaes velhos e carregados de serviços» ; a bordo commentava-se : «são do almirante, despeitado por ver os Noronhas salvarem a Marinha» ; parece até que, suspeitado de ser Tonelero, um capitão de fragata foi transferido para commissão legalmente egual á que elle exercia, mas de facto inferior pelos proventos, sendo substituido por um collega mais moderno.

Agóra note você que só se attribúem os artigos ao despeito. Censura-se por despeito: não serão comprados os elogios ? E' de suppôr. E note ainda que agóra que o sol já declina, os elogios rareiam.

Santa Maria Magdalena, 10 de agosto de 1906.»

TONELERO.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Parece que este torneio não começará sinão no fim do mez. Será *à but*. Si os jogadores não excederam de 15, far-se-ão dois turnos: si fôrem em numero maior, serão divididos em duas classes. Uma jogará com a outra, a exemplo do que se faz actualmente em Ostende, e serão eliminados os que chegarem em ultimo logar; os que ficarem decidirão entre si em dois turnos.

E' quanto podemos adeantar por ora.

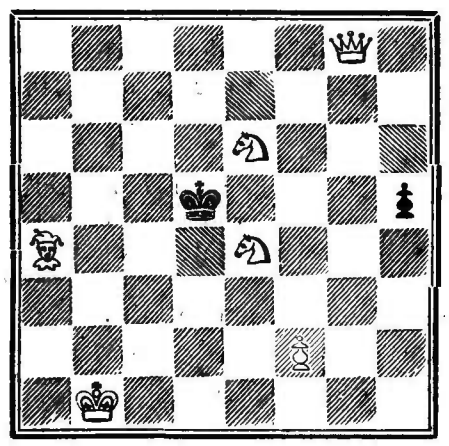
O torneio se limita aos socios do Club dos Diarios.

***

PROBLEMA N. 60

Konrad Erlin

PRETAS (2)



BRANCAS (6)

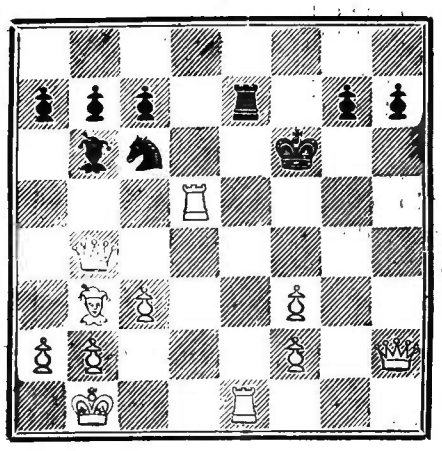
Mate em tres lances

***

FINAL DE PARTIDA

(*Brancas*) (Dr. C. Vianna) (*Pretas*) (Ferreira)

PRETAS



BRANCAS

As Brancas jogam e dão mate em 4, 5, ou 6 lances

A partida, de que publicamos este bello final, foi jogada no dia 6 do corrente no Club dos Diarios. O jogador das Pretas, um amador muito forte, havia feito o seu lance C (4 R) 3 B D, ao que o dr. Caldas Vianna respondeu com o lance de problema T 6 R x!

Eis as variantes principaes:

T 6 R x ! !	— 1 —	T × T (*a*, *b*)
D 8 B x	— 2 —	R 3 C
D 5 B x	— 3 —	R 3 T
D 5 C mate	— 4 —	

(*a*)

	— 1 —	R × T
T 6 D x. d.	— 2 —	R 4 B
D 4 C R x	— 3 —	R 4 R
D 4 R x	— 4 —	R × T
D 5 D mate	— 5 —	

(*b*)

	— 1 —	R 2 B
T × T x	— 2 —	C × T
T 5 R x. d.	— 3 —	R 3 C
D 4 C x	— 4 —	R joga
D mate	— 5 —	

Si:

	— 3 —	R 3 B
D × C x	— 4 —	R 3 C
D 5 C mate	— 5 —	

Si:

	— 3 —	C 4 D
D 7 R x	— 4 —	R 3 C
B 2 B x	— 5 —	R 3 T
D 5 C mate	— 6 —	

***

PARTIDA N. 66

(Jogada no torneio de Ostende, a 6 de junho de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (Schlechter)		*Pretas* (Teichmann)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	B 2 R
P 3 R	— 5 —	C D 2 D
C 3 B R	— 6 —	Roque
D 2 B D	— 7 —	P 3 C D
P × P	— 8 —	P × P
B 3 D	— 9 —	B 2 C D
T 1 D (*a*)	— 10 —	P 3 T D
Roque	— 11 —	T 1 R
C 5 R	— 12 —	C 1 B R
P 4 B R	— 13 —	P 4 B D
D 2 R	— 14 —	P 5 B D
B 2 B D	— 15 —	P 4 C D
T 3 B R	— 16 —	C 5 R
B × B	— 17 —	T × B
B × C	— 18 —	P × B
T 3 C R	— 19 —	P 3 B R
C 4 C R	— 20 —	R 1 T
T 1 B R	— 21 —	D 2 D
D 2 B D	— 22 —	P 5 C D
C 4 T D (*b*)	— 23 —	D 4 C D (*c*)
C 5 B D	— 24 —	B 4 D
P 5 B R	— 25 —	C 2 D
C × C	— 26 —	D × C
D 2 B R	— 27 —	T 1 B D (*d*)
P 4 P R	— 28 —	D 3 D
T 3 T R	— 29 —	P 6 B D
P 3 C D	— 30 —	P 4 T D
C 2 T R	— 31 —	P 5 T D
D 2 B D	— 32 —	P × P
P × P	— 33 —	D 3 T D
abandonam (*e*)	— 34 —	

(*a*) Variante moderna frequentemente adoptada, e que começa por 7 — D 2 B D; o fim é prevenir C 5 R.

(*b*) Schlechter queria collocar o C a 5 B D, mas não é possivel mantel-o nessa casa favoravel. Elle deveria tel-o retirado a 2 R, seguido de P 5 B R e C 4 B R, segundo a linha de jogo de Pillsbury contra o dr. Tarrash, em Hastings, 1895, partida com que essa muito se parece.

(*c*) A habil manobra desse lance e do seguinte, provavelmente não foi prevista pelas Brancas.

(*d*) E' evidente que as Pretas teem o caminho livre, todas as peças brancas achando-se reunidas sem acção do lado do rei.

(*e*) A dupla ameaça D 6 D e D 6 T D não póde ser evitada.

(*Notas de Hoffer.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 59 (*Dr. A. W. Galitzky*): 1 — C 7 B R, R × P B D (*a*, *b*); 2 — D 3 C D, R 5 D; 3 — D 4 C mate.

(*a*) 1... R × P R; 2 — D 5 R mate.

(*b*) 1... R 5 B, D 3 T D; 2 — R 4 C, C 6 D mate.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

O sr. Emiliano Pernetta, cujo nome figura na primeira fila dos escriptores que honram actualmente o Paraná, deu-nos o prazer de sua collaboração neste numero com o soneto *Salomão*, que publicamos em seguida. E' uma composição fina e exquisita, de accentuada personalidade, justamente nas linhas que caracterizam o bello talento do poeta, ora em visita ao Rio de Janeiro.

O sr. Emiliano Pernetta colheu essa composição, com que nos quiz obsequiar, numa collectanea sua a apparecer proximamente, sob o titulo de *Illusão*, e que promette ser um livro de vivo successo entre os nossos intellectuaes.

SALOMÃO

Tudo o meu coração tem do rei Salomão,
A gloria, e o furor, o orgulho e a crueldade;
Não ambiciona dez, nem cem, nem um milhão,
Mas a terra, e o mar, o céo, e a infinidade...

Em tudo se parece, em tudo é seu irmão,
O mesmo luxo até, a mesma vaidade,
O mesmo fausto ideal, como azas de pavão,
E esse requinte, emfim essa ferocidade...

Quando soará, porém, a hora maravilhosa,
Em que do alto de uma torre côr de rosa,
Novo rei Salomão, elle, um dia verá,

Entre poeira e sol, ao longe, a caravana,
Onde em meio dum régio esplendor que se ufana,
Fulge o diadema da rainha de Sabá?

1906.

EMILIANO PERNETTA.

ANNO III — Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1906 — Num. 95

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE ÁS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Sergipe. — A sua tranquilla consumação. — O contagio do salutar exemplo. — A olygarchia do Ceará põe as barbas de molho.

O caso de Sergipe passou tranquillamente, como um defuncto sem choro, para a vala commum dos factos consummados, considerado um accidente que não interessou a ordem constitucional, nem os destinos da nossa gloriosa politica. Dois deputados, dois apenas, cumpriram o piedoso dever de lançar sobre elle a pá de cal do olvido.

Essas mutações, ás vezes tragicas, como em Matto Grosso, ou comicas como aconteceu em Sergipe, não provocam as commoções da surpreza; são muito sediças na historia dos governos sem raizes na opinião, governos sem idéaes, sem o estimulo do patriotismo, apoiados exclusivamente na força que elles pagam, nas armas mercenarias entregues a servidores sem fidelidade. No dia em que os pretorianos verificam que o poder está nas suas mãos, que elles são o arbitro, a peça essencial do mechanismo, a base unica do prestigio de potentados oppressores, se transformam de instrumentos cegos, em agentes demolidores com todos os excessos da apostasia dos inconscientes.

Os dominadores de Sergipe não se apavoraram á impressão do inopinado. Uma carêta da força policial, alguns tiros de carabina disparados a esmo revelaram-lhes o que valiam. A rija, a apparatosa machina politica que se antolhava um blóco de vigor ineluctavel, se amolegou em cêra inconsistente. O organismo dominador consistia num monstruoso ventre, não tinha cabeça para deliberar, nem braços para resistir, para defender-se; era um sacco, em cujo fundo, virado pelo avesso, se encontraram, apenas, alguns vintens.

A capitulação vergonhosa dos donatarios de Sergipe, além de um acto de rara cobardia, foi uma demonstração de que elles se julgaram, em consciencia, dignos do isolamento em que se encontraram quando lhes fugiu o unico apoio, as muletas de réfles e carabinas. Capitularam sem resistencia que salvasse, dignamente, as apparencias, cuidando apenas de remover um perigo pessoal, perdendo tudo, até a honra, nesse incomparavel desastre moral.

Que deveriam fazer — objectar-se-á — esses homens colhidos de repente na desolação do desamparo, sentindo em torno delles ampliar-se o vacuo, o decisivo silencio da abstenção de todos os dedicados amigos, de todos os fervorosos adeptos da vespera, de todos os asséclas ambiciosos?

Não responderiamos—«que morressem», como indicaria, aliás, o dever antigo consagrado nas tragedias, porque elles bem sabem que sacrificios sublimes são resultados de convicções, são mandamentos de abnegação pelas causas nobres. Elles não se reputavam lealmente jungidos á responsabilidade do mandato a que era extranho o povo sergipano, por elles expoliado da sua soberania: pilhados em flagrante como detentores criminosos, largaram a coisa furtada e fugiram precipitadamente.

E não ficou nisso a indecorosa defecção: chegaram ao cumulo de vergonha, ratificando, nos termos da mais detestavel humildade, a deliberação de renunciarem espontaneamente, sem a mais ligeira coacção, quando no dia anterior tinham pedido a intervenção do Governo Federal, como extremo recurso da salvação de uma situação desmoralisada.

E são desse tópe todos esses acciolys que envergonham a especie humana e a Republica, mesmo quando cáem. Oppressores arrogantes curvam-se ao primeiro abalo, implorando ao vencedor misericordia que não merecem. São dessa fragilissima envergadura, desarticulada e frouxa, esses homens atirados aos fastigios pela acrobacia da politicagem aventurosa, insensiveis aos impulsos do civismo como as instigações dos instinctos do brio, da defeza pessoal que a natureza deu, mesmo aos animaes inferiores.

Causa pungente magua, um penetrante movimento de lastima, recordar que esses acciolys engordam ao carinho do Governo Federal, crescem e preponderam abrigados no prestigio delle, á sombra de uma tolerancia malfaseja, cega, compensada por todas as subserviencias, inspiradas pelo apego ao poder.

Temos sobejamente dito, e não faz mal repetir na hora de decadencia, na hora dos abyssinios, aquillo que tanta vez advertimos ao honrado sr. Rodrigues Alves no apogeu da sua influencia: esses parasitas não resistiriam a um ligeiro sopro do poder quando lhe adheriam ás botas como poeira deleteria, agóra consolidada em incrustações perigosas. Mas s. ex. violentava os impulsos do seu asco, amordaçava a generosa vóz das suas convicções, sophismava o seu dever immolando-o ás celebres conveniencias do momento, suppondo com essa transacção remover todos os obstaculos ao seu plano de administração. E assim pagou por alto preço adhesões hypocritas, consentiu que se fôsse perpe-

tuando o regimen de falsificação da soberania, de conspurcação dos principios democraticos.

Si s. ex. agiu de bôa fé, está agóra, sob a miseravel lapidação dos submissos incondicionaes de recente passado, tragando as amarguras da desillusão, lamentando os carinhos dispensados a essa corja de ingratos.

Sirva, ao menos, isso de lição proveitosa ao sr. Affonso Penna, resolvido, como parece, a procurar no seu criterio pessoal, nas informações «de visu», as inspirações essenciaes do seu plano de governo.

* * *

O caso de Sergipe é uma reproducção attenuada do caso de Matto Grosso, resultando da comparação que o presidente Paes é uma figura destacada com traços de heroismo ao lado dos timidos capituladores ante um simples arreganho de uma milicia com os soldos atrazados.

As duas deposições, com tão diminuto intervallo uma da outra, (circumstancia que assusta, cada vez mais, o régulo do Ceará) denunciam o movimento de uma opinião sopitada, privada de suas valvulas naturaes, movimento que tende a propagar-se por todas as regiões politicas onde se reprodúz o mesmo phenomeno de compressão; movimento de desespero provocado pelo desespero de encontrar dentro da Constituição meios pacificos de resolver situações absurdas.

O exemplo será contagioso por trazer no bojo um incontestavel direito dos opprimidos e será um contagio salutar, civilisador, infundindo energia aos timidos, esperanças aos desilludidos dessa prolongada, dessa heroica resistencia, inutil dentro das fronteiras da ordem.

Foi á impressão dessa ameaça, presentindo com admiravel acuidade os primeiros indicios da tormenta regeneradora nos horisontes longinquos, que o velho satrapa do Ceará augmentou para o dobro a sua legião de pretorianos e confiou-a á fidelidade do seu carissimo genro, um genro que, como toda a incomensuravel familia, vale o que peza no orçamento do Estado.

Mas... é possivel que elle não tenha contado com um perigoso factor — a suggestão da traição, que é um delicioso vezo da consciencia de mercenarios.

POJUCAN.

Theoria organica das sociedades

As duas principaes correntes philosophicas do seculo que findou, o positivismo e o spencerismo, dividiram o pensamento moderno.

Nessa grande batalha em prol do desenvolvimento do espirito humano, quem terá ficado com a melhor parte: o auctor da *Politica Positiva* ou o dos *Primeiros Principios*?

Ninguem poderá negar ao primeiro uma das mais poderosas mentalidades de todos os tempos. Debalde, a intolerancia fradesca e imbecil lhe injuría a memoria, trazendo á tona da discussão a loucura de que foi accommettido o genial pensador. Os principios fundamentaes de seu systema são traços luminosos que hão de perdurar eternamente como documentação de methodo e saber. Mas Augusto Comte commetteu o grande peccado (que os orthodoxos me perdôem a audacia) de pretender traçar raias ao espirito humano.

Os seus discipulos tornaram-se antipathicos, affirmando que depois do mestre é inutil tentar outros conhecimentos, porque elle fechou o cyclo do pensamento, sendo certo, entretanto, que em philosophia não ha ultima palavra e que a alma, em seus alevantados surtos em busca da perfeição e do progresso, irá sempre encontrando o infinito deante de si.

Tal é a comprehensão de Spencer, que, na phrase de Sylvio Roméro, se fundou nas quatro idéas capitaes do desenvolvimento scientifico moderno: a critica do conhecimento; o principio fundamental da evolução; a applicação pratica desse principio á biologia pelo experimentalismo transformistico e a concepção monistica do Universo.

Quer isso dizer que, de um lado, temos Spencer com todas as noções scientificas do seculo, mesmo as que apparentemente se reppellem, como o dualismo de Noiré e monismo de Hæckel, e, do outro lado, Augusto Comte, preso á lei dos tres estados e á systematisação dos conhecimentos adquiridos.

O *fieri*, a lei da evolução, tal como a concebeu o philosopho inglez, é uma coisa semelhante ao espaço, ao oceano sem raias onde vão penetrar todas as grandes correntes do espirito, confundindo-se e completando-se. Dahi, a semelhança que Spencer encontra, não sómente entre todas as concepções humanas, mas entre a evolução super-organica dos primatas e a das sociedades, que, em suas differentes funcções physio-psychicas, reprodúz os phenomenos vitaes inherentes aos sêres melhormente organisados.

Para elle, a sociedade é um organismo:

1º—Porque obedece á lei do crescimento, começando pelo germen — o individuo — e terminando pelas grandes aggremiações. Assim como na vida animal, segundo os principios geraes da biologia, a existencia dos individuos superiores bazeia-se na vitalidade collectiva de uma legião de sêres infinitamente pequenos, assim tambem, na esphera social, os corpos definitivamente apparelhados, repouzam no individuo que, isolado, nenhuma significação tem.

Por outro lado, si uma cellula, apparentemente sem condições de exito na lucta contra os mais formidaveis agentes exteriores, cresce, alarga-se, modifica-se e individualiza-se, tornando-se homem, não é para admirar que esse homem vença os mais antagonicos elementos, e, de selvagem que era ao apparecer, chegou aos esplendores da civilisação, conquistando os mares e dominando a terra.

2º—A sociedade, á medida que se

desenvolve, vâe se differenciando, passando do semelhante para o dessemelhante e do simples para o composto, tal como os organismos cujo desenvolvimento physico determina modificações extensivas e intensivas das differentes partes de que é feito.

Quanto mais elle se aperfeiçôa mais os seus elementos de acção se multiplicam, — na esphera da industria, na esphera do commercio, da arte, ou de outra qualquer modalidade da actividade humana.

A transformação do homogeneo em hecterogeneo é o cunho caracteristico da lei evolutiva. Assim como nos invertebrados, por exemplo, não ha propriamente orgãos, assim tambem nas sociedades em começo tudo é embryonario, quer na ordem material, quer na ordem moral. A adaptação e a herança são os processos que determinam o alargamento ou a expansão inconsciente dos orgãos na lucta pela vida.

Nas sociedades novas dá-se o mesmo phenomeno de recapitulação abreviada que Hæckel observou no dominio da historia natural. Diz Spencer : «assim como no embryão de um animal superior se vêem partes importantes dos diversos orgãos apparecerem fóra da ordem primitiva, antecipadamente por assim dizer, acontece tambem que, nos corpos em geral, orgãos inteiros que, na série dos phenomenos da genesis primitiva do typo apparecem relativamente tarde, surgem relativamente cedo, na evolução do individuo.»

E' a mesma lei que o auctor da *Historia da Creação natural* chamou heterochronia, em virtude da qual — a autogenese reprodúz a phylogenese. Na ordem social, esse phenomeno manifesta-se pela reproducção de factos anteriormente observados nos povos que deram origem ás colonias.

3º—As sociedades, além da estructura geral semelhante á dos typos animaes, teem orgãos de alimentação, de distribuição e de assimilação, representados nos diversos agentes que os compõem. Em estado primitivo, ellas soffrem certas mudanças sem que isso lhes cauze abalo : assim, um grupo nomade, ainda sem chefe, se divide e continúa a viver como anteriormente, á semelhança dos sêres de ordem primaria, que, segmentados, se reproduzem de novo, constituindo cada metade um sêr independente.

Nos nucleos completos, não se poderiam cortar certos orgãos de relação, da mesma maneira que se não póde dividir um mammifero em dois.

Tal é, em imperfeitissimo resumo, a theoria spencereana relativamente á sociologia.

***

Como se viu, o philosopho inglez affirma que entre os dois organismos — animal e politico — existem fundas analogias decorrentes da semelhança que o corpo humano apresenta em relação ao funccionamento social, e ensina que o laço commum existente entre os dois organismos está nos principios fundamentaes da estructura interna e externa de ambos.

Na essencia, porém, na vida espiritual, por assim dizer, ha differenças capitaes entre um e outro, porquanto as unidades vivas que constitúem o primeiro—o organismo animal—estão radicalmente ligadas, ao passo que as do outro são livres, embóra regidas por uma dependencia relativa.

Parece que Spencer se serviu dessa comparação sómente como methodo inductivo para chegar ás luminosas conclusões de seu systema.

Tarde, Letourneau Doreste, de Geef, Le Bon, os innumeros adeptos do darwinismo applicado á historia, ao direito e á moral, fundam-se tambem na theoria organica, nem sempre com prudencia, e proclamam o acerto de Spencer applicando-o ao estudo em questão.

Entre nós, salientam-se, neste particular, Clovis Bevilaqua, que combate os exaggeros da escola, ficando num meio termo equilibrado e sensato ; Martins Junior, Arthur Orlando e muitos outros, inclusive o talentosissimo sergipano Fausto Cardoso, que tentou applicar ao direito, em toda a linha, o monismo de Hæckel, sendo, a meu ver, victoriosamente combatido por Sylvio Roméro.

Entre os que levaram a theoria organica ás ultimas consequencias, destacam-se dois escriptores verdadeiramente notaveis : J. Novicow e Paul Lilienfeld. O primeiro não admitte as conhecidas restricções de Spencer e chega a dar uma consciencia á sociedade, um *sensorium* com volições economicas, politicas e artisticas. O segundo funda as suas idéas justamente numa excepção de Spencer, pois que ensina categoricamedte ser a sociedade um organismo concreto (1).

Elle affirma que, assim como não ha corpo inorganico absolutamente inerte, privado de unidade e de fórma; como não existe organismo sem acção physiologica, sem delimitação morphologica e sem unidade, assim tambem é impossivel que uma reunião de sêres humanos exista sem que elles regulem suas necessidades, suas acções por leis e costumes e sem que haja communhão de interesses e sympathias entre os respectivos individuos.

Em outros termos : toda sociedade humana apresenta tres espheras: economica, juridica e politica, correspondentes ás espheras physiologica, morphologica e unitaria dos typos animaes, sendo que essa analogia deve ser constatada não num sentido figurado, mas absolutamente real. Ora, qual é a lei da evolução progressiva para cada uma dessas tres espheras ?

Para a economica : augmento da propriedade caminhando de par com o exercicio de uma maior liberdade financeira.

Para a juridica : delimitação mais especialisada e mais clara dos direitos individuaes e communs juntamente com a maior possibilidade de garantil-os.

Para a politica : unidade de acção mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais amplas.

Para as tres espheras simultaneamente: concentração mais intensa com uma differenciação de forças mais caracterisada.

O fundamento desses principios está na lei geral que preside á evolução das forças em toda a natureza, evolução que consiste numa integração progressiva parallela a uma differenciação cada vez mais caracterisada das energias organicas e inorganicas.

Expressando de outra maneira este pensamento, temos a seguinte fórmula :

1º—Augmento de propriedade e de liberdade economica : corresponde a uma maior quantidade de nutrição,

acompanhada de uma acção physiologica mais intensa ;

2º—Delimitação mais especialisada dos direitos parallela a uma maior liberdade juridica : corresponde a uma differenciação mais desenvolvida dos orgãos, acompanhada de uma acção mais variada entre as partes e o todo.

3º—Unidade mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais vastas : corresponde a uma concentração mais estreita de forças a uma maior independencia das partes.

Propriedade, justiça e auctoridade correspondem á integração das forças sociaes tanto em relação ao systema nervoso, como á substancia inter-cellular ; liberdade economica, juridica e politica corresponde á manifestação das forças sociaes externas. (2)

***

Ahi estão os principaes fundamentos da theoria organica das sociedades.

Certo, elles fôram lucidamente expostos pelos sociologos em questão ; mas não haverá exaggeros de escola, affirmações ousadamente deduzidas de principios que ainda não entraram para o dominio das coisas resolvidas e assentadas ? Haverá em sociologia leis immutaveis como na astronomia, na chimica, na physica ?

Os positivistas respondem affirmativamente, baseados em factos historicos, na repetição periodica de phenomenos que se reproduzem em todos os povos, nas epochas de formação, de desenvolvimento ou de estacionamento.

Mas quem poderá prever o que será o mundo civilisado daqui a quatro seculos ? Quem sabe o que o espirito humano creará, nesse espaço de tempo, nos diversos departamentos da sciencia, e quem nos poderá dizer até que ponto essas creações modificarão a vida social de amanhã ?

Os dados estatisticos, judiciarios e economicos, invocados pela orientação positivista, nada nos pódem dizer de definitivo a respeito. Nos aureos tempos da grandeza romana, quando a cidade eterna dominava o mundo, quem poderia prever a invasão dos barbaros, quem poderia pensar na derrota de um povo senhor dos elementos de exito creados pela intelligencia e que, nem por isso, se livrou da ignominia de entregar os seus mais caros thesouros de arte e de conquista á massa brutal que lhe batia ás portas, tudo conspurcando e tudo destruindo ? Quem poderia adivinhar esse espectaculo da civilisação recuando deante da força hecterogenea de hordas que nenhuma noção tinham de arte e de sciencia ?

Hoje, que nos sentimos numa epocha de transição, num periodo em que o sentimento anda em procura de um ponto de apoio ; em que a moral da unica religião dominadora no Occidente anda falseada por todos, o que tem uma alta significação para o sociologo, porque foi pela dissolução do polytheismo que começou a dissolução do mundo antigo, — quem nos poderá garantir que se dê entre o catholicismo e o positivismo o mesmo que se deu entre o paganismo e o christianismo, quem poderá prever a substituição de uma religião metaphysica por outra que se apresenta firmada na negação de crenças espiritualistas e sobrenaturaes ? Isso no dominio do sentimento.

Si passarmos para outra esphera de actividade intellectual e emotiva, as mesmas interrogações nos acodem ao espirito, pois mesmo chegado á phase de completa integração positiva, ninguem conseguirá prever como e quando se operará este ou aquelle phenomeno social.

Os adeptos da theoria que faz objecto desse pequeno estudo taxam de empirica a intuição comteana. Como se viu, a delles, encarada de modos differentes pelos proprios sectarios, não obedece tambem a um plano definitivamente discutido e acceito. Entretanto, é fóra de duvida que ha muitos pontos de contacto entre o organismo humano e a sociedade.

Ha, por exemplo, verdadeiras doenças politicas, anomalias pathologicas, inherentes á collectividade, bastante semelhantes ás que accommettem o homem.

A mania religiosa na edade média, o sebastianismo em Portugal, o chauvinismo francez nas vesperas da guerra prussiana, são doenças caracterisadas bem eguaes ás do nosso systema nervoso. O anarchismo na ordem social, o symbolismo na arte, o fanatismo elegante do néo-catholicismo parisiense explodindo na mais absurda das coleras contra o judeu, symbolisada em Dreyfus, são manifestações morbidas indiscutiveis.

No Brazil bastaria lembrar o caso de Canudos, quando não fôsse evidente o nosso actual estado de depressão, talvez symptomatico de uma nova crise social.

O jogo, que entre nós tem tomado todas as fórmas nestes ultimos annos, desde o encilhamento até á originalidade tristemente comica do *bicho*, attesta claramente esse estado de apathia, de desanimo, de falta de energia que caracteriza o brazileiro na phase actual. E' uma crise da qual ninguem, no momento presente, é culpado, porque as doenças sociaes representam vicios antigos, radicalmente vinculados á estructura organica de um povo.

Mas a verdade é que todos sentem a surda elaboração de uma vida nova, talvez melhor, talvez peior, em todo o caso um novo periodo de luctas e, por conseguinte, de evolução.

E' que, nas sociedades como nos organismos, as epochas de crescimento são muitas vezes precedidas de grande excitação ou de grande modorra e não é impunemente que uma nacionalidade como a nossa, ainda na phase vegeto-sensitiva, realiza dois altos commettimentos como a abolição dos escravos e da realeza.

HENRIQUE CASTRICIANO.

---

(1) O notavel critico brazileiro, Sylvio Roméro, diz que Schœffe foi talvez quem primeiro applicou rigorosamente as doutrinas darwinianas á sociologia.

Peço venia ao illustre mestre para affirmar que essa gloria cabe a Lilienfeld, cuja primeira obra foi publicada antes da *La Structure el la Vie du Corps Social*, de Schœffe, que, aliás, confessa lealmente esse facto. Não se poderá negar, entretanto, que a theoria em questão foi divulgada pelos *Principios de Sociologia* devido não sómente á auctoridade intellectual do philosopho inglez, como ao facto de não haver sido logo traduzida para o francez a obra de Lilienfeld, escripta em allemão.

Vem a pello lembrar que antes do escriptor russo ser conhecido na França, onde, ainda hoje, segundo affirma René Worms, é pouco lido, já Tobias Barreto o citava largamente entre nós e, embóra refutando as suas idéas, dizia ver nelle «o sociologo mais sério, mais convencido, e que dispõe de mais rica bagagem scientifica.»

Admira a obscuridade em que se manteve durante tanto tempo, em plena civilisação européa, o notavel pensador russo. E sóbe de ponto de vista essa admiração quando observamos a acção assombrosa que a litteratura slava exerce actualmente no mundo latino.

(2) Vide *La pathologie sociale*, de Paul Lilienfeld, pag. XXIX e seguintes.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Osmose, principio universal de explicações physiologicas — Curiosa explicação de phantasia sobre os phenomenos do somno — Considerações.

Ao lado dos investigadores que revelam penosamente alguns factos e se acautelam com prudencia de exceder a experiencia com generalidades excessivas, ha universalisadores que pretendem sempre tirar partidos dos ultimos factos, das mais recentes theorias, para a explicação de todos os phenomenos presentes, passados e futuros.

Compromette-se o neuronio com phantasticas concepções sobre o seu amaeboismo e theorias tão engenhosas e estereis quanto a theoria histologica do somno.

Fundam-se, hoje, sobre os phenomenos osmoticos serias esperanças para a explicação de um certo numero de phenomenos physiologicos, si bem que as leis da osmose não pareçam ainda capazes de explicar a absorpção digestiva, ou a excrecção urinaria que os recentes trabalhos de M. Mayer obrigam a considerar uma verdadeira secrecção.

Com um pouco de bôa vontade, — affirma o dr. Devaux, a osmose póde explicar uma porção de coisas obscuras e passa a expor tres theorias osmoticas, nos *Archivos Geraes de Medicina*, abril de 1905, explicando o somno, infeliz questão physiologica tanta vez victoriosamente explicada e não se conhecendo precisamente o seu mechanismo. Além disso, a osmose explica a inflammação, a febre.

Quanto á explicação do somno, o dr. Devaux a expõe com extrema simplicidade: basta que substancias avidas d'agua, o alcool, os chlorurretos, a uréa ou o assucar se fixem no cerebro em abundancia normal; essas substancias retiram dos vasos capilares dos centros auditivos, opticos, olphativos ou psychicos, uma certa quantidade d'agua, donde resultará um esmorecimento momentaneo da circulação sanguinea ou uma diminuição do coefficiente de oxigeneo, e, por conseguinte uma reducção da actividade cerebral, o embotamento dos sentidos e da intelligencia; segue-se a tendencia para a abolição do estado de consciencia, a somnolencia e finalmente — o somno.

Essa mirifica explicação encobre uma generalisação que se não embaraça em detalhes por mais importantes que sejam — os diversos e curiosos phenomenos do somno, a sua periodicidade modificavel, o papel da vontade, da natureza da actividade mental do somno, da localisação dos seus phenomenos geraes em certos centros cerebraes e não em todo o eixo nervoso.

De resto — accrescenta o ouzado revelador desses mysterios — ha provas dessa theoria que explica todos os somnos — desde a anesthesia pela intoxicação chloroformica, até á hypnose — hypotensão sanguinea no somno e, como consequencia, diminuição de secrecção urinaria, augmento inverso da absorpção de oxygeneo, devida a que o sangue, empobrecido de plasma, enriquece de globulos vermelhos e, no fim de contas, o meio edema dos dorminhocos, factos de duvidoso valor probante mas que justificam todas as conclusões e provam, além disso, que o sangue é mais viscoso no somno e que este é devido ao phenomeno osmotico.

Em todos os ramos de conhecimentos humanos, intervém a phantasia dos cavadores de mysterios, cujas divagações não são de todo infructiferas, tendo a utilidade de ir limpando o campo de estudo para o proficuo trabalho de pesquisadores sérios.

***

Nova descoberta de Edison.—O cobalto elemento essencial para se conseguir o automovel idéal. — Uma entrevista.

Em uma entrevista com um jornal de Nova York, o celebre inventor Edison declarou que havia um veieiro de cobalto partindo de um ponto precisamente a léste de Nashville, no Tennessee, e sulcando este Estado.

«Esta descoberta, por mim feita ha pouco tempo, terá como consequencia uma revolução no mundo da electricidade. Graças ao cobalto, poderei reduzir a 55 % o pezo do transporte e á metade o pezo das baterias.

Achei cobalto nos condados de Lincoln, Gaston, Shelby e Jackson; fiz experiencias com esse mineral em varios logares e reconheci que representava exactamente o que eu anciosamente procurava.

As carruagens electricas offerecem, como principal inconveniente, a necessidade de alojarem baterias demasiado pezadas, que demandam muito espaço, obrigando a augmentar a dimensão dos automoveis e tornando, por isso, muito incommodas a manobra, as voltas, etc. Quando eu chegar a construir um automovel com o systema de cobalto, esse meio de transporte ficará tanto ao alcance de todas as bolsas que se poderá prescindir dos serviços do cavallo.

Fiz uma exploração completa do Tennessee, no ponto de vista do cobalto, e volverei a repetil-a, pois estou convencido de ter á minha disposição elementos seguros para construir o automovel verdadeiramente moderno.»

Edison tinha feito com o cobalto experiencias que fracassaram. O principal obstaculo encontrado pelo inventor era a raridade do cobalto, que não existe, na natureza, em estado de pureza, e a difficuldade de fundil-o. Além disso, Edison se via forçado a mandar vir aquelle mineral, em pequenas quantidades, da Europa e da Australia, não lhe fornecendo os Estados Unidos sinão um pouco de mineraes do Oregon, cerca de cinco toneladas por anno.

Com o cobalto do Tennessee assegura o grande revelador proclamar, em breve, a apotheose do automovel.

***

O homem mechanico — Maravilha de movimento — A natureza imitada com a mais surprehendente perfeição.

O sr. Jean Finot, em um capitulo de seu livro — *Philosophia da longevidade* — exgotou o que se sabe sobre os automatos, desde o androide de Alberto, o Grande, a moça de Descartes, o tocador de flauta de Vaucanson, o jogador de xadrez do barão de Kempelen, até o recente homem-automovel americano, que, animado por um motor electrico disfarçado, anda, gesticula, dá gargalhadas e arrasta uma caleche carregada de viajantes.

O homem enigma, construido recentemente na Allemanha por Frederic Ireland e que opéra no grande circo Busch, de Berlim, excede todos os seus precedentes. Esse personagem artificial merece, com effeito, sob todos pontos de vista, a sua reputação de homem-enigma. Não sómente marcha, marcando o passo, mas trepa um *vélo* como o mais habil cyclista e póde ganhar pontos ao campeão do grande Circuito; além disso, escreve o nome no quadro negro com o mais notavel talento calligraphico.

A construcção desse automato é extremamente complicada. Mede 1m. 85 de altura, peza 90 kilos e se compõe de 365 peças mechanicas distinctas. Tem os pés de louça, as pernas de aço e de madeira, os braços de aço e bronze. No interior do corpo funccio-

nam sete motores, uns accionados por mólas de metal, outros pela electricidade. Os dois motores mais poderosos lhe põem em movimento as pernas; os outros quatro servem para descarregar 14 accumuladores que desenvolvem um potencial de 84 *volts* e 2.700 *ampères* por hora. Graças a essa disposição de energia, methodicamente regulada, mantém-se o equilibrio do homem-enigma, e o mechanismo opéra da maneira seguinte: um dos motores impelle para deante a perna direita e o corpo inclina-se para a esquerda. Uma móla estabelece, depois, o contacto com os outros motores, que entram em acção com um precisão rigorosa e distribúem suas forças entre os outros membros do automato, de tal maneira que o equilibrio se mantém sempre perfeitamente. Do mesmo modo e por meios ainda mais complicados, realizam-se os outros movimentos para escrever, para fumar, etc.

Mas o cumulo do movimento automatico é a surpreheudente manobra da bycicleta, na qual nenhum gesto nem a minima attitude fôram omittidos.

***

O absyntho — Seus effeitos toxicos — Demonstações do dr. Lalou — Experiencias dos drs. Belleret e Faure.

O dr. Lalou demonstrou no laboratorio de Dasre, na Sorbonna, que os effeitos toxicos do absyntho não são individnaes como pretendem os apaixonados dessa bebida; são geraes e ninguem a elles escapa.

Injecções de absyntho nos canaes gastricos dos cães determinaram allucinações, sensiveis espasmos epilepticos e a coma, preludio da morte.

Outras expriencias do dr. Balleret e Faure sobre cães jovens, aos quaes se administrou o absyntho, produziram convulsões, parada do desenvolvimento, agonia.

A despeito dessas e de tantas provas que as precederam, a fabricação e a venda desse toxico continúam auctorisadas em França, e o consumo augmenta em proporções terriveis.

Em 1884, elle era de cerca de 50.000 hectolitros; em 1904, elevou-se a 125.000 e em 1905 a 207.929.

Em paiz algum, a estatistica dos bebedores de absyntho chegou a tão pavorosos algarismos.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXI

Na sessão da Constituinte de 11 de outubro, tratou-se do projecto da organisação dos governos provinciaes, que mais tarde será reformado, no tempo da regencia permanente, pelo Acto Addicional (Lei de 12 de agosto de 1834 e Lei de 12 de maio de 1840).

Discutiram-no diversos oradores; entre elles, notaram-se Vergueiro, Carvalho e Mello, Montesuma, Arouche Rendon, Costa Aguiar e o deputado Ferreira França, que disse: «os povos estavam de posse de eleger os seus governos provinciaes e seria injustiça lhes tirar a eleição destes governos.»

Esta proposição motivou grandes reclamações e gritos de «*á ordem, á ordem*».

Ferreira França era um medico, uzeiro e vezeiro em excentridades, reputado homem de bôas lettras e de talento. Elle entende que os governos das provincias devem ser exercidos pelos proprios filhos della e não pelos de fóra, e uza da seguinte comparação, como argumento: «quem defende melhor a casa o cão manso della, ou o valente de fóra?...

Assim, senhores, deixemos de cães de fóra, ainda que sejam valentes para nos defender a casa.»

Falaram ainda Carneiro da Cunha, Brant Pontes, Souza Mello.

Concluida a discussão, o projecto foi approvado e sanccionado por votação nominal, requerida pelo padre Dias.

A colera dos brazileiros contra os portuguezes, ainda acceza nessa quadra, irrompeu nas palavras do deputado Carneiro da Cunha, que disse: «E' com muita magua e dôr do meu coração que vejo no *Correio do Rio de Janeiro* um artigo extraído de outro periodico, em que se mostra que para a Bahia expedira o ministro da Guerra uma portaria para se remetteram para o Rio os prisioneiros portuguezes que não quizerem assentar praça pelo espaço de quatro annos.

Apenas posso crêr, sr. presidente, que este ministro tomasse semelhante medida. Por essa portaria mandam vir homens, que não sei como pudemos ver no nosso seio, homens que tingiram as suas mãos no sangue dos honrados brazileiros!

Como é que se mandam vir taes homens para garantir a nossa segurança, depois que talaram os nossos campos; depois que fizeram profissão de todas as maldades contra nossa causa e contra a reivindicação dos nossos direitos?

Será possivel que os possamos receber?!

Será possivel que vejamos a sangue frio e coração tranquillo semelhantes individuos, que nos quizeram sacrificar e cuido que ainda nos perseguem?

Havemos admittil-os, quando ainda trabalhamos para consolidar a nossa independencia, contra a qual elles combateram?!

Puderão estes homens, algum dia, serem nossos amigos?

Julgo que não. Terá a nação precisão de lançar mão de inimigos para sustentar a sua causa?

Ou o augusto chefe da nação acaso precisará de luzitanos para sustentar o throno, que a nação brazileira levantou para nelle o collocar como seu primeiro monarcha?

Uma medida desta natureza não póde ser sinão um erro do ministro da Guerra; contra elle é que falo; e sempre quando falo contra o Governo, me dirijo só aos ministro; nunca contra aquelle que nenhuma responsabilidade tem e que a mesma Constituição faz impeccavel (*Muitos apoiados*).»

Carneiro da Cunha enviou á meza uma indicação, pedindo informações ao Governo, e Montesuma requereu prorogação da hora para se discutir o assumpto de tanta gravidade.

Antes de acompanhar o desenvolvimento delle, convém notar as difficuldades que as circumstancias anomalas daquella epocha creavam á marcha regular dos negocios publicos, assim como os factos se entrelaçavam e concorriam para um desenlace perigoso. Realmente, a admissão dos soldados portuguezes da guerra do general Madeira, prisioneiros na Bahia, era motivo de alarma e irritação para a população brazileira. Estes outros factos semelhantes geravam desconfianças contra a lealdade de d. Pedro, *portuguez*, que se cercava de soldados luzitanos, os quaes acabavam de guerrear com os brazileiros. Não era preciso mais do que isso para açular os preconceitos do povo, que não investiga, nem comprehende as razões de Estado que levavam o Governo a tomar tal medida; a empregar no serviço do nosso exercito taes soldados, quando o paiz ainda não os podia fornecer; quando a lavoura muito precizava de braços para rotear os campos; quando, por todas as considerações de ordem social e politica e da creação e desenvolvimento dos interesses economicos, convinha não inutilizar os braços dos nacionaes; pelo contrario, era melhor deixal-os para outros misteres de maxima vantagem publica.

Os representantes da nação sómente olhavam o facto sob o ponto de vista do patriotismo, ou dos resentimentos populares por demais ulcerados.

Importa tambem considerar que o

perigo, de certo, não era tão grande; cem ou mil soldados disseminados no Exercito seriam uteis ao serviço, mas insufficientes para tentar destruir a obra da Independencia.

As susceptibilidades do orgulho e do nativismo não se contêm: fazem explosão.

Ora, si os deputados, homens politicos, que deviam considerar a questão sob o ponto de vista da conveniencia do serviço, mostram-se irritados, muito mais ha de mostrar-se o povo, que não fórma sobre tal objecto um juizo razoavel e que só julga pelas subitas emoções da momento e pelas coleras de suas paixões.

O governo de d. Pedro, de feito, via-se num dedalo de difficuldades, nascidas das circumstancias especiaes e anormaes do paiz.

No discurso de Carneiro da Cunha transpira o receio de desagradar o Imperador, receio que pezava no animo da Assembléa inteira.

Esse era o estado de coisas, que, incrementando-se, cada vez mais, formou a situação que produziu, mais tarde, o golpe de Estado de 12 de novembro.

A observação verifica que, cada dia, apparecem factos, que avolumam os motivos de desconfiança e que geram no espirito do Imperador a convicção da necessidade de dar cabo duma Assembléa que não tem o bom senso de se não intrometter nas funcções privativas do Executivo; não comprehende as conveniencias do paiz e só lhe suscita embaraços expondo o Imperador á impopularidade, como nesta odiosa questão dos soldados lusitanos, pela segunda vez agitada.

D. Pedro observava, attento, a má vontade de certos deputados, má vontade clara e manifesta, como vamos ver.

Carneiro da Cunha affirma que são estas medidas as que teem levado as provincias a desconfianças. Taes palavras fôram recebidas com geraes apoiados. Affiança que os sentimentos que tem manifestado são os de todos os brazileiros honrados.

Montesuma estygmatiza fortemente o acto do Governo.

Antonio Carlos diz: «eu quizera ainda accrescentar que se pedisse copia authentica dessa portaria, para nos certificarmos que no mesmo tempo que vinha esse negocio á Assembléa para nós o decidirmos, o ministro da Guerra tinha a ousadia de tomar semelhante medida, como para zombar dos representantes da nação. Peço, pois, que não só venha a informação, mas tambem a portaria e que o ministro diga quaes fôram os motivos que teve para assim obrar. E' preciso que nos entendamos com este ministro corrompido e o mais corrompido que até agóra tenho visto.»

Estas phrases virulentas e ameaçadoras de Antonio Carlos fôram cobertas de numerosos applausos e apoiados.

Henriques de Rezende, França e outros abundaram nos mesmos conceitos. Em vez de desvanecer as desconfianças nas provincias e dissipar as duvidas do povo, aquelles debates, cada vez mais, afundavam na opinião publica a suspeita de pretender fazer o Brazil voltar ao dominio de Portugal. Já era uma idéa, que, como um ferro em braza, queimava o cerebro da nação.

De facto, as discussões desta ordem não produziam outro effeito, e d. Pedro não era tão parvo que não visse que todas as settas disparadas vinham certas cravar no alvo, que era elle proprio.

Ou a Assembléa tinha clara consciencia dos seus actos e palavras, ou não tinha. Si não peccava por imbecil, peccava de poposito deliberado. Assim, quando fôr fulminada com a dissolução, não poderá allegar que não a merecia e que foi sempre respeitosa.

Carneiro da Cunha, Montesuma verberam cruamente o ministro da Guerra, estimulam os brios populares, apontam a admissão dos officiaes e soldados lusitanos como um plano sinistro.

Antonio Carlos, nos arroubos de seu enthusiasmo, nos impetos de sua soberba, vilipendía o ministro da Guerra, *como o mais corrompido que tem visto*.

O povo inteiro conhece e sabe que todos estes actos assim malsinados, ou são ordenados pela iniciativa do Imperador, ou approvados por elle.

A Camara, com deploravel leveza, deixa-se arrastar pelas palavras retumbantes de Antonio Carlos e resolve pedir informações e copia authentica da portaria de 2 de agosto, concernante aos prisioneiros portuguezes, que d. Pedro e seu ministro pretendiam admittir no exercito brazileiro.

Veremos, mais adeante, noutro capitulo, o estolido papel que a Constituinte representou nessa ridicula farça, guiada por Antonio Carlos.

EUNAPIO DEIRÓ.

O SR. ARTURO COSTA ALVAREZ, redactor de *La Nacion*, de Buenos Aires, escreveu-nos uma carta tão amavel, tão cheia de gentilezas para com os *Annaes*, quanto ciosa da regularidade com que esta revista devera ser remettida ao excellente jornal portenho. Não nos contemos de publicamente lhe assegurar que não é, como suppõe, isso «debido á un descuido de la Administracion de "*Os Annaes*"». O descuido póde bem ser do correio argentino ou, mais provavelmente, do nosso, que, aliás, nos entrega muito regularmente os numeros de *La Nacion*, cuja pontual remessa, já agóra, agradecemos á sua direcção.

Como nos pediu o sr. Alvarez, enviamos ao seu jornal uma collecção dos *Annaes* — «que haríamos encuadernar para nuestra biblioteca, como valioso libro de consulta».

MORTE

Ao dr. Antonio Austres i/o.

A morte! Muita gente a tem imaginado,
Como infortunio atroz ou ventura suprema;
Theologos subtis divergem no intrincado
Caso, um phenomenal e insondavel problema.

Por mim, eu imagino a morte como irado
Ferreiro, o malho ás mãos, e prendendo-o, uma algema:
— Cada golpe dos seus, preciso, cadenciado,
Põe de uma vida fim na convulsão extrema.

Ferreiro justo e bom, incansavel ferreiro!
Teu braço redemptor supprime a humana lida,
De um golpe tu nos dás o somno derradeiro!

Mas temo por teu braço, obreiro surprehendente!
Temo que elle se canse, e me deixe na vida,
Eternamente, eternamente, eternamente!

1906.

ADRIANO DE ABREU.

A LIVRARIA

«BOM HUMOR», POR JOÃO CHAGAS. — EDITORES, FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA.—LISBÔA.

Bom Humor é uma collecção de chronicas publicadas na imprensa de Lisbôa por João Chagas, o tão conhecido e sympathizado jornalista, mesmo aqui no Brazil.

São chronicas leve e graciosamente feitas, com a sorte vária que os assumptos impõem a essa litteratura de improviso, mas que, no seu conjuncto, nos dão uma idéa do momento no meio em que fôram produzidas.

Dão por fórma directa, porque ellas teem psychologia e guardam uma linha, sinão de independencia feroz, ao menos de limpeza sympathica; não são perfeitamente innócuas e muito menos officiosas, como quasi tudo o que neste genero por aqui actualmente se faz.

Note-se que eu não digo isto para censurar os nossos chronistas. A imprensa acompanha o movimento das coisas, como uma força social que é. Na situação que atravessamos, o nosso jornalismo talvez esteja prestando melhores serviços ao paiz nessa disposição em que se acha, do que si conti-

nuasse na sua antiga attitude, que era a de um muito pronunciado pendor para a opposição.

Não era por simples virtude que elle se conservava nesse papel antigamente: é que de outro modo não obtinha vendagem. O publico preoccupava-se com questões de idéas, convencido de que essa preoccupação é que era a mais séria e mais digna dos homens.

Não foi apenas durante a monarchia; até ao começo do governo Campos Salles, ainda essa phase não se havia de todo encerrado. Ella expirou definitivamente com os apertos financeiros e economicos dessa epocha e agóra com este prurido de melhoramentos materiaes, com esta americanisação em que entramos no quatriennio Rodrigues Alves.

Hoje do que nós não queremos saber aqui justamente é de theorias; queremos factos. Traduzam-se estes por obras que se vejam e que encham os olhos. Quanto se gasta, de onde vem o dinheiro e em que condições, é o que não se indaga ou, pelo menos, não se apura muito rigorosamente.

A imprensa, collocando-se entre o povo e o Governo, servindo o povo em suggerir, fomentar novos projectos ou ao menos apoial-os, applaudil-os, fazer-lhes reclamos, e servindo o Governo pela discreção que guarde relativamente ás condições em que certas dessas coisas se fazem, ou a episodios, particularidades, nugas que ellas vão occasionando, coisas proprias da fraqueza humana, continúa no seu papel. Por conseguinte, é tão util e tão prejudicial como antigamente, embóra por oppostas razões. Naquelles outros tempos tratava-se de derrubar, e não ha meio de pôr abaixo assim systematicamente sem commetter uma impiedade, uma injustiça, um irreparavel qualquer; hoje trata-se de construir, e as argamassas parecem-se muito com a lama, pelo menos emquanto não se solidificam.

Vê-se, pelas elegantes e na verdade humoristicas chronicas do sr. João Chagas, que em Portugal as coisas vão tambem evoluindo para ahi. Não somos nós outros apenas povos do mesmo continente, que soffremos a influencia do *yankee*; o mundo inteiro, mais ou menos, resente-se da electricidade que a raça dos novos titans está produzindo e propagando com a agitação estupenda das sociedades novas que a constitúem.

Em comparação com Eça de Queiroz e Ramalho, (cujos formosos escriptos de outr'ora esta revista tem feito reviver nas «Paginas Esquecidas») já mesmo o sympathico auctor desta collectanea é um bom sujeito, —critico attenuado, quasi que ameno, parecendo caracterizar um periodo de transição. Depois delle, os que vierem talvez já possam chegar á perfeição que attingimos aqui.

Como todas as obras editadas na casa dos srs. Ferreira & Oliveira, *Bom Humor* é representado por um elegante volume.

***

«Leviandades de Clymene», poema por Mucio Teixeira—Companhia Typographica do Brazil—Rio de Janeiro, 1906.

Deu-se, ha pouco tempo, na Tijuca uma tragedia entre representantes da nossa bôa sociedade, coisa que, aliás, não é tão raro acontecer. Em toda parte dá-se outro tanto: a influencia que a educação e as conveniencias sociaes exercem tem seu limite e depende muito da organisação de cada um.

O que acontece, porém, nos meios pequenos de provincia, si occorre uma dessas infelicidades entre as que por lá se chamam «bôas familias», é que o facto occasiona um fraco escandalo, embóra grande abalo,—justamente o contrario do que se dá numa grande capital.

A razão está na reserva e conveniencia que a imprensa de lá nesses casos adopta. Tambem não ha muito deu-se em S. Paulo uma dessas tragedias de que estamos falando. Pois mesmo alli, numa cidade populosa e importante como aquella, quasi nada transpirou na imprensa dos motivos reaes que determinaram aquella lastimavel scena de sangue.

Nos grandes centros propriamente ditos, é impossivel conseguir-se outro tanto. A imprensa atira-se sobre o cadaver numa impiedade de inimigo que se apropría do campo adverso depois de uma batalha. Armam seus *kodaks* sobre elle e bombardeiam-no nipponicamente. Sentam-no, deitam-no, põem-no a tres quartos, de perfil, de frente, numa indifferença profissional apenas comparavel á do medico, que vem fazer a autopsia depois.

Não o photographam apenas: esquadrinham-lhe os bolsos, as gavetas, os colchões, as malas, por intermedio da policia, como num methodisado saque. Querem-no para elles, na apparencia dos seus despojos e na realidade do que foi, pelo que os seus documentos revelem ou deixem entrever.

Da victima passam para o auctor do delicto, para os cumplices, para quantos, directa ou indirectamente, se prendam á tragedia. Não ha piedade e é mesmo um acaso haver legitima preoccupação com a verdade nas narrativas que a colheita dos elementos de informação proporciona. Quem consegue contar mais e mais embasbacar é quem «dá o furo», perante a opinião.

Eis o que espera as victimas e os tyrannos nos duros e prosaicos tempos em que vivemos.

Para este caso da Tijuca abriu-se uma excepção. Um poeta, o sr. Mucio Teixeira, lembrou-se de pôl-o em versos com essas pagiuas intituladas *Leviandades de Clymene*, que outro dia publicou.

Sabia-se que o poeta é um romantico impenitente, dos poucos abencerrages que a escola ainda póde contar hoje em dia entre nós. Mas, si não se soubesse, esse facto o viria demonstrar. E' preciso não se ter a noção do tempo em que se vive, ou então abstraír-se um homem inteiramente dessa circumstancia, para commetter um anachronismo desta ordem, e ainda mais sem desmentir, com taes versos, a facundia e mesmo o talento que todos reconhecem no sr. Mucio.

Vem estampado á frente do opusculo o retrato do poeta, em vez de serem os dos heróes da tragedia—para arremate, de certo, do contraste que o auctor quiz estabelecer com o nosso tempo.

Só não sei, de todo, a que intenção haveria o sr. Mucio Teixeira obedecido escrevendo por baixo do seu nome aquella phrase explicativa: «Consul-geral do Brazil no reinado de d. Pedro II.»

Nunes Vidal.

Temos razões para desejar sinceramente que não fique na provincia, na indifferença do seu publico, o juizo do sr. Oliveira Lima a respeito do sr. José Verissimo.

O artigo, publicado no *Estado de São Paulo*, em que ao nosso collaborador honra o diplomata que é hoje um escriptor essencial, salienta no sr. Verissimo, além do que elle vale realmente na sua especialidade litteraria, as qualidades — raras, inestimaveis e, por isso, dignas de nota — de homem de bem, postas ao serviço do seu processo de critica. Os leitores vão ver que merecemos o seu applauso e apreciarão que nos louvemos na companhia do sr. Oliveira Lima para manter o que esta revista, logo no seu numero 3, teve o gosto de dizer sobre o seu amigo e collaborador.

—

JOSE' VERISSIMO

——

Em toda a parte aonde me tem conduzido o destino diplomatico, tenho tido a bôa fortuna de receber, a intervallos regulares, os volumes das duas séries — *Estudos Brazileiros* e *Homens e Cousas Extrangeiras* — que continuúa publicando o escriptor que, de consenso unanime, é considerado o primeiros dos nossos criticos, o que quer dizer um dos primeiros entre os

nossos homens de lettras. Si é unanime o consenso, é porque para elle contribúem aquelles, e não são tão poucos, que alguma vez se julgaram melindrados pelas reservas postas pelo sr. José Verissimo nas suas apreciações de trabalhos delles, ou offendidos pelos remoques que taes trabalhos lhe puderam porventura merecer.

Porque o sr. José Verissimo é um homem que tem o bom ou o máu costume — a qualificação depende do criterio individual — de dizer o que pensa como pensa, e ou a nossa educação é muito defeituosa neste ponto ou o nosso caracter deficiente : o facto é que, si somos sensiveis ao elogio somos hypersensiveis á critica. Nem sabemos receber os louvores com discernimento, nem as censuras com equanimidade.

Aquelles nos embriagam e estas nos irritam : pouco importa que sejam uns falsos e outras justas. Isto não impediu, comtudo, o sr. José Verissimo de se impôr á consideração geral dos entendidos; antes, o ha destacado do commum dos escriptores nacionaes, quiçá mesmo influido para que, como acontece, seja o seu um dos poucos nomes brazileiros conhecidos fóra do nosso meio. Em Portugal e nesta America Hspanhola posso dar testemunho de que trabalhos desse auctor teem sido lidos e favoravelmente julgados.

E' o maximo de popularidade que, penso, póde attingir um escriptor brazileiro numa projecção espontanea da sua personalidade litteraria.

Vem a pello dizer que as vantagens que o sr. José Verissimo tem auferido da sua independencia de opiniões são todas moraes. As materiaes pela mesma razão lhe fogem. Sendo uma das raras pessôas entre nós que se preoccupam com assumptos pedagogicos, que os examinam com conhecimento e os commentam com auctoridade, tendo escripto um livro sobre educação nacional que se tornou classico, e dedicado bôa parte da sua vida ao magisterio, não foi ainda reintegrado no seu antigo cargo de director do Gymnasio Nacional, de que o fez saír um assomo de dignidade, o que num educador deve sempre ser levado ao seu activo.

Ouvi que o motivo é ser o escriptor em questão notoriamente anti-catholico, não sómente indifferente em materia de fé. E' facto que na alma excellente do sr. José Verissimo se abrigam dois odios, aos padres e aos guerreiros, póde mesmo dizer-se, subindo do concreto ao abstracto, á guerra e á religião, que elle ambas tem na conta de condições de atrazo para a humanidade. Em varios dos ensaios do tomo segundo, ha pouco tempo publicado, dos *Homens e Cousas Extrangeiras*, O fim do paganismo, Cromwell, Electra, A litteratura contra a guerra — se dá expressão inequivoca a esses sentimentos pugnazes, ao mesmo tempo que se festejam com illustração de pormenores, com elevação de vistas e com verdadeiro sentimento social, que é um predicado que falta muito á nossa litteratura, estas bellas coisas chamadas tolerancia, liberdade de consciencia,paz, fraternidade,a que são oppostas a religião organisada e o militarismo.

A razão murmurada para o não aproveitamento do sr. José Verissimo para funcções educativas, não obstante sua excepcional competencia em materia pedagogica, a ser verdadeira, não deixaria de ter sua graça num paiz em que foi abolida a religião de Estado e onde ninguem póde, pela Constituição, ser legalmente vexado por suas opiniões religiosas ou por falta de opinião religiosa.

Verdade é que desde que separamos a Egreja do Estado, foi que, por uma curiosa contradicção, que se disfarça com o nome de tolerancia, abrimos de par em par as portas á immigração monachal, como nos bons tempos coloniaes, e até entramos a fazer cardeaes como si nos governasse el-rei d. João V.

Accresce, porém, que o sr. José Verissimo é, além de um admiravel escriptor e de um abalisado profissional, um homem dignissimo na sua vida particular e publica, que são uma e outra exemplares, o que se não póde ter como superfluo em caso algum, mas deve-se ter como particularmente recommendavel quando se trata de encaminhar a mocidade nas veredas da hombridade e dos bons costumes.

Não pretendo que o contrasenso de conservar um homem assim fóra da sua esphera natural de acção, num paiz em que a pura litteratura não logra offerecer meios de vida, seja um caso typica e exclusivamente brazileiro : em outras partes eguaes disparates se passam. Não deixa, entretanto, de ser sua occurrencia devéras lastimavel numa sociedade em formação, onde não só não abundam extraordinariamente—como aliás não abundam em outra qualquer, mesmo das formadas — os homens de caracter ao mesmo tempo que de intelligencia, e onde se não contam muitos elementos adequados ao genero de actividade social tão meritorio, tão importante e tão levantado de que o sr. José Verissimo fez a sua especialidade pratica.

E' egualmente deploravel que o seu grande valor litterario não seja aproveitado, de um modo amplamente desafogado, num grande orgão da imprensa, cuja secção de critica litteraria nacional e extrangeira — uma funcção desta arte eminentemente educativa — lhe andasse permanentemente attribuida, como a secção theatral do *Journal des Débats* a Emile Faguet ou secção analoga do *Temps* a Adolphe Brisson; convindo notar que o sr. Verissimo possúe um talento muito mais comprehensivo que o de Brisson, e uma vibração humana muito mais funda que a de Faguet. A sua curiosidade de litterato estende-se a todas as grandes litteraturas e a algumas das pequenas, e é realçado pelo seu afastamento systematico da politica de personalidades, mesmo da politica pratica, e pelo seu sentimento nitido da politica de principios.

Como estylista, um ponto em que o acoimavam de fraco, num meio em que não raro se confunde a emphase com a propriedade e os artificios com a verdadeira belleza de fórma, o sr. José Verissimo tem-se aperfeiçoado consideravelmente, chegando hoje a ser um dos nossos escriptores mais dotados : claro, conciso, despretencioso, sem preoccupações irritantes de purismo e, ao mesmo tempo, com um grande cuidado no vocabulario e na syntaxe, suggestivo tanto quanto instructivo.

Tem o sr. José Verissimo sido tam-

bem accusado pelos que se possam haver resentido das suas observações, sempre sinceras, nunca malignas, de ter a admiração difficil, o que é uma injustiça. Basta ver na série quinta dos seus *Estudos de Litteratura Brazileira*, as paginas dedicadas a Olavo Bilac, Graça Aranha, João Ribeiro e Euclydes da Cunha: com que sympathia elle põe em relevo a fórma brilhante, a rica phantasia, a maravilhosa virtuosidade do poeta parnasiano; a visão dolorida, no romancista, de um aspecto novo da vida social brazileira, qual o da larga immigração, determinando um estado amedrontado da alma nacional; a delicadeza e afan de perfeição do lyrico intellectual; o sentimento intimo da terra e das gentes dos sertões, brotado da honestidade e generosidade de um caracter transparente e offerecendo um sabor exquisito na sua nova lingua de scientista armado de um extraordinario poder descriptivo, que váe das paizagens ás almas.

A par ou talvez por causa da sympathia—a qual, no seu proprio dizer, não é nem deve ser condescendencia—ha que notar a penetração do critico, como elle consegue attingir os motivos moraes, como alcança tocar precisamente nos impulsos e propositos daquelles que busca para objecto dos seus estudos psychologicos. Como exemplo, citarei a distincção que elle finamente estabelece entre o catholicismo accommodado e sentimental do sr. Magalhães de Azeredo, o catholicismo litterariamente esquivo do sr. Joaquim Nabuco e o catholicismo intellectual, ironico e combativo de Eduardo Prado.

E' claro que a sua admiração, forte como póde ser, e para isto é sufficiente a quem della quizer julgar ler o ensaio sobre *Chanaan*, só se dá largas pelo que a elle, e a elle só, pareça merecer semelhante preito. Não fôsse a critica uma funcção essencialmente pessoal: a palavra o indica. Quem mais pessoal do que Sainte-Beuve, o critico francez por excellencia de seculo XIX, na sua lucidez e malicia; do que Gustave Planche, o analysta severo da litteratura que foi sua contemporanea; do que Macaulay. o subtil e crystallino evocador da espiritualidade italiana, da Italia de Machiavel e de Leão X?

Não é, comtudo, o sr. José Verissimo, como o não foi qualquer desses mestres da critica, pessoal no sentido de ficar limitado á explicação dos caracteres, sem passar ás idéas geraes, que são, pelo contrario, as que mais o preoccupam na producção litteraria, as que elle procura descobrir, apontar, definir, explicar com uma notavel sagacidade e sem intenções preconcebidas—tanto quanto dellas possa estar livre uma intelligencia humana—que lhe viciem a visão, exercendo um effeito de refracção.

E' assim que a nobreza de alma e de vida de Chateaubriand serve no seu conceito para emprestar realce ao esforço que foi o do grande escriptor e de muitos da sua geração que o acompanhavam, para a reconstrucção do edificio catholico pela imaginação e pela poesia, e que o desinteresse de Tolstoi, os olhos do critico o vêem como a applicação pratica dos principios de «abstenção civica e dedicação humana» do evangelista contemporaneo.

Como elemento pessoal entram, por exemplo, nas ultimas paginas estrangeiras do sr. Verissimo, a compaixão por Maria Antonieta, o asco pelo tyranno Rosas, extensivo a todos os dictadores, a admiração por Emilio Zola, romancista e publicista da verdade, o reconhecimento a Dumas pae pelas horas encantadoras que lhe proporcionou sua leitura, a ternura pelo sentido trovador portuguez Corrêa de Oliveira. Em qualquer desses ensaios, porém, o alcance é muito maior, buscando o auctor as causas sociaes, discriminando os processos litterarios, expondo as raizes nacionaes e individuaes dos escriptores que lhe servem de thema e nos quaes elle, sobretudo, tenta descobrir a feição humana da obra espiritual.

A critica, sem esta orbita, não passaria de um desporto cerebral, e o sr. José Verissimo faz della muito bem uma nobre funcção moral, complemento, sinão base, do seu papel de educador. Não só da cathedra se ensina: ensina-se pelo livro e não menos pelo exemplo. E' o caso perfeito deste intellectual e homem de bem, diria um inglez deste *scholar* e *gentleman*.

OLIVEIRA LIMA.

APANHADOS

Comedia suissa

O dr. Thuler fez representar, ultimamente, em Estavayer, na Suissa, uma peça humoristica intitulada *Les Transplantés*. Um camponez rude, que habitou sempre as bellas montanhas escarpadas, váe morar na cidade, no borborinho duma cidade commercial, e em breve tempo se torna neurasthenico e doente imaginario; o seu medico, o dr. Clinquart, é um charlatão que o explora de todas as maneiras.

As suas aventuras e o modo engraçado pelo qual o matuto se condúz fornecem uma bôa porção de scenas comicas, algumas dum interesse verdadeiramente psychologico.

***

Uzos originaes

Em cada paiz ha um modo differente de annunciar ou proclamar o successor do soberano que está governando. Em Tunis, o costume tradicional consiste no seguinte: o principe reinante envia o barbeiro da côrte á casa da pessôa designada por elle para seu successor, afim de lhe noticiar que póde uzar barba, o que equivale a dizer que foi nomeado herdeiro do throno.

A razão de tão curioso costume é muito simples: em Tunis, deixar crescer a barba é privilegio da soberania.

***

A superstição dos cossacos

Os cossacos de Don teem preoccupações e costumes excentricos, como, por exemplo, não mudam de roupa em segunda-feira para não ser atacado de grave enfermidade na pelle. Segundo esses supersticiosos soldados, não se deve tirar lã em dia de festa; todo o gado adoece e logo depois morre.

***

O craneo e a criminalidade

Um facto inesperado váe dar que pensar á Cesar Lombroso, o pae da doutrina do homem criminoso, o celebre alienista italiano, que considera o criminoso como um homem votado ao crime pela estructura physica, pela fórma do craneo.

Na India, existem uns indigenas, os thugs, que percorrem as grandes estradas, tomam conhecimento com os viajantes e os estrangulam na primeira occasião favoravel; alguns desses indigenas fôram presos e assassinados logo, e depois se enviaram quinze craneos para Edimburgo onde o sr. William Turner os examinou attentamente. Ora, esses craneos são

todos normaes. Não se encontram nelles os estygmas que caracterizam o homem criminoso.

«Não ha craneo criminoso», diz o sr. William Turner, que é contra o modo de pensar de Lombroso.

E' verdade que se póde fazer notar que, para os thugs, o assassinato é, na realidade, um acto de piedade, um officio religioso e não um crime baixo, por lucro ou vingança. Mas os monomanos do envenenamento não são criminosos tambem ?

Lombroso, de certo, responderá ao sr. Turner, e ha de ser uma terrivel resposta, bem incisiva e forte.

***

Archeologia A recente erupção do Vesuvio poz em actualidade os estudos sobre Pompéa. Ha alguns mezes foi noticiada, na França, a publicação duma obra de grande luxo sobre a cidade de tragica memoria. Mas os livros de luxo são necessariamente reservados a um publico muito restricto de amadores e de bibliophilos.

Agóra, os editores Laurens, de Paris, acabam de publicar um estudo em dois volumes sobre Pompéa. Duma fórma elegante e com um preço bem modico, o livro obedece á série *As cidades de arte celebres*, que aquelle editor está publicando. O texto é do sr. Henry Thédenat, do Instituto de França, e se divide em duas partes: vida publica e vida privada. Um grande numero de gravuras illustra os capitulos, e dois planos, muito minuciosos, da cidade e das excavações, prestam bons serviços á precisão do livro.

***

Cyclismo e saúde Um professor da faculdade de medicina de Toulouse, o sr. Basset, observou que, desde alguns annos, a mortalidade daquella cidade diminúe e elle não sabe a que causa extraordinaria attribúa esse feliz acontecimento. A hygiene publica não soffreu nenhuma reforma sensivel. O professor Basset investigou e acredita ter achado a solução do problema. A mortalidade diminúe depois do apparecimento do cyclismo. Em Toulouse a bicycleta é muito usada, principalmente pelas classes operarias, que pódem, assim, morar fóra da cidade, em casas mais ventiladas, mais espaçosas, melhorando a saúde, que fica abalada nos quartos escuros dos bairros commerciaes.

Congresso de mineiros Existem, principalmente na Europa, grandes federações operarias internacionaes. A dos mineiros reuniu, ha dois mezes, o seu 17° congresso em Londres. Os delegados allemães, austriacos, americanos, belgas, inglezes e francezes, em numero de 116, representavam mais de 1.200.000 syndicados. O Congresso votou propostas pedindo a interdicção legal do emprego, nas minas, de mulheres e de meninos de menos de 14 annos, o dia de oito horas, a nacionalisação das minas e um ordenado sufficiente para os velhos trabalhadores que se retiram depois de servirem durante muito tempo.

***

Ibsen, Taine e Tolstoi Logo depois da morte de Ibsen, notaram alguns jornaes que o grande escriptor norueguez, Taine e Tolstoi tinham nascido, todos tres, no anno de 1828. E quem procurar os traços de caracter que lhes eram communs, verá que Ibsen e Taine começaram atacando os poderes existentes e, depois de avançarem na vida, mostraram, os dois, o mesmo esquecimento da democracia ; mas Taine era menos excessivo que Ibsen e admirava a fórma de governo que regia a Inglaterra, emquanto Ibsen não mostrou a menor indulgencia com qualquer governo.

Ibsen e Tolstoi admiraram, egualmente, os revoltados contra as leis actuaes. Mas Tolstoi não escapou ao fatalismo oriental, e a sua concepção de egualdade é bastante primitiva. Ao contrario, para Ibsen, a humanidade não existe sinão produzir super-homens e os seus compatriotas lhe chamaram, successivamente, de idéalista, de materialista, de conservador, de radical, de socialista e de anarchista.

***

Exposições de arte Paris teve ultimamente uma exposição bem interessante. A pessôa do jovem pintor, que é o filho de Alphonse Daudet, chamou a attenção dos curiosos, que admiraram a maneira um pouco estranha e original do artista.

Outro grande successo de arte em Paris foi a recente exposição dos quadros de Sarolla y Bastida ; as côres vivas, fortes, emocionantes, da Hespanha são passadas para as télas desse artista com uma pericia extraordinaria.

E' o pintor da espontaneidade e da alegria, e o seu pincel é, ao mesmo tempo, ousado, seguro e correcto.

Pilherias argentinas O *reporter* que entre nós, por motivo da Conferencia, representa *La Nacion*, de Buenos Aires, diverte os seus leitores, tanto argentinos como, principalmente, brazileiros, com os seguintes trechos de uma correspondencia inserta naquelle jornal, numero de 9 de agosto, a proposito da recepção que fizemos ao sr. Root :

«La manifestación recorrió la Avenida Central, Catete y por allí seguió hasta el palacio de Abrantes designado para alojamiento de mr. Root. A su paso las cabezas se descobrían y los aplausos no cesaban. Pero á la manifestación le *faltaba espontaneidad, le faltaba entusiasmo, y fácilmente se conocía que los estudiantes estaban allí por pedido especial del barón de Río Branco e del dr. Joaquin Nabuco.*»

Diz, depois, que, muito ao contrario do que a imprensa do Rio suppõe e divulga, o sr. Root sempre teve, desde que deliberou vir ao Brazil, o proposito de visitar as outras republicas sul-americanas. Não temos, pois, — dá o *reporter* a entender — que nos jactar da primeira intenção do ministro, tanto assim que,

«al mismo dia que decidió su viaje al Brasil, mr. Root manifestó al dr. Portela que tambien iría á Buenos Aires.»

Esta é a verdade, «segun mis informes», diz o pandego do *reporter*.

Mas o *reporter* e *La Nacion*, que lhe não mediu os temperos na chimica da sua «cosinha», não contavam naturalmente com a resposta do sr. Root ao presidente Alcorta, que um telegramma do *Jornal*, de 15 do corrente, nos communica :

...«Mr. Root respondeu que, *convidado*, teve duvidas sobre a justificabilidade dessa viagem *prolongadora* da sua ausencia ao cumprimento de deveres officiaes»...

No fim de contas, nós, os brazileiros, só temos razões para applaudir, e animar si nos fôsse possivel, a visita com que o ministro distingue os nossos «hermanos» americanos. Porque, de resto, que mal nos trará essa cortezia do nosso bom amigo do norte ? Bem, e muito, é que, de facto, ella já nos está trazendo. Precizavamos lealmente de que elle, para julgar da nossa cultura, conhecesse a dos «pueblos del Plata.»

No Uruguay, o sr. Root viu ser vaiado o presidente da nação, e na Argentina, elle deve ter notado como a irrequieta e linda rapariga que é a capital prefere as pedras ás flôres e lhe manda, num documento official,

annexos porcamente offensivos aos bons e simples visinhos que nós somos.

Tambem no mesmo momento em que o ministro esteve no *gozo* da mais perfeita saúde moral dos nossos «hermanos», notou, de certo, que, por um lado, elles lhe davam essa alta medida infallivel de contraste, e, por outro, nós, pelo espirito civilisado do ministro do Exterior, reuniamos em sincera ou, melhor, em festa de familia, as illustres mentalidades que os representam na Conferencia.

O sr. Root ha de ter visto que as travessuras dos «hermanos« são logicas. Elles não gostam da Avenida, do sr. Passos, que nos refórma a cidade, do sr. Rio Branco, que nos arranjou as embaixadas, o cardinalato e a proeminencia continental. Sobretudo, do sr. Rio Branco, que os amóla com o seu prestigio perante as nações cultas.

Na entrevista, quasi toda inventada, do *reporter* de *La Nacion* com o sr. Affonso Penna, uma das mais calculadas perguntas foi si o vencedor do sr. Zebalos continuaria na pasta...

*

A primeira parte da correspondencia do *reporter* trata da recepção do sr. Root, e termina :

«Volviendo á lo primero, aquí convendrá decir lo contrario, pero puedo asegurar què la recepción de mr. Root no ha tenido la importancia que se esperaba.»

*

Esse numero de *La Nacion* é um encanto.

Os nossos «hermanos» inventaram aquellas coisas contra o prudente sr. Rio Branco. Em compensação, num bello editorial, arvoram-se em defensores das suas angelicas intenções, uma vez que acharam mais digno sustentar que o nosso ministro do Exterior houvera dito que paizes incapazes de ser governados não devem existir.

Aqui está, no seu delicioso original, a defeza das bôas intenções que o sr. Rio Branco infiltrou naquella feroz sentença :

«El ministro no aplicaba sus observaciones á un país deterninado, eon el objeto de negarle derecho á la existencia. Planteaba una hipótesis para demostrar que el estado permanente de guerra y anarquía es inconciliable con la civilización, mientras puede llegar á constituir un serio peligro y una amenaza contras las demás naciones.

¿ No es eso precisamente lo que entendieron los Estados Unidos, vecinos de Cuba, cuando intervinieron en la contienda de la España por mantener allí su antigua dominación ?

Enunció, además, el señor Río Branco, la idéa de um acuerdo entre las repúblicas más adelantadas y fuertes de esta parte del continente, con el fin de ejercer cierta influencia sobre las demás, en el sentido de evitar que se occurra frecuentemente á la lucha armada para dirimir cuestiones domésticas.»

O ALMIRANTE (93)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXX

A marqueza passeava inquieta pela avenida de jaqueiras, parava por momentos contemplando melancolicamente os pequenos tumulos dos filhos, como si evocasse a saudade para dispersar as idéas que a preoccupavam, e continuava agitada a perigrinar pelo arvoredo, cuja folhagem marcava, no chão varrido, largas manchas de sombra em contraste com a exhuberante claridade do sol a pino. Chegando ao bambual, ella deixou-se cair num banco e lançou ao *chatô* deserto, como um ninho abandonado, um demorado olhar magoado, lamentando a ausencia de Oscar e Hortencia, separados della pelo oceano immenso. A cada momento, ella consultava o relogio esmaltado que lhe pendia do pescoço, preso a um forte trancelim de ouro.

Dessa comtemplação fatigada e anciosa arrancou-a a subita presença de Amelia, cujos cabellos tinham embranquecidos rapidamente, emoldurando-lhe o resto pallido, de uma magreza de santa, sulcado de rugas precoces, illuminado pelos olhos, a brilharem com um fulgor parado e fixo nos grandes discos de olheiras roxas.

— A senhora aqui, a estas horas, com este sol abrazador ?—disse ella, com vóz entrecortada pelo arfar do seio cançado e depositando sobre o banco dois livros de oração, envoltos em sobrecapa de sarja negra.

— Estava sósinha em casa, asphyxiada por este horrivel calor. Vim em busca de ar—respondeu a marqueza, afastando-se para dar-lhe logar.—Vieste a proposito para me ajudares a esperar.

— Estive até agóra em uma conferencia com o vigario tratando do programma da festa do Sagrado Coração e da eleição da irmandade, procurando conciliar as pretenções das candidatas, que são muitas. A senhora não póde fazer uma idéa dos enredos, das intriguinhas que tem havido por causa disso : todas fazem questão das honrarias, ambicionam os cargos mais elevados sómente para figurarem porque bem poucas tomam a serio os deveres, as obrigações da confraria. Chega a ser uma vergonha a audacia de certas sujeitas que pretendem fazer da religião um objecto de luxo, um meio de satisfazer vaidades... E não chegámos ainda a um accôrdo.. Imaginem que uma das mais pretenciosas e mais intransigentes é Dolores...

— Dolores ? ! Como vae ella ? Depois da partida de Oscar, não se dignou mais apparecer...

—Ficou talvez envergonhada pelo desfructe a que se deu com aquella scena de desespero, pretendendo atirar-se ao mar, quando o vapor que conduzia Oscar e Hortencia levantou ferro.

— Coitada... Aquillo foi um ataque de nervos.

— Um accesso de loucura — diga antes — do qual não se restabeleceu mais. Aquella está doida varrida. E' mais uma victima do tal dr. Valente.

A marqueza estremeceu ligeiramente e observou :

— Não fales assim, Amelia. Noto que ficaste muito intolerante depois que te dedicaste á Egreja.

— Intolerante não. Eu sou justa. Serei talvez severa, mas não me posso conter deante de hypocrisias. Pois eu posso lá acreditar na sinceridade de Dolores, na sua piedade ?... A Clarinha me disse que ella tinha muita razão de agarrar-se com Deus para obter perdão dos muitos peccados que lhe pezam na consciencia. Não sabe o que ella andou dizendo de mim ? Que era uma despeitada com o casamento de Hortencia, quando a senhora melhor do que ninguem sabe que não me cazei com Oscar porque não quiz... Eu, despeitada, eu que até concorri para aquella alliança, muito embóra lhe reconhecesse a desegualdade ! Essa falsidade sómente poderia accorrer áquella mulher, que julga as outras por si.. Eu sou despeitada, mas quem tentou atirar-se ao mar foi ella...

Amelia dilatou os labios breves, seccos, num aspero sorriso de ironia mordaz, e continuou :

—Ella ouza falar-me; trata-me com excessiva amabilidade ; é toda carinhos e doçuras quando está na minha presença, mas eu sei que, pelas costas, não me poupa. Si eu quizesse imital-a, diria coisas que eu sei e que não são calumnias. Imagine, minha querida marqueza, que se falou della com o nosso amigo padre Paulo...

—Que me dizes ?...

—Pura verdade. E agóra deu para

se desmanchar em namoros com o Sergio de Lima, que ella quizera impingir a Hortencia, servindo de recadeira entre os dois. Agóra, como descobriu a inclinação delle pela Laura, intromette-se, com o maior desplante, como um obstaculo. O demonio da mulher parece que tem a mania de ambicionar noivos alheios... Pois é uma creatura dessas—Deus me perdôe — que pretende ser nada mais nada menos do que mestra de noviças da nossa irmandade... Um escandalo!...

Amelia retirou as luvas negras das mãos, muito alvas, muito finas, cortadas de grossas veias azues.

—E teve a coragem de pedir para isso a minha intervenção, a minha influencia—proseguiu ella, abrindo um dos livros, procurando alguma coisa entre as innumeras gravuras de santos que lhe marcavam as paginas—Tinha aqui, mas não sei onde o botei, um bilhetinho muito amavel em que ella me pedia esse desproposito...

— Acho que és demasiado severa com a pobre Dolores; acceitas com facilidade tudo quanto os detractores inventam...

— A senhora tem muito bôa fé e um fraco antigo por ella; acha-lhe graça nos menores gestos, na linguagem, naquellas maneiras desenvoltas...

— Olha, minha querida: eu não sou benevolente, julgo sempre com calma, com criterio proprio. Não ha duvida que Dolores me sedúz, me encanta, mas isto não váe ao ponto de desconhecer os seus defeitos, que são muitos, e que eu, de bôa vontade, perdôo. Não te deixes impressionar pelo que se diz.

A marqueza, obedecendo ao intuito de procurar uma diversão attenuante da idéa fixa que lhe opprimia o espirito, entrou a falar com excessiva animação dos maldizentes, que eram como cães vadios. O primeiro, sem motivo apparente ou por sentir num transeunte desconhecido, qualquer coisa irritante dos seus instinctos, aggride-o com insolita vehemencia. Os latidos attráem outros. Os que véem chegando affectam maneiras de uma surpreza indignada, como si soubessem de um inaudito attentado, como si estivessem deante de um odioso inimigo da especie. A ferocidade augmenta na razão directa da matilha em assédio implacavel para vingança da offensa que nenhum dos maldizentes conhece individualmente. Oh, a maledicencia, a maledicencia de sacristia, a maledicencia que se desenvolve em virulencia, esgueirando-se despercebida nas sombras mysticas dos sagrados recintos, sob os véos suavissimos da piedada...

Amelia não ouzava interromper a marqueza, ouviu-a sem um gesto, sem um signal de protesto, de olhos fixos no chão varrido marcado de manchas sombrias, de luminosos discos incandescentes. Subjugada pela affectuosa auctoridade daquella senhora que o maior amigo da familia, ella conteve os impetos de referir o que sabia, os incidentes da paixão que lhe fôra confessada pela propria Dolores num lance de audacia desesperada.

—Eu não te levo a mal—continuou a marqueza, ameigando a vóz num tom de conselho maternal—esse exaggero natural dos teus melindres religiosos, desses melindres que te obliteram os sentimentos de caridade, o teu criterio de mulher pura, irritada contra todas as creaturas que se te figuram contaminadas de peccados, doentes d'alma dignos de compaixão, dignos de perdão. Dolores é uma enferma infeliz, victima da sua leviandade do seu desdém pelos perigos, pelos incidentes do caminho da vida, disfarçados sob flôres.

PAGINAS ESQUECIDAS

CANTO EXTREMO DE UM CEGO

Eu tinha um unico amigo,
Tinha só um e não mais;
Vivia sempre commigo
No exilio da desventura:
Por mais feliz creatura
Não me deixava jámais.

Na minha infancia primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenisava:
E quando a esmola faltava
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto,
Na cegueira o meu bordão;
De baixo do humilde tecto,
Quando a febre me mostrava,
Qnem dos meus males cuidava,
Era só elle — o meu cão.

Todo o dia hontem chamei-o,
Não latiu... não respondeu!
Já, como d'antes, não veiu!
Quem sabe se anda perdido,
Ou d'algum ferro transido
Quem sabe se não morreu?

Ou quem sabe se a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?
Chamei-te de ingrato! amigo,
Perdão! não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato — não. Tu não tinhas,
Na pelle involta de cão
Uma irmã destas mesquinhas
Affeições vis — dos traidores,
Que vão sorrir aos senhores
Nos régios palacios, não!

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acordado
Ao pezo de tantos annos,
Quem virá dentre os humanos
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe ha de guiar os passos
Mendingando o escasso pão?
Ou quem lhe ha de abrir os braços
Quando, á mingua de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguem, ninguem... nem um cão!

Quem me vir o meu *Pardinho*,
Por piedade, pelos céus!
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definhe á fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas se o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem!...
Diga-lhe que neste mundo
O cego que elle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou
Morreu de fome tambem!

BRUNO SEABRA.

***

COMO SE FAZ UM GENTLEMAN CONFORME ENSINA UM EDUCADOR PORTUGUEZ

A arte de regular as maneiras por meio de uma combinação feita entre a nossa organisação e a nossa vontade é uma das mais importantes cousas que se devem conhecer. Ha homens que, sem plausivelmente sabermos porque, alcançam tudo quanto querem nas pretenções do Estado, nas transacções commerciaes, nas attenções das salas.

Emerson, o celebre escriptor americano, observando que os individuos que mais frequentemente obtêem esses triumphos não são os mais intelligentes, nem os mais bellos, nem os mais honrados, averigua com muita logica que o successo das nossas aspirações na sociedade depende principalmente do nosso porte. Por tal razão Emerson define as maneiras — Talento de dominar.

No modo como nós nos vestimos, como falamos, como olhamos, como nos movemos, ha effectivamente uma especie de indefinido magnetismo a cuja influencia não pode furtar-se quem se lhe sujeita.

Napoleão I aprendia em licções particulares com Talma o melhor modo de traçar o manto e de se sentar no throno.

Madame de Girardin, escrevendo na *Presse* as cartas do Vicomte de Launay, deu aos seus compatriotas as mais delicadas regras do *maintien*.

Balzac deixou entre os seus trabalhos inéditos um importantissimo capitulo intitulado *A theoria do modo de andar*.

Carlos Dickens, por occasião de uma viagem aos Estados Unidos, achou util explicar aos americanos, entre outros preceitos de civilidade, que não era de bom gôsto quando se estão vendo estatuas, bater nos marmores com as bengalas.

*

Em Portugal todas essas cousas se aprendem nas escholas de instrucção primaria, e da disciplina formada do conjunto desses preceitos são os alumnos devidamente examinados nos lyceus nacionaes.

O mestre das maneiras portuguezas não é Talma, nem madame de Girardin, nem Balzac, nem Emerson, nem Carlos Dickens. E' simplesmente o sr. Felix Pereira, medico, engenheiro civil e agronomo.

Vejamos algumas dessas leis que as creanças decoram para os seus exames e pelas quaes os adultos se governam nas suas correlações sociaes.

*

Para que o sujeito possa a todos os respeitos considerar-se um *gentleman*, acha conveniente o sr. João Felix :

1º — Que elle faça a barba.

2º — Que se não ponha á janella em mangas de camisa nem com o pescoço descoberto.

3º—Que quando escarrar o não faça sobre a cara da pessoa com quem fale (*maximé* se é uma pessoa de respeito !)

4º — Que não tenha os olhos em contínuo movimento.

5º — Que nos jantares de etiqueta não limpe os ouvidos com o palito com que houver de palitar os dentes.

6º — Que não arrote á mesa.

*

O sr. João Felix especifica ainda, com um escrupulo pelo qual nunca lhe poderemos votar o sufficiente reconhecimento, que *deante de gente de respeito se não cortem as unhas*.

E assim é ! Achando-nos na presença de pessoas que respeitemos, como *verbi gratia* : Sua Magestade el-rei, um principe extrangeiro, um embaixador ou uma rainha, o pôrmo'-nos repentinamente a cortar as unhas — principalmente sendo estas as dos pés — poderia ser tido por acto menos palaciano.

Se o sr. João Felix nos permittisse um leve appendice aos seus conspicuos preceitos, diriamos que cortar os callos, nos parece tambem operação que, só em caso de muita necessidade, nos deveremos permittir no meio de grandes assembléas.

Quando se transpire depois da valsa, mudar de camisa no meio de um salão sem préviamente haver obtido para esse fim a permissão da dona da casa, egualmente nos occorre que poderia por alguns ser talvez arguido como acto de menos etiqueta...

*

Tratando do modo de proceder á mesa do jantar faz o sr. João Felix Pereira duas observações muitissimo sábias.

A primeira é *que não tomemos pitadas de rapé pelo meio das cousas que estivermos comendo.*

Comprehemde-se todo o alcance desta advertencia reparando-se,por um só momento que seja, nos equivocos a que podia dar origem a concorrencia do rapé com os acepipes, resultando por exemplo lançar-se a pitada sobre a salada e metter-se no nariz beterrabas !

A segunda advertencia é que *nunca mettamos boccado nenhum na bôcca emquanto não tivermos engulido o boccado antecedente*. Ninguem imagina sem o ter experimentado quanto importa ser cauteloso na materia deste capitulo ! Mettendo na bôcca os boccados sem tomarmos a deliberação de os irmos successivamente engulindo, chegamos por espaço de tempos a uma indefinida agglomeração de boccados dentro da nossa bôcca. As pessoas que insistem por tenaz grosseria em não engulirem os boccados que vão mettendo consecutivamente na bôcca, caem ao cabo de alguns dias dessa terrivel incuria na dura necessidade de depositarem os boccados antigos que tenham entre a maxilla superior e a maxilla inferior, afim de receberem boccados novos. Quando isto haja de se fazer convem que se tenha em vista o que o sr. João Felix discretamente consigna com respeito aos escarros, isto é : que taes esvaziamentos se façam o menos que ser possa sobre os penteados das pessoas que nos cerquem, e muito mais particularmente quando estas tenham tido a precaução de nos advertir de que taes depositos feitos sobre as suas cabeças lhes inspiram idéas asquerosas. Neste caso toda a insistencia da nossa parte correria o perigo de ser taxada de menos cortez.

*

Depois do que fica exposto nada mais nos resta para aprender do modo como nos devemos apresentar na sociedade, a não ser o que o mesmo sr. João Felix nos determina com relação ao nosso corpo, e isto importa muito que se saiba de cór. Vem a ser :

«Conservemos direito o nosso corpo, qualquer que seja a sua postura, em pé, sentado, de joelhos : não inclinemos a cabeça, já para um, já para outro lado : se nos fôr preciso fazel-o, façamol-o com toda a gravidade.»

Seria muito para desejar que no gremio das sociedades cultas se conhecesse que tal doutrina começava a fructificar ouvindo-se de quando em quando as seguintes vozes :

«Meus senhores e minhas senhoras, permittam-me vossas senhorias ou vossas excellencias (segundo o tratamento que lhes convier pelas disposições a tal respeito do capitulo VII do grande livro do sr. João Felix Pereira sobre a civilidade) que eu lhes exponha um caso. Achando-me desde que entrei nesta sala com a cabeça voltada a N. N. O. — ponto A — e acabando de ser chamado a N.—ponto B. — pela illustrissima e excellentissima senhora d. Joaquina, espero que a sociedade não tome por desfeita o excesso apparentemente inexplicavel em que vou romper inclinando levemente a cabeça do ponto *a* para o ponto *b*.»

E só depois de havida a competente vénia dos circumstantes, o supplicante se permitta inclinar-se levemente a d. Joaquina.

E' o que pede a morigeração e a decencia.

1871.

RAMALHO ORTIGÃO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

***

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

VERSOS PARA EMBARCAR

Tudo, tudo váe mal, e tudo é uma viella,
E um becco escuro, e um charco immundo, e um triste horror,
Pois que bom d'embarcar, um dia, a toda a véla,
E fugir, e fugir, seja para onde fôr.

Não ha como embarcar. A vida é um navio
Doido, a querer partir, mordendo ao pé do cáes,
Vélas estão a encher, sopra o nordeste frio,
Quando é que partes, ó navio, quando sáes?

Não ha como embarcar. Do alto duma equipagem
Ver o mundo! correr o mundo! viajar...
Poder dizer que foi a Vida uma viagem,
Que começou no mar, que se acabou no mar...

A' mercê e ao furor das ondas e dos ventos,
Havia de correr o mar que não tem fim,
Como Ulysses; porém, ó tragicos momentos,
Sem ter uma mulher que chorasse por mim!

De pé, no tombadilho, em frente, á minha vista,
Eu veria passar o que não vi jámais,
A não ser através dos meus sonhos d'artista,
— Encarnações febris, diademas imperiaes...

E cegueira ideal e vã de quem se esconde,
E loucura de quem fugiu duma prisão,
E doido, sem saber de nada, nem para onde,
A correr, a correr atraz duma illusão!

Eu não sei, eu não sei para onde fugiria,
Eu não sei, eu não sei o que ia ser de mi;
Quem me déra, porém, que logo fôsse o dia
De poder embarcar e de fugir daqui!

Quem déra que fôsse hoje! E emquanto a náu sulcasse
De procelloso mar entre uivos e baldões,
Eu poder, sem terror, olhando face a face
O abysmo, descrever as minhas impressões!

E' bem possivel que eu, arriscando na sorte,
Notasse que por fim só me saía o azar,
E o diabo, e tudo, e o mais, e tudo, e a propria morte,
E ainda tudo; porém, que ancia de viajar!

Outubro de 1905.

EMILIANO PERNETTA.

Não ha como embarcar. Desesp'rados d'insomnia,
Enervados de dôr, que ancia d'ir para além,
O' tisicos, morrer aos pés de Babylonia,
Nos muros de Sichém ou de Jerusalém?

Não ha como embarcar. Para onde quer que seja,
Para o desterro, mil perigos através,
Quando os miseros vão, é com olhos d'inveja,
Que eu os vejo partir de corrente nos pés...

Sempre que avisto o mar com as ondas inquietas,
Sempre que o vejo assim, não sei porque será,
Mas tenho as ambições mais doidas, mais secretas,
Loucuras de poder inda fugir p'ra lá!

O' terras de mysterio, ó terras de mantilha,
O' terras onde o céo é como a flôr de liz,
Quem me déra dormir, folhas de mancenilha,
Debaixo de teu manto azul d'imperatriz!

Reinos antigos, ó paizagens de romance,
Como uma rosa que fenece num jardim,
Ah que bom! ah que bom de vel-os de relance,
Com castellos feudaes, com torres de marfim!

Rainhas como flôr, graciosas donzellas,
Com gestos e com vóz que me cauzam prazer,
Como seria bom que anciado para vel-as,
Eu as vendo uma vez, não as tornasse a ver...

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Torneio internacional de Ostende. — O 2º Congresso de Ostende terminou a sua tarefa, após 31 dias de jogo. Foi vencedor o illustre mestre SCHLECHTER. De accordo com o programma que publicámos nos numeros anteriores desta revista, depois do 1º turno, o grupo *A* jogou contra o grupo *C* e o grupo *B* contra o grupo *D*, resultando serem eliminados nesta prova: Blackburne, Duras, John, Marco, Suchting, Mieses, Tschigorine e Wolf.

Em seguida, o grupo *A* jogou contra o *D* e *B* contra *C* e os jogadores cada de grupo ainda jogaram entre si; fôram eliminados: Leonhardt, Fahrni, Johner, Spielmann, Snosko-Boroswski, Swiderski e Salve.

Finalmente, o ultimo turno foi jogado entre os nove restantes, sendo admittidos, por equidade, Marshall, Janowski e o dr. Perlis, que, pelas condições estabelecidas, deveriam tambem ser eliminados, sendo creados mais tres premios.

Este ultimo turno teve o seguinte resultado:

CONCURRENTES	TOTAL PRECEDENTE	SCHLECHTER	Maroczi	Burn	Rubenstein	Bernstein	Teichmann	Marshall	Janowski	Dr. Perlis
PREMIOS										
4.000 frs.										
2.500 »										
1.250 »										
1.250 »										
800 »										
700 »										
600 »										
500 »										
450 »										
SCHLECHTER...	15	—	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1	1	1
Maroczi.....	15 1/2	1/2	—	1/2	1/2	1	1/2	1/2	1	1
Burn	14	1/2	1/2	—	1/2	0	1/2	1/2	0	1
Rubenstein....	14	1/2	1/2	1/2	—	1	1/2	1/2	1	1
Bernstein.....	14 1/2	1/2	0	1/2	0	—	1	1	1/2	0
Teichmann....	13	0	1/2	1/2	1/2	0	—	1/2	1	1/2
Marshall.....	13	0	1/2	1/2	1/2	1/2	0	—	1/2	1
Janowski.....	13	0	0	1	0	1/2	0	1/2	—	1
Dr. Perlis.....	12 1/2	0	0	0	0	1	1/2	0	0	—
TOTAL		21	20	19	19	18	17	16 1/2	16	14

Teichmann, que ha pouco nos visitou, chegou bem collocado, tendo abaixo de si, mestres como Marshall e Janowski, já não falando que fôram eliminados campeões afamados, como Blackburne, Duras, Marco, Mieses, Tschigorine e Wolf.

Schlechter, além do premio de 4.000 francos, ganhou tambem una medalha de ouro. No ultimo turno não perdeu nenhuma partida e Teichmann que neste empaton com elle, ganhou no primeiro turno.

Por aqui se póde mais uma vez avaliar da força do nosso campeão dr. Caldas Vianna, que Teichmann não póde vencer.

— O congresso organizou outros turnos, como dissemos. Nos de amadores fôram vencedores em 1º logar Sherils e Eljaschoff e no de senhoras a senhorita Ellis.

Novo torneio internacional. Em julho realizou-se, em Nuremberg, um outro torneio internacional de mestres. E' o 15º congresso da Associação allemã de xadrez, que se abriu a 21 daquelle mez. Falou-se, como dissemos, em realizar um torneio para o campeonato; mas a idéa foi abandonada. Para o de mestres houve 9 premios de 2.500 mks. a 100. Dos mestres que entraram no torneio de Ostende, 16 se haviam inscripto e, além desses, dois novos, o dr. Tarrash e Vidmar. Daremos noticia opportunamente do resultado.

Pillsbury. A perda deste grande mestre é vivamente lamentada no mundo enxadristico. O seu fallecimento teve lugar a 17 de junho passado, em Frankford, Pen. Tendo nascido em Sommerville, perto de Boston, a 5 de dezembro de 1872, Pillsbury tinha 34 annos.

As suas victorias são numerosas em grandes torneios. Ainda em 1895, no torneio de Hastings, deixou atraz de si Tschigorine, o dr. E. Lasker, o dr. Tarrasch e Steinitz. Em Moscow, a 14 de novembro de 1902, jogou, como já aqui dissemos, 22 partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, com o resultado de 17 ganhas, 4 nullas e 1 perdida! A's vezes jogava ao mesmo tempo, sem ver, 10 partidas de xadrez, 6 de damas e uma de whist e fazia outras proezas de egual jaez.

***

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Começou no dia 19 o torneio do Club dos Diarios desta capital. Inscreveram-se 10 socios desse Clnb: Henrique Costa, Theophilo Torres, W. B. Hentz, Annibal da Costa Pereira, Augusto Loup, Barten Allan, A. Burlamaqui, E. Tito de Sá, Vicente de Ouro Preto e Quintino Bocayuva Junior.

No proximo numero, daremos o resultado.

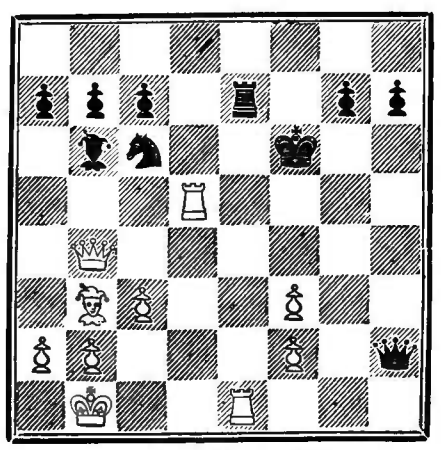
***

ERRATA

O brilhante *final de partida* do dr. Caldas Vianna, que publicámos no num. passado, trouxe uma incorrecção que os leitores certamente corrigiram: a D. branca, que está a 2 T R (lado das Brancas), não é branca, é preta. Reproduzimos o diagramma rectificado.

PRETAS (Alfredo Ferreira)

10 peças



BRANCAS (Dr. Caldas Vianna)

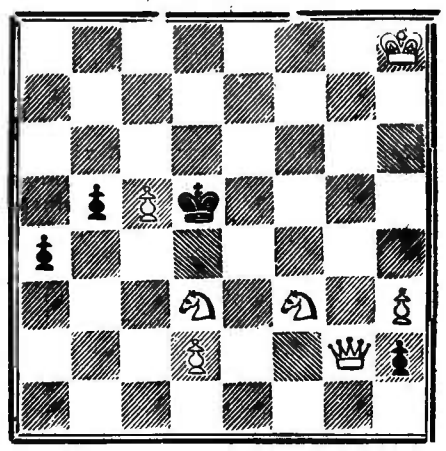
10 peças

As Brancas jogam e dão mate em 6 lances

PROBLEMA N. 61

F. W. Wynne

PRETAS (4)



BRANCAS (7)

Mate em tres lances

***

PARTIDA N. 67

(Jogada no torneio de Ostende, a 7 de junho de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (Mieses)		*Pretas* (Tschigorine)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B D	— 2 —	C 3 B D
B 4 B D	— 3 —	B 4 B D
D 4 C R	— 4 —	D 3 B R (*a*)
C 5 D	— 5 —	D × P x
R 1 D	— 6 —	R 1 B
C 3 T R	— 7 —	D 5 D
P 3 D	— 8 —	P 3 D
D 4 T R	— 9 —	B × C
D × B	— 10 —	C 4 T D? (*b*)
T 1 B R! (*c*)	— 11 —	C × B
D 7 D	— 12 —	P 3 B R (*d*)
C × P B R!!	— 13 —	D 7 B R (*e*)
T × D	— 14 —	B × T
C 5 T R	— 15 —	abandonam

(*a*) Resposta sufficiente ao ataque das Brancas. (G.)

(*b*) Deviam ter jogado: 10... D 7 B R; 11 — B 3 R, B × B; 12 — C × B, C 5 D; 13—T 1 B R, D 7 R x; 14 — R 1 B, C 3 B R etc. (M.)

(*c*) Mieses é celebre pela dextreza com que condúz ataques deste genero; elle deve ter previsto o mate pelo sacrificio do B. (G.)

(*d*) Si 12... C 3 B R; 13 — D 7 R x, R 1 C; 14—C × C x, P × C; 15—D 6 B × P, T 1 B R; 16 — D 5 C R mate. (H.)

(*e*) Lance desesperado; si 13... C × C; 14 — T × C x, P × T; 15 — B 6 T R x e mate no lance seguinte. (H.)

(*Notas de Gunsberg, Hoffer e Marco.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 60 (*Konrad Erlin*): 1 — D 7 T R, R × C (*a*, *b*, *c*); 2 — D × P, R 2 R; 3 — D 8 R mate.

(*a*) 1... R 4 R; 2 — B 3 C D, P 5 T; 3 — P 4 B R mate.

(*b*) 1... R 5 B; 2 — D 7 C D, ?; 3 — D ou B mate.

(*c*) 1... P 5 T; 2 — D 5 B R x, R 5 B; 3 — D 5 C D mate.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1906 — Num. 96

ASSIGNATURAS
ANNO. ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os negocios da agricultura. — As tentativas precedentes. — O projecto Tosta. — Uma velha aspiração. — A creação de um ministerio.

Era uma grande honra para nós sermos considerados um paiz essencialmente agricola, sem fazermos coisa efficaz para a justificação dessa femen-tida fama, sem termos nas alturas do Governo uma repartição especial, consagrada, exclusivamente, a esse ramo da administração dos negocios da agricultura, materia tratada de cambulhada com muitas outras diversas ou hecterogeneas, demasiado pezadas para os frageis hombros de um só ministro.

Os negocios especiaes da agricultura tiveram no antigo regimen os seus momentos de animação, de florescencia, seguidos de grandes espaços de olvido, como si a capacidade dos iniciadores se exgotasse aos primeiros esforços ou se contentasse com as tentativas. Essas remissões curtas ou prolongadas esterilizaram o trabalho dos estadistas mais competentes e melhor intencionados. Avançavamos e recuavamos, avançavamos e paravamos, obedecendo ao excessivo espirito de previsão ou a essa timidez de quem se está aventurando em caminho desconhecido, sem coragem para desvendar-lhe os mysterios e defrontar-lhe os perigos.

Todos os nossos homens de governo fôram victimas desse systema de precauções que lhes povoava o espirito de phantasmas, de um terror ephemero: todos elles faziam timbre de primar pela prudencia, pelo amadurecido exame, pelo estudo das questões, estudos que nunca se fizeram e sempre protelaram ou inutilizaram o esforço dispendido, em crises de enthusiasmo, para a solução dos verdadeiros problemas sociaes, prezos á terra, á maravilhosa e rica terra brazileira, para ser fertilizada pela intelligencia e pelo trabalho.

Para illustrar esses conceitos, lembraremos que, ao proclamarmos a lei das terras, em 1850, se suppoz ter ouzado o grande passo, o passo definitivo para o desenvolvimento do povoamento, para a plena abertura dos canaes da immigração, regularizando a propriedade indecisa, legitimando-a para radicar o trabalho ao sólo vasto e promettedor que offereciamos com os seus inexgotaveis thesouros ao colono.

No emtanto, essa lei, a que se attribuiam effeitos myrificos, o dom de resolver o mais urgente problema, o do desenvolvimento da riqueza publica, sómente teve o seu regulamento cerca de quatro annos depois, em janeiro de 1854. E esse proprio regulamento, destinado a organizar materia inadiavel, reclamada urgentemente pela situação do paiz, libertado definitivamente das consequencias das luctas pela fixação da nacionalidade, não foi executado porque, já nesse tempo, a politicagem intervinha como elemento perturbador do sincero empenho dos grandes homens, servidores do Imperio.

Lembraremos mais os longos, os enfadonhos estudos que precederam ás tentativas de viação ferrea, de utilisação dos nossos rios, de navegação das nossas immensas costas, de tudo, emfim, quanto era essencial para o desenvolvimento da riqueza publica. A nossa estrada de ferro principal, a obra modelo de todos os outros emprehendimentos do mesmo genero, foi lentamente construida, como uma obra sem objectivo e em cujos resultados se não confiava com segurança.

Recordaremos tambem quanto foi lento e torturante o trabalho de emprehender as communcações telegraphicas, que teriam a marcha de kagado da primeira estrada de ferro, si o Imperador não a confiasse a um homem que trabalhava com perfeita autonomia, sem consultar ministros, sem lhes dar conta do que estava fazendo.

E assim aconteceu sempre que tivemos de fazer qualquer coisa no sentido de um forte, de um generoso impulso para adeante — os homens achavam que era um signal de virtude empacar, resistir, evitar, por todos os meios, o feio defeito do açodamento.

Os resultados fôram — devermos o que temos ás imprudencias, ás ousadias dos quebradores dos velhos moldes sagrados, aos iconoclastas irreverentes dessa coisa ultra-respeitavel e esteril — as tradições, como si no actual estado de lucta pela civilisação, de porfia, de ancia pela perfeição, pudessemos caminhar voltados para traz, remando um velho barco sem piloto.

* * *

Era uma velha aspiração essa de crear uma pasta especial da agricultura para tratar technicamente as importantes questões concernentes ao mais grave dos nossos problemas administrativos—o desenvolvimento da producção nacional, o aproveitamento das fontes abandonadas no seio e na superficie da terra vasta, ubertosa, a multiplicação dos meios de transporte, supprimindo o obstaculo das distancias que são o nosso maior inimigo, prepa-

rando-nos para receber os braços da immigração e o capital, todos os elementos, emfim, de propulsão da riqueza publica.

A exposição de motivos do projecto de que é relator o sr. Tosta, homem de pequena estatura, animado pela força das convicções valorosas, dedicado com firme tenacidade ao estudo desse problema, aborda todos os resultados vantajosos dessa medida de governo, concretisada no ministerio dos Negocios da Agricultura, Commercio e Industria.

Esse projecto só teria o defeito de ser tardio, de conter idéas vencedoras e applicadas em todo o mundo civilisado, onde o homem não fia o seu futuro, a prosperidade, o engrandecimento da patria das forças cegas da natureza.

Povo, cujo trabalho está ainda amarrado aos meios empiricos, aos instrumentos rudimentares, ao machado devastador, á enxada insufficiente mordendo a terra combusta, assolada, estrumando-a com preciosidades destruidas; povo que se não habituou ao arado que os povos prehistoricos uzavam antes de Adão — nós precizamos de educação technica, de ser esclarecidos pelos processos intuitivos de revelação da capacidade do nosso territorio e da utilisação da sua espantosa fecundidade.

O trabalho, sem a guia dos methodos modernos, sem as lições da sciencia, é um elemento de devastação, é obra de cego, de inconsciente, passando indifferente por cima de riquezas que elle não comprehende, destruindo outras, cujo valor não percebe.

Essa verdade se antolha a todos os que percorrem o centro do Brazil, esses sertões admiraveis, onde se extenuou a colonisação com sacrificios heroicos.

Temos o centro de Minas Geraes excavado, as entranhas da terra revolvidas, a superficie esterilisada. Temos nas mesmas condições o Estado do Rio de Janeiro, resurgindo agóra aos golpes da actividade patriotica do sr. Nilo Peçanha, debellando victoriosamente a rotina. Temos nas mesmas condições o territorio de todos os Estados, com excepção do de S. Paulo e dos Estados da zona temperada confiados a administradores que olham para o futuro, ou os Estados em que a natureza dá ainda de graça os seus productos.

Não podemos prescindir da educação do trabalho para que elle possa produzir todos os resultados vantajosos, para conseguirmos, ao menos, dotar o Brazil de capacidade para produzir o que falta á nutrição, ao bem estar do seu povo — o trigo, a carne, a lã e outros artigos de primeira necessidade.

Nós confiamos no projecto como um energico movimento no sentido de aspirações indiscutiveis, enchendo uma grande lacuna aberta pela nossa ignorancia, pelo nosso desprendimento de fatalistas, povoadores de um paiz essencialmente agricola.

POJUCAN.

PAGINAS ESQUECIDAS

A DOUTRINA DE MONRÖE SUA ORIGEM

Os que hoje averbam de infundadas as apprehensões publicas do movimento annexionista desenvolvido na America do Norte, são os mesmos, cujo enthusiasmo pela doutrina de Monröe não toleravam hontem a opinião daquelles que lhe desconheciam o caracter de influencia tutellar para o Brasil. Confessam agora que, a respeito da doutrina de Monröe, o engano era seu; mas sustentam, ao mesmo tempo, ser nosso o desacerto em relação aos perigos da tendencia annexadora. Ora mais difficil é antever o futuro que conhecer o passado. A todos se mostra o passado no espelho da historia. Só a poucos pela previdencia se entremostra o futuro. Era a significação da doutrina de Monröe uma questão, que se achava toda no preterito. Não a enxergaram; e, todavia, se presumem com o descortino, para avaliar as consequencias da expansão americana, problema que está inteiramente no porvir. Podem os que não tiverem sequer o merecimento trivial da memoria, assumir a autoridade extraordinaria da previsão?

De balde se obrigaram elles agora á evasiva exculpatoria de que a politica absorvente, hoje professada uos conselhos de Washington, contradiz a de Monröe. Não é exacto que, neste ponto, o ultimo quartel do seculo dezenove esteja a desmentir o primeiro. Não é exacto que, neste particular, as fracas republicas da America do Sul se possam queixar da grande republica da America do Norte. Não ha nenhuma incoherencia, violação nenhuma dos principios de Monröe no procedimento actual dos americanos. Esses principios nunca exprimiram senão um interesse dos Estados Unidos, nunca encerraram compromisso nenhum, por parte delles, a favor dos povos sul-americanos.

Ha trinta e tres annos escrevia o mais celebre dos publicistas argentinos: «O exemplo recente de Valparaizo, bombardeada em presença de uma esquadra dos Estados Unidos, a qual o não estorvou, porque a Europa, convidada a isso, não quiz encarregar-se de executar a doutrina de Monröe, que a excluia de taes encargos, *deve acabar de provar á America do Sul o que vale para sua defeza a doutrina de Monröe*». E, restabelecendo a verdade contra a versão corrente, que transformava essa doutrina em instrumento commum da solidariedade deste continente contra o outro, accrescentava: «Não tem a doutrina de Monröe sentido tal de aversão á Europa, por um motivo simples, a saber, porque foi inspirada pela Europa livre em odio da Europa absolutista. Canning, para se utilisar da independencia americana como de uma arma de guerra contra a Santa Alliança, inspirou ás duas Americas as furiosas idéas da declaração de Monröe e ao congresso de Panamá, como antithese do congresso europeu que a Santa Alliança promovia, afim de reconquistar o novo mundo a beneficio da

sua preponderancia no velho. A uma contra-campanha, em 1823, em seu tido inverso, á anteriormente opposta contra a invasão da França na Hespanha, preferiu Canning reduzir esse paiz a uma potencia de terceira ordem, arrebatando-lhe os dominios americanos, que constituiam todo o seu esplendor, e poude dizer, *com titulos superiores aos de Monröe*, que «*chamava a existencia o novo mundo, afim de restabelecer o equilibrio no antigo.*»

Estas noções essenciaes á comprehensão da doutrina de Monröe, que já em 1866 vogavam no Rio da Prata, eram desconhecidas no Rio de Janeiro em 1893, e ainda o são em 1899. Cuida-se, ainda hoje, que a formula de Monröe tinha sido adoptada por uma inspiração espontanea dos Estados Unidos, com o intuito de assegurar, á sombra do seu prestigio e da sua força, a independencia das nações americanas. Nada mais falso.

Pelos fins de 1822 os representantes das monarchias envolvidas naquelle pacto dos reis, contra os povos, reunindo-se em Verona, tinham annunciado o proposito de «repellir os principios revolucionarios, onde quer e sob qualquer forma que se manifestassem», e, separando-se nessas disposições, ao mesmo passo que, num tractado secreto, se compromettiam reciprocamente a «acabar com os governos representativos na Europa», tencionavam estender essa politica ao continente americano, a cuja emancipação geral faltava apenas a nossa. Canning, succedendo a lord Castlereagh, e mudando o espirito ao gabinete inglez, não accedeu a esse pensamento, e rompeu com os interesses da Santa Alliança, declarando-se resolvido a operar em directo antagonismo com ella, se contasse com concurso dos Estados Unidos. Era o tempo em que, por outro lado, no seio destes os maiores homens de estado nutriam a opinião dada por Jefferson em resposta a uma consulta do presidente Monröe: «A Grã-Bretanha é, de todas as nações do globo, a que maior mal nos pode fazer, e, com ella ao nosso lado, não nos teremos de receiar do mundo inteiro.»

Taes os motivos, que impelliram o governo americano á declaração de 1823.

Da Europa, do sentimento liberal da Inglaterra veiu a inspiração e o impulso. Nem sem esse apoio a doutrina de Monröe teria surtido o unico effeito bemfazejo, que se destinava e veiu realmente a ter quanto ás nacionalidades sul-americanas: frustrar os planos da liga absolutista de além-mar, empenhada em restaurar deste lado do oceano o jugo colonial recem destruido. Ha uma circumstancia, entre outras, que basta, para certificar o peso decisivo da iniciativa e da cooperação britanica nesse movimento de consolidação da independencia americana.

Sabe-se agora pelas Memorias do principe de Metternich, publicadas em 1881, que ainda no inverno de 1824, isto é, mezes depois de conhecida na Europa a mensagem de Monröe, a França, a Austria, a Russia e a Prussia acquiesciam ao convite de celebrar, em Paris, uma conferencia, cujo objecto era liquidar os negocios hispano-americanos. Não se realizou, porém, a tentativa, porque o reclamo dirigido á Inglaterra, cujo consenso era indispensavel, encontrou da parte de Canning uma recusa «quasi brutal».

Mas porque assentiram os Estados Unidos ás suggestões do estadista inglez? Por sympathia ás republicas latinas deste continente? Porque estremecessem, inquietos, aos riscos da independencia recem conquistada pelas antigas colonias hespanholas? Não. Por um motivo de conveniencia immediata dos mesmos Estados Unidos. Porque estes se julgavam egualmente ameaçados com as pretensões da Santa Alliança, e sentiam o risco de que penetrasse até no seu territorio e na sua politica interior a influencia e a força dessa tremenda colligação. «Tamanha era ella», escreve Von Holst, «que os proprios Estados Unidos se não julgavam ao abrigo da sua intervenção». E que esse foi, de feito, o movel da politica do presidente Monröe, demonstrado está pela confissão de um dos seus ministros mais eminentes, Calhoun, o seu secretario da guerra. Acreditava, diz elle, o gabinete americano que a Santa Alliança «*tambem nos tinha de olho*». Se não se lhe resistisse recaptivaria a America do Sul. Violentos partidos surgiram neste paiz, uns pró outros contra ella, e *teriamos de pelejar em nossas proprias costas pelas nossas instituições*».

Esta explicação não foi contestada até hoje. Tem sido, pelo contrario, invocada, em successivas reproducções, nos livros americanos, e, ainda ha pouco, num opusculo sobre a *A doutrina de Monröe*, dado á luz em Nova York e integralmente reestampado na *Revista de direito internacional e legislação comparada*, tomo XXVIII, o sr. Bassett Moore, uma das maiores autoridades daquelle paiz em materia de direito das gentes, alludindo á attitude de John Quincy Adams na mesma questão (Adams e Calhoun eram os dois grandes estadistas do gabinete de Monröe), observa: «Elle não acreditava que a Santa Alliança armasse a inaugurar entre nós a monarchia. Mas, se esta subjugasse as provincias hespanholas, o ultimo resultado veria a ser, ponderava mr. Adams, recolonisal-as, dividindo-as entre as nações, que a formavam. A Russia poderia apropriar-se da California, do Perú e do Chile, a França do Mexico, e a Grã-Bretanha, se não lograsse contrastar o curso das coisas, senhorearia, pelo menos, a ilha de Cuba como seu quinhão na disputa. *Qual seria, nesse caso, a situação dos Estados Unidos, com a Inglaterra em Cuba e a França no Mexico?*»

O sentimento propulsor do celebre documento americano foi, pois, simplesmente o receio do embate com a mole irresistivel de forças, com que entraria na arena dos destinos da America o poder collectivo da Santa Alliança.

Para os Estados Unidos não consistia o mal em que as provincias escapas da tyrannia hespanhola revertessem a ella. Nada tinham feito elles em soccorro das colonias revoltadas. «Enquanto a los Estados Unidos», escreve um publicista columbiano o sr. Samper, definindo a posição dessa nacionalidade no movimento de emancipação hispano-americana, «es curioso observar que, sendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, se mostró sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo comun hacia nuestra revolución y mui tardia en sus

manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procurar nas los auxilios de armamento que solicitabamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores.»

Só incorrendo em um anachronismo palpavel, podia ter attribuido o sr. Calvo á proclamação da doutrina de Monröe a linguagem do embaixador inglez, lord Wellington, a favor das colonias americanas no congresso de Verona, quando este se celebrara em agosto de 1822, ao passo que a mensagem, onde se enunciou essa doutrina, tem a data, quinze mezes posterior, de 2 de dezembro de 1823.

Em 1816, quando a revolução americana batia á porta das potencias liberaes em busca do apoio, que a salvasse, os Estados Unidos harmonisavam ainda com as cortes européas que opinavam pela manutenção do dominio hespanhol.

Mitre na *Historia de Belgrano* (vol. III, pag. 310), registra o relatorio onde o celebre patriota argentino alludia «ao interesse manifestado pelo resto dos potencias, *inclusive os Estados Unidos d'America*, em que nos conservemos unidos á Hespanha, com o fim de contrabalançar o poder maritimo da Inglaterra». Ainda em 1819 recusava o governo americano admittir os consules de Venezuela, e só em 1823 reconheceu a independencia da Republica Argentina.

Pelo que toca ao Brasil, nunca as suas aspirações á independencia encontraram gasalhado entre os estadistas americanos, o mais radical dos quaes Jefferson, ainda em 1816, a repellia. No anno seguinte era ocolhido alli com irrisão o emissario pernambucano, deputado ao seio daquella democracia em busca dessa generosa fraternidade imaginada por nós desde aquelles tempos, não perdendo tempo o gabinete de Monröe, então no começo da sua primeira presidencia, em denunciar o facto ao ministro portuguez Correia de Serra. Só, em summa, depois de reconhecida pelo governo de Lisboa, graças aos esforços de Inglaterra, em 1825, é que os Estados Unidos pactuaram comnosco o tractado de amizade, bem que já contasse dois annos de existencia a doutrina de Monröe.

Mas o primeiro representante da America do Norte no Rio de Janeiro, Raguet, suscitou os maiores obstaculos aos nossos primeiros esforços de organisação constitucional accusando a nossa marinha de cobardia, ameaçando-nos de um rompimento com o seu paiz, e declarando que não eramos um povo civilizado.

Com essa frieza e indifferença pela sorte das nações latinas no continente americano, não podiam ter tido em mira os Estados Unidos estabelecer nos principios de Monröe um escudo á independencia dellas. Se a Hespanha tivesse forças sufficientes, para se reempossar no seu antigo senhorio, a republica norte-americana lh'o não impediria. E' o que solemnemente declarava, em abril de 1826, no congresso federal, um dos mais altos interpretes da politica de seu paiz, Daniel Webster. Negociâmos com esses governos, tal qual no caso de qualquer guerra civil, como governos de facto, dizia o grande orador, «*sem pôr, todavia, em questão o direito da Hespanha a reduzil-os outra vez á obediencia, se o pudesse* (*not questioning the right of Spain to coerce them bach to their old abedience, if she had the power*).» Nem com o tempo mudou essa intelligencia; porque, ainda em 1889, o sr. Koerner, no seu estudo sobre a doutrina de Monröe, inserido no *Encyclopedia Americana*, escreve: «Se a Hespanha quizesse reconquistar as colonias rebeldes, era fazel-o (*If Spain would reconquer them, she might try*). O que os Estados Unidos lhe não consentiriam, seria que o fizesse com o auxilio das potencias alliadas.»

Nas origens dessa expressão do asendente continental daquella nacionalidade se acha nitidamente impresso, pois, o seu caracter essencial de simples formula preservativa da influencia dos Estados Unidos e seus interesses no continente onde reinam, e que sempre aspiraram a absorver.

Deixar aberto esse campo á dilatação vindoira do seu imperio era, como nos vae mostrar o exame ulterior do assumpto, a luz da theoria e dos factos, o intento substancial da formula de Monröe.

RUY BARBOSA.

(*A Imprensa*, num. 236, de 30 de maio de 1899; Rio de Janeiro.)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXII

Nos dois artigos anteriores, vimos a fervida discussão suscitada, na sessão de 11 de outubro, a respeito da portaria do ministro da Guerra, mandando vir da Bahia os soldados luzitanos prisioneiros para servirem no exercito brazileiro.

Carneiro da Cunha denunciou essa portaria de 2 de agosto, como grande attentado e apresentou indicação, solicitando informações do Governo.

Montesuma lançou-se no debate calorosamente, estygmatyzando o procedimento da administração da Guerra.

Reproduziremos excerptos do discurso, porque é mais expressivo do que a simples narrativa. Nelle se vê o sentimento que predominava na Assembléa, a qual naturalmente não tinha criterio politico e não comprehendia as difficuldades da situação e as circumstancias que formavam a somma de motivos que provocavam a colera do Imperador contra a Constituinte. Attentem os leitores neste imprudente ataque que havia de incommodar não só aos ministros como ao proprio Imperador.

E, quando a Constituinte commette imprudencias de tal ordem, não póde pretender nem allegar não haver praticado actos que merecesse as iras imperiaes, excepto si obrava inconscientemente.

Montesuma começa em tom escarninho: «Este ministro da Guerra teme merecido bastante attenção; não é esta a primeira vez que tenho a satisfacção de falar a seu respeito e fazer as minhas fracas e humildes observações acerca do seu proceder. Já uma vez mostrei que elle pretendia lançar o nosso exercito com officiaes que acabavam de derramar o sangue brazileiro, e a Assembléa tomou em consideração a minha indicação; pediram-se informações ao Governo, este já as mandou; mas ainda estamos para ver a decisão final. Observei mais que este ministro era inimigo da causa do Brazil, porque praticava malversações contra a fazenda publica, etc.» (1)

Neste tom o orador desenrolou um novello de accusações e disse: «que este ministro abuza do nome do seu monarcha e para exemplo tenho guardado no meu bolço, entre outros papelinhos, uma portaria deste ministro relativa a um mestre do arsenal... Eu tenho guardado todos estes papeis para informações e para *pedir a seu tempo á frente da nação a demissão deste ministro*. (*Apoiados*) Cumpre mostrar que não somos mudos espectado-

res de malversações; eu tenho documentos para apparecerem a respeito destes e de outros negocios da fazenda e é necessario que falemos com clareza; que cortemos pela raiz esta cepa de males para *evitar que não volte o antigo systema*; não; não consintamos que o caruncho continúe a roer tudo.»

O Imperador leria com prazer este discurso, ouvido sem protesto na Camara, ao contrario escutado com geraes *apoiados*?

Este discurso expunha aos olhos do povo, já desconfiado, um ministro inimigo da causa do Brazil, trabalhando em reinstallar o antigo regimen, admittindo soldados luzitanos no Exercito, commettendo malversações contra a fazenda publica e outros crimes. Emfim, o orador promettia pedir a *demissão desse ministro á frente da nação*. Estas ameaçadoras palavras fôram cobertas de geraes *apoiados* o que significava que a Camara pensava como o orador.

Mas quem escolhera e mantinha no governo tal ministro? O Imperador. Qual o responsavel?

O povo, portanto, ouvindo tal discurso, lançava toda culpa sobre o Imperador. Desta sorte, saía do recinto da Assembléa o descredito que expunha d. Pedro ao odio publico e fazia crer que elle se cercava de ministros indignos, que commettiam malversações contra a fortuna publica: que finalmente provocou quasi uma rebellião, pedindo *á frente da nação a demissão do ministro*, forçando desta maneira o Imperador a submetter-se a vontade extranha.

— *Habent sua fata!..* exclama o vate de Sulmona.

Com effeito, Montesuma presagiava o futuro, em que, *á frente da nação*, se exigirá que o Imperador demitta o ministerio dos marquezes (5 de abril).

Ora, isso, para um homem da tempera de d. Pedro, era uma affronta, que respondeu, entregando, altivo e impassivel, o acto de abdicação ao major Frias, emissario do povo e Exercito, reunido no campo de S. Anna, no dia 7 de abril.

Si, em 1823, *á frente da nação*, Montesuma, só, ou a Constituinte, impuzessem ao soberano a demissão do conde de Lages, ministro da Guerra, seguramente a resposta de d. Pedro não seria simplesmente a abdicação: 1º, porque, ainda muito moço, tinha insaciavel ambição de reinar e governar; 2º, porque não o instigava a *razão pessoal*, que o dominava em 1831.

Então irromperia a guerra civil, si a Constituinte pudesse fazel-a; ou esta Assembléa seria, logo, esmagada, como será em 12 de novembro, que se approximava.

E' fóra de duvida que a Constituinte não tinha a habilidade de evitar as situações difficeis e escabrosas para si mesma, damnosas para a ordem publica e interesse do paiz.

Essas minuncias reunidas provam que aquelle Congresso foi altamente inhabil e responsavel do desenlace do drama do seu deploravel destino. Não havia, pela sabedoria e prudencia de suas deliberações, sabido guiar o Imperador, que facilmente seria attraído e marcharia de accôrdo com a representação nacional num periodo em que elle estava ufano de ser o heróe da Independencia, o Defensor Perpetuo, e a largos tragos sorvia o nectar da popularidade e do enthusismo patriotico. Estas excellentes disposições não fôram approveitadas pela Constituinte, que só teve o *tino* de convertel-as em coleras, abrindo lucta quasi diaria por qualquer futilidade. Assim ía consummindo mezes de sessões estereis com loquazes e ridiculas chicanas, não tendo capacidade de tratar dos negocios do Estado.

D. Pedro, em vez de aprender, desaprendia com a desasada Assembléa.

Ainda por cumulo de infelicidade, o ministerio de 16 de janeiro, sob o influxo de José Bonifacio, foi duma inercia e incapacidade lastimaveis e sómente concentrou toda actividade na faina detestavel das devassas, das perseguições, das prisões e deportações, que fizeram brotar por toda parte, de norte a sul, esse immenso turbilhão procelloso de desconfianças e de odios, que ainda mais tornou desesperada e angustiosa a situação entre os dois poderes Legislativo e Executivo.

Qualquer espirito calmo, imparcial e penetrante, versado nos trabalhos do regimen do governo representativo por meio das Assembléas deliberantes, debalde procurára descobrir a acção intelligente do ministerio de José Bonifacio na direcção da Constituinte, que, por assim dizer, navegava sem rumo e sem bussola.

José Bonifacio não podia dominar pela palavra; não era orador; delle o *Diario da Camara* conserva, apenas, meia duzia de *rachiticos* discursos sem folego, sem fórma e sem doutrina: explicação de factos.

Era, porém, reputado um sabio — só isso lhe dava grande prestigio e auctoridade; podia, portanto, ser o conselheiro do Parlamento, em geral composto de mediocridades. O grupo dos intellectuaes respeitava-o e admirava-o. Nestas condições, este homem devia tomar a verdadeira attitude dum estadista e governar o paiz, organizando-o, por meio da Camara, que elle illustraria com a sua sciencia, disciplinaria com a prova da experiencia. A esse respeito a quem perguntar o que elle fez, póde-se responder com as palavras dum drama do famoso poeta allemão Schiller — *nada*, *nada*, *nada*.

Certos homens não teem o direito de allegar, perante a historia, as circumstancias attenuantes, que só approveitam aos nullus e justificam os incapazes. As notabilidades devem ser severamente julgadas e punidas, porque faltaram á propria grandeza.

Assim da incapacidade do ministerio de José Bonifacio veio grande mal á Constituinte, que viu subita e inesperadamente desaparecer o poderoso ministro, como que expulso do poder. Sobre a demissão de José Bonifacio nada consta officialmente. E' certo, porém, que a má vontade imperial evidenciou-se repetidas vezes, principalmente nos *Manifestos* que o Imperador dirigiu á nação, explicando-lhe as razões que determinaram a dissolução da Constituinte.

A demissão de José Bonifacio causou surpreza geral: elle passava por mentor de d. Pedro, que o amava e lhe chamava de pae e, na sua ignorancia, acreditava que era um dos maiores sabios do seculo.

José Bonifacio viu-se, pela força das circumstancias, envolvido nos acontecimentos revolucionarios, mas era homem dos tempos antigos, tomava por modelo o marquez de Pombal, que tambem imitou o cardeal duque de Richelieu. José Bonifacio podia governar Portugal, afeito á subserviencia e ao despotismo; porém era improprio para dirigir e reger um povo que ambicionava as conquistas da liberdade moderna. Elle desenvolveu no espirito de d. Pedro as tendencias e a paixão pelo governo arbitrario, que ambos praticaram sem nenhuma limitação e responsabilidade.

A Constituinte, demasiado compromettida, não podia enveredar por novos caminhos.

Quando assim procedia para com o Imperador, evidentemente não devia contar com bôa vontade daquelle que amava o poder sem *peias*, *limites e contrapezos* e que não toleraria que se lhe tirasse a popularidade, que era tambem uma de suas ardorosas paixões.

A Constituinte, porém, trabalhava nesse sentido, ou sciente, ou inconscientemente. Num ou noutro caso, não merecia as bôas graças imperiaes, nem podia esperar sinão a funesta sorte que ella mesmo preparava para si.

Não paron em Montesuma a aggressão contra o governo imperial. Antonio Carlos, numa violenta, rapida e injuriosa declamação, abundando nos mesmos conceitos, gravou, com implacavel mão, o labéo de *corrupto* na fronte do ministro. A vóz vibrante do imperioso deputado paulista levantou

as coleras dos representantes da nação e avivou, de novo, as desconfianças e suspeitas, que lavravam na Côrte e nas provincias de pretender d. Pedro reduzir o Brazil ao antigo regimen de colonia, destruindo a obra da Independencia, illudindo os brazileiros.

O facto de admittir no nosso exercito os soldados luzitanos que acabavam de guerrear contra nós, parecia indicar que d. Pedro tinha esse plano e para executal-o cercava-se de soldados portuguezes. A suspeita não deixava de ter apparente fundamento. Tivesse ou não tivesse tal plano, era uma medida impolitica e imprudente a admissão de taes prisioneiros no Exercito. O governo imperial devia comprehender que no estado de desconfianças em que estavam as susceptibilidades patrioticas, semelhante medida era propria para mais desenvolver e incrementar as suspeitas, propagal-as e generalizal-as por todas as classes sociaes; até attraía os que se mostravam incredulos, ou favoraveis ao Governo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Diario da Camara*, sessão de 11 de outubro.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Santos Dumont aviador. — A victoria do mais pezado do que o ar. — Apparelho engenhoso. — As experiencias.

Não abandonando o aperfeiçoamento do balão dirigivel, que lhe deu reputação mundial, Santos Dumont emprehendeu sérios estudos do mais pezado do que o ar, da ascenção pelo vôo mechanico.

Nesta secção demos noticia do primeiro apparelho, cujas minucias fôram reproduzidas em todos os jornaes; daremos, agóra, a descripção do novo apparelho aviador designado pelo n. 14 bis, experimentado, no dia 21 de julho ultimo, no parque aeronautico de Neuilly, em Paris. O novo apparelho tem a fórma de um grande passaro de azas estendidas, donde lhe veio o appellido de — ave de rapina, pelo qual já é designado e servirá para caracterizal-o, da mesma fórma que o de *Amarelo*, — com que se baptizou o primeiro balão de Lebaudy.

Uma grande armadura longitudinal fórma o corpo da ave, e dois planos horisontaes estendidos transversalmente dão a impressão das azas.

A armadura estreita e alongada foi construida de maneira analoga ao engradamento das barquinhas dos balões dirigiveis de Santos Dumont; sustenta á ré um helice de panno com dois ramos, ligado directamente ao motor, que é capaz de 1.100 rotações por minuto. Um pouco aquem estão collocados os radiadores especiaes, construidos conforme planos especiaes do inventor. Immediatamente depois, sempre da ré para vante, está o motor do systema Levasseur, da força de 24 h. p., pezando 1 k. e 200 grs. por cavallo, e a barquinha de junco da fórma legendaria adoptada pelo nosso illustre conterraneo para o seu uzo particular, uma especie de cesto de 0,90 de altura sobre 0,30 de largura.

Ao alcance da mão do aeronauta estão distribuidos, em ordem, os apparelhos de commando do motor e do leme. Este, collocado na extremidade da armadura de 6 metros de comprimento, tem uma fórma absolutamente nova: é uma especie de cofre cubico, constituido por uma leve armação de madeira revestida de panno, menos na frente e na rectaguarda. Esse leme, que se póde mover em todos os sentidos, dará ao complexo do seu apparelho maravilhosa precisão de movimento e direcção.

Quanto ás azas ou aos planos transversaes, que lhes apparentam a fórma, medem 6 metros de extensão. Esses planos destinados ao equilibrio do systema, no sentido transversal, estão fixados e offerecem muita analogia com os papagaios cellulares de Hargraw, conhecidos aqui por papagaios scientificos.

Quanto aos apparelhos de partida e chegada, o aviador repouza no sólo por intermedio de uma carrêta munida de solidas rodas de byciclette. Para compensar e amortecer os choques, fôram empregadas mólas muito engenhosas, formadas por pares de extensores do genero Sandow.

Toda a carcassa da armação do apparelho peza 360 gram. por decimetro cubico, 30 vezes menos do que o aço e está completamente coberta de panno, de maneira a reduzir ao minimo a resistencia do ar, que deslizará ao longo das superficies planas sem encontrar resistencias ou asperezas.

O pezo total do aviador é de 170 kil.

Os nossos leitores conhecem pelo telegrapho o exito das experiencias desse novo apparelho, que constituirá a conquista do ar pelo mais pezado; assim como o balão Santos Dumont fez a conquista pelo mais leve.

Paul Maisonneuve, — Heroico estudante que se inoculou com o microbio da syphilis. — Sua these inaugural.

Merece bem fama universal o jovem Paul Maisonneuve, filho do celebre dr. Maisonneuve, cirurgião chefe do Hotel Dieu, de Paris.

Referimos nesta secção que esse jovem heróe se offereceu aos sabios Roux e Metchnikoff para ser inoculado de syphilis afim de ser experimentado no homem o tramento pela pomada mercurial, que déra magnifico resultado nos macacos.

Depois de muita hesitação, os dois sabios acceitaram o offerecimento, e a inoculação de Maisonneuve se effectuou no dia 1 de fevereiro ultimo, praticada por Metchnikoff em presença dos drs. Roux, Queyrat, Sabouraud e Salmon.

Os resultados são conhecidos: o paciente saíu perfeitamente immune, confórme a communicação de Metchnikoff á Academia de Medicina, em 8 de maio deste anno.

Até ás ultimas datas, o corajoso medico nenhum effeito sentira da molestia inoculada, gozando perfeita saúde e, na sua these inaugural, tratou de maneira completa e, póde-se dizer, com experiencia propria, da questão da prophylaxia do horrivel flagello da humanidade.

Na parte historica, muito documentada, elle recorda que o mercurio fôra empregado como remedio no principio do XVI seculo, sendo, nessa mesma epocha, muito recommendados o vinho branco, o vinagre e o summo de limão; mas as pomadas mercuriaes só entraram em vóga nos dias contemporaneos, conforme os methodos dos drs. Behermann e Cohn na Allemanha, Guiard e Bonnet em França.

Termina o interessante trabalho por um capitulo sobre o contagio profissional e assignala os serviços que o emprego dos calomelanos póde prestar áquelles que se expõem, diariamente, ao contagio de syphiliticos, como os dentistas, as parteiras, as enfermeiras.

No correr das observações feitas pelos examinadores, professores Roger e os drs. Richaud e Mauclaire, presididos pelo professor Gaucher, as proposições da these fôram objecto de

encomios á abnegação scientifica do examinando, que, na phrase do presidente da meza, iniciava a carreira de medico com um acto de heroismo.

O professor Roger observou que não se podia, de uma experiencia feliz, concluir pela efficacia absoluta do tratamento; o dr. Richaud emittiu duvidas sobre a acção attribuida ao mercurio no caso em questão; o presidente Gaucher pronuncia-se contra a publicidade dada ás experiencias de laboratorio, de tão grande interesse scientifico, publicidade que teria o inconveniente de provocar especialidades susceptiveis de fazer crer numa segurança enganadora e animar tendencias viciosas.

Maisonneuve foi approvado com a mais elevada nota—*très bien satisfait*.

Ahi está um que entra na vida pela porta da celebridade.

A LIVRARIA

«L'ANIMA», LIVRO DE VERSOS POR G. FOGLIANI. — TYPO-LITOGRAFIA DI FILIPPO BORGONOVO. — RIO DE JANEIRO, 1906.

E' sabido que geralmente illudem muito os versos em lingua estrangeira. Não é precizo que sejam na verdade extraordinarios para que os tomemos nessa conta, uma vez que comprehendamos esse outro idioma. Isso por uma razão: porque será muito difficil possuil-o como possuimos o nosso, e principalmente estarmos com elle familiarizados no mesmo gráu, termos o ouvido tão afinado para a musica desse idioma como para a lingua cujo rythmo nos embalou desde o berço.

No caso presente, este é mais um argumento contra o auctor do livro de versos *L'Anima*, que temos em mão, livro escripto em italiano, embóra impresso em typographia daqui do Rio.

Pelo que se lê neste volume, a sr. G. Fogliani reside ha muito tempo nesta terra. Temos de agradecer-lhe a sympathia, mesmo o enthusiasmo que por ella e por alguns de seus filhos elle demonstra em abundantes rimas desta sua collectanea.

Apezar daquella circumstacia já referida e desta outra, que só póde dispôr favoravelmente o animo para com o nosso hospede, devo dizer que não achei graça, não achei merito litterario nas poesias deste seu volume.

Vê-se que o sr. Fogliani é um homem feito. Deve estar preparado, conseguintemente, para os desenganos. Num caso como o seu, é precizo dizer-se a verdade sem rebuços, não se tratando de uma jovem intelligencia, que não póde ser julgada ainda definitivamente e á vista disso cumpre não desilludir pelo facto de uma estréa infeliz.

Os versos do sr. G. Fogliani são destes que nos levam a induzir o auctor a procurar outro caminho. Elles representam uma banalidade só, do ponto de vista da concepção como da fórma.

O sr. Fogliani é um sentimental á maneira dos de 1830 e um satyrico. Julgue-se do sentimental por estas estrophes que ao acaso tomo:

«—La mama mia! ! Oh! non m'aspetta più,
L'ho vista ieri a letto;
Fisa, fisa guardarmi; ora è laggiù.
Pria di morir m'ha detto:
Io muoio, figlia mia, ti lascio; tu,
Corri sul cammin retto.
Mi parlava così, piangente, smorta;
Or'io la piango! la mia mamma è morta.

Son sola al mondo; senza tetto e pane;
Io non ho da mangiar, nè da dormire.
Come sarò, ove, con chi, domane?
Mi spaventa il pensier dell'avvenire:
Tutte le genti al mondo a me son strane;
E m'è dolce l'idea di morire,
Or che la mia buona mamma è morta
Nè alcuno, al mondo, m'è di guida e scorta.»

Julgue-se agóra o satyrico por estas outras estrophes:

«Perchè degli altri t'occupi?
E guardi quel che fanno?
Ove vanno e non vanno?
Perchè te ne preoccupi?

Livia, nel tuo cervello,
Dei questo motto scrivere:
«E' bello, è molto bello,
Vivere e lasciar vivere».

Di noi, Livia, occupiamoci,
E non degli altri, no:
E' questo un utilissimo
Consiglio che ti dò.»

O volume tem 298 paginas, mas poderá ficar mais reduzido retirando-se delle as folhas do meio para o fim em que se repetem sete ou oito poesias já impressas no começo do livro.

***

«NUNTIUS». — LIVRO DE VERSOS, POR CARVALHO DE ABREU. — RIO DE JANEIRO — 1906.

Ao contrario do poeta anterior, este outro deve ser um adolescente, e é pena não ter encontrado quem lhe désse um bom conselho.

Seus versos eram para um caderno de exercicios; não deviam ter vindo a lume. São peiores do que os do sr. Fogliani, porque sobre serem banaes revelam-se perfeitamente infantis.

Conforme a edade em que se ache, o sr. Carvalho de Abreu não deve desesperar, no emtanto; quem sabe que bonito talento elle não poderá vir a ser?!

Querem uma amostra das poesias do auctor de *Nuntius*?

Leiam este soneto:

« OUTR'ORA

A Manoel Gomes Pereira.

Oh! si me lembro, si me lembro e quanto
Desse tristonho tempo já passado
Em que eu andava sempre carregado!..,
Mas mesmo assim eu desprendia o canto.

Então fazia um canto em cada canto,
Chorava o meu viver tão mal fadado:
A um grosseiro caixão sempre abraçado,
Quando chovia um sacco era o meu manto...

Mas que outra sorte ainda me esperava
No livro do destino escripto estava,
Porque após a tormenta ha a bonança!...

Por isso vi surgir no horizonte,
Tal como a aspiração nos surge á fronte,
Lindo, o batel das minhas esperanças!...»

***

«DULCE». — COMEDIA EM UM ACTO, POR ALVARES COUTINHO. — RIO DE JANEIRO. — IMPRENSA MODERNA, 1906.

Este auctor é um exemplo vivo a citar ao sr. Carvalho de Abreu para que elle não se lembre de perder o animo. Quem ha quatro ou cinco annos atraz pôde, lêr o *Olhar!... Olhar!...* do sr. Alvares Coutinho (nesse tempo creio que elle assignava Pedro Coutinho), e agóra manuseia estas suas outras paginas, offerecidas a Tina di Lorenzo, não póde deixar de reconhecer que as de hoje representam um grande progresso.

Talvez que as primeiras fôssem mais esturdias, mais desopilantes, embóra se tratasse no caso de um drama ou de uma tragedia (não me lembro bem); mas estas novas de agóra ao menos teem um determinado sentido, entendem-se, do começo ao fim. E, afinal de contas, tambem fazem rir, não tanto pelo effeito comico, é certo (antes parece tratar-se de um drama), mas pela infantilidade que resumbram, ainda superior á que se nota nas composições do poeta Carvalho de Abreu.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

APANHADOS

Cerimonias exquisitas Entre as cerimonias que se realizam na Bohemia, quando se celebra um casamento, figura a de fazer passar a noiva por uma ponte de prata. Essa ponte é construida pelo pae do noivo, collocando sobre uma meza duas filas parallelas de moédas de prata. A recem casada sóbe á meza e a percorre pisando as moédas e o marido a recebe nos braços. A ponte de prata symboliza a felicidade que o noivo espera desfructar na vida.

***

O effeito dum romance Nós falámos no num. 90, anno III, dos *Annaes*, do *Jungle* o celebre romance de Upton Sinclair, «uma obra extraordinária, que era a reproducção perfeita da vida nos estaleiros de Chicago». Nesse livro espantoso, o auctor mostrava a miseria dos operarios das usinas daquella cidade e descobria as falsificações de carnes conservadas que se preparam em Chicago. Chegámos na nossa informação a dizer que o romance motivára, por parte do governo do municipio, a abertura dum inquerito.

Logo depois de ser tomada essa resolução, o senado norte-americano, sem discussão, sem ter nomeado mesmo uma commissão, votou uma lei para organizar uma inspecção severa em todos os elementos frescos e conservados que sáem dos matadouros e de fabricas de conservas de Chicago e doutras cidades. Todos os detalhes dados por Upton Sinclair no seu romance tinham sido verificados e eram completamente exactos. Sinclair foi mesmo convidado pelo presidente Roosevelt para ir á Casa Branca dar as fontes das suas affirmações; elle forneceu as suas provas e foi, a pedido do presidente, que o senado votou a lei.

Raramente a influencia dum romancista se tem feito sentir duma maneira tão manifesta e com uma tal rapidez.

***

A rendição de Porto-Arthur O conselho de guerra formado para julgar os responsaveis pela rendição de Porto-Arthur acaba de ser encerrado e affirma que a rendição se effectuou muito antes de terem sido exgotados os recursos de defeza e aconselha as penas seguintes aos principaes culpados: para o general Stoessel, a pena de morte; para o general Fock, 20 annos de trabalhos forçados; expatriação para o general Reuss e uma admoestação severa ao ex-vice-rei almirante Alexeieff.

***

Os relampagos A duração dos relampagos é muito variavel. Um astronomo allemão, que dedicou especial attenção a esta classe de phenomenos meteorologicos, teve occasião de observar que alguns dos relampagos são duma duração tão pequena, que não alcançam a 1/20.000 de segundo.

***

Contra o fumo A camara dos lords, na Inglaterra, approvou um projecto de lei prohibindo a venda de tabaco, de qualquer fórma que seja, aos menores de 16 annos. Esta lei auctoriza os professores, agentes de policia e guardas de jardins publicos a apprehenderem os cachimbos, charutos e cigarros encontrados em poder de menores.

***

Moedas hespanholas A Hespanha é a unica nação do mundo civilisado que possúe moédas cunhadas com a effigie duma creança. As moédas em questão fôram fundidas em 1888 com o perfil do rei actual, que, naquella epocha, era um menino de poucos mezes.

***

Viagem ao redor do mundo A viagem ao redor do mundo se póde fazer, actualmente, em 47 dias, saíndo de Londres e passando por Paris, Berlim, Petersburgo, Wladivostock, Yokoama, Vancouver, Nova York e voltando a Londres. O caminho total a percorrer é de 33.136 kilometros, dos quaes 18.289 se fazem em trens de ferro e 14.847 a vapor.

***

Björnson e Wagner Björnson, no discurso que pronunciou, ultimamente, em Berlim, para a inauguração da estatua do musico scandinavo Nordraak, contou que pensou em compor grandes dramas, cujos assumptos seriam tirados das *sagas* islandezas. Nordraak faria musica para esses dramas. Wagner depois teve a mesma idéa mas, immediatamente, a poz em execução. «Mas, disse Björnson, eu penso que Wagner, nas suas reconstituições, falsificou a mythologia germanica na parte em que elle dá aos seus personagens uma sentimentalidade sensual que é completamente extranha ao verdadeiro caracter daquellas gentes.»

***

Educação ingleza Um deputado inglez, o sr. Reginald Lucas, propoz reformas completas na educação britanica. Para mostrar as faltas dessa educação, elle nos fez conhecer o que foi a sua propria instrucção. Elle passou por Eton e por Cambridge; ahi elle não tinha gosto sinão pelo jogo de *cricket*. O sr. Lucas tinha uma idéa muito vaga do reinado da rainha Anna e isso porque um mestre, por acaso, tornára interessante a lição consagrada áquella parte da historia da Inglaterra. Elle não conhecia nada mais da historia, nem a revolução, nem os acontecimentos que levaram ao throno da Inglaterra a casa de Hanovre. Assim, tambem não distinguia Napoleão I de Napoleão III. Ignorava absolutamente as conquistas sucessivas que teem dado á Inglaterra a suas colonias e suas relações com os outros povos. Os rudimentos das sciencias modernas — é elle proprio quem o assegura — eram para elle profundos mysterios.

***

Varias No porto de Famagusta ha uma torre em ruinas, que, segundo a lenda, é o logar onde se passou a tragedia immortalisada por Shakespeare na sua obra *Othello*.

*

Herrber conquistou o qualificativo de «pianista de ferro» por ter passado 30 horas seguidas tocando piano no *Brighton Aquarium*, em Londres.

*

Quito é a unica cidade do mundo, na região do equador, onde o sol sáe e se põe sempre ás seis horas durante o anno todo.

***

O culto dos ossos segundo um architecto portuguez O monumento dos Jeronymos está outra vez em discussão na imprensa portugueza. Falou-se em dar, nesse templo, sepultura aos restos de João de Deus, e foi isso proposito para que se gritasse contra a incuria do governo, que não manda terminar o maravilhoso edificio, que é «a melhor joia architectonica e o mais glorioso dos padrões historicos» de Portugal.

Houve quem lembrasse o alvitre de se aproveitarem os «confissionarios

muraes de Santa Maria de Belém para a sepultura daquelles a quem a patria achasse merecedores das honras do pantheon». A commissão dos monumentos nacionaes protestou e representou ao governo para que não se transformem em tumulos os confessionarios dos Jeronymos, «se fôr transformado, como se projecta, aquelle notavel monumento em pantheon, o que prejudicaria a sua esthetica, pois que aquelles confessionarios são unicos no genero.»

A esse respeito, consultou o *Seculo*, de Lisbôa, ao eminente architecto Adães Bermudes, cuja resposta, antes de ser á pergunta, é, sobre o culto dos ossos, curiosissima :

«Tenho maior culto pela memoria e pelas obras dos mortos do que pelos seus despojos mortaes. O espirito dos homens de genio illumina e aquece, atravéz do tempo e do espaço, sem nunca se consumir. Os ossos são apenas... phosphato de cal, que a natureza lhes emprestou a curto prazo e que lhes cumpre devolver á natureza.

Considero o culto material dos mortos como uma velha superstição, que acabará como todas as outras, pois que este genero de veneração não passa afinal dum verdadeiro sacrilegio.

Veja-se essa pobre mumia de Sesostris que arrancam ao seu somno de quatro mil annos para a transportar para Europa e que vae para o fundo do oceano com o navio que a conduzia. Veja-se o imperador Carlos Magno, a quem Olhão III, por veneração, devassou a sepultura e tirou o craneo ; a quem S. Luiz, por veneração, tirou as tibias ; a quem o actual imperador Guilherme II, tambem por veneração, tirou as magnificas télas que estavam no seu tumulo. Os incidentes que o culto do osso tem provado em Portugal são bem conhecidos, e os Jeronymos que o digam...

Si dos ossos dos heróes passarmos aos ossos dos santos, o culto dos que a estes pertenceram não nos fornece menos assombrosas surprezas. Ao proceder-se ao inventario dos relicarios dos sanctuarios de mais credito, fizeram-se curiosas descobertas. De Santo André contam-se dezesete braços authenticos ; de S. Thiago conservam-se dezoito ; S. João Baptista espalhou pelas differentes cathedraes uns sessenta dedos, dos quaes onze são indicadores ; S. Bartholomeu é mais modesto porque só apresenta nove mãos, o que dá uma insignificancia de quarenta e cinco dedos ; de Santa Agatha existem seis seios, mas de Santa Juliana existem mais de trinta cabeças, com que ficaria confundida a propria Hydra de Lerna...»

* * *

Campanha clerical na Allemanha

O centro catholico do parlamento allemão, cuja má vontade ás emprezas coloniaes esteve sempre em campo, acaba de promover uma campanha anti-colonial, amparando-se em recentes revelações escandalosas.

Essa campanha, que, pela violencia, é mais terrivel que as socialistas, é dirigida pelo deputado Erzberger. A primeira accusação foi ao departamento colonial de Berlim, que deu todos os seguros do material transportador para o sul da Africa a uma só companhia, de preços muito maiores que os de outras, só porque o director da companhia preferida é filho de um empregado do mesmo departamento.

Disse mais o sr. Erzberger :

— que um empregado havia recebido, durante cinco annos, uma gratificação por trabalhos extraordinarios que nunca realizou ;

— que outro empregado, coronel reformado, recebe soldo sob o disfarce de indemnisações para illudir a lei que prohibe vencimentos eguaes ou maiores aos do tempo de serviço effectivo ;

— que os empregados do departamento se apoderaram, para viagens de pandega, do dinheiro da subscripção nacional em beneficio dos soldados do sul da Africa ;

— que os officiaes da colonia Camerun construiram casas para suas amantes á custa do Estado ;

— que uma grande parte do material, armas e uniformes, ao serviço das tropas coloniaes, é vendida aos «farmers», que, por sua vez, os vendem aos especuladores ;

— que na Republica Argentina se fazem muitas traficancias com esse material ;

— que as prostitutas e os despachantes de licôres acompanham as forças enriquecendo rapidamente, e rapidamente arruinando os soldados ;

— que os carceres abarrotam de soldados brancos em vez de prisioneiros pretos ;

— que os commerciantes da Colonia do Cabo estão riquissimos com o ouro allemão ;

— que os hottentotes fazem tambem excellentes negocios e capturam muitos carros de provisões das columnas allemãs, que nunca estão convenientemente escoltados, e vendem-nas aos inglezes a troco de fuzís e munições.

O sr. Erzberger conta outras coisas ainda, por onde vemos que ellas não existem só na America — como dirin um dos nossos philosophos... politicos.

* * *

As Academias Livres na Camara

A proposito de um projecto mandando prorogar o regimen dos exames parcellados, a Camara ouviu, ha pouco tempo, um discurso excellente do sr. Castro Pinto — excellente pelo brilho, vigor e penetração com que largamente tratou do estado da nossa instrucção publica e pela franqueza com que alvejou os seus defeitos cardeaes. Um dos ataques mais fortes, mais justos, foi em referencia ás Academias Livres. E' claro que não faltaram os classicos e, por isso, innocuos protestos dos interessados, alguns delles professores nesses lamentaveis institutos de ensino. Mas o facto é que toda gente sente a verdade destas palavras do sr. Castro Pinto :

....

«Mas, sr. presidente, em certas academias livres, algumas, digo eu, resalvando as que se acham na altura de seus fins, poder-se-ia inscrever a legenda — academia da ignorancia ; condição de matricula — não saber nada e não ter geito para aprender mais ; porque são verdadeiras fabricas de phosphoros.

Estamos soldando o élo da nossa geração da maneira mais deploravel sob o ponto de vista da cultura mental.

Eu me refiro especialmente ao ensino livre, porque realmente assim é.

Compare v. ex. os alumnos que sáem das Escolas de Medicina e Polytechnica desta capital com os alumnos que deixam as Escolas Livres de Direito do Ceará e do Pará, e verá que differença existe entre elles quanto ao aproveitamento.

Mencionei as academias do Ceará e do Pará porque é vóz geral estar, nesses dois estabelecimentos, o corpo docente na dependencia dos alumnos, cujo numero de matricula, para substituir a academia, não deve descer aquem do minimo estatuido em lei, do que resulta uma situação desvantajosa para a leal e exacta observancia das exigencias legaes e das principaes condições do ensino.

O que consta, como já fiz sentir, é que no Pará, como no Ceará, a existencia desses institutos de ensino depende do numero minimo de alumnos exigido por lei, e por isso a propria congregação e o governo estadoal condescendem até no terreno criminoso das approvações escandalosas.»

....

«Nesta terra não houve um desclassificado que, por falta de idoneidade para

qualquer outro mistér, não fôsse aproveitado para professor e até para fiscal.»

Quem póde negar isso. Pois não estão na consciencia de todos, começando pelo ex-ministro do Interior, essas verdades proferidas na Camara por esse distinctissimo deputado? Essas denuncias são frequentes nos jornaes; faltava quem, com a auctoridade do seu talento, do seu saber e do seu caracter, as dissesse, como o sr. Castro Pinto, da tribuna parlamentar.

A SANTA ALLIANÇA

A CONFERENCIA INTER-PARLAMENTAR DE LONDRES

A imprensa franceza denunciou uma alliança dos tres imperadores da Allemanha, da Austria e da Russia com o fim de asphyxiar o movimento revolucionario, ou, em termos mais precizos, salvar a dynastias dos Romanoff, impopularisada pela burocracia. Nessa alliança ficou assentado o projecto de intervenção austro-allemã na Russia, facto que teria o resultado de abalar outras allianças anteriores, como, por exemplo, a *entente cordiale* entre a França e a Inglaterra.

A imprensa official da Russia não contestou o facto, aliás confirmado por Petrounkevitch, chefe do partido democrata da Duma. Por sua vez, o orgão da embaixada russa em São Petersburgo allude a um despacho de Berlim a Peterhof, do qual se deprehendia que Guilherme II é o principal sustentaculo e o permanente conselheiro do *czar*. Affirma-se finalmente que a dissolução da Duma foi acto inspirado pelo *kaiser*. A *Gazeta de Colonha*, cuja mobilisação, na phrase de Bismarck, vale a de dez corpos de exercito, tão officiosa em Berlim quanto em S. Petersburgo, affirmou categoricamente que o governo russo tinha bôas razões para contar com o auxilio das potencias occidentaes, si uma dictadura fôsse proclamada e que sobre esse assumpto se haviam concluido accordos definitivos.

Essas potencias occidentaes não pódem ser a França nem a Inglaterra porque não serão ellas as invasoras da Polonia para salvar a autocracia russa: fica, portanto, bem claro que a nova Santa Alliança foi firmada, existe e já funcciona como elemento esmagador da agitação liberal na Russia.

Convém muito aos interesses da paz européa indicar á opinião universal as graves consequencias que ameaçariam as nações pacificas, si tomar fórmas tangiveis a acção repressiva exercida pelos tres imperadores.

A Santa Alliança já infligiu á Inglaterra um grave desastre — o adiamento da visita da esquadra ingleza a S. Petersburgo, o qual evidencía o perigo que poderia correr a Europa si o *czar* appellasse para a intervenção dos visinhos contra o seu proprio povo.

As razões dessa visita de uma esquadra ingleza ás costas russas não fôram bem conhecidas mesmo no ambiente do governo britannico.

Em principios de julho ultimo, o sr. Edward Grey, falando como director da politica exterior, não hesitou em tomar o partido do governo russo, em consideral-o extranho aos massacres, em censurar o procedimento da Duma, suscitando calorosos protestos no parlamento e da immensa maioria do povo inglez, sustentando a todo o transe o designio de enviar uma esquadra britannica á Russia e não podendo, por motivos de alta politica, indicar a verdadeira razão dessa extranha attitude, sob pena de desencadear um cataclysmo.

Esses motivos, porém, eram conhecidos em Berlim; e são extremamente graves; elle conhecia os projectos de intervenção austro-allemã e a defrontava com todo o poder da Inglaterra.

Chegou-se a dizer, pela vóz de um diplomata allemão, que os inglezes faziam questão de manter uma esquadra no Baltico para se apoderarem de S. Petersburgo no dia em que a Allemanha occupasse territorio russo. E', com effeito, sabido que os mais altos personagens defensores dos interesses mundiaes da Inglaterra, o proprio rei á frente, pensavam em oppôr áquella intervenção uma outra intervenção.

A politica allemã agiu como si a Inglaterra, insistindo pela visita, pretendesse frustrar a acção austro-allemã e fazer da guerra de coalisão reaccionaria uma guerra universal. Si a Santa Alliança pretende intervir em favor da aristocracia russa, torna-se necessario, antes de tudo, afastar a Inglaterra do campo de acção, impedindo a esquadra ingleza de cruzar no Baltico, ter á sua disposição a capital moscovita e ameaçar as costas allemãs em condições desastrosas para a politica de Guilherme II, porque, na hypothese de uma conflagação anglo-allemã, seria de vantagem decisiva para a Inglaterra ter uma forte esquadra no Baltico no momento do inicio das hostilidades.

A opinião publica ingleza foi o melhor auxiliar da Allemanha. Nem o publico nem certos membros do governo estavam bem a par da situação. Um dos lords do almirantado censurou publicamente a attitude do sr. Edward Grey e pediu, entre applausos de toda a Inglaterra, que se não désse ao cezarismo uma prova de confiança como seria essa de enviar uma esquadra a Cronstad. Iam assim, inconscientemente, ao encontro dos ardentes desejos da Allemanha, cujo sonho não era, certamente, intervir na Polonia e achar-se em face da Inglaterra.

A visita foi adiada por ordem do *czar* e a Inglaterra se felicitava unanimemente por essa decisão de alta conveniencia, não percebendo a victoria dos planos da rei da Prussia.

Entre o desejo da Allemanha de conservar as forças inglezas afastadas do Baltico e de lhe demonstrar a realidade de uma proxima *entente* anglo-russa, o *czar* ligado pelas convenções sobre o *statu quo* na Polonia e a sua permanencia no throno autocratico, decidiu-se bruscamente a sacrificar aquella *entente* á nova Santa Alliança.

Mas os acontecimentos na Russia se precipitaram. A dissolução da Duma creou uma situação internacional completamente nova e é sabido, nas regiões officiaes da Inglaterra que nessas resoluções, cujas consequencias funestas estão devastando o imperio moscovita, muito influiram os conselhos de Guilherme II, que, contra a propagação da anarchia, o desenvolvimento da insurreição na Polonia e nas provincias balticas, acharia pretexto para executar os projectos concertados em Schoenbrunn com o imperador da Austria.

Em contraposição, o governo inglez achou necessaria uma insinuação de advertencia aos membros da nova al-

liança, no discurso pronunciado pelo chefe do gabinete de S. James, o sr. Campbell Bannermann, na conferencia Interparlamentar, discurso de immenso alcance, no qual não hesitou em declarar que a Inglaterra mantinha as suas sympathias pela Duma dissolvida, reprovando assim a politica do *czar*, apoiada pelo imperador da Allemanha. — A Duma morreu. Viva a Duma!... exclamou o chefe responsavel do governo inglez, com pleno conhecimento de causa, não só em seu nome pessoal, mas com o assentimento do governo e em nome da Inglaterra official, reconhecendo, implicitamente, na representação nacional supprimida, a verdadeira auctoridade governamental da Russia.

Esse acto inesperado esclareceu a situação. Não é mais possivel acreditar na neutralidade da Europa occidental no caso de uma intervenção austro-allemã na Polonia e nas provincias balticas.

A situação seria a mesma quer o *czar* a desejasse quer se limitasse a não se oppôr a ella: ficaria enfeudado sem remissão á politica allemã, inutilizando o accordo anglo-russo.

Por outro lado, depois desse choque provocado pela Allemanha, a Inglaterra não poderia permittir a creação de um novo blóco de cezarismo, cujas forças ao serviço da Allemanha se concentrariam, em breve, contra o imperio britannico, lesado nos seus interesses vitaes si a Allemanha chegasse a adquirir uma hegemonia essencialmente anti-ingleza, estabelecendo preponderancia economica sobre a nação russa esmagada e pezando com toda a força brutal do seu novo poder sobre a vida das duas grandes potencias occidentaes.

As intrigas empregadas para evitar a visita da esquadra ingleza ás costas do Baltico constitúem a prova mais precisa de que a Santa Alliança deve ser, como a do seculo passado, uma coalisão de autocratas contra o espirito de liberdade, dominante na Inglaterra e na França.

***

E' digno de nota que as declarações do sr. Campbell Bannermann fôram feitas na Conferencia interparlamentar de Londres, incumbida de organizar o programma da proxima Conferencia de Haya, na qual se tratou particularmente da solução pacifica dos conflictos internacionaes e da reducção dos armamentos.

O arbitramento, precisamente na fórma da ultima resolução da conferencia americana do Rio de Janeiro, será adoptado com restricções para os casos essenciaes concernentes á soberania, á honra das nações, ficando assim subsistentes as principaes causas da guerra.

Os parlamentares de Londres votaram para que a proxima conferencia de Haya torne obrigatorio o recurso prévio, sinão ao arbitramento, ao menos a um inquerito internacional antes do appello ás armas, cujo effeito seria conhecerem as partes em litigio a opinião das outras potencias, o que não impediria o mais forte de recorrer á *suprema ratio*, mesmo quando se verificasse a justiça da causa do adversario. Esse inquerito sem o arbitramento compulsorio nada valeria, seria impossivel por supprimir um dos mais importantes factores da guerra moderna — a surpreza. O adeantamento de algumas horas na mobilisação, um inicio de operações feliz pódem decidir da sorte da campanha.

As nações não se empenhariam jámais nesse compromisso e si o fizessem não o cumpririam.

Quanto ao desarmamento, são conhecidas as difficuldades de um accordo lealmente observado por todas as potencias. Os parlamentares de Londres comprometteram-se apenas a fazer sentir aos seus governos a conveniencia de inseril-o no programma da conferencia futura.

Essa importante questão não figurou no programma organisado pelo *czar* para a conferencia de 1899, de conformidade com os desejos da Allemanha. Essa aspiração pacifista foi naquella epocha rejeitada por unanimidade, como impraticavel nas condições actuaes do mundo e, desde então, o estado das relações internacionaes, as ambições, como demonstra a situação da Russia, a organisação da Santa Alliança, não melhorou de modo a permittir a realisação da reducção de armamentos. A situação, em vez de se attenuar, complica-se em proporções ameaçadoras.

O ALMIRANTE (94)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXX

Amelia ouvia vencida, mas não convencida, essas considerações com que o excellente coração da marqueza attenuava as faltas de Dolores. Ella bem quizera objectar que o peccado apodrece as almas e inspira essa natural repugnancia que se figurava falta de caridade. Quando a graça de Deus abandona uma creatura, não é para admirar que as outras não contaminadas fujam della, como de um perfido perigo suscitado pelo demonio.

A marqueza consultou de novo o relogio com um gesto de impaciencia.

— A esta hora — disse ella — está sendo jogada uma importante cartada da partida, talvez a ultima.

E, como Amelia não comprehendesse o sentido dessa affirmação, ella continuou:

— Tu vives voltada para o céo, indifferente ás coisas mundanas; não te lembras que a esta hora está se decidindo da sorte do governo da Republica com a eleição do presidente. Os reaccionarios oppuzeram ao candidato do exercito Prudente de Moraes, que reunirá os votos da maioria civil do Congresso. Si elle fôr victorioso como esperamos e parece certo, o elemento militar reagirá com vehemencia, e Deodoro, num lance de represalia a essa desconsideração, será capaz de destruír a obra que tantas decepções lhe tem causado. Dahi para a victoria da nossa causa dista um passo. Os nossos fieis estão a postos. Está tudo preparado para esse resultado. Izabel, a Redemptora, voltará á patria, que a receberá de braços abertos, entre acclamações enthusiasticas, como no dia em que libertou os captivos: virá libertar os brancos da oppressão da Republica.

A marqueza falava com o tom de exaltação que coloria as suas palavras quando se referia á politica, que, depois da partida de Oscar, volvera a preoccupar com mais vehemencia o seu espirito. Ella tivera repetidas conferencias muito mysteriosas com o dr. Amador, encarregado de preparar as massas ou os revolucionarios profissionaes que, naquella epocha de crise nacional, estavam á mercê do primeiro impulso, á cata de aventuras perturbadoras. Conseguira conquistar para as suas idéas a palavra eloquente de Sergio de Lima, considerado no Congresso o mais valente adversario do militarismo, dizendo, com estupenda franqueza, verdades asphyxiadas na bocca dos homens, amordaçada pelo terror. Não traíndo os seus idéaes

democraticos, elle se collocára á frente de um grupo de partidarios do governo civil, considerando que, com o Congresso constituinte, terminava a phase do dominio militar, justificado pelo perigo dos primeiros dias da mudança de fórma de governo. Era tempo de inaugurar a vida constitucional da nação, entregando-a a uma administração civil.

A' hora em que a marqueza conversava com Amelia, estava reunido o Congresso para a eleição do primeiro presidente. No reciuto das sessões, vasto amphitheatro construido na residencia imperial de S. Christovão, estavam reunidos quasi todos os representantes, em cujos semblantes repercutia a extraordinaria commoção daquelle momento solemnissimo. Nas galerias, apinhadas de espectadores na maior parte suspeitos, ou interessados na victoria de Deodoro da Fonseca, figuravam á paisana próceres do Exercito, os mais ardentes defensores da politica militar, aguardando numa silenciosa attitude ameaçadora, o resultado da eleição. Os representantes das suas cadeiras se entreolhavam significativamente trocando a impressão de angustiosa asphyxia daquelle recinto carregado de effluviosa paixonados, prestes a explodirem devastadores. E instinctivamente mãos tremulas apalpavam armas occultas nas correctas sobrecasacas burguezas.

Prudente de Moraes deixára a presidencia, e o vice-presidente, occupando a curul no centro de alto estrado, annunciava a eleição no meio de um abafado murmurio, que parecia o sopitado rugido de um monstro. A chamada se realizou no meio de um silencio de morte. Cada um dos representantes subiu solemnemente o estrado e depositou o seu voto na grande urna. Apenas um delles, Almino Affonso, ouzou com vóz clara e sonora exclamar deante do auditorio absorto: *Pro vito civium, proque universa republica*. Não havia um sorriso nos labios de todos aquelles homens empolgados de commoção: todas as frontes se obumbravam com a suprema preoccupação daquelle primeiro passo na vida constitucional.

Chegou a vez da apuração. Além dos fiscaes do voto, de antemão designados, postaram-se atraz dos escrutadores alguns dos deputados mais interessados na eleição, verificando com evidente desconfiança o numero de cedulas. Começou a leitura dos nomes dos candidatos votados. Por uma ironia do azar, as treze primeiras cedulas coutinham o nome de Prudente de Moraes e, como si isso fôsse prenuncio de uma formidavel maioria, cada vez que aquelle nome era pronunciado com um accento de surpreza, os congressistas se agitavam em movimentos incoerciveis e nas galerias ia crescendo um rumor soturno e vago como os echos longinquos de uma tempestade approximando-se rapidamente. Treze votos, sem um só dado a Deodoro, pareciam assegurar a victoria do candidato civil.

Houve um suspiro de allivio quando foi lido o nome do proclamador da Republica, suspiro que foi augmentando em vózes de applausos que explodiram em acclamações atroadoras quando o numero de votos lhe deu victoria. O resto da leitura se realizou numa confusão de vivas á Republica, vivas a Deodoro, ao povo, rumor irreverente que partia das galerias e se ajuntou á salva de palmas dos representantes quando o presidente proclamou o resultado da eleição.

Sergio de Lima, revoltado contra o procedimento do Congresso, vociferava de pé sobre uma cadeira no meio dos collegas e vaticinava com largos gestos tribunicios calamidades que, desde aquelle momento, se desencadeariam contra as instituições. Mas a sua vóz se perdia sem echo, como um protesto sentimental na volumosa massa de applausos de vencedores exultantes e de vencidos resignados á derrota.

A noticia foi immediatamente transmettida ao centro da cidade, afixada á porta dos jornaes, posta em circulação por meio de boletins rapidamente impressos, largamente distribuidos e avidamente lidos. Pela rua do Ouvidor passavam bandos de civis e militares apregoando num tumulto enthusiastico, o resultado da eleição. E o delirio se propagava agitando a multidão, como si naquelle lance se houvesse, na verdade, decidido a sorte da Republica.

....

Cansada de esperar, a marqueza recolhia ao palacio quando encontrou o conselheiro, d. Eugenia e Laura, muito assustados pelos rumores de movimento de tropas, pela agitação que repercutia nas ruas mais afastadas do centro da cidade.

— Que houve? — perguntou a marqueza, dirigindo-se ao conselheiro.

— Não sei, minha senhora — respondeu elle, num angustioso tom de timidez — Ha grande agitação na cidade, mas nós nada sabemos com segurança. Pensamos na senhora, que estava só neste palacio, e viemos demonstrar-lhe que o logar dos seus amigos, nos momentos afflictivos, deve ser ao seu lado.

— E a eleição? — retorquiu a marqueza — Venceu o Prudente? A tropa revoltou-se?..

— Não sabemos — interrompeu d. Eugenia — Mas alguma coisa houve...

A marqueza fazia gestos de impaciencia e proferia phrases que lhe traíam a agitação dos nervos distendidos na longa e torturante espera da desejada noticia da eleição.

— E' possivel? — murmurou ella — Nada sabes então? Como verificar a verdade?... Seria capaz de ir em pessôa á cidade. Esta incerteza me tortura...

E caíu extenuada sobre a poltrona de couro da Russia que ella costumava occupar quando recebia os amigos.

— Si v. ex. ordena — observou o conselheiro — irei eu saber o que houve.

— Não; não exijo esse sacrificio, meu caro amigo — respondeu ella, vivamente — E o Castrinho, o Sergio? onde estarão?...

Amelia sorria, não comprehendendo a razão dessa anciedade. E havia nos seus labios esse tom de ironia com que os devotos julgam as futilidades humanas, o que não concerne á salvação das almas, a unica preoccupação dos mortaes.

Ouviu-se, então, um ruido de carruagem estacando defronte do palacio. Pouco depois, Sergio de Lima e o dr. Amador entraram no salão. Vinham extremamente pallidos e pararam hesitantes, antes de poderem uzar da palavra, embargada pela commoção e pela fadiga.

A marqueza ergueu-se subitamente numa attitude de interrogação, que Sergio de Lima respondeu com um expressivo gesto de desespero.

— Venceram — murmurou o moço, desanimado — Tudo perdido...

— Perfidia dos amigos — rugiu o dr. Amador, como si a sua vóz rouca passasse atravéz de um filtro de odio. Mas.. Deus é grande e protege o Brazil.

Fulminada pela noticia, a marqueza tombou sobre a poltrona, os olhos fixos, o rosto decomposto numa lividez marmorea, as mãos hirtas, recurvadas como garras.

— Coragem minha senhora — murmurou Amador, compondo os cabellos revoltos, a lhe caírem sobre a fronte — Não devemos desanimar com esse revéz, pagaremos mais caro a victoria final, decisiva.

Sergio approximou-se da marqueza e, em attitude genuflexa, beijou-lhe as mãos, murmurando meigamente:

— E' precizo que viva para nos alentar na adversidade, para nos guiar com a sua inspiração. As decepções da politica não devem abalar o seu grande espirito. A sua missão providencial não terminou para nós, para aquelles que a amam.

—Sim—exclamou a marqueza, com grande esforço, como si lhe voltassem restauradas as energias de um olhar superior — Eu viverei para a familia, para Oscar, para a esperança na minha consoladora illusão.

Num gracioso gesto maternal, ella tomou a cabeça de Sergio, beijou-o na fronte e indicou Laura, que contemplava essa scena com os olhos esmaltados de lagrimas.

FIM

Conferencias Pan-Americanas

RESOLUÇÕES DA TERCEIRA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA

Sob a fórma de reminiscencias, informámos os nossos leitores — nums. 91, 92, 93 e 94, anno III, dos *Annaes* — da iniciativa, dos processos e resultados das conferencias de Washington e do Mexico, quanto ás mais importantes questões nellas debatidas, habilitando-os, assim, a formarem, com esse subsidio, criterio proprio dos trabalhos da actual e a ajuizarem do progresso e da utilidade dessa maneira de congraçamento das nações americanas.

Tratou-se, em todas ellas, inclusive na Conferencia que acaba de ser encerrada, de semear, *larga manu*, idéas victoriosas na opinião unanime da America democratica, concretisadas em votos solemnes como aspirações que já teem o apoio de uma robusta solidariedade.

E partilhamos a opinião do presidente da terceira Conferencia no sentido da impressão de harmonia, da unidade de sentimentos manifestados durante os trabalhos que eram objecto de especial attenção do mundo civilisado.

«Alguns temores — disse o sr. Nabuco — que precederam á nossa reunião dissiparam-se por encanto com ella e assim póde-se ver que tinham sido méros *malentendus*. As nossas discussões versaram sobre o modo ou o meio de alcançar o fim desejado, e não sobre o objectivo mesmo. Outras fôram questão sómente de fórma. Neste sentido póde-se affirmar que o espirito desta terceira Conferencia é muito promettedor para o desenvolvimento dellas, porque não accuza nenhum vestigio de desconfiança ou scepticismo, quanto ao papel que ellas pódem representar na união e progresso do nosso continente. Esse papel está hoje fóra de duvida. A instituição cresceu notavelmente nesta terceira phase. A sua razão de ser fica assentada para todas as nações do continente. Nenhuma agóra lhe pede mais do que ella póde dar e todas a olham com a mesma bôa vontade.»

O discurso com que o presidente da Conferencia encerrou os seus trabalhos, poupa-nos, a todos os respeitos, o serviço de — á maneira do que fizemos em relação ás outras — compendiar as resoluções que ella tomou.

«E' me grato recordar a vossa obra. Começastes louvando a feliz mediação do presidente Roosevelt e do presidente do Mexico para o ajuste de paz entre as Republicas de Guatemala, Honduras e Salvador. Tivemos, com effeito, a fortuna de reunir-nos quando a paz na America Central acabava de restabelecer-se.

—Ratificastes a adhesão das Republicas Americanas ao principio do arbitramento e fizestes um appello á futura Conferencia de Haya para que o perpetue em um tratado digno da approvação do mundo civilisado. Com effeito, aquelle grande principio para não ser sacrificado em tentativas que o inutilizem preciza que as luzes todas do mundo civilisado concorram para lhe dar a fórma e a sancção de que lhe é susceptivel. Seria uma grave responsabilidade compromettel-o por qualquer precipitação.

—Reorganizastes a Secretaria Internacional das Republicas Americanas em Washington, dando-lhe um novo praso de dez annos e convertendo-a em uma instituição capaz de preencher os seus elevados fins como um centro permanente de acção commum entre as Republicas deste continente para tudo que diz respeito ás suas relações e ao seu progresso. O desenvolvimento que déstes áquella Secretaria, as fundações que idéastes nos respectivos Estados e ao lado della para a auxiliarem na sua acção bastariam para justificar a reunião desta Conferencia.

— Firmastes uma Convenção regulando os effeitos da naturalisação no caso de renovar o naturalisado a sua residencia no paiz de origem por mais de dois annos. Não vizastes casos de necessidade ou de bôa fé e para os paizes onde a naturalização é facil a Convenção desanimará ou corrigirá a acquisição de nacionalidade, procurada com fins que não sejam patrioticos.

—Prorogastes até 1912 o tratado sobre reclamações pecuniarias, assignado no Mexico em 1902, sujeitando-as a arbitramento quando o recurso diplomatico seja justificado.

—Creastes uma dependencia da Secretaria Internacional das Republicas Americanas para o fim de estudar a legislação aduaneira do continente e de reunir e prestar esclarecimentos para se promover a uniformidade della e tambem para uniformizar as suas estatisticas commerciaes.

—Creastes uma commissão de jurisconsultos, tendo por primeira séde o Rio de Janeiro, encarregada de preparar um Codigo de Direito Internacional Publico e outro de Direito Internacional Privado que regulem as relações entre os paizes da America. Essa será a contribuição do nosso continente para o progresso do Direito Internacional, que tende a ser um só, mas cujas variantes auctorizam ou facultam tantas nórmas de proceder diversas entre as nações. E' uma contribuição que não póde deixar de ser importante, tão consideravel já tem sido no Direito Internacional a influencia do nosso continente, graças ás iniciativas adeantadas que os Estados-Unidos teem tido nelle. Quando mais não fôsse, tudo que seja attraír o gosto e o estudo dos nossos publicistas para o direito e as questões internacionaes é um serviço prestado á cultura dos nossos paizes.

—Creastes uma união das nações da America para o fim de proteger, por meio de um registro internacional adequado, a propriedade litteraria e industrial com dois centros, um na cidade de Havana, outro na do Rio de Janeiro.

—Prestastes séria attenção aos meios de desenvolver a acção da Secretaria Sanitaria Internacional de Washington, entre outros meios dando-lhe uma auxiliar num Centro de Informação quanto á America do Sul, que estabelecestes na cidade de Montevidéo, e pondo-o em relação com a Secretaria Sanitaria Internacional de Paris.

—Recommendastes aos nossos governos que considerem a conveniencia de pedir á Conferencia da Haya que estude a questão da cobrança pela força de dividas publicas e, de modo geral, os meios tendentes a diminuir entre as nações a possibilidade de conflictos de origem exclusivamente pecuniaria.

—Deixastes assim aos nossos governos a liberdade de acção em uma materia que, si não é difficil quanto ao principio mesmo, é, todavia, delicada

quanto ao modo de suscital-a perante o mundo e de incorporal-a ao Direito Internacional.

—Confirmastes o tratado sobre o exercicio dos profissões liberaes assignado na segunda Conferencia.

—Manifestastes o vosso interesse pela continuação da obra do caminho de ferro pan-americano, pelo desenvolvimento do commercio, das communicações rapidas, do serviço postal e de encommendas entre as diversas nações, pela isenção de taxas para as mercadorias em transito.

—Manifestastes interesse de colligir todos os dados possiveis sobre o systema monetario das Republicas Americanas e sobre as fluctuações do cambio nos ultimos vinte annos. Com effeito, as oscillações delle são a maior causa de perturbação nas relações commerciaes de toda ordem, sobretudo nas internacionaes, e o maior obstaculo ao affluxo de capitaes estrangeiros.

—Fizestes, no interesse da introducção desses capitaes nos paizes americanos, além dessa, outras recommendações importantes, com relação ás concessões de terras, minas, florestas e obras publicas.

—Recommendastes a reunião de uma Conferencia Internacional Americana na cidade de S. Paulo em beneficio dos paizes productores do café. A cidade de S. Paulo terá grande honra com tão significativa escolha.

—Recebestes solemnemente o secretario Estado dos Estados-Unidos da America na sessão de 31 de julho, e a maneira por que acclamastes as suas palavras e applaudistes a declaração do ministro das Relações Exteriores do Brazil, de que em honra daquella visita este palacio receberia o nome de Palacio Monröe, veio mostrar que em parte alguma poderá existir mais esperança de um antagonismo politico entre a America Latina e a União Americana e que a aspiração geral do continente é formar um dia uma só amphyctionia em todo o dominio do Direito Internacional e para todos os interesses communs da nossa civilisação.

Assim como affirmámos desse modo a existencia do systema politico americano, mostrámos, ao reservar para a Haya a solução de duas grandes questões, que não reconhecemos a existencia de um direito internacional privativo nosso e que não formamos communhão á parte da civilisação universal.

Para o fim dos nossos trabalhos, quando tudo deslizava do modo o mais auspicioso, fomos surprehendidos por uma dessas catastrophes que deixam um traço prolongado na historia, o terremoto de Valparaizo. As nações aqui reunidas disputaram-se a honra de render a primeira homenagem ao Chile em nome de todas; as bandeiras de todas ellas, por voto geral, fôram postas em funeral e o ficarão até á hora do nosso encerramento. Egualmente a Conferencia expressou o voto de que, ao abrir-se a quarta Conferencia Americana, estejam de novo correndo dias de regosijo para a nação chilena.

—Por ultimo confirmastes aos representantes dos Estados americanos em Washington o poder de fixar a epocha e o logar da futura Conferencia, por ser precizo que o poder de convocar estas assembléas exista sempre em algum corpo, mas deixastes constancia nas vossas actas da sympathia unanime com que foi recebida por vós a indicação de Buenos Aires.

A principal funcção destas Conferencias será por muito tempo ainda, durante toda a phase da acclimação, a de reunir-se periodicamente, e o mais favoravel symptoma dessa acclimação será a bôa vontade e a harmonia que eu assignalei. Nesse sentido, a terceira Conferencia já indica um crescimento muito mais saudavel; é, porém, precizo dar tempo para crescer a arvore que tem que viver seculos; não se deve esperar que ella dê a sombra antes de crear raizes. Por ora, ella ainda depende de cada um; o tempo virá em que todas dependerão della.»

***

ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA

Em sessão solemne, fôram no dia 27 encerrados os trabalhos da Conferencia, no Palacio Monröe.

O sr. Hevia Riquelme, delegado do Chile, reiterou agradecimentos pelas provas de sympathia do povo brazileiro e do Congresso, no momento da catastrophe que profundamente feriu o seu paiz, fazendo votos para que a Divina Providencia recompense com a maior somma de beneficios os paizes americanos, afastando delles todos os obstaculos ao seu progresso.

Recebido entre applausos, o sr. barão do Rio Branco leu ligeiro discurso exaltando a obra do Congresso, cujos membros trabalharam com calma, adoptando resoluções importantes sem recorrerem ás justas da oratoria, sem perder tempo, pois até as festas que se organizaram para distraír e dar repouso aos srs. delegados, pela falta material de tempo, agglomeraram-se, fatigando talvez os illustres hospedes.

Lembrou as palavras do delegado argentino pronunciadas no dia 25 no banquete do palacio Itamaraty, de que «os delegados voltavam a seus paizes mais americanos que vieram», declarando que o Brazil, se sente feliz com esse resultado.

Terminou encerrando em nome do sr. presidente da Republica a terceira Conferencia Internacional Americana.

Da parte de todos os delegados, respondeu o sr. Gonzalo Ramirez, que leu o seguinte discurso:

«Deve parecer-vos extranho que o mais humilde dos delegados a esta assembléa, representante de um modesto povo americano, tenha recebido a altissima honra de interpretar os sentimentos dos mandatarios de dezesete nações da America no momento em que, no vosso caracter de presidente honorario da terceira Conferencia Internacional Americana, váe declarar encerradas as suas sessões.

Por meu paiz e por mim, acceitei tão nobre distincção como prova irrecusavel de que, na vida internacional americana, como proclamou a nossa poderosa irmã do Norte, as nações são egualmente soberanas. Ante o *veridictum* do direito não ha, na America, soberanos, grandes ou pequenos, e cheguei a pensar, que em homenagem aos fracos, tenho, nesta solemnidade de confraternisação americana, o direito de invocar na abençoada terra brazileira a representação de todo o continente.

Não nos compete ser censores ou apologistas da nossa propria obra. Para perseverar nella com plena convicção do triumpho definitivo, não devemos olvidar que, neste continente, grandes e pequenos trabalham pela realisação dos mais elevados dos idéaes que mereçam premiar o labor intellectual e moral do seculo XX.

Pugnamos fortes e fracos, e esta união constitúe o nosso irresistivel poder, para que no mundo colligado seja sempre justa a força e forte a justiça.

As Conferencias Internacionaes são asssembléas de homens livres, que representam nações egualmente soberanas e no debate em que se abordam questões concernentes, fundamentalmente, ao bem-estar da America, solidario com o da humanidade, apparece sempre, como o mais ardoroso apostolo da fraternidade do nosso conti-

nente, o grande povo dos Estados Unidos da America.

Reduzam-se o mais possivel os progressos alcançados até agóra: tanto que a instituição do Congresso Pan-Americano viva no ambiente de aspirações generosas, dignas de corações sadios e de espiritos alevantados, será sempre um agente de progresso, mensageiro da paz e fraternidade entre as nações.

Não devemos ainda olvidar que nos acompanha em tão nobre emprehendimento a nação mais poderosa da terra, que essa nação, antes de ser grande pelo seu poder, pela sua riqueza, foi forte pelas virtudes civicas de seus filhos, pela alta estatura moral dos fundadores de sua independencia. Contamos com essa grandeza moral para o exito do nosso labor humanitario e civilisador e abençoamos essa força quasi omnipotente que sellou a fraternidade do Velho e do Novo mundo, consagrando para sempre, com nobre altruismo, a integridade do nosso continente.

E' nessa magnifica companhia que os delegados de toda a America constituiram o recinto da terceira Conferencia Internacional Americana, respondendo ao convite dos Estados Unidos do Brazil e sob a presidencia honoraria de seu illustre secretario de Estado, o eximio estadista brazileiro, de quem se póde dizer que assiste em vida á sua posteridade.

E' tradicionalmente conhecida, e a experiencia todos os dias a confirma, a gentileza do povo brazileiro.

O calor tropical que aquece a terra do Brazil, mimosa da natureza, magnificada pelo trabalho do homem livre, agita sempre vivamente, com sentimentos generosos, o coração de seus filhos.

Não se deve, pois, extranhar que, nos dias em que transpuzemos os umbraes do nosso lar nacional, estivesse em todos os labios brazileiros a hospitaleira palavra — irmão. Pela nossa parte, correspondendo dignamente a tão grato acolhimento, estreitamos fileiras, confundindo aspirações e unificando vontades na conquista dos mais elevados intuitos.

Senhor ministro: o Congresso Pan-Americano nasceu para a vida institucional, vinculado pela epocha de sua creação a uma das grandes evoluções da vossa vida civica nacional.

O Congresso celebrou em Washington a sua primeira conferencia, tomando assento em suas sessões os delegados do Imperio do Brazil, a qual desappareceu antes do encerramento. Aquelles delegados não desertaram de seus postos, mas haviam caducado as suas credenciaes por deixar de existir o Imperio que representavam. Quatorze milhões de brazileiros resolveram constituir-se em republica, consagrando pelo ministerio da lei, contra o qual não se prescrevem os direitos inalienaveis dos povos, a fórma definitiva da democracia no vasto continente da America.

Tres lustros decorreram desde então, e assombraes o mundo, em tão curto periodo de vida republicana, com os progressos e audacias geniaes que, em outras nações, demandariam o paciente trabalho de um seculo. Muito bem para Republica, muito bem para a America.

Com estes sentimentos de justiça e de sincera fraternidade, assistimos á sessão solemne de encerramento da Terceira Conferencia Internacional Americana e ao separarmo-nos desejamos significar que, si levamos gratissima memoria da franca cordialidade e elevada cultura do povo brazileiro, temos tambem em alta estima a sciencia juridica da vossa patria e a expressamos de maneira irrevogavel, confiando ao seu governo progressista a direcção dos trabalhos da codificação do direito internacional publico e privado, trabalhos que serão inaugurados no anno vindouro nesta formosa capital fluminense.

E agóra, senhores delegados, convido-vos a erguermo-nos em honra dos Estados Unidos do Brazil, que mantiveram sempre o culto de seus grandes servidores e que assignalam, hoje, entre muitos outros estadistas e tribunos, á consideração de nacionaes e estrangeiros, o barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Quintino Bocayuva e Assis Brazil; em honra do Brazil, senhores delegados, a ultima das nações sul-americanas nascida para a vida republicana, para o prestigio das instituições do nosso continente e honra da raça que o habita. »

RECEBEMOS:

— « *Anthologia* Brazileira », selecta em prosa e verso de auctores brazileiros, approvada pelos Conselhos Superiores de Instrucção dos Estados de Minas, Pará e Rio de Janeiro, contendo 122 excerptos em prosa e 120 em verso; 2ª edição; pelo sr. Eugenio Werneck, educador em Petropolis. A critica tem recebido com applausos essa collectanea organisada pelo sr. Werneck, e é de justiça salientar o criterio com que elle levou ao fim essa tão util tarefa, compendiando, num excellente volume, escriptos varios dos nossos mais illustres escriptores. A' pagina 87, vem um trecho do *Luzia Homem*, romance do nosso director o sr. Domingos Olympio, de quem escreve o sr. Werneck a seguinte noticia:

«Estimado como escriptor politico e jornalista notavel, dos melhores que possuimos, estréou Domingos Olympio no mundo propriamente das lettras com o seu livro *Luzia Homem*, com cujo apparecimento conquistou o seu auctor uma reputação solida de romancista de costumes.

Vocação jornalistica desde a Academia, tem o nosso romancista redigido varios jornaes, entre elles, o *Commercio*, e, ainda agóra, a excellente revista de lettras, os *Annaes*, collaborada pelos nossos melhores escriptores. Sob o pseudonymo de *Pojucan* escreveu para o *Paiz*, primeiro, e depois para o *Correio da Manhã* scintillantes chronicas; tem escripto tambem no *Kósmos*.

Nos *Annaes* publica actualmente o romance — *O Almirante*, e tem promptos: *O Negro*, romance; *Domitilia*, comedia historica em tres actos, dos tempos da Independencia, *Historia da Missão Especial de Washington* e mais dois volumes, um de contos, outro de chronicas.

O dr. Domingos Olympio fez parte da Missão Especial de Washington, que resolveu a velha questão de limites com a Republica Argentina e da qual foi chefe o benemerito barão do Rio Branco.»

....

Toda a correspondencia relativa aos « Annaes », deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Um pouco friamente, váe correndo este torneio em que se inscreveram apenas 10 socios do Club, de força desegual.

Serão jogados dois turnos e aos dois vencedores o Club dará, como premios, dois *bronzes* que se acham expostos no salão de xadrez.

Publicamos hoje uma partida jogada entre dois concurrentes de força quasi egual. O dr. W. B. Hentz é provecto, e tem visão clara dos recursos que lhe proporcionam as situações complicadas. O dr. Annibal da Costa Pereira é novo, mas já indicado como um futuro mestre. A sua resistencia ao seu forte contendor prova isso mesmo. Genero impassivel.

O quadro que damos em seguida diz a situação do torneio até o dia 24.

1º TURNO

RESULTADO A 24 DE AGOSTO DE 1906

Nomes	H. Costa	W. B. Hentz	Th. Torres	A. Pereira	A. Loup	Bocayuva	B. Allen	Tito de Sá	Ouro Preto	Burlamaqui	Numero de pontos
Henrique Costa	....	....	....	1	1	....	1	1	1	....	3
W. B. Hentz	....	....	....	....	....	1/2	1/2	....	....	....	1
Theophilo Torres	....	....	....	....	....	1/2	....	....	1/2	....	1
Annibal da C. Pereira	....	0	....	....	....	....	....	1	....	....	1
Augusto Loup	0	....	....	....	....	....	....	....	1/2	....	1/2
O. Bocayuva Junior	....	....	1/2	....	....	....	....	....	....	....	1/2
Barten Allen	0	....	1/2	....	....	....	....	....	1	....	1
E. Tito de Sá	0	....	....	0	1/2	....	....	0	....	....	1 1/2
Vicente de Ouro Preto	....	....	1	....	....	....	....	....	....	....	1
Armando Burlamaqui	....	....	....	....	....	....	....	....	....	....	0

***

O XADREZ EM S. PAULO

O *Estado de S. Paulo* inaugurou uma secção de xadrez sob a direcção do Club Internacional de xadrez. A esse proposito diz o conceituado orgão:

«O club está installado em dois espaçosos salões do segundo andar da Casa Martinico, situada no largo do Rosario.

Fundado em 1 de março, com 83 socios, conta actualmente, 165.

As vinte mezas de jogo, dispostas nos dois salões, são já insufficientes. Dia a dia augmenta a frequencia de socios, o que significa o grande interesse que tão innocente e util jogo vae despertando na nossa mocidade intelligente.

Na proxima segunda-feira serão abertas as inscripções para os torneios annuaes de primeira, segunda e terceira classes.

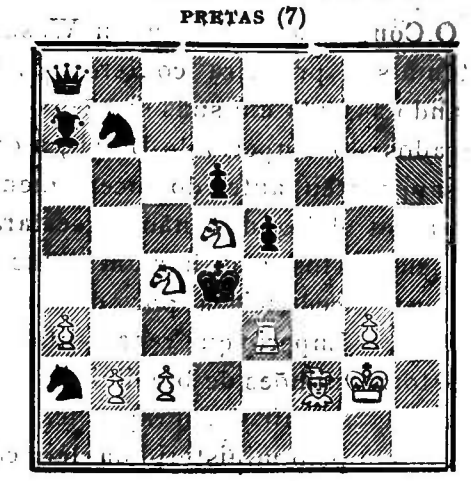
Em 1 de setembro realiza-se uma assembléa geral para admissão de novos socios e escolha dos premios que serão conferidos aos vencedores das tres classes.

Estamos certos que, com a nova secção que vamos iniciar, concorreremos para que se propague o mais intellectual dos sports, o que mais concorre para o desenvolvimento das funcções cerebraes, sobretudo da attenção e do raciocinio.

PROBLEMA N. 62

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (7)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

***

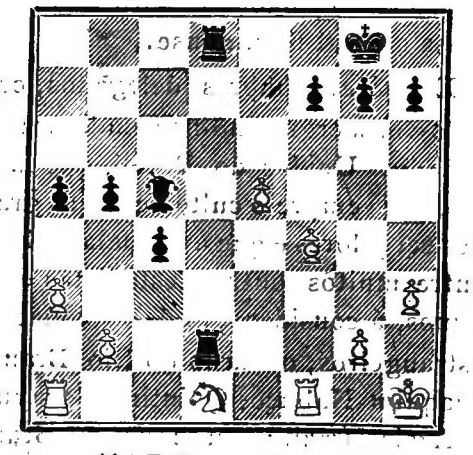
PARTIDA N. 68

(Jogada no torneio do Club dos Diarios nos dias 21 e 23 de agosto de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (A. da Costa Pereira)		*Pretas* (W. B. Hentz)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
P 3 R (*a*)	— 4 —	B 2 R
C 3 B R	— 5 —	P 3 C D
P × P	— 6 —	P × P
B 3 D	— 7 —	Roque
D 2 B D	— 8 —	B 3 T D
B 2 D	— 9 —	B × B
D × B	— 10 —	P 4 B D
Roque T R	— 11 —	C 3 B D
P 3 T D	— 12 —	D 2 D
C 5 R	— 13 —	C × C
P × C	— 14 —	P 5 B D
D 2 B D	— 15 —	C 5 C R
P 4 B R	— 16 —	P 5 D (*b*)
C 1 D (*c*)	— 17 —	B 4 B
T 3 B R	— 18 —	P 4 C D
P 3 T R	— 19 —	P × P
B × P (*d*)	— 20 —	C × B
C × C	— 21 —	T D 1 D
R 1 T (*e*)	— 22 —	D 7 D
D × D (*f*)	— 23 —	T × D
C 1 D	— 24 —	T R 1 D
T 1 B R (*g*)	— 25 —	P 4 T D

Depois do 25º lance das Pretas



T 1 B D	— 26 —	P 5 C
P × P	— 27 —	P × P
R 2 T	— 28 —	T 6 D ? (*h*)
T × P	— 29 —	B 1 B
T 1 B	— 30 —	P 3 C
C 2 B (*i*)	— 31 —	T 6 C
C 1 D	— 32 —	B 3 T
T 4 B D (*j*)	— 33 —	B 1 B
T 1 B D	— 34 —	B 2 R
P 5 B ? (*k*)	— 35 —	P × P (*l*)
T × P	— 36 —	B 5 T
P 6 B ? ? (*m*)	— 37 —	P × P
T 8 B x	— 38 —	R 2 C
T 1 B R	— 39 —	B 6 C x
R 1 T	— 40 —	T (6 C) C D
T 1 B D (*n*)	— 41 —	P 4 R
R 1 C	— 42 —	B 5 B
C 2 B	— 43 —	B 6 R
T 1 R	— 44 —	T × P
T × B	— 45 —	T × T
C 1 B	— 46 —	T 6 C
C × T	— 47 —	T × C
R 2 T	— 48 —	P 6 C
P 4 T	— 49 —	T 7 B D
R 3 C	— 50 —	P 7 T
T 1 C D	— 51 —	R 3 B
R 3 B	— 52 —	R 3 R
P 4 C	— 53 —	R 4 D
R 3 R	— 54 —	R 5 B
R 4 R	— 55 —	R 6 B, (*o*)
R × P	— 56 —	T 8 B (*p*)
T × P	— 57 —	R × T

Depois de mais alguns lances as Brancas abandonam.

(*a*) B 5 C R é bem melhor.

(*b*) Inicio de um ataque fortissimo que sómente cessou com a derrota das Brancas.

(*c*) 17 — P × P seria desastroso e acarretaria a perda de uma qualidade ou de uma peça.

(*d*) Parece melhor 20 — C × P, C × C; 21 — B × C. B × B x; 22 — T × B, D 5 D; 23 — D 2 B, etc.

(*e*) Consequencia do 20º lance — um tempo perdido, precioso para o ataque das Pretas. Seria mesmo preferivel 22 — R 2 T,

(*f*) O jogo era 23 — D 1 B. Depois do lance do texto á partida das Brancas póde se considerar virtualmente perdida.

(*g*) A situação das Brancas é melindrosissima. O C. preso, a defender um pião, as duas torres a defender o cavallo e os piões inertes.

(*h*) Este lance é máu e as Brancas souberam aproveitar-se para ganhar um pião; mas logo persistem na defeza impossivel do pião do C. D., quando mais pratico seria entregal-o e ir com as suas torres atacar os piões das Pretas.

(*i*) Lance quasi unico.

(*j*) Resposta efficaz ao lance das Pretas.

(*k*) As Brancas voluntariamente quebraram a linha dos seus piões, deixando indefezo o P R.

(*l*) Si 35... B 4 C R; 36 — T 8 B x, T 1 R; 37 — T × T x, B × T, libertando as Brancos das difficuldades.

(*m*) As Brancas entregam um pião sem que se perceba o seu intuito.

(*n*) Agóra voltam á posição anterior depois de uma escaramuça infeliz, e ainda com as suas tres peças á guardar um pião, aliás condemnado.

(*o*) Mais forte: 55.., T 7 R x; 56 — R 3 B, R 6 D, etc.

(*p*) Talvez mais expedito fôsse 56... T 7 B R.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 61 (*F. W. Wynne*): 1 — D 7 C R, P. f. D. (*a, b, c, d*); 2 — C 4 C D x, R joga; 3 — D ou C mate.

(*a*) 1... R 3 B ou 5 B; 2 — C 4 C D, ?; D mate.

(*b*) 1... R 3 R; 2 — C 4 B R x, R 4 B; 3 — D 5 R mate.

(*c*) 1... R 5 R; 2 — D 7 D, ?; 3 — D ou C mate.

(*d*) P 5 C D; 2 — D 7 B R x, ?; 3 — C mate.

JOSÉ GETULIO.

ANNO III — Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1906 — Num. 97

ASSIGNATURAS
ANNO.. ..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE ÁS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Sergipe.—Fausto Cardoso.—Irritações da maioria esmagadora. — Restauração da ordem. — A culpa do desenlace.

Tendo emittido a nossa opinião sobre o caso de Sergipe, apreciando a facilidade com que abandonaram os seus cargos os depositarios do poder estadoal, cumprimos agóra o dever de signalar a bravura de Fausto Cardoso, pagando com a vida o que elle suppunha constituir uma conquista benefica para os seus conterraneos — a suppressão de uma olygarchia que não correspondia aos idéaes de Sergipe.

Seria mais conveniente, mais nos moldes tortuosos da moral politica predominante a submissão do ardente moço á deliberação do Congresso, descarregando toda a responsabilidade do caso sobre o Presidente, a quem, pouco antes, negára os meios de pacificação de Matto Grosso; seria mais politico, como se diz por um euphemismo destinado a disfarçar todas as syncopes, preferir todos os vágados de caracter, transigir, entrar num accordo proveitoso com o general Firmino Rego, que não seria infenso a concessões equitativas. Mas não se modificavam á vontade injuncções do temperamento; não se sopitam impulsos das convicções como quem pára um automovel ou esbarra um cavallo empregando o mechanismo de freios poderosos.

Essa coisa, hoje muito malsinada e cada vez mais rara — os compromissos de consciencia, os vinculos das idéas, dos principios, em torno de aspirações generosas, em honra da nossa raça, ainda constituem, seja dito, a força directriz de alguns homens que não vivem sómente do que é util ao seu egoismo, visando sómente o que lhes póde encher o estomago, subvencionar-lhes a ociosidade, saciar-lhes os gozos desbragados.

Ainda ha neste paiz quem morra pelos seus idéaes, quem não trepide ante as carabinas da ordem publica, em defrontar a logica sinistra do dever sacrificando a vida á causa que suppõe justa. E todo o homem que morre pela sua causa, pelas suas convicções, é infinitamente mais respeitavel do que a grande maioria, sinão unanimidade dos homens que são pacificos, inoffensivos como as serpentes repletas durante as difficeis digestões.

Votamos um grande respeito, uma veneração sincera a todos os homens abnegados e isto justifica a homenagem que hoje rendemos á memoria do valoroso Fausto Cardoso.

A maioria da Camara irritou-se ás candentes palavras do sr. Pedro Moacyr, como si ellas lhe avivassem a chaga de um remorso, evocando o seu procedimento quanto ao caso de Matto Grosso. De todos os lados esfuziavam apartes ao orador rio-grandense, como si lhe pretendessem suffocar os éstos de indignação ante o triste espectaculo da Republica entregue á sanha de legionarios omnipotentes. De todos os pontos do sombrio recinto, onde perpassa, ás vezes, com um ruido de azas agitadas, o espectro de Tiradentes, o espectro da reivindicação de um crime secular, surgiam protestos vehementes que, pelo avesso, são eloquentes brados das consciencias, protestos impondo a submissão ao absurdo triumphante em respeito ao regimento da Camara, como si os crimes das collectividades, embóra ellas se rotulem ou se adornem com as insignias da soberania, prescrevessem ou fôssem jámais indultados pela consciencia nacional. A obra das maiorias illegaes esmagadoras como factos consummados, não se subtráe á critica benefica, ao commentario dissecante para revelar as causas, as origens do mal. Esses actos, esses crimes da politicagem são golpes que abrem brechas no direito, infligem chagas no corpo da nação exigindo o cauterio curativo.

Explodiram, por exemplo, de labios que se não dilatam nas franquezas da sinceridade, apartes compromettedores como traições de convicções sopitadas. Attribuiram-se os crimes do reconhecimento de poderes a vicios inherentes ao regimen representativo — não representarem a nação os seus eleitos ou serem estes excluidos pelas colligações occasionaes, quando a logica indicaria forçosamente a repulsa de tal regimen, ulcerado visceralmente nos seus orgãos essenciaes, um regimen de fraude, de perfidia, de servilismo, de inconsciente agrupamento sem principios, sem idéaes, regimen que não póde ser o mais opportuno, nem o mais efficaz para conduzir os destinos de uma nação nobre, jovem, cheia de esperanças, de gloriosos sonhos de porvir.

Nesse tiroteio de apartes, denunciadores de um irreprimivel mal-estar da maioria apavorada ante os funestos resultados da sua sabedoria, o sr. Pedro Moacyr se nos figurava um imprudente ateando o fulgurante fogo de artificio da sua palavra pomposa num arraial de palhoças donde se esgueirassem os habitantes amedrontados das deslumbrantes faiscas multicôres, projectando a luz

cambiante de rutilas chammas inoffensivas sobre o passado de hontem.

A culpa não é do regimen representativo, mas dos homens que o executam deformando-o ao sabor de interesses subalternos; a culpa não é do chefe do Governo cumprindo o voto unanime do Congresso: a culpa deve ser integralmente imputada á politicagem.

E neste particular pensamos de inteiro accordo com o conceito do sr. Anisio de Abreu, conceito externado com a franqueza de um homem que chegou ao fastigio:

« Os successos de Sergipe — disse o senador do Piauhy, com aquella ponta de ironia que lhe tem valido victorias — não são mais do que o resultado da acção dessa madrasta cruel e funesta — a politica — feita de traições e apostasias, de falta de partidos organisados, de crença geral dos homens de que pódem viver divorciados dos elementos conservadores; é a theoria funesta de que o governador do Estado é omnipotente, que tudo póde querer. porque todos os seus desvarios ficarão impunes: é a tudo isso que se deve o triste desfecho da politica de Sergipe.»

Si Fausto Cardoso não houvesse poupado a vida do presidente e do vice-presidente, si estes morressem de tiros casuaes ou em combate, teria «legalisado» o caso.

Ha, na verdade, uma justiça prompta, summaria. violenta, inflexivel, para os crimes dos opprimidos revoltados: ninguem cogita de prever ou de punir os crimes dos oppressores.

Dessa iniquidade, desse monstruoso desequilibrio da balança que afere os direitos, jámais resultará a ordem tão apetecida e sempre perturbada pelos seus pseudo defensores.

E' um erro suppôr que, repondo governadores nos cargos por elles extorquidos, se restabelece a ordem, que não é a calma do terror, nem a estagnação da indifferença, a extenuação dos vencidos, o desalento do povo privado do direito de representação, afastado das urnas pelas cavilações fraudulentas, que estão, neste paiz, batendo o vergonhoso «record» das tranquibernias.

A asphyxia dos direitos não póde produzir a ordem, que é uma condição dos organismos vivos, em plena funcção.

Esse aspecto de lassidão, de falta de iniciativa, de coragem civica, de amor aos idéaes, indica submissão, tradúz servilismo degenerador, propagando-se com assombrosa intensidade da base ao fastigio da sociedade; indica, finalmente, um esmorecimento, uma perturbação grave na funcção do apparelho politico, do activo propulsor da nação.

A ordem não póde resultar da instabilidade das instituições, modificadas, torcidas pela jurisprudencia de conveniencia, pelos caprichos dos interesses occasionaes, que nem sempre se apoiam na justiça.

Uma nação desmembrada em capitanias entregues a donatarios para os quaes não ha sancção da moral, nem do direito, é um organismo decomposto, sem força para as resistencias beneficas, sem elementos de defeza propria contra os que a conspurcam.

Dir-se-ia que o empenho dos dominadores é deixar que os elementos de podridão fermentem até completarem a sua funesta obra de destruição que será, então, a paz absoluta, a morte...

Oh! é precizo que, de quando em quando, surja um martyr para sacudir os oppressores da illusão da omnipotencia!

POJUCAN.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXIII

No recinto da Constituinte esta questão da admissão de portuguezes no Exercito, foi debatida com todos os impetos de pratriotismo, temendo as funestas consequencias de novas luctas com as tropas de Portugal, que ainda tentava rehaver o antigo dominio.

Ora, si a Assembléa se manifestava hostil ao governo, este procedia de modo que dava logar á confirmação das suspeitas, embóra as intenções fôssem outras, como veremos das explicações (1) que enviou á Constituinte e que a commissão de Marinha e Guerra julgou attendiveis.

Mas a maneira pela qual a Assembléa discutia esse e outros actos irreflectidos e inconvenientes, praticados pelo governo imperial, em vez de acalmar os animos, ao contrario, os irritava e provocava tambem as iras de d. Pedro e lhe fornecia novos motivos de dar cabo da representação nacional que, por assim dizer, era uma officina permanente, onde se trabalhava para destruir a popularidade de d. Pedro, popularidade que elle tanto amava por interesse da realeza e magestade.

Estas observações são indispensaveis, porque mostram as causas dos futuros e proximos eventos. Quando se tem acompanhado attentamente a lucta entre o governo de d. Pedro e a Constituinte, desde o inicio dos trabalhos legislativos, verifica-se a somma de motivos que se formou lentamente e gerou no espirito do Imperador a idéa tenaz de dissolver uma Assembléa que não só lhe cerceava o exercicio do poder, que elle entendia pertencer-lhe, mas ainda o expunha ao odio da nação e arruinava-lhe a popularidade, e, por conseguinte, lhe impossibilitava a existencia sobre o throno imperial. Comprehende-se que d. Pedro, bem ou mal considerando desta sorte a Constituinte, não podia querer mantel-a; pelo contrario, achava em seus actos pretexto bastante para dissolvel-a.

De parte a parte, tanto o Imperador quanto a Camara Constituinte não procuravam corresponder á confiança, realizando as esperanças que a nação depositou no Defensor Perpetuo e nos seus representantes.

Investiguemos os factos.

O Imperador, logo que recebeu o pedido de informações ácerca da por-

taria relativa aos prisioneiros, mandou que o ministro da Guerra, João Vieira de Carvalho, conde de Lages, désse todas as informações exigidas.

O ministro escreveu um longo officio, bem minucioso, do qual extractaremos os pontos capitaes.

O ministro da Guerra respondeu: «que pelos decretos de 13 de maio e 3 de janeiro de 1822, o Governo era obrigado a dar baixa, em 1824, a uma grande parte dos soldados da guarnição. Prevendo isto, e conhecendo por experiencia que a provincia do Rio de Janeiro não póde, sem um horroroso desfalque da lavoura, fornecer o recrutamento necessario, ordenou ao governo provisorio de Minas Geraes que remettesse recrutas, os quaes não perfazem ainda o numero exigido por graves difficuldades insuperaveis, apezar das medidas energicas empregadas.

Nestas circumstancias, lembrou-se o Governo da organisação do corpo estrangeiro, mas viu que nem essa medida aproveitaria, pois que a Assembléa Geral Constituinte projectou a sua extincção.

Em tal caso de apuro, pareceu ao Governo convidar aquelles prisioneiros que por sua livre vontade quizessem abraçar a causa do Brazil, e expediu a portaria n. 1. Entretanto, julgou depois mais acertado submetter a sorte dos prisioneiros á deliberação da Assembléa, a quem officiou sobre tal objecto no dia 30 de agosto, tendo antes ordenado ao governo provisorio da Bahia (copia n. 2) que sobreestivesse na execução da referida portaria do dia 2.

Tal foi a marcha do Governo no objecto em questão e não julgando elle necessario se apoiar agóra em praticas geraes, contempla sómente as circumstancias privativas do Brazil e a experiencia domestica: aquellas lhe mostram a vantagem do augmento da população branca e com essa vantagem associou o Governo a idéa da justiça da sua causa, pela qual não duvidou achar, entre os mesmos prisioneiros, sectarios de sua Independencia e Constituição politica.

Não se enganou o Governo, como se vê da copia n. 3.

O Governo sabe que um punhado de homens seria suffocado em qualquer louco desvario, que infelizmente concebessem no meio de cinco milhões de habitantes que estão firmes em constituirem-se nação independente.»

Nota o *Diario da Camara* que, depois de algumas observações, se resolveu que se remettesse esse officio com urgencia á commissão de Guerra para dar o seu parecer, tomando em consideração a bôa fé com que os voluntarios luzitanos, por convite do Governo, assentaram praça nos corpos do Imperio.

Eis a substancia do parecer da commissão de Marinha e Guerra: «vistas a portaria de 2 de fevereiro mandando vir da Bahia os prisioneiros luzitanos; e a portaria de 25 do mesmo mez, que mandava sobreestar na execução... a commissão conhecendo que o Governo se convencen de quanto aquella medida tinha de impolitico pelas desconfianças e azedume que reinam nos animos ressentidos e que em consequencia a revogou pela citada portaria de 25 de agosto e lembrando-se de que esta augusta Assembléa havia já dado as providencias para o transporte dos prisioneiros, é de parecer que este negocio não é objecto de ulterior deliberação da mesma Assembléa.»

Este parecer, apresentado na sessão de 24 de outubro, foi combatido vigorosamente por Montesuma, que, entre outras coisas, accentuou vivamente as seguintes considerações: « O Governo assentou que este negocio era todo do Executivo, por isso quiz fazer assentar praça, no exercito brazileiro, os soldados do Madeira que acabavam de atacar os direitos dos nossos concidadãos e attentando contra a segurança individual e publica.

«Pergunto eu, agóra, si os lusitanos quizessem entrar todos nas linhas brazileiras, como ficavamos nós em qualquer nova tentativa de Portugal, havendo nos nossos corpos tão grande numero de inimigos e sabendo estes como estavam empregadas as forças do exercito e as mais particularidades de planos de segurança e de guerra? Sr. presidente, estarmos a tratar de dar destino ás tropas luzitanas e ao mesmo tempo dar-lh'o o Governo, não tem desculpa, nem posso considerar isso sinão um engano feito á Assembléa. Egualmente só por muita ignorancia, ou por muita maldade do ministro da Guerra, se podia dar um tal destino, pois ninguem deixaria de ver que empregar luzitano no nosso exercito era, como já disse, dar ao inimigo os meios de entrar nos planos da nossa defeza. Comtudo de nada disto julgaram os senhores da commissão, que deviam fallar e limitarem-se unicamente a dizer que não havia logar para ulterior deliberação, etc.»

O orador critica o parecer, que entende não deve ser acceito nem approvado pela Camara. De feito, a Camara não teve tempo de decidir nada a esse respeito, porque tudo isso se passava na sessão de 25 de outubro e a 12 de novembro, a Constituinte não existirá.

A historia, todavia, não póde deixar de apurar e concatenar as circumstancias que crearam os motivos, que impelliriam o Imperador a estrangular a Assembléa, que assim tratava o seu governo e se prevalecia de tudo para concitar os preconceitos nacionaes, para irritar as paixões populares contra actos que tiveram causa no interesse do proprio povo. A admissão dos prisioneiros luzitanos foi idéa suggerida pela impossibilidade de obter numero de recrutas necessario; para não tirar os braços uteis á lavoura e mesmo porque «um punhado de homens não era um perigo no meio duma nação de cinco milhões de homens, que queriam uma patria independente.»

A Constituinte passou a tratar de varios assumptos, quasi todos de interesse secundario, excepto o da universidade e dos jurados, dos quaes falaremos.

Nesses certamens, quasi academicos, o illustre Silva Lisbôa fez varias dissertações: caíam-lhe a flux as abundancias da erudição accumulada e com ellas as desillusões da velhice: parecia dizer o supremo e ultimo adeus á vida..

Os artigos do projecto da Constituição politica entravam tambem na ordem do dia; eram vagorosamente discutidos. O povo parecia ter perdido o interesse por uma Constituição, que lhe merecia motejo e elle a denominava—*Constituição da farinha da mandioca*.

Já temos, por diversas vezes, cha-

mado a attenção sobre o proposito com que a Constituinte mantinha desharmonia com o Poder Executivo, procurando sempre expol-o á execração publica.

Um facto de importancia secundaria váe mostrar-nos o sentimento de concentrado rancor irreconciliavel, que refervia nas almas.

Na sessão de 14 de outubro, Antonio Carlos dirige ao presidente as seguintes palavras: «Antes de se assignar a ordem do dia, quero fazer um requerimento. Cuido que estão vencidas umas poucas de leis: a demora da sua publicação parece *encerrar algum mysterio*; requeiro, pois, com urgencia que se mandem a s. magestade imperial para serem promulgadas. *E' preciso que duma vez saibamos a lei em que havemos de viver.* (Apoiados, apoiados). *Já o povo repara para isto como desconfiado; e com effeito é muito o que se tem esperado.*»

Eis ahi como, de coisa bem simples, o orador paulista queria fazer odiosa contra o Imperador, attribuindo-lhe não querer promulgar as leis, demorando a promulgação; demora que *encerrava um mysterio*. E, em tom ameaçador, accentúa, como quem está disposto a travar lucta: «*E' preciso que duma vez saibamos a lei em que havemos de viver.*»

E a Camara das mediocridades imbecilmente cobre taes palavras com um chuveiro de apoiados... Tal era o estado dos espiritos; todas as suspeitas, fundadas ou infundadas, contra d. Pedro, achavam echo, produziam effeito. O povo, que não reflexiona e julga pelas subitas impressões que recebe, ouvindo aquella odiosa insinuação, (intencional e perversamente feita por um representante tão bem reputado) o povo murmurará que o Imperador leva o seu absolutismo até o excesso de obstar a promulgação de leis decretadas pela Assembléa, que representa a nação; o Imperador queria absorver todos os poderes; governar só; restaurar o regimen antigo, eis ahi porque se cercava de prisioneiros luzitanos, admittindo-os como soldados no exercito brazileiro.

Desta e de outras fórmas, os matreiros da Constituinte calumniavam e desvirtuavam as intenções do Imperador com o applauso da parva maioria.

Mas logo que Antonio Carlos acabou de proferir aquellas phrases acerbas e minazes, o proprio presidente da Camara declarou «que taes leis ainda não tinham sido enviadas ao Imperador: estava-se ultimando o trabalho para ser enviadas.» Então o proprio Antonio Carlos diz: «espere-se dois, ou tres dias e nada mais: já o povo repara para isto, como desconfiado. (Vide *Diario da Camara*, sessão de 14 de outubro, pag. 92, 1ª columna.)

As palavras de Antonio Carlos teem o tom da insania, ou da insolencia, que se impõem a uma turba de subservientes, como talvez elle reputa os representantes da nação.

Na sessão de 20 de outubro, o presidente diz: «annuncío a esta Assembléa que vão hoje a s. m. pela deputação nomeada os seis decretos seguintes: 1°, sobre a fórmula da promulgação das leis da presente Assembléa; 2° o da extinção do conselho de procuradores geraes das provincias; 3°, o que prohibe aos deputados o exercicio de outro qualquer emprego; 4°, o que tem por objecto as sociedades secretas; 5°, o que confirma a legislação que continúa a reger-nos; 6°, o que regula a fórma provisoria dos governos das provincias.»

Quando se diz que fôram estereis as sessões da Constituinte, affirma-se um facto comprovado por esta declaração do presidente: eis ahi tudo quanto ella produziu, quasi tudo de importancia secundaria, desde maio até outubro. E' manifesto que esta Assembléa não comprehendia as necessidades dum povo que se organiza; duma sociedade que aspira viver sob o influxo do progresso material e moral, que faz a felicidade e prosperidade das nações.

Antonio Carlos inculcava que a demora da promulgação das leis *encerrava algum mysterio*; attribuia a má vontade imperial. Vimos, porém, que o proprio presidente declarou que taes leis ainda não tinham subido á augusta presença de s. magestade.

Agóra que ellas fôram levadas pela deputação, ouçamos a resposta imperial a respeito das alludidas leis.

O Imperador diz á deputação: «com summo prazer recebo as leis que a Assembléa Geral, Constituinte e Legislativa me envia por esta illustre deputação para eu as fazer executar; ellas passam immediatamente a serem por mim assignadas. O mesmo farei a todas as mais que a Assembléa me fôr remettendo da mesma maneira, bem persuadido que todas ellas serão tendentes a engrandecer e felicitar este Imperio, que já váe começando a ser respeitado no mundo velho e novo, posto que ainda não reconhecido directamente.» (*Diario da Camara*, sessão de 20 de outubro pag. 116, columna 2ª).

A Camara, a despeito de suas prevenções e cegueira, não podia deixar de reconhecer que s. magestade não nutria as intenções, que Antonio Carlos, estulta e maliguamente, lhe attribuia.

Ora, por seu lado, o Imperador, lendo aquellas palavras provocadoras do famoso orador paulista, comprehendeu a perfida e malefica insinuação que lhe era feita e destinada a incutir ainda mais a desconfiança e suspeita contra o seu governo: assim que, de certo, addiccionou mais este ataque á somma já muito avultada de motivos, que induzirá a dissolver a Constituinte, que elle reputava só propria para arrancar-lhe da alma popular o enthusiasmo, a dedicação e a confiança.

O drama, daqui em deante, marcha rapido ao desenlace final; de 25 de outubro a 12 de novembro não é longo o espaço a percorrer.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide adeante o officio do ministerio da Guerra e parecer da commissão.

PAGINAS ESQUECIDAS

ANJINHO

Não chorem... que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre creança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face della!
Tinha uns olhos que choravam,
Tinha uns risos que encantavam!...
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe num segredo
Os mysterios doutra vida!
E a creança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo
Lhe não passára pela roupa!

Que só o vento do céu
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da pôpa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir.

Não chorem! lembro-me ainda
Como a creança era linda
No fresco da facezinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobrezinho! que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre dessa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguem parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa creança?
Alguma estrella perdida,
No céu c'roada donzella...
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava doutra vida?

Não chorem... que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
De noite na ventania
E que uma fala acordou!
Era uma flôr de palmeira,
Na sua manhã primeira,
Que um céu d'inverno murchou!

Não chorem! abandonada
Pela rosa perfumada,
Tendo no labio um sorriso,
Ella se foi mergulhar
— Como perola no mar
Nos sonhos do paraizo!

Não chorem! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe penden?
E pranteia a morte bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céu?

Choram as flôres no afan
Quando a ave da manhã
Estremece, cáe, esfria?
Chora a onda quando vê
A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio dia?

Não chorem!... que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

ALVARES DE AZEVEDO.

O EXERCITO PORTUGUEZ EM 1871

Diz-se — e quem sabe se é uma torpe calumnia? — que o governo vae ter o impudor de consentir que se discuta o orçamento geral! E' natural que por essa occasião melancholica se attente no orçamento especial do *muito bellicosamente chamado* Ministerio da Guerra. Para tal eventualidade aqui estiramos sobre estas pagiuas algumas reflexões amaveis.

Corre que,nisso a que os relatorios chamam pomposamente *o exercito*, se gastam annualmente perto do 4:000 contos. *Corre*, por que se torna difficil averiguar a exacta verdade sendo o orçamento, como é, um inviolavel segredo.

Ora se estudarmos bem a utilidade do nosso *exercito* temos occasião de algumas francas e fortes risadas, dignas de Homero.

A primeira utilidade de um exercito é que se bata.

O nosso exercito não se pode bater.

Pelo unmero dos seus soldados (batalhões incompletos, quadros rareados, etc.), estamos como depois de uma derrota — ao cabo de 24 annos de paz!

O seu armamento é inteiramente inefficaz. Está provado scientificamente que, depois de meia hora de fogo, as espingardas do exercito passariam para o inimigo — rebentadas em estilhaços. Quando não rebentem, o seu alcance é humanitario. Queremos dizer — as balas ficam a meio caminho do inimigo.

Verdadeiramente o nosso exercito só poderia alcançar o inimigo — correndo atraz delle: mas para isso faltam-lhe sapatos! Realmente por tão pouco armamento mais valia uma *tanga* e uma *flecha!*

Quanto á nossa artilharia ha um só meio de ella prejudicar o inimigo: é fazel-o prisioneiro, collocal-o amarrado a 4 palmos da peça, procurar não errar o tiro, e conseguir assim inutilisar-lhe a barretina!

O equipamento é nullo. Nem tendas, nem cantinas, nem transportes. Nenhum apparelho de marcha, nenhum material de acampamento.

O soldado portuguez é bravo, firme, soffredor; tem o *élan*, o arremêsso, como o toiro. Mas nas guerras modernas estas qualidades são inuteis. Compreliendeu-se já que uma peça de artilharia é um soldado mais soffredor e mais firme que um filho de Adão.

Ora estes grandes duellos de artilharia exigem no soldado outras qualidades além da coragem: exigem sobre tudo nos estados-maiores a estrategia como uma sciencia. Os nossos generaes não teem sciencia: tiveram outr'ora, na mocidade, bravura e pulso: pois depois veiu a edade: perderam a fôrça quando ella na verdade já não era necessaria, mas não ganharam a sciencia, quando ella é indispensavel.

Os regimentos não teem instrucção. Não teem o habito do acampamento, da fadiga, das marchas. Não teem pontaria. A disciplina está relaxada; não ha respeito, nem subordinação. Não existe mesmo espirito militar, brio de quartel, amor da arma. O soldado vive na cidade, n'uma indolencia de paizano: fuma, namora, canta o fado: é um camponez que procura soffrer a farda cinco annos — o mais alegremente possivel.

Não servindo o exercito para a guerra — podia naturalmente servir para a policia.

Mas não serve. Nas cidades de segunda ordem os regimentos vivem ociosos. Pois nessas cidades não ha patrulhas, nem rondas, nem sentinellas: as ruas estreitas, sujas, mal allumiadas, são um terreno livre á desordem.

Nada mais natural que aproveitar os vagares do regimento para patrulhar a cidade. Não! o regimento deita-se ás 9 horas para não apanhar o ar da noite. Quem vigia vagamente, sem cuidado e sem persistencia, um dia cada semana, são os cabos de policia. Ora os cabos de policia são cidadãos que fazem este serviço obrigatoria e gratuitamente. Isto é — cidadãos que teem o seu trabalho, a sua familia, os seus deveres, soffrem ainda a obrigação de mauter a tranquillidade de graça. Homens que não teem familia, nem trabalho, de proposito para mais livremente poderem mauter a ordem, que não teem outros deveres que não sejam esses, e que para isso são pagos — deitam-se ás 8 horas da noite, depois de terem passeado desde as 8 horas da manhã. Oh bom senso! Oh patria nossa.

O exercito deste modo *é uma ociosidade organisada !*

Convém ao menos ter exercito para o caso de uma revolta ?

Nesse caso — o exercito seria ainda inutil. Em Portugal o exercito não se bate facilmente com o povo : o exercito é uma porção de povo *fardado*. Em França o exercito é um mundo áparte, exilado nos seus quarteis e nos seus *camps*, com idéas, habitos, sentimentos proprios, sem communicação com o povo, chamando-lhe *bourgeois* e *pekin*, e não tendo duvida alguma em o espingardear. Em Portugal o soldado vive com o povo : sahiu d'elle, volta brevemente para elle : está com elle no contacto de todos os dias, bebe nas mesmas tabernas, canta as mesmas cantigas, brinca nas mesmas romarias, é ainda um cidadão. Não espingardeia o cidadão ! Quando muito, nunca lhe paga o vinho.

*

De modo que o exercito em Portugal :

E' inutil para guerra ;

Inutil para policiar ;

Inutil para reprimir uma revolta.

Para que serve ? Para gastar 4:000 contos.

Ha mais : um exercito só por si é inutil se não faz parte d'uma inteira organisação militar.

Onde estão as nossas praças fortes ? A nossa artilharia ? Os nossos arsenaes ? Os nossos campos entricheirados ? As nossas fabricas de armamentos para um caso de perigo ? Os nossos fortes ? Os nossos caminhos estrategicos ? — Nada temos, a não ser o bom senso fechado, a fronteira aberta, e umas peças de artilharia *a que deu fogo Camões*—o que é poetico, mas fragil !

*

Dir-nos-hão : «Mas nós não somos um paiz militar. .»

Então façamos o que se deve n'um paiz que não é militar. Não gastemos 4:000 contos tão improductivamente como se os gastassemos em caixinhas de soldados de chumbo — (*plumbeos guerreiros*, diria o sr. Vidal, poeta lyrico).

Licenceemos o exercito — e creemos :

1º Uma guarda nacional, com serviço extensivo a todo o cidadão valido ;

2º Um corpo de gendarmaria civil.

Alcançavamos assim :

1º Economisar 4:000 contos ou pelo menos 3:000

2º Entregar á agricultura, uns poucos de mil braços inesperados ;

3º Tornar efficaz a defesa nacional ;

4º Estabelecer por todos os districtos do paiz um serviço de policia, necessidade impreterivel ;

Havia ainda uma 5ª vantagem; mas não a expomos, receiando que a côrte nos mandasse assassinar.

EÇA DE QUEIROZ.

APANHADOS

A dansa no Japão A sra. Azra Hincks, no ultimo numero da *Fortnightly Review*, de Londres, dá umas interessantes informações sobre a arte da dansa no Japão.

As dansas japonezas são religiosas, classicas ou populares, e cada uma dellas, com o seu caracter particular, existe desde os mais antigos tempos, tendo sido cultivada como a poesia e a pintura. A auctora desse artigo para comparar a dansa japoneza com a do Occidente, se serve da seguinte imagem :

«O grande Buddha de bronze de Kamakura, que, desde o principio dos seculos, véla, sorrindo, pelo futuro do Japão, abaixou os seus olhares, com uma expressão enigmatica, sobre os pomposos occidentaes, que o contemplavam duma maneira irreverente. O seu sorriso é cheio de desprezo e de piedade quando elle fala das dansas européas e as compara a essa arte magnifica que solemniza os seus ensinos. E, quando elle põe em frente, uma da outra, a dansa japoneza e a dansa occideutal, ahi é que se comprehende porque o sorriso do Buddha é complacente, desdenhoso e sarcastico.»

***

Amazonas siamezas O rei do Sião tem uma escolta de 400 amazonas, armadas de lanças agudas, em cujo manejo estão summamente dextras. Entram para o serviço do rei aos 13 annos onde ficam até aos 25 annos; ahi passam á reserva, attingidas por uma compulsoria bem apressada.

***

Macaco myope No Jardim Zoologico de Berlim, ha um macaco que foi operado, ultimamente, de cataracta nos olhos. Para completar a cura metteram-lhe um par de oculos que elle uza com uma gravidade muito comica.

***

Phenomeno curioso Ao sul da Nova Zelandia, ha um grupo de ilhas chamadas «As irmãs» ou «As 7 irmãs», onde chove constantemente, sem parar.

***

Um livro de critica theatral O sr. Adolphe Brisson teve a idéa de reunir em volume as mais importantes das suas criticas dramaticas, escriptas no *Temps*, de Paris.

Os srs. Bataille, Ancey, Bernstein, Capus, Brieux, Donnay, Fabre, Hervieu, Lavedan, Lemaitre, etc, isto é, todos os escriptores, cujas obras, de ha tres annos para cá, tiveram alguma influencia sobre os costumes contemporaneos, teem o seu capitulo especial, onde cada um é analyzado como deve ser e criticado com muita justeza e muito criterio. E não são simples paginas de critica secca e esteril ; o sr. Brisson examina uma obra de cada vez, no ponto de vista litterario e nas suas relações com a evolução da sociedade moderna — isto, afinal, justifica amplamente o titulo do livro : *O theatro e os costumes*.

Os poetas dramaticos, como Catulle Mendès, Richepin, Rostand, são tambem objecto dum estudo apurado.

Judiciosas reflexões sobre o «theatro classico» na *Comedie Française*, de Paris, e sobre a montagem das peças de Shakespeare completam esse livro precioso para os que seguem, de perto, o movimento theatral moderno.

***

Bondes hospitaes Em Leith, cidade da Escossia, encontrou-se uma nova applicação para os bondes velhos, destinando-os a servir como dependencia do hospital onde se tratam de doentes atacados de molestias contagiosas.

Deixam varios crystaes no vehiculo e em cada carro acommodam dois enfermos submettidos á cura pelo ar e pelo sol. Muitos desses doentes, depois desse tratamento tão efficaz e estando constantemente no carro, com todo o conforto e expostos ao calor benefico do sol, respirando um ar puro, limpo,

chegam a ficar completamente bons, não mostrando nenhum signal das antigas molestias contraídas e tão sabiamente curadas.

***

Uma estrada de ferro de Paris a Nova York Uma companhia norte americana projectou construir um caminho de ferro ligando a estrada transcontinental americana á transiberiana pelo estreito de Behring e que permittiria ir em caminho de ferro de Paris a Nova York.

Essa linha mediria 2.000 milhas no territorio de Alaska e 3.000 milhas em terras russas. O projecto será auxiliado pelo *czar*, que está disposto a conceder á sociedade uma vasta quantidade de terreno.

A riqueza mineral do Alaska permitte suppor que essa região será atravessada por uma via ferrea num futuro bem proximo; mas o sr. Harry de Windt, que fez em 1901 a viagem de Nova York a Paris pelo estreito de Behring, considera quasi irrealisavel a exploração dum caminho de ferro entre esse trecho e o transiberiano.

A zona arctica siberiana comprehende uma extensão consideravel de *tundra*, nome dado a um conjuncto de paúes, de charnecas espalhadas e de lagos estagnados ficando no verão como «uma grande esponja embebida», onde, a cada passo, o homem mergulha até os joelhos. De maio a outubro, os colonos estabelecidos nos raros oasis desse deserto de lamas ficam isolados do resto do mundo. A circulação não é possivel sinão no inverno. A região não produzindo madeiras, todos os dormentes da estrada de ferro discutida serão certamente importados, e só isso, para atravessar a *tundra*, custaria, pelo menos, 100 milhões de *dollars*.

Da outra parte o movimento commercial do estreito de Behring parece não ser assim tão importante. E' duvidoso que essa estrada, si fôr construida, seja muito uzada para se ir da Europa aos Estados-Unidos. O trajecto será um pouco mais longo que a viagem pelo mar.

Quanto ao tunnel do estreito de Behring, que se fala como dum grande triumpho futuro para os engenheiros, estenderia, com as vias de accesso immediatas, um comprimento de 40 milhas e custaria mais de 10 milhões de *dollars*. Avalia-se a profundidade do estreito em 160 ou 170 pés; o tunnel se achará, pelo menos, a 200 pés abaixo da superficie das aguas, isto é, com uma profundidade menor que a do tunnel da Mancha, cujo comprimento é de 50 kilometros.

***

O dote da princeza Ena A princeza Ena de Battenberg, hoje a esposa querida de Affonso XIII, de Hespanha, recebeu, com o seu casamento, um seguro dotal annual de 200.000 pesos. Esse bello dote, dado pela casa da Hespanha, será reduzido a 100.000 pesos, no caso de fallecer Affonso XIII.

***

Os inglezes perdem a fé na medicina Fundou-se ultimamente na Inglaterra uma curiosa «liga» contra a medicina, a liga de *A gente singular*. Tem por lemma:

«Deus nos deu a vida e Deus tem o direito de nol-a tirar.»

E mais:

«Para que combater contra a vontade de Deus com o auxilio de drogas infernaes — pilulas, pastilhas, unguentos, etc, — que devem ser invenção do Diabo?»

Feliz ou infelizmente, não pensa assim a justiça ingleza — cujos tribunaes condemnaram os paes de uma creança que morreu á mingua de tratamento medico. Os paes tinham adherido á «liga» e confessaram ingenuamente que a melhor maneira de curar o filho era não chamar medico e deixal-o morrer calmamente si Deus era servido chamal-o á sua santa gloria.

Sem o menor estrepito, a *gente singular* tem feito uma propaganda formidavel das suas idéas, e em toda a Inglaterra ha succursaes tão bem organisadas como si fôssem casas de negocios.

*

Além dessa, ha outra «liga» contra a actual medicina: a *fashionable cure*, e circula no bairro da burguezia aristocratica de Londres. São interessantes os seus principios basicos:

«Todo individuo deve ser curado de um modo particular, pois é impossivel que a mesma droga faça effeito sobre um pleben e sobre um nobre;

as enfermidades nervosas são mais susceptiveis de uma cura psychologica que de uma cura material.»

Essa liga já deu tambem os seus resultados: uma senhora da alta sociedade apatacada, que se lhe entregou de corpo e alma, perdeu ambos os attributos. Mas a policia abriu inquérito...

***

O sr. Fallières e os actores O presidente da França, acompanhado de nove ministros, de senadores e deputados, assistiu, não ha muito, á inauguração de um theatro ao ar livre, construido no parque do asylo dos actores invalidos, fundado por Coquelin.

Respondendo a um brinde de Coquelin, o presidente disse: Eu aqui venho não como chefe do Estado, mas como amigo, e me sinto satisfeito de me achar entre vós. Eu não posso comprehender uma republica que se não orgulhe de proteger as artes e, sobretudo, uma tão nobre e meritoria como a dos artistas dramaticos. Recordastes, ha pouco, e eu tive, com effeito, o prazer de conferir, no caracter de ministro das bellas artes e instrucção publica, a cruz de cavalleiro da Legião de Honra a Monnet-Sully, simplesmente porque este é actor. Agóra, de novo, o tenho.»

E voltando-se, conferiu ao velho actor Meuvre a cinta vermelha da mesma Legião. Pouco depois, o presidente e os convidados fôram percorrer o asylo. Ao passar por um logar em que se acha o busto de Molière, disse Coquelin:

— Aqui, sr. presidente, collocaremos o busto de Victor Hugo e o de Waldeck-Rousseau. Peço-lhe liçença para collocar o de v. ex.

Nesse momento, interveio o sr. Clémenceau:

— Permitta-me, sr. presidente, que entregue ao nosso amigo Coquelin a grande medalha de ouro da assistencia publica.

E continuou, em meio do espanto de Coquelin:

— Não pense que se trata de uma distincção vulgar: em toda a França ha apenas quatro ou cinco dessas medalhas.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Hereditariedade das molestias.—Experiencias do dr. Ribbert. — Mutilações que se nos transmittem.—Os habitos.

A hereditariedade tem sido assumpto de vasta exploração scientifica, mas muito insignificantes informações se teem colhido.

Considerando que cada creatura, desde o elephante á borboleta, se desenvolve de uma minuscula massa microscopica de materia viva, é difficil comprehender como os elementos dynamicos de infinita variedade de estructura que fórmam o corpo, pódem-se accumular em tão pequeno espaço, addicionar-lhes os caracteristicos individuaes, apparecendo em successivas gerações.

Tem-se discutido si as molestias pódem ser transmittidas pela hereditariedade. E' certo que diversas molestias, antes attribuidas a herança, se verificaram como resultado de outras causas, estendendo-se assim uma grande sombra de duvida sobre esse curioso assumpto.

O dr. Ribbert diz que as provas mais authenticas são contrarias á transmissão das molestias pela hereditariedade; admitte, todavia, que algumas vezes isso aconteça. A mais frequente consequencia das molestias graves, porém, é enfraquecer o systema até incapacital-o de successão. Si bem que a cellula germen seja resistente e não possa conter elementos morbidos, póde ser affectada durante o seu desenvolvimento pela infecção bacteriosa, pela acção de venenos do systema dos paes ou pela pobreza de nutrição e, em casos desta ordem, os descendentes não serão sadios, terão tendencias para o desenvolvimento das molestias dos ascendentes e de outras inteiramente diversas.

Sobre 3.329 casos pathologicos observados, uma alta porcentagem de descendentes de alcoolistas chronicos teve a mesma molestia; um pequeno numero soffria de affecções varias; poucos eram validos e não manifestavam insolita tendencia para o mesmo vicio. Provas chimicas pareciam demonstrar que anormalidades adquiridas podiam ser hereditarias.

A hyperdactilia, tendencia para o desenvolvimento de um numero anormal de dedos é uma deformidade herdada atravéz de successivas gerações, da mesma fórma que a distorsão, augmento do craneo e do cerebro da gallinha polaca, muito conhecida pelos creadores dessa especie de aves.

Por outro lado, é facto muito averiguado que as mutilações não são hereditarias. Caudas cortadas não se reproduzem nas successivas gerações de cavallos, nem semelhantes maneiras de transformar cães, confórme os caprichos da moda, empregados embóra seguidamente em muitas gerações do mesmo animal. Os filhos de manetas nunca saíram com vestigios dessa mutilação dos paes.

A cellula germen parece não ser impressionada pelas condições externas, pelo menos esse phenomeno é muito raro, ao passo que alguns caracteristicos parecem innatos com as pennas crespas de algumas especies de passaros, os habitos persistentes de algumas raças de animaes, um aperfeiçoamento de certos instinctos pelo exercicio ou por uma educação especial.

De accordo com outro ponto de vista scientifico, a vida é inseparavel do espirito; é uma especie de actividade dependente do espirito, creada pela acção deste sobre o protoplasma em condições não differenciadas e protomorphicas, possuindo, todavia, o caracter de espontaneidade e adaptação. De todos os orgãos do corpo, o cerebro é o primeiro a adquirir fórma, torna-se uma força directriz, governando o desenvolvimento de todos os outros orgãos, determinando a constituição de novas estructuras. A influencia do systema nervoso preside a todas as forças activas e deve ser considerado a fonte do desenvolvimento organico, que comprehende uma série de mudanças, cuja origem e crescimento methodico se não pódem explicar no terreno da mechanica.

Dessas duvidas parece resultar que as molestias dos ascendentes preparam os descendentes para o desenvolvimento das molestias dos paes, si bem que ellas não se transmittam necessariamente pela herança.

***

A cura do cancro. — Descoberta do dr. John Beard. — Effeitos da tripsina sobre os germens do tumor maligno.

As descobertas do germen do cancro, as apregoadas curas desta molestia terrivel teem provocado tantas decepções que o publico as recebe sempre com justificada desconfiança; entretanto, annuncia-se que o dr. John Beard, professor de biologia comparada na Universidade de Edimburgo, encontrou uma substancia que cura o cancro digerindo as suas cellulas. Esta noticia foi communicada pelo dr. C. W. Saleeby na edição de agosto do *Mc-Clure Magazine*.

Como se sabe, o cancro é molestia muito vulgar, causando um obito em quarenta. Os dados estatisticos não asseguram a deducção de que essa molestia está augmentando, si bem que muitos observadores attribúam a apparente diminuição á circumstancia de que o periodo normal da vida váe encurtando e poucos homens attingem a edade mais favoravel ao desenvolvimento da molestia. De accordo com essa generalisação, quem viver muito está provavelmente sujeito a morrer de cancro.

Algumas fórmas superficiaes desse néoplasma pódem ser curadas pelo radium ou pelos raios de Rœntgen, mas o unico meio de cura até agóra conhecido é a intervenção cirurgica.

Profissionaes de grande auctoridade affirmam que o cancro não é resultado de uma infecção, sendo as cellulas do tumor maligno nativas do corpo que destróem. Resta, porém, saber quaes as circumstancias que actúam para o desenvolvimento da virulencia dessas cellulas no individuo. O dr. Saleeby acredita que não se pódem ainda indicar as razões precizas do phenomeno. E' possivel que ella seja, ao principio, uma cellula normal do corpo, degenerado em typo inferior, em que, de accordo com a lei de Spencer, a genese é obtida á custa do poder de individualismo, de maneira que, tendo perdido sua classe individual, ganha, em compensação, o poder infinito de multiplicação, caracteristico dos microbios e outros organismos inferiores.

Por outro lado, é possivel que o germen do cancro fôsse, ao principio, differente das cellulas que a cercam. Sustentando esta hypothese, o dr. Beard pensa que a cellula mãe do cancro sempre existiu no corpo humano.

O dr. Saleeby procura a explicação do phenomeno na embryologia.

E' impossivel, no espaço desta noticia, citar os diversos factos de embryologia sob os quaes se funda a theoria do tratamento empregado pelo dr. Beard. Parece que o methodo depende do que os embryologistas consideram alteração de gerações. Este medico descobriu o periodo critico que marca o principio e o desapparecimento da transitoria geração larval, sendo o tecido caracteristico dessa estructura designada pelo nome de *trophoblast*.

Antes do periodo critico no caso dos peixes, por exemplo, todos os processos digestivos dependiam de uma digestão acida intracellular muito semelhante á que se dá no estomago do adulto. Aquelle periodo é determinado pelo desenvolvimento, no embryão, de um novo orgão denominado o pancreas, o mais importante orgão da digestão, produzindo varios fer-

mentos dos quaes o mais importante é a trypsina, substancia que age sómente num meio alcalino.

O dr. Beard classifica o tecido canceroso um irresponsavel trophoblasto, cujas cellulas são digeridas pela trypsina, encarregando-se o resto da secrecção pancreatica de destuír os productos dessa digestão.

O dr. Beard affirma ter effectuado varias curas com este methodo nos arrabaldes de Londres.

A LIVRARIA

«HISTORIA DO BRAZIL», POR J. F. DA ROCHA POMBO.—1º VOLUME. — J. FONSECA SARAIVA, EDITOR. — RIO DE JANEIRO. — 1906.

Do que se vê pelo primeiro volume, ora concluido, da importante obra que o sr. Rocha Pombo emprehendeu, já se póde antecipar que este seu livro está destinado a ter um logar obrigatorio em todas as nossas bibliothecas.

De parte os seus outros titulos, elle vae ser o instrumento de economia e commodidade intellectuaes que já de ha muito reclamavamos quantos nos interessamos pelas coisas patrias.

Mas não é apenas um serviço interior o que nos presta a nobre e bem provida intelligencia do nosso sympathico compatriota entregando-se a esta faina, tão grande e de tanta responsabilidade que vale pela missão de uma vida e basta para fazer a solida reputação de um nome.

Estas syntheses são no estrangeiro, antes de tudo, o espelho da civilisação de que procedem. A realisação que ellas na verdade representem, estando o facto em dependencia tão directa e tão intima de elementos nacionaes, passados e presentes, reverte em honra, menos do orgão que é o historiador, do que do conjuncto que permittiu o seu apparecimento.

Além disso, porém, os paizes novos, em organisação, como o nosso, necessitados de integrar-se, sob todos os aspectos, com os elementos que sobram ás raças superiores da Europa, precizam organizar todo um systema, uma rêde de attracções sobre taes massas migratorias.

Não ha esse que já não o tivesse comprehendido, e aquelles que se deixarem ficar atraz correm o risco de ver os mais activos e aptos constituirem-se, fortalecerem-se tão vigorosamente, que venham a complicar dentro em pouco o problema, oppondo-se á integração, sinão á propria independencia dos retardatarios.

Esse e outros perigos ameaçam qualquer sociedade ainda em via de perfeita organisação autonoma actualmente, não importa em que parte do mundo. Não devemos ter a vaidade de nos julgar isentos de taes vicissitudes.

Por sua vez, os paizes europeus que soffrem dessa densidade excessiva de população estão tratando muito avisadamente de orientar e dirigir o impulso indominavel e necessario que determina a trasplantação de tão grandes massas, de modo que se possa dar uma distribuição a mais intelligente possivel.

Está ahi mais uma razão para irem os paizes que se acham nas condições do nosso completando e aperfeiçoando, de cada vez mais, o seu systema de propaganda.

Syntheses como esta de que o livro de que se trata representará são de um adjutorio inapreciavel nesses apparelhos, não só como repositorios de informações directas e positivas, sobre tantos aspectos das sociedades a que se referem, como pelas indicações bibliographicas que a natureza dos multiplos assumptos a que ellas teem de attender forçosamente proporciona.

As duas historias do Brazil mais consideraveis de que dispomos são as de Roberto Southey e F. A. de Warnhagem; a ultima, porém, que é a mais recente, data de 1857. Bastaria simplesmente essa circumstancia para indicar a nossa grande deficiencia bibliographica nesse particular.

A revolução operada na litteratura historica, si bem que proceda de uma evolução muito lenta, que a tendencia positiva e democratica da éra moderna veio pouco a pouco evidenciando, tornou-se um facto irrecusavel e propagou-se victoriosamente só do meiado do seculo XIX por deante.

Ella inspirou-se nas novas idéas philosophicas, todas, em ultima analyse, pelo menos egualmente naturalistas, que encontraram seus orgãos mais eminentes nos chefes de escola allemães, inglezes e francezes de cujo surto a obra de Augusto Comte foi em parte uma determinante essencial. Mommsen, Curtius, Grote, Buckle, Fustel de Coulanges, Taine, formaram-se todos na atmospheera das novas idéas que Gœthe, Lamarck, Wallace, Darwin, Spencer, Hæckel, representam nos seus pontos culminantes.

Antes será esse o caracteristico geral desse grupo de historiadores do que aquelle que elles ambicionaram de fundadores da sciencia da historia, por emquanto ainda longe de ser dada como estabelecida.

Como quer que seja, no emtanto, o irrecusavel é que, fóra dos methodos modernos, essencialmente racionalistas, que requerem a coordenação methodica dos factos e uma systematisação scientifica, para as inducções e generalisações subsequentes, não se póde escrever mais uma pagina que mereça ser considerada como de historia propriamente dita.

Por esse motivo, entendeu-se dever-se reformar a historia inteira da civilisação. Só depois de lermos «Ottfried Müller, Thirvall, Grote, Niebur, Mommsen, Curtius, Fustel de Conlanges, é que bem conhecemos e comprehendemos a Grecia e Roma», escreve um dos nossos bem apparelhados auctores, quer dizer só ahi reconhecemos como feita a historia desses dois grandes povos.

Nem Southey nem Warnhagen puderam formar-se nesse ambiente moderno, o que é facilimo induzir das suas proprias obras.

Southey nem siquer é um escriptor nosso. Inglez de nascimento e educação, estranho ao nosso meio, pertencente a outra raça e de religião hostil á professada por aquelles de quem procedemos, não possuia preciosos requisitos sympathicos que são indispensaveis para bem interpretar-se a historia de um povo. Tanto mais tratando-se de historia moderna, por conseguinte da de uma raça que ainda hoje figura no scenario do mundo e cujas qualidades, sendo divergentes das que caracterizam o povo a que pertence o escriptor, correm constante risco de produzir uma antipathia humana muito natural no seu espirito, coisa que só póde ser evitada até certo ponto por uma relevante superioridade intellectual.

Ora, é justamente o que falta ao operoso historiographo que consagrou

tantos dias de labor a esse serviço em pról da nossa civilisação num tempo em que a litteratura historica era de uma indigencia lastimavel no nosso paiz. Antes do seu, seja como fôr, consideravel esforço, a unica historia geral do Brazil existente era a *America Portugueza*, a ingenua tentativa de Rocha Pitta.

A obra do escriptor albião, cuja mediocridade neste ramo é difficil conciliar com o bom renome que elle conseguiu em seu paiz como poeta, representa a resenha mais extensa de factos que até hoje se tenha feito da nossa historia, mas irregular, e em que tudo é contado sem enthusiasmo e sem fé, quasi como num simples relatorio. Além disso, vem tudo como numa narrativa de coisas incontestes, sem o menor espirito de critica, como si não passasse pela mente do escriptor a desconfiança, siquer, do controverso.

Occorre ainda que nos 6 volumes da obra em questão não se trata apenas do assumpto a que o seu titulo devera subordinal-a. Além da historia do nosso paiz, ella «relata a fundação e progresso das provincias hespanholas adjacentes». Dahi motivo ainda para maior confusão.

Accrescente-se a tudo isto a circumstancia de haver Southey escripto apenas com os dados que pôde obter lá no estrangeiro, e sabe-se o sufficiente para fazer uma idéa do que a sua *Historia do Brazil* representa.

O livro de Warnhagen, calumniado por tantos, como aliás toda a sua obra o tem sido, revela outra capacidade e deve ser considerado como a primeira tentativa de merito que houve para a organisação da nossa historia.

Além de que essa obra resulta do maior trabalho de pesquiza que sobre o assumpto já se fizera aqui e nas fontes estrangeiras, encontram-se nella certas preoccupações de historiador propriamente dito. Vê-se que o nosso illustre compatriota não andava alheio ao movimento revolucionario que começava a esboçar-se por aquelle tempo no terreno por que mostrou predilecção.

Demais, o seu natural probo, a hombridade mesmo que revela, contam-se como circumstancias favoraveis para o relevo que elle alcançou, combinando-se ellas com a grande actividade intellectual e assignalada paixão pelo estudo que decidiram da sua sorte nas lettras.

Ainda assim Warnhagen não pôde abafar em seu espirito os preconceitos proprios da geração nacional a que pertenceu, toda ella, mais ou menos, dirigida pela influencia hierarchica e munificente do imperador, d. Pedro II. Tanto mais que o nosso valoroso escriptor, havendo feito carreira pela diplomacia, teve de pertencer naturalmente ao numero dos que viveram mais de perto na athmosphera imperial. Elle era catholico, apostolico, romano, e monarchista convencido: um aulico, na bôa accepção da palavra.

Juntem-se esses traços aos offerecidos atraz, e é facil induzir-se o que seu livro póde ser. Elle é a obra-prima que então se podia entre nós produzir, com o espirito que animava aquella epocha, com o preparo e os materiaes de que dispunhamos, dentro das conveniencias que era indispensavel guardar.

Não ha fugir: a historia do Brazil que a nossa epocha exige, como e até onde já a podemos fazer, essa, quer a de Warnhagen, quer a de Southey, estão longe de representar.

Além de tudo, depois que ellas fôram escriptas já o paiz descreveu mais um bom trecho da sua vida.

A regencia, breve, mas tão movimentada, mesmo consideravel, — sobretudo tão interessante, e o segundo reinado, longo e tão cheio de accidentes como foi, ainda não figuram na obra de qualquer um dos nossos dois historiographos. No emtanto, de ha muito elles tiveram a sua aurora e o seu diluculo, e aconteceu que o ultimo ruiu com a instituição monarchica. Pelo menos até ahi, já é licito esboçarem-se dois novos quadros, que tomarão um bom espaço no novo plano que se está impondo.

A tentativa, portanto, do nosso contemporaneo, o sr. Rocha Pombo, é dessas que merecem a maior sympathia e o mais vivo acoroçoamento.

Escrevendo o largo e excellente prefacio com que abre o seu primeiro volume, declara o auctor:

«Este trabalho não viza constituir uma historia da civilisação no Brazil. Para tão alta e difficil tarefa me falleceu tanto os conhecimentos especiaes que não póde deixar de ter o historiador (e isso principalmente) como o indispensavel material que tem de servir de base á construcção do que ha de vir a ser propriamente a nossa historia. A minha tarefa é ainda a mesma tarefa secundaria dos que me precederam: é consubstanciar elementos para o historiador futuro e portanto fazer apenas um pouco mais que a simples chronica, porque ha de ser uma condensação de chronicas e monographias, de tudo em summa que tem de ser o estofo historico da obra de amanhã. Nem mesmo se poderia tratar de fazer historia no sentido moderno ou no conceito actual da sciencia historica. Só se pódem applicar os grandes principios da historia, pelo menos applical-os com probabilidade crescente de successo, a longos periodos, que permittam destacar bem o sentido dos acontecimentos. O Brazil, como todas as outras nações americanas, póde-se dizer que, na mais ampla significação do termo, não tem historia ainda. Por emquanto estamos todos reagindo contra os males e vicios do regimen colonial.»

A clareza de vistas que estas palavras revelam e o espirito de lealdade, de franqueza, sinão de modestia, em que ellas se inspiram são aptos a bem dispôr o espirito daquelles a quem faltem outros elementos para formar uma espectativa em relação á abalançada empreza. Ao mesmo tempo, no emtanto, ellas servem para delimitar antecipadamente a ambição do leitor.

Mais adeante, mas ainda no prefacio, fala o nosso historiographo sobre a grande necessidade de consultarem-se os archivos de além-mar para conseguir-se o maximo que é hoje possivel a quem cuide da confecção da historia de qualquer das antigas colonias da America, pelo menos até ao momento da emancipação. Refere-se a isso para lastimar que tambem esse subsidio lhe falte.

Elle não se propõe, por conseguinte, sinão a «aproveitar do melhor modo o que os outros prepararam.»

Creio não haverá quem perpasse com certa attenção este primeiro vo-

lume da obra do sr. Rocha Pombo que não se convença de que, mesmo assim, a differença entre os elementos com que Warnhagen jogou e os que se acham á nossa disposição, mesmo só aqui no Brazil, é verdadeiramente consideravel, não se falando do progresso introduzido no methodo geral adoptado pelos grandes mestres que revolucionaram a litteratura historica de ha cincoenta annos para cá.

E esse reconhecimento implicará a convicção de que o livro que ora se vae publicando resulta de reiterados estudos e amadurecida reflexão, junto a um pendor decidido, ao que se deva chamar mesmo a verdadeira vocação de historiador.

Só assim as contingencias de tempo a que tem de obedecer o nosso compatriota, vendo-se forçado a redigir sua obra no correr da impressão, não hão de poder prejudical-a de modo verdadeiramente grave.

Este volume inicial, que já foi organisado por essa fórma, parece que é uma prova decisiva de que, junto ás vantagens primordiaes referidas, o sr. Rocha Pombo dispõe de capacidade de trabalho e obedece a um methodo de organisação sufficientemente raros para garantirem-no de todo contra um exito mediocre.

A obra completa constará, pelo menos, de 6 fortes volumes, cada um offerecendo 600 paginas na média. Material não muito maior, por conseguinte, do que aquelle que a obra de Southey encerra, constando de egual numero de volumes, embóra menores, dando-se ainda que esta de hoje alcança até os primeiros annos da Republica.

A grande vantagem, porém, que, de tal ponto de vista, leva o sr. Rocha Pombo sobre o escriptor inglez é que elle não se váe deter como este em pormenores puramente anedocticos, que não tenham propriamente importancia para as conclusões historicas. Deste modo, todas as questões poderão ser tratadas na obra de agóra com muito mais desenvolvimento do que nas suas predecessoras.

O primeiro volume historia apenas o descobrimento do Brazil, sendo em sua grande parte consagrado á descripção da nossa terra e aos assumptos que teem uma connexão mais intima com essa materia. Sabe-se que importancia hoje se dá á questão do meio physico no problema do desenvolvimento das raças, da differenciação do caracter dos povos, do genio peculiar a cada uma das familias humanas. Por conseguinte, o desenvolvimento dado a essa materia é uma prova da orientação toda moderna a que obedece a obra do esforçado escriptor.

Por outro lado, esses dois pontos de que elle até aqui pôde tratar são dos mais difficeis que o assumpto geral offereça.

No primeiro, quasi tudo é controversia, dependendo, por conseguinte, a sua explanação do mais abundante material, cuja escolha e condensação requer demorado estudo e seguro criterio.

Ver-se-á que a organisação das paginas a elle referentes offerece um incontestavel caracter de superioridade. E' feita com erudição ampla e segura, de bôa lei, e por fórma viril, que confirma a firmeza da concepção. Digam outros de competencia si taes paginas poderiam ser mais exhaustivas deante do material que os eruditos accumularam até aqui sobre a questão.

No segundo quasi tudo é deficiente e um tanto incerto. As diversas sciencias, de cuja collaboração depende a synthese que esse assumpto deve representar, estão longe de ter tido entre nós a applicação bastante para podermos pretender haver colhido um resultado razoavel, signer, sobre todas as questões que se prendem ao conhecimento do nosso sólo e da nossa natureza em geral. Ainda assim, quasi tudo o que de mais importante até agóra se pôde estabelecer deve-se a um grupo de illustres estrangeiros, que o amor á sciencia pôde trazer até nós, do começo do seculo XIX para cá. Em todo caso, já a intellectualidade brazileira tem produzido quanto o exiguo dos nossos recursos permitte. Os esforços de uns e de outros reunidos proporcionam, ao menos, entreverem-se as verdadeiras condições materiaes do meio em que temos de agir, desvendando-nos, por conseguinte, um pouco a perspectiva do nosso futuro.

O esboço organisado pelo sr. Rocha Pombo, dentro das largas linhas que tomou por limites, é bem satisfactorio, no que eu posso julgar, deante da bibliographia de que dispomos.

A razão pela qual, no emtanto, quem ler este volume ficará numa espectativa verdadeiramente lisongeira sobre o conjuncto que ella ha de representar procede da impressão que nos causam as duas qualidades a meu ver predominantes na caracteristica do espirito que se abalançou a esta tarefa. São essas a grande faculdade de sympathia humana que elle revela, e por outro lado a sua capacidade philosophica para o estudo, não só dos typos e das collectividades, como de todos os elementos que fazem o meio, que determinam as causas constituintes de cada familia humana e aquellas de que depende a evolução social.

Ha um verdadeiro poeta nesta alma de historiador. A sciencia para o sr. Rocha Pombo é, em ultima analyse, apenas um instrumento de idéalisação. Si elle indaga, si elle confronta, si elle indúz, é tudo por amor á conclusão, pela paixão das generalisações, e isso devido a uma risonha espectativa que nunca o abandona, a uma verdadeira fé na grandeza das finalidades, na harmonia para cuja representação tendem todos os destinos. Parece-lhe que podemos entrever sempre qualquer coisa de arrebatador, nos typos mais altos como nos mais humildes a quem caiba um papel no meio planetario, uma vez que tenhamos os olhos fixos, menos nos moveis estreitamente conscientes a que cada um obedece, do que aos que procedem de um instincto superior, que correspondem secretamente a uma vasta solidariedade, na Especie como no Universo, estabelecendo a impossibilidade das existencias vãs, revelando o illusorio de toda a pequenez, consideradas as coisas de um ponto de vista mais alto.

No espirito do sr. Rocha Pombo, a necessidade da admiração sobreleva outra necessidade qualquer. Elle teria nascido muito mais na sua epocha si viesse num tempo que pedisse apotheoses por obras.

Salval-o-á no nosso a psychologia intuitiva de que, como eu já escrevi, a par disso elle dispõe, e com ella sua curiosidade scientifica, sendo inevitavel embóra que a qualidade mais pre-

dominante no conjuncto sobreleve de certo modo as outras no aspecto geral que a obra ha de offerecer.

Si essa faculdade de sympathia humana é sempre assim notoria neste espirito, que tantas outras provas já tem dado de si, na obra de agóra ella se tornará mais patente, como já se póde ver neste primeiro volume. Por que? — Porque o sr. Rocha Pombo é de um verdadadeiro enternecimento pelas raças precipuas na composição do nosso typo ethnico, com o qual se sentem na sua alma as affinidades mais intimas.

As paginas que constitúem o portico desta sua obra, que se referem ao facto do descobrimento e aos seus mais immediatos antecedentes, sérias e sobrias como sejam, no rigor do plano positivo a que lhes era forçoso obedecer, teem qualquer coisa do prologo de uma epopéa.

Mas não são apenas os personagens que vão figurar no drama cujos lances elle se propõe descrever e interpretar que lhe accendem a alma nesse enthusiasmo, forte bastante para lhe dar a transfiguração poetica. E' tambem a terra que o destino elegeu para ser o scenario solemne e o propulsor munificente da acção que nos esteja reservado exercer como povo. São os nossos horizontes interminos, são as perspectivas incomparaveis de belleza e de magestade dos nossos mares e das nossas bahias, das bacias dos nossos rios-oceanos, as dos nossos campos e das nossas serras. E' a variedade das nossas zonas, é a riqueza do nosso solo. E' a maravilha da nossa flóra e da nossa fauna. E' a resultante das raras combinações meteorologicas que constitúe a benignidade dos nossos climas.

Por isso esta outra parte que compõe o primeiro volume furta-se ao risco de ser uma simples e árida exposição geographica, tornando-se de amenidade seductora, ao mesmo tempo que se reveste do caracter synthetico e philosophico que a natureza da obra requer.

Prefaciando o excellente compendio de historia do Brazil que devemos ao sr. João Ribeiro, escreve o sr. Araripe Junior:

« Os competentes ha muito condemnaram a mania de empregar a historia como instrumento de exaltação patriotica. E' difficil dizer si o mundo já póde dispensar esse conhecido instrumento de civilisação e si esse apparelho de defeza nacional está no caso de ser abandonado tão cedo para dar lugar a um cosmopolitismo duvidoso, inorganico.»

Em paizes novos, ainda em plena formação, como o nosso, que, na phrase do notavel escriptor de cujo livro aqui me occupo, ainda não tem historia, uma vez que não se exaggere a ponto de prejudicar a probidade indispensavel em trabalhos desta ordem, destinados a adeantar alguma coisa á cultura do mundo, é indispensavel que as obras historicas não se afastem muito do methodo a que se refere o nosso eminente critico.

Atravessamos um periodo de formação da nossa psyché, e a quantos manejamos uma penna cumpre não esquecer que a nossa missão mais alta por emquanto é á de educadores, de paes espirituaes da massa que se váe entre nós lentamente organisando.

Quem não confie e não creia, quem mesmo propriamente não sonhe, ainda não tem uma funcção normal entre os escriptores deste continente.

A *Historia do Brazil* do sr. Rocha Pombo será um excellente instrumento de educação nacional pela larga noticia da terra em que nascemos que suas paginas diffundirão pelos vinte Estados da Republica e pelo arrebatado dos fins superiores que constitúem o seu objectivo central.

Com isso, proporcionará ao estrangeiro que por nós se possa interessar informação copiosa e commoda das nossas origens, do nosso inicio e do que somos actualmente, dando-lhes uma idéa do que ha de vir a tornar-se a grande Patria que, com a collaboração dos que tiverem a felicidade de confiar nos nossos destinos, em futuro bem proximo representaremos no mundo.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

O UIRAPURU'

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

I

Chefe do trafego de uma companhia de navegação fluvial de pequenos *gaiolas*, que revelaram ao commercio as riquezas do enredado labyrintho de canaes do archipelago da fóz do Amazonas, Placido era o mais correcto, o mais perfeito typo de empregado intelligente, honesto, apaixonado pela profissão exercida com a serenidade imperturbavel de uma consciencia satisfeita pelo dever cumprido á risca com indefectivel pontualidade. Elle encarnára a profissão, consagrára a ella toda a sua intelligencia primorosa e culta, nella concentrára todas as suas aspirações e por isso a Empreza, nome vulgar da companhia, se tornára o propulsor do desenvovimento do commercio e producção das Ilhas. Sob a direcção de Placido, ao impulso do seu methodo, organisado como um apparelho de complicado e admiravel mechanismo, o trabalho fructificava em resultados extraordinarios, os obstaculos eram facilmente transpostos, os accidentes, tão frequentes nesse genero de negocios, se evitavam, se attenuavam. Dir-se-ia que elle tinha o condão da previsão, um instincto incomparavel para escolher, para adivinhar os mysteriosos caminhos do exito.

Celibatario aos trinta annos e dispondo de alguns haveres herdados dos paes, Placido construira uma bella casa no bairro de S. João, quasi á orla da floresta exúberante, uma casa pequena, modesta e commoda como um ninho onde elle morava com a Severa, velha mulata que o acompanhava desde a infancia, desempenhando com solicitude maternal e auxiliada por dois filhos rapazes, todas as funcções domesticas. Ella varria, cuidava escrupulosamente da casa, da chacara, lavava, engommava para não confiar a roupa do uzo de *nhô* Placido a mãos mercenarias, desinteressadas da conservação, do apuro, os ternos de brim pardo, as gravatas brancas que eram o traje habitual do patrão, muito cioso do asseio da sua pessôa, como toda a gente do Pará. E sobrava ainda tempo á meiga Severa para cosinhar, inventando saborosos quitutes, picadinhos de peito de tartaruga, casquinhos de carangueijos da Vigia, tortas de camarão, pacas com tucupy, mussuanos ensopados, saborosas marrecas de Marajó com arroz de cuchá. Além disso, era carinhosa enfermeira, conhecia toda a pharmacopéa popular de mésinhas, de orações fortes, de feitiçarias, que ella appli-

cava quando elle se resfriava nas caçadas aos domingos por igapós e bosques, pois, tirante esses ligeiros achaques de caçador, gozava de uma saúde de ferro.

A hora certa, invariavelmente, elle entrava no escriptorio, a passo moderado, fumando em piteira de ambar o cigarro tauary; tirava o chapéo de palha, o paletó, os punhos; pendurava-os no cabide e iniciava o interminavel trabalho de conferir guias, conhecimentos as notas de carga e toda a papelada confiada ao seu indefectivel zelo.

Terminada a faina diaria, voltava a casa, percorria o jardim, as dependencias da chacara, o redil dos cães que latiam alvoroçados, os viveiros de aves, de mutuns, elegantemente adornados, de guarás roseos, de jacamins que vinham roncando, de azas assanhadas, dansar em torno delle. Depois dessa visita á creação e aos xerimbabos, *nhô* Placido tomava um banho frio, jantava conversando com a Severa, mudava outro terno de brim branco e saía em pausado e methodico passeio até o café Carneiro, onde matava o tempo até ás onze da noite jogando uma partida de sólo com tres amigos muito intimos.

Rara era a noite em que não terminava com a infallivel discussão das pichotadas, com increpações ao capricho da sorte, sempre favoravel ao Placido.

— E' demais — exclamava um dos parceiros — tu ganhas sempre. Por felicidade nossa não és ambicioso.

— Este homem tem mandinga — observava outro, atirando as cartas sobre a meza.

— Pois vocês não sabem — ponderava o terceiro — que o Placido tem uirapurú? E' por isso que se sáe bem em tudo quanto se mette.

— Vocês é que são uns grandes pichótes — concluia Placido, sorrindo e passando machinalmente a mão sobre o amuleto que Severa lhe botava no bolso do colette, o cadaver de um passarinho minusculo, envolto numa bolsinha de seda preta, mysterioso habitante das florestas cujos trinados maviosos hypnotizam, seduzem os outros passaros, grandes e pequenos, todos os representantes da variadissima ornitologia da região do Rio Branco, na pictoresca fronteira da Venezuela, alegres bandos alados que o acompanham acclamando-o com uma cacophonia de gorgeios, de canticos atroadores, de gritos estridentes. E' extremamente difficil apanhar o uirapurú. Sómente os indios lhe conhecem os habitos e sabem caçal-o, feril-o nos altissimos galhos com a subtil flécha envenenada das zarabatanas perfidas, e vendem-no como talisman de extraordinario prestigio. A superstição o consagrou mascotte de inestimavel valia.

Essa partida de sólo era infallivel. Estava inscripta nos habitos de Placido como essencial apperitivo do somno sem sonhos, em que adormecia até ás seis horas da manhã, numa tranquillidade de creança vigorosa.

Assim passou Placido trinta annos da sua vida exemplar e calma como o deslizar sereno num lago azul, sem ondas. E graças aos habitos immutaveis, elle se tornára uma especie de machina humana, incansavel, preciza, sem attrictos, sem rumor, sempre alegre por mais onerosas que fôssem as obrigações, as responsabilidades, cheio de bonhomia, de paciencia, de resignação, como creatura contente de viver sem ambições, sem soffreguidões extenuantes, caminhando esperançoso e confiado para deante, sem preoccupações do futuro entregue ao cuidado da divina Providencia.

II

Os negocios da Empreza determinaram a necessidade de enviar ao interior um representante de inteira confiança, e os directores, não encontrando empregado subalterno que desempenhasse tão ardua missão, tiveram de impor ao Placido o sacrificio de uma solução de continuidade na sua vida pacata. E lá foi o homem, disfarçando quanto podia a contrariedade occasionada por essa viagem inesperada. A' meia noite, chegou elle a bordo do *Arapixy*, atracado á ponte, atravancado de bagagens, de mercadorias, caixas, paneiros de farinha ensaccados em estopa e garrafões com aguardente arrumados sobre o convéz á prôa, em perigosa promiscuidade com caixas de kerosene. A' ré, em torno de um vasto camarote destinado ás senhoras, estavam armadas rêdes de algodão e de maqueira, simples ou luxuosas, em todas as direcções, algumas superpostas, pendentes dos esteios da tolda, tanto excedia o numero de passageiros á lotação do navio.

Apezar de estar reservado o logar para a sua rêde, Placido se viu muito atrapalhado para se isolar de visinhos incommodos e dispor a grande bagagem, a espingarda, dois cães de caça e todos os objectos usuaes que elle conduzia para manter o vivo aspecto do meio que organizára com tamanha solicitude.

A' uma hora o pequeno vapor estremeceu, abalado por um movimento das rodas, das pás borbulhando n'agua, pelo ruido do vapor esguichando das valvulas em silvos estridulos, terminando em choques soturnos, contundentes, compassados da marcha vigorosamente iniciada aos balanços regulares das grandes hastes de aço polido mergulhando sem attricto nos tambores oscillantes e prezos pelos excentricos ás secções do grosso eixo. O telegrapho do commando signalou —toda a força, e as rodas do *Arapixy*, com um farfalhar cadenciado, aceleravam o impulso.

Estirado na rêde, perto do pequeno camarote do commandante, Placido contemplava a cidade afastar-se lentamente; as luzes, em larga orla desde o arsenal de marinha ao Reducto, pestanejava na treva, diminuiam, confundindo-se com as estrellas que, em constellações fulgurantes, tauxeavam o céo equatorial, profundamente negro, até se sumirem quando o vapor entrou no canal do Arapiranga e ganhou a bahia de Marajó, ainda agitado pela viração vespertina. No convéz continuava, á luz de pharóes, o trabalho da arrumação da carga, a descer pelas escotilhas amplas para o porão, donde emanava um nauseabundo cheiro de borracha, de residuos apodrecidos, de alcatrão e petroleo evaporado dos pavios fumareutos. Um moço praticante verificava as marcas que o immediato ia conferindo e annotando no livro de bordo illuminado por uma lanterna globular protegida por discos de arame, em torno da qual esvoaçavam aladas legiões de mosquitos, fascinados pelo clarão intensificado pelo reflector, polido como um espelho.

Ao alvorecer, o *Arapixy* navegava em plena bahia, rumo léste, cortando serenamente as aguas amarelladas. Mal se divizava ao longe a fimbria de terra plana, baixa, coberta de arvoredo, de palmeiras, das quaes surgiam altaneiros os gigantes da floresta. Nenhuma casa, nenhuma véla de barco, nenhum signal de civilisação se divizava naquellas paragens, quebrando a monotonia dessa interminavel paizagem chata do rio-mar, correndo entre margens atufadas de verdura sob um céo limpido, nitidamente azul. Placido saltou da rêde surprehendido pelo sol, invadindo o convéz como uma onda de metal candente a destacar com tons de ouro as pequenas marêtas crespas, os metaes amarellos, muito limpos e lustrosos, as coisas, as caixas de mercadorias arrumadas para desembarcarem no primeiro porto, os passageiros sentados ao longo da meza esperando o café, os retardatarios que escovavam os dentes debruçados á amurada, todos aquelles variados typos de creaturas, de todas as côres, de raça diversa, agrupados em pictoresca promiscuidade em tão breve espaço, na maior parte emaciadas, pallidas, com funestos vestigios da inclemencia do clima nos seringaes devastados pela malaria. Muitos se alegraram de encontrar o chefe do trafego,

velho conhecido, cuja presença a bordo elles não suspeitavam, dirigindo-lhe saudações affectuosas muito familiares.

Depois do banho frio na caixa das rodas, Placido deixou o pyjama de lã e vestindo o indefectivel terno de brim pardo tomou café no camarote do commandante, o Aponiano Valle, um dos mais peritos e populares da Empreza.

— Onde estamos?—perguntou Placido ao commandante — Parece que este navio está pedindo reforma.

— Para o serviço que tem prestado — respondeu o Aponiano — e para a edade, ainda dá conta do recado. Estamos defronte de Curralinho. E' alli detraz daquella arrebentação que é um grande banco de areia. Temos feito um viajão.

Preparando um cigarro de fumo do Acará, Placido se esforçava em vão para descobrir o banco de areia e os indicios da villa. Seus olhos, deshabituados ás vastas perspectivas, nada viam, sinão agua, florestas, céo, algumas ilhas fluctuantes de caumaranas que, ás vezes, o navio dividia ao meio com a prôa e se desfaziam revolvidas, trituradas, pelas rodas possantes. E o *Arapixy* continuava a sua marcha lenta, procurando approximar-se da costa para evitar a correnteza do centro da bahia, demasiado forte para as suas velhas machinas fatigadas, augmentando a pressão para chegar com dia a Breves, naquelle tempo o mais importante centro de população daquella zona.

Desacostumado ao repouso forçado da vida de bordo, Placido procurava consumir o tempo de maneira proveitosa, conversando com os passageiros seus conhecidos sobre o estado dos seringaes, sobre os negocios, a colheita de borracha da quinzena naquellas prodigiosas ilhas de paúl divididas pelos profundos sulcos de canaes, ilhas prodigiosas, onde a colheita de borracha não tem remissão durante todo o anno. Um dos passageiros, o Tatú, dava-lhe informações minuciosas sobre a terra e a gente, os novos seringaes descobertos, os novos canaes ou furos encontrados e muito uteis para encurtar as distancias, as contrariedades do negocio, a infelicidade de certos freguezes, tudo quanto pudesse interessar ao commercio da região, especialmente á Empreza.

Ao cair da noite, esguicharam as valvulas ao signal de meia força ; a marcha esmoreceu e o *Arapixy* navegou rente á margem enfeitada com os penachos dos assahyseiros flexiveis e graciosos, e com manobras avante e atraz atracou a uma vacillante ponte a vergar sob montões de lenha, em face da unica rua da cidade illuminada por meia duzia de lampeões de kerosene.

Placido não pôde conter um gesto de compassiva surpreza ante a pobreza da cidade, um renque de casas mal edificadas, algumas de tijôlo, quasi todas de *sopápo*, esburacadas, privadas do rebôco, que se desprendia roído pela implacavel humidade. Na ponte illuminada por uma lanterna vermelha pendente de um mastro, estavam o juiz de direito, o promotor publico, toda a magistratura, todo o funccionalismo local e os mais fortes negociantes do logar, aguardando as malas do correio, as cartas dos aviadores com os conhecimentos da carga, que já começava a ser descarregada para a cidade ou para as igarités atracadas ao costado do vapor, tripuladas por homens e meninos loquazes, alvoraçados, em grandes expansões de alegria.

Quando terminou a descarga, as igarités se afastavam a remo, perdendo-se na extremidade do canal, um sulco profundo de cem metros de largura em linha recta, como si fôsse traçado artificialmente, e começou o embarque da lenha, passando as achas da ponte para o interior do navio, atiradas de um para outro dos marinheiros postados em fila, ao passo que o mestre ia contando com vóz plangente as dezenas, de primeira a dez tulhas. Placido adormeceu embalado por essa monotona toada, que terminou quando as amarras presas a grossas arvores da margem chicotearam a agua.

Essas scenas se repetiram durante oito dias de viagem até Affná, recente villa construida sobre esteios, com uma rua assoalhada.

A' proporção que ia descarregando, o navio recebia borracha em grandes páos enfiados em cipó e o ambiente de bordo se saturava desse acre cheiro de resina dos caroços do urucury, empregados como combustivel na defumação para consolidar o precioso leite da syphonia elastica, cuja explorações tomára grande impulso com o augmento de trabalhadores fornecidos pela immigração cearense.

Do Affná o *Arapaxy* regressou por outro roteiro de canaes, verdadeiras ruas fluviaes, onde parava ao appello de uma bandeira durante o dia ou de uma lanterna vermelha durante a noite, ficando, ás vezes, sob rodas para receber a carga de canôas que lhe vinham ao encontro. Tres dias depois o pequeno navio, já muito abarrotado, atracou na ponte do engenho Japyhim, um grupo de casas bem construidas, o sobrado da residencia com um bello jardim sobre o rio, os telheiros das machinas, de deposito de canna, o alojamento dos trabalhadores, todos dispostos numa ordem admiravel, contrastando com a pobreza, com o aspecto desanimador dos barracões cobertos de pindoba apertados nos aningaes onde gritavam assustadas feias *ciganas* assanhadas.

Depois de transportada para o navio uma complicada e exotica bagagem de grandes bahús, de saccos, de paneiros, de capoeiras cheias de gallinhas, de gaiolas, onde pulavam espantados passaros de estimação, Placido embarcou, conduzindo d. Amelia e a filha Affonsina, que iam gozar na capital a abastança que lhes legára o coronel João Damasceno de Carvalho, chefe da familia. A viuva entendera que seria crueldade condemnar a filha, moça bonita e bem prendada, áquella monotonia do engenho, naquelle meio rustico de costumes inferiores ao destino daquella formosa creatura, educada pelas irmãs Dorothéas do asylo de S. Antonio. Affonsina, regressando á roça, se consolára, ao principio, com a companhia do primo Joanico, que lhe conservava a illusão da vida na capital, lendo-lhe os jornaes, relembrando as pessôas conhecidas. Mas o pae morrera ; o primo partira para a Europa ; restava-lhe a mãe carinhosa, cuja companhia lhe não bastava e a moça começou a entristecer ao mesmo tempo que a mãe era agitada por crises nervosas devidas ao isolamento da viuvez e á pena de associar a filha á sua tristeza. Resolvido o abandono da fazenda, d. Amelia pedira á Empreza que lhe mandasse pessôa de inteira confiança para acompanhal-a, pois não ouzava emprehender sósinha a viagem.

Foi esse um dos principaes motivos da commissão de Placido, que fez logo excellente camaradagem com a familia, tratando-a com todo o carinho de uma galanteria discreta. A viuva ficou encantada, não o deixava um momento. Era o seu Placido para aqui, o seu Placido para acolá, para leval-as á meza, para servil-as, para passeiar com a moça pelo convéz enluarado, perfumado pelas emanações balsamicas da floresta que abeirava o rio, levemente encrespado pelo terral. Placido, extremamente serviçal, não se fatigava, transigia com todos os desejos da viuva, como si lhe adivinhasse os pensamentos, chegando a sua delicadeza ao sacrificio de abandonar o cigarro, que provocava tonteiras á moça.

—Que bôa pessôa o sr. Placido !... —observou Affonsina á mãe, quando se recolheram ao camarote.

—Está se vendo que é um moço bem educado — respondia d. Amelia — Gosto muito das suas modas attenciosas, humildes. Não se me daria de dar-lhe sociedade para elle tomar

conta do engenho. Eu ficaria completamente descansada.

—Não vês, mamãe, que um moço daquelles não se metterá na roça por interesse.

—Quem sabe, filha. Aquelle é um homem que tem o juizo no seu logar... Quando nos conhecermos melhor, hei de fazer-lhe uma proposta. Seria para mim um achado; o de uma pessôa de confiança que tratasse os meus negocios.

Ao desembarcarem em Belém, no trapiche da Empreza, foi elle que se encarregou da enorme bagagem, dos passaros, do gato, do pilão e das peneiras de assahy, dispondo tudo com admiravel ordem e com grande satisfação da viuva, que, sorrindo de reconhecimento, exigiu que elle se compromettesse a visital-a para dar-lhe os indispensaveis conselhos de homem pratico, para auxiliar-a no trabalho de installação e arranjo da casa.

A separação foi commovedora. A viuva abraçou-o com effusão batendo-lhe nas costas familiarmente e lançando um expressivo olhar de malicia á filha, que, enleiada, ligeiramente ruborisada, estendeu a Placido a mão fria, macia, pequenina, murmurando algumas phrases banaes de agradecimento.

Placido não pôde manter a calma habitual. Dominado por estranha sensação de aperto na garganta, separou-se saudoso das duas companheiras de viagem.

(Continúa)

MUSA DO HOSPICIO

A musa do Hospicio, lastro tão abundante e tão erudito em theses de doutoramento, diverte mais uma vez o publico simples e dá que pensar aos remexedores da psychologia indigena. Naturalmente e decididamente assentará que, de todas as nossas qualidades de povo intelligente, apenas a poetica é inextinguivel — não só entre a gente sã como entre a que, como o honrado sr. Aquino, habita o palacio da praia da Saudade. Isto explica porque, antes de ser agricola, este paiz é essencialmente poetico. Ao menos neste particular, é grande o serviço que prestamos a esses remexedores, a quem ainda informamos: o honrado sr. Aquino é poeta infatigavel e vinga-se de varias perseguições mais ou menos nestes versos, que vão, como convém, textualmente:

VERSOS SENSITARIOS

NO MEU CUBICULO

Desta vez não foi o *Pirralho*,
Quem por aqui appareceu,
Foi um sisudo *Bigorrilha*,
Que para mim desmereceu.

Em sua singella visita
Tornou-se muito exquisito:
Queria *papeis de leituras*,
Sem apresentar o intuito.

Gabriel, junto á portada,
Mirando esse personagem,
Extranhava-lhe a tolice
Da indébita entrosagem.

O caso era de casquinada,
Parecia até de mangação,
E nelle ficou embaraçado
O confuso mocetão.

Torcia os virados bigodes,
Alçava a cara quixotesca,
Parecendo evitar indicios
De uma figura burlesca.

Depois da pequena palestra,
O *Bigorrilha* quiz logo saír;
Aproveitei então o ensejo,
Para um favor lhe pedir.

Elle não contrariou-me,
Deu-me o seu assentimento:
E eu, todo pressuroso,
Entreguei-lhe um documento.

Esse urgente documento,
Coutinha vasta bizarria,
E demandava providencias
A *egregia* directoria!

Ficou de trazer-me resposta —
O maganão *realista*;
Mas até a presente data
Inda não me veio á pista.

E assim é que elles são
No cumprimento do dever...
Vivem d'um modo negligente,
Negligenciando até morrer.

Outr'officio meu *Bigorrilha*.
Não te quero mais aturar;
Sou um doente bem sincero,
Que fujo de bajular.

Quem quer ser pornographo,
Com largas vistas a claudicar
Olhe bem para o seu futuro
E não me venha amofinar.

Por trás da cortina espessa
Queres tu fazer-me intriga,
Pois fica sabendo agóra
Que comtigo não faço liga.

Não mais aqui appareças,
Não precizo de teus favores;
Nasceste para ser *xinfrim*.
Jámais te darei louvores.

Senhor, eu não o conheço!
Quem é ou seja, não quero saber:
Estou farto de estudantes.
Isto é facil de comprehender.

O homem, assim despachado,
Virou as espaldas... e saiu;
Ficando bem escarmentado
Pelo que então assistiu.

Quem mandou este intruso
Foi sem duvida o *Bigorrilha*,
Querendo impôr-me salsada
Com gente da minha quadrilha.

Mas deve estar desenganado
Que eu não sou de machinações;
Pois aprendi a sinceridade
Nas mundanas intervenções.

Additivo

Tres dias já são passados:
(Sessenta horas de cabedal),
O emissario não vem:
A *batucada* é infernal!

As coisas estavam assim,
Quando, inesperadamente,
Entra-me pela porta do quarto
Um alumno inconsequente.

Por artes de encanto magico
Era elle, Albuquerque de tal,
Alto, magro, bem arisco,
Com maneiras de um jogral.

Perfilado, junto á mim
Quiz falar, e disse asneira:
Ao ouvil-o... fiquei nervoso,
Com fitos de pasmaceira.

*

VERSOS DEPOIS DO ALMOÇO

O café caramellado,
E' de muita economia;
Mas tem um forte resaibo
Que nos dá bastante azia.

O seu gosto amargoso
Ninguem o póde tolerar;
Dimana da especulação
Que nos faz desesperar.

Assucar grosso queimado,
Agua em cima a ferver,
São artes de poupar café,
Para não se poder beber.

A' baixo com esse procésso
De torriqueira fancaría;
Pois nos dá ágro enjôo
Com assomos de agonía.

A despensa e a cozinha
Não se dóem da *mangação*,
Querendo impingir á todos
O cynismo, a *irrisão!*

O nosso administrador
Não enxerga tudo isto?
Valha-nos os Santos do céo!
Valha-nos o Santo Christo!!.

AQUINO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

1º TURNO

Resultado a 31 de agosto de 1906

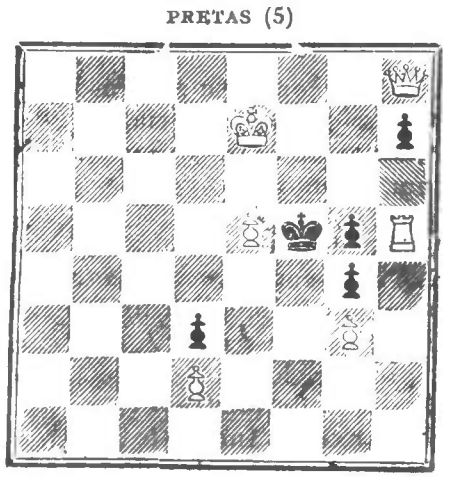
Nomes	Burlamaqui	Ouro Preto	Tito de Sá	B. Allen	Bocayuva	A. Loup	A. Pereira	Th. Torres	W. B. Hentz	H. Costa	Numero de pontos
Henrique Costa	...	1	1	1	...	1	1	...	...	...	5
W. B. Hentz	...	...	...	1/2	1/2	1	1	...	...	...	2
Theophilo Torres	...	0	...	...	...	1	...	1/2	...	...	2
Annibal da C. Pereira	...	1	1	...	1	1	0	1/2	0	0	3
Augusto Loup	...	1/2	0	0	0	1/2	0	1/2	0	0	1 1/2
Q. Bocayuva Junior	...	...	...	...	...	...	...	0	...	...	0
Barten Allen	...	1	...	...	...	1	1	...	...	...	3
E. Tito de Sá	...	...	0	...	...	0	1	1	...	...	2
Vicente de Ouro Preto	...	...	...	...	...	0	1	...	...	...	1
Armando Burlamaqui	...	...	...	...	...	1/2	...	...	...	...	1/2

***

PROBLEMA N. 63

Com. Murtial

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances

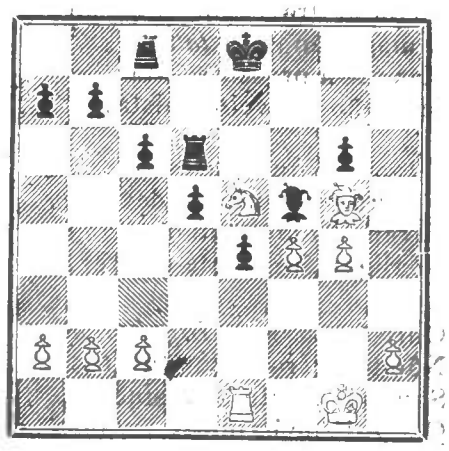
PARTIDA N. 69

(Jogada no torneio do Club dos Diarios no dia 20 de agosto de 1906)

ABERTURA DOS DOIS CAVALLOS

Brancas (Tito de Sá)		*Pretas* (Henriqne Costa)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
C 3 B D	— 3 —	B 4 B D
C 4 T D	— 4 —	B 3 C
B 5 C	— 5 —	P 3 D
P 4 D	— 6 —	P × P
C × P	— 7 —	B × C
D × B	— 8 —	D 3 B R
B 3 R	— 9 —	B 2 D
B × C	— 10 —	B × B
C 3 B D	— 11 —	D 3 C R
Roque R	— 12 —	C 2 R
P 4 B R	— 13 —	P 4 B R
T 3 B R? (*a*)	— 14 —	P × P
T 3 C R	— 15 —	C 4 B R !
T × D	— 16 —	C × D
B × C (*b*)	— 17 —	P × T
B × P C R	— 18 —	T 2 T R
B 6 B R	— 19 —	P 4 D
C 2 R	— 20 —	B 2 D
C 4 D	— 21 —	P 3 B D
T 1 R	— 22 —	B 4 B R
B 5 C R	— 23 —	T 2 D
C 3 B R	— 24 —	T 1 B D (*c*)
C 5 R	— 25 —	T 3 D
P 4 C R !	— 26 —	

Depois do 26º lance das Pretas



	— 26 —	B 2 D
T 3 R	— 27 —	T 3 R
T 3 T R	— 28 —	T × C (*d*)
T 8 T x	— 29 —	R 2 B
T 7 T x (*e*)	— 30 —	R 1 C
T × B	— 31 —	T 3 R
T × P C D	— 32 —	P 6 R
R 1 B	— 33 —	P 4 T D
P 4 T R	— 34 —	P 5 D
R 2 R	— 35 —	P 4 B D
P 5 T R	— 36 —	P 5 B D
P 6 T (*f*)	— 37 —	P 6 D x !
P × P	— 38 —	P × P x
R × P	— 39 —	P 7 R
P 7 T x	— 40 —	R 1 T
B 5 B x	— 41 —	T × B
R × P	— 42 —	T × P + B R
T 5 C	— 43 —	T × P C
R 3 B	— 44 —	T 5 C D
T × P T	— 45 —	T × P C
T 7 T	— 46 —	T (7 C) 7 B D
R 4 B	— 47 —	T (1 B) 2 B
T × T	— 48 —	T × T
R 5 C	— 49 —	R × P
abandonam	— 50 —	

(*a*) Prematuro. Immediatamente 14 — C 5 D era bem mais forte. O lance do texto é a entrega de um pião.

(*b*) Si 17 — T 3 C, C × P B; 18 — T 1 B, C × B; 19 — T × C, P 4 D; 20 — T 1 D, Roq. D., com uma esplendida posição e dois piões a mais.

(*c*) Estes ultimos lances das Pretas são tibios e desconcertados. Graças a elles pódem as Brancas collocar o seu C em esplendida posição, a 5 R.

(*d*) Forçado.

(*e*) Lance máu. Ahi, o melhor era liquidar.

(*f*) As Brancas perseguem uma chimera com o avanço deste pião. Deviam trazer a sua torre á 7 D, o que daria a nullidade quasi certa. Assim suicidam-se.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 62 (*Dr. A. W. Galitzky*): 1 — C 7 B D, C 4 T D x. d. (*a, b, c, d*); 2 — T 4 R x. dpl., R × T! 3 — C × P D mate.

(*a*) 1... R × C; 2 — T 3 B D x, C × T; 3 — P 3 C D mate.

(*b*) 1... R 4 B; 2 — T 3 B D x. d., R 3 B; 3 — C × P R mate.

(*c*) 1... P 5 R; 2 — T 3 D x. dpl., R × C; 3 — P 3 C D mate.

(*d*) 1... outro lance; 2 — T 3 B R x. d., ?; 3 — C, P, ou T mate.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

«*Arithmetica* theorica e pratica; trabalho original, repleto de interessantes exercicios praticos (mais de mil), para uso do Collegio Militar, das escolas primarias e dos collegios equiparados», pelo sr. Liberato Bittencourt, capitão do estado maior de artilharia e lente da Escola de Artilharia e Engenharia; Imprensa Nacional, 1906. Diz na capa o illustrado auctor: «Este livro é um livro de ensino e de combate: faz guerra de morte ás perniciosas lições decoradas, para dar valor e vulto ás bellezas do raciocinar; substitue as desvantagens do abuso da memoria pelas virtudes sem conta do raciocinio.»

—*Historia* do Brazil; curso dos gymnasios e lyceus; 1º parte: seculos 16, 17 e 18», pelo sr. Borges dos Reis; Bahia, 1906. O prefacio é uma interrogação: si o auctor se approximou do typo do historiador brazileiro, segundo a physio-psychologia que lhe traça, em periodos magnificos, o sr. Sylvio Roméro.

Tratando-se de um livro didactico, é justo, desde já, salientar, porque é raro, o esmero da factura material nas officinas da casa Reis & C., daquella cidade.

— «*Annaes* da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, tomo 70, junho de 1904 a junho de 1905; Imprensa Nacional.

— «*Revista* do Club de Engenharia», numero 14, anno de 1906; Imprensa Nacional.

— «*Tratado* das obrigações pessoaes e reciprocas nos pactos, contractos, convenções, etc.», por Pothier, traducção de Corrêa Telles; segunda edição, muito augmentada, da casa Garnier, 1906.

ANNO III — Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1906 — Num. 98

ASSIGNATURAS
ANNO..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso. 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O futuro ministerio do sr. Affonso Penna, — A concha do mysterio. — As coisas perigosas que se preparam para o proximo governo.

Durante a sua viagem de instrucção pelos Estados, o sr. Affonso Penna não pensou na organisação do seu ministerio; foi isso, pelo menos, o que affirmou categoricamente, numa phrase lapidar, aos jornalistas da comitiva presidencial, ávida de surprehender-lhe os intimos propositos. S. ex., mantendo sobre esse gravissimo assumpto a mais absoluta reserva, foi impermeavel, como si disso dependesse o exito do seu despontar de sol na rutila trajectoria dos vindouros quatro annos.

Alguma coisa de ornamental ha nesse empenho de manter a anciedade dos benemeritos cidadãos que se insinuaram, por si ou por outrem, á suprema confiança; a esperança daquelles que pretendem, silenciosamente, apparentando pudores de sultana enleiada não imminencia do lenço; dos que, com uma semcerimonia desprendida, solicitaram francamente a honrosa investidura. Chega a ser theatral o fremito de impaciencia que precede ás grandes exhibições, a perspectiva das decepções, do desapontamento, das desillusões, preparando o gozo excepcional do formidavel golpe da surpreza enscenado por s. ex., como artista emerito, com tamanhas precauções que a gente chega involuntariamente a comparar essa preoccupação de mysterio com as meticulosas cautelas com que se preside ao arranjo de «trucs» carnavalescos.

Dir-se-á que o segredo é alma dos negocios, mas na hypothese da escolha de cidadãos para formarem a familia governamental, não occorre a necessidade de capas encoiradas, para evitar intervenções difficeis, manobras das ambições partidarias, ou as imposições do «blóco». A escolha dos secretarios de Estado é uma prerogativa do futuro Presidente, inteiramente livre, e da qual sómente deve côntas á sua consciencia, uma vez que perante a nação é o unico responsavel pelos actos da politica e da administração.

Não haveria inconveniente na indicação dos ministros, dos auxiliares da execução do plano do governo; seria até de grande utilidade que elles se reunissem em torno do Presidente e fôssem, com antecedencia, collaborando nas medidas iniciaes do que, por via de regra, depende o successo de todas as emprezas humanas.

Occorre a circumstancia importantissima de estar o Congresso preparando o orçamento para o governo do sr. Affonso Penna, que, por isso, deveria intervir nelle para acommodal-o ao seu pensamento, ao seu plano, das idéas ligeiramente esboçadas no manifesto á nação.

A Camara está, entre outras coisas perigosas, fazendo uma refórma de tarifas, inspirada por um proteccionismo ignorante, injustificavel, cujos effeitos serão augmentar o preço de generos de primeira necessidade que não produzimos ainda, para satisfazer o consumo.

O augmento das taxas sobre a importação da manteiga estrangeira já elevou os preços da manteiga mineira em proporções assustadoras, comparado com o da manteiga franceza, que, por sua vez, virá, dentro em breve, a valer mais. Lucram com isso os productores indigenas, lucram os creadores de vaccas mineiras, mas perde o Thezouro Nacional, cuja renda soffrerá fatalmente grande depressão; perdem os consumidores, que serão forçados a consumir menos ou a se subordinarem aos productos da industria de falsificação, ás varias modificações da margarina já tão propagada nos mercados brazileiros. Consumiremos por alto preço manteiga que não é manteiga, banha feita com os detrictos venenosos de gorduras infectas e. da mesma fórma, todos os generos que fôrem apanhados pelas garras desse proteccionismo «sui generis», destinado a fomentar ou favorecer industrias que não passam ainda de tentativas muito vacillantes e muito mal orientadas.

Ora, o sr. Affonso Penna por ser mineiro, tem visão bastante clara para perceber os absurdos que se estão engendrando, absurdos que poderão ser evitados para não crearem graves difficuldades ao seu governo.

Tem-se demonstrado, á saciedade, a inconveniencia desse proteccionismo de campanario em prejuizo dos grandes interesses nacionaes; teem-se escripto demonstrações luminosas do risco desse plano financeiro, mas os nossos preciosos estadistas são irreductiveis, adquirem amor ás suas idéas, fazem dellas questão de melindre pessoal, consideram-se infalliveis e arrastam adhesões sem convicção, movidas por solidariedades partidarias, que, quasi sempre, não representam a verdade nem os ideaes e as aspirações da grande maioria do pensamento nacional, mas o empenho de manter, entre os seus dilectos matutos, uma popularidade esteril.

Outro negocio importante se váe arrastando esmorecido pelo Congresso—o Convenio de Taubaté,

que já passou, não se sabe bem porque, para a legislação nacional, e a pobre Caixa de Conversão, destinados ambos para a valorisação do café e a fixação do cambio.

Essas duas questões que figuravam pedras fundamentaes do programma do futuro governo, já não conseguem despertar o interesse inherente a questões de suprema gravidade. O debate sobre ellas perdeu o calor na defeza e na impugnação, como si os combatentes estivessem convencidos de terçar armas em torno de duas chimeras, de dois projectos condemnados «ab ovo», inviaveis por lhes faltar o nervo do dinheiro, que é o motor essencial de taes refórmas.

Já se sabe que os nossos amaveis banqueiros, os argentarios que teem servido de placenta ao Thezouro Nacional em seus frequentes apertos, vetaram o Convenio de Taubaté; vetaram-no definitivamente com o prestigio de arbitros da finança brazileira, tornando assim inverosimil o myrifico emprestimo de quinze milhões destinados aos ingredientes da operação chimica para augmentar o preço do café. Perdida a esperança desse emprestimo, como fazem crer as probabilidades mais seguras, a famosa Caixa de Conversão irá aguas a baixo, ficará, quando muito, como generosa aspiração, cheia de bôas intenções desilludidas, entre o papelorio de leis feitas para não serem cumpridas ou morrerem como productos teratologicos, sem condições de estabilidade.

E ninguem sabe, ao certo, graças á impermeabilidade do revestimento de mysterio a esconder as opiniões do futuro Presidente, a opinião de s. ex. sobre essa importantissima questão, que parece destinada a ficar sob a immensa pedra do «blóco».

Entretanto, todo o mundo está de accordo na necessidade de fazer alguma coisa em favor da lavoura, em beneficio do café, cuja depreciação se aggravou com o Convenio de Taubaté. Falta sómente um accordo razoavel para se orientarem as diversas opiniões para um resultado util, desorientação aggravada pela situação de incerteza ácerca das vistas do futuro governo, da opinião dos seus collaboradores, ainda escondidos na concha do mysterio.

Grande somma de interesses essenciaes está soffrendo com essa incerteza, está pedindo, com altos brados de impaciencia legitima, que se defina a futura situação antes do alvorecer do novo sol, ainda, como diria um nosso orador politico, immerso nas brumas do Oriente...

Para solidificar a sua legitima fama de discreção, s. ex. já fez muito, póde-se dizer que já fez de mais; ninguem ouzará contestal-a depois de resistir s. ex. aos insistentes, aos frequentes vomitorios propinados pelos jornalistas companheiros da edificante viagem pelas capitanias do norte e do sul.

POJUCAN.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXIV

Os trabalhos legislativos progrediam. Tratou-se de alguns projectos de insignificantes interesses locaes; approvaram-se algumas disposições do regimento, alguns pareceres de diversas commissões e materias de méro expediente. A mór parte do mez de outubro a Constituinte consagrou a discutir os artigos do projecto de Constituição. Falou-se largamente da liberdade religiosa, do direito e inviolabilidade da pessôa do cidadão, da prisão sem culpa formada, da faculdade de saír para fóra do paiz e de outros assumptos constitucionaes. Discutiu-se tambem a creação das universidades no meio duma irreconciliavel divergencia de opiniões.

Com effeito, nunca aproveitou a Constituinte o tempo com materia realmente util, como neste ultimo mez de sua existencia.

No tocante á liberdade religiosa, quasi todos os oradores a adoptaram, excepto Silva Lisbôa, que a combateu com vehemencia, qualificando-a de liberdade da *apostasia*.

O mesmo deputado impugnou o artigo referente ao direito do cidadão saír, ou retirar-se para fóra do paiz. Ouçamol-o em certos topicos mais significativos das suas habituaes e magistraes dissertações: «Voto, fala Silva Lisbôa, pela suppressão da ultima linha do artigo por conter uma indefinida liberdade pessoal de saír qualquer cidadão do Estado, porque até agóra não se tem admittido em nação nenhuma...

Sem duvida, tem havido até agóra, ainda nos mais cultos Estados da Europa, o demasiado e talvez o tyrannico rigor nos regulamentos contra a emigração que tem causado a accumulação forçada de subditos que o Estado não póde manter, havendo por isso dahi resultado extrema indigencia, miseria e desordem dos povos.

.. ..

Porém não menos certo que o pacto social — é contracto *synallagmatico*, em que o Governo se obriga á protecção do subdito e este se obriga á obediencia e á subordinação. E' portanto injusta e inadmissivel a absoluta liberdade da pessôa de cada cidadão, que aliás se deve conformar ás leis estabelecidas, de saír do Estado, quando lhe convenha, contravindo as mesmas leis, deixando de prestar os serviços e a responsabilidade que tem o direito de exigir. Tal liberdade contém o arbitrio e o absurdo de converter-se o contracto *bilateral em unilateral*, de sorte que o Governo não póde nunca deixar de dar protecção ao subdito, mas este póde, quando quizer, subtraír-se á devida obediencia e talvez na occasião em que mais sejam necessarios os seus serviços, subterfugindo ás obrigações publicas e particulares contraídas e ás penas em que tenha incorrido.»

....

Silva Lisbôa pensa que, ás vezes, um Estado corre perigo em deixar saír do paiz um cidadão de grande importancia e, no seu gosto e habito de dissertar como erudito, continúa desta sorte: «Lembra-me aqui o grande documento do mestre da orthodoxa moral — Socrates — o qual ainda que injustamente condemnado,

sem mais culpa do que o ter ensinado o dogma da unidade de Deus contra o erro do polytheismo, achando-se prezo e proximo a beber a cicuta, não obstante os amigos e o proprio carcereiro lhe facilitarem a fugida, elle recuzou, dizendo «que não faltaria ao que devia ás leis da patria, visto que, sendo tão liberaes, que permittiam a todo o cidadão que nada devesse por contracto ou delicto, saír de Athenas quando quizesse, elle nunca passára além do Pyreo e nada teria para se escuzar si na sua fugida a patria lhe saísse ao encontro, lançando-lhe em rosto todo o bem que até então lhe havia feito, dando elle o pessimo exemplo aos seus concidadãos de se evadir á execução do juiz publico.»

Silva Lisbôa discorre a respeito da prisão por divida ; cita e commenta o principio do direito romano : *qui non habet indere tuat in corpore*.

Conclúe, lembrando as legislações que prohibem a saída dos cidadãos para fóra do paiz.

Tomaram parte neste debate, Henriques de Rezende, Carneiro, Carneiro de Campos, Carvalho e Mello, que sustentou dever permittir-se ao cidadão saír do paiz com seus cabedaes sem exigir licença especial por isso ; sujeitando-se, porém, aos regulamentos policiaes, etc.

Intervieram ainda no certamen os deputados Galvão e outros. A discussão desta disposição do artigo da Constituição foi longa, e, algumas vezes, substancial.

Outra materia que provocou grande e prolongada contenda, foi o juizo por jurados em causas civeis e criminaes. Entre os oradores, notou-se o marechal Arrouche Rendon, deputado paulista, opinando pela approvação do artigo, porque a sua materia contém doutrina necessaria para um governo constitucional propor emenda, contra a qual falaram Ferreira da França, Antonio Carlos; mas Arrouche Rendon defendeu a sua emenda, desenvolvendo uma série de argumentos.

Tomou a palavra o *magister* em todas as questões judiciarias. Silva Lisbôa começou propondo a supressão do art. 12, que se está discutindo, por lhe parecer que só póde ser objecto de lei regulamentar, em opportuno tempo, quando se tiver a reforma do codigo criminal e civil e pelo progresso de liberal educação do povo e este se mostrar com superior e mais geral moralidade e intelligencia, afim de exercer o juizo dos jurados, tendo a confiança de seus concidadãos para ser entregue á sua consciencia a decisão de seus direitos e interesses.

Silva Lisbôa nota que os auctores do projecto reconheceram a difficuldade da instituição dos jurados no Brazil quanto ás causas civeis e pergunta porque então ingeriu tal artigo na Constituição. Faz diversas considerações; por exemplo: «Montesquieu, aliás tão judicioso, elogiando a constituição ingleza, que admittiu a instituição de jurados, com epigramma diz : « *que ella veio do matto da antiga Allemanha*, fundando-se em uma passagem de Tacito em uma de suas obras, *de moribus Germarun*. Porém, de facto, entre as nações modernas, só depois da Revolução Franceza, se tentou introduzir em outros paizes que teem adoptado o systema de governo mixto por imitação da Inglaterra.

Silva Lisbôa discorre sobre a disseminação da instrucção na Inglaterra, onde circulam innumeros periodicos, que se vendem por milhares; assim as classes médias adquirem sagacidade necessaria a julgar sem precipitação, com justiça, á vista do exame dos factos. Sem duvida, não estamos nestas circumstancias e corre-se todo risco de julgar da vida e morte, da honra e da liberdade pelas primeiras impressões e boatos do povo.

Silva Lisbôa conta varios casos de julgamento por jurados, até na propria Inglaterra, para mostrar que, si lá se commettem erros e injustiças, peior succederá no Brazil, que não está preparado para exercer o juizo por jurados.

Notámos mais acima que Silva Lisbôa falou do epigramma com que Montesquieu se expressou a respeito do juizo dos jurados. Silva Lisbôa frequentemente recorre á auctoridade do presidente do tribunal de Bordeaux, auctor *do Esprit des lois*, em certos assumptos; em outros, não. Ora parece que Montesquieu *não é bem comprehendido* ; isto nos força a dizer aqui como elle é julgado pelos criticos abalisados e competentes. Será uma digressão, mas util para esclarecer o assumpto.

Releva que declaremos que não faremos sinão reproduzir o que temos lido. Montesquieu e outros notaveis escriptores teem dado azo a uma série de estudos ; é quasi impossivel dizer coisa nova ácerca delle, de Voltaire, de Rousseau, de Bacon, de Bentham, de Burke, etc., etc.

O *Esprit des lois* publicou-se em 1748. Dizem que nelle está inteiro Montesquieu, todos os seus conhecimentos, todas as suas idéas historicas, economicas e politicas, religiosas e sociaes. O *Esprit des lois* é para Montesquieu o que os *Essais* são para Montaigne.

Montesquieu estuda o homem social e a mechanica legislativa.

Montesquieu serviu-se para o *Esprit des lois* de todos os estudos parciaes que havia feito, e este processo mostra-nos a causa de suas incoherencias. Elle não tem o talento da composição dum livro. Lança-se como que de um salto sobre a idéa, após doutra, sem reter a primeira. Sua reflexão não é um acto continuo, é uma série de actos descriminados, cada um dos quaes começa e determina um esforço. Dahi a divisão da obra; esse fraccionamento produz extrema confusão. Nunca elle soube coordenar e organizar um livro.

Esta carencia de ordem na composição é o signal de falta de unidade na concepção. Montesquieu é um espirito activo, vasto, enriquecido, mas tambem modificado, que descobriu pontos de vista novos, mudou de orientação : — sua vida intellectual comprehende muitos periodos distinctos. Cada um desses periodos deixou seu deposito no *Esprit des lois* : pensamentos hecterogeneos, que pertencem a estados de espirito inconciliaveis e fórmam camadas superpostas, ás vezes penetram-se, concatenam-se, amalgam-se completamente. Dahi vem a difficuldade que se experimenta sempre em abranger em uma vista geral o *Esprit des lois*. E' um livro impossivel de dominar e que provoca quasi sempre a critica a transviar-se em minucias para acompanhar o auctor, que é, ás vezes, incomprehensivel... O seu habito de pensar por epigrammas, ou por sentenças, parece de sua natureza.

Dahi vem o seu *estylo luxuriante,* que Buffon tanto reprovava; dahi as comparações engenhosas, as sortidas imprevistas, que induziam Maddu Deffand dizer que o *Esprit des lois était de l'esprit sur les lois.*

Montesquieu, continúa o critico, será sempre o jurista. E nós, que escrevemos, diremos que é por isso que Silva Lisbôa o cita a todo momento: é o caso — poetas por poetas sejam lidos: poetas por poetas entendidos.

«L'Esprit des lois sont une œuvre rigoureusement technique de erudition juridique: nous quittons ici tout à fait le point de vue politique et philosophique et nous n'avons plus devant nous qu'un professeur de droit...

L'idée chère à Montesquieu est que de la construction de la machine legislative depend la destinée des peuples et qu'un rouage ôté,ou placé à propos sauve, ou perd tout. Il se persuade que les institutions artificielles sont aussi éfficaces que les combinaisons naturelles, et qu'une loi bien trouvée peut suspendre, au détruire les fatalités historiques. Il arrive enfin à ce qui est le fond et la chimère de l'Esprit des lois, etc.»

Citamos de proposito o juizo da critica scientifica a respeito de Montesquieu para dissipar essa especie de superstição que Silva Lisbôa, a todo trance, intenta incutir no espirito publico. E' provavel que no seu tempo a critica ainda não tivesse descriminado, na obra de Montesquieu, *o joio do trigo.* Silva Lisbôa não dá um passo sem apoiar-se em citações, principalmente do auctor do *Esprit des lois.* Parece que estava nas praticas do tempo — o *magister dixit.*

Silva Lisbôa, no correr de sua erudita dissertação, contou alguns casos para mostrar o perigo do julgamento por jurados. «Andando em correcção, diz Silva Lisbôa, o celebrado juiz lord Mansfield, foi accuzada pelos camponezes, perante elle, uma miseravel velha, a qual com o pezo dos annos era corcunda (como eu) arguindo-a de feiticeira, jurando que a viram andar com os pés para cima e a cabeça para baixo. Aquelle ministro, vendo a bruteza dos accusadores e o perigo da condemnação, dando ares de importancia ao caso, não teve outro meio de salvar a accuzada, sinão assim falando aos jurados: — Esta mulher, vós e eu, temos a honra de ser membros duma nação livre; e, portanto, temos o direito de não sermos julgados siuão por alguma lei preexistente; mas, eu, que, ha tantos annos, estudo as leis da terra, ainda não achei alguma que prohiba andar com a cabeça para baixo e os pés para cima; portanto, todos teem esta liberdade, e deve a accuzada ser absolvida, no que os jurados concordaram.»

Dissertando desta guiza, o profundo jurisconsulto visconde do Cayrú profligou a instituição dos jurados e votou contra o artigo do projecto e foi o *unico* deste voto.

EUNAPIO DEIRÓ.

O UIRAPURU' (2)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

III

Restituido á querida casa, toda rescendente do suave cheiro de jasmins, á saudosa Severa, que lhe abraçou, chorando de ternura, os joelhos, fazendo mil perguntas soffregas sobre os accidentes, os incommodos da viagem; depois de visitar os viveiros de passaros, os poleiros de xerimbabos, a canzoada, que recebeu com freneticos latidos de alegria os companheiros viajantes; depois de ter percorrido todos os compartimentos da vivenda com a impaciencia de quem torna a ver amigos velhos, Placido estirou-se numa rêde alva e macia, accendeu absorto um cigarro e, pela primeira vez na sua existencia, embebeu-se em fundo scismar, de que o despertaram os afagos da *negrinha*, lambendo-lhe os pés, as mãos, ganindo e giraudo em torno delle, aos saltos em contorsões epilepticas de um jubilo ruidoso.

— Ora bolas! — exclamou Placido, no tom resoluto de quem se liberta de uma idéa importuna — Isto passará. Era o que me faltava — accrescentava com amarga ironia — Metter-se-me essa preoccupação na cabeça. Nem que eu estivesse maluco, doido varrido.

Pela primeira vez, fugiu-lhe o somno, andou a mudar de posição na rêde cheirosa a periperióca e a rosas seccas; ouviu darem todas as horas na grande pendula sonora que ornava a sala de jantar; impacientou-se com os uivos melancolicos dos cães frio-rentos, da *negrinha*, que deu para latir impaciente, nervosa, como si farejasse o importuno pensamento que agitava o cerebro do amo querido. Os primeiros raios do sol, coado atravéz das venezianas da varanda, o restituiram á posse de si mesmo, clareando a situação inquieta que o agitava, turbando-lhe a doce calma.

Severa notou-lhe os olhos pisados, as faces descoradas, sem aquella frescura sadia de flôr viçosa, o corpo recurvado e bambo de fadiga, mas attribuiu isso ao abalo da viagem, ao facto de ter extranhado a casa como sóe acontecer depois de prolongada ausencia. O banho frio bastaria para dissipar aquellas tristes sombras de mal estar.

A's oito horas da manhã desse dia, que era um domingo, Placido parecia outro, volverá á calma habitual, mas, em vez do terno de brim, trajava calça de casemira clara, um elegante fraque de sarja azul e chapéo alto, que só uzava nos enterros e grandes solemnidades. Não esqueceu de pôr no pequeno bolso exterior da cintura um par de luvas novas e de salpicar algumas gottas de subtil essencia no lenço. Tal foi o esmero do seu traje nesse dia que Severa lhe perguntou si ía visitar o presidente da provincia, cuja recente chegada lhe fôra annunciada por uma salva dos canhões antiquados da fortaleza da Barra.

— Nada disso — respondeu-lhe Placido, endireitando a gravata e lançando um derradeiro olhar de inspecção minuciosa ao espelho — Vou visitar uma familia, minha companheira de viagem. E' uma grande estopada; mas, que fazer? A minha posição na sociedade, a cortezia teem dessas exigencias.

Quando elle partiu com certo apuro de attitudes, marchando erecto e firme, como quem se estica dentro de um facto novo, Severa, de mãos firmadas nas gordas nadegas, acompanhou-o com o olhar até sumir-se por traz dos esteios de acapú da proxima esquina, e, meneiando tristemente a bella cabeça coroada de fofos cabellos crespos, prateados, cheirando a um mixto de perfumes de baunilha, periperióca e pixurim, murmurou:

— Eh! minha gente... alli ha coisa, ha novidade. *Nhô* Placido pensa enganar a sua mulata. Deus Nosso Senhor te acompanhe, meu filho; Nossa Senhora de Nazareth te guie...

E com um longo suspiro recolheu á rocinha, fechando a cancella de ferro.

IV

Um mez depois, Placido communicou aos parceiros do sólo que estava amarrado: tinha pedido Affonsina.

— Foi mais facil do que eu suppunha — disse elle, arranjando as cartas

em leque — Andei durante uma semana embatucado, aguardando o momento azado. Tratavam-me com tamanho carinho, com tão sincera cordialidade, que a minha resolução se me figura importuna, arriscada, um abuso da confiança. E o golpe engatilhado foi frequentes vezes adiado. D. Amelia, tanto que eu chegava, tomava conta de mim com amabilidade captivante: era um quitute, um calice de vinho do Porto, um bolo especial feito por ella ou pela filha, mil offerecimentos e cuidados entrelaçados com a chronica domestica, o ronceirismo dos creados, o absurdo preço do engommado, da carne, das verduras e até das bananas para o papagaio, fructas que ella, no engenho, tinha de graça, a deitar fóra. Vinha depois a nota das visitas, a solicitude do Guimarães, o correspondente portuguez que adivinhava os pensamentos. Contava as aventuras da compra dos vestidos, as impressões de um passeio a boude nos arrabaldes até a egreja de Nazareth, onde fôram cumprir uma promessa, as peregrinações pelas bellas lojas de joias, a compra do sumptuoso chapéo de grandes plumas crespas, das luvas, das botinas mimosas, de um rôr de saias vaporosas, rugidoras e outras ninharias exigidas pela Affonsina para encobrir, como ella dizia, o seu aspecto de roceira. E no fim dessa invariavel ladainha, vinha a ordem para a filha tocar, no grande piano de Pleyel, reluzindo, soberbo, num angulo do salão, para o sr. Placido ouvir.

E assim passaram dias, meus caros amigos — continuou Placido — Cada vez que eu entrava naquella casa, tomava a resolução inabalavel de desembuxar; sobrevinha, porém, um contratempo, um obstaculo imprevisto. Mal avistava a bella do meu sonho, acommettia-me o tal nó na garganta e bastava sentir-me ferido pelo seu olhar para me entorpecer numa cobardia infantil. Deus veio em meu auxilio. Hontem, exgotado o corriqueiro assumpto, fez-se entre nós, eu, a mãe e a menina, vexatorio silencio. D. Amelia cessou de falar, fitou-me os olhos cheios de malicia e a filha baixou os seus, cravando-os, tremula, confusa, nas grandes flôres rubras do tapete do salão.

— Ora, vamos — disse por fim d. Amelia, no tom de quem vence um embaraço — O senhor tem alguma coisa a dizer-me. Não tenha acanhamento.

— Mamãe — interrompeu Affonsina, afflicta e supplice.

— Para que estarmos com cerimonias — continuou a mãe — Eu sei que vocês se gostam. E' do meu gosto, é do teu gosto... Deixemos de hesitações. Ah, olhos de mãe não se enganam.

— E' verdade, minha senhora — avancei eu, titubeando — Eu estava para...

— Já sei — concluiu d. Amelia — para pedil-a... Não é assim?

Affonsina partiu do salão, a correr.

— Ora, ora... Vem cá, menina tola — disse correndo apóz a filha, que ella trouxe, ou, antes, que ella arrastou.

Affonsina apparentava leve resistencia ás maneiras imperativas de d. Amelia. Eu esperava, de pé, hirto, agitado por um calafrio, o coração a pular-me dentro do peito.

— Aqui a tem, *seu* Placido — disse a mãe — Dou-lh'a de todo o coração.

Que momento aquelle, meus velhos! Vocês não pódem imaginar o que eu senti, uma legião de vermes, um formigueiro a invadir-me o corpo. Affonsina baixou os bellos olhos e entregou-me, sem resistencia, as mãos, que apertei, avido, entre as minhas e quasi se reclinou, languida, sobre o meu hombro, anniquillada de commoção.

Ao terminar a visita dessa noite feliz, a mais feliz noite da minha vida, estavam combinados todos os arranjos do casamento. A futura sogra propunha, eu approvava sem restricções. De resto, a moça estava prompta, só lhe faltava o vestido de noivado e tratar com urgencia dos papeis. D. Amelia manifestou logo singular prevenção contra os noivados muito prolongados.

Despedi-me da noiva como quem larga o coração. D. Amelia ficou na sala e teve a extraordinaria condescendencia de deixar a filha acompanhar-me até o patamar da escada, onde lhe tomei de novo as mãosinhas tremulas, geladas. Vieram-me tentações de depor-lhe um beijo na fronte sombreada por formosos cabellos negros, considerei que isso seria precoce, seria um abuso de confiança.

— Até amanhã, minha senhora. durma bem, sonhe comigo...

Vejam vocês que tolice. Disse-lhe essa banalidade para dizer alguma coisa, para não partir silencioso, obstruido pelo tal aperto da garganta.

— Até amanhã — responden ella, friamente.

Aqui teem os meus caros amigos a curta e sensacional historia da conversão de um celibatario empedernido.

Placido exultou com as calorosas manifestações de applausos dos amigos. Era para elle de muita valia essa sancção affectuosa do acto mais grave da sua vida.

— Muito bem. Fizeste muito bem — observou um dos amigos — Nós é que ficamos prejudicados: vamos ficar sem o nosso Placido. Estás para sempre sequestrado, meu velho.

— Sequestrado, eu? — respondeu Placido, com perfeita segurança — Vocês não me conhecem, não sabem como tenho geito e paciencia para assimilar o meu novo estado aos meus habitos. Em pouco tempo, dirigirei a familia pelo meu rumo, conforme as minhas idéas, sem esforço, sem bulha, na mais completa harmonia. Hei de organizar uma familia idéal. A *velha* muito carinhosa, bebendo os ares por mim, encarregada da economia do casal, a filha adoravel, de uma meiguice angelica, apaixonada, docil; eu, como centro dos affectos dos dois corações, dominando soberano o meu lar, como senhor ventroso.

— Olha!.. — observou um dos parceiros — ellas em casa dos paes são todas umas pombinhas, umas rôlas sem fél. Está por nascer a sogra que não pretenda governar a casa do genro. Vaes morar com ella? ..

— Não ficou bem assentado — respondeu Placido, com certa preoccupação — esse ponto do programma...

—Si caíres nessa, estás desgraçado — concluiu o amigo, que era pae de familia com longa experiencia da vida matrimonial.

— Veremos!... Nem que eu fôsse um maricas e não tivesse meditado muito nesse pormenor. Não sou homem de violencias, de estardalhaços, mas deixar-me governar!...Nunca!... Tenho inquebrantavel energia, immensa força de vontade debaixo desse meu aspecto de bonhomia. O casamento não me enfraquecerá a coragem com que tenho vencido na lucta pela vida. Não só foi consequencia de um amor espontaneo, como foi acto muito estudado por todas as faces, previstas maduramente todas as consequencias. O amor e a razão collaboraram com a mesma intensidade egualmente, na mais perfeita harmonia.

— Pois sim...— retrucou o interlocutor — Mostraste bem essa energia quando andaste embeiçado pela Consolani, que pintou a manta comtigo. Andavas pelo focinho como um cachorrinho de estimação...

— Não compares, homem, o resultado de um capricho que se esvaiu uma vez saciado. Eu tinha, com effeito, uma forte inclinação por essa mulher. Era bonita, cantava como uma patativa, fiz-lhe ricos presentes no dia do benificio no theatro da Paz, confesso, mesmo, que me excedi um pouco, mas não foi por fraqueza. Eu considerava a necessidade de salvar as apparencias, para evitar escandalos de que aquelle bello demonio era muito capaz. No dia em que ella pretendeu levantar a grimpa, fazer-me imposições, revesti-me de energia e disse-lhe: alto lá! Mais amor e menos

confiança !... Temos conversado... E mandei-a passeiar, friamente, sem desfallecimento, sem remorso... Eu cá sou assim : muito amor, muito carinho, muita condescendencia ; quando, porém, fôr necessario agir, sou duro que nem uma rocha. Aqui onde me vêem, sou um caracter de bronze forrado de velludo.

A fanfarronice de Placido foi acolhida com estrepitosa gargalhada. Todos lhe notavam na loquacidade desusada, nas maneiras exaltadas, a profunda transformação de um homem arrancado do seu meio para um ambiente novo, extranho, onde elle se sentia offuscado.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

ARRULHOS DE NAMORADOS

— Não vês aquelle riacho
Que da explanada desceu
E uniu-se á fonte lá abaixo ?
Ella és tu, elle sou eu.

« E tu ? Vês aquellas palmas
Que enlaçam rijos cipós ?
Não serão as nossas almas ?
Não são tão iguaes a nós ?

— Não vês os grupos formosos
Dos colibris sobre a flôr ?
Assim vôam nossos gosos
Libando os favos do amor.

« E tu ? Vês naquelle ramo
Uma ave ? Olha : alli, alli :
Parece gemer : — Eu te amo !
Sou eu gemendo por ti. »

— Assim é : ambos compomos
Na terra um profundo nó :
O que sou eu ? O que somos ?
Dois corpos numa alma só.

LUIZ GUIMARÃES.

***

S. PAULO. WESTMINSTER.

Agora posso felizmente dar largas ao meu sincero desejo de admirar, porque, entrando em S. Paulo e em Westminster, que são dois pantheons, tenho de me curvar perante a grandeza d'este povo fadado, como o romano, para o imperio. *Tu regere imperio populos, romane, memento !* Tambem os romanos produziam no espirito dos gregos impressões semelhantes ás que a estranheza do caracter inglez produz em nós *continentaes* ; tambem os gregos tinham de curvar-se perante o genio governativo ou imperial dos romanos, como nós hoje temos de reconhecer as qualidades politicas eminentes d'este povo, que na sua historia repete a romana, quasi ponto por ponto.

A sua heptarchía é como o periodo lendario dos reis de Roma ; depois vem a historia da sua constituição, tambem por um lado vinculada sempre á tradição, por outro procedendo gradualmente e assimilando a si os povos visinhos, até constituir a unidade politica da porção de territorio geographicamente marcado á nação. Depois vem a expansão e a conquista, pela instituição das colonias. Vem o duello com Napoleão, que lembra as guerras de Annibal ; e a conquista da India, semelhante á da Africa dos carthaginezes. Depois vem o Imperio, e é ver com que orgulho os inglezes proferem as palavras : *empire, imperial.*

Não me proponho, certamente, a fazer agora uma prelecção sobre o parallelismo da historia romana e da ingleza : vem isto apenas para dizer o que senti, quando entrei em S. Paulo e em Westminster. E' como em Roma, a mesma sanctificação da politica, a mesma socialisação do culto. As egrejas são pantheons. Por isso mesmo se vê que não é um povo accessivel aos sentimentos metaphysicos, assim como o romano o não era ; mas n'este proprio limite está o segredo da sua força. Na Antiguidade, por isso que o espirito metaphysico não saíra ainda das noções elementares, os cultos faziam parte da constituição; e a Egreja era uma repartição do Estado, a devoção um aspecto do patriotismo. Modernamente, o caso é diverso, desde que a instituição do catholicismo creou para as almas uma patria celeste, e que o reino de Deus se retirou d'este mundo. O divorcio da religião e da politica é um facto europeu, desde o apparecimento do christianismo catholico. A revolução religiosa do protestantimo, no seculo XVI, nacionalisando as egrejas dissidentes, modificou um tal estado de coisas no gremio da raça germanica ; mas, apesar d'isso, em parte alguma do continente, nem entre catholicos, nem entre protestantes, se observa este regresso ao modo de ser antigo, como em Inglaterra, por isso mesmo que nenhum povo é como o inglez tão pouco susceptivel de visões metaphysicas, ou de arrebatamentos propriamente piedosos.

S. Paulo, erguido na collina que está no centro da *City*, sobranceira ao Tamisa, já era um logar sagrado no tempo dos romanos. O zimborio e as columnadas que o sustentam são o modelo d'essa Londres classica do seculo XVIII, que varias vezes tem provocado o nosso desgosto. A nobreza das linhas, a grandeza da fabrica, negro como tudo está, sob um ceu tambem negro e baixo, em vez de levantarem o espirito, offendem-no. Lembra-se a gente de que este arremedo de S. Paulo de Roma foi construido á custa do imposto lançado sobre o carvão de pedra das minas — e de hulha parecem, com effeito, fachadas, tympanos, columnas, frisos, zimborio, perystillos, e a propria estatua da rainha Anna, que está em frente da entrada, tendo submissas aos pés a Inglaterra, a Fraça, a Irlanda e a America. O imperio dos bretões já no seculo XVIII era formidavel, ainda antes do momento épico de Waterloo, que foi como Zama.

E quando se entra na immensa nave, vê-se a historia conquistadora do povo inglez escripta em estatuas e monumentos, perfilados, ao longo dos muros e nas capellas abertas nas suas faces altissimas. Estão alli os generaes que combateram as guerras do continente e do ultramar, presididos por Wellington, o *iron duke* vencedor de Napoleão. Estão os Napiers heroicos, Ponsomby e Picton, Heathfiel e Moore, Abercromby e Brock, e, em uma capella áparte, o monumento dos heroes de Balacklava, na guerra da Criméa. Os marinheiros teem Nelson á sua frente, com Howe, com Duncan, com Rodney e Collingwood, com S. Vincent, que é como chamam ao *nosso* Napier, vencedor da batalha do Cabo de S. Vicente, em 1833. Depois os bispos : Jackson e Blomfield, da sé de Londres ; Middleton, que foi o primeiro metropolitano protestante das Indias. E apesar das lettras, das sciencias e das artes terem o seu templo em Westminster, Hallam o historiador medieval, Johnson o lexicographo, Jones o orientalista, Donne o poeta, Turner, Reynolds, os pintores, Cooper o cirurgião : todos esses e va-

rios outros, teem aqui o seu logar consagrado, como penates de um povo, no recinto do templo erguido para a oração.

Em Westminster, o logar eminente pertence aos estadistas. Na praça que está em frente da abbadia, levantaram uma estatua a Beaconsfield. No socco puzeram-lhe esta inscripção, eloquente na sua ingenuidade grandiosa: *Ever remembered for devotion to his Queen and the honour of his country*. «Sempre lembrado pela dedicação á sua rainha e á honra da sua terra.» São verdadeiramente solemnes estas palavras simples em que, porém, se respira o genio imperial inglez. A honra da terra está symbolisada na corôa do rei.

Dentro da sombria nave gothica estão Chattam e Pitt, Canning, Fox, Peel, Palmerston, Blair, Baine, Cavendish, Castlereagh, Cobden, Warren Hastings, Buxton, Russell: todos, e outra vez Disraeli : a pleiade inteira dos estadistas que levantaram o monumento incomparavel do imperio inglez. Veem-se de pé, em attitudes de acção, fallando, escrevendo, ordenando, cercados pelos attributos symbolicos proprios para acordar no espirito do povo a lembrança dos seus actos e a gratidão pelos seus serviços. Ao lado dos que governaram presta-se culto aos que ensinaram ou encantaram o povo inglez. Newton dá o braço a Darwin, Herschell a Stephenson, o constructor dos caminhos de ferro. Haendel, o musico, está ao lado de Garrik, o actor. Macaulay, Mackintosh, Grote, Thirlwall, os historiadores, emparelham com Goldsmith, Thackeray, Dickens; e Shakespeare preside á pleiade dos poetas sublimes que na lingua fizeram o que a natureza fez na pelle, nos cabellos e nos olhos das virgens inglezas : o encanto do lyrismo subjectivo. E' Thompson, é Dryden, é Southey, é Coleridge, é Campbell, é Addison, é Burns, é Sheridan ; são todos, e são innumeros.

O povo que d'esta fórma, entre os modernos, restaurou o culto antigo dos grandes homens, e não por imitação classica, mas por um instincto espontaneo e vivo, revelador do seu genio imperial : esse povo não podia esquecer o culto a um genero de heroes que só aqui tambem floresce. São os philantropos. A santidade dos povos metaphysicos, ou propriamente religiosos, do continente, chama-se com razão, aqui, philantropia. S. Paulo tem o monumento de Howard ; Westminster, o de Wilberforce, o prégador da abolição da escravatura colonial. Nos dois templos, portanto, é facil evocar todas as phases da historia do povo inglez, e todas as faces do seu caracter collectivo. Tanto mais que em Westminster as capellas estão cheias com os tumulos aristocraticos da Inglaterra medieval, narrando a tragedia obscura e forte da constituição intima d'esse povo, destinado a formar o maior imperio que o mundo jámais viu.

Assim, em Westminster, o passado se liga ao presente, e de permeio está S. Paulo, para nos dizer a chronica intermedia das navegações e das conquistas, das guerras e das viagens. Que importa, pois, que as estatuas sejam mediocres e por vezes grotescas ? A impressão épica é tão forte que subalternisa o senso artistico. Tambem os gregos se riam das estatuas romanas e dos templos collossaes da cidade do Tibre.

S. Paulo é, com effeito, *de carvão* ; mas Westminster não é. A'quella architectura não faz mal o negro. As janellas rasgadas entre as pilastras esguias que vão terminar-se no alto, perfurando o céo de chumbo ; os rendados das pedras nas frestas e rosas, os baldaquins e nichos com as suas estatuetas esfoliadas, as heras, as madresilvas e trepadeiras enroscando-se nos pilares : todo o viço vetusto do gothico, entre massiços de relva fresca e verde, casa-se com o clima e evoca impressões harmonicas, fazendo repassar na vida os annaes de um povo, que agora attinge a plenitude culminante da sua grandeza. Ou eu estava pouco aberto ás impressões artisticas, ou o espectaculo da epopéa ingleza me enchia de assombro : a verdade é que não me offendeu demasiado o caricato de muitas das figuras dos heroes. Importa, porém, dizer-se que ultimamente ha progresso evidente no gosto.

As artes ornamentaes ganharam immenso com o ensino prestado pelas escolas do *South Kensington Museum*. E tambem por este lado a inspecção dos monumentos é instructiva : as datas vão ensinando a educação do espirito esthetico, ou antes technico-artistico.

S. Paulo, d'aqui por algum tempo, deve ganhar com as innovações que interiormente lhe estão fazendo, enchendo as superficies lisas dos tectos, e das paredes, com mosaicos e pinturas polychromicas simili-bysantinas, fundos de ouro onde se destacam hieraticamente as figuras piedosas dos santos. Ao mesmo tempo põem-lhe vidraças de côres nas janellas; mas essa ornamentação, tão formosamente propria nas egrejas ogivaes, disparata nos templos classicos.

OLIVEIRA MARTINS.

APANHADOS

A vida de Jesus

Segundo um collaborador do *Asino* (Roma), o famoso codigo copta sanscripto da vida de Jesus que o papa Pio VII destruira, não está perdido. Delle existe uma traducção latina com o titulo *Vita Jesus* pelo cardeal Mezzofanti. O *Asino* publica um trecho deste trabalho na parte relativa ao casamento da Virgem.

O casamento, resolvido pelo Sanhedrin Essenio dos doze para que a prophecia concernente á virgindade de Maria se cumprisse, foi celebrado á noite, perto da torrente do Ebron em presença dos doze e sob a presidencia de Simão. Depois, segundo o mesmo codigo, foi declarado aos nubentes : «Sois os instrumentos de Deus ; por vossa obra se cumprirá a palavra dos prophetas ; ide, sêde unidos—mas dia virá em que diremos : separáe-vos». E publicamente, Maria despozou José, que, com a sua velhice, devia testemunhar, perante o povo, a intervenção divina no nascimento de Jesus.

***

Um novo termo na lingua franceza

A catastrophe de Courrières introduziu um vocabulo na lingua franceza—*recapé*, para designar os mineiros escapos ao desastre. Deve-se dizer *recapè* ou *rescape* a menos que não seja *escapé* ou *écapé* ? Tem-se dissertado sobre o assumpto e cada qual emitte um parecer.

Rescapé ou *recapé* uza-se na região do norte, o logar por excellencia dos mineiros. Ambos os termos provêm do participio *échapper* (do latim *escapare* primitivamente, saír da capa). A pho-

netica dos dialectos do meio-dia conserva o *s* latino antes de consoante — não modificam o *e* antes de *a*. A fórma da edade média era por toda a parte *escaper* ou *écaper*. A prefixação do *r* é recente como no termo *réchapper*, de formação recente.

Recaper, o novo termo, portanto, nada mais é que uma modificação de um vocabulo já conhecido na lingua.

Que falem os philologos.

***

Os escriptores hespanhões Pelo que conta um jornal hespanhol morrerá á fome, em Madrid, o homem de lettras. As casas editoras pagam mal, comprando romances de 300 paginas a trinta mil réis (da nossa moéda), a edição! A sra. Burgos recebeu por uma traducção de *Daphnis e Chloé* 90 mil réis e Zola é traduzido a 60 mil réis o volume. O unico auctor que ganhará dinheiro, é Perez Galdos que fundou uma casa para vendas de seus trabalhos.

Na imprensa diaria ha a mesma miseria. Um folhetim, nos grandes jornaes, custa á redacção 1:200 fracos e um bom artigo de collaboração no maximo 24$000.

O theatro é que offerece mais vantagem: paga por cada acto 7$000, da nossa moéda.

Si não ha exaggero na folha hespanhola, é melhor se tratar alli de outro officio.

***

Uma romancista ingleza O ultimo romance da sra. Humphry Ward, *Fenwick's career*, é a historia dum artista na qual a auctora relembra, duma maneira bem clara, a vida do pintor Romney, como no seu livro, *A filha de lady Rose*, traz á lembrança a senhorita de Lespinane. Este pintor está casado e occulta a existencia da sua mulher aos seus illustres amigos e á sua inspiradora, a sra. de Pastourelle, cujo marido, um francez, é o unico homem vicioso do romance.

A sra. Humphry Ward já occupa um logar bem elevado entre os romancistas anglo-americanos e com esta sua ultima obra as suas fortes qualidades de escriptora ainda se accentuaram. Mas o que não agrada nesse romance é a falta de senso artistico que se trâe no plano geral, ou, talvez, pela sua ausencia. Nessas pinturas sociaes a sra. Ward não tem nada de extranho, de original; falta o destaque que deve ter um auctor quando descreve a vida mundana. Os seus personagens, todos da mais alta sociedade, seguem religiosamente todas as pragmaticas exigidas, sem uma nota inédita, fóra do commum, e a sra. Ward descreve todas as scenas, fala dos seus typos com um respeito quasi monastico.

***

Uma aldeia de aleijados O povo de Jatte, pequena aldeia perto do Culoz, na França, se distingue por uma triste particularidade: a maior parte dos habitantes dessa aldeia soffrem duma má conformação congenita que lhes priva o uso das pernas. Os pobres moradores são conhecidos em Paris pelos nomes de «culs de Jatte» e se transportam de um ponto a outro em pequenos carros que elles mesmos impulsionam.

***

A poesia na Allemanha Ha oito annos que a cidade da Kök, na Allemanha, celebra, todas as primaveras, a sua festa das flôres e ahi offerece um premio ao poeta que, durante o espaço que medeia entre uma e outra festa, tenha cantado, com verdade e sentimento, o amor. A instituição dessa solemnidade teve o resultado da reacção romantica e idéalista que succedeu ao periodo naturalista. O fundador desses torneios litterarios é Johannes Fastenrath, poeta de valor e, quanto ás linguas romanas, uma auctoridade de pezo. No numero dos escriptores premiados está Carmen Sylva, a rainha da Roumania; este anno, Thereza Keiter, uma poetisa lyrica admiravel, obteve os suffragios do jury da poesia.

***

Creados de hotel Os empregados dos grandes hoteis europeus e norte-americanos não fazem questão de ordenados; empenham-se, com todas as forças, junto aos donos dos celebres restaurantes de luxo para serem empregados e servirem aos freguezes do hotel sem a menor remuneração. E são precisas bôas cartas de recommendação; do contrario, não são acceitos.

Mas elles não exigem ordenados, trabalham mesmo de graça, confiando na generosidade dos freqnentadores dos hoteis. Em Paris, cada pessôa que janta numa dessas casas de luxo, deixa de gorgeta ao creado 20 francos. E como isso faz parte da correcção de maneira, da delicadeza, da elegancia, ninguem esquece de dar uma duzia de francos ao *garçon*. Os creados dos grandes hoteis de Nova York ganham em gorgetas dadas pelos freguezes cerca de 1.000 *dollars* por anno.

Ultimamente, em Prais, fundaram um hotel bellissimo, dum luxo pomposo, com uns lindos salões adornados ricamente, e duma segurança confortavel — *La prairie bordelaise*. O povo dos *boulevards*, sequioso de coisas novas, de notas inéditas, enchen com prazer o bello hotel e a concurrencia tem sido de tal maneira espantosa, que se obtem com grande difficuldade uma meza: para isso é preciso que se dêem 5 francos de gorgeta ao creado para reservar a meza para dahi a dois dias. Sem os 5 francos para o *pourboire* do pobre creado, ninguem conhecerá *La prairie bordelaise*, de Paris.

***

Anedoctas phantasticas A rainha Maria Christina, da Hespanha, conserva cuidadosamente uma grande collecção de pedaços de jornaes que contavam anedoctas e factas relativos á infancia do rei Affonso XIII e que teem o merito de ser, em sua maior parte, absolutamente falsas.

A rainha mãe allude sempre a essas pêtas, todas «*engrossativas*», para dizer profundamente: «E' assim que se escreve a Historia»...

***

Actrizes-ladies Depois que a commissão encarregada de distribuir a grande cruz da Legião de Honra não a quiz conferir a Sarah Bernhardt pela simples razão de que a celebre actriz era uma mulher do palco e que a moral se não associa bem com a vida da ribalta — torna-se bem curioso accentuar que na Inglaterra, a patria classica de pureza de costumes, cinco *lords*, das mais puras familias britannicas, se casaram com cinco lindas senhoras, que fôram actrizes, quando solteiras. São essas as cinco *ladies*-actrizes: May Carington, *lady* de Clifford; Belle Bolton, condessa Clanéarty; Connie Gilebrist,

condessa de Orsney; Rorie Root, marqueza de Headford; e Annie Robinson, condessa Roselyn.

***

Conferencia de paz

A conferencia annual de *Lake Mohuck*, nos Estados Unidos, a favor da arbitragem internacional, pediu ao presidente Roosevelt que os delegados norte-americanos sustentem deante da Conferencia de Haya:

1º—uma proposta de converter esta conferencia em congresso permanente e official das nações a titulo de consulta;

2º—um plano para uma trégua de armamentos seguida de reducção simultanea;

3º—um tractado de arbitragem permanente obrigatorio.

A *Liga dos Direitos do Homem*, em sua assembléa geral, votou resoluções similares e decidiu que a *Liga* organizará o desenvolvimento das idéas pacifistas e se associará a todos os congressos de paz.

***

Tolstoi e um sceptico

De uma correspondencia de Berlim para o *Paiz*, vale a pena destacar este trecho curioso, a respeito de uma visita que um estrangeiro fez a Tolstoi:

«O estrangeiro disse:

— Minha mulher entrou ha tres annos numa casa de saúde, subitamente louca após a leitura da *Sonata a Kreuzer*. A castidade é uma virtude que lhe cegou o entendimento. Mas a minha razão não soffreu ainda, felizmente, um abalo qualquer. Dá-se o caso que eu penso de uma fórma diametralmente opposta á sua, e por isso venho para que me explique o livro. Ou convença ou fico convencido.

Tolstoi cofiou a longa barba branca e fixou nelle os olhos rudes.

— Lê-se no Evangelho...— começou o philosopho.

E o desconhecido atalhou, pressuroso:

— Eu não creio no Evangelho.

— E' uma obra inspirada por Deus.

— Não creio em Deus.

— E' triste a escuridão dessa alma — disse Tolstoi, no auge do espanto.

— Tambem não creio na alma—replicou o extranho hospede.

Então, o velho escriptor levantou-se lentamente e estendeu as mãos callejadas na direcção do caminho:

— Volte para o seu paiz—exclamou elle — porque cem annos que durasse a sua permanencia aqui, nunca chegariamos a comprehender-nos na idéa mais simples.»

***

A lei da separação

Jornaes da Europa commentam a attitude do papa ante a lei da separação. A *Cruz* annunciára que Pio X recuzava a formação de sociedades cultuaes, apezar de algumas folhas terem declarado que s. santidade auctorizaria os catholicos a se constituirem em associações canonicas. Foi a *Cruz* que teve razão. A attitude do papa foi de resistencia á lei. Deste modo, não é possivel que o governo francez recúe, e a lei da separação ficará um instrumento efficaz nas mãos do Estado. Por isso, os jornaes entendem que Pio X, com a sua resolução, segue uma politica tacanha e mostra um espirito pouco moderno e liberal. E vêem a prova da má orientação do papa na excommunhão que elle reserva aos christãos democratas da Italia e da Hespanha.

O procedimento do Vaticano, accrescentam as gazetas, é a pura influencia da edade média personificada em Merry del Val e Vives y Tuto, o confessor do papa, que não possúe o tino diplomatico de Rampolla e concorre para a crise da Egreja.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O radium e a vida. — Estudo do professor Burke. — Contestação do dr. Saleeby. — A geração é um facto.

Tem sido objecto de erudito debate em todos os paizes os estudos do professor sobre os radiobos e o dr. Saleeby, a quem já nos referimos nesta secção, affirma, em artigo publicado no *Harper's Magazine* de julho ultimo, que aquelle scientista nada adeantou sobre as origens da vida porque as suas experiencias não correspondem ás condições da vida do planeta ha centenas de milhares de annos, quando a sua temperatura se tornára bastante baixa para permittir a existeppcia d'agua na fórma liquida e o apparecimento dos primeiros elementos da materia viva.

Além disso, não se prova, si bem que não seja de todo inverosimil, que ossaes de radium existissem no tempo desse resfriamento da Terra em proporções comparaveis ás do radium dos tubos de experiencia do professor Burke. Imaginada a hypothese de poder elle preparar tubos de gelatina esterilisada innoculados com terra tambem esterilisada e fôssem elles examinados durante dois ou tres mil annos e dado o caso que esses tubos desenvolvessem para posteridade organismos vivos, gerados pela radioactividade da Terra sobre gelatina de carne, a experiencia não satisfaria os homens. O seu exito não explicaria a origem da vida no passado, si admittirmos que a geração espontanea não é um mytho, porém um facto que occorre quasi todos os dias. A sua experiencia não seria procedente, uma vez que não só o experimentador como a sua gelatina são productos da vida.

A essa critica se não póde oppor o argumento de que os chimicos pódem, agóra, preparar substancias similares á gelatina pela manipulação, em laboratorio, dos seus elementos essenciaes, porque não existiam chimicos ou laboratorios naquellas edades prehistoricas, e, todavia, o processo pelo qual os chimicos, apezar do velho vitalismo affirmando que os compostos organicos sómente pódem ser firmados pela acção da materia viva, chegam a synthetizar ablumens artificiaes, divergem, como os pólos, dos methodos de confecção desses elementos organicos pelo protoplasma vivo, o mais sabio e o mais velho dos chimicos.

Estas considerações evidenciam que o dr. Burke, concedendo-lhe mesmo muito mais do que elle pretende, não demonstrou nem explicou a origem da vida. O que elle, entretanto, conseguiu foi mostrar que a geração espontanea se dá ainda hoje, como provou o dr. Charlton Bastian, ha cerca de trinta annos, ante a opposição universal. O dr. Burke deu-nos com os radiobos uma demonstração de entidades servindo para a prova de continuidade essencial entre a natureza organica e a inorganica, continuidade cuja contestação seria a negação da licção de todos os conhecimentos accumulados pelo homem desde que este começou a pensar.

Não ha duvida que o problema da vida, descoberta do radium e da radioactividade, entrou em nova phase e não ha departamento da sciencia natural em que elle não seja um grande revelador.

A esterilização das aguas alimentares — Diversos processos baseados no emprego do ozona — Considerações.

Os resultados d'agua pura e abundante são diminuir as molestias e a mortalidade, eliminar as epidemias de cholera, febre typhoide, desynteria e reduzir essas enfermidades transmissiveis pela agua aos casos de importação, de transmissão por outra via — contagio directo, infecção das habitações, transporte pelos insectos, etc, — factos revelados por Brouardel, hoje universalmente demonstrados e acceitos.

Em vista da natureza microbiana das molestias epidemicas transmissiveis pela agua, admitte-se que a influencia desta sobre o estado sanitario depende, sobretudo, da especie de germens que ella póde conduzir, si bem que essa demonstração bactereologica rigorosamente scientifica seja, muita vez, impossivel de fazer.

Nos casos de ser irrealisavel a captação de aguas subterraneas puras, deve-se recorrer a um processo de depuração efficaz assegurando a innocuidade de maneira constante e continua. Para attingir esse resultado, bastaria obter a esterilisação limitada, assegurando a destruição de todos os germens adultos, tolerando a persistencia dos seus cadaveres ou dos seus esporus particularmente resistentes.

Os processos de esterilisação absoluta d'agua são bazeados na filtração perfeita ou no emprego do calor sob pressão durante determinado tempo; mas esses processos não são aproveitaveis nas grandes massas d'agua por causa do elevado preço. Os processos praticos de esterilisação limitada são pouco numerosos, porque é muito difficil assegurar, em condições economicas, a esterilisação sufficiente de grandes volumes d'agua, não lhe modificando as propriedades organolepticas e biologicas, sinão melhorando-as.

Os principaes processos de depuração são representados pela passagem d'agua atravéz da arêa submergida por meio dos filtros lentos inglezes ou dos filtros rapidos americanos.

O colibacillo que existe sempre n'agua bruta póde ser totalmente eliminado pelos filtros submergidos, facto muito interessante, cujas consequencias pódem revolucionar as praticas actuaes de filtração. Não se póde, porém, admittir com segurança que todos os germens perigosos sejam eliminados por esse systema, si bem que possa privar a agua que elles atravessam de uma determinada especie microbiana.

Alguns hygienistas receiaram que o uzo d'agua, privada de germens pela esterilisação, pudesse privar o organismo dos seus meios naturaes de defeza, mas a verdade é que a agua potavel submettida ao processo de esterilisação nunca chega esteril ao organismo humano; desde que sáe dos apparelhos ella se repovôa, nos reservatorios, nos encanamentos, nas garrafas, nas bilhas, de germens inoffensivos da atmosphera. O papel da esterilisação é matar, eliminar os germens caracteristicos de certas molestias epidemicas.

Os processos de esterilisação dos grandes volumes d'agua, officialmente admittidos em França são; 1º — os baseados sobre o emprego do ozona, systema de Frise, antigo processo Tindal modificado; processo Marmier e Abraham; processo Otto. 2º — os baseados no emprego dos compostos oxygenados do chloro, processo do peroxydo do chloro, processo Bergé — systema Howatson; processo ferro chloro, Duyek — Howatson.

Dóses extremamente fracas de ozona em contacto intimo com a agua bastam para matar, quasi instantaneamente, os germens. Póde-se esterilizar industrialmente a agua de fonte com 0,600 gr. de ozona para 1000 litros, resultando disso que o ozona teria propriedades antisepticas quasi intantaneas na dóse de 0,00006 gr. por 100 d'agua.

O ozona n'agua em bom contacto com o ar se desprende ou se decompõe instantanea ou totalmente, produzindo esterilisação perfeita e conservando as propriedades biologicas, ou modificando-as em sentido favoravel, quanto ao cheiro, sabor, ao aspecto e á temperatura, dando a agua ozonada todas as propriedades physiologicas d'agua pura.

Vendem-se collecções dos «Annaes,» ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

A LIVRARIA

«ULTIMAS POESIAS», POR FRANCISCO MANGABEIRA. — OFFICINA DOS DOIS MUNDOS.—BAHIA. 1906.

Já é uma obra posthuma esta representada pelo volume que ora se publica; é a primeira na série recolhida entre os papeis que se encontraram pertencentes a Francisco Mangabeira, um poeta de hontem, cuja estréa excepcionalmente brilhante, ainda, de certo, ninguem pôde esquecer.

Hostiario, que foi o seu livro inicial, pertence ao numero dessas bellas promessas periodicas que se succedem tão regularmente em nossa litteratura como si fôssem phenomenos astronomicos ou metereologicos de reproducção cyclica. E' coisa, portanto, que já podemos ter por normal, tanto como infelizmente a desillusão que a quasi todas essas risonhas promessas melancholicamente, desoladoramente se succedem.

Não será só entre nós que tal facto se dê; nem é elle o attestado de uma fraqueza propriamente organica na nossa complexão intellectual. Será este um phenomeno commum a todas as sociedades ainda em via de perfeita organisação em que a funcção artistica e litteraria ainda se classifica como um accidente esporadico, de continuidade precaria, não correspondendo a um estadio de que ella venha a ser uma caracteristica necessaria, essencial.

As tão numerosas estréas litterarias que todos os annos contamos nas nossas lettras obedecem áquella mesma lei de que resulta serem muito mais numerosamente representadas na vida as especies de resistencia menor.

A natureza se caracteriza por absoluta despreoccupação sentimental. A morte nunca lhe inspirou a morbida e negativa ambição de esterilidade. Pelo contrario, ella é causa apenas de estimulo, de exaltação para a sua actividade. Pouco lhe importa que os individuos succumbam, comtanto que ella ache meios e modos de salvar o principio da Vida em cada uma das suas representações geraes.

Si tão pouco está no homem, muito menos nos moços, poderem penetrar os intuitos inflexiveis da natureza a tempo de evitar-lhes as consequencias no que estas lhes interessem de mais perto.

A nossa deficiente cultura, de todos os pontos de vista, — a inexperiencia pratica da raça, e a sua illusão, a ingenuidade das suas vistas nesta questão de valores intellectuaes, — impedem e hão de impedir por muito tempo ainda que se opére uma modificação sensivel no phenomeno da nossa productividade litteraria, por

modo que nos livre da falacia caracteristica do cyclo actual.

As notas biographicas que precedem, muito pertinentemente, a materia das *Ultimas Poesias*, revelam-nos a normalidade que o caso lamentavel do joven Francisco Mangabeira representa.

Levado pela vida, dentro da fatalidade do meio em que teve de se agitar, dotado de viva sociabilidade, sendo até mesmo de espirito aventureiro, sinão romanesco, elle reproduziu lá no norte o typo classico do poeta brazileiro, de pouca ponderação e dispersivo, quasi obrigado a morrer moço para melhor harmonia do quadro phantasista que taes existencias offerecem.

Como os tempos que atravessamos são mais de bulhas politicas e de acção pratica do que de serenatas sob as janellas e de torneios academicos por satisfação simplesmente da vaidade intellectual, este nosso contemporaneo, já de uma geração posterior á minha, andou em guerras e compoz hymnos de revoltas, marchou para Canudos, que lhe deu um livro, e continuou depois a varar para o norte, sublevou-se com os acreanos, quiz assentar tenda no promissor Amazonas, que, méphitico, lhe deu a morte.

Essa vida moderna que elle levou, que todos nós mais ou menos levamos, embóra poucos com tanto arrojo e ainda mais raros por fórma tão radical, é peior para o poeta, comparada com a que tiveram os romanticos. Emocional, absorvente como seja, é, no emtanto, de sentimentalismo nenhum, e anti-esthetica o quanto póde ser.

E' o *reporter* quem a regista hoje em dia, entre as cifras muitas vezes pouco exactas e as mentiras convencionaes que a industria do jornal requer. Ella tem seu encanto, como a vida sempre teve afinal, mas um encanto selvagem e aspero, para que o lyrismo actual quasi que não encontra expressão. Não se presta á contemplatividade do poeta: ella quer ser vivida muito objectivamente, quer ser amada como uma mulher ardorosa e prosaica.

Ainda peior si se tem de atravessal-a em athmospheras como aquella para que foi arrastado o poeta em questão. Quasi que só o Rio, por emquanto, offerece no Brazil um meio já um tanto intellectual, em que um homem póde viver mais naturalmente pensando. Nos outros só por excepção, por um grande esforço pessoal, consegue um ou outro destacar-se da massa que os interesses materiaes absorvem totalmente, ainda mais numa phase como esta em que entrámos de difficuldades excepcionaes para a vida.

Mas por isso mesmo esses que representam tal excepção necessitam fugir ao caso geral no que respeita ás condições de sua collocação em taes meios, de tal modo que sua obra não represente a inanidade circumstante, coisa difficil de alcançar, principalmente para o poeta, sympathico por natureza ás influencias directas e immediatas. Em todo caso, mesmo que elle venha dotado de uma rara espontaneidade e de uma energia excepcional, de um bello egoismo productivo, ser-lhe-á impossivel furtar-se de todo ao menos a certas consequencias da deficiencia do horisonte.

As *Ultimas Poesias* de Francisco Mangabeira falam-nos eloquentemente da vida duplice de que as naturezas intellectuaes são capazes e revelam-nos na delle uma bella força de reacção contra a influencia immediata, hostil e esterilisadora, que é de calcular seja a da athmosphera a que viveu circumscripto nos ultimos annos de sua vida. Não fôsse elle na realidade um poeta e a penna lhe houvera caído da mão, para o verso, muito antes de vir a morte traiçoeiramente ceifar-lhe a existencia.

Nem foi apenas este livro o que se encontrou no acervo litterario que ficará representando a sua obra posthuma, quando todas as paginas que elle deixou puderem ser conhecidas do publico. Outros volumes,—poemas, poemetos, paginas intimas, uma historia mystica, — puderam colligir aquelles que carinhosamente se entregaram ao labor de ordenar o seu disperso archivo.

Pelo que se póde julgar, perpassando as producções que se encontram neste livro de agóra, admira-se o trabalhador pertinaz que foi aquelle moço, atravéz da sua vida agitada e cheia de tão varios accidentes. Trabalhador e talentoso, por tal modo que o seu nome será repetido com o respeito de todos quantos conhecem as difficuldades da execução e que sabem que só a edade traz certos complementos ao espirito do homem, seja qual fôr a sua força de espirito e o seu poder de intuição.

Vê-se, no emtanto, pelas *Ultimas Poesias* que a falta maior de que se resentiu este espirito foi a de elementos que permittissem uma renovação constante no seu repositorio de idéas, que é para o que o meio, a leitura e o lazer são uteis.

Talvez dois terços deste livro, elle os realizou graças á forte e facil virtuosidade de que era capaz, que, como já tive occasião de dizer nestas mesmas columnas, é uma das qualidades indispensaveis ao verdadeiro poeta. Ha muita capacidade verbal representada nessas rimas brilhantes.

Por vezes ha mais do que isso. Pódem-se apontar neste volume diversas producções de mais sério valor, e novo, ainda mais, dentro da individualidade que o poeta do *Hostiario* nos permittiu conhecer.

O Rio Amazonas, *As Arvores*, falam-nos de uma evolução legitima operada nesta natureza, que com a vida e os annos ainda se ia ductilmente modelando. Tem um ardor tropical, um flagrante da natureza selvagem e imponente com que elle se foi encontrar mais para o norte que as suas brilhantes paginas de estréa, ainda tão inspiradas na musa dos symbolistas peninsulares, não revelam.

A *Torre de Crystal* e *A Borboleta*, lembrando ligeiramente Alberto de Oliveira embóra, indicam que delicioso artista Francisco Mangabeira poderia vir a ser, nos prismas polychromos que a primeira objectiva, no iris das azas que tremulam na ultima, e ainda na delicadeza do sentimento pantheista de que esta representa a expressão.

Phantasia Turca é de uma virtuosidade encantadora, tem valor particular, falando-nos da capacidade que havia no poeta para transportar-se a outros meios e dar-lhes a devida nota caracteristica.

Mas a impressão que se tem do conjunto, por essa relativa falta de variedade nas idéas, de que falei, não está na altura da espectativa formada pelos que, ignorando as circumstancias especiaes que se deram na vida do poeta, delle exigisse o que era logico esperar de quem teve uma estréa tão merecidamente victoriosa.

Avisados, porém, que estejamos, as *Ultimas Poesias* só nos fornecem motivo para admirar em Francisco Mangabeira a sua força irresistivel de idéalisação e a pertinacia com que proseguiu em seu sonho, de modo a podernos ainda legar paginas cuja belleza attesta um legitimo progresso que se dera em seu espirito e faz-nos ainda mais lastimar a brutalidade do destino que o esmagou.

NUNES VIDAL.

RECEBEMOS:

— *Os Serões*, a excellente revista portugueza, n. 13, julho de 1906, com um summario muito abundante de que destacamos a conclusão do artigo, illustrado, do sr. José Pessenha sobre a Torre do Tombo.

— «*Quintino* Durward», romance historico de Walter Scott, traduzido por R. d'Avellar; edição da casa Garnier, em dois volumes.

— «*O Espiritismo*», fakirismo occidental; estudo critico, historico e experimental pelo dr. Paulo Gibier; edição da mesma casa.

— «*Ensaios* de pan-americanismo», artigos publicados na imprensa diaria de São Paulo pelo dr. Alberto Seabra.

PÓDE O «SE» SER SUJEITO?

Ha dias, o sr. Candido Lago, velho conhecedor de linguas e reputado conhecedor do seu officio, tracejou, num dos organs da imprensa carióca, algumas linhas ácerca do assumpto expresso no cabeçalho das presentes lettras. Consultado a respeito, segundo affirmou s. s., por intermedio de uma excellente carta, o sr. Lago não tardou, antes promptamente saíu a dar os esclarecimentos necessarios ao consulente.

***

A particula SE, em portuguez, quando derivada do latim *si* é uma conjuncção subordinativa, e neste caso empregada como liame de proposições; quando originaria do SE latino, é a flexão pronominal da terceira pessôa.

Convém se notar de passagem que a fórma geralmente usada em nosso paiz, da conjuncção *se* é *si*, o que se não verifica em Portugal. Os hespanhoes e os francezes dizem e grapham *si*; os italianos, *se*.

Em manuscriptos e livros antigos, preciosos legados dos nossos maiores, encontra-se *si*, e não *se*.

Mas, não foi, de certo, esta questiuncula que nos induziu a escrever este artigo; não é por causa della que os entendidos turram, e sim devido ao pronome SE, que funcciona no discurso portuguez de differentes maneiras:

—como pronome reflexo
—como pronome reciproco
—como particula apassivante
—como particula expletiva.

Até ahi váe tudo no melhor dos mundos possiveis; vivem os grammaticos, á maneira de Deus com os anjos, em santa paz. Mas, não ha bem que sempre dure, lá reza o annexim, e não sabemos que diabo introduziu a cizania no rebanho do Senhor, queremos dizer na fraternal concordia dos grammaticos. O certo é que alguem se lembrou de descobrir que o pronome SE desempenha ainda um quinto papel no seio da linguagem portugueza — o de particula representativa do sujeito indeterminado.

Em regra geral, o descobridor não deixa de trazer, ás vezes mesmo com alarde, o seu achado á plena luz meridiana. A natureza, providencialmente, armazenou essa vaidade entre as vaidades de que atulhou o armazem humano. Ai de nós si não fôsse assim! Ainda hoje não tomariamos café com assucar, nem teriamos as ruas illuminadas á electricidade. De resto, os padres Bartholomeu de Gusmão e Antonio Vieira, que tinham obrigação de ser modestos, não tiveram forças para occultar á luz do mundo, aquelle o seu famoso invento e este os seus escriptos immortaes.

Ora, o tal descobridor da funcção subjectiva do pronome SE não era, positivamente, nenhum santo, para se deixar ficar mais a sua invenção, humildemente, miseravelmente inédito nalgum buraco de rocha. Não o era, e gritou aos quatro ventos que o pronome SE, em certas e determinadas circumstancias, representa o sujeito.

Subsequentemente, outros grammaticographos, destas plagas e das d'além-mar, subsereveram esse original, para se não dizer estapafurdio, conceito.

***

Porque póde o pronome SE ser empregado como sujeito?

Porque é um verdadeiro equivalente de alguem. Esta oração: «Fez-*se* hontem a chamada dos operarios», passada para a passiva dá: «A chamada dos operarios foi hontem feita *por alguem*.» Do que se dedúz ser o verdadeiro sujeito da oração o pronome SE; porquanto, passada a oração para a passiva, teve elle o destino que em regra teem os sujeitos das orações activas quando ellas se passam para a passiva, — foi ser objecto indirecto.

Porque, além disso, as outras linguas teem um pronome monosyllabico consagrado á representação dos sujeitos indeterminados. Os francezes teem *on*; os inglezes, *one*; os allemães, *man*.

Taes são, pouco mais ou menos, os argumentos que adduzem a seu favor os apaixonados partidarios da funcção subjectiva do pronome SE.

***

Os que rejeitam a todo o transe essa funcção, erroneamente adjudicada ao pronome SE, são os que expendem razões mais consistentes. Neste conflicto de opiniões, são elles, sem duvida, que perlustram a verdadeira senda, por estes fundamentos:

— SE de *sui, sibi, se*, não tem nominativo, o que implica asseverar ser imcompativel, por incapacidade, com a funcção subjectiva;

— a oração: «Fez-se hontem a chamada dos operarios» não depõe a favor, visto que não está na vóz activa, como querem certos grammaticos, mas na passiva;

— tal emprego não tem a sancção dos classicos nem do povo, e é, por isso, contrario á indole da lingua.

E' doutrina incontroversa que, em portuguez, o verbo não tem uma fórma simples para exprimir a vóz passiva, como tem para a activa, pelo facto de estar sempre o verbo adjectivo na fórma de verbo activo. Assim, pois, não temos propriamente verbos passivos ou flexões peculiares á vóz passiva, como tinham os gregos e os romanos. Entretanto, não deixamos de ter a nossa vóz passiva, que exprimimos mediante tres processos: o analytico, o pronominal e o semeiotico.

O processo pronominal é o que nos interessa nesta conjunctura. Elle consiste na apassivação dos verbos nas terceiras pessôas do singular e do plural por meio do pronome SE,(1) considerado então méra particula apassivadora, como quer Julio Ribeiro, ou objeto directo apparante, conforme opina Freire da Silva. (2, 3).

Que o emprego do pronome SE não tem a sancção dos classicos, é bem facil de se demonstrar. Os antigos escriptores usavam de *hom* e *homem* na accepção de pronome indefinido e que correspondiam exactamente ao *on* dos francezes. Mas esses modos de dizer, que se encontram em D. Duarte, Damião de Goes, fr. Luis de Souza e outros seus coevos, se fôram pouco a pouco retirando da circulação, até se ausentarem de todo. E não nos consta tenham sido substituidos por SE.

Quanto ao povo, quando quer indicar o sujeito indeterminado, já porque se queira isentar da responsabilidade de ennunciar o agente da acção, já porque o não conheça, systematicamente emprega o verbo na terceira pessôa. «Escreveram na parede, suja-

ram aqui, entornaram-tinta, rasgaram o papel, dizem muito mal delle, pisaram-me no pé. São as verdadeiras expressões populares.

«Escreveu-se na parede, sujou-se aqui, entornou-se tinta, rasgou-se o papel, diz-se muito mal delle, pisou-se-me no pé» são fórmulas deploravelmente erradas, peregrinismos syntacticos introduzidos na lingua pelos que, regulares conhecedores de idiomas extrangeiros e pessimos do nosso, sacrificam a cada passo este áquelles.

* * *

Estamos, portanto, de accôrdo com o modo de pensar do sr. Candido Lago; não podemos concordar, porém, com a maneira por que s. s. se expressou.

E' uma divergencia insignificante, mas não devemos deixal-a passar sem registo.

«SE, portanto, na lingua portugueza, póde ser objecto directo, (raras vezes indirecto), mas *nunca* póde ser sujeito...»

Não é exacto que SE *nunca* possa ser sujeito. Como toda e qualquer especie de palavra, o SE póde, accidentalmente, exercer funcções de substantivo, e neste caso servir de sujeito; fóra dahi é que nunca.

Nesta sentença: «O pronome SE nunca póde ser sujeito.» Qual é o sujeito: não é «O pronome SE?

Evidentemente a clareza ficou um tanto lesada na asserção do sr. Candido Lago; porquanto, para ser claro, para ser correcto em toda a linha, s. s. deveria assim tel-a redigido: «SE, portanto, na lingua portugueza, póde ser objecto directo (raras vezes indirecto), mas não póde ser sujeito, excepto quando empregado no discurso com funcção de substantivo (substantivado).»

JOÃO DE DEUS FILHO.

NOTAS. — O sr. Candido Lago, referindo-se ao pronome francez *on*, não se lembrou de advertir ao seu consulente que esse pronome, derivado de *homo*, se escrevia *om* no seculo XII e *hom* em tempo ainda mais remoto. Tambem lhe escapou assignalar a differença infinitesimal, si nos consentem a expressão, que existe, em francez, entre *on* e *l'on*.

São expressões, ou, melhor, particulas quasi equivalentes, é verdade; mas a primeira, por estar privada do artigo, tem menos precisão que a segunda. *On* começa uma oração particular indefinida; ao passo que *l'on* inicia uma proposição geral definida. Assim, nestas sentenças: «*On* dit qu'il est malade» e «*L'on* dit que la maladie est terrible», convem se notar a differença entre *on dit* (homme dit) e *l'on dit* (l'homme dit).

(1) Por analogia dá-se a mesma fórma passiva a verbos intransitivos, quando sómente queremos exprimir a sua significação absoluta, abstraindo-se do sujeito: vive-se, combate-se, bebe-se. Algumas phrases ha, tambem, equivalentes a passivas, formadas pelos pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*: Elegeram-me deputado (fui eleito deputado), Menina e moça me levaram de casa de meus paes (Menina e moça fui levada de casa de meus paes), Como é que te chamas tu? (Como é que és tu chamado?), Elles se chamam Antonio e Joaquim (Elles são chamados Antonio e Joaquim).

(2) Esse modo de formação da vóz passiva não se deve usar quando claro o objecto indirecto: «Tratam-se estas doenças pela homœopathia». Neste caso apassiva-se o verbo pelo processo analytico, isto é, por meio de uma expressão em que entrem o verbo ser e o participio aoristo: «Estas doenças são tratadas pela homœopathia». Tambem não se deve usar a passividade pronominal quando a acção puder ser exercida pelo sujeito, para se evitar ambiguidade. «Mataram-se muitos homens», deve ser: «Muitos homens fôram mortos».

(3) Esse processo de apassivação de verbos não é um idiotismo da lingua portugueza, consoante, erroneamente, doutrinou algures certo glottologo lusitano; os italianos, os hespanhoes e os francezes tambem apassivam verbos com as particulas *si* (italiano), *se* (francez), e *se* (hespanhol), equivalentes ao nosso SE.

Os mais remotos documentos da lingua registam esse processo de apassivação; no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, vê-se: «...e per tal dicto se demostra com as virtudes speciaes não se podem bem praticar si as quatro principaes suso scritas nom forem possuydas». Em Gomes Eannes Azurara: «...assy como no Latim este nome quer dizer *Tempus*, e d'hy se diriva Chrónica, que quer dizer Istória, em que se escrepvém os feitos temporaes.... «Porém he minha intençom com a ajuda da Santa Trindade escrepver em este volume os feitos, que se fizeram na cidade de Cepta...» No *Livro 19 do Senhor Rey Dom João IV*, alvará passado ao dr. Nicoláo Monteiro: «...e lançar na folha de aposentadoria os ditos cem mil rs para cuyo efeito se acressentarão á consignação que tem...» E, finalmente, em D. Francisco de Souza: «....são prizoens que se não quebram com facilidade...»

DISCURSO

PROFERIDO NO INSTITUTO DE PROTECÇÃO Á INFANCIA

Acredito que aqui estamos sob a impressão de um enleio suave e que nos sentimos maravilhados. Porque embóra o dia fôsse de festa e de prazeres, era mais natural que se pensasse encontrar, neste abrigo de doentinhos pobres, o espectaculo compungente da creança soffredora.

Muito ao contrario disso, surprehendem-nos um alarido de saúde, um estrepito de encanto, um borbulhar de vida em meio daquelles a quem a nossa phantasia sensivel suppoz achar mergulhados em lagrimas e gemidos. Devemos essa surpreza á misericordia desta casa, que transfórma a dôr num riso e que faz renascer no espirito confrangido das mães desventuradas uma alvorada de alegrias.

Véem para aqui doentes, sáem daqui creanças, e o encanto subtil do verso talvez nos explique o consolo que nos enleva, porque

Lastimas. A
Imprevistos de luz na casa onde ha creanças!
Se nasce ao pobre um filho é mais um sol que doura.

E começa assim a se manifestar em todo o seu esplendor quasi celestial a magnificencia desta creação benemerita. Parte daqui a saúde das creancinhas frageis, nasce de novo aqui o sol aquecedor e vívido que illumina de esperanças o lar tristissimo dos pobres.

Vós que tendes filhos e que sabeis como estala de dôr o coração que escuta um gemido de creança, volvei os vossos olhos piedosos para este monumento de Amor que o esforço bemfasejo conseguiu levantar num recanto da terra para nos permittir a illusão bemdicta do céo. Volvei e olháe. Alli é o pequenino que mal entrou na vida e que ao envez dos vossos, a quem a fortuna preparou alcatifados de fitas e rofolhos de rendas para lhes cercar o primeiro somno, ao envez disso, teem como unico berço uns braços descarnados pela fome, retezados pelo trabalho, alquebrados pela molestia e que aqui vem, este pequenino sêr que mal entrou na vida, já perdido o rosado das faces e o avelludado das fórmas, deixando entrever apenas nos olhos mal fechados uma saudade do céu. Lá, um que tambem está de pouco neste mundo; a saúde lhe sobra, a vida lhe é exúberante, mas no dia em que o instincto ó fizera procurar a seiva bemdicta, que o robustecia, sentiu que se exgottava a fonte da vida e elle queria viver. Além, outro, já crescidinho, espalhava em torno de si um mundo de mimos e de carinhos, quando a molestia o defórma, quando o desastre o mutila, quando a fatalidade quasi o atira ao numero das coisas inuteis. E outros, e muitos outros. Em toda a parte, a creança que chora, a creança que soffre, a creança que geme, a creança que váe morrer.

Vós que tendes filhos e que sabeis como é soffrega e palpitante a alegria do coração que já ouviu o gemido e que vê então brincar nos labios descorados do doente os primeiros sorrisos da saúde, volvei os vossos olhos piedosos para esta casa de benemerencia, onde vão encontrar o allivio que lhes falta e a vida que lhes foge, uns desventurados que, como os

vossos filhos, tambem sentem, tambem soffrem e tambem choram. Só assim calculareis o que se faz aqui em beneficio das creanças; e faz-se miraculosamente com o auxilio de todos, com a dedicação de muitos, com os recursos que surgem inesperadamente: a casa é pobre mas a protecção divina é infinita.

Agóra vêde o que seria si fôsse possivel fortalecer a obra de beneficencia com os bafejos da fortuna. Um pouco das migalhas dos argentarios, alguma coisa da liberalidade dos dissipadores, um nada tirado á voragem dos que folgam estrepitosamente, e quanta creança robusta, nedia, forte, a bem dizer a esmola que lhe fizeram.

Porque o muito que se faz, o esforço ingente em beneficio da creança enferma e da creança pobre, é ainda quasi nada nesta grande cidade que não cuida dos que precizam. Aqui mesmo, onde a dedicação consegue poupar ao paiz uma porção de vidas, os pobres não teem abrigo. A providencia do Governo, assegurando um teoto aos doentinhos, debate-se num emmaranhado de interpretações. E emquanto se discute a lei, se advinham os textos e se protela a discussão, os pobresinhos morreriam ao desamparo si a lei divina não fôsse immutavel e si o coração humano não fosse generoso.

Empenhae o vosso esforço para que os doentinhos tenham casa. Uma contribuição pequena, modesta, si fôr collectiva, vale por uma fortuna e attestará futuramente a nossa grandeza d'alma nesse templo edificado pela liberalidade de um povo para guardar, como reliquias veneraveis, lagrymas de mães e risos de creanças.

O trabalho será ingente mas a vontade é soberana. Lembremo-nos daquelles que nesta casa se empenham pelas vidas infantis; não lhes baston este apostolado, o instincto do bem leva-os a repartir entre os infelizes alegrias que elles não tiveram nunca. E eu creio mesmo que mais do que o alimento que sustenta, do remedio que allivia, da roupinha que enfeita, nada toca mais ao caração, nada fala mais vivo ao sentimento do que a avidez de uns olhos buliçosos quando o brinquedo desejado vem em meio da tristeza e em meio da indigencia fulgir como um thesouro inesperado. E desta sorte aqui tambem se encontra a felicidade.

Mas como a festa é de creanças, eu quero reviver um pouco nossas recordações infantis tão cheias de encantadora suavidade. Qual de vós não conserva viva a noção deste tempo tão curto em que a vida passa brandamente ao affago carinhoso de uma felicidade continua, ao amparo celestial do anjo que nos guarda? Eu, por mim, em festas como a de hoje sinto-me avassalado pela saudade da minha meninice. E ainda agóra, ao gozar este espectaculo confortador de caridade e de affectos, sinto, como si a ouvisse houtem, na mais tocante reminiscencia, enlevado pela lembrança de uma das mais risonhas lendas que povôam de sonhos roseos os dias felizes dos nossos filhos.

Todos vós a sabeis, de certo. E' a historia daquella creança mendiga, triste, faminta e quasi moribunda. Na mansarda miseravel em que o sol se esquivara de realçar a indigencia aterradora, não havia luz e não havia pão. Apenas um coração ahi, batendo precipite em commoção materna, testemunhava aquella agonia lenta. O dia inteiro, passava-o a desgraçada a implorar allivio e a mendigar conforto. A sorte lhe fôra cruel e apenas a natureza prodiga emprestava-lhe uns galhosinhos seccos com que aquecer o corpo do filho enregelado.

Já a noite era completa e a escuridão profunda, quando, de subito, a creança abre os olhos e diz: *Eu quero ver Jesus*. Não me recordo mais do que dizia a lenda da angustia inconcebivel da pobre mãe, que não tinha podido levar ao filho o soccorro humano e que não se acreditava capaz de conseguir a protecção divina. Apenas me recordo de que quando pela segunda vez se ouviu o mesmo gemido surdo: *Eu quero ver Jesus*, uma luz sobrenatural inundou de subito aquelle tecto lugubre e fez surgir miraculosamente a alegria, a paz, a saúde, a felicidade emfim.

Passou o tempo dos milagres, mas é tão funda a rememoração deste conto tão meigo, que, ao se entrar nesta casa, onde se dá o pão, onde se distribúe o conselho, onde se espalha o beneficio, onde se desperdiça a esmola, e até onde se vence a morte, de certo, não haverá quem não supponha que por aqui passou Jesus.

FERNANDO MAGALHÃES.

CARICATURAS

UMA CELEBRIDADE

O Pedro do Amaral, aos 15 annos, já estava convenientemente *equiparado* para a medicina.

«Ser medico, pensava, é ter bellos palacetes, carruagens, vida aristocratica como muitos que por aqui ha; é a melhor das carreiras». E, sem que qualquer vocação o chamasse para as agrúras de tal vida, encaminhou o seu requerimento para o 1º anno de pharmacia por faltar-lhe ainda o latim, que não pôde arranjar, de prompto, pela exigencia do examinador em 150$000 réis mensaes de *explicações*.

No seu requerimento de quatro linhas, o secretario observou tres erros de orthographia e alguns solecismos— «Não venho aqui fazer exame de portuguez—respondeu-lhe altivamente o Amaral.

O 1º anno de pharmacia tinha as suas vantagens, segundo lhe disséra o Pimenta, que, por tres vezes, tentára varar o 1º de medicina, só conseguindo esbarrar no 2º após o expediente da pharmacia, que tem a primeira série commum com a de medicina, e mais frouxa.

Comtudo, o Amaral teve as suas difficuldades. Estréou por uma eliminação em prova pratica de physica, visto ter despejado mercurio metallico na concha da balança, onde ia realizar a pesagem do liquido.

No 2º anno, teve que ir á Bahia mudar de ares; depois, aos trancos, foi arrancando os seus *simples*, singelos, um, um, um, na nota do porco, como diziam os collegas, que o classificaram de 111. 111 pelos tres 1, nas tres cadeiras das séries, embóra, de vez em quando, o Amaral intercalasse um 0 na sequencia das unidades, e, do quinto anno em deante, augmentasse o numero para 11111. A não ser esse appellido e a introdução de *colla* com oculos escuros, o Amaral não se salientára na Escola por outros feitos, apezar de ser um *representante da Faculdade* em todas as manifestações — viagens, bailes, comes e bebes, em que era solicitada a representação da classe.

O *dr.* Pedro do Amaral, academico de medicina, era um cavador de marca. Coherente com os seus principios, o nosso heróe traduziu mal uma these de Paris, transcreveu as proposições de antigas theses da Faculdade e apresentou o seu *trabalho*, em que modestamente declarava ser levado pelas exigencias regulamentares. Verdade é que a proposição de chimica lhe era original. «O oxygenio é um gaz.»

A sua defeza de these foi divertidissima porque um dos lentes, velho de fino espirito, limitára-se a notar as incorrecções da apressada traducção, em que *voie du palais* ia como — véo do palacio, a par de outras bellezas no genero.

Approvado plenamente porque era das praxes, teve, comtudo, uma proposta de distincção feita por um dos membros da meza, um bello coração de professor, que nunca reprovára e que então era o idolo dos *amaraes*.

A ultima *colla* do homem foi a do gráu, saíndo com amplos direitos de dispôr da vida da humanidade.

Dias depois, lá estava nos jornaes: *Dr. Pedro Amaral — Medico Operador e Parteiro — Especialista das vias urinarias, molestias das senhoras, das creanças, pelle e syphilis*. O homem exercia todas as especialidades que *cursára* na Escola.

Passados seis mezes, apezar de ter baixado o preço das visitas a 2$500 para fazer concurrencia ao collega da zona, que já cobrava a 5$000, e de ter sido excluido num concurso de hygiene, em que tomára um gonococco por bacillo da peste, só conseguira 50$000 mensaes numa cooperativa de $500 por cabeça, com medico, pharmacia, dentista, parteira e... enterro. (Essas associações offerecem esta ultima garantia aos mutuarios).

Um insuccesso num parto, em que ia sacrificando duas vidas, levou-o, dahi em deante, num rasgo de generosidade, a arriscar só uma existencia de cada vez. O Amaral fez-se homœopatha.

***

Na sua visinhança, um doente rico havia cinco dias desesperava com uma febre intensa, delirando, insomne, com martyrisantes dôres no peito e escarros sanguineos.

Celebridades tinham sido chamadas, mas ninguem fazia melhorar o paciente. A familia, afflicta, apezar dos medicos dizerem tratar-se de uma pneumonia, molestia que tem seu cyclo, desesperou.

— Chamem um homœopatha si não o homem morre — dizia um empregado do Thezouro.

Assim teve o Amaral um chamado de urgencia. Entrou na casa com a calma da inconsciencia, indagou do diagnostico dos collegas, olhou apenas o doente, não o maguou, como observou a senhora do empregado, referindo-se aos processos de persuasão e escuta, exercidos pelos medicos anteriores.

O Amaral tomou da penna e receitou *lycopodio*, assegurou a quéda da febre e melhora do doente para o dia seguinte.

Ao saír, dizia comsigo: Ora bólas, si não melhorar, digo que já era tarde; o professor fulano tambem não conseguiu nada; ora bolas, papava uma de vinte, novinha.

No dia seguinte, marchou para a casa do doente, com a emoção com que, outr'ora, seguia os bedeis na Escola, com a pasta das provas escriptas nos dias dos seus exames.

Discretamente vigiou as immediações a ver si já havia qualquer vehiculo da empreza funeraria; apenas, esbarrou com um caixeiro de corôas funebres, que vinha, em sentido opposto, desanimado.

Ao transpôr os degráus da casa, foi uma doce emoção, a sentida; havia movimento e alegria, onde outr'ora imperava o silencio, a preoccupação.

A dona da casa, em lagrimas, beijou-lhe as mãos, dizendo: «Dr., o sr. salvou meu marido.». O Amaral ficou branco de surpreza.

A pneumonia, evoluindo no seu cyclo, chegára ao setimo dia, dera-se a crise, facilitada pelos cuidados anteriores; a febre caíra, viera um somno reparador, melhoraram as dôres.

Aos leigos da familia, esses factos não eram comprehendidos. Ignoravam o que fôsse cyclo ou crise; o que viram foi o doente melhorar e a febre *ceder* com o *lycopodio*, quando, dias antes, nem com os banhos cedera, «Banhar um doente com febre, bradava d. Engracia, a sogra, horrorisada.

—Bem que eu dizia—pontificava o escripturario—só a homœopathia é que cura. Este moço está fadado a grande futuro; modesto, convicto e competente, tem o verdadeiro tino medico.

Mezes depois, de *coupé*, absorvido na leitura de um grosso volume, o dr. Pedro do Amaral, uma celebridade de vóga, dirigia-se para o seu bello palacete de Botafogo.

Rio, setembro, 906.

DOUTOR CABANÈS.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Devido á molestia grave em pessôa de sua familia, retirou-se do torneio o dr. Theophilo Torres, um dos nossos mais fortes jogadores. O interesse da lucta fica desta maneira ainda mais diminuido. Póde-se annunciar que os dois premios caberão aos drs. W. B. Hentz e H. Costa, vindo em seguido os drs. Annibal da Costa Pereira, Quintino Bocayuva Junior e Barten Allen.

— O dr. Hentz, que, devido a circumstancias especiaes, ainda não pôde alcançar, nos torneios anteriores, uma collocação condigna com o seu merito, parece que conquistará desta vez um dos premios, não se lhe podendo garantir o primeiro, porque o dr. Henrique Costa é um concurrente perigoso pela sua calma, tenacidade e conhecimento theorico. No emtanto, neste primeiro turno, o dr. Hentz ganhou deste uma esplendida partida, que hoje publicamos. Esta partida é um modelo de correcção e brilho.

— O resultado actual do 1º turno differe pouco do que publicámos no num. passado.

No proximo num., publicaremos o quadro com o resultado completo deste turno.

***

— Esteve nesta cidade, a negocio particular, o digno 1º secretario do importante Club Internacional de Xadrez de S. Paulo, o sr. José Alves de Araujo.

Deu-nos noticias do grande progresso em que váe a pujante associação enxadristica, que tem actualmente 200 socios e se acha installada magnificamente. Diariamente se reúnem na sua séde 50 a 60 socios que teem á sua disposição 20 jogos Staunton.

***

INTRODUCÇÃO DO XADREZ NA PERSIA

Na Persia reinou um principe gentio chamado Nixirauhon, de alcunha de parseo antigo Quissera, e em arabigo Hádel, que quer dizer justo, por ser homem nesta parte de justiça tão inteiro, que quando ácerca dos parseos querem louvar um homem desta virtude, dizem: *E' um Nixirauhon*.

E entre muitas cousas que se delle escrevem é, que querendo fundar uns paços em uma aldeia, por ser logar gracioso, de muitas aguas, e boa comarca, foi necessario comprar muitas propriedades dos visinhos do logar, entre as quaes havia a casa de uma velha, que por nenhum preço a quiz vender. Dava em resposta a quantos partidos lhe el-rei mandava commetter, que elle rei e senhor era da terra, e que bem lhe podia tomar sua casa, mas que por sua vontade nunca a deixaria; porque como ella era o berço em que se creara, ella havia de ser o ataúde de sua sepultura, por quanto nella mandava que a enterrassem.

Vendo-se el-rei tão contrariado neste seu appetite daquelle edificio, porque segundo a disposição do sitio e da traça, a casa d'esta velha lhe ficava por embigo das suas, e convinha damnar muitas por salvar a esta: todavia mandou fazer os paços, e que a casa da velha ficasse salva com sua serventia para fóra, de maneira que lhe não fizessem nojo. Os quaes paços, depois que fôram acabados, como eram uma das magnificas e sumptuosas obras daquelle tempo, tinham tanta fama, que qualquer pessôa que vinha á côrte d'el-rei, os havia de ir ver, por estarem perto da cidade, onde elle mais residia.

E acertando dois embaixadores, que eram vindos a elle de outro rei seu visinho, de irem ver esta obra, quando tornaram a el-rei Nixirauhon, louvaram-lhe muito a magestade e a estructura da obra; e um delles que era philosopho, por fim de todos os louvores, disse, que lhe parecia aquella obra uma pedra preciosa, em que a natureza quiz mostrar quão perfeita era; e que o acaso invejoso, e inimigo de toda a perfeição, por macular tão perfeitissima coisa, buscara a mais vil que achou e a poz no meio della; esta fôra a casa d'aquella velha. Que se espantava muito d'elle, por satisfazer a contumacia d'ella, póde soffrer aquelle grande defeito em tão perfeita coisa.

Ao que el-rei respondeu: — Que mais se espantava d'elle, sendo homem philosopho, não entender que a casa d'aquella velha era a melhor peça que os paços tinham, e que lhe davam mais lustro e decoro que quanto oiro n'elles estava; porque n'aquella pobre casa se via ser elle justo ás partes, e não sumptuosidade da obra: ficava infamado de vão e prodigo em coisas materiaes como era a instructura d'elles. Porém por lhe não parecer que consentia na vontade da velha por gloria de ser havido por justo, lhe queria dizer a causa que o movera a não a escandalisar; em que veria proceder mais de vicio que de virtude, por ter seu fundamento em temor da pena.

Então começou a contar, que sendo elle mancebo, indo por uma rua, vira ir deante de si um mancebo travesso, que travava

pelo caminho com todos, o qual vendo estar um cão á uma porta sem lhe ladrar, nem fazer coisa alguma, atirou-lhe com uma pedra, e fez-lhe um arremesso, que foi assim certo e de força, que lhe quebrou uma perna, e passando adiante saltando, e gloriando-se de o cão ficar esganiçando-se com a dôr. E indo elle assim neste prazer, foi dar com um homem que ia a cavallo; e parece que o cavallo era malicioso, porque sentindo o outro detraz, que vinha naquelles saltos de prazer, atirou um coice com que lhe quebrou uma perna, e elle ficou doendo-se da sua dôr da maneira que fez o cão. O senhor do cavallo fazendo pouca conta do mancebo ficar assim foi seu caminho, e acertou de estar no meio da rua um buraco de uma cova arruinhada, da qual não se resguardando, poz o cavallo o pé com que dera o coice e o senhor por se tirar do perigo, deu-lhe rijo das esporas, com que o cavallo por saír caíu para uma ilharga, ficando-lhe a perna quebrada pela cana.

As quaes coisas n'elle rei fizeram grande espanto, d'onde tirou que os juizos de Deus eram mais profundos do que os homens queriam entender: e que pois eram tão particulares, que desciam aos brutos, que fariam ácerca dos homens, que teem plantada no animo esta lei commum: que não devem fazer o que não queriam que lhes fosse feito? D'onde, quando a velha lhe negou aquella sua casa, peró que ella lh'a podera tomar, temeu muito o juizo de Deus, que alguem podia tomar a sua a elle ou a seus filhos; do qual feito elle philosopho podia crer que aquella justiça que el-rei obrára com a velha fôra mais temor da pena, que amor de virtude.

E como com esta e outras obras de tanta justiça, que este rei fazia em seu tempo, tinha grande fama por toda a Asia, e sobre a virtude natural tinha outra parte adquirida, que era doutrina de lettras, por a razão das quaes amava os doutos n'ellas, e concorriam a elle muitos philosophos.

Entre os quaes veiu um chamado Acuz Fárlu, que lhe trouxe o jogo do xadrez, não com tantas peças como nós usamos; sómente aquellas que convinham ao numero dos magistrados com que n'aquellas partes se regem as republicas, querendo elle representar n'estas peças o governo de um reino em modo politico. D'onde o jogo ficou em uso, e o tempo foi depois acrescentando e diminuindo peças, esquecendo a theoria, que este philosopho queria plantar no animo d'aquelles que governam.

Em algumas peças de marfim que nós houvemos da India, o rei está sobre um elephante, e o roque a cavallo, e cada uma das peças com a distincção do officio que tem.

Dos parseos passou este jogo aos arabios; os quaes são tão dados a isso, e tão destros n'elle, que andando caminho, de cór, sem haver peças, o vão jogando como se tivessem o taboleiro diante.

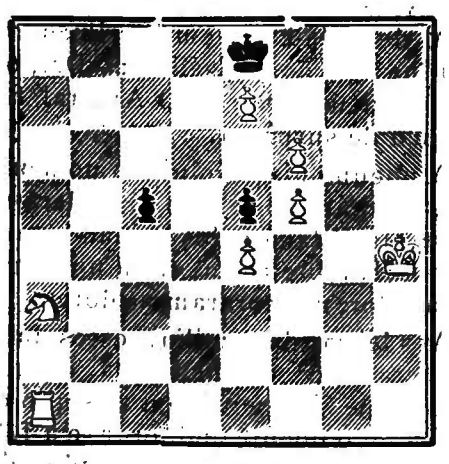
JOÃO DE BARROS.

(Decada II, liv. IV, cap. IV.)

PROBLEMA N. 64

F. Reimann

PRETAS (3)



BRANCAS (7)

Mate em tres lances

***

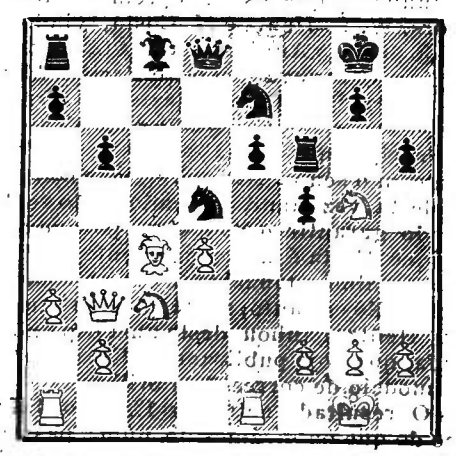
PARTIDA N. 70

(Jogada no torneio do Club dos Diarios em agosto de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas (W. B. Hentz)		*Pretas* (Henrique Costa)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	P 4 B D (*a*)
P 3 R (*b*)	— 4 —	C 3 B R
C 3 B R	— 5 —	C 3 B D
B 3 D	— 6 —	P B × P D
P R × P D	— 7 —	B 2 R
P 3 T D (*c*)	— 8 —	Roque
B 5 C R	— 9 —	F × P (*d*)
B × P	— 10 —	C 4 D (*e*)
B × B	— 11 —	C (3 B) × B
Roque	— 12 —	P 4 B R ? (*f*)
T 1 R (*g*)	— 13 —	T 3 B R
D 3 C D ! (*h*)	— 14 —	P 3 C D
C 5 C R !	— 15 —	P 3 T R (*i*)

Depois do 15º lance das Pretas



C × P R ! ! (*j*)	— 16 —	B × C
T × B !	— 17 —	T × T
C × C (*k*)	— 18 —	R 1 T (*l*)
C 7 B ! (*m*)	— 19 —	T 3 C R (*n*)
C × T	— 20 —	D × C (*o*)
P 5 D !	— 21 —	D 1 B D
T 1 R	— 22 —	D 1 D (*p*)
D 3 R	— 23 —	T 5 C (*q*)
P 4 B R !	— 24 —	C 3 C
D 8 R x	— 25 —	D × D
T × D x	— 26 —	R 2 T
P 6 D	— 27 —	abandonam (*r*)

(*a*) Diz Alapin que é grande a divergencia de opiniões sobre o modo de julgar esta defeza, mas que não obstante elle a considera superior a C 3 B R. E Fleischmann opina ser este o caminho mais curto para obter a egualdade.

No torneio de Ostende do anno passado puzerám em duvida o merito deste lance e Burn, mestre inglez, pronunciou-se egualmente por elle, adoptando uma nova linha de ataque para as Brancas.

(*b*) E' mais usual 4 — P B × P, mas Janowski considera o lance do texto egualmente forte.

(*c*) Realmente o C D a 5 D seria bem incommodo.

(*d*) As Pretas receiaram de certo as complicações que resultariam da troca de piões depois de perdido o C R.

(*e*) Bom lance ao mesmo tempo aggressivo e defensivo.

(*f*) Desastradissimo e seguramente fatal contra um jogador forte como o dr. Hentz.

(*g*) Começando o ataque ao ponto fraco.

(*h*) Inicio de uma bellissima combinação.

(*i*) O dr. Costa não percebe os intuitos do seu adversario e pensa com este lance afugentar o seu C. Foi um erro. Deveria ter jogado 15... D 3 D.

(*j*) Esplendido e rigorosamente correcto! Não é para qualquer calcular todos estes lances e ainda os 4 seguintes, com essa exactidão. O pião está ganho e a partida das Pretas perdida.

(*l*) Melhor. Si 18... C × C, as Pretas perdem a qualidade.

(*m*) Fecho de ouro da combinação. As Brancas recobram a qualidade que haviam sacrificado.

(*n*) 19... T 3 D seria mais forte, porque assim começaria logo o ataque ao perigosissimo P D adverso. Com o lance do texto, as Pretas armam uma cilada, em que as Brancas não caírani, como se verá.

(*o*) Ameaçando mate.

(*p*) 22... D 2 D seria incomparavelmente mais capaz de offerecer resistencia. Tambem havia 22... D 4 B D, dando logar a curiosas variantes, por exemplo: 22... D 4 B D; 23 — D 3 D, P 4 C D; 24 — B × P, C × P; 25 — T 8 R x, R 2 T; D × P, D × B; 27 — T 6 R e ganham.

(*q*) 23... C × P daria em resultado a perda do C por 24 — D 8 R x, etc.

(*r*) Não é possivel impedir que o pião vá á Dama.

Toda a partida foi jogada pelas Brancas em excellente estylo de mestre.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 63 (*Com. Murtial*): 1 — D 8 T D, R 3 C (*a*, *b*); 2 — D 4 R x, R joga; 3 — D × P T mate.

(*a*) 1... R × P; 2 — T × P C x, R 5 D; 3 — D 5 D mate.

(*b*) 1... P 3 T R; 2 — D 5 D, R 3 C; 3 — D 7 B R mate.

José Getulio.

ANNO III — Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1906 — Num. 99

ASSIGNATURAS
ANNO.... ..... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sol nascendo em Minas. — Os tres discursos. — Collisão infeliz. — Como se prova mais uma vez que o silencio é ouro.

O sol váe nascer ao poente, além dos azulados pincaros da Mantiqueira.

Bello Horisonte enfeitou-se com os sumptuosos ouropéis de ouro e purpura de uma aurora, precedendo com a sua pompa deslumbrante o «benedictus qui venit», o portador dos preciosos, dos divinos dons da esperança.

Era natural que os nossos olhos anciosos, os nossos ouvidos, palpitantes de curiosidade, se voltassem para aquelle lado da rosa dos ventos, donde véem os augurios de paz, de prosperidade, e acolhessem alvoroçados os echos fagueiros da rhetorica politica que alli teve, nestes dias, uma exhibição memoravel, cheia de surprezas, de lances commoventes.

Aquillo que mais nos impressionou, como a toda a gente que sabe ouvir e digerir as idéas comidas pelos ouvidos independentes do paladar e por isso capazes de devorar, sem repugnancia, os mais insulsos, os mais anodynos, como os mais condimentados quitutes do palavra, — o que mais nos commoveu foi a collisão das idéas de moderação com os irrepressiveis impetos de intolerancia, de radicalismo rubro.

O sr. João Pinheiro proferiu um hymno á paz, á harmonia das opiniões, á tolerancia dos paladinos de todas as crenças, de todas as convicções sinceras; percorreu com phrase repassada de doçura a luminosa série de gloriosas tradições nacionaes, continuadas nobremente, sem attrictos, sem perturbações, e prometteu ao seu povo um governo de amor, de respeito aos adversarios, de justiça aos correligionarios, como convinha a um estadista compenetrado da sua augusta missão de pastor de homens.

E o auditorio applaudiu calorosamente esse homem cordato, singelo na sua grandeza d'alma, modesto nos seus éstos patrioticos.

Coube, depois, a vez ao cidadão depositario neste momento das mais graves responsabilidades, ao homem que se figura carregando ás costas o «Blóco», como o Atlas mythologico (veja o sr. Pinheiro a que alturas o levanta a vertigem da rhetorica) carregou o Mundo, com todas as suas miserias, com todas as suas ambições, com todos os seus peccados e discordias, sem outro anhelo, sem outro idéal, além do de manifestar a força herculea dos seus musculos de aço, o seu poder invencivel, inexoravel, esmagador. E os ouvintes ficaram hirtos de terror, recuaram num movimento instinctivo de defeza, ameaçados pelas injuncções imperativas do gigante que bastaria atirar sobre elles o «Blóco» para anniquilal-os, para eliminal-os sob omnipotente compressão...

Quem não é por mim, contra mim é; quem o inimigo poupa nas suas mãos morre: estes brocardos da sabedoria popular poderiam synthetizar o cutilante discurso do bellicoso senador dos pampas.

S. ex. embotou a sua durindana de rija tempera, desfechando golpes n'agua serena, assumindo pictoresca attitude que Cervantes esboçaria com o grande traço, exhibindo-se em heróe iracundo, desvairado pela miragem de inimigos phantasticos, desafiando céos e terra, surprehendidos por essa provocação para uma peleja sem combatentes.

O nobre chefe olvidou, no impetuoso lance do momento, que estava alli representando uma colligação de partidos, uma harmonia de opiniões, vinculadas por uma transacção imposta por interesses superiores do momento, na hypothese mais amavel, ou por interesses subalternos de uma politica de curto descortino, na hypothese mais verdadeira. O «Blóco» representa, portanto, uma transacção; a sua argamassa é um concreto de tolerancias espontaneas ou forçadas, das quaes resultou a maioria com tendencias a unanimidade, uma vez que neste abençoado paiz já ninguem ouza luctar pelas convicções, e quando lucta morre...

Não é preciso grande esforço para verificar que nas entranhas rijas do «Blóco» estão em promiscuidade apertada os mais varios, os mais antagonicos elementos: ha alli dentro revisionistas, ha parlamentaristas, ha adversarios do Convenio de Taubaté, ha politicos que não entenderam ainda o mechanismo da Caixa de Conversão, ha livre-cambistas que não comprehendem esse empenho ruinoso de proteger industrias ephemeras ou nocivas, com sacrificio do contribuinte e da renda publica; ha, emfim, de tudo: opiniões de todos os matizes, asphyxiadas ou retraídas, transigindo em beneficio de um plano ainda não nitidamente definido.

Ora, si o «Blóco» é, na essencia, o producto de transacções, de tolerancias, sinceras ou hypocritas pouco importa, se nos figura que o homem, incumbido de carregal-o atravéz dos accidentes e vicissitudes de politica, faltou ao seu programma

ou aventurou um passo errado e perigoso para quem leva tamanho pezo ás costas.

Deveria ter-lhe occorrido que, si a politica é a arte de governar os povos — phrase linda que tem cabellos brancos — é tambem verdade que os rebanhos de homens não se governam «a muque», aos violentos empurrões da intolerancia, sómente admittida no tempo em que se pelejava pela sustentação de verdades absolutas, como a existencia de Deus ou a immortalidade da alma: nações não se governam com paixão, nem os sceptros, em mãos democraticas, ou ungidos pelo direito divino, se pódem transformar em cacete.

Os povos se dirigem com a justiça, presidindo á liberdade mental, que é dogma do credo democratico. Mais póde a virtude dos governantes do que a sua força, geradora da tyrannia.

O preclaro chefe deveria ainda ponderar que, em politica, tudo é relativo. As idéas não são inscripções de marcos milliarios, surgem da evolução nacional, inspiradas pelas circumstancias, pelas exigencias do momento e, muita vez, do eventual. do imprevisto; são repellidas hoje para triumpharem amanhã. O que se figura, em dada occasião, precoce, póde ser adeante opportuno. Das brumas das aspirações emerge a nebulosa da utopia, que se váe mais tarde consolidar em astro. E o bem publico, a prosperidade nacional devem ser os modificadores supremos, devem ser os factores essenciaes do exito ao qual se devem subordinar todas as actividades patrioticas divergentes nos meios, nos processos, mas tendendo para os mesmos intuitos, os mesmos idéaes.

O proprio «Blóco» estaria condemnado a ser materia bruta na sua inercia esmagadora, si lhe não oppuzessem outro blóco, outra pedra, para produzir choques e luminosas scentelhas.

Eis porque, com o devido respeito, pensamos que o discurso do illustre estadista de serra acima não foi propriamente feliz, muito embóra lhe reconheçamos o merito de uma franqueza violenta, carecedora do maior dos elementos da eloquencia — a opportunidade.

Si esse discurso foi uma intimação de quem quer, de quem póde e de quem manda, ao futuro depositario da suprema auctoridade, elle falhou o alvo, porque o sr. Affonso Penna fugiu habilmente com o corpo para o rumo das generosas idéas do sr. João Pinheiro, as idéas de uma democracia que não seja uma confederação de tyrannetes, organisada para monopolizar o poder, tratando os adversarios como captivos, negando-lhe o direito de ter opiniões, de manter convicções contrarias ás do despotismo irresponsavel dos donatarios engordados na subserviencia aos mais fortes.

Sem ares de resposta ao pé da lettra, o discurso do futuro presidente da Republica foi uma contradicta formidavel ao nobre paladino da intolerancia musulmana e, como tal, repercutiu entre os francos, os sinceros applausos de todo o Brazil, alvoroçado por esse raio de esperança do sol que vem de Minas.

Dir-se-ia que, atravéz das palavras do sr. Affonso Penna, se lia a suggestiva ironia popular:

— Fica manso, mano... Acostuma-te com a gente...

POJUCAN.

A PEQUENA GUERRA NAVAL

São de opportunidade, nesta phase de organisação do Exercito e da Marinha, as idéas do sr. Lestonnat a proposito das grandes manobras da força naval, o fim dos exercicios em grande escala, os submarinos, as torpedeiras, os couraçados, expostas com muita observação em um artigo do *Journal*, de Paris.

Os exercitos fôram feitos para se baterem: esta verdade, que faria honra ao sr. de la Palice, não teve sempre a virtude de um axioma, e os exercitos fôram durante muito tempo instruidos mais para as paradas, do que exercitados para o combate. E' verdade que, então, se ia facilmente ás vias de facto e parecia por isso inutil simular acções que a irritabilidade dos governos e a irreflexão dos povos realizavam frequentemente. Entretanto, no fim do segundo Imperio, o marechal Niel, prevendo a terrivel conflagração de homens, pensou que um exercito composto de soldados profissionaes, por mais bravos que fôssem, tinha necessidade de ser exercitado e reforçado: creou a guarda nacional mobil e organizou as primeiras grandes manobras que o publico baptizou com o pictoresco nome de—pequena guerra.

Poder-se-á applicar o mesmo nome ás grandes manobras navaes ha pouco realisadas no Mediterraneo, imagem reduzida e verdadeira quanto possivel da guerra do mar, na qual se bateram com intelligencia, com sciencia e corajosamente durante um mez. E si não é possivel acclamar os vencedores e honrar os vencidos, por causa das convenções necessarias, pódem-se, pelo menos, felicitar os estado-maiores e as equipagens que deram provas de resistencia de bom agouro e de qualidades de manobras muito reaes.

As convenções são os moderadores dos conductores de homens na pequena guerra; são ellas que preservam os arbitros de qualquer conflicto com o orgulho humano que uma sentença baseada sobre a realidade exasperaria, aliás, inutilmente; não se póde, todavia, conforme a idéa de um general humorista, carregar uma carabina com bala em cada pelotão, nem disparar um tiro de 305 de carga de combate a bordo de cada couraçado para tangenciar de mais perto os effeitos da batalha real e, justificando a reflexão, refrear os impetos que poderiam custar caro si o raio succedesse ao relampago.

A pequena guerra é, antes de tudo, manobra de instrucção em grande escala; tem menos por fim determinar a vantagem de tal força sobre outra, do que apreciar, em condições particularmente difficeis de execução, o gráu de instrucção do pessoal e o rendimento militar geral da força naval.

Seria perigoso tirar disso deducções absolutas tendendo a adopção definitiva de tal tactica, ou de tal typo de navio: ella é a applicação do ensino recebido pelos officiaes e guarnições, a verificação do valor, o esforço destacando o ponto fraco.

A tactica naval é uma arte que apaixona todos os marinheiros depois da guerra russo-japoneza; antes não a despresavam, era estimada e meditada; hoje, porém, é adorada como um Deus, o Deus da victoria representado na terra pelo almirante Togo. Chega a parecer que não ha, além delle, outro tactico naval no mundo. Muitos escriptores se manifestam grandes admiradores do almirante japonez, mas divergem quando se trata de definir rigorosamente a sua tactica. Parece que Togo não deu muito trabalho aos miolos para vencer; seria isso tempo perdido: aconteceu-lhe como a todos os grandes capitães, ter muita sorte, manobrar por instincto, sem se preoccupar com um plano detidamente elaborado: Togo não é um orthodoxo; a tradição não o paralyza.

Si a guerra russo-japoneza não forneceu indicações precizas sobre a tactica naval universal, demonstrou o que se podia tirar das unidades que compõem as esquadras modernas e, lendo os relatorios officiaes de Togo, chega-se a reconhecer que nenhum dos navios empenhados no combate deu o rendimento militar previsto, nem se mostrou de superioridade tal que os recommendasse como typo exclusivo do navio de batalha.

Não ha modas em arte militar. O poder de um exercito resulta do emprego judicioso de todos os elementos que o compõem. Mas si essa opinião é admittida para o exercito de terra, não procede quanto ao exercito de mar, como se póde verificar nas alludidas grandes manobras, onde as opiniões divergiram sobre o valor dos differentes typos de navios de guerra. As preferencias do publico são pelos pequenos navios rapidos, as contra-torpedeiras, as torpedeiras, e elle affirma grande confiança nos submarinos, navios mysteriosos, illuminados por uma aureola gloriosa sem que se tenha podido provar, até agóra, de maneira definitiva, o seu valor militar.

Não se passa uma semana que não se registe uma nova façanha de submarinos; não ha um couraçado que não tenha sido torpedado por elles vinte vezes. Esses successos de estima nada provam e, em tempo de guerra, seria necessario mudar de tom si, cedendo aos cavalleiros da marinha, déssemos preponderancia aos submarinos na composição da nossa esquadra de combate. Mereceram applausos as manobras audaciosas desses microbios do mar, porque a sciencia de seus commandantes, o sangue frio e a confiança de suas guarnições fôram, na verdade, admiraveis, qualidades que constituem quasi toda a nossa superioridade sobre as outras potencias no que concerne á navegação submarina. Mas isso não passou de brilhantes exercicios, de uma especie de *sport*.

O auctor dessas observações achava-se, ha algum tempo, a bordo de um cruzador em caminho para Toulon, navegava em linha com um couraçado que precedia a 400 metros. Sabia-se que submarinos deveriam atacal-os sem indicação exacta do sitio do encontro, tendo sobre os navios grande vantagem, conhecendo-lhes o caminho obrigatorio. Um delles foi avistado muito longe, no momento em que mergulhava; o segundo foi percebido pela trajectoria do torpedo lançado ao couraçado, indicada na superficie do mar pelo ar escapado do recinto do motor; o torpedo attingiu ao alvo; o couraçado foi, theoricamente, mettido a pique.

Um instante após, viu-se de bordo do cruzador o torpedo vir sobre elle e bastaria mudar um pouco de rumo para evital-o. Sendo interpellado a respeito, o commandante respondeu que nada seria mais facil do que evitar o ataque dos submarinos, depois de descobertos, mas de maneira alguma modificaria o seu rumo: poderia mettel-os a pique. Deixamos-lhe essa satisfação de amor proprio.

O submarino, antes de atacar, faz uma rapida apparição para ver o rumo do inimigo e mergulha. Suppondo que nesse momento o navio ameaçado modifique a sua direcção, qual é o resultado? Si elle fizer um angulo ou uma evolução para fóra da linha seguida, o submarino falha e será necessario recomeçar o ataque; si effectuar um movimento para dentro da linha, entre esta e o ponto de immersão do submarino, arrisca-se o navio a mettel-o a pique, porque elle, encontrando-o mais depressa do que esperava e não enchergando, póde esmagar-se de encontro ao costado. Este facto se deu recentemente, não tendo consequencias graves, graças ao sangue frio do commandante do submarino. Dahi a preferencia da noite para o ataque pelos submarinos.

E' o que se faz, e dá-se, então, um verdadeiro massacre de couraçados porque os submarinos sabem sempre onde se acham os grandes navios, coisa que não acontecerá em tempo de guerra. Não se cogita dos torpedos de bloqueio que o inimigo, com certeza, semearia deante de seus portos desde a declaração da guerra, talvez antes; centenas dessas machinas infernaes pódem ser lançadas n'agua em profundidade e sitio determinados em menos de uma hora, podendo-se, assim, fechar um porto como Cherburgo. Que succederia si os submarinos caíssem nessas armadilhas? Destruido um, os outros não ouzariam avançar sem estarem desobstruidos os canaes do porto.

O que se acaba de dizer dos submarinos se applica, em parte, ás torpedeiras, cujos successos, até agóra, teem sido mais sportivos do que militares. Ellas transformam o casco dos couraçados em escumadeiras a golpes de torpedos; lançam-se a toda força sobre uma esquadra que nada póde fazer para detel-as e cuja massa de navios se destaca nitidamente na escuridão da noite; chegam ao alcance do lançamento; apitam; o couraçado está torpedado. Em combate o caso não seria tão simples; as torpedeiras não conheceriam a posição do inimigo, que não desfilaria em grupo compacto, á vista das costas, expondo-se benevolamente aos ataques.

Em manobras, basta dar prova de qualidades médias; os exercicios não se prolongam de mais e os resultados são préviamente conhecidos. Em tempo de guerra, será necessario explorar o mar durante todo o tempo, passar as noites fóra, em busca do inimigo invisivel, atravéz da chuva e da bruma e,

ao avistal-o, ir direito sobre elle a toda força, no raio luminoso, offuscante dos holophotes, sob o fogo constante da pequena artilharia, da qual um só projectil basta para pôr fóra de combate uma torpedeira e, nessa confusão, escolher o momento precizo, o segundo em que o lançamento se póde effectuar com probabilidade de exito, porque, passado esse instante, se tem de começar de novo deante de quarenta canhões a vomitarem projectis.

Deve-se considerar que Togo levou quatro dias com cinco esquadrilhas de torpedeiras para lançar dois torpedos ao *Sebastopol* e que os russos, encerrados em Porto-Arthur, dispondo tambem de torpedeiras, jámais conseguiram um ataque effectivo aos navios japonezes.

A apreciação das distancias durante a noite, que representa um importante papel no ataque pelas torpedeiras, é muito difficil; pódem-se dar enganos de duzentos a trezentos metros, tres vezes mais do necessario para falhar o alvo.

Do exposto não se segue que os submarinos e torpedeiros sejam inuteis; empregados em condições bem determinadas, em numero sufficiente, poderão prestar excellentes serviços; mas a convicção de todos os que leram o relatorio da guerra russo-japoneza, é que o couraçado deve ser a unidade principal dominante de uma esquadra, porque os poderosos navios são os unicos proprios para o ataque, capazes de fazer a guerra ao longe, de ir em busca do inimigo. A defensiva, tão apreciada pelos partidarios exclusivos dos pequenos navios, é uma burla. Quem dá o primeiro golpe é o mais forte e tem mais certeza de vencer.

LESTONNAT.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

O UIRAPURU' (3)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

V

A noticia do casamento alastrou pela cidade com a rapidez de um caso de sensação, surprehendente, provocando commentarios favoraveis á subita resolução de Placido, celibatario aferrado ao seu egoismo recalcitrante, acostumado a repetir que só cazaria tirado por justiça. Não fôra necessario violental-o; sem se saber como, nem porque, de um momento para outro, o homem caíra como um patinho, renegando todas as suas idéas, todos os seus principios, seduzido por uns lindos olhos.

— Que esperança! — observou alguem — Aquelle mesmo não é disso. Alli houve interesse, interesse grosso para tirar aquelle homem do seu socego, dos seus habitos, como quem arrauca um dente do alveolo.

— Os homens daquella tempera — observou outro—muito calmos, muito methodicos, teem venetas: deu-lhe uma para o casamento...

— Que veneta!.. O Placido é muito acautelado. As idéas ficam-lhe de môlho no cerebro, como mandióca puba, até amollecer; entram depois para o tipity onde são espremidas, ficam bem seccas, formando a massa que váe depois ao forno para dar excellente farinha. Aquelle não é de repentes, nem de precipitações. Esse casamento foi resultado de muita reflexão, de amadurecido estudo e deve ser um passo muito acertado para a situação definitiva, para a verdadeira felicidade de um varão sério, conceituado, geralmente estimado por suas qualidades de coração e de caracter.

— Aquelle *songamonga* — concluía um maldizente—não mette prego sem estopa. Vão ver que arranjou caladamente a vida.

De todos os commentarios resultava que, com aquelle espirito de ordem, predominante no seu cerebro perfeitamente equilibrado, sempre calmo e ponderado em todos os seus actos, era persuasão unanime dos amigos, da nata da sociedade, de ter Placido escolhido com seguro criterio a companheira de sua vida. As suas qualidades de homem de negocios, de amigo precioso, se desdobrariam em admiravel destaque na situação de chefe de familia exemplar, de raro typo de esposo e pae. Além disso, dispondo de pequenos e solidos haveres accumulados com o mais honesto, o mais tenaz esforço, accrescidos com a legitima paterna da noiva em apolices e propriedades de valor, estava perfeitamente apparelhado para organizar a familia sobre os mais solidos fundamentos. Não era um romantico, desses que se atiram ao casamento, num impeto de paixão, sem se apparelharem para defrontar os accidentes, a face pratica da vida, sem pensar nos meios financeiros, no preço da carne, da farinha, nos graves onus do lar.

Placido acolhia desvanecido, muito commovido, os applausos, como propicios vaticinios de ventura, impirados pela bondade dos amigos. Um acto approvado por tanta gente querida, pelas pessôas mais notaveis, de melhor posição social, deveria certamente ser um incontestavel acerto, satisfazendo plenamente todos os seus escrupulos de consciencia da grave responsabilidade assumida. Mas uma impertinente sombra de desconfiança empanava o fulgor da sua felicidade e augmentava de espessura tristonha á proporção que se approximava o dia do casamento e mais intimas se tornavam as suas relações com a noiva. Passado o deslumbramento da primeira impressão, elle era assaltado pelo secreto terror do irrevogavel, e o futuro se lhe figurava uma aventura perigosa, uma empreza na sombra mysteriosa de caminhos desconhecidos, sem garantias de exito. Elle, que sempre transigira deante dos obstaculos para se poupar á pena de transpol-os, que recuára com dignidade e prudencia para evitar choques perturbadores dos seus habitos tranquillos e modestos, achava-se, subitamente, na contingencia de admittir no laborioso processo de sua felicidade um factor novo, um elemento ignorado, a lhe alterar todos os calculos, um factor, cuja acção seria, talvez, desorganisadora, discordante de idéas já conquistadas porque nada lhe faltava para viver bem, numa ambicionada satisfação de gozos commedidos. Além disso, uma esposa, surgindo naquelle trecho da vida, no crepusculo das illusões, dos sonhos da mocidade, poderia parecer uma innovação luxuosa, um capricho de curiosidade pueril de celibatario, embotado pelas frequentes libações de fezes enjoativas sedimentadas no fundo da taça dos prazeres faceis ou mercenarios. A' grande maioria dos enlaces matrimoniaes preside um impulso de cobiça, de curiosidade sensual, que se figura amor e se esváe após a saciedade. Estar-lhe-ia reservada uma decepção tremenda, o arrependimento irremediavel, essa impressão de asco que é a punição da lascivia? Teria aquelle amor ignorado, o amor legitimado, consagrado, attractivos superiores aos banaes, ou suggestivos encantos ephemeros da plastica? Haveria, além do abalo sensual, inebriante, além dos enlevos da paixão, alguma coisa de immaterial,

de divina essencia que identificasse duas almas no mesmo sonho, no mesmo anhelo como particulas do mesmo sêr ?.

— Quem pensa não caza — dizia ella, repellindo essas insistentes sombras de duvida — A palavra está dada ; é impossivel retroceder. O futuro a Deus pertence...

— A Deus e á sorte — accrescentava elle, mentalmente, para evitar o echo dessas palavras que lhe traíam o fundo de fetichismo, a confiança na estrella propicia que o acompanhára sempre na estrada da vida a deslizar serenamente, silenciosamente, como os igarapés sob abobadas de folhagem impenetravel, abrigados dos raios do sol, das convulsões das tempestades.

VI

Placido não oppuzera resistencia á condição de morar com a sogra, traussigira tacitamente, sem perder a esperança de convencel-a a mudar de plano. Achava, todavia, muito justo, muito natural, o empenho de não se separar a mãe da filha unica ; seria uma crueldade submetter a excellente senhora ao sacrificio de viver solitaria, entregue aos cuidados mercenarios da creadagem, prival-a do carinho e do conforto da familia. E previa ser possivel, mais tarde, com geito, com persuasivas maneiras, leval-a para a rocinha magnifica que elle construira para servir de ninho e tumulo nos arrabaldes da cidade, no pictoresco bairro de S. João.

Por feliz coincidencia, no dia em que elle se dispunha a abordar esse assumpto com argumentos inexpugnaveis para convencer a futura sogra, muito voluntariosa, muito teimosa, Affonsina manifestou o desejo de conhecer a casa do noivo. E ficou ajustado que almoçariam juntos no domingo seguinte, iriam provar a cosinha do solteirão, da qual ellas faziam a mais desfavoravel idéa.

Severa, extranha no projecto de casamento que Placido lhe não ouzára communicar, ficou muito alvaroçada com o aviso da visita e entrou logo numa azafama de arrumar a casa, de preparar quitutes que commoveriam o mais embotado paladar, uma espessa canja de gallinha, tainhas moqueadas com môlho de camarão, casquinhos de caranguejos recheiados, um gordo quarto de paca com môlho de manaiva e tucupy e um marreco com arroz.

Ao amanhecer, fluctuavam no mastro de traquite, armado na entrada do jardim, uma bandeira imperial no tópe e as insignias da Empreza, na extremidade das vergas, como acontecia nos dias de festa. A casa, toda aberta, parecia sorrir de alegria. A meza foi posta com bellissima toalha de linho adamascado, crystaes finissimos, rara porcellana esmaltada, prataria de antigo estylo, flôres, bogarys e jasmins de suavissimo perfume. Placido incumbiu-se do arranjo da sala, aliás mantida em permanente ordem e meticuloso aceio ; pôz flôres frescas nas jarras, corrigiu a posição dos quadros, entre os quaes havia télas de valor, bellas copias de auctores celebres, uma Magdalena de Carregio, uma tentação de Santo Antão, o Idyllio do Paraiso ; endireitou os moveis, despiu o piano, que podia funccionar á manivela e figurava como ornamento e testemunho da paixão pela musica.

Dando a ultima demão á cosinha, Severa, desconfiada dos modos do patrão, resmuneava :

— Aqui ha novidade... *Nhô* Placido viu passarinho verde. Elle nunca andou assim tão atarantado.. Querem ver que lhe botaram feitiço ? Credo !..

E limpando com as costas da mão lagrimas irrepressiveis que se não sabiam serem filtradas de um pensamento funesto, ou produzidas pela fumaça, a preoccupada mulata andava de um para outro lado na cosinha, levemente enfumarada, descobrindo caçarolas donde evolavam, em nuvens de vapor, os perfumes dos môlhos, dos assados a chiarem, assanhados pelos movimentos da colher de páu, que pingava os môlhos na palma da mão, onde Severa os lambia e os approvava com um gesto de satisfacção.

Placido consultava, impaciente, o grande relogio, sentia calafrios ao menor rumor vindo da rua, tal era a anciedade de ver a noiva no amado e bello refugio de homem solteiro. Antegozava certo orgulho em demonstrar-lhe que, ao contrario dos refractarios ao casamento, consagrára acurada atteução ao conforto domestico. Isso poderia concorrer para induzir a futura sogra a abandonar o plano de residir na cidade, num sobrado entalado entre dois predios, na rua da Cadêa, infestado de mosquitos, trepidando á passagem dos bondes, inundado de poeira e devassado pelos visinhos.

A's dez horas em ponto, parou defronte da rocinha uma carruagem guiada pelo *Toucinho*, cocheiro nédio, gordo, vermelho, o mais popular automedonte de Belém. Placido correu ao encontro dos convidados, mas estacou ante um personagem desconhecido. Um bello moço, trajando com requintada elegancia ajudava d. Amelia e Affonsina a se apeiarem, a mãe, colhendo as dobras largas do custoso vestido de gorgorão negro, a filha, simplesmente vestida de cassa côr de rosa, leve como uma nuvem e chapéo de palha profusamente enfeitado de flôres.

— Meu sobrinho Joannico—disse d. Amelia, apresentando a Placido o guapo cavalheiro — Chegou esta manhã da Europa, onde foi completar a educação. Formou-se. .formou-se... Em que Joannico ?

— Em agronomia — respondeu elle, curvando-se com maneiras modestas.

— Muito prazer tenho em conhecel-o, doutor — murmurou Placido, um tanto desconcertado.

— Viemos pelo caminho — continuou o doutor — falando do senhor. Minha tia e a priminha lhe fizeram as mais amaveis referencias.

— Que achas, Joannico ? — inquiriu Affonsina, sorrindo.

— Um *gentleman* — disse promptamente o primo — Empolgou-me de sympathia no primeiro encontro.

— Ah, *seu* Placido — observou d. Amelia, limpando o suor que lhe perolava o rosto aquecido — Que soalheira, que casa afastada. Daqui á cidade deve ser uma legua. Não sei como tive coragem de morar neste deserto !...

— Bonito sitio ! Não é, mamãe ? Que delicia !... Que bellos jasmineiros !... — ia observando Affonsina.

E fôram entrando : Placido conduzindo a noiva ; Joannico ajudando a tia, que andava de vagar, entorpecida pela viagem.

Presentindo pessôas extranhas, os molossos encerrados em canis de téla arame, entraram a ladrar enraivecidos ; *Negrinha* correu, aos saltos, ao encontro das visitas ; tentou beijar as mãos de Affonsina, aggrediu a mãe gyrando-lhe em torno com mil trejeitos, com inoffensivos latidos de alegria. D. Amelia embirrava com os cães caricioso, recuou com repugnancia e ameaçou a cadellinha com o chapéo de sol.

— Não tenha receio — observou-lhe Placido — E' o mais docil, o mais intelligente animal do mundo... Já *Negrinha*, já calada !.

E a pobre, com ares de arrependimento e de susto, foi, quasi de rôjo, escouder-se encolhida num canto sombrio do jardim, pois o amo só lhe falava assim quando ella perpetrava alguma travessura.

Ao entrarem no salão, os primos examinaram os quadros. D. Amelia, approximando-se para verificar o que lhes attraía a attenção, estacou estupefacta ante um quadro escandaloso. Não podia admittir que o futuro genro ouzasse expôr com tamanha semceremonia mulheres nuas, desenvoltas, cercando em attitudes provocadoras o pobresinho de um santo frade. Aquillo era uma indecencia, uma falta de respeito á Religião. Em

vão, o sobrinho, comprehendendo os melindres da tia teceu exaggerados elogios ao quadro, muito bem observado, bellamente colorido aquelle nú, aquellas carnes quentes, palpitantes, pura obra d'arte ; ella não modificou o seu modo de julgar aquella obscenidade, muito embóra fôsse coisa vulgar, como dizia o Joannico, expôr scenas de egual jaez nas galerias famosas das grandes capitaes européas, verdadeiros primores de pintura e estatuaria, conhecidos, admirados pelo mundo inteiro. De imagens núas, sómente supportava a de Jesus Christo crucificado.

Placido mostrava a casa a Affonsina, mostrou-lhe o quarto de dormir, um primor de conforto e ornamentação, onde se erguia um amplo leito, estylo Renascença, enroupado ricamente de linho e rendas. A moça não resistiu á tentação : senton-se nelle, balançando-se sobre o colchão, que cedeu macio e carinhoso ao pezo do flexivel corpo, exclamou com alegria infantil : Que bom !. Como é doce, fôfinho !...

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

Em quanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse ;

Porém temendo Amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento
Escureceu-me o engenho co'o tormento
Para que seus enganos não dissésse.

O' vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades ! quando lerdes
N'hum breve Livro casos tão diversos ;

(Verdades puras são e não defeitos)
Entendei que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

II

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por huns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir peito que não sente.

Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ouzadia, e pena, ausente.

Tambem, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte,

Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

CAMÕES.

O MACACO E O ELEFANTE

Imagina o caro leitor que eu lhe vou dar um *Apologo* á Kriloff, á Lockman ou á Lafontaine em que comparecem os dous bichos a fazerem syntaxe e rhetorica em linguagem portugueza. Não tenha medo. Sou um pouco do meu tempo e sei com quem lido. Os apologos tinham graça quando prevalecia a hypothese de que os irracionaes não articulavam discursos ; mas, hoje em dia, que os parlamentos, os meetings e outras associações, saturadas de Cicero e vinho do Amarante, vieram confirmar que a nenhum animal é defêso o dom da palavra, o apologo não tem chiste nem moralidade, porque desappareceu a linha divisoria que separava com a baia da glottica a besta convencionalmente chamada *animal* da outra besta biologicamente chamada *homem*. Logo que Darwin desfez o contraste que a velha sciencia natural estabeleceu, escusado é dramatisar os bichos. O veo da allegoria rompeu-se.

Agora, se quero pôr duas ou mais alimarias a conversar, eu que necessariamente pertenço ao partido regenerador, ou ao progressista ou ao constituinte, vou ao jardim zoologico de S. Bento, e encontro, conforme o meu raio visual politico, na esquerda, no centro ou na direita, ricos exemplares, muito domesticados, cheios de gestos e gallicismos.

Mas não se trata de apologos.

Proponho-me apresentar ao leitor dous nossos primos que floreceram na côrte de el-rei d. Manoel : um macaco e um elefante. Não me atrevo a suppor que talvez v. ex. não tivesse outros parentes na côrte do grande rei ; mas pelo que me respeita a mim posso gabar-me de que estes meus primos, posto que palacianos, comeram menos cevada ao Estado do que os moços fidalgos que recebiam de meio alqueire para cima diariamente, como consta das moradias e filhamentos da casa real.

Direi primeiro do macaco.

Baldessar Castiglione escrevia « Il Cortegiano » por 1508, e só dezessete annos depois imprimiu o manuscripto. Um dos interlocutores das assembleas do duque Urbino refere que um seu amigo, contando-lhe o que sabia de varios animaes trazidos a Portugal do paiz que os navegadores portuguezes recentemente haviam descoberto, affirmou ter visto um bugio (*simia*) de feitio muito diverso dos macacos que lá tinham. Este mono jogava o xadrez perfeitamente ; e, estando um dia na presença do rei de Portugal (d. Manoel) o fidalgo que o trouxera, jogando o xadrez com elle, o macaco jogou tão finamente e aperton por tal modo o parceiro que a final lhe deu *mate ao rei*. O fidalgo furioso como costumam enfuriar-se todos os que perdem em tal jogo, agarrou do *rei* que era assás taludo como usam os portuguezes, e cascou com elle numa boa troquezada na cabeça do macaco. O bicho deu subitamente um salto, grunhindo fortemente, e parecia pedir a el-rei justiça da iniquidade que se lhe fazia. Depois, o fidalgo convidou-o a jogar outra vez, e elle por algum tempo fez tregeitos de recusa, até que por fim condescendeu. O jogo dispunha-se do mesmo modo contra o fidalgo. Vendo o bugio que podia outra vez ganhar, tratou de acautelar-se com engenhosa malicia, para não ser espancado segunda vez ; e, sem dar a conhecer o intento, poz brandamente a mão direita sobre o ante-braço esquerdo do fidalgo que por delicado se encostava a uma almofada de tafetá, e tão depressa com a mão esquerda lhe deu *mate a um peão*, arrancou com a direita a almofada e defendeu a cabeça com ella ; e em seguida poz-se a saltar deante de el-rei como a festejar o seu triumpho.

Mister Cezar Gonzaga, que ouvira a historia, sorriu e observou ironicamente : «E' forçoso que, entre os outros macacos, esse fôsse um doutor de muita authoridade que a republica dos monos indianos mandou a Portugal para grangear reputação em paiz incognito». Este Gonzaga intendia que um macaco doutor não deixaria de se distinguir em Portugal. O certo é que os doutores-chronistas d'aquella época, mencionando bichos notabilissimos, que d. Manoel coroavelmente abrigava no paço, guardam um silencio invejoso a respeito d'este doutor gorilha, mestre em xadrez. Tão importante documento, ignorado dos darwinistas e da Academia Real das Sciencias, perder-se-hia se o conde Baldessar Castiglione o não fizesse es-

tampar em 1528. (Veja *Il Cortegiano*, edição de Lyão de 1553, pag. 194 e 195. N'esta edição, que é a segunda, ainda se conserva a dedicatoria ao bispo de Vizeu d. Miguel da Silva.)

*

A respeito do elefante que d. Manoel mandou em 1513 ao papa Leão x, foram menos omissos; mas o mais essencial, os predicamentos intellectuaes do animal não os revelaram á posteridade. Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Faria e Souza e outros referem que o pachiderme borrifara o pontifice com agua de cheiro colhida na tromba, e lhe fizera trez genuflexões. A relação mais eloquente e particularisada parece-me ser a do bispo Osorio que se traslada da versão do padre Francisco Manoel do Nascimento:

Este anno ia já no fim quando el-rei d. Manoel mandou ao papa Leão x trez embaixadores... com um presente digno da sua magnificencia real que constava de sagradas vestimentas, lavradas de obra mui prima com muito ouro, muita perola e pedraria, muita baixella tambem de ouro, e muitas joias custosissimas pelo pezo e pelo valor; e o lavor d'ellas era tal que, não se podendo imaginar cousa mais preciosa que a materia, era esta superada de muitos gráos pelo artificio. Acompanhava o presente um elephante da India de pasmosa estatura que não só em Roma, onde os homens, depois da decadente grandeza da magestade romana, nunca poseram olhos em animal semelhante, mas que por qualquer estrada que ia não havia poderes que arredassem o concurso do povo embobado em admiral-o. Vinha mais uma onça de montaria que não creio eu que mimo egual nunca os ediles romanos, quando alardeavam ludos tão magnificos, e quando além de outras ferocissimas alimarias deram tambem onças nos publicos espectaculos, o podessem dar. Por quanto, esta era amansada de sorte que não já combatia no circo homens lançados ás feras, mas corria pelas brenhas javalis, veados, causando estremado prazer aos principes que com taes montarias usam deleitar-se. Pousava ella na garupa d'um cavallo airosamente ajaesado de peças de ouro. Era o cavallo persio, e um persa mui abalisado caçador o governava que para esse effeito o mandara el-rei de Ormuz com o cavallo e a onça..... Tremia Roma inteira com o estampido da artilharia, quando appareceram ante o castello Sancto Angelo. Destecida a escuridão do fumo, chegou o elefante perto da janella d'onde o pontifice estava olhando, e debruçando o corpo todo até affincar os joelhos, com todo o acatamento o saudou assim trez vezes, o que foi causa de muita maravilha para os que isto presenciaram Mergulhando depois a tromba n'um grande tonel de agua, borrifou quantos estavam pelas mais altas janellas, e d'ahi voltando para a plebe, como por divertimento, copiosamento a orvalhou..... No dia seguinte foram recebidos os embaixadores no Belveder que fica de traz do palacio papal no monte Vaticano, e lá os estava o pontifice esperando, e aceitados os presentes, cujo valor e brilho o admiravam muitissimo, desceu ao jardim para vêr a onça e o elephante, por não ser facil ao elephante subir ás sallas que davam passagem para o Belveder. Então quiz observar como se havia a onça no seguir a caça; que já d'antes eram a esse effeito lançadas algumas alimarias. Despedida pelo caçador que a governava, se arremessou a ellas a onça e com incrivel rapidez as degolou.

Mas a biographia psycologica do elefante está imperfeita.

Um contemporaneo, que se chamava João Pedro Valerio, escreveu em latim uma obra magna intitulada —*Hieroglyphica seu de sacris aegyptiorum aliarum que gentium literis commentaris*. A edição que consultei é de Lyão, 1602. No Livro 2º pag. 20 e 21, falla-se do elefante que entrou em Roma aos 14 de março de 1514, enviado por d. Manuel, e relatam-se os seguintes pormenores authenticos por testemunhas do porte de d. Miguel da Silva, bispo de Vizeu, cuja probidade Pedro Valerio abona e invoca.

O elefante havia sido dádiva do rei de Ormuz e chamava-se *Hammon*. O carnaca que o seguira desde a India era um nayre que lhe communicava os seus pensamentos por meio de palavras e raciocinios. Conversavam. O nayre expunha, propunha, convencia, e o elefante ficava sciente. Ora, o cornaca apaixonara-se perdidamente por uma lisboeta—*puellæ amore perditus*, e recebera por isso com immensa magua a noticia de que tinha de navegar para Roma com o elefante. Inspirou-lhe a sua paixão um ardil. Entendeu-com Hommon e segredou-lhe que el-rei ia mandal-o para longes terras barbaras e estereis; que iria ser assobiado e escarnecido pela canalha d'essas regiões remotas; que não teria lá boas petisqueiras, nem ricos chaireis, nem fôfos aposentos. Que, afóra isto, corria perigo de morrer na mar em naufragio acerbo; e quer naufragasse quer não, era inevitavel a sua desgraça.

Aterrado com taes novas, o pachiderme deliberou não embarcar, e por mais esforços que se fizeram não foi possivel baldeal-o para bordo. D. Manoel estava afflicto, porque urgia levantar ferro, e sua alteza não prescindia de enviar a Leão x o primeiro elefante persa que pisava as calçadas de Roma.

Alguem suggeriu ao rei que o cornaca persuadira á alimaria a desobediencia porque estava enfeitiçado d'amores, e que seria baldada diligencia querer embarcar o bicho sem que o nayre o despersuadisse dos embustes que lhe insinuára. Mandou D. Manoel chamar o cornaca, e disse-lhe que se, no praso impreterivel de tres dias, o elefante não embarcasse, mandaria matar a elle nayre — *extremo supplicio effecturam*, para exemplo de quantos tivessem o ousio de ludibriar as reaes ordens, *ut aliis exemplo esset, qui mandatus regis fucum facère ausi essent*.

O cornaca, gelado de pavor, vai-se ter com o elefante, e conta-lhr que tinha sido enganado pelo patife que desacreditára as coisas e as pessoas de Roma; que a cidade dos papas era a cabeça do universo civilisado; que Roma era o confluente de todas as maravilhas do mundo; que a alimentação era rica, o luxo esplendido, e o santo padre Leão x o mais que se podia desejar. Taes coisas lhe disse que por pouco não fez o elefante catholico.

O certo é que, no dia seguinte, o bicho enorme entrou voluntaria e jubilosamente á nau, e houve-se com o summo pontifice pelo modo cordeal e reverente que nos contou d. Jeronymo Osorio.

O inglez Charles Blount, commentando a «Vida de Apollonio de Tyane», escripta por Philostrato, apostilla este caso, acredita-o como eu, e decide que a intelligencia mais convisinha do homem é o elefante. Eu por mim estou perplexo em decidir qual dos meus dous primos da côrte de d. Manoel era mais atilado — se o mono, se o pachiderme. Sem laivos de modestia, confesso-me inferior ao macaco, porque não fui capaz de apender o xadrez —e inferior ao elefante, porque nunca pude erguer como elle o meu espirito á alta comprehensão da reverencia que se deve aos papas — reverencia

que elle manifestou, senão com phrases hypocritas, pelo menos com uma tromba sincera. Outrosim me considero abaixo do elefante na pudicicia que é proverbial n'elle ; e tambem não posso aguentar-me a passeiar sobre uma corda como o elefante passeia, segundo Plinio assevera.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A LIVRARIA

«MEDALHAS E LEGENDAS, LIVRO DE VERSOS POR OSCAR LOPES. — RIO DE JANEIRO. — COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL.—1906

O sr. Oscar Lopes, pertencente á ultima geração dos moços ora em escalada inicial, mas já conhecido no jornalismo por tantas paginas brilhantes, estréa agóra como anctor de obra, publicando o seu primeiro volume de versos.

Deu a essa farta collectanea o nome de *Medalhas e Legendas*, um titulo simples e bello, — é fóra de duvida— mas que não corresponde exactamente á natureza da maioria dos trabalhos que alli se encontram.

O poeta obedeceu á moda seguida por muitos auctores de contos, nossos contemporaneos, que utilizam para designação geral de uma collectanea o titulo do primeiro trabalho, embóra os outros nada tenham que ver com o sentido dessas paginas iniciaes.

Não me parece feliz a innovação, encarada por qualquer lado. Ella attraírá maior numero de leitores, — tal seja a força de seducção que o titulo exerça ; mas, entre os que se dêem por illudidos hoje, muitos haverá qué amanhã não se queiram sujeitar á mesma contingencia, quando o auctor ponha á venda outro volume.

Aqui neste livro de versos a maioria das composições que constitúem a primeira série são poesias objectivistas, que quadram perfeitamente com o titulo geral. Mas essa primeira série é bastante breve, comparada com a segunda e ultima, *Poema do Amor* chamada, e que representa a historia passional do poeta, com todos os estados extremos d'alma, as exaltações de imaginação normalissimas na phase da existencia por que passa o nosso jovem auctor. São trabalhos, por conseguinte, essencialmente subjectivistas os que constitúem essa outra série.

Não se póde dizer que o sr. Oscar Lopes, apezar da sua pouca edade, seja um inexperto principiante a quem falte ainda a faculdade de expressão, que os trabalhos objectivistas tão essencialmente requerem. Pelo contrario, admira-se que elle já possúa tanto recurso verbal para, nas descripções que emprehende, manejar a penna com a segurança de um pintor de larga e plausivel factura.

Nos seus amplos estudos *As Aguias*, e *Hymeneu das Arvores*, como naquelles outros de menores proporções, *Sol e Sombra*, *Luar Antigo*, *Manhã*, — ninguem o nega, de certo, — ha o que homens dos *ateliers* chamam qualidades, no sentido melhor da palavra. Trabalhos como esses attestam valor.

Encontra-se ainda nessa série um outro, *Noite Morta*, que é a realisação do que na verdade se póde chamar um vigoroso soneto. Ha vida intensa nesse pequeno quadro, representado pelos poucos, mas violentos movimentos exteriores que a acção a descrever comporta.

Parece que esta parte do livro, porém, foi antes executada por deliberação de uma vontade consciente do que por um impulso instinctivo, irresistivel, a que a natureza do anctor o arrastasse. Estes assumptos ainda não serão, talvez, aquelles da intima predilecção do poeta. Sente-se um pouco de esforço mechanico na execução e até aquellas deficiencias que resultam em pintura dos trabalhos realizados sem modelo e mesmo sem terem sido sufficientemente vivídos.

Dá-se isso mais do que nunca quando elle trata de assumptos que estão fóra do ambito de sua immediata observação, dependentes da vida rural, que de certo elle ainda não conhecen sinão de modo imperfeito e com as intermittencias que a existencia urbana nos impõe mais ou menos a todos.

Mas, de qualquer modo que seja, na phase da vida que o sr. Oscar Lopes atravessa, o que constitúe principalmente o nosso mundo é o nosso eu. O proprio amor e o objecto sobre que elle recáe, si nos preoccupam tão fortemente e absorvem o melhor da nossa energia, no fundo é por um motivo egoista, pela necessidade que ha em nós de nos reflectirmos no mundo exterior e termos assim uma conscieucia mais perfeita do nosso sêr. Sonhamo-nos dignos de tanto, que não vemos o menor prodigio não importa em que realisação que alcancemos. Dahi fatalmente, necessariamente, a desillusão dentro em pouco, que nos deixa attonitos, como si verificassemos que o nosso caso abroga uma lei natural.

Emquanto houver mocidade, esse espectaculo se ha de reproduzir indefinidamente, com uma monotonia mechanica, mas ao mesmo tempo com a variedade e o encanto da differenciação que cada caso pessoal implique. Quando a cada um de nós cabe a sua vez de representar por modo flagrante esse aspecto da vida planetaria, seja como fôr é por esse lado que principalmente nós somos sympathicos e interessantes, e é por isso que então é a nossa comedia amorosa o que temos de melhor a contar.

Dahi ser mais extensa e impressionar-nos mais duradouramente a segunda parte deste livro.

Sente-se aqui uma historia sincera e dessas que apontam espontaneamente aos labios. Certamente o auctor teve uma ambição litteraria ao lançar estes versos ; mas elles obedecem pricipalmente á lei que deu origem á poesia e que é a mesma imposta aos rios que se despenham pelos valles quando suas aguas cresceram de mais.

Ha numeros nesta série de uma encantadora factura, simples, naturaes e suggestivos, como são as coisas verdadeiramente sentidas. *Sonho de luz pelo hinverno* ou *Onde quer que eu andasse*, por exemplo, representam, o primeiro, uma impressão, e o outro um estado d'alma qué se não inventam.

Apostrophe é um soneto camoneano de execução difficil e, no entanto, perfeita, mas sobre isto intensamente sentido, — o que se poderia chamar uma joia, mesmo na obra dos melhores poetas.

Dolorosa, apezar de parecer uma folha solta encartada artificialmente nas que constitúem as paginas do *Poema do Amor*, é de uma singularidade apta a revelar a capacidade idéalisadora que ha neste poeta, e a aristocracia, mesmo a singularidade, até o excentrico de que sua visão é capaz.

Diga-se, no emtanto, com franqueza, a impressão geral que tambem esta segunda parte do livro nos dá, apezar da sinceridade que se nota no sentimento de que ella procede, e da bôa execução, mesmo da maestria precoce de que o poeta dá prova em varias das partes que a compõem, é a de uma obra que ainda não representa propriamente uma victoria.

O sr. Oscar Lopes já tem assignaladamente desenvolvida a sua capacidade verbal, é um poeta facil e abundante, de factura larga, além disso tem vigor, e tem emoção, mas essa emoção ainda muitas vezes falseia, de modo a produzir frequentes soluções de continuidade na impressão favoravel que no correr dos seus versos va-

mos recebendo. Elle ainda não vibra com a segurança que indica os poetas de raça.

Seja como fôr, este seu livro é um titulo de estima legitima que o poeta conquista, mais serio do que aquelle que paginas dispersas pela imprensa lhe poderiam proporcionar. Com o vigor da mocidade, a justa ambição que a lucta desperta e o estimulo que a vista do terreno alcançado naturalmente proporciona, elle irá adeante, e em nada me surprehenderá saíndo-nos um perfeito triumphador amanhã.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

Uma cidade idéal Na cidade sueca de Orsa não ha impostos, educam-se as creanças de graça e o telephono e os bondes são uzados gratuitamente. Tudo isto é o resultado da bôa administração do municipio, que, com a venda das madeiras dos bosques visinhos, attende a todas as despezas da população.

***

As mulheres sportistas A mulher athleta, a *sportwoman*, acaba de soffrer um ataque bem rude. A sra. Marriott-Watson, num jornal de Londres, denuncía os exercicios do corpo, equitação, *golf*, *tennis*, *foot-ball*, canoagem, como funestos á belleza e á saúde da mulher; ella se estraga, os seus membros não teem mais proporções. Ainda mais, e isto é o peior, ella fica sem sexo e, si continúa nesses exercicios exaggerados, não terá filhos.

***

O rei da Grecia Jorge I, o rei da Grecia, é um dos nadadores mais famosos do mundo. Sua magestade váe a distancias enormes nadando e póde permanecer horas debaixo d'agua, sem perder as forças. E' um *sportsman* consummado, um atirador infallivel, duma precisão admiravel, um bom pescador e dirige com habilidade rara os cavallos mais fogosos.

***

Os callos E' bastante sabido que os callos e outros incommodos dos pés são devidos a differentes causas. Uma dellas — e isto, acaba de ser provado, consiste no uzo das meias pretas. Noventa e nove por cento das pessôas que padecem as consequencias dos callos attribúem-n'os aos sapateiros. Estes, por sua vez, para se livrarem da culpa, e nesse ponto teem muita razão, asseguram que as meias pretas e os callos são amigos intimos. Os tecidos pretos absorvem menos a transpiração do que os tecidos doutras côres e conservam por muito tempo a humidade.

***

Excentricidades duma rainha Carmen Sylva, a poetisa rainha da Roumania, detesta a luz electrica e, ha bem pouco tempo, não permittiu que a puzessem em suas habitações. O seu *boudoir* está ornamentado de flôres de crystal em cujo centro brilha uma luz muito pallida. As paredes do seu palacio estão cheias, completamente, de pinturas e de versos della e doutros poetas celebres. A rainha não quer que se sentem á sua meza com trajes negros ou escuros, as damas de companhia e as altas senhoras que a visitam, só lhe apparecem de roupas claras, muito claras, na sua casa de jantar. Carmen Sylva tem horror á côr preta, como Abdul-Hamid, o sangrento sultão da Turquia, detesta o silencio e odeia a noite.

***

O maior livro do mundo O maior livro do mundo é um que está no British Museum, em Londres; é uma das grandes curiosidades do celebre museu e é conservado com um cuidado enorme. Esse curioso livro é um atlas que mede 1 metro e 30 centimetros de altura por 1 metro de largura.

***

A mulher norte-americana Num livro publicado em Londres, duas norte-americanas, as sras. Van Vorst, deploram os effeitos da organisação economica do seu paiz sobre a condição da mulher e da familia. O capitulo sobre as manufacturas do algodão nos Estados do sul dá uma descripção completa da degradação moral e physica, verdadeiramente espantosa, entre as operarias.

Mas as auctoras passam a outra ordem de inconvenientes. A mulher americana si é casada não tem filhos, mas sobretudo ella não se quer cazar, porque é, tambem, como os homens, egoista e individualista. As usinas, as casas de educação, a sociedade elegante estão cheias de mulheres solteiras, já velhas. Numa carta que serve de prefacio a essa interessante obra, o presidente Roosevelt reconhece a verdade das lamentações das sras. Van Vorst; mas, diz elle, como as americanas se admiram que o idéal que ellas desejam produza os resultados que ellas deploram? Uma nação que tem o culto das grandes fortunas fabulosas, que gasta todos os seus esforços «em fazer dinheiro» não deve recolher o egoismo e os seus fructos?

***

Carnes de animaes ferozes Um explorador que se viu na necessidade de comer carne de grandes animaes ferozes, não usada geralmente como alimento humano, assevera que os bifes de leão são deliciosos e superiores aos do tigre e que a carne do rhinoceronte, bem preparada, tem todas as bôas qualidades da do veado. Assim tambem a tromba e as patas dos elephantes pequenos são duma carne muito tenra. Outra carne appetitosa é a da «boa» gigantesca, que substitúe perfeitamente o coelho.

***

Noticias navaes A frota activa de combate da Allemanha é de 16 couraçados. Para o numero do programma, falta, pois, apenas um. A tripolação da esquadra é de 32.000 homens, devendo chegar a 62.000 até 1920. Os gastos projectados para a marinha montam a quasi 3.800 milhões de marcos, contando de 1901 a 1917.

*

Tres submarinos froncezes effectuaram, ha pouco tempo, uma prova interessante. Tendo feito o bloqueio das ilhas Hyélos a flotilha de torpedeiras de Toulon, os submarinos *Bonite*, *Anguille* e *Alose* submergiram-se á saída do porto e, depois de duas horas de marcha sob as aguas, passaram todas as barreiras estabelecidas.

*

No decennio de 1895 a 1905, a marinha mercante do mundo teve um augmento de 70 %. A da Inglaterra augmentou 47 % e a da Allemanha 100 %.

*

Em um dos ultimos couraçados japonezes, as grandes peças de 254 millimetros são de tal modo perfeitas que pódem fazer cinco disparos em 2 minutos, 8 segundo e 2/5. Este resultado foi obtido pelo casa Vickers, que introduziu melhoramentos no mechanismo da culatra.

***

Varias Nos theatros japonezes um espectador póde permanecer de pé; pagando uma quantia além do preço commum do bilhete e o outro espectador que lhe ficar atraz não póde protestar.

A nobreza japoneza consta de 10 principes, 25 marquezes, 80 condes, 325 viscondes e 98 barões.

*

A sciencia tende a comprovar que todos nós somos tuberculosos e que é, unicamente, questão de resistencia ou debilidade para que a doença fique parada ou se desenvolva.

*

A flora da India comprehende 15.000 especies, emquanto a da Europa toda attinge unicamente a 10.000.

*

Os chinezes de alta linha uzam cartões de visita, cujo tamanho augmenta conforme a categoria de quem os uza. Geralmente os cartões são vermelhos, côr de sangue.

***

O progresso intellectual argentino

O sr. Turot foi, por parte do governo francez, á Argentina com a missão, entre outras, de estudar a possibilidade de estabelecer um cabo submarino directo e, noutro sentido, muito observou naquella amavel republica. Aos jornaes de Buenos Aires elle não occultou as suas impressões.

Disse, por exemplo, que ao desembarcar teve a sensação de que todo aquelle movimento, toda aquella grandeza, todo aquelle conjuncto de opulencias era artificial, sem bases solidas, uma vida superficial, emfim, para impressionar á primeira vista. E' verdade que, depois, demorando um pouco o seu exame, verificou o contrario. Isto no ponto de vista material.

Intellectualmente falando, é que esse mesmo exame o certificou de que as coisas do espirito são muito descuradas. Antes do progresso intellectual, muito antes mesmo, está a preoccupação do material.

Afinal, «on est allé au plus pressé!» —disse, consolando, o sr. Turot...

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXV

A Silva Lisbôa succedeu na tribuna Carneiro da Cunha, que, tendo o bom senso de não ouzar refutar a erudita dissertação do *magister*, se contentou em enviar á meza a seguinte emenda: «Haverá juizo dos jurados tanto nas causas crimes como nas civeis.»

Após o deputado da Parahyba, surge na tribuna, Carvalho e Mello, que a Camara estava habituada a escutar em profundo e respeitoso silencio. Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), sustentando a disposição do artigo, evidentemente oppunha-se ás doutrinas da erudita e sentenciosa dissertação de Silva Lisbôa.

Carvalho e Mello proferiu um discurso, cujos excerptos mostram que elle não só era um espirito nutrido de theorias e que conhecia os principios dominantes na materia, muito razoavel, meditado e pratico, ao passo que Silva Lisbôa tão erudito, como era, não se desprendia do vezo dos juristas, seguindo rigorosamente as fórmulas consagradas.

«Somos chegados, começa Carvalho e Mello, a um dos pontos constitucionaes da maior importancia, uma das principaes bases do systema constitucional e a principal garantia da liberdade pessoal e do direito de propriedade do cidadão. São tão conhecidas as razões fundamentaes dos juizos por jurados; são tantos os escriptores que, á porfia, teem desenvolvido esta doutrina que se torna escuzado o acarretar para aqui os fortes e invenciveis argumentos da sua necessidade e utilidade.

«Quando no art. 7, se estabeleceu como um dos direitos mais principaes do cidadão brazileiro o ser julgado por jurados, era mais apropriado estabelecer solidamente os motivos deste principio politico legislativo; mas era tão evidente uma tal doutrina que quasi passou como principio de verdade de simples intuição; tanta era a força de convicção de nossos animos, que uns julgaram desnecessario ajuntar fundamentos para sustentar doutrina tão conhecida e outros entenderam que, quando chegassemos ao artigo que ora está em discussão, seria opportuno disputar a materia e trazer a publico essas razões doutrinaes de justiça e utilidade.

Eu, sr. presidente, fui um dos que me reservei para esta occasião, persuadido do que era conveniente disputar, ao mesmo tempo, da applicação que entre nós deveria ter aquelle principio elementar, mórmente porque vi que, no artigo da presente discussão, tinham os illustres auctores do projecto feito a distincção de que convinha estabelecer-se logo para os juizos criminaes e, para tempos mais remotos, o das civeis.

Toda esta doutrina bem como em qualquer materia de legislação, não deve só ser considerada sob os principios de justiça e utilidade, mas tambem sob os da applicação ás circumstancias em que se acha a nação para que são applicaveis; de outra maneira, seriam só bellezas de theoria as regras philosopho-politicas, que se estabelecessem e não solidas e justas regras para reger os cidadãos. O juizo por jurados teve origem em alguns povos da Grecia e entre os romanos.

Si não fôram regulados entre elles, como o foi, depois de alguns seculos, entre os inglezes e outras nações, que tambem os adoptaram, todavia naquella instituição e pratica, vêem-se os primeiros elementos de tal estabelecimento.

Porquanto alli se encontra o ser cada cidadão julgado por outros de sua mesma qualidade e egualdade; poderem recuzar até certo numero os juizes de facto; e decidir-se a accusação por um modo summario e facil.

Os inglezes, porém, é que levaram este estabelecimento ao subido gráu, em que se acha, combinando os interesses da justiça publica com o particular de cada criminoso e afastando o perigo que resulta de serem os cidadãos julgados por magistrados certos, que, com o uzo e posse de julgar exclusivamente, adquirem um certo orgulho e despotismo offensivo dos direitos de seus concidadãos.»

Carvalho e Mello explica as evoluções pelas quaes, entre os inglezes, passou e aperfeiçoou-se a instituição dos jurados.

Entra na apuração das difficuldades do conhecimento das provas do facto. Raciona judiciosamente a respeito do processo, fala da propensão que teem os jurados de absolver por inspirações caridosas e da corrupção e injustiça dos magistrados. Diz que conhece que, na Inglaterra, são fiadores da bondade de tal instituição a instrucção quasi geral dos seus habitantes, a probidade moral dos mesmos e a honra publica, resultado feliz da posse diuturna duma bôa educação e da liberdade civil e politica que lhes afiança a Constituição, folgando os principaes habitantes do condado de verem inscriptos os seus nomes na lista dos que hão de compôr o tribunal dos jurados. «Quão diversas, exclama o orador, por desgraça, são entre nós as circumstancias!»

Ora, si Carvalho e Mello tivesse vivido desde 1823 até 1906, que pensaria e diria dos nossos actuaes jurados? Em 1823, ainda não se tinha

experimentado a instituição e já o notavel constituinte a julgava por tal modo. Reconhecendo a carencia da instrucção nacional, todavia o visconde da Cachoeira dizia que queria que se estabelecesse entre nós o juizo por jurados.

O orador profere as seguintes sentenciosas phrases: «quando estabelecemos um governo monarchico constitucional; quando trabalhamos pelo firmar, erguendo uma constituição para um governo representativo, fôra absurdo desprezar, ou proscrever o juizo por jurados; quero dizer que hajam juizes de facto para prova dos crimes, recaíndo sobre os juizes de direito a appellação das leis aos casos occurrentes».

O orador pondera — «convem plantar este arbusto, posto que exotico, pelo menos no interior do paiz e cuidar de aclimatal-o com cuidadoso desvelo e assidua cultura.

Penso, porém, que por emquanto devemos nos limitar a estabelecer os tribunaes de jurados nas causas criminaes, reservando para outro tempo as civeis».

Fala da necessidade dum codigo e da nossa atrazada e deploravel legislação. Encarece a conveniencia de bôas reformas, que firmem em bases solidas a liberdade civil e politica, fazendo a prosperidade do Estado e a felicidade dos nossos concidadãos.

Quando, á longa distancia que nos separa da data em que trabalhava a Constituinte, onde se pronunciavam taes palavras, comparamos — *sine ira atque studio* — os representantes da soberania nacional, os legisladores incumbidos da organisação da sociedade e do Estado, não podemos deixar de reconhecer as differenças que os descriminam; as qualidades que os distinguem; os meritos que os notabilizam.

Vemos entre Silva Lisbôa, sabio jurisconsulto, e Carvalho e Mello, dois homens de tendencias inteiramente oppostas. O primeiro, um crente do passado; não quer a liberdade religiosa nem a da palavra e a do pensamento; condemna a faculdade de saír o cidadão fóra do paiz; pretende que, como *Socrates, não passe além do Pyrêo*. Ao contrario, Carvalho e Mello e alguns outros propugnam pela liberdade civil e politica e por todos os effeitos que dimanam della.

Emfim, Silva Lisbôa não permitte o julgamento do cidadão por seus pares; Carvalho e Mello reconhece nesta instituição uma necessidade do regimen do governo constitucional e livre.

A discussão dessa materia prolongou-se por algumas sessões do mez de outubro; Silva Lisbôa refluiu ao debate. Já lhe conhecemos as doutrinas; por conseguinte, é inutil repizal-as.

Tomaram parte ainda os deputados Vergueiro, Araujo Lima, que opinou, num longo discurso, pelo juizo dos jurados.

Submetteu-se a votação o projecto sobre a liberdade de imprensa, que não provocou a attenção, nem mereceu discussão; ao contrario, os artigos do regimento animaram a loquella de varios representantes da soberania do povo.

Nas ultimas sessões de outubro, discutiram os artigos do projecto de Constituição, o julgamento por jurados, diversos representantes; entre elles, Lopes Gama, em discurso de longo fôlego. Orou ainda o deputado Carneiro, da Bahia. Falaram tambem Costa Aguiar, França, Xavier Garcia, Dias, Alencar, Andrada Machado.

Concluida a discussão, o deputado Carneiro da Cunha requereu votação nominal. Passou o projecto para estabeler o juizo de jurados, votando contra *sómente* o afamado jurisconsulto Silva Lisboa, que, repetidas vezes, o havia impugnado.

O proceder de Silva Lisbôa vem pôr em evidencia o contraste que apparece entre os homens e o tempo, coisa sediça, mas que releva, na justa apreciação das causas e effeitos dos acontecimentos, observar e attender.

Silva Lisbôa, septuagenario, concentrava o seu pensamento no passado, onde parecia ainda viver: o presente como que lhe era extranho, não podia represental-o: lobrigava, apenas, o movimento das novas gerações, cujas emoções não sentia; cujas aspirações aborrecia; cujos sentimentos lhe eram antipathicos; cujas idéas reprovava e, inflexivel, condemnava.

O tempo e o homem estavam em cabal antagonismo.

O povo brazileiro, proclamando a Independencia, fôra impellido pelas amargas e afflictivas provações do presente, as quaes não estortegariam o sabio jurisconsulto, assás embebido nas profundezas da sciencia antiga. O povo, por assim dizer, acabava de nascer; queria viver. Ora, essa lucta pela existencia, já Silva Lisbôa não a podia comprehender; ao contrario, curvava-se á necessidade de repouzar. Assim, ser representante detal povo era não ser a expressão de sua vontade. O povo anhelava gozar do fructo de sua victoria abrolhado nas margens do Ipyranga: o preteuso representante não se utilizaria desse fructo.

Eis ahi porque combateu todas as idéas que formam a conquista da liberdade moderna. Elle teve, não diremos pueril, mas extranha concepção de resolver questões constitucionaes pelos principios e disposições das Ordenações do Reino. Era dar como fonte da razão, do direito e da liberdade a vontade cega, prepotente e irresponsavel do absolutismo.

De todos os homens, no recinto da Constituinte, que provaram cultura intellectual notavel, era Silva Lisbôa o mais rotineiro, sem concepções proprias, sem idéas elevadas, sem as luminosas intuições do porvir.

Elle sabia tudo que pensaram Grecia ou Roma; tudo que os juristas ensinaram e preconizaram; porém, não suscitou nem suggeriu um pensamento de accordo com as necessidades do tempo e indispensavel para desenvolver e uutrir o espirito das gerações novas.

Para elle, a sabedoria e a vida estavam no passado, cujos horrores não o indignavam nem lhe mereciam reprovação, como lh'a provocavam as aspirações que desabrocham seductoras e radiosas nas almas das gerações novas, adversas ao passado, agitadas no presente, sempre em demanda das regiões mysteriosas do porvir. Comprehende-se que esse ambiente asphyxiava o eximio lettrado, que dissertava eruditamente na tribuna parlamentar.

Notemos, mais uma vez, que, saíndo fóra da esphera juridica, deixando de reproduzir o que os homens do passado escreveram para as gerações daquelle tempo, o erudito visconde de Cayrú nada disse, fez, propôz na Assembléa de 1823, que justifique a nomeada que

tem deslumbrado os comtemporaneos. Não nos lembramos, neste instante, si foi Horacio Walpolle, ou outro inglez malicioso, que denominou essa nomeada : *a comedia das reputações*.

Vivente de outras éras, espirito esterilisado no formalismo do direito civil, Silva Lisbôa não era orador nem estadista; não era publicista nem legislador para os tempos novos, illuminados pelo vasto clarão da liberdade.

Elle nunca, em suas dissertações parlamentares, consagrou culto á razão e á liberdade. Discursando ácerca da liberdade religiosa, acoimou-a de *revolta da apostasia*.

Parece que a liberdade, esse nume da civilisação, que o genero humano tem adorado, atravéz dos seculos até os nossos dias, não lhe era agradavel.

Emfim, Silva Lisbôa não passava dum meditador. Amava o repouso, do qual carecia : *otium cum dignitate*. Elle o confirmava, citando a phrase do economista sagrado : *o sabio vem no tempo do descanço*.

Impunha o repouso, como tyranno que não permitte a independencia da consciencia, nem tolera o uzo da palavra livre ; quer dominar na perpetua e inalteravel paz do marmoreo silencio. Só elle tem o direito de pensar e falar; para mandar..., o ruido do proprio louvor o perturbaria ; quer uma situação egual áquella a que allude o espirito ferino e implacavel de Cornelio Tacito.

***

Continúa a discussão do projecto da Constituição politica e trata-se do art. 9, que dispõe : — nenhum brazileiro será prezo sem culpa formada, excepto nos casos marcados na lei.

Submettido á deliberação da Camara, encetou o debate Antonio Carlos, que proferiu o seguinte : «Eu creio que este art. 9 do projecto de Constituição deve voltar para especificar quaes são os casos em que o cidadão póde ser prezo sem culpa formada. Não deixemos materia tão séria para lei regulamentar ; é precizo que os brazileiros saibam que, sem culpa formada, só em taes e taes casos pódem ser arrancados das suas casas e familias (*apoiados*). Ha muito que leio papeis, em que se diz : já se póde viver seguro ; ninguem receia ser arrancado dos braços de sua terna esposa, e comtudo vejo que os vão tirando dos braços dessas esposas e levando para a cadeia. Requeiro, pois, o adiamento do artigo para declaração do sobredito caso.

Nestas poucas palavras revela-se o despeito e, ao mesmo tempo, uma represalia contra o novo ministerio que succedeu ao de José Bonifacio.

O gabinete de 16 de janeiro mandou abrir devassas geraes, encheu os carceres com numerosos prezos, quasi todos innocentes. José Bonifacio, ministro, ordenou estas perseguições que procrearam desconfianças por todo o paiz ; lançando fóra do gabinete, o seu successor, de 17 de julho em deante, tratou de acabar com as devassas e perseguições. Eis ahi a que vem a allusão ironica e ferina das palavras do irmão do ministro demettido inesperadamente.

As palavras citadas provam que, durante aquelle periodo, dominaram o arbitrio e as praxes e perseguições do regimen absoluto. Ora, desde 16 de janeiro de 1822 até 17 de junho de 1823, governou José Bonifacio a nação brazileira, que foi victimada ao systema de devassas, prisões e deportações. A despeito das innumeras provas que estabelecem ter sido o governo de José Bonifacio o mais perseguidor e incapaz do primeiro reinado, os admiradores fanaticos proclamaram-no patriarcha da Independencia e instituidor da liberdade.

Proseguindo a discussão, passou-se ao artigo 10, que dispõe : — nenhum brazileiro ainda com culpa formada terá conduzido a prisão ou nella conservado, estando já prezo, uma vez que preste fiança ; e por crimes a que as leis não imponham pena maior do que seis mezes de prizão, etc.

Propoz-se adiamento.

Falaram sobre esta materia Carvalho e Mello, Vergueiro, Andrada Machado.

Regeitado o adiamento, proseguiu a discussão do art. do projecto e das emendas.

Entraram no debate Arouche Rendon, deputado por S. Paulo ; Paula Mello, offerecendo ambos emendas. A discussão foi declarada adiada.

Seguiu-se então uma dessas questões, com as quaes a Constituinte se comprazia e que só servia para perder tempo.

Antonio Carlos apresentou o seguinte : «Proponho que se peçam ao Governo informações sobre a fuga da corveta *Liberal* e levantamento do bloqueio de Montevidéo.

Apoiada e approvada, esta proposta entrou em discussão. Combateu-a o deputado Henriques de Rezende. O representante fluminense França perguntou si a Assembléa tinha o direito de interromper o curso da administração do poder executivo, mandando retirar vasos de guerra em commissão. Para que servem as informações que se pedem ? Não me cumpre deliberar sobre o negocio, para que é querermos informar-nos delle ? Tem-se dito que o commandante da corveta não cumpriu com os seus deveres, que vergonhosamente se retirou, etc. Não ; ha de ser o governo e depois de sentença pronunciada em conselho de guerra, onde ha de esse official ser ouvido em conselho de sua defeza. A que vem, pois, a Assembléa intrometter-se á tomar conhecimento intempestivo e ocioso dum assumpto que tem sua marcha regular e sabida em direito ? Porventura váe nisso a salvação da patria para que saltemos a barreira das nossas peculiares attribuições e vamos de encontro chocar as attribuições do governo ? Não, certamente... voto contra a indicação do sr. Andrada Machado.»

Posta, porém, a votação, foi a indicação approvada.

E' um facto que parece sem importancia, este da corveta *Liberal*, que, porém, dá logar a fazer certas observações ácerca dos homens que pretendiam dirigir a politica do Estado.

Desde o inicio da sessão Antonio Carlos, *par droit de naissance, ou de conquête*, arrogou-se o mando da Constituinte. Vimol-o, a cada instante, prégando a doutrina da separação dos poderes, professar horror pela invasão dum poder nas attribuições de outro. Elle apavorava a maioria com as consequencias dum conflicto com o Imperador. Vimol-o dizer imprevidentemente que direito temos nós de perguntar ao poder executivo por actos de sua particular attribuição. Vimol-o reprovar a formula — *diga-se, ou pergunte-se*. Elle julgava que tal maneira de entender-se com o executivo, era uma infracção da doutrina constitucional da separação dos poderes.

Pois bem, esse rigido, sincero e convencido doutrinario, a cada instante, uza da fórmula que elle proprio condemna.

O caso da corveta *Liberal* entra numa dessas minucias administrativas : é ao governo que pertence e

cabe saber porque essa corveta *fugiu* e porque houve levantamento do bloqueio.

Rompendo com todos os principios estabelecidos por elle mesmo, apresenta a proposta, invadindo assim as attribuições administrativas com que a Camara nada tem que ver.

Esses Andradas, estudados de perto nas incoherencias de actos e palavras, teem muito que se lhes diga. Entretanto, si os seus contemporaneos reconheceram as suas leviandades e incoherencias, as gerações posteriores teimaram em proclamal-os superiores pela mentalidade, pela sabedoria, pelo alto bom senso e o maravilhoso tino de homens de Estado...

O deputado fluminense França disse bem : «a que vem pois entrometter-se a Assembéa a tomar conhecimento intempestivo e ocioso dum assumpto, que tem sua marcha regular e sabida ? Por ventura váe nisso a salvação da patria ? Felizmente a proposta de Antonio Carlos, que foi approvada, não foi julgada objecto de deliberação. A maioria da Assembléa, ás vezes, deixava-se guiar pelo bom senso, e regeitava propostas da ordem desta apresentada pelo illustre orador paulista.

Na sessão de 15 de outubro entrou em discussão o art. 10 do projecto de constituição com as emendas. Tomaram parte nos debates Andrada Machado, Montesuma, Araujo Lima (marquez d'Olinda), França, Rendon, Paula e Mello.

Seguiu-se o art. 11 — Nenhum brazileiro será prezo, á excepção de flagrante delicto sinão em virtude de ordem do juiz, etc. etc.

Discutiram-no Moutesuma, que apresentou emenda ; Carvalho e Mello Ferreira e França, Paula e Mello, Andrada Machado, Henriques de Rezende.

O artigo approvado, a Camara tratou de outros assumptos de somenos interesse.

Na sessão seguinte (18 de outubro), foi discutido o projecto sobre a creação de universidades.

O estabelecimento dessas corporações scientificas e docentes era uma idéa geralmente acceita ; a divergencia versava sobre escolha da localidade. Montesuma queria de preferencia a Bahia ; Silva Lisbôa, o Rio de Janeiro, onde havia estabelecimentos de ensino que podiam ser aproveitados ; outros pretendiam que se escolhessem S. Paulo, Maranhão, Pernambuco, Minas Geraes, etc., etc.

Nestes debates sobre materia scientifica, a maioria ficou inteiramente muda ; mas os intellectuaes fizeram ostentosa exhibição de talento e, si não de vasta e profunda erudição, mas de variados e substanciaes conhecimentos. Todos os oradores consideravam e comprehendiam a importancia e ainda mais a urgencia de diffundir a instrucção, como um baptismo de luz sobre a fronte da população em geral rude e ignorante. Sem duvida, elles reconheciam que para formar um povo independente era indispensavel tornal-o livre ; ora, a liberdade é essencial á personalidade e esta não se reintegra sinão pela cultura da intelligencia ; assim não será independente sem ter reintegrado á personalidade da sua maioria, que só conseguirá pelo desenvolvimento e cultura de intelligencia, pelo respeito e segura garantia da liberdade — coisas que constitúem a supremacia da natureza humana, sobre a qual assenta o organismo social e a vida e grandeza duma nação. Ora, si o ensino das universidades vinha concorrer para esta grande obra, era do dever da Constituinte pôr neste projecto a mais viva solicitude e o maior empenho de suas aptidões, talento e patriotismo. De feito, o projecto foi sériamente estudado e, póde-se dizer, nenhuma materia foi tratada com mais cuidado, do que a organisação das universidades.

Entre os oradores que procuraram distinguir-se na medida de suas forças, sobresaíram-se Silva Lisbôa (visconde de Cayrú), que combateu as opiniões daquelles que propunham estabelecer muitas universidades em diversas provincias. O erudito jurisconsulto discursou largamente, mostrando que os recursos do Thezouro não permittiam tantos estabelecimentos de tal ordem ; que não tinhamos mestres preparados e, sobretudo, havia maxima conveniencia em fundar a universidade na Côrte. A sua oração foi ornada de innumeras citações de auctores antigos e modernos, desde Aristoteles até Burke ; desde a Biblia até os sabios da Encyclopedia.

Falaram tambem, no tocante ao assumpto, Lopes Gama, Costa Barros.

Gomide, representante por Minas Geraes, apresentou uma indicação, concedendo favores e regalias ás pessôas que fizessem donativos pecuniarios para o fim de fundar universidades.

Adiada a discussão, passou-se a tratar de certas propostas. Entre estas, duas, que não devem passar despercebidas ; pelo contrario, são de grande importancia, quanto ao alcance e consequencias.

Montesuma, que parecia um *atirador livre*, mas que compartia de todos os preconceitos da maioria e mesmo os açulava, ataca acremente o governo imperial por haver agraciado com o titulo de marquez do Maranhão, a lord Cockrane. Montesuma diz : «Só ao poder legislativo pertence marcar ordens de nobreza para o Imperio ; feito isto, dará então os titulos o poder executivo ; mas antes, quando ainda se não sabe a fórma, que a isto dará o poder legislativo, não sei como possa o executivo dar esse titulo sem positiva ingerencia. Eu respeito muito a sabedoria e talentos de lord Cockrane e reconheço os bons serviços por elle feitos á nação brazileira e como representante della me lisongeio de lhe dar publicos agradecimentos ; mas nem por isso devo calar-me, suffocando dentro em mim o que sinto sobre a indicada ingerencia.»

«O mesmo lord Cockrane, que foi embalado no berço da liberdade e nutrido, permitta-se-me a expressão, com leite constitucional, não poderá increpar-me de falta de respeito ao muito que elle merece, por me declarar contra uma ingerencia do poder executivo ; pelo contrario, me fará e dirá que não fiz mais, do que satisfazer os deveres sagrados de representante da nação. Temerei eu desagradar aos que fizeram a nomeação ?

«Certamente não, porque cada um trabalha na seára que lhe encarregou a nação.»

Attente-se bem neste modo de falar e não é difficil comprehender o estado dos espiritos. Transparece aqui a lucta occulta, real e permanente entre a Assembléa e o chefe soberano do Poder Executivo. Vê-se que os deputados já temiam o desagrado daquelle poder. Essa observação serve para mostrar que a dissolução da Constituinte resultou de motivos accumulados, um por um, em cada dia, e não foi um acto de subita violencia do temperamento irascivel de d. Pedro.

Os proprios deputados, quando criticavam os actos do Governo, pensavam que incorriam em seu despeito; portanto, releva attender a todas essas minudencias que constituem a somma de circumstancias, que geraram no animo de d. Pedro, a vontade de dar cabo da Constituinte.

Montesuma terminou o discurso, enviando á meza a seguinte indicação: «Proponho que se declare ao Governo que se não verifique o titulo de marquez de Maranhão na pessôa de lord Cockrane, sem que por lei se estabeleça a ordem e gradação dos titulos que devem fazer a grandeza e a fidalguia da nação brazileira.»

Foi requerida e apoiada urgencia para discutir-se a proposta — o que prova o açodamento que tinha a maioria de contrariar o acto do Imperador, que, por sua vez, não deixaria de apreciar a manifestação da má vontade dos representantes da nação. Dizem que ha uma intima e inevitavel relação entre as coisas funestas que concorrem para o mesmo fim. Quando Montesuma acabou de atirar á face do poder imperial este insolente cartel, Antonio Carlos lhe succedeu na tribuna e vibra uma grande machadada no Governo, dizendo: «Para aproveitar o tempo emquanto o illustre deputado não manda essa outra indicação, quero offerecer uma muito simples; tem por fim perguntar ao Governo que razões teve para nomear um membro do governo da Bahia para commandante das armas; esta nomeação tende a concentrar poderes, que por sua natureza devem estar separados e váe de encontro aos principios constitucionaes, que nos regem. Todavia, eu não quero accuzar ninguem: póde ser que o ministro da Guerra tivesse motivos para nomear Felisberto Caldeira, Gomes Caldeira, commandante das armas da Bahia; mas peço que se saiba qual foi a razão impulsiva que teve para assim o fazer. Mando á meza uma indicação.»

Esses dois discursos e duas indicações não teem justificação razoavel; ingerem nos actos puramente administrativos, contra o que tanto declamou Antonio Carlos; evidentemente, mostram o gráu de harmonia existente da Camara e do Governo.

Naquelle tempo, em que se ensaiava o regimen representativo, quando se falar num acto do Governo, entenda-se logo — do Imperador, porque nada se fazia si não por iniciativa, vontade, ordem sua. O ministro era um méro instrumento; assim, pois, atacar um acto do Governo era atacar o proprio Imperador. Montesuma, Antonio Carlos e a maioria, que os apoiava, perfeitamente o sabiam e de proposito o faziam.

Estas indicações ficaram adiadas. Veremos a solução que terão mais tarde. Ellas, todavia, nos dão azo de notar: 1º — que se negava ao Imperador o direito e poder de conceder titulo de marquez; 2º — de nomear um commandante de armas. Esses actos ambos são da competencia exclusiva do Executivo. A Camara pretendia intervir nelles.

Imagine-se a indignação que abrazou a alma do Imperador, quando leu estas propostas. O que pensaria duma Assembléa que lhe queria tirar até a prerogativa de conferir titulos, prerogativa inherente e essencial ao regimen monarchico e da qual estava de posse e uzo?!..

Estes e muitos outros motivos de egual natureza dispuzeram o animo de d. Pedro contra a Camara Constituinte. E' precizo não esquecer nunca de que elementos psychologicos era formada a natureza de d. Pedro e si era susceptivel de tolerar tão audazes e insolentes ataques a descoberto. Attentando-se na realidade dos factos, não é possivel admittir que a Constituinte não deu causa ao procedimento que o Imperador terá mais tarde.

Notemos que esses factos se deram na sessão de 18 de outubro, que não se distancia muito da data fatal. Quem estudar a historia com a preoccupação das minucias, ha de colher avultadissima quantidade dellas, que formaram a somma de motivos que produziram no animo de d. Pedro a persuasão, de dar cabo duma Assembléa incapaz de formar leis que o paiz reclamava, de comprehender os interesses publicos, finalmente, de organizar a Constituição, porém disposta a crear embaraços ao Governo, a aprofundar na alma nacional suspeitas e desconfianças e sobretudo a cercear-lhe as attribuições governativas que elle entendia lhe pertencer.

E' fora de duvida que a marcha dos trabalhos legislativos confirmava e justificava a opinião do Imperador, tanto mais esta opinião tenazmente se embebia no seu espirito, notando que na Camara não apparecia um protesto; por conseguinte, concluia que era cumplice de todas as aggressões contra o Governo.

Em verdade a cumplicidade da Camara e dos aggresssres do Governo era manifesta; não havia indicação ou proposta contraria ás attribuições do executivo, que não fôssem approvadas pela maioria apenas votavam contra os homens moderados e illustrados.

E' incomprehensivel esta proposta de Antonio Carlos, exigindo que o Governo declare *qual a razão impulsiva*, que teve para nomear o commandante das armas. No tempo do ministerio de seu irmão José Bonifacio, elle bradava: «que direito tem o poder legislativo de perguntar ao executivo por actos de sua exclusiva competencia? Isso é ingerencia nas attribuições; é pratica anti-constitucional, contraria á theoria da divisão dos poderes; é a absorpção dum poder pelo outro, por consequinte o regimen absoluto. Agóra váe além — quer que o Governo declare a causa impulsiva. Antonio Carlos, nesse mesmo discurso, observa que a *concentração de poderes, que por sua natureza devem estar separados váe ãe encontro aos principios constitucionaes que nos régem*. Ora querer que Assembléa exija tal declaração é querer precisamente fazer a concentração, que censura, para que *váe de encontro aos principios constitucionaes, que nos régem*. A contradicção é um caracteristico do irreflectido orador, que, ás vezes, profere palavras oucas; por ex: principios constitucionaes, que nos régem: mas o Brazil não tem ainda Constituição.

Segundo as theorias, principalmente as praxes inglezas, o parlamento tem o incontestavel direito de fiscalizar, de criticar, de censurar, até de responsabilizar o Governo pelos actos, que pratica, e tal direito resulta mesmo da divisão dos poderes; considera-se uma das mólas do machinismo, um meio de manter o equilibrio e harmonia. Não é, porém, isso que faz o orador paulista. Na Inglaterra o parlamente póde tudo, porque, dizem os seus publicistas e estadistas, — é sempre constituinte; póde mudar a religião e a dynastia, como já tem mudado.

EUNAPIO DEIRÓ.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Vagabundo celeste. — O cometa Finlay. — Calculos do sabio Schulhot.

Após seis annos de pacientes investigações, os astronomos encontraram o cometa Finlay, descoberto em 1886 pelo sabio que lhe deu o nome e o observou pela segunda vez em 1893.

Os observatorios esperaram, em vão, a terceira visita do astro errante em 1900, e essa desapparição susciton varias conjecturas sobre a maneira de viver desses astros subordinados a leis que não são ainda completamente conhecidas, assim como a sua origem e os seus elementos de conformação.

Não se resignando ao capricho do astro, M. L. Schulhof considerou-o apenas atrazado e indicou a região celeste, onde deveria elle ser procurado e encontrado, por meio de calculos que o observatorio de Koenigstuhl verificou pacientemente serem absolutamente exactos. Na noite de 16 para 17 de julho ultimo, a desco-

berta do Finlay foi feita no ponto indicado pelo astronomo allemão, com brilho mais intenso do que na apparição precedente.

Verificou-se que a demora do cometa era devida ás perturbações resultantes de sua passagem na visinhança de Jupiter que, como se sabe, não deixa de perturbar a marcha dos cometas que fazem em torno do Sol uma evolução de sete annos.

E' interessante lembrar que a primeira descoberta daquelle vagabundo fôra devida á ephemeride de investigações calculadas por Schulhof e fôram os calculos deste sabio os conductores á pista em que agóra o encontraram

***

Hospital vegetariano dirigido por Oldfield — A cura pelo ar livre—Resultados admiraveis—Um obito por anno

Existe em Bromleys, perto de Londres, um hospital dirigido pelo dr. Oldfield, auxiliado por tres medicos distinctos, onde se trata toda a sorte de molestia e onde se fazem as mais graves operações.

Nesse hospital se observa rigorosamente o regimen vegetariano e a cura pelo ar. A alimentação dos doentes é feita por fructos, legumes, verduras, manteiga, leite, queijo, ovos e mel.

O edificio comprehende vastas salas e um *law-tennis* em torno de um bello jardim, onde os doentes pódem passar todo o dia e mesmo a noite si o estado da atmosphera permittir. Para aquelles que se devem abrigar, ha uma varanda muito espaçosa, refrescada pela folhagem.

Uma das particularidades da cura em pleno ar é que, conforme a natureza da molestia, os pensionistas ficam de preferencia á sombra de uma arvore especial, um procura a pereira, outro a ameixeira, como convenha ao seu temperamento.

O hospital está fundado ha dois annos e regista sómente dois obitos, o de uma creança que entrou moribunda e o de um velho.

O facto é convidativo a experiencias entre nós, onde a primeira condição de cura é, geralmente, encerrar o doente, prival-o de ar e de luz.

***

Lentes astronomicos. — Um novo processo de fabricação de lentes liquidas. — A phantasia e a sciencia.

As lentes empregadas em astronomia custam caro e demandam excessivo trabalho, exhaustiva paciencia. A maior que se possúe tem 1m,50 de diametro e foi fabricada em um anno, pelo preço de 500 mil francos.

Um processo novo permitte fabricar lentes do mesmo tamanho, prestando o mesmo serviço, em pouco tempo e pelo preço de 2.500 a 4.000 francos. Uma lente de 25 centimetros de diametro da melhor fabrica allemã vale actualmente 7.000 marcos; pelo novo processo custará apenas 150 marcos, sendo de custo minimo as pequenas, destinadas a apparelhos photographicos, binoculos, etc.

O novo processo consiste em encerrar entre dois vidros analogos aos de relogios, uma substancias fluida, cujas prosperidades de refracção se combinam com as do proprio vidro, de maneira a dar exactamente os mesmos resultados obtidos com as lentes usadas até agóra, evitando, ao mesmo tempo, os inconvenientes reconhecidos no antigo processo.

As novas lentes são achromaticas. Os dois vidros são hermeticamente fechados, evitando completamente a penetração do ar. O fluido não se evapora, não soffre influencia alguma de duração ou de temperatura.

Essas lentes liquidas se fabricam na Austria e obtiveram patentes em todas as nações. Fôram inventadas por um chimico hungaro.

E' curioso recordar que num romance de Julio Verne, esse processo foi empregado. Um dos heróes collocou agua entre dois vidros de relogio e obteve assim uma lente para fazer fogo. Isto prova que a phantasia serve de precursor da sciencia.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Vãe-se arrastando com desanimo este torneio. Além do dr. Theophilo Torres, concurrente temivel, parece que se retiraram tambem os srs. Armando Burlamaqui e Tito de Sá. Não está terminado o 1º turno, no momento em que encerramos esta secção. O dr. Hentz tem cinco partidas ganhas, o dr. H. Costa cinco ganhas e uma perdida, e o dr. Annibal Pereira cinco ganhas e duas perdidas.

***

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Torneio de Nuremberg

Terminou o torneio de mestres de Nuremberg com a victoria de Marshall, que nas 16 partidas jogadas, não perdeu nenhuma, empatando 7. Pelo resultado, que abaixo damos, se verá que Schlechter, vencedor ainda ha pouco no complicado torneio de Ostende, chegou em 3º logar com Fleischmann; mas o que causa espanto é a derrota absurda do dr. Tarrasch e ainda a do mestre francez Janowski que apenas conseguiu ganhar 3 partidas e empatar 2. Tarrasch tambem apenas ganhou 3 e empatou 9.

Eis o resultado final:

MARSHALL	12 1/2	pontos
Duras	11	»
Fleischmann	10 1/2	»
Schlechter	10 1/2	
Tschigorine	10	»
Salve	9 1/2	»
Wolf	9 1/2	»
E. Cohn	8	
Snosko-Borowski	7 1/2	»
Dr. Tarrasch	7 1/2	»
Vidmar	7 1/2	
Spielmann	7	
Swideski	6	
Fahrni	5 1/2	»
Leonhardt	5 1/2	»
Janowski	4	»
Przepiorka	4	»

A ausencia de Maroczy, do dr. Lasker, de Teichmann, de Blackburne, e outros mestres, tira a este torneio certa importancia e significação.

***

TORNEIO DE OSTENDE

Houve um erro no quadro final do torneio de Ostende.

Teichmann é que ganhou de Burn. Assim, o resultado final foi:

3º premio, Rubenstein, 19 pontos; 4º, 5º e 6º, Burn, Bernstein e Teichmann, 18 pontos.

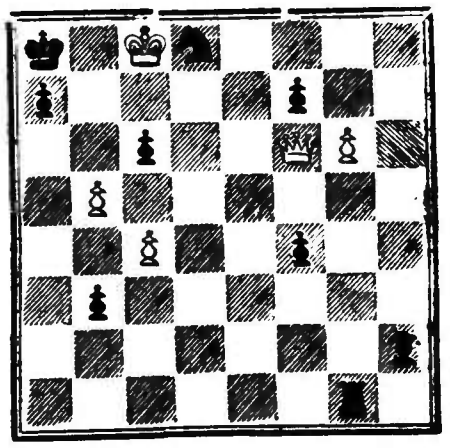
Neste importante torneio fôram jogadas 317 partidas, das quaes, 166 partidas do P D, 51 Ruy Lopez, 26 partidas francezas, 24 partidas dos 4 cavallos, etc.

***

PROBLEMA N. 65

A. G. Corrias

PRETAS (9)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

***

PARTIDA N. 71

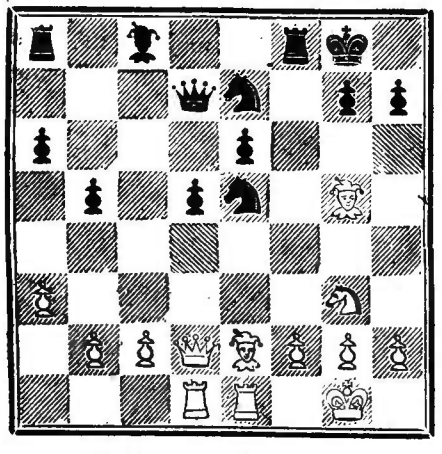
(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 7 de setembro de 1906)

DEFEZA SICILIANA

Brancas (Annibal Pereira)		*Pretas* (Q. Bocayuva Jor.)
P 4 R	— 1 —	P 4 B D
C 3 B D	— 2 —	C 3 B D
C 3 B R	— 3 —	P 3 R
P 4 D	— 4 —	P × P

C × P	— 5 —	B 5 C D
C 5 C D	— 6 —	P 3 D (*a*)
P 3 T D	— 7 —	B × C
C × B	— 8 —	P 3 T D (*b*)
B 2 R (*c*)	— 9 —	C R 2 R
B 5 C R	— 10 —	Roque
Roque	— 11 —	P 4 B R
D 2 D	— 12 —	P × P
C × P	— 13 —	P 4 D (*d*)
C 3 C R	— 14 —	D 2 D
T D 1 D	— 15 —	P 4 C D
T R 1 R (*e*)	— 16 —	C 4 R ? (*f*)

Depois do 16º lance das Pretas



B × P !	— 17 —	C 6 B x
P × C	— 18 —	P × B
B × C !	— 19 —	D × B
D × P !	— 20 —	T 2 T
D 3 C	— 21 —	D 3 B R (*g*)
T 3 R	— 22 —	R 1 T
D 3 B D	— 23 —	D 3 C
T (3 R) 3 D ! (*h*)	— 24 —	D 4 C R
P 4 B R	— 25 —	D 5 T R (*i*)
D 2 D	— 26 —	B 3 T
T 8 D !	— 27 —	T D 1 T (*j*)
T × T R x	— 28 —	T × T
D 6 D (*k*)	— 29 —	T 1 T D
D 6 B D	— 30 —	T 1 B R
D × B	— 31 —	D × P B
D 6 C	— 32 —	P 4 T (*l*)
T 8 D	— 33 —	P 5 T
T × T x	— 34 —	D × T
C 4 R (*m*)	— 35 —	abandonam

(*a*) Estão nos livros, não ha duvida, mas o actual lance das Pretas é inferior a C 3 B R, porque enfraquece muito o P D.

(*b*) As Pretas arreceiam-se da volta do C e assim vão perdendo tempo.

(*c*) E as Brancas, impassiveis, dentro dos livros.

(*d*) Que dois plões fraquissimos! Um é muleta do outro.

(*e*) As Brancas não perdem lances. A disposição do seu jogo já é magnifica.

(*f*) Isto é um erro imperdoavel de que as Brancas vão se aproveitar com ferocidade.

(*g*) A defeza das Pretas está inteiramente desorganisada e as Brancas continúam o seu ataque com muita força.

(*h*) Ameaçando D × B ! E si as Pretas jogam T × D, mate em tres lances.

(*i*) Si 25... D × P, 26 — D × B !

(*j*) 27... T D 2 B R, dava o mesmo resultado.

(*k*) Lances estes das Brancas em verdade intuitivos, mas todos muito seguros. Com este vão ganhar necessariamente uma peça.

(*l*) As Pretas podiam abandonar, mas ainda querem talvez tentar uma possivel nullidade.

(*m*) O sr. Quintino Bocayuva Junior tem aptidões innegaveis e vocação real, mas possúe uma verve muito fantasista, o heroismo perigoso dos sacrificios, e o fetichismo das posições. O seu adversario, o sr. Annibal Pereira, váe perdendo em bôa hora estas preoccupações. O seu jogo é hoje dos mais seguros e correctos, salvo os descuidos naturaes em quem apenas acaba de safir do noviciado. Tem já uma vigorosa tenacidade é da escola de Tarrasch e Maroczy. E dentro em pouco estará no primeiro plano entre os nossos jogadores.

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 64 (*F. Reimann*): 1—C 4 B D, R 2 B (*a*); 2—T 7 T D, ? 3 — C ou P mate.

(*a*) 1... R 2 D; 2 — T 7 T D x, R joga 3 — C ou F mate.

JOSÉ GETULIO.

SALUTACIÓN AL AGUILA

...may this grand Union have no end!

FONTOURA XAVIER

Bien vengas, mágica Aguila de alas enormes y fuertes,
A extender sobre el sur tu gran sombra continental,
A traer en tus garras, anilladas de rojos brillantes,
Una palma de gloria, del collor de la immensa esperanza,
Y en tu pico la oliva de una vasta e fecunda paz.

Bien vengas, oh mágica Aguilla, que amara tanto Walt Whitman,
Quien te hubiera cantado en esta elímpica jira,
Aguila que has llevado tu noble y magnifico simbolo
Desde el trono de Júpiter, hasta el gran continente del norte

Ciertamente, has estado en las rudas conquistas del orbe.
Ciertamente, has tenido que llevar los antiguos rayos.
Si tus alas abiertas la visión de la paz perpetúan.
En tu pico y tus uñas está la necesaria guerra.

¡ Precisón de la fuerza ! ¡ Majestad adquirida del trueno !
Necesidad de abrirle el gran vientre fecundo á la tierra
Para que en ella brote la concreción de oro de la espiga,
Y tenga el hombre el pan con que mueve su sangre.

No es humana la paz con que sueñan ilusos profetas,
La actividad eterna hace precisa la lucha :
Y desde tu etérea altura, tú contemplas, divina Aguila,
La agitación combativa de nuestro globo vibrante.

Es incidencia la Historia. Nuestro destino supremo
Está más allá del rumbo que marcan fugaces los épocas.
Y palenke y la la Atlántida no son más que momentos soberbios
Con que puntúa Dios los versos de su augusto Poema.

Muy bien llegda seas á la tierra pujante y ubérrima
Sobre la cual la Cruz del Sur está, que miró Dante,
Cuando siendo Mesías, impulsó, en su intuición sus bajeles,
Que antes que los del sumo Cristóbal supieron nuestro cielo.

E pluribus unum ! ¡ Gloria, victoria, trabajo !
Tráenos los secretos da las labores del Norte,
Y que los hijos nuestros dejen de ser los retores latinos,
Y aprendan de los yanquis la constancia, el vigor, el carácter.

Dinos, Aguila ilustre, la manera de hacer multitudes
Que hagan Romas y Grecias con el jugo del mundo presente,
Y que, potentes y sóbria, extiendan su luz y su imperio
Y que tenindo el Aguila y el Bisonte y el Hierro y el Oro,
Tengan un áureo día para darle las gracias á Dios !

Aguila, existe el Cóndor. Es tu hermano en las grandes alturas
Los Andes le conocen y saben que, cual tú, mira al Sol.
May this grand Union have no end! dice el poeta.
Puedan ambos juntarse, en plenitud, concordia y esfuerzo

Aguila que conoces, desde Jove hasta Zarathustra,
Y que tienes en los Estados Unidos tu asiento;
Que sea tu venida fecunda para estas naciones
Que el pabellón admiran constelado de bandas y estrellas

¡ Aguila que estuviste en las horas sublimes de Pathmos
Aguila prodigiosa, que te nutres de luz y de azul,
Como una Cruz viviente, vuela sobre estas naciones
Y comunica al globo la victoria feliz del futuro !

Por algo eres la antigua mensajera jupiterina,
Por algo has presenciado cataclismos y luchas de razas,
Por algo estás presente, en los sueños del Apocalipsis,
Por algo eres el ave que han buscado los fuertes imperios.

¡ Salud, Aguila ! Extensa virtud á tus inmensos revuelos,
Reina de los azures, ¡ salud ! ¡ gloria ! ¡ victoria y encanto !
Que la Latina América reciba tu mágica influencia
Y que renazca un nuevo Olimpo, lleno de dioses y héroes !

¡ Adelante, siempre adelante ! ¡ Excelsior ! ¡ Vida ! Lumbre !
Que se cumpla lo prometido en los destinos terrenos.
Y que vuestra obra inmensa las aprobaciones recoja
Del mirar de los astros, y de lo que Hay más Allá !

RUBEN DARIO

Rio, 1906.
(De *La Nacion*)

ANNO III — Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1906 — Num. 100

ASSIGNATURAS
ANNO.... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO — DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO — GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A saude publica e o governo actual. — Falsificação dos generos alimenticios. — Laboratorios de venenos. — A porta aberta.

Dissemos e repitimos que si o governo do sr. Rodrigues Alves se limitasse a embellezar, a sanear o Rio de Janeiro, teria conquistado irrecuzavel direito á benemerencia, a deixar o Cattete, como o inolvidavel Prudente de Moraes, sob as bençãos do povo agradecido. Mas s. ex. prestou-nos o grande beneficio de suscitar o prefeito Passos, que operou o milagre de varrer da administração municipal a politicagem que a inficcionava como um virus pestoso e debellar a rotina, as «cabeças-de-porco» que eram um obstaculo superior ás mais corajosas tentativas, a todas as idéas de progresso, de regeneração da cidade governada por um relaxamento recalcitrante.

Esse prefeito «bota-a-baixo» que, em quatro annos, remodelou a cidade, rasgou-lhe no bojo immundo avenidas, enfeitou-a de jardins, attraindo para as ruas amplas, arejadas e limpas, a população estiolada ao abrigo insalubre das habitações defeituosas, sem ar, sem luz, sem conforto, está prestando, no fim da sua administração, mais dois serviços importantes — o recenceamento da população da Capital e a fiscalisação dos generos alimenticios, dando séria caça aos falsicadores que nos envenenavam impunemente abrigados pela protecção á industria nacional.

A guerra fiscal aos contrafactores feita pelas alfandegas nacionaes obrigou-os a installarem os seus deshumanos laboratorios no Brazil. Impostos prohibitivos expulsaram, em grande parte, os artigos alimenticios europeus e crearam a industria criminosa da falsificação de generos de primeira necessidade, elevando a preços barbaros aquelles que não fabricamos.

A cerveja estrangeira foi substituida pela cerveja nacional, cuja integridade não podemos assegurar. Fundaram-se muitas fabricas, que, de um momento para outro, annunciam o producto com pomposos rotulos e, como não teem competidores, elevaram o preço da garrafa de cerveja a altura jámais attingida pelos similares europeus que continham alta dóse de acido salicilico.

Os consumidores queixam-se de certas marcas dessa aguadilha amarellada e amargosa que lhes deixa na bocca um desagradavel gosto de cobre, esse caracteristico sabor designado pela pictoresca alcunha de gosto de cabo de chapéo de sol velho, escangalhando-lhes o estomago e gerando as dispepsias dos povos estragados.

De concomitancia com essa beberagem, que ninguem ouzaria deglutir si viesse de pharmacias, véem os vinhos adulterados innocuamente com agua no recesso nojento de todas as tabernas, de todas as vendas immundas, que são uns antros infectos; surgiram, depois, os vinhos fabricados em grande escala, abertamente, affrontosamente, no centro da cidade em laboratorios aprégoados com immenso escandalo, fabricados com agua, com materias corantes derivadas de páu campeche, da hulha e outras drogas nocivas.

Descobriram-se no seio da Capital fabricas de vinho do Rio Grande do Sul e depositos do mesmo vinho falsificado em Porto Alegre, contendo fuchina e alcatrão de hulha, fornecendo assim um poderoso argumento aos obsecados protectores da industria nacional.

Com os vinhos surgiram os xaropes venenosos a inundarem o mercado, xaropes de ananaz, de groselha, de grenadina, de morango, de limão, de cajú e outros, nos quaes a analyse chimica revelou as materias corantes supra mencionadas e mais etheres da série graxa, alcool amytico e acido salicilico, venenos supinamente nocivos, devendo-se tambem incluir entre os productos dessa deshumana industria os licores de todos os fructos e o vinagre tinto.

E como nota curiosa, devemos referir que um dos falsificadores mais em vóga e mais afreguezados declarou ingenuamente em sublinhado annuncio que não venderia mais generos falsificados, passando a fornecel-os genuinos adulterados mas sem substancias nocivas. Nem poderia ser de outro modo, uma vez que elles não dispõem da materia prima para engrólar os «chartreuse», os absynthos, as grenadines e outros, de fructos que não médram na região tropical.

Não nos cauza indignação intoxicarem elles os beberrões, que são assim castigados pela incontinencia; o que inspira profundo horror é que elles envenenam as creanças, fabricando as «balas», de que ellas são, orninariamente, tão gulosas, com aquellas materias corantes e com os etheres da série graxa que deterioram os pequenos estomagos e se tornam agentes de receptividade para toda a sorte de molestias a que a infancia, no Rio de Janeiro, paga pezadissimo tributo.

A sancção repressiva desses malfeitores é irrisoria, acoroçôa-lhes o crime, habitual pela impuni-

dade. E tão lucrativo é o negocio que vale a pena reincidir pagando as multas.

Sentimos um forte aperto no coração quando vemos um pae de familia comprando «balas» para os filhos á garotada que assalta os bondes, vendendo esses pequenos vehiculos de venenos com assucar, aggravados, muita vez, pela circumstancia de serem manipulados por mãos suspeitas, de leprosos, de tuberculosos, de avariados de todo o genero, obrigados pela molestia á vida sedentaria e aos trabalhos compativeis com as suas depauperadas forças.

Eis porque applaudimos com ambas as mãos, effusivamente, essa campanha humanitaria e benemerita contra os fabricadores do que nós comemos, do que nós bebemos, contra esses sinistros instrumentos de degeneração da raça e da diminuição da população, criminosos que médram e prolificam á sombra da clemencia legal e muito mais perigosos porque são mais dignos de rigor do que aquelles que propinam veneno a um adversario, a um inimigo, por um impulso de colera, de vingança, de ciúme. Esses falsificadores intoxicam, friamente, mercantilmente, com o unico intuito de lucro, o consumidor anonymo das classes pobres, cujos minguados meios lhes não permittem a selecção dos generos de primeira necessidade.

Tudo se falsifica neste pobre paiz. Falsificam-se as eleições, a instrucção publica, o café, a manteiga e todos os generos, como as eleições, de alimentação, solidos e liquidos, o pão do corpo e o pão do espirito. E é nessa deploravel situação malfazeja que recrudesce o prurido proteccionista, cujas phantasias custarão innumeros sacrificios aos contribuintes sobrecarregados em beneficio dos fraudulentos agentes de industrias facticias, com os seus laboratorios de venenos ou de productos de pessima qualidade.

E' por isso, por vermos deturpados, mal compensados os beneficios das leis protectoras que nós somos partidarios da porta aberta, da competencia, que será o melhor estimulante para o desenvolvimento da verdadeira industria que transforme as nossas preciosas e abundantissimas materias primas em artigos que combatam victoriosamente os similares estrangeiros pelo preço e pela perfeição.

* * *

Bem avisado foi o glorioso prefeito, empenhando-se nestes ultimos dias do seu brilhante quatriennio, em promover, com apparelhos solidos de effeitos permanentes, a campanha patriotica contra os exploradores de generos alimenticios falsificados. Da mesma fórma estão agindo os governos de todas as grandes nações com medidas energicas em beneficio da saúde publica.

Não lhe dôam as mãos no castigo dessa horda de assassinos: o sr. Pereira Passos terá para sanccionar o seu trabalho os agradecimentos do nosso povo, que já comprehende os beneficios que se lhe fazem.

POJUCAN.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

A engenharia militar. — Sua missão na paz e na guerra. — Organisação dos corpos de engenharia: sua deficiencia e inapdidão. — A pratica de engenharia nas escolas militares.

Cabe a vez, no presente artigo, da revista critica dos nossos chefes de engenharia.

Desde tempos remotos, para honra nossa, corre a fama da superioridade dos seus feitos — facto esse que será agóra confirmado ou não pelo exame dos seus membros.

Com certeza, a semelhante exame não se esquivarão os de real merecimento — mas desde já affiançamos que alguns rebeldes toparemos evitando a avaliação dos seus vastissimos *desconhecimentos* e competencia de palanfrorio — jámais comprovada com a evidencia dos factos — talvez por desmedida modestia.

Deixamol-os, porém, por emquanto, na santa paz e socego da sua modestia, para lembrar em poucas palavras as incumbencias que, em geral, são chamados a attender os engenheiros militares.

Os multiplos e variados encargos da engenharia militar pódem enfeixar-se em duas grandes categorias: — os trabalhos de execução durante a paz e os de desempenho em plena lucta ou na imminencia de tal.

Entre os primeiros, ha os de caracter puramente civil e os de caracter simplesmente militar — e uma classe mixta, participando da natureza dos dois.

Ahi figuram as construcções de fortes e fortalezas permanentes, quarteis, fabricas, casas para simples moradia, hospitaes, estabelecimentos diversos, emfim—destinados ao abrigo, instrucção, armazenamento, producção, fabricação e administração do pessoal e material do Exercito sob todos os seus aspectos e necessidades.

Para todos esses serviços, confessamo-nos perfeitamente apparelhados a respeito de pessoal — pois ha um grupo numeroso de officiaes competentes e tão capazes como os mais capazes — não exigindo demonstrações o que dizemos, por serem bem conhecidas, ainda dos civis, as muitas provas existentes em eloquente attestado.

Mas, como acima lembramos, os mistéres da engenharia militar não vêem o seu campo de actividade limitado ao periodo da paz; — durante a lucta ou nas suas proximidades, muito importante é o seu papel.

Sob esse aspecto, infelizmente, muito longe, muito affastados mesmo estamos de um estado lisongeiro, porque em relação á pratica da guerra os nossos engenheiros militares estão na infancia da aprendizagem.

Raro, rarissimo é aquelle que, durante a sua vida, tenha dirigido ou visto construir uma simples *trincheira-abrigo* — e, principalmente, entre os officiaes superiores — os nossos dire-

ctores e guias de amanhã durante a guerra. Esses, com certeza, si viram ou si se applicaram na epocha da sua mocidade a assumptos dessa natureza, — hoje, com o longo espaço de sua completa inactividade, não mais se recordam dessas babuzeiras, muito massantes e que, no final de contas, pódem ficar para as inspirações do momento.

Entre nós, a organisação das tropas de engenharia comprehende dois unicos batalhões, por de mais deficientes, dadas as condições actuaes da guerra. Cada batalhão, com quatro companhias tem-nas destinadas — as duas primeiras, aos mineiros e sapadores e as ultimas, aos trabalhos de telegraphia e caminhos de ferro.

Esses destinos, porém, são totalmente esquecidos, não havendo preparo algum nesses mistéres, quer de parte dos officiaes, quer dos soldados. De modo que, na occasião da crise, constituirão elles tropas quasi inuteis, mais se prestando a secundar a infantaria no fogo, do que ao preparo material do campo de acção.

Os officiaes que nunca tiveram occasião de praticar nessas coisas, pouco sabem, a não ser algum mais curioso, com conhecimento theorico de tudo isso — o que é precizo confessar ser muito pouco, porque, por melhor que seja a sua bôa vontade, muitos embaraços encontrará na traducção pratica daquellas noções theoricas em momento improprio a experimentações e aprendizagens.

Nas escolas militares, por onde passamos onze dilatados annos, em curso regular, nunca instructor encarregado desse assumpto se dignou falar em semelhantes coisas, porque elles — apenas competentes officialmente — não entendiam patavina, muito os contrariando tocar, embóra de leve, sobre tal assumpto. E como a nossa turma, todas as anteriores e posteriores soffreram mal identico.

Em conclusão, podemos asseverar que, nesse mistér, estamos mais atrazados do que os filhos do Celeste Imperio, apezar da nossa pretenção de muito preparados.

TENENTE MAX.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

O UIRAPURU' (4)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

VII

D. Amelia, arregaçando a saia de sêda, percorreu todos os compartimentos; examinou tudo cuidadosamente; abriu gavetas, armarios e, nesse andar de curiosidade meticulosa, surprehendida de tanto asseio, de tanta ordem, foi ter á cosinha. Severa, absorta no trabalho de tirar o almoço, não deu logo por ella.

— Bom dia, sinh'ama — disse d. Amelia, examinando com olhar entendedor as iguarias.

— Bom dia a vosmecê — respondeu a mulata, enleiada.

— Está no seu trabalho.

— E' verdade, *nhá* dona.

— Você vive ha muito tempo com o seu patrão?

— Uhê!... Desde menino, não teve elle outra ama... Mamou o meu leite. Quando Deus chamou a senhora velha, elle era rapazinho assim e foi com esta preta que se achou no mundo com o favor de Deus..

— Deve ter-lhe muita amizade...

— Branco não tem amizade a preto... Mas, graças a Deus, não tenho razão de queixa, porque sempre foi muito bom para mim.

— Ah!... Parece, com effeito, muito bom homem, muito socegado, muito amigo de seus amigos, muito cumpridor de seus deveres. Toda a gente fala bem delle. Não sei como póde elle viver aqui, neste deserto, sósinho, em semelhante casarão.

— Não é tão deserto assim. Aqui a gente tem de um tudo e está longe do barulho, do calorão e do pó da cidade. E' um socego que faz gosto. *Nhô* Placido sáe de manhã e volta de tarde; eu fico com os moleques tomando conta da casa. Elle chega, toma banho, muda de roupa, janta e sáe outra vez para voltar das dez para as onze da noite...

— E janta sempre sósinho? ..

— Qual o que! Não ha dia em que não traga um ou dois amigos... Comida, graças a Deus, não falta, nem que fôsse para uma duzia delles.

— Sómente homens?...

— Uhê. pois havia de ser mulheres?... São bons moços, muito alegres, muito engraçados. Eu fico contente quando elles véem, porque tambem me divirto com as conversas delles.

— Conversas de rapazes..

— Elles, ás vezes, contam bobagens, mas eu não faço caso, já sou uma mulata velha...

— Pois isso, agóra, váe acabar. Seu patrão váe mudar de vida..

— Mudar de vida?...

— Não sabe que elle váe cazar com minha filha.

— Cazar, elle?... Vosmecê está mangando commigo...

— E' verdade. Está tratado o casamento para daqui a um mez.

— Então aquella moça bonita que está passeando no jardim?..

— E' a noiva..

Assaltada pela intensa commoção dessa nova, Severa não pôde conter as lagrimas.

— Você se admira de uma coisa tão natural?

— Eu bem presentia, minha senhora, alguma novidade... Meu coração bem me avizava. *Nhô* Placido não devia fazer isso commigo...

— Queria, então, que lhe consultasse? Parece que você é quem manda nesta casa. Quanto ganha por mez?...

— Eu nada ganho, nem governo a casa, *nhá* dona. Mas elle sempre foi franco, não tinha segredos para mim na sua vida... Era natural que me dissesse..

— Pois váe cazar e muito bem. Procurando com uma lanterna, elle não acharia moça de melhor familia nem mais bem prendada. Está vendo aquelle moço que veio commigo? Bebe os ares pela Affonsina, gostava della desde menino; mas era muito estroina, muito desperdiçado e eu me oppuz formalmente quando vi o namoríco muito adeantado. Muitos lhe arrastaram aza, talvez atraz do dote; ella, entretanto, depois que desmanchei o casamento com o Joannico, protestou que, não sendo com o noivo do seu gosto, só acceitaria o que eu escolhesse. Como obediencia e sujeição, não ha melhor filha. Eu gosto muito dos modos humildes e respeitosos do seu patrão e antes que a menina, aqui na cidade, ficasse caída por algum pelintra sem eira nem beira, tratei logo de arranjar o casamento.

Severa ouvia, aturdida.

—Confesso que esse delicioso perfume desperta-me um tremendo appetite — exclamou Joanniço, na sala de visitas, onde, com Affonsina e Placido, acabavam de entrar, depois de um passeio pela chacara.

D. Amelia foi ajuntar-se a elles, deixando a mulata immersa em funda tristeza pela ingratidão do querido *nhô* Placido.

O almoço correu alegre, animado. Joannico, gabando os vinhos e os manjares; Placido, servindo com solicita amabilidade a noiva e a sogra, que achou tudo muito temperado, muito urucú, muito cheiro, muita pimenta, principalmente nos casquinhos de carangueijo que ella gostava de co-

mer feitos por ella mesma ; não tinha confiança na limpeza de mãos da cosinheira. Apezar disso, foi comendo de tudo com invejavel appetite, recordando sempre para comparar com vantagem os pratinhos que a Feliciana, sua cosinheira da roça, sabia preparar como ninguem. Aquella é que se póde chamar cosinheira de conta, pezo e medida, a quem se poderia confiar ouro em pó. Era um tanto ronceira, só fazia as coisas mandada. Em compensação, não era respondona nem mettida e tinha a primorosa virtude da humildade, tal qual o Placido.

A conversação adejou por todos os assumptos. Falou-se de tudo com tamanha animação, que não houve ensejo para ser posto em execução o plano de Placido, abordar o projecto de demover d. Amelia da resolução de ficar morando na cidade. Affonsina estava encantada pela rocinha, pela casa, pelo salão, que era uma joia, pelo quarto de dormir, que era um brinco, pela cama sumptosa como um altar, macia e fôfa como um ninho de beija-flôr. A mãe achára a casa muito devassada, illuminada de mais com janellas e portas sem conto, muito isolada naquelle deserto que á noite devia ser triste como um cemiterio. E ella, que ouvira contar façanhas de gatunos da cidade, não conseguiria dormir alli com medo de assaltos desses malfeitores. De resto, seria absurdo saír da roça para metter-se numa rocinha que, por estar perto da cidade, não deixava de ser matto, a mesma paizagem de floresta monotona, tanto tempo supportada porque o defunto marido necessitava de ares de campo e de conciliar a saúde com os interesses da fazenda.

— Quando me lembro — concluiu d. Amelia, com um longo suspiro, arrancado das entranhas — que o pobre lá ficou enterrado. Nem é bom falar nisso.. De matto só o socego e a distancia !..

Ante semelhante franqueza, que vinha a talho de foice para lhe cortar as vazas, Placido ficou desnorteado: seria imprudencia contrariar a futura sogra naquelle momento em que o dever era obsequial-a, como dono de casa, poupar-lhe o mais ligeiro dissabor. O projecto ficou engatilhado para melhor opportunidade. Não fôsse elle dos taes homens pacatos, concentrados, pertinazes, que, em se apegando a uma idéa, não a abandonam ás primeiras decepções. Mudou logo de plano: em vez de abordar resolutamente a mãe, procurava convencer a filha, mais malleavel, mais docil. Era o seu mais ardente anhelo não deixar aquella casa edificada com tanto cuidado, com a qual por tal fórma se identificára, que lhe parecia um sacrificio excessivo morar em outra no centro da cidade. Seria isso um capricho, mas era a unica condição que elle arriscaria como compensação das muitas imposições acceitas sem protesto. Sabia que moças, na imminencia do casamento, são condescendentes, nada recuzam aos noivos, muito embóra se desforrem mais tarde com vantagem, impondo despoticamente todos os seus caprichos.

Durante alguns momentos em que ficou livre com Affonsina, manifestou-se com acanhamento, com hesitação, exaltando-lhe as vantagens de viverem alli, segregados do bulicio da cidade, entregues um ao outro, vivendo numa troca de affectos como duas almas num corpo, sem as perturbações da curiosidade importuna, no delicioso egoismo de um casal venturoso. Affonsina não prometteu acceder definitivamente ; ficou, todavia, ajustado que passariam na rocinha, pelo menos, o mez da lua de mel. Placido exultou satisfeito, contando com diversos e faceis recursos para prolongar o prazo e realizar o ambicionado sonho.

— O carro está alli — disse Severa, interrompendo o doce colloquio.

— Está doida para ver-nos pelas costas — murmurou d. Amelia — Deixa estar que te ensinarei.

A' despedida, Joannico, sempre amavel e cortez, tratando Placido com familiaridade de primo, fez-lhe cumprimentos pelo almoço, pela deliciosa vivenda, promettendo acompanhal-o na primeira caçada, que era o *sport* favorito.

Quando partiram, Severa approximou-se lentamente de Placido, que não pôde disfarçar a confusão.

— Então, *nhô* Placido, vosmecê váe cazar e não disse nada á sua mulata velha ?...

— E' verdade, Severa. Não foi por mal que te occultei. Minha intenção era conheceres primeiro a noiva para dares a tua opinião.. Que te parece ?.. Bella pessôa..

— Ella parece ser bôa senhora, sem luxos, sem soberbías... Para falar a verdade, não gostei da mãe, muito perguntadeira. Cascavilhou toda a casa emquanto vosmecê estava no jardim com a filha e o primo, que Deus me perdôe, não se me dava de jurar, tambem gosta della... Emfim, vosmecê é branco, senhor da sua vontade, faz o que entende. Eu, depois de velha, ficarei abandonada, irei procurar a minha vida como puder, até que Deus me leve.

E enxugou com o avental lagrimas que lhe borbulhavam dos olhos.

— Deixa de tolices — atalhou Placido, commovido — viverás sempre commigo. Acreditas que eu seja capaz de te abandonar, de abandonar a minha velha Severa ?.. Seria preciso que eu não tivesse alma.

E abraçou-a carinhosamente, apertando-a contra o seio, para que ella lhe ouvisse falar o coração em pulsações precipites.

VIII

A observação de Severa fôra uma revelação. O primo, de maneiras desenvoltas, trescalando á moral facil da educação nas grandes metropoles corrompidas, era um trambolho desagradavel, um accidente extranho aos projectos de Placido, um superveniente perigo, cuja extensão elle não ouzava avaliar com a precizão predominante nos actos mais comesinhos da sua vida. Haveria entre os dois simples relações de infancia, a innocente intimidade do contacto de dois entes creados juntos como irmãos, ou se desdobrava essa convivencia da primeira edade num affecto que vinculasse com raizes tenazes, vigorosas os dois corações ?

A intermittente sombra de duvida volvia a toldar o semblante sereno de Placido, contraíndo-lhe em rugas as suaves linhas, como acontecia quando se lhe antolhavam graves problemas da direcção do trafego da Empreza, nesses momentos difficeis de concentração mental, em que elle assobiava, á surdina, uma aria popular amenisando o esforço para a resolução definitiva.

No escriptorio notaram-lhe os companheiros profunda ruga cavada entre os sobrolhos contraídos e notavel alteração de compustura, attribuida ás preoccupações da proxima mudança de estado, á gravidade dos preliminares de constituição da familia.

Começou elle a estudar discretamente as relações dos primos, colher-lhes as palavras, notar-lhes os sorrisos, os demorados apertos de mãos, certas maneiras que pareciam sublinhadas de ligeiro traço sensual, polvilhadas pela canella da malicia. Procurou interpretar os menores gestos, as attitudes, os olhares illuminados desse extranho fulgor de desejos que se chocam, os suspiros mal contidos aos quaes a excitação, o nascente aguilhão do ciúme e as nevoas da desconfiança deformavam em revelações terriveis. Os gestos de Affonsina se figuravam languido abandono ás caricias de Joannico, endireitando-lhe uma rebelde madeixa de cabellos ou batendo-lhe ternamente na face ; outras vezes, assiduo ao lado della, tratando-a com a superioridade complacente de homem entregue a cogitações graves, accentuadas por longos silencios, durante os quaes elle passeava absorto pelo salão, com as mãos immersas nos bolsos das calças.

Uma noite, o agronomo estava de vêras intratavel. Ordinariamente jovial, conservador, elle mal respondia ás perguntas da tia ou lhe replicava com gestos asperos de impaciencia irreverente.

A' despedida, Affonsina disse sorrindo a Placido:

— Notou como está hoje o Joannico?

—Ora, priminha—interrompeu elle, vivamente.

— Está contrariado pelos rigores de mamãe... Elle foi, hoje, infeliz; nada obteve. Coitado! Si eu pudesse... Seja bom para com elle, Placido; queira-lhe bem..

— Não faça caso do que essa cabecinha de vento diz — concluiu Joannico — Vamos ao Carneiro, amigo.

Saíram juntos, seguiram pela rua da Cadeia: Placido, respeitando o silencio do companheiro, que marchava de olhos fitos na calçada. Chegando ao largo das Mercês, Joannico disse subitamente:

— Para que negal-o? Affonsina tem razão... Devo ser franco... Com amigos, como você, Placido, não se devem ter segredos...

Placido estremeceu assustado.

— Você sabe que a tia — continuava Joannico — é uma féra tratando-se de interesses. E eu estou infelizmente na dependencia dos seus caprichos porque — aqui para nós — rapaziadas, extravagancias, estroinices da mocidade consumiram quasi todos os meus haveres. Resta-me uma parte do engenho que ella administra sem me dar a menor satisfação. A minha derradeira esperança era casar com Affonsina. Está vendo como lhe abro o coração... Mas foi de encontro a tia, defendendo heroicamente a filha a ponto de declarar-me francamente que jámais consentiria em ligal-a a um desmiolado, um pandego, um homem sem assento, sem principios e outras barbaridades capazes de exasperar os mais calmos. Foi talvez por isso que me mandou á Europa e, pilhando-me ausente, apressou o casamento da filha. Você comprehende que essas confidencias de familia só se fazem a um amigo como eu o considero...

— Muito obrigado — rosnou Placido, com a garganta obstruida.

—Por muito favor, depois de muita supplica, de promessas de regeneração, se resolveu a acolher-me, a me facilitar os meios de vida. A tia Amelia suppoz que me pregava uma grande peça; eu, porém, não me mostrei contrariado pelo casamento. Si a prima tinha de passar a outras mãos, estimei muito que fôsse você o escolhido, porque não é por estar na sua presença — você é um homem sympathico, um homem de valor, que será um marido exemplar.

Placido agradeceu, com um gesto de modestia.

— Mas... como ia dizendo: voltei da Europa, estou morando com ella, nada me falta; surgiu, entretanto, um compromisso de honra... Você deve saber o que isso é... Tive hoje um péga com a tia, que me recuzou formalmente uns miseraveis quinhentos mil réis. Eu tenho dinheiro a receber, mas você sabe como isso anda agóra. Estou numa entalada dos diabos.

— Não se amofine por tão pouco. Eu lhe arraujarei.

— Não senhor; não exijo sacrificio — interrompeu Joannico, com um veheniente gesto de recuza — Você está fazendo despezas extraordinarias com os preparativos do consorcio...

— Tenho, felizmente, commigo, essa quantia — insistiu Placido.

— Não quero teimar numa recuza que seria pouco cortez — concluiu Joannico, condescendo em acceitar as notas que Placido tirára da carteira, notas novas, bem dobradas, porque elle cuidava do dinheiro com carinho e nunca uzava cedulas velhas — Fico muito agradecido por este valioso favor. Será por quinze dias no maximo. Isto é uma divida sagrada. Ah, Placido, você é um homem providencial.. Muito obrigado. Os amigos se conhecem nas occasiões. Adeusinho, até amanhã, meu caro, meu precioso primo.

E abraçando Placido ternamente, numa afeição de alegria infantil, subiu pela travessa das Mercês, direito á tavolagem do Fontoura, casa muito bem reputada e frequentada por gente muito séria.

Depois de alguns instantes de hesitação, Placido seguiu pela rua de S. Antonio, a pensar no caso, no supposto rival reduzido a um bilontra vulgar, sem escrupulos, a ruminar absurdas suspeitas, até o café Carneiro, onde o esperavam os indefectiveis parceiros do sólo.

Nessa noite, o jogador emerito perpetrou pichotadas indesculpaveis, como si o uirapurú perdesse o maravilhoso poder de talisman; jogou machinalmente, destraído, como quem está com o pensamento ausente, a viajar por outros mundos, cabriolando como ave perdida na treva do espaço sem horizonte.

Rememorando as palavras de Joannico, elle via atravéz dellas a verdade — d. Amelia procurando-o como instrumento da sua resolução de evitar o casamento da filha com o primo. Na sua qualidade de noivo, elle se figurava estar pegando jacuman para desviar a montaria do rebojo de um peráu, que era o doidivanas do Joannico, esbanjador refractario e perigoso. Era isso: o caso estava em nitido destaque. Affonsina submettera-se á injucção irresistivel da mãe; obedecera, sem protesto, conservando para o amigo de infancia o coração. E desde esse momento, Placido resolveu empregar todos meios para elucidar completamente a situação em que fôra colhido de surpreza.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

III

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente chóro e rio,
O mundo todo abarco e nada apérto.

He tudo quanto sinto hum desconcêrto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvario, agora acérto.

Estando em terra, chego ao Céo voando;
N'hum'hora acho mil annos, e he de geito
Que em mil annos não posso achar hum'hora.

Se me pergunta alguem, porque assi ando?
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

IV

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se n'ella está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidéa,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confórma;

Está no pensamento como idea;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a forma.

CAMÕES.

***

A DIPLOMACIA PORTUGUEZA EM 1890

....

Porque o mau séstro é este: ou seja dos homens, ou da constituição politica reinante, é certo que o alto funccionalismo baixa entre nós terrivelmente, a ponto das altas funcções do Estado estarem entre mãos d'uma cretinagem que faz pejo, nos entreactos em que não é o asco a sensação dominante que ella inspira. Uma vista re-

trospectiva sobre o que já n'outros numeros traçamos, informará o leitor d'alguns dos mais salientes aleijões que constituem o caracter do nosso homem politico, e de caminho talvez visione o processo que tem entre nós a politica d'investir os seus dilectos, como senhora despotica, nos logares de responsabilidade ou de confiança. Já por mais d'uma vez explicámos não ser criterio usado na provisão dos altos cargos, a circumstancia d'elles convirem aos recursos e aptidões do candidato, mas tão somente se fará conta a este, o rendimento metallico d'aquelles. Este nefando systhema tem enchido os quadros, de sobrinhos e irmãos de ministros e directores geraes, quazi tudo creaturinhas de gozo e de deboxe, incapazes d'estudo, sem vislumbre de cerebro, nem capacidade alguma de trabalho, e apenas dispostas a fazerem dos logares que lhes dão, conezias rendosas e inactivas. Emquanto a politica só aproveitou essa cambada de desfructadores, para mobilar com ella os logares infimos e medios das secretarias e da alfandega, bem foi a coiza: mas preenchida a corredoira burocratica, de bestas, houve que se deshonrar a envergadura moral de certos cargos altos, de se pôr em jogo a dignidade e seriedade de certos serviços, para dar comida ás restantes.

Filhos de familias ricas ou illustres, cretinos insolvaveis muitos d'elles, lá vão secretarios d'embaixada e consules de primeira classe, para essas capitaes de prazer, onde o paiz lhes esportula os vicios frustes, a ociosidade desdenhosa, e a elegante invalidez; e é conhecel-os p'ra se advir na opinião de que poucos valem o dinheiro que custam, ou são dignos da investidura official que representam. O snr. Bocage, se quizesse offerecer a Lisboa um espectaculo typico, devia mandar vir todo o pessoal diplomatico que temos disperso pelas capitaes do mundo, annexar-lhe os consules com as suas fardas, e fazer uma revista de tudo, na Avenida. Seria d'um grotesco inolvidavel — com o visconde de Faria por tambor-mór — e cada um de nós saberia alfim que destino teem em Portugal certos janotas, refugo das escolas, quando derretida a ultima libra na *bórga*, Lisboa deixa de lhes ouvir o calão nos gabinetes do Silva e do Tavares. Vadio de bigodes torcidos, nullo pedante, bacharel puxado a quatro juntas d'appellidos, e tendo sido o Calino da sua geração universitaria, sportman com dividas, e corredor de toiros com almorrodias, tudo quanto as populações acephalas do Baltresqui e do Gremio, das cadeiras de S. Carlos e das casas de batota, contam de mais arrombado e de mais tenço, eis o viveiro aonde a diplomacia portugueza vae escolher os seus melhores auxiliares. Paris e Londres, Vienna e Petersbourg regorgitam d'estes porquinhos da India encasacados, nem sequer correctos, e quazi sempre ridiculos, por entre cujas mãos passam, nos intervallos do jogo e das cocottes, todas as melindrosas coizas que bolem co'o manutenção do nosso decoro internacional. Os embaixadores ou plenipotenciarios que entestam com este batalhão de pandegos emeritos, cumpre dizer que estejam á altura da soldadesca. Tirante o snr. Souto Mayor, que continua em Stockolmo, nonageuario quazi, a sua tradição de homem de côrte, e o snr. Casal Ribeiro, que lá váe aguentando em Madrid os estragos que a sua vida excessiva de moço determinou no seu cerebro de *jouisseur*, os outros representantes de Portugal no estrangeiro nem sequer podem jactar-se de possuir os meritos secundarios e as qualidades communs dos homens do seu officio. Está em Bruxellas o snr. Henrique de Macedo, que é uma especie de tatu desenthusiasmado d'outra posição que não seja a horisontal, e d'outra lucidez que lhe não venha das quebreiras digestivas, aos roncos, nas poltronas das casas de jantar. Querem fazer d'este mediocre o sucessor do snr. Barjona, nas novas negociações com Salisbury. Vejam que lastima! O snr. Henrique de Macedo tem quazi todos os defeitos publicos do snr. Barjona, acrescentados d'outros que por bem de nós todos, devem pôl-o a cem leguas de tal cargo. Temos em Paris o snr. Dantas, um excellente homem, quebrado e velho — o que não basta. Em Berlim está o snr. marquez de Penafiel, sobre cuja saude cerebral começa a haver apprehensões. Em Petersbourg, o ministro portuguez é o snr. conde de S. Miguel, que se reproduzir o dito de Chenier, tocando a fronte, falta á verdade, e cujo substituto, nos seis mezes do anno em que s. ex.ª está ausente do seu posto, é o snr. Ezequiel Prego, diplomaticamente definido assim — o snr. conde de S. Miguel, do outro lado do relogio.

Temos na Haya o snr. Vicente Pindella, botas lindissimas, olhos todavia um pouco menos penetrantes do que o verniz das gaspeas; temos na Suissa o snr. Alfredo Anjos — a quatro; e finalmente em Vienna o nobre conde de Valenças, cujos meritos julgamos fixar, mencionando a unica coiza que de positivo se sabe, acerca de s. ex.ª — venho dizer — que é um mamifero.

Digam-me pois se com tal quadro, algum governo póde ter sequer um serviço d'informação e de policia diplomatica, capaz, e se as nossas legações, com todos os seus contos de reis de costeio, servem para mais alguma coiza do que dar nicho aos preguiçosos, e passar contrabando nas bagagens. Duraute os mezes decorridos des'que o conflicto anglo-luso entreteve pela primeira vez a curiosidade da Europa, jornaes de todas as nações, occupando-se da pendencia, com pronunciada intenção de fazerem justiça aos nossos direitos, deram sobre ella informações e detalhes erroneos, argumentos contraproducentes, illucidações sem documentação auctorisada, afóra os que se viram forçados a deixar o assumpto, no calor da actualidade, por falta de quem, com toda a seriedade, os informasse. Seria aqui a vez das nossas legações intervirem discretamente, distribuindo mappas e informações de fonte pura a todos os jornaes europeus e americanos que se nos mostraram sympathicos, e mesmo tornando esses jornalistas, por via d'uma suggestão amavelmente habil, em instrumentos, como direi? obsequiosos, dos planos coloniaes do nosso governo, o que não seria tarefa difficil, nas mãos d'um encarregado de negocios arguto e experimentado, e d'um pessoal consular affectado aos interesses da nação. Ora, é escusadissimo affirmar que sobre esta questão vital para os nossos interesses commerciaes e politicos, nem os governos deram ordem para

se instruir a imprensa do mundo, quanto ás razões historicas ou contemporaneas das pretenções portuguezas á Africa austral, nem os residentes portuguezes nas cidades da Europa e da America — o snr. Batalha Reis e Martens Ferrão excepto — se dignaram deixar cahir dos seus divinos labios, palavras que corrigir podessem, de longe ou de perto, a correria por vezes phantasista dos nossos defensores.

E as razões são patentes, inutil desdobral-as. A' uma, na questão africana, os ministros eram os primeiros a ignorar a extensão e a importancia dos materiaes em litigio, e tanto sabiam d'ella, que o proprio Hintze Ribeiro, já subscripto o tratado de 20 d'agosto, apoqueutava pelo telegrapho o snr. Barjona, sobre a maneira d'entender as mais importantes clausulas d'aquelle inverosimil documento! A' outra, que haveria a esperar da solicitude privada dos nossos consules e embaixadores, affeitos ao ripanso do *rien faire*, e recrutados nas castas scepticas e desmoralisadas que atraz disse? Pedir ao snr. Martins Dantas que saia de casa para informar as redacções politicas de Paris, não como embaixador, mas como particular, sobre os verdadeiros tramites do conflicto zambeziauo; esperar que o snr. Alfredo Anjos canalise diplomaticamente a questão do camiuho de ferro de Loureuço Marques, por fórma que os plenipotenciarios inglez e americauo não coajam o tribunal arbitral suisso a uos extorquir 3:600 contos d'indemnisação, por uma linha ferrea que nem 1:000 vale; cuidar que o Valenças, o Penafiel, e o Mathias de Carvalho sejam capazes d'inclinar os reis da triplice-alliança para uma intervenção favoravel á nossa causa, tudo isto seria presumir nos nossos representantes, abnegações que os governos lhes não impõem, e amores de patria que a ausencia amortece, e as ajudas de custo, dada a pobreza do erario, se teem esquecido um pouco d'avivar. A parte maxima das legações portuguezas no estrangeiro são pois comedouros, que não postos de guarda, onde os aleijados da politica e onde os pobresinhos da elegancia, supportam, n'essas capitaes de luxo, o desterro d'uma patria que elles proprios renegam, e de que elles são os primeiros a dizer mal.

Reinternar no reino um certo numero d'esses Steinbrokens grotescos, que nem sequer sob o ponto de vista decorativo dos houram; dar uma varruscada nos adidos fantoches, e nos secretarios d'embaixada risiveis e pedantes, que lá fóra creditam mediocremente o espirito e a *belle tenue* portuguezas, e nem as memorias de Casanova seriam capazes d'escrever; acabar d'uma vez com o advento do *filho do grande homem*, nos cargos que o nome de seu pae quer fazer hereditarios na familia, eis ahi um principio de vida nova que a bem do reino, o miuisterio devera iniciar.

FIALHO D'ALMEIDA.

APANHADOS

Um grande caricaturista inglez

Um caricaturista inglez, o sr. F. Carruthers Gould, por occasião do anuiversario do rei Eduardo VII, foi elevado á dignidade de cavalleiro; o rei, com esse acto, agiu como um perfeito soberano constitucional, recompensando um dos mais fortes luctadores do partido victorioso nas ultimas eleições inglezas. Com effeito, os deseuhos de Carruthers Gould, mais conhecido pelas suas tres iniciaes F. C. G., fizeram o successo de *Westminster Gazette*, para onde elle trabalhava, e contribuiram, com uma parte relativamente grande, para o triumpho do partido liberal na Inglaterra.

Os tres modelos preferidos de Gould fôram Gladstone, Salisbury e, especialmente, Chamberlain; ninguem, melhor do que elle, representava os traços angulosos do *leader* do imperialismo. Arthur Balfour e, por ultimo, Campbell Bauuermann teem sido caricaturados constantemente.

Gould é o mais velho de todos os *cartoonists* inglezes; é o unico que ainda uza aquelle typo antigo do John Bull, muito gordo, muito duro nas suas calças estreitas e na velha casaca apertada. Ha muito tempo já que elle se tinha tornado conhecido na *Pall Mall Gazette*; as suas caricaturas politicas, unicamente politicas, eram apreciadas com alegria. Gould tem uma ponta de critica muito interessante, e o seu estylo, apezar de avelhantado, ainda agrada á muita gente e, principalmente, aos leitores politicos da *Westminster Gazette*.

A moderna caricatura ingleza é bem diversa; Tom Browne, John Hassall, Will Oven e René Bull dum *humour* inexcedivel, são os principaes caricaturistas do *Sketch* e do *Puck*. Isto, no entretanto, não prohibe que se admirem, numa quasi veneração, os desenhos autiquados de Carruthers Gould, que é estimado, com muita sinceridade, por todos os outros caricaturistas modernos da Inglaterra.

***

O que se deve ler

Lê-se muito, mais até do que é precizo e, no emtanto, não se chega a conhecer uma quarta parte do que se deveria ter lido. A verdade é que falta um methodo, um programma racional de leituras, mas ainda que de prazeres.

O sr. Henri Mazel, sabendo dessa grande falta e a sentindo um pouco, para nos livrar de todos esses transtornos e de leituras que de dispersivas se tornam incommodas, publicou, editado pelo *Mercure de France*, um trabalho bem interessante — *O que se deve ler na vida*. Escripto com certo methodo, com umas idéas bastante sensatas, este livro, muito engenhoso, está bem longe de ser inutil; não é uma leitura desagradavel, muito pelo contrario, está até na lista dos bons livros que devem ser lidos com vontade.

***

Nomes de ruas

Os nomes de ruas deram sempre margem a noticias interessantes; umas se salientam pelo excentrico da denominação, outras pelo lado historico, lembrando um caso ridiculo, mostrando uma superstição.

Algumas ruas de Paris teem uns nomes, de tal maneira estramboticos, que chegam a ser incomprehensiveis. Outros desses nomes são tão compridos que difficilmente são pronunciados.

Em Londres, onde existem ainda muitas excentricidades, umas ruas se tornam celebres pelo laconismo dos seus nomes; ha uma, na *city*, que é conhecida unicamente pela lettra D. E' a ultima restante duma série de ruas que se designavam por lettras do alphabeto, no principio do seculo passado.

***

A religião no Hindostão

O sentimento religioso na Asia é de tal modo elevado que os fogos sagrados, considerados de grande valia, são conservados accesos durante seculos; para isso, os encarregados desse serviço teem um cuidado extraordinario, vigilando sempre os sagrados lumes e se substituindo por outros servos que

continúam com o mesmo desvelo, cheios dum respeito enorme para com aquelles fogos.

No Hindostão é onde se observam, facilmente, essas scenas com um pouco mais de exaggero e de superstição. Quando os parsis emigraram da Persia para a India houve festejos extraordinarios e para commemorar esse acontecimento acceenderam uns fogos sagrados que se conservavam ainda, ha 12 seculos, com um respeito espantoso, digno mesmo da exaggeração asiatica.

***

Livros sobre o Japão Ainda se continúa a escrever muito sobre o Japão; acabam de apparecer dois excellentes trabalhos a respeito desse extranho imperio, que vão augmentar a lista, já bem crescida, dos livros que, sobre aquelle paiz, teem sido publicados depois da guerra russo-japoneza.

O primeiro é um livro escripto em inglez, num estylo muito leve, gracioso — *Um sonho de verão em Paris*. O subtitulo, mais grave, indica que a obra estuda o Japão antigo e o de hoje. O auctor é o barão de Suyematsu — um japonez muito parisiense, o que já deixava entrever pelo titulo do seu trabalho, a que elle dá a fórma sempre agradavel da conversação corrente. O livro foi escripto, na sua maior parte, antes de terminarem as hostilidades russo-japonezas e as notas de polemica tornam o estudo do barão de Suyematsu bem interessante.

O segundo trabalho que assignalamos é do sr. Péroz, tenente-coronel francez, sobre o *Japão e a França na Indo-China*. O sr. Péroz fala no seu livro do terrivel appetite do «Imperio do sol nascente» que pretende se apoderar, muito breve, si lhe fôr possivel, da Coréa e da Mandchuria. O official francez conclúe, affirmando que a França perderá, muito proximamente, «a perola da suas colonias, a Indo-China, si não consentir nos sacrificios que se fazem necessarios para a segurança desse seu rico dominio contra os perigos duma guerra certa, infallivel.»

***

A imprensa na Austria O jornalismo na Austria está num gráu de adeantamento bem elevado. As folhas diarias teem uma grande extracção e a tiragem das revistas illustradas é muito regular. As publicações quotidianas, hebdomadarias e mensaes são em numero de 3.320. Ha 270 jornaes e periodicos officiaes, 383 technicos e 247 economicos. De todos os jornaes que se publicam na Austria dois terços são redigidos em allemão, 694 em tcheco, 265 em polaco, 102 em italiano, 26 em servo-croata, etc.

O socialismo nos Estados-Unidos O sr. D. P. Bliss, num dos ultimos numero da *Review of Reviews*, de Nova-York, assignala a expansão do socialismo nos Estados-Unidos. E' verdade que, actualmente, o socialismo está em minoria em diversos paizes europeus, mas, não obstante isto, tem obtido resultados excellentes na Austria, na Italia, na Suissa, na Allemanha e na Hespanha. O sr. Bliss faz uma estatistica bem interessante do socialismo mundial: a Allemanha, em primeiro logar, com 3.008.000 socialistas; depois, a França, com 1.120.000; a Austria, com 780.000; a Belgica, com 500.000; os Estados-Unidos, com 442.400; a Australia, com 441.270, etc. O total das forças socialistas no mundo inteiro é de 7.601.384. A imprensa socialista está, tambem, muito adeantado; apparecem 638 jornaes socialistas, dos quaes 77 são qnotidianos.

***

Carne de cavallo e de cachorro O consumo da carne de cavallo e de cachorro augmenta espantosamente na Allemanha. Em 1904, fôram abatidos 120.000 cavallos e em 1905 190.000. E' na Allemanha do norte que mais se come essa carne, sobretudo nos Estados Mecklemburgo Strelitz e Mecklemburgo-Schwerin.

Em 1904, abateram-se 7.000 cachorros e em 1905 9.000. A Saxonia, Prussia e Baviera constitúem o seu maior mercado.

***

A victoria dos dorminhocos Contra as sete horas de somno prescriptas ao homem, levantou-se ultimamente, no Congresso da Associação Britannico, reunido em Nova York, o medico allemão, dr. Dyke Aclaud, que sustentou a necessidade de dez horas. Porque, dando-se o crescimento durante o somno, é preciso todo esse tempo para que elle se faça normalmente. As creanças não desenvolvidas, na proporção da sua edade, devem dormir muito. Essa theoria do dr. Dyke tem ainda a relatividade das estações e das zonas: refere-se ao verão e ás regiões temperadas, porque, no inverno e nas terras frias, as exigencias do corpo humano são maiores.

***

Nova propriedade do radium Um chimico de Nova York, o sr. Miethe, acaba de verificar que a luz do radium dá côr aos crystaes. O sr. Miethe fez experiencia com um brilhante de Bornéo, perfeitamente puro e branco, submetteu-o a uma solução de 60 kilogrammas de bromo de radium. Depois de oito dias, o brilhante ficou amarello pallido.

Posta a pedra sob uma temperatura de 250 gráus, a côr apenas esmaeceu.

Em duas horas, passando pela mesma prova, uma saphira se tornou verde e, algum tempo depois, muito amarella, côr que desapparecia com o calor e reapparecia logo que a pedra esfriava. A turqueza adquire um ligeiro matiz rosado e o rubi é insensivel.

***

A successão do sultão O sultão da Turquia está tramando uma violação á lei musulmana que veda que, no throno, o filho succeda ao pae. Abdul-Hamid não quer, porém, saber disso porque o seu irmão mais velho, successor legitimo, está decrepito e o sultão prefere que no throno fique o terceiro dos seus filhos varões, um rapaz de 21 annos.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXVI

Quanto á indicação de Montesuma, no tocante ao titulo de marquez, conferido a lord Cockrane, realmente é uma frivoleza. Conforme os principios e theorias constitucionaes, invocadas por Antonio Carlos, a faculdade de conceder graças é inherente á instituição monarchica e o proprio Montesuma, em seu discurso, reconhece e confessa que o Imperador já tem uzado dessa faculdade. Ora, si a monarchia já está acclamada, instituida, consagrada pela saberania nacionol; si já é um poder anterior, segundo a phrase de Royer-Collar, como contestar-lhe tal direito? (1)

O Imperador, desta feita, viu claramente que a Constituinte até o despojava dum dos meios que dão auctoridade, prestigio e força á monarchia, o ser a fonte das graças. A que ficaria reduzido? Si nomeou um deputado ministro de Estado, a outro encarregado de ir a Londres trabalhar pelo reconhecimento da Independencia; si concede um titulo nobiliario, ou nomear um commandante das armas, a Assembléa não só lhe pede contas, mas ainda lhe nega o direito de fazel-o.

E' claro que, entre o chefe do Poder Executivo e a representação nacional,

que elle, por decreto de sua iniciativa e liberrima vontade, convocou, de certo, não perdurará accordo, só haverá lucta.

O facto incontestavel era a proclamação da monarchia; esta podia organizar o paiz sem o concurso da Camara, obra inteiramente sua, que entendia ter o poder de fazel-a desapparecer da mesma fórma pela qual lhe deu existencia.

Sem ter esmerilhado os trabalhos, os projectos, as pretenções, os sentimentos, as antipathias, as idéas, os discursos, as aggressões e muitas outras minucias, não se póde formar um juizo mais ou menos exacto do procedimento que a Constituinte teve para tornar-se insupportavel ao Imperador desde o inicio da sessão, a 3 de maio, quando s. magestade manifestou o seu pensamento a respeito da Constituição digna de sua acceitação. Nestes estudos temos apontado uma série de circumstancias, que, ligadas, fazem uma avultada somma de motivos que geraram a convicção no espirito do chefe do Poder Executivo, de sua incompatibilidade com a representação nacional. Muitos destes motivos o irritaram a tal ponto que exálava as coleras que lhe referviam no coração, em acerbas vociferações e ameaças.

O drama desenvolve-se lento; as peripecias succedem quaes espasmos de agonia, antes de chegar á scena do desenlace funesto.

E' pasmoso que, ao approximar-se do momento final, ainda a Assembléa não tivesse comprehendido o perigo imminente.

Acabamos de ver, na sessão de 18 de outubro, Montesuma fazer novas e imprudentes aggressões, atacando uma das prerogativas da Realeza e Antonio Carlos de Andrada Machado, vibrando crebas machadadas nas attribuições do Executivo, auxiliados pela maioria das mediocridades inconscientes.

No espirito de Antonio Carlos e de Montesuma havia uma deploravel illusão. Esses dois oradores acreditavam que, dado um conflicto, o paiz tomaria o lado delles e que o Imperador, receiando essa contingencia, necessariamente haveria de se conter.

Essa illusão os levará a fazer impertinentes e frivolos interrogatorios ao ministro Villela Barbosa sobre a reunião das tropas no campo de S. Christovão. Ainda mais persuadidos de ter a Camara bastante prestigio e popularidade para obrigar o Governo, exigiram que o ministro da Guerra compa-recesse no recinto legislativo a dar inuteis explicações. As suas illusões só caíram quando viram o espectro da realidade em frente da cadeia velha... esse espectro era a tropa, que vinha das bandas do S. Christovão.

Estamos a tocar a méta destes estudos, antes, porém, de terminar, convém narrar os actos das ultimas sessões da Constituinte.

***

A Constituinte, durante o mez de outubro, occupou-se em discutir importantes assumptos de incontestavel interesse publico, os quaes já mencionámos.

Dir-se-ia que ella começava a tomar ao sério a sua nobilissima missão de legislar para um paiz novo, que de tudo carecia. As discussões do mez de outubro honram-na pela importancia da materia e pelo talento e illustração de alguns deputados, como Silva Lisbôa, Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), Montesuma, Araujo Lima, Lopes Gama, etc.

Nestas discussões, porém, não appareceram os Andradas; entretanto, fôram as mais notaveis que se travaram no recinto parlamentar e avultaram pela intelligencia e pelos conhecimentos scientificos de que deram sobejas provas varios representantes.

Infelizmente a Constituinte padecia de incuravel inepcia; não calculava nunca os resultados de certas resoluções. Não parecia ser um ramo do poder politico, ao qual incumbia tambem a organisação e a direcção do Estado e, por conseguinte, devia ter o criterio, a sabedoria ou, pelo menos, o bom senso de evitar os choques que impeceriam as funcções regulares do mechanismo do regimen representativo e da divisão dos poderes.

Na sessão de 29 de outubro suscitaram-se questões, que não só apaixonaram a Camara, mas ainda irritaram o Governo e deram ao Imperador novos motivos de convencer-se da incompatibilidade de coexistir com semelhante representação nacional, cuja feitura delle era.

Montesuma provoca a discussão da indicação perguntando ao Governo os motivos de não ter publicado o manifesto, como se resolvera em 30 de maio. Pergunta outrosim si já procedera á nomeação dos diplomatas para as côrtes extrangeiras.

De novo a Constituinte votou tal indicação — *lembrando ao Governo a execução da ordem da Assembléa, que lhe fôra transmittida em 30 de maio (ipsis verbis*, sessão de 29 de outubro).

Não era bastante :— erguen-se, imperioso, Antonio Carlos e indicou que se pedissem ao Governo as razões que o determinaram a nomear para governador das armas da Bahia um membro do Governo da mesma provincia.

Ainda mais: Montesuma propõe que se participe ao Governo que não verifique o titulo de marquez do Maranhão na pessôa de lord Cockrane.

Todas estas indicações são manifestas ingerencias nas attribuições constitucionaes do Poder Executivo e uma ataca, sem utilidade alguma, a prerogativa da monarchia, poder proclamado, acceito e consagrado pela soberania nacional, e anterior ao legislativo.

No tempo do gabinete de José Bonifacio, si taes perguntas fôssem indicadas, Antonio Carlos as impugnaria com arrogancia e faria á Camara uma confuza licção sobre as doutrinas da divisão dos poderes e do perigo da ingerencia dum poder nas attribuições do outro — o que produz o absolutismo, por consequencia, a negação do regimen constitucional. E' elle proprio um dos que desconhecem e violam as theorias que tanto *ensinára e preconizára*. Não lhe custam absurdas incoherencias! Agóra elle não pergunta: *si o Imperador não quizer tolerar que se lhe invadam as attribuições, o que succederá?*

Fixemos nossa attenção numa circumstancia, que prova a leveza com que procedia a maioria, tomando uma resolução, que indubitavelmente avivaria as coleras imperiaes. A maioria corria cegamente a perdição.

Um deputado, reflectindo na provocação da ordem da Assembléa intimada ao poder imperial, propoz—que se enviasse a indicação á commissão para dar parecer. Esta proposta, demorando a resolução, daria logar a moderação e a pensar na realidade das coisas. A maioria votou contra a proposta conciliadora. Então começaram os debates. Reproduziremos alguns excerptos dos trechos mais expressivos do discurso de Carvalho Mello; bastam para pôr saliente o vivo do provocação que a Camara dirigia ao Imperador.

«Quando, sr. presidente, a este recinto, (fala Carvalho e Mello) chegaram as noticias dos preclaros e illustres feitos de lord Cockrane, na acquisição da desgraçada provincia do Maranhão, resoavam estas abobadas com os pomposos elogios justamente merecidos e filhos do nobre enthusiasmo, de que todos nos apoderamos.

«Fomos feridos e tomados de admiração por tão grande e não esperada façanha: accendeu-se uma nova e viva discussão afim de que esta Assembléa ordenasse uma felicitação ao nosso augusto soberano por tão grande e util acontecimento.»

O orador passa a demonstrar a importancia do facto da união da provincia ás outras, completando assim a cohesão da nacionalidade brazileira, consolidando a obra da Independencia, e, tendo apurado as vantagens que ao Brazil resultava do grandioso feito de lord Cockrane concernente á unidade e integridade do Imperio, Carvalho e Mello continúa: «Por tão assignalados serviços julgamos nós que a nação deveria dar a este varão illustre uma demonstração mui clara do quanto lhe era agradavel o seu importante serviço, já na Bahia, já no Maranhão. Estes mesmos justos e poderosos motivos induziram ao chefe do Poder Executivo a conferir-lhe o honroso titulo de marquez do Maranhão, que perpetuará tão feliz acontecimento.

O chefe do Estado concedeu um titulo remunerando grande serviço de vital interesse do paiz, uzando do poder que lhe compete...

Está, porventura, em alguma lei, prohibido que o soberano possa dar titulos? Não era até agóra, segundo as leis que continúam a nos reger, permittido fazel-o?

Como, pois, poderá esta Assembléa approvar a indicação do illustre deputado, que se dirige a revogar a concessão da graça feita do titulo de marquez do Maranhão a lord Cockrane? Não foi ella conferida por justos e poderosos motivos? Não foi conforme o nosso enthusiasmo e juizo, que então formamos?

Sr. presidente, si uma tal indicação passasse com approvação deste augusto recinto, não digo bem, si tal indicação não fôr logo reprovada, cobrir-nos-emos de affronta, á face da nação e do mundo inteiro; seremos contradictorios com os nossos proprios sentimentos; daremos prova da nossa injustiça e da nossa leviandade e offenderemos as prerogativas e attribuições do poder imperial, que ainda não foi despojado dellas. Farei ver até a evidencia que a attribuição de conferir titulos lhe deve ficar livre, como essencialmente necessaria para desempenho do alto emprego e poder, que lhe tocou em um governo representativo constitucional.

Nós devemos, mesmo para manutenção do equilibrio politico dos poderes, dar-lhe toda consideração, dignidade e força necessaria para fazer mover o todo da machina social. Supponhamos que o Poder Executivo, ainda incerto da legislação, concedeu esse titulo afim de premiar serviço tão assignalado. Sem muita justiça, havemos nós, sem motivo poderoso, de revogar semelhante graça? Havemos de deslustrar a alta dignidade do chefe da nação?

Havemos de dar provas de que nos afoitamos a desapreciar o Governo? Não, sr. presidente, nem elle se houve com menos acerto, nem nós o devemos fazer, porque não temos motivo siquer especioso. Demais, sobre ser injusto, seria imprudente e perigoso. Qualquer outro procedimento, que não seja falar mais desta materia, será contrario á nossa honra, á nossa gloria, á felicidade da nossa causa e á grandeza, lustre e dignidade do poder imperial.»

EUNAPIO DEIRÓ.

---

(1) *Vie de Royer-Collard*, par le Baron de Barante.

A LIVRARIA

« BUENOS-AYRES » — POR MARIO CATTARUZZA. — RIO DE JANEIRO. — 1906.

O sr. Mario Cattaruzza foi ultimamente a Buenos Aires como representante do *Correio da Manhã*, quando se dizia que a Republica Argentina estava hesitante em fazer-se ou não representar no Congresso Pan-Americano, e começava-se a discutir entre nós o projecto da Caixa de Conversão que se quer crear e o da quebra do padrão monetario, tambem em perspectiva.

O facto de lá se haver organisado egualmente uma Caixa de Conversão e agido no sentido da fixação do cambio, estava indicando o interesse que havia em que o representante da folha fluminense voltasse tambem suas vistas para essas questões financeiras, tendo desse modo um fim triplice a viagem do sr. Cattaruzza á capital da Republica visinha e amiga.

Além do serviço telegraphico que a sua missão comportava, o activo jornalista publicou, na sua volta, uma série de artigos a que pôde reduzir suas notas de viagem, e são esses mesmos artigos que ora elle nos offerece reunidos no presente volume.

Já Buenos Aires era uma grande e formosa cidade, de aspecto essencialmente moderno, de habitos civilisados, commoda, bem policiada, e o nosso Rio de Janeiro nem dava ainda esperança de que pudesse despertar um dia da indifferença em que se deixava ir ficando. Muita gente estava até convencida de que o destino definitivo da *urbs* carióca era esse mesmo —o de ser como que uma estratificação representativa da phase colonial, sem mais appello.

Que despezas colossaes não seriam necessarias para a transformação das nossas perspectivas! Somos um paiz pobre, allegavamos, que se não deve metter em aventuras, porque não póde confiar sinão muito limitadamente nas suas forças. Deixemos as cidades que ora se estão construindo em differentes pontos do Brazil encarregadas de representar a sua epocha.

Além de que, — não faltava quem opinasse, — os antigos tinham sido mais sensatos do que muita gente pensava construindo estas vielas e estes becços aqui no Rio, onde o verão se faz sentir com a violencia que sabemos. Num clima como o nosso do que precizavamos era justamente de preservar-nos da acção immediata do sol. Os sobrados, por conseguinte, que entupiam, de lado a lado, as nossas ruas-corredores, desempenhavam o papel providencial de uns como quebra-luz, que nos livravam de caír fulminados pelas ruas aos montes, victimas de insolação.

Ainda mais: tinha-se em conta de grandes exaggeros o que os viajantes nos vinham dizer em relação a Buenos Aires. Vi muita gente indignada com os que falavam enthusiasticamente sobre as impressões que haviam trazido da Argentina; esses eram tratados logo de paspalhões, máus patriotas e coisas assim.

Outro argumento era que as loucuras praticadas pelos nossos visinhos lhes tinham custado a bancarrota e o consequente descredito nas praças européas. Nós ao menos, nesse ponto, eramos a honrosa excepção, aqui na America do Sul, sendo apontados por isso como um exemplo para todos os outros povos do continente.

Tudo isso caíu por terra, inclusive, infelizmente, a idéa de que estavamos livres de recorrer ás moratorias só porque não nos deixavamos seduzir aqui no Rio pelas perigosas aventuras buonarenses. De que nos serviu conservarmos a velha cidade colonial quasi intacta, si dissipamos ainda mais loucamente no tempo da Bolsa

os capitaes faceis que por aqui rodaram, em luxos de passadio e na importação de machinas e petrechos que não sonbemos utilizar?

A viagem do sr. Campos Salles ao Rio da Prata é que marca o inicio da verdadeira revolução operada em nossos dias sobre estes assumptos. O pessoal que constituin o sequito do Presidente, composto de escolhidos representantes das nossas classes intellectuaes, pôde julgar de perto o estado de civilisação dos nosssos visinhos e receber directamente o influxo quá lhes deu energia para decidirem-se e acção de propaganda constante e pertinaz a que devemos, em bôa parte, o nosso despertar.

Cumpre confessar estas coisas, pois que ellas representam a verdade, e dizer que não basta o que está feito, que necessitamos ter uma noção precisa e nitida dos problemas ainda a resolver para tornar o Rio de Janeiro uma capital commoda, attráente, e dar á nossa população um aspecto condigno com aquelle que felizmente vamos conseguindo imprimir á feição material da cidade.

Para isso é de grande vantagem que visitem os outros paizes, não só os nossos homens de governo como tambem os homens da imprensa, tal qual fazem os argentinos, sem perdermos de vista que são principalmente as noticias trazidas de lá, da terra desses nossos visinhos, que mais teem impressionado o nosso povo, pelo bom espirito de rivalidade que ellas despertam, assim como que, nesses particulares indicados, elles mesmos ainda nos pódem dar bôas lições.

Por exemplo, até certo ponto explica-se a razão pela qual ha já tanto tempo em Buenos Aires e mesmo em Montevidéo, se conseguiu organizar um serviço de carros de praça incomparavelmente mais perfeito e mais barato do que esse, vergonhoso, — rudimentar e carissimo, — de que por emquanto, aqui no Rio de Janeiro dispomos. A Argentina e a Republica Oriental são paizes creadores, que fornecem, por conseguinte, animaes e allimentação para estes por baixos preços, o que torna muito mais barato o custeio das emprezas que se destinam a explorar essa industria.

Mas, si é licito allegar essa circumstancia como uma razão para explicar-se o caso relativamente á tracção animal, ella já não serve de argumento tratando-se de automoveis, de que, no emtanto, já existe um bom serviço em Buenos Aires, talvez até melhor do que o que se acha por emquanto organizado em Paris, onde, ha um anno a esta parte, se começava apenas a ensaiar qualquer coisa por modo a poderem estes vehiculos entrarem em séria concurrencia com os chamados carros de praça. Mesmo em Londres, até áquella data, a nova industria ainda não se achava convenientemente desenvolvida do ponto de vista de que falo.

Para resolver este problema será talvez indispensavel estudarmol-o no que respeita aos impostos de alfandega, que convirá, provavelmente, serem fortemente reduzidos, não só para a acquisição dos vehiculos como dos animaes que se tenham de utilizar no serviço, e até mesmo dos productos que coustitúem a alimentação destes ultimos. Convém se observar até onde e por que modo a acção dos regulamentos municipaes póde decidir do resultado e de que ponto por deante ella será contraproducente e até inexequivel.

O que não se comprehende é que continuemos a cruzar os braços, a acceitar passivamente a situação em que nos achamos a este respeito. Só quem já viveu numa grande cidade em que o serviço de carros se acha organisado de modo a estar ao alcance de quasi todas as bolsas, quem conheceu praticamente as vantagens que dahi resultam para a vida moderna, como é impossivel substituir-se esse recurso por aquelle que nos proporcione o serviço mais idéal de transportes collectivos, não verá nessa deficiencia de que nos resentimos até agóra uma das grandes causas do atrazo que se nota na nossa vida de relações.

O sr. Mario Cattaruzza, além de satisfazer com estas paginas os fins principaes da missão que o levou a Buenos Aires, comprehendeu muito intelligeutemente que sua obra cresceria de valor correspondendo ao nosso interesse crescente por tudo quanto se refere á bella cidade platina que nos possa servir de termo de comparação entre ella e o Rio de Janeiro, sem nenhum espirito de preconceito ridiculo e vão. Esse seria apto unicamente a deixar-nos ficar na ignorancia vaidosa e satisfeita de quem não quer aprender e progredir ou não tem capacidade para isso.

Logo ao encetar o seu livro dá-nos uma excellente idéa de conjuncto sobre o aspecto da cidade, mostrando-nos, não só o que elle tem de verdadeiramente brilhante, como o que offerece de desvantajoso, pela fatalidade da sua collocação topographica, os grandes claros que se notam ainda nas edificações e a falta de caracteristico nestas.

O que, porém, eutristece o viajante, — elle refere, — é, ao entranhar-nos mais para o interior da risonha metropole, a vista dos seus suburbios, si taes ainda se pódem chamar, na sua maior parte desprezados e miseraveis, como si fôssem recessos em que se internam condemnados. E' o reverso da medalha, quasi que inevitavel por emquanto nas cidades modernas, de uma distribuição economica ainda tão odiosamente organisada, e que, por vergonha nossa, mesmo na America, se acha tão longe de uma solução mais razoavel.

A leitura destas paginas impressionistas proporciona, como nenhuma das que já tenhamos produzido aqui sobre o assumpto, ficarmos com uma idéa cosmoramica já bem satisfactoria em relação á grande cidade portenha.

Acho tambem muito felizes, encaradas por este lado, aquellas em que o auctor procura transmittir-nos a sua impressão sobre o movimento geral da cidade e particularmente do centro bolsista. O systema de comparações que adopta o sr. Cattaruzza, nestas paginas e naquellas a que acima me refiro, habilitado como se acha para fazel-as, sendo um homem muito viajado, é suggestivo e apto para melhor gravar-nos na memoria as impressões que elle nos transmitte.

E' tambem muito intelligentemente organisada a parte em que o diligente jornalista dá conta do que pôde estudar sobre a Caixa de Conversão e a modificação do padrão monetario.

Elle não quiz apreciar apenas os effeitos financeiros dessas reformas, que por lá fôram bons (e o sr. Cattaruzza deixa patente por que razão o fôram), mas tambem os effeitos economicos, as suas consequencias sobre a fortuna particular, sobre o bem estar do povo, que, por emquanto, — o representante do *Correio* o demonstra, — só tem peiorado alli com o emprego de taes medidas.

Do convivio em que entramos com o auctor, pela leitura destas paginas, iudúz-se que o sr. Mario Cattaruzza é o que hoje se chama um jornalista internacional, embóra actualmente fixado no Brazil, por que mostra predilecção decidida. E' um homem intelligente, observador, sagaz, sem pezada erudição, mas sufficientemente provido de noções e dotado de uma bôa sympathia humana. De modo que o valente jornal fluminense poz o dedo na pessôa que convinha para o desempenho da commissão que lhe deu.

Não se póde exigir de quem escreve rapidas notas de viagem, e que além disso não deverá ter acurados estudos da nossa lingua, um estylo propriamente impeccavel. O sr. M. Cattaruzza realmente não o tem nestas paginas. Em todo o caso, escriptores muito nossos conheço que não produzem — com pureza e correcção superiores.

NUNES VIDAL.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos « Annaes », deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

A POLICIA MILITAR

Com alguma insistencia, fala-se que ás medidas iniciaes a serem adoptadas pelo futuro Governo está jungida a reforma da policia do Districto Federal. Tal reforma não deve ficar em segundo plano, considerada como das coisas que não exijam de prompto o carinho da administração. Ella se impõe. Nenhuma necessidade é mais urgente, nenhum outro departamento administrativo carece, mais que a policia, de soffrer uma dessas modificações radicaes que, sob o actual Governo, nos proporcionaram julgar da indiscutivel capacidade dos nossos homens para não só tentarem mas realizarem quasi o impossivel.

A policia actual não se resente de grandes lacunas apenas. Tudo, na sua estructura, é máu, é defeituoso, é imprestavel, é obsoleto e, muitas vezes, raia pelo ridiculo.

Estamos, em materia de policia, presos ás peiores tradições, aos processos mais inefficazes, e tudo e todos concorrem e teem concorrido, levando a sua condescendencia condemnavel para que se não modifiquem, siquer, os traços geraes da organisação policial vigente, producto que herdou das anteriores as mesmas mazellas e incongruencias que inquestionavelmente, constituem, sem exaggeros, o caracteristico da actual. Não é preciso que joeiremos no vocabulario da nossa lingua os termos que, pelo seu significado deprimente, melhor se adaptem, com a maxima propriedade, á qualificação do presente estado de coisas da policia; o simples exame do que temos, as exterioridades dos processos policiaes em uso, o mechanismo da vigilancia publica, este ultimo deturpado nos seus fundamentos, como póde testemunhar qualquer habitante desta cidade, obrigam-nos até a prescindir de realçar os vicios occultados no bojo da instituição policial.

Mas, si é urgente, como dissemos, a reforma da policia, tão grande quanto a urgencia proclamada é o interesse superior da universalidade, vendo, na feitura da reforma, retratadas as intenções de se não levar a cabo, obedecendo a interesses meramente individuaes, a obra que, mais de perto, tem poderosas ligações antiquissimas com a segurança publica e com o respeito á propriedade.

E' preciso analyzar todas as peças do carcomido edificio, quasi todas imprestaveis, pôl-as á margem, e dar feição nova, intelligente e expedita ao apparelho por crear.

Uma das monstruosidades mais perceptiveis é a desproporção entre a policia civil e a policia militar. Emquanto a primeira, que devera predominar pelo numero, é reduzidissima no pessoal que a compõe, a segunda, até pouco tempo, era exclusivamente adoptada, e, ainda hoje, apezar da bemfazeja creação da guarda civil, sob moldes muito mais toleraveis, soffreu, ha cerca de dois annos, um accrescimo estupendo.

Aliás, a população em pezo póde testemunhar os fructos que se teem colhido com os guardas civis, homens que se destinam a policiar homens, ao passo que a policia militar, pelo seu aspecto mavorcio, contrasta com a indole pacata da nossa gente. Note-se: o augmento extraordinario no pessoal da Força Policial não concorreu de longe, apezar do gravame que tal medida impõe ao erario publico, para que o simples serviço de policiamento se fizesse melhor; ao em vez disso, extensissimas zonas da cidade continúam no mesmo abandono, e a mais leve perturbação da ordem, num ponto qualquer, a duração mais longa de uma *grève*, occasionam, abruptamente, a retirada de praças dos contingentes destacados nas varias delegacias, contingentes estes, por sua vez, tambem escassos.

Policia, o nome está dizendo, é para policiar; policiar, só por si, é das tarefas mais arduas; é ver tudo, apalpar tudo, conhecer tudo, prevenir tudo; é aprimorar a maneira de se conduzirem os mal habituados com a vida nas ruas, nos logares publicos, emfim; é poupar os espectaculos escandalosos á vista do publico; é perscrutar os movimentos mais subtis dos malfeitores; é, numa palavra, desempenhar um serviço *unico* por sua natureza e *incompativel* com obrigações provenientes de outros encargos. A policia militar é a negação formal de todos estes requisitos. Ella faz com que predominem na idéa de seus agentes outras preoccupações grandes e absorventes, que sacrificam as do verdadeiro policia. A vida do quartel tem exigencias; o uzo da farda impõe deveres; exigencias e deveres que teem um caracter que predomina sobre o individuo, avassalando-o, a ponto de se superporem a quaesquer outras obrigações, provenientes do exercicio simultaneo de outras funcções.

Assim, onde se pensa encontrar o *soldado-policia* ha tão sómente o *soldado*; mas, nem do *soldado*, nem do *soldado-policia* se carece; carece-se apenas do *policia* e, por effeito da organisação vigente, este não existe. De maneira que tal criterio de organisação é falho, e redunda, forçadamente, no absurdo. E custa-nos os olhos da cara. A prova, accrescentemos, de que ha exclusivamente *soldado*, e *policia* absolutamente não existe, basta que, num dia de revista militar, (e teem sido tão frequentes nos ultimos tempos) assistamos ao desfilar das tropas. Passa a Marinha, passa o Exercito, passa a *Força Policial*.

Si a população quizesse imaginar o alcance do despauterio, bastaria ir correr, na noite precedente, a cidade: não toparia com um daquelles milicianos no serviço da ronda. Este, preterido pelos exercicios militares, fica descurado desde as vesperas da formatura. Nas delegacias não se encontrará sinão o numero indispensavel para guardar o posto, mascarando a coisa. E que elles são soldados attestam-no, a par da organisação militar adoptada, *em plano superior á do proprio Exercito*, o garbo, a disciplina, o apuro do fardamento. Até nas ambulancias de guerra: emquanto as do Exercito são as conhecidas e acanhadas carrocinhas do marechal Mallet, as da Força Policial, vastas, arejadas, com espaço e fixidez bastantes para, no seu recinto, poderem operar os proprios cirurgiões, obedecem ao typo americano e provieram dos Estados Unidos.

Outra prova de que o augmento do effectivo da Força Policial não suppriu as legitimas necessidades da vigilancia publica é a continuação, ou, melhor, o despropositado desenvolvimento que vão tendo as *guardas nocturnas*, instituições de caracter par-

ticular, impostas ao publico pela força intangivel das circumstancias, e sobrecarregando-o, extra-lei, com o accrescimo de mais uma pesada contribuição pecuniaria. Tudo isto acontece, não pelo facto de ser actualmente diminuto, apezar do augmento por que passou, o effectivo de praças da Força Policial, mas, exclusivamente, em virtude da condemnavel organisação militar da policia, cujo papel, já salientámos, está desvirtuado por completo.

Diz-se, por ahi, que *razões de Estado*, muito ponderosas, concorrem para a manutenção da actual organisação da policia militar. Tratando-se, porém, das coisas de policia no ambito em que, pela sua natureza, é licito encaral-as, não devemos cogitar do valor dessas *razões*.

Aliás é bem de vêr que taes ponderações, especiosas e futeis, não destruirão jámais os argumentos contra o serviço quasi exclusivo da policia militar, infecundo, nocivo e desprestigiado.

BENTO DA GAMA.

CARICATURAS

FECUNDIDADE SCIENTIFICA

Como um sol que, em torno de si, tivesse um systema planetario a fruir-lhe calor e luz, aquelle bello talento de professor, ardoroso nas suas ousadas affirmativas, offuscante no brilho de suas exposições, arrastára na sua trajectoria academica uma pleiade incondicional de discipulos, em que uns se destacavam como Jupiteres e outros mal se percebiam, como planetas telescopicos.

A'quelle divino calor, brotaram os fructos das doutrinas acertadas, que trouxeram o dia ao calos *malarico* dos conhecimentos medicos de então, empedernidos pela rotina.

Apagado o astro-rei, improficuos fôram os esforços dos que quizeram herdar-lhe o rutilo daquella palavra magica, das phrases buriladas e candentes, embóra dum vernaculo torturado, que mostrava os conhecimentos litterarios do mestre, correndo de parelha com a sua erudição scientifica. Foi o bruxolear da phase do bacharelismo na medicina, mas um broxolear radiante, si permittem o paradoxo.

O campo da observação e da experiencia, melhor organizado, chamou, pelos incitamentos europeus, os espiritos avidos de conhecimentos, da colheita de factos novos, de novos esclarecimentos sobre a nossa pathologia, merecedora de mais cuidados, de factos mais positivos. Na léva dos semeadores fôram-se tambem os apagados satellites d'outr'ora, os modernos caçadores da *rèclame* e de successo facil, a tentar recursos novos, então em apostasia ao Deus morto.

Dos nossos scientistas, o dr. Archimedes Silva, ainda que o nome não lhe fôsse uma revelação nem lhe inculcasse a carreira, era uma das conquistas da moderna edade, que, ao lado das concepções maravilhosas do telegrapho sem fio e do radium, creou tambem o graphophone e o piano electrico, os torturantes instrumentos de repetição.

***

Recostado na sua ampla poltrona, inscripto num hemicyclo de estantes, pejadas de temerosos volumes, aquelle embryão de sabio, aos clarões suaves dos bicos Auer, era visto diariamente pelos moradores da zona, em sua sala de visitas ampla, transformada em bibliotheca, e de janellas, de par em par, abertas para a via publica.

Aquelle trabalho insano não se limitava ás noites; á luz do dia, de bonde ou de tilbury, cabeça afundada na leitura do *Deutsches Medicinisches*, do *British Medical Journal*, do *Lancet*, da *Revue de Médicine* ou do *Policlinico*, lá ia o homem abstracto e tão distraído que, de uma feita, quasi lhe vem o mesmo fim do seu homonymo de Syracusa, não pela lança de um legionario romano, mas pela de um caminhão que abalroou a carangueijola que transportava aquella móle de sciencia.

Os resultados surgiram em abundante mésse. Todos os jornaes medicos da terra tinham difficuldade em dar saída ao accumulo de contribuições e trabalhos do prolifico sabio; e a onda transbordára até para os orgãos europeus, pois o *Correspondant Médical*, da Casa Clin, já publicára um substancial trabalho do nosso homem sobre o *urinol*, diuretico novo, preparado pela mesma casa.

No expediente, na ordem do dia das sessões ordinarias e extraordinarias das sociedades sabias da cidade, quasi todo o tempo era tomado pelas communicações e questões do illustre confrade.

«*Da flexão do grande artelho esquerdo nos epilepticos*», fôra uma contribuição que tomára um numero inteiro da *Revista Medica*. O *Correio da Tarde*, diario de grande circulação, cujo redactor era cunhado do dr. Archimedes, que, por sua vez, era medico gratuito da Associação Beneficente dos Empregados do mesmo jornal, transcrevera na integra o trabalho com o retrato do auctor e a affirmação de que as sciencias medicas ganhavam uma contribuição que honraria o Brazil, a America e a Humanidade.

Impossivel seria citar todos os trabalhos, que se seguiram, pequenas communicações concisas, repetidas e dadas com esforço.

Eram verdadeiros tenesmos dysentericos—diziam os invejosos — esses esforços tenazes, repetidos, e com pequenas eliminações.

De hyperidrose axillar caprylica nos cabindas. (Estudo physiologico e de ethnographia); *Da contractura dos arrectori pilli nas phobias; Habitat e reproducção dos Phthirius inguinalis* (Estudo de Biologia); *Da projecção dos fragmentos salivares na articulação da palavra dos alienados* (Trabalho de Psychiatria); *O problema da eliminação dos mucus nasal concreto nas creanças* (Estudo de Pediatria) etc., etc., vasta lista de theses originaes com que o dr. Archimedes Auto da Silva podia conquistar uma cadeira na Faculdade, sem os sobresaltos perturbadores das provas de concurso, que nem sempre provam o real merito e a verdadeira embocadura.

***

Pasmavam os centros medicos pelo subito pauzar daquelle prurido irreprimivel de publicações.

O *Correio da Tarde*, porém, deixára perceber nas entrelinhas de uma noticia laudatoria sobre o anniversario do sabio, que elle não descansava na sua faina gloriosa de enriquecer a sciencia patria; que um longo e trabalhoso estudo, acompanhado de delicadas pesquizas, estava a surgir para illuminar uma questão, que, havia muito, trazia preoccupados os espi-

ritos dos medicos do mundo interior. De facto, casos de typho em trabalhadores de esgottos e operarios de misteres tão penosos, levaram a duvida aos espiritos dos sabios para saber si seriam os germens inhalados pelos individuos naquellas atmospheras impuras ou inoculados por via cutanea na manipulação dos liquidos excrementicios.

O dr. Archimedes resolvera de modo positivo a questão: a via da introducção era a pulmonar, os germens eram inhalados e não inoculados por via cutanea. O dedicado sabio tirára a prova pessoal untando-se com os productos vehiculadores do bacillo typhico e, a não ser a desagradavel loção, de certo menos aromatica que as usadas pelos romanos nas thermas, nenhum symptoma alarmante puzera em risco a vida preciosa de tão profundo e prolifico sabio.

DOUTOR CABANÈS.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A tetania considerada como intoxicação pelos saes de cal — Demonstrações de Finkelstein — O parecer de Stoeltzner.

Ha dois annos, o sr. Finkelstein, assistente do professor Heubner, mencionou a acção particular do leite de vacca na tetania.

Elle verificára que, em meninos affectados dessa molestia, um simples purgativo e diéta hydrica bastavam para eliminar os symptomas. Os cosidos feitos com farinaceos, mas preparados sem leite, agiam do mesmo modo. Si, ao inverso, se lhes dava leite depois de libertados da tetania pela diéta, a hyperexcitabilidade dos nervos peripphericos, as contracções com ou sem spasmo da glotte, reappareciam quasi immediatamente.

Isto conduziu o sr. Finkelstein a indagar qual a substancia que, no leite de vacca, agia dessa maneira. Nas experiencias feitas para elucidar essa questão, pôde verificar que nem a caseína, nem a manteiga, nem o assucar do leite influencia alguma exerciam sobre a marcha da tetania. Ao contrario, a addição do serum do leite de vacca provocava rapidamente a reapparição de todos os symptomas, donde concluiu que o leite agia, provavelmente, pelos seus saes, pelo phosphoro ou pela cal, e que a tetania poderia ser o resultado de uma mutação defeituosa dessas substancias no organismo infantil.

O sr. Stoeltzner procurou verificar essa hypothese por uma série de experiencias que o conduziram á inesperada conclusão de ser a tetania o resultado de uma intoxicação pelos saes de cal.

Elle começou verificando a acção do leite de vacca sobre a tetania e si bem que não sejam, em todos os pontos, demonstrativas as doze operações por elle effectuadas, não deixam, por isso, de confirmar os factos signalados por Finkelstein. Pôde, por sua vez, verificar que o leite administrado a um menino doente de tetania, franca ou latente, provocava, nitidamente, uma exaggeração de todos os symptomas dessa espasmophilia, os quaes desappareciam ou se attenuavam de maneira notavel quando se supprimia o leite ou quando este era substituido pelo leite de mulher ou por farinaceos.

Por outro lado, como o serum do leite de vacca age exactamente como o leite natural, Stoeltzner administrou aos seus doentinhos, sob uma fórmula pharmaceutica, os saes que se acham no lacto-serum.

Essas experiencias deram resultados precisos. O phosphato de soda, o lactato de ferro, o acetato de potassa, o chlorureto de sodio, a magnesia, administrados aostetanicos, cuja espasmophilia desapparece depois da suppressão do leite de vacca, nenhuma acção manifestam. Mas bastava dar áquelles meninos uma pequena quantidade de um sal de cal, para que reapparecessem a tetania e, em um caso desse genero, com tamanha intensidade, que o menino escapou de morrer em accesso de espasmo da glotte.

Esses factos, essa acção particular do leite de vacca e dos saes de cal levaram Soeltznera estabelecr a hypothese de ser a tetania uma intoxicação pelos saes de cal.

E' muito suggestiva a defeza dessa hypothese. Infelizmente os factos citados em apoio della sómente constituem argumentos por analogia.

Elle observou que, em relação aos saes de cal, a mucosa intestinal exerce a dupla funcção de absorver e de eliminar. Encerrando o leite de vacca cinco vezes mais cal do que o de mulher, conclúe-se que, ua creança alimentada pela mamadeira, a mucosa intestinal se submette a um verdadeiro excesso como emunctorio dos saes de cal. Si, como se dá muita vez, o menino alimentado com leite de vacca se torna rechitico, não sómente elle não utiliza a cal absorvida, como a descalsificação de seus ossos faz ainda passar pela referida mucosa uma nova quantidade daquelles saes. E', portanto, possivel que, nessas condições, o intestino, *ad instar* dos outros orgãos, se torne funccionalmente insufficiente como emunctorio e que essa insufficiencia tenha como resultado uma retenção no organismo.

Como verdadeira idiosyncrasia, ella explicaria como a retenção dos saes de cal se póde encontrar excepcionalmente nas creanças alimentadas ao seio, nas quaes é a tetania, como se sabe, muito rara.

Como disposição de familia, ella explicaria a apparição da molestia em diversos membros da mesma familia. E si se admittir que ella póde persistir depois da cura do rachitismo, se lhe encontra a origem, nos adultos como nos meninos que não se nutrem com o leite de vacca.

Quanto á acção espasmogenea, ella decorre das experiencias citadas.

Nessa ordem de idéas, Stoeltzner cita ainda varios factos tirados da physiologia. Assim, um musculo de rã posto com os seus nervos numa solução physiologica de chlorureto de sodio, perde a sua excitabilidade electrica no fim de duas horas. Si, nesse momento, se ajuntar a solução 0,002 % de $CaCl_2$, a excitabilidade reapparece no espaço de cinco minutos. Da mesma maneira, as contracções de um coração isolado não pódem ser mantidas pela circulação artificial, si a solução empregada não contiver peqnena quantidade de saes de cal.

Resta saber si, nos tetanicos, os tecidos e os humores encerram, effectivamente, elevada proporção desses saes, mas o uotavel professor Stoeltzener, sobre este pouto, se limitou a invocar a attenção dos interessados na questão.

***

O veneno da fadiga — Uma nova molestia descoberta — Experiencias curiosas com cobaias — A antitoxina.

E' uma doutrina geralmente acceita pelos physiologistas que a pessôa fatigada está intoxicada pelo abatimento resultante da actividade muscular, pelos venenos devidos a exercicios exaggerados.

Segundo um allemão, o sr. Weichardt, o veneno da fadiga seria uma toxina definida, comparavel á que produz a diphteria. Mas, si ha uma toxina, deve haver tambem, forçosamente, uma antitoxina correspondente, capaz de neutralizar os effeitos perniciosos daquella. E esta antitoxina existiria entre os athletas, o que lhes permittiria sentir menos que os outros homens os resultados da fadiga.

E' uma noção muito outra da que corre geralmente. O sr. Weichardt já a submetteu ás provas; fazendo trabalhar umas cobaias, forçando os pobres bichos a fazerem esforços consi-

deraveis e, logo depois, os matando, elle extraíu o succo muscular e verificou que, depois de ter retirado desse succo os productos de desassimilação, causa presumida da fadiga, segundo a theoria conhecida, ficava, no emtanto, alguma coisa, uma substancia que era egual á maior parte da toxina.

O sr. Weichardt experimentou esse residuo e viu que, injectando-o nontros animaes, estes, muito pouco tempo depois, se apresentam fatigados, sem energia, num esmorecimento, e morrem, si a dóse inoculada é relativamente grande. Esse residuo é muito sensivel á acção do calor, que o destróe facilmente.

Esta toxina, como todas as outras, em geral, desenvolve uma antitoxina: injectada no cavallo, ella cresce e fórma um anticorpo que neutraliza a acção má da toxina. E si fizessem o mesmo com os athletas? Até agóra ainda não foi experimentada, mas, si no cavallo tem esse bom effeito, poderia ser utilizada, com muito successo, no homem, para combater a fadiga terrivel. A questão é digna dum estudo aprofundado.

NOVO CHRISTO

Qual novo Christo, sou crucificado em vida
No infamante madeiro onde a minha Alma, absorta,
Vem gemer de saudade uma esperança morta,
Vem chorar sem consolo uma illusão perdida.

E sangrem minhas mãos e meu rosto. Que importa
Si, pregado a essa cruz e a cabeça pendida,
Tenho sempre a soffrer a dôr dessa ferida
Que meu corpo tortura e em nada me conforta?

Tenho o fogo do inferno a queimar-me de séde,
E a pura lympha a bocca a escancarar-se pede
Para talvez matar meu ultimo desejo...

E qual si um novo Christo eu fôsse para a lenda,
Sinto na Hora Final, sem que nada comprehenda,
Que vertes no meu labio o agro fel de teu beijo!

Recife — 1906.

ADALBERTO PEREGRINO.

RECEBEMOS:

Revista Escolar, num. 1, setembro. Esta publicação, mantida e redigida pelos professores e officiaes do Collegio Militar, é mais um resultado excellente da brilhante organisação desse estabelecimento de ensino.

Estamos acostumados a considerar esse internato, e comnosco todos os que se interessam pelo progresso do ensino nacional, como um nucleo de trabalhadores, tão estudiosos quanto modestos. Por isso, não nos surprehende que uma publicação feita com a sua responsabilidade tenha o cunho de bom gosto artistico e seriedade scientifica que se nos depara na *Revista Escolar*.

A unidade e harmonia do ensino é um dos pontos principaes do programma da novel revista; mas, naturalmente, é olhado com carinho particular o desenvolvimento physico e moral dos alumnos do nosso querido Collegio. Não se deve extranhar, portanto, que essa revista, dedicada aos interesses geraes do ensino, occupe paginas com illustrações, por signal finamente acabadas, que reproduzem aspectos e scenas da vida intima daquella casa de educação e consagre artigos e poesias ao enobrecimento do caracter dos pequenos brazileiros entregues á sua tutela.

A *Revista Escolar* destaca-se absolutamente das nossas publicações congeneres, não só pelo cuidado material que revela como pela excellente redacção. Isso, porém, é pouco. Os professores do Collegio Militar, auxiliados, como são nessa empreza, por espiritos competentes, extranhos ao estabelecimento, e tendo o apoio do commandante Campos, pódem transformar a presente tentativa em uma revista de estudos didacticos ao nivel da civilisação nacional.

— *A Epoca* — Os alumnos da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes teem publicado com pontualidade a sua interessante revista, na qual mestres e alumnos commungam em um mesmo solicito amor aos estudos da sciencia juridica.

O seu director, o sr. Paz de Oliveira, conseguiu reunir um grupo sympathico de collaboradores, entre os quaes avulta a penna illustre do sr. Sylvio Roméro e os nomes prestigiados dos srs. Lima Drummond, Inglez de Souza, Bulhões Carvalho, além dos academicos srs. Edgard Roméro, um poeta que começa com brilho, Abrahão Ribeiro, Hermeto Lima, Jonathas Serrano e outros.

— «*Execuções* das sentenças estrangeiras no Brazil», por Samuel Martins, juiz de direito; Recife, 1906.

— «*Pela* Marinha», por Armando Burlamaqui, capitão-tenente da Armada. Trata-se de uma collecção de artigos publicados no *Jornal do Commercio* durante o anno de 1903, em que o auctor esteve na Europa a se aperfeiçoar nas diversas especialidades da sua profissão. E' uma recommendação para o livro o nome do seu auctor, um dos mais operosos entre os poucos officiaes manheiros que, entre nós, escrevem de coisas do seu officio.

— *Revista Escolar*, num. 9, anno III. Publica-se na Fortaleza, Ceará, e é orgão do Instituto de Humanidade, um bom estabelecimento de ensino dirigido pelo sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Vendem-se collecções dos «Annoes», ricamente encadernadas do primeiro tri-de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

1º Turno

Resultado actual:

W. B. Hentz.....	6	(falta 1)
Henrique Costa.....	5	(falta 1)
Annibal Pereira.....	5	
Barten Allen.....	2	(faltam 2)
Tito de Sá.....	2	(faltam 2)
Q. Bocayuva Junior.....	1	(faltam 4)
V. Ouro Preto.....	1 2	(faltam 2)
Augusto Loup.....	1 2	

Como se vê, vão se verificando as nossas previsões. De facto, o torneio se realiza apenas entre os tres primeiros.

Póde-se assegurar que o 1º turno, e mesmo um 3º e um 4º, não alterarla esse resultado, salvo si o sr. Bocayuva quizesse tomar o caso a sério. Mas consta que, para não se incommodar, elle só disputa o 4º logar. E' de philosopho...

***

ZUKERTORT

— Zukertort, de quem publicamos hoje a celebre e estupenda partida contra Blackburne, triumphou na sua epocha com um brilho incomparavel, eclipsando todos os mestres mundiaes. Em 1882, o campeão Steinitz, molestado com as criticas que o grande jogador fez em uma revista de xadrez a proposito de analyse de partidas, desafiou-o, e juntamente a L. Hoffer, para um *match* em que os dois jogariam em consulta contra elle Steinitz. Era um desafio orgulhoso. Zukertort respondeu-lhe que acceitava, elle só, e que propunha a aposta de 100 ou 200 libras sterlinas. Estavam as coisas neste pé, quando o torneio internacional de Vienna veio interromper o projectado combate. Neste torneio Zukertort bateu Steinitz, que jogou contra elle o gambito Kiezeritski, mas Steinitz conquistou, juntamente com Winawer, o primeiro logar.

No anno seguinte, 1883, em Londres, um novo torneio internacional realizou-se, com 14 concurrentes, e entre elles, Zukertort, Steinitz, Blackburne, etc.

O triumpho de Zukertort foi estrondoso: conquistou o 1º premio com 22 partidas ganhas, vindo em segundo logar Steinitz com 19, Blackburne com 16 1 2 e Tschigorine com 16.

Em 33 partidas jogadas, Zukertort perdeu apenas 4. Foi ahi que elle jogou contra Blackburne a partida que, de entre todas, o immortalizou. Logo depois, Steinitz desafiou-o para um *match*, que ainda dessa vez não se pôde realizar.

Só em 1886 se deu o encontro decisivo entre os dois colossos. Durante mezes, a lucta entre os dois formidaveis campeões trouxe todo o mundo enxadristico numa enorme anciedade. Finalmente a victoria coube a Steinitz, que em 20 partidas ganhou 10, perdeu 5 e empatou 4. O desgosto

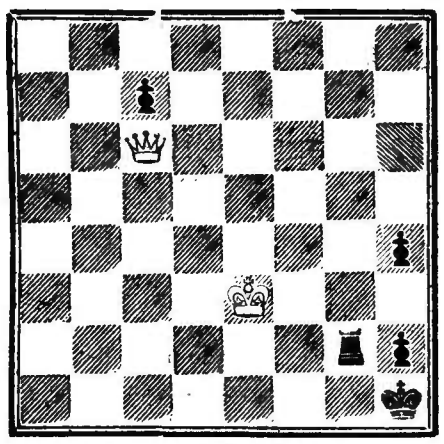
de Zukertort foi tão profundo que, dahi por deante, a sua vida enxadristica foi quasi uma série de desastres, em *matchs* e torneios. Em 1888 a sua estrella como que se ia reanimando. Entrára em um torneio *handicap*, em que o seu triumpho já parecia certo, quando, durante uma partida, foi acommettido de uma hemorrhagia cerebral, que o matou no dia seguinte. Morreu aos 46 annos, tendo nascido no dia 7 de setembro de 1842, o mesmo dia do anniversario de Philidor.

***

PROBLEMA N. 66

A. G. Corrias

PRETAS (5)



BRANCAS (2)

Mate em tres lances

***

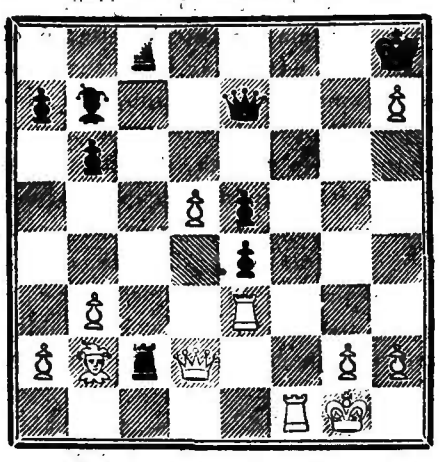
PARTIDA N. 72

(Jogada no torneio maior de Londres a 5 de maio de 1883)

PARTIDA INGLEZA

Brancas (Zukertort)		*Pretas* (Blackburne)
P 4 B D	— 1 —	P 3 R
P 3 R	— 2 —	C 3 B R
C 3 B R	— 3 —	P 3 C D
B 2 R	— 4 —	B 2 C D
Roque (*a*)	— 5 —	P 4 D
P 4 D	— 6 —	B 3 D (*b*)
C 3 B D	— 7 —	Roque
P 3 C D	— 8 —	C D 2 D (*c*)
B 2 C D	— 9 —	D 2 R (*d*)
C 5 C D	— 10 —	C 5 R
C × B	— 11 —	P × C
C 2 D	— 12 —	C D 3 B R (*e*)
P 3 B R	— 13 —	C × C
D × C	— 14 —	P × P (*f*)
B × P (*g*)	— 15 —	P 4 D
B 3 D	— 16 —	T R 1 B D (*h*)
T D 1 R (*i*)	— 17 —	T 2 B D (*)
P 4 R	— 18 —	T D 1 B D (*j*)
P 5 R (**)	— 19 —	C 1 R
P 4 B R	— 20 —	P 3 C R
T 3 R (*k*)	— 21 —	P 4 B R (*l*)
P × P e. p.	— 22 —	C × P (*m*)
P 5 B R	— 23 —	C 5 R (*n*)
B × C	— 24 —	P × B
P × P C (*o*)	— 25 —	T 7 B D (*p*)
P × P x	— 26 —	R 1 T
P 5 D x, d.	— 27 —	P 4 R

Depois do 27º lance das Pretas



D 4 C D ! ! (*q*)	— 28 —	T D 4 B D (*r*)
T 8 B R x ! (*s*)	— 29 —	R × P
D × P x	— 30 —	R 2 C
B × P x ! (*t*)	— 31 —	R × T
B 7 C x !	— 32 —	R 1 C
D × D	— 33 —	abandonam

(*a*) Esta abertura é jogada segundo os principios reconhecidos e acceitos das partidas fechadas. O P D não deve ser jogado antes do roque, porque o adversario ganharia um tempo por B 5 C x e dobraria talvez o P B D das Brancas (Hoffer).

(*b*) Zukertort recommenda B 2 R, sobretudo quando o 1º jogador já jogou o seu B na casa correspondente (Steinitz).

(*c*) P 4 B D seguido de C 3 B é a maneira de se desenvolver considerada geralmente melhor (Steinitz).

(*d*) Era ainda preferivel jogar P 4 B D (Steinitz).

Este lance permitte ás Brancas trocar uma peça quasi sem acção por uma muito activa, mas é provavel que esta manobra tenha sido adoptada pelas Pretas para obter uma abertura ás suas torres (Hoffer).

(*e*) Era melhor jogar C × C, seguido de P 4 B R (Steinitz).

(*f*) P 4 R teria offerecido mais probabilidades de quebrar o centro adverso e de desenvolver a sua posição. (Steinitz).

(*g*) Melhor que P × P, porque as Pretas teriam dirigido todo o ataque sobre esse pião fraco e teriam ficado com dois piões contra um do lado da Dama (Hoffer).

(*h*) Blackburne continúa tranquillamente sua tactica de dirigir seus esforços para o lado da Dama. O seguimento da partida demonstra que elle está errado, mas deve-se reconhecer que era bem difficil prever o lado fraco da sua posição durante este periodo da partida (Hoffer).

(*i*) Excellente lance; as Brancas desdenham a ameaça do dobramento das torres sobre a columna do B D, que nenhum mal lhes póde causar e preparam o ataque sobre o centro (Steinitz).

(*j*) A posição destas duas torres, que parece formidavel, é, em verdade, importante por causa da posição do B branco a 3 D (Hoffer).

(*k*) Aqui de facto começa a combinação de Zukertort; ameaça T 3 T, P 5 B e D 6 T (Hoffer).

(*l*) Talvez fôsse melhor C 2 C. O lance do texto é máu. Blackburne quiz sem duvida tirar partido da posição, que parece tão forte, de suas torres, o que não podia ser obtido sinão expulsando o B da casa 3 D, mas o jogo de Zukertort não lhe dá tempo para isso e logo começa a éra das difficuldades (Hoffer).

(*m*) Um erro; D × P seguido de C 2 C não teria deixado senão uma ligeira vantagem ás Brancas (Hoffer e Steinitz).

(*n*) Forçado agóra para evitar a perda de um pião (Steinitz).

(*o*) Inicio de uma muito grande e admiravel concepção (Steinitz).

(*p*) Lance que parece muito natural na posição actual. A bella e extraordinaria maneira, pela qual as Pretas succumbem, excusa Blackburne de qualquer falta. O lance correcto era P × P, o qual, entretanto, á resposta T 3 C ou T 3 T teria deixado as Pretas com uma partida inferior. (Steinitz).

Agóra que as Pretas chegaram a fazer penetrar sua T no jogo, é tarde demais, não pódem tirar della nenhum proveito. Examinámos B 4 D para impedir o B D adverso de se desenvolver, mas achamos egualmente insufficiente

	— 25 —	B 4 D
P × P x	— 26 —	R 1 T
T 3 C	— 27 —	D 5 T
D 2 B R	— 28 —	T 2 C R
B 1 B	— 29 —	T × T
P × T	— 30 —	D × P
B 4 B	— 31 —	etc. (Hoffer)

(*q*) Lance magnifico e decisivo (Steinitz).

(*r*) Se D × D, as Brancas dão mate em sete lances:

	— 28 —	D × D
B × P x	— 29 —	R × P
T 3 T x	— 30 —	R 3 C mlh.
T 6 B x	— 31 —	R 4 C
T 3 C x	— 32 —	R 4 T
T 5 B x	— 33 —	R 3 T
B 4 B x	— 34 —	

e mate no lance seguinte (Hoffer e Steinitz).

(*s*) Os lances precedentes e este formam uma das mais altas combinações que já se tenham feito defronte de um taboleiro de xadrez (Steinitz).

Não sabemos como exprimir a nossa admiração pelo grande estylo com que Zukertort conduziu esta partida. Não esqueceremos nunca a surpreza dos espectadores, quando viram que, offerecendo a Dama, as Brancas mudavam subitamente uma partida, que parecia perdida, em uma brilhante victoria; e foi preciso todo o tacto que caracteriza uma assembléa de *gentlemen* inglezes, para que não testemunhassem seus sentimentos por meio de applausos ruidosos. Nunca se jogou uma partida mais bella; contra um mestre consummado como Blackburne, o facto ainda eleva mais o merito de Zukertort (Hoffer).

(*t*) Digno fim de uma das mais brilhantes partidas que conhecemos (Steinitz).

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 65 (*A. G. Corrias*): 1 — P 6 C D, P × P (*a*, *b*, *c*); 2 — D 6 D, ?; 3 — D mate.

(*a*) 1... P 3 T D; 2 — D 7 R, ?; 3 — D mate.

(*b*) 1... T × P; 2 — D 1 T D, ?; 3 — D × P mate.

(*c*) 1... Outro lance; 2 — D 6 B D x, ?; 3 — D ou P mate.

JOSÉ GETULIO.

(*) Estes lances fôram jogados durante a primeira hora.

(**) Idem.

ANNO III — Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1906 — Num. 101

ASSIGNATURAS
ANNO.... .... 20$000
SEMESTRE..... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A Caixa de Conversão.—Cautelosa exploração de atmosphera da opinião publica. — Os chefes retraídos. — A sorte do «blóco».

A Caixa de Conversão está-se transformando numa caixinha de surprezas. Parece que muito de industria se prolongou a brilhante discussão dessa extraordinaria medida financeira na Camara, para que ella surjisse do concurso de todas as opiniões num debate vasto, franco, luminoso, que esclareça a atmosphera de receios que já tem occasionado graves prejuisos á nação.

O proprio sr. David Campista parece esmorecido na solicita defeza desse projecto que lhe saíu das entranhas fecundas, tem agido discretamente, sem enthusiasmo, sem precipitações, sem aquellas ornamentações de fino humor que constitúem o encanto da sua palavra primorosa.

Dando exemplo de uma tolerancia digna de imitação, quando se trata de questões que tão fundamente interessam o couro e o cabello dos contribuintes, evitando os effeitos degradantes da funesta asphyxia das «rolhas», ordinariamente o mais efficaz instrumento de convicção das intransigencias partidarias, s. ex. tornou-se merecedor de louvores, mesmo dos mais ardentes adversarios das suas idéas.

Considerando pelo aspecto mais seguro a attitude do estimavel conversador, predestinado a grande destaque no Governo do qual nos separam apenas cinco semanas, não seria temerario, nem muito oratorio, affirmar que s. ex. figura um Santos Dumont do sr. Affonso Penna, ensaiando na atmosphera incerta da opinião publica um balão, cujas linhas não estão precizamente de accordo com as linhas geraes do plano politico do proximo presidente da Republica.

Quando dizemos que se trata de opinião publica é sufficientemente intuitivo que não nos referimos á opinião da Camara, que chegou á perfeição de não se dar ao incommodo de estudar as graves questões da politica, tanto se afez ás imposições da disciplina partidaria: referimo-nos á opinião que ouza ainda externar convicções que representam a defeza natural e patriotica dos mais authenticos interesses nacionaes.

A Camara é o «blóco» e a Caixa de Conversão é um compromisso desse producto pezado da Colligação.

Os resultados da experiencia fôram negativos e mais se aggravaram com as emendas que alteravam profundamente, essencialmente, a primitiva contextura do projecto, desde que se pretende atirar nessa Caixa, especie de bocca de abysmo, os fundos de resgate e garantia accumulados a preço de alcavalas violentas impostas ao patriotismo resignado do povo, como demonstrou, num discurso memoravel, o eminente sr. Alcindo Guanabara. Os resultados da experiencia, signalados pelo panico depressivo de todos os valores que representam a prosperidade do credito nacional, parece serem bastante eloquentes para commover um estadista, estreme de paixão pelas suas idéas, empenhado de bôa fé num projecto, cujas consequencias se pódem prever, sem esforço, pelos males já occasionados, pelos sustos copiosamente justificados quando elle está passando pelo processo de elaboração.

Não será extraordinario actuar, com alguma efficacia nem movimento de panico, a especulação sedenta de pretextos para as suas operações mercantis; não será inverosimil attribuir a divergencias de opiniões, no campo da politica, a vehemencia da reacção dos elementos conservadores, tão prevenidos contra as innovações precipitadas, por desgraça nossa tão frequentes, em todos os ramos da administração dos negocios do Estado nestes dezeseis annos de regimen republicano. Assim, é natural o receio proveniente do facto de desorganizarmos um apparelho financeiro de resultados propicios quando elle não produziu ainda os effeitos de sua instituição, como acontece com os fundos de conversão e de resgate. E esse receio, essas preoccupações engrossam em previsão de um desastre em que aquelles preciosos fundos vão ser aventurados na voragem do aleatorio, das incertezas do cambio que se pretende fixar. Mas não ha duvida que esse sopro de terror surgiu de motivos de evidencia incontestavel; os propugnadores do projecto percebem nitidamente essa pavorosa verdade e isto explica a relativa calma, a discrecção observadas na marcha do debate.

E' curioso que, neste momento veramente solemne, haja certo retraimento nos chefes responsaveis pela constituição do «blóco», nesse momento melindroso em que elles deveriam estar em campo, á frente de suas legiões obedientes, disciplinadas. O intransigente chefe da Colligação foge para Poços de Caldas em busca de allivio ás suas perturbações gastro-intestinaes; outro chefe, ligado por fortes compromissos de palavra á sorte do omnipotente partido, organisado para servir de

guarda de honra, de guarda de vigilancia do sr. Affonso Penna, está na moita, aguardando numa attitude de sphynge os acontecimentos; outros próceres evitam o perigo de pronunciamentos decisivos, como si hesitassem na imminencia da extrema resolução de debandada.

E dessa sombria situação de duvidas dedúz-se um progressivo amollecimento da argamassa do «blóco», destinada a passar, como poderoso instrumento nivelador, sobre todos os obstaculos, todas as resistencias, todas as convicções. E sente-se a impressão de que a formidavel massa, desamparada dos espeques, váe deslizando pelo declive cavado pelas idéas até se precipitar anniquilada como as coisas absurdas. Affirma-se mesmo que a campanha ao sr. Seabra será o derradeiro trabalho, o ultimo da série de violencias perpetradas no reconhecimento de poderes dos membros da actual legislatura.

A verdade, a dolorosa verdade incontestavel é que, emquanto os politicos profissionaes brincam com fogo, estão ardendo os mais importantes interesses nacionaes.

Predispostos por indole, por sympathia ao mestre da Caixa de Conversão, a formar o nosso criterio com as hypotheses mais favoraveis, não hesitaremos em affirmar que os resultados das experiencias influirá poderosamente na modificação das linhas essenciaes do balão de ensaio. O sr. David Campista está procedendo como amigo do sr. Affonso Penna: explora solicitamente a atmosphera para que elle não seja surprehendido por temerosa tempestade nos primeiros passos do seu governo.

Si o balão estourar, si encontrar no percurso os obstaculos apparelhados pelos amigos, a obstrucção de que já deram noticias veladas os jornaes melhor informados, o illustre parlamentar mineiro reformará habilmente o seu plano, ou mudará a direcção e o objectivo dos seus admiraveis esforços, talvez com sacrificio de aspirações muito legitimas, prestando, todavia, um inestimavel serviço de guarda-avançada do seu grande amigo.

* * *

A «Noticia», com a delicadeza habitual, borboleteou sobre este melindroso assumpto, fazendo um suave reparo á attitude do sr. Affonso Penna ante os effeitos preliminares do projecto. Accentuou, como haviamos feito, que o futuro chefe da nação não viesse ao encontro da anciedade com que a opinião espera a sua palavra tranquillisadora neste momento de crise.

S. ex. espera a opportunidade para falar, convicto de que a opportunidade é a mais segura garantia de exito.

POJUCAN.

A POLICIA SECRETA

Si a policia, revestida de feição militar, não corresponde, como a largos traços accentuámos, ao papel que lhe incumbe desempenhar na sociedade, todavia aquella feição prejudicialissima e grotesca não é o mal unico, nem o maior, a exigir prompto remedio.

Ao lado da policia de sabre e Comblain, chefiada como si fôra exclusivamente um corpo de exercito, exigindo vasto contingente de officiaes e numeroso pessoal subalterno adstricto ao serviço premente dos quarteis e da militança, como sejam as bandas de musica que, só ellas, exigem numero excessivo de figuras, acarretando assim, um e outro factor, enorme desvio no contingente do serviço de ronda e policiamento; ao lado dessa policia, ha muitos outros elementos que, pezando enormemente nos orçamentos, tambem não correspondem a seus fins primordiaes e se acham feridos nas fontes da vida, inuteis e até perniciosos ás successivas administrações. Um delles, o que mais caracteriza o baixo nivel da organisação policial, é o Corpo de Agentes da Segurança Publica, que, geralmente, se conhece, pela denominação de Policia Secreta. De secreta esta parte da policia só tem o rotulo.

Os seus agentes de mais renome são conhecidissimos de todos os habitantes da cidade; é possivel que os homens bons não os conheçam bem, mas entre muitas pessôas reunidas em qualquer ponto, um individuo, medianamente perspicaz, destacará, a simples vista, o cafageste da Policia Secreta.

E, para dar mostra mais original do que vale e do que póde produzir a Policia Secreta, basta accrescentar que não ha malandro, não ha freguez do Codigo Penal, principalmente os que frequentam as paragens abominaveis do lenocinio, da moéda falsa, do furto, do roubo, do estellionato, do jogo, das extorsões e da vadiagem, no que esta ultima tem de mais repulsivo, que não mantenha com agentes, ligados, muita vez, áquelles criminosos, nas suas origens, por velhas tradições de companheirismo, as mais intimas relações.

Assim, pois, nada se póde esperar de quem, devendo agir nas trévas, silenciosamente, sob impenetravel sigillo, é, todavia, apontado a dedo, conhecido ás leguas, pelos individuos suspeitos á sociedade, cujos precedentes máus exigem constante vigilancia imperceptivel.

Já houve chefe de policia, dos que por mais largo tempo transitaram pelos casarões xypophagos da rua do Lavradio, que, uzando da mais nobre franqueza, sabe Deus com quanta magua, pintou com vivas côres o quadro negro da Policia Secreta no Rio de Janeiro. Dada a natureza da sua investidura official, o seu tirocinio na policia, um dos mais tormentosos nos dois regimens, as suas palavras valem como um auto de flagrante e supprem, com vantagem, qualquer analyse ou investigação sobre a espionagem secreta.

Não será máu reproduzir aqui as suas palavras:

«Nessa dependencia da policia tudo se acha ainda num estado rudimentar grandemente prejudicial ao serviço. A entidade — agente de policia — isto é, o funccionario de esmerada educação profissional, habilitado ao desempenho de qualquer diligencia, sabendo averiguar um facto, descobrir um crime, colher uma informação, effectuar a captura de um delinquente, seguir os passos de uma pessôa suspeita, não existe, por emquanto, na policia do Rio de Janeiro.

O que em regra possuimos a esse respeito é o typo quasi classico do serventuario inhabil e desazado, compromettendo tudo, desacreditando a cada instante a administração, fazendo consistir na grosseria da força physica e dos máus modos o seu melhor predicado, e dando assim a falsa idéa da existencia de especie de guarda negra, sempre incumbida de missões sinistras e como que eternamente preoccupada em se exhibir, de modo ruidoso, com sacrificio total do seu caracter reservado e secreto.»

E' de presumir que já julgasse o auctor das citadas linhas sufficientemente attingido o alvo a que se propunha quando quiz, em linguagem corrente, e com aquellas palavras verdadeiras e vigorosas, retratar o departamento da policia, que, pelo arduo mistér de suas funcções, devia de estar no primeiro plano; no emtanto, não se conteve, e accrescentou:

«Longos annos de desacertos e pouco caso fôram imprimindo a essa corporação um aspecto quasi ridiculo, e, além do mais, inquestionavelmente odioso, que preciza desapparecer quanto antes, *para honra e moralidade da policia*. Não quer isto dizer que deixem de existir entre os agentes de hoje *alguns* homens de bôa conducta...»

Entre os serviçaes secretos ha, pois, no dizer da elevada auctoridade, *alguns de bôa conducta*; esta expressão patenteia quão insignificante é o contingente dos que se conduzem com certa regularidade *«não compromettendo a honra e a moralidade da policia»*, sem possuirem, aliás, as qualidades requeridas para o verdadeiro agente, porque este, já o disse o ex-chefe da segurança publica, *«não existe, por emquanto, no Rio de Janeiro.»*

Mas já transpuzera o magistrado os limites da franqueza e, sentindo o pezo da verdade, tão grande quanto o das provas durissimas a que submetteu o seu digno nome acceitando um posto que, em face da actual organisação e dos processos carcomidos e carunchosos, ainda em vigor, é dos que exigem maiores sacrificios, terminou da seguinte maneira:

«Precizamos ter agentes que não sejam conhecidos de todo mundo, que se saibam conduzir com reserva e criterio, que tenham argucia, e preparo, que não ignorem as regras do retrato falado e possam não só descrever um typo de accordo com o que a sciencia e a arte da identificação humana prescrevem, como descobrir por esses dados uma pessôa qualquer, cuja captura se torne necessaria.»

Composto de maneira tão desastrosa, o corpo de agentes é a mais intoleravel das instituições policiaes de que dispomos presentemente.

Educal-os é tarefa impossivel. Primeiro, porque não reunem os requisitos mais rudimentares para receberem a educação profissional. Segundo, porque não ha meios para corrigil-os, não dispondo a policia, nesse sentido, de elemento algum. Os secretas são conhecidissimos pelos nomes e por alcunhas expressivas; entre os de mais fama se contam ignorantes de marca, incapazes de proferirem duas palavras com acerto.

Em virtude de tudo quanto vimos expondo, póde-se avaliar sob que apprehensões terriveis vivem as auctoridades superiores da policia, sabendo que, num caso difficil, o seu ponto de apoio é aquella monstruosidade insanavel, eriçada de vicios, ostentando incapacidade céga, facilmente vulneravel aos golpes de vulgares trampolineiros.

A missão, sobretudo, do chefe de policia é das mais arduas e escabrosas. Emqnanto hoje os generalissimos dos maiores exercitos dirigem formidaveis batalhas recolhidos, serenamente, ás suas tendas, o chefe de policia, no Districto Federal, tem que chamar a si, numa emergencia mais séria, a direcção das mais insignificantes diligencias, e, ao saber de qualquer attentado á propriedade, por exemplo, não poderá, como Moltke ao ser ser informado da guerra com a França, indicar a gaveta onde estavam os planos da campanha contra o inimigo, e adormecer em seguida. Não, elle tem que ser o primeiro a se mover na lucta contra o malfeitor. E a constancia destas occupações absorventes é a causa, o motivo unico talvez, de não terem tempo para destruír, si não reorganisar e melhorar, serviços desmoralisados, como o da espionagem secreta.

Por isto mesmo, a população viu que esforços sobrehumanos fôram empregados nas diligencias para se descobrirem os auctores do ultimo roubo na Casa da Moéda.

A policia, naquella emergencia, operou com precisão notavel, recolheu os mais evidentes elementos de prova contra os accusados, mas o chefe de policia não teve tregoas, e póde-se dizer que seus auxiliares, posteriormente inspirados num desejo são, se colligaram para vencer a astucia perversa. Si, porém, a vigilancia secreta não constituisse um mytho, a pratica daquelle roubo, *de que ella teve aviso*, não se teria levado a effeito.

Aliás, por falarmos em segredos, convém assignalar que nenhuma corporação tem os movimentos tão estudados e perceptiveis como a policia. O telephono parece que devia de constituir uma grande vantagem para o serviço da policia, mas num caso appetecido pela curiosidade publica, seria verdadeira temeridade uzar delle: a reportagem ouve o que se fala do gabinete do chefe; pessôas que nenhuma relação mantêm com a repartição da rua do Lavradio, francamente se utilizam daquelle apparelho e, ás vezes, numa linha atravessada, váe o segredo pnetrando no ouvido do curioso, si não do interessado principal.

Mas este ponto ficará melhor analysado quando indicarmos os elementos de acção prompta e decisiva de que carece a policia. Este e outros pontos não pódem deixar de constitnir objecto de promptas providencias immediatas.

Passando, pois, em revista os monstrengos que compõem a nossa desvalida policia, já nos coube opportunidade de vêr a que dois delles — *a policia militar* e *a policia secreta*, se redu-

zem ; constitúem mais um desserviço á população e garantem melhor a impunidade dos malfeitores do que se prestam a seus verdadeiros fins.

Mas o cortejo é interminavel e iremos por deante.

BENTO DA GAMA.

O UIRAPURU' (5)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

IX

Na vespera da caçada promettida ao futuro primo, Placido, tanto que terminou o jantar, entrou a preparar as armas, duas magnificas espingardas inglezas, adquiridas de um naturalista norte-americano que explorava em Marajó o commercio de pennas de garças trocando-as por armas de caça ; ordenou ao Tiburcio, filho mais novo de Severa, que escolhesse quatro cães goyanenses de veado e dois de pacas e partisse com o Gregorio, o irmão mais velho, pela madrugada com o *balaio* de provisões, esperando-os numa tapéra da estrada de Una, ponto favorito dos caçadores que penetravam a matta pela estrada de Bragança.

Placido acabava de encher as cartucheiras e limpar as botas de campo, quando o surprehendeu o tilintar da campainha do portão da rocinha e, pouco depois, surdiu na sala de jantar o futuro primo Joannico, trajando calção e blusa de flanella azul, polainas de vaqueta, tendo na cabeça um grande chapéo de feltro cinzento. Antes de ser interrogado por Placido do motivo daquella agradavel surpreza, elle explicou-se amavelmente :

— Considerando que deviam partir pela madrugada, achára mais prudente vir pedir ao primo um cantinho para passar a noite. Evitava assim incommodar as senhoras, arriscando-se a ficar na cama até dia claro. Affonsina concordou commigo e ficou muito satisfeita quando lhe communiquei este projecto... Ella deseja que sejamos bons amigos.

— Eu é que estou em falta — murmurou Placido, embaraçado — Tenho estado estes dias assoberbado de trabalho..

— Já sei, já sei. Arrufos !... Para compensar-te da minha desagradavel companhia, trago-te uma perfumada epistola que ella me deu a honra de confiar.

Placido tomou a carta com mão tremula : era, sem duvida, um *ultimatum* para explicação da sua ausencia.

— Mas... antes de tudo — continuou Joannico, dirigindo-se a Severa, que apparecera estremunhada — ha alguma coisa que se coma ?. . Oh, Placido, você perdôa-me estas semcerimonias ? Sim ?...

— Ora essa ! — retorquiu Placido — Estamos ainda em casa de rapaz...

— Incomparavel amigo !... Quando considero o teu espirito de ordem, nesta casa tão limpa, tão cheirosa, quando penso nesta vivenda de conego, tão santa e descançada, chego a pensar que não devias cazar.. Nada se compara a isto, um cumulo de conforto e liberdade. E' verdade que só falta aqui uma mulhersinha, que seria facil obter sem compromissos. Essa historia de casamento é uma grande estopada ! Oh, Placido, tu és um homem de coragem...

E atacava com admiravel appetite uns frios do jantar, que a Severa collocára sobre a meza.

— Que deliciosa fritada !... Oh, *nhá* Severa, isto está um primor mas não vejo coisa que se pareça com vinho.

Severa encheu-lhe o copo ao passo que Placido se afastava para a outra extremidade da meza.

— Basta, idéal mulata velha ! — bradou Joannico — A pinga é de primeirissima, mas já não tenho a cabeça muito para que digamos..

A carta dizia :

«*Meu querido noivo*. — Primeiro que tudo, estimarei que a sua ausencia não fôsse por motivo de molestia. Mamãe ficou muito preoccupada com isso e eu muito triste. Tres dias sem ver o meu futuro maridinho !... Os homens não avaliam quanto nos dóem essas ausencias, teem negocios, coisas sérias que os distráem. Nós, mulheres, não dispomos dos mesmos recursos para esquecer ou matar horas que parecem infinitas. Eu não o censuro. Você tem muito juizo, sabe muito bem o que faz, é senhor de suas acções, mas não me posso resignar a esses deveres e obrigações que me horrorizam roubando-me o pensamento e a presença do noivo.

Quem sabe si não fez isso para castigar-me ?... Estará zangado commigo ?. Porque me fez soffrer durante essas tres noites maldictas ? Não me accuza a consciencia a menor falta.

Quando voltar da caçada, venha jantar comnosco.

Mamãe diz-me que não me amofine, que sou uma tola, que todos os homens fazem o mesmo ; extranhou, todavia, que você, tão meigo, tão attencioso, fôsse capaz de ausentar-se sem uma palavra de explicação. Fizemos mil conjecturas.

O papel terminou. Si eu fôsse escrever o que tenho no coração, não acabaria mais.

Até amanhã, *seu* máu.—AFFONSINA.

P. E. — Muito obrigada pelo acolhimento ao Joannico. E' um excellente rapaz. — A MESMA.

Terminada a leitura, Placido beijou, ás escondidas, a carta escripta em bello cursivo de collegial. Ter bôa lettra era, para elle, magnifica prenda. Tinha os olhos humidos de lagrimas, lagrimas de remorso pelo soffrimento infligido á noiva.

Assaltado pelos sinistros terrores de transformação da sua maneira de viver, impressionado pela insistencia da futura sogra no projecto de viver com ella, desconfiado pela importuna presença daquelle primo com todas as apparencias de personagem de romance, Placido resolvera reagir, deixando de visitar a noiva no dia seguinte ao do emprestimo ao Joannico. No outro dia, teve acanhamento de apparecer ; no terceiro dia, o seu embaraço augmentou pela falta de um pretexto, de uma desculpa plausivel. Elle detestava a mentira, a dissimulação. Não foi. Seria, talvez, isso uma tolice providencial.

Que poderia acontecer ?... Zangarem-se a sogra e noiva ?... Romper-se o casamento ? Tanto melhor. Seria um allivio, muito embóra lhe não ficasse bem tal maneira de proceder. A sua consciencia ficava tranquilla porque elle não tivera a iniciativa do compromisso; fôra surprehendido por elle e se submettera por estar habituado a não resistir, a curvar-se ás injuucções das circumstancias.

Mas a carta de Affonsina desarmara-o. Era um doce libello com deducções precisas, irrefutaveis, ditadas pela eloquencia do coração. Elle não encontrava argumentos, meios de justificação do nefando crime de ter infligido tamanha afflicção áquelle anjo de bondade. Com que cara appareceria no dia seguinte, como era forçoso ? .. Que pretexto arranjaria que não fôsse uma evasiva banal, ridicula ?.

— Que diabo ! — bradou Joannico, interrompendo a meditação provocada pela carta — Parece teres embatucado com a epistola. A priminha sabe fazel-as ; é mestra no genero. Dirigiu-me umas para a Europa de cortar o coração. Lá por casa andam as duas com feições de poucos-amigos, por lhes pregares a peça de te auzentares sem dizer — agua vae... O caso teve, com effeito, modos de um dito por não dito... Oh, Placido, onde descobriste este generoso porto ? Não negarei que disse aos meus botões : o Placido, em vendo de perto o casamento, pôz-se a pannos, antes de o

amarrarem para sempre. Instincto de defeza esse recúo !...

— Não ha tal — respondeu Placido, sacudido pela ironia do Joannico — Tive um rôr de affazeres, trabalhos extraordinarios, além de um accesso de gotta num joauette...

— Qual historia, Placido ! Não pegam as bichas. Para cá vem a dois carrinhos. Aqui onde me vês já fugi com o corpo de uma entalladella dessas com egual manha...

Severa serviu o café sempre attenta á loquacidade do Joannico e muito sobresaltada.

Placido estirou-se numa rêde armada numas escapulas que rangiam monotonamente ; Joannico estendeu-se numa cadeira de balanço a saborear o charuto.

— Nada ha que pague — observou elle, bocejando — esta doce independencia !... Estamos aqui como dois felizardos, livres como as auras, sem a minima perturbação uesta casinha tranquilla, nesta vivenda santa como um convento... Oh, Placido, tu nunca sonhaste a bemaventurança unica desta vida?...Desprender-se agente de tudo, subtraír-se a todas as attracções do mundo, da sociedade para se escravizar, voluntariamente ao egoismo da solidão e soltar o espirito em busca de chimera da suprema ventura eterna, a voar num deslumbramento de esplendores divinos pelas regiões mysticas da fé ?... Olha que darias um frade de mão cheia...

Placido pensava em Affonsina, na visita solicitada na encantadora carta rescendendo a capim cheiroso, nas desculpas, na justificação da subita urgencia.

— Estás com somno, meu querido primo — continuou Joannico, molhando a ponta do charuto no vinho do porto — Em achando bôa palestra e conforto, sou capaz de ir ao amanhecer...

E tirou as polainas, as botinas que caíram com ruido no assoalho listado de acapú e páu amarello, metteudo-se nos chinellos trazidos por Severa depois de armar outra rêde lavada, cheirando a cumarú.

— Tens aqui a providencia na pelle da flôr das mulatas velhas. Vê isto : chinellos, *matinée* lavadinha, perfumada !... A tua roupa serve-me como feita por medida. Que bello, dormir nesta deliciosa varanda !...

Em quanto Joannico mudava a roupa, Placido continuava a fumar balançando lentamente a rêde, olhos fixos nas gaiolas pendentes do tecto onde dormiam encolhidos os passarinhos ; o pensamento ausente, junto da creatura adorada, velando saudosa, esperando com ancia o dia seguinte.

Os esplendores do luar equatorial lavavam a varanda ; leve brisa intermittente produzia no arvoredo rumôres de sêdas amarrotadas ; emanações de jasmins e morurés saturavam o ambiente com um halito de flôres adormecidas á caricia do orvalho.

— Oh ! Placido — murmurou Joannico, com vóz terna, arrastada — Tu ainda pensas em cazar ?... E's homem de coragem... Uma mulher por toda a vida... é uma estopada...

As phrases fôram se apagando confusas, balbuciadas até se extinguirem num resonar suave.

Placido encastellava conjecturas na tréva da suspeita insistente, a envolver-lhe o cerebro conturbado, quando foi arrancado desse penoso scismar pelos accordes de um violão e de um cavaquinho acompanhando um trovador, cuja vóz guttural, dolente, cantava os bellos versos popularizados pela musica de Xisto Bahia :

«Quiz debalde varrer-te da memoria,
O teu nome arrancar do coração.
Amo-te sempre... Que martyrio infindo !...
Tem a força da morte esta paixão...»

Era isso mesmo. Estava alli, na eloquencia harmoniosa da poesia pintado o seu estado d'alma. Aquelle vinculo que elle suppunha fundido de razão, de affectos, era uma paixão dominadora, fatal, empolgando-lhe as energias, tornando-o incapaz de luctar.

A canção sumiu-se pouco a pouco, arrebatada pelo terral embalsamado de emanações dos jasmins e morurés ; atraz della vôou o pensamento de Placido, attraído pela fascinação de um sonho inebriante.

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXVII

No numero passado demos os topicos mais frisantes e expressivos do discurso de Carvalho e Mello, que demonstrou, ao clarão da evidencia, os perigos das imprudentes e estolidas provocações, e das indicações approvadas pela maioria, assim como provou a competencia do Imperador de conceder titulos, quer pela natureza da instituição monarchica, quer pela legislação que continuava em vigor.

O conselho que remata a judiciosa oração é de salutar previdencia. A Camara escutou-o com visivel confrangimento.

Parece que o espirito do orador tinha a intuição do futuro, que se aproximava.

No estudo dos phenomenos sociaes a psychologia é absolutamente indispensavel, só ella póde explical-os.

O discurso que acabamos de ler, é a sincera e fiel expressão do estado da alma dum homem que estava na scena dos acontecimentos, que observa os sentimentos dominantes, que conhecia as tendencias, ou, antes, as manifestações de todos os individuos os quaes se agitavam e se moviam na mesma scena. As palavras do orador constituinte revelam-nos que aquellas indicações feriam a dignidade, o lustre e a honra do poder imperial. Carvalho e Mello não teria, de certo, aventado taes idéas, si não tivesse, pela observação, colligido todos os indicios e talvez todos os elementos sufficientes para formar sua convicção.

O que fica patente é que este discurso explica o facto e é úm documento probatorio, que affirma haver a Assembléa Constituinte dado uma somma de motivos, que induziram o Imperador a proceder do modo pelo qual se houve com ella em 12 de novembro.

Quando se apuram todas essas minudencias, que formam uma cadeia de circumstancias determinativas da dissolução da mesma Assembléa, admira que alguem pretenda fazel-a passar por victima da prepotencia imperial, sem ter feito por onde merecesse o destino desastroso que lhe foi infligido. A Constituinte ou era inconsciente, não sabia o que fazia, ou não o era. No primeiro caso, devemos lamental-a. No segundo, cumpre-nos reconhecer que ella soffreu as consequencias de seus erros,

Carvalho e Mello observou, com viva solicitude, que era imprudente e perigoso revogar o titulo concedido a lord Cockrane : *com esse acto se deslustraria a dignidade do chefe da nação.*

Ora, si assim o deputado sentia, pensava e falava, que sentiria e pensaria aquelle cuja dignidade era ferida, cujo poder deslustrado ?

A psychologia ainda mais esclarece os factos, verificando que, com o temperamento de d. Pedro, o proceder da Assembléa não podia passar sem inexoravel repressão. Demais, d. Pedro estava imbuido da idéa de que, com o titulo de Defensor Perpetuo,

lhe havia a nação conferido todos os poderes para constituir o Estado. Estava ainda persuadido de ser, na phrase de Royer-Collard, um poder anterior a todos e do qual todos dimanavam. Elle tinha a prova cabal e inconcussa, porque por decreto seu foi convocada a Constituinte ; por consequencia, por outro decreto podia ser dissolvida. Nesse ponto, não lhe escasseava o rigorismo da logica.

Em verdade, é incomprehensivel a acerba censura lançada sobre o procedimento do Imperador. Si lhe reconheceu o poder de convocar a Assembléa ; si lhe conferiu o direito de instituir e organizar o regimen representativo constitucional ; ora, nesse systema a dissolução duma Camara é uma móla inherente e essencial e até uma prerogativa do poder, que convoca e que exerce a fiscalisação para manter a harmonia na divisão dos poderes e funcção do machinismo.

A Constituinte não observa o necessario equilibrio ; por conseguinte, cumpria se lhe applicar o meio de restabelecel-o. Eis o que fez d. Pedro.

Não procedeu fóra das normas do regimen. Não tinha elle esse poder, ou não devia uzar delle ? Que o tinha, resulta da natureza da constituição monarchica por acção immediata da soberania, que não obrou, como o Eterno, nos primeiros dias da creação do universo, creando e retirando-se da obra creada. A soberania nacional sustentava a sua instituição e com ella continuou a cooperar.

O segundo caso se resume na conveniencia de uzar do direito de dissolução. Esse ponto, á primeira vista, parece difficil, porque depende do exame conscienciozo dos factos. Subsiste um documento irrecusavel que, por assim dizer, é o libello accusatorio dos erros e das faltas da Constituinte, onde se verificam actos e palavras, intenções e planos ; é o *Diario da Camara* repositorio de tudo que pensaram, disseram e fizeram os representantes da nação, reunidos na Cadeia Velha, desde maio até novembro.

Não se tem necessidade dos commentarios da imprensa, nem das variadas, incoherentes informações da tradição, quasi sempre infidellissima.

Compulsemos os volumes do *Diario da Camara* : só se nos deparam as provas da inutilidade da Assembléa, pela incapacidade dos representantes, excepto um grupo de homens illustrados. A Camara nada fez, nem formou a lei constitucional e fundamental, por assim dizer o Evangelho politico da nação.

Pelo lado do serviço, o povo nada perdia com a dissolução duma Assembléa que não comprehendia nem satisfazia as necessidades publicas. Pelo lado das conveniencias sociaes e politicos, ahi está o discurso de Carvalho e Mello, o qual evidencia os perigos que poderiam gerar as imprudencias repetidas e praticadas e que empeciam a marcha e o desenvolvimento regular e harmonico do systema constitucional representativo.

Por que lado poderá ser defendida ou justificada a Constituinte ? Por seus serviços, actos, discursos, projectos, leis, eloquencia, exemplos de sabedoria politica, de dedicação patriotica ?

Não será coisa de pouca importancia apontal-os.

A Constituinte tem eclipses no meio da luz que illumina alguns actos de independencia de caracter e de erronea comprehensão do desempenho de sua missão.

Na hombridade, os posteros deverão imital-a, porque ella, assim mesmo, deixou algumas reminiscencias, que não deslustram a historia do paiz. Ella mostrou, algumas vezes, altivez de caracter, sinceridade nos principios de honra e moralidade, aspirações elevadas da liberdade civil e politica, que amava instinctivamente, não a comprehendendo, porém, lucidamente no meio dum deploravel syncretismo de noções, provenientes da cultura intellectual de homens que,em geral, tinham o espirito obscurecido pelo regimen colonial.

Pretender que, em 1823, o paiz elegesse uma Assembléa, qual a do regimen do governo parlamentar, é uma ambição inqualificavel por ser excessivamente absurda. A historia da liberdade é composta de phenomenos sociaes e politicos ; esses phenomenos não podiam ser sinão os que se conformavam com a epocha atrazada em que ainda prevaleciam as *devassas* do governo absoluto irresponsavel.

Algumas pessôas opinaram que os actos da nossa primeira Assembléa não fornecem materia para interessar a historia. Dirão que aquella reunião de brazileiros, que ensaiaram o regimen do systema representativo—apenas poderá obter dos posteros a consideração e o respeito de que são dignos todos os homens que trabalham pela causa sacrosanta de sua patria, pela liberdade de seus concidadãos. Embóra !... A narrativa dos erros e do merito, das virtudes e dos esforços do bem e do mal, das luctas e dos perigos, das grandezas e dos infortunios, das gerações que nos precederam e que merecem ser lembradas, sinão para glorificar o passado, ao menos para premunir o presente, dando ao futuro o espectaculo ora pungitivo das miserias, ora consolador da abnegação e do patriotismo, deve-se escrever.

Comprehendo o respeito e a justiça na apreciação das nobilissimas ambições com que os constituintes trabalhavam para realizar a garantia dos direitos de seus concidadãos e para promover a prosperidade da patria.

Aquillo que não comprehendo e a que não quero submetter-me é, escravisado ás *invenções das lendas* e ás affirmativas da tradição sem criterio, sem exame dos factos, apregoar os homens da Constituinte, quaes heróes e patriarchas, modelos sublimes da sabedoria e do patriotismo. Deixo aos fanaticos, ou aos inconscientes os extasis da admiração e da idolatria...

Os nossos representantes, em 1823, estavam sob as inclemencias das circumstancias da epocha, em que os *espias seguros*, recommendados com viva solicitude nas portarias do primeiro ministro do Imperio, lhes mettiam tanto pavor, que deixavam de exprimir o que sentiam e pensavam (1).

Não é exacto que a Assembléa de 1823 é uma gloria, que illustra até os nossos dias, quando o baptismo de luz da instrucção tem sido derramado, com mais abundancia, sobre a fronte do povo, do que o era naquelle tempo de ignorancia colonial, obscurecendo todas as classes sociaes.

Composta duma maioria de medio-

cridades e de inexperientes, assim mesmo havia um grupo de intellectuaes, onde avultavam Silva Lisbôa, os Andradas, Carneiro de Campos, Carvalho e Mello, Maciel da Costa, Pereira da Cunha, Montesuma e outros.

Nessa temporada, porém, o Brazil não possuia um orador de primeira plana, nem um estadista capaz, nem legislador sabio e experiente. Os homens de talento, apontados, não passavam de bons aprendizes das sciencias politicas, coisas que alguns só conheciam nos livros.

José Bonifacio, por exemplo, é um notabilissimo naturalista, mas um orador nullo e homem de Estado incapaz, legislador sem idéa e sem concepção.

Um homem de Estado tem o poder de realizar a idéa; corporifica o pensamento; é pratico. Um dissertante, pelo contrario, fluctúa no vago: si o illumina a idéa, elle não a sabe encarar na fórmula legislativa realizavel. Si José Bonifacio fôsse um estadista e tivesse a luminosa intuição do futuro — a idéa vaga da extincção da escravatura que lhe roçára, ephemera e rapida, pela mente, teria sido transformada numa lei e não em *memoria*.

Não teria ineptamente recuzado a proposta do governo inglez a respeito da escravatura, officialmente communicada pelo marquez de Barbacena, que, em Londres, se esforçava pelo reconhecimento da Independencia, que a Inglaterra facilitaria, promettida a abolição do elemento servil.

Esse estadista nem siquer enxergava o presente, quanto mais lobrigar o porvir. Com a independencia que fazia uma nação livre, a emancipação dos escravos, seria o complemento da regeneração humana.

Bem examinados os seus feitos de legislador e de ministro — que é que se poderá apontar delle? Algum regulamento, algum decreto ou alguma daquellas deploraveis portarias ao intendente de policia, abrindo *devassas geraes*..

Antonio Carlos tem, segundo a expressão franceza,—*la parole chaude*— parece excellente e esperto declamador. Os seus discursos, excepto poucos, são futilissimos, quer pela fórma, quer pela substancia.

Silva Lisbôa é um advogado, quasi octogenario, jungido ás fórmulas, dissertando eruditamente, sem idéa propria, exhibindo a abundancia de suas variadas leituras.

Carneiro de Campos é um espirito bem culto, versado nas sciencias economicas, sociaes e politicas; não é, porém, um orador de flammigera inspiração, nem um estadista preparado; é homem amestrado na *bureaucratie*.

Montesuma começava a carreira a ensaiar a sua vibrante palavra, a educar a sua lucida intelligencia, que lhe darão a primazia de notavel parlamentar nas Assembléas da regencia e do segundo reinado...

Fôra longo passar em revista outras individualidades que figuram na Constituinte. A verdade incontestavel é que os espiritos investigadores e curiosos dos eventos daquella temporada não descobrem, nos repositorios dos trabalhos da Camara, a prova da grandeza e da superioridade de intelligencia e illustração que attribúem aos constituintes. José Bonifacio, que, sem duvida, tem direito a exercer a supremacia intellectual, não sabe compôr um discurso sinão no silencio do gabinete, como elle proprio confessou numa das sessões de maio. Elle não tinha folego, não era nadador de força a atirar-se contra as ondas marulhosas. Os discursos que deixou nada valem. Accuzando o Governo por causa de actos praticados, o ministro discorre o respeito da anarchia dos *descamisados* de Hespanha; das Côrtes, da Junta, do ridiculo do rei Fernando; mas o ponto vivo da questão não lhe arranca uma palavra! E esse mesmo discurso inspira dó..

Cumpria-lhe explicar os actos, justifical-os á vista das leis; disso não tratou; desazadamente occupou-se de coisas extranhas. Como legislador, elle apresenta *Memorias*, isto é, disserta, porque não tem o talento pratico de concretizar a idéa em fórma de ser escutada.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide *Diario da Camara*, sessão de maio, discursos de Carneiro da Cunha, Alencar, Dias e outros deputados.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

A LIVRARIA

«VISÕES DE MOÇO», POESIAS POR OLEGARIO MARIANNO. — TYP. CARVALHAES. — RIO DE JANEIRO. — 1906.

Antes do prefacio a este folhetinho de 40 paginas, prefacio que vem assignado pelo sr. Guimaraens Passos, ha uma pagina occupada apenas pelos seguintes dizeres: «Olegario Marianno Carneiro da Cunha, nascido no Recife, Pernambuco, a 24 de março de 1889.» Quasi que parece um epitaphio, o que nos faz receiar, desde logo, que o opusculo possa equivaler a um tumulo.

De máu gosto como seja a inscripção, ella serve para confirmar, por um modo mais determinativo, o que o prefaciador tambem achou conveniente communicar-nos. Trata-se de um muito jovem poeta, quasi que da edade da nossa Republica. Quando elle nasceu, a geração a que eu pertenço atravessava a phase mais ou menos correspondente áquella em que elle hoje se acha.

O sr. Guimaraens Passos nada disse que as paginas das *Visões de moço* não nos confirmem por si. Elle chamou estes versos de «simples e sonoros». E o são. Ha muitos poetas chronicos que ainda não conseguiram fazel-os assim.

Entre composições que revelam mais progresso, ha outras que tráem infantilidade, mais sem caírem propriamente na ordem das coisas ridiculas. O sr. Olegario Marianno é dos que poderão vir a ser gente no futuro.

Transcrevo um dos sonetos que mais me agradaram. E' este:

«ELLA VEM POR AHI

A Guimaraens Passos.

Ella vem por ahi, sinto que o orvalho
Ledo estremece na florinha agreste...
Vejo que as aves ao saltar do galho
Cantam; que a rosa de carmim se veste;

Que nos bambús suspira o vento leste
Procurando nas folhas o agasalho...
Vejo que o sol da abobada celeste
Corre a beijar-lhe a fronte pelo atalho.

Vejo que tudo ri ao vel-a perto,
Trazendo n'alma um coração deserto,
No olhar trazendo uns idéaes lampejos;

Emquanto vibra a natureza em festa,
«Ella vem por ahi!» diz a floresta
Ornando a estrada de canções e beijos...

Mas porque esta sêde de apparecer quando nem siquer ainda tinha prompto o que melhor se pudesse chamar um livro, embóra com os defeitos naturaes ás obras de estréa?

«HALOS», POESIAS, AURELIO DOMINGUES. — TYPOGRAPHIA BAHIANA. — CIDADE DO S. SALVADOR. — 1906.

Sob o titulo desta collectanea vem a epigraphe: «In mezzo del cammin di nostra vita.» Si o auctor não quiz dar á phrase a significação que lhe deu o florentino, não sei para que foi se utilizar desse tão estafado decassyllabo.

Mas é evidente que não quiz. Elle não póde ter quarenta annos ainda. Mostra-se muito namorador e é de um namoro ainda muito platonico para isso.

O sr. Aurelio Domingues ha de ser forçosamente um moço. Em certo ponto desta sua obrinha, com o enthusiasmo que lhe cauza o facto de perceber que a sua beldade já se váe deixando vencer por elle, pois que já o vê

«com os olhos da ternura,
E da bondade augusta do seu peito»,

o sympathico estréante (parece-me que o é) chama o seu vulto, o delle, de «vulto de supremo eleito». Talvez tenha tal vulto, mas por emquanto, pelo que faz, não attesta que passe dahi.

Nem siquer ainda tem individualidade propria o jovem auctor. Seus versos são correntes e bem feitos, mas não offerecem novidade nenhuma, nem nas idéas, nem nas expressões, nem no arranjo da estrophe. Attestam por emquanto habilidade; ainda não revelam talento. Tanto que se procura na sua pequena collectanea (esta tem 57 paginas) uma peça de mais effeito para transcrevel-a, e não se acha.

***

«QUINTINO DURWARD». — ROMANCE HISTORICO DE WALTER SCOTT, TRAD. DE R. D'AVELLAR. — H. GARNIER, EDITOR.

Esta traducção representa dois volumes, dos quaes o segundo principalmente é que se póde chamar um volume reforçado. *Quintino Durward* não é das obras mais famosas na collecção de Walter Scott. No emtanto, quem tiver tempo para taes leituras não sentirá a extensão destas paginas, na verdade, attrahentes e empolgantes.

Além disso, ellas são instructivas. O romance refere-se a factos historicos que se passaram no interessante periodo do reinado de Luiz XI, e principalmente o retrato que o romancista desenhou deste formidavel politico é feito com verdadeiro vigor. Quem prefira conhecer a historia, ou, melhor, seus typos predominantes atravéz de phantasias litterarias, não saírá com uma idéa muito erronea sobre o extraordinario absolutista, lendo estas paginas do celebre auctor inglez.

A traducção é feita com uma segurança muito superior á que revelou o sr. R. d'Avellar vertendo as *Aventuras do sr. Pickwick*, de Carlos Dickens. Admira mesmo um tão grande progresso.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

Os indios norte americanos

Os indios dos Estados Unidos teem, no seu territorio, 660 escolas, com 800 professores e 40.000 alumnos. Os dois collegios, masculino e feminino, de Tahlequah, datam de 1850. Um sobre dez individuos frequenta a escola; de 187.000 indios, 65.000 sabem ler o inglez e 69.000 o falam tão bem que são perfeitamente comprehendidos.

***

Um romance celebre

A «rastacracia» é um néologismo—nada harmonioso, muito aspero até, mas verdadeiramente expressivo—que no seu novo romance, *Une grande dame aima*, o sr. Adolpho Aderer emprega para designar a nobreza de occasião, que é opposta, pelo auctor, á nobreza de raça e á aristocracia do dinheiro. Essa nobreza artificial é representada por diversos personagens, cujas attitudes, cruelmente estudadas pelo sr. Aderer dão á sua obra, romanesca, apaixonada, rica em descripções fortes, uma curiosa e mordente ironia.

***

Bandas de musicas

Reune-se, este mez, em Paris, uma commissão official franco allemã para combinar os termos duma convenção consiliando a justa protecção á qual os compositores de musica teem direito e as facilidades egualmente concedidas ás fanfarras e musicas militares que nas suas execuções publicas não procuram sinão um meio de subsistencia e não teem nenhum intuito politico.

***

Conferencias sobre Dante

Fundaram-se, ultimamente, em Paris as *lecturæ Dantis*, isto é, conferencias sobre o grande poeta e a sua epocha. Diversos sabios francezes e italianos se farão ouvir alternativamente. O sr. Rieciotto Canudo, apreciado escriptor italiano, inaugurou a série com uma publicação sobre «Dante e S. Francisco de Assis».

O que consome uma companhia de vapores

A *Nord Deutscher Lloyd*, é, de todas as companhias de vapores, a que possúe a mais importante frota commercial do mundo. A sua grande esquadra se compõe de 82 transatlanticos, 46 vapores para o serviço nas costas indo-chinezas, 2 navios-escolas, 165 barcos de descarga e navios de carvão. Esses vapores vão para 27 linhas differentes: 5 para a America do Norte, 4 para a America do Sul, 1 para Cuba, 2 para o Extremo Oriente, 2 para a Australia, 3 para o Mediterraneo, 16 costeiros e interinsulares para o Oriente e 4 para a Europa.

Agóra — e esta é a parte mais espantosa — váe a lista dos viveres consumidos a bordo dessa immensa esquadra pacifica, durante o anno de 1905. Carne — 79.000 quintaes de carne de vacca, abatida a bordo, 13.000 bois, 14.200 porcos, 7.000 vitellos, 16.000 carneiros, 564.000 aves, 59.000 caças, representando tudo um pezo de 525.000 kilos. Além disso tudo, mais ainda, 424.000 kilos de manteiga, 1.102.000 litros de leite fresco, 61.000 garrafas de leite esterelizado, 4.900 caixas de leite condensado, 5 milhões de ovos, 144.500 quintaes de batatas e 70.000 quintaes de pão e de farinha.

O consumo de vinhos e espiritos tambem foi extraordinario: 272.500 garrafas de vinho, das quaes 46.700 eram de champagne, 93.200 de vinho commum, 132.600 de vinhos do Rheno e Mosella. Ainda augmentam a lista 27.274 garrafas de cognac, 17.870 de vinhos de sobre-meza e 59.485 de espiritos. E' precizo, ainda assim, ajuntar 1.820.450 garrafas de cerveja e 473.700 de agua mineral.

Por fim, em 1905 se gastaram na grande frota 165.420 kilos de café, 14.780 de chá, 10.800 de cacáu e chocolate e 1.181.000 cigarros e charutos.

Durante esse mesmo anno de 1905, a esquadra percorreu 5.732.000 milhas maritimas representando trinta e cinco vezes a volta ao redor do mundo. A companhia transportou nos seus vapores 449.000 passageiros empregando 22.000 homens, dos quaes 12.000 para as equipagens e gastou 27.500.000 francos de carvão.

***

Comedia franceza

O homem velho, de Porto-Riche, que será representado em novembro ou dezembro proximo no Theatro Réjane, em Paris, não é um drama que discuta uma these; muito longe disso, é uma peça que pertente ainda ao theatro de amor. Alegres e apaixonadas, as differentes

scenas se passam em Dauphiné, nas officinas dum grande industrial.

Esse assumpto preoccupava, desde muito tempo, a attenção de Porto-Riche, mas só agóra é que elle o poz em scena.

O auctor é um dos mais seguros comediographos francezes, possuidos duma technica admiravel e duma pratica que é por si uma alta recommendação.

***

Noticias musicaes Pietro Mascagni dará, este inverno, na Italia, uma opera, *Vestilia*, tirada do romance de Rocco de Zerbi; Umberto Giordano, uma opera napoleonica, *La festa del Nilo*, cujo libretto é de Victorien Sardou; Leoncavallo, uma opera que se passa na Hespanha, *Les premières armes de Figaro*, libretto tambem de Sardou e uma outra, *Rosa de Inverno*, segundo Maurice Vaucaire.

O compositor Francesco Cilea, auctor de *Adriana Lacouvreur*, termina a sua opera *Gloria*.

Puccini renunciou a acabar a opera que elle intitulava *Maria Antonietta* e pediu a Rostand auctorisação para por em musica o *Cyrano de Bergerac*.

Montemezzi, compositor menos conhecido, mas dum grande valor, dá uma novidade: elle se occupa, actualmente, num drama lyrico sobre as *Victimas*, de Paul Adam, a peça que será brevemente ouvida na Comédie Française, de Paris.

E, a proposito de musicas, não será ocioso falar da grande festa que se realizou em Milão, o mez passado. Raramente se reunem tantos musicos e se presta uma attenção tão respeitosa áquella arte esplendida. A essa festa monumental compareceram 77 sociedades coraes, 713 bandas e 33 fanfarras, uma formidavel collecção de dez mil executores, dos quaes seis mil eram italianos e os quatro mil restantes tinham ido da Allemanha, da França, da Belgica, da Suissa, da Belgica e até da Tunisia.

***

Originalidades norte-americanas São inexgotaveis os actos excentricos dos *yankees*; todos os dias apparecem casos originaes, dum ineditismo macabro, que a ninguem parecem possiveis mas que elles praticam com a maior das facilidades e a fleugma mais imperturbavel. Uma das ultimas excentridades é a que acabam de realizar uns, recem-casados, os srs. Mel Spence, de Wilkesbarre. Devido aos caprichos da noiva, que desejava passar a lua de mel onde ainda ninguem tivesse passado, o casal esteve tres semanas no fundo duma mina de anthracito, trezentos metros abaixo da superficie terrestre, passeando o seu amor pelas complicadas rêdes de galerias e se afastando o mais possivel dos logares onde os mineiros estavam trabalhando.

***

Industria de passes na Argentina Parece que, pelo menos, é continental a instituição dos *passes* gratuitos, ou, antes, passes por conta do governo a toda sorte de gente. Os jornaes de Buenos Aires consignam esse abuso implantado na Republica Argentina de um modo estupendo. Não ha senador ou deputado que deixe, quasi diariamente, de procurar os ministros para solicitar a concessão de *passes*, em beneficio de amigos, em todas as rêdes de communicação, maritimas ou terrestres. Ha pessôas que, por assim dizer, teem o gozo vitalicio dessa regalia. Procuram agóra, em Buenos Aires, tomar providencias contrarias ao delicioso abuso, mas não ha confiança em que sejam proficuas, de tal modo, e em tal gente, elle se generalizou. O governo paga, annualmente, ás companhias de vapores e ás emprezas ferro-viarias, grandes sommas por esses favores, que já chegaram ao ponto de ser, explorados como uma industria: arranjam o *passe* e o vendem pela metade do custo da passagem.

***

Os padres e o militarismo Diz o sr. Remy de Gourmont que, extincta como está a questão Dreyfus, tem, entretanto, consequencias que se farão sentir ainda por muito tempo. O anti-militarismo é uma dellas, e a principal.

Em França, o exercito foi sempre por todos considerado com grande respeito, estima e orgulho. Tudo isso, parece, desappareceu agóra. Presentemente, o exercito é, quando muito, um mal necessario, mesmo que alguns homens de responsabilidade, como o sr. Hervé, aconselhem, preguem a insubmissão, a deserção.

O sr. Gourmont chama-nos attenção para este caso curioso: «o espirito militarista, o amor á guerra não se encontra já absolutamente sinão entre os sacerdotes e os discipulos de sacerdotes.

Fôram os ministros anglicanos quem mais excitou os inglezes contra os *boers*, e, entre nós, as ligas patrioticas, que existem em grande numero, são, no fundo, associações clericaes.»

SCENAS DO NORTE

VESPERA DE FESTA

Ao Juvenal Lamartine.

Como a tarde estivesse fresca e o céo sem nuvens, o coronel Chico Fernandes mandou collocar no alpendre a sua velha rêde de tapuarana e nella deitado, de camisa e ceroula, poz-se a fumar uma cachimbada, á espera do Zé Guagirú.

Emquanto o curiboca não chegava, elle, aos balanços, puxaudo nervosamente os oitenta e tantos cabellos do grisalho bigode, monologava, num accesso de colera mal contida, exprobando o procedimento do Néco Selleiro, em cuja tapéra, por tres noites, fervia um samba medonho, arranjado pelo Tota Canario, um tocador de vióla que andava arrastando a aza á pequena Luiza, filha do Néco.

— Desta vez acabava com aquillo! Já mandára avizar áquelle cachorro que, si quizesse botar a filha nas unhas do Tota, o fizesse logo, sem precizar de sambas nem cachaça!

Elle é que não estava para aturar os batuques de tal immundicie! Aquillo era gente peior do que bicho de pé!

E estirava o pescoço para o lado da casa do Selleiro, na intenção de verificar si começava a chegar o «povo» do costume.

De facto, pouco a pouco, de sapatões atados ás extremidades de um cacete liso atravessado ao hombro e de calças arregaçadas até os joelhos, vinham se approximando os convivas do brodio — uns de cigarro atráz da orelha, e outros fumando charutos de vintem, compradinhos de fresco alli, na bodega do Paulo Tomate, chegado

havia seis mezes do Pará, com um bahú chapeado, duas harmonicas, umas maleitas, quatro chapéos de sol de cabo torto e uma formidavel corrente de latão azinhavrado.

O coronel, agóra de pé, as mãos cabelludas afagando o ventre farto, continuava a observar os que vinham chegando, não sem fazer os mais acerbos commentarios :

— Vejam só essa corja de cangulos !

Olhem a cara do Goteira ? Ah ! uma catana de palmo e meio dentro daquelle bucho de lama !

E a Rita-Banha de Porco ! A bicha até creou ancas depois que andou virando burrinha ! Escancha-os a todos, um por um !

E, voltando-se para as bandas do rancho do Zé Guagirú, deu com os olhos no caboclo, que vinha subindo o morro, em cujo cimo elle, o senhor de quasi todo aquelle «mundo», residia havia longos annos. Descera o crepusculo, lento e pardo, frio crepusculo de dezembro invernoso, carregado de brumas e tristezas. No poente, ficára uma cinta côr de bronze, salpicada de laivos de gangrena, muito roxos, contrastando com a orla do mar longinquo, semi-apagada pela distancia e pela sombra.

O coronel, absolutamente alheio á paizagem, deitou-se de novo, as magras pernas cruzadas e, quando se preparava para tirar o sarro do enorme cachimbo, foi interrompido pelo Guagirú :

— Desb'a noite seu cómandante ! Haverá vassi-micê de passar por cima da falta da demora.

De chapéo na mão, abraçou os joelhos do coronel. Este, a fronte vincada, os labios tremulos de despeito e colera, teve um sorriso perverso :

—Zé Guagirú, você ainda é homem ?

— O que, patrão ? Só vassi-micê menmo teria felpa de pisar no olho do vento, me perguntando isso. Cabra do estajo estaria sub-lo-chão antes da primeira cantada do gallo.

— Zé Guagirú, você sabe que eu, dono de quasi tudo isto aqui, desejei comprar as cincoentas braças de terras e a tapéra esburacada do Selleiro. Dava cem mil réis e o barriga verde não quiz...

— Não quiz, hein, patrão ? Pois vassi-micê consente um bicho — com licença da palavra — daquella qualidade dizer que não «quiz» na presença dos cabellos da barba de vassi-micê ? Ora, patrão !

— Você sabe que eu não gosto de fazer mal a ninguem. Tanto que tinha perdôado o atrevimento do cachorro, não me querendo vender o rancho. Mas agóra elle não me deixa dormir com os sambas e as miadas da viola do Tota Canario. Zé Guagirú, você é homem p'ra dar fim áquella patifaria ?

O Zé, puxando do bolso da calça a metade de um chifre de boi, arrancou dahi uma grossa pitada de tabaco do brejo e gargalhou pachorrentamente :

— Ora ! ora ! ora ! O patrão perdendo o seu tempo me fazendo este promontóra de perguntа !

O patrão é sertanejo e sabe que praeiro não é gente. Ainda mesmo sendo povo em «machina», eu vou lá e derrubo tudo com duas ou tres rasteiras. Só si eu não tivesse batido corredor em pequeno.

— Pois dize lá quanto queres para espanar a canalha.

— Vassi-micê até me aggréde fallando por esse aditame. Si álias quizesse dar as festas ao cabloco velho, bastava uma gallinha gorda, um chale encarnado para a caseira e quatro mil réis e quinhentos.

— Faze o serviço e volta. Dou-te mais duas novilhas de cabra e o clavinote de pedra que foi de Jesuino Brilhante.

Um relampago de alegria faiscou nos olhos do Zé. Pediu meia garrafa de aguardente de canna, — da bôa !.. examinou a ponta da faca presa á cintura por uma tira de couro crú e, accendendo o cachimbo de barro, pôz-se a caminho, sustendo um grosso quirí debaixo do braço direito. Vendo-o partir, o coronel ficou-se a olhal-o, silencioso, numa attitude de grande admiração. Depois exclamou, indeciso :

—Homem, sempre é bom te encommendares a Nossa Senhora ! E, quando vires alguma cacetada floreando no ar, fecha a bocca para não rachar a cabeça !

Zé Guagirú era o valentão mais afamado daquellas bandas. Feio como a necessidade, as narinas enormemente dilatadas, os beiços roxos, era o terror não só da povoação como de todos os logares circumvisinhos. Baixo, socado de carnes, transpirando saúde por quantos póros tinha, conquistava larga fama de valente desde o tempo da guerra do Paraguay, onde fizera proezas e de onde trouxera duas enormes cicatrizes, — dois certidões, como elle dizia na sua pittoresca linguagem de caboclo imaginoso.

Apezar dos seus cincoenta bem contados, conservava-se forte como um touro bravo, levando vida feliz e milagrosa, ora no Pará, onde aprendera a limar o phraseado, ora nas praias ou no sertão, aceitando de quando em quando a incumbencia de disciplinar o proximo, serviço de que se encarregava por barato preço.

Ultimamente, resolvera fazer um rancho — o primeiro ! — alli ao pé do coronel Chico Fernandes, que o aceitára de braços abertos. E, como désse para namorado, começou a frequentar a tapéra do Néco Selleiro, onde ia dar uma piscadella de olho á pequena, que fugia ás leguas do seu hediondo aspecto de satyro grisalho.

Mal recebido, andava, havia tempos, com o projecto de fazer um rôlo em casa do Selleiro, justamente quando houvesse causa, afim de ir ao pello do Tota Canario, a quem votava inveterado odio, estugado pelo ciúme.

Na estrada ia pensando no melhor meio de dar começo ao barulho. «Antes de esfriar o corpo, salto gingando na róda, e, antes que me arrequeiram que não faça semelhante tal, sacudo o páu ás direita e ás canhóta. Ahi o povo corre e eu grito : não venham, que estou de pés espalhados ! Si hóver bicho de lume no olho, que faça frente ao madeirame, puxo a catana e sugigo-o na parede, régorosamente, na ponta da cóstella mindinha... doendo. e não se aproveita nem a alma...»

Reparou que estava em frente á bodega do Tomate, onde entrou para cannear de novo, não sem ligeira hesitação, porque não queria perder tempo. Então pediu dois quarteirões de meladinha — da bôa ! — e, tomando-os de um trago, disse ao Tomate que «ia a casa do Selleiro fazer um servicinho, emquanto o dialhe esfregava o olho.»

Saíu, enxugando a bocca na manga da camisa de algodão e floreando o quiri. A noite caíra de todo. Soprava do sul um vento frio, mas calmo.

No céo, carregado de nuvens, uma ou outra estrella surgia e desapparecia logo, amortalhada na bruma.

Cães ladravram ao longe.

Ouviam-se risadas francas de mulheres que iam em procúra do samba, vender castanhas assadas e doce secco. Noutro caminho, um pescador bohemio passava gemendo trovas ao som da vióla amiga. E, lá muito distante, no morro onde se achava collocada a povoação, fogueiras esparsas em torno da egrejinha rustica, inundavam de clarões os braços misericordiosos do cruzeiro.

Um vagalume passou. Zé Guagirú, distraído, suppôz que era uma estrella e murmurou, descobrindo-se :

— Deus te guie, zelação !

Estava a dois passos da tapéra do Selleiro. Experimentou novamente a ponta da faca, cuspiu na palma da mão, onde o cacete rodava como um fuso e, aos saltos, surgiu no terreiro. O Paulo Tomate mandára annunciar a visita do curiboca e a disposição em que ia.

Mas os sambistas não fizeram caso, duvidaram até, aquecidos como estavam pela cachaça e pelo vinho branco ordinario.

— Dahi, si elle quizesse vir que viesse. Os homens se fez uns para os outros !

Porém, o caso mudára de figura, com a presença do caboclo.

Todos ficaram gelados, combalidos de medo.

Houve um minuto de silencio, durante o qual o assaltante fitava o Tota Canario e o Néco Selleiro, com a insistencia de sapo maguetizando um passaro selvagem.

Tinha os olhos congestos, o rosto inchado pela bebedeira, os terriveis maxillares a rangerem como queixadas de porco do matto.

— Louvado seja Nosso Senhor Sum Christo — gutturou, ironicamente.

— P'ra sempre seja louvado — respondeu o dono da casa, num accesso de covardia, adocicando a vóz arrastada de praeiro do norte.

—A lun'a ainda não saíu e já vossorias vadeam no pragateado !

— Folguedinho p'ra todos, seu Zézinho. Vassimicê querendo póde tomar parte. E si leva um gosto..

— Pois sim, levo. Mas porém primeiro seu Tota repinica a vióla e canta um redondo.

— Nunca cantei redondo, seu Guagirú — respondeu humildemente o Tota.

— Alo váe ! Na rosca de minha venta ninguem não diz que não sabe ! Cuspa p'ra hi já o redondo ou eu o lasco !

E ergueu o cacete num medonho gesto de ameaça :

— Lhe dou-lhe uma !

Rapido, o Tota dirigiu um olhar aos circumstantes, prescrutando a attitude da numerosa assembléa. Reinava em torno a mais profunda covardia.

— Lhe dou-lhe duas...

O Tota achou prudente não esperar mais : tremulo, a suar em bicas, temperou a vióla e abriu a bocca no mundo...

«Ai ! gentes que eu vou contar
Um caso que succedeu...»

Teve, porém, de se calar, porque o Guagirú mudou de resolução :

— Você não passa de um grandissimo bacharel... Ien-en-en Ien-en-en... Cachorro ! E, voltando-se para o Selleiro :

— Seu Néco, mande sua filha p'ra róda que o que eu quero é dansar.

Houve um impeto de revolta, que o Guagirú dominou, apenas, com um gesto. A pequena veio, os cabellos soltos e os olhos cheios de lagrimas.

— Não chore, menina, que eu não sou bicho. Zé Guagirú tambem sabe cortar jaca.

Toque lá um chorado, seu Canario... Sá Luiza dê cá uma imbigadinha...

E, á medida que assim se pronunciava, punha um pé no Brazil e outro na China, dansando tão comica e desastradamente que os circumstantes, apezar do medo, não puderam conter o riso. De repente, esbarrou.

— Isto não presta. Seu Tota você perdeu o compasso...

—Não, seu Guagirúzinho... Vassimicê me perdôe, mas é assim mesmo, Esse é o bahiano legiti...

— Sua vióla está mas é desafinada. Lhe endureça as cordas já; do contrario... Em que mez estamos ?

— Em dezembro—acudiram todos.

— Pois lhe sacudo p'ra riba com tal sustança que vassi-micê não volta sinão em agosto do anno que vem !

Assim apertado, veio á cachóla do Canario a peior das lembranças :

— Tí Zézinho, a vióla é sua. Afine lá no seu gosto que tenho muita alegria em tocar depois...

E, para entregal-a, estírou o braço. Então o Guagirú lembrou-se de que o tempo ia passando e era precizo liquidar aquillo. Apertou entre os dedos de ferro a extremidade superior da vióla. Foi quando o Tota caíu em si e viu o mal que tinha feito. Quiz desculpar-se, mas era tarde. Violentamente, o caboclo arrancou-lhe o instrumento da munheca fragil e, sem mais historias, fel-a em mil pedaços na cabeça do tocador afflicto. O Tota caíu, roncando.

— Cum tão pouco, home ! Eu bem que vi que pirão d'agua de côco e tutano de peixe não bota ninguem p'ra diente !

Puxou da catana e lanceou uma rasteira no dono da casa, que se desaprumou e caíu.

Fez-se a debandada, então.

As mulheres, aos gritos, deixaram os taboleiros e os homens espalharam-se pelos comoros da praia, aterrados. O Guagirú olhou em torno. Nem viv'alma.

Apanhou o chapéo, que havia caído durante a lucta e, mettendo o furabôlo no ouvido, pôz-se a gritar :

— ô ô ô... Venha tomar conta da sua casa, seu Zé Selleiro ! O Guagirú váe se embora !

Quebrou o gargallo de uma garrafa que encontrou ao pé do tamborete onde o Canario estava sentado, sorveu dois tragos bons e retirou-se.

A lua começava a apparecer, risonha. O céo, agóra limpo de nuvens, parecia mais alto.

No mar, distante, passava uma embarcação, em cuja prôa oscillava uma luz, tão doce e tenue que a propria alma do Guagirú sentiu um não seiquê de saudade.

Correu uma estrella no espaço. O caboclo desta vez não se enganára !— tirou o chapéo, benzeu-se tres vezes e murmurou, scismarento :

— Deus te guie, zelação !

Na egrejinha simples do povoado, o velho sino bimbalhava, annunciando a primeira entrada de missa...

HENRIQUE CASTRICIANO.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Embóra tardiamente — qual assumpto de importancia muito secundaria e assim relegado aos estertores de uma sessão legislativa — dignou-se a Camara dos deputados de permittir a inserção na sua vastissima ordem do dia do inadiavel problema da reorganisação do Exercito nacional.

O espectaculo, desta vez, debaixo da nossa admiração, iniciou-se com promettedor interesse deixando, nos primeiros dias, a impressão animadora dos seus decisivos resultados.

Infelizmente, esse interesse já se váe annuviando com a apparição nefasta de certos individuos — irrequietos e eternamente maldizentes — estorvando ingloriamente o andamento regular e rapido das discussões da praxe com a apresentação extemporanea e tola de emendas mal estudadas e *projectinhos* particularisados, perniciosos enxertos para a satisfação de interesses mal entendidos.

Entre os deputados que primeiro se occuparam do assumpto, salientou-se um illustre representante do Rio Grande do Sul, com uma abundante contribuição de palavras bonitas, mas completamente infructiferas na accepção pratica da solução do problema.

A disciplina jorrou em borbotões da sua bocca, para provar o contraste entre o que lhe sobrava nesse orgão e escasseava, de modo lastimavel, no seio das corporações armadas.

Na sua extensa tirada, justificativa de umas emendas apresentadas ao final, s. ex. foi, em parte, verdadeiro na enunciação de alguns factos que concorrem grandemente para o nosso abatimento moral e material, mas tambem, tentado pela sua analyse, tornou-se injusto em outros pontos essenciaes.

E' certo que a disciplina — fóra mesmo da antiquada concepção da obediencia passiva e cega — não constitúe apanagio do nosso meio militar.

Convém lembrar, porém, — e nem póde ser doutra maneira concebida — a estreita dependencia do Exercito á sociedade donde sáe, da qual faz parte integrante, e como tal sobre elle se reflectem, mais ou menos intensamente, os seus vicios e dotes.

E quem será capaz de negar a indisciplina que, desde muito, lavra no nosso meio social, meio este em que a mais simples acção legal do poder competente encontra logo a revolta daquelle sobre quem se exerce.

Seja justo s. ex., revolva a sua consciencia, faça um rapido balanço dos seus actos publicos e veja quantas vezes gritou: — *não póde!* — contra as coacções legaes.

Preferivel, pois, fôra que o digno representante da nação restringisse a sua longa jeremiada e occupasse sómente um dia a justificar as emendas apresentadas, as quaes, pelo exaggero carinhoso dedicado á estigmatisação dos vicios e erros, ficaram totalmente prejudicadas em relação aos seus argumentos comprovativos.

***

Deixando de parte as demais armas em que s. ex. se absteve de grandes alterações, convém criticar o que disse sobre a artilharia, para a qual mais se voltaram as suas vistas, apezar da sua quasi cegueira em assumpto tão especial, e, portanto, susceptivel de offerecer passagens desastrosas para os que trilham nessas precarias condições.

A má impressão causada em seu espirito pela desproporção da artilharia em relação ás outras armas, não é coisa tão exdruxula como se lhe afigurou.

Em toda a parte do mundo, nota-se a tendencia para o augmento do emprego da artilharia na guerra, quer campal, quer de posição, terrestre ou maritima. Egualmente, em todos os exercitos, são os quadros dessa arma mantidos em maior proporção permanente, dada a maior complexidade da sua instrucção. Haja vista a Suissa que só conserva aquartelada, durante a paz, a sua artilharia, sendo as demais armas dispensadas durante a maior parte do anno.

Admirou-se tambem da creação da artilharia de sitio, demonstrando a sua completa desnecessidade pela ausencia de cidades fortificadas no theatro provavel de nossas operações futuras.

Esse argumento, porém, não procede.

A guerra russo-japoneza, á qual s. ex. recorreu acompanhando a moda, mostra exemplos e innumeros do preparo rapido de uma posição qualquer graças aos recursos fornecidos pela fortificação passageira.

A artilharia de campanha, montada ou a cavallo, isto é, a artilharia movel, destinada a acompanhar a infantaria e a cavallaria em todas as peripecias da lucta, é impotente contra os obstaculos materiaes. A sua acção accentúa-se — para isso ella é traçada e concebida — contra os alvos animados. Atraz della, torna-se preciza uma artilharia mais potente e menos movel, uma especie de artilharia de posição, que não encontra efficacia na mobilidade para a manobra e apenas na potencia e alcance dos seus projectis.

E os casos da sua applicação na guerra de hoje, como na de amanhã, principalmente, succeder-se-ão frequentemente denunciando a inferioridade e a fraqueza do exercito que a possuir.

Egualmente, pouco convincente é a razão, expendida contra a sua creação, de não termos, actualmente, semelhante material.

Que é que prohibe adquiril-o, creadas as respectivas unidades?

Não se compram canhões de campanha, de costa, de bordo, fuzis, lanças, etc?

***

Outro ponto falho das suas emendas, é o referente á organisação da artilharia de posição.

A disposição das unidades dessa especie de artilharia em baterias independentes só se justifica pela necessidade da sua existencia isolada.

O commando da bateria independente tem uma certa latitude de acção que não se compadece com a sua reunião, sob um commando directo, dada a pequenez dessa unidade.

Os differentes serviços, a disciplina, instrucção e tudo o mais se resentirá funestamente de uma tal disposição.

Muito mais racional e pratico é conservar a organisação projectada de uma só unidade — o batalhão — para a guarnição das fortalezas de Santa Cruz e São João.

A artilharia de posição, dada a natureza do seu destino, não póde ter uma organisação uniforme, porque importa adaptal-a ás condições do ponto a guarnecer. Aqui será um batalhão de tres, quatro ou cinco baterias; alli apenas um grupamento de duas baterias sob o commando correspondente; ainda alli baterias isoladas, independentes, pela necessidade mesmo da facilidade da sua administração, instrucção, etc., — entravadas sempre que dependerem de commandos directos e distantes, como se dá actualmente.

Em conclusão — acreditamos nas bôas intenções que dictaram o procedimento do digno representante sulista, applaudindo sinceramente o seu interesse pelas coisas militares; mas cumpre confessar, á vista das precedentes considerações, a nullidade e exquisitice dos seus resultados.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro tri de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

V

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.

Mas vai-me amor matando tanto a tento
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não m'o consente o soffrimento.

Porém se esta fineza o Amor sente,
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve;

Mas se me vê co'os males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

VI

Em flôr vos arrancou, de então crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.

Huma só razão tenho conhecida
Com que tamanha magua se conforte:
Que se no mundo havia honrada morte,
Não podieis vós ter mais larga vida.

Se meus humildes versos podem tanto,
Que co'o desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.

E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

CAMÕES.

***

CULTO

O protestantismo, com a simplicidade dos templos, parece mais religioso que o esplendor meridional dos ritos.

Ha mais alma na adoração pura sem a imagem presente, que desvia o fervor, materialisando o culto. O catholicismo é carnal, quasi terreno, e comprehende-se bem que houvesse inspirado as musculaturas de Miguel Angelo e a divinisação da Foscarina.

A simplicidade é mais tocante; dir-se-hia que decresce um pouco a presença de Deus para abrir espaço ao sentimento.

Via-se isto na funebre cerimonia ha dias na rua dos Invalidos.

Acabára o bom rei, antes — o reinado de uma agonia (*).

Houve talvez na patria um movimento de desafogo. Aquella mão pallida que cedo se havia de immobilisar na estreiteza de um esquife, era forte ainda para estender sobre os arsenaes inquietos um ramo de oliveira e era impotente, contra as ambições armadas, aquelle gesto que parecia acenar de além-tumulo, da regiões da eterna concordia.

Rolem avante, agóra, o Danubio e Rheno, caudaes da guerra. Os homens de coração guardam a memoria dos soberanos que aproveitou a exaltação para ensinar o programma da paz como o melhor futuro, para ouvir a queixa dos opprimidos da conquista, para exemplificar de cima a constancia no soffrimento, que governou bastante, quem póde prever? para incluir na historia dos sabios reinados uma agonia corôada.

Sentia-se esta meditação saudosa na cerimonia, no pequeno templo: *ach, Gott, verlass uns nicht!* ..

Não eram as exequias de um rei guerreiro, de rumorosa gloria. Rememorava-se um principe que o foi para o bondade apenas, um passamento modesto que, menos que á metropole sequiosa de futuro e de dominio, devia ferir o patriotismo da remota colonia, suavisado da ausencia e da nostalgia.

E com as cabeças louras que entravam, frontes pensativas, lembrando gravuras idéaes, olhos azues que vinham como uma invasão de céo, e com os canticos e a vocalisação plangente do orgão, reconhecia-se a Allemanha, não a Allemanha rude dos combates e do equilibrio europeu — a serena Allemanha da metaphysica e da musica.

RAUL POMPEIA.

***

OLIVEIRA MARTINS, INTIMO

Uma noite, seriam dez horas, vinha eu da Foz com o Eça. Isto devia ser ahi por Agosto ou Setembro, e o Porto estava deserto, d'uma desolação soturna e quente. Na impossibilidade de entrar logo para o hotel, o Eça lembrou:

— Vamos visitar o Oliveira Martins.

— Mas eu não o conheço.

— O Philosopho? Conheço eu e basta.

Nas Aguas-Ferreas — creio que era nas Aguas-Ferreas — não passava vivalma; e na casa a que nos dirigimos nem um postigo aberto, nem uma fisga de luz. Tudo tão absolutamente socegado, que eu ainda protestei contra aquella violação de domicilio. Mas o Eça insistiu e bateu. Passados instantes, d'uma janella que se abriu, uma voz perguntou:

— Quem é?

— Eu.. José Maria.

— Ah! esperem que eu vou.

Houve uma bulha de ferrolho corrido, de volta de chave na fechadura, e o proprio Oliveira Martins appareceu á porta, embrulhado n'uma especie de gabão, com um lenço de seda enrolado á pressa no pescoço.

— Que estavas tu a fazer? perguntou o Eça.

— Na cama; levanto-me ás cinco e deito-me ás nove.

E, como eu me desculpasse, na minha qualidade de intruso, accrescentou amavelmente:

— Quando não tenho com quem conversar.

Entrámos no escriptorio, cá em baixo, uma casa comprida, com uma mesa alongada ao centro, estantes até o tecto. Oliveira Martins accendeu elle mesmo o seu candieiro de trabalho que dava uma luz fraca; e alli ficámos a conversar tranquillamente na penumbra do *abat-jour*. O dono da casa acolhia-me, a mim que elle via pela primeira vez, com a mesma singeleza com que acolhia o velho amigo Eça de Queiroz. Naturalmente a conversa deslisou para as lettras; e Oliveira Martins veio a fallar-nos do livro que então escrevia, a *Historia da Republica romana*. Como sempre, elle vivia todo no seu assumpto do momento, evocando pela poderosa imaginação as figuras e as scenas do passado que estudava. O Eça ouvia, e pouco a pouco discutia, interessado já pelo thema novo, embebido na historia romana como se nunca tivesse pensado n'outra coisa, fallando de patricios e de plebeus, de Scylla e de Mario, apanhando tudo no ar, n'aquella sua assimilação subtil e prompta, ondulante e penetrante ao mesmo tempo.

Lentamente animava-se, de pé, anguloso e delgado, o olho negro encovado e brilhante sob o reflexo do monoculo, o cigarro debaixo do bigode descahido. E cheio de phrases imprevistas, de phantasia sensata, punha objecções ás theorias do Philosopho, que lhe respondia pensadamente,

n'um gesto lento, a expressão um pouco vaga, como se olhasse para dentro, para o que estava pensando. Nada mais interessante do que o contacto d'aquelles dois espiritos, tão absolutamente diversos um do outro, e tão realmente grandes ambos. Era como o encontro de uma tropa disciplinada, bem provida de munições e armamento, com um corpo de irregulares, ferteis em recursos, em surpresas, em movimentos inesperados.

Quando sahimos das Aguas-Ferreas eram duas horas da manhã. Na porta, Oliveira Martins pediu-me gentilmente, e naturalmente tambem ao Eça, para jantarmos com elle no dia seguinte.

De manhã, antes do almoço, descia eu a escada do meu hotel, quando me encontrei cara a cara com um alto funccionario então no Porto, um homem serio, e alem d'isso um excellente homem. Saudou-me com effusão:

— V. Ex. por cá... Então demora-se?

— Dois ou tres dias.

— Hade vir jantar comigo! Hoje mesmo, se lhe faz conta.

— Agradeço muito; mas hoje é impossivel, porque vou jantar com o Oliveira Martins.

— Com o socialista!? exclamou o funccionario, recuando dois passos.

Oliveira Martins era então algum tanto suspeito ao mundo official.

D'essa noite datou a minha constante amizade com aquelle que nós chamavamos «o Philosopho». E é este um dos favores intellectuaes, alem de varios, que eu devo a Eça de Queiroz.

CONDE DE FICALHO.

***

O FALLAR DEMASIADO

Peccam alguns em fallar demasiado, sem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o fallar querem só para si. Em Londres conheci um gentil-homem francez, muito pobre, e grande fallador: um enviado, que alli foi d'el-rei Christianissimo, egualmente fallador, lhe offereceu mesa, que elle estimou muito: e no fim do primeiro jantar se despediu para não tornar. Perguntou-lhe o enviado a causa: respondeu: *Senhor, eu quero fallar sempre, e vós quereis o mesmo: não podemos conversar ambos.* E disse bem; porque a conversação é como o jogo, em que não joga sempre um só, mas ambos, ou todos os que se puseram a jogar. Ha linguas tão correntes, como penedo que roda, ou homem que corre por um monte abaixo sem poder parar, ainda que queira. Não ha quem soffra um d'estes. Os laconios lançaram fóra a Crisiphonte, porque se jactava de que se atrevia a fallar todo um dia sobre uma só coisa. Solon, sabio da Grecia, em um ajuntamento de falladores não dizia palavra. Perguntando-lhe Periandro, que era outro sabio, se calava por falta de palavras, ou por ser nescio, respondeu: *Que nenhum nescio podia estar calado.* Pelo que aconselhou o Ecclesiastico: *Não sejaes fallador.* Mas tambem não ha-de ser o silencio demasiado. Conta a Floresta Hespanhola que um pae encommendou a um filho nescio, que casava, que no banquete das bodas não fallasse, por que se não désse a conhecer. Um dos convidados, vendo-o em tanto silencio, disse em voz baixa a outro: *Este moço deve ser nescio, porque nada falla*: e o moço, que o ouviu, disse ao pae: *Meu pae, já posso fallar, porque já me conheceram.* Tanto se perde por menos, como por mais. O sabio cala, e falla a seu tempo; o imprudente não observa tempo. Espiritualmente disse um varão grande: *Ninguem falla seguro, senão quem cala de boa vontade.*

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.
(*1606-1682*)

(*) Raul Pompeia referia-se a Frederico III, fallecido em 1888, após tres ephemeros mezes de reinado, e cuja divisa—*Lernen zu leiden ohne zu klagen*—é o perfil moral do sympathico e infeliz monarcha.—N. da R.

REVISTA DAS REVISTAS

REVUE DES DEUX MONDES

Um dos mais interessantes trabalhos dos ultimos numeros dessa revista é o do commandante Davin sobre o *carvão no ponto de vista naval.* O sr. Davin começa o seu artigo accentuando que o carvão é o nervo da guerra naval. Um navio de guerra, brevemente, não terá meios de se prover de carvão.

Em 1904, a Inglaterra produziu 236 milhões de toneladas de carvão; a Allemanha, 169 milhões e meio; os Estados-Unidos, 324; e a França, sómente 34.

Falou-se muito, o anno passado, no lento desapparecimento das minas inglezas, e a marinha daquelle paiz pergunta, alarmada, qual será a duração provavel das jazidas. Essa questão é um ponto negro para o futuro da potencia naval da Inglaterra.

Em 1904, as suas esquadras consumiram 8 a 9 % da producção total das 24 minas; o resto passou para o estrangeiro. Os pedidos do exterior são tão constantes que as encommendas feitas pelo almirantado inglez ficam retardadas, muitas vezes em momentos criticos, como na epocha do incidente da Fashoda, para não citar sinão um caso. Do outro lado, tambem, fazer enormes provisões de carvão é uma má idéa, por causa da deterioração que esse combustivel soffre nos depositos.

O sr. Davin fala da guerra hispano-americana e da russo-japoneza, provando as suas asserções com dados estatisticos. Cita, tambem, o emprego na Allemanha do *osmon*, combustivel tirado da turfa.

A marinha italiana, diz o commandante Davin, indo além da sua epocha, adoptou uma solução para o problema dos grandes navios de combate. Foram construidos nos estaleiros italianos uns navios que são, ao mesmo tempo, couraçados, pelo armamento, e cruzadores, pela rapidez e pelo raio de acção. Para alguns entendidos, a Italia, em cruzadores, está superior á França. O navio francez *Dupleix* e o italiano *Garibaldi* teem o mesmo deslocamento. O raio do primeiro não vae além de 6.000 milhas emquanto o outro póde percorrer 9.300, com facilidade.

Nos navios de guerra da França, as installações de carvão e as construcções de ferro para abastecimento são duma notoria insufficiencia. Não só se torna indispensavel melhorar a organisação para que os navios francezes uzem carvão o mais possivel, como tambem modificar, completamente, as installações nos portos e os estaleiros; sem isso, a marinha franceza não será forte e não estará muito segura para qualquer acontecimento.

O commandante Davin, terminando o seu curioso trabalho, diz que a arte da guerra está singularmente complicada. «E' precizo hoje prever o mais possivel e não deixar ao acaso ou á inspiração do momento sinão as questões impossiveis de ser estudadas de antemão».

— Num outro numero mais recente da *Revue des Deux Mondes*, além da primeira parte do novo romance de Marcel Prévost, *Monsieur et Madame Moloch*, encontra-se um longo trabalho de Ferdinand Brunetière, que é o director-gerente da revista, sobre *a Doença do burlesco.* O academico francez, num estylo apurado, relembra as figuras de Cyrano de Bergerac, de D'Arsoney, de Scarron e de mais alguns outros escriptores que se salientaram pela nota burlesca das suas producções. Uns, pouco tempo depois do apparecimento, ficaram esquecidos e ninguem os conhece mais; o sr. Brunetière deplora tudo isto e, falando do estylo burlesco, diz que elle preciza ser estudado como um accidente da moda, caprichoso, passageiro, inexplicavel. «Ou então, será precizo, ao contrario, reconhecer ahi uma tendencia natural da linguagem e do espirito, crescendo até á doença, sob o imperio das circumstancias que ella determina?»

Continúa, accentuando que existiu sempre a doença ou o instincto facecioso, sendo isso natural, porque a alegria é um dos signaes caracteristicos da raça franceza. O articulista, depois de citar diversos casos interessantes de humoristas, affirma que o estylo «burlesco» e o «precioso» são fórmas da arte ou constituições do espirito.

Assim, diz tambem que as duas esthetícas, a do burlesco e a do precioso, se oppõem á esthetica fundada sobre a imitação da natureza. «Nem Dante, nem mesmo Petrarcha, nem Rabelais, nem Molière, nem Shakspeare, nem Milton, nem Cervantes, nem Gœthe, nem Schiller, são preciosos ou burlescos, mas naturalistas, cada um á sua maneira.»

***

NUOVA ANTOLOGIA

O professor Vincenzo Grossi, que nós conhecemos aqui pelas «Cartas da Italia» que o *Jornal do Commercio* publica e onde elle mostra um profundo conhecimento das coisas economicas do Brazil, é uma competencia segura em economia politica e politica internacional. Esse ultimo artigo, que a *Antologia* acaba de editar a respeito da *crise do café no Brazil*, é mais uma prova do quanto elle sabe das nossas finanças e a acurada attenção que dá ás grandes questões que aqui se agitam.

O sr. Grossi principia o seu estudo dizendo que «quem segue com certo interesse

a politica economica e financeira dos paizes sul-americanos, tem a sua attenção voltada para uma grande questão que se debate no Brazil sobre a valorisação do café, um dos principaes productos dessa vasta Republica.»

Nas suas considerações, o sr. Grossi apresenta dados estatisticos dos nossos relatorios, comprovando assim a sua alta competencia no assumpto. No estudo da fixação de cambio, o professor italiano tem diversas maneiras de encarar o ponto, que são dum grande valor para nós. Aprofundado na questão como está, o professor Grossi termina accentuando que «a crise do café deveria agir sobre o organismo social como um excitante, um estimulante da actividade nacional e da iniciativa privada e não como paralyzador ou adormentador daquelle organismo; afinal, o papel do café não seria outro, elle no organismo physico é um perfeito estimulante. A actual crise do café deveria ser como as proprias injecções de cafeina e de strychinina e não atacar o organismo, embrutecendo-o, como as dóses mortiferas da morphina e as perigosas inhalações do chloroformio.»

***

LA REVUE

O artigo do sr. Léo Claretie — *Os trocadilhos de pessoas sérias*, é um dos mais interessantes que teem apparecido a respeito desse jogo de palavras. O trocadilho é cultivado em grande escala e muita gente de alta illustração o aprecia como um divertimento intellectual; outras pessôas, as despeitadas, em geral, dizem e escrevem que nada ha mais inepto e esteril que os calemburgos, triste privilegio dos caixeiros-viajantes ás mezas dos hoteis. Isso, porém, não é verdade — os maiores espiritos não o teem desdenhado.

A etymologia da palavra «calemburgo» está incerta ainda. No emtanto, ella é bem recente; no seculo XVIII, o trocadilho era conhecido, na França, por «equivoco». A respeito da palavra «calemburgo», já se propoz uma hypothese: que ella tenha vindo do abbade allemão Von Theben, cura de Calemberg, conhecido como o typo popular da alegria e da farça grosseira.

O sr. Claretie continúa citando diversos diccionarios e fala que Victor Hugo disse que o trocadilho tem uma origem muito remota e que Jesus Christo tinha feito um trocadilho com São Pedro. O escriptor francez colleccionou, nas suas vinte paginas da *Revue*, uma quantidade extraordinaria de *jeux de mot*, dum humorismo esplendido, trocadilhos admiraveis onde brilhava sempre uma inesperada ironia, a cortante ironia franceza. Cita calemburgos engenhosos que custaram aos seus auctores bôas horas de trabalho e outros, duma simplicidade deliciosa, mas que por isso mesmo se tornam curiosos.

O sr. Léo Claretie conclúe o seu bello artigo, que é mais uma collectanea de trocadilhos de pessôas celebres, dizendo que esse jogo de palavras, na sua essencia grosseira, é a expressão perfeita da alegria; elle apresenta os caracteres distinctivos do riso, sempre causado por um contraste, um salto entre o que se vê e o que se esperava encontrar. A propria divergencia dos dois sentidos, ligados, por uma communidade de sons e uma semelhança phonetica, com os dois ramos desse compasso, reunidos á cabeça e que se vão, a pouco e pouco, alargando, impõe ao espirito uma deslocação que a multa gente parece um excellente agradavel á sua actividade mental.

E' um *sport* que tem os seus mestres, os seus campeões, os seus *dilettanti* e as suas victimas. O gosto se propaga com uma rapidez enigmatica; o contagio é immediato. E' prezizo ter muito cuidado com o trocadilhista, respeital-o mesmo, porque elle é um egoista que faz as suas pilherias para se divertir unicamente e não procura alegrar os outros.

***

FORTNIGHTLY REVIEW

Inglaterra, Belgica e Hollanda é o titulo dum artigo onde se estudam as condições desses tres paizes. A Belgica, com a sua grande industria fabril, o seu commercio habil e seguro; a Hollanda, com os vastos campos onde os bois pastam mansamente e com os seus pescadores ousados que avançam, resolutos, pelo mar fóra; e a Inglaterra, poderosa nas suas officinas, nas suas grandes fabricas, na sua industria pastoril e forte na sua organisação militar que a faz respeitada — dão margem a que o articulista, que se encobre sob um pseudonymo, fale, demoradamente, das fabricas européas e do commercio que a Europa mantém com o estrangeiro.

Uma grande parte do artigo occupa-se das forças militares dos tres paizes; o escriptor admira-se como a Belgica tem em tempo de paz 50.000 soldados e no serviço de reserva, podendo ser chamados ao primeiro momento, cerca de 150.000 homens. A differença que existe entre as forças militares da Inglaterra e as da Hollanda e da Belgica é colossal, e o auctor do estudo accentúa isto com um certo prazer que não deve agradar absolutamente aos pacifistas.

ELEGIA

(NO TUMULO DE FAUSTO CARDOSO)

Patria! Mais uma vez, venceu-te a iniquidade!
Seja o immenso pezar dessa nova desdita,
A luz que ha de mostrar-te a trilha da verdade.

Vem da estirpe de Caim o braço vil que agita
O latego com que te açoita o corpo lasso,
Uma raça atravéz dos seculos maldita.

Entretanto, jámais ha de surgir um braço
Que buscando soerguer-te a fronte succumbida,
E hastear o aureo pendão do teu povo no espaço,

Um ser justo que entrando honesto e leal na lida,
Não defronte as traições, as insidias corruptas
E não seja afinal levado de vencida.

Ha de tombar em meio á confusão das lutas,
Ha de a traição feril-o e a protervia vencel-o
E tu, Patria, voltar á treva em que te enlutas.

Jámais despertarás desse atróz pesadello,
Com o teu Ultimo Filho, a tua liberdade
Eterno irá jazer no pó que ha de envolvel-o.

O estandarte de Caim enluta a immensidade.
A intolerancia cruel tinta em sangue proclama
A eterna negação do amor e da verdade.

Estrella do Brazil, é extincta a tua flamma.
Mocidade, chorae nossa eterna vergonha,
Gemei, penhas, vibráe, ó corações de lama.

Como pudeste, ó Sol, nessa manhã tristonha,
Doirar a immensidade, a terra encher de brilho
E na treva deixar tanta traição medonha?

O' Patria! Como viste o teu Ultimo Filho,
Por ti, por teu amor, tombar aniquilado,
E não seguiste envolta em sangue o mesmo trilho!

Com o teu heróe, teu sabio, o teu poeta e soldado,
Para sempre extinguiu-se o teu phanal sublime,
Era seguil-o, pois, o teu dever sagrado.

Mas, preferiste a morte á extincção que redime.
Embalde. Do que fôste, em menos de cem annos,
Ha de apenas restar a memoria de um crime.

Trôa perto o tropel dos céleres uhlanos,
E a náu de Albion, soturna, amortalhade de aço,
Sonda, corta e recorta os pavidos oceanos.

Cedo, bem cedo, o Sol ha de romper no espaço
E a um tempo illuminar cem paizes distinctos,
Que se hão de degladiar dentro do teu regaço.

Então, Patria, sofreando os mais nobres instinctos,
Sorrirei á visão da tua derrocada:
O teu povo sem leis, os teus marcos extinctos,

O teu nome infeliz nada exprimindo, nada,
E finalmente, ó dôr, a tua Fé sublime
Numa vasta Babel de seitas transformada...
....
Comtudo ha de narrar-se a historia do teu crime!

MARIO DE GUARANÁ.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Fabricação industrial do chloroformio por um novo processo — Rendimento e pureza do producto — Applicações.

As applicações, cada vez mais numerosas, do chloroformio, forçaram a industria a fabrical-o barato e em grandes quantidades, fazendo reagir o acectone sobre o chlorureto de sodio, sob a influencia do electrolyse.

O apparelho ordinariamente empregado nesse processo é uma retorta de ferro esmaltado, aquecida a vapor circulando num duplo fundo. Os producto destinados a entrar em reacção são introduzidos por uma abertura que fecha um tampão fixado por um systema analogo ao do coverculo dos autoclaves. Uma tubulatura, collocada na parte superior do apparelho, condúz os vapores do chloroformio e d'agua para uma serpentina onde se condensam.

Os electroides são constituidos — o positivo, por uma arvore vertical sobre a qual estão dispostas, em fórma de um V, hastes de carvão em communicação com o pólo positivo do dynamo gerador; essa arvore é movel em torno de um eixo e gyra, servindo de agitador; o negativo é constituido por um cylindro de cobre, disposto parallelamente ás paredes da caldeira.

Introduzem-se na retorta 500 litros de uma solução de 20 % de chlorureto de sodio; faz-se circular o vapor no fundo duplo de maneira a fazer ferver o liquido; depois, faz-se passar uma corrente de 129 *volts* e 0,2 *ampère* por centimetro quadrado de superficie anodica. Ao mesmo tempo, por meio de um tubo atravessando a parede da retorta e desembocando dentro da massa liquida, faz-se chegar o acectone de maneira contínua. A reacção se produz e, á medida que começa, o chloroformio se desprende e se condensa na serpentina.

O apparelho é regulado de modo que, ao cabo de duas horas, attinge a 80 kilos de acectone. A operação pára e purga-se a retorta.

O liquido que corre da serpentina é recolhido num condensador, onde se separa em duas camadas: em cima, chloroformio, quasi puro como, é necessario para as applicações vulgares da industria; em baixo, agua misturada a uma certa quantidade de acectone arrastada mechanicamente: esta agua decantada segundo o principio do recipiente florentino, serve, no curso de uma nova operação, para dissolver o chlorureto de sodio. Quanto ao chloroformio, que poderia, rigorosamente, ser empregado tal qual é reproduzido, uma ou duas lavagens o desembaraçam das impurezas, pelo menos daquellas que prejudicariam os industriaes, de maneira que não contém os compostos chlorurados extranhos muito frequentes, perturbando a pureza dos productos obtidos pelo antigo processo.

O rendimento do novo systema de fabricação do chloroformio é de 85 a 100 %.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

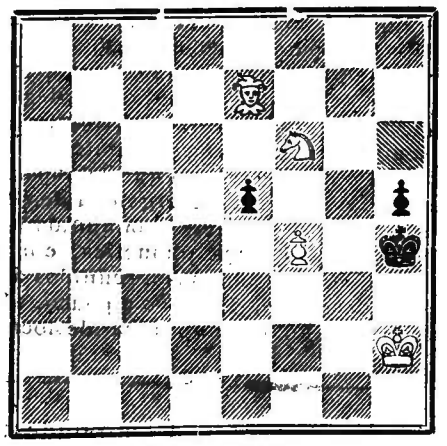
Ainda não fôram jogadas as ultimas partidas do 1º turno.

***

PROBLEMA N. 67

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (3)



BRANCAS (4)

Mate em tres lances

***

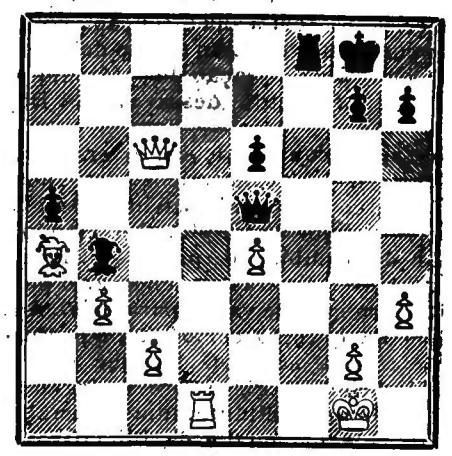
PARTIDA N. 73

(Jogada no torneio de Ostende a 27 de junho de 1906)

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Brancas (Janowiski)		*Pretas* (Schlechter)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B D
B 5 C D	— 4 —	C 5 D
B 4 T D	— 5 —	C × C x
D × C	— 6 —	B 5 C D
P 3 D	— 7 —	Roque
Roque	— 8 —	P 3 B D
B 5 C R	— 9 —	B 2 R
P 3 T R	— 10 —	P 3 D
T D 1 D	— 11 —	P 4 C D
B 3 C D	— 12 —	P 4 T D
P 4 T D (*a*)	— 13 —	P × P
B × P	— 14 —	D 3 C D (*b*)
P 3 C D	— 15 —	B 3 R
B 3 R	— 16 —	D 2 B D
C 2 R	— 17 —	C 2 D
P 4 D	— 18 —	C 3 C D
P × P	— 19 —	P × P
B × C	— 20 —	D × B (*c*)
D 3 B D	— 21 —	D 2 B D
P 4 B R	— 22 —	P × P
C × P	— 23 —	B 5 C D
C × B (*d*)	— 24 —	P × C
D 4 B D (*e*)	— 25 —	D 4 R
T × T x (*f*)	— 26 —	T × T
D × P	— 27 —	

Depois do 27º lance das Brancas



	— 27 —	B 4 B D x ! (*g*)
R 1 T	— 28 —	B 3 D !
D × B	— 29 —	T 8 B R x !
T × T	— 30 —	D × D
B 5 C D	— 31 —	D 4 R
B 3 D	— 32 —	P 4 T R
T 3 B R	— 33 —	P 4 C R
R 1 C	— 34 —	P 5 C R
T 2 B R	— 35 —	R 2 C
P × P	— 36 —	P × P
T 1 B R	— 37 —	P 6 C R
abandonam (*h*)	— 38 —	

(*a*) Em semelhantes casos joga-se geralmente P 3 T D. (H.)

(*b*) As Pretas tomam o ataque e o B R branco fica fóra de jogo durante algum tempo. (H.)

(*c*) O resultado desta pequena escaramuça é favoravel ás Pretas, que ficam com os dois bispos. (H.)

(*d*) Para ficar com B de côres differentes e melhor jogo; deviam obter a nullidade. (H.)

(*e*) O B branco, em verdade, foi inutil durante toda a partida, circumstancia devida, sem nenhuma duvida, ao 13º lance, P 4 T D. Si agóra 25—D × P, então D 4 R, seguindo-se pouco mais ou menos a continuação da partida, com essa differença de que teriam podido collocar o B a 5 C D com certo proveito. (B. E.)

(*f*) Esta troca deve ser um erro.

(*g*) Lance inicial de uma magnifica combinação. Inteiramente como um problema, as Pretas ganham forçadamente uma encantadora partida. (H.)

(*h*) As Pretas forçam o R branco a ir para o canto; depois, por meio de xaques, tomam o P C R e ganham facilmente. (B. E.)

(*Notas de Hoffer e do Brooklyn Eagle.*)

***

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 66 (*A. G. Corrias*): 1 — R 3 B, P 6 T R (*a*, *b*); 2 — R 3 R, R 8 C; 3 — D 1 B D mate.

(*a*) 1... T 7 B D ou T 3 C R; 2—D × T, ?; 3 — D mate.

(*b*) 1... T joga sobre a linha do C R; 2 — R 2 B x. d., T cobre; 3 — D × T mate.

JOSÉ GETULIO.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

ANNO III — Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1906 — Num. 102

ASSIGNATURAS
ANNO.. ..... 20$000
SEMESTRE.. .... 12$000
Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE AS QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Diversões pela historia contemporanea. — O golpe de Estado. — Intervenção das classes armadas. — A lição da historia.

Em um dos dias da semana passada, fez-se na Camara uma diversão pela historia contemporanea a proposito da intervenção do elemento militar no politica. Contestaram-se episodios interessantes da historia de hontem, e quando o sr. Serzedello Corrêa, com a auctoridade do seu testemunho pessoal de personagem saliente nos acontecimentos, fez, em vibrante discurso, rectificações interessantes, o sr. José Carlos de Carvalho, que é um archivador infatigavel, exclamou compulsando um volumoso «in-folio» de documentos: a historia está errada !...

Por um curioso phenomeno physiologico, a memoria fixa os factos distantes com mais nitidez do que os contemporaneos. Os casos dos nossos dias são apreciados á luz de um criterio incerto, dependente do influxo das paixões em effervercencia, dos interesses, das commoções, das impressões contundentes do delicado apparelho mnemonico. E' precizo que um largo espaço de calma se interponha produzindo, sob protectora camada de apparente olvido, a depuração donde resulta a verdade definitiva como revelação lucida e permanente no espirito dos individuos que trazem a contribuição particular do seu testemunho para o processo da historia, uma vez que as massas, o povo, não teem memoria, ou recebem e conservam a impressão dos factos com reflexo de visão deturpada.

A historia do «golpe de Estado» e dos acontecimentos que concretizaram a politica dos agitados dias decorrentes de 3 a 23 de novembro, tem sido contada por testemunhas dignas de fé com as mais accentuadas variantes; os episodios mais notaveis collidem nas mais extranhas contradições, assim como são dissidentes em pontos essenciaes as apreciações das causas do papel dos homens de maior destaque nesse violento movimento que perturbou até hoje a funcção normal das instituições democraticas.

O intuito dos oradores que tomaram parte no debate foi justificar a intervenção de militares na politica, sustentando a doutrina da obediencia intelligente dentro da lei, dos regulamentos disciplinares. O soldado não é um automato, pensa e delibera, aprecia os actos do Governo, dos seus superiores hierarchicos, á luz do criterio patriotico e obedece ou resiste conforme são esses actos de accordo ou infringentes dos preceitos legaes. A obediencia passiva sómente é imposta em combate, em manobras, das quaes a massa armada figura como simples instrumento de execução. O Exercito e a Marinha tinham o direito de resistir aos actos do Governo contra a Constituição da Republica, como resistiram quando o escravismo pretendeu subordinar militares ao papel de capitães de matto. As classes armadas são susceptiveis de se commoverem ao influxo das idéas, pódem espozar as vencedoras na opinião publica, pódem incorporar-se ao povo, aos paisanos, para promover a victoria do que se lhes figura a conquista de generosos idéaes. O soldado não é um organismo mechanico: é feito, como qualquer mortal, de carne e osso, tem musculos, tem cerebro, tem nervos, intelligencia e vontade. O soldado é, conforme a fórmula retumbante, frequentemente empregada, a nação armada.

Esses conceitos estão, na verdade, de perfeito accordo com a verdade historica: o elemento militar figurou como factor essencial, sinão unico, em quasi todos os movimentos politicos, desde os dias da regencia do principe d. Pedro; figurou na rebeldia da regencia contra a metropole; figurou na Independencia, em todas as convulsões que agitaram a recente nacionalidade até o 7 de abril; figurou em todas as violencias contra a Constituição a começar pela da minoridade; foi o elemento de compressão das tentativas democraticas, afinal asphyxiadas em 1848 pela dictadura fundada sob a hypocrita apparencia de governo constitucional representativo. Não fôram, certamente, obra de paisanos, obra do elemento civil, as compressões da Republica do Equador, de Piratinim e de todos os movimentos democraticos que enriqueceram o martyrologio de heróes dessa propaganda de que o 15 de novembro foi a solemne, a definitiva, a patriotica reivindicação da passividade com que as classes armadas assistiram, impassiveis e obedientes, a todos os golpes de Estado que consolidaram o prestigio da monarchia, reduzindo a Constituição a lettra morta, tal qual está succedendo com a «carta» de 24 de fevereiro, da qual aquellas mesmas classes, depositarias da força, se constituiram os mais abnegados, os mais vigilantes defensores.

Foi em nome desses principios, foi sob a inspiração desses idéaes patrioticos, que ellas resis-

tiram ao immortal marechal Deodoro da Fonseca e forçaram a abdicação, que não seria obtida entre flôres e charangas si o valente guerreiro não estivesse alquebrado pela molestia ou não preferisse dar um testemunho de desprendimento de todas as vantagens e honrarias da suprema posição que occupava, a provocar com a resistencia a lucta fratricida, o derramamento desse sangue de irmãos que depois de 23 de novembro correu em ondas para consolidar os fundamentos desse regimen de olygarchias, essa falsificação immoral, indecente, vergonhosa, dos principios basicos da democracia consagrados na Constituição, que é a menina dos olhos do Exercito e da Armada.

Esta situação de um povo dividido em oppressores e opprimidos; a grande maioria do povo, dos interesses nacionaes subordinados ás minorias ridiculas; essa aviltante situação de um povo sem voto, excluido systematicamente, violentamente, de concorrer ás manifestações da soberania nacional, é incomparavelmente peior do que aquella que seria resultado provavel da reforma tentada pelo golpe de Estado, reforma que é hoje o timido ideal dos verdadeiros republicanos.

Foi uma violencia á Constituição esse ouzado golpe; mas a experiencia, os resultados do contra-golpe põem em duvida si elle seria um erro, si seria um inestimavel beneficio ter conseguido de chofre, por um acto dictatorial, aquillo que, mais cedo ou mais tarde, seremos forçados a conquistar com immensos sacrificios para restaurarmos o regimen republicano.

Ninguem hesita mais em reconhecer que não valeu a pena sustentar em 23 de novembro a Constituição para rasgal-a depois, impunemente, para reduzil-a a esse trapo imprestavel que está encobrindo as hediondas, as repugnantes ulceras de um organismo degenerado, ameaçado de decomposição.

Nós não contestamos a nobreza dos intuitos dos principaes factores da resistencia ao golpe de Estado; estimamos se restabeleçam, em toda a sua nitidez verdadeira, os pormenores desse famoso episodio da historia contemporanea; desejamos se restaure a tradição incerta, vacillante, com o apoio das provas documentaes: disso resultará com eloquencia esmagadora que aquelles alevantados intuitos fôram lamentavelmente contrariados, annullados pelas consequencias.

E é essa a triste lição da historia.

POJUCAN.

ORGANISAÇÃO MATERIAL DA POLICIA

Não é menos irrisorio o aspecto deprimente da policia no tocante á sua descuradissima organisação material. A este respeito tudo está por fazer, e esta phrase não contém exaggero porquanto o pouco de toleravel, que existe, é um infinitamente pequeno, desprezivel, sem quebra de valia daquelle juizo. Entendamo-nos em principio: na organisação material da policia, apenas incluimos os seus edificios e meios de transporte, coisas, no caso presente, fundamentaes e imprescindiveis.

A policia não possúe, siquer, um edificio apropriado. A propria chefatura está abrigada em dois casarões da rua do Lavradio, entre quatro paredes, cujo recinto, pelo numero crescido de divisões de tabique, parece conter — não um dos mais importantes departamentos do ministerio da justiça — e sim uma destas casas do alugar commodos a gente duvidosa.

Desprovidos de ar, de luz, de hygiene, aquellas duas casas attráem, dia e noite, gente de toda especie, proveniente de todos os pontos, homens visivelmente atacados de molestia contagiosa, principalmente tuberculosos, para não falar em transeuntes esporadicos victimados pela variola, pela peste bubonica, etc. Dir-se-á que é impossivel fazer retroceder os que alli vão, em tal estado; nem nós imaginamos que tal se tentasse praticar; mas, uma repartição publica, cujo destino primordial é attender a tão diversas solicitações, devia de ser adaptada a este mistér, obedecendo a preceitos que concorressem para que fôsse o menor possivel o mal disso proveniente. No emtanto, não é o que se vê. Pardieiros de pessima construcção teem sido, de tempos a tempos, ligados aos dois edificios principaes, já, por sua vez, unidos, entre si, por aberturas nas grandes paredes lateraes. Dahi resulta, como principal consequencia, condemnavel divisão de alojamentos, corredores acanhadissimos e escuros, um verdadeiro labyrintho inextricavel.

Do pavimento terreo, onde installaram o corpo da guarda, xadrez e indispensaveis dependencias, sem limpeza e hygiene desejaveis, se desprendem, quasi sempre, para os pavimentos superiores, emanações perniciosas á saúde do proximo e intoleraveis.

O chefe, os delegados auxilares dispõem apenas, cada um, do uma sala, e nellas, promiscuamente, vão ter pessôas de todas as classes sociaes que alli topem, por qualquer circumstancia.

A' secretaria coube a triste sorte de occupar duas acanhadas saletas, quasi litteralmente occupadas pelas mezas e armarios de dois funccionarios, que nella trabalham, ás vistas de todos, tendo, pela frente, um corredor de minima largura, e, do lado, vidraças enormes, que, arriadas, impedem a entrada do ar, e, levantadas, dão accesso aos gazes deleterios desprendidos do pavimento terreo.

Entre estas duas saletas ridiculas, departamento do secretario e do official, fica a thezouraria, encaixada, como corpo extranho, entre as demais dependencias sobre a jurisdicção do secretario, as quaes se perdem, mundo a fóra, pelos pardieiros posteriormente construidos.

O archivo, secção utilissima e indispensavel, fica relegado para um local escuro, rente com o sólo, nos fundos

do predio, acanhadissimo, escuro, entregue ás moscas das cavallariças, ao abandôno, ignorada talvez a sua existencia, ou evitado por todos como local ruinoso.

Não menos censuravel é a situação do gabinete medico legal, descurado e desprovido de indispensaveis recursos, installado nas alturas, difficilmente accessivel aos feridos, aos doentes, aos loucos, etc., que, para lá chegarem, terão forçosamente de percorrer enormes distancias, subir longas escadas, dispender, emfim, um esfôrço evitavel, produzindo os alienados, ás vezes, escandalos, vozerias indescriptiveis aos olhos curiosos de toda a gente. Tudo isto é summamente vergonhoso e degradante. Resalta este conjuncto como das mais tristes provas de incapacidade e de desleixo.

E si é isto, a traços largos, a Repartição Central da Policia, não é outro o aspecto de qualquer das 28 delegacias do Districto Federal. Xadrezes ha que não offerecem a minima segurança; todos, sem excepção, são a ante-camara da morte. O infeliz que nelles transita, põe-se em contacto com um mundo de obscenidades dia a dia, e por annos inteiros, juxta-postas, umas ás outras, pelos frequentadores incorrigiveis; em cada qual destes compartimentos abominaveis, ha o germem das mais temiveis molestias. A lavagem é difficil, espera-se, quasi sempre, um dia em que esteja vasio, e isto, em muitas delegacias, é rarissimo. Cogitar de hygiene nestes antros é mesclar com a philantropia a ironia. Ha quasi sempre vomitos, perdidos entre as grades impenetraveis, que os cachorros cubiçam com inveja. A moralidade e a decencia policiaes não conhecem sinão duas divisões no genero humano: homens e mulheres; os menores, de qualquer sexo, levados ás delegacias irão cohabitar com uns e outros em qualquer hypothese. Por passageira que seja a cohabitação, este contacto é nocivo aos jovens, facilita as contaminações dos vicios mais hediondos, favorece o estabelecimento de relações entre individuos perdidos para o bem e creaturas innocentes, a quem se abre a porta do mal; aguça a libidinagem e degrada para sempre a dignidade do desgraçado cuja sorte se pretende corrigir.

Os mesmos traços de pessima adaptação, salientados no breve esboço, acima delineado, a respeito da chefatura de policia, recáem, sem excepção, sobre qualquer dos edificios das delegacias, quer urbanas, quer suburbanas; convindo notar que, além delles, quasi todas as estações policiaes se acham installadas em local inconveniente, fóra dos logares de maior movimento, quando o proprio regulamento policial claramente estatúe que a installação das mesmas deve se realizar nos pontos centraes das circumscripções.

Assignalemos que todos os predios são de aluguel, oneroso quasi sempre ao Estado, porque o particular sabe que o locatario não é dos melhores quanto ao trato que dispensa ao immovel; assignalemos os necessarios accrescimos feitos por conta do Governo e imaginemos, após, a que cifra monstruosa attinge tudo isto, quando se sabe que, só nos referidos alugueis de casas, a policia dispende uma verba annual superior de dezenas de contos a 100.000$000!

O que de dinheiro se tem esgottado com este processo estapafurdio de administrar é somma além do sufficiente para que a policia já estivesse admiravelmente installada.

Felizmente nenhuma quadra é mais vantajosa para o emprehendimento desta obra, utilissima e urgente, do que a actual, quando a cidade começa a tomar um aspecto topographico definitivo e immutavel, graças ás novas ruas e avenidas, abertas sob o dictame de louvavel criterio e tendo em vista, principalmente, as necessidades do transito, o encurtamento das longas distancias e a consequente approximação dos differentes bairros.

Ao lado destas observações, convém operar-se melhor divisão nas zonas a policiar, augmentando a área de algumas circumscripções, por demais pequenas em contraste com outras que abrangem bairros differentes e populosos.

São minudencias que teem, agóra, escapado ás diversas reformas, saturadas dos defeitos das precedentemente realisadas; por minusculas que sejam, todas estas circumstancias concorrem e conspiram para a frequencia de constantes absurdos proliferando, na tarefa policial, os mais desencorajadores insucessos.

Quão longe nos achamos, pois, do nivel a que deveramos aspirar em materia de policia.

Para corrigir tantos abusos e disparates, não precizamos de recorrer a encyclopedias, nem a tratados, nem ás organisações policiaes estrangeiras, nem reunir um congresso de notaveis; basta que, em tudo quanto se refére ao assumpto, nos afastemos dos obsoletos e perigosos processos tradicionaes, cujos tristes resultados presenciamos.

Si, no tocante aos predios policiaes, a coisa está nesse pé, não menos aviltante é a situação da policia quanto aos meios de transporte. A policia do Districto Federal não possúe um automovel. Seria ridiculo, talvez, dar-se ao luxo de vencer distancias utilisando-se do melhor e do mais ligeiro meio de transporte que se conhece. O duello de Copacabana (os leitores não no esqueceram), teria sido evitado si, em vez dum carro, a policia possuisse um *auto*.

O Districto Federal, com população densa e escasso territorio, abrange zonas que vivem no mais completo abandono. Ha circumscripções de suburbio onde, diariamente, são dados á sepultura, nos cemiterios locaes, sem o competente attestado medico, cadaveres de individuos de todas as edades, principalmente de recem-nascidos, não só por falta de profissional, como tambem pela difficuldade immensa do transporte de medicos legistas até longinquas paragens que demandam penosas viagens a trem, bonde e a cavallo. Comprehende-se quantos crimes pódem ser perpetrados e ficar impunes.

Na quinta circumscripção suburbana, o relaxamento é inqualificavel, constando o expediente da delegacia, quasi todos os dias, de communicações do administrador do cemiterio da localidade ao delegado, fazendo-o sciente de que, tendo decorrido as 24 horas, fôram sepultados os cadaveres sem o necessario attestado de obito. Vê-se, pois, que seria de grande vantagem o estabelecimente de um posto medico-legal naquellas paragens distantes, afim de evitar abusos de tão

grande monta. As auctoridades zelosas no cumprimento do seu dever, e sem quererem violar a marcha regular dos processos, se vêem quasi sempre em insuperaveis difficuldades afim de obterem do gabinete de identificação a ficha dos accuzados, porquanto o transporte é feito a pé das delegacias áquella repartição, exigindo cada prezo duas praças para o acompanharem.

Não ha carros apropriados e exclusivamente destinados a este mistér, por um lado ; e, por outro lado, a hora de serem enviados os contraventores ao mencionado gabinete identificador, é justamente a opportunidade em que as praças do destacamento são chamadas a quartel para exercicios de infantaria, etc.

Sabemos que o infatigavel sr. Felix Pacheco, director do serviço de identificação, pretende estabelecer nas proprias delegacias secções auxiliares da tarefa a seu cargo, sanando, assim, as maiores difficuldades e facilitando louvavelmente a obtenção da ficha sem a exigencia da remessa do accuzado ao gabinete, sob o sol, sob a chuva, exigindo, além do mais, o concurso de duas praças, pelo menos.

Todos estes factos são o resultante da falta de meios de transporte, no que se não cuidou até agóra sinão muito remotamente.

Resumindo, para rematar, as observações que vimos colligindo sobre a policia do Districto Federal, podemos, por hoje, dizer o seguinte :

1º — a *policia militar* não preenche o seu fim principal ;

2º — a *policia secreta* vive ás claras;

3º — a *organisação material do policia* — incluindo sob esse titulo — *edificios e meios de transporte* — é o que póde haver de mais condemnavel.

BENTO DA GAMA.

---

* *Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas do primeiro trimestra de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.*

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

Do livro *Principios de Philosophia*, que o sr. Samuel de Oliveira dará brevemente a publico, havemos de publicar alguns capitulos — os que, com mais precisão, venham a informar os nossos leitores das idéas do auctor.

Acompanhando a carta em que o conhecido professor e engenheiro do Exercito nol-os prometteu, veio o prefacio do livro, que segue :

PALAVRAS PREAMBULARES

Em regra, o escriptor brazileiro que se dedica aos assumptos philosophicos está incluido ou na classe dos *competentes sem independencia,* ou na dos *independentes sem competencia*. A' primeira pertencem os positivistas orthodoxos, os quaes,si bem saibam a sciencia e a philosophia nos limites traçados por Augusto Conte, vivem atufados numa submissão vergonhosa, acreditando na infallibilidade do«Mestre» ; á segunda se prendem aquelles que, amando a liberdade de consciencia, a autonomia de pensamento, não possúem,todavia, educação scientifica sufficiente com que dêem consistencia ás doutrinas que se propõem defender. Dahi a copia servil, de um lado, e, do outro, o trabalho fragmentario. Em ambos os casos, esforços que se não aproveitam, inteiramente baldos de interesse.

O livro que se váe ler é uma como reacção contra esse triste estado de coisas ; encerra uma concepção geral do universo em todos os seus aspectos; foi longamente pensado e meditado, á luz desse espirito de critica livre que só se submette á auctoridade dos factos e da razão. Além de que, antes de o compôr, tive o cuidado de rever os conhecimentos scientificos de que havia mistér. Fiz, pois, um trabalho de philosophia, de scincia e sobretudo de *consciencia*, julgando assim prestar simultaneamente dois serviços ao meu paiz : o da propaganda directa de idéas sãs, e o do combate indirecto, em materia philosophica, á superficialidade que nos atraza, e ao fanatismo que nos deprime.

***

Fundo-me em bôas razões para acreditar que o combate e a propaganda terão as melhores consequencias.

Em 1901, a titulo de experiencia, enfeixei num opusculo, com o nome de *Concepção da Philosophia*, muitas das paginas que hoje compõem a primeira parte destes *Principios*.

Em poucos mezes, a edição, de numero relativamente consideravel de exemplares, dada a natureza do assumpto, ficou esgotada.

O livro foi lido, meditado e apreciado. Louvaram-se-lhe as idéas e a fórma, louvou-se o auctor. Sylvio Roméro, essa gloria sul-americana, disse que a *Concepção da Philosophia* investigava, «com innegavel clareza, penetração e competencia, algumas das mais arduas questões do espirito humano.» Disse mais que o livro revelava «uma intelligencia lucida, vigorosa, grandemente preparada no assumpto ; um espirito autonomo, um pensador independente, que sabe o diz e diz o que sabe.»

Medeiros e Albuquerque, typo de pensador,infelizmente roubado aos assumptos philosophicos pela litteratura ligeira do jornal,escreveu da *Concepção da Philosophia* :«O livro é excellente. Muito bom, muito claro, escripto num estylo singelissimo e, todavia, enthusiasta e vibrante, expõe com a maxima nitidez os pontos de que se occupa.» Acha tambem que «a exposição não podia ser mais clara, mais bem raciocinada.»

O saudoso José Avelino qualificou a obrinha de «simplesmente primorosa.» E em conceitos analogos abundaram outros espiritos de eleição, entre os quaes merece ser citado aquelle homem extraordinario que se chamou Francisco de Castro, — escriptor e philosopho, artista e pensador — cujas palavras de applauso ao meu trabalho teem sido para mim o melhor dos incentivos.

Ao lado dos espiritos superiores que francamente, abertamente batiam as palmas aos meus esforços, outros, de superioridade intellectual incontestavel, mas de superioridade moral duvidosa, repetiam as minhas idéas, em escriptos e palestras, occultando malevolamente o meu nome. Longe de me desanimar, isso tambem concorreu para me dar força e coragem, convencendo-me ainda mais da existencia de alguma coisa util em meus escriptos philosophicos.

Contorce-se a inveja ? E' signal

evidente de que algum raio de luz foi despertal-a, entontecel-a, em seu antro. Projectáe-lhe sobre o costado asqueroso, desapiedadamente, outros raios de luz mais intensos, e breve o monstro deitará a correr apavorado, para não mais voltar.

O intellectual, o homem que vive a estudar e reflectir, e que, num movimento do mais nobre desinteresse, arranca do intimo do pensamento as suas melhores idéas e, dando-lhes fórma, as offerece ao seu paiz, prestando assim a este o maior de todos os serviços, — tal homem preciza estar convencido de que, para a sua glorificação, tanto valem as pedradas da inveja despeitada como as palmas da critica honesta: umas e outras convergem necessariamente para o mesmo fim: a differença está em que essa convergencia se faz de modo involuntario e inconsciente para as primeiras.

.....

Coroada de feliz exito a minha experiencia de 1901, não é de crer que o não sejam os *Principios de Philosophia*, os quaes, quando nada, teem a virtude de encerrar um pensamento integralizado debaixo de um ponto de vista que póde não ser verdadeiro, mas que é incontestavelmente meu.

***

E' certo que ha quem não veja nenhum merecimento nisso, e até descubra uma como incompatibilidade entre as cogitações philosophicas e os deveres inherentes á minha profissão. Um *engenheiro militar*, isto é, um homem que deve ser um *pratico* por excellencia, mettido a philosopho!... Eis a objecção, a qual indubitavelmente se firma num erro grave.

A philosophia, como a entendem os grandes pensadores modernos, e como eu, aliás sem nenhuma pretenção a pensador, tambem a entendo, é tão incompativel com as coisas da vida pratica como a sciencia: porque essa philosophia não póde prescindir dos dados da EXPERIENCIA: porque ella se nutre principalmente das conclusões do dominio SCIENTIFICO: porque ella legisla sobre a realidade innegavel e insophismavel dos FACTOS.

O espirito philosophico é o espirito de systematisação, de methodo, de ordem. Si a pratica o repelle, então é porque ama a desordem, a ausencia de methodo, a incohesão.

Esses senhores *homens praticos*... Estou quasi a dizer que muitos delles berram contra a philosophia porque a não comprehendem; porque não teem capacidade para se alistar, ainda que occupando um dos ultimos logares, na classe dos philosophos, que é a dos intellectuaes por excellencia, aquella a que pertencem os maiores genios que a humanidade tem produzido.

Esses senhores *homens praticos*... Parece que elles nunca leram o livro eminentemente *pratico* sobre educação escripto pelo genial *philosopho* Herbert Spencer. Parece que ignoram factos como aquelle de Newton, outro genial *philosopho*, ter alcançado, no caracter de director da Casa da Moéda de Inglaterra, que as officinas produzissem *quasi dez vezes* a quantidade *maxima* que fôra admittida como *possivel* pelos mais eminentes *praticos* do tempo.

....

Ainda não tive na vida um só momento em que devesse maldizer a minha cultura philosophica. Ao contrario, só posso louval-a, porque de muito me tem ella servido, mesmo nos mistéres da *pratica*. Agóra mesmo, na elaboração de um livro de engenharia destinado aos *praticos*, inestimaveis serviços me váe prestando esse espirito de systematização, de methodo, de ordem, do qual falei ha pouco, definindo o espirito philosophico.

E', pois, de algnma sorte, um producto da experiencia este amor ardente que eu dedico á philosophia, assim como esta convicção inabalavel com que sustento o caracter util e patriotico do presente livro. Posso dizel-o feito de uma parte do meu espirito e de uma parte do meu coração: posso dizel-o composto de intelligencia e amor.

***

Os *Principios de Philosophia* vão divididos do seguinte modo:

1ª parte: *Critica geral do conhecimento;*

2ª parte: *Critica geral dos systemas*;

3ª parte: *Synthese ou construcção.*

Nas duas partes de critica, en preparo o desenvolvimento de minhas idéas, que ficam definitivamente expostas na terceira parte. O setimo capitulo desta resume todo o livro em seus pontos cardeaes.

Para me julgarem, é indispensavel que me leiam de principio a fim, e que saibam distinguir o que é proprio de minha philosophia daquillo que pertence a todas ou quasi todas as philosophias fundadas na experiencia.

***

Duas palavras respeito á fórma, e darei por terminado este preambulo.

Ser-me-ia facillimo, graças á minha educação intellectual, carregar os meus escriptos philosophicos de termos technicos, e ficar assim em condições de ser comprehendido sómente pelos competentes. Não o fiz, não o farei nunca.

Em materia de fórma, a regra que sigo é invariavelmente esta: apprehendida a Verdade, expôl-a de modo eminentemente simples e claro, sem todavia caír no banal.

Accresce que seria um desatino o pretender propagar, em linguagem difficil, idéas philosophicas num paiz onde, si ha muita gente que goste de ler e deseje saber philosophia, não são muitos os que estão em condições de comprehender pensamentos generalisadores envoltos numa fórma sómente accessivel aos profissionaes.

Lorena—1906.

SAMUEL DE OLIVEIRA.

CARICATURAS

O ORACULO DE EPIDAURO

A Medicina, apezar dos decennios de seculos que distam de suas origens, ainda não póde perder de todo a sua feição sobrenatural primitiva, de quando era uma pratica sagrada, que os prophetas e sacerdotes das diversas crenças alliavam aos seus mistéres de conversão dos povos e evocação dos Deuses. Era uma graça divina concedida aos que de mais intimo andavam com os immortaes, invocando-os por entre o fumo dos incensos nos altares dos templos grandiosos.

Apezar da obra de Hypocrates, coordenando os conhecimentos varios

e dispersos, roubados aos reconditos das aras por um sacrilegio humanitario, e fazendo-a revistir-se do caracter de uma arte ou sciencia ao alcance dos pesquisadores e sabios, ficou o seu trabalho immorredouro estagnado por seculos.

A petulancia dos medicos das ultimas edades, tão realmente pintada por Molière, foi o principal estorvo por quererem elles tornar a sua arte de um privilegio sacro, que era, em uma sciencia exacta, cujos dogmas arrogantemente impunham e proclamavam, em vez de cooperarem, como tantos outros beneméritos da humanidade, para incorporar novos factos á obra, ainda não finda, da Medicina.

A dôr humana não raciocina, o instincto de conservação actúa intensamente no homem como um dos attributos inferiores, que a sua intelligencia debalde tenta submetter. Vá se dizer a um doente que soffre, a um outro que teme morrer, a uma mãe com o filho em perigo, que se não deixem levar pelas filaucias dos charlatães, que tudo curam e dizem dispôr de poderes illimites para suffocar todas as molestias e salvar a vida.

No meio do cahos informe desses exploradores da dôr humana, numerosa é a lista dos processos multiplos empregados para *curar:* as therapeuticas phantasticas, as praticas, fetichistas dos curandeiros, os milagres e promessas, a intervenção dos espiritos, etc.

De certo, o mais curioso delles é o da confabulação com os espiritos, que diagnosticam e receitam pelas mãos dos *mediuns* com a auctoridade de grandes medicos, adquirida na terra. Continuam a exercer a clinica *post-mortem* com a mesma garantia com que os eleitores defunctos exercem seus direitos de vóto, apezar da metempsychose soffrida e em proveito de individuos extranhos, que do recurso sobrenatural se aproveitam para a exploração da eterna imbecilidade humana ou das dôres intensas que anesthesiam o raciocinio.

Pobres almas penadas de grandes sabios, que andam de mão em mão, ou, melhor, de bolço em bolço dos invocadores, que as possúem e perdem quando outro, mais esperto, disto convence os crentes. Assim é que Torres Homem foi propriedade de um dos taes, que por muito o teve á disposição receitando soluções alcoolicas de platina, lycopodio e graphite, e tanto lucro lhe deu, que os collegas, enciumados por uma tão prolongada alliança animo-corporea, buscaram roubal-o. O inspirado pelo famoso clinico, fragil como todo o humano sêr, incidira no 9º mandamento, coisa de bem pouca valia nos tempos correntes, mas de grande para os espiritos austeros guardadores dos preceitos de Deus, e fulminaram com a sua excommunhão o mortal peccaminoso, mas de uma excommunhão mais temivel.

Torres Homem retira a protecção ao indigno de seus favores e, confiante ainda nos mortaes, transfere-a para outro clinico, que do facto escandaloso bem soube aproveitar-se.

Espiritos ha assim ás ordens deste ou daquelle; outros, mais paternaes, assistem aos que lhe herdaram o nome e a profissão, e outros ha dispersos, susceptiveis de invocação geral em soccorro dos pobres e desvalidos em Assistencias Medicas mal assombradas, verdadeiras *misericordias* de espectros, fluidicas ordens terceiras.

***

A rua tem o transito impedido, os civis esforçam-se por manter a ordem em frente ao local, ou, (perdôem o sacrilegio), o altar, onde o sacerdote da Medicina impõe o seu olhar frio, penetrante e omnisciente sobre os doentes, emocionados e anciosos, desvendando-lhe no intimo as desordens que lhes desequilibram a saúde, e traça com sua mão energica, em gestos seccos e curtos, os hieroglyphos da fórmula, susceptivel de uma decifração unica.

Renovam-se alli os milagres biblicos, que divinizaram o Nazareno; leprosos repellentes teem a pelle limpa, os cancros se absorvem sem a intervenção sangrenta, os paralyticos se movem, os tuberculosos se curam, os aneurismas reduzem-se ao calibre normal dos vasos, o milagre da resurreição repete-se, como outr'ora em Capharnaúm. E' o oraculo para o qual appellam os desanimados dos outros clinicos; é uma verdadeira inspiração omnipotente, como na Grecia antiga a de Esculapio, deus da Medicina, fazendo-se ouvir aos que o invocavam em Epidauro, para onde convergia toda uma multidão humana soffredora.

Um oraculo moderno, naturalmente mais pratico, regula sua consulta para evitar a confusão. Em limitados dias, em curtas horas, em miuguado numero, vão os consultantes munidos da senha, de antemão difficilmente adquirida como nos espectaculos desejados, em que se antecipa a procura dos bilhetes, e o cambista age.

***

O Symphronio, pobre funccionario, arrastára ao leito do seu filho uma cohorte de clinicos, que improficuamente luctava para travar a marcha da molestia. Desesperado, recorreu ao moderno oraculo de Epidauro, como a salvação ultima. Reuniu das suas economias, recorreu de um onzeneiro sobre os seus, já descontados, vencimentos, e foi-se, confiante em busca da salvação do filho.

Desanimo! Só havia logar para dahi um mez! Que fazer? A molestia não daria tempo a tão longa espera. Como abreviar o prazo? Como poder logo penetrar no recinto sagrado? O cerbéro alli estava, cruel, positivo: dobrasse a molhadella. Impossivel, o pobre pae estava exhausto, nada mais tinha e não podia occultar o desespero.

Uma alma caridosa indaga-lhe da sua perturbação e sabendo o motivo aconselha-o a comprar o cartão e esperar confiante.

Assim fez o pobre homem, que, de posse do ingresso, volta precipite para casa e colloca-o, como uma reliquia, sob o travesseiro do doentinho.

Passam-se os dias, as melhoras accentuam-se, decorre o mez do prazo sem que o pae, louco de alegria, se lembre da consulta quando o simples cartão conseguira o assombroso milagre.

Subito, recáe a creança, o pae apavorado procura o cartão, que encontra rôto, sob a cama, pelo infeliz, innocente destruidor do seu talisman.

Dessa vez, não se affige; volta ao oraculo, consegue outro ingresso para dahi dous mezes, colloca-o, como dantes; mas o milagre não se renova;

o anjinho ala-se aos páramos ignotos.

Verifica-se depois a causa do insuccesso. O pae, crente na virtude do simples cartão, e já alcançado dos finanças, consegue o outro com abatimento, que não opéra, no emtanto, o milagre por ser falso, falso como uma authentica eleitoral.

O moderno cerbéro do moderno oraculo sabia tambem agir pelos modernos processos: falsificára o ingresso.

DOUTOR CABANÈS.

O UIRAPURU' (6)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

X

Ao despontar o dia, os caçadores achavam-se em plena matta na soberba faixa de floresta colossal, onde a estrada de Bragança immerge em linha recta, sob ininterrupta abobada de impenetravel ramaria, espessa, luxuriante. Abandonando a estrada, elles seguiram um caminho á esquerda, ladeado de troncos gigantescos, cujas raizes, rugosas como patas de aves colossaes, o atravessavam, interrompiam, esfoladas, roídas, pelo aspero rastilho das zorras, os profundos sulcos de rodas das carroças conductoras de lenha e madeira. Além, estreitava-se o trilho em tortuosa picada, escura e humida, pois mal traspassavam a ramaria cerrada alguns raios de sol, onde brincavam, uum nimbo de luminosa poeira, minusculos insectos de armaduras esmaltadas de ouro, cravejadas de esmeraldas rutilantes. Mais adeante, a vereda, quasi disfarçada sob arbustos de ramos orvalhados a acoitarem as botas dos caçadores, esbarrou numa tapéra abandonada, invadida pelo matto, pelas plantas sobreviventes como vestigio de antiga cultura. Em pictoresca promiscuidade, simulando um esforço supremo para a luz, o ar livre, de que os privavam um angelim colossal sobrepujando os outros gigantes, todo carregado de parasitas floridas pendendo-lhe dos vigorosos galhos, á guiza de esfarrapado manto, um tecido de cipós de jaboty, de cipó-catinga, carembós e baunilha perfumosos, erguiam-se á porfia, com as hastes dos bacabeiraes, os leques das bussús, inajás e popunhas, touças de bananeiras, mangueiras frondosas, copoassús carregados de grandes fructos, velhos limoeiros attestando a extincta vida dos habitantes da tapéra, donde descia a vereda em declive até o antigo porto no igarapé sombreado pelo assahyzal de tenues e longas hastes encimadas de palmas desgrenhadas.

— Mas isto foi um sitio magnifico — observou Joannico, penetrando o alpendre da casa, alijada por um formigueiro demolidor e examinando o tecto de caibros donde pendiam colmeias de cábas venenosas.

— Este sitio foi abandonado—disse Placido — no tempo da cabanagem. Pertencia a uma familia de caboclos ricos. Alli, naquelle resto de arcada, era a capella, onde havia missa aos domingos e festas da padroeira que attraíam todos os habitantes deste igarapé, cuja bocca fica defronte da fortaleza da barra. Ainda ha vestigios de uma engenhoca, dos fornos de fazer farinha e lá embaixo, na capoeira, vêem-se os roçados, restos de plantações de café, de cacáu, asphyxiadas pelo matto. A familia foi barbaramente assassinada pelos bandidos que, em vão, lhe martyrizavam o velho chefe para obterem a revelação do esconderijo do dinheiro em ouro e prata, das baixellas, das joias, um thezouro inventado pela imaginação dos visinhos invejosos. Depois da carnificina cavaram por toda a parte; nada encontraram. Passada a revolta que assolou a provincia como tufão de odio insensato, restabelecida a ordem, os visinhos evadidos pelo terror, voltaram aos lares, encontraram os cadaveres das victimas entre os destroços da casa incendiada e os enterraram piedosamente numa grande cóva aberta na estreita nave da capella. A superstição conservára e augmentára a tradição desse crime. Conta-se que, surprehendidos por uma borrasca, alguns caçadores se abrigaram aqui. Alta noite, ouviram plangentes gemidos e, em fila sinistra, surgiram do igarapé phantasmas, as almas penadas dos assassinos, que se ajoelharam em fervorosa prece na porta da capella esboroada, pedindo perdão do seu nefando crime.

— Não sei porque — murmurou Joannico, lançando desconfiado olhar ás ruinas — essas historias absurdas me causam arrepios.

— Apezar do meu fetichismo—continuou Placido — não tenho medo de almas do outro mundo. Nunca vi nada de extraordinario, de sobrenatural nestas paragens.

— Seja como fôr—insistiu Joannico — ha factos inexplicaveis. Pergunta á minha tia porque abandonou a fazenda?... Depois da morte do velho, houve por lá coisas horriveis. Ella via todas as noites phantasmas atravessarem a varanda, sumirem-se num clarão sulphuroso. Fala á Affonsiha em almas do outro mundo e verás como a pobre se transfigura na imagem do terror..

— Effeito da imaginação sobreexcitada, allucinações de hysterismo; essas visões são muito vulgares nas mulheres nervosas... Mas... estamos a conversar e a caça não está ás nossas ordens.

— Esta matta parece deserta, é muito batida, está proxima da cidade... Não vejo vestigio de caça. Perderemos hoje o nosso tempo...

— Ha de apparecer, pelo menos, um veado — affirmou Placido, tirando da poltrona o talisman e mostrando-o ao Joannico.

— Que é isso?

— Um uirapurú — respondeu Placido.

— Ah!... acreditas na virtude desse feitiço? Eu possuia um, que dei, em Paris, a um naturalista meio sabio, meio maluco, apaixonado por essas curiosidades.

Nesse momento ouviram um estampido secco, e uma chuva de caroços caíu sobre elles. Joannico, sacudido de terror, deu um salto e interrogou, com os olhos esbugalhados; Placido, que o tranquillizou sorrindo.

— Foi um ourico de seringueira que espocou... Si estivesse sósinho aqui, o nosso doutor fugiria espavorido, iria confirmar com o seu testemunho o caso da tapéra. Ahi tem com que se fazem os duendes...

— Has de convir — observou Joannico, dominando a subita impressão de espanto — que a seringueira espocou a proposito para me pregar um tremendo susto. Poder-se-á explicar

isto por méro acaso, por coincidencia ?... Vamos, deixémos esta maldita tapéra...

A marcha continuou por um cerrado cacoal lamacento, abafado pela invasão da herva de passarinho, até onde encontraram destroços de uma porteira e cercas arruinadas. Nas sapopembas de uma sumaumeira enorme formando uma caverna, encontraram o *balaio* de provisões deixado alli pelos rapazes que iam adeante. Placido, conhecedor daquelles recantos, inspeccionou o terreno, descobriu o rastro dos cães e internou-se de novo, com o companheiro, na matta sombria.

Fabricio e Gregorio, familiarisados com os habitos da caça, tinham iniciado a batida. Ouviam-se o latido guttural dos cães, as businas sonoras, melancolicas, signalando a direcção de um veado perseguido. Placido e Joannico se esconderam, distanciados uns cem metros, em tocaias bem marcada de pegádas recentes, pequenos buracos ellipsoidaes cavados na lama aos pares, rumo do igarapé proximo, e esperaram anciosos, de armas engatilhadas, a chegada do animal, cuja corrida vertiginosa pela floresta enredada de troncos e cipós, em varia, disparatada direcção, parecia ter fatigado a matilha, como denotava o ganir arquejante, ora mais proximo, ora mais distante, quasi imperceptivel.

Um bello veado estacou de repente, transido de espanto, a dois passos de Joannico e, após um rapido instante de indecisão, passou com um salto epileptico por cima do caçador que, attonito, colhido pela surpreza, desfechou um tiro sem pontaria.

Joannico se desvencilhou rapidamente da blusa, da cartucheira, das botas e precipitou-se com os cães no igarapé profundo. O veado nadava ao favor da correnteza enrugando levemente a agua, limpida e serena, em dois listões formando um angulo agudo, cujo vertice partia da graciosa cabeça de ventas offegantes e grandes olhos meigos, muitos dilatados numa expressão de supplica. Depois de alguns minutos de fuga, perseguido pelos cães e por Joannico, que nadava vigorosamente, o veado parou hesitante como si quizesse retroceder : presentira o inimigo pela frente e buscou a margem opposta, um barranco eriçado de taquaras unidas como cerca impenetravel. Estava quasi á galgal-o quando Joannico, com supremo esforço, conseguiu approximar-se. Ouviu-se, então, um tiro e o berro lamentoso do animal ferido. Emergindo da ramaria, Placido bradou :

— Não agarre o bicho !... As suas patas cortam como navalhas !..

No ardor da perseguição, Joannico pegára pela cabeça o veado ,que se debatia em desesperada lucta, cercado pelos cães a lhe nadarem em torno, ganindo de alegria victoriosa. Ao mesmo tempo, Fabricio e Gregorio appareceram numa montaria rapidamente impellida pelos remos de pá, manejados por dois caboclos jovens de rija musculatura, trajando apenas calças velhas de riscado azul desbotado.

Colhida a caça pelos tripolantes, Joannico se agarrou exhausto á borda da pequena embarcação, quasi alagada com o seu pezo. Sentiu, então, arderem-lhe os pulsos e viu ensanguentada a manga da camisa.

Quando chegaram á beirada, Placido examinou os ferimentos, uns ligeiros arranhões das patas do animal. Com a calma de quem estava habituado a esses accidentes, sacou do bolso do gibão um frasco de Maravilha de Humphrey e, com o lenço ensopado no poderoso hemostatico, pensou o amigo com inegualavel pericia.

— Podia ser fatal — observou elle, amarrando os pulsos de Joannico.

— Bem sei. Mas o bicho passou-me pela cabeça... Não o largaria, nem que me estripasse com as unhas afiadas... Não é nada... Que prodigioso remedio !... O sangue estancou; está passando o ardor... Que bello animal !...

— Bonito, com effeito. Matámos a caça, vamos agóra cuidar de nós, de você principalmente, que está molhado... Olhe !... tome o meu gibão ; dê aos rapazes a roupa para seccar e vá lá um trago de restillo do Fortunato para combater o resfriamento.

Joannico despiu-se completamente, sorveu um longo trago de um frasco empalhado e enfiou o amplo palitot de Placido, uma especie de blusa de algodão encorpado, tinto de roxo-terra do summo de mangue. E reparando o seu desalinho, elle commentava com alegria infantil o accidente que fôra o encanto da caçada e déra ensejo á sua intrepidez.

Os rapazes ataram com cipós as quatro patas do veado e o carregaram pendente de uma vara onde ia tambem estendida a roupa de Joannico, que caminhava falando aos cães, de cartucheira a tiracolo, arma ao hombro e levando as botas suspensas á mão direita. Seus pés elegantes, deshabituados á nudez, crispavam-se ao contacto das asperezas do sólo.

E assim volveram á sumaumeira. O sol dardejava a pino. Ligeira brisa balançava os saccos de ninhos de uma colonia de japiyns, pendentes dos ultimos galhos, capuchos de sêda finissima fluctuavam no ar como flócos de neve. Os passaros fizeram enorme algazarra á chegada dos caçadores. Os que iam conduzindo palhas para os ninhos, os que se empregavam no trabalho de tecer, os que estavam dentro dos ninhos cantavam assustados, communicando em ininteligivel linguagem o extraordinario acontecimento perturbador daquella solidão.

Placido e Joannico esperavam, fumando cheirosos cigarros de tabaco do Acará, o almoço, espantando os carapanans que vinham gemendo picar-lhes as orelhas.

Fabricio atiçava uma pequena fogueira de gravetos. Gregorio fendera, com um amestrado golpe do afiado terçado, o ventre do veado, cujas entranhas fôram saíndo da larga brecha e caíram no sólo com surdo rumor para serem devoradas pelos cães famintos.

— Vocês não levantaram outra caça ? — perguntou Placido aos rapazes, occupados no preparo do veado.

— Pegámos uma pacca—respondeu Fabricio.

— A caçada não foi má — continuou Placido, dirigindo-se ao Joannico — e deu pouco trabalho, não levando em conta o banho no igarapé.

O almoço foi muito frugal — um naco de pirarucú e o figado do veado assado ao espeto de paxiúba. Joannico comeu com apetite de caçador, molhando os boccados num forte môlho de limão e pimenta.

— Isto é um magnifico *libre* — disse

elle — para jantarmos mais tarde com a prima.

Os cães saciados pela farta comedía, repouzavam estirados na relva, olhos quasi cerrados, e pendentes dos beiços as rosadas linguas a gottejarem abundante saliva.

XI

Tanto que avistou Placido e Joannico se approximarem num carro descoberto, Affonsina fugiu da janella para a sala de jantar, deixando a mãe com o Guimarães, o amavel correspondente, encarregado de vender a aguardente e o assucar do engenho. D. Amelia não cessava de louvar a honestidade desse negociante que nos quarenta annos, dirigia uma das mais acreditadas casas aviadoras de Belém.

— Seja bemvindo — exclamou ella, estendendo a mão a Placido — Pensei que estava zangado comnosco...

— De maneira alguma — respondeu elle, confuso—Não houve motivo para isso. A senhora sabe que homens de negocios não são, ás vezes, livres. O Guimarães que o diga...

— Por maiores que sejam as obrigações, ha sempre, quando se tem bôa vontade, um momento disponivel para o cumprimento dos deveres de amizade. Por mim, não se me dava que o senhor se ausentasse, si isso não affligisse a menina, si não désse essa ausencia motivo para falações dos maldizentes. Olhe: não é por ser minha filha... o senhor, com uma véla acceza, não encontraria outra tão meiga, tão bôa..

Joannico correu em auxilio do amigo:

— Ora, titia, não esteja a moer o pobre Placido. Não veio porque não pôde. Dou o meu testemunho.

— O teu testemunho!... Tu és um máu padrinho. Não pôde vir mas pôde metter-se pelo matto em caçadas, pôde ir ao café Carneiro...

— O Placido é o melhor dos homens — affirmou Joannico, e, voltando-se para elle, disse-lhe á puridade— Anda dahi. Váe prostrar-te aos pés de Affonsina, pede-lhe perdão. Com a tia, nada conseguirás.

E foi levando Placido para a sala de jantar, onde encontraram Affonsina, fingindo enfeitar com flôres um vaso japonez, todo esmaltado de guerreiros com horrendas mascaras.

— Trago-te, priminha, o esquivo noivo — disse Joannico, sorrindo — E vou mudar a roupa para fazer as honras de casa ao Guimarães, precioso amigo.

Affonsina, continuando o arranjo das flôres, acolheu o noivo com um ligeiro movimento de cabeça.

— Tem razão —murmurou Placido, vencendo com esforço o enleio que o constrangia e abandonando as desculpas engendradas para se justificar: — Tem razão. A minha ausencia não tem desculpa, nem lhe peço que me perdôe... Um momento de duvida, de receio de não ser digno da senhora, de não poder fazer a sua felicidade, um conjuncto de circumstancias determinou essa ausencia que era um meio de deixal-a em liberdade para meditar com calma no que vamos fazer, nesse acto irrevogavel, deliberado rapidamente, sem nos conhecermos bastante como duas pessôas que vão ligar para sempre os seus destinos.

Affonsina conservou-se silenciosa, de olhos baixos.

— Devo confessar — continuou, approximando-se—que me impressionou muito a attitude de sua mãe, as suas tendencias de dominio absoluto...

— Mas... — interrompeu a moça, com vóz tremula, sumida, como um suspiro — O senhor não váe cazar com ella...

— E' verdade; entretanto, iremos viver juntos; ella faz questão disso. A senhora não terá energia para subtraír-se á sua influencia.

— Pois não é natural que uma filha unica viva sob a influencia da mãe? O senhor tem prevenções sem fundamento. Mamãe é muito positiva, muito franca. Adquiriu, como dona de casa e mulher de um homem de bom como papae, o habito de governar sósinha, mas tem um coração de anjo...

— Não duvido...

— E desde que o senhor e ella se conhecerem melhor,será tratado como filho. Quando o acceitei por marido obedeci á sympathia que o senhor me inspirou e ao acolhimento de mamãe, muito escrupulosa na escolha de seus amigos, quanto mais do futuro genro. Além, disso o senhor é o contraste do Joannico. Nunca pensei que entre o senhor e ella se manifestasse tão cedo essa... como direi?.. essa incompatibilidade..

Placido, absorto, surprehendido, por essa linguagem, modelada num ligeiro tom de energia, ouvia submisso, quasi vencido.

— Ainda é tempo de remediar o mal. Só me resta o arrependimento de ter escripto aquella carta pueril, onde disse, talvez, o que eu não sentia... Deveria ter mais cabeça e menos coração.

— Affonsina — exclamou Placido, afflicto, como si aquellas palavras lhe esmagassem o coração — Eu não mereço ser tratado assim. A minha sinceridade é prova do meu affecto. Preferí ser franco a enganal-a com desculpas banaes, com pretextos futeis; externei-lhe o lamentaval estado de minha alma para que a senhora me confortasse. Era assim que eu entendia as relações entre nós; almas abertas, reciproca troca de pensamentos, sem segredos, sem reticencias, sem um recanto escuro...

A vóz de Placido resoava com timbre aspero. Por vezes,as palavras entrecortadas escapavam-lhe dos labios quasi sibilladas.

Durante esse curto dialogo, a moça, ingenua e timida, se transformára numa attitude de accentuada firmeza. Voltára-se, por fim, resoluta num gesto aggressivo, arquejante o seio, narinas dilatadas, labios entreabertos, cravando em Placido os bellos olhos castanhos, illuminados de extranho fulgor.

— Perdão, minha senhora — balbuciou elle, anniquillado pela fascinação daquelle olhar. Perdôe-me si errei... Seria melhor que não houvesse voltado, pouparia a nós ambos o desgosto desse desenlace inesperado.

— Inesperado?... Que queria que eu fizessse quando me diz francamente o que pensa de mamãe? Que prescindisse della para obedecer ao seu egoismo de noivo? Não, não era possivel. A esposa não se deve separar da filha, nem é justo que o amor divida assim o coração.

Houve uma pausa angustiosa: Placido aguardando submisso e ella, sobranceira, o resultado desse incidente provocado por uma ninharia, sem

que elles tivessem noção perfeita do que os arrastára a tão vexatoria situação, agrilhoados nas têas de aranha do amor-proprio, as quaes se enrijam como grilhões de bronze e dominam os mais legitimos impulsos. Hesitavam ambos no derradeiro passo definitivo para a conciliação ou para a ruptura.

— Entretanto... — suspirou Affonsina, passando as mãos crispadas pela fronte como si pretendesse afastar idéas desagradaveis — eu já o achava superior ao Joannico...

A um movimento da cabeça desataram-se os bellos cabellos, que lhe caíram revoltos pelas espaduas, exálando effluvios de suave perfume.

— Entretanto.. — repetiu Placido, inebriado, absorvendo a fragante essencia da mulher amada.

Affonsina, com um gesto de pudor, colheu os cabellos e enrolou-os pressurosa no alto da cabeça, exhibindo, em attitude de caryatide, as linhas graciosas do busto opulento, os torneados braços, desnudados pelo retraimento das mangas amplas.

Uma creada trazia para a meza a terrina de sôpa fumegante.

Affonsina tomou friamente o braço de Placido e o conduziu para o salão, encontrando Joannico, que os saudou alegremente pela reconciliação, excedendo-se em rasgados elogios ao casal de dois bellos typos, feitos um para o outro.

— E você, Guimarães — accrescentou elle — não se commove com este espectaculo; não se anima a imital-os?

Guimarães sorriu desdenhoso e respondeu:

— Quem sou eu para me metter em cavallarias altas?...

A d. Amelia não passaram despercebidas as maneiras equivocas, o vexame que os dois procuravam, em vão, disfarçar. E o coração presago de mãe estremecia, na ancia de conhecer o que se passára entre elles.

O jantar foi animado pela narrativa das peripecias da caçada, exaggeradas pelo Joannico, muito desvanecido da sua bravura na lucta dentro do igarapé com o veado e do appettite com que atacára o frugal almoço nas sapopembas da sumaumeira. Placido, ao lado da noiva, mal tocava nos quitutes preparados pela Feliciana e poucas palavras trocaram sob o olhar investigador de d. Amelia.

Apenas servido o café, Placido, pretextando fadiga, pediu licença para retirar-se. Ninguem lhe pediu para ficar. Affonsina foi, como costumava, conduzil-o á escada e estendeu-lhe a mão.

— Então?... — interrogou elle, com vóz quasi extincta.

— Não sei — murmurou a moça.

Placido soltou-lhe a custo a mão delicada, macia, e desceu como um automato.

DOMINGOS OLYMPIO

Tudo o que, acima desse nome, ficou impresso, estava feito — composto, revisto e paginado — prompto para o prélo, poucos momentos antes de elle expirar. Na typographia, para o preparo da primeira folha deste numero dos seus queridos *Annaes*, só faltava a *Chronica*, — que o nosso Amigo e Protector mandára, como já tinha o assumpto, logo na sexta-feira, vespera da sua morte.

Por isso, nada se alterou, e tudo ahi vem como estava, querendo que o proprio chumbo dos typos entalhe, na quinta de hoje, como foi na de hontem, ha oito dias, o derradeiro echo da vóz que, durante dois annos, foi a vida desta casa. A sua ultima *Chronica* está alli, no mesmo logar, na mesma disposição, na mesma medida de columna, como si vivo fôsse o nosso amado Domingos Olympio, como si bulissem, para a ler, aquelles brandos olhos azues e como si palpitasse aquelle coração sem termo e como si trabalhasse aquelle espirito só agóra em descanço.

Tambem o seu nome, que era a nossa bôa luz abrindo o caminho, está no cabeçalho, entre os de dois Amigos agradecidos, como uma illusão deliciosa, illusão de que elle ainda nos dirige, de que é ainda o director dos *Annaes*.

—

Não nos cabe ir além.

Não o permittiria a saudade, não o deixaria fazer essa atrocidade que é a certeza de nunca mais o vermos, de nunca mais o termos á nossa direita, trabalhando, trabalhando sem parar, escrevendo a sua *Chronica*, a secção de *Sciencia e Industria*, os seus romances, fazendo a traducção dos artigos com que muitas vezes os *Annaes* informaram os seus leitores da opinião extrangeira. E em meio dessa tarefa, tão pontual, tão bem cumprida sempre, mais uma: a de advogado, exhaustiva, formidavel, levando-o a todos os rumos que ella aponta. Mas uma e outra levadas a cabo com aquella paz, aquelle gosto, aquelle sorriso, aquelle bem-estar, como um espirito que tudo achava facil.

—

Nem nos lembramos do seu elogio.

Apenas, com os agradecimentos, que não adjectivamos, do nosso Amor, pedimos licença para transcrever as homenagens da imprensa, além de inscrever nas columnas dos seus *Annaes* os nomes, um por um, de todos os que choraram comnosco a desgraça de perdel-o.

—

«A morte do dr. Domingos Olympio, fallecido hontem nesta cidade, deixou uma grande saudade no meio litterario fluminense. No resto do paiz, em que estava sendo justamente considerado um dos melhores romancistas de costumes nacionaes que temos possuido, essa morte inesperada será avaliada como uma perda muito consideravel para as lettras brazileiras.

Nessas duas phrases ha uma distincção que convém accentuar.

O dr. Domingos Olympio contava com a estima no Rio de Janeiro de todas as rodas de que se approximava. O fino conversador, o homem sinceramente simples, amavel, de franqueza sem excessos incommodos, o espirito culto, sagaz e ironico, que elle era, captivava os amigos e conhecidos.

Mas a sua obra litteraria, ao que parece, não produzia aqui a impressão que devia dar, conseguindo nos Es-

tados innumeros apreciadores enthusiastas.

E' que esse escriptor que havia passado a sua mocidade na provincia, e nella havia formado o seu cerebro, e definido o seu temperamento de homem de lettras, não era absolutamente um «desenraizado».

O sentimento da paizagem brazileira é nos seus livros de uma realidade apanhada por elle mesmo. Conhecia o nosso paiz directamente ; não atravéz do olhar artificialmente complacente, na contemplação de bellezas naturaes, com que alguns escriptores nacionaes e estrangeiros descrevem as pompas do Oriente ou os encantos da natureza brazileira, do valle amazonico ou de qualquer outra região.

O seu romance *Luzia-Homem* ficará como uma das mais bellas producções da litteratura brazileira ; e quem conhece o interior sabe de fonte limpa que os typos que apresenta são de um carecter essencialmente brazileiro.

E' uma descripção de costumes nacionaes, sem a invasão do snobismo ; é o interior bem pouco sabido na capital do Brazil, que antigamente, ha trinta annos, tinha a illusão de conhecer as mattas virgens, lendo avidamente os poemas e novellas que appareciam sobre as diversas tribus que povoavam ha quatro seculos o littoral e os sertões.

A indifferença se váe tornando profunda no Rio de Janeiro pelas coisas verdadeiramente nossas. Passamos do exaggero em que estavamos, acreditando que o Brazil era o indio, o primitivo, o selvagem, para o desconhecimento das tradições patrias, o desamor do que constitúe o nosso caracter e a nossa força.

Ha nisto um mal tão grave, que vale a pena a insistencia sobre essa observação, em honra da memoria do artista, cuja morte lamentamos, aproveitando o ensejo que ella nos proporciona.

Ha quem pense que no grande cadinho de raças, que é a America, não ha logar para o patriotismo e a sua expressão litteraria e artistica, para a constituição de nacionalidades differentes, tendo em vista as diversas patrias americanas, os costumes herdados de seus fundadores, os portuguezes, os inglezes e os hespanhóes, e as necessidades impostas pelo seu proprio progresso, necessidades determinadas pelas condições geographicas e as transformações politicas e sociaes de cada uma.

O actual presidente dos Estados-Unidos, o sr. Theodoro Roosevelt, teve, no emtanto, muita razão quando disse que nada mais anti-americano que o odio ao estrangeiro e ao cosmopolitismo.

Affirmou assim o sr. Roosevelt que o principio basico da vida americana, a sympathia para com todas as nações e todos os homens, que para aqui trazem a sua intelligencia, a sua energia e a sua experiencia, não é incompativel com o respeito do que se fôr constituindo como o patrimonio da civilisação nacional nos varios paizes americanos.

A litteratura brazileira váe perdendo o gosto pelos assumptos caracteristicamente brazileiros de que o sr. Domingos Olympio deu tão bôas provas nos seus trabalhos litterarios.

No seu ultimo romance publicado, *O Almirante*, o sr. Domingos Olympio estudou a vida da cidade, com os melhores tons que faziam agradar tanto os romances de José de Alencar, que tratavam da vida do Rio ou das fazendas, com esses traços de sentimentalismo que pódem não agradar aos leitores assiduos de outras litteraturas, mas que são e serão bem nossos, si quizermos ou não.

Não sendo possivel afastar os limites dessa simples noticia biographica, damos abaixo algumas notas sobre a vida do illustre morto de hontem.

Domingos Olympio Braga Cavalcanti nasceu em Sobral, Ceará, a 18 de setembro de 1850.

Formou-se em Direito no Recife, em 1873.

Ahi escreveu diversos ensaios dramaticos, a que allude Sylvio Romero no prefacio de um livro sobre o theatro.

Voltando ao Ceará, de lá saíu em 1879, indo residir no Pará, onde advogou, obtendo grande exito na tribuna judiciaria.

Em Belém redigiu o *Diario do Grão Pará* e *A Provincia*.

Na imprensa e na Assembléa Provincial fez a propaganda de idéas republicanas.

Em 1891 mudou-se para o Rio, onde escreveu no *Correio do Povo*, n'*O Paiz*, no *Correio Mercantil* e n'*O Commercio*.

As suas chronicas, assignadas com os pseudonymos de *Pojucan* e *Jaybara*, eram muito apreciadas.

Ha dois annos creou aqui um semanario, *Os Annaes*, que firmou solido credito, sendo muito espalhado no Rio e nos Estados.

O seu fallecimento se deu na antevespera do 2º anniversario dessa publicação.

Além do romance *Luzia-Homem*, publicou n'*Os Annaes O Almirante* e parte d'*O Uirapurú*. Deixa inéditos *O Negro*, romance de costumes cariócas, um outro de costumes pernambucanos, quasi concluida a *Historia da Missão de Washington*, de que fez parte, e a comedia *Domitilia*.

Como advogado foi vencedor, por parte do Amazonas, na questão de limites deste Estado com o de Matto-Grosso.

Domingos Olympio, hontem, ás 7 horas da manhã, foi accommettido de um insulto apopletico, vindo a fallecer ás 3 horas da tarde, victima de uma embolia cerebral.

O seu enterro sáe hoje, ás 4 horas da tarde, da rua D. Luiza para o cemiterio de S, João Baptista.»

(Do *Jornal do Commercio*, de 7).

***

«As lettras brazileiras perderam hontem um dos seus mais eminentes cultores. Não sendo dos nossos escriptores de maior popularidade, era o dr. Domingos Olympio, que hontem falleceu, uma das mais fortes, distinctas, acabadas organisações litterarias do nosso paiz.

Advogado de nomeada, chronista, articulista, romancista, dramaturgo, o illustre escriptor, com as multiplas actividades e occupações de seus varios officios, não prejudicou nenhuma dellas e deixa uma obra formidavel, que infelizmente não é tão conhecida, tão amplamente vulgarisada, quanto sua superioridade o exigia.

Nas chronicas, seu estylo era inconfundival. Leve, gracioso, era ao mesmo tempo profundo, philosophico,

sabio. Era um attico. E dos nossos chronistas foi dos mais sérios, dos mais essencialmente prosadores. Esse caracter de raciocinio, logica, verdade entre as graças poeticas, exigidas pelo genero, destaca o dr. Domingos Olympio na historia do nosso jornalismo.

Mas não era sómente chronista. Era um articulista vigoroso, transbordante de enthusiasmo, sob uma fórma impeccavel, calma e serena. Desde os jornaes do Pará, onde começou a sua carreira jornalistica, até os artigos celebres do *Paiz*, do *Commercio* e dos *Annaes*, sua alta orientação politica, seu criterio scintillante agradaram, emocionaram e fizeram pensar.

Sua obra imperecivel não se limitára, entretanto, aos seus escriptos nos jornaes. Os romances que publicou e os romances que deixou inéditos, fórmam uma obra inconfundivel e formidavel.

Luzia-Homem foi seu romance celebre. Alcançou merecido successo. Fez epocha no Brazil. Moveu, agitou nosso acanhado meio litterario. E' um romance magnifico. Num estylo forte e colorido, o dr. Domingos Olympio descreveu nelle, com extraordinaria intensidade, scenas do sertão do Ceará. Outros romances escreveu, entretanto. Ainda ha pouco terminavam os *Annaes* a publicação do *Almirante*.

Fez parte da missão brazileira em Washington e lá trabalhou com o sr. Rio Branco, no arbitramento da questão das Missões.

***

O dr. Domingos Olympio apparentava perfeita saúde. Leve, elegante, sempre bem trajado, com seus modos discretos e britannicos, vivia preoccupado com seus trabalhos litterarios, atarefado com sua advocacia crescente e brilhante e com a direcção dos *Annaes*. Ainda ha dias obtivera um grande triumpho de advogado e, satisfeito com esse triumpho, parecia feliz.

No seu lar meigo, de que elle só por affazeres se afastava, a tranquillidade e a felicidade reinavam. Sereno, amavel, bom, o dr. Domingos Olympio exultava com a victoria que conseguia como advogado, porque salvava amigos seus...

Hontem, ás 9 horas da manhã, entre aquella felicidade toda, sentiu o primeiro insulto. Caía desacordado. E, em estado comatoso, ficou até ás 3 horas da tarde, quando morreu. Todos os esforços do seu illustre medico, o dr. Chapot Prévost, fôram impotentes.

***

O dr. Domingos Olympio de Braga Cavalcanti nasceu a 18 de setembro de 1850 na cidade do Sobral, Ceará.

Na sua primeira mocidade, naquella cidade de provincia, escreveu varios dramas e comedias. Começou ahi seu tirocinio litterario.

Formou-se em Direito, em Recife, em 1873. Voltou depois á sua cidade natal, onde advogou e de que foi promotor. De Sobral passou para a promotoria de Fortaleza.

Mas aquelle meio, então acanhado, não permittia a expansão do seu espirito. Convidado para fixar residencia no Pará, para lá partiu, em 1879. Trabalhou immenso no Pará. Conquistou lá justa fama de advogado e jornalista. Redigiu o *Diario do Grão Pará* e a *Provincia*. Jornalista de influencia, deputado á Assembléa Provincial depois, foi um incansavel propagandista da Republica. E, por seu prestigio e raro talento, muito contribuiu para o estabelecimento do regimen democratico no Pará.

Em 1891, veio para o Rio. Aqui, com a fama que do norte trazia, conquistou, em pouco tempo, no fôro e na imprensa, um nome admirado e respeitado. Foi advogado do Amazonas, na celebre questão de limites com Matto-Grosso. Escreveu no *Correio do Povo*, no *Paiz*, no *Commercio*, no *Correio Mercantil* e em outros jornaes.

Nesta folha, suas chronicas semanaes, assignadas *Pojucan*, despertaram immenso interesse e constituiam um dos maiores successos jornalisticos destes ultimos tempos.

Ha dois annos fundou, com o sr. Walfrido Ribeiro, um excellente semanario litterato *Os Annaes*, no qual publicou seu romance *O Almirante*.

Os Annaes estão publicando agóra *O Uirapurú*, romance de costumes paraenses.

Além dessas obras, o dr. Domingos Olympio deixa inéditos dois romances *O Negro*, onde descreveu a vida carioca, e outro de costumes pernambucanos, e a *Historia da Missão de Washington*, que está quasi completa.

— O enterramento do illustre homem de lettras será feito hoje, ás 4 horas da tarda, saíndo o feretro da rua D. Luiza n. 12 para o cemiterio de S. João Baptista.»

(D'*O Paiz*, de 7).

***

«Victimado por embolia cerebral, falleceu hontem, ás 3 horas da tarde, o dr. Domingos Olympio.

O finado era um homem illustrado, de superior merecimento.

Nasceu em Sobral, no Estado do Ceará, a 18 de setembro de 1850, e formou-se em direito, pela Faculdade do Recife, em 1873.

Durante todo o seu tirocinio academico, que foi brilhante, escreveu dramas e comedias, representados no Recife por muitos de seus então collegas, hoje deputados, magistrados, etc.

Dentre as producções theatraes que fórmam sua bagagem litteraria, nesse genero, merece justo destaque a comedia historica em tres actos, *Domitilia*, inédita, e tendo por assumpto a Independencia do Brazil.

Esse trabalho, assim como outros, de incontestavel valor, constitúem a sagração do seu talento, nesse ingrato ramo de litteratura.

Na carreira das lettras juridicas, não se tornou menos saliente o dr. Domingos Olympio.

Foi no Pará, principalmente, para onde transferiu sua residencia em 1879, que sua acção na advocacia se tornou mais notoria.

Foi naquelle Estado do extremo norte do paiz que elle começou sua vida jornalistica, redigindo a *Provincia* e o *Diario do Grão Pará*.

Neste ultimo, o extincto prégou a Republica, com o ardor de um evangelizador, sem desfallecimentos, idéal politico que defendeu tambem ainda com mais vigor do que da imprensa, da tribuna da Assembléa provincial.

Em 1890, veio para o Rio, onde collaborou no *Correio do Povo*, *O Commercio*, *Correio Mercantil* e *Correio da Manhã*.

Atravéz das columnas desses jornaes, no mourejar continuo de um trabalhador indefesso, o dr. Domingos Olympio não fez mais do que deixar evidenciado o quanto póde a força de vontade, secundada pelo merito e pela dedicação ás causas nobres.

Posteriormente, ha dois annos, fundou os *Annaes*, scintillante revista que é o mais eloquente attestado de sua tenacidade e de seu notavel espirito emprehendedor.

Como chronista, uzava o pseudonymo de *Pojucan*, no *Correio* e nos *Annaes*, e o de *Jaybara*, no *Commercio* e no *Correio Mercantil*.

Foi um dos membros da missão, especial de Washington, onde, juntamente com o barão do Rio Branco, propugnou pela victoria do Brazil na questão das Missões.

O historico dos trabalhos dessa commissão, o dr. Domingos Olympio deixou quasi ultimado.

Tambem deixou quasi concluidos o romance *O Negro*, de costumes cariocas, e um outro de costumes pernambucanos.

Como romancista, tem a illustrar seu neme, com brilho egual ao conquistado pelas outras faces de sua notavel mentalidade, o *Luzia-Homem* e *O Almirante*, este ultimo publicado nos *Annaes*, onde ainda estava escrevendo *O Uirapurú*, de costumes paraenses.

Ainda ha poucos dias, o dr. Domingos Olympio venceu, perante o Supremo Tribunal Federal, a questão em que eram implicados os irmãos Paes, indiciados auctores do ultimo roubo na Casa da Moéda.

Foi o advogado victorioso do Amazonas na questão de limites, levantada ha dez annos, entre aquelle Estado e o de Matto-Grosso.

O dr. Domingos Olympio era casado em segundas nupcias.

Do primeiro casamento, deixou uma filha, casada com seu irmão, major dr. Felinto Alcino, delegado do Estado-Maior junto á divisão de manobras em Santa Cruz.

Do segundo casamento, deixou cinco filhos menores.

Ultimamente, sua principal campanha, como jornalista, foi o combate, dado sem treguas, á politica dos governadores, instituida pelo dr. Campos Salles, quando presidente da Republica.

Em todo o territorio nacional, echoaram as notas vibrantes dessa vigorosa campanha.

Como se desprehende desses rapidos dados biographicos, escriptos a largos traços, o dr. Domingos Olympio, succumbindo aos 56 annos de edade, deixou de sua passagem pela vida memoria inesquecivel e saudades immorredouras, como um bom e um forte que foi.

Registrando com verdadeira magua o desapparecimento do notavel homem de lettras, prestamos, nas ligeiras linhas acima, o tributo sincero de nosso respeito e de nossa admiração a quem tanto áquelle e a esta se soube impôr no seio da sociedade carióca e na communhão brazileira.

Seu enterro saírá hoje, ás 4 horas da tarde, da rua D. Luiza n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.»

(Do *Correio da Manhã*, de 7).

***

«De chofre, inesperadamente, a um desses assaltos covardes da morte, acaba de succumbir a rija fibratura desse combatente ousado, cujo nome epigrapha estas linhas.

No pleno vigor apparente, dessa fingida saúde que elle ostentava, a devastação do morbus chronico, avançando surdamente e auxiliado por esse dispendio forte de energias enormes que elle diariamente fazia, preparou-se o golpe inesperado e tragico que simultaneamente rouba á imprensa um jornalista de pulso, á nossa litteratura um operoso trabalhador para o qual agóra chegava a hora serena da exclusive dedicação.

Nesse duplo aspecto, mais violentamente accentuado nesses ultimos annos da sua vida publica, é que a figura de Domingos Olympio apparecerá, ao ser traçado o seu perfil biographico sobre a culminancia desse ultimo estadio e que se hão de fixar os pontos para a triangulação da sua obra.

Jornalista impetuoso e ardente, a sua penna guardava resaibos nitidos de uma juventude imprevista, recordação involuntaria, talvez, da sua phase de academico.

E nessa phase, o seu nome ligou-se estreitamente, de um modo tão accentuado que, na geração que o acompanhou, nessa doce travessia, ficará brilhando com o nitido fulgor que aureola sempre as personalidades definidas e os espiritos de eleição.

A sua vida jornalistica terá esse cunho de brilhantismo de juvenilidade, apezar do accentuado bom senso e de todo o pezo com que o seu alto criterio sabia revestir os seus trabalhos, e, junto ao sadio *humour* com que elle os sublinhava, constituirão o traço caracteristico da sua prosa scintillante e forte.

O nome de *Pojucan* ficará nos nossos annaes de imprensa como de um dos nossos chronistas politicos de mais fino espirito e de uma não pequena popularidade.

Agóra mesmo nos *Annaes*, que elle superiormente dirigia, traços indiscutiveis desse brilhantismo de estylo vão ficar consignados.

Na esphera da litteratura o seu ultimo romance publicado, o *Luzia Homem*, teve retumbante successo que, claramente, indicou o seu nome a uma candidatura á Academia de Lettras, que infelizmente não se fez realidade, e nos *Annaes* ultimava elle um outro, o *Almirante*, ao qual parecia aguardar egual destino.

Mas o traço mais bello de tão nobre espirito, aquelle que, a despeito de tudo, fulgurará, como o seu mais nobre feito, será esse ardor e empenho com que elle militou na campanha abolicionista, onde dir-se-ia que o animo libertario de filho da Terra da Luz mais o atirava para a luminosa conquista dos titulos de benemerencia que o hão de impôr á patria e á humanidade.

***

O dr. Domingos Olympio falleceu na edade de 58 annos, era natural do Estado do Ceará, onde fez todo o seu curso de preparatorios no qual revelou grande talento.

Depois o illustre homem de lettras partiu para o Estado de Pernambuco, onde se formou na Faculdade de Direito do Recife, em 1872.

Pouco tempo depois de formado, voltou á sua terra natal, onde esteve advogando por espaço de alguns annos, tendo sido promotor publico de

1874 a 1878, servindo com os juizes drs. Nogueira Accioly, então juiz substituto de Fortaleza, e o senador Paula Pessôa, então juiz de direito de Sobral.

Neste cargo recebeu o dr. Domingos Olympio provas significativas de amizade pelo seu proceder na carreira que abraçava, embóra fôssem esses juizes seus adversarios politicos por ser o morto filiado ao partido conservador.

Depois transportou-se para o Estado do Pará, onde exerceu advogacia durante o periodo de quatorze annos.

Ahi o dr. Domingos Olympio collaborou na imprensa e foi ardente abolicionista, não só na cidade de Belém, como no Estado do Amazonas, onde foi companheiro do dr. Theodoreto Souto, nesta campanha.

Poucos annos depois veio para o Rio de Janeiro, e foi então nomeado secretario da Missão Rio Branco em Washington, onde serviu ao lado dos srs. general Dionysio Cerqueira e dos drs. Domicio da Gama e Olyntho de Magalhães.

Tempos depois, o illustre finado voltou ao Rio de Janeiro, entregando-se á advogacia, collaborando tambem n'*O Paiz*, fundando depois o *Commercio* e ultimamente *Os Annaes*.

O illustre jornalista escreveu os seguintes romances: *Luzia-Homem*, *O Almirante*, em folhetins n'*Os Annaes*, onde ultimamente estava publicando o *Uirapurú*, romance paraense.

Publicou diversos contos com os quaes pretendia reunir um livro, e deixou ainda em autographo dois romances e um drama historico dos tempos de d. Pedro I, com o qual pretendia concorrer ao concurso para primeira peça a representar-se no Theatro Municipal.

Ultimamente o distincto advogado conseguiu no Supremo Tribunal Federal a absolvição dos irmãos Paes, ex-thezoureiros da Casa da Moéda.

No fôro civil, o dr. Domingos Olympio conquistou varios triumphos, entre os quaes a victoria do Estado do Amazonas, na questão de limites com o Estado de Matto-Grosso.

O dr. Domingos Olympio foi cazado em primeiras nupcias com a exma. sra. d. Adelaide Ribeiro Cavalcanti, de cujo matrimonio deixa uma filha cazada com o major Felinto Cavalcanti, e em segundas nupcias era cazado com a exma. sra. d. Anna Torres Cavalcanti, de cujo matrimonio deixa cinco filhos menores, de nomes Domingos, Alberto, Martha, Violeta e Laura.

Era o finado cunhado do general Dionysio de Cerqueira, do dr. Braga Torres, do deputado Joaquim Cruz e do major Braga Torres.

O seu enterramento terá logar hoje, ás 4 horas da tarde, saindo o feretro de sua residencia á rua D. Luiza n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.

(Da *Gazeta de Noticias*, de 7).

***

«A noticia da morte do dr. Domingos Olympio surprehendeu hontem, dolorosamente, não sómente áquelles que militam na imprensa, mas a todos que o conheciam e sabiam quanto se poderia ainda esperar de seu talento e preparo.

Notavel homem de lettras, o dr. Domingos Olympio foi advogado, jornalista, historiador, romancista e comediographo.

Sua vida foi toda de trabalho e cada trabalho assignalou-lhe um triumpho na carreira em que tanto se distinguiu.

Nada fazia prever que estivesse tão proximo da morte, porque ainda na vespera, viram-n'o alegremente entregue aos seus affazeres.

Hontem, porém, ás 7 horas da manhã, quando se preparava para os seus trabalhos de gabinete, foi victima de um insulto cerebral.

Immediatamente chamados os drs. Chapot Prévost, lente da Faculdade de Medicina; Alberto Rodrigues e Antonio Dionysio, fôram-lhe ministrados promptos soccorros, mas ás 9 horas entrou em estado comatoso, que se prolongou durante grande parte do dia, e ás 3 horas da tarde era cadaver.

Quando entrámos na sala de visitas, transformada em camara ardente, o corpo do mallogrado escriptor achava-se vestido de casaca, collocado sobre uma rica eça ladeada por seis tocheiros, tendo á cabeceira a Imagem do Nazareno com tres cirios de cada lado.

Seu rosto parecia mais de um adormecido do que de um morto: as feições conservaram-se-lhe inalteradas.

Toda casa estava cheia de amigos, pessôas de sua familia e distinctas ontras familias.

Nascido em Sobral, Estado do Ceará, a 18 de setembro de 1850, o finado fez em seu torrão natal o curso de humanidades e seguiu para o Recife, onde se formou em Direito.

Durante a sua vida academica militou na imprensa e escreveu varios dramas e comedias.

Regressando ao Ceará, foi nomeado promotor publico de Sobral, indo mais tarde desempenhar esse cargo na Fortaleza.

Em 1879, mudou-se para o Pará, onde defendeu valentemente os seus patricios emigrados.

Na *Provincia* e no *Grão Pará* deixou firmada a sua reputação de jornalista.

Dentro em pouco tempo, a Assembléa Provincial contava-o em seu seio, onde prestou reaes serviços á antiga Provincia.

Em 1891 mudou-se para o Rio de Janeiro, assumindo a chefia do *Correio do Povo*, onde esteve até que esse jornal passou a denominar-se *Combate*.

Foi redactor d'*O Paiz* e do *Correio Mercantil* e, ha dois annos, fundou a revista *Os Annaes*, cujo 2º anniversario deverá festejar amanhã.

Uzava os pseudonymos de *Pojucan* e *Jaybara*.

Publicou os romances *Luzia-Homem* e *O Almirante*, tendo ha pouco começado a publicação de um outro intitulado *O Uirapurú*, no qual estudava os costumes paraenses.

Inéditos, deixou a *Historia da Missão Especial de Washington*, da qual foi membro; *Domitilia*, comedia em 3 actos, dos tempos da Independencia; o *O Negro*, como *O Almirante*, de costumes cariócas e um outro ainda de costumes pernambucanos.

Foi advogado do Estado de Amazonas na questão de limites com o de Matto-Grosso e ainda ha pouco, no Supremo Tribunal Federal, conseguiu a absolvição dos implicados no desfalque de cinco mil contos na Casa da Moéda.

Contava 56 annos, era casado em segundas nupcias com a exma. sra. d. Anna Braga Cavalcanti e deixou

cinco filhos menores, dos quaes um com 4 annos.

A' noite, velavam o cadaver, além das pessôas da familia, o dr. Dias de Barros, dr. Jayme Lisbôa, familia Braga Torres, Walfrido Ribeiro, secretario dos *Annaes*, dr. Durão, familia do deputado Joaquim Cruz, dr. Paula Pessôa, dr. Arthur Vianna, capitão Rodrigues Junior, dr. João Dwyer, official de gabinete do sr. ministro da Industria, major dr. Benjamin Barroso, os directores das Loterias dos Estados, de que o finado era advogado desde o seu inicio.

O enterro realiza-se hoje, ás 4 horas da tarde, saíndo o feretro da rua Senador Candido Mendes, antiga D. Luiza, n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.»

(Do *Jornal do Brazil*, de 7)

***

«Acabou-se. A ultima pá de terra desceu hontem sobre o caixão que encerra o corpo inerte de Domingos Olympio, e a poderosa cerebração que fulgurou no romance, no conto, na chronica, no artigo politico, na satyra cortante, desfaz-se agóra na sombra humida de um carneiro do cemiterio de S. João Baptista. De *Pojucan*, do magnifico narrador do *Luzia-Homem*, existe apenas a dolorosa lembrança de um grande talento desapparecido.

O enterramento de Domingos Olympio realizou-se hontem, á tarde, tendo o feretro saído, com extraordinario acompanhamento, ás 4.15, da rua D. Luiza, n. 12.

Desde 3 horas que a sala de visitas da residencia, que foi do illustre escriptor, convertida em camara ardente, se enchia de amigos, familias e cavalheiros, que iam velar-lhe os ultimos instantes de repouso no lar. Pezados pannejamentos negros, bordados a ouro, cobriam as paredes, estando armado ao fundo da sala um pequeno altar, onde duas vélas ardiam aos lados de uma imagem do Crucificado. Ao centro, sobre uma eça, em um caixão de damasco, egualmente bordado, dormia para sempre Domingos Olympio. A morte não lhe decompuzera as feições, e o affectivo pensador do *Hydromel* repouzava serenamente, como depois do cansaço de uma vigilia fecunda. Não fôra a armação funebre e o pequeno crucifixo, que lhe prenderam nas mãos, e não se diria morto.

A piedade do lar, o affecto dos seus, encheram-lhe completamente o caixão de flôres ; o seu vulto desapparecia quasi entre as flôres que tanto amára, que o cercavam de todo, que o cobriam quasi, deixando apenas bem destacada a bella e vigorosa cabeça. Pelo lado de fóra do caixão, pregaram ainda pequeninos ramos.

Pelas paredes penduravam-se as corôas e grinaldas, que a homenagem dos que o prezavam havia trazido ; eram numerosas, grande parte dellas de flôres naturaes.

Diversas senhoras, tomadas de uma grande dôr silenciosa, olhos razos d'agua, ladeavam o caixão.

A's 4 horas, a sala, a escada, o pequeno jardim, estavam cheios de amigos, que vinham para acompanhar Domingos Olympio na derradeira viagem. Teve então logar a encommendação do corpo, feita pelo padre F. Barros, e, finda esta, houve o signal para o saimento.

Não se póde descrever o que foi a commovente despedida da familia desse que soube juntar a um espirito de escól um coração amantissimo e que era retribuido com juros dos affectos que prodigalizava. O ultimo adeus dos seus foi pungentissimo, chocando dolorosamente a todos a despedida da velha mãe, veneranda senhora octogenaria, a beijar convulsamente, sem um grito, a cabeça do filho bem amado. As lagrimas vieram aos olhos dos mais fortes.

Pouco depois, partia o prestito funebre, caminho de S. João Baptista, com um acompanhamento de cerca de setenta carros. Todas as classes, desde a alta magistratura federal e os altos postos da força armada, estiveram numerosamente representadas no saímento do illustre escriptor e jurista. Da imprensa estavam Eduardo Salamonde, da *Tribuna*, e Lindolpho Azevedo, desta folha ; do nosso meio litterario vimos Nestor Victor, Frota Pessôa e Walfrido Ribeiro, dos *Annaes*, todos amigos de Domingos Olympio.

Esperaram o corpo no cemiterio, Guimaraens Passos, Henrique Hollanda e Placido Junior, da *Tribuna*. Victor Viana fez-se representar.

No cemiterio, ao baixar o caixão, falaram o dr. Belisario Tavora, em nome do Ceará, e o revmo. padre Antonio Lyra, amigo de infancia do romancista do *Uirapurú*, terminando o sacerdote a sua commovida oração por pedir que o acompanhassem na prece que fazia pelo morto.»

....

(Do *Paiz*, de 8).

***

O enterro do nosso Director teve um acompanhamento extraordinario e, como disse um jornal, um dos maiores de que se tem noticia entre nós.

— Corôas :

Saudades de sua esposa e filhos, Saudades de Dionysio Cerqueira e familia, Saudades de Marianninha e filhos, Saudades do Dr. Olyntho de Magalhães e esposa, Ao querido mestre, o pessoal da Loteria Esperança ; Da familia Chapot, Lembranças de Julinha e Juca, Tributo de gratidão da Directoria das Loterias dos Estados, Ao Dr. Domingos Olympio, a familia Campello ; Saudades do Conselho Fiscal da Companhia Loterias dos Estados, Saudades de sua mãe, Saudades de sua filha Guiomar, Saudades dos seus irmãos, Gratidão de Antonio Paes e sua familia, Saudades de seu cunhado Cruz, Saudades de Marocas e Benjamin.

— O nosso secretario depoz sobre o tumulo do seu Amigo uma corôa de flôres naturaes, com estes dizeres : — *Ao meu maior Amigo, saudades do Walfrido.*

***

«Deus só nos concede o favor da vida, si é a vida um favor, a troco de vermos caír constantemente, em volta de nós, fulminados pela morte, parentes, amigos e conhecidos. Quando chegamos ao cume da montanha da vida, isto é, quando transpomos o meio seculo, temos visto caír tantos, tantos, que nos habituamos a essa devastação humana e perdemos dois terços da nossa antiga sensibilidade.

O espectaculo continuo da morte, pelo menos, tem a vantagem de nos familiarizar com ella, dando-nos serenidade preciza para esperar que

levemos tambem o nosso empurrão, e caiamos, como caíram os outros, como todos hão de cair, quer queiram, quer não queiram.

Anteontem, perdi um companheiro de muitos annos; hontem, abrindo o *Paiz*, a primeira noticia que me feriu os olhos, foi a do fallecimento de Domingos Olympio, outro velho camarada.

*

Toda aquella philosophia barata veio alli para dizer que aos vinte e cinco annos esses dois golpes successivos me fariam derramar abundantes lagrimas, e me encheriam de pavor; aos cincoenta, apenas me entristecem pela idéa de que nunca mais verei dois homens que me penhoravam com a estima; tenho mais pena, talvez, das viuvas e dos filhos, que ahi ficam chorando um amor que não se substitúe, mergulhados em uma dôr, para a qual não haveria termo, si o tempo não se incumbisse, generosamente, de transformal-a em um sentimento mais supportavel.

*

Foi na officina de trabalho, na redacção do *Correio do Povo* e depois na do *Paiz*, que conheci, de perto, Domingos Olympio, e apreciei todas as excellencias do seu talento e do seu caracter.

Ultimamente, com o apparecimento da sua victoriosa *Luzia-Homem*, e a publicação dos *Annaes*, se lhe reaccendera mais impetuoso que nunca o ardor litterario, na edade em que, por via de regra, os homens de lettras no Brazil precizam descançar, muitas vezes, de não terem feito coisa alguma; por isso, eu suppunha-o apparelhado para viver muitos annos.

E estava. E' verdade que nos ultimos tempos, Domingos Olympio envelhecera physicamente, parecendo até mais velho do que na realidade era; mas o que o matou foi, como se viu, o excesso de vida. Sabe Deus os serviços que esse trabalhador poderia ainda prestar á litteratura, isto é, á civilisação brazileira!»

ARTHUR AZEVEDO.

(Do *Paiz*, de 8.)

***

«Domingos Olympio teve a morte subita e épica das grandes arvores, que o raio fulmina em plena pompa e em plena gloria, — quando estão dando a sua melhor sombra e os seus melhores fructos.

Aquelle bello espirito estava na sazão fecunda que produz as mais ricas e as mais fortes creações. A sua actividade era agóra phenomenal. Dirigia os *Annaes*, escrevia a *Chronica Politica* dessa revista, revia um romance: *O Almirante*, publicava outro: *O Uirapurú*, preparava a *Historia da Missão de Washington*, — e advogava: ainda na vespera da morte, alcançára uma victoria no Supremo Tribunal. Mas todo esse trabalho formidavel ainda não satisfazia a sua actividade mental; Domingos Olympio era dos que, como diz o povo, descançam carregando pedra: os seus momentos de repouso e de recreio, nos poucos minutos que podia dedicar ao convivio dos amigos, eram ainda periodos de producção intellectual: a sua conversação era um maravilhoso tecido de imaginação, de analyse, de critica, um fogo de vistas, do qual rebentavam anecdotas e invenções que eram verdadeiras creações litterarias.

O alegre, o expansivo, o bom, o amado *Pojucan* possuia, como ninguem, todos os segredos dessa difficil e admiravel «arte de conversar», que Théophile Gautier tinha como a mais admiravel e difficil de todas as artes. Ouvil-o, era realmente um prazer artistico: a sua ironia era sem maldade, as suas invenções eram de uma innocencia angelica, e ninguem sabia como elle salientar um defeito sem offender o defeituoso e rir de uma vaidade sem maguar o vaidoso.

Neste momento, em que ainda não vim a mim do maguado espanto em que me deixou a sua morte repentina, — é esse o Domingos Olympio que está aqui vivendo na minha saudade: o Domingos Olympio intimo, o homem, o companheiro e o amigo cuja convivencia foi um dos maiores encantos da minha vida litteraria.

Do escriptor, do homem de lettras, nada se póde dizer que o publico já não saiba: a publicação da *Luzia-Homem* foi um tão bello e ruidoso triumpho, que esse livro forte, humano, e profundamente «nacional» deu ao auctor, em todo o Brazil, uma celebridade, que perdurará, emquanto fôrmos um povo, e emquanto tivermos uma litteratura.

O homem de lettras continúa a viver. Mas quem nos dará mais, daqui por deante, o nosso Domingos Olympio «homem», tão affavel, tão simples, tão carinhoso, cuja palestra era um tão requintado prazer para o nosso ouvido, e cuja alegre, communicativa e intelligente bondade era um tão grande consolo para a nossa alma?

Ainda a ultima vez que estive com elle, numa esquina de rua, num encontro com elle, taes coisas me disse e narrou, rapido, aquella frescura de imaginação e aquella precisão de colorido tão suas, — que saí dalli deliciado, admirando a mocidade persistente daquelle homem de 56 annos.

E lá se foi a mocidade, lá se foi o brilho, lá se foi toda a palpitação daquella nobre vida! O raio desceu subitaneo, — a grande arvore caíu, esplendida, cheia de flôres, de fructos, e de ninhos. — OLAVO BILAC.

(Da *Noticia* de 8)

***

«Quando fechavamos a *Tribuna* no sabbado, mal podiamos suppor que áquella hora de tanta vida, tanta alacridade nas ruas, bem perto de todos nós se extinguia o dr. Domingos Olympio, a pequeno intervallo da enfermidade que o abateu, com a mesma facilidade com que o vendaval desenraiza e lança por terra o cedro colosso tantas vezes insensivel ás tempestades.

Tinhamos visto o bom e leal companheiro um dia antes, apparentemente vigoroso, tocado como sempre daquelle bom humor que era o traço de sua juventude perenne, velho-moço encantando pela frescura da palavra, pelo acerto do conceito, denunciando uma cerebração que não se fatigava, um raciocinio e um fulgor intellectual que dia a dia mais refinavam á meza do trabalho e do estudo.

E ahi estava agóra a morte a tudo desfazer e anniquillar, separando as lettras patrias do convivio desse trabalhador emerito, a tribuna judiciaria de um de seus legitimos representantes pela fé e pela crença na verdade da lei e na pureza do direito alheio, a imprensa de um jornalista de forte

envergadura, talhado para todas as columnas, de molde e feição ajustados a todos os assumptos e a todos os segredos da profissão, á qual deu o melhor de sua mocidade e de suas energias.

No nosso pensamento e na nossa alma, esse trespasse, assim brusco e assim inesperado, vibrou talvez como em nenhum outro jornalista, tanto estavamos ligados ao dr. Domingos Olympio, de tão longe vinham as nossas relações, a nossa camaradagem, lado a lado na imprensa paraense, onde rebrilhou vigorosa e persistente a sua penna abolicionista, onde fortemente, nos comicios populares, echoou eloquente a sua palavra cheia de encantadores matizes, bordada de argumentos convincentes, prégando pela redempção dos negros, apostolando pela sua liberdade na colonia Benevides, o primeiro logar que alli se despiu da macula hedionda, que o Ceará, sua terra, já havia apagado, entre hymnos e flôres, pela força da vontade, pela deliberação unanime do seu povo, desde o jangadeiro aos senhores do eito.

E desse Domingos Olympio que tanto trabalhou, que tanto illustrou o jornalismo e as lettras de sua terra, que tanto dignificou o seu bacharelado, tão amoroso para os seus, tão fugitivo ao orgulho, tão propenso á modestia, não restam sinão a saudade e o apreço á sua memoria, symbolizados na hora derradeira, quando todo o jornalismo o pranteou, e ao baixar o seu corpo ao tumulo, rodeado de um numero grande de amigos, dando idéa do muito affecto que se lhe dedicava e do muito que elle nos merecia.

A Tribuna, rendendo homenagem ao talento do escriptor succumbido e ao companheiro de tanto annos de labuta, esteve representada no saimento pelos nossos collegas Eduardo Salamonde e Placido Junior.»

(D'*A Tribuna,* de 8).

***

«Sabbado, ás 3 horas da tarde, na edade de 56 annos, falleceu quasi repentinamente, o dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti, um dos melhores ornamentos do nosso fôro e uma das figuras mais notaveis do nosso meio jornalistico e litterario.

Natural do Ceará, formou-se na Faculdade de Direito do Recife, e ahi revelou o seu bello e vigoroso espirito, quer como estudante quer como jornalista e litterato.

Fixando-se no Pará em 1879, assumiu uma brilhante posição na imprensa, como redactor da *Provincia* e *Diario do Grão Pará*.

A esse tempo assolava a grande secca, que se prolongou de 1877 a 1879, e merece ser lembrada a attitude de Domingos Olympio, que se fez protector dos seus conterraneos que emigravam aos milhares para a Amazonia, fugindo ao tremendo flagello. Nessa piedosa tarefa, o illustre filho do Ceará poz em contribuição todos os recursos da sua actividade e todos os extremos de sua alma generosa.

Desde 1890 residia nesta capital, onde collaborou no *Correio do Povo*, no *Pais*, no *Correio Mercantil* e no *Correio da Manhã*.

Ha dois annos fundou com Walfrido Ribeiro a bella revista os *Annaes*, a que consagrava ultimamente toda a sua actividade intellectual.

Temperamento eminentemente litterario, Domingos Olympio se manteve por muito tempo num dilettantismo descuidoso, e só nestes ultimos tempos começára, a instancias de amigos, a pôr em execução as suas concepções de escriptor, sendo o bello e vigoroso romance *Luzia-Homem* o primeiro e brilhante marco que elle assentou na sua carreira.

Muitos outros trabalhos tinha elle entre as mãos: romances, peças de theatro e novellas, entre os quaes *O Almirante*, romance que estava sendo publicado nos *Annaes*.

Como chronista, Domingos Olympio, póde-se dizer, não tinha rival em nossa imprensa: sob os pseudonymos de *Jaybara* e *Pojucan*, elle espalhou na imprensa diaria e ultimamente nos *Annaes* centenas de chronicas de uma satyra fina e levemente caustica, de um chiste e de um lavor de phrase incomparaveis.

Como homem publico e como advogado, a vida do illustre morto está cheia de factos que honram a sua capacidade e o seu caracter.

Serviu como secretario do barão do Rio Branco, na commissão que nos disputou a posse das Missões perante o arbitro de Washington.

A sua carreira como advogado está assignalada por brilhantes triumphos no fôro.

Casado em segundas nupcias, deixa de ambas uma numerosa prole, que, como patrimonio, guarda apenas o seu nome honesto e laureado.

Domingos Olympio era um grande coração, um espirito vigoroso, um companheiro encantador, uma figura, emfim, que desappareceu, deixando, em torno do logar que occupava na vida, muito affecto, muita saudade e muita admiração.

Seu enterro, effectuado hontem, ás 4 horas da tarde, no cemiterio de S. João Baptista, teve numeroso acompanhamento de pessôas das mais gradas da nossa sociedade.

O Seculo se associa de coração ao profundo pezar de sua exma. familia e de toda a sociedade carióca, onde o illustre finado gozava de grande estima e profundas sympathias.»

(Do *Seculo,* de 8).

***

«Não pertence mais ao numero dos vivos o dr. Domingos Olympio, distincto escriptor e jornalista, que tanto enriqueceu a nossa litteratura com as producções de seu bello talento.

A sua morte subita, inesperada, ante-hontem á tarde, repercutiu no circulo de seus amigos e admiradores deixando entre elles uma impressão de dolorosa e sentida magua.

Talento multiplo, servido por uma variada illustração, o dr. Domingos Olympio foi um trabalhador como poucos e deixa varias obras apreciadas, que perpetuarão a sua memoria.

O seu enterro, hontem, no cemiterio de S. João Baptista, foi uma homenagem piedosa de alto valor significativo. A concorrencia não podia ser maior, como melhor não podia ser a escolhida affluencia de pessôas da nossa sociedade que foi levar ao illustre morto o seu ultimo adeus.

A' sua distincta familia apresenta a *Noticia* as suas sinceras condolencias.»

(Da *Noticia,* de 8).

«Victimado por um embolia cerebral, falleceu, sabbado de tarde, no Rio, o dr. Domingos Olympio. Era uma poderosa cerebração e desde moço se impoz á admiração dos seus compatricios pelos brilhantes trabalhos que deu á publicidade. No jornalismo; no romance, no conto, na chronica politica do paiz, fulgurou sempre como um eleito ; e ainda, ultimamente, aos *Annaes*, a bella revista litteraria de que era director, consagrava toda a sua actividade, mais parecida de um moço do que de um homem maior de 56 annos.

Foi um operoso trabalhador, cuja obra, edificada com um carinho que lhe era proprio, ha de impôr o seu nome á gratidão da patria e ao respeito dos brazileiros.»

(Da *Tribuna de Petropolis*, de 9.)

***

«Com a morte do dr. Domingos Olympio desapparece uma das mais vigorosas mentalidades brazileiras, um dos nossos melhores talentos, de uma maleabilidade enorme, de uma variedade grande de conhecimentos.

Ninguem se lhe avantajou no jornalismo e poucos o attingiram no seu merito como advogado, publicista, romancista e, finalmente, como homem de lettras.

Conhecemol-o quando occupava o logar de deputado no Pará e desde ahi aprendemos a admiral-o na imprensa, na tribuna e no livro. O Ceará estremecia-o como sabe estremecer os seus filhos notaveis e o paiz tinha-o entre os que mais pódem hourar a intellectualidade patricia. Era um homem de real e enorme merecimento.

Não temos de prompto os dados biographicos do illustre extincto, mas para julgar da sua obra basta citar a sua collaboração na missão Rio Branco, em Washington, quando se decidiu em 1894, pelo laudo do presidente Cleveland, o secular litigio das Missões ; o romance *Luzia-Homem*, de um colorido extraordinario, descrevendo um episodio da secca do Ceará, as formosas chronicas que, sob o pseudonymo de *Pojucan*, publicou no *Paiz*, nos annos de 1896 e 1897, e essa revista os *Annaes*, que ultimamente, sob a sua direcção, se publicava no Rio de Janeiro, e onde, a pouco e pouco, ia reconstituindo a historia dos primeiros annos de nossa vida de povo livre.

O Brazil perde um dos seus filhos mais uotaveis.»

(Do *Diario Popular*, de 8, S. Paulo.)

***

«Deu-se ante-hontem, no Rio, o fallecimento do sr. dr. Domingos Olympio, um dos mais distinctos escriptores modernos.

Além de collaborador em diversos jornaes, é o auctor de varios romances, sobresaíndo *Luzia-Homem*, que teve enorme successo.

O dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti, nasceu em 1850, na cidade de Sobral, Ceará.

Formou-se em Direito, no Recife, em 1873. Depois de ter sido promotor em diversas comarcas do seu Estado, seguiu para o Pará, de onde veio para o sul em 1891, fixando residencia no Rio de Janeiro, onde, no fôro e na imprensa, conquistou um nome respeitado.

Fez parte da missão brazileira em Washington e lá trabalhou com o sr. barão do Rio Branco no arbitramento da questão das Missões.

Além de *Luzia-Homem*, o dr. Domingos Olympio é auctor dos romances *O Almirante*, ultimamente publicado nos *Annaes*, *Uirapurú*, que está sendo publicado, e dois inéditos, *O Negro*, onde descreve a vida carióca, e outro de costumes pernambucanos, e um outro trabalho, *Historia da Missão de Washington*, quasi concluida.

O dr. Domingos Olympio succumbiu a um insulto apopletico, contando 56 annos de edade.»

(Da *Noticia*, de 8, de S. Paulo).

***

O nosso secretario recebeu as seguintes cartas :

RIO, 7 DE OUTUBRO.

«*Meu caro Walfrido*. — A noticia da morte do nosso Domingos Olympio, lida hoje no *Jornal*, foi para mim um grande golpe.

Elle era nesta cidade o unico companheiro dos meus começos litterarios e jornalisticos no Pará, onde trabalhámos juntos na imprensa, ha mais de vinte annos.

Quantas vezes não lhe ralhei, eu mais moço, pelo pouco caso que elle fazia de seu talento litterario, que não era vulgar, e pelo modo alegre e descuidado com que elle esperdiçava a sua imaginação, a sua fantasia, os seus dotes de escriptor na obra ephemera e obscura de jornalista de provincia.

Havia, pois, entre nós esta velha camaradagem que tem ás vezes, e esta o tinha, o encanto de uma verdadeira amizade.

Lastimo de coração a sua morte subitanea e o abraço, a você, seu incomparavel amigo, com todo o meu sentimento. — *José Verissimo*.»

*

RIO, 7 DE OUTUBRO DE 1906.

Meu caro Walfrido. — Saudações cordiaes. — Trouxeram-me hoje os jornaes da manhã a dolorosa noticia do fallecimento do Domingos Olympio. A você não precizo dizer quanto foi sincera a minha magua, mas quizera que me fizesse o favor de transmittir á familia do morto illustre a expressão de meus sentimentos, que são tambem os da Amelia. — *Clovis Bevilaqua*.

*

RIO, 9 DE OUTUBRO DE 1906.

Meu Walfrido : — Que te poderei dizer sobre a inesperada morte do nosso dr. Domingos Olympio ? E' a ti, ao mais fiel e ao mais extremado dos seus amigos, um carinhoso filho quasi, que eu sinceramente abraço.

Elle foi inteiramente um grande artista e, mais que isso, um artista que nunca prostituiu a sua arte e a sua profissão. Nos tempos de hoje, aos novos e aos principiantes de bôa vontade como eu, a luminosa impressão que sobre nós deixam os homens como elle, é extraordinaria e inapagavel.

Nunca mais esquecerei aquella figura de luctador, serena e forte, aquella physionomia euergica e doce, aquelles olhos verdes e mansos que eu admirava no auctor da *Luzia-Homem*.

São todas essas coisas vagas e tumultuosas que me vão n'alma, que eu quiz assignalar nesta carta de amizade. Não chegam nem a ser um timido consolo sinão uma idéa fraca e inexpressiva de toda a minha magua. — Teu *Adoasto de Godoy*.

RIO, 8 DE OUTUBRO DE 1906.

«*Meu caro Walfrido.* — Póde imaginar a dolorosa surpreza que tive ante-hontem, já tarde, quando tive um instante de lazer para correr os olhos pelas folhas do dia ! Só os meus poderiam dar testemunho do espanto e da magua profunda com que tive de saber que áquella hora já não existia aquelle bello espirito e grande coração que na vespera eu acabava de estreitar, num encontro fortuito, que nunca poderiamos imaginar fôsse a eterna despedida.

Escrevo-lhe estas palavras para associar-me á sua desolação. — Do admirador e amigo *Rocha Pombo*.»

***

Desde o momento em que caíu de cama o nosso Director até á hora do enterro, e até hontem, estiveram na sua residencia : os srs. drs. Eduardo Chapot Prévost, Alberto Rodrigues, Antonio Dionysio, Joaquim Cruz, medicos assistentes, Belisario Tavora, Eurico Cruz, Milton Cruz, Christino Cruz e familia, Arthur Vianna, Candido de Hollanda e familia, Benjamin Barroso e familia, Helvecio Monte, Lima e Castro e familia, Carneiro da Cunha, Henrique Samico e familia, Figueiredo de Vasconcellos, Dias de Barros, Cupertino Durão e familia, Enéas Galvão, Queima do Monte, Antão de Vasconcellos e familia, Francisco Maciel, Victorio da Costa, Godofredo Cunha, Paula Pessôa, Frederico Fróes e familia, Ulysses Vianna, A. C. Moreira Guimarães, Thomaz Cockrane, Amaro Cavalcanti, Carolino Cortêa, Francisco de Paula Valladares, Lima Drummond e familia, Vergne de Abreu e familia, Frederico Schimidt de Vasconcellos e familia, M. Carvalho Leite, Baeta Neves, J. Cerqueira de Souza, Mario Valladares, Frota Pessôa, Edgard Bastos, Joaquim Lisbôa e familia, senador Manoel Duarte, deputado João Cordeiro, generaes Dionysio Cerqueira e familia, Ribeiro Guimarães, Leonardo Lessa, Costallat, marechal Teixeira Junior, Antonio Paes e familia, Alberto Paes, Eduardo Salamonde, Andrade Faceiro, Leopoldo Campello, João O'Dwyer e familia, Manoel Milton, Alberto Saraiva da Fonseca, Augusto Gallo, J. Gonzaga, barão de Alencar, Walfrido Ribeiro, barão de Vasconcellos e familia, capitães Esperidião Rosas e Rodrigues Junior e familias, senador Silverio Nery, deputado A. Nogueira, major Jonathas Barreto, tenente-coronel José Faustino, Ovidio Cavalcanti, Orvil Ferreira, Carlos Moreira Guimarães, Ferreira da Silva e A. Aguiar, pelo *Jornal do Brazil* e pelo seu redactor-chefe, Luiz Nogueira, Arthur Nogueira, Victor Viana, pel' *O Paiz*, dr. Araujo Viana e familia, Thomaz Mendes, coronel Virgilio Rodrigues, Ildefonso Campello e familia, Ernesto Campello, Eduardo Guedes, dr. Floresta de Miranda, Luiz Durão, Nestor Victor, coronel M. C. Ximenes de Aragão, Acacio Pinto, Genserico Pinto, M. C. de Aragão, J. J. Magalhães e familia, Jacques Lins, A. Alcibiades Mendes, Raul dos Santos Carvalho, capitão-tenente Wanderlino Mendes, Pacifico Augusto de Souza, Carvalho Lima, desembargador Domingos Alves Ribeiro, dr. Alfredo Pinheiro, Mario Barbosa, Dionysio Cerqueira Sobrinho, Carlos Pereira Junior, em nome do conde de Leopoldina, dr. Calmon Vianna, Manoel Antonio da Motta, José de França Terra Nova e familia, tenente José Fonseca Galvão, Antonio Ferreira da Cruz, tenente João Cruz, Cincinato Braga, tenente Djalma de Oliveira, Thomaz de Porciuncula, Leonidas Porto, Lourenço Alves, commendador Rosario, dr. Paulo Alves, Guimaraens Passos, Henrique Hollanda, Placido Junior, pela *Tribuna*, Emmanuel Torres, Alfredo Victor Ferreira Lopes, capitão de mar e guerra Frederico de Oliveira, Severino, Mendes & C., Soares & Maia, Coelho & C., dr. Godofredo Maciel, padre Antonio de Lyra, Ozorio Bastos de Oliveira, Raymundo Fróes, Domingos Ribeiro Filho, monsenhor Angelim, major José Florencio de Carvalho, Castro Maya e familia, e as exmas. familias: esculptora Nicolina de Assis, Bandeira de Mello, Costa Ferreira, França Ferreira, Hamilton de Souza, Noemia Pinto Braga, Christovam Fernandes, Leonidia Braga, França Bastos, dr. Braga Torres, Castro e Silva, Araujo Lima, Fontoura Xavier, Fialho, Bustamante, Elizeu Montarroyos, Christina Cerqueira, Araujo Pereira, Alberto Rodrigues, viuva Julietta Chapot, Ernestina Hoolf, Cecilia Bastos, Ida Castro, Alice Vasconcellos, Lacilina Vasconcellos, Delmira Caminhoá, Josephina Carvalho, Elisena Baptista Franco, viuva Franco de Sá, viuva Franco de Sá Sampaio, viuva Godoy, Delmira Werneck, Maria Castilho, tenente Fabio Fabricio, Amalia e Eurydice Pinto, Maria Pillar de Almeida, viuva Augusto Castilho, Caminha da Silva.

***

DERAM PEZAMES : *por cartões*, os srs. drs. J. M. Leitão da Cunha, Nascimento Guedes, Pinheiro Vasconcellos e familia, Henrique Morize e familia, Luiz Cruls, prof. Otto de Alencar Silva, Armando Dias, Moura Brazil, Alcides Medrado, Moreira da Silva, Heraclyto Graça, Paulo de Frontin e senhora, Luiz Bahia, almirante Guillobel, barão de Campolide, coronel Ozorio de Paiva, capitão de mar e guerra Candido dos Santos Lara, conselheiro Alves de Araujo, deputados Figueiredo Rocha, Alberto Maranhão, senador Rosa e Silva, Oscar Dardeau, do *Seculo*, Erico Guimarães, Jorge Kastrup, Costa Macedo, Eugenio de Abreu e senhora, general Quintino Bocayuva, Antonio Ferreira Cavalcanti e familia, coronel Leite Ribeiro, capitão Onofre Ribeiro, Olegario de Barros, Ananias de Albuquerque e familia, Xavier Pinheiro, Christovam Santos, coronel José Maximo de Magalhães, Virgilio Rodrigues, Samuel Durão, Pereira Fagundes, Alberto Reeve, Jacques Lins, Alfredo Watson, Souza Lage, do *Paiz*, Joaquim Saldanha Marinho Samico, Godofredo Autran e familia, J. Chapot Prevost e familia, Americo Lopes, M. Gerson Tavares, J. de Castro Nunes e familia, José Soares Pereira Júnior, tenente Egydio de Castro e Silva, Eugenio Marinho de Saboya, Adriano Fortes de Bustamante, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Augusto José Ferreira e familia, Alfredo Pinto de Vasconcellos, dr. Torres Tibagy, Manoel Carlos P. Pinto de Almeida; as exmas. sras. d.d. Maria Georgina Leitão da Cunha, Helena Reeve, viuva do almirante Custodio de Mello, Helena Sorio Souza

Lage, Helena de Albuquerque, Margarida Lasala Watson, Leonor de Mattos Oreste, Anna Luiza Bandeira de Mello, Maria Lemos Bastos, Amelia de Mesquita, Alzira Retumba, Odaléa Chermont Monteiro, Olympia Ottoni Antunes, Lina Lemos Bastos, Izabel Leitão Rodrigues Pereira, Gabriella Tibagy, Maximo de Magalhães, Maria Pinto de Almeida.

O sr. Rio Branco escreveu á viuva o seguinte cartão: *A d. Anna Augusta Torres Cavalcanti Rio Branco envia condolencias, com muitas lembranças dos tempos melhores de Washington. — 7 de outubro de 1906.*

Por telegrammas: os srs. Leal de Souza, Marques da Silva, Erico Guimarães, Emilio Kemp, Domicio da Gama, Samuel Durão, Figueira de Mello, Manoel da Rocha, da *Noticia*, Souza Lage, do *Paiz*, Reis Carvalho, Antonio Salles, Coelho & C., Pedro Barbosa, Gabriel Cruz, José Land, general Costallat, tenentes Hermes e Affonso, os drs. Augusto Santa Rosa, José Verissimo, Virgilio Brigido, Antonio Torres, Arthur Maggioli, Olyntho Magalhães, Vergne de Abreu, Justiniano de Serpa, Susviela Guasch, J. J. Seabra, Nilo Peçanha, Figueiredo Rodrigues, Octavio Rodrigues, Samuel de Oliveira, Alexandre Cerqueira, José Duarte, e as exmas. sras. dd. Rosa Braga, Thereza Torres e filhas, sra. Susviela Guasch e sra. Olyntho de Magalhães.

***

O sr. Barbosa Lima pronunciou na Camara o seguinte discurso, cuja inserção valha ao eminente orador como um signal do nosso profundo reconhecimento:

O SR. BARBOSA LIMA (*). — Sr. presidente, não me foi dado chegar a tempo para fazer uma declaração que por occasião da discussão da acta, parece-me teria mais cabimento.

Fica em todo caso esta declaração consignada na hora presente, uma vez que o Regimento não se oppõe a que o faça por esta fórma.

Não me foi possivel comparecer á sessão de hontem, por motivo de ordem superior.

E' evidente que, si aqui estivesse na occasião da votação do projecto da Caixa de Emissão, eu teria mantido meu voto contra esse projecto e contra todas as emendas, já se vê, resalvadas aquellas que eu mesmo apresentei.

O que me traz na hora do expediente á tribuna é a apresentação de um projecto de lei, no qual me esforço levar a Camara a praticar um acto de justiça e de coherencia.

Quando se conheceu nesta cidade o resultado dos esforços benemeritos da missão brazileira incumbida de defender os direitos do Brazil no litigio que este tinha então com a Republica Franceza, o enthusiasmo com que foi acolhido o triumpho, em grande parte devido aos esforços do eminente brazileiro sr. barão do Rio Branco, concretizou-se, por iniciativa desta Casa do Congresso, em um projecto, hoje lei, mandando considerar como fazendo parte do Corpo Diplomatico para contar antiguidade do dia em que fôssem effectivamente providos em alguns dos cargos diplomaticos, todos os membros da missão de que foi chefe aquelle distincto brazileiro, quer da embaixada junto ao governo da Suissa, quer da missão junto ao governo de Washington.

Varios dos auxiliares dessa missão fôram já contemplados nos termos daquella lei, nomeados secretarios de legação e encarregados de negocios: entre outros, recordo-me dos srs. Raul Rio Branco e Domicio da Gama.

Ao Governo, parece-me que não se offereceu ensejo de, nos termos dessa lei, collocar os demais auxiliares daquella missão, a todos os quaes o Congresso Nacional, em votação expressa, considerou benemeritos e dignos de semelhante galardão.

Ha poucos dias fomos surprehendidos com a dolorosissima noticia de que havia succumbido na plenitude de sua admiravel intellectualidade, o querido patricio, jurista de valor, litterato festejado, jornalista de subidos quilates, dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti.

Este emerito compatriota foi na missão de Washington um dos mais operosos auxiliares, e um dos que mais de perto contribuiu para o feliz exito daquella embaixada. Está implicitamente comprehendido nos termos da lei, a que me refiro, sanccionada em 31 de dezembro de 1900.

Não havendo o Governo da Republica dado collocação effectiva no corpo diplomatico a este distinctissimo patricio, naturalmente por falta de opportunidade e de ensejo, que só se poderia dar á medida que se fôssem abrindo as vagas no mesmo corpo diplomatico, parece-me que interpreto o pensamento do legislador, que votou aquella lei de excepção, procurando estender á familia do operoso conterraneo, que o Congresso Nacional julgou digno de tão excepcional galardão, os effeitos daquella lei.

Não é, pois, sr. presidente, um projecto de lei destinado, sem mais nem menos, a augmentar as nossas despezas com o fundo de pensões. E', a meu ver, salvo melhor juizo, um desdobramento logico, equitativo, razoavel, da lei de 31 de dezembro de 1900, que comprehendeu no seu espirito e na sua lettra a pessôa do querido extincto.

Precedi o meu projecto de uns tres considerandos, que comprehendiam de modo bastante claro os motivos que me conduziram a convidar a Camara dos Deputados a se pronunciar sobre o caso.

Assim, eu convido a Commissão de Diplomacia e Tratados e a de Orçamento, a estudarem a questão á luz do decreto de 31 de dezembro de 1901, de accordo com o pensamento do legislador que dictou este estatuto, esperando que, por esta occasião, as nossas Commissões Permanentes e o Congresso Nacional se mostrarão possuidos do mesmo sentimento de justa gratidão e de elevado reconhecimento para com os serviços que ao lado do eminente patricio, barão do Rio Branco, prestou o pranteado e distinctissimo patricio dr. Domingos Olympio de Braga Cavalcanti. Mando o meu projecto á Meza. (*Muito bem; muito bem.*)

(Do *Diario do Congresso*, de hontem.)

***

TROUXERAM-NOS PEZAMES PESSOALMENTE: os srs. J. Pereira Barreto e Mario de Guaraná, «em nome dos sergipanos agradecidos»; Paulo de Xerez, Mario de Lima Barbosa, Benevenuto Pereira, J. Veiga, da *Tribuna*, Gama Junior, do *Rebate*, J. Vigier, do *Brazil Moderno*, Elysio de Carvalho, J. d'Abreu Albano, dr. Pedro de Aguiar, coronel Carlos de Aguiar, Honorio Grillo, Viriato Corrêa e Raphael Pinheiro, da *Gazeta*, major José Florencio e familia, dr. Francisco Maciel, Heitor Lima, Leopoldo Brigido e Francisco Gurgulino, a quem especialmente agradecemos os offerecimentos que nos fez para tocar ao *orgão* por occasião das exequias. Era o que elle, «cégo-musico, podia dar em honra do seu glorioso patricio.»

(*) Este discurso não foi revisto pelo orador.